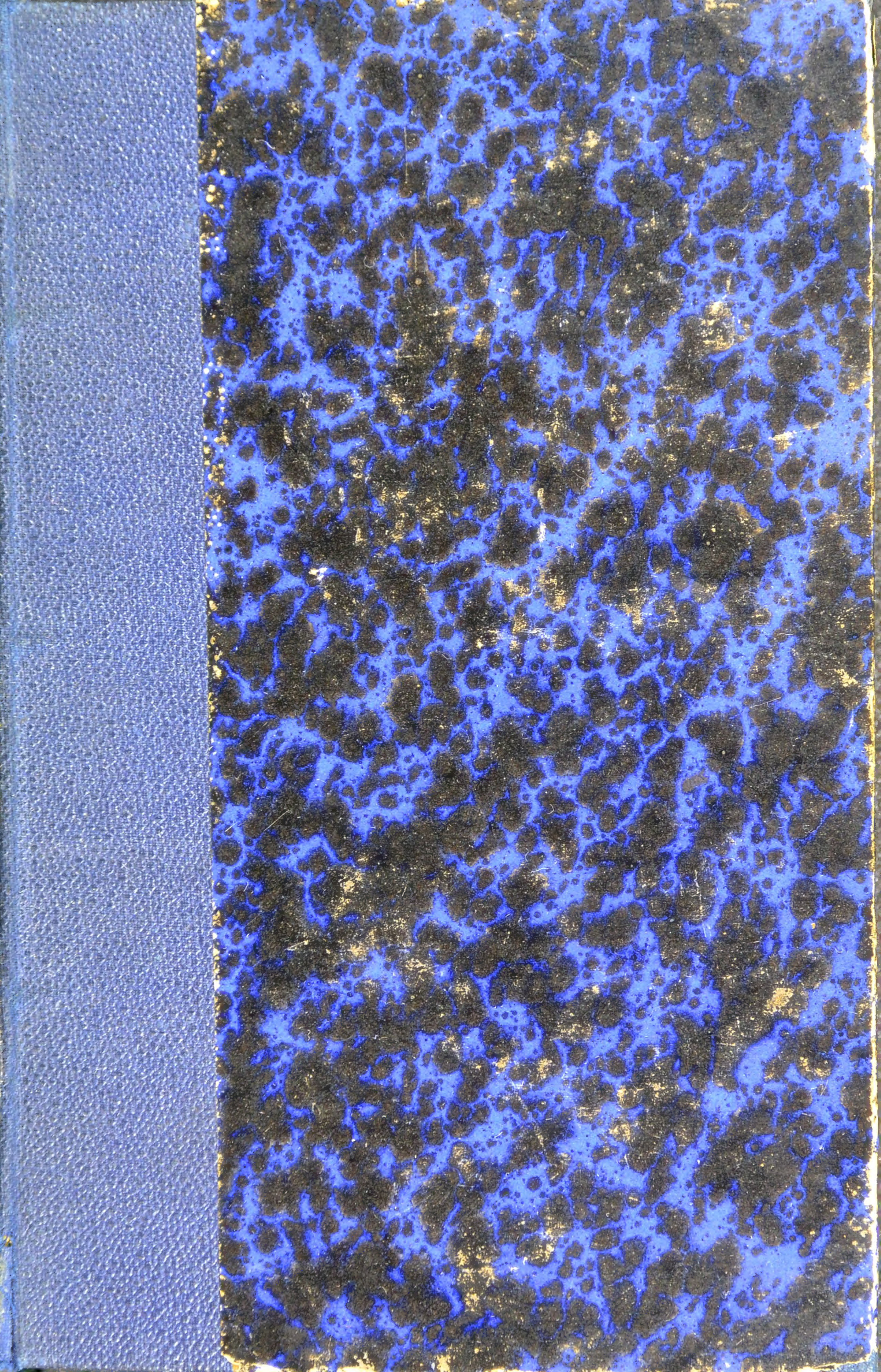
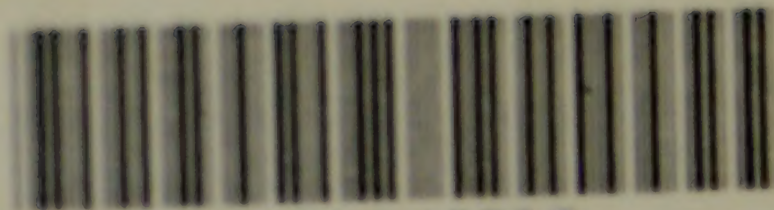



22102348517

FORMULARIO

E

GUIA MEDICA


CARTA ITINERARIA
PARA AS AGUAS MINERAES
DA PROVINCIA DE MINAS GERAES (BRASIL)
(Baependy, Campanha, Caldas, Aterrado)
estabelecida pelo
Dr. P. L. N. CHERNOVIZ
1879
Aguas Mineraes
Estrada de ferro executada.
Estrada de ferro em projecto.
50° O. de Paris
49°
48°
47°
46°
45°
20°
21°
22°
23°
Pitanguy
Sabara
Sta Barbara
Desemboque
Para Patafufio
Sto Antonio do Monte
Aterrado
Franca
Rio Grande
R. de S. Francisco
Mariana
Bonfim
OURO PRETO
Piumhy
Formiga
Tamandua
Passos
Oliveira
Queluz
Jacuhy
Batataes
S. José
S. João del Rei
Barbacena
Uba
Pomba
Lavras
Bom Sucesso ou Caconde
R. Pardo
Formosa
Tres Pontas
Leopoldina
Caldas
Casa Branca
Parahybuna
Campanha
Caxambu
Baependy
Sapucahy
Santa Barbara
Porto novo do Cunha
Mar d'Hespanha
S. João da Boa Vista
Lambary
Cantagallo
Pirassununga
Pouso Alegre
Pouso Alto
Christina
Rio Preto
Valença
Mogy Guassu
Mogy Mirim
Itajubá
Vassouras
Nova Friburgo
S. João do Rio Claro
S. José de Paraiso
Rezende
Barra Mansa
Mendes
Petropolis
Limeira
Serra Negra
S. Bento
Lorena
Areas
Estrella
Magé
Amparo
Jaguary
Silveiras
Bananal
Piracicaba
Campinas
Guaratinguetá
Cunha
S. João do Principe
RIO DE JANEIRO
NITHEROHY
Itaborahy
Cabo Frio
Bragança
Pindamonhangaba
Angra dos Reis
Capivary
Belem
Taubaté
Atibaia
S. José dos Campos
N. Sra de Nazareth
Jacarehy
Paraty
I. GRANDE
Tieté
Jundiahy
S. Luiz
Porto Feliz
Itú
S. Isabel
Parahybuna
Ubatuba
Mogy das Cruzes
S. Roque
Sorocaba
S. PAULO
S. Sebastião
Villa Bella da Princeza
I. DE S. SEBASTIÃO
Santos
50° O. de Paris

PROVINCIAS

DO

RIO DE JANEIRO

DE S. PAULO

DE MINAS GERAES

(BRASIL)

FORMULARIO

E

GUIA MEDICA

CONTENDO

a descripção dos medicamentos,
as dóses, as molestias em que são empregados,
as plantas medicinaes indigenas do Brasil,
o Compendio alphabetico das aguas mineraes,
a escolha das melhores formulas,
um Memorial therapeutico,
e muitas informações uteis.

POR

PEDRO LUIZ NAPOLEÃO CHERNOVIZ

DOUTOR EM MEDICINA, CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO,
OFFICIAL DA ORDEM DA ROSA DO BRASIL.

DECIMA EDIÇÃO

CONSIDERAVELMENTE AUGMENTADA, E POSTA A PAR DA SCIENCIA;
ACOMPANHADA DE

324 figuras intercaladas no texto
e de 6 mappas balnearios.

PARIZ

EM CASA DO AUTOR, RUA RAYNOUARD, 24.

—

1879

ABREVIATURAS

USADAS N'ESTE LIVRO.

Ach.— Acharius.
aná ou aa. — De cada substancia.
B. — Areometro de Baumé.
b. m. — Banho-maria.
Cart. — Areometro de Cartier.
C. ou cent. — Centesimal, centesimaes ou centigrado.
Cod. fr. — Codigo francez.
D. — Dóse.
D. C. ou De C. — De Candolle.
F. — Faça.
F. S. A. — Faça segundo a arte.
Fahr. — Thermometro de Fahrenheit.
fr. — Em francez.
gram. — Gramma.
L. — Linneo.
Lam. — Lamarck.
Libr. comm. — Libra commum, isto é, a libra de 16 onças.
M. — Misture.
Mart. — Martius.
N.° — Numero.
Pal. de Beauv. — Palissot de Beauvois.
p. — Parte ou pagina.
p. ig. — Partes iguaes.
P. us. — Partes usadas.
Ph. G. — Pharmacopea geral.
pulv. — Pulverizado.
q. b. — Quanto baste.
q. q. — Qualquer quantidade.
q. s. — Quantidade sufficiente.
q. v. — Quantidade á vontade.
R. ou Reaum. — Thermometro de Réaumur.
Rich. — Richard.
St. Hil. — Saint-Hilaire.
Spreng. — Sprengel.
Subs. incomp. — Substancias incompativeis, isto é, aquellas que não podem entrar na composição de um medicamento, sem o decomporem ou neutralizarem-lhe os effeitos.
Sw. — Swartz.
Thunb. — Thunberg.
V. — Veja-se.
v. g. — *Verbi gratia.*
Vent. — Ventenat.
Willd. — Willdenow.
= — Igual a.

A palavra *colher*, sem designação se é *de sopa* ou *de chá*, designa a colher de sopa, que contém, pouco mais ou menos, 20 grammas (5 oitavas) d'agua.

Os algarismos, que se encontrão nos artigos do *Memorial therapeutico*, indicão as paginas onde se achão as formulas dos medicamentos indicados no *Memorial.*

PROLOGO

D'ESTA DECIMA EDIÇÃO.

Esta edição contém notaveis melhoramentos e um sexto de mate-
ria mais do que a edição precedente.

O numero das figuras intercaladas no texto está tambem augmen-
tado. A edição anterior continha 273 figuras, esta contém 324.

O augmento procede da indicação dos medicamentos novos, dos
ipparelhos modernos, da maior extensão que dei ao *Memorial the-
rapeutico*, mas resulta sobretudo da descripção das *Aguas mineraes*
lo Brasil, de Portugal e de outros paizes. Esta descripção, desi-
gnada no livro sob o nome de *Compendio*, indica, segundo a ordem
ilphabetica, e na fórma concisa, a temperatura das Aguas em gráos
lo thermometro centigrado, os principios que as constituem, as mo-
estias em que aproveitão, as epocas do anno em que se tomão, os
estabelecimentos thermaes, os seus recursos em banhos, duchas, e
ipparelhos diversos. Para completar a descripção, accrescentei seis
nappas balnearios das caldas do Brasil, de Portugal, de Hespanha,
le França, da Belgica, da Suissa e da Allemanha.

Percorrendo o *Compendio das aguas mineraes* reconhecer-se-ha
que o Brasil é dotado de caldas de todas as classes. Possue, nas
ocalidades de clima temperado e saudavel, numerosas aguas *ferreas*,
is *salinas* quentes em *Itapicurú*, as *sulfurosas* quentes nas *Caldas*
la provincia de Minas, as *alcalinas* frias em *Caxambú*, as *acidulas*
gazosas em *Alambary* da mesma natureza que as afamadas aguas
le Seltz da Allemanha. — Portugal possue, n'um clima salubre e
ameno, mais de 60 localidades com aguas mineraes de diversas com-
posições, quentes, tepidas e frias. As aguas sulfurosas das *Caldas da*
Rainha, das *Taipas*, de *Vizella* e muitas outras, são tão efficazes nas
nolestias cutaneas como as de Aix e de Luchon em França; e as
guas alcalinas de *Vidago* e das *Pedras Salgadas* são da composição
emelhante ás celebres aguas de Vichy.

Empreguei todos os esforços para dar a este livro a qualidade
necessaria : a *exactidão nas formulas e nas dóses dos medicamentos*.
Foi impresso, debaixo da minha inspecção, n'uma das melhores

typographias de Pariz, em typos novos e por compositores portuguezes; as provas forão revistas por mim com o maior esmero : todas estas circumstancias explicão a boa execução typographica do livro.

Eis-aqui a ordem das materias :

1° **Noções preliminares**, que contém as reducções dos pesos antigos a pesos decimaes; a descripção do conta-gottas, do areometro, densimetro e thermometro (Pag. 1).

2° **Considerações sobre a arte de formular** (Pag. 23).

3° **Operações pharmaceuticas**, com figuras explicativas, que facilitão a intelligencia do texto (Pag. 29).

4° **Indicação dos Utensilios necessarios em qualquer pharmacia regular, com figuras** (Pag. 46).

5° **Lista dos medicamentos que devem achar-se em todas as pharmacias** (Pag. 57).

6° **Fórmas pharmaceuticas dos medicamentos.** N'este capitulo existem as formulas dos *medicamentos officinaes*, isto é, d'aquelles que devem achar-se promptos nas pharmacias, taes como *xaropes, tinturas, emplastos, unguentos,* etc., etc. São redigidas em conformidade do Codigo pharmaceutico francez, adoptado, por ordem do Governo, como Pharmacopea legal do Brasil. Achão-se todas na presente edição, com modos de preparação por extenso (Pag. 61).

7° **Formulario.** N'esta parte do livro descrevo, por ordem alphabetica, todas as substancias empregadas em medicina. Tratando de cada medicamento, indico a sua synonymia, a significação em francez, o nome botanico em latim (se o medicamento é uma planta), os caracteres physicos, as suas propriedades, as molestias em que se emprega, suas dóses em pesos novos e antigos, as substancias com que não deve ser associado; emfim, as diversas formulas. Numerosas figuras, delineadas primorosamente, acompanhão a descripção das plantas medicinaes. O *Formulario* começa na pag. 141 e termina na pag. 783. O *compendio* das Aguas mineraes principia na pag. 186.

Muitas plantas medicinaes, indigenas do Brasil, achão-se descriptas na presente obra; porque não me cingi a tratar das plantas que examinei durante os quinze annos que exerci a medicina no Rio de Janeiro, mas auxiliei-me tambem das publicações, sobre este assumpto, dos distinctos medicos ou naturalistas, e principalmente de Augusto de Saint-Hilaire, Dr. Martius, Dr. Francisco Freire Allemão

dos Srs. Dr. Weddel, Dr. Francisco da Silva Castro, Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, Dr. Joaquim Monteiro Caminhoá, e Joaquim Corrêa de Mello.

8° **Classificação dos medicamentos** (Pag. 784).

9° **Receitas diversas e informações uteis.** Reuno sob este titulo varias receitas empregadas nas artes, nas sciencias e na economia domestica, taes como a agua de Colonia, embalsamento dos corpos, venenos para a destruição dos animaes damninhos, etc.; descrevo tambem a composição de diversas preparações que se vendem como *segredos*, e cuja publicidade será geralmente apreciada, como são, por exemplo : pomadas para tingir o cabello, varios arrebiques, preparações para tirar nodoas, etc. Muitas d'essas receitas, ou factos de sciencia pratica, não pertencem á medicina propriamente dita, mas são todas baseadas na chimica ou nas outras sciencias naturaes; pedem-se frequentemente aos medicos ou pharmaceuticos, e, portanto, devem figurar n'este livro essencialmente pratico (Pag. 808).

10° **Memorial therapeutico**, ou indicação succinta dos symptomas das molestias, e dos diversos meios empregados no seu tratamento. Está consideravelmente augmentado na presente edição, e posto em harmonia com os progressos da sciencia (Pag. 857).

11° **Supplemento** que contém as ultimas descobertas da medicina (Pag. 1173).

12° **Noticia das obras de medicina recentes ou mais importantes** (Pag. 1180).

13° **Vocabulario francez-portuguez** das plantas medicinaes, dos utensilios de pharmacia, e dos termos usados na medicina (Pag. 1188).

14° **Ensaio das ourinas applicado ao diagnostico das molestias, com figuras** (Pag. 1204).

Tres indices fechão o livro. O *primeiro* dá por ordem alphabetica os nomes dos Autores das formulas apresentadas no Formulario, e designa essas formulas. O *segundo*, igualmente alphabetico, é o indice geral, que contém todos os agentes medicinaes, todas as formulas, e todos os objectos de que trata este livro. O *terceiro* e ultimo é o indice por ordem das materias.

Para manter este livro a par da sciencia, não me limitei a introduzir n'elle as modificações e os accrescîmos que apparecem na Europa e sobretudo em Pariz onde resido actualmente : publíco, sim, tudo que se faz para a sciencia no Brasil, porque me correspondo com muitos distinctos medicos do Brasil, e recebo todas as obras, assim como os jornaes de medicina, que se publicão no Imperio. Contém, pois, este livro as formulas ou citações de muitos insignes medicos brasileiros, dos Srs. Drs. J. F. da Silva Lima, Francisco da Silva Castro, Moncorvo, Pacifico Pereira, Paterson, Torres Homem, A. J. Pereira da Silva Araujo, Julio Rodrigues de Moura, J. Pereira Guimarães, D. A. Martins Costa, etc. — Alem d'isto, pessoas, que habitão o interior do Brasil, me remettem espontaneamente informações medicas ou plantas indigenas do paiz ; pelo que lhes reitero os meus agradecimentos, e peço que continuem a obsequiar-me pela mesma fórma, para tornar cada edição d'este livro mais completa, mais exacta e mais util.

Pariz, rua *Raynouard, 24.*
1879.

PEDRO LUIZ NAPOLEÃO CHERNOVIZ.

MAPPAS BALNEARIOS

1. Brasil.
2. Provincias do Rio de Janeiro, de S. Paulo e de Minas (*Brasil*).
3. Portugal e Hespanha.
4. França central e meridional.
5. França septentrional e Belgica.
6. Suissa e Allemanha.

NOÇÕES PRELIMINARES

PESOS E MEDIDAS

Segundo o antigo systema de pesos, tanto no Brasil como em Portugal, a libra era commum ou medicinal. A commum constava de 16 onças, a medicinal de 12. A seguinte tabella mostra a divisão da libra tanto commum como medicinal.

		Onças		Oitavas		Escropulos		Grãos
Libra commum 1	=	16	=	128	=	384	=	9216
		Onça 1	=	8	=	24	=	576
				Oitava 1	=	3	=	72
						Escropulo 1	=	24
Libra medicinal 1	=	12	=	96	=	288	=	6912

O *gramma* é a unidade dos pesos novos. O seu peso é igual ao de um centimetro cubico d'agua distillada, na temperatura do seu maximo gráo de densidade, isto é, 4 gráos centigrados.

Mil grammas chamão-se *kilogramma.*

As fracções do gramma são :

O *decigramma,* decima parte do gramma.
O *centigramma,* centesima parte do gramma.
O *milligramma,* millesima parte do gramma.

As unidades do gramma são separadas dos decigrammas pela virgula. Exemplo :

1, gramma. 2, grammas. 30, grammas.

Os decigrammas põem-se á direita da virgula, e escrevem-se assim :

0,1 significa 1 decigramma. 0,4 significa 4 decigrammas.
0,6 significa 6 decigrammas.

Os centigrammas põem-se á direita dos decigrammas e escrevem-se assim :

0,01 significa 1 centigramma. 0,03 significa 3 centigrammas.

Havendo ao mesmo tempo decigrammas e centigrammas, cada um dos algarismos respectivos conservará o seu lugar. Exemplo :

0,15 significa 15 centigrammas, ou 1 decigramma e 5 centigrammas.

Os milligrammas collocão-se á direita dos centigrammas e escrevem-se assim :

0,005 gramma, o que significa 5 milligrammas.

Havendo ao mesmo tempo centigrammas e milligrammas, cada gráo de fracção deve igualmente conservar o seu lugar. Exemplo :

0,015 significa 15 milligrammas, ou 1 centigram. e 5 milligrammas.

Existindo simultaneamente decigrammas, centigrammas e milligrammas, escrevem-se da maneira seguinte :

0,245 significa 2 decigrammas 4 centigrammas e 5 milligrammas.

Havendo grammas e fracções de gramma, segue-se a mesma regra :

1,245 significa 1 gramma 2 decigram. 4 centigram. e 5 milligram.
2,15 significa 2 grammas 1 decigramma e 5 centigrammas, ou 2 grammas e 15 centigrammas.

Como qualquer mudança na posição da virgula póde occasionar differenças graves, é melhor, quando se receita, escrever por extenso, sem recorrer a estas abreviaturas.

Valor exacto dos pesos decimaes em pesos antigos, brasileiros e portuguezes.

1 kilogram. ou 1000 gram.	é igual a	34 onças 6 oitavas e 66	grãos.
1 gramma	igual a	20,08	grãos.
1 decigramma	igual a	2,008	grãos.
1 centigramma	igual a	0,2008	grão.

Valor exacto dos pesos decimaes em pesos antigos francezes, usados em França até 1840.

1 kilogramma	é igual a	32 onças 5 oitavas 35	grãos.
1 gramma	=	18,43	grãos.
1 decigramma	=	1,84	grão.
1 centigramma	=	0,184	grão.

Estas relações são mui complicadas. Eis-aqui outras que são menos exactas, porém mais simples, e que por isso se poderão conservar mais facilmente na memoria. Forão adoptadas pela Commissão do Codigo pharmaceutico francez, quando se tratou de converter os pesos antigos francezes em pesos decimaes. Esta tabella póde tambem servir para converter approximativamente os antigos pesos brasileiros ou portuguezes em decimaes, e *vice versa*.

Valor approximativo dos pesos decimaes em pesos antigos.

1 kilogr.	equiv. a	32	onças.
750 grammas	»	24	onças.
625 grammas	»	20	onças.
500 grammas	»	16	onças.
470 grammas	»	15	onças.
440 grammas	»	14	onças.
400 grammas	»	13	onças.
375 grammas	»	12	onças.
350 grammas	»	11	onças.
320 grammas	»	10	onças.
280 grammas	»	9	onças.
250 grammas	»	8	onças.
220 grammas	»	7	onças.
192 grammas	»	6	onças.
156 grammas	»	5	onças.
125 grammas	»	4	onças.
96 grammas	»	3	onças.
80 grammas	»	2 1/2	onças.
64 grammas	»	2	onças.
48 grammas	»	1 1/2	onça.
32 grammas	equiv. a	1	onça.
24 grammas	»	6	oitavas.
20 grammas	»	5	oitavas
16 grammas	»	4	oitavas.
12 grammas	»	3	oitavas.
10 grammas	»	2 1/2	oitavas.
8 grammas	»	2	oitavas.
6 grammas	»	1 1/2	oitava.
4 grammas	»	1	oitava.
2 grammas	»	36	grãos.
1 1/2 gramma	»	27	grãos.
1 gramma	»	18	grãos.
1/2 gramma	»	9	grãos.
8 decigram.	»	15	grãos.
7 decigram.	»	13	grãos.
5 decigram.	»	9	grãos.
4 decigram.	»	8	grãos.
3 decigram.	»	6	grãos.
2 decigram.	»	4	grãos.
1 decigram.	»	2	grãos.

100 centigr.	equiv. a	18	grãos.
50 centigram.	»	9	grãos.
40 centigram.	»	8	grãos.
30 centigram.	»	6	grãos.
25 centigram.	»	5	grãos.
20 centigram.	»	4	grãos.
15 centigram.	»	3	grãos.
10 centigram.	»	2	grãos.
5 centigram.	»	1	grão.
4 centigram.	»	4/5	de grão.
3 centigram.	»	3/5	de grão.
2 1/2 centig.	equiv. a	1/2	grão.
2 centigram.	»	2/5	de grão.
1 centigram.	»	1/5	de grão.
50 milligram.	»	1	grão.
38 milligram.	»	3/4	de grão.
25 milligram.	»	1/2	grão.
15 milligram.	»	1/3	de grão.
10 milligram.	»	1/5	de grão.
6 milligram.	»	1/8	de grão.
5 milligram.	»	1/10	de grão.
1 milligram.	»	1/50	de grão.

Valor exacto dos pesos antigos, brasileiros e portuguezes, em pesos decimaes.

1 grão ou	0,049	gramma.
1 escropulo ou 24 grãos	1,195	gramma.
1/2 oitava ou 36 grãos	1,792	gramma.
2 escropulos ou 48 grãos	2,390	grammas.
1 oitava ou 72 grãos	3,586	grammas.
2 oitavas	7,170	grammas.
1/2 onça ou 4 oitavas	14,345	grammas.
1 onça	28,691	grammas.
4 onças	114,748	grammas.
8 onças	229,526	grammas.
12 onças	344,292	grammas.
16 onças	459,053	grammas.
32 onças	918,106	grammas.

Valor exacto dos pesos antigos francezes em decimaes.

1 grão	0,053	gramma.
1 escropulo ou 24 grãos	1,272	gramma.
1/2 oitava ou 36 grãos	1,908	gramma.
2 escropulos ou 48 grãos	2,544	grammas.
1 oitava ou 72 grãos	3,816	grammas.
2 oitavas	7,632	grammas.
1/2 onça ou 4 oitavas	15,264	grammas.
1 onça	30,59	grammas.
4 onças	122,38	grammas.
8 onças	244,75	grammas.
12 onças	367,13	grammas.
16 onças	489,51	grammas.
32 onças	979,90	grammas.

Quando no anno de 1840 foi posto em vigor em França o systema decimal, tornou-se necessario converter os pesos das antigas formulas nos pesos decimaes. Os autores do Codigo, que forão os primeiros que fizerão esta conversão, procurárão a relação, não exacta, mas approximada, em numeros redondos, e facilmente divisiveis.

Eis-aqui as *relações approximadas*, adoptadas pelo Cod. francez :

1 grão equivale a	0,05	gramma.
2 grãos	0,1	gramma.
1/2 oitava ou 36 grãos	2,0	grammas.
1 oitava ou 72 grãos	4,0	grammas.
2 oitavas	8,0	grammas.

1/2 onça ou 4 oitavas.	16,0 grammas.
1 onça.	32,0 grammas.
1 1/2 onça.	48,0 grammas.
2 onças	64,0 grammas.
3 onças.	96,0 grammas.
4 onças	125,0 grammas.
8 onças	250,0 grammas.
16 onças	500,0 grammas.
32 onças	1000,0 grammas.

Mas este modo de reducção, com excepção dos dois primeiros pesos e dos quatro ultimos, é algum tanto elevado. A avaliação seria mais exacta se se adoptassem as relações seguintes :

1/2 onça ou 4 oitavas equivale a . .	15 grammas.	1 1/2 onça equiv. a	45 grammas.
1 onça	30 grammas.	2 onças. . . .	60 grammas.
		3 onças. . . .	90 grammas.

Bouchardat, no seu Formulario, nas formulas tiradas do Codigo, conforma-se ás relações adoptadas por esta obra legal, porém na conversão dos pesos das formulas tiradas dos autores, reduz a onça a 30 grammas, em lugar de 32 grammas, como faz o Codigo. Estas differenças, aliás, são tão pequenas, e tem lugar em substancias ordinariamente tão pouco activas, que é indifferente adoptar uma ou outra conversão.

A seguinte tabella indica as *relações approximadas* das fracções de grãos convertidas em milligrammas.

1/2 grão	0,025 gramma.	1/6 grão	0,009 gramma.
1/3 grão	0,017 gramma.	1/7 grão	0,008 gramma.
1/4 grão	0,013 gramma.	1/8 grão	0,007 gramma.
1/5 grão	0,010 gramma.	1/9 grão	0,006 gramma.

Um litro d'agua pesa 32 onças 5 oitavas e 35 grãos, em pesos antigos francezes, e 34 onças 6 oitavas e 66 grãos em pesos antigos brasileiros e portuguezes. Em pharmacia, como valor approximativo, adoptou-se um litro como equivalente a 32 onças.

Um quartilho de um liquido aquoso é equivalente a cerca de um pouco mais de 24 onças (0,667 litro) no Brasil, e a um pouco mais de 12 onças (0,353 litro) em Portugal.

MEDIDAS DE COMPRIMENTO OU LINEARES.

A unidade das medidas lineares decimaes é o *metro*, que é a decima millesima parte $\left(\frac{1}{10,000,000}\right)$ do quarto do meridiano terrestre.

Um metro é igual a um pouco mais de quatro palmos e meio, ou a 37 pollegadas, ou a $\frac{9}{10}$ de uma vara.

As fracções do metro são :

O *decimetro*, decima parte do metro.

O *centimetro*, centesima parte do metro.

O *millimetro*, millesima parte do metro.

A fig. 1 representa 1 decimetro. As divisões marcadas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 são os centimetros ; e as menores, os millimetros.



Fig. 1. — Decimetro, de tamanho natural.

CONVERSÃO EM DECIMAES DAS MEDIDAS LINEARES, E VICE VERSA (DESPREZADAS AS FRACÇÕES)

Metros reduzidos a varas, palmos, pollegadas, linhas e pontos.

Metros	Varas	Palmos	Pollegadas	Linhas	Pontos
1	»	4	4	4	4
2	1	4	»	8	8
3	2	3	5	»	13
4	3	3	»	17	5
5	4	»	21	9	9
6	5	»	18	2	2
7	6	»	14	6	6
8	7	»	10	10	10
9	8	»	7	3	3
10	9	»	3	7	7
20	18	»	7	3	3
30	27	»	10	10	10
40	36	»	14	6	6
50	45	2	2	»	26
60	54	»	21	9	9
70	63	3	»	17	5
80	72	3	5	»	13
90	81	4	»	8	8
100	90	4	4	»	52
1000	909	»	3	7	7

Varas reduzidas a metros e a centimetros.

Varas	Metros	Centimetros	Varas	Metros	Centimetros
1	1	10	20	22	00
2	2	20	30	33	00
3		30	40	44	00
4	4	40	50	55	00
5	5	50	60	66	00
6	6	60	70	77	00
7	7	70	80	88	00
8	8	80	90	99	00
9	9	90	100	110	00
10	11	00	1000	1100	00

Metros reduzidos a covados, pollegadas, linhas e pontos.

Metros	Covados	Pollegadas	Linhas	Pontos
1	1	12	4	4
2	3	»	8	8
3	4	1	5	13
4	6	1	5	5
5	7	13	9	9
6	9	2	2	2
7	10	14	6	6
8	12	2	10	10
9	13	15	3	3
10	15	3	7	7
20	30	7	3	3
30	45	10	10	10
40	60	14	6	6
50	75	18	2	2
60	90	21	9	9
70	106	1	5	5
80	121	5	1	1
90	136	1	8	8
100	151	12	4	4
1000	1515	3	7	7

Covados reduzidos a metros e a centimetros.

Covados	Metros	Centimetros	Covados	Metros	Centimetros
1	»	66	20	13	20
2	1	32	30	19	80
3	1	98	40	26	40
4	2	64	50	33	»
5	3	30	60	39	60
6	3	96	70	46	20
7	4	62	80	52	80
8	5	28	90	59	40
9	5	94	100	66	»
10	6	60	1000	660	»

Metros reduzidos a pés, pollegadas, linhas e pontos.

Metros	Pés	Pollegadas	Linhas	Pontos
1	3	»	4	4
2	6	»	8	8
3	9	1	1	1
4	12	1	5	5
5	15	1	9	9

Metros	Covados	Pollegadas	Linhas	Pontos
6	18	2	2	2
7	21	2	6	6
8	24	2	10	10
9	27	3	3	3
10	30	3	7	7
20	60	7	3	3
30	90	10	10	10
40	121	2	6	6
50	151	6	2	2
60	181	9	9	9
70	212	1	5	5
80	242	5	1	1
90	272	8	8	8
100	303	»	4	4
1000	3030	3	7	7

Pés reduzidos a metros e a centimetros

Pés	Metros	Centimetros	Pés	Metros	Centimetros
1	»	33	**20**	6	60
2	»	66	**30**	9	90
3	»	99	**40**	13	20
4	1	32	**50**	16	50
5	1	65	**60**	19	80
6	1	98	**70**	23	10
7	2	31	**80**	26	40
8	2	64	**90**	29	70
9	2	97	**100**	33	»
10	3	30	**1000**	330	»

Braças reduzidas a metros.

Braças	Metros	Braças	Metros	Braças	Metros
1	2,2	**8**	17,6	**60**	132,0
2	4,4	**9**	19,8	**70**	154,0
3	6,6	**10**	22,0	**80**	176,0
4	8,8	**20**	44,0	**90**	198,0
5	11,0	**30**	66,0	**100**	220,0
6	13,2	**40**	88,0	**1000**	2200,0
7	15,4	**50**	110,0		

1 Braça	=	2 varas.	=	2,2	metros.
1 Vara.	=	5 palmos *craveiros*	=	1,1	»
1 Palmo *craveiro*. .	=	8 pollegadas . . .	=	0,22	»
1 Pollegada	=	12 linhas	=	0,0275	»
1 Linha.	=	12 pontos	=	0,0022	»
1 Ponto.				0,0001	»
1 Pé	=	12 pollegadas . . .	=	0,33	»

1 Toeza.	=	6 pés.	=	1,98	metros.
1 Passo ordinario .	=	2 pés e meio . . .	=	0,825	»
1 Covado	=	3 palmos	=	0,68	»
1 Palmo de *covado*.				0,226	»

PESOS E MEDIDAS DO BRASIL, REDUZIDOS AO SYSTEMA METRICO, REDUCÇÃO EXACTA.

Medidas de peso.

Grão.	igual a	4,981	centigrammas.
Oitava ou 72 grãos. . . .	igual a	3,586	grammas.
Onça ou 8 oitavas	igual a	28,691	grammas.
Marco ou 8 onças	igual a	229,526	grammas.
Arratel ou 16 onças . . .	igual a	459,053	grammas.
Arroba ou 32 arrateis . .	igual a	14,690	kilogrammas.
Quintal ou 4 arrobas. . .	igual a	58,759	kilogrammas.
Tonelada ou 54 arrobas. .	igual a	793,246	kilogrammas.

A tonelada *metrica* tem 1000 kilogrammas e corresponde a 1,2606 de tonelada brasileira.

Medidas de seccos.

Selamim.	igual a	1,136	litro.
Maquia ou 2 selamins	igual a	2,273	litros.
Quarta ou 4 maquias	igual a	9,091	litros.
Alqueire ou 4 quartas. . . .	igual a	36,364	litros.
Moio ou 60 alqueires.	igual a	21,818	hectolitros.

Medidas de liquidos.

Quartilho	igual a	0,667	litro.
Canada ou 4 quartilhos.	igual a	2,667	litros.
Almude ou 6 canadas	igual a	16	litros.
Pipa ou 25 almudes	igual a	400	litros.
Tonel ou 50 almudes.	igual a	800	litros.

Medidas de extensão.

Linha.	igual a	0,00256	metro.
Pollegada ou 12 linhas . . .	igual a	0,0270	metro.
Palmo ou 8 pollegadas . . .	igual a	0,22	metro.
Vara ou 5 palmos.	igual a	1,1	metro.
Braça ou 2 varas	igual a	2,2	metros.
Milha ou 843 braças.	igual a	1,854,625	metros.
Legoa ou 2,529 braç. (20 ao gº).	igual a	5,563,875	metros.

Medidas itinerarias.

Legoa sesmaria ou 3000 braças . .	igual a	6600	metros.
Legoa de 18 ao gráo ou 2810 braças.	igual a	6182	metros.
Legoa de 20 ao gráo ou 2529 braças.	igual a	5564	metros.
Legoa de 25 ao gráo ou 2023 braças.	igual a	4451	metros.

A legoa *metrica* tem 4 kilometros e representa 1818 braças.

Medidas agrarias.

Alqueire de Minas Geraes ou 10000 braças quadradas igual a 484 ares ou 48400 metros quadrados.

Alqueire do Rio de Janeiro ou 10000 braças quadradas igual a 484 ares ou 48400 metros quadrados.

Alqueire de S. Paulo ou 5000 braças quadradas igual a 242 ares ou 24200 metros quadrados.

LINHAS REDUZIDAS A MILLIMETROS
Reducção exacta, extrahida do *Annuaire du bureau des longitudes de Paris*

LINHAS	MILLIMETROS	LINHAS	MILLIMETROS
1	2,256	250	563,957
2	4,512	260	586,516
3	6,767	270	609,074
4	9,023	280	631,632
5	11,279	290	654,191
6	13,535	300	676,749
7	15,791	310	699,307
8	18,047	320	721,865
9	20,302	330	744,424
10	22,558	340	766,982
20	45,117	350	789,540
30	67,675	360	812,099
40	90,233	370	834,657
50	112,791	380	857,215
60	135,350	390	879,773
70	157,908	400	902,332
80	180,466	410	924,890
90	203,025	420	947,448
100	225,583	430	970,007
110	248,141	440	992,565
120	270,700	450	1015,123
130	293,258	460	1037,682
140	315,816	470	1060,240
150	338,374	480	1082,798
160	360,933	490	1105,356
170	383,491	500	1127,915
180	406,049	510	1150,473
190	428,608	520	1173,031
200	451,166	530	1195,590
210	473,724	540	1218,148
220	496,282	550	1240,706
230	518,841	560	1263,264
240	541,399	570	1285,823
250	563,957	1000	2255,829

MILLIMETROS REDUZIDOS A LINHAS
Reducção exacta, extrahida do *Annuaire du bureau des longitudes de Paris*

MILL.	LINHAS	MILL.	LINHAS
1	0,443	400	177,318
2	0,887	420	186,184
3	1,330	440	195,050
4	1,773	460	203,916
5	2,216	480	212,782
6	2,660	500	221,648
7	3,103	520	230,514
8	3,546	540	239,380
9	3,990	560	248,246
10	4,433	580	257,112
20	8,866	600	265,978
30	13,299	620	274,843
40	17,732	640	283,709
50	22,165	660	292,575
60	26,598	680	301,441
70	31,031	700	310,307
80	35,464	720	319,173
90	39,897	730	323,606
100	44,330	740	328,039
120	53,196	750	332,472
140	62,061	760	336,905
160	70,927	770	341,338
180	79,793	780	345,771
200	88,659	800	354,637
220	97,525	820	363,503
240	106,391	840	372,369
260	115,257	860	381,235
280	124,123	880	390,100
300	132,989	900	398,966
320	141,855	920	407,832
340	150,721	940	416,698
360	159,587	960	425,564
380	168,452	980	434,430
400	177,318	1000	443,296

CENTIMETROS E DECIMETROS REDUZIDOS A PÉS, POLLEGADAS E LINHAS.

Reducção exacta, extrahida do *Annuaire du bureau des longitudes de Paris.*

CENTIMET.	PÉS	POLLEGADAS	LINHAS
1	0	0	4,433
2	0	0	8,866
3	0	1	1,299
4	0	1	5,732
5	0	1	10,165
6	0	2	2,598
7	0	2	7,031
8	0	2	11,464
9	0	3	3,897
10	0	3	8,330
11	0	4	0,763
12	0	4	5,196
13	0	4	9,628
14	0	5	2,061
15	0	5	6,494
16	0	5	10,927
17	0	6	3,360
18	0	6	7,793
19	0	7	0,226
20	0	7	4,659
21	0	7	9,092
22	0	8	1,525
23	0	8	5,958
24	0	8	10,391
25	0	9	2,824
26	0	9	7,257
27	0	9	11,690
28	0	10	4,123
29	0	10	8,556
30	0	11	0,989
31	0	11	5,422
32	0	11	9,855
33	1	0	2,288
34	1	0	6,721
35	1	0	11,154
36	1	1	3,587
37	1	1	8,020
38	1	2	0,452
39	1	2	4,885
40	1	2	9,318
41	1	3	1,751
42	1	3	6,184
43	1	3	10,617
44	1	4	3,050
45	1	4	7,483
46	1	4	11,916
47	1	5	4,349
48	1	5	8,782
49	1	6	1,215
50	1	6	5,648
60	1	10	1,978
70	2	1	10,307
80	2	5	6,637
90	2	9	2,966

DECIMETROS	PÉS	POLLEGADAS	LINHAS
1	0	3	8,330
2	0	7	4,659
3	0	11	0,989
4	1	2	9,318
5	1	6	5,648
6	1	10	1,978
7	2	1	10,307
8	2	5	6,637
9	2	9	2,966
10	3	0	11,296

Pollegadas reduzidas a centimetros.

Reducção exacta segundo o *Annuaire du bureau des longitudes de Paris.*

Polleg.	Metros	Polleg.	Metros	Polleg.	Metros
1	0,02707	12	0,32484	50	1,35350
2	0,05414	13	0,35191	60	1,62420
3	0,08121	14	0,37898	70	1,89490
4	0,10828	15	0,40605	80	2,16560
5	0,13535	16	0,43312	90	2,43630
6	0,16242	17	0,46019	100	2,70700
7	0,18949	18	0,48726	200	5,41399
8	0,21656	19	0,51433	300	8,12099
9	0,24363	20	0,54140	400	10,82798
10	0,27070	30	0,81210	500	13,53498
11	0,29777	40	1,08280	1000	27,06995

Peso approximativo dos copos, colheres, punhados, pugillos, etc. das substancias seguintes. (Cod. fr.)

Uma colher *de chá* d'agua commum pesa	5 gram.	(1 1/4 oitava)
Uma colher *de sopa* — —	20 gram.	(5 oitavas)
Um copo d'agua — —	160 gram.	(5 onças)
Um punhado (a mão cheia) de sementes de cevada pesa.	80 gram.	(2 1/2 onças)
Um punhado de sementes de linho pesa .	50 gram.	(1 1/2 onça)
— de farinha de linhaça pesa.	100 gram.	(3 onças)
— de fol. seccas de malva pesa.	40 gram.	(10 oitavas)
Um pugillo (a porção que se toma com as pontas dos tres dedos) de flores de camomilla pesa	2 gram.	(40 grãos)
Um pugillo de flores de arnica pesa .	1 gram.	(20 grãos)
— — de malva —	1 gram.	(20 grãos)
— — de tilia —	2 gram.	(40 grãos)
— de fructos de aniz —	2 gram.	(40 grãos)
Um ovo de gallinha, fresco, pesa termo médio.	64 gram.	(2 onças)
Um ovo de gallinha, a clara só	40 gram.	(10 oitavas)
— — a gema.	20 gram.	(5 oitavas)
Uma amendoa.	1 gram.	(20 grãos).

O peso das gottas é tambem approximativo; varía conforme a densidade e viscosidade do liquido. A seguinte tabella mostra o peso approximativo de 20 gottas das substancias empregadas mais frequentemente, na temperatura vizinha de 15° centigrados.

Peso approximativo de 20 gottas dos liquidos seguintes. (Codigo francez.)

Acido chlorhydrico a 1,17	0,950 gram.	(19 grãos)
— nitrico a 1,42	0,861 gram.	(17 grãos)
— sulfurico a 1,84	0,700 gram.	(14 grãos)
Agua distillada	1,000 gram.	(20 grãos)

Alcool a 90°	0,335 gram.	(7 grãos)
— sulfurico (agua de Rabel)	0,360 gram.	(7 grãos)
Alcoolatura de aconito	0,397 gram.	(8 grãos)
Ammoniaco a 0,92	0,909 gram.	(18 grãos)
Chloroformio	0,370 gram.	(7 grãos)
Ether sulfurico puro	0,263 gram.	(5 grãos)
Laudano de Rousseau	0,571 gram.	(11 grãos)
— de Sydenham	0,588 gram.	(12 grãos)
Licor de Hoffmann	0,294 gram.	(6 grãos)
Oleo de croton	0,410 gram.	(8 grãos)
— volatil de hortelã-pimenta	0,400 gram.	(8 grãos)
— — de terebinthina	0,385 gram.	(8 grãos)
Tintura de arnica	0,340 gram.	(7 grãos)
— de belladona	0,391 gram.	(8 grãos)
— de castoreo	0,357 gram.	(7 grãos)
— de colchico (bolbos)	0,356 gram.	(7 grãos)
— — (sementes)	0,390 gram.	(8 grãos)
— de digital	0,344 gram.	(7 grãos)
— etherea de digital	0,270 gram.	(5 grãos).

CONTA-GOTTAS. Instrumento de vidro destinado a contar as gottas dos liquidos medicamentosos, de maneira a dar gottas de um peso sempre igual.


Fig. 2.
Conta-gottas

Quando se contão as gottas com um frasco de pharmacia, observão-se muitas vezes differenças sensiveis no peso do mesmo numero de gottas, pois que com effeito o volume d'ellas depende de grande numero de condições (cohesão, tenacidade, e viscosidade do liquido); frequentemente tambem o escorrimento de um liquido gotta a gotta, transforma-se em um fio contínuo. Para obviar estes inconvenientes é que forão inventados os instrumentos chamados *conta-gottas*. Considera-se o instrumento bem feito, quando na temperatura de + 15° centig., 20 gottas d'agua distillada pesão 1 gram. e 5 centigrammas pouco mais ou menos. Vem a ser que 1 gotta d'agua distillada deve pesar 5 centigram. Para este fim o diametro do bico do instrumento deve ter 3 millimetros, comprehendendo o *orificio* e as *paredes*.

Ha diversos conta-gottas. O mais simples, o mais barato e o mais empregado, está representado na fig. 2. Consiste em um pequeno tubo de caoutchouc fechado n'uma das extremidades, e adaptando-se pela outra a um tubo de vidro. Este, aberto nas duas extremidades, tem 3 millimetros de diametro no orificio inferior. Basta mergulhar a ponta do tubo de vidro no liquido e comprimir o caoutchouc, para que, cessando a compressão, o liquido suba por causa do vacuo que se produzio. Feito isto, basta exercer uma leve compressão sobre o tubo de caoutchouc, para fazer sahir o liquido gotta a gotta. Este pequeno instrumento é empregado tambem pelos medicos para instillar as gottas dos collyrios entre as palpebras. Vende-se em Pariz, na pharmacia central, rua de Jouy 7. Preço 5 francos a duzia.

AREOMETRO. É muitas vezes necessario nas operações pharmaceuticas levar um liquido a uma densidade determinada : o instrumento que serve de guia para este fim é o areometro. Toma

o nome de *pesa-acido* ou *pesa-sal* quando é destinado a determinar a densidade dos liquidos mais pesados do que a agua; chama-se *pesa-licor, pesa-alcool, pesa-ether, pesa-espirito,* quando se emprega para os liquidos menos densos. Os areometros, em geral, são tubos ôcos de vidro ou de metal, terminados na parte inferior por um vaso cónico cheio de chumbo ou de mercurio, que serve de lastro para manter na posição vertical o instrumento fluctuante. O areometro afunda-se nos liquidos tanto mais quanto mais leves são, e afunda-se tanto menos quanto mais densos são os liquidos.

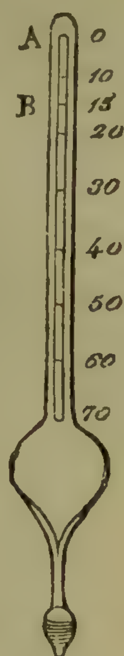


Fig. 3.
Areometro de Baumé.

Ha diversos areometros. Os que se empregão na pharmacia, são: para os liquidos mais pesados que a agua o areometro de Baumé, e para os liquidos menos pesados, o areometro de Cartier, e o de Gay-Lussac.

Areometro de Baumé (fig. 3), para os liquidos mais pesados do que a agua. Consta de um tubo de vidro cylindrico, terminando inferiormente por uma expansão e por uma esphera lastrada pelo mercurio. Chama-se tambem *pesa-xarope, pesa-sal,* ou *pesa-acido,* segundo o uso a que se destina. Deve ter o lastro tal, que com o seu peso possa o instrumento mergulhar em agua distillada até ao ponto A, que é o *zero* da escala; prepara-se depois um liquido composto de 15 partes de sal marinho e de 85 partes d'agua: mergulha-se n'elle o instrumento, que desce um pouco menos, e sobrenada em o ponto B, que marcado, forma o 15° gráo; divide-se o intervallo em 15 partes iguaes, e a mesma graduação se faz no resto da hastea; n'este caso os gráos são iguaes e contão-se de cima para baixo. Graduado d'esta maneira, emprega-se em pharmacia. Por exemplo, na fabricação dos xaropes ordinarios, o areometro deve marcar 30 gráos, n'um xarope que contenha a quantidade de assucar conveniente, e estando o xarope quente. Se o areometro marcar mais, 33 gráos, por exemplo, é porque ha assucar demasiado; se marcar menos, não ha bastante. É um meio muito simples para regular a dóse do assucar, na fabricação dos xaropes.

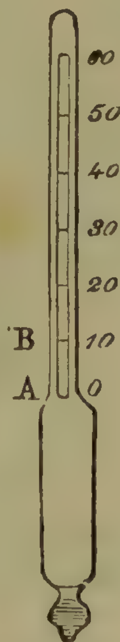


Fig. 4.
Areometro de Cartier.

Areometro de Cartier (fig. 4), para os liquidos mais leves do que a agua. *Pesa-licor, pesa-espirito, pesa-alcool, pesa-ether.* Deve ter um lastro tal, que o mergulhe sómente até A em um liquido composto de 10 partes de sal marinho e 90 d'agua: este ponto marca o *zero* da escala; mergulha-se depois o instrumento em agua distillada, que por ser menos densa, o deixa descer até B: este ponto marca o 10° gráo da escala. Divide-se o espaço entre A e B em 10 partes iguaes, e continua-se a mesma divisão na hastea indo de baixo para cima.

Ha tambem outro areometro de *Baumé,* para os liquidos mais leves do que a agua, e construido do mesmo modo que o de Cartier, do qual não differe senão por uma pequena modificação da escala. O 10° gráo da escala é o mesmo tanto em um como em outro: corresponde ao ponto em que ficão estacionarios ambos os instrumentos quando são mergulhados na agua distillada; mas o 30° gráo de Cartier corresponde ao 32° gráo de Baumé; achando-se assim,

no areometro de Baumé, dividido em 22 gráos o mesmo espaço que no de Cartier está dividido em 20 gráos.

Areometro de Gay-Lussac, ou *centesimal*, ou *Alcoometro* (fig. 5). A fórma é a mesma que a do areometro de Cartier. A escala é dividida em 100 gráos desiguaes em comprimento : o zero corresponde á agua distillada e numero 100 ao alcool absoluto. Para fazer esta graduação, mergulha-se primeiro o instrumento no alcool completamente privado d'agua ; e no ponto de equilibrio, que deve corresponder á extremidade superior da hastea, marca-se 100. Depois, faz-se uma mistura, em volume, de 99 partes de alcool com 1 parte d'agua, mergulha-se n'ella o instrumento, que se afunda então um pouco menos do que antes, porque a agua junta ao alcool augmenta-lhe a densidade. No ponto de equilibrio do instrumento marca-se 99, isto é, o volume do alcool contido na mistura. Fazendo-se depois misturas compostas, sobre 100 partes, de 98 de alcool e 2 d'agua, de 97 de alcool e de 3 d'agua, e assim successivamente, mergulha-se o instrumento em cada uma d'ellas, e nos differentes pontos de equilibrio, marca-se 98, 97, etc. Os gráos da escala são desiguaes em seu comprimento, porque a variação de densidade, que resulta da addição successiva d'agua, não se exprime por uma differença constante na extensão do instrumento. Aquelles espaços desiguaes ou gráos é que exprimem as differenças centesimaes do alcool puro ; portanto se o instrumento descer até á divisão 40 n'um liquido espirituoso, em que se mergulhar, concluir-se-ha que em 100 partes do volume d'esse liquido, ha 40 de alcool puro e 60 d'agua ; e por este modo indica a força real d'esse liquido, o que não póde fazer algum dos outros areometros.

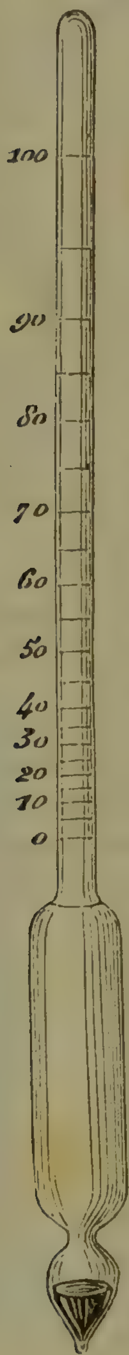


Fig. 5.

Areometro centesimal, ou Alcoometro.

Este instrumento foi graduado para a temperatura de + 15° centigr., e as suas indicações não são rigorosamente exactas senão para esta temperatura : é necessario por conseguinte reduzir a esta temperatura os licores que se experimentão ; porque as variações de temperatura augmentão ou diminuem o volume dos liquidos espirituosos, e, portanto, a sua densidade. Para facilitar esta reducção, calculou Gay-Lussac um quadro pelo qual se corrigem as indicações apparentes dadas pelo seu areometro, quando a temperatura actual do liquido espirituoso estiver acima ou abaixo de + 15° centigrados. Eis-aqui o quadro das correcções que se devem fazer na indicação do areometro centesimal, para os gráos do alcool os mais usados na pharmacia, quando a temperatura fôr inferior ou superior a + 15°.

Quadro de correcção para os gráos centesimaes do alcool experimentado nas temperaturas superiores ou inferiores a + 15°.

TEMPERATURA OBSERVADA	GRÁOS ALCOOMETRICOS CORRESPONDENTES ÁS TEMPERATURAS OBSERVADAS										
	45 c.	50 c.	55 c.	56 c.	60 c.	80 c.	85 c.	90 c.	94 c.	95 c.	100 c.
0	50,7	55,4	60,2	61,2	65,0	84,3	88,9	93,6	97,1	98,0	
1	50,3	55,1	59,9	60,9	64,7	84,0	88,7	93,3	96,9	97,8	
2	49,9	54,7	59,5	60,5	64,4	83,7	88,5	93,1	96,7	97,6	
3	49,6	54,3	59,2	60,2	64,1	83,5	88,2	92,9	96,5	97,4	
4	49,2	54,0	58,9	59,8	63,7	83,2	87,9	92,7	96,3	67,2	
5	48,8	53,6	58,5	59,5	63,4	82,9	87,7	92,4	96,1	97,0	
6	48,4	53,3	58,1	59,1	63,0	82,6	87,4	92,2	95,9	96,8	
7	48,1	52,9	57,8	58,8	62,7	82,3	87,2	91,9	95,7	96,6	
8	47,7	52,6	57,7	58,5	62,4	82,0	86,9	91,7	95,5	96,4	
9	47,3	52,2	57,1	58,1	62,0	81,7	86,6	91,5	95,3	96,2	
10	46,9	51,8	56,8	57,8	61,7	81,5	86,4	91,2	95,1	96,0	
11	46,6	51,5	56,4	57,5	61,4	81,2	86,1	91,0	94,9	95,8	
12	46,2	51,1	56,0	57,1	61,0	80,9	85,8	90,7	94,7	95,6	
13	45,8	50,8	55,7	56,7	60,7	80,6	85,5	90,5	94,4	95,4	
14	45,4	50,4	55,3	56,3	60,3	80,3	85,3	90,2	94,2	95,2	
15	45,0	50,0	55,0	56,0	60,0	80,0	85,0	90,0	94,0	95,0	100,0
16	44,6	49,6	54,6	55,6	59,6	79,7	84,7	89,7	93,8	94,8	99,8
17	44,2	49,3	54,3	55,3	59,3	79,4	84,4	89,5	93,6	94,6	99,7
18	43,8	48,9	53,9	54,9	58,9	79,1	84,1	89,2	93,3	94,3	99,5
19	43,5	48,5	53,6	54,6	58,6	78,8	83,9	88,9	93,1	94,1	99,3
20	43,1	48,2	53,2	54,2	58,2	78,5	83,6	88,7	92,9	93,9	99,1
21	42,7	47,8	52,9	53,9	57,9	78,2	83,3	88,4	92,6	93,7	99,0
22	42,3	47,4	52,5	53,5	57,5	77,9	83,0	88,2	92,4	93,4	98,8
23	41,9	47,0	52,1	53,1	57,1	77,6	82,7	87,9	92,1	93,2	98,6
24	41,5	46,6	51,8	52,8	56,8	77,3	82,4	87,6	91,9	93,0	98,4
25	41,1	46,3	51,4	52,4	56,5	77,0	82,1	87,4	91,6	92,7	98,2
26	40,7	45,9	51,0	52,0	56,1	76,7	81,8	87,1	91,4	92,5	98,1
27	40,3	45,5	50,7	51,7	55,8	76,3	81,5	86,8	91,1	92,2	97,9
28	39,9	45,1	50,3	51,3	55,4	76,0	81,2	86,5	90,9	92,0	97,7
29	39,5	44,7	49,9	51,0	55,0	75,7	80,9	86,2	90,6	91,7	97,5
30	39,1	44,3	49,6	50,6	54,7	75,4	80,6	86,0	90,4	91,5	97,3

Gráos de Cartier em gráos do areometro centesimal.

CARTIER	CENTESIM.	CARTIER	CENTESIM.	CARTIER	CENTESIM.	CARTIER	CENTESIM.
10	0,0	19	49,2	28	74,0	37	91,1
1/2	2,5	1/2	50,9	1/2	75,1	1/2	91,9
11	5,3	20	52,5	29	76,3	38	92,6
1/2	8,2	1/2	54,1	1/2	77,3	1/2	93,3
12	11,3	21	55,7	30	78,4	39	94,0
1/2	14,7	1/2	57,2	/2	79,4	1/2	94,7
13	18,4	22	58,7	31	80,5	40	95,4
1/2	22,0	1/2	60,1	1/2	81,5	1/2	96,0
14	25,4	23	61,5	32	82,4	41	96,6
1/2	28,7	1/2	62,9	1/2	83,4	1/2	97,2
15	31,7	24	64,2	33	84,3	42	97,7
1/2	34,5	1/2	65,6	1/2	85,3	1/2	98,3
16	37,0	25	66,9	34	86,2	43	98,8
1/2	39,4	1/2	68,1	1/2	87,1	1/2	99,3
17	41,5	26	69,4	35	88,0	44	99,9
1/2	43,6	1/2	70,6	1/2	88,8		
18	45,5	27	71,8	36	89,6		
1/2	47,4	1/2	72,9	1/2	90,4		

Gráos centesimaes em gráos de Cartier e as densidades correspondentes.

NA TEMPERATURA DE + 15° CENTIGRADOS. 1,000 REPRESENTA A DENSIDADE DA AGUA.

CENTESIMAES	CARTIER	DENSIDADE	CENTESIMAES	CARTIER	DENSIDADE	CENTESIMAES	CARTIER	DENSIDADE	CENTESIMAES	CARTIER	DENSIDADE
0	10,0	1,000	9	11,7	0,988	18	13,0	0,978	27	14,3	0,969
1	10,2	0,998	10	11,8	0,987	19	13,1	0,977	28	14,4	0,968
2	10,4	0,997	11	12,0	0,985	20	13,2	0,976	29	14,6	0,967
3	10,6	0,996	12	12,1	0,984	21	13,4	0,975	30	14,7	0,966
4	10,8	0,994	13	12,3	0,983	22	13,5	0,974	31	14,9	0,964
5	11,0	0,993	14	12,4	0,982	23	13,7	0,973	32	15,0	0,963
6	11,2	0,991	15	12,6	0,981	24	13,8	0,972	33	15,2	0,962
7	11,3	0,990	16	12,7	0,980	25	14,0	0,971	34	15,4	0,961
8	11,5	0,989	17	12,8	0,979	26	14,1	0,970	35	15,6	0,959

CENTESIMAES	CARTIER	DENSIDADE	CENTESIMAES	CARTIER	DENSIDADE	CENTESIMAES	CARTIER	DENSIDADE	CENTESIMAES	CARTIER	DENSIDADE
36	15,8	0,958	53	20,1	0,929	70	26,3	0,891	87	34,4	0,844
37	16,0	0,957	54	20,5	0,927	71	26,7	0,888	88	35,0	0,841
38	16,2	0,955	55	20,8	0,925	72	27,1	0,886	89	35,6	0,838
39	16,4	0,954	56	21,1	0,923	73	27,5	0,883	90	36,2	0,835
40	16,7	0,952	57	21,4	0,921	74	28,0	0,880	91	36,9	0,831
41	16,9	0,951	58	21,8	0,918	75	28,4	0,878	92	37,5	0,828
42	17,1	0,949	59	22,1	0,916	76	28,9	0,875	93	38,2	0,824
43	17,4	0,947	60	22,5	0,914	77	29,3	0,873	94	38,9	0,820
44	17,6	0,946	61	22,8	0,912	78	29,8	0,870	95	39,7	0,817
45	17,9	0,944	62	23,2	0,910	79	30,3	0,867	96	40,5	0,813
46	18,1	0,942	63	23,5	0,907	80	30,8	0,864	97	41,3	0,809
47	18,4	0,940	64	23,9	0,905	81	31,3	0,862	98	42,2	0,804
48	18,7	0,938	65	24,3	0,903	82	31,8	0,859	99	43,2	0,799
49	19,0	0,937	66	24,7	0,900	83	32,3	0,856	100	44,2	0,795
50	19,2	0,935	67	25,0	0,898	84	32,8	0,853			
51	19,5	0,933	68	25,4	0,896	85	33,3	0,850			
52	19,8	0,931	69	25,8	0,893	86	33,8	0,847			

DENSIMETRO. Instrumento que pertence á classe dos areometros de peso constante, como o areometro de Baumé : mas é construido e graduado de tal modo, que o ponto tocado pela superficie do liquido representa a densidade do liquido em que se acha mergulhado o instrumento.

N'este genero de areometros, destinados aos liquidos mais densos do que a agua, o ponto de immersão na agua distillada, da temperatura de + 4° centigrados, acha-se no apice da hastea e marca-se 1,000. As divisões marcadas abaixo de 1,000 correspondem ás densidades crescentes por millesimos, centesimos e decimos, desde 1,000 até 2,000.

Estes instrumentos, quando são graduados com cuidado pelos fabricantes, tem a vantagem de dar, com sufficiente approximação, a densidade dos liquidos na temperatura em que se faz a experiencia. Assim um liquido no qual o densimetro se afundará até ao ponto marcado 1,261, terá por densidade 1,261 tomando-se por unidade a agua a + 4°.

As divisões do instrumento dão o peso de 1 litro de liquido. Correspondendo o ponto de immersão na agua distillada a 1000 grammas, isto é, ao peso de 1 litro d'agua, se o liquido, cuja densidade se procura avaliar, marca 1,261, quer isto dizer que 1 litro d'este liquido pesa 1 kilogramma e 261 grammas.

Esta ultima maneira de considerar as indicações do densimetro permitte verificar com promptidão e certeza a boa construcção do instrumento, vantagem que lhe é propria. Se, com effeito, se pesar 1 litro

de qualquer liquido, e pesando este 1 kilogramma e mais um certo numero de grammas, o densimetro mergulhado n'este liquido deve afundar-se até á divisão correspondente a este mesmo numero.

Achão-se no commercio, para algumas soluções, para os xaropes, por exemplo, uns densimetros com duas escalas juxta-postas; sobre uma d'ellas acha-se marcada a densidade; sobre a outra estão inscriptos os gráos correspondentes, determinados segundo o systema de graduação de Baumé.

Eis-aqui a taboa na qual se achão as densidades correspondentes aos differentes gráos usuaes do areometro Baumé, para os liquidos mais densos do que a agua.

Relação dos gráos do areometro de Baumé (pesa-acido) com a densidade dos liquidos.

GRÁOS DE BAUMÉ	DENSIDADE	GRÁOS DE BAUMÉ	DENSIDADE	GRÁOS DE BAUMÉ	DENSIDADE	GRÁOS DE BAUMÉ	DENSIDADE
0	1,000	19	1,152	38	1,359	57	1,656
1	1,007	20	1,161	39	1,372	58	1,676
2	1,014	21	1,171	40	1,384	59	1,695
3	1,022	22	1,180	41	1,398	60	1,715
4	1,029	23	1,190	42	1,412	61	1,736
5	1,036	24	1,199	43	1,426	62	1,758
6	1,044	25	1,210	44	1,440	63	1,779
7	1,052	26	1,221	45	1,454	64	1,801
8	1,060	27	1,231	46	1,470	65	1,823
9	1,067	28	1,242	47	1,485	66	1,847
10	1,075	29	1,252	48	1,501	67	1,872
11	1,083	30	1,261	49	1,516	68	1,897
12	1,091	31	1,275	50	1,532	69	1,921
13	1,100	32	1,286	51	1,549	70	1,946
14	1,108	33	1,298	52	1,566	71	1,974
15	1,116	34	1,309	53	1,583	72	2,000
16	1,125	35	1,321	54	1,601	73	2,031
17	1,134	36	1,334	55	1,618	74	2,059
18	1,143	37	1,346	56	1,637	75	2,087
						76	2,116

THERMOMETRO. O thermometro, do grego *therme*, calor, e *metron*, medida, é o instrumento destinado a apreciar a temperatura dos corpos. Sua construcção é fundada na propriedade que tem certos liquidos de se dilatarem de maneira regular pelo calor, e de se contrahirem da mesma sorte pelo frio. O thermometro ordinario compõe-se de um tubo de vidro, de diametro capillar, tendo na extremidade um bojo ou expansão em fórma de globo ou cylindro

que serve de reservatorio ao liquido. Se a temperatura do lugar onde se acha o instrumento se elevar, o liquido augmentará de volume, e, não podendo já ser contido no reservatorio, subirá mais ou menos no tubo; se, pelo contrario, a temperatura baixar, succederá o inverso. O mercurio, e o alcool corado de vermelho pela orzella, são os dois liquidos que ordinariamente se empregão na fabricação dos thermometros. Este tubo dispõe-se ao longo de uma regoa com escala, para dar a conhecer as differentes mudanças que sobrevem na temperatura dos corpos.

Gradua-se o thermometro depois de estabelecidos certos pontos fixos da maneira seguinte: Mergulha-se o instrumento em gelo deliquescente; então a columna de mercurio ou de alcool pára no tubo em um certo ponto que se designa com um *zero*; mergulhada, em seguida, em agua fervendo, a mesma columna sobe a um outro ponto que se marca de novo.

Emfim divide-se o intervallo comprehendido entre o *zero* e este segundo ponto em 100 partes iguaes no *Thermometro centigrado*, e em 80 no *Thermometro de Réaumur;* estas divisões chamão-se gráos. Marcando abaixo de zero as divisões do mesmo espaço, tem-se os gráos para as temperaturas inferiores ao ponto de congelação da agua; obtem-se da mesma maneira os gráos acima de 100 que indicão temperaturas mais elevadas do que o ponto de ebullição da agua, fazendo divisões semelhantes acima d'esse ponto. A figura 6 representa um thermometro de mercurio, centigrado, applicado sobre a taboleta de marfim; esta escala estende-se desde 20 gráos abaixo de zero até 110 gráos acima. Os gráos do thermometro indicão-se por um pequeno zero collocado á direita do numero que marca a temperatura; *v. g.*, 25 gráos escrevem-se assim : 25°. Distinguem-se os gráos acima de

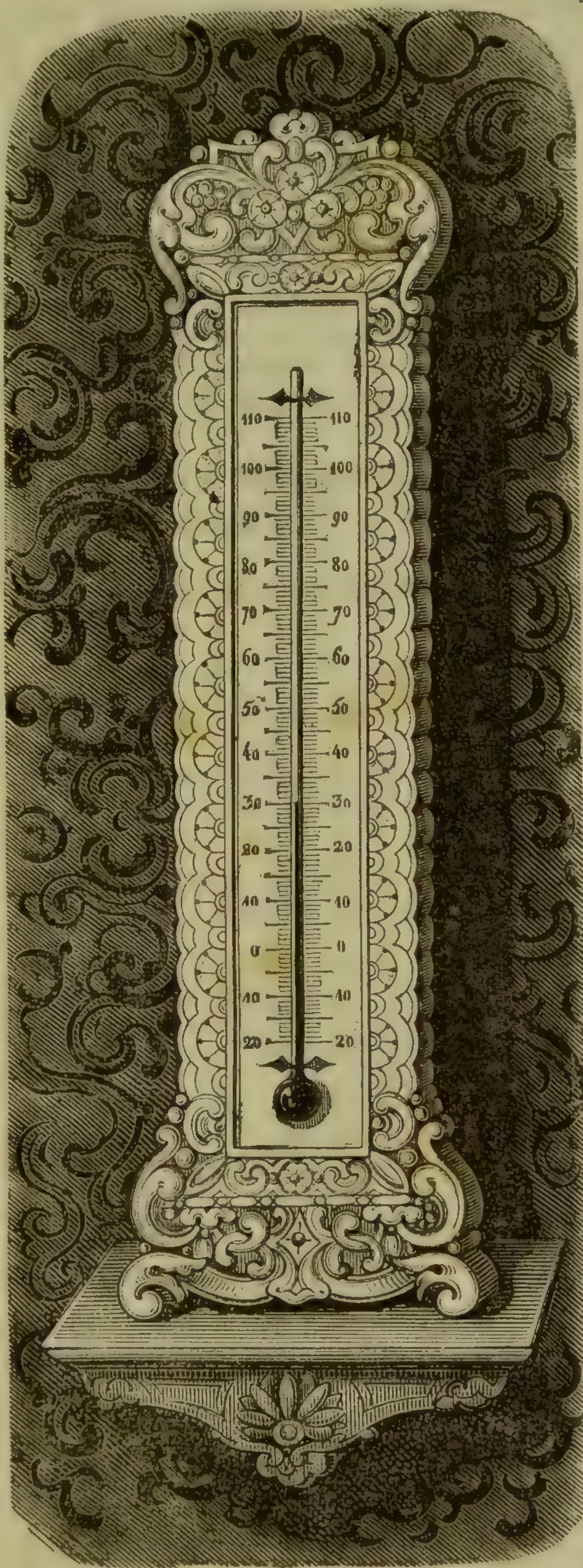


Fig. 6. — Thermometro.

zero pelo signal *mais* (+), e 'os abaixo pelo signal *menos* (—)

Existe tambem o thermometro *de Fahrenheit*. O ponto fixo superior de sua escala corresponde ainda á temperatura da agua fervendo, mas em vez de 100 gráos, marcão-se n'elle 212. Quanto ao ponto fixo inferior, não corresponde este á temperatura do gelo deliquescente, mas sim a um frio muito mais intenso, que se obtem misturando pesos iguaes de gelo pilado e de sal ammoniaco. Marcando zero no ponto a que desce o mercurio quando o thermometro se acha mergulhado n'esta mistura refrigerante, gradua-se a escala dividindo em 212 partes iguaes o intervallo comprehendido entre estes dois pontos fixos.

Este thermometro marca 32 gráos em gelo deliquescente; por conseguinte, o zero do thermometro centigrado e o de Réaumur correspondem exactamente a 32° de Fahrenheit.

Os thermometros de mercurio são mais exactos do que os de alcool, por ser o mercurio, d'entre todos os liquidos, aquelle que se dilata mais regularmente.

Taboa comparativa dos thermometros, Fahrenheit, centigrado, e Réaumur.

F.	C.	R.	F.	C.	R.
0	—17,78	—14,22	23	5	— 4
1	17,22	13,78	24	4,44	3,56
2	16,67	13,33	25	3,89	3,11
3	16,11	12,89	26	3,33	2,67
4	15,56	12,44	27	2,78	2,22
5	15	12	28	2,22	1,78
6	14,44	11,56	29	1,67	1,33
7	13,89	11,11	30	1,11	0,89
8	13,33	10,67	31	0,56	0,44
9	12,78	10,22	32	0	0
10	12,22	9,78	33	+ 0,56	+ 0,44
11	11,67	9,33	34	1,11	0,89
12	11,11	8,89	35	1,67	1,33
13	10,56	8,44	36	2,22	1,78
14	10	8	37	2,78	2,22
15	9,44	7,56	38	3,33	2,67
16	8,89	7,11	39	3,89	3,11
17	8,33	6,67	40	4,44	3,56
18	7,78	6,22	41	5	4
19	7,22	5,78	42	5,56	4,44
20	6,67	5,33	43	6,11	4,89
21	6,11	4,89	44	6,67	5,33
22	5,56	4,44	45	7,22	5,78

F.	C.	R.	F.	C.	R.
46	+ 7,78	+ 6,22	86	+30	+24
47	8,33	6,67	87	30,56	24,44
48	8,89	7,11	88	31,11	24,89
49	9,44	7,56	89	31,67	25,33
50	10	8	90	32,22	25,78
51	10,56	8,44	91	32,78	26,22
52	11,11	8,89	92	33,33	26,57
53	11,67	9,33	93	33,89	27,11
54	12,22	9,78	94	34,44	27,56
55	12,78	10,22	95	35	28
56	13,33	10,67	96	35,56	28,44
57	13,89	11,11	97	36,11	28,89
58	14,44	11,56	98	36,67	29,33
59	15	12	99	37,22	29,78
60	15,56	12,44	100	37,78	30,22
61	16,11	12,89	101	38,33	30,67
62	16,67	13,33	102	38,89	31,11
63	17,22	13,78	103	39,44	31,56
64	17,78	14,22	104	40	32
65	18,33	14,67	105	40,56	32,44
66	18,89	15,11	106	41,11	32,89
67	19,44	15,56	107	41,67	33,33
68	20	16	108	42,22	33,78
69	20,56	16,44	109	42,78	34,22
70	21,11	16,89	110	43,33	34,67
71	21,67	17,33	111	43,89	35,11
72	22,22	17,78	112	44,44	35,56
73	22,78	18,22	113	45	36
74	23,33	18,67	114	45,56	36,44
75	23,89	19,11	115	46,11	36,89
76	24,44	19,56	116	46,67	37,33
77	25	20	117	47,22	37,78
78	25,56	20,44	118	47,78	38,22
79	26,11	20,89	119	48,33	38,67
80	26,67	21,33	120	48,89	39,11
81	27,22	21,78	121	49,44	39,56
82	27,78	22,22	122	50	40
83	28,33	22,67	123	50,56	40,44
84	28,89	23,11	124	51,11	40,89
85	29,44	23,56	125	51,67	41,33

F.	C.	R.	F.	C.	R.
126	+52,22	+41,78	166	+74,44	+59,56
127	52,78	42,22	167	75	60
128	53,33	42,67	168	75,56	60,44
129	53,89	43,11	169	76,11	60,89
130	54,44	43,56	170	76,67	61,33
131	55	44	171	77,22	61,78
132	55,56	44,44	172	77,78	62,22
133	56,17	44,89	173	78,33	62,67
134	56,67	45,33	174	78,89	63,11
135	57,22	45,78	175	79,44	63,56
136	57,78	46,22	176	80	64
137	58,33	46,67	177	80,56	64,44
138	58,89	47,11	178	81,11	64,89
139	59,44	47,56	179	81,67	65,33
140	60	48	180	82,22	65,78
141	60,56	48,44	181	82,78	66,22
142	61,11	48,89	182	83,33	66,67
143	61,67	49,33	183	83,89	67,11
144	62,22	49,78	184	84,44	67,56
145	62,78	50,22	185	85	68
146	63,33	50,67	186	85,56	68,44
147	63,86	51,11	187	86,11	68,89
148	64,44	51,56	188	86,67	69,33
149	65	52	189	87,22	69,78
150	65,56	52,44	190	87,78	70,22
151	66,11	52,89	191	88,33	70,67
152	66,67	53,33	192	88,89	71,11
153	67,22	53,78	193	89,44	71,56
154	67,78	54,22	194	90	72
155	68,33	54,67	195	90,56	72,44
156	68,89	55,11	196	91,11	72,89
157	69,44	55,56	197	91,67	73,33
158	70	56	198	92,22	73,78
159	70,56	56,44	199	92,78	74,22
160	71,11	56,89	200	93,33	74,67
161	71,67	57,33	201	93,89	75,11
162	72,22	57,78	202	94,44	75,56
163	72,78	58,22	203	95	76
164	73,33	58,67	204	95,56	76,44
165	73,89	59,11	205	96,11	76,89

F.	C.	R.	F.	C.	R.
206	+96,67	+77,33	210	+98,89	+79,11
207	97,22	77,78	211	99,44	79,56
208	97,78	78,22	212	100	80
209	98,33	78,67			

ARTE DE FORMULAR.

A arte de formular é aquella parte da sciencia medica que prescreve as regras para a preparação e administração dos medicamentos.

Toda a substancia empregada pela medicina para restabelecer a saude chama-se *medicamento*.

Os medicamentos são *officinaes* ou *magistraes*. Chamão-se *officinaes* os medicamentos que devem achar-se já promptos nas boticas, como xaropes, vinhos, extractos, tinturas, conservas, emplastos, unguentos, etc. Estes podem conservar-se por muito tempo, e alguns até mais de um anno. Suas receitas estão inseridas em obras especiaes chamadas Pharmacopéas ou Codigos pharmaceuticos; forão estabelecidas estas receitas quer por uma junta de medicos, quer por autores de nomeada, e achão-se sanccionadas por lei ou pela maior parte dos medicos do paiz. Chamão-se medicamentos *magistraes* ou *extemporaneos*, os que não são preparados senão segundo as formulas de cada medico, e quando os doentes precisão d'elles, e são : poções, cozimentos, emulsões, pilulas, collyrios, linimentos, cataplasmas, etc. Estes não podem, em geral, conservar-se por muito tempo sem se alterarem.

Chama-se *formula* ou *receita* a indicação escripta das substancias que devem entrar na composição de um medicamento, as dóses d'estas substancias, a fórma pharmaceutica que se quer dar ao medicamento, e ás vezes a maneira de o preparar e de administra-lo.

Distingue-se nas formulas a *base*, o *adjuvante* ou *auxiliar*, o *correctivo*, o *excipiente* e o *intermedio*. A *base* é a substancia mais activa, o agente principal do medicamento : ella é *simples*, quando consta de uma só substancia, e *composta*, quando encerra duas ou mais, dotadas das mesmas propriedades. O *adjuvante* ou *auxiliar* é a substancia que serve de augmentar as propriedades da base. O *correctivo* é aquelle que disfarça o sabor e cheiro da base, enfraquece a sua excessiva actividade, ou diminue a acção corrosiva que ella poderia produzir na superficie do orgão em que deve ser applicada. O *excipiente* é a substancia que serve de vehiculo ás outras tres, e

que lhes dá a fórma e consistencia. O *intermedio* é uma especie de excipiente, destinado a tornar o medicamento soluvel na agua. — Mas estas distincções não podem ser admittidas em todas as formulas. A base, como parte essencial de uma formula, deve sempre existir. O auxiliar, o excipiente, o correctivo e o intermedio, pelo contrario, podem faltar, sem que por isso a formula seja menos bem feita ou menos completa. Assim n'esta poção vomitiva :

Tartaro stibiado.	5 centig.	(Base)
Agua.	120 gram.	(Excipiente)

o tartaro stibiado é a base, a agua o excipiente.

Na *mistura balsamica de Fuller,* cuja formula é a seguinte :

Copahiba.	60 gram.	(Base)
Gemas de ovos	2	(Intermedio)
Xarope de Tolú.	60 gram.	(Correctivo)
Vinho branco.	125 gram.	(Excipiente)

a copahiba é a *base,* as gemas de ovos o *intermedio,* o xarope de Tolú o *correctivo,* e o vinho branco o *excipiente.*

Na pomada de Helmerik :

Enxofre sublimado e lavado.	10 gram.	(Base)
Subcarbonato de potassa. . .	5 gram.	(Adjuvante)
Agua distillada.	5 gram.	(Excipiente)
Oleo de amendoas doces . .	5 gram.	(Correctivo)
Banha	35 gram.	(Excipiente)

o enxofre é a *base,* o subcarbonato de potassa o *adjuvante,* a agu e a banha os *excipientes,* o oleo o *correctivo.*

Muitas vezes a formula compõe-se só da base, e é quando medicamento se administra sem mistura alguma : este modo é mais simples e o mais exacto. *Verbi gratia :* tome copahiba 60 grammas; e administre uma colher *de sopa,* tres vezes por dia

Geralmente fallando é inutil empregar todos os elementos n formação de um medicamento composto : tanto mais que a simplicidade é uma das condições essenciaes das preparações pharmaceuticas. Acontece ainda que a mesma substancia preenche muita d'estas indicações, vindo a ser simultaneamente excipiente, correctivo e intermedio.

Regras para a redacção das formulas. O uso tem consagrado na redacção das formulas certos preceitos que é util conservar. Deve-se :

1° Escrever legivelmente as substancias umas por baixo da outras, e geralmente na ordem em que devem ser misturadas.

2° Escrever em cada linha uma só substancia, para que facilmente se possa distinguir das outras.

3° Pôr defronte de cada uma d'estas substancias, por extenso e em algarismos bem formados, a quantidade em que devem empregar-se. Quando duas ou mais substancias devem ser empregadas n mesma dóse, podem unir-se com um colchete; põe-se então o signa *ãã* ou *aná,* e designa-se a quantidade commum a todas.

4° Indicar o modo de preparação do medicamento. As mais d vezes basta recommendar a mistura das substancias designadas n formula : põe-se então a palavra *misture;* outras vezes, e n'est casos a preparação nada apresenta de particular, o medico pód limitar-se a escrever *faça segundo a arte,* ou simplesmente *faça* indicando o nome pharmaceutico do medicamento : *poção, pilula linimento,* etc. Mas se as propriedades das substancias depender

do modo da sua preparação, é necessario então designar esse modo. Assim, por exemplo, o musgo islandico, privado anteriormente do principio amargo por maceração em agua alcalina, torna-se emolliente, de tonico que é sem esta operação preliminar : a raiz de calumba torna-se mais amarga e mais tonica, quando tratada por infusão em vez da decocção, etc.

5• Determinar se o medicamento é para uso interno ou externo. De ordinario não se faz entrar na formula instrucção mais extensa: esta ou se recommenda de viva voz ao proprio doente, ou ás pessoas que o tratão, ou se deixa escripta em papel separado. Esta instrucção deve explicar o modo por que se ha de empregar o medicamento, e em que dóse; se elle deve ser administrado em uma ou mais vezes no dia; e se ás chicaras, colheres, gottas, etc.

6° Datar e assignar.

7° Designar o nome do doente, se não houver indiscrição em proceder d'esta maneira.

8° Ler com attenção a receita antes de a mandar para a botica.

Não deve o medico receitar de uma vez grande quantidade de medicamentos que se estragão facilmente. As poções, as emulsões, e os cozimentos devem ser reformados pelo menos cada 24 horas.

Não deve fazer entrar na composição das pilulas saes deliquescentes, *verbi gratia*, acetato de potassa.

Deve ter a cautela de não associar, sem lhes ajuntar um intermedio conveniente, medicamentos que não se podem misturar. Assim, por exemplo, quando se receita um clyster com agua e oleo de ricino, ou assafetida, é necessario ajuntar gema de ovo como intermedio.

Na adopção de um medicamento de preferencia a outro, o medico deve attender ao tempo necessario para a sua preparação. Um medicamento de longa preparação não póde servir em caso urgente, quando póde ser, como quasi sempre acontece, substituido por outro de prompta preparação.

Na adopção de um medicamento, deve o medico attender tambem aos meios pecuniarios do doente. Não quero dizer que o pobre deve ser menos bem tratado do que o rico, mas sim que aquelle poderá dispensar certas cousas que não são essenciaes, e que mais pertencem á fórma do que ao fim. O medico que receitar como purgante a um doente abastado uma garrafa d'agua de Sedlitz, e a um pobre 60 grammas de sulfato de magnesia, procederá judiciosamente, e satisfará a conveniencia dos dois doentes : o primeiro terá um purgante mais agradavel, embora mais caro; o segundo estimará ter um purgante mais barato, se bem lhe falte o acido carbonico, que tornando o remedio mais facil de tomar-se, fal-o-hia mais caro.

Modelo de uma formula.

Poção antispasmodica.

Agua commum	125 gram.	(Excipiente)
Ether sulfurico	20 gottas	(Base)
Agua de flores de laranjeira.	4 gram.	(Adjuvante)
Xarope simples	30 gram.	(Correctivo)

Misture. Para tomar uma colher *de sopa* de hora em hora.

Data....

Assignatura do medico.

Modelo de uma outra formula.

Pilulas febrifugas.

Sulfato de quinina	10 centig. (Base)	
Extracto de quina.	10 centig. (Adjuvante)	
Raiz de alcaçuz em pó / Mel de abelhas	aná .	q. s. (Intermedios).

Faça 1 pilula, e como esta mais 11 (ou quantas forem necessarias).

Data.....

Assignatura do medico.

A ultima formula é o exemplo mais conveniente para as pilulas e para todos os outros medicamentos que se receitão em numero (bolos, pós, pastilhas). Graças a este systema o medico póde ter sempre presente no espirito a unidade que importa não perder de vista; póde augmentar ou diminuir sem calculo e sem risco de erro a dóse das substancias activas que prescreve.

Este systema não é applicavel aos medicamentos officinaes complexos, que são ordinariamente prescriptos sem serem formulados, por exemplo : as pilulas de cynoglossa, os pós de Dower, os pós de James, etc.

Qual é o fim da associação dos medicamentos. Misturão-se os medicamentos para conseguir differentes fins. 1° Para augmentar a acção da substancia principal. 2° Para diminuir ou corrigir a acção demasiado irritante de um medicamento. 3° Para obter ao mesmo tempo os effeitos de dois ou de maior numero de medicamentos differentes. 4° Para formar um medicamento novo, cujos effeitos não poderião ser produzidos por substancias tomadas separadamente. 5° Para dar ao medicamento a fórma mais agradavel. Examinemos cada um d'estes casos.

I. *A acção de um medicamento póde ser augmentada :* 1° Misturando diversas preparações da mesma substancia. Quando todos os principios activos de um medicamento não são soluveis no mesmo vehiculo, e quando este medicamento não póde ser administrado em substancia, deve recorrer-se a este genero de mistura. Assim, para tornar algumas infusões ou decocções vegetaes mais activas, ajunta-se-lhes certa porção de tintura ou de extracto das mesmas plantas. Exemplo : cozimento de quina, com tintura de quina e xarope de quina. 2° Reunindo medicamentos da mesma classe; isto é, os que tomados separadamente, podem produzir effeitos immediatos semelhantes, mas com menor energia do que quando reunidos. Os tonicos amargos, os adstringentes, os catharticos, os diureticos, os emeticos, os antispasmodicos e os narcoticos tem uma acção muito maior quando são combinados entre si, do que tomados separadamente.

II. *A acção demasiado irritante de um medicamento póde ser diminuida ou corrigida :* pela addição de uma substancia susceptivel de preservar de seus effeitos nocivos o estomago ou toda a economia em geral. O sene occasiona frequentes colicas : para diminuir a sua intensidade, deve associar-se este medicamento a substancias aromaticas, taes como a herva doce ou o coentro. O aloes unido ao sabão amygdalino tem menor acção sobre o recto, e não pruduz tantos puxos. O sublimado corrosivo ou o emetico misturados com opio não irritão tanto o estomago. O opio é uma das substancias mais convenientes para corrigir os effeitos dos medicamentos; outras vezes

os emollientes, a gomma, outras, emfim, as substancias aromaticas preenchem esta indicação.

III. *Misturão-se os medicamentos para obter ao mesmo tempo os effeitos de dois ou mais d'entre elles.* Para se obter este fim misturão-se os purgantes com os antispasmodicos, narcoticos, tonicos, mercuriaes. Notra tamento das hydropisias, ha casos em que convem reanimar as forças do doente, e determinar abundantes evacuações; provoca-se este duplo resultado associando os tonicos e os excitantes aos purgantes drasticos. Na diarrhea chronica, administrão-se com feliz exito os adstringentes reunidos ao opio.

IV. *Combinão-se duas ou mais substancias medicamentosas, para obter effeitos que não resultarião se ellas fossem tomadas separadamente :* Administrando o opio com ipecacuanha não se obtem os effeitos narcoticos de um, nem os emeticos da outra, mas produz-se uma diaphorese. Na poção anti-emetica de Rivière, mistura-se o sumo de limão com bicarbonato de potassa, para decompôr este e produzir o desenvolvimento do gaz acido carbonico, que é o agente principal n'esta preparação.

V. *Misturão-se, emfim, os medicamentos para lhes dar uma fórma mais agradavel, ou torna-los mais efficazes.* As substancias que se ajuntão aos medicamentos, quer para tornar o gosto e cheiro menos desagradavel aos doentes, quer para facilitar a sua acção, varião conforme a natureza dos medicamentos, o fim que o medico se propõe, é, até um certo ponto, conforme o capricho do doente. Fallando de cada um dos medicamentos, apresentarei suas diversas combinações, afim de que possa o facultativo escolher a formula que mais lhe convier.

Erros que se devem evitar na composição das formulas. Estes erros dependem das causas seguintes :

1° *Da associação de substancias que se não podem misturar, ou que não podem produzir compostos de consistencia uniforme e apropriada á fórma pharmaceutica indicada.* Muitas substancias insoluveis na agua não podem ser administradas debaixo da fórma liquida, senão por meio de um intermedio, tal como a mucilagem, que serve para ter as moleculas em suspensão. Se se omittisse o intermedio, o medicamento não produziria o effeito desejado. Assim, quando se receita uma poção com camphora, é necessario prescrever a gema de ovo, ou qualquer liquido alcoolico, para dissolvê-la; pois que ella não é soluvel na agua. Em uma poção em que entra o sulfato de quinina é indispensavel ajuntar algumas gottas de acido sulfurico, sem o qual o sulfato não se dissolveria.

2° *O modo indicado para a preparação dos medicamentos póde impedir que se consiga o fim proposto, e até póde destruir a efficacia das substancias empregadas.* Ha certas substancias que perdem todas as suas propriedades, quando se preparão antes de um modo do que de outro. Taes são, por exemplo, as plantas aromaticas, que perdem pela ebullição a sua actividade; devem ser por conseguinte submettidas só á infusão, e ainda assim em vasos fechados. Certos medicamentos não são soluveis senão no alcool, ether ou azeite, como a camphora, as resinas, os balsamos, etc.; outros só se dissolvem em agua quente, como a gelatina, a fecula, o amido, etc. A agua fria dissolve sómente pequeno numero de substancias, como o assucar, a gomma e alguns saes. É pois importante indicar o modo de preparação proprio a cada substancia.

3° *Misturando substancias que se decompõem mutuamente, e cuja acção se acha por isso mudada ou totalmente destruida.* Se se mis-

turar, por exemplo, qualquer sal com acido, haverá quasi sempre decomposição. Assim, deve-se cuidadosamente evitar a mistura do tartaro emetico com uma substancia que contenha acido gallico ou tannino, porque no caso contrario o emetico decompõe-se, e perde as suas propriedades. O que acabo de dizer da acção do tannino sobre o emetico deve applicar-se á maior parte dos outros saes metallicos, sobre os quaes esta acção é a mesma. — Quando na composição de uma formula entrão dois saes, é bom tambem saber, se estes saes não exercem acção reciproca um sobre o outro. Assim, todas as vezes que dois saes em estado de dissolução podem, pela troca das bases e dos seus acidos, formar um sal soluvel e outro insoluvel, ou dois saes insoluveis, a decomposição é evidente. Estas considerações são muito importantes, pois que os novos saes que se formão podem ter propriedades medicas differentes das dos saes que existião primitivamente. É pois necessario, quando se faz uma receita, não misturar senão substancias que não possão decompôr-se reciprocamente, salvo quando se quer effectuar esta decomposição, afim de aproveitar os novos principios que ella produz; o que tem lugar, por exemplo, na mistura salina, na qual o acido citrico decompõe o carbonato de potassa, e forma o citrato de potassa, novo sal, que constitue a base d'esta mistura. — Para evitar semelhantes erros o facultativo achará n'este FORMULARIO, nas descripções particulares dos medicamentos, as *substancias incompativeis*; isto é, as que não lhes podem ser associadas sem produzir a sua decomposição, ou neutralizar os seus effeitos.

Da incompatibilidade. Chamão-se *incompativeis* as substancias que não podem associar-se na composição de um medicamento. Os autores tem exagerado muito o sentido que deve dar-se á palavra *incompatibilidade*. Assim, logo que duas substancias formão, pela sua união, compostos insoluveis, julgava-se que erão incompativeis; entretanto mostra a experiencia que taes compostos podem ser muito activos, porque podem dissolver-se nas diversas partes do apparelho digestivo. Acontece frequentemente que os medicos associão a quina com preparações ferruginosas, o sublimado corrosivo com farinha de trigo (pilulas Cullerier) ou com albumina, associações que dão compostos incompativeis para os chimicos, e que não obstante produzem excellentes effeitos como medicamentos. Mas geralmente fallando, é melhor, principalmente na preparação dos medicamentos soluveis, dos collyrios sobretudo, não associar senão substancias que, quando misturadas, não dão productos insoluveis. Se n'um collyrio, em que entra o nitrato de prata ou acetato de chumbo, se quizer ajuntar laudano, o chumbo ou a prata precipitar-se-hão no estado de meconnato de chumbo ou de prata, e o collyrio poderá ter effeitos duvidosos, e quiçá nocivos. Este exemplo constitue uma verdadeira incompatibilidade.

Vão indicadas no FORMULARIO as substancias que por sua reunião formão compostos insoluveis, mas advirto que isto nem sempre constitue uma condição absoluta de incompatibilidade. O joven medico achará uma guia certa a este respeito nas diversas formulas que acompanhão a descripção de cada substancia medicamentosa.

Dóses dos medicamentos. A dóse é a porção de medicamento que sem inconveniente póde administrar-se de uma só vez. A dóse dos medicamentos varía sob a influencia de causas mui differentes, como o sexo, idade, temperamento, profissões, costumes, etc. Assim, a dóse de um medicamento deve ser menos forte para a mulher do que para o homem, para as pessoas irri-

taveis e fracas do que para aquellas cujo corpo está endurecido pelo trabalho; para os habitantes dos paizes quentes do que para os dos frios ; no verão do que no inverno. Esta differença deve ser graduada segundo as idades : assim, as pessoas são tanto mais impressionaveis pelos medicamentos, quanto mais jovens. Muitos autores procurárão estabelecer a escala das dóses para as differentes idades; eis-aqui a de Gaubio, que está quasi geralmente adoptada :

Para um adulto, dóse inteira.................	1
Para uma criança de menos de 1 anno........	1/16
De 1 a 2 annos.........................	1/8
De 2 a 3 —	1/6
De 3 a 7 —	1/3
De 7 a 14 —	1/2
De 14 a 20 —	2/3
De 20 a 60 —	1

Para as pessoas que tiverem mais de 60 annos seguir-se-ha a graduação inversa. Sendo a mulher geralmente de constituição menos forte do que o homem, as dóses para ella devem ser mais fracas.

A dóse dos medicamentos que apresento n'este FORMULARIO é aquella que se dá ordinariamente a um adulto; mas nada ha de absoluto n'esta indicação. Tencionei sómente designar as quantidades que podem administrar-se immediatamente sem receio de inconveniente, deixando ao medico o direito de augmenta-las ou diminui-las segundo o seu discernimento. Deve notar-se que o habito tem muita influencia sobre a dóse dos medicamentos. Ha certas substancias que, administradas progressivamente em dóses crescentes, podem ser elevadas a uma quantidade que poderia envenenar se fosse dada ao principio. Assim, por exemplo, o opio, na dóse de 1 gramma (20 grãos), deve ser considerado como veneno; entretanto os doentes podem chegar progressivamente á dóse ainda maior sem nenhum accidente. Mas isso não acontece com todas as substancias venenosas empregadas como medicamentos; ha algumas cujas dóses não podem ser ultrapassadas sem perigo, e isto acha-se indicado na descripção de cada uma d'estas substancias.

OPERAÇÕES PHARMACEUTICAS.

Calcinação. Operação pela qual se expõem os corpos á acção simultanea do ar, e do calor forte e prolongado. Differe da *torrefacção*, em ser n'esta o calor menos intenso, e as substancias experimentarem apenas um começo de alteração; ao passo que a calcinação altera-lhes totalmente a fórma e a natureza. Differe da combustão nos seus fins. A calcinação tem por objecto desenvolver alguns dos principios constituintes dos corpos, por exemplo, a reducção da pedra calcarea a cal; ou facilitar, na calcinação dos metaes, a volatilização de uma parte dos principios, e a fixação do oxygeneo nos outros, para obter oxydos metallicos.

Carbonização. Reducção de uma materia animal ou vegetal, pela exposição ao fogo e fóra do contacto do ar, a uma substancia negra, chamada *carvão*.

Clarificação. Operação que consiste em separar de um liquido as particulas solidas que n'elle se achão suspensas, e que lhe turvão

a transparencia. Obtem-se este resultado por meio da *depuração* da *decantação*, da *despumação*, da *coadura*, da *filtração*, e da *descoloração* (*V.* estas palavras). Mas a maior parte d'estas operações não separão senão as particulas mais grossas, e não são senão os preliminares da *clarificação* propriamente dita. Esta só se opera pela *coagulação* por meio da clara de ovo, do sangue de boi, da gelatina, dos acidos, e muitas vezes por meio do calor. — A *clara de ovo* contém albumina animal, que é coagulavel pelo calorico. Batem-se com certa quantidade d'agua as claras de ovo necessarias, e lança-se o liquido escumante no licor que se quer clarificar durante a fervura d'este. A albumina coagula-se e envolve as impurezas; forma-se uma escuma leve que vem á superficie, e que se tira com escumadeira : é assim que se clarificão os xaropes. — O *sangue de boi* actua como a clara de ovo, e emprega-se só, ou com o carvão animal : este descora o liquido, aquelle clarifica-o. — A *gelatina* só se usa na clarificação dos vinhos brancos. Dissolve-se colla de peixe n'um pouco d'agua ou de vinho, e ajunta-se ao liquido. O effeito é o mesmo que o da clara de ovo. — Quando um liquido se acha turvo pela albumina vegetal ou animal, pelo gluten, ou pela materia caseosa, essas substancias formão compostos insoluveis com os acidos; basta então, para clarificar o liquido, ajuntar-lhe uma pequena quantidade de algum acido : assim se clarificão os succos de hervas, o soro de leite, etc.

Coadura. Consiste em lançar um liquido sobre um panno de linho ou lã ralo, antes com o fim de separar d'elle as fezes do que de obtê-lo de transparencia perfeita; differe por conseguinte algum tanto da *filtração*.

Coagulação. É a solidificação de um corpo previamente dissolvido n'um liquido turvo. No acto da solidificação, aquelle corpo apodera-se das impurezas suspensas no liquido, e assim torna-o transparente. Os intermedios que se empregão para obter este effeito, as mais das vezes auxiliados com a acção do calorico, são a albumina vegetal, a clara de ovo ou albumina animal, o sangue de boi, a gelatina e os acidos.

Cohobação. Distillação repetida, que se faz lançando sobre o residuo, ou melhor ainda sobre novas substancias, um liquido distillado, para que se carregue mais dos principios volateis d'ellas.

Concentração. Reducção a menor volume das partes do corpo, que estavão diluidas no liquido. Faz-se esta operação por meio do calor ou de outro modo. *Concentra-se* um acido, evaporando uma parte da agua que o tem em dissolução, ou expondo-o á acção do frio, que congela a porção aquosa. Este ultimo meio serve tambem para *concentrar* o alcool; d'onde vem as expressões de *alcool*, de *acido concentrado*, *muito concentrado*, etc.

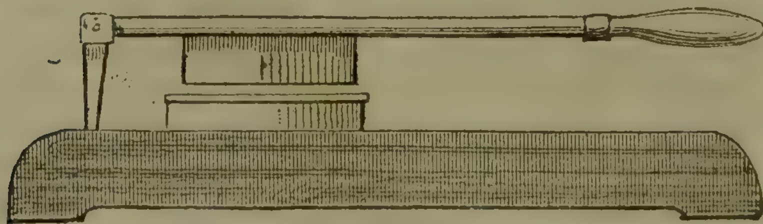


Fig. 7. — Corta-raiz de lamina recta.

Contusão. Operação mediante a qual se reduzem os corpos a partes mais ou menos grossas, pisando-os em almofariz.

Cortadura ou *Secção*. Operação por meio da qual se dividem as substancias medicinaes, empregando para isso instrumentos cor-

tantes, como sejão as facas e tesouras. As facas de ponta fixa, que para este fim se achão nas pharmacias, tem o nome de *corta-raizes* (fig. 7 e 8).

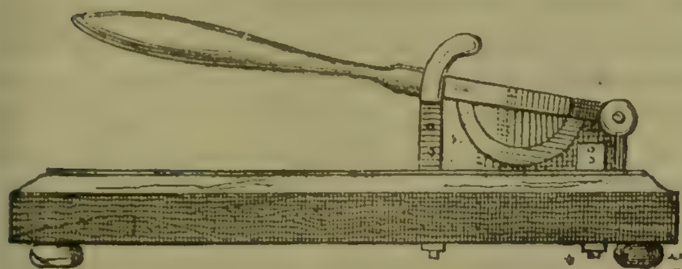


Fig. 8. — Corta-raiz de lamina redonda.

Crystallização. Phenomeno pelo qual certos corpos tomão fórmas polyedricas regulares ou symetricas, denominadas *crystaes*, quer passando do estado liquido ou gazoso ao estado solido, quer abandonando o liquido em que se achavão dissolvidos.

Decantação. Acto de separar um liquido de um sedimento contido no mesmo vaso. Deixa-se primeiro depôr o liquido, e depois transvasa-se brandamente para outro vaso, afim de separar a parte clara, que sobrenada, d'aquella que se acha precipitada. As mais das vezes inclina-se o vaso, e deixa-se sahir o liquido pelos buracos praticados em differentes alturas nas paredes do vaso, ou elimina-se o liquido por meio do siphão.



Fig. 9. — Siphão simples.

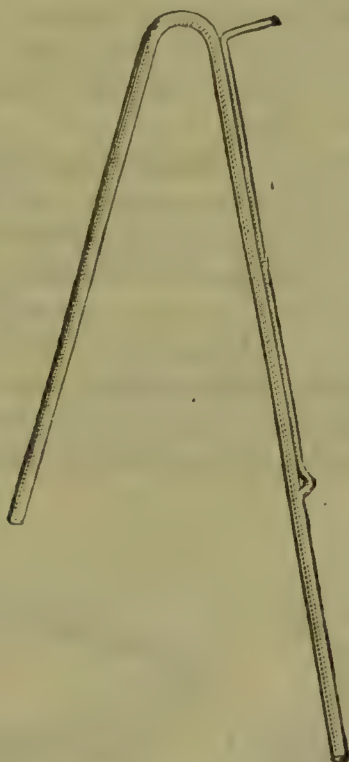


Fig. 10. — Siphão de tubo aspirante.

O siphão é um tubo curvo em fórma de U, ordinariamente com um ramo mais curto do que o outro, de vidro ou de metal, e que serve para transferir um liquido de um vaso para outro, ou para o despejar. Para este fim, mergulha-se o ramo mais curto no vaso que se quer despejar, e tira-se o ar do ramo mais longo aspirando-o; á medida que se faz assim o vacuo, o liquido sobe ao ramo mais curto em virtude da pressão que a atmosphera exerce sobre o liquido contido no vaso, e o corrimento continua sem interrupção até que o ramo curto não mergulhe mais no liquido. Tal é o siphão chamado *simples* (fig. 9). — Quando o liquido é de natureza tal que seria perigoso se chegasse até á bocca, fazendo o vacuo na capacidade do siphão, adapta-se ao ramo comprido, proximamente á extremidade inferior, um pequeno tubo que se prolonga até á altura da curvatura, e por cuja extremidade se faz a aspiração (fig. 10). Applica-se o dedo á extremidade do siphão no momento em que se aspira, e tira-se para deixar passagem ao liquido logo que este tenha descido perto da extremidade do siphão.

Decocção. Operação pela qual se fazem ferver substancias medicinaes em um liquido, para d'ellas extrahir principios só por este meio soluveis. Esta operação deve exercer-se unicamente sobre substancias não aromaticas. Ás mais das vezes a decocção dá productos inferiores em quantidade e qualidade aos da infusão; de sorte que hoje a decocção é só reservada quasi exclusivamente para a preparação dos decoctos de substancias animaes, chamados *caldos medicinaes,* e para os decoctos puramente mucilaginosos, destinados ao uso externo. — O producto da decocção, isto é, o liquido carregado dos principios medicamentosos, é designado tambem debaixo do nome de *decocção*, ou *decocto* e *cozimento*.

Depuração. Separação espontanea das fezes que turvão um liquido. Esta separação obtem-se simplesmente pelo repouso do liquido, e é quasi sempre o preliminar da clarificação.

Derretimento ou **Liquefacção.** Mudança de um corpo solido para o liquido; fusão de corpos graxos, gorduras, cera, etc., pela acção do calorico.

Descoloração. Privação do principio corante de qualquer liquido. Esta operação é indispensavel em muitos casos, para separar certas substancias das materias corantes, que se opporião á sua pureza ou á sua crystallização. O carvão animal é a substancia que ordinariamente se emprega para este fim.

Deseccação. V. *Exsicação.*

Deslocação. V. *Lixiviação.*

Despumação. Separação da espuma que se forma na superficie de um liquido, por meio de um instrumento chamado *espumadeira.* (fig. 11).

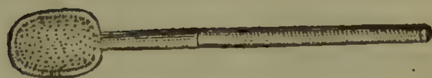


Fig. 11. — Espumadeira.

Dialyse. Operação empregada para separar as substancias crystallizaveis (*crystalloides*) das substancias não crystallizaveis (*colloides*), com as quaes se achão misturadas em alguma dissolução. Effectua-se por meio de um apparelho chamado dialysador (fig. 12 e 13).

O *dialysador* compõe-se de dois vasos; um serve de recipiente e supporta o outro que é a peça principal chamada *tambor*, e cuja

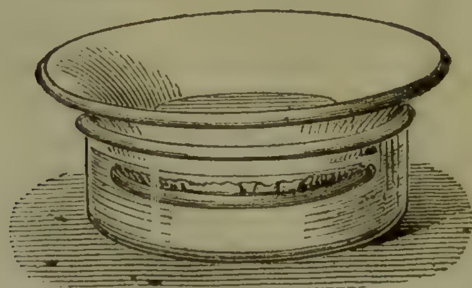


Fig. 12.

Dialysador.

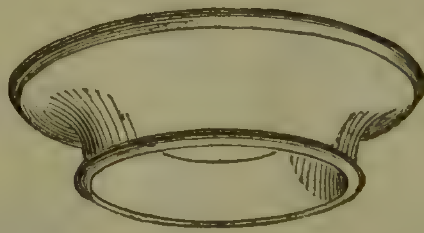


Fig. 13.

Tambor do dialysador.

extremidade está tapada pelo papel apergaminhado ou por panno de algodão revestido de uma camada de gelatina ou de albumina. Quando se quer empregar este apparelho, faz-se macerar previamente o papel ou o panno na agua durante 10 a 12 horas; este,

depois de ficar translucido, estende-se cuidadosamente sobre o tambor, e segura-se com uma linha. Introduz-se agua distillada no recipiente, mergulha-se n'ella a parte inferior do tambor, e depois deita-se sobre o papel o liquido que se quer dialysar. Para que a dialyse seja rapida, a altura do liquido deposto sobre o papel não deve exceder de 12 millimetros. Além d'isto, deve haver bastante agua distillada no recipiente, e esta deve ser renovada muitas vezes durante a operação. N'estas condições, 24 horas são sufficientes para dialysar um liquido. Todas as substancias crystalloides atravessão facilmente o septo delgado; são : os saes, os alcaloides, o assucar, o acido sulfurico, o acido chlorhydrico, etc. O septo, pelo contrario, não dá passagem ás substancias colloides, que são : a gelatina, a albumina, o amido, a dextrina, a gomma, o tannino, o caramel, a silica hydratada, os peroxydos metallicos hydratados, as materias extractivas vegetaes e animaes, etc. A dialyse serve para a analyse dos corpos, e applica-se tambem a algumas preparações pharmaceuticas, *v. g.* ferro dialysado. Se se introduzir no tambor uma solução contendo uma materia crystalloide e uma substancia colloide, o assucar e a gomma, por exemplo, e se se deitar agua distillada no vaso inferior, passado certo tempo, só o assucar ha de atravessar o septo para dissolver-se na agua do vaso inferior, com exclusão da gomma que ficará na solução primitiva. Concebe-se o resultado notavel que póde dar este methodo empregado convenientemente, quer para separar os alcaloides e as materias crystallizaveis das misturas complexas que as encobrem, quer para facilitar as pesquizas toxicologicas.

Digestão. Demora mais ou menos prolongada de qualquer substancia em um liquido na temperatura mais elevada do que a da atmosphera (35° a 40° cent.), com o fim de extrahir d'ella alguns principios, empregando o calor sem que ferva o liquido que serve de vehiculo. Faz-se a digestão sobre as cinzas quentes, sobre o banho de areia em temperatura moderada, ou sobre a cucurbita do alambique. A digestão differe da *maceração*, em que esta se faz na temperatura ordinaria da atmosphera. Emprega-se a digestão como meio preparatorio, quando as substancias, que se querem tratar, são compactas e difficeis de penetrar; é sobretudo util quando o liquido póde alterar-se com maior grão de calor : por exemplo, na preparação dos oleos medicinaes. Dá-se o nome de *digesto* ao producto da *digestão*.

Dissolução. V. *Solução.*

Distillação. Assim se chama a operação que consiste em separar, por meio do fogo, e em vaso fechado, os principios volateis de um corpo, dos seus principios fixos : os primeiros elevão-se em fórma de vapores, que vem depois condensar-se, debaixo da fórma liquida, em um ou mais vasos chamados *recipientes*, entretanto que os principios fixos ficão no vaso distillatorio, que é um alambique ou uma retorta. É por meio da distillação que se extrahe o alcool do vinho, e as essencias das plantas aromaticas.

Recorre-se á distillação em pharmacia e em chimica : 1° para obter as aguas distilladas, os alcoolatos, as essencias das plantas; 2° para purificar ou rectificar as substancias volateis; 3° para obter de substancias vegetaes ou animaes, productos que resultão de novas combinações devidas ao calorico, como acontece com certos oleos animaes chamados *pyrogeneos*, com alguns oleos volateis não preexistentes, e com os acidos graxos, etc. Quando o calor se applica directamente, a distillação se diz feita a fogo nú; e nos outros casos a *banho-maria*, *banho de areia*, ou a *vapor*.

Chama-se, em pharmacia, *banho-maria*, um apparelho empregado para aquecer de maneira branda e uniforme, quando se receia a acção immediata e desigual da chamma. Emprega-se para este fim um vaso contendo agua quasi fervendo, no qual se mette outro vaso contendo a materia que se quer aquecer ou distillar. Quando se substitue a agua fervendo pela areia, o mesmo vaso toma o nome de *banho de areia;* chama-se *banho de vapor,* quando contém agua em vapor.

Distillação por meio do alambique. A fórma do alambique, o numero das peças de que elle se compõe, e suas proporções varião muito; mas para o uso habitual da pharmacia póde ser reduzido ás peças representadas na fig. 14.

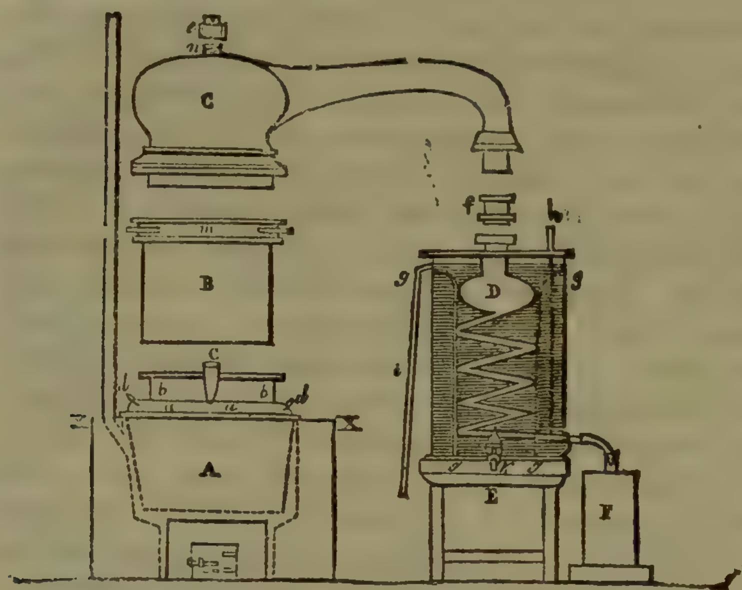


Fig. 14. — Alambique.

A, a *cucurbita;* B, o *balde* ou *banho-maria;* C, o *capitel;* D, a *serpentina* ou o *tubo refrigerante;* F, o *recipiente.* A *cucurbita,* ou caldeira de cobre estanhado no interior, A, é a peça que recebe a acção immediata do fogo; tem a fórma de cóne troncado; a parte superior *aa,* que é mais larga e arredondada, descança sobre a fornalha XX, e termina superiormente por um collo *bb,* de diametro um pouco menor do que o fundo da caldeira; *c* é uma abertura que serve para introduzir o liquido; *dd* são as azas. — O *banho-maria* B é um vaso cylindrico, de estanho ou de cobre estanhado, podendo entrar na cucurbita A, e fecha-la exactamente, por meio do seu collo *m,* que descança sobre o collo *bb.* — O *capitel* C póde applicar-se igualmente sobre a cucurbita ou sobre o banho-maria, cujas boccas devem ser iguaes. É guarnecido de um largo tubo recurvado, destinado a conduzir os vapores para a serpentina; *n* é uma abertura fechada durante a operação com uma rolha de parafuso *e;* serve para introduzir, sendo necessario, novo liquido no banho-maria, sem desarmar o alambique. — A *serpentina* D é um tubo espiral de estanho, contido n'um vaso de cobre ou de madeira cheio d'agua fria, e que se chama *resfriador.* Recebe do bico do capitel os vapores produzidos pela distillação, e a sua parte inferior deita no recipiente F o liquido condensado. *gg* são os espeques de estanho que sustentão e fixão o canudo espiral da serpentina no resfriador. *h* é um tubo vertical aberto nas duas extremidades, e alargado superiormente em fórma de funil. Este tubo serve para reformar a agua do resfriador: deita-se dentro a agua fria, que desce até ao fundo do vaso, levanta a agua quente, e obriga-a a sahir pelo tubo *i.* A torneira *k* serve para despejar completamente o resfriador. — Quando a distillação póde fazer-se a fogo nú, introduz-se o liquido a distillar na cucurbita; supprime-se o banho-maria; applica-se immediatamente o capitel sobre a cucurbita, o seu bico entra tambem immediatamente na bocca da

serpentina. — Se em lugar de operar a fogo nú, se quizer distillar a banho-maria, deita-se agua na cucurbita, introduz-se n'esta o banho-maria, e é n'este ultimo que se mette o liquido a distillar : applica-se então o capitel sobre o banho-maria, e adapta-se entre o bico do capitel e a bocca da serpentina o tubo *f*, para compensar a altura do collo e do banho-maria, e para que não seja necessario levantar a serpentina.

Distillação a vapor. Adapta-se á cucurbita um balde, tendo muitos buracos, bastante curto para que não mergulhe na agua da cucurbita. N'este apparelho as substancias não mergulhão em agua; os vapores sómente, elevando-se na cucurbita, atravessão as plantas, e passão á distillação, levando comsigo as partes soluveis. A distillação a vapor convem particularmente para as partes de vegetaes de tecido delicado, como as folhas e flores.

Distillação por meio da retorta. Fig. 15. A retorta é um vaso de vidro, barro, porcelana ou metal, de fórma ovoide. Distingue-se n'ella a *pança*, que corresponde á cucurbita do alambique, a *abobada* e o *collo*, que correspondem ao capitel. O apparelho de refrigeração varía segundo as operações, mas consiste ordinariamente em uma alonga e um ballão recipiente tubulado, que tem a dupla vantagem

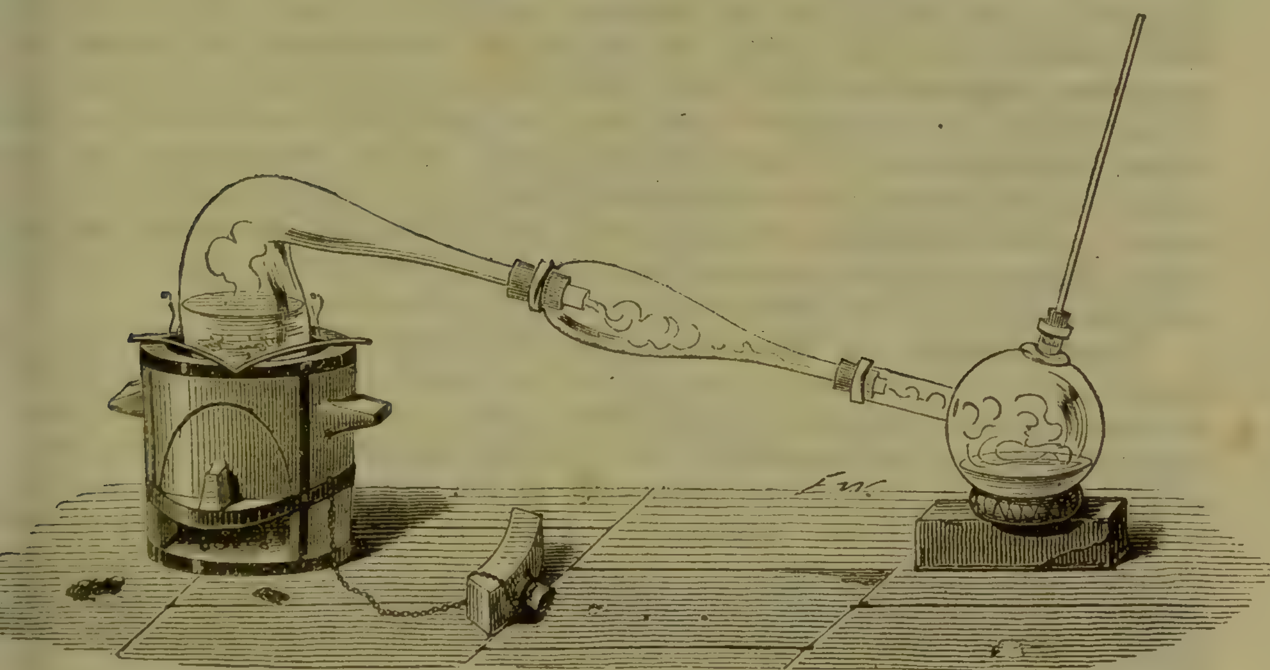


Fig. 15. — Distillação por meio da retorta.

de facilitar a condensação dos vapores e de levar os gazes a uma altura consideravel na chaminé. Para resfriar o ballão, basta mergulha-lo n'um vaso contendo agua e gelo. Póde-se tambem fazer cahir agua gotta a gotta sobre o ballão coberto com um panno. Para alguns liquidos mui volateis, é preciso rodea-lo de uma mistura frigorifica.

Divisão. Reducção de um corpo solido a particulas mais ou menos tenues. Executa-se por differentes modos, que são : *extincção*, *granulação*, *cortadura*, *rasura*, *contusão*, *machucação* e *trituração*. (V. estas palavras.)

Effervescencia. É a evolução ou o effeito da evolução dos gazes, com alguma violencia e agitação, em fórma de bolhas, á

superficie de um liquido, em resultado de mutua acção de dois corpos. Este effeito é produzido por diversas causas : 1° pela diminuição da pressão sobre o liquido : como quando se abre uma garrafa de cerveja; 2° pela acção de dois liquidos entre si : como quando se decompõe uma dissolução, *v. g.* de carbonato de potassa pelo acido acetico, para formar o acetato de potassa ; 3° pela acção de um liquido sobre um solido.

Epistação. V. *Machucação.*

Espressão. Operação pela qual se extrahem os liquidos dos corpos succulentos, empregando uma força mecanica. É o meio empregado para obter os succos vegetaes e os oleos. O instrumento usual é a *prensa*. Introduzem-se as substancias dentro de saccos de clina, lã, etc., e submettem-se á acção comprimente do instrumento.

Evaporação. Operação pela qual se converte um liquido em vapor. Emprega-se para concentrar os succos, os extractos, as soluções, etc. Segundo o modo por que se executa, a evaporação é *espontanea, auxiliada pelo calor,* ou feita no *vacuo* da maquina pneumatica. A *evaporação espontanea* é a que se faz ao ar livre. Esta executa-se lançando o liquido em vasos largos e chatos, que se cobrem com papel, para evitar o contacto dos corpos estranhos que volteão no ar. O calor que auxilia a evaporação, ou se applica directamente, e se diz *a fogo nú,* ou em *banho de areia, banho-maria,* em *estufas,* ou por meio de *vapor.* A evaporação no *vacuo da maquina pneumatica* póde fazer-se na temperatura do ar, e evitão-se, d'esta sorte, as alterações que muitos productos experimentão pelo calor. Collocão-se os liquidos em taças muito achatadas, postas sobre outros vasos que contenhão algum corpo muito avido d'agua, como o acido sulfurico concentrado, o chlorureto de calcio ou cal viva; faz-se então o vacuo, e formão-se vapores continuados, porque ao passo que se vão formando vão sendo absorvidos.

Exsiccação ou **Deseccação.** Operação pela qual se tira a humidade ás substancias vegetaes ou animaes com o fim de impedir a alteração que d'aquella humidade podia provir. Faz-se a exsiccação das plantas collocando-as, em camadas pouco espessas, sobre taboleiros feitos de cannas entrelaçadas, ou de taboas furadas, e expondo-as, conforme a sua contextura, ao ar livre á sombra em aposento coberto mas bem ventilado, ou ao sol ao ar livre, ou ao calor da estufa, principiando por 20°, e elevando gradualmente a temperatura a 35° e 40° centigrados. A *estufa* é um quarto aquecido por uma fornalha, e cuja construcção, bem que variavel segundo as localidades, deve entretanto ser dirigida segundo alguns principios. O calor lhe é fornecido por uma fornalha, guarnecida de grande numero de tubos, que percorrem o quarto em sentido horizontal. A estufa consta ás vezes de uma caixa de folha de ferro chamada *esquentador*, que se colloca dentro de um armario, e que communica por um tubo com o fóco da fornalha, de modo que o ar quente do fogão dirigese por este tubo para a caixa, e sahe depois por outro tubo para a chaminé. O armario é feito de madeira. No interior, nos dois lados oppostos pregão-se umas travessas, na distancia de 4 a 5 pollegadas umas das outras, para receberem os taboleiros em que se hão de collocar as substancias que houverem de se seccar. Ás vezes tambem podem collocar-se sobre o esquentador mesmo alguns vasos, que necessitem receber o maior calor da estufa.

Extincção. *Extincção do mercurio.* Trituração d'este metal com corpos liquidos até elle desapparecer e ficar reduzido a pó negro.

Filtração. Consiste em passar um liquido atravez do filtro, para desembaraça-lo das partes solidas que lhe turvão a transparencia, e que são demasiado leves para se precipitarem. A filtração toma o appellido de *coadura*, quando se faz simplesmente passar o liquido por panno de linho ou lã, ralo, menos para tê-lo de transparencia perfeita do que para separar as fezes.

O *filtro* é o instrumento de pharmacia que serve para filtrar. A materia dos filtros varía segundo a natureza dos liquidos que devem passar por ella. O papel, os tecidos de linho, algodão ou lã, o algodão cardado, a areia, o vidro pizado, o amianto, os fragmentos de pedra silicosa, o carvão em pó, constituem a materia ordinaria dos filtros.

A *areia*, o *vidro em pó* e o *amianto* empregão-se para a filtração das soluções concentradas dos acidos e alcalis.

O *carvão animal* ou *de ossos* emprega-se quando, além da separação das particulas solidas, se deseja descorar o liquido ou priva-lo de algum cheiro improprio.

O *carvão vegetal* ou *de lenha* presta os mesmos servicos, mas a sua acção descorante e desinfectante é muito menos efficaz do que a do carvão animal.



Fig. 16.

Filtro de papel introduzido no funil.

O *filtro de papel* faz-se com uma folha de papel dobrada muitas vezes sobre si mesma, de maneira que forme um cóne que se colloca dentro de um funil (fig. 16). O papel para os filtros é especialmente fabricado para este fim, e chama-se *papel de filtrar*; é sem colla, branco ou pardo.

Para fazer este filtro toma-se uma folha quadrada de papel, e dobra-se ao meio sobre a linha *ba*, como indica a fig. 17, de maneira

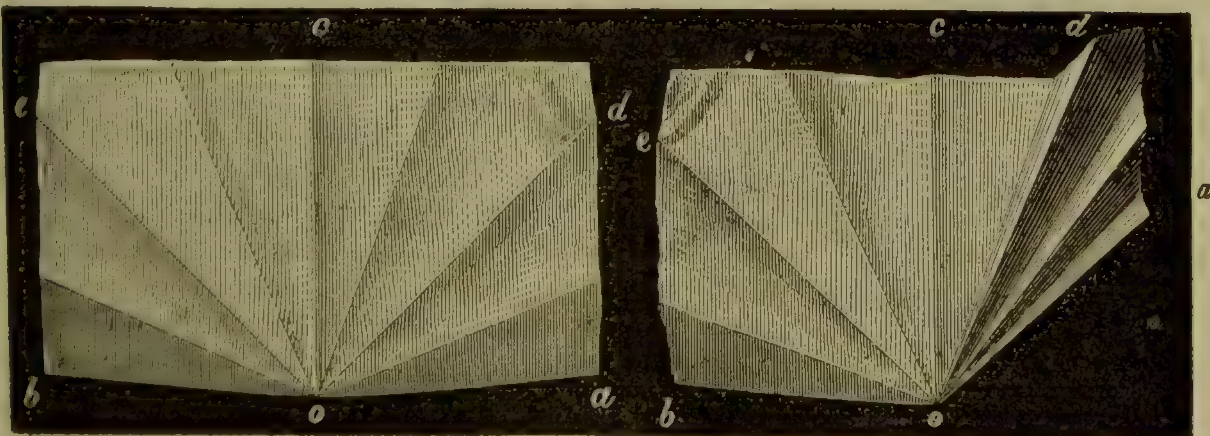


Fig. 17. — Confeição do filtro de papel.

que se obtenha um rectangulo *bac*. Applica-se *oa* e *ob* sobre *oc*, dobrando na direcção de *od* e *oc*. Tem-se assim um rectangulo dividido em quatro partes, que se dividem em duas, cada uma, por

dobras alternativas e inversas; cada uma d'estas póde ser dividida ainda em outras duas, de sorte que se tenhão 16 divisões sobre cada face do rectangulo, convergendo todas a *o*. Abre-se então o filtro, e vê-se em dois lugares oppostos duas pregas consecutivas no mesmo sentido : forma-se n'ellas uma pequena prega intermedia, chamada *prega de Madama Bertholet*. Torna-se a dobrar o filtro e corta-se (fig. 18), para lhe dar a fórma redonda. Os angulos das

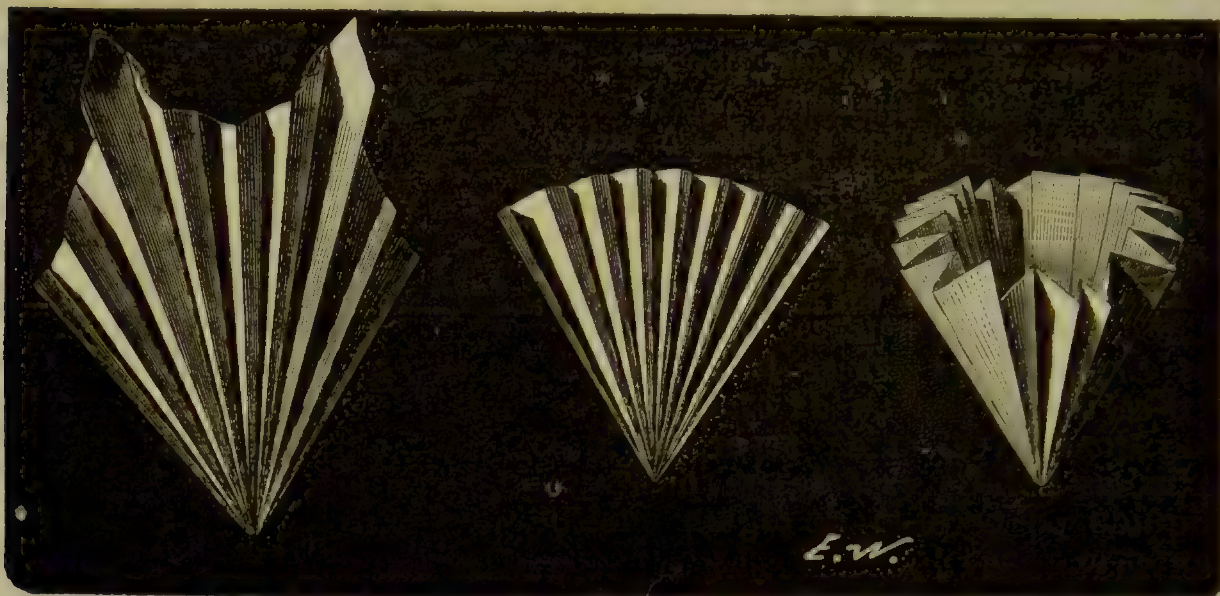


Fig. 18. — Confeição do filtro de papel.

pregas devem ser fortemente comprimidos com a unha, mas convirá que não cheguem até ao centro *o*, e que fiquem distantes meia pollegada d'este ponto, para que as frequentes dobras do papel não enfraqueção ali a textura do papel, fazendo com que elle se rompa com o peso do liquido introduzido no filtro. Abre-se o filtro, assoprando dentro, e separando as duas meias folhas do papel dobrado sem esforços para não desmanchar as pregas; e introduz-se no funil á borda do qual deve chegar quasi exactamente.

O filtro de papel póde tambem fazer-se do modo seguinte : fig. 19.

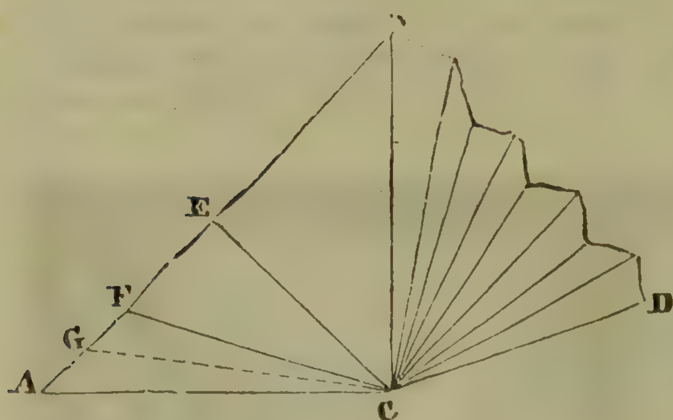


Fig. 19.

Filtro de papel com 16 pregas.

Toma-se um quadrado de papel sem colla; dobra-se em dois no sentido da diagonal; depois dobra-se AD em dois, para obter a prega B; depois AB em dois, para obter a prega E; depois AE em dois, para obter a prega F, e assim successivamente tanto quanto seja possivel, dispondo o papel como BD. Ajuntão-se uma contra a outra todas as pregas no ponto C, centro do filtro, e cortão-se no comprimento do mais curto raio, para arredondar as bordas e dar ao filtro a fórma de um leque desenvolvido. Abre-se o filtro e introduz-se no funil (fig. 16, p. 37).

Funil. Quando se usa do filtro de papel, costuma este collocar-se dentro do funil para este lhe servir de amparo. Os funís que tem este destino são de vidro, porcelana, cobre estanhado ou prateado (fig. 16). O funil, para a filtração, ou se introduz na bocca do frasco que deve receber o liquido filtrado, ou se colloca em taboas furadas, que podem conter uns poucos ao mesmo tempo, pondo por baixo d'elles vasos apropriados para receberem os liquidos (fig. 22). Os unís para filtrar tem de capacidade de 1 a 15 litros.



Fig. 20.

Filtro para licores.



Fig. 21.

Funil para filtrar.

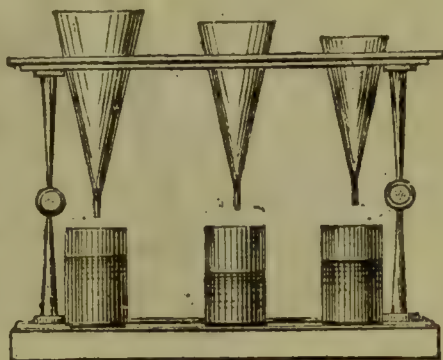


Fig. 22.

Mesa para filtrar.

Os filtros de tecido de lã, algodão ou linho, são geralmente feitos como um sacco de fórma cónica, ou são construidos prendendo o tecido a um caixilho quadrangular. A *manga de lã* é um filtro frequentemente empregado.

O *sacco de filtrar,* ou *manga de Hippocrates,* é o filtro que mais prestimo tem nas manipulações pharmaceuticas. Póde ser feito de flanella, de baeta, de feltro, de panno de algodão ou de linho, e faz-se-lhe tomar a fórma cónica com uma bainha larga em roda da abertura. Quando se faz uso d'elle, dependura-se por meio de cordões em algum gancho, como se vê na fig. 23, e por baixo colloca-se o vaso em que se recebe o liquido filtrado.

A outra fórma de filtro é a que representa a fig. 24. O panno está seguro por meio de casas que se enfião em pequenas caravelhas fixas na margem superior do caixilho quadrangular, de modo que lançando em cima do tecido a substancia que se quer filtrar, a sua superficie fórma uma concavidade para receber o liquido. Esta fórma emprega-se sobretudo para filtrar xaropes.

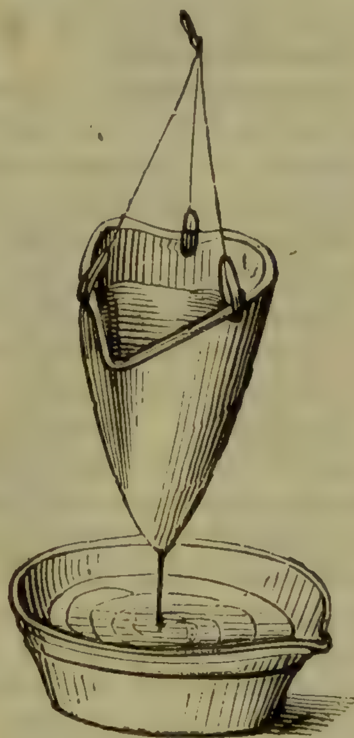


Fig. 23.

Sacco de filtrar ou manga de Hippocrates.

Fusão. Mudança do estado solido para o liquido por meio do calorico. Ha duas especies de fusão, *ignea* e *aquosa.* A *fusão ignea* é a desaggregação das moleculas do corpo, operada sómente pelo calorico; exige o emprego de altas temperaturas; ope-

ra-se em caldeiras, capsulas de barro ou de metal, e nos cadinhos. Usa-se para separar os corpos medicamentosos fusiveis de outro menos fusiveis que lhes alterão a pureza. A *fusão* diz-se *aquosa*,

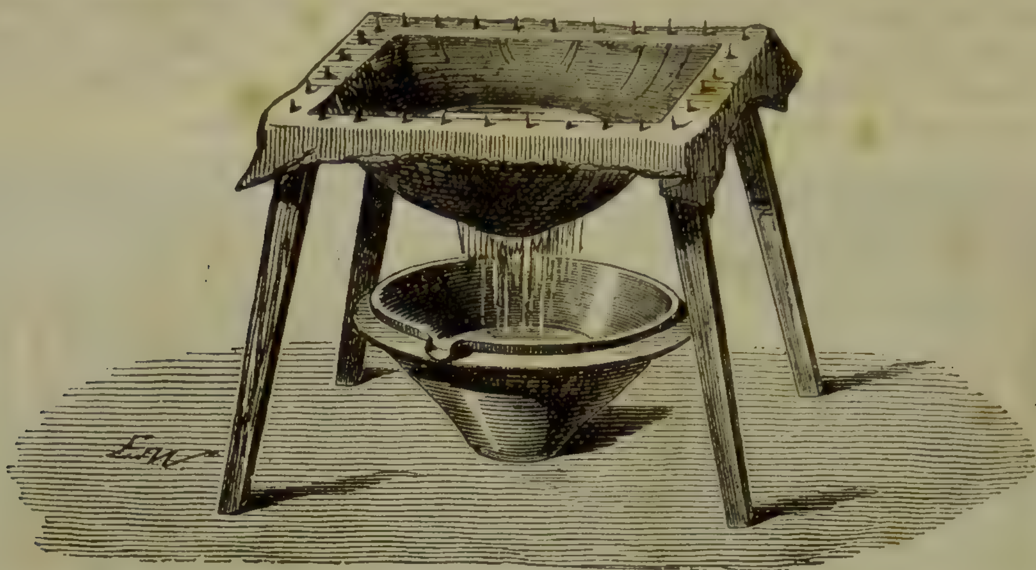


Fig. 24. — Filtro de caixilho quadrangular.

quando a agua contida no corpo accelera a acção do calorico; o corpo dissolve-se primeiro na sua propria agua, que se evapora depois: emprega-se para tirar aos saes uma parte da sua agua de crystallização.

Toma a fusão o nome de *liquefacção* ou *derretimento* quando se opera nos corpos graxos, que carecem de temperatura muito menos elevada do que para a *fusão ignea*.

Gazificação. V. *Vaporização*.

Granulação. Operação que consiste em reduzir os metaes a particulas mais ou menos esphericas ou *granulos*. Faz-se fundindo o metal, e passando-o, em quanto liquido, por uma especie de crivo, e recebendo-o n'um vaso cheio d'agua.

O zinco e o estanho são os metaes que mais frequentemente o pharmaceutico tem de granular.

Incineração. Operação pela qual se queima uma materia organica contendo partes mineraes fixas, afim de obter separadas estas, sob a fórma de *cinzas*.

Infusão. Operação pharmaceutica que consiste em lançar, e deixar arrefecer, agua fervendo sobre alguma substancia para extrahir-lhe os principios medicamentosos. Ás vezes, em lugar de lançar a agua fervente sobre a substancia medicinal, faz-se a infusão introduzindo esta substancia em agua a ferver, tendo o cuidado de tirar immediatamente o vaso do fogo e de o cobrir convenientemente. N'um e n'outro caso a operação acha-se effectuada quando o liquido está arrefecido. O liquido empregado para a infusão é ordinariamente a agua a ferver, mas todos os liquidos, que experimentão a ebullição sem se alterarem, podem servir para esta operação. O fim da operação é conservar no liquido os principios volateis das substancias, que se dissiparião se estas substancias fossem expostas á decocção. A infusão emprega-se tambem para as substancias que por seu tecido laxo são facilmente penetradas pelo liquido, e que lhe cedem promptamente todos os seus principios, como sejão as flores, folhas, etc. O producto da infusão, isto é, o liquido carregado dos

principios medicamentosos, é as mais das vezes designado tambem debaixo do mesmo nome de *infusão*. Diz-se *uma infusão de tilia*, *preparar uma infusão*; entretanto foi proposta, para exprimir o producto, a palavra *infuso*, reservando-se a palavra *infusão* para denominar a operação. Porém o costume prevaleceo, e dá-se mais frequentemente ao producto o nome de *infusão* do que o de *infuso*.

Inspissação. Concentração, por meio da evaporação, das substancias que tem a propriedade de *engrossar* a agua, taes são a gomma, e as materias animaes ou vegetaes; estas para não adquirirem o gosto de queimado devem *inspissar-se*, para o fim da operação, a banho-maria, ou banho de vapor. O aloes é um succo inspissado.

Lavagem. Acção de lavar, pela qual se priva um corpo insoluvel das substancias inuteis. O corpo *util* é insoluvel, e rejeitão-se as partes dissolvidas no liquido.

Levigação. V. *Porphyrização.*

Liquefacção. V. *Derretimento.*

Lixiviação. Operação que se executa lançando sobre uma substancia, disposta em camadas mais ou menos espessas, um liquido que se infiltra atravez d'ellas, e que leva comsigo todas as partes soluveis. O corpo util é soluvel. Por meio d'esta operação extrahem-se das cinzas os saes alcalinos que ellas podem conter, lixiviando-as, isto é, tratando-as pela agua, filtrando e evaporando depois o liquido. A lixiviação emprega-se tambem para obter os principios soluveis das substancias vegetaes, e é particularmente usada para preparar os *extractos;* n'este caso tem-se-lhe dado o nome de *deslocação*, porque as camadas de liquidos deslocão-se mutuamente, e porque se póde successivamente deslocar um liquido por outro (fig. 25).

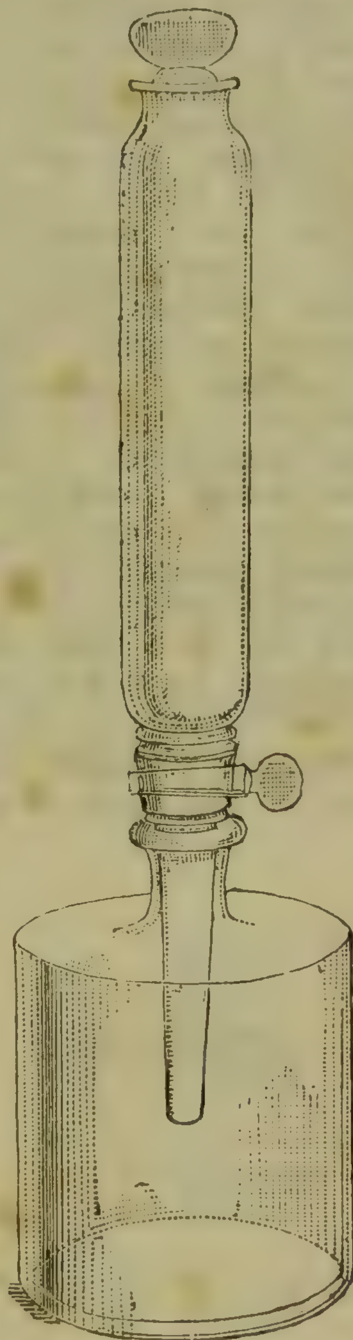


Fig. 25.

Apparelho de deslocação.

Maceração. Operação que consiste em submetter a frio, isto é, na temperatura ordinaria da atmosphera, um corpo solido qualquer, á acção de um liquido com o qual se deixa em contacto durante um tempo mais ou menos longo, afim de que este liquido dissolva alguns dos principios do corpo solido. Esta operação é preferivel aos outros modos de dissolução, quando os principios que se querem dissolver se alterão facilmente, ou quando o liquido mesmo não póde soffrer a acção do calor sem mudar de natureza, como acontece com os vinhos medicinaes. Recorre-se tambem á maceração quando a substancia, sobre que se opera, encerra principios differentemente soluveis, que se desejão obter em separado. Assim, o tratamento das raizes carregadas ao mesmo tempo de partes extractivas e de materias feculentas mostra a vantagem da maceração,

para separar as partes soluveis em todas as temperaturas, do amido que só se dissolve em agua fervendo. Dá-se o nome de *macerato* ao producto da maceração.

Machucação ou *Epistação.* Operação pela qual se destroe a cohesão dos corpos molles e succulentos, esmagando-os com a mão do almofariz contra as paredes d'este vaso.

Polpação. Operação que tem por objecto o reduzir a polpas certas substancias vegetaes. — Chama-se *polpa* a parte molle dos vegetaes, reduzida a uma especie de pasta, depois de separada das partes duras. É quasi sempre necessario submetter a uma operação preliminar as substancias que se desejão reduzir a polpa. Dividem-se, por exemplo, por meio do ralador, as raizes frescas de cenoura, de inula, de labaça, etc., pisão-se as rosas rubras, a cochlearia, os agriões, etc.; deixão-se amollecer n'um pouco d'agua os tamarindos, a cannafistula; expõem-se ao vapor d'agua a ferver os fructos seccos, ameixas, tamaras, etc., afim de os amollecer, e evitar o emprego da agua, que dissolveria alguma parte d'elles; cozem-se em pequena quantidade d'agua, e pizão-se depois em almofariz de marmore a raiz de althea, os bolbos de colchico. Deita-se depois n'um peneiro de clina a substancia assim reduzida ao estado de massa molle, e obrigão-se a passar, atravez das malhas do peneiro, as partes mais divididas, comprimindo-as com uma larga espatula chamada *polpador*. Para maior perfeição, torna-se a passar a polpa por outro sedaço mais apertado, evaporando-se depois a banho-maria até que uma porção posta sobre o papel sem gomma o não humedeça. As polpas não devem ser preparadas senão no momento necessario, porque não se conservão muito tempo.

Porphyrização ou *Levigação.* Acção de reduzir uma substancia a pó fino por meio do porphyro. O porphyro é uma pedra dura, plana e com uma das superficies polida (fig. 26), sobre a qual se reduzem certos corpos a pó subtil, por meio de uma pequena peça, feita da mesma pedra, chamada *moleta* (fig. 27). O operador segura com ambas as mãos a moleta, e fazendo a possivel pressão sobre os corpos a pulverizar, já reduzidos a pó grosso, executa movimentos seguidos, em sentido horizontal, descrevendo com a moleta uma serie de figuras regulares curvilineas, que representão ordinariamente a figura de um oito (8), ou circulos que se cortão reciprocamente.

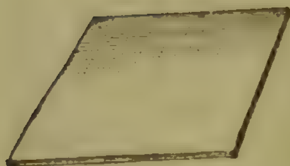


Fig. 26. — Porphyro.



Fig. 27. — Moleta.

Precipitação. Phenomeno que tem lugar quando um corpo se separa do liquido em que estava dissolvido, e se depõe debaixo da fórma de pó ou de pequenos frocos. A precipitação opera-se quando um corpo dissolvido n'um liquido se torna insoluvel pela addição ou subtracção de um outro corpo.

Pulverização. Operação que consiste em reduzir as substancias medicinaes a pós mais ou menos tenues, conforme o uso a que se destinão. Todas as substancias que tem de ser submettidas á pulve-

rização devem achar-se no mais perfeito estado de seccura. A pulverização effectua-se de differentes modos. Taes são :

1° *Contusão.* Empregando perpendicularmente a acção da mão do almofariz sobre as substancias em geral as mais resistentes, como os lenhos, cascas, raizes, etc. Exemplo : O alcaçuz; raspa-se primeiro a epiderme, corta-se em pequenas rodellas, que se seccão na estufa, pulverizão-se e peneirão-se depois.

2° *Trituração.* Effectua-se comprimindo a substancia com esforço proporcionado á resistencia que ella oppõe, entre as paredes do almofariz e o pistillo, movendo este circularmente sobre aquellas.

3° *Porphyrização* ou a pulverização executada no porphyro (*V.* fig. 26). Usa-se para as materias duras e quebradiças, que pela contusão não se podem reduzir a particulas mui finas. É de duas especies : 1° *porphyrização secca,* por exemplo, o ferro : toma-se a limalha mui fina, e pulveriza-se em almofariz de ferro; depois passa-se no porphyro, até que, esfregando o pó na mão, este deixe um traço difficil de desapparecer; 2° *porphyrização humida,* por exemplo, os olhos de caranguejo, com addição d'agua, seccão-se depois, ou fazem-se trociscos.

4° *Fricção.* Esfregando as substancias sobre o peneiro apertado, e são aquellas que, ou por mui leves, ou por mui pesadas, em vez de se dividirem, se estenderião debaixo do pistillo ou mão do almofariz. Taes são a magnesia e o alvaiade.

5° *Intermedio.* As substancias que por sua elasticidade ou pela sua molleza não podem pulverizar-se pelos meios acima indicados, exigem para isso a intervenção de diversos meios, como sejão o assucar, o alcool, o vapor d'agua; exemplo : a baunilha, a camphora.

6° *Tamização.* É uma operação subsequente ás precedentes, e por meio da qual se obtem todo o pó da mesma grossura.

Os almofarizes são de diversos tamanhos e feitos de differentes materias (fig. 28). Os almofarizes de vidro e de porcelana são de pequenas dimensões, e servem principalmente para pulverizar substancias acidas pouco duras. Os almofarizes de marmore são ou podem ser de maiores dimensões, e servem particularmente para pulverizar substancias brancas, que não tenhão acção sobre o carbonato calcareo, e que se reduzão a pó por trituração. Os lenhos, cascas e raizes, etc., pulverizão-se em almofarizes de ferro. Estes são os de maiores dimensões, e de uso mais frequente; as mãos ou pistillos do mesmo metal devem ser pesados. Em geral, os corpos que houverem de submetter-se á pulverização em almofariz, não devem ter acção sobre a materia de que é feito o almofariz ou o pistillo.

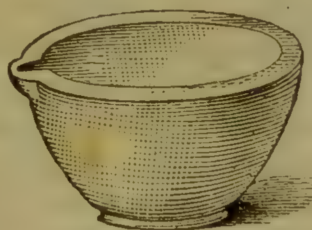


Fig. 28. Almofariz.



Fig. 29. Pistillo ou mão do almofariz.

As regras que se observão na pratica são as seguintes :

Antes de pulverizar é necessario crivar as substancias para separa-las das materias estranhas; cortar as folhas, talos e raizes das plantas fibrosas, como o alcaçuz, a althea, etc.; raspar e grosar alguns lenhos, como os de guaiaco, sassafraz, etc.; limar os metaes,

extrahir e separar as partes inertes, como os prolongamentos lenhosos e filiformes das raizes de ipecacuanha, a epiderme de algumas cascas como a de canella. — Não se deve pulverizar ao mesmo tempo grande quantidade de substancias. — Quando houverem de se pulverizar simultaneamente substancias differentes, como quando se quizerem preparar os pós compostos, começar-se-ha pelas mais duras, como certas raizes e lenhos, e depois pelas menos compactas. Se as substancias se pisarem separadamente, haverá a maior cautela para que a mistura das partes se faça exacta e perfeitamente. — Evitar-se-ha a acção nociva de certas substancias no acto da pulverização e tamização, como as cantharidas, o alvaiade e outras, cobrindo com panno ou pelle a bocca do almofariz. — Pisar-se-ha de modo que fique pouco ou nenhum residuo nas substancias que forem homogeneas nas suas massas, como são os metaes, os saes, etc. Deixar-se-ha, pelo contrario, mais ou menos residuo nas substancias vegetaes, segundo forem mais ou menos lenhosas. — Todas as substancias, depois de convenientemente divididas pela contusão, trituração, etc., devem ser passadas por peneiro, e escolher-se-hão os peneiros mais ou menos finos, segundo o gráo de tenuidade que se quizer dar ao pó. — Guardão-se os pós em vasos opacos e bem tapados.

Rasura. Reducção das substancias medicinaes a partes mais ou menos tenues por meio da lima, da grosa, do ralador ou do raspador.

Rectificação. Distillação repetida por meio da qual se separa um liquido de algumas substancias estranhas. Quando estas são mais volateis que o liquido que se quer rectificar, passão para o recipiente, e o liquido fica no apparelho distillatorio : o que tem lugar na concentração de certas substancias compostas. Se as materias estranhas são menos volateis, ficão no alambique, e o liquido passa para o recipiente, como se verifica na rectificação do alcool.

Solução. Operação que consiste em dissolver uma substancia n'um liquido apropriado, sem mudança em suas propriedades chimicas. Alguns autores querem que se estabeleça uma differença entre a *solução* e a *dissolução*. Ha solução, dizem elles, quando pela subtracção do liquido, se encontra o corpo dissolvido tal como foi empregado; e ha dissolução quando o solido se acha no liquido n'um estado differente d'aquelle em que se achava quando foi submettido á acção do liquido. Opera-se uma solução quando se faz derreter sal ou assucar em agua, e uma dissolução quando se ataca um metal pelo acido nitrico. Poder-se-ha reduzir a proposição a estes termos : Ha dissolução quando entre o liquido e o corpo dissolvido se effectua uma acção chimica; e ha solução quando esta reacção chimica não tem lugar. Chega-se então a estabelecer uma differença entre operações quasi semelhantes, como entre a solução do sulfato de soda crystallizado, e a solução do sulfato de soda efflorescente. Estas distincções são inuteis, e na pratica empregão-se indifferentemente as palavras *solução*, e *dissolução*.

A solução obtem-se por differentes meios, sendo os principaes a *maceração*, a *digestão*, a *infusão*, a *decocção*, a *lixiviação*. (*V.* estas palavras.)

A operação da solução executa-se *a frio* ou na temperatura ordinaria, sendo a substancia solida muito soluvel; e com *auxilio do calor*, se fôr necessario ajudar a força dissolvente do liquido. Os liquidos em que se fazem soluções são : a agua, o vinho, alcool, vinagre, oleos graxos e oleos essenciaes.

Sublimação. Operação pela qual um corpo solido, volatilizado pelo calorico n'um vaso fechado, fica adherente á parte superior d'este vaso. Faz-se esta operação em vasos de barro, de pedra e mais ordinariamente de vidro, que rematão em um collo longo e estreito e que se chamão *matrazes para sublimações* (fig. 30). D'este modo se sublima o chlorhydrato de ammoniaco, o enxofre, o acido benzoico, etc.



Fig. 30.

Matraz para sublimações.

Tamização. Operação que completa a pulverização, mediante a qual se consegue dar ás moleculas dos corpos divididos pela contusão, ou pela trituração, uma tenuidade uniforme, fazendo-lhes atravessar um tecido, cujas malhas são mais ou menos finas. — Os instrumentos de tamização são peneiros, tamizes, e crivos. Os *peneiros* são formados de uma fasquia circular, variavel em altura e diametro, sobre a qual se fixa um tecido de linho, de seda, de cabello ou de arame. Os *tamizes* são peneiros cobertos á maneira de tambor, para impedir os pós de se espalharem no ar. Os *crivos* fazem-se de arame ou de pergaminho com furos mais ou menos grossos.

Torrefacção. Exposição á acção do fogo de uma substancia organica, quer para desembaraça-la das substancias volateis ou da humidade, quer para desenvolver-lhe um principio novo. Pela torrefacção adquirem os corpos novas propriedades : assim o café torna-se amargo; o rhuibarbo perde as suas propriedades laxativas.

Trituração. Acção de reduzir uma substancia a particulas mais ou menos diminutas triturando-a n'um almofariz, isto é, moendo-a circularmente entre a extremidade do pilão e o fundo do almofariz. A trituração differe da *contusão* pela maneira de mover o pilão. É empregada para a pulverização das substancias friaveis, e sobretudo para a das substancias resinosas, que o calor produzido pela contusão poderia amollecer, e reduzir a massa.

Vaporização ou *Gazificação*. Conversão de um solido ou liquido em vapores ou em gaz por meio do calorico ou sem elle, com o fim de separar da mesma substancia principios volatizaveis, para aproveita-los. Exemplo : fumigações de chloro, fumigações aromaticas, etc. Differe da *evaporação*, em que esta só tem lugar em liquidos com o fim de aproveitar as partes fixas, desprezando as volateis. Os productos da vaporização podem ser solidos, liquidos ou gazosos; e conforme o estado dos productos assim toma os nomes de *sublimação*, *distillação* ou *gazificação*.

UTENSILIOS

NECESSARIOS EM QUALQUER PHARMACIA REGULAR.

1. — Alambiques de tamanho vario. Fig. 31.

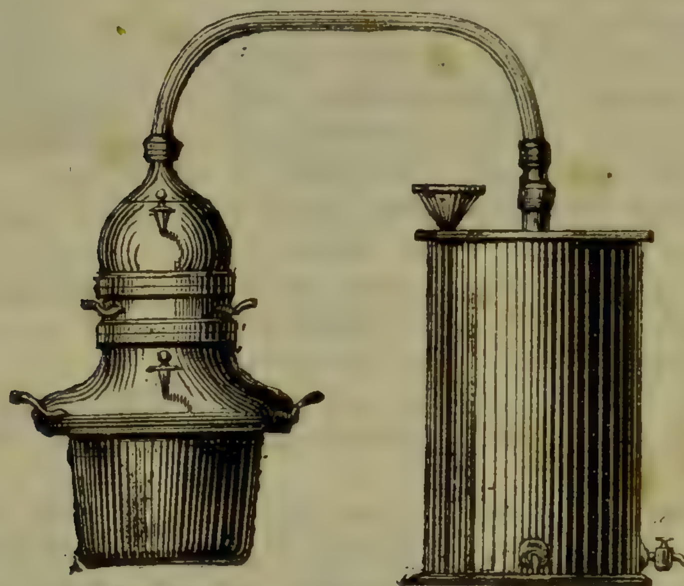


Fig. 31. — Alambique.

2. — Almofarizes de ferro, bronze, grandes e pequenos; de pedra, grandes e pequenos; de porcelana, de vidro, de páo, com seus pistillos, e de agatha pequenos. Fig. 32 e 33.



Fig. 32. — Almofariz,



Fig 33. Pistillo ou mão do almofariz

3. — Apparelhos deslocadores de vario tamanho. Fig. 34.

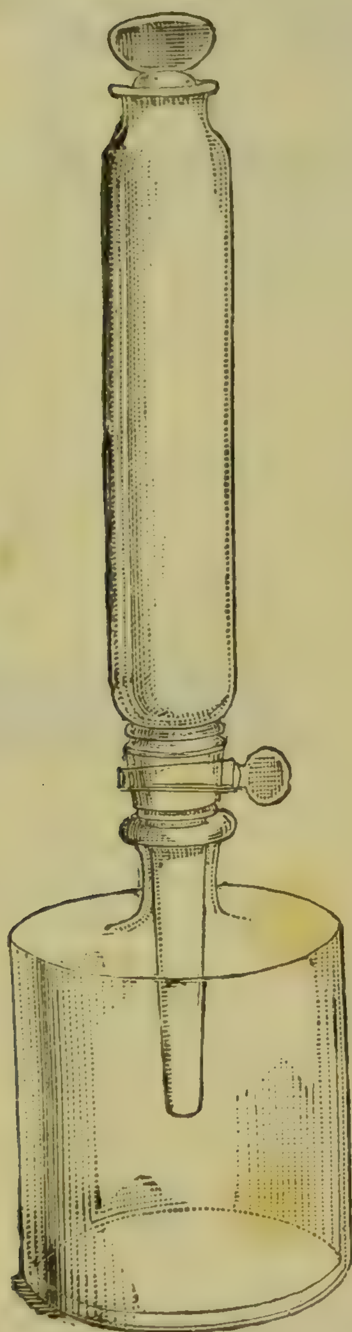


Fig. 34.

Apparelho de deslocação.



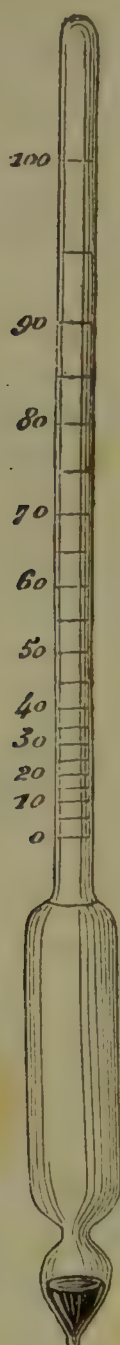
Fig. 35.

Apparelho para agua gazosa.

4. — Apparelhos para a fabricação das aguas gazosas de Briet, Henry ou Gueret. O apparelho de Henry está indicado aqui na fig. 35; os outros apparelhos estão descriptos e representados no artigo *Aguas mineraes*.

5. — Areometro de Baumé, fig. 36; de Cartier, fig. 38; centesimal, fig. 37.





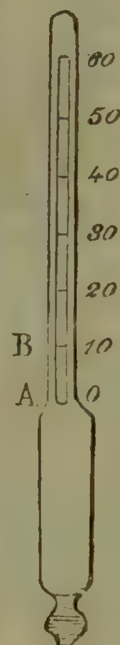


Fig. 36. — Areometro de Baumé.

Fig. 37. — Areometro centesimal.

Fig. 38. — Areometro de Cartier.

6. — Balanças diversas. Fig. 39, 40, 41, 42, 43, 44. As balanças que convem mais ás pharmacias são as que podem supportar até 5 kilogrammas.



Fig. 39.

Balança-luneta.



Fig. 40.

Balança-pendula.

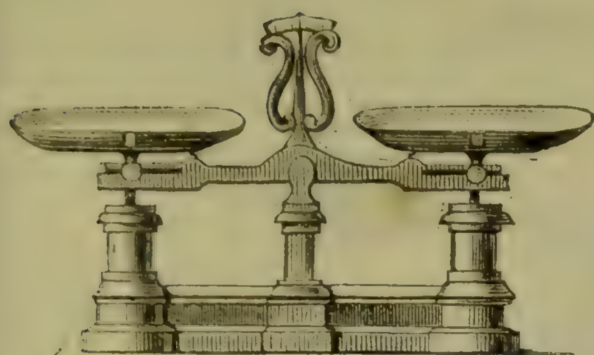


Fig. 41. — Balança Roberval.

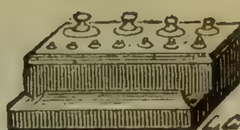


Fig. 42. — Pesos

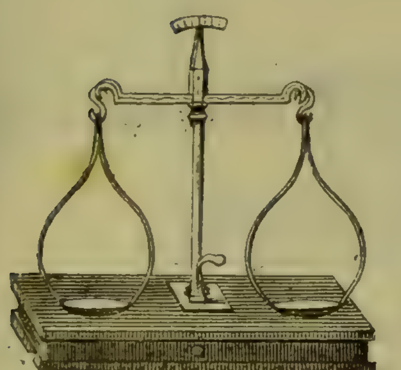


Fig. 43.
Balança com estribos
e pratos moveis.

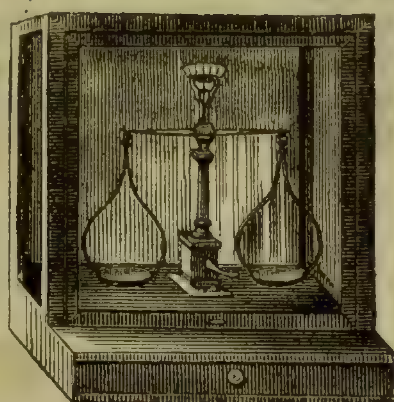


Fig. 44.
Balança muito exacta.

7. — Banco de páo furado para esgotar as garrafas.
8. — Balões de vidro, porcelana e grés com as suas alongas.
9. — Barrís de madeira para vinagreira, deposito de alcool, e
ıhos.
10. — Cadinhos de tamanho variado, de barro e porcelana.
g. 45.
11. — Caixões de páo com gavetas, tapadas e forradas.
12. — Calices de vidro de variado tamanho, para reacções;
retas e colheres de vidro.
13. — Capsulas de tamanho variadissimo, de barro, porcelana,
ıça, vidro, e prata. Fig. 46 e 47.



Fig. 45.
Cadinho.



Fig. 46.
Capsula de vidro.

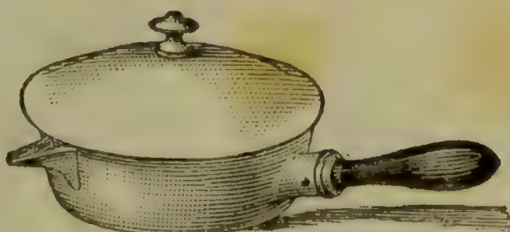


Fig. 47.
Capsula de porcelana, com cabo
bico e tampa.

14. — Casserolas. Fig. 48 e 49.



Fig. 48. — Casserola.



Fig. 49. — Casserola.

15. — Congelador. Os apparelhos empregados para fazer gel nas pharmacias estão descriptos e desenhados no artigo *Frio*, n FORMULARIO.

16. — Conta-gottas. Fig. 50.

17. — Copos graduados.

18. — Crivos, sedaços, peneiras de clina.

19. — Espatulas de marfim, de metal. de páo, variadas. Fig. 51



Fig. 50.

Conta-gottas.

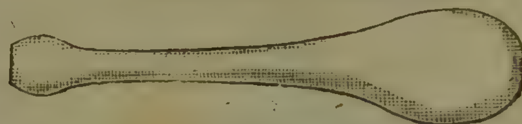


Fig. 51. — Espatula.



Fig. 52. — Espumadeira.

20. — Espumadeira. Fig. 52.

21. — Facas manuaes, e fixas para cortar raizes. Fig. 53 e 54.

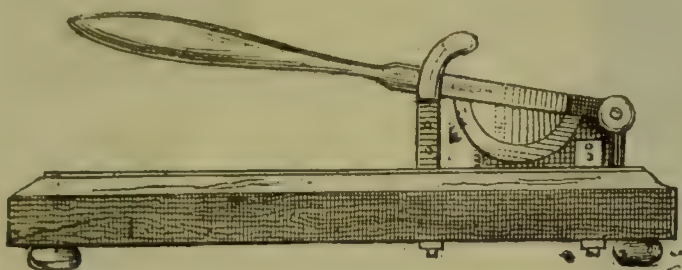


Fig. 53. — Corta-raiz de lamina redonda.

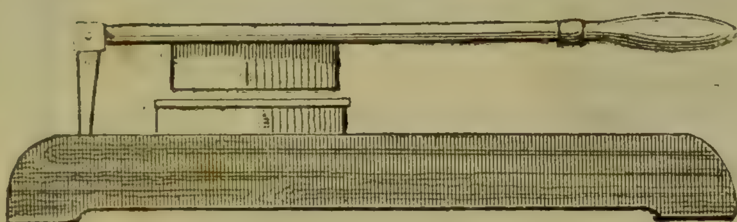


Fig. 54. — Corta-raiz de lamina recta.

22. — Ferro para emplastos. Fig. 55.



Fig. 55. — Ferro para emplastos.

23. — Filtros diversos. Fig. 56, 57, 58, 59 e 60.

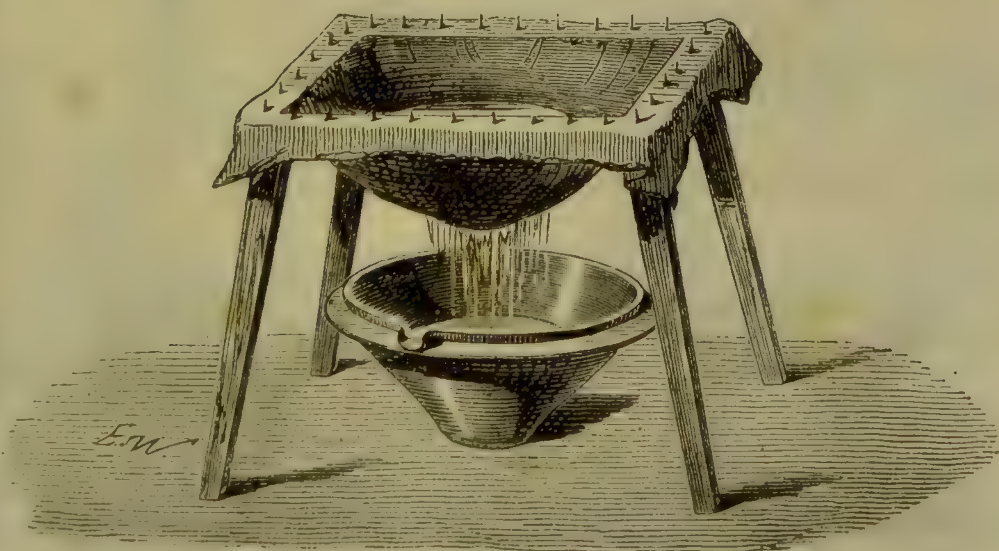


Fig. 56.

Filtro de caixilho quadrangular.

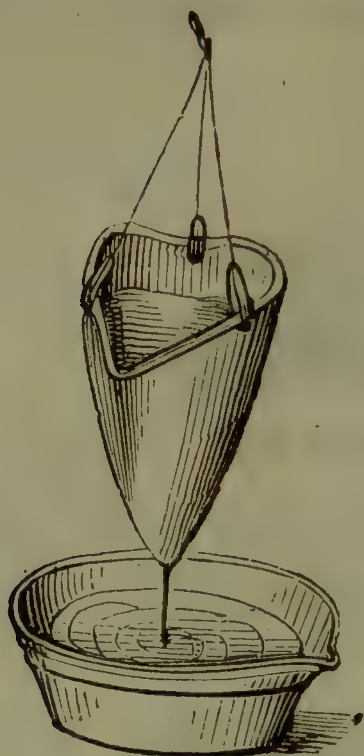


Fig. 57.
Sacco de filtrar, ou manga de Hippocrates.



Fig. 58.
Filtro de papel introduzido no funil.



Fig. 59. — Filtro para licores.



Fig. 60. — Funil para filtrar.

24. — Fornalhas fixas, portateis e de reverbero. Fig. 61, 62 e 63.



Fig. 61. — Fornalha.



Fig. 62. — Fornalha.

25. — Frascos de vidro, brancos e corados-escuros, para solidos e liquidos, de feitio e tamanho variado.

26. — Funís de diversas materias, simples, duplos, e tapados para os liquidos volateis.

27. — Gamellas de páo.

28. — Garrafões e garrafas de vidro preto.

29. — Grozas.

30. — Lampada para alcool.

31. — Limas.

32. — Machuca-rolhas. Fig. 64. Pequeno instrumento empregado nas pharmacias para apertar as rolhas na occasião de rolhar as garrafas. Vende-se em Pariz, em casa do inventor, Collas, pharmaceutico, *rue Dauphine, 8.* Preço 3 francos 50 centesimos.

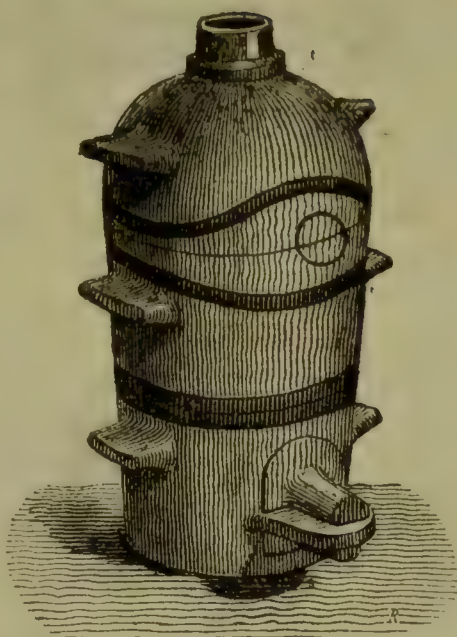


Fig. 63.

Fornalha de reverbero.

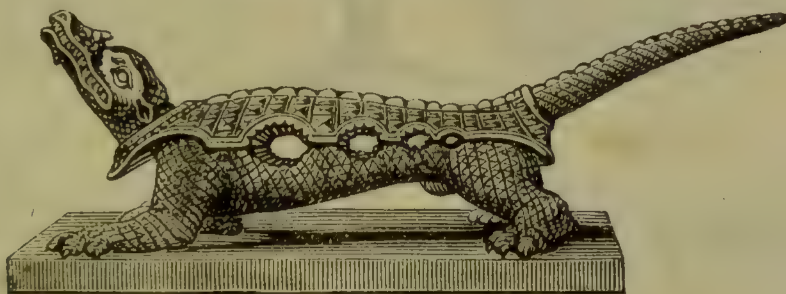


Fig. 64. — Machuca-rolhas.

33. — Matrazes variados, de vidro, barro, estanho, lata. Fig. 65.



Fig. 65. — Matraz.

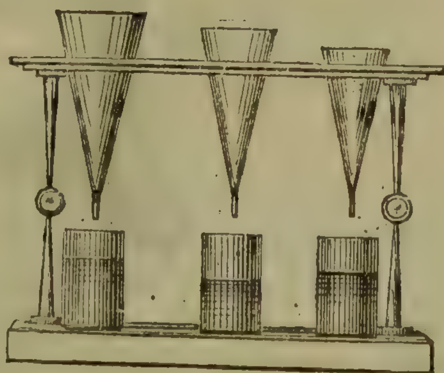


Fig. 66. — Mesa com furos para filtração.

34. — Mesa com furos para filtrações. Fig. 66.

35. — Panellas e marmitas variadas, de barro, de ferro, e de lata.

36. — Peneiros cobertos de tecidos variados.

37. — Pilulador, Fig. 67; e Disco para rolar as pilulas. Fig. 68
38. — Polpadores.

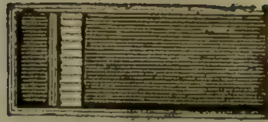



Fig. 67.
Pilulador de 36 sulcos.

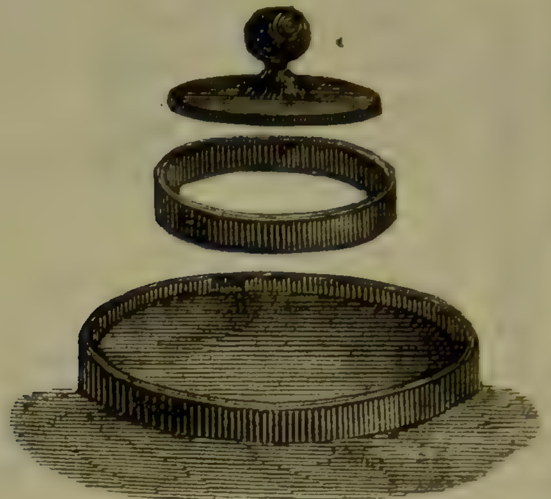


Fig. 68.
Disco para rolar pilulas.

39. — Porphyro e sua moleta. Fig. 69 e 70.

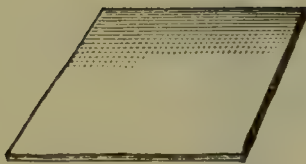


Fig. 69. — Porphyro.

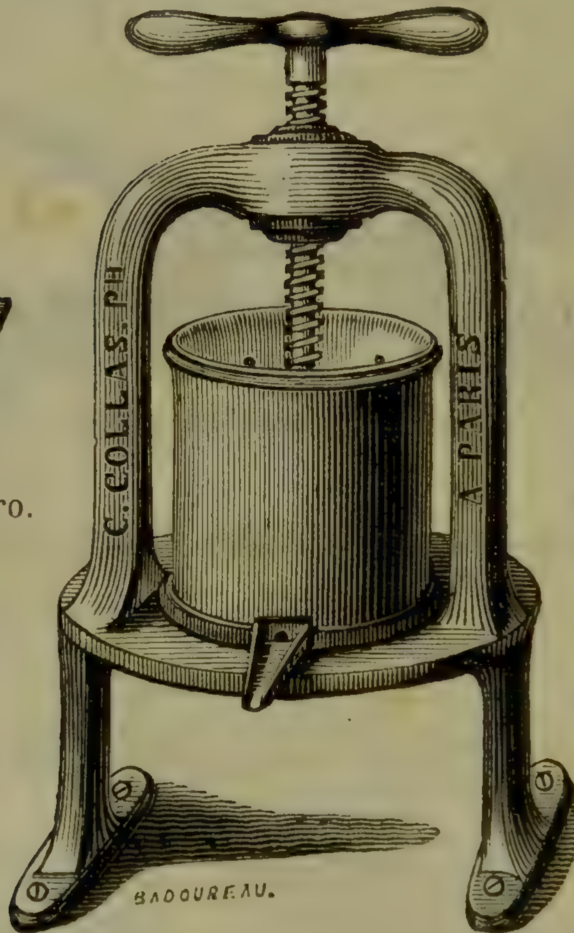


Fig. 71. — Prensa para tinturas.



Fig. 70. — Moleta.

40. — Prensa grande e prensa pequena para tinturas.

Prensa de Collas para tinturas. Fig. 71. Altura, 38 centimetros; largura, 24 centimetros; conteudo, 800 grammas. Esta pequena prensa, de ferro fundido, é mui util nos laboratorios pharmaceuticos; é portatil e póde fixar-se sobre qualquer mesa por meio de parafusos; o duplo balde de ferro galvanizado, do conteudo de 800 grammas, é mui forte e permitte espremer os residuos das tin-

ras até á ultima gotta. Esta prensa póde servir para espremer
cos de fructas e de plantas, decoctos, leite de amendoas doces, etc.
Vende-se em Pariz, na pharmacia de Collas, *rue Dauphine, 8*.
eço : 15 francos.

41. — Raladores.

42. — Recipiente florentino. Fig. 72 e 73.

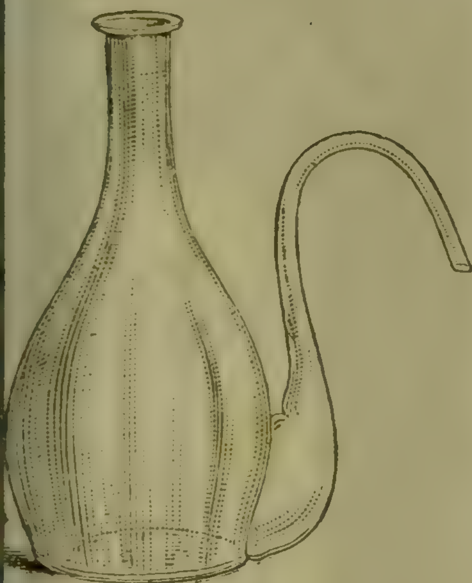


Fig. 72.

Recipiente florentino.



Fig. 73.

Recipiente florentino
com duas tubuladuras.

43. — Retortas variadas, tubuladas e não tubuladas, de vidro
porcelana e de grés. Fig. 74 e 75.

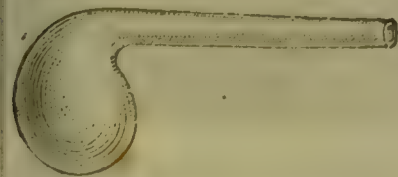


Fig. 74. — Retorta.

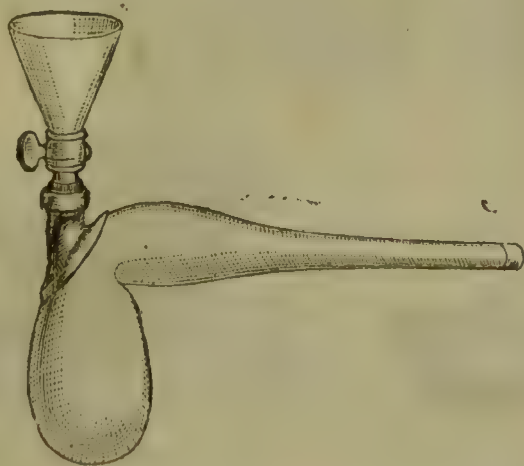


Fig. 75. — Retorta tubulada.

44. — Serrotes.

45. — Siphões. Fig. 76 e 77.

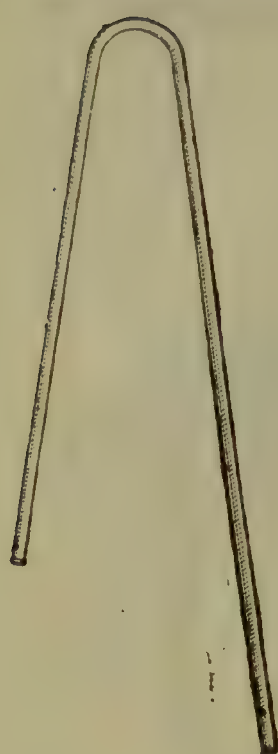


Fig. 76. — Siphão simples.



Fig. 77. — Siphão de tubo aspirante.

46. — Sparadrapeiro. Fig. 78.

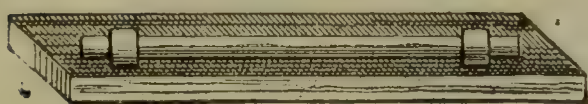


Fig. 78. — Sparadrapeiro.

47. — Supportes de forquilha e variados, para sustentar os vasos e apparelhos em diversas alturas.

48· — Tachos de tamanho variado, de cobre, de ferro, e de barro. Fig. 79.

49. — Terrina. Fig. 80.



Fig. 79 — Tacho de cobre.

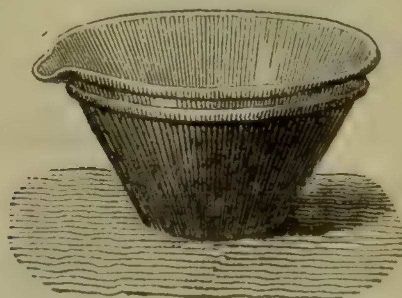


Fig. 80. — Terrina.

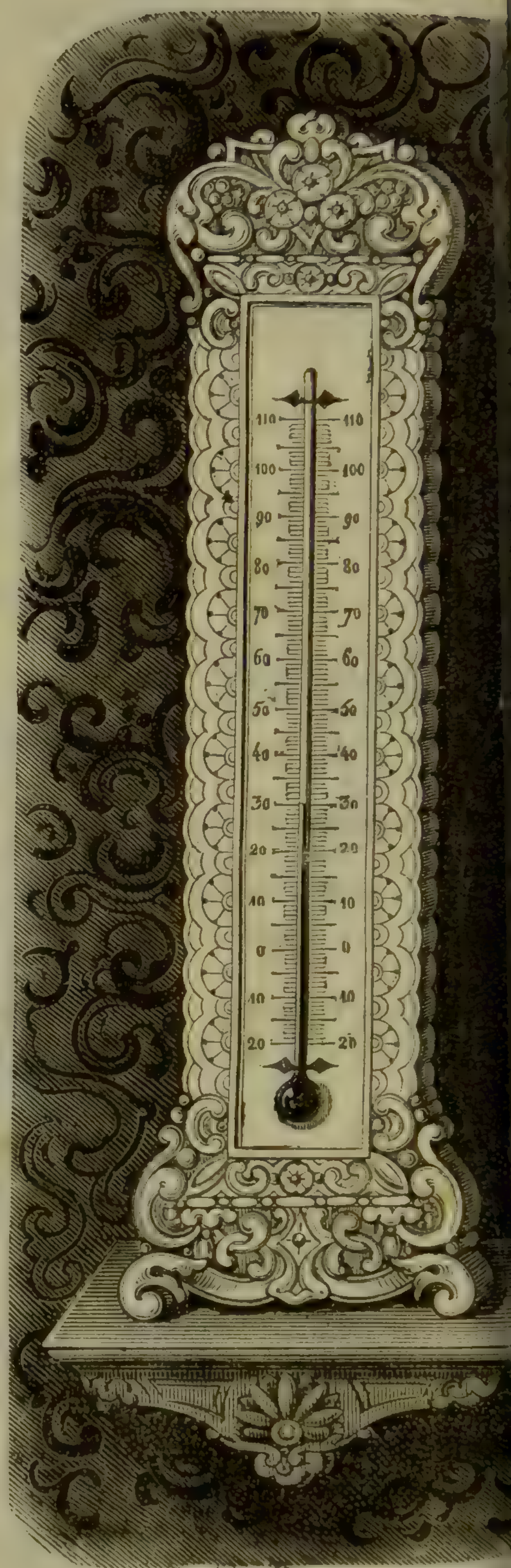


Fig. 81. — Thermometro.

50. — Thermometro. Fig. 81.

51. — Tesouras manuaes, e grandes de alavanca.

52. — Vasos evaporatorios de ferro, de barro, de porcelana, de ro, variados.
53. — Vasos e botijas de grés.
54. — Vasos de louça e porcelana, variados.
55. — Vasos sublimatorios, de barro, de vidro, de folha e de ferro.

Todos estes utensilios achão-se em diversas fabricas de Pariz.

LISTA DOS MEDICAMENTOS SIMPLES E COMPOSTOS.

QUE DEVEM ACHAR-SE EM TODAS AS PHARMACIAS SEGUNDO O CODIGO PHARMACEUTICO.

DROGAS SIMPLES.

osinthio.
afrão.
onito.
caçuz.
ecrim.
mêcega.
meirão.
miscar.
oes do Cabo.
quequenge.
thea.
nbar amarello.
nendoas doces.
nido.
iz.
estrellado.
aruta.
nica.
roz.
ruda.
temisia.
safetida.
nasia.
eia descascada.
enca do Canada.
lsamo de Tolú.
nha de porco.
rdana.
unilha.
elio.
lladona.
njoim.
rragem.
lumba.
momilla romana.
mphora.
nella de Ceylão.
nna de Provença.
nnafistula.

Cantharida.
Cardamomo menor.
Cardo santo.
Carragaheen.
Carvalhinha.
Casca de laranj. amarg.
Castoreo.
Cato.
Centaurea menor.
Centeio espigado.
Cera.
Cevada mondada.
— perlada (cevadinha)
Chá da India.
China.
Cicuta.
Coentro.
Colla de peixe.
Colophonia.
Coloquintida.
Cominhos.
Congossa maior.
Consolda maior.
Copahiba.
Cúbebas.
Curcuma.
Cusso.
Digital.
Doce-amarga.
Dormideiras.
Elemi do Brasil.
Enxofre.
— sublimado e lavado.
Escabiosa.
Escamonéa.
Escolopendrio.
Escordio.
Espargo.
Espermacete.

Estoraque liquido.
Estramonio.
Euphorbio.
Farinha de linhaça.
— de mostarda.
Feno grego.
Feto macho.
Folhas de laranjeira.
Fragaria.
Fumaria.
Funcho.
Galanga.
Galbano.
Galipot.
Gelatina.
Genciana.
Gengibre.
Gilbarbeira.
Giz.
Gomma alcatira.
— ammoniaco.
— arabica.
Gomma-gutta.
Grama.
Greda.
Guaiaco.
Helleboro branco.
— negro.
Hera terrestre.
Herva cidreira.
Hortelã pimenta.
Incenso ou olibano.
Inula campana.
Ipecacuanha annelad.
Isca.
Jalapa.
Jujuba.
Labaça.
Linhaça.

Lirio florentino.
Lupulo.
Lycopodio.
Malva.
Manná.
Manteiga de cacáo.
— de moscada.
Meimendro negro.
Mel de abelhas.
Meliloto.
Mercurial.
Mercurio.
Mezereão.
Moscada.
Mostarda branca.
— negra.
Musgo de Corsega.
— islandico.
Myrrha.
Noz de galha.
— moscada.
— vomica.
Opio.
Opopanaco.
Oregão.
Oregão de Creta.
Paparraz.
Papoula.
Parietaria.
Passas.
Pé de gato.
Pecegueiro (flores de).
Pervinca.
Pez de Bergonha.
— resina, res. amarel.
Polygala senega.
— de Virginia.
Ponta de veado.
Quassia.
Quina amarella calis.
— cinzenta Huanuca.
— rubra.
Ratanhia.
Renovos de pinheiro.
Rhuibarbo da China.
Rosa rubra.
Sabina.
Sabugueiro.
Sagapeno.
Sagú.
Salsaparrilha.
Salva.
Sangue-drago.
Saponaria.
Scilla.
Semen-contra.
Sene.
Serpentaria de Vi
Tabaco.
Tamarindos.
Tanaceto.
Tapioca.
Terebinthina ordi
— de limão.
Tilia.
Tomilho.
Tormentilla.
Trevo aquatico.
Tussillagem.
Valeriana.
Verbasco.
Veronica.
Violeta.
— de tres côres s
Zimbro.

PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

Diversos.

Açafrão de Marte ap.
Acetato de ammon.
— de chumbo cryst.
— — liquido.
— de potassa.
Acido acetico puro.
— arsenioso.
— azotico alcoolizad.
— — officinal (42°).
— benzoico *por sublimação.*
— borico crystalliz.
— chlorhydrico purificado de 1,17.
— chromico (Soluç.)
— citrico.
— cyanhydrico med.
— oxalico.
— sulfurico alcool.
— — diluido.
— — purific. (66°B.)
— tartrico.
Agua de alcatrão.
— de cal.
— de Labarraque.
Agua de melissa comp.
— vulneraria rubra.
— — espirituosa.
Aguardente camphor.
Alcool de vinho a 56°.
— rectific. (88° a 90°).
Alcoolatura de acon.
Alumen calcinado.
— crystallizado.
Alvaiade.
Ammoniaco liquido.
Antimonio diaphoret.
Arsen. de soda crystall.
Azotato de bismutho.
— acido de mercurio.
— de potassa.
— de prata crystalliz.
— — fundido (pedra infernal).
Balsamo do commend.
— de Fioravanti.
— nerval.
— tranquillo.
Bicarbonato de potas.
— de soda.
Bichlorureto de merc.
Bolas de Marte.
Borax.
Bromureto de pot.
Calomelan. por vap
Carbonato de amm
— de cal.
— de chumbo.
— de magnesia.
— de potassa.
— de soda do com
— de soda cryst.
Ceroto simples.
Chlorato de potass
Chlorhydrato de am
— de morphina.
Chlorureto de antin
— de bario.
— de cal.
— de ouro e sodio.
— de soda liquido.
— de sodio.
Citrato de ferro e ammoniaco.
Codeina.
Collodio.
Conserva de rosas.

Cremor de tartaro.
— — soluvel.
Creosota.
Cyanureto de merc.
— de potassio.
Deuto-chlor. de merc.
Deuto-iod. de merc.
Dextrina.
Diascordio.
Diachylão (emplasto e sparadrapo).
Digitalina.
Emplasto caustico.
— de cicuta.
— diachylão gomm.
— fusco.
— mercurial.
— de pez de Borg.
— de sabão.
— simples.
Especies aromaticas.
— emollientes.
— peitoraes.
Ether acetico.
— sulfurico.
— — alcoolizado.
Ferro reduzido.
Glycerina.
Granulos de digital.
Iodo.
Iodureto de chumbo.
— de potassio.
Kermes mineral.
Lactacto de ferro.
Laudano de Rousseau.
— de Sydenham.
Licor arse. de Fowler.
— — de Pearson.
Limalha de ferro.
Magnesia calcinada.
Mellite de mercurial.
— de rosas.
Morphina.
Nitro.
Oleo de amendoas.
— de cade.
— de camomilla.
— camphorado.
— de croton tiglium.
— de figad. de bacalh.
— de ricino.
Opodeldoch.
Oxydo rubro de merc.
— de zinco.
Oxymel scillitico.

Pedra de cauterio.
— infernal.
— lipes.
Perchlorureto de ferro (soluç. offic. de).
Peroxydo de ferro hyd.
Phosph. de soda cryst.
Potassa caustica.
Protoiodureto de mer.
Resina de escamonéa.
— de jalapa.
Sabão medicinal.
Santonina.
Sparadrapo ou encerado commum.
Strychnina.
Sub-azotato de bism.
Sub-carbon. de potas.
— de soda.
Sub-sulf. de deutoxydo de mercurio.
Sulfato de atropina.
— de ferro.
— de magnesia.
— de morphina.
— de quinina.
— de soda.
— de zinco.
Sulfureto de potassio.
— de sodio.
Tafetá.
Tannino.
Tartrato neutro de potassa.
— de potassa e soda.
Theriaga.
Thridacio.

Aguas distilladas.

Agua distillada.
— — de alface.
— — de canella.
— — de flor de lar.
— — de hortelã.
— — de louro-cereja.
— — de rosas.
— — de tilia.
— — de valeriana.

Alcoolatos.

Alcoolato de alecrim
— de aniz.
— de cochlearia.
— de Fioravanti.
— de hortelã.

— de melissa
— vulnerario.

Extractos alcoolicos.

Extracto de belladona.
— de cicuta.
— de digital.
— de dormideiras.
— de ipecacuanha.
— de quina.
— de meimendro.
— de salsaparrilha.
— de valeriana.

Extractos aquosos.

Extracto d'absinthio.
— de alface.
— d'artemisia.
— de cannafistula.
— de centaurea.
— de digital.
— de genciana.
— de grama.
— de guaiaco.
— de opio.
— de quina.
— de ratanhia.
— de rhuibarbo.
— de zimbro.

Extractos de succos das plantas.

Extracto de aconito.
— de alface.
— de belladona.
— de casc.v.de nozes.
— de chicoria.
— de cicuta.
— de estramonio.
— de fumaria.
— de meimendro.
— de trevo aquatico.

Oleos essenciaes ou volateis.

Oleo essenc. d'alecrim.
— — de aniz.
— — de cravo.
— — de flor de lar.
— — de hortelã.
— — de limão.
— — de terebinthina.
— — de tomilho.

Pastas.

Pasta de alcaçuz.

Pasta de althea.
— de jujubas.
— de musgo island.

Pastilhas e tabellas.

Pastilhas de enxofre.
— de hortelã.
— — inglezas.
— de ipecacuanha.
— de magnesia.
— de manná.
— de Tolú.
— de Vichy.

Pilulas.

Pilulas de Anderson.
— de aloes simples.
— ante-cibum.
— de cynogl.[sa] opiad.
— ferrug. de Vallet.
— de Meglin.
— merc. de Belloste.

Pomadas.

Pomada camphorada.
— de merc. cinzenta.
— — dupla.
— de pepinos.
— rosada.

Pos compostos.

Pós causticos de Vien.
— de Dower.

Pos simples.

Pós de açafrão.
— de acido arsenioso
— de alcaçuz.
— de althea.
— de alumen.
— de assafetida.
— de assucar.
— de belladona (raiz e folhas).
— de benjoim.
— de bicar. de soda.
— de borax.
— de calumba.
— de camphora.
— de canella.
— de cantharidas.
— de carvão veget.
— de castoreo.
— de cato.

Pós de cicuta.
— de colophonia.
— de cremor de tart.
— de cúbebas.
— de cusso.
— de deutochlorureto de merc.
— de digital.
— de emetico.
— de escamonéa.
— de estramonio.
— de genciana.
— de gomma alcatira.
— — arabica.
— — gutta.
— de ipecacuanha.
— de jalapa.
— de linhaça (farin).
— de lirio.
— de meimendro.
— de mostarda (far.)
— de myrrha.
— de nitro.
— de noz vomica.
— de opio.
— de oxydo rubro de mercurio (pós de Joannes).
— de paparraz.
— de ponta de veado.
— de quassia.
— de quina.
— de ratanhia.
— de rhuibarbo.
— de rosas rubras.
— de sabina.
— de salepo.
— de scilla.
— de semen-contra.
— de sene.
— de sulfato de pot.
— de tartrato de pot.
— de valeriana.

Tinturas alcoolicas.

Tintura de absinthio.
— — composta.
— de açafrão.
— de almiscar.
— de aloes.
— — composta.
— de arnica.
— de assafetida.
— de belladona.
— de benjoim.

Tintura de calumba.
— de canella.
— de canthariadas.
— de casca de laranja amarga.
— de castoreo.
— de cato.
— de cicuta.
— de colchico (bolbos).
— — (sementes).
— de cravo da India.
— de digital.
— de genciana.
— — composta.
— de guaiaco.
— de iodo.
— de jalapa.
— — composta.
— de Marte tartarizad.
— de myrrha.
— de noz vomica.
— de opio.
— de pyrethro.
— de quassia.
— de quina.
— de ratanhia.
— de rhuibarbo.
— de sabão.
— de scilla.
— de valeriana.
— vulneraria.

Tinturas ethereas.

Tintura de camphora.
— de digital.

Unguentos.

Unguento basilicão.
— cinzento.
— diachylão.
— da madre Thecla.
— napolitano.
— populeão.
— rosado.

Vinhos medicinaes.

Vinho de absinthio.
— antiscorbutico.
— aromatico.
— de genciana.
— de quina.

Xaropes.

Xarope de althea.
— de amendoas.

Xarope de amoras.	Xarope das cinco raiz.	Xarope de ipecacuan.
— antiscorbutico.	— de codeina.	— de marmelo.
— de assucar.	— de cravo vermelho.	— de musgo de Corseg.
— — incolor.	— de Cuisinier.	— — islandico.
— de avenca.	— diacodio.	— de opio.
— de bals. de Tolú.	— de digital.	— de orxata.
— de belladona.	— de erysimo comp.	— de quina.
— de capillé.	— de espargos.	— — vinoso.
— de casca de laranja amarga.	— de ether.	— de ratanhia.
— de cerejas.	— de flores de laran.	— de salsaparrilha.
— dos chantres.	— de fumaria.	— simples.
— de chicoria comp.	— de gomma.	— de thridacio.
— de chlorh. de mor.	— de groselhas.	— de valeriana.
	— de guaiaco.	— de violetas.

FÓRMAS PHARMACEUTICAS

DOS MEDICAMENTOS.

AGUAS DISTILLADAS ou **Hydrolatos.** São productos da distillação da agua com uma ou mais plantas, obtidos pelo alambique ordinario, e que contém por conseguinte todas as partes volateis e odoriferas d'essas plantas.

Todos os vegetaes contém, em proporções mui diversas, um aroma particualar susceptivel de dissolver-se em agua durante a distillação, cujos vapores vão depois condensar-se nos recipientes.

Qualquer que seja o estado odorifero da planta, basta uma unica distillação para obter a agua convenientemente saturada do principio medicamentoso volatil : sendo demonstrado por experiencia que se a *cohobação*, ou a distillação repetida de novas plantas, dá productos mais saturados, estes corrompem-se com maior facilidade. Póde-se attingir o fim que se deseja pela cohobação, augmentando a proporção das plantas e diminuindo o producto.

Empregão-se as plantas recentes ou seccas : recentes, se perdem o cheiro pela deseccação; seccas, se não perdem cousa alguma por esta causa, ou mesmo se adquirem um cheiro mais suave, como *verbi gratia* o sabugueiro, coentro, herva cidreira, etc. As substancias seccas e compactas devem ser maceradas por algum tempo em agua, antes de se proceder á distillação.

Representada por 1 a proporção da substancia empregada, a da agua distillada que se extrahe varía, conforme os casos, de 1, 1 1/2, 2 ou 4.

A distillação faz-se a fogo nú ou a vapor. O primeiro modo é usado para obter a agua de alface, rosas, canella, etc.; o segundo applica-se com vantagem para as plantas de cheiro brando e agradavel, que o fogo alteraria.

Para distillar a fogo nú, dispõe-se a substancia sobre um diaphragma metallico, collocado no fundo da cucurbita, afim de impedir que a planta toque a cucurbita e se altere pelo fogo. Deita-se a agua na cucurbita; applica-se o capitel, a serpentina e o recipiente; tapão-se com luto as juntas dos vasos; guarnece-se a serpen-

tina com agua, aquece-se gradualmente a cucurbita até á temperatura de + 100°; e a distillação effectua-se. fig. 82.

Quando se faz a *distillação a vapor*, dispõe-se o apparelho de modo que os vapores da agua a ferver atravessem a substancia que

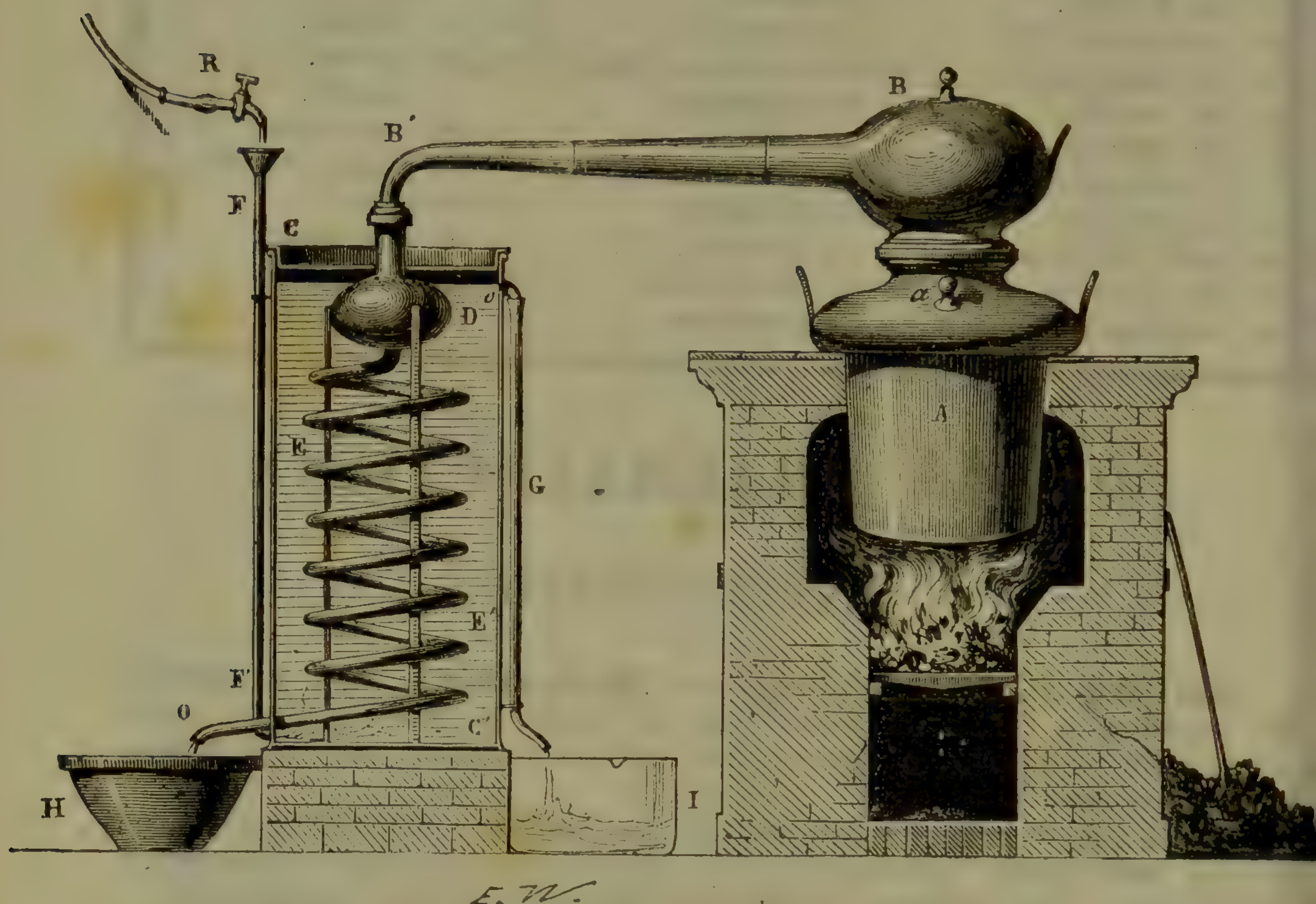


Fig. 82. — Alambique para distillar agua.

A cucurbita. — B, capitel. — D, resfriador. — EE, serpentina. — H, recipiente. *a*, abertura pela qual se introduz a agua na cucurbita.

está para distillar. O apparelho de Duportal possue as condições necessarias : compõe-se de uma caldeira que fornece o vapor da agua, de um vaso intermedio no qual se achão as plantas, e de uma serpentina á qual os vapores aromaticos chegão e se condensão.

O apparelho de Soubeiran (fig. 83) é muito mais simples; reune a dupla vantagem de dar bons productos e de não exigir senão uma pequena despeza para ser adaptado ao alambique ordinario que se acha em todas as pharmacias. Ei-lo :

Na cucurbita do alambique mergulha um banho-maria de cobre A. A travez da parte do banho-maria que se acha acima da cucurbita, passa um tubo de cobre recurvado. A ponta exterior T vai adaptar-se á abertura da cucurbita. A parte inferior du tubo T' desce ao longo das paredes interiores do banho-maria, recurva-se e vai abrir-se no meio do seu fundo T''. Este tubo é destinado a conduzir o vapor que se desenvolve pela ebullição da agua contida na cucurbita. Para maior commodidade pratica-se na cucurbita uma outra abertura, que se tapa com uma rolha, e permitte que se ajunte nova quantidade d'agua, sendo preciso. As plantas que se devem distillar collocão-se no banho-maria; mas para que sejão atraves-

sadas igualmente pelo vapor, e afim de que nenhuma de suas partes seja subtrahida á sua acção, descansão sobre um diaphragma furado (fig. 84), sustentado sobre tres ou quatro pés, que o mantem superior ao orificio do conducto de vapor. Este diaphragma acha-se

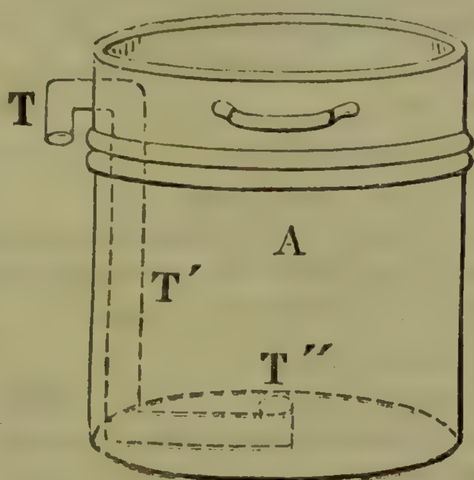


Fig. 83.



Fig. 84.

Apparelho de Soubeiran para distillação a vapor.

guarnecido, sobre os lados, de duas laminas de cobre MM, que servem para introduzi-lo facilmente, ou tira-lo com as plantas, depois de terminada a distillação. Quando se aquece, o vapor produzido na cucurbita passa para o tubo, chega ao banho-maria, atravessa as plantas, carrega-se dos seus principios volateis, e vai emfim condensar-se na serpentina.

As aguas distilladas não possuem todas as suas propriedades no momento em que acabão de ser preparadas; não adquirem a sua maior suavidade senão passado certo tempo; e por isso convem emprega-las só um ou dois mezes depois de preparadas.

As aguas distilladas corrompem-se promptamente : forma-se pouco a pouco no seu interior um deposito esbranquiçado ou esverdeado. Devem guardar-se em lugares escuros e frescos, e é necessario filtra-las de vez em quando. Conservão-se bem em frascos tapados com rolhas de vidro esmerilhadas, cobertos com papel ou com panno.

As aguas distilladas constituem uma fórma pharmaceutica importante : são o excipiente ou a parte activa das poções, collyrios, injecções, etc.

As antigas pharmacopeas indicão grande numero d'*Aguas distilladas compostas*, que não se usão hoje. As aguas distilladas empregadas actualmente são as seguintes :

Agua distillada. (Cod. fr.)

Agua de rio ou de fonte .... q. s.

Distille n'um alambique mantendo ebullição moderada. Ensaie de vez em quando o producto com os reagentes abaixo indicados, e não comece a guarda-lo senão depois do momento em que não tem acção sobre elles. Cesse a operação quando não ficar na cucurbita senão a quarta parte da quantidade da agua empregada.

A agua distillada não deve modificar a côr do papel de turnesol vermelho ou azul. Não deve turvar-se pela agua de cal, pelo azo-

tato de prata, azotato de baryta, oxalato de ammoniaco e bichlorureto de mercurio.

Agua distillada de alface. (Cod. fr.)

Alface fresca em flor, privada das folhas inferiores 10 kilog.	Agua 20 kilog.

Pise a alface, lance-a com agua na cucurbita de um alambique, e distille a fogo moderado, até obter 10 kilogrammas de producto.

Preparão-se da mesma maneira as aguas distilladas de *tanchagem*, *parietaria*, e de outras plantas inodoras.

Agua distillada de alfazema.

Flores frescas de alfazema q. v.	Agua distillada q. s.

Obtenha em producto distillado o dobro do peso das flores. Pela mesma fórma se preparão as aguas distilladas de *arruda*, *cerefolio*, *hera terrestre*, *macella*, *sabina*, *salva*, e *tanaceto*.

Agua distillada de buchu.

Folhas de buchu 500 gram.	Agua 3000 gram.

Macere por doze horas, e distille para obter 1 kilogramma d'agua distillada mui cheirosa. Nas primeiras porções obtem-se certa quantidade de essencia, que se deve separar e reservar para uso.

Agua distillada de canella. (Cod. fr.)

Canella de Ceylão 1000 gram.	Agua q. s.

Contunda a casca de canella, deixe-a macerar por doze horas na agua, e distille para obter 4000 grammas d'agua distillada.

Da mesma maneira se preparão as aguas distilladas de *aniz estrellado*, *valeriana*, etc.

Agua distillada de copahiba.

Copahiba 100 gram.	Agua q. s.

Obtem-se como todas as aguas do mesmo genero, e de maneira a ter uma solução saturada de essencia; é incolor, e exhala cheiro forte de copahiba.

Agua distillada de hortelã-pimenta. (Cod. fr.)

Summidades frescas de hortelã-pimenta 10 kilog.	Agua q. s.

Distille a vapor para obter 10 kilogrammas de producto distillado.

Da mesma maneira se preparão as aguas distilladas de *absinthio*, *hysopo*, *herva cidreira*, etc.

Agua distillada de flores de laranjeira. (Cod. fr.)

Flores de laranjeira recentemente colhidas 10 kilog.	Agua commum q. s.

Deite as flores sobre um septo furado disposto na parte superior da cucurbita, na qual se introduz, primeiro que tudo, a quantidade d'agua necessaria; arme o apparelho distillatorio, distille a vapor, e receba o liquido condensado no recipiente florentino, afim de separar o oleo essencial; continue a distillação até obter 20 kilogrammas d'agua distillada. — A mesma operação fornece o *oleo essencial de flores de laranjeira* no recipiente florentino.

Agua distillada de louro-cereja. (Cod. fr.)

Fol. rec. de louro-cereja 1 kilog.	Agua 4 kilog.

Incise as folhas, contunda-as em gral de marmore, e distille-as com a agua, a fogo moderado, até obter 1 kilogramma e meio de producto. — Acabada a operação, agite fortemente a agua distil-

lada, para obter a completa dissolução do oleo volatil, e filtre por papel molhado, para separar completamente o oleo volatil, que possa ter ficado em suspensão, em excesso. A agua de louro-cereja assim preparada contém ordinariamente de 55 a 70 millig. de acido cyanhydrico para cada 100 grammas. Para o uso medico, cumpre abaixar este titulo a 50 milligram., diluindo-a com agua distillada.

Determina-se facilmente a força da agua de louro-cereja, isto é, a proporção de acido cyanhydrico que ella contém, por meio da solução normal de sulfato de cobre contendo para 1 litro d'agua 23 grammas e 9 centigrammas d'este sal crystallizado.

Supponhamos uma agua contendo pequena quantidade de acido cyanhydrico, tal como a de louro-cereja ou de amendoas amargas; se ajuntarmos a esta agua um excesso de ammoniaco, uma parte do alcali irá saturar o acido livre para formar o cyanhydrato de ammoniaco, ao passo que a outra ficará na agua, conservando todos os caracteres que lhe pertencem no estado livre. Ajuntando então a este liquido complexo a solução de sulfato de cobre, produzir-se-hão duas acções successivas essencialmente distinctas; a primeira, caracterizada pela formação do cyanureto de ammoniaco e de cobre, terá por effeito sensivel descorar a solução á medida que ella cahir no liquido; a segunda, caracterizada pela formação do sulfato de cobre ammoniacal, outro effeito não terá senão de augmentar a côr azul d'esta solução produzindo n'ella o azul celeste. Haverá por conseguinte uma demarcação mui distincta entre estas duas acções, e, como a que se refere ao ammoniaco livre não poderá manifestar-se senão depois de determinada completamente a outra, facil é comprehender que a apparição do azul celeste, e a sua permanencia apezar da agitação, constituirá um excellente termo para a medida do acido cyanhydrico contido na agua que se experimenta.

Comprehendida esta explicação, eis-aqui o *modo de determinar a proporção do acido cyanhydrico na agua de louro-cereja.*

Toma-se um pequeno ballão de vidro de fundo chato, que se colloca sobre papel branco, afim de tornar mais sensiveis as variações de côr; deitão-se n'elle 100 grammas d'agua de louro-cereja, e 10 grammas de ammoniaco. Prepara-se, á parte, uma solução normal de sulfato de cobre, fazendo dissolver 23 grammas e 9 centigrammas d'este sal crystallizado n'uma quantidade d'agua sufficiente para obter 1 litro de solução. Enche-se com ella um burete graduado, do qual cada divisão corresponda a 1 decigramma, e deita-se gradualmente no liquido precedente em quanto ella fôr descorando, ou pelo menos em quanto o azul celeste que se forma ao contacto do ammoniaco desapparecer pela agitação. Logo que o azul se tornar fixo, o que indica que todo o acido cyanhydrico está transformado em cyanureto de ammoniaco e cobre, cessa-se de deitar a solução de cobre, e observa-se o numero das divisões empregadas. É evidente que este numero deve achar-se em relação com a quantidade de acido cyanhydrico que existia na agua de louro-cereja, submettida á experiencia.

A composição da solução normal está calculada de modo que cada divisão do burete corresponde exactamente a 1 milligramma de acido cyanhydrico. Se, pois, para 100 grammas da agua de louro-cereja se empregárão 60 divisões de solução normal, póde-se concluir que continha, sobre 100 grammas, 60 milligrammas de acido cyanhydrico, e que deve ser diluida com uma proporção d'agua distillada sufficiente, para que tenha o titulo normal de 50 milligrammas para cada 100 grammas.

Para saber a proporção d'agua que é necessario accrescentar, basta multiplicar por 60 o peso da agua de louro-cereja, 1000 grammas, por exemplo, e dividir o producto por 50; o quociente 1200 representa a quantidade total d'agua de louro-cereja de titulo normal que se deve obter, depois de junta á agua distillada. Ajuntão-se por consequencia 200 grammas d'agua distillada aos 1000 grammas d'agua de louro-cereja, e obtem-se assim 1200 grammas d'agua de louro-cereja normal, contendo 50 milligrammas de acido cyanhydrico para cada 100 grammas de liquido.

Agua distillada de matico.

Matico	100 gram.	Agua	1000 gram.

Distille para obter 500 grammas d'agua distillada.

Agua distillada de renovos de pinheiro. (Cod. fr.)

Renovos de pinheiro	1000 gram.	Agua	q. .s

Pise os renovos de pinheiro; macere-os na agua durante algumas horas, e distille até obter 4000 grammas d'agua distillada.

Agua distillada de rosas. (Cod. fr.)

Petalas de rosa pallida contusas	10 kilog.	Agua	q. s.

Distille a fogo brando até obter 10 kilogrammas de producto.

Agua distillada de flores de tilia. (Cod. fr.)

Flores seccas de tilia	1000 gram.	Agua	q. s.

Distille a vapor até obter 4000 grammas de producto distillado.

Da mesma maneira se preparão as aguas distilladas de *flores de camomilla*, de *flores de meliloto*, de *flores de sabugueiro*, de *fructos de aniz*, de *funcho* e de *cravos da India*, etc.

AGUAS ESPIRITUOSAS ou **Espiritos.** *V. Alcoolatos.*

AGUAS MINERAES. *V.* este artigo no *Formulario.*

ALCOOLATOS. Preparações que resultão da distillação do alcool com uma ou mais substancias medicamentosas : são *simples* no primeiro caso, *compostas* no segundo. Os alcoolatos forão tambem designados debaixo do nome de *espiritos.* Differem das tinturas, em primeiro lugar, pelo modo da preparação, e depois, por não conterem senão os principios volateis das substancias empregadas, e principalmente o seu oleo volatil, em quanto que as tinturas contém além d'isso os principios fixos soluveis no alcool.

Na preparação dos alcoolatos empregão-se substancias frescas ou seccas. Estas e aquellas devem ser previamente divididas, afim de serem mais facilmente penetradas pelo alcool; além d'isto devem ser maceradas por algum tempo, para facilitar a dissolução dos principios aromaticos que passão depois mais facilmente na distillação.

Os alcoolatos devem ser distillados a calor de banho-maria. Emprega-se para a sua preparação alcool mui puro, mais ou menos rectificado : para os alcoolatos simples serve o alcool a 80 gráos centesimaes (31° Cartier); emprega-se no mesmo gráo ou então a 56 gráos centesimaes (21° Cartier), e ainda a 86 gráos centesimaes (34° Cartier) para alguns alcoolatos compostos.

Alguns alcoolatos de plantas de cheiro fugace, como o jasmim, o syringa, a tuberosa, preparão-se de maneira particular. Fazem-se camadas d'estas flores, e separão-se por pedaços de fazenda de lã impregnados de azeite doce ou de oleo de ben, e comprime-se levemente tudo. Cada vinte e quatro horas renovão-se as flores, até que a lã esteja sufficientemente carregada do oleo; então lavão-se

pedaços de lã com alcool e distillão-se os liquidos de maneira ordinaria.

Poderião fazer-se alcoolatos por simples solução dos oleos volateis no alcool; mas os que se obtem d'este modo não valem os alcoolatos feitos com a planta mesma, e não os representão exactamente.

Os alcoolatos podem conservar-se por muito tempo sem se deteriorarem, com tanto que sejão guardados em lugares frescos, e em vasos de vidro bem tapados. Adquirem mesmo com o tempo mais cheiro. Obtem-se immediatamente este resultado, cercando-os de gelo.

Os alcoolatos tem menos cheiro do que as aguas distilladas obtidas com as mesmas plantas. Isto depende de que no alcool os oleos essenciaes estão em combinação intima, em quanto que na agua achão-se em suspensão. Mas deitando algumas gottas de algum alcoolato n'agua ordinaria, o cheiro immediatamente apparece, e se a porção de essencia é bastante forte, a agua torna-se esbranquiçada.

Os alcoolatos são em geral medicamentos excitantes; empregão-se ás vezes internamente, mas as mais das vezes externamente, em fricções, linimentos, embrocações, etc. Muitos, por uma addição de assucar, podem ser transformados em licores de mesa; outros são empregados como odontalgicos.

Alcoolato de alecrim (Espirito de alecrim.) Cod. fr.

Fol. fresc. de alecrim	1000 gram.	Agua dist. de alecrim	1000 gram.
Alc. a 80° cent. (31° C.)	3000 gram.		

Macere por quatro dias, e distille a banho-maria, até obter 2500 grammas de alcoolato.

Da mesma maneira se preparão os alcoolatos de *absinthio*, *alfavaca*, *alfazema*, *hortelã*, *hysopo*, *mangericão*, *mangerona*, *melissa*, *salva*, *tomilho*, e de todas as outras *Labiadas*, ou plantas aromaticas analogas.

Alcoolato de aniz. (Espirito de aniz). Cod. fr.

Fructos de aniz	1000 gram.	Alcool a 80° centes.	8000 gram.

Macere por dois dias, e distille a banho-maria, até extrahir quasi todo o alcool empregado.

Preparão-se da mesma maneira os alcoolatos de *alcaravia*, *coentro*, *funcho* e os dos outros fructos de Umbelliferas.

Alcoolato de canella (Espirito de canella). Cod. fr.

Canella de Ceylão	1000 gram.	Alcool a 80° centes.	8000 gram.

Reduza a canella a pó grosso, macere-a no alcool por quatro dias, e distille a banho-maria até obter, sob a fórma de alcoolato, quasi todo o alcool empregado.

Da mesma maneira se preparão os alcoolatos de *angelica*, *aniz estrellado*, *calamo aromatico*, *cravo da India*, *macis*, *moscada*, *sassafraz*, *zimbro*, etc.

Alcoolato de cochlearia. (Cod. fr.)

Fol. frescas de cochl.	4500 gram.	Alcool a 80° centes.	3000 gram.

Distille a banho-maria até obter 2500 grammas de alcoolato.

Preparão-se do mesmo modo os alcoolatos de *agriões*, de *agrião do Pará*, e de *rabão*.

Alcoolato de cochlearia composto. (Cod. fr.)

Fol. frescas de cochl.	3000 gram.	Alcool a 80° centes.	3500 gram.
Rz. fres. de rabão rust.	400 gram.		

Contunda primeiro a cochlearia com o rabão cortado em rodellas

mui finas, introduza tudo com o alcool em banho-maria; deixe macerar por dois dias, e tire por distillação :

Alcoolato de cochlearia composto....... 3000 gram.

Alcoolato de casca de laranja (Espirito de laranja). Cod. fr.

Amarello recente de cascas de laranjas 1000 gram.	Alcool a 80° centesimaes (31° Cartier). 6000 gram.

Macere por dois dias; distille a banho-maria até extrahir toda a parte espirituosa.

Da mesma maneira se preparão os alcoolatos de *bergamota, cidra, flores de laranjeira*, e *limão.*

Alcoolato de pyrethro.

Raiz de pyrethro 1 part.	Alcool a 56° centigr. 4 part.

Depois de quatro dias de maceração, distille toda a parte espirituosa.

ALCOOLATURAS. Dá-se este nome ao alcool carregado, por maceração, dos principios soluveis das plantas no seu estado de frescura. São tinturas alcoolicas que se preparão com as plantas recentes. Preparão-se as mais das vezes com plantas activas que pela deseccação perderião as suas propriedades, em parte ou totalmente. Devem preparar-se com alcool a 90° centesimaes (36° Cartier), afim de compensar a perda da força do alcool pela agua de vegetação das plantas.

Alcoolatura de aconito. (Cod. fr.)

Fol. rec. de aconito colhidas no começo da floresc. 1000 gram.	Alcool a 90° centes. 1000 gram.

Contunda o aconito, e faça-o macerar por dez dias; côe depois com espressão e filtre.

Preparão-se do mesmo modo as alcoolaturas de folhas de *agriões do Pará, anemona pulsatilla, alface brava, belladona, cicuta, digital, estramonio, meimendro;* de flores de *arnica,* de flores e de bolbos de *colchico.*

Alcoolatura de limão ou de *laranja.*

Casca exterior de laranja ou de limão 1 part.	Alcool a 80° centesimaes 2 part.

Macere por oito dias, côe e filtre.

A alcoolatura de limão, na dóse de 5 partes para 1000, communica ás limonadas um aroma muito agradavel.

ALCOOLEOS. V. *Tinturas alcoolicas.*

APOZEMAS (do grego *apozema*, decocção). Medicamentos liquidos que tem por base a decocção ou infusão aquosa de uma ou mais substancias vegetaes, á qual se ajuntão outros diversos medicamentos simples ou compostos, taes como saes, xaropes, electuarios, tinturas, e extractos. A decocção branca de Sydenham é um apozema.

ARROBES ou **Robes.** Designão-se debaixo d'este nome sumos de quaesquer fructos, reduzidos pela evaporação á consistencia de mel. Taes são o robe de sabugueiro, de belladona, de groselhas, etc. Os robes distinguem-se dos extractos porque estes provém não dos fructos mas de outras partes do vegetal; por exemplo, debaixo do nome de *extracto de belladona,* entender-se-ha sempre o extracto das folhas d'esta planta, entretanto que o *robe de belladona* significará o extracto obtido das bagas. — Dá-se tambem o nome de *robes,* por extensão, a alguns xaropes que contém, em relação ao assucar que levão, grande porção de succo de plantas. Tal é o *Robe antisyphilitico de Laffecteur.*

Arrobe de amoras.

Amoras mal maduras........................ q. q.

Esmague as amoras entre as mãos, e em vaso conveniente deixe depurar pela fermentação dois ou tres dias; côe com espressão. Evapore o sumo depurado até á consistencia de xarope, ajuntando-lhe metade do seu peso de assucar branco. Esta preparação deve fazer-se em vaso de barro, e a fogo moderado.

Arrobe de sabugueiro. (Cod. fr.)

Esmague as bagas de sabugueiro bem maduras entre as mãos; deixe-as em maceração durante vinte e quatro horas no seu proprio succo; submetta-as á prensa. Quando o succo tiver deposto, côe por panno de lã, e evapore a b. m. até á consistencia de mel grosso.

Preparão-se pela mesma fórma os arrobes de *bagas de belladona* e de *bagas de espinheiro cerval* (*espinha cervina*).

BALSAMOS. Em *materia medica* assim se chamão todas as substancias que contém o acido benzoico e um oleo essencial : são succos de certas arvores; tal é o benjoim, o balsamo peruviano, o de Tolú, etc. Mas em *pharmacia* designão-se debaixo do nome de balsamos, ora tinturas alcoolicas mui carregadas de resinas e de substancias aromaticas, como *v. g.* o balsamo do Commendador; ora oleos medicinaes ou pomadas; tal é, por exemplo, o balsamo de Fioravanti, o balsamo tranquillo, opodeldoch, etc.

BANHOS. Medicamentos externos, em que se mergulha por algum tempo quasi todo o corpo, ou só alguma das suas partes. No primeiro caso chamão-se *banhos geraes,* no segundo *pediluvios, manuluvios, semicupios,* ou *banhos de assento,* conforme a parte do corpo que se acha mergulhada no banho. Os banhos distinguem-se em *frios, tepidos* e *quentes.*

Os *banhos frios,* cuja temperatura é abaixo de 18° + centigrados : são tónicos. Os *banhos d'agua corrente* empregão-se com vantagem contra as escrophulas, hypochondria, hysterismo, amenorrhea, rachitismo, etc.

Os *banhos do mar* são ainda mais tónicos do que os d'agua corrente, por causa dos chlorhydratos de soda e cal que contém, e que contribuem para produzir a excitação viva de todo o systema cutaneo, e a estimular toda a economia. Os *semicupios frios* tem frequentemente suspendido as hemorrhagias uterinas, ou fluxos hemorrhoidaes abundandes. Os *pediluvios frios* tem sido uteis nas torceduras, luxações, etc.

Os *banhos frios* não convem durante a menstruação. As pessoas affectadas de aneurismas, de phlegmasias, as que são sujeitas á hemoptyse, devem igualmente absler-se d'elles.

Os *banhos tepidos* são aquelles cuja temperatura é de 25° a 30° centigrados; são emollientes e calmantes. Convem nas febres inflammatorias, nas phlegmasias abdominaes e cutaneas, no primeiro periodo da dysenteria, na nephrite, peritonite, rheumatismo agudo, irritações nervosas, espasmos, insomnias, colicas, molestias syphiliticas tratadas pelo mercurio, etc. Estes banhos são tambem uteis para facilitar os partos.

Os *banhos quentes,* aquelles cuja temperatura é de 31° a 40° centigrados : são excitantes, sudorificos e revulsivos. São aconselhados nos rheumatismos chronicos, em certos casos de seccura da pelle acompanhada de symptomas de irritação de algum orgão interno; para fovorecer a erupção dos sarampos, provocar as hemorrhoidas, etc.

A temperatuara ordinaria de um banho quente deve ser de 33° a 35° centigrados.

Os *pediluvios quentes*, empregão-se para provocar os menstruos e locchios supprimidos, para prevenir as affecções cerebraes, etc.

Os *banhos de vapor* são poderosos sudorificos e excitantes, cujas propriedades são aproveitadas nas mesmas circumstancias em que o são as dos banhos quentes, e particularmente na sarna, syphilis, dôres osteocopas, rheumatismos chronicos, contracturas musculares, falsas ankyloses, certas nevralgias, gota, laryngite, e amenorrhea. Estes banhos podem ser de vapor aquoso simples, ou aromatico.

Quando se administrão estes banhos em grande escala, costuma haver um apparelho proprio, ao qual se fazem chegar vapores d'agua commum, ou de alguma infusão de plantas aromaticas; porém em uma casa particular, substitue-se este apparelho por um tubo de gutta-percha ou de metal, convenientemente curvado, para ter uma extremidade dentro de um vaso cheio d'agua fervendo, e a outra entre os lençóes da cama do doente.

Os *banhos de chuveiro* ou *de chuva* são uteis em algumas nevroses graves, como a choréa, o hysterismo e outras. Sua temperatura é de 17° a 20° centigrados. O apparelho proprio para a sua administração consiste em uma especie de guarita de 7 pés de altura, por cima da qual se acha um reservatorio de zinco, que póde conter 30 a 40 litros d'agua, e com o fundo crivado de buracos que se tapão com uma valvula movel. O doente collocado dentro d'esta caixa, e todo despido, recebe uma especie de aguaceiro, que dura, quando muito, dois a tres minutos.

Os banhos de substancias molles ou pulverulentas, taes como os *banhos de areia quente, de estrume, de lodo das aguas mineraes*, são pouco empregados hoje. Os banhos podem fazer-se *medicamentosos*, carregando a agua de certas substancias medicinaes, taes são os banhos sulfurosos, gelatinosos, aromaticos, etc.

Em pharmacia e chimica chama-se *banho*, a massa de natureza qualquer que envolve o corpo banhado. Este banho é diversamente denominado, segundo os differentes intermedios que se empregão. — *Banho de cinza*. Em vez d'agua emprega-se a cinza quente. — *Banho de areia*. Quando em lugar de cinza ha areia no vaso sobre o qual se põe outro vaso contendo a substancia que se quer operar. — *Banho de vapor*. Quando o vaso que contém a substancia sobre a qual se opera está exposto ao vapor d'agua fervendo. — *Banho-maria*. Vaso meio cheio d'agua fervendo, collocado sobre o fogo, no qual se mette outro vaso contendo as materias sobre que se deseja operar (fig. 85).



Fig. 85.

Tacho duplo para banho-maria.

BISCOUTOS MEDICINAES. Preparações pouco numerosas, que se obtem ajuntando um soluto, um pó medicamentoso, etc., á pasta dos biscoutos, e fazendo-a cozer no forno.

A pasta dos biscoutos faz-se batendo ovos até produzir espuma, e incorporando-lhes assucar e farinha; divide-se depois em porções que se deitão em pequenos moldes de folha, ou em caixinhas de papel quadradas, untadas previamente de manteiga. Depois fazem-se cozer no forno de padaria, ou no forno de casa. Mas, as mais das vezes, entrega-se o medicamento ao pasteleiro para o deitar na

ıassa dos biscoutos. N'este caso será prudente assistir á operação, fim de ficar certo da exactidão da mistura.

A vantagem d'esta fórma pharmaceutica é apresentar o medicaıento, muitas vezes de sabor e cheiro desagradaveis, debaixo da pparencia de doce. Pelo que o emprego dos biscoutos medicinaes , salvo alguns casos, mais particularmente reservado á medicina as crianças. Devem-se preparar poucos de uma vez, e guardar em ıgar secco. Procure o leitor no Indice alphabetico d'este livro os iscoutos empregados em medicina.

BOLOS. São pilulas cujo peso passa de 30 centigrammas (6 grãos), póde chegar mesmo a 4 grammas (1 oitava).

BUGIAS, Candelinhas ou **Velinhas.** Tem este nome certos ılos quasi cylindricos, de mui pequeno diametro, que em alguns ısos se introduzem na urethra. Preparão-se com tiras de cambraia nissima, cobertas nos dois lados com substancia emplastica, e ıroladas sobre si mesma.

CALDOS MEDICINAES. São productos da decocção de uma substancia animal, ou unida a alguma substancia vegetal. Ás ezes, porém, dá-se o nome de caldos a simples decocções vegetaes, quaes se ajunta pequena quantidade de sal e manteiga; tal é o ıldo de hervas. (V. o artigo *Azeda.*)

CAPSULAS. São envoltorios da fórma e quasi do tamanho de zeitonas, feitos de gelatina e de massa de jujubas, que contém ertos medicamentos de cheiro e gosto desagradavel, e cuja admiistração se facilita por este meio. A copahiba, a essencia de terenthina, o oleo de figado de bacalhão, o oleo de ricino, etc., admiistrão-se frequentemente em capsulas.

CATAPLASMAS. São medicamentos formados de farinhas, de olpas, de pós das folhas das plantas, reduzidos por meio d'agua ervendo, ou de algum outro liquido, á consistencia de papas spessas. Ajuntão-se-lhes ás vezes pós aromaticos, camphora, oleos, nguentos, tinturas, etc. Estas substancias não devem ser incorpoıdas nas cataplasmas, mas sim estendidas sobre a sua superficie. s cataplasmas renovão-se ordinariamente duas vezes por dia, e pplicão-se a nú sobre a pelle, ou entre dois pannos. Para manter calor das cataplasmas, cobrem-se com flanella ou com tafetá gomado ordinario. As cataplasmas mais frequentemente empregadas io as de farinha de linhaça, de fecula de batatas ou de outras culas, e de miolo de pão. Foi indicado para cataplasma o glycereo amido simples, ou regado com laudano.

Diversas invenções forão ainda propostas para substituir as cataasmas de linhaça. Existem pannos impregnados de mucilagem de nhaça ou de althea, que tem o nome de *cataplasmas-Hamilton*, ou *ınnos-cataplasmas-Hamilton* (toile-cataplasme-*Hamilton*, fr.). Uma as invenções d'este genero é o *tecido-cataplasma do Doutor Blatin.* um tecido de algodão felpudo, que se molha no cozimento de nhaça, e que se applica sobre o ponto determinado; cobrindo-o epois com tafetá gommado.

Ha tambem uma invenção ingleza : chamão-lhe *Spongiopiline npermeable.* São pequenas almofadas chatas de que uma face é ermeavel e a outra impermeavel, e em cujo interior se acha a sponja feltrada. Para se servir d'ellas molhão-se em agua quente ı no cozimento de linhaça.

Uma das melhores preparações d'este genero é a *cataplasma instanınea,* inventada em 1874 pelo Dr. Lelievre, pharmaceutico de Pariz. ompõe-se de duas folhas de pasta de algodão, sobrepostas uma á

outra, que se embebem de forte solução de carragaheen (*fucus crispus*), comprimem-se depois fortemente, e seccão-se na estufa. Obtem-se assim uma especie de papelão, que basta molhar em agua quente, para ter instantaneamente uma cataplasma emolliente. Vende-se em Pariz, *Avenue Victoria*, 24.

Chamão-se *sinapismos* as cataplasmas feitas com farinha de mostarda.

CAUSTICOS ou **Vesicatorios.** Dá-se este nome aos medicamentos externos que, applicados sobre a pelle, determinão uma secreção serosa, que faz empolar a epiderme; taes são a mostarda, o trovisco, e sobretudo as cantharidas. Os causticos applicão-se debaixo da fórma de emplastos, de cataplasmas e de encerados.

CEROTOS. São preparações de consistencia semi-liquida, unicamente destinadas ao uso externo, compostas de oleo e cera, ás quaes se ajuntão frequentemente algumas substancias mais activas.

Ceroto simples. (Cod. fr.)

Oleo de amend. doces	300 gram.	Cera branca	100 gram.

Derreta a cera no oleo a calor de banho-maria; deite depois em almofariz de marmore, previamente aquecido, triture de contínuo até que arrefeça, e até que o ceroto fique perfeitamente ligado. — Serve para curar as feridas, os causticos, etc.

Ceroto de Galeno. (Cod. fr.)

Oleo de amend. doces	400 gram.	Agua distill. de rosas	300 gram.
Cera branca	100 gram.		

Aqueça a b. m. a cera, o oleo e metade da agua até derreter a cera. Deite em almofariz de marmore, previamente aquecido, triture de contínuo até que a mistura fique quasi inteiramente fria; incorpore então o resto da agua de rosas pouco a pouco, mexendo fortemente o ceroto.

Ceroto amarello. (Cod. fr.)

Cera amarella	100 gram.	Agua	250 gram.
Oleo de amend. doces	350 gram.		

Opere do mesmo modo que para o ceroto de Galeno.

O principio aromatico, contido naturalmente na cera amarella preserva o ceroto do ranço; e é com razão que em alguns hospitaes da França o ceroto amarello é exclusivamente adoptado.

Ceroto de espermacete, ceroto de Saturno, ceroto sulfureo, etc. Vejão-se as formulas no FORMULARIO, nas paginas indicadas no Indice alphabetico.

CERVEJAS MEDICINAES. Medicamentos que resultão da maceração em cerveja de differentes substancias, taes como a cochlearia, gengibre, quina, etc. São muito alteraveis, e hoje pouco empregados.

CIGARRILHAS. Preparações medicamentosas, que, tornando-se gazeiformes pela combustão, são destinadas a actuarem sobre a superficie pulmonar. Preparão-se de diversas maneiras : ou se embrulhão em papel sem colla as plantas que hão de ser queimadas, como são, por exemplo, a belladona, o estramonio, etc., para que se inspirem os seus vapores; ou então uma substancia volatil liquida ou concreta, tal como o ether ou a camphora, fica retida n'um canudo de penna por meio de um pouco de algodão, e aspirão-se a frio os vapores que d'ella se exhalão.

Cigarrilhas de estramonio. (Cod. fr.)

Folhas seccas de estramonio.................. q. s.

Corte as folhas, e introduza-as, por meio de um molde especial, em rolos de papel de cigarrilhas. — Cada cigarrilha deve conter 1 gramma (20 grãos) de folhas.

Preparão-se da mesma fórma as cigarrilhas de *digital, meimendro, belladona*, etc.

CLYSTERES. São injecções feitas no grosso intestino, por meio da seringa. Quando se quizer administrar um clyster preparado com alguma substancia medicamentosa, deve-se previamente dar um clyster d'agua simples. Por este meio as materias que possão achar-se no intestino serão evacuadas, e o remedio será mais facilmente conservado e absorvido. A substancia dos clysteres é agua, simples, ou carregada por mistura, solução, infusão, decocção, etc., de principios medicamentosos. Podem administrar-se sob esta fórma as mesmas substancias que se administrão pela bocca, mas em dóses mais fortes (ordinariamente duplas). A temperatura na qual se administrão as mais das vezes os clysteres é a do interior do corpo, 30° a 35°.

O clyster inteiro ou para adulto é de 500 grammas (16 onças) de liquido; fraccionão-se por 1/2 ou 1/4 de clyster. Quanto em maior quantidade são, tanto mais depressa são evacuados.

COLLUTORIOS. Medicamentos liquidos que não differem dos gargarejos senão em serem empregados para actuar sobre as gengivas e interior da bocca, e não sobre a garganta. Applicão-se ordinariamente por meio de pincel ou com esponja.

COLLYRIOS. Medicamentos que se applicão aos olhos doentes. Estas preparações podem ser seccas, liquidas ou gazosas. — Os *collyrios seccos* são compostos de pós mui finos, que se assoprão nos olhos por meio de um canudo de papel ou de uma penna. Os *collyrios liquidos* são misturas de liquidos de diversa natureza, com que se lavão os olhos, ou que se instillão entre as palpebras, por meio de pincel ou de panno fino. Os *collyrios gazosos* consistem em vapores que se dirigem aos olhos : são ordinariamente liquidos mui volateis (balsamo de Fioravanti, ammoniaco liquido), que se deitão sobre a palma da mão, e que se apresentão diante dos olhos, sem os tocar.

CONFEIÇÕES. V. *Electuarios.*

CONSERVAS. Medicamentos de consistencia molle, ás vezes solidos, que resultão da união do assucar com alguma substancia medicamentosa ordinariamente de origem vegetal. Algumas d'estas preparações são alteraveis; pelo que devem ser preparadas em pequena quantidade, e reformadas frequentemente.

Conserva de cannafistula ou *cannafistula cozida.* (Cod. fr.)

Polpa de cannafistula	100 gram.	Oleo essencial de flores de laranjeira	5 cent.
Xarope de violetas	75 gram.		
Assucar refinado	20 gram.		

Misture o assucar, o xarope de violetas e a polpa de cannafistula, e ponha a cozer a b. m. até ficar em consistencia de extracto molle. Aromatize, no fim da operação, com a essencia de flores de laranjeira.

Conserva de cochlearia. (Cod. fr.)

Fol. fresc. de cochlear.	100 gram	Assucar refinado	300 gram.

Pise a planta e o assucar em almofariz de marmore, até reduzir tudo a polpa homogenea. Passe por peneiro de crina.

Preparão-se do mesmo modo as conservas de todas as plantas frescas.

Conserva de cynosbatos. (Cod. fr.)

Cynosbatos colhidos *quasi* maduros q. v.	Assucar refinado q. s.

Corte o limbo do calice e a extremidade inchada do pedunculo; tire as sementes e os pellos interiores. Deite a polpa em vaso de porcelana; molhe-a com um pouco de vinho branco; colloque o vaso em lugar fresco, e mexa de vez em quando. Depois de ficar molle, pise a massa em gral de marmore, e polpe-a sobre o peneiro de crina. Ajunte então, para 2 partes d'esta polpa, 3 partes de assucar em pó. Aqueça por alguns instantes a b. m., e, depois de fria, deite a conserva em vaso de porcelana.

Conserva de rosas. (Cod. fr.)

Petalas de rosas rubras pulverizadas 50 gram.	Agua distill. de rosas 100 gram.
	Assucar em pó 400 gram.

Dilua o pó de rosas com agua de rosas; deixe em maceração por duas horas. Ajunte o assucar, e triture até perfeita mistão.

Conserva de tamarindos. (Cod. fr.)

Polpa de tamarindos 50 gram.	Assucar em pó 125 gram.
Agua 50 gram.	

Amolleça a b. m. a polpa de tamarindos com a agua; ajunte o assucar, e evapore até o producto pesar 200 grammas. Guarde em vaso de porcelana. Esta conserva representa o quarto do seu peso de polpa de tamarindos.

COZIMENTOS. Designão-se debaixo d'este nome os medicamentos liquidos, que servem para bebida habitual do doente, e que muitas vezes se preparão pela decocção de alguma planta em agua. Este modo (a decocção), antigamente muito empregado, está hoje, com justa razão, quasi abandonado. Com effeito, tem o inconveniente de modificar as propriedades medicinaes dos corpos que lhe são submettidos, ou de fazer entrar nos liquidos principios que não devem entrar, taes são os principios acres da inula campana e do alcaçuz. Mas se a decocção deve ser rejeitada no maior numero de casos, é entretanto indispensavel em muitos outros. Assim recorrer-se-ha á decocção sempre que as substancias não puderem ser dissolvidas senão pela acção prolongada da agua e do calor : n'este caso se achão o musgo islandico, a cevada, o arroz, a grama, o guaiaco, etc. — D'esta explicação resulta que muitos *cozimentos* preparão-se hoje por *infusão;* por conseguinte para designar a bebida habitual do doente dever-se-hia preferir a palavra *tisana.* (V. *Tisanas*). As proporções das substancias que entrão na composição dos cozimentos (tisanas), vão indicadas n'este FORMULARIO segundo o Codigo pharmaceutico francez de 1866, que é a pharmacopea legal do Brasil.

CREMES MEDICINAES. Dá-se este nome, em geral, ás preparações que resultão da mistura da gema de ovo e do assucar com leite, só ou unido a principios medicamentosos. Dá-se tambem este nome ás preparações que não são outra cousa senão *electuarios;* tal é, *v. g.* o *Creme peitoral de Tronchin.* Em geral, nutritivos e agradaveis ao gosto, os cremes são ao mesmo tempo medicamentos e alimentos.

CRISTEIS. V. *Clysteres.*

DECOCÇÕES ou **Decoctos.** Synonymos de *cozimentos.*

DUCHAS. V. *Emborcações.*

ELECTUARIOS, Confeições ou **Opiatos.** São preparações de consistencia molle, compostas de pós, polpas, extractos ou pro-

ductos immediatos dos vegetaes, bem como de substancias animaes ou mineraes misturadas com assucar, mel ou vinho.

ELIXIRES. São soluções de muitas substancias em alcool; isto é, são tinturas alcoolicas compostas.

EMBORCAÇÕES ou **Duchas.** Consistem em applicações de columnas de liquido de diametro e temperatura variaveis, que tocão qualquer parte do corpo, com força tambem variavel e dependente da altura do reservatorio. As emborcações são *ascendentes* quando se dirigem de baixo para cima : *descendentes* quando se fazem em sentido inverso; *horizontaes* quando se fazem lateralmente : tambem podem ser frias, tepidas ou quentes; de agua simples, de decoctos de plantas medicinaes, ou de aguas mineraes.

O tempo que deve durar uma emborcação varía conforme as circumstancias; mas ordinariamente é de 10 a 20 minutos.

O apparelho proprio para dar emborcações é mui simples; consta de um reservatorio collocado na altura de 3 até 12 pés, e do fundo do qual parte um tubo de couro mui flexivel, com uma torneira na extremidade e mais um appendice. O diametro da torneira é de 6 a 12 linhas, que se póde diminuir á vontade. O appendice, de tirar e pôr, póde fazer com que a torneira termine em pontas de variadas fórmas, sendo algumas vezes como as dos regadores. — Empregão-se as emborcações frias em muitos casos de alienação mental, na melancolia, mania, hypochondria, etc. As emborcações quentes são uteis nas hemiplegias, paralysias locaes, dôres rheumaticas chronicas, em alguns casos de ankyloses incompletas, enfartes indolentes, etc. As emborcações sulfurosas quentes convem especialmente contra as molestias de pelle.

EMBROCAÇÕES. São applicações sobre a pelle, de algum liquido oleoginoso. Chamão-se tambem *embrocações* os liquidos que servem para fazer estas applicações.

EMPLASTOS. Medicamentos externos, que tem por base, ora corpos gordos e resinosos, ora o sabão de oxydo de chumbo. São de consistencia dura, mas plastica. São mais consistentes do que os unguentos; amollecem, sem se derreterem, pelo calor do corpo : conservão a fórma que se lhes deo, e adherem á pelle sobre que se applicão.

Dá-se tambem o nome de *emplastos* ao que os antigos pharmacologistas chamavão *escudetes*, isto é, ás preparações acima indicadas estendidas sobre pellica, papel ou sparadrapo.

Quando a substancia empregada é molle, estende-se com espatula; mas como seria difficil fazer isto com regularidade, cobre-se a pellica ou o sparadrapo com um pedaço de papel, de cartão ou de folha de Flandres tendo uma abertura do tamanho que se quer dar ao escudete. Estende-se uniformemente a substancia emplastica sobre a parte vasia do molde, e, isto feito, tira-se este.

Quando a massa é firme, como acontece ordinariamente, aquece-se nas mãos ou na agua morna, e estende-se com o pollegar molhado; depois extinguem-se os signaes deixados pelo dedo rolando sobre a superficie do escudete uma garrafinha cylindrica molhada, e com a faca regularizão-se as margens. Póde-se ainda estender a massa com espatula ou ferro proprio aquecido (fig. 86), ou, ainda, operando sobre uma chapa metallica aquecida. Mas o meio preferivel a todos os que precedem, para os emplastos correntes (o de cicuta, Vigo, diachylão)[1], consiste em estender a massa com o sparadrapeiro (fig. 87, p. 84), em camada convenientemente espessa, sobre papel ou panno, cortar este sparadrapo em pedaços do tamanho

necessario, e fazer pega-los com amido, mucilagem de gomma arabica ou gelatina derretida, ao avesso, á pellica ou sparadrapo ordinario.



Fig. 86.

Ferro de estender a massa para emplastos.

Se a massa, que forma o escudete, fôr de natureza pouco adhesiva, estende-se na margem uma tira de sparadrapo de diachylão gommado, que além de fixar o escudete na parte do corpo a que se quer applicar, serve tambem para impedir que a massa medicamentosa corra para fóra da pellica ou panno em que se estendeo.

Dão-se ordinariamente 2 millimetros (um pouco menos de 1 linha) de espessura aos escudetes, o que corresponde a 20 centigrammas (4 grãos) de emplasto por centimetro quadrado.

De ordinario os medicos designão nas receitas, em centimetros, a largura e o comprimento dos emplastos; ou tração com a penna a fórma e a extensão que o emplasto deve ter.

Os emplastos applicados sobre a pelle produzem excitação local, de effeito lento, mas susceptivel de estender-se aos tecidos subjacentes; uma parte dos elementos que entrão na sua composição é absorvida e póde penetrar na circulação. Empregão-se como agglutinativos para manter reunidas as margens das feridas; como resolventes, contra certos engurgitamentos, como meio de apressar a suppuração dos tumores indolentes. Servem de excipiente a materias mais activas que são lentamente absorvidas pela pelle : por exemplo, a cicuta e a belladona, ou o mercurio no emplasto de Vigo.

Distinguem-se duas especies de emplastos. Uns, que se podem chamar *emplastos resinosos*, tem uma composição semelhante á dos unguentos, de que só differem pela proporção mais consideravel de materias solidas. Outros, para os quaes se reserva mais particularmente o nome de *emplastos*, contém oxydo de chumbo combinado com os acidos oleico, margarico e stearico. Entre estes, alguns se preparão sem o intermedio da agua, e a uma temperatura que excede muito a do ponto de ebullição d'este liquido. As preparações que se obtem assim são roxas, em consequencia da alteração de uma parte do corpo gordo, e chamão-se *emplastos queimados*.

§ I. **Emplastos resinosos.** A maneira de preparar os emplastos d'esta serie differe pouco, e muitas vezes não differe da maneira posta em uso na confeição dos unguentos. As mais das vezes derretem-se juntas todas as substancias : o emplasto de cera, e o de espermacete são d'elles exemplos. A terebinthina, que entra na composição dos emplastos, não se ajunta senão no fim da operação, para que o calor não dissipe uma parte do oleo essencial.

Depois de derretidas as materias gordas e resinosas, incorporão-se n'ellas muitas vezes outras substancias; estas devem sempre ser bem dispostas para a mistura; assim os pós serão muito finos, os extractos estarão sufficientemente amollecidos, o mercurio extincto, a camphora dissolvida em um pouco de oleo. Os pós serão lançados por meio do peneiro; e mexer-se-hão no momento da queda para que se dividão perfeitamente na massa, e não se engrumem.

Quando todas as substancias que entrão n'um emplasto estão misturadas e formão um todo homogeneo, deixa-se esfriar a massa

a um gráo tal que se possa malaxar com as mãos molhadas n'agua. Esta operação executa-se sobre uma mesa molhada, e termina-se pela divisão do emplasto em cylindros mais ou menos grossos, chamados *magdaleões*.

Quando um emplasto contém muitas materias extractivas ou salinas soluveis n'agua, convem malaxa-lo pouco tempo; de mais cumpre empregar a menor quantidade d'agua possivel, ou substitui-la pelo azeite. Os magdaleões guardão-se envoltos em papel. A superficie de alguns emplastos cobre-se de mofo : preservão-se d'este inconveniente untando-os ligeiramente de oleo de linhaça, que secca e forma um verniz preservativo. Cumpre, na preparação dos emplastos, não incorporar os pós, extractos, etc., senão quando a agua contida na mistura de azeite, cera, e resina, foi totalmente expulsa pelo calor; porque este liquido é a primeira causa do mofo.

§ II. **Emplastos com oxydo de chumbo.** Tem por base as combinações do chumbo com os acidos oleico, stearico, palmitico ou margarico,

A combinação do oxydo com as gorduras e oleos faz-se, 1° com o intermedio da agua; 2° sem este intermedio.

Emplastos preparados com o intermedio da agua. Os oleos vegetaes não são todos igualmente proprios para a preparação dos emplastos. Os oleos naturalmente mucilaginosos, ou os que se tornão taes artificialmente, produzem emplastos pouco consistentes. De todos os oleos, o azeite doce merece a preferencia : produz um emplasto pouco corado e de consistencia conveniente. O oleo de ricino fornece um emplasto solido, mas menos branco. Com a banha de porco o emplasto é mais viscoso do que o emplasto fornecido pelo azeite doce.

O lithargyrio é, de todos os oxydos de chumbo, o mais conveniente para a preparação dos emplastos. Não é indifferente tal ou tal lithargyrio do commercio. O lithargyrio inglez fornece um emplasto de alvura e consistencia conveniente; pelo contrario, o lithargyrio de Hamburgo produz um emplasto privado das qualidades offerecidas pelo precedente. Estas differenças são devidas aos diversos gráos de pureza dos lithargyrios.

Eis-aqui o modo da preparação : Derretão-se os corpos gordos; ajunte-se-lhes o lithargyrio pulverizado, e depois um pouco d'agua fervendo. Aqueça-se para entreter a mistura fervendo, e mexa-se com espatula de páo, até que a mistura adquira consistencia conveniente, o que se conhece quando uma pouca de massa, malaxada em agua fria, não se apega aos dedos. Conhece-se que este momento se approxima, quando a mistura perde a côr primitiva, e quando se levanta. Durante todo o tempo que dura a operação, ajuntem-se de vez em quando quantidades d'agua quente correspondentes ás que se evaporão. Graças a esta precaução indispensavel, a temperatura não se eleva acima de 100 gráos, e o emplasto não póde queimar-se. Estando accidentalmente evaporada toda a agua, se se quizer ajuntar nova porção d'este liquido, cumpre deixar esfriar o emplasto; pois que tendo a sua temperatura excedido 100 gráos, a agua posta em contacto com elle seria immediatamente reduzida a vapor, e, desenvolvendo-se com violencia, produziria a explosão da materia, não sem perigo para o operador. Estando a saponificação terminada, e o emplasto quasi frio, malaxa-se com as mãos molhadas para separar a agua carregada de glycerina, e rola-se em magdaleões.

Emplastos preparados sem o intermedio da agua, ou *queimados*. Uma unica especie de emplasto queimado se usa ainda hoje, é o *unguento da madre Thecla*, que é um verdadeiro emplasto. V. p. 80.

Emplasto de acetato de cobre (cera verde). Cod. fr.

Cera amarella	100 gram.	Terebinthina ordinaria	25 gram.
Pez branco	50 gram.	Subacet. de cob. porph.	25 gram.

Divida o sub-acetato de cobre na terebinthina, ajunte a mistura da cera e do pez branco previamente derretidos, mexa até o emplasto esfriar, e faça magdaleões.

É o remedio ordinario dos curiosos contra os callos. O *Emplasto inglez de Kennedy* contra os callos não differe sensivelmente d'este.

Emplasto adhesivo, agglutinativo ou *de André de la Croix.* (Cod. fr.)

Pez branco	200 gram.	Terebinthina ordinaria	25 gram.
Resina elemi	50 gram.	Oleo de louro	25 gram.

Derreta tudo a calor brando, côe por panno de linho, e guarde. É este emplasto que alguns industriosos preconizão contra os callos.

Emplasto de alcatrão.

Pez	8 gram.	Alcatrão	125 gram.
Cera amarella	90 gram.		

Emplasto de André de la Croix. V. *Emplasto adhesivo.*

Emplasto anodyno calmante. (Boerhaave.)

Cera branca	250 gram.	Extracto de succo de meim., de dormideiras, cicuta, aná	30 gram.
Oleo rosado	30 gram.		

Dissolva a cera com o oleo, e incorpore os extractos. Scirrho.

Emplasto aromatico.

Incenso em pó	48 gram.	Oleo volatil de pimenta da Jamaica	4 gram.
Cera amarella	8 gram.	Oleo volatil de limão	4 gram.
Canella em pó	12 gram.		

Derreta a cera e o incenso, e quando a mistura estiver quasi fria, ajunte-lhe as outras substancias, incorporando e fazendo emplasto s. a., que se divide em magdaleões.

Emplasto de belladona com extracto. V. *Emplasto de cicuta com extracto.*

Emplasto contra os callos. (Baudot.)

Cera branca	4 gram.	Acetato de cobre	2 gram.
Emplasto de pez	2 gram.	Essencia de terebint.	25 cent.
Galbano	2 gram.	Creosota	10 cent.

Derreta as tres primeiras substancias; côe, e ajunte as outras tres.

Emplasto de Canet, emplasto de oxydo vermelho de ferro. (Cod. fr.)

Emplasto simples	100 gram.	Azeite doce	80 gram.
— diachylão gomm.	100 gram.	Colcothar	100 gram.
Cera amarella	100 gram.		

Porphyrize o colcothar com a metade do azeite, até fazer massa homogenea; derreta á parte os emplastos, a cera e o resto do azeite. Ajunte o colcothar, mexa até a massa emplastica arrefecer quasi de todo, e divida-a em magdaleões.

Seccante; usa-se no curativo das ulceras.

Emplasto de cantharidas. V. o artigo *Cantharidas.*

Emplasto contra o catarrho pulmonar. V. *Emetico.*

Emplasto caustico. V. *Cantharidas.*

Emplasto cephalico. V. *Emplasto de opio composto.*

Emplasto de cera.

Cera amarella	150 gram.	Pez	50 gram.
Sebo	150 gram.		

Emplasto de cera verde. V. *Emplasto de acetato de cobre.*

Emplasto ceroeno. (Cod. fr.)

Pez de Borgonha	400 gram.	Bolo armen. prepar.	100 gram.
Pez negro	100 gram.	Myrrha pulverizada	20 gram.
Cera amarella	100 gram.	Incenso pulverizado	20 gram.
Sebo de carneiro	50 gram.	Minio porphyrizado	20 gram.

Derreta primeiro o pez negro e o de Borgonha; depois a cera e o sebo; côe com espressão por panno, e, quando a massa tomar, depois de arrefecida, a consistencia do ceroto, incorpore as outras substancias pulverizadas, passando-as por peneiro.

Emplasto de cicuta. (Cod. fr.)

Resina de pinho	940 gram.	Oleo de cicuta	130 gram.
Pez branco purificado	440 gram.	Fol. verdes de cicuta	2000 gram.
Cera amarella	640 gram.	Gomma ammoniaco	500 gram.

Derreta em tacho de cobre, a fogo brando, a resina de pinho, o pez branco, a cera e o oleo de cicuta; ajunte as folhas de cicuta pisadas, e continue a aquecer até se evaporar toda a agua da planta. Submetta a substancia quente á acção de uma forte prensa. Torne a derreter a massa emplastica, e deixe-a esfriar lentamente para dar tempo ás materias estranhas a depôrem-se lentamente, e para poder separa-las com facilidade. Feita esta separação, misture a gomma ammoniaco com a massa, fazendo-as derreter juntas, e vase o emplasto em potes.

Emplasto de cicuta com extracto. (Cod. fr.)

Extr. alcoolico de cicuta	90 gram.	Cera branca	10 gram.
Resina elemi purific.	20 gram.		

Derreta a resina e a cera a calor brando, e ajunte o extracto de cicuta. Este emplasto é mui activo. — Prepare do mesmo modo os emplastos com os extractos alcoolicos de *belladona, digital*, e *estramonio;* e com o extracto aquoso de *opio.*

Emplasto de cicuta e iodureto de chumbo. (Ricord.)

Emplasto de cicuta	8 gram.	Iodureto de chumbo	1 gram.

Contra as mulas e engurgitamentos chronicos do testiculo.

Emplasto commum. V. *Emplasto simples.*

Emplasto confortativo. (Cordeiro.)

Pez louro	400 gram.	Myrrha em pó	1 gram.
Cera amarella	160 gram.	Sangue-drago	1 gram.
Terebinthina ordinaria	60 gram.	Sandalos rubros	1 gram.
Banha	40 gram.	Bolo armenio	1 gram.
Incenso em pó	1 gram.		

Derreta as quatro primeiras substancias, côe, e ajunte os pós, previamente misturados, agitando bem, até meio solidificado, e faça emplasto segundo a arte.

Emplasto diachylão gommado. (Cod. fr.)

Emplasto simples	1500 gram.	Azeite doce	50 gram.
Cera amarella	250 gram.	Gomma ammon. purific.	30 gram.
Pez branco purific.	100 gram.	Galbano purificado	30 gram.
Terebinthina	150 gram.	Sagapeno purificado	30 gram.
Resina elemi purific.	100 gram.		

Ponha todas estas substancias em tacho de cobre, derreta-as a calor brando. Arrefecida a massa, divida-a em magdaleões.

Emplasto diapalma. (Cod. fr.)

Emplasto simples	800 gram.	Sulfato de zinco	25 gram.
Cera branca	50 gram.		

Derreta o emplasto com a cera, e ajunte-lhe o sulfato de zinco

desfeito em mui pouca agua. Deixe a massa no fogo brando, até se evaporar a agua.

Emplasto de digital com extracto. V. *Emplasto de cicuta.*

Emplasto divino.

Diachylão gommado	30 gram.	Verdete	1 gram.

É o *emplasto divino verde.* Para obter o *emplasto divino rubro,* basta aquecê-lo para decompôr o verdete.

A esta formula póde-se reduzir a formula do *Emplasto dos doze Apostolos,* e a do *Emplasto da mão de Deos.*

Emplasto contra as dôres osteocopas. V. *Mercurio.*

Emplasto emolliente ou *de Zacharias.*

Cera amarella	24 part.	Oleo de linhaça	6 part.
Banha	6 part.	Raiz de althea em pó	4 part.
Tutano	6 part.		

Emplasto de espermacete.

Espermacete, cera branca, oleo de amendoas doces, aná.... p. ig.

Derreta, e faça emplasto segundo a arte.

Emplasto estomachico.

Cera amarella	360 gram.	Incenso	45 gram.
Pez branco	120 gram.	Balsamo do Perú	45 gram.
Terebinthina	30 gram.	Manteiga de moscadas	45 gram.
Estoraque solido	120 gram.	Essencia de cravo	2 gram.

Emplasto de estramonio. V. *Emplasto de cicuta com extracto.*

Emplasto fundente, emplasto de sal ammoniaco, emplasto volatil. (Kirkland.)

Emplasto simples	15 gram.	Sal ammoniaco	2 gram.
Sabão	8 gram.		

Derreta o emplasto e ajunte o sabão, e, quando a mistura esfriar, ajunte o sal ammoniaco. — Tumores brancos, indurações, rheumatismos.

Emplasto fusco, roxo, queimado, ou *Unguento da madre Thecla.* (Cod. fr.)

Azeite doce	1000 gram.	Lithargyrio em pó fino	500 gram.
Banha	500 gram.	Sebo de carneiro	500 gram.
Manteiga	500 gram.	Pez negro purificado	100 gram.
Cera amarella	500 grám.		

Deite todas as materias gordurosas em tacho de cobre, e aqueça até principiarem a deitar fumo; ajunte então pouco a pouco o lithargyrio pulverizado, mexendo continuamente com espatula de páo : deixe a mistura no fogo mexendo continuamente, até que a massa tome a côr roxa escura; ajunte então o pez negro, que é necessario purificar previamente, derretendo-o e coando-o por panno de linho. Quando o emplasto estiver em grande parte esfriado, deite-o em moldes de papel ou vaso proprio. — Empregado como maturativo nos abcessos.

Emplasto de galbano.

Terebinthina	5 gram.	Galbano	12 gram.
Cera amarella	8 gram.		

Derreta a cera com a terebinthina, e ajunte o galbano amollecido pelo vinagre.

Emplasto de galbano e açafrão V. *Emplasto oxycroceo.*

Emplasto de galbano camphorado.

Emplasto de galb. e açaf.	8 gram.	Camphora	1 gram.
Carbonato de ammon.	1 gram.	Petroleo	1 gram.

Rheumatismo chronico.

Emplasto de gomma ammoniaco. (Cod. fr.)

Cera amarella	100 gram.	Terebinthina ordin.	100 gram.
Pez-resina	100 gram.	Gomma ammoniaco	200 gram.

Derreta, e deite em vaso proprio.

Emplasto iodado.

Iodo em pó	2 gram.	Emp. simp. amoll. ao fogo	30 gram.

Emplasto iodurado.

Iodureto de potassio	5 gram.	Empl. simp. amollecido	40 gram.

Emplasto de iodureto de potassio composto.

Iodureto de potassio	30 gram.	Olibano	180 gram.
Cera	24 gram.	Azeite doce	8 gram.

Estendido sobre panno, este emplasto serve para resolver] os tumores indolentes.

Emplasto de Lanthois.

Galbano	30 gram.	Extracto de Saturno	15 gram.
Quina em pó	30 gram.	Cera amarella e oleo de zimbro	q. b.
Colophonia	30 gram.	para fazer emplasto.	
Terebinthina	15 gram.		

Emplasto da mão de Deos. V. p. 80.

Emplasto maravilhoso. (Rademacher.)

Emplasto simples um tanto queimado	750 gram.	Camphora	8 gram.
Succino	12 gram.	Alumen calcinado	4 gram.

Emplasto de meliloto.

Meliloto recente	3 gram.	Colophonia	6 gram.
Sebo	4 gram.	Cera	8 gram.

Contundido o meliloto, lança-se no sebo já derretido, e conserva-se em calor moderado, até se evaporar a agua de vegetação da planta; ajunta-se depois a colophonia e a cera.

Emplasto mercurial ou *de Vigo.* (Cod. fr.)

Emplasto simples	2000 gram.	Myrrha	30 gram.
Cera amarella	100 gram.	Açafrão	20 gram.
Pez-resina purificado	100 gram.	Mercurio	600 gram.
Gomma ammoniaco	30 gram.	Estoraque liquido	300 gram.
Bdellio	30 gram.	Terebinthina ordin.	100 gram.
Olibano	30 gram.	Oleo volatil d'alfazema	10 gram.

Reduza a pó o bdellio, o olibano, a myrrha, e o açafrão; triture á parte, em almofariz de ferro um tanto aquecido, o mercurio, o estoraque, a terebinthina, e o oleo volatil de alfazema, até desapparecerem completamente os globulos metallicos. Derreta o emplasto simples com a cera, pez-resina e gomma ammoniaco purificada. Ajunte as substancias pulverizadas, deixe arrefecer até que o emplasto tenha tomado a consistencia de pomada molle; ajunte então a mistura mercurial, e incorpore-a pela agitação.

Emplasto de minio camphorado, Emplasto de Nuremberg ou *de oxydo de chumbo rubro camphorado* (Cod. fr.)

Emplasto simples	600 gram.	Minio	150 gram.
Cera amarella	300 gram.	Camphora em pó	12 gram.
Azeite doce	100 gram.		

Derreta o emplasto com a cera; incorpore o minio previamente porphyrizado com o azeite doce, e, depois de ficar a massa quasi arrefecida, ajunte a camphora.

Emplasto de mucilagem.

Oleo de mucilagem	250 gram.	Gomma ammoniaco	30 gram.
Resina de pinho	90 gram.	Opopanaco	30 gram.
Terebinthina	30 gram.	Açafrão	10 gram.
Cera amarella	1000 gram.		

Derreta a fogo brando o oleo e as resinas; côe; ajunte a cera; derreta-a; incorpore as gommas-resinas dissolvidas e reduzidas á consistencia de extracto; por fim, ajunte o açafrão.

Para preparar o *oleo de mucilagem*, infunde-se n'agua 1 parte de linhaça, 1 parte de sementes de feno grego, e 2 partes de raiz de althea; mistura-se a infusão com 2 partes de azeite doce, e evapora-se até desapparecer quasi completamente a agua; côa-se sem espressão.

Emplasto odontalgico. V. *Emplasto de opio composto.*

Emplasto de opio.

Pez branco	90 gram.	Opio em pó	15 gram.
Emplasto simples	400 gram.		

Derreta o pez com a cera, e, fóra do fogo, ajunte o opio.

Emplasto de opio eomposto, Emplasto calmante, odontalgico, cephalico, ou *temporal.*

Pez-resina	6 gram.	Almêcega	1 gram.
Tacamahaca	2 gram.	Olibano	1 gram.
Elemi	2 gram.	Camphora	1 gram.
Opio	3 gram.		

Applica-se nas fontes ou sobre o angulo dos queixos nas dôres de dentes; introduz-se tambem na cavidade dos dentes cariados, ou applica-se sobre as gengivas.

Emplasto oxycroceo ou *Emplasto de galbano e açafrão.*

Cera amarella	15 gram.	Açafrão	23 gram.
Sebo	8 gram.	Galbano	3 gram.
Azeite doce	23 gram.		

Derreta a cera com o sebo e azeite, e ajunte as outras substancias.

Emplasto de oxydo vermelho de ferro. V. *Emplasto de Canet.*

Emplasto de petroleo.

Pez branco	15 gram.	Opio	1 gram.
Camphora	4 gram.	Petroleo	q. s.

Rheumatismo chronico.

Emplasto de pez de Borgonha. (Cod. fr.)

Cera amarella	1000 gram.	Pez de Borgonha	3000 gram.

Derreta a calor brando, e côe por panno de linho. Applica-se no peito ou nas costas, contra as dôres internas do peito, e tosses rebeldes.

Emplasto do pobre homem [ou *papel alcatroado*. (Cod. fr.)

Colophonia	300 gram.	Cera amarella	100 gram.
Alcatrão purificado	200 gram.		

Derreta juntas estas substancias, e estenda a mistura em camadas delgadas sobre folhas de papel. Applica-se no peito na bronchite chronica.

Emplasto dos quatro fundentes ou *Emplasto resolvente*. (Cod. fr.)

Emplasto de sabão	100 gram.	Emplasto mercurial	100 gram.
— de cicuta	100 gram.	— de diachylão gom.	100 gram.

Derreta juntos os emplastos a calor brando, em vaso de barro ou de ferro, e misture agitando-os.

Emplasto rôxo. V. *Emplasto fusco*.

Emplasto de sabão. (Cod. fr.)

Emplasto simples	2000 gram.	Sabão branco	125 gram.
Cera branca	100 gram.		

Derreta o emplasto com a cera; ajunte o sabão previamente cortado com faca ou raspado, e incorpore por agitação.

Emplasto de sabão camphorado. (Cod. fr.)

Emplasto de sabão	100 gram.	Camphora pulverizada	1 gram.

Emplasto simples ou *commum*. (Cod. fr.)

Lithargyrio em pó	2000 gram.	Azeite doce	2000 gram.
Banha de porco	2000 gram.	Agua commum	4000 gram.

Metta em grande tacho de cobre a banha, o azeite e a agua; derreta; ajunte o lithargyrio fazendo-o passar por peneiro, e mexa com espatula de páo para obter a mistura exacta. Mantenha a agua em ebullição, mexendo de contínuo as materias com a espatula, até a massa adquirir uma côr branca uniforme e consistencia solida; o que se conhece quando pequena porção d'ella, lançada em agua fria, toma a consistencia precisa para poder amassar-se sem pegar-se aos dedos. Deixe então arrefecer, até que se possa pegar na massa com as mãos, e, estando ainda o emplasto quente, amasse-o para separar alguma agua, e divida-o em magdaleões. — O emplasto simples é o excipiente da maior parte dos emplastos compostos.

Emplasto de thapsia. V. *Thapsia*.

Emplasto vermifugo.

Cera amarella	90 gram.	Atanasia	12 gram.
Terebinthina	24 gram.	Sabina	12 gram.
Oleo de absinthio por infusão	24 gram.	Absinthio	12 gram.
Aloes	12 gram.	Oleo volatil de sabina	4 gram.
Coloquintidas	12 gram.	Petroleo	4 gram.

Derreta a cera e terebinthina com o oleo de absinthio; ajunte os pós de aloes, coloquintidas, atanasia, sabina e absinthio, incorporados em 90 grammas de fel de boi; ajunte por fim, á massa quasi arrefecida, o oleo de sabina e o petroleo.—Applica-se sobre o ventre, contra as lombrigas.

Emplasto vesicatorio. V. *Cantharidas*.

Emplasto de Vigo. V. *Emplasto mercurial*.

EMULSÕES. Dá-se o nome de *emulsões* a liquidos de apparencia leitosa, que se preparão *dividindo* as sementes oleosas por meio da agua. Estas emulsões são constituidas por oleo mantido em suspensão por meio da materia albuminosa das sementes. São medicamentos muito alteraveis, e por este motivo não devem ser preparados senão no momento em que são precisos. — Dá-se tambem o

nome de emulsões a preparações que tem a mesma apparencia que as precedentes, mas cuja composição é differente; obtem-se dividindo e suspendendo algumas materias oleosas, resinosas ou gommo-resinosas em agua por meio de mucilagem ou gema de ovo. Procure o leitor no indice alphabetico as diversas emulsões, cujas formulas existem n'este FORMULARIO.

ENCERADOS, Sparadrapos ou **Oleados.** São pedaços de panno de linho ou algodão sobre os quaes se estende de um lado qualquer substancia emplastica. Preparao-se fixando bem o panno e estendendo-o de modo que fique sem pregas e bem liso, lançando sobre elle o emplasto meio derretido; distribuindo-o com igualdade mediante uma faca, ou espatula de páo, de marfim, de metal, ou com o instrumento chamado *sparadrapeiro*. O caracter essencial d'esta preparação é que o panno seja o mais liso possivel; que o emplasto fique uniformemente estendido, com a mesma espessura em toda a sua extensão; sufficientemente pegajoso e flexivel, e que possa amollecer-se com o calor dos dedos.

O *Sparadrapeiro* (fig. 87) é composto de uma taboa grossa, com uma chapa de ferro embutida em parte da sua superficie. Na extremidade da chapa, a poucas linhas de distancia da sua margem, elevão-se de uma e outra parte duas peças de ferro quadrangulares. Estas peças deixão entre si um espaço sufficiente para introduzir, quando se quizer, uma regoa plana de ferro, com um córte obliquo na margem inferior. Quando se quer operar, derrete-se a materia emplastica, aquece-se a regoa do sparadrapeiro, põe-se sobre elle o tecido, colloca-se a regoa no seu lugar, pondo-se debaixo de cada uma das extremidades um pedaço de cartão da espessura de linha e meia a duas linhas; é além d'isso preciso que o córte obliquo da margem inferior da regoa fique do lado opposto ao operador. Dispostas assim as cousas, o operador pega no tecido com a mão esquerda, o mais proximamente possivel da regoa na face anterior; lança com a mão direita a materia emplastica junto da regoa na sua face posterior, de modo que cubra toda a largura do tecido; puxa este, levantando a mão de modo que faça um angulo de 30° com o plano da mesa, e continua a lançar de tempos a tempos um pouco de emplasto. Póde-se tambem mandar puxar o panno por um ajudante. Depois de algumas horas de exposição ao ar, cortão-se as duas extremidades e as margens do panno, e rola-se sobre si sem comprimi-lo.

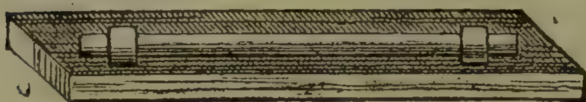


Fig. 87. — Sparadrapeiro.

Um cuidado importante na preparação dos sparadrapos, consiste na escolha dos tecidos. Empregando o panno de linho, deve ser de fios chatos. O panno de algodão não deve ser nem mui fino nem mui liso; tambem não deve ser gommado; póde igualmente servir o morim crú tendo, pelo menos de um lado, alguma pennugem. Esta pennugem serve a reter o emplasto mais fortemente.

Encerado commum ou *Encerado diachylão gommado* (Cod. fr.). Emplasto diachylão gommado q. s. Derreta a fogo brando e estenda-o sobre o panno de algodão ou de linho com faca de ferro ou sparadrapeiro. É preciso empregar 40 a 50 grammas de massa emplastica, para cobrir convenientemente um panno de 1 metro de comprimento sobre 16 centimetros de largura. — Este encerado deve ser

reformado frequentemente. O encerado commum cortado em tiras serve para fazer pontos falsos no curativo das feridas.

Encerado inglez ou *tafetá*. (Cod. fr.)

Colla de peixe	50 gram.	Alcool a 60°	400 gram.
Agua commum	400 gram.		

Corte a colla de peixe em pequenos pedaços, lance-a na agua, e deixe-a em maceração por 24 horas; ajunte depois o alcool e opere a solução a b. m. Côe finalmente por panno de linho. — Em seguida estire sobre uma grade tafetá preto, côr de rosa ou branco, conforme a côr que se quer dar ao encerado inglez. Estenda com pincel macio sobre este tafetá bem tésto uma camada do liquido preparado, que se deve manter liquido por meio de calor brando. Deixe seccar, e estenda successivamente umas poucas de camadas, até que o tafetá esteja sufficientemente carregado. Depois de seccas guarde as tiras inteiras, ou divididas em pequenos quadrados.

Serve para reunir as margens das feridas pequenas. — O tafetá côr de rosa é preferivel ao preto, porque este, applicado sobre a ferida, deixa ás vezes uma marca preta indelevel, por causa da materia colorante que se introduz debaixo da pelle.

Aos encerados pertence tambem o *papel chimico*. V. *Papeis emplasticos*.

ESCUDETES. Preparações pharmaceuticas de diversa natureza, porém mais commummente emplasticas, estendidas em camada delgada sobre pellica, panno, ou sparadrapo, que se applicão sobre differentes partes do corpo. V. *Emplastos*.

ESPECIES. Dá-se este nome a certa reunião de vegetaes, seccos, cortados e misturados exactamente. Todos estes vegetaes devem ter uma acção analoga, e deve-se ter o cuidado de não associar senão substancias de textura e consistencia semelhantes, e que cedão os seus principios activos ao mesmo modo de extracção, á infusão, á decocção ou á maceração. As *especies* servem para a preparação das bebidas dos doentes, dos banhos, fomentações, etc. Procurem-se as differentes *especies* no FORMULARIO, onde vão indicadas por ordem alphabetica.

ESPIRITOS. Na antiga chimica chamavão-se *espiritos*, medicamentos liquidos resultantes da distillação do alcool com uma ou mais substancias aromaticas, vegetaes ou animaes; erão ás vezes simplesmente dissoluções no alcool de diversos principios medicamentosos e sobretudo de principios aromaticos. Chamavão-lhes tambem ás vezes *aguas espirituosas*. Hoje designão-se sob o nome de *alcoolatos*, bem que ás vezes digamos ainda *espirito* de cochlearia, de zimbro, de alfazema, de limão, de castoreo, etc. V. *Alcoolatos*. O *espirito de vinho* é o alcool que resulta da distillação do vinho.

ESSENCIAS. V. *Oleos essenciaes*.

EXTRACTOS. Dá-se o nome de extracto ao producto de evaporação até á consistencia molle, firme ou secca, de succo natural, ou de solução obtida de alguma substancia vegetal ou animal com agua, alcool, ether, e raras vezes com vinho ou vinagre. Os extractos molles, que se fazem com succos espressos e não fermentados de certos fructos, chamão-se mais particularmente *arrobes*. Os extractos que resultão do tratamento successivo pelo alcool e pela agua chamão-se *hydralcoolicos*. — Os extractos apresentão, sob pequeno volume, os principios activos das substancias medicamentosas; e são por isso de uso quotidiano na praxe medica.

A preparação de um extracto compõe-se sempre de duas opera-

ções: a primeira tem por fim a preparação do liquido que deve dar o extracto; a segunda é a concentração do liquido pela evaporação.

Quando na preparação de um extracto se emprega o succo natural, é forçosamente necessario toma-lo no estado de concentração em que a natureza o apresenta: mas todas as vezes que se recorre á dissolução artificial, qualquer que seja o vehiculo, é indispensavel obter os liquidos concentrados, afim de subtrahi-los, quanto seja possivel, ao risco de deterioração, que as materias organicas experimentão durante a sua evaporação ao contacto do ar.

Fazendo a extracção de plantas recentes, o succo deve ser espremido sem addição d'agua, ou com a menos possivel, afim de o expôr pouco tempo ao fogo. Os principios soluveis das plantas seccas obtem-se pela lixiviação, maceração, digestão e infusão: a decocção raras vezes se emprega, e deveria ser proscripta. O processo de lixiviação, chamado tambem processo de deslocação, é o mais vantajoso quanto ao producto. A experiencia tem tambem decisivamente demonstrado que os extractos obtidos por meio da agua, são em muitos casos mais activos e de mais facil conservação de que os extractos obtidos do sumo.

Processo da lixiviação ou *da deslocação*. Consiste em fazer passar um liquido qualquer (agua, vinho, alcool, ether), frio ou quente, por uma substancia que contenha principios soluveis no liquido empregado. — Para lixiviar uma substancia, deve-se reduzi-la a pó grosso, pô-la n'um vaso tendo um orificio na parte inferior (fig. 25, p. 41.); um simples tubo introduzido n'uma garrafa constitue um apparelho de deslocação; deita-se então o liquido na superficie, e á medida que penetra e escorre, substitue-se por nova quantidade. Tal é a manipulação, geralmente fallando, mas existem particularidades na operação que passo a expôr circumstanciadamente.

Opera-se com liquido quente, quando nenhuma consideração se oppõe a isto. Operando-se com ether, é necessario servir-se de apparelhos fechados. Os pós não devem ser nem muito finos nem muito grossos; comtudo o grão de tenuidade varía conforme a substancia. Os pós devem ser introduzidos pouco a pouco no apparelho e calcados na mesma proporção; a calcadura varía conforme a substancia, e só a pratica póde guiar a tal respeito. Cobrem-se os pós com um diaphragma, tendo muitos furos, afim de que o liquido não cave a superficie. Este diaphragma é de estanho, papel, panno de linho ou lã, etc. O liquido deve ser deitado de maneira que forme uma camada não interrompida na superficie; e se passa muito depressa, ou se não passa, é prova de que ha um defeito que se deve corrigir.

Acontece ás vezes que a substancia, introduzida secca no apparelho, incha de tal maneira que não permitte a deslocação pela addição do liquido: n'este caso convem humedecer os pós antes de os introduzir no aparelho. — Em algumas substancias é bom deixar a primeira dóse do liquido em contacto antes de o fazer escorrer. — Depois de obtida a solução medicamentosa deve-se evapora-la. Geralmente evaporão-se os extractos a b. m. — Os extractos bem preparados nunca são pretos; tem sómente uma côr roxa mais ou menos escura; devem conservar um sabor pronunciado das materias que tiverem servido para a sua preparação, e sobretudo não ter o gosto de queimado. Aquelles que se obtem pela agua, com tanto que não se tenha recorrido á decocção, são quasi completamente soluveis na agua; aquelles que provém dos succos de folhas, não depurados, devem ter uma côr verde e conservar o cheiro da planta.

— Os extractos alterão-se ás vezes com grande promptidão; muitos attrahem fortemente a humidade do ar : devem ser guardados em vasos de vidro ou de porcelana que possão ser fechados hermeticamente. Ha extractos que não podem conservar-se, apezar de todas as cautelas.

Quando se prepara com a mesma substancia um extracto aquoso e um extracto alcoolico, não designando o medico aquelle que entende prescrever, deve o pharmaceutico empregar o extracto aquoso.

O seguinte indice mostra a quantidade média de extracto produzido por 1000 grammas de substancia :

Indice das quantidades de extracto por 1000 grammas das substancias seguintes : (Cod. fr.)

NOMES	PARTES EMPREGADAS	VEHICULOS	PRODUCTOS EM GRAMMAS
Absinthio	Summid.es seccas	Agua fervendo	190
Açafrão	Estigmas seccos	Alcool a 60° cent.	500
Aconito	Folhas recentes	Succo	40
—	Folhas seccas	Alcool a 60° cent.	225
Alcaçuz	Raiz secca	Agua fria	200
—	Succo espesso	Agua fria	630
Alface cultivada	Casca do talo	Succo	16
— brava	Folhas recentes	Succo	18
Arruda	Folhas seccas	Alcool a 60° cent.	250
Bardana	Raiz secca	Agua fria	350
Belladona	Folhas recentes	Succo	20
—	Folhas seccas	Alcool a 60° cent.	210
Bistorta	Raiz	Agua fria	175
Borragem	Folhas seccas	Agua fervendo	95
Cainca	Raiz	Alcool a 60° cent.	200
Calumba	Raiz	Alcool a 60° cent.	162
Camomilla	Flores seccas	Agua fervendo	225
Cannafistula	Fructo	Agua fria	165
Cantharidas	Insectos seccos	Alcool a 60° cent.	200
—	Insectos seccos	Ether	96
Cardo santo	Folhas seccas	Agua fervendo	190
Centaurea	Summid.es seccas	Agua fervendo	200
Chicoria	Folhas recentes	Succo	24
Cicuta	Folhas recentes	Succo purificado	30
—	Folhas seccas	Alcool a 60° cent.	240
—	Sementes	Alcool a 60° cent.	110
Colchico	Sementes	Alcool a 60° cent.	97
Coloquintida	Fructo secco	Alcool a 60° cent.	150
Digital	Folhas seccas	Agua fervendo	250
—	Folhas seccas	Alcool a 60° cent.	300
Doce-amarga	Talos seccos	Agua fria	160
Dormid.ra branca	Capsulas seccas	Alcool a 60° cent.	150
Escamonéa	Substancia secca	Alcool a 90° cent.	750 (resina)

NOMES	PARTES EMPREGADAS	VEHICULOS	PRODUCTOS EM GRAMMAS
Espin.ro cambra..	Bagas............	Succo............	70
Estramonio......	Folhas recentes...	Succo............	20
—	Folhas seccas.....	Alcool a 60° cent.	210
—	Sementes.........	Alcool a 60° cent.	70
Fava de Calabar..	Sementes.........	Alcool a 80° cent.	30
Feto macho......	Tronco subterraneo secco......	Ether......	90
Fumaria.........	Folhas recentes...	Succo............	28
Genciana........	Raiz.............	Agua fria........	216
Grama..........	Raiz secca........	Agua fria........	92
Guaiaco.........	Páo raspado......	Agua (decocção) .	32
Inula...........	Raiz secca........	Agua fria........	213
Ipecacuanha.....	Raiz.............	Alcool a 60° cent.	200
Jalapa..........	Raiz.............	Alcool a 90° cent.	90 (resina)
Labaça..........	Raiz secca.......	Agua fria........	196
Lupulo..........	Pinhas seccas.....	Alcool a 60° cent.	200
Meimendro negro.	Folhas recentes...	Succo............	24
— —	Folhas seccas.....	Alcool a 60° cent.	280
— —	Sementes.........	Alcool a 60° cent.	160
Monesia.........	Casca secca.......	Agua fria........	200
Noz vomica......	Sementes.........	Alcool a 80° cent.	106
Opio............	Sumo concreto....	Agua fria........	490
Polygala.........	Raiz.............	Alcool a 60° cent.	160
Quassia.........	Páo raspado.... .	Agua fria........	25
Quina amarella calisaya........	Casca............	Alcool, depois agua	154
Quina amarella calisaya.......	Casca......... ..	Alcool a 60° cent.	270
Quina cinzenta huanuca.......	Casca.......... .	Agua fervendo. ..	180
Quina cinzenta huanuca.......	Casca............	Alcool a 60° cent.	210
Quina vermelha..	Casca............	Alcool a 60° cent.	250
Ratanhia........	Raiz.............	Agua fria........	125
Rhuibarbo.......	Raiz.............	Agua fria........	400
Romeira.........	Casca da raiz secca.	Alcool a 60° cent.	180
Sabina..........	Folhas seccas.....	Alcool a 60° cent.	190
Sabugueiro......	Bagas............	Succo............	75
Salsaparrliha....	Raiz.............	Alcool a 60° cent.	150
Saponaria.......	Raiz e talo.......	Agua fria........	300
Sene............	Foliolos..........	Agua fervendo....	250
Taraxaco........	Folhas recentes...	Succo...........	26
Valeriana........	Raiz secca........	Alcool a 60° cent.	180
Zimbro..........	Bagas seccas......	Agua tepida......	285

§ I. Extractos preparados com o succo dos fructos.

Extracto de bagas de espinheiro ou *Robe de espinheiro.* (Cod. fr.)

Bagas de espinheiro ....,...... q. v.

Esmague as bagas entre os dedos; deixe-as por 24 horas em maceração no seu proprio succo; submetta-as á prensa; deixe em repouso para formar deposito, côe por panno de lã, e evapore a b. m. até á consistencia de mel espesso.

Prepara-se do mesmo modo o *Extracto* ou *Robe de sabugueiro.*

§ II. Extractos preparados com a succo das plantas inteiras ou de suas partes.

Extracto de cicuta. (Cod. fr.)

Folhas de cicuta, quasi em flor .... q. v.

Contunda a planta em almofariz de marmore, esprema o succo na prensa. Submetta este succo á acção do calor, até que a albumina coagulada forme com a chlorophylla uma escuma completamente separada. Côe; evapore a b. m. o succo assim clarificado, mexendo-o de contínuo até reduzi-lo ao terço do seu volume. Deixe arrefecer o liquido, e assentar por doze horas. Separe o deposito, e termine a operação em b. m., para obter um extracto molle.

Preparão-se do mesmo modo os extractos de succos purificados de folhas de *aconito,* de folhas de *alface brava,* de folhas de *anemona pulsatilla,* folhas de *belladona,* folhas de *chicoria,* de folhas de *estramonio,* folhas de *fumaria,* folhas de *meimendro,* folhas de *taraxaco,* folhas de *trevo aquatico,* e de *casca verde de nozes.*

Extracto de alface ou *Thridacio.* (Cod. fr.)

Cascas recentes de talos de alface.............. q. v.

Contunda-as em almofariz de marmore; esprema fortemente. Aqueça o succo para coagular a albumina que contém. Côe por panno de lã; evapore a b. m. até á consistencia de extracto firme.

§ III. Extractos preparados com o intermedio da agua. (Extractos aquosos).

Extracto de genciana. (Cod. fr.)

Raiz de genciana	1000 gram.	Agua distillada fria	q. s.

Reduza a raiz a pó grosso, e humedeça este com a metade do seu peso d'agua. Depois de doze horas de contacto, introduza a mistura n'um apparelho de deslocação; lixivie com agua distillada fria, e faça parar o corrimento do liquido logo que este passe pouco concentrado. Aqueça a b. m.; côe para separar o coagulo que se tiver formado; e evapore até á consistencia de extracto molle.

Preparão-se do mesmo modo os extractos de raiz de *alcaçuz,* raiz de *bardana,* raiz de *bistorta,* raiz de *grama,* raiz de *labaça,* raiz de *ratanhia,* raiz de *inula,* raiz de *saponaria,* páo de *quassia,* casca de *monesia,* e talos de *doce-amarga.*

Extracto de digital. (Cod. fr.)

Fol. seccas de digital	1000 gram.	Agua distillada ferv.	8000 gram.

Reduza as folhas de digital a pó grosso; infunda este por doze horas em 6 partes d'agua. Côe com espressão por panno; deixe depôr. Trate o residuo do mesmo modo, com o resto da agua. Concentre a b. m. a primeira infusão; ajunte-lhe a segunda depois de reduzida previamente á consistencia de xarope; e evapore tudo até á consistencia de extracto molle.

Preparão-se do mesmo modo os extractos de folhas de *artemisia*, folhas de *borragem*, folhas de *cardo santo*, foliolos de *sene*, flores de *camomilla*, summidades de *absinthio*, summidades de *centaurea menor*, e summidades de *chamedrios*.

Extracto de rhuibarbo. (Cod. fr.)

Rhuibarbo em pedaços 1000 gram.	Agua distillada fria 8000 gram.

Macere o rhuibarbo por vinte e quatro horas em 5 partes da agua; côe com leve espressão. Filtre, e evapore immediatamente este primeiro liquido até á consistencia de xarope. Deite sobre o residuo o resto da agua indicada; submetta á prensa. Filtre e concentre o producto d'esta segunda operação. Reuna os dois liquidos, e evapore-os até á consistencia de extracto molle.

Extracto de quina. (Cod. fr.)

Quina cinz. huanuca 1000 gram.	Agua distillada ferv. 12000 gram.

Reduza a quina a pó grosso; infunda este por vinte e quatro horas nos dois terços da agua; mexa de tempo em tempo. Côe o liquido por panno, deixe formar deposito; deite sobre o residuo o terço da agua que ficou. Concentre a b. m. a primeira infusão; ajunte a segunda, depois de reduzida separadamente ao estado de xarope, e evaporada até á consistencia de extracto molle.

Extracto secco de quina ou *sal essencial de la Garaye.* (Cod. fr.)

Extracto de quina huanuca.................... q. v.

Reduza o extracto com agua distillada ao estado de xarope espesso; estenda-o uniformemente por meio de pincel em pratos de porcelana que porá na estufa. Depois de secco, separe o extracto, na estufa, com a faca de ponta truncada, e encerre-o promptamente em frascos de pequena capacidade, previamente seccos, e tape estes com cuidado.

Extracto de quina amarella. (Cod. fr.)

Quina amarella calisaya em pó meio fino 1000 gram.	Alcool a 60° centes. 6000 gram. Agua distillada fria 1000 gram.

Trate a quina com o alcool por deslocação; distille o liquido a b. m., para tirar d'elle toda a parte espirituosa. Deite a agua fria sobre o residuo da distillação; agite de tempo em tempo. Depois de 12 horas de maceração, filtre o liquido, e evapore a b. m. até ficar em consistencia pilular.

Prepara-se do mesmo modo o *extracto* de *quina vermelha*.

Extracto de zimbro. (Cod. fr.)

Bagas de zimbro recentemente seccas 1000 gram.	Agua distillada a 30° do thermometro centigrado 6000 gram.

Contunda levemente as bagas de zimbro em almofariz de marmore; macere-as na metade da agua por 24 horas, côe com leve espressão. Deite a segunda metade da agua sobre o residuo; côe depois de 12 horas de maceração. Concentre a b. m. a primeira solução; ajunte-lhe a segunda, reduzida previamente ao estado de xarope; e evapore tudo até á consistencia de extracto molle.

Extracto de cannafistula. (Cod. fr.)

Cannafistula 1000 gram.	Agua distillada fria 1000 gram.

Abra as vagens da cannafistula e tire, com espatula, a polpa, as sementes e os septos interiores; dilua tudo na agua distillada fria, côe sem espressão por panno de lã. Lave com agua fria a substancia que restou no coador; reuna os liquidos, e evapore-os a b. m. até á consistencia de extracto molle.

Extracto de guaiaco. (Cod. fr.)

Páo de guaiaco rasp. 1000 gram. | Agua distillada 18 litros.

Ferva o guaiaco por uma hora na metade da agua, e côe por panno de linho. Submetta o residuo á segunda decocção com a outra metade da agua. Deixe os liquidos em repouso por 12 horas; decante-os, e evapore-os a b. m. Quando o liquido extractivo tiver adquirido a consistencia molle, ajunte-lhe quasi o oitavo do seu peso de alcool a 80° centesimaes, misture exactamente, e continue a evaporação até á consistencia de extracto.

Pela mesma fórma se prepara o extracto de *renovos de pinheiro.*

Extracto de opio ou *extracto thebaico.* (Cod. fr.)

Opio de Smyrna 1000 gram. | Agua distillada fria 12 litros.

Corte o opio em pequenos bocados, e ponha-o em contacto com os dois terços da agua. Macere por vinte e quatro horas; côe com espressão. Deite sobre o residuo o resto da agua prescripta, agite, e, depois de doze horas de maceração, côe de novo com espressão. Reuna os liquidos; filtre, e evapore-os a b. m. até á consistencia de extracto. Dissolva este extracto em 10 partes d'agua fria; deixe formar deposito para separar as partes insoluveis, filtre, e torne a evaporar, até á consistencia de extracto firme.

Extracto de succo de alcaçuz ou *Succo de alcaçuz purificado.* (Cod. fr.)

Succo de alcaçuz 1000 gram. | Agua distillada fria q. s.

Corte o succo de alcaçuz em pedaços; colloque-o sobre um diaphragma dentro de um vaso de estanho, e ajunte agua fria que baste para o cobrir. Depois de dividido completamente o succo, côe o liquido por panno de lã, e evapore a b. m. até á consistencia de extracto firme.

§ IV. Extractos preparados com o intermedio do acool. (Extractos alcoolicos).

Extracto de canhamo indiano. (Pharmacopea germanica.)

Canhamo indiano 10 gram. | Alcool a 85° centes. 60 gram.

Digira durante tres dias; côe, esprema; ajunte ao residuo:

Alcool a 85° centesimaes.................. 40 gram.

Torne a digerir durante tres dias; côe, esprema; reuna os dois liquidos, filtre; evapore a b. m. até á consistencia conveniente.

Extracto alcoolico de digital. (Cod. fr.)

Fol. seccas de digital 1000 gram. | Alcool a 60° centes. 6000 gram.

Pulverize as folhas de digital, e introduza o pó em apparelho de deslocação. Deite sobre este pó moderadamente calcado, a quantidade de alcool necessario para que o pó fique penetrado d'elle em todas as suas partes; feche então o apparelho, e deixe as duas substancias em contacto por espaço de doze horas. Passado este tempo, faça escorrer, e deite successivamente sobre a digital todo o alcool prescripto. Distille o liquido alcoolico para extrahir d'elle toda a parte espirituosa, e concentre a b. m. até á consistencia de extracto molle.

Preparão-se pela mesma maneira os extractos de raiz de *cainca*, raiz de *ipecacuanha*, raiz de *polygala*, raiz de *salsaparrilha*, raiz de *valeriana*; de casca de *quina*, de casca da *raiz de romeira*; de folhas de *aconito*, de folhas de *anemona pulsatilla*, de folhas de *arruda*, de folhas de *belladona*, de folhas de *cicuta*, de folhas de *estramonio*, de folhas de *meimendro*, de folhas de *sabina*, e de casca de *ulmo*.

Extracto de scilla. (Cod. fr.)

Escamas seccas de scilla contusas 1000 gram.	Alcool a 60° centes. 8000 gram.

Macere por espaço de dez dias as escamas de scilla nos tres quartos do alcool; côe com espressão; filtre. Deite sobre o residuo o resto do alcool, e, depois de tres dias de maceração, torne a espremer e côe. Reuna as tinturas: distille-as a b. m. para extrahir d'ellas toda a parte espirituosa, e evapore até á consistencia de extracto molle.

Preparão-se do mesmo modo os extractos de *açafrão*, *calumba*, *cantharidas*, *colchico*, *coloquintida*, *dormideiras*, e *lupulo*.

Extracto de sementes de estramonio. (Cod. fr.)

Sementes de estram. 1000 gram.	Alcool a 60° centes. 6000 gram.

Reduza as sementes a pó grosso; deixe-as estar algumas horas em digestão a calor brando, na metade do alcool; côe com espressão. Faça digerir o residuo na segunda metade do alcool; côe e filtre os liquidos reunidos. Distille para extrahir toda a parte espirituosa; concentre o residuo a b. m. Dissolva o producto em 4 vezes o seu peso d'agua distillada fria; filtre, e evapore a b. m. até á consistencia firme.

Preparão-se pela mesma fórma os extractos de sementes de *belladona*, sementes de *cicuta*, sementes de *colchico*, sementes de *meimendro*.

Extracto de noz vomica. (Cod. fr.)

Noz vomica 1000 gram.	Alcool a 80° centes. 8000 gram.

Reduza a noz vomica a pó grosso, e macere-a por espaço de dois dias nos tres quartos do alcool. Côe com espressão; filtre. Deite sobre o residuo o resto do alcool prescripto; deixe estar de novo em maceração, côe, esprema e filtre. Reuna os dois liquidos obtidos, e submetta-os á distillação para extrahir d'elles toda a parte espirituosa. Concentre o residuo até á consistencia de extracto.

Extracto de fava de Calabar. (Cod. fr.)

Favas de Calabar 1000 gram.	Alcool a 80° centes. 5000 gram.

Reduza as favas a pó mui fino; faça digerir este pó com 1 litro de alcool no banho-maria do alambique, que se deverá manter em calor brando por quasi duas horas. Passado este tempo, introduza a mistura no cylindro do apparelho de deslocação. Quando cessar o corrimento do liquido, deite sobre o pó 1 segundo litro de alcool fervendo, e continue assim até o liquido passar apenas corado. Reuna os solutos, e distille-os de modo que obtenha todo o alcool; termine a evaporação em b. m. até á consistencia de extracto. É preciso agitar incessantemente, no fim da operação, para tornar o producto homogeneo.

§ V. Extractos preparados com o intermedio do ether. (Extractos ethereos).

Extracto ethereo de feto macho. (Cod. fr.)

Rhizomas de feto macho, limpos e recentem. seccos 1000 gram.	Ether sulfurico 2000 gram.

Reduza os rhizomas a pó meio fino; trate o pó por deslocação; receba o liquido e filtre-o em vaso fechado. Distille-o a calor brando no banho-maria de um pequeno alambique. Deite o residuo da distillação n'uma capsula, que deverá manter por algum tempo no b. m., agitando continuamente, para volatilizar o resto do ether. Guarde o producto em frasco fechado.

Preparão-se do mesmo modo os extractos ethereos de *cantharidas* e *semen-contra*.

Extracto ethereo de mezereão. (Cod. fr.)

Casca de mezereão muito dividida 1000 gram.	Alcool a 80° 7000 gram.
	Ether sulfurico 1000 gram.

Esgote o mezerão por deslocação, por meio do alcool; distille o producto para obter quasi todo o alcool. Introduza o residuo n'um frasco esmerilhado, ajunte o ether, vascoleje muitas vezes durante 24 horas. Côe o liquido ethereo, e distille-o com as precauções indicadas para a rectificação do ether; evapore o residuo a b. m. até á consistencia do mel de abelhas.

FOMENTAÇÕES. São applicações que se fazem sobre a pelle, com baeta ou pannos embebidos em algum liquido carregado de principios medicamentosos. O vulgo dá o nome de *fomentações* ás embrocações ou fricções.

FRICÇÕES. Chama-se *fricção* a acção de esfregar alguma parte do corpo. As fricções são *seccas* ou *humidas* : estas fazem-se com linimentos, unguentos, tinturas, etc.; aquellas com as mãos, baeta ou escova. Bem que a palavra *fricção* designe a acção de esfregar, esta mesma palavra se applica tambem ás substancias ou liquidos que servem para esfregar.

FUMIGAÇÕES. As fumigações consistem em expansões de gaz ou de vapores que se espalhão na atmosphera, ou que se fazem dirigir sobre alguma parte do corpo.

As fumigações destinadas para produzir um effeito sobre o ar, umas vezes destroem os miasmas organicos nocivos, tal é a acção das fumigações do chloro e do acido nitroso; outras vezes não fazem senão encobrir algum máo cheiro, taes são as que se obtem pela combustão do assucar, da alfazema, do vinagre, e do papel.

GARGAREJOS. São medicamentos liquidos que se põem em contacto com o interior da bocca e da garganta, que não devem ser engulidos, e que se agitão em diversos sentidos, pelo ar que se faz sahir do larynge.

GELEAS. As geleas são preparações que tem a consistencia tremula quando arrefecidas. Tem por base a gelatina animal ou principios vegetaes diversos, taes como a pectina, o amido, etc. Vejão-se no FORMULARIO os modos de preparação das geleas de *carragaheen*, de *musgo de Corsega*, de *musgo islandico*, de *ponta de veado* e outras.

GLYCEREOS, Glyceroleos ou **Glyceratos.** Medicamentos que tem por base a glycerina ou o glycereo de amido. Podem tomar grande numero de fórmas pharmaceuticas, e empregar-se para os mesmos usos que os linimentos, cerotos, pomadas, collyrios, etc. V. *Glycerina* no FORMULARIO.

GOTTAS. Designação pharmaceutica de certos medicamentos que seus autores destinão para serem tomados ás gottas, sobre assucar ou em liquidos apropriados. Muitas d'estas preparações são verdadeiras tinturas.

GRAGÊAS. Nova fórma pharmaceutica que, em certos casos, póde ser vantajosa para conservar os medicamentos e facilitar a sua administração. Para se obterem as gragêas, fazem-se com uma substancia medicamentosa mui pequenas pilulas, que se cobrem depois com assucar aromatizado, agitando-as por muito tempo n'um tacho levemente aquecido, onde se deita pouco a pouco um xarope aro-

matico. É uma especie de confeitos medicamentosos. Taes são *v. g.* as gragêas de copahiba de Fortin.

GRANULOS. Preparações pharmaceuticas de fórma pilular, compostas de assucar e de substancias medicamentosas. São pequenos globulos, do tamanho de um grão de milho painço, ou ainda menores, que se preparão da mesma maneira que as gragêas, e que os doentes engolem com facilidade.

Alguns pharmaceuticos, para prepararem os granulos, servem-se de dissoluções alcoolicas medicamentosas, com que humedecem as sementes de dormideiras cobertas de assucar, chamadas *la nonpareille* em francez, e fazem seccar esta camada na superficie d'estas pequenas gragêas. Este modo de proceder foi applicado de uma maneira industrial á preparação dos granulos; mas não deve ser seguido, porque exclue a repartição exacta das substancias. O Codigo pharmaceutico francez indica, para a preparação de alguns granulos, um modo que dá pequenas pilulas prateadas, mas não granulos verdadeiros, porque a ausencia da camada saccharina tira a estes medicamentos o caracter principal. (V. Granulos de *digitalina*, de *acido arsenioso*, e de *atropina*, no FORMULARIO.)

Cumpre ter muita cautela com os granulos das substancias activas que se achão nas drogarias, porque as repartições d'estas substancias, e as manipulações, são ás vezes executadas por pessoas completamente estranhas á profissão pharmaceutica. N'estas misturas, preparadas em grande, certos globulos não contém nada, em quanto que outros estão carregados de medicamento.

Existem tambem uns *granulos* ditos *effervescentes*, muito empregados na Inglaterra. Mette-se certa quantidade d'elles em agua; immediatamente se manifesta um desenvolvimento do gaz acido carbonico, e o doente toma o remedio durante a effervescencia, ou logo que esta cessa. Granulão-se assim o carbonato de ferro, carbonato de lithia, citrato de ferro, citrato de magnesia, etc. Além da substancia medicamentosa principal, entrão na composição dos granulos effervescentes, o bicarbonato de soda, e o acido citrico, cuja combinação com a soda, e dissolução na agua, deixa livre o acido carbonico que produz a effervescencia. É um modo agradavel de administrar certos medicamentos.

GRÃOS. Dá-se este nome, em pharmacia, aos medicamentos que não differem das pastilhas, senão pela sua fórma globosa. Parecem-se com as pilulas, por serem esphericos, mas differem d'ellas pela predominancia do assucar, e sua consistencia solida e quebradiça. Seu peso é de 10 centigrammas (2 grãos), pouco mais ou menos. Exemplo : *Grãos de cato.* O seu modo de preparação é o mesmo que o das pastilhas da primeira classe ou tabellas; sómente, depois de feita a massa, se divide á maneira das pilulas. Em alguns casos em vez de lhes dar a fórma espherica, dá-se-lhes a de um grão de aveia ou de um trocisco, o que se obtem rolando com o dedo uma pequena parte da massa na palma da mão.

HAUSTOS. Confundem-se debaixo d'este nome as misturas, poções, julepos, loocks, etc.

HYDROLATOS. V. *Aguas distilladas.*

INFUSÕES ou **Infusos.** São medicamentos que resultão do contacto convenientemente prolongado da agua fervendo com uma ou mais substancias vegetaes. A palavra *infusão* applica-se á operação pharmaceutica, e ao liquido que resulta d'esta operação. É o modo a que se recorre ordinariamente para a preparação das poções e bebidas ou tisanas dos doentes, que ás vezes chamão impropria-

mente *cozimentos*. Convem ás substancias de tecido leve, e ás que em o tecido compacto, comtanto que estas sejão convenientemente divididas. A infusão é sobretudo applicavel ás raizes amylaceas e ás substancias aromaticas. — As proporções das substancias que entrão na preparação das infusões, achão-se indicadas n'este FORMULARIO segundo o Codigo pharmaceutico francez de 1866, admittido como pharmacopea legal do Brasil. V. *Tisanas*.

INHALAÇÕES. Modo de introduzir as substancias medicamentosas pelas vias respiratorias. Este modo põe os medicamentos em relação directa com a séde do mal. Empregão-se para as inhalações pulmonares os cheiros, os gazes, os vapores, e os pós solidos ou liquidos. Fazem-se n'uma sala cheia de vapores, ou por meio de um tubo, de um frasco, ou de um apparelho especial. As inhalações de alcatrão e de acido phenico praticão-se pondo um prato contendo estas substancias sobre a mesa do quarto de dormir; empregão-se na asthma, na bronchite chronica e na tisica. Ha um novo modo de inhalação no qual se faz respirar a agua medicamentosa reduzida a pó ou *pulverizada* por apparelhos especiaes. A *pulverização* das aguas medicamentosas destinadas á inhalação pratica-se geralmente nos esta-

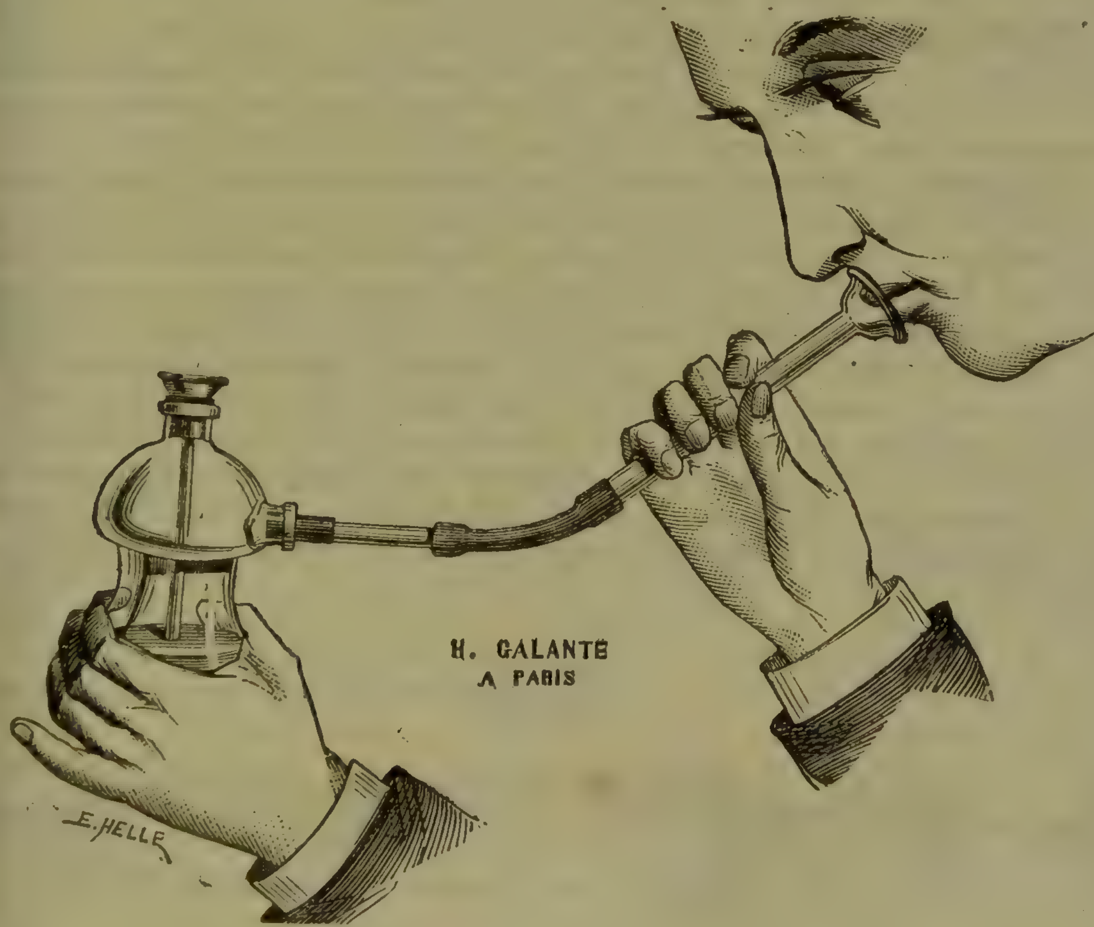


Fig. 88. — Apparelho para inhalações.

belecimentos thermaes. São sobretudo as caldas sulfurosas, que se empregão pulverizadas, em inhalações, contra a laryngite, bronchite, angina pharyngea e tisica. Para fazer inhalações d'agua pulverizada, o doente fica todos os dias com a bocca aberta durante uma hora diante um apparelho pulverizador em funcção, ou demora-se n'uma sala cheia de pó d'agua medicamentosa produzido por um mecanismo apropriado

Em certas caldas, nas de Royat e Mont-Dore em particular, empregão-se sempre as inhalações d'agua mineral em ebullição, cujos vapores chegão pelos buracos do soalho a uma sala onde se achão reunidos os doentes. Os apparelhos para pulverizar os liquidos são mui variados; alguns podem ser empregados na casa de morada dos doentes; dois achão-se representados mais adiante nas fig. 93 e 94, no artigo *Pulverização.*

As inhalações dos vapores medicamentosos podem tambem fazer-se por meio de um apparelho representado na pagina precedente fig. 88. Este apparelho compõe-se : 1° de um frasco de vidro dividido, pela porção mais estreita, em dois compartimentos, e destinado a receber as substancias que se devem evaporar; 2° de um canudo em fórma de funil, pelo qual penetra o ar exterior, e que serve tambem para introduzir os medicamentos; 3° de um tubo cuja extremidade livre se applica sobre os labios que aspirão os vapores. Este apparelho fabrica-se em Pariz, em casa de Galante, rua de l'École-de-Médecine, 2. O seu preço é de 5 francos. Os liquidos que se introduzem no frasco, e cujos vapores devem dirigir-se ás vias respiratorias são : a agua de Labarraque, a tintura de iodo, a solução de acido phenico, a agua de alcatrão, etc., etc. Alguns d'estes liquidos volatilizão-se na temperatura ordinaria; é necessario aquecer outros sobre a chamma de uma vela.

INJECÇÕES. Medicamentos liquidos, destinados a serem impellidos em certas cavidades ou canaes do corpo, e mais especialmente na urethra e na vagina. Dá-se tambem o nome de *injecções* ás operações que tem por fim fazer penetrar estes liquidos.

Injecções sub-cutaneas ou hypodermicas. Este genero de injecções adquirio n'estes ultimos annos grande importancia na therapeutica. Praticão-se com seringa especial munida de um trocate, que leva directamente no tecido cellular sub-cutaneo uma quantidade conhecida de medicamento activo, cuja absorpção immediata dá resultados quasi instantaneos. A seringa que se emprega para injecções sub-cutaneas é a de Pravaz, modificada por diversos fabricantes; a seringa de Pravaz, modificada por Luer está representada na fig. 89. A sua descripção acha-se no *Memorial therapeutico*, artigo *Nevralgia.* Está calibrada de tal maneira que por cada millimetro percorrido pelo embolo, uma gotta de liquido se expelle pela canula.

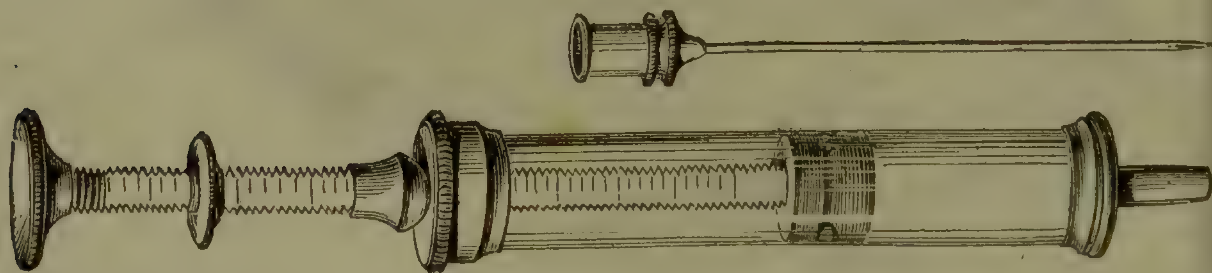


Fig. 89. — Seringa de Pravaz modificada por Luer.

O manual operatorio é dos mais simples. Enche-se a seringa com o liquido que se quer injectar; a canula-trocate introduz-se, atravez da pelle, no tecido cellular sub-cutaneo; e o embolo empurra-se de tantas divisões, quantas gottas do liquido se devem injectar na camada sub-cutanea.

É preciso tomar algumas precauções para evitar accidentes locaes

que podem ser a consequencia d'estas injecções : 1° a canula deve penetrar bastante longe na camada sub-cutanea, obliquamente a 1 centimetro, para que o liquido injectado não se ache na vizinhança immediata da picada feita na pelle; 2° a seringa e a canula devem ser muito limpas, e o liquido injectado deve ser uma solução perfeita, não tendo em suspensão nem pó, nem corpo crystallino; 3° o liquido deve ser despido de qualquer causticidade; 4° a quantidade injectada em um ponto não deve exceder trinta gottas. — Não se tendo estas cautelas, as injecções sub-cutaneas podem provocar inflammação local, suppuração e mesmo gangrena.

As substancias medicamentosas, que se empregão nas injecções sub-cutaneas, são : o *chlorhydrato de morphina*, o *sulfato de morphina*, o *sulfato de atropina*, o *sulfato de strychnina*, e o *sulfato de quinina*. Este ultimo raras vezes por causa da inflammação local que ás vezes produz. A absorpção sub-cutanea é mais certa e mais rapida d'este modo, do que quando o medicamento se toma pela bocca, pelo que a dóse das substancias nas injecções sub-cutaneas deve ser menor de que nas poções ou pilulas. As injecções sub-cutaneas de morphina e de atropina tem sobre as nevralgias uma acção mui poderosa. As dóses das substancias que deixei mencionadas, empregadas em injecções, achão-se nos artigos respectivos, no FORMULARIO.

Ha mais outras substancias que forão aconselhadas em injecções sub-cutaneas, mas empregão-se pouco, ou não se empregão; são :

Aconitina. O seu effeito é muito energico na dóse de 1/2 a 2 milligrammas; não seria prudente exceder esta dóse.

Curare. Não se póde saber a dóse exacta senão depois da experiencia feita sobre um animal (coelho ou cão), para apreciar o gráo de actividade do curare que se tem; seria perigoso proceder de outro modo, porque não ha nada mais variavel do que a energia d'este veneno; depende da localidade de que provém.

Veratrina. Nitrato de veratrina injectado na dóse de 1/2 a 1 milligramma. Medicamento incerto e perigoso.

Colchicina. Ensaiada só uma vez sobre um gotoso, na dóse de 2 milligrammas; produzio dores locaes mui vivas, sem modificação util; foi necessario renunciar a ella.

Digitalina. Dóse : 1 a 3 milligrammas; pouco empregada.

Forão tambem experimentadas em injecções sub-cutaneas a *daturina*, a *ergotina*, a *cafeina*, e a *tintura haschisch*; mas sem vantagem.

JULEPOS. São medicamentos de gosto agradavel, de consistencia viscosa, e compostos de aguas distilladas e de xaropes. Tomão-se ordinariamente de noite, em uma ou duas dóses, e differem das poções e loocks, em não conterem pós, nem substancias oleosas.

LAMBEDORES. A palavra *lambedor* é synonyma de julepo, de loock, mais especialmente de xarope.

LAVATORIOS ou **Loções.** Consistem em lavar alguma parte do corpo com esponja ou panno embebido no liquido medicamentoso. A mesma palavra applica-se tambem aos liquidos que servem para lavar.

LICORES. Na *economia domestica* dá-se este nome ás bebidas espirituosas obtidas quer pela distillação (kirschenwasser, rhum, genebra, etc.), quer misturando com alcool certos vegetaes aromaticos e assucar (anisetta, curação, etc.). Em *pharmacia* o nome *licor*, seguido de uma designação, foi applicado aos diversos productos pharmaceuticos e chimicos, liquidos, *v. g.* licor de Van-Swieten, licor de Hoffmann, licor arsenical de Fowler, etc. É um nome vago, que o uso faz conservar.

LIMONADAS. Strictamente fallando, a *limonada* é uma bebida feita com agua, sumo de limão e assucar. Mas, por extensão, esta palavra applica-se hoje aos medicamentos liquidos, para uso interno, cujo vehiculo é a agua; *v. g.* limonada de vinagre, de laranja, de cajú, etc. São liquidos temperantes que se bebem frios. Mas ha tambem limonadas purgativas, *v. g* .limonada de citrato de magnesia.

LINIMENTOS. Preparações liquidas destinadas a untar a pelle. Designão-se frequentemente debaixo do nome de *fricções.* A sua composição é muito variada : de ordinario são feitas com oleos e substancias n'estes soluveis; comtudo tambem se empregão para seu vehiculo liquidos alcoolicos, vinho, vinagre, e gorduras. Usão-se geralmente para combater tanto as molestias da superficie do corpo, como as que se achão no interior, porque a sua acção estende-se, por absorpção, a orgãos muito profundos. Applicão-se, quer com a mão nua ou calçada com luva, quer com panno ou baeta.

LOOCKS. São poções cujo vehiculo é uma emulsão.

MAGDALEÕES. Rolos cylindricos de emplastos, do peso de 30 grammas e mais.

MARMELADAS. As marmeladas que se fazem nas confeitarias são substancias vegetaes cozidas com assucar, e reduzidas á consistencia pultacea, taes são as marmeladas de marmelo, de pecego, etc. As *marmeladas medicinaes* são preparações magistraes semelhantes aos electuarios.

MELLITES. São preparações liquidas e viscosas, provenientes da solução de grande porção de mel de abelhas em um liquido aquoso; não differem por conseguinte dos xaropes, senão em ser n'aquelles o assucar substituido pelo mel. Preparão-se quasi do mesmo modo; mas a clarificação dos mellites faz-se exclusivamente por meio da pasta de papel. Compõem-se de mel de abelhas misturado quer com agua, quer com infusões ou decocções, quer emfim com succos de plantas. Devem ter a mesma consistencia que os xaropes.

Mellite simples, xarope de mel, ou *mel despumado.* (Cod. fr.)

Mel de abelhas	4000 gram.	Agua	1000 gram.

Aqueça a mistura; veja se na primeira fervura o mellite marca 1,27 no densimetro (31° B.). Escume, clarifique com pasta de papel, e côe por panno de lã.

Mellite de mercurial ou *mel mercurial.* (Cod. fr.)

Succo merc. não dep.	1000 gram.	Mel de abelhas	1000 gram.

Ponha tudo a ferver, escume. Ferva até que o mellite fervendo marque 1,27 no densimetro (31° B.); côe.

Mellite de rosas ou *mel rosado.* (Cod. fr.)

Pet. secc. de rosa rubra	1000 gram.	Mel de abelhas	6000 gram.
Agua fervendo	6000 gram.		

Infunda as rosas na agua por doze horas; côe com espressão; deixe formar deposito, decante. Evapore o liquido a b. m. até ficar em 1500 grammas. Ajunte o mel, ponha o vaso a fogo nú; ferva até que o liquido marque 1,27 no densimetro (31° Baumé). Escume, clarifique com pasta de papel, e côe.

Mellite de scilla ou *mel scillitico.* (Cod. fr.)

Scilla	50 gram.	Mel de abelhas	600 gram.
Agua fervendo	300 gram.		

Ponha a scilla de infusão na agua por doze horas, côe com espressão, deixe formar deposito, decante, ajunte o mel ao liquido,

e ferva até que o liquido fervendo marque 1,27 no densimetro (31° Baumé). Clarifique, com pasta de papel, e côe.

Prepara-se do mesmo modo o *mellite* ou *mel de bolbos de colchico.*

MISTURAS. São formadas pela reunião de medicamentos muito activos, e destinadas a serem tomadas ás gottas com assucar, ou n'um copo d'agua ou em alguma outra bebida. Dá-se tambem o nome de mistura aos medicamentos compostos, que não são outra cousa senão *poções.*

MUCILAGENS. São aguas carregadas de certa quantidade de gomma, ou de um principio mucilaginoso analogo, que existe em muitas substancias vegetaes, como sejão as raizes de malvas, as sementes de linho, os musgos. Estas preparações são viscosas e alterão-se rapidamente. V. no FORMULARIO, as mucilagens de *gomma arabica, alcatira, linhaça,* etc.

OINOLEOS. V. *Vinhos.*

OLEADOS. V. *Encerados.*

OLEOS ESSENCIAES, Essencias ou **Oleos volateis.** Productos immediatos contidos nas plantas, e sobretudo nas flores e nas folhas. Distinguem-se dos oleos graxos, que são fixos e manchão o papel de maneira permanente, em se volatilizarem pelo calor, e não fazerem sobre o papel senão uma nodoa passageira. São geralmente liquidos, mas existem tambem solidos (a camphora); incolores ou de diversas côres, acres e ás vezes causticos, muito inflammaveis, mui cheirosos; soluveis no alcool, no ether, nos oleos fixos, aos quaes communicão o cheiro. Dissolvem as gorduras, o iodo, o enxofre, o phosphoro. Os alcalis não os saponificão. São medicamentos muito estimulantes, empregados externamente ás vezes puros, mas de ordinario dissolvidos no alcool. Constituem tambem perfumes. Alterão-se ao ar e á luz; devem ser guardados em lugar escuro. O tempo lhes faz perder tambem as suas propriedades. Obtem-se das plantas por differentes maneiras : por espressão, incisão, distillação, etc. Passão á distillação ao mesmo tempo que as aguas distilladas, e, as mais das vezes, salvo algumas pequenas modificações, obtem-se pelo mesmo modo os oleos essenciaes, e as aguas distilladas. Os principaes são os oleos essenciaes de *canella, cravo, hortelã, camomilla, rosas, flores de laranjeira* (*neroli*), etc., etc.

OLEOS MEDICINAES. Dissoluções de diversas substancias medicinaes nos oleos fixos. O oleo que se prefere n'estas preparações é o azeite doce, que se conserva longo tempo, quando guardado em vasos bem tapados. Preparão-se por simples solução, por maceração na temperatura ordinaria, ou por digestão na temperatura de 35° a 40° centigrados. Quando se quer carregar o azeite de principios contidos nas plantas frescas, é necessario fervê-las no azeite até que se haja evaporado a agua de vegetação, que se poderia oppôr ao contacto das materias soluveis com o azeite, e por conseguinte á sua dissolução. Os oleos medicinaes são preparações alteraveis que devem ser reformadas cada anno. — Guardão-se em lugar fresco, em vasos de vidro ou de grés bem tapados.

Oleo camphorado. V. o artigo *Camphora.*

Oleo de camomilla. (Cod. fr.)

Flor. secc. de camomilla	100 gram.	Azeite doce	1000 gram.

Digira em vaso tapado ao calor de b. m. por tempo de 2 horas, mexendo de vez em quando. Côe com espressão, e filtre.

Preparão-se do mesmo modo os oleos de summidades de *absinthio,*

de summidades de *arruda*, de flores de *hypericão*, de petalas de *rosa pallida* (oleo rosado), e de sementes de *feno grego*.

Oleo de cicuta. (Cod. fr.)

Fol. frescas de cicuta	1000 gram.	Azeite doce	2000 gram.

Contunda a cicuta, misture-a com o azeite a fogo brando, até que a humidade esteja quasi dissipada. Tire do fogo, côe com espressão, e filtre. — Na falta da planta recente, substitue-se toda a quantidade prescripta por metade da planta secca, previamente amollecida em agua.

Preparão-se pela mesma fórma os oleos de *belladona*, *estramonio*, *herva moura*, *meimendro*, etc.

Oleo de cantharidas. V. CANTHARIDAS.

OPIATOS. Este nome designava antigamente os electuarios que continhão opio. Hoje não tem significação exacta : applica-se ora a preparações que em nada differem dos electuarios, ora a simples misturas da consistencia de massa molle.

OXYMELLITES ou **Oxymeis.** Dissoluções de mel de abelhas em vinagre pouco concentrado, simples ou carregado de principios medicamentosos.

Oxymel simples. (Cod. fr.)

Vinagre branco de vinho	500 gram.	Mel de abelhas	2000 gram.

Ponha estas substancias em escudella de prata ou capsula de porcelana; ferva até que o liquido fervendo marque 1,26 no densimetro (30° Baumé). Clarifique com pasta de papel, e côe.

Oxymel scillitico. (Cod. fr.)

Vinagre scillitico	500 gram.	Mel branco	2000 gram.

Opere como para o oxymel simples.

Prepara-se do mesmo modo o *oxymel de bolbos de colchico*.

PAPEIS EMPLASTICOS. Fazem-se estendendo sobre papel, mui uniformemente, uma camada mui delgada de certas substancias adhesivas; e applicão-se depois nas partes doentes do corpo. Preparão-se com substancias epispasticas de natureza diversa, taes como materias gordas carregadas do principio vesicante das cantharidas, trovisco, thapsia, e associadas á cera. Tambem se fazem sómente com as resinas, taes como a terebinthina, resina elemi, etc.

Papel chimico. (Cod. fr.)

Azeite doce	2000 gram.	Cera amarella	60 gram.
Minio pulverizado	1000 gram.		

Ponha a fogo vivo o azeite em tacho grande. Quando começar a derramar alguns vapores, ajunte o minio, e mexa tudo com uma longa espatula. Depois de apagada a tumefacção que se produz, continue a mexer a mistura deixando-a ao fogo, até se produzir a ultima intumescencia que é necessario vigiar, porque espalha então uma fumaça que convem evitar. Tire o tacho do fogo, continuando a mexer até se formar uma escuma esbranquiçada. Ajunte a cera; agite ainda alguns instantes depois do seu derretimento, que se faz com ruido.

O papel destinado a receber esta composição emplastica deve ser papel de seda, tornado impermeavel com a mistura seguinte :

Oleo de linhaça	1000 gram.	Oxydo rubro de ferro porphyrizado	400 gram.
Alho cortado	100 gram.	Alvaiad. moido com oleo	150 gram.
Essencia de terebint.	800 gram.		

Aqueça o oleo com o alho em tacho grande a fogo brando até que o alho se torne roxo, mexendo continuamente para evaporar a humi-

dade; côe por panno. Torne a pôr ao fogo o oleo assim preparado com as outras substancias; agite a mistura, e estenda-a com esponja sobre o papel de seda, que se fará depois seccar por quinze dias, pendurando-o em varinhas. Quando o papel estiver completamente secco, applique sobre uma das superficies a composição emplastica quente, com esponja ou por meio de um apparelho proprio para este uso. — Emprega-se contra os callos e dôres.

Papel epispastico. V. *Cantharidas.*

Papel Fayard.

Oleo de linhaça	500 gram.	Sal de Saturno	60 gram.
Alho	50 gram.	Cera amarella	30 gram.
Essencia de terebinth.	500 gram.	Minio	15 gram.

Ferva o alho com o oleo, côe, e ajunte as outras substancias. Esta mistura applica-se sobre papel de seda por via de um pincel de texugo tendo a fórma do rabo do bacalhão, e secca-se em estufa. Emprega-se este papel no curativo dos causticos, e é preconizado contra as dôres, queimaduras e callos.

Papel para fontes. (Cod. fr.)

Pez de Borgonha	450 gram.	Terebinthina ordinar.	100 gram.
Cera amarella	600 gram.	Balsamo do Perú	20 gram.

Derreta o pez e a cera; ajunte a terebinthina e o balsamo. Côe, sendo preciso, por panno, e estenda sobre tiras de papel á maneira do sparadrapo. Divida depois cada tira em rectangulos de 9 centimetros sobre 65 centimetros. — Emprega-se como adhesivo, para manter a ervilha introduzida na abertura da fonte.

PASTAS. Medicamentos internos, de consistencia de massa algum tanto elastica, tendo por base a gomma e o assucar; depois de convenientemente estendida, divide-se esta massa em pequenas porções de fórmas differentes, por meio de instrumentos appropriados. São medicamentos peitoraes. V. no FORMULARIO, as pastas de *gomma arabica*, de *jujubas*, de *musgo islandico*, etc.

PASTILHAS e **TABELLAS.** Medicamentos internos, de fórma redonda, quadrada ou rhomboidal, compostas de diversas materias medicamentosas, ligadas por meio de assucar ou de alguma mucilagem. Até agora os pharmaceuticos tem feito a distincção entre as tabellas propriamente ditas e as pastilhas; reunimo-las porém no mesmo artigo, fazendo entretanto duas classes : 1° Pastilhas preparadas por meio de alguma mucilagem (tabellas propriamente ditas). 2° Pastilhas preparadas ajuntando os ingredientes á calda de assucar em ponto de espadana ou de cabello. Na pratica, dá-se a umas e outras o nome de *pastilhas*.

1° *Pastilhas preparadas por meio de uma mucilagem* (*Tabellas*). Reduzem-se a pós finos os ingredientes; uma parte d'elles, incorpora-se á mucilagem n'um almofariz, depois lança-se esta massa molle sobre uma mesa de marmore, e mistura-se o resto dos pós amassando tudo, e por meio de um rôlo, estende-se a massa e aplana-se, dando-se-lhe a espessura, que se quer, depois de polvilhada a mesa com amido. Polvilha-se igualmente a superficie da massa. Para se ter pastilhas da mesma espessura, empregão-se quadrados ou reguas de páo ou de ferro, sobre as quaes se apoião as duas extremidades do rôlo; quando a massa se acha convenientemente estendida, divide-se em pastilhas com instrumentos appropriados de diversas fórmas e feitios; depois do que, ou em cima do papel, ou sobre o sedaço ou peneira, se seccão um pouco, e finalmente levão-se á estufa para acabarem de seccar.

A mucilagem das pastilhas é quasi sempre a de gomma alcatira; mas segundo alguns pharmaceuticos é preferivel a mucilagem de gomma arabica, por formar esta, pastilhas de aspecto transparente. Outros, para obter esta semi-transparencia, aconselhão o emprego da clara de ovo.

A quantidade de mucilagem necessaria para ligar as substancias varía algum tanto; é mais forte para as pastilhas que contém acidos e saes, do que para as que contém substancias extractivas. Esta proporção varía de 100 a 125 partes de mucilagem (preparada com 1 parte de gomma alcatira e 12 partes d'agua) para 1000 partes de mistura pulverulenta. Deve notar-se que as pastilhas que contém muita mucilagem endurecem muito com o tempo. As mucilagens fazem-se com agua simples ou com aguas distilladas aromaticas. Ás vezes estas ultimas são substituidas pelas essencias que se ajuntão á massa.

Segundo estes principios preparão-se as pastilhas de *bicarbonato de soda* ou *de Vichy,* de *cato, carvão, ipecacuanha, manná, enxofre,* e que vão indicadas no FORMULARIO, no lugar em que se trata de cada uma d'estas substancias.

Tabellas de hortelã (*Pastilhas inglezas de hortelã.*) Cod. fr.

Assucar refinado	1000 gram.	Mucilag. de gom. alcatira	90 gram.
Oleo vol. de hort. rect.	10 gram.		

Faça massa pelo modo ordinario e não ajunte senão em ultimo lugar o oleo essencial, previamente misturado com a decima parte do assucar. Divida a massa em tabellas de 1 gramma.

2° *Pastilhas preparadas por meio de assucar em calda.* N'uma pequena cassarola munida de um bico voltado para o lado direito, deita-se o assucar com uma pouca d'agua aromatica para fazer massa. Aquece-se, e logo que a substancia se levantar com leve ebullição, ajunta-se nova quantidade de assucar para lhe dar a consistencia conveniente, e ao mesmo tempo, a substancia (essencias ou alcoolatos, etc.), que deve formar a base das pastilhas; pega-se no cabo da cassarola com a mão esquerda; vira-se de maneira que o bico fique por diante; inclina-se para deixar correr a massa em gottas sobre uma folha de Flandres fria, facilitando o escorrimento com um tubo de vidro ou com um arame de ferro. Cada gotta coagulando-se toma a fórma hemispherica. Levão-se depois as pastilhas á estufa para acabarem de seccar. O seu peso é de 30 a 50 centig. (6 a 10 grãos).

Pastilhas de hortelã. (Cod. fr.)

Oleo essencial de hortelã-pimenta rectificado	5 gram.	Assucar refinado	1000 gram.
		Agua distillada	125 gram.

Pise o assucar em almofariz de marmore, e passe-o por peneira de cabello. Torne a passar o producto por um sedaço, e não empregue para a preparação das pastilhas senão a porção de assucar que póde atravessar o ultimo tecido: sua quantidade deve ser de 1000 grammas. Misture a essencia com esta quantidade de assucar, e faça com agua massa firme. Aqueça esta massa em porções de 120 grammas, em cassarola de bico, agitando continuamente. Quando o calor a tiver sufficientemente ammollecido, divida-a em gottas, fazendo cahir a materia, por meio de uma haste metallica, sobre uma folha de Flandres fria. Tire as pastilhas depois de frias, e leve-as á estufa para acabarem de seccar.

Da mesma maneira se preparão as pastilhas aromaticas de *rosa, limão, flor de laranjeira, aniz, canella, cravo,* não empregando

comtudo, senão a quantidade necessaria dos oleos volateis. Para as pastilhas de *ambar cinzento*, de *baunilha*, etc., empregão-se as tinturas d'estas substancias; para as de *cochlearia*, o alcoolato; para as de *café*, de *açafrão*, faz-se dissolver a primeira parte do assucar no infuso d'estas substancias.

Podem fazer-se pastilhas por gottas com os acidos citrico, tartrico, oxalico, etc.; n'estes casos, convem operar por pequenas porções, sem o que a mistura não poderia adquirir a consistencia bastante solida, modificando os acidos, debaixo da influencia do calor, as propriedades do assucar.

PEROLAS. Pequenas capsulas redondas, da grossura de um feijão, feitas ordinariamente de gomma assucarada, e que se enchem com um liquido medicamentoso. As que são cheias de ether, de chloroformio, de essencia de terebinthina, apresentão grande facilidade para a administração d'estes medicamentos.

PILULAS. Preparações formadas pela mistura de pós com algum xarope, mucilagem, extracto, conserva, etc., ás quaes se dá a fórma globular e o peso de 5 a 30 centigrammas (1 a 6 grãos). De 30 centigrammas para cima tomão o nome de bolos. São destinadas para serem engulidas sem se mastigarem.

As pilulas podem ser compostas de uma infinidade de substancias, taes como pós vegetaes e animaes, resinas ou gommas resinas, saes metallicos, extractos, xaropes, etc.; tudo misturado em proporções proprias para produzir a consistencia conveniente, e batido em almofariz até que a massa se torne perfeitamente homogenea.

O almofariz deve ser de ferro, quando a massa pilular fôr em grande quantidade, e quando não contiver cousa alguma que possa actuar sobre o metal. Fazem-se em gral de marmore as pilulas que são de mixtão facil, como as que resultão da mistura de qualquer pó com algum xarope, conserva ou extracto molle. Fazem-se n'um gral de porcelana ou de guaiaco as que contém saes metallicos.

Em algumas pharmacias, para pequena quantidade de pilulas, faz-se a massa sobre um pedaço de taboa, de marmore, ou de vidro, com espatula. Este meio, que não é mais expeditivo do que o outro, não é tão bom porque a mixtão não póde ser exacta.

A massa deve apresentar um córte homogeneo. Depois de feita, sendo officinal, fecha-se e guarda-se em pote; sendo magistral, divide-se immediatamente, por meio de instrumentos proprios, em pequenas espheras, que são as pilulas.

As substancias tem ás vezes a consistencia necessaria para serem directamente reduzidas a pilulas; outras vezes não a tem; recorre-se então a *excipientes* proprios a dar-lhes esta consistencia. As substancias seccas necessitão excipientes molles ou liquidos taes como xaropes, extractos, ou conservas. As substancias molles ou liquidas precisão dos excipientes seccos, as mais das vezes dos pós de althea, de alcaçuz, etc. O excipiente, bem que geralmente inerte, deve ser apropriado á natureza da base : será alcoolico para as resinas, hydralcoolico para as gommas resinas, oleoso para o sabão, extractivo, aquoso ou mucilaginoso, para as outras substancias. As mucilagens, salvo se as pilulas deverem ser ingeridas pouco tempo depois da sua preparação, tem o inconveniente de tornar com o tempo as pilulas tão extraordinariamente duras, que atravessão o tubo digestivo sem se dissolverem. É preciso, pois, evita-las.

Ás vezes os excipientes substituem-se pelo simples modo operatorio. Assim quando se opera sobre uma quantidade notavel de resinas ou de gommas resinas não reduzidas a pó, pisão-se em

almofariz de ferro, previamente aquecido com agua fervendo, e, ao depois, bem enxuto, outras vezes mergulhão-se na agua quente.

Não devem entrar na composição das pilulas os saes deliquescentes, sem se cobrirem immediatamente as pilulas com gelatina ou se converterem em gragêas.

Para fazer qualquer massa pilular, introduz-se, primeiro, a base no almofariz; tritura-se, sendo preciso; depois ajunta-se-lhe pouco a pouco o excipiente apropriado, e pisa-se por muito tempo até tornar a massa homogenea. Conhece-se que a massa pilular tem a consistencia conveniente, quando não se pega ao fundo do almofariz, nem aos dedos, e quando conserva a fórma que se lhe deo.

Feita convenientemente a massa pilular, segue-se a operação de a dividir em pilulas. Serve, para este fim, um instrumento chamado *pilulador* (fig. 90). Consiste este instrumento em um taboleiro, cujos dois terços são occupados por uma taboa de páo, A, em que se colloca a massa pilular para se dividir em cylindros. Está em seguida uma peça de cobre, B, excavada em meias canas ou sulcos semicylindricos. Além do taboleiro ha uma peça destacada, C, que é o cortador, guarnecido tambem de sulcos semicylindricos em numero e dimensões iguaes aos da peça fixa, de modo que ajustando o cortador sobre a peça fixa, formão as duas peças uma serie de cylindros parallelos. A massa pilular, formada em cylindro, é collocada sobre a peça fixa, transversalmente aos sulcos, e por um movimento de vaivem do cortador, fica a massa dividida em tantas pilulas quantos são os sulcos. A estas pilulas assim cortadas dá-se-lhes finalmente a fórma spherica, rolando-as entre os dedos; ou, quando são muitas, rolando-as, depois que sahem do pilulador, em um pequeno taboleiro de páo por meio de outra peça tambem de páo bem lisa, e de diametro tal que possa ser abrangida entre os dedos. E para que as pilulas não se peguem umas ás outras quando se rolão, ou aos dedos do operador, ou ás superficies do pilulador, é mister que a massa, ou os dedos, ou o pilulador se polvilhem com algum pó inerte, que geralmente costuma ser o amido, o pó de alcaçuz, ou o de lycopodio. Depois de feitas as pilulas, rolão-se ainda nos mesmos pós, para não se pegarem umas ás outras. Para disfarçar o cheiro da massa, emprega-se o pó de canella ou de lirio.

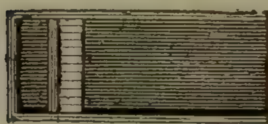




Fig. 36.

Pilulador de 36 sulcos.

Disco para rolar as pilulas, de Vial, pharmaceutico de Pariz. Fig. 91. Este pequeno instrumento, construido de ebano artificial, compõe-se de tres peças moveis e separadas.

1° Um disco inferior com prato para receber as pilulas;

2° Um circulo movel para mantê-las;

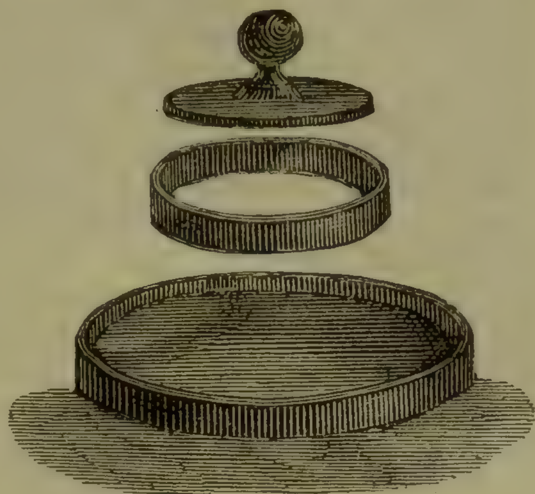
3° Um disco superior com punho para as rolar.

A substancia empregada para a confecção d'este disco é susceptivel de bello polimento; tem a vantagem de não deformar-se nem pela fricção, nem pela humidade, nem pelo calor; por conseguinte póde lavar-se, e não absorve, em razão da sua dureza, nem o sabor, nem o cheiro dos medicamentos.

O modo de operar é facil e rapido : as pilulas, cortadas no pilulador, e collocadas entre os dois discos, tornão-se redondas uniformemente, sem o soccorro dos dedos, depois de duas ou tres evoluções do instrumento.

Póde rolar-se ao mesmo tempo grande numero de pilulas,

qualquer que seja o seu tamanho ou composição; e o operador póde assegurar-se immediatamente da sua regularidade e mesmo do seu peso; porque tal é a precisão d'este pequeno apparelho, que na mesma massa as pilulas mui grossas tomão a fórma oblonga, ao passo que as pilulas mui pequenas não podem ser comprimidas pelos discos.


Fig. 91.
Disco para rolar pilulas.

Differe dos discos, anteriormente imaginados, pelo circulo movel, que lhe dá todo o valor original É, em uma palavra, um instrumento exacto, solido, elegante, util, e que, para a confecção das pilulas, satisfaz as exigencias dapharmacai.

Vende-se, em Pariz, na pharmacia deVial, *Rue de Châteaudun, 20.* Pequeno modelo de 20 centimetros de diametro, para rolar 100 pilulas ou menos em uma vez, 12 francos. Grande modelo de 30 centimetros de diametro, para rolar 200 pilulas ou mais em uma vez, 24 francos.

Ás vezes, para tornar as pilulas mais agradaveis á vista e para encobrir-lhes o sabor, em vez de as rolar em pó, cobrem-se com folha de ouro, e mais ordinariamente com folha de prata. Para este fim, deitão-se em uma esphera ôca, que contém algumas folhas de qualquer d'estes metaes; fecha-se a caixa, e agita-se circularmente até que a superficie das pilulas fique de todo prateada ou dourada. Cumpre evitar, para o bom exito da operação, que as pilulas sejão muito molles, porque então tomão muito metal, e não tem lustre. Quando a superficie está mui secca, antes de as pôr em contacto com as folhas metallicas rolão-se nos dedos levememte humidos de xarope. Um meio expedito, quando ha grande quantidade de pilulas para pratear, consiste em introduzir estas, com uma gotta d'agua ou de xarope, n'uma caixa ou pote qualquer, que se sacode com força. Deitão-se depois as pilulas, assim humedecidas, na caixa de pratear, e termina-se da maneira ordinaria. Chega-se assim a um bom resultado, empregando alcool para as pilulas resinosas, as de Frank, por exemplo.

Os meios precedentes não encobrem senão imperfeitamente o sabor e sobretudo o cheiro desagradavel de certas composições pilulares. Para obstar a este inconveniente cobrem-se as pilulas com gelatina. Eis-aqui a maneira de proceder :

Em primeiro lugar, prepara-se uma solução de gelatina composta de 100 partes de gelatina purificada (grenetina) e de 8 a 12 partes d'agua, conservando-a liquida em banho-maria em quanto durar a operação da cobertura. Podem tambem empregar-se partes iguaes de gelatina e de pasta de jujubas, dissolvidas a banho-maria em alguma agua aromatica. Emprega-se tambem a mistura seguinte : gelatina, 12; assucar, 6; gomma arabica, 6; agua, 15. — As pilulas devem estar exteriormente limpas de pós. — É necessario tambem ter á mão numero sufficiente de arames de 8 a 10 centimetros de comprido, aguçados nas duas extremidades; e além d'isso uma almofada ou pregadeira grande, ou um prato com areia em que os arames se possão collocar verticalmente. — Feito isto, espeta-se cada pilula na ponta de um dos arames; e, depois de todas assim dispostas,

mergulha-se uma por cada vez na solução de gelatina até ao ponto da inserção do arame; em seguida espeta-se este na almofada ou na areia. Deixão-se assim n'esta posição as pilulas já cobertas com gelatina, até que esta se solidifique, o que tem lugar em menos de dez minutos. Tirão-se então as pilulas dos arames, e tapa-se o buraco que ficou, passando-lhe por cima um pincel fino molhado na solução de gelatina. Póde tambem tirar-se o arame collocando-o horizontalmente pelo meio sobre a luz de uma vela. Quando o calor chega á extremidade do arame em que está a pilula, funde-se a gelatina que rodeia o arame, e, tirado então este, tapa-se naturalmente o buraco. Para isto se fazer é preciso não deixar seccar muito a capa da gelatina.

Para cobrir de gelatina grande numero de pilulas em uma vez, fixão-se arames em um disco de cortiça ou de páo; mettem-se as pilulas nas pontas; mergulha-se tudo n'um vaso de abertura larga contendo gelatina, e tira-se com promptidão, como precedentemente.

A gelatinização convem para as pilulas de copahiba, de terebinthina, de almiscar, de assafetida e de substancias analogas.

Para as pilulas ordinarias, uma só camada de gelatina basta para interceptar todo o cheiro, mas para certas substancias de cheiro penetrante revestem-se as pilulas com duas camadas de gelatina.

Cobrem-se tambem as pilulas com uma camada de verniz, lançando-as em uma taça, contendo uma solução de 1 parte de almêcega em 3 partes de ether, e dando-lhes um movimento de rotação. Assim que as pilulas começão a collar-se umas ás outras, tirão-se e collocão-se em pequenos moldes de folha de Flandres amalgamada, e, uma hora depois, vão a seccar á estufa. — *Blancard* emprega a solução de balsamo de Tolú no ether em vez de almêcega.

Para cobrir as pilulas com assucar, que fique adherente, ou se molhão com xarope simples, e se agitão depois com movimento de rotação em pó de alcatira; ou se molhão com solução concentrada de gomma arabica, e se agitão depois em pó de assucar e gomma.

Eis-aqui finalmente ainda um modo de cobrir as pilulas : Faz-se uma mucilagem com 50 partes de gomma alcatira e 100 partes d'agua; ajunta-se-lhe 1000 partes de assucar de leite, para obter uma mistura que se faz seccar na estufa. Reduz-se o producto a pó fino; humectão-se levemente as pilulas, e rolão-se depois n'este pó.

Os pharmaceuticos devem lembrar-se de que as pilulas endurecidas pelo tempo não se dissolvem no estomago, e que, por conseguinte, devem amollecê-las, antes de as aviar.

Acontece ás vezes que os medicos n'uma formula de pilulas, depois de indicar a base, prescrevem : excipiente q. s., e declarão a divisão da massa em pilulas de peso determinado. N'este caso o pharmaceutico acha-se ás vezes embaraçado para saber se deve só ter em conta a substancia activa para fazer esta divisão, ou se deve pesar a massa bruta e dividi-la em pilulas do peso dado : deve tomar o primeiro partido.

Um bom modo de receitar as pilulas, consiste em dar a formula de uma só, e indicar depois o numero que se precisa de pilulas analogas. Receitando assim não póde haver equivoco.

Quando na composição das pilulas entrão substancias venenosas, como o sublimado, a digitalina, etc., deve haver a maior attenção na manipulação e divisão d'estas pilulas. O medico em tal caso receita commummente a dóse da substancia activa e do excipiente para cada pilula, e declara *faça como esta mais outras pilulas tantas*. Convem ponderar que usando-se de 1 ou 5 milligrammas em cada

dóse, por susceptiveis e fieis que sejão as balanças, assim como os pesos, é muito arriscada e melindrosa a exactidão de taes fracções pesadas separadamende. É portanto preferivel pesar em globo a substancia activa, e depois incorpora-la com duas ou tres vezes o seu peso de um pó inerte, e, por meio da balança, dividir a mistura em tantas porções quantas forem as pilulas; fazer então cada pilula separadamente, segundo tiver sido ordenado pelo medico.

As pilulas facilmente alteraveis pelo ar e pela luz, como as de Blaud, de Vallet, e de differentes ioduretos, devem ser aviadas em frascos de vidro preto e bem tapados. O emprego d'estes frascos seria vantajoso para todas as especies de pilulas.

POÇÕES. São medicamentos liquidos, que os doentes tomão em uma ou mais vezes, e com intervallos mais ou menos approximados. Resultão da mistura de cozimentos, infusões, xaropes, pós, extractos, etc. Seu peso varía de 60 a 300 grammas (2 a 10 onças).

As proporções de folhas, flores, raizes, etc., que devem servir para a preparação das infusões ou das decocções destinadas a fazer parte das poções são : para as folhas e flores, de 2 por 100, para os lenhos, talos e raizes, de 4 por 100. Todavia, exceptuão-se as substancias mui activas ou venenosas, taes como a belladona, digital, etc., cujas dóses devem ser fixadas pelo medico.

A preparação das poções, mui simples, em geral, exige comtudo algumas regras : 1° quando a poção não consiste senão em mistura de um ou mais xaropes com aguas distilladas ou infusões, pesão-se primeiro os xaropes e depois as aguas; 2° quando entrão n'ellas liquidos volateis, o ether, por exemplo, ajuntão-se estes liquidos em ultimo lugar, no momento de tapar o frasco; 3° se um oleo essencial, uma tintura resinosa, fazem parte d'ellas, lanção-se sobre o xarope, e agitão-se antes de ajuntar as aguas; 4° os pós devem ser mui finos; diluir-se-hão em almofariz ajuntando-lhes primeiro os xaropes e depois os outros liquidos; 5° pelo contrario, os extractos, os electuarios, os saes não serão diluidos senão nas aguas distilladas ou nas infusões. A camphora será primeiro dividida com um pouco de alcool, e depois triturada com assucar ou com carbonato de magnesia.

As poções imperfeitamente transparentes devem, quando na sua composição nada se oppõe a isto, ser filtradas pelo papel-filtro.

A proporção ordinaria da substancia edulcorante é de 1 a 2 para 4 de vehiculo.

As mais das vezes, as poções tomão-se ás colheres *de sopa,* de hora em hora. Sendo alteraveis por sua natureza, devem ser renovadas cada vinte e quatro horas pelo menos.

POLPAS. Dá-se este nome ás partes tenras, carnosas dos vegetaes, separadas das partes duras por meios convenientes, e reduzidas á consistencia de massa molle. — As polpas obtem-se de ordinario pisando as materias frescas em almofariz de marmore com mão de páo, se o seu tecido é tenro e delicado; ou dividindo-as com o ralador, se são compactas. — Quando se quer preparar a polpa de qualquer substancia secca, é preciso primeiro amollecer esta pelo vapor d'agua, ou dilui-la em agua tepida. Depois de reduzida a substancia a polpa grossa, passa-se por peneira de cabello, esmagando-a com uma larga espatula de páo; e para maior perfeição, torna-se a passar por outra peneira mais fina. — Em geral, não se devem preparar as polpas senão no momento em que se precisa d'ellas, por não poderem conservar-se muito tempo sem alteração.

Polpa de ameixas (Cod. fr.). Ameixas seccas q. v. Exponha as

ameixas sobre um diaphragma á acção do vapor d'agua, até ficarem molles; tire-lhes os caroços; e polpe-as por peneira de cabello.

Preparão-se do mesmo modo as polpas de *scilla*, de *jujubas*, de *tamaras*.

Polpa de cannafistula (Cod. fr.). Vagens de cannafistula q. v. Tire com a espatula a polpa, as sementes e os septos interiores. Ponha o producto n'uma vasilha de louça com q. s. d'agua e faça digerir a b. m., mexendo de tempo em tempo até que a massa amolleça igualmente; então polpe-a por peneira de cabello, e evapore a b. m. até á consistencia de extracto molle.

Polpa de cenoura (Cod. fr.). Raiz de cenoura q. v. Reduza as raizes a polpa com o ralador.

Preparão-se pela mesma fórma as polpas de *batatas*, e de bolbos de *alho*.

Polpa de cicuta (Cod. fr.). Folhas frescas de cicuta q. v. Reduza-as a massa fina por contusão em almofariz de marmore, e polpe por peneira de cabello.

Preparão-se do mesmo modo as polpas de *todas as outras folhas* ou *flores frescas*.

Polpa de tamarindos (Cod. fr.). Polpa bruta de tamarindos q. v. Ponha a polpa n'uma vasilha de porcelana, ajunte-lhe sufficiente quantidade d'agua, e faça digerir a b. m., mexendo de tempo a tempo, até que a massa amolleça uniformemente; então polpe-a para separar d'ella os caroços e os filamentos do fructo, e evapore a b. m. até á consistencia de extracto molle.

POMADAS. Dá-se este nome á banha de porco ou a qualquer outra gordura animal, misturada com um ou mais principios medicamentosos. A banha que se emprega para as pomadas póde ser simples ou benzoinada.

A *banha benzoinada* ou *balsamica* prepara-se aquecendo a b. m., por duas ou tres horas, uma mistura de 1 parte de benjoim com 25 partes de banha, coando por panno, e agitando até arrefecer. O benjoim preserva a banha do ranço, por conseguinte a *banha benzoinada* póde substituir com vantagem nas pomadas a banha ordinaria. O balsamo peruviano póde substituir o benjoim.

Banha inodora (Piesse). Redenho de porco, fresco, cortado e lavado 14 kilogrammas. Aqueça a b. m. d'agua salgada até á fusão; ajunte pedrahume em pó, 30 grammas; sal marinho pulverizado, 60 grammas; misture; continue a aquecer até que se forme na superficie uma escuma espessa; tire a escuma; deixe arrefecer. Lave a banha por pequenas porções n'agua fria triturando-a em gral; derreta-a a b. m. até não conter mais agua : deixe resfriar lentamente. — A purificação absoluta da banha destinada ás pomadas de perfumaria é indispensavel.

PÓS. São substancias medicinaes, reduzidas por meios mecanicos a grande tenuidade.

Os modos de reduzir as diversas substancias a pó, achão-se indicados nos artigos *Pulverização*, p. 42. e *Porphyrização*, p. 42. Não se devem preparar os pós em grande quantidade de uma vez; porque, todos os medicamentos, salvo pequeno numero de substancias mineraes, conservão-se melhor, quando não divididos. Este preceito applica-se mais especialmente aos corpos que contém principios volateis. Eis-aqui os modos de reduzir a pó as diversas substancias medicinaes, segundo o Codigo pharmaceutico francez.

Pó de açafrão. Estigmas de açafrão q. v. Ponha o açafrão n'uma estufa moderadamente quente; pulverize por contusão, e passe pro

peneira de seda. Encerre o pó, bem secco, em vaso proprio, e guarde-o ao abrigo da luz.

Pó de acido arsenioso. Acido arsenioso quebrado em fragmentos q. v. Pulverize em almofariz de porcelana, e passe o pó por peneira de seda.

Querendo-se obter o pó mui tenue, é preciso pulveriza-lo a secco e por pequenas porções sobre uma mesa de porphyro.

Cumpre, em todos os casos, preservar-se cuidadosamente da acção do pó, que possa espalhar-se no ar ambiente.

Praparão-se do mesmo modo os pós de todos os saes brancos em geral, que, por sua dureza ou acidez, poderião atacar os almofarizes de marmore, ou perder a sua alvura n'um almofariz de ferro.

Pó de acido oxalico. Prepara-se como o pó de acido arsenioso. É perigoso prepara-lo. Devem-se tomar precauções para não absorvê-lo.

Pó de acido citrico e tartrico. Como o de acido arsenioso.

Pó de aconito. Prepara-se do mesmo modo que o pó de digital.

Pó de alcaçuz (raiz). Prepara-se do mesmo modo que o de althea, com a raiz escolhida de bella côr amarella no interior, e raspada exteriormente para a privar da epiderme arroxada.

Pó de alcaravia. Como o de aniz.

Pó de almêcega. Prepara-se como o de benjoim.

Pó de almiscar. Prepara-se como o de castoreo.

Pó de aloes. Aloes q. v. Pise-o grosseiramente em almofariz de ferro, seque-o na estufa, termine a pulverização por trituração, e passe por peneira de seda.

Pó de althea. Raiz de althea mondada q. v. Corte a raiz miudamente, deixe seccar na estufa, e pulverize por contusão até que não fique senão um residuo fibroso e sem sabor.

Pó de alumen. Como o de bicarbonato de soda.

Pó de alvaiade. Prepara-se como o de magnesia.

Pó de angelica. Prepara-se como o de valeriana.

Pó de angustura verdadeira. Prepara-se como o de canella.

Pó de aniz. Fructos de aniz verde q. v. Joeire o aniz para lhe tirar a poeira e os pedicellos; separe com a mão os corpos estranhos, ponha o aniz em estufa moderadamente aquecida, pise-o em almofariz de ferro, e passe por peneira fina de seda.

Pó de aniz estrellado. Como o de aniz.

Pó de arnica. Prepara-se como o de rosas rubras.

Pó de arroz. Arroz q. v. Lave o arroz em agua fria, e macere-o por duas horas em outra agua fria. Passado este tempo, deite-o sobre um panno de linho para o fazer esgotar; pise-o em almofariz de marmore com mão de páo. Faça seccar na estufa o pó branco que resultar d'esta operação; pise-o em almofariz de ferro, e passe por peneira de seda.

Pó de arruda. Como o de folhas de laranjeira.

Pó de artemisia. Como o de digital.

Pó de assafetida. Prepara-se como o de escamonéa.

Pó de assucar. Assucar refinado q. v. Pulverize-o grosseiramente em almofariz de marmore, faça seccar na estufa, termine a pulverização no mesmo almofariz, e passe o pó por peneira de seda.

Prepara-se do mesmo modo o pó de *assucar de leite.*

Pó de balsamo de Tolú. Prepara-se como o de benjoim.

Pó de bardana. Prepara-se como o de bistorta.

Pó de baunilha. Baunilha 10 grammas, assucar refinado 90 gram. Corte a baunilha em pedaços miudos; pise-a com certa quantidade do assucar, até que pareça sufficientemente pulverizada; passe

por peneira de seda. Ajunte ao residuo mais uma parte do assucar; pise e passe por peneira. Continue do mesmo modo até que fique peneirada toda a baunilha, e todo o assucar. Misture as diversas porções de pós, e guarde tudo em frasco tapado.

Pó de belladona (folhas). Folhas de belladona recentemente seccas q. v. Ponha as folhas na estufa por algumas horas; reduza-as a pó por contusão em almofariz de ferro, e passe por peneira de seda. Cesse logo que o pó obtido iguale aos tres quartos do peso da substancia empregada.

Pó de belladona (raiz). Prepara-se como o de genciana.

Pó de benjoim. Benjoim q. v. Pulverize por trituração em almofariz de ferro, e passe por peneira de seda.

Pó de bicarbonato de soda. Bicarbonato de soda q. v. Pise em almofariz de marmore, e passe por peneira de seda.

Preparão-se do mesmo modo os pós de todos ao saes que não são, nem assás duros, nem bastante acidos para atacarem o marmore.

Pó de bistorta. Raiz secca de bistorta q. v. Machuque a raiz, faça seccar na estufa, e pulverize por contusão em almofariz de ferro.

Pó de bolo armenio. Bolo armenio q. v. Pise o bolo armenio em almofariz; deite-o em terrina com agua fria, dilua-o completamente, e deixe-o de môlho por 48 horas, agitando-o de vez em quando. Misture então o deposito com o liquido; deixe-o assentar por alguns minutos; decante o liquido ainda turvo; repita esta manipulação até que se separem todas as partes finas. Deite fóra o residuo como inutil. Deixe assentar todos o liquidos; faça esgotar o deposito sobre panno; reduza-o a trociscos, e faça-os seccar.

Preparão-se do mesmo modo os pós de giz e os de todas as substancias argilosas.

Pó de borato de soda. Como o de bicarbonato de soda.

Pó de bryonia. Prepara-se como o de bistorta.

Pó de calomelanos. Prepara-se como o de acido arsenioso.

Pó de calumba. Prepara-se como o de bistorta.

Pó de camomilla. Prepara-se como o de rosas rubras.

Pó de camphora. Camphora purificada q. v. Reduza a camhpora a pó por meio do ralador de assucar; passe por peneira de cabello, guarde o pó em frasco tapado. Pulveriza-se extemporaneamente a camphora triturando-a em almofariz, depois de humedecida com ether ou alcool rectificado.

Pó de canella. Canella q. v. Pulverize-a grosseiramente; ponha-a por doze horas na estufa moderadamente aquecida; acabe a pulverização por contusão, e passe por peneira de seda.

Pó de cantharidas. Cantharidas recentemente seccas q. v. Passe-as por um crivo para separar d'ellas a poeira; ponha-as na estufa aquecida a 50° centigrados até ficarem completamente seccas; pulverize sem residuo, em almofariz de ferro, coberto, e passe por peneira de seda.

O operador deve tomar todas as precauções para garantir-se do pó de cantharidas.

Pó de cardamomo. Sementes de cardamomo menor q. v. Faça-as seccar na estufa moderadamente aquecida; pulverize sem deixar residuo.

Pó de carvalhinha. Como o de folhas de laranjeira.

Pó de carvão vegetal. Carvão de lenha leve, perfeitamente preparado, isto é, podendo arder sem chamma, sem cheiro nem fumo, q. v. Pise em almofariz de ferro coberto, e passe por peneira de

seda. — Para o uso externo, preparão-se uns pós de carvão menos finos, e dos quaes se separão os saes soluveis pela lavagem em agua.

Pó de casca de Winter. Prepara-se como o de canella.

Pó de cascarilha. Como o de canella.

Pó de castoreo. Castoreo do Canadá secco q. v. Rasgue o sacco do castoreo, deite fóra o envoltorio externo, e, tanto quanto fôr possivel, as partes membranosas; faça seccar n'uma estufa moderadamente aquecida. Pulverize por trituração em almofariz de ferro, e passe por peneira de seda.

Pó de cato. Prepara-se do mesmo modo que o de aloes.

Pó de centaurea menor. Como o de folhas de laranjeira.

Pó de centeio espigado. Centeio espigado colhido no anno e conservado secco q. v. Faça seccar na estufa, pulverize em almofariz de ferro, e passe por peneira de seda.

O pó de centeio espigado altera-se promptamente; deve preparar-se no momento em que se pede, e deve-se fazer só a quantidade prescripta.

Pó de cevadilha. Como o de aniz.

Pó de cicuta. Como o de belladona.

Pó de cochonilha. Prepara-se como o de cantharidas.

Pó de coentro. Como o de aniz.

Pó de colophonia. Prepara-se como o de benjoim.

Pó de coloquintidas. Fructos de coloquintida privados do epicarpo q. v. Abra os fructos, deite fóra as sementes, faça seccar na estufa, pulverize por contusão, e passe por peneira de seda.

Pó de cominhos. Como o de aniz.

Pó de contraherva. Prepara-se como o de valeriana.

Pó de coral. Coral vermelho q. v. Lave o coral inteiro em agua morna e faça-o seccar; pise-o em almofariz de ferro, e passe por peneira de cabello. Lave o pó em agua fervendo quatro ou cinco vezes; moa-o ainda molhado, sobre um porphyro, ajuntando-lhe um pouco d'agua, se fôr necessario. Dilua a massa em agua para separar por decantação as partes mais finas das mais grossas; trate estas do mesmo modo por moedura, diluição e decantação, até reduzir todo o coral a pó impalpavel. Faça esgotar os depositos, reduza-os a trociscos, e faça seccar.

Pó de cremor de tartaro. Como o de acido arsenioso.

Pó de cúbebas. Prepara-se do mesmo modo que o de aniz.

Pó de curcuma. Prepara-se como o de bistorta.

Pó de cusso. Flores de cusso q. v. Faça seccar na estufa, pulverize por contusão em almofariz de ferro, passe por peneiro de cabello. O pó não deve ser fino.

Pó de cynoglossa. Prepara-se como o de genciana.

Pó de digital. Folhas de digital recentemente seccas q. v. Contunda as folhas em almofariz de marmore com mão de páo; sacuda-as sobre uma peneira de cabello para separar d'ellas a pennugem prateada que lhe cobre a face inferior. Faça seccar as folhas contusas na estufa, pise-as em almofariz de ferro, e cesse a operação logo que as tres quartas partes da substancia estiverem pulverizadas.

As folhas do segundo anno (a planta é bisannual), colhidas ao principio da florescencia, privadas das nervuras medianas, e seccas na estufa a + 60°, devem ser guardadas em vasos fechados, ao abrigo da luz e da humidade. O pó deve ser preparado á medida que fôr preciso, para a consummação de dois mezes ao mais. A provisão das folhas deve ser reformada cada anno.

Pó de dormideiras. Prepara-se como o de coloquintidas.

Pó de emetico. Prepara-se como o de acido arsenioso.

Pó de escamonéa. Escamonéa q. v. Limpe-a das impurezas que lhe podem adherir; pulverize-a grosseiramente; faça a seccar por uma exposição bastante prolongada em estufa moderadamente aquecida. Acabe a pulverização em almofariz de ferro; passe por peneira de seda.

Pó de estramonio. Como o de folhas de belladona.

Pó de euphorbio. Prepara-se como o de escamonéa.

Pó de feto macho. Rhizomas de feto macho privados das extremidades, e recentemente seccos, q. v. Corte os rhizomas transversalmente em pedaços mui delgados, joeire-os para separar as escamas foliaceas; faça seccar na estufa, e pulverize. O pó é de côr verde, e possue o cheiro caracteristico do rhizoma.

Pó de funcho. Como o de aniz.

Pó de galanga. Prepara-se como o de genciana.

Pó de galbano. Como o de escamonéa.

Pó de genciana. Raiz secca de genciana q. v. Corte a raiz em pedaços delgados, faça seccar na estufa, e pulverize por contusão. Cesse quando o residuo se tornar esbranquiçado, de apparencia lenhosa, e de pouco sabor.

Pó de gengibre. Prepara-se como o de bistorta.

Pó de giz. Prepara-se como o de bolo armenio.

Pó de gomma alcatira. Como o de gomma arabica.

Pó de gomma ammoniaco. Como o de escamonéa.

Pó de gomma arabica. Gomma arabica branca, escolhida, q. v. Limpe a gomma dos corpos estranhos que lhe adherem na superficie; pise-a grosseiramente, e sacuda-a sobre uma peneira de cabello para separar d'ella o primeiro pó que ainda deve conter alguma areia. Faça seccar na estufa a gomma assim preparada; pulverize-a por contusão; e passe por peneira de seda.

Pó de gomma gutta. Como o de escamonéa.

Pó de guaiaco (páo). Prepara-se como o de quassia.

Pó de guaiaco (resina). Como o de benjoim.

Pó de guaranhem ou *monesia.* Guaranhem q. v. Quebre esta massa em pedaços, e pulverize-a grosseiramente em almofariz de ferro. Faça seccar na estufa, e acabe a pulverização por meio de uma forte contusão. Passe por peneira de seda.

Pó de helleboro. Prepara-se como o de valeriana.

Pó de hypericão. Como o de folhas de laranjeira.

Pó de inula campana. Prepara-se como o de bistorta.

Pó de ipecacuanha. Raiz de ipecacuanha q. v. Esta raiz deve ser escolhida bem cheia e privada de pequenos prolongamentos superiores, lenhosos e filiformes. Pisa-se, bem secca, em almofariz de ferro coberto, e por meio de uma percussão moderada; e passa-se por peneira de seda coberta e mui fina. Cessa-se a operação depois de obtidos, no estado de pós, os 3 quartos do peso da raiz empregada.

Este pó é de côr cinzenta esbranquiçada, tem um cheiro especial que produz espirros.

Pó de jalapa (raiz). Raiz de jalapa q. v. Contunda e faça seccar na estufa. Pise em almofariz coberto, e passe o pó por peneira de seda fina. Não se deixa residuo. — O pó de jalapa é de côr cinzenta pronunciada, de cheiro especial, um pouco nauseoso, e de sabor muito acre.

Pó de jalapa (resina). Prepara-se como o de benjoim.

Pó de kermes animal. Prepara-se como o de cantharidas.

Pó de kino. Prepara-se como o de opio.

Pó de labaça. Prepara-se como o de bistorta.

Pó de laranjeira (folhas). Folhas de laranjeira de fructo amargo (laranjeira da terra, no Rio), q. v. Faça seccar na estufa, pulverize em almofariz de ferro, e passe por peneira de seda. Pare com a pulverização quando o producto cessar de apresentar os caracteres physicos de bom pó.

Pó de linhaça (farinha de linhaça). Sementes de linho q. v. Passe a semente por crivo metallico para separar d'ella a poeira; prive-a dos corpos estranhos. Faça-a seccar na estufa, pise por contusão, em almofariz de ferro, ou pulverize em moinho; passe o pó por peneira de tecido metallico.

A farinha de linhaça deve conter toda a semente, amendoa e spermoderme; deve ser recentemente preparada para evitar a rancidez do oleo que ella contém, termo medio, na razão de 30 por 100. É macia ao tocar, e faz-se em massa quando se comprime na mão; forma emulsão com agua.

Ha differentes moinhos para preparar a farinha de linhaça. Um d'estes apparelhos, que serve tambem para a farinha de mostarda, está representado na fig. 92. Funcciona a braço. Fabrica-se em casa de Picqué, constructor-mecanico em Pariz, rua Faubourg Saint-Martin, 233. Nº 1, dando 15 kilogrammas por hora, custa 85 fr.; Nº 2, que produz 75 litros por hora. 160 francos.

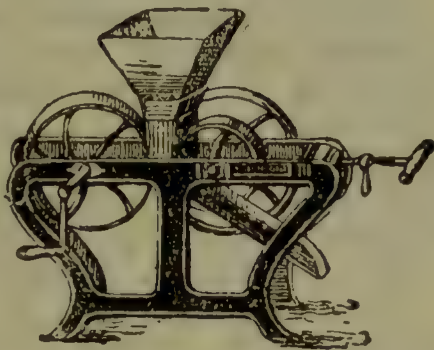


Fig. 92.

Moinho para moer semente de linho e de mostarda.

Pó de lirio. Prepara-se como o de bistorta.

Pó de lithargyrio. Como o de sulfato de ferro.

Pó de magnesia branca. Hydro-carbonato de magnesia em pães q. v. Ponha o peneiro de cabello sobre uma folha de papel, e esfregue successivamente os pães de magnesia sobre o peneiro até que tudo passe pelas malhas. Torne a passar o pó por peneira de seda.

Pó de maniguete. Como o de cardamomo.

Pó de manjerona. Como o de folhas de laranjeira.

Pó de meimendro. Prepara-se como o de belladona.

Pó de moscadas. Moscadas privadas de casca q. v. Contunda as moscadas em almofariz de marmore; moa-as depois em moinho semelhante aos que servem para a pimenta. Passe o pó por peneira fina de cabello.

Pó de mostarda (farinha de mostarda). Prepara-se do mesmo modo que o pó de linhaça. A farinha de mostarda apresenta na côr uma mistura do amarello esverdeado da amendoa da semente com o vermelho arroxeado da spermoderme; não é amarga, e desenvolve um oleo volatil muito acre, quando diluida em agua.

Pó de musgo de Corsega. Musgo de Corsega q. v. Estenda o musgo sobre uma mesa, e bata-o com espatula para separar d'elle as pedrinhas ou os pequenos mariscos. Para tornar a separação mais completa, contunda o musgo em almofariz de marmore com o pistillo de páo, e crive-o. Emfim, estando a planta privada de todos os corpos estranhos, faça-a seccar na estufa, pise em almofariz de ferro, e passe por peneira de seda.

Pó de musgo islandico. Como o de musgo de Corsega.

Pó de myrrha. Como o de escamonéa.

Pó de nitro. Prepara-se como o de bicarbonato de soda.

Pó de noz vomica. Sementes de noz vomica q. v. Lave-as em agua fria; exponha-as depois sobre um peneiro de cabello ao vapor da agua fervendo; quando ficarem molles, pise-as em almofariz de ferro ou moa-as em moinho de pimenta. Faça seccar o pó na estufa e passe por peneira de cabello.

Pó de olhos de caranguejo. Prepara-se como o de coral.

Pó de olibano. Prepara-se como o de escamonéa.

Pó de opio. Opio de Smyrna escolhido q. v. Corte o opio em pedaços delgados, faça-os seccar na estufa; pulverize por contusão e trituração; passe o pó por peneira de seda, e conserve-o em vaso bem tapado

Pó de opopanaco. Prepara-se como o de escamonéa.

Pó de oregão. Como o de folhas de laranjeira.

Pó de oregão de Creta. Como o de digital.

Pó de oxydo rubro de mercurio. Como o de acido arsenioso.

Pó de paparraz. Como o de aniz.

Pó de pedrahume. Como o de bicarbonato de soda.

Pó de phellandrio aquatico. Como o de aniz.

Pó de pimenta negra. Prepara-se como o de aniz.

Pó de ponta de veado calcinada. Pontas de veado calcinadas a branco q. v. Raspe cada ponta com faca, para tirar a cinza ás vezes meio-vitrificada que lhe cobre a superficie. Pulverize-as em almofariz de ferro, passe por peneiro de cabello; moa o pó com agua sobre o porphyro; dilua a massa em agua, decante, divida em trociscos, e faça-os seccar.

Pó de pyrethro. Prepara-se como o de bistorta.

Pó de quassia. Raiz de quassia q. v. Reduza esta raiz a pó grosso por meio do ralador, faça seccar na estufa; acabe a pulverização em almofariz de ferro, e passe por peneira de seda.

Pó de quina amarella. Casca de quina amarella calisaya, privada da periderme, q. v. Contunda, faça seccar na estufa, e pise por contusão, até não ficar, senão um residuo lenhoso e pouco amargo.

Pó de quina cinzenta. Quina cinzenta huanuca q. v. Prive esta casca das plantas cryptogamas que podem achar-se na superficie; faça-a seccar na estufa; pulverize por contusão quasi sem residuo.

Pó de quina vermelha. Prepara-se como o de quina cinzenta.

Pó de ratanhia. Prepara-se como o de genciana.

Pó de rhuibarbo. Rhuibarbo mondado q. v. Contunda o rhuibarbo em almofariz de ferro, e faça-o seccar na estufa. Pulverize por contusão, e passe por peneira de seda muito fina. Cesse quando o residuo se tornar lenhoso e esbranquiçado; o qual é tanto menor, quanto o rhuibarbo é de melhor qualidade.

Pó de rosas rubras. Petalas de rosas rubras q. v. Faça seccar na estufa, pulverize por contusão, e passe por peneira de seda. Cesse quando o residuo não apresentar senão a côr pallida e o sabor pouco sensivel.

Pó de sabão. Sabão branco q. v. Raspe o sabão e ponha-o na estufa até ficar secco; pize-o em almofariz de marmore, e passe por peneira de seda.

Pó de sabina. Como o de folhas de laranjeira.

Pó de salepo. Salepo q. v. Macere o salepo por 24 horas em agua fria; enxugue-o em panno grosso para tirar-lhe a parte cortical; contunda-o e faça-o seccar na estufa, á temperatura que não

exceda 50° centigrados. Pise em almofariz de ferro, e passe por peneira de seda.

Pó de salsaparrilha. Prepara-se como o de genciana.

Pó de sandalo citrino. Prepara-se como o de sassafraz.

Pó de sandalo vermelho. Prepara-se como o de quassia.

Pó de sandaraca. Prepara-se como o de benjoim.

Pó de sangue-drago. Prepara-se como o de benjoim.

Pó de sassafraz. Raiz de sassafraz q. v. Reduza a pó grosso, e faça seccar na estufa cuja temperatura não exceda 40° centigrados, por causa da natureza fortemente aromatica do sassafraz. Pelo mesmo motivo a raiz raspada não deve demorar-se na estufa mais de doze horas. Acabe a pulverização em almofariz de ferro, e passe por peneira de seda.

Pó de scilla. Escamas de scilla q. v. Faça seccar na estufa, pise promptamente em almofariz de ferro, e passe por peneira de seda. — O pó de scilla attrahe fortemente a humidade do ar; cumpre tornar a pô-lo na estufa depois de preparado, e encerra-lo em frascos bem seccos e de pequena capacidade.

Pó de semen contra. Prepara-se como o de rosas rubras.

Pó de sene. Como o de folhas de laranjeira.

Pó de serpentaria. Prepara-se como o de valeriana.

Pó de siba. Ossos de siba q. v. Limpe a superficie interna do osso de siba, raspando-a com faca. Separe a parte branca e friavel; lave-a com agua fervendo, e moa a secco sobre o porphyro. Rejeita-se a parte externa, por ser cornea e dura.

Pó de simaruba. Casca de simaruba q. v. Corte-a em pedaços mui finos; faça-os seccar na estufa, e pulverize por contusão.

Preparão-se do mesmo modo os pós de todas as cascas fibrosas.

Pó de sub-acetato de cobre. Como o de sulfato de ferro.

Pó de sublimado. Prepara-se como o de acido arsenioso.

Pó de succino. Prepara-se do mesmo modo que o de benjoim.

Pó de sulfato de ferro. Sulfato de ferro q. v. Pise em almofariz de ferro coberto, e passe por peneira de seda.

Preparão-se do mesmo modo os pós de todas as substancias mineraes que por sua dureza poderião riscar o marmore, e que, a secco, não tem acção sobre o ferro.

Pó de sulfato de potassa. Prepara-se como o de acido arsenioso.

Pó de sulfato de zinco. Como o de sulfato de ferro.

Pó de sulfureto de antimonio. Como o de sulfato de ferro.

Pó de sulfureto rubro de mercurio. Como o de sulfato de ferro.

Pó de tartrato de potassa. Como o de acido arsenioso.

Pó de tormentilla. Prepara-se como o de bistorta.

Pó de trovisco. Casca de trovisco q. v. Corte-a transversalmente em pedaços delgados; faça seccar na estufa, e pulverize por contusão. A pulverização do trovisco é perigosa para o operador; e por isso deve elle ter o cuidado de cobrir o almofariz e a peneira de que se servir.

Pó de valeriana. Raiz secca de valeriana q. v. Contunda levemente a raiz com o pistillo de páo; crive-a para separar a terra; faça seccar na estufa; pulverize em almofariz de ferro, e passe por peneira de seda.

Preparão-se do mesmo modo os pós de todas as raizes delgadas, reunidas em feixes, e guarnecidas de radiculas que retem facilmente a terra entre si.

Pó de zedoaria. Prepara-se como o de bistorta.

PULVERIZAÇÃO. (Fórma medicamentosa.) Em *therapeutica*, dá-se este nome á reducção de um liquido a pó mui fino, o qual se emprega para fazer inhalações nas molestias do peito ou se dirige á garganta nas molestias d'esta região, ou aos olhos nas ophthalmias, e tem ainda outras applicações. A pulverização realiza-se pela projecção do liquido atravez de um buraco do tamanho da ponta de alfinete. Ha apparelhos pulverizadores de muitas fórmas. O apparelho representado na fig. 93, é um dos mais simples e mais baratos; custa em Pariz 6 francos. Fabrica-se em casa de

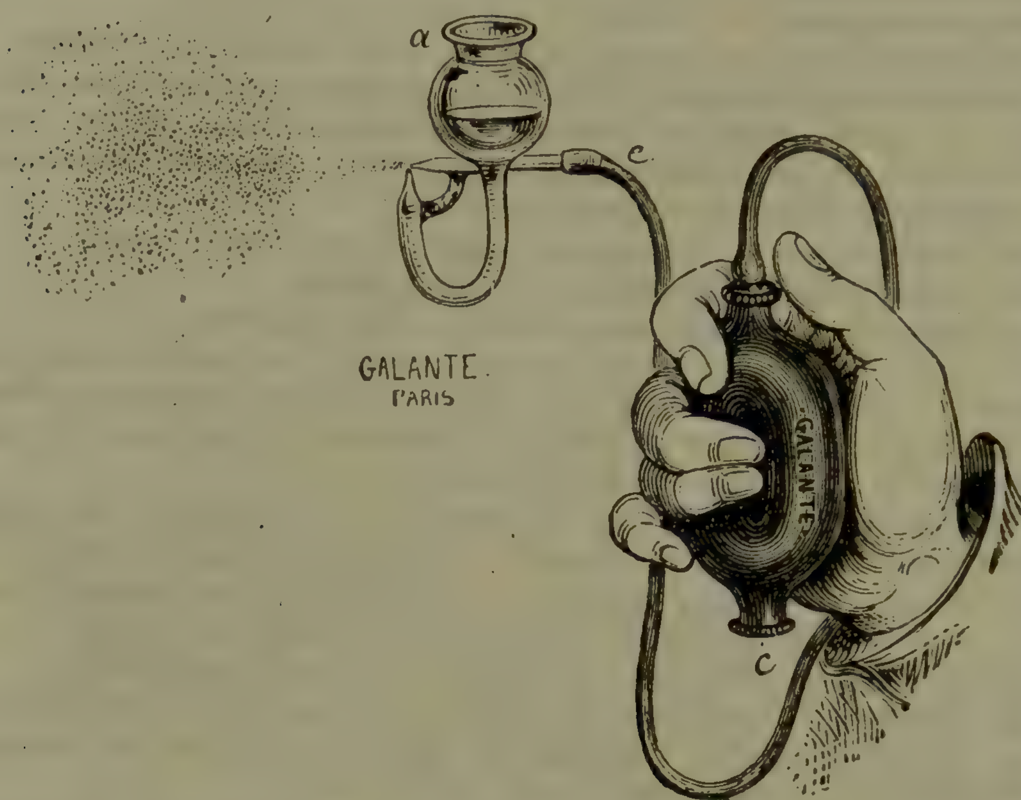


Fig. 93. — Pulverizador.

Galante, rua de l'*École-de-Médecine*, 2. O liquido, que se quer pulverizar, introduz-se n'uma empola de vidro (a); a pulverização produz-se pela pressão da mão sobre o sacco de borracha. Este apparelho serve sobretudo nas molestias do pharynge e do larynge, para dirigir a estas regiões os liquidos pulverizados que são : a solução de pedrahume, de tannino, de perchlorureto de ferro, de azotato de prata, a tintura de iodo, etc., etc. O liquido é frio. Para lança-lo tepido, é preciso collocar o reservatorio n'agua quente; serve para este fim o pulverizador representado na fig. 94, que tambem se vende em casa de Galante; custa 15 francos. A sua descripção acha-se na *Classificação dos medicamentos*, artigo *Anesthesicos*. Introduz-se no frasco A, e comprime-se a bola terminal C.

ROBES. V. *Arrobes*.

SACCHAROLEOS. Misturas de assucar com oleo volatil. Obtem-se pela trituração dos oleos com assucar. Quando se preparão os saccharoleos das cascas de laranja, limão ou lima, esfrega-se a parte amarella superficial com o assucar em torrões, este imprégna-se de oleo volatil, e pulveriza-se depois.

Saccharoleo de aniz. (Cod. fr.)

Oleo volatil de aniz 1 gotta	Assucar refinado 4 gram.

Triture em almofariz de marmore, vidro ou louça. — Da mesma maneira se preparão os outros saccharoleos.

Saccharoleo de limão. (Cod. fr.)

Limão fresco nº 1	Assucar em torrões 10 gram.

Esfregue o assucar na superficie externa do limão para separar toda a casca exterior; triture depois em almofariz para ter mistura exacta. — Pela mesma fórma se preparão os saccharoleos de *laranja*, *cidra*, e *bergamota*. D'esta maneira preparados, estes medicamentos tem cheiro muito mais suave do que quando feitos com oleo essencial isolado.



Fig. 94.

Pulverizador de Richardson, modificado por Galante.

SACCHARURETOS. São medicamentos de fórma pulverulenta, compostos de assucar, com o qual se misturão substancias medicamentosas previamente dissolvidas em algum liquido, que é rejeitado pela evaporação depois da mistura com o assucar. O pro-

7.

cesso geral d'estas preparações consiste em misturar o assucar com tinturas alcoolicas ou ethereas, fazer seccar e pulverizar de novo a materia, obtendo-se por este modo um pó, em que a substancia medicamentosa fica perfeitamente dividida. Mas ha tambem outros modos de preparar os saccharuretos. V. *Saccharuretos de musgo*, no artigo MUSGO ISLANDICO.

SAQUINHOS. Pequenos saccos de panno de linho, cheios de plantas aromaticas grosseiramente pulverizadas, ou de pós interpostos em algodão cardado, que se applicão sobre diversas partes do corpo. Dá-se ás vezes a estes saquinhos a fórma de cintas, gravatas, conforme o lugar onde hão de ser applicados. Faz-se uso frequentemente dos perfumes, encerrados em saquinhos de seda. Introduzem-se ás vezes medicamentos na economia, sobretudo nas molestias chronicas, pondo debaixo da cabeça do doente um travesseiro contendo substancias medicamentosas apropriadas, susceptiveis de serem absorvidas durante o somno. É assim que na bronchite chronica se enche o travesseiro de renovos de pinheiro, salva, camomilla, etc. Fazem-se tambem colchões cheios de especies aromaticas e de feto macho, sobre os quaes dormem as crianças affectadas ou ameaçadas de escrophulas ou de rachitismo. O seu effeito é eminentemente tonico e estimulante.

SINAPISMOS. Cataplasmas feitas com farinha de mostarda. V. *Mostarda*.

SOLUÇÕES ou **Solutos.** Chama-se *solução* ou *soluto* o liquido em que se fazem dissolver saes, extractos e outras substancias soluveis. O liquido que serve para esta preparação é ordinariamente a agua, e por isso quando se diz *v. g.*, solução de gomma arabica, entende-se a solução de gomma arabica em agua. Ha soluções que se fazem em vinho ou alcool : estas exigem uma explicação especial. A palavra *solução* applica-se tambem á operação pharmaceutica que produz o liquido que tem o mesmo nome.

SPARADRAPOS. V. *Encerados.*

SUCCOS ou **SUMOS MEDICINAES**, ou **Succos espressos.** Designão-se debaixo d'estes nomes os liquidos contidos no parenchyma dás plantas, obtidos por meio de espressão, e clarificados por diversos processos. Estas preparações empregão-se como cozimentos e apozemas, ou entrão na composição de outros medicamentos. Sua extracção é mui simples : consiste em pisar a planta em almofariz, e snbmettê-la á prensa. Faz-se a clarificação pela filtração a frio, e por coagulação pelo calor.

Recorre-se ao calor para depurar estes succos, quando são destinados para a preparação dos xaropes e alguns outros medicamentos que devem ser submettidos á acção do calor, ou quando tem uma viscosidade que impede a sua passagem atravez dos filtros. Quando os succos são aromaticos, a coagulação deve ser feita em vasos tapados, e filtrão-se os succos depois de frios.

Em todos os outros casos, não se deve fazer a clarificação a quente, porque a materia albuminosa, coagulando-se, levará comsigo uma parte dos principios que estiverem em dissolução.

Os succos acidos extrahidos dos fructos formão uma classe mui numerosa. Extrahem-se submettendo os fructos á prensa, depois de esmagados com a mão, se estes fructos são tenros e succulentos, ou depois de desfeitos por meio do ralador se o seu tecido é mais compacto. Ás vezes, antes de espremer o succo, deixa-se fermentar com o envoltorio dos fructos, afim de dissolver certos principios que estes contém. Clarificão-se sempre os succos acidos depois de

leve fermentação; deve ella cessar, logo que o succo estiver sufficientemente claro para poder atravessar o filtro; mais prolongada, alteraria o seu sabor e as suas propriedades.

Os succos alterão-se facilmente, pelo que devem preparar-se no momento em que são precisos. Os succos acidos podem conservar-se pelo methodo de Appert, em vasos hermeticamente fechados; mas melhor é transforma-los em xaropes, immediatamente depois de preparados.

Eis-aqui os modos de preparação dos diversos succos medicinaes, segundo o Codigo pharmaceutico francez :

Succo de agriões. (Cod. fr.)

Folhas recentes de agriões .... q. v.

Contunda as folhas em almofariz de marmore, e, depois de reduzidas a polpa, esprema-as com força na prensa. Filtre por papel.

Extrahem-se do mesmo modo os succos de todas as plantas verdes.

Succo de almeirão. Prepara-se como o de agriões.

Succo de amoras. Prepara-se como o de framboezas, mas sem addição de cerejas.

Succo antiscorbutico. (Cod. fr.)

Fol. rec. de cochl., de agriões, e de trevo aquat., aná. p. ig.

Contunda estas plantas em almofariz de marmore, esprema o succo, e filtre por papel.

Succo de bagas de sabugueiro. Como o de espinha cervina.

Succo de borragem. (Cod. fr.)

Folhas recentes de borragem.................... q. v.

Contunda as folhas em almofariz de marmore, e, depois de reduzidas a polpa, ajunte o quinto do seu peso d'agua, para poder extrahir o succo; esprema, e filtre.

Succo de cerefolio. Prepara-se como o de agriões.

Succo de cerejas. (Cod. fr.)

Cerejas rubras	10 kilog.	Cerejas pretas	1 kilog.

Esmague as cerejas entre as mãos sobre uma peneira de cabello collocada em cima de um alguidar; receba o succo no alguidar; submetta o residuo á prensa. Misture os dois succos, e ponha-os em sitio fresco; deixe fermentar durante 24 horas, e passe por baeta o succo aclarado.

Succo de cochlearia. Prepara-se como o de agriões.

Succo de espinha cervina. (Cod. fr.)

Bagas de espinheiro cerval maduras............ q. v.

Esmague as bagas entre as mãos, deixe depura-las pela fermentação dois ou tres dias; côe com espressão, e filtre o succo pelo coador de lã.

Succo de framboezas. (Cod. fr.)

Framboezas	4 kilog.	Cerejas rubras	1 kilog.

Esmague estes fructos com a mão sobre uma peneira de cabello, collocada em cima de um alguidar destinado a receber o succo; submetta o residuo á prensa; misture o novo succo com o primeiro, e ponha a mistura em sitio fresco. Quarenta e oito horas depois, passe por panno de lã com leve espressão.

Succo de groselhas. (Cod. fr.)

Groselhas rubras	20 kilog.	Cerejas pretas	1 kilog.
Cerejas rubras	2 kilog.		

Esmague estes fructos com a mão sobre uma peneira de cabello

collocada sobre um alguidar destinado a receber o succo; submetta o residuo á prensa; reuna os succos das duas operações, e ponha a mistura em sitio fresco. Passadas 24 horas, lance a massa gelatinosa sobre uma baeta, para obter o succo claro.

Succo de hervas. (Cod. fr.)

Folhas frescas de almeirão, de agriões, de fumaria, de alface, aná.................. p. ig.

Contunda estas plantas em almofariz de marmore, esprema o succo, e filtre por papel em sitio fresco.

Succo de laranjas. Prepara-se como o de limão.

Succo de limão. (Cod. fr.)

Limões escolhidos.............................. q. v.

Tire as cascas e sementes; esprema os fructos entre as mãos ou em uma pequena prensa de mão. Misture o residuo com palha de centeio cortada muito miuda; submetta tudo á prensa. Abandone o succo ao repouso para clarifica-lo, e filtre por papel.

Succo de limão inspissado. V. *Limão* no FORMULARIO.

Succo de maçãs. Prepara-se como o de marmelos.

Succo de marmelos. (Cod. fr.)

Marmelos quasi maduros...................... q. v.

Enxugue os marmelos com panno rude, para tirar-lhes a parte tomentosa externa; reduza-os a polpa por meio do ralador, e submetta-os á prensa. Abandone o succo por tres ou mais dias, para se clarificar por uma ligeira fermentação, e filtre-o por papel.

Succo de folhas de nogueira. Como o de borragem.

Succo de flores de pecegueiro. Como o de agriões.

Succo de repolho roxo. Como o de borragem.

Succo de romãs.

Romãs privadas da casca...................... q. v.

Esmague as romãs entre as mãos sobre uma peneira de cabello, collocada em cima de um alguidar, destinado a receber o succo; submetta o residuo á prensa. Reuna este succo ao primeiro; deixe fermentar durante cerca de dois dias em sitio fresco, e, depois de aclarado, decante, e filtre o succo por papel.

Succo de petalas de rosas. Como o de agriões.

SUPPOSITORIOS. São medicamentos ordinariamente solidos, de fórma cónica, do comprimento de um dedo, destinados a serem introduzidos e conservados algum tempo no intestino recto. Preparão-se com manteiga de cacáo, sebo ou sabão; ou consistem simplesmente em mechas de fios cobertas com ceroto. — Os *suppositorios de sabão* preparão-se cortando com faca um pedaço de sabão de fórma cónica. Seu peso ordinario é de 4 a 10 grammas (1 oitava a 2 oitavas 1/2). — Os *suppositorios de manteiga de cacáo* ou *de sebo* fazem-se derretendo uma ou outra d'estas substancias com 1/10 de cera branca. Deita-se a mistura em tubos cónicos de papel mettidos em areia, e tira-se depois de fria. Os suppositorios usão-se contra as hemorrhoidas, fissuras do anus, ou para provocar as evacuações na prisão de ventre. Os suppositorios de manteiga de cacáo servem de excipiente para as substancias dotadas de propriedades mais energicas. V. *Suppositorios de aloes, de extracto de ratanhia,* etc.

TABELLAS. V. *Pastilhas.*

TINTURAS. São soluções de uma ou mais substancias no alcool ou ether, e por isso distinguem-se em *tinturas alcoolicas* ou *espirituosas*, e *tinturas ethereas.* Quando se diz simplesmente *tinturas,* entendem-se as tinturas alcoolicas.

Tinturas alcoolicas ou *Alcooleos.* Medicamentos liquidos que resultão da solução de substancias medicinaes em alcool. Preparão-se por simples solução, maceração ou deslocação, e ás vezes por digestão. Differem dos alcoolatos, em serem estes preparados por distillação.

Estas preparações partilhavão outr'ora com os alcoolatos os nomes empiricos de *Balsamos, Elixires, Gottas, Essencias, Quintessencias*, etc.

As substancias que servem de base ás tinturas alcoolicas devem ser divididas, afim de serem mais facilmente dissolvidas pelo alcool; e devem ser seccas para que a sua agua de vegetação não enfraqueça o alcool.

O gráo de força do alcool deve ser apropriado á natureza das substancias que se dissolvem. Para as tinturas medicinaes emprega-se o alcool em tres estados differentes de concentração, a saber: alcool a 60° centesimaes ou 22° Cartier; alcool a 80° centesimaes ou 31° Cartier, e alcool a 90° centesimaes ou 36° Cartier. O alcool fraco deve ser preparado com alcool muito puro, que se dilue com q. s. d'agua distillada até chegar ao gráo conveniente.

As tinturas alcoolicas são medicamentos preciosos, porque contém todos os principios soluveis das substancias em estado perfeito de conservação, mesmo depois de annos. Empregão-se em pequenas dóses em poções, e em dóses fortes em fricções. Devem ser guardadas em vasos bem tapados; empregão-se em geral rolhas esmerilhadas; mas seria preferivel servir-se, como para os liquidos volateis, de frascos de vidro preto tapados com boas rolhas de cortiça. Os frascos devem ser cheios, de maneira que fique pequena distancia entre o liquido e a rolha, e devem estar em lugar fresco.

As tinturas de plantas frescas chamão-se *alcoolaturas.* (*V.* esta palavra.)

§ I. TINTURAS ALCOOLICAS SIMPLES.

Tintura de aconito. (Antigo Cod. fr. de 1835.)

Fol. seccas de aconito 125 gram. | Alcool a 56° centes. 500 gram.

Macere por quinze dias, côe com espressão, e filtre. — O novo Codigo de 1866 não dá a formula da tintura de aconito; substitue esta preparação pela tintura preparada com a planta fresca, ou *alcoolatura.* (*V.* esta ultima palavra.)

Tintura de açafrão. (Cod. fr.)

Estig. d'açafrão incisos 100 gram. | Alcool a 80° centes. 1000 gram.

Deixe em contacto por dez dias, côe com espressão, e filtre.

Prepara-se do mesmo modo a tintura de *baunilha.*

Tintura de almiscar. (Cod. fr.)

Almiscar 100 gram. | Alcool a 80° centes. 1000 gram.

Macere por dez dias, côe com espressão, e filtre.

Do mesmo modo se preparão as tinturas de *algalia, ambar cinzento, castoreo, cochonilha.*

Tintura de aloes. (Cod. fr.)

Aloes grosseir. pulv. 100 gram. | Alcool a 60° centes. 500 gram.

Macere por cinco dias, e filtre.

Preparão-se do mesmo modo as tinturas de *cato* e *kino.*

Tintura de ambar amarello ou *succino.*

Ambar amar. em pó fino 30 gram. | Alcool a 86° centes. 500 gram.

Ponha em digestão por seis dias, em vaso fechado; e filtre.

Tintura de benjoim. (Cod. fr.)

Benjoim em lagrimas grosseiramente pulverizado 100 gram.	Alcool a 80° centes. 500 gram.

Macere por dez dias, agitando de vez em quando; filtre.

Preparão-se do mesmo modo as tinturas de *almêcega, assafetida, balsamo de Meca, balsamo do Perú, balsamo de Tolú, copahiba, escamonéa, estoraque liquido, estoraque solido, euphorbio, galbano, gomma ammoniaco, gomma gutta, gomma lacca, myrrha, olibano, opopanaco, resina de guaiaco, sangue-drago.*

Tintura de canella. (Cod. fr.)

Canella em pó 100 gram.	Alcool a 80° centes. q. s.

Opere por deslocação, como para a tintura de quina, até obter 5 partes de liquido para 1 de substancia.

Preparão-se do mesmo modo as tinturas de *aniz, arruda, calamo aromatico, canhamo indiano, cardamomo, cascarilha, coca, coentro, contraherva, cúbebas, galanga, gengibre, macis, matico, moscadas, phellandrio, renovos de pinheiro, pyrethro, sabina, serpentaria, winter, zodoaria.*

Tintura de cantharidas. (Cod. fr.)

Cantharidas grosseiramente pulverizadas 100 gram.	Alcool a 80° centes. 1000 gram.

Macere por dez dias, côe com espressão, e filtre.

Tintura de sementes de colchico. (Cod. fr.)

Sementes de colchico pulverizadas 100 gram.	Alcool a 60° centes. 1000 gram.

Macere por dez dias, côe com espressão e filtre. — Esta preparação é mais constante na sua composição, do que a tintura preparada com os bolbos seccos.

Tintura de bolbos de colchico. Prepara-se como a de genciana.

Tintura de favas de Calabar.

Favas de Calabar pulv. 10 gram.	Alcool a 80° centes. 90 gram.

Tintura de genciana. (Cod. fr.)

Raiz de genciana 100 gram.	Alcool a 60° centes. 500 gram.

Macere por dez dias, côe com espressão, e filtre.

Preparão-se do mesmo modo as tinturas de *abutua, agrião do Pará, arnica, bistorta, cainca, calumba, camomilla, cardo santo, casca verde de nozes, centeio espigado, bolbos de colchico, cochonilha, coloquintidas, galhas, guaco,* páo de *guaiaco, hydrocotyle, inula, ipecacuanha, jalapa, cascas de laranja amarga* (ou *azeda*), *lirio florentino* (essencia de violetas), *lupulo, polygala, quassia, rhuibarbo, rosas rubras, salsaparrilha, scilla, tormentilla, turnesol.*

Tintura de guaraná.

Extr. alcool. de guaraná 30 gram.	Alcool a 56° centes. 500 gram.

Tintura de iodo. (Cod. fr.)

Iodo 10 gram.	Alcool a 90° centes. 120 gram.

Dissolva, e filtre.

Deve-se preparar em pequena quantidade de cada vez, pois que com o tempo altera-se; forma-se acido iodhydrico. Convem guarda-la em frascos pretos.

Tintura de iodureto de ferro.

Iodureto de ferro 4 gram.	Agua e alcool, aná 30 gram.

Tintura de monesia.

Extracto de monesia	500 gram.	Alcool 86° centes.	5000 gram.
Agua pura	7500 gram.		

Tintura de noz vomica. (Cod. fr.)

Noz vomica raspada	100 gram.	Alcool a 80° centes.	500 gram.

Macere por dez dias, côe com espressão, e filtre.

Preparão-se do mesmo modo as tinturas de *cravo da India*, e de *helleboro branco*.

Tintura de extracto de opio ou *tintura thebaica.* (Cod. fr.)

Extracto de opio	10 gram.	Alcool a 60° centes.	120 gram.

Dissolva por maceração sufficientemente prolongada, e filtre.

Prepara-se do mesmo modo a tintura de *lactucario*.

Tintura de quina. (Cod. fr.)

Casca de quina	100 gram.	Alcool a 60° centes.	q. s.

Introduza a quina em pó no apparelho de deslocação tendo o canudo guarnecido de algodão; calque-a convenientemente; deite-lhe na superficie, pouco a pouco e com precaução, bastante alcool para embebê-la completamente. Ajunte então de vagar nova quantidade de alcool para deslocar aquelle que molha os pós. Continue assim até obter 5 partes em peso de liquido para 1 de substancia empregada. Filtre.

Preparão-se do mesmo modo as tinturas de folhas de *absinthio*, folhas de *belladona*, folhas de *cicuta*, folhas de *digital*, folhas de *estramonio*, folhas de *lobelia*, folhas de *meimendro*, raiz de *ratanhia*, foliolos de *sene*, raiz de *valeriana*.

Tintura de sabão. (Cod. fr.)

Sabão br.° de Marselha	100 gram.	Alcool a 60° centes.	500 gram.
Carbonato de potassa	5 gram.		

Introduza o sabão, cortado em pequenos pedaços, n'um frasco com o carbonato de potassa; ajunte o alcool. Mexa de tempo em tempo, e filtre dez dias depois.

§ II. TINTURAS ALCOOLICAS COMPOSTAS.

Na sua composição entrão muitas substancias. As formulas achão-se no FORMULARIO; estão indicadas no *Indice alphabetico das materias*.

Tinturas ethereas ou *Etheroleos*. Liquidos que resultão da maceração de certas substancias no ether, e principalmente no ether sulfurico. Não contém alguns dos principios vegetaes que se encontrão nas dissoluções alcoolicas. Estas preparações, attenta a mui pequena dóse em que são administradas, actuão quasi exclusivamente pelo seu excipiente; empregão-se raras vezes.

O vehiculo que se usa para preparar as *Tinturas ethereas* é uma mistura de ether e de alcool que marca no densimetro 0,76 (56° Baumé). Obtem-se sempre n'este gráo, misturando 712 partes de ether puro com 288 partes de alcool a 90° centesimaes.

O apparelho mais commodo para preparar as tinturas ethereas, que tem por base qualquer parte de planta, consiste em uma alonga de vidro, podendo tapar-se com rolha esmerilhada, e em uma garrafa sobre a qual esta alonga se adapta (fig. 25, p. 41). Introduz-se um pouco de algodão no bico da alonga, depois a materia vegetal pulverizada, e em seguida uma rodella de panno de lã que cubra esta; deita-se na superficie bastante ether alcoolizado a 0,76 para embeber completamente o pó. Então tapa-se com cuidado a juncção

da alonga com a garrafa, e rolha-se tambem exactamente a abertura superior. Depois de 12 horas de maceração, estabelece-se uma pequena communicação entre o ar exterior e as duas partes do apparelho; depois lança-se sobre o pó a quantidade de ether prescripta. Quando este cessa de correr, desloca-se por meio da agua a tintura etherea retida pelo pó.

Tintura etherea de almêcega. (Mastique para os dentes.) Cod. fr.

Almêcega em lagrimas	100 gram.	Ether alcoolizado a 0,76	q. s.

Deite um excesso de almêcega em relação ao ether, para saturar este; passados alguns dias de contacto, decante, e distribua o liquido espesso em frascos esmerilhados, de bocca larga e de pequena capacidade. — Esta preparação, que se solidifica pela evaporação do liquido, serve para encher a cavidade dos dentes cariados.

Tintura etherea de assafetida. (Cod. fr.)

Assafetida	100 gram.	Ether alcoolizado	500 gram.

Macere estas duas substancias em frasco esmerilhado por dez dias agitando o vaso de tempo em tempo; filtre depois pelo funil coberto, e guarde para o uso.

Prepare do mesmo modo a tintura etherea de *balsamo de Tolú,* e em geral as tinturas ethereas das resinas, e das gommas-resinas.

Tintura etherea de camphora. (Cod. fr.)

Camphora	10 gram.	Ether alcoolizado a 0,76	90 gram.

Introduza tudo n'um frasco; a dissolução faz-se promptamente.

Tintura etherea de cantharidas. (Cod. fr.)

Cantharidas em pó	10 gram.	Ether acetico	100 gram.

Macere em frasco esmerilhado por dez dias, côe com espressão, e filtre.

Tintura etherea de castoreo. (Cod. fr.)

Castoreo pulverizado	10 gram.	Ether alcooliz. a 0,76	100 gram.

Proceda como para a tintura etherea de assafetida. Prepare do mesmo modo as tinturas ethereas de *almiscar,* e de *ambar cinzento.*

Tintura etherea de digital. (Cod. fr.)

Fol. de digital em pó	100 gram.	Ether alcooliz. 0,76	500 gram.

Trate os pós de digital pelo ether no apparelho de deslocação; encerre o producto em frasco bem tapado.

Preparão-se do mesmo modo as tinturas ethereas de folhas de *belladona,* folhas de *cicuta,* folhas de *meimendro,* raiz de *valeriana,* etc.

Tintura etherea de feto macho. (Peschier.)

Feto macho	30 gram.	Ether sulfurico	250 gram.

Côe depois de seis horas de maceração.

TISANAS. Designão-se debaixo d'este nome medicamentos liquidos, pouco carregados de principios medicamentosos, destinados para a bebida ordinaria do doente, e preparados por differentes modos, taes como a decocção, maceração, digestão e sobretudo por infusão. Devem ser leves, e pouco desagradaveis para não repugnarem ao doente. Adoção-se com assucar, mel de abelhas, alcaçuz ou qualquer xarope.

No artigo de cada substancia medicinal, susceptivel de tomar a fórma de tisana, indico a sua proporção relativamente á da agua, segundo o Codigo pharmaceutico francez. Em geral, estas relações são as seguintes: Para as raizes, grande numero de folhas e cascas, substancia 20 partes, agua 1000 partes; para as flores pouco activas

e pouco aromaticas, substancia 10, agua 1000; para as flores muito activas e muito cheirosas, substancia 5, agua 1000; para os fructos de umbelliferas (aniz, funcho, coentro, etc.), substancia 10, agua 1000. Existem tambem outras proporções: 30, 40, 100 para 1000, mas são excepções. Não pretendo dizer que estas proporções sejão invariaveis; pelo contrario, podem variar em muitos casos; mas estas proporções são as que se devem seguir ordinariamente. Ellas não podem applicar-se ás plantas venenosas susceptiveis de serem empregadas como tisanas, taes como belladona, digital, etc.: estas exigem uma indicação especial. — O modo de preparação das tisanas varía segundo as substancias: nos artigos proprios a cada substancia indico se a tisana deve ser preparada por infusão, decocção, maceração, digestão, ou por simples solução.

TROCISCOS. Preparações solidas, seccas a que se dá a fórma de pequenas massas cónicas, tetraedicas ou outras. Seu fim não é tanto de administrar substancias medicamentosas, como o de conserva-las, reduzindo-as para isso a pó, e envolvendo-as de mucilagem ou por outro modo.

UNGUENTOS. São preparações de gorduras com resinas. São mais consistentes do que as pomadas, e preparão-se derretendo simultaneamente as gorduras com resinas, passando-as depois por panno de linho, para separar as impurezas, e mexendo tudo brandamente com o pilão até que a massa arrefeça completamente. Ás vezes derretem-se certas substancias separadamente, quando divergem muito os gráos de sua fusibilidade. Quando na composição de qualquer unguento entrão substancias odoriferas ou volateis, não se ajuntão senão no fim: esta regra deve ser observada para a camphora, terebinthina e oleos essenciaes; emfim, quando n'um unguento se incorporão os pós, devem estes ser finissimos.

Algumas d'estas preparações são indistinctamente chamadas *unguentos*, *balsamos* ou *pomadas*.

VELINHAS. V. *Bugias*.

VINAGRES MEDICINAES. São vinagres que contém em dissolução uma ou mais substancias medicamentosas. Emprega-se o vinagre branco ou tinto. O branco é preferivel por ser de melhor conservação. Empregar-se-ha sempre o melhor vinagre de vinho de boa qualidade, da densidade de 1,019, pouco mais ou menos, do qual 100 grammas possão saturar pelo menos 8 grammas de carbonato de soda anhydro. Nunca se devem preparar em vasos metallicos.

Preparão-se os vinagres medicinaes do mesmo modo que os vinhos, isto é, as substancias devem estar seccas e convenientemente divididas. Preparão-se por maceração. Todavia, alguns preparão-se por distillação; estes chamão-se *vinagres distillados*, *oxeolatos* ou *acetolatos*. Contém só os principios volateis das substancias. Ha entre elles a mesma differença que entre as tinturas e os alcoolatos. Guardão-se em lugar fresco. São destinados para uso externo ou interno.

Vinagre camphorado. V. *Camphora*.

Vinagre de framboezas. (Cod. fr.)

Framb. sem os calices	3000 gram.	Vinagre branco	2000 gram.

Macere por dez dias; côe com espressão, e filtre.

Preparão-se do mesmo modo os vinagres medicinaes, com os outros fructos encarnados.

Vinagre phenico. V. *Acido phenico*.

Vinagre rosado. (Cod. fr.)

Pet. sec. de rosa rubra	100 gram.	Vinagre branco	1200 gram.

Macere em matraz por dez dias, vascolejando de quando em quando; côe com espressão, e filtre.

Preparão-se do mesmo modo os vinagres de *alecrim*, *alfazema*, *cravo*, *sabugueiro*, *salva*, etc.

Vinagre scillitico. (Cod. fr.)

Escamas seccas de scila	100 gram.	Vinagre branco	1200 gram.

Pulverize grosseiramente as escamas de scilla, ponha-as em matraz com o vinagre; faça macerar por oito dias, agitando de tempo em tempo. Côe com espressão, e filtre.

Prepara-se do mesmo modo o vinagre de bolbos seccos de *colchico*.

Veja-se tambem o artigo *Vinagre*, no FORMULARIO.

VINHOS MEDICINAES. ou **Oinoleos.** Dá-se este nome aos vinhos que contém em dissolução uma ou mais substancias medicamentosas. Os vinhos empregados n'estas preparações são de natureza mui variavel : devem-se sempre escolher puros e generosos. Os vinhos medicinaes devem ser preparados pela maceração a frio em vasos bem tapados. Depois do contacto prolongado por mais ou menos tempo, conforme a densidade das materias, côem-se com espressão e filtrem-se : guardem-se depois em garrafas bem tapadas, e em lugar fresco. Por causa da facilidade com que se alterão, devem os vinhos medicinaes ser preparados em pequena quantidade, e renovados frequentemente.

Os vinhos que se empregão para a preparação d'estes medicamentos, são de tres especies principaes : *vinhos tintos*, *vinhos brancos* e *vinhos generosos*. Chamão-se vinhos generosos, os que contém mais de 11 por 100 de alcool.

A agua e o alcool são os seus dois principaes agentes de dissolução. A primeira lhes dá a propriedade de dissolver as materias salinas, gommosas e extractivas; o segundo, as partes oleosas e resinosas das substancias. No vinho chalybeado, é por seus acidos que o vinho dissolve o ferro, com o qual estes acidos formão saes.

Na preparação de qualquer vinho medicinal; deve o pharmaceutico guiar-se na escolha do vinho, pela natureza das substancias que tem a dissolver. Escolherá vinhos generosos para as substancias que possuem muitos principios alteraveis; servir-se-ha de vinho tinto quando se tratar de dissolver principios tonicos adstringentes, porque as mesmas propriedades do vinho estarão em relação com as dos materiaes medicamentosos. Pelo mesmo motivo, escolhe-se o vinho verde para os vinhos diureticos.

As substancias que entrão na composição dos vinhos medicinaes devem ser seccas, salvo quando estas substancias, as plantas antiscorbuticas por exemplo, podem perder as suas propriedades pela deseccação; n'este caso ajunta-se um pouco de alcool ao vinho. Devem estar, além d'isto, convenientemente divididas.

Os vinhos que se empregão na preparação dos vinhos medicinaes em França são muito menos espirituosos do que os que se usão no Brasil, que são o vinho de Lisboa, branco e tinto, Madeira, Malaga ou Porto, e por isso o Codigo pharmaceutico francez recommenda embeber previamente as substancias em alcool, ajuntar depois o vinho, e prolongar a maceração convenientemente. Empregando-se o vinho de Lisboa, Madeira ou outro vinho muito generoso, é escusado ajuntar alcool.

Vinho de absinthio. (Cod. fr.)

Fol. seccas de absinthio	30 gram.	Vinho branco fraco	1000 gram.
Alcool a 60° centes.	60 gram.		

Incise o absinthio, macere-o por vinte e quatro horas no alcool prescripto; ajunte o vinho, e deixe em contacto por dez dias, vascolejando de tempo em tempo. Côe, esprema, e filtre.

Prepara-se do mesmo modo o vinho de *digital, inula, quassia, valeriana.*

Vinho de genciana. (Cod. fr.)

Raiz de genciana	30 gram.	Vinho tinto de Bordeos	1000 gram.
Alcool a 60° centes.	60 gram.		

Incise a raiz, macere-a por vinte e quatro horas no alcool prescripto; ajunte o vinho; deixe em contacto por dez dias, vascolejando de tempo em tempo. Côe, e filtre.

Vinho de quina. (Cod. fr.)

Quina amar. calisaya	30 gram.	Vinho tinto de Bordeos	1000 gram.
Alcool a 60° centes.	60 gram.		

Contunda a quina, deite-lhe o alcool por cima; deixe em contacto em vaso tapado, por vinte e quatro horas. Ajunte o vinho; macere por dez dias, vascolejando de tempo em tempo. Côe com espressão, e filtre.

Prepara-se do mesmo modo o vinho de *quina cinzenta,* substituindo a quina amarella pela quina cinzenta huanuca, mas empregando o dobro d'esta para a mesma quantidade das outras substancias.

Preparão-se com as mesmas dóses, segundo a especie de quina, e sem addição do alcool, os vinhos de quina com vinho da Madeira, Lisboa branco, Malaga, Porto, e com outros vinhos generosos.

Vinho scillitico. (Cod. fr.)

Escamas seccas de scilla	30 gram.	Vinho de Malaga	500 gram.

Contunda as escamas de scilla; macere-as por dez dias no vinho, vascolejando de vez em quando. Côe com espressão, e filtre.

Preparão-se do mesmo modo os vinhos de *bolbos* e de *sementes de colchico,* e o vinho de *rhuibarbo.*

XAROPES. São medicamentos liquidos, doces e agradaveis, um pouco viscosos e unctuosos, mais pesados do que a agua, que se preparão fazendo dissolver assucar, por meio de calor brando, em agua pura ou carregada de principios medicamentosos. O assucar forma os dois terços do seu peso, pouco mais ou menos; dá-lhes uma densidade cerca de 1,321 (35° Baumé), na temperatura de + 15°, e de 1,261 (30° B.), quando fervem; n'este ultimo caso, o thermometro marca 105°. Todos os xaropes não tem exactamente a mesma densidade: diminue-se a proporção de assucar para os que se preparão com liquidos vinosos ou succos acidos.

Entrão na composição dos xaropes os prductos da infusão ou decocção de uma só ou mais substancias, os succos espressos, os succos fermentados dos fructos, e os succos emulsivos. O fim d'esta preparação é conservar sem alteração por muito tempo as partes soluveis dos vegetaes, ou para edulcorar outros liquidos, e torna-los mais agradaveis ao paladar.

Os xaropes preparão-se: 1° por simples solução a frio e filtração por papel; 2° por solução no gráo de ebullição, clarificação com albumina, e filtração por coador de lã; 3° por distillação e solução.

A clarificação dos xaropes opera-se, quando é necessaria, quer por meio da clara de ovo, quer com a pasta de papel. No primeiro

caso dilue-se a clara de ovo em pequena quantidade d'agua, e ajunta-se ao xarope, que se faz ferver; tira-se, depois, com escumadeira a albumina coagulada. Cumpre notar aqui que a clarificação pela albumina póde deixar una pequena porção d'esta no xarope, e tornar-se causa de fermentação. Para os xaropes em cuja composição entrão muitas substancias, foi proposta a *clarificação por descenso* : consiste esta em lançar a albumina diluida em agua, e forçar as escumas a descerem para o fundo do tacho, por meio da escumadeira. Deixa-se, depois, depôr.

Póde-se tambem clarificar um xarope com pasta de papel. Para este fim, molha-se em agua papel sem colla, pisa-se para dividi-lo e reduzi-lo a pasta; deixa-se escorrer a agua sobre um peneiro; dilue-se esta pasta no xarope fervendo, e cozido, lança-se tudo sobre um coador de lã. Torna-se a lançar sobre o coador o primeiro xarope que passou. O papel, depondo-se sobre o panno, constiue um excellente filtro que funcciona energicamente.

Os filtros que se usão para filtrar os xaropes estão indicados nas pag. 39 e 40.

Só depois de completamente frios, é que os xaropes se guardão em vasos bem tapados e em lugar fresco.

A conservação de um xarope depende em parte do seu gráo de concentração. O xarope que não fôr sufficientemente cozido não tarda a fermentar; quando é cozido de mais, deixa depôr crystaes que se fixão no fundo das garrafas, e o xarope que fica acha-se nas mesmas condições que no primeiro caso. Com alguma experiencia póde-se, fazendo um xarope, conhecer o seu gráo de cozedura pela simples vista; póde-se ainda verificar com a balança, mas usa-se geralmente do areometro chamado *pesa-xarope*, que dá indicações muito mais exactas. O xarope simples e os xaropes preparados com uma só substancia devem marcar, em quanto fervem, 29° no inverno e 30° no verão, ou frios 34° e 35°; os xaropes compostos de duas ou mais subtancias de 30 a 32° fervendo, ou 35 a 37° depois de frios. A densidade do xarope simples fervendo é de 1,300; e a do frio, 1,385.

Chama-se *cozedura do assucar* aos differentes gráos que se dão aos xaropes. Estes differentes gráos de concentração do xarope, que se conhecem por meio de signaes empiricos, são : a *pellicula* (*pellicule*, fr.). Conhece-se que o xarope acha-se n'este estado quando soprando sobre a superficie mostra n'ella uma membrana enrugada, que desapparece cessando de soprar. O xarope é *perlado*, ou de *perola* (*sirop à la perle* ou *au perlé*, fr.), quando balançando-o por um instante n'uma colher, depois entornando-o pelo lado, as gottas, cahindo, tem a fórma de perolas. A *espadana* (*la nappe*, fr.) é constituida quando, tomando o xarope com escumadeira, balançando-o e lançando-o como na experiencia precedente, se alarga, ao cahir, como uma fita. O *cabello* (*le petit filet*, fr.), lançando algumas gottas de xarope fervendo sobre o dedo pollegar, approximando o indice de maneira que toque o pollegar, e separando depois os dois dedos; o xarope forma um fio de 5 a 6 millimetros de comprimento que se quebra pelo meio logo que se estende mais. O xarope será de *cabello denso* (*au grand filet*, fr.) se o fio, pelo afastamento dos dedos, póde attingir 2 a 3 centimetros de comprimento. A *pequena bolha* (*le petit boulé, la petite plume*, fr.) tem este caracter quando, soprando atravez dos buracos da escumadeira, que contém xarope fervendo, este se separa do outro lado da escumadeira debaixo da fórma de pequenas bolhas que volteão

no ar. A *grande bolha* (*le grand boulé* ou *la grande plume*, fr.), quando agitando vivamente a escumadeira no ar, o xarope se separa d'ella debaixo da fórma de fios delgados meio-solidos. Póde-se ainda certificar que o xarope acha-se n'este gráo quando, lançando pequena quantidade d'elle em agua fria, se torna em massa molle e ductil. O *ponto de quebrar* (*le cassé*, fr.) tem lugar quando o xarope precipitado em agua, se torna duro e quebradiço. N'este gráo de concentração, o assucar não contém mais agua; aquecido além d'este gráo, decompõe-se, adquire côr, entumece, e transforma-se emfim em caramelo.

A cozedura á pelliculla, á perola, á espadana, mesmo ao cabello, são gráos de concentração mui vizinhos, que, em quanto o xarope ferver, correspondem uns e outros ao 30° do areometro Baumé. A cozedura ao ponto de cabello denso corresponde ao 36°, e a cozedura á pequena bolha ao 37°. Passado este gráo, o xarope torna-se tão viscoso, que é impossivel assegurar-se do seu peso areometrico.

A consistencia ou ponto proprio do xarope simples é chamado *ponto de espadana*. Os outros termos são mais conhecidos dos confeiteiros do que dos pharmaceuticos; a sua apreciação depende de muita pratica, e assim mesmo póde dar lugar a equivocos. O areometro é o instrumento que melhor satisfaz quando se precisa avaliar o gráo de concentração ou cozedura do xarope. Servindo o areometro de Baumé, deve este marcar no xarope quente 30°, e no frio 35°. No verão convem subir meio gráo a concentração. Póde-se ainda conhecer a densidade do xarope por meio da balança : um vaso que pese 100 gram. cheio de agua distillada, deve pesar 130 gram. cheio de xarope.

A limpidez é a causa de conservação e uma condição que devem ter os xaropes. Assucar de bella qualidade, a filtração ou a clarificação com albumina, bastão ordinariamente para este fim.

Apezar de todas as precauções, acontece que os xaropes fermentão. N'este caso cumpre pô-los ao fogo e fervê-los, mas é preciso depois ajuntar-lhes um pouco d'agua para substituir aquella que se evaporou durante a operação. Os xaropes assim *concertados*, devem considerar-se como alterados. A addição de pequena quantidade de alcool aos xaropes em fermentação suspende esta immediatamente, faz desapparecer todas as bolhas de ar e a escuma; comtudo este meio não é sempre sufficiente. Em vez de alcool, póde-se empregar a tintura alcoolica da mesma base que o xarope.

Foi proposto, para a conservação dos xaropes nas garrafas, o methodo de Appert ou a sua modificação, isto é, engarrafar os xaropes em quanto fervem. Propuzerão tambem guardar as garrafas deitadas á maneira do vinho, ou tapa-las com rolhas enceradas (V. nas RECEITAS DIVERSAS, *Rolhas impermeaveis*). Um processo mui simples consiste em deixar deitadas, durante algumas horas, as garrafas cheias de xarope de maneira a bem impregnar as rolhas do liquido assucarado, e colloca-las depois em pé. Outros propuzerão deitar na superficie do xarope engarrafado, e sem agitar a garrafa, uma camada de xarope de assucar ou de gomma. Qualquer que seja o meio que se empregue, as garrafas devem estar bem seccas, antes de introduzir n'ellas o xarope; cumpre vira-las para absorver a agua da superficie se o xarope foi engarrafado quente; evitar deixa-las mal cheias; e guarda-las em lugar fresco e secco. — Para conservar os xaropes em garrafas mal cheias, aconselha-se introduzir na garrafa um *phosphoro* (páosinho de accender fogo) no momento em que o enxofre se inflamma, tira-lo immediatamente, e rolhar bem.

Xarope de absinthio. Prepara-se como o de papoulas.

Xarope de açafrão. (Cod. fr.)

Açafrão	25 gram.	Assucar branco	560 gram.
Vinho de Malaga	440 gram.		

Corte o açafrão, e macere-o no vinho durante 48 horas; esprema. Ponha o residuo em contacto com outra quantidade de vinho, sufficiente para produzir com a coadura já obtida 440 grammas de liquido filtrado; ajunte o assucar, e deixe derreter em vaso tapado a b. m. Côe o xarope depois de frio. — 20 grammas d'este xarope contém as partes soluveis de 50 centigrammas de açafrão.

Xarope de acetato de morphina.

Acetato de morphina	5 centig.	Xarope de assucar	98 gram.
Agua acid. com ac. acet.	2 gram.		

Dissolva o acetato na agua acidulada, e ajunte ao xarope frio. — 20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 1 centigramma (1/5 de grão) de acetato de morphina.

Xarope de acido citrico. (Cod. fr.)

Acido citrico crystal.	10 gram.	Xarope de assucar	970 gram.
Agua distillada	20 gram.		

Dissolva o acido na agua, ajunte a dissolução ao xarope de assucar frio, e misture. — Aromatizando este xarope com 15 grammas de alcoolatura de limão ou de laranja, obter-se-hão as preparações conhecidas debaixo do nome de *xarope de limão* e de *xarope de laranja.*

Xarope de acido tartrico. (Cod. fr.)

Acido tartrico crystal.	20 gram.	Xarope de assucar	940 gram.
Agua distillada	40 gram.		

Dissolva o acido na agua, ajunte a dissolução ao xarope de assucar frio; misture.

Xarope de aconito. (Cod. fr.)

Alcoolatura de aconito	100 gram.	Xarope de assucar	900 gram.

Misture a alcoolatura com o xarope frio. — 20 grammas d'este xarope contém 2 grammas de alcoolatura de aconito.

Xarope de agrião. Prepara-se como o de flores de pecegueiro.

Xarope de agrião do Pará. (Beral.)

Xarope de assucar	16 part.	Tintura de agrião do Pará	1 part.

Misture em escudella de prata a calor brando; evapore todo o alcool; tire do fogo e deixe esfriar.

Xarope de alcatrão. (Cod. fr.)

Agua de alcatrão	525 gram.	Assucar refinado	1000 gram.

Faça xarope por simples solução a banho-maria coberto; filtre por papel.

Xarope de althea. (Cod. fr.)

Raiz sec. de althea cort.	50 gram.	Xarope de assucar	1500 gram.
Agua	300 gram.		

Macere a raiz de althea em agua fria por doze horas; côe sem espressão. Ajunte ao liquido o xarope de assucar; ponha a cozer até que marque 1,26 no densimetro (30° Baumé), e côe.

Xarope de althea composto. V. *Althea.*

Xarope de amendoas. V. *Xarope de orchata.*

Xarope de amoras. Prepara-se como o de marmelos.

Xarope de ananaz. Prepara-se como o de marmelos, mas é neces-

sario ajuntar-lhe alcoolatura de parenchyma de ananaz para que tenha o aroma d'este fructo.

Xarope de aniz. Como o de flores de laranjeira.

Xarope anticatarrhal. V. *Papoulas.*

Xarope antiscorbutico. V. *Rabão.*

Xarope antiscorbutico de Portal. V. *Genciana.*

Xarope de assucar, simples ou *commum.* (Cod. fr.)

Assucar refinado	10000 gram.	Clara de ovo	nº 1
Agua	q. s.		

Bata a clara de ovo com 6 litros d'agua; guarde á parte 1 litro d'esta agua albuminosa, e misture exactamente o resto com assucar em tacho de cobre. Aqueça gradualmente, mexendo de vez em quando para facilitar a dissolução, mas não leve o liquido ao ponto de ebullição, senão quando todo o assucar estiver dissolvido. Modere o fogo quando a ebullição levantar a massa; lance pouco a pouco a agua albuminosa posta em reserva; depois de cada aspersão tire as escumas, quando ellas se tornarem consistentes. Depois de clarificado o xarope, veja se elle marca 1,26 no densimetro, ou 30º no areometro Baumé; se não, leve-o a este gráo, quer continuando a evaporação, se o xarope não estiver bastante cozido, quer ajuntando-lhe agua, se exceder o gráo indicado. Passe por coador de lã, por sacco de Hippocrates, ou por panno de linho, depois de diluir pasta de papel.

Xarope de assucar incolor. (Cod. fr.)

Assucar muito branco	1000 gram.	Agua	525 gram.

Derreta a frio o assucar na agua, e filtre por papel.

Xarope de avenca. Prepara-se como o de papoulas.

Xarope de balsamo de Meca. Como o de Tolú.

Xarope de balsamo peruviano. Como o de Tolú.

Xarope de balsamo de Tolú. (Cod. fr.)

Balsamo de Tolú	100 gram.	Assucar muito branco	q. s.
Agua	1000 gram.		

Digira o balsamo de Tolú com a metade da agua, por duas horas, a b. m. coberto, mexendo amiudadas vezes; decante a solução aquosa, substitua-a pela segunda metade da agua prescripta; digira como precedentemente. Reuna os productos das duas digestões, deixe arrefecer; filtre por papel. Ajunte o assucar na proporção de 190 partes para 100 de liquido; faça xarope por simples solução a b. m. coberto, filtre por papel.

Xarope de belladona. (Cod. fr.)

Tintura de belladona	75 gram.	Xarope de assucar	1000 gram.

Opere como para o xarope de digital.

5 grammas (1 colher *de chá*) d'este xarope correspondem a 37 centigrammas (7 grãos) de tintura de belladona, ou a 12 milligrammas (1/4 de grão) de extracto alcoolico.

Xarope de benjoim. Como o de balsamo de Tolú.

Xarope de berberis. Como o de marmelos.

Xarope de bofe de vitella. (Cod. fr.)

Bofe de vitella	1000 gram.	Raiz de alcaçuz	50 gram.
Tamaras	150 gram.	Folhas de pulmonaria	150 gram.
Jujubas	150 gram.	Agua	2000 gram.
Passas de uvas	150 gram.	Assucar branco	2000 gram.
Raiz de consolda	50 gram.		

Corte em pequenos pedaços o bofe de vitella, e lave-os em agua

fria; ponha-os com as outras substancias na quantidade da agu prescripta em b. m. coberto, que conservará em agua fervendo pc seis horas. Côe com espressão, decante o liquido; clarifique coi clara de ovo, ajunte o assucar e faça por cocção e clarificação xarop que marque 1,27 no densimetro (31° Baumé).

Xarope de borragem. Prepara-se como o de fumaria.

Xarope de buchu.

Folhas de buchu	500 gram.	Agua fervendo	3000 gran

Infunda por doze horas, distille para obter 750 grammas d'agu distillada. Côe o residuo, ajunte-lhe 3,000 grammas de assucai coza, e ajunte ao xarope mui cozido o liquido distillado.

Xarope de café. (Guibourt.)

Café torrado e moido	500 gram.	Xarope simples	4000 gran

Trate o café por deslocação por meio d'agua fervendo de mod a obter 1000 grammas de liquido. Ponha então o xarope ao fog e evapore-o até elle perder 1000 grammas; substitua esta perd pelo liquido deslocado; côe. — Este xarope póde ter um empreg util na pratica medica; além d'isso, póde servir para a preparaçã ordinaria do café, na dóse de 2 colheres *de sopa* para uma chicar d'agua ou de leite.

Xarope de camomilla. Prepara-se como o de papoulas.

Xarope de canella. Prepara-se como o de flores de laranjeira.

Xarope de capillé. Prepara-se como o de papoulas.

Xarope de caracoes. (Cod. fr.)

Carne de caracoes das vinhas	200 gram.	Agua	1000 gram
		Assucar refinado	1000 gram

Prepare a carne dos caracoes deixando-os em agua fervendo, at que possão ser tirados facilmente da casca; rejeite a parte preta Corte a carne, lave-a em agua fria, e ferva na quantidade d agua prescripta, até á evaporação do terço do liquido, pouco mai ou menos. Côe, ajunte o assucar, e faça xarope por cocção e clarificação, que marque 1,27 no densimetro ou 31° Baumé.

Xarope de carragaheen.

Carragaheen	30 gram.	Xarope simples	4000 gram
Agua	2000 gram.		

Ferva o carragaheen na agua por meia hora; côe com espressão ajunte o xarope, e reduza tudo ao peso d'este.

Xarope de carvalhinha. Prepara-se como o de papoulas.

Xarope de cascas de laranja amarga ou *azeda.* (Cod. fr.)

Casca secca (epicarpo) de laranja amarga	100 gram.	Agua	1000 gram.
Alcool a 60° centes.	100 gram.	Assucar refinado	q. s.

Ponha as cascas de laranja em contacto com o alcool por doze horas, deite por cima agua fervendo; deixe infundir em vaso fechado por seis horas. Côe com leve espressão, filtre o liquido; ajunte-lhe o assucar na propoção de 190 partes de assucar para 100 de liquido, e faça xarope por simples solução, a calor de b. m.

Xarope de cato. Prepara-se como o de ratanhia.

Xarope de centaurea menor.

Extracto de centaurea	10 gram.	Xarope simples	1000 gram.

Xarope de cerejas. Prepara-se como o de marmelos.

Xarope dos chantres. V. *Erysimo.*

Xarope de chicoria. Como o de fumaria.

Xarope de chicoria composto. V. *Chicoria.*

Xarope de chloral. V. *Chloral* no FORMULARIO.

Xarope de chlorhydrato de morphina. (Cod. fr.)

Chlorhyd. de morphina	5 centig.	Xarope de assuc. inc.	98 gram.
Agua distillada	2 gram.		

Dissolva o chlorhydrato na agua distillada, e misture a dissolução com o xarope de assucar. — 20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 1 centigramma (1/5 de grão) de chlorhydrato de morphina.

Xarope de chloroformio. (Dorvault.

Chloroformio	1 gram.	Xarope simples	100 gram.

Agite fortemente.

Xarope das cinco raizes. V. *Especies diureticas,* no FORMULARIO.

Xarope de citrato de ferro. (Béral).

Citrato de ferro	30 gram.	Xarope simples	470 gram.

Misture e aromatize com 8 gottas de alcoolato de limão.

Xarope de citrato de ferro ammoniacal. (Cod. fr.)

Citrato de ferro ammoniacal em palhetas	25 gram.	Agua distill. de canella	25 gram.
		Xarope de assucar	950 gram.

Dissolva o citrato na agua de canella; filtre, e misture a solução com o xarope de assucar. — 20 grammas d'este xarope contém 50 centigrammas de citrato de ferro ammoniacal, que correspondem a 6 centigrammas de ferro.

Xarope de coca. (Fournier.)

Folhas de coca	100 gram.	Agua alcooliz. ao 1/10	600 gram.
Assucar	800 gram.		

Infunda a coca na agua durante 2 horas a b. m.; côe com espressão, filtre, e faça com o assucar um xarope de que 10 grammas contém os principios de 1 gramma de folhas.

Xarope da cochlearia. Prepara-se como o de flores de pecegueiro.

Xarope de codeina. (Cod. fr,)

Codeina pulverizada	20 centig.	Assucar refinado	66 gram.
Agua distillada	34 gram.		

Dissolva a codeina na agua distillada quente; ajunte o assucar, faça derreter, e deixe esfriar. Se o producto obtido não pesar 100 grammas, ajunte-lhe a quantidade d'agua necessaria para completar o peso, e filtre.

20 grammas (uma colher *de sopa*) d'este xarope contém 4 centigrammas de codeina; 5 grammas (uma colher *de chá*) contém 1 centigramma.

Xarope de consolda. Prepara-se como o de althea.

Xarope de cravo vermelho. (Cod. fr.)

Petalas de cravo vermelho recentes e mondadas	500 gram.	Agua distil. fervendo	1500 gram.
		Assucar refinado	q. s.

Introduza as petalas de cravo em vaso de porcelana ou de grés, e deite por cima a agua fervendo; depois de seis horas de infusão, passe com espressão e deixe depôr. Decante, e faça com o liquido, a b. m. coberto, xarope por simples solução, ajuntando assucar na proporção de 190 partes de assucar para 100 de infusão.

Xarope de cravos da India. Prepara-se como o de violetas.

Xarope depurativo. V. *Salsaparrilha,* e *Sene,* no FORMULARIO.

Xarope diacodio. (Cod. fr.)

Extracto de opio	50 centig.	Xarope de assucar	995 gram.
Agua distillada	4 1/2 gram.		

Dissolva o extracto de opio na agua distillada, filtre a dissolução, e ajunte-a ao xarope. — 20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 1 centigramma (1/5 de grão) de extracto de opio. Este xarope substitue o *xarope de dormideiras* do antigo Codigo francez.

Xarope de digital. (Cod. fr.)

Tintura digital	25 gram.	Xarope de assucar	1000 gram.

Ferva 100 grammas do xarope de assucar; ajunte-lhe a tintura. Continue a ferver, até que o xarope tenha 100 grammas de peso; misture com o resto do xarope.

20 grammas d'este xarope correspondem a 50 centigrammas de tintura de digital, ou 33 milligrammas de extracto alcoolico.

Xarope de doce-amarga. Prepara-se como o de musgo de Corsega.

Xarope de erysimo composto. V. *Erysimo.*

Xarope de escabiosa. Prepara-se como o de papoulas.

Xarope de espargos (pontas de). Como o xarope de fumaria.

Xorope de especies bechicas. (Cod. fr.)

Especies bechicas	100 gram.	Assucar refinado	2000 gram.
Agua fervendo	1200 gram.	Agua de louro-cereja	75 gram.

Opere como para o xarope de especies peitoraes, mas sem addição do extracto de opio.

Xarope de especies peitoraes. (Cod. fr.)

Especies peitoraes	100 gram.	Agua de flor. de laranj.	50 gram.
Agua fervendo	1200 gram.	Extracto de opio	30 cent.
Assucar refinado	2000 gram.		

Lance a agua fervendo sobre as flores, deixe infundir por seis horas em vaso fechado. Côe com espressão de modo que obtenha 1000 grammas de coadura; filtre. Ajunte a agua de flores de laranjeira tendo em dissolução o extracto de opio, e faça com o assucar xarope por simples solução a b. m. coberto. Côe.

Xarope de espinha cervina. (Cod. fr.)

Succo de esp. cerv.	1000 gram.	Assucar	1000 gram.

Ferva até que o liquido fervendo marque 1,27 no densimetro (31° B.), côe por panno de lã.

Xarope de estoraque. Como o de balsamo de Tolú.

Xarope de estramonio. Prepara-se como o de belladona.

Xarope de ether. (Cod. fr.)

Xarope de assucar inc.	800 gram.	Espirito de vin. a 90° c.	50 gram.
Agua distillada	100 gram.	Ether sulfurico rect.	50 gram.

Introduza tudo em frasco tapado com rolha esmerilhada, e munido na fundo de uma torneira; vascoleje o frasco de vez em quando por cinco ou seis dias. Deixe depois clarificar o xarope espontaneamente, não lhe mexendo por uns poucos de dias; tire-o pela torneira, e guarde-o em frascos bem tapados.

Xarope de flores de laranjeira. (Cod. fr.)

Agua de flor. de lar.	500 gram.	Assucar refinado	950 gram.

Dissolva o assucar a frio na agua de flores de laranjeira, e filtre o xarope por papel.

Xarope de flores de pecegueiro. (Cod. fr.)

Succo de flor. de pec.°	1000 gram.	Assucar refinado	1000 gram.

Faça xarope por solução a b. m. coberto; côe por sacco de lã.

Xarope de folhas de nogueira. Como o de flores de pecegueiro.

Xarope de framboezas. Prepara-se como o xarope de marmelos.

Xarope de fumaria. (Cod fr.)

Succo de fumaria clarificado ao fogo 1000 gram.	Assucar refinado 1000 gram.

Faça xarope por solução a b. m. coberto, e côe por manga de lã.

Não sendo possivel ter succo de fumaria em todas as epocas do anno, póde-se tratar 125 grammas da planta secca pela q. s. d'agua fervendo, para obter 500 grammas de coadura, e transformar esta em xarope com o dobro do seu peso de assucar. — A mesma recommendação applica-se aos xaropes de *borragem, chicoria* e de outras plantas que se preparão como o de fumaria.

Xarope de genciana. Prepara-se como o de papoulas.

Xarope de gomma. (Cod. fr.)

Gomma arabica 1000 gram.	Xarope de assucar 10000 gram.
Agua 1500 gram.	

Lave rapidamente a gomma em agua fria, dissolva-a depois na agua prescripta, mexendo de vez em quando. Côe o liquido sem espressão por coador de lã. — Faça á parte xarope de assucar clarificado; coza-o até que marque fervendo 1,30 no densimetro (33° Baumé); ajunte-lhe a solução de gomma, e côe depois da primeira fervura.

Xarope de groselhas. Prepara-se como o de marmelos.

Xarope de guaiaco. (Cod. fr.)

Páo de guaiaco raspado 300 gram.	Assucar 1000 gram.
Agua q. s.	

Ferva o guaiaco por duas vezes, e uma hora cada vez, e cada vez em 3000 grammas d'agua; passe por panno de linho tapado. Reuna os liquidos, concentre-os até reduzi-los a 600 grammas; deixe arrefecer. Filtre por papel, ajunte o assucar, e côe quando o xarope fervendo marcar 1,26 no densimetro (30° Baumé).

Xarope de hera terrestre. Prepara-se como o de papoulas.

Xarope de hortelã. Prepara-se como o de flores de laranjeira.

Xarope de hysopo. Prepara-se como o de papoulas.

Xarope de iodureto de ferro. V. *Iodureto de ferro.*

Xarope de iodureto de potassio. (Cod. fr.)

Iodureto de potassio 25 gram.	Xarope de assucar inc. 950 gram.
Agua distillada 25 gram.	

Dissolva o iodureto na agua distillada, e misture a dissolução com o xarope de assucar. — 20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 50 centigrammas (10 grãos) de iodureto de potassio.

Xarope de ipecacuanha. (Cod. fr.)

Extracto alcoolico de ipecacuanha 10 gram.	Agua distillada q. s.
	Xarope de assucar 990 gram.

Dissolva o extracto em 8 vezes o seu peso d'agua fria; filtre a dissolução, ajunte-a ao xarope, e ferva este até que marque 1,26 no densimetro (30° Baumé). — 20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 20 centigrammas (4 grãos) de extracto de ipecacuanha.

Xarope de ipecacuanha composto ou *de Desessartz.* V. *Ipecacuanha.*

Xarope de jujubas. Como o de tamaras.

Xarope de karabé. (Cod. fr.)

Obtem-se ajuntando a 100 grammas de xarope de extracto de opio, 50 centigrammas de espirito de succino.

Xarope de laranja e de limão. Como o de marmelos.

Xarope de louro-cereja. Como o de flores de laranjeira.

Xarope de lupulo. Prepara-se como o de papoulas.
Xarope de maçã. Prepara-se como o de marmelos.

Xarope de marmelos. (Cod. fr.)

Succo de marmelos	1000 gram.	Assucar refinado	1750 gram.

Aqueça até á ebullição em tacho de cobre não estanhado e bem limpo, e côe. Este xarope deve marcar, depois de frio, 1,33 no densimetro ou 36° no areometro de Baumé.

Dorvault aconselha que se prepare este xarope, e os mais xaropes de succos de fructas, em vasos de prata ou de ferro esmaltado, ou, a b. m. em vasos de vidro ou de terra, tendo o cobre o inconveniente de communicar aos xaropes um sabor metallico desagradavel. O cobre estanhado e os vasos de estanho tem o inconveniente de mudar em roxo a côr rubra dos xaropes de groselhas, cerejas, etc.

Xarope de marroio. Prepara-se como o de papoulas.
Xarope de meimendro. Prepara-se como o de belladona.
Xarode de mel. V. *Mellite simples.*
Xarope de monesia. Prepara-se como o de ratanhia.
Xarope de monosulfureto de sodio. V. *Xarope de sulfureto de sodio.*

Xarope de musgo de Corsega. (Cod. fr.)

Musgo de Corseg. mond.	200 gram.	Assucar	1000 gram.
Agua	q. s.		

Lance 500 grammas d'agua fervendo sobre o musgo, infunda por seis horas; côe com espressão. Deite sobre o residuo nova quantidade d'agua fervendo, e sufficiente para obter, incluindo o producto da primeira infusão, 530 grammas de coadura filtrada; ajunte a esta o assucar para fazer xarope por simples solução a b. m. coberto.

Xarope de musgo islandico. (Cod. fr.)

Musgo islandico	30 gram.	Assucar	1000 gram.
Agua	q. s.		

Lave o musgo em agua fria; ferva-o n'agua por alguns minutos para priva-lo de uma parte do seu principio amargo, e rejeite esta primeira decocção. Torne a lavar o musgo em agua fria, e ferva-o por meia hora em 1 litro d'agua. Côe sem espressão; ajunte o assucar, clarifique com pasta de papel, e torne a coar quando o xarope marcar fervendo 1,27 no densimetro ou 31° Baumé.

Xarope de opio. (Cod. fr.)

Extracto de opio	2 gram.	Xarope de assucar	990 gram.
Agua distillada	8 gram.		

Dissolva a frio o extracto na agua distillada, filtre e misture a dissolução com o xarope. 30 grammas (1 onça) d'este xarope contém 6 centigrammas (1 1/5 de grão) d'extracto d'opio.

Xarope de orchata ou *de amendoas.* (Cod. fr.)

Amendoas doces	500 gram.	Agua	1625 gram.
Amendoas amargas	150 gram.	Agua de flores de	
Assucar refinado	3000 gram.	laranjeira	250 gram.

Tire ás amendoas a pellicula, e faça massa mui fina em almofariz de marmore com 750 grammas de assucar e 125 grammas d'agua. Dilua a massa exactamente em 1500 grammas da agua que ficou, e côe com espressão por panno tapado; ajunte á emulsão o resto do assucar, e derreta a b. m.; misture a agua de flores de laranjeira, e torne a coar por panno. Deixe esfriar o xarope em vaso coberto; introduza-o em garrafas bem seccas, tape estas exactamente, e guarde-as deitadas na adega.

Xarope de papoulas. (Cod. fr.)

Pet. seccas de papoulas 100 gram.	Assucar refinado q. s.
Agua fervendo 1000 gram.	

Infunda as petalas na agua fervendo por 6 horas em vaso fechado; côe com espressão, filtre. Ajunte o assucar na proporção de 190 partes para 100 de coadura; faça xarope por simples solução a b. m. coberto.

Xarope de parietaria. Prepara-se como o de fumaria.

Xarope de pecegueiro. V. *Xarope de flores de pecegueiro.*

Xarope de peonia. Prepara-se como o de papoulas.

Xarope de perchlorureto de ferro. (Cod. fr.)

Solução officinal de perchlorureto de ferro (30° Baumé) 15 gram.	Xarope de assucar 985 gram.

Misture a solução com o xarope. — 20 grammas d'este xarope contém cerca de 10 centigrammas de perchlorureto de ferro. Este xarope é inconstante na sua composição; o perchlorureto não tarda a reduzir-se ao estado de protochlorureto; com o que perde a côr. Não deve ser preparado senão no momento em que é preciso.

Xarope de perpetua. Prepara-se como o de papoulas.

Xarope de pevides de melancia. Prepara-se como o de orchata.

Xarope de phellandrio (fructos de). Como o de papoulas.

Xarope de polygala. Como o de papoulas.

Xarope de ponche. (Dorvault)

Assucar	15000 gram.	Acido citrico	10 gram.
Agua	8000 gram.	Limões	n° 10
Folhas de chá da India	75 gram.	Rhum	16 litros.

Faça com o assucar e a agua xarope clarificado; ajunte ao xarope fervendo o chá e os limões cortados em rodas; mantenha o xarope em ebullição por um quarto de hora, lance-o fervendo n'um vaso contendo o acido citrico pulverizado, deixe em contacto por 4 ou 5 horas; ajunte então o rhum, e passe por manga de lã. Este xarope dá instantaneamente o ponche, ajuntando-lhe por cada litro de xarope 1 litro d'agua fervendo.

As mais das vezes prepara-se o ponche da maneira seguinte : Infusão de chá da India 1 litro, limão n° 1, rhum 125 grammas, assucar 125 grammas.

Boullay deo para este xarope a formula seguinte :

Xarope simples	12000	Rhum	3000
Chá verde	60	Tintura de epicarpo de limão	45
Alcool a 90° centesimaes	1000	Acido citrico	30

Reduza o xarope a 10000, ajunte a infusão do chá em q. s. d'agua fervendo para ter 500 de coadura; ajunte ao xarope quente no b. m. coberto a mistura das outras substancias addicionadas da solução do acido citrico em 90 d'agua.

Xarope de pontas de espargos. Prepara-se como o de fumaria.

Xarope de pyrophosphato de ferro. (Cod. fr.)

Pyrophosphato de ferro citro-ammoniacal em palh. 10 gram.	Agua distillada 20 gram.
	Xarope de assucar 970 gram.

Dissolva o pyrophosphato na agua distillada, filtre e misture a dissolução com o xarope de assucar. — 20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 20 centigrammas (4 grãos) de pyrophosphato, correspondente a 4 centigrammas (4/5 de grão) de ferro.

Xarope de quina. (Cod. fr.)

Quina amarella calisaya em pó meio-fino 100 gram.	Agua q. s.
Alcool a 30° centes. 1000 gram.	Assucar refinado 1000 gram.

Trate a quina por deslocação primeiro por meio do alcool, e depois por meio da agua, de modo que se obtenha um total de 1000 grammas de coadura. Distille a b. m. para eliminar o alcool; deixe esfriar, e filtre, recebendo o liquido sobre o assucar. Termine a operação a calor brando, de maneira que obtenha 1525 grammas de producto.

Prepara-se do mesmo modo o xarope de *quina cinzenta huanuca*, empregando o dobro de quina para a mesma quantidade das outras substancias.

Xarope de quina vinoso. (Cod. fr.)

Extracto molle de quina amarella 10 gram.	Vinho de Malaga 430 gram.
	Assucar refinado 560 gram.

Dissolva o extracto de quina no vinho; filtre a dissolução, ajunte-lhe o assucar, e faça xarope por simples solução em vaso tapado e a b. m. Côe o xarope depois de frio.

20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 20 centigrammas (4 grãos) de extracto de quina.

Prepara-se do mesmo modo o *xarope vinoso de quina cinzenta*, mas empregando o dobro de extracto.

Xarope de quina ferruginoso. (Cod. fr.)

Xarope vinoso de quina cinzenta 1000 gram.	Cit° de fer. ammoniacal 10 gram.

Dissolva o citrato de ferro no dobro do seu peso d'agua distillada; filtre a solução, e misture-a com o xarope de quina.

Cada colher *de sopa* (5 oitavas) d'este xarope contém 20 centigrammas (4 grãos) de sal ferreo.

Xarope de rabão composto. V. *Rabão.*

Xarope de ratanhia. (Cod. fr.)

Extracto de ratanhia 25 gram.	Xarope de assucar 975 gram.

Dissolva o extracto de ratanhia no dobro do seu peso d'agua quente, e ajunte a solução ao xarope fervendo. Deixe o xarope sobre o fogo até ficar em 1000 grammas, e côe.

20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 50 centigrammas (10 grãos) de extracto de ratanhia.

Xarope de renovos de pinheiro. Prepara-se como o de cascas de laranja amarga.

Xarope de repolho roxo. Prepara-se como o de flores de pecegueiro.

Xarope de rhuibarbo. (Antigo Cod. fr.)

Raiz de rhuibarbo 90 gram.	Agua fria 500 gram.

Corte o rhuibarbo em pedaços, macere na agua por doze horas, côe com espressão, filtre e dissolva no liquido o dobro do seu peso de assucar. — 30 grammas (1 onça) d'este xarope contém os principios soluveis de 2 grammas (40 grãos) de rhuibarbo.

Xarope de romãs. Prepara-se como o de marmelos.

Xarope de rosas pallidas. Prepara-se como o de flores de pecegueiro.

Xarope de salsaparrilha. (Cod. fr.)

Raiz de salsaparrilha 1000 gram.	Assucar refinado 2000 gram.
Agua q. s.	

Rache a salsaparrilha ao comprido, e depois corte-a em pedaços de 2 a 3 centimetros. Faça duas digestões successivas, por tempo de doze horas cada uma, na agua de 80° cent., em quantidade sufficiente para cobrir cada vez a salsaparrilha. Passe o producto de cada digestão por peneira de cabello, deixe formar deposito e decante; evapore depois os liquidos principiando pelo menos carregado de principio activo. Quando a totalidade do liquido estiver reduzida a 1600 grammas, clarifique com claras de ovo, e passe por panno de lã. Emfim, ajunte o assucar, e faça xarope por cocção e clarificação, o qual durante a ebullição deve marcar no densimetro 1,27 (31° Baumé).

Xarope de salsaparrilha composto. V. *Salsaparrilha.*

Xarope de saponaria. Prepara-se como o de papoulas.

Xarope de sassafraz. Prepara-se como o de papoulas.

Xarope de semen-contra. Prepara-se como o de papoulas.

Xarope simples. V. *Xarope de assucar.*

Xarope de sulfato de morphina. Como o de chlorhydrato.

Xarope de sulfato de quinina. (Cod. fr.)

Sulfato de quinina	50 cent.	Agua distillada	4 gram.
Acido sulfurico diluido em 9 part. d'agua	50 cent.	Xarope d'assucar incol.	95 gram.

Dilua o sulfato na agua distillada, ajunte o acido sulfurico diluido; misture a dissolução com o xarope de assucar.

20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 10 centigrammas (2 grãos) de sulfato de quinina.

Xarope de sulfureto de sodio. (Cod. fr.)

Monosulfureto de sodio crystallizado	10 cent.	Agua distillada	1 gram.
		Xarope de assucar	99 gram.

Dissolva o sulfureto na agua distillada; misture a dissolução com o xarope de assucar. Este xarope não deve ser preparado senão no momento em que se precisar. 20 grammas d'este xarope contém 2 centigrammas (2/5 de grão) de monosulfureto crystallizado.

Xarope de sulfato de strychnina. (Cod. fr.)

Sulfato de strychnina	5 cent.	Xar. d'assucar incol.	196 gram.
Agua distillada	4 gram.		

Dissolva o sulfato na agua distillada, e ajunte o xarope. 20 gram. (5 oitavas) d'este xarope contém 5 milligrammas (1/10 de grão) de sulfato de strychnina.

Xarope de tamaras.

Tamaras	100 gram.	Assucar	1000 gram.
Agua.	2000 gram.		

Ferva as tamaras na agua, côe e faça xarope com assucar.

Xarope de tamarindos. (Deschamps.)

Tamarindos privados de sementes	275	Herva doce	25
		Agua	800

Infunda a b.m. n'um ballão durante 3 horas; deixe arrefecer; côe, esprema, filtre; tome d'este infuso 4 partes, assucar 7 partes. Dissolva a b. m., deixe arrefecer, côe. — Temperante, leve laxante. — 20 grammas d'este xarope representão as partes soluveis de 2 1/2 grammas de tamarindos. — Dóse : 30 a 60 grammas (1 a 2 onças.)

Xarope de tartrato de ferro e potassa. (Cod. fr.)

Tartrato de ferro e potassa em palhetas	25 gram.	Agua de canella	25 gram.
		Xarope d'assucar	950 gram.

Dissolva o tartrato na agua distillada de canella; filtre, e misture a dissolução com o xarope de assucar. — 20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 50 centigrammas (10 grãos) de tartrato de ferro e potassa, que correspondem a 10 centigram. (2 grãos) de ferro.

Xarope de terebinthina. (Cod. fr.)

Terebinthina de limão	100 gram.	Xarope d'assucar	1000 gram.

Misture estas substancias em vaso de porcelana coberto, e digira em b. m. por duas horas, mexendo amiudadas vezes com espatula; no fim da operação ajunte uma pequena quantidade d'agua, se fôr necessario, para restabelecer o peso primitivo. Deixe arrefecer, e filtre o xarope por papel.

Xarope de thridacio. (Cod. fr.)

Thridacio	20 gram.	Xarope d'assucar	980 gram.
Agua distillada	q. s.		

Dissolva o extracto em 8 vezes o seu peso d'agua fria; filtre a solução, misture-a com o xarope, e faça ferver este até que marque fervendo 1,26 no densimetro (30° Baumé). — 20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 40 centigrammas (8 grãos) de thridacio.

Xarope de trevo aquatico. Prepara-se como o de fumaria.

Xarope de tussilagem. Prepara-se como o de papoulas.

Xarope de casca de ulmo. (Cod. fr.)

Extracto alcoolico de casca de ulmo	20 gram.	Agua distillada	q. s.
		Xarope d'assucar	980 gram.

Proceda do mesmo modo que para o xarope de ipecacuanha.

20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 40 centigrammas (8 grãos) de extracto de casca de ulmo.

Xarope de valeriana. (Cod fr.)

Raiz de valeriana	100 gram.	Agua distill. de valer.	100 gram.
Agua	q. s.	Assucar	1000 gram.

Contunda a valeriana, infunda em vaso fechado por seis horas em 400 grammas d'agua fervendo; côe com espressão. Torne a deitar sobre o residuo 200 grammas d'agua fervendo para obter, incluindo o producto da primeira infusão, 430 grammas de coadura filtrada; ajunte a agua distillada de valeriana, e o assucar, e faça xarope por simples solução a b. m. coberto.

Xarope de vinagre com framboezas. (Cod. fr.)

Vinagre com framboez.	1000 gram.	Assucar refinado	1750 gram.

Dissolva o assucar no vinagre de framboezas, a calor brando, passe o xarope por panno de lã.

Prepara-se do mesmo modo o *xarope de vinagre simples*, substituindo ao vinagre de framboezas o vinagre de vinho de boa qualidade.

Xarope de violetas. (Cod. fr.)

Petalas de violetas recentes e mondadas	1000 gram.	Agua distillada	q. s.
		Assucar refinado	4000 gram.

Deite sobre as violetas 6 vezes o seu peso d'agua distillada a 45° cent.; agite por alguns minutos, e lance tudo sobre um panno de linho lavado em agua distillada; esprema para separar a agua da lavagem, que deitará fóra. Ponha depois as violetas n'um b. m. de estanho, e deite por cima q. s. d'agua distillada fervendo para que as violetas e a agua pesem 3000 grammas. Infunda por doze horas, côe com espressão de modo que obtenha 2120 grammas de liquido; deixe depôr este e decante-o; ajunte-lhe o assucar, e faça xarope por simples solução, a b. m. coberto.

Xarope de violeta tricolor silvestre. (Cod. fr.)

Violeta tric. silv. secca	80 gram.	Assucar branco puro	q. s.
Agua	1000 gram.		

Lance a agua fervendo sobre a planta; depois de tres horas de contacto, côe com espressão. Ajunte o assucar na proporção de 190 partes para 100 de coadura; faça por decocção e clarificação com clara de ovo um xarope que marque, fervendo, 1,26 no densimetro (30° Baumé).

FORMULARIO

ABOBORA. (Courge ou potiron, fr.). *Cucurbita pepo*. Duch. Cucurbitaceas. Planta cultivada nas hortas do Brasil e de Portugal. O fructo usa-se como alimento; varía muito na côr, fórma, e no volume, que chega ás vezes a ser mui consideravel. As *sementes* são empregadas efficazmente contra a tenia e as lombrigas. Eis-aqui como se procede : Na vespera, o doente não come coisa alguma, e toma 30 grammas (1 onça) de oleo de ricino. No dia seguinte toma 60 grammas (2 onças) de sementes de abobora, privadas da casca coriacea, trituradas com assucar, e misturadas com 180 gram. (6 onças) de leite. Duas horas depois, torna a beber 30 grammas de oleo de ricino, e o verme não tarda a ser expulso.

A parte activa da semente é a perisperma, isto é, a pellicula esverdeada que cobre immediatamente o cotyledone, vulgo *grão*, o qual forma a maior parte da semente. 200 grammas de sementes encerrão 183 grammas do grão propriamente dito e 17 grammas da pellicula que contém uma substancia resinosa. Por conseguinte, quando se descascão as sementes de abobora, deve-se ter o cuidado de não tirar esta pellicula; tirando-a o medicamento não expulsará a solitaria.

Pasta de pevides de abobora (Brunet).

Pevides de abobora	60 gram.	Assucar	60 gram.

Pise n'um gral até que tudo fique reduzido a massa, que se toma de uma vez. Solitaria.

ABOBORA DO MATTO. V. Tayuyá.

ABSINTHIO ou **Losna.** (Absinthe, fr.). *Artemisia absinthium*, L. Synanthereas-senecioides. Planta que em Portugal habita nas ribanceiras do Douro, junto ao Porto, e outras partes do Reino; no Brasil cultiva-se nas hortas. Fig. 95. Caule de 2 a 3 pés; folhas esbranquiçadas de ambos os lados, as *inferiores* trespinnatifidas, com lacinias lineares, um pouco obtusas, villosas, as *cimeiras* inteiras, lineares, lanceoladas; flores amarelladas; sabor muito amargo. *P. us. Folhas* e *summidades floridas.*

Tonico e estomachico. Emprega-se como tonico, emmenagogo, febrifugo, vermifugo, e nas affecções atonicas do canal intestinal. Sua infusão é aconselhada contra as polluções nocturnas.

O absinthio maritimo (*Artemisia maritima*, L.) e o absinthio pequeno (*Artemisia pontica*, L.) gozão as mesmas propriedades.



Fig. 95. — Absinthio.

O licor conhecido debaixo do nome de *absinthio*, é um alcoolato composto de muitas plantas aromaticas, nas quaes dominão a *artemisia glaçialis* (genipi, fr.), e outras, que habitão na Suissa. Este licor não contém, ou contém muito pouco da *artemisia absinthium*, especie empregada nas pharmacias.

Internamente. *Infusão :* Folhas de absinthio 5 grammas (1 1/4 oitava), agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por meia hora, e côe. Usa-se em bebida, ou em clyster, contra as lombrigas.

Pó, 2 a 4 gram. (1/2 a 1 oitava).

Tintura, (p. 123), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).

Vinho, (p. 127), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Extracto, (pag. 90), 4 grammas (1 oitava).

Essencia, 10 gottas, em poção ou assucar.

Elixir estomachico de Stoughton ou *Tintura de absinthio composta.* (Cod. fr.)

Summ. sec. d'absinthio	25 gram.	Rhuibarbo	15 gram.
— — de chamedrios	25 gram.	Aloes	5 gram.
Raiz de genciana	25 gram.	Cascarilha	5 gram.
Epicarpo de lar. amarga	25 gram.	Alcool a 60° centes.	1000 gram.

Macere durante 8 dias, côe com espressão, e filtre. D. 8 a 15 gram.

Vermuth.

Absinthio	15 gram.	Centaurea menor	16 gram.
Chamedrios	12 gram.	Quassia	8 gram.
Inula campana	12 gram.	Cravos da India	8 gram.
Quina	12 gram.	Coentros	20 gram.
Canella	12 gram.	Aniz estrellado	20 gram.
Atanasia	16 gram.	Moscada	4 gram.
Casca de laranja	25 gram.	Galanga	4 gram.
Cardo santo	16 gram.	Vinho br.° generoso	8000 gram.

Vermuth (Ollivero).

Chamedrios	12 gram.	Flor de sabugueiro	12 gram.
Inula campana	12 gram.	Atanasia	16 gram.
Calamo aromatico	12 gram.	Casca de laranja	24 gram.
Quina	12 gram.	Cardo santo	16 gram.
Canella	12 gram.	Centaurea menor	16 gram.

Absinthio	16 gram.	Aniz estrellado	20 gram.
Quassia	8 gram.	Moscadas	4 gram.
Cravos	8 gram.	Galanga	4 gram.
Coentro	20 gram.	Vinho br.º generoso	1500 gram.

Macere durante oito dias, e côe. Licor estomachico.

Externamente. A *infusão* mui carregada (50 partes de absinthio para 1000 d'agua fervendo) emprega-se em lavatorios, nas feridas lividas e verminosas.

Oleo de absinthio (p. 99). Em fricções, no ventre, como vermifugo.

ABUTUA, Butua ou **Parreira brava** (Parreira-brava, fr.). *Cocculus platyphylla,* Saint-Hilaire. Menispermaceas. Planta trepadeira do Brasil. Caule lenhoso, sarmentoso, estriado, ligeiramente achatado, ás vezes anguloso, tomentoso; folhas alternas, ovaes, orbiculares, cordiformes, ligeiramente crenadas, glabras por cima, tomentosas e esbranquiçadas por baixo; flores masculinas, dispostas em paniculas, femininas em espigas alongadas; fructo, drupa em fórma de baga; raiz dura, lenhosa, tortuosa, desde a grossura de um dedo até á de um braço, escura externamente, cinzenta amarellada pela parte de dentro; cortada transversalmente apresenta circulos concentricos; de cheiro pouco sensivel, sendo antiga; mas algum tanto penetrante quando nova; de sabor amargo; contém fecula, azotato de potassa e dois principios amargos. *P. us. Raiz e caule.* — Diuretico, emmenagogo e febrifugo; emprega-se internamente na hydropisia e areias; e externamente como resolutivo nas orchites.

Internamente. *Infusão,* 20 grammas (5 oitavas) para 1000 gram. (32 onças) d'agua.

Externamente. Cozimento concentrado misturado com aguardente e q. s. de farinha de linhaça ou mandioca, para formar cataplasma, que se applica no escroto, na orchite chronica.

ACARIÇOBA. V. Herva capitão.

ACATAYA. V. Herva de bicho.

AÇAFRÃO. (Safran, fr.). *Crocus sativus,* L. Irideas. Pequena planta bulbosa, originaria do Orietne, cultivada principalmente na Hespanha e no Sul da França. Fig. 96. *P. us. Estigmas.* São filamentos compridos, enrolados, de côr amarella escura, sabor amargo, corando a saliva de amarello; cheiro particular e forte, devido á presença do oleo volatil. A luz priva o açafrão de sua côr, e torna-o quasi inerte; pelo que deve ser conservado em vasos opacos e bem tapados.

O açafrão, em pequenas dóses (20 a 40 centigrammas). favorece a digestão. Na dóse de 1 gramma e mais, produz na região epigastrica, anxiedade seguida de nauseas, symptomas que só durão alguns instantes; ao mesmo tempo accelera-se a circulação, e declarão-se ás vezes hemorrhagias. Em dóses mui fortes, occasiona embriaguez, somnolencia e delirio. Emprega-se como emmenagogo e antispasmodico, sobretudo na amenorrhea, chlorose, hysterismo, epilepsia, e para combater as dôres lombares, que, ás vezes, precedem e acompanhão a menstruação.

Internamente. *Infusão :* açafrão 1 gramma (20 grãos), agua fervendo 500 grammas (16 onças); ponha de infusão por meia hora, e côe.

Pó (p. 108), 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos).

Tintura (p. 121), 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava).

Xarope (p. 130), 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça).

Pilulas emmenagogas (Bouchardat).

Oxydo negro de ferro	5 cent.	Canella	10 cent.
Açafrão em pó	10 cent.	Xarope de artemisia	q. s.

F. 1 pilula. D. 2 a 4 por dia.



Fig. 96. — Açafrão.

Xarope de dentição (Delabarre).

Açafrão	3 gram.	Mel de abelhas	200 gram.
Tamarindos	30 gram.	Agua	100 gram.

Uma colher *de chá*, 3 vezes por dia.

Electuario d'açafrão composto ou *Confeição de jacintho*. (Cod. fr.)

Mel de abelhas	240 gram.	Canella	10 gram.
Xarope de cravos	480 gram.	Dictamo de Creta	10 gram.
Açafrão em pó	10 gram.	Sandalo citrino	10 gram.
Terra sigillada	80 gram.	— vermelho	10 gram.
Olhos de caranguejos	80 gram.	Myrrha	10 gram.

Derreta o mel no xarope a fogo brando, côe; incorpore o açafrão na mistura meio-arrefecida. Deixe macerar durante doze horas, e ajunte depois as sete ultimas substancias, reduzidas previamente a pó fino. Estomachico e absorvente. D. 4 a 16 grammas (1 a 4 oitavas). Supprimírão d'este electuario a pedra preciosa, o jacintho, a que devia o seu nome.

Poção emmenagoga.

Agua d'hortelã pimenta	60 gram.	Tintura d'açafrão	30 gottas
Infusão d'arruda	60 gram.	Xarope d'artemisia	30 gram.

M. D. Uma colher *de sopa* de hora em hora.

Emulsão emmenagoga.

Myrrha em pó	2 gram.	Xarope simples	30 gram.
Gomma arabica	8 gram.	Infusão d'açafrão	180 gram.

F. S. A. Uma colher *de sopa* de 3 em 3 horas.

Externamente. *Infusão* em lavatorios, collyrios.

Cataplasma anti-ophthalmica.

Miolo de pão	60 gram.	Açafrão em pó	1 gram.
Gema de ovo	30 gram.		

F. S. A. cataplasma para applicar, entre dois pannos finos, sobre o olho affectado de ophthalmia aguda.

AÇAFRÃO DE MARTE APERITIVO. V. *Subcarbonato de ferro*, no artigo FERRO.

ACELGA (Poirée fr.). *Beta cicla,* L. Chenopodiaceas. Planta cultivada nas hortas por causa das folhas que são usadas como alimento. Estas folhas são vastas, carnosas, e servem na medicina para o curativo dos causticos. Entrão tambem na composição do *caldo de hervas.*

ACETATO DE ALUMINA E POTASSA. V. ALUMEN.

ACETATO DE AMMONIACO. V. AMMONIACO.

ACETATO DE CHUMBO. (Acétate de plomb, fr.) Ha dois acetatos de chumbo empregados em medicina.

1° ACETATO DE CHUMBO CRYSTALLIZADO, **Sal de Saturno** ou **Assucar de Saturno.** Massas irregulares, brancas, semelhantes a torrões de assucar, formadas pela aggregação de pequenas agulhas, de sabor doce, depois adstringente, soluveis na agua.

Este sal, em alta dóse, é um veneno irritante; em pequena, goza só de uma acção adstringente. Foi aconselhado internamente nos suores dos tisicos, nas diarrheas, hemorrhagias dos pulmões e do utero, e nas nevralgias; mas hoje não se receita com este intuito : póde determinar a molestia chamada *colica de chumbo.* O medico judicioso não receitará internamente esta substancia deleteria, visto que póde reccorrer a outros meios. O uso do acetato de chumbo convem só para o exterior. Aproveita sobretudo nas ophthalmias purulentas, e para este fim, reduzido a pó impalpavel, applica-se com pincel sobre o olho inflammado.

Substancias incompativeis. Os alcalis, os carbonatos alcalinos, os acidos, os saes neutros, os hydrosulfatos, o alumen, o borax, o sabão, as infusões vegetaes adstringentes, a albumina, o leite, etc.

Externamente. *Dissolução.* 8 a 60 grammas (2 oitavas até 2 onças) para 360 grammas (12 onças) de liquido, em injecções, collyrios, etc.

Collyrio contra as ophthalmias chronicas.

Acetato de chumbo	1 gram.	Agua distillada	120 gram.

Collyrio contra a conjunctivite (Sichel).

Acetato de chumbo	5 centig.	Agua distillada	10 gram.

Pós contra a ophthalmia purulenta (Buys).

Acetato de chumbo em pó impalpavel.... 30 centigr.

Molha-se em agua um pequeno pincel, do tamanho dos que servem para a miniatura, e cobre-se com 5 a 10 centigrammas de pós de acetato de chumbo. Feito isto, applica-se o pincel sobre as faces

internas da palpebra superior e inferior. Este contacto produz uma sensação de adstricção, ás vezes ardor, raras vezes verdadeira dôr. Esta operação repete-se cada dois dias, até diminuir a inflammação.

Injecção adstringente. (Bell).

Acetato de chumbo 1 gram. | Agua 250 gram.

Dissolva. Blennorrhagia chronica.

Injecção adstringente. (Ricord).

Agua 1000 gram. | Acetato de chumbo 10 gram.

M. Leucorrhea.

Pomada saturnina (Foy).

Acetato de chumbo 2 gram. | Banha 45 gram.
Agua 8 gram. |

F. S. A. Ulcerações superficiaes da pelle.

Glycereo adstringente (Muller).

Acetato de chumbo 1 gram. | Glycereo 30 gram.

M. Erythema, eczema, conjunctivite chronica.

Pomada contra as fendas ou *rachas do anus* (Foy).

Acetato de chumbo 8 gram. | Banha 45 gram.
Extracto de belladona 2 gram. |

Pomada ophthalmica (Guthrie).

Acetato de chumbo 25 centig. | Banha 30 gram.
Nitrato de prata fundido 30 centig. |

F. S. A. Introduz-se no olho, de dois em dois dias, uma pequena porção do tamanho da cabeça de um alfinete, no tratamento das ophthalmias chronicas.

2° ACETATO DE CHUMBO LIQUIDO ou **Extracto de Saturno.** (Extrait de Saturne, fr.). Para prepara-lo toma-se : acetato de chumbo crystallizado 30 partes, lithargyrio (protoxydo de chumbo) 10, agua distillada 90; ferve-se em casserola de cobre ou de louça, até o liquido marcar 30° no areometro; filtra-se e conserva-se em frascos tapados. — Liquido quasi da consistencia de xarope, inodoro, de sabor adocicado e um pouco styptico; é transparente e incolor, ou de côr um tanto esverdeada quando é preparado em vaso de cobre. Dissolve-se na agua distillada sem precipitado; e com precipitado na agua commum; o que é devido á decomposição dos carbonatos e sulfatos que n'ella se encontrão. — Emprega-se externamente como resolvente e repercussivo no tratamento das fracturas, contusões, luxações, frieiras, queimaduras, ophthalmias, inflammações erysipelatosas, panaricio, etc.

Externamente :

Agua branca, agua de Goulard, ou *agua vegeto-mineral.* (Cod. fr.)

Extracto de Saturno 20 gram. | Alcoolato vulnerario 80 gram.
Agua commum 900 gram. |

M. Resolvente, nas contusões, fracturas, etc.

Agua vegeto-mineral camphorada.

Extracto de Saturno 6 gram. | Agua commum 360 gram.
Aguardente camphorada 6 gram. |

Ceroto de Goulard ou *de Saturno.* (Cod. fr.)

Ceroto de Galeno 90 gram. | Extracto de Saturno 10 gram.

Misture em almofariz. Seccante, para curar as feridas. Este ceroto não deve ser preparado senão no momento em que se precisa d'elle.

Injecção resolvente.

Acetato de chumbo liq.	8 gram.	Agua distillada	250 gram.

M. Blennorrhagias chronicas. Deve-se comprimir a urethra atraz do escroto, afim de que a injecção não penetre na bexiga; não havendo esta precaução, deve-se ourinar immediatamente depois do seringatorio.

Collyrio adstringente (Scarpa).

Agua de tanchagem	200 gram.	Mucil. de gom. arabica	30 gram.
Extracto de Saturno	6 gottas		

M. e mexa sempre que d'elle usar. Ophthalmias chronicas.

Collyrio adstringente (Rust).

Agua de flor. de sabug.	30 gram.	Tintura de opio	20 gottas
Extracto de Saturno	10 gottas		

M. Ophthalmias chronicas.

Cataplasma resolvente.

Cataplasma de farinha de trigo ou de linhaça	250 gram.	Extracto de Saturno	15 gram.

M. Contusões.

Pomada resolutiva (Baumés).

Ceroto	50 gram.	Camphora	50 centig.
Extracto de Saturno	5 gram.		

Para curar os cancros venereos e as frieiras ulceradas.

Linimento resolvente e opiado.

Extracto de Saturno	15 gram.	Azeite doce	60 gram.
Laudano de Sydenham	8 gram.		

ACETATO DE COBRE. (Acétate de cuivre, fr.). Dois acetatos de cobre se empregão em medicina :

1° ACETATO NEUTRO DE COBRE, **Crystaes de Venus** ou **Verdete crystallizado.** Apresenta-se em bellos crystaes, de um verde azulado, soluvel em agua e no alcool, styptico.

2° ACETATO BASICO DE COBRE, **Acetato de cobre bruto, Sub-acetato de cobre,** ou **Verdete.** Obtem-se immergendo laminas de cobre no mosto de vinho. Apresenta-se em pães de um verde azulado, pouco soluvel em agua, sabor styptico.

Estes dois saes são venenosos, e empregão-se sómente no exterior em pó, para cauterizar as carnes esponjosas, as ulcerações da cornea; dissolvidos na agua, e nos collyrios; e entrão na composição de alguns unguentos e emplastos.

Unguento egypciaco ou *mel escarotico.*

Mel de abelhas	280 gram.	Verdete pulverizado	100 gram.
Vinagre forte	140 gram.		

M. estas substancias em tacho de cobre de grande capacidade e aqueça mexendo continuamente, até a mistura tomar côr vermelha e consistencia de mel espesso. Esta preparação, devolventes alguns dias, separa-se em duas camadas. É, pois, necessario misturar bem a massa, para a tornar homogenea, todas as vezes que se dispensar. Para curar as feridas; empregado, sobretudo, na medicina veterinaria.

ACETATO DE MERCURIO (PROTO-). V. MERCURIO.

ACETATO DE MORPHINA. V. OPIO.

ACETATO DE POTASSA, Terra foliada de tartaro ou **Sal diuretico, Alcali vegetal com vinagre** (Acétate de potasse ou terre foliée de tartre, fr.). Apresenta-se debaixo da fórma de folhas brancas sobrepostas, leves, soluveis em agua e

alcool, extremamente deliquescentes, e reduzindo-se a um liquido de aspecto oleaginoso, de sabor picante.

Este sal em pequena dóse é diuretico, antiphlogistico, e empregado como tal na ictericia, e hydropisia; em alta dóse é um brando purgante. É o melhor dissolvente dos calculos vesicaes formados pelo acido urico ou pelos uratos; forma o urato de potassa, que é mui soluvel. Para este fim, o acetato de potassa administra-se pela bocca na dóse de 2 a 4 grammas, dissolvido em agua.

Substancias incompativeis. A maior parte dos fructos acidos, os acidos mineraes e muitos saes.

Internamente. Como diuretico, 1 a 4 grammas (20 grãos até 1 oitava), em dissolução; como purgativo, 15 a 30 grammas (4 a 8 oitavas) e mais.

Poção diuretica (Ratier).

Acetato de potassa	8 gram.	Agua de canella	8 gram.
Infusão de tilia	125 gram.	Xarope de vinagre	30 gram.

M. Uma colher *de sopa* de hora em hora. Ictericia.

Cozimento diuretico (Foy).

Cinco raizes aperientes	15 gram.	Acetato de potassa	60 centig.
Agua fervendo	500 gram.	Mel scillitico	15 gram.

Ponha as raizes de infusão em agua, côe, e ajunte o mel e o acetato. D. Uma chicara de 2 em 2 horas, contra a hydropisia.

Cozimento diuretico (Brera).

Infusão de amarello de casca de laranja	360 gram.	Acetato de potassa	6 gram.
		Assucar	30 gram.

M. Ás chicaras, na ictericia e hydropisia.

ACETATO DE SODA. (Acétate de soude, fr.). Este sal, de sabor amargo e picante, é soluvel em tres partes d'agua fria, e crystalliza em longos prismas brancos. — Tem as mesmas propriedades que o acetato de potassa, mas é menos activo, e muito menos empregado.

Internamente. 8 a 16 gram. (2 a 4 oitavas) em vehiculo aquoso.

ACETATO DE ZINCO. (Acétate de zinc, fr.). Crystaes incolores, mui soluveis em agua. Este sal produz-se todas as vezes que uma preparação magistral contém simultaneamente o acetato de chumbo e o sulfato de zinco.

Adstringente; aconselhado externamente, em solução, nas ophthalmias chronicas e erupções cutaneas.

Externamente. *Solução* em collyrios 15 centigram. (3 grãos) para 30 grammas (1 onça) d'agua distillada; em lavatorios contra os dartros 1 gramma (20 grãos) para cada 30 grammas (1 onça) d'agua.

ACETONO, *Ether ou espirito pyro-acetico, Espirito pyroligneo, Alcool mesitico, Methylacetylo* (Acétone, Éther ou esprit pyro-acétique, Esprit pyroligneux, alcool mésitique, Méthylacétyle, fr.). Liquido mui fluido, incolor, inflammavel, de cheiro suave e penetrante d'ether acetico, de sabor mordicante; soluvel em agua, alcool, ether. Densidade 0,792 a + 18° cent.; ferve a + 56°,6 cent. Dissolve a camphora, o caoutchouc e as gorduras.

O acetono produz-se, em geral, na distillação dos acetatos; quando se aquece assucar, gomma, acido tartrico, acido citrico, etc., em presença da cal; quando se fazem passar vapores de acido acetico pelo tubo de porcelana aquecido até ao rubro.

Foi recommendado no tratamento da gota, rheumatismo agudo e

chronico, internamente, na dóse de 15 a 30 gottas, tres vezes por dia. Respirado, goza propriedades anesthesicas.

ACIDO ACETICO. (Acide acétique, fr.). Emprega-se debaixo de tres estados principaes : 1° puro, 2° vinagre radical, 3° vinagre commum.

1° *Acido acetico puro* ou *crystallizavel*. Obtem-se distillando uma mistura de 3 partes de acetato de soda e de 9,7 partes de acido sulfurico concentrado. Apresenta-se ordinariamente debaixo da fórma de liquido incolor, de cheiro particular e penetrante, de sabor picante e caustico. Crystalliza pelo frio em laminas que se conservão solidas até á temperatura de + 16°. Em temperaturas superiores entra em fusão, formando um liquido incolor de cheiro proprio do vinagre, devendo marcar 1,063 no densimetro. O acido acetico puro dá-se a respirar como estimulante nas syncopes, asphyxias, enxaquecas, mas convem approxima-lo com cuidado ao nariz, sem tocar a membrana mucosa, para evitar a vesicação.

2° *Vinagre radical*. Obtem-se distillando o acetato de cobre. É liquido, sem côr quando puro, transparente, de cheiro forte. Dá-se a respirar na syncope. Deita-se ordinariamente em garrafinhas de crystal com pedaços de sulfato de potassa. Esta mistura chama-se *sal de vinagre*, e costuma ser aromatizada com algumas gottas de qualquer oleo essencial agradavel.

3° *Vinagre commum*. V. VINAGRE.

ACIDO ARSENIOSO. V. ARSENICO.

ACIDO AZOTICO ou **NITRICO,** ou **Espirito de nitro** (Acide nitrique, acide azotique ou esprit de nitre, fr.). Liquido sem côr, de cheiro desagradavel, espalha vapores brancos, e adquire pela luz a côr amarellada quando concentrado (35° e mais); não espalha vapores, nem é alteravel pela luz, quando diluido em agua. Mancha a pelle de amarello, e desorganiza-a completamente. Para tirar das mãos as manchas de acido azotico, emprega-se o sulfhydrato de ammoniaco misturado com um pouco de potassa caustica; esfrega-se depois a mancha com areia, e lava-se com agua acidulada com acido sulfurico.

Acha-se no commercio de duas densidades differentes, de 1,33 e de 1,38 (36° e 40° do pesa-acido de Baumé). O acido purificado pesa 40° a 42° B.; ou 1,42 no densimetro; é o *acido azotico officinal*.

Entende-se por *agua forte* o acido azotico do commercio. A *agua segunda* é um acido marcando 18°. Não se deve confundir esta agua segunda com a dos pintores, que é uma solução alcalina.

Concentrado é um caustico violento, e empregado só para uso externo contra as verrugas, as feridas envenenadas, e as chagas complicadas de podridão de hospital. Diluido em agua é aconselhado internamente como temperante contra as febres typhoides, affecções do figado, asthma, escorbuto; e externamente contra as ulceras atonicas, podridão de hospital, e algumas molestias da pelle.

Substancias incompativeis. O acido azotico nunca deve ser associado ás bases salinaveis, aos carbonatos, aos acetatos, etc.; nem deve ser guardado em vasos metallicos.

Internamente. 10 gottas para 720 grammas (24 onças) d'agua, convenientemente adoçada, ou até á acidez agradavel, o que constitue a *limonada nitrica*. Esta limonada, quando é muito acida, ataca os dentes; para evitar este inconveniente, convem sorvê-la por meio de um tubo de vidro.

Acido azotico diluido. Acido azotico 1 p., agua distillada 9 p. D. 20 a 30 gottas e mais em 180 grammas (6 onças) de vehiculo.

Acido azotico alcoolizado ou *Espirito de nitro doce*, ou *Alcool nitrico* (Cod. fr.). Acido azotico de 1,31 (34° Baumé) 1 p., alcool a 90° cent. 3 p. Deite pouco a pouco o acido azotico sobre o alcool, previamente introduzido n'um frasco esmerilhado. Destape de vez em quando, durante dois dias, para dar sahida ao gaz, que se desenvolve pela acção chimica. Guarde para o uso. D. 2 a 4 gram. (1/2 a 1 oitava) em uma poção de 180 grammas (6 onças).

Para ter 100 gr.as de acido azotico de 1,31, basta misturar 71 1/2 gr.as de acido azotico officinal de 1,42, com 28 1/2 gram. d'agua distillada.

Limonada azotica ou *nitrica*. (Cod. fr.)

Acido azotico a 1,42	1 gram.	Xarope de assucar	50 gram.
Agua	450 gram.		

Poção diuretica.

Espirito de nitro doce	2 gram.	Agua de hortelã-pim.	30 gram.
Infusão de parietaria	125 gram.	Oxymel scillitico	15 gram.

M. — Ás colheres.

Externamente. 16 a 24 gram. (4 a 6 oitavas) para 360 gram. (12 onças) d'agua em lavatorios, banhos e fomentações.

Pomada nitrica ou *oxygenada.* (Cod. fr.)

Banha	250 gram.	Acido azotico de 1,42	30 gram.

Derreta a banha em capsula de porcelana; ajunte o acido nitrico, e continue a aquecer mexendo continuamente com vareta de vidro, até que comecem a desenvolver-se bolhas de gaz nitroso. Tire do fogo, continue a mexer, e depois de arrefecida um pouco, deite a pomada em moldes de papel. Dartros. Pouco empregada actualmente.

ACIDO BENZOICO ou **Flor de benjoim** (Acide benzoïque ou fleurs de benjoin, fr.). Principio immediato que existe em todos os balsamos, e principalmente no benjoim. Este acido é solido, branco, crystallizado em agulhas opacas, lustrosas e um pouco ducteis; sabor picante e algum tanto amargo; cheiro agradavel. É soluvel em 200 partes d'agua a + 15°, e em todas as proporções na agua fervendo; soluvel no alcool e na essencia de terebinthina. Prepara-se aquecendo o benjoim em apparelho proprio; e recolhendo o producto sublimado, que é o acido benzoico.

Estimulante, empregado para favorecer a expectoração. O Dr. Ure fez uma observação importante, que as ourinas vertidas duas horas depois da ingestão de acido benzoico ou de um benzoato soluvel, experimentavão grande modificação. O acido urico desapparecia, e ficava substituido pelo acido hippurico. O ponto importante para a pratica medica que apresenta este resultado, é que o novo acido forma com as bases ordinarias dos fluidos organicos, como a soda, potassa e ammoniaco, saes extremamente soluveis. A applicação d'este facto teve bons resultados nos doentes affectados de areias e gota, pelo emprego do acido benzoico ou de um benzoato.

Internamente. 50 centigrammas a 2 grammas (10 a 40 grãos) e mais, em pó, pilulas ou poção.

Pilulas de acido benzoico (Fresse).

Acido benzoico	10 centig.	Conserva de rosas	q. s.

F. 1 pilula. D. 1 a 4 duas vezes por dia, na incontinencia de ourina.

Mistura benzoica.

Acido benzoico	1 gram.	Agua	125 gram.
Phosphato de soda	2 gram.	Xarope simples	30 gram.

F. S. A. Duas colheres *de sopa* de duas em duas horas. O phosphato de soda facilita a dissolução do acido benzoico.

ACIDO BORICO ou **Sal sedativo de Homberg** (Acide borique, fr.). É solido, branco, de textura lamellosa, suave ao tacto, inodoro, e de sabor algum tanto acido; pouco soluvel em agua, mais soluvel no alcool, ao qual communica a propriedade de arder com chamma verde. — Temperante, mas pouco empregado e só em gargarejos. Apenas serve nas pharmacias para obter o cremor de tartaro soluvel.

Internamente. 50 centigr. a 2 grammas (10 a 40 grãos) para 720 grammas (24 onças) d'agua com assucar, como limonada.

Externamente. 2 a 4 gram. (1/2 a 1 oitava) para 720 gram. (24 onças) d'agua como gargarejo.

ACIDO CAINCICO. V. Cainca.

ACIDO CARBAZOTICO. V. acido picrico.

ACIDO CARBOLICO. V. Acido phenico.

ACIDO CARBONICO. (Acide carbonique, fr.). O acido carbonico é um gaz, mais pesado do que o ar atmospherico, sem côr, de cheiro picante, de sabor azedinho, soluvel em agua; a elle devem as aguas mineraes de Seltz, de Vichy, a cerveja e o vinho de Champanha, a propriedade de espumar. Desenvolve-se na mistura anti-emetica de Rivière, e em geral pela acção dos acidos sobre os carbonatos alcalinos; como acontece na dissolução dos pós que no commercio correm com o nome de *pós de Seltz* e *de Sedlitz.* A agua na pressão ordinaria póde dissolver um volume de gaz acido carbonico; mas elevando a pressão, póde-se augmentar á vontade a quantidade de gaz de que ella se póde saturar.

Nas fabricas de aguas gazosas, este gaz obtem-se pela acção do acido sulfurico ou chlorhydrico sobre o carbonato de cal.

Quando este gaz se acha misturado em grande quantidade com o ar que se respira, determina a asphyxia. As pessoas expostas a esta atmosphera experimentão dôres de cabeça, vertigens, diminuição de força muscular, zunidos nos ouvidos, tendencia ao somno e syncopes. Depois mingoa o pulso, sobrevem convulsões e a morte. Combatem-se os primeiros phenomenos com os meios indicados na *Asphyxia pelo vapor de carvão* no *Memorial therapeutico.*

Dissolvido em agua, sobretudo por meio do apparelho de compressão, o gaz acido carbonico compõe uma bebida com o nome de *agua gazosa,* mui util contra as gastralgias, vomitos nervosos e fastio. (V. *Aguas acidulas gazosas.*)

Dirigido sobre a membrana mucosa ocular ou nasal, o gaz acido carbonico produz n'ellas um prurido intenso e excessivamente doloroso. Introduzido no estomago, por movimentos repetidos de deglutição, provoca uma sensação agradavel de calor epigastrico, e augmenta a actividade dos vasos absorventes. Applicado externamente nas feridas, sobretudo nas ulceras atonicas, modifica favoravelmente a superficie, e tira ao pus o cheiro fetido. Esta propriedade antiputrida manifesta-se ainda n'uma outra enfermidade, a ozena, na qual as emborcações nasaes do gaz acido carbonico tirão promptamente o máo cheiro do halito. Estas mesmas emborcações gazosas, dirigidas ao utero, acalmão as dôres produzidas pelo scirrho, ou pelas outras molestias d'este orgão.

Forão imaginados apparelhos para produzir o gaz acido carbonico para estas applicações. Um d'estes apparelhos consiste em uma garrafa de vidro forte na qual se mettem substancias que podem produzir o desenvolvimento do gaz acido carbonico, e são : acido tartrico, bicarbonato de soda, e agua. Um tubo de caoutchouc vulcanisado, adaptado ao gargalo da garrafa, permitte dirigir o gaz sobre a

ophthalmia escrophulosa, sobre o cancro ulcerado, sobre uma ferida, etc. Este apparelho fabrica-se em Pariz, em casa de Collin, fabricante de instrumentos de cirurgia, rua de l'*École-de-Médecine*, 6.

Emprega-se tambem a agua carregada de gaz acido carbonico, para o curativo das feridas, e em injecções vaginaes nas ulcerações do utero.

Internamente. Agua saturada de gaz acido carbonico tem o nome de *agua gazosa*, e toma-se aos copos.

Poção anti-emetica de Rivière.

Bicarbonato de potassa	2 gram.	Xarope simples	30 gram.
Agua	90 gram.		

M. Toma-se uma colher *de sopa* d'esta poção, de dez em dez minutos, e logo depois uma colher *de chá*, de sumo de limão azedo; d'esta maneira o gaz acido carbonico desenvolve-se no estomago. Vomitos espasmodicos.

Poção effervescente (Chaussier).

Assucar	30 gram.	Acido tartrico pulveriz.	4 gram.
Bicarbonato de potassa	8 gram.		

Misture, e ajunte, no momento em que se deve tomar :

Agua.......... .... 125 gram.

Vomitos espasmodicos.

Pós de Seltz ou *Pós gazogeneos neutros.* (Cod. fr.)

Acido tartrico.............. 20 grammas (5 oitavas)

Divida em 10 papeis brancos :

Bicarbonato de soda .... 20 gram. (5 oitavas)

Divida em 10 papeis azues.

Dissolve-se um papel do acido em meio copo d'agua, um papel do bicarbonato de soda em outro meio copo, misturão-se os dois liquidos, e bebe-se immediatamente. É bebida temperante e facilita as digestões.

Para fazer uso d'estes pós, póde-se tambem proceder do modo seguinte : Prepara-se uma boa rolha para uma forte garrafa; enche-se a garrafa com agua menos dois dedos; introduzem-se dois papeis brancos e dois azues dentro da agua, e tapa-se a garrafa prompta e fortemente.

Deitando-se previamente na garrafa 60 gram. (2 onças) de xarope de limão ou de groselha, obtem-se uma especie de limonada gazosa. Estes mesmos pós, introduzidos n'uma garrafa de vinho branco doce, fornecem uma grosseira imitação do vinho de Champanha.

Pós gazogeneos alcalinos ou *Soda Powders.* (Cod. fr.)

Acido tartrico............. 13 gram. (3 1/4 oitavas)

Divida em 10 papeis brancos :

Bicarbonato de soda........... 20 gram. (5 oitavas).

Divida em 10 papeis azues.

Dissolva um papel branco em meio copo d'agua, um papel azul em outro meio copo d'agua, misture os dois liquidos, e beba. — Bebida alcalina, que se approxima da agua de Vichy.

Pós de Sedlitz ou *Sedlitz Powders.* (Cod. fr.)

Acido tartrico.............................. 20 gram.

Divida em 10 papeis brancos :

Bicarbonato de soda	20 gram.	Tartrato de potas. e soda	60 gram.

M. e divida em 10 papeis azues.

Dissolva um papel branco em meio copo d'agua, um papel azul

em outro meio copo d'agua, misture os dois liquidos, e beba. — Bebida gazosa, temperante e laxativa.

ACIDO CHLORHYDRICO ou **hydrochlorico, muriatico, marinho,** ou **Espirito de sal marinho** (Acide chlorhydrique, hydrochlorique, muriatique, marin ou Esprit de sel marin, fr.). Este acido puro é um gaz, sem côr, de sabor acido, de cheiro suffocante e especial; produz vapores brancos na atmosphera. O acido chlorhydrico do commercio é uma dissolução saturada d'este gaz na agua. É incolor ou amarellado; seu cheiro e sabor são os mesmos que os do acido gazoso; produz, como elle, vapores brancos na atmosphera; corroe os tecidos organicos, corando-os de vermelho. O *acido officinal* deve marcar no densimetro 1,18 (22° Baumé). Obtem-se fazendo actuar o acido sulfurico sobre o chlorureto de sodio, e fazendo dissolver o gaz, que se produz, na agua commum por meio do apparelho de Woulf.

O acido chlorhydrico, concentrado, é um caustico violento, e como tal empregado externamente na podridão de hospital, nas ulcerações da garganta, ulceras escorbuticas e outras; diluido em agua, é aconselhado internamente na dyspepsia, na gastralgia e nas febres acompanhadas de adynamia. Existe no succo gastrico, e é a elle que este succo deve a acidez. O acido chlorhydrico administrado internamente em soluções muito diluidas, augmenta a acidez do succo gastrico, e contribue á formação do chlorureto de sodio, duas circumstancias que favorecem a digestão.

Substancias incompativeis. Os saes de prata, os alcalis e carbonatos alcalinos.

Internamente. 2 a 15 grammas (1/2 oitava a 4 oitavas) para 720 grammas (24 onças) d'agua.

Acido chlorhydrico diluido.

Acido chlorhydrico	1 parte	Agua distillada	3 part.

Limonada muriatica ou *chlorhydrica.*

Agua commum	900 gram.	Acido chlorhyd. a 22°	4 gram.
Xarope simples	100 gram.	Alcoolato de limão	1 gram.

D. Ás chicaras na dyspepsia e febre typhoide.

Bebida chlorhydrica (Caron).

Raiz de calumba	16 gram.	Zimbro	32 gram.
— de genciana	16 gram.	Alcool a 86° cent.	40 gram.
— de bistorta	16 gram.	Agua	1000 gram.
Casca de quina	16 gram.	Acido chlorhydrico	
— de laranja	16 gram.	a 22°	15 gram.

Macere durante 15 dias, filtre e conserve para uso. D. 1 a 2 colheres *de sopa* depois de jantar. Dyspepsia.

Externamente. *Em lavatorios,* 8 a 12 grammas (2 a 3 oitavas) para 360 grammas (12 onças) d'agua.

Linimento contra as frieiras (Cadet.)

Acido chlorhydrico	4 gottas	Balsamo de Fioravanti	15 gram.

ACIDO CHROMICO (Acide chromique, fr.). Crystaes em fórma de agulhas, de carmesim escuro, soluveis em agua e no alcool, e mesmo deliquescentes. — Caustico poderoso; tem-se empregado vantajosamente nas ulceras syphiliticas e de outra natureza, que apresentão vegetações ou excrescencias.

Externamente. *Solução officinal de acido chromico* (Cod. fr.). Acido chromico crystallizado 1 parte, agua distillada 1 parte. O liquido marca 1,47 no densimetro, na temperatura de + 15° centigrados,

Diluida com 2 partes d'agua, esta solução emprega-se contra as vegetações syphiliticas. Applica-se por meio de um tubo de vidro.

A *solução concentrada* de acido chromico (uma colher *de chá* de acido crystallizado dissolvida em 6 gottas d'agua) constitue um caustico poderoso, e provoca menos dôres do que os outros causticos. Para este fim cobre-se a ferida de uma larga camada de fios, e humedecem-se estes com a solução concentrada. Os fios ficão carbonizados ao cabo de alguns segundos e transformados em massa produzindo calor que attinge 108° centigrados. O caustico penetra profundamente, calcinando assim as partes sãs como as partes doentes. A escara persiste por semanas, deixando depois uma superficie suppurante, quasi sempre de boa natureza. Este modo de applicação do acido chromico é aconselhado contra o lupo e ulceras cancerosas.

ACIDO CITRICO. (Acide citrique, fr.). Existe no limão, laranja e muitas outras fructas azedas. É branco, crystallizado em prismas rhomboidaes, inalteraveis ao ar, inodoros, de sabor muito acido, soluveis em 3 partes d'agua fria, e em muito menos d'agua fervendo.

Emprega-se em lugar de sumo de limão para a preparação das limonadas : actua então como temperante. Em alta dóse e concentrado, póde, por sua causticidade, produzir accidentes.

Internamente. 1 gramma (20 grãos) para 360 gram. (12 onças) d'agua adoçada.

Limonada secca.

Acido citrico	8 gram.	Essencia de limão	8 gottas
Assucar	125 gram.		

D. Uma colher *de sopa* para um copo d'agua.

ACIDO CYANHYDRICO, hydrocyanico ou **prussico** (Acide cyanhydrique, hydrocyanique ou prussique, fr.). O acido cyanhydrico *puro*, isto é anhydro, é um liquido sem côr, de cheiro forte, semelhante ao de amendoas amargas. Altera-se ás vezes em algumas horas; outras vezes, conserva-se por muito tempo sem decomposição. Alterando-se toma uma côr roxa que com o tempo se faz cada vez mais escura, e depõe uma abundante quantidade de materia negra. Obtem-se do cyanureto de mercurio; antigamente obtinha-se do azul de Prussia, substancia que se prepara com sangue de boi, carbonato de potassa e sulfato de ferro.

O acido cyanhydrico puro é um veneno dos mais violentos; uma só gotta, deitada na lingua de um cão, mata-o quasi instantaneamente; derramado em certa quantidade sobre a pelle, póde occasionar accidentes serios e até a morte; simplesmente respirado, produz symptomas mui graves. Se a dóse d'este veneno não é bastante elevada para occasionar a morte, produz vertigens, entorpecimento e fraqueza nos membros; as pulsações do coração tornão-se fracas e lentas, os olhos immoveis, a pupilla dilatada e insensivel á luz.

O acido cyanhydrico puro não é o acido das pharmacias. Este, que se chama *acido cyanhydrico medicinal,* é a dissolução de 1 parte de acido cyanhydrico anhydro em 9 partes d'agua (Cod. fr.).

O *acido cyanhydrico medicinal* é um liquido mui fluido, incolor, de cheiro de amendoas amargas, soluvel em agua e no alcool. É mui volatil e muito alteravel. Deve ser conservado em frascos tapados com rolhas esmerilhadas, e guardado ao abrigo da luz em frascos

pretos ou amarellos. Quando se altera, toma uma côr roxa mais ou menos escura.

O acido cyanhydrico medicinal, diluido em agua, é aconselhado internamente como calmante nas tosses nervosas, asthma, coqueluche, tisica, molestias do coração, e dôres occasionadas pelo cancro; e externamente em lavatorios, nas affecções cutaneas, para mitigar o prurido : mas este medicamento torna-se frequentemente perigoso, raras vezes curativo, e por estes motivos deveria ser banido do uso therapeutico. Para evitar qualquer desgraça, é melhor recorrer á agua de louro-cereja, que deve a sua virtude á presença do acido prussico, e que não é tão energica.

Misturado com poções adoçadas, cozimentos ou xaropes, decompõe-se inteiramente ao cabo de poucas horas.

Internamente. *Acido prussico medicinal.* Dóse, 6 até 15 gottas progressivamente, em 120 grammas (4 onças) d'agua distillada, não adoçada. Esta dóse administra-se em 24 horas, ás colheres *de sopa;* uma colher de hora em hora. Esta mistura deve estar n'um vidro coberto de papel preto, e o doente deve mexê-la sempre que quizer tomar a dóse, para evitar a accumulação do acido, o qual, por ser mais leve do que a agua, sobrenada na superficie.

As outras preparações pharmaceuticas do acido cyanhydrico, como pilulas, xaropes, misturas, nas quaes entrão outras substancias, devem ser abandonadas por serem infieis.

Externamente. *Solução :* 4 a 8 grammas(1 a 2 oitavas) de acido prussico medicinal para 1000 grammas (32 onças) d'agua distillada, em injecções contra o cancro do utero, em lavatorios nos dartros dolorosos, etc. Pouco usada.

ACIDO GALLICO. (Acide gallique, fr.). É solido, em longas agulhas sedosas, inodoro, de sabor adstringente, soluvel em 100 partes d'agua fria e 3 partse d'agua fervendo. Existe em alguns vegetaes associado ao tannino; e nas sementes de manga; não precipita a solução de gelatina, pelo que se distingue do tannino. Os persaes do ferro, misturados com acido gallico, adquirem côr azul carregada. Obtem-se da noz de galha.

Adstringente, foi aconselhado internamente na albuminuria; externamente, usa-se contra a alopecia e para tingir o cabello.

Internamente. 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos) em pó, pilulas, ou dissolvido em agua.

Externamente :

Pomada contra a queda do cabello (Hardy.)

Tutano de boi	60 gram.	Acido gallico	2 gram.
Oleo de ricino	25 gram.	Tintura de baunilha	4 gram.

Derreta a banha com o oleo, e ajunte as outras substancias.

ACIDO HYDROCHLORICO. V. Acido chlorhydrico.

ACIDO HYDROCYANICO. V. Acido cyanhydrico.

ACIDO LACTICO (Acide lactique, fr.). Acha-se no leite azedo, no succo gastrico, e em muitos dos nossos humores, na gema de ovo, no succo de betarraba azedo, e em grande numero de substancias vegetaes fermentadas. Obtem-se evaporando o leite azedo ou o succo de betarraba alterado. É um liquido incolor, consistencia de xarope, inodoro, de sabor acido mordente, soluvel em agua, e no alcool. Não é usado em medicina; serve só para formar o lactato de ferro que se emprega.

ACIDO NITRICO. V. Acido azotico.

ACIDO OXALICO (Acide oxalique, fr.). Existe no sumo de muitos vegetaes e principalmente nas azedas. Apresenta-se sob a fórma de pequenos crystaes compridos, transparentes, inodoros, e de sabor muito acido. Ao dissolver-se em agua fria faz um ruido; que póde servir para o fazer reconhecer. Precipita a cal de quasi todas as suas dissoluções.

Concentrado, e em alta dóse, é um veneno corrosivo. Diluido em agua, e administrado em alta dóse, exerce tambem uma acção funesta. Com 6 oitavas de acido oxalico sobrevem a morte em cinco minutos. O envenenamento principia por dôres de estomago e vomitos. Pouco a pouco a circulação do sangue torna-se lenta e fraca, o pulso imperceptivel; um frio glacial e suores viscosos annuncião a morte. Entretanto é aconselhado em pequenas dóses e muito diluido (1 gramma para 720 grammas d'agua adoçada), como temperante; mas é melhor empregar o acido tartrico ou citrico. A dissolução de acido oxalico em agua emprega-se para tirar as nodoas da tinta de escrever. É perigoso reduzi-lo a pó; durante a operação devem-se tomar precauções para não absorvê-lo.

Agua para tirar as nodoas da tinta d'escrever (Encrivore, fr.)

Agua commum	30 gram.	Acido oxalico	4 gram.

ACIDO PHENICO, Phenol ou **Acido carbolico** (Acide phénique, phénol, ou acide carbolique, fr.). Producto da distillação do breu do carvão de pedra ou coaltar. É solido, incolor, em longas agulhas; de cheiro forte, particular, analogo ao da creosota; ataca a pelle e as membranas mucosas; coagula o sangue, a albumina com extrema rapidez; mancha o papel como faria um corpo oleoso. Uma temperatura de 35° é sufficiente para derretê-lo; por conseguinte, para reduzi-lo ao estado liquido, basta mergulhar em agua quente o vidro que o contém. É pouco soluvel em agua (1/100), mas soluvel no alcool, ether, glycerina, oleos fixos e volateis. Forma com os corpos gordos uma verdadeira combinação, porque perde então a propriedade rubificante que possue. 100 partes d'agua podem dissolver só 1 parte de acido phenico, mas esta solubilidade póde ser augmentada ajuntando á agua 5 a 10 por 100 de alcool.

O acido phenico derretido pelo calor tem o aspecto de um liquido incolor, quasi oleoginoso. Pela influencia da luz, o acido phenico crystallizado ou dissolvido, adquire côr rôxa, que se torna de mais em mais escura. Apezar da sua fraca solubilidade em agua, o acido phenico crystallizado torna-se liquido ao contacto da humidade atmospherica.

Propriedades e usos. O acido phenico puro é caustico, e como tal emprega-se para cauterizar o nervo dentario, antes de chumbar um dente dorido. Dissolvido em agua é um desinfectante poderoso; tira o cheiro fetido das carnes corruptas; impede a putrefacção. A sua solução na glycerina, em differentes gráos de concentração, tem sido empregada com bom resultado no tratamento externo do lupo, eczema, lepra, tinha, e das ulceras de má suppuração. É aconselhado internamente na raiva, nas bexigas confluentes, e nas mordeduras de cobras venenosas, sob a fórma de solução aquosa ou *agua phenica*, de solução alcoolica ou *alcool phenico*, de solução na glycerina (*glycereo phenico*), no ether (*éther phenico*), no azeite (*oleo phenico*), no vinagre (*vinagre phenico*); sob a fórma de pilulas phenicas, contendo cada uma 1 gotta de acido. O acido phenico é empregado em dissolução na agua, em diversos gráos que podem variar de 1/1000 a 5 por cento (*agua phenica saturada*), segundo as indi-

cações. A agua phenica a 1/1000 administra-se como bebida, quer pura, quer misturada com outros liquidos.

A solução de acido phenico foi empregada para desinfectar as vallas; para borrifar o soalho dos hospitaes durante as epidemias de febre typhoide e de cholera. Para este uso serve o acido phenico impuro do commercio; contém cerca da metade do seu peso de acido phenico puro.

50 centigrammas (10 grãos) de acido phenico matão um coelho. Em dóse moderada, no homem, produz uma vertigem passageira. Um adulto póde tomar 1 gramma (20 grãos) de acido phenico por dia, fraccionando as dóses por meio de diversos excipientes. Em grande dóse, envenena mortalmente. Sua acção local é caustica.

O envenenamento póde ter lugar não só pela ingestão do acido phenico no canal digestivo, mas tambem pela absorpção cutanea. Os symptomas toxicos pela administração interna são : respiração estertorosa, perda de conhecimento, pupillas contrahidas, pulso lento, nauseas, vomitos, suores frios. O melhor contra-veneno é a agua de cal muito concentrada e adoçada com assucar.

O envenenamento foi tambem observado pelas fricções, injecções ou curativos com soluções demasiadamente concentradas de acido phenico no alcool, agua, azeite ou glycerina. Os symptomas são : calefrios, vomitos, prostração geral, pulso fraco, abaixamento da temperatura : as ourinas exhalão um cheiro de acido phenico. — O *tratamento* consiste em lavatorios com agua simples ou misturada com farinha de mostarda, poção com ether, e uso das bebidas estimulantes taes como chá da India com rhum. De ordinario os doentes sarão; tem havido, todavia casos de morte. Os envenenamentos pela applicação externa das preparações phenicas forão sobretudo observadas na Inglaterra, onde o acido phenico é usado em dóses mui concentradas. Para os curativos das feridas ou para fricções não se devem empregar soluções que contenhão mais de 1 por 100 de acido.

A medicina ingleza faz grande consumo de acido phenico, a que chama sempre *acido carbolico*. Mas para abrandar a sua acção mui viva, associa-lhe a glycerina na proporção de 1 parte de acido phenico e 6 de glycerina. Os Inglezes dão a esta mistura o nome de *carbolato de glycerina*, e empregão-n'a da maneira seguinte :

Em *gargarejos*, 20 centigrammas para 33 grammas d'agua.
Em *injecções*, 7 centigrammas para 125 grammas d'agua.
Em *lavatorios*, 1 gramma para 30 grammas d'agua.
Em *pomada*, 1 1/2 gramma para 30 grammas de banha.
Em *linimento*, 1 1/2 gramma para 20 grammas de azeite doce.
Em *emplasto*, 1 1/2 gramma para 20 grammas de massa.
Como *caustico*, applica-se o acido puro crystallizado.

Desinfecção dos estabulos. Um prato fundo contendo o acido phenico puro, nadando por cima d'agua fervendo.

Desinfecção geral. Regar com a mistura de 500 grammas de acido phenico e 20 litros d'agua a ferver.

Desinfecção de uma valla. 1 kilogramma de acido e 20 litros d'agua a ferver.

Dôr de dentes. 1 gotta de carbolato de glycerina sobre algodão.

Diarrhea. 2 gottas de carbolato de glycerina n'um copo d'agua, que se bebe por uma vez.

Vermes intestinaes. 10 gottas de carbolato de glycerina n'um copo d'agua, pela manhã.

Acido phenico liquido ou *acido phenico alcoolizado.* Mistura de partes de acido phenico crystallizado e 1 parte de alcool a

90° centesimaes. É sob esta fórma liquida e concentrada, que evita a obrigação de o derreter pelo calor, que deve empregar-se o acido phenico para diversos usos, como caustico, desinfectante, antiputrido, e em poção.

Internamente. *Acido phenico liquido.* 1 a 10 gottas e mais, progressivamente, em pilulas, ou poção.

Acido phenico solido. 5 a 50 centigrammas (1 a 10 grãos) em pilulas.

Agua phenica (Acido phenico crystallizado 1, agua 1000) uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Xarope de acido phenico (Acido phenico crystallizado 3 grammas, assucar em pó 2000 grammas, agua 1000 grammas. Misture o acido com o assucar, deite em frasco contendo a agua, agite e filtre.) D. 1 a 3 colheres *de sopa.*

Pilulas de acido phenico liquido.

Acido phenico liquido	3 gottas	Lycopodio	6 centig.
Sabão medicinal em pó	60 centig.	Gomma alcatira em pó	q. s.

Faça 6 pilulas.

Pilulas de acido phenico solido.

Acido phenico solido	5 centig.	Gomma alcatira em pó	5 centig.
Sabão medicinal em pó	5 centig.	Xarope simples	q. s.

F. 1 pilula. D. 1 a 9 pilulas, e mais, na psoriase.

Poção phenica.

Acido phenico liquido	15 centig.	Xarope de flores de laranjeira	15 gram.
Agua distillada	100 gram.		

Para beber uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas, na raiva, e nas picadas de cobras.

Externamente :

Agua phenica.

Agua commum	1000 part.	Acido phenico crystal.	1 part.

Em lavatorios como desinfectante, e para curar as feridas gangrenosas e outras de máo caracter; em injecções na garganta no caso de angina membranosa, ou no recto affectado de cancro. — A dóse de acido póde ser augmentada a 5 partes d'este para 1000 d'agua.

Glycereo phenico.

Glycerina	100 part.	Acido phenico	1 part.

M. Diversas affecções cutaneas.

Pomada phenica (Lemaire.)

Banha	100 part.	Acido phenico	1 part.

Pós phenicos.

Acido phenico	1 part.	Farinha de trigo	1000 part.

M. Desinfecta as feridas e as suppurações fetidas. A dóse do acido póde ser augmentada a 5 partes d'este por 1000 de farinha.

Vinagre phenico.

Vinagre ordinario	100 part.	Acido phenico	1 part.

Uma colher *de chá* n'um copo d'agua, para lavar a bocca no máo halito.

Acido phenico liquido (Quesneville.)

Acido phenico crystalliz.	9 part.	Alcool a 28° centesimaes	1 part.

Com este acido podem preparar-se todos os outros productos. Emprega-se para cauterizar as picadas peçonhentas.

Alcool phenico ou *acido phenico medicinal* do Dr. Quesneville. Prepara-se com 1 parte de acido phenico puro crystallizado derretendo-se a 40° e não a 35° cent., e com 4 partes de alcool a 28° cent. Este alcool emprega-se dissolvido em agua, na dóse de 5 grammas de alcool phenico e 1000 grammas d'agua.

Vinagre phenico aromatizado (Quesneville). Prepara-se com alcool phenico, acido acetico e essencias. Contém 5 por 100 de acido phenico, puro crystallizado. Uma dóse menos forte daria uma preparação insufficiente, mais forte, seria caustica. Este vinagre emprega-se para o toucador, como a agua de Colonia.

Chapas phenicas (Lister.)

Laca em escamas	3 part.	Acido phenico crystalliz.	1 part.

Aqueça a laca com um terço do acido phenico a fogo brando; ajunte o resto do acido, pouco a pouco, mexendo até á perfeita mistão; côe por cassa. Estenda então a massa em chapas delgadas. Sobre a face da chapa que deverá estar em contacto com a ferida, applique com pincel uma camada delgada de solução de gutta-percha em 30 partes de sulfureto de carbone. Depois de evaporado o sulfureto, applique sobre a outra face uma folha delgada de estanho, e guarde a chapa para o uso. A camada delgada de gutta-percha impede a laca de apegar-se ao corpo, deixando-se, comtudo, atravessar pelo acido phenico para desinfectar o pus da ferida; não obstante isso, póde-se tirar, sendo necessario. — Estas chapas ficão seccas e quebradiças passado algum tempo; para torna-las flexiveis, basta expô-las ao calor de um fogo moderado. São meio transparentes, de côr roxa, ou semelhante á de jujubas, exhalão cheiro pronuciado de acido phenico. São aconselhadas no curativo das feridas. (V. *Feridas*, no *Memorial therapeutico.*)

Emplasto phenico (Lister.)

Azeite doce	120 gram.	Cera	30 gram.
Lithargyrio	120 gram.	Acido phenico crystalliz.	25 gram.

F. S. A. Para fazer bem este emplasto, não se deve ajuntar agua. Estende-se como o diachylão sobre o panno.

Oleo phenico (Lister.)

Acido phenico crystalliz.	1 part.	Azeite doce	9 part.

O Dr. Lister molha o bisturí n'este oleo, antes de abrir um abcesso.

Pós para a conservação dos cadaveres (Vafflard.)

Serradura de madeira	16 kilog.	Acido phenico do com.°	4 kilog.

Borrife a serradura com o acido, e misture exactamente. Para um cadaver de adulto. Metta o cadaver no caixão sobre uma camada de 4 a 5 centimetros de espessura d'esta mistura, e depois cubra-o inteiramente com a mesma mistura. — A immersão n'este pó previne ou suspende completamente a putrefacção do cadaver, que pouco a pouco torna-se secco e transforma-se em mumia. (Relatorio do Conselho de salubridade de Pariz, 1869).

ACIDO PHOSPHORICO (Acide phosphorique, fr.). Obtem-se dissolvendo o phosphoro no acido nitrico a calor do forno, e fazendo evaporar a dissolução até á consistencia de xarope. Dilue-se depois o residuo com agua até que marque 1,45 no densimetro. É n'este estado que se emprega para o uso medico; chamão-lhe *acido phosphorico officinal.*

Limonada phosphorica. (Cod. fr.)

Acido phosphorico a 1,45	1 gram.	Xarope de assucar	50 gram.
Agua	500 gram.		

M. Ás chicaras, na febre typhoide. Pouco usada.

ACIDO PICRICO ou **Acido carbazotico** (Acide picrique, ou carbazotique, fr.). Produz-se pela acção do acido azotico sobre grande numero de substancias organicas entre as quaes são a seda, a lã, o anil, o benjoim, o balsamo do Perú, o aloes, a salicina, a cumarina, o acido phenico e o oleo de alcatrão de carvão de pedra; esta ultima substancia fornece d'elle a mais forte proporção. — Tratão-se 10 partes de oleo pesado de alcatrão de carvão de pedra por 12 partes d'acido azotico da densidade de 1,42; terminada a reacção, evapora-se até á consistencia de xarope, e, passado algum tempo, o acido picrico depõe-se sob a fórma de resina amarella e molle, que se transforma por meio do carbonato de soda em picrato d'esta base, que se decompõe pelo acido sulfurico em excesso, e que se faz crystallizar no alcool. — O acido picrico crystalliza em agulhas prismaticas de seis faces, ou em laminas rectangulares de um amarello claro, de cheiro semelhante ao da essencia de amendoas amargas, de sabor levemente acido e mui amargo (d'onde lhe vem o nome, de *pikros*, amargo); é soluvel em agua quente, alcool, ether; é fusivel, volatil, e arde com chamma. Aquecido subitamente, este acido decompõe-se com explosão. Tem um poder tintureiro mui grande; a agua que contém d'ella uma millionesima parte apresenta ainda uma tinta amarella mui sensivel.

Os picratos são facilmente crystallizaveis, pouco soluveis em geral, de sabor amargo, derretem-se e detonão com impeto quando aquecidos subitamente. Os picratos *de mercurio* e *de prata* ardem derramando uma luz viva; o *picrato de chumbo* pode detonar pelo choque; o *picrato de potassa* é mui pouco soluvel em agua. O *picrato de ammoniaco* foi aconselhado contra as febres intermittentes na dóse de 2 a 4 centigrammas por dia.

O acido picrico e seus saes manchão a pelle de amarello. Foi recommendado contra as febres intermittentes.

ACIDO PRUSSICO. V. ACIDO CYANHYDRICO.

ACIDO PYROGALLICO (Acide pyrogallique, fr.). Acido que se apresenta sob a fórma de agulhas crystallinas, e que se obtem aquecendo o acido gallico a + 215°; este então desdobra-se em acido carbonico e em *acido pyrogallico* que se sublima em agulhas crystallinas. O acido pyrogallico póde tambem ser obtido pela maneira do acido benzoico, aquecendo a banho de areia o extracto secco de noz de galha. Absorve fortemente o oxygeneo, pelo que é empregado pelos chimicos para determinar a quantidade do oxygeneo na atmosphera; serve para tingir o cabello, e na photographia. Em virtude da faculdade que tem de absorver rapidamente o oxygeneo do ar, parece exercer sobre os animaes uma acção toxica, por asphyxia.

ACIDO SALICYLICO (Acide salicylique, fr.). Apresenta-se debaixo da fórma de pós brancos ou amarellados, de aspecto crystallino; é sem cheiro, sem sabor sensivel, soluvel em 300 partes d'agua fria, mais soluvel na agua quente, soluvel em 4 partes de alcool, em 50 partes de azeite ou de glycerina quentes, soluvel no ether. Aquecido rapidamente desdobra-se em acido carbonico e phenico; aquecido moderadamente, sublima-se sem decomposição.

Obtem-se de differentes maneiras : 1° Fazendo actuar uma corrente de gaz acido carbonico sobre o phenato de soda ou phenato de potassa; 2° aquecendo a potassa com a salicina, substancia que se acha nas cascas de salgueiro e de choupo; 3° aquecendo a potassa com anil; 4° fazendo actuar a lixivia de potassa sobre a cumarina

principio crystallizavel do comarú, vulgo *fava tonca*. Existe na herva ulmeira, na casca de salgueiro e em alguns outros vegetaes.

Propriedades e usos. O acido salicylico possue propriedades anti-putridas e desinfectantes tão pronunciadas como o acido phenico; e apresenta a vantagem de ser completamente privado de cheiro, não ter sabor desagradavel e não ser venenoso. Impede, em pequena dóse, a fermentação, destroe o máo cheiro, e oppõe-se á putrefacção das materias animaes e vegetaes. — 1 gramma de acido salicylico póde conservar 20 litros d'agua a bordo dos navios. Por conseguinte : Kolbe aconselha tapar o tonel com um tampão de algodão impregnado de acido salicylico que o ar atravessará antes de penetrar no tonel; ou ajuntar este acido á agua na proporção de 1 gramma de acido para 20 litros d'agua. Os pós dentifricios, contendo pequena quantidade de acido salicylico, exercem sobre os dentes e as gengivas uma acção conservadora e desinfectante. Outro tanto póde dizer-se das tinturas alcoolicas contendo em dissolução este acido. Desinfectão-se as ulceras polvilhando-as com pó de arroz misturado com acido salicylico. As vasilhas, as rolhas que contrahírão máo cheiro purificão-se com a solução do mesmo acido. — 20 centigram. de acido salicylico impedem o desenvolvimento do mofo em 1 litro de succo de limões, que sem esta addição é muito difficil conservar nas pharmacias. O acido salicylico foi empregado na Allemanha para a conservação das sanguesugas. A dóse deve ser fraca. Mettêrão duas sanguesugas em 100 grammas d'agua addicionada de 4 gottas de solução aquosa de acido salicylico na proporção de 3 partes de acido para 100 d'agua; no fim de dois mezes de demora na mesma agua, que se conservou clara, as sanguesugas estavão boas. A experiencia seguinte foi feita com 100 sanguesugas conservadas em 1 litro d'agua em más condições : a agua estava turva, viscosa, tinha mào cheiro, e tres sanguesugas jazião mortas no fundo do vaso; tirárão-se estas, e 20 gottas de solução de acido salicylico forão deitadas no vaso. No dia seguinte todo o cheiro tinha desapparecido, e as sanguesugas estavão cheias de vida; deitou-se fóra o liquido, o vaso foi limpo, e as sanguesugas, depois de lavadas, forão introduzidas n'um litro de nova agua addicionada de 20 gottas de solução. Desde então, nenhuma sanguesuga morreo, todas se conservarão em bom estado, assim como a agua.

Quanto ao seu uso therapeutico, é aconselhado interna e externamente na angina diptherica, no crup, nas febres palustres, typhoides, na escarlatina, em uma palavra, em todas as molestias infectuosas, em todas as epidemias.

Internamente. 1 gramma a 1 gramma 1/2 (20 a 30 grãos) por dia. Deve ser administrado em loock ou poção gommosa, porque, posto em contacto directo com as membranas mucosas, quer da bocca quer do apparelho digestivo, produz n'ellas um effeito irritante.

Poção de acido salicylico.

Acido salicylico	1 gram.	Agua de flor de laranj.	20 gram.
Agua distillada	100 gram.	Xarope de gomma	30 gram.

Uma colher *de sopa* aos adultos, uma colher *de chá* ás crianças, de 2 em 2 horas. Mexer cada vez que se tomar.

Externamente. *Solução :* Agua 1 litro, acido salicylico 1 a 2 grammas, em lavatorios e injecções.

Pós. Espalhar sobre algodão em rama, applicar este sobre as ulceras, e manter tudo com uma ligadura.

Glycereo salicylico. Glycerina, 100; acido salicylico, 3. Para curar as ulceras.

Gargarejo com acido salicylico.

Acido salicylico	2 gram.	Agua distillada	300 gram.
Alcool	30 gram.		

Collutorio d'acido salicylico.

Acido salicylico	2 gram.	Mel de abelhas	30 gram.

M. Sapinhos, angina diphtherica, crup.

Injecção d'acido salicylico.

Acido salicylico	1 gram.	Agua tepida	300 gram.

Leucorrhea.

Pomada d'acido salicylico.

Acido salicylico	3 gram.	Banha	30 gram.
Alcool	6 gram.		

Para curar as ulceras.

Pós contra o cheiro do suor dos pés.

Acido salicylico	1 gram.	Polvilho	30 gram.

Fumigações d'acido salicylico.

Fazem-se volatilizando acido salicylico sobre uma chapa de ferro aquecido. Purificão o ar e as paredes dos quartos.

ACIDO SULFHYDRICO, Acido hydrosulfurico, Acido hydrothionico, Gaz hydrogeneo sulfurado, Gaz hepatico, ou **Gaz fetido** (Acide sulfhydrique, acide hydrosulfurique, acide hydrothionique, gaz hydrogène sulfuré, gaz hépatique ou gaz puant, fr.). Gaz incolor, de cheiro desagradavel, e caracteristico de ovos chocos. Obtem-se tratando, a calor brando, 5 partes de sulfureto de antimonio com 20 partes de acido chlorhydrico a 1,17. Acha-se nas aguas sulfurosas como a das Caldas da Rainha. Existem apparelhos que podem fornecer este gaz para usos pharmaceuticos ou chimicos. Sua solução aquosa foi aconselhada em aspirações nas molestias dos pulmões, ou em bebida nas affecções cutaneas. Emprega-se principalmente debaixo da fórma de aguas mineraes contra as affecções chronicas dos pulmões e molestias cutaneas.

ACIDO SULFURICO ou **Oleo de vitriolo.** (Acide sulfurique, ou huile de vitriol, fr.) O acido sulfurico *purificado* é um liquido branco, inodoro, de consistencia oleaginosa, quasi 2 vezes mais pesado do que a agua; de densidade de 1,84; marca 66° no areometro; toma côr amarella, roxa e até preta pelo contacto das menores parcellas organicas, que elle immediatamente ataca e destroe, *corando-as de preto.* Exposto ao ar attrahe a humidade, e perde por conseguinte a força. Deve ser guardado em frascos tapados com rolhas esmerilhadas. Misturando 510 partes de acido sulfurico com 125 partes d'agua, póde-se fazer subir o thermometro a 105°, isto é, acima da temperatura da agua fervendo. Misturando 4 partes de acido sulfurico com uma de gelo pisado, póde-se levar a temperatura + 100°, em quanto que por proporções inversas, 1 parte de acido e 4 partes de gelo, faz-se pelo contrario baixar a temperaturaa — 20°.

Puro é um dos mais violentos causticos, e empregado só externamente para cauterizar as verrugas e as feridas envenenadas. Diluido em agua é adstringente, temperante, e usado como tal nas febres adynamicas, escarlatina e sarampos malignos, nas hemorrhagias, suores colliquativos, dysenterias antigas, chlorose, cachexia mercurial, escorbuto, *delirium tremens,* vomitos espasmodicos e colica de chumbo.

Substancias incompativeis. Os alcalis, os carbonatos, os hydrochloratos, os nitratos, os sulfuretos, as emulsões, e o leite.

Internamente. 10 a 30 gottas em 720 grammas (24 onças) d'agua adoçada.

Acido sulfurico diluido. (Cod. fr.). Acido sulfurico de 1,84 1 part., agua distillada 9 part. Introduza a agua n'um frasco, e ajunte-lhe pouco a pouco o acido, agitando sem cessar para repartir uniformente o calor. Não se deve fazer o inverso, isto é, lançar a agua sobre o acido, podendo occasionar a ruptura do vaso o calor desenvolvido no ponto de contacto. D. 10, 15, 20 gottas até 4 grammas em uma poção de 125 grammas.

Agua de Rabel ou *Acido sulfurico alcoolizado.* (C. fr.). Acido sulfurico puro de 1,84 100 grammas, alcool a 90° 300 grammas, petalas de papoulas 4 grammas. Introduza o alcool n'um matraz; deite por cima o acido sulfurico pouco a pouco, agitando a mistura com cuidado, para repartir uniformemente o calor. Ajunte as papoulas á mistura arrefecida. Deixe macerar por quatro dias, e filtre. Conserve em frasco tapado com rolha esmerilhada. D. 1 gramma em 120 grammas d'agua.

Elixir acido de Haller. Acido sulfurico de 1,84, alcool a 90° p. ig. É muito mais acido do que a agua de Rabel. D. 10 gottas em 120 grammas (4 onças) d'agua adoçada na hemoptyse.

Elixir acido de Dippel. Acido sulfurico a 1,84 100 grammas, alcool a 90° 500 grammas. Dá-se côr á mistura com 8 part. de açafrão e outro tanto de kermes animal. D. 1 gramma em 120 gram. d'agua.

Elixir vitriolico de Mynsicht ou *Tintura aromatica sulfurica.* Raiz de calamo aromatico 32 part., galanga 32, flores de camomilla 16, salva 16, absinthio 16, hortelã 16, cravo da India 12, canella 12, cúbebas 12, noz moscada 12, gengibre 12, páo de aloes 4, epicarpo de casca de limão 4, assucar 96, alcool a 30° Cart. 1000, acido sulfurico a 66° 125.

Reduzidas todas estas substancias a pó grosso, introduzem-se n'um matraz, deitão-se por cima 250 part. de alcool. Depois de 48 horas de maceração, ajunta-se pouco a pouco o acido sulfurico, deixa-se tudo em contacto por 24 horas; depois ajunta-se o resto do alcool. Deixa-se ainda macerar por quatro dias; côa-se com espressão e filtra-se. D. 15 a 30 gottas em poção, como antiseptico, cordial e anti-scorbutico.

Limonada sulfurica. (Cod. fr.)

Agua	450 gram.	Xarope de assucar	50 gram.
Acido sulfurico de 1,84	1 gram.		

Poção adstringente (Cadet.)

Agua commum	100 gram.	Agua de flor de laranj.	10 gram.
Agua de Rabel	15 gottas	Xarope de violas	15 gram.

M. D. Uma colher *de sopa* de hora em hora.

Poção tonica (Foy.)

Decócção de quina	200 gram.	Acido sulfurico diluido	4 gram.
Tintura de quina	30 gram.	Xarope de casca de lar.	15 gram.

M. D. Duas colheres *de sopa*, de hora em hora, nas affecções typhoides.

Externamente. Puro, como caustico, para cauterizar as feridas das cobras venenosas e dos cães damnados; diluido em agua, na proporção de 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) de acido para 500 gram. (16 onças) d'agua, é aconselhado em lavatorios contra os dartros. Foi tambem indicado para a composição dos gargarejos adstringentes;

porém melhor é para este fim empregar outros acidos, pois que o acido sulfurico póde atacar os dentes.

Caustico sulfo-açafroado (Velpeau.)

Açafrão em pó 10 gram. | Acido sulfurico conc. 20 gram.

Empregado para cauterizar os tumores cancerosos, as feridas de máo caracter, as feridas gangrenosas, etc. Eis-aqui como se procede:

No momento em que deve ser applicado, mistura-se o acido sulfurico com açafrão n'um pires; a massa que resulta d'esta mistura estende-se com uma faca, em camada d'espessura de 2 a 4 linhas, sobre a parte que se quer destruir, e deixa-se exposta ao ar até seccar : forma-se logo uma crosta mui secca e dura, que convem cobrir com panno e segurar com atadura. Alguns dias depois a porção queimada cahe, e deixa uma ferida limpa, que se cura com ceroto simples.

Caustico sulfo-carbonico (Ricord.)

Acido sulfurico 15 gram. | Carvão vegetal pulv. q. s.

Para fazer massa. Este caustico não é tão homogeneo como o precedente; deixa escorrer o seu acido.

ACIDO SULFUROSO. (Acide sulfureux, fr.). Gaz que resulta da combustão do enxofre no ar. É incolor, de cheiro picante.

Respirado em grande quantidade é deleterio; em menor quantidade irrita fortemente os orgãos da respiração, occasiona tosse e até escarros de sangue. Estimula fortemente a pelle, e por isso, se emprega com vantagem para combater os dartros, a sarna, as dôres rheumaticas, certas paralysias e amenorrheas. Nas artes serve para branquear os estofos, e para destruir animaes inferiores.

Internamente. *Fumigações sulfureas.* O membro affectado, ou o corpo inteiro do doente, salvo a cabeça, fecha-se n'uma caixa, á qual vai ter o acido sulfuroso que se desenvolve pela combustão do enxofre no interior da caixa, ou n'outra caixinha que communica por meio de um canudo com o apparelho em que se acha o doente. A duração d'estas fumigações é de 20 a 30 minutos.

ACIDO TANNICO. V. Tannino.

ACIDO TARTRICO (Acido tartrique, fr.). É solido, crystallizado em laminas largas ou prismas achatados, inalteraveis ao ar, sem côr, nem cheiro; sabor muito acido, soluvel no alcool e em 2 partes d'agua fria. Obtem-se do cremor de tartaro.

Em pequenas dóses emprega-se como temperante nas molestias febrís : em alta dóse actua como irritante, e póde produzir accidentes.

Substancias incompativeis. A agua de cal, os saes de baryta, o acetato de chumbo.

Internamente. 50 centigram. a 1 gramma (10 a 20 grãos) com assucar.

Dissolução, 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) para 500 grammas (16 onças) d'agua adoçada.

Xarope. (p. 130), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) para 500 gram. (16 onças) de liquido.

Limonada tartrica ou *vegetal.* (Cod. fr.)

Agua 450 gram. | Xarope tartrico 50 gram.

ACIDO VALERIANICO. (Acide valérianique, fr.). Liquido oleaginoso, incolor, de cheiro particular, desagradavel; soluvel em agua, no alcool e no ether. Obtem-se distillando a agua com a raiz de valeriana. Forma com as bases saes que são soluveis quasi todos,

e não se emprega em medicina, senão debaixo da fórma d'estes saes, que são : o valerianato de ferro, de zinco, de quinina, de ammoniaco.

ACONITINA. (Aconitine, fr.) Principio activo da raiz de aconito. Obtida pelo processo indicado no novo Codigo pharmaceutico francez (1866), apresenta-se sob a fórma de pó branco, amorpho, inodoro, excessivamente acre e amargo; mui soluvel no alcool e no ether, na benzina, no chloroformio, apenas soluvel na agua fria, mas soluvel em 50 vezes o seu peso d'agua fervendo; não volatil. Goza das mesmas propriedades narcoticas que o aconito, mas muito mais energicas; é mui venenosa. Na dóse de 1 milligramma póde matar um cão. Comtudo, é aconselhada, internamente, mas com muita cautela, nas molestias nervosas. Externamente nas nevralgias do ouvido, dos olhos, e outras. As antigas formulas das preparações pharmaceuticas de aconitina devem ser todas reformadas, porque as dóses admittidas, quando não se possuia senão uma substancia impura e crystallina, tornárão-se pelo menos vinte vezes mais fortes.

Introduzida entre as palpebras, a aconitina produz viva irritacão, vermelhidão, secreção das lagrimas, e dilatação das pupillas. Ingerida no estomago, provoca a salivação, vontade de lançar, desmaios e colicas. Mais tarde sobrevem picadas na pelle, e principalmente no rosto e ao redor do nariz. Notão-se tambem dôres de cabeça, aperto das fontes, diminuição da sensibilidade tactil, formigamentos nas extremidades, enfraquecimento do pulso, abaixamento da temperatura do corpo, pallidez do rosto, zunidos nos ouvidos, vertigens. A perturbação da respiração, a frequencia e a desordem do pulso, a dilatação das pupillas, a prostração, alguns movimentos convulsivos, constituem symptomas toxicos e ultimos.

Internamente. *Modo de administração e dóses.* Devo ainda lembrar aqui as grandes differenças que existem entre as diversas aconitinas do commercio, sendo a aconitina d'Allemanha vinte a cincoenta vezes menos energica do que a de Inglaterra (Morson) ou de França (Hottot). É d'esta ultima que se trata no presente artigo.

A dóse efficaz, para uso interno, é de 1/2 milligramma (1/100 de grão). Ao principio administra-se esta dóse duas vezes em 24 horas; depois dá-se successivamente esta mesma dóse tres, quatro, cinco e seis vezes por dia, isto é, chega-se successivamente e com prudencia a 2 e 3 milligrammas por dia (1/25 a 1/16 de grão). Para acalmar atrozes nevralgias, foi ás vezes necessario elevar a dóse a 7 milligrammas (1/7 de grão) por dia; e esta quantidade não constitue o limite extremo. A aconitina administra-se internamente n'uma colher d'agua. Um pharmaceutico de Pariz, Hottot, prepara granulos com 1/2 milligramma (1/100 de grão) de aconitina, que facilitão a administração d'este agente heroico.

A *solução alcoolica*, para uso interno, não deve conter mais de 10 centigram. (2 grãos) de aconitina para 10 gram. (2 1/2 oitavas) de alcool, o que dá 1 milligramma (1/50 de grão) do principio activo para 2 gottas. Convem, mesmo, dilui-la mais querendo introduzi-la no tecido cellular pelo methodo hypodermico.

Pilulas de aconitina (Hottot.)

Aconitina	1 centig.	Xarope	q. b.
Alcaçuz em pó	2 gram.		

Triture por muito tempo a aconitina com alcaçuz para obter mistura exacta; faça com o xarope massa bem homogenea, e divida em 50 pilulas. Cada pilula contém 1/5 de milligramma (1/250 de grão) de aconitina. D. 2 a 10 pilulas por dia.

Tintura d'aconitina.

Aconitina	5 centig.	Alcool a 60°	50 gram.

Cada gramma contém 1 milligramma de aconitina. D. 10 a 40 gottas por dia, n'uma colher d'agua com assucar.

Externamente : *Pomada de aconitina.*

Aconitina	10 centigr.	Banha	4 gram.
Alcool	6 gottas		

Em fricções, no tico doloroso da face, e nas outras nevralgias. Toda esta porção serve para quatro fricções; e fazem-se uma ou duas fricções por dia.

Gottas d'aconitina (Turnbull.)

Aconitina	1 gram.	Alcool rectificado	8 gram.

Dissolva. Esta preparação emprega-se com proveito na surdez e nas dôres de ouvido. Exige muita cautela. Com 5 a 15 gottas fazem-se fricções na orelha, duas vezes por dia; ou molha-se algodão na quantidade de 5 a 15 gottas, e introduz-se no conducto auditivo.

ACONITO. (Aconit, fr.). *Aconitum napellus,* L. Ranunculaceas. Planta que habita nas montanhas da Europa, principalmente nos Alpes; cultiva-se nos jardins do Brasil por causa da belleza de suas flores. A planta silvestre deve ser preferida para uso medico. Fig. 97. A haste, de 3 a 4 pés de altura, é direita; as folhas são divididas em 5 ou 7 lobulos; flores azues, raras vezes roseas ou brancas, dispostas em espiga; a raiz como a de um pequeno nabo, denegrida por fóra e branca por dentro; o cheiro de toda a planta é fraco, mas nauseoso, sabor amargo e acre. *P. us. Folhas e raiz.*



Fig. 97. — Aconito.

O aconito em alta dóse (4 a 8 gram.) é um veneno narcotico-acre; em pequena, emprega-se na asthma, syphilis, hydropisia, rheumatismo, sciatica, gota, constipação, coqueluche, nevralgia facial, tisica, amaurose, paralysia, nas febres exanthematicas, taes como o sarampo, escarlatina, cataporas, bexigas, erysipelas, etc. O aconito possue a propriedade de supprimir a exhalação sanguinea na dysenteria, e é aconselhado com proveito n'esta molestia. Exerce sua acção sobre o systema nervoso, e actua tambem como sudorifico e diuretico. Mas o aconito serve especialmente para o tratamento das molestias que provém da perturbação das funcções da pelle. A planta fresca é muito mais activa do que a secca.

Eis-aqui os phenomenos observados por Matthioli, pela acção de 2 oitavas de aconito, em quatro condemnados á morte : entorpecimento da lingua, suores geraes, pallidez, dilatação da pupilla, peso da cabeça, vertigem, salivação,

frio no espinhaço, escurecimento da vista, ourinas copiosas, vomitos, evacuações alvinas involuntarias, manchas vermelhas no corpo, fraqueza, convulsões, paralysia, pulso fraco, e finalmente a morte ao cabo de tres horas.

Internamente. *Infusão.* Aconito 50 centigrammas (10 grãos), agua fervendo 90 grammas (3 onças); ponha de infusão, e côe. Dá-se ás colheres *de sopa*, uma colher de hora em hora.

Pó (p. 109; quasi inerte) 10 centigram. a 1 gram. (2 a 20 grãos).

Extracto preparado com o succo (p. 89; boa preparação) 5 a 30 centigrammas (1 a 6 grãos).

Extracto alcoolico (p. 91), 5 a 30 centigrammas (1 a 6 grãos).

Alcoolatura (p. 68; boa preparação)) 5 a 10 gottas e mais progressivamente.

Tintura (p. 121; preparação infiel) 10 a 20 gottas e mais.

Xarope de aconito (p. 130) 8 a 60 grammas (2 oitavas a 2 onças) em poção que se administra ás colheres *de chá*.

De todas as preparações de aconito, as que são feitas com a planta fresca merecem a preferencia. São : o extracto preparado com o succo e a alcoolatura.

Pilulas d'aconito (Biett.)

Extracto de aconito	5 centig.	Althea em pó	q. s.

F. 1 pilula. D. 1 a 2 pela manhã e á noite nas dôres osteocopas.

Pilulas anti-rheumaticas de Stoll.

Extracto de aconito	5 cent.	Xarope de gomma	q. s.
Enxofre dourado d'antim.	5 cent.		

F. 1 pilula. D. 2 a 6 por dia.

Poção d'aconito contra a dysenteria (Marbot.)

Extracto de aconito	10 centig.	Agua	100 gram.

D. uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas.

Poção contra a coqueluche (Davreux.)

Agua de gomma	200 gram.	Agua de louro-cereja	4 gram.
Extracto de aconito	5 cent.	Xarope de ipecacuanha	30 gram.

M. Uma colher *de chá*, 3 vezes por dia, ás crianças na primeira idade; passados 3 annos, 2 colheres *de chá* 3 vezes por dia; nos adultos uma colher *de sopa*, cada vez.

Poção d'aconito.

Infusão d'herva cidreira	100 gram.	Xarope diacodio	30 gram.
Alcoolatura de aconito	1 gram.		

M. Uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas.

AÇOFEIFA. V. JUJUBA.

ACUPUNCTURA. Operação que consiste na introducção de uma agulha em qualquer parte do corpo com o intento de alliviar ou curar molestias. As agulhas que servem para este fim são de aço ou de platina; compridas e finas, guarnecem-se de um globo de lacre ou de qualquer cabo de pão ou marfim. Introduz-se a agulha por um leve movimento semi-rotatorio, e causa mui pequena dôr : profunda ella desde meia pollegada até duas pollegadas, segundo a natureza da parte aonde se introduz, e póde ali permanecer desde alguns minutos até algumas horas. Os medicos limitão esta operação ás partes musculares, mas os Orientaes, na China e no Japão, penetrão o abdomen com agulhas para alliviar colicas e outras affecções. A acupunctura foi aconselhada nas dôres rheumatismaes e nevralgicas, no lumbago, na epilepsia que parte de um ponto fixo, no trismo, na gota, na coqueluche, etc.

Os medicos procurárão augmentar a efficacia da acupunctura dirigindo correntes electricas ou galvanicas pelas agulhas ás partes doentes. A operação assim modificada tomou o nome de *electro-punctura* ou *galvano-punctura*. Este meio é empregado como agente coagulador nas aneurysmas das arterias, varizes, e nos tumores erectis. Introduz-se uma agulha no tumor, e põe-se em communicação com o pólo positivo de uma pilha; o outro pólo da pilha descança na chapa applicada sobre a superficie do tumor; a corrente galvanica faz coagular o sangue ao redor da agulha introduzida no tumor, e sobre 18 tentativas, obtiverão-se 11 curas. (Dr. Bouchut).

AGÁRICO DE CARVALHO, Boleto da isca de couro, da isca de sola, Agárico dos cirurgiões, Agárico ou **Isca sem salitre** (Agaric de chêne, agaric des chirurgiens, agaric ou amadou non salpêtré, fr.) *Boletus igniarius,* L. Vegetal da familia dos Cogumelos que habita sobre os troncos das arvores velhas, como o carvalho, a faia, etc., nas matas da Europa. Emprega-se na cirurgia a parte média do cogumelo, depois de molhada em agua e batida com malhos para amacia-la e fazê-la flexivel. Serve para estancar o sangue das cisuras das sanguesugas V. *Isca.*

AGRIÃO ORDINARIO. (Cresson, fr.). *Sisymbrium nasturtium,* L. Cruciferas. Planta mui commum na Europa : acha-se nos prados; é cultivada no Brasil. Fig. 98. Caule reptante, de um pé de comprimento, folhas compostas de foliolos ovaes ou ellipticos, flores brancas, sabor picante, cheiro quasi uullo. *P. us. Folhas* e *caules.*



Fig. 98. — Agrião ordinario.

Estimulante. Come-se em salada, e é aconselhado nas affecções scorbuticas, e molestias da pelle; o xarope nas affecções pulmonares.

Internamente. *Sumo espresso.* (p. 119) 60 a 120 grammas (2 a 4 onças).

Xarope. (p. 130) 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

AGRIÃO DO PARÁ, Jambú, Nhambú, Jambú-açú ou **Jambú-rana** (Cresson de Para, fr.). *Spilanthes oleracea*, L. Synanthereas-senecioides. Esta planta, originaria do Brasil, cultiva-se em França. Fig. 99. O seu caule, de 1 pé de altura, é tenro, succulento, guarnecido de folhas subcordiformes, ovaes, lanceoladas, dentadas; flores dispostas em capitulos esphericos, um pouco cónicos; florões amarellos; sabor acre. — *P. us. Toda a planta.* — Excitante, antiscorbutico. No Pará, emprega-se como alimento, cozido e mesmo crú. As flores, miudamente cortadas, misturão-se com saladas para lhes dar um gosto picante.

Internamente. *Infusão :* flores 6 grammas (1 1/2 oitava), agua fervendo 500 grammas (16 onças).

Tintura (p. 122), 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas).

Xarope (p. 130), 30 a 60 gram. (1 a 2 onças).

Externamente. *Tintura :* uma colher *de chá* n'um copo d'agua, para gargarejo.



Fig. 69. — Agrião do Pará.

AGRIMONIA. (Aigremoine, fr.). *Agrimonia eupatoria,* L. Rosaceas-sanguisorbeàs. Planta que habita nos prados e beiras dos caminhos da Europa. Caule hirsuto, folhas dentadas, flores amarellas; sabor amargo, adstringente. *P. us. Toda a planta.* Adstringente, mas pouco energico; sua infusão emprega-se só em gargarejos nas esquinencias chronicas; e prepara-se com 20 grammas da planta e 1000 gram. d'agua fervendo.

AGUA. A agua é um medicamento frequentemente empregado no tratamento das molestias. A agua fria estimula, fortifica; a agua morna relaxa; a agua quente rubifica e queima. As fomentações d'agua fria são uteis nas contusões, torceduras, inflammações do cerebro, ophthalmias, hemorrhagias, queimaduras, e em muitos outros casos; a agua morna é empregada como emolliente; a agua fervendo occasiona instantaneamente a vesicação da pelle, e póde substituir as cantharidas, quando é necessario produzir um effeito prompto; como por exemplo nas asphyxias.

AGUA DE COLONIA. V. RECEITAS DIVERSAS.

AGUA DE LABARRAQUE. V. CHLORURETO DE SODA.

AGUA DE INGLATERRA. Preparação secreta de quina, e que parece ser um vinho de quina. É propriedade da familia do Sr. Castro de Lisboa, que conserva o segredo que era do Dr. André Lopes de Castro. Emprega-se ás vezes como tonico e anti-periodico, ná dóse de 30 a 120 grammas (1 a 4 onças) por dia, simples ou misturada com agua.

AGUA DO MAR. Contém acido carbonico, chlorureto de sodio, de potassio, de magnesio; os ioduretos e os bromuretos

das mesmas bases : os sulfatos de soda e de magnesia. Administrada internamente é um purgante, que raras vezes se emprega. É pelo contrario frequentemente usada como tonico nas flores brancas, escrophulas, engurgitamento dos ganglios mesentericos, ulceras escorbuticas, dyspepsia, affecções do figado, etc. Os banhos do mar podem ser applicados no tratamento de diversas molestias que são caracterizadas pela fraqueza dos orgãos.

Internamente. 120 a 360 grammas (4 a 12 onças) por dia.

Externamente. Em banhos por espaço de cinco a quinze minutos (banhos frios), ou de meia hora (banhos quentes). Os primeiros são tonicos, os segundos excitantes.

Banho do mar artificial.

Sal marinho cinzento	8000 gram.	Chlorureto de calcio	700 gram.
Sulfato de soda	3500 gram.	Chlorureto de magn.°	2950 gram.

Para um banho geral. Este banho é bastante caro. Querendo-se ter um banho que se approxime o mais possivel ao *banho do mar*, empregue-se o residuo da evaporação de 250 litros d'agua do mar, que se ajuntará á agua de um banho ordinario d'agua doce.

AGUA DE MEL. Cosmetico. V. RECEITAS DIVERSAS.

AGUA REGIA. Mistura de 1 parte de acido nitrico a 1,32 com 3 partes de acido chlorhydrico a 1,17. Caustico, mas pouco usado. Nas artes serve para dissolver o ouro, o rei dos metaes, d'onde lhe vem o nome de *agua regia*.

AGUAS MINERAES. Designão-se com este nome todas as aguas que contém substancias estranhas á composição natural d'este liquido, e em quantidade tal, que podem exercer na economia uma acção especial, dependente da natureza d'estas substancias e de suas proporções. Provém da agua atmospherica. Uma parte da agua que se reune sobre as montanhas, corre pela sua superficie e produz regatos; a outra parte cahe nas fendas, chega a profundidades diversas, carrega-se mais ou menos das substancias que encontra, e comprimida pela columna do novo liquido, reapparece na superficie a distancias ás vezes bastante consideraveis do ponto de partida. Existem em grande numero na natureza, e a arte imita algumas d'ellas com bom resultado. As primeiras chamão-se *naturaes*, as segundas *artificiaes*. A temperatura d'estas aguas é muito variavel : umas são *frias*, outras *quentes* ou *thermaes*. Chamão-se *frias*, quando a sua temperatura é inferior á do ar ambiente; *quentes*, quando ella excede 30° cent.; algumas tem 50° até 75°. As substancias que se encontrão nas aguas mineraes são gazes, acidos, oxydos, saes e materias organicas. Todas as aguas forão divididas nas cinco classes abaixo indicadas, conforme a substancia que n'ellas predomina, e lhes communica propriedades particulares.

Certas aguas mineraes tem uma composição, por assim dizer, invariavel; outras, pelo contrario, experimentão sensiveis mudanças chimicas e thermometricas, segundo a epoca do anno.

A conservação das aguas mineraes naturaes é um ponto importante da sua historia. Uma vez sahidas da fonte, opera-se uma reacção lenta entre seus differentes principios, e formão-se depositos. As aguas gazosas transportadas são sempre menos carregadas de gaz do que na fonte. As ferruginosas, perdendo o gaz, dão um deposito de ocre. As aguas hyposulfureas perdem o seu cheiro e produzem hyposulfitos; outras, contendo sulfatos, adquirem o cheiro de ovos chocos, em consequencia da reacção de algumas substancias organicas sobre o sulfato. A agua de Vichy apresenta

ás vezes este phenomeno. As aguas salinas são as que melhor se conservão.

As aguas mineraes constituem uma classe importante de medicamentos. Da difficuldade de obtê-las, e da possibilidade de se corromperem nos depositos, veio a ideia de produzi-las artificialmente. Mas o estado actual da sciencia não permitte uma imitação fiel da agua da maior parte das fontes naturaes. Entretanto, sendo as aguas artificiaes do dominio da materia medica, e prestando ellas serviços valiosos á arte de curar, vão indicadas aqui, segundo o Codigo francez, certas formulas nas quaes se achão comprehendidas as principaes variedades dos principios que entrão na composição das aguas mineraes.

I. AGUAS ACIDULAS GAZOSAS.

São aquellas em que predomina o gaz acido carbonico. Conhecem-se pelo sabor acidulo, picante e agradavel; desenvolvem muitas bolhas pela agitação, como o vinho de Champanha; mudão em vermelho as côres azues vegetaes, e formão com a agua de cal um precipitado branco. Contém materias salinas de natureza variavel, mas em porções moderadas; o ferro póde encontrar-se n'ellas, mas pouco abundante. A sua temperatura é fria ou quente; as suas propriedades excitantes e diureticas. Empregão-se nas gastralgias, debilidade dos orgãos digestivos, amenorrhea, chlorose, hypochondria, vomitos espasmodicos, affecções nervosas, etc.

Internamente. As aguas frias 500 a 1000 grammas (16 a 32 onças) por dia.

As **aguas acidulas gazosas do Brasil** são as de :

Campanha (Minas Geraes).
Caxambú (Minas Geraes, municipio de Baependy).
Cambuquira (Minas Geraes).
Contendas (Minas Geraes).
Pajehú de Flores (Provincia de Pernambuco).

As **aguas acidulas gazosas da Europa**, mais importantes, são as de :

Seltz (Allemanha).
Saint-Galmier (França).
Condillac (França).
Soultzmatt (Prussia).

As aguas acidulas gazosas imitão-se perfeitamente pela arte; dá-se-lhes o nome de *agua gazosa* ou *agua de Seltz artificial.*

Agua gazosa simples. (Cod. fr.). Agua q. v. Carregue-a de acido carbonico sob uma pressão de 7 atmospheras, e encha as garrafas com precaução; tape-as exactamente, e conserve-as n'um lugar fresco. Deitando 80 grammas de xarope de limão, em cada garrafa de 600 grammas, antes de enchê-la com agua saturada de gaz carbonico, obtem-se uma bebida muito agradavel, que tem o nome de *limonada gazosa.* Variando a natureza dos xaropes, póde-se preparar á vontade grande numero de bebidas acidas e doces.

Quasi toda a agua de Seltz, que se serve nas mesas, não é senão uma *agua gazosa simples,* isto é, agua pura saturada de gaz acido carbonico por meio de um apparelho particular, chamado *apparelho de compressão.* Esta agua é preferivel á agua natural transportada, e por isso os medicos deverião acostumar-se a receitar a *agua gazosa,* e não a agua de Seltz.

A agua de Seltz artificial (agua gazosa) é uma bebida agradavel, cujo uso se vai generalisando cada dia; facilita a digestão e produz

o sentimento de satisfação. É um medicamento muito util; não ha cozimento que lhe seja preferivel em grande numero de affecções do estomago; muitas vezes é a unica bebida que elle póde supportar. *A agua gazosa* convem igualmente em muitas molestias febrís, associada ao xarope de limão, de laranja ou de groselhas; tambem aproveita nas febres typhoides. Estas aguas convem a todas as pessoas cujas forças digestivas se achão enfraquecidas, e que por isso não tem appetite, cujas digestões são tardias e laboriosas. Ha pessoas que fazem habitualmente uso d'estas aguas, ainda que algumas vezes sem necessidade.

Agua acidula salina. (Cod. fr.)

Chlorureto de calcio	33 cent.	Carbon. de soda crystall.	90 cent.
— de magnesio	27 cent.	Sulfato de soda	10 cent.
— de sodio	110 cent.	Agua gazosa simples	650 gram.

Dissolva na agua simples, separadamente, os saes de soda e os chloruretos terrosos; misture os dois liquidos, carregue de acido carbonico, guarde em garrafas. Póde empregar-se nos mesmos casos que a agua *de Seltz, Soultzmatt, Condillac,* etc.

Apparelhos gazogeneos. Vendem-se hoje, com o nome de *gazogeneos,* pequenos apparelhos que servem para preparar agua gazosa para uso domestico. Existem no commercio varios apparelhos d'este genero; por meio d'elles póde-se obter instantaneamente um liquido saturado unicamente de gaz acido carbonico. Todos estes pequenos apparelhos podem servir para as casas de familia e para os pharmaceuticos, quando estes precisão aviar promptamente alguma das preparações gazosas empregadas hoje. Em todos a agua satura-se de gaz acido carbonico, que se desenvolve pela acção do acido tartrico sobre o bicarbonato de soda. Eis-aqui a descripção dos apparelhos mais importantes :

Apparelho de Briet. A fig. 100 e a explicação seguinte farão comprehender o seu mecanismo;



Fig. 100. — Apparelho gazogeneo de Briet para preparar agua gazosa.

1• Enche-se inteiramente d'agua a bola nº 1;
2• Com o funil introduz-se na bola nº 2 (no apparelho de 2 gar-

rafas) 21 grammas (5 oitavas) de bicarbonato de soda e 18 grammas (4 1/2 oitavas) de acido tartrico;

3º Introduz-se, e aperta-se solidamente o tubo nº 3 no gargalo da bola nº 2;

4º Atarracha-se com força sobre a bola 1 a bola 2 armada do tubo, de maneira que o apparelho fique montado como mostra a fig. A;

5º Fecha-se a torneira; e põe-se o apparelho sobre o seu pé, segundo a fig. B.

Assim virado, o apparelho funcciona só. A agua da bola 1 corre sobre os saes, até que a sua superficie se ache nivelada com a extremidade do tubo; os saes dissolvem-se, e a sua reacção desprende o gaz acido carbonico, que vai dissolver-se na agua da bola 1, sob a influencia da pressão que elle mesmo exerce. Deixa-se funccionar o apparelho durante 15 minutos, e mais, se se quizer ter um liquido mais carregado. Agita-se levemente o apparelho, para facilitar a dissolução do gaz na agua. Este apparelho póde dar agua carregada de 5 volumes de gaz; e póde-se, por meio da torneira, fazê-la esguichar á vontade.

Depois de cada operação, despeja-se a bola n.º 2 e enxuga-se; alimpa-se tambem o tubo.

Além da agua gazosa, póde-se tambem preparar com este apparelho:

Vinho espumoso, substituindo agua por vinho, no qual se faz dissolver um pouco de assucar cande.

Limonada gazosa, deitando agua gazosa n'um copo contendo a quantidade de xarope que se quer.

Este apparelho fabrica-se e vende-se em Pariz, em casa do engenheiro Mondollot, na rua do Château-d'Eau, 72. Preços do apparelho: de uma garrafa, 12 francos; de duas garrafas, 15 francos; de tres, 18 francos; de quatro, 25 francos; de seis, 30 francos.

Apparelho de Henry. Fig. 101. Tirar da garrafa a tampa de estanho (cabeça) e o tubo de ascensão; introduzir por meio do funil os pós (um papel branco e um papel azul) no recipiente de vidro que existe no interior do apparelho; tirar o funil do recipiente e introduzi-lo no interior da garrafa ao lado do recipiente; deitar por meio d'este funil agua fria na garrafa até cerca de um centimetro abaixo da extremidade superior do recipiente, e ter cuidado de que a agua não entre no recipiente antes de tapar a garrafa com a tampa de estanho; introduzir o tubo de ascensão na garrafa ao lado e por fóra do recipiente; atarrachar moderadamente a tampa sobre a abertura da garrafa; agitar o apparelho cinco ou seis vezes pelo movimento de diante para traz, que faz entrar cerca de meio copo d'agua no recipiente. Esta agua dissolve os pós e pruduz o desenvolvimento do gaz acido carbonico, que satura a agua da garrafa ao cabo de cinco minutos. Deixando a garrafa em repouso durante algumas horas, a agua saturar-se-ha mui fortemente.

A quantidade dos pós para 1 garrafa é de 9 grammas de acido tartrico (papel branco) e 10 grammas de bicarbonato de soda (papel azul).

Este apparelho vende-se em Pariz, em casa dos fabricantes Monroy e C.ª, rua Popincourt, 34. Os preços varião conforme a capacidade das garrafas. A capacidade de 1 garrafa, 8 fr. 50; de 2 garrafas, 10 fr. 50; de 3 garrafas, 12 fr. 50. O tubo de ascensão é de vidro; póde ser de estanho para evitar que se quebre; este sup-

plemento custa 50 centesimos. Os pharmaceuticos do Brasil devem preferir o tubo de estanho.

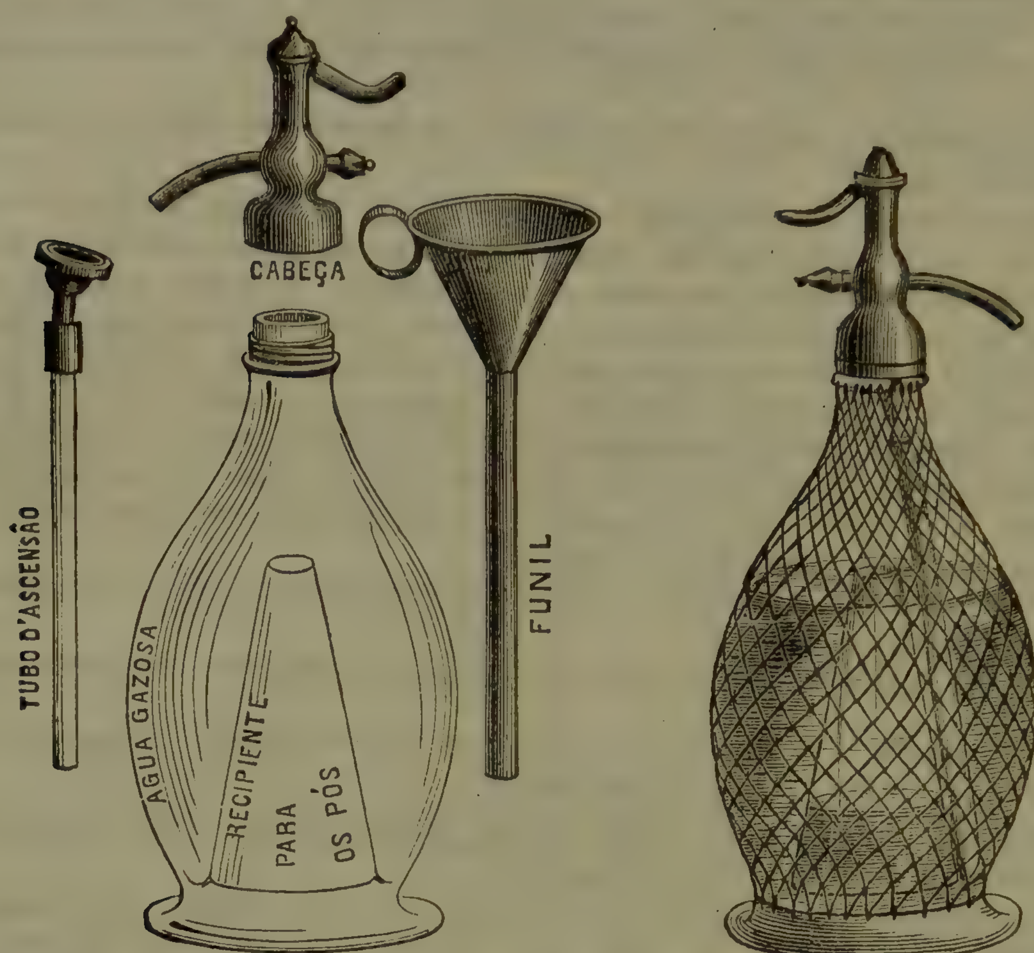


Fig. 101. — Apparelho de Henry para agua gazosa.

Apparelho siphoide de Guéret. Fig. 102. — *Instrucção :* 1° Desatarrachar a tampa, introduzir no gargalo o funil directo, e encher com agua a parte inferior do apparelho.

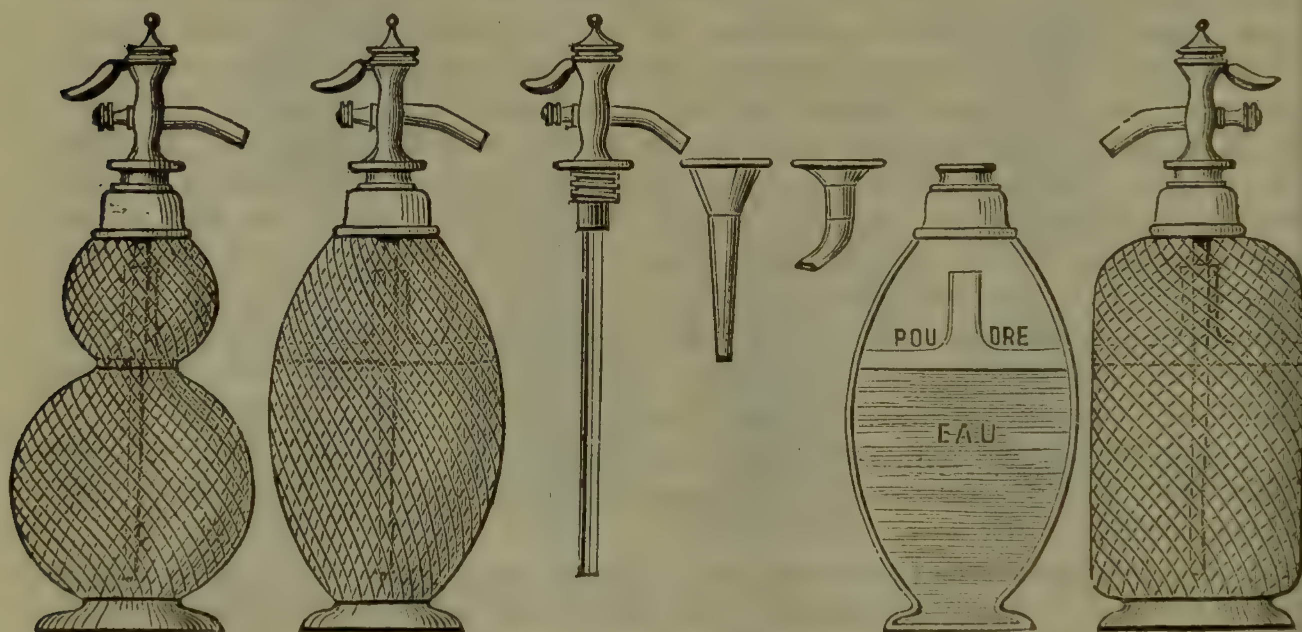


Fig. 102. — Apparelho siphoide de Guéret para fazer agua gazosa, de tres fórmas differentes,

2° Por meio do funil curvo, introduzir na parte superior dois pós : um pó contido no papel branco, e outro contido no papel azul. O papel branco contém o acido tartrico, e o papel azul contém o bicarbonato de soda. Tornar a pôr a tampa no seu lugar, e atarracha-la sufficientemente.

3° Inclinar o apparelho afim de encher cêrca de um terço da parte superior com a agua contida na parte inferior, e dissolver os pós.

4° Sacudir o apparelho circularmente, mantendo-o na posição vertical, de modo que o gaz acido carbonico se misture bem com a agua.

Este aparelho serve para fazer a agua de Seltz, os vinhos espumosos, e as limonadas gazosas.

Vende-se em Pariz, *Passage Saint-Sébastien*, 13, em casa dos fabricantes Guéret irmãos. Preço dos apparelhos :

Para 1 garrafa.	10 francos.	100 pós para 1 garrafa	10 francos.
— 2 —	12 —	100 — 2 —	15 —
— 3 —	15 —	100 — 3 —	20 —

Apparelho de Lhote. Fig. 103. Consiste em um pote de porcelana, dividido interiormente em dois compartimentos por um septo vertical; tem por diante duas bicas juxta-postas, e por detraz dois gargalos. Eis-aqui a maneira de empregar este apparelho :

Encher o pote com agua pelos gargalos até transbordar; deitar fóra de vagar pelas bicas meio copo d'agua, pouco mais ou menos, afim de igualar o liquido e ter o vacuo necessario para mexer e facilitar a dissolução dos pós. Introduzir n'um dos gargalos, por meio de funil, o bicarbonato de soda; introduzir no outro gargalo o acido tartrico. Favorecer a dissolução dos pós, mexendo cada liquido com espatula propria. Vertendo então simultaneamente n'um copo as duas dissoluções pelas bicas, obtem-se agua gazosa, que contém pequena quantidade de tartrato de potassa, o qual não altera sensivelmente o gosto da agua.

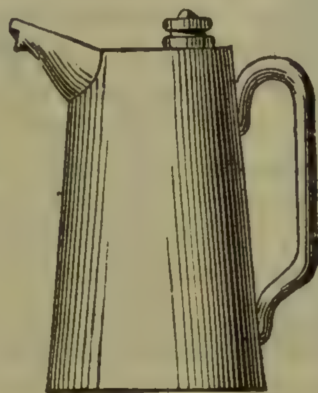


Fig. 103.
Apparelho de Lhote para fazer agua gazosa

Este apparelho vende-se em Pariz, em casa do inventor H. Lhote, *Cité Trévise*, 1. Custa 6 francos.

Fabricação d'agua gazosa em grande.

Os apparelhos que servem para preparar as aguas gazosas em grande dividem-se em duas classes : apparelhos de fabricação contínua, e apparelhos de fabricação intermittente ou interrompida. Debaixo de outro ponto de vista, dividem-se em *apparelhos de gaz comprimido por si mesmo*, e em *apparelhos de gaz comprimido pela bomba.* Estes são mais particularmente destinados á grande fabricação; aquelles, isto é, os aparelhos de gaz comprimido por si mesmo, são mais pequenos, e proprios para uso dos pharmaceuticos que não se occupão da fabricação exclusiva das aguas mineraes artificiaes.

Qualquer que seja o systema de maquinas para a fabricação das aguas gazosas, todas tem por fim desenvolver o gaz acido carbonico e fazê-lo dissolver depois na agua. Obtem-se este resultado pondo em

contacto um carbonato com um acido. A dissolução na agua faz-se pela forte pressão e assaz viva agitação. A compressão do gaz na agua obtem-se por meio de bomba nos apparelhos contínuos; nos apparelhos intermittentes, faz-se simplesmente pelo desenvolvimento do gaz que produzem as substancias postas em contacto. Aos apparelhos está adaptado um manometro para indicar a pressão em atmospheras.

Os acidos sulfurico e tartrico podem desenvolver o gaz acido carbonico, mas o acido tartrico é de um preço elevado, e só convem para os pós gazogeneos; por conseguinte emprega-se de preferencia o acido sulfurico na preparação das aguas gazosas em grande. Os carbonatos que se empregão são a greda ou carbonato de cal, o marmore branco e o carbonato de soda bem saturado. O carbonato de cal acha-se facilmente : é greda pizada, lavada e feita em pães.

Nos *apparelhos intermittentes* a operação interrompe-se quando depois de terminada a tiragem da agua saturada, é preciso tornar a guarnecer o productor e carregar de novo o saturador, depois esperar o desenvolvimento do gaz e a saturação do liquido. Estes apparelhos occasionão perda de gaz a cada carregamento e fornecem uma agua gazosa que se vai enfraquecendo á medida que a tiragem, esvaziando o saturador, torna a compressão interior menos forte. Não convem senão á pequena fabricação.

Apparelhos contínuos. Quando se trata de uma fabricação algum tanto importante, os apparelhos contínuos são preferiveis aos apparelhos intermittentes. Possuem sobre estes as vantagens seguintes : Permittem o aproveitamento de todo o gaz produzido, isto é, o emprego de uma quantidade de substancias menos consideravel para a mesma producção d'agua gazosa; os productos sahem mais baratos, entrando em conta a despeza occasionada pela força motriz que necessitão. Podem produzir grande quantidade d'agua gazosa, sobretudo quando se substitue o braço do homem pela maquina a vapor. Emfim a tiragem, isto é, a operação que consiste em engarrafar a agua gazosa, tem lugar debaixo de uma pressão constante, produzida por uma ou duas bombas dispostas de modo que possão introduzir ao mesmo tempo a agua e o gaz no saturador.

Descripção dos apparelhos contínuos. Estes apparelhos compõem-se : 1° De um productor e de dois vasos purificadores contendo agua na qual o gaz se lava; 2° De um gazometro servindo de reservatorio ao gaz; 3° De um vaso saturador sustentado por um encaixe de ferro fundido, ao qual está fixo todo o mecanismo para fazer mover as bombas e produzir a saturação; 4° De uma ou mais tiragens para as garrafas siphoides ou outras.

O productor compõe-se de um cylindro de chumbo por cima do qual se acha um vaso do mesmo metal destinado a conter o acido sulfurico. Este vaso tem uma abertura pela qual se introduz o acido por meio de um funil de gutta-percha ou de chumbo. Uma torneira, que existe no fundo do vaso, deixa introduzir o acido no productor segundo as necessidades da producção do gaz. Nas duas extremidades da peça principal do productor ha duas aberturas que servem uma para introduzir a greda e a agua, outra para dar sahida ás substancias. Além d'isto, um agitador, movido por uma manivella, serve para misturar as substancias que produzem o gaz. O gaz passa pelos tubos do productor aos vasos lavadores. Estes, que são de cobre, cuidadosamente estanhados no interior, contém agua na qual o gaz deve purificar-se. Reforma-se a agua de dois em dois dias no primeiro vaso, de oito em oito no segundo, quando o appa-

[a]elho funcciona desde pela manhã até á noite. No segundo vaso puri[f]icador está atarrachado um tubo de estanho ao qual se prende um [t]ubo de caoutchouc que communica com o gazometro.

O gazometro compõe-se de uma cuba e de um recipiente. A cuba [d]eve estar cheia d'agua menos 3 ou 4 centimetros. O gaz atraves[s]ando esta agua purifica-se ainda outra vez. Um tubo faz commu[n]icar o gazometro com a bomba. Outro tubo conduz á bomba a [a]gua pura de um reservatorio collocado ao lado ou por cima do [a]pparelho. A mesma bomba leva o gaz e a agua ao saturador. Do [s]aturador a agua, já penetrada do gaz acido carbonico, é conduzida [p]or um tubo ao apparelho de tiragem no qual se enchem com ella [g]arrafas siphoides e tambem garrafas ordinarias.

Esta descripção applica-se especialmente ao apparelho contínuo [d]e *François*, constructor-mecanico, em Pariz, *Boulevard Voltaire,* 210, [(]Fig. 104).

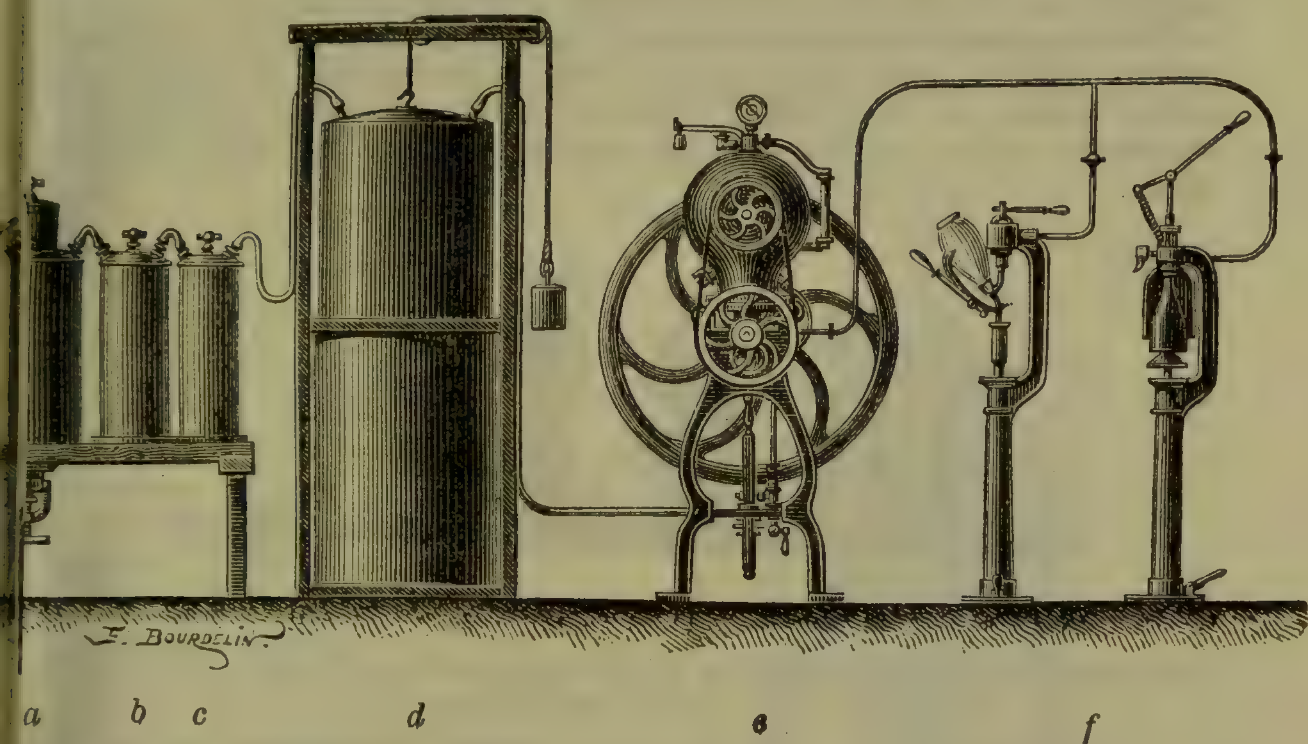


Fig. 104. — Apparelho contínuo de François para a fabricação d'aguas gazosos.

a, productor. — *b*, 1.° vaso purificador. — *c*, 2.° vaso purificador. — *d*, gazometro, — *e*, saturador e bomba. — *f*, tiragem ou o apparelho de engarrafar a agua gazosa.

Preços dos apparelhos contínuos de François :

N° 0,	podendo fazer		800	garr. por dia	....	1,200 fr.
N° 1	»	»	1,000	»	com 2 tiragens á escolha	1,500 »
N° 2	»	»	1,500	»	movido a braços......	1,800 »
O mesmo	»	»	3,000	»	funccionando a motor.	2,000 »
N° 3	»	»	4,000	»	» »	2,500 »
N° 4	»	»	5,000	»	» »	3,000 »

Garrafa siphoide, de grande alavanca. 2 fr. 40.
» » de pequena alavanca. 2 fr. 25.

Outro apparelho contínuo hoje muito empregado, é o *apparelho de Hermann-Lachapelle,* Engenheiro em Pariz, rua do *Faubourg-Poissonnière,* 144. A fig. 105 representa a sua installação completa. Compõe-se 1° de um *productor* (a) de cobre levando a caixa de acido guarnecida no interior de uma camada de chumbo adherente ao cobre; 2° De um *purificador* (b) igualmente de cobre, estanhado no interior, dividido interiormente em dois compartimentos, e tendo por cima um cylindro de vidro que forma o terceiro purficador; todos os tres enchem-se d'agua que lava o gaz e faz com que este se obtenha sem o menor cheiro; 3° de um *gazometro* (*c*) de grande capacidade ao qual chega o gaz comprimido por si mesmo; 4° de uma *esphera* de bronze fundido de uma só peça, estanhada no interior e ensaiada a uma pressão de 30 atmospheras. (*d*) Esta esphera é alimentada por uma bomba que aspira ao mesmo tempo a agua e o gaz. Na columna de ferro que sustenta a esphera acha-se um vaso de alimentação da agua; 5° emfim uma ou duas tiragens quer para garrafas siphoides quer para garrafas ordinarias (*e*).

Estes apparelhos occupão pouco lugar : 2 a 3 metros quadrados bastão para a sua installação. Podem produzir-se com estes apparelhos desde 25 até 10,000 litros de bebidas gazosas por dia. Uma instrucção, que acompanha cada apparelho, indica o modo de proceder.

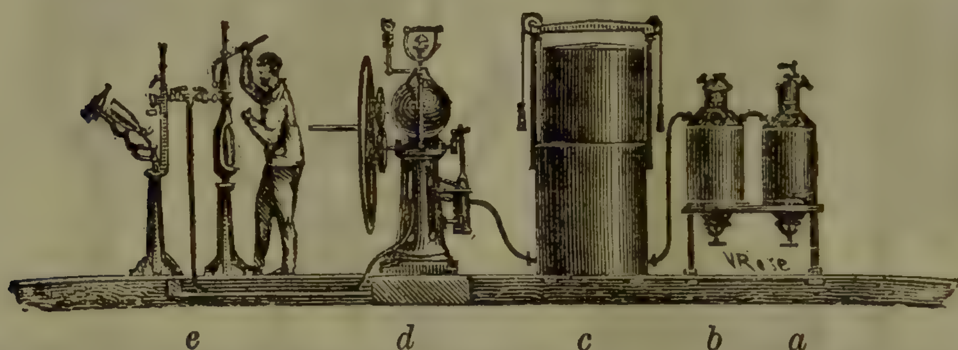


Fig. 105. — Apparelho contínuo de Hermann Lachapelle para a fabricação d'aguas gazosas.

a, productor, — *b,* vaso purificador dividido interiormente em dois compartimentos. — *c,* gazometro. — *d,* saturador e bomba. — *e,* tiragem.

PREÇOS DOS APPARELHOS DE HERMANN-LACHAPELLE.

NUMERO DO APPARELHO	GARRAFAS QUE PRODUZ POR DIA	PREÇO DO APPARELHO EM FRANCOS	ENCAIXOTAMENTO FRANCOS
1	1200	1,600	50
2	1600	1,900	60
3	2200	2,200	75
4	3000	2,500	95
5	4500	3,000	110
6	6000	3,500	120
7	8000	4,500	140
8	10000	5,500	150



Fig. 106.

Garrafa siphoide de pequena alavanca.



Fig. 107.

Garrafa siphoide de grande alavanca

Preço das garrafas siphoides : De pequena alavanca 2 francos 15 centesimos; de grande alavanca 2 francos 25 centesimos cada uma.

As pessoas, que tiverem a intenção de occupar-se d'esta lucrativa industria, devem adquirir em casa de Hermann-Lachapelle o *Manuel du fabricant de boissons gazeuses*, livro acompanhado de 80 figuras. Preço 5 francos.

Apparelhos intermittentes. Apparelho intermittente de François. Fig. 108. Compõe-se de um gerador ou vaso productor, de um vaso espherico ou vaso saturador, de um vaso lavador e de um manometro. É disposto para se poderem encher os vasos siphoides e engarrafar as garrafas que se tapão depois com rolha de cortiça. O gaz produz-se por meio da mistura de acido sulfurico diluido e de carbonato de cal em pães. Introduz-se esta mistura no cylindro inferior, que se fecha depois hermeticamente. O acido carbonico comprime-se de mais em mais, e o manometro indica a cada momento a pressão, em atmospheras, que supporta. A agua do globo superior satura-se do gaz acido carbonico; facilita-se a saturação movendo a manivella applicada ao globo superior. Póde-se então introduzir a solução quer nos vasos siphoides (fig. 106 e 107), quer nas garrafas ordinarias, que se tapão com rolhas de cortiça, por meio de mecanismo que representa o desenho (fig. 108).

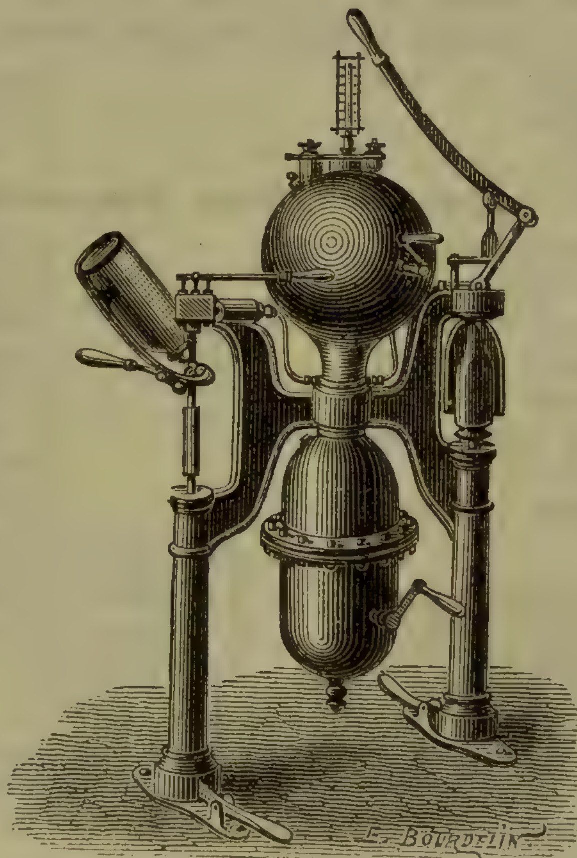


Fig. 108.

Apparelho intermittente de François para aguas gazosas.

Este apparelho vende-se em Pariz, em casa do fabricante François, *Boulevard Voltaire*, 210.

Preço dos apparelhos :

Nº 1, de 25	garrafas	......	podendo	fazer	300	por dia	575	francos.
Nº 2, de 35	»	......	»	»	400	»	675	»
Nº 3, de 50	»	......	»	»	550	»	775	»
Nº 4, de 75	»	......	»	»	700	»	975	»

Limonada gazosa.

Xarope de assucar	90 gram.	Acido tartrico em pó	1 1/2 gram.
Acido citrico em pó	80 cent.	Alcoolatura de limão	4 gram.

Introduza tudo n'uma garrafa, encha esta com agua gazosa, rolhe, e segure a rolha com barbante.

II. AGUAS ALCALINAS.

São ricas em bicarbonato de soda : ao gosto são levemente salobras; espumão levemente por conterem um pouco de acido carbonico; enverdecem a tintura de violas; precipitão em branco os saes de cal, e, além d'isso, effervecem quando se lhes ajunta algum acido. As aguas alcalinas modificão a economia de uma maneira poderosa; a saliva, a ourina e outras secreções acidas tornão-se alcalinas. São recommendadas para dissolver as pedras da bexiga formadas pelo acido urico; são de incontestavel utilidade na gota, areias, gastralgia, azias etc.

Internamente. 360 a 1000 grammas (12 a 32 onças).

Externamente. Em banhos e duchas.

As **aguas alcalinas do Brasil** são as de *Baependy,* em Minas Geraes (fontes D. Pedro, Duque de Saxe e D. Leopoldina); e as de *Caldas novas,* na provincia de Goyaz.

As **aguas alcalinas de Portugal** são :

Castello de Vide.
Chaves.
Luso.
Pedras Salgadas.
Vidago.
Villarelho da Raia.

As **aguas alcalinas dos outros paizes da Europa** são :

Contrexeville (França).
Ems (Prussia).
Evian (França).
Gastein (Austria).
Luxeuil (França).
Mont Dore (França).
Neris (França).
Pfeffers (Suissa).
Plombières (França).
Pougues (França).
Royat (França).
Toeplitz (Bohemia).
Vals (França).
Vichy (França).
Vittel (França)
Wildbad (Allemanha).

Agua alcalina gazosa artificial. (Cod. fr.)

Bicarbonato de soda	3,12 gram.	Chlorureto de sodio	0,08 gram.
— de potassa	0,23 gram.	Agua gazosa simples	650,00 gram.
Sulfato de magnesia	0,35 gram.		

Dissolva os saes n'uma pequena quantidade d'agua, complete 650 grammas de dissolução, que se carregará de acido carbonico. Esta agua alcalina gazosa póde ser empregada nos casos em que se prescreve a *agua* de Vichy. D. 180 a 500 grammas (6 a 16 onças) por dia.

Banho artificial de Vichy (Cod. fr.). Bicarbonato de soda 500 gram. (1 libra) para um banho.

III. AGUAS FERREAS.

As aguas *ferreas, marciaes* ou *chalybeadas,* são as que contém sufficiente quantidade de ferro, para que este metal seja sensivel ao gosto e apreciavel á analyse. Ao sahirem da fonte, são pela maior parte limpidas, inodoras, de sabor styptico um pouco semelhante ao da tinta de escrever. Expostas ao contacto do ar, apresentão na superficie uma pellicula ferruginea avermelhada, ou iriada, e depõem, debaixo da fórma de frocos amarellados, certa quantidade de pro-

toxydo de ferro : fazem-se negras quando se lhes ajunta a infusão de noz de galha, ou mesmo o chá da India; são mineralizadas pelo subcarbonato ou sulfato de ferro; e contém além d'este metal, saes de soda, de cal, de magnesia, de manganez, etc., e gaz acido carbonico combinado ou livre. São frias ou quentes; gozão de propriedades tonicas, e convem em todas as molestias caracterizadas pela debilidade, como a chlorose, leucorrhea, amenorrhea, tremor dos membros, escrophulas, convalescenças, etc.

Internamente. Costumão tomar-se pela manhã em jejum, na dóse de 1 a 3 copos de 150 grammas (5 onças) cada um.

Externamente. Administrão-se em banhos.

As **aguas ferreas do Brasil** mais conhecidas são :

No municipio da capital : Andarahy (arrabalde do Rio de Janeiro).

Lagoa de Rodrigo de Freitas (arrabalde do Rio de Janeiro).

Laranjeiras (arrabalde do Rio de Janeiro).

Riachuêlo, antiga de *Matacavallos* (cidade do Rio de Janeiro).

Silva Manoel (cidade do Rio de Janeiro).

Na provincia do Rio de Janeiro onze fontes de aguas ferreas, observadas em 1841 e sitas nos seguintes lugares : *Nictheroy*, morro de S. Lourenço. — Na mesma cidade, chacara do fallecido José Caetano de Andrade Pinto. — Freguezia de *S. Gonçalo*, sitio do Sr. Justino de Vagas e Faria. — Freguezia do Sr. vigario Joaquim Pereira de Escobar, nas circumvizinhanças da cidade de *Rezende*. — Villa de *Iguassú*, terras do fallecido Sr. Januario Fernandes Alves. Fazenda do marechal Genelli, uma legoa distante da precedente villa. — Fazenda do Sr. Antonio Avelino Damasceno, distante duas legoas da mesma villa. — Serra de Santa Anna, fazenda denominada *Piedade*. — Freguezia do *Paty* do *Alferes*, fazenda do Sr. José Maria Guadalupe. — Cume da Serra denominada *Botaes*, terras do Exmo marquez de S. João Marcos. Parahyba do Sul, fazenda intitulada *Boa vista*. (Todos estes nomes estão aqui indicados como existião em 1841, epoca em que forão feitas estas observações).

Na provincia de Minas Geraes : — Meio quarto de legoa da cidade *de Ouro Preto*, onde existe uma fonte publica. — *Morro de Santa Anna*, um quarto de legoa da cidade de Marianna. — *Pitangui*, fazenda do Sr. Joaquim Cordeiro Valladares. — *Serra da Boa Morte*, tres legoas distante de Congonhas do Campo. — *Rio Verde*, junto á sua margem. — *Serro do Caraça*, fazenda dos clerigos da Congregação da Missão de S. Vincente de Paula. — Cidade *Diamantina do Serro*. (Observações feitas em 1841.) — Agua ferrea gazosa de *Baependy*, na localidade de *Caxambú;* fontes de D. Thereza, Conde d'Eu e Dona Isabel.

Na provincia de Pernambuco cinco fontes : tres nas circumvizinhanças da cidade de *Olinda;* — uma em *Epipuncas;* — e uma em *Morteiros*, lugares proximos á cidade do Recife.

No Maranhão : varias fontes nas circumvizinhanças da cidade.

Na provincia do Piauhy : municipios Principe Imperial e Parnaguá.

Na provincia do Espirito Santo, terras do Sr. Francisco Pinto Homem de Azevedo.

Na provincia de S. Paulo, ao sul da cidade de Santos, na base do monte denominado Monserrate.

Nos confins das provincias de Minas e de S. Paulo, a dois dias de viagem de *Mogymirim*.

11

As **aguas ferreas de Portugal** mais conhecidas são :

Cabeça de Mont'a-chique.
Caldellas de Rendufe.
Camara.
Carlão.
Cota.
Furnas. (Ilha de S. Miguel.)
Monsão.

As principaes **aguas ferreas das outras partes da Europa** são :

Bourbon l'Archambault (França).
Bussang (França).
Forges (França).
Luxeuil (França).
Marcols (França).
Orezza (Ilha de Corsega).
Passy (Cidade de Pariz).
Pyrmont (Allemanha).
Schwalbaeh (Allemanha).
Spa (Belgica).

Pós para agua ferrea (Jeannel).

Tartrato de ferro e pot.	1 gram.	Acido tartrico	3 gram.
Assucar em pó	50 gram.	Bicarbonato de soda	2 gram.

M. Dissolva n'um litro d'agua. Bebida ordinaria com vinho, durante o jantar.

Pós para agua ferrea (Colombat.)

Sulfato de ferro	2 gram.	Assucar	12 gram.
Acido tartrico	6 gram.		

M. e divida em 12 papeis rotulados N° 1. De outra parte:

Bicarbonato de soda	8 gram.	Assucar	12 gram.

M. e divida em 12 papeis rotulados N° 2. Dissolva um papel de cada numero em um pouco d'agua, reuna os liquidos, e beba promptamente durante a effervescencia. D. 1 a 2 papeis de cada numero por dia.

Agua ferrea gazosa artificial. (Cod. fr.)

Tartrato de ferro e pot.	15 cent.	Agua gazosa simples	650 gram.

Deite o sal de ferro na garrafa, e encha esta com agua gazosa.

IV. AGUAS SALINAS.

Assim se chamão as aguas mineraes que, não sendo sulfurosas, nem ferreas, acidulas ou alcalinas, tem por principios predominantes alguns saes. O seu sabor é fresco, amargo ou picante; a sua temperatura fria ou quente. Contém chloruretos de sodio, calcio e magnesio, sulfato de soda, carbonatos alcalinos, silica, vestigios de ferro, sulfato de alumina, ioduretos, bromuretos, acido carbonico, e ás vezes sulfhydrico. Muitas são purgativas, d'aquellas que contém saes em bastante proporção; as outras são diureticas. Em bebida são uteis na ictericia, nos calculos biliares, catarrho vesical, suppressão dos menstruos, molestias escrophulosas, leucorrheas, affecções nervosas, gastrites chronicas. Em banhos são recommendadas nas paralysias, mesmo n'aquellas que são consecutivas á apoplexia, nos dartros, nas contracções musculares, nos rheumatismos chronicos, e em muitas molestias caracterizadas pela debilidade geral.

Internamente. Como *purgativas* 120 a 1000 grammas (4 a 32 onças) conforme a proporção dos saes que a agua contém. Como *alterantes* 60 a 180 grammas (2 a 6 onças) por dia.

Externamente, em banhos, emborcações, etc.

A agua mineral salina por excellencia é a *agua do mar.* (v. p. 169),

As aguas mineraes salinas do Brasil que são mais conhecidas são as da comarca de *Itapicurú* na provincia da Bahia (v. p. 210), e as de *S. Domingos do Araxá,* na provincia de Minas geraes (v. p. 188).

As **aguas salinas de Portugal** são :

ljustrel.	*Maiorca.*	*Tavira.*
lmofala.	*Monsão.*	*Torres Vedras.*
'rancas.	*Pinhel.*	*Vimeiro.*
'ascaes ou *Estoril.*	*S. João do Deserto.*	

As **aguas salinas principaes nas outras partes da ;uropa** são :

rtejo (Hespanha, provincia de Coruna).	*Marienbad* (Bohemia).
'aden-Baden (Allemanha).	*Monte-Catini* (Italia).
'alaruc (França).	*Nauheim* (Allemanha).
'arlsbad (Bohemia).	*Niederbronn* (Prussia).
Tomburg (Allemanha).	*Pullna* (Bohemia).
schl (Austria).	*Roucas-Blanc* (França).
issingen (Baviera).	*Salies-Bearn* (França).
reuznach (Prussia).	*Salins* (França).
oëche (Suissa).	*Sedlitz* (Bohemia).
ucca (Italia).	*Seidschutz* (Bohemia).
uxeuil (França).	*Wiesbaden* (Allemanha).

Agua salina purgativa ou *de Sedlitz artificial* (Cod. fr.).

ulfato de magnesia	30 gram.	Agua gozosa simples	650 gram.

Dissolva o sulfato em pequena quantidade d'agua simples; filtre solução; lance-a n'uma garrafa, e encha esta com agua gazosa.

A agua salina purgativa gazosa póde preparar-se tambem do iodo seguinte (Cod. fr.) :

ulfato de magnesia	30 gram.	Acido tartrico em cryst.	4 gram.
icarbonato de soda	4 gram.	Agua	650 gram.

Dissolva na agua o sulfato de magnesia e o bicarbonato de soda; ltre a solução; lance-a na garrafa, e ajunte o acido tartrico; ipe-a promptamente com rolha, e segure esta por meio de um arbante em cruz.

Pela mesma fórma se preparão garrafas contendo 45 a 60 gram. e sulfato de magnesia. Na falta de indicação da quantidade do il purgativo, o pharmaceutico deve entregar a agua de Sedlitz om 30 grammas por garrafa.

V. AGUAS SULFUROSAS.

As aguas sulfurosas, chamadas tambem *hepaticas,* tem o cheiro e ovos chocos; são limpidas, macias e unctuosas ao tacto, de sabor ilgado mui desagradavel; a sua temperatura é fria, ou quente, e 21° a 75° cent., porém mais ordinariamente quente, e os seus rincipios mineralizadores são o gaz acido sulfhydrico, os sulfuretos, s hydrosulfatos, etc. : dão um precipitado negro com as soluções e chumbo, de prata, e um precipitado amarello com a solução de irtaro emetico. — As aguas sulfurosas exercem uma acção partiular sobre o systema cutaneo e lymphatico; são empregadas, tanto iterna como externamente, nas molestias de pelle, nos catarrhos ulmonares e vesicaes, asthma, escrophulas, engurgitamentos das landulas lymphaticas, rheumatismos chronicos, gota, paralysia, nkylose, etc.

Internamente. 250 a 500 grammas (8 a 16 onças) por dia.
Externamente. Em banhos, lavatorios, etc.

As **aguas sulfurosas brasileiras** mais conhecidas são :

1° Na provincia de Minas Geraes as fontes quentes, distantes seis legoas da villa de *Caldas* (v. p. 195).

2° Agua sulfurosa da colonia Thereza, na provincia do Paraná.

3° No Rio Grande do Norte, a fonte *Appody*.

As **aguas sulfureas de Portugal** são numerosas. Eil-as :

Alcafache.
Alhandra.
Almeida.
Alprenda.
Aregos.
Arez.
Cabeço de Vide.
Caldas da Rainha.
Canavezes.
Carlão.
Carvalhal.
Entre-os-Rios.
Felgueiras.
Freixialinho.
Furnas (Ilha S. Miguel)
Gavião.
Gayeiras.
Lijó.
Linhares.
Lisboa (Arsenal da marinha.
Manteigas.
Maria Viegas.
Moledo.
Monchique.
Monte de Pedra.
Monte Real.
Obidos.
Padreiro.
Penamacor.
Pombal de Anciães.
Pranto.
Ranhados.
Rapoila de Côa.
Rio Real.
Santa Comba-Dão.
S. Gemil.
S. Jorge.
S. Mamede.
S. Pedro do Sul.
Taipas.
Unhaes da Serra.
Vizella.
Zebras.

As principaes **aguas sulfurosas dos outros paizes da Europa** são :

Aix-en-Savoie (França).
Allevard (França).
Amélie-les-bains (França).
Baden (Austria).
Baréges (França).
Cauterets (França).
Eaux-Bonnes (França).
Enghien (França).
Marlioz (França).
Pierrefonds (França).
Porretta (Italia).
Saint-Amand (França).
Saint-Honoré (França).
Saint-Sauveur (França).
Uriage (França).
Vernet (França).

Agua sulfurosa artificial para uso interno (Cod. fr.).

Monosulfureto de sodio crystallizado	13 cent.
Chlorureto de sodio	13 cent.
Agua privada de ar pela ebullição.	650 gram.

Dissolva e conserve em garrafas bem tapadas. Esta agua é destinada a substituir as aguas mineraes que contém sulfureto de sodio, e ordinariamente as aguas sulfurosas dos Pyreneos, das quaes, entretanto, não é ella mais que uma imitação imperfeita. — 60 a 120 grammas (2 a 4 onças) por dia como bebida.

Banho de Baréges artificial (Cod. fr.).

Monosulfureto de sodio crystallizado	60 gram.
Chlorur. de sodio secco	60 gram.
Carbonato de soda secco	30 gram.

Misture e guarde n'um frasco. Esta dóse é para um banho.

Ás cinco classes de aguas mineraes que acabei de enumerar poderião ajuntar-se as denominadas *hydriodicas*, e *bromicas*, mas ainda não estão bem examinadas, e confundem-se com as precedentes.

VI. AGUAS SIMPLESMENTE THERMAES.

No Brasil, na provincia de Santa Catharina, existem caldas simplesmente thermaes, isto é, quentes, que não tem nada de sulfurosas, e quando frias, são até muito agradaveis. Seu uso tem sido efficaz em muitas paralysias, rheumatismos chronicos, e molestias de pelle. São conhecidas com os nomes de ***Caldas de Bittancourt***,

temperatura de 35 1/2 gráos; *Caldas do Monte do Cubatão*, de 36°; *Caldas do sul do Cubatão*, de 45°, e *Caldas do Tubarão*.

Para aproveitamento de algumas fontes d'estas aguas, ha perto da capital da provincia, adiante da cidade de S. José, um estabelecimento denominado *Hospital das Caldas da Imperatriz*, com accommodações para enfermos, e banheiras em quartos fechados. Está situado em lugar muito ameno e saudavel, proximo de um ribeirão de excellente agua, e coberto de mato virgem em grande extensão.

Além d'estas ha fontes thermaes em outras provincias do Brasil, que ainda não estão bem examinadas, como sejão as do sertão do *Seridó* na provincia do Rio Grande do Norte, cerca de seis legoas da Villa do Principe. Suas Aguas são salobras e sempre tepidas. — Estão no mesmo caso as da *Lagoa Santa* em Minas Geraes, e cujas aguas na extensão de quasi meia legoa, e largura de um quarto, conservão-se sempre tepidas.



Fig. 109.

Caldas da Rainha (Portugal).
Vista do Hospital, e da Casa de Banhos. (V. p. 197.)

COMPENDIO ALPHABETICO

DAS

Caldas mais conhecidas ou mais concorridas.

A temperatura das Caldas está indicada em gráos do thermometro centigrado.

Acqui. Italia. Banhos de lodo, sulfurosos quentes. Acqui é uma pequena cidade, distante 6 legoas da Alexandria, e 10 de Genova. Possue muitas fontes sulfurosas quentes de 46° a 75°; e uma fonte fria. Bem que se administrem estas aguas em banhos, o emprego do lodo, que depõem, constitue o tratamento especifico d'Acqui. Este lodo contém enxofre, saes de cal e de magnesia, silica, iodo e uma substancia bituminosa. O modo de proceder é o seguinte : O paciente, completamente despido, deita-se sobre uma esteira previamente coberta de lodo, que conserva ainda o calor natural; depois os *fangarolli* cobrem-lhe todo o corpo, menos o rosto, com o lodo que malaxão entre as mãos, e de que applicão uma camada de 4 a 5 centimetros de espessura. Meia hora ou tres quartos de hora depois, tira-se este lodo, que se separa com facilidade, porque, pela evaporação, que se operou na sua superficie, tornou-se duro e rachou-se em muitos lugares. Um banho d'agua mineral limpa a pelle, e termina a operação. Não é sempre necessario cobrir todo o corpo de lodo. Estando a affecção limitada, quando, por exemplo, occupa só o braço ou uma articulação, convem limitar-se á applicação local. Estas applicações de lodo mineral, empregão-se nas retracções musculares, engurgitamentos das juntas provenientes da gota ou rheumatismo, e nas paralysias. Existe em Acqui um estabelecimento thermal, aonde vão habitar todos os doentes.

Aix-la-Chapelle, *Aachen* ou *Aquisgran*. Prussia rhenana. Aguas chloruradas sodicas e sulfureas, quentes. Ha quatro fontes principaes, cuja temperatura varía de 44° a 55°, e que alimentão os estabelecimentos thermaes.

Composição chimica : Sulfato de soda, sulfato de potassa, chlorureto de sodio, bromureto de sodio, iodureto de sodio, sulfureto de sodio, fluorureto de calcio; carbonatos de soda, de magnesia, de cal, de estronciana, de ferro, de lithia; silica, materias organicas. Total dos principios fixos : 4 grammas. — Gazes : acido carbonico, hydrogeneo carbonado, hydrogeneo sulfureo.

Os estabelecimentos balnearios são providos de vastas banheiras de pedra, de apparelhos de duchas e de banhos de vapor. As aguas empregão-se como bebida e em banhos, nos rheumatismos chronicos, nevralgias, paralysias, atrophia muscular progressiva, molestias cutaneas, syphilis constitucional, e ulceras atonicas.

Estação thermal : 1° de Maio ao 1° de Outubro. De Pariz vai-se directamente a Aix-la-Chapelle pela estrada de ferro em 10 horas e 1/2.

Aix-en-Savoie. França. Aguas sulfurosas quentes. 43° a 44°. A agua é limpida, transparente, de cheiro de ovos chocos e sabor adocicado.

Contém : acido silicico; phosphatos de alumina e cal; fluorureto de calcio; carbonatos de cal, de magnesia, de ferro, de estronciana; sulfatos de soda, de cal, de magnesia, de alumina, de ferro; chloru-

retos de sodio, de magnesio; iodureto alcalino; glerina. Total 42 centigrammas por litro. Gazes : azoto, acido carbonico, acido sulfhydrico. — Estabelecimento thermal importante; propriedade do Estado; 32 quartos de banhos, 6 piscinas de 172 metros quadrados de superficie total, 38 duchas diversas, estufas, gabinete de inhalação, etc. O estabelecimento está aberto todo o anno; mas a estação thermal dura só do 1° de Maio a 15 de Setembro. — Rheumatismos, molestias de pelle, paralysias, ankyloses, ulceras antigas, syphilis constitucional, affecções do peito, asthma, etc. Vai-se directamente de Pariz a Aix pela estrada de ferro em 13 horas. Estas caldas são muito frequentadas.

Alcaçarias. Em Lisboa, na fralda do monte onde está situado o castello de S. Jorge. Distinguem-se 1° em *Banhos do Doutor,* temperatura 26 gráos 1/2 centigrados; 2° *Banhos do Duque :* 34°; 3° *Banhos de D. Clara :* 33°. Quando se entra na casa de qualquer d'estes banhos, sente-se um levissimo cheiro de gaz hydrogeneo sulfurado. As aguas, porém, d'estes banhos são crystallinas, quando tiradas da nascente, e assim se conservão sem deposito e alteração, ainda que guardadas por longo tempo. Pelo sabor e cheiro fazem pequena differença da agua commum; differem só pela temperatura tepida, e pelo peso especifico maior que o da agua commum, provando assim que n'ellas se achão dissolvidos alguns saes e terras. Com effeito, contém algum sulfato de cal, chlorureto de sodio, e sulfato de magnesia, quantidades mui pequenas, para produzirem effeito. Com as dissoluções de chumbo não dão precipitado negro, o que infallivelmente aconteceria, se n'ellas houvesse a mais leve porção de hydrogeneo sulfurado.

Alcafache. Portugal; Beira alta. Aguas sulfureas quentes. Ha tres nascentes. O calor de duas é de 49°; porém na terceira, que brota da fenda de uma rocha no alveo do rio Dão, o calor é muito mais forte, e custa a supportar mettendo a mão na agua.

Alhandra. Portugal; Estremadura. Aguas sulfurosas frias.

Aljustrel. V. *S. João do Deserto.*

Allevard. França. Aguas sulfurosas frias. Estabelecimento thermal; 35 quartos de banhos, banhos de vapor, 7 grandes duchas, 20 duchas de garganta e faciaes, 4 duchas d'agua pulverizada, 9 salas de inhalação, bicas para beber agua no estabelecimento e na fonte. Hydrotherapia. Banhos de soro de leite, empregados nas molestias cutaneas e nas nevralgias. As aguas de Allevard usão-se nas molestias de peito, laryngites, bronchites, affecções cutaneas, escrophulas, feridas por armas de fogo. — Estação thermal : 1° de Maio ao 1° de Outubro.

Itinerario de Pariz a Allevard : Estrada de ferro por Chambery até Goncelin, 15 horas e 20 minutos; omnibus de Goncelin a Allevard, 40 minutos.

Almeida. Portugal; Beira baixa. Aguas sulfurosas frias.

Almofala. Portugal; Beira. Aguas salinas frias. — A duas legoas da cidade de Pinhel, no lugar de Almofala, ha uma fonte crystallina, fria, d'agua mui salobra, que contém copia de saes de diversas bases, taes como carbonato e chlorhydrato de soda, sulfato da magnesia, com alguma porção ferruginosa ainda que leve.

Alpreada. Portugal; Beira baixa. Aguas sulfurosas frias.

Amélie-les-Bains. França meridional. Aguas sulfurosas quentes. 30 a 64 gráos. Ha dois estabelecimentos particures e um estabelecimento militar do governo. — O estabelecimento *Pujade* contém 32 quartos de banhos, duchas variadas, dois quartos de

estufas, uma sala de aspiração, uma piscina para as crianças, e uma grande piscina gymnastica, em que podem caber vinte pessoas. Dez bicas para beber agua achão-se na vizinhança do estabelecimento, que dispõe de uma parte do edificio para a habitação dos banhistas. — No *estabelecimento das thermas romanas* ha 46 quartos de banhos, 7 duchas, uma sala de inhalação, uma grande piscina de natação, piscinas de familia e um serviço de hydrotherapia.

As aguas de *Amélie-les-Bains* administrão-se em bebida, banhos, duchas, banhos de vapor, gargarejos e inhalações; nas affecções do larynge, dos bronchios e dos pulmões, rheumatismos, paralysias, syphilis constitucional, molestias cutaneas, feridas antigas. Os estabelecimentos estão abertos todo o anno. Sitio, clima, estabelecimentos thermaes, efficacia das aguas mineraes, tudo se reune ali para justificar a fama que tem esta localidade como estação invernal para as pessoas ameaçadas ou affectadas das molestias do peito.

Andarahy. Brasil; nos arrabaldes do Rio de Janeiro. Aguas ferruginosas frias. A agua é transparente, de sabor styptico, sem cheiro; temperatura 24 1/2 cent., estando a temperatura atmospherica na occasião da experiencia 25 a 1/2. Quatro libras d'agua contém, segundo a analyse do Dr. A. M. de Miranda e Castro. :

	grão		grão
Acido carbonico	0,7022	Proto-carbonato de ferro	1,8513
Chlorureto de calcio	0,0625	Silica	quantid. indeterm.

Araxá. (*S. Domingos do Araxá*). Brasil; provincia de Minas Geraes. Forão descobertas e beneficiadas pelo Juiz Bento Carneiro de Mendonça. A agua é fria, de gosto salobro; é salina e purgativa.

Empregão-se na anemia, leucorrhea, convalescenças das molestias, e em todas as molestias caracterizadas pela languidez.

Aregos. Portugal; Beira alta. Aguas sulfurosas quentes. A temperatura varía segundo as fontes; 36° a 61°. A agua é limpida, de cheiro de ovos chocos; contém por litro, 29 centigrammas de residuo (silica, sulfatos e chloruretos alcalinos, saes calcareos e magnesianos, ferro e alumina).

Arez. Portugal; Alemtejo. Sulfurosas, frias.

Artejo. Hespanha, provincia de Coruna. A legoa e meia das cidades de Coruna e de Ferrol. Salinas, quentes. 30°, 35°, a 37°, conforme os poços. Escrophulas, chlorose, rheumatismo, paralysia. 1° de Julho ao 1° de Outubro.

Auteuil. França no arrabalde de Pariz. Agua ferruginosa fria, contém ferro e um pouco de manganez. A agua é limpida, de sabor de tinta de escrever. Emprega-se como bebida e em banhos; é tonica; o estomago supporta-a muito bem.

Ax. França. Aguas sulfurosas quentes; 35° a 77°. Molestias cutaneas, rheumatismos. Tres estabelecimentos. Vai-se de Pariz até Foix, pela estrada de ferro, em 24 horas; de Foix a Ax de carro, em 4 horas.

Baden. Austria. Distante 24 kilometros de Vienna, que pela estrada de ferro se percorrem em 58 minutos. Aguas sulfurosas quentes. 35° a 40°. Treze fontes, de que uma (*Ursprung*) é empregada como bebida; as outras servem para uso externo. — Carbonatos de cal, de soda; sulfatos de cal, de soda, de potassa; chloruretos de sodio, de magnesio; silica, sulfureto de magnesio. Total do residuo fixo 1 gramma. Gazes : acido carbonico, azoto, oxygeneo; hydrogeneo sulfurado. — Duas grandes piscinas, uma para

30, outra para 45 pessoas. — Molestias cutaneas, paralysias, rheumatismos chronicos, engurgitamentos escrophulosos, ulceras, bronchites. — 15 de Maio a 15 de Outubro.

Baden-Baden. Grão-Ducado de Baden. Aguas salinas quentes. 45° a 67°,5. — Chloruretos de sodio, de calcio, e de magnesio; sulfato de cal; carbonatos de cal e de ferro; silica; total : 2 gram. 31 centig. por litro. — Gaz acido carbonico. — Usão-se como bebida e em banhos. — Fraqueza, languidez, gota, rheumatismo, engurgitamentos do figado e do baço, catarrho vesical. — 1° de Junho a 15 de Setembro. Vai-se de Pariz a Baden-Baden em 14 horas pela estrada de ferro.

Baden. Suissa. Aguas sulfurosas, e chloruretadas sodicas, quentes. 50°. — Chloruretos de sodio, de potassio, de calcio e de magnesio; sulfatos de cal, de soda, de magnesia; carbonatos de cal, de alumina, de estronciana; fluato de cal; phosphato de alumina; silica; bromureto de magnesio; iodureto de magnesio; lithia. Total das materias fixas 4 grammas 35 centigrammas. Gazes : acido carbonico, oxygeneo, hydrogeneo sulfureo. — Em bebida e banhos. — Nevroses, gota, rheumatismo chronico, engurgitamentos chronicos. — 1° de Maio a 15 de Outubro.

Baependy. Brasil, provincia de Minas Geraes. Aguas gazosas alcalinas frias, e aguas gazosas ferruginosas frias.

As aguas mineraes de Baependy, chamadas *aguas santas*, estão situadas em um lugar denominado *Caxambú*, distante cerca de 6 kilometros 1/2 da cidade de Baependy. É uma pequena planicie cercada de collinas, das quaes a mais elevada é a do Caxambú. Um ribeirão, chamado Bengo, corre no centro do terreno. As aguas mineraes brotão de varios pontos do solo, comprehendidos em um pequeno perimetro adjacente á base do morro Caxambú. D'estas vertentes seis são utilizadas; são conduzidas até á superficie livre por meio de tubos cylindricos de ferro em umas, de canaes quadrangulares de tijolo em outras. As seis fontes são abrigadas por outras tantas casinholas. É mesmo nas fontes, ou antes poços, que os doentes se servem das aguas. N'uma das fontes, a fonte de D. Pedro, se acha uma bomba, que fornece agua para a casa de banhos que fica proxima. Esta casa constava em 1874 de uma sala na frente, dois gabinetes lateraes, e no fundo uma fileira de sete quartos, dos quaes seis continhão cada um uma banheira, e o ultimo uma caixa de ferro que servia de deposito para agua. As seis fontes são designadas pelos nomes tirados das pessoas da familia imperial : D. Pedro, D. Theresa, D. Isabel, Conde d'Eu, D. Leopoldina e Duque de Saxe.

As aguas de Baependy aproveitão nas molestias chronicas do apparelho digestivo e genito-urinario, taes como dyspepsia, irritação do estomago e dos intestinos, engurgitamentos do figado e baço, inflammações chronicas da bexiga e dos rins, leucorrhea, etc. D'estas aguas, as que são mais sobrecarregadas de ferro (Fontes D. Isabel, Conde d'Eu e D. Theresa) são uteis na chlorose e nas differentes anemias. Usão-se em banhos e bebida (2 a 3 copos por dia). Além do grande consumo que se faz d'estas aguas nas suas fontes, ellas são exportadas em quantidades prodigiosas para as diversas localidades do Brasil e de outros paizes.

A viagem da capital do Imperio para Baependy é hoje bastante facil, por haver já chegado a estrada de ferro ás vizinhanças da serra do Picú. Logo que a estrada se torne francamente de rodagem, ou se construa o ramal da estrada de ferro, augmentará muito mais a concurrencia.

Em 1874 o Governo imperial nomeou uma commissão composta do Sr. Dr. Ezequiel Corrêa dos Santos, Sr. Dr. Agostinho José de Souza Lima, e Sr. José Borges Ribeiro da Costa para proceder á analyse das aguas mineraes de Baependy e da Campanha. Segundo o Relatorio publicado em 1874, por esta distincta Commissão, redigi o presente artigo, e reproduzo a analyse das aguas.

1ª *Fonte D. Pedro*. A agua é limpida, transparente, sem côr nem cheiro, de sabor acidulo picante; temperatura de 23°, marcando o ar ambiente 24°; densidade 1,0010 sob a temperatura de 23°,5 e pressão de 690 millimetros; envermelhece o papel de turnesol, e não altera o de acetato de chumbo. Conserva-se limpida pelo repouso, e póde ser transportada ao longe. A agua n'esta fonte é effervescente e abundante; é ahi que se acha a bomba, que conduz a agua para a casa de banhos. A agua D. Pedro forneceo á Commissão, por litro, 0g,2650 de residuo fixo, composto de :

	gram.		gram.
Acido sulfurico	0,0021	Magnesia	0,0091
— silicico	0,0250	Chloro	0,0009
— carbonico	0,0860	Materia organica e perda	0,0318
Potassa	0,0249	Oxydo de ferro } vestigios	
Soda	0,0292	Alumina }	
Cal	0,0560		0,2650
		Acido carbonico total	1,6565
		— — combinado (bicarbonatos)	0,1723
		— — livre	1,4845

2ª *Fonte Duque de Saxe*. A agua é limpida, transparente, fria, de sabor picante, acidulo, levemente hepatico, cheiro pouco pronunciado de ovos chocos, que desapparece momentos depois que a agua é retirada da fonte; a sua temperatura é de 21°, marcando a do ar ambiente 26°; a densidade determinada a 25°,5, e sob a pressão de 689mm, é de 1,0009; envermelhece o papel de turnesol, conserva-se sem alteração e póde ser transportada ao longe. — 1 litro d'agua, evaporada a calor brando, forneceo um residuo do peso de 0g,4780, composto de :

	gram.		gram.
Acido sulfurico	0,0007	Chloro	0,0007
— silicico	0,0270	Materia organica e perda	0,0683
— carbonico	0,1614	Oxydo de ferro }	
Potassa	0,0412	Alumina } vestigios	
Soda	0,0451	Acido sulfhydrico }	
Cal	0,1153		
Magnesia	0,0183		0,4780
		Acido carbonico total	1,7130
		— — combinado (bicarbonatos)	0,3228
		— — livre	0,3902

Sobre a superficie de marmore adjacente á abertura d'esta fonte encontra-se uma camada amarellada em uns pontos e esverdeada em outros, que se julgava ser constituida por um deposito de enxofre; bem examinada, porém, reconheceo-se ser formada por uma materia organica que constitue o limo. Esta circumstancia, reunida ao cheiro e ao sabor da agua em questão, mereceo-lhe a reputação d'agua sulfurosa. Para resolver este problema teve a Commissão de

recorrer aos reactivos e processos chimicos para verificar a existencia do enxofre no estado de acido sulfhydrico, de sulfureto ou sulfito. Todos os ensaios derão resultados negativos, e a Commissão declarou, que admittia a existencia do enxofre no estado de acido sulfhydrico, mas em quantidade tão pequena, que não é sufficiente para se poder dar a esta agua o nome de sulfurosa. Além d'isto o cheiro e o sabor de acido sulfhydrico n'esta fonte não são constantes, e nunca o cheiro se percebe a distancia, e sim sómente na fonte muito proximo d'agua; dissipa-se em poucos momentos durante a exposição da agua ao ar.

3ª *Fonte D. Leopoldina.* A agua é limpida, transparente, sem côr nem cheiro, de sabor picante acidulo; envermelhece o papel de turnesol e não altera o de acetato de chumbo. A temperatura era de 22°, quando o ar ambiente marcava 25°; densidade de 1,0014 sob a temperatura de 20° e pressão de 690^{mm}; o gaz desprende-se d'ella continuadamente mas de maneira lenta. Esta agua conserva-se limpida, mesmo com o repouso, e póde ser transportada para longe. Eis-aqui o resultado da analyse feita pelos insignes membros da Commissão acima citados :

A agua Leopoldina forneceo por litro 0g,2680 de residuo fixo composto de :

	gram.		gram.
Acido sulfurico	0,0007	Magnesia	0,0120
— silicico	0,0310	Chloro	0,0034
— carbonico	0,0864	Materia organica e perda	0,0290
Potassa	0,0225	Oxydo de ferro } vestigios	
Soda	0,0270	Alumina } vestigios	
Cal	0,0560		
			0,2680
Acido carbonico total			1,6220
— — combinado (bicarbonatos)			0,1728
— — livre			1,4492

4ª *Fonte D. Theresa.* Esta agua não é tão limpida como a das outras fontes; apresenta em suspensão flocos de uma substancia escura avermelhada, constituida quasi exclusivamente por peroxydo de ferro, segundo revelou a analyse da Commissão; é sem cheiro, sem côr, de sabor picante e acidulo; é fortemente effervescente; de reacção francamente acida ao turnesol, e nulla ao de acetato de chumbo; temperatura de 23°, marcando o ar ambiente 24°; densidade de 1,0009 sob a temperatura de 24°,5 e pressão de 690^{mm}. Pelo repouso deposita flocos avermelhados de peroxydo de ferro. Forneceo á Commissão por litro 0g,6770 de residuo fixo composto de :

	gram.		gram.
Acido sulfurico	0,0025	Cal	0,1584
— silicico	0,0340	Magnesia	0,0256
— carbonico	0,234	Materia organica e perda	0,0511
Sesquioxydo de ferro	0,0420	Alumina — vestigios	
Potassa	0,0320		
Soda	0,09554		
			0,6770
Acido carbonico total			0,0222
— — combinado (bicarbonatos)			0,5154
— — livre			1,5068

5ª *Fonte Conde d'Eu.* A agua ás vezes é limpida, outras vezes apresenta flocos em suspensão; é sem côr e sem cheiro, de sabor acidulo picante, styptico, semelhante ao da tinta preta de escrever; pelo repouso deixa depositar flocos avermelhados, que são constituidos por oxydo de ferro; temperatura de 22°, marcando o ambiente 24°; densidade de 1,0018 sob a temperatura de 24°,5, e pressão de 690ᵐᵐ; a agua é abundante, muito effervescente; a reacção ao turnesol é fracamente acida, nulla ao papel de acetato de chumbo. Forneceo á Commissão por litro 0g,8350 de residuo fixo composto de :

	gram.		gram.
Acido sulfurico	0,0017	Cal	0,1848
— silicico	0,0750	Magnesia	0,0355
— carbonico	0,2828	Chloro	0,0004
Sesquioxydo de ferro	0,0420	Materia organica e perda	0,0427
Potassa	0,0866	Alumina — vestigios	
Soda	0,0835		0,8350
Acido carbonico total			2,0090
— — combinado (bicarbonatos)			0,6118
— — livre			1,3972

6ª *Fonte D. Isabel.* A agua é limpida, transparente, sem côr, sem cheiro, de sabor styptico de ferro ou tinta preta de escrever, ao mesmo tempo picante e acidulo; temperatura de 23°, sendo a do ambiente de 24°; densidade 1,0019 sob a temperatura de 23°,5, e pressão de 690ᵐᵐ; reacção acida ao turnesol, e nulla ao papel de chumbo. Pelo repouso deixa depositar flocos amarellados de peroxydo de ferro; desprendimento gazoso muito forte, e a producção da agua é abundante. Forneceo á Commissão por litro 1g,2100 de residuo fixo composto de :

	gram.		gram.
Acido sulfurico	0,0041	Cal	0,2861
— silicico	0,0650	Magnesia	0,0563
— carbonico	0,4391	Chloro	0,0007
Sesquioxydo de ferro	0,0430	Materia organica	0,0487
Potassa	0,1457	Alumina — vestigios	
Soda	0,1213		1,2100
Acido carbonico total			2,7315
— — combinado (bicarbonatos)			0,9255
— — livre			1,8060

Bagnères-de-Bigorre. França meridional. Fontes mineraes numerosas; a temperatura varía de 20° a 65°; a composição differe tambem segundo as fontes : as aguas são sulfatadas calcicas; sulfureas calcicas, e ferruginosas; são limpidas, sem côr nem cheiro; algumas exhalão um cheiro sulfureo devido á presença de um pouco de sulfureto de calcio; o sabor é levemente amargo. Ha 16 estabelecimentos thermaes, o mais importante dos quaes pertence á Camara municipal, os outros são propriedade dos particulares. — As aguas empregão-se em bebida, banhos, duchas, inhalações, nas molestias seguintes : anemia, chlorose, nevralgias, rheumatismo, paralysia, molestias cutaneas. — 1° de Junho a 15 de Outubro. — O caminho de ferro conduz directamente os banhistas de Bordeos a Bagnères em 9 horas e 19 minutos.

Bagnères-de-Luchon. V. *Luchon.*

Bagnoles-de-l'Orne. França. Duas fontes, uma sulfurosa, contendo vestigios de arseniato de soda, tepida, (27°); outra ferruginosa fria. — Estabelecimento completo, com bicas para beber a agua mineral, 35 banheiras, duchas, apparelhos hydrotherapicos, banhos de vapor, piscinas com agua tepida corrente, uma das quaes tem 132 metros quadrados de superficie. — Molestias do apparelho digestivo, dyspepsia, molestias cutaneas, rheumatismos, gota, nevroses, escrophulas, chlorose, anemia, engurgitamentos das visceras abdominaes, rijezas musculares, ankyloses. — 1° de Junho ao 1° de Setembro.

Bagnols. França. Sulfureas sodicas frias e quentes; 22° a 43°. Seis fontes. Molestias cutaneas, bronchite chronica, rheumatismo, feridas por armas de fogo, escrophulas. Dois estabelecimentos, um com 6 piscinas podendo conter 30 pessoas, duchas, banhos de vapor, sala de inhalação, bicas para beber agua. 1° de Julho ao 1° de Setembro.

Balaruc. França. Aguas salinas frias e quentes. 18° a 47°. Tres fontes. — Chloruretos de sodio, de lithio, de cobre, de magnesio; sulfatos de potassa, de cal; bicarbonatos de cal, de magnesia; acidos silicico, borico; oxydo de ferro; manganez; acido phosphorico. — Total 10 grammas por litro de residuo solido. Gazes : acido carbonico livre, azoto e oxygeneo. — Paralysia, rheumatismo chronico, sciatica, ankyloses incompletas, escrophulas. — A agua é limpida, de sabor levemente salgado e picante. — As aguas de Balaruc empregão-se em bebida, banhos, duchas; fazem-se tambem applicações locaes do lodo que se deposita no fundo do reservatorio da agua mineral. — Tres estabelecimentos thermaes. 1° de Maio ao 1° de Outubro. — Itinerario : de Pariz a Cette pela estrada de ferro em 18 horas; de Cette a Balaruc de carro em tres quartos de hora.

Baréges. França. Sulfurosas quentes. 10 fontes; temperatura de 32° a 44°. — Sulfureto de sodio; chlorureto de sodio; silicatos de soda, de cal, de magnesia; sulfato de soda; sulfureto de ferro; vestigios de iodureto de sodio, de borato e de phosphato de soda; emfim, uma substancia organica, gelatinosa, translucida, conhecida debaixo do nome de *baregina.* — A agua é limpida, de sabor nauseoso; exhala apenas um cheiro hydro-sulfureo; é unctuosa ao tocar. — Paralysias, torceduras antigas, retracções musculares, feridas antigas, molestias syphiliticas constitucionaes, escrophulas. — As aguas de Baréges empregão-se em banhos, duchas e bebida. Ha um estabelecimento thermal com quartos de banhos, piscinas, duchas diversas, banhos de vapor. — 1° de Junho a 15 de Setembro. — Itinerario : de Pariz a Tarbes pela estrada de ferro em 18 horas; de Tarbes a Baréges de carro, em 7 horas.

Bittancourt. Brasil, provincia de Santa Catharina. As caldas de Bittancourt, são simplesmente quentes, 35°,5, não possuem mineralização alguma, e quando frias são até boas para beber. V. p.185.

Bitterwasser. (Agua amarga). Dá-se este nome á agua de Kissingen e de Pullna, que são amargas, e purgativas.

Bonnes. V. *Eaux-Bonnes.*

Bourbon-l'Archambault. França. Aguas salinas chloruretadas quentes e aguas ferruginosas frias. As aguas salinas tem a temperatura de 51° a 53°. Chloruretos de sodio, de magnesio, de calcio; sulfatos de soda, de potassa, de cal; carbonatos de soda, de magnesia, de cal; silicatos de soda, de alumina, de cal; crenato de ferro. — A agua é limpida, bem que tenha em suspensão pequenos cor-

pusculos que se parecem com o ocre; emprega-se sobretudo em banhos, nos rheumatismos, paralysias, ankyloses, escrophulas. Ha um estabelecimento thermal com gabinetes de banhos, duchas e piscinas. — 15 de Junho a 15 de Outubro.

Além das fontes salinas utiliza-se em Bourbon-l'Archambault a fonte *Jonas*, que é ferruginosa e fria; a agua é limpida, com gosto de tinta de escrever; emprega-se interna e externamente como tonico.

Itinerario : de Pariz a Souvigny, pela estrada de ferro em 11 horas e 35 minutos; de Souvigny a Bourbon-l'Archambault de omnibus, em 1 hora.

Bourbonne. França. Aguas fortemente salinas, chloruretadas quentes; 63° a 65°. A agua é limpida, sem cheiro, de sabor salgado e amargo. — Chloruretos de sodio e de magnesio; sulfatos de cal e de potassa; carbonato de cal; bromureto de sodio; silicato de soda; alumina. — A agua administra-se em bebida, banhos, duchas, ás vezes fazem-se applicações locaes de lodo mineral; nos rheumatismos, paralysias, nevralgias, escrophulas, ankyloses, syphilis constitucional, engurgitamentos das visceras abdominaes, etc. — Ha um estabelecimento com 69 banheiras, duas grandes piscinas em que 36 pessoas podem banhar-se, duas outras de menor dimensão, sete quartos de duchas. Ha tambem um hospital militar. A estação thermal dura do 1° de Junho ao 1° de Outubro.

Itinerario : De Pariz pela estrada de ferro até Ferté em 7 horas 1/2; de Ferté a Bourbonne de carro em hora e meia.

Bourboule ou *La Bourboule*. França. Aguas salinas, arsenicaes, quentes. 25° a 52° conforme as fontes. Estas são numerosas. As suas propriedades physicas são uniformes : as aguas são limpidas, levemente acidulas, de sabor salgado e estyptico. Na fonte *Choussy*, o desenvolvimento de gaz acido carbonico é bastante consideravel : a agua sahe a borbotões. Esta mesma agua dá um resaibo de hydrogeneo sulfurado, mas que é accidental. As substancias que contém são : acido carbonico livre; acido sulfurico; chloruretos de sodio, de potassio, de magnesio, de lithio, de rubidio; sulfato de soda; bicarbonatos de soda, de cal, de ferro, de manganez, de ammoniaco; phosphato e arseniato de soda; iodureto e bromureto de sodio ; acido silicico ; alumina ; materia bituminosa. Total : cerca de 7 grammas de substancias fixas por litro, entre as quaes o chlorureto de sodio figura para mais de 3 grammas, e o arseniato de soda de 7 a 14 milligrammas, o que constitue uma proporção de elemento arsenical, que ainda em nenhuma agua mineral foi encontrada. Thenard, em 1854, annunciou ter achado 20 milligrammas e 9 centesimos de arseniato de soda em litro da fonte do *Grande Banho*. Um outro chimico annunciou 15 centigram. de arseniato de soda por litro, o que provavelmente é um erro, porque n'esta condição a agua deveria ser venenosa; entretanto a pratica demonstra que o uso d'estas aguas nunca foi seguido de envenenamento. — Além do estabelecimento *Choussy*, funccionão os estabelecimentos *Mabru* e *Fenestre*, que põem á disposição dos banhistas 46 quartos de banhos, com apparelhos, de duchas, bicas para beber a agua mineral, e uma sala de inhalação e de pulverização. Duas fontes, descobertas em 1864, e cuja temperatura não excede 27°, servem para engarrafar a agua que se transporta, e se conserva muito bem. — As aguas de Bourboule empregão-se em bebida, banhos, semicupios e inhalações. Principia-se por beber meio copo de manhã, e outro tanto de tarde, augmentando succes-

sivamente a dóse até ao maximo de dois copos de manhã e outros tantos de tarde. O curativo dura de 20 a 35 dias. Os banhos tomão-se na temperatura de 30° a 35°. — As molestias, contra as quaes as aguas de Bourboule se empregão, são : escrophulas, psoriase, eczema e outras molestias cutaneas ; laryngite e bronchite chronicas, tisica incipiente, anemias, rheumatismo. — A estação thermal dura de 15 de Junho a 15 de Setembro. — A viagem de Pariz faz-se do modo seguinte : estrada de ferro de Pariz a Clermont 9 horas e um quarto; carro de Clermont a Bourboule 5 a 6 horas.

Brancas. Portugal; Estremadura. Aguas salinas. Em distancia de um quarto de legoa da villa da Batalha.

Bussang. França. Aguas ferruginosas e arsenicaes, gazosas, frias. Não ha ali estabelecimento thermal; a agua só se exporta. Contém por litro 10 centigrammas de carbonato e crenato de ferro, e uma quantidade apreciavel de arsenico. A agua é limpida, de gosto acidulo e levemente ferruginoso. Usa-se contra a chlorose, anemias, dyspepsia.

Cabeça de Mont'achique. Portugal; perto de Lisboa. Ferruginosas frias. A vertente, chamada *Mina-Nova,* fornece uma agua ligeiramente amarellada, transparente, com sabor ferreo e levemente adstringente, cuja temperatura média, no estio, achada em differentes horas do dia, é de + 18,44 centigr., estando a do ar ambiente a + 20.67 centigr. 1 litro d'esta agua, na temperatura média de + 20° do thermometro centigrado, e sob a pressão atmospherica de 76 centimetros do barometro, contém, segundo a analyse feita e publicada pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana, no seu Jornal (Tomo II, p. 674) :

Gaz oxygeneo	6 cent. cub.	Sulfato de ferro	0,135 gram.
Gaz azoto	14 — —	— de cal	0,330 gram.
Chlorur. de calc.	0,048 gramma	— de alumina	0,047 gram.

Cabeço de Vide. Portugal; Alemtejo. Sulfurosas temperadas. 26°. Tem um estabelecimento de banhos construido em 1855. Além das tinas dos quartos reservados, ha dois grandes tanques forrados de azulejo em que podem banhar-se dez pessoas. No estabecimento ha uma grande caldeira em que se aquece a agua destinada aos banhos quentes.

Caldas. Brasil; provincia de Minas Geraes. Aguas sulfurosas quentes. As aguas estão situadas a 6 legoas da villa de Caldas, sobre a margem direita do rio Verde. Ha differentes poços : *Pedro Botelho,* 45°; *Bica,* 46°,5; *Macacos,* 41° a 42°. Estas aguas são uteis nos rheumatismos, molestias cutaneas, paralysias, ankyloses incompletas.

Pessoa do meu conhecimento e consideração escreveo-me em 17 de Fevereiro de 1872, do Rio de Janeiro, uma carta que contém informações exactas sobre as *Caldas* da provincia de Minas Geraes do Brasil. Faço d'esta carta o seguinte extracto, para proveito dos meus leitores :

« Em consequencia de ter um filho de idade de trinta e tres annos, privado de movimentos de poder andar, resultado do rheumatismo syphilitico, a ponto de que só ao collo se transportava de lugar, levei-o ás *Caldas,* no sul de Minas, para ministrar-lhe os banhos. Estes banhos produzírão-lhe as seguintes melhoras : as exostoses sumírão-se, tornando-se os ossos lisos : o aspecto tornou-se melhor, as forças augmentárão. Mas só pôde tomar 19 banhos, porque chegámos lá a 27 de Setembro de 1871, em Outubro principiárão as chuvas, e foi preciso sahir. Quando ali cheguei com

meu filho em liteira, achei mais de 600 pessoas de todo o Brasil, muitas das quaes ao quinto banho ficárão boas; assim como meu filho, pouco beneficio tiverão outras.

» As aguas estão em differentes lugares sobre a margem direita do Rio Verde. Tudo n'este lugar é novo, e só achei lugar em um pequeno hotel de porta e janella, assobradado, distante dos primeiros poços 25 metros. Ali fez uso do poço com o nome de *Pedro Botelho*, por ser agua mui quente; o tempo que podia demorar-se no banho erão quatro minutos, por ser o calor mui forte. A agua penetra na banheira por furos que esta tem no fundo, e com tal força que em menos de meio minuto está cheia, e por isso o engenheiro das Caldas me disse que só aquelle banho podia fornecer agua para encher doze banheiras, e me disse mais que tinha 45 gráos, e que contém muitos sulfuretos. Quem está no banho parece-lhe estar em uma dissolução de sabão e enxofre. Ao lado d'este banho está a quatro metros outro; a agua sahe por cima, e por isso lhe chamão a *bica;* este tem 46 1/2 gráos e é da mesma natureza. D'aqui para baixo ha differentes banhos que não são aproveitados. D'aqui para cima, a 150 metros na mesma margem do rio, ha mais dois poços, a que dão o nome de *macacos;* são tambem sufurosos, porém menos quentes, 41 a 42 gráos; n'estes podem os doentes demorar-se mais tempo. As banheiras são de páo, porém o governo da provincia de Minas mandou para lá um engenheiro, e decretou 50 contos para se fazerem as obras. O engenheiro mostrou-me o plano, e se fôr levado a effeito, a obra será completa.

» Uma legoa acima da cidade das Caldas, que dista dos poços 6 legoas, ha as mesmas aguas, porém frias; e ha mais, em uma circumferencia de 10 metros, um terreno fôfo que está cercado, porque tudo que ali pisa, desapparece.

» As aguas de *Caldas* tem a sua proveniencia na serra da Mantiqueira do lado de Minas. Indo por S. Paulo, e subindo a serra o paiz é admiravel. Chegando-se ao cimo da serra acha-se campo plano coberto de pastagens, e só algumas tiras de vegetação nas pequenas depressões, por onde corre agua potavel. O clima é frio; os campos produzem muito trigo, e ali se crião e prosperão todos os vegetaes da Europa.

» Desde a beira da serra aos banhos são 4 legoas, de fórma que quem vai do Rio por S. Paulo, tem de Santos a Jundiahy 12 legoas de caminho de ferro; de Jundiahy a Campinas 10 legoas; de Campinas a Mogymirim, 10 legoas; de Mogymirim a S. João de Jagoary, 9 legoas; de S. João acima da Serra, 7 legoas. Total, 40 legoas de Jundiahy ao lugar dos banhos. Porém por este lado só em uma fazenda se póde ficar. Mas ha differentes caminhos; eu, por causa da liteira, só pude ir por este. Duas legoas além de Jundiahy, o terreno é quasi plano; e de Campinas para diante serra e plano. »

Caldas novas. Brasil; provincia de Goyaz. Aguas alcalinas quentes. Nascem em abundancia na elevadissima serra de Caldas, comarca de Santa Cruz, da provincia de Goyaz, nos lugares denominados : *Caldas novas, Caldas velhas, Caldas do Parapitinga.* Das primeiras são aproveitadas para banhos 13 fontes, havendo outras nascentes no leito do corrego das Lavras. Das segundas ha copiosos mananciaes que, derivando da rocha quartzosa aurifera, formão um ribeirão. As terceiras reunem-se em lagoa do comprimento de 33 metros, e da largura de 3 a 4 metros 1/2, de cujo fundo brotão muitos olhos d'agua. A temperatura das aguas d'esta lagoa é, em

alguns lugares tão elevada, 40° a 43°, que para serem usadas devem ser arrefecidas. Por ordem do Governo imperial do Brasil estas aguas forão analysadas pelo Dr. Faivre em 1842. O seu peso especifico é de 1,003. Dois litros d'esta agua, evaporados até á seccura, derão o residuo de 15 centigrammas (3 grãos de peso). Contém azoto, acidos, carbonico, chlorico e silicico, as bases potassa, soda, cal, magnesia, alumina. As aguas são limpidas, quentes, sem côr nem sabor apreciavel; gozão de grande reputação no Brasil como efficazes contra a morphea; e com quanto se considere exagerada esta reputação, não se póde duvidar da sua utilidade contra os dartros, rheumatismos chronicos, e nas ulceras antigas.

Caldas da Rainha. Portugal; Estremadura. Aguas sulfurosas quentes. A villa das Caldas está situada ao norte de Lisboa, d'onde dista quatorze legoas e meia. Em 1484 a Rainha D. Leonor, esposa do Rei D. João II, mandou erigir n'este sitio um hospital, que foi reconstruido em 1750 por D. João V na fórma que hoje se vê. Fig. 109, p. 185. N'este magnifico edificio construírão-se sobre as nascentes dois tanques ou *piscinas* para *senhoras* e dois para *homens*. Dos dois tanques, que são destinados para os *banhos das senhoras*, um tem 8 metros e 80 centimetros de comprimento e 2 metros 64 centimetros de largura; outro é de igual comprimento, porém a largura é de 3 metros 30 centimetros. A profundidade é de 1 metro, pouco mais ou menos, de que só 60 centimetros se achão ordinariariamente occupados pela agua.

Os tanques para os *banhos dos homens* achão-se em outra parte do edificio; o maior tem 12 metros de comprimento e 3 de largura. O segundo tanque de homens não se utiliza, porque não tem nascente propria. Muitas são as nascentes que n'estes tanques rebentão; sua temperatura é de 34 1/2 gráos centigrados. A agua é tão abundante que dentro de quinze a vinte minutos o tanque do banho enche-se até á altura de 60 centimetros. Calcula-se que as nascentes vertem por minuto 2 metros cubicos d'agua. O lastro de cada um dos tanques é de finissima areia branca, mui commoda para as pessoas que se banhão. Os tanques são cobertos de abobadas, nas quaes se abrem claras-boias, por onde entra a luz que os illumina.

Separada das nascentes dos banhos, existe outra nascente n'um poço, cuja abertura está collocada na casa immediata ao vestibulo do edificio, e que se chama *casa da copa;* é do poço que se tira a agua sulfurea para bebida. O calor da agua do poço é de 33° a 34° centigrados; a agua tem cheiro sulfureo, sabor adocicado sem ser repugnante, principalmente em quanto conserva a temperatura da origem; possue sufficiente transparencia, particularmente sendo em pequena quantidade, recebida em vidro limpo; porém nos tanques dos banhos tem muito da côr hyalina ou de vidro, a qual é mais ou menos carregada. Proximamente á *casa da copa*, e no tôpo d'ella estão as portas das duas enfermarias de homens e de mulheres; e ao norte a cozinha do hospital.

O cheiro sulfureo das aguas faz-se sentir a grande distancia. A primeira impressão d'este cheiro é desagradavel, mas passado algum tempo torna-se supportavel e quasi imperceptivel principalmente para os que se banhão.

Recolhida com cuidado em frascos hermeticamente fechados a agua das *Caldas* conserva as suas propriedades por muito tempo. Do fundo dos tanques levantão-se constantemente bolhas de gaz, que vem estalar na superficie do banho; este gaz é composto de oxygeneo, azoto, hydrogeneo carburatado, acido carbonico e sulfhy-

drico. Analysada a agua em 1858, pelo Sr. Visconde de Villa Maior, deo em 1,000 grammas as substancias seguintes :

Gaz oxygeneo	1,08 cent. cub.	Chlorureto de sodio	1,5940 gram.
Gaz azoto	16,70 — —	Sulfureto de sodio	0,0027 gram.
Gaz sulfhydrico	4,75 — —	Bromureto de magnesio	vestigios
Gaz acido carb.	61,20 — —	Alumina	
Carbonato de cal	0,2089 gram.	Oxydo de ferro	
Sulfato de cal	0,4276 gram.	Silica	0,0453 gram.
— de magnesia	0,2088 gram.	Materia organica	
— de soda	0,1404 gram.	Perdas	
		Total das substancias fixas	2g.6277

O numero dos doentes que concorrem ás Caldas da Rainha é de 2,000 a 3,000 por anno, não contando 1,400 a 1,700 pobres que entrão no hospital gratuitamente. Estes tomão os banhos até ás 6 horas da manhã, ficando as piscinas patentes ao publico desde as 7. As pessoas que querem pagar, achão no hospital quartos bem mobiliados com bom serviço pelo preço diario de 600 a 1$000 réis (moeda de Portugal). Podem tambem tomar-se ali banhos em banheiras. A villa offerece muitas commodidades, ha bons hoteis e hospedarias; além d'isto muitas familias da villa recebem hospedes durante a estação balnearia. O preço nos hoteis é de 800 a 1$000 réis; nas hopedarias de 600 a 800 réis; nas casas particulares de 200 a 240 éis, sendo n'este ultimo caso a comida paga em separado e mandada fazer pelos banhistas, que tomão para esse fim uma criada por 100 réis por dia. Ha um *Club*, onde se póde ouvir musica e achar outras distracções : um bilhar, um gabinete de leitura e uma pequena bibliotheca. Os arredores offerecem bellos sitios, o lugar é magnifico, o clima ameno. Além dos lindos suburbios, a villa tem dois passeios, o da Copa com platanos e faias seculares, e o da Matta.

As *Caldas da Rainha* são uteis contra as molestias da pelle, escrophulas, affecções chronicas do peito, rheumatismos, ankyloses incompletas, paralysias. Administrão-se externamente em banhos, loções e duchas; e em bebida na dóse de 60 a 150 grammas (2 a 5 onças) por dia. A estação thermal dura cinco mezes e meio, de Maio até ao fim de Outubro.

Itinerario : De Lisboa ao Carregado faz-se a viagem pelo caminho de ferro, 37 kilometros em hora e meia. Do Carregado para as Caldas em carruagem ou na diligencia, que sahe do Carregado duas vezes por dia, pela manhã e á noite, depois da chegada do comboyo áquella estação; o percurso é de 6 a 7 horas, havendo no Cercal casa de pasto e estação de mudas da diligencia. — Trata-se de prolongar o caminho de ferro até ás Caldas da Rainha e S. Martinho do Porto.

Caldellas de Rendufe. V. *Rendufe.*

Camara. Portugal, 2 legoas de Lisboa. Aguas ferruginosas frias. A agua é limpida, de sabor ferreo levemente acido. A sua temperatura média, achada nas differentes horas do dia, no verão, é de + 18°56 centigr., estando a do ar ambiente a + 20°89 cent. 1 litro d'esta agua, na temperatura média de + 20 do thermometro centigrado, e sob a pressão barometrica de 76 centimetros,

contém (veja-se o *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, tomo II, p. 675) :

Gaz oxygeneo	6 cent. cub.	Chlorureto de calcio	0,030 gram.
Gaz acido carbonico livre	2 — —	Sulfato de ferro	0,215 gram.
Gaz azoto	16 — —	— de magnesia	0,710 gram.
		— de cal	0,015 gram.

Cambuquira. Brasil; provincia de Minas Geraes. Aguas gazosas.

Campanha. Brasil, provincia de Minas Geraes, freguezia do *Alambary* (outros dizem *Lambary*) distante cerca de 3 legoas da cidade da Campanha, e 60 legoas do Rio de Janeiro. — Aguas gazosas frias. — Assemelhão-se pela composição chimica, temperatura e propriedades ás celebres aguas de Seltz. Tres são as fontes : *fonte gazosa, fonte Paulina* e fonte *Maria;* a fonte chamada *gazosa* é principalmente utilizada. Achão-se todas muito proximas umas das outras no meio da povoação, onde existe uma pequena praça triangular, e no centro d'esta uma bomba que fornece a agua potavel aos habitantes do lugar; em um dos angulos da praça, e dentro d'ella, fica a *fonte gazosa.* Fóra da praça acha-se a *casa de banhos,* que consta de uma secção central e duas lateraes mais baixas. Ao entrar nota-se uma sala na frente, duas varandas aos lados d'esta, e duas series de quatro quartos de banho, reservados de um lado para homens e de outro para senhoras. Em cada um d'elles ha uma banheira de zinco esmaltado. O quarto da frente de cada lado é destinado aos banhos de chuva e duchas. A agua para banhos é fornecida pela fonte *gazosa.* (Esta descripção, e a que segue, são extrahidas do *Relatorio da Commissão* nomeada pelo Governo imperial em 1874 para examinar e analysar as aguas da Campanha. A Commissão foi composta dos tres muito distinctos membros, o Sr. Dr. Ezequiel Corrêa dos Santos, o Sr. Dr. Agostinho José de Souza Lima, e o Sr. José Borges Ribeiro da Costa).

« *Agua da fonte gazosa.* Esta fonte acha-se, como ficou dito, dentro da praça e encostada a um dos lados maiores. Tem a fórma de um poço circular de 1 metro pouco mais ou menos de diametro, construido de tijolos e de pouca profundidade; é fechado por um disco de madeira, fixo ás bordas do poço; tendo uma abertura no centro para permittir a introducção dos vasos destinados a tirar agua. A fonte está abrigada por um tecto de zinco, que abrange um espaço muito maior do que o occupado pela fonte; este tecto é sustentado por esteios de madeira com uma grade de ferro á roda. A agua d'esta fonte é abundantissima e de uma notavel effervescencia. Sua superficie livre fica a dois ou tres metros abaixo do nivel do solo; desce-se á fonte por uma larga escadaria de pedra. A producção do gaz acido carbonico é tão consideravel n'este poço que tem já sido a causa da morte por asphyxia de algumas pessoas, que imprudentemente ahi se tem demorado, segundo attestão informações insuspeitas dos moradores mais antigos do lugar. Esta agua é perfeitamente limpida e transparente, mesmo depois do repouso prolongado, incolor, inodora, de sabor picante muito pronunciado, de tal modo effervescente, que é difficil ingerir sem interupção um copo cheio. Envermelhece o papel azul de turnesol e não tem acção sobre o de acetato de chumbo. Sua temperatura é de 20°, sendo o ambiente de 21°. Densidade 1,0001 sob a temperatura de 23° e pressão de 687 millimetros.

» A analyse qualitativa deo resultados quasi negativos. Assim a agua da *fonte gazosa* só precipitou fracamente em branco pela agua

de cal e de baryta, e pelo acetato de chumbo. Nenhum precipitado nem turvação manifestou com os outros reactivos ordinarios. Assim consiste toda a sua importancia na prodigiosa quantidade de acido carbonico que emitte, ao qual deve as propriedades beneficas, que a fizerão denominar *agua virtuosa.*

» 1 litro da agua da *fonte gazosa* forneceo 0g,0560 de residuo fixo, composto de :

	gram.		gram.
Acido sulfurico	0,0007	Cal	0,0072
— silicico	0,0070	Magnesia	0,0036
— carbonico	0,0120	Chloro	0,0004
Sesquioxydo de ferro	0,0020	Materia organica e perda	0,0169
Potassa	0,0007	Alumina — vestigios	
Soda	0,0046		0,0560

Acido carbonico total	1,4182
— — combinado (bicarbonatos)	0,0280
— — livre	1,3902

» *Fonte Paulina.* Esta fonte, assim chamada em attenção ao nome do seu descobridor, o illustrado professor Dr. A. G. Paula Fonseca, offerece a disposição de um poço situado ao nivel da terra, sem abrigo algum a não ser uma tampa de páo, que a fecha incompletamente, deixando uma abertura triangular por onde se faz a extracção de sua agua. O poço interiormente é largo, construido de paredes de tijolos. A superficie livre da agua n'esta fonte fica pouco mais ou menos a um metro de profundidade, de maneira que não se póde tira-la senão com vasilhas presas á extremidade de uma corda a guisa de caçamba; é pouco abundante e pouco efferves-cente; o desprendimento gazoso é lento e interrompido. Esta agua é reputada ferruginosa entre as pessoas do lugar; entretanto pela analyse se verá que comquanto n'ella exista ferro, todavia é muito pobre d'este principio para merecer esta classificação. — É limpida, transparente, incolor, inodora, de sabor picante e ligeiramente styptico; reacção mui fracamente acida ao turnesol. Temperatura de 20°, marcando a ambiente 21°. Densidade 1,0006 sob a temperatura de 23° e pressão de 687mm. Pelo repouso prolongado deposita.

» No estado natural a agua revelou o seguinte : Precipitou em branco pela agua de cal, de baryta e pelo acetato de chumbo; não deo resultado algum nem com o tannino, nem com o ferro-cyanureto de potassio, nem com os outros reactivos empregados ordinariamente n'este genero de ensaio. Forneceo por litro 0g,0540 de residuo fixo, composto de :

	gram.		gram.
Acido sulfurico	0,0007	Cal	0,0061
— silicico	0,0100	Magnesia	0,0032
— carbonico	0,0116	Chloro	0,0004
Sesquioxydo de ferro	0,0020	Materia organica e perda	0,0147
Potassa	0,0007	Alumina — vestigios	
Soda	0,0046		0,0540

Acido carbonico total	1,4942
— — combinado (bicarbonatos)	0,0254
— — livre	1,4688

» *Fonte Maria.* Esta fonte fica apenas quatro ou cinco metros distante da precedente. Tem a fórma de um poço circular, construido de paredes de tijolos, e uma tampa de pedra apresentando no centro uma abertura pequena, descoberta, por onde se introduzem as vasilhas destinadas a tirar a agua, presas por um cordel, não só por causa da estreiteza da abertura, como por causa da profundidade do nivel, que fica a um metro ou mais abaixo da superficie do solo. A fonte é abrigada por uma coberta de madeira polygonada e muito baixa, sustentada por quatro esteios, do feitio de um kiosque sem guarnição alguma. A agua d'esta fonte é considerada no lugar como sulfurosa, e a este respeito a crença entre o povo é tão firme como a que continuão ainda a nutrir os habitantes do Caxambú em relação á agua da fonte Duque de Saxe; entretanto a respeito d'esta agua nenhum ensaio chimico rigoroso autorizou a sua classificação como sulfurosa, partindo apenas esta idéa do leve cheiro sulfhydrico que ella apresenta accidentalmente. Os reactivos mais sensiveis e delicados forão aqui tambem postos em pratica, e nenhum resultado derão : portanto a conclusão a tirar é a mesma que ácerca da agua Duque de Saxe do Caxambú. Ao lado d'esta circumstancia occorre mais que a agua da fonte Maria, que não é tida como ferruginosa, pela analyse se reconheceo ser mais rica d'este principio do que a da fonte Paulina reputada como tal. — É limpida, transparente, incolor, de sabor picante e mui levemente hepatico, de cheiro mui pouco pronunciado de acido sulfhydrico. Reacção fracamente acida ao turnesol. Desprendimento gazoso contínuo, mas lento e dando pouca effervescencia. Temperatura de 20°, sendo o ambiente de 21°. Densidade 1,0008 sob a temperatura de 23° e pressão de 687^{mm}. Com o tempo depositão-se flocos avermelhados de oxydo de ferro. — Precipitou sómente pela agua de cal e de baryta, e pelo acetato de chumbo em branco; tingio-se de uma côr verde-garrafa pelo sulfhydrato de ammonia. Não deo resultado algum com o tannino, com o ferro-cyanuretp de potassio, com a solução chlorhydrica de acido arsenioso, com o nitro-prussiato de soda, com o ensaio da lamina de prata, nem finalmente com o emprego do processo sulfhydrometrico de Dupasquier.

A agua da *fonte Maria* forneceo por litro 0^{g},0710 de residuo fixo, composto de :

	gram.		gram.
Acido sulfurico	0,0007	Cal	0,0050
— silicico	0,0220	Magnesia	0,0025
— carbonico	0,0118	Chloro	0,0009
Sesquioxydo de ferro	0,0100	Materia organica e perda	0,0101
Potassa	0,0013		
Soda	0,0067		
			0,0710

Acido carbonico total	1,4808
— — combinado (bicarbonatos)	0,0346
— — livre	1,4462

As aguas gazosas da Campanha, tomadas como bebida, aproveitão nas affecções das vias digestivas, na dyspepsia, nas gastralgias, nas molestias do figado. A freguezia do Alambary, á vantagem de possuir essas aguas, reune a de clima muito temperado e de incontestavel salubridade. A estrada de ferro de Pedro Segundo, que do Rio de Janeiro chega ás vizinhanças da serra do Picú, facilita a viagem a essas aguas beneficas. As aguas gazosas da Campanha transportão-se

para as diversas localidades; sendo bem engarrafadas conservão as suas propriedades, e são uteis nas molestias pela mesma fórma como tomadas na fonte. Torno a dizer que as suas virtudes são as mesmas que as d'agua de Seltz, que, quasi toda não se bebe na fonte, porém sim transportada a grandes distancias. D'agua de Seltz expedem-se annualmente perto de dois milhões de botijas para todas as partes do mundo.

Cannas de Senhorim. V. *Felgueiras.*

Canavezes. Portugal; Douro. Sulfurosas quentes, 34° a 35°. Em um monte sobranceiro ao rio Tamega, proximo á villa de Canavezes.

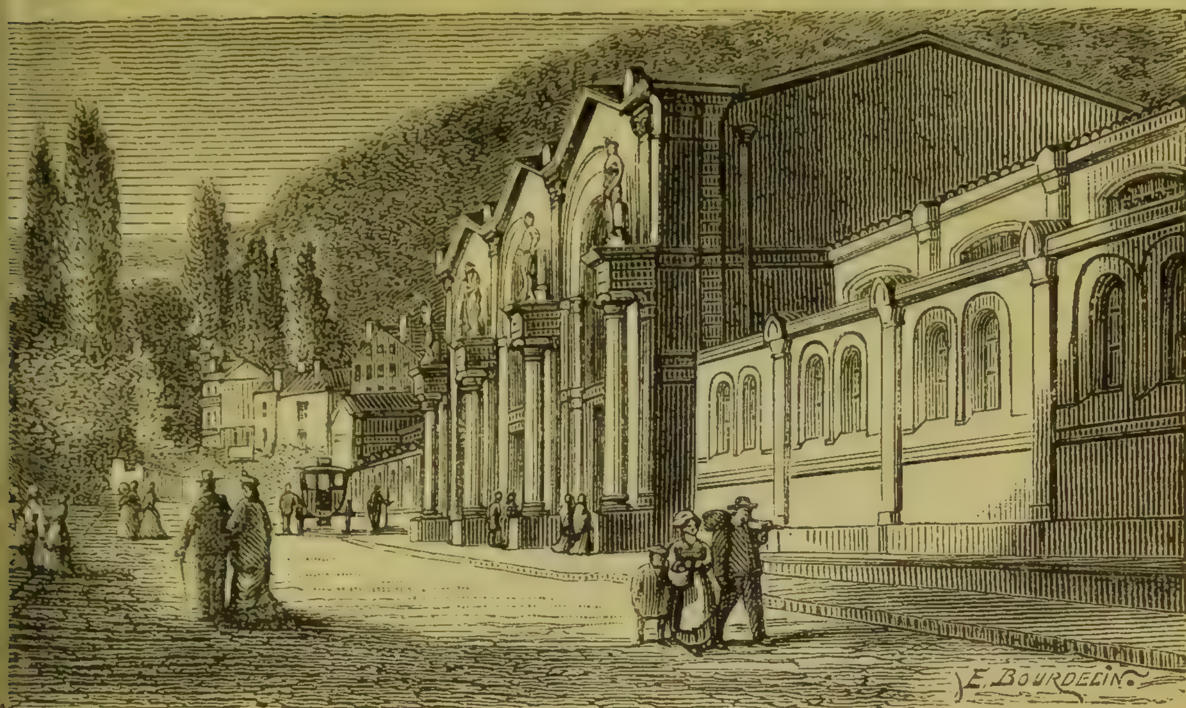
Capvern. França meridional. Aguas sulfatadas calcicas e ferruginosas, quasi tepidas; 24°. — Chloruretos de magnesio, de sodio, de cal; sulfatos de magnesia, de soda, de cal; subcarbonatos de magnesia, de cal; carbonato de ferro; silica; gazes : acido carbonico, oxygeneo, azoto; total dos principios fixos 2g,024 por litro. — A agua é limpida, levemente salgada, sem cheiro. — Estabelecimento thermal com banhos, duchas, injecções e bicas para beber agua. — Dyspepsia, areias, nevralgia do utero, gota, diabetes, affecções hemorrhoidaes, engurgitamentos do figado. — 1° de Maio ao 1° de Outubro. — Vai-se de Bordeos a Capvern pela estrada de ferro em 8 horas 45 minutos.

Carlão. Portugal. Traz os Montes. Entre o rio Tua e a villa de Murça. Aguas sulfureas e ferruginosas quentes. 33° a 34°.

Carlsbad. Bohemia, no Imperio d'Austria. Aguas salinas, alcalinas quentes. Ha 10 fontes principaes, cuja composição chimica é quasi a mesma; differem só pela temperatura que varía de 40° a 74°. A fonte *Sprudel,* a mais importante de todas, contém, por litro, 210 centimetros cubicos de gaz acido carbonico, e mais de 5 gram. de principios fixos, que são : sulfatos de potassa, de soda; carbonatos de soda, de cal, de magnesia; chlorureto de sodio; carbonatos de ferro, de magnesia; phosphato de alumina, de potassa; fluorureto de calcio; silica. Esguicha com fervura, com intermittencias; é limpida, sem cheiro, de sabor salgado, algum tanto alcalino. A sua temperatura (73°) exige um resfriamento de alguns minutos para uso interno. — Contão-se em Carlsbad tres estabelecimentos de banhos, alimentados pela agua mineral com o seu calor natural, ou com agua mineral arrefecida; 150 banheiras, banhos de vapor, banhos de lodo mineral; muitas piscinas, duchas variadas; banhos ferruginosos, e banhos de gaz acido carbonico. — A agua mineral bebe-se de manhã, na dóse de dois a seis copos, de 160 grammas, cada um, tomados com intervallos; a sua acção é sobretudo purgativa. — As molestias contra as quaes se empregão as aguas de Carlsbad, são : as affecções do tubo digestivo, a dyspepsia, a hypochondria, a gota, as areias, o diabetes, a cachexia palustre, as molestias do figado, calculos biliares, engurgitamentos do baço, rheumatismo chronico. A estação thermal dura de 15 de Junho a 15 de Outubro. — As aguas de Carlsbad transportão-se. O seu deposito no Rio de Janeiro existe em casa de E. e H. Laemmert, rua do Ouvidor, 66. — Itinerario : De Pariz a Eger, pela estrada de ferro, 32 horas; de Eger a Carlsbad em diligencia, 4 horas.

Carvalhal. Portugal; Beira alta. Sulfureas e levemente alcalinas. Temperatura das differentes nascentes 25° a 38°.

Cascaes. Portugal; Estremadura. Quatro legoas ao oeste de Lisboa, meia legoa antes da villa de Cascaes. Aguas salinas, frias e tepidas. O seu gosto é salobre. Contém os saes seguintes : chloruretos de sodio, de calcio, de magnesio; carbonatos de cal e de magnesia;

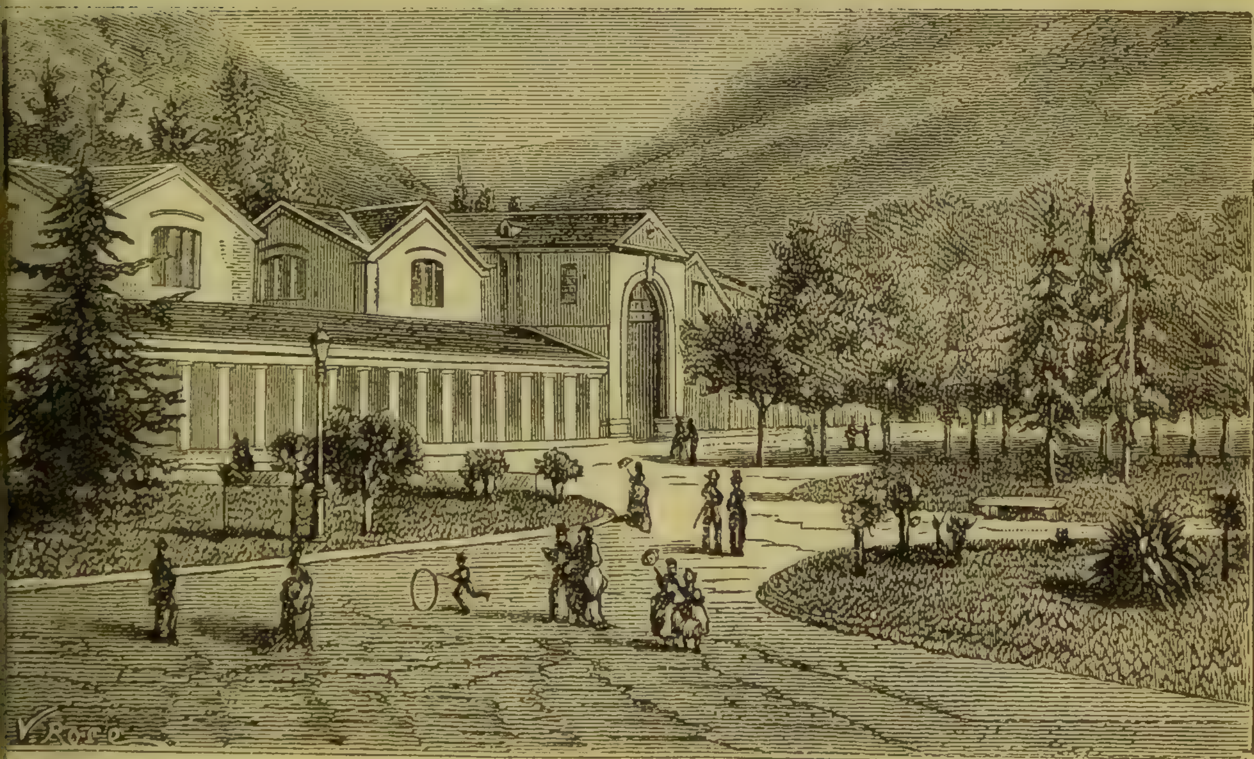


ROYAT (França)

Aguas alcalinas quentes

VISTA DO ESTABELECIMENTO THERMAL

(V. p. 224.)

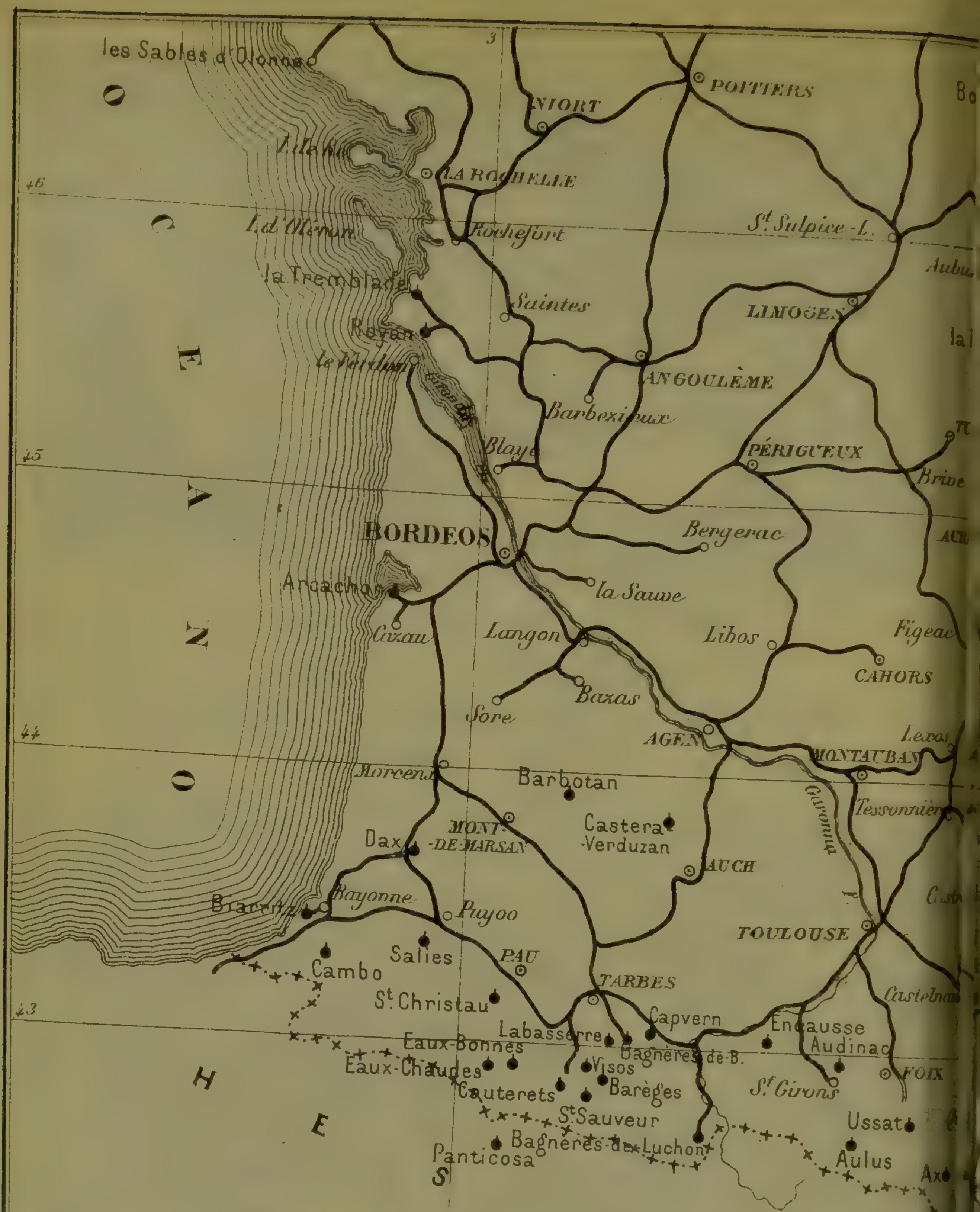


LUCHON (França)

Aguas sulfurosas quentes

VISTA DO ESTABELECIMENTO THERMAL

(V. p. 214.)



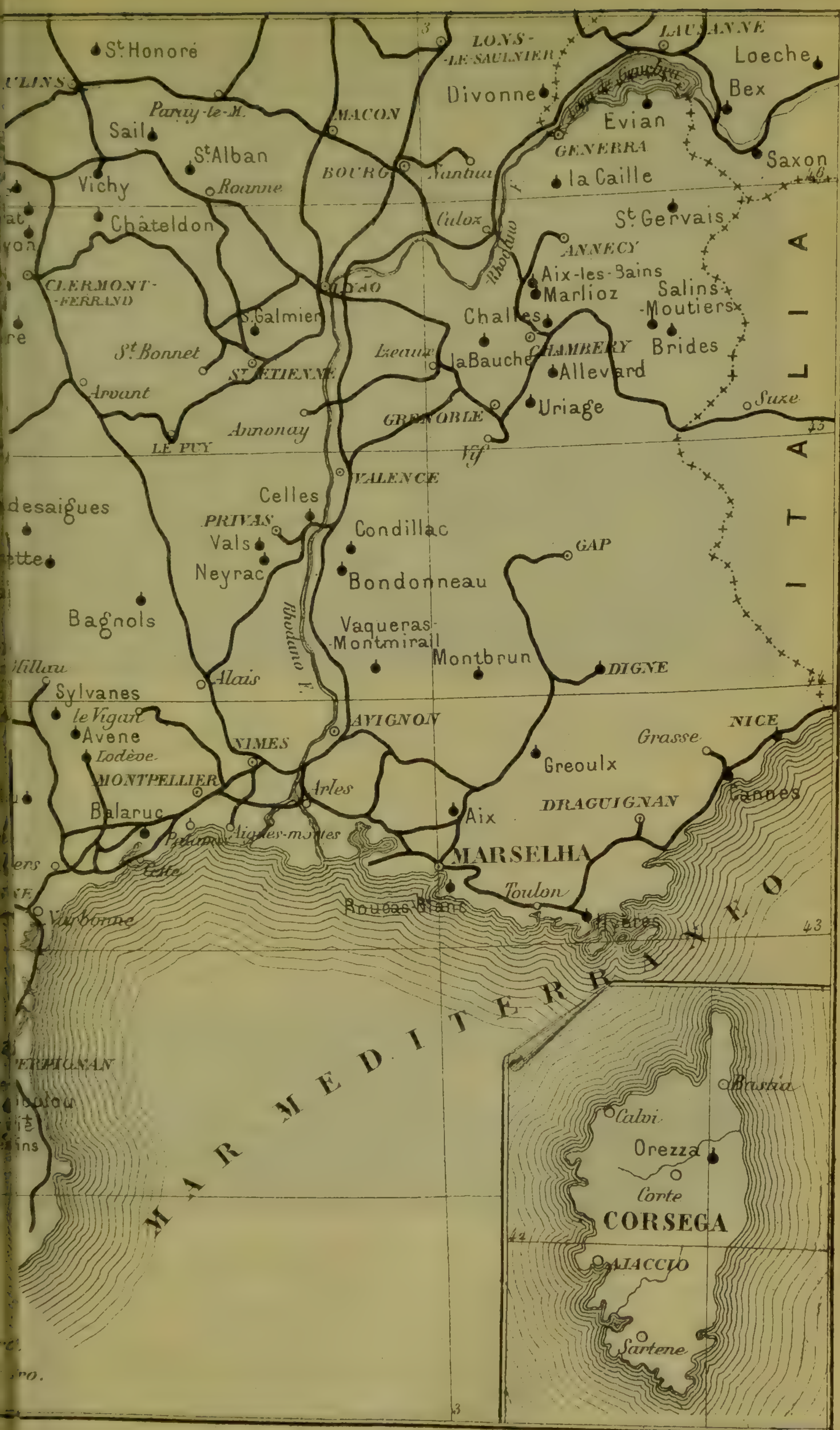
MAPPA BALNEARIO
da
FRANÇA CENTRAL
E
MERIDIONAL

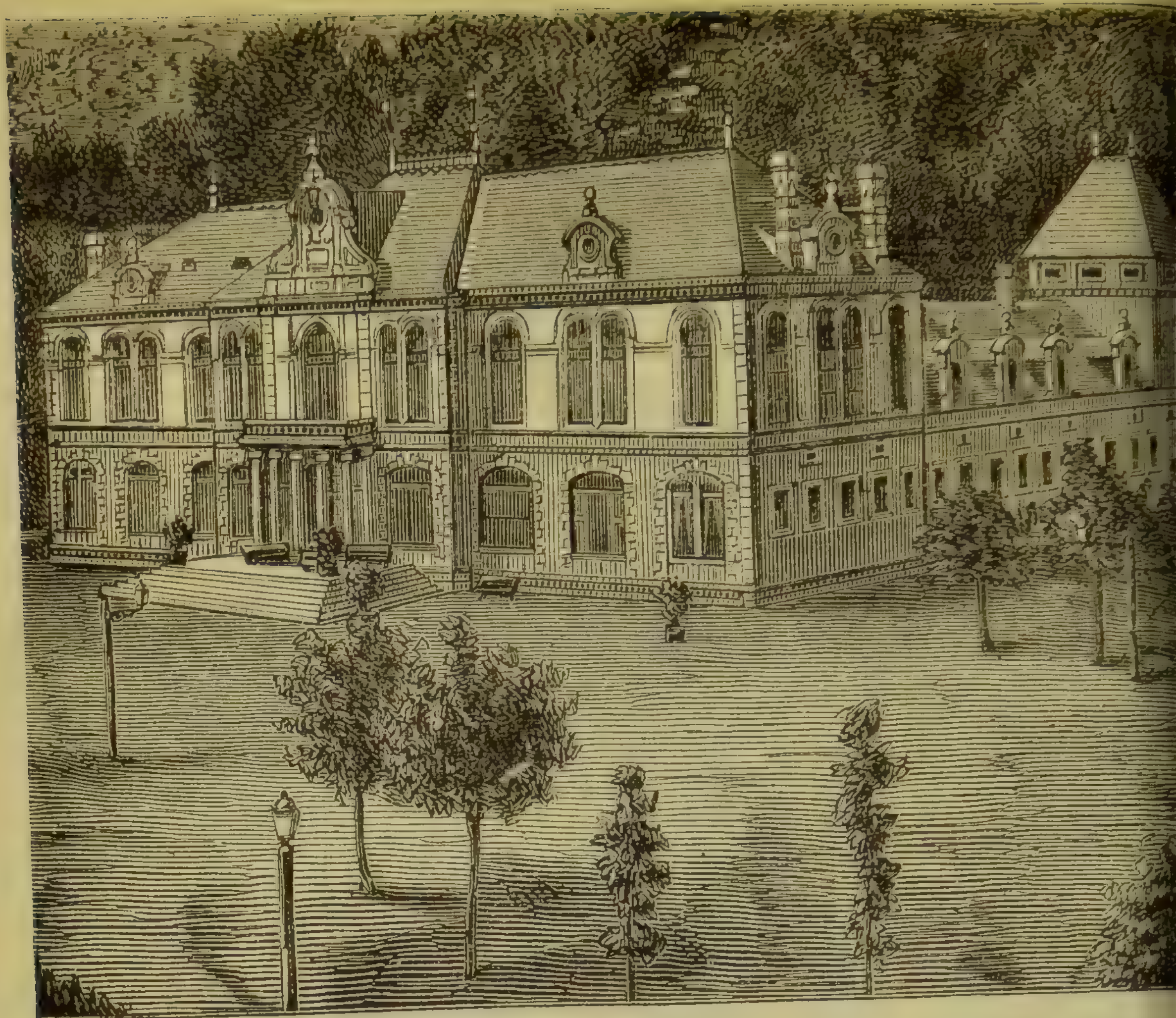
Estabelecido pelo

DR. CHERNOVIZ

1879

Gravé et Imp. chez A. Chaix et Cie. 20 r. Bergère, Paris. 9942 8.


St Honoré
Paray-le-M.
Sail
St Alban
Vichy
Roanne
Châteldon
CLERMONT-FERRAND
St Galmier
St Bonnet
ST ETIENNE
Arvant
LE PUY
Annonay
MACON
BOURG
Nantua
Culoz
LYÃO
LONS-LE-SAULNIER
Divonne
LAUSANNE
Loeche
Bex
Evian
GENEBRA
la Caille
Saxon
St Gervais
ANNECY
Aix-les-Bains
Marlioz
Salins-Moutiers
Challes
CHAMBERY
Brides
Allevard
laBauche
Uriage
GRENOBLE
Vif
Suze
ITALIA
VALENCE
Celles
PRIVAS
Vals
Neyrac
Condillac
Bondonneau
GAP
Bagnols
Vaqueras-Montmirail
Montbrun
DIGNE
Rhodano F.
Sylvanes
le Vigan
Avene
Lodève
Alais
AVIGNON
NIMES
MONTPELLIER
Arles
Balaruc
Aigues-mortes
Aix
Greoulx
Grasse
NICE
Cannes
DRAGUIGNAN
MARSELHA
Toulon
Hyères
Roucas Blanc
Narbonne
PERPIGNAN
MAR MEDITERRANEO
Bastia
Calvi
Orezza
Corte
CORSEGA
AJACCIO
Sartene
desaigues
43
44
45
46
0° de Paris.

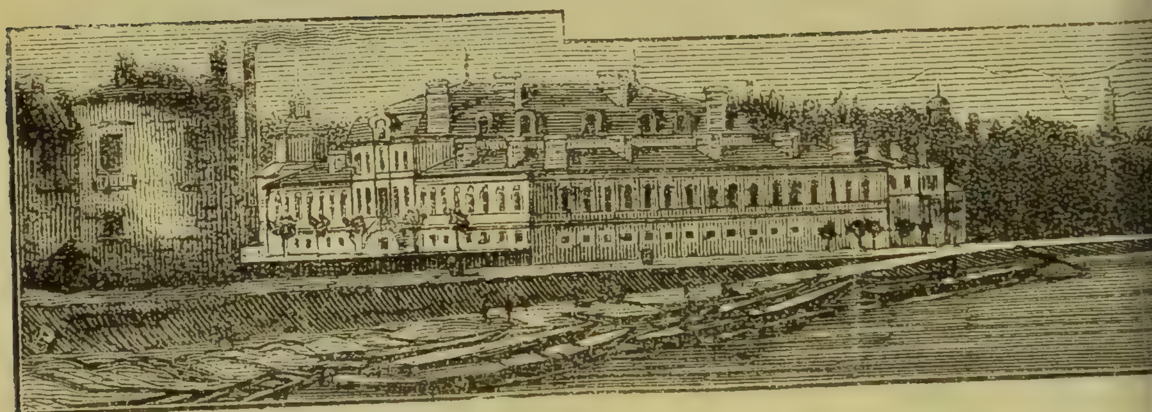


CAUTERETS (França)

Aguas sulfurosas-sodicas quentes

VISTA DO GRANDE ESTABELECIMENTO THERMAL

(V. p. 203.)



DAX (França)

Aguas salinas quentes

VISTA DO ESTABELECIMENTO BALNEARIO

(V. p. 204.)

ılfatos de cal e magnesia, silica. Tres fontes : 1ª *Fonte de Santo ntonio do Estoril.* A agua é fria, levemente salobra; contém por tro 1g,174 de saes. 2ª *Fonte da Poça.* Agua tepida; 27°. É clara, ılobra, transparente e inodora. 1 litro contém 3g,111 de saes. *Fonte do Estoril.* Agua tepida; 28°; é transparente, inodora, ılobra. 1 litro contém 3g,57 de saes.

Usão-se em banhos; convem nas escrophulas, molestias dos ossos arie, necrose) e nas molestias cutaneas. Existe perto da fonte da oça um pequeno estabelecimento mandado construir pela Camara unicipal de Cascaes, e perto da fonte do Estoril uma casa de anhos.

Castello de Vide. Portugal. Aguas alcalinas.

Cauterets. França meridional. Sulfurosas sodicas, quentes;)° a 55°. Doze principaes fontes, onze estabelecimentos, com gabietes de banhos, duchas, bicas para beber agua, salas de pulveriıção, inhalação e gargarejos, gabinetes com duchas locaes para enhoras, piscinas grandes e pequenas. O estabelecimento da fonte *es Oeufs* (Os ovos) contém uma grande piscina de 160 metros qua-rados com agua corrente de 27° a 30°. — As molestias, contra as quaes aguas de Cauterets se empregão, são as affecções chronicas das vias espiratorias, molestias da garganta, molestias cutaneas, escrophulas, ıeumatismo, gota, affecções das vias urinarias e do systema ner-)so, etc. — A fonte *Mahourat*, pelo silicato de soda que contém, util contra as areias. — 1° de Junho ao 1° de Outubro.

Itinerario : Estrada de ferro de Bordeos a Pierrefitte, 10 horas e 1/2; rro de Pierrefitte a Cauterets, 1 hora.

Caxambú. Brasil; Provincia de Minas Geraes, municipio de ıependy. Aguas gazosas frias, outr'ora *Aguas Santas*, hoje do *ıxambú*, a pouco mais de 1 legoa da cidade de Baependy. V. *Baendy.*

Challes. França. Aguas sulfurosas, alcalinas ioduradas e bro-ıradas, frias. — Sulfureto de sodio, carbonato de soda, bicarbo-to de cal, bicarbonato de magnesia, silicato de soda, iodureto de tassio, bromureto de sodio; ao total 0g,8461 de principios fixos r litro. — A agua é limpida, transparente, fresca, com leve cheiro hydrogeneo sulfureo. — Estabelecimento thermal com quartos banhos, apparelhos de hydrotherapia, bicas para beber agua. — crophulas, affecções das vias respiratorias, syphilis constitucional, tas, rheumatismos, molestias cutaneas. — 1° de Maio a 31 de tubro. — Itinerario de Pariz a Challes : Estrada de ferro de Pariz Chambery 13 horas e 20 minutos; carro de Chambery a Challes ia hora.

Chateldon. França, a 17 kilometros de Vichy. Aguas alcalinas ɔosas frias. — Bicarbonato de cal, bicarbonato de soda, acido carıico, etc. — Dyspepsia, affecções das vias digestivas. Não ha ıbelecimento thermal; a agua serve só para a exportação, e ıprega-se como bebida durante o jantar, pura ou misturada com ho.

Chaves. Portugal; Traz os Montes. Aguas alcalinas quentes. ıto das nascentes a temperatura das aguas varía entre 50° e cent. nas diversas epocas do anno. Na superficie d'ellas vem ılar muitas bolhas de gaz; o cheiro é semelhante ao da lixivia cinzas; o gosto salobro, deixando um leve amargo após si; a é diaphana. São conhecidas desde remota antiguidade, e ainda onservão algumas lapidas do tempo de Trajano, e são as celebres *as flavias.*

Mil grammas d'esta agua contém segundo a analyse do Sr. Dr. A. V. Lourenço :

	gram.		gram.
Sulfato de potassa	0,064296	Bicarbonato de magnesia	0,048437
Chlorureto de potassio	0,067660	Silica	0,096
— de sodio	0,014608	Oxydo de ferro	Vestigios
Bicarbonato de soda	1,439910	Alumina	Vestigios
Carbonato neutro de soda	0,404199	Materias organicas	Vestigios
Bicarbonato de cal	0,138240		

As aguas do concelho de Chaves são uteis nas dyspepsias, engurgitamentos do figado e baço, nas molestias cutaneas, no catarrho da bexiga, nas areias e na gota. Os banhos tomão-se em tinas, nas casas particulares. Por uma grande extensão de terreno, aonde quer que se cave com alguma profundidade, encontrão-se as aguas alcalinas com qualidades iguaes ás d'esta fonte.

Condillac. França. Agua gazosa e um pouco alcalina, fria. Sabor acidulo picante e agradavel. Contém, por litro, 1g,348 de acido carbonico livre, e 2g,181 de substancias fixas, que são : bicarbonatos de cal, de soda, de magnesia; silicato de cal e d'alumina; chlorureto de cal e sodio; sulfatos de soda e de cal; e oxydo de ferro. Bebe-se durante o jantar; é uma agua digestiva, util na dyspepsia, e nas affecções nervosas do estomago. Não ha em Condillac estabelecimento thermal; a agua só se exporta; não se altera com o tempo. Substitue a agua de Seltz natural.

Contendas. Brasil, Minas Geraes. É uma fazenda perto da estrada que conduz de Alambary á aldeia de Caxambú. Possue uma nascente d'agua gazosa.

Contrexeville. França. Aguas alcalinas frias. — Tres fontes. A fonte de *Pavillon,* a mais importante de todas, contém segundo a analyse de Debray, em 1864, acido carbonico livre; bicarbonatos de cal, de magnesia, de ferro, de lithia; sulfatos de soda, de cal, de magnesia; silica; chloruretos de sodio, de potassio; fluorureto de calcio; e vestigios de arsenico; total 2g,384 de principios fixos. A agua é fria, limpida, de sabor fresco, levemente acidulo, deixando um resaibo de tinta de escrever. — Um estabelecimento com hotel; salão de reunião, parque, etc., collocado no centro da aldeia, corresponde a todas as exigencias do curativo. Comprehende bicas para beber agua, 46 quartos de banhos, 4 duchas geraes, duchas vaginaes, duchas ascendentes, e semicupios d'agua corrente. — As molestias que se tratão em Contrexeville são : areias, catarrho vesical, engurgitamento da prostata, dysmenorrhea, metrite chronica, gota. — 15 de Junho a 15 de Setembro. — Transportadas; as aguas de Contrexeville conservão-se bem. O seu deposito, no Rio de Janeiro, acha-se em casa de E. e H. Laemmert, rua de Ouvidor, 66. — Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Neufchâteau, 10 horas; omnibus de Neufchâteau a Contrexville, 3 horas.

Cota. Portugal; Beira alta; perto de Vizeu. Aguas ferruginosas.

Cubatão. Brasil; provincia de Santa Catharina. Aguas simplesmente thermaes. 36° a 45°.

Cucos. V. *Torres-Vedras.*

Dax. França. Aguas sulfatadas calcicas, quentes. — Temperatura 31° a 61°, conforme as fontes. Limpidas, levemente alcalinas, de sabor pouco pronunciado. — Acido carbonico, oxygeneo, azoto; — sulfatos de cal, de magnesia, de soda, de potassa; chlorureto de

sodio; carbonatos de cal, de magnesia, de ferro, de manganez; silicato de cal; total dos principios fixos, por litro, 1g,0222. — As aguas de Dax empregão-se como bebida, mas sobretudo em banhos e banhos de lodo mineral; fazem-se tambem applicações topicas de lodo mineral. As piscinas de lodo são percorridas por correntes d'agua mineral, da temperatura de 25° a 45°. Ao lado das piscinas de lodo achão-se banheiras cheias d'agua ou duchas. As molestias que se tratão em Dax são rheumatismos, nevralgias e nevroses, hydarthrose, contracturas musculares, ankyloses incompletas, e paralysias. Ha um grande estabelecimento, de construcção recente, que contém organisação balnear completa; está aberto todo o anno, e pela sua atmosphera tepida, saturada de vapores mineraes, constitue, durante o inverno, uma morada curativa para as molestias de peito, dos bronchios e do larynge. — Vai-se de Bordeos a Dax directamente pela estrada de ferro em 3 horas e 24 minutos.

Eaux-Bonnes. França. Aguas sulfurosas frias e quentes., Cinco fontes principaes de 12° a 33°. A *fonte velha* contém, por litro 0g,571 de principios fixos, que são : sulfuretos de sodio, de calcio; chlorureto de sodio; silicato de soda; sulfatos de soda, de magnesia, de cal; silica, materia organica, e vestigios de borato de soda, de iodo, ferro e fluor. A agua é clara, limpida, unctuosa, de cheiro de ovos chocos, de sabor adocicado, e mui pouco desagradavel. As aguas de Eaux-Bonnes empregão-se sobretetudo como bebida, pouco em banhos. São efficazes contra a laryngite, bronchite, tisica, asthma. Ha dois estabelecimentos : um *estabelecimento thermal* com quartos de banhos, duchas pulverizadas para a garganta, pediluvios, bica para beber agua; outro, *estabelecimento d'Orteig* com uma installação hydrotherapica completa. — 1° de Junho a 15 de Setembro. Itinerario : Estrada de ferro de Bordeos a Pau, 5 horas e 22 minutos; omnibus de Pau a Eaux-Bonnes, 4 horas e 30 minutos.

Eaux-Chaudes. França. Aguas sulfurosas frias e quentes. Seis fontes. 10° a 36°. Contém sulfureto de sodio, sulfureto de calcio, e uma pequena porção de gaz hydrogeneo sulfureo. — Estabelecimento thermal com quartos de banhos, duchas, bica para beber agua. — Rheumatismo, nevralgias, gastralgias, affecções de utero, chlorose. — 1° de Junho ao 1° de Outubro. — Itinerario : Estrada de ferro de Bordeos a Pau 5 horas e 22 minutos; omnibus de Pau a Eaux-Chaudes, 5 horas.

Ems. Prussia. Aguas alcalinas quentes. Fontes numerosas, temperatura de 29° a 47°. As aguas são limpidas, sem cheiro, de sabor levemente salgado e picante; o sabor picante é devido ao gaz acido carbonico que contém. — Bicarbonato de soda; sulfato de soda; chlorureto de sodio; sulfato de potassa; bicarbonatos de cal, de magnesia, de ferro, de manganez, de estronciana e baryta; phosphato de alumina; silica; gaz acido carbonico livre. — Uma das fontes principaes, a fonte *Kesselbrunnen*, contém por litro, 3 gram. 1/2, de residuo fixo. — Nove estabelecimentos thermaes, sete dos quaes pertencem ao Estado; contém 160 quartos de banhos, duchas variadas, salas de respiração d'agua pulverizada. Em bebida, a agua toma-se na dóse de 2 a 6 copos por dia. — As molestias que se tratão com maior vantagem nas caldas de Ems são : affecções catarrhaes dos orgãos respiratorios, molestias das vias urinarias, affecções dos orgãos genitaes das senhoras, amenorrhea, dysmenorrhea, esterilidade, molestias das vias digestivas, nevroses diversas. — 1° de Maio ao 1° de Setembro. — Vai-se directamente de Pariz a Ems pela estrada de ferro em 16 horas.

Enghien. França, perto de Pariz. Aguas sulfureas frias. Bella localidade, sobre a margem de um lago, no meio de um sitio ameno, proximo da capital, com um estabelecimento balneario completo, acompanhado de tudo quanto exige a vida confortavel. — A agua contém carbonatos de potassa, soda, cal e magnesia; sulfato de cal; chlorureto de sodio; acido silicico; vestigios de oxydo de ferro; gazes : azoto, acido carbonico livre, acido sulfhydrico livre. — Total dos principios fixos 51 centigrammas. A agua é fria, de cheiro de hydrogeneo sulfureo, de sabor adocicado e um pouco alcalino; emprega-se em bebida, banhos, duchas, inhalações. Todas as fontes são reunidas n'um reservatorio commum, para serem distribuidas depois para a destinação dos banhos e das duchas. O estabelecimento thermal é preparado em vista de todas as applicações da medicação sulfurosa. A agua, para os banhos, aquece-se por meio de correntes de vapor. Duchas variadas, estufas, uma sala de inhalação, com todos os apparelhos de pulverização, uma sala de respiração, existem no estabelecimento. A hydrotherapia simples, a hydrotherapia sulfurosa possuem ali apparelhos e um gabinete separado. — As aguas de Enghien empregão-se nas molestias cutaneas (eczema, impetigo, acne, pityriase, lichen); nos rheumatismos, engurgitamentos articulares, nas molestias das vias respiratorias e sobretudo na asthma, na bronchite e laryngite chronicas. A estação thermal dura do 1° de Maio ao 1° de Setembro. Vai-se de Pariz a Enghien em 27 minutos, pela estrada de ferro.

Entre-os-Rios. Portugal; Minho. Sulfurosas frias. Tem um gosto e cheiro bem pronunciado de gaz acido sulfhydrico. Mil gram. d'esta agua deixão pela evaporação um residuo de $0^{g},321$, constituido pela silica, alumina, sulfatos e chloruretos alcalinos, de cal e magnesia, segundo a analyse do Sr. Dr. Lourenço.

Epsom. Inglaterra. Salinas frias. Sulfato de magnesia, vestigios de iodo e de bromo. Purgativas.

Estoril. V. *Cascaes.*

Évian. França. Sobre a margem do lago de Genebra. Aguas alcalinas fracas, frias. Contém, por litro, só 50 centigrammas de substancias fixas, segundo Brun, e 25 centigrammas segundo Barruel. Estas substancias são bicarbonato de cal, de magnesia e de soda. A agua é limpida, sem cheiro, de sabor agradavel; temperatura média 10°. O estabelecimento comprehende bicas para beber agua, 27 quartos de banhos, e uma installação hydrotherapica completa com duchas de differentes especies e serventes mui experimentados. O sitio é aprazivel; os hoteis confortaveis. As molestias, contra as quaes estas aguas se empregão, são : areias, catarrho da bexiga, engurgitamentos da prostata, gastralgias, molestias do estomago e dos intestinos. — 1° de Maio ao 1° de Outubro. — Itinerario de Pariz a Evian : Estrada de ferro até Genebra 15 horas; barca a vapor sobre o lago de Genebra a Evian, 3 horas.

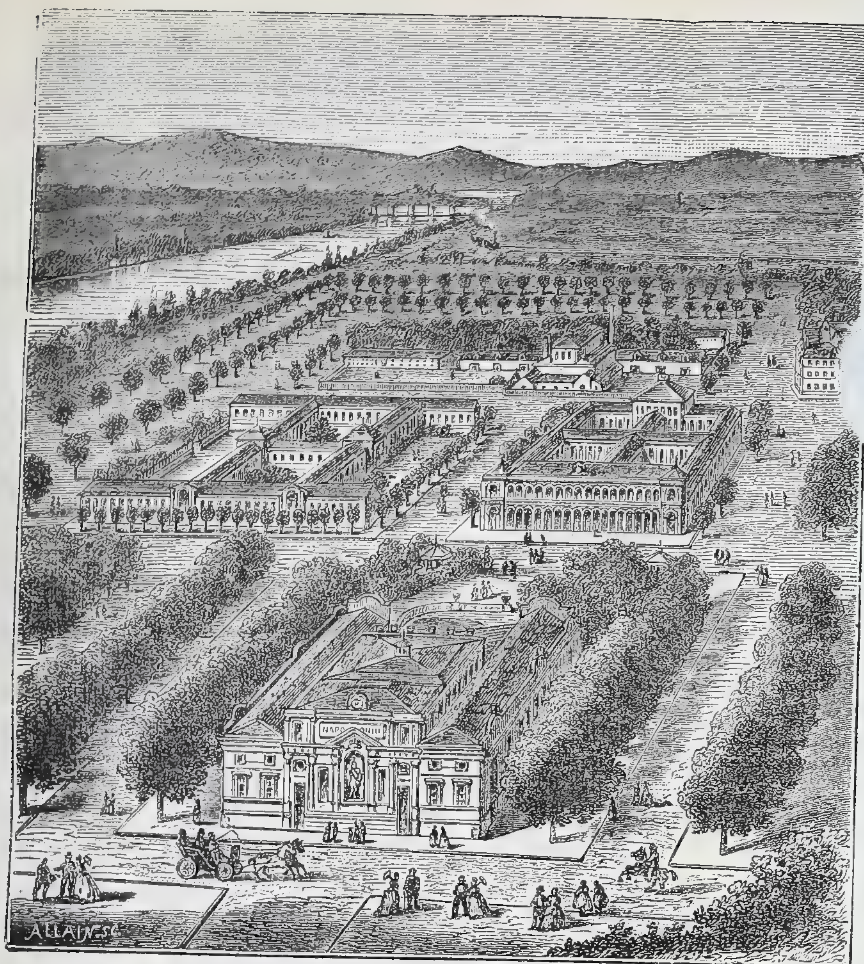
Felgueiras. Portugal; Beira alta. Aguas sulfurosas e salinas, quentes. Estão situadas a 500 metros ao norte da margem direita do rio Mondego, a 2 kilometros da villa de *Cannas de Senhorim*. São limpidas, de cheiro de ovos chocos. A temperatura varía de 32° a 35°. Segundo o Sr. Dr. Lourenço, mil grammas d'esta agua contém $0^{g},34467$ de residuo, formado de sulfatos e chloruretos alcalinos de cal e magnesia, silica, ferro e alumina. Ha um pequeno estabelecimento de banhos, com quartos e banheiras. Empregão-se nas molestias cutaneas.

Forges-les-Eaux. França, departamento de *Seine-Inférieure.*

FRANÇA SEPTENTRIONAL

E

BELGICA

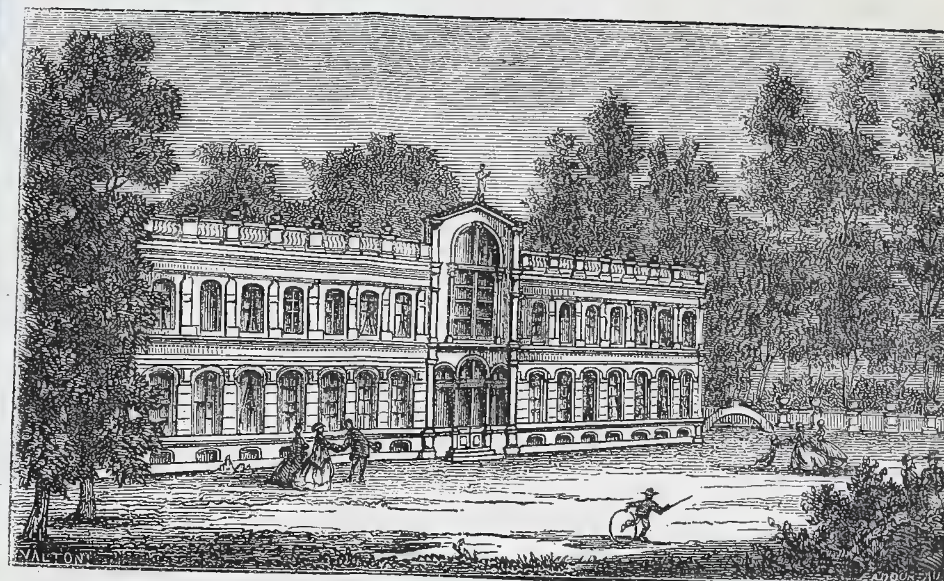


VICHY (França)

Aguas alcalinas quentes, tepides e frias

VISTA DO ESTABELECIMENTO THERMAL

(Veja-se a descripção, p. 231.)

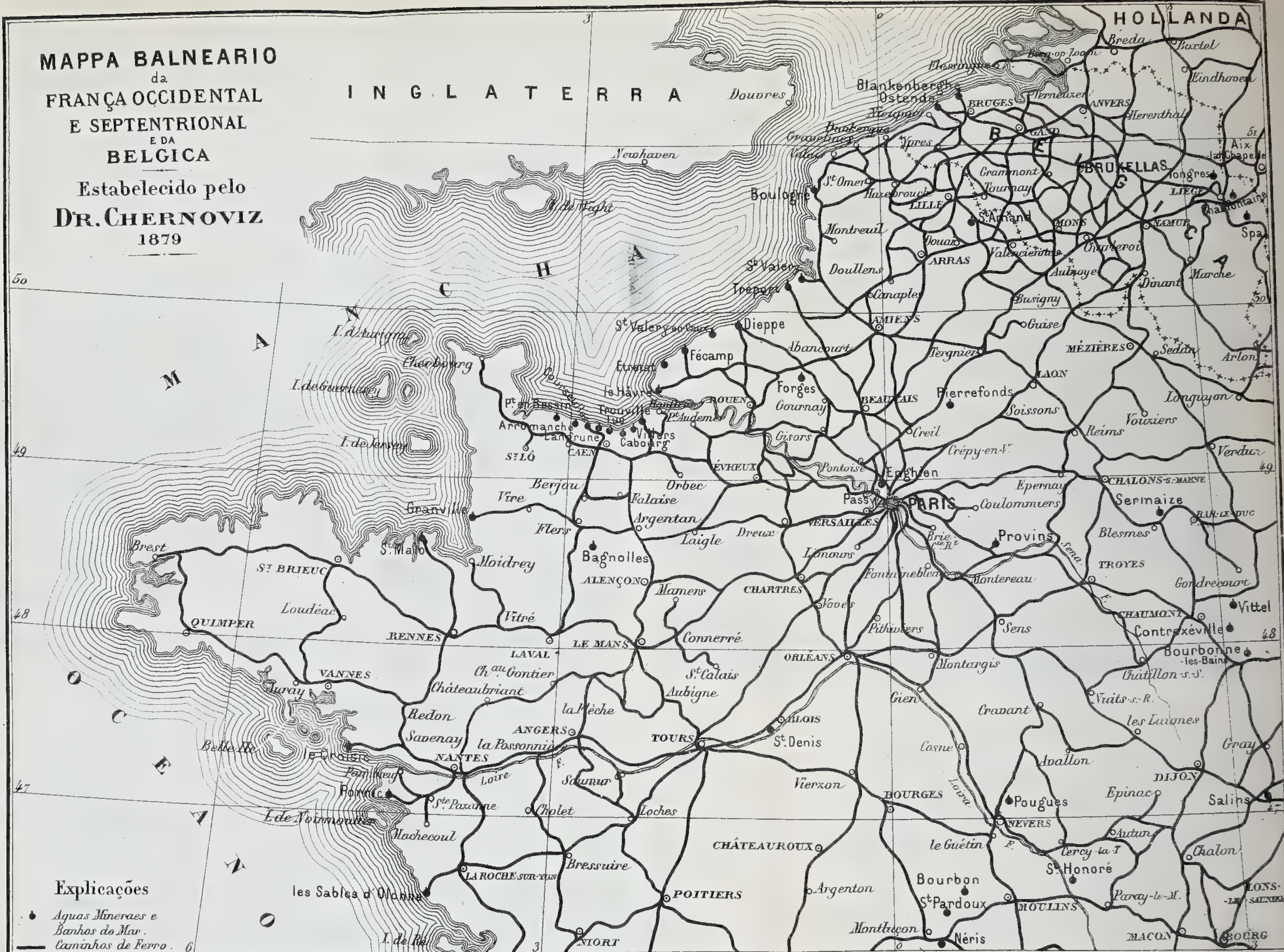


ENGHIEN (França)

Aguas sulfurosas frias

NOVO ESTABELECIMENTO DE BANHOS

(V. p. 206.)



Gravé et Imp. A. Chaix et Cie. 9938-7.

0° de Paris.

Aguas ferruginosas frias. Chlorose, anemia. Em bebida e banhos. Estabelecimento com bicas para beber agua, banheiras, duchas, e apparelhos hydrotherapicos. Vai-se directamente de Pariz a Forges pela estrada de ferro em 3 horas e 1/2.

Freixialinho. Portugal; Beira baixa. Aguas sulfurosas.

Friedrichshall. Allemanha; Saxe-Meiningen. Aguas salinas, purgativas, frias. Contém 25 grammas por litro de saes, que são : chlorureto de sodio, de magnesio; sulfatos de soda, de magnesia, de cal, de potassa, etc. Não ha estabelecimento thermal; as aguas só se exportão. O deposito d'esta agua no Rio de Janeiro, é em casa de E. e H. Laemmert, rua do Ouvidor, 66.

Furnas. Ilha de S. Miguel. Quasi 10 legoas ao nordeste de Ponta Delgada, capital da ilha, ha uma pequena aldeia chamada as *Furnas*, situada n'um espaçoso valle cercado de altas montanhas. No fim do valle, para o lado do sueste, ha uma pequena elevação a que chamão as *Caldeiras*. Ali ha numerosas fontes mineraes, umas são ferventes, outras só quentes, outras frias. A maior das *fontes ferventes* é a *Caldeira grande;* tem mais de 3 metros de circumferencia, e a sua profundidade é consideravel; a agua tem calor de escaldar, e sempre está no estado de fervura; lança de contínuo um vapor excessivamente sulfureo, e que muito se assemelha á polvora queimada; o gosto é picante; deposita um sedimento argiloso, levemente azulado. A alguns passos de distancia ha outra *fonte fervente*. Raras vezes se póde devisar a superficie da agua, em razão do mui denso vapor que a cobre. Outras pequenas caldeiras, borbulhando agua quente, existem umas perto de outras. Em muitas partes o chão é tão quente, que não se póde estar parado n'elle sem incommodo e mesmo dôr. Em muitos lugares está coberto de enxofre crú : uma peça de prata, exposta ao ar, em pouco tempo faz-se côr de ouro. As pessoas que regressão d'esses lugares, voltão impregnadas de gaz hydrogeneo sulfureo. A torrente da caldeira grande encaminha-se aos reservatorios, e, depois de arrefecida, serve para os banhos. Esta agua é classificada sulfurosa. Os banhos são empregados com proveito contra os rheumatismos chronicos, ankyloses incompletas, paralysias, retracções musculares, sciatica, molestias da pelle (lichen, eczema, herpes, psoriase e outras). Nas molestias da pelle convem não só empregar os banhos d'agua sulfurosa, mas tambem usar d'ella internamente, na dóse de 60 a 180 grammas por dia.

Adiante d'aquellas fontes quentes encontrão-se aguas mineraes de moderada temperatura e outras *frias*. A agua de algumas é crystallina e transparente; a de outras é turva, de côr alvacenta ou avermelhada. O seu gosto diversifica : em umas é forte, *sulfureo;* em outras *acidulo;* em umas é *ferruginoso;* outras são insipidas. Uma d'estas vertentes, denominada *fonte d'agua azeda*, sahe mansamente de uma bica de pedra, e cahe em uma bacia igualmente de pedra, e d'aqui, precipitando-se em fio pela borda da bacia, forma um pequeno regato no chão. A sua temperatura é de 16 gráos centigrados, sabor adstringente; contém gaz acido carbonico livre; carbonatos de ferro, de cal, de soda, sulfato e chlorhydrato de soda. Esta agua, usada internamente ou em banhos, actua como tonico e estimulante; isolada ou misturada com a sulfurea emprega-se com vantagem, em banhos, contra os rheumatismos chronicos e paralysias. Dá-se nas Furnas o nome de *quenturas* á mistura d'agua azeda com agua sulfurosa.

Em torno das fontes existem pequenas casas de dois comparti-

mentos, cada um com a sua banheira de pedra onde se tomão os banhos. Para moradia os doentes alugão pequenas casas, levando da cidade o trem necessario. Além d'estas, existe uma *Hospedaria*, onde ha bom tratamento. Ha um hospital estabelecido pelo Governo da ilha para os pobres. O Governo central mandou começar o edificio de um grande estabelecimento thermal.

Gastein. Austria, provincia de Salzburg. Aguas salinas fracas, quentes. As fontes são oito; a sua composição é identica; differem só pela temperatura : 32° a 49°. Contém, por litro, só 33 centigrammas (6 1/2 grãos) de principios fixos, que são : sulfato de soda, silica, sulfato de potassa, carbonato de cal, chlorureto de sodio, carbonato de magnesia, sulfato de lithia, phosphato de alumina, corbonato de ferro, e vestigios de arsenico. Os gazes são em pequena quantidade. Cem partes de gaz contém : acido carbonico, 5,887; oxygeneo, 29,010; azoto, 65,103. A agua é sem sabor, e muito diaphana. Estas aguas empregão-se sobretudo em banhos, pouco como bebida. O tratamento administra-se em treze hoteis; onde tudo está bem accommodado : banheiras, piscinas, duchas de toda a especie. Os banhos empregão-se nos rheumatismos, paralysias, impotencia viril, gastralgias, hysterismos, hypochondrias. Como bebida, produzem pouco effeito. A estação thermal dura do 1° de Junho a 15 de Setembro.

Itinerario de Pariz a Gastein : Estrada de ferro até Salzburg, 30 horas; diligencia de Salzburg até Gastein, 12 horas.

Gayeiras. Portugal; Estremadura. Aguas sulfurosas quentes 32°. Situadas entre as villas das Caldas da Rainha e de Obidos. Estão abandonadas apezar de serem da mesma especie que as das Caldas da Rainha.

Gavião. Portugal; Alemtejo. Aguas sulfureas e ferruginosas, frias.

Gerez. Portugal; Minho. Seis legoas ao norte de Braga, uma legoa acima do lugar Villar de Veiga, em uma baixa da serra do Gerez, nascem de uma penha por varias partes aguas quentes em grande abundancia, todas da mesma natureza, as quaes se ajuntão em diversos tanques expressamente construidos para banhos. As aguas são limpidas, crystallinas, sem cheiro, nem sabor algum diverso da pura agua da fonte depois de aquecida ao fogo. A temperatura varía conforme as fontes. Segundo as observações feitas em 9 de Setembro de 1850, pelo Sr. Visconde de Villa Maior, eis-aqui a temperatura dos diversos *banhos* do Gerez, quando a temperatura da atmosphera marcava 25°,5. — No banho chamado o *forte,* 49°; — banho *Figueira,* 46°; — *Contraforte*, 45°; — *Borges*, 41°; — *Biqueira de Páo,* onde se tomão duchas, 45°,5; — *Figado,* 42°; — *Duas bicas,* 40°; — *Fonte externa,* onde se enchem as garrafas, 44°; — *Santo Antonio,* 42°,5.

Examinada na origem com as tinturas reagentes esta agua não manifestou reacção alguma acida ou alcalina; agitada n'um frasco não indicou conter excesso algum de gaz em dissolução. Nos caneiros e bicas por onde corre deixa incrustações siliciosas. Concentrando-a não se manifesta deposito algum, á semelhança d'aquelle que se forma nas aguas que contém carbonatos terrosos e metallicos em dissolução. Quando pela ebullição se acha reduzida a um pequeno volume, apresenta reacção alcalina sobre o papel de turnesol vermelho. N'este ponto de concentração, sendo tratada por um acido, produz effervescencia devida á evolução do gaz acido carbonico. Continuando a evaporação da agua, observou o Sr. Visconde de Villa Maior que chegava um momento em que apparecia um residuo gelatinoso formado pela silica hydratada.

Segundo a analyse do mesmo distincto Chimico, 1 litro d'agua do Gerez contém :

	gram.		gram.
Acido carbonico	0,0260	Potassa	0,0164
— silicico	0,0653	Soda	0,0109
— sulfurico	0,0066		
Chloro	0,,118	Somma	0,1370

Á vista de tão pequena quantidade dos principios mineralizadores que contém as aguas do Gerez, não podem ser collocadas nem na classe das ferruginosas, nem alcalinas, nem acidulas gazosas; póde, portanto, dizer-se que os effeitos não devem ser attribuidos senão á sua calida temperatura, e ás condições hygienicas do lugar em que brotão, ou a que os doentes se submettem quando as bebem longe da fonte.

A analyse das incrustações siliciosas deo o seguinte resultado em 0g,805 de materia secca : silica 0,702; oxydo de ferro, cal, alumina, alcalis, juntos 0,103. Parte d'estes principios pertencem incontestavelmente ao granito dos canos, sobre que estavão adherentes as incrustações, e á argamaça da construcção, que destacando-se juntamente com aquellas, não foi possivel extremar de um modo conveniente. A densidade da agua é de 1,0008, pouco differente da agua commum.

A reputação das aguas do Gerez em Portugal é grande e antiga. Não ha ainda muitos annos que na estação propria acudião-lhe muitos enfermos, a maior parte d'elles sem conselho dos medicos; hoje são pouco frequentadas. As difficuldades do transporte, e a carencia das commodidades no lugar em que estão situadas, as torna de difficil emprego. Ha ali poucas casas, habitadas por pastores, e estas durante o inverno ficão abandonadas, porque, fóra da epoca dos banhos, ninguem reside n'aquelle lugar. (Artigo redigido segundo um folheto publicado em Lisboa em 1851, debaixo do titulo : *Analyse das aguas mineraes do Gerez,* pelo Sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel, hoje Visconde de Villa Maior).

Homburg. Allemanha. Aguas salinas, chloruretadas sodicas, e ferruginosas frias. 10° a 12°. Cinco fontes que possuem quasi a mesma composição. As mais empregadas são a *fonte Elisabeth* e a *fonte Luiza;* a agua é fria, limpida, de sabor salgado e picante. A *fonte Elisabeth* contém por litro 16 grammas de saes que são : chlorureto de sodio (9g,860); chloruretos de potassio, de lithio, de ammonio, de calcio, de magnesio; bromureto de magnesio; sulfatos de cal, de baryta, de estronciana; bicarbonatos de cal, de magnesia, de ferro, de manganez; phosphato de cal; acido silicico; acido carbonico livre. Na dóse de 3 a 4 copos é purgativa. A *fonte Luiza* contém menor quantidade de chlorureto de sodio, e maior de bicarbonato de ferro. As aguas de Homburg empregão-se em bebida, banhos e duchas; aos banhos ajuntão-se ordinariamente as aguas-mães de Kreuznach, fontes fortemente salinas, distantes poucas legoas de Homburg. Emprega-se tambem, em applicações externas, nas otites e ozenas, o gaz acido carbonico, que se desenvolve das fontes. Emfim recorre-se á medicação hydrotherapica. — Possue um esplendido estabelecimento thermal. — As molestias que se tratão são : affecções das vias digestivas, hypochondria, anemia, gota, escrophulas. — 15 de Maio a 15 de Setembro. — Vai-se de Pariz até Homburg pelo caminho de ferro em 17 horas.

Hunyadi-Janos. Hungria. Agua salina fria. A fonte brota n'uma planicie, nos arredores de Buda, capital da Hungria. A agua

é limpida, sem cheiro, de sabor amargo sem o resaibo salgado e desagradavel das outras aguas da mesma classe, porque contém uma proporção infinitamente menor de chlorureto de sodio. Os saes que predominão n'ella são o sulfato de magnesia e o sulfato de soda, dos quaes, por litro, contém cerca de 35 grammas sobre 43 de todos os saes reunidos. Isso explica o seu effeito purgativo debaixo de um pequeno volume : meio copo ou um quarto de copo, tomado de manhã ou no decurso do dia, basta para provocar uma ou duas evacuações. A agua não é gazosa; contém, porém gaz acido carbonico em dissolução, pelo que o estomago a supporta muito bem. As outras substancias que encerra são : chlorureto de sodio, sulfato de potassa, carbonato de soda, carbonato de cal, oxydo de ferro, alumina, acido silicico, carbonato de manganez, sulfato de cal, chlorureto de magnesio, azotato de magnesia, bromureto de magnesia, chlorureto de lithio. Convem nos engurgitamentos do figado e do baço, congestões da cabeça, erupções cutaneas chronicas, hemorrhoidas e prisões de ventre. — O deposito d'esta agua acha-se no Rio de Janeiro em casa de E. e H. Laemmert, rua do Ouvidor, 66.

Ischl. Austria. Agua salina fria. Esta agua torna-se salina artificialmente, fazendo chegar agua ordinaria ás minas de sal gemma, e deixando-a demorar-se ali bastante tempo para que se sature. Dá-se-lhe então o nome de *soole.* Depois, por meio das bombas, tira-se e dirige-se aos immensos reservatorios, onde uma parte d'ella é destinada para fazer sal, e outra para banhos. A *soole* é quasi inteiramente formada de chlorureto de sodio e de vestigios de ferro, silica, iodo e bromo; usa-se sobretudo em banhos, pouco como bebida. Os banhos não se administrão, com agua salgada pura, porém sim misturada com agua ordinaria; aproveitão nas escrophulas e molestias cutaneas. A sua acção é ajudada pelo uso interno do soro de leite, que se toma de manhã na dóse de tres a quatro copos. A estação de Ischl reune todos os annos muitas pessoas affectadas de molestias de peito, que vem pedir a cura ao bom clima e ás emanações salinas das aguas mineraes. O estabelecimento, onde se bebe o soro de leite, representa uma vasta galeria coberta. A estação thermal dura de 15 de Maio até ao fim de Setembro. Vai-se de Pariz a Ischl pela estrada de ferro em 32 horas.

Itapicurú. Brasil; provincia da Bahia. Aguas salinas quentes. A comarca de *Itapicurú,* dista quarenta e quatro legoas da cidade da Bahia. As vertentes de suas aguas mineraes achão-se situadas irregularmente pela margem do rio Itapicurú, em uma extensão de quasi onze legoas, e apresentão a temperatura superior á do ar ambiente. Os Srs. Dr. Eduardo Ferreira França, Dr. Ignacio Moreira do Passo, e Manoel Rodrigues da Silva, analysárão tres principaes vertentes d'estas aguas, e publicárão o resultado do seu trabalho no *Commercio,* jornal da Bahia (anno de 1843, n°s 115 e 116) : o que deixei dito, e o que segue é extrahido d'esta publicação.

Vertente da mãi d'agua do Sipó, distante da villa de Soure tres a quatro legoas, 10 a 11 metros da margem direita do rio Itapicurú. Esta agua não tem côr nem cheiro; o sabor é salino; a temperatura de 39° cent.; sahem d'ella continuadamente uma multidão de bolhas de gaz, que se reconheceo ser o ar atmospherico. 5 litros (170 onças) d'agua mineral contém em solução os corpos seguintes :

	gram.		gram.
Chlorureto de sodio	4,237	Carbonato de magnesia	0,120
— de calcio	0,150	Acido silicico	0,150
— de magnesio	0,217	Peroxydo de ferro	0,085
Sulfato de soda	0,045	Perda	0,508
Bicarbonato de soda	0,348	Total	5,961
Carbonato de cal	0,095		

Vertente de Mosquete, cinco legoas distante da villa da Missão da Saude, ao lado esquerdo do Rio Itapicurú. A agua é limpida e transparente, sem cheiro, nem sabor; a sua temperatura é de 36°. — 10 litros (340 onças) d'esta agua contém :

	gram.		gram.
Chlorureto de sodio	0,584	Carbonato de magnesia	0,260
Acido silicico	0,180	Perda	0,237
Sulfato de soda	0,015	Total	1,530
Carbonato de cal	0,254		

Vertente da villa de Itapicurú, outr'ora Missão da Saude, distante um quarto de legoa da villa de Itapicurú. A agua é limpida e transparente; sem cheiro; de sabor algum tanto salino; a sua temperatura é de 31° cent. — 5 litros (170 onças) d'esta agua contém :

	gram.		gram.
Chlorureto de sodio	0,935	Carbonato de magnesia	0,150
— de magnesio	0,152	Peroxydo de ferro vestigios	
Acido silicico	0,036	Materia organica destruida } Perda	0,206
Sulfato de soda	0,021		
Carbonato de cal	0,214	Total	1,714

Além d'estas aguas ha na comarca de Itapicurú outras, porém menos importantes, cujas vertentes são denominadas *Rio Quente, Ferventinho do Sabiá, Talhado, Olho d'agua*, e *Fonte da Lage*, que todas são mais ou menos quentes. Contém quasi as mesmas substancias; porém em mui pequena quantidade.

As aguas de Itapicurú aproveitão em banhos nos rheumatismos, ankyloses incompletas, molestias de pelle, paralysias; e internamente na gota, catarrho vesical, areias, engurgitamentos do figado e do baço.

Kissingen. Allemanha; Baviera. Aguas salinas, ferruginosas, gazosas, frias. Tres fontes principaes : *Rakoczy, Pandur*, e *Maxbrunnen*. Contém chloruretos de sodio e potassio; bromureto de sodio; azotato de soda; chloruretos de lithio e de magnesio; sulfato de magnesia; carbonato de magnesia; sulfato de cal; phosphato de cal; carbonato de cal e de ferro; acido silicico; ammoniaco; acido carbonico livre. A fonte *Rakoczy* não se toma senão como bebida; contém, por litro, 8g,551 de principios fixos; a agua é limpida, sem cheiro, de sabor salgado e acidulo; é laxativa. A agua da fonte *Pandur*, que contém, por litro, 8,006 de saes, serve para banhos e para bebida. A agua da fonte *Maxbrunnen* contém só, por litro, 3g,647 de principios fixos, constitue uma bebida que se toma durante o jantar. As molestias em que se empregão são : dyspepsia, prisão de ventre, obstrucções abdominaes, gota, nevralgias, nevroses, escrophulas. — A pouca distancia de Kissingen existem mais duas fontes mineraes; *Soolen* e *Schoenborn Sprudel*, que alimentão as salinas; contém muito maior proporção de sal marinho do que a

fonte *Rakoczy*, e usão-se em banhos. A agua da fonte *Soolen*, contém, por litro, 11g,5 de chlorureto de sodio. Fabrica-se, com a fonte *Schoenborn*, uma agua amarga (*Bitterwasser*), solução artificial dos seus crystaes salinos na agua de *Soolen;* é uma agua purgativa. — Existem em Kissingen estabelecimentos thermaes perfeitamente organizados; podem tambem tomar-se banhos em hoteis. — As aguas de Kissingen conservão-se sem alteração. O deposito da fonte *Rakoczy* existe no Rio de Janeiro, em casa de E. e H. Laemmert, rua do Ouvidor, 66.

Vai-se de Pariz a Kissingen em 16 horas pela estrada de ferro. — A estação thermal principia em 15 de Maio e acaba em 15 de Setembro.

Kreuznach. Prussia rhenana. Aguas salinas frias. A fonte *Elisenquelle*, a mais carregada de saes, contém, por litro, segundo Polstorf, 11g,838 de principios fixos, que são : chloruretos de sodio, de calcio, de magnesio, de potassio, de lithio; bromureto de sodio; iodureto de sodio; carbonatos de estronciana, de baryta, de magnesia, de ferro, de manganez; silica, alumina. O sabor da agua é sensivelmente salgado e ferruginoso; a agua não é gazosa; na dóse de um a tres copos é purgativa. Emprega-se sobretudo em banhos e duchas; pouco como bebida; nas escrophulas, molestias dos ossos, debilidade geral, amenorrhea, dysmenorrhea, cachexia syphilitica, molestias cutaneas. — A agua transportada conserva-se bem; o seu deposito no Rio de Janeiro, é em casa de E. e H. Laemmert, rua do Ouvidor, 66. — Vai-se de Pariz a Kreuznach pela estrada de ferro em 16 horas. A estação thermal dura de 15 de Maio a 15 de Setembro.

Lafões. V. *S. Pedro do Sul.*

Lagôa de Rodrigo de Freitas. Brasil; arrabalde do Rio de Janeiro. Agua ferruginosa fria. Eis-aqui a sua composição chimica, determinada pelo Dr. Miranda e Castro em 4 libras d'agua :

	grão		grão
Acido carbonico	0,5626	Proto-carbonato de ferro	1,4833
Chlorureto de calcio	quant. ind.	Silica	quant. indeterm.

Lamalou. França meridional. Aguas bicarbonatadas, sodicas, ferruginosas, arsenicaes, saturadas de gaz acido carbonico, quentes. — Principios dominantes : bicarbonatos de soda, de magnesia e de ferro; vestigios de arseniato de soda. — Tres fontes para beber ; *Lavernière*; temperatura 16°; mineralização, 2g,448. — *Capus*, 23°; mineralização, 0g,501. — *Bourges*, 26°; mineralização 1g,560.

Tres estabelecimentos de banhos : *Lamalou-o-baixo*, temperatura 35° nos banhos; 39° nas duchas; mineralização 2g,126. Duas grandes piscinas de natação, duas piscinas reservadas com duchas verticaes e horizontaes. — *Lamalou-do-centro*, temperatura 30°; mineralização 1g,491. Duas piscinas, uma galeria de banheiras, banhos de vapor, semicupios, duchas variadas e hydrotherapia. — *Lamalou-o-alto*, temperatura 29° para os banhos, 28° para as duchas. Duas piscinas communs, duas piscinas reservadas. — Os estabelecimentos estão abertos todo o anno.

Rheumatismos, nevralgias, chorea, ataxia locomotriz, atrophia muscular, paralysias, impotencia viril, chlorose, anemia, molestias uterinas.

Itinerario de Pariz a Lamalou . estrada de ferro de Pariz a Bedarieux, 22 horas; omnibus de Bedarieux a Lamalou 40 minutos.

Laranjeiras. Arrabalde do Rio de Janeiro. Agua ferruginosa fria. Sem côr, transparente, sem cheiro, sabor styptico, pouco sen-

sivel, temperatura 23° cent., quando a temperatura do ar atmospherico estava a 26°. O Dr. Miranda e Castro achou em 4 libras d'agua :

	grão		grão
Acido carbonico	0,1057	Proto-carbonato de ferro	0,2787
Chlorureto de calcio	quant. ind.	Silica	quant. indeterm.

Emprega-se na anemia e em todos os casos que necessitão o uso das preparações ferreas.

Lijó. Portugal; Minho. Nos lugares de *Mosqueiros* e *Gallegos*, da freguezia de Lijó, concelho de Barcellos, brotão a 50 metros de distancia nascentes d'agua sulfurea fria, limpida, de cheiro de ovos chocos. Mil grammas da agua da fonte de Mosqueiros derão, ao Sr. Dr. Agostinho Vicente Lourenço, 0g,00801 de acido sulfhydrico, e 0g,473 de residuo solido, formado de sulfatos e chloruretos alcalinos, de cal, magnesia, e pequena quantidade de ferro, alumina e silica. Calcula-se em 500 ou 600 o numero das pessoas que frequentão annualmente estas Caldas, que são especialmente recommendadas nas molestias cutaneas. Ha duas pequenas casas, uma em Mosqueiros e outra em Gallegos, onde existem tinas de madeira para os banhos. A agua é aquecida em caldeiras de cobre. A maior parte das pessoas tomão os banhos em casas particulares. Julga-se que o volume da agua não excede 50,000 litros em 24 horas. A estação dura desde os fins de Junho até fins de Outubro. A communicação mais commoda é por Barcellos, d'onde se póde ir em carruagem até ao lugar dos banhos.

Linhares. Portugal; Beira. Aguas sulfurosas frias.

Lisboa. Agua sulfurosa fria; borbulha junto ao *Caes da Areia*, na Praça do Commercio de Lisboa (*Agua do arsenal da Marinha*). É transparente, com cheiro de ovos chocos, sabor salino e levemente amargo, temperatura na nascente + 16° cent., estando a do ar ambiente a + 16° 1/2. Segundo a analyse publicada pela Sociedade Pharmaceutica de Lisboa, no Jornal da mesma Sociedade (t. I, pag. 24), tres kilogrammas e meio d'esta agua sulfurosa contém em dissolução, na temperatura de + 20° cent., e sob a pressão de 780 millimetros :

Gaz acido sulfhydrico	100 cent. cub.	Acido silicico	0,10 gram.
Gaz acido carbonico	260 — —	Sulfato calcico	1,70 gram.
Gaz azoto	43 — —	Sulfato magnesico	2,50 gram.
Chlorur. magnes.	11,51 gram.	Chlorureto sodico	54,00 gram.
Carbonato calcico	2,00 gram.	Vestigios de mater. organica gorda.	

Em 1868 a Administração da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, para aproveitar as aguas do Arsenal de Marinha, mandou construir um estabelecimento de banhos sulfurosos, no beco do Carvalho, perto do largo de S. Pedro. Este estabelecimento foi organisado pelo distincto Sr. Dr. Agostinho Vicente Lourenço, e tem o nome de *Banhos do Doutor Lourenço*. Contém 60 quartos onde diariamente se podem ministrar mil banhos. Os quartos tem uma ou duas tinas de zinco, forradas externamente de madeira envernizada. A agua vem do Poço do Arsenal para os banhos do estabelecimento, movida por uma bomba a vapor e conduzida por um encanamento de mil metros de extensão, feito de manilhas de barro vidrado. Custa cada banho sulfureo 400 réis. São gratuitos os banhos para os soldados, para os marinheiros e para os portadores de um attes-

tado de pobreza. Estes banhos aproveitão sobretudo nas molestias cutaneas.

Além das aguas do *Arsenal da Marinha,* ha em Lisboa *Aguas das Alcaçarias* (v. p. 187), e dois chafarizes d'agua mineral : o *Chafariz d'El-Rei,* e o *Chafariz de Andaluz.*

O *Chafariz d'El-Rei* está situado a 100 metros das Alcaçarias. É constituido por oito bicas alimentadas por diversas fontes; outras fontes abastecem a nona bica. D'estas aguas faz-se uso ordinario assim em bebida como de cozinha, bem que sejão tepidas (29°). Mil grammas d'esta agua deixão $0^{g},6442$ de residuo formado, segundo o Sr. Dr. Lourenço, de chlorureto de sodio, sulfatos de potassa e cal, carbonatos de cal e magnesia, oxydo de ferro.

As aguas do *Chafariz de Andaluz* brotão no largo de Andaluz. São salinas e frias (22°).

Loëche. Suissa. Aguas salinas sulfatadas quentes. Doze fontes, da temperatura de 44° a 51°, contém sulfatos de cal, de magnesia, de soda, de potassa, de estronciana; carbonatos de ferro, de magnesia, de cal; chlorureto de potassio; silica; total, 2 grammas por litro; gazes : azoto, acido carbonico, oxygeneo. As aguas são limpidas, não tem cheiro; o seu sabor é quasi nullo. Empregão-se em banhos; raras vezes como bebida. Tomão-se os banhos em piscinas podendo conter 30 a 40 pessoas. A agua das piscinas é mantida na temperatura de 34°,8; a duração dos banhos é de tres quartos de hora a 1 hora no primeiro dia, até 4, 5 e mesmo 6 horas de banho, em duas vezes, nos dias seguintes. Estes banhos applicão-se nas molestias cutaneas, nos rheumatismos, na syphilis antiga, nas molestias nervosas. A estação thermal dura do 1° de Junho ao fim de Setembro.

Itinerario de Pariz a Loëche : Estrada de ferro até Sion 20 horas; omnibus de Sion a Loëche, 6 horas.

Lucca. Italia Aguas salinas sulfatadas quentes. A temperatura das fontes varía de 31° a 56°. A agua é limpida, sem cheiro e quasi sem sabor. 1 litro da fonte *Barnabé,* a mais empregada de todas, contém só $2^{g},637$ de saes alcalinos, com a base de cal e de magnesia. — Cinco estabelecimentos de banhos, que se empregão contra os rheumatismos, gota e molestias cutaneas. A estação thermal dura do 1° de Maio ao 1° de Outubro. Itinerario. : de Pariz a Lucca pela estrada de ferro 37 horas; de Lucca aos banhos, de carro, 2 horas.

Luchon ou *Bagnères-de-Luchon.* França meridional. Aguas sulfurosas sodicas quentes; 49 fontes sulfurosas, cuja temperatura varía de 16° a 55°. Ha tambem fontes ferruginosas frias empregadas como bebida, e uma fonte salina fria. O estabelecimento thermal é importante, contém numerosas banheiras, duchas, banhos de vapor, estufas, salas de inhalação, de pulverização, de gargarejos, duas pequenas piscinas e uma grande piscina de natação. As aguas sulfurosas são limpidas, de sabor algum tanto nauseoso, de cheiro de ovos chocos, que passado algum tempo torna-se imperceptivel. Empregão-se nas affecções rheumatismaes, escrophulas, engurgitamentos glandulares, ulceras, fistulas, retracções dos musculos, molestias dos ossos, molestias cutaneas, morphea, syphilides, paralysias, bronchites, laryngites, asthma, tisica incipiente. É uma das estações thermaes mais concorrida. 1° de Junho a 15 de Outubro. Vai-se de Bordeos directamente a Luchon pela estrada de ferro em 9 horas e 35 minutos.

Luso. Portugal; Douro. Aguas acidulas gazosas e bicarbonatadas sodicas; temperadas. A agua é limpida, sem cheiro, de sabor levemente acre; de 25° a 27° centigrados de temperatura, segundo as

epocas do anno. Contém, por litro, 0,05917 grammas de residuo solido, formado de silica, chloruretos alcalinos, saes calcareos e magnesianos, e mui pequenas quantidades de alumina e ferro. No ponto de emergencia é mui notavel o desenvolvimento de gazes, que rebentão em bolhas na superficie do liquido; estes gazes consistem em acido carbonico e em um composto de oxygeneo e azoto. Ha dois bons hoteis e um estabelecimento balneario que contém nove quartos com duas banheiras cada um, um gabinete de leitura, e uma sala na qual se reunem á noite os banhistas. As banheiras são de marmore ou de azulejo. As aguas empregão-se quasi exclusivamente em banhos, pouco em bebida. Os banhos administrão-se d'agua tepida, de temperatura natural, ou aquecida por meio de maquina de vapor. São de proveito nas molestias seguintes : affecções cutaneas, areias, catarrho vesical, rheumatismos, conjunctivites escrophulosas, nevralgias, nevroses e diversas molestias chronicas. Muitas pessoas usão tambem d'estes banhos como simples meio hygienico, e vão a Luso, durante a estação calmosa, para gozar bom ar, grata tranquillidade e as singelas distracções do campo. — Luso está situado na encosta da pittoresca serra do Bussaco a 17 kilometros ao norte de Coimbra, a 7 kilometros da Mealhada estação do caminho de ferro; este ultimo espaço é percorrido por muitos carros, que transportão os passageiros ás chegadas e partidas dos comboios. Na serra do Bussaco, notavel pela matta de cedros, ha uma fonte d'agua ferrea fria, e na aldeia de Luso, junto dos banhos, acha-se uma fonte semelhante, que se emprega, em bebida, na chlorose, amenorrhea, e muitos outros estados anemicos. A aldeia abunda em excellentes aguas potaveis, é de uma salubridade notavel; acha-se cercada de vastos pinheiraes, cujas emanações resinosas se diffundem pelo ar ambiente. Por todos estes motivos, Luso é muito concorrido na estação balnearia, que dura do 1° de Maio até 15 de Novembro. No anno de 1875 o numero dos banhistas registrados era de 1304; sendo 731 homens e 573 senhoras. A concurrencia tem sobretudo augmentado desde 1866, epoca da nomeação de um medico director, o muito distincto Sr. Dr. Manoel Correia de Mello, que possue conhecimentos especiaes, e desempenha as suas attribuições com zelo e intelligencia.

Luxeuil. França. Possue 1 fonte d'agua ferruginosa fria (19°,6), 1 fonte d'agua ferruginosa tepida (27°,9), e 16 fontes d'aguas salinas quentes (30° a 56°). A composição chimica de umas e outras é a mesma; só differe na proporção das substancias; as fontes ferruginosas contém mais ferro do que as salinas; o sabor d'estas é levemente salgado, o sabor das ferruginosas é styptico. Eis-aqui as substancias que existem em todas as fontes : sesquicarbonato de potassa, sulfato de soda, chlorureto de sodio, carbonato de cal, carbonato de magnesia, fluorureto de calcio, alumina, sesquioxydo de ferro, oxydo rubro de manganez, acido silicico, vestigios de iodo e de arsenico. O estabelecimento thermal, restaurado e desenvolvido desde uma epoca bastante recente quando se tornou propriedade do Estado, contém 7 piscinas d'agua corrente, 18 banheiras simples, 38 banheiras com duchas, 2 grandes duchas, 4 duchas ascendentes, 19 duchas de injecções, 2 estufas, 8 bicas para beber agua mineral. A elegancia e o conforto achão-se ali reunidos. As aguas administrão-se em bebida, banhos, duchas, estufas e banhos de vapor nas molestias seguintes : anemia, gastralgia, dyspepsia, hypochondria, diarrheas rebeldes, cachexia

palustre, tumores brancos, affecções do utero, leucorrhea. A estação thermal dura do 1° de Maio até 15 de Outubro.

Itinerario : de Pariz a Saint-Loup, pela estrada de ferro, 9 horas e 40 minutos; carro de Saint-Loup a Luxeuil, hora e meia.

Maiorca. Portugal; Estremadura. Agua salina tepida; 28°. Não tem cheiro; o sabor é amargo, algum tanto salgado. Contém sulfato de magnesia, chlorhydrato de soda e de cal. Póde ser util em banhos nas mesmas molestias que as outras aguas salinas : rheumatismos, ankyloses incompletas, paralysias.

Manteigas. Portugal; Beira baixa. Aguas sulfurosas quentes.

Marcols. França. Aguas ferruginosas, gazosas, frias. Contém, por litro, carbonato de ferro, 0g,056; bicarbonato de soda 2g,460; bicarbonato de magnesia, 0g,259; bicarbonato de cal 0g,315; chlorureto de sodio, 0g, 203; sulfato de soda, 0g,042; silica, 0g,040. Total das substancias fixas : 3g,375. Contém, além d'isso, 1g,072 de gaz acido carbonico livre. A agua é fria, limpida, transparente, de sabor acidulo, picante, e ferreo. Não ha, em Marcols, estabelecimento thermal; a agua usa-se só transportada. Bebe-se pura ou misturada com vinho, ás refeições. Emprega-se em todas as molestias caracterizadas pela fraqueza. Esta agua conserva-se bem, e o seu uso estende-se cada dia mais.

Maria Viegas. Portugal; Alemtejo. Perto de Marvão. Agua sulfurosa fria.

Marienbad. Austria; Bohemia. Aguas salinas frias. Sete fontes. As duas que servem principalmente para beber são *Kreuzbrunnen* e *Ferdinandsbrunnen.* Para os banhos emprega-se sobretudo a *Marienquelle;* são todas frias; 8° a 11°. A fonte *Kreuzbrunnen*, contém, por litro, segundo Ragski, 9g,197 de principios fixos, e 1 gramma d'acido carbonico livre. O sulfato de soda é o principio dominante (4g,95); as outras substancias são : sulfato de potassa; chlorureto de sodio; bicarbonatos de soda, de lithia, de cal, de estronciana, de magnesia, de ferro, de manganez; phosphatos de alumina e de cal. A agua é limpida, gazosa, de sabor acidulo, picante e levemente salgado. A agua de *Ferdinandsbrunnen,* contém 10g,596 de principios fixos, os mesmos que a precedente, dos quaes 5g,05 de sulfato de soda; contem, além d'isto, 1g,96 de gaz acido carbonico livre. A fonte *Marienquelle* contém só 0g,13 por litro de materias fixas, porém muito gaz acido carbonico. Existem em Marienbad dois estabelecimentos de banhos com numerosas banheiras, gabinetes de duchas, banhos de vapor d'agua e de terebinthina. Vastos telheiros abrigão a turfa pantanosa destinada para os banhos de lodo mineral, que são tonicos e resolventes nas hypertrophias do figado e baço, e nas concreções gotosas. Internamente a agua toma-se na dóse de 4 a 5 copos de manhã; é purgativa. Goza de reputação contra a obesidade; usa-se tambem contra os enfartes abdominaes, gota e areias. A estação thermal dura do 1° de Junho a 15 de Setembro. Vai-se de Pariz a Marienbad directamente pela estrada de ferro em 36 horas e 15 minutos. A agua transportada conserva-se. O seu deposito, no Rio de Janeiro, é em casa de E. e H. Laemmert, rua do Ouvidor, 66. Quando a agua se demorou por algum tempo nas botijas que servem para a sua exportação, deixa depôr uma substancia amarellada composta de carbonato de cal, de magnesia e de oxydo de ferro.

Marlioz. França. Aguas sulfurosas frias. Situadas na vizinhança das aguas d'Aix-en-Savoie, a que servem de complemento. Possue um estabelecimento composto de duas salas de inhalação, de uma sala

d'agua pulverizada, com suas dependencias. As aguas de Marlioz empregão-se nas affecções das vias respiratorias.

Miers. França. Sulfatadas sodicas, frias. Aguas purgativas. Contém, por litro, 5g,371 de saes, de que 2g,675 de sulfato de soda. Dyspepsia, gastralgia, hemorrhoidas, affecções do figado, obesidade. As aguas usão-se sobretudo exportadas; não se alterão no transporte.

Moledo. Portugal; Traz-os-Montes. Aguas sulfureas quentes. Designão-se tambem pelos nomes de *Carvaceira* ou da *Rede*. Temperatura 36° a 38° conforme as nascentes. Tem o cheiro de ovos chócos. Além do gaz acido sulfhydrico, contém, por litro, 21 a 26 centigrammas de principios fixos, que são: sulfato de soda, chlorureto de sodio, bicarbonato de soda, sulfureto de sodio, bicarbonato de cal, bicarbonato de magnesia, silica e alumina. — Tem um estabelecimento thermal e uma hospedaria. Moledo fica a 66 kilometros da cidade do Porto e a 5 da Regoa, na margem direita do rio Douro. Tem as communicações fluviaes, e em diligencia por uma bella estrada que vai do Porto ao alto da provincia de Traz-os-Montes. O lugar é aprazivel, abastecido de boa agua, boa carne, muito peixe e excellente fructa.

Monchique. Portugal; Algarve. Aguas sulfurosas quentes. Distão 15 kilometros de Villa Nova de Portimão, e 5 kilometros da villa de Monchique, 32° a 33°. Na vizinhança existem aguas ferreas. Ha um estabelecimento de banhos, hospital para pobres, e quartos para os particulares. As piscinas forão modernamente reconstruidas. As aguas são diaphanas; exhalão um cheiro de ovos chócos, o sabor é francamente sulfuroso. Deixão 0g,2848 de residuo solido por litro, composto, segundo o Sr. Dr. Lourenço, de silica, chloruretos e sulfatos alcalinos, carbonatos de cal e magnesia. Aproveitão sobretudo nas molestias cutaneas. São concorridas por grande numero de pessoas das provincias do Algarve, do Alemtejo, e da Hespanha. A estação balnearia dura do 1° de Maio até ao 1° de Outubro.

Monsão. Portugal; Minho. Aguas salinas quentes. Tres são as nascentes que formão outros tantos banhos. A differença do calor em cada um dos banhos lhes deo os nomes de *Brando*, (temperatura 31°,75); *Contraforte* (39°); e *Forte* (43°,5). As aguas submettidas á experiencia pelo Sr. Dr. A. V. Lourenço, forão as do banho forte. São claras, agradaveis ao paladar e inodoras. Mil grammas d'agua deixão pela evaporação um residuo pesando 0g,4615, composto principalmente de chloruretos e sulfatos alcalinos e calcareos, e de silica. Os banhos d'estas aguas aproveitão nos rheumatismos, sciaticas, paralysias, ankyloses incompletas. Misturadas com leite de jumenta, estas aguas applicão-se internamente nas molestias de peito, dyspepsias, gastrites e enterites chronicas. Existem ali dois estabelecimentos: 1° *Therma*, que tem oito banheiras; 2° *Banho do Inglez*, casa que tem uma só banheira. Itinerario: De Lisboa a Braga pelo caminho de ferro; de Braga a Monsão em carruagem.

Mont-Dore. França. Aguas alcalinas, quentes e frias. Sete fontes, 6 quentes (38° á 45°), uma fria. Todas reunidas apresentão uma temperatura de 42° a 43°, e alimentão os banhos e as duchas. A fonte *Magdalena*, de 45° de temperatura, serve para bebida. As aguas são limpidas e muito transparentes; no fim de certo tempo, ao contacto do ar, cobrem-se de uma pellicula de muitas côres e tornão-se levemente turvas. O sabor é picante, sensivelmente alcalino nas fontes *Magdalena* e *Cesar*, ferruginoso nas fontes *Ramond* e *Rigny*; depois de frias, parecem salgadas.

Eis-aqui a composição da fonte *Magdalena*, segundo a analyse de Lefort em 1862.

	gram.		gram.
Acido carbonico livre	0,3522	Sulfato de soda	0,0761
Bicarbonato de soda	0,5362	Arseniato de soda	0,00096
— de potassa	0,0309	Borato de soda	vestig.
— de lithia	vestig.	Acido silicico	1,1654
— de cal	0,3423	Alumina	0,0112
— de magnesia	0,1757	Materia organica bituminosa	vestig.
— de ferro	0,0207		
— de manganez	vestig.		
Chlorureto de sodio	0,3685	Total	2,08016

Existe em Mont-Dore um grande estabelecimento thermal, com 63 quartos de banho, dos quaes muitos com duchas, 2 grandes piscinas, 2 pequenas, seis salas de inhalação, duas de pulverização. As aguas administrão-se em bebida, banhos, duchas, e sob a fórma de vapor, nas molestias seguintes : rheumatismos, escrophulas, paralysias, affecções das vias respiratorias, bronchite, asthma, laryngite, aphonia, tisica. A estação thermal dura de 15 de Junho a 15 de Setembro.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Clermont, 9 1/4 horas; omnibus de Clermont a Mont-Dore, 5 a 6 horas.

Monte-Catini. Italia. Aguas salinas tepidas. — Muitas fontes, contendo os mesmos elementos salinos; só as proporções é que varíão. — A fonte *Tettucio,* contém, por litro, 8g,508 de saes, de que 6g,572 de chlorureto de sodio. A agua é clara, transparente, um pouco gazosa; de sabor levemente salgado. Emprega-se em bebida, banhos, e duchas, nos diversos estabelecimentos, cujos principaes são as thermas de *Leopoldo* e da *Torreta.* As molestias que ali se tratão são : engurgitamentos do figado e do baço, hemorrhoidas, catarrho vesical. Perto de Monte-Catini existe uma grande caverna chamada *gruta de Monsummano,* que contém uma fonte d'agua alcalina, cujos vapores se espalhão na atmosphera, e servem para banhos de vapor naturaes, contra os rheumatismos. Vai-se de Pariz a Monte-Catini pela estrada de ferro em 36 horas.

Monte do Cubatão. Brasil; provincia de Santa Catharina. Aguas simplesmente thermaes, 36°. V. p. 185.

Monte de Pedra. Portugal; Alemtejo. Aguas sulfurosas frias.

Monte Real. Portugal; Estremadura. Aguas sulfurosas e salinas frias.

Nauheim. Allemanha. Aguas salinas quentes; 21° a 39°. A agua é clara, limpida, sem cheiro, de sabor amargo e salgado. A fonte Kurbrunnen, que é a principal, contém 17g,444 de principios fixos, de que 14g,200 de chlorureto de sodio; contém tambem bromureto de magnesio. Emprega-se como bebida e em banhos principalmente contra as escrophulas. Estas caldas são pouco frequentadas. Vai-se de Pariz a Nauheim pela estrada de ferro em 17 1/2 horas.

Néris. França. Aguas bicarbonatadas quentes. Temperatura de 49° a 53°, conforme os poços. A agua é limpida, sem cheiro e sem sabor. A agua do poço *Cesar* contém, por litro, 1g,2657 de principios, que são : bicarbonatos de soda, de potassa, de magnesia, de cal, de ferro, de manganez; sulfato de soda; chlorureto de sodio; iodureto de sodio; silica; e acido carbonico livre. A analyse do poço *da Cruz,* que serve para bebida, não differe essencialmente da fonte *Cesar.* Dois immensos tanques se achão dispostos, um para a refri-

geração da agua thermal, outro para o desenvolvimento das plantas, da classe das algas, destinadas á applicação local nos engurgitamentos articulares. Ha em Néris dois estabelecimentos thermaes e um hospital. O *grande estabelecimento*, organizado e dirigido com rara perfeição, contém 58 quartos de banho com banheiras de marmore e duchas vaginaes; quatro piscinas, duas para senhoras e duas para homens; banhos de vapor, todos os apparelhos hydrotherapicos, e uma cama para maçadura. As Aguas de Néris empregão-se sobretudo externamente, pouco como bebida, nas molestias seguintes : rheumastismo chronico, rheumatismo nodoso, nevralgias, hysterismo, affecções do utero, molestias cutaneas. A estação thermal dura de 15 de Maio a 15 de Setembro.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Montluçon 9 1/4 horas. Carro de Montluçon a Néris 45 minutos.

Niederbronn. Prussia. Aguas salinas frias. 18°. Sabor salgado. 1 litro contém 4g,62 de saes, de que 3 grammas de chlorureto de sodio, os outros saes são : chloruretos de calcio, magnesio, potassio, lithio; carbonatos de cal, magnesia, ferro; sulfato de cal; bromureto de sodio; silica; alumina, e vestigios mui pequenos de acido arsenioso. Na dóse de 5 a 6 copos, produz um effeito laxativo; é a base da indicação em Niederbronn. Estas aguas são aconselhadas, em bebida e banhos, nas affecções hemorrhoidaes, hypertrophia do figado, calculos biliares, molestias de pelle, rheumatismos. Não ha ali estabelecimento de banhos; estes tomão-se nos hoteis. — Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Niederbronn mesmo, 12 horas e 40 minutos.

Obidos. Portugal; Estremadura. Aguas salino-sulfurosas tepidas. Duas fontes : *Fonte dos Arrabidos;* 29°; e *Fonte de Obidos;* 27°. A primeira contém 2g,564 de saes, a segunda 2g,7325, segundo o Sr. Dr. Lourenço. Os saes são : o chlorureto de sodio; sulfato de soda, potassa, cal e magnesia; carbonatos de cal e magnesia; silica. São pouco aproveitadas.

Orezza. Ilha de Corsega. Agua ferruginosa gazosa, fria. Contém, por litro, 128 milligrammas (2 1/2 grãos) de carbonato de ferro, e 1g,248 de gaz acido carbonico. É limpida, de sabor acidulo; parece ferver quando sae da fonte; ao deitar no copo levanta bolhas como o vinho de Champanha. Exporta-se para differentes paizes; e é util na chlorose, amenorrhea, gastralgia, em todas as molestias que precisão da medicação tonica.

Ouguella. Portugal; Alemtejo, comarca de Elvas. Agua gazosa fria. É crystallina, sem cheiro; de sabor azedo, aspero e custoso de supportar, que perde conservando-se em vasos abertos, e faz-se potavel. Não obstante quasi ninguem a bebe; não cose bem os legumes nem a carne, ficando esta e aquelles duros e incapazes de se comer. Além do gaz acido carbonico com excesso e livre, contém silica, chlorureto de sodio, sulfato de soda, nitrato de soda e cal, carbonato de soda e de magnesia, total 0g,7849 de residuo solido por litro, segundo o exame feito na escola polytechnica de Lisboa.

Padreiro. Portugal; Minho. Aguas sulfurosas frias. Duas fontes nas margens esquerda e direita do rio Lima.

Pajehú de Flores. Brasil; provincia de Pernambuco. Aguas gazosas.

Pariz, no bairro de *Belleville.* Aguas sulfurosas frias. Molestias cutaneas, do larynge e dos bronchios. Bello estabelecimento, construido em 1876, aberto todo o anno.

Parnaguá. Brasil; Piauhy. Aguas ferreas.

Passy. França; n'um bairro de Pariz, chamado *Passy*. Agua ferruginosa fria. É limpida, de sabor estyptico. Contém, por litro, 412 milligrammas (8 grãos) de peroxydo de ferro. Usa-se, como bebida, na chlorose, gastralgia, e nas molestias caracterizadas pela fraqueza.

Pedras Salgadas. Portugal; Provincia de Traz-os-Montes. Aguas alcalinas gazosas frias. Estão situadas a alguns kilometros de Villa Pouca d'Aguiar, na margem esquerda da antiga estrada de Villa Real a Chaves, distando da actual estrada real 400 metros aproximadamente, para onde se segue por uma estrada municipal. N'uma extensão de 200 metros tem apparecido varias nascentes das quaes já estão aproveitadas seis. As quatro que forão analysadas são *Penedo, Rebordechão, Rio e Estrada.* Todas estas aguas são frias, e ultimamente explorárão-se mais duas nascentes que fornecem agua em grande abundancia e de qualidade igual ás já exploradas, a qual é destinada á alimentação dos banhos.

A nascente do *Penedo*, a mais importante de todas, brota debaixo de uma grande massa de pedra. A agua é incolor, de fraquissimo ou nenhum cheiro, de gosto salobro e picante, depõe ao ar, no fim de algum tempo, precipitado notavel de carbonatos terrosos, desprendendo-se espontaneamente do liquido grande numero de bolhas de acido carbonico. Dá reacção fracamente acida com o papel azul de turnesol, porém mais tarde, depois de perder grande parte do gaz dissolvido, torna-se fortemente alcalina. Densidade, 1,002130 a 24° centigrados. Surde esta nascente, a mais elevada de todas em nivel, um pouco abaixo do solo; sahem as aguas acompanhadas de numerosas bolhas de gaz, que simulão a ebullição do liquido, deixando nos sitios em que se evaporão, quantidade de sedimentos salinos esbranquiçados, compostos essencialmente de carbonatos alcalinos e terrosos. A temperatura da agua avaliada junto á origem foi de 19,4 cent., sendo a do ar 25,9 (17 de Setembro de 1870). O volume do liquido despendido por hora é de 20 a 21 litros, correspondendo o gaz exhalado a pouco mais de 100 centimetros cubicos no mesmo tempo. (Extrahido do *Rélatorio* da Commissão medica que foi nomeada em 1870 para dar o seu parecer sobre as Aguas das Pedras Salgadas. A Commisão compunha-se dos Srs. Drs. Manoel Nicoláo de Bettencourt Pitta, Jozé Dionysio Correia, e Bernardino Antonio Gomes, relator).

Eis-aqui o resultado da analyse d'estas aguas, feita pelo Sr. José Julio Rodrigues, Lente de chimica da Escola polytechnica de Lisboa, e pelo Preparador da mesma Escola, o Sr. Alexandre Bayer.

Mil grammas d'esta agua contém :

	gram.		gram.
Bicarbonato de soda	1,838 595	Chlorureto de potassio	0,037 719
— de lithina	0,015 415	— de sodio	0,043 358
— de magnes.	0,157 332	Azotato de soda	0,038 462
— de cal	0,619 743	Arsenito de soda	0,001 892
— de estronc.	0,001 214	Arseniato de alumina	0,000 403
— de baryta	0,000 409	Phosphato de alumina	0,000 274
— de ferro	0,021 161	Alumina	0,000 751
— de mangan.	0,002 320	Silica	0,086 349
Sulfato de potassa	0,044 813	Acido carbonico	1,185 089
		Somma	4,095 299

Nascente de Rebordechão, distante quasi 200 metros da nascente do Penedo, descorberta em 1870. Agua limpida, fria, de sabor leve-

mente acido e picante, mais tarde, demorando e agitando a agua na bocca, um pouco solobra e alcalina. Temperatura no dia 4 de Agosto de 1871, 12°,6, indicando o thermometro centigrado ao ar e á sombra 18°,2. A nascente despende 34 litros d'agua por hora.

Eis-aqui a composição chimica d'esta nascente, determinada pela analyse do Sr. José Julio Rodrigues, Lente de chimica na Escola polytechnica de Lisboa.

Mil grammas d'esta agua contém :

	gram.		gram.
Bicarbonato de soda	1,791 587	Chlorureto de potassio	0,056 779
— de lithina	0,008 434	— de sodio	0,013 481
— de magnes.	0,149 562	Azotato de soda	0,008 788
— de cal	0,570 050	Phosphato de alumina	0,000 590
— de estronc.	0,001 545	Alumina	0,001 842
— de baryta	0,000 470	Silica	0,071 907
— de ferro	0,022 862	Acido carbonico livre	1,865 914
— de mangan.	0,002 923	Arsenico	vestigios.
Sulfato de potassa	0,003 680	Materias organicas	vestigios.
		Somma	4,570 414

Esta agua possue mais acido carbonico, carbonato de ferro e de manganez, do que a nascente do Penedo. Como agua mineral gazosa, é uma das mais importantes de Portugal.

Nascente do Rio, é semelhante á de Rebordechão, e mais rica do que esta em acido carbonico livre.

Nascente da Estrada. Semelhante á do Penedo, da qual dista 17 metros.

As aguas das Pedras Salgadas em pouco tempo tem adquirido celebridade, e são destinadas a ter grande concurso dos doentes por causa das suas propriedades medicinaes. O clima é salubre e ha commodidade de communicações, pois que a viagem de Lisboa póde fazer-se até ao estabelecimento das aguas, grande parte em caminho de ferro, e parte em carruagens ou diligencias. Empregão-se em bebida e banhos. São uteis nas areias, catarrhos da bexiga, gota, molestias do figado, do baço, do estomago, dyspepsia, gastralgia, molestias cutaneas e affecções nervosas. A estação começa em Maio, e prolonga-se até ao fim de Outubro. Ha ali um hotel confortavel; a Companhia exploradora das aguas mandou construir uma casa propria para banhos e trata de desenvolver todas as commodidades necessarias. Em Villa Pouca d'Aguiar, que fica distante 6 1/2 kilometros, ha algumas casas que recebem hospedes. Villa Pouca d'Aguiar está situada n'um valle pittoresco, formado pelas serras do Corgo e Sabugueiro.

As aguas das Pedras Salgadas são por sua natureza de facil conservação e transporte, em razão da sua baixa temperatura e riqueza de acido carbonico livre; acondicionadas convenientemente não perdem as suas qualidades medicinaes.

Modo de administração. Em bebida as aguas tomão-se puras, na dóse de 90 a 150 grammas duas vezes por dia, uma em jejum e outra á tarde 4 horas depois de jantar. Nos simples incommodos de estomago, podem tomar-se com vinho na dóse de 90 a 150 gram. durante as refeições. Nas molestias de pelle, nos catarrhos da bexiga, nas areias e outras affecções, o uso interno das aguas, deve ser acompanhado de banhos das mesmas aguas, enfraquecidos pela mistura com agua commum.

Penamacor. Portugal; Beira baixa. Aguas sulfurosas frias.

Pfeffers. Suissa. Aguas alcalinas quentes. 35°. Sabor e cheiro nullo. Contém, por litro, 25 centigrammas (5 grãos) de saes alcalinos calcareos. Empregão-se em bebida e banhos, em muitas molestias nervosas, taes como o hysterismo, tico doloroso da face, chorea, contracções espasmodicas, dôres uterinas, gastralgias, assim como na ataxia locomotriz, atrophia muscular, catarrho vesical.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Ragatz : 22 horas e 20 minutos; carro de Ragatz a Pfeffers, 45 minutos.

Pierrefonds. França. Aguas sulfurosas frias. A agua é limpida, de sabor sulfureo; emprega-se em banhos, duchas, mas sobretudo em aspirações d'agua pulverizada, na bronchite, laryngite, aphonia, atshma. A estação thermal dura do 1° de Junho ao 1° de Outubro. Existe tambem ali uma fonte d'agua ferruginosa.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Compiègne, 1 hora e 30 minutos, omnibus de Compiègne a Pierrefonds, 1 hora.

Pinhel. Portugal; Beira baixa. Aguas salinas frias.

Plombières. França. Aguas alcalinas quentes. Fontes numerosas; temperatura 11 a 70 gráos. A maior parte d'ellas reunem-se n'um reservatorio commum. Contém, por litro, 283 milligrammas (5 grãos 1/2) de principios fixos, que são : bicarbonatos de soda, de potassa, de cal, de magnesia; sulfatos de soda e de ammoniaco; silicatos de soda, de lithia e de alumina; chlorureto de sodio; fluorureto de calcio, oxydos de ferro e de manganez; vestigios de arsenico. — A agua é clara, transparente, sem cheiro e sem sabor. Ha tambem ali uma fonte ferruginosa, chamada fonte *Bourdeille,* cuja agua é fria, e serve só para bebida. — As molestias que se tratão em Plombières são : gastralgias, dyspepsias, affecções do utero, nevroses, nevralgias sciaticas e faciaes, rheumatismos, paralysias. — As aguas empregão-se em bebida, mas sobretudo em banhos e duchas. Ha seis estabelecimentos confortaveis com piscinas, quartos para banhos, duchas, estufas, etc. A estação thermal dura de 15 de Maio a 15 de Outubro.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Aillevillers, 10 horas; carro d'esta ultima estação a Plombières, 1 hora.

Pombal de Anciães. Portugal; Traz-os-Montes. Aguas sulfurosas quentes; 35° a 36°.

Porretta. Italia. Aguas sulfurosas quentes; 36°. Contém tambem principios salinos, perto de 8 grammas por litro, de que 7 gram. de chlorureto de sodio. Produzem um effeito purgativo, que as torna mui proprias para o tratamento das molestias cutanaes. Possuem ainda uma particularidade mui curiosa : vem a ser a presença no meio d'estas aguas de um gaz inflammavel. Basta, com effeito, approximar á superficie das fontes, principalmente da fonte do *Bue,* um corpo em ignição, para obter uma chamma rubra superiormente, e azul na parte inferior. O gaz que arde assim é o gaz hydrogeneo carbonado. — Bebem-se estas aguas na dóse de cinco a seis copos de manhã. Quanto aos banhos, administrão-se na temperatura nativa das fontes. Ha ali cinco estabelecimentos thermaes, aos quaes se dirigem as differentes fontes.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz directamente a Porretta, 33 horas.

Pougues. França. Aguas alcalinas, ferruginosas, iodadas, gazosas, frias. Possue duas fontes; a mais importante é a fonte *Saint-Léger.* A agua é limpida, sem cheiro, de sabor picante, atravessada por numerosas bolhas de gaz acido carbonico. Contém, por

litro, 3g,8349 de principios fixos, que são bicarbonatos de cal, de magnesia, de ferro, de soda; sulfatos de soda e de cal; chlorureto de magnesio; acido silicico; alumina; phosphato de cal; iodo e lithia. Empregão-se como bebida e em banhos nas molestias seguintes : dyspepsia, gastralgia, molestias do figado e do baço, areias, catarrho vesical, diabetes, anemia, albuminuria. Ha em Pougues um bello estabelecimento thermal, com quartos para banhos, e todos os apparelhos hydrotherapicos; hoteis confortaveis, um parque, casino, theatro, etc. A estação thermal dura de 15 de Maio ao 1° de Outubro.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz directamente a Pougues, 5 horas.

Pranto. Portugal; Douro. Junto ao lugar da Azenha, na comarca de Coimbra. Aguas sulfurosas quentes. 31° a 33°.

Principe Imperial. Brasil; Piauhy. Aguas ferreas.

Pullna. Bohemia; Imperio d'Austria. Agua salina fria, purgativa. O seu sabor é salgado e amargo, pelo que chamão-lhe na Allemanha *Bitterwasser,* ou *agua amarga;* contém, segundo Struve, por litro, 32 grammas de saes, de que 16 grammas de sulfato de soda e 12 grammas de sulfato de magnesia. Os outros saes são : chlorureto de magnesio; sulfatos de potassa, de cal, de estronciana, de lithia; carbonatos de cal e de magnesia; silica; carbonato de manganez; phosphato de potassa. Produz um effeito purgativo na dóse de meia botija. Não ha em Pullna estabelecimento thermal; a agua só se exporta. No Rio de Janeiro existe um deposito d'esta agua em casa de E. e H. Laemmert, rua do Ouvidor, 66.

Pyrmont. Allemanha. Aguas ferruginosas gazosas, frias. 10° a 12°. Ha ali uma fonte para bebida, e outra para banhos. A fonte para bebida. *Trinkbrunnen,* contém, por litro, 2g,572 de substancias solidas, de que 0g,057 de bicarbonato de ferro. As outras substancias são : bicarbonatos de manganez, de cal, de magnesia, d'ammoniaco; sulfatos de potassa, de magnesia, de cal; chloruretos de sodio, de lithio, de magnesio; azotato de soda; silica; alumina; e vestigios de arsenico. Contém tambem 777 centimetros cubicos de gaz acido carbonico. A agua é clara, limpida, de sabor de tinta de escrever. O estabelecimento de banhos é completo. As aguas de Pyrmont empregão-se internamente e em banhos, na chlorose, amenorrhea e molestias caracterizadas pela debilidade.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Pyrmont directamente, 18 horas.

Rakoczy. — Nome de uma das fontes das aguas de *Kissingen.* Agua laxativa. Exportada, conserva-se bem. O seu deposito no Rio de Janeiro existe em casa de E. e H. Laemmert, rua do Ouvidor, 66.

Ranhados. Portugal; Beira baixa. Aguas sulfurosas quentes. 38° a 42°

Rapoila de Côa. Portugal; Beira baixa. Aguas sulfurosas quentes. 34° a 38°.

Rebordechão. V. p. 220.

Rendufe. Portugal; Minho. Aguas quentes, levémente alcalinas 32°,5. Situadas na povoação chamada S. Thiago de Caldellas, junto ao ribeiro de Caldellas, ou rio Albito, a duas legoas da cidade de Braga. São limpidas e transparentes, agradaveis ao paladar. Mil grammas deixão 11 centigrammas (2 grãos) de residuo solido, formado de sulfatos e chloruretos alcalinos, calcareos, magnesianos e silica. Estas aguas actuão principalmente pela sua temperatura calida, porque a quantidade dos saes, que contém, é insignificante. Comtudo são bastante concorridas, contra os rheumatismos. O estabele-

cimento actual dos banhos foi construido em 1803; compõe-se de quatro casas, cada uma com um pequeno tanque; todos os tanques são alimentados por duas nascentes. A estação balnearia dura desde fins de Junho até fins de Outubro.

Riachuêlo. (antiga *Matacavallos*, cidade do Rio de Janeiro). Agua ferruginosa fria. É limpida ao sahir da fonte, alguns minutos depois turva-se, e adquire uma côr branca amarellada, e depois amarella avermelhada; sabor ferruginoso e algum tanto adstringente; temperatura inferior á do ar ambiente. Tendo eu observado esta temperatura no dia 16 de Dezembro de 1843, achei 24 1/2 cent., quando no ar o thermometro marcava 28°. Segundo a analyse feita pelo Sr. Antonio Alves Ferreira, distincto pharmaceutico do Rio de Janeiro, 1 kilogramma ou 34 onças d'esta agua contém :

	gram.		gram.
Acido carbonico livre	0,0418	Chlorureto de sodio	0,0855
Bicarbonato de magnesia	0,0183	Sulfato de soda crystalliz.	0,0292
— de cal	0,0820	Nitrato de potassa	0,0235
— de soda	0,0846	Acido silicico	0,0345
— de manganez	0,0048	Materia organica	0,0270
— de ferro	0,0996		
		Total	0,5308

Rio Real. Portugal; Estremadura. Da banda de leste da villa de Obidos, na margem do norte de um riacho a que dão o nome de Rio Real. Agua sulfurosa fria 23°.

Rodrigo de Freitas. V. p. 212

Roucas-Blanc. França; perto de Marselha. Aguas salinas, chloruretas-sodicas e magnesianas, temperadas; 21°. São mui limpidas, transparentes, sem cheiro, de sabor salgado. Purgativas na dóse de 2 a 3 copos. 1 litro d'esta agua contém 23g,9451 de saes, que são :

	gram.		gram.
Chlorureto de sodio	18,0974	Bicarbonato de ferro	0,0090
— de magnesio	2,6142	Sulfato de soda	1,6766
— de potassio	0,5140	— de cal	0,8162
Bicarbonato de cal	0,1075	Phosphato de soda	0,0100
— de magnesio	0,0954	Alumina	0,0050

A nascente, que verte 3,000 litros por minuto, alimenta uma vasta piscina de natação. Apparelhos calorificos especiaes, elevando a temperatura da agua, permittem o uso dos banhos em qualquer estação. Em bebida a agua é util nos engurgitamentos do figado e do baço, escrophulas, gastralgias, amenorrhea; em banhos nas molestias cutaneas. Goza das mesmas propriedades que a agua de Kissingen, Homburg e Pullna. Ha ali um estabelecimento thermal moderno, de primeira ordem, contendo apparelhos hydrotherapicos completos. A agua transportada conserva-se indefinidamente.

Itinerario : De Pariz a Marselha pela estrada de ferro, 18 horas e 20 minutos; de Marselha a Roucas-Blanc de omnibus, 1/2 hora.

Royat. França. Aguas alcalinas quentes. Ha ali duas fontes princpaes, que alimentão dois estabelecimentos de banhos : a fonte César, temperatura 27°,8, e a *fonte grande*, de 35°,5. A agua é limpida, de sabor picante, acidulo, salgado e ferruginoso. A agua da *fonte grande*, contém 5g,588 de substancias fixas, que são : bicarbonatos de soda, de potassa, de cal, de magnesia, de ferro, de manganez; sulfato de soda; phosphato de soda, chlorureto de sodio;

silica; alumina; e vestigios de arseniato de soda. Contém tambem gazes acido carbonico, oxygeneo e azoto. O estabelecimento grande comprehende 48 quartos de banho, com banheiras de marmore em que uma torneira deita a agua mineral naturalmente quente; contém além d'isto duas grandes piscinas, salas de pulverização, e todos os apparelhos de hydrotherapia. As molestias, que se tratão em Royat, são : asthma, bronchite e laryngite chronicas, leucorrhea, chlorose, engurgitamentos do utero, nevroses, hysterismo, rheumatismos, molestias de pelle.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Clermont, 9 horas 1/4; omnibus de Clermont a Royat, 15 minutos.

Saint-Amand. França. Banhos de lodo sulfureo, tepido, que se empregão nas molestias de pelle, rheumatismo, gota, molestias dos ossos (caries, necroses, coxalgias, ankyloses), paralysias.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Raismes, 5 horas; carro de Raismes a Saint-Amand, 1/2 hora.

Saint-Galmier. França. Agua gazosa fria, semelhante á agua de Seltz, limpida, sem cheiro, de sabor acidulo e picante, que deve ao gaz acido carbonico. Exporta-se em grande quantidade, e emprega-se como bebida de mesa, pura ou misturada com vinho, na dyspepsia, gastralgia e embaraço gastrico.

Saint-Honoré. França. Aguas sulfurosas tepidas. 26° a 32°. A agua é clara, limpida, de sabor adocicado, cheiro de ovos chocos. Emprega-se em banhos, nas molestias de pelle, leucorrhea engurgitamento do utero; e em inhalações nas laryngites e bronchites chronicas. Ha um bello estabelecimento thermal e hoteis confortaveis. A estação thermal dura de 15 de Maio a 30 de Setembro.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz até Cercy, 6 horas e 50 minutos; omnibus de Cercy a Saint-Honoré, 1 hora e 1/2.

Saint-Sauveur. França. Aguas sulfurosas quentes. Duas fontes principaes alimentão dois estabelecimentos : 1° *Estabelecimento do valle :* a agua tem a temperatura de 35°, é clara, limpida, unctuosa. 2° *Estabelecimento Hontalade;* a agua tem 22° de temperatura. As molestias que se tratão em Saint-Sauvenr são : chlorose, anemia, nevroses, dyspepsia, molestias cutaneas, affecções da bexiga. As aguas administrão-se em bebida, banhos e duchas. A estação thermal dura de 15 de Maio a 30 de Setembro.

Itinerario : Estrada de ferro de Bordeos a Pierrefitte 10 horas e 1/2; carro de Pierrefitte a Saint-Sauveur 1 hora 15 minutos.

Salies-de-Béarn. França. Aguas salinas frias. A agua é limpida, sem côr, de sabor salgado com um resaibo amargo; densidade 1,208. Contém, por litro, 234 grammas de saes, de que 216 gram. de chlorureto de sodio, as outras substancias são : chloruretos de potassio, de calcio, de magnesio; sulfatos de soda, de potassa, de magnesia, de cal; bromureto de magnesio; iodureto de sodio. Administra-se como bebida, mas sobretudo em duchas e banhos que se aquecem artificialmente até 28° centigrados. Na dóse de um quarto de copo, misturado com tres quartos d'agua ordinaria, o effeito é purgativo. Em dóse mais fraca, esta agua misturada com agua ordinaria, ou com caldo de gallinha, actua como tonico. As molestias em que se emprega são : escrophulas, lesões dos ossos (caries, necroses, fistulas), amenorrhea, dysmenorrhea, nevroses.

Itinerario : Estrada de ferro de Bordeos a Puyoo, 4 horas e 10 minutos; carro de Puyoo a Salies, 3/4 de hora.

Salins. França. Aguas salinas frias; aguas-mães. A agua é limpida, de sabor salgado; contém, por litro, 29g,993 de saes, de que

27g,416 de chlorureto de sodio; os outros saes são : bromureto de potassio; chloruretos de potassio e de magnesio; sulfatos de cal, magnesia, potassa, soda; carbonatos de cal e de magnesia. Emprega-se em bebida, banhos e duchas. A addição aos banhos das aguas-mães, que provém das salinas, augmenta a acção excitante d'estes banhos. As molestias, contra as quaes convem, são : molestias dos ossos, coxalgia, rachitismo, amenorrhea, certas molestias da pelle, ozena, escrophulas, leucorrhea, engurgitamentos do utero, cachexia syphilitica. Estação thermal de 15 de Maio a 15 de Setembro.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Salins mesmo. 9 horas e 35 minutos.

Santa Comba-Dão. Portngal; Beira alta. Existem ali tres pequenos mananciaes de aguas mineraes, dois dos quaes são sulfureos, o terceiro é de agua ferruginosa.

S. Domingos do Araxá. Brasil; Minas Geraes. V. *Araxá.*

S. Gemil. Portugal; Beira alta. Aguas sulfurosas quentes. 48°.

S. João do Deserto. Portugal; Alemtejo. A um quarto de legoa da villa de *Aljustrel,* junto a uma ermida chamada S. João do Deserto, brota uma fonte d'agua fria, que por aspera não póde beber-se, e tomada ainda em pequena quantidade provoca vomitos. Os banhos d'esta agua tem grande reputação em toda a provincia, como efficazes contra muitas molestias. Ha ali banheiras espaçosas em que se podem tomar banhos; e apezar das poucas commodidades que existem, o concurso dos doentes é grande desde o mez de Junho até ao fim de Setembro. Mil grammas d'esta agua contém, segundo a analyse feita em 1852 pelo Sr. Visconde de Villa Maior :

Acido carbonico	37 cent. cub.	Alumina	0,4000 gram.
Azoto	38 — —	Protoxydo de ferro	0,8990 gram.
Acido sulfurico	2,323 gram.	— de mang.	0,0799 gram.
Chloro	0,235 gram.	— de cobre	0,0213 gram.
Silica	0,030 gram.	Antimonio / Arsenico	0,0201 gram.
Acido phosphor.	0,024 gram.		
Soda	0,2107 gram.	Bismutho	indeterminado
Cal	0,0789 gram.	Materia organica	indeterminada.
Magnesia	0,0535 gram.		

As aguas de S. João do Deserto são aconselhadas nas molestias de pelle, nas ulceras, rheumatismos chronicos, etc. Applicão-se em banhos. Seria arriscado o seu uso interno.

S. Jorge. Portugal; Beira; comarca da Villa da Feira. Sulfurosas frias.

S. Mamede. Portugal; Estremadura. Sulfurosas quentes.

S. Pedro do Sul. Portugal; Beira alta. Sulfurosas quentes, chamadas tambem *Caldas de Lafões* e *Caldas do Banho*, situadas na villa do Banho, distante de S. Pedro do Sul meia legoa, e de Vizeu tres, na raiz do monte Lafão, junto da margem do Vouga. A temperatura da agua na bocca da nascente é de 69° cent, estando a da atmosphera gazosa na area da nascente 32°; é a agua mais quente de todas as conhecidas em Portugal. O seu cheiro é o dos ovos chócos, o sabor um tanto acidulo e adstringente, e nauseoso para muitas pessoas. A agua é crystallina e transparente, e tem uma apparencia unctuosa como sabão esfregado nas mãos.

Segundo a analyse do Sr. Dr. A. V. Lourenço, mil grammas d'esta agua deixão 0g,315 de residuo formado de sulfatos, chloruretos e silicatos alcalinos de cal e magnesia, e pequenas quantidades de ferro e alumina. A agua é encanada na extensão de 100 metros para

alimentar um estabelecimento. É resfriada em dois tanques quasi quadrados, com 8m,45 de lado cada um, e d'ahi conduzida para 16 banheiras. No rio, os quartos de banho em numero de seis são barracas moveis, e a agua para estes é misturada com agua doce, para obter a temperatura conveniente. Estes banhos aproveitão nos rheumatismos e nas molestias cutaneas. A viagem faz-se commodamente de Vizeu em carruagem.

Schwalbach. Allemanha, Nassau. Aguas ferruginosas gazosas frias. Existem ali quatro fontes principaes; a mais usada é a *Weinbrunnen;* contém, por litro, 1g,74 de gaz acido carbonico livre, e 1g,55 de saes, que são : bicarbonatos de ferro, de manganez, de cal, de magnesia, de soda; sulfatos de potassa e soda ; chlorureto de sodio; acido silicico; phosphato de soda. Empregão-se como bebida e em banhos, na amenorrhea, chlorose, debilidade geral; gozão das mesmas propriedades que as aguas de Spa. Podem beber-se durante a comida. Exportadas, conservão-se bem. Achão-se nas diversas cidades, nos depositos de aguas mineraes.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Eltville, 18 horas; carro de Eltville a Schwalbach, 2 horas.

Sedlitz. Bohemia; Imperio d'Austria. Agua salina fria. Contém, por litro, 26 grammas de saes, de que 20 grammas de sulfato de magnesia e 5 grammas de sulfato de soda. Agua purgativa. Substitue-se-lhe com vantagem a *Agua de Sedlitz artificial.* V. p. 183.

Seidschutz. Bohemia. Agua salina fria, purgativa. Contém, por litro, 20 grammas de saes, de que 11 grammas de sulfato de magnesia, e 6 1/2 grammas de sulfato de soda.

Seltz ou *Selters.* Ducado de Nassau na Allemanha. Aguas gazosas frias. A aldeia de *Seltz* está situada a 45 kilometros de Francfort. Possue a celebre fonte que tem o mesmo nome, uma das mais gazosas do mundo. A agua brota da terra com impeto e fazendo ouvir grande ruido; sua temperatura é fria (16° centigrados). Não existe estabelecimento thermal n'esta localidade; a agua da fonte deita-se em botijas e entrega-se ao commercio em porções consideraveis.

A agua de Seltz é fresca, limpida, sem cheiro, de sabor acidulo e picante. Segundo a analyse de Kastner contém, por litro, cerca de 3 grammas de saes, que são : carbonatos de soda, de lithia, de estronciana, de cal, de magnesia, de ferro, de manganez; sulfato de soda; phosphatos de soda, de lithia, de cal, de alumina; silica; fluorureto de calcio; chlorureto de sodio, de potassio; bromureto de sodio. Contém, além d'isto, por litro, 1200 centimetros cubicos de gaz acido carbonico, a que deve as principaes propriedades. Emprega-se na gastralgia, nas molestias do estomago, da bexiga e de muitas outras molestias. Mas o uso das aguas de Seltz *natural* diminuio muito desde que a chimica achou meios de fabricar a *agua de Seltz artificial.* Esta ultima contém mesmo maior proporção de gaz acido carbonico do que a agua natural. A agua de Seltz artificial contém até 4 ou 5 volumes de gaz acido carbonico, entretanto que a natural, conservada nas botijas, não contém senão cerca de meio volume d'este gaz. O deposito da agua natural de Seltz existe no Rio de Janeiro, em casa de E. e H. Laemmert, rua do Ouvidor, 66.

Agua de Seltz artificial ou *agua gazosa simples.* V. p. 171.

Silva Manoel. A agua ferrea, da rua de Silva Manoel, acha-se na cidade do Rio de Janeiro.

Tem os mesmos caracteres physicos que a de Riachuêlo, com a

differença de ser muito menos styptica. A sua composição chimica, em 4 libras d'agua, segundo o Dr. Miranda e Castro, é :

Acido carbonico	0,1915 de grão	Proto-carbonato de ferro	0,5376 de grão
Chlorureto de calcio	q. indeterm.	Silica	quantid. indeterm.
Sulfato de cal	q. indeterm.		

Soultzmatt. Prussia. Aguas gazosas e alcalinas, frias. A fonte principal contém, por litro, 98 centilitros de gaz acido carbonico, e um pouco mais de 2 grammas de saes, que são : bicarbonatos de soda, de cal, de magnesia, de lithia; sulfatos de potassa e de soda; chlorureto de sodio; borato de soda; acido silicico; acido phosphorico; alumina; oxydo de ferro. Convem, como bebida, nas affecções nervosas do estomago.

Spa. Belgica. Aguas ferreas, gazosas frias. Cidade de aspecto agradavel, abrigada por montes cobertos de mattas, cercada de ricos campos e de lindos sitios. Recursos multiplos de existencia e de recreio. Contão-se ali sete fontes mineraes principaes; a sua composição é quasi a mesma. A fonte *Pouhon*, por exemplo, contém por mil grammas, 1 litro de gaz acido carbonico livre, e 65 centigrammas de saes, que são bicarbonatos de soda, de potassa, de cal, de magnesia, de ferro; sulfato de soda; chlorureto de sodio; silica. — Todas as aguas de Spa são limpidas, frescas, de sabor picante; desprendem-se d'ellas numerosas bolhas de gaz acido carbonico. A fonte *Nivesée* desenvolve, além d'isto, um cheiro de hydrogeneo sulfureo. — A fonte *Pouhon* é a mais importante. O desenvolvimento do gaz carbonico tem n'ella a apparencia de uma fervura. Serve principalmente ao uso interno, na dóse de 125 grammas (4 onças) até, progressivamente, á dóse de quatro e mesmo oito copos de 125 grammas cada um por dia. Os banhos, as duchas, os processos hydrotherapicos constituem o adjuvante do uso interno das aguas de Spa. Um grande estabelecimento, construido ha poucos annos com luxo e conforto, reune todos os methodos balnearios. Dispõe-se ali de 80 banheiras, duchas de todo o genero, quentes, frias, escossezas, d'agua ferruginosa e d'agua ordinaria; 4 salas de hydrotherapia, uma piscina para se mergulhar, uma piscina de natação, estufas, salas de transpiração, banhos e duchas de vapor, banhos de lodo mineral, etc. Todas as indicações do tratamento ferruginoso pertencem a *Spa*, a saber anemia, debilidade, nevroses em consequencia das perdas de sangue ou de esfalfamento nervoso, cachexias palustres e outras, dyspepsias, diarrheas chronicas, molestias do utero. A qualidade alcalina de algumas das fontes de *Spa* (a fonte *Sauvenière* entre outras), faz com que se prescrevão nas areias e nos catarrhos da bexiga. A estação thermal dura do 1° de Junho a 15 de Outubro. A agua de Spa, a fonte *Pouhon* sobretudo, supporta bem o transporte, e emprega-se a distancia.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Spa mesmo, 9 horas 1/4.

Taipas. Portugal; Minho. Aguas sulfureas quentes. Distão tanto de Guimarães como de Braga legoa e meia. A temperatura dos differentes mananciaes varía entre 29° e 30°, conforme os tanques em que se repartem. As aguas são claras, limpidas, cheirando fracamente a ovos chócos. Mil grammas deixão pela evaporação 20 centigrammas de residuo solido, composto de silicatos e chloruretos alcalinos, e de saes calcareos e magnesianos, segundo o Sr. Dr. Agostinho Vicente Lourenço. Empregão-se em banhos e bebida nas molestias cutaneas, rheumatismos, paralysias. O estabelecimento dos banhos compõe-se de nove casas, tendo cada uma d'ellas a sua tina de

pedra. Cada banho é alimentado por uma nascente, exceptuando os banhos nos 3 e 6, que recebem aguas de outros banhos, além das que lhes provém de pequenas nascentes. Uma outra nascente alimenta a bica que fornece a agua para beber. Todas as nascentes fornecem cerca de 250,000 litros diarios. O numero dos banhos que se tomão durante a estação regula por uma média de 17,200. A estação balnearia começa no fim de Maio e acaba no fim de Outubro. O sitio é aprazivel, a vegetação magnifica; o rio Ave, que corre junto das Taipas, é povoado de bellas trutas, que dão aos banhistas um agradavel emprego para a pesca á linha ou á cana. Ha um hotel perto dos banhos e muitas casas mobiliadas para alugar.

Tavira. Portugal; Algarve. Junto á cidade de Tavira, na parte mais elevada do Rocio, que serve de passeio publico, nascem abundantemente uns olhos d'agua mui crystallina, de sabor picante e agradavel, que contém gaz acido carbonico, e pequenas porções de silica, chlorhydrato de soda e de cal. 1 litro d'esta agua, evaporado até á seccura, deixa de residuo solido 49 centigrammas. Temperatura 26° centigrados.

Toeplitz. Bohemia. Aguas alcalinas quentes. Fontes numerosas, todas semelhantes umas ás outras. A agua é clara, sem cheiro e quasi sem sabor, a temperatura varía segundo as nascentes, de 26° a 49°. A sua composição denota pouca mineralização. Contém, por litro, só 1 gramma de substancias que são : sulfatos de potassa e de soda; chlorureto de sodio; carbonatos de soda, de lithia, de magnesia, de cal, de estronciana, de ferro, de manganez, phosphatos de alumina e de soda; silica; fluor; acido carbonico combinado e livre. O uso interno da agua está quasi abandonado; o curativo em Toeplitz consiste principalmente em banhos. Os estabelecimentos balnearios contém mais de 120 quartos; ha tambem banheiras vastas e piscinas podendo conter de 20 a 50 pessoas. Os banhos empregão-se principalmente contra a gota, rheumatismos, paralysias, nevralgias sciaticas e outras. Estas caldas são frequentadas sobretudo pelos diplomatas do mundo inteiro. A estação thermal dura do 1° de Junho a 15 de Setembro.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Toeplitz mesmo, 42 horas.

Torres Vedras. Portugal; Estremadura. Aguas salinas quentes e frias. Em distancia de 2 kilometros da villa de Torres Vedras, no sitio chamado dos *Cucos*, nascem aguas thermaes no fundo de um fosso. A agua é levemente salobra; a sua temperatura é de 32°, sendo de 22° a do ar ambiente. Mil grammas d'esta agua contém, segundo o Sr. Dr. Lourenço, 3g,457 de substancias fixas, que são : chloruretos de sodio, potassio, calcio, magnesio; sulfato de cal, silica. Os banhos são ministrados debaixo de barracas de madeira em tinas de madeira cravadas no local, em que nascem as aguas. São recommandados contra a gota, porém são pouco concorridos.

A cerca de 500 kilometros da Fonte dos Cucos achão-se as aguas da *Fonte de Torres Vedras*, nas quaes se estabelecem banhos durante o verão. Esta agua é limpida e transparente, levemente salina; tem 21°, temperatura igual á do ambiente quando se fez a observação. Mil grammas contém 2g,442 de residuo formado das mesmas substancias que a agua dos Cucos.

O trajecto de Lisboa a Torres Vedras faz-se por duas linhas : ou pelo caminho de ferro, sahindo na estação da Alhandra e tomando ahi a diligencia; ou partindo de Lisboa em uma diligencia que sahe do Rocio e vai directamente a Torres Vedras.

Tubarão. Brasil; Santa Catharina. Aguas simplesmente thermaes.

Unhaes da Serra. Portugal; Beira baixa; tres legoas da villa da Covilhã. Aguas sulfurosas quentes.

Uriage. França. Aguas sulfurosas e salinas tepidas; 27°. Limpidas, de cheiro de ovos chócos, de sabor sulfureo e salgado. Contém, por litro, 7 centimetros cubicos de gaz hydrogeneo sulfureo e 10g,42 de saes que são : chloruretos de sodio, de potassio, de lithio, de rubidio; iodureto de sodio; sulfatos de cal, de magnesia, de soda; bicarbonato de soda; hyposulfito de soda; silica, e 2 milligrammas de arseniato de soda. — O estabelecimento, muito bem montado, contém mais de 80 quartos de banho, com banheiras variadas, providas de duchas de toda a especie. Duas salas de respiração, uma de vapor e de gaz, outra d'agua pulverizada e de gaz, uma bica para beber a agua debaixo de uma galeria envidraçada, completão estas bellas thermas. A agua de Uriage administra-se em bebida, banhos, duchas, lavatorios e inhalações. Importa não perder de vista o seu caracter mixto, salino e sulfureo. Na dóse de um a dois copos por dia, estimula as faculdades digestivas; em dóse mais elevada, de tres a seis copos, actua como purgante. As molestias em que se emprega, são : affecções cutaneas, anemia, escrophulas, molestias dos ossos (carie, necrose), tumores brancos das articulações, cachexia syphilitica. Existe tambem em Uriage uma fonte ferruginosa, que se emprega como bebida nos casos em que o ferro está indicado. A estação thermal dura de 15 de Maio a 15 de Outubro. Possue bellos hoteis e um magnifico casino; o lugar é pittoresco, no meio de um valle cercado de montanhas; nos passeios goza-se ali de grande tranquillidade de existencia.

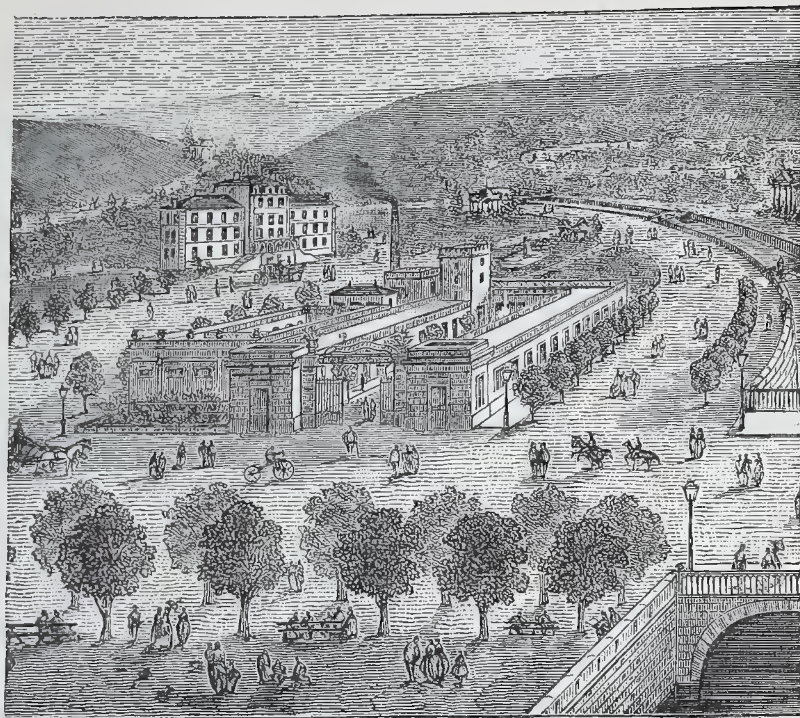
Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Gières, 14 horas; omnibus de Gières a Uriage, 1 hora.

Vals. Aguas alcalinas frias e aguas arsenicaes-ferruginosas frias. Ha em Vals grande numero de fontes, mais de cincoenta; cada uma tem nome differente. São mineralizadas principalmente pelo bicarbanato de soda; a dóse d'este sal é de 1 a 7 grammas por litro. Ha duas fontes, *Dominique* e *Saint-Louis*, que contém pequena porção de arseniato de ferro, 1 milligramma por litro. — A agua d'estas differentes fontes é limpida, fria, de sabor alcalino e picante. Administra-se como bebida e em banhos, em varios estabelecimentos thermaes que ali existem. As molestias, nas quaes as *fontes alcalinas* se empregão, são : hypertrophia do figado, colicas hepaticas, catarrho da bexiga, areias, gota, diabetes, albuminuria. As fontes *ferro-arsenicaes* são recommendadas na cachexia palustre e nas molestias cutaneas. — A estação thermal dura do 1° de Maio até ao fim de Setembro. Transportadas, as aguas de Vals, conservão-se perfeitamente, e expedem-se, tanto na França, como para os outros paizes em quantidade consideravel. O deposito das aguas de Vals existe no Rio de Janeiro em casa de E. e H. Laemmert, rua do Ouvidor, 66.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz até Privas, 15 horas e 37 minutos; carro de Privas a Vals, 3 horas.

Vernet. França. Aguas sulfurosas, frias e quentes. Onze fontes, cuja temperatura varía entre 8° e 56°. Dois estabelecimentos, com banhos, duchas, bicas para beber agua, salas de inhalação e de pulverização, estufas, e vasta piscina de 200 metros quadrados de superficie. As molestias que se tratão são : molestias de pelle, affecções do peito, laryngites, bronchites, dôres rheumaticas. Os estabelecimentos thermaes são preparados para o tratamento das molestias não só durante o verão mas tambem durante o inverno.


MAPPA BALNEARIO
da
ALLEMANHA
Estabelecido pelo
DR. CHERNOVIZ
1879
Explicações
Aguas Mineraes
Caminhos de Ferro
ALLEMANHA
FRANÇA
SUISSA
ITALIA
AUSTRIA
LUXEMBURGO
Tongres
Chaufontaine
Spa
Aix-la-Chapelle
Cologne
Brugge
Wipperfürth
Olpe
Waldbroel
Eimentrop
Troisa
Cassel
Bebra
Eisenach
Gotha
Weimar
Gera
Strassfourt
Leipsick
Altenbourg
Dresde
Pirna
Bautzen
Görlitz
Lauban
Liegnitz
Breslau
Schland
Falkenau
Tœplitz
Zittau
Reichenberg
Tannwald
Kœnigszelt
Fulda
Giessen
Hadamer
Ems
Coblentz
Schwalbach
Schlangenbad
Wiesbaden
Seltz
Homburg
Soden
Nauheim
Schwalheim
Francfort
Weilbach
Meiningen
Brukenau
Kissingen
Eichicht
Greitz
Zwickau
Annaberg
Sonneberg
Cobourg
Stockheim
Franzensbad
Eger
Carlsbad
Marienbad
Sedlitz
Püllna
Turnau
Gitschin
Patschkau
Glatz
Nimbourg
Praga
N. Kolin
Chotzen
Diekirch
Treves
Kreuznach
Alzey
Darmstadt
Wurtzbourg
Schweinfurth
Bamberg
Baireuth
Viesau
Zdic
Pilsen
Weiden
Deutschbrod
Thionville
Metz
Cusel
Monsheim
Erbach
Mittenbach
Mannheim
Neustadt
Nuremberg
Soulzbach
Wessely
Segen-Gottes
St. Ingbert
Bruchsal
Carlsruhe
Dinkelsbuhl
Pleinfeld
Cham
Neuern
Brunn
Niederbronn
Ch.au Salins
Dieuze
Nancy
Wasselone
Stuttgart
Cannstadt
Baden
Wildbad
Ratisbona
Straubing
Budweis
Gmund
Znaim
Zellerndorf
Sigmundsherb
Ingolstadt
Neufharn
Platting
Corey
Mutzig
Strasburgo
Barr
Oppenau
Horb
Ulm
Augsbourg
Danubio
Krems
Vienna
Vittel
Contrexéville
Bains
Soultzmatt
Plombières
Colmar
Luxeuil
Bussang
Bourbonne
Rottweil
Muhldorf
Braunau
Lintz
Munich
Amstetten
Steyer
Baden
Buchloe
Mengen
Memmingen
Heilbrunn
Gmunden
Ischl
Weyer
Fribourg
Zell
Schaffhausen
Singen
L. de Constança
Isny
Friedrichshafen
Kempten
Pensberg
Tolz
Schliersée
Salzburg
Reichenhall
Bischofshofen
Eisenerz
Vordenberg
Bruck
Belfort
Bale
Baden
Schinznach
Constança
Delle
Soleure
Wildegg
Zurich
Urnach
Ebnat
Sonthofen
Wœrgl
Inspruck
Hof Gastein
Gastein
le Locle
Lyss
Neuchatel
Berne
Burgdorf
Zug
Lucerna
Glaris
Bludenz
Stanz
Pfeffers
Ragatz
Sargans
Coire
Fribourg
Thun
Altorf
Weissenburg
Franzenfeste
Lausanna
Lago de Genebra
Lœche
Evian
Tarasp
St. Moritz
Biasca
Sion
Saxon
Locarno
Bellinzona
Lugano
Trente
Botzen



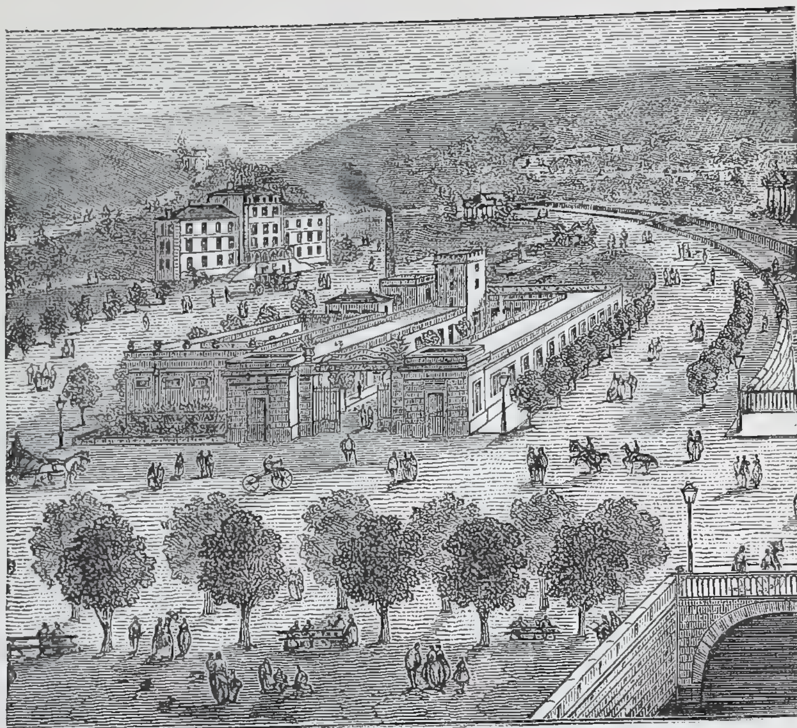
VALS (França)

Aguas alcalinas frias, e Aguas arsenicaes-ferruginosas frias

VISTA DO ESTABELECIMENTO BALNEARIO

(V. p. 230.)

ALLEMANHA E SUISSA



VALS (França)

Aguas alcalinas frias, e Aguas arsenicaes-ferruginosas frias

VISTA DO ESTABELECIMENTO BALNEARIO

(V. p. 230.)

ALLEMANHA E SUISSA

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz á Prades, 25 horas; carro de Prades a Vernet, 1 hora.

Vichy. França. Aguas alcalinas quentes, tepidas, e frias; muito celebres. — Cidade situada sobre o rio Allier, cercada de collinas cobertas de vegetação vigorosa. Clima temperado, conveniente sobretudo aos doentes durante os mezes de Maio, Junho e Agosto. Ha ali recursos de uma grande cidade para habitação, conforto da vida material e distracções, que attrahem durante o verão grande numero de pessoas doentes ou só levemente incommodadas; o estabelecimento thermal está, porém, aberto todo o anno.

As fontes de Vichy são numerosas; umas são frias, outras tepidas, outras quentes. A agua de todas é limpida, de sabor de lixivia que não é desagradavel; contém gaz acido carbonico que, desprendendo-se de algumas d'ellas simula uma verdadeira ebullição. O gaz acido carbonico é puro; ás vezes, porém mistura-se-lhe um leve cheiro de gaz acido hydrogeneo sulfurado. A base de todas estas aguas é o bicarbonato de soda. Eis-aqui os nomes das fontes, a sua temperatura, e a dóse do bicarbonato de soda que contém :

	Temp.	grammas de bicarbon. de soda.
Grande Grille	42°	4,883
Puits Chomel	43°	5,091
Puits carré	44°	4,893
Lucas	29°	5,004
Hôpital	31°	5,029
Celestins	14°	5,103
Hauterive	15°	4,687
Parc	22°	4,857
Mesdames	17°	4,016
Lardy	23°	4,910
Larbaud	15°	4,850
Saint-Yorre	10°	4,881
Elisabeth	16°	5,200
Sainte-Marie	16°	4,200
Prunelle	23°	cerca de 5 gram.

As nove primeiras fontes pertencem ao Governo francez, que as alugou a uma Companhia; as seis ultimas são propriedades particulares. Todas estas fontes contém, além do bicarbonato de soda, grande quantidade de gaz acido carbonico livre, e pequenas quantidades das substancias seguintes : bicarbonatos de potassa, de magnesia, de estronciana, de cal; bicarbonatos de ferro, de manganez; sulfato de soda; phosphato de soda; borato de soda; chlorureto de sodio; silica; e uma materia organica bituminosa. A fonte *Prunette*, contém, além de todas estas substancias, gaz hydrogeneo sulfureo, a que deve o cheiro de ovos chócos. As outras fontes ordinariamente não tem cheiro.

O estabelecimento thermal, consideravelmente augmentado pela Companhia concessionaria do Governo francez desde 1853, possue 306 banheiras, uma piscina para vinte pessoas, 17 duchas ascendentes, 18 duchas com banheiras, 12 grandes duchas de percussão; gabinetes com irrigações vaginaes. O desenvolvimento do gaz acido carbonico das fontes é aproveitado, em duchas gazosas, no tratamento da ozena, e das molestias do ouvido. No estabelecimento thermal podem-se dar até 2,800 banhos por dia; os banhos são alimentados pelas fontes *Puits-Carré*, *Grande-Grille*, *Lucas*, *Mesdames* e *Parc*. As fontes des *Célestins*, antiga e nova, são exclusivamente destinadas ao uso interno. As fontes *Hauterive* e *Saint-Yorre* servem só para a exportação.

As aguas de Vichy são empregadas em bebida, banhos e duchas. As differentes fontes recebêrão da tradição usos especiaes. Assim a fonte da *Grande-Grille* é recommendada nas molestias do figado, a

do *Hôpital* nas affecções do estomago; os gotosos e as pessoas affectadas de areias devem beber a agua *des Célestins*. A agua da fonte *Hauterive* é essencialmente digestiva, convem nas areias e nos engurgitamentos do fígado e do baço. As fontes frias de *Mesdames* e *Lardy*, alcalinas e gazosas, são proprias ás senhoras, ás crianças, na dyspepsia, e em todos os casos em que a medicação tonica está indicada; contém mais ferro do que as outras. A fonte *Puits-Chomel* é reputada contra as affecções das vias respiratorias, na bronchite, na dyspnea nervosa.

As molestias contra as quaes convem as aguas de Vichy são :

Affecções das vias digestivas, dyspepsia, gastralgia (fonte de Hôpital, Hauterive, Saint-Yorre).

Molestias do fígado, colicas hepaticas, engurgitamento do baço (Grande-Grille).

Areias, gota, diabetes (Célestins, Hauterive).

Molestias de pelle (Fonte Prunelle).

Dysmenorrhea, engurgitamentos chronicos do utero (Mesdames Lardy).

As aguas de Vichy transportão-se em quantidade consideravel. As fontes, cuja conservação é mais certa a distancia são classificadas segundo a experiencia : 1° *Hauterive*, *Célestins*, *Saint-Yorre*; 2° *Lardy* e *Dames*; 3° *Grande-Grille*.

Devo advertir que no commercio ha muita *agua de Vichy falsificada*. Assim, na cidade de Hamburgo existe uma fabrica, que imita exactamente a fórma das garrafas, dos letreiros, todas as inscripções, e entrega a sua composição ao commercio não como *agua de Vichy artificial*, mas como *verdadeira*. A fabricação consiste em ajuntar á agua ordinaria um pouco de bicarbonato de soda e satura-la de gaz acido carbonico. Esta agua vende-se pelo preço inferior ao da agua verdadeira, mas está longe de possuir as propriedades, porque não contém substancias que não é possivel imitar. Por conseguinte, para evitar a fraude, os pharmaceuticos, que comprão a agua de Vichy nos depositos, devem exigir a factura que lhes prove a origem; ou mandar vir as aguas, de Vichy mesmo, escrevendo ao Director da Companhia concessionaria do Estado. — As aguas de Vichy expedem-se de Vichy em caixas de 50 garrafas ou meias garrafas. Cada garrafa contém 1 litro ou 1/2 litro; a rolha é coberta com uma folha de estanho, que indica o nome da nascente e o anno em que a agua foi tirada. A garrafa traz um letreiro com esta inscripção : *Propriété et contrôle de l'État*. A Companhia possue um deposito em Pariz, *Boulevard Montmartre*, 22. Posso assegurar, que a agua de Vichy verdadeira existe no Rio de Janeiro, no deposito de E. e H. Laemmert, rua do Ouvidor, n° 66.

O preço do quarto e comida varía em Vichy entre 8 e 15 francos por dia. A agua bebida nas fontes é gratuita; porém, levada a casa custa 30 centimos cada litro. O preço dos banhos é de 2 ou 3 francos. O casino custa por mez 50 francos; tem-se além d'isto um lugar reservado no theatro.

Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Vichy mesmo, 8 horas e 1/2.

Vidago. Portugal; provincia de Traz-os-Montes, concelho de Chaves, districto de Villa Real. Aguas alcalinas gazosas frias; 23°,8. O agente principal d'ellas é o bicarbonato de soda; são, depois das de Vichy, as mais ricas das aguas alcalinas gazosas da Europa, quanto á sua mineralização. Mil grammas d'estas aguas contém, segundo a ultima analyse do distincto Sr. Dr. Lourenço :


MAPPA BALNEARIO
DE PORTUGAL
E
HESPANHA
Estabelecido pelo
DR. CHERNOVIZ
1879
Aguas Mineraes.
Caminhos de Ferro.
F R A N Ç A
H E S P A N H A
PORTUGAL
OCEANO ATLANTICO
MAR MEDITERRANEO
Estreito de Gibraltar
MADRID
LISBOA
PORTO
COIMBRA
Cabo Finisterra
Ferrol
Artejo
Carballo
SANTIAGO
LUGO
Caldas-de-Cuntis
Carballino
Mende
ORENSE
Verin
Gerez
Vidago
Chaves
Pedras Salgadas
BRAGA
Vizella
Moledo
S. Pedro-do-Sul
Vizeu
Felgueiras
Luso
Caldas da Rainha
Obidos
Torres Vedras
Cascaes
Setubal
Cabeço-de-Vide
Estremoz
BADAJOZ
Moura
Beja
Aljustrel
Monchique
Tavira
Tharsis
HUELVA
SEVILLA
CADIZ
Chiclana
Paterna y-Gigonza
Ronda
Carratraca
MÁLAGA
Moron
Osuna
Guadalquivir
CÓRDOBA
Marmolejo
Arenosillo
Fuencaliente
Villaharta
Puertollano
Alange
Almorchon
Mérida
Hervideros-de-Fuensanta
Navalpino
Villar-del-Pozo
Manzanares
Alcazar
TOLEDO
Castillejo
Tejo
Oropesa
S. Gregorio-de-Brozas
Montemayor
ÁVILA
SALAMANCA
Ledesma
ZAMORA
Douro
VALLADOLID
Medina-del-Campo
SEGOVIA
el Molar
Peralta
PALENCIA
BURGOS
LEON
Brañuelas
Busdongo
S. Adrian
Caldas de Oviedo
Prelo
Borines
Buyeres
la Hermida
Herganes y Solares
Puentenansa
SANTANDER
BILBAO
Ontaneda
Molinar
Fuente Sta de Gayangos
Sobron
Nanclares
Belascoain
Alsasua
PAMPLONA
Betelu
Bayonne
PAU
TARBES
TOULOUSE
FOIX
St. Girons
Quillan
PERPIGNAN
Narbonne
Prades
Andorra
Panticosa
Tiermas
LOGROÑO
Arnedillo
Riva-los-Bos
Grávalos
Cervera del-Rio-Alhama
Ebro
HUESCA
Estadilla
ZARAGOZA
Quinto
Fonte
Jaraba
Alhama
Paracuellos-de-Jiloca
Escatron
Borjas
LERIDA
Caldas-de-Monbuy
la Puda
BARCELONA
GERONA
Caldas de Malavella
Lagarriga
Bañolas
S. Vicens
Caldas de Bohi
TARRAGONA
Trillo
Segura
Sacedon
Alcantud
S. de Cabras
Loeches
TERUEL
Valdeganga
CUENCA
Montanejos
CASTELLON
Villavieja
Chulilla
VALENCIA
7 Aguas
Villatoya
Fuente-Podrida
Chinchilla
Almansa
Tobarra
Salinetas
Busot
Bellus
Benimarfull
ALICANTE
Fortuna
Archena
MURCIA
Alhama
Fte Sta de Lorca
la Salvadora
Jabalcuz
Martos
Fuente Alamo
Sta Elvira
Graena
Zújar
Horcajo
GRANADA
Malaha
Alhama
Vilo-ó-Rosas
Fte Amarga
Lanjaron
Alhamilla
Lucainena
Alfaro
ALMERIA
Guardavieja
Cartagena
MALLORCA
PALMA
IBIZA
Inca
S. Juan de Campos
Torres
Gravé et Imp chez MM. A. Chaix et Cie 20 r. Bergère Paris. 9944-7.

0° de Paris.



PEDRAS SALGADAS (Portugal)

Aguas alcalinas frias.

Veja-se a descripção, p. 220.



VIDAGO (Portugal)

Aguas alcalinas frias.

Veja-se a descripção, p. 232.

	gram.		gram.
Bicarbonato de soda	4,629017	Chlorureto de potassio	0,169530
— de potassa	0,048396	Phosphato d'alumina	0,000724
— de lithina	0,037331	Acido silicico	0,061170
— de estronciana	0,000963	— carbonico livre e dissolvido	1,449408
— de cal	0,971350	Acido arsenioso	Vestigios.
— de magnesia	0,255404	Ammoniaco	Vestigios.
— de ferro	0,013131	Phosphato de soda	Vestigios.
— de manganez	0,001053	Materias organicas	Vestigios.
Sulfato de potassa	0,008939		
— de baryta	0,001002	Total	7,647418

A agua é limpida e transparente, sem cheiro sensivel, de gosto agradavel, levemente salobro e picante. O gaz acido carbonico, que contém, é tão abundante que faz saltar a rolha quando se agita n'uma garrafa a agua recentemente colhida. É util, em bebida e banhos, nas areias, gota, engurgitamentos do figado e do baço, colicas hepaticas e nephriticas, molestias do estomago. Toma-se na dóse de um copo de 250 grammas, duas vezes por dia, uma hora antes da comida. Póde beber-se ao jantar misturada com vinho. Transportada conserva-se bem.

Vidago é uma bonita aldeia, situada n'um valle fertil, a meio caminho entre Chaves e Villa Pouca de Aguiar. A principal casa da povoação é o *Grande Hotel de Vidago*, que recebe hospedes de tres classes, de 1$200, 1$500 e 2$250 réis por dia (moeda de Portugal). Ha em Vidago casas particulares que tambem recebem hospedes. Junto do grande hotel, que pertence a Empresa das Aguas, tem esta um hotel mais pequeno em que ha um estabelecimento de banhos d'agua mineral. As aguas bebem-se na fonte pelo preço de 1$000 réis por toda a estação balnearia, que dura de 15 de Maio a 15 de Outubro. — A viação faz-se do Porto na diligencia, a qual sahe do Porto ás 4 horas da tarde, chega a Villa Real no dia seguinte das 8 para 9 horas da manhã, e gasta d'ahi a Vidago cerca de 7 horas.

Villa Pouca de Aguiar. V. *Pedras Salgadas*.

Villarelho da Raia. Portugal; Traz-os-Montes. Agua alcalina, fria; 16°,2. É limpida, transparente, de um gosto agradavel, levemente alcalino; deixa desenvolver grande quantidade de gaz acido carbonico. Segundo o Sr. Dr. A. V. Lourenço, mil grammeas d'esta agua contém em dissolução :

	gram.		gram.
Chlorureto de potassio	0,063424	Acido carbonico inteiramente livre	0,580640
Bicarbonato de potassa	0,002277		
— de soda	2,364055	Albumina	vestigios.
— de cal	0,161280	Oxydo de ferro	vestigios.
— de magnesia	0,057143	Materia organica	vestigios.
Acido silicico	0,015000		

As aguas de Villarelho da Raia convem nas areias, gota, molestias do figado, do baço e do estomago.

Vimeiro. Portugal; Estremadura. Agua salina, fria; 24°. Duas legoas para o norte da villa de Torres Vedras, sobre as duas margens do rio que corre junto ao lugar do Vimeiro, se achão os banhos chamados da *agua santa*. A agua é diaphana sem cheiro, de sabor pouco agradavel, levemente salobra e unctuosa. Mil grammas d'agua

deixão 0g,826 de residuo solido formado, segundo o Dr. Lourenço, de chloruretos de sodio e magnesio; sulfatos de potassa, cal e magnesia, e silica. Estas aguas são gabadas, em banhos, contra as molestias de pelle.

Vittel. França. Aguas alcalinas e aguas ferruginosas frias. Numerosas fontes, das quaes tres são applicadas ao uso medico: *Fonte grande, fonte Maria*, e *fonte das moças*. A temperatura d'estas tres é de 11°,5; differem pela mineralização e propriedades.

A agua da *fonte Grande* é limpida, de sabor acidulo e ferreo; contém, por litro, 1g,739 de saes, que são bicarbonatos de cal, de magnesia, de soda e de ferro; sulfatos de cal, de magnesia, de soda, de estronciana; chloruretos de sodio e de magnesio; silica; alumina; phosphato calcareo; sal de potassa e ammoniacal; indicios de ioduretо e de arsenico. Contém tambem 1/10 de volume de gaz acido carbonico, que se desenvolve sob a fórma de bolhas na agua recentemente tirada. Emprega-se nas areias, gota, catarrho da bexiga, molestias dos rins e da prostata.

A *fonte Maria* não contém senão pequena quantidade de gaz acido carbonico, e não tem ferro; mas o sulfato de magnesia, de que contém 1 gramma por litro, lhe dá propriedades laxativas; não contém arsenico. Emprega-se nos engurgitamentos do figado e do baço.

A *fonte das moças*, contém bicarbonato e crenato de ferro e manganez, 4 centigrammas por litro, e indicios de arsenico. Convem na chlorose e amenorrhea.

O estabelecimento thermal comprehende bicas para beber agua, banhos e duchas variadas. A estação thermal dura de 15 de Maio até ao fim de Setembro. A localidade é admiravel; ha passeios variados nos mattos e montes vizinhos. As aguas de Vittel transportadas conservão-se bem.

Itinerario: Estrada de ferro de Pariz a Neufchateau, 10 horas; carro de Neufchateau a Vittel, 3 horas.

Vizella. Portugal; Minho.

A uma legua da cidade de Guimarães, ha de uma e outra banda do rio *Vizella*, muitas nascentes d'aguas sulfurosas quentes. Temperatura 27° a 65° centigrados. Existem ali tanques, feitos de tijolo e argamaça, construidos em muito remota antiguidade. Em um d'estes tanques cabem mais de 50 pessoas. A agua da nascente do *Mourisco* tem de temperatura 36°,5, e, segundo as experiencias feitas pelo muito distincto Sr. Dr. Agostinho Vicente Lourenço, deixa pela evaporação do residuo solido 33 centigrammas por 1000 grammas d'agua. Este residuo é formado de silicatos e chloruretos alcalinos, de saes calcareos e magnesianos. A mesma quantidade d'agua contém 0g,00862 de acido sulfhydrico. — A *agua da Lameira*, situada a pequena distancia da precedente, tem de temperatura 32°,5. Mil grammas d'esta agua deixão pela evaporação 34 centigrammas de residuo solido, composto dos mesmos saes que a precedente, e contém 0g00913 de gaz acido sulfhydrico. — A *agua do Medico*, situada na vizinhança das precedentes, tem de temperatura 37°,5; contém, por litro, 34 centigrammas de saes, e 0g,00987 de gaz acido sulfhydrico. — Nas demais nascentes as temperaturas varião extremamente desde 17°,2 até 65°,5. O calor de cada um dos *banhos* em uso tem alguma alteração segundo os dias e circumstancias incognitas. O producto total das aguas monta a 327,000 litros por vinte e quatro horas, havendo varias nascentes que não se explorão por haver já o volume d'agua sufficiente para as necessidades

actuaes. — As aguas de Vizella aproveitão nos rheumatismos, molestias cutaneas, paralysias. Usão-se em banhos, duchas e bebida. Além de muitas casas mobiliadas ha dois bons hoteis, *Hotel do Padre* e *Hotel do Cruzeiro do Sul*. Em ambos o serviço é de mesa redonda, e o preço do quarto e comida é de 1$000 réis diarios (moeda de Portugal), por cada pessoa. A estação thermal principia em 15 de Maio e acaba no fim de Outubro. As caldas de Vizella estão situadas n'um valle agradavel, coberto de vegetação risonha. O rio Vizella atravessa a povoação. Na margem direita fica a Lameira, a parte mais povoada; na margem esquerda está situado o Mourisco. Uma ponte de pedra estabelece a communicação entre as duas margens.

Weilbach. Allemanha. Agua sulfurosa fria. Usa-se sobretudo como bebida nas affecções chronicas do peito, na dóse de meio copo a um copo duas vezes por dia.

Wiesbaden. Allemanha; Nassau. Aguas salinas quentes. As nascentes são numerosas. A mais importante é a *Kochbrunnen;* temperatura 68°; contém, por litro, 8g,45 de principios fixos que são : chlorureto de sodio (6g, 83); chloruretos de potassio, de lithio, de ammoniaco, de calcio, de magnesio; bromureto de magnesio; iodureto de magnesio; sulfato de cal; silica; silicato de alumina; carbonatos de cal, de magnesia, de baryta, de estronciana, de ferro, de manganez, de cobre; bicarbonatos; phosphato de cal; arseniato de cal (0g,00015). Contém tambem 346 centimetros cubicos de gaz acido carbonico livre. A agua é limpida, atravessada por bolhas de gaz acido carbonico, de sabor de caldo de carne salgado. Depõe um sedimento que se ajunta á agua de banho, ou que se utiliza em applicações locaes. Emprega-se em bebida e banhos. Na dóse de dois a quatro copos, tomada de manhã, é laxativa. Os banhos, porém, constituem a parte essencial do tratamento. — As aguas de Wiesbaden empregão-se nas molestias seguintes : areias, calculos biliares, gota, rheumatismo, paralysia, retracções musculares, torceduras antigas, rijezas consecutivas ás antigas fracturas. — Estação thermal do 1° de Junho ao 1° de Outubro. — Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Wiesbaden mesmo, 17 horas.

Wildbad. Allemanha; Wurtemberg. Aguas alcalinas quentes. 30° a 37°. Nascentes numerosas; 10 grandes piscinas e 50 pequenas. Ha tambem uma bica para beber agua, mas as aguas são principalmente empregadas em banhos e duchas, pouco como bebida. A agua é clara, sem cheiro nem sabor; a sua mineralização é quasi nulla, porque não é representada senão por alguns centigrammas de saes alcalinos. Os banhos empregão-se contra as paralysias, molestias da medulla espinhal, ataxia locomotriz, atrophia muscular, gota e nevralgias. — Estação thermal do 1° de Maio ao 1° de Outubro. — Itinerario : Estrada de ferro de Pariz a Wildbad mesmo, 17 horas e 13 minutos.

Zebras. Portugal; Beira baixa. Aguas sulfurosas frias.

Designação das molestias e das aguas mineraes que lhes convem.

Albuminuria. Aguas ferruginosas : Andarahy, Laranjeiras, Riachuêlo, Cabeça de Mont'achique, Camara, Spa, Marcols, Orezza, Passy; aguas alcalinas de Pougues.

Amenorrhea, dysmenorrhea. Aguas ferreas : Andarahy, Laranjeiras, Riachuêlo, Cabeça de Mont'achique, Camara, Spa, Marcols, Orezza, Passy.

Anemia. Aguas ferreas, as mesmas que para a *amenorrhea.*

Angina. As mesmas caldas que para a *bronchite.*

Ankyloses falsas. Banhos de muitas aguas mineraes quentes : Caldas no Brasil; Caldas da Rainha, Vizella em Portugal; Aix-en-Savoie, Baréges, Luchon, Dax, Bourbonne, Saint-Amand.

Aphonia. As mesmas caldas que para a bronchite chronica.

Areias, pedra, catarrho vesical. Vidago, Chaves, Pedras Salgadas, Vichy, Pougues, Plombières, Contrexeville, Vittel, Carlsbad, Toeplitz, Evian.

Asthma. Eaux-Bonnes, Cauterets, Vernet, Amélie-les-Bains, Mont-Dore, Saint-Honoré, Enghien, Pierrefonds.

Ataxia locomotriz, atrophia muscular. Lamalou, Pfeffers, Wildbad, Gastein.

Bronchite chronica. Caldas sulfurosas, sobretudo as aonde se praticão inhalações gazosas : Eaux-Bonnes, Cauterets, Luchon, Amélie, Vernet, Enghien, Marlioz, Mont-Dore, Pierrefonds, Saint-Honoré, Allevard.

Cachexia palustre. Uriage, Vittel, Vichy, Vals, Pougues, Spa.

Calculos biliares. Vichy, Vidago, Pedras Salgadas, Vittel, Contrexeville, Pougues.

Colica hepatica. Vichy, Vidago, Pedras Salgadas, Vittel, Contrexeville, Pougues.

Colica nephritica. As mesmas aguas que para as *areias.*

Chlorose. Aguas ferreas : Andarahy, Laranjeiras, Riachuêlo, Cabeça de Mont'achique, Camara, Spa, Marcols, Orezza, Passy.

Diabetes. Vichy, Vidago, Vals, Evian, Pougues, Carlsbad, Ems.

Dyspepsia. Campanha, Baependy, Chaves, Evian, Pougues, Vals, Seltz, Saint-Galmier, Condillac.

Engurgitamento do figado e do baço. Vichy, Baependy, Vidago, Chaves, Pedras Salgadas, Pougues, Plombières, Contrexeville, Vittel, Carlsbad, Marienbad, Kissingen.

Escrophulas. Salies-de-Bearn, Salins, Challes, Kreuznach, Ischl e banhos do mar.

Esfalfamento. Aguas ferreas, as mesmas que para a chlorose.

Feridas antigas por armas de fogo, necrosé, caries, trajectos fistulosos. Caldas na provincia de Minas (Brasil), Caldas da Rainha, Baréges, Bourbonne, Bourbon-l'Archambault, Balaruc, Saint-Amand, Aix-en-Savoie, Aix-la-Chapelle, Wiesbaden, Toeplitz.

Gastralgia. Campanha, Evian, Seltz, Saint-Galmier, Pougues, Vichy, Condillac.

Gota. Vichy, Vidago, Pedras Salgadas, Wiesbaden, Homburg, Kissingen, Toeplitz, Carlsbad, Marienbad, Niederbronn.

Hypochondria. Luso, Luxeuil, Uriage, Salins, Baden-Baden, Homburg, Kissingen, Marienbad, Wiesbaden.

Impotencia viril. Lamalou, Wildbad, Gastein, Hydrotherapia. Banhos do mar.

Incontinencia de ourina. Banhos do mar; Spa, Luxeuil, Neris, Plombières.

Laryngite. As mesmas Caldas que para a bronchite.

Leucorrhea. Banhos do mar; aguas ferreas : Andarahy, Spa, Marcols, Orezza, Passy.

Molestias cutaneas. Caldas na provincia de Minas (Brasil), Caldas da Rainha, Taipas, Vizella, Aix-en-Savoie, Luchon, Baréges, Cauterets, Uriage, Enghien, Aix-la-Chapelle, Baden (Austria), Saint-Sauveur, Allevard, Neris, Saint-Amand.

Molestias do figado. Itapicurú, Baependy, Vidago, Pedras Salgadas, Chaves, Vichy, Carlsbad, Pougues, Contrexeville, Plombières.

Molestias dos ossos, caries, necroses. Salies-de-Bearn, Salins, Balaruc, Niederbronn, Bourbonne, Baréges, Luchon, Amélie, Challes. Banhos do mar.

Morphea. Luchon, Bourboule.

Nevralgias e nevroses. Neris, Dax, Plombières, Luxeuil, Evian, Pfeffers, Baden-Baden. Hydrotherapia. Banhos do mar.

Obesidade. Aguas salinas purgativas : Salies-de-Bearn, Marienbad, Kissingen, Kreuznach, Wiesbaden, Pullna.

Ozena. Dirigir a corrente de gaz acido carbonico ao interior das ventas, o que se pratica nas muitas caldas gazosas, e principalmente nas de Vichy. Fazer injecções no nariz com as aguas sulfureas das Caldas (Brasil), das Caldas da Rainha (Portugal) e de muitas outras caldas sulfurosas : Aix-en-Savoie, Luchon, Cauterets, etc.

Paralysia, paraplegia, hemiplegia. Caldas (Brasil), Caldas da Rainha (Portugal), Bourbonne, Balaruc, Bourbon-l'Archambault, Baréges, Luchon, Aix-en-Savoie, Plombières, Aix-la-Chapelle, Saint-Amand, Acqui, Wildbad.

Prisão de ventre. Kissingen, Salins, Luxeuil, Kreuznach, Wiesbaden.

Rheumatismo articular e muscular. Todas as aguas mineraes quentes, administradas em banhos e duchas, são uteis. As caldas, cuja mineralização é fraca, dão resultados favoraveis, quando estão providos de apparelhos hydrotherapicos convenientes. As caldas, que se empregão com vantagem contra o rheumatismo chronico são : Caldas (Brasil), Caldas da Rainha (Portugal), Vizella (Portugal), S. Pedro do Sul (Portugal), Aix-en-Savoie, Luchon, Cauterets, Baréges, Saint-Sauveur, Dax, Bourbonne, Neris, Luxeuil, Balaruc, Plombières, Vichy, Mont-Dore, Bourbon-l'Archambault; os banhos de lodo mineral de Dax e de Saint-Amand.

Syphilis inveterada, e constitucional. Caldas (Brasil), Caldas da Rainha, Luchon, Baréges, Cauterets, Aix-en-Savoie, Challes.

Tisica. Eaux-Bonnes, Cauterets, Vernet, Amélie, Saint-Honoré, Enghien, Pierrefonds, Mont-Dore.

Torceduras antigas. Caldas (Brasil), Caldas da Rainha, Luchon, Baréges, e sobretudo os banhos de lodo mineral em Dax e Saint-Amand.

AGUARÁ-CIUNHÁ-AÇÚ ou **Jacuá-acanga.** *Tiaridium indicum,* Lehm. Borragineas. Planta commum na provincia de S.Paulo do Brasil. Folhas ovaes, asperas e decurrentes sobre o peciolo; flores de côr roxa pallida, dispostas em espigas unilateraes e terminaes; cheiro desagradavel. As folhas applicão-se nas ulceras que mundificão favoravelmente.

AGUAXIMA. V. PERIPAROBA.

AIPO INCULTO, SILVESTRE ou **BRAVO.** (Ache, fr.). *Apium graveolens.* L. Umbelliferas. Planta que em Portugal habita nos sitios humidos. Caules muitos de uma só raiz; folhas alternas, pecioladas, ternadas; lobulos cuneiformes, recortados, luzidios; flores brancas esverdeadas, dispostas em umbellas axillares ou terminaes; fructo arroxeado, globoso, mui pequeno : raiz cinzenta por fóra, branca por dentro, fusiforme, ramosa, de cheiro forte, sabor amargo e acre. *P. us. Raiz* e *sementes.* Diuretico, excitante. A raiz é uma das cinco raizes chamadas *aperientes;* a semente é aromatica, e faz parte das *quatro sementes quentes.*

AIPO CULTIVADO ou **CELERI**. (Céleri, fr.). *Apium graveolens sativum* ou *Apium dulce*, Miller. Cultiva-se no Brasil e em Portugal. A cultura torna o aipo silvestre mais tenro e branco. As folhas cozidas servem de tempero no caldo de carne. Os talos e os peciolos das folhas comem-se crús em salada; são diureticos.

ALAMBRE. V. AMBAR AMARELLO.

ALBARA. V. IMBIRI.

ALBUMINA (Albumine, f.). Principio immediato dos animaes; constitue a grande parte da clara de ovo. A albumina liquida é viscosa, transparente e incolor; coagula-se pela acção do calor. Emprega-se com feliz exito na dysenteria, e para este fim administra-se em bebida ou em clysteres. Possue ainda a propriedade preciosa de decompôr as soluçõesmetallicas, principalmente as de cobre e mercurio, e de formar com estes saes novos corpos, que não tem acção nociva sobre a economia; e por isso as claras de ovos diluidas em agua são o antidoto o mais efficaz d'estas substancias. V. Ovo.

ALCAÇUZ. (Réglisse, fr.). *Glycyrrhiza glabra*, L. Leguminosas papilionaceas. Arbusto da Europa meridional, que em Portugal habita nos arredores de Torres Vedras, nos marachões humidos dos campos entre Vallada e Castanheira, e outras partes. A maior parte do alcaçuz que se acha no commercio vem da Hespanha. Fig. 116. Caule de 100 a 130 centimetros, folhas compostas de 13 a 15 foliolos ovaes; flores avermelhadas. A raiz, que é antes um tronco subterraneo ou rhizoma provido de um canal medullar, tem 1 a 2 metros de comprimento; é da grossura de um dedo, roxa exteriormente, amarella no interior, sabor doce, seguido de alguma acrimonia. *P. us. Raiz*. Cumpre escolhê-la de bella côr amarella no interior.



Fig. 116. — Alcaçuz.

Emolliente, e diuretico, empregado nas molestias inflammatorias. Os pós de alcaçuz, d'aquelles que são chamados inertes nas boticas, servem para cobrir as pilulas.

No commercio prepara-se d'esta raiz um extracto chamado *succo de alcaçuz*, que serve para a composição das massas peitoraes. Obtem-se fazendo ferver a raiz em grandes caldeiras de cobre, e levando o cozimento á consistencia de xarope e depois de extracto,

que se divide finalmente em magdaleões ou rolos de 12 a 15 centimetros de comprimento, marcados n'uma das extremidades do carimbo da fabrica. É negro, de fractura resinosa, gosto adocicado e algum tanto acre. A agua dissolve 3/5 a 11/12 d'estes extractos, conforme a qualidade. O alcool rectificado dissolve 1/5 a 1/10, e adquire um gosto acre. O residuo deixado pelo alcool é inteiramente soluvel na agua, e de sabor não acre. Os succos do commercio contém sempre um pouco de cobre, pelo que devem ser purificados por uma nova solução, ou melhor ainda preparados na officina (V. *Succo de alcaçuz purificado*, p. 91). O extracto de alcaçuz é empregado como excipiente das pilulas. Fazem-se tambem uns trociscos de extracto de alcaçuz, que se trazem na bocca e se mascão nas irritações da garganta ou nas tosses.

Internamente. *Infusão :* Raiz de alcaçuz cortada 10 grammas (2 1/2 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por duas horas, e côe.

A decocção desenvolve no alcaçuz um gosto acre, e por isso esta raiz nunca deve ser fervida. Pela mesma causa é, que a raiz de alcaçuz não se ajunta aos cozimentos, senão depois de tirados do fogo. Deve tambem ser raspada com faca, e depois cortada e fendida. A drogaria fornece um *alcaçuz decorticado.*

Extracto (p. 89), 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça), dissolvido em algum cozimento.

Pasta de alcaçuz opiada ou *roxa* (Cod. fr.).

Succo de alcaçuz	100 gram.	Agua	2500 gram.
Gomma arabica	1500 gram.	Extracto de opio	1 gram.
Assucar refinado	1000 gram.		

Dissolva o succo de alcaçuz na agua; côe; ajunte a gomma, o assucar, e, no fim da operação, o opio. Evapore até á consistencia de pasta, procedendo pela mesma fórma que para a pasta de musgo islandico. — 100 grammas d'esta pasta contém cerca de 3 centigrammas de extracto de opio.

Pasta de alcaçuz preta ou *succo de alcaçuz gommado* (Cod. fr.).

Succo de alcaçuz	500 gram.	Assucar refinado	500 gram.
Gomma arabica	1000 gram.	Agua fria	3000 gram.

Quebre o succo de alcaçuz em pequenos pedaços, e dissolva-o na agua; passe por panno de lã sem espressão; dissolva n'esta solução a gomma arabica. Passe por panno de linho tapado; ajunte o assucar, e termine do mesmo modo que a pasta de jujubas.

Depois de adquirir sufficiente consistencia, divida-a com tesoura em tiras estreitas, que cortará transversalmente. Póde aromatizar-se esta pasta incorporando na massa, antes de a tirar do fogo, 4 gram. de lirio florentino em pó, ou agitando n'um frasco um kilogramma de pasta cortada em pequenos pedaços, com 10 gottas de oleo essencial de aniz, diluidas em 3 ou 4 grammas de alcool rectificado.

Pastilhas de alcaçuz.

Succo de alcaçuz	332 gram.	Lirio	15 gram.
Gomma arabica	166 gram.	Agua	q. s.
Assucar	166 gram.		

Faça pastilhas de 1 gramma (20 grãos).

Pastilhas de ministros ou *Peitoral suisso.*

Lirio pulverizado	8 gram.	Extracto de alcaçuz	125 gram.
Aniz	10 gram.	Funcho	6 gram.
Raiz de alcaçuz em pó	14 gram.	Assucar	875 gram.

Faça, com q. s. d'agua, massa, que dividirá em pastilhas hemi-

sphericas de 40 centigrammas (8 grãos). Estas pastilhas são muito empregadas na Suissa.

ALCAÇUZ DO BRASIL. *Periandra dulcis*, Martius. Leguminosas. Arbusto que habita espontaneamente em Minas nos terrenos pedregosos. Sua raiz tem sabor adocicado, porém menos forte do que o do alcaçuz europeo. O Sr. Theodoro Peckolt, distincto pharmaceutico do Rio de Janeiro, obteve d'ella um extracto ou succo purificado.

ALCALI VOLATIL. V. AMMONIACO LIQUIDO.

ALCANFOR. V. CAMPHORA.

ALCARAVIA ou **Alcarovia.** (Carvi, fr.), *Carum carvi*, L. Umbelliferas. As sementes d'esta planta, uma das *quatro sementes quentes maiores*, são carminativas, e empregadas nas flatuosidades e colicas ventosas.

Internamente. *Pó*, 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava).

Infusão : 4 grammas (1 oitava) para 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

Oleo essencial, 2 a 6 gottas.

Externamente. Oleo essencial em fricções sobre o ventre.

ALCATRÃO. (Goudron, fr.). Mistura de essencia de terebinthina, de resina, de oleo empyreumatico, de carvão e de acido acetico; que se prepara fazendo queimar lentamente, n'uma fornalha particular, os troncos dos pinheiros que já não dão terebintina por incisão por serem velhos. É de consistencia de xarope mui espesso, de côr roxa preta, e de cheiro particular. É facilmente solidificado por 1/16 de magnesia calcinada. É soluvel no alcool, no ether, nos oleos fixos e volateis. Agitado com agua, abandona-lhe grande variedade de productos, e communica-lhe côr amarella.

Alcatrão purificado (Cod. fr.) Deite alcatrão em bacia de cobre, e aqueça brandamente até derreter-se; côe com espressão por panno, e guarde para uso.

Emprega-se internamente contra as molestias cutaneas, catarrhos vesicaes e pulmonares, escorbuto, asthma, rheumatismo chronico, etc.; externamente contra as molestias de pelle. Communica á ourina côr avermelhada, cheiro caracteristico, e augmenta-lhe a quantidade. O suor mesmo torna-se cheiroso.

Internamente. 1 gramma (20 grãos) por dia em pilulas.

Xarope de alcatrão (p. 130), 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça) por dia.

Agua de alcatrão (Cod. fr.).

Alcatrão purificado	100 gram.	Agua dist. ou de chuva	3000 gram

Deixe em contacto, por vinte e quatro horas, n'uma talha de gres, mexendo amiudadas vezes com espatula de páo, rejeite essa primeira agua, e deite nova quantidade d'ella. Deixe em contacto de novo por oito a dez dias, agitando frequentemente; decante e filtre. D. 2 a 3 copos por dia, pura ou misturada com leite. Molestias de pelle, catarrhos da bexiga e dos pulmões.

Se se empregasse agua commum, o producto não se poderia conservar e contrahiria um cheiro de hydrogeneo sulfurado.

Pilulas de alcatrão (Palieti).

Alcatrão	7 1/2 centig.	Alcaçuz pulverizado	15 centig.
Balsamo Peruviano	7 1/2 centig.		

F. 1 pilula. D. 6 duas vezes por dia.

Pilulas de alcatrão (Mignot).

Alcatrão	10 centig.	Magnesia	q. s.
Aniz	10 centig.		

F. 1 pilula D. 1 a 10 por dia.

Licor de alcatrão de Guyot.

É um remedio secreto. Segundo a analyse do Dr. Jeannel póde reproduzir-se com a formula seguinte :

Alcatrão de lenha	25	Agua commum	1000
Bicarbonato de soda	25		

Emprega-se interna e externamente. Para *uso interno*, misturão-se duas colheres *de sopa* com 1 litro d'agua, ou 1 colher *de chá* n'um copo d'agua, e obtem-se d'esta maneira *agua de alcatrão*, que se emprega na bronchite chronica, aphonia e molestias de pelle.

Para *uso externo :* 6 a 8 colheres *de sopa*, n'um copo d'agua, em loções e injecções.

Externamente. *Agua de alcatrão*. Em injecções na otorrhea, e nos abcessos acompanhados de despegamento da pelle.

Emplasto de alcatrão (p. 78). Applica-se no peito, nas bronchites.

Papel alcatroado ou *Emplasto do pobre homem*, p. 83.

Pomada de alcatrão (Cod. fr.).

Alcatrão purificado	10 gram.	Banha	30 gram.

Misture em almofariz. Emprega-se contra os dartros, e contra a quéda do cabello.

Pomada contra a quéda do cabello (Dauvergne).

Banha	30 gram.	Balsamo de Fioravanti	3 gram.
Alcatrão	6 gram.	Balsamo do Commend.or	3 gram.
Manteiga de moscada	2 gram.	Almiscar	5 cent.
Benjoim	2 gram.	Essencia de patchouly	30 cent.

Dissolva por trituração o benjoim n'um pouco de alcool, ajunte os balsamos, e incorpore tudo na pomada de alcatrão, previamente preparada a b. m.

Glycereo de alcatrão (Cod. fr.).

Alcatrão purificado	10 gram.	Glycereo de amido	30 gram.

Emulsão de alcatrão para uso externo (Adrian).

Alcatrão	20 gram.	Agua commum	150 gram.
Gema de ovo	30 gram.		

Triture o alcatrão com a gema de ovo; ajunte a agua pouco a pouco triturando. Esta emulsão, mui activa, póde ser diluida com agua, á vontade. Emprega-se em injecções, lavatorios, nas ulceras.

Emulsão de alcatrão para uso externo (*Jeannel*).

Carbonato de soda crystallizado e pulverizado	1	Alcatrão de lenha	1
		Agua commum	100

Misture o carbonato com o alcatrão em gral de porcelana; introduza a mistura com a agua n'um vaso de 2 litros de capacidade; agite fortemente até emulsionar completamente o alcatrão; filtre.

Esta emulsão permitte a distribuição exacta do alcatrão para bebidas, gargarejos, lavatorios, banhos. 5 grammas contém 5 centigrammas de alcatrão e 5 centigrammas de carbonato de soda; misturados com 1 litro d'agua, fornecem um liquido turvo, que parece conter um pouco mais de resina amarga do que a agua de alcatrão do Codigo. Póde-se elevar a dóse a 40 grammas por litro. A quantidade de carbonato de soda que contém é mui fraca para poder exercer uma acção apreciavel. A emulsão pura é um poderoso

desinfectante em injecções nos trajectos fistulosos, em lavatorios nas ulceras, etc.

Pomada de alcatrão alcalina.

Alcatrão	4 gram.	Banha	30 gram.
Subcarbonato de soda	4 gram.		

F. S. A. Affecções cutaneas. Esta pomada não mancha a roupa, porque o alcatrão e a banha fazem emulsão com agua quando estão em contacto com o sub-carbonato de soda.

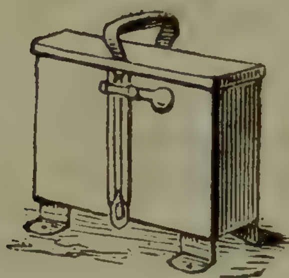
Pomada de alcatrão composta (Guillot).

Banha	25 gram.	Oleo de cade	1 gram.
Subcarbonato de soda	1 gram.	Alcatrão	1 gram.

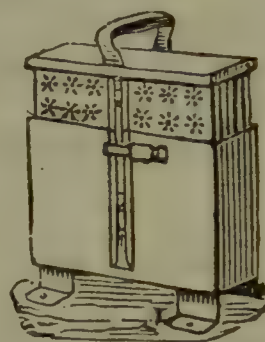
F. S. A. — Psoriase.

Fumigações de alcatrão. Deitão-se 30 grammas (1 onça) de alcatrão em agua quente, e o doente affectado de bronchite respira o vapor que sahe do vaso.

As emanações de alcatrão são aconselhadas na coqueluche, asthma, bronchite chronica, tisica. Existe para este fim um apparelho, chamado *emanador* (fig. 117), destinado a espalhar nas casas as ema-



Apparelho fechado.



Apparelho meio aberto.

Fig. 117. — Emanador de alcatrão.

nações de alcatrão. É uma caixa de folha na qual se mette o alcatrão. Na tampa d'esta caixa achão-se fixadas seis chapas metallicas que apresentão doze superficies, separadas uma da outra por um intervallo de mais de um centimetro. Estando a caixa fechada, estas chapas mergulhão no alcatrão liquido; mas levantando a tampa e fixando-a nas differentes alturas, as chapas cobertas com alcatrão deixão exhalar os vapores d'esta substancia. Este apparelho apresenta debaixo de um pequeno volume uma grande superficie de evaporação. Vende-se em Pariz, na rua de Saint-Georges, 48 bis, em casa do seu inventor, o Sr. Sax. Custa 25 francos.

ALCOOL. (Alcool, fr.). Liquido que se obtem pela distillação de qualquer vegetal que contenha assucar. Obtem-se de uvas, arroz, batatas, centeio, assucar, etc. Mas a maior parte do alcool do commercio provém do vinho, das betarrabas, da fecula das batatas e da canna de assucar. O primeiro é o unico admittido nas pharmacias. O *alcool de vinho* ou *espirito de vinho* é designado tambem debaixo do nome de *aguardente de França*, porque se fabríca principalmente em França, nos arredores de Montpellier. Tal como se acha no commercio, marca 85° cent. (33° Cart.). A aguardente chamada *Cognac*, da cidade de França onde se fabríca, marca 45° a 60° cent. (18° a 22° Cart.). Estes espiritos são impuros, e necessitão de uma distil-

lação para os purificar e torna-los proprios ao uso pharmaceutico. Para este fim, deita-se o liquido espirituoso no banho-maria de um alambique, e distilla-se. Obtem-se d'esta maneira o *alcool rectificado* que marca 90° cent. (36° Cart.), e é este que se emprega nas pharmacias. Para obter o alcool de 95° cent. (40° Cart.), torna-se a distillar o alcool rectificado com o acetato de potassa na proporção de 4 do primeiro para 1 do segundo. Emfim obtem-se o *alcool absoluto*, ou anhydro de 100 cent. (44° Cart.), distillando o alcool de 95° cent. com a cal. O alcool de 56° cent. chama-se nas pharmacias *alcool aquoso*.

O alcool de 90° cent. ou rectificado é um liquido incolor, mui fluido, mais leve do que a agua (0,83), de cheiro suave, fraco e particular, de sabor acre e ardente, que diminue e torna-se mesmo agradavel á medida que o alcool se diliue por meio de agua. Ferve a 78°, e inflamma-se facilmente approximando-lhe um corpo em ignição. Arde com a chamma amarella sobre o chlorureto de sodio, violacea sobre o chlorureto de potassio, verde sobre o acido borico ou sobre o sal de cobre, carmesim sobre o chlorureto de lithio. É volatil em todas as temperaturas, e miscivel em todas as proporções com a agua. A mistura de agua e de alcool dá lugar a uma elevação de temperatura, e, o que é digno de notar-se, o liquido produzido não representa em volume o total dos dois liquidos que se reunírão. Dissolve grande numero de corpos; entre os quaes indicarei os mais importantes, que são : os oleos volateis, alguns oleos fixos, a maior parte das resinas, o iodo, o bromo, 1/200 de phosphoro, 1/200 de enxofre, o acido borico, phosphorico e todos os acidos organicos, a potassa, a soda, o ammoniaco e a maior parte dos alcaloides; o chlorureto de calcio, o perchlorureto de ferro, o deuto-chlorureto de mercurio, o chlorureto de ouro, os sulfuretos alcalinos, os ioduretos de potassio, de ferro, de mercurio (deuto-), o azotato de prata (neutro); os acetatos de cal, de potassa, de chumbo (neutro-), de mercurio (deuto-), e todos os saes com bases de origem organica, etc. O alcool, diluido com agua, estende o seu poder dissolvente a grande numero de outras substancias que não forão citadas, e das quaes as principaes são : o assucar e o extractivo; mas perde então esta faculdade para algumas das que deixei nomeadas.

Além da aguardente de vinho, os outros liquidos espirituosos são :

Aguardente de canna, rhum, cachaça, ou *tafia*, que se obtem pela fermentação do succo da canna de assucar, ou do melaço. Deve o seu sabor a um oleo volatil. Contém 54/100 de alcool.

Arack ou *rack*, obtido nas Indias orientaes do arroz fermentado com certa quantidade de cato.

Gin ou *whisky*, obtido na Inglaterra dos licores fermentados da cevada torrada e dos outros cereaes. Contém 52/100 de alcool.

Kirsch; o melhor vem da Floresta-Negra na Allemanha, é produzido pela distillação do succo fermentado das cerejas pretas sobre os seus caroços. Deve o cheiro de amendoas amargas ao acido prussico.

Marasquino de Zara, que se fabríca na Dalmacia da fermentação das ameixas e dos pecegos.

Genebra, liquido obtido pela distillação da aguardente de grãos sobre o zimbro.

Absinthio, aguardente distillada na Suissa com diversas plantas aromaticas, entre as quaes dominão a *artemisia glacialis*, *rupestris* e outras, e mui pouco de absinthio propriamente dito.

Aguardente de betarrabas, obtida pela fermentação do succo de betarrabas.

Aguardente de fecula ou *de grãos*, preparada com a fecula de batatas, com a cevada, trigo, centeio, milho.

Emfim as *aguardentes de diversas fructas doces*, que tomão o nome das fructas que as tem fornecido.

Em todos estes liquidos o alcool é identico, mas o alcool de vinho é preferido a todos os outros para os usos pharmaceuticos; entretanto hoje a purificação dos espiritos de máo gosto está tão aperfeiçoada, que estes podem ser substituidos ao alcool de vinho. As essencias, que infectão os liquidos espirituosos de máo gosto, podem ser separadas por lavagens e distillações repetidas, por filtrações a travez das terras porosas, ou do carvão animal, ou simplesmente agitando o liquido com qualquer oleo fixo, e decantando-o.

Na pharmacia o alcool serve para a preparação das tinturas, dos alcoolatos, de certos extractos, e licores. É um agente conservador das substancias organicas. — O alcool é a base dos licores de mesa, o excipiente dos extractos cheirosos dos perfumistas. Nas artes seus empregos são innumeraveis. Concentrado a 92° cent., e nas proporções de 75 partes para 25 de oleo essencial de terebinthina, constitue o liquido designado debaixo do nome improprio de *hydrogeneo liquido*, que foi proposto para illuminação, mas que apresenta grandes perigos de explosão.

Verifica-se a força do alcool por meio de um instrumento chamado *areometro* (V. pag. 12).

Propriedades e usos do alcool. Concentrado e administrado em alta dóse, o alcool produz os mais graves accidentes, taes como a insensibilidade, as convulsões, a difficuldade de respirar, o coma, e ás vezes a morte; diluido em agua, e em pequena dóse, actua como excitante do apparelho cerebral. É então um poderoso remedio sempre que é necessario excitar as forças da vida. O alcool exerce no estomago duas acções importantes. Em primeiro lugar dissolve as gorduras que podião ser ingeridas, e favorece a sua emulsão; 2°, ingerido em pequena dóse, augmenta as contracções musculares do estomago e favorece, por conseguinte, o acto mecanico da digestão. Em dóse moderada favorece a digestão, mas impede-a em alta dóse. Goza tambem propriedades diureticas. Como medicamento emprega-se nas affecções seguintes : dyspepsia, vomitos, pneumonia, febre typhoide, febre intermittente, tisica, metrorrhagia, cholera. De alguns annos a esta parte existe na Inglaterra um modo de tratar a pneumonia e algumas outras molestias febrís, chamado *methodo de Todd*, que foi popularizado na França pelo Dr. Behier, e que consiste em administrar internamente o alcool. Os felizes effeitos d'este medicamento explicão-se pela diminuição do pulso e da temperatura que produz, depois de uma excitação passageira. Existe um uso popular de fazer tomar aguardente ás mulheres affectadas de hemorrhagia uterina depois do parto : este uso está hoje adoptado por muitos medicos.

Externamente o alcool é hoje muito empregado para curar as feridas, as mais extensas que sejão. Os lavatorios e os curativos das feridas recentes, e de todas as especies de feridas, com alcool do commercio a 86° cent., diluido com um terço ou dois terços d'agua, produzem effeitos excellentes : coagulão a albumina do sangue e fazem parar por conseguinte a hemorrhagia; actuão como desinfectantes, accelerão a cicatrização, e impedem a infecção purulenta. As

diversas tinturas alcoolicas, empregadas no curativo das feridas, taes como o balsamo do Commendador, e balsamo catholico, a tintura de arnica, etc., devem ao alcool as virtudes hemostaticas e cicatrizantes. — A injecção na tunica vaginal de 6 gram. de alcool a 90° cent. é efficaz para curar o hydrocele. Um tampão de fios, molhado em aguardente camphorada pura, e introduzido na vagina, aproveita nas vaginites chronicas e agudas. As injecções do alcool misturado com agua são empregadas com vantagem na blennorrhagia. Emfim as instillações entre as palpebras da aguardente camphorada misturada com agua, curão as ophthalmias purulentas.

Internamente. 30 a 250 grammas (1 a 8 onças) puro ou diluido em agua, por dia.

Poção de Todd.

Aguardente de França	80 gram.	Xarope de flor de laranjeira	20 gram.
Agua	20 gram.		

Uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas na pneumonia.

Ponche.

Infusão de chá da India	100 gram.	Sumo de limão	30 gram.
Aguardente de canna	100 gram.	Assucar	60 gram.

M. Ás colheres na cholera, e nas febres graves. (V. *Xarope de ponche*, p. 137).

Mistura alcoolica.

Aguardente de França		100 gram.
Agua de canella		100 gram.
Gema de ovo	nº	1
Assucar		15 gram.

Uma colher *de sopa*, de meia em meia hora, na cholera e febre amarella.

Externamente. Em fricções, lavatorios, como excitante e resolutivo, e para curar as feridas, recentes e antigas.

ALECRIM. (Romarin, fr.). *Rosmarinus officinalis*, L. Labiadas. Arbusto cultivado nos jardins, commum no Brasil e em Portugal. Fig. 118. Tem dois pés de altura; folhas duras, estreitas, muito aromaticas; flores de côr roxa pallida. *P. us. Folhas* e *summidades floridas*.



Fig. 118. — Alecrim.

Excitante, empregado na anorexia, digestões laboriosas, tosses humidas, chlorose, escrophulas. etc.

Internamente. *Infusão :* Alecrim, 4 gram. (1 oitava), agua fervendo 500 gram. (16 onças). *Alcoolato* (p. 67), 4 a 16 gram. (1 a 4 oitavas). *Essencia*, 2 a 12 gottas.

Externamente. *Infusão* em lavatorios, fomentações e banhos; 1 kilogramma (2 libras) para um banho.

ALECRIM BRAVO. *Hypericum laxiusculum*, St. Hil. Hypericineas. Planta do Brasil (S. Paulo, Minas). Folhas sesseis, distantes, obtusas; flores amarellas. O cozimento d'esta planta é aconselhado contra as mordeduras das cobras, mas não é de utilidade alguma n'este caso; a planta só póde servir para a preparação dos banhos aromaticos.

ALECRIM DO CAMPO. *Lantana microphylla*, Martius. Verbenaceas.

Planta do Brasil (Bahia). É de cheiro aromatico, e póde servir para os banhos aromaticos.

ALECRIM DO MATO. *Baccharis sylvestris*. Synanthereas. Arbusto do Brasil (Rio). O caule divide-se em ramos delgados, de côr cinzenta, guarnecidos de folhas numerosas, estreitas, lineares, agudas, sendo algumas oppostas, outras irregularmente distribuidas; flores brancas amarelladas, oppostas, verticilladas na extremidade dos ramos; cheiro aromatico. *P. us. Folhas e flores.* — Estimulante, empregado para os banhos aromaticos.

ALFACE BRAVA (Laitue sauvage, fr.). *Lactuca virosa*. L. Synanthereas-chicoraceas. Esta planta habita nas margens dos caminhos da Europa temperada. Tem 3 a 4 pés de altura, folhas oblongas, denticuladas, flores amarellas. *P. us. Toda a planta.* Narcotica e diuretica; aconselhada na hydropisia, ictericia, angina do peito. Em alta dóse produz vomitos, vertigens e os mais accidentes do narcotismo. É pouco empregada.

Internamente. *Extracto* (p. 89), 10 centigrammas a 1 gramma (2 a 20 grãos), em pilulas.

ALFACE CULTIVADA (Laitue cultivée, fr.). *Lactuca sativa capitata*, L. Synanthereas-chicoraceas. Planta cultivada nas hortas do Brasil e de Portugal. Apresenta, quando mui tenra, uma reunião de folhas arredondadas, concavas, ondulosas, succulentas, apinhoadas, e formando pela sua reunião uma cabeça arredondada : é n'esse estado que é usada em salada nas mesas. Quando se deixa crescer, produz uma haste de dois pés de altura, guarnecida de folhas imbricadas, desiguaes, terminada por um corymbo de flores de um amarello pallido. A haste contém, na época da florescencia, um succo leitoso, branco, amargo, de cheiro viroso analogo ao de opio, de que foi proposto como succedaneo. Este succo, obtido por incisões transversaes feitas na haste, recebeo o nome de *lactucario;* tal como foi preparado por Aubergier, pharmaceutico em Clermont (em França), para ser entregue ao commercio, apresenta-se debaixo da fórma de pães orbiculares achatados, do peso de 12 a 24 grammas, secco, de cheiro viroso, sabor excessivamente amargo, côr roxa, cobertos ás vezes de uma efflorescencia esbranquiçada que é a mannite; no interior os pães tem apparencia resinosa e amarellada. O Sr. Aubergier, cultiva para este fim uma especie de alface chamada gigantesca, *lactuca altissima*, da qual obtem o seu lactucario.

A extensa cultura que se faz de alface tem dado origem a muitas variedades. Lamarck chegou a contar 149. As principaes que se comem nas mesas são : alface repolhuda, *lactuca sativa capitata*, que acabei de descrever; alface crespa, *l. s. crespa;* e alface romana ou orelha de mula, *l. longifolia* ou *romana*.

O *lactucario* goza de propriedades hypnoticas incontestaveis. É sobretudo empregado com vantagem para acalmar a tosse dos tisicos, nas bronchites, insomnias, dôres rheumaticas, em todos os casos, emfim, em que é necessario produzir um effeito calmante, sem recorrer a um agente tão energico como o opio. Os medicos, que o tem experimentado, attribuem-lhe uma propriedade sedativa pura, entretanto que o opio, que será sempre o somnifero por excellencia, agita certas organizações e não póde ser supportado por outras.

Independentemente do lactucario, existe outro extracto de alface cultivada preparado com o succo espresso do talo da alface, e conhecido debaixo do nome de *thridacio*. Este extracto obtem-se pisando os talos de alface, espremendo-lhes o sumo, e fazendo-o

evaporar em pratos na estufa. O *lactucario*, pelo contrario, é o succo condensado que mana espontaneamente das incisões feitas nos talos. O thridacio não possue acção alguma calmante, e está hoje quasi abandonado como calmante; porém usa-se muito como excipiente na preparação das pilulas.

A agua distillada da alface cultivada é usada como vehiculo de muitas poções calmantes.

Internam. *Agua distillada* (p. 64), 125 gram. (4 onças), e mais.

Extracto de alface cultivada ou *Thridacio* (p. 89), 10 centigram. a 1 gramma (2 a 20 grãos) e mais em pilulas.

Xarope de thridacio (p. 140), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Lactucario, 10 a 50 centigrammas (2 a 10 grãos) e mais, progressivamente, como calmante, em pilulas.

Extracto alcoolico de lactucario. (Aubergier). Pulverize grosseiramente o lactucario; macere-o com 4 vezes o seu peso de alcool a 56° centesimaes; côe com espressão e filtre. Repita o mesmo tratamento; reuna os liquidos; distille para extrahir o alcool; evapore o residuo a b. m. até á consistencia de extracto; e acabe a desecação na estufa. D. 10 a 50 centigrammas (2 a 10 grãos).

Xarope de lactucario (Aubergier).

Extr.° alcoo. de lactucario	3 gram.	Agua distillada	500 gram.
Assucar candi	1000 gram.	Agua de flores de laran.	20 gram.

Obtenha todo o extracto alcoolico tratando-o por duas vezes pela agua distillada fervendo, de maneira que não fique senão um residuo insipido e insoluvel, côe a solução, complete os 500 grammas, e derreta na solução o assucar candi, clarifique com clara de ovo, coza a 32° fervendo, côe e ajunte a agua de flores de laranjeira ao xarope arrefecido. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Xarope de lactucario opiado (Cod. fr.).

Extracto alcoólico de lactucario	1 gram. 50 centig.	Agua de flores de laranjeira	40 gram.
Extracto de opio	75 centig.	Agua distillada	q. s.
Assucar	2000 gram.	Acido citrico	75 centig.

Dissolva o extracto de opio em agua de flores de laranjeira e filtre. Esgote á parte todo o extracto alcoolico do lactucario pela agua distillada fervendo, deixe arrefecer, e filtre por papel. Dissolva o assucar n'esta ultima solução quente e sufficientemente diluida em agua distillada; ajunte o acido citrico e clarifique com clara de ovo, tendo o cuidado de tirar as espumas á medida que se formarem. Coza a 30° fervendo do areometro Baumé. Continue a evaporação até que o xarope tenha perdido um peso igual ao da dissolução de extracto de opio em agua de flores de laranjeira. Ajunte-lhe esta dissolução, e côe por manga de baeta. 20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 1 centigramma (1/5 de grão) d'extracto de lactucario, e 5 milligrammas (1/10 de grão) d'extracto de opio. D. 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) por dia.

Pasta de lactucario (Aubergier).

Pasta de jujubas	100 part.	Tintura de balsamo de Tolú	2 part.
Extr.° alcoo. de lactuc.	1 part.		

F. S. A. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) nas bronchites.

Pilulas de lactucario.

Lactucario	10 centig.	Althea em pó	q. s.

F. 1 pilula. D. 1 á noite, como hypnotico.

ALFAVACA (Grand basilic, fr.). *Ocimum basilicum*, L. Labiadas. Planta dos tropicos, cultivada nas hortas. Talo de 15 a 20 cen-

timetros, guarnecido de ramos algum tanto vellosos; folhas pecioladas, ovaes, lanceoladas, um pouco celheadas e denteadas na margem, flores brancas, purpurinas ou matizadas de diversas côres; cheiro aromatico. — Excitante; empregada para a preparação dos banhos aromaticos, na dóse de 1 kil. (2 libras) para um banho geral.

ALFAVACA DO CAMPO, Segurelha, Remedio do vaqueiro. *Ocimum incanescens*, Mart. Labiadas. Planta do Brasil. Ramos quadrangulares, folhas oppostas, ovaes, agudas, dentadas, cheiro aromatico, flor em espiga. *P. us. Toda a planta.* Excitante, sudorifica, empregada na constipação.

Internamente. *Infusão*, 4 grammas (1 oitava) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo.

Xarope, 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) na coqueluche.

Externamente. *Infusão* em banhos, 1 kilogram. para um banho.

ALFAVACA DE COBRA. Em Portugal este nome applica-se á *Parietaria* (*Parietaria officinalis*, L.). No Brasil, na provincia de Pernambuco dá-se o nome de **Alfavaca de cobra** á *Monnieria trifolia*, Aublet, planta da familia das Rutaceas, a qual em outras partes do Imperio é conhecida pelo nome de *Jaborandi*, mas que não se deve confundir com *Pilocarpus pennatifolius*, arbusto ao qual só dá mais especialmente este nome (V. *Jaborandi*). A *Monnieria trifolia* é uma pequena herva ramosa, de folhas trifoliadas, flores brancas, cheiro aromatico. A raiz, igualmente aromatica, é reputada diaphoretica e expectorante; emprega-se em infusão.

ALFAZEMA (Lavande, fr.). *Lavandula vera*, De C. Labiadas. Planta cultivada nos jardins do Brasil e de Portugal. Fig. 119. Talo esbranquiçado, folhas agudas, flores azuladas, dispostas em espigas terminaes; cheiro aromatico. *P. us. Toda a planta.*



Fig. 119. — Alfazema.

Excitante; empregada principalmente para banhos. A agua distillada de alfazema é mui util contra as ophthalmias.

Internamente. *Alcoolato* (p. 67) 4 a 8 gram. (1 a 2 oita.).

Oleo essencial, 2 a 4 gottas em poção.

Externamente. *Infusão*: 8 gram. (2 oitavas) para 500 gram. (16 onças) d'agua fervendo, em lavatorios. — 1 kilogram. (2 libras) para um banho geral.

Alcoolato (p. 67), em fricções, quantidade sufficiente.

Agua distillada (p. 64) em collyrios.

Collyrio adstringente (Delioux).

Alumen crystallizado	30 gram.
Agua dist. de alfazema	100 gram.

Dissolva e filtre. Conjunctivites chronicas.

Collyrio detergente (Delioux).

Borax	1 gram.	Agua dist. de alfazema	100 gram.

Conjunctivites chronicas.

ALGA VESICULOSA. Bodelha, Sargaço ou **Botilhão vesiculoso,** ou **Carvalhinho do mar** (Varec vesiculeux, fr.). *Fucus vesiculosus,* L. Esta planta marinha habita nas praias do Oceano; adhere aos rochedos por um curto pediculo, que se alarga em uma fronde plana, forquilhosa, de nervura dorsal, provida de vesiculas distribuidas por par. Fig. 120. — Esta alga foi aconselhada contra a obesidade, em pó, na dóse de 8 grammas (2 oitavas) por dia; e o seu extracto alcoolico em pilulas na dóse de 2 a 4 gram. (1/2 a 1 oitava) por dia.

ALGALIA ou **Civetta** (Civette, fr.). Licor espesso e cheiroso, que se tira de varias glandulas d'entre as duas tunicas de um bolso que os gatos de algalia tem debaixo do ventre. Emprega-se na perfumaria.

ALGODÃO (Coton, fr.). Especie de felpa que cobre as sementes do algodoeiro, arbusto do genero *Gossypium,* de que existem muitas variedades, que habitão na India, Persia, Turquia, Italia, Hespanha, Brasil, nas provincias meridionaes da America do Norte, etc. A Fig. 121 representa o *G. indicum*, L.



Fig. 120. — Alga visiculosa.



Fig. 121. — Algodoeiro.

O algodão cardado ou o *algodão em pasta* emprega-se com vantagem no curativo das queimaduras, feridas e erysipelas. Goza da propriedade particular de acalmar a dôr nas queimaduras; é o melhor topico contra estas lesões. Os cirurgiões fazem d'elle grande uso para seccar as feridas, e os Inglezes preparão com elle uma especie de fios felpudos, que preferem aos fios de linho. O melhor

meio de fazer seccar a ferida do vesicatorio consiste em applicar algodão em rama ou em pasta, e não tira-lo senão depois de acabada a cicatrização. Nas queimaduras, adhere á ferida e a cicatrização effectua-se sem outro curativo. O algodão cardado usa-se para guarnecer os apparelhos e produzir uma compressão branda e elastica, moderar a pressão dolorosa das meias elasticas, envolver os testiculos inflammados na orchite. Os pannos de algodão são tão bons como os de linho para ataduras, compressas e outros objectos de curativo.

Os algodoeiros pertencem á familia das Malvaceas; as suas folhas e flores são emollientes, e usão-se no Brasil em infusão, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) de folhas ou flores e 500 grammas (1 libra) d'agua, nas irritações pulmonares o na dysenteria. Em Pernambuco empregão a infusão de caroços de algodoeiro nas menstruações difficeis. A raiz é diuretica.

ALHO (Ail, fr.). *Allium sativum*, L. Liliaceas. Planta cultivada nas hortas, cujos *bolbos*, compostos de muitos bolbinhos chamados *dentes*, são empregados contra os vermes.

Internamente. *Infusão*, 8 grammas (2 oitavas) de alho pisado para 120 grammas (4 onças) d'agua ou de leite quente. *Sumo* 5 a 10 gottas.

Externamente. Em fricções no ventre.

Linimento anthelminthico (Dubois).

Oleo commum	45 gram.	Balsamo de Fioravanti	15 gram.
Dentes de alho pisados	nº 1 1/2	Ammoniaco liquido	2 gram.
Alcool camphorado	25 gram.		

Misture em almofariz de marmore, ajunte no fim o ammoniaco. Para friccionar o ventre das crianças.

Cataplasma vermifuga (Raspail).

Cataplasma de linhaça	250 gram.	Assafetida	1 gram.
Dente de alho	nº 1	Pomada camphorada	4 gram.

Misture a cataplasma de linhaça com dente de alho pisado, e incorpore a assafetida triturada com a pomada camphorada. — Applica-se no ventre.

ALMÊCEGA ou **Mastique** (Mastic, fr.). Resina fornecida pela arvore *Pistacia lentiscus*, L. (Terebinthaceas anacardeas), que habita em Chio. Ha duas especies de mastique : 1º o commum, que se apresenta em massas; 2º em lagrimas, que apparece debaixo da fórma de pequenos bocados, irregularmente arredondados, amarellos, cheiro suave, sabor adstringente e aromatico; amollece-se entre os dentes e torna-se ductil; é soluvel em parte no alcool, e inteiramente no ether e na essencia de terebinthina. Usa-se no Oriente como masticatorio, ou para fumigações excitantes.

A *tintura etherea* (p. 124) serve de mastique para os dentes. A dissolução alcoolica de almêcega constitue um excellente hemostatico externo.

Debaixo do nome de **Almecegueiras** ou *icicaribas*, conhecem-se no Brasil, na provincia do Amazonas, arvores da familia das Terebinthaceas, d'onde reçuma a resina de cheiro forte, conhecida nas pharmacias debaixo do nome de *elemi* (V. esta palavra). Estas arvores são : *Icica icicariba*, D. C.; *I. heptaphylla*, Aubl.; *I. guyanensis*, Aubl.; *I. altissima*.

ALMEIRÃO. V. CHICORIA.

ALMISCAR (Musc, fr.). Substancia que se acha n'uma bolsa situada entre o embigo e as partes genitaes de uma especie d

veado chamado **moscho**, *moschus moschiferus*, L., que vive na Asia central, e que se acha representado na fig. 122. Existe só no animal macho. O almiscar é solido, em pedaços, de côr escura: cheiro particular, forte e penetrante; sabor amargo. No commercio acha-se contido na bolsa membranosa que o produzio. Estas bolsas costumão ter de 55 a 68 millimetros no seu maior diametro, 35 a 47 no menor, e 14 a 20 de altura; são compostas de tres tunicas; a pelle que as envolve é coberta de pellos brancos ou cinzentos, e asperos ao tacto; sua membrana interna apresenta pregas e excavações. O almiscar durante a vida do animal é semi-liquido, como mel de abelhas, mas depois da morte apresenta-se em grumos, escuros, unctuosos ao tacto, com pontos annegrados, semelhantes a

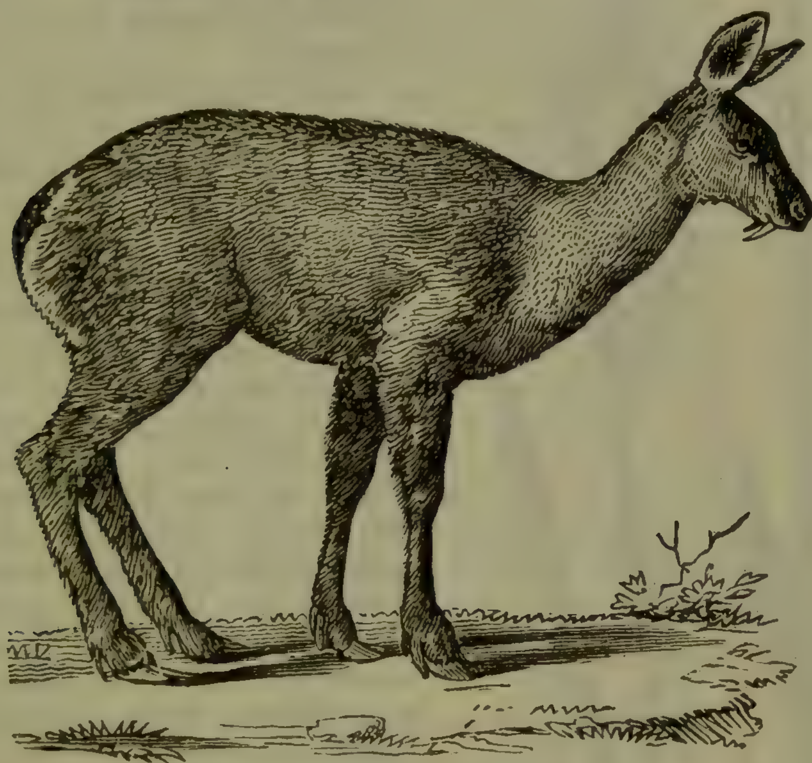


Fig. 122. — Moscho.

porções de sangue secco; pouco soluvel em agua, muito no alcool e no ether; fusivel e inflammavel, não deixando residuo sobre o carvão ardente. O almiscar é uma das substancias mais caras da materia medica, por isso frequentemente o falsificão, misturando-o com areia, sangue secco, materias gordurosas, cera, estoraque, benjoim, mesmo com ferro e chumbo; pelo que convem não compra-lo senão em bolsa, isenta de qualquer indicio de abertura.

O almiscar é um antispasmodico energico; emprega-se no hysterismo, tetano, hydrophobia, typho, e em todas as febres graves, que são complicadas de accidentes nervosos, taes como o delirio, convulsões, sobresaltos de tendões; nas pneumonias complicadas de phenomenos ataxicos; produz uma excitação notavel nos orgãos genitaes.

Internamente. 5 centigrammas a 2 grammas (1 a 40 grãos), em pó, pilulas, ou suspenso em poção.

Tintura (p. 121), 10 a 20 gottas em poção.

Tintura etherea (p. 124), 10 a 20 gottas em poção.

Pós antispasmodicos.

Almiscar	20 centig.	Assucar	10 centig.
Opio	1 centig.		

Para 1 papel. D. 3 semelhantes papeis por dia.

Pós aphrodisiacos (Pierquin).

Almiscar	5 centig.	Pimentão	50 centig.
Canella	2 gram.	Noz moscada	50 centig.
Gengibre	50 centig.	Assucar	2 gram.

Para 1 papel. D. 1 a 2 semelhantes papeis por dia.

Pilulas antispasmodicas (Ratier).

Almiscar	10 centig.	Opio	1 centig.
Extracto de valeriana	10 centig.		

F. 1 pilula. D. 1 a 2 semelhantes pilulas por dia.



Fig. 123. — *Aloe soccotrina.*

Julepo almiscarado (Brera).

Almiscar	60 centig.
Agua de hortelã	100 gram.
Xarope de casca de laranja	30 gram.

D. Uma colher *de sopa*, de hora em hora.

Clyster de almiscar.

Almiscar		1 gram.
Gema de ovo	nº	1
Decocto de linhaça		250 gram.

ALOES ou **Azebre** (Aloès, fr.). Sumo inspissado extrahido das folhas de muitas especies do genero *Aloe*, plantas da familia das Liliaceas, que habitão no Cabo da Boa Esperança, na Jamaica, em Socotorá, no Brasil e em outros paizes quentes. Estas plantas são notaveis pelas folhas espessas, carnosas, firmes, quebradiças, com margens dentadas e picantes; flores tubuladas, frequentemente bilabiadas, dispostas em espiga sobre um longo pedunculo que emerge do centro das folhas. No Brasil estas plantas são conhecidas com o nome de *herva babosa*. As especies que habitão no Brasil são *Aloe vulgaris*, Lamarck; *A. Barbadensis*, *A perfoliata*, Velloso. Todas estas especies poderião fornecer o aloes á pharmacia, mas este producto extrahe-se sobretudo da *aloe soccotrina* que habita na Arabia, e na ilha Socotorá (Africa), e que se acha representada na fig. 123. Extrahe-se tambem no Cabo da Boa Esperança, da *aloe horrida*, *spicata* e *linguæformis*; e na Jamaica da *aloe vulgaris* ou *sinuata*. Ha tres especies commerciaes de aloes :

1º *Aloes soccotrino*. É em pedaços de diverso tamanho, friaveis, fractura luzente e como vitrea; é de côr vermelha, esverdeada ou amarellada, cheiro aromatico, particular, sabor muito amargo; o pó

é de côr de ouro mui nitida. É a especie mais adequada para os usos medicos.

2° *Aloes hepatico*, é compacto, opaco, tem a côr de figado d'onde lhe veio o nome.

3° *Aloes caballino* (de *caballus*, cavallo), é muito mais opaco, quasi negro; pulveriza-se com difficuldade. Serve na veterinaria. Provém do residuo das caldeiras, depois de obtidos os outros dois aloes.

O aloes torna-se molle pelo calor da mão. A agua fervendo dissolve-o completamente, mas deixa depôr, depois de fria, pequena quantidade de uma substancia anegrada. Dissolve-se quasi completamente no alcool fraco, e em mui pequena proporção no alcool absoluto, no ether, nos oleos fixos e volateis.

O aloes é um purgante violento, cuja acção manifesta-se principalmente no recto, e por isso não convem quando existem hemorrhoidas. Não convem igualmente ás senhoras gravidas. Em pequena dóse é tonico e estomachico. As dejecções alvinas só tem lugar oito ou dez horas depois da administração do aloes. Emprega-se para prevenir as congestões cerebraes, para combater a prisão do ventre que depende do estado atonico do canal intestinal, na hepatite chronica, ictericia, dyspepsia, e como anthelmintico. A acção do aloes póde estender-se até ao utero e excitar o fluxo menstrual, e por isso este medicamento é aconselhado na chlorose e amenorrhea.

Esta substancia apresenta um facto singular, e vem a ser que a dóse forte, exagerada, não faz maior effeito do que uma dóse purgativa conveniente, e, contrariamente ao que acontece com os outros drasticos, não actua então como substancia nociva.

O aloes entra na composição dos collyrios excitantes, e póde empregar-se externamente para avivar as ulceras atonicas.

Internamente. Como tonico 5 a 20 centigram. (1 a 4 grãos); como drastico 15 centigrammas a 1 1/2 gramma (3 a 30 grãos), em pó ou pilulas.

Tintura (p. 121) 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos).

Pilulas de Holloway.

Aloes	4 gram.	Açafrão	20 centig.
Rhuibarbo	12 gram.	Sulfato de soda	20 centig.
Pimenta da India	50 centig.		

F. 160 pilulas. Cada uma contém 2 1/2 centigrammas (1/2 grão) de aloes.

Pilulas de aloes simples (Cod. fr.).

Aloes	10 centig.	Conserva de rosas	5 centig.

F. 1 pilula. D. 3 a 6 e mais semelhantes pilulas por dia.

Pilulas de familia (Cordeiro).

Aloes soccotrino	15 centig.	Conserva de rosas	q. b.

F. 1 pilula. D. 2 a 10 pilulas, como purgativas.

Pilulas de Rufus ou *de tribus*.

Aloes	10 centig.	Açafrão	25 millig.
Myrrha	5 centig.	Xarope de absinthio	q. s.

F. 1 pilula. D. 1 a 10 pilulas por dia. Purgante, estomachico, tonico, emmenagogo.

Pilulas benedictas de Fuller.

Aloes	30 gram.	Galbano	8 gram.
Sene	15 gram.	Myrrha	15 gram.
Assafetida	8 gram.	Açafrão	4 gram.

Macis	4 gram.	Oleo de succino	4 gram.
Sulfato de ferro	45 gram.	Xarope de artemisia	15 gram.

F. pilulas de 2 decigrammas (4 grãos). Cada uma contém 4 cent. (4/5 de grão) de aloes. D. 3 duas vezes por dia na chlorose.

Pilulas de Anderson ou *escossezas* (Cod. fr.).

Aloes	20 gram.	Oleo de aniz	1 gram.
Gomma gutta	20 gram.	Mel de abelhas	10 gram.

F. massa que dividirá em pilulas de 20 centigrammas (4 grãos). Cada pilula contém 8 centigrammas (1 1/2 grão) de aloes, e outro tanto de gomma gutta. D. 3 a 6 como purgativas.

Pilulas de Bontius (Cod. fr.).

Aloes	6 centig.	Gomma ammoniaco	6 centig.
Gomma gutta	6 centig.	Vinagre branco	40 centig.

Dissolva no vinagre, a calor brando, as tres primeiras substancias grosseiramente pulverizadas. Côe com espressão, evapore o mixto a b. m. até á consistencia pilular. F. 1 pilula. D. 2 a 6 por dia.

Pilulas purgativas (Castro).

Aloes	10 centig.	Extracto de rhuibarbo	10 centig.
Gomma gutta	10 centig.		

F. 1 pilula, e como esta mais onze. D. 1 a 2 por dia.

Pilulas ante-cibum (Cod. fr.).

Aloes	10 centig.	Canella em pó	2 centig.
Extracto de quina	5 centig.	Xarope de losna	3 centig.

F. 1 pilula. D. 1 pilula como estomachico, 2 a 10 pilulas como purgante.

Pilulas angelicas ou *Grãos de saude do Dr. Frank.*

Aloes	4 centig.	Rhuibarbo	1 centig.
Jalapa	4 centig.	Xarope de absinthio	q. s.

F. 1 pilula prateada. Purgante, estomachico. D. 2 a 10 pilulas.

Pilulas anti-ictericas (Buchan).

Aloes	10 centig.	Sabão medicinal	10 centig.
Rhuibarbo	10 centig.		

F. 1 pilula. D. 1 a 4. Ictericia, engurgitamento do figado.

Pilulas vegetaes, universaes americanas (Brandreth).

Aloes	80 gram.	Tartaro emetico	12 gram.
Gomma gutta	48 gram.	Essencia de canella	6 gram.
Jalapa	40 gram.	— de hortelã	2 gram.
Rhuibarbo	24 gram.	Alcool	12 gram.
Cremor de tartaro	16 gram.		

F. pilulas de 30 centigram. (6 grãos). 1 a 2 como purgativas.

Pilulas de aloes e sabão (Cod. fr.).

Aloes	10 centig.	Sabão medicinal	10 centig.

F. 1 pilula. D. 2 a 6 pilulas, como purgante.

Pilulas purgativas chamadas *Medicina popular do Dr. Snell.*

Aloes	28 part.	Carvão animal	2 part.
Jalapa	14 part.	Essencia de canella	2 part.
Gomma gutta	12 part.	Tintura de opio	3 part.
Cremor de tartaro	4 part.	Alcool	q. s.
Emetico	1 part.		

F. pilulas de 25 centigrammas (5 grãos). D. 1 a 3 por dia como purgativas.

Alcoolato de Garus (Cod. fr.).

Aloes	5 gram.	Canella	20 gram.
Myrrha	2 gram.	Açafrão	5 gram.
Cravo da India	5 gram.	Alcool a 85° centes.	5000 gram.
Moscadas	10 gram.		

Macere no alcool, por quatro dias, todas estas substancias depois de contusas. Filtre o producto da maceração; ajunte 1 litro d'agua, e distille a b. m. toda a parte espirituosa. — Estomachico, excitante.

Para obter o *Elixir de Garus,* tome :

Alcoolato de Garus	1000 gram.	Açafrão	50 centig.
Baunilha	1 gram.		

Macere por dois dias.

Por outra parte tome :

Avenca do Canadá	20 gram.	Agua fervendo	500 gram.

Infunda por meia hora, côe com espressão. Ajunte :

Agua de flor. de laranj.	200 gram.	Assucar refinado	1000 gram.

Faça um xarope, e ajunte-o ao macerato do açafrão e da baunilha no alcoolato. Filtre por papel.

Licor de mesa, estomachico.

Elixir de longa vida ou *Tintura de aloes composta* (Cod. fr.).

Aloes do Cabo	40 gram.	Açafrão	5 gram.
Raiz de genciana	5 gram.	Agárico branco	5 gram.
Raiz de rhuibarbo	5 gram.	Theriaga	5 gram.
Zedoaria	5 gram.	Alcool a 60° centes.	2000 gram.

Deite o alcool sobre todas as substancias convenientemente divididas, deixe macerar por dez dias, côe com espressão e filtre. — 10 grammas (2 1/2 oitavas) d'esta tintura contém 20 centigrammas (4 grãos) de aloes. — D. 8 a 30 grammas (2 oitavas a 1 onça) como estomachico e purgativo.

Elixir santo.

Rhuibarbo	40 gram.	Cardamomo	15 gram.
Aloes	24 gram.	Aguardente	1000 gram.

Macere por oito dias e filtre por papel. — Cada 30 grammas (1 onça) contém 72 centigrammas (cerca de 15 grãos) de aloes.

D. 15 grammas (1/2 onça), como estomachico.

Externamente.

Collyrio tonico (Brun).

Aloes	4 gram.	Agua de rosas	30 gram.
Vinho branco	30 gram.	Tintura de açafrão	30 gram.

Dissolva e filtre. Ulcerações das palpebras.

Glycereo de aloes (Chausit).

Glycerina	30 gram.	Aloes	3 gram.

M. Em applicações, contra o lichen.

Suppositorios de aloes (Cod. fr.).

Aloes em pó	5 gram.	Manteiga de cacáo	45 gram.

F. 2 suppositorios. Proceda como para o suppositorio de manteiga de cacáo (p. 120), ajuntando, e misturando bem o aloes no momento de deitar a mistura nos moldes de papel. Introduz-se no recto; contra a prisão do ventre.

ALQUEQUENGE. (Alkekenge, fr.). *Physalis alkekenge,* L. Solanaceas. Planta da Flora portugueza, cujas bagas frescas se parecem com as cerejas, e seccas com as jujubas; sabor acidulo. *P. us. Bagas.* Diuretico, pouco empregado.

Decocção, 8 gram. (2 oitavas) para 500 gram. (16 onças) d'agua.

ALTHEA ou **Malvaisco** (Guimauve, fr.). *Althea officinalis*, L. Malvaceas. Planta mui commum em Portugal; habita pelos ribeiros, nos sitios um tanto humidos, e prados do Tejo e do Mondego, nos arredores de Obidos e outras partes da Estremadura e Beira. Fig. 124. Caule herbaceo de 2 até 3 pés de alto, folhas cordatas ou ovadas, quasi lobadas, molles; flores brancas tirantes a côr de rosa. *P. us. Toda a planta*, mas principalmente *a raiz*. — A raiz secca, como apparece no commercio, é sem epiderme, muito branca, inodora, e com sabor mucilaginoso.



Fig. 124. — Althea.

Emolliente, frequentemente empregado para combater as inflammações, e sobretudo as pulmonares.

Internamente. *Infusão:* Raiz de althea 10 grammas (2 1/2 oit.), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por duas horas e côe. Esta infusão, convenientemente adoçada com assucar, xarope ou mel de abelhas constitue uma bebida emolliente.

Xarope (p. 130), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) para adoçar as bebidas emollientes.

Pasta de althea. V. *Pasta de gomma*.

Pastilhas ou tabellas de althea (Cod. fr.).

Raiz de althea cortada	100 gram.	Gomma alcatira	10 gram.
Assucar refinado	1000 gram.	Agua	q. s.

Ferva a raiz de althea em quatro vezes o seu peso d'agua; côe

o decocto; reduza pela evaporação a 90 grammas, e faça com elle a mucilagem de gomma alcatira. Faça pastilhas do peso de 1 gram. (20 grãos).

Xarope de althea composto.

Raiz de althea	125 gram.	Jujubas	500 gram.
Tamaras	1000 gram.	Agua	10000 gram.

Reduza á metade pela ebullição, e deite a coadura fervendo sobre dormideiras, alcaçuz, avenca, *ãã* 125 grammas. Côe 12 horas depois, e ajunte ao infuso o dobro do seu peso de assucar. D. 60 a 90 grammas (2 a 3 onças) por dia, como peitoral.

Infusão peitoral.

Raiz de althea	12 gram.	Agua fervendo	q. s.

Infunda e côe de modo que obtenha 750 grammas de liquido. Ajunte :

Gomma arabica	30 gram.	Assucar	30 gram.

D. Ás chicaras.

Cataplasma emolliente interna.

Raiz de althea em pó	30 gram.	Agua fervendo	q. s.

Para fazer massa rala, que, ao deitar-se, se introduz tepida no recto, por meio de uma seringa, e conserva-se toda a noite. É excellente o seu effeito nas inflammações da bexiga e da prostata.

Externamente. *Decocção.* (1 parte de althea para 50 partes d'agua). Em lavatorios, gargarejos, collyrios, clysteres, etc.

Mucilagem (Cod. fr.). Raiz de althea 1 parte, agua tepida 5 partes; infunda por seis horas, agitando de vez em quando; côe com espressão.

Gargarejo emolliente.

Raiz de althea	15 gram.	Agua	q. s.

para ter 500 grammas de decocto; ajunte :

Mel de abelhas .... 60 gram.

Unguento de althea (Cordeiro).

Banha	30 gram.	Raiz de althea em pó fino	5 gram.
Cera amarella	5 gram.		

Derreta a cera com a banha em calor moderado, e em meio arrefecimento ajunte o pó de althea, agitando até esfriar. — Como emolliente, em fricções.

ALUMEN, **Pedrahume**, ou **Sulfato de alumina e potassa** (Alun, sulfate d'alumine et potasse, fr.). É um sal sem côr, inodoro, crystallizado em octaedros; sabor acido e styptico. Dissolve-se no seu peso d'agua a ferver, e em dezeseis vezes o seu peso d'agua fria.

Adstringente, venenoso em alta dóse; preconizado internamente na diarrhea chronica, hemoptyse, hemorrhagia uterina, flores brancas, polluções nocturnas, febres typhoides e colica de chumbo. Em alta dóse provoca vomitos e diarrhea. Mas o verdadeiro uso de alumen é o uso externo : nas hemorrhagias, como meio hemostatico, nas ulceras indolentes, ophthalmias chronicas, aphtas, flores brancas, angina e garrotilho. Segundo o Dr. Johnston, um meio de prevenir os accidentes graves que resultão ás vezes dos ferimentos feitos nas dissecções anatomicas, é lavar a ferida, por dois ou tres dias, com uma solução de alumen.

Substancias incompativeis. O acetato de chumbo, os alcalis, carbonatos alcalinos, a ammonia, a cal, as emulsões, o leite, a magnesia, os saes de mercurio, e a maior parte dos saes metallicos.

Internamente. 30 centigrammas (6 grãos) a 8 grammas (2 oitavas), e mesmo até 24 grammas (6 oitavas) por dia, em pó, pilulas ou poção. Não se chega a esta dóse senão gradualmente, principiando por 30 centigrammas, e vai-se augmentando em quanto não occasiona accidentes. É raro que se possão administrar 4 grammas (1 oitava) de alumen no principio do tratamento e de uma vez, sem provocar vomitos, colicas e dejecções alvinas.

Pós adstringentes opiados (Bouchardat).

Alumen em pó	5 gram.	Opio	1 centig.
Assucar	5 gram.		

Para um papel. Duas semelhantes dóses por dia, nas diarrheas chronicas e hemorrhagias passivas.

Pós adstringentes.

Alumen	1 gram.	Gomma arabica	1 gram.
Assucar	1 gram.		

Para um papel. Dois semelhantes papeis por dia, nas pollucões.

Pilulas adstringentes (Capuron).

Cato	12 centig.	Opio	2 centig.
Alumen	6 centig.	Xarope de rosas rubras	q. s.

F. 1 pilula. D. 2 pilulas por dia, na blennorrhagia.

Pilulas aluminosas d'Helvetius (Cod. fr.).

Alumen	10 centig.	Mel rosado	5 centig.
Sangue-drago	5 centig.		

F. 1 pilula. D. 8 a 20 pilulas por dia, na hemoptyse.

Poção aluminosa.

Agua	150 gram.	Xarope de gomma	30 gram.
Alumen	4 gram.		

M. D. Duas colheres *de sopa* de duas em duas horas, na colica de chumbo, metrorrhagia, etc.

Agua hemostatica de Pagliari.

Alumen crystallizado	50 gram.	Agua	500 gram.
Benjoim	25 gram.		

Ferva por seis horas n'um vaso de terra vidrado, mexendo continuamente, e substituindo a agua que se fôr evaporando, por nova agua quente para não suspender a ebullição. Filtre depois o liquido, e guarde-o em vaso bem tapado. D. 90 grammas (3 onças) por dia, ás colheres *de sopa*, nas hemoptyses e outras hemorrhagias. Usa-se tambem externamente, como hemostatico; coalha a albumina do sangue.

Mistura contra o crup (Trousseau).

Alumen	8 gram.	Mel de abelhas	30 gram.

M. Uma colher *de chá* de hora em hora; e assopra-se nas fauces o alumen em pó, todas as quatro horas.

Externamente. *Pó* assoprado nas fauces com uma penna, na dóse de 1 gramma (20 grãos), quatro ou cinco vezes por dia, no caso de angina e de garrotilho.

Dissolução. 4 a 30 grammas (1 oitava a 1 onça) e mais, para 500 grammas (16 onças) d'agua em injecções, collyrios, gargarejos, etc.

Injecção adstringente.

Alumen	15 gram.	Essencia de rosas	2 gottas.
Agua commum	750 gram.		

M. No prolapso do utero ou do recto, nas blennorrhagias chronicas, etc.

Gargarejo adstringente.

Alumen crystallizado	5 gram.	Mellite simples	50 gram.
Agua commum	500 gram.		

Gargarejo adstringente (Cod. fr.).

Petalas de rosa rubra	20 gram.	Alumen	8 gram.
Agua fervendo	500 gram.	Mel rosado	100 gram.

Infunda por meia hora as rosas na agua fervendo; côe com espressão por panno de lã, dissolva o alumen no producto da infusão, e ajunte o mel rosado. Esquinencia, surdez.

Gargarejo adstringente (Bennati).

Decocção ae cevada	300 gram.	Xarope diacodio	20 gram.
Alumen	5 gram.		

M. Aphonia, salivação mercurial e anginas chronicas. A dóse do alumen augmenta-se gradualmente até 20 grammas para a mesma quantidade de liquido.

Gargarejo antiscorbutico.

Alumen	3 gram.	Tintura de myrrha	8 gram.
Vinho branco	300 gram.	Mel rosado	60 gram.
Tintura de quina	15 gram.	Laudano de Sydenham	1 gram.

Collutorio adstringente.

Alumen crystal. em pó	4 gram.	Mellite simples	30 gram.

Injecção aluminosa (Ricord).

Agua distil. de rosas	200 gram.	Alumen	1 gram.

M. Blennorrhagia e leucorrhea.

Collyrio aluminoso.

Alumen	1 gram.	Agua de rosas	60 gram.

Dissolva. Nas ophthalmias chronicas.

Clara de ovo aluminosa.

Alumen em pó	50 centig.	Agua de rosas	40 gram.
Clara de ovo nº	1		

M. Contra as ophthalmias.

Pomada antidartrosa (Gibert).

Alumen	1 gram.	Banha	30 gram.
Camphora	75 centig.		

Agua hygienica (Jeannel)

Alumen crystallizado	15 gram.	Agua commum	1000 gram.
Sulfato de ferro	1 gram.	Agua de Colonia	10 gram.
Sulfato de cobre	1 gram.		

M. Emprega-se em lavatorios, depois do coito suspeito, como preservativo da syphilis; ou molhão-se fios no liquido, e applicão-se sobre a parte em que houve o contacto suspeito.

ALUMEN CALCINADO ou **Pedrahume calcinada**. (Alun calciné, fr.). Os crystaes de alumen, submettidos á acção do fogo, perdem grande parte da sua agua de crystallização, e constituem o alumen calcinado. É um corpo leve, poroso, branco, de sabor caustico, soluvel em trinta vezes o seu peso d'agua fria.

Emprega-se externamente como catheretico para fazer parar as hemorrhagias provenientes das picadas de bichas, para reprimir as fungosidades na molestia chamada *unha encravada*, e para destruir as carnosidades das feridas.

Pós hemostaticos (Mialhe).

Alumen calcinado	4 gram.	Tannino	4 gram.
Gomma alcatira	4 gram.		

M. Estes pós são mui efficazes para estancar o escorrimento sanguineo que resulta das picadas de bichas.

Cataplasma das Necessidades (Cordeiro).

Mel despumado	96 gram.	Alumen calcinado	4 gram.
Gemas de ovos nº	2	Farinha de centeio	q. b.

Misture a farinha com o mel e gemas de ovos, e depois dê a consistencia de cataplasma com a farinha. — Contra o carbunculo.

Collyrio secco de Beer.

Alumen calcinado	1 gram.	Borax	1 gram.
Sulfato de zinco	1 gram.	Assucar	2 gram.

M. Assopra-se entre as palpebras, na dóse de 10 centigrammas (2 grãos), uma ou duas vezes por dia, nas belidas da cornea.

ALVAIADE. (Céruse, fr.). V. CARBONATO DE CHUMBO.

AMAPÁ. Arvore do Brasil (Pará). O sumo leitoso, que se extrahe d'esta arvore, emprega-se para curar as feridas.

AMBAR AMARELLO, Alambre, Karabe, ou **Succino** (Ambre jaune ou Succin, fr.). Substancia analoga ás resinas, acha-se fossil, principalmente nas praias do mar Baltico, ou fluctuante nas aguas do mesmo mar. É solido, duro, fragil, inodoro, insipido, inflammavel, transparente, ás vezes opaco, de côr amarella mais ou menos carregada, ou vermelha fusca.

Antispasmodico, pouco empregado hoje.

Internamente. *Tintura* (p. 121), 10 a 24 gottas em poção.

Oleo essencial, 4 a 6 gottas.

Espirito volatil, 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava) em poção.

Externamente. *Oleo essencial* em fricções no rheumatismo.

Os vapores, que resultão do succino pulverizado e lançado nas brasas, forão tambem aconselhados no rheumatismo.

AMBAR CINZENTO (Ambre gris, fr.). Substancia que se acha fluctuando no mar, no littoral do Japão, das ilhas Molucas, de Madagascar e do Brasil, e que se forma nos intestinos do cachalote, *Physeter macrocephalus*, L., animal cetaceo representado na fig. 125, e que sahe com os seus excrementos. Quando se abre um



Fig. 125. — Cachalote.

cachalote, encontra-se esta substancia no intestino ceco em massa que pesa 60 a 500 grammas, e mesmo até 10 kilogrammas. Encontra-se tambem nos intestinos da baleia. — Consistencia mais forte que a

da cera, amollecendo pelo calor e depois fundindo-se, insoluvel na agua, mas soluvel no alcool quente, ether, oleos fixos e volateis; côr cinzenta denegrida com veios brancos, amarellados; sabor insipido; cheiro suave que se desenvolve pelo contacto de certas substancias, da potassa, por exemplo; encontrão-se ás vezes no seu interior os bicos dos chócos e os destroços de outros molluscos com que se nutrem os cachalotes.

Estimulante energico e aphrodisiaco, póde ser util nas nevroses, nas febres adynamicas, mas é mais empregado como perfume do que como medicamento.

Internamente. 30 centigram. a 1 gram. (6 a 20 grãos) em pilulas.

Tintura (p. 121), 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) em poção.

Tintura etherea (p. 124), 1 a 2 gram. (20 a 40 grãos) em poção.

Pós aphrodisiacos.

Ambar cinzento	4 gram.	Cravo da India	4 gram.
Almiscar	2 gram.	Gengibre	4 gram.
Açafrão	4 gram.	Assucar	16 gram.

M. e divida em 12 papeis. D. 1 pela manhã e outro á noite.

Pastilhas chamadas *cachundé.*

Terra bolar (argila)	500 gram.	Almêcega	30 gram.
Succino	250 gram.	Calamo aromatico	30 gram.
Almiscar	30 gram.	Galanga	30 gram.
Ambar cinzento	30 gram.	Canella	30 gram.
Páo de aloes (*aloexylum agallochum*)	160 gram.	Aloes (succo de *Aloe*)	30 gram.
Carbonato de magn.	330 gram.	Rhuibarbo	30 gram.
Sandalo rubro	1000 gram.	Myrobolanos	30 gram.
Sandalo citrino	50 gram.	Absinthio	30 gram.
		Marfim calcinado	900 gram.

Porphyrize todas estas substancias, e lance por cima :

Vinho moscatel	500 gram.	Agua de rosas	250 gram.

Ajunte :

Assucar	24000 gram.	Mucilag. de gomma alcatira	q. s.

para fazer pastilhas de 60 centigrammas (12 grãos). Aphrodisiaco.

Pastilhas divinas

Ambar cinzento	30 centig.	Macis	60 centig.
Almiscar	30 centig.	Cravos	2 gram.
Estoraque solido	2 gram.	Açafrão	20 centig.
Moscadas	60 centig.	Assucar	375 gram.
Casca de laranja	2 gram.	Mucilagem de gomma alcatira	q. s.
Sementes de alfavaca	2 gram.		

F. pastilhas de 60 centigrammas (12 grãos). Aphrodisiaco.

AMBAYBA, **Ambauba**, **Imbayba**, **Umbauba**, ou **Arvore da preguiça**. *Cecropia palmata*, Willd. Urticeas. Arvore que habita no Brasil, em S. Domingos, Jamaica, Guyanas, etc. A preguiça vive n'esta arvore, e alimenta-se de seus grelos. Arvore bastante alta, dioica e não lactescente, raizes ramosas e fibrosas; tronco erecto e fistuloso; sua madeira é esbranquiçada, secca e leve; ramos alternos, arredondados, nodosos e fistulosos, offerecendo septos no seu interior, e contendo massa molle, escura, côr de chocolate, que se encontra igualmente no tronco, e que contém ordinariamente muitas formigas; folhas alternas, pecioladas, palmatolobadas, verdes e asperas na face superior, e na inferior cobertas de tomento esbranquiçado, apresentando as suas nervuras côr aver-

melhada e ferruginosa. As folhas novas, e que se achão contidas ainda na spatha, estão ali dobradas com muita elegancia, e tem côr sanguinea, n'uma especie, n'outra são brancas, e depois tornão-se verdes na parte superior, e de côr esbranquiçada na inferior : o vulgo dá o nome de *ambayba roxa* á primeira especie, e de *ambayba branca* á segunda especie; flores dioicas em fasciculos. Nas Antilhas francezas esta arvore chama-se vulgarmente *bois-trompette*.

A massa que se acha no interior dos troncos da ambayba, estendida em panno, applica-se no Brasil sobre as feridas cancerosas e outras, segundo o Sr. Dr. Carlos Luiz de Saules, que no anno de 1848 publicou uma excellente these, da qual extrahi a descripção da ambayba. — Com as folhas (pontas) de ambayba prepara-se um xarope que se emprega contra a tosse.

AMBRETA. V. QUIGOMBÓ DE CHEIRO.

AMEIXAS SECCAS (Pruneaux, fr.). Fructos deseccados da *Prunus domestica*, L. Fig. 126. A decocção da polpa é um brando laxante, emprega-se nas inflammações; prepara-se com 24 grammas (6 oitavas) de polpa de ameixas e 360 grammas (12 onças) d'agua.


Fig. 126. — Ameixas.

AMENDOAS AMARGAS (Amandes amères, fr.). Sementes da *Amygdalus communis amara*, L. (Rosaceas), arvore originaria da Africa, cultivada em Portugal e no Brasil. Fig. 127. São oblongas, comprimidas, cobertas de uma pellicula roxa amarellada ou vermelha; parenchyma branco, duro; cheiro forte; sabor amargo. A arvore que produz as amendoas amargas differe mui pouco da que produz as amendoas doces; porque a unica distincção que se póde estabelecer é que na *variedade amarga*, o estylete da flor é do mesmo comprimento que os estames, e que os peciolos das folhas estão marcados com pontos glandulosos; em quanto que na *variedade doce*, o estylete é muito mais comprido que os estames, e as glandulas em vez de estarem sobre os peciolos, achão-se na base dos dentes das folhas.

As amendoas amargas contém um principio chamado *amygdalina*, que, sob a influencia da agua, lhes dá gosto e cheiro particular, em consequencia da formação do oleo essencial e de certa quantidade de acido cyanhydrico. Sem agua o acido cyanhydrico não se forma. Este acido dá ás amendoas amargas propriedades venenosas : na dóse de 7 amendoas já produzem anxiedade; em grande dóse podem occasionar a morte. Orfila matou um cão, fazendo-lhe engulir 20 amendoas amargas. As suas preparações são empregadas, mas com muita prudencia, contra as febres intermittentes, embriaguez, e nas tosses nervosas. Nunca se deve associar, para uso interno, a emulsão de amendoas amargas com as preparações mercuriaes, para evitar a formação do cyanureto de mercurio, que é venenoso.

O oleo essencial de amendoas amargas, que se obtem por distillação com agua, é extremamente venenoso : 1 gotta posta na lingua d'um passarinho, fa-lo morrer em alguns minutos. O oleo obtido por espressão das amendoas amargas seccas não é nocivo; é intei-

ramente semelhante ao de amendoas doces, que elle substitue frequentemente.

A agua distillada de amendoas amargas é venenosa, quando ingerida em grande dóse. 30 grammas d'esta agua contém cerca de 36 milligrammas de acido cyanhydrico anhydro, que correspondem a 30 centigrammas de acido cyanhydrico medicinal. — Externamente a emulsão de amendoas amargas emprega-se com vantagem contra as sardas.

Internamente. 2 a 6 amendoas n'uma emulsão de 180 gram. (6 onças) que se administra ás colheres *de sopa* de hora em hora. Sobrevindo vertigens ou vomitos, diminue-se o numero das amendoas ou suspende-se o seu uso. Se o medicamento fôr tolerado, póde-se augmentar progressivamente a dóse das amendoas até 10 grammas (2 1/2 oitavas) por vinte e quatro horas.

Agua distillada, 20 gottas até 10 grammas (2 1/2 oitavas), n'uma poção de 180 grammas (6 onças) que será administrada ás colheres *de sopa*, uma colher de hora em hora.

Oleo essencial, 1 gotta e mais progressivamente em poção conveniente, ou com agua e assucar.

Externamente :

Emulsão de amendoas amargas.

Amendoas amargas	8 gram.
Agua commum	150 gram.

Tire a pellicula das amendoas mergulhando-as por um instante em agua fervendo; pise-as, depois, em gral, ajuntando a agua pouco a pouco; côe o liquido por panno de lã. — Usa-se em lavatorios contra as sardas.

AMENDOAS DOCES

(Amandes douces, fr.). Sementes da *Amygdalus communis dulcis*, L. (Rosaceas), arvore originaria da Africa, cultivada em pomares em Portugal, e no Brasil nas provincias do Sul. Fig. 127. São oblongas, comprimidas, cobertas d'uma pellicula roxa amarellada ou vermelha; parenchyma branco, duro, sem cheiro; sabor doce.



Fig. 127. — Amendoeira.

As melhores amendoas doces são as grossas, inteiras, não picadas de bicho, fractura branca e sem cheiro. Quando são velhas, a fractura é amarellada e o gosto acre.

Emolliente, empregado nas febres agudas, nas phlegmasias do apparelho digestivo, circulatorio, respiratorio, cerebral, em uma palavra, em todas as inflammações.

Substancias incompativeis. Com a emulsão de amendoas não se

devem misturar nem os acidos nem as dissoluções adstringentes, para evitar a decomposição.

Internamente. *Para emulsão* 25 grammas (6 oitavas) para 500 grammas (16 onças) d'agua e 25 grammas (6 oitavas) de assucar.

Para loock 24 amendoas para 120 grammas (4 onças) d'agua.

Xarope (p. 136) 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Amendoada ou *Leite de amendoas doces*, ou *Emulsão simples* (Cod. fr.).

Amendoas doces sem pelliculas	25 gram.	Assucar fino	25 gram.
		Agua fria	500 gram.

Pise em gral de marmore as amendoas com um terço do assucar e um pouco d'agua fria, até formar pasta molle que se dilue com o resto da agua; dissolva o resto do assucar, e côe com espressão por panno de lã.

Tirão-se as pelliculas ás amendoas, deitando por cima d'ellas agua a ferver, deixando arrefecer um pouco, e comprimindo depois cada amendoa entre o dedo pollegar e o indice, até fazê-la sahir de sua pellicula externa : recebe-se a amendoa n'um vaso contendo agua fria. É necessario tirar a pellicula das amendoas, porque esta membrana contém uma substancia adstringente, que poderia alterar o sabor da emulsão e a sua alvura.

Loock branco (Cod. fr.).

Amendoas doces sem pelliculas	30 gram.	Assucar	30 gram.
		Gomma alcatira pulv.	50 centig.
Amendoas amargas sem pelliculas	2 gram.	Agua de flor de laranj.	10 gram.
		Agua commum	120 gram.

Faça emulsão com as amendoas, agua commum e quasi todo o assucar; côe. Triture a gomma com o resto do assucar; dilua o pó obtido com pequena quantidade de emulsão : bata vivamente e por muito tempo; ajunte emfim pôuco a pouco o resto da emulsão e a agua de flor de laranjeira. O loock inteiro deve pesar 150 grammas (5 onças). — Toma-se ás colheres *de sopa*, nas molestias acompanhadas de tosse.

Loock diacodico (Cod. fr.).

Loock branco	150 gram.	Xarope diacodio	30 gram.

M. Toma-se á noite, em duas ou tres porções, na bronchite acompanhada de insomnia.

Pasta amygdalina (Mouchon).

Amendoas doces	500 gram.	Agua commum	500 gram.
Assucar	500 gram.	Agua de louro-cereja	30 gram.
Gomma arabica	500 gram.	Claras de ovos nº	6

Faça pasta fina com as amendoas, o assucar e q. s. d'agua; ajunte o resto da agua para fazer emulsão; dissolva a quente a gomma no liquido obtido, côe, concentre convenientemente para ajuntar as claras de ovos batidas com a agua de louro-cereja. Continue a evaporar até que a pasta deixe de adherir á mão. Estenda então a massa sobre uma camada de assucar, e divida-a em rhombos, que se enfião em arames delgados. Mergulhe-os depois em um soluto quente composto de assucar 2 partes, gelatina 2 partes, agua commum 3 partes, e agua de louro-cereja q. b. Colloque os arames sobre hastes horizontaes, em um local bastante quente, para que a deseccação se opere em quarenta e oito horas. Introduza por fim os rhombos em caixas de 125 grammas forradas de estanho. D. 6 a 12 rhombos por dia, contra a tosse.

AMENDOIRANA, Alcaçuz bravo, Bico de corvo, Paratudo (S. Paulo), **Boi gordo** (Minas). *Cassia rugosa*, Don.

Leguminosas. Pequeno arbusto do Brasil. Folhas pecioladas, compostas de foliolos ellipticos, quasi sesseis, avelludados, com uma glandula na base de cada par; flores amarellas, grandes, dispostas em paniculas terminaes; fructo, vagem com muitas sementes; raiz succulenta, quasi preta por fóra, amarella por dentro, meditullio lenhoso quasi branco. A raiz e as folhas são purgativas na dóse de 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) em cozimento.

AMIANTO ou **Asbesto** (Amiante ou asbeste, fr.). Substancia mineral composta de fios flexiveis e sedosos, que se podem fiar e tecer. O amianto é incombustivel, de côr cinzenta, amarellada ou perfeitamente branca. É um silicato de magnesia, que se acha na China, Persia, Baviera, nos Alpes, e no Brasil nos sertões de Pernambuco. Não se emprega em medicina. Por causa da sua incombustibilidade serve para fazer torcidas de lampiões, filtrar os acidos, fazer fuzís para ferir lume, quando embebido de acido sulfurico. Foi ás vezes confundido com o alumen de penna (sulfato de alumina natural de textura fibrosa).

AMIDO. V. Polvilho.

AMMONIACO LIQUIDO, Ammoniaca, ammonia liquida, Alcali volatil, ou **Espirito de sal ammoniaco** (Ammoniaque liquide, alcali volatil, esprit de sel ammoniac, fr.). Solução de gaz ammoniaco em agua. Liquido sem côr, transparente, de cheiro picante, de sabor caustico, densidade 0,92 (22 Baumé).

A corrente do gaz ammoniaco dirigida pelo gargalo do frasco sobre a parte doente, é util nas molestias nervosas. Nas nevralgias faciaes e nas odontalgias a corrente é dirigida ao nariz. Outro tanto se faz na asphyxia, syncope, nos ataques de gota coral e no envenenamento pelo acido cyanhydrico. Approxima-se n'estes casos o frasco que contém o alcali ás ventas do doente, havendo a cautela de não derrama-lo sobre as regiões vizinhas, que poderião soffrer pela sua acção eminentemente caustica. As inhalações de ammoniaco forão aconselhadas tambem contra o defluxo. Internamente nunca se administra puro, por ser um veneno energico; mas diluido em agua, e em pequena dóse, emprega-se nas febres eruptivas, rheumatismo, epilepsia, tetano, asthma, embriaguez, amenorrhea, mordeduras de animaes venenosos, hydropisias, coqueluche, convulsões das parturientes. Externamente usa-se para cauterizar as mordeduras dos animaes venenosos, e para a preparação dos linimentos empregados nos rheumatismos, gota, paralysia, etc.

Substancias incompativeis. Os acidos, os saes metallicos, o alumen, etc.

Internamente. 10 a 20 gottas, e mais, progressivamente em 180 grammas, (6 onças) de vehiculo, que se administra ás colheres *de sopa*.

Poção ammoniacal (Cod. fr.).

Agua commum	100 gram.	Ammoniaco liquido	50 centig.
Xarope de assucar	30 gram.		

Poção contra a embriaguez.

Agua pura	125 gram.	Ammoniaco liquido	8 gottas.

M. Tomar de uma vez.

Poção contra a epilepsia (Lemoine).

Agua distillada de tilia	60 gram.	Xarope de flor de laranj.	30 gram.
Agua de louro-cereja	10 gram.	Ammoniaco liquido	12 gottas.

M. Uma colher *de sopa*, tres vezes por dia.

Poção anti-acida (Chevalier).

Agua distillada	150 gram.	Ammoniaco liquido	3 gottas.
Agua distil. de hortelã	20 gram.		

M. Toma-se em duas dóses contra as eructações acidas.

Externamente. Puro, como caustico, q. s.

Linimento volatil ou *ammoniacal* (Cod. fr.).

Oleo de amendoas doces	90 gram.	Ammoniaco liquido	10 gram.

Misture em frasco, que se guardará muito bem arrolhado. Em fricções como rubefaciente.

Linimento ammoniacal camphorado (Cod. fr.).

Oleo camphorado	90 gram.	Ammoniaco liquido	10 gram.

Em fricções nos rheumatismos chronicos.

Linimento anti-arthritico.

Linimento volatil	45 gram.	Essencia de terebinth.	15 gram.

M. Em fricções nos rheumatismos.

Linimento camphoro-ammoniacal cantharidado.

Linimento volatil	100 gram.	Tintura de cantharidas	30 gottas
Camphora	12 gram.		

M. e mexa sempre que d'elle usar. Estimulante energico, empregado em fricções sobre os membros paralysados.

Embrocação ophthalmica (Sichel).

Ether sulfurico	15 gram.	Azeite doce	8 gram.
Ammoniaco liquido	8 gram.		

M. e mexa quando usar d'ella. Tres fricções por dia sobre a testa, com uma colher *de chá* d'este linimento para cada fricção, na gota serena.

Caustico ammoniacal ou *pomada de Gondret* (Cod. fr.).

Sebo de carneiro	10 gram.	Ammoniaco liq. a 0.92	20 gram.
Banha	10 gram.		

Derreta a calor brando o sebo e a banha, n'um frasco de bocca larga, rolhando-se a esmeril. Depois de esfriar em parte a mistura, ajunte-lhe o ammoniaco; vasvoleje com força, e mergulhe o frasco em agua fria para facilitar a solidificação da pomada.

Serve para cauterizar a pelle nos casos em que é necessaria viva e prompta impressão : proprio para a applicação dos medicamentos pelo methodo endermico, como da strychnina na amaurose, do chlorhydrato de morphina nas nevralgias e rheumatismos.

ACETATO DE AMMONIACO. (Acétate d'ammoniaque, fr.). Liquido incolor, transparente, inodoro, de sabor fresco e picante, depois algum tanto doce. Obtem-se saturando o acido acetico pelo carbonato de ammoniaco. Deve ter uma densidade igual a 1,036 (5° Baumé).

Estimulante e diaphoretico, empregado no rheumatismo, gota, no cansaço doloroso chamado *constipação*, na paralysia, febres adynamicas, nos casos de escarlatina e de bexigas quando a erupção não se faz convenientemente, ou quando foi supprimida ; é usado tambem contra a embriaguez, e para acalmar as colicas que acompanhão ou precedem a menstruação em algumas mulheres.

O medicamento empregado outr'ora debaixo do nome de *Espirito de Mindcrer*, era um acetato de ammoniaco impuro, preparado com vinagre distillado e sal volatil de ponta de veado, isto é, com carbonato de ammoniaco, sobrecarregado de productos pyrogeneos.

Substancias incompativeis. A potassa, soda, os acidos concentrados, o sublimado, e o nitrato de prata.

Internamente. 4 a 30 grammas (1 oitava a 1 onça) em vehi-

ulo apropriado; como excitante e diaphoretico. Na embriaguez, 20 gottas em um copo d'agua adoçada.

Poção diaphoretica.

Acetato de ammoniaco	15 gram.	Agua de hortelã	50 gram.
Agua de canella	50 gram.	Xarope simples	30 gram.

Uma colher *de sopa* de hora em hora, como estimulante, diaphoretico.

Poção sudorifica simples.

Infusão de sabugueiro	120 gram.	Xarope simples	30 gram.
Acetato de ammoniaco	4 gram.		

M. Uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas, para provocar a transpiração na constipação.

Poção sudorifica (Foy).

Acetato de ammoniaco	12 gram.	Tintura de canella	8 gram.
Vinho tinto	150 gram.	Xarope simples	30 gram.

M. Uma colher *de sopa* de hora em hora.

Poção excitante (Harless).

Folhas de digital	2 gram.	Agua fervendo	q. s.
Casca de cascarilha	5 gram.		

Para ter 150 grammas de infusão; côe e ajunte :

Acetato de ammoniaco	20 gram.	Xarope simples	20 gram.

D. Uma colher *de sopa* tres vezes por dia na hydropisia.

Poção contra a dysmenorrhea (Raciborski).

Infusão de sabugueiro	120 gram.	Xarope de flor de laranj.	15 gram.
Acetato de ammoniaco	15 gram.	Xarope de opio	15 gram.

M. Duas colheres *de sopa* de duas em duas horas.

Pação emmenagoga (Phœbus).

Raiz de valeriana	8 gram.	Açafrão	6 gram.

Agua fervendo q. s. para ter 150 grammas de infusão; ajunte :

Acetato de ammoniaco	2 gram.	Xarope simples	30 gram.

D. Uma colher *de sopa* de duas em duas horas.

Poção contra a embriaguez.

Agua	100 gram.	Acetato de ammoniaco	20 gottas.
Xarope de assucar	15 gram.		

M. Duas colheres *de sopa* de quarto em quarto de hora. Esta poção é preferivel á de ammoniaco, por não ter o cheiro desagradavel do alcali.

Externamente. O acetato de ammoniaco, diluido em 2 partes d'agua, como resolvente.

CARBONATO DE AMMONIACO, ou **Sub-carbonato de ammoniaco** (Carbonate d'ammoniaque, fr.). Sal em fórma de pedaços brancos, meio transparentes, compostos de uma reunião de pequenos crystaes, de textura fibrosa; cheiro picante, sabor caustico; soluvel no dobro do seu peso d'agua fria; a agua quente decompõe-n'o; insoluvel no alcool. Exposto ao ar perde o gaz ammoniaco, e transforma-se em sesquicarbonato de ammoniaco; por conseguinte deve ser conservado em frascos bem tapados.

Puro e em alta dóse, é um veneno caustico; diluido em agua, emprega-se nas febres ataxicas, mordeduras de animaes venenosos, em certos casos de erupções cutaneas que se manifestão difficilmente, gota coral, asthma, garrotilho, escarlatina, nas convulsões das crianças dependentes da dentição, etc. Os pasteleiros empregão-n'o para levedar as massas.

Subst. incomp. Os acidos, a cal, soda, potassa, os sulfatos de magnesia, de ferro, de zinco, o acetato de chumbo, o sublimado, etc.

Internamente. 60 centigrammas até 8 grammas (12 grãos até 2 oitavas) n'uma poção de 180 grammas (6 onças), que se administra ás colheres *de sopa* de hora em hora.

Poção de Stahl.

Carbonato de ammoniaco	8 gram.	Xarope de althea	40 gram.
Agua distillada	200 gram.		

M. Meia colher *de sopa* de 2 em 2 horas na escarlatina ataxica.

Mistura anti-asthmatica de Van Swieten.

Carbonato de ammoniaco	2 gram.	Xarope diacodio	2 gram.
Agua distil. de arruda	125 gram.		

M. Uma colher de *de sopa* de dez em dez minutos na asthma.

Externamente. Como estimulante e resolutivo.

Ceroto ammoniacal (Rechoux).

Carbonato de ammoniaco	5 gram.	Ceroto simples	40 gram.

4 grammas (1 oitava) em fricções, tres a quatro vezes por dia, nos tumores chronicos.

Pomada resolutiva.

Carbonato de ammoniaco	5 gram.	Banha	30 gram.
Camphora	1 gram.		

M. Em fricções, nas glandulas do pescoço.

Sal volatil inglez.

Carbonato de ammoniaco, transparente, em fragmentos. q. v.

Introduz-se este sal n'um frasquinho, e ajuntão-se-lhe algumas gottas de algum oleo volatil de cheiro agradavel. O emprego d'estes frascos é preferivel ao ammoniaco liquido, porque o desenvolvimento do gaz é sempre moderado, e porque não ha receio de aspirar de uma vez grande quantidade d'elle.

Sal volatil inglez (segunda formula).

Chlorhyd. de ammoniaco	2 gram.	Carbonato de potassa	3 gram.

Reduza a pó grosso, aromatize com q. s. de essencia de hortelã, e encha os frascos que se trazem na algibeira. — A dupla reacção de chlorhydrato de ammoniaco e de carbonato de potassa produz carbonato de ammoniaco volatil e chlorureto de potassio.

Sal de Preston.

Carbonato de ammoniaco em pedaços	125 gram.	Esssencia de rosas	10 gottas
Ammoniaco liquido	125 gram.	— de canella	10 gottas
Essencia de bergamota	25 gottas	— de cravo	10 gottas
		— de alfazema	15 gottas

M. e encha os pequenos frascos.

Estas tres precedentes preparações dão-se a cheirar nos desmaios, ataques de nervos, etc.

CHLORHYDRATO ou **Hydrochlorato de ammoniaco**, ou **Sal ammoniaco** (Chlorhydrate d'ammoniaque, ou sel ammoniac fr.). Pães bastante volumosos, convexos de um lado, concavos do outro, brancos, crystallizados em agulhas dispostas como a rama de uma penna, inodoros, de sabor amargo, acre e fresco. É difficil pulverizar este sal; o unico meio de obtê-lo em pó é dissolvê-lo a quente até esfriar de todo; é algum tanto deliquescente; soluvel em 3 partes d'agua fria : esta solução é acompanhada de grande abaixamento de temperatura.

Venenoso em alta dóse, em pequena emprega-se internamente

[n]as bronchites; externamente como resolvente e refrigerante, nas [i]nflammações superficiaes, anginas chronicas, enxaquecas, etc.

Internamente. 50 centigrammas até 4 grammas (10 grãos até [1] oitava) em poção.

Mistura peitoral.

[S]al ammoniaco	4 gram.	Sumo de alcaçuz	15 gram.
[I]nfusão de althea	100 gram.		

M. Duas colheres *de sopa* de 2 em 2 horas. Bronchite.

Externamente. *Solução,* 30 a 90 grammas (1 a 3 onças) em [1]000 grammas (32 onças) d'agua, em lavatorios e fomentações.

Emplasto de sal ammoniaco (pag. 80) como resolvente, nos engur[g]itamentos chronicos.

Alcoolato aromatico ammoniacal (Cod. fr.).

[C]asca fresca de laranja	100 gram.	Chlorhydrato de ammoniaco	500 gram.
— — de limão	100 gram.	Carbonato de potassa	500 gram.
[B]aunilha	30 gram.	Agua distil. de canella	500 gram.
[C]anella de Ceylão .	15 gram.	Alcool a 80°	500 gram.
[C]ravos da India	10 gram.		

Corte as cascas de laranja, de limão e a baunilha; contunda a [c]anella e os cravos, e introduza tudo em uma retorta de vidro, [c]om o chlorhydrato de ammoniaco, a agua de canella e o alcool. [C]onserve em maceração durante tres ou quatro dias, mexendo de [v]ez em quando. Ajunte o carbonato de potassa; misture exacta[m]ente, e, algumas horas depois, distille em b. m. para extrahir [5]00 grammas de alcoolato aromatico. — Este alcoolato cora-se com [m]uita facilidade exposto á luz, pelo que é necessario guarda-lo [e]m frascos pequenos, rolhados a esmeril, e envolvidos em papel negro.

Enchem-se com elle frasquinhos, que se dão a cheirar na syncope.

Fomentação resolutiva de Justamond.

[S]al ammoniaco	8 gram.	Alcoolato de alfazema	125 gram.

M. Tumores chronicos.

Gargarejo resolutivo.

[S]al ammoniaco	5 gram.	Xarope de vinagre	500 gram.
[A]gua	200 gram.		

M. Anginas chronicas.

AMOR PERFEITO. V. Violeta de tres côres.

AMORA (Mure, fr.) Fig. 128. Fructo da amoreira negra, *Morus nigra,* L. Moreaceas, arvore originaria da Persia, cultivada no Brasil [e] em Portugal. Baga de côr vermelha preta, de sabor acidulo, [c]omposta de pequenos bagos dispostos em uma serie longitudinal [d]esigual, ovados, comprimidos.

Adstringente. O sumo d'estes fructos, evaporado a fogo brando [a]té á consistencia conveniente, é conhecido debaixo do nome de *[a]rrobe de amoras;* usa-se nas esquinencias, em gargarejos, na dóse [d]e 30 grammas (1 onça) para 500 grammas (16 onças) de liquido; [o]u puro, para tocar as aphtas.

AMOREIRA DE SILVA. *Rubus jamaicensis*, L. Rosaceas. [A]rbusto do Brasil. Caule sarmentoso, folhas digitadas de tres a [c]inco em rama, foliolos dentados, flores dispostas em paniculas dif[f]usas, terminaes; fructo, quasi espherico, de côr roxa-negra, for[m]ado pela reunião de pequenas drupas carnosas, de sabor doce-[a]cidulo. Os grelos d'este arbusto são um tanto adstringentes, e o [s]eu cozimento é empregado em gargarejos nas esquinencias chro[n]icas. Prepara-se este cozimento com 15 grammas (1/2 onça) de [g]relos e 500 grammas (16 onças) d'agua. Os fructos são refrigerantes;

servem para xaropes, geleas, arrobes, limonadas; gozão da mesma virtude que as amoras da Europa.



Fig. 128. — Amoreira negra.

AMYLENE. (Amylène, fr.). Liquido incolor, de cheiro ethereo, insoluvel em agua, soluvel no alcool e no ether, inflammavel; densidade 0,659, e o seu vapor tem 2,45 de densidade. Obtem-se misturando o alccol amylico (alcool extrahido de batatas) com chlorureto de zinco, e distillando : o producto da distillação é a amylene. Esta substancia, descoberta em 1844, foi proposta em inhalações, como anesthesico, superior ao chloroformio e ao ether. Acolhida a principio com um certo favor, está hoje completamente abandonada, por causa do seu mão cheiro, mas sobretudo por ter occasionado accidentes mortaes.

ANABÍ. *Potalia resinifera*, Martius. Loganiaceas. Arbusto do Brasil; habita no Pará e Rio Negro. Folhas oppostas, oblongas; flores dispostas em corymbos, corolla verde, calice amarello. A infusão das folhas usa-se em lavatorios, nas inflammações dos olhos. Prepara-se com 15 grammas (1/2 onça) das folhas e 500 gram. (16 onças) d'agua fervendo.

ANDA-AÇÚ ou **Purga de gentio**, ou **Purga dos Pau-istas**, ou **Coco de purga**. Fructo da *Johanesia princeps*. Vel-oso, grande arvore do Brasil. Euphorbiaceas. É uma noz, do com-rimento de 2 a 3 pollegadas, com duas amendoas brancas, cobertas e casca roxa escura, do tamanho de uma castanha, e de gosto docicado. Fig. 129. — Purgante energico.



Fig. 129. — Anda-açú.

Internamente. 1 a 3 amendoas cruas ou assadas. Quando ssadas, o seu effeito é menos energico. *Oleo* 8 a 24 gottas.

A arvore que dá esta noz habita nos terrenos arenosos, não onge do mar; acha-se perto do Rio de Janeiro. É bastante elevada. heia de um succo leitoso; folhas alternas com longos peciolos, que evão cinco peciolos parciaes, muito mais curtos, e cada um d'estes eciolos leva um foliolo oval, acuminado, luzente por cima, menos uzente na face inferior; flores dispostas na extremidade dos ramos m especie de panicula; fructo espheroidal, com envoltorio exterior arnoso, endocarpo lenhoso, e duas sementes (raras vezes tres) vadas. A casca d'esta arvore, deitada ao rio, faz morrer os peixes.

ANDIROBA ou **Carapa**, *Carapa guianensis*, Aubl. Meliaceas. rvore do Brasil (provincias do Norte). Folhas compostas de 8 a 0 partes de foliolos, oblongos, glabros, acuminados e coriaceos; ores dispostas em paniculas aggregadas e levantadas; fructo, drupa ecca globosa, exteriormente lenhosa, de quatro ou cinco valvas. s sementes formão no meio do fructo um aggregado globoso; são ompostas de casca avermelhada, dura, quasi lenhosa, tuberculosa a supeficie, e de amendoa um pouco rosea, dura, graxa. A casca 'esta arvore é muito amarga, e emprega-se em cozimento como ebrifugo e anthelmintico; 2 oitavas para 6 onças d'agua. Externa-ente o mesmo cozimento serve para lavatorios nas ulceras. Das ementes extrahe-se um oleo muito amargo que serve para diversos sos : para luzes, fabricação do sabão, e para preservar os trastes os bichos esfregando-os com elle. Os indigenas esfregão o corpo om este oleo amargo, para se preservarem das picadas dos insectos.

ANDORINHA ou **Herva de passarinho**. *Euphorbia ecorum*, Mart. Euphorbiaceas. Planta do Brasil. A cataplasma das olhas verdes applica-se nas ulceras antigas. O succo da planta, ue é caustico, é aconselhado em applicação ás gottas, contra as anchas da cornea, e as ulceras dos olhos. Mas deve empregar-se om muita cautela, e é preferivel recorrer n'este caso á applicação a pedra infernal, cuja acção caustica se póde melhor limitar.

ANEMONE PULSATILLA (Anemone pulsatille ou Pulsatille, fr.). *Anemone pulsatilla*, L. Ranunculaceas. Planta europea; em Portugal habita nos lugares seccos e montanhosos. É pequena, de raiz grossa e anegrada; folhas muitas vezes pinnatifidas, flores de côr purpurea; sabor acre e caustico, que perde pela deseccação. O extracto e a alcoolatura das folhas da anemone forão empregados contra os dartros e amaurose; hoje usão-se pouco.

Internamente. *Extracto* (p. 89) 15 a 30 centigrammas (3 a 6 grãos) em pilulas.

Alcoolatura (p. 68) 2 a 20 gottas.

ANGELICA (Angelique, fr.). *Angelica archangelica*, L. Umbelliferas. Planta que habita espontaneamente na Noruega, Bohemia, Suissa, nos Pyreneos, e é cultivada nos jardins do Brasil. Fig. 130.



Fig. 130. — Angelica.

Raiz grossa, carnosa, muito odorifera, dividida em grande numero de radiculas; caule de 100 a 130 centimetros; folhas grandes, cheirosas, pinnadas, com segmentos subcordatos, lobados e finamente dentados; flores de um branco esverdeado, dispostas em uma grande

umbella hemispherica; fructo esbranquiçado, comprimido, elliptico; sementes volumosas, convexas do lado externo, excavadas do lado interno, de sabor forte e agradavel. *P. us. Raiz.* A raiz secca, como se acha no commercio, é cinzenta, enrugada por fóra, esbranquiçada por dentro; cheiro aromatico; sabor quente, doce ao principio e depois amargo.

Estimulante mui forte, aconselhado nas digestões laboriosas, bronchites chronicas, vomitos espasmodicos, chlorose, hysterismo, e como emmenagogo. Os fructos entrão na composição do licor *de la Chartreuse;* com os caules da planta fazem-se doces.

Internamente. *Pó* (p. 109), 8 a 30 gram. (2 oitavas a 1 onça).

Infusão, 4 grammas (1 oitava) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

Agua distillada, 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Para uso externo, a angelica entra na composição do *basalmo do Commendador* e da *agua vulneraria espirituosa*, preparações empregadas para curar as cortaduras e outras feridas.

ANGELIM. Empregão-se no Brasil, como vermifugas, debaixo do nome de *Angelim*, as sementes de muitas especies de *Andira*, e especialmente as da *Andira anthelmintica, stipulacea, rosea, racemosa, spinulosa*, arvores da familia das Leguminosas. Estas arvores são em geral de folhas oppostas e imparipennadas; flores racimoso-paniculadas, terminaes e axillares; fructos ovoides, do pericarpo a principio carnoso, tornando-se coriaceo e resistente, contendo uma só amendoa oval, esbranquiçada, de sabor acre. A fig. 131 representa o fructo e a amendoa da *Andira athelmintica*, Bentham. Fructo ovoide, do comprimento de 4 centimetros a 4 centimetros e 1/2, da largura de 2 centimetros e 1/2 a 3, coberto de um epicarpo, enrugado depois de secco. Sob o epicarpo acha-se um mesocarpo ligneo, mui laxo, amarello-esverdeado, que se transforma pouco a pouco em endocarpo. A amendoa é livre na cavidade interior, ovoide, ponuda na extremidade superior, de 25 millimetros de comprido, e de 15 de largo.

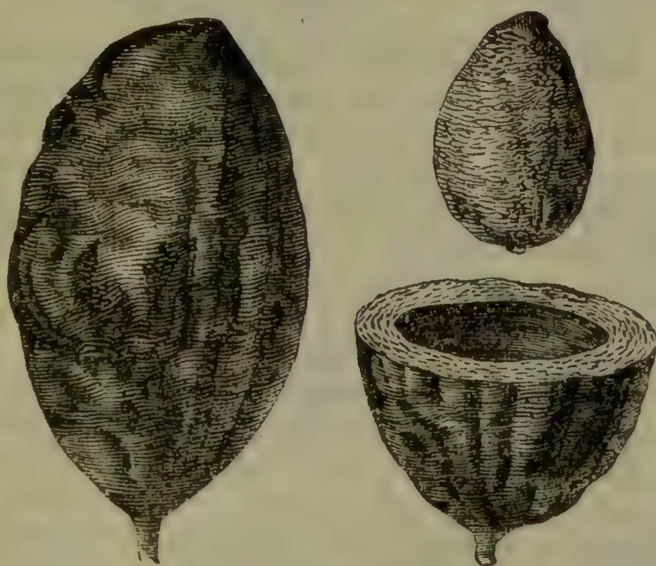


Fig. 131. — Semente de angelim.

Estas sementes são frequentemente empregadas no Brasil como vermifugas, porém, cumpre usa-las com muita precaução, pois que em grande dóse produzem vomitos, dejecções alvinas abundantes, e poderião occasionar accidentes ainda mais graves.

Internamente. 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos) para uma criança de 4 annos, em pó que se toma em 4 colheres de leite com assucar.

ANGICO. *Acacia angico*, Martius. Leguminosas. Arvore do Brasil, de 25 metros de altura, mais ou menos; folhas bipinnuladas; pinnulas numerosas, oppostas, compostas de muitos pares; inflo-

rescencia em capitulos; o fructo é uma vagem achatada, com quatro ou cinco estreitamentos contendo sementes. Mana d'esta arvore naturalmente ou por incisões praticadas nos ramos, uma gomma semelhante á gomma arabica. Esta gomma apresenta-se em bocados irregularmente arredondados, duros, brilhantes, mais ou menos transparentes, inodoros, amarellos ou avermelhados, de sabor mucilaginoso. A solução d'esta gomma em agua morna, ou em infusão de flores de malvas, adoçada com assucar, usa-se contra as bronchites. D. 8 gram. (2 oitavas) de gomma para 250 gram. (8 onças) de liquido.

ANGUSTURA (Angusture, fr.). É o nome de duas cascas muito differentes :

1° ANGUSTURA VERDADEIRA. Provém da *Galipea cusparia* ou *officinalis*, grande arvore da familia das Rutaceas que habita na America meridional sobre as margens do Orenoco. É uma casca guarnecida de sua epiderme, em pedaços de espessura e comprimento variaveis, não passando de 15 a 20 centimetros de comprimento, quasi plana, *adelgaçada sobre as margens*, cinzenta no exterior, avermelhada no interior, cheiro forte, sabor muito amargo. — Tonico e febrifugo. O risco de confundir-se com a falsa angustura, faz com que raras vezes se applique.

Internamente. *Pó* (p. 109) 30 a 60 centigrammas (6 a 12 grãos). *Infusão*, 4 gram. (1 oitava) para 500 gram. (16 onças) d'agua.

2° ANGUSTURA FALSA. Attribuida por muito tempo á *Brucea anti-dysenterica* ou *ferruginea;* mas parece demonstrado que provém de uma loganiacea, da propria *strychnos nux vomica.* D'onde se vê que é um veneno violento, e importa não confundi-la com a casca precedente. Differe d'ella em que as *margens não apresentão plano inclinado, que é sem cheiro, e muito mais amarga.* Contém brucina e strychnina.

ANIL (Indigo, fr.). Materia corante que se extrahe das folhas de certo numero de plantas que pertencem ao genero *indigofera*, da familia das Papilionaceas, as quaes habitão na India, Mexico, Brasil. É uma pasta em pães de cerca de 90 grammas, de côr azul magnifica, sem cheiro nem sabor, empregada na tinturaria. O anil foi aconselhado contra a epilepsia, na dóse de 2 a 30 grammas, (1/2 oitava a 1 onça) por dia misturado com mel de abelhas. Não se usa hoje porque não realisou as promessas.

ANIMÉ. V. RESINA ANIMÉ.

ANIZ ou **Herva doce** (Anis, ou anis vert, fr.). *Pimpinella anisum*, L. Umbelliferas. Planta originaria da Africa, cultivada nas hortas do Brasil e de Portugal. Fig. 132. Caule liso; folhas radicaes cordiformes-arredondadas, com lobulos incisos-dentados; folhas medianas pinnati-lobadas, com lobulos cuneiformes ou lanceolados; folhas superiores fendidas em tres lacinias; fructos pedunculados ovados, mui pequenos, separaveis em duas sementes, miudamente avelludados, estriados; de cheiro aromatico suave, de sabor um tanto doce e calefaciente. Os fructos mais estimados vem de Malta e Hespanha. *P. us. Fructos*, impropriamente chamados *sementes*.

Estimulante, carminativo, empregado nas flatuosidades intestinaes, colicas das crianças, diarrheas chronicas, etc. É muito usado para fazer gragêas, e licores de mesa.

Internamente. *Infusão.* Fructos de aniz 10 gram. (2 1/2 oit.) agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por meia hora e cô[e].

Pó (p. 109), 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava).

Agua distillada (p. 64), 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça).

Oleo essencial, 6 a 10 gottas em poção.

Pós digestivos.

Herva doce	60 centigr.	Canella	15 centigr.
Coentro	60 centigr.	Cravo da India	15 centigr.
Funcho	60 centigr.	Rhuibarbo	15 centigr.
Casca de laranja	15 centigr.	Assucar	60 centigr.

F. 1 papel. D. um papel, duas vezes por dia, na inappetencia e flatuosidades.

Poção anizada.

Fructos de aniz	2 gram.	Agua quente	q. s.

Para obter 125 grammas de infusão, ajunte :

Assucar .... 8 gram.

M. D. Uma colher *de sopa* de hora em hora nas colicas das crianças.



Fig. 132. — Aniz, ou Herva doce.



Fig. 133. — Aniz estrellado.

ANIZ ESTRELLADO ou **Aniz da China** ou **Badiana** (anis étoilé, ou badiane, fr.). Fructo da *Illicium anisatum*, L., arvore da China e do Japão. Magnoliaceas. Fig. 133. Este fructo compõe-se de sete ou oito capsulas, reunidas pela base e dispostas em estrella, comprimidas, avermelhadas, de sabor e cheiro semelhantes aos da herva doce; cada capsula contém uma semente lustrosa. O oleo volatil d'estas sementes serve para preparar o melhor licor de aniz (*anisette de Bordeaux*). Estimulante.

Internamente. *Infusão*. Aniz estrellado 10 grammas (2 1/2 oit.) agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por meia hora, e côe

ANNA PINTA. V. CAYAPÓ.

ANTHRAKOKALI. Carbureto de potassio. (Anthrakokali, fr.) Medicamento vivamente recommendado nas molestias de pelle, h alguns annos, mas hoje, fóra de uso.

ANTIMONIO METALLICO, Regulo de antimoni (Antimoine metallique, régule d'antimoine, fr.). Metal de côr branc prateada, de textura lamellosa, em pequenos grãos quando puro e com largas facetas quando contém outros metaes; mui quebradiç e facil de pulverizar; esfregado, adquire um cheiro sensivel. Exist na natureza no estado metallico; mas aquelle que se acha no com mercio obtem-se do sulfureto de antimonio, e contém ferro, chumb e arsenico; para tê-lo puro é necessario purifica-lo. Antigament o antimonio metallico era empregado em medicina, mas hoje est fóra de uso.

OXYDO DE ANTIMONIO **por precipitação**. Obtem-se dissolvend o bicarbonato de potassa em agua, ajuntando á dissolução oxy-chlorureto de antimonio; fazendo ferver por meia hora; deixand depôr, decantando, lavando o precipitado e fazendo-o seccar n estufa. É em crystaes, de côr cinzenta.

Contra-estimulante. Dóse. 1 a 8 grammas (20 grãos a 2 oitavas em poção ou loock. É um medicamento infiel. A quantidade disso vida no estomago varía necessariamente segundo o gráo de activi dade do succo gastrico, sempre variavel e impossivel de conhece

Pós de James (Cod. fr.).

Oxydo de antimonio por precipitação	10 gram.	Phosphato de cal	20 gra

M. D. 20 a 30 centigrammas (4 a 6 grãos) como excitante e di phoretico.

Os *pós de James* constituem um dos medicamentos mais empr gados em Portugal; porém não se usão segundo a formula do Codi francez, mas sim segundo a formula do Codigo de Edimburgo. Eil-a

Tomão-se partes iguaes de sulfureto de antimonio e de rasp de ponta de veado, misturão-se e são torradas sobre um testo barro, mexendo-se sempre para se reduzir a pó cinzento; dep porphyrizão-se e aquecem-se ao rubro n'um cadinho durante du horas. Assim preparados, os *pós de James* são muito alvos, em fino, com aspecto de farinha de trigo; constituem uma mistura acido antimonioso, de phosphato de cal, e um pouco de antim niato de cal. Os medicos portuguezes applicão estes pós sobretu nas inflammações dos pulmões e nas febres malignas, na dóse 5, 10 e mais centigrammas (1, 2 grãos e mais), debaixo da fór pilular, suspensos n'um liquido, ou em substancia.

ANTIMONIO CRU. V. *Sulfureto de antimonio*.

ANTIMONIO DIAPHORETICO LAVADO. Bi-antimoniato de potas impropriamente chamado *oxydo branco de antimonio* (Antimoi diaphorétique lavé, bi-antimoniate de potasse, fr.). Sal pulvei lento, branco, insoluvel n'agua. Aconselhado como diaphoretic expectorante.

Internam. 50 a 150 cent. (10 a 30 grãos) em pó ou em loo

Loock contra-estimulante (Trousseau).

Loock branco	150 gram.	Antim. diaphor. lavado	4 gr

M. Uma colher *de sopa* de duas em duas horas. Vascoleja-s liquido cada vez que se toma.

CHLORURETO DE ANTIMONIO ou **Manteiga de antimonio** (Chlorure d'antimoine, ou beurre d'antimoine, fr.). Sal solido, branco, meio transparente, deliquescente, mui caustico, sem cheiro. Exposto ao ar absorve-lhe facilmente a humidade, e transforma-se em um liquido branco, oleaginoso.

Caustico violento, empregado principalmente para cauterizar as feridas sinuosas feitas por animaes damnados ou venenosos. Para este uso prefere-se o chlorureto de antimonio liquido, que se obtem expondo o chlorureto solido ao contacto do ar. Applica-se com pincel de panno ou de fios; mas deve-se, primeiro, enxugar com cuidado o sangue, para este não decompôr o chlorureto.

SULFURETO DE ANTIMONIO (PROTO-), ou **Antimonio cru** (Protosulfure d'antimoine, ou antimoine cru, fr.). Crystaes compridos prismaticos, em fórma de agulhas, de côr cinzenta azulada, de brilho metallico, insoluveis na agua. Existe abundantemente na natureza. Prepara-se nas artes pela simples fundição do metal; mas contém sulfuretos de chumbo, de ferro, de cobre, e sobretudo o sulfureto de arsenico que lhe póde communicar propriedades venenosas. Para os usos medicinaes é necessario prepara-lo artificialmente, derretendo em cadinho de terra 2 1/2 partes de antimonio purificado com 1 parte de enxofre, e augmentando o fogo no fim da operação para expellir o excesso de enxofre.

Administrado internamente em alta dóse apresenta propriedades emeto-catharticas. Emprega-se para combater as molestias de pelle.

Internamente. 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava), em pó, pilulas, ou em pó suspenso em poção.

Pós depurantes (Jaser).

Sulfureto de antim.	30 centigr.	Nitro	30 centigr.
Flores de enxofre	30 centigr.	Lirio	30 centigr.

Para 1 papel. D. 2 papeis por dia, nas molestias de pelle.

Pilulas anti-herpeticas (Kunkel).

Sulfureto de antim.	14 centigr.	Extr. de doce-amarga	7 centigr.

F. 1 pilula. D. 1 a 2 pilulas por dia.

ENXOFRE DOURADO DE ANTIMONIO ou **Hydrosulfato sulfuretado de antimonio** (Soufre doré d'antimoine, ou hydrosulfate sulfuré d'antimoine, fr.). Pó de côr amarella alaranjada, sem cheiro nem sabor, insoluvel n'agua.

Excitante, expectorante, diaphoretico; em dóse elevada emetico e laxativo. Aconselhado nas bronchites como expectorante.

Internamente. 20 centigrammas a 1 gramma (4 a 20 grãos) em pó com assucar, em loock, ou em pilulas com algum extracto.

Pilulas peitoraes.

Enxofre dourado de antimonio	5 centigr.	Gomma ammoniaco	10 centigr.
Scilla	5 centigr.	Extracto de polygala	10 centigr.

F. 1 pilula. D. 2 a 12 por dia.

KERMES MINERAL ou **Oxy-sulfureto de antimonio hydratado** (Kermes minéral, ou Oxy-sulfure d'antimoine hydraté, fr.). Pó de côr roxa vermelha, de aspecto avelludado, inodoro quando perfeitamente secco, cheiro um pouco sulfuroso quando humido, insoluvel n'agua. Exposto ao ar e á luz perde a côr vermelha e o aspecto avelludado.

Em dóse pequena favorece a expectoração, e emprega-se nas bronchites, asthma, etc. Em alta dóse é sudorifico e contra-estimu-

lante, e administra-se como tal nas affecções gotosas, rheumatismaes e pulmonares. O kermes ás vezes produz vomitos.

Internamente. Como expectorante 5 a 20 centigrammas (1 a 4 grãos) em emulsão, pó ou pilulas. Como contra-estimulante 25 centigrammas a 1 gramma (5 a 20 grãos), e progressivamente 2 gram. (40 grãos) e mais.

Pós contra a coqueluche.

Kermes mineral	1 centigr.	Ipecacuanha	5 centigr.

F. 1 papel. D. 2 papeis por dia.

Loock de kermes.

Loock branco	150 gram.	Kermes	10 centigr.

M. Ás colheres. Bronchites.

Poção de kermes contra-estimulante.

Infusão de grelos de laranjeira	150 gram.	Kermes mineral	2 gram.
Gomma alcatira	1 gram.	Xarope simples	15 gram.
		Xarope diacodio	15 gram.

M. Uma colher *de sopa* de hora em hora.

TARTARO EMETICO, **Tartrato stibiado**, ou simplesmente **Emetico, Tartrato de potassa e de antimonio**, ou **Tartrato antimoniado de potassa** (Tartre émétique, tartre stibié, émétique, Tartrate de potasse et d'antimoine, ou Tartrate antimonié de potasse, fr.). Sal branco crystallizado em octaedros ou em tetraedros meio trnasparentes, inodoros, de sabor styptico e nauseante, soluvel em 14 partes d'agua fria, em 2 partes d'agua fervendo.

Na dóse de 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos), diluido em uma a tres chicaras d'agua, o tartaro emetico irrita a superficie gastrica e produz vomitos. Esta irritação póde estender-se aos intestinos delgados, e occasionar dejecções alvinas. Mas não se obtem os mesmos effeitos augmentando as dóses, e repetindo-as com pequeno intervallo uma da outra. Poder-se-hão introduzir no estomago 1, 2 e mais grammas por dia, sem provocar vomitos nem diarrhea. Outros phenomenos não menos incomprehensiveis apresentão-se ao observador : o pulso torna-se lento; bate só 50 a 55 vezes por minuto; a transpiração cutanea e a secreção urinaria augmentão consideravelmente. Esta acção do tartaro emetico, chamada *contra-estimulante*, foi aproveitada no tratamento das pneumonias, e tem produzido curas admiraveis. O tetano, o rheumatismo articular agudo, a phlebite, a apoplexia, o narcotismo, a colica de chumbo, a bronchite, a coqueluche, tem muitas vezes cedido ao emprego do emetico. Applicado externamente, goza de propriedades irritantes e revulsivas, de vantajoso recurso no tratamento da coqueluche, pleuriz, rheumatismo, gota, pneumonia e outras affecções do peito.

Substancias incompativeis. Os acidos concentrados, os oxydos metallicos da segunda classe, e seus carbonatos, o sabão, o tannino, a quina, o rhuibarbo, os vegetaes amargos e adstringentes, etc.

A agua de poço e geralmente todas aquellas que contém carbonato de cal e magnesia, precipitão lentamente o oxydo de antimonio, e pela ebullição, instantaneamente.

Internamente. Como vomitivo, 5 a 15 centigram. (1 a 3 grãos) n'uma chicara d'agua fria ou morna, que se administra por uma vez, ou em duas dóses com um quarto de hora de intervallo. Facilitão-se os vomitos dando-se a beber porções d'agua morna.

Como purgativo, 5 centigram. (1 grão) em 600 gram. (20 onças) de vehiculo, do qual se toma um copo de hora em hora.

Como contra-estimulante, 30 centigrammas (6 grãos) a 1 gram. (20 grãos) no espaço de 24 horas.

Contra a apoplexia, as affecções comatosas, em clysteres 20 a 40 centigrammas (4 a 8 grãos) em 180 grammas (6 onças) d'agua.

Pilulas anti-catarrhaes (Pariset).

Emetico	1 centigr.	Gomma alcatira	5 centigr.
Opio	1 centigr.	Xarope	q. b.

F. 1 pilula. D. 1 pilula, duas ou tres vezes por dia, como expectorante, nas bronchites.

Poção contra-estimulante (Laennec).

Infusão de grelos de laranjeira	150 gram.	Tartaro emetico	30 centigr.
		Xarope de gomma	30 gram.

M. Duas colheres *de sopa* de duas em duas horas, no rheumatismo agudo, pneumonia, e em muitas outras inflammações.

Poção stibiada (Louis).

Emetico	30 centigr.	de laranjeira	150 gram.
Infusão de flores de tilia e grelos		Xarope diacodio	30 gram.

M. Duas colheres *de sopa* de duas em duas horas na pneumonia.

Poção stibio-opiada (Peysson).

Tartaro emetico	5 centigr.	Agua commum	200 gram.
Opio	5 centigr.	Agua de flores de laranjeira	10 gram.
Gomma alcatira	1 gram.		

F. S. A. Uma colher *de sopa* de meia em meia hora, nas febres intermittentes.

Poção stibio-opiada (Collin).

Emetico	40 centigr.	Agua	250 gram.
Tintura de opio	30 gottas.	Xarope simples	10 gram.

M. Duas colheres *de sopa* de duas em duas horas.

Poção contra o garrotilho.

Emetico	10 centigr.	Xarope de ipecacuanha	15 gram.
Agua distillada	125 gram.	Oxymel scillitico	15 gram.

M. Uma colher *de sopa* de meia em meia hora, para favorecer a expulsão das membranas.

Bebida emeto-cathartica.

Polpa de tamarindos	60 gram.	Agua fervendo	q. s.

Para obter 250 grammas de infusão; ajunte :

Emetico.................................. 10 centigram.

Toma-se em duas dóses, com meia hora de intervallo.

Outra.

Emetico	5 centigr.	Agua	600 gram.
Sulfato de magnesia	30 gram.		

M. Uma chicara de quarto em quarto de hora.

Emetico em lavagem.

Emetico	5 centigr.	Agua	1000 gram.

M. Uma chicara de meia em meia hora, como purgante.

Poção emetizada e nitrada (Richter).

Tartaro stibiado	5 centigr.	Infusão de sabugueiro	100 gram.
Nitrato de potassa	4 gram.	Mellite simples	30 gram.

M. Uma colher *de sopa* de hora em hora no pleuriz.

Suppositorio irritante.

Manteiga de cacáo	8 gram.	Tartaro stibiado	5 centigr.
Aloes	60 centigr.		

Faça um cóne, que se introduz no recto, para provocar os menstruos ou o fluxo hemorrhoidal.

Externamente. 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos) sobre um emplasto de pez de Borgonha, para produzir erupção cutanea.

Pomada stibiada d'Autenrieth (Cod. fr.).

Emetico porphyrizado	10 gram.	Banha benzoinada	30 gram.

Misture exactamente sobre o porphyro para obter uma pomada homogenea. — Em fricções como revulsivo. Continua-se o seu emprego, duas a tres vezes por dia, até produzir a erupção, que é analoga aos botões das bexigas.

Emplasto contra o catarrho pulmonar.

Emplasto de cicuta	30 gram.	Emplasto diachylão gommado.	15 gram.
Emplasto de pez de Borgonha	15 gram.		

Misture, estenda sobre um pedaço de panno, e polvilhe com 60 centigrammas de emetico.

APIOL. (Apiol, fr.). Dá-se este nome a um oleo obtido dos fructos da salsa hortense, *Apium petroselinum*, L. É um liquido amarellado, oleaginoso, de sabor acre e picante, mais denso do que a agua, soluvel no alcool e no ether, insoluvel em agua. Em pequena dóse determina uma excitação geral mui grande; na dóse de 4 a 8 grammas produz symptomas que caracterizão a embriaguez, analogos aos que occasiona o sulfato de quinina. Foi aconselhado contra as febres intermittentes, e na amenorrhea, na dóse de 25 centigrammas (5 grãos) a 1 gramma (20 grãos).

APOMORPHINA. (Apomorphine, fr.). Producto novo obtido pela digestão da morphina no acido chlorhydrico concentrado na temperatura de 140 a 150 gráos durante muitas horas. Differe da morphina por conter menos uma molecula d'agua. É uma substancia branca, pouco soluvel em agua que toma apenas a centesima parte do seu peso na temperatura ordinaria. É bastante alteravel; torna-se verde ao ar; a humidade faz-lhe perder as suas propriedades, pelo que deve ser conservada, depois de bem secca, em vasos hermeticamente fechados.

Propriedades e usos. A apomorphina goza propriedades vomitivas mais energicas do que o tartaro stibiado e a ipecacuanha. Injectada debaixo da pelle na dóse de 6 milligrammas (1/8 de grão) produz vomitos no fim de dois ou tres minutos; administrada pela bocca, o effeito é menos certo : é preciso tomar 10 a 15 centigram. (2 a 3 grãos); emfim, em clyster, 20 a 35 centigrammas (4 a 7 grãos) produzem vomitos. Occasiona, primeiro, a irregularidade do pulso, depois vomitos, enfraquecimento da circulação e um abaixamento da temperatura do corpo; não determina diarrhea. As dóses elevadas, por exemplo, 10 a 40 centigrammas (2 a 8 grãos), em injecções hypodermicas, nos animaes, produzem um envenenamento caracterizado pelo estupor, fraqueza das extremidades posteriores, somnolencia e morte. — A apomorphina, em dóse conveniente, póde ser considerada como um medicamento precioso, que, em muitos envenenamentos, poderá substituir com vantagem as substancias vomitivas ordinarias.

Modo de administração e dóse : Em *injecções sub-cutaneas* 6 milligrammas a 1 centigramma (1/8 a 1/5 de grão) no adulto; 10 a 15 centigrammas (2 a 3 grãos) quando ingerida pela bocca.

A solução destinada ás *injecções* prepara-se com : apomorphina

2 centigrammas, agua distillada 200 centigrammas (2 grammas). Empregando uma seringa de Pravaz, que contém ordinariamente 1 gramma e 20 centigrammas de liquido, basta injectar debaixo da pelle metade do conteudo n'esta seringa ou um pouco mais.

APUI. V. Quapoy.

ARAPABACA. V. Espigelia.

ARAROBA. Pó caustico, de côr amarella clara, a qual com a longa exposição á luz ou á humidade se torna escura, quasi como o tabaco pulverizado, ou como o rhuibarbo em pó; é a medulla central de uma arvore do Brasil, reduzida a pó. Este pó, em vinagre ou pomada, é remedio efficaz contra as molestias cutaneas, e particularmente contra o herpes circular. (*Herpes circinatus*). É conhecido no sul do Brasil com o nome de *Pó da Bahia;* é um medicamento popular na cidade da Bahia. O tratamento consiste em esfregar, primeiro, a empigem com esponja molhada no vinagre; applica-se depois sobre a empigem a massa composta de vinagre e pó de araroba; no dia seguinte, lava-se a empigem com agua e sabão, e repete-se a applicação até obter-se a cura. Póde se tambem applicar o pó de araroba misturado com banha ou com pó de fuligem; o seu effeito é então menos caustico.

Não se sabe ainda o nome scientifico da arvore que produz este pó. Segundo o Dr. Bomfim, Lente de Botanica da Faculdade da Bahia, é uma das maiores arvores intertropicaes, que se encontra desde 13 a 15 gráos latitude sul da provincia da Bahia, especialmente nas mattas das comarcas de Valença e Camamú. Pertence á familia das Leguminosas. Cresce á altura de 20 a 25 metros, tendo de circumferencia de 5 a 6 metros. A flor é pequena e roxa, as folhas de 4 a 6 centimetros, a casca lisa e verde-escura, o lenho de solida consistencia. A medulla é uma massa de côr amarella clara, em quanto fresca, mas depois de secca torna-se de côr amarella muito escura. N'este estado facilmente se reduz a pó finissimo e ligeiro. Chega á Bahia em fragmentos. A pulverização d'estes fragmentos exige precauções por causa das propriedades irritantes do pó; deve ser feita em almofariz coberto. O pó tocando nos olhos produz violenta inflammação. A casca, as folhas e flores contém os mesmos principios causticos que a medulla mas em muito menor gráo.

O Sr. Dr. Palasne-Champeaux, distincto medico da marinha franceza, publicou um artigo sobre a araroba nos *Archives de medecine navale* (maio de 1873), no qual assegura que na cidade de Saïgon, na India, o herpes circular cura-se com um remedio empirico, chamado ali *Poh Baia*, que julga ser a araroba. Na India ingleza dão-lhe o nome de *pó de Goa*, aonde se fabrica e aonde chega de Moçambique. Não o empregão puro, mas sim misturado com carvão, pelo que este remedio apresenta-se ali com a côr preta. O pó de araroba acha-se tambem em Lisboa, onde chega da Bahia. É optimo o seu effeito contra as molestias cutaneas. O Sr. Dr. Palasne-Champeaux curou muitos marinheiros francezes em poucos dias com a applicação externa d'este pó do modo que deixei descripto. — Na Bahia, o Sr. Dr. Silva Lima a empregou com vantagem em pomada no herpes circular ou circinado e na mentagra. Foi empregada com proveito em Pariz no hospital de S. Luiz, contra as mesmas molestias e contra a pellada.

Pomada de araroba (Silva Lima).

Araroba em pó	2 gram.	Banha	30 gram.
Acido acetico	10 gottas.		

Faça pomada. Applica-se no herpes circular, mentagra, tinha

tonsurante, pellada e outras molestias cutaneas, duas vezes por dia, com um pincel de cabello.

ARARUTA. (Arrow-root, fr.). Fecula extrahida da raiz de muitas plantas da familia das Amomeas, sobretudo da *Maranta arundinacea*, natural das Antilhas, cultivada no Brasil; e da *Curcuma angustifolia*, Roxb., que habita nas Indias. Raspão-se as raizes d'estes vegetaes dentro de celhas cheias d'agua; depois filtra-se esta agua para separar as partes mais grosseiras; o liquido filtrado deixa depositar a araruta, que decantada e secca em extensas mesas é depois entregue ao commercio. Granulos brancos um pouco mais volumosos do que os do amido, brilhantes na superficie. — Analeptico, administra-se em caldo, leite ou gelea, nas convalescenças.

ARNICA. (Arnica, fr.). *Arnica montana*, L. Synanthereas-senecioides. Planta da Europa; em Portugal habita nos sitios humidos e paludosos perto do porto de S. Martinho, em Antanhol perto de Coimbra, nos montes visinhos a Guimarães, e outras partes na Estremada, Beira e Minho. Fig. 134. Caule de um pé de altura, folhas *radicaes* ovaes-lanceoladas, *caulinas* menores, lineares-lanceoladas; flores amarellas; raiz miuda, denegrida por fóra, branca por dentro; sabor amargo, cheiro forte. *P. us. Flores, folhas e raizes.*



Fig. 134. — Arnica.

Aconselhada nas febres adynamicas, tosses convulsivas, rheumatismo chronico, amaurose e paralysia. Em alta dóse provoca vomitos e dejecções alvinas. Sendo a dóse bastante forte, manifestão-se vertigens, calefrios, movimentos involuntarios nas pernas, fraqueza nos braços; a pelle torna-se pallida, e o pulso fraco e lento. Os seus effeitos parecem-se um pouco com os de algumas plantas narcotico-acres. Segundo Giacomini, a acção d'esta planta é hyposthenisante-vascular e espinhal. É um remedio popular contra as consequencias das quédas e das contusões; usa-se n'este caso externa e internamente.

Substancias incompativeis. O sulfato de ferro, de zinco, o acetato de chumbo, e os acidos mineraes.

Internamente. *Infusão*. Flores de arnica 4 gram. (1 oitava), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora, e côe por panno ou por papel pardo, para separar as particulas das flores, e evitar a tosse que ellas provocão quando se fixão no fundo da garganta.

Pó, 25 a 50 centigrammas (5 a 10 grãos).

Tintura (p. 122), 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) em poção.

Externamente. *Tintura*, em fricções.

AROEIRA, Corneiba. *Schinus terebinthifolius*, Raddi. Terebinthaceas. Arvore do Brasil. Folhas pinnatas, foliolos ovaes, dentados, de sabor amargoso e um pouco adstringente; flores dispostas em racimos: fructo, baga trilocular, contendo uma semente em cada loculamento; casca da arvore avermelhada, de sabor adstrin-

gente, cheiro resinoso; é coberta de epiderme cinzenta. *P. us. Casca.* Adstringente.

Externamente. *Decocção*, 30 gram. (1 onça) para 500 gram. (16 onças) d'agua; em banhos contra a inchação das pernas.

No Rio grande do Sul chamão aroeira ao *Schinus antarthritica*, Martius, de cuja casca, um tanto aquecida, mana uma resina a que os Rio Grandenses dão grande importancia; e que empregão em fórma de emplasto, contra as dôres rheumaticas.

As folhas d'estas duas especies, bem como as do *Schinus molleoides*, Vel., *S. rhoifolius*, Mart., e do *S. mucronulatus*, M., que habita em Minas, são cheias de resina, e costumão ser applicadas sobre as ulceras.

ARROZ (Riz, fr.). Semente da *Oryza sativa*, L., planta da familia das Gramineas, cultivada no Brasil e em muitos outros paizes quentes. Fig. 135.

Emolliente, frequentemente empregado nas inflammações do tubo digestivo.

Internamente. *Decocção :* Arroz lavado em agua fria 20 grammas (5 oitavas). ferva-o em q. s. d'agua até arrebentar o grão, e ficar o liquido reduzido a 1 litro (32 onças); côe por panno de lã ralo. Este decocto, ao qual se ajunta assucar ou algum xarope, toma-se ás chicaras.

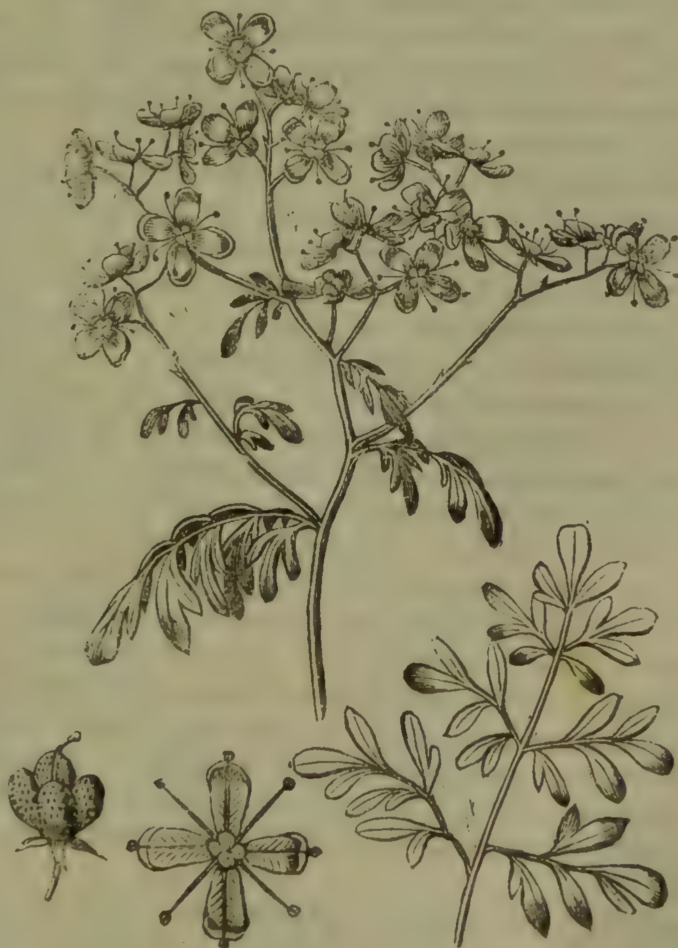


Fig. 136. — Arruda.

ARRUDA (Rue, fr.). *Ruta graveolens*, L. Rutaceas. Planta que em Portugal habita nos montes calcareos; no Brasil cultiva-se nas hortas. Fig. 136.



Fig. 135. — Arroz.

Caule, 3 a 4 pés de altura; folhas alternas, pinnuladas, pinnulas oppostas, glaucas, cuneiformes; flores amarellas, cheiro forte. *P. us. Toda a planta, mas principalmente as folhas.*

Estimulante, anthelmintico, emmenagogo. Emprega-se na amenorrhea, chlorose e hysterismo. A planta fresca é muito mais activa do que a secca; com o tempo perde as suas propriedades.

Internamente. *Pó*, 50 centigrammas (10 grãos) a 2 grammas (40 grãos).

Infusão, 4 grammas (1 oitava) para 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

Extracto (p. 91), 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos).

Oleo essencial, 2 a 10 gottas em poção.

ARSENIATO DE AMMONIACO. V. p. 287.

ARSENIATO DE FERRO. V. p. 287.

ARSENIATO DE SODA. V. p. 288.

ARSENICO (Arsenic, fr.). Metal solido, fragil, de côr cinzenta escura; não se emprega em medicina, nem deve ser confundido com o acido arsenioso, que tambem no commercio se chama arsenico. V. *Acido arsenioso*, que segue.

ACIDO ARSENIOSO ou **Oxydo branco de arsenico,** ou **Arsenico do commercio** (Acide arsénieux, oxyde blanc d'arsenic, ou arsenic du commerce, fr.). É solido, em massas convexas de um lado e concavas do outro, vidrosas ou opacas, pesadas. O pó é branco, sem cheiro; tem toda a apparencia do assucar em pó. Densidade do acido vidroso 3,70; densidade do acido opaco 3,95. Lançado nas brasas, esparge vapores brancos de cheiro aliaceo. O seu sabor é acre, deixando na lingua um resaibo adocicado. É soluvel em 103 partes d'agua fria, e em 10 partes d'agua fervendo; sua solução é precipitada em amarello pelo acido sulfhydrico, é muito mais soluvel no alcool; dissolve-se tambem na glycerina.

Propriedades. Cumpre separar a acção local do acido arsenioso, do seu effeito geral e consecutivo á absorpção. O acido arsenioso, e os outros compostos arsenicaes, applicados externamente, irritão os tecidos, e podem, quando concentrados, destrui-los. Este effeito local foi aproveitado como escarotico na massa de Rousselot, nos pós de Frei Cosme, nas massas ou aguas epilatorias.

No *interior* é preciso primeiro distinguir a dóse physiologica da ingestão toxica. Esta, pela profunda perturbação, e ás vezes pelo golpe mortal que dá ao organismo, não póde servir de base para avaliar a acção physiologica e determinar a indicação therapeutica. A acção physiologica, varía com a dóse. Na dóse de 1 centigramma (1/5 de grão) o effeito local do acido arsenioso sobre as vias digestivas é nullo ou quasi nullo. Na dóse de 2 centigrammas (2/5 de grão) augmenta a sêde assim como o appetite, a digestão torna-se mais rapida. Se esta dóse, ou mesmo uma dóse mais fraca, é continuada durante muitas semanas, a acção é mais sensivel: ardor na garganta, sêde e augmentação de appetite, evacuações alvinas mais frequentes, ás vezes prisão de ventre; augmento da temperatura geral, da secreção urinaria, da transpiração, das forças musculares.

Além de 5 centigrammas (1 grão), principia a acção toxica, cuja violencia está em relação com a quantidade do veneno introduzido. 10 a 15 centigrammas (2 a 3 grãos) podem produzir a morte no homem. Os symptomas do envenenamento varião conforme a dóse. Eis-aqui os symptomas que provoca o acido arsenioso, e as outras preparações arsenicaes administradas internamente em *grande dóse*

(1 gramma e mais) : sabor acerbo e metallico, máo halito, constricção da garganta, soluços, syncope, arrefecimento do corpo, anxiedade, dôr no estomago, sêde, salivação, vomitos, dejecções alvinas frequentes, ourinas raras, prostração, delirio, pulso pequeno, convulsões e a morte, que sobrevem em 5, 12, 15 ou 20 horas. — Em certos casos não apparecem nem vomitos nem evacuações, mas ha uma fraqueza seguida de somnolencia no meio da qual a vida se extingue sem agonia, em algumas horas, e tão depressa como no caso precedente. Alguns individuos conservão até ao fim a integridade da intelligencia. Poucos são os que se restabelecem; n'este caso, torna então o calor, levanta-se o pulso, acalmão-se os accidentes, volta a secreção urinaria, mas a cura não se opera senão ao cabo de um lapso de tempo que varía de 15 dias a 3 mezes. Tendo tido os symptomas alguma gravidade, a cura raras vezes é completa; e o envenenamento deixa depois de si uma dyspnea e uma fraqueza persistente. (V. o *Tratamento* no MEMORIAL THERAPEUTICO, artigo *Envenenamento pelo arsenico.*)

Se o arsenico foi administrado internamente em *dóses pequenas* *repetidas*, 5 a 10 centigrammas cada dia (envenenamento lento), os symptomas limitão-se a alguns vomitos, que apparecem de vez em quando. Depois de um tempo variavel sobrevem ardor na garganta, colicas, digestões difficeis, dôres nos membros, lassidão em todo o corpo, e vertigens; o individuo não se póde conservar em pé. Sangue pelo nariz, nodoas pela pelle, erupções miliarias, mostrão-se por intervallos. A alteração progressiva do rosto, a emaciação do corpo, dão a apparencia de uma velhice anticipada. Emfim perdem-se os movimentos, e declara-se uma paraplegia. Estes accidentes podem prolongar-se durante mezes e annos, e terminão pela morte.

Envenenamento pelo arsenico applicado externamente. Applicado sobre os tecidos vivos, o acido arsenioso irrita-os, e produz effeitos locaes cujo ultimo termo é a cauterização e formação de uma escara : é uma substancia caustica. Os pós de Frei Cosme, a massa caustica de Rousselot, certas pomadas epilatorias devem ao acido arsenioso suas propriedades causticas; comtudo o emprego externo d'estas preparações é perigoso, porque é difficil evitar a absorpção do veneno, que póde ser seguida de desordens analogas ás que se observão depois da sua ingestão : nauseas, vomitos, calefrios, ardor na garganta, sêde, ausencia total das ourinas, frio nas extremidades, dôr no epigastro, modorra, syncopes, prostração e morte do segundo ao oitavo dia. Mesmo respirado em vapor, o acido arsenioso póde produzir accidentes graves.

Uso therapeutico. Como medicamento, o acido arsenioso administra-se internamente aos milligrammas (1/50 de grão), desde 2 a 5 milligrammas, até 1, 2, 3 centigrammas. Em geral, a dóse de 5 centigrammas (1 grão) é o limite therapeutico, e ainda raras vezes se attinge, em uma vez ou mesmo em um dia, para um adulto. Não se devem acceitar, senão como excepcionaes, os casos de tolerancia das dóses superiores a 5 centigrammas (1 grão).

O acido arsenioso é empregado internamente contra as febres intermittentes, contra o tico doloroso da face e outras nevralgias periodicas, certas molestias cutaneas, morphea, tisica, asthma e bronchite chronica.

Externamente foi aconselhado para cauterizar as ulceras cancerosas, porque sua acção local é caustica, como já disse; mas exige muita precaução tanto no seu emprego interno como externo. Quando se tiver de recorrer a esta substancia, melhor será administra-la

interna do que externamente, pois que no primeiro caso póde-se-lhe limitar a dóse, entretanto que no segundo a absorpção póde introduzir na economia uma quantidade maior do que se julgava. O envenenamento póde ter lugar pela applicação externa do arsenico do mesmo modo que pela ingestão d'este veneno. Para uso externo deve empregar-se em mui pequena dóse, e só para cauterizar pequenas superficies, como v. g. o nervo dentario nas caries dolorosas dos dentes, onde se emprega com proveito, antes de chumbar o dente.

Na administração prolongada das preparações arsenicaes o medico deve interrogar de contínuo o doente, para suspender o uso do medicamento logo que se verifique dôr na cabeça, no ventre ou constricção na garganta, porque são estes os indicios por onde se chega a conhecer que a acção therapeutica começa a tornar-se toxica.

Internamente. 1 milligramma (1/50 de grão) até 1, 2, 3 centigrammas (1/5, 2/5, 3/5 de grão) por dia. As dóses de 4 centigram. (4/5 de grão) a 5 centigrammas (1 grão) não devem ser admittidas senão como excepcionaes, e não se póde aconselhar de ir além. A fórma liquida é muito preferivel á fórma pilular. As preparações mais commodas são as que contém o acido arsenioso dissolvido em grande quantidade d'agua, e que podem assim dosar-se aos gram.

Pós arsenicaes febrifugos (*Boudin*).

Acido arsenioso	1 centigr.	Assucar de leite	1 gram.

Misture exactamente e divida em 20 papeis. Cada papel contém 1/2 milligramma (1/100 de grão) de acido arsenioso. D. 10 a 20 papeis por dia. Toma-se um papel, dissolvido n'uma colher d'agua fria, de meia em meia hora, ou de quarto em quarto de hora. A ultima dóse toma-se duas horas antes do momento presumido do accesso. Aministra-se o medicamento todos os dias, durante os dias de apyrexia como tambem nos dias de accesso.

Granulos de acido arsenioso. (Cod. fr.).

Acido arsenioso	10 centigr.	Gomma arabica pulv.	80 centigr
Assucar de leite pulv.	4 gram.	Xarope de mel	q. s.

Triture por muito tempo o acido arsenioso em gral de porcelana com o assucar de leite, que ajuntará pouco a pouco; misture a gomma arabica, e faça com o xarope massa pilular bem homogenea. Divida esta massa em cem (100) granulos que prateará. Cada granulo contém 1 milligramma (1/50 de grão) de acido arsenioso. D. 1 a 25 granulos por dia.

Granulos de Dioscorides (*Mentel*).

Acido arsenioso	10 centigr.	Mel depurado	q. s.
Mannita pura	4 gram.		

Triture por muito tempo o acido arsenioso em gral de porcelana com a mannita, que ajuntará pouco a pouco, faça com o mel massa pilular perfeitamente homogenea. Divida esta massa em cem (100) granulos, e cubra estes com assucar de leite. Cada um dos granulos contém 1 milligramma (1/50 de grão) de acido arsenioso. D. 1 a 25 granulos por dia.

Pilulas asiaticas (Cod. fr.).

Acido arsenioso porph.	50 centigr.	Gomma arabica pulv.	1 gram.
Pimenta negra pulv.	5 gram.	Agua distillada	q. s.

Introduza o acido arsenioso em gral de porcelana; ajunte-lhe pouco a pouco, triturando por muito tempo e com precaução, a pimenta e a gomma, para fazer mistura mui intima. Ajunte a quan

tidade d'agua necessaria para formar massa de consistencia conveniente. Divida a massa em cem (100) pilulas. Cada pilula contém 5 milligr. (1/10 de grão) de acido arsenioso. D. 1 a 5 pilulas por dia.

Solução arsenical (Boudin).

Acido arsenioso	25 centigr.	Agua distillada	250 gram.

Ferva durante um quarto de hora; substitua a agua evaporada por nova agua distillada; filtre. Esta solução contém 1 centigram. (1/5 de grão) de acido arsenioso por 10 grammas (2 1/2 oitavas). D. 5 grammas (1 1/4 oitava) duas a cinco vezes por dia, contra as febres intermittentes. A ultima dóse deve ser dada duas horas antes do momento presumido do accesso. Administra-se o medicamento nos dias de apyrexia, e nos de accesso.

Externamente :

Massa caustica (Rousselot).

Acido arsenioso	1 gram.	Sangue-drago	8 gram.
Cinabrio pulverizado	16 gram.		

Faz-se, com q. s. d'agua, massa bastante para cobrir uma ulcera cancerosa.

Pós de Frei Cosme

Acido arsenioso	1 gram.	Esponja torrada	2 gram.
Cinabrio	5 gram.		

Applicão-se do mesmo modo que a massa precedente.

Os pós de Frei Cosme e a massa de Rousselot empregavão-se outr'ora como applicações causticas, para queimar as ulceras cancerosas; mas os accidentes produzidos pela absorpção de acido arsenioso, fizerão rejeitar o seu uso; substituem-se hoje pelas massas de chlorureto de zinco. As massas arsenicaes não devem ser applicadas sobre as superficies de mais de 1 centim. quadrado.

ARSENIATO DE AMMONIACO (Arséniate d'ammoniaque, fr.). Sal branco, crystallizado em prismas rhomboidaes, soluvel na agua. — Venenoso; aconselhado nas molestias de pelle, na dóse de 2 a 5 milligrammas (1/25 a 1/10 de grão), dissolvido na agua distillada. Pouco empregado.

ARSENIATO DE FERRO (Arséniate de fer, fr.). Sal verdoengo, alteravel ao ar, insoluvel. A administração do peroxydo de ferro gelatinoso, como antidoto do acido arsenioso, é baseada na insolubilidade do arseniato de ferro.

O arseniato de ferro foi aconselhado nas molestias de pelle, internamente na dóse de 2 a 5 milligrammas (1/25 a 1/10 de grão) em pilulas; mas é pouco empregado.

ARSENITO DE POTASSA. (Arsénite de potasse, fr.). As combinações do acido arsenioso com a potassa são incrystallizaveis e mal definidas. O que ha de certo, é que o acido arsenioso dissolve-se mais facilmente nas soluções alcalinas do que na agua pura, e que em medicina se utiliza, sob o nome de arsenito de potassa, um liquido preparado n'estas condições. A formula mais empregada é conhecida debaixo do nome de licor de Fowler. O arsenito de potassa é aconselhado na lepra, morphea, syphilis inveterada, e febres intermittentes; mas o seu emprego exige muita prudencia.

Internamente. 2 a 5 milligrammas (1/25 a 1/10 de grão) duas a quatro vezes por dia.

Licor arsenical de Fowler (Cod. fr.).

Acido arsenioso	5 gram.	Agua distillada	500 gram.
Carbonato de potassa	5 gram.	Alcoolato de meliŝ. comp.	15 gram.

Reduza o acido arsenioso a pó. Ferva-o em balão de vidro na

agua com o carbonato de potassa, até completa dissolução. Depois de fria ajunte o alcoolato de melissa composto, e q. b. d'agua distillada para que dê em total 500 grammas. Filtre. D'esta maneira o liquido conterá uma centesima parte do seu peso de acido arsenioso, ou 1 centigramma por gramma. D. 5 a 20 gottas por dia. É um modo mui perigoso de administrar o medicamento. A menor inadvertencia póde augmentar o numero das gottas, e produzir o envenenamento.

ARSENIATO DE SODA. (Arséniate de soude, fr.). Sal branco, transparente, crystallizado em prismas hexaedricos, soluvel na agua. Effloresce facilmente ao ar, e perde uma parte de sua agua de crystallização; pelo que não representa sempre exactamente a mesma proporção do principio activo. — Emprega-se internamente nas molestias de pelle.

Internamente. 2 a 25 milligrammas (1/25 a 1/2 grão) em pilulas ou solução.

Pilulas de arseniato de soda (Biett).

Extracto de cicuta 5 centigr. | Arseniato de soda 5 milligr.

F. 1 pilula. D. 1 a 5 pilulas por dia.

Soluto de Pearson, ou *Licor arsenical de Pearson* (Cod. fr.).

Arseniato de soda cryst. 5 centigr. | Agua distillada 30 gram.

Dissolva e filtre. Esta solução representa 1 centigramma (1/5 de grão) de arseniato de soda por 6 grammas (1 1/2 oitava). D. 2 a 12 grammas (1/2 oitava a 3 oitavas).

ARTEMISIA ou **Artemija** (Armoise, fr.). *Artemisia vulgaris*, L. Synanthereas senecioides. Planta commum em Portugal; habita tambem no Brasil. Caule de 1 a 2 metros; folhas alternas, pinnatifidas, grosseiramente denteadas por cima verdes, e glabras, por baixo cinzentas e cotanilhosas; flores em paniculas terminaes, corolla de côr rosea pallida; as folhas tem cheiro forte, sabor amargo. *P. us. Raiz, folhas* e *summidades floridas.*

Emmenagogo, antihysterico; aconselhado tambem contra a epilepsia.

Internamente. *Infusão.* Artemisia 10 grammas (2 1/2 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora e côe.

Pó (p. 109), 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava).

Xarope 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Extracto (p. 90), 4 grammas (1 oitava) em pilulas.

Externamente. *Fumigação de artemisia.* Artemisia 45 gram. (1 1/2 onça), agua fervendo 3 litros (6 libras). Dirige-se o vapor ás partes genitaes. Para provocar a menstruação.

ARVORE DO PÃO (Arbre à pain, fr.). *Artocarpus incisa*, L. Artocarpeas. Grande arvore das ilhas da Oceania e do Brasil. Os fructos, que são globosos, esverdeados por fóra, attingem ás vezes 30 centimetros de diametro; contém uma polpa branca que se torna amarellada quando madura, e encerra grande quantidade de amido. Os fructos comem-se cozidos ou assados, e isto antes de sua madurez completa; constituem a comida de muitos povos. Em medicina, applicão-se muito quentes sobre os tumores para favorecer a resolução ou suppuração.

ASA PEIXE. *Boehmeria caudata*, Sw. Urticaceas. Planta do Brasil. Empregada em banhos nos ataques hemorrhoidaes, e internamente como diuretico em infusão, na dóse de 4 gram. (1 oitava) para 500 grammas (16 onças) d'agua.

ASSACÚ. *Hura brasiliensis.* Willdenow. Euphorbiaceas. Arvore do Brasil, das margens do Amazonas. Pela incisão se extrahe d'esta arvore um sumo gommoso branco pardacento, ou branco avermelhado, que se condensa e solidifica difficil e lentamente; o condensado é escuro pardacento, com aspecto mais de gomma do que de resina, e mui soluvel em agua; o soluto readquire a côr que tinha no estado de sumo quando extrahido da arvore, e o mesmo cheiro, porém menos pronunciado. O sumo chamado tambem *leite*, e o cozimento da casca de assacú forão recommendados no curativo da morphéa, porém devem empregar-se com muita cautela, por serem venenosos em dóse elevada. — Uma commissão de medicos do Pará apresentou em 26 de Dezembro de 1847 um relatorio em que demonstrou a utilidade do assacú no tratamento da morphéa. Dizem que nos primeiros dias do uso do remedio é espantosa a melhora que experimentão os doentes; depois parece que a molestia fica senão estacionaria, ao menos soffrendo mui lenta modificação. Os doentes que estão em curativo affirmão que no dia em que tomão o remedio sentem formigueiros, e parece-lhes correr um fluido tenue em differentes lugares da pelle, sempre da superficie do corpo para o centro. Outrosim dizem que sentem vibrações semelhantes ás da electricidade.

Empregão-se *internamente* as pilulas do sumo e o cozimento da casca; *externamente* a decocção da casca em banhos. O methodo de tomar o remedio que se usa no Pará é o seguinte :

Principia o doente por tomar o cozimento que recebeo o nome de *vomitorio,* e que se prepara da maneira seguinte : Casca de assacú cortada e contusa 15 gram. (1/2 onça), ferve-se em 300 gram. (10 onças) d'agua até ficar reduzido a 180 grammas (6 onças), e ajunta-se-lhe leite de assacú 12 gottas. O doente bebe em duas ou tres vezes este cozimento, que lhe provoca bastantes vomitos. — Repete-se este cozimento vomitivo de oito em oito dias. Durante os oito dias de intervallo de um a outro *vomitorio,* o doente usa das pilulas feitas com 1 a 5 centigrammas (1/5 a 1 grão) do sumo e algum pó inerte, como alcaçuz; tomando até 5 pilulas por dia, o que se regula pelo effeito emetico ou purgativo que ellas produzem. Além d'isto o doente toma diariamente 500 grammas (1 libra) de cozimento preparado com 1 gramma (20 grãos) de casca e quanto baste d'agua. — De dois em dois dias o doente toma um banho geral, preparado com 1 kilogramma (2 libras) de casca de assacú e quantidade sufficiente d'agua. No dia em que não toma o banho geral, usa de lavatorios do cozimento que se prepara com 8 gram. (2 oitavas) da casca e 500 grammas (1 libra) d'agua. Os doentes devem ter muito cuidado em que lhes não cáhião nos olhos algumas porções de qualquer dos remedios acima indicados.

Depois das ultimas observações, feitas assim no Brasil, como em Portugal pelo Dr. Beirão, o leite de assacú perdeo a reputação que tinha como remedio contra a morphéa.

ASSAFETIDA (Asa-fœtida, fr.). Succo gommo-resinoso que se obtem por meio de incisões praticadas sobre as raizes da *Ferula asa fœtida,* L. planta que habita na Persia. Umbelliferas. Fig. 137. Massas agglutinadas, de côr avermelhada escura, com pontos brancos, amollecendo com o calor, cheiro fetidissimo, que lhe fez dar o nome de *stercus diaboli*, sabor amargo; soluvel em agua, alcool, ether, vinagre e gema de ovo. Purifica-se pela mesma fórma que a gomma ammoniaco. Deve ser conservada em vasos bem tapados.

Em alta dóse irrita o canal intestinal, em dóse moderada activa a

digestão; em pequena, é antispasmodico e administra-se no hysterismo, asthma, vomitos nervosos, colicas nervosas, nevralgias, e outras affecções e spasmodicas. Alguns medicos lhe tem achado propriedades emmenagogas e vermifugas. Giacomini considera a assafetida como remedio liyposthenisante espinhal. Uma substancia de cheiro e sabor tão detestaveis, não poderia ser tomada em poção, e por isso administra-se com preferencia em pilulas ou clysteres. Os Orientaes servem-se d'ella como condimento, como nós nos servimos do alho. — A agua de louro-cereja e a essencia de mostarda fazem desapparecer o cheiro da assafetida.



Fig. 137. — Assafetida.

Internamente. 50 centigrammas a 4 grammas (10 grãos a 1 oitava) em pilulas; 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas) em clyster.

Tintura (p. 122), 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava) em poção.

Tintura etherea (p. 124), 20 a 30 gottas.

Pilulas de assafetida

Assafetida	10 centig.
Raiz de althea pulverizada	5 centig.
Mel de abelhas	q. s.

F. 1 pilula. D. 5 a 20 por dia.

Pilulas de assafetida compostas.

Assafetida	15 centig.
Extracto de valeriana	15 centig.

F. 1 pilula. D. 20 a 30 por dia.

Bolos antispasmodicos (Brera).

Castoreo	20 centig.
Assafetida	20 centig.

F. 1 bolo. D. 3 a 18 por dia.

Pilulas antis-pasmodicas (Campana).

Assafetida	7 centig.	Camphora	3 centig.
Almiscar	3 centig.	Ambar cinzento	2 centig.

F. 1 pilula. D. 6 a 12 por dia.

Pilulas anti-hystericas (Castro).

Assafetida	5 centig.	Almiscar	5 centig.
Castoreo	5 centig.	Extracto de valeriana	5 centig.

F. 1 pilula, e como esta mais 23. D. 4 por dia.

Clyster de assafetida.

Assafetida	4 gram.	Agua quente	180 gram.
Gema de ovo nº	1		

F. S. A. Colicas nervosas.

ASSUCAR. (Sucre, fr.). Producto doce e agradavel que se encontra em um grande numero de vegetaes, como a canna de assucar, a betarraba, o sorgho (*Sorghum saccharatum*), bôrdos. muitas palmeiras, cenoura, nabo, castanhas, bananas, etc., mas a

grande quantidade, entregue, á consummação, obtem-se da canna de assucar e de betarraba.

A canna de assucar, *saccharum officinarum*, L., é uma hastea vigorosa, cheia por dentro de um miolo succoso e doce; é originaria da India, d'onde passou para a Arabia, Syria, Egypto, Madeira em 1420, depois para a America e para o Brasil, onde fez maravilhas e deo immediatamente abundantes productos á Europa. No principio da introducção, e até ao anno de 1600, o assucar era considerado em França como medicamento, e vendia-se só nas boticas ás onças, como substancia rara. Em 1700 a consummação do assucar em França não passava de 1 milhão de kilogrammas; em 1831 chegava a 80 milhões; hoje excede o dobro d'esta quantidade.

O assucar de canna extrahe-se dos caules d'esta planta. Fazem-se mólhos de canna, introduzem-se nas prensas, o succo corre, e fica o bagaço. O succo é recebido no reservatorio; contém 15 a 20 por cento de assucar puro. Faz-se cozer aquelle succo em caldeiras até á consistencia de xarope espesso, escumando-o de tempo em tempo, e ajuntando-lhe algum leite de cal para favorecer a clarificação. Este xarope cozido faz-se resfriar em vasos appropriados furados por baixo : o liquido escorre, e dentro do vaso fica o assucar bruto ou mascavado. Este purifica-se por meio de diversos processos, nos quaes se emprega a agua de cal, o sangue de boi e o carvão de ossos. O assucar resultante d'esta operação é branco e solido, designa-se debaixo do nome de *assucar refinado*.

O assucar refinado é branco, de sabor doce, soluvel em agua, e no alcool pouco concentrado, mas insoluvel no alcool absoluto. Aquecido em secco derrete-se, toma uma côr de mais em mais escura, e constitue então o *caramello*.

O *assucar cande* faz-se com o xarope de assucar clarificado, a 37° Baumé, e na cozedura chamada *ponto de pellicula*, isto é, que estando quente apresente uma especie de pellicula na superficie. Lança-se este xarope dentro de vasos de cobre aquecidos, chamados crystallizadores, e que se conservão dentro da estufa, na temperatura de 40° cent. Os crystallizadores são atravessados por fios de algodão, que favorecem a crystallização e aos quaes ficão adherentes os crystaes de assucar cande, com uma côr alambreada.

O assucar dissolvido em agua experimenta a fermentação alcoolica, e dá 50/100 de seu peso de alcool absoluto. Sua dissolução em agua marcando 35° no areometro, constitue os *xaropes;* mais concentrada deixa depositar crystaes de *assucar cande;* sua dissolução mais approximada ainda, ao ponto de tornar-se massa pelo esfriamento, dá *assucar de cevada*, de *maçã*, ou *bolos de gomma* dos confeiteiros que se aromatizão e se córão á vontade. Os nomes de assucar de *cevada* e de *maçã* provém de que antigamente se empregavão, para dissolver o assucar, os cozimentos de cevada ou de maçãs, em vez d'agua que se usa hoje. O assucar é mais soluvel no alcool aquoso do que no alcool concentrado. Sua dissolução alcoolica, aromatizada de diversas maneiras, constitue os *licores de mesa*.

O assucar forma o principio predominante de grande numero de medicamentos : taes são as *pastilhas*, as *conservas*, as *pastas*, as *geleas*, os *xaropes*, etc.

O assucar é considerado em medicina como emolliente e peitoral; usa-se tambem para tornar gratos ao paladar muitos medicamentos, e para conservar sem alteração muitas substancias, como nas con-

servas, xaropes, etc. As fructas assucaradas são emollientes, e empregão-se nas molestias do peito; são : tamaras, figos, açofeifas e passas. O assucar cande em pó usa-se como collyrio secco, nas belidas da cornea.

ASSUCAR DE LEITE ou **Lactina** (Sucre de lait, lactine, fr.). Obtem-se evaporando o soro de leite até á consistencia de xarope, e abandonando-o á crystallização durante algumas semanas. Depois de purificado é solido, de sabor adocicado, inodoro, estalando entre os dentes quando se masca, crystallizado em prismas brancos, semi-transparentes, soluvel em 3 partes d'agua fervendo, e em 6 partes d'agua fria, mas dissolve-se com muita lentidão, pouco soluvel no alcool, insoluvel no ether.

É empregado como excipiente de outros medicamentos. Dissolvido, na dóse de 20 gram. (5 oitavas) para 500 gram. (16 onças) d'agua, passa por leve diuretico.

ATANASIA, Tanasia ou **Tanaceto** (Tanaisie, fr.). *Tanacetum vulgare,* L. Synanthereas-senecioides. Planta commum em Portugal. Caules muitos de uma só raiz, folhas serreadas, flores amarelladas, cheiro forte. *P. us. Summidades* e *sementes.* Anthelmintico, tonico e excitante.

Internamente. *Infusão :* 8 gram. (2 oitavas) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo. Emprega-se em bebida ou clyster.

ATROPINA. (Atropine, fr.). Alcali vegetal, extrahido da belladona. Apresenta-se sob a fórma de crystaes delgados, leves, lustrosos, brancos, sem cheiro, sabor amargo; é soluvel em 500 partes d'agua fria, em 30 p. d'agua fervendo, em 8 p. de alcool a 90°, em 60 p. de ether. É uma substancia extremamente activa, e requer muita cautela no seu emprego, porque em dóse exagerada póde causar a morte. Na dóse de 1 centigramma (1/5 de grão) póde determinar no homem todos os graves accidentes das plantas solaneas virosas, delirio, esfriamento da pelle, syncope, dilatação da pupilla, perturbação da vista, e aphonia. Combatem-se estes phenomenos com o opio, que póde ser considerado como contra-veneno da belladona.

A atropina dilata a pupilla, como a belladona, mas de maneira muito mais evidente. Emprega-se externamente para dilatar a pupilla na cataracta, iritis, hernia da membrana iris, em muitas outras molestias dos olhos, e sobretudo para acalmar as dôres que acompanhão a inflammação do globo ocular. Internamente usa-se na epilepsia; nas affecções dolorosas, espasmodicas, convulsivas, contra as differentes nevralgias, gastralgias, rheumatismos, sciatica, gota, tosse espamodica, asthma, tetano, etc.

Internamente. Meio milligramma (1/100 de grão) a 1 milligram. (1/50 de grão) por dia. É prudente não administrar no primeiro dia senão uma só dóse de meio milligramma; no dia seguinte podem administrar-se duas semelhantes dóses; no terceiro dia tres dóses. Deve suspender-se o medicamento, logo que sobrevier perturbação da vista.

Pilulas de atropina.

Atropina	1/2 millig.	Mel e pó de althea	q. s.

Misture, e faça 1 pilula. D. 1 a 2 pilulas por dia.

Pós de atropina.

Atropina	1/2 millig.	Assucar	50 centig.

F. 1 papel. D. 1 a 2 papeis por dia.

Granulos de atropina.

Atropina	5 centig.	Gomma arabica pulv.	90 centig.
Assucar de leite pulv.	4 gram.	Xarope	q. s.

Triture por muito tempo a atropina em gral de porcelana com o assucar de leite, que se ajuntará pouco a pouco; misture a gomma arabica, e faça com o xarope massa pilular bem homogenea. Divida esta massa em 100 granulos que prateará. Cada granulo contém 1/2 milligramma (1/100 de grão) de atropina. D. 1 granulo, uma, duas e tres vezes por dia. O Codigo indica granulos de 1 milligram., mas é mais prudente fazê-los de 1/2 milligramma.

Tintura de atropina.

Atropina	5 centig.	Alcool a 85°	100 gram.

Dissolva. 2 grammas (1/2 oitava) d'esta tintura contém 1 milligramma (1/50 de grão) de atropina. D. 1 a 2 grammas (20 grãos a 1/2 oitava) em poção. Existem outras formulas de *tintura de atropina*, nas quaes a proporção de atropina é demasiadamente forte, para se poder administrar o medicamento sem perigo.

Externamente emprega-se nas molestias de olhos, na dóse de 1/2 milligramma a 1 milligramma (1/100 a 1/50 de grão).

Collyrio para dilatar a pupilla.

Atropina	5 centig.	Agua distillada	20 gram.

Dissolva por meio de 1 gotta de acido chlorhydrico. 1 a 2 gottas instilladas no olho são sufficientes para produzir a dilatação da pupilla, necessaria para a operação da cataracta. Este mesmo collyrio póde-se instillar entre as palpebras para impedir a formação da hernia do iris, quando existe ulceração da cornea transparente.

Pomada de atropina (Brookes).

Atropina	25 centig.	Essencia de rosas	1 gotta
Banha	12 gram.		

M. Contra a nevralgia facial. Duas fricções por dia, com o tamanho de uma ervilha d'esta pomada. Mas importa que a fricção seja feita sobre a pelle intacta, e não excoriada e aberta á absorpção.

SULFATO DE ATROPINA (Sulfate d'atropine, fr.). Pós brancos, mui soluveis em agua. Emprega-se nos mesmos casos e nas mesmas dóses que a atropina, e com preferencia, por ser mais soluvel na agua. Usa-se sobretudo em injecções sub-cutaneas contra as nevralgias.

Injecção sub-cutanea de sulfato de atropina (Behier).

Sulfato de atropina	15 centig.	Agua distillada	15 gram.

Dissolva. Injecte, por meio da seringa de Luer, cinco gottas que contém 1 milligramma ou 1/50 de grão de sulfato de atropina. Contra as nevralgias, e sobretudo contra a sciatica. Combater com opio os accidentes atropicos, se sobrevierem.

Papel de atropina.

Cada centimetro quadrado de papel contém uma gotta da solução de 10 centigrammas (2 grãos) de sulfato de atropina em 30 gram. (1 onça) d'agua. Applica-se este papel no interior da palpebra inferior, para dilatar a pupilla.

Collyrio de sulfato de atropina.

Sulfato de atropina	1 centig.	Agua distillada	10 gram.

M. Para dilatar a pupilla, basta instillar 2 a 4 gottas d'esta solução entre as palpebras.

VALERIANATO DE ATROPINA (Valérianate d'atropine, fr.). Escamas brancas, formadas pela reunião de pequenos crystaes, mui soluveis

em agua. — Aconselhado contra o hysterismo e epilepsia, mas com muita cautela, porque é um medicamento perigoso.

Internamente. 1/2 milligramma a 1 milligramma (1/100 a 1/50 de grão), uma a duas vezes por dia, em agua ou granulos.

AVEIA. (Avoine, fr.). Sementes da *avena sativa*, L., planta da familia das Gramineas, cultivada nos climas temperados. São pontudas na sua extremidade, pericarpo branco ou preto, parenchyma branco, adocicado. Servem, quando inteiras, para o sustento dos cavallos. Descascadas (gruau, fr.), empregão-se em medicina, como emolliente.

Internamente. *Decocção.* Aveia descascada e lavada em agua fria 20 gram. (5 oitavas). Ferva-a em q. s. d'agua, até arrebentar o grão, e ficar o liquido reduzido a 1 litro (32 onças); côe por panno de lã ralo.

Tisana de aveia solutiva.

Aveia preparada	60 gram.	Casca de limão	8 gram.
Raiz de almeirão	30 gram.	Agua	q. s.
Sene	24 gram.		

Para obter 660 grammas de cozimento; ajunte :

Nitro	2 gram.	Xarope simples	60 gram.
Cremor de tartaro	1 gram.		

Uma chicara de meia em meia hora, como purgante.

AVENCA ou **Capillaria** (Capillaire, fr.). Muitos fetos d'este nome, que pertencem ao genero *adiantum* e *asplenium*, são empregados em medicina.

1° AVENCA DO CANADÁ. *Adiantum pedatum*, L. Planta que habita na Virginia e no Canadá. F. 138. Foliolos pinnados, oblongos, e representando como uma metade de folha; peciolos mui glabros, cheiro agradavel, sabor um pouco styptico. Esta especie é empregada com preferencia.

2° AVENCA ORDINARIA. *Adiantum capillus Veneris*, L. Planta da Flora portugueza, habita junto das fontes, nos poços e sitios sombrios. Folhas da altura de 15 a 20 centimetros; peciolo filiforme, de um vermelho escuro; foliolos cuneiformes, lobados; cheiro menos agradavel do que o da especie precedente.

3° AVENCA TRAPEZIFORME. *Adiantum trapeziforme*, L. Habita no Brasil e no Mexico. Substitue a avenca do Canadá, que ás vezes não se acha no commercio. Peciolos lenhosos de 60 a 100 centimetros, frondosos, mui ramificados, lisos e pretos; foliolos alternos rhomboidaes ou trapeziformes, incisos, de côr verde escura, de consistencia firme; cheiro aromatico; fornece preparações tão agradaveis como a avenca do Canadá.

No Brasil ha muitas especies de avenca. São conhecidas vulgarmente debaixo do nome de *Samambayas*. As suas folhas tem cheiro agradavel e sabor doce, um pouco styptico : são peitoraes e administrão-se sob a fórma de xarope. A especie mais commum nos arredores do Rio de Janeiro é o *Adiantum reptans*, St. Hilaire; tem os foliolos obovatos, cuneiformes, muito maiores do que os da avenca do Canadá; apice denticulado. As outras especies do Brasil são *Adiantum reflexum*, *A. radiatum*, *A. subcordatum*, St Hilaire; *A. cuneatum*, Langsd.; *Acrostichum album*, Vell.; *Cheilanthes spectabilis*, Kaufls; *Pteris leptophylla*, Sw.; *Pteris pedata*, Sw.; *Pteris palmata*, Vel.; *Asplenium regulare*, Sw.; *Asplenium sulcatum*, Lam.

O nome de *capillaria* vem da tenuidade das hastes das plantas assim chamadas. *P. us. Foliolos.*

Emolliente, peitoral; emprega-se nos defluxos, e nas bronchites.

Internamente. *Infusão :* Avenca do Canadá 5 grammas (1/4 oitava), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora e côe.



Fig. 138. — Avenca do Canadá.

Xarope (p. 132), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

AYAPANA. V. JAPANA.

AZEBRE. V. ALOES.

AZEDA. (Oseille, fr.). *Rumex acetosa*, L. Polygoneas. Planta que habita nos sitios humidos de Portugal, cultivada nas hortas do Brasil. Caules muitos de uma só raiz, de 1 a 2 pés de altura; folhas alternas, afrechadas, agudas, de 4 a 7 pollegadas, margens algumas vezes ondeadas, dentadas; as inferiores pecioladas, as superiores sesseis, de sabor acido e agradavel. Ha mais outras especies de azedas. As *folhas* servem como alimento. Contém oxalato de potassa; e a maior parte d'este sal que se acha no commercio, extrahe-se das folhas de azedas. Em pharmacia esta planta entra na composição do *caldo de hervas*, empregado como temperante e para favorecer a acção dos medicamentos purgativos.

Caldo de hervas (Cod. fr.).

Azeda fresca	40 gram.	Manteiga	5 gram.
Alface	20 gram.	Sal de cozinha	2 gram.
Acelga	10 gram.	Agua	1000 gram.
Cerefolio	10 gram.		

Ferva as plantas, ajunte o sal e a manteiga, e côe. Toma-se ás chicaras.

AZEDINHA DO BREJO, Herva do sapo. Com este nome são conhecidas no Brasil diversas *Begonias*, como são *Begonia acida*, Velloso; *B. acetosa*, Velloso; *B. bidentata* e *sanguinea*, Raddi; *B cucullata*, Willd; *B. hirtella*, Linck. (saracura); *B. undulata*, Otto; *B. platanifolia*, Schott; plantas que habitão nos lugares humidos. O seu succo, que é acido, é remedio popular contra a diarrhea, na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças), internamente; e externamente contra os sapinhos. Este succo contém oxalato de potassa, e tira as nodoas da tinta de escrever.



Fig. 139. — Oliveira.

AZEITE ou **Azeite doce** (Huile, fr.). Oleo extrahido do pericarpo das azeitonas, fructos da oliveira, *Olea europœa*, L., arvore da familia das Oleaceas, cultivada na Europa meridional. Fig. 139. É quasi branco, amarellado ou esverdeado, inodoro, de sabor particular muito suave. Começa a solidificar-se logo que a temperatura desce abaixo de + 10° cent., e coalha então em granitos por causa da grande porção de margarina que contém. É o oleo geralmente empregado na economia domestica. Conserva-se muito tempo sem se fazer rançoso, pelo que merece a preferencia na preparação dos oleos officinaes.

No Brasil chamão *azeite doce* ao azeite de azeitonas, para o differençarem do de peixe, de dendê, de mandobi; e de outros *azeites* de varios cocos e coquinhos que são producções do Brasil.

Na dóse de muitas colheres occasiona dejecções alvinas; em

pequena quantidade produz effeitos emollientes. É recommendado nas inflammações do apparelho respiratorio, nas colicas, dysenteria, envenenamento pelas substancias acres, e como vermifugo. Giacomini, que attribue ao azeite doce a acção hyposthenisante, aconselha o seu uso interior e exteriormente na asthma, pneumonia, pleuriz, nephrite, cystite, estranguria, metrite, tetano, gota, rheumatismo, peritonite.

Internamente. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) e mais em poção ou em clyster d'agua morna.

Externamente. Em fricções e como vehiculo de diversos linimentos.

Clyster oleoso.

Decocção de raiz de althea	150 gram.	Azeite doce	60 gram.
		Mel de abelhas	20 gram.

AZEITE DE DENDÊ (Huile de palme, fr.). Oleo extrahido de uma especie de coqueiro, *elœis guineensis*, que habita no Brasil e na Africa. Consistencia de manteiga, côr amarella alaranjada, sabor perfumado, cheiro de violas. Emprega-se para certas comidas brasileiras, para luz, para fazer sabão; e em medicina, no rheumatismo, por meio de fricções.

AZOTATO DE POTASSA, Nitrato de potassa, Nitro, Sal de nitro, ou **Salitre** (Nitrate de potasse, azotate de potasse, nitre, sel de nitre, ou salpêtre. fr.). Sal em fórma de crystaes prismaticos, brancos, transparentes, inalteraveis ao ar, inodoros, sabor fresco e picante, seguido de um gosto algum tanto amargo; soluvel em agua. Lançado sobre carvão incandescente, fa-lo arder mui vivamente. — Este sal forma-se naturalmente nas paredes ou muros humidos, nos entulhos das casas velhas, e obtem-se pela evaporação das lixivias d'estas substancias. Obtem-se tambem das nitreiras *artificiaes* e *naturaes*. Estas ultimas são numerosas na India. Persia, Egypto, onde o nitro se encontra na superficie da terra. Precisa ser purificado pela lavagem e crystallização. No Brasil, perto do Rio de S. Francisco, nas provincias de Minas Geraes e da Bahia, achão-se lagôas d'agua nitrosa d'onde se extrahe o salitre. Obtem-se tambem decompondo o carbonato de potassa ou o chlorureto de potassio pelo azotato de soda; ou decompondo pelo acido azotico o chlorureto de potassio, o que se fabrica em grande. — Muitas plantas que vegetão perto das habitações, ou nas terras adubadas com estrume, contém nitro, taes são : parietaria, borragem, lingua de vacca, cicuta, tabaco, gyrasol (*heliantus annuus*), etc. O gyrasol contém tão grande quantidade d'este sal, que arde com facilidade. Se o tabaco arde tão facilmente é porque contém nitro.

Propriedades e usos. O nitro emprega-se no ultimo periodo das inflammações das vias urinarias, gonorrheas, febres inflammatorias, ictericias, affecções rheumaticas, e principalmente nas hydropisias. Na dóse de 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava) faz baixar o pulso, provoca a secreção urinaria e as evacuações alvinas. Em alta dóse é considerado como contra-estimulante, como sedante da circulação, e empregado como tal para combater as inflammações, as hemorrhagias e o rheumatismo articular agudo. A escola italiana considera o nitro como um hyposthenisante cardiaco-vascular de primeira ordem, e aconselha o seu uso em dóse proporcionada á tolerancia, em todas as molestias inflammatorias. Accidentes graves, e mesmo a morte podem resultar do seu emprego em quantidade exagerada. Na dóse de 30 grammas (1 onça), diluido em pequena porção de

liquido, e administrado de uma vez, produz ás vezes nauseas, diarrhea, desmaio, esfriamento geral, vertigens, enfraquecimento do pulso, prostração, e até a morte. Entretanto alguns medicos o tem aconselhado nas hemorrhagias até á dóse de 60 grammas (2 onças); mas então esta dóse deve ser dividida em muitas porções, n'um dia, e diluida em grande quantidade de liquido. Não se deve porém dar a principio mais de 15 grammas (1/2 onça), dóse esta que não deve ser augmentada senão gradualmente. Externamente o nitro emprega-se em gargarejos como refrigerante.

Substancias incompativeis. O acido sulfurico e os outros acidos fortes, a pedra-hume, os sulfatos de magnesia, de ferro, de zinco, de cobre, etc.

Internamente. Como diuretico 50 centigrammas a 2 grammas (10 a 40 grãos) em 360 grammas (12 onças) de vehiculo mucilaginoso. Como contra-estimulante 4 a 15 gram. (1 a 4 oitavas) e mais progressivamente em 360 gram. (12 onças) de qualquer cozimento. que se administra ás chicaras, com uma hora de intervallo.

Pós contra-estimulantes.

Calomelanos	10 centig.	Azotato de potassa	50 centig.

F. 1 papel. D. 1 papel de duas em duas horas, na inflammação do cerebro e outras molestias inflammatorias. Alguns autores pretendem que a addição do azotato de potassa impede a salivação.

Pós de nitro camphorados (Swediaur).

Nitro	25 centig.	Gomma arabica	50 centig.
Camphora	10 centig.		

F. 1 papel. D. 2 papeis por dia, n'uma chicara d'agua com assucar, como temperante nas blennorrhagias.

Cozimento anti-phlogistico de Stoll.

Decocção de cevada	500 gram.	Azotato de potassa	3 gram.
Xarope de vinagre	50 gram.		

M. Uma chicara de duas em duas horas nas febres inflammatorias.

Tisana diuretica (Bouchardat).

Bicarb. de potassa	2 1/2 gram.	Infusão de junipero	500 gram.
Azotato de potassa	50 centig.		

M. Uma chicara de duas em duas horas.

Mistura nitrada.

Azotato de potassa	10 gram.	Agua	500 gram.
Mellite simples	20 gram.		

M. Uma chicara de duas em duas horas, como contra-estimulante nas febres inflammatorias, rheumatismo, etc.

Emulsão nitrada.

Emulsão de amendoas adoçada	500 gram.	Nitro	2 gram.

Ás chicaras, no periodo inflammatorio das affecções eruptivas.

Externamente :

Gargarejo refrigerante.

Nitro	25 gram.	Mel rosado	90 gram.
Decocção de cevada	500 gram.		

M. Esquinencias.

Papel nitrado. Papel sem colla impregnado da solução de nitrato de potassa, para uso dos asthmaticos. Aconselha-se, como um dos meios palliativos contra a asthma, queimar n'um prato uma porção d'este papel, na cama do doente, estando fechadas as cortinas. Faz-se esta fumigação ao deitar-se. — Enrola-se tambem o papel

em tubos de 3 a 5 pollegadas de comprido, que se accendem por uma extremidade, e fumão-se á maneira de charutos, aspirando os vapores que se exhalão. Preparão-se ainda as *cigarrilhas nitradas*, ajuntando á solução nitrada os extractos de belladona, opio, estramonio, digital, aconito, etc., na dóse de 5 centigrammas (1 grão) de solução de extracto por cigarrilha. São usadas tambem, como palliativo, nos ataques de asthma.

AZOTATO DE PRATA, ou **Nitrato de prata** (Nitrate d'argent, azotate d'argent, fr.). Este sal existe debaixo de duas fórmas : 1° O azotato de prata *crystallizado*, que é em laminas delgadas, brilhantes, sem côr, de sabor mui caustico; torna-se negro pela influencia da luz, dissolve-se no seu peso d'agua distillada; é decomposto pela agua commum. 2° Azotato de prata *fundido* ou *pedra infernal*. Este apresenta-se em cylindros brancos, amarellados, cinzentos ou pretos, da grossura de uma penna de ganso. Quando se emprega o azotato de prata solido, é a pedra infernal que deve servir; quando se emprega em dissolução é ao azotato de prata crystallizado que se deve recorrer. Ambos gozão das mesmas propriedades causticas.

Propriedades e usos. O azotato de prata é um caustico energico : queima os tecidos com que se acha em contacto. Entretanto alguns medicos ousárão administrar esta substancia internamente contra a epilepsia e as nevralgias. As curas tem sido mui raras, e o medicamento administrado pela bocca tem o grande inconveniente de communicar á pelle e ás unhas uma côr escura e indelevel. Em clysteres, foi aconselhado contra as diarrheas rebeldes. Externamente o azotato de prata tem numerosas e preciosas applicações. Serve para cauterizar as carnosidades das chagas, as belidas da cornea, os cancros venereos, os estreitamentos do canal da urethra, as fistulas lagrimaes e outras. Ha poucos annos foi proposto para cauterizar os botões variolicos do rosto e dos olhos : este methodo tem por fim não sómente fazer abortar a molestia e prevenir as deformidades, mas tambem impedir o desenvolvimento da meningite, que complica muitas vezes as bexigas. Deve-se então cauterizar no primeiro ou no segundo dia; mais tarde já não é tempo, as bexigas desenvolvem-se : basta abrir cada botão variolico com o estylete molhado na solução de nitrato de prata. As esquinencias, o garrotilho, as blennorrhagias, as rachas no anus, as frieiras, as ulcerações do bico do peito, as erysipelas da face, os dartros, tem cedido frequentemente a leves cauterizações com azotato de prata. Foi ainda applicado sobre a conjunctiva nas ophthalmias purulentas; sobre a mucosa da trompa d'Eustachio nas aphonias; sobre a mucosa da bexiga nos catarrhos vesicaes; sobre a face interna do utero nas leucorrheas rebeldes, e sobre a porção prostatica do canal da urethra nas perdas seminaes involuntarias. As hemorrhagias provenientes das cisuras de sanguesugas, e que resistem á compressão, cedem quasi instantaneamente á applicação algum tanto prolongada da pedra infernal na cisura. A hemorrhagia, que sobrevem ás vezes depois da extracção de um dente, atalha-se tambem introduzindo e deixando applicada por um minuto na cavidade dentaria a pedra infernal.

Para se servir da pedra infernal introduz-se n'um tubo de penna de ganso, ou melhor ainda n'uma caneta de prata, guarnecida de um estojo, chamado *porta-pedra* (fig. 140). Nas pharmacias os cylindros de pedra infernal conservão-se em frascos contendo semente de linho.

A pedra infernal, fixa na caneta, applica-se pela base do cylindro ou pelos lados; outras vezes corta-se ou lima-se em ponta mais ou menos alongada. Operando sobre uma superficie viva, é preciso limpar primeiro esta superficie; quando a pelle está coberta



Fig. 140. — Porta-pedra.

de epiderme, é necessario humedecer a pedra com agua. A escara é secca, pouco profunda, branca primeiro, depois preta, e cahe no fim de alguns dias. Cumpre enxugar a pedra antes de a fechar no estojo.

O azotato de prata applicado na pelle produz manchas pretas, que desapparecem no fim de alguns dias; podem-se tirar immediatamente molhando-as com a solução saturada de iodureto de potassio. Todas as aguas que se vendem para tingir o cabello, sob o nome de *agua egypcia, ethiopia,* etc. tem por base o azotato de prata. As tintas para marcar roupa são feitas pela maior parte com a solução d'esta substancia em agua.

Substancias incompativeis. Os alcalis fixos, os acidos hydrochlorico, sulfurico, tartarico, o sabão, o arsenico, os hydrosulfatos, os hydrochloratos, o tannino, as infusões adstringentes. Deve-se receitar com preferencia o azotato de prata dissolvido em agua distillada. O azotato de prata crystallizado decompõe-se tambem pelo effeito da luz solar; deve, pois, ser guardado, assim como os seus solutos, em frascos de vidro amarellos ou pretos.

Internamente. 5 milligrammas a 1 centigramma (1/10 a 1/5 de grão), duas a tres vezes por dia, em dissolução na agua distillada, ou em pilulas com miolo de pão ou gomma. Hoje sem uso.

Clyster de azotato de prata.

Azotato de prata 5 centig. | Agua distillada 150 gram.

M. Contra as diarrheas antigas.

Externamente :

Collyrio adstringente.

Azotato de prata crystal. 5 centig. | Agua distillada 30 gram.

M. Ophthalmias chronicas.

Collyrio de azotato de prata (Reveillé-Parise).

Azotato de prata cryst. 10 centig. | Agua distillada 30 gram.

M. Instillão-se algumas gottas d'este collyrio entre as palpebras, cinco a seis vezes por dia, na ophthalmia purulenta dos adultos e dos recem-nascidos.

Collyrio de azotato de prata (Velpeau).

Azotato de prata crystal. 2 gram. | Agua distillada 30 gram.

Dissolva. Ophthalmia purulenta aguda dos adultos. Duas a tres vezes por dia fazem-se instillações entre as palpebras com algumas gottas d'este collyrio; mas antes d'isso deve-se lavar previamente o olho com agua morna para tirar todo o pus. Deve haver todo o cuidado em que o collyrio penetre até ao fundo das cavidades que existem em ambos os lados do olho, e que apenas toque a cornea transparente.

Injecção de azotato de prata contra a balanite (Ricord).

Azotato de prata cryst. 50 centig. | Agua distillada 125 gram.

M. Balanite. Fazem-se tres injecções por dia, entre a glande e o prepucio.

Injecção de azotato de prata contra a blennorrhagia (Ricord).

Azotato de prata cryst. 5 centig. | Agua distillada 125 gram.

M. Duas injecções por dia, que se fazem com seringa de vidro. A proporção do azotato póde ser augmentada gradualmente, até 50 centigrammas para 125 grammas d'agua.

Injecção de azotato de prata contra a leucorrhea (Ricord).

Azotato de prata crystal. 1 gram. | Agua distillada 500 gram.

M. A proporção póde ser augmentada até 2 grammas de azotato para 500 grammas d'agua.

Injecção de azotato de prata (Serre).

Azotato de prata cryst. 10 centig. | Agua distillada 250 grám.

M. Catarrho chronico da bexiga.

Solução de azotato de prata (Sanson).

Azotato de prata cryst. 25 centig. | Agua distillada 30 gram.

M. Emprega-se no curativo das ulceras indolentes.

Solução de azotato de prata (Biett).

Azotato de prata cryst. 2 gram. | Agua distillada 25 gram.

Dissolva. Dartros. Toca-se a superficie affectada com a rama de uma penna molhada n'esta solução. As *soluções de azotato de prata,* na proporção de 1 parte de azotato para 10, 5 partes, e mesmo para 1 parte d'agua distillada, são excellentes causticos, que se empregão com frequencia, para modificar vantajosamente as superficies morbidas no eczema, mentagra, herpes, e outras molestias cutaneas.

Pomada ophthalmica (Velpeau).

Azotato de prata fundido 10 centig. | Banha 8 gram.

Misture em almofariz de louça. Contra as ophthalmias intensas. Applica-se, sobre a margem ciliar das palpebras inferiores, a porção do tamanho de uma ervilha; uma a duas vezes por dia.

Agua de Egypto para tingir o cabello. É uma solução de azotato de prata em agua distillada.

AZOTATO DE SODA ou **Nitrato de soda** (Nitrate ou azotate de soude, fr.). É em crystaes incolores, deliquescentes. Encontra-se no estado nativo no Chili e Perú. Tem propriedades analogas ás do nitrato de potassa, mas sua acção é menos energica. É aconselhado contra a dysenteria na dóse de 1 a 20 grammas (20 grãos a 5 oitavas), em poção.

AZOUGUE. V. Mercurio.

BALSAMITA. (Balsamite, fr.). *Balsamita suaveolens,* Pers. Synanthereas-senecioides. Planta cultivada nos jardins. Seu cheiro muito aromatico approxima-se do da hortelã. — Estimulante; entra na composição do balsamo tranquillo.

BALSAMO DE COPAHIBA. V. Copahiba.

BALSAMO DE MECA (Baume de la Mecque, fr.). Resina impropriamente chamada *balsamo,* nome que, em materia medica, se applica só ás substancias que contém o acido benzoico; o *balsamo* de Meca não o tem. Esta resina obtem-se pelas incisões praticadas no tronco e ramos do *Amyris opobalsamum,* L., arbusto da Arabia, da familia das Terebinthaceas-burseraceas. Consistencia de xarope, limpido, amarellado quando recente, esbranquiçado e opaco quando antigo; torna-se até solido; cheiro anisado, sabor aromatico e urente. — Estimulante; empregado nos catarrhos dos pulmões e da bexiga. É sobretudo usado como perfume.

Internamente. 1/2 gramma a 2 grammas (10 a 40 grãos) em pilulas ou emulsão.

Tintura (p. 122), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).

Xarope (p. 131), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

BALSAMO PERUVIANO ou **do Perú** (Baume du Perou, fr.). Nome commercial do succo obtido da *Myrospermum Pereiræ*, Royle, arvore da America central, da familia das Leguminosas. Consistencia de xarope, côr rubra-escura; cheiro agradavel; sabor amargo e acre; soluvel no alcool, pouco soluvel no ether. Estimulante, empregado internamente nas bronchites chronicas, asthma, catarrhos da bexiga, blennorrhagias, etc.; externamente no curativo das ulceras.

Internamente. 50 centigram. a 8 gram. (10 grãos a 2 oitav.) em pilulas ou emulsão, dissolvido por meio de mucilagem ou de gema de ovo.

Tintura (p. 122), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).

Xarope (p. 131), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Poção peitoral.

Balsamo peruviano	6 gram.	Agua de canella	60 gram.
Mucilagem de gomma arabica	30 gram.	Agua pura	60 gram.
		Xarope simples	30 gram.

F. S. A. Uma colher *de sopa* de hora em hora.

Externamente :

Linimento para as rachas do seio.

Manteiga de cacáo	15 gram.	Balsamo peruviano	30 gottas

BALSAMO DE TOLÚ. (Baume de Tolu, fr.). Extrahido da *Myrospermum toluiferum*, D. C., arvore da familia das Leguminosas, que habita na America meridional, e sobretudo nas circumvisinhanças da cidade de Tolú, na Nova-Granada, e no Brasil. Mana, naturalmente da arvore. É a principio semi-liquido, torna-se depois mais grosso, toma côr fulva; é então de cheiro mui suave. Com o tempo adquire solidez completa, mas amollece pelo calor. É soluvel no atcool e no ether. — Estimulante, empregado nas bronchites.

Internamente. 30 centigrammas a 2 grammas (6 a 40 grãos) e mais em pilulas ou emulsão.

Tintura (p. 122), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).

Xarope (p. 131), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Pastilhas ou *tabellas de balsamo de Tolú* (Cod. fr.).

Balsamo de Tolú	100 gram.	Gomma alcatira	20 gram
Assucar	2000 gram.	Agua	q. s.

Digira, por duas horas a b. m. o balsamo de Tolú com o dobro do seu peso d'agua, tendo o cuidado de mexer amiudadas vezes. Deixe arrefecer e filtre. Prepare a mucilagem de gomma alcatira com 180 grammas d'este liquido. Faça pastilhas de 1 gram. (20 grãos) D. 6 a 12 pastilhas por dia, nas bronchites.

Pilulas balsamicas (Chabrely).

Balsamo de Tolú	15 centig.	Carbonato de magnesia	q. s.
Estoraque liquido	10 centig.		

F. 1 pilula. 2 pilulas tres vezes por dia, na incontinencia d ourina.

Electuario balsamico de Barthez.

Xarope de bals. de Tolú	10 gram.	Conserva de rosas	125 gram
Xarope diacodio	2 1/2 gram.		

M. Seis colheres *de chá* por dia na hemoptyse.

Emulsão balsamica.

Balsamo de Tolú	12 gram.	Amendos doces	15 gram.
Balsamo de Meca	8 gottas		

Triture e ajunte :

Cozimento de cevada	500 gram.	Assucar	30 gram.

D. Uma chicara de duas em duas horas. Bronchite.

Externamente. *Tintura etherea de Tolú.* Faz-se respirar esta dissolução nas bronchites, aphonia, affecções nervosas do peito, etc.

BANHA. V. Gorduras.

BARBA DE PACA. Planta do Brasil; habita nos matos do Pará. A sua infusão, bebida na dóse de tres chicaras por dia, curou um enfermo do meu conhecimento, que era affectado de hematuria intertropical.

BARBA DE VELHO. *Tillandsia usneoides,* L. Bromeliaceas. Planta parasita do Brasil. Caules delgados, voluveis, lenhosos e quasi semelhantes á crina. Pisada e misturada com banha constitue um unguento que se usa no Brasil contra as hemorrhoidas.

BARBASCO ou **Verbasco** (Minas), **Calção de velho** (S. Paulo). *Buddleja brasiliensis,* Jacq. Scrophularineas. Arbusto do Brasil. Folhas oppostas, oblongas, irregularmente denteadas, molles, avelludadas, verde-claras por cima, esbranquiçadas por baixo; flores pequenas, amarellas, formando espigas terminaes. — *P. us. Folhas* e *flores*. Emolliente. *Infusão,* 4 grammas (1 oitava) para 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

BARBATIMÃO. *Stryphnodendron barbatimão,* Martius. Leguminosas. Arvore do Brasil. *P. us. Casca.* O seu decocto, que se prepara com 30 grammas (1 onça) da casca e 500 grammas (16 onças) d'agua, emprega-se em semicupios contra a leucorrhea, e em clysteres contra a diarrhea. Reduzida a pó, esta casca applica-se com vantagem nas ulceras.

BARDANA (Bardane, fr.) *Arctium lappa,* L. Synanthereas-carduaceas. Planta commum em Portugal; habita pelos monturos, caminhos, fundos dos montes, nos sitios um tanto humidos e sombrios; cresce tambem sem cultura no Brasil. Fig. 141. Raiz fusiforme, da grossura de um dedo, fusca por fóra, branca por dentro, um pouco amarga, caule de 4 a 6 pés, avermelhado; folhas cordiformes, cotanilhosas; flores roxas ou azues. *P. us. Raiz.*

Tonico e sudorifico, empregado em infusão no tratamento dos dartros, sarna e syphilis. O decocto, usado em lavatorios, goza da propriedade bem evidente de acalmar a comichão dartrosa.

Internamente. *Infusão :* Bardana 20 grammas (5 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por duas horas e côe.

Externamente. *Decocção,* 30 grammas (1 onça) para 1000 gram. (32 onças) d'agua.

BARIRIÇÓ. V. Maririçó.

BATATA DE PURGA ou **Batata purgativa**. *Piptostegia Pisonis,* Mart. Convolvulaceas. Planta do Brasil. Chamão-lhe *jalapa* em S. Paulo, *batata de purga* ou *ipú* em Minas, *purga de Amaro Leite* em Goyaz. Caule herbaceo, trepador, quadrangular; folhas ovaes acuminadas, molles, chanfradas na base; flores solitarias pedunculadas, pedunculos axillares, corolla amarella infundibuliforme; fructo capsular; raiz tuberosa, fusiforme, de palmo e meio, pouco mais ou menos, de comprimento, cheia de um succo lactescente e resinoso. A raiz é purgativa, porém menos energica do que

a da jalapa do Mexico. A dóse é de 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava) em pó; e a da resina é de 50 centigrammas (10 grãos) em pó. A fecula extrahida da raiz chama-se *tapioca de purga* ou *gomma de batata;* contém 5 por 100 de resina drastica; administra-se na dóse de 4 grammas (1 oitava) para as crianças, e de 8 a 12 grammas (2 a 3 oitavas) para os adultos, como purgativa.

Ha no Brasil mais outras plantas da familia das Convolvulaceas, cujas raizes são purgativas. São :

Piptostegia Gomesii, Mart., chamada em Minas batata de purga.
Ipomœa maritima, R. Br., vulgo *batata do mar, salsa da praia.*
Convolvulus paulistanus, Manso, vulgo *jalapa* em S. Paulo.
Convolvulus pendulus, Manso, vulgo *jalapinha* em S. Paulo.
Convolvulus puniceus, Manso, habita no Matto-Grosso.
Convolvulus polyrrhizos; Manso. Matto-Grosso.
Convolvulus giganteus. Manso, Matto-Grosso.
Convolvulus ventricosus, Manso, vulgo *purga de cavallo;* nas margens do rio Paraná.



Fig. 141. — Bardana.

BATATINHA DO CAMPO, *Morea aphylla,* Manso. Irideas. Planta do Brasil; habita especialmente na provincia de S. Paulo. Chamão-lhe tambem **Vareta, Rhuibarbo do campo,** e **Bari-riço do campc**. Não tem folhas, mas uma simples haste, com uma ou duas flores amarellas na extremidade superior. É aconselhad[a]

contra as boubas, juntamente com as preparações mercuriaes. Goza de propriedades purgativas.

BATATINHA DE COBRA. V. Cipó de cobra.

BATIPUTÁ. *Gomphia caduca*. Ochnaceas. Arbusto do Brasil. Os fructos são uma especie de tuberculos vermelhos, reunidos por grupos; dentro de cada coco ha uma semente muito oleosa. O oleo, que se extrahe das sementes, é comestivel, e é usado em fricções contra as dôres rheumaticas. Tres garrafas d'este oleo remettidas pelo Sr. Augusto Caors, distincto pharmaceutico de Pernambuco, figurárão na Exposição internacional de Vienna d'Austria em 1873.

BAUNILHA. (Vanille, fr.). *Vanilla aromatica*, Sw. Orchideas. Planta trepadeira que habita nos matos do Brasil, Mexico e Perú. Fig 142. *P. us. Fructos*. A planta é sarmentosa e trepante; tem os caules verdes, cylindricos, nodosos, da grossura de um dedo, munidos de gavinhas ou antes raizes adventicias que se implantão na casca das avores vizinhas e servem tanto para alimenta-la como para sustenta-la, visto que a planta continua a vegetar depois de separada da terra; folhas rentes, alternas, distantes, ovaes-oblongas, agudas, lisas, um pouco espessas, e nervuras longitudinaes; flores dispostas, no apice dos talos, em cachos axillares pedunculados; o perigono, ou involtorio dos orgãos sexuaes, é de um verde amarellado por fóra, branco interiormente, formado de seis sepalas; o fructo é uma capsula carnosa, verde no principio, e depois de côr roxa escura, comprida e siliquosa; sementes numerosas, pretas, globosas, cercadas de um succo roxo, espesso e balsamico. Colhe-se o fructo antes de maduro, para evitar que se rache e deixe escorrer o succo que contém; faz-se seccar á sombra, cobre-se com uma camada de azeite; emfim fazem-se mólhos com 50 ou 100 capsulas, e mettem-se em caixinhas de folha.



Fig. 142. — Baunilha.

No commercio ha tres especies: 1ª baunilha legitima, é do comprimento de 16 a 20 centimetros, da grossura de 7 a 9 millimetros, enrugada e sulcada no sentido do seu comprimento, mais estreita nas extremidades, e curvada na base; um pouco molle e viscosa, de côr roxa escura; cheiro forte, agradavel. Conservada em lugar secco, e n'um vaso que não seja hermeticamente fechado, esta baunilha cobre-se de crystaes de acido benzoico: é a mais estimada; 2ª baunilha bastarda, é mais curta, mais delgada, mais secca, de côr menos carregada; é menos aromatica e não effloresce; 3ª especie, chamada *baunilhão*; vagens de 14 a 19 centimetros de compri-

primento, de 14 a 21 millimetros de largura, é mui escura, quasi preta, molle, viscosa, quasi sempre aberta, de cheiro forte e menos agradavel do que o das duas primeiras especies, e parece ter ultrapassado o seu ponto de madureza; julga-se tambem que não é fornecida pelo mesmo vegetal.

Um bom meio de conservação da baunilha consiste em guarda-la em caixinhas de folha, interpondo entre cada camada do fructo uma camada de assucar em pó.

Estimulante, aphrodisiaco, emmenagogo, diuretico.

Internamente. *Pó* (p. 109), 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oit.) com duas partes de assucar.

Tintura (p. 121), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em poção.

BDELLIO (Bdellium, fr.). Gomma-resina fornecida pela arvore *Balsamodendron africanum*, Arnott, da familia das Terebinthaceas-burseraceas, que habita o Senegal, a Arabia, a Abyssynia. É em massas ou lagrimas arredondadas, esverdeadas, cheiro aromatico, sabor amargo e acre. Excitante, pouco usado; faz parte do diachylão gommado.

BECCABUNGA (Beccabunga, fr.). *Veronica beccabunga*, L. Escrophularineas. Planta da Flora portugueza; habita nos lugares aquaticos; junto das nascentes entre Campião e Peso da Regua, e outras partes. Caules molles, avermelhados, reptantes; folhas ovaes-obtusas, denteadas; flores de um azul pallido; sabor da planta amaricante e acre. Diuretico, antiscorbutico.

BELDROEGA (Pourpier, fr.). *Portulacea oleracea*, L. Portulaceas. Planta cultivada no Brasil e em Portugal. As folhas comem-se em salada ou cozidas. São mucilaginosas; produzem um effeito purgativo quando se comem em grande quantidade.

BELLADONA (Belladone, fr.). *Atropa belladona*, L. Solanaceas. Planta mui commum na Europa. Fig. 143. Caule de 2 a 3 pés; folhas ovaes, grandes, verdes no estado fresco, roxas ou amarelladas quando seccas; flores roxas; fructo a principio verde, depois vermelho, e por fim preto; raiz de côr parda amarellada no exterior, branca interiormente; cheiro viroso. *P. us. Toda a planta mas sobretudo as folhas.*

Narcotico empregado nas colicas espasmodicas, tosses nervosas, asthma, coqueluche, tico doloroso da face, enxaqueca, tetano, incontinencia de ourina dos adultos e das crianças, nevralgias que occupão os tegumentos do craneo, gastralgia, enteralgia, dôres uterinas, ileo, convulsões, epilepsia, dôres nervosas dos dentes e dos ouvidos, amaurose, gota, rheumatismo agudo, hydrophobia, inflammações dos pulmões, e como preservativo da escarlatina. Em dóse elevada, isto é, até produzir vertigens, foi empregada com vantagem nas ophthalmias intensas. Esta planta exerce sobre o iris uma acção particular que faz dilatar a pupilla. Utiliza-se esta acção antes da operação da cataracta, e obtem-se o effeito instillando algumas gottas de solução do seu extracto, entre as palpebras, uma hora antes da operação. O extracto de belladona emprega-se externamente com bom exito na rigidez espasmodica do collo uterino, durante o parto, para combater as contracções do anus e do canal da urethra, contra as dôres hemorrhoidaes e as da fissura no anus. Utiliza-se a acção da belladona para ajudar a reducção das hernias estranguladas. O medicamento é empregado em clyster ou em applicação da pomada de belladona sobre a hernia. A relaxação do annel, produzida pela belladona, favorece a reducção. Em alta dóse a belladona é um veneno narcotico acre; produz vertigens, seccura e constricção da

garganta, perturbação da vista, dilatação enorme das pupillas, delirio; depois, se a substancia foi dada em dóse toxica, segue-se agitação, fraqueza extrema, arrefecimento do corpo, e a morte. — A belladona deve as propriedades narcoticas e venenosas á *atropina*. V. p. 292.



Fig. 143. — Belladona.

Internamente. *Pó* (p. 110), 5 a 60 centigram. (1 a 12 grãos).

Infusão. 30 centigrammas (6 grãos) de folhas para 60 grammas (2 onças) d'agua fervendo.

Extracto (p. 91), 1 a 20 centigrammas (1/5 de grão a 4 grãos).

Tintura alcoolica. (p. 123). É a melhor preparação. 6 a 30 gottas em poção.

Tintura etherea (p. 124), 6 a 30 gottas em poção.

Xarope (p. 131), 4 a 30 grammas (1 oitava a 1 onça).

Arrobe (p. 69), 5 a 30 centigrammas (1 a 6 grãos).

Pós contra a coqueluche (Sandras).

Raiz de belladona em pó	5 centig.	Assucar	25 centig.

M. D. Igual dóse pela manhã e á noite ás crianças menores de 1 anno; 2 dóses pela manhã e 2 á noite ás menores de 3 annos; 4 ás crianças de mais idade, e 8 aos adultos.

Pilulas de extracto de belladona.

Extracto de belladona	25 millig.	Raiz de althea em pó	q. s.

F. 1 pilula. D. 2 a 4 por dia.

Pilulas anti-epilepticas (Trousseau).

Extracto de belladona	1 centig.	Belladona em pó	1 centig.

F. 1 pilula. No primeiro mez o doente toma 1 pilula todas as noites; no segundo mez, 2 pilulas por noite; no terceiro mez,

3 pilulas; no quarto mez, 4, e sempre juntas. Se a dóse do medicamento parecer elevada, se turvar a vista ou produzir uma sensação de constricção na garganta, deve-se retrogradar, e não augmentar a dóse senão de dois em dois mezes. D'esta maneira, chega-se no fim do anno a 7 ou 8 pilulas por noite, devendo-se sempre vigiar a influencia da medicação.

Pilulas odontalgicas.

Extracto de belladona	2 centig.	Pyrethro em pó	5 centig.
Extracto de meimendro	2 centig.	Essencia de cravo da India	4 gottas
Opio	2 centig.		

F. 1 pilula. Introduz-se esta pilula na cavidade do dente cariado para acalmar as dôres.

Julepo calmante (Baron).

Gomma alcatira	40 centig.	Inf. de flores peitoraes	100 gram.
Extracto de belladona	10 centig.	Agua de flores de laranj.	10 gram.
Extracto de opio	2 centig.	Xarope de althea	30 gram.

F. S. A. — D. Uma colher *de chá*, duas vezes por dia, ás crianças de 1 anno; duas colheres *de chá*, duas vezes por dia, ás de 2 annos; tres colheres *de chá* ás de 3 até 7 annos; uma colher *de sopa*, duas vezes por dia, ás que tiverem mais de 7 annos. Coqueluche.

Poção preservativa da escarlatina.

Tintura de belladona	4 gram.	Agua de hortelã-pim.	30 gram.
Agua commum	125 gram.	Xarope de gomma	30 gram.

M. Esta poção administra-se pela manhã em jejum, uma vez por dia, e por espaço de doze dias, na dóse de uma colher *de chá* para as crianças de 1 a 4 annos; duas colheres *de chá* para as de 4 a 10 annos; uma colher *de sopa* para as de 10 a 15 annos; duas colheres *de sopa* para as pessoas de 15 a 20 annos; e tres colheres *de sopa* para as de 20 annos para cima.

Xarope contra a coqueluche (Trousseau).

Xar. de belladona, de ether, de opio e de flor. de laranj., aná 20 gram.

D. Uma colher *de chá*, duas a tres vezes por dia.

Clyster de belladona.

Folhas seccas de belladona	60 centig.	Agua fervendo	125 gram.

Infunda e côe. Para combater a contracção espasmodica, que ás vezes se oppõe á introducção da sonda na bexiga, ou para facilitar a reducção das quebraduras.

Externamente. *Infusão :* Folhas de belladona 50 grammas (1 1/2 onça), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda durante 1 hora, e côe com espressão por coador de lã. (Cod. fr. Em fomentações. Esta infusão com q. s. de farinha de linhaça constitue uma cataplasma calmante util em muitas nevralgias.

Emplasto de belladona (p. 79). Applica-se nos tumores.

Pomada de belladona.

Extracto de belladona	2 gram.	Banha de porco	16 gram

M. Empregada nos estreitamentos espasmodicos da urethra, n phimosis, paraphimosis, e para obter a dilatação do collo uterino

Ceroto de belladona. (Cod. fr.)

Extracto de belladona	10 centig.	Ceroto de Galeno	90 gram

M. por trituração em gral de marmore.

Glycereo de belladona. (Cod. fr.)

Extracto de belladona	10 gram.	Glycereo de amido	100 gram

Amolleça o extracto com mui pequena quantidade d'agua, e misture cuidadosamente com o glycereo de amido.

Collyrio narcotico (Foy).

Extracto de belladona	2 centig.	Infusão de folhas de	
Extracto de opio	10 centig.	meimendro	125 gram.

Collyrio de belladona.

Extracto de belladona	4 gram.	Agua	q. s.

Para ter uma solução de consistencia de xarope. Molha-se um pincel na mistura, e applica-se ao redor do olho sobre a palpebra inferior e superior, uma vez por dia, nas ophthalmias agudas.

Fumigação calmante (Furster).

Infusão quente de salva	500 gram.	Folhas de belladona	4 gram.

Introduza n'um vaso, e faça inspirar o vapor aos tisicos, mas principalmente ás crianças affectadas de coqueluche.

Cataplasma narcotica.

Fol. de belladona em pó	15 gram.	Folhas de herva moura	15 gram.
— de cicuta —	15 gram.	Farinha de linhaça e de-	
— de meimend. —	15 gram.	cocção de dormideiras	q. s.

M. Colicas nervosas, tumores dolorosos, etc.

Linimento contra as hemorrhoidas (Buchan).

Unguento populeão	30 gram.	Gema de ovo	n.º 1
Laudano de Sydenham	8 gram.		

Mistura contra as nevralgias faciaes e dentarias (André).

Extracto de opio	1 gram.	Extracto de estramonio	1 gram.
Extracto de belladona	1 gram.	Agua de louro-cereja	12 gram.

M. Algumas gottas no algodão, que se introduz no ouvido.

Linimento anti-nevralgico (Debout).

Balsamo tranquillo	15 gram.	Laudano de Sydenham	4 gram.
Extracto de belladona	50 centig.	Chloroformio	10 gram.
Extracto de meimend.	50 centig.		

M. Uma a duas colheres *de chá*, em fricções, duas vezes por dia, sobre o lugar dorido.

Balsamo tranquillo (Cod. fr.).

	gram.		gram.
Folhas frescas de belladona	200	Summid. seccas de absinthio	50
— — de meimendro	200	— — de hysopo	50
— — de herva moura	200	— — de mangerona	50
— — de tabaco	200	— — de hortelã-pimenta	50
— — de dormideiras	200	— — de hypericão	50
— — de estramonio	200	— — de tomilho	50
— seccas de balsamita	50	Flores de alfazema	50
— — de alecrim	50	— de sabugueiro	50
— — de arruda	50	Azeite doce	5000
— — de salva	50		

Contunda as plantas frescas, e deite com o azeite em tacho de cobre, aqueça a calor brando, até não haver humidade; e quando o oleo tiver adquirido uma bella côr verde, lance-o ainda quente sobre as outras plantas recentemente colhidas, seccas com cuidado e cortadas. Deixe em digestão por 12 horas a b. m.; côe com espressão, deixe depôr, decante, e filtre. Guarda-se o balsamo tranquillo em vasos bem tapados, em lugar fresco, e ao abrigo da luz. — Emprega-se em fricções nas dôres rheumaticas e outras.

Unguento populeão (Cod. fr.).

Gomos seccos de choupo	8 p.	Folhas recentes de meimend.	5 p.
Folhas recentes de dormid.	5 p.	— — d'herva moura	5 p.
— — de belladona	5 p.	Banha	40 p.

Contunda as plantas em almofariz de marmore, e com a banha faça cozer a calor brando até consumir a humidade. Ajunte então os gomos de choupo contusos, e digira por 24 horas. Côe com forte espressão; deixe esfriar. Separe o deposito, torne a derreter a pomada, e lance-a em vaso proprio.

Balsamo acustico.

Balsamo tranquillo	10 gram.	Balsamo peruviano	5 gram.
Succo de cebola	10 gram.		

M. Molha-se algodão n'este balsamo, e introduz-se no conducto auditivo. Surdez.

BEN. V. OLEO DE BEN.

BENJOIM (Benjoin, fr.). Balsamo natural que se obtem por incisões da *styrax benzoin,* Dryander, arvore da familia das Styracineas, que habita na Sumatra, Malacca, Java, e nas outras ilhas vizinhas. O commercio apresenta duas especies de benjoim : 1° o *amygdaloide,* é em massas seccas, friaveis, cinzentas, um pouco luzentes, formadas no interior de lagrimas ovoides, esbranquiçadas, reunidas entre si por uma especie de massa arroxeada e porosa; 2° o *benjoim em sortes*, que tem poucas lagrimas ou não as tem. Um e outro, lançados nas brasas, espargem fumo espesso e branco; de cheiro agradavel, constituido pelo acido benzoico; costuma-se mistura-los com o incenso que se queima nas igrejas.

O benjoim emprega-se como estimulante nas bronchites, asthma, atonia dos orgãos digestivos. O vapor, que resulta do benjoim lançado nas brasas, foi aproveitado nas affecções pulmonares, inflammações articulares chronicas, tumores indolentes. O benjoim entra na composição do balsamo do commendador, do balsamo catholico, dos trociscos fumantes, e de muitos perfumes. A tintura de benjoim applica-se com vantagem nas gretaduras do seio das amas.

Internamente. 50 centigrammas a 2 grammas (10 a 40 grãos) em pó ou pilulas.

Tintura (p. 122), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em poção.

Xarope (p. 131), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Externamente. *Em fricções.* Deita-se certa quantidade de benjoim sobre as brasas, e recolhe-se o vapor em um pedaço de baeta, com a qual se praticão as fricções. *Em fumigações.* Faz-se respirar o vapor ao doente, affectado de aphonia ou rouquidão, ou se dirige sobre partes do corpo atacadas de dôres rheumaticas.

Leite virginal.

Tintura de benjoim	1 part.	Agua de rosas	40 part.

Empregado como cosmetico, e em lavatorios nas sardas.

Balsamo do Commendador ou *Tintura balsamica* (Cod. fr.).

Raiz de angelica	10 gram.	Olibano	10 gram.
Summidades floridas de hypericão	20 gram.	Balsamo de Tolú	60 gram.
Alcool a 80° centes.	720 gram.	Benjoim	60 gram.
Myrrha	10 gram.	Aloes	10 gram.

Macere por oito dias no alcool a raiz de angelica e as summidades de hypericão convenientemente divididas; côe com forte espressão. Ajunte primeiro ao liquido a myrrha e o olibano; macere por oito dias, e côe com forte espressão. Ajunte finalmente o balsamo

de Tolú, o benjoim e o aloes; torne a macerar por dez dias, e filtre. — Emprega-se para curar as cortaduras.

Balsamo catholico, traumatico ou *vulnerario.*

Benjoim	90 gram.	Aloes	15 gram.
Balsamo do Perú	60 gram.	Alcool a 80° centes.	900 gram.

Macere por oito dias e côe. — Empregado nos córtes.

O *balsamo de Garbazza,* muito empregado no Brasil contra os córtes, e com grande vantagem, tem a composição quasi analoga. — Os factos recentes, que confirmárão os bons effeitos dos liquidos alcoolicos no curativo das feridas, justificão a antiga reputação do balsamo catholico e das outras preparações semelhantes.

BENZINA (Benzine, fr.). Bicarbureto ou quadricarbureto de hydrogeneo. Liquido que resulta de grande numero de reacções chimicas, mas que, ordinariamente, se obtem pela distillação do oleo de carvão de pedra. Quando é *de pureza absoluta*, é oleaginoso, limpido, incolor, de sabor assucarado, de cheiro agradavel, suave e ethereo. É pouco soluvel na agua, á qual comtudo communica o seu cheiro; é soluvel no alcool e ether. A sua densidade é 0,85 na temperatura de + 15° centigrados. É mui inflammavel. Dissolve com facilidade as resinas (gomma-laca, resina copal, resina anime, gomma-gutta), os oleos graxos e as gorduras, os oleos essenciaes, a camphora, a cera, o caoutchouc, a gutta-percha, etc. É um liquido mui venenoso; foi empregado externamente para destruir os parasitos no homem e nos animaes, para curar a sarna. Internamente, a benzina foi proposta para matar as trichinas, na dóse de 20 centigrammas (4 grãos), e progressivamente até 1 gramma (20 grãos) por dia. Respirada, produz a anesthesia como o chloroformio, mas determinando uma sensação intoleravel de ruido na cabeça.

A *benzina do commercio* não é senão oleo de carvão de pedra rectificado, isto é, uma mistura de benzina e dos outros productos da distillação do carvão de pedra; tem uma composição variavel. Imperfeitamente rectificada, tem cheiro desagradavel, e adquire côr rubra pela influencia da luz. Bem rectificada, o seu cheiro é menos forte, e o liquido conserva-se incolor. Esta benzina do commercio recebeo numerosas applicações industriaes e na economia domestica, para tirar as nodoas de gordura nos vestidos de lã, seda, etc.

BENZOATO DE AMMONIACO (Benzoate d'ammoniaque, fr.). Sal em fórma de crystaes, soluvel em agua. Aconselhado contra a gota na dóse de 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) em poção.

BENZOATO DE CAL (Benzoate de chaux, fr.). Aconselhado contra as areias, na dóse de 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) por dia, em agua ou granulos.

BENZOATO DE SODA (Benzoate de soude, fr.). Crystaes soluveis em agua, pouco soluveis no alcool. Aconselhado contra a gota e as areias. 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) por dia, em agua.

BERBERIS (Berberis ou épine-vinette, fr.). *Berberis vulgaris*, L. Berberideas. Arbusto da Flora purtugueza, cujas pequenas bagas, que são acidas, servem para fazer um xarope refrigerante e mui agradavel. As sementes entrão no diascordio. A casca da raiz do berberis contém dois principios amargos crystallizaveis, que forão propostos como febrifugos. O producto chamado *Quinoide Armand* extrahe-se d'esta casca.

BERGAMOTA (Bergamote), fr.). Fructo de uma variedade de limoeiro, *citrus limetta*, Risso. Aurantiaceas. A arvore tem os ramos

espinhosos, folhas grandes ovaes-arredondadas, sustentadas por peciolos longos e alados, os *fructos* são pequenos, arredondados, um tanto mamillosos no topo; a casca dos fructos é delgada, de um amarello dourado, lisa, cheia de um oleo essencial suave e picante, que é muito procurado pelos perfumistas; a polpa é acida, amarga e sem uso.

BETONICA (Betoine, fr.). *Betonica officinalis*, L. Labiadas. Pequena planta aromatica, habita nos prados e matos de Portugal e outras partes, tem flores purpureas. Entra na composição das *especies vulnerarias*.

BI-CARBONATO DE POTASSA, DE SODA. V. CARBONATO.

BI-CHROMATO DE POTASSA (Bi-chromate de potasse, fr.). Crystaes de côr alaranjada escura, inalteraveis ao ar, sabor amargo e metallico; soluveis em 10 partes d'agua fria, mais soluveis em agua a ferver, insoluveis no alcool. Internamente foi aconselhado contra as molestias syphiliticas; mas hoje está abandonado. Externamente usa-se como escarotico, contra as vegetações syphiliticas e para favorecer a cicatrização das ulceras, em solução, que se prepara com 4 a 8 partes de bi-chromato de potassa e 100 d'agua.

BICO DE CORVO. V. AMENDOIRANA.

BICUIBA, Bucuúba, ou **Moscadeira do Brasil.** *Myristica bicuhiba*, Schott. Myristiceas. Arvore do Brasil. Suas sementes fornecem, por espressão ou cozimento, uma materia gordurosa de consistencia de unto, chamada *oleo de bicuiba*, que se usa em fricções nas dôres rheumaticas.

BISTORTA (Bistorte, fr.). *Polygonum bistorta*, L. Polygoneas. Planta da Europa. *P. us. Raiz.* Esta raiz é da grossura de um dedo, duas ou tres vezes dobrada sobre si mesma; parda por fóra, avermelhada por dentro; sabor adstringente. — Astringente, e como tal util nos fluxos chronicos, hemorrhagias passivas dos pulmões, diarrheas, leucorrheas, etc.

Internamente. *Infusão*, 20 gram. (5 oitavas) para 1000 gram. (32 onças) d'agua.

Externamente. *Decocção*, 20 gram. (5 oitavas) para 1000 gram (32 onças) d'agua.

BOI GORDO. V. AMENDOIRANA.

BOLDO. *Boldea fragrans*, Jussieu. Monimiaceas. Arvore do Chili. A casca é muito aromatica. As folhas são coriaceas, cobertas de glandulas; mastigadas deixão na bocca um sabor fresco, aromatico; o seu parenchyma é cheio de um oleo essencial; forão aconselhadas contra a blennorrhea e nas affecções do figado; em pó, extracto, xarope, tintura e vinho.

BOLO ARMENIO. (Bol d'Arménie, fr.). Assim se chama nas boticas um barro vermelho, compacto, pesado; sua côr é devida ao oxydo de ferro. Depois de lavado, secco e pulverizado, emprega-se para a preparação de alguns pós dentifricios.

BOLSA DE PASTOR. V. MANDIOQUINHA DE CAMPO.

BORAX, Borato de soda (Borax ou borate de soude, fr. Sal crystallizado em hexaedros mais ou menos chatos, terminado por pyramides de tres faces; branco, exposto ao ar efflores superficialmente; de sabor styptico; soluvel em glycerina, e 8 partes d'agua fria, em 2 partes sómente d'agua fervendo.

Empregado principalmente como adstringente em collutorios n sapinhos, em gargarejos nas aphtas, salivações; em collyrios n conjunctivites; em injecções nas flores brancas. [Internamente

aconselhado como lithontriptico para dissolver as areias formadas pelo acido urico. Reconheceo-se-lhe ultimamente propriedades anti-septicas. A ourina normal, á qual se addiciona 1/100 de borax; não experimenta putrefacção. Resulta d'este facto que as injecções de borato de soda na bexiga, assim como a administração d'este sal no interior, são destinadas a receber applicações mais extensas do que as que se tem feito até agora. As injecções da solução de borax podem ser empregadas no catarrho da bexiga com putrefacção da ourina. O borax póde tambem ser administrado internamente no mesmo caso. Sabe-se hoje que nos sapinhos das crianças existe um vegetal parasito, uma especie de cogumelo; o borax applica-se desde muito tempo com vantagem contra esta affecção; mata as producções parasitas.

Substancias incompativeis. Os acidos, a potassa, os sulfatos, os muriatos de cal e de magnesia, etc.

Internamente. 25 centigrammas a 1 gramma (5 a 20 grãos), duas a quatro vezes por dia, em pó, pilulas, ou dissolvido em algum liquido.

Externamente. *Em gargarejos,* 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) para 360 grammas (12 onças) de liquido.

Em collyrios, 4 grammas (1 oitava) para 60 grammas (2 onças) de liquido.

Em injecções ou *lavatorios,* 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) para 360 grammas (12 onças) de liquido.

Collutorio de borax.

Borax	8 gram.	Mellite simples	30 gram.

M. Molha-se um pincel no liquido e tocão-se com elle as aphtas, tres a quatro vezes por dia.

Gargarejo adstringente (Radius).

Borax	25 gram.	Mel rosado	100 gram.
Infusão de salva	750 gram.		

M. Salivação e anginas.

Collyrio adstringente (Fricke).

Borax	4 gram.	Agua de rosas	125 gram.
Tintura de opio	2 gram.		

M. Conjunctivites chronicas.

Collyrio boratado (Desmarres).

Agua distillada	125 gram.	Borax	50 centig.
Agua de louro-cereja	5 gram.		

M. Conjunctivites chronicas.

Collyrio boratado (Dannecy).

Borax	1 gram.	Agua de louro-cereja	5 gram.
Glycerina	10 gram.	Agua distillada	84 gram.

F. S. A. Conjunctivites chronicas.

Solução de borax (Hufeland).

Borax	30 gram.	Agua de rosas	375 gram.

M. Em lavatorios contra as empigens e sardas. Humectão-se as manchas tres ou quatro vezes por dia com esta solução, tendo o cuidado de a deixar seccar no lugar em que se applica.

Lavatorio contra as sardas.

Agua de flores de laranjeira	500 gram.	Glycerina	30 gram.
		Borax	4 gram.

Dissolva e filtre.

Pomada contra as frieiras (Hufeland).

Borax	10 gram.	Unguento rosado	40 gram.

M. Em fricções todas as noites.

Linimento contra as rachas do seio (Harless).

Borax	2 gram.	Oleo de amendoas doces	15 gram.
Gema de ovo	4 gram.	Balsamo peruviano	3 gram.
Clara de ovo	4 gram.		

M. Tres ou quatro applicações por dia.

Glycereo de borax (Blache).

Borax pulverizado	2 gram.	Glycerina	6 gram.

M. Aphtas, sapinhos. Toca-los com pincel molhado n'este glycereo.

BORRACHA, Seringa, Caoutchouc ou **Gomma elastica** (Caoutchouc, fr.). Substancia solida, branca, molle, elastica e tenaz, mais leve do que a agua, proveniente do succo de diversas arvores que habitão no Brasil e nas outras partes da America meridional, ou nas Indias Orientaes; e principalmente da *Siphonia elastica,* Pers., da familia das Euphorbiaceas, que habita no Pará, onde lhe chamão *seringueira.* A borracha do commercio é anegrada, porque quando a fabricão costumão expô-la á acção do fogo. Para obtê-la, recebe-se n'um vaso o succo que corre da incisão feita nos vegetaes, e cobrem-se com elle, camada por camada, os moldes de barro de diversas fórmas, que se quebrão depois, e cujos fragmentos se tirão por uma abertura estreita, reservada para este fim. Os moldes representão garrafas, fructas, passaros, sapatos, etc. Assim preparada a borracha é assaz semelhante ao couro, de côr roxa, sem cheiro nem sabor; não se dissolve na agua, nem no alcool, mas deitada na agua a ferver incha e amollece, e depois póde dissolver-se no ether ou nos oleos volateis. Dissolve-se na benzina e no sulfureto de carbone; dissolve-se tambem na essencia de terebinthina, por meio do calor. Entra no verniz dos instrumentos de cirurgia, como sondas, bugias, pessarios, bicos de peito para as amas que tem os seios rachados, etc. A industria dos tecidos de borracha está levada hoje a um alto gráo de perfeição. A medicina emprega ás vezes utilmente estes tecidos debaixo da fórma de meias, suspensorios, simples ataduras para comprimir as veias varicosas, etc. Internamente, sob a fórma pilular, foi aconselhada contra a tisica.

Caoutchouc vulcanizado. Combinação da borracha com o enxofre, preparada com sulfureto de carbone e chlorureto de enxofre. Conserva a sua elasticidade em todas as temperaturas; é inatacavel pelos dissolventes ordinarios da borracha, e resiste á compressão. Recebeo numerosos empregos nas artes, e na fabricação dos instrumentos de cirurgia.

BORRACHA CHIMARONA. *Echium plantagineum,* S. Hil. Borragineas. Planta do Brasil (Rio Grande do Sul). Caule da altura de 1 pé a 1 pé 1/2, eriçado de pellos; folhas *radicaes* pecioladas, ovaes ou oblongas; folhas *caulinas* alternas, sesseis, lineares, e diminuindo gradualmente de tamanho; flores azues purpureas, reunidas no apice dos talos em um racimo composto ou panicula recta. As folhas são emollientes; sua infusão emprega-se em bebida e banhos. 4 grammas (1 oitava) para 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

BORRAGEM (Bourrache, fr.). *Borago officinalis,* L. Borragineas. Planta que habita no Brasil e em Portugal, perto das casas. Fig. 144. Caule coberto de pellos; folhas mui grandes, ovaes, hir-

sutas com pellos rudes; flores azues arroxeadas, raras vezes roseas ou brancas. *P. us. Folhas e flores.* Emolliente, sudorifico e diuretico. Contém nitro e muita mucilagem.

Internamente. *Infusão :* Folhas de borragem 10 grammas (2 1/2 oitavas), agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por meia hora, e côe.

BRAÇO DE PREGUIÇA. V. VELAME DO MATTO.

BROMHYDRATO DE QUININA. (Bromhydrate de quinine, fr.). Sal que resulta da dupla decomposição de bromureto de potassio e sulfato de quinina. Apresenta-se debaixo da fórma de crystaes branco-amarellados, mui soluveis em agua. É aconselhado nas febres intermittentes, nevralgias, no rheumatismo articular. Dóse : 30 centigrammas a 1 gramma (6 a 20 grãos).



Fig. 144. — Borragem.

BROMO (Brome, fr.). Corpo simples achado nas aguas-mães das salinas, nas esponjas, é nas plantas marinhas. É liquido, de côr vermelha escura, cheiro desagradavel, sabor acre; um pouco soluvel na agua, mui soluvel no alcool e sobretudo no ether; espalha no ar vapores rutilantes; é muito volatil e caustico. Deve ser conservado em frasco de vidro com rolha esmerilhada, em lugar fresco, e afastado de todos os corpos que seu vapor poderia alterar.

O bromo e os seus compostos são mui venenosos. Estes medicamentos forão indicados contra o crup, angina membranosa e sapinhos, mas são pouco empregados. O bromo é aconselhado como desinfectante nas enfermarias : collocão-se para este fim pratos cheios d'agua em que se deitão 3 ou 4 gottas de bromo, que se diffundem na atmosphera. Alguns compostos de bromo são empregados na photographia. O bromo volatiliza-se rapidamente, enche a atmosphera, e custa muito a fazer desapparecer o seu cheiro, mesmo renovando o ar. O chloroformio neutraliza quasi completamente o cheiro do bromo; basta abrir um frasco de chloroformio n'um quarto cheio de vapores do bromo para que o cheiro desappareça n'um instante : n'este caso, os vapores do chloroformio vão unir-se aos do bromo, para formarem um composto de cheiro muito menos forte.

Internamente. 2 a 24 gottas por dia, em 90 grammas (3 onças) d'agua distillada.

Agua bromada.

Bromo	10 centig.	Agua distillada	100 gram.
Bromureto de potassio	10 centig.		

Poção bromada (Ozanam).

Agua bromada	50 centig.	Poção gommosa	150 gram.

M. e conserve no escuro. Uma colher *de sopa* de hora em hora, no garrotilho e nos sapinhos das crianças.

BROMURETO DE AMMONIO (Bromure d'ammonium, fr.). É branco, crystallizavel em prismas quadrilateraes, volatil, soluvel em agua, alcool e ether. — Foi empregado com vantagem na Inglaterra contra a coqueluche e epilepsia, em solução aquosa. *Dóse :* 10 a 50 centigrammas (2 a 10 grãos) tres vezes por dia.

BROMURETO DE CAMPHORA (Bromure de camphre, fr.). Aquecendo a camphora juntamente com o bromo até á temperatura de 100° em tubos fechados, obtem-se um producto, que foi chamado *bromureto de camphora* ou *camphora monobromada*. É solido, crystallizado em prismas brancos, duros e quebradiços; de cheiro de camphora e de terebinthina; de sabor amargo; insoluvel na agua; soluvel no alcool, ether, chloroformio, nos oleos fixos e volateis; alteravel ao ar. — Resulta das experiencias feitas pelo Dr. Bourneville sobre os animaes (gatos e coelhos), que o bromureto de camphora abaixa a temperatura e possue propriedades hypnoticas incontestaveis. É aconselhado nc delirio tremente, nas convulsões das crianças, no hysterismo, na insomnia, epilepsia, chorea, e nas nevroses em geral. Os ensaios therapeuticos concordão com as experiencias physiologicas, e parecem annunciar que o bromureto de camphora póde ser util nas molestias nervosas.

Internamente. 20 centigrammas a 1 gramma (4 a 20 grãos) por dia. Até agora foi só administrado sob a fórma de grageas ou de capsulas do Dr. Clin. As grageas contém cada uma 10 centigram. (2 grãos) e as capsulas 20 centigrammas (4 grãos) de bromureto de camphora. Apresentão a vantagem de conservar indefinidamente este medicamento.

BROMURETO DE FERRO (Bromure de fer, fr.). Sal avermelhado, mui soluvel, deliquescente, de sabor styptico. Aconselhado nas escrophulas e hypertrophia do coração. Pouco usado.

Internamente. 5 a 20 centigrammas (1 a 4 grãos) dissolvido em agua distillada.

BROMURETO DE MERCURIO (DEUTO-) (Deuto-bromure de mercure, fr.). Sal crystallizado em agulhas, mui volatil e venenoso. — Aconselhado nas affecções syphiliticas inveteradas. Porém é pouco usado.

Internamente. 1 a 2 centigrammas (1/5 a 2/5 de grão) por dia.

BROMURETO DE POTASSIO (Bromure de potassium, fr.). Sal crystallizado em cubos brancos, de sabor acre, amargo e desagradavel; mui soluvel em agua, pouco soluvel no alcool. — Exerce uma acção sedativa e hyposthenisante sobre toda a economia; torna mais lenta a circulação, diminue o calor e a sensibilidade; na dóse elevada, determina enfraquecimento geral, languidez da intelligencia, perda da memoria, vertigens, somnolencia e abate as forças genitaes. O contacto da solução de bromureto de potassio com o ceo da bocca e véo do paladar torna esta região insensivel; póde-se então tocar o fundo da garganta sem produzir nauseas nem vomitos. Póde-se utilizar esta propriedade na laryngoscopia e na applicação das chapas guarnecidas de dentes postiços. Emprega-se em muitas

affecções nervosas, sobretudo na epilepsia. Existem factos de cura d'esta ultima molestia pelo uso interno, continuado por muito tempo, de bromureto de potassio na dóse de 6 a 10 grammas por dia, ao adulto. Os outros estados morbidos, nos quaes forão utilizados os seus effeitos sedantes sobre o systema nervoso, são : a insomnia, o tetano, a eclampsia, a chorea, a asthma, a incontinencia de ourina, os vomitos das mulheres gravidas, as erecções que incommodão durante a blennorrhagia.

Internamente. 1, 4 até 10 grammas (20 grãos, 1 oitava até oitava e 1/2) por dia, dissolvido em agua commum, agua com assucar, xarope de cascas de laranja, ou agua de hortelã.

Poção com bromureto de potassio.

Bromureto de potassio	2 gram.	Xarope de flor de laranjeira	30 gram.
Agua	120 gram.		

Para tomar uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas, na insomnia, chorea, asthma, eclampsia, tetano, etc.

Poção contra a epilepsia (Voisin).

Bromureto de potassio	20 gram.	Agua commum	480 gram.

Tomar uma colher *de sopa* de manhã, e outro tanto á noite. Immediatamente depois beber um pouco d'agua com assucar ou com vinho. Augmentar a dóse de uma colher cada cinco dias, até tomar 5 colheres de manhã e 5 colheres á noite. Contiuuar o medicamento durante muito tempo.

Externamente :

Pomada de bromureto de potassio (Magendie).

Bromureto de potassio	2 gram.	Banha	30 gram.

Em fricções nas nevralgias.

Glycereo de bromureto de potassio (Ferrand).

Bromureto de potassio	4 gram.	Glycerina	20 gram.

Molhar um panno n'este liquido, e applicar sobre o lugar doloroso.

BROMURETO DE SODIO (Bromure de sodium, fr.). Sal sem côr, crystallizavel em cubos, deliquescente, menos amargo do que o bromureto de potassio. Aconselhado contra a chorea, epilepsia, hysterismo; mas pouco empregado.

Internamente. 4 grammas (1 oitava) por dia.

BRUCINA (Brucine, fr.). Alcali vegetal, descoberto na noz vomica e angustura falsa. É solida, branca, crystallizada em prismas ou em pequenas folhas, inodora e de sabor mui amargo, pouco soluvel em agua, mui soluvel em alcool. Exerce uma acção sobre o systema nervoso como a strychnina, mas menos energica; é mui venenosa; foi comtudo aconselhada nas paralysias; internamente na dóse de 1 a 5 centigrammas (1/5 de grão a 1 grão); porém é pouco usada.

BRUCO DO ALEMTEJO ou **Pyrethro da beira.** *Laserpitium peucedanoides,* L. Planta da Flora portugueza. A raiz é diuretica; usa-se em cozimento : 15 grammas (1/2 onça) para 1000 grammas (32 onças) d'agua.

BRYONIA ou **Norça branca** (Bryone, fr.). *Bryonia dioica,* Jacquin. Cucurbitaceas. Planta trepante, da Flora portugueza. A raiz é um purgante drastico. Para os usos medicos, corta-se em rodellas, e põe-se a seccar. Emprega-se na hydropisia, paralysia, hysterismo; e algumas febres, porque goza de propriedades antipyreticas.

Internamente. 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) em pó. *Succo espresso*, 16 a 20 grammas (4 a 5 oitavas).

Externamente :

Pomada de bryonia.

Raiz de bryonia em pó 4 gram. | Banha 30 gram.

M. Como resolvente.

BUCHA DOS CAÇADORES. V. Cabacinho.

BUCHA DOS PAULISTAS (Minas), **Purga de João Paes** (S. Paulo). *Momordica operculata*, L. Cucurbitaceas. Planta trepadeira que habita espontaneamente no Brasil, principalmente nas provincias de S. Paulo e Minas. Seu fructo é drastico.

Internamente. *Infusão*, 8 grammas (2 oitavas) para 180 gram. (6 onças) d'agua fervendo. Esta infusão toma-se ás colheres, uma colher *de sopa* de hora em hora, até effeito purgativo.

Extracto, 15 a 40 centigrammas (3 a 8 grãos) em pilulas.

BUCHINHA. *Luffa purgans*, Mart. Cucurbitaceas. Planta do Brasil. Seu fructo é purgativo, na mesma dóse que o da planta precedente.

BUCHU (Buchu, fr.). *Diosma crenata*, L. Rutaceas. Fig. 145. Arbusto que habita no cabo da Boa Esperança. Caule de 60 a



Fig. 145. — Buchu.

100 centimetros de alto; folhas alternas de peciolo curto, do comprimento de 25 millimetros, ovaes-oblongas, finamente crenuladas, glabras, rigidas, de um verde escuro por cima, mais pallidas po

baixo, com algumas nervuras pouco apparentes. Estas folhas são cobertas de glandulas transparentes, independentemente de uma margem estreita transparente á roda; flores azuladas; fructo, capsula pentacoca, de cocas algum tanto comprimidas; cheiro analogo ao da hortelã, sabor acre e aromatico. *P. us. Folhas.* São tonicas, estimulantes, diureticas e diaphoreticas. Exercem uma influencia sedativa sobre os orgãos urinarios; são aconselhadas nas areias, e nas molestias da bexiga.

Internamente. *Infusão,* 30 grammas (1 onça, para 500 gram. (16 onças) d agua fervendo. Infunda por 2 horas, e côe.—30 a 60 gram. (1 a 2 onças) por dia.

Tintura (Buchu, 1 p.; alcool, 5 p.), 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas) por dia.

Xarope (p. 132). 3 a 4 colheres *de sopa* por dia.

Agua distillada de buchu (p. 64). A agua distillada é bastante energica; emprega-se em poção.

Elixir de buchu. (Folhas de buchu, 100 grammas; aguardente a 60° cent. 300 grammas. Macere por oito dias, côe e ajunte a frio : assucar, 100 grammas; dissolva e filtre.) D. Um pequeno calix todas as manhãs, nas prostatites e urethrites.

Prepara-se tambem o *extracto* de buchu, que se administra em pilulas. O *pó* altera-se rapidamente.

BUGULA (Bugle, fr.). *Ajuga reptans,* L. Labiadas. Pequena planta levemente aromatica, com flores azues; habita nos prados de Portugal, e outras partes. Entra na composição das *especies vulnerarias.*

BURANHEM. V. MONESIA.

BÚTUA. V. ABUTUA.

BUXO (Buis, fr.). *Buxus sempervirens.* L. Euphorbiaceas. Arbusto sempre verde, que habita em Portugal e outras partes, e que varía singularmente de tamanho, segundo os climas e a cultura; termo médio tem 4 a 5 metros de altura, mas póde reduzir-se ao estado anão, para servir de bordadura aos taboleiros dos jardins; tem folhas oppostas, ovadas, lisas. Emprega-se o lenho, a raiz, a casca da raiz e as folhas, no rheumatismo, na syphilis constitucional e na febre intermittente. Administra-se debaixo da fórma de decocto (1 parte de buxo e 20 d'agua). A casca é a parte preferida; é muito amarga. Substitue ás vezes o lupulo na fabricação da cerveja.

CAA-ATAYA, Herva ferro, Mata-canna (Bahia), **Orelha de rato** (Pará e Matto-Grosso), **Purga de João Paes**. *Vandellia diffusa,* L. Scrophularineas. Planta do Brasil, Caule quadrangular; folhas ovaes, crenadas; pedunculos axillares de uma só flor. Toda a planta é amarga, um pouco acre, mucilaginosa. Goza de propriedades purgativas na dóse de 4 gram. (1 oitava) e mais.

CAÁMEMBÉCA. *Polygala paraensis,* Castro. Polygaleas. Planta do Brasil (Pará). Caule herbaceo de 3 a 5 pés de altura; folhas alternas, ponteagudas, de côr verde escura por cima e arroxeada por baixo; flores dispostas em espiga; fructo, capsula comprimida. *P. us. Toda a planta,* especialmente *as folhas.* Refrigerante.

Usa-se no Pará contra as hemorrhoidas, interna e externamente. O cozimento, em bebida, prepara-se com 30 grammas (1 onça) de folhas e 720 grammas (24 onças) d'agua. Em clyster, succo espresso 60 grammas (2 onças)com uma clara de ovo. O cozimento tambem se usa em banhos. (Dr. Castro, do Pará.)

CAAOPIÁ, Páo de lacre, *Vismia guianensis*, Pers. Hypericineas. Arbusto do Brasil. Folhas ovaes oblongas, pontudas, brancas tomentosas por baixo; flores em racimos terminaes. Por meio de incisões feitas no tronco, obtem-se um succo gommo-resinoso, que, coagulado, é de côr amarella alaranjada. Esta gomma-resina, chamada *gomma lacre*, é drastica na dóse de 15 a 20 centigrammas (3 a 4 grãos). A *Vismia micrantha* e *Vismia laccifera*, Mart., contém tambem um succo, com as mesmas propriedades purgativas.

CAAPEBA. V. CIPÓ DE COBRA e PERIPAROBA.

CAAPIÁ, Cayapiá, Carapiá. V. CONTRAHERVA.

CABACINHO ou **Bucha dos caçadores** em (Pernambuco), *Momordica bucha*, Joaquim Teixeira Duarte S. Paio. Cucurbitaceas. Planta que habita no Brasil, e principalmente nos suburbios do Recife, e em toda a provincia do Ceará. Raiz ramosa, fibrosa, caule herbaceo prostrado e fistuloso, comprimento variavel; grossura de uma penna; folhas cordiformes, guarnecidas com asperos pellos; flores pequenas de côr amarella; fructo ovado ou oblongo, secco, envolvido em uma só peça ou carpella, formada pelo tubo perpendicular, que na madureza passa do verde ao amarellado escuro, guarnecida de grossos espinhos : é esta parte que constitue o epicarpo. O mesocarpo immediato a este é composto de um tecido fibroso, retiforme, que se estende até ao interior, onde termina por uma camada mais compacta (endocarpo), que forma as paredes de tres cavidades multiloculares, contendo cada uma no seu centro um trophosperma, e sendo o centro dos tres trophospermas occupado pelas sementes. *P. us. Fructo.*

O fructo de cabacinho é aconselhado na hydropisia. As applicações que o vulgo faz d'esta planta são em fórma de clysteres, fazendo um macerato de um quarto do fructo em agua por espaço de doze horas, coando ao depois, batendo com um rodizio até formar espuma, separando esta, e repetindo a mesma operação por mais duas vezes : esta dóse é para um adulto. — Para beber preparão um licor com quatro fructos privados de sementes, e mettidos em uma garrafa de aguardente de 21°, põem em digestão por espaço de 24 a 48 horas, e depois obrigão o doente a fazer uso na dóse de 90 a 120 grammas (3 a 4 onças) por dia. O clyster actua como violento drastico, cujo effeito é acompanhado de muitas dôres; o licor occasiona as mesmas dôres, com vomitos e dejecções alvinas. É um medicamento que exige muita cautela.

O Sr. Joaquim Teixeira Duarte S. Paio extrahio da fructa da bucha uma substancia crystallizavel á qual chamou *buchanina*, e que foi aconselhada na hydropisia na dóse de 3 a 4 milligrammas (1/16 a 1/12 de grão) por dia em pilulas ou poção. Provoca vomitos e evacuações alvinas. Administra-se tambem em clyster na mesma dóse.

CABEÇAS DE DORMIDEIRAS. V. DORMIDEIRA.

CACÁO. (Cacao, fr.). Semente do cacaoeiro, *Theobroma cacao*, L., arvore da familia das Malvaceas byttnereaceas, de que existem muitas especies, que habitão no Mexico, Brasil, Antilhas, e que differem pela fórma e volume de seus fructos. A especie representada na fig. 146 tem o fructo ovoide-alongado, marcado com cinco a dez bandas longitudinaes, lisas, amarello ou vermelho. Os fructos contém uma polpa branca, acidula, no centro da qual se achão as sementes; é *o cacáo*. Cada fructo contém de 40 a 60 sementes ovoides, comprimidas, mais ou menos semelhantes a grossas favas

lisas, de côr roxa, carnosas; a amendoa é lisa, avermelhada por dentro, com tecido oleaginoso.

As amendoas do cacáo servem para a preparação do chocolate, entrão nas composições analepticas, como são *Racahout, Palamud, Theobroma* (V. *Fecula*); extrahe-se d'ellas um oleo concreto, chamado *manteiga de cacáo*, que é solido, de côr amarellada, cheiro e sabor agradaveis; difficilmente se torna rancida. A manteiga de cacáo é emolliente, e emprega-se internamente nas bronchites, e externamente para curar as rachas dos beiços e dos bicos dos peitos.



Fig. 146. — Cacaoeiro.

Creme peitoral de Tronchin.

Manteiga de cacáo	60 gram.	Xarope de capillé	30 gram.
Xarope de Tolú	30 gram.	Assucar	15 gram.

Derreta a manteiga de cacáo; ajunte, triturando, os xaropes e o assucar. D. Uma colher *de sopa*, 3 vezes por dia.

Chocolate (*Chocolate de saude*) (Cod. fr.).

Cacáo Caracas	3000 gram.	Assucar em pó	5000 gram.
Cacáo Maranhão	3000 gram.	Canella em pó	30 gram.

Limpe o cacáo á mão, para separar todas as substancias estranhas

e todas as sementes alteradas. Torre-o lentamente a fogo brando, até que os envoltorios possão tirar-se facilmente pela fricção; quebre-o, depois, em fragmentos; deite-o n'um crivo largo de arame de ferro, afim de lhe separar, agitando-o e esfregando-o bem, os germens e pelliculas; e, depois, passe-o todo á mão n'um taboleiro, para o mondar das partes alteradas e dos germens. Feita esta primeira operação, deite-o em almofariz de ferro, previamente aquecido, e pise-o até que se forme uma pasta molle. Ajunte os quatro quintos do assucar, e continue a pisar para ter uma mistura uniforme. Moa então a pasta, successivamente e por pequenas porções, sobre a pedra de porphyro propria, que se mantem aquecida, e incorpore o pó de canella misturado com o resto do assucar, trabalhando bem a mistura, até que apresente uma pasta homogenea. N'este estado divida a pasta em porções de 125 ou 250 grammas, e deite cada porção em moldes de lata, batendo-os bem, para a pasta se unir; e, depois de fria e enxuta, envolva os chamados páos em folhas de estanho.

Chocolate de baunilha (Cod. fr.).

Chocolate sem canella	1000 gram.	Pó de baunilha e assucar	40 gram.

Amolleça o chocolate em almofariz de ferro aquecido; ajunte o pó de baunilha com assucar; misture exactamente; e distribua a pasta em moldes, como foi dito precedentemente.

Chocolate de musgo islandico (Cod. fr.).

Chocolate	1000 gram.	Saccaharur. de musgo	100 gram.

Amolleça o chocolate em almofariz de ferro aquecido; incorpore exactamente o saccharureto de musgo, e deite a pasta em moldes.

Chocolate de salepo (Cod. fr.).

Chocolate	1000 gram.	Salepo em pó	30 gram.

Amolleça o chocolate em almofariz de ferro aquecido; incorpore exactamente o salepo pulverizado, e deite a pasta em moldes.

Fazem-se da mesma fórma os chocolates de *araruta, tapioca, sagú,* e de outras feculas.

Externamente :

Ceroto de cacáo (Van Mons).

Manteiga de cacáo	10 gram.	Oleo de amendoas doces	40 gram.
Cera branca	10 gram.	Essencia de rosas	4 gottas

F. S. A. Para curar as rachas dos beiços.

CACULUCAGE. V. QUITÓCO.

CAFÉ. (Café, fr.). Sementes do cafeeiro, *Coffea arabica*, L., arbusto originario da Arabia, cultivado no Brasil e em outros paizes entretropicos. Rubiaceas-coffeaceas. Fig. 147. Sementes duras, ovaes, convexas de um lado, planas do outro, e marcadas de um sulco longitudinal, de côr parda, de sabor amargo e aromatico. A torrefacção desenvolve no café um oleo pyrogeneo, que lhe dá o sabor e o cheiro que são bem conhecidos, e que o fazem procurar por todos os povos.

A infusão de café torrado é um excitante muito agradavel que facilita a digestão. Como remedio é aconselhada na asthma, enxaqueca, coqueluche, catarrhos chronicos, gota, areias, amenorrhea, para combater os effeitos do envenenamento pelo opio e pelos outros narcoticos, e para facilitar a reducção da hernia estrangulada. N'este ultimo caso, toma-se uma chicara de infusão de café torrado, de quarto em quarto de hora. Ha exemplos, em que a hernia estrangulada se reduzio espontaneamente com a sexta chicara. A reducção é

devida ás contracções intestinaes produzidas pelo café. A infusão de café torrado, ou a decocção de café não torrado, administra-se com vantagem contra as febres intermittentes.

Internamente. *Infusão :* Café torrado 30 gram. (1 onça) para 250 gram. (8 onças) d'agua fervendo.

Xarope de café. V. p. 132.

Café verde, isto é, não torrado:

Pó, 1 gramma (20 grãos) tres vezes por dia, durante a apyrexia.

Decocção, 30 gram. (1 onça) para ter 360 gram. (12 onças) de decocto. Uma chicara de 2 em 2 horas, durante a apyrexia.

Poção febrifuga (Pouqueville).

Café torrado	30 gram.
Agua fervendo	125 gram.

Ponha de infusão, côe e ajunte :

Sumo de limão	30 gram.

Toma-se quente em jejum antes do accesso da febre. É um remedio vulgar contra as sezões na Grecia.



Fig. 147. — Cafeeiro.

CAFEINA (Caféine, fr.). Um dos principios immediatos e mais importantes do café. É branca, inodora, com sabor levemente amargo, crystalliza em fios sedosos, compridos; é soluvel em 98 partes d'agua, em 97 de alcool. Obtem-se tratando por agua fervendo, e repetidas vezes o café reduzido a pó, deitando acetato de chumbo nos liquidos reunidos, filtrando-os depois, fazendo passar uma corrente de gaz sulfhydrico para decompôr o excesso do acetato, tornando a filtra-los e concentrando-os pela evaporação.

A cafeina crystalliza pelo esfriamento : purifica-se fazendo-lhe experimentar uma nova crystallização. — A cafeina existe tambem no chá da India, na herva de mate e no guaraná. Foi proposta contra a enxaqueca e outras nevralgias na dóse de 5 a 50 centigrammas até 1 gramma (1, 10 a 20 grãos). Foi proposto no mesmo tempo o citrato, o lactato e o malato de cafeina.

CITRATO DE CAFEINA. Obtem-se este sal pela saturação directa. Crystalliza em longas agulhas brancas, lustrosas, mui soluveis em agua. Aconselhado contra a enxaqueca, na dóse de 5 a 30 centigrammas (1 a 6 grãos) em pó, pilulas ou solução.

Pilulas de citrato de cafeina.

Citrato de cafeina	1 centig.	Extracto de alcaçuz	5 centig.

F. 1 pilula. D. 1 de hora em hora, na enxaqueca.

Xarope de citrato de cafeina.

Citrato de cafeina	60 centig.	Xarope de assucar	60 gram.

Dissolva. Uma colher *de chá,* de duas em duas horas.

CAFERANA, Jacaré-arú, Jacuruarú, Quassia do Pará. *Tachia guianensis,* Aubl. Gencianeas. Arbusto do Brasil (Amazonas). Arbusto de 2 metros de altura, ramos quadrangulares,

oppostos em cruz, folhas oppostas, oblongas, acuminadas, attenuadas na base; flores amarellas; raiz lenhosa, coberta com uma casca delgada e branca, semelhante no exterior á quassia; o lenho é tenro, esbranquiçado e radiado, de sabor muito amargo. *P. us. Raiz e lenho.* Emprega-se como tonico e anti-febril.

Internamente. *Pó*, 1 gramma (20 grãos).

Infusão, 4 grammas (1 oitava) para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

Tintura, 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).

CAINCA; Cainana, Cruzeirinha, Raiz preta, Fedorenta, Dambre, Raiz de frade, Cipó cruz (Cainca, fr.). *Chiococca anguifuga*, Martius. Rubiaceas-coffeaceas. Arbusto que habita no Brasil. *P. us. Raiz.* O arbusto tem 3 a 6 pés de altura; folhas oppostas, ovaes, de um verde claro; flores amarellas; fructo, baga drupacea didyma, contendo duas sementes. Raiz ramosa, roxa; os ramos tem 2 a 3 pés de comprimento, da grossura de uma penna, ou mais delgados; é estriada longitudinalmente; compõe-se de uma parte cortical mui delgada, amarga, acre, um pouco adstringente, que é a unica activa, e de um eixo lenhoso que não goza de propriedade alguma.— *P. us. Casca da raiz.* A casca da raiz de cainca é diuretica e purgativa; emprega-se nas hydropisias em dóse pequena (25 centigrammas) tres a quatro vezes por dia. Em dóse elevada promove vomitos repetidos. Contém o *acido caincico*, que é considerado como o principio activo da raiz. Este acido é branco, crystallizado em agulhas delgadas, de sabor amargo, pouco soluvel em agua, mas mui soluvel no ether e alcool.

Internamente. Casca da raiz. *Pó*, 25 centigrammas (5 grãos) tres a quatro vezes por dia, em substancia ou pilulas.

Decocção, 8 grammas (2 oitavas) para 360 grammas (12 onças) d'agua.

Extracto (p. 91), 25 a 50 centigrammas (5 a 10 grãos) em pilulas.

Tintura (p. 122), 20 a 60 gottas em poção.

Acido caincico, 20 a 30 centigrammas (4 a 12 grãos).

Pilulas de cainca.

Extracto de cainca	10 centig.	Alcaçuz em pó	q. s.

F. 1 pilula. D. 2 a 5 por dia.

CAJAEIRO ou Cajazeiro. *Spondias lutea*, L. Terebinthaceas. Arvore do Brasil. Produz fructos ovaes, revestidos de uma pelle de côr amarella purpurea, e formados, no interior, de uma polpa cheirosa, algum tanto acida e assucarada, contendo um grande caroço fibro-lenhoso. Preparão-se com estes fructos sorvetes e limonadas refrigerantes.

CAJUEIRO (Acajou, fr.) *Anacardium occidentale.* L. Terebinthaceas anacardeas. Arvore commum no Brasil. Fig. 148. O fructo é uma noz reniforme (vulgo castanha), sustida e situada no vertice de um receptaculo carnoso, que é oval, de côr amarella ou avermelhada, cheio de succo adstringente. Este receptaculo, que não é outra cousa senão o desenvolvimento do pedunculo floral, serve para preparar as limonadas refrigerantes; é tomado vulgarmente por fructo (caju), o que é um erro. O fructo, vulgo *castanha* (*noix d'acajou*, em francez), é composto de um pericarpo em forma de rim, liso e cinzento, que, sob um primeiro envoltorio coriaceo, apresenta alveolos cheios de succo oleoginoso, viscoso, roxo-anegrado, acre e caustico; estes alveolos são limitados interiormente pela segunda membrana coriacea, semelhante á primeira, que contém uma amendoa reni-

forme, de dois lobos, branca, oleoginosa, adocicada, de gosto agradavel, e comestivel. Esta amendoa é coberta immediatamente por uma pellicula avermelhada. O succo oleoginoso contido entre os dois envoltorios, que é mui caustico, como deixei dito, usa-se, em



Fig. 148. — Cajueiro e cajú.

applicações externas, contra o lupo, acne, e outras molestias cutaneas. — Por meio de incisões feitas na arvore, obtem-se uma gomma-resina que se emprega nas artes. A casca do tronco do cajueiro é adstringente, e usa-se em banhos nas inchações das pernas.

CAL. Oxydo de calcio (Chaux, ou oxyde de calcium, fr.). Massas irregulares, de côr branca parda quando a cal é anhydra, isto é, privada d'agua (*cal virgem*); pós ou fragmentos friaveis e pulverulentos, brancos, quando é hydratada (*cal extincta*), de sabor acre e caustico. — Pura é caustica; dissolvida em agua, adstringente. Emprega-se internamente nas diarrheas e leucorrheas chronicas, dyspepsias, diabetes e affecções verminosas; foi preconizada tambem nas molestias calculosas, mas para ser util n'estas circumstancias, é preciso que as pedras sejão formadas de acido urico, pois que

póde augmentar a molestia no caso contrario. Externamente é util no tratamento da sarna, tinha, queimadura, e para limpar as ulceras sordidas.

Substancias incompativeis. Os acidos, os carbonatos, as infusões de quina, rhuibarbo, etc.

Internamente. *Agua de cal* ou *Leite de cal* (Agua saturada de cal). 30 a 120 grammas (1 a 4 onças) em infusão de linhaça ou em qualquer liquido mucilaginoso. Pura, 180 grammas (6 onças) em clyster para matar as ascaridas. 1 onça contém 4/9 de grão de cal, pouco mais ou menos.

Eis-aqui como se prepara (Cod. fr.): Colloque q. s. de cal viva em capsula de gres; deite-lhe agua distillada pouco a pouco; a massa torna-se quente, e desenvolve abundantes vapores aquosos, e depois transforma-se em pós brancos, que constituem a *cal extincta* ou *cal hydratada.* Deite n'uma garafa uma parte d'estes pós; vascoleje-os com 30 ou 40 vezes o seu peso d'agua distillada para lhes tirar a potassa que podem conter. Deixe formar deposito; côe; deite fóra o liquido; depois lance sobre os pós que ficão 100 vezes o seu peso d'agua. Deixe em contacto durante algumas horas, tendo o cuidado de mexer de vez em quando. Deixe depôr de novo, e côe. Este liquido é a agua de cal: absorve rapidamente o gaz acido carbonico: por isso deve ser conservado em frascos bem tapados, e para maior segurança deixa-se no frasco um excesso de cal não dissolvida. Filtra-se no momento em que se emprega, para separar um excesso de cal não dissolvida no frasco. Contém, por litro, 1 gram. e 285 milligrammas de cal extincta em dissolução.

Externamente. Agua de cal, em lavatorios, gargarejos, injecções.

Linimento calcareo ou *Sabão calcareo* (Cod. fr.).

Oleo de amendoas doces	10 gram.	Agua de cal	90 gram.

Agite vivamente os dois liquidos, e deite a mistura n'um funil, cujo canudo tapará. Deixe em repouso por um minuto; escorra a agua accumulada na parte inferior, e receba n'um frasco de bocca larga a massa que ficar no fim, e que é a unica que deve ser empregada. — Em fricções contra os dartros, ou para curar as queimaduras. Estas curão-se com o linimento do modo seguinte: applica-se sobre a queimadura um panno fenestrado coberto com o linimento, e por cima do panno põe-se algodão cardado.

Pomada dos irmãos Mahon.

Cal extincta	10 gram.	Unto	80 gram.
Soda do commercio	15 gram.		

M. Em fricções contra a tinha.

Pós dos irmãos Mahon.

Cinza de lenha	100 gram.	Carvão porphyrizado	50 gram.

M. Tinha. Polvilha-se todos os dias a cabeça, depois de previamente untada com a pomada precedente.

CALAMINA (Calamine, fr.). Carbonato de zinco natural, impuro, calcinado e pulverizado; contém ferro, cobre e materias terreas. Calcinada e pulverizada tem o nome de *calamina preparada.* A sua côr varía; as mais das vezes é de um cinzento amarellado. Applica-se em pó, como adstringente e siccativo nas excoriações, no intertrigo, nas affecções das palpebras, e empigens.

Ceroto calaminar (Gibert).

Calamina	1 gram.	Ceroto amarello	20 gram.

Dartros escamosos humidos.

CALAMINTHA ou **Neveda maior** (Calament, fr.). *Melissa calamintha*, L. Labiadas. Planta aromatica, cultivada nos jardins. Cheiro fragrante, semelhante ao da hortelã; sabor calefaciente. Usa-se toda a planta florida em infusão theiforme como sudorifico e estomachico.

CALAMO AROMATICO (Acore vrai, fr.). *Acorus calamus*, L. Aroideas. Planta que habita nos lugares humidos da Europa e das Indias. *P. us. Tronco subterraneo* ou *rhizoma*. É da grossura de um dedo, achatado e articulado; cheiro aromatico, sabor amargo.

Excitante, tonico, estomachico, anticatarrhal.

Internamente. *Pó*, 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava).

Infusão, 20 grammas (5 oitavas) para 1000 grammas (32 onças) d'agua.

CALÇÃO DE VELHO. V. BARBASCO.

CALDO. V. CARNE.

CALOMELANOS ou *Protochlorureto de mercurio*. V. MERCURIO.

CALUMBA (Colombo, fr.). *Cocculus palmatus*, D. C. Menispermeas. Arbusto que habita na Africa oriental. *P. us. Raiz*. Vem em rodellas circulares ou ovaes de 4 a 5 linhas de grossura, e de 18 a 24 de diametro; epiderme roxa; amarelladas no interior; cheiro nullo; sabor amargo. — Tonico e estomachico; empregado na diarrhea chronica, dyspepsia, vomitos espasmodicos, gastralgia e escrophulas.

Internamente. *Pó*, (p. 110), 1 gramma (20 grãos) duas ou tres vezes por dia.

Infusão ou *maceração*, 4 grammas (1 oitava) para 360 grammas (12 onças) d'agua. A infusão é mais activa do que a decocção, por causa dos principios amylaceos que se dissolvem n'esta e a enfraquecem.

Tintura (p. 122), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).

Extracto (p. 92), 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos).

Pós estomachicos.

Raiz de calumba	50 centig.	Rhuibarbo	15 centig.

F. 1 papel. D. 2 papeis por dia.

CALUNGA. *Simaba ferruginea*, S. Hil. Rutaceas. Planta do Brasil (Minas, Bahia, Pernambuco). A casca do tronco e da raiz é amarga; seu cozimento é usado contra a dyspepsia e as febres intermittentes. 4 grammas (1 oitava) para 180 grammas (6 onças) d'agua. Este cozimento emprega-se tambem em clysteres contra o relaxamento do recto.

CAMAPÚ ou **Juá póca**. *Physalis angulata*, L. Solaneas. Planta do Brasil. Caule de 5 a 6 decimetros, erecto, ramificado, glabro, fistuloso, esquinado em quatro ou cinco faces; folhas pecioladas, ovadas, agudas, denteadas ou anguladas, glabras; corolla amarella-pallida; sabor amargo. Tonico; contém um principio narcotico pouco activo. O succo da planta é empregado nas dôres de ouvido, instillando-o no conducto auditivo. O cozimento, feito com o caule, folhas, raiz e fructos, é aconselhado nos rheumatismos e molestias do figado. D. 8 grammas (2 oitavas) por 500 grammas (16 onças) d'agua.

CAMARÁ ou **Cambará**. Com estes nomes designão-se no Brasil algumas plantas do genero *Lantana* (Verbenaceas), taes como a *L. camara*, *aculeata*, *involucrata*, *brasiliensis*, que possuem folhas e flores aromaticas, e se empregão em banhos contra os rheumatismos.

CAMGABÁ V. MANACÁ.

CAMOMILLA ROMANA (Camomille romaine, fr.). *Anthemis nobilis*, L. Synanthereas-senecioides. Planta da Europa, cultivada no Brasil. Fig. 149. Caule de 3 a 10 pollegadas, rasteiro



Fig. 149. — Camomilla romana.

ramoso; extremidades dos ramos levantadas, unifloras; folhas irregularmente bipinnadas; flores radiadas; os meios florões da circumferencia brancos; os do centro amarellos, mas pela cultura mudão-se em brancos, d'onde vem a côr totalmente branca da flor, que se acha no commercio. *P. us. Flores,* vulgo *cabeças.* O commercio fornece ás pharmacias duas especies de camomilla : a camomilla de flores duplas, que é branca e de qualidade superior; e a camomilla de flores simples, que deixa ver florões amarellos no centro.

Estimulante e tonico, usado ordinariamente debaixo da fórma de *chá* no fastio, colicas, indigestão, chlorose, hysterismo; goza tambem de propriedades febrifugas, anthelminticas e emmenagogas.

Substancias incompativeis. A solução de gelatina, a infusão de quina, o sulfato de ferro, o nitrato de prata, os saes de chumbo, o sublimado.

Internamente. *Infusão.* Flores de camomilla 5 grammas (1 1/4 oitava), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora, e côe.

Pó (p. 110), contra as febres intermittentes, 4 a 30 grammas (1 oitava a 1 onça), dividido em tres dóses; toma-se misturado com mel de abelhas ou em hostia.

Xarope (p. 132), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Extracto (p. 90), 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos).

Tintura (p. 122), 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas) em poção.

Oleo essencial (obtido por distillação), 5 a 10 gottas.

Externamente. *Oleo de camomilla* (Cod. fr.). (Camomilla 1 parte, azeite 10 partes. Deixe em digestão por duas horas em vaso tapado ao calor de b. m., côe com espressão, e filtre. Em fomentações nos rheumatismos.

Oleo de camomilla camphorado (Cod. fr.).

Camphora	10 gram.	Oleo de camomilla	100 gram.

Dissolva e filtre. Em fricções nos rheumatismos.

CAMOMILLA VULGAR. (Camomille commune, fr.). *Matricaria chamomilla*, L. Synanthereas-senecioides. Planta cultivada no Brasil, e em Portugal. Fig. 150. Caules da altura de 1 pé e meio; folhas pennatipartidas, lacinias lineares; pedunculos nús no apice; unifloros; flores brancas com disco amarello. As mesmas propriedades, os mesmos usos e as mesmas dóses que as da camomilla romana.

Em lugar da camomilla romana e vulgar, emprega-se muitas vezes a macella gallega, planta que goza das mesmas propriedades. V. *Macella gallega*.

CAMPECHE. V. PÁO CAMPECHE.

CAMPHORA ou **Alcanfor**. (Camphre, fr. . Oleo volatil concreto que existe em grande numero de vegetaes, que são: o sassafraz, a caneleira, a galanga, a zedoaria, o gengibre, os cardamomos e as outras amomeas. As plantas labiadas, e particularmente o tomilho, o alecrim, contém tambem muita camphora nos seus oleos essenciaes. Mas comtudo isso não está demonstrado que a camphora, que se póde obter d'estes vegetaes, seja identica á que vem da India. A arvore que fornece a enorme quantidade de camphora do commercio é o camphoreiro, *Laurus camphora*, L., da familia das Laurineas, que habita nas regiões mais orientaes da Asia, principalmente na China e no Japão, e encontra-se em alguns jardins do Rio de Janeiro. Fig. 151. Arvore bastante alta, tronco recto, dividido na parte superior; ramos glabros, de um verde amarellado; os ramusculos frequentemente avermelhados; folhas alternas com peciolo curto, ellipticas ou ovaes, acuminadas, inteiras, glabras, um pouco luzentes por cima, coriaceas; flores em corymbos longamente pedunculados; fructos (bagas drupaceas) do tamanho de uma grossa ervilha, globosos, ovoides, luzentes, de côr purpurea denegrida quando maduros.



Fig. 150 — Camomilla vulgar.

Extracção da camphora. Dividem-se em pedaços os ramos e o tronco do camphoreiro, e introduzem-se em grandes vasos de ferro, cujo capitel é atravessado por cordões de palha de arroz; aquece-se brandamente; a camphora volatiliza-se e adhere á palha com uma côr cinzenta amarellada, e assim é transportada em barrís para a Europa com o nome de camphora bruta. Para purifica-la sublima-se a banho de areia em matrazes.

A camphora refinada é em pães de 1 a 2 kilogrammas, tendo a fórma de um prato de balança. É branca, unctuosa, fragil; sua fractura é luzente, sua textura crystallina; cheiro vivo e penetrante, sabor quente; mais leve do que a agua; sua densidade é de 0,989. Dissolve-se no alcool, ether, chloroformio, oleos fixos e volateis, gema de ovo, leite, banha, mas é pouco soluvel em agua; esta toma só 2 grammas por litro (mais de 1 grão por onça), e adquire

fortemente o cheiro e sabor camphorados. O leite póde dissolver, por meio da trituração, até 1/8 do seu peso de camphora, e esta não se precipita pela addição d'agua. O carbonato de magnesia facilita tambem singularmente a suspensão da camphora na agua (1 parte sobre 8). Estes meios são por conseguinte mui convenientes para a administração da camphora internamente. O alcool dissolve quasi o seu peso de camphora, ajuntando agua a este soluto, a camphora precipita-se debaixo da fórma de frocos. Uma dissolução no alcool quente até á saturação deixa depositar a camphora, pelo resfriamento, em lindos crystaes.



Fig. 151. — Camphoreiro.

Existe uma especie de camphora, chamada *camphora de Borneo*, mas que não vem para a Europa, por causa da estimação particular que se lhe dá no paiz de sua producção e por ser o seu preço mais elevado. Esta camphora mana naturalmente da *dryobalanops camphora*, Colebr., arvore que habita no Borneo e na Sumatra, da familia das Dipterocarpeas. É branca, translucida, mais pesada do que a agua (1,009), e póde pulverizar-se sem addição de alcool ou de ether. No estado bruto apresenta-se em grãos ou laminas muito nitidas. É menos volatil que a camphora ordinaria. Suas propriedades medicinaes são tambem algum tanto differentes.

Propriedades e usos. A camphora administrada internamente determina tres effeitos: 1° excitação local; 2° acção sedativa; 3° reacção febril. Em alta dóse 8 a 15 grammas) póde envenenar determinando a syncope, suores frios, abolição dos sentidos, depois a morte, precedida ás vezes de uma reacção impotente. O que predomina ordinariamente nos effeitos da camphora, é o segundo

periodo, a acção sedativa. A escola italiana considera a camphora como um medicamento hyposthenisante espinhal. Emprega-se internamente e com proveito nas nevralgias, affecções espasmodicas da bexiga e outras, convulsões das crianças, soluços nervosos, hypochondria, monomania, epilepsia, hysterismo, febres ataxicas, febres contínuas, molestias inflammatorias, catarrho vesical, metrite, hemorrhagia uterina, peste, e contra os vermes intestinaes. Goza tambem de proprietades anti-aphrodisiacas, e tem sido administrada com vantagem no furor uterino, priapismo e nas erecções dolorosas que se manifestão nos doentes affectados de gonorrhea. Incorporada nos linimentos e nas pomadas, serve nas dôres rheumaticas, nevralgias e gota. Em fumigações aproveita nos rheumatismos e na gota. Polvilhão-se com camphora os causticos, para evitar a acção das cantharidas sobre o apparelho genito-urinario. Os pós de camphora são uteis no curativo das ulceras chronicas e gangrenosas. Suas emanações destroem os insectos e outros animaes inferiores, e por isso a camphora é empregada para a conservação dos objectos na economia domestica; é um antiseptico.

Internamente. 10 centigrammas a 1 gramma, e mesmo até 4 grammas por dia (2 grãos até 1 oitava), em pó, pilulas, ou suspensa em vehiculo por meio de gema de ovo ou de qualquar mucilagem. (Pulveriza-se a camphora triturando-a com mui pequena quantidade de alcool).

Tintura etherea ou *Ether camphorado* (p. 124), 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava) em poção.

Agua camphorada (Cod. fr.).

Camphora	10 gram.	Agua distillada	1000 gram.

Reduza a camphora a pó em gral de marmore mediante algumas gottas de alcool; dilua-a na quantidade da agua prescripta. Deixe tudo em contacto durante 48 horas, mexendo de tempo em tempo; filtre, e conserve n'um frasco bem tapado. — Quando a agua está saturada, 100 grammas d'este liquido contém cerca de 33 centigrammas de camphora. — D. 15 a 30 grammas (meia a 1 onça) em poção apropriada.

Pilulas camphoradas.

Camphora	10 centig.	Conserva de rosas	10 centig.

F. 1 pilula. D. 2 a 6 e mais por dia.

Pilulas camphoro-nitradas (Cod. fr.).

Camphora	5 centig.	Conserva de rosas	5 centig.
Nitro	10 centig.		

F. 1 pilula. D. 4 a 6 por dia nas febres graves.

Pilulas anti-septicas (Kapeler).

Camphora	5 centig.	Gomma arabica	5 centig.
Nitro	5 centig.	Xarope simples	q. s.

F. 1 pilula. D. 4 a 6 pilulas nas febres graves.

Pilulas anti-septicas (Dupuytren).

Camphora	20 centig.	Extracto de opio	2 centig.
Almiscar	5 centig.	Xarope simples	q. s.

F. 1 pilula. D. 1 pilula de 2 em 2 horas, na podridão de hospital.

Pilulas calmantes (Cullerier).

Camphora	10 centig.	Althea em pó e mel de abelhas	q. s.
Extracto de opio	5 centig.		

F. 1 pilula. — Erecções dolorosas no curso de uma blennorrhagia. D. 1 pilula á noite.

Julepo camphorado.

Camphora pulverizada com algumas gottas de alcool	40 centig.	Assucar refinado	4 gram.
Gomma arabica	4 gram.	Agua fria	15 gram.

Triture a camphora com a gomma, em almofariz de marmore, e com q. b. d'agua, faça mucilagem; incorpore o assucar, e dilua no resto da agua. — Uma colher *de sopa*, de duas em duas horas.

Poção anti-septica camphorada.

Serpentaria de Virginia	8 gram.	Camphora	50 centig.
Agua fervendo	130 gram.	Tintura de quina	8 gram.
Xarope de quina	30 gram.		

Infunda a serpentaria na agua fervendo por meia hora; filtre; ajunte o xarope e a camphora dissolvida na tintura de quina.

Emulsão camphorada.

Emulsão simples	150 gram.	Xarope de gomma	30 gram.
Camphora	50 centig.		

Triture a camphora com o xarope, e junte a emulsão. D. Duas colheres *de sopa*, de duas em duas horas.

Emulsão camphoro-nitrada.

Emulsão camphorada	180 gram.	Nitro	1 gram.

Clyster camphorado.

Camphora	1 gram.	Agua tepida	250 gram.
Gema de ovo	n.° 1		

Dilua a camphora na gema de ovo, e ajunte a agua pouco a pouco. — Dysuria, erecções dolorosas, nevralgias, febres graves.

Externamente. *Tintura etherea* (p. 124). Em applicações, mediante um pincel de fios, na erysipela.

Aguardente camphorada (Cod. fr.).

Camphora	100 gram.	Alcool a 60°	3900 gram.

Dissolva e filtre. Em fricções nas torceduras, rheumatismos, e para curar as feridas. É um anti-septico energico.

Alcool camphorado (Cod. fr.).

Camphora	100 gram.	Alcool a 90°	900 gram.

Dissolva e filtre.

Vinagre camphorado (Cod. fr.).

Camphora	10 gram.	Vinagre branco	400 gram.
Acido acetico puro	10 gram.		

Pulverize a camphora em gral de porcelana, por meio de um pouco de acido acetico puro; ajunte o vinagre pouco a pouco, e deite tudo para um frasco esmerilhado; vascoleje, e, alguns dias depois, filtre o liquido. Em fricções, como resolvente.

Oleo ou *Linimento camphorado* (Cod. fr.).

Camphora raspada	100 gram.	Azeite doce	900 gram.

Divida a camphora, pouco a pouco, no azeite; e filtre depois de feita a dissolução. — Em fricções, nos rheumatismos, torceduras, etc.

Balsamo opodeldoch (Cod. fr.).

Sabão animal	300 gram.	Oleo volatil de alecrim	60 gram.
Camphora	240 gram.	— — de tomilho	20 gram.
Ammoniaco liquido	100 gram.	Alcool a 90° centes.	2500 gram.

Introduza n'um matraz o sabão previamente raspado, depois o alcool. Derreta a b. m., ajunte a camphora pulverizada, e, dissolvida esta, ajunte os oleos volateis. Deite no liquido 100 grammas de carvão animal; agite para facilitar a descoloração. Ajunte o

ammoniaco, e filtre rapidamente. Deite o liquido em frascos de bocca larga, e tape-os com rolhas cobertas com folhas de estanho. — Emprega-se em fricções, contra as dôres rheumaticas, contusões, etc.

Gargarejo camphorado.

Camphora	5 gram.	Ether sulfurico	2 gram.
Gema de ovo	n.° 1	Agua quente	500 gram.
Xarope simples	40 gram.		

F. S. A. Angina de máo caracter.

Pós anti-septicos.

Camphora em pó	8 gram.	Camomilla em pó	32 gram.
Myrrha em pó	8 gram.	Carvão em pó	16 gram.

M. Para polvilhar as ulceras gangrenosas.

Remedio contra as dôres de dentes (Lecaudey).

Ether sulfurico	8 gram.	Creosota	4 gottas
Camphora	30 centig.		

Molha-se algodão n'este liquido, e introduz-se na cavidade do dente cariado.

Pós de polvilho camphorados.

Polvilho	32 gram.	Camphora	4 gram.

M. Empregão-se em applicação local contra as inchações erysipelatosas.

Linimento antispasmodico (Selle).

Unguento de althea	60 gram.	Laudano de Sydenham	4 gram.
Camphora em pó	4 gram.		

F. S. A. Uma colher *de chá* de duas em duas horas, em fricções sobre o ventre, nas affecções nervosas dos intestinos e do estomago.

Pós de camphora para cheirar (Raspail).

Estes pós preparão-se de duas maneiras : 1° Triturando um bocado de camphora com quantidade sufficiente de alcool, até ficar reduzida a pó impalpavel pela acção do alcool, que a dissolve, e que pela evaporação abandona as moleculas da camphora. 2° Raspa-se um pedaço de camphora, e passa-se o pó assim obtido por peneira de seda mui fina, e conserva-se em frasco bem tapado. — Os pós de camphora sorvem-se como o rapé, e empregão-se na enxaqueca.

Cigarrilhas de camphora (Raspail).

As cigarrilhas de camphora são destinadas a fazer chegar a camphora ás superficies pulmonares; fabricão-se com canos de pennas de ganso. Eis-aqui como se procede : separa-se com um canivete o cano da penna, e arredonda-se o córte com o mesmo instrumento. Introduz-se a ponta do canivete na extremidade delgada opposta á extremidade cortada da penna; volve-se o tubo em roda do canivete, afim de destacar todos os pontos da medulla secca que tapa o orificio. Depois sopra-se para expellir a medulla. Arredonda-se este pequeno orificio, sem augmenta-lo muito, de modo que não fique traço algum da pellicula, a qual pela aspiração faria o officio de uma valvula, e interceptaria a passagem do ar. Sobre o dorso da porção da penna orlada de rama, destaca-se, com o canivete, uma tira de 1 pollegada de comprimento, que se corta em fórma de fita, enrola-se entre os dedos em espiral, e introduz-se assim, por meio de um pequeno estylete, pelo grande orificio da penna, até á distancia de 1 pollegada da pequena extremidade. O cano fica então dividido por este diaphragma em duas cavidades,

uma mais comprida que a outra. Introduz-se pelo grande orificio um pedaço de papel *de filtrar,* de modo que cubra o diaphragma em espiral; enche-se a grande cavidade com pedacinhos de camphora não apertados, e segurão-se estes por meio de uma rolha de algodão. Aspira-se então a camphora pela pequena extremidade vasia da cigarrilha.

O uso de cigarrilhas de camphora é aconselhado na asthma, coqueluche, oppressões do peito, extincção da voz, dôres nervosas do estomago, etc.

Agua sedativa (Cod. fr.).

Ammoniaco liquido	60 gram.	Sal de cozinha	60 gram.
Alcool camphorado	10 gram.	Agua commum	1000 gram.

Dissolva o sal na agua, filtre; ajunte o alcool, depois o ammoniaco. — A agua sedativa emprega-se principalmente nas enxaquecas. Para este fim, molha-se n'este liquido um panno de linho ou de algodão, e applica-se na testa, tendo o cuidado de cobrir primeiramente os olhos, para evitar que lhes caião dentro algumas gottas. — Esta loção é rubificante; póde mesmo produzir empolas, se os pannos n'ella embebidos ficarem muito tempo em contacto com a pelle.

Pomada camphorada (Cod. fr.).

Camphora	30 gram.	Banha	90 gram.
Cera branca	10 gram.		

Derreta a calor brando a banha e a cera; ajunte a camphora, mexa até esta dissolver-se, e a pomada esfriar em parte.

Ceroto camphorado.

Ceroto simples	10 gram.	Camphora	1 gram.

Cataplasma anti-arthritica.

Miolo de pão ralado .... 250 gram.

Agua e alcool, partes iguaes, e q. b. para dar ao miolo de pão a consistencia de cataplasma. Ajunte:

Extracto de opio	1 gram.	Polvilhe com camphora em pó	3 gram.
Extracto de estramonio	1 gram.		

Applique-se esta cataplasma tepida sobre a articulação dolorosa, e conserve-se por espaço de dois dias, tendo o cuidado de cobri-la com um oleado para impedir a evaporação.

Banho de vapor camphorado. Se os doentes não tiverem apparelhos fumigatorios, devem sentar-se em uma cadeira, debaixo da qual se colloca um fogareiro, coberto com uma lamina metallica; e envolver-se n'um cobertor de lã, que será apertado ao redor do pescoço, e descerá até ao chão. Deitão-se então 8 a 15 gram. de camphora sobre a lamina do fogareiro; o medicamento volatiliza-se, põe-se em contacto com a superficie do corpo, o suor apparece; e o doente, depois de ficar por espaço de meia hora, n'este banho de vapor camphorado, é conduzido para a cama, embrulhado no cobertor.

CANELLA (Cannelle, fr.). Casca privada de epiderme de diversas arvores do genero *Laurus.* Ha duas especies principaes: a canella de Ceylão, e a da China.

1° *Canella de Ceylão.* É fornecida pela *Laurus cinnamomum* L., arvore da familia das Laurineas, que habita sobretudo no Ceylão, mas que é cultivada nas Antilhas, na Guiana, e no Brasil, sobretudo nas provincias do Norte. Fig. 152. É uma arvore de 5 a 7 metros de altura, com tronco de 30 a 40 centimetros de diametro;

folhas irregularmente oppostas, curtamente pecioladas, ellipticas ou ovaes-lanceoladas, inteiras, pontudas, lisas, verdes por cima, acinzentadas por baixo, coriaceas, com tres nervuras (raras vezes cinco), longitudinaes, bem marcadas, com grande numero de veios transversaes; flores amarelladas, pequenas, dispostas em paniculas terminaes.

Deve-se tirar a canella das arvores que tem pelo menos cinco annos. Cortão-se os ramos, tira-se a epiderme, separa-se a casca do ramo, e põe-se a seccar; é então que as cascas se enrolão sobre si mesmas, como apparecem no commercio. A canella de Ceylão é em cascas delgadas, papyraceas, enrolada em tubos da grossura de um dedo, do comprimento de um braço, contendo outros tubos mais pequenos; lisas, de côr amarella avermelhada ou fulva; sua fractura é em esquirolas; cheiro agradavel, sabor aromatico, doce, depois acre. É a canella fina, a canella officinal.



Fig. 152. — Canella.

2° *Canella da China*. É fornecida pela *Laurus cassia*, L. (Laurineas), arvore que habita no Malabar, e sobretudo na provincia Kwangse na China. É em rolos grossos e compridos como os da precedente, mas a casca é quatro vezes mais espessa; é tambem menos enrolada, seu cheiro é menos forte, e perde o pouco sabor que tem quando se masca por algum tempo; sua fractura não apresenta lascas, mas é limpa, e os tubos não são enrolados uns nos outros. — Ha mais algumas outras especies de canella no commercio. A canella de Guiana não differe da de Ceylão senão em serem os rolos mais grossos, e de côr mais pallida. É a casca do *Laurus cinamomum* (Laurineas) transplantado na Guiana.

Propriedades e usos. Estimulante e tonico; emprega-se nas digestões lentas, vomitos nervosos, febres adynamicas, escorbuto, escrophulas e leucorrhea. É uma substancia agradavel, que serve nas preparações pharmaceuticas para disfarçar o gosto desagradavel de muitos medicamentos.

Internamente. *Pó* (p. 110), 60 centigrammas a 1 gramma (12 a 20 grãos).

Infusão, 2 grammas (40 grãos) para 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo.

Agua distillada (p. 64), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) e mais em poção.

Xarope (p. 132), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) em poção.

Tintura (p. 122), 2 a 8 grammas (meia a 2 oitavas) em poção.

Alcoolato (p. 67) 2 a 8 gram. (meia a 2 oitavas) em poção.

Oleo essencial, 2 a 6 gottas em poção.

CANELLA BRANCA (Cannelle blanche, fr.). Este nome foi dado á casca de uma arvore das Antilhas, *canella alba*, Murr., da familia das Guttiferas. Acha-se no commercio em pedaços enrolados de 1/2 a 1 metro de comprimento, de 15 a 40 millimetros de diametro, e de 2 a 5 millimetros de espessura; de côr amarella pallida no exterior, esbranquiçada no interior; sabor amargo e aromatico, cheiro agradavel; seu pó é branco. Parece-se muito com a casca de Winter que ella substitue frequentemente.

Estimulante, estomachico. D. 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas) em pó.

CANELLA DE CHEIRO. *Oreodaphne opifera*, Nees e Martius. Laurineas. Arvore da Flora brasileira; habita no Pará e Amazonas. Folhas grandes, oblongas, acuminadas; flores dispostas em paniculas axillares; fructo, baga oval obtusa: pericarpo de cheiro aromatico e nauseabundo, a metade submersa em uma cupola troncada. Na barra do Rio Negro prepara-se pela distillação dos fructos um oleo essencial, limpido, de côr amarella vinosa, de cheiro comparavel a uma mistura de oleo de limão e oleo de alecrim, e de sabor aromatico acre. Este oleo é usado simples, ou misturado com banha ou oleo de amendoas doces, em fricções nas dôres rheumaticas e contracturas dos membros.

CANELLA PRETA. *Nectandra mollis*, Nees. Laurineas. Arvore do Brasil (Rio, Minas). Folhas oblongas, acuminadas, base estreita e quasi cordiforme; flores dispostas em paniculas terminaes; ramos, folhas e flores cobertas de tomento côr de ferrugem. As folhas são aromaticas; contém grande quantidade de oleo essencial: usão-se em infusão como emmenagogas ou estomachicas.

CANHAMO (Chanvre, fr.). Ha duas especies de canhamo:

1ª CANHAMO ORDINARIO. *Cannabis sativa*. L. Urticeas. Planta cultivada em muitos paizes por causa de suas fibras corticaes, que, separadas da parte lignea, servem para fazer cordoalha e canhamaços. Em Portugal cultiva-se nos arredores de Melgaço, Vizeu, e outras partes do norte do reino. Caule de 1 a 2 metros, ramificado, guarnecido de folhas pecioladas, profundamente incisas, com 5 a 7 segmentos lanceolados e estreitos; as folhas inferiores oppostas, as superiores alternas. O vegetal macho é mais pequeno, mais delgado que a planta femea. A semente (Chènevis, fr.) é oleosa, emulsiva, de cheiro um pouco viroso; extrahe-se d'ella um azeite que serve para illuminação e para fabricar sabão preto. Toda a planta é dotada, mas fracamente, de propriedades embriagantes. Sabe-se, com effeito, que o demorar-se em um canhameiral, sobretudo na epoca da florescencia, produz atordoamento.

2ª CANHAMO INDIANO. *Cannabis indica*, Lam. Urticeas. Parece ser uma variedade gigantesca do precedente; tem 5 metros e mais de altura. As suas propriedades embriagantes são muito mais intensas do que as da especie europea. Os Orientaes empregão as summidades floridas d'esta planta para diversas preparações embria-

gantes. Dá-se o nome de *haschisch* não sómente á planta simples mas tambem ás preparações de que faz a base. Debaixo da sua influencia o espirito tem uma tendencia ás ideias risonhas. Um dos seus effeitos mais ordinarios é provocar gargalhadas de riso que durão todo o tempo que o individuo está submettido á sua influencia, tres a quatro horas.

Fuma-se o haschisch em cachimbos : é o *kif* dos Arabes. Tres ou quatro cachimbos são sufficientes para provocar um somno acompanhado de sonhos *sui generis*. Torrado durante dois ou tres minutos, e misturado com mel de abelhas, o haschisch forma o *madjoun* dos Arabes ou *escar* dos Turcos. Fervido em agua com manteiga fresca, constitue o *extracto gordo*. Este, misturado com mel de abelhas, com substancias aromaticas e ás vezes com cantharidas, recebeo o nome de *dawamesk*. A resina colhida sobre as folhas constitue o *churrus* dos habitantes da India. Os Arabes chamão *kief*, ou *phantasia*, esta especie de estupor voluptuoso, produzido pelo *haschisch*, que differe muito da embriaguez produzida pelo vinho, e vai muito além da embriaguez occasionada pelo opio. Mas os individuos que fazem uso contínuo do haschisch, vivem n'um estado de marasmo e de imbecilidade.

O canhamo indiano deve as suas propriedades a uma substancia resinosa chamada *cannabina* ou *haschischina*.

Alguns medicos quizerão utilizar em medicina as preparações do canhamo indiano, e sobretudo o extracto e a *cannabina*. O maior uso que se tem feito d'esta substancia é devido aos medicos inglezes que exercem a profissão na India. Tem sido sobretudo empregada a cannabina contra a epilepsia, mania, alienação mental, tetano, rheumatismo, cholera, etc.

Internamente. *Extracto* (pag. 91), 5 a 20 centigrammas (1 a 4 grãos) em pilulas.

Cannabina ou *haschischina*. Prepara-se do modo seguinte : o canhamo indiano colhido depois da florescencia é tratado pelo alcool de 80° cent. a ferver, deixa-se de infusão por doze horas, e depois filtra-se; repete-se esta operação até que o alcool passe limpido; estes alcooleos são depois evaporados a b. m. até restar na capsula apenas a quarta parte do alcool empregado, o qual se lança n'uma vasilha com agua fria; a resina, insoluvel na agua, precipita-se, e faz-se depois seccar na estufa. — Apresenta-se em massa molle, de côr verde, cheiro viroso da planta, soluvel no alcool e no ether. — Dóse : 5 a 20 centigrammas (1 a 4 grãos) em pilulas ou poção.

Tintura de cannabina (Connabina 1, alcool a 90° cent. 9). *Dóse:* 1 a 3 gottas (5 a 15 centigrammas) em infusão de camomilla ou chá da India.

CANJERANA. *Cabralia canjerana*, Martius. Arvore do Brasil. Meliaceas. Bella madeira de construcção. Tem as cascas impregnadas de um succo leitoso, que é purgativo e vomitivo, na dóse de 10 a 20 gottas.

CANNA (Canne de Provence, fr.). *Arundo donax*, L. Graminear. O rhizoma d'esta planta europea é empregado como anti-leitoso, em infusão, que se prepara com 20 gram. (5 oitavas) de canna cortada e 1000 gram. (32 onças) d'agua fervendo. Este rhizoma, impropriamente chamado *raiz*, acha-se nas pharmacias cortado em rodellas.

CANNA DE ASSUCAR (Canne à sucre, fr.). *Saccharum officinarum*, L., Gramineas. Fig. 153. Caules cylindricos, nodosos, da altura de 2 a 3 metros e mais, cheios por dentro de miolo succoso e doce que serve para a fabricação do assucar. É originaria da

India, naturalizada no Brasil. Seu cozimento constitue uma bebida peitoral. 15 gram. (meia onça) para 500 gram. (16 onças) d'agua.



Fig. 153. — Canna de assucar.

CANNA DO BREJO, Canna do matto, Canna de macaco, Paco-caatinga, Periná, Ubacayá. *Costus spicatus,* Swartz, e outras especies. Zingiberaceas. Esta canna, mui commum nos arredores do Rio de Janeiro, contém um succo acido, e o seu cozimento é empregado em bebida e em injecções contra a leucorrhea.

Cozimento : 15 grammas (meia onça) por 500 grammas (16 onças) d'agua, interna e externamente.

Succo espresso, 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) internamente.

CANNAFISTULA (Casse, fr.). Polpa contida nas vagens (fructos) da *Cassia fistula*, L., arvore que habita no Brasil, Egypto, Angola, Antilhas, etc. Leguminosas-caesalpineas. Fig. 154. As vagens tem de 50 a 60 centimetros de comprimento, são cylindricas, ás vezes curvas, da grossura do dedo pollegar, negras, lisas; casca lenhosa, marcada com um sulco longitudinal em cada lado. O interior é dividido em compartimentos numerosos, cada um dos quaes contém uma semente quasi quadrangular, coberta de materia polposa, e que é a unica parte medicinal, de côr escura carre-

gada, de sabor saccharino e acidulo. *P. us. Polpa das vagens.* Esta polpa é tanto mais abundante quanto as vagens são mais recentes e melhor conservadas; n'este estado dão metade do seu peso. Cumpre escolher as vagens cujas sementes não fazem ruido quando se sacodem.



Fig. 154. — Cannafistula.

Chama-se *cannafistula com sementes* a cannafistula inteira. A *cannafistula limpa* é a polpa sem as sementes. Esta, diluida em agua, e reduzida á consistencia conveniente, constitue o *extracto de cannafistula.* A *cannafistula cozida,* ou *conserva de cannafistula,* é uma mistura de extracto de cannafistula, de xarope de violetas e de assucar.

Laxante brando. Emprega-se nas molestias inflammatorias, e associa-se frequentemente aos purgantes energicos como correctivo. Em Angola, as vagens de cannafistula vendem-se em todos os mercados, onde os curandeiros pretos as buscão, não tanto para fazerem parte de algum remedio, como para lhes servirem de instrumento divinatorio nas suas prophecias sobre a origem das molestias.

Internamente. *Tisana de cannafistula :* Extracto de cannafistula 10 grammas (2 1/2 oitavas), agua a 60° cent. 1000 grammas

(32 onças). Dilua o extracto na agua, e passe por coador de lã. Toma-se ás chicaras, como bebida temperante.

Infusão de cannafistula. Cannafistula em vagens 60 grammas (2 onças), agua a 60° cent. q. s. para obter 720 gram. (24 onças) de infusão. Abrem-se as vagens longitudinalmente, e dilue-se a polpa interior na agua; põe-se de infusão e côa-se. Toma-se ás chicaras como laxativo.

Polpa limpa. Polpa tirada das vagens e passada por peneiro de cabello (v. pag. 108), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) como laxante.

Conserva de cannafistula ou *cannafistula cozida* (pag. 93), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) como laxante.

Extracto (pag. 90), 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) como laxativo.

Marmelada de Tronchin.

Manná em lagrimas	40 gram.	Oleo de amendoas doces	40 gram.
Xarope de violas	40 gram.	Agua de flores de laranjeira	5 gram.
Cannafistula cozida	40 gram.		

Triture o manná ajuntando pouco a pouco o xarope, e incorpore as outras substancias. — Uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas, como laxativo e expectorante.

Marmelada de Zanetti.

Manná em lagrimas	60 gram.	Xarope de althea	30 gram.
Manteiga de cacáo	25 gram.	Agua de flores de laranjeira	10 gram.
Oleo de amendoas doces	30 gram.	Kermes mineral	10 centig.
Cannafistula cozida	30 gram.		

Derreta a manteiga de cacáo com o oleo de amendoas; triture o manná, depois o kermes e a cannafistula com o xarope de althea. Ajunte a agua de flores de laranjeira, e misture. — D. Uma colher *de chá* 3 ou 4 vezes por dia. Bronchite.

CANTHARIDA, Cantharida officinal, ou **das boticas** (Cantharide, fr.). *Meloe vesicatorius,* L. Fig. 155. Insecto commum na Europa meridional, onde vive sobre os freixos, lilazes e salgueiros. Apparece na Europa, em enxames, no mez de Maio ou Junho. Sua presença n'uma localidade manifesta-se por um cheiro de rato mui forte e desagradavel: este cheiro, respirado de perto, e por muito tempo, póde determinar accidentes graves. Colhem-se as cantharidas em França, Hespanha, Sicilia e sobretudo na Russia meridional. — A cantharida officinal tem de 15 a 22 millimetros de comprimento, e de 4 a 6 de largura; corpo cylindroide, de côr verde, cabeça grande, cordiforme, com antennas compridas, filiformes, pretas, compostas de onze articulos; quatro azas, duas superiores (elytros) do comprimento do abdomen, de côr verde dourada, apresentando um reflexo metallico, e cobrindo as duas azas inferiores que são membranosas, transparentes e cinzentas; cheiro forte e desagradavel; sabor acre. Pulverizadas dão pós cinzentos roxos, com particulas brilhantes de côr verde. — Com o tempo varios insectos atacão as cantharidas, e comem-lhes o interior, pelo que diminuem as suas propriedades : nas preparações pharmaceuticas só se devem empregar as cantharidas sãs.



Fig. 155.
Cantharida officinal de tamanho natural.

As cantharidas são compostas de : cantharidina, oleo graxo amarello, oleo concreto verde, osmazoma, acido urico, acetico e phosphorico, phosphato de cal e de magnesia. A *cantharidina* considera-se como o principio mais importante das cantharidas, por ser o unico que goza da propriedade vesicante. Obtem-se tratando em um apparelho de deslocação as cantharidas pelo alcool a 85° cent., evaporando o alcool pela distillação, e deixando-se crystallizar o residuo. A cantharidina é branca, em laminas, volatil mesmo na temperatura ordinaria, excessivamente acre; applicada sobre a pelle, produz immediatamente a vesicula; tomada internamente, é um veneno poderoso; é soluvel no alcool, no ether, nos oleos fixos e volateis; é insoluvel em agua, mas só no estado de pureza; porque tratando a cantharida pela agua, a cantharidina dissolve-se n'ella com o soccorro do oleo amarello; 100 grammas de cantharidas pulverizadas devem fornecer pelo menos 50 centigrammas de cantharidina.

Em todas as operações pharmaceuticas, em que o emprego do calor é necessario, como na preparação dos emplastos, pomadas e unguentos de cantharidas, o calor não deve exceder 100°, e além d'isso não deve ser continuado por muito tempo, por causa da volatilidade da cantharidina. É preciso tambem empregar vasos com tampas.

A cantharida, que deixei descripta, é a officinal ou das boticas; mas contão-se mais de 30 especies de cantharida. Além d'isso ella não é o unico insecto que goza da propriedade vesicante, ha muitos outros coleopteros que a possuem tambem, mas em grão menor, e podem ser empregados em certas circumstancias como succedaneos; taes são : A *Mylabre da chicoria*, *Mylabris cicorii*, L., coleoptero mais pequeno que a cantharida, preto, velloso, com tres faxas amarellas e denteadas; vive sobre a chicoria. Alguns autores pretendem ser esta a cantharida dos antigos. Parece que é abundante na India. As outras especies vesicantes são : *Cerocoma Schaefferii*, Geoffroy (sul da Europa); *Hycleus Bilbergii*, Latr. (Hespanha); *Hycleus argus* (Senegal); *Mylabris dioscordis*, Richard (Grecia); *Mylabris sidae*, Olivier (China); *Mylabris pustulata*, Bilberg (Indias Orientaes); *Oenas vegetum*, Olivier (norte da Africa); *Meloe proscarabœus*, L. (França); *Tetraonyx tigridipennis*, Dejean (Brasil); *Tetraonyx quadrilineata*, Dejean (Brasil); *Decatoma lunata*, Fabr. (Cabo da Boa Esperança); etc., etc.

CANTHARIDA DO BRASIL. *Lytta atomaria*, Germ., *Tetraonyx tigridipennis*, Dejean (?). Insecto de 9 a 18 millimetros de comprimento, coberto de uma felpa curta, branca acinzentada, todo o corpo apresenta discos pretos; antennas negras; thoracete arredondado; ventre um tanto engrossado para a parte posterior. Apparece desde Dezembro até fins de Março nas folhas do carurú, das pimenteiras, batatas. Quando é apanhado, verte pelas juntas um liquido oleaginoso, que é vesicante. Não tem cheiro, quando vivo; depois de morto, exhala um cheiro particular.

Propriedades e usos. Na dóse de 2 a 4 grammas, a cantharida é um dos mais violentos venenos : os seus primeiros effeitos são a irritação da superficie gastro-intestinal, a estranguria, a hematuria e o priapismo. Entretanto administra-se internamente, mas em dóses mui pequenas, contra a paralysia da bexiga, anaphrodisia, hydropisia, epilepsia e algumas molestias cutaneas. Mas o emprego mais frequente que se faz das cantharidas é para uso externo, como vesicatorio. Fazem-se tambem unguentos, emplastos,

encerados, papeis vesicantes, que tem por base a cantharida ou a cantharidina.

Segundo a escola italiana moderna, a acção local das cantharidas não tem importancia nas molestias internas; é uma acção physico-chimica que é com effeito irritante. Toda a acção dos vesicatorios e das outras preparações das cantharidas, consiste na cantharida absorvida, que passa no sangue, e produz sobre toda a economia, e principalmente sobre o coração e as arterias, um effeito hyposthenisante; e que por isto mesmo é applicavel, como a sangria, a todas as molestias inflammatorias. Na acção local esta escola só vê duas cousas uteis : 1° a evacuação de certa quantidade de serosidade, que constitue uma especie de sangria branca, e por conseguinte uma condição de hyposthenização; 2° o meio de introduzir no sangue um medicamento, sem haver necessidade de o fazer passar pelo estomago. Quanto á revulsão, não é admittida pela escola italiana; e por isso esta escola adopta só os causticos chamados volantes, que multiplica conforme a necessidade, e evita os causticos suppurativos que se entretêm por meio de unguento basilicão. Por qualquer modo que se introduzão as cantharidas na economia, percebe-se a febre diminuir absolutamente como pela sangria, o pulso torna-se mais brando, declarão-se suores, e sobrevem uma secreção abundante das ourinas : são os phenomenos da hyposthenia.

Os vesicatorios de cantharidas applicão-se nas molestias seguintes : pneumonia, pleuriz, inflammação dos olhos e muitas outras inflammações; rheumatismo, sciatica, hydarthrose, dartros, tumores brancos, soluços nervosos, paralysia, hydropisias e outras molestias.

Internamente. *Pó* (p. 110), 25 milligrammas a 5 centigram. (1/2 grão a 1 grão) em pilulas. Esta preparação é perigosa, pois que podem algumas particulas fixar-se em alguns pontos do canal alimentario, e determinar accidentes locaes. Havendo necessidade de administrar as cantharidas internamente, melhor será recorrer á tintura.

Tintura (p. 122), 1 a 10 gottas em poção conveniente.

Tintura etherea (p. 124), 2 a 4 gottas em poção.

Extracto (p. 92), 10 a 50 millgrammas (1/5 de grão a 1 grão) em pilulas.

Oleo de cantharidas (Cod. fr.).

Cantharidas em pó	10 gram.	Azeite doce	100 gram.

Digira por seis horas em vaso tapado a banho-maria, mexendo amiudadas vezes, côe com espressão e filtre. D. 10 a 12 gottas, quatro vezes por dia n'uma emulsão de 90 grammas (3 onças).

Pilulas contra a incontinencia de ourina (Porta).

Cantharidas em pó	15 millig.	Sabão amygdalino	20 centig.
Camphora	5 centig.		

F. 1 pilula. D. 1 a 3, tres vezes ao dia. Preparação perigosa.

Mistura cantharidea (Rayer).

Solução de gomma	125 gram.	Laudano de Sydenham.	10 gottas
Tintura de cantharidas	12 gottas		

Uma colher *de sopa* de hora em hora na paralysia da bexiga.

Mistura aphrodisiaca.

Tintura de cantharidas	8 gram.	Tintura de noz moscada	8 gram.
— de almiscar	8 gram.	— de canella	8 gram.

D. 20 a 40 gottas n'um calix de vinho da Madeira ou de algum outro vinho generoso.

Balsamo de Gilead de Salomon.

Cardamomo	30 gram.	Tintura de cantharidas	1 gram.
Canella	30 gram.	Alcool a 56° centes.	500 gram.
Balsamo de Meca	2 gram.	Assucar	250 gram.

Macere o cardamomo e a canella no alcool durante 8 dias; côe, esprema; ajunte o balsamo de Meca, a tintura de cantharidas e o assucar; dissolva pela agitação; e filtre.

Uma colher *de chá* n'um copo de vinho generoso. Anaphrodisia.

Externamente. *Tintura* e *tintura etherea.* 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em fricções nas paralysias e rheumatismos chronicos.

Oleo de cantharidas. 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em fricções nas paralysias e rheumatismos.

Emplasto de cantharidas, vesicatorio ou caustico (Cod. fr.).

Resina elemi purificada	100 gram.	Cera amarella	400 gram.
Azeite doce	40 gram.	Cantharidas em pó fino	420 gram.
Unguento basilicão	300 gram.		

Derreta a resina elemi no azeite; ajunte o unguento basilicão e a cera; derretida a massa, incorpore n'ella o pó de cantharidas, e mexa com espatula até o emplasto começar a prender-se. Deite a massa em vaso proprio, e guarde para o uso. — No momento em que se precisa, estende-se uma camada delgada e uniforme d'este emplasto sobre um pedaço de sparadrapo, papel, ou pellica, e forma-se assim o caustico que se emprega ordinariamente.

O *caustico camphorado* prepara-se derramando na superficie do caustico ordinario q. s. de ether saturado de camphora. O ether volatilizando-se deixa uma camada de camphora em pó impalpavel. Póde-se tambem, com o mesmo fim, polvilhar o caustico com camphora pulverizada; ou então, cobrir o caustico com papel sem colla molhado no oleo camphorado; a acção vesicante produz-se n'este ultimo caso pela dissolução da cantharidina no oleo de que o papel foi embebido. — A applicação da camphora sobre os causticos faz-se com o intuito de impedir a acção das cantharidas sobre a bexiga. Não se deve, porém, contar muito com esta acção preservativa. A melhor precaução, para prevenir a cystite cantharidea, consiste em tirar o emplasto vesicante logo que a epiderme estiver levantada.

Seis ou oito horas de applicação são sufficientes, nos casos ordinarios, para que a acção do caustico seja completa; mas deixa-se o emplasto applicado ordinariamente por doze a vinte e quatro horas. Tira-se depois, tendo o cuidado de não rasgar, se fôr possivel, a epiderme levantada. A ferida cura-se differentemente, conforme se deseja ou produzir só irritação momentanea (*caustico volante*), ou, pelo contrario, prolongar a suppuração. No primeiro caso, abre-se simplesmente a empola na parte inferior, para dar sahida á serosidade *sem tirar a epiderme*, e cura-se com ceroto ou glycerina estendida sobre um panno, ou papel sem colla, ou com algodão em rama, ou algodão em pasta. O algodão produz excellente effeito; não necessita curativos diarios : tira-se o algodão depois de secca a ferida. — No segundo caso, isto é, quando se quizer fazer suppurar a ferida do caustico, tira-se immediatamente a porção levantada da epiderme, quer cortando-a com tesoura ao redor da bolha, quer arrancando-a. Cura-se com ceroto ou com unguento basilicão. Repetem-se os curativos todos os dias, uma vez por dia.

Os causticos *volantes* devem ser empregados com preferencia, por que os causticos de que se entretem a suppuração com basi-

licão, ou com algum outro unguento irritante, produzem muitas vezes erysipelas, erupções cutaneas, accidentes nervosos, enfraquecem os doentes, e occasionão dôres inuteis. É a tradicção do *humorismo* antigo, que a medicina moderna não approva.

Caustico Leperdriel. Este caustico, cujo uso é hoje frequente em França, é um sparadrapo que tem toda a apparencia do tafetá gommado ordinario. Ignora-se a sua composição : mas Dorvault pensa que se poderia obter preparação analoga diluindo q. s. de extracto ethereo ou acetico de cantharidas em oleo de linhaça com lithargyrio, e estendendo uma camada delgada d'esta composição sobre o tafetá gommado. Podem variar-se as dóses para obter os nos 1, 2 e 3; o no 1 é o mais fraco, e o no 3 o mais activo.

Papel epispastico (Cod. fr.).

Cera branca	240 gram.	Terebinthina ordinaria	30 gram.
Espermacete	90 gram.	Cantharidas pulveriz.	30 gram.
Azeite	120 gram.	Agua	300 gram.

Ferva todas estas substancias em tacho estanhado por duas horas, agitando continuamente. Filtre por panno de lã sem espresão; entretenha a mistura derretida n'um tacho mui largo. — De outra parte, tome tiras de papel de tamanho conveniente, e cubra-as de um só lado com a composição emplastica, approximando-as uma depois da outra á superficie do corpo gordo derretido. Divida depois estas tiras em rectangulos de 9 sobre 65 centimetros.

A formula acima indicada dá o papel no 1. Augmentando de 10 grammas o peso das cantharidas, obtem-se o papel no 2. Estes papeis são adoptados em França nos hospitaes militares, para produzir vesicação ou entreter a suppuração dos causticos.

Papel epispastico de Albespeyres. Pomada epispastica do Codigo estendida sobre papel.

Moscas de Milão (Cod. fr.).

Pez branco purificado	50 gram.	Terebinthina da Suissa	10 gram.
Cera amarella	50 gram.	Oleo volatil de alfazema	1 gram.
Cantharidas em pó	50 gram.	— — de tomilho	1 gram.

Derreta juntas as duas primeiras substancias; deite as cantharidas, e faça digerir por duas horas a calor do b. m. Ajunte então a terebinthina, e derretida esta, tire o vaso do fogo, tendo o cuidado de mexer continuamente, até a massa estar quasi fria. Aromatize-a com os oleos volateis. — Salvo indicações especiaes, entregue a massa emplastica dividida em pequenas bolas achatadas do peso de 1 gram. (20 grãos), envoltas n'um pedaço de tafetá preto, de 6 centimetros de diametro, dobrado sobre si. Estende-se o emplasto quando é necessario. Seu effeito é vesicante.

Embrocação contra a alopecia (Wilson).

Agua de Colonia	50 gram.	Essencia de alecrim	10 gottas
Tintura de cantharidas	6 gram.	— de alfazema	10 gottas

Esfregar levemente a cabeça com baeta embebida n'esta mistura.

Pomada de Dupuytren contra a quéda do cabello.

Tutano de boi	60 gram.	Alcool a 55° centes.	10 gram.
Acetato de chumbo crystallizado	1 gram.	Tintura de cantharidas	40 centig.
		— de cravo da India	5 gottas
Balsamo peruviano	4 gram.	— de canella	5 gottas

F. S. A. Friccione o couro cabelludo todas as noites com a quantidade de pomada equivalente ao tamanho de uma azeitona.

Pomada contra a quéda do cabello.

Banha balsamica	100 gram.	Tintura de cantharidas	60 centig.
Sumo de limão azedo	2 gram.	Essencia de limão	3 gram.

Pomada contra a quéda do cabello (Schneider).

Sumo de limão	4 gram.	Essencia de cidra	1 gram.
Extracto de quina	8 gram.	Essencia de bergamota	10 gottas
Tintura de cantharidas	4 gram.	Tutano de boi	60 gram.

M. Esta pomada é mais energica do que a precedente. Antes de untar, lava-se a cabeça com agua e sabão.

Liquido para lavar a cabeça (Drugist's Circular).

Rhum	1400 gram.	Tintura de cantharidas	8 gram
Agua	500 gram.	Carbonato de ammoniaco	8 gram.
Glycerina	31 gram.	Borax	15 gram.

Pomada epispastica amarella (Cod. fr.).

Cantharidas em pó grosso	60 gram.	Curcuma em pó	4 gram.
Banha	840 gram.	Oleo essencial	4 gram.
Cera amarella	120 gram.		

Ponha as cantharidas e a banha em b. m., e faça digerir durante 3 ou 4 horas na temperatura d'agua fervendo, mexendo de vez em quando; côe com espressão; torne a pôr no fogo a pomada com a curcuma, faça digerir e côe; derreta o producto com a cera amarella; mexa a mistura até arrefecer, e aromatize com a essencia de limão. Empregada para entreter a suppuração dos causticos.

Pomada epispastica verde (Cod. fr.).

Cantharidas em pó fino	10 gram.	Cera branca	40 gram.
Unguento populeão	280 gram.		

Derreta a cera a calor brando com o unguento populeão; ajunte as cantharidas, e mexa até a pomada esfriar em parte.

Pomada epispastica camphorada.

Cantharidas pulverizadas	30 gram.	Azeite doce	125 gram.
Agua	360 gram.	Cera	125 gram.
Unto	180 gram.	Camphora pulverizada	8 gram.

Ferva as cantharidas na agua por meia hora; côe e faça evaporar até reduzir a 180 grammas; ajunte os corpos gordurosos; faça evaporar toda a agua; deixe arrefecer, e ajunte a camphora. Para entreter a suppuração dos causticos sem actuar sobre as vias urinarias.

Linimento de cantharidas camphorado.

Tintura de cantharidas	15 gram.	Sabão amygdalino	30 gram.
Oleo de amendoas doces	125 gram.	Camphora	2 gram.

Em fricções nos rheumatismos.

CAOUTCHOUC. V. Borracha.

CAPILLARIA. V. Avenca.

CAPIM CHEIROSO, Capim cidreira, Capim marinho, Jaçapé, Jarapé. *Kyllinga odorata*, Martius. Cyperaceas. Com estes nomes designa-se no Brasil uma especie de junco, que habita no Pará, Maranhão, Pernambuco, e S. Paulo. É empregado como antispasmodico e diuretico, em infusão, que se prepara com 8 grammas (2 oitavas) de capim cheiroso, e 250 grammas (8 onças) de agua fervendo. Emprega-se no hysterismo e outras affecções nervosas.

CAPITAO DO MATTO. V. Cayapó.

CARACOL (Escargot, fr.). *Helix pomatia*, L. Mollusco commum nas vinhas. Fig. 156. Contém um muco abundante, ao qual se attri-

buião propriedades medicinaes; mas segundo as experiencias de Oscar Figuier, as propriedades analepticas dos caracoes são devidas a um oleo aromatico sulfurado, que elle extrahio dos caracoes por meio do ether, e que denominou *helicina*.

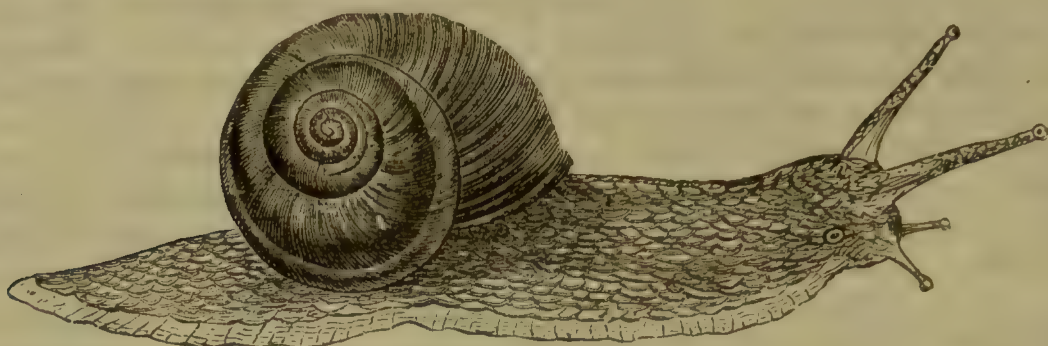


Fig. 156. — Caracol das vinhas.

Os caracoes das vinhas são analepticos; cozidos e temperados empregão-se como alimento. Em medicina, prepara-se com a *helicina* um xarope, uma pasta, pastilhas, que se administrão nas molestias do peito.

Xarope de caracoes (p. 132), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Pasta de caracoes (Figuier).

Carne de caracoes	100 gram.	Gomma arabica	500 gram.
Assucar	500 gram.	Agua	q. s.

Faça pasta homogenea com carne de caracoes e assucar por contusão em almofariz; polpe por peneiro de crina. Derreta, á parte, a gomma na agua; côe, evapore a b. m. até á consistencia de xarope; ajunte então a polpa de caracoes e 6 claras de ovos batidas com cuidado em 60 gram. d'agua de flor de laranjeira; termine a evaporação a b. m., mexendo continuadamente. Divida a pasta em quadrados.

CARAMBOLA. Fructo do caramboleiro, *Averrhoa carambola*, L., arvore da familia das Oxalideas, que habita no Brasil. Este fructo abunda no acido oxalico; é usado em limonadas refrigerantes. O succo d'este fructo emprega-se para tirar as nodoas da tinta de escrever.

CARAPIÁ. V. Contraherva.

CARBONATO DE AMMONIACO. V. pag. 267.

CARBONATO DE CAL. (Carbonate de chaux, fr.). Este sal acha-se na natureza debaixo de muitos estados e nomes differentes. Emprega-se natural, ou depois de moido e lavado. Para os usos medicos, é preferivel prepara-lo da maneira seguinte (Cod. fr.): Tome 100 grammas de chlorureto de calcio derretido, e 260 gram. de carbonato de soda crystallizado. Dissolva cada um dos dois saes em 1 litro d'agua. Filtre as duas soluções, e misture-as n'um vaso de sufficiente capacidade. Decante o liquido que sobrenada, e substitua-o por igual quantidade d'agua pura. Repita a decantação e as lavagens, até que a agua que se ajunta não precipite mais o nitrato de prata. Tire então o deposito, e faça com elle trociscos.

O carbonato de cal é branco, pulverulento, insoluvel em agua, soluvel completamente no acido chlorhydrico, com o qual faz effervescencia. A solução não deve azular-se pelo ferro-cyanureto de potassio nem fazer-se preta pelo hydrogeneo sulfurado.

O carbonato de cal que se emprega as mais das vezes é aquelle que é conhecido sob o nome de *greda*, ou *cal carbonatada*. É em massas brancas, tenras, friaveis, de aspecto terreo. Preparado em pães cylindricos de 4 a 5 onças, toma o nome de *giz* ou *branco de Hespanha*. Emprega-se sobretudo para os pós dentifricios. É aconselhado internamente contra a diarrhea, na dóse de 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava) em pó.

CARBONATO DE CHUMBO ou **Sub-carbonato de chumbo**, ou **Alvaiade** (Carbonate de plomb, céruse, fr.). Sal branco, sem cheiro nem sabor, mui pesado, insoluvel na agua. — Empregado, só externamente, como deseccativo no curativo das feridas. Misturado com oxydo branco de chumbo, na proporção de 8 grammas de oxydo para 6 de carbonato, foi applicado com vantagem contra o tico doloroso da face. Faz-se, com q. b. d'agua distillada, massa, de meia linha de espessura, que se estende sobre a superficie affectada.

Pomada de carbonato de chumbo ou *Unguento branco de Rhazès* (Cod. fr.).

Carbonato de chumbo	10 gram.	Banha benzoinada	50 gram.

M. sobre o porphyro. Em fricções contra as nevralgias da face.

CARBONATO DE FERRO. V. FERRO.

CARBONATO DE LITHIA. V. LITHIA.

CARBONATO DE MAGNESIA. V. MAGNESIA.

CARBONATO DE MANGANEZ. V. MANGANEZ.

CARBONATO DE POTASSA. Dois carbonatos de potassa são empregados em medicina.

1° SUB-CARBONATO DE POTASSA, **Carbonato neutro de potassa, Alcali vegetal** ou **Sal de tartaro** (Carbonate de potasse, alcali végétal ou sel de tartre, fr.). Sal branco, acre, caustico, mui soluvel em agua, mui deliquescente, difficil de se obter no estado crystallino. — Ingerido na dóse de 8 grammas, actua como um violento veneno corrosivo; queima e perfora o estomago, e causa promptamente a morte. Mas em pequenas dóses, e diluido em um vehiculo, é um poderoso diuretico. Emprega-se com vantagem nas areias produzidas pelos acidos urico e phosphorico, na hydropisia, engurgitamento das visceras e enfartes das glandulas. Serve tambem para a preparação das bebidas effervescentes, frequentemente empregadas nas digestões laboriosas, febres biliosas, vomitos espasmodicos. Associado ao enxofre entra na composição das pomadas antipsoricas.

Internamente. 50 centigrammas a 2 grammas (10 a 40 grãos) em agua ou n'um vehiculo mucilaginoso.

Sub-carbonato de potassa liquido (Sub-carbonato de potassa, agua distillada, aná p. ig.). 10 gottas a 4 grammas (1 oitava) em vehiculo apropriado.

Gottas alcalinas (Hamilton).

Carbonato de potassa	5 gram.	Agua distillada	100 gram.

Dissolva. 10 a 40 gottas por dia, em agua com assucar. Contra as convulsões das crianças. Estas gottas constituem a *solução de Rosenstein*.

Mistura salina simples.

Sumo de limão azedo	30 gram.	(4 grammas pouco mais ou menos.)	
Sub-carbonato de potassa, para fazer saturação completa	q. b.	Agua	300 gram.
		Xarope simples	30 gram.

M. Como antiphlogistico. Uma chicara de duas em duas horas. Em lugar d'agua, póde-se empregar o cozimento de cevada, o cozimento de grama e cevada, a infusão de folhas de laranjeira, de flores de tilia, etc.

Mistura salina composta.

Sumo de limão azedo	30 gram.	Agua de hortelã	210 gram.
Súb-carbonato de potassa para completar a saturação	q. b.	Emetico	5 centig.
		Xarope simples	15 gram.

M. Como alterante e emetico.

Externamente :

Pomada anti-psorica d'Helmerik (Cod. fr.).

Enxofre sublimado e lavado	10 gram.	Agua distillada	5 gram.
Sub-carbonato de potassa	5 gram.	Oleo de amendoas doces	5 gram.
		Banha	35 gram.

Reduza o sub-carbonato a pó fino; ajunte a agua para dissolvê-lo; depois o enxofre, e emfim o oleo e a banha; triture para obter uma pomada homogenea. — É optimo o seu effeito contra a sarna.

Pomada alcalina (Biett).

Sub-carbon. de potassa	10 gram.	Banha benzoinada	40 gram.

Molestias cutaneas.

Pomada alcalina opiada (Gibert).

Sub-carbon. de potassa	4 gram.	Banha	30 gram.
Laudano de Sydenham	2 gram.		

F. S. A. Em fricções contra as empigens.

2° BI-CARBONATO DE POTASSA (Bicarbonate de potasse, fr.). Sal crystallizado em prismas rhomboidaes obliquos, sem cheiro, de sabor algum tanto alcalino, soluvel em 4 partes d'agua fria. — Possue as mesmas virtudes que o carbonato, sem ser caustico como elle; deveria por conseguinte ser-lhe preferido para uso interno. Convem nas areias produzidas pelo excesso de acido urico.

Internamente. 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava) e mais em vehiculo.

Bebida alcalina (Bouchardat).

Bi-carbonato de potassa crystallizado	1 gram.	Xarope simples	50 gram.
Agua	500 gram.	Tintura de canella	50 centig.
		— de baunilha	50 centig.

M. Toma-se ás chicaras nas areias.

Tisana de Mascagni.

Bi-carbonato de potassa	5 gram.	Xarope de gomma	30 gram.
Agua	500 gram.		

M. Uma chicara de 2 em 2 horas.

Poção de Stutz.

Bi-carbonato de potassa	10 gram.	Xarope simples	50 gram.
Agua	200 gram.		

M. Tres colheres *de sopa* de hora em hora contra o tetano. Póde augmentar-se a dóse do bi-carbonato até 15 grammas. Nos intervallos administra-se o opio na dóse de 25 centigrammas (5 grãos) até 1 gramma (20 grãos) em 24 horas.

CARBONATO DE SODA. Existem dois nas pharmacias.

1° SUB-CARBONATO DE SODA, *Carbonato neutro de soda* ou *Natrum dos antigos* (Sous-carbonate de soude, fr.). Sal branco, inodoro, de sabor alcalino, crystallizado em octaedros rhomboidaes; é muito efflorescente ao ar, e dissolve-se em 2 partes d'agua fria. — É mui irritante para poder ser empregado internamente; é pelo

contrario muito usado externamente em lavatorios, pomadas e banhos nas affecções da pelle. Os banhos de sub-carbonato de soda substituem os de Vichy. Para os banhos emprega-se o carbonato de soda do commercio, que não é puro, e contém notavel quantidade de soda caustica e de sulfureto de potassio.

Externamente :

Pomada alcalina.

Sub-carbonato de soda	10 gram.	Banha	40 gram.
Laudano de Sydenham	5 gram.		

Pomada anti-dartrosa (Biett).

Cal extincta	5 gram.	Extracto de opio	50 centig.
Sub-carbonato de soda	10 gram.	Banha	80 gram.

F. S. A. Em fricções contra o prurido.

Pomada epilatoria (Cazenave).

Sub-carbonato de soda	10 gram.	Banha	40 gram.
Cal	5 gram.		

M. Em fricções na tinha.

Banho alcalino (Cod. fr.).

Sub-carbonato de soda	250 gram.	Agua	300 litros

Molestias cutaneas, rheumatismo chronico, gota. Substitue o banho d'agua de Vichy.

Lavatorio alcalino (Cod. fr.).

Sub-carbon. de potassa	50 gram.	Agua distillada	500 gram.

Dissolva e filtre. — Affecções cutaneas.

Lavatorio anti-pruriginoso (Jeannel).

Sub-carbon. de potassa	10 gram.	Agua de louro-cereja	200 gram.

Dissolva e filtre. — Prurido da vulva ou do anus.

2° BI-CARBONATO DE SODA ou **Sal de Vichy** (Bicarbonate de soude, fr.). Sal branco, em massas compostas de pequenos crystaes agglomerados, inalteravel ao ar, não deliquescente, soluvel em 13 partes d'agua fria, de sabor algum tanto alcalino.

Emprega-se internamente contra as molestias seguintes : areias, colica hepatica, gota, rheumatismo agudo e dyspepsia.

Externamente usa-se em algumas affecções cutaneas. Existe em dissolução em grande numero d'aguas mineraes, como nas de Vichy, Vidago, Pedras Salgadas, etc. Algumas horas depois de ingerido, as ourinas, que são naturalmente acidas, tornão-se alcalinas.

Internamente. 50 centigrammas (10 grãos) até 8 grammas (2 oitavas), e progressivamente até 30 grammas (1 onça) por dia, em pó, ou dissolvido em agua.

Pastilhas de Vichy (Cod. fr.).

Bi-carbonato de soda	50 gram.	Mucilagem de gomma	
Assucar refinado	1950 gram.	alcatira	180 gram.

Faça pastilhas de 1 gramma (20 grãos). Cada uma contém 25 milligrammas (1/2 grão) de bi-carbonato de soda. D. 10 a 30 pastilhas por dia.

Aromatizão-se estas pastilhas de diversas maneiras. Para as dóses das substancias acima indicadas, as porções que convem empregar, de cada um dos oleos volateis, e separadamente, são as seguintes; oleo volatil de aniz 25 grammas, de limão 30, de hortelã 20, de flores de laranjeira 10, de rosas 10, ou tintura de baunilha 60.

Dissolvem-se em 3 vezes o seu peso de alcool a 40° e introduzem-se na pasta das pastilhas, ainda molle.

Os *confeitos de Malta contra o enjôo do mar,* não são, dizem, mais do que as pastilhas de Vichy modificadas na fórma e no sabor.

Agua alcalina gazosa ou *Soda Water* (Cod. fr.).

Bi-carbonato de soda 1 gram. | Agua gazosa simples 650 gram.

Dissolva o bi-carbonato na agua, filtre a solução, e sature-a de gaz acido carbonico. D. 3 a 4 copos por dia, para facilitar a digestão.

Xarope alcalino (Jeannel).

Bi-carbonato de soda	10	Xarope simples	80
Agua distillada	10	Alcoolatura de casca de laranja	1

Dilua o bi-carbonato de soda na agua distillada, ajunte o xarope, aqueça a b. m. até á dissolução completa sem exceder a temperatura de + 60°. — Este xarope representa 1/10 de bi-carbonato de soda; misturado em partes iguaes com uma solução contendo 1,6/10 de acido tartrico ou 2/10 de acido citrico, offerece um meio de preparar immediatamente uma limonada gazosa. Assim tome : xarope alcalino, 20 gram.; agua commum, 150 gram.; solução de acido tartrico ou de acido citrico nas proporções acima indicadas, 20 gram.; misture; para 1 copo de limonada gazosa. (V. *Pós gazogeneos*, p. 152.)

Cozimento anti-nephritico.

Infusão de linhaça	500 gram.	Bi-carbonato de soda	1 gram.
Xarope simples	60 gram.		

M. D. Uma chicara de duas em duas horas nas areias.

Pós digestivos (Phœbus).

Bi-carbonato de soda 75 centig. | Saccharol. de hortelã pim. 1 gram.

M. Esta dóse toma-se uma vez por dia.

Poção absorvente (Swediaur).

Rhuibarbo em pó	5 gram.	Xarope de assucar	25 gram.
Bi-carbonato de soda	1 gram,	Agua de hortelã	125 gram.

M. Duas colheres *de sopa,* 3 vezes por dia. Azía, pyrose, cardialgia.

Cozimento alcalino (Biett).

Bi-carbonato de soda 2 gram. | Cozimento de cevada 500 gram.

Uma chicara de 3 em 3 horas.

Externamente. Em *banhos*, 150 a 180 grammas (5 a 6 onças) para um banho geral.

Collutorio de bi-carbonato de soda.

Bi-carbonato de soda 4 gram. | Mel de abelhas 15 gram.

M. Contra os sapinhos. Esfregão-se os sapinhos, tres vezes por dia, com um panno molhado n'este collutorio.

CARDAMOMO. (Cardamome, fr.). Os cardamomos são fructos aromaticos que vem de Java, do Malabar, e da India, e que pertencem aos generos *Amomum, Elettaria* e *Rencalmia,* da familia das Amomeas. Distinguem-se tres especies commerciaes : 1° O *cardamomo maior* é em capsulas triangulares, triloculares, do comprimento de 1 pollegada, estriadas longitudinalmente, de côr amarellada escura ; 2° o *médio,* apresenta-se em capsulas quasi esphericas, do tamanho de uma pequena avelã; 3° o *menor;* tem o mesmo feitio que o maior, porém muito mais pequeno : este é o mais estimado, e o que mais se emprega. *P. us. Sementes.* As sementes do cardamomo menor são angulosas, roxas, aromaticas, de sabor picante.

Excitante, empregado nas colicas flatulentas, em pó, na dóse de 50 centigrammas (10 grãos) a 1 gramma (20 grãos). Associa-se ás vezes aos purgantes, para ajudar-lhes a acção.

CARDO SANTO. (Chardon béni, fr.). *Cnicus benedictus*, Gaertn. Synanthereas-carduaceas. Planta que habita espontaneamente em Portugal. Caule quasi de dois pés; folhas sinuosas ou denteadas e algum tanto espinhosas; flores duas ou tres terminaes nos ramos, pedunculadas; cheiro desagradavel que se perde pela deseccação; sabor amargo. *P. us. Summidades floridas.* Tonico e febrifugo.

Internamente. *Infusão*, 4 grammas (1 oitava) para 250 gram. (8 onças) d'agua fervendo.

CARMIM. V. Cochonilha.

CARNE (Viande, fr.). Nome da parte carnosa dos musculos, que é excessivamente nutritiva e indispensavel á alimentação. Em medicina, a carne de vacca é empregada em decocção para fazer *caldo*, ou em infusão para fazer o *chá* denominado *chá de carne*. O caldo faz-se mettendo a carne em agua fria, que se faz aquecer lentamente até á ebullição, ajuntando sal e legumes, e entretendo a ebullição durante *seis horas*. — Póde-se fazer o caldo em *uma hora* : Picão-se duas libras de carne de vacca sem gordura, e aquecem-se lentamente até á ebullição, durante uma hora, em 2 libras d'agua; e, passados alguns minutos de ebullição, tem-se um bom caldo. —O bom caldo é sempre acido, e é por este motivo que excita o appetite e favorece a digestão. É uma das preparações por meio da qual introduzimos na nossa economia a maior parte do sal marinho, substancia que facilita eminentemente a digestão.

Carne crua picada. O lombo de vacca, picado e moido, emprega-se como medicamento contra a diarrhea das crianças, e nas molestias chronicas do peito, na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças). Administra-se em bolinhos, do tamanho de um morango, cobertos de assucar, ou misturados com a conserva de rosas, ou diluidos em agua com assucar ou em agua com vinho.

A carne de vacca, secca com cuidado e coberta com assucar, serve tambem para fazer pastilhas que sob o nome de *musculina Guichon*, podem substituir a carne crua.

A carne de *carneiro* e de *frango* emprega-se do mesmo modo, e nos mesmos casos.

Extracto de carne (Liebig). Carne de boi ou de vacca magra, sem ossos, e cortada em pequenos pedaços, 10. Pise em gral de marmore com agua, 1, para fazer polpa homogenea. Ajunte : agua, 20. Digira a b. m. em vaso de estanho durante uma hora; mexa repetidas vezes; côe, esprema, ajunte ao residuo, agua fervendo, 10. Dilua, côe, torne a espremer; misture as duas soluções; evapore em b. m. e reduza a 3; deixe arrefecer; separe a gordura que se acha na superficie; evapore em b. m. até á consistencia de extracto.

Prepara-se em grande, em Buenos-Ayres, e, no Brasil, na provincia do Rio Grande do Sul.

1 a 2 grammas d'este extracto, dissolvidos n'uma chicara d'agua fervendo, convenientemente salgada, addicionada de 1 gramma de manteiga ou de gordura fornece um caldo soffrivel; a preparação torna-se agradavel, se o extracto fôr dissolvido em caldo de legumes. Uma dóse de extracto mui elevada communica ao liquido um sabor desagradavel de colla forte. Este extracto melhora muito as diversas preparações culinarias, e substitue economicamente o succo de carne.

Não se deve confundir o *extracto* com o *caldo concentrado*, este tem a apparencia de colla; contém muita gelatina e albumina, e é preparado com todos os tegumentos, ossos, tendões da rez, em

quanto que no *extracto* só se emprega a musculina, que o torna mais substancial e mais imputrescivel. Convem aos convalescentes.

CAROBA. *Jacaranda procera,* Sprengel, Bignoniaceas. Arvore do Brasil. Folhas bipennadas, foliolos ovaes, oblongos, verde-escuros por cima, verde-claros por baixo, as nervuras lateraes obliquas e mui salientes, e sabor muito amargo; flores terminaes dispostas em paniculas pedunculadas; fructo, capsula lenhosa, quasi orbicular, achatada e bivalve; sementes membranosas aladas; raiz roxa escura por fóra, branca amarellada por dentro. *P. us. Folhas.* As folhas de caroba empregão-se contra as boubas e a syphilis.

Internamente. *Decocção* 8 gram. (2 oitavas) para 360 gram. (12 onças) d'agua.

Electuario ou *Massa anti-boubatica* (João Alves Carneiro).

Folhas de caroba em pó	60 gram.	Calomelanos	2 gram.
Salsaparrilha em pó	60 gram.	Xarope simples	q. s.
Folhas de sene em pó	30 gram.		

F. S. A. Uma colher *de sopa* pela manhã e outra á noite.

Externamente. *Decocção* em lavatorios, cataplasmas, etc.

Pó, para polvilhar as ulceras.

Ha muitas outras especies de caroba, da mesma familia das Bignoniaceas, que gozão das mesmas propriedades. São: **Caroba de flor verde,** *Cybistax antisyphilitica,* Martius. **Caroba branca,** *Sparattosperma lithontripticum,* Martius. **Caroba roxa** ou **preta,** *Bignonia obovata,* Velloso. **Caroba de S. Paulo,** *Jacaranda paulistana,* Manso. **Caroba miuda** ou **Carobinha.** *Bignonia caroba,* Velloso.

CARQUEJA AMARGOSA. *Baccharis triptera,* D. C. Synanthereas. Planta do Brasil (Rio, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Minas). Caule com tres decurrencias foliaceas, interrompidas de distancia em distancia, flores brancas em capitulos. *P. us. Caule.* Tonico e antifebril.

Internamente. *Infusão* 8 grammas (2 oitavas) para 250 gram. (8 onças) d'agua fervendo.

CARQUEJA DOCE. *Baccharis gaudichaudiana,* D. C. Synanthereas. O caule d'esta especie tem sómente duas decurrencias. Goza das mesmas propriedades que a precedente; é menos amargosa.

CARRAGAHEEN ou **Musgo perlado** (Carragaheen ou mousse perlée, fr.). *Fucus crispus,* L. Alga propria dos mares do norte da Europa. É de côr purpurea roxa no estado fresco. Apresenta-se no commercio sob a fórma de expansões brancas amarelladas, planas ou encrespadas; cheiro fraco, sabor mucilaginoso e não desagradavel. É uma das plantas mais mucilaginosas que se conhecem : gelea 79,1 — muco 9,5 — duas resinas 0,7 — materia gorda, acido livre e saes alguns vestigios; achou-se tambem n'ella o iodo. Os Inglezes empregão esta substancia como analeptica na tisica, e contra a diarrhea, debaixo da fórma de cozimento, gelea, xarope e pastilhas. Os cabelleireiros fazem com ella a *bandolina* para fixar os cabellos, e os fabricantes de cerveja servem-se d'ella para dar corpo á cerveja.

Internamente. *Decocção:* Carragaheen 5 grammas (1 1/4 oitava), agua q. s. Lave o musgo em agua fria; ferva por dez minutos em q. s. d'agua para obter 1 litro (32 onças) de cozimento. Côe. — D. 250 a 360 grammas (8 a 12 onças) por dia d'este cozimento adoçado com assucar, nas molestias do peito.

Xarope (p. 132). 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Saccharureto de carragaheen (Cod. fr.).

Carragaheen	1000 gram.	Assucar	4000 gram.

Lave o musgo em agua fria, ferva por uma hora em q. b. d'agua; côe com espressão por panno de linho; ajunte o assucar, e proceda como para o saccharureto de musgo islandico.

Gelea de carragaheen (Cod. fr.).

Saccharureto de carragaheen	40 gram.	Agua	100 gram.
Assucar refinado	20 gram.	Agua de flor de laranjeira	5 gram.

Dilua o saccharureto na agua; ajunte o assucar, ferva, espume, e passe para vaso em que previamente se tenha deitado a agua de flores de laranjeira. As porções indicadas devem produzir 125 gram. de gelea.

Pastilhas de carragaheen (Mouchon).

Saccharureto de carragaheen	500 gram.	Agua commum	4 gram.
Gomma alcatira	4 gram.	Essencia aromatica	á vontade.

F. pastilhas de 2 grammas (40 grãos).

Pasta de carragaheen (Mouchou).

Carragaheen	125 gram.	Gomma arabica	1000 gram.
Agua	12000 gram.	Assucar	1000 gram.

Ferva o carragaheen, primeiro, em 8,000 grammas da agua, e, depois, no resto; ajunte aos liquidos reunidos a gomma e o assucar; derreta, côe, e opere como para a pasta de jujubas.

Leite analeptico de carragaheen.

Carragaheen	4 gram.	Assucar	30 gram.
Leite de vacca	150 gram.	Agua de flor de lanranj.	8 gram.

Ferva por dez minutos o carragaheen no leite; côe; ajunte o assucar e a agua de flores de laranjeira. — Bronchite, convalescenças.

Externamente. *Cataplasma emolliente instantanea* (Lelièvre). Compõe-se de duas folhas de pasta de algodão sobrepostas uma á outra que se embebem de forte solução de carragaheen, se comprimem depois, e seccão-se na estufa. Obtem-se assim uma folha delgada, de consistencia e grossura do papelão, que basta molhar durante um minuto em agua a ferver, para a fazer inchar de novo, embebe-la de um liquido mucilaginoso, e obter instantaneamente uma cataplasma emolliente; é semelhante, quanto ao effeito á cataplasma de farinha de linhaça. Fabrica-se em grande em Pariz. O Dr. Lelièvre, obteve em 1874 do governo francez um privilegio exclusivo por 15 annos. Vende-se em Pariz, *avenue Victoria*, 24. Foi o objecto de um relatorio favoravel da Academia de medicina de Pariz, e é adoptada para o servico medico das ambulancias, dos hospitaes militares e da marinha franceza. Convem muito nas fazendas do Brasil.

CARRAPATEIRO. V. Mamona.

CARRAPICHO. *Urena sinuata,* L. Malvaceas. Planta do Brasil (Pernambuco). A infusão das folhas e flores é emolliente; emprega-se nas tosses. 2 grammas (1/2 oitava) para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

CARRAPICHO DA CALÇADA. *Triumfetta sepium.* St-Hil. Tiliaceas. Sub-arbusto do Brasil. Folhas lanceoladas, serreadas; face superior pubescente, inferior tomentosa; pedunculos de tres flores; fructo globoso, piloso e espinhoso. — O cozimento das folhas

e fructos contusos é usado na roça em injecções contra a gonorrhea. Tira-se dos ramos uma filaça, que serve para a confeição de cestinhos.

A *Triumfetta eriocarpa*, St-Hil., e a *Triumfetta semitriloba*, Lam., são conhecidas tambem pelos nomes de carrapichos, e empregão-se do mesmo modo.

CARVALHINHA, Chamedrios ou **Carvalho pequeno** (Germandrée, petit chêne, chamædrys, fr.). *Teucrium chamædrys*, L. Labiadas. Planta commum nos matos da Europa, de sabor amargo As summidades floridas empregão-se, ás vezes, em infusão, como tonico. 4 gram. (1 oitava) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo.

CARVÃO. Distingue-se na pharmacia o carvão vegetal, e o carvão animal.

I. CARVÃO VEGETAL OU DE LENHA (Charbon vegétal ou de bois, fr.). Producto da combustão incompleta das plantas lenhosas em vasos de ferro tapados. É o carvão de carvalho que se emprega principalmente na economia domestica e na medicina. Para os usos medicos deve preferir-se o carvão de madeira leve. O carvão vegetal contém certa quantidade d'agua que a calcinação lhe póde tirar, um pouco de hydrogeneo, gazes que pôde absorver durante a sua exposição ao ar; emfim saes proprios ao vegetal donde provém. Póde purificar-se, quando fôr necessario, fervendo-o na agua carregada de 1/32 de acido chlorhydrico, lavando, seccando, calcinando fortemente e porphyrizando o residuo, que se conserva depois em frascos bem tapados.

O carvão vegetal goza da propriedade de purificar certos liquidos, e de tirar a côr a grande numero de substancias; e por isso as aguas putrefactas perdem o cheiro e tornão-se potaveis passando a travez de uma camada de carvão em pó; e a carne, com máo cheiro, perde-o quando se faz ferver com certa quantidade de carvão.

O carvão vegetal reduzido a pó emprega-se principalmente no curativo das ulceras gangrenosas, contra a tinha, sarna, e como dentifricio. Internamente é aconselhado para corrigir o máo halito, na febre typhoide e na gastralgia. O Dr. Belloc aconselha n'esta ultima affecção o carvão de ramos de choupo. Para obter este remedio, cumpre escolher, no momento da seiva, ramos de 3 a 4 annos, provenientes de choupos que habitão n'um lugar secco e expostos ao sol. Estes ramos cortados e descascados introduzem-se n'um vaso fechado de ferro fundido, e aquece-se até ao branco. Mette-se o carvão em agua por 3 ou 4 dias, tendo o cuidado de mudar a agua 3 a 4 vezes por dia, expõe-se ao ar, e depois reduz-se a pó antes de estar completamente secco. O Dr. Belloc administra o carvão de choupo na dóse de 4 a 5 colheres *de sopa* por dia, n'um pouco d'agua fria. Preparão-se tambem pastilhas de carvão com agua e assucar, por meio de forte compressão. Parece que este remedio tem feito curas maravilhosas, não só nas gastralgias, mas tambem nas enxaquecas.

Internamente. *Pó* (p. 110), 1 a 30 gram. (20 grãos a 1 onça) por dia com assucar e algum aroma.

Pastilhas de carvão (Cod. fr.).

Carvão vegetal em pó	100 gram.	Mucilagem de gomma alcatira	40 gram.
Assucar	300 gram.		

F. pastilhas de 1 gramma (20 grãos). Cada uma contém 25 centigrammas (5 grãos) de carvão. D. 4 a 8 e mais por dia. Contra o máo halito.

Pastilhas de carvão (Therouin).

Chocolate pulverizado	100 gram.	Assucar	30 gram.
Carvão vegetal porphyr.	30 gram.	Baunilha	4 gram.

F. pastilhas de 1 gramma (20 grãos). D. 6 a 8 por dia, contra o máo halito.

Em lugar do chocolate, póde empregar-se o café em pó, e q. s. de mucilagem de gomma.

Externamente. *Pó* nas ulceras, q. b.

Pomada contra a tinha (Biett).

Carvão de lenha pulverizado	10 gram.	Flor de enxofre	20 gram.
		Banha	50 gram.

Cataplasma com carvão.

Cataplasma de linhaça 125 gram.	Polvilhe com carvão em pó 8 gram.

Ulcerações dartrosas, ecthyma, etc.

II CARVÃO ANIMAL (Charbon animal, fr.). Obtem-se aquecendo em caldeiras cobertas, ou em cylindros de ferro fundido, os ossos de diversos animaes até que não haja desenvolvimento de productos volateis. Apaga-se, e pulveriza-se debaixo das mós. Este carvão contém grande quantidade de phosphato e de carbonato calcareo, de que póde conter naturalmente até 88 por 100; e vem a ser que o carvão de ossos de bois contém phosphato e carbonato de cal 88, carvão 10, carbureto e siliciureto de ferro 2, sulfureto de calcio e de ferro vestigios. É assim empregado nas artes. Mas para alguns usos pharmaceuticos, deve ser tratado pelo acido chlorhydrico, e lavado depois muitas vezes em agua fervendo. — O poder descorante do carvão animal é mais consideravel do que o do carvão vegetal, pelo que é aquelle empregado com preferencia nas pharmacias para descorar os xaropes, licores, etc.

CASCA DE ANTA ou **Paratudo**. *Drymis granatensis*, L. Magnoliaceas. Arvore do Brasil (Rio, S. Paulo, Minas, Goyaz, Bahia). Arvore glabra, cujos ramos tem só folhas no apice; folhas ovaes-oblongas, obtusas nas pontas, agudas na base, coriaceas, brancas na superficie inferior; flores brancas. Ha mais tres outras variedades d'esta arvore. A casca é aromatica; emprega-se em infusão contra as colicas e o fastio.

Internamente. *Infusão* : 4 grammas (1 oitava), para 180 gram. (6 onças) d'agua fervendo.

Augusto de St-Hilaire e Guibourt julgão que poderia substituir com vantagem a casca de Winter, empregada nas boticas como tonica e estimulante.

CASCA PRECIOSA. V. PEREIORA.

CASCA DE WINTER (Écorce de Winter, fr.). Casca da *Drymis Winteri*, Forster, arvore da familia das Magnoliaceas que habita na America meridional, perto do estreito de Magalhães. Esta casca apresenta-se no commercio em tubos enrolados, do diametro de 1 pollegada, como a canella; cinzenta na epiderme, vermelha no interior; cheiro aromatico, sabor picante; é rara no commercio, e substitue-se-lhe frequentemente a canella branca. — Estimulante e estomachico.

Internamente. *Pó* (p. 111), 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos).

Infusão, 4 grammas (1 oitava) para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

CASCARILHA (Cascarille, fr.). *Croton elutheria*, Bennet. Euphorbiaceas. Arbusto que habita nas Antilhas e na America meri-

dional. *P. us. Casca.* Vem de Bahama, da Jamaica, de Lima e de Vera-Cruz.

Esta casca acha-se em pedaços mais ou menos enrolados, cobertos de uma epiderme esbranquiçada, e que tem toda a apparencia da quina cinzenta; côr roxa por dentro; sabor um pouco amargo, aromatico e acre; cheiro como almiscarado, que se desenvolve quando se masca ou queima.

Tonico, excitante, diaphoretico e anti-emetico. Esta ultima propriedade faz com que a cascarilha se associa á quina quando esta tem tendencia a produzir nauseas. Emprega-se nas dysenterias chronicas e dyspepsias. Parece gozar de propriedades febrifugas, serve para a fabricação dos trociscos aromaticos. Misturão-n'a com rapé, para aromatiza-lo.

Internamente. *Pó* (p. 111), 1 a 4 gram. (20 grãos a 1 oitava).

Infusão, 10 gram. (2 1/2 oit.) para 1000 gram. (32 onças) d'agua.

Tintura (p. 122), 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas) em poção.

CASTOREO. (Castoreum, fr.). Materia animal que se acha em duas bolsas situadas perto das partes genitaes do castor (macho e femea), mammifero roedor que habita as regiões incultas do Canadá e da Siberia. F. 157. É solido, fragil, como resina, unctuoso, roxo, amargo, de cheiro forte e particular; é insoluvel em agua, soluvel no alcool e no ether. No commercio acha-se contido nas duas bolsas que o fornecêrão.



Fig. 157. — Castor.

Antispasmodico, empregado nas febres adynamicas, hysterismo, hypochondria, colicas nervosas, em muitas outras affecções espasmodicas, e na amenorrhea.

Internamente. 5 centigrammas a 2 grammas (1 a 40 grãos) em pilulas, em pó misturado com assucar, ou em poção.

Tintura alcoolica (p. 121), 10, 30 gottas, até 15 gram. (4 oitavas) em poção. — Quando se introduz a tintura de castoreo n'uma poção, é preciso mistura-la primeiro com o xarope pela agitação, e ajuntar depois pouco a pouco o vehiculo aquoso. Esta precaução impede a formação dos grumos que resultarião da precipitação subita da substancia resinosa pela agua.

Tiutura etherea (p. 124), 1 a 4 gram. (20 grãos a 1 oitava) em poção.

Pós antispasmodicos.

Castoreo	30 centig.	Assucar	30 centig.
Raiz de valeriana	30 centig.		

F. 1 papel. D. 1 pela manhã, e outro á noite.

Pilulas anti-hystericas (Selle).

Galbano	4 centig.	Açafrão	1 centig.
Assafetida	4 centig.	Opio	5 millig.
Extracto de angelica	4 centig.	Tintura alcoolica de castoreo	q. s.
Castoreo	1 centig.		

F. 1 pilula. D. 2 a 5 duas vezes por dia.

Poção antispasmodica.

Tintura de castoreo	4 gram.	Infusão de melissa	150 gram.
Licor de Hoffmann	2 gram.	Xarope de casca de lar.	30 gram.

M. D. Ás colheres.

CATO ou **Terra japonica** (Cachou, fr.). Extracto preparado com o lenho, cascas e fructos de muitas arvores das Indias Orientaes, da familia das Leguminosas, e principalmente da *Acacia catechu,* Wil. Fig. 158. Ha duas especies principaes de cato : 1ª Cato de Bengala, cato avermelhado. Em pães de 90 a 125 grammas, que deverião ser redondos, mas que, pela deseccação e compressão, tomão uma fórma quasi quadrada. Apresentão na superficie folhas de arroz. Fractura baça, avermelhada, ondulosa; friavel, sabor adstringente, sem amargor, seguido logo de um gosto adocicado e agradavel. Esta especie, rara ás vezes, é a mais estimada. 2ª Cato de Bombaym, cato roxo. Em pães de 60 a 90 grammas, redondos, achatados, cheios de folhas de arroz no exterior e no interior; mais duro, menos friavel, mais roxo, com fractura mais uniforme que o precedente, de que se distingue, além d'isto, pela fractura luzente e



Fig. 158. — *Acacia catechu,* arvore que dá o cato.

sabor amargo, não adocicado. — O cato é soluvel em parte na agua fria, e inteiramente na agua fervendo; é soluvel tambem no alcool. É composto de tannino, acido catechutico, catechina e extractivo.

Adstringente energico e tonico, empregado para excitar o appetite, combater as diarrheas, dysenterias, expectorações abundantes, catarrhos chronicos da bexiga, suores excessivos, as hemorrhagias uterinas e outras, diabetes, amollecimento das gengivas, as aphtas, o escorbuto e o máo halito. — O cato é uma substancia adstringente, cujo emprego é muito antigo nos povos que habitão as regiões meridionaes e orientaes da Asia, e que lhes serve principalmente para compôr um masticatorio, cujo uso é tão geral como o do fumo em outras partes do globo. Este masticatorio, formado de cato, noz de areca, uma especie de palmeira, e de um pouco de cal, tudo envolvido n'uma folha de betel, tinge de vermelho a saliva, e dá uma côr desagradavel aos dentes; mas remedeia a relaxação das gengivas e a debilidade dos orgãos digestivos.

Substancias incompativeis. Os alcalis, os saes metallicos e sobretudo os de ferro, e a gelatina.

Internamente. 25 a 60 centigrammas (5 a 12 grãos), como tonico; 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava) como adstringente; em pó, pilulas, electuario ou poção.

Infusão, 8 grammas (2 oitavas) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

Tintura (p. 121), 1 a 4 gram (20 grãos a 1 oitava) em poção.

Xarope (p. 132), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Quando o cato é misturado com substancias estranhas, é necessario, para uso pharmaceutico, dissolvê-lo em agua quente, e evaporar o liquido a b. m.; chama-se então *extracto* ou *preparação de cato.*

Pastilhas ou *Tabellas de cato* (Cod. fr.).

Cato pulverizado	100 gram.	Mucilagem de gomma alcatira	45 gram.
Assucar	400 gram.		

F. pastilhas de 50 centigrammas (10 grãos). Cada uma contém 10 centigrammas (2 grãos) de cato. D. 3 a 10 por dia, como estomachico.

Grãos de cato.

Massa para pastilhas de cato.................. q. v.

Divida em grãos de 10 centigrammas (2 grãos), mais ou menos. — Estes são grãos de cato sem cheiro.

Os grãos de cato *de hortelã, de rosa, de canella, de aniz, de agua de flores de laranjeira*, preparão-se ajuntando algumas gottas dos oleos volateis d'estas substancias; os de *ambar cinzento, de almiscar, de baunilha,* com as tinturas de ambar cinzento, etc.; os grãos de cato *de viola,* com q. s. de pó de lirio florentino.

Cato de Bolonha ou *Pastilhas de cato aromaticas de Italia.* Eis-aqui a formula proposta dor Dorvault, que póde substituir a preparação italiana, cuja receita não é conhecida : Extracto de alcaçuz por infusão, agua, aná 100 grammas. Derreta a b. m. e ajunte cato pulverizado 30, gomma pulv. 15. Evapore até a consistencia de extracto, e incorpore as substancias seguintes reduzidas a pó fino : almêcega, cascarilha, carvão, lirio, aná 2. Evapore ainda um pouco, tire do fogo e ajunte : essencia de hortelã 2, tintura de ambar cinzento e de almiscar, aná 5 gottas. Verta então a massa sobre uma mesa de marmore, untada com azeite doce, e estenda-a por meio de um rolo em lamina de espessura de 1 millimetro.

Depois de arrefecida a massa, esfregue as duas superficies com papel sem colla, afim de tirar-lhes completamente o azeite; depois humedeça ligeiramente estas superficies, cubra-as com folhas de prata, deixe seccar, e finalmente corte a lamina primeiramente em tiras estreitas, e depois estas tiras em quadrados ou rhombos, mui pequenos. Duas a tres pastilhas são sufficientes para dar ao halito um cheiro agradavel, e corrigir o mão cheiro da bocca que resulta da carie dos dentes, uso do charuto, etc. Na Italia, as pessoas de boa sociedade trazem-n'as sempre comsigo.

Cónfeição japonica ou *Electuario de cato.*

Cato em pó	60 gram.	Opio desfeito em q. b. de vinho	3 gram.
Kino	50 gram.	Xarope de rosas rubras	450 gram.
Moscadas	15 gram.		
Canella em pó	15 gram.		

F. S. A. — D. 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava) duas vezes por dia, na diarrhea chronica.

Pós de cato compostos.

Cato	30 centig.	Canella	30 centig.
Cascarilha	30 centig.	Assucar	30 centig.

F. 1 papel. D. Um papel de 2 em 2 horas, nas diarrheas chronicas.

Pilulas anti-dysentericas (Willis).

Cera amarella	20 centig.	Espermacete	5 centig.

Derreta a calor brando e incorpore :

Cato em pó	5 centig.	Oleo essencial de canella	1 gotta

F. 1 pilula. — D. 6 a 24 por dia.

Poção adstringente.

Infusão de rosas rubras	150 gram.	Xarope diacodio	30 gram.
Cato	4 gram.		

M. Uma colher *de sopa* de hora em hora. Dysenteria.

Infusão de cato composta.

Canella	4 gram.	Agua fervendo	q. s.

Infunda e côe de modo que obtenha 360 grammas de liquido. Ajunte :

Cato em pó	15 gram.	Assucar	30 gram.
Gomma arabica	8 gram.		

D. Uma chicara de 2 em 2 horas nas diarrheas.

Apozema adstringente.

Cato	8 gram.	Raiz de consolda maior	8 gram.

Agua q. s. para ter 720 grammas de infusão; ajunte :

Xarope de marmelo.......................... 60 gram.

D. ..s chicaras nas diarrheas.

Clyster de cato.

Cato	4 gram.	Agua quente	250 gram.

Dilua. — Diarrheas chronicas, hemorrhagias intestinaes, incontinencia de ourina.

Externamente. Em dissolução, em gargarejos, injecções; ou em pó, como dentifricio.

Electuario gengival.

Cato	8 gram.	Mel rosado	30 gram.
Tintura de cochlearia	30 gram.		

M. Esfregão-se com este electuario [as gengivas pela manhã e á noite. Amollecimento das gengivas.

CAXAPORRA DO GENTIO. *Terminalia argentea*, Mart. Combretaceas. Arvore do Brasil (Minas Geraes). Fornece uma gomma resina que é purgativa na dóse de 50 centigrammas (10 grãos), em emulsão ou pilulas.

CAYAPIA. V. Contraherva.

CAYAPÓ. *Cayaponia*. Tres plantas purgativas, da familia das Cucurbitaceas, que habitão no Brasil, são descriptas por Manso.

1ª *Cayaponia diffusa*, Manso. Caule trepante; folhas trilobadas; fructo, baga amarella do tamanho de um ovo de pomba, contendo quasi sempre quatro sementes; raizes horizontaes. *P. us. Fructo* e *raiz*. Dóse : Raiz, 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas) em pó; fructo, um.

2ª *Cayaponia globosa*, Manso. **Capitão do matto, Anna Pinta** (Minas), **Purga de cayapó** (S. Paulo). Estende-se menos do que a precedente. O fructo é espherico e vermelho, com mais ou menos 10 sementes ovaes. *P. us. Sementes*, na dóse de 5 a 10.

3ª *Cayaponia elliptica*, Manso. Os fructos são oblongos, de côr alaranjada. *P. us. Fructo*. Dóse : meio fructo.

A *Cayaponia cabocla*, Martius, goza tambem de propriedades purgativas. É conhecida nas provincias de Minas e Rio de Janeiro com os nomes de **Purga de gentio** ou de **caboclo.**

CEBOLA. (Oignon, fr.). *Allium cepa*, L. Liliaceas. Planta cultivada nas hortas, de que existem muitas variedades. O bolbo radical usa-se como alimento; serve tambem, depois de assado, como cataplasma emolliente, empregada nos leicenços. As cebolas cruas piladas, e misturadas com leite frio, dão-se como alimento exclusivo no tratamento da hydropisia.

CELIDONIA MAIOR ou **Herva andorinha legitima** (Grande chélidoine ou éclaire, fr.). *Chelidonium majus*, L. Papaveraceas. Planta que se encontra em toda a Europa; em Portugal habita pelos monturos, e tambem se cultiva nas hortas. Folhas pinnatisectas, de segmentos arredondados, denteados e lobados; flores amarellas; fructo, vagem bivalve. Todas as partes da planta exhalão cheiro forte e nauseoso, e mana d'ella, pela menor incisão, um succo amarello, acre e mesmo caustico, que se emprega para a destruição das verrugas, e dos callos dos pés. As fricções com a planta fresca forão aconselhadas contra as molestias de pelle. Na falta da planta verde, póde-se usar do succo da mesma, misturado com glycerina.

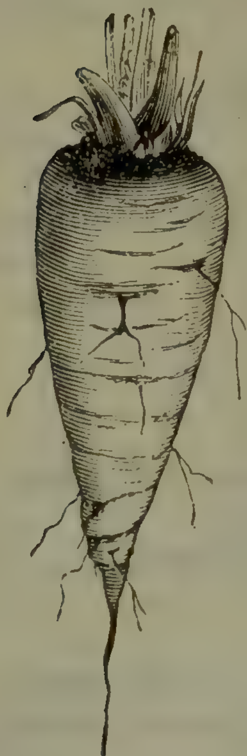


Fig. 159.

Cenoura.

CENOURA (Carotte, fr.). *Daucus carota*, L. Umbelliferas. Fig. 159. Planta que todos conhecem pelo uso que se faz da raiz na economia domestica. Esta raiz reduzida a polpa, forma cataplasmas empregadas nas ulceras e molestias cutaneas. A manteiga acha-se ás vezes corada artificialmente com o succo de cenoura. O pedunculo de cenoura, secco, constitue o palito muito usado pelos Arabes, por causa do seu principio aromatico considerado como util ás gengivas.

CENTAUREA MENOR, Fel da terra (Petite centaurée, fr.). *Erythræa centaurium*, Pers, Gencianeas. Planta commum em Portugal. Caule de um pé; folhas ovaes, agudas, as superiores lineares; flores rosadas, em corymbos; sabor amargo, sem cheiro. *P. us. Caule* e *summidades floridas*. —



Fig. 160. — Centeio espigado tal como apparece na espiga.

Tonico, empregado na debilidade dos orgãos digestivos, na convalescença das molestias longas, e contra as febres intermittentes.

Internamente. *Infusão.* Summidades de centaurea menor 10 grammas (2 1/2 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora e côe.

Pó (p. 111) 2 a 4 gram. (1/2 a 1 oitava).

Extracto (p. 90), 1 a 4 gram. (20 grãos a 1 oitava) em pilulas, ou como excipiente de outros medicamentos.

Xarope (p. 132), 30 a 60 gram. (1 a 2 onças).

CENTAUREA MENOR DO BRASIL. *Callopisma perfoliatum*, Martius. Pequena planta da familia das Gencianeas, que habita nas partes montanhosas do Brasil central; tem as flores rosadas, reunidas em grande numero, formando paniculas axillares, e terminando por corymbos. Ha tambem outra variedade, *Callopisma amplexifolium*, Martius, cujas flores tem disposição semelhante, mas são em muito menor numero. As flores e as raizes d'estas duas plantas, de um amargo franco, são usadas em infusão, nos mesmos casos, e na mesma dóse que a centaurea das boticas.

CENTEIO ESPIGADO, Cravagem ou **Esporão** ou **Fungão** ou **Murrão de centeio** (Seigle ergoté ou ergot de

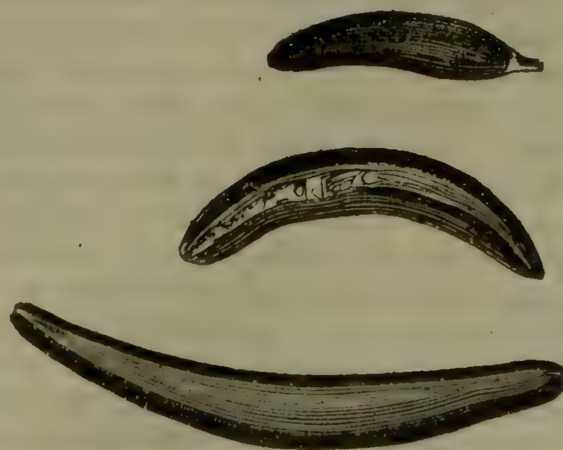


Fig. 161. — Centeio espigado isolado.

seigle, fr.). Substancia que se desenvolve entre as valvulas e no

lugar da semente do centeio, e que é considerada por uns como uma especie de cogumelo, e por outros como uma degenerescencia morbida da semente do centeio. Fig. 160 e 161. O centeio espigado é comprido, arqueado, cylindrico, bojudo na parte média, fragil, duro, de côr violacea mais ou menos escura no exterior, esbranquiçado interiormente; sabor acre e mordente, cheiro fraco, e desagradavel. Costuma ser atacado pelos vermes, pelo que deve ser conservado em lugar secco.

Este producto é fornecido principalmente pelo centeio, mas existe tambem no trigo, e nas outras gramineas. A *cravagem de trigo* ou *trigo espigado*, que foi notado ultimamente, goza das mesmas propriedades que o centeio espigado.

Acção physiologica. Quando o centeio espigado, na dóse de 1 a 2 grammas, ou o seu extracto (ergotina) na dóse de 50 centigram. a 1 gram., foi ingerido pelo homem, ou pela mulher não gravida, determina algumas nauseas, seccura da garganta, pallidez da pelle, dôres abdominaes, dilatação da pupilla, diminuição consideravel da frequencia do pulso. Na mulher gravida sobrevem dôres no utero e contracções d'este orgão muito pronunciadas. Estes symptomas manifestão-se um quarto de hora ou meia hora depois da ingestão do centeio espigado na dóse de 1 a 2 grammas; depois diminuem e desapparecem no fim de meia hora a uma hora, para tornarem a voltar muito mais cedo se se administrar de novo o medicamento.

Se a dóse fôr exagerada, sobrevem symptomas geraes do *ergotismo agudo :* nauseas, vomitos, dôres abdominaes, evacuações alvinas; seccura da garganta, sêde, aversão á comida; sensações pruriginosas nos membros, entorpecimento, lassidões, peso na cabeça, vertigens, dilatação das pupillas, delirio, modorra, fraqueza do pulso, pallidez do rosto, syncopes, convulsões. — Além do ergotismo agudo, existe o *envenenamento chronico* produzido pelo uso do centeio espigado, que foi observado nos individuos que se nutrião por muito tempo com pão que continha esta substancia. Distinguem-se duas especies do envenenamento chronico : 1° o *ergotismo convulsivo,* caracterizado por lassidões, vertigens, entorpecimentos, caimbras nas extremidades, escuridão da vista, perda da sensibilidade, e convulsões seguidas da morte; 2° o *ergotismo gangrenoso,* no qual sobrevem tambem entorpecimento dos pés, que é seguido da gangrena secca.

Usos. Os usos do centeio espigado decorrem dos effeitos physiologicos que acabei de indicar. Tendo o centeio espigado a propriedade de provocar as contracções uterinas, emprega-se principalmente para accelerar o parto, quando este é demorado pela inercia do utero. Mas não deve ser administrado durante as dôres naturaes, e antes que o orificio uterino esteja sufficientemente dilatado. Inutil é dizer, que o seu emprego deve ser proscripto em todos os casos em que as contracções do utero não bastão para expellir o producto da concepção. O centeio espigado é ainda util nas hemorrhagias puerperaes do utero e outras, nas retenções da placenta e do sangue que se coalha no interior do utero. Diminue consideravelmente a frequencia do pulso, em consequencia do que é util nas hemoptyses e nas hemorrhagias nasaes. Emfim foi empregado com vantagem nas retenções de ourina provenientes da falta de contractilidade da bexiga.

Internamente. *Pó* (p. 111). Deve ser recem-preparado. É a melhor preparação. 2 a 3 grammas (40 a 60 grãos), diluido em um

pouco d'agua com assucar, ou em vinho branco, em duas porções, a um quarto de hora de intervallo.

Mistura obstetrica (Goupil).

Centeio espigado em pó	5 gram.	Alcoolato de hortelã	5 gram.
Xarope simples	50 gram.		

M. Uma colher *de sopa* de 10 em 10 minutos para provocar as contracções uterinas durante o parto.

Poção de centeio espigado (Soubeiran).

Centeio espigado em pó	2 gram.	Xarope simples	30 gram.
Agua de hortelã	15 gram.		

M. Uma colher *de chá* de dez em dez minutos. Mexa cada vez.

Poção obstetrica (Velpeau).

Solução de gomma	125 gram.	Centeio espigado em pó	4 gram.
Agua de flor. de lar.	4 gram.	Xarope de limão	30 gram.

M. Tres colheres *de sopa* de meia em meia hora.

Poção obstetrica (Dewees).

Centeio espigado em pó	2 gram.	Agua de canella	40 gram.
Assucar	10 gram.		

M. Dá-se em tres dóses, de vinte em vinte minutos.

Vinho de Balardini.

Centeio espigado em pó	2 gram.	Vinho branco	100 gram.

M. D. Uma colher *de sopa* de dez em dez minutos.

Poção de Stearns.

Centeio espigado em pó	2 gram.	Agua fervendo	200 gram.

Infunda e côe. Uma colher *de chá* de 10 em 10 minutos.

ERGOTINA. O Sr. Bonjean, distincto pharmaceutico de Chambery, de o este nome ao *extracto* de centeio espigado, que se prepara do modo seguinte :

Submette-se á extracção certa quantidade de centeio em pó pelo processo de deslocação. A dissolução aquosa que resulta põe-se em b. m.; acontece ás vezes que a dissolução se coagula, pela presença de certa quantidade de albumina, outras vezes não se coagula. No primeiro caso separa-se pelo filtro a parte coagulada; o liquido filtrado conserva-se no b. m. até adquirir a consistencia de xarope, ajunta-se-lhe alcool em grande excesso para precipitar todas as materias gommosas; deixa-se a mistura em repouso até que toda a gomma esteja precipitada, e que o liquido tenha recuperado a sua transparencia e limpidez; decanta-se depois o liquido para reduzi-lo em b. m. á consistencia de extracto molle. — No segundo caso, isto é, quando a dissolução, que contém a parte extractiva do centeio espigado, não se coagula, reduz-se directamente esta dissolução á consistencia de xarope, e trata-se pelo alcool, como fica dito, para obter o seu extracto. — 50 partes de centeio espigado fornecem 7 a 8 partes de extracto.

Propriedades e usos. A ergotina goza das mesmas propriedades que o centeio espigado, mas em gráo mais elevado. Provoca igualmente as contracções uterinas, e diminue a frequencia do pulso. É empregada internamente durante o parto na inercia do utero e para suspender ou prevenir a hemorrhagia uterina. Dissolvida na agua, e applicada externamente, goza propriedades hemostaticas não duvidosas nas hemorrhagias externas causadas pela abertura dos vasos capillares, ou das arterias de um calibre bastante pequeno para não exigir a ligadura. A solução de ergotina não coalha o

sangue, como o faz o perchlorureto de ferro : suspende o corrimento sanguineo pela constricção dos tecidos.

Internamente. 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) em poção ou pilulas.

Pilulas de ergotina.

Ergotina	20 centig.	Pó de alcaçuz	q. b.

F. 1 pilula. D. 2 a 6 e mais por dia.

Poção de ergotina (Bonjean).

Ergotina	1 gram.	Xarope de flores de lar.	30 gram.
Agua commum	100 gram.		

M. Uma colher *de sopa* de quarto em quarto de hora, para combater a inercia do utero durante o parto, ou para suspender a hemorrhagia.

Xarope de ergotina (Bonjean).

Ergotina	10 gram.	Xarope simples	50 gram.
Agua de flores de lar.	30 gram.		

Ferva o xarope, e ajunte a ergotina, dissolvida em agua de flores de laranjeira. D. 2 a 4 colheres *de sopa* por dia, e mais, conforme a urgencia da caso.

Externamente. 10 grammas de ergotina em 100 grammas d'agua. Molhão-se bolas de fios n'esta solução, e applicão-se no lugar d'onde sahe sangue. É um meio hemostatico externo.

CERA. (Cire, fr.). Materia particular preparada pelas abelhas, com a qual ellas formão os favos de mel. Extrahido o mel dos favos, derretem-se estes a calor brando, lanção-se em moldes, e dá-se-lhes a fórma de pães, que correm no commercio com o nome de cera amarella ou bruta; tem cheiro e sabor levemente aromaticos : esta não é pura; mas depois de privada dos corpos estranhos torna-se branca e chama-se *cera virgem*. Esta substancia entra na composição da maior parte dos unguentos e emplastos. A mistura de 3 partes de oleo de amendoas doces, e de uma parte de cera, forma o *ceroto*, chamado *ceroto simples*, unguento frequentemente empregado no curativo dos causticos e das feridas (V. pag. 72). Internamente a cera é aconselhada no tratamento da diarrhea.

Internamente :

Emulsão de cera.

Cera branca	8 gram.	Agua quente	125 gram.
Mucilag. de gom. arabica	30 gram.	Xarope diacodio	30 gram.

F. S. A. Uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas.

Externamente : *Emplasto de cera* (p. 78). Dôres rheumaticas.

Pomada contra as rachas e frieiras ulceradas (Bron).

Oleo de linhaça	30 gram.	Glycerina	14 gram.
Cera amarella	16 gram.	Essencia de alfazema	8 gottas
Tintura de benjoim	8 gram.		

Existe uma *cera vegetal* produzida por differentes arvores, que são : **Carnauba** (*Coryphea cerifera*, Martius), arvore do Brasil da familia das Palmeiras; *Ceroxylon andicola*, Kunth, grande palmeira que habita nos Andes do Perú; *Myrica cerifera*, arbusto que habita nas provincias do norte dos Estados-Unidos da America; *Ficus cerifera*, Blum, que habita na Sumatra, etc. A cera de carnauba é branca, um tanto amarellada, dura, quebradiça, fractura luzente; é muito analoga á cera das abelhas. A cera vegetal é mais dura, e menos fusivel do que a cera ordinaria. Não se emprega em medicina, mas sim na fabricação das velas.

CEREJA. (Cerise, fr.). Fructo da cerejeira, *Cerasus caproniana.* D. C., arvore que habita em todo o reino de Portugal; no Brasil nas provincias do Sul. Rosaceas amygdaleas. Fg. 162. Ha muitas variedades de cerejas, de côr rosada, vermelha, roxa ou preta. São de gosto acidulo. Prepara-se com ellas um xarope que serve para fazer com agua limonadas refrigerantes. Os pedunculos de cerejas empregão-se em infusão como diureticos. Pedunculos de cerejas 8 grammas (2 oitavas), agua fervendo 500 grammas (16 onças).

Xarope de cerejas (p. 132), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Limonada de cerejas. Xarope de cerejas 1, agua 9.



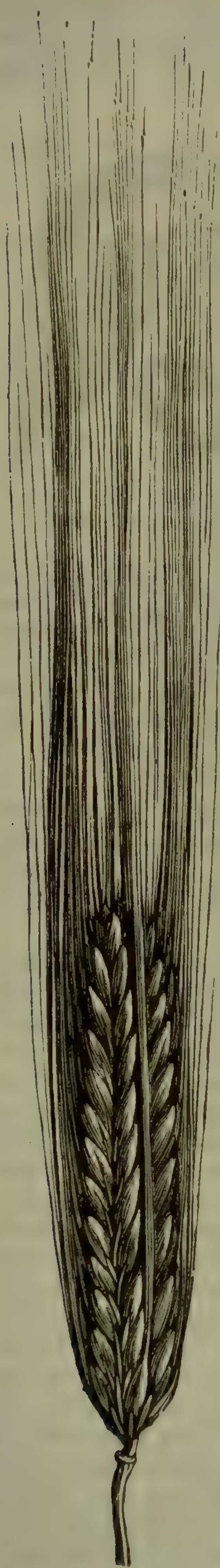
Fig. 162. — Cereja.

CEREJEIRA ou **Gingeira brava** (do Brasil), *Prunus brasiliensis,* Cham. Amygdaleas. Arvore do Brasil (S. Paulo, Minas, Matto-Grosso). Folhas alternas, ovaes, lanceoladas; flores em pedunculos axillares; fructos quasi esphericos. A casca e as folhas, esfregadas entre os dedos, exhalão um cheiro de amendoas amargas, e todas as partes contém acido prussico. O Sr. Theodoro Peckolt, distincto pharmaceutico do Rio de Janeiro, obteve, da casca, das folhas e sementes, uma agua distillada que julga possuir as mesmas virtudes que a agua de louro-cereja.

Ha mais outra especie : *Prunus sphærocarpa,* Sw.

CEREJEIRA DE PURGA. *Melothria pendula,* L. Cucurbitaceas. Planta trepadeira do Brasil. Folhas angulosas, denteadas, flores pedunculadas, solitarias, amarellas; fructo, baga vermelha trilocular, contendo muitas sementes, de sabor amargo. O *fructo* é um drastico, na dóse de meio a um fructo.

CERVEJA. (Bière, fr.) Bebida fermentada feita com lupulo e sementes de cereaes, quasi sempre com cevada. Molha-se a cevada, deixa-se germinar, para se desenvolver n'ella o principio assucarado; submette-se á temperatura de 60°, para fazer cessar a germinação e dar-lhe côr e sabor amargo, separão-se então os germes pela fricção : a semente, assim deseccada, chama-se em francez *malt.* Moe-se grosseiramente para formar o que se chama *drèche,* que se faz ferver depois em agua. Ajunta-se lupulo ao liquido fermentavel que resulta d'esta ebullição; concentra-se pela evaporação, depois faz-se resfriar promptamente até 12° centigrados. Misturado então com um pouco de levadura, o liquido fermenta, agita-se, espuma, e constitue ao cabo de alguns dias, depois de convenientemente collado, uma bebida salutar, tónica, nutriente, que excita os orgãos digestivos, e a secreção urinaria. Contém, além do alcool, um pouco de materia assucarada, acido acetico, um extracto amargo e aromatico, fecula, e materia vegeto-animal muito abundante. As cervejas varião singularmente segundo o gráo de concentração do mosto, segundo o gráo de torrefacção da cevada, conforme a proporção do lupulo ou da substancia aromatica e amarga que lhe foi substituida : d'aqui vem a distincção das *cervejas fracas* e das *cervejas fortes.* A cerveja branca não differe da cerveja preta senão pelo cuidado que se teve de impedir a colorização da cevada : é a esta classe que pertence o *ale* dos Inglezes; o *porter* constitue a cerveja preta. Ajuntão-se ás vezes á cerveja substancias amargas, taes


Fig. 163.
Cevada commum.

como a raiz de genciana, o buxo, etc.; mas estas addições tornão-n'a menos agradavel.

CETRARINA (Cétrarin, fr.). Principio amargo do musgo islandico. Obtem-se tratando o musgo em pó pelo alcool, acidulando este com acido chlorhydrico diluido em agua, e lavando os crystaes brancos que se precipitão. Considera-se como tonico e antifebril. D. 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas) em pó.

CEVADA (Orge, fr.). Sementes de uma planta cereal, *Hordeum vulgare*, L. da familia das gramineas, cultivada nos climas temperados. Fig. 163. São ovaes, oblongas, de côr amarellada no exterior, branca interiormente, sabor adocicado. Acha-se ainda, no commercio, a cevada um pouco despida do seu envoltorio ou pragana (cevada mondada) : é mais ou menos inteira, amarellada no exterior; ou então a cevada separada totalmente do seu envoltorio : esta é branca, redonda, e chama-se *cevadinha* ou *cevada perlada.*

Emolliente, empregado em todas as inflammações.

Internamente. *Decocção :* Cevadinha lavada em agua fria 20 grammas (5 oitavas). Ferva-a na quantidade d'agua sufficiente, até rebentar o grão, e estar o liquido reduzido a 1 litro (32 onças); côe por panno de lã ralo.

Mistura corroborante. Em 360 gram. (12 onças) de cozimento de cevada fervendo, deite uma gema de ovo, batida com assucar e uma colher d'agua fria, um calix de vinho, e um pouco de noz moscada. — Esta especie de mingáo serve para restabelecer as forças dos convalescentes e das recem-paridas.

Externamente. *Decocção* em gargarejos, lavatorios, injecções, etc. *Farinha.* Em cataplasmas.

CEVADILHA (Cévadille, fr.). *Helonias officinalis,* Don. Colchicaceas. Planta do Mexico. As sementes são pretas, alongadas, pontudas e curvas; são mui acres, amargas, fortemente esternutatorias, excitão a salivação, são mui purgativas, irritantes e venenosas. Empregão-se só no exterior para matar os piolhos. Os *pós dos Cartuchos* ou *de asseio*, são compostos d'estas sementes. Em chimica servem para d'ellas se extrahir a veratrina.

CHÁ (Thé, fr.). Folhas seccas do *Thea sinensis*, Rich., arbusto cultivado na China, Japão, Brasil. Cameliaceas. Fig. 164.

Estimulante. Goza de propriedades diureticas e sudorificas : é um remedio caseiro contra as indigestões.

Substancias incompativeis. Os saes de ferro, a gelatina, a agua de cal.

Internamente. *Infusão* : 4 grammas (1 oitava) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo.



Fig. 164. — Chá.



Fig. 165. — Chicoria brava.

CHÁ DE PEDESTRE ou **Chá de frade.** *Lantana pseudothea.* St.-Hil. Verbenaceas. Arbusto do Brasil (Minas). Tem cerca de 5 pés de altura, é muito viscoso e coberto de pellos; folhas oppostas, em cruz, sesseis, oblongas; crenuladas, espessas, percorridas por grande numero de nervuras proeminentes na face inferior, formando sulcos por cima; cheiro aromatico. As folhas seccas, e tomadas em infusão, dão uma bebida extremamente agradavel, que algumas pessoas preferem ao chá da India. Constitue uma bebida estimulante. 4 grammas (1 oitava) para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

CHAMEDRIOS. V. Carvalhinha.

CHICORIA BRAVA ou **Almeirão** (Chicorée sauvage, fr.). *Cichorium intibus,* L. Synanthereas-chicoraceas. Planta que em Portugal habita pelos caminhos, nas margens dos campos, entre as searas e vinhas em todo o reino. Fig. 165. Raiz da grossura de um dedo, fusiforme, arruivada no exterior, branca interiormente; folhas inferiores profundamente lobadas, as superiores oblongas; flores azues claras; toda a planta tem sabor amargo. *P. us. Raiz e folhas.* Tonico, digestivo; empregado na ictericia, nas molestias de pelle e febres intermittentes.

Substancias incompativeis. A infusão de galhas, os saes de ferro, de chumbo, etc.

Internamente. *Infusão:* Folhas de chicoria 10 gram. (2 1/2 oit.), agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por meia hora, e côe.

Sumo de folhas frescas, 60 a 120 grammas (2 a 4 onças).

Extracto (p. 89), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).

Xarope de chicoria composto ou *Xarope de rhuibarbo composto* (Cod. fr.)

Rhuibarbo da China	200 gram.	Bagas de alquequenge	50 gram.
Raiz secca de chicoria	200 gram.	Canella	20 gram.
Folhas secc. de chicoria	300 gram.	Sandalo citrino	20 gram.
— — de fumaria	100 gram.	Assucar refinado	3000 gram.
— de escolopendrio	100 gram.	Agua	q. s.

Lance 1000 grammas d'agua a 80° cent. sobre o rhuibarbo, canella e sandalo contusos; infunda por seis horas. Côe com espressão; filtre por papel em lugar fresco. Ponha á parte, n'um vaso, o residuo da operação precedente com as outras substancias convenientemente divididas, e lance sobre o total 5000 grammas d'agua fervendo; deixe em infusão por doze horas; côe com forte espressão. Clarifique com claras de ovo, passe por panno de lã. Faça com o liquido clarificado e o assucar, um xarope por cocção e clarificação, cujo peso se tomará, quando marcar fervendo 1,26 no densimetro (30° Baumé). Continue então a evaporação, até que tenha perdido o peso igual ao da primeira infusão, que se ajuntará ao xarope, de modo que se obtenha um xarope de 1,26 fervendo. Côe. — D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) como purgante para as crianças.

A cultura modifica a chicoria brava, e então as folhas comem-se. As variedades de que se fazem saladas são : *escarola* ou *endivia*, *chicoria crespa* e *chicoria branca*.

CHINA ou **Squina** (Squine, fr.). *Smilax China*, L. Asparagineas. Arbusto sarmentoso da China e da America meridional, e cuja raiz, pouco activa, incerta no seu modo de acção, faz parte de muitas preparações antisyphiliticas em que entra a salsaparrilha. Acha-se no commercio em pedaços mais ou menos volumosos, de côr roxa no exterior, branca rosada ou roxa interiormente.

Internamente. 12 grammas (3 oitavas) para 360 grammas (12 onças) d'agua.

CHLORAL (Chloral, fr.). Liquido anhydro, isto é, privado d'agua, que se obtem fazendo passar gaz chloro a travez do alcool absoluto. É um liquido transparente, sem côr, de aspecto gorduroso, de cheiro penetrante que irrita os olhos, de sabor oleoso e caustico. Mancha o papel como os oleos gordos; mas as nodoas desapparecem em pouco tempo. É muito soluvel em agua, alcool e ether. Sua densidade é de 1,502 a 18 gráos centigrados. Ferve a 94°, e distilla sem experimentar alteração. Posto em contacto com algumas gottas d'agua, combina-se immediatamente com ella pela agitação, com producção de calor. Alguns instantes depois, esta combinação apresenta-se sob a fórma de massa branca, crystallina : é o *chloral hydratado* ou *hydrato de chloral*. É este ultimo producto que o Dr. Liebreich, medico de Berlim, introduzio na therapeutica no anno de 1869, como calmante, e como hypnotico energico. Quanto ao chloral, este liquido foi descoberto em 1832 por Liebig; não se usa em medicina, porém serve para a preparação do hydrato de chloral.

HYDRATO DE CHLORAL. Producto que resulta da combinação do chloral com a agua. É uma substancia solida, branca, crystallizada em agulhas prismaticas, duras e friaveis. O seu cheiro, na temperatura ordinaria assemelha-se um pouco ao do chloroformio e ao do chlorureto de cal; seu sabor, a principio doce, torna-se depois um pouco acre. Exposto ao ar livre, volatiliza-se completamente sem attrahir sensivelmente a humidade; todavia n'uma atmosphera saturada de vapor d'agua, póde transformar-se em liquido. Derrete-se na temperatura de + 56° centigrados, e constitue então um liquido incolor, extremamente limpido e muito refrangente. É completamente soluvel em mui pequena quantidade d'agua; é igualmente soluvel no ether, alcool, chloroformio, sulfureto de carbone, na benzina e nos corpos gordos. A solução aquosa é limpida; enrubece levemente o papel de turnesol humido, e torna apenas turva a solução de azotato de prata. A solução de hydrato de chloral, mesmo bastante diluida, turva-se immediatamente, a frio, pela addição de algumas gottas de solução aquosa de potassa caustica; ao mesmo tempo desenvolve-se um cheiro mui suave de chloroformio, producto normal d'esta reacção. Comprimidos entre dois papeis sem colla, os crystaes de hydrato de chloral não devem produzir mancha alguma. Não se deve deixar esta substancia muito tempo ao ar, porque se volatiliza, como a camphora.

Propriedades. O hydrato de chloral goza propriedades hypnoticas mui energicas. A descoberta d'estas propriedades, com effeito extraordinarias, foi um acontecimento therapeutico o mais saliente do segundo semestre de 1869. O Dr. Liebreich, de Berlim, foi o primeiro que signalou o facto, attribuindo ao chloroformio proveniente da decomposição do chloral na economia, a propriedade maravilhosa d'este agente; porque, com effeito, o chloral posto em contacto com os alcalis do sangue, transforma-se em parte em chloroformio, o que explica certa analogia nos seus effeitos segundarios com os d'esta ultima substancia.

O hydrato de chloral, dissolvido em meio copo d'agua assucarada, na dóse de 2 a 5 grammas (40 a 100 grãos), tem sabor acerbo que mal encobre o assucar com o qual se associa; mas este sabor não é tão desagradavel que possa impedir o emprego do remedio.

Importa ter o hydrato de chloral bem puro, crystallizado em agulhas, sem o que os effeitos são nullos; e é isso que explica as contradicções publicadas por alguns medicos contra a efficacia do novo agente.

Introduzido no estomago, o hydrato de chloral produz ás vezes alguma excitação, semelhante á embriaguez, mas, em geral, ao cabo de vinte minutos determina um profundo somno que dura de duas a quatro horas, e que é acompanhado de um tal entorpecimento de sensibilidade, que se podem fazer pequenas operações, e arrancar os dentes sem dôr. Póde-se repetir a dóse no mesmo dia sem inconveniente e com a mesma vantagem de produzir o somno.

Os doentes não conservão senão a sensibilidade sem o conhecimento intimo; tem só os movimentos reflexos. Quando se lhes dá um beliscão, parecem sentir a impressão, e arredão a mão, mas, ao acordarem, não se lembrão da dôr que se lhes occasionou. Em alguns, o sentido da dôr é tão completamente abolido, que não fazem nenhum movimento, nem percebem sensação alguma dolorosa. O arrancamento de dentes, a que alguns se submettêrão, prova sufficientemente esta asserção.

Um semelhante resultado é da mais alta importancia em medicina, e será utilizado de todas as maneiras, para tirar os dentes ou para acalmar as dôres atrozes da carie dentaria, para adormecer certas nevralgias, para alliviar os crueis soffrimentos da colica hepatica ou nephritica, da gota, e emfim, para abrandar as dôres finaes do parto e das operações obstetricias. Dar algumas horas de profundo somno a quem soffre, tal é a acção d'este novo remedio, e, debaixo d'este ponto de vista, não ha outro igual. Mas conservando-se a sensibilidade cutanea, é impossivel usar d'este somno na pratica da grande cirurgia.

A acção do chloral hydratado é muito differente da do opio e da do chloroformio, que não substituirá : este por causa da promptidão, da energia e da fugacidade de seus effeitos, que fazem d'elle o melhor dos anesthesicos quando se trata de operações cirurgicas; e não substituirá tambem o opio, por causa da sua influencia estimulante seguida do entorpecimento e do somno. Possue comtudo sobre o chloroformio a vantagem de se poder indicar a dóse; em quanto que, nas inhalações do chloroformio, a dóse dos vapores não póde ser prescripta com exactidão; não se sabe o que se faz, e é isso que os torna perigosos.

A grande vantagem do somno chloral, por profundo que seja, é de não deixar vestigio nem de fadiga, nem de inappetencia e de peso de cabeça, o que se observa depois do emprego de fortes dóses de opio. A este respeito tem muitas vantagens sobre o succo de dormideiras.

Ha no somno chloral alguma cousa que se parece com o somno da embriaguez alcoolica, é a duração do somno e a insensibilidade que o acompanha.

O somno chloral não tem cousa alguma que inquiete, porque a respiração é pacifica; o pulso, bem que algum tanto frequente, é mui apreciavel; e o rosto conserva a expressão de socego propria a tranquillizar os assistentes. Não se nota no rosto senão alguma lividez, e ainda esta não é constante; observa-se tambem um fraco abaixamento de temperatura, mais apreciavel nas extremidades e nas axillas. A digestão quasi nunca é perturbada pelo medicamento, o qual não causa nem irritação nem fadiga de estomago, a ponto que se póde impunemente continuar o seu emprego durante muitos dias.

Em dóse conveniente, e administrado por via do estomago ou do recto, o chloral hydratado apresenta muitas vantagens.

Se o hydrato de chloral não é crystallizado, se não se desprendem d'elle vapores de chloroformio, se a sua solução não se turva pela addição da potassa, é sem acção ou póde ser perigoso.

Se o chloral foi dado em dóse exagerada, produz immediatamente vomitos, vertigens, perda de forças, pallidez, vista turva, suores frios, fraqueza de pulso, estupor, coma, convulsões, e, ás vezes, a morte.

O *tratamento* é o seguinte : Friccionar o corpo com escova, dar a cheirar vinagre, introduzir sal na bocca e rapé no nariz, applicar sinapismos nas pernas, e provocar a respiração artificial como na asphyxia.

Não se deve tambem administrar o chloral, por muito tempo, mesmo em dóse fraca, porque n'este caso póde produzir incommodo geral, erupções pela pelle, escamação epidermica dos dedos, ulcerações á roda das unhas, anasarca, enfraquecimento do coração, respiração difficil. Estes accidentes podem terminar pela morte.

Usos. O chloral hydratado emprega-se nos casos de insomnia, nevralgias diversas, chorea, e como meio preventivo e curativo do enjôo do mar. Foi ensaiado contra o tetano : produzio algumas curas no tetano benigno, de marcha lenta, n'aquelle que não affectava senão os musculos exteriores; mas não existem casos de cura pelo chloral do tetano grave, agudo, do tetano que attinge os musculos da respiração.

Externamente, dissolvido em agua, foi empregado no curativo das feridas; goza n'este caso de propriedades desinfectantes.

Em consequencia das experiencias que provárão que o chloral hydratado se combina com as materias albuminoides, o Sr. Personne, chimico de Pariz, foi levado a empregar este agente como imputrescivel. Tendo injectado pela arteria carotida de animaes mortos a solução de hydrato de chloral em agua, poude conserva-los como submettidos a um verdadeiro embalsamento. Assim apresentou em 10 de Fervereiro de 1874 á Academia de medicina de Pariz um cão morto injectado oito semanas antes, e que não tinha o menor signal de putrefacção. Apresentou tambem um musculo muito bem conservado depois de ter estado submergido por algum tempo na solução de 1 parte de chloral e 10 partes d'agua.

Internamente. Nos adultos, 1 a 5 grammas (20 a 100 grãos) em 150 grammas (5 onças) d'agua adoçada, ou em clyster. Nas crianças, 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos). As fórmas pharmacologicas do chloral hydratado devem ser simples e frequentemente reformadas, porque podem alterar-se e perder a sua efficacia.

Poção de chloral hydratado.

Chloral hydratado	5 gram.	Xarope de assucar	30 gram.
Agua distillada	150 gram.		

Para tomar uma colher *de sopa*, de quarto em quarto de hora.

Xarope de chloral hydratado.

Chloral hydratado	5 gram.	Xarope de assucar	100 gram.

Cada colher *de sopa* d'este xarope contém 1 gramma (20 grãos) de choral hydratado. Dóse : uma a cinco colheres *de sopa* em vinte e quatro horas, puro ou misturado com agua.

Xarope de chloral (Follet).

Assucar refinado	38 kilog.	Alcool de Montpellier	2 litros
Agua distillada	19 kilog.	Essencia de hortelã	25 gram.
Hydrato de chloral	3 kilog.		

F. S. A. Divida em 400 frascos de 150 grammas. Cada frasco contém 7 1/2 grammas de chloral. — D. 1 a 2 colheres *de sopa* aos adultos, 1 a 2 colheres *de chá* ás crianças. A colher *de sopa* contém 1 gramma de chloral, e a colher *de chá* 25 centigrammas, pouco mais ou menos.

Clyster de chloral hydratado.

Chloral hydratado	1 gram.	Agua	200 gram.

Externamente. *Solução :* Agua 100, chloral hydratado 1. Para curar as feridas, os cancros venereos, as ulceras de máu caracter. Póde-se augmentar a proporção de chloral : agua 50, chloral 1.

CHLORALUM. Novo desinfectante empregado em Inglaterra debaixo de duas fórmas, liquida e solida. É preparação *secreta*,

explorada por uma Companhia industrial; mas a analyse feita por um chímico de Dresden, o Sr. Fleck, deo os resultados seguintes :

Chloralum liquido.

Agua	82,32	Chlorureto de ferro	0,42
Chlorureto de chumbo	0,15	— de aluminio	13,90
— de cobre	0,10	— de calcio e gesso	3,11

Chloralum em pó.

Chlorureto de arsenico	0,72	Chlorureto de ferro	1,55
— de chumbo	0,55	— de calcio	11,51
— de cobre	0,37	Gesso	0,72
— de aluminio	52,43	Alumina, silica.	32,15

O chloralum liquido, emprega-se puro ou diluido em agua. Puro, serve para embeber pannos que se estendem no quarto que se deseja purificar. Diluido em 40 vezes o seu volume d'agua, usa-se em lavatorios. Este liquido, de densidade de 1,153, é fortemente acido; parece actuar pelo excesso de acido, absorvendo as combinações ammoniacaes, e pela alumina, que tem a propriedade de formar, com muitas substancias organicas, combinações designadas debaixo do nome de *lacas*. Este producto vale menos do que o chlorureto de aluminio, que reune a propriedades desinfectantes mais energicas a composição bem definida.

CHLORATO DE POTASSA ou **Sal de Berthollet** (Chlorate de potasse ou sel de Berthollet, fr.). Sal crystallizado em laminas sem côr, de sabor quasi nullo, susceptivel de detonação pelo choque, soluvel em 17 partes d'agua fria, e em 2 partes d'agua fervendo.

Aconselhado internamente contra a gangrena da bocca, estomatite mercurial, aphtas, escorbuto, angina membranosa, febre typhoide; externamente contra as ulceras, a ozena, e ainda contra a salivação mercurial; é um desinfectante.

Substancias incompativeis. Iodureto de potassio. Se se administrasse internamente o chlorato de potassa a um doente submettido ao uso de iodureto de potassio, a mistura seria decomposta debaixo da influencia do acido chlorhydrico que existe no succo gastrico; o iodo separar-se-hia e produziria vomitos. A administração simultanea d'estes dois saes deve, por conseguinte, ser evitada.

Internamente. 2, 4, até 20 grammas (40 grãos, 1 oitava, até 5 oitavas) por dia n'uma poção de 180 grammas (6 onças), que se administra ás colheres. O chlorato de potassa dissolve-se difficilmente em agua. Quando se prepara uma poção com este sal, antes de ajuntar-lhe o xarope, faz-se dissolver o chlorato pela acção do calor. É preciso augmentar a quantidade do liquido segundo a do chlorato de potassa.

Poção com chlorato de potassa.

Chlorato de potassa	2 gram.	Xarope simples	20 gram.
Agua	100 gram.		

M. Uma colher *de sopa* de duas em duas horas.

Pastilhas de chlorato de potassa (Cod. fr.).

Chlorato de potassa pulverizado	100 gram.	Gomma alcatira	10 gram.
Assucar branco	900 gram.	Agua aromatizada com balsamo de Tolú	90 gram.
Carmim	50 centig.		

Faça pastilhas de 1 gramma (20 grãos); cada uma contém 10 centigrammas (2 grãos) de chlorato de potassa.

Externamente :

Solução contra a ozena (Henri).

Chlorato de potassa	5 gram.	Agua	150 gram.

Dissolva. Aspire-se este liquido pelo nariz muitas vezes por dia. A mesma solução é muito util para curar as ulceras escorbuticas e outras.

Gargarejo com chlorato de potassa (Cod. fr.).

Chlorato de potassa	10 gram.	Xarope de amoras	50 gram.
Agua distillada	250 gram.		

Estomatite mercurial.

Collutorio com chlorato de potassa.

Chlorato de potassa	15 gram.	Mellite simples	15 gram.

M. Estomatite mercurial.

Glycereo de chlorato de potassa.

Chlorato de potas. em pó	1 gram.	Glycerina	10 gram.

M. Contra as ulceras, e ozena.

Pó contra a ozena (Debout).

Sub-nitrato de bismutho	10 gram.	Chlorato de potassa	1 gram.

CHLORHYDRATO DE AMMONIACO. V. pag. 268.

CHLORHYDRATO DE BARYTA. V. pag. 381.

CHLORHYDRATO DE FERRO. V. Ferro.

CHLORHYDRATO DE MORPHINA. V. Opio.

CHLORHYDRATO DE OURO, DE OURO E SODIO. V. Ouro.

CHLORHYDRATO DE SODA. V. pag. 383.

CHLORO (Chlore, fr.). Gaz de côr amarella esverdeada, sabor adstringente e desagradavel, cheiro suffocante particular, densidade 2,44; combina-se com quasi todos os corpos simples; é um dos corpos que tem grande affinidade para o hydrogeneo, e que o tira da maior parte de suas combinações; destroe muitas côres vegetaes. Existe na natureza só no estado de chlorhydrato ou de chlorureto. Isolado de seus compostos é sempre gazoso, obtem-se misturando o peroxydo de manganez com acido chlorhydrico, e aquecendo a mistura. Obtem-se tambem do sal de cozinha (chlorureto de sodio).

O chloro liquido, ou a dissolução saturada d'este gaz na agua, tem as mesmas propriedades; passa promptamente ao estado de acido chlorhydrico pelo contacto da luz.

O chloro liquido foi aconselhado internamente nas febres typhoides, escorbuto e raiva; e externamente nas molestias de pelle e ulcerações da bocca. O chloro gazoso é muito empregado para destruir os miasmas e purificar o ar dos hospitaes, das prisões, dos navios, etc. Os vapores de chloro, diffundindo-se pela atmosphera, tirão o hydrogeneo aos principios miasmaticos, e os transformão em outros productos inoffencivos para o homem.

O chloro gazoso, respirado puro, causa promptamente a morte; mas quando muito diluido no ar só produz tosse e constricção no peito. Foi preconizado contra as bronchites e contra a tisica. Eis-aqui como se administra n'este caso : n'um frasco com duas aberturas, contendo 125 grammas d'agua a 30° cent., deitão-se por uma

das aberturas 2, 5, 10, 20, e progressivamente até 60 gottas de chloro liquido mui puro. O gaz desenvolve-se, e é aspirado pelo doente por meio de um tubo recurvado, que penetra no frasco pela segundo abertura. Estas aspirações durão 5 a 6 minutos, e repetem-se de duas a tres vezes por dia. Na falta d'este apparelho, um desenvolvimento lento e contínuo de chloro, poduzido pelo chlorureto de cal liquido, posto no quarto do doente, póde produzir quasi o mesmo effeito.

Internamente. *Chloro liquido* (Agua saturada de chloro). 4 a 16 grammas (1 a 4 oitavas) em 250 grammas (8 onças) de vehiculo. Toma-se ás colheres.

Externamente. Puro ou misturado com igual quantidade d'agua, para os gargarejos, ou com oleo de amendoas doces para os linimentos contra os dartros.

Fumigações chloricas ou *Guytonianas.*

Sal commum	250 gram.	Acido sulfurico a 1,84	200 gram.
Bi-oxydo de manganez	100 gram.	Agua commum	200 gram.

Em vaso de vidro, de porcelana ou de barro, misture o sal commum, o bi-oxydo de manganez, e a agua; ajunte depois o acido sulfurico. Logo desenvolvem-se vapores amarellos esverdeados, que serão mais abundantes mexendo-se a mistura; convem para isso empregar um tubo de vidro. O quarto em que se faz a fumigação deve ficar perfeitamente fechado, ao menos por meia hora. Empregando as quantidades de substancias indicadas na formula precedente, a quantidade de chloro desenvolvido será sufficiente para um quarto de cerca de 100 metros cubicos de capacidade. Cumpre augmentar ou diminuir estas quantidades, conforme o espaço que se quer purificar.

Chloro em bolas (Hager).

Sal marinho pulverizado	5	Argila humida	5

Misture; ajunte :

Peroxydo de manganez	1	Sulfato de ferro	5

Faça bolas de 20 grammas; deixe seccar na estufa. Estas bolas desprendem chloro, quando se aquecem sobre carvão ardente.

CHLOROFORMIO (Chloroforme, fr.).— **Caracteres:** Liquido que se obtem pela distillação do alcool com o chorureto de cal. É mui denso, limpido, transparente como agua, de cheiro ethereo e suave, sabor adocicado. O alcool e o ether dissolvem-n'o facilmente; cahe no fundo da agua sem turva-la. A sua densidade é de 1,48 na temperatura de 15° cent. Não se inflamma pela approximação de um corpo em ignição, e esfregado sobre a pelle, rubifica-a; mas não chega a produzir vesicação. Mistura-se em todas as proporções com alcool, ether, oleos fixos e volateis. 1 parte dissolve-se em 100 partes d'agua. Dissolve o iodo, o bromo, a camphora, em uma palavra, quasi todas as substancias que o alcool e o ether dissolvem, e muitas outras que estes liquidos não dissolvem ou apenas dissolvem. Assim, dissolve facilmente as gorduras, a cera, as resinas, o copal, o caoutchouc, a gutta-percha; propriedade que o torna um agente precioso para a pharmacotechnia e para as artes. — O ar e a luz são causas da alteração acida do chloroformio. Deve-se, pois, conserva-lo n'um frasco preto, e o mais cheio possivel. O chloroformio deve ser isento de alcool, de chloro, de productos acidos, etc., que na inhalação possão torna-lo perigoso.

O bom chloroformio deve ser transparente, inteiramente volatil, e ter os caracteres indicados no principio d'este artigo; deve cahir no fundo de uma mistura em p. ig. de acido sulfurico a 66° e d'agua, não deve turvar-se pela agua; sem acção sobre o turnesol, sobre a albumina e a solução de azotato de prata; não deve corar-se pelos crystaes de nitro-sulfureto de ferro. Se a côr se alterar pela acção d'este sal, será isso prova de que o chloroformio contém alcool. O chloroformio é puro quando não ataca um pequeno fragmento de sodio deitado n'elle.

Propriedades do chloroformio. O chloroformio respirado por dois ou mais minutos produz a insensibilidade; emprega-se para prevenir as dôres nas operações, e para este fim veio a substituir o ether sulfurico. É uma das mais bellas acquisições da cirurgia, e foi feita no anno de 1847. O chloroformio foi descoberto em 1831, quasi no mesmo tempo, por Soubeiran, chimico de Pariz, e por Liebig, na Allemanha, e ficou por muitos annos sem uso, até que o Dr. Simpson, lente em Edimburgo, o empregou pela primeira vez no homem no anno de 1847. Hoje o seu uso é universal, e os facultativos servem-se d'elle para tornar os doentes insensiveis durante as operações.

O chloroformio respira-se por meio de um apparelho particular: é um vaso com uma embocadura que se adapta á bocca do doente; mas não é necessario ter um apparelho particular. Em geral, é sufficiente, para produzir a insensibilidade em um ou dois minutos, derramar 12 a 20 grammas (3 a 5 oitavas), ou cerca de 100 gottas, de chloroformio na concavidade de uma esponja ou sobre um lenço, que se mantem applicado sobre a bocca e o nariz, de maneira que a aspiração seja feita juntamente com a do ar atmospherico. São sufficientes 10 a 20 aspirações, e ás vezes menos (1 a 5 minutos). A pessoa, que está submettida ás emanações do chloroformio, sente nos primeiros instantes um vapor assucarado que lhe penetra nas vias respiratorias, e que produz ás vezes uma especie de encanto. No fim de um ou dois minutos, ás vezes antes, outras vezes mais tarde, o doente adormece; mas antes d'isso, sobrevem um ronco, e o doente queixa-se de difficuldade na respiração. Ao mesmo tempo as feições alterão-se, o pulso torna-se frequente; mas logo depois volta ao estado normal e até fica mais lento. Logo que sobrevier o somno, está completa a insensiblidade, e cessa o ronco. A insensibilidade dura 5, 10, 15 minutos, e, sendo preciso, póde ser mais prolongada; então fazem-se respirar novas dóses de chloroformio; durante este tempo o cirurgião faz a operação, sem ser estorvado pelos movimentos, nem inquietado pelos gritos do doente, que não soffre n'este momento. Ao despertar, sente este mais ou menos vivamente a dôr resultante da operacão, mas muito menos intensa do que se não tivesse sido chloroformizado. Mas nem todos os doentes tem o somno tranquillo, sem agitação nem movimentos tumultuosos do corpo; alguns ha que, apezar de ficarem insensiveis, tem movimentos involuntarios tão fortes, que é difficil segura-los. Outros, depois de acordados, proferem palavras incoherentes, e tem uma especie de delirio; outras vezes o abatimento que succede dura uma hora. O chloroformio foi utilizado com muita vantagem nos partos laboriosos, sem que do seu emprego resultasse o menor accidente nem para a mãi nem para a criança; diminue, porém, a força das contracções uterinas. — As experiencias feitas nos cães tem provado que pela aspiração do chloroformio um cão morreu em 21 minutos, outro em 34. As gallinhas morrem muito

mais rapidamente pelos vapores do chloroformio. É obvio que o chloroformio é um agente muito energico e formidavel, e por isso não deve ser applicado por pessoas inexperientes.

Até ao mez de Maio do anno de 1848 milhares de operações forão feitas em homens com o chloroformio em varios paizes, sem constar inconveniente algum, até que no mez de Junho do mesmo anno acontecêrão dois casos infelizes em França. Um d'estes factos desgraçados, que deve servir de escarmento, e acautelar contra os perigos do uso do chloroformio, foi communicado á Academia de Medicina de Pariz pelo Dr. Gorré, cirurgião-mór do hospital de Boulogne em França : « Uma senhora de trinta annos devia sub- » metter-se a uma operação mui simples : abertura de uma postema » produzida pela introducção de um corpo estranho debaixo da pelle. » Estando tudo disposto para a operação, o Dr. Gorré applicou » ao nariz da doente um lenço sobre o qual tinha deitado 15 a » 20 gottas, quando muito, de chloroformio. Apenas a doente havia » feito algumas aspirações, que exclamou com uma voz afflicta : » *Estou suffocada!* Seu rosto fez-se pallido, a respiração embaraçada, » os beiços cobrírão-se-lhe de escuma : no mesmo instante tirárão-lhe » o lenço e abrírão-lhe a postema. Durante o tempo extrema- » mente curto que durou esta pequena operação, um dos cirur- » giões presentes procurou por todos os meios remediar esta anni- » quilação imminente da vida. Por mais de duas horas, o Dr. Gorré » e seus assistentes empregárão quanto é possivel fazer em seme- » lhante caso, sem feliz exito. A morte, que julgavão apparente, era » real; foi tão prompta, que sem duvida já era completa no » momento em que se praticou a incisão. »

Alguns outros factos funestos, acontecidos em França, Inglaterra e Allemanha, vierão confirmar a muita cautela que deve haver no emprego do chloroformio. Segundo os calculos approximativos, a proporção dos mortos foi de 1 sobre 16,000 operações. Torno a repetir, por conseguinte, que se deve ter muita prudencia no emprego d'este agente.

Usos do chloroformio. A chloroformização é empregada nas operações cirurgicas e ás vezes nas operações obstetricias, na angina do peito, nas colicas hepaticas e nephriticas, nas nevralgias, na eclampsia, no tetano, nas hernias estraguladas. N'este ultimo caso a acção do chloroformio, produzindo a insensibilidade, diminue a contracção dos musculos do ventre, e facilita assim a reducção do intestino. Na eclampsia, é preciso prolongar durante muito tempo as inhalações moderadas sem determinar a insensibilidade completa.

Quanto ao *emprego da chloroformização durante o parto*, as opiniões divergem. Os inconvenientes são : enfraquecimento da contractibilidade dos musculos abdominaes, e mesmo a cessação dos movimentos expulsivos do utero, e as hemorrhagias depois do parto por causa da inercia do utero. Para evitar estes inconvenientes, que aliás forão exagerados, a maior parte dos parteiros francezes não empregão a chloroformização. Recorrem, todavia, a este meio quando os soffrimentos são excessivos, mas só o empregão quando o parto chegou ao periodo de expulsão. Os parteiros inglezes, pelo contrario, empregão frequentemente a chloroformização durante os partos naturaes, mas nunca provocão a insensibilidade completa, porém simplesmente uma insensibilidade leve, á qual dão o nome de *anesthesia obstetricia*, que se obtem fazendo respirar o chloroformio em quantidade insufficiente para produzir a perda absoluta

da sensibilidade, porém sufficiente para produzir uma insensibilidade leve, uma especie de entorpecimento favoravel ao parto. Mas, se o emprego do chloroformio só, isto é, sem outra coisa, apresenta difficuldades, não acontece o mesmo na administração simultanea d'este agente e das preparações opiadas. Injectando, debaixo da pelle, 1 a 2 centigrammas de chlorhydrato de morphina, e depois, fazendo respirar chloroformio, obtem-se uma insensibilidade completa, que permittirá a execução das manobras mais difficeis sem dôr para a mulher. Se porém, a anesthesia applicada aos partos naturaes encontrar muita opposição, o cirurgião não póde recusa-la á mulher, sem motivo grave, nas operações obstetricias. Fóra das operações, a anesthesia está admittida quando o parto é extraordinariamente doloroso, as contracções irregulares e a apresentação anormal.

Internamente. O chloroformio foi aconselhado como antispasmodico na colica nephritica e hepatica, nas tosses nervosas, na eclampsia, na asthma, colica de chumbo, cholera, na dóse de 1 a 6 gram. (20 grãos a 1 1/2 oitava) por dia. Ha menos perigo em administrar o chloroformio no interior, do que em o fazer respirar; todavia ha um exemplo de envenenamento consecutivo á administração interna de 60 grammas (2 onças) de chloroformio.

Precauções que se devem tomar para prevenir a morte ou evitar os accidentes que possão occorrer pelas inspirações do chloroformio ou do ether sulfurico. A pessoa, que se submetter ás inhalações, deve ser desembaraçada de todos os objectos que possão constranger a respiração ou comprimir o pescoço : taes, como gravata, atados de touca, collarinho de camisa, etc.; deve estar deitada de costas com a cabeça pouco elevada, porém não completamente horizontal. Deve-se dar a respirar o chloroformio deitando algumas gottas d'este liquido n'um lenço que se mantem um pouco afastado da bocca; não tapar inteiramente o nariz e a bocca, para que o doente possa aspirar ao mesmo tempo algum ar atmospherico; ou então fazer respirar o chloroformio só por uma venta, ficando a outra em communicação com o ar, e estando a bocca fechada. Nos casos em que fôr necessario prolongar o estado de insensibilidade por muito tempo, dever-se-ha suspender por alguns momentos a inhalação, e attenua-la muitas vezes com algumas inspirações de ar puro; d'esta maneira o chloroformio produz simplesmente a insensibilidade, sem occasionar effeito algum nocivo, immediato ou consecutivo. Devem temer-se os accidentes, e por conseguinte será necessario suspender a administração dos vapores do chloroformio no *momento em que a cabeça cahe sobre o tronco, não ficando mais sustida pelos musculos, que a mantem naturalmente, na posição vertical.*

Os primeiros phenomenos que se manifestão consistem em zunidos nos ouvidos e loquacidade; depois sobrevem agitação; mais tarde esputação, que falta raras vezes; o paciente cospe com certa força. Este estado é precedido do periodo que se póde chamar *confusão das linguas.* A partir d'este momento a anesthesia sobrevem rapidamente. Para ficar certo de que a insensibilidade é completa, é bom picar levemente com a ponta do bisturí o lugar da operação, para evitar que o doente em apparencia adormecido se agite ao primeiro golpe do bisturí, e force o operador a interromper a operação, para administrar nova dóse do chloroformio.

Durante a operação, o ajudante encarregado do chloroformio não deve deixar o doente despertar-se; deve prestar a maior attenção ás mudanças que podem sobrevir na physionomia do operado, na força

e na regularidade das pancadas do coração, do pulso e dos movimentos respiratorios. Se o pulso se tornar mais lento, e sobretudo se vier a parar, deve-se suspender immediatamente a chloroformização. Cumpre vigiar o doente mesmo depois da operação, até estar completamente acordado; tem-se visto ás vezes a morte sobrevir, n'este momento mesmo, sem que d'isso o medico tivesse conhecimento.

Modo de soccorrer o doente ameaçado da morte em consequencia da chloroformização. O chloroformio póde produzir a morte : 1° por *envenenamento* occasionado pela inhalação mui prolongada do chloroformio ou pela acção toxica do vapor; 2° pelo *espasmo da glotte;* 3° pela *retrocessão da lingua;* 4° pela *syncope.*

1° *Envenenamento pela acção toxica do chloroformio.* Evita-se esta causa de morte deixando respirar sufficiente quantidade de ar atmospherico juntamente com os vapores anesthesicos.

2° *Asphyxia por espasmo da glotte. — Symptomas :* No periodo de excitação, no momento em que o enfermo se debate entre as mãos dos assistentes, levanta-se subitamente e assenta-se, com os olhos fixos, largamente abertos, e o rosto azulado; depois recahe para traz no estado de collapso que caracteriza a morte. Cessa a respiração mas o coração continua a bater.

Tratamento. Lançar no rosto um copo d'agua fria, ou, para não perder tempo, dar uma bofetada; são os meios que, fazendo impressão sobre o organismo, fazem cessar a contracção convulsiva dos musculos do larynge, que se oppõe á entrada do ar.

3° *Asphyxia por retrocessão da lingua. — Symptomas :* Durante o periodo de collapso, a respiração, que se tornou estrondosa, manifesta-se pelos roncos mais ou menos sonoros; porém, ás vezes, estes roncos mudão de caracter, tornão-se em estertor, e o ruido respiratorio cessa de repente, ao mesmo tempo o rosto empallidece; ou, pelo contrario, o que é mais frequente, torna-se azulado. Estes symptomas são devidos á retrocessão da lingua, cuja base vem apoiar-se sobre a abertura superior do larynge virando sobre ella a epiglotte.

Tratamento. Agarrar a lingua com pinça, e puxa-la para fóra da bocca.

4° *Syncope.* Raras vezes a morte sobrevem pelas causas que deixei indicadas; é, pelo contrario, bastante frequente por syncope. Antes da invenção dos anesthesicos, a morte por syncope era bastante frequente durante as operações, e não podia ser attribuida senão ao susto, á emoção moral viva, e não á dôr e ainda menos á hemorrhagia. A syncope póde tambem sobrevir de repente ao começo da chloroformização, sem que se possa attruibuir a morte á administração do agente anesthesico, visto que o doente não tinha respirado ainda os seus vapores. Apenas o chloroformio tinha sido collocado diante da bocca do enfermo, este tornava-se de uma pallidez excessiva, quasi cadaverica, ao mesmo tempo que os seus olhos perdião toda a expressão. A chloroformização determina sobretudo a syncope nos doentes extremamente fracos; d'aqui vem o preceito de abster-se dos anesthesicos nos casos de fraqueza mui pronunciada, e não praticar a operação estando o doente sentado. A postura sentada favorece singularmente a syncope, e os casos de morte sobrevindos entre as mãos dos dentistas decidem definitivamente esta questão.

Symptomas da syncope. O rosto torna-se pallido; as pancadas do coração e do pulso, a principio lentas, tornão-se imperceptiveis; o peito fica immovel, porque a respiração está suspensa.

Tratamento da syncope. Examinar o pulso com cuidado; se elle se tornar mais lento e sobretudo se vier a parar, deve-se suspender immediatamente a chloroformização, pôr o doente em posição fortemente inclinada, e tal, que os pés estejão elevados, e que a cabeça occupe o ponto o mais declive; dar a respirar ao doente vinagre, agua de Colonia ou alcali volatil, fazer-lhe aspersões d'agua fria no rosto, esfregar a região precordial com escova, applicar sinapismos nas pernas, metter-lhe sal na bocca e rapé no nariz, e provocar a respiração artificial do modo seguinte : Levantar os braços do doente de ambos os lados da cabeça, e segura-los assim levantados durante dois segundos. Este movimento, levantando as costellas, alarga a capacidade do peito, e produz a inspiração. Abaixar depois os braços, e comprimi-los durante dois segundos contra os lados do peito. Este movimento, comprimindo as costellas, diminue a capacidade do peito, e produz a expiração forçada. Repetir cada um d'estes movimentos alternadamente, e com perseverança, 15 vezes por minuto.

Se estes meios não forem sufficientes, empregar a electrização : applicar no pescoço um pólo da pilha galvanica ou de um dos apparelhos electro-magneticos, e outro na base do peito na região intercostal e diaphragmatica.

Resumo do tratamento dos accidentes chloroformicos. Deitar o doente horizontalmente, a cabeça mais baixa do que a bacia; puxar a lingua para fóra com o auxilio da pinça; praticar a respiração artificial, recorrer á electrização. Mas como não se deve perder nem um só minuto é prudente ter sempre comsigo um apparelho electrico, prompto a funccionar, de Ruhmkorff, de Breton, ou de Gaiffé.

Modo de administração e dóses do chloroformio. — Internamente. 1 a 6 grammas (20 grãos a 1 1/2 oitava) por dia. Por causa da sua acção irritante, o chloroformio não deve ser levado ao estomago ou ao recto sem mistura, porém sim administrado em poção ou liquido apropriado, alcoolico ou oleoso.

Xarope de chloroformio. (pag. 133). Misture-se e mexa-se cada vez que se usar d'elle. Toma-se ás colheres *de chá*, uma colher *de chá* de 2 em 2 horas, puro ou misturado com agua.

Poção de chloroformio.

Chloroformio	50 centig.	Gomma arabica	8 gram.
Alcool a 85°	2 gram.	Agua distillada	100 gram.
Xarope simples	30 gram.		

Introduza n'um frasco o chloroformio e o alcool; ajunte o xarope; ajunte, depois, pouco a pouco a solução de gomma na agua. — Uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas, aos adultos; uma colher *de chá*, ás crianças. — Misture-se e mexa-se cada vez que se usar d'esta poção. — Nevralgias, asthma, e colicas nervosas.

Poção de chloroformio (Trousseau).

Chloroformio	1 gram.	Xarope de flores de laranjeira	40 gram.
Agua distillada	100 gram.		

Misture e mexa cada vez que se usar d'ella. Uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas nos adultos, uma colher *de chá* nas crianças. Nevralgias, asthma, e colicas nervosas.

Emulsão de chloroformio (*Dannecy*).

Gomma arabica	4 gram.	Oleo de amendoas	8 gram.
Xarope de flor de laranjeira	30 gram.	Chloroformio	2 gram.
		Agua distillada	60 gram.

Faça mucilagem com a gomma e xarope; ajunte pouco a pouco o oleo e o chloroformio, e depois a agua distillada. — Antispasmodico, hypnotico. Uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Clyster de chloroformio (Bouchut).

Chloroformio	2 gram.	Agua	250 gram.
Alcool a 85°	16 gram.		

Dissolva o chloroformio no alcool, e ajunte a agua. — Colicas.

Externamente. *Contra as dôres de dentes.* Introduz-se na cavidade do dente cariado uma bolinha de algodão embebida em algumas gottas de chloroformio.

Contra a dôr de ouvido. Introduz-se uma bolinha analoga no conducto auditivo. Em fricções nas nevralgias, torcicollo, lumbago, sciatica, rheumatismo chronico, tetano, etc.

Applicado nos *cancros venereos,* modifica-os vantajosamente.

Linimento de chloroformio (Cod. fr.).

Chloroformio	10 gram.	Oleo de amendoas doces	90 gram.

Misture exactamente, e guarde em frasco bem tapado. Em fricções nas nevralgias.

Linimento inglez (Mayet).

Chloroformio	10 gram.	Tintura de opio	5 gram.
Ammoniaco a 25°	15 gram.	Alcool a 90°	75 gram.
Camphora	15 gram.		

M. Embebe-se flanela n'este linimento, e applica-se. Nevralgias.

Linimento calmante (Thiry).

Oleo de meimendro	40 gram.	Laudano de Sydenham	5 gram.
Chloroformio	5 gram.		

M. Em fricções, nas nevralgias.

Linimento calmante (Jeannel).

Balsamo tranquillo	25 gram.	Laudano de Sydenham	6 gram.
Ceroto simples	6 gram.	Chloroformio	6 gram.
Extracto de belladona	6 gram.		

Dissolva o extracto no laudano, ajunte as outras substancias. — Rheumatismo, nevralgias. — Embeber uma baeta n'este linimento, applica-la no lugar dorido e cobri-la com panno gommado.

Topico sedativo (Diday).

Extracto de belladona	6 gram.	Chloroformio	4 gram.
Laudano de Sydenham	3 gram.		

M. Estende-se esta massa sobre o lugar affectado de nevralgia.

Pomada de chloroformio (Cod. fr.).

Chloroformio	10 gram.	Banha	45 gram.
Cera branca	5 gram.		

Derreta a banha e a cera a b. m., n'um frasco de bocca larga, tapando-se com rolha esmerilhada; deixe esfriar em parte. Ajunte o chloroformio, tape exactamente o frasco, e vascoleje vivamente até a pomada esfriar completamente. — Em fricções nas nevralgias.

Glycereo de chloroformio.

Chloroformio	2 gram.	Glycerina	15 gram.

M. Em fricções, como calmante.

Chlorodyna.

Remedio secreto inglez, inventado em 1856 pelo Dr. Collis Brown. Existem d'elle diversas formulas, que varião na proporção das substancias que o compõem e que são :

Chloroformio
Ether chlorico
Tintura de capsicum
Essencia de hortelã ingleza
Chlorhydrato de morphina
Acido cyanhydrico de Scheele
Acido perchlorico
Tintura de canhamo indiano
Melaço
Espirito de vinho rectificado
Ether sulfurico
Extracto de alcaçuz
Xarope simples.

Quanto á dóse, em que se administra, é preciso consultar a explicação que acompanha cada especie d'este medicamento energico. De ordinario dá-se internamente na dóse de 4 a 20 gottas, em um pouco d'agua, como antispasmodico e calmante, Emprega-se muito em Inglaterra.

CHLORURETO DE ALUMINIO. Novo desinfectante. A solução de hydrato de chlorureto de aluminio em agua, de densidade de 1,020, foi empregada em 1873 para destruir os miasmas da cholera. O hydrato de chlorureto de aluminio obtem-se misturando o sulfato de alumina com o chlorureto de calcio. Faz-se um deposito de sulfato de cal que se separa pela filtração.

A solução de chlorureto de aluminio, não póde ser evaporada, sem desenvolver acido chlorhydrico. Emprega-se como desinfectante do mesmo modo que a agua de Labarraque, espalhando-a pelo quarto. Este sal, obtido pela mistura de sulfato de alumina e de chlorureto de sodio, serve desde muito tempo para a preparação das pelles de animaes (coelhos, cães, etc.), que torna imputresciveis.

CHLORURETO DE ANTIMONIO. V. pag. 277.

CHLORURETO DE BARIO, Muriato, Hydrochlorato ou **Chlorhydrato de baryta** (Chlorure de barium, muriate, hydrochlorate ou chlorhydrate de baryte, fr.). Sal branco, inodoro, de sabor acre, soluvel em agua, um pouco soluvel no alcool. — Em alta dóse é um veneno violento : em dóses pequenas parece util nas molestias escrophulosas, scirrhosas e nos tumores brancos; mas é pouco empregado. Seu uso requer grande prudencia. Externamente emprega-se como excitante e escarotico fraco, em lavatorios nas ulceras escrophulosas, e em collyrios nas ophthalmias chronicas.

Internamente. 1 a 5 centigram. (1/5 a 1 grão) em 180 gram. (6 onças) d'agua.

Externamente. *Solução para lavatorios das ulceras.* Chlorureto de bario 1 parte, agua 5 partes.

Collyrio barytico (Hargens).

Chlorureto de bario 50 centig. | Agua de louro-cereja 50 gram.

Contra as belidas da cornea. Instillar algumas gottas entre as palpebras.

CHLORURETO DE CAL. (Chlorure de chaux, fr.). Pós grossos, ás vezes agglomerados, de côr branca amarellada, cheiro forte de chloro, que perdem pela exposição ao ar; deliquescentes, e soluveis em grande parte na agua; a porção não dissolvida que se depõe é o hydrato de cal. Prepara-se fazendo chegar o gaz chloro nos vasos ou mesmo nos quartos fechados em que se acha disposta cal extincta até á saturação. Attrahe a humidade e deve conservar-se em vaso bem tapado, ao abrigo do ar, da luz, e em lugar secco. 1 kilogramma (32 onças) de chlorureto de cal contém ordinariamente 90 litros de chloro; chama-se então chlorureto de cal a 90 gráos. Verifica-se quanto por cento de chloro contém qualquer chlorureto por meio de processos chamados *chlorometria.* Estes processos, bastante numerosos, consistem, em geral, no emprego de

certos liquidos proprios para fazer conhecer a força descorante, e por conseguinte a quantidade real de chloro que possue a substancia que se experimenta.

Propriedades e usos. Desinfectante energico. Para este fim dilue-se certa quantidade de chlorureto de cal em agua nos pratos, e collocão-se estes nos lugares infectados. Emprega-se principalmente para uso externo no curativo de diversas ulceras, das chagas gangrenosas, cancerosas, do carbunculo, dartros, sarna, e contra o máo halito. Internamente é aconselhado nas febres typhoides. Administrado internamente é um contra-veneno do acido sulfhydrico, do sulfhydrato de ammoniaco, do sulfureto de potassio e do acido cyanhydrico. Póde-se atravessar impunemente um espaço cheio de gaz hydrogeneo sulfurado, applicando ao nariz um lenço molhado na solução de chlorureto de cal.

Internamente. 30 centigram. a 4 gram. (6 grãos a 1 oitava) por dia, dissolvido em agua.

Externamente. *Solução,* 8 a 16 gram. (2 a 4 oit.) para 360 gram. (12 onças) d'agua, em gargarejos, lavatorios, injecções, etc.

Solução desinfectante (Chevalier).

Chlorureto de cal	12 gram.	Alcool	60 gram.
Agua distillada	60 gram.	Oleo de cravo da India	2 gottas

Trate o chlorureto pela agua, côe, e ajunte o alcool e o oleo essencial. D. Uma colher *de chá* em meio copo d'agua, para lavar a bocca, e destruir o mão halito.

Lavatorio desinfectante (Jeannel).

Chlorureto de cal	50	Agua	1000
Alcool camphorado	50		

Dissolva o chlorureto na agua, filtre, ajunte o alcool camphorado. — Feridas putridas.

Pomada anti-dartrosa.

Chlorureto de cal	15 gram.	Oleo de amendoas	45 gram.

Pomada contra a sarna (Émery).

Sabão preto	125 gram.	Alcool	15 gram.
Sal commum	60 gram.	Vinagre	30 gram.
Enxofre sublimado	60 gram.	Chlorureto de cal	1 gram.

Chlorureto de cal liquido.

Chlorureto de cal	1 part.	Agua commum	45 part.

Triture em gral de porcelana, o chlorureto de cal com muitas porções da agua prescripta, reuna os liquidos, e filtre. Serve como desinfectante.

CHLORURETO DE CALCIO ou **Hydrochlorato de cal** (Chlorure de calcium ou Hydrochlorate de chaux, fr.). Sal que existe em algumas aguas mineraes, e entra na composição de muitas aguas mineraes artificiaes. É branco, inodoro, de sabor acre e picante; crystalliza em prismas hexagonaes, terminados por pyramides; é muito hygrometrico, transforma-se rapidamente em liquido. Deve ser conservado em frascos tapados com cuidado. Não se deve confundir com o chlorureto de cal. Obtem-se saturando o carbonato de cal pelo acido chlorhydrico, filtrando e evaporando o liquido.

O chlorureto de calcio exerce acção estimulante sobre toda a economia; actua particularmente sobre as glandulas lymphaticas; em alta dóse é purgativo. Emprega-se nas affecções escrophulosas, nos engurgitamentos das glandulas lymphaticas.

Internam. 20 centig. a 4 gram. (4 grãos a 1 oitava) em poção.

CHLORURETO DE ESTANHO, Bichlorureto de estanho, Licor fumante de Libavius (Bichlorure d'étain, Liqueur fumante de Libavius, fr.). Liquido na temperatura ordinaria, fumante ao ar, mui volatil, soluvel em agua. — Os seus vapores, que se desprendem de um frasco destapado perto de um cadaver, neutralizão o cheiro da putrefacção, sem impedir o progresso d'ella.

CHLORURETO DE FERRO. V. FERRO.

CHLORURETO DE OURO, DE OURO E SODIO. V. OURO.

CHLORURETO DE SODA, Hypochlorito de soda liquido, ou **Agua de Labarraque** (Chlorure de soude, hypochlorite de soude liquide, ou eau de Labarraque, fr.). Liquido incolor, ás vezes levemente rosado, transparente, com o cheiro de chloro; sabor picante e salgado. Prepara-se da maneira seguinte (Cod. fr.): Dilua 100 grammas de chlorureto de cal secco a 90° em 3000 gram. d'agua; dissolva á parte 200 gram. de carbonato de soda crystallizado em 1500 gram. d'agua; misture as duas dissoluções e filtre. A agua de Labarraque póde tambem preparar-se fazendo chegar o chloro a uma dissolução de carbonato de soda. Deve conter de chloro duas vezes o seu volume. Conserva-se em vasos bem tapados, e ao abrigo da luz.

A agua de Labarraque, quando concentrada, é um veneno irritante e energico; sufficientemente diluida foi aconselhada internamente nas febres typhoides, e na febre amarella. Mas os grandes serviços que ella presta á medicina são para o curativo das ulceras varicosas, syphiliticas e outras; e como meio desinfectante nas enfermarias, prisões, lazaretos, e nos quartos dos doentes. Basta, para este fim, borrifar o soalho com este liquido. As suas propriedades desinfectantes são devidas ao chloro.

Internamente. 15 a 36 gottas, e progressivamente até 8 gram. (2 oitavas) em 720 gram. (24 onças) de vehiculo.

Cozimento chloruretado (Chomel).

Agua de Labarraque	1 gram.	Xarope de gomma	50 gram.
Cozimento de cevada	500 gram.		

M. Uma chicara de duas em duas horas nas febres typhoides.

Clyster chloruretado.

Agua de Labarraque	8 gram.	Agua morna	360 gram.

M. Febres typhoides.

Externamente. 30 gram. (1 onça) em 360 gram. (12 onças) d'agua em lavatorios, fomentações, injecções, etc.

Collutorio anti-septico.

Agua de Labarraque	15 gram.	Agua simples	150 gram.

M. Emprega-se nas ulcerações da bocca.

Gargarejo chloruretado.

Agua de Labarraque	10 gram.	Agua commum	200 gram.
Mel rosado	30 gram.		

M. Angina gangrenosa, máo halito.

CHLORURETO DE SODIO, Hydrochlorato de soda, Sal commum, Sal de cozinha, Sal marinho (Chlorure de sodium, hydrochlorate de soude, sel de cuisine, sel marin, fr.). Crystaes cubicos, inodoros, brancos, de sabor fresco e salgado, soluveis em 3 partes d'agua fria.

Aconselhado na tisica pulmonar, escrophulas e chlorose. A agua, com certa quantidade de sal em dissolução, é um resolvente empre-

gado externamente nas contusões e luxações. O sal marinho é um agente de conservação para a carne e peixe.

Internamente. 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em agua, ou n'uma chicara de caldo. No mesmo dia o doente come um pedaço de carne de vacca assada na grelha e bem salgada. Tisica. Os alimentos, mais ou menos salgados, podem substituir todas as fórmas pharmaceuticas propostas para a administração interna do sal marinho.

Em clysteres, 15 grammas (1/2 onça) para 250 grammas (8 onças) d'agua, como leve purgante.

Externamente. Em pediluvios, 360 grammas (12 onças) para q. s. d'agua quente. Congestões do cerebro. — Em fomentações 30 gram. (1 onça) para 250 gram. (8 onças) d'agua como resolvente.

Collyrio salino (Desmarres).

Agua	10 gram.	Sal de cozinha	5 centig.

M. Ophthalmias catarrhaes.

Banho de sal marinho. (Cod. fr.). Sal commum, 5000 grammas (10 libras) para um banho. Escrophulas.

CHLORURETO DE ZINCO (Chlorure de zinc, fr.). Solido, branco, caustico, soluvel em agua, e mui deliquescente. No commercio não se acha senão derretido na sua agua de crystallização, ou dissolvido em agua, marcando 40° no areometro Baumé. Usa-se como caustico, contra os scirrhos e cancros; dissolvido em agua, emprega-se hoje com preferencia para o embalsamento dos corpos: combina-se n'este caso com os tecidos animaes, e oppõe-se á putrefacção d'elles. V. *Embalsamento* nas RECEITAS DIVERSAS.

Massa caustica ou *Caustico de Canquoin* (Cod. fr.). Chlorureto de zinco e farinha de trigo p. ig. Dissolva o chlorureto em q. s. d'agua distillada, triturando em almofariz de porcelana; ajunte a farinha, e faça massa que estenderá em chapa. Deve ser conservada em frasco tapado. — Estende-se a massa segundo a fórma da escara que se quer produzir. A massa excita, no fim de alguns minutos, um calor doloroso que vai até á sensação de queimadura. A escara produzida pela massa cahe do oitavo ao decimo dia; é branca, dura, espessa. Este caustico emprega-se com proveito para destruir os tumores scirrhosos, e os cancros. Não tem effeito sobre a pelle coberta de epiderme.

A massa de Canquoin conserva-se mal, e para se poder conservar melhor, *Robiquet* modificou a sua preparação da maneira seguinte: Dissolve-se no fogo, em capsula de porcelana, 200 partes de chlorureto de zinco em 75 partes d'agua. Deixa-se esfriar e ajunta-se pouco a pouco 400 partes de farinha. Amassa-se esta mistura por um quarto de hora, e estende-se em laminas de 1 millimetro de espessura. Assim preparado, este caustico conserva-se bem, mesmo ao contacto do ar.

Com o intuito de o tornar menos alteravel, *Sommé* modificou tambem o caustico de Canquoin da maneira seguinte: tomão-se p. ig. de chlorureto de zinco e de gluten em pó; faz-se derreter a calor brando o chlorureto no alcool, e ajunta-se pouco a pouco o gluten, mexendo sempre até á evaporação do alcool. Conserva-se a massa n'um pucaro. É mui malleavel, e póde-se rolar, sendo necessario, em cylindros que se deixão seccar em estufa, e que podem servir como *lapis causticos*. — Dissolvendo o chlorureto de zinco no collodio elastico, e estendendo a mistura com pincel sobre o panno, obtem-se um *sparadrapo caustico*.

Massa caustica de Canquoin com glycerina. Chlorureto de zinco, 5; farinha de trigo, 10; glycerina, 2; agua, q. s. Dissolva o chlorureto de zinco na glycerina e na agua; ajunte pouco a pouco a farinha. — A massa assim preparada conserva indefinidamente a ductilidade.

Caustico com gutta-percha (Maunoury, Robiquet). Deixando derreter a gutta-percha, e introduzindo n'ella metade do seu peso de chlorureto de zinco ou de potassa caustica, obtem-se um excellente caustico que póde estender-se em laminas, moldar em cylindros, vasar em pastilhas e cortar em frechas ou tiras. Para servir-se d'elle, basta mergulha-lo por alguns segundos em alcool. — Estas combinações conservão a flexibilidade da gutta-percha, e podem ser introduzidas nas cavidades que se querem cauterizar. As escaras são mui limpas, e conservão exactamente a fórma que o cirurgião julgou conveniente dar-lhes.

Caustico de Landolfi. Chlorureto de zinco, chlorureto de antimonio, chlorureto de bromo, chlorureto de ouro, aná p. ig. M. Empregado no tratamento do cancro. Esta mistura é ás vezes substituida só pelo chlorureto de bromo.

Depois do emprego do caustico, Landolfi applica sobre a ferida fios cobertos da mistura seguinte :

Terebinthina	6 part.	Espermacete	6 part.
Azeite doce	30 part.	Sandalo pulverizado	4 part.
Cera amarella	24 part.	Camphora	2 part.

Frechas causticas. (Sommé). Chlorureto de zinco e gutta-percha, aná p. ig. Amolleça a gutta-percha no alcool fervendo; incorpore o chlorureto de zinco, e redúza a massa a laminas pontudas, tendo a fórma de palitos, que conservará em cal viva. Empregão-se para levar a cauterização á profundidade dos orgãos.

Solução saturada de chlorureto de zinco (Clouet).

Agua	18	Chlorureto de zinco	50

Dissolva pela agitação n'um frasco. — Applica-se para cauterizar as ulcerações syphiliticas, os cancros phagedenicos, etc. É aconselhada tambem em injecções com a seringa de Pravaz, na dóse de 1 a 2 gottas, nos lipomas, papeiras, tumores diversos, para produzir a sua mortificação.

CHOCOLATE. V. Cacáo, p. 321.

CHOUPO (Peuplier, fr.). *Populus nigra,* L. Arvore que habita em toda a Europa. Os gommos de choupo entrão na composição do unguento populeão que se emprega contra as hemorrhoidas; e os ramos descascados d'esta arvore servem para a preparação do carvão, que é aconselhado pelo Dr. Belloc, e com vantagem, contra a gastralgia. V. *Carvão vegetal.*

CHROMATO DE POTASSA. V. Bi-chromato.

CICUTA, Cicuta officinal (Ciguë, fr.). *Conium maculatum.* L. Umbelliferas. Fig. 166. Planta que no Brasil se encontra nas provincias de S. Paulo e Rio Grande do Sul; em Portugal habita entre Coimbra e Pereira, nos arredores de Lisboa e outras partes do Reino. — Raiz fusiforme, branca; caule de 3 a 4 pés, liso, manchado de nodoas negras, avermelhadas; folhas tripinnadas; foliolos pontudos, dentados; flores brancas dispostas em umbellas com 12 a 16 raios; fructo quasi globoso; cheiro desagradavel, um pouco semelhante ao da ourina de gato, *P. us. Folhas e sementes.*

Em alta dóse, occasiona uma especie de embriaguez, prostração geral, nauseas, lentidão do pulso, escurecimento da vista, dilatação

das pupillas, abaixamento da temperatura, delirio furioso, convulções, paralysia e a morte; em doses pequenas, é um calmante, e emprega-se como tal nas molestias cancrosas, tisica, nevralgias, tico doloroso da face, sciatica, coqueluche, asthma, tosses rebeldes. É tambem aconselhada nas affecções venereas e escrophulosas inveteradas, nos dartros antigos, nos endurecimentos dos testiculos e do figado. Externamente, sob a fórma de cataplasma ou emplasto, applica-se para acalmar as dôres cancerosas e outras.



Fig. 166. — Cicuta officinal.

A cicuta perde uma parte da sua actividade, á medida que vegeta nas regiões mais aproximadas do norte, a ponto de tornar-se planta comestivel; nos climas meridionaes é venenosa. Era com a cicuta que os antigos Gregos envenenavão os condemnados á morte; e foi com esta planta que fizerão morrer dois dos seus grandes philosophos, Socrates e Phoceon. Socrates foi condemnado a tomar o succo de cicuta no anno de 400 antes de Jesus Christo, por ter querido introduzir novas divinidades no espirito da mocidade. Eis-aqui como o seu discipulo Platon refere os seus ultimos momentos. « Quando lhe trouxerão » o veneno; Socrates perguntou o » que tinha a fazer. Nada mais, » respondeo o carcereiro, do que » passear depois de ter bebido, » até que experimentes peso nas » pernas. » Bebeo, passeou, e quando sentio dobrarem-se-lhe as pernas, deitou-se. Ao mesmo tempo o carcereiro comprimia-lhe os pés e perguntava se sentia a compressão. Socrates respondia que não. Depois comprimia-lhe as pernas, e, subindo, mostrava-nos que o corpo tornava-se frio e contrahia-se. Tocava-o sempre e dizia : « Quando o frio chegar ao coração, morrerá. » Já o ventre se achava frio, quando Socrates pronunciou ainda algumas palavras, depois teve uma convulsão, os olhos tornarão-se-lhe fixos, e morreo. »

A cicuta contém um alcaloide liquido e volatil, chamado *cicutina* ou *conicina* (V. o artigo seguinte).

Internamente. *Pó* (p. 111). Deve ser guardado em frascos cuidadosamente tapados e ao abrigo da luz. 5 centigram. a 1 gram. (1 a 20 grãos).

Extracto alcoolico de folhas (p. 92), 5 a 20 centigrammas (1 a 4 grãos).

Extracto de succo das folhas (p. 89), 5 a 20 centigrammas (1 a 4 grãos).

Extracto alcoolico de sementes (p. 92), 5 a 20 centigrammas (1 a 4 grãos).

Tintura alcoolica (p. 123), 1 gramma (20 grãos) em poção.

Tintura etherea (p. 124), 1 gramma (20 grãos) em poção.

Alcoolatura (p. 68), 1 gramma (20 grãos) em poção. E a melhor

preparação. — A preparação a mais energica é o succo das folhas frescas.

A cicuta e seus extractos não conservão suas propriedades além de dois annos, porque o seu principio activo é volatil. Importa, pois, que os pharmaceuticos a reformem cada anno. Conhece-se que uma preparação de cicuta está em boas condições, quando, triturando-a com a potassa caustica, ella exhala fortemente um cheiro viroso e ammoniacal.

Pilulas de cicuta (Storck).

Extracto de cicuta	10 centig.	Alcaçuz em pó	q. b.

F. 1 pilula. D. 1 a 4 por dia.

Pilulas anti-ictericas (Mac-Gregor).

Extracto de cicuta	5 centig.	Gengibre em pó	q. b.
Extracto de quina	5 centig.		

F. 1 pilula. D. 3 a 4 por dia.

Externamente. *Infusão :* folhas de cicuta 30 gram. (1 onça), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda durante 1 hora, e côe com espressão por coador de lã. (Cod. fr.) Em injecções, lavatarios, etc. Misturada com farinha de linhaça, esta infusão constitue cataplasma calmante.

Oleo de cicuta (p. 100), em fricções.

Emplaslo de cicuta (p. 79). Applica-se sobre os lugares doridos, nas diversas molestias nervosas.

Glycereo de cicuta (Cod. fr.).

Extracto de cicuta	10 gram.	Glycereo de amido	100 gram.

Amolleça o extracto com mui pequena quantidade d'agua, e misture-o com o glycereo.

CICUTINA, Conicina ou **Conina** (Cicutine, conicine ou conine, fr.). Alcaloide que se obtem, por distillação, das sementes de cicuta. É um liquido incolor, transparente, volatil, de uma densidade de 0,878, de cheiro penetrante, de sabor acre e desagradavel; pouco soluvel em agua, soluvel no alcool e ether.

É mui venenosa; foi entretanto aconselhada na asthma, na dóse de 1 gotta, em agua com assucar. É pouco usada.

CIDRA (Cédrat, fr.). Fructo da cidreira, *Citrus cedra,* Gall., arvore cultivada no Brasil e em Portugal. Aurantiaceas. Este fructo é volumoso, oblongo, mamilloso no topo, superficie rugosa e frequentemente tuberculosa, de côr roxa no seu verdor, bella amarella quando maduro. O epicarpo da casca fornece por espressão, ou por distillação, uma essencia de cheiro suave, empregada na perfumaria. A casca interior é mui espessa, branca, tenra, carnosa, e forma a parte mais consideravel do fructo : fazem-se com ella doces excellentes. A baga é muito pequena, contém um succo que não é usado.

CIDRILLA (Verveine odorante, fr.). *Verbena triphylla.* L'Herit. Verbenaceas. Pequeno arbusto, commum no Rio de Janeiro. Folhas verticilladas, ternas ou quaternas, lanceoladas, agudas nas duas extremidades, exhalando cheiro de limão quando esfregadas; flores dispostas em espigas axillares, ou em panicula terminal nua. Estimulante; empregada em infusão contra as indigestões; 3 a 4 folhas para uma chicara d'agua fervendo.

CINABRIO ou Sulfureto rubro de mercurio. V. MERCURIO.

CINCHONINA (Cinchonine, fr.). Um dos principios da quina. É em pequenos crystaes, incolor, inodoro; dissolve-se em 2500 vezes o seu peso d'agua fria, é um pouco mais soluvel na agua fer-

vendo, é mui soluvel no alcool, e apenas no ether. Possue as propriedades da quinina, mas em menor gráo. Não se emprega em medicina.

CINCO RAIZES APERIENTES. V. Especies diureticas.

CINNAMOMO. *Melia azedarach,* L. Meliaceas. Arvore introduzida da Asia no Brasil (Rio Grande do Sul). Todas as suas partes são amargas. O decocto da casca emprega-se em lavatorios para alimpar as ulceras. Tomado internamente provoca vomitos, evacuações alvinas, e poderia envenenar.

CIPÓ DE ALHO. V. Páo de alho.

CIPÓ DE CABOCLO, CIPÓ DE CARIJÓ. V. Sambaibinha.

CIPÓ DE CHUMBO. *Cuscuta umbellata,* Humboldt. Cuscutaceas. Planta parasita do Brasil. Caules filiformes, de côr amarella alaranjada, de sabor amargo; flores umbelliformes. *P. us. Toda a planta.* Leve tonico, empregado nas molestias de peito. O succo é considerado como anticatarrhal, antihemoptoico. Externamente, o pó da planta applica-se nas feridas.

Internamente. *Infusão*, 4 grammas (1 oitava) para 250 gram. (8 onças) d'agua fervendo.

CIPÓ DE COBRA, Caapeba, Herva de Nossa Senhora. *Cissampelos glaberrima,* St. Hilaire. Menispermeas. Planta herbacea do Brasil. As raizes, que são tuberculosas, tem o nome de *batatinhas de cobra,* e são empregadas pelos habitantes de S. Paulo e Minas contra as mordeduras das cobras. Dilue-se, para este fim, a raiz contusa em aguardente, e administra-se na dóse de 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas), de duas em duas horas. Sobre a ferida applica-se a mesma raiz contusa. Porém o effeito d'este antidoto é mui duvidoso.

CIPÓ CRUZ ou **Cipó de cruz.** V. Cainca.

CIPÓ CURURÚ. *Echites cururu,* Martius. Apocyneas. Planta trepadeira do Brasil (Rio Negro). A infusão do seu caule é purgativa, e emprega-se como tal pelos habitantes do Amazonas.

CIPÓ GUYRA. *Bignonia guyra,* Riedel. Bignoniaceas. Planta da Flora brasileira. A decocção da raiz é purgativa, muito usada no Alto-Amazonas.

CIPÓ SUMÁ (S. Paulo), **Piragaia** (Minas), *Anchietea salutaris,* St. Hilaire. Violarineas. Planta do Brasil (Rio). Caule muito delgado; folhas alternas, ovaes; flores axillares, sesseis; o fructo é uma capsula de 5 a 8 centimetros de comprimento; raiz da grossura de um dedo para mais, com o parenchyma côr de rosa. A casca da raiz é purgativa, e emprega-se como tal na dóse de 8 grammas (2 oitavas) em pó ou infusão aquosa.

CITRATO DE FERRO, CITRATO DE FERRO E QUININA. V. Ferro.

CITRATO DE MAGNESIA. V. Magnesia.

CITRATO DE QUININA (Citrate de quinine, fr.). Resulta da combinação do acido citrico com a quinina. É crystalizavel, e mais soluvel que o sulfato de quinina. Aconselhado contra as febres intermittentes. D. 20 a 60 centigrammas (4 a 12 grãos) em pilulas ou dissolvido em agua.

CIVETTA. V. Algalia.

COAJINGUVA. *Ficus anthelmintica,* Martius. Artocarpeas. Arvore colossal do Brasil (Pará, Amazonas, Pernambuco, Bahia, etc.). Dá um succo chamado *leite*, que é anthelmintico, tonico e caustico. Este succo é empregado na dóse de 2 a 15 grammas (1/2 oitava a

1/2 onça) em café ou misturado com leite de cabra ou vacca, ou em agua assucarada, de manhã em jejum, por oito ou dez dias consecutivos. Efficaz contra os vermes intestinaes, os anchylostomos, e contra a hypoémia intertropical. O seu effeito é real, maravilhoso, mas é necessario advertir que, elevando-se a dóse, póde produzir violentas irritações intestinaes.

COALHA LEITE (Caille-lait, fr.). *Galium luteum*, L. Rubiaceas. Planta commum nos prados da Europa; em Portugal habita junto do Porto e outras partes. Caule de um pé e mais, flores amarellas, pequenas e cheirosas. O seu nome vem da propriedade que se lhe attribue, mas que não possue, de coalhar o leite. Adstringente leve, e antispasmodico.

COALHO (Présure, fr.). Substancia que se acha no quarto ventriculo ou estomago da vitella e dos outros animaes ruminantes novos na idade em que ainda se nutrem de leite; estes animaes são cabritos, cordeiros, etc.; é leite quasi reduzido a caseum, e misturado com os succos gastricos que lhe communicão a sua acidez. O coalho recente apresenta-se em grumos esbranquiçados, que se tornão depois de um cinzento mais ou menos escuro. Lavado, salgado e secco ao ar, toma consistencia e o aspecto de um unguento. Emprega-se para fazer coalhar o leite, na fabricação dos queijos, ou para obter simplesmente o soro de leite. É preciso cerca de 1 gramma de coalho para 1 litro de leite. Eis-aqui uma formula de *coalho liquido*.

Coalho recente	375 gram.	Alcool a 30° cent.	60 gram.
Sal de cozinha	60 gram.	Vinho branco	1 litro

Digira por um mez; e filtre. Uma colher, das *de chá*, basta para coalhar 1 litro de leite.

COALTAR (Coaltar, fr.). Alcatrão de carvão de pedra, cuja mistura com gesso foi proposta como desinfectante no curativo das feridas; mas acha-se abandonada por causa de diversos inconvenientes. A mistura de 3 a 6 partes de gesso com 100 de coaltar, lançada nas materias animaes liquidas, ou meio liquidas, em quantidade sufficiente para formar massa de consistencia ordinaria, agitada com estas materias e bem misturada com ellas, tira-lhes em poucos instantes o cheiro putrido, por mais infecto que seja. Mas no curativo das feridas o pó de coaltar suja as partes vizinhas, e é difficil com elle entreter o aceio. O coaltar saponinado não tem estes inconvenientes.

Pós desinfectantes (Devergie).

Coaltar	1 gram.	Amido	30 gram.

M. — Suor fetido dos pés.

Coaltar saponinado (Lebeuf).

Tintura de saponina	2400 gram.	Coaltar	1000 gram.

Digira durante 8 dias a b. m., agite e filtre. O modo de preparar a tintura de saponina está indicado no artigo SAPONINA. 1 parte de coaltar saponinado, misturada com 4 partes d'agua, constitue a *emulsão-mãi* de Lebeuf, empregada para a desinfecção das feridas e em muitos outros casos.

A *emulsão de coaltar saponinado* ou *Coaltar Lebeuf*, mistura-se com todas as secreções morbidas, penetra os tecidos, e actua com toda a energia. A saponina e o alcool augmentão-lhe as propriedades. A saponina limpa os tecidos, o alcool estimula as feridas. Pelos principios activos do coaltar (*acido phenico, naphthalina, benzina, anilina, hydro-carburetos oleosos*, etc.), esta emulsão desinfecta instantanea-

mente as secreções as mais fetidas das mucosas inflammadas e das superficies suppurantes, e favorece a cicatrização das feridas. A séde e a natureza das lesões, assim como a maior ou menor susceptibilidade dos orgãos, exigem que a emulsão-mãi seja diluida em agua, afim de abrandar a sua acção na medida favoravel á cura da molestia. A *emulsão-mãi* (emulsão do quinto) é o ponto de partida das attenuações; misturando um volume d'esta emulsão com um volume igual d'agua, obter-se-ha a emulsão do decimo; ajuntando-lhe dois, tres ou quatro volumes d'agua, obter-se-hão emulsões do 15°, do 20° do 25°.

O coaltar saponinado é miscivel tambem com a glycerina e com o alcool em todas as proporções. Emprega-se em lavatorios, injecções, irrigações, etc.

O curativo das feridas executa-se do modo seguinte: lava-se primeiro a ferida, com coaltar saponinado diluido em duas ou quatro partes d'agua. Cobre-se depois a ferida com pranchetas de fios molhados na emulsão de coaltar diluida em agua ou glycerina do gráo que o medico julga conveniente, cobrem-se os fios de compressas igualmente molhadas no liquido antiseptico, e segura-se tudo com atadura. Em vez de reformar o curativo segunda vez em 24 horas, humedecem-se muitas vezes por dia, com a emulsão de coaltar, os pannos que cobrem a ferida, sem desarranja-los. Quando a ferida é a séde de viva inflammação, aproveitão as cataplasmas de linhaça regadas com coaltar saponinado.

A emulsão-mãi do 5° é principalmente destinada aos curativos das feridas de máo caracter. A emulsão do 10° basta para o tratamento das feridas simples; e se se tratar dos lavatorios, podem empregar-se as emulsões do 40° ou 50°.

O coaltar saponinado, na dóse de uma colher *de chá*, diluido em meio copo d'agua, é um bom dentifricio para lavar a bocca nas inflammações e ulcerações das gengivas.

O coaltar saponinado é util, em applicações externas, nas ulceras do utero, cancros syphiliticos, herpes, otorrhea, ozena, anthrax, carie dos ossos, gengivite chronica, pityriase, diversas ulceras, etc., etc.

Emulsão de coaltar (Dameaux).

Coaltar	30 gram.	Alcool a 85°	30 gram.
Sabão cortado	30 gram.		

Aqueça a b. m. até solução completa. — Esta preparação, misturada com agua na proporção de 3 partes de emulsão para 100 d'agua, dá uma mistura mui efficaz. Os pannos, os fios molhados n'esta mistura servem para o curativo das feridas putridas.

COCA, Ypadú, Padú (Coca, fr.). *Erythroxylon coca*, Lam. Erythroxyleas. Arbusto do Perú, cultivado no Pará. Tem 1 metro a 13 decimetros de altura; folhas alternas, curtamente pecioladas, pouco aromaticas, inteiras, ovaes, de tres pollegadas de comprido sobre pollegada e meia de largo; flores pequenas, numerosas; fructo, drupa vermelha, oblonga, unilocular e monosperma, acompanhada de duas cavidades abortadas. *P. us. Folhas.*

As folhas actuão sobre o systema nervoso. Mascadas em pequena quantidade augmentão as forças; mascadas em porção maior, occasionão uma especie de embriaguez, semelhante á que produzem os liquidos alcoolicos e o haschisch. É um estimulante do systema nervoso, aconsalbado internamente no rheumatismo, febres intermittentes, embaraco gastrico, gastralgia, atonia geral; e externamente como masticatorio contra a gengivite. Esta substancia é

empregada quotidianamente pelos Indios que achão, mascando-a, a faculdade de resistir á fadiga e de supportar a dieta.

Internamente. *Pó*, 2 a 4 grammas (1/2 à 1 oitava).

Infusão. 4 grammas (1 oitava) para 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo.

Xarope (p. 133). 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Tintura (p. 122). 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça).

Elixir (Folhas de coca 100, alcool 700, assucar 300. Faça tintura por deslocação com as folhas de coca e alcool; esprema; ferva o residuo em 300 grammas d'agua, e faça xarope com assucar e com a decocção; ajunte a tintura. Filtre depois de 48 horas de contacto). D. 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça).

COCA DO LEVANTE (Coque du Levant, fr.). Fructo de uma arvore das Indias orientaes, *Menispermum cocculus*, L. Da familia das Menispermaceas. É do tamanho de uma pequena avelã, redonda, anegrada; sabor acre e amargo. É venenosa. Emprega-se na India para pescar o peixe, que, depois de engulir o engodo composto d'esta substancia, fica embriagado e apparece á tona d'agua.

COCHLEARIA. (Cochléaria, fr.). *Cochlearia officinalis*, L. Cruciferas. Planta que habita na Europa á beira do mar e perto dos regatos nas montanhas. Fig. 167. *P. us. Folhas e caules.* Caule de 7 a 10 pollegadas; as folhas radicaes são longamente pecioladas, com expansão foliacea cordiforme, e concava na face superior, dando-lhe a apparencia de uma colher, as folhas caulinas são rentes, oblongas, e prolongando-se inferiormente em duas linguetas; flores brancas; sabor acre.


Fig. 167. — Cochlearia.

Excitante, estomachico e antiscorbutico.

Internamente. *Infusão*, 12 gram. (3 oitav.) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo.

Succo espresso (p. 119), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Alcoolato (p. 67), 4 a 16 gram. (1 a 4 oitavas) em poção.

Xarope (p. 133), 30 a 60 gram. (1 a 2 onças).

Conserva (p. 73), 15 a 30 gram. (1/2 a 1 onça).

Tisana antiscorbutica.

Especies amargas 30 gram. | Agua fervendo q. s.

Infunda e côe de modo que obtenha 600 gram. de liquido; ajunte :

Alcoolato de cochlearia .... 15 gram.

Ás chicaras, nas escrophulas e no escorbuto.

Poção antiscorbutica.

Xarope de quina	30 gram.	Alcoolato de cochlearia	4 gram.
Agua de hortelã	30 gram.	Sumo de limão	30 gram.

M. Duas colheres *de sopa* tres vezes por dia.

Externamente. Infusão e alcoolato em gargarejos.

Agua de Madama de la Vrillière.

Cochlearia recente	160 gram.	Rosas rubras	20 gram.
Agriões recentes	160 gram.	Cravos da India	15 gram.
Canella	40 gram.	Alcool a 85° cent.	960 gram.
Casca exterior de limão	30 gram.		

Macere por quatro dias, e distille toda a parte espirituosa. Odontalgico.

Collutorio antiscorbutico.

Mel rosado	60 gram.	Tintura de quina	15 gram.
Alcoolato de cochlearia	15 gram.		

Tocão-se as gengivas com um pincel molhado no collutorio.

Tintura antiscorbutica.

Alcoolato de cochlearia	30 gram.	Tintura de canella	4 gram.
Tintura de myrrha	4 gram.	Tintura de guaiaco	8 gram.

Uma colher *de chá* n'uma chicara d'agua fria, em gargarejos.

COCHONILHA. (Cochenille, fr.). Pequeno insecto que fornece a tinta escarlate. Existem d'ella quatro especies; a melhor cria-se no Mexico, nas plantas do genero *Cactus, C. opuntia,* sobretudo, e encontra-se nos jardins do Rio de Janeiro. No seu maior estado de desenvolvimento tem o tamanho de uma pequena ervilha. Os pequenos derramão-se por milheiros sobre as folhas da planta, fixão-se n'ellas e passão alli por todas as metamorphoses. Colhem-se as femeas, um pouco antes da postura dos ovos; sua grossura iguala então a de uma ervilha; immergem-se por um instante em agua a ferver, e seccão-se ao sol ou sobre chapas de ferro quente. Depois d'esta preparação apparecem no commercio debaixo da fórma de pequenos grãos irregulares, denegridos ou de um vermelho-roxo. A cochonilha dá um pó de côr vermelha-carmesim. Serve na pharmacia para corar as pomadas, os licores, os pós dentifricios. Seu decocto aquoso, tratado pelo cremor de tartaro ou pela pedrahume, precipita um bello pó vermelho, que se chama *carmim.*

COCO DA BAHIA. Fructo do coqueiro (Cocotier, fr.). *Cocos nucifera,* L., arvore originaria da India, naturalizada no Brasil. Palmeiras. O fructo é mui volumoso, de fórma quasi triangular; contém, debaixo de um envoltorio fibroso, uma substancia branca e dura, do gosto de avelã, muito agradavel, e no centro um succo adocicado chamado *agua de coco.*

O coco da Bahia emprega-se com proveito contra a solitaria. Muitos doentes tem expulsado este verme, tomando por unico alimento, durante quatro, seis e até oito dias, só o coco da Bahia, e bebendo-lhe a agua.

CODEINA. V. Opio.

COENTRILHO. *Zanthoxylum hyemale,* St. Hilaire. Rutaceas. Arvore do Brasil; habita no Rio Grande do Sul. Folhas alternas, compostas de 3 a 6 pares de foliolos, com um foliolo impar; foliolos oppostos ou quasi oppostos, obovados, obtusos, crenados; flores dispostas em cachos ou paniculas. Os habitantes das localidades em que vegeta esta arvore, pretendem que a casca reduzida a pó cura as dôres de ouvido; esta virtude, porém, é imaginaria.

COENTRO. (Coriandre, fr.). *Coriandrum sativum*, L. Umbelliferas. Planta cultivada nas hortas de Portugal e do Brasil. Caule da altura de 35 a 50 centimetros; folhas radicaes semelhantes ás da salsa vulgar, mas as do caule são divididas miudamente; flores dispostas em umbellas de tres a quatro raios; fructo globoso composto de duas carpellas soldadas, que não se separão na madureza. No estado fresco toda a planta tem o cheiro desagradavel de persevejo, mas o fructo, quando secco, adquire um cheiro agradavel, que a pulverização torna mui sensivel. *P. us. Fructos*, impropriamente chamados *sementes*. São globosos, do tamanho de um grão de pimenta negra, compostos de dois globulos adunados. — Estimulante, carminativo.

Internamente. *Pó* (p. 111), 1 a 4 gram. (20 grãos a 1 oitava). *Infusão*, 4 grammas (1 oitava) para 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

COERANA. *Cestrum Parqui*, L'Herit. Arbusto do Brasil. Solaneas. Folhas lanceoladas, um tanto onduladas, flores em corymbos terminaes, corolla infundibuliforme com o limbo plicado; fructo (baga) unilocular, polysperma. Ha mais outras especies. *P. us. Folhas.* — Emolliente e calmante, empregada em banhos e cataplasmas contra as dôres rheumaticas e outras.

Externanente. *Decocção :* Coerana 30 grammas (1 onça) para obter 360 grammas (12 onças) de decocto. Este decocto, com q. s. de farinha de linhaça, constitue uma cataplasma que se applica nos lugares doridos.

Em banhos, 125 grammas (4 onças) para um banho.

COLCHICO (Colchique fr.). *Colchicum autumnale*, L. Planta que habita nos prados da Europa meridional. Colchicaceas. Fig. 168. Compõe-se de um tuberculo carnoso e amylaceo, envolvido em algumas tunicas fuscas; de caule coberto de um spatho e contido no prolongamento da tunica fusca; flor roxa composta de seis petalas, aparece no mez de Setembro antes das folhas, que só se desenvolvem no mez de Março, e os fructos apparecem no meio d'ellas. *P. us. Bolbo e sementes.* No commercio o bolbo tem a fórma ovoide, do tamanho de uma noz, convexo de um lado, e longitudinalmente escavado do outro; por fóra de côr cinzenta-amarellada, marcada com estrias; branco por dentro; sabor acre. As sementes, do tamanho de cabeças de alfinetes, são ovaes, de côr vermelha denegrida, com uma crista assaz visivel formada pelo arilho. O colchico cede o seu principio activo á agua, ao alcool, e ainda melhor ao vinagre.

Propriedades e usos. Em dóse minima exerce sobre o systema nervoso uma acção sedativa, diminue a força e frequencia do pulso; em dóse moderada, purgante e diuretico; em alta dóse, é um veneno irritante : duas a tres oitavas são sufficientes para produzir a morte nos cães. Administrado seguidamente por muito tempo, ou em dóse elevada por uma vez, produz vomitos, evacuações sanguinolentas, puxos e dôres hemorrhoidaes, difficuldade de ourinar, ourinas sanguinolentas, vertigens, tremor, oppressão, desmaio, pulso pequeno, intermittente, transpiração, etc. Todos estes phenomenos provão que a acção dynamica do colchico é hyposthenisante. As folhas são venenosas para os animaes que as comem, d'onde vem o nome de *mata-cães* que se dá vulgarmente ao colchico em algumas partes.

O colchico faz desapparecer por uma acção especifica a inflammação e a dôr da gota. Muitos remedios secretos tem por base o

colchico : *Especifico de Reynold, Vinho de Anduran, Pilulas de Lartigue, Antigotoso de Want, Tintura de Cacheux.* Emprega-se com vantagem na gota, rheumatismo e hydropisia; mas deve-se principiar por pequenas dóses, e não augmenta-las senão com muita prudencia, porque o colchico apresenta frequentemente variações notaveis na sua acção sobre os individuos.



Fig. 168. — Colchico.

Externamente. *Pó*, 5 a 30 centigrammas (1 a 6 grãos) por dia.

Extracto (p. 92), 1 a 10 centigram. (1/5 a 2 grãos) em pilulas.

Tintura de bolbos de colchico (p. 122), 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava) em poção.

Tintura de sementes de colchico (p. 122) 1 a 4 gram. (20 grãos a 1 oitava) em poção.

Alcoolatura (p. 68), 4 a 16 grammas (1 a 4 oitavas) em poção.

Vinho de bolbos de colchico (p. 127), 8 a 45 grammas (2 a 12 oit). em poção. Quando o medico receita *vinho de colchico*, deve-se entender o vinho de bolbos de colchico.

Vinho de sementes de colchico (p. 127), 4 a 20 grammas (1 a 5 oitavas).

Vinagre de colchico (p. 126), 4 a 20 grammas (1 a 5 oitavas).

Mellite ou *mel de colchico* (p. 99), 15 a 30 gram. (4 a 8 oitavas).

Oxymel de colchico (p. 100), 15 a 30 grammas (4 a 8 oitavas).

Agua medicinal (Husson).

Bolbos de colchico	50 gram.	Alcool a 90° cent.	100 gram.

Macere por cinco a seis dias; côe e guarde. D. 20 a 60 gottas

por dia, em meio copo d'agua com assucar. Como excitante e purgativo na gota e rheumatismo.

Pilulas anti-gotosas.

Extracto de colchico	5 centig.	Extracto de coloquintidas	5 centig.
Opio	1 centig.		

F. 1 pilula. D. 1 a 2 por dia.

Poção de colchico (Forget).

Vinho de colchico	30 gram.	Agua de louro-cereja	5 gram.
Infusão de macella	120 gram.	Xarope simples	30 gram.

M. Uma colher *de sopa,* de 2 em 2 horas, na gota. Suspenda-se a poção, se sobrevierem vomitos ou evacuações alvinas abundantes.

Mistura diuretica (Hildebrand).

Tintura de sementes de colchico	10 gram.	Tintura de digital	10 gram.
		Ether nitrico alcoolizado	2 gram.

M. D. 20 gottas de tres em tres horas, em meia chicara d'agua com assucar. Hydropisias.

Especifico-Reynold contra a gota.

(Remedio privilegiado inglez).

Vinho de Xerez	500 gram.	Bolbos de colchico	250 gram.

Dá-se-lhe côr com xarope de papoulas, e aromatiza-se com 30 grammas de rhum. D. 20 gottas n'um copo d'agua.

Anti-gotoso de Want.

Bolbos de colch. frescos	125 gram.	Alcool a 90°	250 gram.

Macere durante uma semana, côe com espressão e filtre. D. 1 gramma, e progressivamente até 8 grammas, em meio copo d'agua.

Mistura contra a gota (Fievée).

Tintura de bolbos de colchico	10 gram.	Tint. de semente de colch.	5 gram.
		Xarope de limão	100 gram.

M. D. Uma colher *de sopa,* tres vezes por dia, n'uma chicara de chá d'herva cidreira. Esta mistura produz bastantes evacuações; suspende-se, sendo muitas.

COLCOTHAR. Oxydo vermelho de ferro. V. FERRO.

COLLA DE PEIXE. V. GELATINA.

COLLODIO (Collodion, fr.). Dá-se o nome de *collodio* á dissolução de *algodão-polvora,* chamado tambem *algodão fulminante,* quer no ether sulfurico, quer no ether sulfurico alcoolizado. É um liquido esbranquiçado, viscoso, meio transparente. Esta definição pertence ao *collodio simples.* Para os usos medicos prepara-se um *collodio ricinado* ou *elastico*, cuja formula segundo o Codigo é a seguinte :

Algodão fulminante	7 gram.	Alcool a 90°	22 gram.
Ether a 0,720	64 gram.	Oleo de ricino	7 gram.

Dissolva o algodão fulminante na mistura de ether e de alcool, e ajunte o oleo de ricino.

O *algodão fulminante* destinado á preparação do collodio obtem-se do modo seguinte :

Acido sulfurico a 1,84	1000 gram.	Algodão secco a 100°	55 gram.
Acido azotico a 1,42	500 gram.		

Lance o acido sulfurico no acido azotico, e deixe arrefecer a mistura até á temperatura de cerca de 30°; introduza n'ella o algodão por pequenas porções, afim de evitar um demasiado desenvolvimento do calor. Abandone tudo durante 24, 36 ou 48 horas, segundo que a temperatura fôr de 35°, 25° ou 15° centigrados. Tire

então o algodão, e lave-o em agua até o desembaraçar do ultimo vestigio de acido. Deixe seccar ao ar livre. Guarde o algodão fulminante ao abrigo da humidade.

Propriedades e usos. O *collodio simples*, applicado sobre a pelle, deixa um verniz fortemente adherente depois da evaporação do alcool e do ether. Este *verniz* é retractil; pelo que comprime os tecidos sobre os quaes está applicado, e aperta os labios das feridas. A constricção assim produzida póde ser util em certos casos; mas em outros casos, por exemplo quando se deseja subtrahir só a ferida ao contacto do ar, esta retracção é inutil; além d'isto causa bastante incommodo. Pelo que emprega-se as mais das vezes o collodio elastico ou ricinado, cuja formula está indicada mais acima.

O collodio elastico é empregado contra as rachas do bico do peito e dos beiços; no curativo das feridas, para ligar-lhes os labios; no tratamento das queimaduras : preservando estas lesões do contacto do ar, favorece singularmente a cicatrização. Foi tambem aconselhado para atalhar as hemorrhagias provenientes das picadas das bichas; e contra certas affecções cutaneas, erysipelas, etc.

Modo de applicação. Molha-se no collodio o panno de linho ou de algodão, e applica-se immediatamente sobre a ferida ou esfoladura. É mui difficil tirar o panno depois de secco : é preciso empregar ether. O modo seguinte é preferivel : Applica-se primeiro sobre a ferida um tecido de algodão mui fino, v. g. a cassa, mantem-se estendido sobre a ferida, e passa-se por cima d'este tecido um pincel molhado no collodio. Segura-se o panno até o collodio tornar-se secco, isto é, durante um ou dois minutos. Deixa-se tudo até á cura da ferida : é então facil tirar o collodio puxando pelo panno.

Para communicar propriedades especiaes ao collodio, alguns pharmaceuticos propuzerão addicionar-lhe perchlorureto de ferro, opio, extracto de Saturno, extracto de cantharidas, etc., mas o collodio uma vez secco não cede mais o medicamento que contém, pelo que este não póde exercer acção alguma.

COLOPHONIA ou **Colofana** (Colophane, fr.). Substancia resinosa, secca, transparente, amarella ou roxa : é o residuo da distillação da terebinthina do pinheiro. Reduzida a pó applica-se para atalhar o fluxo sanguineo, produzido pelas picadas das bichas. Entra na composição do *unguento basilicão*, que serve para activar a suppuração dos causticos.

Unguento basilicão (Cod. fr.).

Pez negro	100 gram.	Cera amarella	100 gram.
Colophonia	100 gram.	Azeite doce	400 gram.

Derreta o pez e a colophonia a fogo brando em tacho de cobre, ajunte a cera, e derretida esta, ajunte o azeite; côe por panno de linho, e mexa o unguento em gral até arrefecer.

Cataplasma maturativa (Cod. fr.).

Pós emollientes	100 gram.	Unguento basilicão	20 gram.
Agua	q. s.		

Dilua a farinha na agua fria, de maneira a fazer massa bem rala; aqueça, mexendo continuamente até á consistencia conveniente, e misture o basilicão com a massa ainda quente.

COLOQUINTIDA (Coloquinte, fr.). *Cucumis colocynthis*, L. Cucurbitaceas. Planta originaria do Levante, cultivada nas hortas da Europa. Caule rasteiro; folhas pecioladas, largas, profundamente incisas; flores axillares e solitarias; fructos globosos, amarellados,

do tamanho de uma laranja. Fig. 169. *P. us. Polpa do fructo.* Nas boticas acha-se em massas brancas, esponjosas, seccas e leves, em cujas cavidades estão as sementes; sabor amargo, nauseante; sem cheiro notavel.



Fig. 169. — Coloquintida.

Purgante energico. Basta estar por algum tempo n'uma atmosphera carregada do pó d'esta substancia para se experimentar o effeito da sua grande actividade. Administrada internamente provoca dejecções alvinas abundantes, e algumas vezes vomitos. Dirige principalmente a sua acção sobre o intestino grosso; favorece tambem o fluxo menstrual. Emprega-se na hydropisia, cephalalgia, epilepsia, apoplexia, demencia, blennorrhagias renitentes, etc. É contra-indicada nas pessoas affectadas de hemorrhoidas.

Internamente. *Pó* (p. 111) 20 a 75 centigram. (4 a 15 grãos) associado á gomma, assucar ou algum outro pó inerte.

Extracto (p. 92), 10 a 30 centigrammas (2 a 6 grãos).

Extracto de coloquintida composto ou *Extracto cathartico.*

(Pharmacopêa Londinense).

Polpa de coloquintidas	6 part.	Cardamomo	1 part.
Extracto de aloes	12 part.	Sabão duro	3 part.
Escamonéa	4 part.	Alcool a 60°	148 part.

Macere no alcool a coloquintida por 3 dias, côe, ajunte o aloes, a escamonéa e o sabão, evapore até á consistencia conveniente, e ajunte o cardomomo. D. 20 a 60 centigram. (4 a 12 grãos).

Vinho. Coloquintidas 1 parte, vinho de Malaga 30 partes. Macere por 8 dias e côe. D. Uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas.

Pilulas purgativas e diureticas (Franck.)

Extracto de coloquintida composto	10 centig.	Calomelanos	5 centig.
Gomma-gutta	10 centig.	Xarope de zimbro	q. s.

F. 1 pilula. 1 a 3 pilulas por dia. Hydropisia.

Pilulas anti-biliosas de Barclay.

Extracto de coloquintida	2 gram.	Oleo volatil de zimbro	2 gottas
Resina de jalapa	2 gram.	— — de alcaravia.	2 gottas
Sabão amygdalino	3 gram.	— — de alecrim	2 gottas
Guaiaco	6 gram.	Xarope de espinha cervina	q. b.
Emetico	20 centig.		

F. pilulas de 20 centigrammas (4 grãos). Cada uma contém quasi 5 centigrammas (1 grão) de extracto de coloquintidas. D. 5 a 6 pilulas por dia.

Pilulas de coloquintida compostas (Cod. fr.).

Aloes pulverizado	10 gram.	Mel de abelhas	30 gram.
Coloquintida pulveriz.	10 gram.	Oleo essencial de cravo	5 centig.
Escamonéa	10 gram.		

F. 200 pilulas prateadas. Cada pilula contém 5 centigram. (1 grão) de cada uma das tres substancias purgativas. D. 2 a 4 por dia.

Licor contra a gota e o rheumatismo (Laville). É um remedio secreto que contém, segundo a analyse de Henry : Vinho de Hespanha 800 grammas, alcool 100, agua 85, principio activo de coloquintida 2 1/2, quinina e cinchonina 5, materia corante 3, saes calcareos sem importancia 4 1/2.

Externamente :

Pomada purgativa (Chrestien).

Coloquintida em pó	1 gram.	Banha	8 gram.

F. S. A. Em fricções sobre o ventre. — Effeito incerto.

COMINHOS (Cumin, fr.). *Cuminum cyminum,* L. Umbelliferas. Planta cultivada nas hortas. Folhas multifidas, com divisões setaceas; fructo composto de duas sementes pegadas uma á outra; sementes ellipsoides, alongadas, estriadas, de côr ruiva, com cheiro forte e sabor aromatico. *P. us. Sementes.* — Carminativo, estomachico, excitante. Os Hollandezes deitão estas sementes no queijo, e os Allemães no pão.

Internamente. *Pó*, 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava).

Infusão, 4 grammas (1 oitava) para 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

Oleo essencial, 2 a 6 gottas em poção.

CONABI. *Phyllantus conami.* Sw. Euphorbiaceas. Planta do Brasil (Pará, Rio Negro). A raiz é diuretica e narcotica; empregada pelos indigenas em infusão nas molestias das vias urinarias. As folhas lançadas nos rios e lagos embriagão os peixes, e os fazem apparecer enjoados á tona d'agua. É um meio, embora prohibido por lei, de que se servem os pescadores para apanharem o peixe.

CONCHELOS. V. COTYLEDON UMBILICUS.

CONGONHA. V. MATE.

CONGOSSA MAIOR ou **Pervinca** (Grande pervenche, fr.). *Vinca maior,* L. Apocyneas. Planta da Flora portugueza. Sabor amargo, com signaes de acidez. É um pouco adstringente. *P. us. Folhas.* A infusão das folhas é empregada na medicina popular para seccar o leite ás amas. Prepara-se com 4 gram. (1 oitava) de folhas e 250 grammas (8 onças) d'agua.

A *congossa menor* (petite pervenche, fr.) goza das mesmas propriedades.

CONICINA. V. Cicutina.

CONSOLDA MAIOR, Solda, Symphito (Grande consoude, fr.). *Symphytum officinale*, L. Borragineas. Planta que em Portugal habita nos sitios sombrios e humidos. Fig. 170. Raiz grossa, alongada, denegrida por fóra e branca por dentro; sabor a principio mucilaginoso, depois sub-adstringente e viscoso; folhas asperas ovadas lanceoladas; flores brancas ou côr de rosa. *P. us. Raiz e folhas.* Emolliente, empregado principalmente nas hemorrhagias dos pulmões.

Internamente. *Infusão :* Raiz de consolda 20 grammas (5 oitavas), agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por duas horas, e côe.

Xarope (p. 133), 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) para adoçar as bebidas emollientes.



Fig. 170. — Consolda maior.

CONTRAHERVA, Caapiá, Cayapiá ou **Carapiá** (Contrayerva, fr.). *Dorstenia brasiliensis* Fig. 171. Planta do Brasil; habita em S. Paulo, Minas, Bahia, Pernambuco. Planta sem caule; folhas pecioladas, cordato-ovaes, obtusas, crenuladas e radicaes; flor miuda, contida n'um receptaculo carnoso e orbicular; raiz da grossura do dedo minimo, de duas pollegadas de comprimento, de côr fusca por fóra, branca-amarellada por dentro, de sabor amargo e cheiro aromatico; apresenta na parte inferior grande numero de pequenas radiculas. *P. us. Raiz.* Excitante; emprega-se nas atonias do canal digestivo, affecções gangrenosas, febres typhoides, chlorose, e como emmenagogo.

Internamente. *Infusão :* 4 gram. (1 oitava) para 180 gram. (6 onças) d'agua fervendo.

Além da *Dorstenia brasiliensis*, que é a especie officinal, ha outras que são : *Dorstenia bryoniæfolia*, Martius (Cuyabá); *D. opifera*, Mart. (Provincias orientaes do Brasil); *D. arifolia*, Lam. (Rio), cujas raizes gozão das mesmas propriedades.

COPAHIBA (Copahu, fr.), Oleo-resina, impropriamente chamado *balsamo*, que corre por um furo ou por uma incisão feita no

tronco da copahibeira, *Copaifera officinalis,* Jacq. Leguminosas, arvore da America meridional, que abunda principalmente no Brasil. Fig. 172; mana tambem de outras arvores do genero *Copaifera.* Liquido de consistencia oleoginosa, transparente, branco-amarellado, de cheiro forte e desagradavel, sabor acre e amargo; insoluvel na agua, soluvel em parte no alcool aquoso, mas soluvel completamente no alcool anhydro, no ether sulfurico, no ether nitrico, nos oleos fixos e volateis. A sua densidade é de 0,950.



Fig. 171. — Contraherva.



Fig. 172. — Copahibeira.

A copahiba dirige principalmente a sua acção sobre o apparelho genito-urinario. Emprega-se com grande vantagem nas gonorrheas agudas e chronicas, e na leucorrhea : produz ás vezes uma erupção cutanea, semelhante á dos sarampos, e que desapparece espontaneamente. Para evitar as nauseas, que occasiona a copahiba, muitos medicos administrão esta substancia em clysteres, e alguns pharmaceuticos inventárão um novo methodo de facilitar o seu emprego incluindo-a em capsulas gelatinosas, que não custão a tomar, e são facilmente engulidas como os bolos ou pilulas. Depois de dissolvida a gelatina, a copahiba é posta em contacto immediato com o estomago. A copahiba é empregada tambem com vantagem internamente contra a bronchorrhea e psoriase. Externamente, applica-se nas feridas.

Internamente. 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) por dia, pura, em pilulas ou poção.

Em clyster, 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça).

Agua distillada de copahiba (p. 64), 150 grammas (5 onças) por dia, em poção.

Copahiba solidificada pela magnesia, copahiba officinal. Mistura-se intimamente 1 parte de magnesia calcinada com 16 de copahiba pura. Abandona-se a mistura a si mesma, mexendo de vez em quando. São precisos oito a dez dias para que a solidificação se opere. Chama-se *copahiba solidificada magistral* a copahiba á qual se dá extemporaneamente a consistencia pilular com o carbonato de magnesia. São necessarias, pouco mais ou menos, partes iguaes de uma e outra. A propriedade que possue a copahiba de solidificar-se com 1/16 de magnesia, depende da sua especie e antiguidade no commercio, mas não constitue a prova da sua pureza ou bondade. Quando a copahiba não toma com a magnesia a consistencia conveniente, provém isto de conterem algumas variedades d'esta resina porção excessiva de oleo volatil. N'este caso, alguns pharmaceuticos aconselhão juntar á copahiba um sexto de terebinthina ordinaria; esta terebinthina, que contém principios resinosos e acidos, e cujas propriedades são analogas ás de copahiba, determina a solidificação da massa.

Capsulas de copahiba (Mothes).

São preparadas com a copahiba pura e uma capsula de gelatina. Cada capsula contém 30 a 50 centigrammas (6 a 10 grãos) de copahiba. D. 3, 6 e mais capsulas, duas vezes por dia.

Capsulas de copahiba (Raquin).

Preparão-se com a copahiba meio-solidificada pela magnesia calcinada, envolta em uma camada mui delgada de gluten.

Gragêas balsamicas de Fortin.

Copahiba pura	30 gram.	Magnesia calcinada	150 centig.

Misture exactamente, divida, ao cabo de 24 horas, em 72 partes, que rolará entre os dedos e converterá depois em gragêas. Cada gragêa contém 40 centigram. de copahiba. D. 5 a 20 gragêas por dia.

Copahiba Mège.

Confeitos côr de rosa, preparados com a copahiba previamente submettida a acção do acido azotico e cúbebas em pó. Para prepara-los, mistura-se a copahiba com acido azotico diluido que lhe tira a essencia e lhe faz perder em parte o cheiro, tira-se depois o acido por meio de carbonato de soda; fazem-se pilulas com a copahiba assim preparada e cúbebas em pó, e cobrem-se estas pilulas com assucar. — D. 5 por dia na blennorrhagia.

Capsulas de copahiba e alcatrão (Ricord).

Copahiba	250 gram.	Magnesia calcinada	15 gram.
Alcatrão de Noruega	200 gram.		

Divide-se a massa em 400 bolos, que se cobrem de gelatina pelo processo ordinario. D. 15 capsulas por dia.

Capsulas balsamicas adstringentes (Barral).

São preparadas com a copahiba, cúbebas, quina e ferro reduzido, e cobertas da camada de gluten misturado com balsamo de Tolú. Empregão-se com proveito contra a blennorrhagia. Dóse : 6 a 10 capsulas por dia.

Pilulas de copahiba (Cod. fr.).

Copahiba	25 centig.	Hydro-carbonato de magn.	q. s.

F. 1 pilula. D. 5 a 25 quatro vezes por dia.

A quantidade de hydro-carbonato de magnesia, que é preciso empregar para fazer esta preparação extemporaneamente, é igual á da copahiba. Mas se se guardarem as pilulas por algum tempo, não

tardão a tornar-se duras e em seguida insoluveis no estomago e intestinos.

Pilulas contra o catarrho vesical (Gall).

Copahiba	10 centig.	Magnesia calcinada	q. s.
Terebinthina ordinaria	10 centig.		

F. 1 pilula. D. 3 pilulas, tres vezes por dia.

Poção balsamica ou *Poção de Chopart* (Cod. fr.).

Copahiba	60 gram.	Agua de hortelã	120 gram.
Alcool a 80°	60 gram.	Alcool nitrico	8 gram.
Xarope de Tolú.	60 gram.		

Misture primeiro o alcool a 80° com o alcool nitrico; ajunte a copahiba, e depois o xarope e a agua distillada de hortelã. O alcool nitrico dissolve a copahiba e disfarça um pouco o sabor d'esta. — D. Uma a duas colheres *de sopa*, 3 vezes por dia. Misture agitando todas as vezes que se usar. Esta poção é muito efficaz, mas de gosto desagradavel. Depois de a tomar, convem comer algumas pastilhas de hortelã.

Emulsão de copahiba.

Copahiba	30 gram.	Xarope diacodio	30 gram.
Agua de alface	30 gram.	Gomma arabica em pó	8 gram.
Agua de flor de laranj.	30 gram.		

Em gral de marmore faça mucilagem com a gomma e uma parte da agua de alface; incorpore a copahiba na mucilagem; ajunte agua de flor de laranjeira e o xarope. D. Uma colher *de sopa*, 3 vezes por dia.

Mistura balsamica (Fuller).

Copahiba	60 gram.	Xarope de Tolú	60 gram.
Gema de ovo n°	1	Vinho branco	125 gram.

Triture a copahiba com a gema de ovo, e ajunte pouco a pouco as outras substancias.

D. Uma colher *de sopa*, 3 vezes por dia. Blennorrhagia.

Mistura brasileira.

Copahiba	90 gram.	Tintura de açafrão	8 gram.
Gema de ovo n°	1	Agua	250 gram.
Xarope de gomma	30 gram.		

F. S. A. — D. Duas colheres *de sopa*, 3 vezes por dia. Blennorrhagia.

Mistura balsamica (Niemann).

Copahiba	8 gram.	Oleo de succino	8 gram.
Terebinthina de Veneza	8 gram.		

M. D. 30 a 60 gottas tres vezes por dia; contra as polluções nocturnas.

Mistura contra a gonorrhea (Lisemann).

Copahiba	60 gram.	Essencia de cravo da India	3 gottas
Essencia de hortelã-pim.	12 gottas	Tintura de opio	6 gram.

Misture e mexa cada vez. D. Uma colher *de chá* n'uma chicara d'agua com assucar, tres vezes por dia.

Xarope gommoso de copahiba (Puche).

Copahiba	80 gram.	Essencia de hortelã-pimenta	32 gottas
Gomma em pó	20 gram.	Xarope simples	400 gram.
Agua	50 gram.		

Faça mucilagem com a gomma e agua, incorpore a copahiba, ajunte a essencia e o xarope. D. 8 a 60 gram. (2 oitavas a 2 onças).

Electuario adstringente.

Copahiba	30 gram.	Extracto de ratanhia	4 gram.
Cúbebas pulverizadas	30 gram.		

Uma colher *de chá*, 3 vezes por dia.

Opiato anti-blennorrhagico (Diday).

Copahiba	12 gram.	Gomma-gutta	30 centig.
Cúbebas	18 gram.	Xarope de rosas pallid.	q. s.
Jalapa	3 gram.		

Toma-se, em duas ou tres dóses, no decurso de um dia. Continua-se até á cura.

Opiato de copahiba composto (Cod. fr.).

Copahiba	50 gram.	Cato em pó	50 gram.
Cúbebas	50 gram.		

Misture exactamente a copahiba com o cato; ajunte pouco a pouco as cúbebas, para obter mistura homogenea.

D. 8 grammas (2 oitavas) duas vezes por dia.

Opiato balsamico adstringente.

Copahiba	50 gram.	Cato	10 gram.
Cúbebas	100 gram.	Xarope de marmelos	q. s.

M. D. 4 a 16 grammas (1 a 4 oitavas) duas vezes por dia.

Opiato anti-blennorrhagico (Beyran).

Copahiba	30 gram.	Essencia de hortelã-pimenta	5 gottas
Magnesia calcinada	3 gram.	Essencia de canella	5 gottas
Cato em pó	5 gram.		
Cúbebas em pó	40 gram.		

M. D. Meia colher *de chá*, em hostia molhada, 3 vezes por dia. Blennorrhagia.

Clyster de copahiba (Ricord).

Copahiba	25 gram.	Extracto de opio	5 centig.
Gema de ovo n°	1	Agua	200 gram.

Clyster de copahiba (Velpeau).

Copahiba	15 gram.	Agua	300 gram.
Gema de ovo n°	1	Laudano de Sydenham	1 gram.

Dilua a copahiba na gema de ovo; ajunte pouco a pouco a agua e o laudano.

O doente deve conservar estes clysteres no intestino, e por isso convem administrar-lhe primeiramente um ou dois clysteres d'agua morna simples. — Estes clysteres administrão-se quando o doente não póde tomar a copahiba pela bocca; são, porém, pouco efficazes.

Externamente. *Agua distiltada de copahiba.* (p. 64), em injecções na blennorrhagia.

COPAL. V. Resina copal.

CORAÇÃO DE JESÚ. *Mikania officinalis*, Martius. Synanthereas. Planta do Brasil (Minas, S. Paulo). Caule glabro, folhas oppostas e dispostas em cruz, ovaes; dentadas, cordiformes; flores em paniculas corymbosas; sabor amargo, cheiro aromatico. — Tonico, estimulante; recommendado no fastio e nas febres intermittentes; em infusão que se prepara com 4 gram. (1 oitava) da planta e 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo.

CORAL. (Corail, fr.) O coral é o eixo pedregoso de certos polypos; encontra-se no fundo do mar agarrado aos rochedos, com a fórma de pequenos arbustos mais ou menos ramosos. Fig. 173. Quando se tira da agua, cada ramo pedroso é coberto com um envoltorio molle contendo uma multidão de polypos esbranquiçados. A

substancia calcarea, que incrusta os seus tecidos, constitue um ramo que augmenta de mais em mais pela addição de novas camadas. Ha duas especies principaes, vermelho e branco. Em medicina emprega-se só o coral vermelho, reduzido a pó, como dentifricio. É composto de carbonato de cal e de magnesia, cerca dos 2/3 da massa, — oxydo de ferro, — sulfato de cal, chlorureto de sodio, — materia animal e materia corante que é insoluvel em agua e no alcool.



Fig. 173. — Coral.

CORALLINA (Coralline blanche, fr.). *Corallina officinalis*, L. Substancia considerada por uns como pertencente ao genero dos polypos, e como planta por outros; acha-se á beira das costas do Oceano e do Mediterraneo. Tem a fórma de ramos delgados, articulados, frageis, de côr vermelha ou roxa esverdeada, que embranquecem com o tempo; cheiro de chloro, sabor salgado e nauseabundo. — Anthelmintico.

Internamente. *Pó*, 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava). *Infusão*, 12 grammas (3 oit.) para 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

CORDÃO DE FRADE (Rio, Pará), **Cordão de S. Francisco** ou **Leonuro** (Pará). *Leonotis nepetæfolia*, Benth. Labiadas. Planta que habita no Brasil. Caule de 3 a 4 pés de altura, folhas dentadas, ovaes, oblongas; flores axillares, verticilladas, côr de laranja; cada haste contém tres ou quatro verticillos, globosos, espinhosos, o que lhe dá o aspecto de um cordão; cheiro aromatico. *P. us. Toda a planta.* Estimulante.

Externamente. *Infusão* em banhos; 500 grammas (1 libra) para um banho, que é excitante e convem ás crianças debeis.

COTYLEDON UMBILICUS. Com este nome latino designa-se ordinariamente na materia medica uma planta da Flora Portugueza, cujo nome vulgar é **Conchelos, Sombreirinhos dos telhados, Orelha de monge,** e em francez *cotylet* ou *nombril de Vénus*. Crassulaceas. Seus nomes vem da fórma redonda e concava de suas folhas. O succo e o extracto d'esta planta forão preconizados pelos medicos inglezes contra a epilepsia. O succo na dóse de 4 a 30 grammas (1 oitava a 1 onça), e o extracto na dóse de 25 centigrammas (5 grãos) por dia em pilulas.

Hetet achou no cotyledon umbilicus a *propylamina*, alcaloide liquido, que já foi achado nas flores da pereira e na salmoura dos arenques.

CRAVAGEM DE CENTEIO. V. CENTEIO ESPIGADO.

CRAVO (Œillet, fr.). *Dianthus caryophyllatus*, L. Diantheas. Planta cultivada nos jardins por causa da belleza de suas flores, que são de côres variadas. O cravo vermelho é reputado bechico e tonico. Com as petalas se prepara um xarope aconselhado nas molestias do peito. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças). V. p. 133.

CRAVO DE DEFUNTO. *Tagetes glandulifera*, Schrank. Synanthereas. Planta commum no Rio de Janeiro, S. Paulo e outras partes do Brasil, cultivada nos jardins da Europa. Caule de 30 a 40 centimetros; folhas pinnatifidas, foliolos lanceados, lineares, denteados; flor amarella, de cheiro forte e desagradavel. Martius a reputa estimulante, e o oleo, que d'ella se extrahe, vermifugo.

CRAVO DA INDIA (Clou de girofle, fr.). Botão floral do craveiro, *Caryophyllus aromaticus*, L., arvore das Molucas, cultivada no Pará. Myrtaceas. Fig. 174. Este botão floral (ou flor ainda não aberta) tem a fórma de um pequeno cravo de ferradura, de côr fusca escura, sabor acre e picante, cheiro aromatico, forte e fragrante. — Excitante, aphrodisiaco e estomachico.



Fig. 174. — Craveiro.

Internam. *Pó*, 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava).

Infusão. 4 grammas (1 oitava) para 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

Agua distillada. Prepara-se como a de tilia (p. 66), 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas) em poção.

Tintura (p. 123), 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava) em poção.

Oleo essencial, 2 a 4 gottas em poção.

Pastilhas ou tabellas mogolas.

Assucar	100 gram.	Macis	60 gram.
Gomma arabica	30 gram.	Moscadas	60 gram.
Extracto de opio	5 gram.	Almiscar	25 centig.
Cravo da India	60 gram.	Agua de rosas	q. s.

F. tabellas de 30 centigrammas (6 grãos). D. 2 a 3 por dia como excitante.

Externamente. O oleo essencial, que é rubefaciente, emprega-se nas dôres de dentes. Deitão-se 2 a 4 gottas em algodão, que se introduz na cavidade do dente cariado.

CRAVO DO MARANHÃO. V. Páo cravo.

CREMOR DE TARTARO, ou **Tartrato acido de potassa** (Crême de tartre, ou tartrate acide de potasse, fr.). Sal que existe impuro nos tamarindos, uvas, etc. Branco, meio-transparente, crystallizado em prismas quadrangulares, sem cheiro, de sabor acido, estalando entre os dentes quando se aperta, inalteravel ao ar, soluvel em 250 partes d'agua fria, e em 15 d'agua fervendo. Dá-se-lhe maior solubilidade misturando-o com acido borico e agua, e evaporando esta pela ebullição. O residuo constitue o *cremor de tartaro soluvel*, que se emprega com preferencia.

CREMOR DE TARTARO SOLUVEL. *Preparação* (Cod. fr.). Cremor de tartaro em pó 1000, acido borico crystallizado 250, agua 2500. Ponha estas substancias n'uma escudella de prata, leve-as á temperatura de ebullição, entretenha esta temperatura até se evaporar grande parte do liquido, diminua então o calor, e continue a evaporação até a massa ficar bem espessa. Tire esta massa em porções, e seque-a na estufa, sobre pratos. Contunda o producto secco, e conserve-o em frascos bem tapados. O cremor de tartaro soluvel apresenta-se em fragmentos amorphos, transparentes, de sabor acido; deve ser inteiramente soluvel em agua.

Purgante pouco energico mesmo em alta dóse, temperante em pequena. Emprega-se nas molestias inflammatorias, erupções cutaneas, contra as hemorrhoidas.

Substancias incompativeis. Os saes de cal, os acidos fortes.

Internamente. Como purgante, 15 a 60 gram. (1/2 a 2 onças), dissolvido em 360 grammas (12 onças) d'agua com assucar, ou em infusão de casca de laranja ou de limão adoçada. Como temperante 4 a 16 grammas (1 a 4 oitavas).

Pastilhas de manná tartarizadas.

Cremor de tartaro	15 gram.	Agua	300 gram.
Manná	125 gram.		

Dissolva o cremor de tartaro na agua quente, ajunte o manná, côe; evapore em consistencia conveniente, e faça pastilhas de 50 centigrammas em gottas. Laxante commodo para as crianças. D. 20 a 60 pastilhas.

Bebida temperante.

Cremor de tartaro soluv.	12 gram.	Assucar	30 gram.
Nitrato de potassa	2 gram.	Agua	750 gram.

M. Toma-se ás chicaras.

CREOSOTA (Créosote, fr.). Especie de oleo essencial extrahido do alcatrão. É um liquido incolor quando puro, toma com o tempo côr avermelhada; de cheiro desagradavel e semelhante ao da carne defumada; de sabor acre, adstringente e caustico; soluvel em agua, no alcool e ether; miscivel com os oleos; é mais pesado do que a agua; a sua densidade é de 1,037. Deve ser conservada em frascos bem tapados e collocados em lugar escuro.

A creosota é dotada de grande actividade; cauteriza fortemente as membranas mucosas com que se põe em contacto, coagula a albumina, d'onde lhe vem o ser hemostatica. Emprega-se externamente em loções, pomadas, etc., nas ulceras atonicas, nos fluxos mucosos, feridas difficeis de curar, trajectos fistulosos, cancros venereos, ulceras escorbuticas e escrophulosas, dôres de dentes, certas molestias cutaneas, surdez occasionada pela falta de secreção do humor ceruminoso; para vedar as hemorrhagias. É um agente conservador das preparações anatomicas e de outras substancias

animaes. É um excellente parasiticida, pelo que emprega-se na mentagra em loções (creosota 10 centigrammas, alcool e agua *aná* 8 grammas).

Externamente. Uma gotta em algodão que se introduz no dente cariado, tendo o cuidado de que o remedio não toque as gengivas. Póde tambem applicar-se com um palito.

Agua de creosota. (Creosota 1 parte, agua 100 partes.) Póde-se augmentar a proporção da creosota até empregar 10 partes de creosota para 100 partes d'agua. Usa-se em applicações externas contra os dartros e ulceras.

Gargarejo creosotado.

Creosota	1 gram.	Mel de abelhas	30 gram.
Alcoolato de alfazema	15 gram.	Agua	250 gram.

M. Angina ulcerosa.

Pomada de creosota.

Creosota	1 gram.	Banha	15 gram.

M. Ulceras putridas.

CRISTA DE GALLO. *Tiaridium elongatum,* Lehm. Borragineas. Planta do Brasil. Seu cozimento é empregado em Pernambuco como detergente das feridas. 15 gram. (1/2 onça) para 500 gram. (16 onças) d'agua.

CROTON TIGLIUM. V. OLEO DE CROTON TIGLIUM.

CUAMBÚ. V. PICÃO.

CUARURÚ-GUAÇÚ, CUARURÚ DE POMBA. V. TINTUREIRA VULGAR.

CÚBEBAS (Cubèbe, fr.). Fructos da cubebeira, L. Piperaceas, arbusto que habita sobretudo no Malabar, e na Sumatra. Fig. 175. São bagas do tamanho da pimenta ordinaria, de côr cinzenta escura, apresentando nervuras longitudinaes e ramosas; ordinariamente são munidas do seu pedunculo; contém uma amendoa amarella, dura e coberta de epiderme roxa; cheiro aromatico e sabor picante. Dirigem principalmente sua acção sobre os orgãos genito-urinarios. Empregão-se com grande vantagem contra as gonorrheas. Usão-se na incontinencia da ourina, na leucorrhea, e nas polluções nocturnas. Em geral, póde dizer-se, que a acção das cúbebas é uma acção tonica do apparelho genito-urinario. Forão aconselhadas tambem contra a angina diphtherica, amnesia e insomnia. Em alta dóse produzem ás vezes vomitos, e uma erupção como a copahiba.

As cúbebas contém um oleo volatil abundante, duas resinas, e um principio particular.

As cúbebas podem administrar-se em todos os periodos da blennorrhagia; mas produzem um effeito mais prompto no começo da molestia, se mesmo existirem symptomas agudos. Curão completamente uma blennorrhagia ás vezes em uma semana, outras vezes em tres semanas, de ordinario em quinze dias, sendo tomadas de uma maneira regular e contínua.

Internamente. *Pó* (p. 111), 2 a 8 gram. (1/2 oitava a 2 oit.), duas ou tres vezes por dia, em xarope, mel de abelhas, doces, ou n'uma chicara d'agua com assucar. É a melhor preparação.

Electuario de cúbebas.

Cúbebas em pó	15 gram.	Xarope simples	q. s.

Toma-se em tres dóses por dia, em hostia, nas blennorrhagias.

Electuario anti-blennorrhagico.

Cúbebas em pó	50 gram.	Essencia de hortelã-pimenta	1 gram.
Copahiba	25 gram.		

D. Duas colheres *de chá*, envoltas em hostia, duas vezes por dia.

Electuario de cúbebas e copahiba.

Cúbebas em pó	45 gram.	Essencia de hortelã-pimenta	50 centig.
Copahiba	30 gram.		
Acido nitrico alcoolizado	1 gram.	Assucar	q. b.

F. S. A. Uma colher *de sopa* pela manhã, outra á noite, envolta em hostia. Blennorrhagia.

Electuario de cúbebas e copahiba (Cazenave.)

Cúbebas em pó	120 gram.	Tintura de baunilha	1 gram.
Copahiba	10 gram.		

M. Uma colher *de sopa*, 3 vezes por dia. Blennorrhagia.

Clyster anti-gonorrheico (Velpeau.)

Decocção de althea	200 gram.	Cúbebas pulverizadas	15 gram.

M. D. Um pela manhã, e outro a noite. Administra-se contra a blennorrhagia quando as cúbebas não podem ser tomadas pela bocca; produz, porém, pouco effeito.



Fig. 175. — Cubebeira.

Extracto alcoolico-ethereo de cúbebas; cubebina (Labelonye).

Cúbebas em pó........................... q. v.

Esgote pelo ether em apparelho de deslocação; depois esgote ainda pelo alccol a 55°; distille separadamente a b. m. a tintura etherea e alcoolica; reuna os dois extractos reduzidos á consistencia

de xarope; acabe a evaporação a b. m. — 1 parte d'este extracto representa 5 de cúbebas. D. 2 a 6 gram. (1/2 oitava a oitava e 1/2) em pilulas ou capsulas, na blennorrhagia.

Extracto oleo-resinoso de cúbebas (Paul).

Cúbebas.................................. q. v.

Esgote successivamente em apparelho de deslocação pela agua, pelo alcool a 90°, e pelo ether; reuna os liquidos; evapore no vacuo. Este extracto equivale a 10 vezes o seu peso de cúbebas. Administra-se em capsulas. D. 1 gramma (20 grãos) duas ou tres vezes por dia, na blennorrhagia.

Extracto alcoolico de cúbebas (Puche).

Consiste em uma tintura de cúbebas preparada tratando por deslocação pós de cúbebas, pelo alcool a 56° em quantidade conveniente, para obter um peso de extracto liquido igual ao dos pós empregados.

Xarope de cúbebas (Puche.)

Xarope simples 300 gram. | Ext° alc° liq° de cúbebas 300 gram.

Misture e evapore o alcool.

CUJUMARY. *Aydendron cujumari,* Nees. Laurineas. Arvore do Brasil (Pará, Amazonas). Folhas oblongas, acuminadas em ambas as extremidades; fructo, baga carnosa, oval e immersa até ao meio em uma cupula coriacea, coberta de verrugas; sementes aromaticas. Os cotyledones das sementes, reduzidos a pó, e misturados com vinho, tomão-se na dyspepsia.

CUMARÚ. *Coumarouna odorata,* Aublet Leguminosas-geoffreas. Grande arvore do Brasil (Pará). A semente tem um aroma delicioso, e é conhecida pelo nome de *fava Tonka.* Serve principalmente para aromatizar o rapé. Faz-se com ella uma tintura, que se usa, na dóse de 4 grammas (1 oitava), como cordial e tonico.

CUNDURANGO (Cundurango, fr.). *Gonolubus cundurango,* Triana. Arbusto trepador que habita na America, nos arredores da cidade de Loxa, na Republica do Equador. Caule lenhoso, ramos cobertos de casca cinzenta, estriada longitudinalmente, de cheiro algum tanto aromatico, de sabor amargo, deixando na lingua resaibo adocicado; folhas longamente pecioladas, cordiformes, pontudas, pubescentes : fructos, folliculos, ovaes-oblongos.

A infusão da casca de cundurango foi gabada como bebida contra o cancro; porém as experiencias feitas por medicos tanto no Brasil como em França; provárão que nenhuma acção tem contra esta molestia.

CURÁRE, Uiráry, Woorara, Ticúna, ou **Hervadura.** Veneno energico preparado pelos Indios do Orenoco, do Rio Negro, e do Amazonas, e que elles usão para empeçonharem as frechas com que matão os animaes, e que tambem empregão nas guerras contra outros selvagens. Segundo o Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, distincto medico do Pará, o curáre extrahe-se da casca do *Strychnos toxifera,* Schomburgh, cipó da familia das Loganiaceas. Este cipó habita nas mattas virgens do Alto-Amazonas e das Guyanas; é grosso, de casca aspera; suas folhas assemelhão-se ás da mandioca. Esta substancia é secca, vermelha-escura, de aspecto resinoso semelhante ao opio, amarga, sem cheiro, soluvel na agua e no alcool.

Alguns viajantes tem feito acreditar, que a este preparado ajuntão os Indios venenos de cobras, formigas e sapos, o que é um erro. Eis-aqui como os Indios do Alto-Amazonas prepárão o

uiráry, segundo o Sr. Dr. Castro : « Raspão a casca e a entrecasca do cipó miudamente com faca; contundem as raspas ou filamentos sobre uma pedra; macerão esta massa em agua fria, mas pouca, por alguns dias; extrahem por espressão por meio de um *typyti*, especie de manga elastica, feita de talas de uárumá ou guarumá, e depois por filtração atravez de uma peneira tosca, chamada *urúpêma*, feita de talas de uárumá ou guarumá, todo o liquido da maceração, o qual sahe de côr amarella; ou tambem por meio de uma especie de filtro feito de folhas de matto á maneira de funil, por onde o liquido vai correndo gotta a gotta com bastante vagar; põem-n'o ao sol por alguns dias, para se evaporar a agua superabundante, e alcançar-se depois melhor ao fogo a inspissação do extracto aquoso, que se apresenta com uma consistencia viscosa, e pelo resfriamento torna-se solido. Assim preparado o curáre dura annos, e o guardão em panellinhas de barro cozido e não vidrado, ou em cabacinhos feitos dos pequenos fructos da cuieira (*crescentia cuiete*). — Com esta substancia amollecida pela agua costumão os Indios *hervar* ou *envenenar* as pontas das frechas que são arremessadas a grandes alcances por meio de arcos. É tão subtil e prompta a acção d'este veneno, que apenas o instrumento toca o corpo do animal, e o fere fazendo sangue, instantaneamente sobrevem a morte sem a minima agonia ou extorsão.

« Para este toxico poder anniquilar a economia viva tão instantaneamente, não se faz indispensavel a sua absorpção por meio dos vasos absorventes ou das veias, nem era possivel operar-se ella em tão curto lapso de tempo, como o que medeia entre o ferimento e a morte; portanto, não é pelo vehiculo da circulação, que se deve procurar a explicação da transmissão do veneno, mas sim por outra via. O fluido nervio, que transita pelos nervos, é o verdadeiro conductor d'este veneno. A prova mais evidente de que elle não é ingerido na torrente da circulação, e portanto não é absorvido, é que as carnes dos animaes mortos por meio d'este toxico são comidas cruas por outros animaes impunemente. No Alto Rio-Negro, e no Orenoco, é pratica constante caçarem-se aves e outros animaes, ou pescarem-se peixes, por meio de talinhas ou frechas hervadas arremessadas por meio de zarbatanas ou arcos; e asseguräo que as carnes tornão-se mais delicadas, e deliciosas ao paladar, quando são assim obtidas. » (V. a *Gazeta medica da Bahia,* anno de 1868, n°s 39 e 40, que contém artigos interessantes sobre o curáre, communicados pelo Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, d'onde extrahi a presente descripção.)

O Dr. Thiercelin fez com curáre experiencias em França sobre cães. Cinco centigrammas (1 grão) de curáre, reduzidos a pó, e introduzidos n'uma picada subcutanea da coxa de um cão de 12 libras, o matárão em vinte e cinco minutos. Com 3 centigrammas o Dr. Thiercelin observou só a paralysia passageira da parte posterior do corpo; com 2 centigrammas, o andar vacillante durante alguns minutos sómente, com 1 centigramma, nada de apparente.

Bem que o curáre seja um dos venenos mais terriveis que se conhecem, foi entretanto applicado a algumas molestias promptamente mortaes. As injecções subcutaneas da solução de curáre forão empregadas contra o tetano. N'um caso citado pelo Dr. Reveil, não produzírão melhoras algumas; em outro caso o doente sarou, mas tinha um tetano chronico que, como é sabido, cede ás vezes aos outros meios therapeuticos. É impossivel, por conseguinte, dizer se o curáre póde ou não combater os symptomas tetanicos, nem se

póde tão pouco inculcar uma pratica que é tão arriscada, e cujos resultados tem sido incertos.

A dóse, que foi aconselhada em injecções subcutaneas, acha-se indicada na formula seguinte :

Curáre 5 centig. | Agua distillada 25 gram.

50 centigrammas d'esta solução ou 10 gottas representão um milligramma (1/50 de grão) de curáre. Injectão-se debaixo da pelle 10 gottas cada vez, com a seringa de Pravaz, repete-se a injecção de meia em meia hora, segundo os symptomas que se observão. A dóse que foi aconselhada internamente é de 1 milligramma (1/50 de grão), de meia em meia hora. — A energia d'este veneno varía segundo o lugar d'onde provém; pelo que não se deve empregar no homem antes de ensaia-lo sobre algum animal (coelho ou cão).

CURCUMA ou **Açafrão da India** (Curcuma, fr.). Fig. 176 e 177. Raiz ou antes rhizoma da *Curcuma tinctoria*, Guibourt, planta que habita nas Indias orientaes e no Brasil. Amomaceas. Apresenta-se no commercio sob a fórma de pedaços longos, oblongos ou redondos; de côr cinzenta ou amarellada pela parte de fóra, côr de laranja escura pela parte interna; cheiro forte, sabor aromatico. Tem grande quantidade de materia corante amarella, que é aproveitada na tinturaria. Nas pharmacias serve algumas vezes para córar os unguentos.



Fig. 176. — Curcuma oblonga. Fig. 177. — Curcuma redonda.

A côr de curcuma é muito sensivel á acção dos alcalis, e os chimicos tingem com ella as tiras de papel que empregão como reagentes para descobrir os alcalis, os quaes mudão em roxo a côr amarella da curcuma.

CURRALEIRA. V. Herva mular.

CURURÚ. V. Cipó cururú.

CUSSO, ou **Kusso** (Kousso, fr.). Flores da *Brayera anthelmintica*, Kunth, grande arvore que habita na Abyssinia. Rosaceas-spireaceas. Fig. 178. Reduzidas a pó são de côr amarella-escura. É um excellente medicamento contra a solitaria, e que principiou a empregar-se de vinte annos a esta parte. Eis-aqui como se administra :

O doente não deve jantar na vespera do dia em que ha de tomar o remedio. No dia seguinte, pela manhã, deitão-se sobre 20 gram. (5 oitavas) de cusso pulverizado, 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo, cobre-se o vaso, e deixa-se de infusão por um quarto de hora; então o doente bebe toda a mistura com os pós em jejum, em duas vezes, com alguns minutos de intervallo, caso não a possa beber de uma vez. É preciso depois lavar a bocca com um pouco d'agua. Este remedio provoca sêde, mas não se deve beber antes da primeira evacuação, que tem ordinariamante lugar uma hora



Fig. 178. — Cusso.

depois. Póde-se então beber agua fria ou chá da India, sem leite nem assucar. Com a terceira ou quarta evacuação, a solitaria é inteiramente expulsa sem colicas nem febre. Se as evacuações não se manifestarem ao cabo de tres horas, será necessario provoca-las com 60 grammas (2 onças) de sal d'Epsom, ou 60 gram. (2 onças) de oleo da ricino. — O cusso não é mais seguro em seus effeitos do que a casca da raiz de romeira, e como vem de longe é muito mais caro do que a romeira que abunda no Brasil e em Portugal. Não se

deve recorrer ao cusso, senão quando o cozimento da casca de raiz de romeira não conseguir a expulsão da solitaria; caso que raras vezes se dá quando o cozimento é preparado com a casca recente.

Internamente. *Pós* (p. 111). Para as crianças até 3 annos, 6 grammas (1 1/2 oitava) de cusso; para as de 3 a 7 annos, 10 gram. (2 1/2 oitavas); para as de 7 a 12 annos, 12 grammas (3 oitavas); e para os adultos, 20 grammas (5 oitavas).

CYANURETO DE MERCURIO. V. Mercurio.

CYANURETO DE OURO. V. Ouro.

CYANURETO DE POTASSIO ou **Hydrocyanato de potassa** (Cyanure de potassium ou hydrocyanate de potasse, fr.). Sal solido, branco, crystallizado em cubos, de sabor acre e amargo, mui soluvel em agua, menos soluvel no alcool; sem cheiro quando recentemente preparado, mas exposto ao ar attrahe a humidade, decompõe-se lentamente, e espalha vapores de acido prussico. Deve ser conservado em vasos tapados com muito cuidado e em fragmentos algum tanto volumosos.

Calmante como o acido prussico. Emprega-se externamente nas cephalalgias e nevralgias da face. Internamente é aconselhado nas affecções nervosas; mas deve administar-se com a maior prudencia, pois que em dóse um pouco elevada é um veneno violento, e altera-se no fim de dois ou tres mezes.

Internamente. 1 a 5 centigrammas (1/5 de grão a 1 grão) progressivamente em poção, que se administra ás colheres.

Externamente :

Solução de cyanureto de potassio (Lombard.)

Cyanureto de potassio 20 centig. | Agua distillada 30 gram.

M. Molha-se um chumaço na solução, e applica-se sobre a parte affectada de dôr nevralgica; por cima do chumaço applica-se a atadura. No dia seguinte torna-se a molhar o chumaço, e assim se continua por cinco ou seis dias.

CYANURETO DE ZINCO (Cyanure de zinc, fr.). Branco, sem sabor nem cheiro, insoluvel na agua.

Venenoso em dóse elevada : em pequena, aconselhado na epilepsia, hysterismo, gastralgia; porém é pouco usado.

Internamente. 1 a 5 centigrammas (1/5 de grão a 1 grão), em pó com assucar, ou em pilulas.

CYNOGLOSSA ou **Lingua de cão** (Cynoglosse, fr.). *Cynoglossum officinale*, L. Borragineas. Planta que habita em Portugal. Suas propriedades medicas são insignificantes. O seu extracto serve como excipiente para muitas massas pilulares. A casca da raiz entra na composição das *pilulas de cynoglossa*, que devem suas propriedades narcoticas ao opio e meimendro. V. *Opio*. O pó da casca da raiz que se acha nas pharmacias para a preparação das *pilulas de cynoglossa*, attrahe fortemente a humidade; deve ser guardado em lugar secco.

CYNORRHODO ou **CYNOSBATOS.** V. Rosa de cão.

DATURINA (Daturine, fr.). Alcaloide obtido do estramonio, *Datura stramonium*, L. Apresenta-se em prismas brancos, brilhantes, sem cheiro, de sabor acre, soluveis no alccol, menos no ether, e só em 280 partes d'agua fria. Suas propriedades são semelhantes ás da atropina. Dilata fortemente a pupilla, e é mais venenosa.

DAUCO CRETICO (Daucus de Crète, fr.). *Athamanta Cretensis*, L. Umbelliferas. Planta que em Portugal habita na serra

d'Arrabida. As sementes, que são aromaticas, entrão na preparação do electuario diaphoenix. São excitantes.

DEDALEIRA. V. Digital.

DENTE DE LEÃO. V. Taraxaco.

DEUTO-BROMURETO DE MERCURIO. V. pag. 316.

DEUTO-CHLORURETO DE MERCURIO. V. Mercurio.

DEUTO-IODURETO DE MERCURIO. V. Mercurio.

DEXTRINA (Dextrine, fr.). Substancia de natureza gommosa, debaixo da fórma de pó branco-amarellado, e que se obtem expondo a fecula no forno, a uma temperatura de 150 a 200°. É soluvel em agua, insoluvel no alcool forte, mas soluvel no alcool mui diluido. A dextrina emprega-se para os apparelhos inamoviveis no curativo das fracturas dos membros.

DIABELHA. V. Guiabelha.

DIASCORDIO. V. Opio.

DIASTASE (Diastase, fr.). Substancia branca, azotada, pulverulenta, insoluvel no alcool forte, soluvel na agua e no vinho. Extrahe-se da cevada, aveia, centeio, batatas, durante a germinação d'estas substancias A saliva contém diastase identica á da cevada brotada. A diastase é o fermento necessario da digestão dos alimentos amylaceos, como a pepsina é o fermento das substancias albuminosas, da carne, ovos, leite. D'aqui vem a utilidade de diastase em certas dyspepsias. 1 gramma de diastase basta para a digestão de 2 kilogrammas de fecula. O Sr. Chassaing, distincto pharmaceutico de Pariz, teve a feliz ideia de associar a diastase á pepsina, no *vinho* e *xarope* que trazem o seu nome, preparações que são uteis no fastio, emmagrecimento, diarrhea, vomitos espasmodicos, e na convalescença das molestias graves. Estas preparações forão approvadas pela Academia de medicina de Pariz.

Vinho bi-digestivo de Chassaing. (Vinho de Frontignan, diastase e pepsina.) 1 a 2 calices depois do jantar.

Xarope bi-digestivo de Chassaing. (Xarope de casca de laranja, vinho de Frontignan, diastase e pepsina.) 1 a 2 calices depois do jantar,

DICTAMO DE CRETA. V. Oregão de Creta.

DIGITAL, Digitalis ou **Dedaleira** (Digitale, fr.). *Digitalis purpurea*, L. Escrophularineas. Planta cultivada em alguns jardins do Rio de Janeiro; em Portugal habita pelos tapumes, nos sitios um tanto humidos e sombrios; é commum pelo norte do Reino. Fig. 179. Caule velloso, da altura de meio metro a um metro e mais; folhas grandes, ovaes, dentadas, verdes escuras por cima, esbranquiçadas, lanuginosas, por baixo; flores purpureas, dispostas em espiga terminal, tendo a fórma de um dedo de luva. Cheiro das folhas herbaceo, sabor amargo, acre e desagradavel. *P. us. Folhas.*

Em alta dóse occasiona nauseas, vomitos, evacuações alvinas; depois vertigens, cephalalgia, desmaios, delirio, convulsões e a morte. Em menor dóse só provoca nauseas e colicas brandas, ao mesmo tempo augmenta a secreção urinaria. Em dóse ainda mais fraca, diminue o numero das pulsações, de um modo progressivo, effeito que dura ás vezes algum tempo depois que tem cessado o seu emprego. O pulso desce a 50; foi visto a 30 e mesmo a 22 por minuto. Faz tambem baixar a temperatura do corpo. A sua acção é deprimente sobre o pulso e sobre a temperatura. Em pequena dóse é diuretica. Administra-se nas palpitações, hemoptyse, asthma, affecções nervosas, bronchites, hydropisias, rheumatismos agudos, inflammações internas, e sobretudo na pneumonia aguda. — No

anno de 1844 os Srs. Homolle e Quevenne isolárão o seu principio activo, a *digitalina;* pó branco-amarellado; [illegible] 1867 o Sr. Nativelle obteve a *digitalina crystallizada,* [illegible] cção é muito mais energica. (V. o artigo seguinte.)

Internamente. *Pó* (p. 111). 5 a 10 centigram. (1 a 2 grãos) duas, tres a dez vezes em 24 horas, puro ou com assucar. É a melhor preparação. — As folhas do segundo anno (a planta é bisannual) colhidas no começo da florescencia, privadas das nervuras medianas e seccas na estufa a + 40°, devem ser conservadas em vasos fechados ao abrigo da luz e humidade. O pó deve ser preparado para dois mezes o mais; e as folhas devem ser reformadas cada anno.

Infusão. Folhas de digital, 60 centigram. (12 grãos); agua quente a + 70° 150 gram. (5 onças). Infunda por meia hora, filtre e adoce com assucar. Para tomar 1 colher *de sopa* de hora em hora. No fim de 36 ou 48 horas o pulso e a temperatura começão a baixar, no 3° ou 4° dia sobrevem nauseas e vomitos : é preciso então cessar o uso da digital.



Fig. 179. — Digital.

Tintura (p. 123), 10 got. a 4 grammas (1 oitava) em poção. Preparação infiel.

Tintura etherea (p. 124), 10 a 40 gottas.

Alcoolatura (p. 68), 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava). Boa preparação.

Extracto aquoso (p. 89), 10 a 50 centigrammas (2 a 10 grãos) em pilulas.

Extracto acoolico (p. 91), 10 a 50 centigrammas (2 a 10 grãos), em pilulas.

Xarope de digital, Cod. fr. (p. 134), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Xarope de digital de Labelonye. (Extracto hydro-alcoolico de digital 5 grammas, xarope de assucar 3000 grammas. Disolva.) 30 grammas (1 onça) d'este xarope representão 5 centigrammas (1 grão) d'extracto hydro-alcoolico.

D. 30 a 60 grammas (2 onças).

Pós diureticos.

Folhas de digital 10 centig. | Cremor de tartaro 1 gram.
Nitro 1 gram. |

F. 1 papel. D. Um papel, tres vezes por dia.

Pós antispasmodicos.

Folhas de laranjeira 20 centig. | Digital 5 centig.
Nitro 15 centig. |

M. para uma só dóse. Toma-se igual dóse todos os dias pela manhã, nas palpitações.

Pilulas calmantes.

Digital em pó 5 centig. | Conserva de rosas q. s.
Opio 1 centig. |

F. 1 pilula. D. Uma, de hora em hora, na asthma.

Pilulas de Withering.

Folhas seccas de digttal pulverizadas 5 centig. | Assafetida 5 centig. | Xarope simples q. s.

F. 1 pilula. D. Uma, duas, e successivamente mais pilulas por dia; nas hydropisias, molestias do coração, etc.

Pilulas de Dupuy.

Digital 5 centig. | Assafetida 5 centig.
Scilla 5 centig. | Extº de trevo aquatico 5 centig.

F. 1 pilula. D. Duas pilulas duas vezes por dia, na hydropisia, asthma e palpitações.

Pilulas contra as palpitações (Andral.)

Digital 2 1/2 centig. | Extracto de meimendro 5 centig.

F. 1 pilula. D. Uma a oito pilulas por dia, progressivamente.

Poção de digital (Jaccoud.)

Folhas de digital 60 centig. | Agua fervendo q. s.

para ter 125 grammas de infusão; ajunte

Xarope de gomma .... 30 grammas

Uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas. Pneumonia, pleuriz, pericardite.

Poção do Dr. Bayle.

Tintura de digital 1 gram. | Xarope simples 10 gram.
Agua distillada de tilia 50 gram. |

M. D. Uma colher *de sopa* de tres em tres horas.

Poção diuretica.

Alcoolatura de digital 4 gram. | Mel scillitico 30 gram.
Infusão de chá da India 125 gram. |

M. Uma colher *de sopa* de duas em duas horas.

Cozimento diuretico.

Digital 1 gram. | Agua fervendo q. s.

Infunda e côe de modo que obtenha 500 grammas de liquido; ajunte :

Oxymel de colchico 25 gram. | Assucar 30 gram.

Uma chicara de tres em tres horas, nas hydropisias.

Externamente. *Tintura,* 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça) em fricções.

Cigarrilhas de folhas de digital. V. p. 73. Fumão-se nas palpitações.

Emplasto de digital. V. p. 79. Applica-se no peito, nas palpitações.

Linimento sedativo (Cottereau).

Extracto de digital	4 gram.	Sabão amygdalino	12 gram.
Extracto de belladona	2 gram.	Tintura de meimendro	100 gram.

Dissolva. D. Uma colher *de sopa*, tres vezes por dia, em fricções na região precordial. Affecções do coração, asthma, bronchite chronica, tisica.

Linimento diuretico.

Folhas de digital	8 gram.	Agua fervendo	50 gram.

Ponha de infusão, côe e ajunte :

Essencia de terebinthina	30 gram.	Gemas de ovos	nº 2
Extracto de scilla	4 gram.		

Em fricções no ventre, nas hydropisias.

DIGITALINA (Digitaline, fr.). Principio activo da digital. Obtida pelo processo de Homolle e Quevenne apresenta-se debaixo da fórma de um pó branco-amarellado, de cheiro aromatico particular, de sabor excessivamente amargo. Obtida pelo processo de Nativelle (*Digitalina crystallizada*), apresenta-se sob a fórma de agulhas brancas, finas e brilhantes, juntas á roda do mesmo eixo; é pouco soluvel em agua, insoluvel no ether, mui soluvel no alcool e sobretudo no chloroformio, de sabor mui amargo. 1000 partes de folhas de digital dão 1 parte de digitalina crystallizada. — A digitalina crystallizada é muito mais energica do que a em pó.

A digitalina exerce uma acção especial sobre o coração, diminue de maneira notavel o numero das pulsações, acalma a suffocação, e é dotada de tal energia, que não é possivel, sem perigo de vida, administra-la senão em dóses extremamente pequenas. Os primeiros effeitos toxicos da digitalina são : perturbação da cabeça, sonhos fatigantes, hallucinações, depois vomitos. N'este periodo já se deve parar com a administração da digitalina, mas assim mesmo os vomitos continuão ás vezes por dois ou tres dias. A digitalina é uma das substancias mais energicas da materia medica; o seu emprego exige a maior circumspecção; não representa as propriedades theterapeuticas da infusão de digital.

Internamente. A digitalina de Homolle e Quevenne administra-se na dóse de 1 a 4 milligrammas (1/50 a 1/12 de grão) por dia; a digitalina de Nativelle na dóse de 1/4 a 1/2 milligramma (1/200 a 1/100 de grão).

Granulos de digitalina (Cod. fr.).

Digitalina de Homolle e Quevenne	10 centig.	Gomma arabica pulverizada	90 centig.
Assucar de leite pulv.	4 gram.	Xarope de mel	q. s.

Triture por muito tempo a digitalina em almofariz de porcelana com o assucar de leite, que ajuntará por pequenas porções; misture a gomma arabica, e faça com o mel massa pilular homogenea. Divida esta massa em 100 granulos que prateará. Cada granulo contém 1 milligram. (1/50 de grão) de digitalina. D. Um a dois por dia.

Poção de digitalina.

Digitalina de Homolle e Quevenne	5 millig.	Xarope de flores de laranjeira	25 gram.
Agua distill. d'alface	100 gram.		

Dissolva a digitalina em algumas gottas de alcool, ajunte-lhe a agua de alface e o xarope. Esta poção toma-se em 24 horas, ás colheres; uma colher *de sopa*, de duas em duas horas.

Externamente :

Pomada de digitalina.

Digitalina de Homolle e Quevenne	5 centig.	Alcool	algumas gottas
		Banha balsamica	10 gram.

F. S. A. Em fricções, na anasarca.

DOCE-AMARGA ou **Dulcamara** (Douce-amère, fr.). *Solanum dulcamara,* L. Solanaceas. Sub-arbusto que em Portugal se encontra nos tapumes e lugares sombrios do Douro, Minho, Beira e Estremadura. Fig. 180. Tem o caule dividido desde a base em ramos sarmentosos, levemente pubescentes, de 3 a 6 pés de comprido, que só se sustem encostando-se sobre os arbustos vizinhos; folhas alternas, pecioladas, umas inteiras ovaes agudas, outras recortadas na base; flores roxas, ás vezes brancas; bagas ovoides, de côr vermelha brilhante. Esta planta tem cheiro viroso e forte, sabor primeiramente um pouco amargo, depois adocicado. *P. us. Talos.* Achão-se no commercio cortados em pequenos pedaços, e fendidos ao meio.



Fig. 180. — Doce-amarga.

Excitante, sudorifico, util no tratamento das molestias cutaneas, escrophulas, e affecções syphiliticas constitucionaes. Em dóse elevada produz dôr de cabeça, embriaguez, ardor na garganta, vomitos e desmaios. Convem cessar o seu emprego, logo que produza nauseas ou a mais ligeira perturbação na vista.

Internamente. *Infusão :* Talos de doce-amarga 20 grammas (5 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por duas horas e côe.

Extracto (p. 89), 30 centigrammas a 1 gramma (6 a 20 grãos).

Xarope (p. 134), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

DORMIDEIRA (Pavot, fr.). *Papaver somniferum*, L. Papaveraceas. Planta originaria do Oriente; abunda na Europa; é commum em Portugal, e cultiva-se no Brasil. Fig. 181. *P. us. Cabeças;* isto é, capsulas ou fructos. Estas cabeças seccas são ovoides, de tamanho variavel, desde o de uma noz até o de um ovo de perúa e mesmo maiores, de côr branca amarellada, sem cheiro, de sabor mucilaginoso, levemente amargo. Contém no interior grande quantidade de pequenas sementes brancas, amarellas, pretas ou azues. Goza das mesmas propriedades que o opio, mas em muito menor gráo; emprega-se nos mesmos casos, como narcotico e calmante. Das capsulas de dormideiras extrahe-se opio, por incisão. As sementes não gozão das propriedades narcoticas das capsulas, pelo que são desprezadas nas preparações pharmaceuticas. Dão pela espressão um oleo graxo que é comestivel.



Fig. 181. — Dormideira.

Internamente. *Infusão :* 4 gram. (1 oit.) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo. Raras vezes empregada como bebida.

Clyster de dormideiras.

Dormideiras	20 gram.
Agua fervendo	500 gram.

Quebre as dormideiras, deite fóra as sementes, infunda por duas horas, para obter 360 grammas de liquido, e côe. Diarrhea.

Diluindo-se n'este clyster 15 gram. de polvilho, tem-se então um *clyster de dormideiras e de polvilho*, empregado nas diarrheas.

Externamente. *Infusão*, 50 gram. (1 1/2 onça) de dormideiras cortadas e privadas das sementes para 1000 grammas (32 onças) d'agua fervendo; infunda durante 1 hora, e côe com espressão por coador de lã. (Cod. fr.) Em fomentações, lavatorios, gargarejos, etc.

Gargarejo calmante.

Dormideiras	15 gram.	Linhaça	8 gram.

Infunda em q. s. d'agua fervendo, e côe de modo que obtenha 500 grammas de liquido. Ajunte :

Mel de abelhas........................... 30 gram.

DOURADINHA. *Waltheria douradinha*, St. Hilaire. Malvaceas. Sub-arbusto do Brasil (Rio Grande do Sul). Tem de 8 a 18 polgadas de altura; folhas alternas, ovaes; flores em capitulos terminaes de côr amarella dourada; o fructo é uma capsula oval. As *flores* e *folhas* empregão-se internamente em infusão como emollientes, contra a tosse. 4 grammas (1 oitava) para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

DOURADINHA DO CAMPO. V. Gritadeira.

DULCAMARA. V. Doce-amarga.

ELATERIO, Pepino de S. Gregorio ou **Pepino selvagem** (Elaterium, ou concombre sauvage, fr.). *Momordica elaterium*, L. Cucurbitaceas. Planta que habita espontaneamente em Portugal. Caule rasteiro, coberto, assim como toda a planta, de pello aspero; folhas pecioladas, cordiformes, crenuladas, ás vezes um tanto lobadas; corollas amarellas com veios esverdeados; fructo (pepino) oval ou elliptico, cheio de aculeos, verde a principio, amarello quando maduro. — O fructo é um purgante violento, pouco usado no Brasil e em Portugal; mas empregado em Inglaterra contra a hydropisia, debaixo da fórma de fecula extrahida do fructo; e é a esta fecula que se dá o nome de *elaterio* nas pharmacias.

O *elaterio officinal* prepara-se do modo seguinte : Corta-se em fatias o pepino, espreme-se-lhe o succo, passa-se por sedaço, e deixa-se em repouso para formar deposito, deita-se fóra o liquido que sobrenada, e faz-se seccar a calor brando o residuo feculento, que é verde claro. O *elaterio* assim preparado é purgativo na dóse de 5 a 15 milligrammas (1/10 a 1/3 de grão) em pilula; raras vezes é necessario elevar a dóse a 5 centigrammas (1 grão).

O pepino de S. Gregorio contém *elaterina*, que é o seu principio activo, e extrahe-se esgotando o fructo pelo alcool : apresenta-se em crystaes capillares; é muito amarga, soluvel no alcool, insoluvel em agua. A elaterina é um purgante violento na dóse de 3 a 6 milligrammas (1/16 a 1/8 de grão). Muito pouco usada.

ELECTRICIDADE. A electricidade é um agente physico que se desenvolve debaixo da influencia da fricção, do calor, da compressão, das acções chimicas, do magnetismo e da electricidade mesma, e que se manifesta por attracções, repulsões, por luz, calor, por acções mecanicas, decomposições chimicas, etc., etc.

Notou-se o primeiro phenomeno electrico na propriedade, que adquire o ambar amarello pela fricção, de attrahir os corpos leves; e o nome de *electricidade*, vem da palavra grega *electron* que significa ambar amarello. Esta propriedade é attribuida a um fluido particular, invisivel e imponderavel, a que chamárão *fluido electrico*. Este fluido faz experimentar ao systema nervoso commoções mais ou menos fortes.

Reconheceo-se mais tarde que todos os corpos são electricos em diversos gráos. Distinguem-se em corpos bons conductores, e corpos máos conductores ou isolantes. Os metaes, os corpos dos animaes, os vegetaes e muitas substancias mineraes são bons conductores. O vidro, a resina, a seda, o ar secco, o caoutchouc, etc, etc. são máos conductores.

1° **Electricidade desenvolvida pelo attrito** ou *electricidade statica* produz-se pela maquina electrica. Foi a primeira que os medicos applicárão ao tratamento das molestias; está hoje abandonada na praxe medica.

2° **Galvanismo.** Electricidade desenvolvida pela acção chimica de certos corpos heterogeneos, postos em contacto. Foi descoberta em 1790 por Galvani. Os apparelhos que servem para desenvolvê-la chamão-se *pilhas*. A primeira pilha foi composta por Volta, em 1800, e por isso os nomes de electricidade *galvanica* e *voltaica* são synonymos. A pilha de Volta compõe-se de uma serie de discos sobrepostos uns aos outros na ordem seguinte : um disco de cobre, um disco de zinco, uma rodella de panno embebida em agua acidulada; depois outro disco de cobre, e outro de zinco, uma

rodella de panno, e assim successivamente sempre na mesma ordem, como indica a fig. 182. A reunião de um zinco e de um cobre forma um *par;* na figura abaixo ha vinte pares sobrepostos, separados uns dos outros por meio de rodellas de panno, e dispostos todos na mesma ordem, de maneira que uma das extremidades do apparelho termina por um disco de zinco, e a outra por um disco de cobre. Assim disposto, o apparelho de Volta é conhecido debaixo do nome de *pilha em columna.* Depois da sua invenção, tem sido modificado de muitas maneiras, mas o nome geral de *pilha* ficou adoptado para todos os apparelhos do mesmo genero; dá-se-lhes tambem o nome de *bateria.*

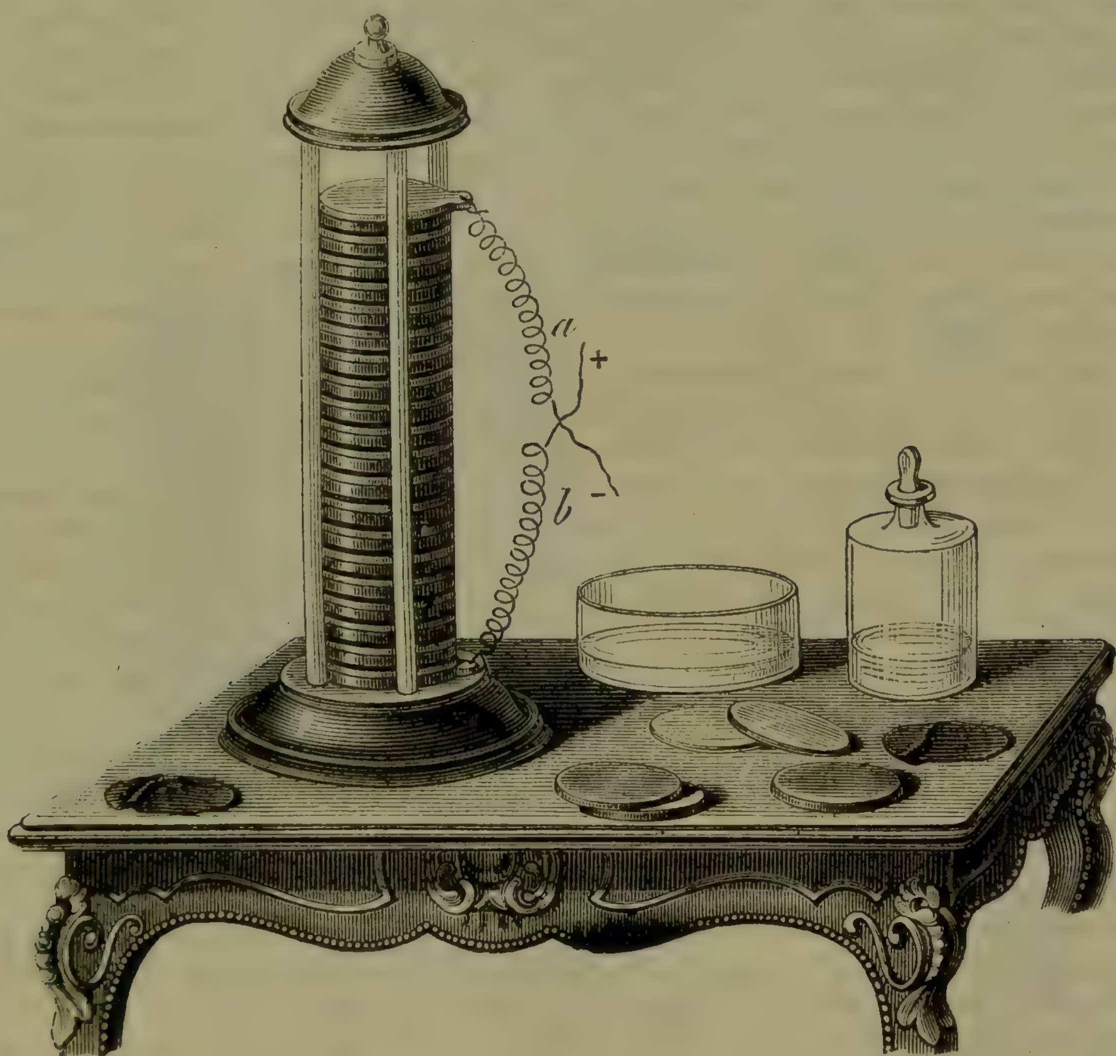


Fig. 182. — Pilha de Volta.

As duas extremidades da pilha chamão-se *pólos;* podem communicar entre si por meio de dois fios metallicos presos respectivamente a cada pólo. Em quanto os pólos não communicão entre si, a pilha não apresenta phenomeno algum particular. Mas approximando-se os dois fios, um do outro, de maneira que quasi se toquem, vê-se logo saltar de um fio a outro uma pequena faisca, devida á recomposição das electricidades contrarias dos dois pólos. Succede á primeira segunda faisca, depois uma terceira á segunda, e assim successivamente, em quanto os fios se acharem vizinhos. Se, em lugar de deixar um intervallo entre os dois fios, forem postos em contacto, nenhuma faisca apparece, mas nem por isso a recomposição das electricidades contrarias deixa de continuar pelos fios, que são percorridos de um pólo a outro por uma corrente não inter-

rompidda de electricidade. Esta circulação contínua do fluido electrico recebeo o nome de *corrente;* e foi para expressar que os fios que reunem os dois pólos são constantemente atravessados por essa corrente, que se lhes deo o nome de *electrodes* (caminhos da electricidade), e tambem o de *reophoros* (conductores da corrente).

Na pilha de Volta a oxydação do disco de zinco pela agua acidulada das rodellas de panno é a causa principal do desenvolvimento da electricidade; o disco de cobre serve só para transmittir a electricidade de um par ao par que lhe succede. Em toda a acção chimica ha sempre producções de electricidade, e quando um acido ataca um metal, acontece sempre que este electriza-se negativamente e o acido positivamente. Resulta d'esta theoria, confirmada por experiencias, que se póde supprimir o contacto dos dois metaes, e formar um elemento de pilha mui simples fazendo mergulhar uma lamina de zinco n'um vaso contendo agua acidulada pelo acido sulfurico; mostra a observação que no momento em que se opera a acção chimica produz-se uma corrente electrica entre o metal e o liquido; e reunindo-se um ao outro por um fio exterior de platina, é facil verificar que este fio é atravessado por duas correntes em direcção inversa, uma chamada *positiva* que parte do liquido, e outra *negativa* que parte do zinco.

Noções de chimica necessarias para a theoria das pilhas. Para comprehender os effeitos das pilhas, apresento aqui algumas definições e noções mui simples de chimica sobre os oxydos, os acidos e os saes.

Chamão-se *oxydos* os compostos de oxygeneo e de um outro corpo que, em geral, é um metal. Por exemplo, a ferrugem que cobre as velhas ferragens é um oxydo de ferro; o vermelhão é um oxydo de chumbo; a potassa é um oxydo de um metal chamado *potassio.* — Os *acidos* são tambem composições de oxygeneo e de um outro corpo que não é um metal, mas as mais das vezes o enxofre, o azoto, o carbone; composições que se designão respectivamente debaixo dos nomes de *acido sulfurico,* de *acido azotico* e de *acido carbonico.* Estes corpos tirão o nome do sabor acido que possuem. Alguns, como o acido azotico e o acido sulfurico, são extremamente corrosivos e atacão violentamente a maior parte dos metaes, para transforma-los primeiro em oxydos e depois em saes. — Emfim chamão-se *saes* os corpos que resultão da união de um acido com um oxydo metallico. Por exemplo, o acido sulfurico, combinando-se com a potassa, forma um sal designado debaixo do nome de *sulfato de potassa;* com o oxydo de cobre, forma *sulfato de cobre;* com o oxydo de zinco, *sulfato de zinco.* Unindo-se aos mesmos oxydos, o acido azotico dá *azotatos de potassa, de cobre* ou *de zinco;* o acido carbonico, *carbonatos,* e assim successivamente.

A estas definições é preciso accrescentar o principio seguinte, que se applica a uma classe numerosa de saes: vem a ser que, estando um d'estes saes dissolvido em agua, se se mergulhar na dissolução um metal facilmente oxydavel, como o ferro ou o zinco, este decompõe o sal dissolvido, substituindo-se lentamente ao metal que entra no oxydo d'este sal. Por exemplo, mergulhando uma lamina de zinco n'uma dissolução de sulfato de cobre, vêr-se-ha logo uma camada de cobre depôr-se sobre o zinco. Ora, em quanto o cobre se precipita d'este modo, o zinco dissolve-se, substitue o primeiro metal, e transforma pouco a pouco o sulfato de cobre em sulfato de zinco, até que este se dissolva completamente ou que o cobre se precipite. Este principio tem muita applicação na confecção de algumas pilhas.

As pilhas compostas de dois metaes e de um só liquido, apresentão o grave inconveniente de dar correntes cuja intensidade diminue rapidamente, por causa, sobretudo, da diminuição das acções chimicas pela neutralização do acido sulfurico á medida que se combina com o zinco. As commoções physiologicas que produzem tornão-se pouco a pouco menos vivas. Por este motivo as pilhas com um só liquido são hoje pouco usadas : substituem-se-lhes geralmente pilhas de dois liquidos, que se designão debaixo do nome de *pilhas de corrente constante,* porque os seus effeitos conservão por muito tempo uma intensidade sensivelmente uniforme. Variou-se muito a fórma d'estas differentes pilhas. Os dois liquidos susceptiveis de actuar um sobre o outro, estão separados por um *septo* que deixa passar facilmente a corrente, mas não permitte a mistura dos liquidos, pelo menos de maneira rapida; depois mergulhão-se os dois elementos do mesmo par, um n'um dos liquidos, o outro no outro.

Os apparelhos mais empregados hoje são os seguintes

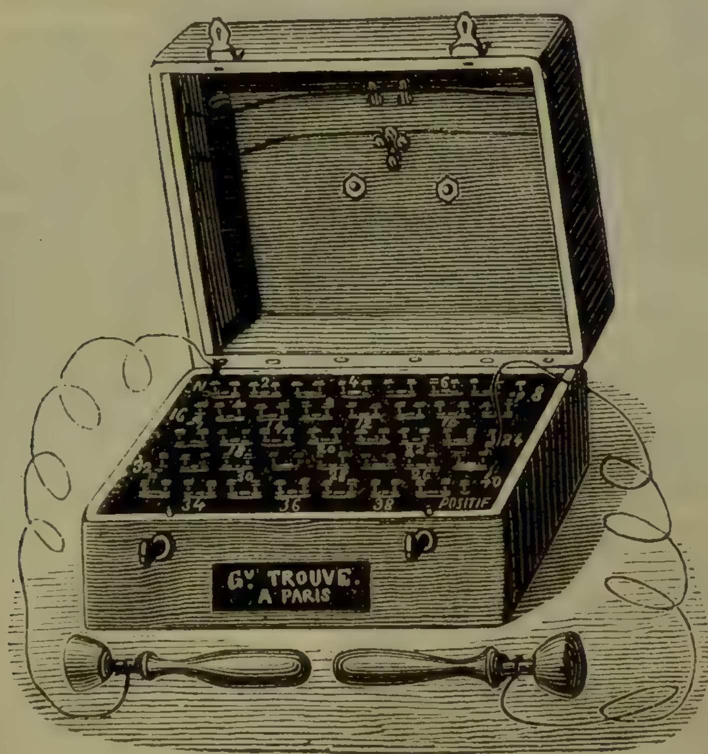


Fig. 183 (*a*)

Pilha de Trouvé, de corrente contínua.

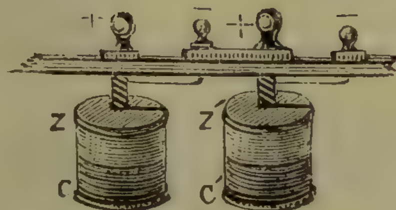


Fig. 183 (*b*)

Elemento isolado da pilha de Trouvé.

Pilha de Trouvé. Engenheiro de Pariz. Fig. 183 (*a*). Compõe-se de 15, 40 ou 80 elementos. Um elemento isolado, composto de dois pares communicando entre si está representado na fig 183 (*b*). Consiste em um disco de zinco (*z*) na parte superior, e de um disco de cobre (*c*) na parte inferior; o espaço comprehendido entre os dois discos é occupado por uma columna de rodellas de papel passento. A metade inferior da columna vizinha do cobre está saturada previamente de sulfato de cobre, a metade superior de sulfato de zinco. Mergulhando n'agua estes elementos, uma parte dos saes dissolve-se; sobrevem a reacção chimica que produz a corrente electrica.

Os elementos estão collocados n'uma caixa de caoutchouc endurecido. Quando se quer empregar o apparelho, basta mergulhar uma só vez durante alguns segundos todos os elementos ao mesmo tempo em agua ordinaria. A agua, absorvida pelas rodellas de papel passento dissolve o sulfato de cobre e o sulfato de zinco, e produz a reacção chimica que é a origem da corrente. A corrente do interior da pilha decompõe a agua; o oxygeneo dirige-se sobre o zinco e forma com o acido sulfurico sulfato de zinco; o hydrogeneo combina-se com o oxygeneo da base para reconstituir a agua, e uma parte de cobre no estado metallico depõe-se sobre o cobre. O sulfato de zinco reforma-se continuadamente, mas para substituir o sulfato de cobre, tira-se a pilha da caixa e mergulha-se pela metade n'uma solução quente e muito concentrada de sulfato de cobre, o que se faz n'uma tigela especial de cobre junta ao apparelho. As rodellas conservão-se humidas em quanto ficão no caoutchouc; basta deixa-las dois dias ao ar para seccarem. Gradua-se a força da pilha mudando os rheophoros do seu lugar. Esta pilha custa em Pariz com 15 elementos 30 francos, e com 40 elementes 75 francos.

A mesma pilha, guarnecida de um collector custa com 40 elementos 150 francos, com 80 elementos 200 francos. Está representada na fig. 184. O *collector* permitte escolher na pilha o numero dos elementos que se quer empregar, de modo a obter um augmento ou uma diminuição de força, sem produzir a menor interrupção da corrente, nem fazer experimentar ao paciente a menor sacudidela. Estes apparelhos produzem correntes contínuas e de força sempre constante. O volume da caixa não excede 2 a 3 decimetros cubicos.

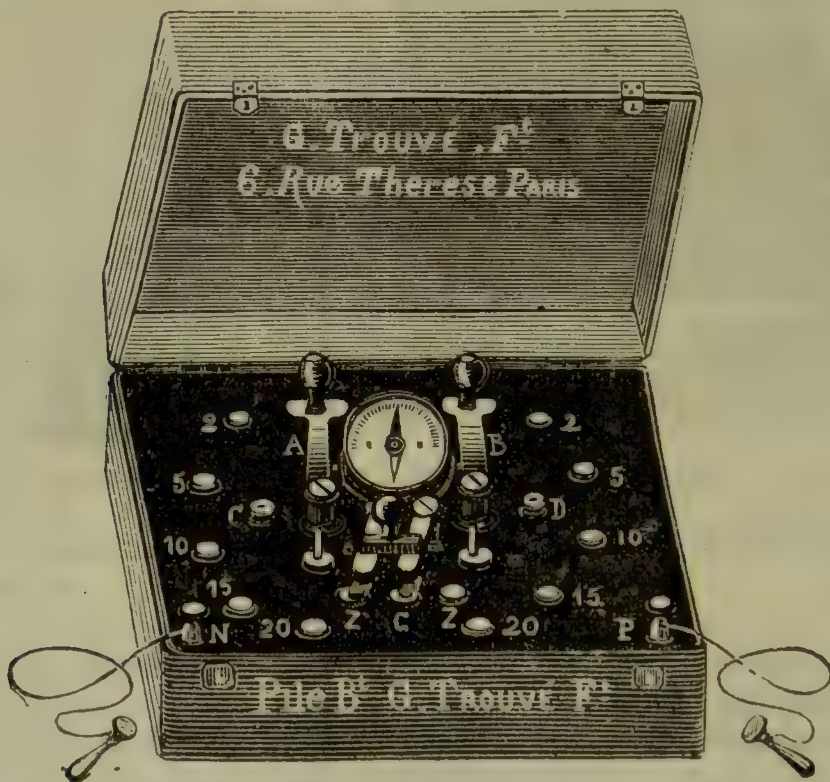


Fig 184. — Pilha de Trouvé, guarnecida de collector.

Pilha ou Bateria de Clamond e *Gaiffe*. Fig. 185. Compõe-se de 24, 36, 48 ou 60 pares. — B, caixa contendo os pares, fechada na parte superior pela taboa do collector. — P, pares da pilha. — F, F, F, fios que unem os pares ao collector. — F, gaveta contendo os excitadores. — C, C, ganchos que juntão a parte inferior da caixa

com a parte superior; as quaes podem separar-se completamente, para que se possa examinar os pares e dar-lhes os cuidados necessarios. — E, É, excitadores. — R, R′, peças furadas que deixão passar a corrente electrica, e nas quaes se inserem os fios conductores. — V, V, ferrolhos que fixão a taboa do collector. — G, galvanometro.

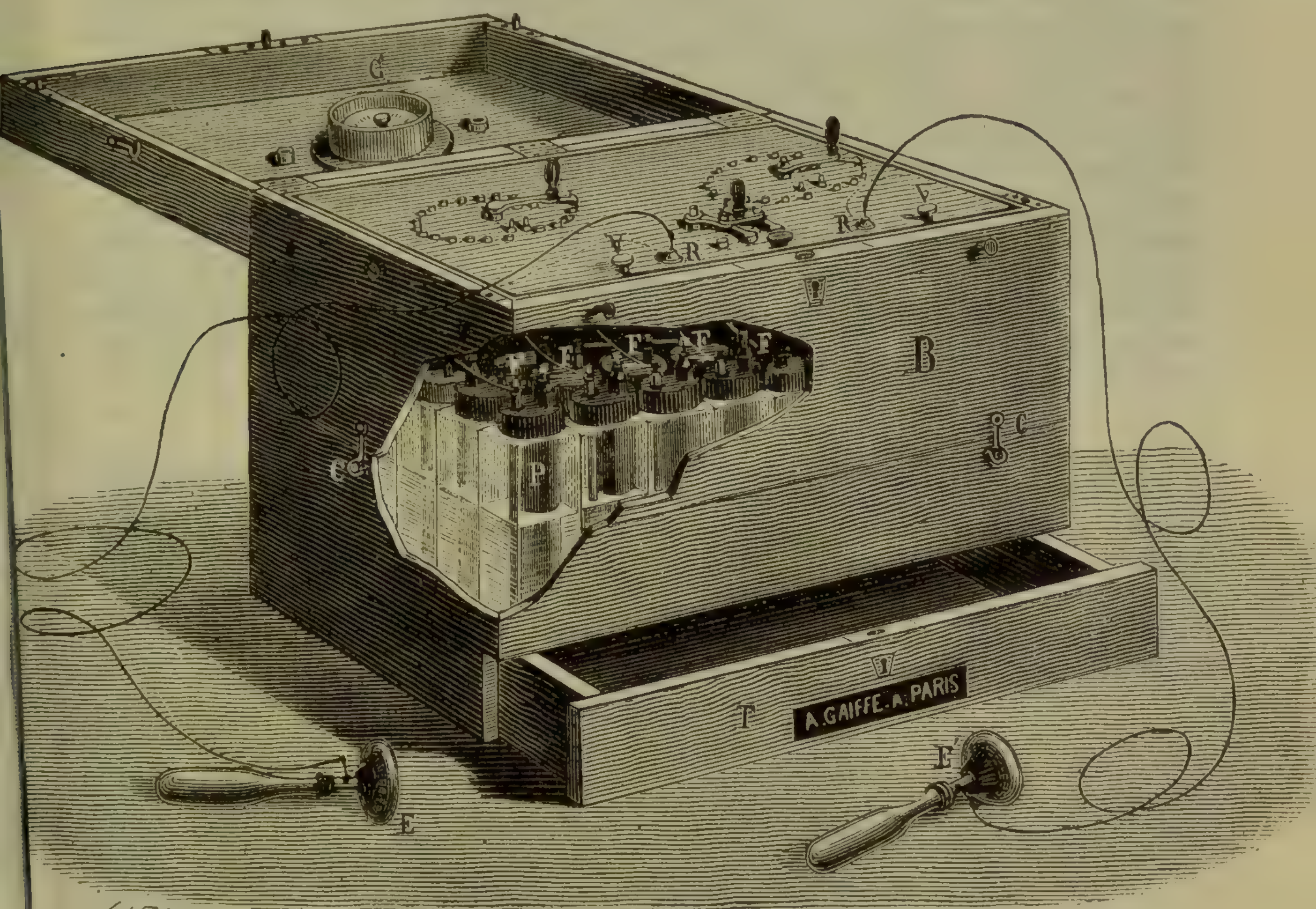


Fig. 185. — Pilha ou Bateria de Clamond e Gaiffe, de corrente continua

Cada par compõe-se de um vaso exterior de vidro contendo um prisma ou agglomeração de carvão, uma haste ou lamina amalgamada de zinco, e sesquioxydo de ferro comprimido á roda do carvão. A pilha carrega-se deitando no vaso exterior uma solução concentrada de chlorhydrato de ammoniaco, até cerca de dois terços da sua altura. No momento em que se fecha o circuito, obtem-se a reacção seguinte : a agua decompõe-se; o oxygeneo da agua e o chloro do chlorhydrato dirigem-se ao pólo negativo (zinco) para formar oxychlorureto de zinco; entretanto que no pólo positivo, fica, em presença do sesquioxydo de ferro e de ammoniaco, corpo instavel e combustivel que reduz o sesquioxydo ao estado de protoxydo fornecendo agua e ammoniaco livre. Este ammoniaco dissolve-se em parte e vem com o oxychlorureto de zinco, por uma reacção secundaria, formar saes duplos. O sesquioxydo de ferro não se esgota; tem a propriedadade de recobrar ao ar, durante o tempo de repouso, o oxygeneo que abandonou durante a marcha da pilha.

Esta pilha vende-se em Pariz, rua St. André des Arts, 40, em casa de Gaiffe. Preço dos apparelhos : Pilha de 12 pares, 135 francos; de 24, 160 francos; de 36, 185 francos; de 48, 200 francos; de 60, 235 francos.

Pilha de corrente continua de Ruhmkorff e Duchenne, fig. 186. Contém 42 elementos, compostos cada um de um zinco e de um carvão, que se mergulhão na dissolução mui fraca de bisulfato de mercurio. Uma disposição mui engenhosa permitte modificar á vontade a quantidade e a tensão da electricidade produzida. No primeiro caso, conservando sempre o numero dos elementos que dá a tensão conveniente, levanta-se ou abaixa-se cada um d'elles na solução de bisulfato de modo a diminuir ou a augmentar a superficie atacada. Este primeiro effeito obtem-se fazendo mover o botão *b*. No segundo caso, estando regrada a immersão dos elementos de modo a fornecer a quantidade de electricidade conveniente, intercepta-se á vontade certo numero d'elles, desde 1 até 42; fazendo mover o cursor *g*. A tensão da corrente acha-se d'esta maneira modificada, sem nenhuma interrupção no seu andamento. Este duplo effeito, que permitte graduar a pilha em quantidade e em tensão, torna-a mui preciosa nas applicações medicas. Esta pilha vende-se em casa do fabricante Ruhmkorff, em Pariz, rua Champollion, 15. Custa 200 francos.

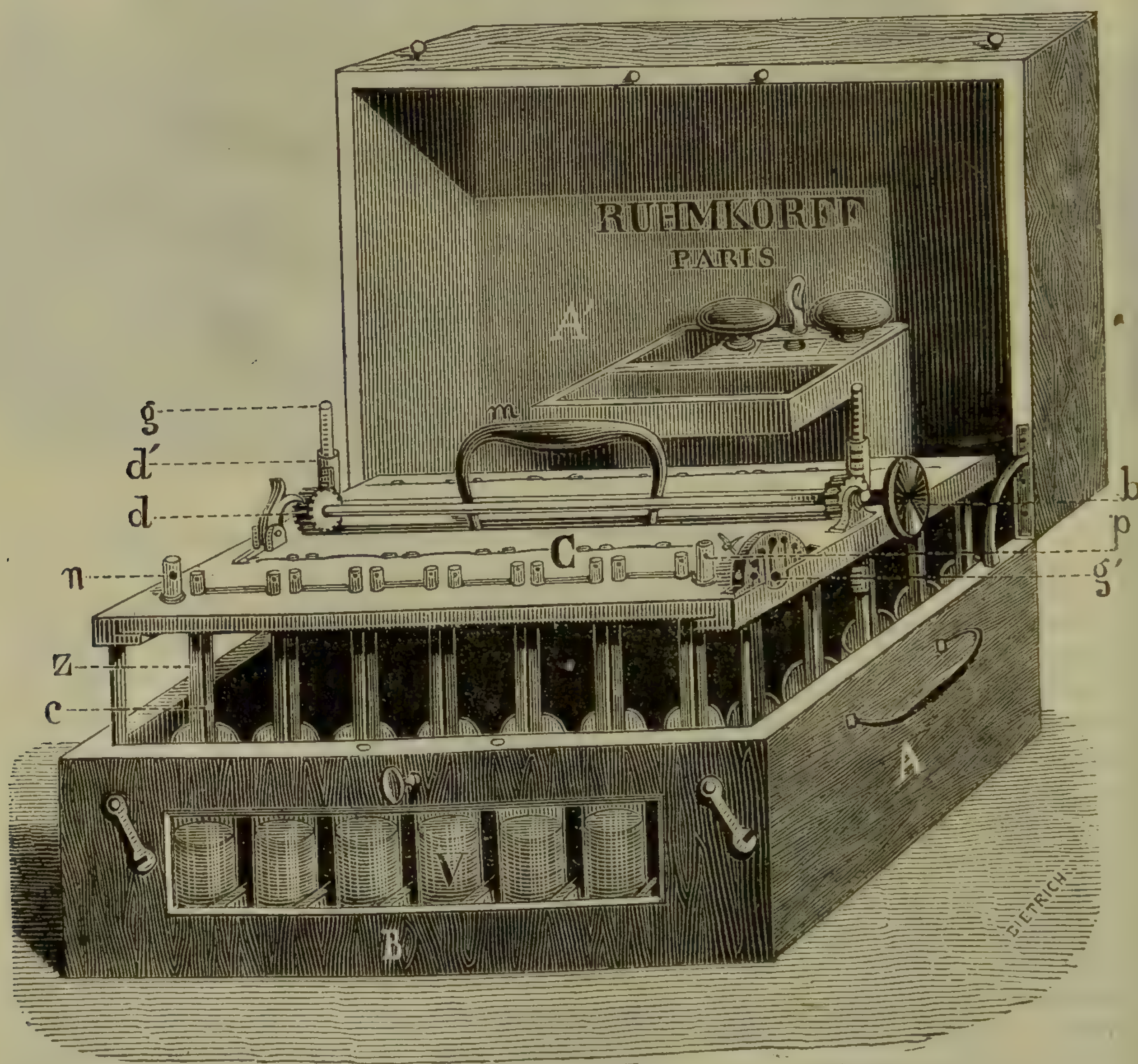


Fig. 186. — Pilha de Ruhmkorff e Duchénne. Corrente continua.

Effeitos das pilhas. Os effeitos das correntes electricas dividem-se em effeitos physiologicos, calorificos, luminosos, chimicos e magneticos. Os effeitos physiologicos, de que me occuperei exclusiva-

mente n'este livro, consistem em abalos e contracções violentas, que a corrente electrica imprime aos musculos. Quando não se toca senão n'um dos pólos da pilha, não se sente abalo algum, mas quando se tocão ao mesmo tempo os dois electrodes, sente-se uma commoção contínua. A commoção é tanto mais intensa, quanto mais numerosos são os pares. Com uma pilha de 30 pares, do pequeno modelo, a commoção é forte; com 100 pares é insupportavel, e seria perigoso prolonga-la.

3° **Electricidade por inducção** ou **por influencia,** chamada tambem *faradismo,* do nome do physico inglez Faraday, que foi o primeiro que a fez conhecer em 1832. — Chamão-se *correntes de inducção* as correntes instantaneas que se desenvolvem nos conductores metallicos, sob a influencia das correntes electricas, e tambem debaixo da influencia dos magnetes ou imans poderosos.

Verifica-se *a inducção produzida pela corrente electrica* por meio de um *carretel* de dois fios (fig. 187). Dá-se este nome a um cylindro de papelão, ou de outra substancia, em que se enrola um fio de cobre algum tanto grosso, dando pouco mais ou menos trezentas voltas. Por cima d'este enrola-se outro fio mais delgado, que dá alguns milhares de voltas. Estes fios, além de serem cuidadosamente revestidos de seda, são tambem cobertos com um verniz de gommalaca destinado a isola-los um do outro. Quando se põem em communicação as duas pontas do fio grosso com uma pilha, decenvolve-se na espiral do fio mais delgado uma corrente electrica. A corrente estabelecida da pilha ao fio mais fino chama-se *corrente inductora;* e aquella que se estabelece no fio mais fino, *corrente induzida.* A experiencia tem provado que as correntes de inducção

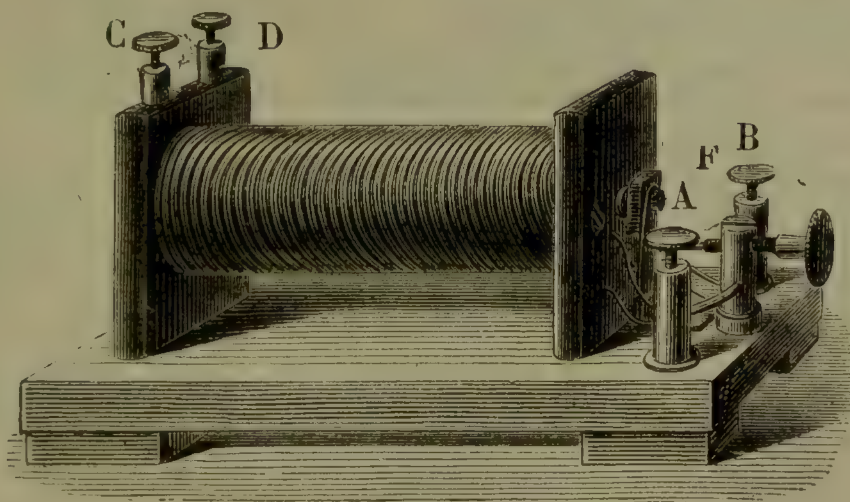


Fig. 187. — Carretel de Ruhmkorff.

possuem todas as propriedades das correntes das pilhas; pois como ellas, produzem faiscas, commoções musculares violentas, decompõem a agua e os saes, e actuão sobre a agulha magnetica. A lei que rege estes phenomenos é a seguinte : 1° No momento em que principia a *corrente inductora,* produz-se no fio, com que communica o fio d'aquella, uma *corrente induzida* de nome opposto; 2° em quanto dura a corrente inductora não se manifesta phenomeno algum no segundo fio; 3° no fim, quando cessa a *corrente inductora,* estabelece-se no fio vizinho uma *corrente induzida,* cujo nome é então o mesmo que o da *corrente inductora.*

Verifica-se *a inducção produzida por um magnete*, formando dois carreteis em roda de um magnete em fórma de ferradura, e fazendo passar com rapidez uma chapa de ferro doce diante dos pólos do magnete; o ferro doce, magnetizado por influencia, actua sobre o magnete, e produz, no fio, correntes induzidas, successivamente contrarias.

A electricidade de inducção, produzida tanto por uma corrente electrica como por um magnete, é muito empregada hoje no tratamento das molestias. Existem para este fim varios apparelhos de duas especies, cuja parte fundamental consta, em uns, de uma pilha, e dois fios de cobre enrolados n'um carretel; e em outros, de um magnete em fórma de ferradura e de um fio de cobre enrolado em volta das duas pernas d'este magnete. Os apparelhos da primeira especie chamão-se *electro-magneticos, volta-electricos* ou *volta-faradicos*, do nome de Volta, inventor da primeira pilha, e de Faraday, inventor da electricidade de inducção; e os da outra especie, *magneto-electricos* ou *magneto-faradicos*. Pelo effeito de um mecanismo particular, a corrente electrica de todos estes apparelhos é essencialmente intermittente; condição esta indispensavel para a producção dos phenomenos de inducção.

Apparelhos electro-magneticos. Os apparelhos d'este genero, mais usados em França, são os de Ruhmkorff, de Gaiffe, e de Trouvé. Vão representados nas fig. 188, 189 e 190. Não é possivel descrever circumstanciadamente n'esta obra todos estes apparelhos. Cada fabricante, ao vender o apparelho, entrega uma indicação impressa sobre a maneira de se servir d'elle. Todos estes apparelhos offerecem a mesma disposição fundamental. Compõem-se de uma pilha destinada a fornecer a corrente inductora, e de um carretel de inducção armado de um instrumento interruptor. Na sua construcção entrão muitos objectos : 1° uma pilha; 2° um carretel de papelão, de madeira, ou de caoutchouc, ôco no interior, e sobre o qual está enrolado um fio de cobre (fio inductor), revestido de seda para se achar isolado de si mesmo, e formando de tres a cinco camadas de espiraes em toda a extensão do carretel; 3° um feixe de *ferro doce* collocado na cavidade do carretel; 4° um *tremulador* ou *vibrador;* 5° um *graduador*, cylindro de cobre ôco, do comprimento do feixe de ferro, e que cobre este feixe de maneira a deixa-lo mais ou menos em contacto com o carretel segundo é mais ou menos puxado para fóra, ou mettido para dentro; 6° um outro fio de latão mais delgado, e tambem revestido de seda, que forma cinco a seis camadas de espiraes por cima do primeiro; chamão-lhe *fio induzido*. Tudo se acha contido n'uma caixa.

Eis-aqui, em resumo, o modo por que funccionão os apparelhos de inducção.

O fio positivo da pilha ou pólo positivo está posto em relacção com uma das extremidades do fio grosso (fio inductor) do carretel; outra extremidade d'este fio inductor termina no interruptor (*tremulador* ou *vibrador*), isto é, n'uma lamina de cobre delgada, flexivel, collocada entre o pólo positivo do apparelho, representado pela extremidade terminal do fio inductor, e o pólo negativo representado por um quicio ao qual chega o fio ou o pólo negativo da pilha; um parafuso adaptado a este quicio, ou ao proprio tremulador permitte, segundo se aperta ou se relaxa, activar ou afrouxar as intermittencias, diminuindo ou augmentando o espaço que separa os dois pólos, que o tremulador deve tocar alternativamente. Quando a pilha funcciona, os fios inductores e induzidos, bem como a

parte do corpo humano a que se applicão, fazem um circulo completo e fechado, que se interrompe de momento a momento. O contacto do tremulador com o pólo negativo fecha o circulo. Logo que o circulo está fechado, o ferro doce que se acha no carretel magnetiza-se instantaneamente sob a influencia da corrente da pilha, que percorre o fio inductor; mas o ferro magnetizado attrahindo logo a si o tremulador, abre o circulo, e ao mesmo tempo o ferro perde a propriedade magnetica. Mas sendo logo attrahido o tremulador para o pólo negativo, o circulo torna a fechar-se e o ferro magnetiza-se de novo; e este ferro attrahindo de novo a si o tremulador, faz com que o circulo se abra e o ferro perca a sua propriedade magnetica; e assim successivamente Estas idas e voltas do tremulador explicão o ruido de vibração que se ouve quando o apparelho está funccionando. Fixando com attenção os pontos de contacto do vibrador, vê-se a faisca electrica que scintilla de uma maneira apparentemente contínua, mas que na realidade é intermittente.

Carretel de Ruhmkorff. Fig. 187, p. 427. Consiste em um longo carretel de caoutchouc endurecido, com borda tambem de caoutchouc ou de vidro. O carretel acha-se previamente envolto por um fio de cobre isolado, grosso e curto, que o rodeia em toda a sua extensão, e que deve servir de conductor á corrente inductora, destinada a magnetizar a massa central do ferro doce. As extremidades d'este fio vem prender-se ás duas columnas de vidro, A e B, na taboa sobre a qual descança o apparelho.

Sobre este primeiro circuito está enrolado outro fio de cobre revestido de seda, mas de pequeno diametro, e cujo comprimento varía de 8 á 150 kilometros, porque o comprimento de fio, pela resistencia que oppõe á passagem da electricidade, é a primeira condição para que esta adquira grande tensão. Este segundo fio acha-se além d'isto isolado com o maior cuidado por meio de um verniz de resina laca, e as suas extremidades terminão nas duas columnas de vidro C e D. No eixo do carretel acha-se um feixe de fios de ferro doce F.

O apparelho está fundado no principio que consiste em fazer passar, com intervallos muito approximados, uma successão de correntes electricas no fio grosso, posto em communicação com uma pilha. O feixe central de ferro doce, magnetizando-se, e desmagnetizando-se, actua por inducção sobre o circuito do fio delgado, e desenvolve uma serie de correntes induzidas, que produzem faiscas, commoções e outros effeitos electricos.

O carretel de Ruhmkorff presta grandes serviços nas sciencias industriaes, e o seu inventor, distincto physico allemão, residente em Pariz, obteve do imperador Napoleão III, em 1864, o premio de 50,000 francos, que este Soberano promettêra a quem inventasse uma nova e importante applicação da pilha galvanica á industria.

Para as applicações medicas Ruhmkorff modificou este apparelho, e reduzio-lhe as dimensões a fim de o tornar portatil : debaixo d'esta nova fórma são muito extensos os limites da sua intensidade.

Este *apparelho* acha-se representado na fig. 188. Divide-se em tres compartimentos : o primeiro, F, contém os dois pares da pilha que põe o apparelho em acção. Estes pares são formados de zinco amalgamado e de carvão; e a substancia com que se faz funccionar a pilha é o bisulfato de mercurio, contido no frasco que se acha no compartimento H.

Estes pares são bastante fortes, e não occasionão emanações durante a operação.

O segundo compartimento G encerra o apparelho propriamente dito : são dois carreteis fixados do lado G por uma armadura de ferro doce semelhantes ao carretel representado na fig. 187, mas de dimensões menores. Os carreteis estão cobertos com dois fios : um

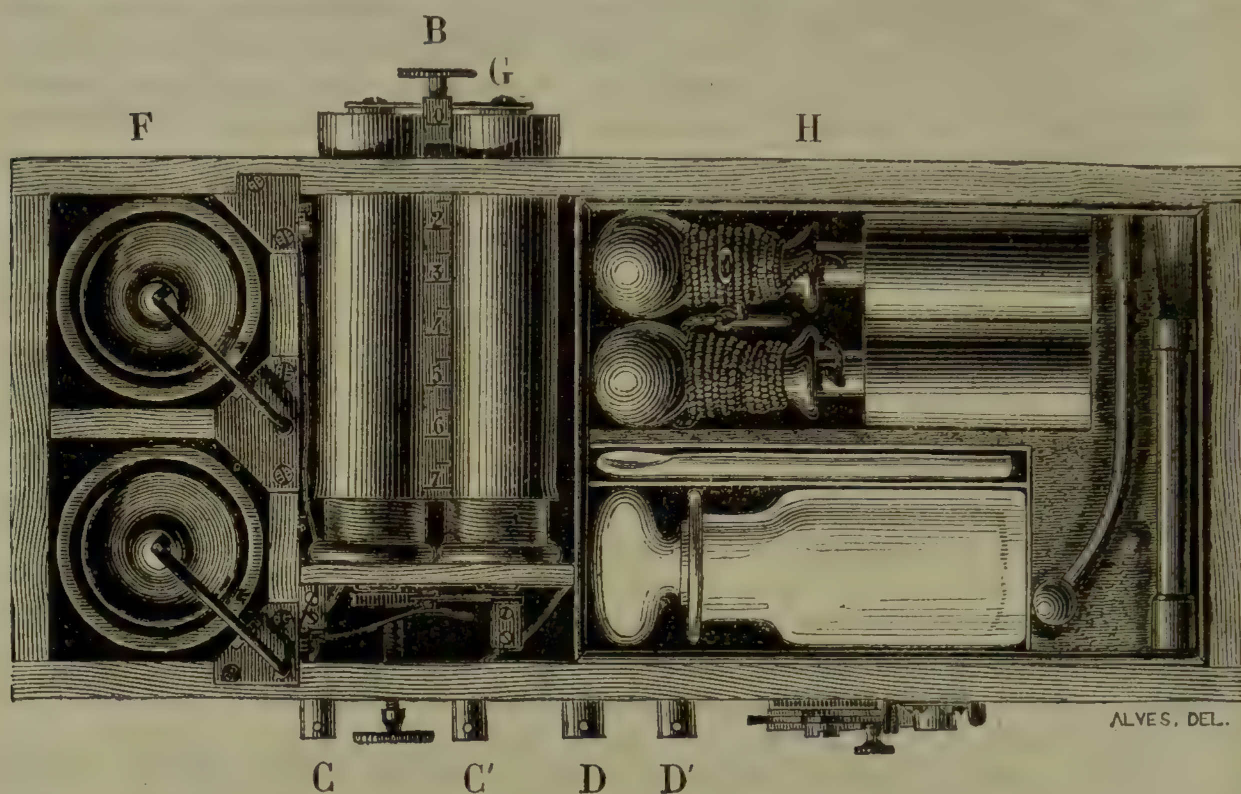


Fig. 188. — Apparelho electro-magnetico de Ruhmkorff.
Corrente por inducção, com interrupções.

grosso, por onde passa a corrente da pilha; e outro mais fino, isolado. As duas extremidades do fio fino terminão em D e D′, onde se põem em communicação com os conductores que recebem as correntes induzidas. As extremidades do fio grosso terminão em C C′, e é n'esse lugar que se recebem as correntes inductoras ou extra-correntes. Para moderar a força das correntes inductoras e induzidas, um duplo cylindro de cobre prateado envolve os dois carreteis, e por meio do botão B, descobrem-se mais ou menos os dois carreteis.

Emfim o terceiro compartimento H contém os accessorios do apparelho, a saber : os cylindros metallicos, o vidro de bisulfato de mercurio, e os conductores.

Modo de fazer funccionar o apparelho. Tire fóra os zincos e os copinhos de carvão, que constituem os elementos da pilha. Ponha em cada copinho de carvão, com a colher de vidro que se acha na caixa, duas ou tres d'essas colheres de bisulfato de mercurio; ajunte agua até chegar á quarta parte do copinho, e mexa com a colher de vidro. Torne a pôr tudo no seu lugar.

O apparelho entra immediatamente a funcionar. Applicão-se então os conductores a C C′ ou D D′, conforme o genero da corrente que o doente deve receber, inductora ou induzida, e dirigem-se os ditos conductores aos lugares affectados.

Este apparelho vende-se em Pariz, na rua *Champollion*, 15, na fabrica de instrumentos de physica do Sr. Ruhmkorff. Preço do apparelho com um carretel 35 francos, com dois carreteis 55 francos. Cada apparelho vai acompanhado de uma instrucção sobre a maneira de o fazer funccionar.

Apparelho electro-magnetico de Gaiffe. Fig. 189. L, pilha composta de dois pares com sulfato de mercurio. — M, carretel. — O, parafuso para regular o tremulador. — P, cabeça da mola para effectuar as interrupções com a mão. — R, parafuso para tirar o graduador. — K, tubo de vidro para conter o sal mercurial. — N, T, excitadores.

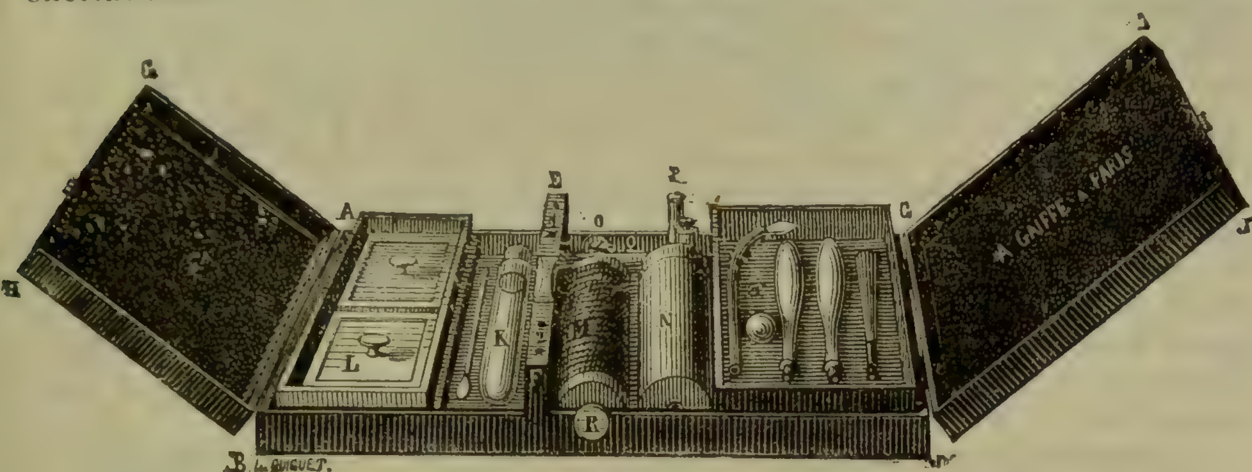


Fig. 189. — Apparelho electro-magnetico de Gaiffe.
Corrente por inducção, com interrupções.

Fig. 190. — Apparelho electro-medico de Trouvé.
Corrente por inducção, com interrupções.

O apparelho de Gaiffe funcciona por meio da pilha com deuto-sulfato de mercurio. É portatil e muito vantajoso. Vende-se em Pariz, na rua *St. André des Arts*, nº 40, na fabrica de instrumentos de precisão do Sr. Gaiffe. Custa de 40 a 60 francos, conforme o tamanho.

Apparelho electro-magnetico ou *electro-medico de Trouvé; apparelho de inducção.* Os diversos objectos que compõem este apparelho achão-se contidos n'uma carteira de pequena dimensão, de que a fig. 190 representa a metade do tamanho. A, é a pilha; B, o carretel contido nos cabos que lhe servem de estojo; C, um tubo contendo sulfato de mercurio que serve para pôr a pilha em acção; D, excitador; E, pincel metallico; F, G, duas pinças para segurar pequenas esponjas, accessorios ordinarios da applicação da electricidade á therapeutica.

Este apparelho, apezar do seu pequeno volume, desenvolve grande força electrica. É partatil, mui commodo para os medicos; e é mui facil de pôr em acção. Vende-se em Pariz, em casa do fabricante, rua *Therèse*, 6. custa 60 francos. O mesmo apparelho n'uma caixinha de mogno, 30 francos.

Apparelhos magneto-electricos. São aquelles em que a inducção se produz, não pela acção de uma corrente, mas pela influencia de um magnete. O emprego de uma pilha não é mais necessario. Funccionão por meio de uma manivela destinada a pôr em movimento uma armadura de ferro doce, que se electriza por influencia passando rapidamente por diante das extremidades de um magnete em fórma de ferradura, cujas duas pernas estão cobertas com um fio de cobre enrolado. Não exigem o emprego da pilha. Os mais usados são os de Breton e de Gaiffe.

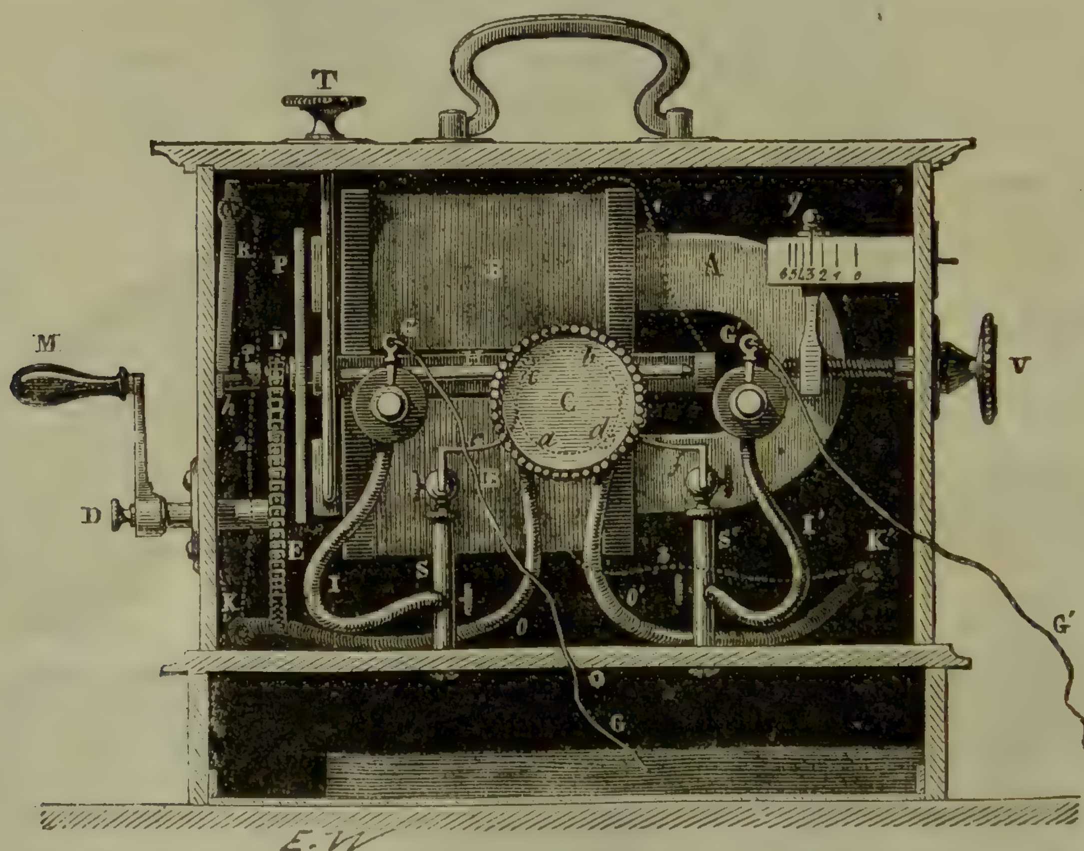


Fig. 191. — Apparelho magneto-electrico de Breton. Corrente por inducção, com interrupções.

Maneira de se servir do apparelho de Breton. Da gaveta em que se achão os diversos accessorios, tirão-se os fios conductores GG.

G'G', e fixão-se no apparelho. As outras extremidades d'estes fios, fixão-se quer nos cylindros metallicos, se se deseja fazer passar o fluido electrico pelas mãos ou pelos braços, quer nas chapas, se se desejão electrizar as pernas ou os pés, quer, emfim, nos cabos isoladores, nos quaes se hão de fixar, segundo as partes do corpo que se devem electrizar, os differentes conductores, taes como a esponja como conductor humido, o pincel electrico, pelo qual se obtem um feixe consideravel de electricidade, ou os conductores esphericos, ou semi-esphericos.

Deve-se, em primeiro lugar, tirar inteiramente do apparelho a vara de ferro T.

Estando tudo assim preparado, põe-se o doente em communicação com o apparelho por meio dos fios conductores, fixados por uma extremidade ao apparelho, e levando na outra os accessorios acima indicados. Move-se então em roda a manivella M. O doente segurando na mão os cylindros ou outros excitadores, receberá fortes commoções, cuja intensidade poderá ser diminuida por meio do botão graduador V, ao qual bastará dar algumas voltas, para fazer sahir do apparelho uma pequena regoa *g*, cujas divisões indicão os gráos de intensidade. Se, ao apertar o botão graduador, se experimentar uma pequena resistencia, não se deve forçar, porque então a pequena regoa está no fim da sua marcha, e o apparelho no maximo da sua fraqueza. É o mesmo, quando se dá voltas ao botão V em sentido contrario; não se deve igualmente forçar quando se experimentar uma pequena resistencia, porque tendo entrado a pequena regoa no interior, o apparelho acha-se no maximo da sua força magnetica. Augmenta-se a intensidade das commoções humedecendo com agua as partes do corpo que se estão electrizando.

Este apparelho custa em Pariz 140 a 400 francos, conforme o tamanho, e vende-se na rua *Victoria*, 8, no estabelecimento de instrumentos de precisão de Breton Irmãos.

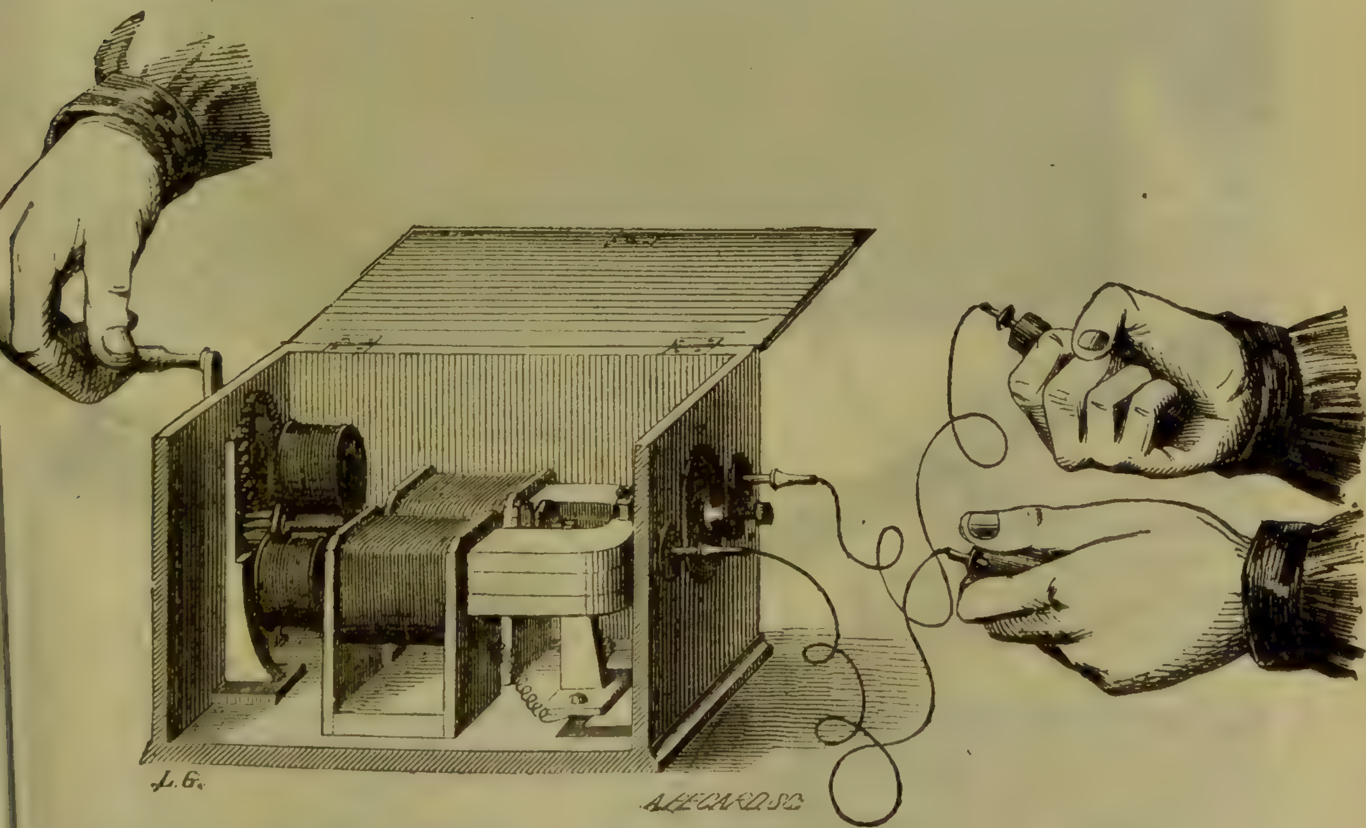


Fig. 192. — Apparelho magneto-electrico de Gaiffe. Corrente por inducção, com interrupções.

Apparelho de Gaiffe. Fig 192. É um apparelho bastante energico, com quanto seja de pequeno volume; é muito commodo. Vende-se em Pariz, na rua *St. André des Arts,* 40. Custa 100 francos.

A fig. 192 dá uma ideia sufficiente d'este apparelho, que consta das peças seguintes :

1º Um iman em fórma de ferradura, em torno do qual estão enrolados dois carreteis de comprimento determinado.

2º Uma armadura de ferro doce posta em movimento por uma cadeia sem fim, ou por meio de rodas dentadas que gyrão diante dos pólos do iman. Dois carreteis estão enrolados sobre esta armadura.

O apparelho funcciona por meio de uma manivella que se faz gyrar por outra pessoa. O doente recebe a corrente electrica, segurando com a mão dois cabos que communicão com o apparelho pelo intermedio dos fios conductores.

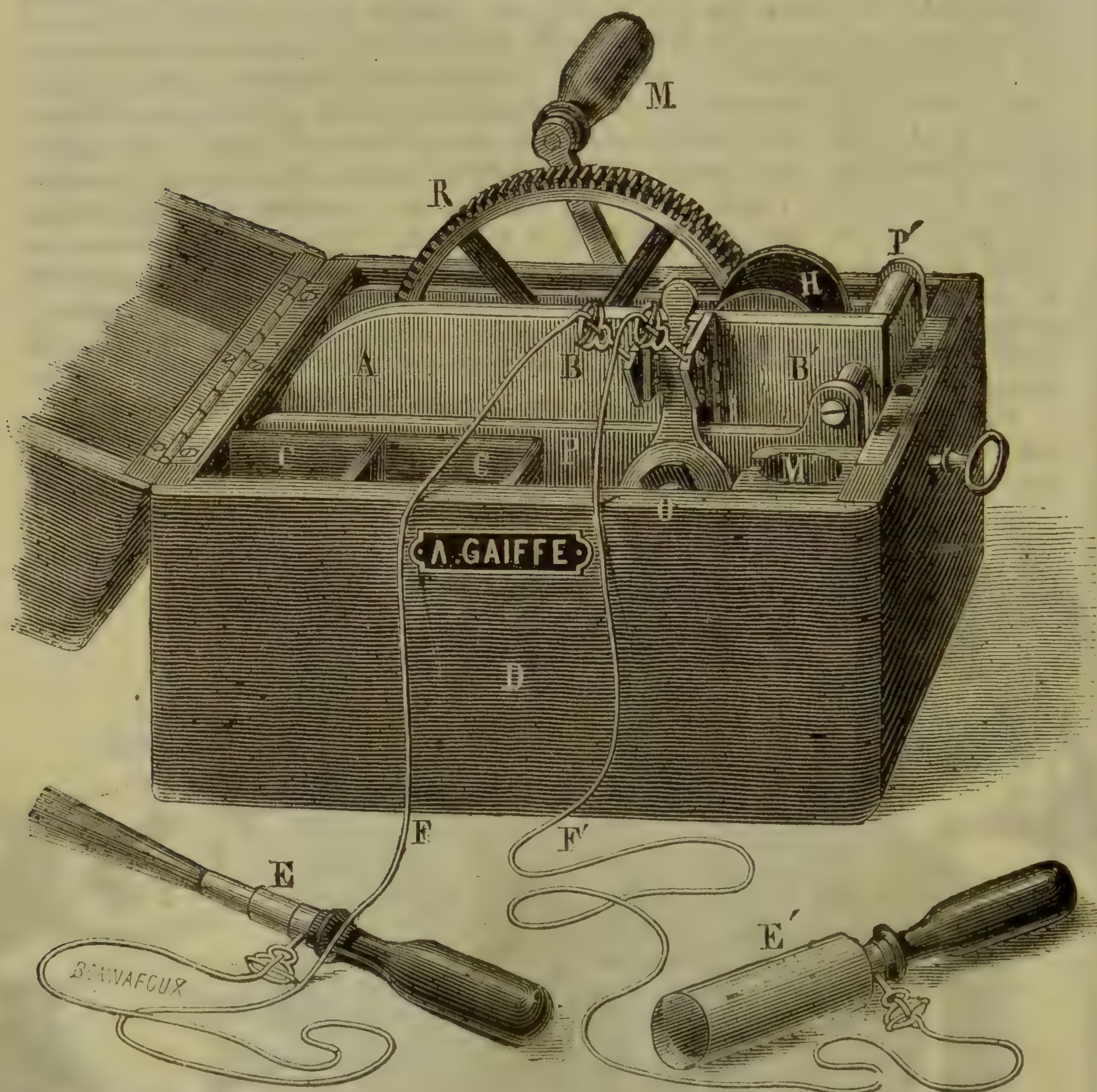


Fig. 193. — Apparelho magneto-electrico de Clarke, modificado por Gaiffe. Corrente por inducção, com interrupções.

D. Caixa de mogno, contendo todo o apparelho, de que nenhuma peça faz proeminencia no exterior.

A B B′. Iman em fórma de ferradura.

H. Armadura movel de ferro doce virando diante dos ramos do iman, e levando duas helices de que uma só é visivel.

R. Roda dentada que faz virar a armadura de ferro doce encaixando-se no seu eixo. A manivella M põe em acção esta roda dentada.

g. Graduador articulado em O, que se inclina do lado de B ou B', segundo se quer ter uma corrente forte ou fraca.

PP'. Duas chapas de latão que sustentão todo o apparelho.

CC. Compartimentos que contém os rheophoros e os outros accessorios.

M'. Cavidade que recebe a manivella M, quando o apparelho não funcciona.

Para fazer funccionar o apparelho atarracha-se a manivella sobre o eixo da roda R; leva-se a B' o graduador *g*; fixão-se sobre elle os rheophoros como indica o desenho; na outra extremidade dos rheophoros amarrão-se os cabos isolantes, e atarrachão-se sobre elles os excitadores de que se precisa; emfim, estando o circuito fechado, vira-se a manivella, e então as correntes produzem-se. Quando o graduador está em B', as commoções são mui fracas, sobretudo quando se vira lentamente a manivella, mas inclinando o graduador do lado de B, e accelerando a rotação, as commoções tornão-se cada vez mais fortes; são intoleraveis chegando-se a B. — As letras P (positivo), e N (negativo), gravadas sobre as duas faces externas do graduador, perto dos pontos de inserção dos fios, indicão a direcção das correntes.

Este apparelho vende-se em casa de Gaiffe, em Pariz, rua *St. André des Arts*, 40. Custa 50 francos.

Rheophoros e **Excitadores.** Aos apparelhos de inducção estão fixados fios metallicos, que se chamão *rheophoros* ou *conductores da electricidade;* são destinados a dirigir a corrente electrica sobre as differentes partes do corpo. Estes rheophoros terminão por pequenos instrumentos metallicos, de fórmas diversas, a que chamárão *excitadores*, e que se applicão nos musculos ou nos nervos que se querem excitar. Ha excitadores de fórma cónica, redonda; uns com a fórma de chapas, escovas, pinceis; ha outros como especie de sondas para as cavidades naturaes do corpo, taes como a bexiga, recto, utero. Se é o medico que os applica, segura-os por meio de cabos isoladores de vidro, sem o que a electricidade passaria para o corpo do medico; mas de ordinario o doente applica-os a si mesmo, ou os segura com a mão, como mostra a fig. 192, quando *v. g.* se quer fazer penetrar a electricidade no corpo, no caso de paralysia geral; então não são necessarios os cabos isoladores.

Modos de administrar a electricidade. Póde-se administrar a electricidade nas molestias por meio da maquina electrica, das pilhas, ou dos apparelhos de inducção.

1° A electricidade desenvolvida pela maquina electrica foi a primeira que os medicos applicárão no tratamento das molestias, mas hoje, como já disse, está abandonada.

2° A electricidade que se administra por meio das pilhas é de corrente contínua. Os apparelhos mais empregados são os de Trouvé, Gaiffe, e de Ruhmkorff. Estas pilhas varião de intensidade conforme o numero de pares que entrão na sua composição. No começo não se deve recorrer senão aos apparelhos fracos; augmenta-se a força da pilha gradualmente. Applica-se o pólo positivo sobre o nervo que se quer excitar, do lado do centro cerebro-espinhal, e

o pólo negativo no ponto mais afastado. Forão inventadas *chapas, cadeias, cintos electricos,* que preenchem mais ou menos as condições necessarias para formar uma pilha voltaica, e que tem por fim fornecer, sendo applicados sobre o corpo, uma corrente *continua* e permanente.

3° A electricidade, que se desenvolve nos apparelhos de inducção, applica-se nas diversas partes do corpo por meio de excitadores de diversas fórmas. As correntes são intermittentes. As intermittencias produzem tres effeitos physiologicos : o primeiro, o mais sensivel, na entrada da corrente na economia; o segundo, menos sensivel, na sua sahida; o terceiro, insensivel, quando a corrente se acha estabelecida. A electricidade de inducção é muito empregada hoje no tratamento das molestias. Suas correntes intermittentes são consideradas como estimulantes. Produzem instantaneamente uma sensação cutanea, que se gradua desde as simples cocegas até uma dôr mui viva. Convem, sobretudo, na paralysia do movimento.

Banho hydro-electrico geral. Consiste em introduzir o doente n'uma banheira de madeira cheia d'agua tepida, e applicar-lhe a electricidade em differentes partes do corpo submerso. Os excitadores do apparelho de inducção immergem-se na agua do banho, e approximão-se dos pontos do corpo a que se deseja applicar a electricidade, mas sem tocarem o corpo. A agua acidulada com vinagre, ou tendo em dissolução o sal commum, produz effeitos mais notaveis; porque a agua quando acidulada, ou salgada, conduz melhor a electricidade do que a agua simples. A banheira de madeira é preferivel á de metal, mas esta tambem póde servir.

Pediluvio hydro-electrico. Deita-se agua tepida n'um vaso de metal, mas com preferencia n'um vaso de madeira ou de louça. A agua póde ser simples, acidulada com vinagre, ou salgada. O doente mette os pés na agua, na qual se immergem os dois conductores do apparelho de inducção. Os pés tornão-se então a séde de uma contracção muscular contínua. Este banho convem em certas paralysias.

A electricidade não deve ser applicada no tratamento das molestias senão com muita prudencia, porque a sua acção prolongada póde occasionar accidentes graves. Cumpre principiar sempre por uma corrente fraca. Ha exemplos de paralyticos, que forão acommettidos de convulsões pela acção de uma corrente electrica demasiado forte. Quando se applica a electricidade por meio de conductores e excitadores, faz-se uma operação diaria, ou cada dois dias, durante vinte minutos, meia hora ou uma hora, com uma corrente mui fraca, cuja intensidade se augmenta pouco a pouco, para não fatigar nem fazer soffrer os doentes. O seu effeito é o calor, e um augmento de nutrição que favorece a cura. Para produzir um resultado satisfactorio, devem estas operações ser continuadas durante muitos mezes.

Ás vezes é bom recorrer á acção contínua da electricidade obtida por meio de cadeias electricas applicadas durante a noite, ou deixando sobre a parte paralysada a extremidade dos conductores do apparelho electrico-magnetico de Ruhmkorff, que n'este caso deve ter a corrente de fraca intensidade.

Molestias em que se emprega a electricidade. Estas molestias são : paralysias, nevralgias, nevroses, rheumatismos, sciatica, angina do peito, atrophia muscular progressiva, ataxia locomotriz, etc. Na paralysia, que é consequencia de apoplexia, não se deve applicar a electricidade senão quinze ou vinte dias depois do ataque.

As obras, que tratão especialmente da applicação medica da electricidade, são :

Althaus. Applications pratiques de l'électricité à la thérapeutique; traduit de l'anglais en français par Darin. 1 volume de 92 pages. Paris, 1876.

Duchenne. De l'électrisation localisée et son application à la pathologie. 1 volume de 1120 pages, avec 255 figures. Paris, 1872.

Onimus et Legros. Traité d'électricité médicale. 1 volume avec 140 figures. Paris, 1872.

Tripier. Application de l'électricité à la médecine et à la chirurgie. 1 volume de 88 pages. Paris, 1874.

Gaiffe. Notice sur les appareils électro-médicaux. 1 volume de 208 pages, avec 102 figures. Paris, 1874.

ELECTRO-PUNCTURA. V. Acupunctura.

ELEMI (Élémi, fr.). Resina de que ha duas especies nas pharmacias : 1° *Elemi do Brasil*. É produzida pela *Icica icicariba*, D. C. Terebinthaceas, arvore a que se dá vulgarmente no Brasil o nome de *almecegueira*, e á resina o nome de *almêcega*. Apresenta-se em massas mais ou menos volumosas, molles e unctuosas; a diuturnidade a torna secca e friavel; branca ou amarellada com pontos esverdeados, com cheiro forte e agradavel semelhante ao do funcho, sabor adocicado a principio, depois amargo. 2° *Elemi em pães*. Apparece no commercio em massas triangulares, de 500 a 1000 grammas, envolvidas em folhas de palmeira; é mais transparente, mais homogenea e de côr mais igual do que a precedente. Suppõe-se vir do Mexico.

A resina elemi é só empregada para uso externo. Entra na composição de muitos emplastos, na do balsamo de Fioravanti e do balsamo de Arceus. *Purifica-se* pela mesma fórma que o alcatrão.

EMETICO. V. p. 278.

ENCERADO INGLEZ. V. p. 85.

ENDRO (Aneth, fr.). *Anethum graveolens*, L. Umbelliferas. Planta commum em Portugal; cultiva-se nas hortas. Caules ordinariamente muitos de uma só raiz; folhas alternas, duas ou tres vezes pinnuladas; pinnulas glabras, oblongas-setaceas; fructo ovado, estriado, convexo de uma parte; sementes ellipticas, chatas, de tres nervuras dorsaes, margem estreita, quasi membranosa; cheiro aromatico e penetrante, sabor agradavel semelhante ao funcho. *P. us. Sementes*. — Carminativo, excitante.

Internamente. *Pó*, 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava).

Infusão. 4 grammas (1 oitava) para 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo.

Oleo volatil † a 10 gottas.

ENXOFRE (Soufre, fr.). Corpo simples que existe em grande quantidade na natureza, e que se acha no commercio no estado solido e pulverulento. No *estado solido* apresenta-se em pedaços, mais ou menos compridos, mais ou menos grossos, cylindricos, amarellos, friaveis, crystallizados em agulhas no interior, lisos por fóra; de sabor e cheiro particulares, mas fracos, insoluvel em agua, mui pouco soluvel no alcool; soluvel no azeite doce, oleo de amendoas doces, e nos oleos essenciaes, inalteravel ao ar. No *estado pulverulento* (flores de enxofre, enxofre sublimado) existe debaixo da fórma de pequenos crystaes agudos, amarellos, mui finos, gozando das outras propriedades do enxofre. Em medicina não se emprega senão o enxofre sublimado e o enxofre mui dividido por via de precipitação.

A flor de enxofre do commercio contém acido sulfuroso, que

com o tempo e pela acção da humidade passa a acido sulfurico. Prefere-se esta flor de enxofre impura para certos casos, por exemplo, para fazê-la entrar nas pomadas antipsoricas; mas, para, o uso interno deve ser purificada pela lavagem.

Enxofre sublimado e lavado (Cod. fr.). Enxofre sublimado do commercio q. v. Misture o enxofre sublimado com pequena quantidade d'agua fria, para formar massa molle, que diluirá com agua a ferver; deixe formar deposito. Decante o liquido que sobrenada; substitua-o por nova agua a ferver. Continue do mesmo modo até que a agua da lavagem deixe de fazer vermelho o papel azul de turnesol; ajunte a massa sobre o panno de linho; faça-a esgotar e seccar. Passe, finalmente, por peneira de seda para separar as partes grossas, que o enxofre do commercio contém sempre, e que a lavagem possa ter deixado.

Enxofre precipitado, magisterio de enxofre, leite ou *hydrato de enxofre.* (Cod. fr.). Flor de enxofre 100, cal extincta 300, agua commum 1000, acido chlorhydrico q. s. Misture exactamente a cal e o enxofre n'uma capsula de porcelana. Ajunte a agua por pequenas porções, e faça ferver por meia hora, tendo o cuidado de substituir a agua á medida que se evaporar; filtre. O liquido obtido é de côr rubra alaranjada, e contém polysulfureto de calcio misturado com hyposulfito de cal. Dilua este liquido com 4 vezes o seu volume d'agua, e ajunte-lhe o acido chlorhydrico, previamente diluido com 2 partes d'agua. Deve-se deitar o acido no liquido e não o liquido no acido; deve-se tambem agitar perfeitamente a massa, para que em nenhum ponto o acido se ache em excesso em relação ao polysulfureto. Continua-se assim a addição do acido e a agitação do liquido até este adquirir uma reacção francamente acida. Esta operação deve ser feita ao ar livre ou debaixo de boa chaminé, porque a addição do acido desenvolve em abundancia hydrogeneo sulfurado. Ao mesmo tempo deposita-se, no estado de enxofre precipitado, a maior parte da flor de enxofre empregada. Decante o liquido que sobrenada; lave o deposito muitas vezes em agua a ferver; seque-o ao ar, e guarde para uso. Forma um pó mais pallido do que o enxofre sublimado ordinario, e tem um cheiro particular, sobretudo nos primeiros tempos da sua preparação. Suas propriedades medicinaes são mais pronunciadas.

Attribuem-se estas differenças á presença de pequena quantidade de hydrogeneo sulfurado. Emprega-se nos mesmos casos que o enxofre sublimado e lavado.

O enxofre entra em fusão na temperatura de + 107°; submettido durante algum tempo ao calor de + 220° a + 250°, torna-se espesso, avermelhado, e, arrefecido subitamente, conserva certa molleza depois de frio. N'este estado, póde servir para se lhe imprimir moldes de medalhas, sinetes, etc.; e só passado algum tempo é que torna a tomar a côr e dureza primitivas.

Propriedades e usos. Administrado em dóses pequenas e repetidas, o enxofre estimula a pelle e as membranas mucosas. Augmenta a acção da membrana mucosa dos bronchios tornando a expectoração mais facil; augmenta o calor da pelle e as funcções digestivas. Em dóse elevada, de 4 a 8 grammas, é purgativo. Ao contacto dos liquidos intestinaes transforma-se em sulfuretos alcalinos, que, pela acção do sangue, se convertem em hyposulfitos ou sulfatos. Chegados á pelle, os hyposulfitos, decompostos pelas secreções acidas, desenvolvem acido sulfureo e precipitão enxofre, d'onde vem a côr amarellada da pelle; os sulfuretos alcalinos deixão

desprender acido sulfhydrico, que é a causa do cheiro sulfureo. O halito exhala o mesmo cheiro. Mas os effeitos mais importantes manifestão-se sobre o systema cutaneo; estes effeitos são pouco conhecidos na sua essencia; dependem sem duvida de uma acção toxica que se torna curativa, nas diversas affecções cutaneas parasitarias ou outras.

O enxofre *sublimado* emprega-se com vantagem nos catarrhos chronicos, tosses humidas, dôres rheumaticas e gotosas. Alguns attribuem-lhe propriedades vermifugas; porém a sua utilidade é mais evidente no tratamento das molestias cutaneas. N'estes casos emprega-se tanto interna como externamente.

Internamente. 60 centigrammas a 1 gramma (12 a 20 grãos) duas ou tres vezes por dia, com assucar ou em leite, agua, xarope.

Pastilhas de enxofre (Cod. fr.).

Enxofre sublimado e lavado	100 gram.	Gomma alcatira	10 gram.
Assucar refinado	900 gram.	Agua de flores de laranjeira	90 gram.

Faça pastilhas do peso de 1 gramma (20 grãos). Cada uma contém 10 centigrammas (2 grãos) de enxofre. D. 4 a 16 por dia nas molestias de pelle e na bronchite.

Balsamo de enxofre anizado.

Enxofre sublimado	1 part.	Oleo essencial de aniz	4 part.

Deixe digerir a b. m. por tres dias, mexendo de vez em quando, filtre. — D. 20 centigrammas a 1 gramma (4 a 20 grãos), em poção; na bronchite.

Pós antidartrosos (Biett).

Enxofre sublimado	1 gram.	Magnesia	1 gram.

F. 1 papel. D. 1 todas as manhãs, no eczema.

Opiato sulfureo.

Enxofre sublimado	30 gram.	Mel de abelhas	30 gram.

M. Uma colher *de chá* uma ou duas vezes por dia. Nos dartros; 30 grammas (1 onça) por dia na colica de chumbo.

Electuario de enxofre tartarizado.

Enxofre sublimado	50 gram.	Essencia de limão	30 centig.
Cremór de tartaro	100 gram.	Xarope simples	q. s.

Para fazer um electuario solido. — D. Duas colheres *de chá*, duas a tres vezes por dia, nas hemorrhoidas, como relaxante.

Externamente. Em fricções, misturado com corpos gordurosos.

Fumigações sulfureas, V. *Acido sulfuroso*, p. 164.

Ceroto sulfurado ou *Ceroto de enxofre* (Cod. fr.).

Enxofre sublimado e lavado	20 gram.	Oleo de amendoas doces	10 gram.
		Ceroto de Galeno	100 gram.

Misture em almofariz o enxofre com o ceroto, e ajunte o oleo continuando a triturar. — Em fricções nos dartros, ou para curar os dartros ulcerados.

Pomada sulfurada, ou *Pomada de enxofre* (Cod. fr.).

Enxofre sublimado	15 gram.	Banha benzoinada	30 gram.
Oleo de amendoas doces	10 gram.		

Misture em almofariz. Em fricções, nas erupções cutaneas.

Pomada sulfuro-saponacea (Lugol).

Enxofre sublimado	60 gram.	Agua quente	180 gram.
Sabão branco	60 gram.		

Dissolva o sabão na agua; ajunte o enxofre. Sarna.

Balsamo de enxofre.

Oleo de nozes	80 gram.	Enxofre sublimado	20 gram.

Deixe digerir a banho de areia, durante alguns dias, e filtre. Para curar as ulceras dartrosas. Muito empregado na alveitaria.

Balsamo de enxofre terebinthinadò (Roland).

Essencia de terebinthina	80 gram.	Enxofre sublimado	10 gram.

Deixe digerir a b. m. durante 3 dias, e filtre. Para curar as ulceras.

Glycereo de enxofre (Cod. fr.).

Enxofre sublimado e lavado	1	Glycereo de amido	4

Unguento sulfurado (Ph. Londinense).

Flores de enxofre	200 gram.	Sabão molle	200 gram.
Helleboro em pó	10 gram.	Banha	450 gram.
Nitro	10 gram.	Essencia de bergamota	30 gottas

M. Empregado contra a sarna.

Pomada antipsorica.

Enxofre sublimado	250 gram.	Pedrahume	6 gram.
Chlorhydrato de ammon.	6 gram.	Banha	500 gram.

Outra.

Sabão branco	100 gram.	Carbonato de potassa	10 gram.
Oleo de amendoas doces	150 gram.	Essencia de limão	1 gram.
Enxofre sublimado	20 gram.		

F. S. A. Em fricções, contra a sarna e tinha.



Fig. 194 — Erysimo.

Balsamo antipsorico (Mialhe).

Enxofre sublimado	100 gram.
Subcarbonato de potassa	60 gram.
Sabão branco	80 gram.
Agua de Colonia	400 gram.

Misture o enxofre com o subcarbonato; dissolva o sabão na agua de Colonia e misture. Em fricções, contra a sarna.

Sabão antipsorico.

Sabão de potassa	400 gram.
Enxofre sublimado	100 gram.
Essencia de limão	10 gram.

F. S. A. Em fricções, contra a sarna e tinha.

ENXOFRE DOURADO DE ANTIMONIO. V. p. 277.

ERGOTINA. V. p. 363.

ERYSIMO ou **Rinchão** (Erysimum, velar, herbe aux chantres, fr.). *Erysimum officinale,* L, Cruciferas. Fig. 194. Planta da Flora portugueza; habita pelos caminhos e campos, nos arredores de Lisboa, Coimbra, e outras partes do reino. Folhas pinnatifidas, alternas, pecioladas, parcamente empubescidas; flores amarellas, mui pequenas; cheiro pouco pronunciado, sabor das folhas acerbo e adstringente. — Estimulante, bechico e antiscorbutico. Faz-se com esta planta um xarope, mui util nas molestias do peito.

Xarope de erysimo composto ou *dos chantres* (Cod. fr.).

Cevadinha	75 gram.	Raiz secca de inula	100 gram.
Passas	75 gram.	Avenca do Canadá	25 gram.
Raiz de alcaçuz	75 gram.	Alecrim secco	20 gram.
Folhas seccas de borragem	100 gram.	Rosmaninho	20 gram.
Folhas seccas de chicoria	100 gram.	Herva doce	25 gram.
Erysimo recente	1500 gram.	Assucar refinado	2000 gram.
		Mel de abelhas	500 gram.
		Agua	6000 gram.

Ferva a cevadinha na agua, até rebentar o grão; ajunte as passas, a raiz de alcaçuz cortada, as folhas de borragem e de chicoria incisas, e, depois de alguns instantes de ebullição, côe com espressão. Torne a pôr o liquido ao lume, e vase-o fervendo n'um b. m. de estanho, que conterá o erysimo previamente pisado em almofariz de marmore, e as outras substancias convenientemente divididas; deixe em infusão por vinte e quatro horas, e distille a fogo nú para extrahir 250 grammas de liquido aromatico. — Côe com espressão, á parte, o liquido que restou na cucurbita, clarifique-o com clara de ovo, ajunte-lhe o assucar e o mel, e faça por cocção e clarificação um xarope que cozerá, até que marque fervendo 1,29 no densimetro (32° B.). Depois de meio arrefecido, ajunte-lhe o liquido distillado, e côe. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia. Molestias do peito.

ESCABIOSA (Scabieuse, fr.) *Scabiosa arvensis* : L. Dipsaceas. Planta da Flora portugueza; habita sobretudo na parte septentrional da Beira. Caule de um pé; folhas oppostas, ovaes-oblongas; flores de um roxo pallido; sabor amargoso. A *raiz* e *toda a herva* é empregada contra as molestias cutaneas.

Internamente. *Infusão :* Folhas de escabiosa 10 gram. (2 1/2 oit.), agua ferv. 1000 gram. (32 onças). Infunda por meia hora e côe.



Fig. 195. — *Convolvulos scammonia.*

ESCAMONÉA (Scammonée, fr.). Sumo gommo-resinoso extrahido das raizes da *Convolvulus scammonia*, L., planta da Asia, e particularmente dos arredores de Alepo, da familia das Convolvulaceas. Fig. 195. A escamonéa de Alepo acha-se em bocados assaz volumosos, seccos, leves, esponjosos, friaveis, cinzento-escuros, algum tanto esverdeados; fractura lisa, brilhante e anegrada; cheiro particular, sabor de manteiga cozida, seguido de um gosto acre. É soluvel no alcool, e tritu-

rada com agua forma uma emulsão. É a especie mais estimada, e a unica empregada em medicina. A boa escamonéa chammeja ao contacto de uma vela accesa; não deve deixar mais de 7 a 8 por cento de cinza, depois de queimada. Ha tambem no commercio outra especie chamada escamonéa de Smyrna, fornecida pela *Periploca secamone* (Apocyneas), que habita no Egypto. Apresenta-se esta em bocados irregulares, duros, pesados, não friaveis, de côr roxa, sabor acre e amargo. — Purgante prompto e energico : produz colicas e calor interior. Emprega-se na hydropisia, coma, paralysia, e em todas as molestias em que é necessario provocar uma revulsão forte. Sua acção exerce-se mais particularmente no intestino delgado.

A escamonéa compõe-se de gomma, de resina e de materia vegetal insoluvel. Deve as propriedades purgativas á resina, cuja proporção varía de 8 a 85 por cento, pelo que mais racional seria empregar a resina, e não a escamonéa bruta.

Preparação da resina de escamonéa (Cod. fr.).

Escamonéa em pó gros.	1000 gram.	Carvão animal em pó	q. s.
Alcool a 90°	3000 gram.		

Ponha a escamonéa com os dois terços do alcool n'um frasco tapado; vascoleje de vez em quando por quatro dias. Decante; deite o resto do alcool sobre o residuo; proceda do mesmo modo. Reuna os liquidos; ajunte-lhes o carvão animal; vascoleje varias vezes durante muitos dias. Filtre; distille o liquido, e distribua a resina obtida nos pratos para a fazer seccar na estufa.

A resina de escamonéa é sem cheiro e quasi sem sabor; soluvel no ether; divide-se com extrema facilidade em leite quente ou frio, ou na emulsão de amendoas. Debaixo d'esta fórma constitue um dos purgantes mais agradaveis que se possa administrar.

Internamente. *Escamonéa bruta* 1 gram. a 1 1/2 gram (20 a 30 grãos), em pó, pilulas ou poção.

Tintura (p. 122), 2 a 8 grammas (1/2 a 2 oitavas) em poção.

Resina, 40 a 60 centigrammas (8 a 12 grãos), em pilulas, poção ou leite. Deve ser empregada com preferencia.

Pilulas diureticas (Bouchardat).

Scilla	10 centig.	Escamonéa	10 centig.
Digital	10 centig.	Xarope de gomma	q. s.

F. 1 pilula. D. 2 a 6 por dia, na hydropisia.

Pilulas drasticas (Rayer).

Jalapa em pó	15 centig.	Xarope simples	q. s.
Escamonéa	15 centig.		

F. 1 pilula. D. 2 a 6 por dia.

Mistura purgativa (Andry).

Escamonéa	30 centig.	Xarope de flores de pecegueiro	50 gram.
Alcoolato de alfazema	2 gram.		
Agua de flor. de laranj.	50 gram.		

Triture em almofariz de porcelana a escamonéa com o alcoolato, e ajunte pouco a pouco as outras substancias. Toma-se de uma vez.

Emulsão purgativa com escamonéa (Cod. fr.).

Escamonéa de Alepo	1 gram.	Assucar	15 gram.
Leite de vacca	120 gram.	Agua de louro-cereja	5 gram.

Triture em almofariz de marmore a escamonéa com o assucar; ajunte pouco a pouco o leite e a agua de louro-cereja. Toma-se de uma vez.

Leite purgativo (Planche)

Resina de escamonéa	50 centig.	Leite de vacca	120 gram.
Assucar	15 gram.	Agua de louro-cereja	5 gram.

Prepare-se pela mesma fórma que a emulsão precedente. O seu effeito é mais certo. Toma-se de uma vez.

Purgante Leroy.

	1° gráo	2° gráo	3° gráo	4° gráo
Escamonéa de Alepo...	48	64	96	125
Raiz de turbitho.......	24	32	48	64
Jalapa..................	190	250	375	500
Alcool a 50°...........	6000	6000	6000	6000

Deixe digerir por 12 horas em b. m. na temperatura de + 50°, côe, e ajunte o xarope feito com

Sene....................	190	250	375	500
Agua fervendo.........	750	1000	1250	1500
Assucar mascavado.....	1000	1250	1500	1750

Purgante activo. O 2° gráo é com preferencia empregado. — D. 1 a 4 colheres *de sopa.*

Chocolate purgativo.

Resina de escamonéa	60 gram.	Chocolate	40 gram.

Faça uma tabella, que constitue a dóse para um adulto. Desprezem-se os chocolates purgativos em que entrão os calomelanos.

Biscoutos purgativos de resina de escamonéa (Sulot).

Resina de escamonéa	600 gram.	Massa de biscoutos	q. s.

Para 1000 biscoutos. — Cada um contém 60 centigram. (12 grãos) de resina de escamonéa, dóse sufficiente para um adulto : basta a metade para uma criança de 6 a 12 annos.

ESCOLOPENDRIO ou **Lingua cervina** (Scolopendre, fr.). *Scolopendrium officinale,* Smith. Especie de feto, que em Portugal habita nos sitios sombrios, humidos, e particularmente nas paredes dos poços velhos. Apresenta-se com a fórma de longas folhas verdes, pecioladas, inteiras, luzentes, de sabor adocicado, cheiro agradavel. Sua infusão emprega-se contra a tosse (4 grammas para 200 grammas d'agua fervendo). Entrão na composição das especies bechicas e do xarope de chicoria composto.

ESCORDIO (Scordium, fr.). *Teucrium scordium,* L. Labiadas. Planta commum em Portugal; habita nos sitios humidos. Cheiro aliaceo, sabor amargo. Faz parte do electuario diascordio que lhe deve o nome.

ESCULINA. Principio activo da castanha da India; recommendada contra as febres intermittentes e gastralgias, na dóse de 50 centigrammas a 2 grammas (10 a 40 grãos) em pó ou pilulas.

ESERINA. Principio activo da fava de Calabar. V. FAVA DE CALABAR.

ESPARGO (Asperge, fr.). *Asparagus officinalis,* L. Asparagineas. Planta cultivada nas hortas do Brasil e de Portugal. Caule roliço, paniculado, folhas setaceas, flores amarellas, esverdeadas. A raiz, que é fibrosa, divide-se em grande numero de radiculas cylindricas, mui compridas, de grossura variavel (de uma penna de ganso, mais ou menos), de côr cinzenta no exterior, branca interiormente; sabor mucilaginoso e amargo. *P. us. Raiz e rebentões,* ou *renovos verdes,* ou *pontas :* são as partes superiores dos seus

caules. Os espargos, que se servem nas mesas, são os caules ainda pouco desenvolvidos, cortados quando tem quatro ou cinco pollegadas fóra da terra; e as pontas, que se comem, são as mesmas com que se prepara o xarope, empregado em medicina. Fig. 196.



ig. 196. — Pontas de espargos.

A raiz de espargo é diuretica, e uma das cinco raizes aperientes; emprega-se no tratamento das hydropisias. As pontas são dotadas de propriedades sedativas, e são indicadas, sob a fórma de xarope, na hypertrophia do coração, para acalmar as palpitações. A ourina das pessoas que comem espargos adquire cheiro mui fetido. Os espargos passão por serem contrarios aos hemorrhoidarios, aos gotosos, e aos que soffrem de areias.

Internamente. *Infusão :* Raiz de espargos 20 gram. (5 oit.), agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por duas horas, e côe.

Xarope de pontas de espargos (p. 137), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) nas palpitações, como calmante.

ESPECIES ADSTRINGENTES (Espèces astringentes, fr.). Mistura de partes iguaes de *raiz de bistorta*, de *tormentilla* e de *casca de romã* (Cod. fr.).

Interna e **Externamente.** *Infusão :* 20 grammas (5 oitavas) para 1000 grammas (32 onças) d'agua fervendo.

ESPECIES AMARGAS (Espèces amères, fr.). Mistura de partes iguaes de summidades floridas de *chamedrios*, de *centaurea menor*, e de folhas seccas de *cardo santo* (Cod. fr.).

Internamente. *Infusão :* 10 grammas (2 1/2 oitavas) para 1000 grammas (32 onças) d'agua fervendo.

ESPECIES ANTHELMINTICAS. V. ESPECIES VERMIFUGAS.

ESPECIES APERIENTES. V. ESPECIES DIURETICAS.

ESPECIES AROMATICAS (Espèces aromatiques, fr.). Mistura de partes iguaes de folhas seccas de *salva*, *tomilho*, *serpão*, *hysopo*, *hortelã*, *oregão*, *absinthio*, *alecrim* (Cod. fr.).

Externamente. As especies aromaticas são ás vezes empregadas para encher os enxergões, nos quaes se fazem dormir as crianças escrophulosas e anemicas.

Banho aromatico (Cod. fr.).

Especies aromaticas	500 gram.	Agua fervendo	10000 gram.

Infunda por uma hora; côe com espressão, e deite o producto da infusão na agua do banho.

Este banho é estimulante e tonico. Convem nas escrophulas, glandulas enfartadas, opilação, e em todas as molestias em que é necessario fortificar a constituição.

Alcoolato vulnerario ou *Agua vulneraria espirituosa* (Cod. fr.).

	gram.		gram.
Folhas frescas de absinthio	100	Folhas frescas de hysopo	100
— — de angelica	100	— — de mangerona	100
— — de mangericão	100	— — de melissa	100
— — de calamintha	100	— — de hortelã	100
— — de funcho	100	— — de oregão	100

	gram.		gram.
Folhas frescas de alecrim	100	Folhas frescas de serpão	100
— — de arruda	100	— — de tomilho	100
— — de segurelha das hortas	100	Summid. floridas de hypericão	100
— — de salva	100	Flores de alfazema	100
		Alcool a 60° centesimaes	4500

Corte as plantas, macere-as por seis dias no alcool, e distille até obter 3000 grammas de alcoolato vulnerario.

Estimulante. É um remedio popular contra as contusões, pancadas na cabeça, quédas. Emprega-se interna e externamente. No primeiro caso, na dóse de 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) em agua com assucar. No segundo, em fricções.

Tintura vulneraria ou *agua vulneraria rubra* (Cod. fr.). Macere por dez dias, em 3000 grammas de alcool a 80° cent., 100 grammas de cada uma das plantas indicadas na preparação precedente; côe com espressão e filtre. Os mesmos usos.

Vinho aromatico (Cod. fr.).

Especies aromaticas	100 gram.	Vinho tinto	1000 gram.
Tintura vulneraria	100 gram.		

Macere as especies no vinho por dez dias, mexendo de vez em quando. Côe com espressão, ajunte a tintura, e filtre o liquido. Em fomentações como tonico, ou para curar os cancros venereos e outras ulceras.

Vinho aromatico opiado (Ricord).

Vinho aromatico	125 gram.	Extracto de opio	1 gram.

M. Para curar as ulceras syphiliticas.

Agua hemostatica de Léchelle.

Remedio secreto. Eis-aqui a formula segundo a Sociedade pharmaceutica de Bordeos .

	gram.		gram.
Folhas verdes de nogueira	100	Summidades de arruda	100
Summidades de hypericão	100	— de tomilho	100
— de hortelã	100	Flores seccas de arnica	25
— de melissa	100	— — de rosas rubras	25
— de salva	100	Gommos de choupo	150
— de alecrim	100	Renovos de pinheiro	150
— de hysopo	100	Raiz de genciana	300

Divida estas substancias, deixe macera-las durante doze horas em 12000 grammas d'agua; distille para extrahir 4000 grammas de producto; ajunte 8 grammas de pedrahume.

Pretendido hemostatico; aconselhado interna e externamente. Esta agua chamava-se tambem *Agua hygienica de Memphis.*

ESPECIES BECHICAS (contra a tosse) (Espèces béchiques, fr.). Mistura de partes iguaes de folhas de *avenca do Canadá*, folhas de *hera terrestre*, folhas de *lingua cervina*, folhas de *veronica*, summidades de *hysopo*, e cabeças de *dormideiras* privadas de sementes (Cod. fr.).

Internamente. *Infusão :* Especies bechicas 10 gram. (2 1/2 oit.), agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por meia hora e côe.

Xarope de especies bechicas (p. 134). 30 a 60 gram. (1 a 2 onças), nas bronchites.

Poção bechica ou *Julepo bechico* (Cod. fr.).

Infusão de esp. bechicas	120 gram.	Xarope de gomma	30 gram.

ESPECIES CARMINATIVAS (contra a flatulencia) (Espèces carminatives, fr.). Mistura de partes iguaes de fructos de *aniz*, de *alcaravia*, de *coentro*, e de *funcho* (Cod. fr.).

Internamente. *Infusão :* 4 grammas (1 oitava) para 500 gram. (16 onças) d'agua fervendo.

ESPECIES DIURETICAS ou **aperientes**, ou **cinco raizes aperientes** (Espèces diurétiques ou apéritives, fr.). Mistura de partes iguaes de raizes de *aipo*, *espargo*, *funcho*, *salsa hortense*, *gilbarbeira* (*ruscus aculeatus*) (Cod. fr.).

Internamente. *Infusão :* Especies diureticas 20 grammas (5 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por duas horas, e côe.

Xarope das cinco raizes ou *Xarope diuretico* (Cod. fr.).

Raiz de aipo	100 gram.	Raiz de gilbarbeira	100 gram.
— de espargo	100 gram.	Agua fervendo	3000 gram.
— de funcho	100 gram.	Assucar refinado	2000 gram.
— de salsa hortense	100 gram.		

Deite a metade da agua fervendo em cima das raizes cortadas; deixe em infusão por doze horas, mexendo de vez em quando. Côe sem espressão; filtre o liquido por papel em lugar fresco. Faça segunda infusão das raizes no resto da agua; côe com espressão. Faça com o producto d'esta segunda operação, ajuntando-lhe o assucar, um xarope por cocção e clarificação. Quando o xarope marcar fervendo 1,26 no densimetro (30° Baumé), evapore-o de uma quantidade igual ao peso da primeira infusão, e torne a leva-lo a 1,26 ajuntando-lhe esta. Côe. — D. 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) para adoçar as bebidas diureticas.

ESPECIES EMOLLIENTES (Espèces émollientes, fr.). Folhas seccas de *verbasco*, *althea*, *malva* e *parietaria* (Cod. fr.).

Internamente. *Infusão :* Especies emollientes 10 grammas (2 1/2 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora, e côe. Em bebida.

Externamente. *Decocção :* Especies emollientes 50 grammas (1 1/2 onça), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Ferva por meia hora, e côe. Em lavatorios, clysteres, etc.

Banho emolliente. Especies emollientes 2000 grammas (4 libras), sementes de linho 250 grammas (1/2 libra). Ferva em 5000 grammas (10 libras) d'agua, côe por panno com forte espressão, e deite o liquido em sufficiente quantidade d'agua quente para um banho geral.

Pós emollientes para cataplasmas ou *Farinha emolliente.* Especies emollientes q. v. Pulverize e passe por peneira de cabello.

Cataplasma emolliente. Farinha emolliente 125 gram., agua q. s. Ferva.

ESPECIES NARCOTICAS (Espèces narcotiques, fr.). Mistura de partes iguaes de folhas seccas de *belladona*, *cicuta*, *meimendro*, *tabaco* e *dormideira* (Cod. fr.).

Externamente. *Decocção :* 8 gram. (2 oitavas), para 500 gram. (16 onças) d'agua. Em lavatorios, fomentações, e outras applicações externas.

ESPECIES PEITORAES ou **Flores peitoraes** (Espèces pectorales, fleurs pectorales, fr.). Mistura de partes iguaes de flores de *verbasco*, *papoula*, *althea*, *malva*, *pé de gato*, *tussilagem*, *violeta* (Cod. fr.).

Internamente. *Infusão :* Especies peitoraes 10 gram. (2 1/2 oit.), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda e côe.

Xarope de especies peitoraes. (p. 134), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Pasta peitoral (Cod. fr.).

Especies peitoraes	100 gram.	Assucar	2000 gram.
Agua fervendo	3000 gram.	Agua de louro-cereja	100 gram.
Gomma arabica	3000 gram.	Extracto de opio	2 gram.

Infunda as especies peitoraes na agua; derreta no infuso a b. m. a gomma previamente lavada; passe por panno tapado. Ajunte o assucar e o extracto de opio dissolvido na agua de louro-cereja, e continue a operação do mesmo modo que para a pasta de jujubas. 1000 grammas d'esta pasta contém cerca de 3 centigrammas de extracto de opio.

Pasta peitoral balsamica (Regnauld).

Flores peitoraes	500 gram.	Agua	1500 gram.
Gomma arabica	3000 gram.	Assucar	2500 gram.
Tintura de Tolú	24 gram.		

Ferva a agua, infunda as flores, conservando-as em branda digestão por seis horas; côe com espressão; dissolva a gomma, depois de lavada, no infuso, com o auxilio do calor do banho d'agua. Côe, ajunte o assucar, faça evaporar até á consistencia devida, ajuntando antes a tintura; e divida a pasta em losanjas.

ESPECIES PURGATIVAS, Chá de saude, Chá de S. Germano, Pó de longa vida (Espèces purgatives, thé de santé, thé de St-Germain, poudre de longue vie, fr.) (Cod. fr.).

Foliolos de sene	120 gram.	Fructos de funcho	30 gram.
Flores de sabugueiro	50 gram.	Cremor de tartaro	30 gram.
Fructos de herva doce	50 gram.		

M. e divida em papeis de 5 grammas (1 1/4 oitava). Um papel serve para uma chicara de infusão em agua a ferver, que se adoça com assucar; constitue a dóse para um brando purgante.

ESPECIES SUDORIFICAS (Espèces sudorifiques, fr.). Páo de *guaiaco*, raiz de *salsaparrilha*, raiz da *china*, raiz de *sassafraz*, aná p. ig. (Cod. fr.). Incise a raiz da china, fenda e incise a salsaparrilha, e misture com o páo de guaiaco grosseiramente raspado. Estas tres substancias tratão-se de ordinario por decocção, entretanto que o sassafraz se trata por infusão; este emprega-se depois de feita a decocção, debaixo da fórma de rasuras delgadas e incisas, que se deitão no decocto quente.

Internamente. *Decocção*, e depois, *infusão :* 60 gram. (2 onças) de especies sudorificas para 1000 grammas (32 onças) d'agua.

ESPECIES VERMIFUGAS ou **Anthelminticas** (Espèces vermifuges ou anthelmintiques, fr.) Mistura de partes iguaes de summidades seccas de *grande absinthio*, de *atanasia*, de flores de *camomilla romana* e de *semen-contra* (Cod. fr.).

Internamente. *Infusão :* 12 gram. (3 oitavas) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo.

ESPECIES VULNERARIAS (Espèces vulnéraires, thé suisse, fr.). Mistura de partes iguaes de folhas e summidades de *absinthio*, *betonica*, *bugula*, *calamintha*, *chamedrios*, *hera terrestre*, *millefolio*, *oregãos*, *congossa maior*, *alecrim*, *sanicula*, *salva*, *lingua cervina*, *escordio*, *tomilho*, *veronica;* flores de *arnica*, *pé de gato*, *tussilagem* (Cod. fr.).

Internamente. *Infusão :* 10 gram. (2 1/2 oitav.) para 1000 gram. (32 onças) d'agua fervendo.

ESPELINA (S. Paulo), **Tomba** (Minas) *Perianthopodus espelina*, Manso. Cucurbitaceas. Planta do Brasil. Caule sarmentoso; folhas divididas em tres lobulos agudos, asperos; flores em pedunculos solitarios, de uma só flor; fructo, baga quasi sem succo, oval, oblonga, quasi pontuda; raiz amarella clara por fóra, branca por dentro, de sabor amargo. — Ha mais duas especies : *Perianthopodus tomba,* Manso; differe da precedente pelos fructos que são oblongos-obtusos, de côr carmesim; pela raiz que é mais delgada, e porque apresenta a certos intervallos tuberosidades oblongas; e o *Perianthopodus carijó,* Manso, chamado no Cuiabá **Purga de carijó,** cujos fructos são muito menores do que os das especies precedentes. — A raiz de todas as tres especies é tonica na dóse de 10 a 20 centigrammas (2 a 4 grãos); emeto-purgativa na dóse 2 grammas (40 grãos). Administra-se reduzida a pó, depois de secca.

ESPERMACETE (Blanc de baleine, cétine ou spermaceti, fr.). Substancia solida, branca, unctuosa, que não provém da baleia propriamente dita, como o seu nome parece indicar, mas que se acha em diversas especies de cachalotes, e sobretudo no *Physeter macrocephalus*, mammifero cetaceo, representado na fig. 125, p. 260. Encontra-se esta substancia nas cavidades que existem na enorme cabeça do cetaceo, entre o cerebro e os ossos do craneo. É liquido no animal vivo, mas solidifica-se depois da morte d'elle; e submettido a varias preparações e purificações, forma-se em pães que se achão no commercio, e são de côr branca luzidia, quasi sem cheiro, formados de crystaes brilhantes, côr de perola, unctuosos, e dividindo-se pela pressão entre os dedos em laminas delgadas e transparentes. É insoluvel em agua, soluvel no alcool, ether, nos oleos, mais a quente do que a frio. Misturado com cera e oleo de amendoas doces forma o *ceroto de espermacete,* empregado no curativo das feridas. Entra tambem na composição do coldcream, e de muitas outras pomadas.

Externamente. *Emplasto de espermacete.* V. p. 80

Ceroto de espermacete ou *Unguento branco.*

Cera branca	30 gram.	Oleo de amendoas doces	67 gram.
Espermacete	3 gram.		

Derreta juntamente as tres substancias em uma capsula a fogo muito brando, mexendo continuamente. Tire a capsula do fogo, e continue a mexer com pistillo de páo até a massa esfriar, e triture-a depois em pequenas porções em almofariz.

Pomada alvissima.

Cera branca	4 gram.	Oleo de amendoas doces	52 gram.
Espermacete	4 gram.	Agua de rosas	40 gram.

Derreta as duas primeiras substancias com o oleo de amendoas em vaso de barro vidrado a b. m., lance a mistura assim derretida em gral de pedra, aquecido previamente com agua a ferver; mexa continuamente com a mão de páo para desfazer quaesquer grumos, e, estando a massa bem uniforme, ajunte a agua de rosas, e triture continuamente, até que pareça creme de leite. — Para curar as feridas.

Cold-cream (Cod. fr.).

Oleo de amendoas doces	215 gram.	Agua de rosas	60 gram.
Espermacete	60 gram.	Tintura de benjoim	15 gram.
Cera branca	30 gram.	Essencia de rosas	30 centig.

Derreta a cera e o espermacete no oleo a calor brando; deite para um almofariz de marmore, aquecido; triture até esfriar.

Ajunte a essencia de rosas, e incorpore em pequenas porções a mistura da agua e da tintura, previamente passada por panno de linho. Cosmetico agradavel, muito empregado actualmente pelas senhoras, para amaciar a cutis do rosto e do pescoço; é util tambem contra as espinhas do rosto, e rachas dos labios.

ESPIGELIA. Duas plantas Loganiaceas são conhecidas com este nome :

Espigelia. *Spigelia glabrata,* Martius. Habita nas provincias centraes do Brasil; é venenosa.

Arapabaca. *Herva cruz,* ou *Lombrigueira. Spigelia anthelmia,* L. Habita quasi todo o Brasil. Caule de 40 a 60 centimetros; folhas ovaes; as quatro folhas superiores cruzão-se no topo do caule; flores esverdeadas; fructos, capsulas didymas, dicocas, quadrivalvas. Esta planta é venenosa; não é empregada pelos medicos; na medicina popular usão-se ás vezes as folhas em infusão contra as lombrigas : deve porém ter-se cautela no seu emprego.

ESPINHA CERVINA (Nerprun, fr.). Fructo do espinheiro cambra ou cerval, *Rhamnus catharticus,* L. Rhamneas, arbusto commum na Europa. São bagas ovoides, negras quando bem maduras, luzidias, com um ponto brilhante no centro, contendo uma polpa esverdeada, de cheiro nauseoso, sabor amargo. Purgante energico; aconselhado nas hydropisias, mas pouco empregado.

Internamente. Succo (p. 119), 8 a 16 gram. (2 a 4 oitavas).

Arrobe (p. 69), 2 a 6 grammas (40 grãos a 1 1/2 oitava).

Xarope (p. 134), 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça).

ESPINHEIRO ALVAR NA CASCA, ou **BASTARDO.** *Lycium europoeum,* L. Solanaceas. Arbusto espinhoso, frequente nos arredores de Lisboa. Caule esbranquiçado, ramos delicados e flexuosos; folhas oblongas, estreitas, molles; flores brancas, algum tanto avermelhadas; fructos, pequenas bagas ovoides. A infusão das folhas usa-se em Lisboa como diuretica : 6 a 10 folhas para 120 grammas (4 onças) d'agua fervendo.

ESPIRITO DE MINDERER. V. p. 266.

ESPIRITO DE SAL AMMONIACO. V. p. 265.

ESPONJA (Eponge, fr.). As esponjas são agglomerações de animaes da classe dos polypeiros. A especie mais commum é a esponja usual, *gorgonia antipathes,* L. (Fig. 197); habita no mar, como os coraes, agarrada aos rochedos, nos lugares menos expostos ás vagas e ás correntes. É commum no Mediterraneo, particularmente pelo archipelago grego. A esponja usual apresenta-se á maneira de massa de tecido resistente, leve, elastico, de côr amarella escura, mais ou menos carregada, ou roxa, de fórmas muito variadas; este tecido é composto de fibras finas, flexiveis, entrelaçadas, offerecendo grande numero de poros e conductos irregulares, que communicão entre si. Achão-se n'este tecido corpos silicosos ou calcareos. A esponja usual, no estado de vida, é coberta de uma camada mucosa, que se considera como animada. Os animalculos da esponja são uma especie de tubos membranosos, susceptiveis de se estenderem e de se retrahirem, existentes sómente nos vasios ou olhos do tecido esponjoso; são polypos sem tentaculos, e reduzidos á maxima simplicidade. Depois da morte do animal, a esponja póde ser considerada como o esqueleto do zoophyto.

A esponja contém iodo e bromo. Emprega-se em medicina debaixo das fórmas seguintes :

1° *Esponja preparada com fio.* Prepara-se lavando-a, e ainda humida circulando-a com um fio de guita bem apertado e unido,

de sorte que fique reduzida ao menor volume possivel; assim apertada mette-se na estufa para seccar.

2° *Esponja preparada com cera,* ou *esponja encerada.* Lava-se primeiramente a esponja muito bem, secca-se, e depois introduz-se na solução de cera amarella derretida; submette-se, ainda impregnada de cera, á prensa entre duas laminas de ferro quentes, e ali se deixa até esfriar.

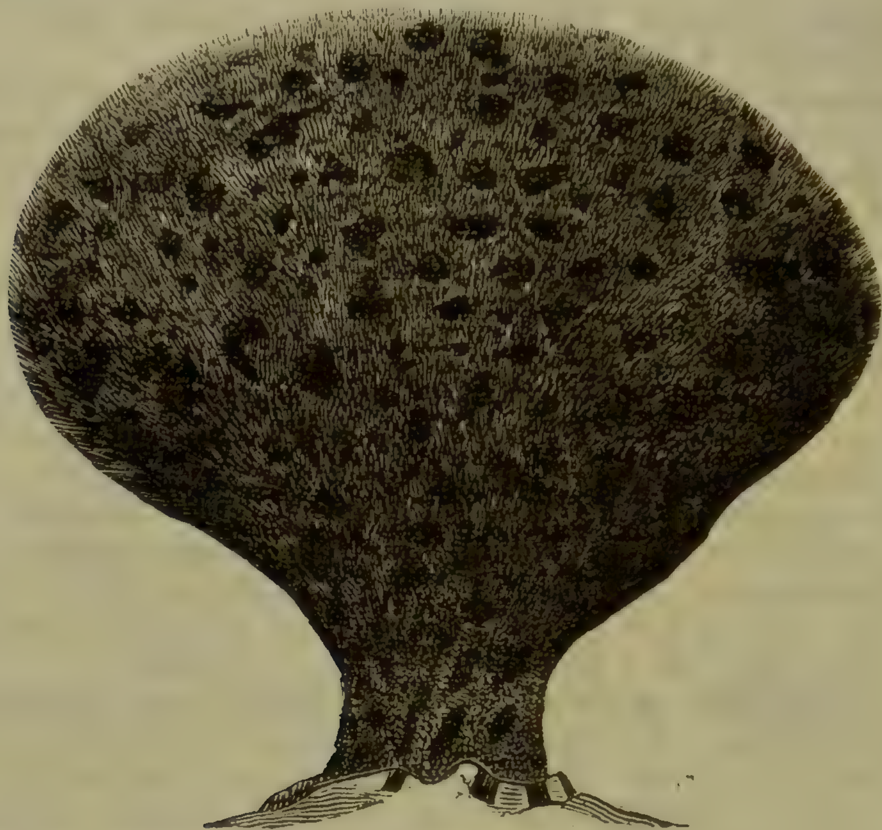


Fig. 197. — Esponja.

Estas duas especies de *esponjas preparadas* servem para dilatar as aberturas, feridas e fistulas. Quando se quer servir da esponja preparada pelo fio, desenrola-se uma porção do fio, e introduz-se a esponja na ulcera; a esponja embebendo-se nos liquidos proprios da ulcera, dilata-se e d'este modo mui suavemente abre a ulcera. com o que se torna escusado o emprego de instrumento cortante. Querendo-se servir da esponja preparada pela cera, corta-se uma porção ordinariamente em fórma cónica, e introduz-se o apice no canal que se deseja dilatar : a esponja incha pela humidade, e produz o mesmo effeito que a esponja preparada pelo fio.

3° *Esponja torrada.* Prepara-se dividindo a esponja em pequenos bocados, mettendo-os dentro de um torrador de café, e torrando-os até ficarem de côr alourada, e pulverizando-os depois. Uma carbonização demasiada teria por inconveniente volatilizar o iodo ao qual a esponja deve as suas propriedades. O producto deve ter quasi a côr da esponja; e a torrefacção não deve ser levada além do que fôr preciso para reduzir a esponja a pó; e por isso, em vez de empregar o torrador de café, basta aquecer a esponja sobre uma lamina de ferro só até ella ficar friavel, sem esperar que se torne preta. Emprega-se contra a papeira e tumores escrophulosos na dóse de 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos) em pó.

Granulos de esponja (Mentel).

Esponja torrada	100 gram.	Assucar	300 gram.

Faça granulos. D. 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava). Contra a papeira e escrophulas.

Pós contra a papeira.

Esponja torrada e pulv.	50 centig.	Chlorhydrato de ammoniaco	5 centig.
Musgo de Corsega em pó	50 centig.		

F. 1 papel. D. 1 a 3 por dia. São tambem uteis contra a tisica.

Pastilhas de esponja torrada (Cod. fr.).

Esponja torrada e pulv.	100 gram.	Gomma alcatira	5 gram.
Assucar branco	400 gram.	Agua de canella	45 gram.

Faça pastilhas de 50 centigram. (10 grãos). Cada uma contém 10 centig. (2 grãos) de esponja torrada. D. 2 a 10 por dia, na papeira.

ESSENCIA DE TEREBINTHINA. V. Terebinthina.

ESTANHO (Etain, fr.). Metal solido, branco; deixa perceber, quando se dobra sobre si mesmo, um estalido particular, chamado estridor de estanho; não tem cheiro, mas adquire pela fricção um cheiro desagradavel. — Reduzido a pó foi aconselhado como vermifugo, e principalmente para expulsar a solitaria, mas não se usa hoje. As laminas de estanho servem para envolver o chocolate, a baunilha, e cobrir os potes de pomadas.

Internamente. Estanho pulverizado, 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça) em mel de abelhas, doces ou algum xarope.

ESTORAQUE LIQUIDO (Styrax liquide, fr.). Balsamo proveniente da *Liquidambar orientale*, L., arvore da Ethiopia e Arabia. Amentaceas-balsamifluas. Consistencia do mel de abelhas, cheiro forte, côr cinzenta-roxa, sabor acre e amargo; soluvel no alcool a ferver.

Purifica-se pela mesma fórma que o alcatrão.

Estimulante, empregado principalmente no curativo das ulceras chronicas. Internamente é aconselhado no tratamento das blennorrhagias e leucorrheas.

Internamente. 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava) em pilulas.

Xarope de estoraque. (p. 134), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Pilulas de estoraque (Lhéritier).

Estoraque	30 centig.	Alcaçuz em pó	q. s.

F. 1 pilula. De 6 a 12 por dia.

Externamente :

Unguento de estoraque (Cod. fr.).

Azeite doce	150 gram.	Resina elemi	100 gram.
Estoraque liquido	100 gram.	Cera amarella	100 gram.
Colophonia	180 gram.		

Derreta a fogo brando a colophonia, a cera e a resina elemi, tire o vaso do fogo e ajunte o estoraque; e, derretido este, ajunte o azeite; côe por panno de linho, e mexa até o unguento esfriar. Para curar as ulceras.

ESTORAQUE SOLIDO (Storax solide ou calamite, fr.). Balsamo fornecido pela *Styrax officinalis* (Styraceas), L., arvore que habita no Oriente. Existem d'elle duas especies commerciaes : 1° em lagrimas; isto é, em bocados irregulares, amarellados ou roxos, um pouco transparentes, cheiro balsamico muito suave; 2° em pães; é formado de massas avermelhadas heterogeneas, cheiro balsamico agradavel; é menos puro e pouco estimado. Emprega-se, ainda que raras vezes, em fumigações; entra na composição dos trociscos e pós de cheiro.

Quando se diz simplesmente *estoraque*, entende-se o estoraque liquido, descripto no artigo precedente.

ESTORAQUE DO BRASIL. Existem no Brasil muitas arvores do genero *Styrax*, de que se extrahe um balsamo analogo ao estoraque officinal, são conhecidas no Brasil com os nomes vulgares de *estoraque* e *beijoeiro*. São especialmente o *styrax reticulatum*, Martius; *Styrax ferrugineum*, Pohl; *Pamphilia aurea*, Mart., todas da famila das Styraceas. Habitão nas provincias de Minas e da Bahia. Os habitantes dos lugares onde vegetão estas arvores, são advertidos do tempo em que devem extrahir o balsamo, pelo grande numero de insectos que voão á roda d'ellas. Este balsamo usa-se para diversos emplastos; e, por ser muito cheiroso, costumão queima-lo nas igrejas em lugar do incenso.

ESTRAMONIO, ou **Figueira do inferno** (Stramoine, fr.)·

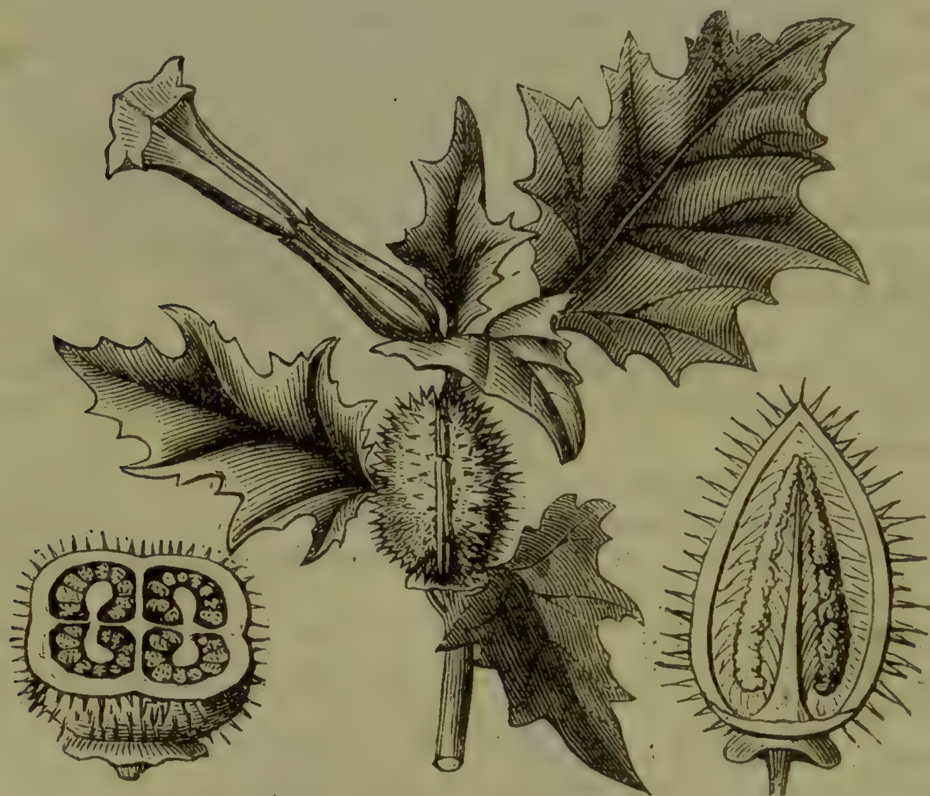


Fig. 198. — Estramonio.

Datura stramonium, L. Solanaceas. Planta que habita no Brasil e em Portugal. F. 198. Caule de 2 a 4 pés, cylindrico, ouco, simples inferiormente, dividido para cima; folhas grandes, ovaes, com sinuosidades desiguaes nas margens; flores brancas, infundibuliformes; cheiro nauseante, e muito mais esfregando-se as folhas; sabor acre e amargo em quanto verde, mas secca é quasi inodora e insipida. O fructo é uma capsula ovoide, eriçada de pontas espinhosas; contém grande numero de pequenas sementes roxas. *P. us. Toda a planta.*

Cultiva-se nas hortas certo numero de especies de *datura*, de propriedades semelhantes ás do estramonio, e que são designadas debaixo do nome vulgar de *trombeteiras*. V. esta palavra.

O estramonio, semelhante nos seus effeitos á belladona, exerce a sua acção sobre o systema nervoso. É venenoso em forte dóse, narcotico em dóse pequena. É aconselhado, mas com muita prudencia, na epilepsia, nevralgia, asthma e rheumatismo. Administrado em alta dóse, produz vertigens, somnolencia, vista turva, dilatação das pupillas, ardor na garganta, agitação, vomitos, delirio; depois, se a substancia foi dada em dóse venenosa, sobrevem fraqueza extrema, esfriamento do corpo, e emfim a morte. A cegueira occa-

sionada pelas fortes dóses do estramonio dura ás vezes muitos dias. A actividade das plantas do genero *Datura*, é devida a um alcaloide que foi chamado *daturina*, cujos effeitos são os mesmos que os da *atropina*, alcaloide extrahido de belladona. V. p. 413.

Internamente. *Pó* (p. 112), 5 a 30 centigram. (1 a 6 grãos) e progressivamente até 1 gramma (20 grãos) em 24 horas, com assucar ou em pilulas.

Extracto (p. 89, 91, 92), 2 1/2 a 10 centigram. (1/2 a 2 grãos).

Tintura (p. 123), 2 a 20 gottas em poção.

Alcoolatura (p. 68), 2 a 20 gottas em poção. Não se usa.

Xarope (p. 134), 15 a 30 gram. (1/2 a 1 onça) em poção. Não se usa.

Pilulas antinevralgicas (Trousseau).

Extracto de estramonio	12 millig.	Oxydo de zinco	20 centig.
Extracto de opio	12 millig.		

F. 1 pilula. D. 1 a 8 em 24 horas. Continuão-se até o doente principiar a sentir perturbação da vista.

Pilulas contra a epilepsia (Leuret).

Extracto de estramonio	3 centig.	Camphora	15 millig.
Extracto de belladona	3 centig.	Opio	15 millig.

F. 1 pilula. D. 1 a 15, progressivamente, por dia.

Externamente. *Infusão* ou *decocção* 15 grammas (1/2 onça) para 360 grammas (12 onças) d'agua. Em lavatorios e banhos. Este decocto com q. s. de farinha de linhaça constitue uma cataplasma calmante.

Mistura para fumar. Folhas de estramonio e de salva, aná p. ig. Fuma-se em um cachimbo, ou em cigarrilhas de papel, na asthma. A dóse da mistura para cada cachimbo é de 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos).

Cigarrilhas de estramonio. V. p. 72.

Emplasto de estramonio. (p. 79). Applica-se nas nevralgias.

Collyrio narcotico.

Extracto de estramonio	20 centig.	Agua de rosas	100 gram.
Extracto de opio	10 cenitg.		

M. Ophthalmias dolorosas.

Oleo calmante (Righini).

Extracto de estramonio	2 gram.	Azeite doce	30 gram.

ETHERES (Ethers, fr.). Assim se chamão os productos que resultão da acção de um acido sobre o alcool. A maior parte dos etheres são liquidos, de cheiro penetrante, diaphanos, de sabor quente, ordinariamente mais leves do que o alcool, muito volateis e muito inflammaveis. Obtem-se distillando certos acidos com o alcool, e tomão o nome do acido que servio para a sua preparação : *ether sulfurico, nitrico, phosphorico, arsenico, fluoborico, chlorhydrico, iodhydrico, bromhydrico, acetico, oxalico, benzoico, malico, citrico, tartrico, quinico, etc., etc.* Os seis ultimos são mais densos do que o alcool e a agua. Os etheres, que se empregão em medicina, são os seguintes :

ETHER ACETICO (Éther acétique, fr.). Liquido incolor, de cheiro agradavel, e sabor particular : resulta da combinação do acido acetico com alcool. — Antispasmodico, raras vezes empregado internamente; mas em fricções é aconselhado contra o rheumatismo e as nevralgias.

Internamente. 20 gottas a 2 grammas (1/2 oitava) em poção.

Externamente. 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) em fricções, nos lugares affectados de dôres nevralgicas.

ETHER CHLORHYDRICO. (Ether chlorhydrique, fr.). Producto da combinação do alcool com o acido chlorhydrico. É liquido na temperatura abaixo de 11° cent., e gazoso acima d'este gráo, sem côr, de cheiro forte um pouco aliaceo, sabor levemente adocicado. Não póde ser administrado puro, pois que se volatiliza na temperatura ordinaria do Rio de Janeiro; mas misturado em partes iguaes com alcool a 36° póde ser conservado mais facilmente : é debaixo d'esta fórma que se acha nas boticas, e chama-se então *ether chlorhydrico alcoolizado*. — Antispasmodico, empregado nos mesmos casos que o ether sulfurico.

Internamente. 20 a 30 gottas em poção.

Externamente. 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) em fricções na testa, na enxaqueca.

ETHER IODHYDRICO. (Éther iodhydrique, fr.). Prepara-se deitando com precaução o phosphoro em pequenos fragmentos no alcool concentrado saturado de iodo, e distillando. O ether iodhydrico é um liquido incolor, da densidade de 1,97 na temperatura de 0°, ferve a + 70°; a luz torna-o roxo, o que depende de um começo de decomposição. Foi proposto em inhalação contra a tisica.

ETHER NITRICO. (Éther nitrique, fr.). Resultado da combinação do acido nitrico com o alcool. Liquido abaixo de 21° cent., gazoso acima d'esta temperatura, branco amarellado, de sabor acre, cheiro penetrante. Na therapeutica emprega-se debaixo da fórma de *ether nitrico alcoolizado* (mistura de partes iguaes de ether ou de alcool). Antispasmodico e diuretico, empregado nos espasmos, hydropisias, e em algumas molestias do figado.

Internamente. 20 a 40 gottas em poção.

Externamente. 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) em fricções nos lugares affectados de dôres nevralgicas.

ETHER SULFURICO ou **hydrico** (Éther sulfurique ou hydrique, fr.). Liquido que resulta da acção do acido sulfurico sobre o alcool. É incolor, limpido, mui volatil, de cheiro forte e agradavel, de sabor quente; ferve a + 36°, e inflamma-se facilmente. Deve marcar 65° no areometro, e não deixar na mão, depois de evaporar-se, cheiro desagradavel. Sua densidade é de 0,723 na temperatura de 15° cent. ; mistura-se em todas as proporções com o alcool; a agua dissolve apenas 1/10 do seu peso. O ether dissolve os oleos volateis, os corpos gordos, as resinas, a camphora, o caoutchouc, os acidos acetico, benzoico, gallico, o iodo, o bromo, o deuto-chlorureto de mercurio, os chloruretos de ouro, de zinco, o phosphoro (1/80) o enxofre (1/37). O seu vapor é mais denso do que o ar; e por isso ha menos perigo, quando se manipula o ether, em que uma vela accesa esteja collocada por cima do nivel do ether do que por baixo. Prepara-se distillando, em retorta ou alambique, o alcool com o acido sulfurico.

Propriedades e usos. Na dóse de 4 grammas (1/2 oitava), o ether puro produz vertigens, uma especie de embriaguez, picadas nos membros, calor no estomago, etc. Em maior dóse, puro, e engulido de uma vez, poderia occasionar accidentes graves e mesmo a morte. Orfila diz ter occasionado a morte a um cão com 4 oitavas de ether que lhe fez engulir. Em dóse pequena emprega-se em todas as molestias chamadas nervosas, nas colicas, vomitos espasmodicos, tosses convulsas, asthma, palpitações do coração, soluços, febre typhoide, cholera-morbus. É considerado como especifico na embriaguez, a qual faz cessar como por encanto; é um cordial muito util, quando se manifesta o estado adynamico. Foi tambem empregado com van-

tagem contra as febres intermittentes na dóse de meia oitava n'um copo d'agua com assucar, quer no momento dos calefrios, quer 4 horas antes do accesso. É um estimulante empregado com vantagem nos envenenamentos pela noz vomica, strychnina e outros venenos. Entre os medicamentos, que são aconselhados contra o tétano, um dos que produzem bom resultado é o ether sulfurico administrado internamente em forte dóse, conforme a receita que abaixo vai. Aconselha-se ainda o ether sulfurico como anthelmintico. Faz-se respirar o seu vapor nos desmaios. Tambem o esfriamento que determina pela sua volatilização, quando é applicado sobre alguma parte do corpo, o tem tornado util nas hernias estranguladas, nas queimaduras, em certas nevralgias, enxaquecas, etc. Este esfriamento produz tambem a anesthesia da pelle, e annula a dôr; acha a sua applicação nas operações cirurgicas. Em clyster aproveita na colica nephritica. Introduzido no conducto auditivo, na dóse de 4 a 8 gottas por dia, tem aproveitado contra a surdez. Em fricções usa-se contra as dôres nevralgicas. Emfim o ether sulfurico, respirado por algum tempo, produz um tal estado de insensibilidade, que as mais graves operações podem ser praticadas, sem que o doente sinta dôr. (V. mais abaixo *Etherização.*)

A vaporização do ether produz um frio que torna a pelle insensivel, e que é proposto para produzir uma anesthesia local, sufficiente para evitar a dôr nas pequenas operações. Alguns minutos bastão para fazer baixar de 20 gráos o thermometro sobre cuja bola se lança o ether por um jacto delgado. Em menos de meio minuto, as costas da mão tornão-se frias e insensiveis a ponto de se não sentir a introducção de uma agulha; tem-se conseguido assim abrir abcessos, sem que os doentes experimentassem a menor dôr. Na extracção dos dentes diminue-se a dôr applicando sobre a gengiva, antes e durante a operação, um pincel molhado no ether sulfurico. (V. *Anesthesicos,* na CLASSIFICAÇÃO DOS MEDICAMENTOS.)

Internamente. 6 a 10 gottas em assucar, ou 20 a 36 gottas, e mais progressivamente, em poção.

Licor anodyno de Hoffmann ou *Ether sulfurico alcoolizado.* (Ether sulfurico, alcool, p. ig. Misture). D. 10 gottas até 4 grammas (1 oitava) em poção.

Xarope de ether (p. 134), 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça) nas poções calmantes e antispasmodicas.

Perolas de ether (Clertan). Encerrado n'um envoltorio de gomma assucarada, o ether apresenta-se sob a fórma de pequenas perolas transparentes, que se conservão indefinidamente n'esse estado, e podem ser facilmente engulidas, mediante uma ou duas colheres d'agua. Estas perolas amollecem-se, dilatão-se e partem-se no fim de alguns segundos. A absorpção faz-se então com tanta actividade que o ether manifesta-se, quasi no mesmo momento, no ar expulso dos pulmões. *Dóse :* 1 a 4 perolas, contra os espasmos, accidentes hystericos, gastralgias, e colica hepatica.

Poção antispasmodica (Cod. fr.).

Agua de tilia	90 gram.	Xarope de flor. de laranj.	30 gram.
Agua de flor. de laranj.	30 gram.	Ether sulfurico	2 gram.

M. Ás colheres.

Outra.

Infusão d'herva cidreira	150 gram.	Xarope de gomma	30 gram.
Agua de flores de laranj.	4 gram.	Ether sulfurico	30 gottas

M. Ás colheres.

Poção antispasmodica opiada (Cod. fr.).

Xarope de opio	15 gram.	Agua distillada de flores de laranjeira	15 gram.
Xarope de assucar	10 gram.	Ether sulfurico	1 gram.
Agua commum	100 gram.		

M. Ás colheres.

Poção calmante e antispasmodica.

Inf. de grêlos de laranj.	150 gram.	Laudano de Sydenham	20 gottas
Xarope de gomma	30 gram.	Ether sulfurico	30 gottas

M. Duas colheres *de sopa* de hora em hora.

Outra.

Agua de hortelã	125 gram.	Xarope de sulfato de morphina	30 gram.
Ether sulfurico	1 gram.		

Poção contra o tétano.

Agua commum	200 gram.	Ether sulfurico	15 gram.
Xarope de gomma	30 gram.		

M. e tape exactamente.

Dóse. *Para uma pessoa de 20 annos para cima.* No primeiro dia, uma colher *de sopa* de hora em hora; no segundo dia, duas colheres *de sopa* de hora em hora; e continua-se o remedio na mesma dóse, por dez, quinze e mais dias, até á cura, suspendendo só a sua administração durante a noite. Bebendo o doente duas colheres *de sopa* de hora em hora, acaba-se a poção em nove ou dez horas; é necessario reforma-la no dia seguinte : d'esta maneira o doente não bebe mais por 24 horas do que a dóse que fica indicada na formula. O ether sulfurico, administrado na dóse de 15 grammas (1/2 onça) por dia, produz uma embriaguez completa, que se desvanece durante a noite, epoca em que se deve suspender a administração do remedio, como já deixei dito.

Para uma pessoa de 15 a 20 annos. No primeiro dia uma colher *de sopa* de hora em hora, e nos dias seguintes colher e meia, de hora em hora.

Para um doente de 10 a 15 annos. Uma colher *de sopa,* de hora em hora, durante todo a tempo do tratamento.

Para um doente menor de 10 annos Meia colher *de sopa*, de hora em hora, durante todo o tempo da molestia.

Tendo já administrado o ether sulfurico n'esta forte dóse a muitos doentes, não notei accidente algum; convirá entretanto suspender por algumas horas o remedio, se a embriaguez fôr demasiado forte.

Vinho ethereo (Petit).

Vinho de Malaga	90 gram.	Xarope de ether	60 gram.

M. Meia colher *de sopa* de meia em meia hora no periodo algido da cholera.

Elixir de saude de Bonjean. (Pharmaceutico de Chambery.)

Compõe-se de ether sulfurico (1/70 do peso total do licor), de casca de laranjas amargas, de hortelã, de melissa, cato, herva doce, etc., assucar e agua. O ether não é simplesmente misturado; é *combinado* n'um apparelho especial, e não se evapora, mesmo depois de uma exposição do liquido ao ar muito tempo prolongada. — Dóse : Duas a seis colheres *de chá*, por dia; na digestão difficil, gastralgia, vomitos nervosos, cholerina, enjôo do mar, etc. É uma preparação tonica e estimulante.

Etherização. No fim do anno de 1846 uma importante descoberta foi feita com o ether sulfurico por dois cirurgiões dos Estados-Unidos.

Jackson e Morton. Tem porfim esta descorberta tornar insensiveis á dôr os individuos que tem de soffrer operações cirurgicas. O methodo consiste em fazer respirar, por meio de um lenço embebido no ether, á pessoa que se quer tornar insensivel, um ar saturado de vapor d'este liquido. D'isso resulta, ao cabo de dois, tres ou mais minutos, uma especie de embriaguez, que muitas vezes póde lançar o paciente em somno profundo, mas que algumas vezes apenas desenvolve n'elle um estado de vertigem, um desmaio incompleto, sufficiente para pô-lo ao abrigo das dôres mais crueis. Milhares de operações forão já feitas com o ether em varios paizes, e tem verificado a descoberta; em quasi todas as operações a etherização foi util, mas contão-se alguns casos em que a acção do ether occasionou a morte. Hernias estranguladas forão reduzidas por uma simples compressão depois da etherização. As inhalações de ether podem suspender as dôres physiologicas do parto, mas não suspendem as contracções uterinas, nem as dos musculos abdominaes. As inhalações ethereas forão tambem aconselhadas nas nevralgias, hysterismo, asthma, tétano e cholera-morbus.

O *chloroformio* (V. pag. 374) possue a propriedade de produzir a insensibilidade muito mais promptamente do que o ether, e é empregado com preferencia; mas este é menos perigoso do que o chloroformio. Entretanto, torno a dizer, o effeito do ether não é inteiramente isento de perigo; e as experiencias feitas em França provão que os cães etherizados succumbem em 35 a 44 minutos.

EUCALYPTO. (Eucalypte, fr.) *Eucalyptus globulus*, Labillardière. Myrtaceas. Grande arvore, de vegetação rapida, originaria da Tasmania na Australia, transplantada nos jardins do Rio de Janeiro, Petropolis, provincias meridionaes do Brasil, Montevideo, Buenos-Ayres, Lisboa, Hespanha, provincias meridionaes da França, ilhas do Mediterraneo, em Argel, no cabo da Boa Esperança, etc.

Esta arvore é um colosso do reino vegetal; attinge ás vezes, mas raramente, 100 metros de altura, com 28 metros de circumferencia; frequentemente 50, 60, 70 metros de altura, com 10, 15 e 20 metros de circumferencia. As folhas *novas* são oppostas e sub-cordiformes; as folhas *adultas* são alternas, diversamente pecioladas, coriaceas, como envernizadas, agudas, contorneadas como a fouce, de 10, 20 e 30 centimetros de comprimento, de 3 a 6 centimetros de largura, persistentes, de cheiro muito agradavel; flores axillares, sesseis ou curtamente pedunculadas; fructos hemisphericos ou deprimidos, turbinados (em fórma de peão), de 3 centimetros de largura, ás vezes mui pequenos, com 3, 4 ou 5 loculamentos, que contém muitas sementes.

As folhas de eucalypto são aconselhadas contra as febres intermittentes, em pó ou infusão. O oleo essencial extrahido das folhas é recommendado nas affecções bronchicas e pulmonares, na laryngite e na aphonia.

Internamente. Folhas em pó 4, 8, 12 e 16 grammas (1, 2, 3 e 4 oitavas) em duas dóses, contra as febres intermittentes. Administrão-se durante a apyrexia.

Infusão. Folhas de eucalypto, 8 grammas (2 oitavas), agua fervendo, q. s. para ter 120 grammas (4 onças) de infusão, que se adoça com assucar. Esta dóse toma-se de manhã, e repete-se de noite. Contra as febres intermittentes.

Extracto aquoso. 10 a 40 centigrammas (2 a 8 grãos) em pilulas, como tonico, e para prevenir a volta da febre intermittente.

Extracto alcoolico. As mesmas dóses que o extracto precedente e as mesmas applicações.

Alcoolato e *tintura alcoolica.* 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) em poção.

Agua distillada. 120 grammas (4 onças) como vehiculo das poções estimulantes.

Oleo essencial. Este oleo, obtido por distillação das folhas de eucalypto com agua, é um liquido mui fluido, apenas corado, de cheiro aromatico analogo ao de camphora. Este liquido, obtido pela primeira distillação, não é um producto chimicamente puro; é necessario, para purifica-lo, pô-lo em contacto primeiro com a potassa, depois com o chlorureto de calcio derretido; distillando-o de novo, obtem-se um liquido mui fluido, incolor, mais leve do que a agua; a sua densidade a 8 gráos centigrados é 0,905; é de sabor agradavel, completamente soluvel no alcool; esta solução mui diluida possue um cheiro analogo ao da rosa. Este producto póde ser considerado, segundo o Sr. Cloëz, chimico de Pariz, como um principio immediato. O Sr. Cloëz deo-lhe o nome de *eucalyptol.*

O oleo essencial de eucalypto, e o oleo essencial rectificado (*eucalyptol*), empregão-se na dóse de 2 a 4 gottas contra a bronchite chronica. Administrão-se com assucar ou em pilulas com pós de folhas de eucalypto. Podem tambem administrar-se em capsulas.

Externamente. Folhas de eucalypto para curar as feridas. Mascadas, as folhas de eucalypto perfumão o halito e fortificão as gengivas.

Infusão, tintura e *alcoolato,* como desinfectante das feridas, em applicação local.

Cigarrilhas de eucalypto. Fazem-se com folhas de eucalypto seccas e enroladas á maneira de charutos. Fumão-se na bronchite e na asthma.

EUPHORBIO. (Euphorbe, fr.). Gomma-resina fornecida por tres arbustos da familia das Euphorbiaceas, a saber : *Euphorbia antiquorum, officinarum* e *Canariensis,* que habitão o primeiro na India, o segundo nos desertos da Africa, e o terceiro nas ilhas Canarias. Apresenta-se em lagrimas irregulares, friaveis, semi-transparentes ou opacas, amarello-avermelhadas. É um emeto-cathartico violento. N'outro tempo era empregado nas hydropisias, mas hoje não se usa internamente. Reduzido a pó, e applicado externamente, actua como vesicante; e emprega-se para reforçar o emplasto de pez de Borgonha, nos rheumatismos. Na medicina veterinaria usa-se para activar a suppuração dos sedenhos nos cavallos.

Externamente. *Tintura* (p. 122), 1 a 2 gram. (20 a 40 grãos) derramados sobre um emplasto de pez de Borgonha, para assegurar o seu effeito revulsivo.

EXTRACTO DE SATURNO. V. p. 146.

FARELOS (Son, fr.). Cascas ou epidermes das sementes do trigo e dos outros cereaes, depois de separadas pela moedura. Em medicina, usão-se para banhos e clysteres emollientes.

Banho com farelos.

Farelos	2 kilog.	Agua	5 kilog.

Ferva durante um quarto de hora; côe e ajunte á agua do banho. Ou deite os farelos n'um pequeno sacco, e mergulhe-os na banheira. Emprega-se nas affecções cutaneas.

FAVA DE CALABAR (Fève de Calabar, fr.). Fig. 199. Semente da *Physostigma venenosum,* Balfour. planta trepadeira e

venenosa da familia das Leguminosas-Papilionaceas, que habita na margem do rio de Calabar, na região occidental da Africa. Esta planta tem os caracteres seguintes : Caule vivaz, trepante, podendo ter até 15 metros de altura; folhas alternas, compostas de tres foliolos, que são ovaes-acuminados, e tem duas estipulas na base; flores de côr purpurea, com veios de um amarello pallido. O fructo é uma vagem de côr roxa escura, do comprimento de 15 a 20 centimetros, contendo duas ou tres sementes côr de chocolate, de 25 millimetros de comprido, de 10 a 15 millimetros de largo, sem cheiro nem sabor. O Sr. Joaquim Corrêa de Mello, distincto pharmaceutico, plantou estas sementes em Campinas, na provincia de S. Paulo, e obteve a planta no Brasil. Contém um principio mui activo chamado *eserina*.



Fig. 199. — Fava de Calabar.

Na costa occidental da Africa, as favas de Calabar empregão-se nas provas judiciarias, chamadas *eseré*, para estabelecer a innocencia ou culpabilidade dos individuos accusados de crime.

Acção physiologica. A fava de Calabar goza da propriedade singular de actuar em sentido inverso da belladona; isto é, produz a contracção da pupilla. Quando se instilla entre as palpebras 1 gotta da dissolução do extracto de fava de Calabar, feita em glycerina, manifesta-se alguns minutos depois a contracção da pupilla, e chega ao seu maximo grão no espaço de quinze a vinte minutos, a ponto de ter a pupilla apenas meio millimetro de diametro. A contracção cessa no espaço de quinze a vinte horas, e vinte e quatro horas depois a pupilla torna ao seu estado primitivo.

Introduzida no estomago, a fava de Calabar determina, no fim de cerca de dez minutos, os symptomas seguintes : peso de cabeça, vertigens, perturbação da vista, nauseas, fraqueza muscular, tremores nos membros, frio na pelle, pallidez do rosto, depois vermelhidão, enfraquecimento do pulso, vomitos.

Sendo a dóse toxica, como na prova juridica dos negros, produz uma sêde subita e intensa; a deglutição torna-se difficil e mesmo impossivel, a saliva corre da bocca, sacudidelas e verdadeiras convulsões agitão os musculos, sobretudo os das costas; a intelligencia fica indemne, e a morte sobrevem em trinta minutos, a não se declararem os vomitos, que salvão o individuo.

Usos. A propriedade, que a fava de Calabar possue de contrahir rapidamente a pupilla, foi só aproveitada, até agora, para combater a dilatação pupillar, quando esta se declarou espontaneamente, ou foi determinada pela belladona ou atropina. O modo mais conveniente da sua applicação consiste no collyrio composto de 1 parte de extracto de fava de Calabar, e de 5 partes de glycerina. Uma só gotta d'esta solução, instillada entre as palpebras, produz a contracção da pupilla. Emprega-se na mydriase e nas amblyopias alcoolicas que são acompanhadas de dilatação da pupilla.

Eserina (Ésérine, fr.). Alcaloide extrahido da fava de Calabar. Substancia solida, crystallizavel em laminas, soluvel no alcool,

chloroformio, ether, e nos acidos. Veneno violento. Uma só gotta da dissolução ao millesimo, introduzida entre as conjunctivas, produz contracção excessiva da pupilla. Póde produzir a morte, absorvida em forte dóse pela conjunctiva.

Collyrio de eserina (Galezowski).

Eserina	10 centig.	Agua	10 gram.

Dissolva. Contra a hemeralopia.

FAVA TONKA. V. Cumarú.

FECULA (Fécule, fr.). Pó branco que se precipita no fundo da agua, quando n'ella se lavão diversos vegetaes, previamente moidos. Encontra-se quasi em todos os vegetaes, porém em alguns mais abundantemente do que em outros, e em certos orgãos em maior quantidade do que em outros. Assim abunda nas sementes das gramineas (trigo, cevada, aveia, centeio, milho, arroz), nas das leguminosas (ervilhas, feijões, favas), no tronco de muitas palmeiras (sagus, cycas, elais), na raiz da mandioca, nos tuberculos de batatas, orchis, maranta, arum, iris, e nos de bryonia, etc. Uma cousa digna de reparo, é que a fecula frequentemente acha-se acompanhada nos orgãos das plantas de um principio venenoso.

A fecula pura apresenta-se sob a fórma de pó branco, que range quando se comprime, e que, examinado com a lente, offerece grãos transparentes esphericos, ovaes ou angulosos, e cujas dimensões varião segundo a especie do vegetal que forneceo a fecula. É sem cheiro e sem sabor; inalteravel ao ar; seu peso especifico é de 1,53; é insoluvel em todos os dissolventes. Fervida em agua, os granulos inchão, dissolvem-se em parte e formão, pelo resfriamento, uma gelea (*gomma*) que o iodo tinge de azul. Aliás, toda a fecula torna-se azul pelo iodo, que é o seu reagente mais certo. A temperatura da formação da gomma varía conforme o vegetal d'onde se extrahio a fecula. Pela torrefacção a 200° ou 220°, a fecula adquire a propriedade de dissolver-se, transformando-se em uma especie de dextrina.

As diversas feculas não differem entre si senão physicamente, porque chimicamente tem as mesmas propriedades, e podem todas referir-se ao mesmo typo, ao amido. São um excellente alimento, misturadas com caldo ou leite.

FECULA DE BATATAS. Sua preparação é mui simples. Raspão-se os tuberculos, divide-se a polpa em agua, e deita-se tudo sobre um peneiro; a agua, passando, leva comsigo a fecula; deixa-se depôr, decanta-se, lava-se o precipitado feculento até ficar perfeitamente branco. Faz-se esgotar sobre pannos, e depois seccar ao ar ou na estufa. — Serve como alimento; e preparão-se com ella cataplasmas, fervendo-a em agua. Estas cataplasmas empregão-se hoje frequentemente contra as inflammações, abcessos, etc.

As feculas conhecidas com os nomes de *tapioca, araruta, sagú, salepo, polvilho* ou *amido*, achão-se descriptas nos respectivos artigos.

Eis-aqui as differentes feculas alimenticias.

Semola. A semola branca faz-se com farinha de arroz. A semola amarella com a flor de farinha de trigo, á qual se ajunta tintura de açafrão, coentro e gemas de ovos.

Dictamia de Groult.

Assucar	217 gram.	Fecula	125 gram.
Farinha de espelta (trigo vermelho)	92 gram.	Cacáo torrado	60 gram.
		Baunilha	1 gram.

Kaiffa (fecula oriental).

Salepo	750 gram.	Gelatina mui pura	258 gram.
Sagú	1060 gram.	Fecula de batatas	2125 gram.
Cacáo torrado	780 gram.	Assucar	6000 gram.
Farinha de arroz	1250 gram.	Baunilha	q. s.
Gelea de musgo island.	258 gram.		

Palamud.

Cacáo torrado	250 gram.	Sandalo vermelho	30 gram.
Farinha de arroz	1000 gram.	Fecula de batatas	1000 gram.

Wakaka das Indias.

Assucar	125 gram.	Canella	4 gram.
Cacáo torrado	45 gram.	Urucú	4 gram.
Assucar com baunilha	40 gram.		

Racahout dos Arabes.

Salepo da Persia	15 gram.	Farinha de arroz	60 gram.
Cacáo	60 gram.	Assucar	250 gram.
Bolotas doces da Asia	60 gram.	Baunilha	1/2 gram.
Fecula de batatas	45 gram.		

Cataplasma de fecula (Cod. fr.).

Fecula de batatas	100 gram.	Agua	1000 gram.

Ponha ao fogo os oito decimos (800 grammas) da agua, n'uma cassarola, coberta, e logo que a agua ferver, deite-lhe a fecula previamente diluida no resto da agua fria. Ferva por alguns instantes, e tire do fogo, mexendo continuamente a massa. — Esta cataplasma é hoje frequentemente empregada. Aproveita bastante nas affecções cutaneas, eczema, impetigo, mentagra, etc. Azéda mais lentamente do que a cataplasma de linhaça, e não determina erupções na pelle como produz ás vezes esta.

Preparão-se do mesmo modo as *cataplasmas de farinha de mandioca, de tapioca, de pó de arroz, de amido, de farinha de centeio* e *de cevada*. Estas cataplasmas gozão das mesmas propriedades que as de fecula de batatas.

Clyster de fecula. V. *Clyster de polvilho.*

FEDEGOSO ou **Pajámarióba, Pajomarioba.** *Cassia occidentalis*, L. Arbusto do Brasil. Leguminosas. Caule ramoso, erecto; folhas pinnatas, compostas de cinco pares de foliolos ovaes, agudos; flores de côr amarella-alaranjada, dispostas em espigas curtamente pedunculadas, terminaes; fructo, vagem comprida, contendo grande numero de sementes cordiformes; raiz grossa, composta de duas partes; isto é, da parte mediana, dura e amarellada, e da parte cortical, mais molle, de côr amarella-alaranjada, coberta com uma epiderme roxa; cheiro forte e desagradavel quando fresca, sabor amargo. *P. us. Casca da raiz.* Diuretico e tonico; empregado contra a hydropisia e nas molestias do figado.

Internamente. *Infusão :* 4 grammas (1 oitava) para 180 gram. (6 onças) d'agua fervendo.

Outras especies do mesmo genero são :

Cassia falcata, L., tem as folhas com quatro pares de foliolos, e estes em fórma de fouce.

Cassia hirsuta, L., de foliolos pelludos.

Cassia cericea, Sw., vulgarmente **Matapasto, Tareroqui, Fedegoso**; caule herbaceo, folhas com quatro pares de foliolos; fructos, vagens tetragonas, articuladas.

Cassia alata, L., de folhas com dez pares de foliolos labros,

vagem membranosa, com um appendice alado no dorso, septos tranversaes, sementes horizontaes.

Cassia medica, Velloso; **Mamanga, Lava-pratos** ou **Fedegoso** (Rio de Janeiro).

Cassia rugosa, Don., **Boi gordo** (Minas).

Cassia splendida, Vogel.

Cassia lævigata, Willd.

Cassia cathartica, Mart., **Sene do campo** (Minas).

Cassia magnifica, Martius.

As raizes de todas estas especies de fedegoso gozão de propriedades diureticas e tonicas; as folhas são purgativas, como as do sene das pharmacias, que pertence á mesma familia das Leguminosas, e ao mesmo genero Cassia; e são especialmente purgativas as folhas da *Cassia sericea*, e *cathartica*. Dóse : 15 gram. (1/2 onça) das folhas para 180 gram. (6 onças) d'agua fervendo, em infusão.

FEL DE BOI (Fiel de bœuf, fr.). Liquido amarello-esverdeado ou anegrado, viscoso, de cheiro particular e de sabor amargo desagradavel. Acha-se na vesicula do figado de boi. Retarda-se a sua putrefacção por uma addição de ether acetico. O fel de boi póde ser considerado como um sabão de soda, uma dissolução de choleato de soda; o que explica porque é mui proprio para tirar as nodoas de gordura e limpar os vestidos de seda ou lã, uso a que serve frequentemente.

O *extracto de fel de boi* era empregado como estomachico na dóse 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava); mas hoje pouco se usa. Obtem-se este extracto, segundo o Codigo francez, furando as vesiculas biliares recentes de boi, recebendo o liquido n'um panno de lã, fazendo evapora-lo em b. m., agitando continuamente até á consistencia de extracto firme que póde conservar-se muito tempo mesmo exposto ao ar.

FENO GREGO, Alforva ou **Hervinha** ((Fenugrec, fr.). *Trigonella fœnum græcum*, L. Leguminosas papilionaceas. Planta da Flora portugueza. Suas sementes, que são mucilaginosas, entrão na composição de alguns unguentos.

FERRO (Fer, fr.). Metal de côr cinzenta-azulada, mui tenaz e ductil; cheiro particular, e sabor styptico. No estado metallico, emprega-se em pó fino debaixo da fórma de limalha, e de ferro reduzido de seus oxydos por meio do gaz hydrogeneo.

O ferro e todas as suas preparações gozão de virtudes eminentemente tonicas, posto que lentas em sua manifestação. Aproveita em todas as molestias caracterizadas pela fraqueza, como na chlorose, amenorrhea asthenica, enfartes chronicos das visceras abdominaes, escorbuto, escrophulas, diabetes, esterilidade, impotencia viril, fluxos mucosos, convalescença de molestias graves, cachexia subsequente ás febres intermittentes, debilidade dos orgãos digestivos, opilação, pallidez e edema da face, etc. O collo dos dentes cobre-se com o tempo de materia denegrida, e até a lingua fica um pouco preta nas pessoas que tomão, por muito tempo, as preparações ferruginosas. O ferro e suas preparações ora relaxão, ora produzem prisão de ventre. São tambem em grande parte evacuadas com as ourinas. O ferro é o metal mais espalhado na natureza. Existe nas plantas e nos animaes. Segundo o chimico Pelouze o sangue do homem contém, termo médio, 50 centigrammas de ferro metallico por 1 kilogramma de sangue. Ora, sendo o peso médio do homem de 60 kilogrammas, e o sangue representando o duode-

cimo do seu peso, ou 5 kilogrammas, acha-se que o corpo do homem contém approximadamente 2 grammas e 50 centigrammas de ferro.

Substancias incompativeis. O tannino e as substancias que o contém, como a noz de galha, as cascas de carvalho, quina, canella, o cato, etc.; os alcalis e os seus carbonatos, muitos saes metallicos.

Internamente.

Ferro reduzido pelo hydrogeneo. Entende-se por ferro reduzido pelo hydrogeneo, a transformação do peroxydo de ferro em ferro metallico. Para obtê-lo introduz-se certa quantidade de peroxydo de ferro hydratado, tal como se obtem pela acção do ammoniaco sobre o perchlorureto de ferro, n'um tubo de porcelana communicando por uma das extremidades com uma fonte de hydrogeneo puro e secco, e pela outra com um tubo de vidro. O tubo de porcelana estando disposto convenientemente n'um forno, faz-se atravessar o hydrogeneo sob a fórma de uma corrente lenta e regular, e depois de expulso o ar, aquece-se gradualmente o apparelho até ao rubro.

O peroxydo de ferro será decomposto e reduzido ao estado metallico; o seu oxygeneo combinar-se-ha com o hydrogeneo e formará agua que sahirá sob a fórma de vapor pela extremidade delgada do tubo de vidro. Conhece-se que a operação está acabada, quando o vapor d'agua cessar de desenvolver-se na extremidade do apparelho. Tira-se então o fogo; deixa-se esfriar o ferro, e tritura-se sobre um porphyro (Cod. fr.).

O ferro reduzido e bem preparado é um pó impalpavel, leve, de côr pardacenta. É a melhor das preparações ferruginosas, porque reune a grande actividade a uma completa insipidez. O uso d'esta excellente preparação foi introduzido por *Quevenne.* As vantagens que o ferro offerece n'este estado são : 1° ser facilmente atacado, em consequencia da sua extrema divisão, pelos acidos fracos que durante a digestão se achão no succo gastrico; 2° não ter o sabor atramentario que possuem as preparações ferruginosas soluveis; de sorte que póde ser tomado, em pó ou pastilhas, mesmo pelas pessoas que tem repugnancia para os remedios. — D. 5 centigrammas a 1 gramma (1 a 20 grãos).

Ferro reduzido pela electricidade (Collas). Faça passar uma corrente electrica atravez de uma solução aquosa de perchlorureto de ferro; 36/100 d'agua; 35° B. O ferro ajunta-se no pólo negativo. É chimicamente puro e mui soluvel nos acidos, mas oxyda-se rapidamente ao contacto do ar. É indispensavel fecha-lo em capsulas gelatinosas immediatamente depois de preparado. — D. 5 centigrammas a 1 gramma (1 a 20 grãos).

Limalha de ferro preparada (Cod. fr.). Ferro doce q. v. Divida com a lima, e guarde em frasco secco e tapado. A limalha que se prepara no commercio, contém frequentemente algum cobre, e não póde servir para os usos medicos; pelo que é preferivel usar do chamado *ferro doce* ou ferro batido, e reduzi-lo a limalha.

Limalha de ferro porphyrizada (Cod. fr.). Limalha de ferro preparada q. v. Porphyrize a secco. Guarde em frasco secco e tapado. D. 25 a 50 centigrammas (5 a 10 grãos) em pó, pilulas, pastilhas ou electuario.

Pós antichloroticos.

Limalha de ferro porphyrizada	30 centig.	Quina	30 centig.
		Canella	5 gram.

F. 1 papel. D. 3 por dia.

Pilulas chalybeadas

Limalha de ferro	5 centig.	Mel de abelhas e alcaçuz em pó	q. s.
Aloes	1 centig.		
Canella	1 centig.		

F. 1 pilula. D. 1 a 10 por dia.

Pilulas tonicas de Stoll.

Limalha de ferro	10 centig.	Extº de centaurea menor	10 centig.
Gomma-ammoniaco	10 centig.	Xarope de fumaria	q. b.

F. 1 pilula. D. 1 a 2 antes do jantar, para favorecer a digestão.

Pilulas marciaes (Sydenham).

Limalha de ferro	10 centig.	Extracto de absinthio	10 centig.

F. 1 pilula. D. 3 a 4, duas vezes por dia. Chlorose, dyspepsia, hysterismo.

Pilulas antichloroticas (Chomel).

Ferro porphyrizado	10 centig.	Extracto de digital	5 centig.
Extracto de scilla	5 centig.		

F. 1 pilula. D. 2 a 6 por dia na albuminuria complicada de chlorose.

Pilulas de ferro e aloes.

Aloes	5 centig.	Limalha de ferro	20 centig.
Canella	5 centig.	Xarope de artemisia	q. s.

F. 1 pilula. D. 2 a 4 por dia. Amenorrhea.

Pilulas ferruginosas (Andral)

Digital em pó	2 centig.	Thridacio	5 centig.
Limalha de ferro	5 centig.		

F. 1 pilula. D. 2 a 3, e progressivamente mais por dia, na chlorose.

Choçolate ferruginoso (Cod. fr.).

Chocolate	1000 gram.	Limalha de ferro porp.	20 gram.

Amolleça o chocolate em almofariz de ferro, aquecido, incorpore exactamente a limalha, e deite a massa em moldes. — O chocolate ferruginoso conserva-se difficilmente, pelo que não deve ser preparado com muita anticipação.

Gragêas de ferro reduzido (Quevenne).

Ferro reduzido	5 kilog.	Assucar em pó	20 kilog.

Faça massa pilular com q. s. de xarope de assucar, divida-a em 100,000 granulos, e cubra depois estes com assucar, á maneira dos confeitos. Cada gragêa contém 5 centigrammas (1 grão) de ferro. D. 1 a 10 e mais por dia.

Pastilhas de ferro e chocolate (Quevenne).

Ferro reduzido	50 gram.	Chocolate com baunilha	950 gram.

Deite o ferro no chocolate amollecido a calor brando, e faça pastilhas de 1 gramma (20 grãos). Cada pastilha contém 5 centigrammas (1 grão) de ferro. D. 5 a 15 por dia.

Chocolate com ferro reduzido (Quevenne).

Ferro reduzido	25 gram.	Chocolate	5000 gram.

Faça tabellas de 40 grammas (1 1/4 onça). Cada uma contém 20 centigrammas (4 grãos) de ferro. Esta preparação foi calculada de maneira que cada fracção de chocolate de 40 gram. (1 1/4 onça), a quantidade que se consome ordinariamente para uma chicara, contenha 2 decigrammas (4 grãos) de ferro. É a maneira mais suave de administrar o ferro : toma-se ao almoço.

OXYDOS DE FERRO. Existem tres gráos definidos de oxydação de ferro, e além d'estes mais alguns intermedios, que se reputão oxydos compostos. Os definidos são o protoxydo de ferro, o sesqui-oxydo de ferro e o oxydo negro de ferro. O sesqui-oxydo apresenta muitas variedades. Os oxydos empregados em medicina são os seguintes :

OXYDO NEGRO DE FERRO. ou **Ethiope marcial** (Oxyde noir de fer, ou ethiops martial, fr.). Pó de còr rubra amarellada, inodoro, insipido, insoluvel n'agua, soluvel no succo gastrico, e no acido chlorhydrico.

Tonico. É um dos melhores preparados de ferro.

Internamente. 25 centigram. a 4 gram. (5 grãos a 1 oitava) em pó, pilulas, pastilhas, etc.

Pós contra o rachitismo (Temple).

Oxydo negro de ferro	15 centig.	Assucar	60 centig.
Rhuibarbo	15 centig.		

Faça 1 papel. D. 1 papel pela manhã, outro á noite.

Pilulas tonicas.

Ethiope marcial	10 centig.	Canella	5 centig.
Açafrão	5 centig.	Extracto de absinthio	10 centig.

F. 1 pilula. D. 3 a 12 por dia.

Pastilhas ou *Tabellas de ethiope marcial.*

Oxydo negro de ferro	10 gram.	Assucar	88 gram.
Canella em pó	2 gram.	Mucilag. de gom. alcatira	q. s.

F. 100 tabellas. Cada uma contém 10 centigrammas (2 grãos) de ethiope marcial. D. 1 a 2 por dia.

Opiato antichlorotico.

Ethiope marcial	5 gram.	Mel de abelhas	125 gram.
Canella em pó	5 gram.		

M. Dóse : 1 à 4 colheres *de chá* (5 a 20 grammas) por dia. Este opiato contém 20 centigrammas (4 grãos) de ethiope marcial por cada 5 grammas (1 1/4 oitava).

OXYDO VERMELHO DE FERRO, ou **Colcothar** (Oxyde rouge de fer, ou colcothar, fr.). Pedaços friaveis, ou pós de côr vermelha, inodoros, sem sabor, insoluveis em agua, e deixando manchas nos dedos. — Tem a mesma acção que o precedente; pouco empregado internamente. Externamente entra na composição de algumas pomadas.

Internamente. 20 a 60 centigram. (4 a 12 grãos) em pó ou pilulas.

Externamente. *Emplasto de oxydo vermelho de ferro.* V. p. 78.

Pomada ophthalmica.

Oxydo vermelho de ferro	2 gram.	Banha	16 gram.

M. Conjunctivites chronicas. Em uncções na margem ciliar das palpebras, com a porção do tamanho de uma ervilha.

SESQUI-OXYDO DE FERRO, **Oxydo de ferro hydratado, Açafrão de Marte aperiente, Ferrugem,** chamado impropriamente *subcarbonato de ferro* (Oxyde de fer hydraté, safran de Mars apéritif, rouille, fr.). Pó de côr amarella-avermelhada, inodoro, insipido e insoluvel. Obtem-se pela dupla decomposição do sulfato de ferro e do carbonato de soda crystallizado. É elle que se forma na superficie do ferro exposto ao ar humido, ou mergulhado na agua arejada.

É uma das preparações ferruginosas mais frequentemente empre-

gadas; tonico e adstringente. Administra-se na chlorose e nas outras molestias chronicas caracterizadas pela debilidade geral, no tico doloroso da face e outras nevralgias, hysterismo, asthma, coqueluche, e como antidoto do arsenico.

Internamente. 30 centigrammas até 15 grammas (6 grãos até 1/2 onça) por dia, em pó com assucar, ou em pilulas.

Pós tonicos.

Açafrão de Marte aper.	30 centig.	Rhuibarbo	30 centig.
Calumba	30 centig.	Gengibre	30 centig.

F. 1 papel. D. 3 papeis por dia.

Pós contra a amenorrhea (Fouquier).

Açafrão de Marte aper.	24 decig.	Canella	6 decig.
Extracto de quina	12 decig.		

M. Toma-se toda a porção em 24 horas, e de uma vez.

Agua ferruginosa.

Pregos de ferro enferruj.	1 manip.	Agua fervendo	1 litro.

Decante a agua no fim de 12 horas. D. 3 a 4 chicaras por dia mesmo durante o jantar.

Xarope ferruginoso (Ricord).

Açafrão de Marte aper.	10 gram.	Extracto de ratanhia	10 gram.
Xarope de Tolú	500 gram.		

M. D. 4 a 6 colheres *de sopa* por dia, na gonorrhea e outros fluxos mucosos.

Poção contra o envenenamento pelo arsenico (Guibourt).

Açafrão de Marte aper.	125 gram.	Agua	750 gram.

M. Meio copo de 10 em 10 minutos.

PEROXYDO DE FERRO HYDRATADO, ou **Hydrato de peroxydo de ferro** (Peroxyde de fer hydraté, fr.). Esta preparação é considerada como o melhor antidoto do arsenico, e n'este caso a sua dóse é 12 ou 15 vezes o peso presumido do arsenico. Eis-aqui como se prepara segundo o Codigo francez :

Dilua qualquer quantidade de solução officinal de perchlorureto de ferro em 100 partes d'agua, e deite-a pouco a pouco e mexendo continuamente, n'uma quantidade de ammoniaco mais que sufficiente para precipitar todo o ferro. Forma-se immediatamente um precipitado avermelhado gelatinoso; deixe depôr, e lave-o com muita agua, por decantação, até que a agua de lavagem não apresente precipitado algum pelo nitrato de prata acidulado com acido nitrico. Conserve então o producto na agua distillada, n'um lugar cuja temperatura não seja inferior a + 12°. O effeito como contra-veneno é tanto mais certo quanto mais recentemente é preparado o hydrato; e por isso deve estar feito nas boticas para uma vez sómente (500 gram.).

Esta preparação, lançada n'uma solução de acido arsenioso, produz um precipitado insoluvel, que é o arseniato de ferro. Mas depois que Bussy demonstrou que se obtinha o mesmo resultado com a magnesia calcinada ou hydratada, que se acha em todas as boticas, o hydrato do peroxydo de ferro tem perdido muito da sua importancia como contra-veneno do arsenico. Além d'isto, na sua falta póde empregar-se o açafrão de Marte aperiente, na dóse de 200 grammas em meio litro d'agua com assucar.

Ferro dialysado (Bravais). Peroxydo de ferro no estado liquido. Prepara-se do modo seguinte. Em primeiro lugar, combina-se o equivalente de perchlorureto de ferro com 30 equivalentes e mesmo mais de oxydo de ferro; obtem-se um oxychlorureto de ferro que é

soluvel. Submette-se á dialyse (p. 32) uma dissolução d'este oxychlorureto. O acido chlorhydrico passa no recipiente atravez do septo do tambor do dialysador, e no tambor do dialysador fica um liquido de côr rubra escura : é oxydo de ferro dissolvido n'agua distillada em consequencia de endosmose ou diffusão (dialyse). É este liquido rubro que constitue o *ferro dialysado de Bravais :* é simplesmente ferro unido ao oxygeneo e á agua, um *hydrato de ferro soluvel.* Precipita instantaneamente pelo acido sulfurico, pelos alcalis e por muitos saes; não precipita pelo acido azotico, acetico, chlorhydrico; o alcool e o assucar não turvão tambem a solução d'este hydrato ferrico; o que permitte preparar com ella um xarope e um licor alcoolico.

O *ferro dyalysado de Bravais* é, como deixei dito, um liquido de côr rubra escura; é de consistencia de xarope, sem cheiro, e quasi sem sabor, miscivel com agua. É um tonico, como as outras preparações ferreas. Administra-se na dóse de 20 a 50 gottas, duas ou três vezes por dia, n'um pouco d'agua simples ou assucarada.

Xarope de ferro dialysado (Bravais). Dóse : 4 a 6 colheres *de sopa* por dia. Cada colher representa 50 centigrammas (10 gottas) de ferro dialysado puro.

Licor de ferro dialysado (Bravais). D. 4 a 6 colheres *de chá* por dia. Cada colher representa 50 centigrammas (10 gottas) de ferro dialysado.

Pilulas de ferro dialysado (Bravais). D. 4 a 8 pilulas por dia. Cada pilula contém 10 centigrammas d'extracto de ferro dialysado.

40 partes do ferro dialysado, aquecidas, com 60 partes de assucar dão um saccharato de ferro soluvel.

Assucar ferruginoso de Chanteaud. É nova fórma, mui commoda, de tomar o ferro, preparada pelo Sr. Chanteaud, pharmaceutico de Pariz. É um oxydo de ferro *soluvel,* coberto com assucar. É de bella apparencia crystallina, de côr amarella-dourada, de sabor assucarado franco, mui agradavel e sem gosto algum de adstringencia; dissolve-se facilmente em agua. Emprega-se na opilação, menstruação difficil, e em todos os casos em que os tonicos estão indicados. Dóse : 4 a 6 colheres *de chá,* por dia, dissolvidas n'um pouco d'agua. 20 grammas (5 oitavas) de assucar ferruginoso, contém 10 centigrammas (2 grãos) de oxydo de ferro soluvel. O modo de preparar o oxydo de ferro *soluvel,* não foi publicado pelo autor.

BROMURETO DE FERRO. V. p. 316.

PROTO-CHLORURETO DE FERRO ou **Hydrochlorato de ferro** (Proto-chlorure de fer, fr.). Sal esverdeado, mas acha-se em palhetas brancas quando é recentemente obtido por sublimação, de sabor styptico, mui soluvel em agua e no alcool, mui alteravel ao ar humido. Além das propriedades tonicas que possue como os outros ferruginosos, exerce uma acção estimulante. É recommendado contra as diarrheas que acompanhão as febres typhoides.

Internamente. 40 a 80 centigrammas (8 a 16 grãos), em poção.

PERCHLORURETO DE FERRO (Perchlorure de fer, fr.) Crystaes de côr avermelhada, mui deliquescentes; soluveis em agua, no alcool e ether. Deve ser conservado em frascos bem tapados, e ao abrigo da luz. Emprega-se debaixo da fórma de *perchlorureto de ferro liquido.* A solução a 30° do areometro Baumé ou 1,26 no densimetro, chamada *solução officinal,* tem servido de base a todas as preparações de perchlorureto de ferro. Obtem-se tratando 1000 grammas de limalha de ferro por quantidade sufficiente de acido chlorhydrico a 1.17 diluido em 3 partes d'agua. Para obter rapidamente soluções de

diversos grãos de concentração, eis-aqui as indicações segundo o novo Codigo francez :

Solução officinal	+ agua distillada dão :	Solução marcando		
20 grammas	5 grammas	1.21	densim.	(25° B.)
20 grammas	10 grammas	1.16	—	(20° B.)
20 grammas	20 grammas	1.11	—	(15° B.)
20 grammas	40 grammas	1.07	—	(10° B.)

Propriedades e usos. Tonico e adstringente, aconselhado internamente no crup, na febre typhoide, nas hemorrhagias internas, na chlorose; produz effeitos tonicos dos outros ferruginosos. É uma das melhores preparações ferruginosas soluveis. Externamente actua como desinfectante, antiputrido e sobretudo como hemostatico; e é usado contra as ulceras varicosas, podridão de hospital, contra as hemorrhagias dos cancros uterinos, para curar os cancros syphiliticos, contra as ophthalmias chronicas. A solução a 15° é sufficiente em todos estes casos. Nas ophthalmias chronicas applica-se, de dois em dois, ou de tres em tres dias, com um palito, uma gotta da solução de 15° sobre o lugar affectado da conjunctiva : esta medicação é sobretudo util nas ophthalmias acompanhadas de vasos varicosos sobre a conjunctiva. O tratamento do crup pelo Dr. Aubrun consiste em tocar as falsas membranas accessiveis com esponja embebida da solução officinal de perchlorureto de ferro pura ou misturada com agua, e administrar o perchlorureto de ferro internamente.

A solução de perchlorureto de ferro foi tambem aconselhada como meio prophylactico da syphilis. O Dr. Pravaz provou que a solução concentrada de perchlorureto de ferro goza da propriedade de coagular o sangue : é um meio hemostatico prompto e seguro. As injecções de perchlorureto de ferro forão aconselhadas para obter a cura das aneurismas, e varizes. Póde-se, segundo o Dr. Pravaz, coagular o sangue nos vasos arteriaes com a injecção de algumas gottas de perchlorureto de ferro no maior grão de concentração, 30° Baumé. Esta injecção deve ser feita com trocate mui fino de ouro ou platina, que se introduz obliquamente, a travez das paredes da arteria, por um movimento de verruma. A este trocate acha-se adaptada uma seringa, com que se faz brandamente a injecção e de maneira que a quantidade do liquido injectado possa ser avaliada com exactidão; deve-se, além d'isso, suspender momentaneamente o curso do sangue na arteria. As mesmas injecções são aconselhadas contra os tumores erectis. O perchlorureto de ferro, em pó ou em solução, applica-se com vantagem contra a unha encravada. A isca impregnada de solução de perchlorureto de ferro, é um excellente meio hemostatico. (V. *Isca.*) O perchlorureto de ferro produz nas feridas, no momento da sua applicação, uma sensação dolorosa viva, mas não as inflamma. Emfim, alguns medicos considerão-n'o como um excellente anti-septico, proprio a destruir os virus e impedir a infecção consecutiva.

Internamente. *Solução officinal* de 30°, 25 centigrammas a 2 grammas (5 grãos a 1/2 oitava) n'uma poção de 180 grammas (6 onças).

Xarope (p. 137), 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça) por dia.

Tintura (Perchlorureto de ferro crystallizado anhydro 1, alcool a 80 cent. 5). D. 15 a 20 gottas, n'uma colher d'agua com assucar, 3 vezes por dia.

Tintura de Bestuchéff.

Perchlorur. de ferro secco	4 gram.	Licor de Hoffmann	28 gram.

D. 10 a 50 gottas em poção.

Poção com perchlorureto de ferro

Perchlorureto de ferro liquido a 30°	1 gram.	Agua distillada	125 gram.
		Xarope simples	30 gram.

M. Uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas, contra a hemoptyse, bexigas confluentes, febre typhoide, cholera, diarrhea.

Poção contra o crup (Aubrun).

Solução de perchl. de ferro a 30°	20 gottas	Agua fria	180 gram.

M. duas colheres *de chá* de quarto em quarto de hora, e, immediatamente depois, uma colher *de sopa* de leite frio, não fervido e sem assucar.

Externamente :

Solução de perchlorureto de ferro para uso externo (Deleau).

Perchl. de ferro liquido a 30° Baumé	30 gram.	Agua	1000 gram.

M. Molhão-se fios ou algodão em rama e applicão-se no lugar onde existe a hemorrhagia. A mesma solução emprega-se em injecções contra a leucorrhea e blennorrhagia chronica. Segundo o effeito que se deseja produzir, augmenta-se a dóse do perchlorureto de ferro para a mesma porção d'agua, até 120 grammas de perchlorureto de ferro liquido a 30°.

Gargarejo de perchlorureto de ferro.

Solução de perchlorureto de ferro a 30°	5 gram.	Agua commum	300 gram.
		Mel de abelhas	30 gram.

M. Estomatite ulcerosa, pharyngite granulosa, angina diphtherica, hemorrhagias bocaes.

Solução contra o cancro syphilitico (Rollet).

Solução de perchlorureto de ferro a 30°	12 gram.	Agua	24 gram.
		Acido citrico	4 gram.

Applica-se, com pincel, sobre a ferida, tres vezes por dia.

Pomada de perchlorureto de ferro.

Perchlorureto de ferro liquido a 30°	1 gram.	Banha balsamica	30 gram.

M. Contra os dartros. Augmenta-se progressivamente a dóse do perchlorureto de ferro liquido, até 6 gram. por 30 gram. de banha.

Glycereo adstringente (Reveil).

Glycerina	10	Perchlorureto de ferro a 30°	1

M. Para curar as feridas, e os cancros syphiliticos.

CARBONATO DE FERRO (PROTO-) (Proto-carbonate de fer, fr.). Este sal é branco, inodoro, não se emprega isolado, mas muitas preparações lhe devem as suas propriedades. A sua existencia é só momentanea; pois que, logo que está formado, absorve e oxygeneo do ar, perde o acido, e transforma-se em sesqui-oxydo de ferro; passa então da côr branca á verde, e depois á vermelha. Por conseguinte, não se lhe póde conservar a composição chimica senão por um artificio, empregado nas pilulas de Blaud, e outras composições. Existe nas aguas mineraes ferreas; constitue a base das pilulas de Blaud, das de Vallet, e dos pós ferruginosos de Menzer, onde se forma pela decomposição mutua do sulfato de ferro e do subcarbonato de potassa, ou do bicarbonato de soda. Estas prepa-

rações achão-se indicadas no artigo *Sulfato de ferro*. O carbonato de ferro é uma boa preparação ferruginea.

Carbonato de ferro effervescente (Skiner).

Acido tartrico	96 gram.	Assucar	44 gram.
Bicarbonato de soda	160 gram.	Acido citrico	8 gram.
Sulfato de ferro	40 gram.		

Misture o sulfato de ferro com o assucar e uma parte do acido tartrico; misture o resto do acido tartrico com o acido citrico e o bicarbonato de soda; reuna as duas misturas; pulverize-as bem, deite em vasilha metallica, e em b. m., agitando rapidamente até que tudo esteja reduzido a granulos de pequeno volume; aromatize com essencia de limão, e guarde em frasco bem tapado. D. 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas), em um copinho d'agua. Toma-se durante a effervescencia que se desenvolve no momento em que se opera a solução. É uma preparação ferruginosa agradavel. Tonico.

CITRATO DE FERRO (PROTO-) (Proto-citrate fer, fr.). Sal que se apresenta debaixo da fórma de crystaes finos e brancos, quando é recentemente preparado, mas a acção da luz cora-o levemente; é soluvel na agua, inalteravel ao ar, sabor fraco.

Tonico, empregado na chlorose, flores brancas e outras molestias caracterizadas pela debilidade.

Internamente. 5 a 50 centigrammas (1 a 10 grãos), e progressivamente até 1 gram. (20 grãos) e mais por dia, em agua ou pilulas.

Xarope (p. 133), 30 grammas (1 onça) por dia.

Pastilhas de citrato de ferro.

Citrato de ferro	10 gram.	Essencia de limão	10 gottas
Acido citrico	10 gram.	Agua	q. s.
Assucar	200 gram.		

F. pastilhas por gottas de 50 centigrammas (10 grãos). D 2 a 6 por dia. Cada pastilha representa 25 milligram. de citrato de ferro.

Pilulas de citrato de ferro.

Citrato de ferro	5 centig.	Alcaçuz em pó	q. s.
Mel de abelhas	1 centig.		

F. 1 pilula. D. 1 a 24 por dia.

Elixir de Barion. Prepara-se macerando por alguns dias no alcool as substancias seguintes : cascas de laranja, aloes, canella, e os fructos de ibira (counguericou em francez) *Xylopia frutescens*, Aublet, arvore da Guyana; filtra-se depois o liquido alcoolico, e ajunta-se-lhe citrato de ferro, tintura de açafrão, agua e assucar. — Estomachico; util contra a leucorrhea. Dóse : uma colher *de sopa*, um quarto de hora, antes do jantar.

CITRATO DE FERRO E DE AMMONIACO (Citrate de fer et d'ammoniaque, fr.). Sal debaixo da fórma de escamas transparentes, de côr vermelha, sem sabor styptico; soluvel em agua e deliquescente.

Aconselhado na chlorose, flores brancas e molestias caracterizadas pela fraqueza geral.

Internamente. 10 a 120 centigram. (2 a 24 grãos), em xarope, solução, pilulas.

Xarope (p. 133). Uma a duas colheres *de sopa* por dia.

Vinho ferrugineo (Cod. fr.).

Citrato de ferro e de ammoniaco	5 gram.	Vinho de Malaga	1000 gram.

Dissolva e filtre. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia. Uma colher *de sopa* (20 grammas) contém cerca de 10 centigrammas de citrato de ferro e de ammoniaco.

Pilulas de citrato de ferro e ammoniaco (Béral).

Citrato de ferro e de ammoniaco	4 gram.	Mucilagem de gomma arabica	q. s.
Assucar em pó	12 gram.		

Faça pilulas prateadas de 20 centigrammas (4 grãos). D. 4 a 6 por dia.

Pastilhas de citrato de ferro ammoniacal (Béral).

Saccharur. de baunilha	16 gram.	Mucilagem	q. s.
Citrato de ferro e ammon.	1 gram.		

F. pastilhas de 90 centigram. (18 grãos). Cada pastilha contém 5 centigrammas (1 grão) de citrato. D. 1 a 5 e mais.

CITRATO DE FERRO E MAGNESIA (Citrate de fer et de magnesie, fr.). Escamas brilhantes, soluveis em agua, de sabor styptico. D. 10 centigrammas a 1 gramma (2 a 20 grãos) em pilulas, solução ou xarope.

CITRATO DE FERRO E DE QUININA (Citrate de fer e de quinine, fr.). Empregado contra as febres intermittentes, e sobretudo na convalescença d'ellas, contra a chlorose, cachexia palustre, nevralgias.

Internamente. 5 a 30 centigrammas (1 a 6 grãos), em pilulas ou em vinho da Madeira.

LACTATO DE FERRO (Lactate de fer, fr.). Sal que se apresenta debaixo da fórma de laminas crystallinas mui brancas ou de pós pouco alteraveis, de sabor ferruginoso fraco, soluveis em 48 partes d'agua fria e em 12 partes d'agua fervendo. Obtem-se tratando a limalha de ferro pelo acido lactico dissolvido em agua. Prepara-se tambem pela dupla reacção entre o lactato de cal e o sulfato de ferro. É uma boa preparação ferruginosa, que pelo acido organico que contém já se acha nas boas condições de assimilação.

Tonico, goza das propriedades do ferro.

Internamente. 10 centigrammas a 2 grammas (10 a 40 grãos) em pilulas ou soluções.

Xarope de lactato de ferro (Cap).

Lactato de ferro	4 part.	Assucar	400 part.
Agua distillada fervendo	200 part.		

F. S. A. — D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Pastilhas de lactato de ferro (Cap).

Lactato de ferro	30 gram.	Mucil. de gomma alcatira	q. s.
Assucar	375 gram.		

Faça tabellas de 50 centigrammas (10 grãos). Cada uma contém 5 centigrammas de lactato de ferro. D. 6 a 12 contra a chlorose.

Pastilhas de lactato de ferro (Por gottas).

Lactato de ferro	25 part.	Assucar	500 part.
Essencia de hortelã	1 part.	Agua distillada de hortelã	q. s.

F. S. A. pastilhas por gottas de 50 centigram. (10 grãos). D. 6 a 12 pastilhas contra a chlorose.

Gragêas de Gelis e Conte.

Lactato de ferro	100 gram.	Mucilag. e pó de althea	q. s.

F. 2000 pilulas, que se cobrem depois com assucar aromatizado, agitando-as n'um tacho brandamente aquecido, onde se deita pouco a pouco um xarope aromatico.

Pão com lactato de ferro. Ajuntão-se 25 centigram. (5 grãos) de lactato de ferro á massa de um pequeno pão. É uma boa preparação. O *chocolate* com lactato de ferro é, pelo contrario, má preparação, porque o lactato de ferro decompõe-se.

Pilulas de lactato de ferro (Cap).

Lactato de ferro	5 centig.	Mel de abelhas	q. s.
Althea em pó	5 centig.		

F. 1 pilula. D. 2 a 10 pilulas por dia.

OXALATO DE FERRO (Oxalate de fer, fr.). Oxalato neutro de protoxydo de ferro. Sal que resulta da combinação do acido oxalico com o protoxydo de ferro. Obtem-se misturando a solução, saturada a frio, de sulfato de ferro com acido oxalico. Apresenta-se sob a fórma de pó crystallino, de côr amarella pallida, brando ao tocar como o talco, de sabor levemente ferruginoso; mui pouco soluvel em agua fria, um pouco mais soluvel em agua quente. — Nova preparação ferruginosa, recommendada como tonico na anemia, e em todos os casos em que se prescrevem as outras composições de ferro. Dóse : 30 a 50 centigrammas (6 a 10 grãos) em pó ou pilulas.

PHOSPHATO DE FERRO (Phosphate de fer, fr.). Pó de côr azul carregada, insoluvel. Tonico.

Internamente. 25 a 50 centigrammas (5 a 10 grãos).

PYROPHOSPHATO DE FERRO (Pyrophosphate de fer, fr.). Misturando a solução de persulfato de ferro com a de pyrophosphato de soda, em temperatura que não exceda 15° centig., obtem-se um precipitado gelatinoso que não é outra cousa senão o pyrophosphato de ferro, que se dissolve com facilidade na solução de pyrophosphato de soda. Este composto ferreo, que é o *pyrophosphato de ferro e soda*, foi proposto por *Leras* nos mesmos casos que as outras preparações de ferro na dóse de 12 a 16 grammas (3 a 4 oitavas) da solução.

PYROPHOSPHATO DE FERRO CITRO-AMMONIACAL (Pyrophosphate de fer citro-ammoniacal, fr.). Escamas de côr roxa-amarellada, soluveis em agua, quasi insipidas. — Tonico.

Internamente. 10 centigrammas a 1 gramma (2 a 20 grãos) em pilulas ou xarope.

Xarope (p. 137), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

SULFATO DE FERRO. **Vitriolo verde** ou **Caparrosa verde** (Sulfate de fer, vitriol vert, ou couperose verte, fr.). Crystaes transparentes, verdes, azulados, inodoros, de sabor styptico, analogo ao da tinta de escrever, soluveis em duas vezes o seu peso d'agua fria. Ao contacto do ar efflouresce levemente, e pouco a pouco torna-se amarello. A caparrosa verde do commercio contém frequentemente cobre, cuja presença se conhece mergulhando na sua dissolução aquosa uma lamina de ferro, a qual é immediatamente coberta por uma camada de cobre. Não deve ser empregada senão depois de purificada. Para este fim, ferve-se a sua dissolução com limalha de ferro, côa-se, e faz-se crystallizar.

Adstringente e tonico; é difficilmente supportado pelo estomago, e raras vezes se administra puro internamente; mas faz parte de muitas preparações nas quaes se decompõe e se transforma em carbonato de ferro. Usa-se então na chlorose, leucorrhea, diabetes, e muitas molestias caracterizadas pela debilidade. Externamente, em solução, contra as ulceras atonicas, hemorrhagias, ophthalmias chronicas, pterygio, erysipela. O sulfato de ferro decompõe os sulfhydratos alcalinos e fixa o ammoniaco : é um dos melhores desinfectantes. Reduzido a pó, e lançado na vasilha que contenha materias fecaes, destroe immediatamente o cheiro fetido. Póde tambem empregar-se, para este fim, dissolvido em agua.

Internamente. 5 a 30 centigram. (1 a 6 grãos) em dissolução.

Pós gazogeneos ferruginosos (Cod. fr.)

Sulfato de ferro	3 gram.	Assucar em pó	260 gram.
Acido tartrico	80 centig.	Bicarbonato de soda	60 gram.

Misture o acido tartrico e o sulfato de ferro, depois de reduzidos separadamente a pó grosso; ajunte-lhes o assucar, e por fim, o bicarbonato, cujo pó não deve ser muito fino. Misture tudo exactamente, e introduza n'um frasco bem secco e bem tapado. Para se servir d'este pó, toma-se uma garrafa de litro quasi inteiramente cheia d'agua, introduzem-se n'ella 20 grammas de pó, tapa-se immediatamente, e agita-se. Resulta d'isto uma agua acidulada, transparente, ferruginea, e de gosto supportavel. — As substancias empregadas n'esta preparação devem estar perfeitamente seccas : o sulfato de ferro não deve conter outra agua senão a que é propria ao seu estado crystallino.

Pós ferruginosos de Menzer.

Sulfato de ferro	20 centig.	Canella em pó	5 centig.
Assucar	5 gram.		

Reduza a pó o sulfato, misture-o com canella e assucar pulverizados, e encerre tudo n'um papel azul.

De outra parte :

Bicarbonato de soda .... 20 centigram.

Encerre n'um papel branco.

Para os empregar, dissolvem-se os pós de um papel azul e de um papel branco separadamente, em algumas colheres d'agua; misturão-se os liquidos, e bebe-se immediatamente. Forma-se carbonato de protoxydo de ferro.

Pilulas ferruginosas de *Blaud* (Cod. fr.).

Sulfato de protoxydo de ferro, secco e pulver.	30 gram.	Gomma arabica pulv.	5 gram.
Carbonato de potassa	30 gram.	Agua	30 gram.
		Xarope simples	15 gram.

Dissolva em capsula de porcelana a calor do b. m., a gomma na quantidade d'agua prescripta; ajunte o xarope e o sulfato de ferro. Agite por alguns instantes para tornar a mistura homogenea; ajunte o carbonato de potassa previamente pulverizado, mexendo constantemente com espatula de ferro, e continue a aquecer até a massa ficar em consistencia pilular, antes dura do que molle. Tire do fogo, e divida a massa em 120 pilulas, que seccão na estufa e se prateão depois. Conserve-as em frascos bem tapados.

Cada pilula (bolo) pesa quasi 40 centigrammas (8 grãos). D. 2 a 4 por dia; na chlorose.

Pilulas ferruginosas de Vallet (Cod. fr.).

Sulfato de ferro puro e crystallizado	100 gram.	Mel de abelhas	30 gram.
Carbonato de soda crystallizado	120 gram.	Assucar de leite	30 gram.
		Assucar refinado	q. s.

Dissolva o sulfato em q. b. d'agua quente, privada de ar pela ebullição, e contendo 1/20 do seu peso de assucar. Dissolva do mesmo modo o carbonato de soda em agua privada de ar e adoçada. Reuna os dois liquidos n'um frasco tapado, até o encher quasi completamente. Vascoleje, e deixe depôr para operar a precipitação do *carbonato de ferro hydratado*, que se formou pela mutua decomposição dos saes empregados. Decante o liquido que sobrenada, e substitua-o por nova agua adoçada, e privada de ar. Continue da mesma fórma as lavagens em vaso tapado, até que o ultimo liquido decantado não tenha mais sabor salino. Decante pela ultima vez;

lance o carbonato de ferro sobre um panno tapado impregnado de xarope de assucar. Esprema com força e misture o resultado da espressão com mel n'uma capsula.

Nota-se então que a mistura se derrete pela acção do mel sobre a agua contida no carbonato.

Ajunte o assucar de leite, e concentre logo o mixto em b. m., até ficar em consistencia de extracto. Para fazer as pilulas, misturão-se 3 partes do composto acima indicado com 1 parte da mistura de p. ig. de pó de alcaçuz e de pó de althea, e formão-se pilulas de 25 centigrammas (5 grãos), que devem ser prateadas e conservadas em frascos bem tapados. D. 2 a 10 pilulas por dia, na chlorose.

Externamente. *Dissolução :* 15 a 60 grammas (1/2 a 2 onças) de sulfato de ferro para 1000 grammas (32 onças) d'agua, em lavatorios, fomentações;

4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) para 250 grammas (8 onças) d'agua, em injecções;

1/2 a 1 gramma (10 a 20 grãos) para 250 grammas (8 onças) d'agua em collyrios.

Solução ferruginosa contra a erysipela (Velpeau).

Sulfato de ferro	60 gram.	Agua	1000 gram.

M. Molhão-se pannos n'esta solução e applicão-se no lugar affectado de erysipela.

Pomada marcial (Velpeau).

Sulfato de ferro	10 gram.	Banha	40 gram.

M. Em fricções na erysipela.

Glycereo de sulfato de ferro (Reveil).

Sulfato de ferro pulv.	30 gram.	Glycerina	50 gram.

Dissolva. Em fricções, contra a erysipela, como adstringente.

TANNATO DE FERRO (Tannate de fer, fr.). Producto preto insoluvel na agua, que se obtem deitando em 100 p. de acetato de ferro liquido a 10°, 65 p. de acido tannico dissolvido em agua. Aconselhado contra a chlorose na dóse de 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos) em pilulas.

TARTRATO DE FERRO E DE POTASSA ou **Tartaro chalybeado** (Tartrate de fer et de potasse, tartre chalybé, fr.). Escamas translucidas, de côr roxa-avermelhada, de sabor styptico fraco; soluvel em agua, deliquescente; insoluvel no alcool.

Adstringente e tonico; administra-se internamente nos mesmos casos que o ferro. Externamente é usado como resolvente nas contusões. É uma das boas preparações ferruginosas soluveis.

Substancias incompativeis. Os acidos fortes, a agua de cal, o acido hydrosulfurico e os hydrosulfatos, as infusões vegetaes adstringentes.

Internamente. 1/2 a 2 grammas (10 a 40 grãos) em dissolução ou pilulas.

Xarope (p. 139), 15 a 60 grammas (1/2 a 2 onças).

Bolas de Marte ou *de Nancy.* São preparadas com limalha de ferro, tartaro vermelho (cremor de tartaro bruto) e decocção de especies vulnerarias. D. 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) em solução em agua.

Agua de bola.

Bolas de Nancy	1 gram.	Agua	1000 gram.

Internamente 1 a 4 copos por dia; externamente em lavatorios, contra as contusões.

Tintura de Marte tartarizada (Cod. fr.).

Limalha de ferro	100 gram.	Agua distillada	3000 gram.
Cremor de tartaro pulv.	250 gram.	Alcool a 90° centes.	50 gram.

Ponha a limalha do ferro e o cremor de tartaro em caldeira de ferro; ajunte-lhe q. s. d'agua para fazer massa molle, que se abandonará a si mesma por 24 horas. Deite então o resto da agua, e ferva por duas horas, mexendo e ajuntando agua para substituir aquella que se evapora. Deixe depôr, decante o liquido que sobrenada, filtre-o, e evapore até que marque 1,28 no densimetro (32° B.). Ajunte o alcool, misture exactamente, filtre e guarde para uso. — D. 20 a 40 gottas em poção, ou em agua com assucar.

Poção ferruginosa (Trousseau).

Tartrato de ferro e potassa	4 gram.	Agua de canella	20 gram.
Agua distillada	100 gram.	Xarope de Tolú	30 gram.

M. Uma colher *de sopa* de hora em hora. — Purpura hemorrhagica.

Poção ferruginosa (Jaccoud).

Tartrato de ferro e potassa	2 gram.	Xarope de casca de laranja amarga	50 gram.
Agua commum	50 gram.		
Rhum	50 gram.		

M. D. Uma colher *de sopa* 3 vezes por dia.

Vinho chalybeado (Parmentier).

Tint.ª de Marte tartariz.	15 gram.	Vinho branco	500 gram.

Uma colher *de sopa* pela manhã em jejum, como tonico e emmenagogo.

Pilulas de tartrato de ferro e potassa (Mialhe).

Tartrato de ferro e potassa	25 centig.	Xarope de gomma	q. s.
		Alcaçuz em pó	q. s.

F. 1 pilula prateada. D. 2 a 6 por dia.

Pilulas de tartrato de ferro e potassa (Barion). Nova e boa preparação pharmaceutica, composta em 1873, pelo Sr. Barion, distincto pharmaceutico de Pariz. Cada pilula pesa 25 centigrammas (5 grãos); contém tartrato ferrico potassico e um pouco de magnesia calcinada; é coberta com assucar. A addição de magnesia tira ao tartrato a propriedade de ser hygrometrico, não impedindo a sua solubilidade. Estas pilulas podem conservar-se indefinidamente. São uteis na chlorose e em todas as molestias em que se administrão as preparações ferruginosas. Dóse 3 a 6 pilulas por dia.

Xarope marcial.

Tintura de Marte tartariz.	8 gram.	Xarope de chicoria	250 gram.

M. D. Uma colher *de sopa*, n'um pouco d'agua, duas vezes por dia, para fortificar os orgãos digestivos das crianças.

Tabellas ou *Pastilhas ferruginosas* (Cod. fr.).

Tartrato de fer. e potassa	50 gram.	Assucar com baunilha	30 gram.
Assucar refinado	1000 gram.	Mucil. de gomma alcat.	100 gram.

Faça tabellas do peso de 1 gramma. Cada uma contém 5 centigrammas (1 grão) de tartrato ferro-potassico.

Externamente. *Dissolução :* 15 grammas (1/2 onça) para 500 gram. (16 onças) em lavatorios ou fomentações, nas contusões.

Solução ferrea (Ricord).

Agua distillada	30 gram.	Tartrato de fer. e potassa	200 gram.

M. Contra os cancros phagedenicos. Molhão-se fios n'esta solução e applicão-se duas vezes por dia sobre os cancros venereos.

VALERIANATO DE FERRO (Valérianate de fer, fr.). Obtem-se fazendo reagir o acido valerianico sobre a limalha de ferro em presença da agua. É de côr roxa, de cheiro forte, de sabor algum tanto assucarado, insoluvel em agua, soluvel no alcool. Aconselhado na chlorose, acompanhada de symptomas hystericos. D. 10 a 50 centigrammas (2 a 10 grãos) em pilulas.

FERRUGEM DE CHAMINÉ. V. FULIGEM.

FETO MACHO (Fougère mâle, fr.), *Polypodium filix mas*, L. Planta herbacea commum na Europa; em Portugal habita junto dos rios e sitios silvados, nas provincias do norte. Fig. 200. *P. us.*


Fig. 200. — Feto macho.

Tronco subterraneo. Os troncos subterraneos (vulgo *raizes*) são mais ou menos grossos, cylindricos, recurvados, formados de tuberculos cónicos imbricados em roda de um eixo commum, escamosos; roxos no exterior; amarellados, esbranquiçados ou verdes no interior; de sabor amargo e adstringente; e separados uns dos outros por um tecido lustroso, de côr loura, e entre os quaes sahem fibras cylindricas, filiformes e roxas, que são as verdadeiras raizes da planta.

Vermifugo de reconhecida efficacia, empregado principalmente contra as lombrigas, os trichocephalos, e mesmo contra a tenia. Duas ou tres horas depois da sua administração, dá-se um purgante para facilitar a expulsão dos vermes.

Internamente. *Pó* (p. 112) 16 a 48 grammas (4 oitavas até 1 1/2 onça) em leite, agua ou mel de abelhas. Boa preparação.

Decocção, 15 gram. (1/2 onça) para 360 grammas (12 onças) d'agua. Preparação infiel.

Tintura de feto macho (Peschier) (p. 124). D. 8 gram. (2 oitavas) n'um copo d'agua com assucar.

A preparação seguinte é muito mais efficaz contra a solitaria :

Extracto ou *Oleo ethereo de feto macho* (V. p. 92). 2 a 8 grammas (40 grãos a 2 oitavas) em hostia ou pilulas. Peschier extrahe este producto dos renovos do feto macho, e dá-lhe o nome de *oleo-resina de feto macho*.

Pós vermifugos.

Feto macho	2 gram.
Gomma-gutta	10 centig.

M. Tomão-se em jejum, de uma vez.

Pilulas vermifugas (Peschier).

Extracto ethereo de feto macho	10 centig.	Feto macho em pó	5 centig.
		Conserva de rosas	q. s.

Faça 1 pilula. D. 2 pilulas de hora em hora. Em cima das pilulas

bebe-se meia chicara de cozimento de feto macho; e uma hora depois das ultimas pilulas, administrão-se 60 grammas (2 onças) de oleo de ricino. Tenia.

Pilulas de extracto ethereo de feto macho (Mayet).

Extracto ethereo de feto macho	20 centig.	Agua	5 centig.
Gomma arabica em pó	5 centig.	Feto macho em pó	q. s.

Faça 1 pilula, e como esta mais 19. D. 10 pilulas de noite ao deitar, 10 pilulas na manhã do dia seguinte; hora e meia depois da segunda dóse, administrar 45 grammas (1 1/2 onça) de oleo de ricino. — Se a solitaria não fôr expulsa, tornar a principiar o mesmo tratamento, passados alguns dias, ajuntando porém 8 gram. de essencia de terebinthina aos 45 grammas de oleo de ricino.

Remedio de Nouffer contra a solitaria.

Na vespera, o doente come sopa feita com pão e agua quente. Na manhã do dia seguinte toma 3 oitavas de raiz de feto macho em pó fino, diluido em 6 onças de decocção de feto. Duas horas depois toma um bolo purgante composto de :

Calomelanos	50 centig.	Gomma-gutta	30 centig.
Escamonéa	50 centig.	Confeição de jacintho	q. s.

Faça 3 bolos. D. 1 ás crianças; 2 ás pessoas delicadas; e 3 aos adultos vigorosos, com o intervallo de um quarto de hora.

Externamente :

Especies antirachiticas para colchões. Feto macho, 3000 grammas; folhas e summidades de manjerona, de hortelã, de salva, aná 4 punhados; flores de meliloto, de sabugueiro, de rosas rubras, de camomilla, aná 60; musgo de Corsega, 125. Misture tudo com a palha de trigo, e faça um colchão; metta dentro d'este colchão uma almofadinha de clina contendo 60 grammas de pimenta ordinaria. Fazem-se dormir as crianças rachiticas ou simplesmente fracas sobre estes colchões.

Feto macho do Brasil, Samambaya, *Polypodium incanum,* Sw. Planta do Brasil, da familia dos Fetos. Tem as folhas profundamente pennatifidas, lacinias oppostas, lineares e obtusas, convexas na pagina inferior; soras (orgãos da reproducção) dispostas em duas ordens nas margens; caule e face inferior das folhas cobertos de pequenas escamas. As outras especies são : *Polypodium percussum,* Cav.; *P. sepultum.* Kaulf. Todas estas especies contêm, segundo Martius, um oleo acre, semelhante ao do feto macho das pharmacias, que provém da Europa, e gozão das mesmas propriedades vermifugas.

FIGO (Figue, fr.). Fructo da *Ficus carica,* L., arvore da familia das Urticeas, que habita espontanea em Portugal, e é cultivada no Brasil. Fig. 201. Os figos seccos ou *passados* entrão na composição dos *fructos peitoraes,* que servem para a preparação das bebidas emollientes. Uma decocção, feita com figos passados e leite, constitue um gargarejo util nas esquinencias agudas.

Pasta de figos, Figos q. v. Reduza os figos a polpa sem fervê-los; passe por peneira de crina, ajunte 4 vezes o seu peso de assucar, e faça pasta que estenderá com rôlo; ponha esta pasta em estufa por 24 horas, e divida-a em quadrados ou losanjas.

FIGUEIRA DO INFERNO. V. Estramonio.

FISTICO. V. Pistacha.

FLOR D'AGUA, Lentilha d'agua. *Pistia occidentalis,* Blume. Aroideas. Planta que se encontra em quasi todo o Brasil

boiando nas aguas doces. Folhas radicaes, ellipticas, approximadas e dispostas circularmente; flores brancas; fructo, capsula oval, comprimida, contendo muitas sementes. As folhas são acres e mucilaginosas, e, contusas, applicão-se como maturativas nos abcessos. A infusão d'ellas, tem sido recommendada nas molestias de pelle; mas em dóse elevada reputa-se venenosa, e os sertanejos dizem que as aguas nas quaes esta planta existe, são impregnadas de tal sorte da sua materia acre, que produzem diarrheas.



Fig. 201. — Figo.

FLOR DE BABADO ou **de babeiro.** *Echites longiflora*, Desf. Apocyneas. Planta do Brasil (S. Paulo, Rio, Minas). A raiz, em fórma de nabo, contém um succo leitoso, e é um purgante violento. Emprega-se em medicina veterinaria.

FLOR DE BENJOIM. V. p. 150.

FLORES PEITORAES. V. Especies peitoraes.

FOLHA SANTA. V. Malva do campo.

FRAGARIA ou **Morangueiro** (Fraisier, fr.). *Fragaria vesca*, L. Rosaceas. Planta commum nos bosques sombrios de Portugal, cultivada nas hortas do Brasil; dá fructos (morangos) muito estimados *P. us. Raiz* ou antes *rhizoma*. Esta raiz é cylindrica, ramosa, escamosa; roxa no exterior, amarella ou avermelhada no interior; sub-amarga e sub-adstringente. — Diuretico.



Fig. 202. — Framboezas.

Internamente. *Infusão :* Raiz de fragaria 20 gram. (5 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por 2 horas e côe.

Com os *morangos* prepara-se um xarope, que misturado com agua constitue uma limonada refrigerante. Estes fructos são uteis contra a gota e areias.

FRAMBOEZA (Framboise, fr.). Fructo da silva framboeza. *Rubus idæus*, L., arbusto dos paizes frios, cultivado nas quintas de Portugal, e nas regiões

montanhosas do Brasil. Rosaceas. Fig. 202. Faz-se com ellas um xarope, que se emprega como temperante.

Xarope de framboezas (p. 134), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Limonada de framboezas. Xarope de framboezas 1 parte, agua 9 partes.

FRIO. O primeiro effeito do frio é analogo ao de um agente sedativo; mas é logo seguido da *reacção*, o que torna o frio um dos meios mais heroicos da medicação tonica. O emprego da agua fria como bebida é util nas febres quando a pelle está quente secca; mas o seu uso não convem no periodo do frio. Nos vomitos rebeldes, nas molestias acompanhadas de febre e calor intenso as bebidas geladas aproveitão bastante. Os banhos frios fortificão a constituição, e são aconselhados nas molestias nervosas. As applicações de pannos molhados em agua fria usão-se nas contusões, torceduras e luxações; o gelo contido n'uma bexiga applica-se efficazmente sobre a cabeça na meningite; e posto sobre o baixo-ventre é empregado nas metrorrhagias violentas como hemostatico. As irrigações contínuas d'agua fria são vantajosas nas feridas por arrancamento, nas fracturas comminutivas, nas feridas da cabeça, etc. Os clysteres d'agua fria empregão-se para atalhar as hemorrhagias pelo recto, e para combater a prisão do ventre. A agua fria é a base do tratamento hydrotherapico. (V. *Hydrotherapia*).

Modo de obter um frio artificial. Os corpos solidos ao passarem ao estado liquido, absorvem o calorico aos corpos vizinhos, e produzem o frio. Esta propriedade foi utilizada para produzir um frio artificial mais ou menos intenso. Este resultado obtem-se misturando substancias que tem affinidade umas ás outras, e das quaes uma pelo menos é solida, taes como a agua e um sal, acido e um sal, gelo e um sal. A porção que se derrete tira ao resto da mistura grande quantidade do calorico que se torna latente; d'onde resulta um abaixamento de temperatura ás vezes bastante consideravel. O frio produzido é tanto maior quanto mais rapida é a dissolução; e por isso substitue-se a agua pelos acidos diluidos em agua; que dissolvem mais promptamente certos saes. Obtem-se um frio mais intenso misturando os saes hydratados com gelo pulverizado ou melhor ainda com a neve. Isto explica-se facilmente, porque o gelo ou a neve, ao derreterem-se, absorvem uma quantidade consideravel de calor. A todas estas misturas dá-se o nome de *misturas frigorificas.*

Prescindindo da importancia do gelo sob o ponto de vista culinario ou gastronomico, a sua utilidade como meio hygienico ou therapeutico está desde muito tempo reconhecida. A taboa seguinte indica as proporções e a natureza das substancias mais frequentemente empregadas para obter um abaixamento de temperatura.

Misturas frigorificas.

Substancias misturadas	Partes em peso	Abaixamento do thermometro centigrado	Gráos de frio produzido
Sulfato de soda.......... Acido chlorhydrico.......	8 5	de + 20 a — 7	27
Sulfato de soda.......... Acido nitrico diluido em 6 partes d'agua........	3 2	de + 20 a — 9	29
Sal ammoniaco.......... Nitro................... Agua....................	5 5 16	de + 20 a — 2	22
Sulfato de soda pulverizado Nitrato de ammoniaco.... Acido nitrico diluido em 6 partes d'agua........	6 5 4	de + 20 a — 16	36
Phosphato de soda....... Nitrato de ammoniaco.... Acido nitrico diluido.....	9 6 4	de + 20 a — 20	40
Sal ammoniaco........... Nitrato de ammoniaco... Soda.................... Agua....................	1 8 1 10	de + 20 a — 9	29
Nitrato de ammoniaco.... Subcarbonato de soda.... Agua....................	2 2 1	de + 20 a — 2	22
Gelo pisado ou neve..... Sal de cozinha..........	1 1	de 0 a — 17	17
É esta ultima mistura que empregão ordinariamente os confeiteiros para fazer sorvetes.			
Neve.................... Chlorareto de calcio hydratado.............	3 4	de 0 a — 28	28
Neve.................... Potassa................	3 4	de 0 a — 28	28
Neve.................... Acido sulfurico diluido em 9 partes d'agua........	1 1	de — 6 a 51	45

Collocando um vaso com agua dentro de uma d'estas misturas, póde-se obter gelo á vontade.

O melhor meio de utilisar uma mistura frigorifica consiste em não forma-la senão successivamente.

O professor Orfila empregava nas suas lições a mistura frigorifica seguinte : sal ammoniaco, nitrato de ammoniaco, aná p. ig.; agua, q. s. Esta mistura é prompta e economica; as substancias podem tornar a servir depois de evaporada a agua. O residuo, reduzido ao estado secco, tratado de novo pela agua, fornece um arrefecimento consideravel.

Uma bexiga de porco, contendo sal ammoniaco e nitrato de ammoniaco em partes iguaes, e q. s. d'agua, póde applicar-se na cabeça e nas outras partes do corpo, quando se preciza produzir n'ellas um effeito frigorifico.

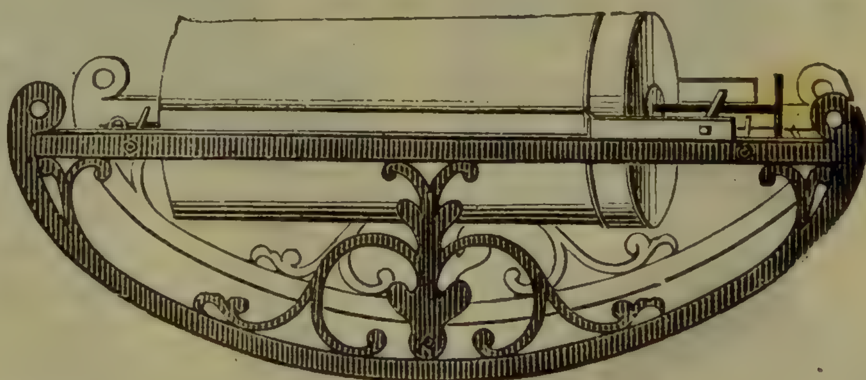
Diversos apparelhos forão inventados para obter gelo artificialmente. No Rio de Janeiro, na Bahia e nas outras grandes cidades, que possuem depositos de gelo, os apparelhos frigorificos não são muito necessarios; mas não acontece o mesmo nas pequenas cidades, e nas fazendas do interior do Brasil. Ali nos casos de congestão cerebral, nas hemorrhagias, e nas outras molestias, a medicina está privada d'este precioso agente. É, pois, n'essas localidades que os pharmaceuticos reconhecêrão a utilidade de ter nas suas officinas um apparelho congelador. Indico aqui os apparelhos que me parecem os melhores, e que examinei em Pariz, onde se fabricão.

Geleira de balanço de Penant. Compõe-se de um vaso cylindrico, forrado de chumbo, no qual se mette a mistura frigorifica; e de um molde, no qual se deita a agua ou outro liquido que se quer congelar. Fig. 203. Estes apparelhos são de differentes tamanhos, designados pelos nos 1, 2 e 3.

Fig. 203.



Molde.



Geleira de balanço de Penant.

Para congelar agua na geleira nº 1, deitão-se 500 grammas d'agua (1/2 litro) no molde, que se cobre depois com uma chapa de borracha; deitão-se as substancias frigorificas na geleira; mergulha-se o molde nas substancias frigorificas; applica-se por cima a tampa, que se aperta com o parafuso de compressão. Colloca-se então a geleira sobre o seu carrinho, e faz-se balançar durante 8 minutos. O gelo está feito. Tira-se então a geleira do seu carrinho, extrahe-se o molde e mergulha-se este durante alguns minutos em agua, vira-se depois sobre um prato de folha com buraquinhos; o gelo separa-se facilmente.

Para obter um pão maior de gelo, deitão-se no molde 800 gram. d'agua em vez de 500, e balança-se durante seis minutos; tirão-se

as substancias frigorificas, introduzem-se outras, e torna-se a balançar durante 8 minutos. Obtem-se assim um pedaço de gelo mais duro, podendo conservar-se n'um lugar fresco durante seis horas, e para conserva-lo melhor, envolve-se n'um panno de lã e colloca-se em lugar escuro.

Para obter sorvetes, mette-se no molde creme preparado ou algum xarope em vez d'agua.

Com esta geleira podem empregar-se todas as misturas frigorificas acima indicadas; mas o fabricante do apparelho indica com preferencia a mistura de sulfato de soda com acido chlorhydrico; ou a mistura de 1 parte de sal ammoniaco, 8 partes de nitrato de ammoniaco, 1 parte de soda, e 10 d'agua. Para operar, deve empregar-se a agua a mais fria possivel. O molde não deve conter mais de 3/4 de liquido.

Este apparelho vende-se em Pariz, em casa do fabricante Penant, na rua *Arbre-Sec*, 60. O preço varía conforme o tamanho : o nº 1, 50 francos; nº 2, 80 francos; nº 3, 120 francos.

Resultado de uma operação simples abaixo de 17° centigrados.

Com o	nº 1	congelão-se	500	gram.	em	8	minutos.
»	nº 2	»	1000	»		10	»
»	nº 3	»	2000	»		12	»

Resultado de uma operação dupla acima de 20° centigrados. — Procede-se da maneira seguinte : passados 6 minutos de operação, reformão-se as substancias refrigerantes e continua-se a balançar o apparelho :

Com o	nº 1	congelão-se	800	gram.	em	8	minutos.
»	nº 2	»	1000	»		10	»
»	nº 3	»	3500	»		12	»

Geleira italiana de Toselli. Fig. 204. Compõe-se : 1° de um cylindro de ferro batido, em fórma de um pequeno barril, coberto de uma camisa de lã, destinada a oppôr-se á absorpção do calorico exterior; 2° de uma sorveteira, especie de vaso de folha de Flandres; 3° de um sustentaculo sobre o qual se faz gyrar o cylindro. — Introduz-se no cylindro uma mistura frigorifica composta de 2 copos de nitrato de ammoniaco, 2 copos de subcarbonato de soda e 1 copo d'agua fria; e tapa-se com tampa de madeira. Pela outra extremidade do cylindro introduz-se na sorveteira a agua ou o licor que se quer gelar, e tapa-se. Faz-se gyrar o apparelho durante 6 ou 7 minutos para gelar os licores, e 10 a 12 minutos para obter gelo. Uma unica operação é sufficiente executando-a na temperatura inferior a 15° centigrados; mas se a operação se fizer na temperatura acima

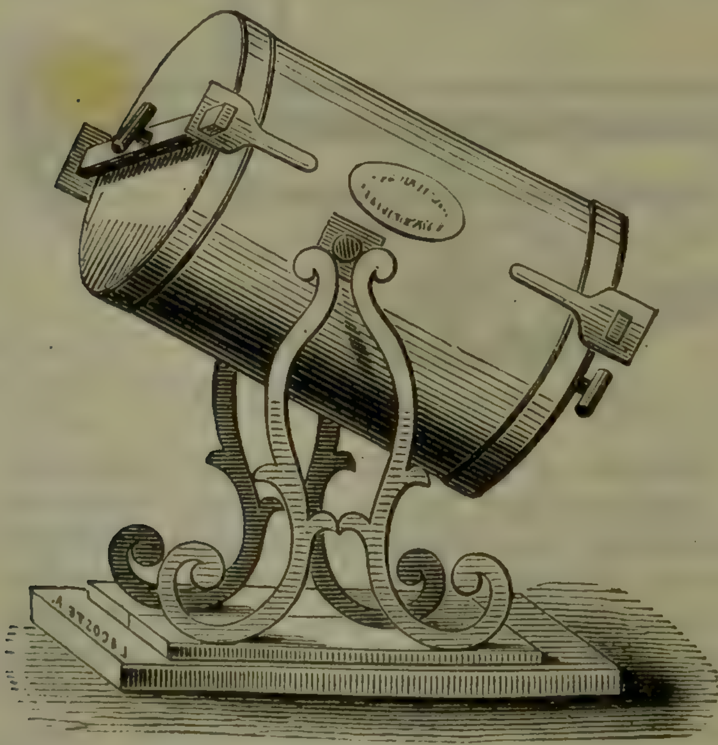


Fig. 204. — Geleira italiana de Toselli.

de 15° centigrados, será necessaria segunda operação para se obter uma congelação completa.

Este apparelho fabrica-se e vende-se em Pariz, na rua *Lafayette, 213*. Preços : geleira de 1/4 de litro, 12 francos; de 1/2 litro, 20 francos; de 1 1/2 litro, 30 francos; de 4 litros, 40 francos.

Receita para gelar licores de creme de baunilha. Deitão-se em um vaso 350 grammas de assucar, uma vagem de baunilha cortada em bocadinhos, e oito gemas de ovos frescos : mistura-se tudo mexendo com colher de páo até que as gemas de ovos tenhão branqueado um pouco. Lança-se-lhe 1 litro de bom leite mexendo sempre. Põe-se o vaso sobre fogo brando, e continua-se a mexer até que a mistura comece a pegar-se á colher. Passa-se então por peneira de seda, porque se se conservasse mais tempo sobre o lume, ferveria, e não poderia ser empregada. Logo que arrefecer, deita-se na sorveteira, e faz-se gelar.

Sorvete de limão. Deite-se, em 1 litro de agua, uma libra de assucar, cascas de dois limões e sumo de quatro. Uma hora depois passe-se por peneira de seda e faça-se gelar.

Do mesmo modo podem preparar-se licores de outras fructas, para os fazer gelar.



Fig. 205 (*c*).

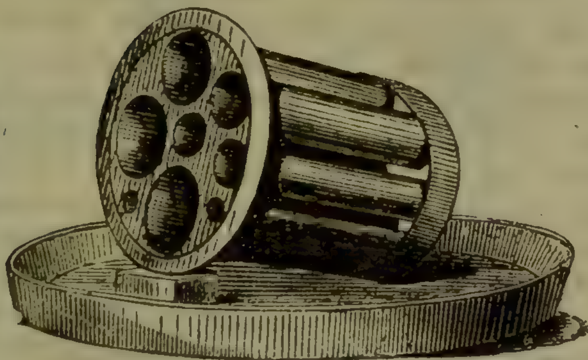


Fig. 205 (*b*).

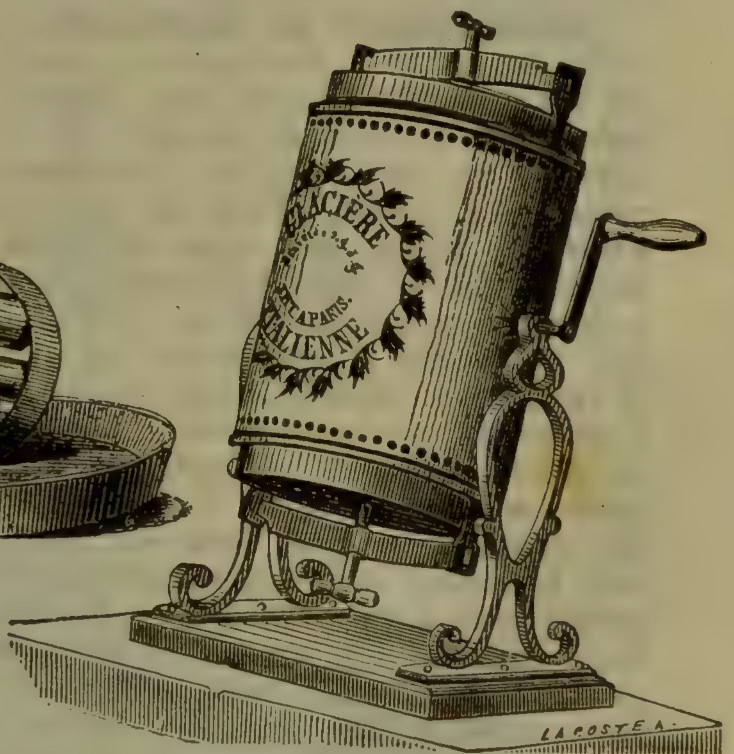


Fig. 205 (*a*).

Geleira aperfeiçoada de Toselli.

Gelo. — Modo de fazer o gelo, por meio da geleira de Toselli, aperfeiçoada. Este novo apparelho compõe-se : 1° de um cylindro de ferro batido, em fórma de um pequeno barril (fig. 205 *a*); 2° de um recipiente multiplo (fig. 205 *b*), no qual se deita a agua que se quer congelar. Deitada a agua n'este recipiente, tapão-se as suas aberturas com um disco de caoutchouc; introduz-se o recipiente no interior do cylindro, e fecha-se hermeticamente a abertura d'este com uma tampa de páo. Pela outra extremidade do cylindro introduz-se uma medida d'agua a mais fria possivel, e uma medida de azotato de ammoniaco puro; e tapa-se com outra

tampa de páo. Estando tudo assim disposto, faz-se gyrar o cylindro durante cinco minutos. O gelo está feito. Abre-se o apparelho e extrahem-se oito cylindros ôcos de gelo. Para formar com elles um só pedaço, tira-se do recipiente multiplo o segundo cylindro ôco do gelo, e introduz-se no primeiro G, isto é, no cylindro maior; tira-se depois pela mesma fórma o terceiro cylindro, e faz-se entrar no segundo. Faz-se seguidamente penetrar o quarto no terceiro, e assim successivamente, até ao ultimo. Se os ditos cylindros de gelo forem uns mais longos do que os outros, como mostra o desenho (fig. 205 *c*), comprimem-se com a mão, e obtem-se d'esta maneira um pedaço de gelo muito compacto, que póde conservar-se por cinco ou seis horas, ao passo que um simples cylindro de gelo obtido pela forma indicada na pag. 482 d'este livro, dura pouco tempo, por se derreter completamente passado um quarto de hora. Todos os objectos que compõem este novo apparelho, estão dispostos em ordem n'uma caixa a que o inventor deo o nome de caixa-geleira (*Malle glacière*). A caixa, com todos os objectos, pesa 36 kilogrammas; contém o recipiente multiplo, os accessorios, e a quantidade de azotato de ammoniaco necessaria para produzir um pedaço de gelo cerca de 500 grammas, todos os dias durante alguns annos. Vende-se em Pariz, em casa do fabricante-inventor, rua *Lafayette, 213*. Custa 110 francos. É acompanhada da explicação, que indica o modo de proceder.

Congelador de Edmundo Carré. Fig. 206. N'este apparelho faz-se gelo abaixando a temperatura por meio da evaporação no vacuo produzido por uma bomba. A agua que se quer reduzir a gelo deita-se n'uma garrafa, ou n'um vaso de bocca larga. Esta garrafa ou este vaso não deve encher-se completamente, porém só conter um pouco mais de um terço do que póde conter d'agua. Faz-se o vacuo por cima da agua por meio de uma bomba. Á medida que se produz o vacuo, a agua perde o ar que continha, e depois evapora-se. O ar e o vapor, antes de chegarem á bomba, são obrigados a atravessar um cylindro contendo acido sulfurico. O vapor fica instantaneamente absorvido; forma-se novo vapor que o acido absorve igualmente. Em consequencia da evaporação produz-se um abaixamento de temperatura na agua que fica, que pouco a pouco se reduz a gelo. O vaso cobre-se a principio de uma camada de orvalho, a agua torna-se fria, algumas agulhas apparecem no seu interior; sua transparencia desapparece, e ao cabo de pouco tempo toda a agua acha-se convertida em gelo. Um só homem póde fazer marchar um apparelho de 8 ou 10 garrafas ou vasos. Empregão-se as garrafas quando se quer resfriar simplesmente a agua, para o que bastão dois ou tres minutos; empregão-se os vasos de bocca larga, quando se quer obter gelo em bocados, o que se effectua ao cabo de uma hora.

Preparação do apparelho. Tapar com chapa de vidro a abertura C do recipiente B; com chapa metallica a abertura *e* do zimborio E; e com a rolha metallica *d* a abertura do vaso de despejo D. Tapa-se a abertura C, esfregando, sobre o angulo exterior da margem do vaso, a cera previamente aquecida á chamma de uma vela; depois do que applica-se a chapa de vidro, apoia-se sobre ella com a mão, e a abertura acha-se lutada e tapada. Para grudar a tampa do zimborio E, faz-se um cylindro regular de cera, de 3 a 4 milimetros de diametro, e applica-se no angulo da juncção sobre a tampa; aquece-se a cera estando dura, fóra do que é inutil; depois põe-se a tampa no lugar e apoia-se com a mão por cima; procede-se da mesma fórma com a rolha do vaso de despejo D. Deitar algumas

gottas de oleo espesso na cavidade que se acha por cima da chave *i* da torneira, e no reservatorio *k* do agitador; deitar bastante para que a haste fique completamente coberta. — Deitar cerca de 30 millimetros, em altura, de azeite doce no copinho *a* que se acha por cima da tampa da bomba A. Este copinho está munido de uma tampa movel cuja parte cheia deve ser posta por cima da situação da valvula de expulsão, collocada no copinho, afim de evitar a projecção do azeite para fóra em quanto que a bomba emitte ar em quantidade; quando o vacuo está quasi completo, póde-se tirar a tampa para ver a operação. Para assegurar-se de que o apparelho não tem fugas, adapta-se uma garrafa vasia ao bico da torneira, deitão-se algumas gottas d'agua sobre o gargalo, e faz-se o vacuo; se um quarto de hora depois, fazendo mover a bomba, o ar não entra, as juncturas estão bem feitas, e o apparelho póde ser carregado.

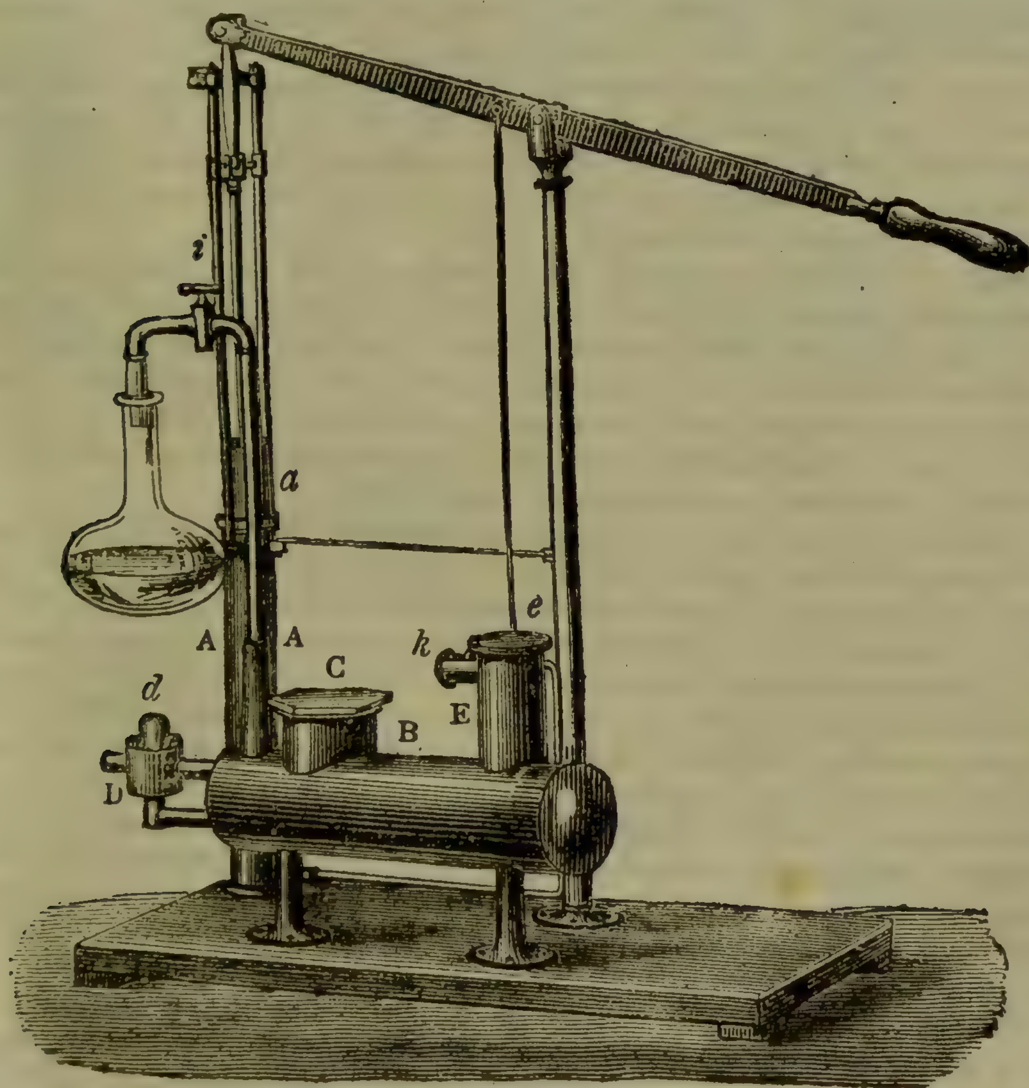


Fig. 206. — Congelador de Edmundo Carré.

Carregação. Tira-se a rolha *d* do vaso de despejo D, e deitão-se pela abertura 2 kilogrammas 700 grammas de acido sulfurico concentrado do commercio (66 grãos), em volume 1 1/2 litro para o apparelho de uma garrafa; ou 6 kilogrammas (em volume 3 1/2 litros para o apparelho de duas garrafas). Mas deve-se primeiro tirar a garrafa e abrir a torneira, sem o que, o acido não entraria; depois inclina-se levemente o apparelho para que não fique acido no vaso D; torna-se a pôr a rolha guarnecida cuidadosamente de cera, e restitue-se ao apparelho a sua posição ordinaria.

Manobras. Adaptar a garrafa ou as garrafas contendo o terço do seu volume d'agua (quasi 400 grammas); e fazer mover a bomba tendo o cuidado de levar sempre o embolo ao contacto com o fundo e com a tampa, e *mesmo demorar um ou dois segundos, apoiando fortemente durante a sua applicação contra a tampa,* afim de assegurar a expulsão completa do ar, cuja sahida é acompanhada, quando o vacuo está adiantado, de um pequeno ruido secco, que a pratica de alguns minutos faz conhecer. Depois de 30 ou 35 movimentos de bomba, com o apparelho de uma garrafa, 50 ou 55 com o apparelho de duas garrafas, a agua parece entrar em ebullição, o que é devido á sahida do ar; continua-se até ella principiar a congelar-se. No estado normal, e com o acido novo, o gelo principia a formar-se 2 ou 3 minutos depois do começo das manobras, e a congelação total de uma garrafa necessita 40 a 45 minutos; a rapidez da congelação diminue um pouco á medida que o acido se vai diluindo; póde o acido servir ainda que se ache no 52° e mesmo 50°, o que dá uma producção de 12 a 15 garrafas por carregamento de acido com o apparelho de 1 garrafa, e de 35 a 40 garrafas com o apparelho de 2 garrafas.—De 10 em 10 minutos, pelo menos, tirar por alguns movimentos da bomba, o ar que se desenvolve da agua á medida que esta se congela.

Antes de tirar a garrafa congelada, fecha-se a torneira. Immediatamente depois de tirar a garrafa congelada, póde-se applicar outra, mas n'este caso *deve-se abrir a torneira mui lentamente.* Se se abrisse depressa, o ar, entrando com precepitação, poderia impellir o acido para os conductos e estorvar o andamento do apparelho. Se um semelhante accidente acontecesse, seria preciso desmanchar a bomba, e alimpar os conductos.

O vaso para produzir o gelo em bocados adapta-se ao apparelho da mesma fórma que a garrafa, depois de grudada com cera a tampa de estanho. Gruda-se da mesma maneira que a abertura C, como já deixei dito. Antes de adaptar este vaso ao apparelho, faz-se mover a bomba tres ou quatro vezes com a torneira fechada, de maneira que depois de adaptado, possa o vaso adherir fortemente ao abrir a torneira; deitão-se algumas gottas d'agua no gargalo como se pratica com a garrafa. A quantidade d'agua que se introduz no vaso é de 500 grammas o maximo. Para desfazer a junctura da tampa, depois de congelada a agua e tirado o apparelho, bastará introduzir entre as duas partes uma espatula ou uma faca. Quando o acido se eleva a 2 centimetros do apice do recipiente, está saturado, o que aliás se conhece pelo afrouxamento do trabalho : tira-se pelo appendice D que servio para introduzi-lo; principia-se por tirar a garrafa ou o vaso, depois abre-se a torneira *mui lentamente;* tira-se depois a rolha, e o acido escorre em totalidade inclinando o apparelho.

Quando com o apparelho de 2 garrafas, não se quer operar senão sobre uma garrafa, é preciso applicar no lugar da segunda o gargalo metallico tapado na parte inferior, afim de evitar qualquer entrada de ar pela segunda torneira. Este gargalo acha-se entre os objectos accessorios do apparelho.

Observações. O banho de azeite sobre a bomba deve sempre cobrir a séde da valvula; o do reservatorio do agitador K deve tambem ser entretido. O apparelho não deve ser transportado nem virado, sem que o recipiente esteja previamente esvasiado e lavado.

Nos apparelhos encaixotados, deve notar-se que o agitador está suspenso por meio de corda e seguro com almofadas para impedi-

lo de mover-se durante o transporte; tirar as almofadas e as cordas e não deixar vestigio algum de corpo estranho.

Os accessorios entregues com estes apparelhos são : 2 garrafas com o apparelho nº 1; 4 garrafas com o apparelho nº 2; uma chave, cera, um frasco de azeite espesso, anneis de caoutchouc para os bicos que recebem as garrafas, anneis de couro, cobertos de cera, para as juncturas do tubo que faz communicar a bomba com o recipiente, outros anneis de couro não encerados para a guarnição da arvore do agitador, e um estylete para apertar, se fôr preciso, a peça que aperta o couro d'esta guarnição.

Recommendações essenciaes, que se repetem, afim de não esquecê-las. Não abrir senão mui de vagar a torneira quando o apparelho está debaixo do vacuo. — Nunca tirar a rolha do vaso de despejo D sem deixar previamente entrar o ar no recipiente. — Evitar os movimentos precipitados quando se faz mover a bomba, para não projectar o acido no zimborio sobre a junta do agitador; termo médio 30 movimentos de embolo por minuto bem regrados e sem sacudiduras.

Este apparelho fabrica-se e vende-se em Pariz, em casa de Edmundo Carré, rua *d'Assas*, nº 24.

Preço dos apparelhos. — Apparelho operando sobre 1 garrafa, 160 francos; sobre 2 garrafas, 200 francos; sobre 4 garrafas, 400 francos; sobre 8 garrafas, 800 francos; sobre 12 garrafas, 1000 francos. Um vaso de vidro com tampa de estanho; formando garrafa para produzir gelo em bocados, 10 francos. Os objectos accessorios (cera, azeite, anneis de caoutchouc) 6 francos.

O frio póde tambem ser produzido pela transformação de um liquido em gaz. N'este principio é fundado o apparelho seguinte :

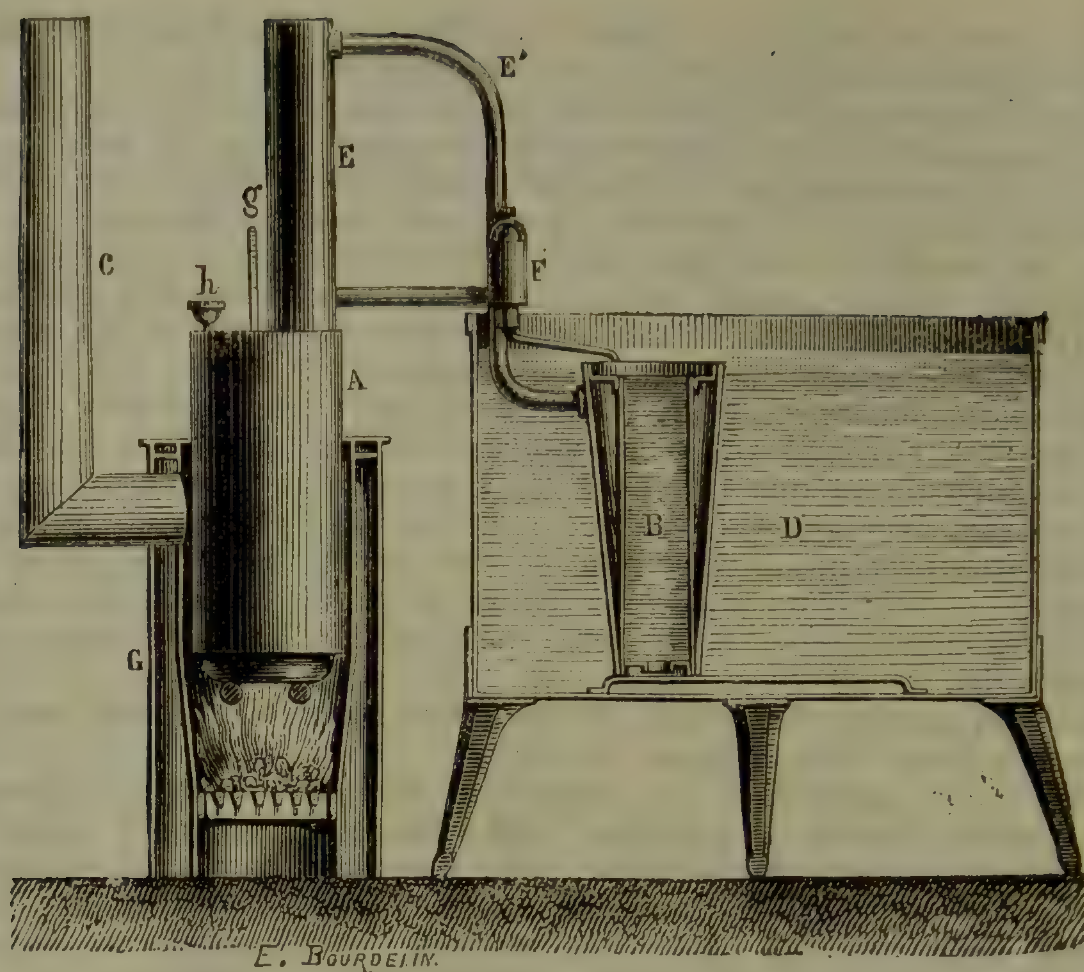
Apparelho de Fernando Carré para a fabricação do gelo, e dos sorvetes. — O frio é produzido n'este apparelho pela volatilização do gaz ammoniaco previamente reduzido ao estado liquido. Compõe-se este apparelho de dois reservatorios cylindricos, reunidos por um tubo (fig. 207). O primeiro reservatorio A, forma caldeira; contém um thermometro *g*, e uma abertura *h*, que se póde fechar hermeticamente, pela qual se introduz uma dissolução concentrada de gaz ammoniaco em agua.

O segundo reservatorio B (fig. 207), chama-se *congelador;* é n'elle que se mette um cylindro movel contendo agua ou qualquer outro liquido que se quer congelar.

Estes dois reservatorios communicão entre si por um tubo EÉ.

O reservatorio A, cheio aos tres quartos de uma solução ammoniacal concentrada, põe-se sobre o fogo G (fig. 207); e mergulha-se ao mesmo tempo o outro reservatorio B (fig. 207), na agua fria. Aquece-se a dissolução ammoniacal até o thermometro marcar 130° centigrados. A este ponto o gaz ammoniaco deixa completamente a agua, e chega ao reservatorio B, onde se transforma em liquido pelo effeito da compressão que experimenta das novas porções do gaz que continuão a desprender-se. Acabada a separação tira-se o reservatorio A do forno, e mergulha-se na tina D, contendo agua fria, como representa a fig. 208. O gaz ammoniaco *liquido* volatiliza-se então no reservatorio B, e volta ao reservatorio A, onde torna a ser absorvido pela agua. Esta passagem do ammoniaco, do estado liquido ao estado gazoso, é que produz um frio sufficiente para congelar a agua ou qualquer outro liquido, que se mette n'uma sorveteira movel *d* (fig. 208).

Este apparelho fabrica-se e vende-se em Pariz, em casa dos



Fig, 207. — Apparelho de Fernando Carré para a fabricação do gelo.

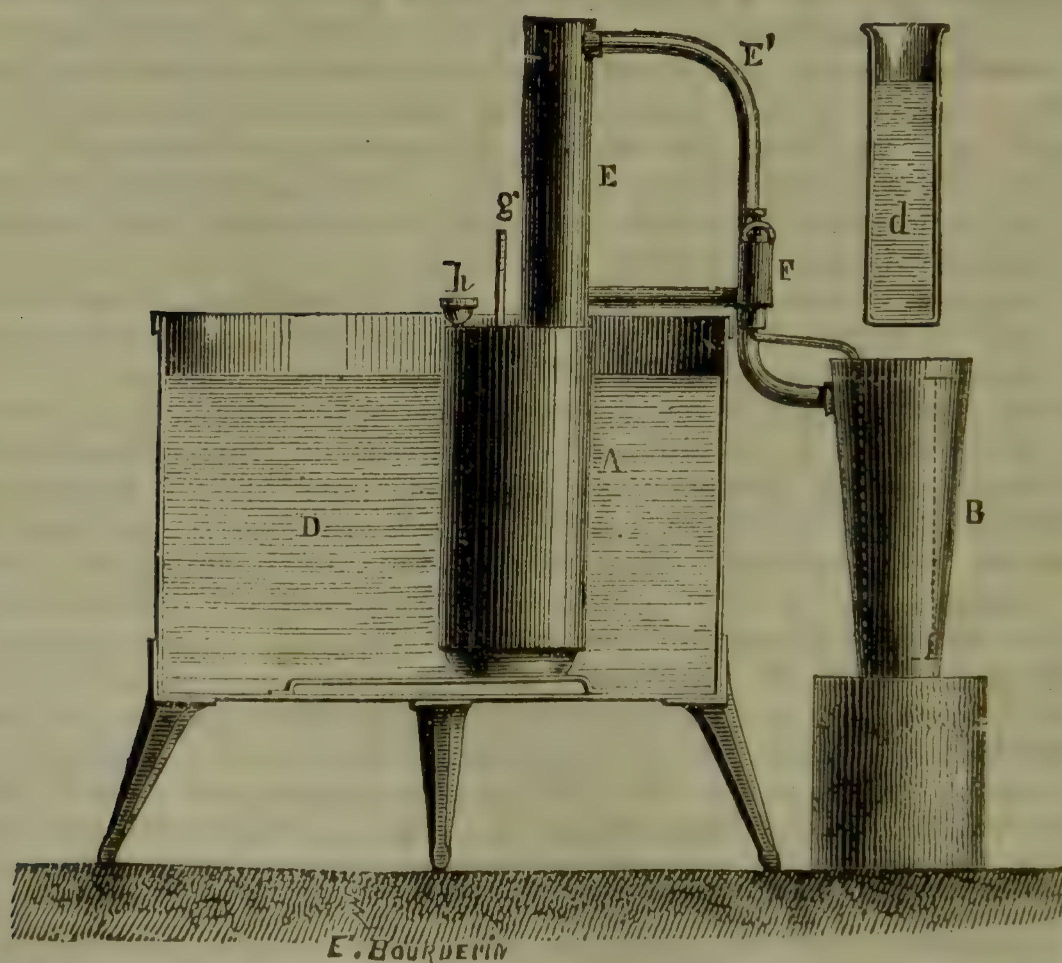


Fig. 208. — Apparelho de Fernando Carré para a fabricação do gelo.

constructores Mignon e Rouart, na rua *Oberkampf, 149*. Preço dos apparelhos : para obter 500 grammas de gelo, 168 francos; para obter 1 kilogramma de gelo, 262 francos, para obter 2 kilogram. de gelo, 376 francos.

N'estes preços entrão o apparelho contendo a solução ammoniacal, o forno, o envoltorio, dois thermometros, uma sorveteira, uma tina, e o encaixotamento de todos estes objectos.

FRUCTOS PEITORAES. Mistura de partes iguaes de *tamaras sem os caroços, açofeifas sem os caroços, figos passados* (*seccos*) e *passas*.

Internamente. *Decocção :* Fructos peitoraes 50 gram. (1 1/2 onça). Ferva em quantidade d'agua tal que, depois da fervura, fique 1 litro (32 onças) de liquido; côe por panno de lã.

Xarope antiphlogistico de Briant.

Fructos peitoraes	60 gram.	Mucil. de raiz de althea	60 gram.
Flores peitoraes	8 gram.	Mucilagem de linhaça	30 gram.
Flores de papoulas	4 gram.	Agua de flores de laranj.	60 gram.
Gomma arabica	90 gram.	Assucar e agua	q. s.

Para 1000 grammas de xarope. — D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

FUCUS VESICULOSUS. V. p. 249.

FULIGEM, ou **Ferrugem de chaminé** (Suie, fr.). Substancia formada de carvão e cinzas. É composta de resina empyreumatica, de acido acetico, de materias extractivas, de chlorhydrato de ammoniaco ou de outros saes. Acha-se em laminas frageis, luzidias, mui pretas, de cheiro desagradavel, sabor amargo. — Estimulante; empregada externamente com vantagem contra a tinha, affecções cutaneas e ophthalmias. Internamente é aconselhada nas affecções nervosas e verminosas.

Internamente. *Tintura de fuligem :* Fuligem 1 p.; alcool a 58° c. 8 p. Macere por 8 dias e côe. De 20 a 30 gottas em poção.

Externamente. *Decocção de fuligem* (Blaud) : Fuligem, 200 grammas, agua 500 grammas. Ferva por meia hora, e côe. Em lavatorios, contra a tinha e dartros.

Pomada de fuligem (Marinas).

Fuligem pulverizada	50 gram.	Banha	50 gram.

M. Em fricções contra a tinha e dartros.

Collyrio antiscrophuloso (Baudelocque).

Fuligem 15 grammas. Dilua em q. s. d'agua fervendo, côe e evapore até seccar. Dilua este residuo ou extracto de fuligem em vinagre forte 90 grammas. Ajunte : extracto de rosas rubras 30 centigrammas. — Algumas gottas d'este soluto n'um copo d'agua morna, constituem um collyrio resolvente, recommendado nas ophthalmias purulentas.

FUMARIA, Fumo da terra, Herva molarinha (Fumeterre, fr.). *Fumaria officinalis*, L. Fumariaceas. Planta que habita nos campos do Brasil e de Portugal. Fig. 209. Caule glauco, quadrado, liso; folhas pinnuladas, recortadas, flores purpurinas, salpicadas de preto; a planta toda é mui succulenta e amarga. *P. us. Toda a planta.* — Tonico; usa-se nas affecções cutaneas, escorbuticas, escrophulosas, na ictericia e amenorrhea.

Internamente. *Infusão :* Folhas de fumaria 10 grammas (2 1/2 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora e côe.

Xarope (p. 135), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Sumo, 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).
Extracto (p. 89), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em pilulas

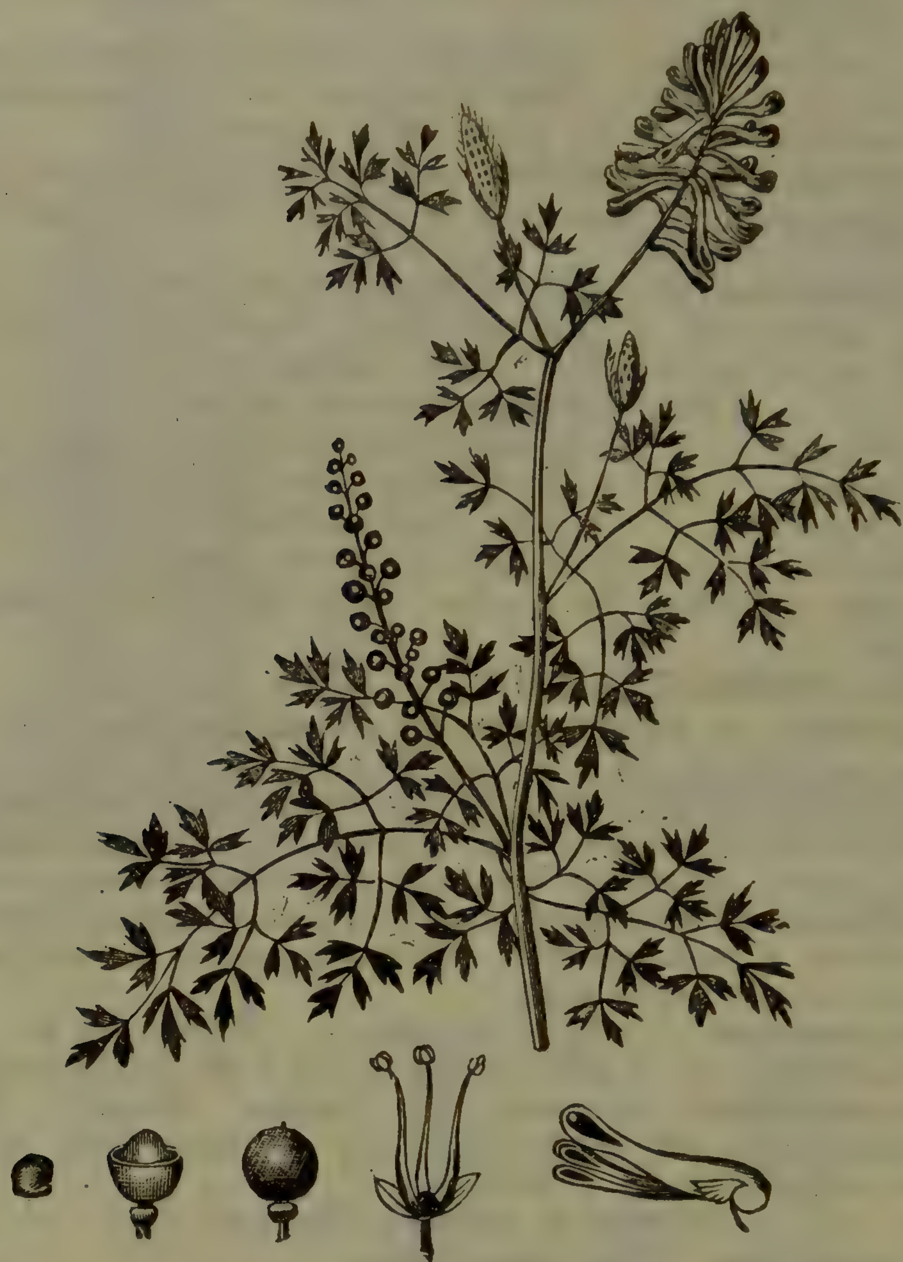


Fig. 209. — Fumaria.

FUMO. V. TABACO.

FUNCHO (Fenouil, fr.). *Anethum funiculum*, L. Umbelliferas. Planta da Europa, cultivada nas hortas do Brasil; frequente em Portugal. Raiz da grossura de um dedo; caule verde e liso; folhas divididas em foliolos lineares; fructos oblongos, um pouco recurvados, estriados, de côr verde-pallida quando recentes, amarellados quando antigos; cheiro aromatico, sabor quente. *P. us. Raiz*, *folhas* e *fructos*. A raiz do funcho passa por diuretica; é uma das cinco raizes aperientes, de cujo xarope se faz repetido uso. As folhas são empregadas como condimento.

Os fructos, chamados impropriamente *sementes*, são estimulantes, carminativos, e usados nas colicas flatulentas.

Internamente. Fructos. *Pó*, 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oit.)

Infusão, 4 grammas (1 oitava) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

Oleo volatil, 5 a 10 gottas.

FUNCHO D'AGUA. V. PHELLANDRIO AQUATICO.

GALANGA (Galanga, fr.). *Alpinia galanga*, Willd. Amomeas. Planta das Indias orientaes. A sua raiz, (rhizoma), de sabor acre, cheiro aromatico, entra na composição de algumas preparações estimulantes e tonicas. Fig. 210. O commercio offerece duas variedades, que talvez não differem senão pela idade da planta : 1º a *Grande Galanga, Galanga da India* ou *de Java;* 2º a *Pequena Galanga,* ou *Galanga da China, Galanga officinal.* Raizes articuladas, marcadas de franjas circulares, de côr amarella fulva, de cheiro e sabor aromaticos, analogos aos de gengibre. São cortados em pedaços de 2 a 4 centimetros de comprimento, e de 6 a 12 millimet. de espessura.



Fig. 210. — Raiz de galanga da China, pequena variedade.

GALBANO (Galbanum, fr.). Gomma-resina produzida pela *Bubon galbanum,* L. Umbelliferas, planta da Syria. Massas agglutinadas, misturadas com sementes e destroços de folhas, apresentando no interior lagrimas branco-amarelladas; fractura unctuosa, cheiro forte, sabor amargo e quente. *Purifica-se* pela mesma fórma que a gomma-ammoniaco.

Estimulante, antispasmodico, da ordem da assafetida, mas só empregado externamente. Faz a base do emplasto do seu nome (v. p. 80); entra na theriaga, diascordio, balsamo de Fioravanti, diachylão.

Emplasto de galbano e açafrão. V. p. 82.

Emplasto de galbano camphorado. V. p. 81.

Applicão-se nos engurgitamentos das glandulas.

GALHA, ou **Noz de galha** (Noix de galle, fr.). Excrescencia desenvolvida nos grelos dos ramos novos de uma especie de carvalho, *Quercus infectoria,* Olivier, que habita na Asia menor; são produzidas pela picada de um insecto. Fig. 211. Corpo carnoso, globoso, duro, pesado, aspero, de côr fusca ou esverdeada, sendo menos estimados os esbranquiçados e furados; tem sabor amargo e adstringente. Esta é a melhor; mas colhem-se tambem as galhas nos diversos carvalhos que habitão em Portugal, França, Hungria, Piemonte, etc. A agua, o alcool, o ether, extrahem facilmente os principios activos da galha.

Adstringente e tonico, aconselhado internamente na diarrhea, leucorrhea, e como antidoto do emetico; externamente em gargarejos, para combater a salivação mercurial.

Internamente. *Pó,* 50 centigrammas a 1 gram. (10 a 20 grãos).

Externamente. *Infusão* ou *Decocção :* 15 grammas (1/2 onça), para 500 grammas (16 onças) d'agua, em gargarejos, fomentações, injecções.

Tintura (p. 122), como reagente dos saes de ferro.

Gargarejo adstringente.

Noz de galha	4 gram.	Casca de romã	4 gram.
Rosas rubras	4 gram.	Agua fervendo	q. s.

Infunda e côe de modo que obtenha 250 gram. de liquido; ajunte :

Vinho tinto	250 gram.	Mel rosado	60 gram.

M. Salivação mercurial.

Pomada anti-hemorrhoidal (Cullen).

Galhas em pó	5 gram.	Banha	40 gram.



Fig. 211. — Galha.

Pomada anti-hemorrhoidal (Ware).

Galhas em pó	10 gram.	Cera derretida	40 gram.
Camphora	5 gram.	Tintura de opio	10 gram.

M. Friccionão-se levemente os tumores hemorrhoidaes, duas vezes por dia, com a quantidade de pomada do tamanho de uma azeitona.

GALIPOT (Galipot, fr.). Resina que fica adherente ao tronco do pinheiro, *Pinus maritima*, L., depois de colhida a terebinthina. É secca, em pedaços arredondados, côr amarellada, cheiro terebinthaceo, sabor amargo, soluvel no alcool. *Purifica-se* pela mesma fórma que o alcatrão. Entra na composição dos emplastos.

GALVANISMO. V. Electricidade.

GAMELLEIRA ou **Figueira branca**. *Ficus doliaria*, Mart. Artocarpeas. Arvore do Brasil (S. Paulo, Rio, Minas), de 10 a 12 metros de altura, com 50 a 70 centimetros de diametro; os galhos são mui extensos e de magnifica folhagem. A madeira é mui procurada em razão da facilidade com que se manipula para confeccionar gamellas, o que lhe valeo o nome de *gamelleira*. O seu succo, que é lactescente, e a que chamão vulgarmente *leite*, é anthelmintico e drastico; geralmente considerado pelo povo como excellente remedio contra a opilação. Dóse : 30 a 150 grammas (1 a 5 onças), misturado com partes iguaes d'agua.

Em casos de opilação leve costumão dar 10 colheres *de sopa* de leite de gamelleira recentemente colhido, misturadas com 20 colheres d'agua. Não produzindo esta dóse effeito purgativo, repete-se até se conseguir effeito satisfactorio. Sendo a enfermidade rebelde, augmenta-se a dóse.

Extracção do leite de gamelleira. É no mez de Agosto que a arvore fornece leite com mais abundancia. Extrahe-se por incisões, do mesmo modo que o succo da seringueira; corre tão lentamente que a custo se póde obter uma garrafa por dia. Logo depois de extrahido é branco, da consistencia de nata, adherindo facilmente aos dedos, miscivel com agua, inodoro, de gosto adocicado, semelhante ao da orxata, com um resaibo levemente resinoso. O seu peso especifico, na temperatura de + 26° centigrados, é de 1,042.

CARYOPHILLATA. V. Picão.

GELATINA (Gélatine, fr.). Substancia que se fórma pela acção prolongada da agua fervendo sobre os tecidos animaes, e mais particularmente sobre os ossos, cartilagens, pontas de veado, partes tendinosas e aponevroticas. Pura, é incolor, insipida e inodora. A sua dissolução em agua quente torna-se, depois de fria, uma gelea tremula. O alcool, o tannino e as outras substancias adstringentes, alguns saes metallicos, coagulão o soluto de gelatina. Aquecida por longo tempo perde a propriedade de se prender em gelea. No commercio, distinguem-se muitas especies de gelatina, em razão da origem, do grão de pureza e dos seus usos.

1° *Gelatina pura, grenetina* (do nome do seu inventor Grenet). Apresenta-se em folhas muito delgadas, compridas, brancas, transparentes: serve para fazer geleas, manjar branco, e cobrir as pilulas. Na proporção de 1/100 communica á agua uma consistencia de gelea. As gelatinas mais ordinarias servem para clarificar os vinhos.

A *gelatina dos ossos* obtem-se facilmente por meio do acido chlorhydrico, que se apodera da cal, e deixa livre a gelatina. Extrahe-se das cartilagens dos ossos de vitellas, e das pelles recentes de outros animaes novos.

2° *Colla de Flandres.* Obtem-se fazendo ferver em agua as aparas de couros, de pergaminhos, etc. Apparece em folhas delgadas, amarelladas, um tanto nebulosas. Pulverizada grosseiramente constitue a *gelatina para banhos.*

3° *Colla forte,* ou *grude,* obtida de substancias ainda mais ordinarias do que a precedente, taes como os cascos dos bois, pellicas, orelhas; apresenta-se em folhas grandes, espessas, pretas, e emprega-se só nas artes.

4° *Colla de peixe* ou *ichthyocolla.* Prepara-se com a vesicula natatoria, secca, de differentes peixes cartilaginosos, esqualos, arraias, mas principalmente com a do esturjão, que abunda no Volga e nos outros grandes rios que desaguão no mar Caspio e no mar Negro. Existem no commercio tres especies de colla de peixe, a saber: em lyra, composta de pequenos cylindros dobrados sobre si mesmos, affectando a fórma de uma lyra; em fórma de coração; e em livro ou laminas. A melhor é a mais branca, e que se dissolve sem residuo. Nas pharmacias serve para fazer o *encerado inglez* ou *tafetá.* Em medicina emprega-se em solução, 5 a 10 partes para 1000 d'agua, em clysteres nas inflammações dos intestinos. Para as geleas, prefere-se-lhe hoje a grenetina.

Banho gelatinoso (Cod. fr.). Gelatina 500 grammas, agua fria 200 grammas. Macere por uma hora, aqueça para dissolver a gelatina, e ajunte a dissolução á agua do banho.

GELEAS. Dá-se este nome ás substancias formadas principalmente de assucar e de qualquer materia gommosa ou gelatinosa, de consistencia tremula. São ao mesmo tempo preparações medicamentosas e alimenticias. Distinguem-se em *animaes* e *vegetaes.* Estas são verdadeiras mucilagens condensadas e adoçadas, taes são as geleas

de feculas; outras vezes devem a sua consistencia á pectina, ou ao acido pectico, taes são todas as geleas de fructas.

As *geleas animaes* tem por base a gelatina. Faz-se entrar nas geleas animaes, como condimento, ora sal marinho, ora assucar. O sal é empregado de preferencia para as geleas alimenticias; o assucar é reservado para as geleas medicinaes ou geleas aromatizadas. Estas duas substancias não podem preservar por muito tempo as geleas animaes contra a putrefacção. Ao cabo de alguns dias, adquirem sabor desagradavel, e logo depois experimentão a fermentação putrida. Quanto ás geleas das fructas, estas podem conservar-se um anno e mais.

Gelea de carne.

Carne de vacca	1 kilog.	Mão de vitella nº	1
Gallinha ou gallo nº	1	Agua	3 litros

Ferva, espume, e ajunte algumas cenouras, 2 cebolas, 1 celerí, 2 cravos da India, um pouco de sal. Côe o caldo, e, depois de frio, ajunte-lhe 2 claras de ovos batidas. Torne a pôr tudo sobre o fogo n'uma panella, para tornar a cozer, espumar, e reduzir pouco a pouco á consistencia de gelea, que se côa de novo e se conserva fria. Esta gelea convem aos doentes e convalescentes.

Gelea de carragaheen. V. *Carragaheen*, p. 353.

Gelea de framboezas. V. *Gelea de groselhas*.

Gelea de groselhas (Cordeiro).

Groselhas maduras.................. quanto se queira.

Tirão-se os engaços, e em vaso de cobre não estanhado, mas bem areado e limpo, ou melhor em vaso de prata, põem-se as groselhas sobre e fogo, mexendo moderadamente até que os bagos estejão abertos; deita-se então tudo sobre uma peneira de crina, collocada em cima de uma capsula, e faz-se passar o sumo, carregando levemente com a escumadeira. Feito isto, tome-se : Do sumo obtido 1 parte, assucar branco 1 parte. Ponha-se a mistura sobre o fogo, no mesmo vaso bem lavado e limpo, e faz-se cozer rapidamente, tirando-se a espuma que se formar, até que uma parte do liquido deitada n'um prato se prenda em gelea pelo arrefecimento. Estando prompta, côe-se para os vasos. A gelea é mais agradavel, segundo algumas pessoas, ajuntando ás groselhas um decimo de framboezas. — É preciso que esta operação se faça rapida, porque a pectina, principio coagulavel das groselhas, perde a faculdade de se prender em gelea pela acção um pouco prolongada do calor. Para evitar este inconveniente, empregão-se os vasos largos, nos quaes a evaporação se faz promptamente. Recommenda-se especialmente o emprego dos vasos de cobre não estanhado, ou de prata, porque o estanho dá ás geleas avermelhadas uma côr violeta, e ás brancas, uma côr amarellada. O cobre bem areado e limpo não tem inconveniente, porque a operação é breve e não ha tempo de se formar o oxydo de cobre.

Fazem-se pela mesma fórma as geleas de *framboezas, cerejas, ginjas*, etc.

Contendo o succo de framboezas menos pectina do que o succo de groselhas, convem ajuntar ao succo de framboezas 1/4 de succo de groselhas.

Gelea de maçãs.

Prepara-se pela mesma fórma que a gelea de marmelos; com excepção de que, para 3 kilogram. de fructos, ajunta-se-lhe o succo de dois limões, e aromatiza-se com o epicarpo da casca d'estes fructos.

Gelea de mão de vacca (Cordeiro).

Mão de vacca nº	1	Sal de cozinha	16 gram.
Agua	4 litros		

Ferva em vaso conveniente a calor moderado, por 4 ou 5 horas; e quando estiver gelatinizado (o que se verifica deitando algumas gottas n'um prato que, no caso dito, se prendem em gelea pelo arrefecimento), côa-se por coador de linho, para vaso não muito largo, e deixa-se esfriar para lhe separar a gordura que occupa as camadas superiores. Feito o que, põe-se novamente ao lume em vaso largo estanhado, e quando estiver liquida, ajunte: assucar, 500 grammas; clara de ovo, reduzida a espuma com q. b. d'agua, nº 1. Agite bem a mistura, e continue a aquecer até á coagulação da albumina; côe, e ao liquido coado, ajunte mais:

Vinho branco generoso	96 gram.	Sumo de limão	24 gram

Aqueça novamente, torne a coar, e deite nos vasos proprios.

O sumo de limão é necessario para purificar as geleas, determinando a precipitação de alguma albumina, que tenha ficado em suspensão; e é para facilitar esta precipitação, que se aquece novamente a gelea depois da addição do acido.

Gelea de marmelos (Cordeiro).

Marmelos em meia maturação	6 part.	Assucar branco	4 part.
		Agua	10 part.

Esfregão-se os marmelos com panno aspero, para lhes tirar o cotão; cortão-se em quartos com faca de prata ou de marfim, deitando-os logo em agua fria, para que o contacto do ar os não côre; e assim submergidos, se lhes tirão os endocarpos membranosos com as sementes, e se cortão ainda em bocados mais pequenos. Tirão-se estes com a escumadeira, e deitão-se em outro vaso que já contém a agua prescripta, levando-se ao fogo, e conservando a ebullição até que os marmelos estejão cozidos, o que se conhece quando se lhes póde introduzir um palito sem esforço. Côa-se então por coador de linho espremendo levemente, e ao liquido ajunta-se o assucar; faz-se evaporar até que algumas gottas deitadas n'um prato se prendão em gelea pelo arrefecimento, separando-se durante a evaporação as espumas que se formarem. Côa-se ainda a final, e deita-se para os vasos onde se guarda.

O sumo dos marmelos tem mui pouca pectina, e não daria a gelea, procedendo como se indicou para as groselhas, ou espremendo o sumo; é necessario ferver o parenchyma, porque este cede a pectose a beneficio do acido do fructo, constituindo-se a pectina precisa á formação e conservação da gelea. É por esta razão que se póde tambem obter a gelea fervendo o residuo resultante da extracção do sumo dos marmelos, em sufficiente quantidade d'agua, ligeiramente acidulada com o acido citrico.

Gelea de musgo de Corsega. V. *Musgo de Corsega.*

Gelea de musgo islandico. V. *Musgo islandico.*

Gelea peitoral.

Fructos peitoraes	37 part.	Manná em lagrimas	9 part.
Agua	350 part.	Grenetina	9 part.
Raiz de alcaçuz	9 part.	Assucar	75 part.
Gomma arabica	9 part.		

Ferva os fructos peitoraes em 350 partes d'agua, até reduzir a 250 partes; ajunte a raiz de alcaçuz, infunda até ao arrefecimento; côe, ajunte as outras substancias; dissolva a calor brando; côe. Emolliente, peitoral. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Gelea de ponta de veado. V. *Ponta de veado.*

Gelea de sagú.

Sagú em pó	15 gram.	Agua	q. s.
Assucar	50 gram.		

Ferva, até reduzir á consistencia conveniente, para obter 250 grammas de gelea. Analeptico.

Gelea de salepo (Soubeiran).

Salepo em pó	15 gram.	Assucar	125 gram.
Agua	400 gram.		

Ferva o salepo na agua; ajunte o assucar, deixe esfriar. Póde-se aromatizar com agua de flores de laranjeira ou com baunilha. Emolliente, analeptico.

Geleas de sobremesa.

1.ª *Gelea de grenetina* (Soubeiran).

Grenetina	15 gram.	Assucar	350 gram.
Agua	375 gram.	Acido citrico	1 gram.

Dissolva a grenetina na agua, a calor brando, ajunte o assucar, clarifique com clara de ovo; côe, ajunte o acido, aqueça novamente, torne a coar, e aromatize por fim com a alcoolatura de casca de laranja ou limão.

2.ª *Gelea de laranja* (Soubeiran).

Colla de peixe	25 gram.	Acido citrico	2 gram.
Agua	750 gram.	Alcoolatura de casca de	
Assucar	375 gram.	laranja	12 gram.

Faça a solução da colla de peixe na agua a fogo brando, ajunte o assucar e o acido, côe, e por ultimo ajunte a tintura.

3.ª Pela mesma fórma se prepara a *gelea de limão*, substituindo a tintura de casca de laranja pela tintura de casca de limão.

4.ª *Gelea alcoolica para sobremesa.* Preparão-se as geleas alcoolicas segundo a receita da gelea de laranja; diminue-se, porém, a porção d'agua. Depois de coar a gelea, e antes de a deitar nos vasos, mistura-se com 180 grammas de qualquer liquido alcoolico dotado de sabor agradavel, tal como o rhum, marasquino, kirschenwasser, etc.

GELO. V. Frio.

GENCIANA (Genciane, fr.). *Gentiana lutea*, L. Gencianeas. Planta que em Portugal habita no cimo das mais elevadas montanhas da serra da Estrella. Fig. 212. Raiz perpendicular, ramosa, da grossura de um dedo ou muito mais, mesmo da grossura de um ante-braço, cylindrica, rugosa, rugas annulares, fusca no exterior, amarella no interior; caule de 2 a 3 pés de altura; folhas abarcantes, ovaes, verdes-claras; flores amarellas em espiga *P. us. Raiz.*

Poderoso tonico, estomachico, anthelmintico e febrifugo. Convem na inappetencia, diarrhea chronica, escorbuto, escrophulas, chlorose, gota, ictericia, febres intermittentes, etc. Segundo o Sr. Dr. Moncorvo, o acido sulfurico diluido, associado á genciana, augmenta-lhe os effeitos tonicos. Com a raiz de genciana fazem-se cónes ou cylindros para dilatar os trajectos fistulosos, porque possue a propriedade de inchar embebendo-se de algum liquido.

Internamente. *Maceração :* Raiz de genciana incisa 5 gram. (1 1/4 oitava), agua fria 1000 grammas (32 onças). Macere por quatro horas, e côe.

Pó (p. 112), 50 centigrammas a 4 grammas (10 grãos a 1 oitava).

Extracto (p. 89), 50 centigram. a 2 gram. (10 a 40 grãos).
Tintura (p. 122), 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) em poção.
Vinho (p. 127), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).
Xarope (p. 135), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).



Fig. 212. — Genciana.

Tintura de genciana composta ou *Elixir de Peyrilhe* (Cod. fr.).

Raiz de genciana	100 gram.	Alcool a 60° centes.	3000 gram.
Carbonato de soda	30 gram.		

Macere por dez dias, côe com espressão, e filtre. D. 8 a 30 gram. (2 oitavas a 1 onça) em poção.

Xarope antiscorbutico de Portal (Cod. fr.).

Raiz fresca de rabão	30 gram.	Raiz de ruiva dos tintur.	10 gram.
Folhas de cochlearia	100 gram.	Quina amarella calisaya	5 gram.
— de agriões	100 gram.	Agua	550 gram.
Raiz de genciana	20 gram.	Assucar refinado	1180 gram.

Pise em almofariz de marmore o rabão e as plantas frescas, esprema fortemente o succo, filtre por papel n'um lugar fresco. Infunda, á parte, por 12 horas, na quantidade d'agua prescripta, as raizes incisas e a casca de quina grosseiramente pulverizada. Côe e filtre por papel. Reuna 500 grammas de coadura e 120 gram. de succo filtrado. Ponha em b. m. coberto, com o assucar grosseiramente pulverizado; derreta a calor brando, e côe o xarope depois de frio. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) como antiscorbutico.

Pós estomachicos.

Genciana	50 centig.	Rhuibarbo	20 centig.
Canella	20 centig.		

F. 1 papel. D. 1 papel, meia hora antes do jantar.

Poção de genciana (Moncorvo).

Macerato de genciana	150 gram.	Acido sulfurico diluido	8 gram.
Tintura de genciana	30 gram.		

M. Uma colher *de sopa* 3 vezes por dia. — Cachexia paludosa, dyspepsia, e outras molestias acompanhadas de languidez.

Bitter.

Genciana	15 gram.	Calamo aromatico	4 gram.
Casca de laranja amarga	15 gram.	Inula campana	2 gram.
Canella	4 gram.	Coentro	12 gram.

Reduza tudo a pó grosso, macere durante 8 dias em 2 litros d'aguardente de zimbro, e ajunte 90 grammas de assucar. — Licor estomachico.

GENCIANA BRASILEIRA. *Lisianthus pendulus*, e *Lisianthus amplissimus*, Mart. Gencianeas. Pequenas plantas que habitão em Minas Geraes. Caule simples, flores azues levemente arroxeadas, raizes da grossura de uma penna de ganso, e muito amargas. As raizes n'esta provincia são usadas como febrifugas em maceração em agua fria, na mesma dóse que a genciana officinal.



Fig. 213. — Gengibre.

GENGIBRE (Gingembre, fr.). *Zingiber officinalis*, Roscoë. Amomaceas. Planta originaria da India, importada para o Brasil, Antilhas, Mexico, etc. Fig. 213. *P. us. Tronco subterraneo* (rhizoma),

chamado impropriamente *raiz*. Este tronco é tuberoso, articulado, rasteiro, produzindo talos contidos nas bainhas formadas pelas folhas; as flores são dispostas em espigas de fórma cónica, e supportadas pelas hastes radicaes curtas e compostas de escamas imbricadas unifloras. Nas boticas, a *raiz* acha-se em pedaços, da grossura de um dedo, achatada e como palmada, dura, compacta, epiderme acinzentada, por dentro branca-amarellada; sabor acre, quente; cheiro forte.

Excitante : administra-se internamente na inappetencia, colicas flatulentas; entra em muitas composições officinaes como correctivo, e principalmente nas preparações purgativas.

Internamente. *Pó* (p. 112), 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos).

Infusão : 4 grammas (1 oitava) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

Pós estimulantes.

Gengibre em pó	10 centig.	Canella em pó	20 centig.
Quina	10 centig.	Aniz	40 centig.

F. 1 papel. 1 a 2 papeis por dia, no fastio.

GERATACACA. V. MANACÁ.

GERGELIM (Sesame, fr.). *Sesamum indicum*, D. C., e *Sesamum orientale*, L. Bignoniaceas. Plantas que habitão no Brasil, Africa, Italia, etc. Das sementes extrahe-se um oleo, que serve para differentes usos na economia domestica. Na America do norte emprega-se como laxativo. Foi proposto como succedaneo do azeite doce nas preparações pharmaceuticas; difficilmente se torna rancido. Póde-se com este oleo fazer ceroto : Oleo de gergelim, 1200; cera branca, 350; agua, 750. Porém, aos emplastos dá uma consistencia mui molle. — As folhas da planta são mucilaginosas.

GERVÃO, Orgibão, Urgevão. *Verbena jamaicensis*, L. Verbenaceas. Sub-arbusto do Brasil. Caule de 2 a 3 pés; folhas oppostas, ovaes, dentadas, um tanto aromaticas; flores azues em espigas terminaes. *P. us. Folhas.* Sudorifico e estimulante.

Internamente. *Infusão*, 4 grammas (1 oitava) para 180 gram. (6 onças) d'agua fervendo.

Externamente. Folhas contusas, em fórma de cataplasma, nas contusões e feridas.

GESSO (Plâtre, fr.). Sulfato de cal calcinado. Emprega-se ás vezes para manter immoveis os membros fracturados. Para este fim dilue-se o gesso em agua, molhão-se ataduras de panno n'esta solução, e applicão-se á roda do membro. Em pouco tempo as ataduras tornão-se seccas, e formão um apparelho inamovivel.

GILBARBEIRA (Petit houx, fr.). *Ruscus aculeatus*, L. Aspargineas. Pequeno arbusto commum em Portugal; habita a cada passo pelos tapumes e nos mattos ao redor de Coimbra e outras partes da Beira e Estremadura; acha-se tambem no Brasil. Folhas ovaes-agudas, pungentes no topo, sempre verdes; o fructo é uma baga espherica vermelha. *P. us. Raiz.* É da grossura do dedo minimo, esbranquiçada, torcida e marcada de anneis mui conchegados; sabor amargo. Fraco diuretico; entra na composição do xarope das cinco raizes aperientes.

Internamente. *Infusão :* 12 gram. (3 oitavas) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo.

GINSENG (Ginseng, fr.). *Panax quinquefolium*, L. Araliaceas. Fig. 214. Planta que habita na China e no Canadá. A sua raiz é celebre

entre os Chins, como aphrodisiaca e tonica. Esta raiz é da grossura e do comprimento do dedo minimo, ás vezes fusiforme ou cylindrica, dividida ordinariamente em dois ramos, amarellada no exterior, branca ou amarella no interior; cheiro aromatico, sabor amargo, acre e ao mesmo tempo assucarado. Fazem-se com ella pastilhas, e um vinho cordial muito preconizado.



Fig. 214. — Ginseng.

Pastilhas de ginseng.

Ginseng	30 gram.	Tint. de ambar cinzento	2 gottas
Baunilha	60 gram.	Assucar	1000 gram.
Essencia de canella	10 gottas	Mucilagem	q. s.

F. pastilhas de 60 centigrammas (12 grãos). Aphrodisiaco.

GIQUIRIOBA. *Solanum oleraceum*. Solanaceas. Planta do Brasil; habita na provincia do Rio de Janeiro e outras partes do Imperio. No Rio de Janeiro é usada, interna e externamente, contra as molestias de pelle. Chamão-lhe vulgarmente *giquiry*.

Internamente. *Infusão :* Folhas, 2 grammas (1/2 oitava); agua fervendo, q. s. para ter 125 grammas (4 onças) de infusão.

Externamente. Folhas em banhos.

Pomada de giquirioba : Extracto de folhas de giquirioba, 8 gram.; banha, 60 grammas.

GITO. V. *Marinheiro*.

GLUTEN. Substancia particular, que se obtem fazendo uma pasta com agua e farinha dos grãos cereaes, a de trigo em particular, e amassando esta pasta sob um fio d'agua; fica o gluten puro na mão. É cinzento, plastico, insipido, elastico, cheiro particular. Pelo calor faz-se secco e quebradiço; é insoluvel em agua e nos corpos gordos, porém soluvel em parte no alcool. O gluten é a parte essencialmente nutritiva dos cereaes. É aconselhado pelo Dr. Bouchardat no tratamento do diabetes. Faz-se com elle pão, e semola para sopa.

Pão de gluten. Submette-se o gluten, humido e dividido, á temperatura de 100° n'uma estufa. Depois de secco reduz-se a farinha, que se amassa com 66 partes d'agua para 100 de gluten, e ajunta-se-lhe 1/2 parte de levadura de cerveja.

Para corrigir o máo gosto d'este pão, ajunta-se-lhe 20 por 100 de farinha de trigo, ou 15 a 50 por 100 de farelos.

As mais das vezes os doentes recusão o pão de gluten, qualquer que seja a perfeição empregada na sua preparação; substitue-se-lhe então na alimentação o gluten em grãos, que se administra sob a fórma de sopas.

GLYCERINA (Glycérine, fr.). Principio doce dos oleos. Faz parte naturalmente do azeite de dendê, mas obtem-se artificialmente dos corpos gordos neutros, saponificando-os pelas bases mineraes em presença da agua. É um liquido de consistencia de xarope, sem cheiro, nem côr, de sabor doce; densidade 1,26 (30° Baumé); exposto ao contacto do ar, torna-se amarello e depois roxo; soluvel em agua e no alcool, insoluvel no ether. Um volume de glycerina deve dissolver-se completamente n'um volume de alcool acidulado com 1 centesimo de acido sulfurico, sem dar lugar a nenhum deposito. A boa glycerina é transparente, não deve ter, nem côr nem cheiro; deve marcar 25° a 30° no areometro Baumé. Não deve mudar de côr quando se lhe ajunta sulfhydrato de soda, nem quando se ferve com a potassa caustica; a sua combustão deve ser completa e não deixar residuo algum. A glycerina dissolve muitas substancias que a agua, o alcool e o ether dissolvem; dissolve muitos saes e os oxydos terreos. Obtem-se saponificando materias gordas pelo leite de cal; forma-se n'este caso um sabão calcareo insoluvel; separa-se então o liquido, ajunta-se-lhe um pouco de acido sulfurico diluido, o qual precipita no estado de sulfato a cal que ficou em dissolução; evapora-se a b. m.; dissolve-se o residuo em alcool forte que se apodera da glycerina, e finalmente evapora-se o soluto alcoolico a b. m. para obter a glycerina. — Nas fabricas de velas stearicas prepara-se este producto em grande, com as aguas que tem servido á saponificação do sebo. O liquido aquoso, residuo da preparação do emplasto simples, póde tambem servir para preparar a glycerina.

Usos. A glycerina só, ou misturada com substancias medicamentosas; é frequentemente empregada hoje no curativo das feridas, excoriações, dartros, etc. Os curativos feitos com um panno ou com fios embebidos d'este liquido, tirão-se facilmente porque estão humidos, gozando a glycerina de propriedades hygrometricas. Não tem o inconveniente dos curativos com ceroto, em que as feridas se cobrem de crostas, que muitas vezes só se podem desprender tirando ao mesmo tempo a pellicula da cicatriz que acabou de se formar. A glycerina possue, além d'isto, propriedades anti-septicas que partilha com os liquidos alcoolicos. Emprega-se tambem nas ophthalmias, pura ou misturada com outras substancias. Além das applicações tão diversas que se fazem com esta substancia no estado de pureza,

dão-lhe fórmas pharmaceuticas extremamente variadas. Constitue o excipiente dos linimentos, collyrios, collutorios, gargarejos, clysteres, injecções, cataplasmas. Dá-se o nome de *glycereo, glyceroleo* ou *glycerato* á dissolução em glycerina de uma substancia medicinal qualquer. Internamente a glycerina é aconselhada contra a dysenteria, febre typhoide e diabetes. Externamente, em lavatorios contra a surdez.

Internamente. 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça) em agua.

Poção de glycerina.

Glycerina	15 gram.	Agua	150 gram.
Agua de flores de laranj.	10 gram.	Xarope simples	30 gram.

M. 2 colheres *de sopa* de 2 em 2 horas.

Clyster de glycerina.

Glycerina	10 gram.	Cozimento de linhaça	150 gram.

GLYCEREOS. Dissoluções na glycerina de substancias medicinaes. Dividem-se em duas classes : 1° Glycereos liquidos, que tem a glycerina pura por excipiente; 2° Glycereos solidos, que tem por excipiente o glycereo de amido.

1° Glycereos liquidos. Muitas substancias medicamentosas não se dissolvem na banha nem nos oleos, entretanto que dissolvem-se na glycerina, o que faz com que possa esta ser vantajosamente empregada como excipiente dos linimentos e pomadas, que não se alterão, e podem, por conseguinte, constituir preparações officinaes.

A glycerina offerece ainda uma vantagem no curativo das feridas, vem a ser, que sendo soluvel em agua, e mesmo na agua fria, as feridas podem limpar-se lavando-as com agua pura.

2° Glycereos solidos. Tem por excipiente o glycereo de amido.

Glycereo de amido (Cod. fr.).

Amido pulverizado	10 gram.	Glycerina	150 gram.

Misture as duas substancias; aqueça-as em capsula de porcelana a calor moderado, mexendo continuamente com espatula, até a massa transformar-se em gelea.

Algumas gottas d'agua favorecem a operação. A formula seguinte dá melhor resultado :

Amido	10 gram.	Glycerina	150 gram.
Agua	10 gram.		

Misture o amido com a agua, ajunte a glycerina, e aqueça brandamente mexendo a mistura.

O glycereo de amido é hoje frequentemente empregado no curativo das feridas; substitue o ceroto. Constitue tambem um dos excipientes mais bellos da pharmacia.

Glycereo para cataplasmas.

Laudano de Sydenham	1 part.	Glycereo de amido	100 part.

A glycerina, por suas propriedades hygrometricas, impede que a cataplasma seque e se pegue ás margens das feridas.

As formulas que tem a glycerina por vehiculo são hoje numerosas. Não podendo enumera-las todas, limitar-me-hei a indicar as proporções em que as diversas substancias medicamentosas se dissolvem na glycerina.

100 grammas de glycerina dissolvem :

Acetato de chumbo	10	Ammoniaco, em toda a proporção.	
Acido salicylico	2		
Alumen	40	Bicarbonato de soda	8

Bichlorureto de mercurio	7,50
Borax	60
Chlorato de patassa	3,50
Chlorureto de zinco	50
Codeina, em toda a proporção.	
Cyanureto de potassio	32
Deuto-iodureto de mercurio, insoluvel	
Emetico	5,50
Enxofre	0,1
Hydrochlorato de ammoniaco	10
Hydrochlorato de morphina	20
Iodo	1,90
Iodureto de chumbo, insoluvel.	
Iodureto de ferro em toda a proporção.	
Iodureto de potassio	40
Iodureto de zinco	40
Lactato de ferro	16
Morphina	0.45
Nitrato acido de mercurio, em toda a proporção.	
Nitrato de prata, em toda a proporção.	
Phosphoro	0,2
Potassa caustica, em toda a proporção.	
Perchlorureto de ferro, em toda a proporção.	
Proto-chlorureto de mercurio, insoluvel.	
Proto-iodureto de mercurio, insoluvel.	
Sal de cozinha	20
Strychnina	0,25
Sulfato de cobre	30
Sulfato de ferro	25
Sulfato de quinina	2,75
Sulfato de zinco	25
Tannino	50
Tartrato de potassa e ferro	8
Veratrina	1

As gommas, o assucar, as materias corantes, os succos vegetaes, o alcool, as tinturas, os extractos, o sabão, a creosota, certas materias azotadas, a clara de ovo, etc., são soluveis na glycerina.

São insoluveis : o chloroformio, o ether, os oleos graxos e essenciaes, a camphora, a benzina, e as resinas.

GOIABEIRA, *Psidium guajava*, Raddi. Myrtaceas. Arvore do Brasil de 6 a 7 metros de altura, que dá as fructas chamadas goiabas; flores axillares, folhas ellipticas, oppostas, de gosto amargo e adstringente. *P. us. Folhas.* Empregão-se em decocção como adstringentes, internamente nas diarrheas, externamente em banhos nas inchações das pernas. Com as fructas, privadas das sementes, se prepara um excellente doce, a *goiabada*, a qual aproveita tambem nas diarrheas.

Interna e **externamente.** *Decocção :* 30 grammas (1 onça) de folhas para 500 grammas (16 onças) d'agua.

GOIVEIRO-AMARELLO (Giroflée, fr.). *Cheirantus cheiri*, L. Cruciferas. Planta commum no Brasil e em Portugal. A infusão das folhas é empregada como emmenagogo.

GOLFÃO (Nénuphar, fr.). *Nymphœa alba*, L. Nympheaceas. Planta que vive nas aguas dormentes ou pouco correntes, e é caracterizada por folhas largas e flores brancas. As flores, que contém muita mucilagem, e a raiz, que é muito forte, tuberosa, esponjosa e feculenta, gozárão de grande reputação como sedantes e anti-aphrodisiacos. Ainda hoje se emprega o xarope de nymphæa como calmante. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

GOMMAS (Gommes, fr.). São productos vegetaes neutros : parecem ser o resultado de um excesso de succo descendente, que levanta e rasga a casca das arvores gommiferas, e coagula-se na superficie. Os seus caracteres são : não crystallizarem, serem concretas, inodoras, de sabor viscoso; soluveis em agua com a qual formão uma especie de gelea chamada *mucilagem;* insoluveis no alcool, no ether, e nos corpos gordos. Manão todas espontaneamente.

GOMMAS-RESINAS (Gommes-résines, fr.). Misturas naturaes, em proporções variaveis, de substancias gommosas e resinosas, e mais alguns outros productos organicos. São em geral produzidas por vegetaes que habitão nas regiões quentes do globo. Manão tambem espontaneamente, porém as mais das vezes obtem-se por incisões e deseccação ao sol. São insoluveis em agua e no alcool puro, porém soluveis no alcool aquoso quente. São todas odoriferas, e devem ser guardadas ao abrigo do ar. A sua pulverização é ás vezes difficil, entretanto chega-se a obtê-la por meio do frio, tendo o cuidado de triturar com a mão do almofariz que tenha a cabeça larga, afim de não operar por muito tempo sobre a mesma quantidade, com receio que amolleça pelo calor que se produz. As gommas-resinas são : a *assafetida*, a *gomma-ammoniaco*, o *galbano*, o *opopanaco*, o *sagapeno*. São tambem consideradas como gommas-resinas o *bdellio*, a *gomma-gutta*, a *myrrha*, o *olibano*, a *escamonéa*, o *aloes*, a *laca*. V. estas palavras.

GOMMA ALCATIRA, **Tragacantha**, ou **Adraganta** (Gomme adragante, fr.). Gomma que mana de differentes arbustos do Oriente, pertencentes ao genero *Astragalus*, e sobretudo do



Fig. 215. — *Astragalus verus*, arbusto que produz a gomma alcatira.

Astragalus verus da familia das Leguminosas. Fig. 215. É solida, opaca, branca ou amarellada, não friavel, em laminas mais ou menos largas, torcidas, ou em pequenos granulos sem fórma. —

Emolliente, como a gomma arabica, e contém sob o mesmo volume 25 vezes mais principio gommoso do que esta. Emprega-se principalmente para dar maior consistencia ás poções, para suspender em agua os pós insoluveis, e para a preparação das pastilhas.

Internamente. *Pó* (p. 112), 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos) em loock ou n'uma poção de 180 grammas (6 onças).

Solução, 4 gram. (1 oitava) para 360 gram. (12 onças) d'agua.

Mucilagem de gomma alcatira (Cod. fr.).

Gomma alcatira inteira 10 gram. | Agua fria 90 gram.

Limpe a gomma, com um canivete, de todas as impurezas que lhe possão adherir á superficie; deite-a em vaso de porcelana com a quantidade d'agua prescripta, e digira-a por 24 horas a calor brando; côe com forte espressão, e bata a mucilagem em gral de marmore para torna-la homogenea. Esta mucilagem tem uma consistencia firme, mui conveniente para a preparação das pastilhas; dá-se-lhe, á vontade, a consistencia mais molle, augmentando a proporção d'agua.

GOMMA-AMMONIACO (Gomme-ammoniaque, fr.). Succo espesso proveniente de uma grande planta herbacea, *Dorema ammoniacum*, Don., que habita na Persia. Umbelliferas. Ha duas especies d'esta gomma no commercio : 1° em lagrimas separadas, amarelladas por fóra, brancas no interior; 2° em massas volumosas, de côr amarellada, formadas de lagrimas unidas por uma pasta fulva, mais ou menos misturada com impurezas. A gomma-ammoniaco tem cheiro forte e particular; sabor amargo, acre e nauseoso, é soluvel no alcool, ether, vinagre, e em parte na agua, com a qual forma emulsão.

Gomma-ammoniaco purificada (Cod. fr.). Gomma-ammoniaco, 1500 grammas; agua, 1000 grammas. Deite em tacho tarado a agua e a gomma-ammoniaco grosseiramente quebrada; aqueça até que a substancia gommo-resinosa se dilua inteiramente no liquido fervendo. Pese tudo para saber a quantidade d'agua evaporada, e por conseguinte o peso do liquido; segundo este peso calcule a quantidade necessaria de alcool a 90° para formar alcool a 60°, tomando por base do calculo em algarismos approximativos as proporções seguintes :

Agua 350; alcool a 90° 650 = Alcool a 60° 1000 grammas.

Misture o alcool com a emulsão quente de gomma-resina na agua; aqueça por um instante, se necessario fôr, para acabar a dissolução da gomma-resina no liquido hydro-alcoolico; côe com espressão por panno moderadamente tapado. Torne a pôr sobre o fogo a solução gommo-resinosa, e evapore a calor brando ou em b. m., até o producto ficar bastante espesso, para que algumas gottas lançadas na agua fria formem uma pequena bolha que se possa amassar entre os dedos sem lhes adherir. Vase em pote. — Se a quantidade de substancia sobre a qual se operar fôr bastante consideravel, concentre a dissolução hydro-alcoolica de gomma-resina no banho-maria do alambique, afim de extrahir pela distillação grande parte do alcool empregado.

Antispasmodica e excitante. Emprega-se na asthma, nevroses da respiração e da digestão, chlorose, hysterismo, como emmenagogo, e para facilitar a expectoração nas bronchites. Para os usos externos, entra na composição de muitos emplastos, taes como o emplasto fundente de cicuta, o diachylão gommado, de Vigo, etc.

Internamente. 1/2 a 2 grammas (10 a 40 grãos) e mais em pilulas, ou suspensa em poção por meio de uma gema de ovo.

Tintura (p. 122), 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos).

Pilulas expectorantes.

Gomma ammoniaco	10 centig.	Scilla pulverizada	5 centig.

F. 1 pilula. D. 4 a 5 por dia.

Emulsão diuretica (Swediaur).

Gomma ammoniaco	8 gram.	Infusão de raiz de salsa hortense	450 gram.
Gema de ovo	nº 1		
Nitrato de potassa	8 gram.		

M. D. Ás colheres *de sopa*. Hydropisia.



Fig. 216. — *Acacia vera*, arbusto que produz a gomma arabica.

GOMMA ARABICA. (Gomme arabique, fr.). A verdadeira gomma arabica é fornecida pela *Acacia vera*, Wild., arvore da familia das Leguminosas, que habita no Egypto Fig. 216. É mui branca, gretada e mui friavel. Hoje está completamente substituida pela *gomma do Senegal*, que se lhe assemelha, á qual por costume se dá o nome de gomma arabica. Esta é produzida pela *Acacia Senegalensis*, Lam., arvore da mesma familia das Leguminosas, que forma immensas mattas no Senegal. A gomma mana d'estas arvores naturalmente ou por incisões praticadas nos ramos. Apresenta-se em lagrimas de grossura variavel, e de côr branca, loura ou vermelha; é transparente; fractura vitrea, brilhante; sem cheiro nem sabor. Dissolve-se em agua, á qual communica a consistencia mucilagi-

nosa. Uma parte d'esta gomma dá uma consistencia de xarope a 2 partes d'agua.

Emolliente, emprega-se frequentemente nas inflammações sobretudo nas dos orgãos pulmonares e digestivos.

Internamente. *Pó* (p. 112), 2 a 8 gram. (40 grãos a 2 oitavas), em poção.

Solução ou *Agua de gomma* (Cod. fr.).

Gomma arabica	20 gram.	Agua fria	1000 gram.

Lave a gomma em agua fria, rejeite esta, dissolva-a na quantidade indicada de outra agua fria; e côe por peneira. Ajuntão-se-lhe ordinariamente 30 grammas (1 onça) de xarope simples.

Xarope (p. 135), 30 a 90 grammas (1 a 3 onças) para adoçar as bebidas emollientes.

Mucilagem de gomma arabica (Cod. fr.).

Gomma arabica pulverizada, agua fria, āā..... p. ig.

Divida exactamente em gral de marmore. Esta preparação serve ordinariamente de vehiculo a outros medicamentos.

Pasta peitoral balsamica (Baudry).

Gomma arabica	3000 gram.	Agua de flor de laranj.	186 gram.
Assucar	2000 gram.	Essencia de limão	20 centig.
Thridacio	8 gram. 80 centig.	Claras de ovos n.°	4
Balsamo de Tolú	40 gram.	Extracto de alcaçuz	40 gram.

F. S. A. e divida em quadrados ou rhombos, que se administrão contra a tosse.

Pasta peitoral de bofe de vitella (Dégenétais).

Bofe de vitella	1000 gram.	Assucar candi	1500 gram.
Figos seccos	500 gram.	Balsamo de Tolú	125 gram.
Tamaras	500 gram.	Agua de flor de laranj.	93 gram.
Jujubas	500 gram.	Tintura de baunilha	8 gram.
Gomma arabica	3000 gram.		

Pasta de gomma arabica ou *Pasta de althea* (Cod. fr.).

Gomma arabica ou do Senegal	1000 gram.	Agua	1000 gram.
		Agua de flor de laranj.	100 gram.
Assucar refinado	1000 gram.	Claras de ovos n°	12

Separe da gomma todas as impurezas que lhe possão adherir á superficie; lave-a duas vezes, e dissolva-a na agua a calor do b. m. Passe a dissolução por panno de linho tapado; torne a leva-la ao lume; ajunte-lhe o assucar, e evapore mexendo continuamente até á consistencia de mel muito espesso. — Bata, á parte, as claras de ovos com a agua de flores de laranjeira, e ajunte-as pouco a pouco á pasta que manterá no fogo, e que continuará a mexer mui vivamente, até que ella adquira uma consistencia tal, que applicada quente com a espatula não adhera ás costas da mão. Verta-a sobre uma mesa ou em caixinhas cobertas com polvilho, e guarde-a n'uma mistura de 3 partes de polvilho e 1 de assucar. — Antigamente empregavão a infusão de althea para dissolver a gomma, mas a pasta ficava menos branca; e a quantidade de mucilagem que fornece a althea é insignificante, relativamente á gomma arabica que forma a base d'este medicamento.

Pastilhas ou *Tabellas de gomma arabica* (Cod. fr.).

Gomma arabica pulv.	100 gram.	Agua de flor de laranjeira	75 gram.
Assucar refinado	900 gram.		

Faça mucilagem com 75 grammas d'agua de flor de laranjeira, 75 grammas de gomma arabica, e 75 grammas de assucar. Ajunte o

resto do assucar, misturado previamente com o resto da gomma, e faça pastilhas do peso de 1 gramma (20 grãos).

Julepo ou *Poção gommosa* (Cod. fr.).

Gomma arabica pulv.	10 gram.	Agua de flor de laranjeira	10 gram.
Xarope de gomma	30 gram.	Agua commum	100 gram.

Triture a gomma com o xarope em almofariz de marmore, e ajunte as outras substancias. D. Ás colheres *de sopa*, contra a tosse. Serve muitas vezes de vehiculo a outras poções.

Emulsão arabica.

Gomma arabica pulv.	35 gram.	Assucar	20 gram.
Amendoas doces sem pelliculas	40 gram.	Agua	1000 gram.

Pise as amendoas com o assucar; faça mucilagem com a gomma e 35 grammas d'agua; misture; ajunte pouco a pouco o resto da agua; côe.

Uma chicara de duas em duas horas como emolliente nas inflammações dos rins, bexiga, urethra, estomago, etc.

GOMMA-GUTTA (Gomme-gutte, fr.). Gomma-resina extrahida da *Stalagmitis cambogioides*, Murray, arvore da familia das Gutti-feras, que habita nas Indias orientaes. Fig. 217. Apparece em massas cylindricas mais ou menos volumosas, de côr amarello-alaranjada, friaveis, sabor fraco a principio, e depois acre.



Fig. 217. — *Stalagmitis cambogioides*, arvore que produz a gomma-gutta.

Um dos mais violentos drasticos; emprega-se quando é necessario produzir uma revulsão forte, como na hydropisia, paralysia, asthma, e é aconselhada como vermifugo. Administrada em alta dóse occasiona colicas e vomitos. Associa-se ordinariamente a outros purgantes. Serve tambem na pintura; ministra a côr amarella.

Internamente. 10 a 30 centigrammas (2 a 6 grãos) em pilulas, pó ou emulsão, como purgante.

Pilulas de gomma-gutta.

Gomma-gutta	10 centig.
Canella	2 centig.
Gengibre	3 centig.
Xarope simples	q. s.

Faça 1 pilula. Toma-se uma pilula, de quarto em quarto de hora, até produzir evacuações.

Pilulas de gomma-gutta compostas (Ph. Lond.).

Gomma-gutta	4 centig.	Gengibre	2 centig.
Áloes	6 centig.	Sabão medicinal	8 centig.

F. 1 pilula. D. 2 a 6 como purgativas.

GOMMA-KINO. V. Kino.

GOMMA-LACRE. V. Caaopiá.
GOMMA TRAGACANTHA. V. Gomma alcatira.
GONÚ. V. Tayuyá.

GORDURAS (Graisses, fr.). As gorduras, ou os corpos gordos, são substancias de consistencia variavel; são liquidas ou derretem-se em temperatura pouco elevada; formão sobre papel manchas transparentes e persistentes; insoluveis em agua, geralmente pouco soluveis no alcool, mui soluveis no chloroformio e na benzina; são inflammaveis; os alcalis transformão-n'as em sabão. São abundantes debaixo da pelle do corpo dos animaes, na superficie dos musculos, no epiploon, na base do coração, perto dos rins. A gordura de perco chama-se *banha* ou *unto*, sobretudo quando é purificada; a de carneiro e de boi, *sebo*.

Extrahe-se a banha do porco separando-a dos flancos e do epiploon do animal, cortando-a em pequenos pedaços, derretendo-a a calor brando com certa quantidade d'agua, coando-a e passando-a por um panno tapado.

A *banha de porco* é um corpo gordo, branco, molle, semi-transparente, sem cheiro; derrete-se a + 26° ou 27° cent.

O *sebo de carneiro* é um corpo branco, um pouco firme; algum tanto consistente; derrete-se a 37° ou 41° cent.

A *gordura de boi* é de um amarello-pallido, quasi sem cheiro; derrete-se a 38° cent.

O *tutano de boi* é a substancia gorda, amarellada, contida na cavidade dos ossos longos do animal.

A banha de urso é de um branco amarellado, semi-fluida; de cheiro fraco particular, e de sabor quasi repugnante; derrete-se acima de 27° cent.

Banha de anta. Tira-se de uma protuberancia que existe sobre o pescoço da *anta*, animal mammifero do Brasil. Esta banha usa-se em fricções nas dôres rheumaticas.

A *gordura de ganso* é amarella e de cheiro desagradavel; derrete-se acima de 27° cent.

A boa banha de porco póde substitui-las todas. O sebo, por causa da sua consistencia, póde ser util em certas condições, como tambem o espermacete, substancia gorda que se extrahe da cabeça do cachalote (V. p. 448).

Ao cabo de certo tempo a banha de porco modifica-se e torna-se mais ou menos amarella; faz-se *rancida*. Para impedir, tanto quanto é possivel, que a banha se torne rancida, cobrem-se exactamente os potes que a contém, e põem-se em lugar fresco. Deschamps aconselha que se lhe incorporem os principios odoriferos e resinosos do benjoim. Assegura que se conserva assim por muitos annos. V. *Pomadas*, pag. 108.

Os corpos gordos carregão-se por dissolução dos principios activos de grande numero de substancias, e tornão-se d'esta maneira vehiculos preciosos para a pharmacia. Alguns são por si mesmos medicamentos activos.

A banha de porco constitue a base das pomadas; é insoluvel em agua, pouco soluvel no alcool, mais soluvel no ether, e nos oleos fixos o volateis.

O sebo, misturado com sabão e aguardente, applica-se sobre os calos doridos.

GRACIOLA, Graciosa ou **Cinifolio** (Gratiole, fr.). *Gratiola officinalis*, L. Escrophularineas. Planta da Flora portugueza; habita nos lugares inundados e humidos, junto de Coimbra, Peso da Regoa,

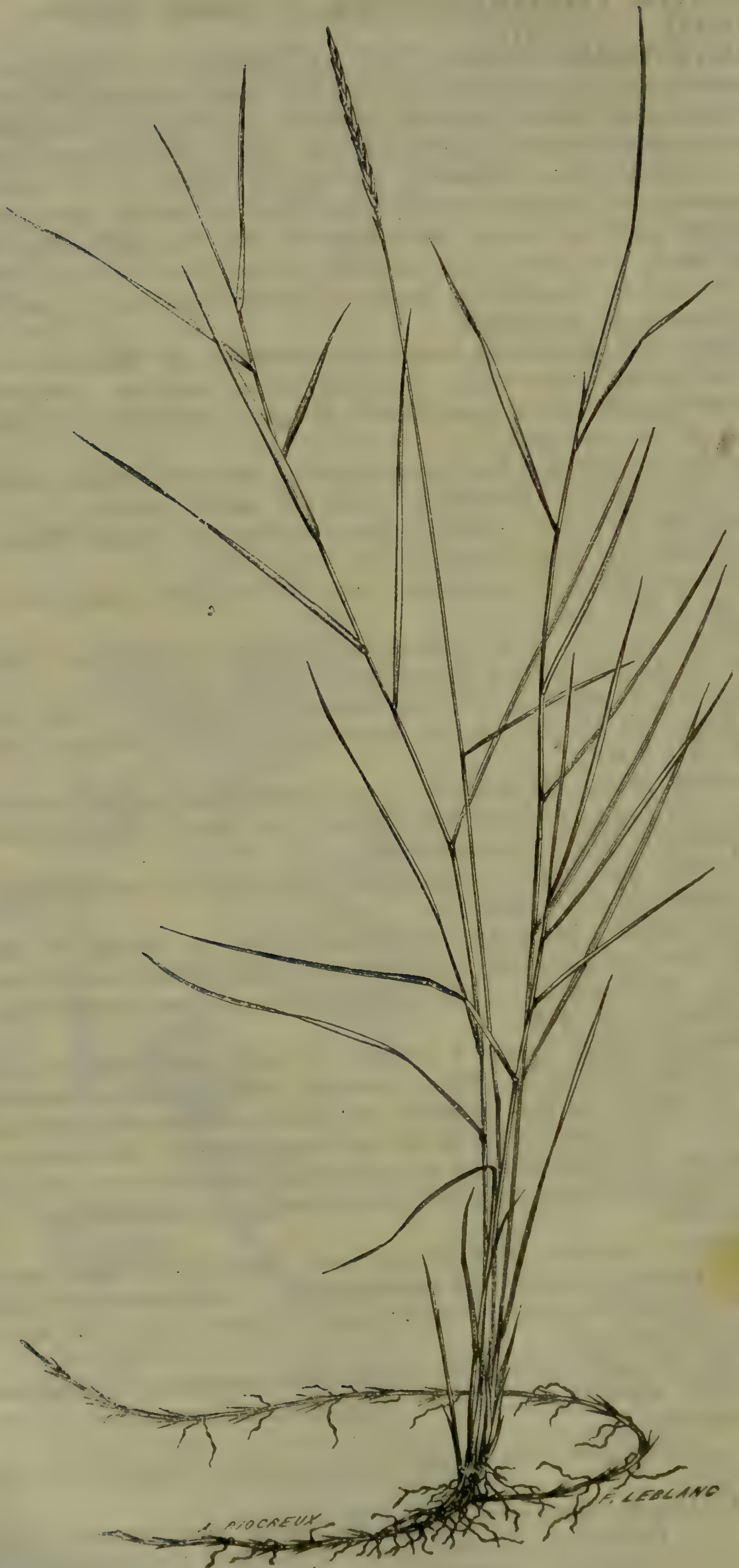


Fig. 218. — Grama.

e margens do Vouga. Folhas oppostas, rentes, glabras, lanceoladas, denteadas; flores solitarias na axilla das folhas; cheiro nauseabunbo, sabor intensamente amargo. —Vomitivo e purgante energico; pouco usado hoje.

Internamente. *Pó*, 50 a 150 centigrammas (10 a 30 grãos).

GRAMA (Chiendent, fr.). Duas plantas gramineas, que existem na Flora portugueza, fornecem a grama das boticas. A parte empregada é o tronco subterraneo ou *rhizoma*, vulgo *raiz*.

1° *Triticum repens*, L., trigo reptante. Fig. 218. Habita em Portugal na Beira, Douro e Minho; acha-se tambem no Brasil. Caule de 60 a 100 centimetros, folhas longas, rijas, verdes; rhizoma filiforme, roliço quasi simples ou pouco ramoso, glabro, reptante, compridissimo, nodoso, nós distantes, lançando fibrillas capillares, de côr amarellada no exterior, sobretudo quando secco, um pouco mais pallido no estado fresco, branco e ôco no interior, sabor adocicado; espiga mais ou menos glauca.

2° *Panicum dactylon*, L. Caules 20 a 40 centimetros, ramosos inferiormente; folhas longas, rijas, pubescentes, levemente glaucas; espigas ordinariamente de côr vermelha-roxa; os rhizomas são mais grossos que na especie precedente, da grossura de uma penna de pombo ou mais, com muitos nós; a epiderme é dura, amarella, como envernizada; o tecido é branco, farinaceo e assucarado.

Emolliente e diuretico, emprega-se nas inflammações, e principalmente nas das vias urinarias.

Internamente. *Decocção :* Grama cortada 20 gram. (5 oitavas), agua q. s. Contunda a grama em almofariz de marmore, e ferva por meia hora em q. s. d'agua para obter 1000 gram. (32 onças) de cozimento.

Cozimento diuretico.

Decocção de grama	500 gram.	Xarope das cinco raizes	60 gram.
Acetato de potassa	1 gram.		

M. Ás chicaras.

GRAMA DA PRAIA. *Stenotaphrum glabrum*, Trin. Planta do Brasil, da familia das Gramineas; habita especialmente na provincia da Bahia. A raiz goza das mesmas propriedades e emprega-se nos mesmos casos e do mesmo modo que a grama da Europa.

GREDA ou **Cré** (Craie, fr.). Nome vulgar de uma variedade de subcarbonato de cal. Apresenta-se em massas brancas, tenras, friaveis, de um aspecto branco-terreo. Preparada em paes ou cylindros, a greda toma o nome de *giz* (blanc d'Espagne, fr.). A greda entra na composição dos pós dentifricios.

GRENETINA. V. GELATINA.

GRITADEIRA ou **Douradinha do campo.** *Palicurea rigida*, Kunth. Rubiaceas. Arbusto do Brasil; habita em S. Paulo, Minas, Goyaz e Matto-Grosso. Folhas ellipticas, grandes, coriaceas e quasi rentes; flores em paniculas longamente pedunculadas; fructo, baga roxo-negra, um pouco comprimida, contendo dois nucleos. *P. us. Folhas e o entrecasco dos ramos.* Diuretico e diaphoretico; aconselhado nas erupções da pelle, molestias da bexiga e da prostata. Deve ser administrada com precaução, porque em forte dóse produz irritação de estomago, vomitos e diarrhea.

Internamente. *Infusão :* 1 gramma (20 grãos) para 180 gram. (6 onças) d'agua fervendo.

Tambem são recommendadas, como gozando das mesmas propriedades, as folhas dos arbustos seguintes, que pertencem á mesma familia das Rubiaceas.

1° **Gritadeira.** *Palicurea sonans*, Mart. (Minas).
2° **Gritadeira do campo.** *Palicurea strepens*, Mart. (Minas).
3° **Don Bernardo.** *Palicurea tetraphylla*, Cham. (Minas).
4° **Douradinha do campo.** *Palicurea aurata*, Mart. (Minas).
5° **Cotó-cotó.** *Palicurea densiflora*. Mart.
6° *Palicurea diuretica*, Mart.
7° *Palicurea officinalis*, Mart.

Ao mesmo genero e familia pertencem a *Palicurea Margravii*, St. Hilaire, e *Palicurea nicotianaefolia*, Cham., chamadas vulgarmente *Herva do rato;* habitão no Rio, S. Paulo, Minas. Os seus effeitos irritantes são muito mais fortes, a ponto de serem qualificados de venenosos. Misturadas com alimentos, são empregadas para matar os ratos.

GROSELHA (Groseille, fr.). Fructo do *Ribes rubrum*, L., arbusto da Europa (Grossulareas). Fig. 219. Serve para a preparação do xarope, que se emprega como temperante.



Fig. 219. — Groselhas vermelhas e brancas..

Xarope de groselhas (p. 136), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Limonada de groselhas. Xarope de groselhas, 1 parte; agua 9 partes.

GUABIROBA. *Eugenia depauperata*, Camb. *E. variabilis*, Mart. e *E. xanthocarpa*, Mart. Myrtaceas. Plantas do Brasil (Rio Grande do Sul). As folhas, que são algum tanto adstringentes, empregão-se em infusão contra a diarrhea e leucorrhea. A infusão bebe-se ou administra-se em clysteres e em injecções. 15 grammas (1/2 onça) por 500 grammas (16 onças) d'agua.

GUACO (Guaco, fr.). *Mikania guaco*, Humboldt. Planta trepante da familia das Eupatoriaceas que habita na Nova Granada, sobre as margens do rio Magdalena. As folhas são oppostas, ovaes-agudas, pecioladas, dentadas, do comprimento de 16 a 24 centimetros; sem cheiro, sabor amargo. Goza no paiz da reputação de curar as mordeduras das cobras venenosas. Foi aconselhada contra a cholera. Internamente, a infusão (20 p. de guaco e 100 d'agua); a tintura alcoolica (5 p. de rhum ou de aguardente para 1 p. do talo); para uso externo as tinturas alcoolicas e ethereas em fricções.

GUAIACO ou **Páo santo** (Gayac ou saint bois, fr.). *Guaiacum officinale*, L. Rutaceas. Arvore que habita na Jamaica e ilha de

S. Domingos. Fig. 220. *P. us. Páo e resina.* O páo vem em achas ou em pedaços, cujo exterior é coberto de casca espessa, acinzentada, resinosa, com pontos brilhantes na sua superficie interna. O alburno é amarellado, leve, pouco resinoso, de cheiro aromatico fraco; o páo, propriamente dito (parte central), é verde-escuro e muito resinoso, duro, compacto, inodoro e amargo. O guaiaco é um dos *quatro lenhos sudorificos.*



Fig. 220. — Guaiaco.

Sudorifico; empregado nas syphilis, affecções cutaneas, dôres rheumaticas, gota, escrophulas, etc.

Internamente. *Decocção.* Páo de guaiaco raspado 50 grammas (1 1/2 onça), agua q. s. Ferva por uma hora para obter 1000 gram (32 onças) de cozimento. Côe, deixe depôr e decante.

Extracto (p. 91), 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) em pilulas.

Tintura (p. 122), 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava) em poção.

Bolos antipsoricos (Levacher).

Extracto de guaiaco	15 centig.	Flores de enxofre	15 centig.
Extr.° de salsaparrilha	15 centig.		

F. 1 bolo. D. 2 pela manhã, e outros tantos á noite. Boubas.

Cozimento de guaiaco composto (Chaussier).

Guaiaco raspado	10 gram.	Sassafraz	3 gram.
Passas	6 gram.	Raiz de alcaçuz	3 gram.
Agua	500 gram.		

Ferva o guaiaco e as passas na agua, infunda no cozimento o sassafraz e o alcaçuz; côe. Uma chicara de 4 em 4 horas, na syphilis e gota.

Externamente. *Tintura,* como dentifricio.

RESINA DE GUAIACO. Mana naturalmente do tronco, ou obtem-se pela acção do alcool sobre as rasuras. Apresenta-se em massas irregulares, esverdeadas, de fractura irregular brilhante, de sabor acre, cheiro agradavel; soluvel no alcool, e parcialmente na agua. — Tonico e sudorifico.

Internamente. 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos), em pilulas ou emulsão.

Tintura (p. 122), 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) em poção.

GUANO (Guano, fr.). Estrume que Humboldt, na volta da sua viagem da America, trouxe á Europa, e que obteve grande applicação na agricultura. Encontra-se em massas consideraveis, de 15 a 20 metros de espessura, sobre as costas do Perú e nas ilhas da costa occidental da America. Attribuem-se estes depositos á accumulação dos excrementos de innumeraveis aves aquaticas, que habitão aquellas paragens. O guano é cinzento, avermelhado ou amarellado; é em pó ou em pequenas massas, de sabor salgado, acre, cheiro ammoniacal. Contém acido urico, uratos, phosphato de cal, phosphato de ammoniaco e magnesia, materias gordas, etc. — O guano tem sido applicado interna e externamente, contra a morphea e outras affecções cutaneas, mas até agora, sem resultado notavel. Foi sobretudo aconselhado em banhos, 1 libra para um banho, e em pomada.

Pomada de guano (Desmartis).

Guano	2 gram.	Banha	30 gram.

GUAPEVA. V. NHANDIROBA.

GUARANÁ. Sementes reduzidas a massa dos fructos de um arbusto trepante, *Paulinia sorbilis,* Martius, da familia das Sapindaceas, que habita no Pará. Os fructos apresentão-se em cachos, como os da vide, e quando estão maduros tem uma bella côr vermelha rutilante; as amendoas, que são escuras e quasi do tamanho de avelãs, torrão-se, triturão-se, amassão-se depois com agua, e são levadas ao forno para seccar e endurecer. Assim preparado o guaraná apresenta-se debaixo da fórma de pães ellipticos ou de cylindros, de côr roxa ou cinzenta, de sabor amargo, sem adstringencia sensivel; é duro, difficil de reduzir a pó, mas amollece na agua.

O guaraná reduzido a pó, misturado com agua e assucar, usa-se no Brasil como limonada refrigerante, para apagar a sêde e é aconselhado como medicamento em varias molestias, mas principalmente nas diarrheas ou dysenterias; goza de propriedades tonicas. É tambem recommendado contra as nevralgias e contra a enxaqueca. Contém cafeina, que é um dos principios mais importantes do café.

Internamente. Em dissolução, 8 grammas (2 oitavas) para 250 grammas (8 onças) d'agua. Reduz-se a pó raspando-o com uma grosa ou faca. O guaraná acha-se hoje nas pharmacias de Pariz.

GUARANHEM. V. MONESIA.

GUARAREMA. V. PÁO DE ALHO.

GUAXIMA, ou **Malvaisco.** *Urena lobata*, Cavanilles. Arbusto do Brasil (Rio). Malvaceas. Tem de 3 a 6 pés de altura, folhas arredondadas, lobadas, pecioladas, verdes-escuras por cima, verdes-claras por baixo, serreadas; flor rosea-escura, sabor mucilaginoso. *P. us. Folhas.* Emolliente, empregado internamente nos defluxos, e externamente em banhos nas inflammações.

Internamente. *Infusão :* 4 grammas (1 oitava) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo.

Externamente. *Decocção :* 30 grammas (1 onça) para 1000 gram. (32 onças) d'agua; em banhos, lavatorios, clysteres, etc.

GUIABELHA, vulgo **Diabelha.** *Plantago coronopus,* L. Plantagineas. Planta da Flora portugueza. Adstringente. A infusão

das folhas usa-se em gargarejos nas esquinencias, 15 grammas (1/2 onça) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo,

GUTTA-PERCHA (Gutta-percha, fr.). Succo leitoso que mana do tronco da *Isonandra gutta*, Hooker (Sapotaceas), arvore originaria de Singapore, e espalhada em todo o Archipelago oriental, e de outras arvores da mesma familia. A massarandúba, *Mimusops excelsa*, Freire Allemão, arvore do Pará, da familia das Sapotaceas, fornece um succo semelhante.

Este succo solidifica-se com o tempo e pela acção do ar, e serve em cirurgia para o fabríco de varios instrumentos. A dissolução de 1 parte de gutta-percha em 5 partes de chloroformio é aconselhada no curativo dos dartros, e para cicatrizar as ulceras; o chloroformio volatiliza-se, e a gutta-percha fórma sobre a ulcera uma capa resistente, que favorece a cicatrização. Não é atacada nem pelos alcalis, nem pelos acidos fluorico, muriatico, acetico, nem pelo alcool; só é atacada pelo acido sulfurico concentrado. Dissolve-se no ether, chloroformio, sulfureto de carbone e na essencia de terebinthina. As suas applicações nas artes são innumeraveis. A gutta-percha não tem tanta elasticidade como a gomma elastica, mas adquire maior rigidez e resistencia do que esta. É uma substancia preciosa para a cirurgia : permitte a confeição extemporanea de talas para fracturas, pessarios, suppositorios, bugias, e substitue o apparelho de amido para as fracturas. Para dar-lhe a configuração que se quer, basta immerge-la em agua quente e dar-lhe a fórma com os dedos. Quando torna á temperatura ordinaria, recupera a consistencia primitiva, que é a do couro flexivel. Exposta ao contacto do fogo, inflamma-se como todas as resinas, e consome-se desenvolvendo uma fumaça muito espessa. Electriza-se facilmente. O tecido *electro-magnetico*, empregado contra as dôres, não é outra cousa senão as laminas muito delgadas de gutta-percha.

HASCHISCH. V. p. 337.

HELLEBORO (Ellébore, fr.). Conhecem-se debaixo d'este nome as plantas seguintes :

HELLEBORO NEGRO. *Helleborus niger*. L. Ranunculaceas. Planta europea. Sua raiz é anegrada por fóra, esbranquiçada por dentro, da grossura do dedo minimo, com radiculas compridas e emmaranhadas; cheiro nauseoso, sabor acre. Esta raiz é um purgante drastico na dóse de 25 centigrammas a 1 gramma (5 a 20 grãos), mas não se emprega. Os veterinarios utilizão-n'a para entreter os sedenhos.

HELLEBORO BRANCO. *Veratrum album*, L. Colchicaceas. Planta da Flora de Portugal. Raiz recente carnosa, entre esbranquiçada e amarellada, guarnecida de radiculas, cheiro ingrato, sabor acre. Esta raiz é purgativa na dóse de 30 centigrammas a 1 gramma (6 a 20 grãos), mas pouco usada. Contém *veratrina*.

Os helleboros na dóse elevada são venenos narcotico-acres. Antigamente erão empregados em medicina; mas hoje não tem uso.

HERA TERRESTRE (Lierre terrestre, fr.). *Glechoma hederacea*, L. Labiadas. Planta commum em Portugal; habita nos sitios sombrios e humidos; cultiva-se no Brasil. Fig. 221. Caule prostrado; folhas oppostas, reniformes ou cordiformes, glabras ou com pellos raros, longamente pecioladas, crenuladas nas margens, côr verde escura, assim como os caules no estado fresco, um pouco roxas no estado secco, e amarelladas quando velhas, de cheiro aromatico; flores purpureas ou azuladas, dispostas em numero de 2 a 3, na axilla das folhas. *P. us. Toda a planta florida.*

Estimulante fraco, empregado como expectorante nas bronchites, tisica, etc.



Fig. 221. — Hera terrestre.

Internamente. *Infusão* : Folhas de hera terrestre 10 gram. (2 1/2 oit.); agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por meia hora, e côe.

Externamente. *Infusão*, em banhos como estimulante e tonico.

HERVA DE BICHO, Acataya, Cataya ou **Capetiçova.** *Polygonum anti-hæmorrhoidale*, Mart. Polygoneas. Planta do Brasil. Caule de 3 pés, liso, nodoso; folhas agudas; quando frescas, tem sabor acre, apimentado, sem cheiro notavel; flores terminaes, dispostas em espigas. *P. us. Folhas* e *caule*. Estimulante e diuretica, empregada nas affecções das vias urinarias. Em clysteres e banhos é remedio popular contra as hemorrhoidas.

Internamente. *Infusão*; 4 gram. (1 oitava) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo.

Succo. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) na dysenteria.

HERVA DOS CACHOS DA INDIA. V. TINTUREIRA VULGAR.

HERVA CAPITÃO, ou **do Capitão**, ou **Acariçoba.** *Hydrocotyle bonariensis*, Lam. Umbelliferas. Pequena planta do Brasil. Caule prostrado, arraigando-se nos diversos pontos d'onde partem as folhas, as quaes são reniformes; sabor acre, cheiro aromatico. — Diuretico; o seu succo emprega-se na medicina popular nos enfartes do figado, na dóse de 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas); em dóse elevada, produz vomitos.

HERVA CIDREIRA, ou **Melissa** (Mélisse, fr.). *Melissa officinalis*, L. Labiadas. Planta cultivada nas hortas do Brasil e de Portugal. Fig. 222. Caule de 2 a 3 pés; folhas oppostas, pecioladas, bastante grandes, ovaes, um tanto cordiformes na base, de um verde-claro na face inferior, de um verde escuro na superior, superficie aspera, crenuladas nas margens, um pouco villosas; flores brancas; cheiro semelhante ao do limão, sabor aromatico *P. us. Toda a planta.*

Excitante e antispasmodico; emprega-se nas digestões laboriosas, affecções nervosas, e como emmenagogo.

Internamente. *Infusão* : Folhas de herva cidreira 5 gram. (1 1/4 oitava), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora, e côe.

Agua distillada (p. 64), 30 a 120 grammas (1 a 4 onças) como vehiculo das poções calmantes.

Alcoolato (p. 67), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).

Alcoolato de melissa composto, *Espirito de melissa composto* ou *Agua de melissa espirituosa* ou *dos Carmelitas* (Cod. fr.).

Melissa recente florida	900 gram.	Moscadas	80 gram.
Casca exterior de limão	150 gram.	Coentros	80 gram.
Canella de Ceylão	80 gram.	Raiz de angelica	40 gram.
Cravos da India	80 gram.	Alcool a 80° cent.	5000 gram.

Corte a melissa e as cascas de limão, contunda as outras substancias, deixe tudo em maceração por quatro dias, e distille em b. m. até extrahir toda a parte espirituosa.

A melissa recente póde ser substituida por 1/3 de melissa secca.

Obtem-se a *agua de melissa amarella,* ajuntando a 1000 gr^as de alcoolato de melissa composto, 5 grammas de tintura de açafrão.

Emprega-se internamente na dóse de 4 gram. (1 oitava) em meio copo d'agua com assucar, como estimulante; externamente em fricções nos rheumatismos, febres typhoides, etc.

Poção excitante (Trousseau).

Agua distillada de melissa	100 gram.
Alcoolato de melissa composto	1 gram.
Xarope de hortelã-pimenta	40 gram.

Uma colher *de sopa*, de meia em meia hora, no periodo algido da cholera.

Elixir de Chartreuse (segundo Dorvault).

Melissa recente	640 gram.
Hysopo	640 gram.
Angelica	320 gram.
Canella	160 gram.
Açafrão	40 gram.
Macis	40 gram.

Depois de 8 dias de maceração em 10,000 grammas de alcool, esprema e distille sobre certa quantidade de plantas frescas: melissa, hysopo; passado algum tempo, ajunte 1250 grammas de assucar e filtre.

Os outros *licores de Chartreuse* preparão-se com o residuo d'esta distillação, ao qual se ajuntão proporções variaveis de plantas frescas, depois assucar, para obter um licor *verde, amarello* ou *branco.*



Fig. 222. — Herva cidreira.

Este licor, muito estimado, fabrica-se no convento de *Chartreuse,* em França perto da cidade de Grenoble. A formula, que apresento segundo Dorvault, é uma simples imitação.

Externamente. *Infusão*, em lavatorios, banhos, etc.

Alcoolato, em fricções, como tonico e estimulante.

HERVA DE COBRA. *Mikania opifera*, Mart. Synanthereas. Planta do Brasil (S. Paulo, Minas). Caule trepador, anguloso, folhas pecioladas, acuminadas, base cordiforme; flores reunidas em capitulos; sabor amargo, cheiro aromatico. — O succo da planta emprega-se interna e externamente contra as mordeduras de cobras.

HERVA COLLEGIO, Herva grossa (Rio), **Suçuáya, Fumo bravo** (Minas). *Elephantopus Martii*, Graham. Synanthereas. Planta do Brasil. Caule de 2 a 3 pés, velloso, aspero; folhas superiores quasi rentes, onduladas, serreadas, asperas na face superior, tomentosas na inferior; as inferiores oblongas e attenuadas; flores situadas na extremidade dos ramos; raiz amarga com resaibo picante, roxa por fóra, branca por dentro.

As folhas são emollientes, e recommendadas em infusão nas bronchites. Esta infusão prepara-se com 4 grammas (1 oitava) de folhas, e 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo. A raiz é tonica; o seu cozimento é aconselhado nas febres intermittentes, prepara-se com 8 grammas (2 oitavas) da raiz, e 180 grammas (6 onças) d'agua.

HERVA DOCE. V. ANIZ.

HERVA DUTRA. *Miconia Martiusiana*, Dec. Melastomaceas. Arbusto do Brasil (S. Paulo). Folhas oppostas cruzadas, oblongas, acuminadas, trinervaes, de sabor algum tanto adstringente e adocicado. A infusão d'estas folhas usa-se em clysteres contra a diarrhea. 4 grammas (1 oitava) para 250 grammas (8 onças) d'agua.

HERVA DOS FERIDOS. V. IBIRI.

HERVA-FERRO. V. CAA-ATAYA.

HERVA GROSSA. V. HERVA COLLEGIO.

HERVA MOIRA. (Morelle, fr.). *Solanum nigrum*, L. Solanaceas. Planta commum em Portugal; acha-se tambem no Brasil, fig. 223. Caule ramoso, anguloso; folhas ovaes sinuosas ou denteadas, flores brancas em umbella pequena, bagas a principio verdes, depois vermelhas e emfim quasi negras quando maduras. *P. us. Folhas.*— Calmante e emolliente; emprega-se em cataplasmas nas retençõe sespasmodicas de ourina. A decocção serve para lavar as regiões do corpo inflammadas e doridas. Os fructos (bagas) possuem algumas propriedades deleterias.



Fig. 223. — Herva moira.

Externamente. *Infusão :* 50 grammas (1 1/2 onça) p.ª 1000 gram. (32 onç.) d'agua. Infunda durante 1 hora, e côe com espressão por coador de lã (Cod. fr.). Em injecções, lavatorios, etc.

HERVA MOIRA DO SERTÃO. V. Paratudo.

HERVA MULAR, Curraleira (S. Paulo), **Pé de perdiz, Alcamphoreira** (Minas). *Croton perdicipes*, St. Hil. *Croton antisyphiliticus*, Mart. Euphorbiaceas. Arbusto do Brasil. Folhas alternas, curtamente pecioladas, duas vezes desigualmente denteadas, flores dispostas em espigas no apice dos ramos. As folhas e a raiz são aromaticas, e empregão-se em infusão, como sudorificas e estimulantes (1 oitava para 6 onças d'agua). A mesma infusão aproveita em lavatorios nas ulceras. As folhas frescas, piladas, ou seccas e pulverizadas; favorecem, applicadas topicamente, a cicatrização das feridas.

HERVA DE NOSSA SENHORA. V. Cipó de cobras.

HERVA DE PASSARINHO (S. Paulo), **Enxerto de passarinho** (Pernambuco). *Loranthus marginatus*, Lam. (?). Loranthaceas. Arbusto parasita do Brasil, que vegeta sobre diversas arvores, e de preferencia nos limoeiros e laranjeiras. O succo das folhas é usado pelo povo nos casos de quédas e molestias do peito.

HERVA PIPI. V. Pipi.

HERVA POMBINHA. *Phyllantus niruri*, L. Planta do Brasil. Euphorbiaceas. Caule de 2 pés, mui fino; folhas ovaes, alternas, mui pequenas; flor amarella esverdeada, fructo com 3 cellulas, e 2 sementes em cada cellula; raiz fusca por fóra, esverdeada por dentro. *P. us. Toda a planta.* Diuretico.

Internamente. *Infusão.* 1 oitava para 8 onças d'agua fervendo.

HERVA DE RATO. *Palicurea Margravii*, St. Hil. (Rio, S. Paulo); *Palicurea nicotianœfolia*, Cham. (Minas). Rubiaceas. Plantas do Brasil, cujos fructos são venenosos; misturados com toucinho servem para matar ratos.

HERVA SANTA (Rio Grande do Sul). *Baccharis ochracea*, Spreng. Synanthereas. Arbusto do Brasil; commum na provincia do Rio Grande do Sul. Folhas lineares, planas, arqueadas para baixo; flores pequenas reunidas em capitulos, e estes dispostos, em racimos alongados; cheiro aromatico, sabor amargo. A infusão das folhas é aconselhada como estomachico.

HERVA DE SANTA LUZIA. *Euphorbia Brasiliensis*, Lam. Euphorbiaceas. Planta que habita nos lugares humidos do Brasil (Rio, S. Paulo, Minas, Bahia). Caule de 1 a 2 pés de alto, nodoso, contém um succo branco, caustico; folhas oblongas, agudas, pequenas, contém o mesmo succo, porém em menor quantidade; flor miuda, vermelha. *P. us. Toda a planta.* O sumo d'esta planta emprega-se, nas roças, contra as belidas, mas é um medicamento que se deve applicar com muita cautela. Fazem-se tambem cataplasmas com as folhas, e applicão-se nas ulceras chronicas. — Ha mais outras especies que contém igualmente um succo caustico.

HERVA DE SANTA MARIA (Ambroisie, ou anserine vermifuge, fr.). *Chenopodium ambrosioides*, L. Chenopodiaceas. Planta que habita espontaneamente no Brasil, Portugal, ilhas dos Açores, Mexico, etc. Em Portugal chamão-lhe vulgarmente *Herva formigueira*, nos Açores *Uzaidella*, e no Brasil *Herva de Santa Maria*, *matruz* ou *mentruz* Fig. 224. Esta figura foi desenhada segundo um ramo colhido nos arredores do Rio de Janeiro; representa a metade do tamanho natural. Caule de 3 a 5 pés de alto, da grossura de uma penna de escrever : raiz oblonga, amarellada por fóra, branca por dentro; folhas alternas, compridas, agudas, fortemente denteadas : flor miuda, esverdeada; fructo inteiramente envolto no calice; sementes mui pequenas, pretas, cobertas de casca amarella-

escura; cheiro de toda a planta aromatico e particular. *P. us. Folhas e sementes.* Medicamento vermifugo, muito efficaz, e frequentemente empregado no Brasil.

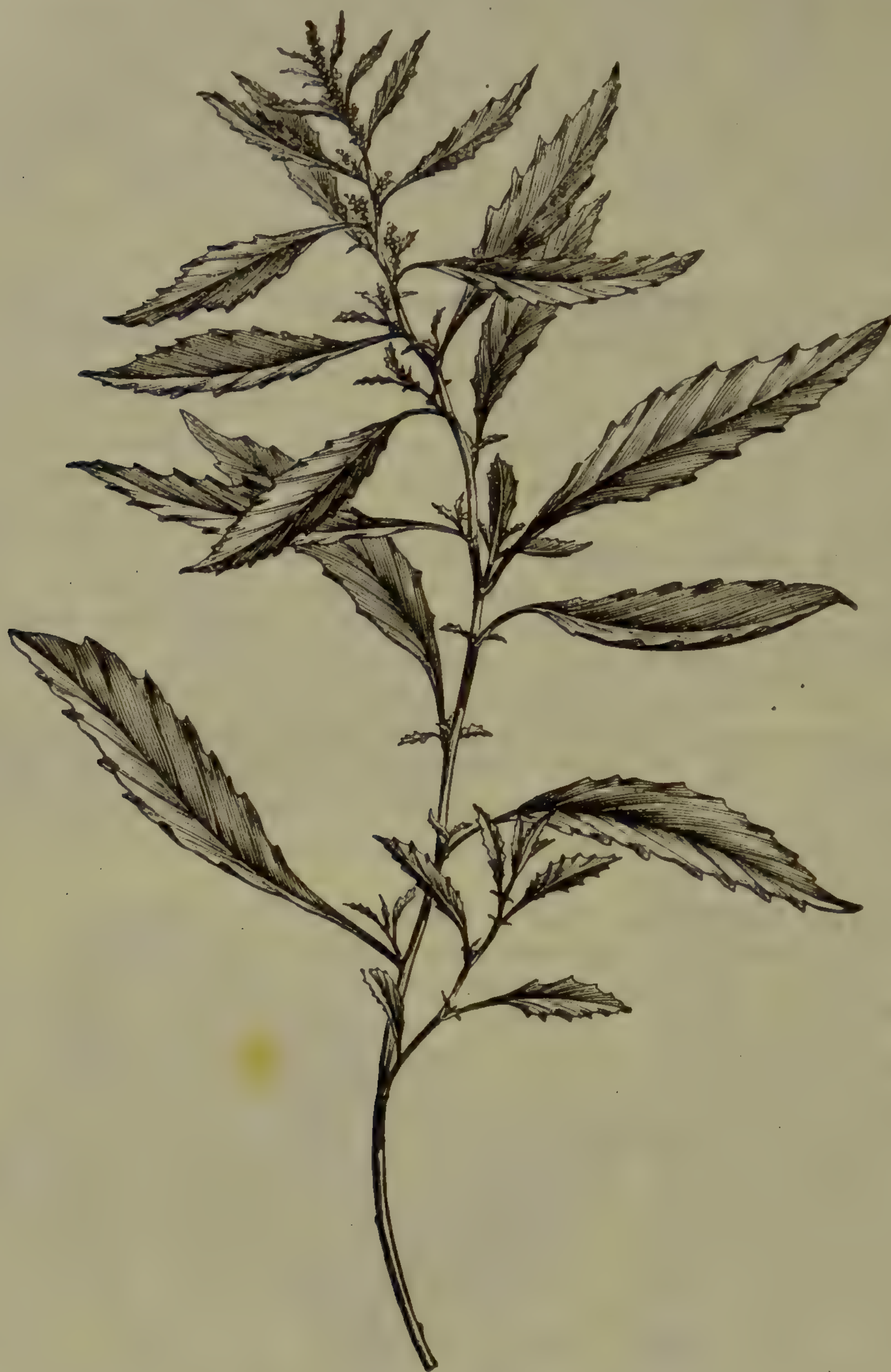


Fig. 224. — Herva de Santa Maria.

Internamente. *Sementes em pó*, 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).
Infusão, 12 grammas (3 oitavas) para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.
Sumo espresso das folhas, 2 a 4 colheres *de sopa*.

HERVA DE S. JOÃO, ou **Mentrasto.** *Ageratum conyzoides,* L.; *Cacalia mentrasto*, Velloso. Synanthereas. Planta do Brasil. Caule ramoso, folhas pecioladas, ovaes-rhomboidaes ou cordiformes, denteadas; flores reunidas em capitulos quasi globosos, de muitas flores, dispostos em corymbos terminaes; florões azues ou brancos; cheiro aromatico, sabor amargo. — Estimulante; sua infusão, tomada internamente, é util nas colicas e diarrheas; externamente em banhos, na fraqueza geral.

Internamente. *Infusão*, 2 gram. (1/2 oitava) para 250 gram. (8 onças) d'agua fervendo.

Externamente. 500 grammas (1 libra) para um banho.

HERVA DAS SEZÕES. Planta commum na Estremadura em Portugal, analoga ás especies do genero *Artemisia*, e do genero *Absinthium*, chamada, pelo Sr. Dr. Gomes, *artemisia mollis*. Synanthereas-senecioides. É rasteira, multicaule, de folhas pinnatifidas, muito molle, prostrando-se pelo terreno, cheiro semelhante ao da losna, sabor amargo, flores em capitulos mui pequenos, de côr pouco differente da do resto da planta. — Usa-se em Portugal, contra as febres intermittentes, em infusão, que se prepara com 4 gram. (1 oitava) da planta e 120 gram. (4 onças) d'agua fervendo.

HERVA TOSTÃO ou **Tangaraca.** *Boerhavia hirsuta*, L. Nyctagineas. Planta rasteira do Brasil. Raiz da grossura de um dedo, roxa por fóra, branca por dentro; caule pubescente, folhas oppostas, repandidas e ciliadas, verdes por cima, esbranquiçadas por baixo; flores pequenas, côr de rosa-arroxeada, dispostas em corymbos; fructo pequeno, monospermo e glutinoso; sabor de toda a planta, e sobretudo da raiz, amargo e picante. *P. us. Raiz.* Empregada como diuretico e desobstruente nas molestias do figado.

Internamente. *Infusão* : 8 gram. (2 oitavas) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo.

Externamente. Decocção com q. s. de farinha de linhaça para cataplasma.

HERVA ULMEIRA. V. ULMEIRA.

HORTELÃ. Muitas plantas labiadas d'este nome, e pertencendo ao genero *Mentha*, fazem parte da materia medica :

1° HORTELÃ PIMENTA (Menthe poivrée, fr.). *Mentha piperita*, L. Planta cultivada nas hortas do Brasil e de Portugal. Fig. 225. É a mais importante de todas. Caule erecto de 2 pés, ramoso; folhas ovaes, serreadas; flores purpurinas, formando espigas obtusas nas extremidades dos caules; cheiro agradavel, sabor picante. *P. us. Folhas e summidades.* Excitante; emprega-se nas colicas nervosas, diarrheas, vomitos espasmodicos, tosses convulsas, asthma, e como vermifugo. A hortelã, e sobretudo o oleo essencial d'esta planta, possue a propriedade de acalmar a dôr por uma especie de anesthesia local, e de produzir uma acção geral antispasmodica. Algumas gottas de oleo essencial de hortelã, administradas n'um pouco d'agua com assucar, acalmão promptamente as gastralgias, as dôres intestinaes, as colicas hepaticas, nephriticas, a cephalalgia. A infusão das folhas produz o mesmo effeito; é particularmente util na tosse espasmodica.



Fig. 225. — Hortelã-pimenta.

Internamente. *Infusão* : Folhas de hortelã 5 gram. (1 1/4 oit.) agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por meia hora, e côe

Agua distillada (p. 64), 30 a 120 gram. (1 a 4 onças) em poção.
Alcoolato (p. 67), 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça).
Xarope (p. 135), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).
Pastilhas (p. 102), 6 a 12.
Tabellas (p. 102), 6 a 12.
Oleo essencial, 2 a 4 gottas. Não se administra puro, por causa da sua causticidade, mas sim em pastilhas ou poção.

Essencia ingleza de hortelã.

Essencia de hortelã	8 part.	(*Myrtus pimenta*, L.)	30 part.
Tintura de pimenta da Jamaica		Alcool a 40°	350 part.

Poção aromatica ou *cordial* (Cod. fr.).

Agua dist. de hortelã	60 gram.	Alcoolato de canella	15 gram.
— — de flor de laranjeira	60 gram.	Xarope de cravo	30 gram.
		Confeição de jacintho	5 gram.

2° HOTRELÃ CRESPA (Menthe crépue, fr.). *Mentha crispa*, L. Folhas rentes, torcidas, undulosas, denteadas; flores vermelhas-claras, em espiga alongada, não interrompida; calice empubescido; cheiro e sabor fortes, mas menos agradaveis que os da precedente.

3° HORTELÃ VERDE (Menthe verte, fr.). *Mentha viridis*, L. Folhas ovaes lanceoladas, nuas, serreadas, rentes, estames mais compridos que a corolla.

4° HORTELÃ AQUATICA (Menthe aquatique, fr.). *Mentha aquatica*, L. Em Portugal, habita nas beiras dos rios, e nos lugares inundados. Folhas pecioladas, ovadas, glabras; flores de côr purpurea-pallida.

5° MENTHASTRO (Menthe à feuilles rondes ou Menthastrum, fr.). *Mentha rotundifolia*. L. Caule de 30 a 50 centimetros, cotanilhoso; folhas rentes, ovaes-arredondadas, rugosas por cima, cotanilhosas por baixo, denteadas; flores brancas ou de côr rosea desmaiada.

6° POEJO (Menthe pouliot, fr.). *Mentha pulegium*, L. V. *Poejo*. As cinco ultimas plantas gozão das mesmas propriedades que a hortelã pimenta, porém menos pronunciadas do que esta.

HORTELÃ DO BRASIL. V. *Paracary*.

HOSTIA (Hostie, pain azyme, fr.). A hostia é empregada para facilitar a ingestão dos medicamentos pulverulentos, e dos electuarios. A hostia molhada em agua e dobrada sobre o medicamento para envolvê-lo, forma um bolo viscoso que o doente engole facilmente com agua.

HYDRATO DE PEROXYDO DE FERRO. V. p. 466.

HYDRIODATOS. V. IODURETOS.

HYDROBROMATO DE POTASSA. V. BROMURETO.

HYDROCHLORATOS. V. CHLORHYDRATOS.

HYDROCOTYLE ASIATICA (Hydrocotyle d'Asie, fr.). *Hydrocotyle asiatica*, L. Umbelliferas. Planta da India, Ceylão, Cabo. *P. us. Folhas* e *raiz*. É narcotica, foi proposta contra as molestias cutaneas, e principalmente contra a morphea, lepra e eczema. Produz vertigens, dôr de cabeça e propensão para o somno, pelo que cumpre administra-la com prudencia.

Internamente. *Raiz em pó*, 10 a 40 centigram. (2 a 8 grãos). A planta attrahe facilmente a humidade, e não se conserva bem em pó.

Decocção. Hydrocotyle 30 grammas (1 onça), agua 1000 grammas (32 onças). Ferva até reduzir á metade, e côe. Este cozimento toma-se em tres dóses, no decurso do dia.

Extracto, 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) em pilulas.

Xarope de hydrocotyte asiatica (Lépine).

Extracto hydro-alcoolico de hydrocotyle preparado no vacuo 2 gram.	Assucar candi 670 gram. Agua distillada 330 gram.

Triture o extracto com o assucar, ajunte a agua pouco a pouco, e faça um xarope que conterá 5 centigram. (1 grão) de extracto por 25 gram. (6 oit.) de xarope. D. 8 a 24 gram. (2 a 6 oit.) por dia.

Granulos de hydrocotyle asiatica (Lépine).

Extracto hydro-alcoolico de hydrocotyle preparado no vacuo 5 gram.	Althea em pó 2 gram. Polvilho 2 gram.

F. 100 granulos, e cubra-os com assucar. Cada um contém 5 centigrammas (1 grão) de extracto. D. 1 a 2 por dia.

Externamente. Cozimento em lavatorios.

HYDROCYANATO DE POTASSA. V. p. 413.

HYDROCYANATO DE ZINCO ou **CYANURETO**. V. p. 413.

HYDROTHERAPIA. Esta palavra, de origem grega, significa o tratamento das molestias pela agua. Muitos autores, para designarem o mesmo methodo curativo, empregão a palavra *hydrosudo-therapia, hydropathia,* ou *hydro-sudo-pathia*. É um methodo de tratar as molestias, introduzido em 1829 por Priesnitz, medico veterinario de Graefenberg, pequena aldea da Silesia pertencente á Austria. Consiste elle na administração da agua fria em abundancia, quer interna quer externamente, combinada com um meio sudorifico energico, fricções prolongadas, exercicio quasi incessante, regimen, simples e ar vivo e puro. No exterior a agua é usada debaixo da fórma de banhos geraes ou parciaes, que se dividem em semicupios, banhos de pés e de muitas outras regiões. Seguem-se as applicações de pannos molhados, os seringatorios, os lavatorios, as duchas ascendentes, descendentes, horizontaes; os banhos de chuveiro, as duchas vaginaes; rectaes, nasaes, etc.

A medicina hydrotherapica compõe-se de tres meios. O primeiro é o uso da agua fria, o segundo provoca os suores, e o terceiro consiste em tratar os doentes n'um paiz montanhoso, ou, pelo menos, n'um paiz salubre, de atmosphera viva e pura. Os doentes devem fazer grandes excursões por veredas ingremes, durante o tempo frio e secco.

A agua empregada para os banhos e para as bebidas deve ser bem arejada, de boa qualidade, agradavel, isenta, quanto seja possivel, de sulfatos que perturbem a digestão; deve tambem ser muito fria. Priesnitz dava muita importancia á frialdade d'agua, e aconselhava o tratamento durante o inverno aos doentes que não se podião curar no verão. O certo é, que, durante a estação quente, o tratamento não produz tão bom effeito, a reacção não é tão franca, e a transpiração vem com demasiada facilidade.

Methodo que era seguido em Graefenberg. Ás 4 horas da manhã vem um servente embrulhar o doente n'um cobertor de lã. Depois de suar por duas horas, entra o doente no banho. Ao sahir do banho vai ao passeio, onde bebe uma porção d'agua, e assim fica até ao almoço, que tem lugar ás oito horas. Meia hora é sufficiente para esta refeição, depois da qual principia de novo o passeio e a bebida de agua. A's onze horas, o doente mette-se debaixo de uma bica d'agua frigidissima, de quinze a vinte palmos de altura, e demora-se n'este banho de *emborcação* dois a cinco minutos. Quando ha uma parte do corpo enferma, dirige-se para ahi a quéda da agua. Janta

ao meio dia, e depois o doente passeia. Um pouco antes das quatro horas dá o ultimo passeio dito sudorifico, porque consiste em descer uma montanha, que é preciso subir depois para provocar a transpiração com a qual se entra de novo no envoltorio. Depois de suar, toma o doente o banho; em seguida faz um pequeno exercicio, e cêa ás oito horas. Depois da cêa, alguns vão passear, outros ficão na sala para assistirem a um pequeno concerto ou á dansa. Antes de deitar-se, toma um semicupio frio.

Priesnitz, que morreu em 1851, modificou muito nos ultimos annos de sua vida o modo de tratamento. Salvo grande numero de excepções, motivadas pela constituição dos doentes ou por suas molestias, o tratamento consistia essencialmente, nos ultimos annos da vida de Priesnitz : 1° em um lençol molhado com que se embrulhava o doente; 2° duchas frias; 3° semicupio frio; 4° cinto molhado. Desde o anno de 1845, a agua, tomada em bebida, era administrada em menor quantidade do que no principio. No começo da sua carreira, Priesnitz empregava muito o envoltorio secco; no fim quasi havia renunciado a elle.

O emprego externo e interno d'agua fria exige experiencia e pratica, e por isso foi abandonado pelo empirismo; mas alguns medicos, entregando-se a esta especialidade, fundárão em varios paizes, casas de saude, que prestão importantes serviços. No Rio de Janeiro, na rua do Marquez de Olinda, acha-se um estabelecimento hydrotherapico; e na villa de Nova-Friburgo, na provincia do Rio de Janeiro, em um clima temperado, ha tambem um Instituto hydrotherapico, provido de todos os apparelhos modernos.

O *estabelecimento de Nova Friburgo* está situado na rua do Conde d'Eu, lugar mais elevado do que a villa; tem 35 metros e 20 centimetros de comprimento, 9 metros e 90 centimetros de largura. Comprehende duas salas de recepção, uma para as senhoras outra para os homens; 12 quartos vestiarios; uma grande sala em cujo centro se acha uma tribuna para a administração das duchas, e 8 quartos contendo os apparelhos hydrotherapicos. Em redor do estabelecimento achão-se chaletes e casas para habitarem os doentes. A agua, que alimenta o estabelecimento, é encanada desde a sua nascente, e atravessa um grande resfriador, que lhe communica uma baixa temperatura. A importancia da hydrotherapia depende da temperatura da agua; esta acha-se no estabelecimento de Nova Friburgo desde 8 gráos (ducha fria), até 30 e 45 gráos (ducha escosseza). O clima de Nova Friburgo, temperado e secco, é tido pelos medicos brasileiros como o melhor d'entre os melhores do Brasil. A temperatura atmospherica, em Nova Friburgo, no verão varía entre 16 e 25 gráos centigrados, e no inverno entre 8 e 17. A temperatura natural da agua no verão é de 16 a 19 gráos nas nascentes, e no inverno de 8 a 16 gráos. — A distancia entre Nova Friburgo e Rio de Janeiro é de 22 legoas; vence-se em 6 horas pela estrada de ferro, que tem o ponto de partida em Nictheroy, e atravessa a grande serra com o systema Fell.

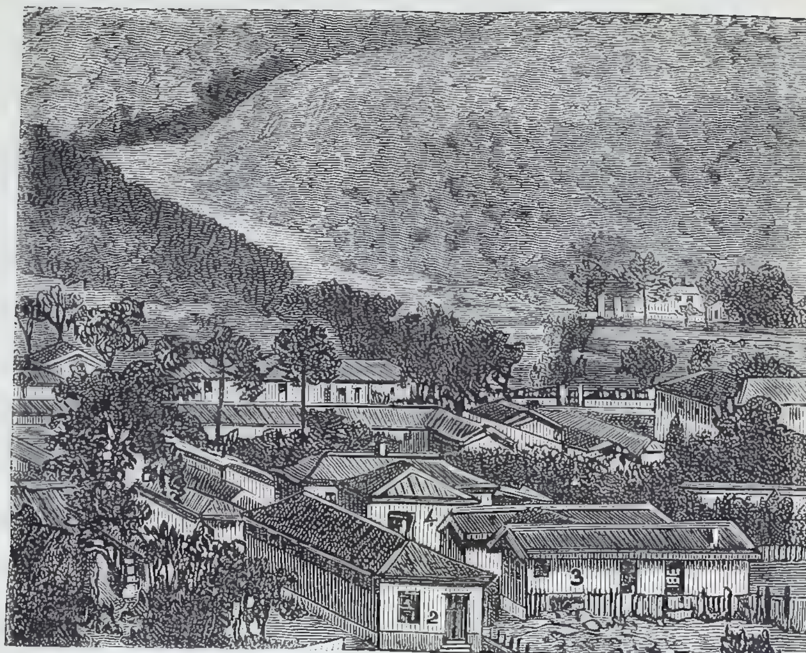
O *estabelecimento do Rio de Janeiro,* que occupa uma collina no fim da rua do Marquez de Olinda; acha-se montado com luxo. As duchas podem ser tomadas ahi nas baixas temperaturas, graças a um apparelho que resfria a agua.

Meios de que se compõe hoje o tratamento hydrotherapico :

Envoltorio humido. Estando o doente na cama, levanta-se por um instante. O servente estende então, em cima d'ella, um cobertor



Gravé par Erhard



Estabelecimento hydrotherapico

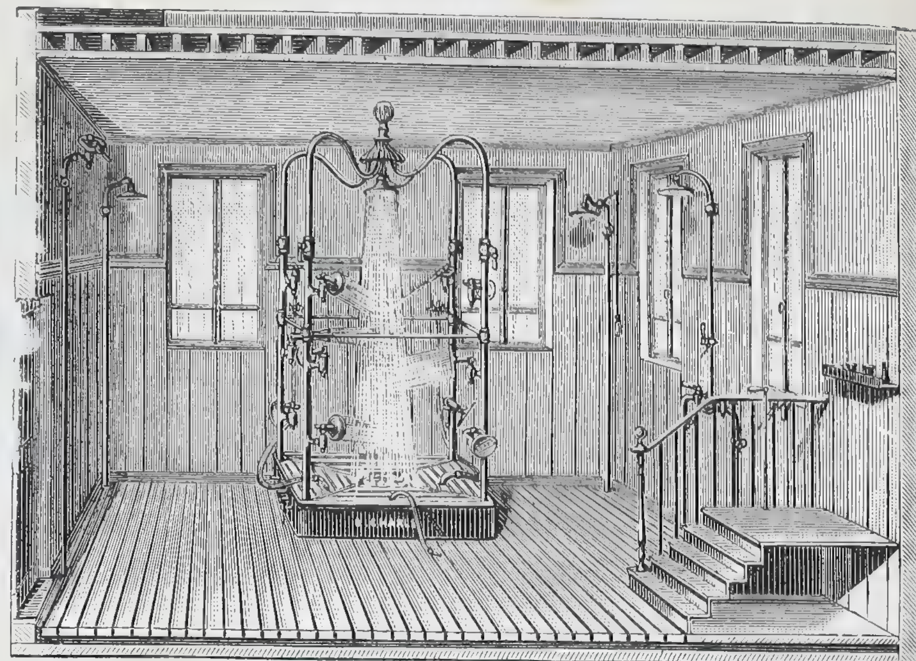
DE

NOVA-FRIBURGO

(BRASIL)

Veja-se a descripção, p. 524.

BRASIL



Sala de um estabelecimento hydrotherapico.
Duchas.

de lã, e sobre este, um lençol previamente molhado e fortemente torcido; o doente deita-se em cima do lençol, e embrulha-se rapidamente n'elle. Põem-se-lhe por cima tres ou quatro cobertores de lã. Logo que o calor tornar a apparecer, o que acontece depois de vinte minutos, sahe o doente do envoltorio para entrar no banho frio geral ou parcial. O banho parcial emprega-se com preferencia no principio do tratamento, ou quando os doentes são fracos.

Envoltorio secco. Faz-se da mesma maneira que o envoltorio humido, com a differença de que se empregão dois cobertores de lã, sem intermedio do lençol molhado. Por cima põem-se sempre dois ou tres cobertores de lã. O doente fica ali pouco mais ou menos, até que a transpiração seja abundante, ás vezes tres horas e mais. Tem o inconveniante este envoltorio de ser bastante penoso, e mui excitante. Alguns doentes não podem supporta-lo. É seguido, como o envoltorio humido, d'agua fria debaixo de diversas fórmas; e ordinariamente do banho geral em tanque.

Fricção com lençol molhado. Faz-se da maneira seguinte: — Pela manhã, e logo que o doente sahir da cama, o servente deita-lhe sobre os hombros e sobre o corpo um lençol molhado e torcido; depois esfrega-lhe fortemente por detraz, com a mão aberta, as espaduas, as costas, os braços, as coxas, as pernas, e ao mesmo tempo o proprio doente esfrega por diante o peito e o ventre; dura isto tres a quatro minutos, até se sentir que o lençol principia a aquecer-se; substitue-se então o lençol molhado por um lençol secco, muito grosso e muito aspero, com que se enxuga e se esfrega com força o doente, ou melhor ainda, em vez de enxuga-lo dá-se-lhe um *banho de ar.*

Banho de ar. Depois de molhado com agua fria, em vez de se deixar enxugar pelo servente, toma o doente pelas duas pontas um lençol de panno de linho bastante grosso, põe-n'o por cima da cabeça e sacode-o; n'este tempo o servente segura o lençol pelas outras duas pontas e sacode de cima para baixo. O doente colloca-se para isto n'uma corrente de ar, entre a janella e a porta aberta; no fim de um minuto está inteiramente enxuto; deixa então cahir sobre o corpo o lençol, com o qual o servente esfrega o doente; a evaporação já então tem produzido uma refrigeração bastante viva, mas superficial, seguida rapidamente da reacção geral

Duchas. Dá-se o nome de *ducha* á quéda de uma columna d'agua, de uma altura e diametro determinados, sobre qualquer parte do corpo. Na applicação d'este meio hydrotherapico, a agua fria póde ser lançada vertical ou horizontalmente; a percussão póde ser mais ou menos forte e a agua mais ou menos dividida. — A ducha póde ser *em circulo* ou *em pó.* A ducha em circulo compõe-se de uma serie de arcos ôcos de cobre, sobrepostos horizontalmente, mantidos parallelamente a uma distancia uns dos outros de cerca de 15 centimetros, diminuindo sensivelmente de diametro á medida que se aproximão do solo. Estes arcos tem sobre a face anterior duas fileiras de pequenas aberturas de um millimetro. Cada arco tem a sua torneira. Para administrar a ducha o doente colloca-se entre os arcos, e depois de aberta a torneira que se deve empregar, vira-se brandamente sobre si mesmo afim de molhar igualmente toda a superficie do corpo. A ducha em circulo, que deve ser de pequena duração, determina uma poderosa revulsão, util no tratamento de muitas molestias chronicas.

Duchas locaes. São as duchas que se applicão a uma região determinada do corpo; applicão-se por meio de apparelhos moveis.

Estas duchas tomão os nomes de *hepaticas*, *splenicas*, *hypogastricas*, *cephalicas*, *articulares*, etc., segundo as regiões a que são destinadas.

N'um estabelecimento hydrotherapico, deve haver agua fria em quantidade bastante e de temperatura conveniente, 10 a 15 gráos. A agua deve ser accumulada nos reservatorios situados em diversas alturas, afim de exercer pressões variadas. Além d'isto, é preciso estabelecer um reservatorio em communicação com uma caldeira, visto que se precisa muitas vezes d'agua quente.

Ducha escosseza. Consiste na applicação de uma ducha d'agua quente, seguida immediatamente de uma ducha d'agua fria. Estas duchas, de temperaturas diversas, repetem-se alternativamente durante um tempo mais ou menos longo.

As operações hydrotherapicas tem por effeito reanimar todas as funcções da pelle, cujo entorpecimento é uma das causas principaes de grande numero de molestias.

Agua fria como bebida. O doente deve beber agua fria durante que passeia, e sobretudo durante o exercicio recommendado depois da ducha. Tomada moderadamente, a agua fria estimula todas as funcções entorpecidas. É sobretudo util aos gotosos, ás pessoas affectadas de areias, de engurgitamentos do figado e do baço. Mas os individuos anemicos não podem supportar esta bebida em alta dóse; não devem usar d'ella senão em limites restrictos.

Exercicio e alimentação. Um exercicio moderado, debaixo de todas as fórmas é um adjuvante precioso do tratamento hydrotherapico. Nos individuos que não podem andar, empregão-se as fricções e sobretudo a maçadura. — O regimen alimentario será tonico, composto principalmente de carne assada, ovos, peixe, tapioca, vinho.

Applicação da hydrotherapia. Este methodo curativo tem produzido curas na gota, rheumatismo chronico, nos engurgitamentos do figado, do baço, nas escrophulas, na syphilis inveterada que tem resistido ao mercurio, nas molestias cutaneas, flores brancas, colicas nervosas, ourinas sanguinolentas, nas molestias incipientes do peito; nas affecções nervosas, taes como a gota coral, hysterismo, enxaqueca, etc.

HYPERICÃO, ou **Milfurada** (Hypericum, fr.). *Hypericum perforatum*, L. Hypericineas. Pequena planta da Europa, de cheiro pouco sensivel, sabor um tanto balsamico. Entra na theriaga, alcoolato vulnerario, etc.

HYPNOTISMO, ou **Somno nervoso** (Hypnotisme, fr.). Estado de somnolencia seguido frequentemente de insensibilidade mais ou menos completa, produzido pela fixidade do olhar sobre um corpo brilhante collocado diante da linha mediana do rosto, a 20 ou 40 centimetros da raiz do nariz.

Para provocar o somno hypnotico em alguma pessoa, basta manda-la assentar em uma cadeira, com a cabeça virada para traz, e manter uma tesoura ou algum outro objecto brilhante pelo espaço de alguns minutos, a uns 20 centimetros distante dos olhos, e mandar fitar a vista n'este objecto. As pupillas contrahem-se primeiro, e depois dilatão-se; se, então, se dirigirem do objecto para os olhos o dedo indice e o mediano da mão direita estendidos e um pouco separados, é provavel que as palpebras se fechem involuntariamente com uma especie de vibração. Levantando então brandamente os braços e as pernas, estes membros hão de ficar na posição que se lhes der, se a pessoa se achar fortemente hypnotizada. Sobrevem uma insensibilidade mais ou menos completa com rijeza muscular; os sentidos, a principio exaltados, ficão deprimidos, e, em

algumas pessoas, declara-se um torpor mais profundo que o do somno natural.

N'este estado, até certo ponto comparavel ao do somnambulismo, póde-se ouvir, comprehender e responder de uma maneira perfeitamente sensata, mas ao acordar não se lembra a pessoa do que disse, nem do que ouvio durante o somno. Os diversos phenomenos do hypnotismo são limitados quanto á sua duração. Desapparecem, pouco a pouco, passado um quarto de hora, meia hora, uma ou duas horas quando muito, segundo os individuos. Mas póde-se sempre, a qualquer momento, fazer cessar instantanea e completamente o estado hypnotico, fazendo uma fricção sobre os olhos, seguida de uma insufflação de ar frio no rosto.

O Dr. James Braid, de Manchester, foi o primeiro que em 1845 deo a conhecer este phenomeno physiologico. Houve no principio grandes esperanças sobre as applicações que esperavão tirar d'elle : julgou-se que seria possivel produzir pelo somno nervoso, a insensibilidade nos doentes durante as operações, e evitar assim os perigos que geralmente apresentão os anesthesicos ordinarios; infelizmente, porém, muitas pessoas ha que são refractarias á acção hypnotica; e se bem que fosse preciso abandonar estas esperanças prematuras, nem por isso deixou de ser o hypnotismo um phenomeno muito curioso.

HYPOPHOSPHITO DE CAL (Hypophosphite de chaux, fr.). Pó branco, inodoro, deliquescente, crystallizavel em prismas rectangulares, brilhantes e flexiveis, insoluveis no alcool. — Aconselhado pelo Dr. Churchill contra a tisica.

Internamente. 50 centigrammas (10 grãos) em agua ou xarope.

Xarope de hypophosphito de cal (Churchill).

Hypophosphito de cal	1 gram.	Xarope simples	100 gram.

M. Uma colher *de sopa* pela manhã, e uma vez por dia, em um pouco d'agua.

HYPOPHOSPHITO DE SODA (Hypophosphite de soude, fr.). Sal em fórma de pó branco ou de crystaes, de sabor salino, soluvel em agua e no alcool. Foi proposto pelo Dr. Churchill contra a tisica na dóse de 1 a 3 gram. (20 a 60 grãos) por dia, dissolvido em agua ou xarope.

Xarope de hypophosphito de soda (Churchill).

Hypophosphito de soda	5 gram.	Xarope de flor de laranjeira	50 gram.
Xarope simples	350 gram.		

Faça xarope por simples solução. Uma colher *de sopa* de 20 grammas contém 25 centigrammas de hypophosphito. D. Uma a duas colheres *de sopa* por dia.

HYPOSULFITO DE SODA ou **Sulfito sulfuretado de soda** (Hyposulfite de soude ou sulfite sulfuré de soude, fr.). Crystaes transparentes, sem cheiro, de sabor salino amargo, pouco alteraveis ao ar, soluveis em agua.

É aconselhado internamente nas febres typhoides e nas molestias cutaneas, na tisica e cystite purulenta. A solução aquosa, na proporção de 30 grammas de hyposulfito de soda para 1000 grammas d'agua, é empregada para a conservação dos cadaveres que servem para o estudo de anatomia nas escolas de medicina. A acção conservativa do hyposulfito de soda depende da sua affinidade para o oxygeneo; absorve este gaz para passar ao estado de sulfato. Preserva as substancias susceptiveis de putrefacção da acção do oxygeneo; mas a sua acção cessa logo que se transforma em sulfato.

Internamente. 1 a 5 grammas (20 a 100 grãos) em poção. Na dóse de 30 grammas (1 onça) é purgativo.

Poção antizymotica (Que se oppõe á fermentação.) (Polli).

Hyposulfito de soda	15 gram.	Xarope simples	25 gram.
Agua distillada	60 gram.		

M. Uma colher *de sopa* de hora em hora. Febre typhoide, infecção purulenta, tisica pulmonar.

Xarope de hyposulfito de soda (Biett).

Hyposulfito de soda	1 gram.	Xarope de violeta de tres côres	10 gram.
Xarope de fumaria	40 gram.		

D. Uma colher *de sopa,* duas vezes por dia. Eczema, lichen.

Externamente :

Solução antiseptica.

Hyposulfito de soda	10 gram.	Agua	50 gram.

Dissolva e filtre. Para curar as feridas gangrenosas.

Glycereo de hyposulfito de soda.

Hyposulfito de soda	1 gram.	Glycerina	10 gram.

Gargarejo contra o máo halito.

Hyposulfito de soda	1 gram.	Agua de Colonia	1 gram.
Agua	100 gram.		

M. Para lavar a bocca; serve tambem contra as feridas gangrenosas da garganta.

Solução para a conservação das peças anatomicas (Sucquet).

Hyposulfito de soda	q. v.	Agua	q. s.

Para fazer solução saturada. Se o cadaver está intacto, faz-se a injecção com seringa pela abertura feita na arteria carotida, e são necessarios 4 litros de liquido; se o cadaver foi aberto, a injecção faz-se pelas arterias sub-claviculares, iliacas e carotidas. O cadaver, depois de injectado, não exhala cheiro algum por um mez. Para conservar indefinidamemente as peças assim injectadas, é preciso macera-las n'uma solução de chlorureto de zinco a 40° Baumé.



Fig. 226. — Hysopo.

HYSOPO (Hysope, fr.). *Hyssopus officinalis,* L. Labiadas. Arbusto que habita na Europa meridional. Fig. 226. Caule do comprimento de 1 pé; folhas estreitas, agudas; flores azues ou côr de rosa, cheiro aromatico, sabor quente. *P. us. Folhas* e *summidades floridas.* Estimulante e expectorante : empregado nas affecções pulmonares.

Internamente. *Infusão :* Folhas de hysopo 5 gram. (1 1/4 oitava), agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por meia hora, e côe.

IBIRA, Imbira ou **Pindaiba.** (Coungue-recou na Guyana franceza). *Xylopia frutescens,* Aublet. Anonaceas. Arbusto que habita nas regiões equatoriaes do Brasil. Os fructos, que são muito cheirosos, empregão-se contra a leucorrhea na Guyana franceza.

ICHTYOCOLLA. V. GELATINA.

IMAN, Magnete, ou **Pedra de cevar** (Aimant, fr.). Oxydo de ferro natural, que se acha principalmente na Suecia, Noroega e nas Indias orientaes. Apresenta-se ordinariamente sob a fórma de fragmentos irregulares; quebradiços, de côr cinzenta. Possue a propriedade de attrahir o ferro

e alguns outros metaes como o nickel, o cobalto e o chromo. Goza tambem da propriedade não menos notavel, quando se acha movel sobre um quicio, ou suspenso a um fio, de se dirigir por si mesmo e apontar para uma parte determinada do horizonte; uma de suas extremidades dirige-se constantemente para o norte, e a outra para o sul. Esta propriedade foi aproveitada para a fabricação das *agulhas magneticas,* instrumentos que servem de guia aos navegantes nas viagens maritimas. Um pedaço de aço esfregado com iman, torna-se magnetico, e possue as mesmas propriedades que o iman natural : chamão-lhe *iman artificial.* — O iman artificial serve ás vezes para extrahir do olho ou das feridas as particulas de ferro que casualmente ali se tenhão introduzido. Foi empregado contra as dôres de dentes, enxaquecas, e diversas outras nevralgias, já approximando-o simplesmente das partes doridas, já pondo-o em contacto com a pelle. Inventárão-se tambem para sua applicação muitos apparelhos dispostos em cintos, chapas, cadeias, etc. Tão incertos tem sido os effeitos, que não se póde dizer se o iman é ou não é vantajoso n'esses casos.

IMBÉ ou **Tracuans.** *Philodendron imbé,* Schott. Aroideas. Cipó do Brasil. As folhas contém um succo acre; são empregadas para mundificar as ulceras. A raiz é purgativa; secca e reduzida a pó, é aconselhada na hydropisia, na dóse de 30 a 120 centigrammas (6 a 24 grãos). É muito corrosiva; cumpre emprega-la com cautela.

Ha mais outras especies. *Philodendron grandifolium,* Schott; *P. hederaceum,* Schott; e *P. arborescens,* Kunth. Gozão das mesmas propriedades.

IMBIRI, Albará, Herva dos feridos. *Canna glauca,* L. Marantaceas. Planta do Brasil. Caule herbaceo, recto, simples, de 3 a 4 pés; folhas oblongas, lanceoladas; sepalos do calice levantados, espatulados, petaloides e vermelhos; fructo, capsula oval, triangular, com tres loculamentos; sementes pretas; raiz (tronco subterraneo) tuberosa, nodosa, horizontal, guarnecida de fibras, que são as verdadeiras raizes, sabor resinoso. A infusão da raiz é diuretica; 8 grammas (2 oitavas) para 180 grammas (6 onças) d'agua. O cozimento da planta é usado em banhos nas dôres rheumaticas; as folhas frescas applicão-se nas feridas e ulceras. A *Canna aurantiaca,* Rosc; *C. edulis,* Ker.; *C. stolonifera,* Bouché, gozão das mesmas propriedades.

IMBUZEIRO. *Spondias tuberosa,* Arruda. Terebinthaceas. Arvore do Brasil, cujo fructo (imbú, umbú ou ambú) contém uma substancia agridoce mui agradavel, que os febricitantes podem comer como um agradavel refrigerante.

INCENSO. V. Olibano.

INULA CAMPANA (Aunée, fr.) *Inula helenium,* L. Synanthereas-asteroideas. Planta que habita em Portugal, França, Italia, etc., nos sitios sombrios, e cultiva-se nos jardins. Fig. 227. Tem caule recto, velloso, da altura de 3 a 4 pés; folhas grandes, ovaes, denteadas, asperas por cima, cotanilhosas por baixo; flores solitarias no apice do caule ou dos ramos, da largura de 8 centimetros, amarellas; raiz grossa, tuberosa, alongada, roxa por fóra, branca por dentro, cheiro aromatico, sabor amargo e picante. P. us. *Raiz.*

Tonico e estimulante; emprega-se na asthma, catarrhos dos pulmões e da bexiga, leucorrhea, dyspepsia, opilação, etc.

Internamente. *Infusão :* Raiz de inula 20 grammas (5 oitavas), agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por duas horas, e côe.

Extracto (p. 89), 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava).

Vinho (p. 127) 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Externamente. *Decocção :* Raiz de inula 30 grammas (1 onça), agua 1000 grammas (32 onças). Esta decocção, empregada em lavatorios ou compressas, acalma quasi instantaneamente as comichões dartrosas.



Fig. 227. — Inula campana.

IODO (Iode, fr.). Corpo simples obtido de plantas marinhas, do genero *fucus*. É solido, em escamas de côr negra-cinzenta, de um brilho metallico, cheiro forte e desagradavel, sabor acre; é mui pouco soluvel em agua, mas dissolve-se n'ella ajuntando-lhe um pouco de iodureto de potassio; é mui soluvel no alcool e no ether; produz uma bella côr azul combinando-se com o amido. O vapor de iodo é de côr roxa. Faz na pelle nodoas amarelladas que desapparecem pela evaporação do iodo.

O iodo acha-se na agua do mar, unido ao sodio e magnesio. As aguas mineraes chloruretadas sodicas contém d'elle uma porção mais ou menos forte. Existe tambem em certas aguas sulfurosas, como as de Challes, Heilbrunn, Uriage. Entre os animaes, os que contém iodo são as esponjas, os ovos de siba, os molluscos. Entre

as plantas, as mais carregadas de iodo pertencem á classe das Algas. Este metalloide foi tambem descoberto em alguns vegetaes que habitão as aguas doces, e especialmente nos agriões, beccabunga, graciola, phellandrio aquatico.

Propriedades e usos. O iodo e seus compostos empregão-se com grande vantagem na papeira, escrophulas, engurgitamento dos seios e dos testiculos, endurecimento da lingua e do collo uterino, e em geral em todas as tumefacções parenchymatosas, na blennorrhagia, leucorrhea, e como excellentes emmenagogos. Tambem tem sido preconizados nas affecções tuberculosas e cancerosas, tumores brancos, molestias cutaneas, syphilis constitucional; e em vapores contra a tisica e bronchite chronica. O iodo precipita a strychnina nas dissoluções que a contém, pelo que é aconselhado nos envenenamentos por esta substancia. As injecções com tintura de iodo são empregadas com vantagem no tratamento do hydrocele. A reacção é mui moderada; os operados podem voltar ás suas occupações no fim de tres ou quatro dias, e a cura effectua-se completamente no intervallo de tres a seis semanas. As injecções com tintura de iodo forão tambem applicadas com vantagem no tratamento dos kystos, dos abcessos por congestão, dos abcessos com despegamento; etc. A tintura de iodo é muito empregada externamente em uncções sobre a pelle, como irritante e substitutivo, na hydarthrose, erysipela, pleurdoynia, tisica incipiente, dôres rheumaticas. O iodo é um poderoso desinfectante, e impede a fermentação putrida. A applicação externa da tintura de iodo foi aconselhada como meio abortivo dos cancros venereos. A tintura de iodo diluida em agua, e as soluções iodadas ioduradas desinfectão poderosamente as feridas, os focos purulentos, mas são irritantes e causticas.

O iodo foi descoberto em 1813, mas havia já muito tempo que as suas propriedades erão aproveitadas no emprego das esponjas nas quaes se acha. As inhalações de iodo tem sido tentadas como remedio da tisica. Existem para este fim, nas pharmacias, apparelhos de vidro á maneira de cachimbos. Fazem-se tambem cigarrilhas *iodo-camphoradas* impregnando a camphora granulada com vapores de iodo, e dispondo este producto em pequenos tubos de vidro á maneira das cigarrilhas de Raspail. A camphora iodada toma-se como o rapé.

Accusão o iodo de produzir o emmagrecimmento, e a atrophia dos seios nas mulheres, assim como a dos testiculos no homem: mas esta asserção não tem o menor fundamento. Em todos os casos cumpre haver muita prudencia na sua administração, pois que é um veneno mui irritante, e um corrosivo muito energico.

Internamente. 15 milligrammas a 10 centigrammas (1/3 de grão a 2 grãos) por dia. O iodo solido é quasi sem uso.

Tintura (p. 122). D. 4, 10 a 20 gottas progressivamente, tres vezes por dia, em meio copo d'agua assucarada.

Xarope anti-scrophuloso (Verneuil).

Tintura de iodo	2 gram.	Xarope de quina	125 gram.
Iodureto de potassio	2 gram.	— de genciana	125 gram.

M. Uma a duas colheres *de chá* por dia.

Externamente. *Tintura* (p. 122), em applicações sobre a pelle na hydarthrose, dôres rheumaticas, pleurodynia, papeira, etc.

Emplasto iodado (p. 81). Applica-se nos mesmos casos.

Injecção contra o hydrocele (Velpeau).

Tintura alcoolica de iodo	8 gram.	Agua	32 gram.

M. Esta porção é sufficiente para um hydrocele de pequeno

volume; porém para os mais volumosos, a quantidade de liquido é de 60, 90 até 120 grammas (2, 3 até 4 onças). Póde-se tambem augmentar a proporção da tintura. Assim, o Dr. Velpeau tem empregado a solução composta de partes iguaes de tintura e d'agua, e até a tintura pura. É inutil aquecer a solução, e não é indispensavel encher a tunica vaginal; deve-se sómente comprimir o tumor, afim de que o medicamento toque todos os seus pontos. Depois da injecção o doente póde deixar de ficar deitado, o escroto cresce durante 3 ou 4 dias, sem occasionar febre nem dôr intensa; a resolução effectua-se depois rapidamente, e em 8, 10, 15, 20 ou 40 dias completa-se a cura.

Pela mistura da tintura de iodo com agua, o iodo precipita-se em grande parte e occasiona dôres. Alguns operadores fazem filtrar o liquido; mas quando se filtra, perde-se inutilmente os 7/10 do iodo que não foi dissolvido. As proporções seguintes fornecem uma solução transparente, que não é necessario filtrar, e que está saturada de iodo:

Tintura de iodo	3 gram.	Agua tepida	20 gram.
Alcool a 90°	7 gram.		

Para tornar o iodo completamente soluvel, ajunta-se um pouco de iodureto de potassio: o que tem lugar nas tres preparações seguintes:

Injecção contra o hydrocele (Castro).

Agua commum	45 gram.	Iodureto de potassio	30 centig.
Tintura de iodo	15 gram.		

Dissolva. O liquido injectado deve demorar-se no sacco vaginal 3 a 4 minutos. Ás vezes é quasi todo absorvido n'esse espaço de tempo; n'outras vezes pouco sahe para fóra. No fim de 24 horas, depois da operação, manifesta-se inchação no testiculo e suas membranas; inchação sem febre, nem dôr, que augmenta progressivamente nos primeiros tres dias, e depois declina, até que desapparece em 20, 30 e ás vezes 40 dias. Os operados não vão á cama; muitas vezes no mesmo dia da operação continuão em suas occupações ordinarias.

Injecção de iodureto de potassio iodurado (Cod. fr.).

Iodo	5 gram.	Alcool a 90° cent.	50 gram.
Iodureto de potassio	5 gram.	Agua distillada	100 gram.

Dissolva o iodo e o iodureto na agua e ajunte o alcool. Hydrocele, kystos, hydarthroses, abcessos frios, fistulas, anginas chronicas, etc.

Liquido desinfectante (Marchal).

Iodo	1 gram.	Agua	1000 gram.
Iodureto de potassio	2 gram.		

M. Molhão-se pannos n'este liquido, e applicão-se sobre as feridas chronicas.

Algodão iodado (Méhu). Algodão impregnado de iodo. Prepara-se introdzindo 1 p. de iodo, 5 p. de algodão cardado n'um frasco de 1 litro, de bocca larga, tapado com rolha esmerilhada; e aquecendo levemente tudo até que o algodão tenha adquirido côr avermelhada. — O fim d'esta preparação é tornar facil a applicação e a absorpção do iodo. O algodão iodado, applicado sobre a pelle, cede lentamente no estado de vapor o iodo que contém. Torna-se esta acção mui fraca empregando uma camada delgada de algodão iodado, e cobrindo-a com algodão cardado ordinario; segura-se tudo com uma

atadura. Desejando obter um effeito mais energico, augmenta-se a espessura de algodão iodado; emfim, cobrindo uma camada espessa de algodão iodado com taffetá gommado, chega-se a uma revulsão mais intensa, e póde-se mesmo obter uma vesicação. O algodão iodado usa-se em applicações sobre a papeira, sobre os engurgitamentos glandulares e articulares, nas dôres rheumaticas e nevralgicas, na hydarthrose e em todos os casos em que o iodo é applicavel no exterior. Actua como desinfectante nas feridas. Introduzido n'um tubo de vidro ou n'um canudo de penna póde servir, sob a fórma de cigarro, para fazer penetrar o iodo em vapor nas vias respiratorias. É hoje bastante empregado nos hospitaes de Pariz.

IODOFORMIO (Iodoforme, fr.). Substancia formada de 3 atomos de iodo, 2 atomos de carbone e 1 atomo de hydrogeneo. Apresenta-se sob a fórma de bellas palhetas de côr amarella-alaranjada; cheiro penetrante particular; sabor aromatico, assucarado muito intenso; é volatil, insoluvel em agua; soluvel no alcool, no ether, nos oleos graxos e volateis. Prepara-se da maneira seguinte : Tome iodo 100 partes, bicarbonato de potassa 100, agua 750, alcool 250. Misture tudo em frasco, que se põe em banho d'agua, elevando gradualmente a temperatura para favorecer a reacção. Quando o liquido estiver decomposto, ajunte 25 partes de novo iodo; aqueça novamente; repita as addições do iodo em quanto os liquidos descorarem. Quando houver algum excesso, e que o liquido não mude pelo calor, ajunte algumas gottas de solução de potassa caustica para descorar. O precpitado que se forma é *o iodoformio*. Filtra-se e lava-se o producto, que consistirá unicamente em laminas crystallinas de côr citrina. Os liquidos evaporados darão grande quantidade de crystaes de iodureto de potassio.

O iodoformio é aconselhado contra os engurgitamentos glandulares, molestias de pelle, papeira, rachitismo, amenorrhea, tisica. Mata os animaes em dóse mais fraca que o iodo, determinando abatimento, vomitos, convulsões, etc. 4 grammas (1 oitava) são sufficientes para matar um grande cão. Externamente aproveita nas molestias cutaneas, e para curar as ulceras syphiliticas.

Internamente. 10 a 20 centigrammas (1 a 4 grãos) por dia em pilulas.

Pilulas de iodoformio (Bouchardat).

Iodoformio	5 centig.	Extracto de absinthio	q. s.

F. 1 pilula. D. 3 por dia.

Externamente :

Pomada de iodoformio (Glower).

Iodoformio	2 gram.	Ceroto simples	3 gram.

M. Em fricções contra as molestias cutaneas; lepra, psoriase, eczema, e para curar as ulceras syphiliticas.

IODURETO DE AMIDO (Iodure d'amidon, fr.). Segundo o Dr. Quesneville obtem-se o iodureto de amido *soluvel* do modo seguinte : Amido 9 p., iodo em pó 1 p., agua misturada com a quarta parte de alcool, q. s. para humedecer. Faça seccar na estufa ou ao ar. Depois de secco aqueça o pó n'uma panella á temperatura de 105° a 110°, até que um pouco de pó posto em agua quente dê uma solução completa de um bello azul. — O iodureto de amido é aconselhado contra as escrophulas e molestias do peito, na dóse de 50 a 150 centigrammas (10 a 30 grãos), debaixo da fórma de xarope.

Xarope de iodureto de amido (Quesneville).

Agua	6000 gram.	Iodureto de amido	
Assucar	10000 gram.	soluvel	500 gram.

Dissolva o iodureto na agua a 75°, pouco mais ou menos, ajunte o assucar e aqueça a 90°, quando muito. Se a temperatura fosse mais elevada, o iodureto perderia a côr. D. 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça).

IODURETO DE AMMONIO ou **Hydriodato de ammonia** (Iodure d'ammonium, fr.). Crystalliza em cubos, é volatil, muito soluvel em agua, deliquescente. — Emprega-se na Inglaterra nos mesmos casos que o iodureto de potassio.

Internamente. 10 centigram. a 1 gram. (2 a 20 grãos) em agua.

Externamente. Debaixo da fórma de pomada para resolver tumores indolentes. 1 parte de iodureto para 8 partes de banha ou de glycerina.

IODURETO DE ARSENICO (Iodure d'arsenic, fr.). Crystaes rubros. Aconselhado nas affecções cutaneas rebeldes; localmente é caustico.

Internamente. 1 a 5 milligrammas (1/50 a 1/10 de grão).

Pilulas de iodureto de arsenico. (Thompson).

Iodureto de arsenico	5 millig.	Extracto de cicuta	q. s.

F. 1 pilula. D. 1 por dia. Dartros rebeldes, lepra.

IODURETO DE BARIO (Iodure de baryum, fr.). É um sal branco, de sabor acre, que crystalliza em pequenas agulhas, muito soluvel em agua, e deliquescente; decompõe-se facilmente ao contacto do ar. Aconselhado em fricções nos tumores escrophulosos, com a pomada composta de 1 parte de iodureto de bario para 20 de banha.

IODURETO DE CADMIO (Iodure de cadmium, fr.). Muito branco, brilhante, inalteravel ao ar, soluvel em agua e no alcool. — É aconselhado externamente em fórma de pomada, na proporção de 1 parte de iodureto para 8 de banha, contra os enfartes glandulares.

IODURETO DE CHUMBO (Iodure de plomb, fr.). Sal amarello, pouco soluvel na agua fria, algum tanto mais soluvel na agua fervendo, inalteravel ao ar.

Tem as mesmas propriedades que o iodo; aconselhado internamente nas escrophulas, tumores scirrhosos; externamente nos dartros, tinha.

Internamente. 25 milligrammas a 50 centigrammas (1/2 grão a 10 grãos) por dia.

Pilulas de iodureto de chumbo (Cottereau).

Iodureto de chumbo	4 gram.	Conserva de rosas	q. s.

F. 80 pilulas. D. uma, duas vezes por dia, e progressivamente até doze e mais por dia. Escrophulas.

Externamente. Emplasto de cicuta e iodureto de chumbo (p. 79). Bubões, engurgitamentos dos testiculos.

Pomada de iodureto de chumbo (Cod. fr.).

Iodureto de chumbo	10 gram.	Banha benzoinada	90 gram.

Misture sobre o porphyro. Em fricções contra os dartros.

IODURETO DE ENXOFRE (Iodure de soufre, fr.). Sal solido, de côr violacea, cheiro forte de iodo, insoluvel na agua, sabor acre. — Empregado contra as molestias cutaneas.

Internamente. 5 a 20 centigrammas (1 a 4 grãos) por dia em pilulas.

Pilulas de iodureto de enxofre.

Iodureto de enxofre	5 centig.	Extracto de alcaçuz	q. s.

F. 1 pilula. D. 1 a 4 por dia nos dartros.

Pilulas antidartrosas (Castro).

Iodureto de enxofre	5 centig.	Extracto de bardana	5 centig.
Extracto de fumaria	5 centig.	Extracto de guaiaco	5 centig.

F. 1 pilula, e como esta mais 29. Para tomar 3 pilulas por dia.

Externamente :

Pomada de iodureto de enxofre.

Iodureto de enxofre	1 part.	Banha benzoinada	20 part.

Misture sobre o porphyro. Dartros.

IODURETO DE FERRO (Iodure de fer, fr.). Substancia solida, de côr verde tirante a roxo, de sabor styptico, crystallizando com difficuldade, muito soluvel em agua, deliquescente, muito alteravel ao ar. Quando se acha n'um bom estado de conservação, deve dissolver-se completamente na agua, e a sua solução deve ser verde.

Preparação (Cod. fr.). Iodo 80 grammas, arame fino de ferro em pequenos fragmentos 20, agua distillada 100. Introduza n'um balão a agua e o arame de ferro; ajunte o iodo pouco a pouco, vascolejando a mistura de vez em quando, aqueça um pouco, e filtre o liquido quando elle tomar a côr esverdeada. Evapore rapidamente a dissolução de iodureto de ferro, tendo o cuidado de introduzir n'ella durante a operação algumas laminas de ferro. Cesse a concentração logo que o liquido se solidificar, quando applicado sobre uma lamina de vidro fria. Vase então o iodureto de ferro n'um prato, e logo que elle se transformar em massa crystallina, quebre-o em fragmentos, introduza-o rapidamente em frascos bem seccos e tapados com rolhas de vidro.

Preparado d'este modo, é roxo e mui soluvel em agua em quanto recente, mas com o tempo perde facilmente o iodo e torna-se quasi insoluvel. Goza das propriedades do iodo e do ferro. Empregado nas molestias syphiliticas inveteradas, tisica, affecções tuberculosas, flores brancas, amenorrhea, chlorose, etc.

Internamente. 10 a 20 centigrammas, e progressivamente até 2 grammas (2, 4 a 40 grãos) em pilulas ou xarope.

Xarope de iodureto de ferro (Cod. fr.).

Iodo 4 gram.	25 centig.	Xarope de gomma	785 gram.
Limalha de ferro	2 gram.	Xarope de flor de laranjeira	200 gram.
Agua distillada	10 gram.		

Deite o iodo n'um pequeno balão de vidro com a agua distillada, ajunte a limalha de ferro pouco a pouco e vascolejando cada vez; deixe reagir por alguns instantes; depois aqueça brandamente, até que o liquido adquira a côr verde. — Pese, á parte, n'um frasco tarado, os xaropes de gomma e de flores de laranjeira; filtre por cima d'esta mistura a solução de iodureto de ferro; lave o filtro com quantidade d'agua sufficiente para completar 1000 grammas. Misture e conserve ao abrigo da luz. — 20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 10 centigrammas (2 grãos) de iodureto de ferro. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Pilulas de iodureto de ferro de Blancard (Cod. fr.).

Iodo	40 gram.	Agua distillada	60 gram.
Limalha de ferro	20 gram.	Mel de abelhas	50 gram.

Introduza em balão de vidro a agua, o iodo e o ferro; vascoleje vivamente, e depois tape o balão. Passado pouco tempo, logo que

o liquido se tornar esverdeado, filtre-o por cima de uma capsula de peso conhecido, contendo o mel. Lave o balão e o filtro com 10 grammas de nova agua um tanto adoçada com mel, e evapore os liquidos reunidos até que o producto esteja reduzido a 100 gram. Ajunte a este producto, depois de frio, uma mistura de partes iguaes de pós de alcaçuz e althea, em q. s. para formar massa homogenea, que dividirá em 1000 pilulas. Para pôr estas pilulas ao abrigo da acção do ar, lanção-se, á medida que se fazem, em pó de ferro porphyrizado; e, por fim, cobrem-se com uma solução concentrada de almécega e de balsamo de Tolú no ether. Depois de completamente seccas, guardão-se em frascos de vidro bem tapados. D. 2 a 4 por dia.

Solução officinal de proto-iodureto de ferro (Dupasquier).

Iodo	37 gram.	Agua distillada	400 gram.
Fio de ferro	75 gram.		

Córte o fio de ferro em fragmentos do comprimento de cerca de uma pollegada, introduza n'um frasco esmerilhado, depois ajunte a agua, o iodo, e tape. Quando se precisa immediatamente de uma parte da solução, mergulha-se o frasco durante oito ou dez minutos em agua elevada á temperatura de cerca de 80° cent., tendo o cuidado de vascolejar a mistura muitas vezes. Filtra-se depois a quantidade da solução de que se precisa. Se não tem de empregar-se immediatamente uma parte da solução, deixa-se a mistura entregue a si mesma, e a combinação do iodo e do ferro far-se-ha sem que seja necessario aquecê-la. A solução conserva-se depois indefinidamente. Quando se quizer executar uma formula, filtra-se uma porção do liquido, e depois de empregada a quantidade prescripta, deita-se no frasco a porção exuberante. Poder-se-ha usar d'esta maneira, pouco a pouco, de todo o conteúdo do frasco, e a solução será sempre incolor. Cada gramma (20 grãos) d'este liquido contém cerca de 1 decigram. (2 grãos) de iodureto de ferro supposto secco.

Xarope de iodureto de ferro (Dupasquier).

Solução officinal de iodureto de ferro	20 gram.	Xarope de gomma	220 gram.
		Xarope de flor de laranj.	60 gram.

Misture exactamente sacudindo a garrafa por alguns instantes. D. 15 a 60 grammas (1/2 onça a 2 onças) por dia. — Os xaropes de gomma e de flores de laranjeira devem ser sem côr, para que o medico possa ter a certeza de que o medicamento não está alterado. É util tambem dar a estes xaropes maior consistencia do que tem de ordinario, afim de que com a addição da solução officinal não fiquem muito fluidos, o que facilitaria a deterioração do iodureto de ferro. Com esta cautela o xarope de iodureto de ferro póde conservar-se por um mez.

IODURETO DE FERRO E QUININA (Iodure de fer et quinine, fr.). Este sal duplo obtem-se deitando uma dissolução acida concentrada de quinina n'uma dissolução de iodureto de ferro; precipita-se em palhetas de côr amarellada. Este sal obtem-se difficilmente puro; porque, separado do liquido em que se forma, altera-se sob a influencia do oxygeneo, e transforma-se em um producto insoluvel. É aconselhado na chlorose e nas febres intermittentes rebeldes, sob as formulas seguintes :

Pilulas de iodureto de ferro e quinina (Bouchardat).

Proto-iodureto de ferro	5 gram.	Mel de abelhas	1 gram.
Sulfato de quinina	1 gram.	Alcaçuz em pó	q. s.

F. 50 pilulas. D. 2 a 6 por dia na chlorose, 12 a 18 nas febres intermittentes.

Xarope de iodureto de ferro e quinina (Bouchardat).

Iodo	5 gram.	Xarope de assucar	1120 gram.
Ferro	2 gram.	Sulfato de quinina	1 gram.
Agua pura	20 gram.	Agua acidulada	10 gram.

Digira a calor brando o iodo com o ferro n'agua pura, até o liquido tornar-se incolor; filtre; ajunte o xarope, e, depois, o sulfato dissolvido n'agua acidulada. D. Uma colher *de sopa*, 2 vezes por dia, nas affecções escrophulosas.

IODURETO DE MERCURIO. V. Mercurio.

IODURETO DE POTASSIO, ou **Hydriodato de potassa** (Iodure de potassium ou hydriodate de potasse, fr.). Sal solido, branco, crystallizado em cubos ou em prismas quadrangulares, opaco, soluvel em agua e no alcool, mui deliquescente, de sabor acre. Existe nas algas, mas obtem-se sempre artificialmente dissolvendo o iodo n'uma solução de potassa caustica. A solução de iodureto de potassio dissolve facilmente o iodo e a maior parte dos ioduretos insoluveis

O iodureto de potassio é um dos medicamentos mais importantes e mais empregados. Possue as propriedades do iodo e da potassa; sómente é menos activo, menos susceptivel de determinar accidentes, e mais facil de administrar. É hoje geralmente empregado contra a syphilis *que tem resistido ás preparações mercuriaes;* e é reconhecido como o melhor remedio para a syphilis terciaria, exostoses, dôres osteocopas. É util tambem na papeira, escrophulas, inchação escorbutica das gengivas, hypertrophia do coração, etc.

Os *effeitos physiologicos* que produz o iodureto de potassio são os seguintes : 1° O rosto, as espaduas e mesmo todo o corpo cobrem-se de erupções diversas. 2° Declara-se ás vezes dôr no estomago. 3° Apparece em muitos doentes salivação, semelhante ao ptyalismo das mulheres gravidas, sem inflammação das gengivas como na salivação mercurial. 4° Em alguns doentes manifestão-se signaes de ligeira congestão cerebral, algum tanto semelhante á embriaguez produzida pelas bebidas alcoolicas; com alguns movimentos espasmodicos, sobresaltos nos tendões, vacillação dos membros inferiores, vertigens, fraqueza da vista; os objectos parecem aos doentes duplos e submettidos a um movimento de rotação.

Internamente. 50 centigram. (10 grãos) a 5 gram. (100 grãos) e mesmo a 6 grammas (120 grãos) por dia, dissolvido em agua commum. Na syphilis constitucional administra-se ordinariamente na dóse de 50 centigrammas (10 grãos), tres vezes por dia. Deve-se continuar a administração da mesma dóse durante 5 a 6 dias, para se poder julgar do effeito produzido. Se os symptomas syphiliticos não diminuirem, e se nenhum accidente apparecer, augmenta-se cada dóse de 50 centigram. (10 grãos), o que fará 3 gram. (60 grãos) por dia; continua-se da mesma maneira durante 5 a 6 dias, e, segundo os effeitos produzidos, augmenta-se a dóse na mesma proporção, deixa-se na mesma quantidade, ou diminue-se. Segundo o Dr. Ricord, raras vezes se faz preciso ir além de 3 grammas (60 grãos) por dia, para chegar como maximo a 6 gram. (120 grãos); como tambem é excessivamente raro que se dê na syphilis menos de 1 gramma e meio (30 grãos) por 24 horas.

Xarope (p. 135), 4 a 90 grammas (1 oitava a 3 onças) por dia.

Solução atrophica (Magendie).

Hydriodato de potassa	15 gram.	Agua de flor de laranj.	5 gram.
Tintura de digital	10 gram.	Xarope de althea	50 gram.
Agua de alface	250 gram.		

M. Uma colher *de sopa,* 2 vezes por dia, na hypertrophia do coração.

Salsaparrilha iodurada (Magendie).

Iodureto de potassio	2 gram.	Xarope de casca de laranja	500 gram.
Decocção de salsaparr.	500 gram.		

M. Aos copos em 24 horas. Syphilis constitucional.

Tisana iodurada (Ricord).

Infusão de saponaria	500 gram.	Xarope simples	30 gram.
Iodureto de potassio	1 gram.		

M. Uma chicara de duas em duas horas, na syphilis constitucional. A dóse de iodureto de potassio póde ser augmentada gradualmente até o doente tomar 6 grammas por dia no mesmo cozimento.

Xarope iodurado (Ricord).

Xarope de salsaparrilha	500 gram.	Iodureto de potassio	20 gram.

M. D. 3 a 12 colheres *de sopa* por dia com agua.

Agua iodurada para bebida (Lugol).

Iodo puro	10 centig.	Agua distillada	500 gram.
Iodureto de potassio	20 centig.		

M. D. Um copo, 2 vezes por dia. Ajunta-se assucar á vontade no momento da administração do remedio.

Externamente. *Emplasto iodurado.* V. p. 81.

Pomada de iodureto de potassio (Cod. fr.).

Iodureto de potassio	4 gram.	Banha benzoinada	30 gram.

Dissolva o iodureto em q. s. d'agua distillada; ajunte a banha, e triture para obter pomada homogenea. — D. 4 gram. (1 oitava) duas vezes por dia, em fricções nas papeiras, tumores escrophulosos, engurgitamentos dos testiculos.

Pomada de iodureto de potassio iodurado (Cod. fr.).

Iodo	1 gram.	Banha benzoinada	40 gram.
Iodureto de potassio	5 gram.	Agua distillada	q. s.

Dissolva na menor quantidade d'agua possivel a mistura de iodo e de iodureto de potassio; ajunte a banha, e triture até obter pomada homogenea. — D. 4 grammas (1 oitava), duas vezes por dia, em fricções na papeira, tumores escrophulosos, engurgitamentos dos testiculos, etc.

Glycereo de iodureto de potassio (Cod. fr.).

Iodureto de potassio	4 gram.	Glycereo de amido	30 gram.

Dissolva o iodureto de potassio no seu peso d'agua, e ajunte o glycereo de amido.

Glycereo de iodureto de potassio iodurado (Cod. fr.).

Iodureto de potassio	5 gram.	Glycerina	40 gram.
Iodo	1 gram.		

Dissolva o iodo e o iodureto de potassio no seu peso d'agua, e ajunte a glycerina.

Glycereo de iodo caustico (Hebra).

Iodo	4 gram.	Glycerina	8 gram.
Iodureto de potassio	4 gram.		

M. Applica-se sobre o lupo, com pincel.

Solutos iodurados para uso externo (Lugol).

	Nº 1.	Nº 2.	Nº 3.
Iodo	10 centig.	15 centig.	20 centig.
Iodureto de potassio	20 centig.	30 centig.	40 centig.
Agua distillada	500 gram.	500 gram.	500 gram.

F. solutos, que são empregados em lavatorios, collyrios, injecções, fomentações, cataplasmas; nas ophthalmias escrophulosas, trajectos fistulosos, ozênas, etc.

Soluto iodurado rubefaciente (Lugol).

Iodo	4 gram.	Agua distillada	50 gram.
Iodureto de potassio	8 gram.		

M. Para excitar as ulcerações escrophulosas.

Iodo caustico (Lugol).

Iodo	4 gram.	Agua distillada	8 gram.
Iodureto de potassio	4 gram.		

Dissolva. Empregado para avivar as ulceras e os trajectos fistulosos, quando o soluto precedente já não produz effeito.

Gargarejo iodurado (Ricord).

Agua distillada	200 gram.	Tintura de iodo	4 gram.
Iodureto de potassio	50 centig.		

M. Contra as ulcerações syphiliticas da garganta, e angina granulosa. Esta mesma solução póde ser empregada em injecções contra as ulceras das fossas nasaes, ou para o curativo das ulceras.

Banho iodurado (Cod. fr.).

Iodo	10 gram.	Agua	250 gram.
Iodureto de potassio	20 gram.		

M. Ajunte-se esta dissolução a um banho preparado em banheira de páo. Empregão-se no tratamento das escrophulas. Esta formula é para os adultos. Para as crianças, a quarta parte ou metade da dóse.

Injecção iodurada (Perrin).

Agua distillada	10 gram.	Tintura de iodo	20 gram.
Iodureto de potassio	52 centig.		

M. Contra a fistula do anus.

IODURETO DE PRATA (Iodure d'argent, fr.). É de côr amarella desvanecida. Recommendado contra a syphilis, na dóse de 1 centigramma (1/5 de grão), duas vezes por dia, mas o Dr. Ricord demonstrou a sua inefficacia.

IODO-TANNICAS (PREPARAÇÕES). As combinações do iodo com o tannino forão ultimamente propostas para uso externo e interno. Para este fim póde-se empregar não só o tannino, mas ainda todas as substancias que o contém, v. g. o extracto de ratanhia. As soluções iodo-tannicas forão empregadas em collutorios nas gengivites escorbuticas, na vacillação dos dentes, e em injecções na leucorrhea, fistulas, abcessos frios, etc.

Internamente.

Xarope iodo-tannico (Socquet e Guilliermond).

Iodo	1 part.	Extracto de ratanhia	4 part.

Dissolva o iodo em q. s. de alcool, e o extracto de ratanhia em q. s. d'agua; deixe em contacto durante algumas horas em matraz de vidro; filtre para separar o deposito roxo pulverulento, que se formou; lave este deposito com agua distillada até que não abandone nada; reuna as aguas de lavagem; concentre sobre pratos em b. m. mexendo continuamente até se reduzirem a 6 p.; ajunte então 24 p. de xarope de assucar.

D. 8 a 60 grammas (2 oitavas a 2 onças), na leucorrhea, tisica, escrophulas, papeira.

Xarope iodo-tannico (Demolon).

Iodo	1 part.	Agua distillada	100 part.
Tannino	6 part.		

Dissolva; filtre; evapore até a solução reduzir-se a 20 p. Ajunte ás 6 partes d'esta solução 94 p. de xarope de assucar. — D. 8 a 60 grammas (2 oitavas a 2 onças) na papeira, escrophulas, tisica. 20 grammas representão 6 centigrammas de iodo.

Externamente :

Solução iodo-tannica (Guilliermond).

Iodo	1 part.	Agua distillada	100 part.
Tannino	9 part.		

M. por trituração, e dissolva em b. m. a + 50°. Adstringente, hemostatico.

Solução iodo-tannica iodurada (Guilliermond).

Iodo	1 part.	Agua distillada	18 partes.
Tannino	2 part.		

Dissolva triturando; evapore a + 50° até reduzir a 10 partes, pouco mais ou menos. — Adstringente. Serve para tocar as ulcerações da bocca.

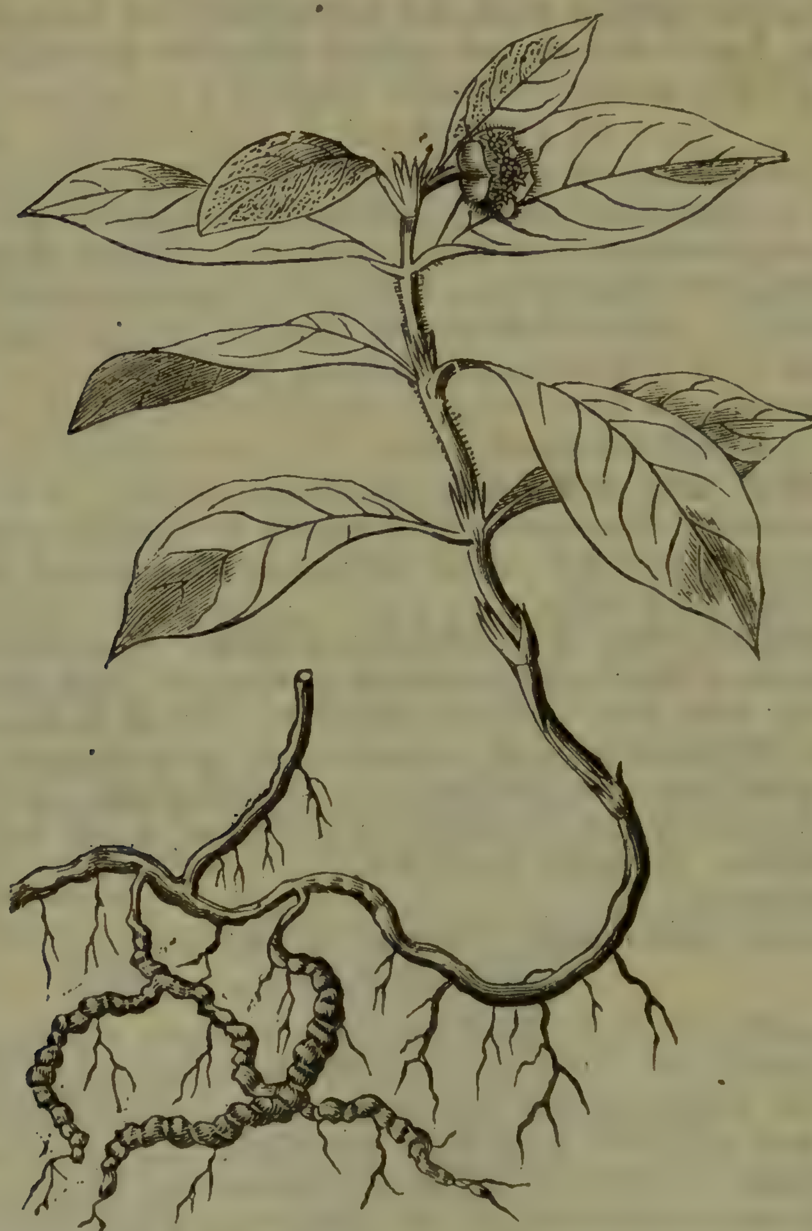


Fig. 228. — Ipecacuanha.

IPECACUANHA, ou **Poaya** (Ipécacuanha ou Ipéca, fr.). *Cephælis ipecacuanha*, Richter. Rubiaceas. Pequeno arbusto que habita nos mattos do Brasil, nas provincias de Pernambuco, Bahia, Minas, Matto-Grosso, Espirito-Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo

Fig. 228. Tem só 33 centimetros de elevação, folhas oppostas, ovaes, lanceoladas, verdes; flores brancas; fructo ovado, denegrido; raiz fibrosa, flexuosa, marcada de impressões circulares muito approximadas. A planta habita á sombra das arvores magestosas, e mais particularmente na terra humida que avizinha os pantanos. Vegeta raras vezes solitaria, mas quasi sempre forma ramalhetes. — As raizes, taes como se achão no commercio, são de 5 a 40 centimetros de comprido, torcidas, da grossura de uma pequena penna de ganso, irregularmente flexuosas, simples ou ramosas, formadas de uma serie de pequenos anneis salientes, separados por fendas circulares; epiderme cinzenta denegrida; cheiro fraco, mas desagradavel, sabor amargo e nauseoso. São formadas de uma parte cortical, cuja fractura é esbranquiçada ou cinzenta e resinosa, e de uma parte mediana, fibrosa, amarellada, menos sapida. Esta especie chama-se ipecacuanha cinzenta, é a melhor de todas, e forma os tres quartos da ipecacuanha do commercio : as outras especies (preta e branca), fornecidas pelas outras arvores da mesma familia, são menos estimadas. *P. us. Raiz.*

Propriedades e usos. Vomitiva em alta dóse, tonica e expectorante em pequena. Emprega-se com vantagem na dysenteria, febres de máo caracter, garrotilho, coqueluche, bronchite, etc.; foi aconselhada na peritonite puerperal. É um dos medicamentos mais recommendaveis. Ingerida no estomago em dóse menor de 15 centigram. (3 grãos) a ipecacuanha provoca facilmente o suor. Continuada em pequena dóse, determina a salivação, o abatimento, um sentimento de frio em todo o corpo, fraqueza no estomago e algumas vertigens. Em dóse elevada, produz nauseas, pallidez e vomitos, e ás vezes evacuações alvinas; o pulso torna-se fraco. Sobrevindo alguns accidentes, combatem-se com chá de hortelã e vinho.

Substancias incompativeis. Os acidos vegetaes, as infusões adstringentes, etc.

Internamente. *Pó* (p. 112). Como vomitivo 1 a 1 1/2 gramma (20 a 30 grãos) em meio copo d'agua morna. Como expectorante 5 a 30 centigrammas (1 a 6 grãos) em pó ou pilulas.

Infusão, 8 grammas (2 oitavas) para 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo. Toma-se de uma vez, como vomitivo. — O infuso é limpido; o decocto é turvo, contém muito amido. O decocto não deve ser empregado senão em clyster.

Tintura (p. 123). Vomitivo na dóse de 4 a 20 grammas (1 a 5 oit.) para tomar-se de uma vez em poção. — Diaphoretico e expectorante, na dóse 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava) para tomar-se em poção, ás colheres *de sopa,* uma colher de 2 em 2 horas.

Extracto (p. 91). Vomitivo na dóse de 10 a 30 centigrammas (2 a 6 grãos). Expectorante na dóse de 5 milligrammas a 5 centigrammas (1/10 a 1 grão).

Vinho (Pharm. britannica). Ipecacuanha 5, vinho de Xerez 100. Macere por 8 dias, e filtre, Vomitivo na dóse de 10 a 30 grammas (2 1/2 oitavas a 1 onça). Expectorante na dóse de 1 a 5 grammas (20 a 100 grãos).

Xarope de ipecacuanha (p. 135). É um vomitorio precioso para as crianças. D. 15 gram. (1/2 onça) para as crianças, 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) para os adultos, como vomitivo.

Xarope de ipecacuanha composto ou *Xarope de Desessartz* (Cod. fr.).

Ipecacuanha contusa	30 gram.	Vinho branco	750 gram.
Foliolos de sene	100 gram.	Agua de flor de laranj.	750 gram.
Serpão	30 gram.	Agua fervendo	3000 gram.
Papoulas	125 gram.	Assucar refinado	q. s.
Sulfato de magnesia	100 gram.		

Macere a ipecacuanha e o sene no vinho branco por 12 horas; côe com espressão e filtre. Ajunte ao residuo o serpão e as papoulas, e deite a agua fervendo sobre o todo. Infunda por 6 horas, côe com espressão; ajunte ao liquido o sulfato de magnesia e a agua de flores de laranjeira; filtre. Reuna o liquido vinoso ao producto da infusão, e faça, ajuntando assucar na proporção de 190 gram. para 100 gram. de liquido, um xarope por simples solução a b. m. — Remedio precioso e experimentado contra a tosse e a coqueluche das crianças, na dóse 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Pastilhas de ipecacuanha (Cod. fr.).

Ipecacuanha pulveriz.	100 gram.	Gomma alcatira	40 gram.
Assucar	4900 gram.	Agua de flor de laranj.	340 gram.

Misture a ipecacuanha com quatro vezes o seu peso de assucar. Faça, á parte, com a gomma alcatira e a agua de flores de laranjeira, uma mucilagem á qual ajuntará primeiro o resto do assucar, depois, no fim da operação, a mistura de assucar e de ipecacuanha. Divida a massa em pastilhas de 50 centigrammas (10 grãos). Cada uma contém 1 centigramma (1/5 de grão), de ipecacuanha. D. 4 a 6 como expectorante.

Pilulas anti-diarrheicas.

Extracto de opio	1 centig.	Extracto de ratanhia	5 centig.
Ipecacuanha	2 centig.	Cato	2 centig.

F. 1 pilula. D. 1 pilula de 3 em 3 horas.

Pós vomitivos.

Ipecacuanha	1 gram.	Emetico	5 centig.

M. e divida em 3 papeis D. um, de quarto em quarto de hora. Se os dois primeiros produzirem bastantes vomitos, não se dá o terceiro papel. Facilitão-se os vomitos bebendo muita agua morna.

Pós de ipecacuanha compostos ou *Pós de Dower* (Cod. fr.).

Extracto de opio secco	10 gram.	Ipecacuanha	10 gram.
Nitrato de potassa	40 gram.	Alcaçuz	10 gram.
Sulfato de potassa	40 gram.		

Reduza cada substancia a pó, e misture. 1 gramma (20 grãos) d'este pó contém 9 centigrammas (2 grãos) de extracto de opio, e outro tanto de ipecacuanha. D. 25 a 50 centigrammas (5 a 10 grãos) como diaphoretico e calmante.

Pós emeto-catharticos.

Ipecacuanha	1 gram.	Rhuibarbo	1 gram.

M. Tomão-se de uma vez.

Pós expectorantes.

Ipecacuanha	10 centig.	Scilla	5 centig.

Faça 1 papel, e como este mais onze. D. 1 papel de duas em duas horas.

Julepo anti-dysenterico.

Ipecacuanha	4 gram.	Xarope de flor de laranjeira	30 gram.
Agua fervendo	150 gram.		

Infunda a ipecacuanha na agua fervendo, côe e ajunte o xarope. D. Uma colher *de sopa*, de hora em hora.

Clyster de ipecacuanha.

Ipecacuanha	8 gram.	Agua	q. s.

Para ter 180 grammas (6 onças) de decocto. Diarrhea, dysenteria.

IPÚ. V. BATATA DE PURGA.

ISCA (Amadou, fr.). Substancia esponjosa fornecida pela parte interna do agárico dos carvalhos, *Boletus igniarius*, L., especie de cogumelo que vegeta sobre o tronco de arvores velhas, como o carvalho, a tilia, etc. Impregnada de nitrato de potassa serve para accender fogo; simples, é usada para vedar as hemorrhagias das bichas e outras hemorrhagias capillares. Impregnada de solução de perchlorureto de ferro a 30°, constitue a *isca hemostatica;* basta applica-la com o dedo sobre a abertura sangrenta, e comprimir por 10 a 15 minutos; mantem-se depois a isca com atadura.

JABORANDI. *Pilocarpus;* variedade do *Pilocarpus pennatifolius,* Lemaire. Rutaceas. Fig. 229. Arbusto do Brasil, que habita na provincia de Pernambuco, do Ceará e nas outras provincias do Imperio. Do Brasil foi transportado para algumas estufas da Europa. As estufas do Museo de Pariz contém tres arbustos vivos que eu pude examinar. *Raiz* cylindrica, de cerca de 18 millimetros de diametro, de côr roxa-amarellada pallida, de cheiro de casca de laranja, fraco, de sabor pouco sensivel a principio, mas que se torna picante depois. *Caules* de dimensão variavel, desde os mais delgados até porções de 3 centimetros de diametro; cobertos de casca cinzenta anegrada marcada de nodoas brancas. *Folhas* alternas, compostas de tres a cinco pares de foliolos e um impar; os foliolos são de tamanho variavel, tambem na mesma folha; 6 a 12 centimetros de comprimento e 2 a 4 na sua maior largura; são oppostos, ovaes, alongados ou ellipsoides, obtusos ou levemente cortados em fórma de meia-lua na extremidade superior, levemente inequilateraes na base; são glabros, lisos, curtamente peciolados ou mesmo sesseis; de cheiro levemente aromatico, quando esmagados entre os dedos; sabor algum tanto acre. Expostos á luz, estes foliolos apparecem crivados de pontos transparentes, que são constituidos por pequenos reservatorios de oleo essencial. A *inflorescencia* é um cacho de 15 a 20 centimetros e mais de comprimento, composto de numerosas flores.



Fig. 229. — Jaborandi.

1. Folha inteira; 2. Foliolo; 3. Fructo inteiro e pedunculo; 4. Umu carpella do fructo, aberta.

O *fructo* é formado de cinco carpellas, de que só duas ou tres chegão a amadurecer; e então as carpellas maduras separão-se em 2 valvas, e representão em ponto pequeno uma concha bivalve aberta

deixando ver o mollusco. Cada carpella contém uma só semente preta, brilhante, reniforme e biconvexa.

O Dr. Baillon, Lente de Botanica na Faculdade de medicina de Pariz, attribue este *jaborandi* ao *Pilocarpus pennatifolius*, vegetal descripto por Lemaire, e cujas folhas existem no hervario do Museo de Pariz.

Propriedades. As folhas de jaborandi possuem propriedades diaphoreticas verdadeiramente extraordinarias. A sua acção faz-se sentir no fim de alguns minutos. Bebe-se, para este fim, uma infusão de 4 grammas de folhas de jaborandi em 180 grammas d'agua fervendo. Dez minutos depois da administração d'esta infusão, que não é necessario beber quente, a pessoa, que teve a precaução de se deitar e cobrir-se de roupas, está acommettida de suores que continuão a produzir-se durante quatro ou cinco horas. N'este meio tempo sobrevem abundante secreção de saliva e excreção bronchica não menos copiosa.

É ao Sr. Dr. S. Coutinho, de Pernambuco, que se deve o conhecimento d'estas propriedades de jaborandi. Elle levou para Pariz por amostra uma porção da planta; e os ensaios feitos com ella pelo Sr. Dr. Gubler, Lente da Faculdade de medicina de Pariz e medico do hospital Beaujon, e por outros facultativos, mostrárão que o infuso das folhas produz transpiração e salivação tão abundantes, como não se vio ainda em outro dos medicamentos usados para o mesmo fim. Estes factos forão verificados em Portugal. O Sr. João Baptista Rollo, medico distincto d'Evora, apresentou á Sociedade das sciencias medicas de Lisboa observações identicas, que forão publicadas na *Gazeta medica de Lisboa* de 13 de Janeiro de 1876. Coisa notavel a intervenção do calor tem medriocre importancia na producção dos effeitos sudorificos do jaborandi, entretanto que é preponderante quando se administra chá de sabugueiro, de borragem e de outras plantas sudorificas. De certo, não é inutil tomar a infusão quente e cobrir-se de cobertor, mas o novo diaphoretico não exige estas condições para manifestar o seu poder. O Dr. Gubler refere que um dos seus alumnos, que não transpira senão com difficuldade, obteve a sudação tomando, ao levantar-se da cama, uma chicara de infusão de jaborandi apenas tepida.

As folhas reduzidas a *pó* são tambem sudorificas e sialagogas. O *extracto* das folhas produz igualmente uma diaphorese e salivação abundante. As folhas contém um alcaloide (*pilocarpina*) que goza das mesmas propriedades therapeuticas e physiologicas.

Usos. Verificadas as propriedades sudorificas e sialagogas de jaborandi, foi esta planta proposta contra as molestias que se curão provocando a transpiração, e são numerosas. Citarei só algumas das principaes : constipação, bronchite, diabetes, derramamento pleuritico, hydropisias, febres eruptivas impedidas na sua evolução, etc., etc.

Internamente. *Infusão :* 4 grammas (1 oitava) de folhas de jaborandi; para 150 grammas (5 onças) d'agua fervendo. Esta infusão é levemente aromatica e de pouco sabor.

Pó de folhas. 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava).

Extracto. 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava).

Pilocarpina. Este alcaloide de jaborandi extrahe-se da maneira seguinte : Folhas de jaborandi, 10; agua distillada fervendo, 100. Infunda até arrefecer; côe, esprema, filtre; evapore até á consistencia de xarope. Ajunte magnesia calcinada, 5. Faça seccar a b. m.; reduza a pó; esgote pelo chloroformio; evapore; dissolva a substancia na agua; evapore no vacuo para obter a pilocarpina,

debaixo da fórma de um xarope, soluvel na agua e no alcool, e que produz, com os acidos chlorhydrico, azotico, sulfurico, saes crystallizaveis.

Ha mais outros vegetaes no Brasil a que os habitantes dão o nome de *jaborandi*, o que causa confusão. São :

1° *Monniera trifolia*, Aublet. Rutaceas. Pequena herva ramosa, conhecida em Pernambuco pelo nome de ALFAVACA DE COBRA, mas em outras partes do Brasil por JABORANDI. Tem a raiz cheirosa, de sabor acre e picante, as folhas trifoliadas, flores brancas e miudas, um tanto pelludas; o fructo é uma pequena capsula. A planta é aromatica quando submettida á compressão.

2° *Ottonia anisum*, Sprengel; *Serronia jaborandi*, Guillemin; *Piper jaborandi*, Velloso. Piperaceas. Arbusto do Brasil, a que os habitantes dão o nome de JABORANDI. É de ramos sarmentosos, cylindricos, nodosos; folhas alternas, quasi rentes, ovaes oblongas, acuminadas; flores dispostas em espigas compostas de muitas flores; fructo akenio oval, com quatro sulcos profundos, unilocular, com uma só semente. Cheiro das flores, e sobretudo dos fructos, fortemente aromatico. A raiz mastigada produz tremor na lingua, e abundante salivação. A *tintura* emprega-se em fricções nas paralysias, e é um anti-odontalgico.

JABOTICABA. Fructo da Jaboticabeira, *Eugenia cauliflora*, D. C. (Myrtaceas), arvore do Brasil. É uma baga contendo polpa branca, adocicada, coberta de casca roxa-purpurea muito acida. A polpa é comestivel e muito agradavel; a *casca do fructo* é adstringente, e emprega-se em gargarejos nas esquinencias chronicas.

Externamente. *Decocção* 30 grammas (1 onça) da casca do fructo para 500 gram. (16 onças) d'agua.

JACARÉ-ARÚ. V. CAFÉRANA.

JACATUPÉ. *Pachyrrhyzus angulata*. Leguminosas. Planta que habita no Maranhão, Ceará, e outras provincias do Norte do Brasil. A raiz, que é bulbifera, é muito grossa; fornece quasi 10 por cento de fecula, que depois de bem lavada, póde servir de alimento. A farinha feita d'esta raiz usa-se contra a dysenteria e hemorrhoidas. As sementes são consideradas como venenosas.

JACUÁ-ACANGA. V. GUARÁ-CIUNHÁ-AÇÚ.



Fig. 230. — *Exogonium purga* planta que produz a jalapa.

JALAPA (Jalap, fr.). *Exogonium purga*, Bentham. Convolvulaceas. Planta que habita no Mexico, e principalmente nos arredores

da cidade de Jalapa, d'onde lhe veio o nome. Fig. 230. Hastes herbaceas, de 15 a 21 pés de alto, enroscando-se nas outras plantas, do tamanho de uma pequena penna de ganso, cylindricas, lisas, de côr roxa-brilhante; folhas alternas, pecioladas, cordiformes, profundamente chanfradas na base, acuminadas; flores pedunculadas, solitarias ou reunidas em duas, grandes, pedunculos axillares; corolla infundibuliforme, côr de rosa desmaiada; fructo (capsula) ovoide-arredondado, envolvido pelo calice, com 4 compartimentos, contendo cada um uma semente solitaria, globosa, glabra; raiz tuberosa, arredondada, mais ou menos irregular, branca, carnosa, cheia de um succo lactescente e resinoso. *P. us. Raiz.*

A raiz de jalapa do commercio acha-se representada na Fig. 231. A verdadeira jalapa é mais ou menos arredondada, do volume de uma noz ou maior; apresenta na superficie incisões que forão praticadas para lhe facilitar a deseccação; esta superficie é enrugada e de côr cinzenta escura. O córte transversal é de um pardo cinzento no centro, mais escuro e apresentando alguns circulos concentricos perto da circumferencia. A jalapa é dura, pesada, de cheiro especial, de sabor acre. Contém de 15 a 18 por 100 de resina. O pó é de côr amarella-cinzenta.



Fig. 231. — Raiz de jalapa das pharmacias.

Os bichos atacão promptamente a jalapa, e destroem a parte amylacea, de sorte que a raiz roida contém proporcionalmente mais resina e é mais activa, porque a jalapa deve as propriedades purgativas que possue á resina.

Esta resina é roxa, acre, soluvel no alcool, no acido acetico insoluvel no ether. Acha-se no commercio, mas é melhor prepara-la na officina pelo processo indicado no Codigo francez :

Preparação da resina de jalapa.

Raiz de jalapa contusa 1000 gram. | Alcool a 90° cent. 6000 gram

Ponha a jalapa sobre a peneira de cabello, e macere-a por doi dias em agua, para lhe extrahir os principios soluveis n'este liquido esprema fortemente. Ponha o residuo em contacto com os dois terço do alcool; deixe em maceração por quatro dias; côe com espressão e repita a mesma operação com o resto do alcool. Reuna os soluto

alcoolicos, distille-os para separar a parte espirituosa, e deite o residuo da distillação na agua a ferver. Deixe depôr, decante, e lave a resina precipitada, até que a agua de lavagem saia incolor. Distribua a resina nos pratos, e seque-a na estufa.

Propriedades e usos. A jalapa é um purgante energico, exerce especialmente a sua acção nos intestinos delgados. Convém ás pessoas cujos orgãos são pouco sensiveis. Em dóse elevada, occasiona vomitos e abatimento geral. Mas o seu effeito não é constante, por não se achar a resina sempre nas mesmas proporções n'uma quantidade dada de pó.

Internamente. Raiz, *pó* (p. 112), 1 a 5 gram. (20 a 100 grãos).

Tintura (p. 122), 10 a 30 grammas (2 1/2 oitavas a 1 onça) em poção.

Resina. Pó (p. 112) 10 a 80 centigrammas (2 a 16 grãos) em pó, pilulas ou poção.

Tintura de jalapa composta ou *Aguardente allemã* (Cod. fr.).

Raiz de jalapa	80 gram.	Escamonéa	20 gram.
Raiz de turbitho	10 gram.	Alcool a 60° cent.	960 gram.

Macere durante dez dias, e filtre. D. 8 a 30 grammas (2 oitavas a 1 onça), como purgante.

Sabão de jalapa.

Resina de jalapa	1 part.	Sabão medicinal raspado	2 part.

Dissolva a calor brando em q. b. de alcool a 80° centesimaes, evapore até á consistencia pilular e guarde. D. 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos) como purgante.

Pós purgativos.

Jalapa	1 gram.	Cremor de tartaro	4 gram.
Rhuibarbo	2 gram.	Oleo essencial de canella	1 gotta

M. Para uma só dóse.

Pilulas antibiliosas (Harvey).

Resina de jalapa	5 centig.	Extracto de coloquint.	5 centig.
Aloes	5 centig.	Xarope de espinha cervina	q. b.
Rhuibarbo	5 centig.		

F. 1 pilula. D. 1 a 4 por dia, como purgativas.

Biscoutos purgativos de jalapa.

Jalapa em pó	15 gram.	Massa de biscoutos	q. s.

Para 12 biscoutos. Cada um contém 125 centigram. (25 grãos) de jalapa. D. 1 para um adulto, metade para uma criança.

Biscoutos de resina de jalapa (Tambareau).

Resina de jalapa	36 gram.	Gemas de ovos	n° 40
Assucar e farinha	1000 gram.	Claras de ovos	n° 20
Tintura de baunilha	10 gram.		

Faça emulsão da resina com as gemas de ovos; ajunte successivamente o assucar, a tintura e a farinha; faça massa homogenea, e misture-a com as claras previamente batidas; continue a mexer durante alguns instantes, e divida a massa em 144 biscoutos. Cada um contém 25 centigrammas (5 grãos) de resina de jalapa. D. 1 a 2 biscoutos ás crianças.

Emulsão purgativa com resina de jalapa (Cod. fr.).

Resina de jalapa	50 centig.	Assucar	30 gram.
Agua de flor de laranjeira	10 gram.	Agua	120 gram.
		Gema de ovo n°	1/2

Triture a resina de jalapa com pequena porção do assucar, para a reduzir a pó fino; ajunte pouco a pouco a gema de ovo, triture

por muito tempo, e ajunte triturando o resto do assucar e a agua por pequenas porções. Toma-se por uma vez.

Xarope antigotoso.

Extracto de guaiaco	10 gram.	Alcool a 55° cent.	100 gram.
Ext.° de salsaparrilha	10 gram.	Xarope simples	1000 gram.
Resina de jalapa	10 gram.		

F. S. A. Uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas, até produzir evacuações. Esta receita póde substituir a do *Xarope de Boubée.*

JALAPA DO BRASIL. V. *Batata de purga.*

JALAPÃO, Tiú, Raiz de lagarto. *Adenoropium opiferum*, Mart. Euphorbiaceas. Planta do Brasil (S. Paulo, Minas, Goyaz, Bahia, Pernambuco). A raiz é purgativa na dóse de 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava); e o extracto na dóse de 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos). É empregada na ictericia, hydropisias e obstrucção das visceras abdominaes.

JAMACARÚ, Jaramacarú, Mandacarú, Figueira da India, Urumbéba, ou **Cumbéba.** *Cercus triangularis,* Martius. Nopaleas, segundo Martius; Cacteas, segundo Duchesne. Arbusto do Brasil. *P. us. Fructo* e *a planta.* Antiscorbutico, refrigerante, peitoral e detersivo. — O succo dos fructos passa por antiscorbutico. A decocção da planta é refrigerante, e aconselhada nas febres gastricas e biliosas. O succo espresso da mesma depois de cozida, e misturado no liquido do decocto com assucar sufficiente para ser levado á consistenca de xarope, é mui usado nas affecções pulmonares, nas tosses pertinazes. Externamente, em cataplasma nas ulceras sordidas, e nos tumores glandulares, depois de assada a planta no rescaldo. (Dr. Castro, do Pará.)

JAMBÚ, JAMBÚ-AÇÚ, JAMBÚRANA. V. AGRIÃO DO PARÁ.

JANIPARINDIBA. *Gustavia brasiliana,* D. C. Myrtaceas. Arbusto do Brasil (Pará, Maranhão, Pernambuco). As folhas e o lenho exhalão cheiro desagradavel; a raiz é amarga e aromatica. Com as folhas fazem-se cataplasmas, que se applicão sobre a região do figado na hepatite chronica. O succo do fructo tinge a pelle de preto.

JAPÂNA ou **Ayapâna.** *Eupatorium ayapana,* Ventenat. Synanthereas eupatoreas. Esta planta cresce espontaneamente nas provincias do Norte do Brasil; nas provincias do Sul cultiva-se nos jardins. Folhas oppostas, lanceoladas, estreitas, triplinervas; flores em capitulos formando corymbos laxos; cheiro aromatico e agradavel, sabor um pouco amargo. A infusão das folhas é um poderoso sudorifico.

Internamente. *Infusão*, 2 gram. (1/2 oitava) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo.

Externamente. As folhas frescas, ou o seu succo, applicão-se nas feridas.

JAPÊCANGA. V. SALSAPARRILHA.

JARACATIÁ. *Carica dodecaphylla,* Velloso. Papayaceas. Arvore do tamanho do mamoeiro; habita no Brasil, nas provincias do Norte. O succo do fructo emprega-se na opilação, na dóse de uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

JARRINHA. V. MILHOMENS.

JATAHY, Jetahyba, Jatehy, Jatobá (Courbaril, fr.). *Hymenæa courbaril,* L. Leguminosas. Arvore do Brasil (Minas, Bahia, Pernambuco). Fig. 232. Folhas alternas, pecioladas, com-

postas de dois foliolos approximados, ovaes-lanceolados, luzentes; inflorescencia em paniculas; flores purpurinas; fructo, vagem comprimida, contendo quatro a cinco sementes, envoltas em polpa amarellada e doce. Do tronco e dos ramos d'esta arvore mana uma resina, que nas pharmacias recebeu o nome de *resina animé, animé das Indias occidentaes, do Brasil* ou *do Mexico, copal da America* ou *do Brasil, copal tenro*, e que no Brasil se chama vulgarmente



Fig 232. — Jatahy.

resina de jatahy. Apresenta-se em pedaços de côr amarellada, fractura luzente, de cheiro aromatico, difficeis de derreter. Emprega-se para fazer vernizes. No Brasil é remedio popular contra a hemoptyse, na dóse de 1 gramma (20 grãos) em pó, misturada com 1 gema de ovo. Ha no Brasil mais outras *hymenæas* que fornecem resinas analogas, de que se servem os indigenas para se alumiarem.

JERATACA. V. MANACÁ.

JIQUIRIOBA. V. GIQUIRIOBA.

JIQUITIBA. *Curatari legalis*, Martius. Myrtaceas. Grande arvore do Brasil. Casca grossa, cinzenta, lenho avermelhado; folhas curtamente pecioladas, alternas, luzidias, ellipticas, irregularmente denteadas, e guarnecidas na base com dois appendices, que se achão dobrados sobre o dorso da folha; flores dispostas em racimos de muitas flores, terminaes e axillares; fructo, capsula cylindrica, operculada. — A casca tem gosto amargo e adstringente. É empregada em decocção internamente nas diarrheas, em bebida e clysteres; e externamente, em gargarejos, nas esquinencias chronicas. 1 onça para 16 onças d'agua.

JITO. V. MARINHEIRO.

JUÁ PÓCA. V. CAMAPÚ.

JUJUBA ou **Açofeifa** (Jujube, fr.). Fructo da **Açofeifeira** ou **Maceira d'anafega**, *Rhamnus zizyphus*, L., arbusto da familia das Rhamneas, de 15 a 20 pés, originario do Egypto, d'onde foi transportado para a Europa meridional; em Portugal cultiva-se no Algarve. F. 233. Este fructo é ovoide, carnoso, do tamanho de uma azeitona; polpa saccharina, um tanto vinosa; contém um caroço com dois compartimentos.



Fig. 233. — Jujuba.

As jujubas são emollientes; entrão na composição dos fructos peitoraes. Fazem-se com ellas cozimentos mucilaginosos; a dóse é de 24 gram. (6 oitavas) para ter 500 gram. (16 onças) de decocto. Preparão-se tambem pastas peitoraes de jujubas, contra a tosse.

Xarope (pag. 135). 60 a 120 gram. (2 a 4 onças).

Pasta de jujubas (Cod. fr.).

Jujubas	500 gram.
Gomma arabica	3000 gram.
Assucar	2000 gram.
Agua	3500 gram.
Agua de flores de laranjeira	200 gram.

Infunda as jujubas, depois de incisas e privadas dos caroços, na quantidade d'agua prescripta; côe com espressão Lave, á parte, a gomma com agua fria duas vezes, esgote-a deite-lhe por cima a infusão d jujubas, e derreta a b. m Passe a solução por pann tapado; torne a pô-la em b. m. ajunte o assucar, e derretid este, cesse de mexer. Ajunte a agua de flores de laranjeira, e entretenha o banho-maria fervendo por doze horas. Passado este tempo tire a escuma espessa que se tiver formado, e verta a pasta er moldes de folha, untados levemente com azeite doce. Continue evaporação em estufa na temperatura de 40° cent.; vire a past nos moldes logo que estiver firme, e deixe-a na estufa até adquiri a consistencia conveniente.

JUNÇA CHEIROSA ou **Albafor** (Souchet, fr.). *Cyperu longus*, L. Cyperaceas. Planta da Flora portugueza, que habita nc lugares humidos e paludosos. A raiz, que é de cheiro agradavel, empregada na perfumaria.

JUREMA. *Acacia jurema*, Mar. Leguminosas. Arvore do Bras (Minas, Bahia, Pernambuco). A casca é adstringente, e o seu coz mento emprega-se em banhos contra as inchações erysipelatosa Meia onça por cada libra d'agua.

JURUBEBA, Juripeba ou **Jupeba**. *Solanum paniculatum* L. Solaneas. Planta do Brasil. Caule fructicoso e espinhoso, folh cordiformes, sinuosas; flores terminaes dispostas em panicula fructo, baga espherica. Toda a planta abunda em principio amar

e mucilaginoso; é reputada antiperiodica, e desobstruente. Usa-se sobretudo na provincia de Pernambuco e do Ceará, onde se encontra em abundancia, contra as febres intermittentes, ictericias, splenites e hepatites chronicas. Ha diversas preparações d'esta planta : xarope, tintura, vinho, extracto, que figurárão na Exposição universal de Pariz, de 1867, e na de Vienna de 1873, remettidas de Pernambuco. A infusão da raiz prepara-se com 8 grammas (2 oitavas) da raiz e 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo, para uso interno. Externamente, as folhas, contra as ulceras.

KAMALA (Kamala, fr.). Pó vermelho que cobre o fructo de uma arvore da India, *Mallotus philippinensis*, Muller, (Euphorbiaceas). Os medicos inglezes propuzerão este pó, como medicamento muito efficaz, contra a solitaria, na dóse de 2 a 12 gram. (1/2 oit. a 3 oitavas).

KERMES MINERAL. V. pag. 277.

KINO ou **Gomma-kino** (Kino ou gomme-kino, fr.). Dá-se este nome a alguns succos adstringentes, de origem differente. Uns provém da Columbia, Mexico, Jamaica; outros da India, Moluccas, Nova-Hollanda. Os vegetaes que produzem os *kinos* variāo segundo os paizes. Estes succos são de aspecto resinoso, de côr roxa mais ou menos luzente; sabor styptico e amargo.

Eis-aqui um resumo das principaes especies de *kinos*, com a indicação dos lugares d'onde elle provém :

1° *Kino do Senegal*, extrahido do *Pterocarpus erinaceus*, L. (Leguminosas).

2° *Kino de Amboïna*, extrahido do *Pterocarpus marsupium*, Roxb. (Leguminosas).

3° *Kino de Gambia*, extrahido da *Butea frondosa*, Roxb. (Leguminosa).

4° *Kino da Columbia*, extrahido do *Rhizocarpus mangle*, L. (Rhizophoreas).

5° *Kino da Australia*, extrahido da *Eucalyptus resinifera*, Smith (Myrtaceas).

6° *Kino da Jamaica*, extrahido da *Coccoloba uvifera*, L. (Polygoneas).

Adstringente, aconselhado nas diarrheas, fluxos mucosos chronicos, hemorrhagias passivas uterinas e outras, no diabetes, etc.

Substancias incompativeis. Os saes de ferro, os acidos mineraes, o emetico, etc.

Internamente. 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava) em pó, pilulas, electuario ou poção.

Tintura (p. 121), 4 a 16 grammas (1 a 4 oitavas) em poção.

Electuario adstringente (Most).

Kino pulverizado	15 gram.	Agua de hortelã-pimenta	q. s.
Gomma arabica pulv.	15 gram.		

M. Diarrhea chronica. Uma colher *de chá*, quatro vezes por dia.

KREOSOTA. V. Creosota.

KUMYS. (Koumys, fr.). Liquido alcoolico, preparado pelos Kalmukos, Kirghizos, Baskiros, e outros povos pastores da Asia central, fazendo fermentar o leite de egua, ou, na falta d'este, o leite de vacca. É um liquido esbranquiçado, com cheiro de soro de leite, sabor levemente acido e picante, espumando como vinho de Champanha por causa da grande quantidade de gaz acido carbonico que contém. Deixado em repouso, n'uma garrafa, divide-se em tres camadas distinctas : a camada inferior é case sa, a do meio com-

põe-se em grande parte de soro de côr esverdeada; por cima sobrenada a ultima camada esbranquiçada formada dos corpos graxos. É necessario agitar fortemente a garrafa, para que o kumys se torne homogeneo.

Para obtê-lo os povos da Asia fazem fermentar o leite ajuntando-lhe um pouco de kumys velho. Bastão, ordinariamente, vinte e quatro horas para o desenvolvimento da fermentação; porém o kumys só é bom no fim de tres dias. Tira-se então o liquido, que é o *kumys*, introduz-se em garrafas, onde não tarda a adquirir maior força. Os indigenas distinguem duas especies de kumys: o kumys novo e o antigo. Este, que completou a sua fermentação nas garrafas, corresponde ao vinho inteiramente feito; póde então fazer saltar as rolhas e fazer rebentar as garrafas em pedaços se o vidro não fôr mui forte. O kumys parece-se com todas as bebidas fermentadas cujo typo é o vinho de Champanha. Os Tartaros costumão bebê-lo como nós bebemos a cerveja ou o vinho.

Preconizado em 1866 contra a tisica pelo medico russo Karell, o kumys é empregado, de alguns annos a esta parte, na Allemanha e na França. Os medicos na Russia designão-n'o como um dos meios mais efficazes no tratamento de todas as molestias chronicas, qualquer que seja a sua natureza, e o seu enthusiasmo por esta medicação vai até partilhar a opinião geralmente admittida na Russia, que attribue a immunidade das affecções das vias respiratorias, de que gozão os povos da Asia central, ao uso quotidiano d'esta bebida.

Desde o anno de 1874 o kumys foi experimentado nos hospitaes de Pariz. Resumindo todas as observações, os medicos forão obrigados a reconhecer ao kumys uma acção restauradora sobre os organismos debilitados, qualquer que seja a sua causa. Esta acção manifesta-se sobretudo pelo augmento rapido do peso do corpo e das forças. O kumys é recommendado sobretudo na tisica, na albuminuria, na chlorose, nas hydropisias, nas convalescenças, na asthenia nervosa, e em todos os casos caracterizados pela debilidade.

O kumys prepara-se não só na Russia, mas tambem na Austria, Saxonia, Suissa e em Pariz com leite de differentes animaes (vacca, jumenta, ovelha, egua). O kumys de que se faz uso em Pariz é chamado geralmente Kumys Edward, do nome da pessoa que, depois de estudar o seu modo de preparação na Asia, nos trouxe a receita. Fabrica-se de duas especies, N° 1 e N° 2, segundo o grão de alcool que representa por litro. O N° 2 é mais fermentado. O deposito central, em Pariz, é na rua de Provence, 14.

Internamente. Dóse : Nos dois primeiros dias, quatro meios copos, ou meia garrafa por dia. Do 3° ao 10° dia, uma garrafa inteira, em quatro dóses. No undecimo dia, augmenta-se a quantidade de seis em seis dias, até duas, tres garrafas, e mesmo mais por dia. O kumys deve ser tomado ao menos meia hora antes ou uma hora depois das comidas. Toma-se puro tal como é preparado, ou adoça-se com assucar em pó, ou com algum xarope.

O kumys não se conserva mais de tres mezes; mas o seu *extracto liquido*, que se prepara pela evaporação, conserva-se muito tempo; serve, nos lugares distantes da fabricação, para preparar o verdadeiro kumys, misturando-o com leite de vacca. Deita-se leite de vacca n'uma garrafa de Champanha, ajunta-se uma dóse de extracto, rolha-se e agita-se a garrafa. Passados tres dias obtem-se um liquido espumoso, de gosto acidulo, que é o kumys.

KUSSO. V. Cusso.

LABAÇA (Patience, fr.). *Rumex patientia*, L. Polygoneas. Planta europea, naturalizada no Brasil. Fig. 234. Tem 1 metro e 1/2 de alto; caule sulcado, amarellado; folhas ovaes, lanceoladas, grandes; flores pequenas, esverdeadas; raiz do comprimento de 20 a 40 centimetros, da grossura do dedo pollegar, roxa no exterior, amarella interiormente quando fresca. O commercio apresenta esta raiz secca, cortada em pedaços. *P. us. Raiz*. Tonico, empregado nas molestias cutaneas.



Fig. 234. — Labaça.

Internamente. *Infusão*: Raiz de labaça 20 gram. (5 oitavas) agua fervendo 1000 grammas (32 onç.). Infunda por 2 horas, e côe.

Extracto (p. 89), 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas).

LABDANO (Labdanum, fr.) Substancia gommo-resinosa que mana espontaneamente, debaixo da fórma de gottas, das folhas e ramos de muitas especies do genero *Cistus*, da familia das Cistineas, arbusto da ilha de Candia. Entra na composição de alguns emplastos e de preparações odoriferas.

LACA (Laque, fr.). Resina, impropriamente chamada gomma, produzida pela femea de um insecto chamado *coccus lacca*, especie de cochonilha que vive na India sobre muitas arvores, e entre outras sobre a *ficus religiosa*, L. Estes insectos fixão-se sobre estas arvores, reunem-se sobre os ramos em tal numero que não deixão intersticios entre si, e soldão-se por meio da substancia resinosa que lhes reçuma do corpo, e logo depois não formão mais do que uma cellula cheia de um liquido vermelho, no meio do qual se achão os ovos. Passado certo tempo as larvas sahem dos ovos, nutrem-se do liquido que as cerca, transformão-se mais tarde em insectos completos, e abandonão a cellula que os continha. É melhor colher a laca antes do que depois da sahida do insecto. Ha tres especies no commercio: 1° *Laca em páos*, que se acha ainda pegada á extremidade dos ramos da arvore; é em camada mais ou menos espessa, de côr vermelha; é transparente nas bordas, brilhante na sua fractura, e tem, no interior, grande numero de buraquinhos dispostos circularmente ao redor do ramo, e dos quaes muitos contém ainda o insecto inteiro: tinge a saliva, e espalha cheiro agradavel quando se queima. 2° *Laca em grãos*. 3° *Laca em escamas*. Para a pharmacia deve escolher-se a mais vermelha, porque ás vezes tirão-lhe a côr na India, para tingir os estofos. — As propriedades medicas da laca são tonicas e adstringentes; é empregada como dentifricio; mas o seu maior uso é para a fabricação do lacre e na tinturaria.

Dá-se ainda o nome de *lacas* a compostos de alumina e de materia corante que se empregão na pintura. A *laca carminada*, por exemplo, obtem-se misturando a decocção de cochonilha com a solução de alumen.

LACTATO DE FERRO. V. pag. 471.

LACTATO DE MANGANEZ. V. Manganez.

LACTATO DE ZINCO (Lactate de zinc, fr.). Sal em fórma de agulhas ou de laminas brilhantes, de sabor um tanto adocicado e styptico; soluvel em 50 p. d'agua fria, em 6 p. d'agua fervendo. Aconselhado contra a epilepsia, na dóse de 10 a 50 centigrammas (2 a 10 grãos) por dia, em pó, pilulas ou dissolvido em agua.

LACTO-PHOSPHATO DE CAL (Lacto-phosphate de chaux, fr.). Substancia branca, soluvel na agua e em parte no alcool. Obtem-se saturando o acido lactico com phosphato de cal gelatinoso, e concentrando a b. m. até á consistencia de mel de abelhas. É aconselhado como mui efficaz contra o rachitismo.

Internamente. 1 a 10 grammas (20 a 200 grãos) por dia.

Xarope de lacto-phosphato de cal.

Lacto-phosphato de cal 25 gram. | Xarope simples 1000 gram.

M. D. 60 a 120 grammas por dia.

LACTUCARIO. V. Alface, p. 246.

LAMINARIA DIGITADA. *Laminaria digitata.* Alga, que, depois de secca, molhada em agua, augmenta seis vezes de volume. É aconselhada como agente dilatador, que póde substituir a esponja preparada e a raiz de genciana. Fazem-se com ella sondas, bugias, e uma especie de fios. As bugias usão-se nos estreitamentos da urethra. Antes de emprega-la, tira-se a epiderme e lava-se a alga em agua morna, não se deve cobrir com corpo gordo, porque não poderia inchar.

LANCETA. *Solidago vulneraria,* Martius. Compostas. Planta do Brasil; habita no Rio Grande do Sul. As folhas são empregadas no curativo das feridas.

LARANJEIRA (Oranger, fr.). *Citrus,* L. Aurantiaceas. Arvore originaria da Asia, d'onde passou para Africa, Europa e America; é commum no Brasil, e constitue uma das maiores riquezas agricolas de Portugal. *P. us. Folhas, grelos, flores, fructo* e o *epicarpo da casca do fructo,* ou *amarello* da casca de laranja. Ha muitas variedades do fructo (*laranja*); maior ou menor, casca fina ou crassa; polpa acido-doce, acida ou um tanto amarga. Ha *laranjas doces* ou da *China; seletas* (mui doces, de uma especie mui delicada, que dão no Rio de Janeiro); *laranjas de embigo; laranjas sem caroço; tangerinas; laranjas de cravo; de casca amarga* (*da terra,* no Rio de Janeiro).

A laranjeira de fructo doce (*Citrus aurantium,* Risso), recommenda-se pelo seu fructo, que é um dos mais bellos e dos mais agradaveis que se conhecem; é usado como alimento. Este fructo é globoso, ás vezes um pouco deprimido, outras vezes pontudo, revestido de casca lisa ou pouco rugosa, de bella côr amarella, cobrindo uma polpa delgada, branca, filamentosa, de pouco sabor, e adherente á baga. Esta, que forma quasi a totalidade do fructo, tem 8 a 10 gomos ou compartimentos occupados por vesiculas oblongas, cheias de succo amarellado, doce, um tanto acidulo, e de gosto muito agradavel. Este succo serve para fazer com agua e assucar bebidas refrigerantes.

A laranjeira de fructo azedo ou amargo (laranja da terra, no Rio de Janeiro), *Citrus vulgaris,* Risso, (bigarade, fr.) é uma das mais empregadas em medicina. É verdade que o amargor do seu fructo impede que se coma tal como é, mas fazem-se com elle doces muito saborosos; e é esta especie que fornece á pharmacia as *folhas*

de laranjeira, as *flores de laranjeira* que servem para fazer a *agua de flores de laranjeira*, e o *oleo essencial*, conhecido debaixo do nome de *neroli;* fornece tambem o *epicarpo de laranja amarga*, conhecido debaixo do nome de *casca de laranja amarga;* porque todas estas partes tem sabor e cheiro mais penetrante do que as da laranjeira de fructo doce. A casca de laranja amarga serve para fazer o licor de mesa muito estimado, chamado *curação.*

P. us. Folhas, flores; sumo do fructo, e *casca exterior* (*epicarpo*), designada simplesmente *casca.*

As folhas, flores e a casca do fructo da laranjeira são estimulantes, tonicas e antispasmodicas, e empregão-se nas digestões lentas e molestias nervosas, como os espasmos hystericos, convulsões, oppressões, palpitações do coração, etc. O sumo do fructo é usado como temperante.

Internamente. *Infusão de folhas :* Folhas de laranjeira 5 gram. (1 1/4 oitava), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora, e côe.

Agua distillada de flores (p. 64), 4 a 30 grammas (1 oitava a 1 onça) em poção.

Xarope de flores de laranjeira (p. 134), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) em poção.

Sumo do fructo (p. 120), q. s. para acidular agradavelmente a agua.

Xarope de sumo de laranja (p. 135), 30 a 60 gram. (1 a 2 onças).

Infusão de epicarpo de casca de laranja, 4 grammas (1 oitava) para 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo.

Xarope de casca exterior (epicarpo) *de laranja* (p. 132), 30 a 60 gram. (1 a 2 onças). Veja-se tambem o *Xarope de laranja artificial*, p. 130.

Alcoolatura de casca exterior (epicarpo) *de laranja* (p. 68), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em poção.

Alcoolato de casca exterior (epicarpo) *de laranja* (p. 68), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em poção.

Tintura de casca exterior (epicarpo) *de laranja* (p. 122), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em poção.

Laranjada.

Laranja cortada nº 1.		Agua fria ou quente	750 gram.
Assucar	60 gram.		

Macere por uma hora e côe. Ás chicaras, nas febres inflammatorias.

LARANJEIRINHA DO MATTO, Limãozinho (S. Paulo), *Mundia brasiliensis* St-Hilaire. Polygaleas. Pequeno arbusto do Brasil, commum na provincia de S. Paulo. Arbusto espinhoso e ramoso; folhas alternas, lanceoladas, lustrosas; flores axillares, pedunculadas; fructo, capsula bilocular, comprimida, raiz muito amarga, de cheiro semelhante ao da raiz de laranjeira. A infusão ou decocção d'esta raiz usa-se nas fazendas da provincia de S. Paulo contra as dôres de ventre; prepara-se com 8 grammas (2 oitavas) da raiz e 250 grammas (8 onças) d'agua.

LECHETREZ. V. MALEITEIRA.

LEGAÇÃO ou **Salsaparrilha do reino.** *Smilax aspera* Smilacineas. Arbusto commum em Portugal. Caule aculeado, anguloso; folhas denteadas aculeadas, cordiformes, de 9 nervuras, raiz da grossura de uma penna de escrever, comprida, roliça, longitudinalmente sulcada, com casca rubicundo-acinzentada. A *raiz* foi

proposta para substituir a salsaparrilha da America, e usa-se, em Portugal, em decocção, que se prepara com 30 grammas (1 onça) da raiz de legação, e q. s. d'agua para obter 500 gram. (16 onças) de liquido.

LEITARIGA. V. Maleiteira.

LEITE (Lait, fr.). Liquido segregado por glandulas especiaes que constituem um dos principaes caracteres dos animaes mamiferos. É essencialmente destinado para a alimentação dos filhinhos; e por isso a sua formação precede ou tem lugar immediatamente depois do nascimento. É branco, opaco, de cheiro particular fraco, sabor adocicado agradavel, um pouco mais pesado que a agua. Apresenta differenças notaveis, não sómente em cada especie de animal, mas ainda em cada individuo, conforme a idade, os climas, o genero de alimentação, e mesmo conforme as influencias physicas ou moraes. Sabe-se que certas substancias tintureiras modificão-lhe a côr; que o cheiro das plantas aliaceas, o amargor do absinthio, a acrimonia das euphorbiaceas, passão para este liquido.

O leite abandonado a si mesmo ao contacto do ar cobre-se logo de uma capa amarellada, unctuosa, chamada *creme* ou *nata*. Separada esta, fica um liquido de um branco azulado, é o *leite desnatado*. Se se aquecer este, ajuntando-lhe um pouco de coalho, um acido, ou se se deixar em repouso por algum tempo, formar-se-ha no meio do liquido um coagulo cada vez mais consistente, branco, opaco, solido; e o liquido restante ficará transparente e amarello-esverdeado. O coagulo tem o nome de *caseo;* e o liquido esverdeado o de *soro de leite.* Evaporado este até á consistencia de xarope, deixa depôr com o tempo crystaes irregulares, amarellos, que, purificados por muitas dissoluções e crystallizações successivas, constituem a *lactina* ou *assucar de leite,* que se emprega como refrigerante, porém mais frequentemente em pó, como excipiente de outros medicamentos. — A nata, submettida á agitação em barrís ou vasos especiaes (manteigueiras), perde pouco a pouco o seu aspecto; formão-se n'ella grumos solidos, opacos e amarellados, que se agglomerão entre si: é a *manteiga.* O liquido restante chama-se *leite de manteiga.*

A manteiga é um corpo gordo composto de elaina, stearina e de acido butyrico ao qual deve o seu cheiro. A manteiga é o excipiente de algumas pomadas, que se tornão promptamente rancidas por caûsa do caseo e do soro que retem. Retarda-se muito a sua rancidez derretendo-a e coando-a por um panno.

O alcool, os acidos, e muitas plantas coagulão o leite. Os alcalis restituem-lhe a homogeneidade; alguns leiteiros aproveitão-se d'esta propriedade, e ajuntão ao leite, para retardar a decomposição, um pouco de bicarbonato de soda, o que aliás não é nocivo á saude. O leite é composto d'agua, caseina, albumina, manteiga, assucar de leite e de muitos saes. Eis-aqui um quadro que indica a composição dos principaes leites, segundo a analyse de Doyère :

Composição dos leites para 100 grammas.

	Vacca	Cabra	Ovelha	Burra	Egua	Mulher
Manteiga.......	3,20	4,40	7,50	1,50	0,55	3,80
Caseina........	3,00	3,50	4,00	0,60	0,78	0,34
Albumina......	1,20	1,35	1,70	1,55	1,40	1,30
Assucar de leite	4,30	3,10	4,30	6,40	5,50	7,00
Saes...........	0,70	0,35	0,90	0,32	0,40	0,18
Agua..........	87,60	87,30	81,60	89,63	91,37	87,38
	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Densidade (Brisson).	1,032	1,034		1,035		1,020

Segundo Millon e Commaille, o leite de vacca dá termo médio 7g,03 de cinza por litro, e o leite de mulher só 2g,60. Os saes mais importantes n'esta cinza são o phosphato de cal, que forma a metade, vem depois os phosphatos de magnesia e de potassa.

Falsificação do leite. Costuma fazer-se de differentes maneiras. Tirão a nata e misturão o leite com agua, e, para restabelecer a consistencia e a opacidade, como tambem para fazer desapparecer a côr azulada que tomou, ajuntão-lhe assucar, farinha, dextrina...; recorrem ainda aos decoctos de arroz, de cevada, á albumina, á colla de peixe, ao succo de alcaçuz, ás cenouras cozidas no forno, etc.

Muitos meios achão-se indicados para conhecer que se ajuntou agua ao leite : em primeiro lugar o sabor, depois a côr azulada que apresenta o leite diluido com agua. Os tubos de vidro chamados *lactometros*, que tem muita analogia com os areometros, podem servir tambem para descobrir esta fraude. O leite privado da nata pesa mais que o leite natural. No *lacto-densimetro* de Quevenne, o leite de boa qualidade marca 33 a 29 gráos, na temperatura de 15. Uma taboa foi composta pelo autor para reconhecer a riqueza do leite, segundo o gráo que marca, e a temperatura na qual se opera.

A farinha que ajuntão ao leite para lhe dar a opacidade que a agua lhe fez perder, faz pegar o leite ao fundo dos vasos em que se ferve. Póde-se ainda reconhecer melhor a farinha, o polvilho, assim como os decoctos de arroz, de feculas e todas as substancias amylaceas, coalhando o leite, coando-o, e deixando cahir no soro algumas gottas de tintura de iodo, que n'elle desenvolvem uma bella côr azul. A dextrina, por conter sempre um pouco de amido, será reconhedida da mesma maneira. A gomma alcatira conhece-se pelo deposito gelatinoso e meio-transparente, que se forma no leite abandonado a si mesmo depois de aquecido.

Emprego medico do leite. O leite é util nas molestias do peito e nas affecções cutaneas, nas molestias organicas do estomago e dos intestinos, na albuminuria e contra o rachitismo. Emprega-se como topico emolliente em muitas inflammações da pelle. O leite de burra aproveita nas convalescenças, nas gastralgias, na maior parte das formas de consumpção, nas bronchites chronicas. Na propria tisica o leite e a dieta lactea são muito proficuos. A applicação do leite, com a cebola, e a dieta secca constituem o tratamento da anasarca,

segundo o methodo do Dr. Serre d'Alais. Compõe-se este methodo de : 1° privação completa de bebidas; 2° tres sopas de leite com assucar por dia; um pouco de cebola crua depois de cada sopa : eis todo o remedio.

O leite deve constituir quasi o unico alimento da criança até á erupção dos primeiros 16 dentes, isto é, até dezoito mezes, termo médio. O leite é necessario á criança recem-nascida, porque é o unico alimento que ella póde digerir, e porque contém uma quantidade notavel de phosphato de cal, substancia indispensavel para o desenvolvimento dos ossos. Segundo as recentes observações o rachitismo não tem outra causa do que a privação d'este alimento natural, e a sua substituição pelas sopas e mingáos que muitas pessoas dão ás crianças recem-nascidas; pelo que a volta ao regimen lacteo está indicada quando o rachitismo apparece em alguma criança, depois de desmamada. O leite convem tambem no mal de Pott, por conter muito phosphato de cal.

Substancias incompativeis. Os acidos, e as soluções adstringentes.

LEITEIRA. V. Maleiteira.

LENTILHA D'AGUA. V. Flor d'agua.

LICHEN ISLANDICO. V. Musgo islandico.

LIMA (Lime, fr.). Fructo da limeira, *Citrus limetta,* Risso, arvore que habita no Brasil e em Portugal. Aurantiaceas. É um optimo refrigerante. Ha duas especies, lima de embigo e lima da Persia.

LIMÃO AZEDO (Citron, fr.). Fructo do limoeiro, *Citrus limonum,* Risso, arvore commum no Brasil e em Portugal. Aurantiaceas. Contém um sumo acido, que se emprega como adstringente e temperante. A *casca exterior do limão* (epicarpo, casquinha de limão ou amarello de casca de limão) é muito cheirosa; contém oleo essencial, e por esta razão é estomacal e antispasmodica. — Ha algumas variedades de limão azedo : uns tem a casca delgada e adherente á baga : n'outros é a casca algum tanto analoga á da cidra. No Brasil ha limões azedos pequenos redondos muito succosos, e ha outros que são oblongos.

Internamente. *Succo* (p. 120), 4 a 8 grammas (2 a 4 oitavas) em poção.

Succo de limão inspissado (Lind.). Limões azedos, q. v. Esprema o succo; deixe depôr durante vinte e quatro horas; filtre; evapore; em b. m. até á consistencia de xarope. O succo de 150 limões fica assim reduzido a cerca de 600 grammas (20 onças). Este succo inspissado faz parte da provisão dos navios inglezes e francezes. Prophylactico e curativo do escorbuto. D. 15 grammas (1/2 onça) por dia para acidular os alimentos e as bebidas.

Os *succos inspissados de laranja* e *de groselhas*, preparados pela mesma fórma, produzirião os mesmos effeitos hygienicos e therapeuticos.

Epicarpo da casca. *Infusão :* 2 grammas (1/2 oitava) para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo. Esta infusão, adoçada, constitue uma bebida tonica e antispasmodica.

Oleo essencial, 2 a 6 gottas em poção.

Limonada commum.

Limões azedos n°	2	Agua fria	1000 gram.
Assucar	50 gram.		

Esfregue o limão sobre o assucar pára embeber este do oleo essencial contido no epicarpo de casca; dissolva na agua o assucar

aromatizado; ajunte o sumo espremido dos limões; côe. — Ás chicaras, nas febres inflammatorias.

Limonada cozida.

Limões azedos	nº 2	Assucar	50 gram.
Agua fervendo	1000 gram.		

Lance a agua fervendo sobre os limões cortados em rodas e privados de sementes; infunda por uma hora; ajunte o assucar e côe.

LIMÃO DOCE (Lime douce, fr.). Fructo do limoeiro doce, *Citrus limonum edulis,* que habita no Brasil e em Portugal. Aurantiaceas. É acidulo, assucarado e refrigerante; muito apreciado na estação calmosa, e nas molestias acompanhadas de febre.

LIMOEIRO BRAVO. *Citriosma cujabana,* Martius. Monimias. Arbusto do Brasil (S. Paulo). Folhas curtamente pecioladas, oppostas em cruz, ellipticas, oblongas, irregularmente denteadas; pubescentes; de cheiro semelhante ao de limão, mas que tem alguma cousa de nauseoso; sabor aromatico e amargo; flores pedunculadas; pedunculos axillares de muitas flores; fructo, pequena drupa vermelha. A infusão das folhas é excitante, e emprega-se no interior da provincia de S. Paulo, para prevenir as consequencias das quédas, nas contusões do peito e outras. *Dóse :* 1 folha para uma chicara d'agua fervendo. A mesma infusão é usada nas affecções chronicas do peito.

LINGUA DE TUCANO. *Eryngium lingua tucani,* Martius. Umbelliferas. Planta do Brasil (Minas, S. Paulo). O cozimento d'esta planta emprega-se internamente como diuretico; e externamente em gargarejos contra a inflammação da garganta. 15 grammas (1/2 onça) para 500 grammas (16 onças) d'agua.

LINGUA DE VACCA. *Leria nutans,* De Candolle. Synanthereas. Planta do Brasil. Rhizoma tortuoso, guarnecido de fibras radicaes compridas (raizes) : do seu topo nascem folhas radicaes, dispostas em rosella, de figura quasi alyrada, com os lobos lateraes peqneuos arredondados; o terminal muito maior, largo, ovado; todos denticulados, molles, glabros na face inferior, cotanilhosos no dorso; do meio d'ellas eleva-se uma hastea simples, roliça, fistulosa, cotanilhosa; gosto das folhas e raizes, amargo. *P. us. Raiz* e *folhas.* Tonico e aperiente; emprega-se em cozimento nas bronchites, e externamente o succo e as folhas contra as ulceras.

Internamente. *Decocção :* 15 gram. (1/2 onça) para 500 gram. (16 onças) d'agua.

Succo. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças), como desobstruente nos enfartes do figado.

LINHAÇA (Graine de lin, fr.). Grãos ou sementes de linho, *Linum usitatissimum,* L. Linaceas, planta cultivada em Portugal e no Brasil (Minas, Santa Catharina). Fig. 235. Estas sementes são pequenas, oblongas, comprimidas, luzidias, de côr roxa-avermelhada no exterior, esbranquiçada no interior, oleaginosas, sabor adocicado.

A semente de linho contém grande quantidade de oleo graxo (35/100), e muita mucilagem. A mucilagem existe especialmente nos envoltorios da semente, entretanto que o oleo acha-se em maior abundancia na amendoa.

Emolliente; emprega-se frequentemente em todas as inflammações, e principalmente nas das vias urinarias. Reduzida a farinha, forma a base das cataplasmas emollientes, de uso quotidiano. Geral-

mente emprega-se para este fim a farinha não espressa, porém na Inglaterra, usa-se a farinha feita com pasta de sementes de linho de que se extrahio previamente o oleo por espressão, porque a farinha privada de oleo não se torna tão facilmente rancida. Nos hospitaes da marinha franceza a ultima pratica é igualmente seguida. Os navios de guerra francezes tambem não se aprovisionão, para viagens, de farinha de linhaça com oleo, porém, sim, de residuos de linhaça de que se extrahio o oleo, e que se obtem nas fabricas especiaes. Estes residuos apresentão-se debaixo da fórma de pastas de 35 centimetros de comprimento, de 15 de largura, e de 2 centimetros de espessura. Reduzem-se a pó pisando-os em almofariz, e depois passa-se o pó por tamiz. Nos navios emprega-se um meio muito simples : mette-se a pasta dentro do canhão com uma bala; o movimento do navio reduz a pó a pasta.



Fig. 225. — Linho.

O *oleo de linhaça* emprega-se pouco em medicina, porém, muito nas artes. É muito seccativo, sobretudo quando aquecido sobre o lithargyrio. As bugias e sondas chamadas de *gomma elastica* são fabricadas com moldes de panno de linho, sobre os quaes forão accumuladas camadas successivas de oleo de linhaça engrossado por uma longa ebullição a fogo brando, e tornado seccativo por meio do lithargyrio; depois do que ajunta-se-lhe succino, oleo de terebinthina e caoutchouc, antes de proceder á sua applicação sobre o panno.

Internamente. *Infusão :* Sementes de linho 10 grammas (2 1/2 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora e côe. Esta infusão, convenientemente adoçada, constitue uma bebida emolliente. Póde-se tambem fazer a maceração em agua fria : o producto, adoçado com assucar, constitue uma bebida temperante.

Clyster de linhaça.

Sementes de linho .... 8 grammas.

Ferva por um quarto de hora em q. s. d'agua para obter 250 grammas de decocto.

Mucilagem de linhaça (Cod. fr.).

Sementes de linho 1 part. | Agua morna 5 part.

Deixe em contacto por 6 horas, agitando de tempo em tempo, e côe com espressão.

Externamente. *Cataplasma de linhaça* (Cod. fr.). Farinha de linhaça á vontade, agua fria q. s. Dilua a farinha na agua fria de modo que faça massa mui rala, e aqueça, mexendo continuamente até ficar na devida consistencia. — Faz-se tambem a cataplasma diluindo simplesmente a farinha em agua a ferver, deitada pouco a pouco e em q. s. O primeiro modo é preferivel. Esta cataplasma é de uso frequente contra todas as inflammações. Ajuntando grande quantidade d'agua fervendo para fazer massa rala, póde-se introduzir esta massa no recto, por meio da seringa; constitue n'este

caso a *cataplasma emolliente interna,* muito util contra a inflammação da bexiga ou da prostata.

O modo de preparar a *farinha de linhaça* está indicado na pag. 113.

Decocção de linhaça. Sementes de linho 15 gram., agua 500 gram. Ferva e côe. Usa-se em lavatorios, collyrios, fomentações.

Cataplasma Hamilton. Nova preparação pharmaceutica, inventada em 1868, em Pariz. Assim se chama o panno de linho impregnado de mucilagem de linhaça ou de raiz de althea, e fixada pela deseccação. Para fazer uso d'esta *cataplasma*, basta molha-la por um minuto em agua quente; o panno torna-se unctuoso e macio; n'este estado applica-se sobre a região doente, e cobre-se com uma pellicula impermeavel, que acompanha esta preparação, e que é sufficiente para manter durante algumas horas o calor e a humidade.

A cataplasma Hamilton não vale a cataplasma de farinha de linhaça; mas como a farinha de linhaça não se conserva por muito tempo, a cataplasma Hamilton póde ser util nas viagens maritimas, e nos lugares afastados das boticas. A *cataplasma de Lelievre* é melhor. (V. p. 353).

Cataplasma maturativa (Pharm. geral).

Farinha de linhaça	125 gram.	Agua fervendo	q. s.

Para fazer cataplasma. Ajunte :

Galbano dissolvido em gema de ovo	30 gram.	Cebolas assadas no borral°	15 gram.
		Azeite doce	q. s.

E incorpore a fogo brando.

LIQUIDAMBAR. Balsamo fornecido por uma grande arvore do Mexico e da Florida, chamada *liquidambar styraciflua,* L. Liquidambaraceas. Ha duas especies commerciaes : o liquido e o molle : este tira-se da casca onde elle adquirio alguma espessura, aquelle obtem-se por incisões feitas na arvore. Pouco empregado.

LIRIO FLORENTINO (Iris de Florence, fr.). *Iris florentina,* L. Irideas. Planta que habita na Italia. *P. us. Rhizoma.* Apparece no commercio em pedaços da grossura do dedo pollegar, pesados, brancos, offerecendo sobre um dos lados pontos negros, que erão os pontos onde se pegavão as radiculas; sabor acre e amargo; cheiro de violeta. — É d'este rhizoma que se costumão fazer as contas ou espheras para conservar abertos os fonticulos. Os pós de lirio, misturados com outras substancias, usão-se como dentifricios; e pelo seu cheiro agradavel empregão-se na perfumaria. Empregão-se para dar bom cheiro ao *pó de arroz* que algumas senhoras applicão no rosto.

LITHARGYRIO ou **Protoxydo de chumbo fundido** (Litharge, protoxyde de plomb fondu, fr.). Laminas brilhantes, opacas, amarellas, ou amarellas-avermelhadas, sem sabor nem cheiro.

Empregado só externamente na preparação dos emplastos e unguentos seccativos e maturativos.

LITHIA ou **Lithina** (Lithine, fr.). Oxydo de lithio, metal descoberto em 1818 em alguns mineraes da Suecia. O *carbonato de lithia* que se apresenta em pó branco, sabor alcalino, soluvel na agua, exerce uma acção dissolvente sobre o acido urico, e foi aconselhado contra a gota e areias, internamente, na dóse de 10 a 50 centigrammas (2 a 10 grãos), duas vezes por dia, em agua.

Muitas aguas mineraes o contém, como as de Pedras Salgadas e de Vidago em Portugal; as de Pougues, Plombières, Contrexeville em França; as de Aix-la-Chapelle na Prussia. Dissolve-se mais facilmente na agua carregada de gaz acido carbonico do que na agua simples; pelo que é melhor administra-lo na agua gazosa, vulgo agua de Seltz. A dóse não deve exceder 50 centigrammas, duas vezes por dia. Em maior dóse produz dyspepsia e vomitos.

O *citrato de lithia* emprega-se nos mesmos casos, na dóse de 60 centigrammas a 2 grammas por dia (10 a 40 grãos).

LOBELIA INFLADA (Lobélie enflée, fr.). *Lobelia inflata*, L. Lobeliaceas. Planta que habita nos Estados-Unidos da America do Norte. Talo ramoso na parte superior, folhas irregularmente denteadas, um pouco vellosas, flores pequenas dispostas em cachos; fructo, capsula ovoide e inflada; cheiro da planta secca um pouco nauseoso, gosto acre semelhante ao do fumo. Contém um principio narcotico. *P. us. Toda a planta.* Emprega-se contra a asthma.

Internamente. *Infusão :* 4 grammas (1 oitava) para 180 gram. (6 onças) d'agua fervendo.

Tintura (p. 123), 4 a 20 grammas (1 a 5 oitavas) em poção que se administra ás colheres *de sopa*, uma colher de hora em hora. Suspende-se a sua administração quando começa a produzir enjôos ou vomitos.

LOCO, Caa-pomonga ou **Caa-jandiwap.** *Plumbago scandens*, L. Plumbagineas. Arbusto do Brasil, de folhas pecioladas, ovaes e glabras; ramos trepadores, flores dispostas em espigas terminaes; corolla azul. A raiz d'esta planta contém um principio acre e vesicante. Recentemente contundida applica-se, atraz da orelha, nas dôres de ouvido. Segundo Martius, o succo da planta é usado internamente na obstrucção do figado, na dóse de 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos).

LOSNA. V. Absinthio.

LOURO ou **Loureiro ordinario** (Laurier commun, fr.). *Laurus nobilis.* L. Lauraceas. Arvore da Europa meridional; em Portugal habita espontaneamente nas mattas da Arrabida, de Monchique e outras; cultiva-se nos jardins do Rio de Janeiro. Tronco liso, folhas pecioladas, sempre verdes, ovadas, lauceoladas, agudas, glabras, um tanto luzidias, de textura secca, de cheiro agradavel, de sabor acre e aromatico; os fructos são bagas ovaes, negras, cheirosas e oleaginosas. As folhas são estimulantes, e empregão-se como tempero nas comidas. Os fructos contém dois oleos, um graxo, outro volatil, que se achão misturados na amendoa e no pericarpo.

Podem obter-se estes dois oleos misturados por uma forte espressão a calor brando, ou por uma leve ebullição no alambique. O producto é de um bello verde, muito aromatico, granuloso, da consistencia do azeite coagulado pelo frio. É raro no commercio, onde é substituido pela banha carregada por digestão do principio corante verde, e dos oleos dos fructos e das folhas de loureiro. Este oleo é estimulante, mas pouco empregado em medicina. As bagas fazem parte do alcoolato de Fioravanti.

Pomada de louro (Cod. fr.).

Folhas recentes de louro	500 gram.	Banha	1000 gram.
Bagas de louro	500 gram.		

Contunda as folhas e as bagas de louro, e aqueça-as com a

banha a fogo moderado, até desapparecer toda a humidade. Côe com forte espressão, deixe esfriar lentamente. Separe o deposito; torne a derreter a pomada, e, depois de arrefecida em parte deite-a em vaso proprio. — Emprega-se como cosmetico para o cabello.

LOURO-CEREJA (Laurier-cerise, fr.). *Prunus lauro-cerasus*, L. Arbusto originario das margens do mar Negro, naturalizado na Europa, cultivado nos jardins do Brasil e de Portugal. Rosaceas amygdaleas. Fig. 236. Tem as folhas grandes, ovaes, alongadas, agudas, denticuladas nas margens, duras, mui luzidias; flores brancas, ás quaes succedem fructos arredondados, denegridos, que contém um caroço, dentro do qual se acha uma amendoa muito amarga, com cheiro de amendoas amargas, ou de acido prussico, *P. us.* A agua distillada e o oleo essencial das *folhas*.



Fig. 236. — Louro-cereja.

O oleo essencial de louro-cereja contém acido prussico, e, administrado em dóse ainda mesmo fraca, determina promptamente a morte. Entretanto emprega-se como calmante, nas tosses nervosas, asthma, palpitações e na tisica, mas só na dóse de 1 a 3 ou 4 gottas.

A agua distillada é muito menos perigosa; mas é preciso que depois da distillação seja filtrada, para separar d'ella o oleo essencial, o que se pratica por meio de um papel *molhado;* n'este caso é mui transparente, um pouco amarga, de cheiro de amendoas amargas, bastante agradavel, e póde-se dar ás oitavas. A agua distillada não sendo filtrada, é turva, e póde envenenar na dóse de 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas). A quantidade de oleo essencial, que as folhas de louro-cereja podem fornecer, não é a mesma em todas as epocas do anno; as folhas perdem grande parte das suas propriedades pela deseccação. A agua de louro-cereja officinal deve conter 50 milligrammas de acido cyanhydrico por 100 grammas d'agua. Sendo mais forte, deve-se diluir com agua distillada. O modo de conhecer a sua força e a maneira de a reduzir ao gráo officinal achão-se indicados na pag. 65.

Propriedades e usos. A agua de louro-cereja actua pelo acido cyanhydrico que ella contém; sua acção é a mesma que a do acido cyanhydrico, porém muito menos energica. Em pequena dóse produz um enfraquecimento geral; o pulso torna-se lento e pequeno. Continuando-se o seu uso sobrevem vertigens, delirio e modorra. Augmentando-se a dóse manifestão-se espasmos e convulsões, e finalmente declara-se a paralysia. A escola italiana considera a agua de louro-cereja como um poderoso contra-stimulante, util nos pleu-

rizes, pneumonias, rheumatismos agudos e todas as molestias inflammatorias, no tétano, tisica, nevralgias, enfartes do figado e baço, hydrophobia, vomitos nervosos, etc. A agua de loura-cereja não differe do acido prussico senão por ser menos energica.

Internamente. *Agua distillada* (p. 64), 10 a 40 gottas de duas em duas horas em poção, ou então 8 a 30 grammas (2 oitavas até 1 onça), progressivamente em 24 horas n'uma poção de 180 gram. (6 onças), que se dá ás colheres *de sopa*, uma colher de hora em hora. É necessario assegurar-se primeiro na botica da qualidade d'este remedio, para proporcionar convenientemente a dóse. Forma com os calomelanos cyanureto de mercurio mui venenoso.

Oleo essencial. 1 a 4 gottas, n'uma emulsão de 180 grammas (6 onças), que se administra ás colheres *de sopa* de hora em hora, tendo o cuidado de mexer a emulsão no momento de a tomar.

Xarope (p. 135), 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça) em poção.

Poção calmante.

Agua distill. de alface	100 gram.	Xarope de gomma	30 gram.
Agua de louro-cereja	10 gram.		

M. Uma colher *de sopa* de hora em hora.

Poção calmante e antispasmodica.

Agua dist. de louro-cera	10 gram.	Extracto de belladona	5 centig.
Agua distillada	100 gram.	Ether sulfurico	2 gram.
Xarope de flor de laranj.	30 gram.		

M. Uma colher *de sopa* de hora em hora. Tosses nervosas, asthma, palpitações.

Externamente :

Ceroto calmante (Roux).

Oleo de amendoas doces	40 gram.	Agua de louro-cereja	30 gram.
Cera branca	10 gram.		

Linimento contra a gota.

Agua de louro-cereja	30 gram.	Ether sulfurico	4 gram.
Extracto de belladona	2 gram.	Extracto de meimendro	2 gram.

LUPULO ou **Luparo**, ou **Pé de gallo** (Houblon, fr.). *Humulus lupulus*, L. Cannabineas. Planta que em Portugal habita nos arredores de Coimbra, Porto e outras partes do norte de Reino; no Brasil é cultivada na provincia do Rio Grande do Sul. Fig 237. *P. us. Pinhas* (fructos). Estes fructos são de fórma cónica, compostos de escamas foliaceas, de côr amarella-esverdeada, coberta de pequenos pellos, dos quaes sahe uma especie de poeira, chamada *lupulino*, sabor amargo, cheiro viroso; entrão na composição da cerveja, que lhes deve o seu sabor amargo.

Tonico energico; empregado nas affecções escrophulosas, rachitismo, dyspepsia e molestias cutaneas; goza tambem de propriedades anthelminticas e narcoticas.

Internamente. *Infusão :* Pinhas de lupulo 10 gram. (2 1/2 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora, e côe.

Xarope (p. 136), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

LUZETRO. V. MALEITEIRA.

LYCOPODIO (Lycopode, fr.). *Lycopodium clavatum*, L. Lycopodiaceas. Planta reptante que habita sobretudo na Allemanha e Suissa, e cujas capsulas contém um pó amarello, leve, inodoro, insipido, muito inflammavel, empregado nas pharmacias para envol-

ver as pilulas, e na medicina para polvilhar as excoriações e assaduras das crianças.



Fig. 237. — Lupulo.

a, lupulino de tamanho natural; *b*, lupulino visto de lado pelo microscopio; *c*, o mesmo visto perpendicularmente do lado convexo.

MAÇADURA. Dá-se este nome á compressão methodica e intermittente, produzida por fricções manuaes a principio brandas, depois fortes, por fim muito energicas, feitas de baixo para cima, e cujo effeito immediato é a diminuição do volume da parte maçada.

Durante muito tempo, a maçadura não foi praticada senão pelos *curandeiros;* mas de alguns annos a esta parte, á vista das numerosas curas, que por este meio se obtiverão, os medicos mais distinctos empregão-n'a em muitas molestias. A maçadura methodica constitue o melhor modo de tratamento das torceduras. Aproveita tambem nas consequencias das luxações, nas rijezas das juntas, nas rupturas musculares, nas retracções dos musculos, no lumbago, no torcicollo, na hydarthrose, nas contusões, e para restabelecer os movimentos depois das fracturas. Usa-se igualmente com vantagem

no hysterismo e suas contracturas, na chorea, na bronchite chronica, nas molestias do coração, na prisão de ventre rebelde, nas diversas nevralgias, no rheumatismo chronico, na opilação, nas paralysias, nas inchações erysipelatosas, etc., etc.

Tomemos por exemplo a torcedura do pé. As fricções repetidas de baixo para cima dirigem do peito do pé para o meio da perna os liquidos derramados, e diminuem o volume da região. Consequentemente a ecchymose dispersar-se-ha pouco a pouco, e a absorpção do sangue terá lugar nas condições mais favoraveis. Ao mesmo tempo, as fricções diminuem a sensibilidade dos nervos, dos tendões, dos musculos offendidos; a dôr, que já vai diminuindo, permittirá ao paciente mover os dedos. Estas considerações podem applicar-se ás torceduras do joelho, do punho, do hombro, etc.

Modo de praticar a maçadura. A maçadura pratica-se de ordinario com a mão nua; mas póde fazer-se com escova de crina, com luva, com prancheta de páo, com rodinhas de buxo, etc. Unta-se, previamente, a região que se quer maçar, com azeite doce, oleo de amendoas doces, banha de porco ou sabão.

Manobras. A maçadura, em geral, consiste n'um grande numero de manobras mais ou menos importantes, que tem muita analogia entre si, e que podem reduzir-se a quatro principaes :

1° *As fricções simples* ou *uncções,* mui brandas, mui leves, feitas com a face palmar dos dedos, e cujo maximo de força póde ser avaliado pelo peso da mão.

2° *As fricções fortes com a mão toda inteira ou maçadura propriamente dita,* feitas com as mãos dispostas em colleira, operando uma depois da outra ou simultaneamente, e produzindo uma compressão energica, intermittente, cujo maximo não tem por limites senão as forças do operador.

3° *As malaxações,* isto é, as pressões methodicas, regulares, geralmente feitas em sentido contrario ás fricções, segundo a espessura dos membros, perpendicularmente á sua direcção, com toda a superficie das mãos, os dedos separados ou reunidos, como para apertar circularmente toda a região; ou com a polpa dos dedos quando é pouco extensa a superficie que se quer amassar. Estas manobras são analogas aos movimentos que se executão amassando pasta ou espremendo uma esponja embebida d'agua.

4° *Os movimentos artificiaes das articulações.* São os movimentos executados gradualmente pelo proprio medico, com o fim de lhes dar pouco a pouco a amplitude dos movimentos voluntarios que as articulações possuem no estado normal. São : a flexão, a extensão, a abducção, a adducção, a circumducção, etc.

Maçadura da articulação tibio-tarsea (peito do pé). Antes de principiar, mede-se com uma fita graduada em centimetros, a circumferencia exacta do membro e da articulação. Esta medida, tomada debaixo da vista do paciente, produz o melhor effeito sobre o seu espirito, porque diminuindo a inchação logo com as primeiras fricções, póde elle por si mesmo certificar-se da efficacia do methodo.

Supponhamos que se trata de uma *torcedura grave do pé,* que aconteceo ha algumas horas, sem fractura do peroneo, e que é caracterizada pelos symptomas seguintes : *inchação, dôr, ecchymose, impossibilidade de andar.* Maça-se o paciente sobre uma cama ou marqueza, afim de poder, n'um momento dado, deita-lo de bruços, posição que facilita certas manobras. Com a rama de uma penna, unta-se a região com azeite doce; o operador unta tambem as

palmas das suas mãos com o mesmo azeite. Depois, quer o paciente esteja deitado ou sentado, e o pé descansando na margem da cama ou no joelho do operador, isola-se, mettendo debaixo do calcanhar muitas toalhas dobradas e dispostas em almofada, e entra-se immediatamente em acção. A operação faz-se em quatro tempos.

Primeiro tempo. Estenda a mão, reuna fortemente os dedos, e pratique sobre o peito do pé e sobre a face anterior da perna, com a polpa do dedo indice, médio e annular desde os dedos do pé até ao terço inferior da perna, sempre de baixo para cima, fricções mui leves, que tocarão simplesmente a epiderme. Estas uncções feitas a principio sobre a linha média, depois de cada lado, n'uma largura de 2 ou 3 centimetros, segundo o volume do pé, serão repetidas, logo depois, sobre as margens interna e externa do pé passando sobre os tornozelos. Depois, contornear-se-hão estas elevações osseas correndo com os dedos nas goteiras limitadas pela margem externa e o tendão de Achilles, e nos lados da perna.

Estas manobras rapidas, brandas, regulares, pelas quaes se chega pouco a pouco a fazer supportar o peso das mãos, diminuem a sensibilidade da região, determinão o seu entorpecimento, e, depois de um quarto de hora de duração, dispõem-n'a sufficientemente ás fricções fortes ou á maçadura.

Segundo tempo. Estando a região enxuta e untada de novo, disponha as mãos como precedentemente, e friccione o peito do pé, não com as pontas dos dedos, mas com a face palmar dos dedos, correndo os pollegares sobre a planta do pé. D'esta maneira, o pé acha-se preso em baixo pelos pollegares, e em cima pelos outros quatro dedos reunidos. Então, com as mãos applicadas transversalmente operando, quer simultaneamente, quer uma depois da outra, o que é mais commodo, fazem-se constantemente de baixo para cima e de diante para traz, seguindo o curso do sangue venoso, verdadeiras fricções, cuja intensidade vai-se augmentando progressivamente. Se os toques energicos são dolorosos, convem cessa-los immediatamente, e voltar a manobras mais brandas. Cumpre retrogrodar e tornar a principiar as fricções leves até ao entorpecimento da sensibilidade. Opera-se depois, sobre os lados interno e externo do pé e sobre os malleolos, do mesmo modo que no peito do pé. Sómente, muda-se a posição das mãos : dirigem-se parallelamente ao comprimento do pé. Exercidas estas manobras por dez minutos, pouco mais ou menos, fazem-se plenamente as fricções energicas que constituem a maçadura propriamente dita.

Para este fim, applique todos os dedos de uma das mãos, a direita por exemplo, sobre a convexidade do pé, aperte intimamente a região; depois suba dos dedos até ao terço médio da perna, correndo sobre o peito do pé. No momento em que a mão direita chegou ao cabo do seu curso, disponha a mão esquerda da mesma maneira para fazer-lhe seguir exactamente o mesmo trajecto; apenas ella acabou a fricção, parte a mão direita por seu turno para repetir a manobra, e assim successivamente augmentando de celeridade, pressão e peso.

Torna-se pois manifesto que, desde os dedos até ao meio da perna, se faz de contínuo uma compressão methodica, intermittente, e energica. As mãos apertando a articulação, como n'uma estreita colleira, sobem e descem com uma promptidão graduada pelo operador. Tal é a maçadura empregada na torcedura do pé. N'este caso, os effeitos obtidos são por assim dizer maravilhosos. Vê-se diminuir, desapparecer debaixo dos dedos o engurgitamento dos tecidos, a inchação

da articulação tibio-tarsea, e cessar toda a dôr. As compressões não tem outros limites senão as forças do operador.

Mas restão ainda o calcanhar, o tendão d'Achilles, e as goteiras lateraes tão frequentemente dolorosas na torcedura. É difficil maçar estas partes deixando o pé descansado sobre o calcanhar. É preciso, para friccionar a parte posterior da perna, pegar no pé com a mão esquerda, levanta-lo, e maçar depois com a palma da mão direita mantida em supinação forçada. É um meio pouco commodo e que não permitte empregar força sufficiente. E por isso, para evitar este inconveniente, deve-se deitar o doente de bruços; o pé doente descansando na cama pela face plantar dos dedos, e em flexão sobre a perna.

N'esta nova posição, a planta do pé, o calcanhar, o tendão de Achilles, as goteiras que existem atraz dos malleolos, e a face posterior da perna tornão-se anteriores; é facil então submetter estas regiões a pressões tão energicas como as que forão praticadas sobre a face dorsal.

Este segundo tempo do exercicio dura ordinariamente de 10 a 20 minutos, conforme a gravidade da torcedura. Nás torceduras leves, um quarto de hora basta largamente para fazer desapparecer a inchação; mas nas lesões mais graves é preciso maçar mais tempo. O resultado d'esta maçadura é quasi sempre immediato, e o paciente experimenta com surpreza e satisfação o beneficio d'este modo de tratamento.

Terceiro tempo. A acção de comprimir, de malaxar, de esmagar com as mãos os musculos, constitue o terceiro tempo da operação. Invariavelmente de baixo para cima e dos dedos para a perna, comprimem-se a principio com a polpa dos pollegares que se oppõem á polpa dos outros dedos, as faces dorsal e plantar do pé, o peito do pé, a parte inferior da perna, como se se quizesse beliscar estas differentes regiões, insistindo nos pontos que parecem dolorosos. Durante esta operação, os dedos pollegares exercem uma funcção importante, poisque com elles é que se descobrem as linhas ainda mais ou menos sensiveis que necessitão de novas fricções. Esta parte da operação consiste, pois, em compressões intermittentes, curtas, rapidas, cuja força se augmenta gradualmente.

Põem-se então as mãos uma ao lado da outra, de maneira que a esquerda, por exemplo, abrace os dedos, e a direita a face dorsal do pé. Aperta-se, comprime-se, subindo da ponta do pé ao meio da perna; comprime-se o membro por uma serie de movimentos energicos de flexão dos dedos e de opposição dos pollegares, como se se quizesse esmaga-lo. São movimentos intermittentes, rapidos, poderosos, que se parecem exactamente com os que se executão quando se espreme uma esponja embebida d'agua.

Estas compressões e apertos são de grande importancia para obter o resultado completo. Ás vezes, com effeito, as fricções simples erão muito curtas ou executadas imperfeitamente, e não produzirão uma diminuição da inchação e da dôr tão grande como se esperava. Em tal caso, pelas compressões com as mãos bastante prolongadas, chega-se a desfazer a inchação e a restituir ao pé a sua flexibilidade.

Todos estes *tres tempos* durão uma hora, pouco mais ou menos.

Quarto tempo. Depois de uma ou duas operações de maçadura, quando a dôr está um pouco aplacada, os movimentos comunicados ás articulações tornão-se uteis auxilios para apressar a cura das torceduras não complicadas de fractura ou de inflammação intensa. Os movimentos, que se communicão ás juntas torcidas, são os que

ellas podem executar no estado de saude. Estes movimentos, a principio imperceptiveis, vão augmentando, de modo que ao cabo de meia hora ou uma hora, fazem-se executar ao pé todos os movimentos na sua maior amplitude. Não convem nas torceduras recentes, logo depois do accidente. Só depois das fricções e da maçadura energica, é que se deve ensaiar o jogo da articulação, fazendo leves movimentos de flexão e de extensão. Reservar-se-hão, para o ultimo tempo do exercicio, os movimentos extensos naturaes, aos quaes se dará a amplitude normal, havendo o cuidado de voltar ás fricções e compressões, se forem precisas para facilitar o restabelecimento completo das funcções.

Para fazer executar á junta do pé os movimentos naturaes, eis-aqui como se deve proceder : Pega-se no calcanhar com a mão esquerda, e applica-se a mão direita no peito do pé. Então, estando o calcanhar quasi immovel, estende-se e encolhe-se o pé, com brandura e methodo, por uma successão de movimentos para diante e para traz, cuja força e extensão se augmentará pouco a pouco. É um angulo que se abre e fecha alternativamente. Depois, ao redor do calcanhar como centro, faz-se executar á ponta do pé um circuito por uma serie de movimentos de abducção, adducção, extensão, flexão; até chegar gradualmente a dar á articulação doente uma flexibilidade normal. Estas manobras, faceis de executar nos casos de torcedura recente, e que com duas ou tres operações produzem cura completa, não tem acção tão rapida nas torceduras chronicas, que exigem para sararem tratamento mais longo, que póde durar até um mez. Comtudo são ainda mui poderosas, e dão resultados excellentes bem que menos promptos.

Tal é o methodo que convem em todas as torceduras; quer sejão recentes ou antigas, agudas ou chronicas; quer tenhão lugar no pé, no cotovelo, na munheca, no dedo pollegar, etc. Depois da maçadura, não ha cousa alguma a fazer; ás vezes convem só comprimir a articulação com uma atadura circular molhada em aguardente camphorada.

A cura é tanto mais certa quanto a maçadura é applicada mais proximamente ao accidente. Uma unica operação, durante uma hora, é sufficiente para curar uma torcedura leve e recente; nas torceduras graves, mas sem fractura, tres ou quatro sessões bastão para permittir o andar, a absorpção pelas veias e vasos lymphaticos, assim como os movimentos da junta.

Explicação da acção da maçadura. A maçadura actua primeiro mecanicamente sobre a collecção sanguinea que resulta da torcedura, rompendo-lhe os limites, diminuindo-lhe o volume, e fazendo desapparecer a sua acção local. O sangue derramado em volta de uma articulação torcida, que precisa de 3 a 6 semanas para ser absorvido, quando se lhe oppõem as applicações resolventes, desapparece em algumas horas pelo effeito da maçadura. Além d'isto, as *fricções methodicas*, feitas parallelamente ao eixo do membro, podem tornar a pôr no seu lugar os tendões rotos ou deslocados. As *compressões* distribuem de maneira igual os liquidos derramados, favorecem a sua absorpção, dão mais força á junta e aos seus ligamentos. Os *movimentos*, emfim, produzem tambem um effeito mecanico, poisque facilitão a circulação dos materiaes do derramamento. De mais, levados aos seus ultimos limites, excitão o jogo dos musculos e dos seus tendões, os quaes estando deslocados, podem, por meio de uma extensão energica, seguida de uma relaxação instantanea, tornar a entrar nas goteiras que elles abandonárão durante o accidente

Uma collecção sanguinea é tanto mais promptamente absorvida, quanto maior é o numero de vasos absorventes a que se acha submettida. É, pois, um beneficio que produz a maçadura nas torceduras e contusões, espalhando por vastas superficies liquidos derramados.

Maçadura do joelho. Depois da articulação do pé, a do joelho é a que mais frequentemente precisa da operação de maçadura. A torcedura observa-se menos vezes no joelho; mas a arthrite chronica, a hydarthrose, o tumor branco, as rijezas e contracturas tendinosas tem notavel preferencia para a articulação femoro-tibial. Na torcedura do joelho, como nas torceduras do pé, a maçadura é tanto mais efficaz, quanto mais cedo empregada. Para as outras molestias, que acabei de mencionar, este tratamento não póde ser applicado no estado agudo. A prudencia não permitte emprega-lo quando ha febre, dôr, vermelhidão intensa, e symptomas inflammatorios. Em semelhante occurrencia, convem esperar. Ao estado chronico, pelo contrario, convem as fricções e a maçadura, que devem ser repetidas tantas vezes quantas forem necessarias para se obter uma cura a mais completa possivel.

Supponhamos que se trata de uma arthrite chronica do joelho com leve hydarthrose. A região está inchada; a rotula parece mais larga e levantada pela serosidade. A extensão completa da perna não póde ter lugar, e os movimentos são impossiveis.

A indicação é esta : Diminuir o volume do joelho, obter os movimentos de extensão e de flexão. Para este fim pratica-se a maçadura. Supponhamos que se trata do joelho esquerdo.

Primeiro tempo. Sentado o doente na cama perto da margem externa, com as costas sustidas por meio de almofadas, unta-se a região com oleo de amendoas doces. Então, estenda as mãos, reuna os dedos, e ponha estes ao nivel do terço superior da perna. Faça depois uma fricção, passando sobre o ligamento da rotula, sobre a rotula e a face anterior da coxa. Fazem-se estas fricções com ambas as mãos, que se applicão em toda a sua extensão sobre o membro. Submetta logo depois a estas uncções os lados do joelho, passando sobre os condylos do femur, sobre os musculos da coxa, e termine o exercicio, repetindo a mesma manobra sobre a barriga da perna, sobre a curva da perna, e parte posterior e inferior da coxa.

Segundo tempo. O primeiro tempo deve durar um quarto de hora; praticão-se depois as fricções fortes ou a maçadura. Para isto, agarre com a mão esquerda a barriga da perna para manter esta immovel, e applique a mão direita sobre a face anterior, de modo a escorregar sobre a coxa sempre de baixo para cima. Faz-se a maçadura, quer friccionando com a ponta dos dedos, na direcção parallela aos musculos e tendões; quer pegando no membro com a cavidade da mão, e escorregando o dedo pollegar sobre a face interna, ou sobre a face externa da articulação, segundo o lado que se amassa, e os quatro outros dedos applicados sobre a face opposta.

D'esta maneira, a articulação femoro-tibial acha-se apertada estreitamente, no sentido do seu diametro transversal, como n'uma verdadeira colleira, e o operador faz, sempre, no sentido da circulação venosa, fricções e compressões bastante fortes. Além d'isso, se um ajudante tornou immoveis o pé e a perna, o operador tem as mãos livres, e utilisa-as para a maçadura. Applica-as então uma por diante outra por detraz, ou então uma por dentro e outra por fóra da articulação, comprehendendo assim toda a espessura do membro no espaço circumscripto por ambas as mãos reunidas. A

colleira compressiva é completa, e desde este momento as fricções tornão-se muito energicas. Será util, para bem maçar a barriga da perna, a curva da perna, e os musculos flexores da perna, mandar deitar o doente de bruços.

Nas primeiras operações, depois de meia hora de energica maçadura, conhece-se pela simples vista uma diminuição sensivel da inchação, a qual poderá ser, além d'isso, avaliada mathematicamente comparando a circumferencia actual do joelho com a dimensão que tinha antes da operação.

Terceiro tempo. Comprime-se, com as mãos inteiras, sempre de baixo para cima, o terço superior da perna, o joelho, a coxa, por meio de pressões curtas, intermittentes, como se se quizesse esmagar os tecidos, e isto n'um sentido perpendicular ao comprimento do membro e sobre toda a superficie da articulação.

Depois d'este terceiro tempo, a diffusão dos liquidos e productos anormaes é mais completa; seus pontos de contacto com os agentes de absorpção multiplicárão-se; e a resorpção é mais certa.

Quarto tempo. O operador tem só agora em vista os dois movimentos physiologicos do joelho, isto é, a flexão e a extensão. No caso de uma simples torcedura femoro-tibial, a manobra é facil. Basta, procedendo todavia com a necessaria prudencia, agarrar com a mão direita, o terço inferior da coxa pela face anterior, depois com a mão esquerda, posta em pronação, pegar no peito do pé, e dobrar gradualmente a perna até que o calcanhar venha tocar a nadega. Chegado a este ponto, cumpre estender completamente o membro. Para este fim, muda-se só a posição da mão esquerda pondo-a em supinação, ou, para melhor dizer, applicando-a em baixo para pegar no tendão de Achilles. Pouco a pouco levanta-se o membro; abre-se de mais em mais o angulo formado pela flexão da perna, até obter a extensão completa. A articulação está então no estado physiologico, e repete-se este exercicio, até que os movimentos sejão completos e espontaneos.

Mas não é tão facil restabelecer as funcções da junta; quando se trata de uma arthrite chronica com leve ankylose, ou com adherencias fibrosas, retracções dos tendões, e rijeza articular. É preciso, n'estes casos, repetir as operações de maçadura, para obter o resultado desejado. O tratamento póde durar de um a dois mezes. Os movimentos de flexão e de extensão, que se communicão ao membro, devem ser levados até aos ultimos limites.

Do mesmo modo se procede na maçadura do *cotovelo*, da *munheca*, do *hombro*, do *quadril*, do *dedo pollegar* e *dos outros dedos*.

Maçadura da espadoa. A espadoa é uma das regiões mais importantes por causa do numero e da potencia dos musculos que concorrem para a sua formação, e dos movimentos variados que elles communicão á articulação scapulo-humeral. As molestias que se observão n'esta articulação, e que podem exigir o emprego da maçadura, são: 1° torceduras; 2° rheumatismo chronico; 3° fadiga ou lassidão muscular causada pelo exercicio prolongado e frequentemente repetido dos braços, que produz não sómente dôr de hombro, mas ainda a abolição momentanea dos movimentos; 4° dôres consequentes ás luxações do humero; 5° rupturas ligamentosas, aponevroticas e musculares, provenientes de esforços excessivos praticados com o braço. N'este ultimo caso sobrevem inchações, durezas, ecchymoses extensas. As fricções methodicas, a compressão intermittente, tem por effeito immediato diminuir a inchação, repartindo

pelas largas superficies os liquidos derramados, que serão depois mais facilmente absorvidos pelos vasos lymphaticos e venosos.

Sob o ponto de vista da maçadura muscular, podem distinguir-se tres regiões na espadoa :

1ª A região externa, constituida pelo musculo *deltoide*. As suas fibras nascem da clavicula, do acromion e da espinha da omoplata; dirigem-se para fóra, approximando-se umas das outras, e rodeando a articulação que ellas cobrem, e vão fixar-se por um forte tendão na parte externa e mediana do humero. Este musculo ergue o braço, dirigindo-o para forá, para diante, ou para traz.

2ª A região posterior, que comprehende os musculos supra-espinhal, sub-espinhal, o pequeno e grande redondos, o grande dorsal, o trapezio, e o rhomboide. — O *musculo supra-espinhal* occupa a fossa supra-espinhal da omoplata, e firma-se por meio de um tendão na cabeça do humero. Contribue para a elevação do braço. — O *musculo sub-espinhal* está assente na fossa sub-espinhal da omoplata, e tambem se fixa por um tendão na cabeça do humerò, atraz do precedente. É rotador do braço para fóra. — O *pequeno e grande redondos;* estes dois musculos, um situado ao lado do outro, parallelamente, ao longo da borda axillar da omoplata, inserem-se na parte superior do humero. Este é rotador do braço para dentro, aquelle para fóra. — O *grande dorsal;* é um grande musculo triangular, que se estende desde a parte inferior do dorso até ao braço, Nascidas da crista iliaca, das apophyses espinhosas sacras e lombares, e das apophyses das seis ultimas vertebras dorsaes, as suas fibras se dirigem para cima, para fóra e para dentro, approximando-se umas das outras; passão sobre o angulo inferior da omoplata, e formando logo um grosso feixe, vão inserir-se no alto do humero, atraz da inserção do grande peitoral. Este musculo approxima o braço do tronco e o dirige para traz; suspendendo-se alguem pelas mãos, elle é que supporta em grande parte o peso do corpo, e opéra ainda na acção de trepar, de subir por uma escada. — *Trapezio;* este musculo é longo, triangular e achatado. As suas inserções são : de um lado sobre o occipital e sobre as apophyses espinhosas cervicaes e dorsaes, donde as suas fibras se dirigem para fóra, as superiores de alto a baixo, as médias transversalmente, as inferiores de baixo para cima; do outro lado, fixão-se sobre o terço externo da clavicula, por cima do acromion e da espinha da omoplata. Segundo a contracção faz o seu apoio na espadoa ou na cabeça; assim esta é retrahida para traz, ou aquella elevada. — *Rhomboide.* Este musculo situado de travez, estende-se do ligamento infra espinhoso das primeiras vertebras dorsaes ao terço inferior da borda interna da omoplata. As suas fibras, parallelas, dirigem-se para baixo e para fóra. Elle eleva um pouco o angulo inferior da omoplata, e o impelle para fóra.

3ª A região anterior, que não é senão a parede anterior do sovaco, é constituida pelo *grande peitoral.* Situado na parte anterior e superior do peito, por diante do sovaco de que fórma a borda anterior, este musculo tem a fórma de um grande triangulo, cuja base corresponde ao peito, e o vertice ao braço. Originarias da extremidade interna da clavicula, da face do esternon, e das cartilagens das costellas, as suas fibras se dirigem para fóra, as superiores de cima para baixo, as médias horizontalmente, as inferiores de baixo para cima; approximão-se convergendo, e terminão em um grosso tendão que se fixa na parte superior e anterior do

humero. Este musculo abaixa o braço, dirigindo-o para dentro e para diante.

Tanto quanto seja possivel, cada musculo deve ser maçado separadamente, antes de praticar as malaxações que interessão simultaneamente as differentes regiões da espadoa. As manipulações serão feitas sempre parallelamente ás fibras musculares, de uma a outra inserção.

Primeiro tempo. Supponhamos que se trata de uma dôr do hombro occasionada pelo excesso do trabalho, com inercia completa. Deita-se o paciente na cama, perto da margem, algum tanto inclinado sobre o lado são; e unta-se a região scapulo-humeral com oleo de amendoas doces. O operador, collocado por fóra do membro, deixa-o por um momento applicado ao comprimento do peito. Principiando então pelo musculo deltoide, exerce a principio só com uma das mãos e por meio da polpa dos dedos fricções mui leves, dirigidas de baixo para cima, da inserção humeral do musculo até ao acromion, isto é, sobre os feixes médios e internos. Depois, sempre na mesma direcção, e parallelamente ás fibras, fricciona a margem anterior do deltoide até á inserção clavicular, para terminar sobre a sua parte posterior comprehendendo as inserções na espinha da omoplata.

Do deltoide, passa-se sucessivamente aos musculos supra-espinhoso, sub-espinhoso, trapezio, rhomboide, grande dorsal, grande e pequeno redondos, manobrando, tanto quanto seja possivel, segundo a direcção das fibras, e de maneira a converger para o apice do hombro. Em ultimo lugar o grande peitoral será friccionado desde suas inserções sterno-costaes até ao humero onde elle se fixa; e terminar-se-ha praticando brandas uncções no concavo da axilla e na parte interior e superior do braço.

Depois de submetter cada região muscular ás fricções, termina-se o primeiro tempo, fazendo com rapidez, e com ambas as mãos, uncções geraes, e simultaneamente, sobre toda a superficie da região. Por conseguinte, o operador friccionará ao mesmo tempo, por diante e por detraz, por dentro e por fóra, por baixo e por cima, de modo que descreva curvas concentricas, excentricas, espiraes...., manobras que, como as precedentes, tem por unico fim entorpecer a sensibilidade geral da espadoa e prepara-la á maçadura propriamente dita. Todas estas manipulações serão executadas rapidamente, mas com grande brandura.

Segundo e terceiro tempo. Enxuga-se a região para tornar a unta-la de novo. O operador, sempre collocado por fóra do braço, deve proceder agora com força, mas sem dureza. Depois de applicar uma das mãos sobre a face posterior da espadoa, e a outra sobre a parte anterior, pratíca com as faces palmares de ambas, fricções energicas, de baixo para cima, de modo que os dedos se encontrem sobre a face superior ou clavicular da região. Comprehende-se por esta descripção a attitude do operador, que parece querer apertar toda a espessura dos tecidos. A estas primeiras manipulações succedem fricções geraes, que se praticão sempre de baixo para cima, com a face palmar das mãos.

Passa-se depois á amassadura, isto é, a uma verdadeira compressão methodica, curta, intermittente, feita a principio com os dedos, como se se quizesse beliscar os musculos, antes de operar com as mãos estendidas, que apertão e quasi esmagão as massas musculares da espadoa. Estas manobras augmentão a força e a contractilidade dos musculos. A pelle enrubece e incha. Poupa-se o sovaco

e a face interna dos braços, porque n'esses lugares as arterias e as veias tem um volume que não permitte as manobras energicas. Por consequencia, ainda que se fação fricções mais fortes do que no primeiro tempo, cumpre entretanto proceder com prudencia. Basta, além d'isso, lembrar-se que não ha musculos nosovaco, e que as suas paredes anterior e posterior forão já sufficientemente maçadas. Untar e friccionar levemente, mas nunca malaxar nem comprimir o sovaco, tal é o preceito que se deve seguir.

O operador, emfim, deve terminar o que se refere a estes dois tempos praticando alternativamente fricções energicas e a amassadura. Assim, descreverá curvas à vontade sobre esta vasta superficie scapulo-humeral; comprimirá com as mãos estendidas o deltoide, os musculos supra e sub-espinhoso, o grande dorsal, a metade inferior do trapezio, toda a região dorso-scapular, tendo o cuidado de usar abundantemente do oleo de amendoas doces, o qual facilita singularmente as manobras e a cura.

As manipulações que acabo de descrever vencem facilmente a fadiga muscular e a inercia que lhe é consecutiva.

Quarto tempo. A maçadura da espadoa deve durar tres quartos de hora, antes que possão praticar-se *os movimentos.* A articulação scapulo-humeral é notavel pela diversidade e amplitude de seus movimentos. A adducção e a abducção do braço, sua elevação para diante, para traz, a circumducção, a rotação, a elevação da omoplata, seu abaixamento, taes são as funcções dos musculos d'esta região.

Para obter os movimentos d'esta articulação, eis-aqui como se deve proceder. Trata-se, por exemplo, da espadoa direita. O operador põe-se por detraz do paciente. A mão esquerda será posta sobre o hombro de maneira que contenha na sua concavidade a clavicula e a borda superior da omoplata; o pollegar só tocará este osso em quanto que os outros dedos reunidos serão applicados sobre a porção superior da face anterior do peito. Esta attitude é indispensavel para tornar immovel a omoplata afim de actuar exclusivamente por intermedio do deltoide. Então a mão direita será posta sobre o cotovelo, de modo a agarra-lo solidamente. Depois successivamente, pouco a pouco, levanta-se o braço até ficar horizontal. Ali, depois de um momento de repouso, a elevação do braço será levada ao seu maximo, forçando mesmo para obter a posição vertical. Não haja receio de repetir os movimentos em toda a sua amplitude. Esta manobra, reproduzida logo depois espontaneamente, é a prova de que o deltoide voltou ao seu estado physiologico; completa-se por movimentos para cima e para diante, para cima e para traz, afim de exercer os diversos feixes do mesmo musculo.

O operador, collocado depois por fóra do paciente, faz-lhe executar o movimento de *adducção do braço,* e, pouco a pouco, os movimentos *para baixo* e *para traz* até que o paciente os possa executar por si mesmo. O operador dobrará mesmo o antebraço sobre o braço, e agarrando o cotovelo approxima-lo-ha dirigindo-o fortemente para baixo e para traz da linha mediana do dorso, afim de exercer os musculos redondos e grande dorsal. Ha emfim uma categoria de movimentos que são destinados aos musculos supra e sub-espinhoso, pequeno redondo, sub-escapular; são os movimentos de rotação. Todos estes musculos espessos mas curtos, são pela maior parte rotadores para fora. A rotação para dentro é propria ao sub-escapular.

Para bem executar a circumducção e a rotação do braço, eis-

aqui o que se deve fazer: O operador collocado por detraz do doente, agarra a espadoa dolorosa como se a quizesse tornar immovel; na hypothese da espodoa direita. agarra-a com a mão esquerda. Depois, com a direita, leva rapidamente o braço estendido na posição horizontal e na abducção, de modo a formar um angulo recto com o tronco. Então, estando o membro agarrado a principio no cotovelo, depois no punho, emfim na ponta dos dedos, o operador servir-se-ha d'elle como de uma manivella, e, principiando brandamente, reproduzirá os movimentos para diante, para dentro, para baixo, para traz, para cima, tornando a executar sempre as mesmas manobras. A circumducção é immediatamente seguida da rotação, isto é, que augmentando de velocidade, o operador virará o braço, ao redor da articulação scapulo-humeral que representa o centro.

Emfim, para completar o exercicio physiologico, é preciso ainda agarrar o cotovelo e o antebraço, praticar as rotações para dentro, como se se quizesse torcer o braço ao redor do humero tomado por eixo, e terminar a operação por sacudidelas geraes do membro capazes de abalar a espadoa. N'este ultimo exercicio actua-se sobre o membro todo. Pega-se successivamente no cotovelo, no antebraço, no punho, na mão, e imprime-se subitamente ao membro, erguendo-o e abaixando-o, um movimento de sacudidela analogo áquelle que se communica á corda de um sino.

Todas estas manipulações são applicaveis ás differentes dôres da espadoa, com tanto que estas não sejão occasionadas por molestias agudas sujeitas á febre. N'este ultimo caso, augmentarião a molestia. A maçadura da espadoa não convem senão ao rheumatismo muscular, ao rheumatismo chronico da articulação scapulo-humeral, á inercia dos musculos, á fraqueza geral d'estes orgãos, á torcedura, á ruptura dos musculos e dos tendões. Aqui, como em todas as outras articulações, será necessario espalhar o sangue pelas superficies vastas, calcando, pisando e malaxando a região.

Depois de descrever a maçadura da articulação do pé, do joelho e da espadoa, seria inutil fazer a descripção da maçadura das outras articulações. Em todas, a operação compõe-se de *quatro tempos*: fricções leves, fricções fortes, malaxação e movimentos da articulação. Portanto, poucas palavras acrescentarei aos preceitos que se devem seguir na maçadura dos dedos e do quadril.

Maçadura dos dedos. As uncções e as fricções energicas praticão-se sobre os *dedos da mão e do pé*, não com a mão inteira, mas sómente com a polpa dos dedos que opéra sobre todas as faces, invariavelmente de baixo para cima e de diante para traz, seguindo a circulação venosa e lymphatica.

A *malaxação* obtem-se, beliscando as phalanges com a polpa dos pollegares que se oppõem á do indice ou do dedo médio. Póde-se, entretanto, malaxar com a mão inteira a totalidade do dedo. O quarto tempo do processo tem grande importancia na maçadura das phalanges. Sobretudo pela repetição dos movimentos é que se chega a restituir aos dedos a integridade das suas funcções.

A terceira phalange será dobrada sobre a segunda, esta sobre a primeira, e esta sobre o osso metacarpo ou metatarso correspondente. Dar-se-ha á flexão toda a amplitude normal, e voltar-se-ha pouco a pouco á extensão. Obtida esta, operar-se-hão alguns movimentos lateraes, e depois far-se-ha uma leve torsão ao redor do eixo longitudinal. Esta manobra, facil nos dedos da mão, é quasi impossivel nos dedos do pé, que, aliás, não tem senão movimentos

mui limitados. Mas no pé, como na mão podem fazer-se movimentos inteiros, isto é, agarrão-se todos os dedos, dobrão-se, estendem-se, approximão-se uns dos outros, apartão-se; emfim malaxão-se as faces dorsal e plantar ou palmar do orgão, sempre com o fim de abrandar os movimentos e excitar as funcções. Mas a acção do operador não será limitada aos dedos. Deve praticar a maçadura por cima e por baixo das articulações doentes, até ás regiões musculares que as fazem mover, afim de excitar a contractilidade das fibras, estimular a sua nutrição, e restabelecer a integridade das funções.

O que precede applica-se igualmente aos dedos da mão, ao punho, ao antebraço, pelo que torna-se escusado repetir a descripção das manobras.

Maçadura do quadril. A articulação do quadril deve ser submettida ás mesmas manobras. Insistir-se-ha nas malaxações, por causa da espessura das massas musculares. Os movimentos merecem grande attenção por causa da sua importancia, das suas variedades e extensão.

Eis-aqui como se deve proceder. Supponhamos que se trata da coxa esquerda.

Deitado o doente na cama, dois ajudantes tornão immoveis os lados da bacia, e põem-se em relaxação os musculos da região crural posterior. Para obter a flexão da coxa sobre a bacia, o operador, livre de suas mãos, dobra primeiro a coxa esquerda, agarra depois vigorosamente o joelho pondo a mão esquerda na curva de perna. Além d'isso, sua mão direita toma um apoio ao nivel das espinhas iliacas anteriores.

Então, com a mão esquerda, esforça-se por applicar a coxa sobre o ventre, n'uma flexão completa. Se experimentar resistencia, repete a manobra, e procede gradualmente; emprega logo a força de ambos os braços. Será preciso, pois, deixar os lados do paciente, para collocar-se em frente d'elle. O membro direito será desviado da linha mediana, cahindo a perna por fóra da esquerda; o operador, pondo a mão esquerda na curva da perna, e a direita no terço inferior da face posterior da coxa, empurra para diante de si até obter o contacto da coxa com o ventre. Póde-se ainda, para manobrar mais facilmente, pôr a perna sobre a espadoa esquerda, e empurrar ao mesmo tempo com a espadoa e com ambas as mãos. A força desenvolvida pelo operador é mui consideravel, e por isso mesmo, convem augmentar as precauções, e não dobrar o membro senão gradualmente. Depois, repõe-se o membro na extensão, e praticão-se os movimentos de abducção e de adducção. Esta será levada até cruzar a coxa sobre a do lado opposto, termina-se o exercicio pela rotação ou circumducção.

Esta manobra exige certa força muscular da parte do operador. Estando a bacia fixa, e a perna cahindo por fóra da cama, o operador agarra o joelho, depois a perna, emfim o peito do pé, e descreve com esta grande alavanca, representada pelo comprimento do membro inferior, movimentos de rotação semelhantes aos que se imprimem á manivella de um moinho.

O membro dirigido alternativamente no sentido da flexão, adducção, abducção, descreve uma fórma cónica, cujo apice se acha na articulação coxo-femoral, e cuja base circular é descripta pelo pé. Para executar convenientemente a manobra, é preciso ser auxiliado pelos ajudantes que segurão a bacia, e possuir certo vigor muscular. É verdade que o operador póde ainda collocar-se na extremidade da alavanca, pegar no pé, e movê-lo em roda como acabei de

dizer. Mas este modo de proceder obriga o paciente a manter em extensão forçada o membro inferior, durante toda a operação, o que é uma causa de fadiga. Emfim, depois da rotação completa ou circumducção, póde-se ainda recorrer a sacudiduras geraes, como se se quizesse abalar instantaneamente a totalidade do membro inferior que se agarra pela extremidade. Estas sacudiduras parecem-se com os movimentos do sineiro.

Maçadura da região vertebral. A maçadura pratica-se não sómente nas articulações; usa-se tambem nas differentes regiões musculares. A maçadura das costas emprega-se com proveito na affecção chamada *lumbago*. Convem sobretudo no lumbago produzido pela fadiga muscular, que sobrevem depois das grandes caminhadas, ou nas pessoas que são obrigadas a ficar por muito tempo em posição curvada. Eis-aqui como se procede :

Deita-se o doente de bruços atravez da cama, ou apoia-se na margem da cama, os braços descançando na mesma cama. Untão-se-lhe as costas com azeite doce, desde as nadegas até á nuca, e entra-se immediatamente em acção.

Primeiro tempo. Comece pela extremidade inferior do sacro, Praticando primeiro sobre a linha mediana, com a polpa dos dedos, fricções leves até á nuca, porque importa que as costas sejão submettidas ás manobras em toda a sua extensão. Estas leves fricções fazem descobrir os pontos mais dolorosos, e embotão a sensibilidade.

Procede-se, depois, da mesma maneira de cada lado das vertebras. Estas fricções executão-se sempre subindo, parallelamente ás fibras musculares, e ao eixo do corpo.

Segundo tempo. Passados dez minutos d'este exercicio, principião as fricções energicas ou a maçadura propriamente dita. Então, com as duas mãos applicadas, d'esta vez, em todo o seu comprimento, faça fricções fortes desde as cristas iliacas até ás espadoas. Não sómente, n'este tempo, deve-se operar parallelamente aos musculos das costas, mas ainda é preciso praticar fricções obliquas de baixo para cima e de dentro para fóra, para attingir a metade posterior das costellas, assim como os musculos obliquos do abdomen, e para friccionar parallelamente o musculo grande-dorsal.

Estas são as fricções obliquas externas. Faz-se depois o exercicio inverso, isto é, partindo da região superior e externa das nadegas, sobe-se por dentro aos musculos das goteiras vertebraes. São as fricções obliquas internas. Emfim, sempre no mesmo sentido, o operador faz fricções em curvas concentricas e excentricas, e termina desenhando espiraes.

As manobras indicadas devem ser energicas, afim de transmittirem ao tronco do paciente toda a força muscular do operador augmentada do peso do seu corpo. Estas manobras serão feitas com methodo, e não terão outros limites senão as forças do operador. Devem durar um quarto de hora.

Terceiro tempo. Consiste em comprimir, em malaxar os musculos das costas. Empregão-se primeiro os dedos para descobrir alguns pontos dolorosos que precisão da nova maçadura, e passa-se rapidamente ás compressões com as mãos inteiras. Para este fim, agarrão-se entre os dedos e as eminencias thenar e hypothenar, subindo sempre do sacro ás espadoas e á nuca, todas as regiões musculares das costas, e produzem-se d'esta maneira pressões excessivamente fortes, methodicas, e intermittentes.

Quarto tempo. A operação acha-se terminada. O doente póde endi-

reitar-se, inclinar-se para diante, e virar-se de lado, depois de tres quartos de hora de manobras de maçadura.

A maçadura convem tambem no lumbago occasionado pela ruptura muscular, devida esta a alguma violenta contracção ou a um movimento rapido do tronco. As fricções methodicas acalmão, com effeito, a dôr, e favorecem a resorpção do sangue.

Maçadura da barriga da perna nas rupturas musculares. A ruptura dos musculos da barriga da perna sobrevem durante um esforço subito da perna, n'um salto ou n'uma quéda; é muito dolorosa; parece ao paciente que recebeo uma pancada. O intervallo das fibras rotas enche-se rapidamente de sangue.

A maçadura convem igualmente n'este caso. Existe com effeito rasgadura, inchação, dôr, ecchymose, que as fricções e as compressões methodicas fazem desapparecer com mais promptidão do que qualquer outro tratamento. Fazendo a diffusão dos liquidos, a maçadura exerce uma compressão methodica. Esta compressão é, que repõe ao seu lugar as extremidades musculares laceradas, as fibras aponevroticas rasgadas, os tendões sahidos de seus regos. Não se deve esquecer que as manipulações se fazem no sentido do eixo do membro, parallelamente á direcção das fibras musculares.

Maçadura do pescoço. Emprega-se no torcicollo. Ha diversas especies de torcicollo.

Ordinariamente o *torcicollo* é o *rheumatismo dos musculos do pescoço,* e sobretudo do sterno-cleido-mastoideo; sobrevem, quasi sempre, pela impressão directa do frio. Ás vezes é produzido por uma posição viciosa tomada durante o somno. N'esta affecção, o pescoço está como torcido; a cabeça fica inclinada para o lado doente, entretanto que o rosto está virado para o lado opposto; os movimentos que se imprimem á cabeça provocão dôres vivas, o *musculo está contrahido e duro.*

O torcicollo póde ser tambem *symptomatico* de uma erysipela, de um phlegmão, de uma queimadura recente do pescoço, da paralysia, de uma arthrite cervical, da carie das vertebras, do rachitismo da região cervical, da ruptura das fibras musculares, e da contractura muscular.

A maçadura convem especialmente contra o torcicollo rheumatismal. Aproveita tambem no torcicollo produzido pela retracção muscular, e pela ruptura das fibras musculares. O numero das operações varía segundo a antiguidade e intensidade da molestia.

A maçadura do pescoço, nas simples dôres do pescoço sem inclinação da cabeça, consiste em *fricções, compressões, beliscaduras, percussões*, operadas sobre o comprimento do musculo sterno-cleido-mastoideo, parallelamente ás suas fibras, assim como sobre a metade superior do trapezio.

O musculo *sterno-cleido-mastoideo* acha-se sobre a face lateral do pescoço; estendido obliquamente de baixo para cima e de diante para traz, este musculo, longo e achatado, prende-se inferiormente ao sternon e ao quarto interno da clavicula, superiormente á apophyse mastoide debaixo da orelha. — As insersões do musculo *trapezio* são de um lado sobre o osso occipital e sobre as apophyses espinhosas cervicaes e dorsaes; e do outro lado sobre a clavicula e omoplata. Da inserção superior, as suas fibras superiores dirigem-se para fóra de alto a baixo, as médias transversalmente, as inferiores de baixo para cima.

O operador executa depois os movimentos geraes. Pondo uma das mãos sobre a espadoa para tornar immovel o tronco, e a outra sobre

a cabeça, dobra o pescoço, estende-o, curva-o para a direita e para a esquerda, e faz virar a cabeça em todos os sentidos. Inutil é dizer que é sempre com methodo, prudencia, e por gráos que se reproduz assim o jogo physiologico dos musculos do pescoço.

Quando existe *torcicollo com inclinação da cabeça*, o exercicio não é tão simples, bem que baseado nos mesmos principios. Supponhamos por conseguinte *um torcicollo rheumatico com contracção dos musculos sterno-cleido-mastoideo e trapezio*. A cabeça está inclinada para a espadoa esquerda.

Primeiro tempo. Collocado em frente do doente, o operador principia por preparar a região para as fricções poderosas untando toda a superficie do pescoço com oleo de amendoas doces. No caso de torcicollo para a esquerda, é evidente que a mão direita, que corresponde ao lado doente, preenche o officio mais importante. Friccionão-se os dois lados do pescoço, de diante para traz e de baixo para cima, com ambas as mãos, as quaes partindo de diante, se encontrão na nuca onde se cruzão : são fricções *em gravata*, Fricciona-se primeiro com um dedo, com dois dedos...., e progressivamente com toda a mão.

Este exercicio deve durar dez minutos; depois o operador muda de posição para collocar-se por detraz do paciente. Servindo-se sempre de ambas as mãos, previamente untadas com oleo de amendoas doces, repete, de traz para diante, da nuca para a parte anterior e inferior do pescoço, as mesmas fricções em gravata. Depois, terminando o primeiro tempo da operação, que deve durar vinte minutos, o operador, ensaia, e chega já a levantar a cabeça do paciente. Então a mão esquerda é que preenche as funcções mais importantes; e o operador applicando com brandura a mão successivamente sobre a barba, sobre o queixo inferior e o rosto, inclina a cabeça para o lado direito.

Estas uncções produzem um effeito mui notavel; diminuem a dôr e preparão a região para fricções e compressões mais energicas.

Segundo e terceiro tempo. Feitas algumas fricções circulares com certa energia, com tanto que respeite a região laryngo-tracheal, o operador, collocado atraz do paciente, deve atacar o musculo sterno-cleido-mastoideo. Cada mão, partindo do terço interno da clavicula, subirá á nuca, de cada lado do pescoço, de baixo para cima e de diante para traz, seguindo o comprimento dos musculos, parallelamente ás suas fibras. O pescoço, bem que inclinado ainda para o lado esquerdo, mas menos doloroso depois das manipulações do primeiro tempo, é mais accessivel á acção das mãos. As fricções ou pressões, de mais em mais energicas, serão sempre feitas na direcção indicada, e terminarão sobre a parte posterior do pescoço. Depois de cada fricção, o operador deve, com a mão direita, abraçar successivamente a barba, o queixo inferior, o rosto para levantar progressivamente a cabeça, e repô-la na posição vertical. A mão direita, praticando estas manobras, não tarda a passar toda inteira sobre a espadoa correspondente ao torcicollo, e mesmo a mão fechada, produzindo, comtudo, algumas dôres. É então que convem beliscar a borda do sterno-cleido-mastoideo, praticar sobre toda a sua extensão a *malaxação digital*, percuti-la rapidamente com a polpa dos dedos, voltando de tempo em tempo a fricções com as mãos estendidas, ou á maçadura propriamente dita. Emfim, a malaxação, praticada energicamente, termina esta operação. Voltada a cabeça á posição vertical, o operador deve só fazer-lhe executar os differentes

movimentos que lhe são naturaes, e o pescoço voltará assim ao seu estado normal.

É util ás vezes repetir as manipulações precedentes em sentido inverso, isto é, de traz para diante, da nuca para a parte anterior e inferior do pescoço, absolutamente como no primeiro tempo. Emfim, o musculo trapezio que, pela borda externa de sua metade superior, contribue muitas vezes para occasionar o torcicollo, deverá tambem ser submettido a manobras semelhantes, feitas de baixo para cima, da espinha da omoplata até ao osso occipital.



Fig. 238. — Macella gallega.

Quarto tempo. A inclinação lateral do pescoço não existe mais; os musculos, que erão rijos, tornárão-se macios; é preciso, então, executar os movimentos, até elles adquirirem a sua amplitude physiologica. O operador deve, sobretudo, reproduzir a flexão, a extensão, a inclinação lateral e a rotação da cabeça.

Ordinariamente as manobras de maçadura dirigidas contra o *torcicollo rheumatico* produzem uma cura completa, ao cabo de uma hora de exercicio. Mas não acontece outro tanto, quando se trata de um *torcicollo acompanhado de retracção muscular* que data de longo tempo. N'este caso, não é de uma unica sessão de maçadura methodica e bem praticada, que póde resultar a cura, mas sim do emprego contínuo d'este meio durante semanas e mezes, auxiliado por agentes mecanicos que são a colleira com hastes metallicas, o capacete e a minerva.

MACELLA GALLEGA (Matricaire officinale, fr). *Pyrethrum parthenium*, Sm. Synanthereas-senecioides. Planta commum em Portugal, cultivada no Brasil. Fig. 238. Caules de 2 a 3 pés de alto, estriados, angulosos, glabros, ramosos; folhas pecioladas, pinnatisectas, de lacinias pinnatifidas e denteadas, um pouco pubescentes; os capitulos formão um largo corymbo, cujas flores do disco são amarellas, e as da circumferencia liguladas, brancas, duas vezes mais longas que o involucro. *P. us. Flores.*

Tonico e estimulante; emprega-se nas colicas, indigestões, inappetencia, e em todos os casos em que se usa a camomilla romana,

que a macella substitue frequentemente, pois que goza das mesmas propriedades. É um remedio vulgar que se administra em infusão quente.

Internamente. *Infusão* : 5 grammas (1 1/4 oitava) para 1000 grammas (32 onças) d'agua fervendo. Esta infusão, adoçada com assucar, constitue um remedio vulgar contra as indigestões.

Clyster de macella.

Macella	4 gram.	Agua fervendo	360 gram.

Ponha de infusão e côe. Colicas nervosas.

MACELLA ROMANA. V. Camomilla romana.

MACIS. V. Moscada.

MAGNESIA (Magnesie, fr.). A magnesia é o oxydo de magnesio. Existe em grande abundancia na natureza, mas no estado de combinação, principalmente com o acido carbonico e com o chloro. Emprega-se em medicina, sob o nome de *magnesia calcinada* ou de *magnesia pura*. Prepara-se calcinando em vaso de barro o hydro-carbonato de magnesia, até desapparecer completamente a agua e o acido carbonico.

A *magnesia calcinada* é branca, pulverulenta, sem sabor nem cheiro, mui pouco soluvel na agua. Absorve o acido carbonico do ar, e transforma-se pouco a pouco em carbonato, pelo que deve ser conservada em frascos exactamente fechados. A *magnesia ingleza* é mais compacta : obtem-se calcinando até ao rubro, por seis horas, o carbonato de magnesia amontoado em quanto humido. É mais densa do que a magnesia calcinada ordinaria, mas goza das mesmas propriedades.

A magnesia calcinada deve dissolver-se em agua acidulada sem effervescencia; misturada com agua não deve esquentar-se; acontecendo o contrario indica isso a presença da cal.

Propriedades e usos. A magnesia calcinada é um purgante brando em alta dóse, absorvente e anti-acido em pequena. É empregada contra a azía, pyrose, diabetes, gota, envenenamentos pelo acido arsenioso e pelos acidos mineraes.

Internamente. Como purgante 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas). Como anti-acido 30 centigrammas a 1 gramma (6 a 20 grãos).

Como antidoto dos acidos concentrados 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) que se diluem n'um copo d'agua e se repetem por muitas vezes.

Poção de magnesia ou *Medicina branca* (Cod. fr.).

Magnesia calcinada	8 gram.	Agua commum	40 gram.
Assucar	50 gram.	Agua de flor de laranj.	20 gram.

Moa em almofariz a magnesia com a agua, introduza a mistura em cassarola de prata, e aqueça até á ebullição, agitando continuamente. Tire do lume; ajunte o assucar continuando a agitar; ajunte a agua de flores de laranjeira, e passe por coador fino, facilitando a operação com a espatula. — Bebe-se por uma vez, mastigando, depois, alguns gomos de laranja.

Purgante de magnesia calcinada.

Magnesia calcinada	8 gram.	Sumo de limão azedo	30 gram.
Assucar	30 gram.	Agua	30 gram.

M. Para beber de uma vez.

Pós de rhuibarbo e magnesia.

Magnesia calcinada	30 centig.	Rhuibarbo em pó	30 centig.

F. 1 papel, e como este mais cinco. D. 1 por dia antes da comida, na gastralgia e azía.

Pós anti-acidos.

Magnesia calcinada	1 gram.	Assucar	25 centig.
Canella	25 centig.		

F. 1 papel; e como este mais tres. D. 1 por dia. Azía.

Chocolate de magnesia (Dorvault).

Magnesia calcinada	100 gram.	Chocolate	1000 gram.

F. Tabellas ou pastilhas. Cada tabella de 30 grammas contém 3 grammas de magnesia, e cada pastilha de 1 gramma contém 10 centigrammas de magnesia. Purgante agradavel. D. 2 tabellas.

MAGNESIA HYDRATADA ou **Hydrato de magnesia** (Magnesie hydratée, ou hydrate de magnésie, fr.). Prepara-se do modo seguinte. (Cod. fr.) Dilua a magnesia calcinada em 20 a 30 vezes o seu peso d'agua distillada, e leve a mistura á ebullição que manterá por 20 minutos. Lance tudo sobre um panno, e deixe o liquido escorrer completamente. O panno ha de reter o hydrato de magnesia no estado humido; bastará, para o seccar, pô-lo n'uma estufa aquecida a 50°, e ali mantê-lo até que não perca mais nada do seu peso. O hydrato de magnesia assim preparado contém 31 por 100 d'agua. N'este estado a magnesia é supportada pelo estomago muito mais facilmente. Deve ser preferida para combater o envenenamento pelo arsenico.

MAGNESIA LIQUIDA ou **Agua magnesiana** (Cod. fr.). Sulfato de magnesia 53 grammas, carbonato de soda crystallizado 70 gram. Dissolva separadamente cada um dos dois saes em q. s. d'agua; filtre. Introduza a solução de sulfato de magnesia em capsula de porcellana ou em escudella de prata, e faça ferver ao lume; ajunte a solução de carbonato de soda que é soluvel, e ferva até não se desenvolver mais acido carbonico. Deixe depôr; decante o liquido que sobrenada, e lave com cuidado o precipitado de hydro-carbonato de magnesia. Dilua depois este precipitado em 650 grammas d'agua, introduza a mistura liquida no apparelho d'aguas mineraes para satura-la do acido carbonico. Depois de a ter deixado por 24 horas em contacto com um excesso d'este gaz, tire-a do apparelho, passe-a por panno de lã para separar d'ella a parte não dissolvida, torne a pôr no apparelho o liquido filtrado, torne a satura-lo com o acido carbonico, e engarrafe. A agua magnesiana assim preparada contém uma quantidade de magnesia equivalente a 20 gram. (5 oitavas) de hydrocarbonato. Esta porção constitue um purgante para adulto.

A *magnesia liquida* de Dinnefort, pharmaceutico inglez, é uma simples solução de *bicarbonato de magnesia.* Esta preparação, que é completamente incolor, conserva-se bem, guardada em frascos bem tapados; exposta ao ar, deixa depôr o carbonato de magnesia, debaixo da fórma de crystaes ou de laminas. É um anti-acido efficaz, que não é desagradavel. É recommendada contra a gota e areias. A dóse é de 1 colher *de chá* até meio calix. Para torna-la mais agradavel, póde aromatizar-se com a tintura ou essencia de limão.

CARBONATO DE MAGNESIA (Carbonate de magnésie, fr.). Existem tres carbonatos de magnesia : o carbonato neutro, composto de 1 atomo de magnesia e de 1 atomo de acido carbonico, e que não é empregado em medicina; o bicarbonato, que entra em muitas aguas mineraes; e o sub-carbonato que se usa.

O *sub-carbonato de magnesia*, *hydro-carbonato de magnesia* ou *magnesia branca*, acha-se na natureza em pequena quantidade, e ordinariamente impuro. Prepara-se artificialmente tratando a disso-

lução de sulfato de magnesia, pela dissolução de carbonato de potassa fervendo. Apresenta-se em pães cubicos brancos; é sem sabor nem cheiro, inalteravel ao ar, completamente insoluvel na agua. Suas propriedades purgativas são mais fracas que as da magnesia calcinada.

Internamente. 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) em 180 gram. (6 onças) d'agua fria com assucar, como purgante; — 1 a 2 gram. (20 a 40 grãos) como absorvente.

Pastilhas de magnesia (Cod. fr.).

Hydro-carbonato de magnesia	100 gram.	Mucilagem de gomma alcatira	120 gram.
Assucar refinado	800 gram.		

Faça pastilhas do peso de 1 gramma (20 grãos). Cada uma contém 20 centigrammas (4 grãos) de hydro-carbonato de magnesia.

Pastilhas de magnesia e de cato (Cod. fr.).

Hydro-carbonato de magnesia	100 gram.	Assucar refinado	850 gram.
Cato em pó	50 gram.	Mucilagem de gomma alcatira	120 gram.

Faça pastilhas do peso de 1 gramma (20 grãos). Cada pastilha contém 10 centigrammas (2 grãos) de hydro-carbonato de magnesia e 5 centigrammas (1 grão) de cato.

Pós de carbonato de magnesia (Frank).

Carbonato de magnesia	1 gram.	Canella em pó	25 centig.
Rhuibarbo em pó	25 centig.		

F. 1 papel. D. 1 papel por dia, na cardialgia, azía.

CITRATO DE MAGNESIA (Citrate de magnésie, fr.). Sal branco, pulverulento, quasi sem sabor, mui pouco soluvel na agua fria. Prepara-se dissolvendo 500 grammas (16 onças) de acido citrico em 2000 grammas (64 onças) d'agua fria. Feita a dissolução, ajunta-se pouco a pouco, e só depois de completa dissolução da parte addicionada, sufficiente quantidade de sub-carbonato de magnesia em pó, cerca de 315 grammas (10 onças e meia). Filtra-se e deixa-se em repouso. Passadas algumas horas, o liquido principia a crystallizar; estende-se a massa sobre papel, e deixa-se seccar em estufa.

O citrato de magnesia é um purgante brando na dóse de onça e meia. O seu sabor póde ser facilmente disfarçado n'uma limonada. Os doentes que tem repugnancia para os medicamentos podem ser facilmente purgados com o citrato de magnesia. Mas este sal dissolve-se com difficuldade na agua, e quando com custo se obtem a sua dissolução por meio de um excesso de acido citrico, turva-se o liquido algumas horas depois, e o citrato de magnesia passa ao estado insoluvel, o que torna o seu emprego difficil, e por isso nunca se emprega d'esta maneira. Entretanto, a união do acido citrico com a magnesia é mui facil, qualquer que seja a temperatura e a quantidade d'agua, e existem dois meios igualmente bons para preparar facilmente a limonada de citrato de magnesia : 1° a reacção, no momento em que se precisa, do acido citrico dissolvido em agua sobre o sub-carbonato de magnesia; 2° a mistura no estado pulverulento do acido citrico com a magnesia. O sub-carbonato de magnesia é preferivel n'este caso á magnesia calcinada, porque o sub-carbonato é mais facilmente atacado pelo acido citrico, sua composição chimica é mais constante, e é muito mais barato.

Ha muitas formulas de limonadas com citrato de magnesia. Em geral, alterão-se passados alguns dias, e por conseguinte devem ser

preparadas no dia em que se precisa d'ellas. Indico aqui as formulas que dão os melhores resultados.

Limonada purgativa com citrato de magnesia (Cod. fr.).

Acido citrico	30 gram.	Alcoolatura de epicarpo de casca de limão	1 gram.
Hydro-carbonato de magnesia	18 gram.	Xarope simples	100 gram.
Agua	300 gram.		

Dissolva o acido na agua, ajunte pouco a pouco o hydro-carbonato á medida que se fôr dissolvendo, e filtre, no fim de um quarto de hora ou de meia hora, na garrafa que contém o xarope e a alcoolatura de limão.

O doente bebe esta limonada em duas ou tres porções, com meia hora de intervallo. Ás vezes esta limonada deixa depositar o citrato de magnesia passadas sete ou oito horas, outras vezes mais tarde, e por isso deve ser preparada no momento mesmo em que se deve beber. É um purgante agradavel. As dóses indicadas dão a limonada purgativa de 50 grammas de citrato de magnesia crystallizado, ou para um adulto.

Limonada gazosa com citrato de magnesia (Cod. fr.).

Acido citrico	30 gram.	Alcoolatura de epicarpo de casca de limão	1 gram.
Hydro-carbonato de magnesia	14 gram.	Xarope simples	100 gram.
Agua	300 gram.		

Dissolva o acido na agua, ajunte pouco a pouco a magnesia até á dissolução completa, filtre, ajunte o xarope e a alcoolatura, encha com este liquido uma garrafa, e ajunte :

Bicarbonato de soda .... 4 grammas.

Tape exactamente. — Bebe-se esta porção em duas vezes ou toda junta. Esta limonada decompõe-se com o tempo, e por causa d'isto não deve ser preparada senão para 6 ou 8 dias.

Os pharmaceuticos aos quaes se pede por dia duas ou tres limonadas de citrato de magnesia, devem ter na sua officina já preparada com anticipação a solução seguinte :

Carbonato de magnesia	74 gram.	Agua	1000 gram.
Acido citr. em bocados	128 gram.		

Deixe fazer a reacção a frio, filtre, e ajunte a quantidade necessaria d'agua para ter 1200 grammas (40 onças) de uma solução, de que cada 30 grammas (1 onça) contém 5 grammas (1 1/4 oitava) de citrato de magnesia. Para ter uma garrafa de limonada com 50 gram. (12 1/2 oitavas) de citrato de magnesia, dóse regular para um adulto, cumpre tomar da solução acima indicada 300 grammas (10 onças), ajuntar-lhe xarope simples 60 grammas (2 onças), tintura de casca de limão 12 gottas, e agua q. s. para encher a garrafa. É bom ter para isso um vaso de vidro graduado.

Querendo ter-se a limonada gazosa, cumpre accrescentar 4 gram. (1 oitava) de bicarbonato de soda.

Limonada secca de citrato de magnesia (Cod. fr.).

Magnesia calcinada	6 1/2 gram.	Assucar refinado	60 gram.
Hydro-carbonato de magnesia	6 gram.	Alcoolatura de casca de limão	1 gram.
Acido citrico	30 gram.		

Pulverize juntamente o acido citrico e o assucar; misture com elles as outras substancias, e guarde os pós em frasco de bocca larga. — No momento em que devem empregar-se, introduzem-se estes pós n'uma garrafa d'agua, que se tapa immediatamente; vira-se

a garrafa duas ou tres vezes para facilitar a dissolução, e, feita esta, bebe-se o liquido gazoso em tres ou quatro porções. A dóse indicada constitue um purgante para um adulto; representa 50 grammas (1 1/2 onça) de citrato de magnesia crystallizado.

Pós de citrato de magnesia (Dorvault).

Acido citrico crystallizado	100	Magnesia calcinada	29
Agua	10		

Triture o acido com a agua, e ajunte depois pouco a pouco a magnesia; ou melhor, supprima a agua, derreta o acido a b. m. na sua agua de crystallização, e incorpore exactamente a magnesia. N'um e n'outro caso obtem-se uma massa que passado algum tempo se torna solida; então pulveriza-se e conserva-se para uso. — O citrato assim preparado é mui soluvel; dissolve-se em 2 vezes o seu peso d'agua. Mas dissolvido n'esta fraca quantidade d'agua, precipita-se no fim de algumas horas, e perde a sua solubilidade. Dissolvido immediatamente em certa quantidade d'agua (8 ou 10 vezes o seu peso), a sua dissolução torna-se permanente. Podem-se substituir as 29 part. de magnesia por 64 part. de hydrocarbonato d'esta base.

O citrato de magnesia obtido em pó é sem sabor. Se se quizesse obter um citrato de agradavel acidez, seria preciso accrescentar 4 partes de acido á formla precedente.

Pós de citrato de magnesia (Rogé).

Magnesia calcinada	8 gram.	Assucar em pó aromatizado com essencia de limão	50 gram.
Carbonato de magnesia	4 gram.		
Acido citrico pulv.	26 gram.		

Para uma só dóse. Introduza n'uma garrafa d'agua; rolhe immediatamente; mexa. Toma-se aos copos, de meia em meia hora.

Citrato de magnesia granulado effervescente (Draper).

Acido citrico	40	Sulfato de magnesia	144
Bicarbonato de soda	720	Essencia de limão	4
Acido tartrico	600		

Aqueça a b. m. mexendo com espatula para reduzir a grãos miudos; deixe arrefecer; ajunte a essencia. — Dóse : 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) n'uma garrafa d'agua; aos copos de meia em meia hora.

Esta composição não é citrato de magnesia, bem que lhe tenhão dado este nome; é tartrato misturado com citrato e sulfato de magnesia.

SULFATO DE MAGNESIA, **Sal d'Epsom, Sal inglez, Sal de Sedlitz, Sal cathartico amargo** (Sulfate de magnésie, Sel d'Epsom, Sel anglais, Sel de Sedlitz, ou Sel cathartique amer, fr.). Sal solido branco, inodoro, de sabor amargo, crystallizado em prismas de quatro faces, ou em massas compostas de grande numero de pequenas agulhas; soluvel em 3 partes d'agua fria. Obtem-se por crystallização das aguas mineraes, que o contém, e sobretudo das de Epsom em Inglaterra, e das de Sedlitz e de Egra na Bohemia.

Purgante brando; emprega-se nas febres typhoides, diarrheas biliosas, dysenterias epidemicas, molestias cutaneas, congestões cerebraes. O seu effeito purgativo manifesta-se depois de tres ou quatro horas da administração. As evacuações alvinas são serobiliosas; succedem-se rapidamente, e cessão de ordinario passadas oito ou dez horas.

Internamente. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças), dissolvidos em 250 grammas (8 onças) d'agua fria.

Agua de Trevez.

Sulfato de magnesia	30 gram.	Agua	1000 gram.
Emetico	5 centig.		

Dissolva. Um copo de quarto em quarto de hora, como purgante.

Clyster purgativo.

Sulfato de magnesia	30 gram.	Infus. de macella gall.	180 gram.

TARTRATO DE MAGNESIA (Tartrate de magnésie, fr.). O tartrato de magnesia é um sal que se prepara dissolvendo o acido tartrico em agua, ajuntando depois o carbonato de magnesia até á saturação completa, e deixando o liquido em repouso até o sal se crystallizar.

O tartrato de magnesia é purgativo na dóse de 30 a 45 gram. (1 onça a onça 1/2). A fórma debaixo da qual se receita é a seguinte :

Limonada purgativa de tartrato de magnesia.

Acido tartrico	22 gram.	Agua	360 gram.
Carbonato de magnesia	16 gram.	Xarope simples	60 gram.

Dissolva o acido na agua, ajunte o carbonato de magnesia pouco a pouco e á medida que se fôr dissolvendo, filtre e ajunte o xarope. Esta limonada bebe-se em duas porções, com meia hora de intervallo. É um purgante agradavel.

MALEITEIRA, Leiteira, Leitariga, Luzetro, Lechetrez. *Euphorbia papillosa*, St. Hil. Euphorbiaceas. Planta do Brasil meridional. Caule herbaceo de 12 a 18 pollegadas; folhas sesseis, inteiras; as inferiores são ovaes arredondadas, as do caule oblongas lineraes; as superiores lineares; flores dispostas em umbellas pubescentes; fructo, capsula triangular. — Purgante energico. D. 30 gram. (1 onça) de succo da planta, misturado com um pouco de mel de abelhas.

MALMEQUERES ou **Maravilhas dos jardins** (Souci, fr.). *Calendula officinalis*, L. Synanthereas senecioides. Planta cultivada nos jardins do Brasil e de Portugal, por causa das flores de um amarello escuro, radiadas, que produzem bello effeito; suas folhas são pubescentes; as inferiores, inteiras, estreitas na base, largas no apice; as superiores lanceoladas, um pouco denteadas. Estas folhas, lançadas sobre o carvão acceso, ardem como o nitro; applicavão-se nos callos e nas verrugas para destrui-las. As flores passavão outr'ora como anti-ictericas, antiscrophulosas, antiophthalmicas, emmenagogas, e sobretudo como anticancerosas. Hoje sem uso.

MALT (Malt, fr.). Cevada que se faz inchar em agua, germinar e depois seccar, e de que, por fim, separão-se os germes pela fricção. Usa-se na fabricação da cerveja. Prepara-se, em Berlim, com malt uma bebida de gosto agradavel, a que derão o nome de ***cerveja de malt***, que é recommendada nas dyspepsias e molestias do peito.

MALVA (Mauve, fr.). Genero da familia das Malvaceas, contém plantas herbaceas, sub-arbustos ou arbustos, que habitão em diversos climas do globo; muitas existem no Brasil, e são todas notaveis por suas propriedades emollientes, de sorte que podem ser no uso medico, sem inconveniente, substituidas umas pelas outras. As principaes que se achão nas boticas são : **Malva silvestre,** *Malva sylvestris*, L., e **Malva de folhas redondas** ou **Malva pequena,** *M. rotundifolia*, L.; ambas habitão naturalmente quasi em todo o reino de Portugal, e cultivão-se nos jardins do Brasil. A malva silvestre (Fig. 239) tem caules asperos, de 1, 2 e mais pés de alto; folhas alternas, chanfradas na base, de 5 a 7 lobulos

agudos ou um pouco obtusos, crenulados; peciolos longos, pilosos; flores entre azues e purpureas, com veios de côr escura; sabor mucilaginoso. *P. us. Folhas* e *flores.* Emolliente; emprega-se frequentemente em todas as inflammações.



Fig. 239. — Malva silvestre.

Internamente. *Infusão :* flores de malvas 5 gram. (1 1/4 oit.), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora, e côe. Esta infusão, convenientemente adoçada, constitue uma bebida emolliente, empregada principalmente nos defluxos e bronchites.

Externamente. Flores ou folhas. *Decocção*, 15 grammas (meia onça) para 500 grammas (16 onças) d'agua em lavatorios, fomentações, banhos, gargarejos, collyrios, etc.

No Brasil ha muitas plantas emollientes, que podem ser empregadas nos mesmos casos que a malva das boticas; são : **Malva**

do campo, *Kielmeyra speciosa*, St. Hil.; **Malva diuretica**, *Pavonia diuretica*, St. Hil. **Malvaisco**, *Sphæralcea cisplatina*, St. Hil., etc.

MALVA DO CAMPO, **Folha santa, Pinhão.** *Kielmeyra speciosa*, St. Hil. Familia das Ternstrœmiaceas. Arvore do Brasil (Minas). Tem 8 a 15 pés de altura; ramos quebradiços, cobertos de uma casca semelhante á cortiça, folhas espargidas, ellipticas, obtusas, quasi sesseis, verdes por cima, mais pallidas por baixo; flores roseas, dispostas em cachos no apice dos ramos. As folhas contém bastante mucilagem, e a sua decocção serve para preparar banhos emollientes. 1 onça para 2 libras d'agua.

MALVA DA CHINA ou **Althea rosea da China** (Rose trémière ou passe-rose, fr.). *Althea rosea*, Cavanilies. Malvaceas. Cultivada nos jardins. As flores são grandes, bellas e de côres variadas, desde o branco e amarello até ao vermelho e purpureo-escuro; cheiro nullo, sabor debil. Toda a planta é mucilaginosa. A raiz d'esta planta substitue ás vezes no commercio a da althea; é mais lenhosa do que esta, de côr menos branca, de sabor menos adocicado, e ordinariamente eriçada na superficie de fibras curtas. *P. us. Raiz*, *folhas* e *flores*, em infusão ou decocção; interna e externamente, 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas) para 500 gram. (16 onças) d'agua fervendo.

MALVA DIURETICA. *Pavonia diuretica*, St. Hil. Malvaceas. Planta do Brasil (Minas). Folhas cordiformes, serreadas, pubescentes; calice exterior de um quarto mais comprido que o interior. Toda a planta é emolliente e diuretica; emprega-se em infusão contra a dysuria; 4 grammas (1 oitava) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

MALVAISCO. *Sphæralcea cisplatina*, St. Hil. Malvaceas. Arbusto do Brasil (Rio Grande do Sul). Cinco pés de alto; folhas ovaes, agudas, obtusas na base, trilobadas, denteadas, pubescentes por cima, esbranquiçadas por baixo; flores pedicelladas, aproximadas umas das outras; corolla vermelha. A infusão ou decocção das folhas e flores é emolliente; emprega-se internamente contra a tosse, e externamente em banhos. 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) para 500 grammas (16 onças) d'agua. No Rio de Janeiro dá-se o nome de malvaisco á *Guaxima*. V. p. 514.

MAMOEIRO (Papayer commun, fr.). *Carica papaya*, L. Papayaceas. Arvore commum no Brasil; os Indigenas chamão-lhe *Chamburú;* habita tambem nas Antilhas, ilhas das Molucas, Indias orientaes, e em quasi todos os paizes intertropicaes. O tronco é cylindrico, coberto de casca cinzenta, tem 8, 25 e 30 metros de altura; é coroado no apice por um largo ramalhete de folhas, o que dá a este vegetal alguma semelhança com a palmeira. As folhas são mui grandes, espalhadas, e divididas em 5, 7 ou 9 lobos sinuosos; o fructo (*mamão*) é ovoide, com cinco faces, do tamanho do melão, carnoso; come-se crú ou cozido, maduro ou verde; é refrigerante e levemente laxativo. O tronco da arvore e o fructo fornecem pela incisão um succo lacteo, que é aconselhado externamente contra as sardas. Misturado com agua, este succo tem a singular propriedade de amollecer, em poucos minutos, a carne que se mergulhou n'elle. É de uso immemorial na India ajuntar pequena quantidade d'este succo á carne quando é dura e coriacea, para torna-la tenra, mais agradavel e de digestão facil. Basta mesmo, para obter este resultado, envolvê-la nas folhas da arvore por pouco tempo: este ultimo processo applica-se no Brasil, sobretudo para tornar tenra a caça.

MAMONA, Carrapateiro, Ricino, ou **Palma Christi.** *Ricinus communis*, L. Euphorbiaceas. Arvore espalhada quasi por todo o globo. Fig. 240. Acha-se no Brasil e em Portugal. Caule da altura de 2 a 3 metros na Europa, muito mais alto no Brasil; folhas grandes, com 7 a 9 divisões, d'onde lhe vem o nome de *Palma Christi*, serreadas, lisas; flores separadas, mas sobre o mesmo pé; flores masculinas, formando martinetes de um amarello dourado; flores femeas, em pinceis de um vermelho-escuro; fructo composto de tres cellulas espinhosas, cada uma com uma só semente. As folhas empregão-se em banhos como emollientes; das sementes extrahe-se o oleo de ricino.



Fig. 240. — Mamona ou Ricino.

MANACÁ, Manacan, Geratacáca, Jerataca, Camgabá. *Franciscea uniflora*, Pohl. Scrophularineas. Arbusto do Brasil (Pará, Maranhão, Amazonas). Folhas curtamente pecioladas, alternas, oblongas, acuminadas, onduladas; flores solitarias e terminaes, de cheiro penetrante; sabor amargo em toda a planta. A raiz é pur-

gativa na dóse 30 centigrammas a 1 gramma (6 a 20 grãos). É empregada entre os indigenas como antisyphilitica : usa-se n'este caso em decocção, na dóse de 15 gram. (1/2 onça) para 500 gram. (16 onças) d'agua. Em dóse elevada é venenosa.

MANDIOCA (Manihot, ou manioc, fr.). *Manihot utilissima*, Pohl; *Jatropha manihot*, L. Euphorbiaceas. A raiz d'esta planta, commum no Brasil, contém um succo venenoso, porém o seu principio deleterio é tão volatil que desapparece pela torrefacção. Esta raiz, privada do succo, torrada e reduzida a pó, chama-se *farinha de mandioca*, que é um dos mais preciosos alimentos do Brasil; é uma mistura de amido, de fibra vegetal e de materia extractiva. Com esta farinha preparão-se cataplasmas que são emollientes, e applicão-se nos abcessos e outras inflammações. Esta cataplasma prepara-se como a de fecula : faz-se ferver a farinha de mandioca em agua até ficar na devida consistencia.

Internamente :

Farinha de S. Bento (Cordeiro).

Farinha de mandioca (farinha de páo)	3 part.	Assucar em pó	1 part.

Misture, e em vaso proprio, ou em cylindro proprio, torre até a mistura adquirir uma côr alambreada. Usa-se internamente, como analeptica.

Externamente :

Cataplasma americana.

Farinha de mandioca	120 gram.	Mel de abelhas	120 gram.
Vinho branco generoso	540 gram.		

Misture a farinha com o vinho, faça ferver a calor brando, até á consistencia de cataplasma; tire o vaso do fogo, e ajunte o mel; agitando a mistura até esfriar. Emprega-se nas contusões e ulceras.

MANDIOQUINHA DO CAMPO, ou **Bolsa de pastor.** *Zeyheria montana*, Martius. Bignoniaceas. Arbusto do Brasil (S. Paulo, Minas, Bahia). Tem 6 a 7 pés de altura, ramos tomentosos; folhas pecioladas, oppostas, compostas de 3 a 5 foliolos oblongos lanceolados; flores em paniculas na extremidade dos ramos, corolla amarella, fructo, capsula; sementes aladas; raizes com a casca succulenta. Segundo Martius, a casca da raiz é remedio popular contra as molestias de pelle.

Macera-se em agua fria certa porção d'esta casca, e bebem-se dois ou tres copos por dia d'este macerato.

MANDOBI (Arachide ou pistache de terre, fr.). *Arachis hypogœa*, L. Leguminosas. Planta originaria do Brasil, transportada para as Antilhas, Africa, etc. As sementes comem-se quer torradas, quer cozidas; são reputadas aphrodisiacas, e fornecem um excellente oleo, que tambem é comestivel.

MANGANEZ (Manganèse, fr.). Metal de côr branca brilhante, peso especifico 6,85, fragil. É sem uso, mas seu oxydo preto, designado geralmente debaixo do nome de *manganez*, tem usos importantes. Este oxydo é em massas informes, ou em agulhas brilhantes; é friavel, insipido, inodoro, insoluvel em agua; deixa mancha preta nos dedos. Emprega-se para a preparação do chloro, dos chloruretos, e para a extracção do oxygeneo. As seguintes composições de manganez forão propostas contra a chlorose nos casos em que o ferro não aproveita.

CARBONATO DE MANGANEZ (Carbonate de manganèse, fr.). Pó branco, algum tanto rosado, sem sabor, insoluvel em agua. D. 40 centigrammas a 2 grammas (8 a 40 grãos) em pilulas.

Pilulas de carbonato de manganez.

Carbonato de mang.	5 centig.	Alcaçuz em pó e mel de abelh.	q. s.

F. 1 pilula. D. 1 a 8 por dia.

LACTATO DE MANGANEZ (Lactate de manganèse, fr.). Chapas crystallinas, de côr levemente rosea, assaz soluveis na agua fervendo, insoluveis na agua fria. D. 5 a 30 centigram. (1 a 6 grãos) em pilulas.

MANGERICÃO (Petit basilic, fr.). *Ocimum minimum*, L. Labiadas. Planta cultivada nos jardins. Forma, por suas ramificações, uma linda bola de verdura : folhas numerosas, agudas ou obtusas, verdes ou avermelhadas; flores pequenas e brancas; cheiro aromatico. — Estimulante; póde servir para os banhos aromaticos.

MANGERONA (Marjolaine, fr.). *Origanum majorana*, L. Labiadas. Planta aromatica, cultivada nos jardins. Folhas nas articulações do caule e dos ramos, oppostas, pecioladas, ovaes, avelludadas; flores brancas; cheiro aromatico. Emprega-se em banhos como estimulante.

MANIGUETE ou **Semente do paraiso** (Maniguette, graine de paradis, fr.). Sementes produzidas pela *Amomum granum paradisi*, Afzelius, planta da familia das Amomeas, que habita no Guiné. Estas sementes são pequenas, escuras, triangulares, de cheiro camphorado agradavel, de sabor apimentado. Empregão-se para augmentar a força do vinagre.

MANNÁ (Manne, fr.). Succo concreto que mana espontaneamente ou por incisão de muitos vegetaes do genero *Fraxinus*, L. (Oleaceas), que habitão na Italia. Ha tres especies de manná no commercio :

1ª *Manná em lagrimas*, é em bocados do comprimento de um dedo e mais, brancos, frageis, porosos, crystallinos; cheiro fraco, algum tanto nauseoso, sabor saccharino.

2ª *Manná em sortes*, em pequenos bocados unidos por uma materia molle, viscosa, amarellada.

3ª *Manná gordo*, em massas molles pegajosas, pardo ou côr de mel de abelhas, misturado com muitas impurezas; sabor mais desagradavel. Este deve ser rejeitado, por ser um producto alterado pelo tempo e pela fermentação.

O manná amollece pelo calor e pela humidade do ar; deve ser conservado em lugar secco. É soluvel em agua, no leite, no alcool.

Laxante brando, convem ás crianças, ás mulheres gravidas e pessoas delicadas. Emprega-se nas bronchites. Póde ser administrado nas inflammações. Associa-se ordinariamente ás outras substancias purgativas, para diminuir-lhes a acção irritante.

Internamente. 30 a 90 grammas (1 a 3 onças) em 180 gram. (6 onças) d'agua ou de leite, O *manná em lagrimas* usa-se em poções; o *manná em sortes* em clysteres.

Pasta de manná ou *de Calabria.*

Gomma arabica	1500 gram.	Assucar	1000 gram.
Manná	375 gram.	Agua	q. s.

Opere como para a pasta de jujubas, e aromatize, no fim, com 100 grammas de digesto de balsamo de Tolú.

Pastilhas ou *tabellas de manná* (Cod. fr.).

Manná em lagrimas	150 gram.	Gomma arabica em pó	50 gram.
Assucar	800 gram.	Agua de flor de laranj.	75 gram.

Derreta a calor brando o manná na agua de flor, côe por panno; ajunte a gomma previamente misturada com 2 vezes o seu peso de assucar. Incorpore o resto do assucar, e faça tabellas do peso de 1 gramma (20 grãos). Cada uma contém 15 centigrammas (3 grãos) de manná.

Pastilhas ou *tabellas de manná de Manfredi*, ou *Pastilhas de Calabria*.

Raiz de althea	90 gram.	Extracto de opio	60 centig.
Agua	2000 gram.	Agua de flor de laranj.	90 gram.
Manná	375 gram.	Essencia de bergamota	5 gottas
Assucar	3000 gram.		

Ferva a althea na agua durante 10 minutos; ajunte o manná; côe; ajunte o assucar. Evapore até á consistencia de xarope espesso; ajunte o opio, a agua de flor, e a essencia. Evapore até á consistencia conveniente; verta a massa sobre o marmore untado com azeite, e divida-a em tabellas de 1 gramma (20 grãos). D. 2 a 4 por dia, na bronchite.

Poção laxativa de Fernel.

Manná	30 gram.	Cannafistula cozida	30 gram.
Agua	100 gram.	Oleo de amendoas doces	30 gram.

Dissolva o manná na agua, côe e ajunte as outras substancias. Toma-se de manhã em jejum para produzir uma ou duas evacuações.

Emulsão de manná.

Emulsão simples	180 gram.	Manná em lagrimas	60 gram.

Poção purgativa com manná.

Sene	8 gram.	Sulfato de soda	16 gram.
Agua fervendo	100 gram.	Manná	60 gram.

Infunda o sene na agua fervendo por um quarto de hora; côe; ajunte ao infuso o sulfato de soda e o manná; côe. Toma-se por uma vez.

Cozimento peitoral solutivo (Cordeiro).

Cevadinha	12 gram.	Violas	4 gram.
Ameixas seccas	24 gram.	Alcaçuz	4 gram.
Agua	800 gram.	Sene	2 gram.
Borragem	4 gram.	Manná	64 gram.

Ferva a cevadinha e as ameixas em 800 grammas d'agua para obter 400 grammas de cozimento; infunda n'este cozimento por meia hora a borragem, as violas, o alcaçuz e o sene, côe, solva o manná, e côe novamente.

MANNITA (Mannite, fr.). Principio crystallizavel do manná. Obtem-se dissolvendo o manná em agua a ferver, e coando o liquido, que depois de frio, se transfomará em massa corada. Espreme-se esta massa por panno, e dissolve-se em q. s. d'agua a ferver, misturada com carvão animal. Filtra-se depois o liquido, e deixa-se em lugar quente. A mannita depositar-se-ha sob a fórma de prismas rhomboidaes. É branca, de sabor agradavel doce, soluvel em agua e no alcool quente. É pouco soluvel no alcool frio.

A mannita não é um principio purgativo do manná; na dóse de 30 grammas não provoca evacuações. O effeito purgativo do manná é devido a uma substancia resinosa, que se acha mais abundante no manná gordo do que no manná em lagrimas. Com a mannita fazem-se pastilhas contra a tosse.

MARAVILHA, Bonina, Boas ou **Bellas noites.** (Belle de nuit, fr.). *Mirabilis dichotoma*, L. Nyctagineas. Planta commum no Brasil, cultivada em Portugal. Fig. 241. Caule de muitos pés de altura, avermelhado; folhas ovaes, pontudas; flor vermelha, amarella, branca, ou raiada de branco-vermelho e branco-amarello, de cheiro agradavel; esta flor abre-se de noite, e fecha-se pela manhã. Raiz de 8 a 10 pollegadas de comprimento, e de 2 de diametro, irregularmente arredondada, fusiforme, roxa-escura por fóra, branca por dentro; gosto acre, sem cheiro. Nas pharmacias acha-se esta raiz em rodellas muito finas. *P. us. Raiz.* Purgante.



Fig. 241. — Maravilha.

Internamente. *Raiz.* 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava), em pó ou pilulas.

Extracto, 30 a 60 centigrammas (6 a 12 grãos).

MARCELLA. V. MACELLA GALLEGA.

MARIANINHA. V. TRAPOERABA-RANA.

MARIA PRETA. *Conoclininium prasiifolium*, D. C. Synanthereas. Planta do Brasil. Caules cylindricos, eriçados; folhas pecioladas, alternas, ás vezes oppostas, ovaes com a base cordiforme ou troncada, denteadas; flores reunidas em capitulos terminaes; florões côr de rosa, cheiro aromatico. Estimulante; empregado para os banhos aromaticos; 1 kilogramma (2 libras) para um banho.

MARINHEIRO, ou **Gito.** *Guarea purgans*, St. Hil. Meliaceas. Arvore do Brasil. Ramos avermelhados; folhas alternas, compostas de 5 até 9 pares de foliolos oppostos, oblongos, lanceolados, glabros; flores axillares em paniculas racimosas; fructo, capsula glabra. A casca d'esta arvore é amarga, purgativa e vermifuga. Os sertanejos purgão-se tomando a infusão de 15 grammas (1/2 onça) da casca em 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo. Em dóse elevada é venenosa.

MARINHEIRO DE FOLHA LARGA, Tuaiussú, Utuapoca. *Guaræa spicæflora*, Jussieu. Meliaceas. Arvore do Brasil. A casca da arvore e principalmente a casca da raiz são purgativas, mas devem ser empregadas com prudencia.

MARINHEIRO DE FOLHA MIUDA. *Moschoxylon catharticum*, Mart. Meliaceas. Arvore do Brasil (Minas, Bahia, Pernambuco). O cozimento da casca da raiz é usado em clysteres nas febres intermittentes.

MARIRIÇÓ, Baririçó, ou **Capim rei.** *Sisyrinchium galaxioides*, Gomes, ou antes *Poarchon fluminensis*, segundo o Dr. Francisco Freire Allemão. Planta cultivada nos arredores do Rio de Janeiro. Irideas. Eis-aqui o resumo da descripção d'esta planta, feita pelo distincto Professor acima citado. Rhizoma tuberiforme, cylindrico, vertical, tendo até 5 centimetros de comprimento, e 2 1/2 de grossura, obtuso em baixo, subcarnoso e marcado de linhas transversaes; de côr açafroada; todo coberto de raizes fibrosas, roliças e longas. Este rhizoma chama-se vulgarmente *Cabeça de mariricó.* Folhas ensiformes, reunidas no alto do rhizoma, chegando a mais de 45 centimetros de comprimento, e 1 a 2 centimetros de largura, planas. Caule, ou antes pedunculo axillar, unico para cada inflorescencia, elevando-se além da altura das folhas, comprimido, fistuloso. Flores solitarias na axilla de cada bractea, amarellas. O fructo é uma capsula oblonga, obtusa; sementes numerosas. *P. us. Rhizoma*, vulgarmente *raiz* ou *cabeça.*

As cabeças de mariricó purgão brandamente, tomadas pela bocca ou em clysteres, na dóse de 12 a 16 grammas (3 a 4 oitavas) para um adulto. Para este fim assão-se no borralho seis a oito cabeças de mariricó e comem-se; bebe-se, depois, meio copo d'agua.

A cabeça de mariricó é composta de fecula amylacea, e de um principio acre, no qual reside, em um grão energico, a sua virtude emeto-cathartica. A fecula da raiz, que se encontra no commercio, é em fórma de farinha branca, de gosto amylaceo; não possue propriedades particulares, serve de vehiculo a uma preparação que se acha nas boticas do Rio de Janeiro, e que se chama *Purgante de mariricó.* A composição d'este purgante e a sua dóse varião nas boticas; ordinariamente compõe-se de assucar, escamonéa, resina de jalapa, e resina de batata, substancias sem as quaes a farinha de mariricó não produziria effeitos purgativos.

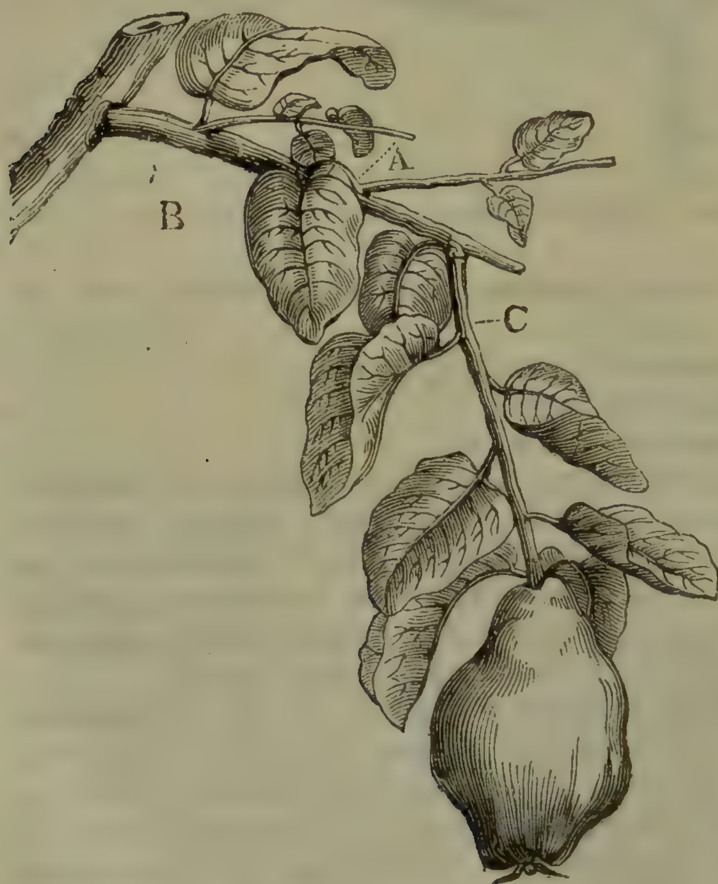


Fig. 242. — Marmelo de Portugal.

MARMELO (Coing, fr.). Fructo do marmeleiro, *Pyrus cydonia*, L., arvore cultivada no Brasil e em Portugal. Rosaceas-pomaceas. Fig. 242. Este fructo é adstringente. Com o sumo prepara-se um xarope que se emprega na dóse de 1 a 2 onças, em cozimentos apropriados nas diarrheas chronicas. As sementes

(pevides) contém bastante mucilagem, e a sua infusão usa-se como chá nas tosses, ou em gargarejos e collyrios como emolliente.

Internamente. *Infusão :* Sementes de marmelo 8 gram. (2 oit.), agua fervendo 500 grammas (16 onças).

Xarope (p. 136), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Gelea de marmelos. V. p. 495.

Mucilagem de marmelo (Cod. fr.).

Sementes de marmelo	1 gram.	Agua morna	5 gram.

Deixe em contacto por 6 horas, agitando de vez em quando, e côe com espressão.

Poção contra a cholerina.

Xarope de marmelos	30 gram.	Tintura de canella	20 gottas
Tintura de cato	10 gram.	Agua de Rabel	20 gottas
Agua commum	90 gram.	Laudano de Sydenham	20 gottas

M. Uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas.

MARROIO BRANCO (Marrube, fr.). *Marrubium vulgare,* L. Labiadas. Planta da Europa; habita no Brasil na provincia de S. Paulo. Caule velloso, esbranquiçado; folhas ovaes, pennugentes; flores pequenas, brancas; gosto de um amargo franco, cheiro aromatico. *P. us. Toda a planta.* Tonico e estimulante, empregado nas bronchites. O chá de marroios brancos usa-se tambem como emmenagogo.

Internamente. *Infusão :* 2 gram. (1/2 oitava) para 250 gram. (8 onças) d'agua fervendo.

MARUPÁ. V. SIMARUBA.

MASSARANDÚBA. *Mimusops excelsa,* Freire Allemão. Sapotaceas. Arvore do Brasil (Pará). Fornece um succo branco, muito saboroso, quando liquido, que se bebe com chá ou café; usa-se tambem em mingáos : é reputado como peitoral e analeptico. Coagula-se em 24 ou 30 horas, e assemelha-se, depois de coagulado, á gutta-percha, gozando o mesmo gráo de elasticidade.

MASTIQUE. V. ALMÊCEGA.

MASTRUÇO. *Senebiera pinnatifida,* D. C. Cruciferas. Planta que habita no Brasil. Folhas pinnatas, foliolos pequenos, incisos, de sabor acre e picante; flor branca. *P. us. Toda a planta.* Excitante e antiscorbutico.

Internamente. 4 gram. (1 oitava) para 500 gram. (16 onças) d'agua fervendo.

Sumo espresso, 60 a 120 grammas (2 a 4 onças).

MATA-CANNA. V. CAA-ATAYA.

MATAPASTO. V. FEDEGOSO.

MATE ou **Congonha.** *Ilex paraguariensis,* Lambert. Illicineas. Arbusto de que se faz no Paraguay o objecto de uma cultura importante; acha-se no Brasil nas provincias de S. Paulo e do Paraná. A infusão das folhas é usada como o chá da India; constitue uma bebida estimulante e sudorifica.

MATICO (Matico, fr.). Especie de pimenteira da America meridional, *Piper angustifolium,* Ruiz e Pavão, que habita sobretudo no Perú. Piperineas. *P. us. Folhas.* Tem 5 a 20 centimetros de comprido; são oblongas, lanceoladas, sabor acre e amargo, cheiro aromatico semelhante ao de cúbebas e de hortelã-pimenta. A infusão d'estas folhas emprega-se contra a diarrhea, dysenteria, leucorrhea, e sobretudo contra a blennorrhagia. As mesmas folhas reduzidas a pó, e applicadas sobre as feridas, suspendem as hemorrhagias.

☞ **Internamente.** *Pó*, 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).

Infusão : Matico 16 gram. (4 oitavas); agua fervendo 360 gram (12 onças).

Tintura (p. 122), 4 grammas (1 oitava) em poção.

Xarope (Dorvault). Matico 100 p., agua 1000. Distille até obter 100 p. de producto. Esprema o residuo, ajunte ao liquido espremido 700 p. de assucar, coza de modo que ajuntando a primeira agua distillada obtenha um xarope de gráo ordinario, e filtre. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

MATRUZ. V. HERVA DE SANTA-MARIA.

MEIMENDRO BRANCO (Jusquiame blanche, fr.). *Hyosciamus albus*, L. Solanaceas. Não differe do meimendro negro senão por suas folhas mais redondas, e pela côr branca das flores. As suas propriedades medicinaes são as mesmas, mas não se emprega em medicina.



Fig. 243. — Meimendro negro.

MEIMENDRO NEGRO (Jusquiame noire, fr.). *Hyosciamus niger*, L. Solanaceas. Planta europea, importada no Brasil; acha-se em S. Paulo, Santa Catharina e no Rio Grande do Sul : em Portugal habita pelos caminhos, ruinas de edificios na Beira e norte do Reino. Fig. 243. Caule de 1 a 2 pés, ramoso, avelludado, viscoso; folhas angulosas, profundamente sinuadas nas margens, avelludadas; flores amarelladas, com estrias rubras, em espiga unilateral; cheiro fetido, sabor adocicado; raiz fusiforme, esbranquiçada; fructo alongado; sementes cinzentas, ovaes, comprimidas, negras quando maduras. *P. us. Toda a planta.*

Planta venenosa, cujas folhas forão algumas vezes tomadas pelas da chicoria, e as raizes pelas da pastinaca. Administrada em peque-

nas dóses é de grande soccorro na therapeutica. Emprega-se como calmante do systema nervoso, na epilepsia, hypochondria, alienação mental, colica de chumbo, tico doloroso da face, tremor dos membros, nevralgias, convulsões, etc. Externamente as suas folhas applicão-se nos tumores e nas ulceras. Estas mesmas folhas, picadas e fumadas á maneira dos cigarros, forão propostas contra as affecções nervosas do peito. O meimendro ingerido em alta dóse produz os symptomas seguintes : espasmos, accessos de loucura, delirio, coma, cegueira, dilatação da pupilla, enfraquecimento do systema muscular, lentidão do pulso, ás vezes acceleração. Na dóse de 8, 12 ou 16 gram. (2, 3 ou 4 oitav.), o extracto de meimendro occasiona a morte.

Internamente. *Pó*, (p. 113), 10 a 60 centigram. (2 a 12 grãos).

Extracto (p. 89, 91 e 92), 5 a 20 centigrammas (1 a 4 grãos).

Alcoolatura (p. 68), 5 a 20 gottas em poção.

Tintura (p. 123), 5 a 20 gottas em poção.

Tintura etherea (p. 124), 5 a 20 gottas em poção.

Pilulas de Meglin (Cod. fr.).

Extracto de meimendro	5 centig.	Oxydo de zinco	5 centig.
Extracto de valeriana	5 centig.		

F. 1 pilula, e como esta mais onze. D. 1 até 4 por dia. Nevralgias, epilepsia, tico doloroso.

Pilulas de meimendro e cicuta.

Extracto de meimendro	25 millig.	Alcaçuz em pó	q. s.
Extracto de cicuta	25 millig.		

F. 1 pilula, e como esta mais onze. D. 1 a 2 como calmante no cancro.

Externamente. *Infusão :* Folhas seccas de meimendro 50 gram. (1 1/2 onça), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda durante 1 hora, e côe com espressão por coador de lã (Cod. fr.). Em injecções, lavatorios e para cataplasmas.

Oleo de meimendro (p. 100), em fricções.

Cigarrilhas de folhas de meimendro (p. 73). Fumão-se na asthma.

Ceroto de extracto de meimendro (Cod. fr.).

Extracto de meimendro	1 gram.	Ceroto de Galeno	9 gram.

Misture em almofariz. Calmante.

Glycereo de extracto de meimendro (Cod. fr.).

Extracto de meimendro	10 gram.	Glycereo de amido	100 gram.

Amolleça o extracto com um pouco d'agua, e misture-o com o glycereo de amido.

Pomada mercurial anodyna (Weller).

Extracto de meimendro	60 centig.	Unguento napolitano	4 gram.
Opio	30 centig.		

M. Em fricções por cima das sobrancelhas, nas ophthalmias agudas.

Cataplasma calmante.

Meimendro negro	15 gram.	Dormideiras	4 gram.

Agua q. s. para ter 180 gram. (6 onças) de decocto. Ajunte q. s. de farinha de linhaça.

Linimento sedativo (Ricord).

Oleo de meimendro	50 gram.	Extracto de belladona	1 gram.
Camphora	1 gram.	Chloroformio	1 gram.
Laudano de Rousseau	1 gram.		

M. Em fricções, tres a quatro vezes por dia, contra as nevralgias e dôres rheumaticas.

MEL DE ABELHAS (Miel, fr.). É uma substancia doce, molle ou liquida, branca-amarellada, de sabor e cheiro mais ou menos agradavel, colhida nas flores pelos insectos chamados *abelhas* (fig. 244), que a engolem, preparão, e depõem depois nos alveolos de seus cortiços. É soluvel em agua e no alcool. O mel offerece grande numero de variedades conforme o seu estado de pureza, conforme os lugares, as estações, abelhas e plantas que o fornecem. É um alimento salubre e agradavel. Emprega-se para adoçar os cozimentos e os gargarejos. Forma a base das preparações officinaes, conhecidas pelo nome de *mellites* e *oxymeis*. Na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças), goza de propriedades laxativas, principalmente nas crianças. Misturado com agua ou cozimento, na dóse de 30 grammas (1 onça) para 360 grammas (12 onças) de liquido, é emolliente, diluente, relaxante. Puro, é usado nas bronchites. É tambem um agente de conservação; todavia os mellites não se conservão tão bem como os xaropes de assucar.


Fig. 244. — Abelha domestica.

Mellite simples, xarope de mel ou *mel despumado* (p. 98), 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) para edulcorar as bebidas dos doentes.

Balsamo de mel (Hill).

Mel de abelhas	250 gram.
Bals. de Tolú	30 gram.
Estoraque liq.	8 gram.
Opio	4 gram.
Alcool	1000 gram.

Macere durante 8 dias, e côe. Uma colher *de chá*, uma ou duas vezes p.r dia, em meia chicara d'agua morna, na bronchite. (Remedio privilegiado ingl.).

Agua de mel. Cosmetico. V. *Receitas diversas.*

MELILOTO, Trevo de cheiro, Coroa de rei. (Mélitot, fr.). *Melilotus officinalis*, Willd. Leguminosas-papilionaceas. Pequena planta cujas flores adquirem pela deseccação cheiro benzoico. Leve adstringente e bechico. Prepara-se com elle uma agua distillada, empregada em collyrios.

Emplasto de meliloto (p. 81). Applica-se nas dôres do peito.

MELISSA. V. Herva cidreira.

MENTRASTO. V. Herva de S. João.

MENTRUZ. V. Herva de Santa-Maria.

MERCURIAL (Mercuriale, fr.) *Mercurialis annua*, L. Euphorbiaceas. Planta commum em Portugal. Caule de ramos encruzados; folhas glabras, oppostas, ovadas-lanceoladas; cheiro fetido, sabor algum tanto amargo. *P. us. Toda a planta.* Purgante. Seu cozimento emprega-se em clysteres. 15 grammas (1/2 onça) para 500 grammas (16 onças) d'agua.

Mellite ou *mel de mercurial* (p. 98), 60 grammas (2 onças) em clyster, como purgante.

MERCURIO, Azougue, ou **Hydrargyro** (Mercure, fr.). Metal liquido, brilhante, branco-azulado, sem cheiro nem sabor, mui pesado. Existe no estado nativo, mas em mui pequena quantidade. Extrahe-se sobretudo do sulfureto de mercurio por uma especie

de distillação na Idria, na Carniola, e principalmente em Almaden na Hespanha, d'onde o expedem em garrafas de ferro. Existe tambem na China, Mexico, Nova Granada, Perú e California. Agitado por muito tempo, ao contacto do ar, ou abrigado d'elle, transforma-se em um pó preto, que foi tomado pelo protoxydo de mercurio, mas que não é senão o mercurio mui dividido, ou *extincto*, como se diz ordinariamente. Outro tanto acontece, quando o mercurio foi extincto pela agua. É volatil mesmo na temperatura ordinaria : o que explica os effeitos nocivos, esses tremores que os operarios experimentão em todas as industrias que empregão o mercurio.

O mercurio é um remedio especifico das molestias syphiliticas; emprega-se tambem com vantagem contra as boubas e outras affecções cutaneas. Externamente em fricções aproveita na peritonite, metrite, erysipela, panaricio, inflammações cellulares, ophthalmias purulentas, phlegmasia alba dolens, enfartes chronicos das visceras, tumores brancos, rheumatismos e molestias das glandulas lymphaticas. 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) de mercurio metallico, tomados internamente, são sufficientes para combater os symptomas primitivos da syphilis, ao passo que para destruir os seus symptomas secundarios são necessarios 12 grammas (3 oitavas) e até mais.

Os symptomas primitivos da syphilis sárão ás vezes sem mercurio, mas está bem provado que a syphilis consecutiva é mais commum quando os symptomas primitivos não forão combatidos pelas preparações mercuriaes.

O mercurio e todas as suas preparações, continuadas por algum tempo, produzem inchação das gengivas, feridas na lingua, e provocão abundante secreção de saliva. Para diminuir esta susceptibilidade dos orgãos salivares, póde-se associar o opio ao mercurio. Quando o humorismo reinava nas escolas, pensava-se que a salivação era um meio depurativo salutar, uma via de eliminação do virus syphilitico, que com dóses novas de mercurio convinha cuidadosamente entreter. Os progressos da sciencia, porém, tem mudado as idéas a esse respeito. Hoje administra-se o mercurio em pequenas dóses : se a salivação apparece, suspende-se o tratamento, e não se continua senão depois de cessada a irritação dos orgãos bocaes. D'esta maneira destroe-se o virus syphilitico, sem produzir os graves accidentes que se occasionavão outr'ora, e que são a causa da grande repugnancia que ainda hoje muitas pessoas tem para o mercurio. Para que o mercurio produza effeito therapeutico, é necessario que elle seja administrado n'um estado de extrema divisão.

Mercurio purificado (Cod. fr.). O mercurio que fornece o commercio contém sempre, em maior ou menor quantidade, estanho, zinco, bismutho, cobre, etc. Purifica-se do modo seguinte : Mercurio do commercio, 2000 grammas; acido azotico a 1,42 20 grammas. Introduz-se o mercurio n'um frasco de capacidade sufficiente, e ajunta-se-lhe o acido azotico diluido em duas vezes o seu volume d'agua; agita-se de tempo em tempo, e 24 horas depois tira-se por decantação a solução que sobrenada, e que contém os metaes estranhos; lava-se com bastante agua o mercurio assim purificado, e faz-se seccar entre papel pardo.

Internamente. 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) duas vezes por dia, em pilulas.

Mercurio gommoso de Plenck.

Mercurio	1 part.	Xarope diacodio	4 part.
Gomma arabica pulveriz.	3 part.		

Triture em gral de porcelana até á extincção do mercurio. —

D. 20 a 80 centigrammas (4 a 16 grãos). Em cada 40 centigrammas (8 grãos) ha 5 centigrammas (1 grão) de mercurio.

Pilulas mercuriaes simples ou *Pilulas azues* (Cod. fr.).

Mercurio puro	20 gram.	Alcaçuz em pó	10 gram.
Conserva de rosas	30 gram.		

Misture o mercurio com a conserva até desapparecerem os globulos; ajunte o pó de alcaçuz, e divida a massa em 400 pilulas. Cada uma contém 5 centigrammas (1 grão) de mercurio.

Pilulas mercuriaes saponaceas ou *pilulas de Sédillot* (Cod. fr.).

Unguento napolitano	30 gram.	Alcaçuz em pó	10 gram.
Sabão medicinal em pó	20 gram.		

Faça massa homogenea, que dividirá em pilulas de 20 centigrammas. D. 2 a 4 por dia. Cada pilula contém 5 centigram. (1 grão) de mercurio metallico.

Pilulas mercuriaes de Biett.

Unguento napolitano	10 centig.	Salsaparrilha em pó	10 centig.

F. 1 pilula, que contém 5 centigrammas (1 grão) de mercurio metallico. D. 1 a 4 pilulas por dia, na syphilis.

Pilulas mercuriaes purgativas ou *Pilulas de Belloste* (Cod. fr.).

Mercurio	30 gram.	Escamonéa em pó	10 gram.
Aloes em pó	30 gram.	Pimenta da India em pó	5 gram.
Rhuibarbo em pó	15 gram.	Mel de abelhas.	30 gram.

Triture o mercurio com o mel e com uma parte do aloes, até á extincção do mercurio. Ajunte o resto do aloes, depois a escamonéa, emfim os outros pós, previamente misturados. Divida depois a massa em pilulas de 20 centigrammas (4 grãos). Cada uma contém 5 centigrammas (1 grão) de mercurio. D. 1 a 2 como antisyphiliticas.

Pilulas napolitanas (Martin Solon).

Unguento napolitano	5 centig.	Extracto de opio	2 centig.
Extracto de cicuta	3 centig.		

F. 1 pilula, e como esta mais 29. D. 2 a 8 por dia. Syphilis, dartros.

Pilulas mercuriaes de Plenck.

Mercurio	2 centig.	Extracto de cicuta	2 centig.
Mel de abelhas	4 centig.	Alcaçuz em pó	4 centig.

F. 1 pilula, e como esta mais 59. D. 2 a 6 por dia. Syphilis.

Externamente. *Emplasto mercurial de Vigo.* (p. 81). Applica-se nos bubões.

Emplasto contra as dôres osteocopas (Ricord).

Emplasto de Vigo	15 gram.	Extr° gommoso de opio	1 gram.
Emplasto de cicuta	15 gram.		

Pomada ou *Unguento mercurial duplo*, *napolitano* ou *de Beaumé* (Cod. fr.).

Mercurio metallico	500 gram.	Cera branca	40 gram.
Banha benzoinada	460 gram.		

Derreta a banha com a cera, deite uma porção da mistura com o mercurio em tacho de ferro, que exporá a uma temperatura moderada, afim de manter o corpo gordo no estado semi-fluido; mexa com o pilão até á divisão completa do mercurio; ajunte, depois, o resto da mistura da banha e da cera. D. 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) por dia, em fricções.

Pomada ou *Unguento cinzento* (Cod. fr.).

Unguento napolitano	100 gram.	Banha benzoinada	300 gram.

Misture em almofariz.

É perigoso fazer uncções de pomadas mercuriaes sobre a pelle impregnada de pomada de iodureto de potassio : uma composição caustica, provavelmente o bi-iodureto de mercurio, forma-se e determina a cauterização superficial da pelle. Deve-se receiar este inconveniente sobretudo na pelle do escroto.

Pomada fundente (Ricord).

Extracto de belladona	4 gram.	Laudano de Rousseau	4 gram.
Camphora	4 gram.	Ung.° mercurial duplo	30 gram.

M. Em fricções, uma vez por dia; 4 grammas (1 oitava) para cada fricção; contra o engurgitamento do epididymo.

Pomada ophthalmica de Sichel.

Unguento napolitano........................ 8 grammas

D. Uma porção do tamanho de uma azeitona, para friccionar a testa 5 a 6 vezes por dia, nas ophthalmias violentas.

Ceroto mercurial (Cod. fr.).

Pomada mercurial dup.	100 gram.	Ceroto de Galeno	100 gram.

Misture em almofariz. Para curar os cancros venereos.

Pomada mercurial opiada.

Pomada napolitana	30 gram.	Ceroto opiado	30 gram.

M. D. 4 grammas (1 oitava), 2 vezes por dia, em fricções no ventre, na peritonite.

Unguento digestivo mercurial (Cod. fr.).

Pomada napolitana	100 gram.	Unguento digestivo	100 gram.

M. Para curar as ulceras venereas atonicas.

Pomada citrina ou *Unguento citrino* (Cod. fr.).

Banha	40 gram.	Mercurio	4 gram.
Azeite doce	40 gram.	Acido nitrico a 1,42	8 gram.

Dissolva a frio o mercurio no acido nitrico; derreta, á parte, e a calor brando, a banha no azeite. Deixe esfriar um pouco os corpos gordos; ajunte-lhes a dissolução mercurial; mexa para misturar exactamente, e deite a pomada em moldes de papel. Aconselhada em fricções contra a sarna na dóse de 3 a 12 gram. (1 a 3 oitavas) por dia, mas produz facilmente a salivação. É melhor empregar a pomada d'Helmerik, composta de enxofre e de sub-carbonato de potassa. V. p. 348.

OXYDO RUBRO DE MERCURIO. **Bioxydo de mercurio, Deutoxydo de mercurio, Precipitado rubro, Pós de Joannes** (Oxyde rouge de mercure, bioxyde de mercure, précipité rouge, fr.). É de côr rubra-alaranjada, quasi insoluvel em agua (1/7000), mais soluvel no alcool. Catheretico, venenoso; empregado sobretudo externamente, nas excrescencias fungosas, ulceras boubaticas e syphiliticas, entra na composição de muitas pomadas ophthalmicas.

Internamente. 6 milligram. a 1 centigram. (1/8 a 1/5 de grão), em pilulas.

Pilulas antiboubaticas do Dr. Castro.

Deutoxydo de mercurio	6 millig.	Extr.° de salsaparrilha	10 centig.
Extracto de caroba	10 centig.		

F. 1 pilula, e como esta mais 39. Para tomar uma pilula pela manhã, e outra á noite.

Externamente :

Pomada de precipitado rubro ou *de Lyão* (Cod. fr.).

Pomada rosada	15 gram.	Precipitado rubro	1 gram.

Faça a mistura sobre o porphyro. Ophthalmias palpebraes.

Pomada ophthalmica de Regent (Cod. fr.).

Oxydo rubro de merc.	1 gram.	Camphora	10 centig.
Acetato de chumbo crystallizado	1 gram.	Manteiga ou banha fresca	18 gram.

Porphyrize o acetato de chumbo com o oxydo de mercurio; ajunte a camphora, depois a manteiga, moendo exactamente sobre o porphyro, para obter pomada homogenea. Applica-se sobre a margem ciliar das palpebras a porção do tamanho de uma ervilha, nas ophthalmias chronicas.

Pomada ophthalmica de Desault (Cod. fr.).

Oxydo rubro de merc.	1 gram.	Pedra-hume	1 gram.
Oxydo de zinco	1 gram.	Sublimado corrosivo	15 centig.
Acetato de chumbo cryst.	1 gram.	Pomada rosada	8 gram.

Porphyrize com muito cuidado os oxydos e os saes, ajunte a pomada rosada, moendo exactamente sobre o porphyro para obter pomada homogenea. — Emprega-se como a precedente.

Pomada ophthalmica de Grandjean.

Pós de Joannes	1 gram.	Ceroto	4 gram.

Pomada ophthalmica de Dupuytren.

Oxydo rubro de merc.	1 part.	Banha	96 part.
Sulfato de zinco	2 part.		

F. S. A. Emprega-se como as precedentes.

Pomada mercurial opiada de Weller.

Oxydo rubro de merc.	25 centig.	Banha	5 gram.
Laudano de Sydenham	2 gram.		

Applica-se, uma ou duas vezes por dia, a porção do tamanho da cabeça de um alfinete, para destruir as belidas da cornea.

Pomada ophthalmica (Cunier).

Pós de Joannes	20 centig.	Ceroto	2 gram.
Oleo de figº de bacalháo	4 gram.		

Emprega-se contra as belidas.

Unguento roxo.

Unguento basilicão	50 gram.	Precipitado rubro	3 gram.

Para curar os cancros syphiliticos indolentes.

Pomada antisyphilitica (Gibert).

Ceroto opiado	25 centig.	Pós de Joannes	50 centig.

M. Para curar as ulceras venereas estacionarias.

Mel mercurial de Swediaur.

Oxydo rubro de merc.	40 centig.	Mel de abelhas	30 gram.
Assucar	40 centig.		

M. Para curar as ulceras syphiliticas.

Glycereo de precipitado rubro.

Precipitado rubro	1 gram.	Glycerina	30 gram.

M. Blepharite chronica. Unta-se levemente a margem livre das palpebras.

BROMURETO DE MERCURIO. V. p. 316.

PROTOCHLORURETO DE MERCURIO, **Calomelanos** ou **Mercurio doce** (Protochlorure de mercure, calomel ou mercure doux, fr.). Tres são os modos pelos quaes podem obter-se os calomelanos; e

posto que, chimicamente fallando, elles sejão sempre a mesma substancia, suas propriedades varião segundo a cohesão differente que o producto apresenta :

1° **Protochlorureto pulverulento** ou **Calomelanos por vapor.** Obtem-se fazendo chegar a um mesmo espaço vapores de calomelanos e vapores d'agua, recolhe-se o producto, divide-se por porphyrização, e submette-se a lavagens exactas. É a melhor preparação para uso interno, em razão da sua extrema divisão, da sua absorpção mais facil, e da sua maior pureza. Apresenta-se debaixo da fórma de pó mui branco, fino, todavia como crystallino, inodoro, insipido, insoluvel em agua e no alcool; peso específico 7,14. São os *calomelanos por vapor* que devem ser aviados pelo pharmaceutico, quando o medico não indica na receita a especie dos calomelanos.

2° **Protochlorureto de mercurio por precipitação** ou *Precipitado branco*, não tem a pureza dos calomelanos por vapor; retem acido chlorhydrico, acido azotico, ou chlorureto de sodio, conforme o modo que se seguio na sua preparação; o que o torna ás vezes perigoso. É reservado só para uso externo.

3° **Protochlorureto de mercurio por sublimação.** Preferem-se-lhe os calomelanos por vapor. — A exposição que segue refere-se especialmente aos calomelanos por vapor.

Administrado em dóse um pouco elevada, o protochlorureto de mercurio exerce acção purgante e vermifuga. Em dóse fraca e continuada goza das propriedades geraes das outras preparações mercuriaes, e, como ellas, produz salivação. Emprega-se internamente na peritonite, nas inflammações do figado, do baço, da arachnoide e do cerebro, no hydrocephalo, hydropisia, boubas, etc. Raras vezes se usa como antisyphilitico; e nunca se deve empregar como purgativo e vermifugo, visto que existem muitas outras substancias que preenchem estas indicações. Externamente entra na composição das pomadas antidartrosas.

Substancias incompativeis. Os acidos e o sal commum convertem-n'o em sublimado corrosivo venenoso. O iodureto de potassio e o hydrochlorato de ammoniaco tornão o protochlorureto de mercurio soluvel e venenoso. As outras substancias incompativeis são : os alcalis, a agua de cal, os sulfuretos de potassa e de antimonio, o ferro, o cobre, o acido prussico, as amendoas amargas, a agua de louro-cereja, etc. Os calomelanos nunca devem ser administrados em agua de loura-cereja, nem com a emulsão de amendoas porque estas substancias produzem, pela reacção, cyanureto de mercurio eminentemente venenoso; nem com os alimentos salgados, nem com os liquidos alcalinos, que os convertem parcialmente em bichlorureto.

Internamente. Como purgante, 25, 75 a 120 centigrammas (5, 15, até 24 grãos). Como alterante, 5 a 25 centigrammas (1 a 5 grãos), por dia, em pó, puro ou misturado com assucar, ou em pilulas com algum extracto.

Pós antidysentericos (Ellis).

Calomelanos	7 1/2 centig.	Ipecacuanha	5 centig.
Opio	2 1/2 centig.		

F. 1 papel, e como este mais onze. D. 1 papel quatro vezes por dia.

Pós fundentes (Most).

Calomelanos	25 millig.	Alcaçuz em pó	50 centig.
Extracto de opio	25 millig.		

F. 1 papel, e como este mais onze. D. 3 a 4 por dia. Edema das parturientes.

Pilulas de calomelanos.

Calomelanos	5 centig.	Xarope de gomma	q. s.
Sumo de alcaçuz	10 centig.		

F. 1 pilula. D. 2 a 24 por dia.

Pilulas alterantes de Plumer.

Calomelanos	5 centig.	Enxofre dourado de antimonio	5 centig.
Extracto de fumaria	5 centig.		

F. 1 pilula. D. 1 a 3 por dia, nas molestias syphiliticas e dartrosas.

Pilulas de cicuta e de calomelanos (Gama).

Extracto de cicuta	10 centig.	Calomelanos	5 centig.

F. 1 pilula, e como esta mais 23. D. 1 a 6 por dia, nas inflammações chronicas dos testiculos.

Pilulas de calomelanos de Ricord.

Calomelanos	5 centig.	Sabão medicinal	10 centig.
Folhas de cicuta em pó	10 centig.		

F. 1 pilula, e como esta mais 23. Principia-se por 1 por dia, e augmenta-se todos os 5 dias, até á dóse de 6 pilulas por dia, nos engurgitamentos dos testiculos que persistem depois das gonorrheas.

Pilulas anti-ictericas (Cadet).

Calomelanos	5 centig.	Extracto de saponaria	10 centig.

F. 1 pilula, e como esta mais 23. D. 2, 3 a 4 por dia.

Pilulas antidysentericas (Boudin).

Calomelanos	10 centig.	Opio	2 centig.
Ipecacuanha	10 centig.	Mucilag. de gomma arabica	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais onze. D. Uma, quatro vezes por dia, nas diarrheas e dysenterias, que reinão nos paizes quentes.

Pilulas de Segond.

Ipecacuanha	8 centig.	Ext° aquoso de opio	1 centig.
Calomelanos	4 centig.	Xarope simples	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais onze. D. Uma pilula de duas em duas horas, contra a dysenteria dos paizes quentes.

Pilulas contra a hydropisia.

Calomelanos	10 centig.	Rhuibarbo	5 centig.
Scilla	5 centig.	Xarope das cinco raizes	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais 23. D. 2 a 4 por dia.

Externamente :

Agua phagedenica negra.

Calomelanos	2 gram.	Agua de cal	180 gram.
Opio em pó	1 gram.		

M. triturando. Para curar as ulceras venereas. Agite cada vez.

Glycereo de calomelanos.

Calomelanos	4 gram.	Glycereo de amido	30 gram.

M. Em applicações externas, contra o eczema, impetigo, ozena.

Mel de calomelanos (Swediaur).

Calomelanos	2 gram.	Mel de abelhas	15 gram.

M. para curar as ulceras venereas.

Pomada de calomelanos (Cod. fr.).

Calomelanos	3 gram.	Banha benzoinada	27 gram.

Misture sobre o porphyro. Em fricções contra as erupções chronicas da pelle; e para curar as ulceras syphiliticas.

Pomada de calomelanos camphorada (Cazenave).

Calomelanos	2 gram.	Banha	30 gram.
Camphora	30 centig.		

M. Contra as empigens do rosto.

Pomada antiherpetica.

Calomelanos	5 gram.	Banha	40 gram.
Enxofre sublimado	5 gram.		

BICHLORURETO DE MERCURIO, **Deutochlorureto de mercurio, Sublimado, ou Sublimado corrosivo** (Bi ou Deutochlorure de mercure, Sublimé ou Sublimé corrosif, fr.). Acha-se no commercio em pedaços mais ou menos volumosos, solidos, pesados, circulares, concavos de um lado, convexos do outro; é branco, crystallizado em agulhas prismaticas; inalteravel ao ar, inodoro, de sabor caustico e metallico, soluvel em 18 vezes o seu peso d'agua, soluvel no alcool e ether; peso especifico 6,32.

Um dos mais violentos venenos : ingerido na dóse de 20 a 40 centigrammas (4 a 8 grãos), corroe as membranas do estomago, produz um calor acre e ardente na garganta e na região epigastrica, vomitos, dejecções alvinas, dôres atrozes, phenomenos nervosos e a morte. Quando se quer utilizar o sublimado como agente medicinal, administra-se em pequenas dóses, como 1/2 centigramma (1/10 de grão). Depois da ingestão d'esta pequena quantidade, percebe-se ainda o seu caracter irritante sobre os orgãos da digestão. Ao mesmo tempo um movimento fluxional se dirige sobre os orgãos salivares, apezar de ser o sublimado d'entre todas as preparações mercuriaes a que menos frequentemente produz a salivação. 2 gram. (40 grãos) curão os symptomas primitivos da syphilis; entretanto que 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) de mercurio metallico tomados internamente são apenas sufficientes para obter este resultado. O sublimado por conseguinte não produzirá os accidentes que se attribuem ao abuso dos mercuriaes. Além d'isto, com o sublimado obtem-se melhores vantagens na syphilis constitucional do que com os outros compostos mercuriaes, e por todas estas razões deve ser empregado com preferencia. Além do seu emprego na syphilis, administra-se tambem internamente com proveito nas boubas e nos dartros; e externamente em lavatorios contra a tinha, em collyrios contra as ophthalmias, em gargarejos contra as ulcerações syphiliticas da garganta, etc. Externamente, em solução concentrada actua como escarotico. A sua dissolução alcoolica emprega-se para a conservação das substancias organicas.

Substancias incompativeis. Tão grande é o numero de substancias que decompõem o sublimado, principiando pela agua commum, saliva e succos gastricos, que não é possivel administra-lo isento de qualquer alteração. Nada prova, entretanto, que elle deva actuar como deutochlorureto para ser efficaz; tudo, pelo contrario, leva a crer que isto nunca acontece. Convem, todavia, evitar as substancias que produzem reacções mui notaveis, como a agua commum, por causa dos saes que ella contém; os alcalis, os carbonatos alcalinos, o emetico, o sulfureto de potassa, o sabão, o ferro, o cobre, o chumbo, o mercurio metallico, as decocções vegetaes adstringentes, as aguas distilladas das plantas. A gomma e o assucar tem uma acção lenta sobre o sublimado.

Internamente. 1/2 centigramma a 15 milligrammas (1/10 a 1/3 de grão) duas vezes por dia, em pilulas ou dissolvido em agua distillada.

Pilulas antiherpeticas (Double).

Sublimado corrosivo	1/2 centig.	Extracto de aconito	5 centig.

F. 1 pilula, e como esta mais 19. D. 1 a 2, duas vezes por dia.

Pilulas mercuriaes (Cullerier).

Sublimado corrosivo	1 centig.	Gomma pulverizada	2 centig.
Farinha de trigo	15 centig.	Agua distillada	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais 19. D. 1 a 2 pilulas por dia.

Pilulas antisyphiliticas de Dupuytren (Cod. fr.).

Sublimado corrosivo	1 centig.	Extracto de guaiaco	4 centig.
Extracto de opio	2 centig.		

F. 1 pilula, e como esta mais 19. D. 1 a 2 pilulas por dia.

Licor de Van-Swieten (Cod. fr.).

Bichlorureto de mercurio	1 gram.	Alcool a 80°	100 gram.
Agua distillada	900 gram.		

Dissolva o bichlorureto no alcool, ajunte depois a agua distillada. Esta solução contém 1 millesimo de bichlorureto; ou 1 centigramma por 10 grammas. É a maneira mais conveniente de administrar o sublimado. D. 5 a 15 grammas (1 1/4 a 4 oitavas) n'um copo d'agua ou de cozimento de salsaparrilha, duas vezes por dia. Cada 5 grammas (1 1/4 de oitava) contém 1/2 centigramma (1/10 de grão) de sublimado. Anti-syphilitico geralmente adoptado.

Biscoutos depurantes de Olivier.

Preparação secreta. Estes biscoutos preparados com farinha, leite, assucar e ovo, tem 16 grammas de peso; suppõe-se que contém, cada um, 1 centigramma (1/5 de grão) de bichlorureto de mercurio. Empregão-se contra a syphilis, na dóse de 1 a 2 biscoutos por dia.

Externamente. *Em lavatorios,* 30 a 40 centigrammas (6 a 8 grãos) dissolvido em 60 grammas (2 onças) d'agua distillada.

Em *banhos,* 4 a 30 grammas (1 oitava até 1 onça), progressivamente, para 200 libras d'agua. Estes banhos tomão-se em banheira de páo, nas molestias syphiliticas constitucionaes. Trinta banhos são sufficientes. Raramente empregados.

Em *gargarejos,* 5 a 10 centigram. (1 a 2 grãos) em 120 gram. (4 onças) de liquido.

Em *collyrios,* 1 a 5 centigrammas (1/5 a 1 grão) em 30 grammas (1 onça) de liquido.

Gargarejo com sublimado (Ricord).

Decocção de cicuta e de herva moira	250 gram.	Sublimado corrosivo	10 centig.

M. Ulceras syphiliticas da garganta. Augmenta-se a dóse do sublimado até 40 centigrammas para 250 grammas de liquido.

Agua phagedenica (Cod. fr.).

Bichlorureto de mercurio	40 centig.	Agua distillada	10 gram.
		Agua de cal	120 gram.

Dissolva o bichlorureto na agua distillada, e ajunte a agua de cal: o liquido turva-se pela formação de um precipitado amarello.

Leve catheretico, empregado para curar as ulceras venereas. Agite todas as vezes que usar d'ella.

Pomada de Cirillo.

Sublimado corrosivo	4 gram.	Banha	32 gram.

Collyrio de Conrad.

Sublimado corrosivo 5 centig.
Tintura de opio 4 gram.
Infusão de flores de sabugueiro 125 gram.

M. Ophthalmias syphiliticas.

Injecção de sublimado.

Sublim.º corrosivo 5 a 20 centig.
Agua distillada 125 gram.

M. Flores brancas, gonorrhea. Esta solução póde servir tambem para curar as ulceras syphiliticas indolentes.

Lavatorio de Gowland.

Sublimado corrosivo 10 centig.
Chlorhydrato de ammoniaco 10 centig.
Emulsão de amendoas amargas 200 gram.

Em lavatorios, contra a acne, pityriase, lichen.

Collyrio contra a blepharite (Sichel).

Sublimado corrosivo 5 centig.
Agua distillada 120 gram.
Laudano de Sydenham 50 centig.
Mucilag. de marmelo 10 gram.

M. Instillão-se 2 gottas entre as palpebras, duas ou tres vezes por dia.

Lavatorio preservativo (Curtis).

Sublimado corrosivo 125 centig.
Acido chlorhydrico 25 gottas
Essencia de alfazema 3 gottas
Espirito de vinho rectificado 15 gram.
Agua distillada 500 gram.

M. Preservativo da syphilis depois de um coito suspeito. Deita-se n'um copo uma porção d'este liquido e immerge-se n'elle, por espaço de tres minutos, o membro viril, tendo o cuidado de tirar primeiro o prepucio para traz, quanto seja possivel, para desenvolver todas as rugas, onde se possa esconder o virus; depois enxuga-se com panno; e torna-se a immerger o membro em nova porção do liquido, por mais tres minutos, e enxuga-se de novo. Este lavatorio deve ser empregado o mais depressa possivel, durante as sete horas que seguirem o coito. Mas não podendo ser n'este espaço de tempo, será sempre bom empregar o lavatorio, ainda mesmo passadas as sete horas, porque, em muitas pessoas, a absorpção do virus syphilitico principia muito mais tarde.

Lavatorio cosmetico (Reveil).

Bichlorureto de mercurio 10 centig.
Sal ammoniaco 2 gram.
Alcool 15 gram.
Agua distillada de amendoas amargas 15 gram.

Dissolva e ajunte :

Emulsão de amendoas amargas........... 500 gram.

Para lavar as sardas, a pityriase, a acne, o eczema chronico.

Lavatorio antephelico (Hardy).

Agua distillada 250 gram.
Sulfato de zinco 2 gram.
Acetato de chumbo 2 gram.
Sublimado corrosivo dissolvido em q. s. d'alcool 50 centig.

M. Sardas.

O *leite antephelico de Candès*, preparação secreta, tem quasi a mesma composição.

Agua de Guerlain.

Bichlorureto de mercurio 10 centig.
Agua de louro-cereja e de flor. de peceg. 10 litros
Extracto de Saturno 125 gram.
Tintura de benjoim 15 gram.
Alcool 60 gram.

M. Em lavatorios, contra as sardas.

Lavatorio parasiticida (Bazin).

Sublimado corrosivo	1 gram.	Agua distillada	500 gram.
Alcool	10 gram.		

M. Contra a tinha e mentagra.

CHLORURETO DUPLO DE MERCURIO E DE MORPHINA. (Chlorure double de mercure et de morphine, fr.). Obtem-se este sal misturando as dissoluções aquosas de sublimado e de chlorhydrato de morphina. Forma-se um precipitado branco que, dissolvido em agua fervendo, crystalliza facilmente depois de esfriar a agua. É pouco soluvel na agua fria, mui soluvel no alcool; contém 28 partes de sublimado e 72 de chlorhydrato de morphina. É aconselhado contra as affecções syphiliticas constitucionaes, sobretudo acompanhadas de dôres nocturnas.

Internamente. 1 centigramma (1/5 de grão), uma a duas vezes por dia, em pilulas.

Pilulas de chlorureto duplo de mercurio e morphina.

Chlorureto de mercurio e morphina	1 centig.	Alcaçuz em pó	5 centig.
		Xarope de gomma	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais 19. D. 1 a 2 pilulas por dia.

CYANURETO DE MERCURIO (Cyanure de mercure, fr.). Sal branco, de sabor desagradavel, mui venenoso, crystallizado em prismas rhomboidaes, soluvel em agua, pouco soluvel no alcool.

Aconselhado nas molestias syphiliticas e dartrosas, mas deve ser empregado com muita prudencia.

Internamente. 3 a 25 milligrammas (1/16 a 1/2 grão) por dia, em dissolução ou pilulas.

Pilulas de cyanureto de mercurio (Parent).

Cyanureto de mercurio	3 millig.	Miolo de pão	5 centig.
Opio	6 millig.	Mel de abelhas	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais 23. D. 1 a 4, duas vezes por dia.

Solução cyanurada (Parent).

Cyanureto de mercurio	20 centig.	Agua distillada	250 gram.

M. D. 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas), duas vezes por dia, n'uma chicara de leite ou d'agua.

Externamente :

Pomada de cyanureto de mercurio (Parent).

Cyanureto de mercurio	60 centig.	Banha	30 gram.

M. Para curar as ulceras syphiliticas e dartrosas.

Collyrio com cyanureto de mercurio (Desmarres).

Agua distillada	100 gram.	Cyanureto de mercurio	5 centig.

M. Blepharite escrophulosa.

PROTO-IODURETO DE MERCURIO (Protoiodure de mercure, fr.). Pó amarello-esverdeado, inodoro, de sabor metallico, volatil, insoluvel em agua e no alcool. Altera-se sob a influencia da luz, pelo que deve ser guardado em frasco de vidro opaco e em lugar escuro.

Reune as propriedades do iodo e do mercurio. Antisyphilitco muito efficaz, empregado sobretudo contra a syphilis constitucional, e contra as molestias syphiliticas cutaneas. Este medicamento adquirio muita importancia na therapeutica depois que o Dr. Ricord, medico de Pariz, que se occupa com especialidade das molestias syphiliticas, deo-lhe a preferencia no tratamento d'estas molestias. Esta combinação mercurial determina o ptyalismo com facilidade, e o seu emprego exige muita attenção.

Internamente. 1 a 5 centigrammas (1/5 a 1 grão), duas vezes por dia em pilulas.

Pilulas de proto-iodureto de mercurio simples.

Proto-iodureto de mercurio	25 millig.	Extracto de zimbro	25 millig.
		Alcaçuz em pó	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais 49. D. 1 a 2 pilulas por dia.

Pilulas de proto-iodureto de mercurio (Velpeau).

Proto-iodureto de mercurio	12 millig.	Extracto de opio	12 millig.

F. 1 pilula, e como esta mais 49. D. 1 a 2 por dia.

Pilulas de proto-iodureto de mercurio (Ricord).

Proto-iodureto de mercurio	5 centig.	Extracto thebaico	15 millig.
Thridacio	5 centig.	Extracto de cicuta	10 centig.

F. 1 pilula, e como esta mais 49. D. 1 á noite, tres horas depois da ultima comida. Augmenta-se a dóse até 2 pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite. São estas pilulas a que hoje o Dr. Ricord dá a preferencia.

Pilulas de protoiodureto de mercurio (Biett).

Proto-iodureto de merc.	1 centig.	Thridacio	4 centig.

F. 1 pilula, e como esta mais 49. D. 1 a 5 nas syphilides.

Pilulas de protoiodureto de mercurio e de guaiaco (Biett).

Proto-iodureto de mercurio	2 1/2 centig.	Thridacio	10 centig.
Extracto de guaiaco	5 centig.	Xarope de salsaparrilha	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais 49. D. 1 a 2 por dia, nas syphilides.

Pilulas de protoiodureto de mercurio opiadas (Cod. fr.).

Protoiodureto de merc.	5 centig.	Conserva de rosas	10 centig.
Extracto de opio	2 centig.	Alcaçuz em pó	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais 49. D. 1 a 2 por dia.

Externamente :

Pomada de protoiodureto de mercurio (Cod. fr.).

Protoiodureto de merc.	1 gram.	Banha benzoinada	20 gram.

M. sobre o porphyro. — Gota rosada, ulceras syphiliticas.

DEUTO-IODURETO DE MERCURIO, ou **Bi-iodureto de mercurio** (Deuto-iodure ou bi-iodure de mercure, fr.). Pó de bella côr vermelha, insoluvel em agua, mas soluvel no alcool e no ether; alteravel pela luz, pelo que deve ser conservado em frascos pretos, e em lugar escuro.

Antisyphilitico, mas muito mais energico, e muito menos empregado do que o proto-iodureto.

Internamente. 5 a 25 milligrammas (1/10 a 1/2 grão) em dissolução ou pilulas.

Solução alcoolica (Magendie).

Biiodureto de mercurio	50 centig.	Alcool a 80° cent.	25 gram.

D. 10 a 20 gottas e mais progressivamente, em meio copo d'agua distillada.

Solução etherea (Magendie). As mesmas proporções que para a preparação precedente. De 5 a 15 gottas e mais.

Pilulas de biiodureto de mercurio (Magendie).

Biiodureto de merc.	5 millig.	Alcaçuz em pó	q. s.
Extracto de zimbro	5 centig.		

F. 1 pilula. D. 1 a 5 por dia.

Externamente :

Pomada de biiodureto de mercurio (Biett).

Biiodureto de merc.	60 centig.	Banha	30 gram.

M. Affecções escamosas da pelle.

IODURETO DE MERCURIO E DE POTASSIO (Iodure de mercure et potassium, fr.). Sal que resulta da combinação de bi-iodureto de mercurio com o iodureto de potassio. Faz-se uma mistura de partes iguaes d'estes dois saes, e ajunta-se q. s. d'agua distillada para fazer a dissolução. Evaporada com cuidado, esta dissolução dá crystaes sob a fórma de agulhas, de côr amarella, e deliquescentes. Geralmente, não se prepara este sal com anticipação. Misturão-se os dois iodiretos no momento em que são precisos. — Antisyphilitico, recommendado nas molestias syphiliticas cutaneas.

Internamente. 1 a 5 centigrammas (1/5 a 1 grão) por dia.

Xarope de iodureto de mercurio e de potassio (Gibert).

Biiodureto de merc.	1 gram.	Agua	50 gram.
Iodureto de potassio	50 gram.	Xarope simples	2400 gram.

Dissolva os ioduretos na agua, e ajunte o xarope frio. D. 20 a 30 grammas por dia. 25 centigrammas (6 oitavas) d'este xarope representão 1 centigramma (1/5 de grão) de bi-iodureto de mercurio e 50 centigrammas (10 grãos) de iodureto de potassio.

Xarope de iodureto de mercurio e potassio (Puche).

Iodureto de mercurio e potassio	1 gram.	Tintura de açafrão	10 gram.
		Xarope de assucar	489 gram.

M. D. 25 a 100 grammas (6 oitavas a 3 onças) por dia. Cada 25 grammas contém 5 centigrammas (1 grão) de iodureto duplo.

Pilulas de iodureto de mercurio e potassio (Gibert).

Biiodureto de mercurio	5 millig.	Gomma arabica pulver.	5 centig.
Iodureto de potassio	25 centig.	Mel de abelhas	q. s.

F. 1 pilula e como esta mais 19. D. 1 a 2 por dia.

Externamente :

Pomada de iodureto de mercurio e potassio.

odureto de merc. e potas°	1 part.	Banha	50 part.

M. para curar as ulcerações syphiliticas.

IODURETO CHLORO-MERCURICO ou **Sal de Boutigny** (Iodure chloruro-mercureux, fr.). Resulta da acção do iodo sobre o protochlorureto de mercurio. Aconselhado, tanto interna como externamente, contra a acne rosacea.

Internamente :

Pilulas de iodureto chloro-mercurico.

Iodureto chloro-mercurico	2 1/2 millig.	Miolo de pão	9 centig.
Gomma arabica	1 centig.	Agua de flor de laranjeira	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais 19. D. 1 a 3 por dia.

Externamente :

Pomada de iodureto chloro-mercurico.

Iodur. chloro-mercurico	25 centig.	Banha	30 gram.

SULFURETO RUBRO DE MERCURIO, Cinabrio ou **Vermelhão** (Sulfure rouge de mercure, cinabre, ou vermillon. fr.). Pedaços de grossura variavel, compostos de grande numero de agulhas crystallinas, dispostas parallelamente, côr roxa, que passa a vermelha viva pela pulverização, insoluveis em agua. — Goza das mesmas propriedades que as outras preparações mercuriaes, só se emprega externamente no tratamento de algumas affecções chronicas da pelle.

Externamente. *Em fumigações.* Lanção-se 4 a 16 grammas (1 a 4 oitavas) de cinabrio sobre uma lamina de ferro quente, e dirigem-se os vapores, que se desenvolvem, sobre as regiões affectadas. Este methodo, hoje pouco empregado, produz facilmente a salivação.

Pomada antidartrosa.

Cinabrio	5 gram.	Banha	50 gram.
Sal ammoniaco	1 gram.	Agua de rosas	5 gram.

Misture as tres primeiras substancias, e incorpore pouco a pouco a agua de rosas. Empregada nas affecções cutaneas, e para destruir os piolhos.

Pomada de sulfureto de mercurio (Biett).

Sulfureto de mercurio	2 gram.	Ceroto simples	30 gram.
Camphora	50 centig.		

M. Esta receita constitue tambem o *ceroto antiherpetico d'Alibert.* Emprega-se em fricções nos dartros.

PROTO-ACETATO DE MERCURIO (Proto-acétate de mercure, fr.). Sal sob a fórma de palhetas crystallinas, brancas, ennegrecendo pela acção da luz, quasi insoluvel na agua, e mesmo no alcool, e de sabor acre. Foi aconselhado nas molestias syphiliticas, na dóse de 1 a 10 centigrammas (1/5 a 2 grãos) por dia; mas hoje é raras vezes empregado; entra na composição de algumas preparações, e, entre outras, na dos *Confeitos antisyphiliticos de Keyser.*

Confeitos antisyphiliticos de Keyser.

Protoacetato de merc.	60 centig.	Manná em lagrimas	12 gram.

F. 72 confeitos. D. 1 a 2, duas vezes por dia. Hoje não se usão.

PROTO-AZOTATO OU PROTO-NITRATO DE MERCURIO (Proto-nitrate de mercure, fr.). Crystaes prismaticos, brancos, de sabor acre e styptico, inodoros e mui pesados.

Veneno corrosivo em alta dóse, antisyphilitico em pequena. Quasi sem uso internamente; externamente empregado como estimulante, detergente e escarotico.

Externamente :

Pomada de proto-nitrato de mercurio (Biett).

Proto-nitrato de merc.	1 gram.	Banha	25 gram.

M. Em fricções na lepra e psoriase.

AZOTATO OU NITRATO ACIDO DE MERCURIO (Nitrate acide de mercure, fr.). Liquido transparente, sem côr, tornando-se verdo pela acção da luz, inodoro, de sabor caustico. Prepara-se dissolvendo 100 partes de mercurio em 200 partes de acido azotico a 35°, evaporando a dissolução até ficar reduzida a tres quartos do seu peso primitivo; isto é, a 225 partes.

Caustico violento, empregado para cauterizar as mordeduras dos animaes venenosos, as ulceras cancerosas, a gangrena da bocca, etc. Applica-se por meio de um pincel feito com fios.

SUB-SULFATO DE DEUTOXYDO DE MERCURIO, **Turbitho mineral,** ou **Precipitado amarello** (Turbith minéral, ou Précipité jaune, fr.). Sal amarello, insoluvel na agua.

Empregado só externamente contra a tinha e dartros.

Pomada de turbitho mineral.

Turbitho mineral	2 gram.	Banha	30 gram

Em fricções.

Pomada antiherpetica (Cullerier).

Turbitho mineral	2 gram.	Flores de enxofre	1 gram.
Laudano de Sydenham	2 gram.	Banha	16 gram.

M. Em fricções, nos dartros.

Pomada de turbitho mineral contra a tinha (Bazin).

Turbitho mineral	1 gram.	Glycerina	5 gram
Oleo de amendoas doces	5 gram.	Banha	45 gram

A applicação d'esta pomada completa o tratamento da tinh depois da epilação, e depois dos lavatorios com sublimado.

Pomada antiherpetica (Ricord).

Ceroto sulfureo	30 gram.	Alcatrão	4 gram
Turbitho mineral	1 gram.		

MEZEREÃO ou **Trovisco** (Garou, fr.). *Daphne gnidium*, L Thymeleaceas. Arbusto commum nos arredores de Lisboa, Coimbr e outras partes do reino de Portugal. *P. us. Casca.* Acha-se na pharmacias em fitas longitudinaes, cinzentas no exterior, amarella interiormente; cotanilhosas, com malhas brancas; de cheiro fraco nauseante; sabor acre e caustico. — Estimulante, diaphoretico aconselhado no tratamento dos dartros e da syphilis constitucional mas pouco empregado internamente por causa de suas propriedade causticas. Externamente serve como rubefaciente e vesicante. Entr na composição das pomadas proprias para entreter a suppuraçã dos causticos.

Internamente. *Decocção :* 2 gram. (40 grãos) para 720 gram (24 onças) d'agua, que se reduzem a 500 grammas (16 onças) pel ebullição.

Externamente. Como vesicante, um pedaço macerado er vinagre e applicado sobre a pelle.

Extracto ethereo. V. p. 93.

Pomada epispastica de mezereão (Cod. fr.).

Extracto ethereo de mezereão	40 gram.	Cera branca	100 gram
Banha	900 gram.	Alcool rectificado	90 gram

Dissolva o extracto no alcool, ajunte a banha e a cera; aqueç moderadamente mexendo de contínuo até se evaporar o alcool. Cô por panno, recolha o producto em vaso proprio, e mexa até pomada esfriar em parte.

MILHOMENS ou **Jarrinha.** *Aristolochia appendiculata*, Vel loso. Aristolocheas. Planta trepadeira do Brasil. Folhas trilobadas pedunculos de uma só flor, raiz de grossura variavel, desde a d uma penna de ganso até a do dedo pollegar, roxa-escura e rugos por fóra, composta interiormente de duas partes : externa, molle, d côr amarella, avermelhada sendo fresca; e interna mais dura, lenhos e amarella; cheiro forte aliaceo-camphorado, sabor amargo e nau seabundo. *P. us. Raiz.* Estimulante; póde empregar-se internament na inappetencia, febres adynamicas, chlorose, e externamente en pó nas ulceras chronicas.

Internamente. *Pó*, 1 gramma (20 grãos) tres vezes por dia *Infusão :* 4 grammas (1 oitava) para 250 grammas (8 onças) d'agua

Além d'esta, ha mais outras *Aristolochias*, que gozão das mesma propriedades, e são conhecidas igualmente pelo nome de *milhomen* ou *jarrinha;* são :

Aristolochia cymbifera, Mart., vulgo **Papo de perú;** *Aristolochia galeata*, Mart.; *A. brasiliensis*, Mart.; *A labiosa; A. ramicifolia*, Mart.; *A. theriaca;* Mart.; *A. antihysterica*, Martius.

MIOLO DE PÃO (Mie de pain, fr.). Emolliente, empregado em cataplasmas nos panaricios e outras inflammações de pequena extensão.

MONESIA, Buranhem ou **Guaranhem.** *Chrysophyllum buranhem*, Riedel. Sapotaceas. Arvore do Brasil. *P. us. Casca,* e principalmente o *seu extracto.* A casca acha-se em pedaços largos, pesados, de côr vermelha-escura, sabor doce a principio, e depois amargo e um pouco adstringente; quando fresca contém um succo leitoso.

O *extracto de monesia* apresenta-se em pedaços de tamanho variavel, de côr roxa-escura quasi preta, fractura luzente, soluvel em agua, de sabor adocicado a principio, e depois amargo e algum tanto acre.

A decocção de casca de monesia, que se prepara com 30 gram. (1 onça) da casca e 500 gram. (16 onças) d'agua, emprega-se em banhos, e póde servir contra as inchações consecutivas ás erysipelas.

O *extracto de monesia* é aconselhado como adstringente e tonico, internamente, nos catarrhos chronicos, hemoptyse, diarrhea, blennorrhagias; e externamente nas ulceras cutaneas, rachas do anus, ophthalmias purulentas, etc.

Internamente. 1 a 2 gram. (20 a 40 grãos) em pó ou pilulas.
Xarope (p. 136), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).
Tintura (p. 123), 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) em poção.
Externamente. *Pós.* Q. s. nas ulceras.

Pomada de monesia.

Extracto de monesia	1 part.	Banha	7 part.

Para curar as ulceras, rachas do anus, etc.

MONOSULFURETO DE SODIO. V. SULFURETO.

MORANGUEIRO. V. FRAGARIA.

MORPHINA (Morphine, fr.). Um dos principios activos do opio. V. OPIO.

MORURE ou **Mercurio vegetal.** Arvore do Pará que não tem ainda nome scientifico. Seu leite ou seiva resinosa, que é mui liquido e de côr de tijolo, é um estimulante energico do systema muscular e nervoso. Usa-se no Pará contra a syphilis e rheumatismo internamente na dóse de 1 oitava diluida em 1/2 onça d'agua, tomando-se este mixto de uma só vez, e repetindo-se a mesma dóse no seguinte dia, ou com intervallo de um a dois dias, o que é regulado pela acção do medicamento sobre a economia. Desafia grandes dôres ao longo da columna vertebral, em todos os musculos e nas articulações, promove copiosa diaphorese, e ás vezes dejecções alvinas. Martius chamava *mercurio vegetal* ao manacan, seguramente por engano, ou mal informado, porquanto é a esta substancia vegetal que o povo dá aquelle nome, e não ao manacan. (Dr. Castro, do Pará).

MOSCADA. Amendoa do fructo da moscadeira, *Myristica officinalis*, L., arvore das Molucas, cultivada no Pará. Myristiceas. Fig. 245. Esta amendoa é oval, dura, unctuosa, de côr cinzenta-avermelhada, com veios cinzentos; cheiro suave e forte, sabor quente. Acha-se envolta em uma especie de cupola, chamada *arillo da noz moscada* ou *macis*, que se divide em tiras chatas, ramosas, cartilaginosas, frageis, muito vermelhas quando frescas, mas fazendo-se amarellas com o tempo; é a substancia mais aromatica de todo o fructo. — A moscada contém oleo volatil e oleo graxo, concreto, aromatico, abundante, chamado *manteiga de moscada*, que vem das Molucas em pães de meia libra, pouco mais ou menos, quadrados, amarellos, com veios rubros, quebradiços, envolvidos em folhas de palmeira. Obtem-se pela espressão.

A noz de moscada é um excitante poderoso, empregado nas digestões laboriosas, em algumas diarrheas, vomitos espasmodicos, colicas, etc.



Fig. 245. — Moscada.

Internamente. *Pó* (p. 113), 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos. *Oleo essencial*, 2 a 4 gottas em poção.

Infusão : Moscada raspada 2 grammas (1/2 oitava), agua fervendo 120 grammas (4 onças). Infunda e ajunte assucar q. s. Usada contra as colicas e dyspepsia. A infusão de raspas de moscada, feita em vinho quente, é muito empregada entre a gente do campo durante o parto, como tonica e estimulante.

Externamente :

Linimento de Rosen (Cod. fr.).

Oleo concreto de moscada	5 gram.	Alcoolato de zimbro	90 gram.
Oleo volatil de cravo	5 gram.		

Triture em almofariz o oleo de moscada com o de cravo; ajunte depois pouco a pouco o alcoolato de zimbro. — Em fricções, ao longo da columna vertebral, contra o marasmo das crianças, na dóse de duas colheres *de chá,* duas vezes por dia.

Balsamo nerval (Cod. fr.).

Tutano de boi	350 gram.	Oleo volatil de cravo	15 gram.
Oleo de amendoas doces	100 gram.	Camphora	15 gram.
Manteiga de moscada	450 gram.	Balsamo de Tolú	30 gram.
Oleo volatil de alecrim	30 gram.	Alcool a 80° cent.	60 gram.

Derreta a calor brando o tutano e a manteiga de moscada no oleo de amendoas doces, passe por panno de linho sobre um almofariz de marmore aquecido. Triture até que a mistura tome, depois de fria, a consistencia de oleo espesso. Ajunte os oleos volateis, a camphora, e a solução, previamente coada, de balsamo de Tolú no alcool. Misture exactamente. — Em fricções, nas paralysias.

MOSCADA DO BRASIL. Fructo da *Cryptocarya moschata*, Martius, Laurineas, arvore do Brasil, muito commum nas mattas de Minas, Bahia, etc. Este fructo é oval, formado exteriormente pelo envoltorio persistente, o qual cobre uma baga que termina por uma pequena ponta; cheiro e sabor aromaticos. Estimulante. Tambem no Brasil se dá o nome de noz moscada ao fructo de bicuiba, *Myristica officinalis*, Martius, da familia das Myristiceas.

MOSTARDA NEGRA (Moutarde noire, fr.). *Sinapis nigra*, L. Cruciferas. Planta cultivada no Brasil e em Portugal. Fig 246. *P. us. Sementes.* São mui pequenas, vermelhas, mas ás vezes cobertas de uma camada esbranquiçada, cheiro fraco mas que se torna forte quando trituradas com agua, sabor picante. Examinada com a lente, esta semente, no seu estado perfeito, é quasi redonda ou redonda-elliptica, e marcada com um embigo n'uma das extremidades da ellipse; a episperma é vermelha, translucida e muito rugosa na superficie; a amendoa é de côr amarella viva.

Propriedades e usos. Tomada em pequena quantidade, a mostarda excita as forças digestivas, e todos conhecem a sua utilidade como tempero. Na therapeutica emprega-se principalmente para uso externo, como *sinapismo*, e está approvada d'esta maneira contra a gota, dôres rheumatismaes, pleurodynia, apoplexia, e em muitas affecções em que a vida parece estar extincta: actua, n'estes casos, como revulsivo e estimulante. A acção da mostarda negra é rubefaciente, e póde tornar-se vesicante.



Fig. 246. — Mostarda negra.

Falsificação das sementes de mostarda negra. No commercio esta semente é frequentemente misturada com a de mostarda selvagem, *sinapis arvensis*, L. Esta é completamente espherica, luzente e de côr roxa-preta quando madura; é mais grossa que a mostarda officinal (negra), menos volumosa que a branca, apresenta á lente uma superficie apenas rugosa; é dotada de um gosto de mostarda assaz pronunciado, todavia muito mais fraco que o da mostarda officicinal. Outros ajuntão á mostarda sementes de nabo, ou de uma especie de couve silvestre chamada *colzã*. A semente de *nabo* é ainda mais grossa que a da mostarda selvagem, um tanto alongada, frequentemente enrugada na superficie, mas muito menos que a *sinapis nigra*, sabor um tanto acre. A *colza* é muito mais grossa que a mostarda negra, espherica como ella, preta, mas não é enrugada nem luzente. A fraude é mais difficil de descobrir quando a mostarda é pulveri-

zada. Mas a farinha de mostarda, diluida em agua fria, deve apresentar um cheiro mui forte devido ao desenvolvimento do seu oleo volatil. O decocto de mostarda negra, coado e resfriado, não deve tomar côr azul pela addição da tintura de iodo. Os pharmaceuticos deverião todos pulverizar a mostarda nas suas officinas; o sentido do gosto deve guia-los para julgarem da bondade da semente e da farinha, que são tanto melhores quanto mais acre é o sabor.

Internamente. *Sementes machucadas,* 8 a 16 grammas. (2 a 4 oitavas) em 360 grammas (12 onças) d'agua ou de leite. Empregão-se raras vezes.

Externamente. *Sinapismo.* Farinha de mostarda 125 grammas (4 onças), agua fria ou apenas tepida q. s. Importa que esta preparação seja feita com agua fria ou morna e não quente, e que a mostarda tenha sido pulverizada de pouco tempo. Esta farinha é *cinzenta*, e sua côr é devida á mistura da côr amarella-esverdeada da amendoa com a côr vermelha-arroxeada da episperma. O modo da sua preparação está indicado na pag. 113. Se, antes de pizar a semente, não se teve o cuidado de secca-la bem na estufa, a farinha é esverdeada; seu sabor é forte, mas logo debaixo da influencia da agua que se acha na farinha, estabelece-se a fermentação sinapica, o oleo volatil dissipa-se pouco a pouco, e no fim de oito a quinze dias a mostarda perde todas as suas qualidades. A farinha de mostarda deve ser guardada em frasco de vidro bem tapado, e assim mesmo perde pouco a pouco a virtude rubificante. Não póde conservar-se mais de 15 a 30 dias.

Cumpre vigiar os effeitos do sinapismo : uma applicação prolongada produz a vesicação e mesmo uma escara. Geralmente não se deve deixar applicado á mesma parte por mais de meia hora. Certos individuos tem a pelle tão fina, que no fim de cinco minutos a rubefacção está já mui viva. A dôr é a melhor guia a este respeito : é preciso tirar o sinapismo quando o doente o tiver sentido sufficientemente.

O sinapismo deve ser preparado em casa do doente, e applicado immediatamente. Alguns facultativos tem ainda o habito de mandar preparar o sinapismo na botica : acontece que, pelo caminho, o sinapismo perde a força por causa da evaporação do oleo volatil, que se desenvolve sob a influencia da agua.

Pediluvio sinapizado. Farinha de mostarda 150 gram. (5 onças), agua q. s. Dilua-se a farinha de mostarda em dois quartilhos d'agua fria : cubra-se o vaso e deixe-se em repouso por alguns minutos; ajunte-se depois q. s. d'agua quente para ter o pediluvio na temperatura conveniente. — Empregado nas congestões sanguineas das partes superiores do corpo.

Essencia de mostarda. Obtem-se diluindo 40 partes de farinha de mostarda negra em 50 p. d'agua fria, deixando em maceração por algumas horas, introduzindo a mistura no alambique, e distillando. O oleo volatil é levado pelo vapor d'agua, e vem condensar-se no fundo do recipiente. É um liquido branco ou algum tanto amarellado, pouco soluvel em agua, mui soluvel no alcool e no ether; é muito acre, e seus vapores irritão fortemente os olhos e o nariz; sua densidade é 1,010 a + 25° cent. Rubefaciente. Usa-se externamente debaixo da fórma seguinte : Essencia de mostarda 1 p., alcool a 66° cent. 20 p. Molha-se um panno n'esta mistura, e applica-se sobre a pelle. Produz o mesmo effeito que o sinapismo.

Oleo sinapizado (Dias Lima).

Oleo essenc. de mostarda 24 gottas | Oleo de amendoas doces 30 gram.

Misture, agitando os dois liquidos na vasilha, que deve estar sempre bem arrolhada.

Applicado em fricções, este liquido produz em dois minutos um ardor muito sensivel na pelle, seguido de rubefacção, mas por pouco tempo, sendo mister renovar a applicação para prolongar o effeito. O melhor modo de o empregar é o seguinte : tome-se um pedaço de panno de linho ou de algodão, do tamanho que se quizer o sinapismo; depois de amarrotado entre os dedos, colloque-se no fundo de uma chicara, e deite-se-lhe por cima oleo sinapizado sufficiente para molha-lo completamente; desdobre-se depois o panno e colloque-se o mais depressa possivel sobre um pedaço de oleado, de folha de bananeira, ou sobre uma cataplasma, quasi fria, de farinha de mandioca, e applique-se sobre a pelle como o sinapismo ordinario.

O autor do *oleo sinapizado* é o Sr. A. D. Lima, distincto pharmaceutico da Bahia. Esta preparação tem as seguintes vantagens : 1° certeza e promptidão no effeito; 2° asseio e facilidade na applicação; 3° poder conservar-se por tempo indefinido; 4° poder transportar-se facilmente, attento o seu diminuto volume. Além de tudo isto o custo do oleo sinapizado é inferior ao da mostarda, se considerarmos que 30 grammas d'aquelle prestão para tanto como 1 kilogramma da mostarda moida.

As sementes de mostarda negra contém : *oleo fixo doce* (28/100), *albumina vegetal, myrosina, myronato de potassa, assucar, materia gommosa, materia corante, materia nacarada, acido livre, sinapisina, materia verde particular e alguns saes.* Nenhum d'estes productos é acre. A mostarda negra deve a sua acção irritante ao oleo essencial de mostarda, que não existe formado na semente, mas que, em presença da agua, desenvolve-se pela reacção mutua da myrosina e do acido myronico, ou do myronato de potassa. Logo que se molha a farinha de mostarda, desenvolve-se o cheiro da essencia. A temperatura da agua tem uma influencia evidente sobre a formação d'esta essencia, a qual não se produz na agua a ferver; acima de 70 gráos a quantidade de essencia diminue, e cessa mesmo de produzir-se a 75 gráos. O carbonato de potassa, os acidos mineraes e o vinagre oppõem-se á formação da essencia; por isso os sinapismos e os pediluvios sinapizados devem preparar-se com agua morna ou fria, mas não com agua quente nem com vinagre, como muita gente costuma fazer.

O oleo fixo que existe na semente de mostarda é doce, e diminue a actividade da farinha de mostarda, diluindo o seu principio activo. Póde extrahir-se pela espressão : obter-se-ha então uma farinha mais secca, mais energica, e menos sujeita a tornar-se rancida. N'este principio acha-se fundada a preparação seguinte :

Papel sinapizado ou *Mostarda em folhas* de Rigollot.

Debaixo d'este nome, Rigollot, pharmaceutico de Pariz, introduzio na therapeutica sinapismos muito activos e mui commodos, cujo uso foi adoptado geralmente.

Modo da preparação. A preparação d'estes sinapismos exige duas condições :

1° O emprego de farinha de mostarda que não seja alteravel pelo tempo;

2° Applicação de um liquido agglutinativo que não contenha agua, alcool, resinas, nem materias gordas ou emplasticas.

A farinha de mostarda altera-se em poucos dias por causa do oleo fixo que se torna facilmente rancido. Para extrahir este oleo, espreme-se primeiro a farinha n'uma prensa. O residuo contém ainda 4 a 5 por 100 de oleo fixo, que se extrahe por uma lavagem feita por meio de sulfureto de carbone. Obtem-se então um pó cuja conservação é quasi indefinida, se fôr guardado em vaso tapado.

Por outra parte, estende-se sobre papel uma camada de verniz feito com caoutchouc dissolvido em mistura de sulfureto de carbone e de essencia de petroleo. Sobre este verniz deixa-se cahir pelo peneiro o pó de mostarda. Faz-se evaporar na estufa o sulfureto de carbone e a essencia de petroleo; o pó de mostarda torna-se secco e fica adherente ao papel pelo effeito do caoutchouc; e quando se molha, para applica-lo sobre a pelle, absorve facilmente a agua, o que não teria lugar se se empregasse materia emplastica ou resinosa.

Modo da applicação. Molha-se o *papel sinapizado* em agua fria ou apenas tepida, e applica-se no corpo. Findos alguns minutos, manifesta-se o seu effeito.

A mostarda que deixei descripta é a *mostarda negra.* Existe outra especie da mesma familia das Cruciferas, chamada **Mostarda branca,** *Sinapis alba,* L. cujas sementes são maiores do que as da precedente, e um tanto louras : não fornecem essencia pela distillação. São muito menos activas, e empregão-se como estomachicas, tomando-as antes da comida. Na dóse de duas colheres *de chá*, a mostarda branca é um laxante. Contém pouco principio acre, e não póde servir para fazer sinapismos.

MULUNGÚ. *Erythrina corallodendron,* L. Leguminosas. Arvore do Brasil. (Pernambuco, Alagoas, Bahia). O cozimento da entrecasca d'esta arvore, para bebida e como banho, é usado na provincia de Pernambuco para combater qualquer excitação do systema nervoso. As pharmacias preparão o extracto e o xarope, que se empregão como calmantes. O *xarope* na dóse de 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) por dia, na bronchite e na asthma.

Mulungú crista de gallo. *Erythrina crista galli,* L. Arvore do Brasil; habita no Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo. O extracto do entrecasco, na dóse de 10 centigrammas (2 grãos) provoca o somno; as sementes são venenosas.

MURTA (Myrte, fr.). *Myrtus communis,* L. Myrtaceas. Arbusto ou arvore, cultivado no Brasil, em Portugal e outros paizes quentes. Folhas oppostas, quasi sesseis, pequenas, ovaes lanceoladas, lisas, persistentes, de cheiro agradavel quando esfregadas, flores brancas; fructo (murtinho), baga globosa, verde-anegrada. As folhas, reduzidas a pó, servem para polvilhar a pequena ferida do embigo, que resulta da quéda do cordão umbilical nas crianças recem-nascidas. A infusão das folhas (15 grammas para 1000 grammas d'agua fervendo), é aconselhada em injecções contra a leucorrhea.

MUSCULINA (Musculine, fr.). Preparação de carne de vacca crua, privada de gordura, moida, deseccada, peneirada e coberta com uma camada delgada de assucar que serve para conserva-la. Apresenta-se sob a fórma de pastilhas. Cada pastilha contém 3 gram. 50 centig. de musculina. 100 grammas d'esta musculina representão 175 grammas de carne fresca. É aconselhada na diarrhea, rachitismo, vomitos nervosos, chlorose, gastralgia, cachexia paludosa, e em todos os casos em que é necessario restaurar a economia. V. *Carne.*

MUSGO DE CORSEGA (Mousse de Corse, fr.). *Fucus helminthocorton,* L. Familia das Algas. Planta marinha que habita nas

costas do Mediterraneo e na ilha de Corsega. Fig. 247. Reunião de filamentos numerosos, curtos, entrelaçados entre si; de textura flexivel, de côr vermelha-escura, sabor amargo e salgado, e cheiro nauseoso. Esta droga apparece no commercio composta de vinte e tantas algas differentes, de que o *Fucus helminthocorton* forma um terço; contém iodo. *P. us. Toda a planta.*

Vermifugo, exerce principalmente sua acção sobre as lombrigas.

Internamente. *Pó* (p. 113), 1 a 4 gram. (20 grãos a 1 oitava) com mel de abelhas ou em leite.

Infusão : 5 grammas (1 1/4 oitava) para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

Xarope (p. 136). 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Gelea de musgo de Corsega (Cod. fr.).

Musgo de Corsega	30 gram.	Vinho branco	60 gram.
Assucar refinado	60 gram.	Colla de peixe	5 gram.

Ferva o musgo por uma hora em q. s. d'agua para obter cerca de 200 grammas de liquido; côe com espressão; ajunte o assucar, o vinho e a colla de peixe, já amollecida por previa maceração em 30 grammas d'agua fria. Ferva até á consistencia de gelea; côe por filtro de lã, e guarde em lugar fresco. As quantidades indicadas devem produzir 125 grammas de gelea. D. 1 a 2 colheres *de chá* e mais, de manhã em jejum, ás crianças.

Poção vermifuga.

Musgo de Corsega	4 gram.	Leite fervendo	125 gram.

Côe e ajunte ;

Assucar.................................... 15 gram.

Para tomar de uma vez pela manhã. A dóse e a fórma são mui commodas para as crianças de 2 annos.



Fig. 247. — Musgo de Corsega.



Fig. 248. — Musgo islandico.

Xarope vermifugo (Boullay).

Musgo de Corsega	160 gram.	Angelica	30 gram.
Agua	1000 gram.	Sene	30 gram.
Calamo aromatico	30 gram.	Assucar	1000 gram.

Ferva o musgo em 1000 grammas d'agua até á reducção da metade; lance tudo em banho-maria sobre o calamo, angelica e

sene; deixe de infusão por 12 horas; côe com espressão, e dissolva o assucar no liquido. Clarifique com clara de ovo, e ferva até o areometro marcar 32°. D. Uma colher *de sopa* ás crianças de 2 a 4 annos. Continua-se por tres dias seguidos.

Clyster anthelmintico.

Musgo de Corsega	12 gram.	Agua	q. s.

para ter 300 grammas de decocto; ajunte :

Oleo de ricino .... 30 gram.

MUSGO ou **LICHEN ISLANDICO** (Lichen d'Islande, fr.). *Cetraria islandica*, Ach. Lichenaceas. Planta que habita sobre os rochedos nas montanhas da Suissa, nos Pyreneos, mas sobretudo na Islandia. Fig. 248. Consiste em producções foliaceas, ou fitas irregulares, seccas, coriaceas, vermelhas-escuras na base, por cima cinzentas, amarelladas ou esbranquiçadas, inodoras, sabor amargo; mucilaginosas.

O musgo é composto sobre 100 partes, de 44,6 de uma fecula particular (*lichenina*) á qual deve as suas propriedades nutrientes e mucilaginosas, de 36 de amido ligneo, de 3 de principio amargo (*cetrarina*), de 7,5 de gomma e de assucar incrystallizavel, depois, de materia corante, de cera e de saes. Tira-se ao musgo o seu principio amargo, quer com agua fria, quer com agua fervendo, quer macerando-o n'agua contendo pequena quantidade de carbonato de potassa ou de soda.

As preparações do musgo islandico são tonicas, se contém a substancia amarga; se estão d'ella privadas pela maceração, tornão-se emollientes e analepticas. No primeiro caso, o musgo islandico emprega-se nas dyspepsias, diarrheas chronicas, e todas as vezes que é preciso animar as forças vitaes; no segundo é indicado nas bronchites, tisica e diarrheas agudas. Mas as preparações do musgo islandico, que contém o seu principio amargo, são muito uteis, no começo da tisica, periodo em que é necessario animar as forças vitaes, e convem reservar as preparações privadas do principio amargo do musgo só para o ultimo periodo da tisica, ou para as molestias que necessitão de medicamentos emollientes.

Internamente. *Decocção* (Cod. fr.) : Musgo islandico 10 gram. (2 1/2 oitavas), agua 1 litro (32 onças). Leve o musgo ao fogo com agua, tire immediatamente do fogo logo que começar a ferver; rejeite esta agua que contém quasi todo o principio amargo, lave o musgo em agua fria. Faça-o depois ferver por meia hora em nova agua, e sufficiente para obter 1 litro (32 onças) de coadura. D. 250 a 360 grammas (8 a 12 onças) por dia, adoçado com assucar, nas molestias de peito.

Querendo o medico conservar o principio amargo do musgo, deve fazer a indicação especial.

Xarope (p. 136). 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Pasta de musgo islandico (Cod. fr.).

Musgo islandico	500 gram.	Extracto de opio	1 1/2 gram.
Gomma arabica	2500 gram.	Agua	q. s.
Assucar refinado	2000 gram.		

Ferva levemente o musgo em q. s. d'agua, e deite fóra o liquido; lave o musgo em agua fria, muitas vezes. Torne a fervelo em q. s. d'agua para obter 3000 grammas de decocto; derreta n'este a calor do b. m. a gomma arabica contusa e lavada. Côe com espressão por panno de linho tapado, deixe em repouso até que o liquido fique quasi frio. Decante, ajunte primeiro o assucar, e no

fim da operação, o extracto de opio dissolvido n'um pouco d'agua. Evapore, agitando continuamente, até á consistencia de pasta mui firme; vase esta sobre a mesa de marmore untada com azeite doce; depois de fria, enxugue-a para tirar algum oleo que lhe possa adherir, divida-a em quadrados, e feche-a em caixinha. — 90 gram. (3 onças) d'esta pasta contém cerca de 3 centigrammas (1/2 grão) de extracto de opio. D. 30 a 90 grammas (1 a 3 onças) por dia.

Saccharureto de musgo islandico ou *Gelea de musgo islandico secca* (Cod. fr.).

Musgo islandico	1000 gram.	Agua	q. s.
Assucar refinado	1000 gram.		

Aqueça o musgo em agua até á ebullição. Rejeite esta primeira agua, e lave o musgo muitas vezes em agua fria. Ferva por uma hora em q. s. d'agua, e côe com espressão por panno. Deixe em repouso por algum tempo para se formar um deposito; decante; ajunte o assucar e evapore a b. m. agitando continuamente até que a materia fique em consistencia mui firme. Distribua então em pratos, e leve-a á estufa para acabar de seccar. Reduza o producto a pó fino, e garde-o em frascos bem tapados.

Gelea de musgo islandico (Cod. fr.).

Saccharureto de musgo islandico	75 gram.	Agua commum	150 gram.
Assucar refinado	75 gram.	Agua de flor de laranjeira	10 gram.

Misture as tres primeiras substancias, e ferva para reunir a espuma na superficie. Tire do lume e quando a espuma tiver formado uma camada bastante resistente, tire-a, e côe a gelea para um pote, que contenha a agua de flores de laranjeira. — As porções indicadas devem produzir 250 grammas de gelea.

Gelea de musgo islandico com quina (Cod. fr.).

Saccharureto de musgo islandico	75 gram.	Xarope de quina	110 gram.
		Agua	115 gram.

Opere como para a gelea de musgo. — As porções indicadas devem produzir 250 grammas de gelea.

Pastilhas de musgo islandico (Cod. fr.).

Saccharureto de musgo	500 gram.	Gomma arabica pulveriz.	50 gram,
Assucar	1000 gram.	Agua	150 gram.

Faça mucilagem com agua e gomma arabica misturada previamente com um pouco de assucar; ajunte o saccharureto, depois o resto do assucar, misture, e divida a massa em pastilhas do peso de 1 gramma (20 grãos).

Xarope de Lanthois, modificado por Ezequiel Corrêa dos Santos.

Doce amarga	30 gram.	Flor de arnica	15 gram.
Polygala senega	30 gram.	Musgo islandico	15 gram.
Saponaria	30 gram.	Agua	1500 gram.
Hera terrestre	30 gram.	Vinho da Madeira	1500 gram.

Deite tudo dentro de um vaso de folha apropriado, feche hermeticamente, e deixe assim em b. m. por oito dias, agitando repetidas vezes. Finda esta digestão, deixe esfriar completamente o liquido, côe com forte espressão e filtre. Depois de filtrado, ajunte a cada 500 grammas d'este liquido 1000 grammas de assucar, que é necessario derreter em b. m. no mesmo vaso bem tapado. — D. Duas colheres *de sopa*, 3 vezes por dia, puro ou misturado com uma chicara d'agua morna. Nas bronchites e outras molestias do peito.

As preparações seguintes, com quanto não contenhão musgo islan-

dico, vão indicadas n'este lugar, para não separa-las do xarope do mesmo autor. São aconselhadas nas molestias do peito, juntamente com o xarope.

Pilulas de Lanthois modificadas.

Sabão medicinal	5 centig.	Extracto de quina	2 1/2 centig.
Terebinthina cozida	5 centig.	Nitro	6 millig.
Extrº de rhuibarbo	2 1/2 centig.	Copahiba	2 1/2 centig.

F. 1 pilula, e como esta mais 19. D. 3 por dia. Molestias de peito.

Fomentação ou *Fricção de Lanthois.*

Extracto de bagas de zimbro	30 gram.	Camphora	30 gram.
Tintura de quina	250 gram.	Ammoniaco liquido	8 gram.

O *emplasto de Lanthois* está indicado na p. 81.

MUSGO PERLADO. V. Carragaheen.

MUTÁ-MUTÁ. Planta trepadeira do Brasil; habita no Pará e Amazonas. Encontra-se nas mattas virgens, enleiada pelas arvores colossaes, tem o tronco formado em *zigzags*. O cozimento do *lenho* usa-se no Pará contra as tosses e hemoptyses; é adstringente brando e peitoral. *Cozimento :* 30 gram. (1 onça) para 500 gram. (16 onç.) d'agua. Emprega-se tambem em xarope (Dr. Castro, do Pará).

MYROBALANO ou **Myrobolano** (Myrobalan ou myrobolan, fr.). Conhecem-se no commercio cinco fructos debaixo do nome de *myrobalanos*, que se distinguem pelos nomes de *citrinos*, *chebulos*, *indicos*, *belericos* e *emblicos*. Os quatro primeiros são fornecidos pelas arvores das Indias orientaes da familia das Combretaceas; os *emblicos* provém de uma planta da familia das Euphorbiaceas. Estes fructos são duros, oblongos; sua grossura varía desde a de uma pequena azeitona (*Myrobolano emblico*) até á de uma tamara (*Myrobolano chebulo*), e sua côr, do preto ao amarello; sua superficie é enrugada; não tem cheiro ou são quasi inodoros. Todos estes fructos gozárão antigamente de grande reputação como aromaticos adstringentes e levemente purgativos; hoje não se usão senão na tinturaria.

MYRRHA (Myrrhe, fr.). Gomma-resina produzida pelo *Balsamodendrum myrrha*, Nees, arbusto da Arabia, da familia das Terebinthaceas-burseraceas. É em lagrimas ou grãos irregulares, frageis, meio transparentes, de côr amarella avermelhada, cheiro aromatico pouco agradavel, sabor amargo, soluveis mais facilmente na agua do que no alcool.

Excitante e tonico. Aconselhada nos catarrhos chronicos, amenorrhea, affecções atonicas do canal digestivo. Recommendada externamente como estimulante, nas anginas, ulcerações rebeldes, relaxação escorbutica das gengivas e carie dos ossos.

Internamente. *Pó* (p. 113), 50 centigrammas a 4 grammas (10 grãos a 1 oitava).

Tintura (p. 122), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em poção.

Pós emmenagogos.

Myrrha	60 centig.	Oleo de cravo da India	1 gotta
Açafrão	15 centig.		

F. 1 papel, e como este mais onze. D. 1 papel, 3 vezes por dia.

Pilulas estomachicas de Tronchin.

Myrrha	10 centig.	Balsamo peruviano	1 centig.
Extracto de centaurea	5 centig.		

F. 1 pilula, e como esta mais 19. D. 2 a 4 pilulas por dia, nas debilidades do estomago.

Elixir de propriedade (Paracelso).

Tintura de myrrha	40 gram.	Tintura de aloes	30 gram.
Tintura de açafrão	30 gram.		

M. e filtre. D. 15 a 30 gram. (1/2 a 1 onça) como emmenagogo.

Externamente. *Tintura* diluida em agua, em injecções nos trajectos fistulosos; em gargarejos nas esquinencias chronicas, etc.

NAFÉ DE ARABIA. V. Quigombó.

NAPHTA ou **Oleo de naphta** (Naphte ou huile de naphte, fr.). Oleo mineral que se acha em muitas regiões do globo, e sobretudo na costa occidental do mar Caspio. Cavão-se poços n'aquelles sitios, e a naphta reune-se n'elles, como a agua nos poços. A fonte de Amanio, descoberta em 1802, na provincia de Parma na Italia, é tão abundante que se tem applicado o seu producto á illuminação das cidades de Parma e de Genova. O oleo de naphta é amarello, fluido como o alcool, cheiro forte e tenaz, muito inflammavel. Depois de distillado é incolor; sua densidade é de 0,753. É insoluvel em agua, soluvel no alcool, no ether, nos oleos fixos e volateis. Foi aconselhado contra as affecções do peito, contra a diarrhea e cholera. Depois de purificado, administra-se, na dóse de 5 a 30 gottas, em vinhō ou xarope de flores de laranjeira. Externamente, em fricções, é aconselhado contra as molestias de pelle. Serve em chimica para conservar o potassio e o sodio.

NAPHTALINA (Naphtaline, fr.). Substancia que se obtem pela distillação do carvão de pedra. É concreta, em laminas micaceas, cheiro forte e empyreumatico, insoluvel em agua, soluvel no alcool, no ether, nos corpos gordos. Foi aconselhada internamente contra a bronchite chronica, e externamente contra as molestias cutaneas.

Internamente. 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos).

Loock de naphtalina (Dupasquier).

Loock branco	125 gram.	Naphtalina	50 centig.

M. Ás colheres.

Externamente :

Pomada de naphtalina (Emery).

Naphtalina	2 gram.	Banha	30 gram.

Aguardente de naphtalina (Rossignon).

Naphtalina	1 gram.	Aguardente	30 gram.

NICOCIANA e **NICOTINA.** V. Tabaco.

NEROLI ou **Essencia de neroli.** É o nome commercial do oleo volatil extrahido da flor de laranjeira amarga (*Citrus bigaradia*).

NHANDIROBA. *Fevillea cordifolia,* Poiret. Cucurbitaceas. Planta herbacea que habita no Brasil. Fig. 249. Caule trepador; folhas cordiformes, acuminadas, sub-denteadas, ás vezes trilobadas; fructo espherico de 11 a 12 centimetros de diametro, marcado de uma linha circular, situada em baixo da metade do fructo; o interior do fructo é carnoso, cheio no centro, com 3 loculamentos estreitos approximados da circumferencia. Cada loculamento contém duas sementes da largura de 5 a 6 centimetros, irregularmente lenticulares; o episperma é de côr fulva; a amendoa é chata, amarellada, oleaginosa, amarga. *P. us. Semente* (amendoa). Purgante energico. D. 1 a 2 sementes.

Ha mais outras especies, cujas sementes gozão das mesmas propriedades purgativas. São : *Fevillea monosperma*, Velloso; *Fevillea pas-*

siflora, Velloso, **Castanha de jabotá, de bugre** (Pará); *Hypanthera guapeva*, Manso, **Guapeva** (S. Paulo).



Fig. 249. — Nhandiroba.

NITRATO DE MERCURIO. V. p. 611.

NITRATO DE POTASSA, DE SODA. V. AZOTATO.

NITRATO DE PRATA. V. AZOTATO DE PRATA.

NITRO. V. AZOTATO DE POTASSA.

NOGUEIRA (Noyer, fr.). *Juglans regia*, L. Grande arvore cultivada em Portugal. Juglandeas. O embryão que, estando acompanhado do endocarpo osseo, toma o nome de *noz*, é oleaginoso. Come-se, e d'elle se extrahe um oleo seccativo, chamado oleo de nozes. A infusão das folhas e da casca exterior do fructo emprega-se internamente contra as escrophulas e rachitismo; externamente contra a leucorrhea, fistulas, ozena, etc.

Internamente. *Infusão de folhas.* Folhas seccas de nogueira 5 grammas (1 1/4 oitava), agua fervendo 500 grammas (16 onças). Infunda, côe e adoce com xarope de nogueira. D. 3 a 4 copos por dia, como antiscrophuloso.

Xarope (p. 134). 30 a 60 grammas (1 a 2 onças). Tonico, antiscrophuloso.

Extracto de casca verde de nozes (p. 89). 50 centigrammas a 2 grammas (10 a 40 grãos) por dia em pilulas.

Externamente. *Infusão :* Folhas seccas de nogueira 50 gram. (1 1/2 onça), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por 1 hora, e côe com espressão por coador de lã (Cod. fr.). Em injecções contra a leucorrhea, fistulas, ozena, etc.

Tintura de casca verde de nozes (p. 122) Emprega-se para dar côr preta ao cabello.

NOGUEIRA DA INDIA. *Aleurites baucurensis,* Comm. Euphorbiaceas. Grande arvore da India, acclimada no Brasil; habita nas provincias da Bahia, Pernambuco, Pará, etc. Arvore alta, copada; casca lisa e acinzentada; folhas alternas, cordiformes com peciolos algum tanto longos e louros; flores em cachos na extremidade dos ramos; as flores são brancas, miudas, como estrelinhas; fructo, noz redonda, cordiforme, com uma depressão circular, com duas nozes dentro, cada uma contém uma semente oleosa; esta noz é purgativa, sempre que se come mais de uma. As folhas forão empregadas com proveito em applicação local contra a pustula maligna, pelo Sr. Dr. J. L. d'Almeida Couto, distincto medico da Bahia. (*Gazeta medica da Bahia,* Fevereiro, de 1876.)

NOZ DE GALHA. V. GALHA.

NOZ MOSCADA. V. MOSCADA.

NOZ VOMICA (Noix vomique, fr.). Semente da *Strychnos nux vomica,* L., arvore da India, e particularmente do Ceylão, do Malabar e da costa de Coromandel. Loganiaceas. Fig 250. É redonda, chata, umbilicada em uma das faces, assemelhando-se a um botão de casaca, da largura de 6 a 8 linhas, de consistencia como cornea, denegrida ou acinzentada, coberta com pello curtissimo no exterior, ordinariamente branca, e ás vezes negra no interior, inodora, sabor extremamente amargo.

A noz vomica tem uma acção particular sobre o systema nervoso. Os seus primeiros effeitos denotão-se pela constricção nas fontes e na nuca; os queixos tornão-se um pouco rijos, o fallar e a respiração difficultão-se, apparece uma leve vertigem, percepção de multidão de corpos luminosos, leves estremecimentos dos membros, erecção do membro viril. Se a dóse fôr exagerada, sobrevem rijeza tetanica, convulsões, e a morte precedida por um instante de insensibilidade completa. A dóse de 30 grãos póde produzir estes funestos resultados. Em pequena quantidade a noz vomica é aconselhada nas paralysias que não dependem de lesão organica, amaurose, incontinencia da ourina, impotencia viril. Mas todas as preparações d'este medicamento exigem muita circumspecção no seu emprego. Na economia domestica usa-se para matar os ratos.

Internamente. *Pó* (p. 114), 2 1/2 a 25 centigram. (1/2 grão a 5 grãos).

Extracto (p. 92), 2 1/2 a 5 centigrammas (1/2 grão a 1 grão) em pilulas. A dóse foi levada ás vezes progressivamente até 10 e 20 centigrammas (2 a 4 grãos). Cumpre vigiar os seus effeitos.

Tintura (p. 123), 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava) em poção que se administra ás colheres de hora em hora.

Pilulas de extracto de noz vomica (Fouquier).

Extracto de noz vomica 5 centig. | Althea em pó q. s.

F. 1 pilula. D. 1 pilula por dia.

Externamente. *Tintura alcoolica* em fricções, 15 grammas (1/2 onça) por dia.

Linimento de noz vomica (Magendie).

Tintura de noz vomica 16 gram. | Ammoniaco liquido 4 gram.

M. Para duas fricções por dia. Paralysia.



Fig. 250. — Noz vomica.

OCRE (Ocre, fr.). Terra argilosa corada por peroxydo de ferro (ocre rubro), ou tritocarbonato de ferro (ocre amarello).

OLEOS (Huiles, fr.). Os oleos são de differentes especies :

1° *Oleos graxos naturaes* ou *oleos fixos*. Corpos gordos liquidos, mais raramente solidos (manteiga de cacáo), ordinariamente de origem vegetal. Chamão-se *siccativos* os que, expostos ao ar, se tornão espessos com o tempo; exemplo, o oleo de linhaça e o de nozes; e *não siccativos* os que não gozão d'esta propriedade : taes são os oleos de azeitonas e de amendoas. São quasi insoluveis na agua; e dissolvem mui pequena quantidade d'este liquido. O alcool fervendo dissolve grande quantidade de oleo, mas este separa-se pelo resfriamento. O oleo de ricino, por excepção, é muito soluvel no alcool, e sobretudo no alcool anhydro. O ether, os oleos volateis naturaes e pyrogeneos, o petroleo, o sulfureto de carbone, o chloroformio são os melhores dissolventes dos oleos. — Um oleo graxo, que se tornou rancido, agitado com minima quantidade de ether nitrico, e aquecido um pouco, fica completamente desembaraçado da

ancidez. Póde-se mesmo impedir os oleos graxos de se tornarem ancidos, ajuntando-lhes mui pequena quantidade d'este ether. — Os oleos graxos encontrão-se quasi exclusivamente nas sementes dos egetaes. Raras vezes se achão na parte carnosa dos fructos. A olieira, e os loureiros, são os unicos que os contém no seu sarcoarpo. Mais raramente ainda os oleos existem nos outros orgãos; as aizes de alguns fetos são por excepção oleaginosas. Obtem-se rasando o tecido que os contém, e espremendo com força. Mas o stado de fluidez ou de solidez produz necessariamente differenças a maneira de proceder.

Os principaes oleos graxos são : *oleo de azeitonas, oleo de amendoas doces, oleo de croton tiglium, oleo de ricino, oleo de linhaça, oleo de figado de bacalhão, manteiga de cacáo, manteiga de moscada,* etc.

2° *Oleos medicinaes.* V. p. 99.

3° *Oleos pyrogeneos* ou *empyreumaticos.* Oleos que provém da decomposição de differentes corpos pela acção do fogo. Sua composição é muito complexa, seu cheiro ordinariamente desagradavel e persistente, seu sabor acre. São muito inflammaveis. A este grupo pertencem : *oleo de pontas de veado*, que purificado constitue o *oleo animal de Dippel, oleo de schistos*, etc.

4° *Oleos essenciaes* ou *volateis.* V. p. 99.

5° *Oleos mineraes.* Nome actual da naphta e do petroleo que se vêem surdir, como verdadeiras fontes, em muitos pontos da America do Norte, da California, do Canadá e de outras regiões, quando se cavão poços de alguns metros de profundidade. Tirão sua origem de uma especie de distillação lenta effectuada no seio da terra, e pela influencia do calor terrestre sobre camadas de materias combustiveis organicas. Existem em quasi todos os paizes, e, em alguns mesmo tão abundantemente, que formão poços, pequenos lagos, fontes. V. *Naphta* e *Petroleo*.

Os oleos empregados em medicina achão-se descriptos nos seus respectivos artigos.

OLEO DE AMENDOAS DOCES (Huile d'amandes douces, fr.). Obtem-se reduzindo as amendoas doces com a pellicula a pó grosso por meio do moinho, submettendo este pó á acção de uma forte prensa, e filtrando depois por papel. As amendoas amargas fornecem, por espressão a frio, um oleo inteiramente semelhante ao de amendoas doces; são menos caras do que as amendoas doces, e o pó é preferido pelos perfumistas para a fabricação da pasta amygdalina para as mãos; por estas razões o oleo de amendoas doces se prepara ordinariamente com amendoas amargas. Sómente cumpre não tirar-lhes a pellicula, porque para tira-la seria preciso ajuntar-lhes agua, cujo contacto pruduz a formação do acido cyanhydrico, que não se forma sem agua. É liquido, de côr branca-esverdeada, cheiro e sabor semelhantes aos das amendoas doces.

Em alta dóse é laxante, emolliente em dóse pequena. Emprega-se nos envenenamentos por substancias acres, nas pneumonias, pleurizes, bronchites, irritações das vias urinarias, dôres nephriticas, affecções verminosas, e no exterior como topico emolliente.

Internamente. 15 a 30 gram. (4 oitavas a 1 onça) misturados com xarope ou gema de ovo, como emolliente.

Loock oleoso (Cod. fr.).

Oleo de amendoas doces	15 gram.	Agua commum	100 gram.
Gomma arabica	15 gram.	Agua de flor de laranjeira	15 gram.
Xarope de gomma	30 gram.		

Faça mucilagem com a gomma e 2 vezes o seu peso d'agua;

ajunte e oleo pouco a pouco, para dividi-lo pela trituração prolongada, e dilua com o resto dos liquidos. — Uma colher *de sopa* de hora em hora, nas bronchites.

Dorvault aconselha proceder do modo seguinte : Ponha a gomma no fundo do almofariz, deite por cima o oleo agitado vivamente em frasco de bocca larga com outra tanta agua, e bata com força ajunte depois os outros liquidos.

Loock peitoral.

Raiz de alcaçuz	5 gram.	Agua fervendo	q. s

Infunda e côe de modo que obtenha 200 grammas de liquido faça emulsão com 16 amendoas doces e ajunte :

Gomma alcatira	1 gram.	Xarope diacodio	15 gram
Oleo de amendoas doces	30 gram.	Agua de flor de laranj.	10 gram

Duas colheres *de sopa* de hora em hora, nas bronchites.

Loock amarello.

Oleo de amendoas doces	50 gram.	Xarope de althea	30 gram
Gema de ovo	15 gram.	Agua	60 gram

F. S. A. Ás colheres, nas bronchites.

Clyster emolliente.

Decocção de linhaça	150 gram.	Oleo de amendoas doces	30 gram
Gema de ovo	nº 1		

Externamente. Em embrocações, ou como vehiculo de diversos linimentos.

OLEO ANIMAL DE DIPPEL. V. PONTA DE VEADO.

OLEO DE ANTA. Oleo extrahido do cachaço da anta, animal mammifero do Brasil. Este oleo emprega-se em fricções nos rheumatismos.

OLEO DE BEN. A semente de ben, *Moringa aptera,* Decaisne, arvore da familia das Leguminosas, fornece pela primeira espressão um oleo que se coagula a + 19° cent.; mas dividindo a pasta e submettendo-a a nova e forte pressão, extrahe-se outro oleo não coagulavel, e que, por esta razão, é muito procurado pelos relojoeiros. Este oleo é sem cheiro, e não se faz facilmente rançoso. Estas qualidades o tornão precioso aos perfumistas para a preparação dos *extractos de flores* de cheiro fugace.

OLEO DE CADE (Huile de cade, fr.). Oleo empyreumatico que se obtem queimando em forno os troncos de uma especie de zimbro, chamado oxycedro, *Juniperus oxycedrus,* L., arvore da familia das Coniferas, que habita em Portugal, e sobretudo nos arredores de Setubal. É um liquido roxo, muito inflammavel, de consistencia oleosa, cheiro forte de alcatrão, sabor acre e caustico. Falsifica-se ás vezes com oleo de alcatrão ou com oleo de carvão de pedra, que tem differente composição e propriedades inferiores.

Uma gotta de oleo de cade, applicada sobre um dente cariado, acalma a dôr. Este oleo é efficaz contra as lombrigas, na dóse de 20 gottas, administradas em 100 grammas (3 onças) d'agua com assucar. Uma ou duas fricções completas e um pouco fortes com oleo de cade, são sufficientes para curar a sarna. É util em muitas molestias cutaneas, como o eczema, lupo, tinha e outras; emprega-se n'estes casos em fricções brandas, feitas todos os dias, ou cada dois dias, sobre os lugares affectados; puro, ou misturado com 2 ou 3 partes de glycerina ou oleo de amendoas doces.

Pomada contra a tinha (Bazin).

Banha	30 gram.	Oleo de cade	3 gram.

OLEO DE CAJEPUT (Huile de cajeput, fr.). Vem já preparado das Molucas, onde se obtem por distillação das folhas de um arbusto chamado *Melaleuca minor*, da familia das Myrtaceas. É liquido, verde, transparente, de cheiro forte e agradavel. — Recommenda-se internamente, na dóse de 6 a 8 gottas com assucar, na gastralgia, hysterismo; e externamante em fricções no rheumatismo e paralysia. Na dóse de 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava) e em poção, foi administrado com vantagem na cholera.

OLEO DE CROTON TIGLIUM (Huile de croton tiglium, fr.). Oleo extrahido das sementes do *Croton tiglium*, L., arbusto da familia das Euphorbiaceas, que habita nas Molucas, no Ceylão e no Malabar. Fig. 251. Estas sementes são oblongas-ovoides, algum tanto



Fig. 251. — Croton tiglium.

achatadas de um lado, convexas do outro, sub-quadrangulares, mui pouco luzentes, avermelhadas, tornando-se negras pela destruição do tegumento exterior; são do tamanho de pequenos feijões; contém uma amendoa branca, oleosa, de sabor acre e urente. O oleo, que se extrahe d'ellas, obtem-se por contusão e pressão, ou por deslocação pelo ether. O oleo de croton é mais ou menos liquido; con-

sistencia do oleo de amendoas doces; é transparente, amarellado, alaranjado ou arroxado, conforme o modo da preparação; quando obtido por espressão é quasi incolor; soluvel no ether e algum tanto no alcool; sabor muito acre.

Purgante extremamente violento. O emprego d'este oleo requer grande prudencia, pois que em minima dóse, como na de 1 gotta, determina abundantes dejecções alvinas. Administra-se na hydropisia, apoplexia, colica de chumbo e contra a tenia. Applicado externamente em fricções, produz erupção cutanea bastante forte, acompanhada de viva comichão. Misturado com azeite doce, ou oleo de amendoas doces, forma os linimentos aconselhados contra os rheumatismos. Puro póde substituir a pomada stibiada, e o effeito é ainda mais rapido. Nevralgias forão curadas pela applicação do oleo de croton sobre a parte dorida. Segundo a escola italiana o effeito do oleo de croton, que succede á sua asborpção, é hyposthenisante enterico-vascular, o qual se manifesta pelo afrouxamento do pulso, suores frios, abatimento geral, até á syncope e morte, symptomas que combatidos a tempo cedem ao vinho, chá de canella e opio.

Internamente. 1 a 2 gottas em 15 grammas (1/2 onça) de xarope ou em pilulas.

Pilulas de croton.

Oleo de croton	1 gotta	Miolo de pão	q. s.

F. 1 pilula e como esta mais outra. D. 1 a 2 pilulas.

Poção de oleo de croton.

Oleo de croton	2 gottas	Tintura de canella	2 gram.
Assucar em pó	8 gram.	Agua	50 gram.

Triture o oleo com o assucar, e ajunte pouco a pouco a tintura e a agua. D. Uma colher *de sopa* de quarto em quarto de hora, como purgante.

Externamente. Em fricções, 5 a 20 gottas, conforme o effeito que se deseja produzir.

Linimento irritante.

Oleo de croton	20 gottas	Azeite doce	30 gram.

Pomada de oleo de croton (Dorvault).

Banha	5 gram.	Oleo de croton	2 gram.
Cera amarella	1 gram.		

Derreta a cera, ajunte a banha, deixe resfriar, e misture o oleo. — Em fricções como revulsivo; produz erupção vesiculosa semelhante ao eczema. — Faz-se a fricção de manhã e de noite; cobre-se a região com sparadrapo, sem enxugar. A erupção apparece no 2° ou 3° dia.

OLEO ESSENCIAL DE TEREBINTHINA. V. *Terebinthina.*

OLEO DE EUPHORBIA LATYRIS. Oleo extrahido da *Euphorbia latyris*, L., planta europea chamada **Tartago** ou **Catapucia menor.** É de côr amarella clara, transparente, mui fluido; sabor acre; insoluvel no alcool. — Purgante drastico, ás vezes emetico. Empregado com vantagem nas ourinas albuminosas, e hydropisia.

Internamente. 8 a 20 gottas em poção, emulsão ou pilulas.

Poção contra as ourinas albuminosas.

Oleo de euphorbia latyris	10 gottas	Xarope de gomma	15 gram.
Gomma alcatira	1 gram.	Agna de hortelã	100 gram

F. S. A. Toma-se junta de uma vez, pela manhã em jejum.

Todos os dias augmenta-se o numero das gottas de oleo; mas se elle produzir grandes evacuações, diminue-se a dóse, ou suspende-se por alguns dias o uso do remedio.

OLEO DE FIGADO DE BACALHÁO (Huile de foie de morue, fr.). Oleo extrahido do figado do peixe bacalháo, *Gadus morua*, L., representado na fig. 252, e das outras especies d'este mesmo genero *gadus*. As arraias fornecem tambem á medicina oleos que são vendidos misturados com o de figado de bacalháo. Este oleo é de côr differente, segundo o modo da preparação. Os oleos *muito roxos*, que provém da decomposição mais ou menos adiantada dos figados, e que são de cheiro e gosto repugnantes, são, por causa d'isto, pouco proprios para o uso medico. Os oleos muito brancos, que forão descorados por um agente chimico, devem tambem ser rejeitados. Os oleos *louros*, ou um tanto alambreados, que provém da fusão dos figados recentes a um calor inferior a 100° devem ser preferidos. 1 gramma (20 grãos) de oleo de figado de bacalháo, misturado com tres gottas de acido sulfurico concentrado, toma uma côr violeta magnifica que passa pouco a pouco a vermelha; mais tarde a mistura torna-se de um amarello-anegrado.



Fig. 252. — Bacalháo.

O oleo de figado de bacalháo é um medicamento tonico e analeptico; desenvolve as forças, augmenta a energia vital, e remedeia dentro em pouco tempo o emmagrecimento excessivo. O Dr. Bouchardat cita um doente, que no decurso de seis semanas do uso do oleo de figado de bacalháo augmentou de 40 libras de peso. As crianças fracas tem-se restabelecido pelo uso d'este oleo, adquirindo vigor e gordura. É aconselhado internamente na tisica, escrophulas, rachitismo, tumores dos ossos, rheumatismo articular, gastrites chronicas, pneumonia chronica, ophthalmias escrophulosas, molestias de pelle, como o lupo, ichtyose, favus; externamente emprega-se em fricções. Para verificar o effeito do medicamento, o doente deve pesar-se de vez em quando.

Internamente. 1 a 3 colheres *de sopa* tres vezes por dia. O doente toma em seguida ao remedio uma colher de café; come um gomo de laranja, um pouco de doce, uma pastilha de hortelã, ou lava a bocca com vinho ou aguardente. Ainda que a principio seja ingrato o sabor e o cheiro do oleo, e produza eructações desagradaveis por varias vezes, todavia, acontece ordinariamente que dentro em pouco tempo os doentes acostumão-se a elle. Póde tambem tomar-se em capsulas ou perolas, 10 a 15. Todas as formulas que se tem imaginado para facilitar a sua ingestão, não tem feito mais do que torna-lo mais desagradavel.

Xarope (Duclou).

Oleo de figado de bacalháo	250 gram.	Agua	375 gran
Gomma arabica	156 gram.	Xarope simples	125 gran
		Assucar	760 gran

D. 15 a 30 gram. (1/2 a 1 onça) por dia, e mais progressivament

OLEO DE NAPHTA. V. Naphta.

OLEO PETROLEO. V. Petroleo.

OLEO DE RICINO, Oleo de mamona ou **de Palma Christi** (Huile de ricin, fr.). Oleo extrahido das sementes d mamona, *Ricinus communis*, L., arvore da familia das Euphorbiaceas, originaria da Africa e das Indias orientaes, cultivada em Portugal e no Brasil ond é hoje quasi espontanea, e frequentement chega á altura de quarenta pés. (V. a fig. 240 que representa a arvore; a fig. 253 representa a semente do ricino). Este oleo é d côr branca ou amarellada, espesso, viscoso sabor desagradavel, soluvel completament no alcool anhydro, e mesmo em 5 partes d alcool a 90° cent., facilmente soluvel no ether



Fig. 253.
Sementes do ricino.

É um dos purgantes mais usados, ber que a sua acção seja inconstante. Goza tamber de propriedades vermifugas. As evacuações alvinas principião ordinariamente tres ou quatro horas depois da administração do ole de ricino, e continuão por cinco a seis horas. Notou-se que a essencia de terebinthina augmenta singularmente o effeito do oleo d ricino.

Uma mistura de 24 grammas (6 oitavas) d'este, com 8 gramma (2 oitavas) d'aquella, destroe as prisões de ventre as mais rebeldes. Esta mesma preparação serve vantajosamente contra a tenia. Augmenta-se tambem o poder purgativo do oleo de ricino, ajuntando lhe 1 ou 2 gottas de oleo de croton.

Internamente. 15 a 60 grammas (1/2 a 2 onças) em caldo d carne de vacca, em caldo de hervas, ou com agua e assucar. O cald de carne de vacca disfarça o gosto do oleo de ricino. Obtem-se mesmo effeito chupando um limão com assucar, ou lavando a bocc com vinho ou aguardente.

O melhor modo de administrar o oleo de ricino é o seguinte Toma-se uma laranja e corta-se em duas partes; espreme-se n'um chicara o succo da primeira metade, e molha-se com elle todo interior da chicara; depois deita-se por cima o oleo de ricino espreme-se em seguida o succo da segunda metade da laranja po cima do oleo de ricino, com precaução, para não misturar o succ com o oleo. O oleo de ricino acha-se d'esta maneira contido entr duas camadas de succo de laranja, e, bebendo tudo com cautela não se sente o seu máo gosto.

A difficuldade, que tem os doentes em tomar o oleo de ricino depende não só do seu máo sabor, mas tambem da dóse ordinariamente elevada em que se receita. Póde obter-se um effeito bastante abundante não se tomando senão 15 grammas (1/2 onça) tendo-se sómente o cuidado em não beber liquido algum antes d offeito purgativo.

Em clyster, 60 a 90 grammas (2 a 3 onças) com agua morna.

Emulsão purgativa com oleo de ricino (Cod. fr.).

)leo de ricino	30 gram.	Agua commum	60 gram.
;omma arabica pulv.	8 gram.	Xarope de assucar	30 gram.
\gua de hortelã	15 gram.		

Ponha a gomma com o seu peso d'agua em gral de marmore; 'aça mucilagem; incorpore n'ella o oleo de ricino, e, depois de ›btida a mistura intima, dilua-a pouco a pouco com a agua e com › xarope.

Dorvault aconselha proceder do modo seguinte : Ponha a gomma 10 fundo do almofariz; deite por cima o oleo agitado vivamente 1'um frasco de bocca larga, com outra tanta agua; bata com força; ijunte depois os outros liquidos.

Poção purgativa oleosa (Cottereau).

)leo de ricino	30 gram.	Agua de hortelã	15 gram.
Xarope de limão	30 gram.		

M. Toma-se a poção toda, de uma vez.

Poção purgativa com oleo de riciño (Velpeau).

)leo de ricino	40 gram.	Gomma arabica pulv.	10 gram.
\gua de hortelã	100 gram.	Xarope d'acido citrico	30 gram.

Faça mucilagem com a gomma, uma parte da agua de hortelã › xarope; divida o oleo; ajunte o resto da agua. Toma-se por ıma vez.

Poção purgativa.

)leo de ricino	60 gram.	Xarope de gomma	30 gram.
Sumo de limão	15 gram.	Agua commum	75 gram,

Clyster laxante.

)leo de ricino	30 gram.	Agua tepida	130 gram.
Gema de ovo	nº 1		

Triture o oleo com a gema de ovo, e ajunte a agua pouco a pouco triturando.

OLEO DE TAMÁQUARÉ. Producto resinoso obtido de incisões feitas na casca de uma grande arvore do Brasil, que habita particularmente nas margens do Rio Negro. É um liquido opaco, de consistencia de mel espesso, de côr amarella suja, de sabor fraco, de cheiro semelhante ao da manteiga, insoluvel em agua, soluvel no alcool, no chloroformio, na benzina, no acido acetico; pouco soluvel na essencia de terebinthina. — Emprega-se em fricções contra as molestias cutaneas.

OLIBANO ou **Incenso** (Oliban ou encens, fr.). Gomma-resina de que existem duas especies : o incenso da India e o da Africa. O incenso da India é fornecido por uma arvore da familia das Terebinthaceas, *Boswellia serrata :* tem a apparencia de lagrimas semi-opacas, amarelladas; cheiro agradavel; quando se queima espalha vapores suaves. O da Africa é em massas, de côr mais carregada, frequentemente misturado com cascas. Pouco se emprega em medicina. Póde utilizar-se em fumigações contra o rheumatismo.

Incenso de igreja.

Olibano	250 part.	Assucar	50 part.
Benjoim	125 part.	Nitro	25 part.
Estoraque	60 part.	Cascarilha	30 part.

OLIVEIRA (Olivier, fr.). *Olea europæa*, L. Arvore da familia das Oleaceas, cultivada em Portugal, fig. 139, pag. 296, cujo fructo se chama *azeitona*. O pericarpo da azeitona fornece um oleo precioso para a economia domestica, e para a pharmacia. V. *Azeite*. O

extracto das folhas é reputado febrifugo, na dóse de 2 a 4 gram (1/2 a 1 oitava).

OPIO (Opium, fr.). Sumo gommo-resinoso, concreto, extrahid das cabeças de dormideira, *Papaver somniferum*, L., planta d familia das Papaveraceas, representada na fig. 181, p. 419. Est planta habita em toda a Europa, é cultivada nos jardins do Brasil mas até agora não tem fornecido o opio senão no Oriente, ond ella adquire todo o seu desenvolvimento. O modo de extracção d opio varía segundo os paizes. Na Persia obtem-se por meio de inci sões superficiaes nas capsulas da dormideira; nos outros paizes d Asia extrahe-se pisando as capsulas, ou por meio da agua a fervei No commercio ha tres especies principaes de opio : 1° *Opio d Smyrna*. É molle, em pães deformados, deprimidos e guarnecido de sementes de rumex; côr roxa, que se torna mais intensa pel exposição ao ar; cheiro forte e viroso, sabor acre. No interior, examinando com a lente, é formado de pequenas lagrimas fulva transparentes. É o melhor dos opios : a morphina abunda n'est especie (6 a 12 por cento), é unida com acido meconico. 2° *Opi de Constantinopla*. Vem da Natolia e é de duas especies, uma, ana loga á precedente; outra, em pequenos pães achatados assaz regu lares, e sempre embrulhados em folhas de dormideira, cuja nervur mediana divide o disco em dois. É inferior em qualidade ao opi de Smyrna, e superior ao seguinte. Contém 5 a 10 por cento d morphina. 3° *Opio de Alexandria*. Em pães orbiculares, chatos, d 6 a 8 centimetros, seccos; mui puros no interior, fractura limp e luzente. É coberto com destroços de folhas de dormideiras, e dis tingue-se dos precedentes pela côr roxa permanente, pela deliques cencia no ar, e pelo cheiro menos viroso. Contém apenas 2 a 3 po cento de morphina. O *opio da India*, que se distingue em opio d *Benares*, *Patna* ou *Behar*, *Garden-Patna* e *Malwa*, do nome da regiões indiaticas onde se colhe em immensas quantidades, apre senta-se debaixo de differentes aspectos, umas vezes é sob a fórm de grossos pães embrulhados em folhas de tabaco ou petalas de dor mideiras; outras vezes, fechado em caixas de madeira ou de metal O *Opio da Persia* circula no commercio em cylindros achatados d comprimento de 5 a 6 pollegadas; é molle e flexivel, de côr meno carregada que a dos outros opios, e parece formado de lagrima agglutinadas; contém 5 a 12 por 100 de morphina. *Opio da Europa* Em França varios ensaios se tem feito para obter opio das dormi deiras que vegetão n'este paiz; em Portugal, tambem se fizerã d'estas tentativas com a planta havida do horto botanico da Escol medico-cirurgica de Lisboa; e d'estes ensaios se collige que entre o opios europeos alguns tem produzido 10 por cento de morphina Mas estas tentativas não passárão de ensaios particulares, e nã tomárão o caracter de uma cultura importante. O opio indigen da França foi designado por Aubergier pelo nome de *affium*.

A agua dissolve cerca de dois terços da substancia do opio; residuo consiste em resina, narcotina, caoutchouc. O alcool dissolv os 4/5. O opio puro é soluvel em agua, alcool, ether, vinagre.

O opio compõe-se das substancias seguintes : morphina, codeina narcotina, acido meconico, acido roxo extractivo, resina, oleo pseudo morphina, thebaina, meconina, narceina, bassorina, gomma, borracha principio lenhoso, albumina e um principio viroso volatil. De toda estas substancias a morphina é o principio mais activo do opio.

A riqueza em morphina dos diversos opios varía de 2 a 15 po cento. Depende da variedade das dormideiras, do momento d

colheita, do modo da preparação, e da pureza do producto. O opio de boa qualidade deve dar 10 por cento. O opio de Smyrna é o mais rico em morphina. Ha tambem opios inteiramente esgotados, e que não contém nem um atomo de morphina, mas ao qual os falsificadores costumão dar toda a apparencia de um producto de boa qualidade. Concebem-se, pois, as disparidades que devem offerecer as preparações opiadas na sua acção, segundo que são obtidas de um opio pobre ou de um opio rico em morphina.

Ensaio do opio. Ao comprar o opio é necessario assegurar-se da sua riqueza em morphina : o ammoniaco fraco, deitado n'um soluto de opio, fornece, para este fim, um meio facil e prompto. O opio que dá um precipitado mais abundante e menos corado, é o melhor.

Entretanto, este processo é inferior ao seguinte, que é de Guillermond. Diluem-se em almofariz com 60 grammas de alcool a 70° cent., 15 grammas do opio que se quer ensaiar, e deita-se a solução sobre um panno de linho para separar a tintura; espreme-se o residuo e dilue-se em 40 grammas de novo alcool do mesmo gráo; reunem-se as tinturas n'um frasco de bocca larga, contendo previamente 4 grammas de ammoniaco. Doze horas depois obtem-se o resultado que se deseja : separou-se a *morphina* acompanhada de certa quantidade de *narcotina;* a morphina estende-se pelas paredes interiores do recipiente em crystaes corados e asperos ao tacto, e a narcotina acha-se crystallizada em pequenas agulhas nacaradas brancas e mui ligeiras. Reunem-se os crystaes sobre um panno de linho, e lavão-se em agua muitas vezes, para limpa-los do meconato de ammoniaco. Mergulhão-se depois estes crystaes n'um vidro cheio d'agua. A narcotina, que é muito ligeira, fica suspensa no vehiculo, e póde-se, pela decantação, separa-la sufficientemente da morphina que, ficando no fundo, póde ser tirada e pesada immediatamente. Um bom opio deve dar, por este processo, 10 por cento de morphina. Admitte-se geralmente uma tolerancia de 1 por cento. Póde-se substituir vantajosamente á decantação a trituração com ether, que dissolve a narcotina, e não ataca a morphina.

Propriedades e usos. O opio é um dos mais preciosos remedios da medicina. Calmante em pequena dóse, excitante em mais forte, é um veneno se fôr administrado em grande quantidade. O opio, as preparações de que é a base, a morphina e seus saes, em pequena dóse diminuem a sensibilidade; e produzem um estado de socego que convida ao somno, o que é muito util quando o doente soffre; administradas em dóses mais consideraveis, estas substancias podem occasionar uma exaltação intellectual seguida de contracção das pupillas, perturbação da vista, zunidos de ouvidos, dôr e peso na cabeça, comichão na pelle, enfraquecimento geral e um somno de curta duração interrompido por sonhos penosos; em dóse mais elevada produzem uma especie de embriaguez, e somno profundo que póde ser seguido de morte.

Segundo Giacomini, a acção do opio é hypersthenisante, vascular e cephalica ao mesmo tempo, como o vinho e as bebidas alcoolicas.

O opio convem todas as vezes que o doente soffre vivas dôres, ou é sujeito a insomnia. O tétano, o delirio nervoso, as dysenterias, diarrheas, os rheumatismos, vomitos espasmodicos, a gastralgia, o tico doloroso da face, a sciatica e outras nevralgias, molestias do peito, etc., cedem frequentemente ao seu emprego. Associado ao mercurio previne ás vezes a salivação, que produzem a miudo os remedios mercuriaes. Emprega-se tambem na cholera-morbus e nas

affecções cancerosas. Bem que n'este ultimo caso a sua acção seja simplesmente palliativa, nem por isso é menos precioso, pois que acalma as dôres que occasiona esta terrivel molestia. Finalmente o opio emprega-se com vantagem na maior parte das molestias chronicas. Deve haver a maior circumspecção nas dóses, quando se empregão as preparações opiadas para a infancia. As crianças de seis mezes, e mesmo de um anno supportão apenas dóses vinte vezes menores, do que as que póde tolerar um adulto. O opio, continuado por longo tempo, diminue o appetite.

Os musulmanos, a quem a sua religião prohibe o uso do vinho, e alguns outros povos orientaes, como os Chins, servem-se do opio como meio embriagante, fumando-o em cachimbos; acostumão-se a elle progressivamente, e chegão a tomar dóses consideraveis; alguns acabão por cahirem n'um estado de embriaguez permanente, e em seguida, no marasmo physico e moral verdadeiramente extraordinario.

Internamente. O opio privado mecanicamente dos corpos estranhos, 5, 10, 20, 40 centigrammas (1, 2, 4, 8 grãos), e progressivamente 4 até 8 gram. (1 a 2 oitavas), em pilulas, pó ou poção.

Purificado ou *Extracto aquoso*, chamado tambem *Extracto gommoso de opio* ou *extracto thebaico* (p. 91), 2 1/2, 5 a 15 centigram. (1/2, 1 a 3 grãos) e mais progressivamente.

Laudano de Sydenham ou *Vinho d'opio composto* (Cod. fr.).

Opio de Smyrna	200 gram.	Cravo da India	15 gram.
Açafrão	100 gram.	Vinho de Malaga	1000 gram.
Canella	15 gram.		

Corte o opio em pedacinhos, introduza-o em matraz com as outras substancias, macere por quinze dias, agitando de vez em quando; côe, esprema e filtre. — 4 grammas (1 oitava) de laudano de Sydenham contém 50 centigram. (10 grãos) de opio, ou 25 centigrammas (5 grãos) de extracto de opio. — 20 gottas contém quasi 5 centigrammas (1 grão) de extracto de opio. É uma preparação frequentemente empregada na dóse de 15 a 30 gottas em poção ou clyster.

Laudano de Rousseau (Cod. fr.).

Opio de Smyrna	200 gram.	Levadura de cerveja fresca	40 gram.
Mel de abelhas branco	600 gram.	Alcool a 60° cent.	200 gram.
Agua quente	3000 gram.		

Divida o opio e dissolva-o na agua quente; ajunte o mel, depois a levadura de cerveja. Introduza tudo em matraz, e exponha este a uma temperatura constante de 25° a 30° cent., até que a fermentação esteja completamente terminada. Filtre o liquido, evapore-o a b. m. até ficar em 600 grammas, deixe-o arrefecer. Ajunte-lhe o alcool, e, passadas 24 horas, torne a filtrar. — 4 grammas (1 oitava) de laudano de Rousseau correspondem a 1 gramma (20 grãos) de opio, ou 50 centigrammas (10 grãos) de extracto de opio. 20 gottas contém quasi 10 centigrammas (2 grãos) de extracto de opio.

O laudano de Rousseau é duas vezes mais activo do que o laudano de Sydenham. Quando o medico receita simplesmente *laudano* sem designar o nome do autor, entende-se o *laudano de Sydenham*.

Black-drops ou *gottas pretas inglezas* (Cod. fr.).

Opio de Smyrna	100 gram.	Moscadas	25 gram.
Vinagre distillado	600 gram.	Assucar	59 gram.
Açafrão	8 gram.		

Divida o opio, pulverize grosseiramente as moscadas, e incise

o açafrão. Ponha tudo em balão, com os tres quartos do vinagre; macere por dez dias, agitando de vez em quando. Aqueça a b. m. por meia hora; côe, esprema fortemente. Deite sobre o residuo a quarta parte do vinagre; passadas 24 horas, torne a espremer na prensa. Reuna os liquidos, filtre; ajunte o assucar, e evapore a b. m. até reduzir a 200 grammas. O liquido arrefecido deve marcar quasi 1,25 no densimetro (29° Baumé). — A gotta preta, assim preparada, representa a metade do seu peso de opio, ou o quarto de extracto de opio; isto é, 1 parte equivale a 2 partes de laudano de Rousseau e a 4 partes de laudano de Sydenham. 5 gottas contém quasi 5 centigrammas (1 grão) de extracto de opio. D. 2 a 5 gottas em poção.

Tintura de extracto de opio ou *tintura thebaica* (V. p. 123), 15 gottas contém cerca de 5 centigrammas (1 grão) de extracto de opio. D. 15 a 30 gottas em poção.

Elixir paregorico ou *Tintura de opio camphorada* (Cod. fr.).

Camphora	2 gram.	Oleo essencial de aniz	3 gram.
Extracto de opio	3 gram.	Alcool a 60° centes.	650 gram.
Acido benzoico	3 gram.		

Digira por 8 dias e filtre. D. 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) em poção, como anodyno e antispasmodico. 10 gram. (2 1/2 oitavas) d'esta tintura contém 5 centigrammas (1 grão) de extracto de opio.

Xarope de opio (p. 136), 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça). 30 gram. (1 onça) contém 6 centigrammas (1 1/5 grão) de extracto de opio.

Xarope diacodio (p. 133). D. 60 a 90 grammas (2 a 3 onças). — 30 grammas (1 onça) contém 15 milligrammas (1/3 de grão) de extracto de opio.

Diascordio (Cod. fr.).

Folhas seccas de escordio	20	Dictamo de Creta	20
Petalas de rosa rubra	20	Benjoim em lagrimas	20
Raiz de bistorta	20	Galbano	20
— de genciana	20	Gomma arabica	20
— de tormentilla	20	Bolo armenio preparado	80
Sementes de berberis	20	Extracto de opio	10
Gengibre	10	Mel rosado	1300
Pimenta longa	10	Vinho de Malaga	200
Canella de Ceylão	40		

Evapore o mel rosado até reduzi-lo a 1000 grammas : e, estando ainda quente, ajunte o extracto de opio dissolvido no vinho, depois, pouco a pouco, todas as outras substancias previamente reduzidas a pó fino. Pize bem no gral a massa, para obter mistura exacta, e guarde o electuario em pote. — 1 gramma (20 grãos) contém cerca de 6 milligrammas (1/8 de grão) de extracto de opio. D. 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas) em clyster.

Theriaga (Cod. fr.).

Raiz de gengibre	60	Raiz de asaro	10
— de lirio florentino	60	Páo de aloes	10
— de valeriana silvestre	60	Canella de Ceylão	100
— de valeriana celtica	20	Escamas de scilla	60
— de calamo aromatico	30	Schænanthe arabica	30
— de potentilla	30	Oregão de Creta	30
— de rhapontico	30	Folhas seccas de louro	30
— de genciana	20	Summidades de escordio	60
— de meum	20	— de calaminthа	30
— de aristolochia clematite	10	— de marroio branco	30

Summidades de poejo	30	Sementes de cardamomo menor	80
— de chamædrios	20	Agarico branco	60
— de chamæpitys	20	Opio de Smyrna	120
— de hypericão	20	Succo de alcaçuz	60
— de centaurea men.	10	Cato	40
Petalas de rosa rubra	60	Gomma arabica	20
Flores de rosmaninho	30	Myrrha	40
Estigmas de açafrão	40	Olibano	30
Casca secca de limão	30	Sagapeno	20
Fructos de pimenta longa	120	Galbano	10
— — negra	60	Opopanaco	10
— de salsa hortense	30	Benjoim em lagrimas	20
— de ammio officinal	20	Viboras seccas	60
— de aniz	20	Castoreo	10
— de funcho	20	Miolo de pão secco	60
— de seseli tortuoso	20	Terra sigilada	20
— de dauco cretico	10	Sulfato de ferro secco	20
Sementes de ervilha de pombo	200	Betume da Judea	10
— de nabo	60		

Pise juntas todas estas substancias, e passe por tamiz, de modo a obter pó fino, deixando o menos possivel de residuo. É este pó que se chama *Pó theriagal.* Tome então :

Pó theriagal	1000	Mel de abelhas	3500
Terebinthina de Chio	50	Vinho de Malaga	250

Deite em bacia a terebinthina, derreta-a a calor brando; ajunte-lhe bastante pó theriagal para dividi-lo exactamente. De outra parte, derreta o mel; deite-o ainda quente pouco a pouco na bacia, para diluir a primeira mistura. Ajunte, pouco a pouco, o resto dos pós e o vinho de Malaga, que deverá dar á massa a consistencia um pouco molle. Depois de bem homogenea, guarde a massa em pote. Alguns mezes depois, torne a deitar a theriaga em almofariz, e moa-a outra vez para dividi-la exactamente. — 4 grammas (1 oitava) de theriaga contém cerca de 5 centigrammas (1 grão) de opio bruto que representão 25 milligrammas (1/2 grão) de extracto de opio. D. 4 a 16 grammas (1 a 4 oitavas).

Tonico e calmante. É um antigo electuario, composto no anno de 64 por Andromaco, medico de Nero, imperador romano. É uma mistura de todas as drogas empregadas n'esse tempo. Hoje raras vezes se emprega. Os medicos que prescrevem a theriaga, regulão-se segundo a quantidade do opio que ella contém.

Pilulas de extracto de opio.

Extracto de opio.................... 5 centigrammas.

F. 1 pilula. D. 1 a 2 pilulas por dia. Calmante, muito empregado.

Pilulas de cynoglossa ou *de cynoglossa opiadas* (Cod. fr.).

Extracto de opio	10 gram.	Olibano	12 gram.
Sementes de meimendro	10 gram.	Açafrão	4 gram.
Casca de raiz de cynoglossa	10 gram.	Castoreo	4 gram.
Myrrha	15 gram.	Mel de abelhas	35 gram.

Reduza a pó a casca de raiz de cynoglossa juntamente com o meimendro, porque separadas, estas substancias pulverizão-se com difficuldade. Pulverize á parte cada uma das outras substancias. Derreta a b. m. o extracto de opio no mel; ajunte-lhes, em almofariz de ferro, todos os pós, e faça massa pilular, que conservará em vaso tapado. Divide-se esta massa, quando fôr preciso, em

pilulas de 20 centigrammas (4 grãos), de que cada uma contém 2 centigrammas (um pouco menos de 1/2 grão) de extracto de opio. — D. 1 a 2 pilulas.

Pilulas anti-cephalalgicas (Broussais).

Extracto de opio	1 centig.	Extracto de alface	3 centig.
— de meimendro	2 centig.	Manteiga de cacáo	2 centig.
— de belladona	2 centig.		

F. 1 pilula, e como esta mais cinco. D. 1 a 2 pilulas por dia.

Pilulas camphoro-opiadas (Ricord).

Camphora	15 centig.	Mucilagem	q. s.
Extracto de opio	25 millig.		

F. 1 pilula, e como esta mais oito. D. 2 ou 3 á noite para combater as erecções nas blennorrhagias.

Poção calmante ou *Julepo calmante* (Cod. fr.).

Xarope de opio	10 gram.	Agua distillada de tilia	120 gram.
— de flor de laranj.	20 gram.		

M. Uma colher *de sopa* de hora em hora.

Loock calmante.

Look branco	150 gram.	Laudano de Sydenham	20 gottas

M. Ás colheres *de sopa* contra a tosse.

Poção contra a cholerina (Jeannel).

Agua de hortelã	60 gram.	Xarope de opio	30 gram.
— de melissa	60 gram.	Ether sulfurico	4 gram.
Tintura de cato	10 gram.		

M. Uma colher *de sopa* de meia em meia hora.

Julepo calmante.

Xarope de opio	15 gram.	Infusão de tilia	150 gram.
Xarope simples	15 gram.		

M. Ás colheres *de sopa.*

Xarope contra a coqueluche.

Xarope de opio	30 gram.	Xarope de ipecacuanha	30 gram.
Xarope de quina	30 gram.		

M. Uma colher *de chá*, tres vezes por dia, ás crianças de 2 annos.

Xarope peitoral.

Xarope diacodio	30 gram.	Xarope de Tolú	60 gram.

M. Uma colher *de sopa*, tres vezes por dia, na bronchite.

Poção contra a dysenteria (Requin).

Agua de tilia	100 gram.	Claras de ovos	nº 2
Xarope de opio	30 gram.		

M. e passe por cassa. Uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas.

Pós narcotico-tonicos (Marc).

Extracto de opio	5 centig.	Assucar	5 gram.
Gomma arabica	10 centig.	Essencia de hortelã	2 gottas
Calumba	2 gram.		

Reduza a pó, misture e divida em 5 papeis. D. um, duas vezes por dia. Diarrhea, gastralgia.

Pastilhas de Spilzlay.

Aniz em pó	3 gram.	Gomma arabica	60 gram.
Assucar	500 gram.	Gomma alcatira	8 gram.
Extracto de opio	50 centig.	Succo de alcaçuz	8 gram.

Faça pastilhas (tabellas) de 1 gramma (20 grãos). D. 3 por dia, contra a tosse.

Clyster emolliente e calmante.

Polvilho	8 gram.	Agua quente	200 gram.
Agua fria	50 gram.	Laudano de Sydenham	20 gottas

Dilua o polvilho na agua fria; ajunte a agua quente, mexa, e ajunte o laudano. Diarrhea.

Clyster anodyno.

Decocto de althea	200 gram.	Laudano de Sydenham	20 gottas

Clyster contra a diarrhea (Rostan).

Gomma alcatira	1 gram.	Polvilho	8 gram.
Agua tepida	200 gram.	Laudano de Sydenham	20 gottas

Dilua a gomma na agua morna; ajunte o polvilho e o laudano.

Clyster opio-camphorado (Ricord).

Camphora	50 centig.	Extracto de opio	5 centig.
Gema de ovo nº	1	Agua morna	200 gram.

Dilua a camphora na gema de ovo; dissolva o opio na agua, e misture. Contra as erecções na blennorrhagia.

Externamente. *Laudano de Sydenham*, 15 a 30 gram. (1/2 a 1 onça) em fricções ou para deitar por cima de cataplasma. Emprega-se tambem em collyrios, gargarejos, etc.

Preparão-se tambem *emplastos de theriaga,* de differentes dimensões, que se applicão sobre o ventre e outras partes, para combater dôres locaes.

Emplasto de opio (p. 82), e *Emplasto de opio composto* (p. 82), applicão-se nos mesmos casos.

Mistura odontalgica.

Laudano de Sydenham	4 gram.	Ether sulfurico	4 gram.
Oleo de cravo da India	4 gram.		

Embebe-se algodão n'esta mistura, e introduz-se na cavidade do dente cariado.

Espirito odontalgico (Boerhaave).

Alcool	8 gram.	Opio	25 centig.
Camphora	4 gram.	Oleo de cravo da India	20 gottas.

M. Molha-se algodão n'esta mistura, e introduz-se na cavidade do dente cariado e doloroso.

Collyrio opiado (Cod. fr.).

Agua de rosas	100 gram.	Extracto de opio	20 centig.

Dissolva e filtre. Ophthalmias dolorosas.

Collyrio sedativo

Extracto de meimendro	1 gram.	Laudano de Rousseau	1 gram.
Agua de rosas	100 gram.		

Collyrio anodyno.

Agua de rosas	100 gram.	Laudano de Sydenham	1 gram.
Tintura de açafrão	2 gram.		

M. Ophthalmias chronicas.

Collutorio calmante.

Extracto de opio	20 centig.	Mel de abelhas	20 gram
Agua	120 gram.		

Para gargarejar, nas inflammações da lingua ou das gengivas.

Gargarejo calmante (Jeannel).

Decocto de cevada	200 gram.	Mellite simples	40 gram.
Gomma arabica pulv.	10 gram.	Laudano de Sydenham	8 gram.

Gargarejo opiado.

Decocto de althea	200 gram.	Mel de abelhas	60 gram.
Tintura d'opio	2 gram.		

Ceroto opiado (Cod. fr.).

Extracto de opio	1 gram.	Ceroto de Galeno	98 gram.
Agua distillada	1 gram.		

Dissolva o extracto na agua, e misture com o ceroto em almofariz. Ulceras dolorosas, queimaduras, etc.

Ceroto laudanizado (Cod. fr.).

Laudano de Sydenham.	10 gram.	Ceroto de Galeno	90 gram.

Misture em almofariz.

Linimento opiado.

Laudano de Sydenham	1 gram.	Azeite doce	7 gram.

Linimento anodyno (Boyer).

Extracto de opio	5 gram.	Balsamo tranquillo	30 gram.
Unguento de althea	15 gram.	Oleo de amendoas doces	30 gram.

F. S. A. Em fricções para acalmar dôres.

Linimento camphoro-opiado (Cod. fr.).

Oleo camphorado	80 gram.	Tintura de opio	10 gram.
Ceroto de Galeno	10 gram.		

Dilua o ceroto no oleo, e ajunte a tintura de opio. Em fricções nos rheumatismos.

Linimento narcotico (Cod. fr.).

Balsamo tranquillo	80 gram.	Laudano de Sydenham	10 gram.
Ceroto simples	10 gram.		

Dilua o ceroto no balsamo, e ajunte o laudano.

Linimento calmante (Delioux).

Extracto de opio	1 gram.	Agua de louro-cereja	20 gram.
Extracto de belladona	4 gram.	Glycerina	30 gram.

Glycereo de opio (Cod. fr.).

Extracto de opio	10 gram.	Glycereo de amido	100 gram.

Amolleça o extracto em um pouco d'agua, e misture-o com o glycereo.

Glycereo laudanizado.

Laudano de Sydenham	1 gram.	Glycerina	10 gram.

Cataplasma antispasmodica.

Cataplasma de linhaça	250 gram.	Opio bruto	4 gram.
Açafrão cortado	10 gram.	Agua tepida	20 gram.
Camphora pulverizada	4 gram.		

Dilua o opio e o açafrão na agua morna, e incorpore-os, assim como a camphora, com a cataplasma. Colicas uterinas, nephriticas.

Cataplasma anodyna.

Cataplasma de linhaça............... 180 grammas
Estenda em panno e deite por cima
Laudano de Sydenham.............. 15 grammas

MORPHINA. (Morphine, fr.). Um dos principios activos do opio. É uma substancia branca, solida, em pyramides de quatro faces. inodora, de sabor amargo, pouco soluvel na agua fria e no alcool frio; soluvel em 500 partes d'agua fervendo; insoluvel no ether. — Existem diversos modos de obter a morphina; o mais vantajoso é o de Gregory ou de Robertson; ei-lo resumidamente : Esgota-se o opio pela agua fria; evapora-se o liquido até á consistencia de xarope; ferve-se este e ajunta-se o chlorureto de calcio, que deter-

36.

mina a separação do meconato de cal e da materia corante : o liquido, concentrado de novo, deixa primeiro precipitar o meconato de cal, e mais tarde os crystaes de chlorhydrato de morphina e de codeina, que se purificão por crystallizações repetidas, e pelo carvão animal : a solução d'estes dois saes tratada pelo ammoniaco deixa só depositar a morphina, que se purifica fazendo-a crystallizar pelo alcool. O opio de boa qualidade fornece 8 a 10 por cento de morphina.—Emprega-se pouco, mas os seus saes, o chlorhydrato e o sulfato de morphina, que são mais soluveis, são frequentemente administrados.

ACETATO DE MORPHINA. (Acétate de morphine, fr.). Sal que resulta da combinação do acido acetico com a morphina. Obtem-se dissolvendo a morphina em q. s. de acido acetico, e evaporando o liquido até á seccura, a calor brando. É branco, amarellado, inodoro, de sabor amargo, soluvel em agua. Mas passado algum tempo depois da sua preparação torna-se insoluvel, e para o dissolver então é preciso ajuntar-lhe um pouco de acido acetico.

Narcotico energico; tem as mesmas propriedades que o opio; mas hoje é pouco empregado, e prefere-se-lhe o chlorhydrato e o sulfato de morphina.

Internamente. 1 a 5 centigram. (1/5 a 1 grão) por 24 horas, em pilulas ou poção.

Xarope (p. 130), 20 a 60 gram. (5 oitavas a 2 onças) em poção. Cada 20 grammas (5 oitavas) contém 1 centigramma (1/5 de grão) de acetato de morphina.

Externamente. 1 a 5 centigram. (1/5 a 1 grão) e mais pelo methodo endermico, ou por duas e tres vezes esta dóse em fomentações aquosas ou alcoolicas.

Mistura anti-odontalgica (Lemazurier).

Agua dist. de louro-cereja 12 gram. | Acetato de morphina 1 centig.

M. Empregada pura em fricções nas gengivas, ou em gargarejos, na dóse de 10 gottas em 60 grammas (2 onças) d'agua morna, para cada vez. Dôres de dentes.

CHLORHYDRATO OU HYDROCHLORATO DE MORPHINA (Chlorhydrate de morphine, fr.). Sal crystallizado em agulhas, soluvel em 18 partes d'agua fria. Obtem-se dissolvendo a morphina na agua acidulada pelo acido chlorhydrico, ajuntando carvão animal, filtrando e concentrando o liquido até á consistencia de xarope.

Narcotico forte, tem os mesmos usos que o opio (V. p. 635), mas a sua acção é tres vezes mais energica que a do extracto d'esta substancia. De todos os saes de morphina este merece a maior confiança, e deve ser empregado com preferencia. É muito empregado em injecções sub-cutaneas contra as diversas nevralgias.

Internamente. 1 a 5 centigram. (1/5 a 1 grão) por dia, em pilulas ou poção.

Xarope (p. 133), 20 a 60 grammas (5 oitavas a 2 onças) puro ou em poção. Cada 20 grammas (5 oitavas) contém 1 centigramma (1/5 de grão) de chlorhydrato.

Pilulas de chlorhydrato de morphina.

Chlorhydrato de morph. 1 centig. | Extracto de alcaçuz 5 centig.

F. 1 pilula, e como esta mais 4. D. 1 á noite contra a insomnia.

Poção contra a gastralgia (Sandras).

Agua	20 gram.	Chlorhydrato de morphina	5 centig.
Assucar	2 gram.		

M. Uma colher *de chá* de meia em meia hora até desapparecer a dôr.

Xarope lenitvo de Flon.

Xarope de chlorhydrato de morphina 250 gram.	Xarope de louro-cereja 30 gram.
	Carmim para dar côr q. s.

Uma colher *de sopa*, 2 vezes por dia, contra a tosse.

Xarope de Forget, contra a tosse. Preparação secreta. O seu principio activo é o chlorhydrato de morphina.

Externamente. 1 a 5 centigram. (1/5 a 1 grão) pelo methodo endermico; ou em fricções, 5 centigrammas (1 grão) dissolvidos no alcool.

Pomada de chlorhydrato de morphina (Sandras).

Chlorhydrato de morphina 10 centig.	Banha balsamica 6 gram.

M. Em fricções nos lugares dolorosos. Util em quasi todas as nevralgias.

Solução para injecções sub-cutaneas (Behier).

Chlorhydrato de morphina 15 centig.	Agua distillada 15 gram.

D. 5 a 10 gottas por injecção, que se faz perto do lugar dorido, ou na face interna do braço nas nevralgias, dôres excessivas do parto, angina do peito, contracções espasmodicas. — Cinco gottas contém 1 milligramma de chlorhydrato de morphina.

Collyrio calmante (Furnari).

Infusão de açafrão 60 gram.	Chlorhyd. de morphina 5 centig.
Infusão de papoulas 60 gram.	Tintura de myrrha 12 gottas.

M. De tres em tres horas instillar nos olhos algumas gottas d'este collyrio, e applicar nas palpebras pannos molhados no mesmo collyrio. Ophthalmias.

SULFATO DE MORPHINA. Sal branco, crystallizado em agulhas reunidas em fasciculos, inalteravel ao ar, soluvel em agua, inodoro, de sabor amargo. Obtem-se diluindo a morphina em agua quente, ajuntando q. s. de acido sulfurico para dissolver a morphina, evaporando até á consistencia de xarope, e deixando crystallizar.

Calmante energico, empregado em muitas affecções acompanhadas de dôres, na insomnia, tosses, etc. Usa-se muito em injecções sub-cutaneas contra as nevralgias.

Internamente. 1 a 5 centigram. (1/5 a 1 grão) por dia, em pilulas ou poção.

Xarope (p. 139),20 a 60 grammas (5 oitavas a 2 onças) puro ou em poção. Cada 20 grammas (5 oitavas) contém 1 centigramma (1/5 de grão) de sulfato de morphina.

Pilulas de sulfato de morphina.

Sulfato de morphina 25 millig.	Althea em pó q. s.
Conserva de rosas 5 centig.	

F. 1 pilula, e como esta mais 3. Toma-se uma de noite, contra a insomnia.

Poção calmante.

Sulfato de morphina 25 millig.	Agua de alface 120 gram.
Agua de flor de laranj. 4 gram.	Xarope simples 30 gram.

M. Uma colher *de sopa* de hora em hora.

Emulsão calmante.

Emulsão de amendoas doces 150 gram.	Xarope de sulfato de morphina 30 gram.

M. Ás colheres *de sopa*, como calmante.

Externamente. 1 a 10 centigram. (1/5 de grão a 2 grãos), dissolvidos no alcool, em fricções, nas nevralgias.

Solução para injecções sub-cutaneas (Behier).

Sulfato de morphina	15 centig.	Agua distillada	15 gram

D. 5 a 10 gottas por injecção. Cinco gottas contém 1 milligram. de sulfato de morphina.

CODEINA. Substancia que se obtem do opio, previamente privado da morphina pelo processo Gregory. Crystaes sem côr, soluveis em 80 partes d'agua, soluveis no alcool e ether. Goza das propriedades hypnoticas da morphina, mas muito mais fracas. Aconselhada contra a coqueluche e gastralgia. Segundo Magendie 5 centigram. de codeina equivalem a 3 centigrammas de morphina.

Internamente. 1 a 5 centigrammas (1/5 a 1 grão), em pilulas, xarope ou poção.

Xarope de codeina (p. 133). D. 1 a 5 colheres *de chá* por dia. — Uma colher *de chá* ou 5 gram. contém 1 centigram. ou 1/5 de grão de codeina.

Pilulas de codeina.

Codeina	5 centig.	Althea em pó	q. s.
Thridacio	5 centig.		

F. 1 pilula, e como esta mais 3. D. 1 pilula por dia.

Poção de codeina.

Xarope de codeina	30 gram.	Inf. de flores peitoraes	100 gram.

M. Uma colher *de sopa* de hora em hora.

NARCEINA (Narceine, fr.). Substancia que se extrahe do opio privado de morphina. Agulhas sedosas, soluveis em 375 partes d'agua fria e em 230 partes d'agua fervendo; soluveis no alcool, insoluveis no ether. — Goza de propriedades hypnoticas e calmantes bem pronunciadas.

Internamente. 1 a 5 centigrammas (1/5 a 1 grão).

OPOPANACO (Opopanax, fr.). Gomma-resina extrahida de uma planta do Levante, *Opopanax chironium*, Koch, da familia das Umbelliferas. — Massas irregulares, avermelhadas por fóra, amareladas por dentro; cheiro aromatico pouco agradavel; soluvel no alcool e no ether. Antispasmodico, pouco empregado internamente; entra na composição de alguns emplastos.

ORCANETTA, Buglossa ou **Anchusa** (Orcanette, fr.). *Anchusa tinctoria*, L. Borragineas. Fig. 254. Planta europea; em Portugal habita nos montes dos arredores de Lisboa, de Coimbra, e outras partes da Estremadura e Beira. Caule de 22 centimetros, hirsuto, ramoso; folhas sesseis, oblongas; flores quasi rentes de um azul desmaiado. A raiz é empregada na tinturaria, e nas pharmacias para dar côr ás pomadas. Esta raiz, tal como apparece no commercio, é da grossura de um dedo, formada de casca foliacea, de côr rubra-roxa; sob esta casca acha-se um corpo ligneo composto de fibras igualmente rubras pela parte de fóra, brancas interiormente. Cede o seu principio corante (*anchusina*) ao alcool, ao ether, aos corpos gordos, porém não á agua.

OREGÃO (Origan, fr.). *Origanum vulgare*, L. Labiadas. Planta aromatica, commum em Portugal. Caule de 1 pé, folhas oppostas, ovadas, pecioladas, por cima glabras, por baixo miudamente empubescidas; flores purpurinas, ás vezes brancas, espigadas em panicula terminal; cheiro e sabor aromaticos. Emprega-se toda a planta em banhos, como estimulante.



Fig. 254. — Orcanetta.

OREGAO DE CRETA ou **Dictamo de Creta** (Dictame de Crète, fr.). *O. creticum*, L., goza das mesmas propriedades que o precedente.

ORELHA DE GATO. *Hypericum connatum*, Lam. Hypericineas. Sub-arbusto do Brasil (S. Paulo, Rio Grande do Sul). Tem 1 a 1 1/2 pé de altura; folhas oppostas e soldadas duas a duas, desde a base até ao meio; a parte livre é oval; de cheiro forte pouco agradavel; flores formando uma cymeira; fructo, capsula ovoide. *P. us. Folhas.* Adstringente. — A infusão usa-se em gargarejos na inflammação da garganta. Prepara-se com 8 grammas (2 oitavas) da planta, e 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

ORELHA DE ONÇA. *Cissampelos ebracteata*, St-Hil. Menispermeas. Sub-arbusto do Brasil (Minas). Tem 1 a 2 pés de altura, folhas alternas, orbiculares-rhomboidaes; flores reunidas em feixe. A raiz d'esta planta é empregada pelos habitantes contra as mordeduras das cobras; mas a sua efficacia, n'este caso, ainda é contestavel; póde, pelo contrario, ser util contra as febres intermittentes, assim como outro sub-arbusto do mesmo genero, chamado *Cissampelos ovalifolia*, D. C., que habita em Goyaz.

Internamente. *Decocção :* 8 gram. (2 oitavas) para 250 gram. (8 onças) d'agua.

ORELHA DE RATO. V. Caa-ataya.

OURO (Or, fr.). Metal de côr amarella, inodoro, sem sabor, inalteravel ao ar, mui pesado(19,5). Encontra-se no estado nativo, quer no seio da terra em veios sempre pouco abundantes, e ordinariamente ligado com um pouco de prata ou de cobre, ou acompanhado de sulfuretos metallicos; quer em palhetas na areia de certos rios. Reduzido a pó impalpavel, foi aconselhado por alguns medicos nas molestias syphiliticas rebeldes ao mercurio, nas escro-

phulas, morphea, etc.; mas geralmente é considerado como inerte. — Emprega-se com proveito para obturar as cavidades dos dentes cariados.

Internamente. 15 milligrammas a 10 centigram. (1/3 de grão a 2 grãos) em pó ou pilulas.

Pilulas de ouro.

Ouro dividido	15 millig.	Extracto de saponaria	10 centig.

F. 1 pilula. D. 1 a 12 por dia.

Externamente :

Pomada de ouro.

Ouro em pó	1 gram.	Banha	15 gram.

Em fricções sobre os bubões, ou para curar as ulceras syphiliticas.

OXYDO DE OURO. (Oxyde d'or, fr.). Roxo quando secco, de côr amarella-avermelhada no estado de hydrato; insoluvel em agua; alteravel á luz, e por isso deve ser guardado em frascos envoltos em papel preto. — Aconselhado nas molestias syphiliticas.

Internamente. 5 milligram. a 5 centigram. (1/10 a 1 grão) por dia em pilulas com extracto de alcaçuz.

CHLORURETO DE OURO. **Perchlorureto de ouro**, **Chlorhydrato** ou **Muriato de ouro** (Chlorure d'or, fr.). Sal amarello, crystallizado em agulhas prismaticas, mui soluvel em agua, inalteravel ao ar secco, deliquescente ao ar humido.

Veneno corrosivo em alta dóse; em pequena, foi aconselhado nas molestias syphiliticas rebeldes ao mercurio, nas escrophulas, dartros, papeira, etc. O uso d'esta substancia requer grande circumspecção. Hoje não se emprega.

Internamente. 2 a 5 milligram. (1/25 a 1/10 de grão) por dia, em pilulas, ou em dissolução na agua distillada.

Pilulas de chlorureto de ouro.

Chlorureto de ouro	2 millig.	Xarope de gomma	q. b.
Alcaçuz em pó	5 centig.		

F. 1 pilula, e como esta mais 19. D. 1 a 2 por dia.

Externamente. 5 a 25 milligram. (1/10 a 1/2 grão) misturado com igual quantidade de polvilho, em fricções na lingua.

Caustico de Récamier.

Perchlorureto de ouro	5 centig.	Agua regia	5 gram.

Empregado contra as ulcerações syphiliticas.

CHLORURETO DE OURO E DE SODIO, **Chlorhydrato** ou **Muriato de ouro e de soda** (Chlorure d'or et sodium, chlorhydrate ou muriate d'or et de soude, fr.). Sal côr de laranja, crystallizado em longos prismas de quatro faces, soluvel em agua, deliquescente.

Tem as mesmas propriedades que o chlorureto de ouro, e foi tambem aconselhado nas molestias syphiliticas. Em razão da sua energia, deve ser administrado internamente com grande precaução, em pequenas fracções de grão, em solução em agua distillada. Nunca deve ser administrado em pilulas ou com xaropes pois que d'esta maneira decompor-se-hia. Tambem se administrava em fricções na lingua, mas não devia tocar os dentes, porque se tornavão logo negros, inconveniente que não desapparecia senão no fim de algumas semanas. A quantidade de chlorureto de ouro e de sodio, necessaria para a cura das molestias syphiliticas varía de 15 centigrammas a 2 grammas (3 a 40 grãos). Hoje não se emprega.

Internamente. 2 a 10 milligram. (1/25 a 1/5 de grão) uma a

ıas vezes por dia, dissolvido em 125 grammas (4 onças) d'agua stillada.

Externamente. 3 a 6 milligrammas (1/15 a 1/8 de grão) isturado com lycopodio em pó, em fricções na lingua.

Eis-aqui a formula de Chrestien :

ılorur. de ouro e sodio 5 centig. | Lycopodio em pó 5 centig.

M. Esta dóse divide-se a principio em 15 papeis, depois em 14, 3, 12, e até progressivamente em 8 papeis. Uma vez por dia na fricção na lingua com um d'estes papeis.

CYANURETO DE OURO (Cyanure d'or, fr.). Pó amarello, insoluvel a agua. — Aconselhado nas molestias syphiliticas; hoje sem uso.

Internamente. 1 a 2 1/2 centigram. (1/5 a 1/2 grão), em lulas com um extracto qualquer.

Externamente. 2 1/2 a 5 centigram. (1/2 a 1 grão) e mais, isturado com igual quantidade de lirio em pó, em fricções na lingua. s preparações de ouro são hoje pouco empregadas.

OVOS (Œufs, fr.). O ovo é um corpo ovoide formado nos ova-os das femeas dos animaes oviparos, que contém o germen, e é estinado a alimenta-lo durante a incubação. O ovo compõe-se da sca, de uma membrana interna, da clara, e da gema que apre-nta n'um ponto da sua superficie uma pequena massa : é o *nbryão* ou *vitellus*, Não fallarei senão do ovo de gallinha, unico ıe é empregado em medicina, posto que outros muitos, como os e perua, pata, etc., possão tambem servir para o mesmo fim. — *clara de ovo* é composta sobre 100 partes, de 12 de albumina, 7 de muco, 0,3 de materia salina, 85 d'agua, e de assucar, gundo Bareswil. A *gema* contém, segundo Gobley, oleo gordo leina e margarina), agua (51), vitelina (albumina particular da ema de ovo), cholesterina, lecithina, cerebrina, osmazoma, duas aterias corantes, uma das quaes contém ferro, os saes ordinarios a economia. — A *casca* é formada de carbonato de cal.

Propriedades e usos. A clara de ovo é muito empregada para a arificação dos xaropes; é util no envenenamento pelos acidos e saes etallicos. Forma com elles, e sobretudo com os saes de cobre e de ercurio, novos compostos que não tem mais acção nociva sobre o ganismo. A clara de ovo constitue um medicamento proveitoso ntra a diarrhea e dysentaria. A gema serve para emulsionar as ıbstancias resinosas e oleosas; batida com assucar e dissolvida n agua a ferver ou leite constitue a *gemada*, que é um analeptico, que aproveita contra as bronchites, rouquidões e constipações.

Extrahe-se das gemas um oleo, fazendo-as endurecer e tratando-quer pelo ether, quer por espressão entre duas chapas metallicas ıentes. Este oleo, hoje pouco empregado, antigamente o foi muito ntra as rachas do bico do peito e tumores hemorrhoidaes.

Os ovos constituem um alimento muito conveniente aos conva-scentes. São tambem aphrodisiacos.

Exame dos ovos. Quando o ovo é fresco, a gema fica suspensa meio do albumen; mais tarde a gema cahe na parte declive, o ıe se verifica collocando o ovo entre os olhos e a luz. — A casca, ndo porosa, deixa evaporar com o tempo uma parte da agua que ntém a clara; resulta d'isto um vacuo na grossa extremidade do o, entre duas membranas que o revestem interiormente; por con-guinte o ovo perdeo no peso sem perder no volume. O ovo fresco he no fundo de uma solução de 30 grammas de sal de cozinha em

300 grammas d'agua; nada n'este liquido entre 1 e 3 dias; sobrenada depois de 3 dias.

Conservação dos ovos. Os ovos alterão-se com o tempo, tornando-se *chocos*. Differentes meios forão propostos para a sua conservação; para este fim pintão-se e envernizão-se. Mas parece que o melhor meio consiste em introduzi-los dentro d'agua de cal. — Eis-aqui um outro meio. Deixar mergulhar os ovos duranthe 15 dias n'uma mistura de 100 grammas de cal extincta, 10 grammas de assucar, q. s. d'agua para 200 ovos. Forma-se saccharato de cal que obstrue os poros da casca, e impede o accesso do ar no interior.

Internamente :

Bebida albuminosa (Mondière).

Agua simples	330 gram.	Claras de ovos	60 gram

Bata bem, côe e ajunte :

Xarope simples	30 gram.	Agua de flor de laranj.	4 gram

Uma chicara tres vezes por dia.

Clyster contra a dysenteria.

Decocção de linhaça	180 gram.	Claras de ovos	nº 3

M. Dois semelhantes clysteres por dia.

Gemada.

Gema de ovo	n.º 1	Agua de flor de laranjeira	8 gram
Agua quente	200 gram.		
Assucar	25 gram.		

Bata a gema com agua quente; ajunte o assucar e a agua d flores de laranjeira. Emolliente, analeptico agradavel.

Externamente. *Oleo de ovos* (Cod. fr.) : Gema de ovos fresco q. v. Evapore a b. m. n'uma capsula de prata ou de porcelana mexendo de contínuo, porém brandamente, até que, espremendo substancia entre os dedos, se possa fazer sahir facilmente o oleo Introduza n'um sacco de panno de linho grosso as gemas de ovo assim preparadas, e comprima-as na prensa entre duas chapas d ferro quente. Filtre a quente o oleo obtido, e guarde-o em frasco hermeticamente fechados.

OXALATO DE POTASSA. V. SAL DE AZEDAS.

OXYDO BRANCO DE ANTIMONIO. A preparação usac na medicina, assim chamada, é o *bi-antimoniato de potassa*, conhecida tambem com o nome de *antimonio diaphoretico lavad* V. p. 276.

OXYDO BRANCO DE ARSENICO. V. p. 284.

OXYDO DE FERRO. V. p. 465.

OXYDO DE MANGANEZ. V. p. 590.

OXYDO RUBRO DE MERCURIO. V. p. 601.

OXYDO DE OURO. V. p. 645.

OXYDO DE ZINCO ou **Flores do zinco** (Oxyde de zinc (fleurs de zinc, fr.). Acha-se em frocos brancos, leves, brandos : tocar, inodoros e insipidos, insoluveis em agua e no alcool. Alé do oxydo de zinco preparado nos laboratorios chimicos, algum formulas ha que exigem o emprego de um oxydo impuro, obti no tratamento metallurgico dos mineraes de zinco, e que é conh cido com o nome de *tuthia*, ou de *cadmio das fornalhas*; não te applicação interna, e só entra em algumas pomadas. Deveria pro crever-se o seu emprego, porque sua composição é muito variave e quasi sempre contém arsenico; e muitos autores aconselhão su stitui-lo pelo oxydo de zinco puro. — Internamente emprega-se

epilepsia, hysterismo, chorea, asthma, eclampsia e outras affecções nervosas. Em alta dóse produz nauseas, colicas, vomitos. Externamente usa-se como adstringente nas ophthalmias, belidas da cornea, excoriações e chagas resultantes do prolongado decubito na cama, nas ulceras psoricas e dartrosas.

Substancias imcompativeis. Os acidos e os saes.

Internamente. 10 a 40 centigrammas (2 a 8 grãos) tres ou quatro vezes por dia, em pó ou pilulas.

Pós contra a epilepsia (Herpin).

Oxydo de zinco	15 centig.	Assucar	20 centig.

F. 1 papel, e como este mais 17. Tres papeis por dia. Se o oxydo é bem supportado, augmenta-se a dóse de oito em oito dias, até o doente tomar 2 grammas (40 grãos) por dia.

Pilulas contra a epilepsia (Dupuytren).

Oxydo de zinco	10 centig.	Castoreo	5 centig.
Extracto de valeriana	10 centig.		

F. 1 pilula, e como esta mais 23. D. 2 pilulas por dia.

Pilulas anti-epilepticas (Castro).

Oxydo de zinco	5 centig.	Extracto de belladona	15 millig.
Camphora	5 centig.	Extracto de valeriana	10 centig.

F. 1 pilula, e como esta mais 29. Envernize-as á Blancard. Para tomar 3 por dia.

Externamente. *Pó,* insufflado nos olhos, na dóse de 15 a 20 centigrammas (3 a 4 grãos).

Collyrio secco (Dupuytren).

Oxydo de zinco	20 centig.	Assucar candi	20 centig.
Calomelanos	20 centig.		

Reduz-se tudo a pó impalpavel. Na opacidade da cornea, assopra-se sobre ella.

Ceroto de Hufeland.

Ceroto simples	15 gram.	Lycopodio em pó	1 gram.
Oxydo de zinco	1 gram.		

M. sobre o porphyro. Ulcerações da margem das palpebras.

Unguento de tuthia.

Oxydo de zinco	4 gram.	Banha lavada com agua	
Unguento rosado	8 gram.	de rosas	8 gram.

M. Ophthalmias chronicas.

Pomada ophthalmica de Janin.

Calomelanos	4 gram.	Bolo armenio	8 gram.
Oxydo de zinco	8 gram.	Banha	24 gram.

Pomada com oxydo de zinco (Cod. fr.).

Oxydo de zinco	3 gram.	Banha benzoinada	27 gram.

Misture sobre o porphyro. Emprega-se contra o eczema.

Glycereo de oxydo de zinco.

Oxydo de zinco	1 gram.	Glycereo de amido	10 gram.

M. Eczema, affecções pruriginosas da pelle.

Linimento contra o eczema (Rodet).

Oxydo de zinco	5 gram.	Oleo de amendoas doces	10 gram.
Glycerina	10 gram.		

Mistura pulverulenta (Cazenave).

Oxydo de zinco	4 gram.	Polvilho	60 gram.

M. Para polvilhar as superficies affectadas de eczema, acne rosacea, impetigo e herpes.

OXYGENEO ou **Oxygenio** (Oxygène, fr.). Gaz elastico, permanente, incolor, inodoro, insipido; é incombustivel, mas entretem poderosamente a combustão e reaccende os corpos em ignição: um pavio quasi apagado, introduzido n'uma proveta que contenha este gaz, reaccende-se com chamma viva. A agua á temperatura ordinaria dissolve 1/27 do seu volume de oxygeneo; mas augmentando a pressão, e diminuindo a temperatura, póde reter muito maior quantidade d'este gaz. O oxygeneo é um dos elementos do ar atmospherico, que é uma mistura de 21 partes de gaz oxygeneo e de 79 de gaz azoto. Ha differentes processos para obter o oxygeneo, mas o mais vantajoso para os usos medicos é aquelle, em que este gaz se extrahe do chlorato de potassa pela simples acção do calorico.

O oxygeneo foi ensaiado em inhalações na asthma, debilidade, ulceras, escorbuto, escrophulas, cholera, diabetes, dyspepsia, chlorose, tisica, etc., etc., mas com melhores resultados contra a asphyxia pelos gazes toxicos, pela etherização e chloroformização. Prepara-se, em Inglaterra, com agua distillada, e por meio de forte pressão, a *agua gazosa oxygenada.* Esta agua é limpida, pouco saborosa como a agua privada de ar, e, como ella, algum tanto pesada para o estomago. Goza de propriedades excitantes, e é aconselhada contra a papeira, rheumatismo, certas molestias do coração, e gangrena senil das extremidades. — A agua oxygenada póde obter-se tambem pela reacção do acido chlorhydrico sobre o bioxydo de bario; ou fazendo passar um excesso de gaz acido carbonico lavado, na agua distillada em que se lança de vez em quando bioxydo de bario em pó fino; decanta-se e concentra-se no vacuo. Para os usos medicos é sufficiente uma solução carregada de 10 volumes de oxygeneo, que se administra na dóse de 4 a 16 gram. (1 a 4 oitavas), em quantidade indeterminada d'agua.

PACOVÁ, Paco-seroca, ou **Cuité-açú.** *Alpinia aromatica,* Jacq., *Alpinia paco-seroca,* Jacq., *Alpinia nutans,* Rosc. Amomeas. Plantas do Brasil, cujas raizes são aromaticas, e usão-se em pó, internamente na dóse 50 centigram. a 1 gramma (10 a 20 grãos) como estomachicas, e externamente com o mesmo pó polvilhão-se as ulceras de máo caracter.

PADÚ. V. Coca.

PAJAMARIOBA. V. Fedegoso.

PAJURÁ. Arvore do Brasil da familia das Laurineas. Vegeta pelos lugares humidos do Pará, nas margens dos rios e lagos. O fructo é grande, comestivel e de sabor delicioso. As sementes seccas e raladas dão-se em pó contra a dysenteria, na dóse de 1 gramma (20 grãos) tres vezes por dia.

PALMA CHRISTI. V. Mamona.

PANAMA. V. Quillaya.

PANCREATINA (Pancréatine, fr.). Substancia activa do succo pancreatico. É um fermento que digere simultaneamente 13 vezes o seu peso de tecido muscular, 7 vezes o seu peso de amido, e 10 vezes o seu peso de gordura; transforma em emulsão os corpos gordos 15 vezes o seu peso. Póde ser considerada como succo pancreatico inspissado. Tem o aspecto de pó branco-amarellado attrahindo fortemente a humidade do ar, cheiro e sabor de carne assada, soluvel na agua. Obtem-se do pancreas dos porcos e outros animaes recentemente mortos, evaporando no vacuo o succo pancreatico, liquido segregado por esta glandula.

A pancreatina emprega-se principalmente na Inglaterra e na

Belgica, como estimulante da digestão; é o companheiro da pepsina e da diastase. Administra-se, sob a fórma de emulsão, dissolvida em agua fria ou em pilulas. O Sr. Theophilo Defresne, distincto pharmaceutico de Pariz (*Rue des Lombards, 2*), prepara com a pancreatina pilulas cobertas de cera, contendo 20 centigram. (4 grãos) de pancreatina; é o melhor modo de administrar esta substancia. Tomão-se 4 a 5 pilulas no momento da comida.

PANNA (Panna, fr.). *Aspidium athamanticum,* Kunze. Fetos. Rhizoma que vem do cabo da Boa Esperança, e que se parece com o do feto macho, mas tem dimensões mais consideraveis. Emprega-se com proveito contra a solitaria.

Internamente. Pó, 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em agua com assucar. Uma hora depois, administrão-se 30 grammas (1 onça) de oleo de ricino.

PÁO DE ALHO. Diversas plantas são conhecidas no Brasil com este nome, por causa do cheiro alliaceo que exhalão. São :

1° *Seguiera floribunda,* Benth., e *Seguiera alliacea*, Martius. Phytolaceas. Esta chama-se tambem **Ybiraremа, Guararema, e Cipó de alho.** A raiz, o lenho e as folhas exhalão cheiro de alho e de assafetida. Os banhos preparados com o cozimento do lenho ou das folhas, administrão-se nos rheumatismos, nas dôres hemorrhoidaes e na hydropisia. 2 libras para um banho.

2° *Crataeva tapia,* L., chamada tambem **Tapiá.** Capparideas. Suas folhas contusas applicão-se, em fórma de cataplasma, para amadurecer os abcessos.

PÁO DE ALOES (Bois d'aloès, fr.). Este páo não tem relação alguma com o succo purgativo do aloes, nem com a planta que produz este succo (p. 252); provém das regiões longinquas da Asia, como a Cochinchina e a Malacca. Reina grande obscuridade sobre a sua origem, porque muitas arvores d'estes paizes produzem páos odoriferos e resinosos que se vendem sob o nome de *páo de aloes* ou *de agalloche.* Attribue-se ao *Aloexylum agallochum* (Leguminosas), ou á *Aquilaria agallocha* (Aquilarineas). O páo de aloes do commercio é de côr arroxeada na superficie; serrado, o seu córte é liso, resinoso e semeado de pequenos pontos brancos; cheiro aromatico resinóso. Entra na composição de algumas preparações pharmaceuticas.

PÁO-BRASIL, Páo de Pernambuco (Bois de Brésil ou de Fernambouc, fr.). *Caesalpinia echinata,* Lamark. Leguminosas. Esta arvore do Brasil é grande, grossa, tortuosa e espinhosa. O páo é coberto de alburno branco mui espesso que se tira, o que lhe diminue o volume. O páo é duro, compacto, de côr rubra-pallida e amarellada no interior, tornando-se roxo-avermelhado ao ar. É sem cheiro e quasi sem sabor; cora apenas a agua fria, dá um decocto avermelhado pouco escuro, e forma com o alcool uma tintura rubra- amarellada, muito mais escura do que com a agua. É empregado na tinturaria.

PÁO CAMPECHE ou **Páo da India** (Bois de Campêche ou d'Inde, fr.). Provém da *Haematoxylum Campechianum,* L. Leguminosas, grande arvore que habita no Mexico, na bahia de Campêche, na Jamaica, Martinica e S. Domingos. Privado de alburno, é de côr rubra-arroxeada; torna-se preto quando se expõe á humidade, tem cheiro de lirio, sabor adocicado e aromatico. É empregado sobretudo na tinturaria para as tintas pretas, azues e muitas tintas compostas. Em medicina, foi considerado, assim como o páo brasil, tonico e adstringente. Fazia-se com elle infusão (50 partes

de páo para 1000 d'agua); extracto e vinho. A ourina torna-se vermelha sob sua influencia. O extracto foi tambem recommendado como antiputrido, cicatrizante e desinfectante, sob a fórma de pomada, misturado com banha em partes iguaes.

PÁO DE CHYPRE. V. Páo de Rhodes.

PÁO DE CRAVO, Cravo de Maranhão, ou **Imyráquiynhá** (Bois de girofle, fr.). *Dicypellium caryophyllatum*, Nees. Laurineas. Arbusto do Brasil (Pará, Amazonas). Folhas oblongas, acuminadas nas duas extremidades, glabras; flores dispostas em racimos pendentes; fructo, baga oval deprimida no vertice, pericarpo delgado e de cheiro agradavel. A casca d'esta arvore é exportada para a Europa, onde é conhecida sob o nome de *Canella falsa, Canella caryophyllata*, e empregada como tempero. O seu cheiro parece-se com o do cravo da India. No commercio esta casca apresenta-se sob a fórma de bastões mui compridos imitando uma bengala. Estes bastões são formados de grande numero de cascas delgadas, compactas, mui duras, enroladas umas ás outras, e mantidas com corda feita de uma casca fibrosa. A casca de páo cravo é unida e de côr roxa-escura, quando é privada de epiderme que é cinzenta-esbranquiçada.

PÁO GUAIACO. V. Guaiaco.

PÁO DE LACRE. V. Caaopiá.

PÁO PEREIRA, Páo forquilha, Páo de pente, Camará de bilro, Camará de mato, Canudo amargoso, ou **Pinguaciba** (*Geissospermum Vellosii*, Dr. F. Freire Allemão). Apocynaceas. Arvore do Brasil : eis-aqui os seus caracteres, segundo este autor, que a encontrou a mais de 1,000 pés de altura, nas montanhas da Tijuca, da Estrella e de Gerecinó, e que se acha tambem nas florestas da provincia da Bahia, de Minas e do Espirito Santo. Arvore de grande altura; casca grossa, profunda e irregularmente gretada, na parte tuberosa; o liber tem côr de ocre amarella; de sabor amargo sem adstringencia notavel. Ramos tortuosos, copados, cobertos de tomento pardo. Folhas alternas, ovaes-lanceoladas, de 2 a 3 pollegadas de comprido sobre 1 a 1 1/2 de largo. Flores pequenas, de côr parda, sem cheiro. De ordinario só uma ou duas flores chegão a fructificar; e de cada uma resultão dois fructos (raras vezes um, por aborto), carnosos, ovaes, acuminados, divergentes; em quanto verdes estão cobertos de pellos cinzentos, luzidios, depois de maduros são glabros e amarellos. Sementes lenticulares, oblongas ou arredondadas; dispostas em duas filas de 4 a 5, raras vezes mais, de cada lado de falsos septos, sobre os quaes estão applicadas, e imbricadas de modo que a primeira e inferior cobre a metade da segunda, esta, a metade da terceira, e assim successivamente; envolvidas n'uma polpa fibrosa, succulenta. *P. us. Casca.*

Tal como se acha no commercio, esta casca apresenta-se sob a fórma de tiras compridas, compostas de laminas delgadas e superpostas, um pouco elasticas, de côr amarellada, e de sabor amargo franco. Conhecida e empregada pelos Indios e algumas pessoas do interior do Brasil contra as febres intermittentes, foi esta casca introduzida na materia medica brasileira, e varios medicos do Rio de Janeiro bem depressa a reconhecêrão como um tonico e anti-febril precioso. — Ezequiel Corrêa dos Santos, pharmaceutico do Rio de Janeiro, obteve em 1838 d'esta casca uma substancia á qual chamou *pereirina*, que se suppõe ser um alcaloide, e constituir o seu principio activo. Esta substancia foi empregada com bom exito nas febres intermittentes. — Pfaff de Kiel analysou esta casca em companhia

de Behrend Goos, pharmaceutico hamburguez. Eis-aqui as substancias doscobertas n'esta analyse : 1° Um alcaloide (*pereirina*) de côr pardo-amarella, que não apresenta crystaes, não se dissolve na agua, mas é soluvel no ether, alcool e nos acidos. 2° Uma substancia extractiva, resinosa e amarga, que se dissolve no alcool, mas não na agua nem no ether. 3° Uma gomma. 4° Uma pequena quantidade de amido. 5° Um acido vegetal unido ao alcali da casca. As cinzas da casca continhão : potassa, cal, magnesia, ferro oxydado, cobre oxydado, acido sulfurico, muriatico, phosphorico, carbonico e silicio.

Em conclusão, este medicamento é uma boa acquisição para a medicina, e o seu uso merece ser generalizado.

Internamente. *Decocção* : 30 gram. (1 onça) para 500 gram. (16 onças) d'agua.

Externamente. *Decocção*, em banhos : 500 a 1000 grammas (1 a 2 libras) para um banho.

PÁO DE RHODES, Páo de rosa, de Chypre, ou das Canarias (Bois de Rhodes, de rose, de Chypre ou des Canaries, fr.). Contorneado, pesado, camadas concentricas, de um amarello-fulvo mais escuro na circumferencia; casca cinzenta e rugosa, cheiro de rosa mui agradavel. É fornecido por dois cipós que habitão nas ilhas Canarias, *Convolvulus floridus* e *scoparius* (Convolvulaceas). É o páo de Rhodes dos pharmaceuticos e dos perfumistas, mas não é o dos marceneiros que é rubro, e cuja origem se ignora.

PÁO SANTO. Guaiaco.

PAPAGAIO. Tinhorão.

PAPARRAZ ou **Herva piolheira** (Staphysaigre, fr.). *Delphinium staphysagria*, L. Ranunculaceas. Planta commum em Portugal. Folhas apalmadas, com lobulos agudos, recortados; flores azues; sementes roxas, curvadas, rugosas, angulosas, de cheiro desagradavel, sabor acre. *P. us. Sementes.* Contém um principio venenoso, a *delphina*, que é a fonte da sua actividade. São emeticas, purgativas; mas empregão-se só no exterior em pó, infusão ou decocção. O pó, incorporado em banha, serve para destruir os piolhos (Paparraz em pó 8 grammas, banha 24 grammas.) Destroem-se tambem os piolhos, polvilhando simplesmente a cabeça com as sementes inteiras.

PAPOULA (Coquelicot, fr.). *Papaver rhaeas*, L. Papaveraceas. Planta que em Portugal se encontra frequentemente nos terrenos cultos entre as searas; cultiva-se nos jardins do Brasil. Fig. 255. Caule piloso; flores vermelhas; de cheiro um pouco nauseante; folhas pinnatifidas, com lobulos oblongos, lanceolados; o fructo, é uma capsula ovoide, glabra com muitas sementes brancas. *P. us. Petalas.* Emolliente, e leve narcotico.

Internamente. *Infusão :* Petalas de papoulas 5 grammas (1 1/4 oitava), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora, e côe.

Xarope anti-catarrhal (Mouchon).

Papoulas	250 gram.	Extracto de meimendro	30 gram.
Agua fervendo	3000 gram.	Agua de flores de laranjeira	500 gram.
Xarope simples	8000 gram.		

Infunda as papoulas na agua fervendo, côe com espressão, filtre e ajunte o xarope. Reduza tudo a 7500 grammas pela ebullição, e ajunte a solução filtrada de extracto de meimendro na agua de flor de laranjeira. — D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) na bronchite e coqueluche.

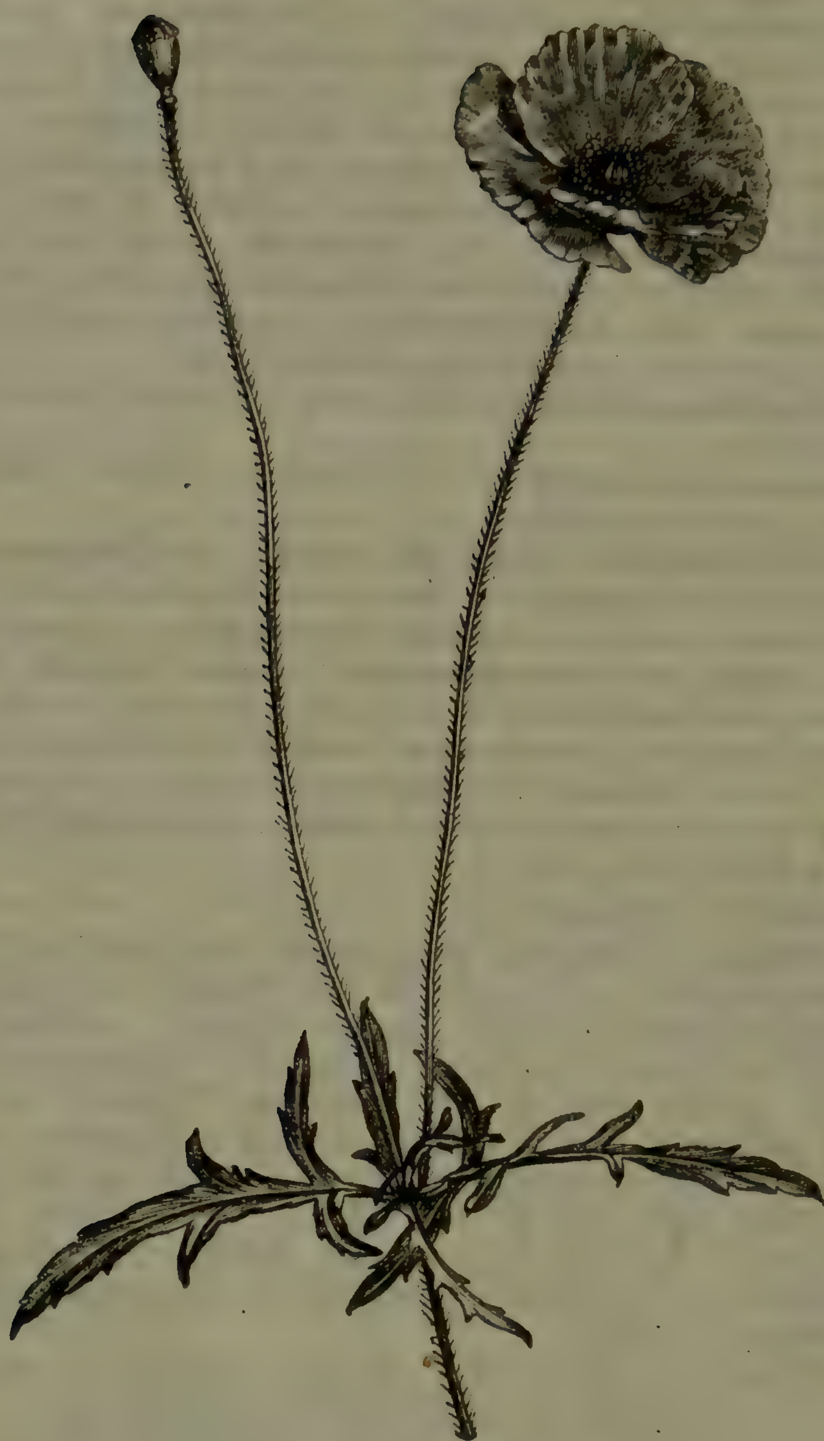


Fig. 255. — Papoula.

PARACARY, Hortelã brava, Mentrasto, Meladinha, S. Pedro-caá, e em lingua tupy, **Boia-caá.** *Peltodon radicans,* Bentham? ou *Clinopodium repens?* Labiadas. Planta do Brasil (Pará, Maranhão, Pernambuco, etc.). Planta herbacea, de caule quadrangular, de 1 a 2 pés, e ás vezes mais, de altura; ramos oppostos; folhas oppostas ovaes-agudas, ligeiramente aromaticas, cheiro semelhante ao da hortelã e da herva cidreira; flores axillares, de côr arroxada, em capitulos ou corymbos pedunculados; fructo composto de quatro akenios monospermos, encerrados no interior do calice, que é persistente.

Emprega-se nas provincias do norte do Brasil para o tratamento contemporisante da asthma, e pelas suas propriedades cordiaes usa-se nos casos de infecção peçonhenta por mordeduras de cascaveis e outros animaes venenosos. Contra as mordeduras venenosas

tem-se applicado internamente o succo espresso da planta fresca na dóse de meia chavena, duas ou tres vezes, com intervallo de hora de uma a outra dóse, e externamente em cataplasma formada de toda a planta pilada e posta sobre o lugar offendido. Mas este meio não dispensa da prévia cauterização da mordedura com ferro em brasa ou com potassa caustica. Contra as picadas das cáuas ou maribondos, lacráos, e outros insectos peçonhentos, basta usar só da cataplasma. Contra a asthma emprega-se o paracary sob a fórma de *tintura*, na dóse de 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça). A *tintura de paracary* prepara-se pela mesma fórma que a tintura de quina. (p. 123).

Poção de paracary (Castro).

Agua de flor de laranjeira	90 gram.	Tintura de belladona	3 gottas
Tintura de paracary	15 gram.	Xarope de avenca	8 gram

M. Uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas, na asthma, coqueluche e tosses nervosas.

PARAHYBA. *Simaruba versicolor,* St-Hil. Rutaceas. Pequena arvore do Brasil (Minas). Tem 5 a 10 pés de alto; folhas alternas, compostas de foliolos que são 8 a 14, alternos, peciolados, oblongos ellipticos, mui obtusos, chanfrados no apice, verdes e glabros por cima, esbranquiçados na pagina inferior; flores agglomeradas. Suas folhas e casca são muito amargas. Os indigenas tem-n'a como venenosa. O cozimento da casca serve em lavatorios para matar os piolhos no homem e sobretudo nos animaes. 30 grammas (1 onça) para 500 gram. (16 onças) d'agua.

PARATUDO. Assim se designão quatro ou cinco plantas brasileiras, que são empregadas pelos habitantes do interior do Imperio, senão contra todas as molestias, como o seu nome indica, pelo menos contra muitas d'ellas. São :

1° *Gomphrena officinalis*, Martius (Minas, S. Paulo). Amarantaceas. Caule herbaceo de 4 a 8 pollegadas, quadrado, coberto de pellos; folhas oppostas, orbiculares, oblongas e ovaes, sesseis, cobertas tambem de pellos; flores reunidas em uma unica cabeça terminal. A raiz é amarga e aromatica, e empregada no fastio, debilidade geral, diarrhea, febres intermittentes, mordeduras de cobras, etc.

2° **Herva moura do sertão, casca para tudo.** *Cinamodendron axillare,* Mart. Canellaceas. Arvore do Brasil. Folhas ellipticas e obtusas; flores axillares e pendentes; fructo baga trilocular, contendo uma ou duas sementes em cada loculamento. A casca é amarga e aromatica. A infusão d'esta é empregada internamente nas molestias acompanhadas de grande debilidade, e externamente em gargarejos na esquinencia chronica. 8 grammas (2 oitavas) para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

3° **Amendoirana.** V. p. 264.

4° **Casca de anta.** V. p. 355.

PARIETARIA (Pariétaire, fr.). *Parietaria officinalis*, L. Urticeas. Em Portugal chamão-lhe vulgarmente *Alfavaca de cobra.* Planta que habita nos tapumes, nas ruinas dos edificios; commum em todo o reino de Portugal; acha-se tambem no Brasil. Fig. 256. Caule pubescente, avermelhado; folhas ovaes, agudas, luzidias na face superior, pubescentes na inferior, pecioladas; flores pequenas, verdes, sesseis, sabor salgado. *P. us. Toda a planta.*

Goza de propriedades diureticas que deve ao sal de nitro que contém. Emprega-se nas irritações das vias urinarias, em algumas retenções de ourina, e nas febres inflammatorias.

Internamente. *Infusão :* Folhas de parietaria 10 grammas (2 1/2 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda e côe.
Agua distillada. (p. 64), 60 a 120 gram. (2 a 4 onças) como vehiculo das poções diureticas.

Cataplasma contra a ischuria.

Cebolas brancas cort.	nº 6	Decocção de raiz de althea	q. b.
Folhas de parietaria	4 pugil.		

Contunda as folhas e reduza-as a pasta, incorpore as cebolas, passe tudo por sedaço; e com q. s. do cozimento faça cataplasma. Applica-se no pubis.



Fig. 256. — Parietaria.



Fig. 257. — Patchouly.

PARREIRA BRAVA. V. Abutua.

PASSAS (Raisins secs, fr.). Uvas seccas ao sol. Emolliente e expectorante; entrão na composição dos *fructos bechicos.* Servem para preparar o cozimento contra a tosse. O cozimento prepara-se com 30 gram. (1 onça) de passas e 500 gram. (16 onças) d'agua.

Cozimento peitoral (Pharm. Londinense).

Passas	60 gram.	Alcaçuz	15 gram.
Cevada	60 gram.	Agua	1500 gram.
Figos seccos	60 gram.		

Ferva primeiramente a agua com a cevada, ajunte depois as uvas, e pouco antes de tirar o cozimento do fogo ajunte os figos e o alcaçuz; continue a fervura até que o liquido fique no ponto de produzir só 750 grammas (25 onças) depois de coado.

Cozimento peitoral (Pharm. de Edimburgo).

Passas	15 gram.	Alcaçuz	8 gram.
Cevada	15 gram.	Tussilagem	8 gram.
Figos seccos	nº 2	Agua	1000 gram.
Lirio florentino	8 gram.		

Ferva a agua com as passas e a cevada até ficar em 720 gram.

(24 onças); ajunte as outras substancias pouco antes de tirar o cozimento do fogo, e côe.

PATCHOULY (Patchouly, fr.). Fig. 257. Planta da India, *Pogostemon patchouly*, Pelletier, da familia das Labiadas, cujas folhas tem cheiro almiscarado, e são empregadas na perfumaria. O cheiro é devido a um oleo volatil que ella contém, e é o mais poderoso de todos os cheiros dos oleos volateis que se extrahem das substancias vegetaes. As folhas de patchouly pulverizadas, e introduzidas em saquinhos, preservão os vestidos dos bichos.

PÉ DE BEZERRO. V. TINHORÃO.

PÉ DE GATO ou **Gnaphalio** (Pied de chat, fr.). *Gnaphalium dioicum*, L. Synanthereas-senecioides. Pequena planta que habita na Suissa e França. É toda branca e felpuda; sua flor é branca ou vermelha. *P. us. Flores.* Emolliente. Entrão na composição das flores peitoraes.

Internamente. *Infusão :* 10 grammas (2 1/2 oitavas) para 1000 grammas (32 onças) d'agua fervendo.

PECEGUEIRO (Pêcher, fr.). *Amygdalus persica*, L. Amygdaleas. Arvore originaria da Persia, cultivada por toda a parte; no Brasil em Minas, S. Paulo, e Rio Grande do Sul.

Produz fructos mui saborosos. As flores tem uma acção levemente purgante; servem para a preparação do *xarope,* que se emprega na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) para purgar as crianças. O seu modo de preparação està indicado na pag. 134.

As amendoas, folhas e flores do pecegueiro dão pela distillação uma agua que contém certa quantidade de acido prussico e oleo essencial, e que é recommendada pela escola italiana como remedio hyposthenisante, nas molestias inflammatorias, na mesma dóse, e com a mesma cautela que a agua de louro-cereja.

PEDRA HUME. V. ALUMEN.

PEDRA INFERNAL. V. AZOTATO DE PRATA.

PEDRA LIPES. V. SULFATO DE COBRE.

PEDRA POMES (Pierre ponce, fr.). Mineral de origem volcanica, cinzento, poroso, fibroso. Emprega-se para gastar os callos dos pés.

PEONIA ou **Rosa albardeira** (Pivoine, fr.). *Pœonia officinalis*, L. Ranunculaceas. Planta cultivada nos jardins por causa da belleza das flores, de côr carmesim. *P. us. Raiz, flores* e *sementes.* A raiz secca do commercio é do tamanho de um dedo, esbranquiçada, dura, fusiforme, de cheiro e sabor sensiveis. — Antispasmodico, mais frequentemente empregado outr'ora, do que hoje contra a epilepsia e hysterismo. *Dóse* da raiz, 30 centigram. a 2 grammas (6 a 40 grãos) em pó. Com as flores prepara-se agua distillada e xarope.

PEPINO (Concombre, fr.). *Cucumis sativus*, L. Cucurbitaceas. Planta cultivada nas hortas do Brasil e de Portugal. Dá um fructo de fórma longa, um pouco arqueado, de côr branca, verde ou amarella, conforme as variedades e ás vezes o gráo de madureza; pela cultura póde chegar a 20 e 25 centimetros de comprimento. Este fructo constitue um alimento refrigerante. Os pepinos pequenos de conserva (cornichon, fr.), provém de uma variedade da planta, cujos fructos se colhem ainda verdes, e se conservão no vinagre com drogas aromaticas, para servirem de tempero ou de acipipe. Nas pharmacias prepara-se com pepinos e banha uma pomada que se emprega no curativo das feridas; goza de propriedades emollientes.

Pomada de pepinos (Cod. fr.).

Banha	1000 gram.	Succo de pepinos	1200 gram.
Sebo de vitella	600 gram.	Agua distillada de rosas	10 gram.
Balsamo de Tolú	2 gram.		

Derreta a banha e o sebo a calor do b. m., ajuntando-lhes o balsamo de Tolú previamente dissolvido n'um pouco de alcool, depois a agua de rosas. Decante a gordura e deite-a em tacho estanhado. — Ajunte então o primeiro terço do succo de pepinos, tendo o cuidado de mexer continuamente por quatro horas; escorra este primeiro succo de pepinos antes de tornar a pôr nova quantidade d'elle. Proceda pela mesma fórma com o segundo, depois com o ultimo terço do succo. — Separe, quanto seja possivel, a gordura do liquido; derreta-a a b. m., e, depois de algumas horas de repouso, tire a espuma. Tire a pomada, deite-a em vasos, e guarde-a. — Antes de entregar a pomada, amolleça-a, em tacho estanhado, sem a derreter completamente; bata-a com espatula de páo, até duplicar o seu volume.

PEPINO DE S. GREGORIO. V. Elaterio.

PEPSINA (Pepsine, fr.). Substancia amarellada semelhante á gomma, que se obtem dos estomagos dos carneiros. Foi introduzida na materia medica em 1851 pelo Dr. Luciano Corvisart; é considerada como o principio activo da digestão gastrica; e é a ella que o succo gastrico deve as suas propriedades digestivas, porque a pepsina, como o succo gastrico acido, reproduz todas as operações da digestão. Emprega-se nos casos em que, estando o estomago alterado na sua secreção, as digestões são laboriosas, imperfeitas e impossiveis, a saber : na dyspepsia, gastralgia, na febre typhoide, nas convalescenças de todas as molestias longas, nas dôres de estomago, nos vomitos nervosos, etc.

A pepsina pura, logo que foi extrahida e deseccada na temperatura de + 40° cent., apresenta-se debaixo da fórma de laminas ou escamas de côr citrina, e de aspecto que tem muita analogia com a clara de ovo secca; lentamente deseccada, tem sabor levemente styptico, e quasi sempre um fraco cheiro de queijo quando esfregada. Dissolve-se lentamente a frio na agua distillada, sem deixar mais de um ou dois centesimos de residuo; esta solução posta em contacto com a fibrina humida, exerce sobre ella uma acção comparavel á do succo gastrico : dissolve-a. Não deve experimentar temperatura superior a 45° cent., sob pena de perder toda a sua propriedade digestiva. Pura, é soluvel no alcool aquoso, porém não é soluvel no alcool absoluto, nem no ether. Guardada em consistencia de massa firme, e em vaso tapado, póde conservar quasi integralmente a sua actividade durante dois annos. No estado secco e ao abrigo do ar, a pepsina acha-se nas menores condições de conservação. Exposta ao ar, attrahe a humidade. O amido e a glycerina parecem assegurar a sua conservação quasi indefinidamente.

Preparação. (Cod. fr.) Para obter a pepsina medicinal, tomão-se muitos coalhos de carneiros recentemente mortos. Lavão-se rapidamente, e rasga-se a membrana interna esfregando-a com escova de grama. Macera-se, *sómente durante duas horas,* a polpa que resulta d'esta operação na agua a 15° cent; lança-se tudo sobre um panno grosso; e ajunta-se ao liquido coado, mas não filtrado, a solução de acetato neutro de chumbo. O precipitado que se forma é abundante; decanta-se o liquido que sobrenada, e substitue-se duas vezes pela agua limpa. Dilue-se ainda pela ultima vez o precipitado

na nova agua, e faz-se n'elle passar uma corrente de acido sulfhydrico, até manifestar-se um excesso. Distribue-se o liquido e o precipitado negro sobre grande numero de filtros, e evapora-se o liquido, á medida que passa, em vasos pouco profundos, na temperatura que não exceda 45° cent. Tira-se com uma faca flexivel, o producto que se apresenta debaixo da fórma de pasta firme, de côr amarellada, de gosto acidulo, de cheiro especial, que nada tem de putrido. Esta pasta constitue a *pepsina medicinal.* Opera a dissolução de 40 vezes o seu peso de fibrina do sangue, branca, humida, porém não molhada. Para fazer este ensaio introduz-se n'um pequeno frasco de bocca larga e não fechado.

Pepsina medicinal	25 centig.	Acido lactico concent.	40 centig.
Agua distillada	25 gram.	Fibrina humida	40 gram.

Colloca-se o frasco na estufa d'agua quente, cuja temperatura não deve exceder de 45° cent. Mexe-se muitas vezes. Ao cabo de doze horas, excepção feita do residuo pardacento, *pouco abundante,* que deixa sempre a fibrina, esta acha-se dissolvida e communica ao liquido a consistencia meio gelatinosa.

Vende-se no commercio debaixo do nome de *pepsina acida amylacea,* um pó mais ou menos branco, que é a mistura de pepsina medicinal, de amido e de acido tartrico. Admitte-se que esta pepsina amylacea é boa, quando 1 gramma de pó, posto em contacto com 20 grammas d'agua e 6 grammas de fibrina humida, dissolve completamente a fibrina e produz os resultados que deixei descriptos.

Internamente. 1 gramma (20 grãos) de pepsina amylacea, que se toma em hostia, no principio da comida. Se a dóse de 1 gramma não fôr sufficiente, dê-se igual dóse uma hora depois da comida. Os fabricantes de productos pharmaceuticos fornecem aos pharmaceuticos a pepsina já misturada com o amido e com a força digestiva determinada.

Elixir de pepsina (Corvisart).

Elixir de Garus	50 gram.	Agua distillada	50 gram.
Xarope de cerejas acidas	50 gram.	Pepsina amylacea	10 gram.

Triture em almofariz de vidro : deixe em contacto por meia hora ; filtre. D. 1 cólher *de sopa* depois da comida. Cada colher representa 1 dóse de pepsina amylacea.

Elixir de pepsina (Mialhe).

Pepsina amylacea	6 gram.	Assucar	30 gram.
Agua distillada	24 gram.	Alcool a 80° cent.	12 gram.
Vinho branco de Lunel	54 gram.		

Dissolva e filtre. D. Uma colher *de sopa* logo depois da comida.

Pastilhas de pepsina.

Pepsina amylacea	10 gram.	Mucilagem de gomma alcatira com agua de flor de laranjeira	q. s.
Assucar em pó	90 gram.		

F. 100 pastilhas. D. 1 a 3 pastilhas durante ou depois da comida. Cada pastilha representa 10 centigrammas de pepsina.

PERCHLORURETO DE FERRO. V. p. 467.

PEREIORÁ, ou **Casca preciosa.** *Mespilodaphne pretiosa,* Nees e Martius. Laurineas. Arvore do Brasil (Pará). Folhas oblongas, attenuadas para uma e outra extremidade, glabras; flores dispostas em paniculas; fructo pyriforme, com excrescencias côr de ferrugem no exterior. A casca interior ou entre-casca é de sabor aromatico e quente; o cheiro corresponde ao da mistura de sassafraz, canella

e rosa. Os habitantes do Orenoco chamão-lhe *canellila*. Sua infusão é util na debilidade do systema nervoso, leucorrhea, edema dos pés, catarrhos chronicos. Prepara-se com 4 grammas (1 oitava) da casca interior e 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo. Administra-se tambem em banhos nos mesmos casos. As sementes raladas, internamente contra a dysenteria.

PEREIRA. V. Páo pereira.

PERIPAROBA (no Rio de Janeiro), **Caapeba** (em Minas); **Aguaxima** (Pison). *Piper umbellatum*, Velloso. Piperaceas. Planta do Brasil, de 4 a 5 pés de altura; folhas grandes, quasi redondas, tendo mais de 1 pé de diametro; flores numerosas reunidas em espigas, e estas dispostas em umbellas; raiz de differente grossura, desde a de uma penna de ganso até uma pollegada de diametro, e mais; cheiro muito aromatico quando fresca, sabor quente. *P. us. Raiz.* Estomachico e sudorifico, empregado nas obstrucções abdominaes que sobrevem depois das febres intermittentes.

Internamente. *Infusão* : 8 grammas (2 oitavas) para 500 gram. (16 onças) d'agua fervendo.

Externamente. As folhas frescas applicão-se nos rheumatismos sobre os lugares doridos; e para curar as ulceras inveteradas.

Ha mais outras especies, *Piper peltatum*, L., e *Piper parthenium*, Martius, cujas raizes são igualmente aromaticas, e se empregão nos mesmos casos.

PERMANGANATO DE POTASSA (Permanganate de potasse, fr.). Agulhas prismaticas, côr negra bronzea e violacea, soluveis em 15 partes d'agua fria; sua solução é de côr violacea magnifica. — Empregado como caustico em pó ou solução concentrada, contra as chagas de máo caracter. É tambem um excellente desinfectante, e aconselhado como tal no tratamento externo dos cancros uterinos e outros, dos abcessos profundos ou gangrenosos, ozena, máo halito, suores fetidos, etc. Não deve ser receitado senão em agua distillada pura; qualquer materia organica, como a glycerina, o alcool, o assucar, decompõe-n'o immediatamente; e é mesmo, por causa d'esta grande instabilidade, que elle é um desinfectante tão poderoso; os fios, os pannos de linho ou algodão decompõem igualmente este sal. Quando um panno está manchado com permanganato de potassa, a immersão na agua acidulada com um centesimo (1/100) de acido chlorhydrico, basta para tirar-lhe as nodoas. Eis-aqui as proporções das soluções de permanganato de potassa para uso externo.

1° 1 parte de permanganato de potassa crystallizado e 10 d'agua distillada, como caustico e desinfectante nos cancros;

2° 1 parte de permanganato e 200 d'agua para o curativo das chagas; e dos abcessos, para tirar o máo cheiro dos pés, etc.;

3° 1 parte de permanganato e 1,000 d'agua para injecções contra a ozena.

20 gottas da primeira solução, em um copo d'agua, constituem o melhor collutorio para dissipar o máo halito.

PERPETUA (Immortelle, fr.). *Gomphrena globosa*. L. Amarantaceas. Planta cultivada nos jardins do Brasil. Caule de 60 centimetros, liso; folhas ovaes oppostas, agudas, cotanilhosas por baixo; flor composta de escamas seccas, de côr roxa ou branco-rosea. — Emolliente, expectorante.

Internamente. *Infusão* : 4 grammas (1 oitava) para 500 gram. (16 onças) d'agua fervendo.

Xarope. Prepara-se como o de papoulas (p. 137). 30 a 60 gram. (1 a 2 onças).

Na Europa dá-se o nome de *perpetua* a muitas especies de plantas cujas flores são immarcesciveis. Applica-se este nome não sómente á planta que acabei de descrever, mas ainda á *Gnaphalium* (Synanthereas), cujas flores, compostas de escamas imbricadas inflexivies e seccas, servem para trançar coroas funerarias, que se depositão nos tumulos.

PERVINCA V. Congossa maior.

PETROLEO. Oleo mineral de que existem muitas fontes conhecidas desde a mais alta antiguidade, e das quaes algumas, constantemente inflammadas, recebêrão, com as de naphta, os nomes de *fogos sagrados* ou perpetuos. É um liquido unctuoso, avermelhado ou roxo denegrido, mais leve que a agua (0,80 a 0,90), cheiro forte e tenaz, mui combustivel; insoluvel na agua, soluvel em todas as proporções no alcool absoluto, no ether, nos oleos fixos e volateis. É muito empregado para a illuminação. Foi aconselhado para uso therapeutico, depois de purificado, internamente na dóse de 5 a 20 gottas contra a diarrhea e as affecções do peito. Externamente, em fricções, contra as affecções cutaneas.

PEZ DE BORGONHA ou **Pez amarello** (Poix de Bourgogne ou Poix jaune, fr.). Producto directo das incisões feitas no pinheiro falso, *Pinus abies*, L. É semi-fluido, mas endurece ao ar. Apresenta-se em massas seccas, de côr branca-amarellada, opacas; é solido e quebradiço quando frio, liquido quando quente, mui tenaz; cheiro especial, sabor agradavel. Para os usos da pharmacia, purifica-se pela mesma fórma que o alcatrão (p. 240). — Emprega-se externamente em fórma de emplasto como derivativo nas affecções rheumatismaes, pleurodynia, certas dôres vagas, etc. Applicado na pelle, produz ás vezes erupção de pequenos botões. Entra na composição de muitos unguentos e emplastos.

Emplasto de pez de Borgonha. V. p. 82.

PEZ LOURO, Pez resina ou **Resina amarella** (Poix-résine ou résine jaune, fr.). Residuo da distillação das terebinthinas para a extracção da essencia, que se tornou amarello e opaco pela mistura de certa quantidade d'agua. Entra na composição de alguns emplastos. Purifica-se pela mesma fórma que o alcatrão. (V. p. 240).

PEZ NEGRO (Poix noire, fr.). Producto resinoso modificado pelo fogo; obtem-se queimando os filtros de palha, que tem servido á purificação do galipot, bem como as achas de madeira, depois de extrahida a terebinthina. É solido, friavel, facil de amollecer, de cheiro empyreumatico. Para os usos da pharmacia purifica-se do mesmo modo que o alcatrão (p. 240). Entra na composição de alguns emplastos.

PHELLANDRIO AQUATICO, Funcho d'agua ou **Cicutaria dos paúes** (Phellandrie, fenouil d'eau ou cigue aquatique, fr.). *Phellandrium aquaticum*, L. Umbelliferas. Planta que habita frequente nos sitios paludosos da margem do Tejo em Portugal, e se parece com a cicuta. Fig. 258. Raiz perpendicular, guarnecida de grande numero de fibras dispostas circularmente á roda d'ella; caule fistuloso, articulado; folhas muitas divididas; flores brancas, mui pequenas, dispostas em umbellas de 10 ou 12 raios; fructos ovoides, alongados, estriados, glabros, um pouco luzentes e avermelhados, formados de 2 carpellas soldadas; sementes oblongas, lineares-ovaes, troncadas, um tanto chatas, purpureas, inferior-

mente verdes, algum tanto luzidias, de 2 linhas de comprimento; as sementes tem cheiro forte, aromatico. *P. us. Fructos.* Gozão de propriedades narcoticas e diureticas; e empregão-se bastante em Portugal em infusão ou xarope nas affecções pulmonares, como na bronchite, asthma, pneumonia, tisica, etc. Contém iodo. O seu uso exige alguma cautela, porque em dóse demasiado forte occasionão vertigens e anxiedade.


Fig. 258. — Phellandrio aquatico.

Internamente. *Infusão*, 10 grammas (2 1/2 oitavas) para 1000 grammas (32 onças) d'agua fervendo.

Pó. (p. 114). 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) em hostia, ou diluido em agua com assucar.

Xarope (p. 137). 30 a 60 gram. (1 a 2 onças).

Xarope de phellandrio composto (Beclère).

Infuso de phellandrio	500 gram.
Extracto de belladona	55 cent.
Extracto thebaico	60 cent.
Assucar	1000 gram.

D. 3 a 6 colheres *de sopa* por dia, nas tosses nervosas e outras molestias das vias respiratorias.

PHENOL. V. *Acido phenico.*

PHOSPHATO DE AMMONIACO (Phosphate d'ammoniaque, fr.). Sal em prismas rhomboidaes, mui soluvel em agua, efflorescente ao ar. — Aconselhado na gota, rheumatismo e diabetes, na dóse de 50 centigrammas a 2 grammas (10 a 40 grãos) dissolvidos em agua.

PHOSPHATO DE CAL (Phosphate de chaux, fr.). Sal que se acha abundantemente na natureza, nos ossos dos animaes, nos grãos dos cereaes e nas terras lavradias. Para os usos da medicina obtem-se tratando os ossos calcinados dos animaes pelo acido chlorhydrico. É um pó branco, insipido, insoluvel na agua; o commercio apresenta-o muitas vezes sob a fórma de trociscos. É uma substancia restauradora debaixo do ponto de vista therapeutico; é um alimento mineral. O phosphato de cal é util nas fracturas dos ossos, no rachitismo, no mal de Pott, nas arthrites, rheumatismos, tisica, diarrheas e escrophulas. O Dr. Milne-Edwards refere o caso de um homem que teve, por um acaso singular, tres fracturas successivas no mesmo braço. Na primeira fractura não se administrou o phosphato de cal, e o callo não se formou senão depois de 45 dias; na segunda e terceira fractura o doente tomou phosphato de cal, e as fracturas consolidárão-se, a primeira em 35, e a ultima em 25 dias. O leite contém muito phosphato de cal; a suppressão do aleitamento na criança é uma das causas do rachitismo. O phosphato de cal é util na tisica : favorece a transformação chamada *cretacea*, e exerce uma acção sobre a nutrição. Entra no

cozimento branco de Sydenham. Esta mesma substancia constitue tambem um excellente adubo para as terras : favorece singularmente a vegetação das plantas.

Internamente. *Pó*. 1 a 5 grammas (20 a 100 grãos) em agua com assucar. Póde tomar-se ao jantar, misturado com alimentos, nas primeiras colheres de caldo.

A *osteina Mouriès*, empregada no rachitismo, é a albumina misturada com phosphato de cal. Dóse : Uma colher *de sopa*, no caldo de carne.

Electuario anti-diarrheico (Jeannel).

Conserva de rosas	10 gram.	Casca de laranja em pó	2 gram.
Quina calisaya em pó	5 gram.	Xarope de cato	q. s.
Phosphato de cal	5 gram.		

F. S. A. — D. 4 a 20 grammas (1 a 5 oitavas).

PHOSPHATO DE FERRO. V. p. 472.

PHOSPHATO DE SODA ou **Sub-phosphato de soda** (Phosphate de soude, fr.). Sal inodoro, branco, de sabor levemente salino, um pouco desagradavel, crystallizado em prismas rhomboidaes, soluvel em 4 partes d'agua fria. — Purgativo, na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças), dissolvidos n'um copo d'agua fria.

Agua purgativa gazosa (Bouchardat).

Phosphato de soda	45 gram.	Agua gazosa	625 gram.

Purgante muito menos sapido e tão efficaz como a agua de Sedlitz. — D. 1 garrafa em 3 ou 4 porções. — Torna-se esta bebida agradavel ajuntando-lhe 60 grammas de xarope de limão.

PHOSPHORO (Phosphore, fr.). Corpo simples, extrahido dos ossos dos animaes. É solido, ordinariamente debaixo da fórma de pedaços cylindricos da grossura de uma penna de ganso, meio transparente, flexivel, branco-amarellado, luminoso na obscuridade e ao contacto do ar, de sabor quente; espalha no ar vapores esbranquiçados de cheiro alliaceo. É soluvel em agua, mas soluvel em pequena quantidade no ether, nos oleos e nas gorduras; mui soluvel no sulfureto de carbone. Guarda-se em vasos fechados, e dentro da agua. Não se deve manejar nem cortar senão debaixo da agua, porque inflamma-se facilmente ao contacto do ar.

Administrado internamente na dóse de 10 centigram. (2 grãos), e mesmo em dóse menos forte, o phosphoro é um veneno violento; queima e desorganiza os tecidos com que se acha em contacto; mas quando se emprega com as precauções abaixo indicadas, póde ser usado internamente; é então um excitante prompto e poderoso, cuja acção se dirige principalmente sobre o systema nervoso e genito-urinario. É aconselhado nas febres adynamicas e ataxicas, rheumatismos, chlorose, syncope, paralysia, epilepsia, amaurose, cardialgia, impotencia viril; mas raras vezes se emprega. Para uso interno são preferiveis e mais convenientes as preparações em que se acha o phosphoro em dissolução, e não as em que elle se acha simplesmente dividido. O emprego d'esta substancia exige muita cautela. O Dr. Tavignot, medico oculista de Pariz, aconselha o uso do phosphoro contra a cataracta, externamente em fricções sobre a testa ou em instillações entre as palpebras, que se fazem com o linimento phosphorado que abaixo indico. Nas artes, o phosphoro serve para a fabricação dos páosinhos de accender lume. Serve tambem com vantagem, debaixo da fórma de pasta, para a destruição dos ratos e camondongos. (V. *Ratos* nas *Receitas diversas.*)

O contraveneno do phosphoro é a essencia de terebinthina; forma

com o phosphoro uma combinação innonxia que se elimina pelas ourinas.

Internamente. 1 a 5 milligrammas (1/50 a 1/10 de grão) em dissolução.

Muitas formulas forão propostas para a administração do phosphoro nas poções; a maior parte d'ellas são defeituosas. Nas poções preparadas com ether phosphorado, o phosphoro separa-se e póde occasionar accidentes. Os melhores modos de administrar o phosphoro são : as capsulas de Schmitt, as pilulas Tavignot, e a poção de Mehu.

Oleo phosphorado (Cod. fr.).

Phosphoro 2 gram.	Oleo de amendoas doces 100 gram.

Introduza o oleo em vidro proporcionado á quantidade, de modo que fique quasi cheio; ajunte o phosphoro e aqueça por 15 a 20 minutos, a b. m., agitando amiudadas vezes. Conserve o frasco rolhado para evitar a oxygenação do phosphoro; porém no começo, entale um papel entre o bocal e a rolha, para dar sahida ao ar interior, em quanto se aquece a mistura. Deixe em repouso para formar deposito; e, depois de frio, decante o oleo para separa-lo do phosphoro, que se depositou. Conserve o oleo em vasos de pequena capacidade e bem tapados. D. 20 a 30 gottas em loock ou emulsão, que se toma ás colheres.

Este processo dá um medicamento eminentemente alteravel, e a dóse do phosphoro é demasiadamente forte. O methodo de Mehu, pharmaceutico de Pariz, é preferivel. Eil-o :

Oleo phosphorado (Mehu).

Oleo de amendoas doces 95 gram.	Ether sulfurico 5 gram.
Phosphoro puro 1 gram.	

Aqueça previamente o oleo até cerca de + 225° e filtre-o. Introduza-o em frasco esmerilhado, e depois introduza o phosphoro; aqueça em b. m. a + 90°; agite para favorecer a dissolução; deixe esfriar; ajunte então o ether.

O oleo aquecido fortemente livra-se das substancias organicas que contém, e descora-se; são estas substancias que tornão facilmente alteravel o oleo phosphorado preparado pelo processo do Codigo. O ether tem por effeito impedir e oxydação do phosphoro dissolvido no oleo.

Este oleo a 1/100 conserva-se perfeitamente, e póde ser administrado em pilulas, com q. s. de pó de althea. 1 gramma contém 1 centigramma de phosphoro; — 1 gramma d'este oleo, com q. s. de pó de althea, dividido em 10 pilulas, dá pilulas de 1 milligram. de phosphoro cada uma. D. 1 a 5 pilulas.

Ether phosphorado.

Phosphoro 1 gram.	Ether sulfurico 30 gram.

Introduza tudo em frasco esmerilhado e coberto com papel preto; macere por um mez, tendo o cuidado de mexer de quando em quando; passe depois para frascos de pequena capacidade, e cobertos com papel preto. 30 grammas contém 20 centigrammas de phosphoro. D. 5 a 10 gottas sobre o assucar. Nunca se deve administrar em poção.

Poção phosphorada (Mehu).

Xarope de gomma 30 gram.	Agua de hortelã 30 gram.
Oleo phosphor. a 1/100 10 centig.	

Em frasco de 60 grammas de capcidade, introduza, primeiro,

30 grammas de xarope de gomma, que estenderá, por uma leve agitação, sobre toda a parede interna do frasco. Introduza depois o oleo phosphorado, mexa fortemente, e ajunte por fim a agua de hortelã. — D. Uma colher *de sopa*, de 3 em 3 horas.

Deve o doente agitar fortemente a poção no momento de toma-la; porque, apezar das precauções tomadas para unir o xarope ao oleo phosphorado e dar estabilidade á mistura, o oleo não tarda a separ-se e a mostrar-se na superficie da poção.

Pilulas phosphoradas (Tavignot).

Phosphoro	1 millig.	Manteiga de cacáo	8 centig.
Oleo de amendoas	8 centig.	Althea em pó	q. s.

Dissolva o phosphoro no oleo em b. m. a 50° cent.; ajunte a manteiga de cacáo e os pós de althea, para fazer 1 pilula, e como esta mais 24. D. 1 a 5 pilulas por dia, nas febres adynamicas e paralysias.

Capsulas de oleo phosphorado (Schmit).

Phosphoro	10 centig.		
Oleo de amendoas doces aquecido a + 225° e filtrado			40 gram.

Introduza o oleo em frasco de vidro verde de 60 centimetros cubicos de capacidade lavado com alcool e bem enxuto; ajunte o phosphoro comprimido previamente entre duas dobras do papel de filtrar para estar bem secco; rolhe o frasco; aqueça em b. m. a 80° durante 30 minutos; deixe esfriar; introduza o oleo em 100 capsulas gelatinosas de capacidade igual. Cada capsula representa 1 milligramma (1/50 de grão) de phosphoro. N'estas condições o oleo conserva-se sem alteração. D. 1 a 5 capsulas por dia. É o melhor modo de administrar o phosphoro internamente.

Externamente. *Oleo phosphorado* em fricções.

Pomada phosphorada (Cod. fr.).

Phosphoro	1 gram.	Banha	100 gram.

Deite a banha em frasco de vidro de bocca larga, e rolha esmerilhada; ajunte o phosphoro, e introduza o frasco em b. m., tendo o cuidado de entalar um papel entre o bocal e a rolha afim de dar sahida ao ar interior. Depois de dissolvido completamente o phosphoro, rolhe exactamente o frasco, e agite até arrefecer de todo. — D. 2 grammas (1/2 oitava) em fricção por dia, na paralysia.

Linimento phosphorado (Tavignot).

Oleo de amendoas doces	15 gram.	Phosphoro	5 centig.

Dissolva a b. m. a 100° cent., em vaso tapado e cheio.

É aconselhado na cataracta. Fazem-se tres fricções por dia, por cima da sobrancelha, ou praticão-se 3 a 5 instillações por dia, de cinco gottas d'este linimento, entre as palpebras. Ás vezes as instillações entre as palpebras inflammão o olho; n'este caso cumpre limitar-se ás fricções sobre a testa. Segundo o Dr. Tavignot, os effeitos d'esta medicação manifestão-se do terceiro ao decimo quinto dia. Sobre doze cataractas tratadas por este methodo, dez forão curadas ou obtiverão melhoras, segundo o que refere o Dr. Tavignot.

PHOSPHORO VERMELHO ou AMORPHO. Obtem-se submettendo durante muitos dias o phosphoro ordinario á temperatura elevada. O phosphoro experimenta então uma transformação completa: torna-se vermelho-roxo, opaco, duro; não se inflamma na temperatura ordinaria, como o phosphoro ordinario, mas só a 180 gráos; não derrama cheiro algum; e é apenas venenoso. Em uma palavra, o calor communica ao phosphoro propriedades inteiramente novas,

e que o tornão proprio para ser substituido ao phosphoro ordinario na fabricação dos páosinhos chimicos ditos de lume prompto. Com effeito, não produzindo emanações, não occasiona carie dos ossos maxillares nos operarios que o manejão; insoluvel nos succos do estomago, não produz envenenamentos. Grandes quantidades d'esta variedade de phosphoro forão administradas a animaes, sem que estes experimentassem incommodo algum, entretanto que minimas quantidades de phosphoro branco ordinario fazem-n'os morrer promptamente.

PIÃO. V. Pinhão de purga.

PICÃO, Cuambú, Guambú, ou **Garyophillata.** *Bidens pilosa,* L. Synanthereas. Planta que habita no Brasil. Caule herbaceo, erecto; folhas divididas em lobulos ovaes, agudos, denteados; flores dispostas em capitulos pedicellados, formando quasi corymbos, flores amarellas; fructo, akene anguloso terminado por duas ou tres pontinhas. Esta planta contém um principio acre. O sumo das folhas é empregado no interior do Brasil contra a ictericia, na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças). As folhas contusas applicão-se com vantagem nas ulceras.

PICÃO DA PRAIA. *Acanthospermum xanthioides,* De Candolle. Synanthereas. Planta do Brasil (Rio, S. Paulo). Caule rasteiro, pubescente; folhas pecioladas, oppostas, inteiras ou levemente denteadas, ovaes, aromaticas e amargas; flores situadas na extremidade dos ramos; florões amarellos; fructo, akene oval, um pouco curvo, coberto de pontas finas e curvas. *P. us. Folhas* e *caule.*

Tonico e diuretico, aconselhado contra as febres intermittentes.

Internamente. *Infusão,* 4 grammas (1 oitava) para 180 gram. (6 onças) d'agua fervendo.

Ha mais outra variedade da planta, *Acanthospermum hirsutum,* De Candolle, que differe da precedente unicamente nas folhas, que são pelludas na face inferior. Esta é conhecida no interior da provincia de S. Paulo pelo nome de *carrapichinho do campo.* Goza das mesmas propriedades. Usa-se pelo povo contra a gonorrhea.

PICHURIM. V. Puchury.

PIMENTA DA INDIA, Pimenta ordinaria, do reino, ou **Pimenta negra** (Poivre, fr.). Sementes da pimenteira, *Piper nigrum,* L. (Piperaceas), arbusto trepante da India, cultivado particularmente nas ilhas de Java, Sumatra, Borneo e Malacca; tambem se cultiva no Brasil na provincia do Pará. Fig. 259. As sementes são redondas, negras, de cheiro aromatico e sabor picante. Postas de maceração em agua do mar, intumescem, deixão-se descascar com facilidade, e apresentão-se então no commercio com o nome de *pimenta branca.*

Estimulante energico; em pequenas dóses facilita a digestão. Emprega-se geralmente como tempero. É aconselhada nas febres intermittentes rebeldes e na cholera. Externamente serve para combater a relaxação da uvula, e emprega-se em gargarejos nas esquinencias chronicas.

Internamente. *Pó* (p. 114), 20 centigrammas a 1 gramma (4 a 20 grãos).

Infusão, 2 grammas (1/2 oitava) para 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo.

Externamente. Infusão em gargarejos.

Differentes fructos de muitos vegetaes correm com o nome de pimentas; são : **Pimenta comari,** *Capsicum frutescens,* L. (Solaneas); **Pimenta malagueta,** *Capsicum pendulum,* Velloso (Sola-

neas); **Pimenta de cheiro,** *Capsicum ovatum*, D. C. (Solaneas); **Pimenta do sertão,** *Xilopia grandiflora*, S. Hilaire (Anonaceas); **Pimentão,** *Capsicum cordiforme*, Mill. (Solaneas); **Pimenta da terra,** *Capsicum annuum*, L. (Solaneas), etc. Todas habitão no Brasil; são excitantes; usão-se como tempero nas comidas, mas podem empregar-se em medicina nas mesmas dóses que a pimenta ordinaria.



Fig. 259. — Pimenta da India.

PINHÃO DE PURGA, Pião, Purgueira, ou **Mandobi-guaçú** (Pignon d'Inde, fr.). Fig 260. Fructo do pinheiro de purga, *Jatropha curcas*, L., arbusto do Brasil. Euphorbiaceas. Este arbusto é de altura mediana, cheio de um succo viscoso, que é muito usado pelo povo para curar as feridas; é um hemostatico excellente; não é caustico, e não occasiona dôres; coagula simplesmente o sangue, e reveste a superficie sangrenta de uma camada tenaz. Tem as folhas pecioladas, cordiformes, angulosas; flores dispostas em corymbos. O fructo, *pinhão de purga* (fig. 260), é uma capsula quasi globosa, do tamanho de uma noz; contém tres sementes do tamanho e da fórma de uma azeitona, compostas de uma casca dura, delgada, quebradiça, de côr roxa escura, e de uma amendoa branca, oleoginosa, de sabor adocicado a principio, e depois um



Fig. 260. — Pinhão de purga.

pouco acre. N'estas amendoas reside a virtude purgativa, a qual se manifesta já na dóse de 1 a 3 amendoas. O *oleo espresso* d'estas amendoas é purgativo na dóse de 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava).

PINHEIRO (Sapin, fr.). Arvore da familia das Coniferas, eminentemente resinosa, que habita na Europa e nos Estados-Unidos da America do Norte. Existem d'ella muitas variedades, que fornecem differentes productos á pharmacia.

PINHEIRO VERDADEIRO OU PRATEADO (Sapin vrai ou argenté, fr.). *Pinus picea*, L. Esta arvore fornece á pharmacia os *Renovos de pinheiro*, e a *Terebinthina de limão*, chamada tambem *Terebinthina de Veneza*.

PINHEIRO ELEVADO OU FALSO (Sapin élevé, faux sapin, fr.). *Pinus abies*, L.; fornece o verdadeiro *pez amarello* ou *pez de Borgonha*.

PINHEIRO LARICO (Mélèze, fr.). *Larix europæa*, D. C., fornece a *terebinthina ordinaria* chamada *terebinthina da Suissa*.



Fig. 261.
Renovos de pinheiro.

Os *renovos de pinheiro verdadeiro*, do norte da Europa (fig. 261) tem o cheiro resinoso e balsamico, e empregão-se em infusão como excitantes, bechicos e diureticos, na cystite chronica, na chlorose, escorbuto, rheumatismo e nas molestias do peito.

Internamente. *Infusão.* Renovos de pinheiro 20 gram. (5 oitavas), agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por duas horas, e côe. Esta infusão emprega-se na dóse de 250 a 500 gram. (8 a 16 onças) por dia.

Extracto de renovos de pinheiro (p. 91), 1 gram. (20 grãos) por dia, em pilulas.

Agua distillada de renovos de pinheiro (p. 66), 60 a 120 grammas (2 a 4 onças) em poção.

Xarope de renovos de pinheiro (p. 138), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Agua hemostatica de Brocchieri. Macerão-se por doze horas os cavacos miudos de pinheiro no dobro do seu peso d'agua; distilla-se depois para obter da agua distillada o peso do lenho empregado. Deixa-se em repouso o producto por 24 horas, e separa-se com cuidado o oleo volatil que sobrenada. — Aconselhada pelo seu autor para atalhar as hemorrhagias internas de qualquer natureza que sejão, na dóse de 90 a 120 grammas (3 a 4 onças) por dia. Toma-se ás colheres *de sopa*. É recommendada tambem externamente como presumido hemostatico.

PIPI ou **Raiz de Guiné.** *Petiveria tetrandra*, Gomez. Phytolaceas. Sub-arbusto do Brasil (Rio, S. Paulo), de 3 a 15 pés de altura. Tronco liso, folhas ovaes, agudas, alternas; flores brancas em espigas terminaes; raiz da grossura do dedo minimo, tortuosa, amarella-escura por fóra, branca por dentro, cheiro fetido, sabor acre. *P. us. Raiz.* Estimulante, empregado nas paralysias.

Externamente. *Decocção :* em banhos. 500 grammas (1 libra) de raiz de pipi para um banho.

Tintura em fricções na paralysia.

PIRAGUAIA. V. CIPO SUMÁ.

PISTACHA, Alfostigo, ou **Fistico** (Pistache, fr.). Semente da pistaceira, *Pistacia vera*, L., arvore da familia das Terebinthaceas-anacardeas, cultivada principalmente na Sicilia. Fig. 262. É angulosa, coberta com uma pellicula purpurea, de um verde-pallido no interior, de sabor doce e agradavel. Emolliente.

Loock verde (Cod. fr. antigo).

Pistachas nº	14	Agua de flor de laranjeira	8 gram.
Açafrão	20 centig.	Oleo de amendoas doces	15 gram.
Agua	120 gram.	Gomma alcatira	80 centig.
Xarope de violas	30 gram.		

F. S. A. Ás colheres, na bronchite.

POAYA. V. IPECACUANHA.

PODOPHYLLINA ou **Podophyllino** (Podophylline, fr.). Substancia resinosa extrahida do podophyllo, e que parece ser o principio activo d'esta planta. Pó de côr roxa ou amarellada, insoluvel na agua, soluvel no alcool, de sabor acre e amargo, cheiro viroso. Extrahe-se dos rhizomas de podophyllo 3 a 4 por 100 de podophyllina. Prepara-se tratando pelo alcool forte, no apparelho de deslocação, o rhizoma de podophyllo. É necessario preservar o rosto com mascara, quando se prepara este *extracto alcoolico*, podendo esta preparação causar aos operadores conjunctivites e mesmo ulcerações nas fossas nasaes. Segundo o Sr. Dr. João Vicente Torres Homem, distincto Professor de clinica medica da Faculdade de medicina do Rio de Janeiro, a podophyllina tem duas propriedades : é um drastico de primeira força, e um excitante da secreção biliar; o que a torna mui util nos engurgitamentos chronicos e agudos do figado, e na ictericia com ou sem lesão d'este orgão.



Fig. 262. — Pistaceira.

Internamente. 15, 25, a 50 milligrammas (1/3 de grão, 1/2 grão a 1 grão) em pó ou pilulas.

Pilulas de podophyllina simples.

Podophyllina	2 1/2 centig.	Mel de abelhas	q. s.
Althea em pó	5 centig.		

F. 1 pilula, e como esta mais outra. D. 1 a 2 pilulas, como purgante.

Pilulas de podophyllina compostas (Torres Homem).

Podophyllina	15 millig.	Sabão medicinal	10 centig.
Extracto de belladona	15 millig.		

F. 1 pilula, e como esta mais 19. D. 1 a 3 pilulas por dia. Engurgitamento do figado.

PODOPHYLLO (Podophylle, fr.). *Podophyllum peltatum*, L. Ranunculaceas. Planta que vive no estado selvagem nas margens dos regatos e rios dos Estados-Unidos. Os *rhizomas*, que são a parte empregada, achão-se no commercio em fragmentos de 8 a 10 centimetros, de aspecto um pouco differente segundo a idade.

Os mais velhos são cylindricos, ou algum tanto achatados, da grossura maior do que uma penna de ganso, de côr roxa-anegrada, e apresentão na parte inferior algumas raizes lisas, ou pequenas cicatrizes esbranquiçadas, que resultão da quéda das raizes. — Excellente purgante, na dóse de 1 gramma (20 grãos) em pó. Contém uma resina, chamada *podophyllina.* (V. o artigo precedente.)

POEJO (Pouliot, fr.). *Mentha pulegium*, L. Labiadas. Planta que habita no Brasil e em Portugal nos sitios um tanto humidos. Caule horizontal, folhas pequenas ovaes, inteiras, obtusas, quasi rentes, empubescidas de ambas as partes, flores de um arroxado diluido, sabor quente, cheiro aromatico, um pouco semelhante ao da hortelã.

Emmenagogo, empregado em fórma de chá que se prepara com 2 gram. (1/2 oitava) de poejo e 180 gram. (6 onças) d'agua fervendo.

POLVILHO, Amido, Gomma (Amidon, fr.). Substancia que existe em muitos vegetaes, e principalmente na raiz de mandioca, centeio, trigo, cevada e batatas. É branca, pulverulenta, sem sabor nem cheiro, inalteravel ao ar; transforma-se, pela ebullição em agua, em uma colla ou mucilagem, chamada *gomma.* — Emolliente, empregado frequentemente em clysteres, contra a diarrhea. Polvilhão-se com o amido as erysipelas, empigens, o intertrigo e outras erupções cutaneas. Mettem-se no banho 500 grammas (16 onças) d'esta substancia, para abrandar a pelle. A applicação do polvilho, de modo a formar uma camada isolante e seccativa, é um dos melhores meios no pemphigo.

Clyster de polvilho ou *de fecula* (Cod. fr.).

Polvilho 8 gram. | Agua fria 50 gram.

Dilua, e ajunte pouco a pouco e mexendo :

Agua quente.............................. 120 grammas

Banho de polvilho.

Polvilho 500 gram. | Agua fria 6 litros

Dilua o polvilho em 3 litros da agua; aqueça o resto da agua até á ebullição; ajunte-lhe pouco a pouco e mexendo a agua misturada com o polvilho; ajunte tudo á agua do banho. — Emolliente. Molestias cutaneas.

POLYGALA AMARGA (Polygala amer, fr.). *Polygala amara*, L. Polygaleas. Planta da Europa. *P. us. Raiz.* Acha-se no commercio a raiz, do comprimento de 1 pollegada, de 1 1/2 linha de diametro, com fibras ramificadas, nodosas, enroladas; cheiro um pouco aromatico, sabor um tanto acre e muito amargo. — Tonico; provoca ás vezes evacuações alvinas. Pouco usada.

Internamente. *Pó*, 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava).

Infusão, 2 grammas (1/2 oitava) para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

Extracto (p. 91), 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava) em pilulas.

POLYGALA SENEGA ou **Polygala de Virginia** (Polygala de Virginie, fr.). *Polygala senega*, L. Polygaleas. Planta da America septentrional. Fig. 263. *P. us. Raiz.* Esta raiz no commercio é de grossura variavel, entre a de uma penna de ganso e a do dedo minimo, enrolada em espiral, ramosa, tem de um lado uma crista longitudinal saliente, sua casca é acinzentada, resinosa; o meditullio lenhoso, branco; cheiro nauseante; sabor a principio adocicado, depois acre. — É excitante e diuretica, aconselhada no hydrothorax e outras hydropisias, rheumatismos, bronchites; em alta dóse occasiona ás vezes vomitos e evacuações alvinas.

Forão indicadas como succedaneas d'esta polygala, mas que gozão de propriedades muito mais fracas, a *polygala amarga* e a *polygala vulgar*. Quando o medico receitar simplesmente *polygala*, sem designar a especie, entender-se-ha a polygala de Virginia.

Externamente. *Infusão :* Polygala de Virginia 10 grammas (2 1/2 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por duas horas, e côe.

Pó, 50 centigrammas a 4 gram. (10 grãos a 1 oitava).

Tnitura (p. 122), 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas) em poção.

Extracto (p. 91), 2 a 4 gram. (1/2 a 1 oitava) em pilulas.



Fig. 263. — Polygala de Virginia.

PONTA DE VEADO (Corne de cerf, fr.). Cornos ou chifres que se achão na testa de um animal mammifero. Veado, *Cervus elaphus*, L., representado na fig. 264. Estes chiffres cahem cada anno, na primavera, e tornão a brotar durante a verão. São a principio simples, mas dão, com a idade, ramos que se chamão *esgalhos*. A femea, ou *corça*, não tem cornos. Achão-se no commercio inteiras ou em raspas. No primeiro estado são pedaços mais ou menos compridos, cónicos, de côr amarella-arroxada no exterior, branca-amarellada internamente, inodoros, de sabor mucilaginoso; no segundo, são fitas dispostas em espiraes amarelladas ou arroxadas no exterior, brancas no interior. Sua composição é : gelatina 37, phosphato de cal 57,5, carbonato de cal 1, agua e perda 4,5 = 100.Nas pharmacias distinguem-se :

1° *Raspas de ponta de veado*, que são brancas ou cinzentas, segundo foi a ponta, antes de ser raspada, limpa ou não. Contém muita gelatina, á qual devem as suas propriedades emollientes, e o phosphato calcareo. Fazem-se com ellas cozimentos contra a diarrhea, na proporção de 10 para 500 d'agua, e gelea.

2° *Ponta de veado calcinada*, que se prepara queimanda-a em cadinho até tornar-se branca; depois pulveriza-se a massa, lava-se e reduz-se a troscicos. O producto não é outra cousa senão o subphosphato de cal misturado com o carbonato. Emprega-se contra a diarrhea, na dóse de 1 a 30 grammas (20 grãos a 1 onça). Entra na composição do cozimento branco de Sydenham.

3° *Os productos da distillação secca.* Esta distillação faz-se da maneira seguinte : Introduz-se no forno de reverbero uma retorta de grés, quasi cheia de bocados de ponta de veado, junta-se a alonga e o balão, lutão-se as juntas, e procede-se á distillação, sem que a temperatura exceda muito de 100°; passa um liquido animalisado, que se rejeita ; resfria-se o balão e a alonga, e eleva-se a temperatura do forno até a retorta enrubecer. No fim da operação

acha-se sublimado, na alonga, carbonato de ammoniaco impregnado de oleo empyreumatico : é o *sal volatil de ponta de veado*, *carbonato de ammoniaco oleoso concreto.* No balão achão-se dois liquidos, um inferior aquoso, é o *espirito volatil da ponta de veado*, *carbonato de ammoniaco oleoso liquido*; outro superior oleoso, é o *oleo volatil da ponta de veado*, que, purificado por muitas distillações, constitue o *oleo animal de Dippel*. Estes differentes productos erão empregados como anti-hystericos, mas são hoje pouco usados. O *oleo animal de Dippel* é um liquido de cheiro agradavel; é considerado como antispasmodico, e foi aconselhado na epilepsia e nas outras nevroses, na dóse de 5 a 10 gottas, em poção ou com assucar.



Fig. 264. — Veado.

Internamente :

Cozimento branco de Sydenham (Cod. fr.).

Ponta de veado calcinada e porphyrizada	10 gram.	Assucar refinado	60 gram.
Miolo de pão	20 gram.	Agua de flor de laranjeira	10 gram.
Gomma arabica pulveriz.	10 gram.	Agua	q. s.

Triture em almofariz de marmore a ponta de veado e a gomma; ajunte o miolo de pão e o assucar; torne a triturar para ter mistura exacta. Ferva esta mistura por um quarto de hora com um pouco mais de 1 litro d'agua em vaso tapado. Côe com ligeira espressão por panno de lã ralo; ajunte á coadura a agua de flores de laranjeira. — As quantidades precedentes devem dar 1 litro (32 onças) de cozimento branco. — D. 360 a 500 grammas (12 a 16 onças) por dia, que se tomão ás chicaras; uma chicara de tres em tres horas; na diarrhea. Agite quando se usar.

Cozimento branco gommado.

Raspas de pontas de veado	15 gram.	Agua	720 gram.
Miolo de pão	15 gram.	Gomma arabica	4 gram.
		Assucar	30 gram.

Ferva a ponta de veado e a gomma em 720 grammas d'agua até ficar em 360 grammas; côe e ajunte o assucar á coadura. D. Uma chicara de 3 em 3 horas, na dysenteria.

Pasta de gelatina de ponta de veado (Mouchon).

Saccharureto de ponta de veado	1000 gram.	Agua de flor de laranjeira	250 gram.
Gomma arabica	1000 gram.	Agua commum	2250 gram.
Xarope simples	750 gram.		

Opere como para a pasta de musgo islandico. Contra a bronchite.

Saccharureto de ponta de veado (Mouchon).

Gelatina de ponta de veado, obtida pelo acido chlorhydrico, le 4000 grammas de ponta de veado raspada, e xarope de assucar 3000 grammas. Faça seccar na estufa, pise, e peneire.

Gelea de ponta de veado (Cod. fr.).

?onta de veado raspada	250 gram.	Assucar refinado	125 gram.
ιgua commum	2000 gram.	Limão n.º	1

Lave a ponta de veado em agua tepida, e ferva na quantidade la agua prescripta, até se evaporar a metade do liquido. Côe com orte espressão; ajunte o assucar, o succo do limão e uma clara de vo diluida em pouca agua. Clarifique a quente, e concentre até o quido adquirir bastante consistencia para poder tornar-se gelea, uando frio. Ajunte então a casca exterior do limão; alguns instantes epois côe por panno de lã, e receba o liquido n'um pote de porelana que se guardará em sitio fresco.

POTASSA (Potasse, fr.). Oxydo de potassio. Ha tres especies e potassa.

1° POTASSA DO COMMERCIO (Potasse du commerce, fr.). Obteme queimando a lenha de diversos vegetaes; as cinzas que resultão a combustão tratão-se pela agua, e as dissoluções filtrão-se e evaprão-se até seccarem; o residuo calcina-se em fornalha, e o proucto é a *potassa do commercio*, que não é o oxydo de potassio uro, mas a mistura de potassa caustica, de sulfato de potassa, de lorureto de potassio, de sulfureto de calcio e potassio, de oxydo e ferro, e sobretudo de carbonato de potassa. A dissolução da otassa do commercio é ás vezes empregada em medicina, em lavarios, contra os dartros; nas artes serve para a fabricação do bão molle, do vidro, da pedrahume, etc.

2° POTASSA CAUSTICA PELA CAL, ou PEDRA DE CAUTERIO (Potasse ustique à la chaux, ou pierre à cautères, fr.). Obtem-se fervendo a muita agua potassa do commercio com a cal, filtrando, evaprndo o residuo até seccar; depois derretendo-o, e vertendo-o em rmas de ferro, para obter pastilhas ou cylindros como os de pedra fernal. Apresenta-se em bocados chatos ou em cylindros quebraços, de côr branca-acinzentada, ás vezes avermelhados, sabor tremamente caustico, cheiro fraco. Attrahe poderosamente a agua o acido carbonico da atmosphera; exposta ao ar torna-se liquida omptamente. É um pouco menos caustica do que a potassa causa pelo alcool; mas prefere-se a esta para produzir fontes, por ender-se menos sobre a pelle e formar uma escara circumscripta.

3° POTASSA CAUSTICA PELO ALCOOL (Potasse caustique à l'alcool, . Prepara-se derretendo a potassa caustica pela cal no alcool a , que não dissolve senão a potassa pura, e evaporando a dissoão alcoolica. É solida, branca, excessivamente caustica, e deliscente.

A potassa caustica pela cal é um dos causticos mais empregados a fazer fontes, abrir abcessos, cauterizar tumores erectis, etc. plica-se para este fim sobre a pelle um emplasto de diachylão,

com uma abertura no centro, e na qual se deita um pedaço de potassa de 20 a 30 centigrammas (4 a 6 grãos), que se cobre com outro pedaço de emplasto, maior do que o primeiro e sem buraco. Passadas seis ou sete horas, ou mais ainda, levanta-se o apparelho, e acha-se a escara duas vezes mais larga do que a abertura do emplasto. A potassa caustica é um dos venenos mais irritantes, entretanto foi administrada internamente contra a lepra, as escrophulas, areias, colicas nephriticas, e outras affecções provenientes do excesso do acido urico nas ourinas.

Internamente. *Dissolução*, potassa 1 p., agua distillada 10 p. D. 5 a 20 gottas n'uma poção de 120 grammas (4 onças).

Externamente. Em banhos 60 grammas (2 onças) para um banho geral.

Pós causticos de Vienna (Cod. fr.).

Potassa caustica pela cal	50 gram.	Cal viva	60 gram.

Reduza a cal a pó mui fino. Por outra parte, pulverize a potassa caustica em almofariz de ferro aquecido, ajunte-lhe a cal, e faça das duas substancias mistura intima, que introduzirá rapidamente em frasco de bocca larga, tapado com boa rolha de cortiça fervida na cera. — Eis-aqui a maneira de se servir d'este caustico para abrir uma fonte. Faz-se com pequena quantidade d'estes pós e aguardente massa molle, que se applica sobre a pelle do mesmo modo que a potassa caustica. Este caustico é preferivel á potassa caustica; sua acção é prompta, viva e circumscripta.

Caustico de Filhos (Cod. fr.).

Potassa caustica pela cal	100 gram.	Cal viva em pó	20 gram.

Derreta a potassa. Depois de derretida a potassa ajunte-lhe a cal, e introduza a mistura em tubos de chumbo de differentes diametros. Os cylindros, que resultão d'esta operação, guardão-se em tubo de vidro contendo cal viva e bem rolhados. — Este caustico é empregado para cauterizar o collo uterino. Para servir-se d'elle, apara-se como um lapis.

Caustico de Pollau.

Potassa caustica	4 part.	Cal hydratada	30 part.
Sabão medicinal	4 part.		

Reduza tudo a pó e guarde em frasco esmerilhado. Pollau, cirurgião de Berlim, não empregava estes pós senão seis mezes depois de preparados. Empregava-os para destruir as verrugas e os signaes de nascença. Com q. s. de alcool faz-se massa que se applica sobre a verruga e tira-se cinco minutos depois. A escara cahe ao cabo de oito dias.

PROPYLAMINA. V. TRIMETHYLAMINA.

PROTO-CHLORURETO DE FERRO. V. p. 467.

PROTO-CHLORURETO DE MERCURIO. V. p. 602.

PROTO-IODURETO DE MERCURIO. V. p. 608.

PROTO-NITRATO DE MERCURIO. V. p. 611.

PROTOXYDO DE AZOTO ou **Gaz hilariante** (Protoxyde d'azote, gaz hilariant, fr.). Gaz incolor, inodoro, de sabor algum tanto adocicado, que se póde reconhecer mesmo quando está em solução n'agua, a qual dissolve d'elle metade do seu volume. Obtem-se decompondo o azotato de ammoniaco em vaso fechado, por meio do calor. Respirado, produz uma embriaguez agradavel, mas de pouca duração. O abuso da inhalação póde causar a morte. É empregado como anesthesico, sobretudo pelos dentistas. Produz a anesthesia em 40 a 90 segundos; a sensibilidade volta promptamente.

protoxydo de azoto não póde servir para as operações cirurgicas algum tanto prolongadas. — Resulta das experiencias feitas em animaes : 1°, que o gaz protoxydo de azoto respirado puro, administrado de modo a excluir a inhalação do ar atmospherico, é um poderoso agente anesthesico, porém menos duradouro nos seus effeitos do que o chloroformio; 2°, que levada a administração do gaz além de certos limites, é susceptivel de causar a morte; 3°, que mesmo quando a morte está imminente, a simples respiração do ar puro é na maioria dos casos bastante para conseguir um rapido e completo restabelecimento. — O protoxydo de azoto administra-se por meio de um apparelho proprio. Dentro de 15 a 20 segundos de completa inhalação de gaz, o rosto póde apresentar-se com a côr vermelha-escura; de ordinario o individuo conserva a consciencia do seu estado por 30 a 40 segundos. Entre os 45 a 60 segundos sobrevem repentinamente outra alteração : os olhos perdem a expressão; movem-se desigualmente, a ponto de algumas vezes se tornarem vesgos, e a pupilla apparece ás vezes mais dilatada. Cumpre n'este momento proceder á extracção do dente. Continua-se a inhalação para as operações que exigem mais tempo. Podem, então, sobrevir convulsões das mãos durante 10 a 15 segundos. O pulso torna-se mais fraco, e a respiração estortorosa. Suspende-se n'este caso a inhalação, e procede-se immediatamente á operação que deve ser executada. — Durante a inhalação cumpre vigiar cuidadosamente a respiração e o pulso. Se uma ou outro falhar, suspende-se immediatamente a inhalação do protoxydo de azoto, e recorre-se sem demora á respiração do ar livre. Para este fim, levantão-se os braços do paciente de ambos os lados da cabeça, e segurão-se assim levantados durante dois segundos; este movimento, levantando as costellas alarga a capacidade do peito, e produz uma inspiração. Abaixão-se, depois, os braços, e comprimem-se brandamente durante dois segundos contra os lados do peito. Este movimento, comprimindo as costellas, diminue a capacidade do peito, e produz uma expiração forçada. Repetem-se estes movimentos alternadamente, e com perseverança, quinze vezes por minuto. — A anesthesia proto-azotica é tão completa como a anesthesia chloroformica; não differe d'ella senão pela rapidez da invasão, pela facilidade da volta ao estado normal, e por um caracter mais pronunciado de asphyxia. É facilmente applicavel ás operações de curta duração; é provavel que se poderia applicar ás grandes operações, mediante a intermittencia convenientemente dirigida das inhalações. Póde-se presumir que expõe menos do que a anesthesia chloroformica a accidentes mortaes; mas é de uso muito menos commodo, por causa dos apparelhos complicados que se necessitão para a preparação do gaz e para a inhalação.

PROTOXYDO DE CHUMBO FUNDIDO. V. p. 561.

PUCHURY ou **Pichurim.** *Nectandra puchury major,* Nees e Martius. Arvore do Brasil (Amazonas). Laurineas. Folhas ellipticas, terminando em ponta rija, coriaceas, glabras; flores terminaes, dispostas em corymbos; fructo, baga contendo uma semente composta de dois lóbos cotyledonarios, vulgo *favas*, ellipticos, oblongos, do comprimento de uma pollegada a pollegada e meia, da largura de meia pollegada, de côr roxa, convexos do lado externo, planos na face por onde se tocão; cheiro forte e aromatico, sabor um pouco acre e picante. *P. us. Semente.* — Estimulante, tonico; emprega-se na dyspepsia, diarrhea, leucorrhea, em pó ou infusão. A tintura foi muito empregada contra a cholera no Pará.

Internamente. *Pó,* 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava).

Infusão, 4 grammas (1 oitava) para 180 grammas (6 onças), d'agua fervendo.

Tintura, 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em poção.

PUCHURY-MIRI. *Nectandra puchury minor.* Nees e Mart. Laurineas. Arvore igualmente do Amazonas; produz sementes da mesma côr e cheiro, porém mais pequenas que a precedente. Possuem quasi as mesmas virtudes.

PULMONARIA (Pulmonaire, fr.). *Pulmonaria officinalis*, L. Borragineas. Planta que habita nas mattas da Europa. As folhas verdes e pubescentes são marcadas de manchas brancas; flores purpurinas ou azues. Antigamente foi gabada contra a bronchite; pouco usada hoje.

PULSATILLA (Pulsatille, fr.). *Anemone pulsatilla*, L. Ranunculaceas. Planta que habita nos lugares seccos e montanhosos da Europa. Quando fresca, goza de propriedades irritantes, vesicantes e mesmo causticas; secca, é quasi inerte. O extracto d'esta planta era empregado internamente contra a amaurose; hoje sem uso.

PURGA DE CABOCLO. V. p. 360.

PURGA DO CAMPO. *Echites alexicaca*, Mart. Apocyneas. Planta do Brasil (S. Paulo, Minas, Goyaz e Matto-Grosso). Caule sub-lenhoso, leitoso, de palmo e meio a 2 palmos de altura; folhas oppostas, quasi redondas, terminadas por uma ponta; flores terminaes solitarias, ou dispostas em paniculas de poucas flores; corolla côr de rosa; raiz tuberosa, fusca por fóra, quasi branca por dentro. *P. us. Raiz.* Purgante, na dóse de 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas); administra-se na ictericia, e no engurgitamento das visceras abdominaes.

PURGA DE CARIJÓ. V. p. 448.

PURGA DE CAVALLO. V. p. 304.

PURGA DE CAYAPÓ. V. p. 360.

PURGA DE GENTIO. V. p. 271, 360.

PURGA DE JOÃO PAES. V. 318 e 319.

PURGA DE PASTOR. *Echites pastorum*, Martius. Apocyneas. Planta do Brasil. Dão-lhe o nome de *jalapa* em S. Paulo. A sua raiz é purgativa, na dóse de 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).

PURGUEIRA. V. PINHÃO DE PURGA.

PYRETHRO (Pyrèthre, fr.). *Anthemis pyrethrum*, L. Synanthereas-senecioides. Planta que habita na Turquia, Asia e Africa. *P. us. Raiz.* Vem ordinariamente de Tunis. Esta raiz é denegrida por fóra, branca por dentro, da grossura de um dedo, de cheiro forte quando está em massa; sabor acre, picante e provocando salivação. Cede o seu principio activo ao alcool e ao ether. — Excitante, entra na composição das preparações odontalgicas.

Externamente. *Tintura alcoolica* (V. p. 122), 4 grammas (1 oitava) em 120 grammas (4 onças) d'agua, como collutorio. — Molha-se uma bolinha de algodão n'esta tintura, e introduz-se na cavidade do dente cariado, para acalmar a dôr.

Alcoolato de pyrethro (p. 68). Odontalgico.

Elixir de pyrethro composto. V. *Dentifricios* na CLASSIFICAÇÃO DOS MEDICAMENTOS.

PYRETHRO DO CAUCASO. *Pyrethrum carneum* ou *roseum*, D. As folhas e a raiz d'esta planta, reduzidas a pó, constituem os *pós contra os persevejos*, o *insecticidio de Vicat* ou de *Ferrand*, muito empregados hoje, e muito efficazes para destruir os persevejos. Basta introduzir estes pós, por meio de um folle, nos lugares em que se escondem os persevejos. Servem tambem para matar

moscas e outros insectos. Os pós de pyrethro do Caucaso, quando não são adulterados pelo commercio, ou misturados com outros pós inertes, são um excellente meio de preservar as lãs ou sedas de serem roidas pelas traças e outros insectos.

QUAPOY ou **Apui.** *Clusia insignis*, Martius. Clusiaceas. Arvore que habita nas regiões equatoriaes do Brasil. Folhas oppostas em cruz, grandes, obovaes com a base estreita, quasi cuneiforme; flores grandes. Os estames e os calices da flor contém uma resina liquida, de côr vermelha alaranjada, que amassada com manteiga de cacáo serve para fazer uma pomada, a qual é empregada pelas Indias do Amazonas para curar as rachas do bico do peito.

QUASSIA (Quassia, fr.). *Quassia amara*, L. Rutaceas-simarubeas. Arvore que habita na Jamaica, Goyana; cultiva-se no Brasil nas provincias da Bahia e do Pará. Fig. 265. É um arbusto de



Fig. 265. — Quassia.

folhas alternas, pecioladas, compostas de 3 ou 5 foliolos; flores dispostas em cachos alongados, corolla avermelhada. *P. us. Páo dos ramos e da raiz.* No commercio é branco, inodoro, leve, de 3 a

4 centimetros de diametro, coberto de casca cinzenta; extremamente amargo, difficil de ser reduzido a pó. Tonico energico, empregado contra as molestias atonicas, dyspepsia, vomitos espasmodicos, e como febrifugo. Em alta dóse occasiona vertigens, vomitos e fraqueza geral.

Internamente. *Maceração :* Quassia 5 gram. (1 1/4 oitava), agua fria 1000 grammas (32 onças). Macere por quatro horas, e côe.

Nas pharmacias existem *copos de quassia* para beber agua. Nos primeiros dias bebe-se immediatamente a agua que se deita n'estes copos : pois basta mui pouco tempo para ella se tornar amarga; progressivamente deixa-se demorar mais, e passado algum tempo, é necessario reformar o copo.

Pó (p. 114), 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos).

Extracto (p. 89), 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) em pilulas.

Tintura (p. 122), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em poção.

Vinho (p. 127), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Vinho amargo.

Quassia raspada	30 gram.	Vinho de Malaga	250 gram.
Cravos da India pulv.	60 centig.		

Macere e filtre. D. Uma colher *de sopa* tres a quatro vezes por dia, nos vomitos das mulheres gravidas.

Cozimento tonico.

Quassia	8 gram.	Agua	q. s.
Centaurea menor	8 gram.	Xarope de losna	60 gram.

Ferva a quassia e a centaurea em q. s. d'agua para ter 500 gram. (16 onças) de decocto; ajunte depois o xarope. — Uma chicara de 3 em 3 horas.

QUEIMADEIRA. Dá-se este nome no Brasil ás plantas seguintes :

1.ª QUEIMADEIRA OU PINHA. *Cnidosculus Marcgravii*, Pohl; *Cnidosculus neglectus*, Pohl; *Cnidosculus vitifolius*, Pohl; Euphorbiaceas. Suas sementes são purgativas; fornecem um oleo igualmente purgativo. O succo das folhas é caustico, e é empregado externamente contra as empigens.

2.ª QUEIMADEIRA, LOCO, CAA-POMONGA, CAA-JANDIWAP. *Plumbago scandens*, L. Plumbagineas. Arbusto do Brasil. Folhas pecioladas, ovaes e glabras; ramos trepadores, sulcados, sem gavinhas; flores em espigas terminaes, corolla azul; calix glanduloso. A raiz contém um succo acre, que goza de propriedades vesicantes; machucada, applica-se atraz da orelha nas dôres de ouvido.

QUIGOMBÓ, ou **Quiabo** (Gombo ou bamia, fr.). *Hibiscus esculentus*, L. Planta da familia das Malvaceas, originaria da India d'onde foi transportada para o Egypto. Antilhas e Brasil. Caule herbaceo levantado, folhas vellosas, com 5 lóbos dentados; flores amarellas com o fundo purpureo; os fructos são capsulas pyramidaes, de 5 a 10 angulos; do comprimento de 7 centimetros, com 5 a 10 compartimentos, sementes globosas. — Todas as partes, e sobretudo os fructos, contém muita mucilagem. No Brasil os fructos usão-se como alimento; comem-se com carne, peixe, camarões. Um droguista de Pariz prepara com elles, e com as flores de papoulas, um xarope e uma pasta, a que deo o nome de xarope e de pasta de *nafé da Arabia,* que são com effeito muito emollientes, como o são geralmente as malvaceas, e convém nos defluxos, rouquidões, bronchites, etc.

QUIGOMBÓ DE CHEIRO (Abelmosch ou ambrette, fr.). *Hibiscus abelmoschus*, L. Malvaceas. Planta cultivada no Brasil; muito semelhante á precedente. Mas seus fructos são vellosos, e contém sementes cinzentas, reniformes, comprimidas perto do umbigo, que, sendo esfregadas, exhalão cheiro de almiscar, e são muito empregadas pelos perfumistas. Dá-se-lhes o nome de *ambreta*. No Levante faz-se com ellas um pó, chamado *pó de Chypre*, usado como perfume.

QUILLAYA ou Casca de Panama (Quillai savonneux ou Ecorce de Panama, fr.). Casca da *Quillaia smegmadermos*, D. C., arvore do Chili. Apresenta-se no commercio em grandes pedaços largos e chatos, de côr cinzenta amarellada. Contém grande quantidade de *saponina*, que se extrahe d'ella por meio do alcool. O soluto alcoolico de saponina dissolve as resinas, as gommas-resinas e os oleos, e a solução diluida em agua forma emulsões permanentes; é empregada para certas preparações pharmaceuticas (v. *Saponina*). O pó de casca de quillaya provoca espirros e tosse, o que torna perigosa e incommoda a pulverização d'esta casca.

Tintura de quillaya. Casca de quillaya em pó, 100 grammas; alcool a 70°, 400 gram. Macere durante 4 dias e filtre. 100 gram. d'esta tintura, misturados com 500 grammas d'agua morna, fornecem um liquido que emulsiona poderosamente os corpos gordos, e póde servir para limpar o cabello, os estofos, etc.

QUINA (Quinquina, fr.). Casca de muitas arvores pertencentes ao genero *Cinchona*, da familia das Rubiaceas, que habitão nos Andes do Perú, na Bolivia, na Nova Granada e no Brasil, nas elevações de 1,000 a 3,000 metros acima do nivel do mar. Ha cerca de 40 especies de quina, que são arvores ou arbustos, de folhas sempre verdes, flores de cheiro suave e dispostas em paniculas thyrsiformes, brancas, roseas ou avermelhadas. O genero *Cinchona* tem por caracteres : calice adherente, limbo persistente, com cinco dentes; corolla monopetala, infundibuliforme, limbo quinque-partido, lóbos oblongos; tubo cylindroide e anguloso; cinco estames com filamentos curtos, inseridos no meio do tubo da carolla; fructo, capsula ovoide-alongada, bilocular, bivalva, coroada pelos dentes do calice; sementes numerosas; membranosas nas margens. As principaes especies são : *C. calisaya*, Weddel; *C. condaminea*, Humboldt e Bonpland; *C. micrantha*, Ruiz e Pavão; e *C. ovata*, Weddel. Eis-aqui a descripção da *Quina calisaya* (fig. 266), que habita na Bolivia e no Perú. Folhas oblongas ou lanceoladas, obtusas, glabras, luzentes por cima, pubescentes por baixo; dentes do calice triangulares; fructo, capsula igualando apenas o comprimento da flor, de fórma oval; sementes elliptico-lanceoladas, com a margem denteada. A casca d'esta especie é mais rica em quinina do que a das outras especies. É a mais importante do genero.

Nos mattos em que habitão as *cinchonas* são estas em pequeno numero em relação ás outras arvores. Os homens que fazem a colheita, chamados *cascarilleros*, depois de reconhecerem uma *cinchona*, abatem-n'a e tirão a casca do tronco e dos ramos, praticando primeiro uma incisão longitudinal em toda a espessura da casca; que separão depois com instrumento apropriado. As cascas expostas ao sol, enrolão-se sobre si tanto mais quanto mais delgadas são. D'onde resulta que não se podem sempre distinguir as especies pela maneira porque estão enroladas as cascas. Escolhem-se as cascas, depois de seccas, e enfardão-se ou encaixotão-se; porém mais frequentemente fazem-se com pelles de animaes, surrões de

50 a 250 kilogrammas, e mandão-se assim ao littoral para a exportação. Os surrões contém ás vezes uma unica especie de casca; as mais das vezes, porém, encerrão diversas especies d'ellas. Os principaes portos de exportação são : Carthagena, Lima, Valparaiso, Arica e Buenos-Ayres.

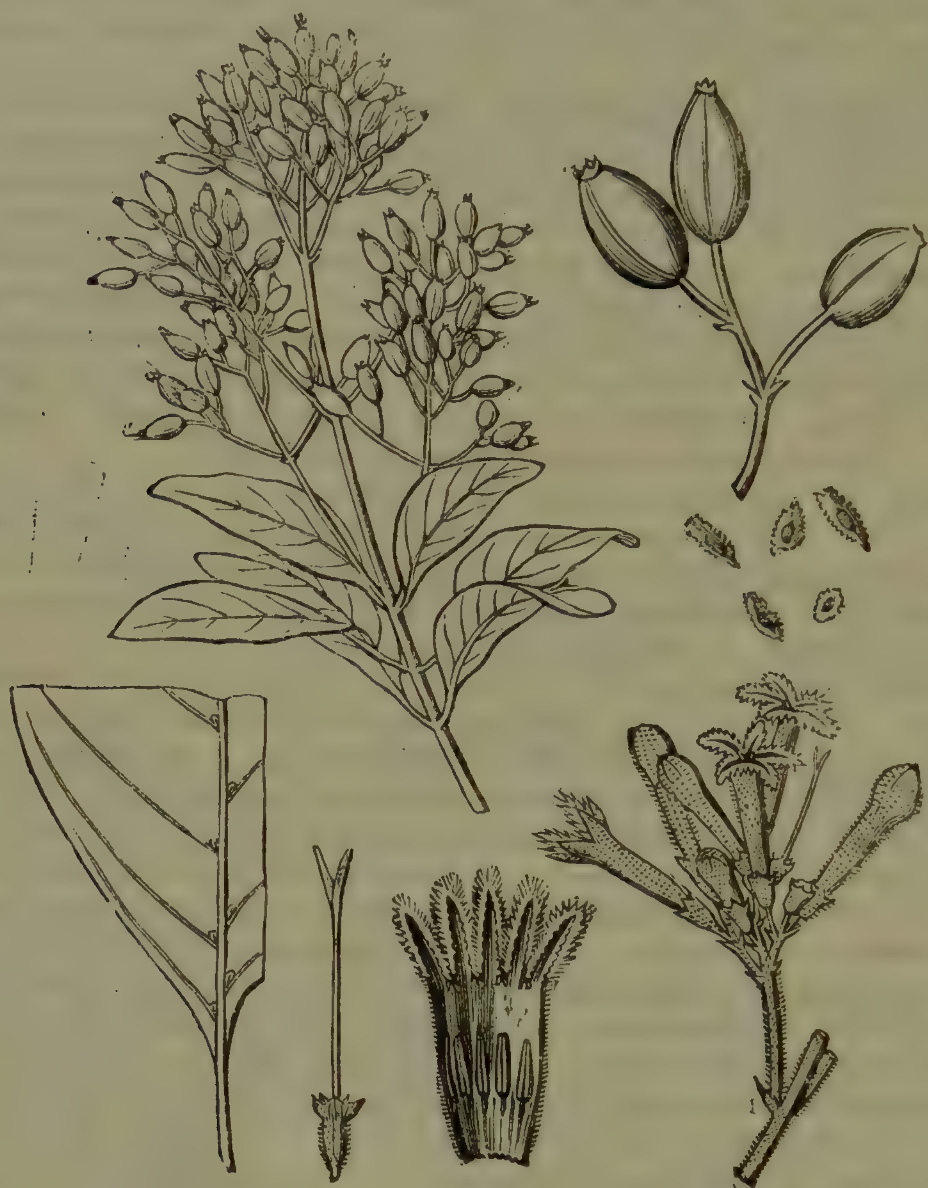


Fig. 266. — Quina calisaya.

Nenhum ponto da materia medica está tão emmaranhado como a historia das quinas. Cada autor dá nomes a seu arbitrio : e, abstracção feita de algumas especies commerciaes bem conhecidas, o mais não é senão uma confusão inextricavel. Assim os autores em geral admittem tantas especies botanicas quantas são as especies commerciaes das cascas. Todavia algumas pessoas, que estão no caso de serem bem informadas, se bem que admittão muitas especies de arvores, pretendem que a mesma arvore póde produzir todas as cascas, conforme a sua exposição, a idade dos ramos, e a epoca da colheita. A quina vermelha vem então a ser a casca do tronco, a amarella a dos ramos grandes, e a cinzenta a dos ramos pequenos.

O Codigo pharmaceutico francez admitte tres quinas officinaes obrigatorias para os pharmaceuticos, a saber : quina cinzenta huanuca, quina calisaya amarella, e quina vermelha verrugosa e não verrugosa.

1° *Quina cinzenta huanuca* (*Grey Barck* dos Inglezes), *Cinchona micrantha*, Ruiz e Pavão. Geralmente esta quina tem a fórma de tubos regularmente cylindricos, de 5 a 20 millimetros de diametro. Os pequenos tubos são cobertos de periderme finamente rachada, de côr cinzenta um tanto azulada e bem adherente ao livrilho, que é compacto, avermelhado e como formado de camadas agglutinadas. As cascas grossas são no exterior de um cinzento-esbranquiçado, tem as fendas mais pronunciadas, e apresentão além d'isto, de distancia em distancia, fendas transversaes mais marcadas. O livrilho é em geral espesso, de apparencia lenhosa, e de um amarello-fulvo um tanto alaranjado que escurece com o tempo. A quina huanuca contém de 0,012 a 0,036 de cinchonina (termo medio 0,027). É a especie de quina cinzenta que se deve preferir para o uso medico.

2° *Quina amarella real, quina calisaya* (*Cinchona calisaya*, Weddel). Esta quina constitue duas especies commerciaes distinctas : a 1ª *é provida de sua periderme* e enrolada sobre si mesma em fórma de tubos; provém dos ramos e dos raminhos da arvore; a 2ª *é mondada* ou *privada de sua periderme*, e provém sobretudo do tronco e dos ramos grossos; tem a fórma de cascas chatas mais ou menos espessas. — A primeira especie tornou-se rara, e entretanto a sua riqueza em quinina faz d'ella um dos melhores febrifugos que se podem empregar. Distingue-se da quina huanuca pela periderme que é mais profundamente rachada, e facil de separar do livrilho, sobre o qual deixa ligeiros sulcos que correspondem ás suas proprias fendas transversaes. O livrilho é mais fibroso, mais amargo, e mais adstringente. — A *calisaya mondada* é uniformemente fibrosa e composta de fibras curtas mui agudas, que se introduzem facilmente debaixo da pelle; cumpre toma-la de 3 a 5 millimetros de espessura, compacta, pesada, de côr fulva uniforme e muito amarga. 1,000 partes d'esta quina fornecem 35 a 40 partes de sulfato de quinina; devem-se rejeitar as cascas mui delgadas, leves e grosseiramente fibrosas, por conterem menos alcaloide.

3° *Quina vermelha* ou *rubra*. No Perú, o nome de quina vermelha foi dado a grande numero de cascas, d'entre as quaes duas sómente constituem a verdadeira *quina vermelha officinal*. Estas duas especies forão chamadas mais especialmente *quina vermelha não verrugosa* e *quina vermelha verrugosa*. — A *quina vermelha não verrugosa* apresenta todos os caracteres exteriores da quina huanuca; quando é de côr pouco carregada, chamão-lhe *quina vermelha pallida*; mas póde tambem ser interiormente de côr vermelha muito escura. Acha-se em cascas enroladas de 1 a 2 centimetros de diametro, ou em pedaços arqueados, em parte privadas da periderme. A sua origem botanica é incerta; uns considerão-n'a como uma variedade vermelha da *Cinchona micrantha*, outros attribuem-n'a á *Cinchona nitida*, R. P. — A *quina vermelha verrugosa* acha-se tambem em cascas enroladas ou arqueadas, ou em lascas de grandes dimensões, em parte privadas de periderme. Esta é notavel por sua espessura e pela materia vermelha pulverulenta de que se compõe principalmente. Esta quina é fornecida pela *Cinchona succirubra* de Pavão, que habita nas ladeiras occidentaes do Chimborazo. O seu caracter distinctivo consiste nas verrugas duras e lenhosas, collocadas na superficie do livrilho, e que apparecem ás vezes no exterior da periderme. — As duas quinas vermelhas, verrugosa e não verrugosa, além do principio adstringente, contém certa quantidade de cinchonina (de 0,010 a 0,020) e fornecem, em 1000 grammas, de 10 a

25 grammas de sulfato de quinina (em quantidades inversas da cinchonina), de sorte que contém em total de 0,030 a 0,035 de alcaloide.

Muitas outras quinas poderião ser utilizadas em medicina : tal é, sobretudo, a *quina pitaya*, produzida por uma variedade da *Cinchona eondaminea*, e que contém em total de 0,030 a 0,035 de quinina e cinchonina : tal é ainda a *quina alaranjada* de Mutis, produzida pela *Cinchona lancifolia*, casca leve e filandrosa que contém entretanto de 0,010 a 0,020 de alcaloide, e principalmente de quinina.

Podem dividir-se em duas classes as cascas comprehendidas no commercio debaixo do nome de quinas : 1° *quinas verdadeiras*, 2° *quinas falsas* ou *pseudo-quinas*.

As *quinas verdadeiras* são as que, contendo uma quantidade notavel de quinina e de cinchonina, gozão de propriedades antifebrís. N'estas estão comprehendidas principalmente as quinas calisayas sem periderme e com periderme; as huanucas com periderme ou sem ella; entre as do Equador, a vermelha viva e a vermelha pallida, a cinzenta condaminea; a pitaya, a amarella-alaranjada, e a carthagenea lenhosa.

As *quinas falsas* são as que não contém nem quinina nem cinchonina, e cujas propriedades antifebrís são nullas ou incertas. Estas são bastante numerosas, e comprehendem : 1° *quina branca* de Mutis, produzida pela *Cinchona ovatifolia;* 2° *quina piton* de Santa Luzia, produzida pela *Exostemma floribundum;* 3° *quina caraiba*, pela *E. caribœum;* 4° *quina bicolor;* 5° muitas arvores do genero *Cascarilla* de Weddel; 6° as cascas da *Strychnos pseudo-quina* do Brasil, e das *Exostemmas* do Brasil e do Perú.

Composição da quina. As quinas *verdadeiras* contém kinato de cal, quinina, cinchonina, rubro cinchonico soluvel, rubro cinchonico insoluvel, materia corante amarella, materia gorda verde, amido, etc. Estas substancias não existem em igual proporção em todas as quinas. Na cinzenta predomina a cinchonina; na amarella, a quinina. Póde mesmo dizer-se que a cinchonina existe exclusivamente na cinzenta, e a quinina exclusivamente na amarella. Na vermelha, estes dois principios parecem existir em proporções iguaes. O tannino de quina, ou rubro cinchonico soluvel, é mais abundante na cinzenta do que na amarella; e é mais abundante ainda na quina vermelha.

As quinas cedem os seus principios activos aos dissolventes pharmaceuticos ordinarios, exceptuando os corpos gordos, porém mais facilmente ao alcool do que aos outros, e mais facilmente á agua a 100° cent., do que á agua fria.

Ensaio da quina. O pharmaceutico deve sempre ensaiar a quina que compra, porque as cascas cinzentas, amarellas e vermelhas contém proporções differentes de quinina e cinchonina, e porque ha cascas (as das quinas falsas), que não contém nenhum dos principios activos da substancia, bem que tenhão os caracteres exteriores das quinas verdadeiras. Os decoctos ou maceratos de quinas, ricas em quinina e cinchonina, precipitão abundantemente pela noz de galha ou pelo tannino por causa da formação de um composto dos alcaloides e do tannino. Julga-se do valor das cascas pela abundancia dos precipitados. Para haver maior certeza convem recorrer a um dos ensaios seguintes :

1° Pulverize 10 partes de casca de quina sem deixar residuo, e lance sobre este pó q. b. de alcool a 76° centesimaes, até formar

pasta molle; aqueça esta pasta por alguns minutos, para que o tecido vegetal se embeba bem do liquido, e misture depois com 5 p. de cal, hydratada em pó fino, aquecendo a mistura sobre um coador de linho, até seccar. Introduza o pó obtido n'um filtro ou apparelho de lixiviação para o ether, comprimindo bem o pó, e lance sobre elle 50 p. de ether sulfurico rectificado. A lixiviação faz-se rapidamente; o ether arrasta em solução toda a quinina unicamente. Faz-se evaporar esta tintura etherea a b. m. ficando em residuo a quinina com alguma materia corante insignificante, e que nada influe para o calculo. Fazendo seccar completamente o residuo, e pesando, obtem-se a quantidade real de quinina, pois que, como disse, a materia corante póde desprezar-se.

Para avaliar a quantidade de cinchonina contida na quina, póde-se, depois do tratamento pelo ether, lixiviar pelo alcool e separar a cinchonina pela evaporação da tintura alcoolica.

2º Esgote no apparelho de deslocação uma porção de quina em pó, por meio de 10 p. de alcool a 80º cent. Ajunte ao liquido 30 p. de cal viva em pó para cada 1000 p. de quina, e agite muitas vezes. O liquido descorar-se-ha quasi completamente. Separe o precipitado calcareo pela filtração, e ajunte acido sulfurico ao liquido de modo a dar-lhe uma reacção acida excessivamente fraca; distille, filtre, e concentre para obter o sulfato de quinina crystallizado, que se reconhece pelos seus caracteres indicados no artigo *Sulfato de quinina.* — 1000 partes de boa quina amarella fornecem 30 p. de sulfato de quinina.

3º Ferva, por meia hora, 10 grammas de quina contusa em 125 grammas d'agua acidulada com 1 1/2 gramma de acido chlorhydrico; repita a decocção em nova quantidade de liquido. Reuna os decoctos, evapore-os até á metade, e trate-os depois por um leve excesso de hydrato de cal. Faça seccar o precipitado calcareo na temperatura de 100º, e trate-o duas vezes pelo ether anhydro em frasco bem tapado. O ether, abandonado á evaporação espontanea, deixa a quinina mui branca. O residuo tratado pelo alcool de 90º cent. dá depois a cinchonina.

4º Misture 10 grammas de quina em pó com 5 grammas de cal hydratada. Esgote os pós por deslocação por meio do alcool a 86º cent. O liquido ha de passar quasi incolor; ajunte-lhe acido sulfurico de modo a communicar-lhe uma reacção excessivamente pouco acida, evapore a b. m.; ajunte um pouco d'agua fria, que ha de separar a materia gorda. Filtre e ponha o liquido n'um tubo com um volume de chloroformio equivalente ao seu, e q. b. de ammoniaco para decompôr o sulfato. Agite : todo o alcaloide ha de passar ao chloroformio. Tome uma pipeta (especie de tubo estreito em fórma de areometro, aberto nas duas extremidades), tape a abertura superior com o dedo, e mergulhe-a até ao fundo do tubo; ao tirar o dedo, o chloroformio sobe pela pipeta; póde-se assim tira-lo até á ultima gotta. Para maior certeza, cumpre agitar o liquido em nova quantidade de chloroformio. Filtre o chloroformio, evapore e faça seccar o residuo o 100º. É este formado pelos dois alcaloides, quinina e cinchonina. Querendo ter o seu peso relativo, é preciso ajuntar ao liquido, algum ether, o qual não dissolve senão a quinina.

Propriedades e usos. A casca de quina é um dos medicamentos mais importantes : é d'entre os tonicos e antiperiodicos o mais seguro. Emprega-se com grande vantagem nas febres intermittentes, nevralgias e outras affecções periodicas, nos engurgitamentos do

baço e figado, que resultão das febres intermittentes; nas digestões laboriosas, diarrheas, tosses humidas e convulsivas, amenorrheas, chloroses, leucorrheas, consnmpções, molestias escrophulosas e escorbuticas, affecções adynamicas e gangrenosas, febres perniciosas, febres typhoides, hemorrhagias passivas, emfim em todas as molestias caracterizadas pela debilidade. Depois da descoberta do sulfato de quinina, a casca de quina é pouco empregada como febrifugo. Entretanto casos ha em que não póde ser substituida, como nas febres miasmaticas e perniciosas. — Externamente a casca de quina aproveita nas ulceras sordidas; atonicas, na podridão de hospital, nos fluxos chronicos, etc. Todas as quinas não gozão absolutamente das mesmas propriedades; assim a quina cinzenta é mais empregada como leve tonico e estomachico; a amarella é eminentemente febrifuga e antiperiodica : a vermelha, rica em tannino, é um tonico poderoso e adstringente. O uso prolongado da quina produz vertigens, peso da cabeça, zunidos nos ouvidos e uma surdez momentanea.

Os maceratos, infusos e decoctos de quina, são frequentemente empregados. O liquido obtido por maceração em agua fria é limpido, só contém uma fraca porção dos alcalis e é levemente tonico. O infuso tambem é transparente, mas contém maior porção das substancias activas; o decocto ainda é mais activo, porém é turvo, e não se administra senão em clysteres ou fomentações.

Substancias incompativeis. Os alcalis, os saes de ferro, o sulfato de zinco, o nitrato de prata, o sublimado, o emetico, as infusões de cato, de calumba, de rhuibarbo, e outras infusões adstringentes.

Internamente. *Infusão :* Casca de quina 20 gram. (5 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por duas horas, e côe.

Pó (p. 114). Como febrifugo (quina amarella), 4 a 30 grammas (1 oitava a 1 onça) em tres dóses, n'uma chicara de liquido, doces, etc. Como tonico (quina vermelha) 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).

Extracto aquoso (p. 90), 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava) em pilulas, poção, etc.

Extracto alcoolico (p. 91), 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava) em pilulas, poção, etc.

Xarope de quina. (p. 138), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Xarope vinoso de quina. (p. 138), 30 a 60 gram. (1 a 2 onças).

Vinho de quina. (p. 127), 60 a 120 grammas (2 a 4 onças).

Agua de Inglaterra. Preparação secreta de quina (p. 169), 30 a 120 grammas (1 a 4 onças).

Tintura (p. 123), 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça) em poção.

Tintura de quina composta, ou essencia antiseptica de Huxham. Quina amarella grosseiramente pulverizada 1000, casca de laranja amarga 54, raiz de serpentaria 27, açafrão 6, cochonilha pulverizada 3, alcool a 60° 1000. Opere por maceração e deslocação. Lance sobre o residuo q. s. de alcool a 60° para completar 1000 de producto.

Tonico, febrifugo. D. 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça) com vinho ou em poção.

Gelea de musgo com quina. (V. p. 621). 3 a 4 colheres *de sopa* por dia, como tonico e analeptico.

Em clysteres, *Extracto,* 2 a 8 grammas (1/2 a 2 oitavas).

Pós febrifugos (Hartmann).

Quina amarella em pó	10 gram.	Cascarilha em pó	50 centig.

M. Tomão-se de uma só vez.

Pós estomachicos.

Quina em pó	60 centig.	Rhuibarbo em pó	60 centig.

F. 1 papel, e como este mais sete. D. Um, n'uma colher *de sopa*, ao jantar.

Electuario de Fuller.

Quina amarella em pó	50 gram.	Bagas de zimbro em pó	10 gram.
Valeriana em pó	10 gram.	Mel de abelhas	q. s.

M. D. 12 a 16 grammas (3 a 4 oitavas) como tonico e febrifugo.

Mistura tonica (Jaccoud).

Vinho tinto	150 gram.	Extracto de quina	4 gram.
Xarope de casca de laranja	30 gram.	Aguardente de França	30 gram.
		Acetato de ammoniaco	10 gram.

M. Ás colheres, na febre typhoide, e no periodo de prostração das molestias agudas.

Julepo do Dr. Frank.

Infusão de quina	80 gram.	Alcoolato de canella	30 gram.
Extracto de quina	10 gram.	Xarope diacodio	30 gram.

M. Uma colher *de sopa* de meia em meia hora.

Poção tonica (Cod. fr.).

Xarope de quina	25 gram.	Agua distillada de hortelã	30 gram.
Alcoolato de melissa composto	5 gram.	Agua commum	90 gram.

Poção de quina.

Casca de quina amarella	10 gram.	Xarope simples	30 gram.
Tintura de canella	5 gram.	Agua	q. s.

Ferva a quina durante tres minutos em q. s. d'agua para ter 100 grammas de decocto; deixe infundir até esfriar; côe, ajunte a tintura e o xarope. Toma-se ás colheres *de sopa*.

Mistura tonica (Dubois).

Extracto de quina	5 gram.	Xarope de althea	30 gram.
Gomma arabica pulveriz.	2 gram.	Xarope de Tolú	30 gram.
Agua	200 gram.		

F. S. A. Duas colheres *de sopa* de hora em hora.

A *mistura antispasmodica de Dubois* é esta mesma mistura, á qual se ajunta licor de Hoffmann 2 grammas.

Decocto de quina composto (Pringle).

Quina contusa	20 gram.	Alcoolato de canella	50 gram.
Agua	500 gram.	Acido sulfurico	6 gottas
Serpentaria de Virginia	10 gram.	Xarope simples	60 gram.

Ferva a quina em 500 grammas d'agua até reduzir a 300 gram.; infunda a serpentaria; côe; ajunte o alcoolato, o acido e o xarope. D. Meia chicara de 3 em 3 horas.

Cozimento antifebril de Levis.

Quina	15 gram.	Alcoolato de canella	15 gram.
Serpentaria de Virginia	15 gram.	Xarope simples	60 gram.
Agua fervendo	540 gram.		

Infunda a quina e a serpentaria na agua fervendo; côe de modo

a obter 360 grammas de infuso; ajunte o alcoolato e o xarope. D. Meia chicara de 3 em 3 horas.

Vinho febrifugo de Seguin (Formula da Sociedade pharmaceutica de Bordeos).

Quina amarella	20 gram.	Flor de camomilla	20 gram.
Casca de laranja amarga	20 gram.	Vinho de Malaga	1000 gram.

Macere por 6 dias, e filtre. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças), nas febres intermittentes.

Vinho de quina composto (Cod. fr.).

Quina amarella	100 gram.	Alcool a 80° cent.	100 gram.
Casca de laranja amarga	10 gram.	Vinho branco generoso	900 gram.
Flor de camomilla	10 gram.		

Contunda a quina, corte a casca de laranja; ponha a macerar, com a camomilla, no alcool e no vinho por dez dias, vascolejando de vez em quando. Côe e filtre.

Vinho de quina ferruginoso (Cod. fr.).

Citrato de ferro ammoniacal	5 gram.	Vinho de quina cinzenta de Malaga	1000 gram,

Dissolva o citrato de ferro em duas vezes o seu peso d'agua distillada; misture a solução com o vinho de quina e filtre. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia. Uma colher *de sopa* (5 oitavas) contém 10 centigrammas (2 grãos) de sal ferreo.

Vinho amargo (Dubois).

Quina cinzenta	15 gram.	Casca de limão	4 gram.
Quina amarella	15 gram.	Casca de Winter	4 gram.
Canella	4 gram.	Vinho da Madeira	900 gram.
Bagas de zimbro	4 gram.	Carbonato de soda	50 centig.

Macere por oito dias no vinho da Madeira as seis primeiras substancias; filtre e ajunte o carbonato de soda. — D. 30 a 60 gram. (1 a 2 onças).

Vinho toni-nutritivo de quina e cacáo (Bugeaud).

A formula d'este vinho não foi publicada pelo autor. Eis-aqui a formula dada pela Sociedade pharmaceutica de Bordeos.

Quina calisaya	1 part.	Cacáo torrado	1 part.
Vinho de Malaga	20 part.	Alcool a 80° cent.	4 part.

Macere a quina no vinho de Malaga por oito dias; filtre. De outra parte, digira o cacáo no alcool na temperatura de + 50° cent.; mexa de tempo em tempo durante oito dias; distille então para extrahir a maior parte do alcool, e deite o residuo no vinho de quina; deixe macerar durante 15 dias; filtre. — D. 30 a 60 gram. (1 a 2 onças).

Vinho de quina com café; vinho de Berghem (Dannecy).

Vinho de Malaga	2000 gram.	Café torrado em pó	100 gram.
Quina calisaya	100 gram.	Lactato de ferro	1 gram.

Trate por deslocação a quina e o café pelo vinho; ajunte o lactato de ferro, e filtre. Preparação activa e agradavel. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Vinho de quina e valeriana.

Quina amarella	100 gram.	Vinho branco de Lisboa	1050 gram.
Raiz de valeriana	50 gram.		

Macere durante 8 dias, e côe. D. 60 grammas (2 onças) por dia como tonico ou antifebril.

Elixir tonico (Pierquin).

Aloes	8 gram.	Quina amarella	15 gram.
Myrrha	8 gram.	Açafrão	4 gram.
Absinthio	15 gram.	Casca de laranja amarga	12 gram.
Centaurea menor	15 gram.	Vinho de Malaga	1000 gram.

Macere durante um dia, e filtre. Tonico, e levemente purgativo. D. 8 a 30 grammas (2 oitavas a 1 onça). — 8 grammas representão cerca de 5 centigrammas (1 grão) de aloes.

Clyster de quina.

Quina amarella	5 gram.	Agua	q. s.

Para ter 250 grammas de decocto. Febres intermittentes.

Clyster antiseptico (Récamier).

Quina amarella	20 gram.	Gema de ovo	nº 1
Camphora	1 gram.	Agua	q. s.

Ferva a quina em q. s. d'agua para ter 300 gram. de decocto; ajunte a camphora dissolvida na gema de ovo. Para dois clysteres em 24 horas, nas febres graves.

Externamente. *Decocção* em banhos, 1 a 2 kilogrammas (2 a 4 libras). Em injecções, lavatorios, 1 parte de quina para 20 d'agua.

Em cataplasmas. *Pó*, 15 grammas (1/2 onça) em 120 grammas (4 onças) de cataplasma de linhaça.

Tintura (p. 123), em fricções nas differentes partes do corpo, na dóse de 15 a 60 grammas (1/2 a 2 onças), como tonico. *Pó*, q. b. para polvilhar ulceras.

Gargarejo estimulante.

Infusão de salva	360 gram.	Arrobe de amoras	30 gram.
Tintura de quina	30 gram.	Alcoolato de cochlearia	8 gram.

M. Esquinencias chronicas.

Tintura gengival.

Tintura de quina	60 gram.	Tintura de kino	8 gram.
Tintura de myrrha	15 gram.	Alcoolato de cochlearia	30 gram.

M. Uma colher d'esta tintura em meio copo d'agua, para lavar a bocca na relaxação das gengivas.

Pós desinfectantes (Meyer).

Carvão em pó	4 gram.	Myrrha em pó	4 gram.
Quina em pó	4 gram.		

M. Para destruir o cheiro fetido da ozena. Tomão-se como rapé.

Pós antisepticos.

Quina pulverizada	30 gram.	Camphora pulverizada	4 gram.

M. Para polvilhar as feridas de máo caracter.

Ceroto de quina.

Extracto alcoolico de quina	5 gram.	Ceroto	40 gram.

Lavatorio antiseptico.

Infusão de quina	500 gram.	Alcool camphorado	15 gram.

M. Ulceras antigas. Esta mesma mistura póde servir para se fazerem injecções nos trajectos fistulosos.

Cataplasma antiseptica.

Cataplasma de linhaça	120 gram.	Camphora dissolvida em q. b. de alcool	1 gram.
Quina em pó	8 gram.		

Cataplasma antiseptica com carvão.

Quina em pó	20 gram.	Farinha de linhaça	125 gram.
Carvão em pó	15 gram.	Vinho tinto	q. s.
Camphora em pó	2 gram.		

F. S. A. Applica-se fria.

Cataplasma de Pradier contra a gota.

Balsamo de Meca	20 gram.	Salva	20 gram.
Quina rubra	20 gram.	Açafrão	10 gram.
Salsaparrilha	20 gram.	Alcool a 85° cent.	960 gram.

Dissolva, á parte, o balsamo no terço do alcool, e no resto macere por 24 horas as demais substancias : filtre e misture. Misture esta tintura com 2 kilogrammas d'agua de cal. — Prepara-se uma cataplasma de linhaça bem quente, e da espessura de um dedo ; borrifa-se com 60 grammas do liquido supra; põe-se, sobre o lugar affectado, quente quanto se possa supportar, e para manter o calor envolve-se o membro em baeta. Esta cataplasma renova-se duas vezes por dia.

Pós de quina e carvão.

Quina em pó	15 gram.	Carvão em pó	15 gram.

M. Para polvilhar as feridas gangrenosas.

Pomada philocoma.

Tutano de boi	24 gram.	Extracto de quina	2 gram.
Oleo de amendoas doces.	8 gram.	Essencia de bergamota	6 gottas
		Balsamo peruviano	20 gottas

F. S. A. Contra a queda do cabello.

QUINAS DO BRASIL. O Brasil possue muitas especies de quinas que pelas suas propriedades se approximão ás do Perú. Algumas d'estas arvores pertencem ao genero *Cinchona*, que dá a verdadeira quina : *Cinchona Remijeana*, St.-Hilaire; *C. Vellozii*, St.-Hilaire; *C. ferruginea*, St.-Hilaire. (Estas tres arvores habitão na provincia de Minas Geraes, e são designadas pelos habitantes pelos nomes de *quina de Remijo*, *quina da serra* ou *do campo*.) *Cinchona Cuiabensis*, Manso (quina de Cuyabá). *C. firmula*, Mart. (Rio Negro). *C. Lambertiana*, Mart. (Rio Negro). *C. Bergeniana* (Rio Negro). *C. macrocnemia* (Rio Negro). Outras pertencem ao genero *Exostemma*, taes são : *E. Souzanum*, Mart. (Piauhy, Bahia). *E. cuspidatum*, St.-Hil. *E. australe*, St.-Hil. *E. formosum*, Cham. Outras pertencem a outros generos, taes são : *Strychnos pseudo-quina*, St.-Hil. *Coutarea speciosa*, Aublet (quina de Pernambuco). *Buena hexandra*, Pohl, que habita na provincia do Rio de Janeiro. *Cascarilla Riedeliana*, Weddel, que habita no morro da Tijuca, perto do Rio de Janeiro; *Discaria febrifuga*, Mart. (Rio Grande do Sul); *Cestrum pseudo-quina*, Mart. (quina do matto, Rio Grande do Sul); *Coutinha illustris*, Vell. (quina de Camamú); *Solanum pseudo-quina*, St.-Hil. (quina de S. Paulo). — Estas quinas são empregadas no Brasil contra as febres intermittentes; e em algumas pharmacias do Rio de Janeiro se costuma misturar a quina nacional com a do Perú, quando se trata de fazer o vinho de quina, ou outra preparação em que entra esta substancia.

Eis-aqui a descripção das quinas do Brasil, segundo Augusto de St.-Hilaire.

QUINA DO CAMPO. *Strychnos pseudo-quina*. St.-Hil. Apocyneas. Arvore que habita na parte occidental da provincia de Minas Geraes, nos sertões de Goyaz, etc. Arvore de uns 12 pés de elevação, tortuosa; casca molle e amarella exteriormente; ramos nume-

rosos, formando uma especie de cabeça; folhas oppostas, mui curtamente pecioladas, ovaes do comprimento de 3 a 4 pollegadas, duras, quebradiças, com 5 nervuras longitudinaes e convergentes; flores numerosas, de cheiro agradavel; calice pequeno, com 5 divisões; corolla com 5 divisões, esbranquiçada ou esverdeada; estylete com alguns pellos; estigma de cabeça bilobada; o fructo é uma baga globosa, de 7 a 8 linhas de diametro, glabra, amarella, contendo de uma a quatro sementes dentro de uma polpa adocicada. Á excepção d'esta baga, que as crianças comem com prazer, todas as partes do vegetal são de gosto extremamente amargo e algum tanto adstringente; mas as suas propriedades residem sobretudo na casca, e é d'esta que os habitantes do paiz fazem uso. Servem-se d'ella nas febres intermittentes, e em todos os casos, e na mesma dóse, em que se adminstra a quina do Perú. Vauquelin, celebre chimico francez, fez a analyse d'esta casca, e achou que ella contém principalmente : 1° materia amarga, na qual parecem residir as propriedades febrifugas; 2° substancia resinosa; 3° materia gommosa corada, unida a um principio animalizado; 4° acido particular. Mas não achou nem quinina, que constitue o principio activo da quina do Perú, nem o principio venenoso, a brucina, que se encontra na nóz vomica., *Strychnos nux vomica,* arvore do mesmo genero que a *Strychnos pseudo-quina.*

QUINA DA SERRA. *Cinchona ferruginea,* St.-Hil. Rubiaceas. Arbusto de 4 a 5 pés, coberto de pellos côr de ferrugem em todas as suas partes, á excepção da parte inferior do talo e da superficie superior das folhas; folhas oppostas, pecioladas, do comprimento de 5 a 8 pollegadas, da largura de 1 1/2 pollegada a 2 pollegadas, oblongas-lanceoladas, coriaceas; flores sesseis na extremidade dos ramos; calice adherente; corolla tubulosa, infundibuliforme, de côr rosea, limbo com 5 divisões; o fructo é uma capsula de 6 a 10 linhas de comprimento, ovoide-elliptica; sementes numerosas, achatadas.

QUINA DE VELLOSO. *Cinchona Vellosii,* St.-Hil. Rubiaceas. Este arbusto só differe do precedente por suas folhas ovaes, acuminadas nas duas extremidades, da largura de 3 a 4 pollegadas; por seus pedunculos ordinariamente mais curtos; e suas flores mais compridas e mais numerosas.

QUINA DE REMIJO. *Cinchona remijiana,* St.-Hil. Rubiaceas. Esta especie apresenta quasi os caracteres da *C. ferruginea;* entretanto differe por suas folhas da largura de 3 a 4 pollegadas, ellipticas, obtusas, e terminadas por uma ponta curta. O sabor da casca é forte, de um amargor franco e persistente.

As tres ultimas *quinas* habitão no cume das montanhas da provincia de Minas Geraes. Achão-se, entre outras partes, na vizinhança de S. João-d'El-Rei, Villa-Rica, Serra dos Pilões, Penha etc. A sua casca amarga e adstringente é muito semelhante á casca da do Perú, e é empregada com vantagem contra as febres intermittentes. A casca de quina de Remijo foi analysada em 1873 pelo Sr. Novak, chimico allemão, que obteve d'ella um extracto roxo contendo um tannino particular; não achou, porém, nem quinina nem cinchonina.

QUINA DO MATTO. *Exostemma cuspidatum,* St.-Hil. Rubiaceas. Talo arborescente da altura de 8 a 10 pés; folhas oppostas, pecioladas, do comprimento de 9 a 15 pollegadas, lanceoladas ovadas, terminadas no apice por uma ponta aguda, pubescentes por cima, vellosas por baixo; flores brancas. Habita nos mattos virgens do Brasil meridional.

Com esta especie confunde-se a *Exostemma australe*, St.-Hil. que lhe é muito parecida, e que habita nos arredores de S. Paulo.

As duas ultimas plantas, *Exostemma cuspidatum* e *australe*, não pertencem á verdadeira *Cinchona*, e bem que suas cascas sejão febrifugas, não contém quinina; podem ser empregadas contra as febres intermittentes, só na falta de medicamentos mais efficazes.

QUINA DE S. PAULO. *Solanum pseudo-quina*, St.-Hil. Solaneas. Arbusto que habita nos mattos de Coritiba. É pequeno; folhas alternas, lanceoladas-oblongas, estreitas, glabras por cima, com alguns pellos na face inferior, peciolo do comprimento de 5 linhas, baga globosa, glabra. A sua casca é de um amargor extremo, é empregada pelos habitantes do paiz contra as febres intermittentes, mas não póde ser considerada como a quina *verdadeira*, porque a analyse não descobrio n'ella quinina. Eis-aqui o resultado da analyse feita por Vauquelin, celebre chimico francez : principio amargo de natureza vegetal (1/12), materia resinosa amarga, levemente soluvel na agua (1/50), pequena quantidade de materia viscosa gorda, substancia animal combinada com potassa e cal (3/100), amido, oxalato de cal, magnesia, oxydo de manganez, oxydo de ferro, phosphato de cal, substancia lenhosa.

O Dr. Weddel, que percorreo uma parte do Brasil no anno de 1845, publicou a descripção da especie seguinte :

QUINA DO RIO DE JANEIRO. *Cascarilla riedeliana*, Weddel. Rubiaceas. Arvore que habita nas montanhas da Tijuca, perto do Rio de Janeiro. Tem 12 a 15 metros de altura; folhas ovaes, oblongas, obtusas, de 8 a 15 centimetros de comprido, de 4 a 8 de largo, subcordiformes na base, glabras por cima, tomentosas por baixo, de peciolo curto; panicula oval; calice tomentoso, infundibuliforme, caduco; corolla branca; fructo, capsula de 2 a 3 centimetros de comprimento, coriacea-lenhosa; sementes ablongas.

Um pharmaceutico do Rio de Janeiro remetteo-me em 1866 uma porção de casca de *quina*, proveniente de uma arvore que habita no morro da Tijuca, perto do Rio de Janeiro. Esta casca é de côr de tijolo, de um vermelho menos escuro do que a quina do Perú, e de sabor amargo. Mandei analysar esta casca pelo Sr. Personne, distincto chimico de Pariz. A analyse deo materia resinosa, de côr amarella escura, muito amarga, pouco soluvel em agua; soluvel no alcool ordinario; é n'esta materia que residem as propriedades da casca. Esta substancia comportou-se com os reagentes como um acido. Mas na casca não se achou o menor vestigio nem de quinina nem de cinchonina : esta casca, pois, é uma *quina falsa :* é um tonico, mas não possue propriedades antifebrís como a quina verdadeira.

Alguns pharmaceuticos do Brasil empregão, em vez da quina do Perú, a quina do Brasil, ou por julgarem que todas as quinas são boas, ou porque a quina do Perú é muito mais cara do que a quina indigena. Mas esta substituição poderá vir a ter consequencias graves, se a quina indigena pertencer á categoria das quinas falsas, que não contém quinina, e que, por conseguinte, não possuem propriedades febrifugas. Devem, antes de fazer uso d'ella, ensaia-la primeiro, segundo um dos modos indicados na p. 682.

QUININA (Quinine, fr.). Um dos principios que constituem a casca de quina; obtem-se do sulfato de quinina. É branca, friavel, muito amarga, pouco soluvel na agua, mui soluvel no alcool (1/2), no chloroformio (1/6), e no ether (1/60.) Não se emprega em medi-

cina, mas seu sulfato, que se confunde ás vezes com ella na linguagem vulgar, é um dos medicamentos mais preciosos. V. *Sulfato de quinina.*

QUINIUM (Quinium, fr.). Extracto alcoolico de quina obtido por via da cal. Prepara-se misturando o pó de quina com a metade do seu peso de cal extincta, submettendo a mistura á acção do alcool a ferver em apparelho de deslocação, até que nada reste a extrahir da quina; recuperando pela distillação a maior parte do alcool, e evaporando o resto : o residuo é o *quinium.* Contém quinina, cinchonina, materias gordas, extractivas e corantes. — O quinium conserva todos os productos uteis da quina, e está privado só das materias inertes que fatigão o estomago. É de côr roxa, quebradiço, friavel, insoluvel em agua, soluvel no alcool. É aconselhado nas febres intermittentes antigas.

Internamente. 60 centigram. a 1 1/2 gram. (12 a 30 grãos) por dia em pilulas.

Vinho de quinium.

Quinium	4 1/2 gram.	Vinho de Malaga	1000 gram.

M. D. 30 a 90 grammas (1 a 3 onças) por dia, como tonico e febrifugo.

QUITOCO, ou **Caculucage** (Minas), Synanthereas. Planta herbacea do Brasil. Folhas rentes com longa decurrencia na base que se estende sobre o caule, ovaes, agudas, denticuladas, de côr verde-clara; florões dispostos em corymbos compostos; florões de margem amarellados, de disco arroxados; cheiro de toda a planta aromatico e agradavel. *P. us. Folhas* e *caule.* — Excitante, digestivo.

Internamente. *Infusão,* 4 gram. (1 oitava) para 180 gram. (6 onças) d'agua fervendo.

Externamente. *Infusão,* 1 kilogram. (2 libras) para um banho.

RABÃO RUSTICO (Raifort, fr.). *Cochlearia armoracia,* L. Cruciferas. Planta da Europa. A *raiz,* que é a unica parte empregada, é cónica, branca, e contém grande quantidade de oleo volatil, sulfureo, acre, e caustico. No norte da Europa, esta raiz raspada e misturada com vinagre, serve de condimento á carne cozida, em lugar da mostarda ou dos pepinos. Goza de propriedades estimulantes e antiscorbuticas; faz-se com ella *xarope, tintura* e *vinho,* preparações empregadas em medicina, nas escrophulas, escorbuto e molestias cutaneas.

Xarope de rabão composto ou *Xarope antiscorbutico* (Cod. fr.).

Folhas recentes de cochlearia	1000 gram.	Folhas seccas de trifolio	100 gram.
Folhas recentes de agriões	1000 gram.	Casca de laranja amarga	200 gram.
Raiz recente de rabão	1000 gram.	Canella de Ceylão	50 gram.
		Vinho branco	4000 gram.
		Assucar refinado	5000 gram.

Pise as folhas de colchlearia e de agriões; corte o rabão, o trifolio, e as cascas de laranjas amargas, contunda a canella. Macere tudo no vinho branco durante dois dias, e distille a banho-maria, para extrahir 1000 grammas de liquido aromatico. Separe por espressão o liquido das substancias que ficárão no banho-maria; clarifique-o por meio de albumina, côe por panno de lã; e leve ao fogo o liquido clarificado com 3,000 grammas de assucar. Faça por cocção e clarificação xarope que marque fervendo 1,27 no densimetro (31 B.); côe por panno de lã.

De outra parte, faça com o resto do assucar, e q. s. d'agua, xarope cozido ao ponto de bola; misture-o com o primeiro; deixe

resfriar á metade, ajunte rapidamente o liquido distillado, e cubra o vaso. Depois de completamente frio, engarrafe o xarope.

Dóse : 30 a 60 grammas. (1 a 2 onças).

Tintura de rabão composta ou *Tintura antiscorbutica* (Cod. fr.).

Raiz recente de rabão	200 gram.	Alcool a 60° cent.	400 gram.
Sementes de mostarda negra	100 gram	Alcoolato de cochlearia composto	400 gram.
Chlorhyd. de ammoniaco	50 gram.		

Corte o rabão em rodellas mui finas; pulverize a mostarda e o chlorhydrato de ammoniaco. Macere nos liquidos alcoolicos durante dez dias. Côe com espressão, e filtre.

Vinho antiscorbutico (Cod. fr.).

	gram.		gram.
Raiz recente de rabão	300	Sementes de mostarda	150
Folhas frescas de cochlearia	150	Chlorhydrato de ammoniaco	70
— — de agriões	150	Alcoolato de cochlearia compº	160
— — de trifolio	150	Vinho branco generoso	10000

Corte as raizes de rabão em tiras, corte as folhas das outras plantas; pulverize as sementes de mostarda, e introduza tudo em vaso tapado; ajunte o vinho e o alcoolato de cochlearia. Macere durante dez dias, mexendo de vez em quando; côe com espressão, e filtre. — D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Gargarejo antiscorbutico (Cod. fr.).

Especies amargas	5 gram.	Mellite simples	60 gram.
Agua fervendo	250 gram.	Tintura antiscorbutica	30 gram.

Infunda as especies amargas por uma hora; côe por panno de lã; ajunte o mellite e a tintura.

RABO DE BUGIO. *Arsophila armata*, Mart. Fetos. Planta do Brasil. O caule novo é recommendado na bronchite e na hemoptyse, em infusão, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) da planta e 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

RABO DE TATÚ (Pernambuco), **Sumaré** (Rio de Janeiro). *Cypripedium brasiliensis*. Orchideas. Planta do Brasil. O caule contém um succo muito mucilaginoso, e emprega-se em cozimento contra as molestias do peito. Quando contuso, o caule usa-se para curar as feridas.

RAINHA DOS PRADOS. V. Ulmeira.

RATANHIA (Ratanhia fr.) *Krameria triandra*, Ruiz e Pavão, Polygaleas. Arbusto que habita no Perú. Fig. 267. Ramos numerosos, vellosos, esbranquiçados; folhas alternas, ovaes-oblongas, agudas, coriaceas; flores axillares, brevemente pedunculadas; fructo pisiforme, eriçado de pontas, contendo uma ou duas sementes; raiz lenhosa, dividida em grande numero de ramificações cylindricas, da grossura do dedo minimo, de côr roxa-avermelhada, sabor adstringente e sem amargor. A parte central é de côr rosea pallida, e de sabor muito menos pronunciado : por conseguinte a casca é a parte activa. *P. us. Raiz*. Adstringente energico, e frequentemente empregado nos fluxos mucosos, hemorrhagias passivas, e principalmente nas hemorrhagias uterinas.

Substancias incompativeis. Os saes de ferro, a gelatina, os acidos mineraes.

Internamente. *Infusão*. Raiz de ratanhia 20 grammas (5 oit.), agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por duas horas, e côe.

Extracto (p. 89), 1 a 4 gram. (20 grãos a 1 oitava), em pilulas.

Xarope (p. 138), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) em poção.

Poção adstringente (Cod. fr.).

Extracto de ratanhia	5 gram.	Xarope de marmelo	50 gram.
Agua commum	100 gram.		

Dissolva o extracto na agua; filtre, e ajunte o xarope. Uma colher *de sopa*, de hora em hora, na hemoptyse.

Poção adstringente.

Extracto de ratanhia	4 gram.
Agua de rosas	120 gram.
Xarope de quina	30 gram.

M. Uma colher *de sopa* de hora em hora. Hemorrhagias, diarrheas.

Clyster contra as fissuras no anus (Trousseau).

Extracto de ratanhia	1 gram.
Alcool	1 gram.
Agua	125 gram.

Suppositorio de extracto de ratanhia (Cod. fr.).

Extr.º de ratanhia em pó	1 gram.
Manteiga de cacáo	4 gram.

F. 1 suppositorio. Proceda como para o suppositorio de manteiga de cacáo (p. 120), ajuntando e misturando bem o extracto de ratanhia no momento de deitar a mistura no molde de papel. Hemorrhoidas, fissura do anus.

Externamente. *Infusão*, em gargarejos, fomentações, injecções, etc.

Gargarejo adstringente.

Inf. de quina rubra	250 gram.
Extracto de ratanhia	24 gram.
Tintura de myrrha	8 gram.
Mel rosado	60 gram.

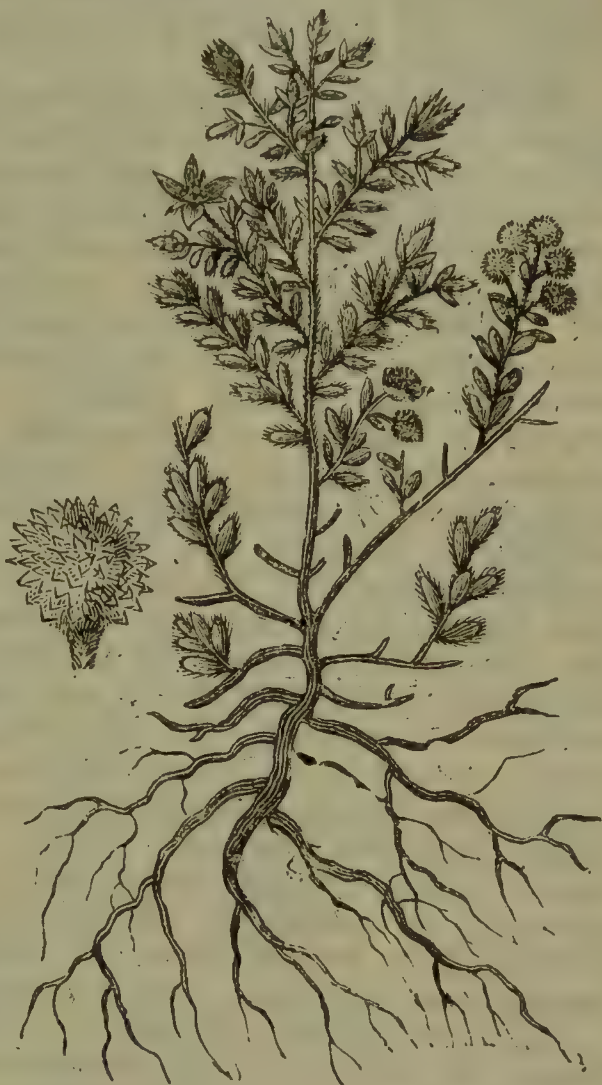


Fig. 267. — Ratanhia.

Collyrio de ratanhia (Desmarres).

Raiz de ratanhia	2 gram.	Agua	120 gram.

Ferva, côe e ajünte :

Agua de rosas	15 gram.	Mucilagem de gomma arabica	2 gram.
Laudano de Rousseau	12 gottas		

Ophthalmias chronicas.

Injecção adstringente.

Raiz de ratanhia	30 gram.	Vinagre	60 gram.
Agua	360 gram.		

Ferva a ratanhia na agua, côe para obter 180 gram. de liquido, e ajunte o vinagre. — Em injecções contra as metrorrhagias chronicas.

Pomada de extracto de ratanhia.

Extracto de ratanhia	1 gram.	Banha benzoinada	5 gram.

Fluxo hemorrhoidal, fissura no anus. — Introduz-se no recto uma mecha de fios ou um rolo de panno coberto d'esta pomada.

RATANHIA DO BRASIL, **Ratanhia da terra.** *Krameria argen-*

tea, Martius. Polygaleas. Sub-arbusto do Brasil (Bahia). Ramos avelludados, folhas ovaes-oblongas, um tanto grossas, flores dispostas em espigas racimosas. A raiz é adstringente, e póde servir para o mesmo uso que a ratanhia do Perú.

REPOLHO ROXO (Chou rouge, fr.). Variedade de couve das hortas, *Brassica oleracea capitata*, D. C. Cruciferas. Deve as suas propriedades ao oleo sulfurado e a uma resina. Serve para fazer xarope, util nas molestias do peito (V. p. 138). D. 60 a 120 gram. (2 a 4 onças).

RESINAS. São productos vegetaes que manão naturalmente, ou por incisões feitas na casca ou nos fructos de muitos vegetaes. São solidas, e derretem-se pelo calor, o que as distingue das gommas; mas nunca ficão perfeitamente fluidas, o que as distingue dos corpos gordos; são inflammaveis, insoluveis em agua, soluveis no alcool, chloroformio, ether, nos corpos gordos e nos betumes; de côr variada; entretanto são geralmente amarellas, quebradiças, mais pesadas do que a agua (1,125). — Achão-se igualmente no reino mineral (*resinas fosseis*) : estas devem provavelmente sua origem a vegetaes antediluvianos; taes são o succino, o oleo de naphta, oleo petroleo, etc. Não ha resinas propriamente ditas no reino animal. O insecto *coccus lacca* todavia produz, ou pelo menos provoca a formação da resina laca. O castoreo, certos calculos contém substancias resinosas. — As resinas devem o cheiro a um oleo volatil. As resinas são fornecidas por grande numero de vegetaes dos paizes quentes. As familias onde estes productos se achão em maior abundancia são as coniferas, as terebinthaceas, as leguminosas, as rutaceas, etc. Algumas escorrem naturalmente, mas o maior numero é obtido por incisões praticadas na casca das avores resiniferas. Manão debaixo da fórma de terebinthinas claras dissolvidas n'um oleo essencial, o que as distingue das gommas-resinas, com as quaes frequentemente se confundem, e que são leitosas no momento da exsudação. Os succos que ficão no estado meio-fluido constituem as *terebinthinas*. Os que se solidificão, e contém acido benzoico ou cinnamico, são chamados *balsamos naturaes*.

Algumas resinas preparão-se nos laboratorios das pharmacias. Depois de esgotadas as substancias pelo alcool a 86°, distilla-se aos tres quartos; ajunta-se ao residuo um volume igual d'agua distillada, tira-se o deposito resinoso que se forma, lava-se em agua quente, deita-se em pratos que se põem na estufa até a resina ficar quebradiça. Antes de tratar as substancias pelo alcool, cumpre desembaraça-las das materias extractivas por meio da agua. Por esta maneira se obtem as resinas de *jalapa*, de *guaiaco*, de *quina*, de *pyrethro*, etc.

Em geral as resinas são estimulantes, algumas são purgativas, outras causticas. Formão a base dos unguentos e dos emplastos. Muitas servem na industria para fazer vernizes, sabão, etc — Descrevo aqui succintamente as resinas seguintes, e para as que se achão descriptas em outro lugar, veja-se o Indice alphabetico.

Resina amarella. V. *Galipot* e *Pez-resina*.

Resina animé (Résine ou gomme-animée, fr.). É fornecida pela *hymenœa courbaril*, L., grande arvore do Brasil, da familia das Leguminosas. É em bocados oblongos, duros, de um branco-amarellado, transparentes no interior, farinhentos no exterior; soluvel no alcool, cheiro aromatico, sabor pouco sensivel. Vulgarmente dão-lhe no Brasil o nome de *resina de jatahy*. V. *Jatahy*.

Resina caranha (Resine caragne, fr.). Em bocados do tama-

nho de uma noz, comprimidos, duros, de côr negra esverdeada, opacos, cheiro de resina de pinho e de tacamahaca. Attribue-se á *Amyris caranna* (Terebinthaceas).

Resina copal (Résine copal, fr.). Ha d'ella duas principaes especies. *Copal duro*, ou copal propriamente dito; é produzido na ilha de Madagascar por uma grande arvore, *Hymenæa verrucosa*, Gaertn., e é transportado para diversos pontos da India, d'onde é exportado. É : 1° em lagrimas, duro, fractura vitrea, liso na superficie; 2° achado enterrado na areia; seu exterior é opaco e friavel, em consequencia da acção da humidade; 3° o mesmo, desembaraçado da camada exterior; é em pedaços de côr amarella pallida, duros, vitreos, pouco soluveis no alcool. — *Copal tenro* do *Brasil* ou *animé*, é produzido pelo jatahy, *Hymenæa courbaril*, L., e outras *hymenæas*, arvores que habitão no Brasil. V. *Resina animé* e *Jatahy*.

Resina dammar ou **Kauri**, de que existem tambem muitas especieies; dá vernizes analogos aos da resina copal.

Resina elemi. V. p. 437.

Resina de guaiaco V. p. 513.

Resina de jalapa. V. p. 546.

Resina tacamahaca (Résine tacamahaca, fr.). Ha d'ella muitas especies. A tacamahaca ordinaria é em massas irregulares friaveis; amarelladas ou esverdeadas, meio transparentes no interior; marcadas de veios esbranquiçados, cinzentos e farinhosos no exterior; cheiro de terebinthina, sabor pouco sensivel a principio, mas que se torna depois acre. Attribue-se á *Icica heptaphylla*, Aubl., e a outras arvores do genero *icica* que habitão no Brasil, ou á *Fagara octandra*. (Terebinthaceas.)

RESTA-BOI, **Rilha-boi**, **Unha gata** (Arrête-bœuf, bugrane, fr.). *Ononis spinosa*, Willdenow. Leguminosas. Planta lignea da Flora portugueza; é frequente nos campos dos arredores de Lisboa, Coimbra e outras partes de todo o Reino. A raiz é reputada diuretica; usa-se em infusão : 20 grammas (5 oitavas) para 1000 grammas (32 onças) d'agua.

REVALENTA, **Ervalenta**, **Revalescière.** Substancia alimentaria, pomposamente annunciada por um charlatão inglez, que a inventou, sob o nome de *deliciosa farinha restauradora.* Eis-aqui suas formulas :

Revalenta ou *Revalescière Dubarry.*

Farinha de lentilhas rubras	1000 gram.	Farinha de cevada	500 gram.
		Sal marinho	100 gram.

Outra formula.

Farinha de feijões	1000 gram.	Sal marinho	100 gram.
— de milho grosso	500 gram.		

A ervalenta compõe-se tambem de farinha de lentilhas, misturada com a de favas e um pouco de assucar; além d'isto a composição d'estas differentes farinhas tem variado em diversas epocas.

Segundo o Prospecto a *Revalenta Dubarry dá a saude e força; cura a prisão do ventre, as hemorrhoidas, as ventosidades, as molestias do figado, dos pulmões, os rheumatismos, a gota, o enjôo, a paralysia, a epilepsia, a perda de memoria, a melancolia*, etc., etc. E' triste dizê-lo, mas ha certa gente que acredita em semelhantes annuncios.

RHUIBARBO. (Rhubarbe, fr.). Raiz de muitas especies do genero *Rheum*, da familia das Polygoneas, plantas que habitão na

China e nas provincias asiaticas do imperio russo, e sobretudo do *Rheum palmatum.* Fig 268.



Fig. 268. — Rhuibarbo (*Rheum palmatum*).

Ha tres especies commerciaes de rhuibarbo : 1ª *Rhuibarbo da China.* Apresenta-se em pedaços cylindricos de grossura variavel, de côr amarella escura, com veios esbranquiçados por dentro; tem ordinariamente um furo por onde passou o fio em que esteve pendurada para seccar; cheiro forte, particular; sabor amargo; estala nos dentes, tinge a saliva de amarello-escuro; pó de côr amarella-alaranjada. Attribue-se ao *Rheum australe.* Este rhuibarbo apresenta pedaços sãos e outros estragados, o que não acontece na especie seguinte. 2ª *Rhuibarbo da Moscovia, da Tartaria,* ou *da Bucharia.* Esta especie é mais bella do que a precedente; é em bocados achatados, irregulares, angulosos, ou plano-convexos, atravessados por grandes buracos. A textura é menos compacta; é mais leve, de um amarello vivo no exterior; veios internos vermelhos, amarellos e brancos, irregulares, ás vezes entretanto dispostos em estrella; cheiro e sabor pronunciados; estala nos dentes; o pó é de um amarello puro. Attribue-se ao *Rheum palmatum* e *undulatum.*

Alguns autores pensão que é a mesma raiz que a da China, mas cuja colheita foi melhor tratada. 3ª *Rhuibarbo da Persia* ou *da Turquia*, é em pedaços cylindricos ou achatados, côr amarella-desvanecida; tem um pequeno orificio; textura muito compacta, veios pouco notaveis; raro no commercio; é o rhuibarbo por excellencia. Existe ainda um rhuibarbo *branco* chamado *imperial*. — Fizerão-se ensaios, em França, para cultivar o *Rheum palmatum*; mas a raiz que se obteve é menos activa do que a do rhuibarbo do commercio. Em Inglaterra, com as folhas e com os peciolos do rhuibarbo indigena, fazem-se doces muito estimados. As folhas, e sobretudo os peciolos, por causa do acido citrico e malico que contém, possuem sabor picante e agradavel.

O rhuibarbo é tonico em pequenas dóses, e em alta dóse purgativo. Tem-se observado que depois do effeito, o rhuibarbo produz prisão do ventre, o que procede da sua faculdade tonica. Emprega-se nas digestões laboriosas, fastio, diarrhea, e como vermifugo.

Substancias incompativeis. Os acidos fortes, a agua de cal, o sulfato de ferro, de zinco, o emetico, o sublimado, as infusões adstringentes, etc.

Internamente. *Maceração*. Rhuibarbo 5 gram. (1 1/4 oitava), agua fria 1000 grammas (32 onças). Macere por quatro horas, e côe. Toma-se aos copos; como purgante. — O rhuibarbo deve ser tratado por maceração em agua fria, porque a decocção faz entrar no liquido grande quantidade de amido que o torna turvo. Quando se trata o rhuibarbo pela agua fria, obtem-se um liquido transparente; se se recorre á infusão em agua fervendo o infuso é ainda transparente; mas fervendo o rhuibarbo em agua o liquido torna-se immediatamente opalino, ou turva-se depois de frio.

Pó (p. 114). Como tonico 30 a 60 centigrammas (6 a 12 grãos). Como purgante 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava).

Extracto (p. 90). Como tonico 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos). Como purgante 2 a 8 grammas (1/2 a 1 oitava). O extracto não contém todas as partes resinosas do rhuibarbo.

Tintura (p. 122). Como purgante 2 a 15 grammas (1/2 oitava a 1/2 onça) em agua com assucar.

Vinho (p. 127). Como estomachico 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oit.). Como purgante 5 a 40 grammas (1 1/4 a 10 oitavas).

Xarope (p. 138). Como estomachico 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas). Como purgante 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Xarope de rhuibarbo composto conhecido com o nome de *Xarope de chicoria composto* (p. 368), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) como purgante das crianças.

Pós laxativos (Fordyce).

Tartrato de pot.ª e soda	50 centig.	Rhuibarbo em pó	30 centig.

F. 1 papel, e como este mais 15. D. 1 papel, todas as manhãs, ás crianças affectadas do engurgitamento dos ganglios mesentericos.

Pós de rhuibarbo e opio.

Rhuibarbo em pó	60 centig.	Opio em pó	5 centig.

F. 1 papel, e como este mais 5. D. 1 papel na gastralgia.

Pós estomachicos (Hospitaes de Londres).

Rhuibarbo em pó	50 centig.	Flor de camomilla	
Gengibre em pó	50 centig.	em pó	20 gram.

Para uma dóse; que se administra uma vez por dia, uma hora antes do jantar.

Pilulas de Moselly.

Rhuibarbo em pó	10 centig.	Xarope de canella	q. s.
Gengibre em pó	10 centig.		

F. 1 pilula, e como esta mais 15. D. 2 a 4 por dia, como estomachico.

Poção com manná e rhuibarbo.

Rhuibarbo	8 gram.	Agua fervendo	150 gram.
Manná em lagrimas	60 gram.		

Infunda o rhuibarbo na agua por 20 minutos, dissolva o manná e côe. Toma-se por uma vez como purgante.

RHUIBARBO DO CAMPO ou **Pyreto.** *Ferraria purgans*, Martius. Irideas. Planta do Brasil. O rhizoma é purgativo na dóse de 12 a 16 grammas (3 a 4 oitavas) em infusão.

ROMEIRA (Grenadier, fr.). *Punica granatum*, L. Myrtaceas. Arbusto originario da Africa, cultivado no Brasil. Em Portugal habita quasi espontanea, nos arredores de Coimbra e outras partes, principalmente no sul do Reino. Fig. 269.—Tronco coberto de pequenos espinhos, folhas ellipticas, luzidias, flores vermelhas, fructo redondo, secco, de côr amarella-alarajanda, contendo grande numero de sementes carnosas, de sabor acido; raiz mais ou menos grossa, lenhosa, amarella interiormente, coberta de uma casca amarella ou cinzenta, sem cheiro, de sabor adstringente, pouco amarga. *P. us. Casca da raiz e casca do tronco; flores, casca do fructo e polpa das sementes.* A *casca de raiz de romeira* é um dos vermifugos mais efficazes contra a solitaria. O effeito é tanto mais certo, quanto a casca é mais fresca, e por isso é melhor empregar a casca recente. É preciso tambem que a arvore, de cuja raiz se tira a casca, seja bastante grande, e que tenha oito a dez annos. Com a casca secca, do mesmo anno, obtem-se quasi sempre a expulsão da solitaria. Quando a casca é secca, cumpre macera-la por 12 horas antes de a cozer. Em alta dóse provoca vomitos e colicas; exerce



Fig. 269. — Romeira.

tambem acção sobre o systema nervoso, como se póde julgar pelas vertigens e pela modorra que occasiona ás vezes. Os antigos conhecião a propriedade tenifuga da casca de romeira, e prescrevião a casca da *raiz*, sem duvida porque reconhecêrão que é mais activa do que a do tronco ou dos ramos. Entretanto a casca do commercio actual, que é tirada de Portugal, raras vezes falha, bem que provenha do tronco ou dos ramos. Mas é preferivel empregar a casca da raiz.

As *flores não abertas*, chamadas *balaustias*, são adstringentes. Sua infusão emprega-se em gargarejos contra a esquinencia.

A *casca do fructo* ou *epicarpo* é tambem adstringente. Sua decocção usa-se em gargarejos contra as esquinencias.

A *polpa das sementes* é fortemente adstringente. Serve para fazer o sumo com que se prepara um xarope adstringente.

Internamente. Casca de raiz de romeira. *Pó*, 15 a 60 gram. (1/2 a 2 onças).

Extracto alcoolico de casca de raiz de romeira, (p. 91), 25 gram. (6 oitavas) em poção.

Xarope de romãs (p. 138), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças), misturado com agua, e como bebida refrigerante.

Decocção de casca de raiz de romeira (Cod. fr.).

Casca de raiz de romeira	60 gram.	Agua	750 gram.

Contunda a casca, macere por 12 horas; ferva a fogo lento, até ficar em 500 grammas, e côe. Toma-se em tres porções com meia hora de intervallo de uma á outra porção. O primeiro copo occasiona ás vezes vomitos, mas isso não deve impedir que se continue a administrar a decocção até ao terceiro copo. Esta decocção deve ser repetida por tres dias. No dia que precede a administração da primeira dóse, prescrevem-se 60 grammas de oleo de ricino; ás vezes é necessario repetir este depois da terceira dóse.

Poção anthelmintica (Deslandes).

Extr.° alcoolico de casca de raiz de romeira	25 gram.	Agua de hortelã	50 gram.
Sumo de limão	50 gram.	Agua de tilia	50 gram.

Triture o extracto em almofariz de vidro, e ajunte pouco a pouco as outras substancias. D. Uma colher *de sopa* de meia em meia hora, contra a tenia.

Bolos vermifugos (Foy).

Casca de raiz de romeira em pó	5 gram.	Oleo de croton tiglium	4 gottas
Assafetida	2 gram.	Xarope de ether	q. s.

F. 15 bolos. D. 5 por dia, contra a tenia.

Externamente. *Infusão de flores de romeira*, 20 grammas (5 oitavas) para 1000 grammas (32 onças) d'agua fervendo.

Decocção de casca de romã, 20 gram. (5 oitavas) para 1000 gram. (32 onças) d'agua.

ROSA (Rose, fr.). As rosas são arbustos de ramos delgados, ás vezes mui compridos, e podendo elevar-se por meio de espeques a grande altura. São quasi sempre armados de espinhos numerosos, e providos de folhas divididas em foliolos denteados. As flores são terminaes, solitarias ou dispostas em corymbos, e dotadas de cheiro suave. Contão-se mais de 150 especies. Indicarei só as que são empregadas em medicina.

I. ROSA DE CÃO ou **Silva macha** (Rose sauvage, églantier sauvage, ou rose de chien, fr.). *Rosa canina*, L. Fig. 270. Esta especie

é commum na Europa; em Portugal habita nos tapumes, e nos mattos na Beira, principalmente pelo norte do Reino. As flores são roseas ou brancas, 3 ou 4 na extremidade dos ramos. Os fructos que se chamão *cynosbatos* ou *cynorrhodos* (cynorrhodon, fr.) são bagas do tamanho de azeitonas, lisas, de côr escarlate pela parte de fóra, formados no interior de um parenchyma amarello, firme e acidulo. Estes fructos servem para preparar a conserva de cynosbatos que se emprega na diarrhea e hemoptyse, como adstringente.



Fig. 270.

Rosa de cão ou Silva macha.

Internamente. *Conserva de cynosbatos* (p. 74), 30 a 60 gram. (1 a 2 onças).

II. ROSA DE CEM FOLHAS (Rose à cent feuilles, fr.). *Rosa centifolia*, L. Fig. 271. Forma uma mouta de 100 a 120 centimetros de altura; as folhas tem 5 a 7 foliolos ovaes, pubescentes em baixo, duas vezes denteadas; as flores são roseas, de ordinario quasi completamente dobradas, de 8 centimetros de largura, de peciolos longos, ordinariamente tres juntas no apice de cada ramo. Conhecem-se muitas especies da rosa centifolia. São designadas nas pharmacias sob o nome de *rosas pallidas*, para as differençar das petalas da rosa rubra (*rosa gallica*, L.). Preparão-se com *rosas pallidas*



Fig. 271. — Rosa de cem folhas.

agua distillada de cheiro forte e suave, e um xarope que é levemente purgativo. — No Oriente prepara-se com estas rosas o *oleo essencial de rosas*, que é liquido na temperatura de 30° cent., solido abaixo d'esta temperatura; de cheiro extremamente penetrante, que incommoda quando em grande quantidade, mas é agradavel quando diffundido. É mais empregado na perfumaria do que na medicina; comtudo serve para aromotizar pastilhas e pomadas.

Internamente. *Infusão*, 12 gram. (3 oitavas) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo. Esta infusão serve de vehiculo ás poções, purgativas.

Xarope de rosas pallidas (p. 138), 8 a 30 grammas (2 oitavas a 1 onça) como laxante das crianças.

Purgante de rosas composto.

Rosas pallidas	8 gram.	Sulfato de magnesia	15 gram.
Sene	4 gram.	Agua quente	q. s.

Para ter 4 onças de infusão. Toma-se por uma vez.

Externamente. *Agua distillada de rosas* (p. 66), como vehiculo dos collyrios resolventes.

Oleo rosado (p. 100), como vehiculo dos linimentos.

Pomada rosada ou *Unguento rosado* (Cod. fr.).

Banha	1000 gram.	Cera branca	8 gram.
Raiz de orcanetta	30 gram.	Essencia de rosas	2 gram.

Digira a orcanetta na banha a b. m. por uma hora; côe por panno de linho. Ajunte a cera, derreta-a e mexa a mistura até esfriar quasi inteiramente; misture, por fim, a essencia de rosas, e deite a pomada em vaso proprio.

Ceroto rosado ou *Pomada labial* (Cod. fr.).

Oleo de amendoas doces	100 gram.	Carmim	50 cent g.
Cera branca	50 gram.	Essencia de rosas	10 gottas

Derreta a cera no oleo a calor brando. Arrefecida a mistura, ajunte-lhe o carmim, previamente diluido n'um pouco de oleo, e por fim, a essencia de rosas. Contra a inflammação e rachas dos labios.

Unguento rosado composto.

Unguento rosado	80 gram.	Essencia de alfazema	50 centig.
Calomelanos	10 gram.		

III. ROSA RUBRA (Rose rouge, fr.). Petalas do arbusto *Rosa gallica*, L., cultivado nos jardins. O talo tem 60 a 100 centimetros de alto; ramos numerosos armados de fracos espinhos; folhas compostas de 5 a 7 foliolos ovaes, rígidos, de um verde bastante carregado na face superior, um pouco pubescentes na face inferior; botões e pedunculos cobertos de pellos rudes; flores solitarias ou reunidas em numero de 2 ou 3 na extremidade dos ramos, petalas pouco numerosas, de côr rubra-escura e quasi sem cheiro. Contém todavia um principio aromatico que se desenvolve pela desecçação. Colhem-se antes de estarem abertas, desfolhão-se e seccão-se ao sol ou na estufa, e guardão-se em lugar secco. Estas rosas, assim preparadas, tem o sabor styptico, a côr purpurea-escura e o cheiro assaz agradavel, que perdem com o tempo.

Adstringente, mais frequentemente empregado exterior do que interiormente. Constitue a base da preparação pharmaceutica chamada *conserva de rosas*, que se administra com vantagem na tisica, diarrhea, atonia dos orgãos digestivos, leucorrhea, etc. Posta de

infusão, em agua fervendo, serve para gargarejos e fomentações, nas anginas chronicas, aphtas, ulceras, etc.

Substancias incompativeis. O sulfato de ferro, de zinco, a gelatina, a agua de cal.

Internamente. *Conserva de rosas* (p. 74), 4 a 16 grammas (1 a 4 oitavas).

Electuario anti-hemoptoico.

Conserva de rosas	100 gram.	Azotato de potassa	12 gram.

M. Uma colher *de chá,* tres vezes por dia.

Electuario contra a leucorrhea.

Conserva de rosas rubras	100 gram.	Cato em pó	2 gram.
Quina em pó	30 gram.	Oleo essencial de canella	3 gottas.
Macis em pó	8 gram.		

M. Duas colheres *de chá,* tres vezes por dia.

Externamente. *Infusão :* 20 gram. (5 oitavas) para 1000 gram. (32 onças) d'agua fervendo; em gargarejos, fomentações, etc.

Mel rosado ou *Mellite de rosas* (p. 98), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) em gargarejos adstringentes, ou para tocar as aphtas.

Vinagre rosado (p. 126). 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) para 500 gram. (16 onças) de liquido, em gargarejos.

Gargarejo adstringente.

Decocto de cevada	200 gram.	Mel rosado	30 gram.

Gargarejo detergente.

Agua	200 gram.	Vinagre rosado	30 gram.
Mel rosado	50 gram.		

Angina chronica.

ROSMANINHO (Stœchas, fr.). *Lavandula stœchas,* L. Labiadas. Sub-arbusto muito ramoso, que habita frequente nos mattos de Portugal. Folhas rentes, oblongas, lineares, esbranquiçadas, reviradas na margem; flores de um purpureo escuro, em espiga; cheiro forte, agradavel, aromatico; sabor amargo, calefaciente. *P. us. Flores.* Fornecem um oleo volatil que entra na composição das aguas de Colonia. Toda a planta é estimulante; emprega-se em banhos.

Xarope de rosmaninho composto (Fernel).

Rosmaninho	120 gram.	Funcho	20 gram.
Calamintha	60 gram.	Sementes de arruda	20 gram.
Oregão	60 gram.	Calamo aromatico	10 gram.
Tomilho	20 gram.	Gengibre	10 gram.
Betonica	20 gram.	Canella	10 gram.
Salva	20 gram.		

Introduza estas substancias incisas em b. m. de um alambique, deite em cima 4000 grammas d'agua fervendo, e 24 horas depois distille para obter 240 grammas de producto. Côe o liquido que ficou, ajunte-lhe 3200 grammas de assucar; concentre, clarifique cosa a 31°, deixe esfriar em parte, e ajunte o producto da distillação. — Sudorifico, tonico, excitante. D. 60 a 90 grammas por dia.

RUDA. V. ARRUDA.

RUIVA DOS TINTUREIROS (Garance, fr.). *Rubia tinctorum,* L. Rubiaceas. Planta que habita no Oriente e no sul da Europa. A raiz entra na composição do xarope antiscorbutico de Portal; é longa, da grossura de uma penna de ganso, roxa-escura por fóra, roxa-viva por dentro, contém um principio corante rubro. Esta raiz é notavel pela propriedade que tem de tingir de vermelho os ossos dos individuos que a tomão. É aconselhada no rachitismo

Internamente. *Pó*, 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava).
Decocção, 20 grammas (5 oitavas) para 1000 grammas (32 onças) d'agua.

SABÃO (Savon, fr.) Producto que resulta da combinação das gorduras ou dos oleos com a potassa ou soda. Ha varias especies :

1° SABÃO BRANCO (Savon blanc, fr.). Prepara-se com sebo ou azeite doce e soda : é solido, branco, opaco, de cheiro não desagradavel. — Empregando-se a potassa em lugar da soda, obtem-se o *sabão molle*. — Os lavatorios d'agua com sabão empregão-se nas empigens, tinha, sarna e outras molestias cutaneas. Estes lavatorios feitos nas partes genitaes; depois do coito com pessoa suspeita, constituem um excellente preservatorio de syphilis.

Externamente. *Emplasto de sabão* (p. 83), e *Emplasto de sabão camphorado* (p. 83). Applicão-se contra as dôres rheumaticas

Tintura de sabão (p. 123). Entra na composição de linimentos.

Fomentação de sabão.

Sabão	8 gram.	Aguardente	250 gram.

Dissolva. Contusões, torceduras.

Linimento saponaceo (Cod. fr.).

Tintura de sabão	50 gram.	Oleo de amendoas doces	45 gram.
Alcool	45 gram.		

Misture por agitação.

Linimento saponaceo camphorado (Cod. fr.).

Tintura de sabão	50 gram.	Oleo de amendoas doces	45 gram.
Alcool camphorado	45 gram.		

Misture.

Linimento saponaceo opiado (Cod. fr.).

Oleo de amendoas doces	90 gram.	Tintura d'opio	5 gram.
Sabão em pó	5 gram.		

Triture o sabão com oleo; deite a mistura n'um frasco contendo a tintura d'opio, e mexa.

Linimento de sabão, ou *Linimento saponaceo*, ou *Balsamo saponaceo* (Pharmacopéa geral).

Sabão	90 gram.	Espirito de vinho	500 gram.
Camphora	30 gram.		

Macere o sabão no espirito até que se dissolva, depois ajunte a camphora.

Linimento de sabão com opio, ou *Balsamo anodyno.*

Linimento de sabão	150 gram.	Opio	6 gram.

M. Empregado em fricções como calmante.

2° SABÃO VERDE OU PRETO (Savon vert ou savon noir, fr.). Prepara-se com a potassa caustica liquida, e os oleos de colza, de sementes de canhamo e de nabo. Em Inglaterra, o sabão molle prepara-se com potassa, sebo e azeite de baleia. — É de consistencia de unguento, de cheiro desagradavel, mui caustico sobre a pelle.

3° SABÃO TRANSPARENTE (Savon transparent, fr.). Prepara-se para toucador, saponificando a gordura de boi pela soda pura, dissolvendo no alcool o sabão assim formado, filtrando a solução, e deitando-a em moldes.

4° SABÃO AMYGDALINO OU MEDICINAL (Savon amygdalin ou medicinal, fr.). É o resultado da combinação do oleo de amendoas doces com a soda. É solido, branco, opaco, de sabor um pouco alcalino; soluvel na agua. — Diuretico e excitante, empregado interna

mente nos engurgitamentos chronicos do abdomen, ictericia, calculos biliares, gota, areias, etc. Externamente serve como excitante no tratamento dos tumores indolentes, nas contusões, luxações, etc.

Substancias incompativeis. Os acidos, as substancias adstringentes, os saes soluveis, salvo os de potassa, de soda e de ammoniaco.

Internamente. 50 centigrammas a 4 grammas (10 grãos até 1 oitava) em pilulas.

Pilulas de sabão (Cod. fr.).

Sabão medicinal .... 20 grammas

Raspe o sabão, pise-o em gral de marmore até reduzi-lo a massa, divida-o em 100 pilulas, e envolva estas em pó de amido. Cada pilula contém 20 centigrammas (4 grãos) de sabão.—D. 6 a 12 pilulas, e mais por dia, como purgativas e diureticas.

Pilulas saponaceas nitradas (Cod. fr.).

Sabão medicinal	20 gram.	Nitrato de potassa	2 gram.
Raiz de althea em pó	3 gram.		

Pise o sabão em gral de marmore; ajunte as outras substancias, e faça massa homogenea que dividirá em 100 pilulas. Envolvem-se estas em pó de amido. — Cada pilula, do peso de 25 centigrammas (5 grãos), contém 20 cent. de sabão e 2 de nitrato de potassa. — D. 6 a 12 pilulas por dia. Diuretico.



Fig. 272. — Sabina.

Pilulas de sabão compostas.

Sabão medic.	10 centig
Calomelanos	5 centig.
Res. de jalapa	5 centig.

F. 1 pilula. D. 1 a 3 por dia nas molestias do figado.

Externamente. Q. b. dissolvido em agua ou alcool, em fricções e lavatorios.

SABINA (Sabine, fr.) *Juniperus sabina*, L. Coniferas. Arbusto que habita na Europa. Fig. 272. *P. us. Folhas.* São mui pequenas, em fórma de escamas, de cheiro forte, terebinthinaceo, de sabor acre e amargo. — Excitante emmenagogo; sua acção sobre o utero é muito pronunciada. A acção local da sabina é irritante. Externamente emprega-se ás vezes para destruir as carnosidades e para avivar as ulceras antigas.

Internamente. *Pó* (p. 114), 25 centigrammas a 1 gramma 5 a 20 grãos) duas ou tres vezes por dia.

Infusão, 2 grammas (1/2 oitava) para 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo.

Extracto (p. 91), 10 a 50 centigram. (2 a 10 grãos) em pilulas.

Oleo essencial, 2 a 10 gottas em poção.

Pós emmenagogos.

Sabina em pó	30 centig.	Baunilha em pó	15 centig.
Gengibre em pó	30 centig.	Assucar	30 centig.

F. 1 papel, e como este mais 8. D. 3 papeis por dia.

Externamente. *Pó*, q. q. sobre as ulceras.

Pomada de sabina.

Folhas de sabina	8 gram.	Cera amarella	3 gram.
Banha de porco	16 gram.		

Triture a sabina com um pouco de alcool; ajunte a banha; digira em b. m. durante 12 horas; esprema; deixe esfriar lentamente para separar o deposito, derreta a pomada purificada com a cera em b. m.

SABUGUEIRO. (Sureau; fr.). *Sambucus nigra*, L. Caprifoliaceas. Arbusto da Europa, commum em Portugal, cultivado em algumas partes do Brasil. Lenho molle; o tronco e os ramos contém um largo canal medullar; folhas oppostas, imparipennadas, foliolos oppostos, quasi sesseis, ovaes, denticulados, de cheiro viroso; flores em cymas, corolla branca; fructo globoso, de côr roxa-anegrada, contendo tres pequenos caroços.

As *flores* quando frescas são brancas e de cheiro nauseoso; depois de seccas tornão-se amarellas e de cheiro agradavel. São sudorificas e empregão-se frequentemente no tratamento da constipação, bronchite, defluxo, dos sarampos, da escarlatina, e de todas as affecções em que convem provocar a traspiração, mesmo para evitar os inconvenientes da repercussão.

Internamente. *Infusão das flores.* Flor de sabugueiro 5 gram. (1 1/4 oitava), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora e côe.

Agua distillada das flores (p. 66), 60 a 120 gram. (2 a 4 onças) como vehiculo das poções.

Externamente. *Infusão.* Emprega-se a miudo, molhando n'ella pannos, e applicando-os sobre as inflammações da pelle e dos olhos.

As *bagas* de sabugueiro são do tamanho de pequenas ervilhas, de um roxo-preto, luzidias, e cheias de succo acidulo; servem para confeccionar o *arrobe de sabugueiro*, que se prepara com o succo não fermentado das bagas, fazendo-o evaporar até á consistencia de mel (p. 69). Este arrobe é purgativo na dóse de 12 a 16 grammas (3 a 4 oitavas).

A *casca* do tronco, e sobretudo a dos pequenos ramos, é tambem purgativa, em decocção, na dóse de 30 grammas (1 onça) para 500 grammas (16 onças) d'agua; mas é pouco usada.

SABUGUEIRO DO BRASIL. *Sambucus australis*, Cham. (Santa Catharina, S. Paulo, Rio Grande do Sul). Caprifoliaceas. Lenho molle, folhas pecioladas, oppostas, imparipennadas, foliolos oppostos, ovaes, e cada um munido de uma pequena glandula na base; flores em cymas, corolla branca; fructo, baga de 4 ou 5 compartimentos. O sabugueiro do Brasil goza das mesmas propriedades que o da Europa. As flores são sudorificas, e usão-se em infusão, na mesma dóse. O succo da raiz é purgativo na dóse de 15 a 60 gram. (1/2 a 2 onças); emprega-se na hydropisia. O cozimento da casca

da raiz é tambem purgativo. 30 grammas (1 onça) para 500 gram. (16 onças) d'agua.

SACAROLHA ou **Rosca para as mulas.** *Helicteres sacarolha*, St.-Hilaire. Malvaceas. Planta do Brasil (Minas, S. Paulo). Talo lenhoso; folhas regularmente alternas, arredondadas, terminadas ás vezes em ponta; flores vermelhas. O cozimento da raiz é empregado pelos habitantes contra as affecções venereas; mas não póde ter outro effeito senão o emolliente, para combater a inflammação que acompanha ás vezes os symptomas syphiliticos.

SAGAPENO (Sagapenum, fr.). Gomma-resina extrahida da *Ferula persica* (Umbelliferas), planta da Persia. Massas amarelladas ou avermelhadas, cheiro semelhante ao da assafetida, sabor acre. Entra na composição de alguns emplastos. Purifica-se pela mesma fórma que a gomma-ammoniaco.

SAGÚ (Sagou, fr.). Fecula que se extrahe da medulla ou parte central de varias palmeiras, chamadas por isso sagúeiros, e em



Fig. 273. — Sagúeiro, *sagus farinaria*, arvore de que se extrahe o sagú.

particular da *Sagus farinaria*, Rumphius, arvore que habita nas Molucas, e que é cultivada nos jardins do Brasil. Fig. 273. Para preparar o sagú, corta-se a arvore, divide-se o caule em pedaços, extrahe-se a parte central que se dilue em agua; deixa-se assentar

a fecula, separa-se da agua pela decantação, ou fazendo passar o liquido atravez de um panno, e deixa-se seccar sobre chapas de metal quentes. O sagú é em grãos arredondados, cinzento-avermelhados, duros, elasticos, sem cheiro, de sabor adocicado, insoluvel na agua fria, soluvel na agua quente, á qual communica bastante viscosidade. — Fervido em caldo, leite ou agua constitue um alimento analeptico, que é mui util aos convalescentes.

Gelea de sagú (p. 496). util aos convalescentes.

SAL AMARGO. V. SULFATO DE MAGNESIA, p. 585.

SAL AMMONIACO. V. p. 268.

SAL DE AZEDAS, ou **Oxalato de potassa** (Sel d'oseille, ou oxalate de potasse, fr.). Este sal obtem-se das azedas. É branco, em crystaes opacos, mais acidos que os de cremor de tartaro com os quaes se parece, soluvel em 40 p. d'agua fria e em 6 partes d'agua a ferver, inalteravel ao ar. Refrigerante em pequena, venenoso em alta dóse. Não se emprega em medicina, mas é de muito uso para tirar as nodoas da tinta de escrever.

SAL COMMUM ou **DE COZINHA.** V. p. 383.

SAL D'EPSOM. V. *Sulfato de magnesia*, p. 585.

SAL DE GLAUBER. V. *Sulfato de soda.*

SAL INGLEZ. V. *Sulfato de magnesia*, p. 585.

SAL MARINHO. V. *Chlorureto de sodio*, p. 383.

SAL DE NITRO. V. p. 297.

SAL DE SATURNO. V. p. 145.

SAL DE SEDLITZ. V. *Sulfato de magnesia*, p. 585.

SALEPO (Salep, fr.). Bolbo preparado da *Orchis mascula*, L., planta da Persia, da familia das Orchideas. Fig. 274. Apresenta-se em bocados ovoides, ordinariamente enfiados n'uma linha como rosario de contas, de côr cinzenta-amarellada, meio transparentes, de dureza cornea; cheiro levemente aromatico, sabor mucilaginoso e um pouco salgado. Estes bolbos são inteiramente formados de fecula amylacea; não se dissolvem, mas intumecem consideravelmente n'agua fervendo e formão gelea como o polvilho. Antigamente todo o salepo se tirava exclusivamente da Persia, mas hoje é geralmente constituido pelas orchideas da Europa, e sobretudo pelas *Orchis morio, latifolia, mascula*, que todas pertencem á Flora portugueza. Tirão-se os tuber-



Fig. 274. — *Orchis mascula.*

culos da terra, lavão-se, fervem-se em agua, e fazem-se seccar na estufa, ou ao sol. Quando estão seccos reduzem-se a pó.

O salepo inteiro apresenta-se em bocados grossos e longos como jujubas, porém não se emprega senão em pó. Fazem-se com elle mingáos, geleas, chocolates, que tem muito emprego e são mui nutrientes, porque o salepo goza de propriedades analepticas.

Internamente :

Cozimento de salepo.

Salepo em pó	5 gram.	Agua	500 gram.

Ponha sobre o fogo 400 grammas d'agua, e logo que a agua ferver deite-lhe o salepo previamente diluido no resto da agua fria, ferva por um quarto de hora, côe por panno de lã, e adoce com assucar.

Gelea de salepo (p. 496). Analeptico.

SALGUEIRO BRANCO (Saule, fr.). *Salix alba,* L. Salicineas. Arvore que abunda em Portugal, nas margens dos rios, e nos terrenos alagadiços. A casca é muito amarga, e foi aconselhada contra as febres intermittentes, em cozimento, que se prepara com 8 grammas (2 oitavas) da casca e 360 grammas (12 onças) d'agua. Extrahe-se d'esta casca a *salicina* (V. esta palavra).

SALICINA (Salicine, fr.). Substancia obtida da casca do salgueiro branco, e de outras especies da *Salix.* É branca, crystallina, soluvel na agua, e tendo toda a apparencia do sulfato de quinina. É aconselhada contra as febres intermittentes.

Internamente. 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) em pilulas, ou dissolvida em agua.

SALITRE. V. AZOTATO DE POTASSA, p. 297.

SALSA HORTENSE ou VULGAR (Persil, fr.). *Apium petroselinum,* L. Umbelliferas. Planta cultivada nas hortas, cujas folhas são empregadas quotidianamente na arte culinaria. Fig. 275. Caule de 100 a 130 centimet.; folhas compostas de foliolos cuneiformes, incisos; flores esbranquiçadas, dispostas em umbellas pedunculadas; raiz da grossura de um dedo, branca, aromatica; fructo composto de duas carpellas unidas, é esverdeado, arredondado na parte inferior, estreitado superiormente, com cheiro de terebinthina quando esfregado entre os dedos. Importa saber distinguir nas hortas a salsa de algumas plantas venenosas, e particu-



Fig. 275. — Salsa hortense.

larmente da cicuta pequena, *Æthusa cynapium*, L., que, quando começa a brotar, parece-se muito com a salsa.

A raiz de salsa entra no numero das cinco raizes aperientes (V. p. 446).

As *folhas* applicão-se exteriormente nos cortes e picadas de insectos como resolventes. O succo das folhas é aconselhado contra a blennorrhagia, na dóse de 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça). O extracto do mesmo succo é empregado na Allemanha contra as febres intermittentes, na dóse de 50 a 75 centigrammas (10 a 15 grãos). Dos fructos obtem-se um principio immediato, chamado *apiol*, aconselhado contra as febres intermittentes e contra a amenorrhea (V. p. 280).

SALSAPARRILHA (Salsepareille, fr.). As salsaparrilhas são plantas sarmentosas e voluveis, do genero *Smilax*, da familia das Asparagineas, que habitão no Mexico, Brasil, Perú e outras regiões quentes da America. As raizes, que são empregadas em medicina, compõem-se de um tronco lenhoso e pouco volumoso, que se propaga por nós que nascem uns ao lado dos outros, e são munidas de



Fig. 276. — Salsaparrilha.

grande numero de radiculas mui longas, flexiveis, da grossura de uma penna de ganso. Estas radiculas são formadas de uma parte cortical, succulenta no estado fresco, e de um meditullio lenhoso com longas fibras parallelas, que as percorrem de uma extremidade a outra; resulta d'esta disposição que com difficuldade se rompem transversalmente, entretanto que podem ser fendidas facilmente na direcção do comprimento.

A especie principal é o *Smilax salsaparrilha*, L., arbusto que habita no Mexico, e outras partes da America meridional. Fig. 276.

É um arbusto sarmentoso e trepante; caule articulado, quadrangular, armado de espinhos recurvados, ramoso; folhas alternas, pecioladas, ovaes, um pouco cordiformes, acuminadas, inteiras, glabras, coriaceas, apresentando 3 a 5 nervuras longitudinaes; inflorescencia em umbellas simples, pedunculadas, flores pedicelladas, de um verde esbranquiçado; fructo, baga espherica, violacea, contendo de uma a tres sementes globosas; *raiz* longa, delgada, da espessura de uma penna de ganso, enrugada, simples, flexivel, difficil de romper, composta de grande numero de fibras simples, mui longas e cylindricas; cinzenta ou avermelhada por fóra; branca, amarellada, ou ainda como côr de rosa por dentro; meditullio branco e mais lenhoso do que a casca; sabor mucilaginoso e um pouco amargo. *P. us. Raiz.*

Muitos outros arbustos do genero *Smilax* fornecem differentes especies de salsaparrilha do commercio; são *Smilax medica*, Schlechtendahl, que habita nos montes do Mexico; *S. officinalis*, Kunth (Nova Granada, Brasil); *S. syphilitica*, Kunth (Brasil); *S. laurifolia*, Willd. (Antilhas, Carolina); *S. macrophylla* Willd. (Antilhas); *S. obliquata*, Poiret (Perú); *S. papyracea*, Poiret (Brasil).

Ha muitas salsaparrilhas proprias ao Brasil, onde são conhecidas debaixo do nome vulgar de *japecangas;* são : *Smilax japecanga*, Grisebach ; *S. syringoides*, Griseb. ; *S. brasiliensis*, Spreng. ; *S. syphilitica*, Humboldt; *Herreria salsaparrilha*, Martius.

As principaes especies de salsaparrilha do commercio são :

1° *Salsaparrilha de Honduras.* Julga-se que é fornecida pelo *Smilax salsaparrilha*, que abunda nas margens do rio Magdalena, na Columbia; esta vem por Vera-Cruz e Carthagena. É em raizes mui compridas, da grossura de uma penna de ganso, enrugada longitudinalmente; epiderme cinzenta, meditullio branco-roseo; cheiro particular e nauseoso, sabor viscoso. Vem em molhos que tem cerca de 1 metro de comprimento, formados pelas raizes dobradas e guarnecidas de suas cepas, É a salsaparrilha officinal.

2° A *salsaparrilha vermelha* ou *da Jamaica.* Salvo sua côr vermelha escura, seu cheiro e sabor mais pronunciados, é no mais semelhante á precedente. É a mais estimada, mas é rara no commercio.

3° *Salsaparrilha do Brasil.* Vem da Bahia, do Pará e Maranhão. É vermelha, como a precedente, mas é mais pequena, com muitos fios delgados, em longos molhos apertados por um cipó disposto em espiral, e é privada das cepas. Attribue-se ao *Smilax syphilitica.*

A melhor salsaparrilha é aquella cujo sabor é mais forte e mais nauseoso.

Propriedades e usos. As propriedades da raiz de salsaparrilha ainda não estão bem determinadas; é um estimulante fraco, dizem que é um sudorifico; segundo Giacomini, é um leve hyposthenisante vascular. Ha muito tempo que se emprega com vantagem no tratamento das molestias syphiliticas, cutaneas, rheumaticas e gotosas. É um adjuvante do mercurio.

Internamente. *Cozimento* (Cod. fr.). Raiz de salsaparrilha fendida e cortada 60 grammas (2 onças), agua q. s. Macere a salsaparrilha em mais de 1 litro (32 onças) d'agua fria por duas horas; ponha depois sobre o fogo, e logo que se produzir a ebullição do liquido, tire do fogo e deixe digerir por duas horas em lugar quente. Côe, deixe formar deposito, e decante para ter 1000 grammas (32 onças) de liquido.

Extracto (p. 91), 1 a 5 grammas (20 a 100 grãos).

Xarope (p. 138), 60 a 120 grammas (2 a 4 onças).

Vinho de salsaparrilha concentrado, ou *Essencia concentrada de salsaparrilha* (Dorvault).

Extracto alcoolico de salsaparrilha	90	Extracto de guaiaco	18
Extracto aquoso de alcaçuz	25	Vinho tinto	1750
— — de borragem	15	Essencia de sassafraz	4

Dissolva, deixe formar deposito, e filtre. D. Uma colher *de sopa*, em meio copo d'agua, duas vezes por dia.

Essencia concentrada de salsaparrilha (Bouchardat).

Salsaparrilha	500	Agua fervendo	1000
Sassafraz	100	Xarope de assucar	1000
Alcool a 21° Cart.	1000		

Digira por dois dias a salsaparrilha e o sassafráz no alcool, na temperatura de 40° cent., e côe, ajunte ao residuo a agua fervendo, digira durante um dia, côe, reuna os dois liquidos; filtre, e ajunte o xarope. D. Uma colher *de sopa* n'um copo d'agua.

Para entrar n'estas preparações, a salsaparrilha deve ser fendida ao comprido, e depois cortada transversalmente. Fende-se facilmente, molhando-a com agua.

Cozimento sudorifico.

Páo de guaiaco raspado	30 gram.	Raiz de alcaçuz	10 gram.
Raiz de salsaparrilha	15 gram.	Agua	q. s.
Raiz de sassafraz	5 gram.		

Para um litro de decocto.

Ferva o guaiaco em 1 1/2 litro d'agua até reduzir a 1 litro (32 onças); côe, lance o liquido sobre as tres outras substancias; infunda até esfriar; côe.

Cozimento de Feltz (Cod. fr.).

Salsaparrilha cortada	60 gram.	Colla de peixe	10 gram.
Sulfureto de antimonio pulverizado	80 gram.	Agua commum	2000 gram.

Deite o sulfureto de antimonio em um saquinho de panno, para fervê-lo durante uma hora em 1000 grammas d'agua; deite fóra a agua, e torne a pôr o saquinho contendo o sulfureto em outros 1000 grammas d'agua juntamente com a salsaparrilha e a colla de peixe; ferva a fogo lento até á reducção da metade. Côe, deixe formar deposito, e decante. Muito má formula.

O effeito que produz o sulfureto de antimonio n'este cozimento depende do arsenico que elle contém; ora, como póde dissolver-se no cozimento uma quantidade maior ou menor de arsenico, d'isto resulta que esta preparação é infiel e até mui perigosa. Vi, com effeito, no Rio de Janeiro, largo de Santa Rita, no dia 3 de Janeiro de 1851, um pharmaceutico que, para curar-se de uma empigem que tinha no rosto, preparou um cozimento de Feltz de tal maneira saturado de arsenico, que, depois de beber uma chicara d'este cozimento, experimentou dôres no estomago, vomitos, esfriamento do corpo, e morreo vinte e seis horas depois, apezar de todos os soccorros que lhe forão immediatamente administrados. O veneno, mui diluido, passou immediatamente na corrente circulatoria, e os contra-venenos não puderão produzir o seu effeito.

Por conseguinte, o cozimento de Feltz, tal como se acha formulado pelo seu autor, nunca deve ser empregado, e quando os medicos receitão este cozimento, devem os pharmaceuticos seguir na sua

preparação a formula modificada pelo Dr. Rayer, que contém uma quantidade de arsenico bem determinada. Esta formula é a seguinte:

Cozimento de salsaparrilha	500 gram.	Arseniato de soda	3 millig.

M. D. Ás chicaras no decurso de um dia, nas molestias cutaneas.

Cozimento anti-syphilitico (Dupuytren).

Raiz da China	5 gram.	Salsaparrilha	5 gram.
Guaiaco	5 gram.	Agua	750 gram.

Ferva até ficar em 500 grammas (16 onças); côe e ajunte:
Xarope de Cuisinier........................ 60 gram.

Xarope depurativo (Larrey).

Salsaparrilha	2000 gram.	Folliculos de sene	60 gram.
Bagas de sabugueiro	1000 gram.	Borragem	60 gram.
Guaiaco	500 gram.	Assucar	12000 gram.
Raiz da China	50 gram.	Agua	q. s.
Sassafraz	50 gram.		

F. S. A. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Xarope sudorifico (Ricord).

Salsaparrilha cortada	200 gram.	Agua	2000 gram.
Guaiaco raspado	200 gram.		

Macere por 24 horas, reduza á metade a fogo brando, côe com espressão, e ajunte assucar 1000 grammas. D. 60 a 90 grammas (2 a 3 onças) por dia.

Xarope de salsaparrilha composto, Xarope sudorifico, depurativo ou *Xarope de Cuisinier* (Cod. fr.).

Salsaparrilha	1000 gram.	Foliolos de sene	60 gram.
Flores seccas de borragem	60 gram.	Fructos de aniz	60 gram.
Flores seccas de rosas pallidas	60 gram.	Assucar refinado	1000 gram.
		Mel de abelhas	1000 gram.
		Agua	q. s.

Rache ao comprido a salsaparrilha, e depois corte-a transversalmente. Faça com ella, e successivamente, tres digestões, de doze horas cada uma; empregue para cada digestão a agua a 80° cent., em q. s. para cobrir completamente a raiz. Conserve á parte o producto da terceira digestão, leve-o á ebullição, e lance-o por cima das outras substancias; deixe infundir por doze horas. — Evapore os dois primeiros liquidos, e depois de sufficientemente reduzidos, ajunte-lhes a coadura que resultou da infusão das outras substancias. Continue a evaporação até que o liquido não represente senão um peso igual ao do assucar e do mel reunidos, clarifique com claras de ovos, e passe por panno de lã. Ajunte ao liquido assim obtido o assucar e o mel, e faça xarope por cocção e clarificação que marque fervendo 1,29 no densimetro (32° B.). D. 60 a 120 gram. (2 a 4 onças) por dia como antisyphilitico.

Robe antisyphilitico de Laffecteur (segundo (Dorvault).

Salsaparrilha	40 gram.	Casca verde de nozes secca	9 gram.
Saponaria	50 gram.	Mercurial	25 gram.
Raiz da China	8 gram.	Cynoglossa	30 gram.
Sassafraz	8 gram.	Buglossa	30 gram.
Guaiaco	8 gram.	Borragem	30 gram.
Sandalo amarello	8 gram.	Cardo santo	10 gram.
Casca de buxo	10 gram.	Fumaria	10 gram.
— de mezereão	10 gram.		

Lupulo	5 gram.	Rosas pallidas	40 gram.
Escolopendrio	5 gram.	Sementes de aniz	5 gram.
Politrico (feto)	5 gram.	— de salsa	5 gram.
Grama	10 gram.	— de funcho	5 gram.
Sene	40 gram.	— de cominho	5 gram.
Beccabunga	10 gram.	— de alcaravia	5 gram.
Agarico branco	10 gram.	— de cenoura	5 gram.
Raiz de labaça	10 gram.	— de nigella	5 gram.
— de almeirão	10 gram.	Agua pluvial	q. s.

Cozem-se todas estas substancias em vaso tapado, e expellem-se os vapores que se desenvolvem, por meio de tubos que communicão com uma chaminé ventilante. Evapora-se depois o decocto a b. m. até que marque 6° Baumé. Ajunta-se-lhe mel de abelhas e assucar, para ter um xarope de 37°. Deixa-se assentar até ficar limpido.

Xarope antigotoso de Boubée.

Salsaparrilha	200 gram.	Jalapa	45 gram.
Resina de guaiaco	75 gram.	Mostarda machucada	45 gram.

Ferva tudo por duas horas salvo a mostarda em 1500 grammas d'agua; côe; ferva o residuo em 1000 grammas d'agua; faça a terceira decocção ajuntando a mostarda; reuna os decoctos, ajuntelhes 5700 grammas de assucar refinado, e 350 grammas de assucar mascavado, ferva a 30° 1/4 Baumé; engarrafe o xarope ainda quente, e arrolhe as garrafas depois de esfriar.

Este xarope é turvo por causa da resina que contém em suspensão; gozou de grande reputação contra a gota, quando era remedio secreto.

Salsaparrilha do Reino. V. Legação.

SALVA (Sauge, fr.). *Salvia officinalis*, L. Labiadas. Planta cultivada no Brasil e em Portugal. Fig. 277. — Tronco lenhoso pouco elevado, folhas oppostas, ovadas ou lanceoladas, um pouco obtusas, aveludadas, denteadas na margem; flores violaceas em espiga; cheiro forte e aromatico, sabor quente e um pouco amargo. *P. us. Folhas* e *summidades floridas.*


Fig. 277. — Salva.

Excitante, tonico e diaphoretico; administra-se na debilidade do estomago, fastio, bronchites, vomitos espasmodicos, e como emmenagogo; externamente em gargarejos nas aphtas e esquinencias.

Internamente. *Infusão.* Folhas de salva 5 grammas (1 1/4 oit.), agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por meia hora e côe.

Externamente. *Infusão*, em gargarejos.

SALVAS DO BRASIL. *Salva* (Rio Grande do Sul). *Lippia citrata*, Schlecht. Verbenaceas.

SALVA DO BRASIL. *Salvia fulgens.* Labiadas. As folhas brilhantes e côr de fogo dão a esta planta um aspecto mui lindo.

SALVA DO PARÁ (Marajó). *Hyptis incana.* Labiadas.

Todas estas plantas são aromaticas. Servem como a *Salvia officinalis,* porque gozão das mesmas propriedades. O chá de todas estas plantas é um sudorifico, util nas constipações.

A infusão de salva de Marajó usa-se no Pará em lavatorios contra as ophthalmias.

Banho anti-ophthalmico (*Castro*).

Decocto de salva de Marajó, dormideiras e flor de sabugueiro	500 gram.	Acetato de chumbo neutro	50 centig

Dissolva e filtre. Para banhar os olhos de hora em hora, nas conjunctivites.

SAMAMBAYA. Nome que se dá no Brasil a quasi todas as plantas da familia dos Fetos. V. *Avenca* e *Feto macho do Brasil.*

SAMBAIBA. *Curatella sambaiba,* St.-Hil. Dilleniaceas. Arvore do Brasil (Minas). Arvore pequena, tortuosa; folhas alternas, ellipticas, ovaes ou orbiculares; flores brancas; fructo, capsula eriçada de pellos asperos. A casca da arvore é adstringente; o cozimento d'esta casca emprega-se para lavar as ulceras, e sobretudo em medicina veterinaria.

SAMBAIBINHA (Minas), **Cipó de carijó** (Rio, Minas), **Cipó de caboclo** (S. Paulo). *Davilla brasiliana,* D. C. Dilleniaceas. Arbusto do Brasil. Caule trepante, folhas alternas, pecioladas, oblongas, algum tanto sinuosas, de sabor acerbo; flores de cheiro agradavel, um pouco agglomeradas, corolla amarellada; fructos capsulares, quasi globosos, de 2 linhas. O cozimento das *folhas* é adstringente, e emprega-se em banhos contra a inchação das pernas e do escroto. Dóse : 30 grammas (1 onça) por cada 500 grammas (1 libra) d'agua.

Ha mais outra especie, *Davilla elliptica,* St.-Hilaire.

SANAMUNDA, Caryophyllada maior, ou **Herva benta** (Benoite, herbe de Saint-Benoît, herbe bénite, ou racine giroflée, fr.). *Geum urbanum,* L. Dryadas. Planta da Flora portugueza. Tem 50 centimetros de altura; caule ramoso; folhas asperas, flores amarellas; raiz da grossura de uma penna de ganso, de cheiro de cravo, sabor styptico. *P. us. Raiz* e *toda a planta.* — Tonico, antispasmodico e adstringente.

Internamente. *Infusão :* 10 gram. (2 1/2 oit.) para 1000 gram. (32 onças) d'agua fervendo.

SANDALO CITRINO. (Santal citrin, fr.). Lenho do *Santalum album,* Roxburgh, arvore da familia das Santalaceas. Originario da India e das ilhas visinhas, encontra-se tambem na America meridional. No commercio apresenta-se em achas descascadas; com 50 centimetros a 1 metro de comprimento, e 10 centimetros de diametro; de côr amarella fulva, cheiro suave e sabor amargo. Fornece um oleo essencial de cheiro mui expansivo e tenaz, de côr amarella, mais pesado do que a agua, muito empregado na perfumaria. Ultimamente este oleo foi recommendado contra a blennorrhagia e catarrho vesical na dóse de 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) por dia. Passa para as ourinas da mesma fórma que a terebinthina e a copahiba. Póde ser administrado em capsulas.

O **sandalo branco** parece ser o lenho da mesma arvore mais nova; é menos aromatico.

SANDALO VERMELHO (Santal rouge, fr.). Lenho do *Pterocarpus indicus,* L., arvore da India. Leguminosas. É de côr

rubra de sangue, fibroso, resinoso, pouco odorifero, de sabor adstringente. Contém uma substancia corante rubra. Entra na composição de alguns pós dentifricios.

SANDARACA (Sandaraque, fr.). Resina que vem da Africa, onde mana do zimbro. *Juniperus communis*, ou da *Thuya articulata*, arvores coniferas. Pouco empregada em medicina, serve para fazer vernizes, e o pó emprega-se para dar corpo ao papel que foi raspado em consequencia das nodoas da tinta de escrever.

SANGUE-DRAGO (Sang-dragon, fr.). Substancia resinosa, da qual se encontrão muitas variedades no commercio, produzidas por diversas especies de vegetaes, que habitão nas regiões quentes do globo, e principalmente dos fructos da *Calamus draco*, Willd., palmeira que habita na Malaca (Indias orientaes); e da *Pterocarpus draco*, L., arvore da familia das Leguminosas, que habita nos arredores de Santa-Fé na America meridional. Apparece em massas ovaes, em cylindros alongados do comprimento de um pé, ou em pedaços informes; é duro, opaco, fragil, de côr vermelha-escura, quasi insipido. — Adstringente fraco; pouco empregado internamente; entra na composição de alguns pós dentifricios.

Internamente. 50 centigram. a 1 gram. (10 a 20 grãos) em pó ou pilulas.

Tintura (p. 122), 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava).

SANGUESUGA ou **Bicha** (Sangsue, fr.). Verme aquatico que vive n'agua doce, nos lagos, nas vallas, nos tanques e nos regatos. O seu corpo é alongado, molle, viscoso, como escorregadio; composto de 95 anneis, iguaes, muito distinctos, salientes para os lados. As sanguesugas medicinaes, quando se contrahem, tomão a figura de uma azeitona. Offerecem na região dorsal listras longitudinaes, parallelas, arruivadas, pontuadas de negro, contínuas ou interrompidas, algumas vezes reduzidas a simples pontos; o ventre é unicolor, ou manchado de negro, e orlado dos dois lados de listras da mesma côr, rectas ou flexuosas. O corpo é alongado, algum tanto deprimido, obtuso na extremidade posterior, estreitado gradualmente para diante. A extremidade anterior do animal apresenta uma ventosa um pouco concava, em fórma de bico de clarineta, cujo labio superior é quasi lanceolado. Dentro da bocca existem tres mandibulas guarnecidas de dentes mui pequenos; tem 10 olhos pouco apparentes, collocados sobre o labio superior. A extremidade posterior do corpo tem outra ventosa arredondada, terminada obliquamente. As sanguesugas nutrem-se do sangue dos animaes, de infusorios, de materias vegetaes. São hermaphroditas, mas a sua reproducção exige todavia a conjuncção de dois individuos. O orgão macho está situado no abdomen entre o 24° e o 25° annel, o orgão reproductor femeo está situado entre o 29° e 30° annel. São oviparas : o producto da concepção consiste em uma capsula ovoide, contendo numero variavel de ovulos (3 a 24). Os pequenos nascem ao cabo de 30 a 40 dias.

Ha mais de cincoenta especies de sanguesugas. A principal empregada em medicina está representada na fig. 278; tem o corpo ordinariamente cizento-esverdeado, marcado por cima com seis listras mais ou menos distinctas; margens esverdeadas, ventre cheio de malhas; comprimento de 8 a 20 centimetros, largura de 11 a 14 millimetros; apresenta grande numero de variedades. Ha sanguesugas que tem as listras dorsaes em zigzag, outras que tem seis fileiras de pontos no dorso em lugar de listras. A côr das listras, seus modos de interrupção, a fórma das malhas forão o pretexto de

uma quantidade de nomes, que não merecem attenção. O clima, as aguas, o terreno influem sobre estas differenças. Os paizes que fornecem as sanguesugas ao commercio são : Hungria, Turquia, França, Russia, Hespanha, Portugal, Argel, etc. O Brasil não é privado d'estes animaes; existem em muitos lugares, o sobretudo no norte da provincia da Bahia, de Pernambuco, no Rio de S. Francisco, nos arredores da cidade do Penedo, na lagoa da Sentinella (municipio do Rio de Janeiro), na provincia do Rio Grande do Sul, etc.

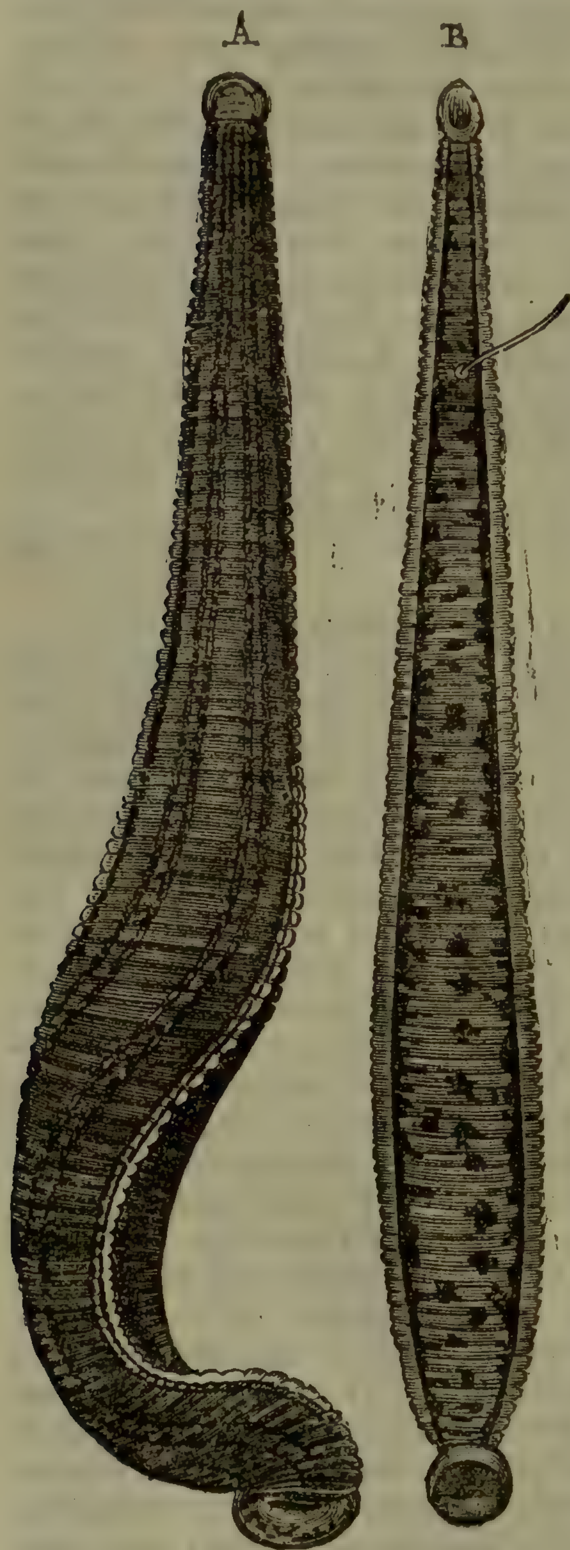


Fig. 278. — Sanguesuga medicinal. A, vista pelas costas; B, vista pelo ventre. A bocca está em cima, a extremidade anal em baixo.

Ha sanguesugas que não mordem porque não tem dentes, tal é a sanguesuga chamada *vulgar;* que não póde viver muito tempo fóra da agua.

Ha outra, chamada *sanguesuga de cavallo*, cujos dentes são pouco agudos; esta não póde atacar senão as membranas mucosas; introduz-se nas fossas nasaes e no pharynge dos cavallos, bois, camelos, e os atormenta cruelmente. A sanguesuga de cavallo, quando se retrahe, não tem a fórma da azeitona como a sanguesuga medicinal.

Uma sanguesuga de boa qualidade é muito elastica : póde-se triplicar o comprimento que toma na sua marcha ordinaria puxando-a pelas extremidades. Reconhece-se além d'isto pela rapidez dos movimentos e contracções. Quanto mais se ennovela, ou toma a fórma ovoide, tanto mais vigorosa é. Um indicio de boa qualidade é o adelgaçamento da parte anterior do corpo relativamente á parte posterior. Quanto á maneira de reconhecer as bichas bastardas ou outras de qualidade inferior, das que são boas, só pela longa pratica é que se póde chegar a distingui-las. Entretanto, examinadas ao microscopio as bastardas podem ser reconhecidas pela ausencia dos dentes.

Conservação das sanguesugas. Nas lojas dos barbeiros e nas outras casas onde ha poucas sanguesugas, conservão-se estas em vaso de vidro, contendo agua até aos dois terços da sua capacidade e 3 litros para 30 sanguesugas. Cobre-se o vaso com um panno ralo, e colloca-se em lugar fresco, ao abrigo dos raios do sol. Deve-se renovar a agua todos os dias ou de dois em dois dias, tomando as precauções seguintes : 1ª A agua deve ser de fonte, de rio ou

de chuva, e não de poço, que é em grande parte privada do ar necessario para a respiração das sanguesugas. 2ª Deve ser da mesma temperatura que aquella em que se achão as sanguesugas; póde ser um pouco mais elevada quando a temperatura é baixa; não deve ser mais fria. 3ª Despeja-se completamente o vaso, deitando o conteúdo sobre uma peneira de cabello; lava-se exactamente o vaso assim como o panno que o cobre. 4ª Separão-se das sanguesugas sãs as que estão mortas, e mesmo as que parecem doentes, o que se conhece pela inchação e pela mudança de côr das extremidades, ou por nodosidades separadas por intervallos mais extreitos. 5ª Enche-se o vaso d'agua nova o mettem-se n'ella com a mão as sanguesugas sãs; é melhor assim do que metter primeiro as sanguesugas no vaso, e deitar rigidamente a agua por cima, porque o choque da agua póde mata-las.

As sanguesugas mudão frequentemente de epiderme. Guardadas em caixas ou potes estão sujeitas a muitas molestias provenientes da accumulação de grande numero d'ellas n'uma pequena quantidade d'agua, da renovação insufficiente da agua ou da terra argilosa que as contém, da falta de asseio dos vasos, do transporte prolongado, em fim do contacto das que estão mortas ou doentes. Previnem-se as molestias e a mortalidade, seguindo o contrario das circumstancias desfavoraveis que deixei indicadas. É bom, n'este caso, ajuntar um pouco de carvão em pó á agua na qual se conservão as sanguesugas. Não convém conservar no mesmo vaso sanguesugas de tamanho differente.

Um bom meio de conservar as sanguesugas, para as pequenas provisões, consiste em introduzir uma esponja no vaso em que se guardão. Deve-se lavar todos os dias ou cada dois dias, e encher d'agua até aos dois terços. A esponja deve ser lavada ao mesmo tempo que o vaso, e reformada de vez em quando.

O commercio em grande conserva as sanguesugas em reservatorios de 12 a 15 metros de comprimento sobre 8 a 10 de largura, cujo fundo é formado por uma camada de terra argilosa gorda. A profundidade da agua é n'elles mantida a 60 centimetros. Uma corrente continua d'agua viva renova-a constantemente sem que produza grande agitação no reservatorio, porque quando a corrente d'agua é grande as sanguesugas emmagrecem em pouco tempo. Faz-se parar a corrente quando se quer estagnar a agua. O fundo e as margens d'estes reservatorios apresentão uma vegetação de hervas palustres, nas quaes as sanguesugas vem rojar.

Segundo as recentes experiencias, a addição de algumas gottas de uma fraca solução de acido salicylico em agua, previne a putrefacção da agua em que se achão as sanguesugas, e favorece a conservação d'estes annelidos. 30 gottas de solução de acido salicylico são sufficientes para conservar 100 sanguesugas em 1 litro d'agua; no fim de um mez a agua conserva-se ainda limpida.

A duração da vida das sanguesugas não é bem conhecida: suppõe-se ser de 6 a 7 annos.

Maneira de applicar as sanguesugas. Á excepção da planta dos pés e das palmas das mãos, as sanguesugas podem ser applicadas sobre toda a superficie do corpo. Todavia como suas cisuras deixão vestigios apparentes, cumpre, tanto quanto seja possivel, sobretudo nas mulheres, não applica-las sobre os lugares descobertos, como o rosto, o pescoço, a parte superior do peito, o antebraço, e as costas das mãos. Podem tambem applicar-se sobre algumas membranas mucosas facilmente accessiveis, como as gengivas, a vulva e o collo

do utero; mas é necessario usar de precauções para impedir estes animaes de se introduzirem nos orgãos. — O lugar em que se applicão as sanguesugas deve ser lavado com agua quente. Se esteve coberto de cataplasmas, lava-se igualmente com agua quente; se esteve coberto de embrocações oleosas ou de emplastos cheirosos, lava-se o lugar primeiro com sabão ou alcool, e depois com agua. Algumas pessoas aconselhão humedecer a pelle com agua assucarada, gema de ovo, ou leite; mas provou a experiencia que estes meios podem ser contrarios. Outras indicão esfregar a pelle com carne fresca e ainda provida do succo : mas o essencial é que a pelle e as sanguesugas estejão bem limpas. A melhor maneira de fazer pegar as sanguesugas, quando a superficie é extensa, consiste em applica-las juntas sobre o mesmo lugar, e cobri-las com panno de linho, cujas margens se segurão sobre a pelle com a mão. Quando o lugar é mais circumscripto, toma-se um copo de dimensão conveniente; põe-se por cima um panno secco em cuja cavidade se mettem as sanguesugas, e vira-se tudo sobre o lugar onde ellas devem pegar. Depois de pegarem, deixão-se em socego; é preciso tambem deixa-las cahir por si mesmas. Se todavia fôr preciso fazer parar a sucção, por exemplo, quando não ficar senão uma ou duas, que se oppõem aos cuidados subsequentes que exige o enfermo, deita-se-lhes sobre o corpo uma pitada de sal que as faz logo cahir. Depois de cahidas as bichas deixa-se correr o sangue, conforme fôr indicado. Mas se o doente não deve supportar nova perda de sangue, faz-se estancar este, applicando um panno de linho, que se comprime sobre as cisuras por meio da atadura. Se não bastar este meio para atalhar a hemorrhagia, applique-se um pouco de colophonia em pó ou de pedrahume calcinada, e pratique-se a compressão com o dedo por algum tempo; e finalmente, fazendo-se necessario, recorra-se á applicação da solução de perchlorureto de ferro, ou cauterizem-se as cisuras com pedra infernal.

Para obter a picada immediata da sanguesuga, aconselha-se applica-las n'um copo contendo um pouco d'agua fria. Depois de pegarem, levanta-se o copo com precaução, e para não molhar o doente, recebe-se a agua n'uma esponja.

Uma sanguesuga vigorosa tira, termo médio, cerca de 15 gram. (1/2 onça) de sangue, e o sangue que corre da ferida, depois de cahidas as bichas, póde ser avaliado como equivalente ao que ellas chupárão.

Acontecendo introduzir-se alguma bicha na bocca ou penetrar no pharynge, deve-se dar a beber abundantemente agua salgada, vinho ou agua com vinagre. Se vier a penetrar no estomago, será preciso, além d'isso, administrar um vomitorio. Se as bichas se introduzirem no recto ou na vagina, aproveitará contra ellas agua salgada em clyster ou em injecções.

Modo de desengorgitar as bichas do sangue que chupárão. As bichas podem tornar a servir, quando houve o cuidado de as desengorgitar do sangue. Para este fim mettem-se em agua salgada feita com 16 partes de sal de cozinha e 100 partes d'agua aquecida á 40 ou 45 gráos, em quanto deixarem sahir algum sangue. Então segurando a extremidade posterior da bicha com o dedo pollegar e o indice da mão esquerda, comprime-se a bicha da cauda para diante com o dedo pollegar e o indice da outra mão, de maneira que o sangue se dirija para o lado do orificio boccal. Lavão-se depois as bichas, e mettem-se em agua fresca, que se renova todos os dias. No fim de 8 a 10 dias já podem ser applicadas de novo.

Em vez d'agua salgada póde empregar-se a cinza. Logo que se despegarem as sanguesugas, deitão-se na cinza; o animal pouco tempo depois entra em contracções, e expulsa o sangue que tem ingerido. Tira-se a sanguesuga da cinza e espreme-se entre os dedos, da cauda para a bocca, para lhe tirar ainda algum sangue retido, lava-se logo em seguida em agua não muito fria, e deita-se em um vaso com agua.

Usos medicos. As bichas applicão-se com vantagem sobre o peito no pleuriz, atraz dos ouvidos nas congestões cerebraes, á roda dos olhos em algumas ophthalmias, e todas as vezes que fôr indicado o tratamento antiphlogistico pouco energico. Ha quarenta annos, quando reinava o systema da medicina *physiologica*, abusava-se muito d'este meio therapeutico; mas hoje, e com razão, usa-se das bichas menos frequentemente, e em menor quantidade do que se costumava fazer d'antes.

SANGUINARIA DO CANADÁ. (Saguinaire du Canada, fr.). *Sanguinaria Canadensis,* L. Papaveraceas. Planta da America septentrional, cuja raiz, da grossura de 1 dedo, é de côr rubra, e contém um succo côr de sangue, que tinge a saliva da mesma côr; tem sabor acre, ardente; e, estando secca e pulverizada, produz vomitos na dóse de 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos). Nos Estados-Unidos é usada como expectorante, diaphoretica e vomitiva; emprega-se no rheumatismo, crup, e muitas outras molestias.

Internamente. Raiz reduzida a pó, 5 a 30 centigram. (1 a 6 grãos) como diaphoretico; 50 a 100 centigram. (10 a 20 grãos) como emetico.

Infusão : 4 grammas (1 oitava) para 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo.

Tintura (Raiz de sanguinaria 1 p., alcool 6 p.), 8 a 12 gottas como diaphoretico, 30 a 60 gottas como emetico.

SANICULA. (Sanicle, fr.). *Sanicula europæa,* L. Umbelliferas. Planta amarga; habita nos mattos de Portugal e outras partes da Europa. Entra nas *especies vulnerarias.*

SANTONINA. V. *Semen-contra*, p. 727.

SAPÉ. *Anatherum bicorne*, Pal. Beauv. Planta da Flora brasileira, da familia das Gramineas. Caule de 2 a 3 pés de altura, herbaceo, folhas compridas, lanceoladas, lineares; flores dispostas em paniculas corymbosas; rhizoma, *vulgo* raiz, da grossura de uma penna de perú, nodoso, branco quando fresco, amarello quando secco, sabor adocicado. *P. us. Raiz.* Diuretico, póde substituir a grama da Europa.

Internamente. *Decocção :* Sapé 20 grammas (5 oitavas), agua q. s. para ter 1000 grammas (32 onças) de cozimento.

SAPONARIA. (Saponaire, fr.). *Saponaria officinalis,* L. Caryophylleas. Planta que, em Portugal, habita nas ribanceiras dos ribeiros, é frequente nas margens do Mondego perto de Coimbra, e outras partes na Beira, cultiva-se no Brasil. Fig. 279. Raiz da grossura de uma penna de ganso, cylindrica, articulada, coberta de casca rubicunda, parenchyma branco, firme; caule de 1 pé e mais, roliço, articulado; folhas ovaes, lanceoladas, glabras, trinervaes; flores côr de rosa desmaiada, em panicula terminal. As folhas tem sabor um pouco amargo e salgado; communicão á agua a propriedade de espumar, como a agua de sabão, o que valeo á planta o seu nome officinal e o mais vulgar de *saboeira.* Deve esta propriedade a uma substancia chamada *saponina* ou *struthina. P. us. Raiz* e *Folhas.* É tonica e diaphoretica : empregada nas molestias

rheumaticas, syphiliticas, dartrosas, ictericia, engurgitamentos das visceras abdominaes.

Internamente. *Infusão* : Raiz de saponaria 20 gram. (5 oit.), agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por duas horas, e côe.

Folhas de saponaria 10 grammas (2 1/2 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora e côe.

Extracto (p. 89), 5 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em pilulas.



Fig. 279. — Saponaria.

SAPONINA (Saponine, fr.). Principio immediato da ra de saponaria; extrahe-se igualmente da casca de *Quillaya smegm dermos,* D C., arvore do Chili, conhecida no commercio sob o nor de *Casca de Panama;* acha-se tambem na salsaparrilha, raiz China e polygala de Virginia. A saponina do commercio extrahe- da raiz de saponaria, tratando esta pelo alcool. É branca, pulver lenta, de sabor acre; soluvel em agua, que torna viscosa e espumo como a de sabão. O alcool saturado de saponina goza da propriedade dissolver as substancias resinosas e oleaginosas, e de formar c ellas, quando se deitão na agua, emulsões permanentes. Divi infinidamente as resinas, os alcatrões, os balsamos e grande nume de outras substancias insoluveis na agua e soluveis no alcool. absorpção da substancia medicamentosa sendo, nas emulsões, m perfeita e mais segura, graças á divisão extrema de suas particu com ellas, resulta que a sua efficacia é muito augmentada. Com sa nina compõem-se liquidos para limpar o cabello; a *agua roman agua atheniena.*

Tintura de saponina (Lebœuf). Casca de quillaya, 100; alcoo 90° cent., 500. Aqueça até á ebullição, e filtre. — 24 partes d'e tintura, misturadas e digeridas a b. m. durante 8 dias, com 10

de coaltar; depois, agitadas e filtradas, dão a tintura de coaltar saponinada de Lebœuf. 1 parte d'esta tintura saponinada misturada com 4 partes d'agua, dá a *emulsão-mãi* de Lebœuf, empregada para desinfecção das feridas.

SAPUCAIEIRA (Quatelé de la Guyane, marmite de singe, fr.). *Lecythis grandiflora,* Aublet. Lecythideas. Arvore da Flora brasileira; habita no Pará. O fructo (sapucaia) contém amendoas comestiveis, e muito estimadas. A casca da arvore, que é em fórma de estopa, e o ouriço do fructo empregão-se no Brasil; a casca em decocção, como tonica e diuretica na ictericia, hepatite, nas affecções chronicas das visceras abdominaes, e depois das febres intermittentes, com o fim de prevenir as reincidencias d'estas febres. Este cozimento prepara-se com 30 grammas (1 onça) da casca e 540 grammas (18 onças) d'agua, que se reduzem a 360 grammas (12 onças) pela decocção. A agua de maceração dos ouriços é efficaz, segundo o Sr. Dr. Castro, no tratamento das areias, albuminuria, e catarrho vesical; obtem-se fazendo demorar a agua commum dentro dos ouriços por seis, doze e mais horas; é tomada fria á vontade, como bebida ordinaria. Esta agua adquire uma côr semelhante á do vinho velho do Porto, e um gosto como o da agua encharcada. Os ouriços no fim de um mez, ou pouco mais, perdem a sua força medicatriz; é necessario então substitui-los por outros. Pertence á mesma familia das Lecythideas o **Castanheiro do Maranhão,** *Bertholletia excelsa,* Humb., chamado tambem **Castanheiro do Pará, Tucary, Juvia,** ou **Nhá.** As amendoas dos fructos são comestiveis. As amendoas tanto da sapucaieira como as do castanheiro do Maranhão são levadas para a Europa onde tem o nome de *castanhas do Maranhão.*

SARACURA. *Begonia hirtella,* Link. Begoniaceas. Planta do Brasil. Caule de 1 a 2 pés, liso, verde ou amarellado, cheio de um succo acido, folhas cordiformes, de sabor das azedas, flor pequena, branca-amarellada. *P. us. Toda a planta.* Temperante e adstringente, empregada contra as diarrheas chronicas.

Internamente. *Sumo espresso,* 30 a 60 gram. (1 a 2 onças). *Xarope,* 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

SARRACENIA PURPUREA. *Sarracenia purpurea,* L. Sarraceniaceas. Planta herbacea que habita nos lugares pantanosos da America do Norte, desde a bahia de Hudson até á Carolina do Norte. Planta sem caule; folhas do comprimento de 16 centimetros pouco mais ou menos, esverdeadas; limbo cordiforme, chanfrado na parte superior, coberto por cima de pellos brancos; flor grande, purpurea; rhizoma rasteiro. As folhas são de conformação singular. O seu peciolo é oco, forma uma especie de vaso oval, que se alonga em funil, terminando na parte superior por um largo orificio. Além d'isto o limbo que é muito pequeno em relação ao resto da folha, arredondando-se em fórma de coração, vem applicar-se como uma tampa que seria destinada a fechar a ascidia, a qual, tal como acaba de ser descripta, é uma verdadeira armadilha para os insectos, e encontra-se cheia de moscas mortas. As folhas e os rhizomas tem um cheiro particular, sabor amargo e adstringente. *P. us. Raiz* (rhizoma) e *folhas.*

A sarracenia purpurea é preconizada na America do Norte como antivariolica. O Dr. Morris assegura que é o remedio por excellencia para combater as bexigas; que a sua acção é tal que raras vezes ficão cicatrizes; que qualquer pessoa que traga comsigo a raiz da sarracenia póde impunemente habitar entre bexiguentos; que a sua

acção consiste em neutralizar o virus no sangue tornando-o inerte, o que é confirmado pelo facto de que se a vaccina ou o virus variolico foi inoculado com a infusão de sarracenia, fica privado das suas propriedades contagiosas. Porém, estas asserções não forão confirmadas por outros medicos.

Internamente. A sarracenia purpurea póde ser empregada sob a fórma de pó, cozimento, infusão, xarope ou tintura.

Cozimento de sarracenia (Morris).

Folhas ou rhizomas de sarracenia	4 gram.	Agua	600 gram.

Reduza a 300 grammas por meio de moderada ebullição, côe, e adoce com assucar. D. Um calix de 3 em 3 horas. Continua-se o uso do cozimento durante cinco ou seis dias. O seu effeito é augmentar a secreção da ourina, que, de vermelha e carregada que era no primeiro dia, torna-se limpida e mui abundante.

Infusão de sarracenia (Bentley).

Folhas ou rhizomas de sarracenia	8 gram.	Agua fervendo	300 gram.

Depois de 4 horas, côe. Duas colheres *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Tintura (Tichborne).

Rhizomas ou folhas de sarracenia	150 gram.	Alcool rectificado	75 gram.
		Agua	q. s.

Reduza a sarracenia a pó grosso, humedeça este pó com um pouco de agua, introduza-o no apparelho de deslocação, e continue a deitar agua em quanto passar materia extractiva; evapore a solução a b. m. até reduzir o liquido a cerca de 450 gram.; ajunte o alcool, depois de fria a solução, e q. s. d'agua para pesar 600 gram. D. 4 a 6 grammas (1 a 1 1/2 oitava) em poção.

Xarope de sarracenia.

Sarracenia	150 gram.	Agua	q. s.

Ferva para ter 700 grammas de decocto; ajunte 1400 grammas de assucar; e faça por cocção xarope que marque 30° fervendo. D. Uma colher *de sopa*, de 4 em 4 horas aos adultos; uma colher *de chá* ás crianças.

SASSAFRAZ (Sassafras, fr.). *Laurus sassafras*, L. Laurineas. Fig. 280. Bella arvore que forma mattos na Virginia, Carolina e Florida; acha-se igualmente no Brasil, na ilha de Santa Catharina. Folhas alternas, variando de fórma e tamanho; lisas e de côr verde-escura na face superior, mais pallida na face inferior; flores pequenas dispostas em ramalhetes; o fructo é uma pequena baga oval, azulada, sustida na base por um calice avermelhado em fórma de cupola. A raiz, que se acha no commercio em pedaços da grossura de um braço ou de uma côxa, é formada de um lenho amarellado, poroso, leve, de cheiro forte e agradavel; a casca é cinzenta pela parte de fóra, avermelhada pela parte de dentro, ainda mais aromatica do que o lenho. Contém em abundancia um oleo volatil, amarellado, mais pesado do que a agua. *P. us. Páo da raiz* ou *a sua casca.* O páo da raiz costuma empregar-se em rasuras, mas convem não prepara-las senão em pequena quantidade, porque n'este estado o sassafraz perde o cheiro.

Sudorifico activo, administra-se nas affecções syphiliticas, cutaneas, gotosas e rheumaticas. Emprega-se ordinariamente associado ao guaiaco e á salsaparrilha.

Internamente. *Infusão* : 10 gram. (2 1/2 oit.) para 1000 gram. (32 onças) d'agua fervendo.



Fig. 280. — Sassafraz.

SASSAFRAZ DO BRASIL. **Páo sassafraz.** *Nectandra cymbarum*, Nees. Laurineas. Arvore que habita na provincia do Amazonas. Tem 30 metros de altura, folhas oblongas, lanceoladas, base aguda, face superior luzidia, inferior pallida; fructo, baga um pouco carnosa, meio immersa em uma cupola. A casca da arvore é amarga e aromatica; emprega-se como tonico, em infusão que se prepara com 5 grammas (1 1/4 oitava) de casca e 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo. O lenho é duro, de cheiro agradavel, e empregado na construcção de conoas.

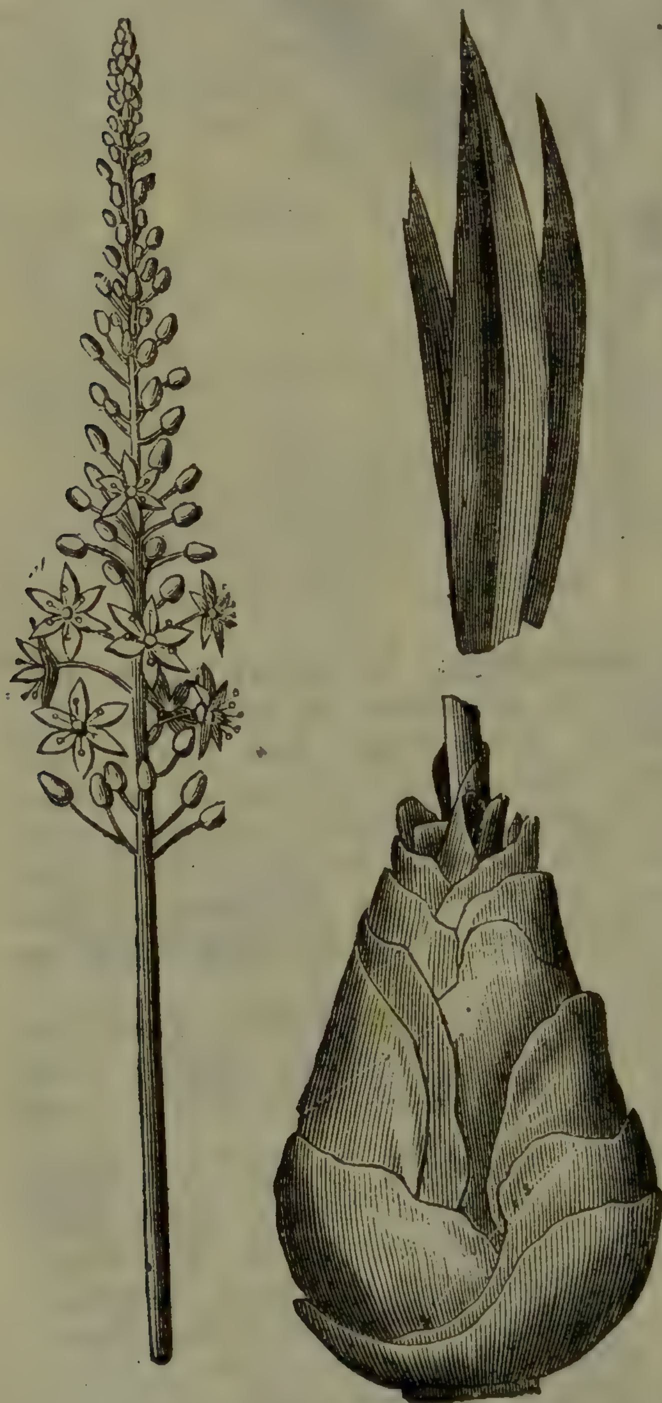
SAYÃO. *Kalanchoes Brasiliensis*, Camb. Phytolaceas. Planta do Brasil. Folhas espessas, ovaes, denteadas, de sabor amargo e um pouco acido; flor côr de laranja. *P. us. Folhas.* — As folhas d'esta planta servem no curativo de varias feridas.

SCILLA, Cebola albarrã ou **alvarrã** (Scille, fr.). *Scilla maritima*, L. Liliaceas. Planta da Europa que habita á beira-mar; tira-se sobretudo da Italia, Barbaria e Hespanha. Fig. 281. Haste comprida, guarnecida nos dois terços superiores de flores brancas, em fórma de espiga; as folhas, que apparecem depois das flores, são radicaes, ovaes, lanceoladas, grandes, carnosas, lisas, verdes-escuras; bolbo mui volumoso, do tamanho de uma cebola ordinaria, e ás vezes maior, cónico, coberto de escamas membranosas, brancas ou vermelhas por fóra, conforme a variedade da planta; as escamas do centro são brancas; succo viscoso, amargo e acre. *P. us. Escamas do bolbo.* Nas boticas são seccas e com a fórma oblonga, sub-transparentes e frageis, ou em tiras enrugadas, irregulares, attrahindo a humidade do ar, pardacentas; cheiro quasi nullo, sabor acre, amargo e nauseante.

Em alta dóse é um veneno narcotico; produz nauseas, colicas,

vomitos, dejecções alvinas, ourinas abundantes, lentidão do pulso, suores frios, prostração, convulsões e a morte. Em pequena dóse é um diuretico, empregado com bom exito nas hydropisias. Grandes vantagens se tem tirado do uso das preparações scilliticas no tratamento da tisica, bronchite, hydrothorax, asthma e das molestias do coração. Em alguns casos tem mostrado propriedades vermifugas.

Internamente. *Pó* (p. 115), 5 a 50 centigram. (1 a 10 grãos). Este pó attrahe facilmente a humidade.


Fig. 281. — Scilla.

Extracto (p. 92), 5 a 15 cent. (1 a 3 grãos) em pilulas.

Tintura (pag. 122), 4 a 20 grammas (1 a 5 oitavas) em poção.

Vinagre scillitico (p. 126), 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas) em poção.

Mel scillitico (p. 98), 15 a 60 gram. (1/2 a 2 onças) em poção.

Oxymel scillitico (p. 100), 15 a 60 gram. (1/2 a 2 onças) em poção.

Vinho scillitico (pag. 127), 30 a 60 gram. (1 a 2 onças).

Pós diureticos.

Scilla	10 centig.
Nitro	20 centig.
Canella	5 centig.

F. 1 papel, e como este mais 11. D. 2 a 3 papeis por dia.

Pilulas scilliticas (Parmentier).

Sabão medicinal	10 centig.
Gomma-ammoniaco	5 centig.
Nitro	5 centig.
Scilla	5 centig.
Xarope simples	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais 23. D. 2 a 6 por dia. Hydropisia.

Pilulas diureticas.

Scilla	5 centig.
Digital	5 centig.
Calomelanos	5 centig.
Extracto de zimbro	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais 11. D. 2 a 4 por dia.

Pilulas expectorantes.

Scilla	5 centig.	Extracto de meimendro	5 centig.
Myrrha	15 centig.	Xarope de gomma	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais 11. D. 2 a 6 por dia.

Poção diuretica (Guersant).

Cozimento de grama	100 gram.	Oxymel scillitico	40 gram.
Xarope de pontas de espargos	40 gram.	Nitro	50 centig.

M. Uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas.

Loock scillitico.

Loock branco	60 gram.	Mel scillitico	30 gram.

M. Ás colheres, como expectorante.

Poção contra o beriberi (Silva Lima).

Agua	150 gram.	Xarope de quina	30 gram.
Tintura de scilla	8 gram.	Ammoniaco liquido	12 gottas
Tintura de digital	2 gram.		

M. Duas colheres *de sopa*, em um calix d'agua, de 3 em 3 horas.

Poção scillitica (Cod. fr.).

Oxymel scillitico	15 gram.	Agua distl.ª de hortelã	30 gram.
Agua distil.ª de hysopo	100 gram.	Alcool nitrico	2 gram.

Cozimento de scilla composto.

Scilla	1 gram.	Agua	500 gram.
Bagas de zimbro	15 gram.	Xarope de assucar	50 gram.
Polygala de Virginia	10 gram.	Ether nitrico	2 gram.

Ferva as tres primeiras substancias em 500 grammas d'agua, até reduzir a 250 grammas, côe, e ajunte o xarope e o ether nitrico. D. Duas colheres *de sopa*, de 2 em 2 horas na albuminuria.

Vinho diuretico inglez.

Scilla	4 gram.	Canella	12 gram.
Rhuibarbo	4 gram.	Carbonato de potassa	8 gram.
Zimbro	4 gram.	Vinho branco	1000 gram.
Zedoaria	8 gram.		

Macere durante 24 horas, e filtre. D. 60 a 90 grammas (2 a 3 onças) por dia, na hydropisia.

Vinho diuretico (Trousseau).

Folhas seccas de digital	60 gram.		
Escamas de scilla	30 gram.		
Bagas de zimbro	300 gram.	Alcool a 90° cent.	500 gram.
Vinho branco contendo 9 a 10 p. 0/0 de alcool	4000 gram.	Acetato de potassa	200 gram.

Divida as folhás de digital, as escamas de scilla e as bagas de zimbro; macere-as durante 15 dias, em vaso tapado, no vinho misturado previamente com o alcool; mexa de vez em quando; esprema por panno. No liquido obtido dissolva o acetato de potassa e filtre. D. 2 a 4 colheres *de sopa* por dia, na hydropisia e albuminuria.

Vinho amargo scillitico, ou *Vinho diuretico amargo* (Cod. fr.).

Raiz de vincetoxico	15 gram.	Folhas de absinthio	30 gram.
— de angelica	15 gram.	— de melissa	30 gram.
Escamas de scilla	15 gram.	Bagas de zimbro	15 gram.
Quina Huanuca	60 gram.	Macis	15 gram.
Casca de limão	60 gram.	Alcool a 60° cent.	200 gram.
— de Winter	60 gram.	Vinho branco fraco	4000 gram.

Reduza a pó grosso as raizes, as cascas, as folhas e o macis; introduza tudo em matraz com o alcool e o vinho, macere durante dez dias, mexendo de vez em quando; côe com espressão, e filtre. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças). Empregando o vinho da Madeira, do Porto ou de Lisboa branco, deve-se excluir o alcool.

Clyster diuretico.

Scilla	1 gram.	Agua q. s. para ter	180 gram.
Digital	1 gram.	de decocto.	

Externam. *Tintura*, 15 a 30 gram (1/2 a 1 onça) em fricções.

Tintura diuretica.

Tintura de digital	60 gram.	Tintura de scilla	60 gram.

M. 15 a 30 gram. (1/2 a 1 onça) por dia em fricções no ventre.

Unguento diuretico.

Scilla em pó	2 gram.	Unguento napolitano	5 gram.

M. Em fricções nas coxas, na phlegmasia alba dolens.

Fomentação resolvente (Becker).

Alcool camphorado	30 gram.	Vinagre scillitico	15 gram.
Alcoolato de junipero	30 gram.		

M. Tumores sanguineos da cabeça nos recem-nascidos. D. Tres ou quatro applicações por dia.

SCORDIO. V. Escordio.

SEBIPIRA, ou **Sucopira.** *Bowdichia major,* Mart. Leguminosas. Arvore do Brasil. A casca tem gosto acerbo e adstringente, é reputada tonica e diaphoretica, e o cozimento é aconselhado em banhos contra as molestias de pelle. 1 kilog. (2 lib.) para um banho.

SEBUU-UVA. V. Sucuuba.

SEGURELHA DAS HORTAS (Sarriette, fr.). *Satureia hortensis,* L. Labiadas. Pequena planta, cultivada nas hortas de Portugal; de cheiro fragrante, sabor aromatico, calefaciente, um tanto amargo. As suas folhas empregão-se como tempero; e entrão na composição do alcoolato vulnerario.

SEMEN-CONTRA (Semen-contra, fr.). São assim chamadas as *flores não desenvolvidas*, os *calices* e as *sementes* da *Artemisia contra*, L. Planta que habita na Arabia e Persia, da familia das Synanthereas. Fig. 282. Distinguem-se no commercio duas especies: 1° *Semente de Alexandria.* São pequenas sementes globosas, esverdeadas ou avermelhadas, escamosas, levemente pubescentes ou glabras, misturadas com pedunculos floraes quebrados, com pedacinhos de ramos; de cheiro forte e nauseante; sabor quente, amargo e desagradavel; 2° *Semente da Barbaria.* Em fórma de pequenos globulos esbranquiçados ou amarellados; tambem compostos de flores não desenvolvidas, cobertos com pellos esbranquiçados; sabor e cheiro como os dos globulos precedentes: esta especie é menos estimada.

O semen-contra é anthelmintico muito efficaz contra as ascaridas e lombrigas. Emprega-se tal como é, ou extrahe-se d'elle uma substancia, chamada *santonina,* que adiante vai indicada. O semen-contra contém igualmente um oleo volatil, tambem efficaz contra as lombrigas; mas a *santonina* é preferivel, por não ter gosto algum.

Internamente. Semen-contra. *Pó* (p. 115), 1 a 8 grammas (20 grãos a 2 oitavas) misturado com mel de abelhas, doces ou n'uma chicara de leite, de manhã em jejum. Esta dóse deve ser repetida por dois ou tres dias seguidos.

Infusão em agua fervendo ou leite, 8 grammas (2 oitavas) para 180 grammas (6 onças) de liquido.

Xarope (p. 139). 30 a 90 grammas (1 a 3 onças).

Pós vermifugos.

Semen-contra	60 centig.	Raiz de jalapa	60 centig.
Raiz de valeriana	60 centig.		

M. Tomão-se de uma só vez.

Biscoutos vermifugos de semen-contra.

Semen-contra pulverizado	4 gram.	Essencia de limão	20 gottas
		Massa de biscoutos	q. s.

Para ter 20 biscoutos. Cada um contém 20 centigram. (4 grãos) de semen-contra. D. 1 biscouto pela manhã e outro á noite, para crianças.

Grageas de semen-contra.

Capitulos floraes inteiros cobertos de assucar. Estas grageas não se chupão; deitão-se n'uma colher d'agua e engolem-se inteiras. D. 3 a 4 grageas para uma criança de 4 annos.

Santonina. (Santonine, fr.). Substancia que se extrahe do semen-contra. É em laminas brilhantes, branca, sem sabor nem cheiro, volatil, soluvel na agua, no alcool e no ether. — Goza de propriedades vermifugas na dóse de 25 a 40 centigram. (5 a 8 grãos) para um adulto, 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) para uma criança. Administra-se debaixo da fórma de pós com assucar ou em pastilhas. Deve ser administrada com prudencia, e em pequena dóse. Se a dóse passa de 25 centig. (5 grãos) no adulto, sobrevem phenomenos bastante curiosos. Os doentes vêem á roda de si todos os objectos corados de verde ou amarello, durante muitas horas, como se tivessem oculos de côr; sobrevem dilatação das pupillas. Em forte dóse a santonina determina suores frios, grande abatimento, insensibilidade; ao mesmo tempo as ourinas adquirem côr amarella.

A santonina, por causa do seu pequeno volume e da sua quasi insipidez, é particularmente applicavel ás crianças.



Fig. 282. — *Artemisia*, contra vermes.

Pastilhas de santonina (Cod. fr.).

Assucar refinado	500 gram.
Santonina pulverizada	10 gram.
Carmim	25 centig.
Mucilagem de gomma alcatira	45 gram.

Faça pastilhas do peso de 50 centigrammas (10 grãos). Cada uma contém 1 centigramma (1/5 de grão) de santonina. D. 5 a 10 ás crianças.

Grageas de santonina (Garnier).

Santonina pura	5 gram.	Assucar	50 gram.

F. S. A. 200 grageas. Cada gragea contém 25 milligrammas (1/2 grão) de santonina. D. 4 a 8 por dia ás crianças.

SELINO PALUSTRE (Selin des marais, persil des marais, persil laiteux, encens d'eau, fr.). *Selinum palustre.* Umbelliferas. Planta que habita no norte da Europa, e nos prados pantanosos do norte da França. A raiz é carnosa, de côr roxa exteriormente, branca lactescente no interior, de cheiro forte e aromatico, de sabor acre e picante. Secca, conserva o cheiro e sabor; o pó é de côr amarella cinzenta. Esta raiz é aconselhada contra a epilepsia

Internamente. *Raiz em pó,* 1 gramma (20 grãos) tres vezes por dia. Durante a primeira semana, augmenta-se esta dóse de

1 gramma por dia; na 2ª semana de 2 grammas por dia; na 3ª semana de 3 grammas; e assim progressivamente, até que o doente chegue a tomar 18 grammas por dia. Continua-se esta ultima dóse durante seis semanas.

Para os meninos de 7 a 15 annos, reduz-se a dóse de um terço, e de dois terços na primeira infancia.

SENE (Séné, fr.). Foliolos e fructos chamados folliculos, dos arbustos da familia das Leguminosas, do genero *Cassia*, de que existem algumas variedades; as principaes são *Cassia obovata*, fig. 283, e *C. acutifolia*, fig. 284. Estes arbustos habitão no Alto-Egypto, Arabia e Syria. O *Cassia obovata* cultiva-se na Hespanha e Italia. O sene que se acha no commercio, e que se chama *Sene de Paltha*, é a mistura dos foliolos d'estas especies. Os que provém do *Cassia acutifolia*, e que são os mais estimados, são ovaes, agudos, lanceolados, de 8 a 15 linhas de comprimento, de côr amarellada por cima, e verde por baixo. Os do *C. obovata* são ovaes, mais largos no topo do que no pé, muito obtusos, do comprimento de 1 pollegada. Todos tem sabor amargo. Quanto aos folliculos, que ás vezes estão misturados com foliolos, mas que ordinariamente se achão separados, são largos, de côr escura, lisos, chatos; os folliculos do *C. obovata* são arqueados, os do *C. acutifolia* são mui pouco curvos; tem diversas divisões, e em cada uma d'ellas uma semente; são menos empregados do que os foliolos.



Fig. 283. — Sene (*Cassia obovata*). Fig. 284. — Sene (*Cassia acutifolia*).

O sene é um dos purgantes mais seguros e mais frequentemente empregados. Determina ás vezes colicas : previne-se este inconveniente, associando-lhe substancias aromaticas, como a canella, a

herva doce, o gengibre, ou outros purgantes menos energicos. O sene tem a vantagem de produzir o effeito purgativo quasi immediatamente depois da sua applicação. Dirige principalmente a sua acção sobre os intestinos delgados.

Internamente. *Pó* (p. 115), 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).

Infusão : Sene 15 grammas (1/2 onça), agua fervendo 180 gram. (6 onças). Infunda por meia hora, e côe. A decocção faz perder ao sene as suas propriedades, pelo que deve ser sempre administrado sob a fórma de infuso.

Extracto (p. 90), 2 a 6 gram. (1/2 oitava a oitava e 1/2).

Tintura (p. 123) 15 a 45 grammas (1/2 onça a onça e 1/2).

Electuario de sene ou *Electuario lenitivo.*

Sene	8 part.	Polpa de tamarindos	12 part.
Herva doce	4 part.	Xarope simples	q. b.
Polpa de ameixas	12 part.		

Laxante na dóse de 30 grammas (1 onça) e mais, pela bocca ou em clyster.

Vomitorio purgante de Leroy..

Vinho branco	2000 gram.	Sene	125 gram.

Infunda a frio, por tres dias, tendo o cuidado de agitar a mistura de quando em quando; côe e esprema para obter, quanto fôr possivel, a quantidade de vinho empregada. A cada 500 grammas (16 onças) do vinho assim preparado ajunte :

Tartaro emetico .... 4 grammas

Filtre o liquido. Cada 30 gram. (1 onça) contém 24 centigram. (5 grãos) de emetico. — D. 6 a 12 grammas (1 1/2 a 3 oitavas) para os adultos.

Os purgantes de Leroy estão indicados na p. 443.

Infusão de sene tartarizada ou *Agua laxativa Viennense,* ou *Purgante Viennense.*

Sene	12 gram.	Aniz estrellado em pó	2 gram.
Cremor de tartaro	4 gram.	Agua fervendo	180 gram.

Digira por 2 horas, côe e ajunte :

Manná.................................. 60 grammas

Dissolva a calor brando, e côe. Toma-se em duas dóses, com meia hora de intervallo.

Poção purgativa com café.

Sene	15 gram.	Agua fervendo	q. s.
Café torrado e pulv.	15 gram.		

Infunda, e côe de modo que tenha 125 gram. de liquido. Ajunte :

Sulfato de magnesia	15 gram.	Assucar	15 gram.

Para tomar de uma vez. Esta poção é tão efficaz como o *purgante Viennense,* e muito mais agradavel.

Tisana contra morbo.

Sene	32 gram.	Herva doce	4 gram.
Páo santo	32 gram.	Agua	q. s.
Salsaparrilha	32 gram.		

Para ter 660 grammas de cozimento; ajunte :

Sal amargo	32 gram.	Xarope simples	64 gram.

Uma chicara de meia em meia hora, como purgante.

Café purgativo.

Sene	10 gram.	Agua fervendo	125 gram.

Infunda e côe, e prepare com esta infusão uma chicara de café,

ao qual se ajunta leite e assucar. Este purgante convem principalmente ás crianças.

Soro de leite de Weiss (Cod. fr.).

Sene	2 gram.	Summidades de hypericão	1 gram.
Sulfato de magnesia	2 gram.	— de coalha-leite	1 gram.
Flores de sabugueiro	1 gram.	Soro de leite fervendo	500 gram.

Ponha de infusão por meia hora; côe e filtre. Ás chicaras no decurso do dia, como leve purgante, para diminuir ou supprimir a secreção do leite depois do parto.

Apozema purgativo.

Sene	16 gram.	Xarope de chicoria composto	60 gram.
Coentros	2 gram.		
Agua fervendo	500 gram.		

Infunda o sene e os coentros na agua, côe e ajunte o xarope.

Poção purgativa ou Medicina preta (Cod. fr.).

Folhas de sene	10 gram.	Manná em sortes	60 gram.
Sulfato de soda	15 gram.	Agua fervendo	120 gram.
Rhuibarbo	5 gram.		

Deite agua fervendo sobre o sene e o rhuibarbo; depois de meia hora de infusão côe com espressão. Ajunte o sulfato de soda e o manná; dissolva a fogo brando; côe, deixe depôr e decante. — Purgante energico; Toma-se de uma vez.

Robe ou *Xarope depurativo* (Devergie).

Bardana	1000 gram.	Sene	250 gram.
Labaça	1000 gram.	Mel de abelhas	5000 gram.
Saponaria	1000 gram.	Assucar	5000 gram.
Guaiaco	1000 gram.	Agua	15000 gram.

Ferva na agua a bardana, a labaça, a saponaria e o guaiaco até reduzir a 8000 grammas. Côe, esprema; infunda o sene; côe, esprema, ajunte o mel e o assucar. Faça xarope por cocção, marcando fervendo 1,27 (31 Baumé). Depurante, levemente laxativo. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Xarope de sene e manná (Pharm. Londinense).

Sene	75 gram.	Manná	100 gram.
Funcho	40 gram.	Assucar	500 gram.
Agua fervendo	q. s.		

Infunda o sene e o funcho em q. s. d'agua, para obter 300 gram. de infuso. Infunda até esfriar. Côe, esprema e ajunte o manná e o assucar. Dissolva a b. m.; côe. D. 30 a 90 grammas (1 a 3 onças). como leve laxante.

Bebida purgativa.

Sene	15 gram.	Agua	q. s.
Ameixas seccas	30 gram.		

Para ter 500 grammas de decocto; ajunte :

Mel de abelhas .... 60 grammas

Uma chicara de quarto em quarto de hora.

Clyster purgativo (Cod. fr.).

Foliolos de sene	15 gram.	Agua fervendo	500 gram.
Sulfato de soda	15 gram.		

Infunda o sene na agua fervendo por um quarto de hora; côe com espressão por panno de lã, e ajunte o sulfato de soda.

SERINGA. V. Borracha.

SERPÃO ou **Serpilho** (Serpolet, fr.). *Thymus serpillum*, L. Labiadas. Pequena planta aromatica, cultivada nos jardins. Folha

pequenas, flores purpurinas, cheiro agradavel. Emprega-se para banhos aromaticos, como estimulante.

SERPENTARIA DE VIRGINIA (Serpentaire de Virginie, fr.). *Aristolochia serpentaria,* Willdenow. Aristolochias. Planta que habita na Carolina e Virginia. Fig. 285. *P. us. Raiz.* Esta raiz é composta de um tronco commum delgado, de que partem numerosas fibrillas longas, entrelaçadas, ramosas, de côr fusca; cheiro aromatico, camphorado; sabor quente e amargo.

Excitante; emprega-se nas febres adynamicas. Associada á quina, administra-se nas febres intermittentes rebeldes, chloroses, affecções adynamicas, etc.

Internamente. *Infusão :* 20 gram. (5 oitavas) para 1000 gram. (32 onças) d'agua fervendo.

Poção anti-septica.

Infusão de serpentaria de Virginia	100 gram.
Extracto de quina	5 gram.
Tintura de quina	5 gram.
Acetato de ammoniaco	30 gram.
Agua de flor de laranj.ª	5 gram.
Xarope simples	30 gram.

M. Uma colher *de sopa,* de 2 em 2 horas, na febre typhoide.

SERRALHA. *Sonchus lævis,* Velloso. Chicoreaceas. Planta do Brasil. Comestivel, desobstruente e depurativa. Em cozimento, 15 grammas (1/2 onça) para 500 grammas (16 onças) d'agua.

SERRALHINHA. *Sonchus oleraceus minor.* Semiflosculosas. Planta annual do Brasil (Pará, Maranhão, etc.). *P. us. Toda a planta.* Aperiente, diuretica, empregada contra a hepatite, nephrite, etc., internamente em cozimento, na dóse de 30 grammas (1 onça) da planta para 24 grammas (libra e meia) d'agua. (Dr. Castro, do Pará).

SIBA, ou Chóco (Sèche, fr.). Mollusco frequente nas costas do Oceano e do Mediterraneo. Fig. 286. Attinge mais de 35 centimetros de comprimento; é do mesmo genero que a lula, porém maior do que ella. A bocca contém dois queixos corneos de côr preta, encurvados como o bico do papagaio (fig. 287 *a a'*), que se encontrão as vezes dentro das massas do ambar cinzento. Tem no interior e na região dorsal um corpo solido, denominado *osso de siba,* oval, chato, mas convexo nas duas faces. A face interna (fig. 287 *b'*) é formada de laminas esponjosas mui friaveis; a face externa (fig. 287 *b*) de folhas calca-



Fig. 285. — Serpentaria de Virginia.

reas maiores e mais duras. O osso de siba compõe-se de carbonato e vestigios de phosphato de cal. Reduzido a pó impalpavel, puro e sem mistura alguma, constitue o melhor dentifricio. Entra tambem na preparação de muitos pós dentifricios compostos.

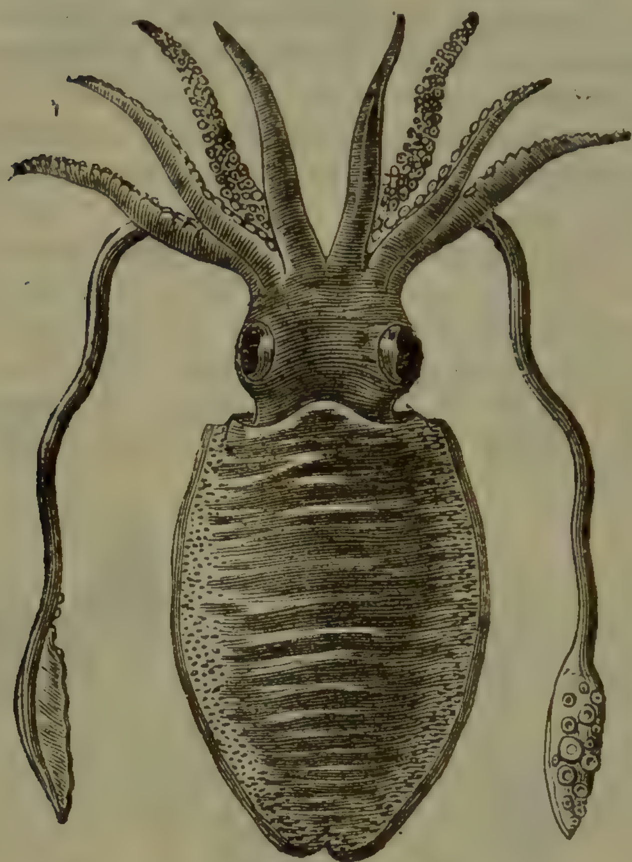


Fig. 286. — Siba.

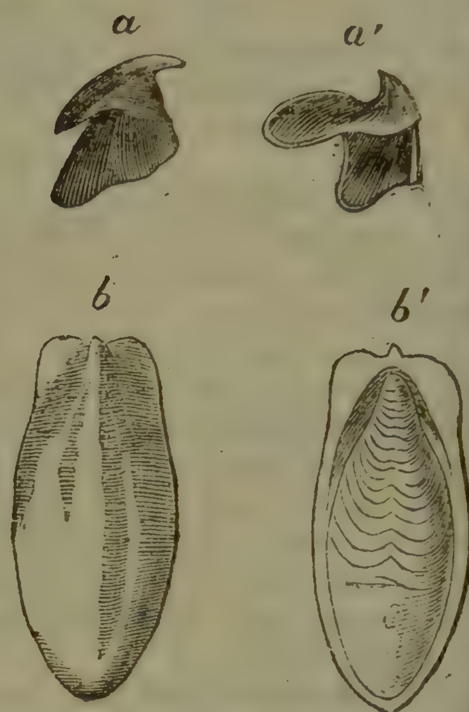


Fig. 287.

SILICATO DE POTASSA, Vidro liquido (Silicate de potasse, verre liquide, fr.). Producto liquido, de consistencia e côr do xarope de gomma, empregado para molhar as ataduras destinadas aos apparelhos inamoviveis das fracturas. Guarnece-se o membro com algodão em pasta, e enrola-se com a atadura ainda humida; esta endurece no fim de 5 a 6 horas; forma-se assim um apparelho rigido, cujas principaes vantagens são : a impermeabilidade, a solidez, e a facilidade com que se póde tirar por meio da agua a ferver. Empregão-se hoje com preferencia á dextrina e ao gesso,

Preparação. A solução de silicato de potassa destinada aos usos cirurgicos é incolor, viscosa; deve marcar 33 gráos Baumé, iguaes a 1,298 de densidade. Eis-aqui como se prepara. N'uma fornalha de reverbero, de fórma elliptica, aquecem-se até ao *rubro branco* durante quatro horas 630 kilogrammas de areia e 330 kilogrammas de carbonato de potassa. Obtem-se assim 845 kilogrammas de vidro transparente, incolor ou levemente amarellado. Para dissolver o vidro assim formado, introduz-se, reduzido a fragmentos, na agua, que se eleva a alta temperatura, n'um vaso de ferro. O silicato de potassa, empregado na cirurgia, não é pois outra cousa mais do que o *vidro liquido*, conhecido antigamente debaixo do nome de *licor de calháo.*

Todos os silicatos de potassa, do commercio, não apresentão as qualidades adhesivas necessarias para a boa confeição dos apparelhos das fracturas. É necessario, pois, antes de empregal-os, verificar as suas propriedades. Um meio simples consiste em dar muitas voltas á roda de um cylindro de páo, de cerca de 5 centi-

metros de diametro, com a atadura molhada no silicato de potassa; o que permittirá julgar do poder adhesivo do silicato e do tempo necessario para a sua deseccação.

SIMARUBA (Simarouba, fr.). *Simaruba officinalis*, D. C. Rutaceas-simarubeas. Arvore que habita no Pará e nas Antilhas. No Pará chamão-lhe vulgarmente *Marupá*. Fig. 288. Esta arvore tem 20 metros de alto, ás vezes mais, e o tronco mais de 8 decimetros de diametro. As raizes são mui grossas e estendem-se ao longe, perto da superficie da terra, que as deixa frequentemente meio descobertas. *P. us. Casca da raiz.* Nas boticas achão-se em tiras delgadas, leves, do comprimento de mais de 1 metro, de côr branca-acinzentada, inodoras, de sabor muito amargo, sem adstringencia.

Tonico energico, empregado nos fluxos serosos, hemorrhagias passivas, febres intermittentes, dysenterias, affecções verminosas e asthenicas. Sua acção é analoga á da quassia.

Internamente. *Maceração.* Simaruba 5 gram. (1 1/4 oitava), agua fria 1000 gram. (32 onças). Macere por quatro horas, e côe.

Poção de simaruba opiada (Lemarchand).

Macerato de simaruba 200 gram.
Laudano de Sydenham 10 gottas

M. Toma-se a metade pela manhã e a outra á noite, contra a dysenteria dos paizes quentes.

Ha outra especie no Pará, e Amazonas, **Marupá** ou **Marupámiri.** *Simaruba amara Paraensis.* É um arbusto pequeno. A casca da raiz goza das mesmas propriedades que a da *Simaruba officinalis.* O macerato em agua fria (casca 4 grammas, agua 500 grammas), aproveita contra a dysenteria. Foi empregada com vantagem pelo Sr. Dr. Castro na epidemia de dysenteria que grassou no Pará no principio de 1868.



Fig. 288. — Simaruba.

SORO DE LEITE (Petit-lait, fr.). Prepara-se da maneira seguinte. (Cod. fr.) Ferva 1000 gram. de leite de vacca, e ajuntelhe pouco a pouco q. s. da dissolução, feita com 1 parte de acido citrico e 8 partes d'agua; quando o coalho estiver bem formado, côe sem espressão; torne a levar o leite ao fogo com uma clara de ovo, previamente diluida e batida com algumas colheres d'agua fria. Ferva; deite um pouco d'agua, para abaixar a fervura, e filtre por papel previamente lavado em agua fervendo. — O soro de leite proveniente da coagulação espontanea do leite é turvo por conter um pouco de caseo em suspensão; é menos limpido do que o das boticas.

O soro de leite emprega-se como refrigerante e emolliente, sobretudo na irritação das vias digestivas e respiratorias, na dóse de 1 libra por dia, que se edulcora com xarope de capillé, groselha ou de limão. Existem na Allemanha e na Suissa estabelecimentos,

onde os doentes, affectados principalmente das molestias do peito, vão passar uma estação, para beber soro de leite e comer uvas, o que se chama *tratamento por soro de leite e uvas.* O soro de leite é igualmente empregado como depurativo nas molestias cutaneas. Em algumas pessoas opera como purgante.

SORVEIRA. *Collophora utilis,* Martius. Apocyneas. Arvore do Brasil (Pará, Rio Negro). O succo leitoso, que se extrahe d'esta arvore, é um anthelmintico na dóse de 8 a 12 grammas (2 a 3 oit.), misturado com oleo de ricino.

SQUINA. V. China.

STRYCHNINA (Strychnine, fr.). Alcali vegetal obtido da noz vomica. Acha-se em pó branco, inodoro, de sabor excessivamente amargo; insoluvel na agua, insoluvel no alcool fraco e no alcool anhydro, mas soluvel no alcool a 90°; pouco soluvel no ether.

A strychnina produz os mesmos effeitos que a noz vomica (V. *Noz vomica,* p. 625), mas a sua acção é seis vezes mais energica. É o principio activo da noz vomica, da fava de Santo Ignacio e do upas tieute. A strychnina é um dos mais violentos venenos : um só grão ingerido pela bocca bastaria para produzir a morte. Entretanto por fracções de grão tem-se administrado na amaurose, paralysia, impotencia, chorea, asthma, nevralgias. Deve-se ter muita cautela, no seu emprego. Prefere-se-lhe o sulfato de strychnina, por ser mais soluvel. — O contra-veneno da strychnina é o tannino e o iodo.

Internamente. 1 milligramma a 5 milligrammas, e progressivamente até 15 milligrammas por dia (1/50, 1/10 a 1/3 de grão), em pó, granulos ou pilulas.

Granulos de strychnina (Cod. fr.).

Strychnina	5 centig.	Gomma arabica pulv.	45 centig.
Assucar de leite pulv.	2 gram.	Xarope de mel	q. s.

Triture por muito tempo a strychnina em gral de porcelana com o assucar de leite, que ajuntará pouco a pouco, ajunte a gomma e faça com o xarope massa pilular bem homogenea. Divida esta massa em cincoenta (50) granulos que prateará. Cada granulo contém 1 milligr. (1/50 de grão) de strychnina. D. 1 a 5 granulos por dia.

Tintura de strychnina (Jeannel).

Strychnina	10 millig.	Alcool a 90° cent.	10 gram.

Dissolva e filtre. 1 gramma d'esta tintura contém 1 milligram. de strychnina. D. 1 a 5 grammas em poção, que se administra ás colheres.

Pilulas de strychnina.

Strychnina	1 millig.	Conserva de rosas	25 millig.

F. 1 pilula, e como esta mais nove. D. 1 a 5 pilulas por dia.

Externamente. Pelo methodo endermico. *Pó*, 5 milligram. a 5 centigrammas (1/10 a 1 grão) por dia, para polvilhar a ferida de um caustico, previamente applicado sobre o trajecto do nervo frontal, na amaurose; ou em algum ponto da columna vertebral, nas outras paralysias.

Collyrio de Henderson.

Strychnina	10 centig.	Agua distillada	32 gram.
Acido acetico diluido	4 gram.		

M. Contra a amaurose. Lavão-se os olhos com a quantidade equivalente a uma colher *de chá* d'este collyrio, 2 a 4 vezes por dia.

Linimento de strychnina (Furnari).

Azeite doce	60 gram.	Balsamo de Fioravanti	8 gram.
Ammoniaco liquido	4 gram.	Strychnina	15 centig.

M. Friccionão-se as fontes e a testa duas a tres vezes por dia, com a quantidade equivalente ás duas colheres *de chá* d'este linimento, por cada vez, na amaurose.

SULFATO DE STRYCHNINA (Sulfate de strychnine, fr.). Prismas rectangulares, de amargor excessivo, soluveis em menos de 10 partes d'agua fria. Possue as mesmas propriedades, e o mesmo perigo na sua administração que a strychnina.

Internamente. 1 a 2 milligram. (1/50 a 1/25 de grão). Observe os seus effeitos. A comichão na cabeça e as contracções passageiras dos musculos do pescoço e do queixo inferior precedem as contracções tetanicas, e indicão que se deve suspender a administração do medicamento.

Xarope de sulfato de strychnina (p. 139). 20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 5 milligrammas (1/10 de grão) de sulfato de strychnina. D. 4 grammas (1 oitava), uma, duas e cinco vezes por dia, conforme o effeito que o medicamento produz.

Pilulas de sulfato de strychnina.

Sulfato de strychnina	1 millig.	Conserva de rosas	25 millig.

F. 1 pilula. D. 1 a 2 por dia.

Externamente :

Solução de sulfato de strychnina.

Sulfato de strychnina	5 centig.	Agua distillada	10 gram.

Dissolva. Para injecções sub-cutaneas. Cada gram. ou 20 gottas d'esta solução representão 5 milligrammas de sulfato de strychnina. D. 5 a 20 gottas, e mais, segundo os symptomas. Observar os effeitos.

SUB-AZOTATO DE BISMUTHO ou **Sub-nitrato de bismutho** (Sous-azotate ou sous-nitrate de bismuth, fr.). Sal branco, insipido, inodoro, pouco soluvel em agua. Prepara-se dissolvendo o bismutho no acido azotico.

Propriedades e usos. Julgava-se que o sub-azotato de bismutho era um veneno, em alta dóse; e não se administrava senão na dóse de meia oitava até 2 oitavas quando muito. Mas o Dr. Monneret, em Pariz, provou por estudos clinicos continuados durante oito annos, que este medicamento póde prestar grandes serviços nas molestias, sendo administrado em alta dóse, e nunca produz incommodo algum quando é puro e bem preparado. Os accidentes que, ás vezes, acompanhavão a sua administração, erão devidos ou á sua combinação com o arsenico, ou á sua acidez, porque o nitrato acido é toxico. Em Portugal, os Srs. Drs. Barral e Simas provárão tambem a inocuidade da substancia, administrando-a em altas dóses, até 30 gram. (1 onça por dia). — O sub-nitrato de bismutho é classificado entre os medicamentos antispasmodicos e desinfectantes do apparelho digestivo; decompõe o acido sulfhydrico e os sulfhydratos alcalinos. Convem ás pessoas cujas digestões são laboriosas e acompanhadas de eructações; util na diarrhea, dysenteria, cholera-morbus, febre typhoide. É aconselhado tambem internamente na pyrose, gastralgia, nevralgia facial e vomitos espasmodicos.

Externamente emprega-se em *pó* como desinfectante das feridas; em *injecções*, suspenso em agua de rosas na leucorrhea; sob a fórma de *glycereo* nas conjunctivites, no intertrigo, etc.

Internamente. 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava), e progressi-

vamente até 30 grammas (1 onça) por dia, em pó, pilulas ou poção gommosa.

Pós antispasmodicos (Récamier).

Sub-azotato de bismutho 5 centíg.	Magnesia calcinada 30 centig.
	Assucar 30 centig.

F. 1 papel e como este mais 23. D. 6 papeis por dia.

Pilulas antigastralgicas (Jadioux).

Sub-azotato de bismutho 10 centig.	Extracto de valeriana 10 centig.

F. 1 pilula, e como esta mais 11. D. 1 a 2 pilulas por dia.

Pilulas contra a epilepsia (Vallerand).

Sub-azotato de bismutho 10 centig.	Extracto de quina 15 centig.
	Extracto de meimendro 5 centig.

F. 1 pilula. D. 2 por dia.

Pastilhas de sub-azotato de bismutho (Cod. fr.).

Sub-azotato de bismutho 100	Mucilagem de gomma alcatira 90
Assucar 900	

F. pastilhas do peso de 1 gramma (20 grãos). Cada pastilha contém 10 centigrammas (2 grãos) de sub-azotato de bismutho. Conserve-as n'um frasco tapado e collocado ao abrigo da luz. — D. 10 a 20 pastilhas por dia.

Creme de bismutho (Quesneville). Prepara-se diluindo em 3 partes d'agua 1 parte de sub-nitrato de bismutho *humido*, tal como se acha nos laboratorios chimicos, antes de seccar na estufa. Se se empregasse o sub-nitrato secco das pharmacias, não se poderia obter o mesmo resultado, porque então a diluição não seria tão perfeita. O creme de bismutho é de administração mais facil do que o pó secco. Usa-se principalmente contra a diarrhea. D. Uma a quatro colheres *de chá*, por dia, e mais, progressivamente.

Clyster de sub-azotato de bismutho (Monneret).

Sub-azotato de bismutho 20 gram.	Agua de gomma 60 gram.

M. Diarrhea, dysenteria.

Externamente. Em *pó*, sobre as feridas q. s. — Em *glycereo*, 1 a 3 p. para 3 p. de glycerina. — Em injecções, 1 p. para 6 p. d'agua simples ou d'agua de rosas.

Injecção de sub-azotato de bismutho (Caby).

Sub-azotato de bismutho 30 gram.	Agua de rosas 200 gram.

M. e mexa no momento de empregar. Leucorrhea.

Glycereo de sub-azotato de bismutho.

Sub-azotato de bismutho 1 gram.	Glycerina 10 gram.

Porphyrize durante uma hora o bismutho, e misture com a glycerina. Em collyrio, contra as conjunctivites chronicas.

O *glycereo*, recommendado contra o intertrigo, consiste na mistura de p. ig. de glycerina e de sub-azotato de bismutho.

SUB-CARBONATO DE AMMONIACO. V. p. 267.
SUB-CARBONATO DE CHUMBO. V. p. 347.
SUB-CARBONATO DE FERRO. V. p. 465.
SUB-CARBONATO DE MAGNESIA. V. p. 582.
SUB-CARBONATO DE POTASSA. V. p. 347.
SUB-CARBONATO DE SODA. V. p. 348.
SUBLIMADO CORROSIVO. V. p. 605.

SUCCINO. V. AMBAR AMARELLO. V. p. 260.
SUCOPIRA. V. SEBIPIRA.
SUCUUBA. ou **Sebuu-uva**. *Plumeria phagedenica*, Martius. Apocyneas. Arbusto do Brasil (Rio Negro). Seu succo leitoso emprega-se internamente contra os vermes intestinaes, na dóse de 2 a 4 gram. (1/2 a 1 oitava). Passa por venenosa em dóse mais elevada. Externamente aproveita nas ulceras atonicas e nas verrugas.
SUÇUÁIA. V. HERVA COLLEGIO.
SULFATO DE ALUMINA (Sulfate d'alumine, fr.). Tem a fórma de laminas esbranquiçadas, brilhantes e flexiveis, de sabor acerbo, styptico, soluvel em um peso d'agua menor do que o seu, deliquescente.

Preparação do sulfato de alumina. Misture a alumina em gelea com o acido sulfurico diluido em duas vezes o seu peso d'agua, e ferva. A quantidade de acido sulfurico deve ser tal que dissolva quasi toda a alumina. O liquido filtrado e evaporado até á consistencia de xarope, deita-se n'uma garrafa que se tapa. No fim de 24 horas formão-se crystaes.

Para preparar a alumina deita-se um excesso de ammoniaco n'uma dissolução de pedra-hume (sulfato d'alumina e potassa). A pedra-hume decompõe-se, e a alumina precipita-se. Cumpre lava-la muitas vezes, para dissolver os sulfatos de ammoniaco e potassa.

O sulfato de alumina emprega-se para a conservação dos cadaveres segundo o *methodo de Gannal*. Consiste este methodo em injectar, pela arteria carotida esquerda, uma dissolução de sulfato de alumina. V. *Embalsamento* nas RECEITAS DIVERSAS.

Externamente :

Solução aluminosa benzoinada (Mentel).

Sulfato de alumina	1000 gram.	Hydrato de alumina em gelea	q. s.
Agua	2000 gram.	Benjoim amygdaloide	100 gram.

Disolva o sulfato na agua, sature-o com hydrato de alumina recentemente preparado; até este cessar de dissolver-se; ajunte o benjoim, aqueça por 6 horas á temperatura de 60° a 80° cent., vascolejando de vez em quando. Gradue a evaporação da agua de maneira tal que o soluto filtrado tenha a densidade de 1,26. Deixe assentar o liquido durante alguns dias, á temperatura mais fria possivel. — Hemostatico e desinfectante, util no curativo das ulceras de máo caracter. Em *injecções*, nas leucorrheas, na dóse de 8 a 20 grammas (2 a 5 oitavas) para 500 grammas (16 onças) d'agua. Nas esquinencias applica-se na garganta com pincel.
SULFATO DE ALUMINA E POTASSA. V. p. 257.
SULFATO DE ATROPINA. V. p. 293.
SULFATO DE CADMIO (Sulfate de cadmium, fr.). Crystaes em prismas rectangulares, incolores, mui soluveis em agua, deliquescentes. — Adstringente. A solução de sulfato de cadmio emprega-se externamente nas ophthalmias chronicas e otorrheas. Como collyrio 5 centigrammas (1 grão) para 30 grammas (1 onça) d'agua. Para injecção na otorrhea 20 a 40 centigrammas (4 a 8 grãos) em 30 grammas (1 onça) d'agua.

Collyrio contra as belidas da cornea (Ansiaux).

Sulfato de cadmio	5 centig.	Mucilagem de gomma arabica	8 gram.
Laudano de Sydenham	8 gram.		

Molhar um pincel n'este collyrio, e applica-lo sobre a belida, tres vezes por dia. A dóse do sulfato de cadmio póde ser levada a 10 centigrammas, para a mesma quantidade do vehiculo.

SULFATO DE COBRE, Pedra lipes, Vitriolo azul ou **Caparrosa azul** (Sulfate de cuivre, vitriol bleu, couperose bleue, fr.). Sal solido, de côr azul-escura, transparente, crystallizado em prismas de 4 a 8 faces, de cheiro particular, sabor styptico, soluvel em 4 p. d'agua fria, e em 2 p. d'agua a ferver.

Tomado em grande dóse é um veneno. Em pequena dóse produz vomitos e é aconselhado no crup, na epilepsia, nas febres intermittentes rebeldes, e mesmo no primeiro periodo da tisica pulmonar. Porém, as mais das vezes usa-se externamente como caustico e catheretico, para cauterizar as ulceras fungosas, os cancros venereos atonicos, as aphtas, etc. É um caustico superficial; não actua sobre a pelle revestida de epiderme. Dissolvido em agua serve como styptico nas hemorrhagias externas, leucorrheas, blennorrhagias e ophthalmias chronicas. Em algumas ophthalmias chronicas, é util tocar a margem ciliar das palpebras com lapis de sulfato de cobre.

Substancias incompativeis. Os alcalis e seus carbonatos, o borax, o acetato de chumbo, e todas as infusões adstringentes.

Internamente. 1 centigramma (1/5 de grão) por dia, dóse que se augmenta progressivamente, como tonico e estimulante; 5 a 20 centigrammas (1 a 4 grãos) dissolvidos em 180 gram. (6 onças) d'agua como vomitivo.

Pós contra o crup (Beringuier).

Sulfato de cobre	10 centig.	Assucar em pó	30 centig.

F. 1 papel, e como este mais outro. Administra-se um papel dissolvido n'uma colher de agua morna. Se os vomitos não começarem, cinco minutos depois administra-se o segundo papel.

Poção contra o crup (Godefroy).

Sulfato de cobre	10 centig.	Xarope de flor de laranjeira	25 gram.
Agua de tilia	100 gram.		

Uma colher *de sopa*, de 10 em 10 minutos, até effeito vomitivo.

Externamente. *Dissolução :* Em injecções e lavatorios 4 gram. (1 oitava) de sulfato de cobre para 360 gram. (12 onças) d'agua.

Pedra divina (Cod. fr.).

Sulfato de cobre	100 gram.	Alumen	100 gram.
Nitrato de potassa	100 gram.	Camphora	5 gram.

Pulverizados os saes, derretão-se em vaso de barro, não vidrado; ajunte-se depois a camphora, e vase-se a massa sobre pedra fria untada com azeite; depois de arrefecer guarda-se em vaso bem tapado. Adstringente, catheretico; empregado em collyrios.

Collyrio com pedra divina (Cod. fr.).

Pedra divina	40 centig.	Agua distillada	100 gram.

Dissolva e filtre. Ophthalmias chronicas.

Collyrio contra as ophthalmias chronicas (Sichel).

Sulfato de cobre	5 centig.	Laudano de Sydenham	6 gottas
Agua distillada	10 gram.		

Pomada de sulfato de cobre (Desmarres).

Sulfato de cobre	5 centig.	Camphora	10 centig.
Banha	2 gram.		

Porphyrize longamente o sulfato de cobre e a camphora, ajuntando uma gotta de azeite doce, e depois misture exactamente com a banha. Applica-se sobre a margem ciliar das palpebras, de noite um pouco d'esta pomada do tamanho de um grão de trigo, na ophthalmias chronicas.

Glycereo de sulfato de cobre (Graefe).

ılfato de cobre	20 centig.	Glycereo de amido	10 gram.

M. Conjunctivite.

Licor de Villate.

ıb-acetato de chumbo liquido	30 gram.	Sulfato de zinco	15 gram.
ılfato de cobre	15 gram.	Vinagre branco	200 gram.

F. S. A. — Caustico leve; empregado com vantagem contra a rie e fistulas consecutivas aos abcessos frios.

SULFATO DE COBRE AMMONIACAL (Sulfate de ıivre ammoniacal, fr.). Sal de côr azul, de sabor metallico e styp-ɔo, de cheiro de ammoniaco, soluvel em agua. — Aconselhado contra epilepsia, chorea, hysterismo, em pequena dóse; em grande dóse um veneno. Raras vezes se emprega.

Internamente. 25 milligram. a 25 centigr. (1/2 a 5 grãos), ı pilulas, raras vezes em solução.

Pilulas contra a epilepsia (Biett).

ılfato de cobre ammoniacal	15 millig.	Extracto de valeriana	5 centig.

F. 1 pilula, e como esta mais 23. D. 1 a 4 pilulas por dia.

Externamente. *Solução* em lavatorios, injecções e collyrios.

Agua celeste ou *Collyrio azulado.*

ılfato de cobre	5 centig.	Ammoniaco liquido	2 gottas
·ua distillada	30 gram.		

Contra às manchas da cornea.

SULFATO DE FERRO. V. p. 472.

SULFATO DE MAGNESIA. V. p. 585.

SULFATO DE MORPHINA. V. p. 643.

SULFATO DE POTASSA, Sal de duobus ou **Sal poly-resto de Glaser** (Sulfate de potasse, sel de duobus, sel poly-este de Glaser, fr.). Solido, branco, crystallizado em prismas de ou 8 faces, inodoro, de sabor levemente amargo; soluvel em partes d'agua fria, e em 4 partes d'agua fervendo.

Este sal é um purgante na dóse de 8 a 16 grammas (2 a 4 oit.), considerado por algumas pessoas como antileitoso e proprio ·a prevenir os accidentes que seguem ás vezes o parto. Mas esta ·priedade não lhe pertence exclusivamente, pois que qualquer ro sal purgativo, como o sulfato de magnesia ou de soda, póde encher a mesma indicação. Alguns casos acontecidos em França ·vão, pelo contrario, que o sulfato de potassa tem causado acci-ıtes graves, e mesmo a morte. Existe com effeito no commercio sal contendo os sulfatos de zinco, de cobre, e até o sublimado rosivo. Estas alterações dependem do modo vicioso da preparação sulfato de potassa. Os pharmaceuticos que não preparão nas suas ·inas este sal, devem antes de servir-se d'elle examina-lo e puri--lo; e os medicos farião ainda melhor, se em lugar do sulfato potassa receitassem o sulfato de soda ou de magnesia, que não ·sionão accidentes e servem para os mesmos casos. A solução de ·ato de potassa puro não deve ter acção alguma sobre o papel turnesol nem sobre o xarope de violas; não deve dar precipi-ɔ pelo ammoniaco, pelo hydrosulfato de ammoniaco nem pelo ·lo gallico.

SULFATO DE QUININA (Sulfate de quinine, fr.). Sal que ·ılta da combinação do acido sulfurico com a quinina, um dos ·ıcipios activos da quina. É crystallizado em agulhas finas; branco,

flexivel, inodoro, muito amargo, soluvel em 740 partes d'agua fria, em 30 partes d'agua fervento, e em 60 partes d'alcool absoluto; é soluvel na glycerina, no succo de limão e no vinagre; é quasi insoluvel no ether. A addição de pequena quantidade de acido sulfurico, augmenta muito a solubilidade do sulfato de quinina; o acido tartrico, na proporção de 1 a 3, torna o sulfato de quinina soluvel.

Para prepara-lo, reduzem-se a pó 1000 grammas de quina calisaya; faz-se ferver este pó com 20 grammas de acido chlorhydrico e 4000 d'agua, decanta-se, e submette-se o residuo a dois tratamentos semelhantes. Reunem-se os decoctos em vaso estreito, ajuntão-se 100 grammas de cal diluida em 600 d'agua; lava-se o deposito por decantação, põe-se a esgotar, comprime-se e faz-se seccar na estufa; trata-se depois cinco a seis vezes pelo alcool a 85° cent. fervendo. Reunem-se todos os liquidos alcoolicos, e distillão-se a b. m. O residuo d'esta distillação é a *quinina bruta* cujo peso é quasi de 53 para 1000 de quina empregada. Ferve-se este producto com 1000 grammas d'agua distillada, ajunta-se q. s. de acido sulfurico para dissolver a quinina, e lanção-se no liquido 30 grammas de carvão animal. Passados dois minutos de ebullição filtrão-se os liquidos, e pelo esfriamento o sulfato crystalliza-se em massa. Purifica-se ainda com carvão animal, e faz-se seccar na estufa.

Propriedades e usos. O sulfato de quinina é um excellente febrifugo e antiperiodico; a sua acção antifebril é muito mais prompta e mais segura do que a da casca de quina. Quando se administra póde saber-se com exactidão a dóse de substancia activa que o doente toma; e esta circumstancia é tanto mais preciosa quanto é sabido que as quinas do commercio varião excessivamente quanto ás suas propriedades antifebrís. Ha com effeito quinas que contém muita quinina, outras pouca, e ha cascas (quinas falsas) que não contém quinina alguma. Mas, como tonico, só a casca de quina deve ser empregada. O sulfato de quinina emprega-se não sómente nas febres intermittentes simples e perniciosas, mas nas enxaquecas periodicas, e em todas as affecções que apparecem em periodos certos. É tambem indicado no tratamento do rheumatismo articular agudo, na dóse de 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) por dia, nas febres typhoides perniciosas, na cholera e febre amarella. Em alguns casos o sulfato de quinina produz dôres de cabeça e surdez; mas estes phenomenos são passageiros; combatem-se com uma chicara de café e 10 gottas d'ether sulfurico tomadas n'um pouco d'agua com assucar. Em dóse muito elevada (120 grãos) póde perturbar a vista e mesmo occasionar a morte. Logo que appareção zunidos cumpre cessar a administração do sulfato de quinina; este symptoma mostra o principio do excesso d'acção, ou a *saturação.*

Nas mulheres, o sulfato de quinina faz contrahir o utero; em dóse elevada póde produzir o aborto. A acção abortiva do sulfato de quinina, *administrado em alta dóse,* já sustentada por alguns antigos medicos, contestada por outros, foi ultimamente verificada por tres insignes medicos do Rio de Janeiro, os Srs. Drs. Hilario de Gouvea, Felicio dos Santos, e Moncorvo. (V. *Revista medica do Rio de Janeiro,* 1874.) Portanto, em face de factos observados, e apezar da contraversia, é prudente não administrar o sulfato de quinina na mulher gravida senão em dóses moderadas e successivas, 10 a 15 centigrammas por cada vez.

Internamente. A dóse do sulfato de quinina é mui variavel

), 60 centigrammas até 1 e 2 gram. (2, 12, 20 a 40 grãos), em a 4 fracções durante a apyrexia; em pó, pilulas ou poção. A dóse 5 grammas (100 grãos) já é elevada. A fórma pilular com a conrva de rosas é uma das fórmas mais convenientes para a sua lministração. Quando se administra o sulfato de quinina na agua mpre ajuntar-lhe algumas gottas de acido sulfurico ou de agua Rabel, para torna-lo soluvel, pois, sem esta precaução, parte elle precipita-se. Para dissolver 20 centigrammas (4 grãos) de ılfato de quinina é preciso ajuntar quasi 4 gottas de agua de Rabel, 1 gotta de acido sulfurico concentrado. Mas é melhor empregar acido sulfurico diluido em 10 partes d'agua. Quando o medico ceita o sulfato de quinina n'uma poção sem designar que se crescentem algumas gottas de acido sulfurico diluido, póde o ıarmaceutico fazer esta addição, e em q. s. para obter a dissoção do sulfato. — Sabe-se quanto é difficil administrar o sulfato quinina ás crianças. O modo de tirar o amargor d'este medicaento consiste em diluir o sulfato de quinina em duas ou tres olheres de infusão de café, a que se póde ajuntar leite e assucar. óde-se ainda encobrir o gosto do sulfato de quinina, administando-o em chá da India. Aos adultos póde-se dar em hostia.

Xarope de sulfato de quinina. (p. 139), 30 grammas (1 onça) ntém 15 centigrammas (3 grãos) de sulfato. D. 30 a 60 grammas a 2 onças) ás crianças por dia.

Pós de sulfato de quinina.

ılfato de quinina	15 centig.	Assucar	30 centig.

F. 1 papel, e como este mais 8. D. 1 papel tres vezes por dia, s febres intermittentes, durante a apyrexia, em doce, hostia, fé ou chá da India.

Pilulas de sulfato de quinina (Cod. fr.).

ılfato de quinina	1 gram.	Mel de abelhas	q. s.

Misture o sulfato com pequena quantidade de mel sobre o marore, com faca de marfim; faça massa homogenea, e divida esta em pilulas, que pratreará. Cada pilula contém 10 centigrammas grãos) de sulfato. D. 3 a 6 pilulas por dia.

Pilulas dé sulfato de quinina opiadas.

ılfato de quinina	15 centig.	Conserva de rosas	q. s.
tracto de opio	5 millig.		

F. 1 pilula, e como esta mais 8. Tomão-se 3 pilulas por dia.

Pilulas antigotosas (Becquerel).

ılfato de quinina	15 centig.	Sementes de colchico	5 centig.
tracto de digital	20 millig.		

F. 1 pilula, e como esta mais 8. D. 1 a 3 por dia na gota e eumatismo.

Mistura de sulfato de quinina tartarizado (Righini).

ılfato de quinina	60 centig.	Agua distillada	60 gram.
cido tartarico	1 gram.	Xarope de hortelã	30 gram.

Para tomar em duas ou tres dóses, durante a apyrexia.

Poção de sulfato de quinina.

ılfato de quinina	60 gram.	Xarope simples	15 gram.
gua de canella	75 gram.	Acido sulfurico diluido	5 gottas

M. Toma-se em tres dóses durante a apyrexia.

Poção febrifuga de Levacher.

Sulfato de quinina	2 gram.	Extracto de opio	25 millig.
Agua	100 gram.	Agua de flor de laranjeira	60 gram.
Acido sulfurico para dissolver o sulfato	q. s.	Tintura de digital	20 gottas
Ether sulfurico	4 gram.	Xarope simples	30 gram.

F. S. A. Uma colher *de sopa* de duas em duas horas, durante a apyrexia. Deve-se mexer antes de usar-se d'ella.

Clyster de sulfato de quinina.

Sulfato de quinina	60 centig.	Acido sulfurico alcoolizado	4 a 5 gottas
Agua morna	180 gram.		

Externamente. Em fricções sobre a columna vertebral, ou na parte interna dos braços e das coxas 30 a 60 centigrammas (6 a 12 grãos) e mais, dissolvidos no succo de limão azedo, na glycerina ou na agua acidulada com acido sulfurico, duas a quatro vezes por dia, durante a apyrexia.

O sulfato de quinina póde tambem ser administrado em injecções sub-cutaneas por meio da seringa de Pravaz. Recorre-se a ellas quando a febre é acompanhada de vomitos. Este methodo apresenta algumas vantagens; exige, porém, a intervenção manual do medico duas e mais vezes por dia, e não póde substituir a ingestão pela bocca, modo muito mais simples, mais expeditivo, e que dá em geral garantias sufficientes. As injecções sub-cutaneas de sulfato de quinina apresentão, além d'isso, alguns obstaculos e alguns inconvenientes : por exemplo, é difficil introduzir debaixo da pelle uma dóse consideravel da solução de sulfato, sem provocar irritação mais ou menos viva do tecido cellular; d'onde póde resultar inflammação e mesmo suppuração. Pelo que não se deve recorrer ás injecções sub-cutaneas do sulfato de quinina, senão quando não se póde administrar este medicamento de outro modo.

Solução de sulfato de quinina para injecções sub-cutaneas (Gubler).

Sulfato de quinina	1 gram.	Acido sulfurico diluido	4 gottas
Agua distillada	11 gram.		

Tres grammas, cerca de 60 gottas d'este liquido, contém exactamente 25 centigrammas, de sulfato, isto é, o valor de uma dóse na medicação interna. Não se deve injectar maior dóse, de uma vez para não occasionar inflammação local. As injecções fazem-se no braço ou antebraço. — Febres perniciosas, ou febres remittentes acompanhadas de vomitos.

Pomada febrifuga (Boudin).

Sulfato de quinina	4 gram.	Banha	15 gram.

Dissolva o sulfato em algumas gottas de acido sulfurico alcoolizado, e incorpore na banha.

Em fricções na parte interna das coxas. Fazem-se 3 fricções por dia, e para cada fricção emprega-se tanto quanto possa conter uma colher *de chá.*

Glycereo de sulfato de quinina.

Sulfato de quinina	1 gram.	Glycerina	40 gram.

Em fricções. Uma colher *de sopa* para cada fricção, que se pratica duas ou tres vezes por dia. É um bom modo de empregar o sulfato em fricções. O mesmo glycereo póde tambem administrar-se internamente, em poção.

Fricção febrifuga.

inagre aromatico	60 gram.	Sulfato de quinina	4 gram.
intura de quina	60 gram.		

M. Fazem-se tres fricções por dia, sobre o espinhaço, parte terna das coxas e pernas, durante a apyrexia, e para cada fricção upregа-se uma colher *de sopa* d'este liquido. Cada colher *de sopa* ie pesa 20 gram. (5 oitavas) contém 65 centigrammas (13 grãos) sulfato.

Pomada contra a quéda do cabello (Reveil).

itano de boi	24 gram.	Rhum	10 gram.
eo de amendoas	8 gram.	Tannino	1 gram.
ılfato de quinina	2 gram	Essencia de rosas	3 gottas

SULFATO DE SODA ou **Sal de Glauber** (Sulfate de ude, sel de Glauber, fr.). Sal solido, branco, crystallizado em ismas hexaedros, compridos, ou em crystaes que se parecem com do sulfato de magnesia, inodoro, de sabor amargo, fresco e saldo; soluvel em 2 partes d'agua fria, é mui soluvel n'agua a ° cent.; menos soluvel abaixo e acima d'esta temperatura. — Purnte brando, cuja acção é mui constante e pouco irritante. Empregana nas molestias febrís, ictericia, molestias cutaneas. Em dóse mui quena é um diuretico.

Internamente. Como purgante, 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) ssolvidos em 360 grammas (12 onças) d'agua. Como diuretico 2 a grammas (1/2 a 1 oitava) em 720 grammas (24 onças) de liquido.

Sal de Guindre.

lfato de soda	24 gram.	Emetico	3 centig.
otato de potassa	60 centig.		

Toma-se esta dóse por uma vez, de manhã em jejum, n'uma chia d'agua fria.

Sal de Cheltenham. Sal de Glauber, sal d'Epsom, sal de cozinha, p. ig. D. 60 grammas (2 onças) como purgante.

Tisana real (Cod. fr.).

fato de soda	15 gram.	Salsa hortense	15 gram.
ie	15 gram.	Limão cortado nº	1
va doce	5 gram.	Agua fria	1000 gram.
ntros	5 gram.		

Macere por uma hora, côe com espressão, e filtre. Ás chicaras io purgante.

Bebida emeto-cathartica.

etico	10 centig.	Agua	500 gram.
fato de soda	30 gram.		

Dissolva. Uma chicara de quarto em quarto de hora.

Tisana purgativa (Bomtempo).

z de grama	30 gram.	Sal de Glauber	24 gram.
mor de tartaro soluvel	25 gram.	Agua	q. s.
pa de tamarindos	60 gram.		

Ferva a grama em q. s. d'agua para ter 720 grammas (24 onças) decocto. Dissolva n'elle o cremor de tartaro, a polpa de tamalos e o sal de Glauber; filtre. — D. Uma chicara de meia em a hora.

Clyster purgativo.

fato de soda	30 gram.	Agua quente	180 gram.

SULFATO DE ZINCO, Caparrosa branca, Vitriolo inco (Sulfate de zinc, couperose blanche, vitriol blanc, fr.).

Crystaes prismaticos mais ou menos volumosos, brancos; inodoros quando não estão pulverizados, cheiro picante quando reduzidos a pó; sabor acre styptico, soluveis em 2 1/2 vezes o seu peso d'agua fria. O commercio apresenta-o ás vezes em massas. — Administrado internamente, em alta dóse, é um emetico violento, recommendado outr'ora nos envenenamentos, mas hoje sem uso n'estes casos. Em dóses pequenas foi aconselhado como adstringente e antispasmodico: mas emprega-se quasi exclusivamente para uso externo, contra as ophthalmias, blennorrhagias e leucorrheas. Nos estabelecimentos de banhos, desinfectão-se os banhos sulfurosos, que servírão e que se devem despejar, deitando 90 grammas (3 onças) de sulfato de zinco na banheira. Forma-se sulfureto de zinco que é inodoro.

Substancias incompativeis. O tannino, e o cozimento de vegetaes adstringentes que contém tannino, os alcalis, os saes de chumbo, de baryta, etc.

Internamente. Como adstringente e antispasmodico, 5 a 20 centigram. (1 a 4 grãos) por dia, em pó, pilulas ou dissolução. Como emetico, 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos). Hoje não se usa.

Externamente. Em collyrios, 5 a 25 centigram. (1 a 5 grãos) e mais para 30 gram. (1 onça) de liquido. Em injecções 50 centigram. a 1 gramma (10 a 20 grãos) para 200 grammas (7 onças) de liquido nas blennorrhagias e leucorrheas.

Collyrio com sulfato de zinco (Cod. fr.).

Sulfato de zinco	15 centig.	Agua distillada de rosas	100 gram.

Dissolva e filtre. Ophthalmias chronicas.

Collyrio de Janin.

Sulfato de zinco	25 centig.	Mucilagem de sementes de marmelo	15 gram.
Agua de tanchagem	120 gram.		

M. e mexa sempre que emprega-lo. Ophthalmias chronicas.

Collyrio adstringente (Hosp. de Guy de Londres).

Sulfato de zinco	50 centig.	Alcool camphorado	15 gram.
Agua distillada	120 gram.		

M. e filtre. Ophthalmias chronicas.

Collyrio contra a ophthalmia purulenta (Clot-Bey).

Agua distillada	30 gram.	Alumen	50 centig.
Sulfato de zinco	50 centig.		

Deitão-se algumas gottas d'elle entre as palpebras, com a rama de uma penna, duas ou tres vezes por dia.

Injecção adstringente.

Sulfato de zinco	1 gram.	Agua distillada	250 gram.

M. Fazem-se duas injecções por dia, na blennorrhagia.

Mistura para lavatorios (Biett).

Sulfato de zinco	2 gram.	Mucilagem de sementes de marmelo	30 gram.
Acetato do chumbo	2 gram.		
Agua de rosas	200 gram.		

M. Usa-se contra as empigens do rosto.

Pomada contra a tinha (Bories).

Sulfato de zinco	30 gram.	Banha	150 gram.
Fuligem	60 gram.		

F. S. A. Duas fricções por dia, com 8 gram. (2 oit.) da pomada.

Pomada antipsorica (Jaser).

Sulfato de zinco	1 gram.	Banha	15 gram.
Enxofre sublimado	1 gram.		

SULFITO SULFURETADO DE SODA. V. Hyposulfito de soda.

SULFOVINATO DE SODA (Sulfovinate de soude, fr.). Novo purgante, proposto em 1873. É um sal que resulta da combinação de acido sulfovinico com a soda. O acido sulfovinico obtem-se ajuntando com precaução o alcool ao acido sulfurico, de maneira que a mistura não se torne quente.

O sulfovinato de soda é um sal branco, crystallizado em laminas hexagonaes, de gosto fresco, deixando sabor adocicado; soluvel na agua, no alcool fraco e na glycerina; pouco soluvel no alcool concentrado e no ether; attrahe a humidade do ar, e não póde ser conservado senão em frascos bem tapados. É purgativo na dóse de 20 a 30 gram. (4 a 8 oitavas) para os adultos. Foi aconselhado para ser administrado n'um copo d'agua com assucar, n'agua com xarope de framboesas, ou em agua gazosa.

Logo que este sal foi indicado, alguns medicos de Pariz quizerão ensaia-lo na sua pratica, e os pharmaceuticos começárão a prepara-lo. Mas em pouco tempo reconhecerão-se-lhe os inconvenientes seguintes :

1° O sulfovinato de soda é um sal mui hygrometrico, e conserva-se difficilmente; 2° A sua preparação é de preço mais elevado de que a dos outros saes purgativos; 3° Ao contacto da agua, e sobretudo na temperatura um pouco elevada, transforma-se rapidamente em alcool e em bi-sulfato de soda; este ultimo sal produz sobre a economia o effeito da mistura de sulfato de soda e de acido sulfurico, o que quer dizer que é um veneno. Por todos estes motivos, o sulfovinato de soda foi rejeitado da materia medica.

SULFURETO DE ANTIMONIO. V. p. 277.

SULFURETO DE CALCIO (Sulfure de calcium, fr.). Existem varias combinações de enxofre com o calcio. As principaes são conhecidas debaixo do nome de *sulfureto de cal* ou *figado de enxofre calcareo*, secco ou liquido.

O *sulfureto de cal secco* apresenta-se em pedaços amarellos-avermelhados, porosos e friaveis, pouco soluveis na agua; deve ser conservado em frascos cuidadosamente tapados. Reduzido a pó, é empregado contra a sarna, debaixo do nome de *pó de Pyhorel*. Diluem-se 2 grammas de sulfureto de cal n'um pouco de azeite, e fazem-se fricções com a mão de manhã e de noite.

O *sulfureto de cal liquido* obtem-se com cal viva, enxofre e agua ; deve marcar 20° no areometro. Póde ser empregado em fricções contra as molestias cutaneas.

Existe tambem um *sulfureto sulfurado de calcio*, que se emprega como depilatorio. Obtem-se fazendo passar uma corrente de gaz hydrogeneo sulfureo no leite de cal; apresenta-se sob a fórma de uma gelea verde azulada. Basta applicar uma camada d'esta massa sobre a pelle coberta de cabello, para que, tirando a massa, dois ou tres minutos depois, se ache a pelle sub-jacente desembaraçada do cabello, sem que a epiderme seja excoriada e sem que a pessoa tenha sentido a menor dôr. V. o artigo *Depilatorio* nas *Receitas diversas*.

SULFURETO DE CARBONE, Carbureto de enxofre, Alcool de enxofre, Licor de Lampadius (Sulfure de carbone, carbure de soufre, alcool de soufre, liqueur de Lampadius, fr.). Liquido incolor, muito inflammavel, de sabor acre, cheiro fetido, mui volatil; insoluvel em agua; soluvel no alcool, no ether, os oleos fixos e volateis. Dissolve o iodo, o enxofre, o phosphoro,

os corpos gordos, a camphora, as resinas, a gutta-percha e o caoutchouc. Prepara-se fazendo cahir o enxofre em bocados sobre o carvão levado ao rubro, e recolhendo os vapores em recipiente esfriado para os condensar.

Propriedades e usos. Esta substancia foi aconselhada na Allemanha contra a gota e rheumatismo chronico; goza tambem de propriedades emmenagogas. Mas é medicamento muito perigoso. Inhalado produz a anesthesia como o chloroformio. É empregado na industria, e principalmente para dissolver o caoutchouc : os operarios expostos a estes vapores são sujeitos a serem acommettidos de uma paralysia especial e accidentes diversos. Usa-se tambem nas officinas pharmaceuticas como dissolvente. Sob o nome de *carburina* emprega-se na economia domestica para tirar as nodoas de gordura.

Internamente. 3 gottas, duas vezes por dia, em assucar, ou dissolvidas em alcool, e depois misturadas com o cozimento de aveia.

Externamente. Friccionão-se as partes doridas nas affecções rheumaticas e gotosas, com a mistura de 4 grammas (1 oitava) de sulfureto de carbone e 30 gram. (1 onça) de oleo de amendoas doces.

SULFURETO DE MERCURIO. V. p. 610.

SULFURETO DE POTASSIO, Trisulfureto de potassio ou figado de enxofre (Sulfure de potassium, foie de soufre, fr.). É secco ou liquido. O *sulfureto de potassio secco* é solido, duro, fragil, de côr roxa-esverdeada quando é recentemente preparado, cinzento quando antigo; de sabor acre, caustico e amargo; inodoro quando secco, mas estando exposto ao ar attrahe facilmente a humidade, e desenvolve então um cheiro mui fetido. O *sulfureto de potassio liquido*, que é a dissolução do sulfureto secco em agua, e que marca 30° Baumé, é de côr escura.

É aconselhado internamente contra as tosses chronicas, coqueluche, dartros rebeldes, gota, rheumatismos chronicos, etc. Em alta dóse é um veneno violento. Externamente é efficaz no tratamento da tinha e dos dartros, nos engurgitamentos dos ganglios lymphaticos, das affecções escrophulosas, syphiliticas e reumaticas, etc.

Internamente. Sulfureto secco 30 centigrammas a 1 gramma (6 a 20 grãos) com mel de abelhas ou em pilulas.

Pilulas de sulfureto de potassio (Dr. Paris).

Sulfureto de potassio secco	5 centig.	Sabão medicinal	10 centig.
		Balsamo peruviano	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais 15. D. 1 pilula de quatro em quatro horas, nas molestias cutaneas. Logo depois de tomar a pilula, o doente deve beber meia chicara de infusão de bagas de zimbro.

Externamente. Em banhos, 60 a 120 grammas (2 a 4 onças) de sulfureto secco, 150 a 300 grammas (5 a 10 onças) de sulfureto liquido para um banho. Em lavatorios, 30 grammas (1 onça) para 180 grammas (6 onças) d'agua.

Banho sulfuroso (Cod. fr.).

Sulfureto de potassio secco .... 100 grammas.

Dissolva e deite em banheira de páo que tenha sufficiente agua para um banho geral. Contra a sarna e outras molestias cutaneas. Cinco a dez banhos; cada um de meia hora.

Para desinfectar a agua do banho, antes de a despejar, deitão-se, na agua que servio, 100 grammas de sulfato de ferro, ou 100 grammas de sulfato do zinco em pó.

Banho sulfuroso liquido (Cod. fr.).

Sulfureto de potassio secco 100 gram.	Agua 200 gram.

Dissolva e filtre. Deite esta solução n'uma garrafa de fórma particular, para evitar algum engano. Esta porção é para um banho.

Lavatorio antipsorico (Biett).

Sulfureto de potassio 4 gram.	Agua distillada 250 gram.
Sabão branco 8 gram.	

M. Contra a sarna e o prurigo.

Lavatorio de Barlow.

Sulfureto de potassio 8 gram.	Alcool 8 gram.
Sabão branco 10 gram.	Agua de cal 200 gram.

Triture em almofariz de porcelana as tres primeiras substancias, e ajunte, no fim, a agua de cal. — Contra o prurigo.

Lavatorio contra a acne (Hardy).

Agua 500 gram.	Tintura de benjoim 10 gram.
Sulfureto de potassio 10 gram.	

Uma colher *de sopa* d'este lavatorio n'um copo d'agua, para lavar, de manhã e de noite os lugares cobertos de pustulas de acne.

Glycereo antiherpetico.

Sulfureto de potassio 1 gram.	Glycereo de amido 30 gram.

M. Em uncções no eczema, lichen, etc.

Pomada hydro-sulfurosa (De Breyne).

Sulfureto de potassio 15 gram.	Banha 150 gram.
Agua 15 gram.	Essencia de tomilho 1 gram.

Dissolva o sulfureto na agua, e incorpore as outras substancias. Em uncções, nas affecções cutaneas.

Pomada sulfurea.

Sulfureto de potassio 10 gram.	Banha benzoinada 10 gram.
Sabão molle 10 gram.	

M. Em uncções contra as molestias de pelle.

Pomada contra a tinha.

Sulfureto de potassio 12 gram.	Banha 100 gram.
Sub-carbonato de soda 12 gram.	

SULFURETO DE SODIO ou **Monosulfureto de sodio crystallizado** (Sulfure ou monosulfure de sodium, fr.). Crystaes sem côr, mui soluveis em agua, deliquescentes. Deve ser conservado em frascos tapados hermeticamente.

Goza das mesmas propriedades que o sulfureto de potassio, porém, é menos activo. Serve para a preparação das aguas mineraes e dos banhos sulfurosos. V. p. 184. Misturado com a cal emprega-se como epilatorio.

Internamente. *Xarope* (p. 139), 30 grammas (1 onça) por dia.

SUMARÉ. V. Rabo de tatú.

SUMBUL (Sumbul ou racine musquée, fr.). Raiz de uma planta que habita na Asia central, d'onde é trazida para a Russia; parece provir de uma Umbellifera vizinha da *Angelica*. Tem 5 a 10 centimetros de grossura; cheiro almiscarado. Em França, entra nas preparações de perfumaria. Na Russia, foi empregada contra a cholera.

Internamente. *Pó :* 10 centigram. a 1 gram. (2 a 20 grãos). *Infusão :* 8 grammas (2 oitavas) para 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo.

Tintura : 15 a 30 gottas em poção.
Extracto : 25 a 50 centigrammas (5 a 10 grãos) em pilulas.

TABACO, Fumo, Nicociana ou **Herva santa** (Tabac, nicociane, fr.). *Nicotiana tabacum*, L. Solanaceas. Planta originaria da America meridional, cultivada em muitos paizes das regiões quentes e temperadas do globo. Fig 289. Caule ramoso, viscoso, avelludado, da altura de 2 a 4 pés; folhas ovaes, alternas, sesseis, mui grandes, pubescentes; flores de um branco-amarellado, algum tanto esverdeadas, com limbo côr de rosa, cheiro viroso, sabor amargo e acre. ***P. us.*** *Folhas.* Ha ainda outras especies de *nicotiana*, são : *N. rustica, paniculata, auriculata, suaveolens, persica, quadrivalvis, repanda.* Com as folhas d'esta ultima se fazem, na ilha de Cuba, os afamados charutos de Havana.



Fig. 289. — Tabaco.

O emprego das folhas de tabaco *para fumar* ou como *rapé* tornou-se, desde muito tempo, uma necessidade quasi para todos os povos. Para este uso as folhas soffrem, depois da sua colheita, diversas preparações. Molhão-se com agua salgada, e deixão-se fermentar. Em certos casos, em vez d'agua salgada emprega-se, para humedece-las, a dissolução de melaço ou a aguardente.

As folhas de tabaco são irritantes e sobretudo narcoticas. O uso

medico d'esta planta está hoje muito mais limitado do que era antigamente. Em quantidade elevada o tabaco é um veneno narcotico-acre. Raras vezes se administra internamente, por ser um medicamento perigoso; foi entretanto aconselhado no tratamento da asthma, hydropisia, dos catarrhos chronicos, coqueluche, paralysia da bexiga, epilepsia, tetano, etc. Na asphyxia, administrão-se os clysteres de decocção de tabaco, para abalar todo o systema nervoso. Estes clysteres empregão-se tambem nas hernias estranguladas; mas com muita cautela, porque o Dr. Astley Cooper refere casos de morte pela administração de clysteres feitos com infusão de folhas de tabaco. Em fricções as folhas frescas de tabaco são aconselhadas contra a sarna e tinha. — Os effeitos que se manifestão nas pessoas que pela primeira vez fumão o tabaco são : languidez, entorpecimento, peso na cabeça, vertigem, pallidez de rosto, frequentes desejos de ourinar, calefrios, suores na testa, vomitos. Estes symptomas podem augmentar até ao ponto de produzir desmaio, modorra e a morte. O envenenamento pelo tabaco combate-se com vinho, chá de canella e bebidas alcoolicas. O uso moderado do rapé é util ás pessoas estudiosas, cuja imaginação acha-se fatigada pelas congestões sanguineas do cerebro. As pessoas que comem muito, que usão habitualmente de licores alcoolicos, dão-se bem com o uso moderado do charuto.

Internamente. *Infusão :* 2 grammas (40 grãos) em q. s. d'agua para ter 250 grammas (8 onças) de liquido.

Infusão de tabaco (Fowler).

Folhas de tabaco	8 gram.	Agua fervendo	120 gram.

Ponha de infusão a banho-maria, côe e ajunte :

Alcool .... 30 centigram.

D. 20 a 40 gottas por dia, e mais, progressivamente. Asthma, hydropisia do peito.

Clyster de tabaco.

Folhas seccas de tabaco	2 gram.	Agua	q. s.

Para ter 250 grammas de decocto. Empregado no tetano, e para facilitar a reducção da hernia estrangulada. Seria perigosa maior dóse de tabaco.

Clyster de tabaco composto.

Folhas seccas de tabaco........................ 2 gram.

Agua sufficiente para ter 250 grammas de decocto, ajunte :

Emetico.................................. 30 centigram.

Como estimulante na asphyxia, e apoplexia.

Externamente. *Decocção :* 60 grammas (2 onças) para obter 720 grammas (24 onças) de liquido.

NICOTINA. Alcaloide particular que existe nas folhas de tabaco, ao qual estas devem as suas propriedades. Obtem-se distillando as folhas da planta com agua tendo em dissolução potassa caustica. É um liquido oleaginoso, quasi incolor, volatil, de cheiro e de sabor de tabaco, excessivamente fortes. A sua proporção nas folhas varía de 3 a 10 por cento. Veneno violento; mata instantaneamente em uma pequena dóse. A sua acção é analoga á do acido prussico.

TACAMAHACA. V. RESINA TACAMAHACA.

TAJUJÁ. V. TAYUYÁ.

TALCO (Talc de Venise, craie de Briançon, fr.). Producto mineral branco, madrepolado, unctuoso. É um silicato de magnesia. Os pós de talco entrão na composição dos arrebiques, de alguns opiatos e pós dentifricios. Os sapateiros servem-se d'elles para facilitar o

calçar-se as botas, d'onde vem o nome de *sabão dos sapateiros* que se dá ás vezes ao talco.

TAMARA (Datte, fr.). Fructo da tamareira, *Phœnix dactylifera*, L., arvore da familia das Palmeiras, que habita na Africa, Portugal, Hespanha, Italia, Brasil, etc. Fig. 290. *P. us. Fructo.*



Fig. 290. — Tamareira.

Fructo *recente :* drupa oblonga, da grossura do dedo pollegar, co[m] o parenchyma molle, doce, quasi louro; *secco :* cónico, arredon[-] dado, a base sustentada no calice escamoso, a cuticula tenue, [d]e côr baça : a polpa doce vinosa na qual se acha uma semente mu[ito] dura. Contém grande quantidade de assucar, fecula e mucilagem, [a] que deve as suas propriedades nutrientes e emollientes. Entra [na] composição dos quatro fructos peitoraes.

Xarope (p. 139), 60 a 120 grammas (2 a 4 onças).

Xarope peitoral inglez.

Agua	8000 gram.	Raiz de althea	250 gram.
Tamaras	1000 gram.	Avenca do Canadá	125 gram.
Jujubas	500 gram.	Dormideiras	125 gram.
Raiz de alcaçuz	250 gram.		

Ferva, côe, ajunte 4000 grammas de assucar, e evapore até á consistencia de xarope. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) nas bronchites.

Pasta de tamaras.

Tamaras	750 gram.	Agua	15000 gram.
Assucar	2500 gram.	Agua de flor de laranjeira	280 gram.
Gomma arabica	3000 gram.		

Faça decocto com as tamaras e uma parte da agua, e opere, depois, como para a pasta de jujubas.

TAMARINDOS (Tamarin, fr.). Fructos do tamarinheiro. *Tamarindus indica*, L., grande arvore das Indias, naturalizada no Brasil. Leguminosas. Fig. 291. Esta arvore tem um tronco elevado, com casca roxa; folhas alternas, compostas de 10 a 18 pares de foliolos oppostos, ellipticos, glabros; flores grandes, de côr amarella-esverdeada com veios rubros; os fructos são vagens de 10 a 14 centimetros de comprimento, grossas, levemente comprimidas, apresentando estrangulamentos de espaço a espaço; são cheias de polpa avermelhada, mais ou menos acida e doce, na qual se achão sementes.



Fig. 291. — Tamarindos.

P. us. Polpa extrahida dos fructos.

Temperante e brando laxante; emprega-se nas molestias febrís. Costuma associar-se a outros purgantes.

Substancias incompativeis. Os saes de potassa, os carbonatos alcalinos, a agua de cal, o emetico, etc.

Internamente. Como temperante. *Infusão :* Polpa bruta de tamarindos 30 grammas (1 onça), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por uma hora, e côe por panno de lã. Cumpre operar em vaso de prata ou de porcelana.

Xarope (p. 139), 60 grammas em 500 grammas d'agua. Como temperante e leve laxante.

Como laxante. *Polpa* (p. 108), 60 a 120 grammas (2 a 4 onças), dissolvidos em um copo d'agua com assucar.

Infusão de tamarindos composta ou *limonada solutiva* (Ph. G.).

Polpa de tamarindos	15 gram.	Casca exterior de limão	8 gram.
Manná	15 gram.	Agua fervendo	250 gram.

Infunda e côe.

Tamar indiano (Tamar indien, fr.). Debaixo d'este nome, o Sr. Grillon, pharmaceutico de Pariz, rua de Gramont, 25, apresentou ha poucos annos umas pastilhas purgativas que se compõem da polpa de tamarindos, de pós de folliculos de sene, e chocolate, tudo coberto com assucar candi, e aromatizado com baunilha e alcoolatura de limão. É um *chocolate purgativo* de gosto acidulo e agradavel. Uma pastilha, que pesa 6 grammas (1 oitava e 1/2), tomada á noite, é sufficiente para produzir uma evacuação na manhã do dia seguinte. Convem ás pessoas que soffrem habitualmente da prisão de ventre. É tambem um purgante mui commodo para as crianças.

TANACETO. V. ATANASIA.

TANCHAGEM (Plantain, fr.). *Plantago.* Genero da familia das Plantagineas, encerra plantas herbaceas, de folhas radicaes, e cujas flores são dispostas em espigas. A especie a mais importante é a **Tanchagem maior** (*Plantago major,* L.); habita no Brasil e em Portugal nos campos e lugares um tanto humidos; tem as folhas radicaes, ovaes, marcadas de 7 nervuras, frequentemente sinuadas nas margens; a haste excede o comprimento das folhas; e tem uma espiga comprida, composta de flores esverdeadas ou avermelhadas. A **Tanchagem média** (*P. media*) e a **Tanchagem lanceolada** (*P. lanceolata*), não differem da precedente senão em serem as folhas mais pequenas na primeira, e lanceoladas na segunda. As folhas de todas as tres plantas são amargas e algum tanto adstringentes, as flores são de cheiro agradavel. Com a planta inteira, e sobretudo com as folhas; prepara-se uma agua distillada que se emprega em collyrios nas molestias dos olhos.

TANGARACA. *Eclipta erecta,* L. Synanthereas. Planta da Flora brasileira. Caule herbaceo; folhas sesseis, lanceoladas, denteadas; flores axillares, longamente pedunculadas, dispostas em capitulos. Toda a planta contém um principio mucilaginoso, unido ao tannino. O cozimento d'esta planta emprega-se contra a diarrhea. 8 grammas (2 oitavas) para 250 grammas (8 onças) d'agua.

TANNATO DE QUININA (Tannate de quinine, fr.). Pó amorpho, de côr branca-amarellada, quasi insoluvel na agua; mui soluvel no alcool e na glycerina, inalteravel. Obtem-se pela decomposição de um sal de quinina pelo acido tannico. — Aconselhado contra a cholerina, diarrhea chronica, albuminuria e suores dos tisicos.

Internamente. 1 a 4 grammas (20 a 72 grãos), em pó, pilulas ou diluido em xarope.

TANNINO ou **Acido tannico** (Tannin ou acide tannique, fr.). Producto vegetal que existe em quasi todos os vegetaes adstringentes, e sobretudo no cato, ratanhia, noz de galha, etc. Obtem-se

tratando a noz de galha pelo ether misturado com alcool e agua. É um corpo solido, de côr branca-amarellada, de aspecto resinoso, soluvel em agua, no alcool e no ether aquoso, porém, mui pouco soluvel no ether puro. Posto em contacto com a pelle dos animaes, annifica-a ou curte-a, e forma um composto imputrescivel, chamado ouro; e é por causa d'esta acção do tannino, que durante muito empo se empregavão nos embalsamentos as substancias vegetaes dstringentes.

É um dos adstringentes mais energicos. Exerce sobre o utero ma acção particular, e emprega-se com vantagem nas metrorrha-gias; é usado tambem internamente nas hemoptyses, e outras emorrhagias, nas diarrheas e leucorrheas. Tem sido preconizado ontra as febres intermittentes e a dyspepsia. Precipita a strychnina as dissoluções que a contém. Externamente usa-se em injecções ontra a leucorrhea, em pomada contra a quéda do cabello.

Substancias incompat. Os carbonatos alcalinos, a agua de cal, s sulfatos de ferro e de zinco, o acetato de chumbo, o sublimado, s saes metallicos em geral, a albumina, a gelatina, e as emulsões.

Internamente. 10 a 15 centigram. (2 a 3 grãos) de duas em uas horas ou de tres em tres horas, em pilulas ou poção.

Pilulas anti-hemoptoicas (Cottereau).

annino	10 centig.	Conserva de rosas	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais 17. D. Uma de duas em duas horas. etrorrhagia, hemoptyse, suores nocturnos dos tisicos, fluxos ucosos chronicos.

Pilulas narcoticas adstringentes (Dumars).

annino	2 gram.	Conserva de rosas	q. s.
xtracto de opio	5 centig.		

F. 20 pilulas. D. Uma pilula de duas em duas horas, na hemor-agia uterina.

Poção adstringente.

gua commum	125 gram.	Tannino	1 gram.
gua de flor de laranj.	30 gram.	Xarope de gomma	30 gram.

M. Uma colher *de sopa* de hora em hora na hemoptyse.

Electuario adstringente.

nnino	2 gram.	Conserva de rosas	30 gram.
udano de Sydenham	40 gottas		

M. Uma colher *de chá*, 2 vezes por dia, na diarrhea.

Clyster adstringente.

nnino	60 centig.	Laudano de Sydenham	10 gottas
gua	250 gram.		

M. Diarrhea.

Externamente :

Gargarejo adstringente (Jannart).

nnino	2 gram.	Agua	250 gram.
el rosado	50 gram.	Agua de rosas	50 gram.

M. Salivação mercurial, relaxação da uvula.

Injecção com tannino (Ricord).

nho tinto	150 gram.	Tannino	1 gram.

M. Leucorrheas, blennorrhagias. O mesmo liquido serve tambem ra curar as ulceras atonicas.

Pomada anti-hemorrhoidal (Jeannel).

guento populeão	10 gram.	Tannino	1 gram.

Glycereo de tannino (Cod. fr.).

Tannino em pó	10 gram.	Glycereo de amido	50 gram.

M. Fissura no anus, hemorrhoidas, vaginite, otite chronica.

Pomada de tannino.

Tannino	2 gram.	Banha balsamica	50 gram.
Agua	2 gram.		

Dissolva o tannino na agua, e misture com a banha. Ulceras chronicas, eczema, acne, quéda do cabello.

Pomada contra a espinha carnal (Rodet).

Banha lavada	50 gram.	Tannino	5 gram.
Enxofre sublimado	4 gram.	Agua de louro-cereja	5 gram.

Collyrio de tannino (Desmarres).

Agua distillada	100 gram.	Agua de louro-cereja	20 gram.
Tannino	1 gram.		

M. Ophthalmias chronicas.

Solução de tannino para inhalações (Fieber).

Tannino	1 gram.	Agua	100 gram.

Respirar o liquido por meio dos apparelhos indicados nas p. 95, 116 e 117. — Angina chronica, affecções chronicas das vias respiratorias.

TAPIÁ. V. Páo de alho.

TAPIOCA (Tapioca, fr.). Fecula que se extrahe no Brasil e nas Antilhas da raiz da mandioca, *Jatropha manihot*, L., arbusto da familia das Euphorbiaceas; appresenta-se em grumos mui duros, elasticos, opalinos, sem cheiro e quasi sem sabor; dissolve-se na agua fria, e intumesce n'ella consideravelmente. A melhor tapioca prepara-se no Brasil. Para obtê-la raspa-se a raiz da mandioca com faca, ceva-se, isto é, reduz-se a massa em uma roda vertical, e depois espreme-se; o sumo que escorre deixa depositar uma substancia branca, que, depois de lavada e secca, toma o nome de *tapioca*. A massa que ficou depositada no sacco, depois de torrada, chama-se *farinha de mandioca*, e constitue um dos alimentos mais importantes para os habitantes do Brasil. Uma cousa digna de reparo, é que o succo da mandioca, que é branco, lacteo e muito acre, é um veneno violento; contém acido prussico em abundancia; a leve torrefacção, a que se submettem os productos da raiz da mandioca, basta para os privar d'esta perigosa substancia. A tapioca constitue um alimento de facil digestão : convem muito aos convalescentes. Fazem-se com ella geleas e mingáos, fervendo-a com leite, caldo de carne, ou agua á qual se ajunta depois assucar, e agua de flores de laranjeira.



Fig. 292. — Taraxaco.

TARAXACO, ou Dente de leão (Pissenlit, fr.). *Leontodon taraxacum*, L. Synanthereas-chicoreaceas. Planta commum em Portugal; habita nos prados, valles humidos, um tanto sombrios, no arredores de Coimbra e outras partes pelo norte do Reino; cultiva

se nas hortas do Brasil. Fig. 292. Planta pequena sem talo, folhas todas radicaes, amontoadas, roncinadas, lobulos oppostos, triangulares, agudos; do meio das folhas levanta-se uma haste uniflora, flor amarella; raiz cylindrica, acinzentada por fóra, branca interiormente; cheiro pouco sensivel, sabor amargo. *P. us. Folhas* e *raiz.*

Tonico, recommendado nas molestias do figado.

Internamente. *Infusão :* 20 gram. (5 oitavas) para 1000 gram. (32 onças) d'agua fervendo.

Sumo espresso, 60 a 120 grammas (2 a 4 onças).

Extracto (p. 89), 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava).

TAREROQUI. V. FEDEGOSO, p. 461.

TARTARO EMETICO. V. p. 278.

TARTRATO ACIDO DE POTASSA. V. p. 406.

TARTRATO DE FERRO E POTASSA. V. p. 474.

TARTRATO DE MAGNESIA. V. p. 586.

TARTRATO NEUTRO DE POTASSA, Sal vegetal (Tartrate neutre de potasse, sel végétal, fr.). Sal branco, solido, crystallizado em prismas rectangulares de quatro faces, soluveis em 4 partes d'agua, um pouco deliquescentes, de sabor fresco e amargo. Purgante brando, mas não se usa.

Substancias incompativeis. Todos os acidos, mesmo os mais fracos, transformão-n'o em tartrato acido.

Internamente. 15 a 30 gram. (1/2 a 1 onça) n'um vehiculo aquoso e não acido.

TARTRATO NEUTRO DE SODA (Tartrate neutre de soude, fr.). Obtem-se por saturação do acido tartrico pelo carbonato de soda puro. É soluvel em 5 partes d'agua fria. É purgativo na dóse de 12 grammas (3 oitavas). É quasi sem sabor.

Limonada purgativa (Delioux).

Bicarbonato de soda	40 gram.	Xarope de assucar	50 gram.
Acido tartrico	40 gram.	Tint.ª de casca de limão	10 gottas
Agua	500 gram.		

M. Um copo de 10 em 10 minutos.

TARTRATO DE POTASSA E SODA, Sal de Seignette (Tartrate de potasse et soude, Sel de Seignette, fr.). Crystaes prismaticos de 8 ou 10 faces desiguaes, transparentes, inalteraveis ao ar, de sabor levemente amargo, soluveis em 2 1/2 partes d'agua. — Purgante brando.

Internamente. 15 a 60 grammas (1/2 a 2 onças) em agua.

Substancias incompativeis. Os acidos.

TARUMÁ. *Vitex taruma,* Martius. Verbenaceas. Arvore da flora brasileira. A casca e as folhas são empregadas em banhos contra as dôres rheumaticas. 30 gram. (1 onça) por cada 500 gram. (1 libra) d'agua.

TASNEIRINHA, ou **Cardo morto** (Séneçon, fr.). *Senecio vulgaris,* L. Synanthereas. Planta commum em Portugal. Folhas pinnatifidas, sinuadas, amplexicaules; flores dispersas; sabor um tanto salgado, oleraceo. Recommendada em cataplasmas, contra os infartes do figado; hoje pouco usada.

TAYOBA. *Caladium esculentum,* Ventenat, Aroideas. Planta cultivada no Brasil. As suas enormes raizes contém abundante fecula; comem-se cozidas ou torradas. As folhas tambem servem de comestivel; são algum tanto laxativas. Externamente utilizão-se no curativo das feridas e ulceras. A infusão das folhas em agua emprega-se em gargarejos nas esquinencias.

TAYUYÁ, ou **Tajujá**. Diversas plantas da familia das Cucurbitaceas, são conhecidas no Brasil com este nome :

1.ª TAYUYÁ, **Tayuyá grande** ou **de pimenta** [**comarí**, **abobora** ou **abobrinha do matto**. *Trianosperma ficifolia*, Mart. Cucurbitaceas. (Rio, S. Paulo, Minas, Santa Catharina, Rio Grande do Sul). Caule sarmentoso, com sete sulcos; folhas asperas, divididas em cinco ou sete lobulos obtusos, denticulados, base cordiforme; fructos vermelhos, oblongos, lisos, do comprimento de 5 a 6 linhas, contendo duas sementes; raiz comprida, arredondada, de 1 a 2 pollegadas de diametro, rugosa e amarella-escura por fora, branca-amarellada por dentro, sabor amargo e acre. *P. us. Raiz.* Purgante energico.

Internamente. 50 centigram. a 1 gram. (10 a 20 grãos) em pó. *Decocção :* 4 grammas (1 oitava) para 250 grammas (8 onças) d'agua. Sendo a raiz fresca, duplica-se a dóse.

2.ª TAYUYÁ DE FRUCTA ENCARNADA, ou **Abobrinha do matto** (Rio). *Trianosperma tayuya*, Mart. Raiz tuberosa, em fórma de nabo, esponjosa, amarellada, epiderme escura.

3.ª *Trianosperma arguta*, Martius (Rio).

4.ª *Trianosperma glandulosa*, Martius (Pará).

5.ª TAYUYÁ DE QUIABO (Minas, S. Paulo); **Gonú** (Minas). *Wilbrandia hibiscoides*, Manso. Raiz tuberculosa, tuberculos do comprimento de 6 pollegadas pouco mais ou menos, e 2 ou mais de diametro; fructo oval, polposo, anguloso, dividido em quatro loculamentos.

6.ª ABOBRINHA DO MATTO (Minas). *Wilbrandia drastica*, Martius.

7.ª ABOBRINHA DO MATTO (Rio). *Wilbrandia scabra*, Martius.

8.ª TAYUYÁ *Wilbrandia Riedeli*, Manso.

9.ª TAYUYÁ DE CABACINHO, ou **Abobrinha** (S. Paulo, sertão da Bahia e Pernambuco). *Dermophyla pendalina*, Manso. Raiz tuberosa, da qual partem outras raizes que se terminão por tuberosidades menores e alongadas; fructo oval, arredondado, de 1 a 2 pollegadas de comprimento, com tres loculamentos, contendo obra de doze sementes.

10.ª TAYUYÁ, ou **Abobora do matto** (Goyaz) *Druparia racimosa*, Manso. Fructo, drupa oblonga com quatro loculamentos monospermos.

As raizes de todas estas plantas gozão de propriedades purgativas na dóse de 8 grammas (2 oitavas), mais ou menos, quando frescas, ou de 4 grammas (1 oitava), quando seccas. Os habitantes do interior do Brasil empregão-n'as em muitas molestias, na hydropisia, opilação, obstrucção das visceras abdominaes, falta de menstruação, epilepsia, morphea. As folhas contusas, e reduzidas a cataplasma, applicão-se vantajosamente nas ulceras.

TEREBINTHINA. Nome collectivo das resinas liquidas. São succos cheirosos, meio-liquidos e pegajosos, que decorrem de arvores da familia das Coniferas e das Terebinthaceas. Sem côr pela maior parte no momento em que sahem da arvore, tomão com o tempo uma côr mais ou menos amarella. São inflammaveis, de sabor quente e picante, de cheiro forte; são soluveis no alcool, insoluveis na agua. Compõem-se de uma essencia a que devem o cheiro e o sabor e de dois acidos, os acidos silvico e pimarico. A ausencia do acido benzoico distingue-as dos balsamos, de que entretanto algumas trazem o nome, tal é, *v. g.* o balsamo de Meca, que é uma terebinthina. O calor as torna concretas volatilizando a sua essencia.

As terebinthinas mais notaveis são :

A *terebinthina de Veneza*, ou *da Alsacia*, ou *de limão* fornecida pelo pinho prateado, *Pinus picea*, L., *Abies pectinata*, D. C.

Terebinthina da Suissa, ou *ordinaria*, fornecida pelo pinheiro, larico da Europa, *Larix europæa*, D. C.

Terebinthina chamada de Bordeos, obtida pelas incisões praticadas no tronco do pinheiro bravo, *Pinus maritima*, Lamk., arvore que habita nas terras que se estendem de Bordeos a Bayonna, e que é espontanea em todo o Reino de Portugal. Esta terebinthina é muito empregada nas artes.

Terebinthina de Boston, fornecida pelo *Pinus australis*, Michx.

Terebinthina impropriamente chamada *Balsamo do Canadá*, que decorre do *Abies balsamea*, Mill. Possue um cheiro agradavel.

Terebinthina do *pinheiro falso*, *Pinus abies*, L. É tão espessa que se lhe dá o nome de Pez amarello ou pez de Borgonha. A arvore, que a fornece, é a mais elevada das arvores da Europa; habita nos montes Vosges, na França.

Terebinthina chamada impropriamente *Balsamo de Meca*, obtida pelas incisões praticadas no tronco e nos ramos do *Amyris opobalsamum*, L. arbusto da Arabia.

Terebinthina de Chio fornecida pelo terebintho, *Pistacia terebinthus*, L., do Archipelago grego. É muito espessa, esverdeada e rara no commercio.

Terebinthina chamada *Mastique* ou *Almêcega*, fornecida pela *Pistacia lentiscus*, L., arvore do Archipelago grego.

Quando se submettem á distillação as diversas terebinthinas que acabei de indicar, obtem-se dois productos : um que se desenvolve e que é o *oleo essencial de terebinthina;* outro que fica no apparelho distillatorio e que se chama *resina*. O nome de *colophonia* é mais particularmente applicado ao residuo da distillação da terebinthina do pinheiro.

As terebinthinas que se empregão em medicina, são a de Veneza e a da Suissa.

TEREBINTHINA DE VENEZA, DA ALSACIA OU DE LIMÃO. É fornecida pelo pinho prateado, *Pinus picea*, L., *Abies pectinata*, D. C. (Sapin argenté, fr.). É bastante liquida, transparente, apenas corada; seu cheiro é dos mais suaves, analogo ao do limão; o sabor é um tanto acre e amargo; conservada em vaso não hermeticamente fechado, não tarda a formar uma pellicula solida na superficie, o que não tem lugar na terebinthina suissa; e exposta ao ar, em camada delgada, sobre uma folha de papel, secca completamente em 48 horas; solidifica-se igualmente com promptidão pela addição de 1/16 de magnesia calcinada; emfim a terebinthina suissa é inteiramente soluvel no alcool, em quanto que a de Veneza contém uma resina insoluvel n'este liquido. A terebinthina de Veneza é a que se prefere nas preparações pharmaceuticas para uso interno.

TEREBINTHINA DA SUISSA OU ORDINARIA. Chamão-lhe ainda *fina ordinaria*, *terebinthina de Strasburgo* ou de *Vosges*. É fornecida pelo pinheiro larico, *Larix europæa*, D. C. (Mélèze, fr.). É bastante espessa; tem um cheiro particular, tenaz, mais fraco do que o da terebinthina de limão, mas muito menos agradavel; sabor amargo, persistente e produzindo ardor na garganta. Conserva por muito tempo a mesma consistencia espessa. Quando é exposta ao ar, estendida em camada delgada sobre papel, quinze dias depois, o dedo que se lhe applica ainda lhe adhere fortemente. A sua propriedade seccativa é por conseguinte nulla : não se solidifica sensivelmente pela addição de 1/16 de magnesia calcinada. Emfim, dissolve-se com-

pletamente em 5 partes de alcool a 88° cent. Provém pela maior parte da Suissa, e é adoptada pelo Codigo francez como terebinthina officinal; emprega-se com preferencia para a preparação da *terebinthina cozida.*

Terebinthina purificada. — As terebinthinas purificão-se pela mesma fórma que o alcatrão. V. *Alcatrão*, p. 240.

Propriedades e usos. A terebinthina é um excitante energico, empregado com proveito no interior nas gonorrheas chronicas, catarrhos da bexiga, tosses, rheumatismos chronicos, nevralgias, etc. Externamente serve para avivar as ulceras. Actua especialmente sobre o apparelho das ourinas, ás quaes dá um cheiro de violas; em alta dóse torna a excreção das ourinas dolorosa; actua tambem pela essencia sobre o apparelho nervoso. Externamente usa-se para o curativo das feridas antigas: é um poderoso desinfectante.

Internamente. 50 centigrammas a 4 grammas (10 grãos até 1 oitava) duas ou tres vezes por dia, em pilulas ou suspensa em emulsão.

Xarope (p. 140), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Terebinthina cozida. Terebinthina privada do seu oleo volatil. Deite 100 grammas de terebinthina em escudella de prata ou de cobre bem estanhado; ajunte-lhe 2 ou 3 litros d'agua pura, ferva até que uma porção de resina lançada em agua fria tome alli consistencia plastica dura. Conserve a terebinthina cozida em vaso de porcelana.

Pilulas de terebinthina (Cod. fr.).

Terebinthina de limão	20 gram.	Hydro-carbon. de magn.	15 gram.

F. 100 pilulas. Cada uma contém 20 centigrammas (4 grãos) de terebinthina. D. 6 a 18 por dia.

Pilulas de terebinthina cozida (Cod. fr.).

Terebinthina cozida........................ 30 gram.

Amolleça a terebinthina cozida com agua quente, e faça pilulas de 30 centigrammas (6 grãos) que se guardão dentro d'agua, ou se envolvem em amido. D. 6 a 12 por dia, no catarrho da bexiga.

Pilulas de terebinthina (Dannecy).

Terebinth. de Veneza	25 centig.	Cera branca	5 centig.

Derreta a cera, ajunte a terebinthina. Esta mistura, depois de fria, apresenta a consistencia pilular. F. 1 pilula e como esta mais 29. D. 2 a 10 pilulas e mais por dia.

Pilulas balsamicas (Gaubius).

Terebinthina de limão	5 centig.	Alcaçuz em pó	q. s.
Rhuibarbo em pó	15 centig.		

F. 1 pilula, e como esta mais 23. D. 2 pilulas de duas em duas horas, na blennorrhagia.

Agua terebinthinada.

Terebinthina de limão	1 part.	Agua fervendo	6 part.

Mexa, deixe esfriar, e filtre. D. 1 a 3 chicaras por dia nos catarrhos da bexiga e dos pulmões.

Agua hemostatica de Tisserant.

Terebinthina de limão	100 gram.	Agua	1000 gram.
Sangue-drago	100 gram.		

Digira sobre cinza quente durante doze horas, e filtre. D. 100 grammas (3 onças) por dia, ás colheres, na hemoptyse e outras hemorrhagias.

Agua hemostatica de Deschamps.

Terebinthina	500 gram.	Agua	600 gram.

Ferva por um quarto de hora, ajunte q. s. d'agua para ter 4000 grammas de terebinthina e d'agua, deixe arrefecer, e filtre. D. 100 grammas (3 onças) por dia, ás colheres, nas hemorrhagias.

Externamente :

Balsamo de Fioravanti ou *alcoolato de Fioravanti* (Cod. fr.).

Terebinthina da Suissa	500 gram.	Raiz de galanga	50 gram.
Resina elemi	100 gram.	— de gengibre	50 gram.
— tacamahaca	100 gram.	— de zedoaria	50 gram.
Succino	100 gram.	Canella de Ceylão	50 gram.
Estoraque liquido	100 gram.	Cravos da India	50 gram.
Galbano	100 gram.	Moscadas	50 gram.
Myrrha	100 gram.	Folhas de oregão de Creta	50 gram.
Aloes	50 gram.		
Bagas de louro	100 gram.	Alcool a 80° cent.	3000 gram.

Reduza a pó grosso as raizes, a canella, os cravos, as moscadas e as bagas de louro; deixe em maceração todas estas substancias por quatro dias no alcool. Ajunte o succino pulverizado, as resinas, as gommas resinas, o estoraque e a terebinthina; deixe ainda em contacto por dois dias, e distille em b. m. até obter 2500 grammas de alcoolato de Fioravanti.

Empregado em fricções estimulantes.

Linimento estimulante.

Balsamo de Fioravanti	50 gram.	Tintura de cantharidas	5 gram
Alcoolato de alfazema	50 gram.		

M. Em fricções nas affecções rheumaticas.

Unguento terebinthinado.

Cera amarella	15 gram.	Essencia de terebinthina	15 gram.
Terebinthina de Veneza	15 gram.		

Derreta a cera, ajunte as outras substancias. — Para curar as ulceras atonicas.

Unguento digestivo simples (Cod. fr.).

Terebinthina da Suissa	15 gram.	Azeite doce	10 gram.
Gema de ovo	20 gram.		

Misture em almofariz a gema de ovo e a terebinthina, e ajunte pouco a pouco o azeite.

Para curar as ulceras antigas.

Unguento digestivo animado (Cod. fr.).

Unguento digestivo simples	100 gram.	Estoraque liquido	100 gram.

Misture em almofariz. — Ulceras antigas.

Unguento digestivo opiado.

Unguento digestivo simples	100 gram.	Opio	5 gram.

Unguento ou *Balsamo de Arceus* (Cod. fr.).

Sebo de carneiro	200 gram.	Resina elemi	150 gram.
Terebinthina da Suissa	150 gram.	Banha	100 gram.

Derreta a calor brando o sebo, a banha e a resina; ajunte a terebinthina. Côe por panno de linho, e mexa a mistura até esfriar completamente.

Para curar as ulceras.

Unguento ou Balsamo de Genoveva.

Azeite doce	370 gram.	Terebinthina	120 gram.
Cera	60 gram.	Camphora	2 gram.
Sandalo vermelho	15 gram.		

Derreta a cera a calor brando, ajunte depois o sandalo, a terebinthina e a camphora, quando a mistura arrefecer. Para curar as ulceras antigas.

Unguento de Holloway.

Cera branca	125 gram.	Espermacete	30 gram.
Cera amarella	60 gram.	Banha	500 gram.
Terebinthina	60 gram.	Azeite doce	625 gram.
Resina amarella	250 gram.		

Balsamo de Lucatel.

Azeite doce	180 gram.	Terebinthina	180 gram.
Cera amarella	125 gram.	Balsamo do Perú	8 gram.
Vinho generoso	150 gram	Sandalo rubro pulveriz.	15 gram.

Aqueça juntos, a calor brando, o azeite, a cera e o vinho; e continue no fogo até á inteira evaporação do liquido; tire do fogo, ajunte o sandalo, e, por fim, incorpore a terebinthina previamente misturada com o balsamo do Perú. Emprega-se para curar as ulceras.

Balsamo de Chiron.

Azeite doce	300 gram.	Orcanetta	15 gram.
Terebinthina	60 gram.	Balsamo do Perú	10 gram.
Cera amarella	80 gram.	Camphora	60 centig.

Derreta a cera com o azeite; lance a orcanetta na mistura quente, e côe; ajunte a terebinthina em que se tinha previamente incorporado o balsamo do Perú, e por ultimo a camphora; mexa até completo resfriamento. — Emprega-se para curar as ulceras, as rachas do seio, e as frieiras.

Balsamo verde de Metz.

Oleo de linhaça	180 gram.	Sulfato de zinco	6 gram.
Azeite doce	180 gram.	Verdete	12 gram.
Oleo de louro	30 gram.	Essencia de junipero	15 gram.
Terebinthina	60 gram.	— de cravo da India	4 gram.
Aloes em pó	8 gram.		

Incorpore a terebinthina com os oleos fixos, aquecendo quanto baste; em um porphyro reduza o verdete e o sulfato de zinco a pasta homogenea e finissima com sufficiente quantidade de oleo, juntando depois o aloes e o resto dos oleos; deite finalmente tudo em vaso apropriado. Todas as vezes que se usar, deve agitar-se bem, para suspender os pós, que se precipitão pelo repouso. — Emprega-se para curar as feridas e as ulceras.

Linimento excitante (Cod. fr.).

Balsamo de Fioravanti	40 gram.	Alcool camphorado	15 gram.
Oleo de amendoas doces	40 gram.	Ammoniaco liquido	5 gram.

Misture em frasco bem rolhado.

Balsamo antirheumatico (Fo taine).

Balsamo de Fioravanti	125 gram.	Ammoniaco liquido	4 gram.
Sabão	15 gram.	Essencia de alecrim	3 gram
Camphora	12 1/2 gram.	— de tomilho	1 gram

Em fricções, nas dôres rheumaticas.

OLEO ESSENCIAL DE TEREBINTHINA, ou **Essencia de terebinthina,** vulgarmente **Agua-raz** (Huile essentielle de terebenthine

fr.). Oleo volatil extrahido da terebinthina pela distillação. Liquido, limpido, sem côr, volatil, inflammavel, de sabor quente e acre, cheiro forte particular; é insoluvel na agua, pouco soluvel no alcool, porém soluvel no ether; mistura-se em todas as proporções com os oleos graxos e com os volateis.

Propriedades e usos. Empregado internamente com grande vantagem contra a sciatica e outras nevralgias. Tem sido tambem usado contra o rheumatismo, tetano, gota, febre amarella, ptyalismo mercurial, asthma, laryngite, bronchite, coqueluche, tenia e debilidade dos orgãos genito-urinarios. Em alta dóse é purgativo, mas nunca empregado como tal. Externamente administra-se em fricções contra o lumbago, sciatica, tumores frios, affecções do peito. etc. N'este ultimo caso substitue a pomada stibiada. Em fricções sobre as costas aproveita no tetano.

O melhor contra-venenoso do phosphoro é a essencia de terebinthina. O facto foi provado pelas experiencias feitas em cães por Jacome Personne, pharmaceutico de Pariz, a quem a Academia de medicina de Pariz concedeo, por esta descorberta, o premio de 1000 francos em 21 de Junho de 1873. O tratamento consiste em administrar internamente 10 grammas (2 colheres *de chá*) de essencia de terebinthina pura ou misturada com uma gema de ovo. O Dr. Audant publicou a observação de uma tentativa de suicidio, por meio da massa phosphorea de que se compõem as cabeças dos phosphoros de páo : o envenenamento foi impedido pela essencia de terebinthina que o infeliz tinha bebido para apressar a morte e torna-la mais certa. A essencia de terebinthina faz perder ao phosphoro a propriedade de ser luminoso na escuridão, de emittir vapores, e de arder na temperatura baixa.

Internam. *Como estimulante geral.* 10 a 15 gottas, em mel de abelhas, xarope ou emulsão. *Como anti-nevralgico,* 2 a 8 gram. (1/2 a 2 oitav.) em muitas dóses. *Como anthelmintico,* 8 a 60 gram. (2 oit. a 2 onças) em emulsão ou leite. O melhor modo de administra-lo é em capsulas de gelatina, ou perolas de gomma assucarada.

Em clyster, 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça) em 250 grammas (8 onças) de liquido.

Pilulas de essencia de terebinthina.

Essencia de terebinthina	10 centig.	Cera branca	10 centig.
		Assucar em pó	q. s.

Derreta a calor brando a cera na essencia, deixe esfriar, ajunte assucar e faça 1 pilula, e como esta mais 23. D. 6 a 12 e mais por dia.

Remedio de Durande (*Ether terebinthinado*).

Essencia de terebinthina	10 gram.	Ether sulfurico	15 gram.

M. D. 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava) n'uma colher d'agua com assucar. Bebe-se depois uma chicara de soro de leite ou de cozimento de cevada. Calculos biliares, colicas hepaticas.

Mistura terebinthinada opiada (Rayer).

Emulsão de amendoas doces	64 gram.	Essencia de terebinthina	36 gottas
		Xarope diacodio	24 gram.

M. Dá-se por uma só vez, ao deitar-se. Sciatica.

Loock terebinthinado (Martinet).

Essencia de terebinthina	10 gram.	Xarope de flor de laranj.	30 gram.
Gema de ovo n.°	2	Xarope de ether	30 gram.
Xarope de hortelã	60 gram.	Tintura de canella	2 gram.

Triture a essencia com a gema de ovo, e ajunte as outras substancias. Uma colher *de sopa,* 3 vezes por dia, nas nevralgias.

Opiato terebinthinado (Martinet).

Gomma arabica	48 gram.	Essencia de terebinthina	8 gram.
Assucar	16 gram.	Xarope de flor de laranj.	32 gram.

Triture a gomma com o assucar, e ajunte pouco a pouco a essencia e o xarope. Duas colheres *de chá*, 3 vezes por dia. Nevralgias.

Remedio contra a solitaria (Levacher).

Gomma arabica pulv.	10 gram.	Essencia de terebinthina	15 gram.
Xarope simples	30 gram.	Agua de hortelã	60 gram.
Oleo de ricino	60 gram.		

Bata a gomma com o xarope; ajunte o oleo, a essencia, e pouco a pouco a agua de hortelã. Toma-se por uma vez, pela manhã em jejum.

Oleo où Gottas de Haarlem (Konning Tilly).
(*Medicamentum gratia probatum*)

Medicamento que goza de mui antiga reputação contra a gota, areias, rheumatismo e como vulnerario. Dorvault julga que é uma especie de oleo de cade. Alguns autores pensão que é oleo pyrogeneo de guaiaco. Segundo Viloque, sua verdadeira composição seria a seguinte :

Essencia de terebinthina, alcool camphorado, petroleo, e o o animal de Dippel, aná p. ig.

Clyster de terebinthina.

Essencia de terebinthina	30 gram.	Infusão de dormideiras	250 gram.
Gema de ovo n.°	1		

Triture a essencia com a gema de ovo, e ajunte a infusão de dormideiras. Lumbago, ascaridas.

Externamente. Em fricções, q. b. nas dôres rheumatismaes e nevralgicas.

Gargarejo de Geddings.

Oleo volatil de terebint.	10 gram.	Mucilag. de gom. arab.	250 gram.

M. Salivação mercurial.

Linimento terebinthinado. (Cod. fr.).

Oleo de camomilla	50 gram.	Essencia de terebinthina	50 gram.

Linimento terebinthinado e opiado.

Essencia de terebinthina	30 gram.	Laudano de Sydenham	4 gram.
Oleo de camomilla	60 gram.		

Linimento terebinthinado e camphorado.

Essencia de terebinthina	60 gram.	Oleo camphorado	60 gram.

M. Em fricções, nos rheumatismos, nevralgias.

Linimento antigotoso (Winther).

Essencia de terebinthina	15 gram.	Tintura de sabão	45 gram.
Alcool camphorado	45 gram.	Tintura de cantharidas	4 gram.

M. Em fricções. Sciatica, affecções rheumaticas e gotosas.

TERRA FOLIADA DE TARTARO. V. ACETATO DE POTASSA.

TERRA SIGILLADA (Terre sigillée, fr.). Terra argilosa, de côr rosea, empregada pelos medicos antigos; tirada da ilha de Lemnos. Goza de propriedades adstringentes. Entra na confeição de jacintho. Pouco usada hoje.

THAPSIA (Thapsia, fr.), *Thapsia garganica.* Umbelliferas. Planta herbacea que habita na Argelia, cuja raiz dá uma resina muito irritante, aconselhada para substituir o oleo de croton tiglium para uso externo, ou a pomada stibiada. Prepara-se com ella um encerado que se applica na pelle, para produzir erupção de botões;

e é aconselhado na pleurodynia, rheumatismos, bronchites, e em todos os outros casos em que é indicada a medicação revulsiva.

Sparadrapo revulsivo de thapsia (Cod. fr.).

Cera amarella	420 gram.	Terebinthina ordinaria	50 gram.
Colophonia	150 gram.	Glycerina	50 gram.
Pez branco	150 gram.	Mel de abelhas	50 gram.
Terebinthina cozida	150 gram.	Resina de thapsia	75 gram.

Derreta juntas as cinco primeiras substancias, e passe-as por panno de linho. Entretenha-as derretidas sobre lume pouco vivo, ajunte a glycerina, o mel e a resina de thapsia. Depois de obtida a mistura bem homogenea, estenda-a sobre panno como o sparadrapo ordinario. — Este sparadrapo deixa-se applicado na pelle durante 12 a 20 horas; depois applica-se no mesmo lugar papel untado de azeite doce.

THERIAGA ou **Triaga**. V. Opio, p. 637.

THRIDACIO. V. p. 89 e 247.

THUYA (Thuya, fr.). *Thuya occidentalis*, L., Coniferas. Arvore da America septentrional. As folhas servem para preparar uma *tintura* (20 p. de folhas para 500 de alcool), que foi empregada internamente na dóse de algumas gottas contra a rouquidão, e exteriormente contra as vegetações syphiliticas.

THYMO. V. Tomilho.

TIBORNA ou **Raivosa**. *Plumeria drastica*, Mart. Apocyneas. Vegetal do Brasil (Minas, Bahia, Pernambuco). Seu succo recente é drastico; aconselhado nas febres intermittentes, obstrucção das visceras abdominaes, e na ictericia; na dóse de 1 colher *de chá*. Em dóse elevada é venenoso.

TILIA (Tilleul, fr.). *Tilia europæa*, L. Tiliaceas. Arvore da Europa. *P. us. Flores*. São amarelladas, de cheiro suave, sabor mucilaginoso. — Antispasmodico e diaphoretico. A infusão e a agua distillada d'estas flores empregão-se em grande numero de affecções nervosas, e servem frequentemente de vehiculo ás poções antispasmodicas.

Internamente. *Infusão :* Flores de tilia 5 gram. (1 1/4 oit.), agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por meia hora e côe.

Infusão de tilia e laranjeira.

Flores de tilia	2 gram.	Agua fervendo	q. s.
Folhas de laranjeira	2 gram.	Assucar	30 gram.

Infunda as flores de tilia e as folhas de laranjeira em q. s. d'agua para ter 360 grammas (12 onças) de infuso, e ajunte o assucar. Ás chicaras. Bebida antispasmodica.

Externamente. *Banho de tilia* (Cod. fr.). Flores de tilia 500 grammas, agua fervendo 10 litros. Infunda durante uma hora; côe, esprema, e ajunte á agua do banho. — Antispasmodico, estimulante.

TIMBÓ ou **Cururú-apé**. *Paullinia pinnata*, L. Sapindaceas. Arbusto do Brasil. Caule trepante; folhas pinnadas bijugadas com impar; foliolos ovaes, lanceolados, sesseis e crenados : peciolo alado; flores pedunculadas, dispostas em espigas; fructo, capsula, coroada, em quanto nova, por tres tuberculos. Todas as partes d'este cipó contém um principio narcotico-acre e venenoso. O cozimento de casca da raiz, feito em dóse conveniente, é empregado externamente como calmante nas molestias do figado. Faz-se com elle e com q. s. de farinha de linhaça ou de mandioca uma cataplasma que se applica no hypocondrio direito. O cozimento prepara-se com

15 grammas (1/2 onça) de casca da raiz e 500 grammas (16 onças) d'agua. As cataplasmas de timbó produzem ás vezes erupção pustulosa na pelle. É com o timbó que os indigenas embriagão os peixes para apanha-los com a mão. — A *Paullinia grandiflora*, St.-Hilaire, conhecida pelo mesmo nome vulgar de *timbó*, é proxima da precedente, e tem as mesmas propriedades venenosas.

O nome de *timbó* é generico no Brasil na linguagem popular, e applica-se a todas as plantas que são empregadas para envenenar peixe em poços de pescaria; é peculiar ao sul do Imperio, e é substituido no norte pelo de *tingui* ou *barbasco.*

TINHORÃO, Papagaio, Pé de bezerro. *Caladium bicolor,* Vent. Aroideas. Planta da Flora brasileira. Caule de 1 a 2 pés, liso, sem ramos; raiz tuberosa, arredondada, roxa por fóra, amarellada por dentro, molle; contém um succo acre; folha grande, triangular, sagitada, vermelha-roxa no centro, verde nas margens; sendo mastigada não offerece a principio sabor algum notavel, mas depois produz uma sensação acre na garganta. A infusão de folhas d'esta planta emprega-se em gargarejo contra as esquinencias, na dóse de 12 grammas (3 oitavas) para 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

TINTUREIRA VULGAR, Cuarurú-guaçú, Cuarurú de pomba, Herva dos cachos da India. *Phytolacca decandra,* L. Phytolaceas. Panta que habita no Brasil e na America do Norte, Hastes herbaceas, de 5 a 6 pés de alto; folhas molles, ovaes, lanceoladas, um tanto onduladas; flores vermelhas dispostas em cachos; fructo, baga preta-azulada, com dez loculamentos mono-spermos, raiz parda por fóra, branca por dentro. O succo das folhas é purgativo na dóse de 15 grammas (1/2 onça). As bagas e a raiz são tambem purgativas. As folhas applicadas sobre a pelle causão irritação; usa-se em cataplasmas contra as feridas de máo caracter.

TIU. V. Jalapão.

TOMBA. V. Espelina.

TOMILHO ou **Thymo** (Thym, fr.), *Thymus vulgaris,* L. Labiadas. Sub-arbusto de 7 ou mais pollegadas, cultivado nos jardins, onde serve para guarnece-los. Folhas oppostas, pecioladas, ovaes-oblongas, obtusas, de quasi 2 linhas de comprimento; cheiro aromatico, penetrante e agradavel. Emprega-se nas comidas como tempero; e em banhos aromaticos, como estimulante.

TONKA. V. Cumarú.

TORMENTILLA ou **Sete em rama** (Tormentille, fr.). *Tormentilla erecta,* L. Rosaceas-dryadeas. Planta da Flora portugueza. Caules muitos com raiz commum, filiformes, pilosos; folhas alternas, rentes, com tres a cinco divisões profundas; flores amarellas. Raiz nodosa, fusca por fóra, avermelhada por dentro; cheiro sub-aromatico, sabor adstringente e amargo. *P. us. Raiz.*

Adstringente, aconselhado nas diarrheas chronicas.

Internamente. *Infusão :* 8 gram. (2 oitavas) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo.

TRACUANS. V. Imbé.

TRAPOERABA. *Tradescantia diuretica,* Mart. Commelineas. Planta do Brasil. Caule liso, nodoso; folhas ovaes, agudas, miudamente denteadas; flores terminaes dispostas em umbellas. Toda a planta contém um succo pegajoso e acre. — Diuretica, empregada nas hydropisias; externamente em banhos nos rheumatismos.

Internamente. *Infusão :* 8 gram. (2 oitavas) para 360 gram (12 onças) d'agua fervendo.

Externamente. Em banhos, 1000 gram. (2 libras) para um banho.

TRAPOERABA-RANA (Rio, Minas), **Marianinha** (Bahia, Maranhão), *Commelina deficiens*, Herbert, goza das mesmas propriedades que a precedente.

TRES FOLHAS BRANCAS ou **Quina falsa.** *Tricorea febrifuga*, St.-Hilaire. Rutaceas. Arvore ou arbusto do Brasil; habita nos mattos da provincia de Minas Geraes. Folhas alternas, pecioladas, compostas de tres foliolos lanceolados, glabros, marcados de pontos transparentes. A casca d'esta arvore é amarga e adstringente. Emprega-se contra as febres intermittentes, em cozimento que se prepara com 15 gram. (1/2 onça) de casca e 500 gram. (16 onças) d'agua fervendo. As propriedades d'esta casca valerão-lhe o nome de *Quina*, que lhe dão os habitantes do paiz onde se acha.

Chamão-lhe tambem *Tres folhas*, por causa dos tres foliolos de que se compõe a folha; e a estas duas palavras accrescentão o epitheto de *brancas*, para distinguir esta arvore da *Evodia febrifuga* que vegeta com ella, tem as mesmas propriedades, mas cujas folhas são avermelhadas.

TRES FOLHAS VERMELHAS ou **Laranjeira do matto**, ou **Quina.** *Evodia febrifuga*, St.-Hilaire. Rutaceas. Grande arvore do Brasil; habita nas provincias de Minas, Rio de Janeiro, Bahia, Espirito Santo e S. Paulo. Ramos angulosos, rubros, um pouco pubescentes, no apice; folhas oppostas ou quasi oppostas, pecioladas, glabras, compostas de tres foliolos; foliolos de peciolo curto, lanceolados-ellipticos, algum tanto acuminados, semeados de pontos transparentes. A casca e o lenho d'esta arvore são extremamente amargos; empregão-se como febrifugos, em infusão, que se prepara com 15 gram. (1/2 onça) de casca ou de lenho e 500 gram. (16 onças) d'agua fervendo.

TREVO AQUATICO ou **Trifolio** (Trèfle d'eau ou ményanthe, fr.). *Menyanthes trifoliata*, L. Gencianeas. Planta que habita nos lugares alagadiços da Europa. Caule herbaceo horizontal, articulado; folhas compostas de tres foliolos ovaes; flores infundibuliformes, corolla de côr rosea no exterior; sabor amargo e um pouco nauseante. *P. us. Folhas* e *caules*.

Tonico, aconselhado nas digestões laboriosas, expectorações abundantes, molestias cutaneas e febres intermittentes. Em alta dóse provoca vomitos e dejecções alvinas.

Internamente. *Solução :* 20 gram. (5 oitavas) para 1000 gram. (32 onças) d'agua fervendo.

TRIMETHYLAMINA ou *Propylamina* (Triméthylamine ou Propylamine, fr.). Medicamento novo preconisado contra o rheumatismo. É um liquido oleaginoso, mui volatil, alcalino, de cheiro ammoniacal mui pronunciado; soluvel em agua; não se acha no commercio senão em dissolução mais ou menos concentrada na agua.

Esta substancia foi primeiro chamada *Propylamina.* Alguns annos depois, ao chimica julgou ter descoberto um corpo novo ao qual deo o nome de *Trimethylamina.* Está hoje admittido que a toimethylamina e a propylamina são isomeras, isto é, que tem composição elementar identica. Ambas tem por formula $C^6 H^9 Az$; vem a ser 6 partes de carbone, 9 partes de hydrogeneo, e 1 parte de azoto. Na drogaria, os dois nomes applicão-se indistinctamente á mesma substancia.

A trimethylamina existe na planta de cheiro ingrato, commum em Portugal, chamada *vulvaria* ou *fedegosa* (*Chenopodium vulvaria,*

L.). Existe tambem em certas Asclepiadeas, e particularmente na *Stapilea;* na familia das Rosaceas (genero *Cratægus* e genero *Sorbus*); nas flores do espinheiro alvar (*Cratægus oxycantha,* L.); nos fructos da sorveira dos passarinhos (*Sorbus aucuparia,* L.); na sorveira ordinaria (*Sorbus domestica,* L.); nas folhas dos conchelos (*Cotyledon umbilicus,* L.); no centeio espigado. Todos os corpos em decomposição, e em particular os peixes, desenvolvem trimethylamina; e é á presença d'esta substancia que se deve o cheiro infecto que tem certos peixes, quando alterados. A fonte, porém, a mais consideravel da trimethylamina natural é a salmoura de arenques, d'onde esta substancia se extrahe pela distillação.

A trimethylamina foi empregada com vantagem no rheumatismo articular agudo. É ao Dr. Avenarius de São Petersburgo que se deve a primeira applicação da trimethylamina no tratamento do rheumatismo articular. Este medico achou n'esta substancia um remedio soberano, que lhe deo resultados vantajosos em 250 casos de rheumatismo articular, agudo e chronico, que elle tratou por este methodo de 1851 a 1856. Em Pariz, o Dr. Dujardin-Beaumetz publicou, em 1873, um folheto no qual relata muitas curas obtidas com a trimethylamina, por elle ou por seus collegas. É, porém pouco empregada.

Modo de administração. A trimethylamina administra-se internamente na dóse de 50 centigrammas a 2 grammas (10 a 40 grãos) em poção de 120 grammas (4 onças), que se toma ás colheres *de sopa* no decurso do dia.

Poção de trimethylamina.

Trimethylamina	50 centig.	Agua de hortelã	4 gram.
Agua simples	120 gram.	Xarope simples	30 gram.

Para beber uma colher *de sopa* de duas em duas horas.

CHLORHYDRATO DE TRIMETHYLAMINA. O cheiro desagradavel da trimethylamina, e a sua concentração variavel nas soluções que existem no commercio, levárão os medicos a dar a preferencia a um sal sempre fixo, o *chlorhydrato de trimethylamina.* É um sal branco quando crystallizado; soluvel em agua, alcool, ether e glycerina; quasi sem cheiro, de sabor fresco e salgado. Attrahe facilmente a humidade do ar, pelo que é preferivel, quando é destinado ao uso therapeutico, derretê-lo, para obtê-lo sob a fórma de laminas levemente amarelladas. A sua dóse é de 25 centigrammas a 1 gramma (5 a 20 grãos) por dia.

Póde receitar-se do modo seguinte :

Poção de chlorhydrato de trimethylamina.

Chlorhydrato de trimethylamina	50 centig.	Agua simples	100 gram.
		Xarope de casca de lar.	30 gram.

Para beber uma colher *de sopa* de duas em duas horas. Cada colher contém 75 milligrammas (1 1/2 grão) de chlorhydrato.

Xarope de chlorhydrato de trimethylamina.

Chlorhydrato de trimethylamina	20 gram.	Xarope de casca de laranja	980 gram.

Cada colher *de sopa* (20 grammas) contém 40 centigrammas (8 grãos) de chlorhydrato. Dóse, uma a duas colheres *de sopa* por dia.

Pilulas de chlorhydrato de trimethylamina.

Chlorhydrato de trimethylamina	250 centig.	Althea em pó	700 centig.
		Mel de abelhas	q. s.

F. 100 pilulas, e envernize-as á Blancard com balsamo de Tolú. Cada pilula, do peso de 10 centigrammas (2 grãos) contém 25 milli-

grammas (1/2 grão) de chlorhydrato. Toma-se uma pilula de duas em duas horas, no rheumatismo agudo.

TROMBETEIRA. Dá-se este nome a duas plantas da familia das Solaneas, cultivadas nas hortas do Brasil e de Portugal, e que tambem habitão espontaneas perto das habitações. Uma é a *Datura fastuosa*, L., que tem 3 pés de altura; com flores longas, em fórma de trombeta, brancas com riscas longitudinaes roxas; o fructo é uma capsula arredondada, armada de alguns espinhos. Outra, chamada por Linneo *Datura arborea*, é um arbusto de 8 pés, commum nas margens dos rios, com flores brancas que derramão á noite cheiro agradavel; o seu fructo é uma capsula elliptica, lisa, com grande numero de sementes brancas-amarelladas. Estas plantas parecem-se muito com o estramonio, que é da mesma familia, e que se acha representado na fig. 198, p. 452. *P. us. Folhas, flores* e *fructo*.

Narcotico, empregado externamente contra os rheumatismos e outras affecções dolorosas. As folhas de trombeteira, fumadas em cachimbo ou em cigarrilhas, aproveitão nos ataques de asthma.

Externamente. *Decocção :* 30 gram. (1 onça) para 1000 gram. (32 onças) d'agua, em fomentações, banhos, ou para preparar cataplasmas calmantes com q. s. de farinha de linhaça.

Oleo. Prepara-se como o de cicuta (V. p. 100). Usa-se em fricções.

TROVISCO. V. Mezereão.

TUAIUSSÚ. V. Marinheiro de folha larga.

TUPEIÇAVA. V. Vassourinha.

TURBITHO MINERAL ou **Sub-deuto-sulfato de mercurio**. V. p. 611.

TURBITHO VEGETAL (Turbith vegetal, fr.). Raiz de uma planta da India, *convolvulus turpethum*, L. Convolvulaceas. Apparece no commercio em bocados cylindricos, da grossura de uma penna até á de um dedo, de comprimento variavel; cinzenta-avermelhada externamente, porosa e resinosa no interior; inodora, com sabor levemente amargo e nauseoso. — Purgante energico. Dóse, 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava).

Electuario diaphœnix.

Polpa de tamaras	250 gram.	Dauco cretico	8 gram.
Amendoas doces	112 gram.	Funcho	8 gram.
Gengibre em pó	8 gram.	Arruda	8 gram.
Pimenta da India	8 gram.	Turbitho vegetal	125 gram.
Macis	8 gram.	Escamonéa	48 gram.
Canella	8 gram.	Assucar	250 gram.
Açafrão	30 centig.	Mel de abelhas	1000 gram.

D. 4 a 30 gram. (1 oitava a 1 onça) em poção como purgante. Hoje quasi não se usa.

TURNESOL (Tournesol, fr.). Materia corante de côr azul-roxa. Acha-se no commercio debaixo de dois estados differentes. 1° O *turnesol em bandeiras* é preparado com o succo de uma planta chamada turnesol dos tintureiros, *croton tinctorium*, L. Euphorbiaceas. Molhão-se, n'este succo, trapos que se fazem seccar, e que se expõem depois aos vapores da mistura de ourina e de cal. 2° O *turnesol em pães* é preparado com muitas especies de musgos (*Lichen tartareus*, L. e outros), que se misturão com cinza feita de borra de vinho, e que se reduzem a massa regando-os de vez em quando com ourina; a esta massa incorpora-se depois cal e greda. Esta substancia emprega-se na tinturaria para preparar a *tintura de turnesol*, usada para reconhecer a presença dos acidos; este liquido, natural-

mente azul, tem com effeito a propriedade de se tornar vermelho, logo que se lhe deita qualquer acido. Os alcalis restituem-lhe a côr azul primitiva.

TUSSILAGEM ou **Unha de cavallo** (Tussilage ou pas d'âne, fr.). *Tussilago farfara.* L. Synanthereas-eupatoriaceas. Planta da Flora portugueza. As flores, que são amarellas, apparecem antes das folhas, em capitulos cylindricos formados de escamas; folhas grandes, pecioladas, sub-cordiformes, agudamente lobadas e denteadas, verdes na face superior, cotanilhosas e esbranquiçadas na inferior; cheiro forte e agradavel, sabor um tanto aromatico e amargo. *P. us. Flores.* Emolliente; empregado nas bronchites.

Internamente. *Infusão :* Flores de tussilagem 5 grammas (1 1/4 oitava), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora, e côe.

UCUÚBA. *Myristica sebifera,* Sw. Myristiceas. Arvore do Brasil. Sua semente fornece com abundancia um sebo amarellado, um tanto aromatico, de apparencia crystallina, aconselhado em fricções nos rheumatismos.

ULMEIRA ou **Rainha dos prados** (Ulmaire ou reine des prés. fr.). *Spiræa ulmaria,* L. Rosaceas-spireaceas. Planta da Flora portugueza. Raiz da grossura de um dedo, anegrada e horizontal; folhas compostas de sete foliolos ovaes, desigualmente dentados, verdes por cima, por baixo cotanilhosos e esbranquiçados : flores brancas, aromaticas, em panicula corymbiforme. *P. us. Folhas, talos e flores.* — Diuretico, empregado contra as hydropisias, em infusão, que se prepara com 15 grammas (1/2 onça) de folhas ou de flores de ulmeira e 500 grammas (16 onças) d'agua.

Xarope de ulmeira (Lepage). Folhas, flores e talos de ulmeira 900 grammas, agua fria q. s. Macere por algumas horas, e distille para obter 1000 grammas d'agua distillada. Evapore, á parte, a decocção do alambique até ficar reduzida a 600 grammas. Filtre-a em quanto quente; ajunte-lhe depois a agua distillada de ulmeira, e dissolva a b. m. 2,900 grammas de assucar nos dois liquidos reunidos. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

ULMO ou **Ulmeiro pyramidal** (Orme pyramidal, fr.). *Ulmus campestris,* L. Ulmaceas. Arvore que habita espontanea em Portugal. *P. us. Casca intermedia,* isto é, casca privada de periderme. Acha-se no commercio em fitas avermelhadas fibrosas, de gosto mucilaginoso. — Diuretico, aconselhado contra a hydropisia e molestias cutaneas.

Internamente. *Decocção* (Biett). Casca de ulmo 30 grammas (1 onça), agua 1000 grammas (32 onças), reduza á metade pela cocção, e ajunte q. b. de assucar. Ás chicaras, no decurso do dia.

Extracto (p. 91). D. 2 a 8 grammas (1/2 a 2 oitavas) em pilulas.

Xarope (p. 140), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

UNHA DE BOI. *Bauhinia aculeata,* L. Leguminosas. Arbusto do Brasil. Caule espinhoso, folhas arredondadas, bilobadas, quasi cordiformes; flores com as petalas sinuosas; fructo, vagem comprimida, com muitas sementes. As folhas são mucilaginosas, e um tanto adstringentes; usão-se em cataplasmas nos abcessos.

URGEBÃO ou **Verbena** (Verveine, fr.). *Verbena officinalis,* L. Verbenaceas. Planta que em Portugal habita pelos caminhos. Caules filiformes, folhas inferiores denteadas, folhas superiores profundamente incisas ou pinnatifidas; flores de côr roxa pallida; cheiro fracamente aromatico, sabor algum tanto amargo. Estimulante e tonico. Internamente, em infusão, 4 grammas (1 oitava) para

80 grammas (6 onças) d'agua fervendo. Externamente, usa-se na medicina popular em Portugal, sob a fórma de cataplasma, nas obstrucções do figado. Esta cataplasma prepara-se com o cozimento de urgebão, farinha de centeio e gemas de ovo.

URTIGA (Ortie, fr.). *Urtiga urens*, L. Urticeas. Planta commum no Brasil e em Portugal. Tem 1 pé de altura, folhas oppostas ovaes, com longos peciolos; toda a planta é coberta de sedas ou ferrões urentes, os quaes applicados á pelle inflammão-n'a. As preparações de urtiga forão aconselhadas interna e externamente contra as molestias cutaneas, pelo Dr. Beirão, Lente da Escola medico-cirurgica de Lisboa, já fallecido. O xarope de urtiga é recommendado contra a hemoptyse.

Internamente. *Succo espresso* e *purificado*, 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça) por dia, diluido em agua.

Extracto, 30 centigrammas a 1 gramma (6 a 20 grãos) por dia, em pilulas.

Xarope (Desmartis).

Sumo purifi. de urtigas	250 gram.	Assucar	500 gram.

F. S. A. por simples solução. D. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Pilulas de urtiga (Beirão).

Extracto de succo de urtiga	15 centig.	Flores de enxofre	15 centig.

F. 1 pilula. D. 2 a 6 por dia, no eczema, espinha carnal, e outras molestias cutaneas.

Externamente. *Decocção* : 15 grammas (1/2 onça) para 500 grammas (16 onças) d'agua em loções e banhos.

URUCÚ ou **Orucú** (Rocou, fr.). *Bixa orellana*, L. Bixineas. Arvore do Brasil. Fig. 293. Tem 12 a 15 pés de elevação, tronco recto, dividido na parte superior em ramos que formão um topo copado; folhas alternas, cordiformes, acuminadas, inteiras e glabras; flores brancas-roseas, em paniculas terminaes; o fructo é uma capsula eriçada de espinhos, contendo muitas sementes vermelhas, que são empregadas na tinturaria, e por algumas pessoas do Brasil, como expectorante nas molestias do peito.



Fig. 293. — Urucú.

Internamente. *Infusão* : 4 grammas (1 oitava) de sementes para 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

Xarope, 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

URUPE PIRANGA ou **Orelha de páo vermelha** (S. Paulo). *Boletus sanguineus*, L. Cogumelo que se desenvolve nas diversas madeiras, na provincia de S. Paulo do Brasil. A sua fórma é semicircular, face superior e inferior alaranjada; coriaceo, delgado, com algumas zonas concen-

tricas na pellicula superior; pedunculo lateral e curtissimo. Usa-se na provincia de S. Paulo contra as molestias do peito, em fórma de xarope, que se prepara do modo seguinte :

Ferva 30 grammas de cogumelos em 1000 grammas d'agua; côe com espressão, ajunte 250 grammas de assucar, e evapore até á devida consistencia. A dóse do xarope é de uma a duas colheres *de sopa*, 3 vezes por dia.

Goza igualmente de grande reputação entre o povo, como util nas esquinencias, em gargarejos, que se preparão lançando 500 gram. (16 onças) de cozimento de cevada fervendo sobre 1 cogumelo e 1 limão azedo cortado em rodellas.

URZELLA (Orseille, fr.). Pasta de côr vermelha-roxa, empregada na tinturaria. Prepara-se com differentes musgos (*rocella tinctoria*, L., que se achão nos rochedos do Brasil; *variolaria dealbata*, D. C., etc.). Obtem-se este producto deixando fermentar estas plantas com cal e ourina. Aperfeiçoamentos introduzidos n'esta industria, e que consistem especialmente em tratar as substancias vegetaes pelo ammoniaco e pelos saes alcalinos, permittem excluir hoje a ourina da preparação da urzella.

UTUAPOCA. V. MARINHEIRO DE FOLHA LARGA.

UVA (Raisin, fr.). Fructo da videira, *Vitis vinifera*, L., arbusto sarmentoso da familia das Ampelideas, cultivado na Europa meridional, e no sul do Brasil. As uvas são bagas pedicelladas dispostas em cacho sobre um pedunculo commum; são a principio verdes e acerbas, mas tornão-se acidulas e mais ou menos doces. Estes fructos, quando maduros, são redondos ou ovaes, mais ou menos grossos, mais ou menos saborosos, esverdeados, dourados, rubros-purpureos ou quasi pretos, conforme os paizes, os modos de cultura, e as variedades do arbusto que são extremamente numerosas; produzem o vinho, o vinagre, o alcool, o cremor de tartaro, a potassa, etc. As uvas seccas ao sol chamão-se *passas*: usão-se como alimento e como medicamento peitoral.

Cura pelas uvas. (*Cure de raisin*, fr.). Consiste no uso methodico e graduado das uvas recentes como alimento principal durante um tempo sufficiente para produzir na economia importantes modificações. As mais convenientes para este fim são as uvas de sabor moderado e pouco assucaradas, que tem a pelle tenra, muito succo e gosto delicado. A medicação dura de tres a seis semanas. Principia-se por 500 a 1000 grammas; chega-se progressivamente até 3 e 5 kilogrammas por dia; divide-se esta quantidade em tres porções, 750 a 1000 grammas das 6 ás 8 horas da manhã; a segunda porção entre o almoço e o jantar, a terceira antes da cêa. É preciso limitar a quantidade quando as uvas não são tomadas com prazer e sobretudo quando incommodão. Deitão-se fóra as pelliculas e as sementes. Para o mais a alimentação deve ser regrada segundo a natureza da molestia e o costume do doente. Em geral as comidas devem ser moderadas; a carne de toda a natureza, o vinho, o chá, o café, os ovos e o leite podem fazer parte da alimentação. O *exercicio* é uma das condições que favorecem poderosamente os bons effeitos da cura pelas uvas. Debaixo da influencia d'este tratamento, melhora a saude geral, augmenta o appetite; ás vezes sobrevem diarrhea, outras vezes esta molestia cessa pelo uso das uvas; as ourinas são mais abundantes, neutras ou alcalinas.

A cura pelas uvas é util nas molestias seguintes; dyspepsia, prisão de ventre habitual, hemorrhoidas, affecções chronicas do figado, colica biliar, calculos hepaticos, hypertrophia do baço, certas diar-

eas chronicas, dysenterias, catarrho da bexiga, blennorrhea, eias, gota, escorbuto, bronchite chronica, e tisica. As localidades is afamadas na Europa são Vevey, Montreux, Veytaux, Aigle na issa, sobre as margens do lago Leman, e Fontainebleau em ança. A estação mais propria é de 15 de Agosto até 15 de Outuo, época em que a temperatura é bella e salubre n'aquellas localades.

UVAS PASSADAS. V. *Passas.*

UVA URSINA (Busserole ou raisin d'ours, fr.). *Arbutus uva si.* L. Erucaceas. Arbusto que habita nas montanhas da Europa. *us. Folhas.* São espessas, obovadas, coriaceas, semelhantes ás buxo, de sabor adstringente, cheiro forte e desagradavel. — uretico, empregado ás vezes nas areias e catarrhos chronicos da xiga.

Internamente. *Infusão* ou *decocção :* 10 gram. (2 1/2 oitavas) ra 1000 grammas (32 onças) d'agua.

UVALHEIRA. *Eugenia uvalha,* Camb. Myrtaceas. Arbusto do asil (S. Paulo). Os fructos (*uvalhas*) são bagas pyriformes, amallas e succulentas, contendo duas sementes; são de cheiro suave, or ora acido, ora doce-acidulo, comestiveis e refrigerantes. Com es se preparão xaropes, que, diluidos com agua, formão limolas refrigerantes. Os fructos da *Eugenia pyriformis*, Camb., a que mão *uvalha do campo,* são doces e menores do que os da precete; os da *Eugenia dysenica,* D. C., a que chamão *aiteira*, assemelhão-se da uvalheira, são purivos.



Fig. 294. — Valeriana.

UXI. *Uxi umbrosissis.* Chrysobalaneas. Are da Flora brasileira; ita no Pará. Arvore ssal, bastante frondosa; eus fructos, verdadeiras pas indehiscentes, aroicos, são mui estimados o alimento, porque o carpo que reveste a pa é doce, delicioso ao dar, embora um pouco ero. O caroço, ou sete, usa-se no Pará como ostatico poderoso, nas optyses e metrorrha-.

Dá-se em pó, na dóse de 8 grammas (1 a 2 oit.) ais, em 500 grammas ibra) de cozimento de ea ou solução de gomma ica, adoçada, para ser ado em quatro partes es, de hora em hora. (Dr. Castro, do Pará).

VALERIANA (Valériane, fr.). *Valeriana officinalis*, L. Valeaceas. Planta que habita na Europa. Fig. 294. Caule um pouco oso, da altura de 3 a 4 pés; folhas oppostas, profundamente

cortadas, com segmentos lanceolados e dentados, um pouco pub-centes na face inferior; flores pequenas, de côr branca rosada. R. formada de grande numero de radiculas cylindricas, de 1 a 2 lin. de diametro, esbranquiçada por dentro, amarellada por fóra; quai fresca o cheiro é quasi nenhum, mui fetida quando secca; sabor ac amargo. *P. us. Raiz.* A raiz de valeriana é um medicamento an pasmodico e sedativo, frequentemente empregado em muitas aff ções nervosas, como a enxaqueca, epilepsia, hysterismo, etc. tambem aconselhada nas febres intermittentes e ataxicas.

Internamente. *Infusão :* Raiz de valeriana 10 gram (2 1/2 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infu por duas horas, e côe,

Pó, (p. 115), 1 a 4 grammas, e progressivamente até 15 gr e mais por dia (20 grãos, 1 oitava a 1/2 onça).

Extracto (p, 91), 1 a 8 gram. (20 grãos a 2 oitavas) em pilu

Agua distillada (p. 64), 60 a 120 gram. (2 a 4 onças) em po

Tintura (p. 123), 2 a 20 grammas (1/2 a 5 oitavas) em poção.

Tintura etherea (p. 124), 20 a 40 gottas em poção.

Xarope (p. 140), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) em poção.

Pós antispasmodicos.

Raiz de valeriana	1 gram.	Oxydo de zinco	10 cen

F. 1 papel, e como este mais onze. D. 3 por dia.

Pilulas antispasmodicas.

Extracto de valeriana	10 centig.	Camphora	25 mi
Castoreo	5 centig.	Thridacio	5 cen

F. 1 pilula, e como esta mais 23. D. 2 a 6 pilulas por dia.

Mistura de valeriana (Richter).

Tintura de valeriana	8 gram.	Laudano de Sydenham	60 cen
Tintura de castoreo	4 gram.		

M. D. 10 a 20 gottas de hora em hora. Hysterismo.

Infusão de valeriana composta.

Raiz de valeriana	12 gram.	Agua fervendo	

Infunda e côe de modo que obtenha 180 grammas de liqu ajunte :

Agua de canella	60 gram.	Ether sulfurico alcooliz.	8 g.
Xarope simples	30 gram.		

Duas colheres *de sopa* de 2 em 2 horas nas nevroses.

Poção excitante.

Camphora	30 centig.	Agua de hortelã	4 g.
Ether sulfurico	2 gram.	Laudano de Sydenham	1 g.
Extracto de valeriana	4 gram.	Xarope de gomma	30 g.

M. Uma colher *de sopa* de hora em hora.

Electuario antispasmodico (Swediaur).

Valeriana em pó	20 gram.	Xarope de absinthio	
Folhas de laranjeira	20 gram.		

M. D. 1 a 2 colheres *de chá,* tres vezes por dia.

Cozimento de valeriana e quina.

Casca de quina	15 gram.	Agua	

Para ter 720 gram. de decocto. Lance n'este decocto fervend

Raiz de valeriana .... 8 gram.

Infunda, côe e ajunte :

Assucar .... 30 gram.

Uma chicara de 2 em 2 horas, nas affecções adynamicas.

Mistura anti-cholerica.

Tintura de valeriana	8 gram.	Laudano de Sydenham	4 gram.
Licor de Hoffmann	4 gram.	Essencia de hortelã	1 gram.

M. 10 gottas de 2 em 2 horas, na cholera.

Clyster antispasmodico.

Infusão de valeriana	200 gram.	Laudano de Sydenham	10 gottas

M. Colicas uterinas, dysmenorrhea, nevralgias.

Externamente :

Tintura de valeriana volatil (Cordeiro). Valeriana, 80; canella, 40; camphora, 1; alcool ammoniacal (1 parte de ammoniaco a 22°, para 2 partes de alcool a 90°) 640. Macere por oito dias e filtre. Em fricções, como estimulante e antispasmodico.

VALERIANATO DE AMMONIACO (Valérianate d'ammoniaque, fr.). Acha-se no estado solido, em crystaes brancos; ou liquido, sem côr, muito espesso. Antispasmodico, aconselhado contra a epilepsia e o hysterismo na dóse de 5 a 50 centigrammas (1 a 10 grãos) por dia em poção ou pilulas.

VALERIANATO DE QUININA (Valérianate de quinine, fr.). Medicamento descoberto pelo Principe Luiz Luciano Bonaparte, e recommendado no tratamento das febres intermittentes, principalmente nas febres adynamicas e ataxicas. É considerado por alguns facultativos como um antiperiodico efficaz, e ainda superior ao sulfato de quinina por suas propriedades nevrosthenicas. Crystalliza em octaedros ou hexaedros; tem o cheiro desagradavel do acido valerianico, sabor amargo semelhante ao da quinina; é soluvel em 110 partes d'agua fria e em 40 partes d'agua fervendo; muito mais soluvel no alcool e no azeite quente. Os acidos mineraes, e a maior parte dos acidos organicos decompõem-n'o. Torna-se phosphorescente quando se tritura.

Internamente. 30 centigrammas a 1 gramma (6 a 20 grãos) por dia em pilulas ou dissolvido em agua.

Pilulas de valerianato de quinina (Devay).

Valerianato de quinina	10 centig.	Extracto de zimbro	q. s.

F. 1 pilula, e como esta mais 11. D. 1 a 6 por dia. Febres intermittentes, nevralgias periodicas, nevroses.

Poção de valerianato de quinina (Devay).

Poção gommosa	100 gram.	Valerianato de quinina	30 centig.

M. Toma-se em tres dóses, em um dia, nas febres intermittentes rebeldes.

Clyster de valerianato de quinina (Devay).

Valerianato de quinina	10 centig.	Agua	180 gram.

Externamente :

Linimento de valerianato de quinina (Devay).

Valerianato de quinina	1 gram.	Azeite doce	60 gram.

Dissolva. Em fricções na região do baço.

VALERIANATO DE ZINCO (Valérianate de zinc, fr.). Sal debaixo da fórma de palhetas brilhantes, de côr branca semelhante da madreperola; é soluvel na agua fria, mais soluvel na agua quente, e ainda mais no alcool; é inalteravel ao ar, e não é deliquescente. Obtem-se saturando o acido valerianico pelo oxydo de zinco.

Antispasmodico e calmante; util nas enxaquecas, epilepsias, nevralgias faciaes, e outras nevroses.

Internamente. 10 a 40 centigrammas (2 a 8 grãos) por d em pó, pilulas ou poção.

Pilulas de valerianato de zinco (Devay).

Valerianato de zinco	5 centig.	Alcaçuz em pó	q.
Mucilagem de gomma	q. s.		

F. 1 pilula, e como esta mais 11. D. Uma pela manhã e outra noite, nas enxaquecas e nevralgias.

Pós de valerianato de zinco (Devay).

Valerianato de zinco	5 centig.	Assucar	30 centi

F. 1 papel, e como este mais 11. D. 1 a 4 por dia.

Poção de valerianato de zinco (Devay).

Agua distillada	120 gram.	Xarope simples	30 gra
Valerianato de zinco	10 centig.		

M. Uma colher *de sopa,* de hora em hora.

VASSOURA. *Sida carpinifolia,* L. Malvaceas. Sub-arbusto do Brasil. Tronco mui ramoso; folhas alternas, ovaes-oblongas, serre das; flores axillares, curtamente pedunculadas; fructo, capsu envolvida pelo calice persistente, formada por cinco a oito carpell dispostas circularmente, terminando cada uma por duas pequen pontas. *P. us. Folhas e flores.* — Emolliente, empregado nas bro chites.

Internamente. *Infusão :* 4 gram. (1 oitava) para 250 gra (8 onças) d'agua fervendo.

Externamente. *Decocção :* em banhos, 1 kilogramma (2 libr para um banho.

VASSOURINHA, ou **Tupeiçáva.** *Scoparia dulcis,* L, Escr phularineas. Planta da Flora brasileira. Caule quasi lenhoso 2 palmos de altura. mais ou menos; folhas lanceoladas, serreada oppostas; flores solitarias, brancas, pequenas, axillares; fruct pequena capsula espherica com dois loculamentos; sabor amargo mucilaginoso. *P. us. Toda a planta.* — Emolliente. A infusão d'es planta, adoçada com assucar ou xarope de avenca, usa-se nas bro chites. O cozimento, administrado em clysteres, é um remedio pop lar contra as hemorrhoidas. 4 grammas (1 oitava) para 250 gramm (8 onças) d'agua.

VELAME DO CAMPO. *Croton campestris.* St-Hil. Euphc biaceas. Planta da Flora brasileira. (Minas.) Toda a planta é cobe de um tomento amarellado; folhas alternas, ovaes, levemente de teadas; flores em espiga no apice dos ramos. A raiz é purgativa. *croton fulvus,* Martius, goza das mesmas propriedades.

VELAME DO MATTO (S. Paulo), **Braço de pregui** (outras partes do Brasil). *Solanum cernuum,* Velloso. Solane Arbusto do Brasil. Folhas obovaes, grandes, alternas, peciolada amargas; flores em cymeiras; fructo, baga lisa, amarella. A infus das folhas emprega-se nas obstrucções do figado. Prepara-se c 4 grammas (1 oitava) de folhas, e 250 grammas (8 onças) d'ag fervendo. Externamente as folhas applicão-se nas ulceras.

VERATRINA (Vératrine, fr.). Substancia alcalina vege descoberta nos rhizomas do veratro preto, nas sementes de cev dilha, na raiz do helleboro branco e no bolbo de colchico. É pul rulenta, branca, de sabor acre, insoluvel em agua, soluvel alcool. O menor vestigio de veratrina provoca espirros. Veneno en gico, quasi tão deleterio como a strychnina. Tomada em dóse tox produz os effeitos seguintes : nauseas, vomitos, evacuações alvin salivação, paralysia da sensibilidade, espasmos musculares, dep

ralysia do movimento. abaixamento da temperatura, diminuição s pancadas do coração, morte. Exerce uma influencia particular systema nervoso. Foi aconselhada no tratamento da endocardite, rheumatismo articular agudo, das nevralgias, da amaurose e da ralysia da face; mas deve ser administrada com muita cautela. No terior é aconselhada sob a fórma de linimento, de pomada, etc.; levemente rubificante. Dissolvida no alcool, foi aconselhada em jecções sub-cutaneas, na dóse de 1 milligramma (1/50 de grão).

Internamente. 5 milligrammas (1/10 de grão) duas vezes por a, em pilulas.

Alcool de veratrina.

ratrina	20 centig.	Alcool	30 gram.

D. 10 a 25 gottas em poção.

Pilulas de veratrina.

ratrina	5 millig.	Xarope simples	q. b.
mma arabica em pó	5 centig.		

F. 1 pilula, e como esta mais 5. D. 1 a 2 por dia. Rheumatismo udo.

Externamente. Alcool de veratrina em fricções, na dóse de grammas (1 oitava) por dia.

Pomada de veratrina.

ratrina	10 centig.	Banha	15 gram.

M. Em fricções sobre as juntas affectadas de gota, e nas nevralgias re os lugares doridos. Dóse da pomada para uma fricção por dia: gramma.

VERATRO VERDE. *Veratrum viride*, Aiton. Colchicaceas. raiz d'esta planta está admittida na therapeutica da America Norte. As obras de materia medica só se occupavão até hoje do *atrum album* e *nigrum*, raizes drasticas, actualmente sem uso. raiz do *veratro verde* é bulbosa, de côr preta na base; de sua cumferencia partem radiculas transversalmente rugosas, de côr nca-amarellada, tendo 1 centimetro de diametro em sua origem, lgumas vezes mais de 4 decimetros de comprimento. A veratrina veniente do *veratrum viride* é raras vezes purgativa, ao passo a do *veratrum album* é um poderoso drastico. Os symptomas produz o veratro verde são : 1° diminuição na frequencia do so e da respiração; 2° em fortes ou frequentes dóses, sensação de queza, vertigem, nauseas, vomitos e prostração geral; 3° exage-ão das secreções, principalmente da secreção salivar; sensação frio, com fraqueza nos musculos e impossibilidade de regularizar movimentos; 5° quando sobrevem vomitos, o numero das pulsações uz-se á metade e até menos : cobre-se o corpo de suores frios, npanhados de ardencia e entorpecimento nos membros; nota-se ilatação da pupilla, a fraqueza e escuridão da vista. — O veratro le é considerado, em primeiro lugar, como sedativo arterial, ois como diaphoretico, diuretico, emetico, esternutatorio, etc. conselhado nas febres inflammatorias, rheumaticas, pneumonia, nchite, pleuriz, peritonite e cerebrite.

Internamente. *Extracto* (Bolbos de *veratro viride*, 1; alcool 0°, 6. Faça tintura por deslocação, distille a b. m. para extrahir lcool; evapore em b. m. até á consistencia de extracto). 1 a 5 cen-ammas (1/5 a 1 grão) em pilulas.

Tintura (Bolbos de *veratro viride*, 1; alcool a 85° cent., 2). 5 a ottas, de duas em duas horas, n'um pouco d'agua.

VERBASCO (Bouillon-blanc ou molène, fr.). *Verbascum thapsus*, L. Escrophularineas. Fig. 295. Planta commum em Portugal; habita nos mattos e nos sitios arenosos nos arredores de Coimbra, e outras partes do norte do Reino; é cultivada no Brasil. Caule tomentoso; folhas radicaes pecioladas, lanceoladas; as do caule longamente decursivas; esbranquiçadas-esverdeadas, cotanilhosas de ambas as partes, crenadas; flores em espiga, amarellas, de cheiro agradavel. *P. us*: *Folhas* e *flores*. As flores seccas devem ser conservadas ao abrigo da luz, e bem apertadas; se não, fazem-se pretas. — Emolliente, empregado nas affecções pulmonares.



Fig. 295. — Verbasco.

Internamente. *Infusão* : Flores de verbasco 5 gram. (1 1/4 o… agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por meia hora, e…

VERBASCO DO BRASIL. V. *Barbasco*.

VERBENA. V. Urgebão.

VERONICA (Véronique, fr.). *Veronica officinalis*, L. Esc… phularineas. Planta que habita nas partes septentrionaes de Por… gal. Caule filiforme, roliço, empubescido; folhas oppostas, ova… denteadas e pubescentes; flores azues em espiga; sabor um po… amargo e aromatico. *P. us. Folhas* e *summidades floridas*.

Estimulante fraco e sudorifico, empregado nas bronchites.

Internamente. *Infusão* ; 4 gram. (1 oitava) para 250 gram. ;3 onças) d'agua fervendo.

VETIVER (Vétiver, fr.). *Andropogon muricatus*, Retz. Planta a familia das Gramineas, originaria da India, cultivada no Brasil. raiz, de cheiro fortemente aromatico, mette-se nas gavetas para erfumar a roupa ou preserva-la dos insectos.

VINAGRE ou acido acetico impuro (Vinaigre, ou acide cétique impur, fr.). Liquido amarello ou vermelho, de sabor acido, heiro picante. Contém, além do acido acetico, acido malico, tar-rato acido de potassa e de cal, e uma materia corante. É o resul-ado da fermentação acida dos liquidos alcoolicos, taes como o inho, cerveja, cidra, melaço, etc. O vinagre é tinto ou branco, onforme o vinho d'onde procede. Prepara-se tambem distillando a nadeira, ou decompondo o acetato de cobre. Este chama-se *vinagre adical*, aquelle *vinagre de madeira*.

O acido acetico puro e o vinagre radical achão-se descriptos na . 149.

Fabricação do vinagre de vinho. Deita-se vinho em vasilhas até os dois terços da capacidade d'estas, e expõe-se á temperatura de)° a 25° centigrados; ao cabo de 30 dias todo o vinho está conver-ido em vinagre. Quanto melhor fôr a qualidade do vinho, tanto elhor será o vinagre.

Fabricação do vinagre de madeira. Queima-se a madeira em vastos bos de ferro fundido, que communicão com um reservatorio mmum, ao qual se dirige todo o acido acetico, chamado pyroli-neo. Quando a madeira está completamente carbonizada, acha-se reservatorio um liquido preto, espesso, de cheiro desagradavel, mposto principalmente de acido acetico, de agua e de uma sub-ancia oleosa semelhante ao alcatrão. Separa-se a substancia oleosa, purifica-se o liquido, tratando-o successivamente pela cal e pelo lfato de soda. Dissolvendo em agua o acetato de soda obtido, intando acido sulfurico, e distillando depois, obtem-se o vinagre ais ou menos concentrado, geralmente preferido nos laboratorios imicos para a preparação dos diversos acetatos empregados nas armacias. É incolor, muito acido, e de cheiro penetrante. É nhecido debaixo do nome de *vinagre de Mollerat*, nome do chi-co que o poz em voga. É muito empregado hoje nas mesas em riz.

O vinagre de vinho é o unico empregado nas pharmacias, e o agre branco é preferivel ao tinto. Póde este ser descorado pelo rvão animal. O leite desnatado tambem o descora em parte. O agre de vinho, de boa qualidade, é limpido, tem cheiro agra-vel, sabor acido e picante; esfregado nas mãos, não deixa mão iro. — O vinagre de vinho tem a mesma composição que o iho; só differe em ser o alcool substituido pelo acido acetico. O agre de boa qualidade turva-se pouco pelo nitrato de baryta, lo oxalato de ammoniaco ou pelo nitrato de prata.

Falsificação do vinagre. O vinagre é, ás vezes, falsificado no com-ercio. Póde ser adulterado com agua; com os acidos sulfurico, trico, chlorhydrico, ou com substancias acres. — A agua que untão ao vinagre diminue-lhe a força; e este não póde ser repu-do bom senão quando é sufficientemente acido. 100 partes de bom nagre saturão 9 a 10 partes de carbonato de potassa secco. 1 gotta vinagre de boa qualidade, lançada sobre papel muito branco, o deixa, depois de evaporada, vestigio algum; mas se contém

acido sulfurico, a mancha torna-se preta, e se o vinagre contive acido nitrico, a mancha é amarella. Descobre-se o *acido sulfuric* por diversos meios : 1° Evapora-se o vinagre até á consistencia d xarope, depois trata-se pelo alcool a 40° cent., o qual dissolve acido sulfurico; dilue-se com agua, e faz-se evaporar o alcool ajuntando então chlorureto de bario obtem-se um precipitado insoluv no acido nitrico. O emprego do alcool tem por fim eliminar o acid sulfurico, e deixar os sulfatos naturalmente contidos no vinagre. precipitação directa do vinagre pelo sal de baryta não é uma prov da presença do acido sulfurico, porque o vinagre contém naturalmen sulfato de potassa, que póde produzir este effeito. 2° Deitão-se algu mas gottas de vinagre com um pouco d'agua assucarada n'um pequena capsula; evapora-se tudo a calor brando, se o producto d deseccação é preto, póde-se concluir que o vinagre continha acid sulfurico. 3° O chlorureto de cal não precipita o bom vinagre; ma o vinagre misturado com acido sulfurico, aquecido com um pouc de chlorureto de cal, deixará precipitar sulfato de cal depois de fri Póde-se assim descobrir 1/1000 de acido sulfurico.

Para descobrir *acido chlorhydrico*, distilla-se o vinagre, e deita se no producto distillado nitrato de prata, que formará o chloru reto de prata. Deitando directamente no vinagre a solução de nitrat de prata, seria esta precipitada pelo chloro dos chloruretos contido naturalmente no vinagre, o que faria commetter erros.

O *acido nitrico*, que é raras vezes empregado, será reconhecid saturando pela potassa caustica uma porção de vinagre, e evapo rando até á seccura. O residuo, tratado por cinco ou seis vezes seu peso de alcool a 40°, deixará um sal branco no qual poder-se ha verificar a presença do nitrato de potassa. Ou então, deita-se um pouco de vinagre n'uma capsula, mettem-se dentro algumas rasura de uma penna de ganso, aquece-se, e se esta substancia organic amarellece, será prova de que o vinagre contém acido nitrico. — *Sub stancias acres*, como a pimenta, o pyrethro, a mostarda, o meze reão, achão-se ás vezes juntas ao vinagre para augmentar-lhe força. Saturando pelo carbonato de potassa o acido do vinagre assim preparado, não perderá este nada do seu sabor urente. Póde se tambem evaporado a b. m. até á consistencia de extracto; o residu deve ter o sabor acre.

Propriedades e usos. O vinagre serve nas pharmacias para fazer os *vinagres medicinaes* e os *oxymeis* (V. p. 125 e 100). Na economia domestica é o tempero mais commum e mais util; torna os ali mentos mais tenros, mais faceis de digerir, e dá-lhes melhor gosto. É um precioso agente de conservação das substancias animaes e vegetaes.

Administrado por alguns dias, sendo puro, o vinagre póde pro duzir a inappetencia, o emmagrecimento progressivo, e a tisica; mas diluido em agua, é um temperante mui util, empregado nas febres inflammatorias, febres biliosas e adynamicas, envenenamentos pelo opio e por outras substancias narcoticas. N'este ultimo caso, não deve ser administrado senão algum tempo depois da introducção do veneno afim de não lhe servir de dissolvente, e favorecer assim a absorpção da substancia toxica, porém, sim, quando esta já houver sido expellida do estomago. Diluido em agua, augmenta a secreção urinaria e a transpiração cutanea. Externamente serve nas inflammações chronicas das gengivas, nas perdas uterinas e outras hemorrhagias. Seu vapor dirigido á mucosa nasal é util na syncope.

O acido acetico puro não se emprega internamente; faz-se sómente respirar o seu vapor nas syncopes.

Substancias incompativeis. Emulsão, leite, alcalis, carbonatos, ılcalinos, etc.

Internamente. 12 gram. (3 oitavas) de vinagre para 360 gram. 12 onças) d'agua, ou q. b. para acidular agradavelmente um cozi-nento adoçado convenientemente.

Oxymel simples (p. 100), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) em poção ou cozimento.

Xarope de vinagre (p. 140), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Clyster acetoso.

gua	180 gram.	Vinagre	30 gram.

Prisão de ventre, envenenamento pelo opio.

Externamente :

Sal de vinagre (Cod. fr.).

Pequenos crystaes de sulfato de potassa, impregnados de vina-re inglez. Empregado para encher os frasquinhos que se trazem ıa algibeira, para cheirar nos desmaios.

Gargarejo acidulo.

ozimento de cevada	500 gram.	Vinagre	20 gram.
Iel rosado	60 gram.		

Fomentação resolvente.

gua fria	360 gram.	Vinagre	30 gram.

Luxações, torceduras.

Vinagre aromatico (Cod. fr.).

olhas de salva	25 gram.	Alho	10 gram.
— de alecrim	25 gram.	Flores de alfazema	50 gram.
— de hortelã-pimenta	25 gram.	Vinagre branco	2000 gram.
olhas de melissa	25 gram.		

Corte as plantas; macere-as por dez dias, vascolejando de vez n quando. Côe e filtre. — Estimulante, antispasmodico; emprega-se n fricções, e faz-se respirar nos desmaios.

Vinagre inglez (Cod. fr.).

cido acetico crystalli-zavel	600 gram.	Oleo volatil de cravo da India	2 gram.
ımphora	60 gram.	Oleo volatil de alfazema	50 centig.
eo volatil de canella	1 gram.		

Pulverize a camphora em gral de vidro, por meio de um pouco acido acetico; introduza n'um frasco tapado com rolha de vidro; unte o acido acetico e os oleos volateis; passados quinze dias cante e guarde para uso. — Serve para encher os vidrinhos em ıe previamente se introduz sulfato de potassa. O verdadeiro vina-e inglez é corado de vermelho pela cochonilha.

Vinagre antiseptico ou *dos quatro ladrões* (Cod. fr.).

ımmidades de grande absinthio	40 gram.	Raiz de acoro aromatico	5 gram.
mmidades de pequeno ıbsinthio	40 gram.	Casca de canella	5 gram.
ecrim	40 gram.	Cravo da India	5 gram.
rúda	40 gram.	Moscadas	5 gram.
lva	40 gram.	Alho	5 gram.
ores de alfazema	40 gram.	Camphora	10 gram.
		Acido acetico	40 gram.
		Vinagre branco	2500 gram.

Todas estas plantas devem ser seccas e cortadas. O acoro, canella, oscadas e cravos devem ser machucados, o alho pisado. Macere no ıagre, durante dez dias, todas as substancias, sem a camphora e n o acido acetico. Côe com espressão; ajunte a camphora dissol-

vida previamente no acido acetico; filtre depois de alguns dias, e guarde em vasos de vidro bem tapados.

Dá-se a cheirar nas syncopes, ou emprega-se em fricções como excitante.

Vinagre aromatico e antiputrido (Bully).

Agua	7000 gram.	Essencia de Portugal	30 gram.
Alcool	3500 gram.	— de alecrim	30 gram.
Essencia de bergamota	30 gram.	— de alfazema	4 gram.
— de casca de limão	30 gram.	Alcoolato de melissa	500 gram.

Vascoleje de vez em quando, e passadas 24 horas ajunte :

Infusão de benjoim	60 gram.	Infusão de estoraque	60 gram.
— de Tolú	60 gram.	— de cravos da India	60 gram.

Torne a vascolejar, depois ajunte :

Vinagre distillado........................... 2000 gram.

Filtre passadas 12 horas, e ajunte ainda :

Vinagre radical............................. 90 gram.

VINCETOXICO (Asclépiade ou dompte-venin, fr.). *Asclepias vincetoxicum,* L. Asclepiadeas. Planta da Flora portugueza; habita nos mattos do Gerez e outras partes. Caules muitos de uma só raiz, da altura de 60 centimetros, roliços, glabros; folhas oppostas, ovaes-lanceoladas; flores brancas. Raiz horizontal, guarnecida inferiormente de fibras numerosas, filiformes, brancas, de cheiro forte e gosto acre quando *recente,* mas *secca* tem só um cheiro fraco, sempre desagradavel, e sabor ao principio doce, depois um tanto acre. *P. us. Raiz.*

Diuretico e sudorifico. Entra na composição do *Vinho diuretico amargo.* (V. p. 725).

VINHO (Vin, fr.). Liquido alcoolico obtido pela fermentação do mosto das uvas. Os vinhos contém todos, mas em proporções variaveis, muita agua, alcool, um pouco de assucar não decomposto, mucilagem, tannino, acidos malico e acetico, tartrato acido de potassa, tartrato e malato de cal, materia corante, etc. Além d'estas differentes substancias, os vinhos contém ás vezes gaz acido carbonico, que os faz espumar : o que acontece quando se engarrafão antes de acabada a fermentação. A diversidade das proporções respectivas d'estas substancias no vinho, constitue as innumeraveis variedades d'este liquido. O perfume particular a cada vinho (*bouquet*) é devido a um principio oleoso ou ethereo, que os chimicos Liebig e Pelouze conseguírão isolar, e a que chamárão *ether œnanthico.* O alcool é o principio que dá aos vinhos a propriedade embriagante.

Chamão-se vinhos generosos os que contém mais de 11 por 100 de alcool. A quantidade de alcool puro em volume, contida em 100 partes de vinho, é, segundo Gay-Lussac, nos vinhos seguintes e outras bebidas espirituosas :

Madeira natural 16; Malaga e Chypre 15,1; Saint-Georges e Sauterne 15; Frontignan 11,8; Champanha espumante 11.6, vinhos do Rheno 11 a 11,9; Volnay, Chambertin, Beaune, Nuits e outros vinhos de Borgonha 11 a 11,5; vinhos de Bordeos 8 a 10; Tokai 9.1 Pale ale de Edimburgo (cerveja branca) 5,7; porter de Londres (cerveja preta) 3,9; cerveja de Pariz 1;9.

Mas a alguns d'estes vinhos o commercio accrescenta certa quantidade de alcool, de sorte que o vinho da Madeira do commercio contém muitas vezes 20 a 25 por cento de alcool.

Os vinhos são tonicos e estimulantes, e tanto mais quanto maior é a quantidade de alcool que encerrão. Os que contém muito tar-

taro e materia corante são adstringentes. Os vinhos brancos e acidulos são diureticos; e em Portugal o vinho de Bucellas goza muito d'esta reputação. Os vinhos, em geral, convem em todos os casos em que é necessario augmentar a actividade dos orgãos, nas convalescenças das molestias longas, affecções escorbuticas, molestias venereas inveteradas, hydropisias, febres typhoides, etc. Os banhos de vinho tinto são muito uteis ás crianças fracas. Externamente applica-se tambem o vinho com vantagem contra as ecchymoses, pernas inchadas, ulceras de máo caracter. O vinho tinto quente serve para injecções no curativo dos hydroceles; frio, em injecções contra as blennorrhagias.

Internamente :

Limonada vinosa.

Vinho do Porto	120 gram.	Agua	340 gram.
Xarope tartarico	60 gram.		

M. Ás chicaras; nas affecções adynamicas.

Mistura tonica (Rognetta).

Caldo de carne de vacca	180 gram.	Aguardente	60 gram.
Vinho tinto	120 gram.		

M. D. Meia chicara de hora em hora no envenenamento pelo arsenico.

Externamente :

Balsamo samaritano. Vinho tinto, azeite doce, aná p. iguaes. Feridas, ulceras, contusões.

Vinho aromatico (p. 445), emprega-se para curar as feridas.

VIOLA, Violeta, ou **Viola de cheiro** (Violette, fr.) *Viola odorata,* L. Violarineas. Planta cultivada nos jardins do Brasil e de Portugal. Fig. 296. Caules molles, folhas cordiformes, dentadas, flores roxas, de cheiro suave. *P. us. Flores.* Emolliente e diaphoretico; empregão-se nos defluxos e outras molestias acompanhadas de tosse.

Internamente. *Infusão :* Flores de violas 5 gram. (1 1/4 oit.), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por meia hora, e côe.

Xarope (p. 140), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças). Emprega-se tambem como reactivo. Sua côr natural é azul, torna-se verde pelos alcalis.

Pastilhas peitoraes (Tissot).

Infunda por 24 horas, em vaso tapado, e em 250 grammas d'agua fervendo, 125 grammas de flores de laranjeira, 60 grammas de tussilagem, 30 grammas de violas; côe. Faça xarope com este infuso e 3000 gram. de assucar; reduza-o á consistencia de massa, e faça pastilhas de 1 gram. (20 grãos).



Fig. 296. — Violeta de cheiro.

VIOLETA DE TRES CORES, Amor perfeito, ou **Herva da trindade** (Violette tricolore ou Pensée cultivée, fr.). *Viola tricolor,* L. Violarineas. Planta da Flora portugueza; habita espontaneamente pelos tapumes e nas brenhas

um tanto humidas e nos pastos. Apresenta grande variação na fórma das folhas, na côr e no tamanho das flores, segundo os lugares em que habita : e suas variedades cultivadas tem sido modificadas quasi indefinidamente. As duas variedades principaes são.

1° VIOLETA DE TRES CORES SILVESTRE, (Pensée sauvage, fr.). *Viola tricolor arvensis*, L. Habita nos campos de Portugal e de toda a Europa. Caule ramoso, da altura de 16 a 22 centimetros; flores axillares, pedunculadas; petalas de um branco-amarellado, misturado com um roxo-pallido. Toda a planta tem sabor mucilaginoso, não desagradavel. Tem sido preconizada contra a crosta leitosa, e e em algumas molestias cutaneas pouco intensas, como depurativo. *P. us. Toda a planta.*

Internamente. *Infusão*, 10 grammas (2 1/2 oitavas) para 1000 grammas (32 onças) d'agua fervendo.

Xarope (p. 141), 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

2° VIOLETA DE TRES CORES CULTIVADA, *Viola tricolor hortensis*, L. Cultiva-se nos jardins do Brasil e de Portugal. Differe da precedente pelo tamanho e belleza das flores, cujas duas petalas superiores são arroxeadas, e as tres outras de um amarello-vivo, marcadas de roxo na ponta, e de linhas avermelhadas na base. Ha uma variedade cujas petalas são inteiramente de côr roxa-purpurea, e servem para fazer um xarope de côr magnifica.

VIPERINA ORDINARIA. (Vipérine commune, fr.). *Echium vulgare*, L. Borragineas. Planta da Flora portugueza. Caule eriçado de pellos rudes, inseridos sobre pontos roxos que lhe dão alguma semelhança com a pelle de vibora; folhas lanceoladas, hispidas; flores quasi sesseis, dispostas em espigas lateraes; corolla purpurea, tornando-se em azul. *P. us. Flores.*

Sudorifico; usa-se ás vezes em lugar de borragem.

Internamente. Flores de viperina 10 grammas (2 1/2 oitavas); agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por meia hora, e côe.

YBIRAREMA. V. PÁO DE ALHO.

YPADU. V. COCA.

ZEDOARIA. (Zédoaire, fr.). Raiz ou antes rhizoma, da *Kaempferia rotunda*, L., planta da India, da familia das Amomaceas. Nas pharmacias acha-se em bocados, que formão tuberculos da grossura de um ovo de gallinha, cinzentos por fóra, esbranquiçados interiormente; cheiro analogo ao do gengibre. Estimulante pouco empregado; entra na composição da theriaga.

ZIMBRO ou **Junipero** (Genièvre, fr.). *Juniperus communis*, L. Coniferas. Arbusto frequente sobretudo na Hollanda; em Portugal habita nas mais altas montanhas da serra da Estrella e do Gerez. Fig. 297. *P. us. Fructos.* São bagas polposas, côr entre negro e roxa, do tamanho da ervilha, de cheiro forte, agradavel, sabor amargo e quente.

Estimulante e diuretico; empregado nas hydropisias, catarrhos da bexiga, molestias cutaneas, febres intermittentes, amenorrheas, rheumatismos, etc. Externamente, as bagas de zimbro, lançadas sobre brasas em fumigações contra as dôres rheumaticas.

Internamente. *Pó*, 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).

Infusão, 5 grammas (1 1/4 oitava) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

Extracto (p. 90), 1 a 8 grammas (20 grãos a 2 oitavas) em pilulas como estomachico. Serve de excipiente ás pilulas tonicas.

Agua distillada, 60 a 120 grammas (2 a 4 onças) como vehiculo das poções diureticas.

Pela distillação da aguardente de centeio com bagas de zimbro obtem-se um liquido espirituoso chamado *genebra,* que se administra internamente diluido em agua, como diuretico; e externamente em fricções sobre as partes edematosas. O seu emprego communica ás ourinas um cheiro de violeta.



Fig. 297. — Zimbro.

Externamente. *Fumigações de zimbro.* Deitão-se 500 grammas libra) de bagas de zimbro n'um tacho contendo brasas, e mette-se tacho entre os lençoes da cama. O doente recebe o vapor durante ma hora.

CLASSIFICAÇÃO

DOS

MEDICAMENTOS

Debaixo do ponto de vista da pratica medica.

É muito difficil estabelecer uma classificação dos medicamentos á qual nada se possa objectar. Tambem é impossivel collocar um medicamento n'uma só classe determinada, porque ha medicamentos que tem propriedades multiplas, conforme as suas dóses, as molestias em que se empregão, e o modo de vida ou a constituição dos doentes. Sabe-se, por exemplo, que o tartaro emetico póde actuar como vomitivo, purgativo, sudorifico, febrifugo, conforme as quantidades e as circumstancias em que se administra.

Eis-aqui a definição das diverssas classes de medicamentos, e as substancias que pertencem a cada uma das classes. N'esta parte do livro sigo a ordem alphabetica, já adoptada nos outros capitulos.

Adstringentes. Chamão-se *adstringentes*, do verbo latin *astringere*, apertar, medicamentos de sabor acerbo, que tem a propriedade de produzir a adstricção sobre todos os tecidos vivos. Os que são empregados externamente chamão-se mais commummente *stypticos*, *resolventes*, *repercussivos*, *detergentes*, *seccativos*, etc. Os adstringentes, apertando o systema capillar, diminuem os movimentos secretores não só dos orgãos com que estão immediatamente em contacto, mas ainda dos orgãos que sympathizão mais ou menos com o canal intestinal. Assim o tannino, o sulfato de alumina e potassa, e outros muitos, diminuem os suores, e ao mesmo tempo a diarrhea. Os adstringentes são de grande auxilio no tratamento das hemorrhagias passivas, dos fluxos sanguineos traumaticos fornecidos por pequenos vasos, dos fluxos mucosos, das diarrheas serosas, congestões ou inflammações externas, queimaduras, erysipelas, panaricios, quando em principio, etc.; no escorbuto, relaxação dos tecidos, obesidade. Os adstringentes são contra-indicados quando existe inflammação aguda e intensa de algum orgão importante, porém são vantajosos nas phlegmasias chronicas, como nas inflammações catarrhaes da vagina e da urethra, etc.

Os medicamentos adstringentes são :

Tannino.
Cato.
Alumen.
Ratanhia.
Sangue-drago.
Noz de galha.
Bolo de Armenia.
Acido acetico.
Vinagre.
Acido acetico diluido.
— borico.
— citrico.
Acido chlorhydrico diluido.
— oxalico.
— sulfurico diluido.
— tartarico.
Creosota.
Perchlorureto de ferro.
Proto-chlorureto de ferro.
Tartrato de potassa e de ferro.
Citrato de ferro.
Sulfato de ferro.
— de zinco.
Oxydo de zinco.

Acetato de chumbo neutro.
Protoxydo de chumbo.
Sub-carbonato de chumbo.
Borax.
Pedra divina.
Gomma-kino.
Bistorta.
Monesia.
Casca de aroeira.
— de jiquitibá.
Folhas de goiabeira.
Casca de jaboticaba.
Romã (casca e polpa do fructo).
Rosas rubras.
Tormentilla.
Morangueiro.
Agrimonia.
Tanchagem.
Fructas acidas.
Especies adstringentes.
Agua fria.
Pediluvios frios.
Banhos frios.
Vinho tinto.
Agua de cal.
Folhas de nogueira.

Alterantes. Dá-se o nome de *alterantes* áquelles medicamentos que, sem produzirem effeitos immediatos sensiveis, modificão de maneira persistente a natureza do sangue, e dos humores diversos. A maior parte das substancias que compõem esta classe são venenos energicos, e só devem ser considerados como alterantes quando são administrados na dóse *alterante;* isto é, em dóse assaz diminuta para não occasionar effeito immediato sensivel, mas sufficiente, para que a economia experimente com o tempo a modificação ou alteração duradoura. Os alterantes são em geral considerados como *especificos;* curão neutralizando o virus introduzido na economia. São aconselhados nas diversas fórmas da infecção syphilitica. Quando um destes medicamentos não cura, é necessario recorrer a outro. As escrophulas e as molestias cutaneas achão nos alterantes poderosos remedios.

Os medicamontos alterantes são :

Mercurio.
Protochlorureto de mercurio.
Deutochlorureto de mercurio.
Sulfureto rubro de mercurio.
Oxydo rubro de mercurio.
Iodo.
Ouro.
Oxydo de ouro.
Chlorureto de ouro.
— de ouro e sodio.
Acido arsenioso.
Iodureto de ferro.
— de enxofre.
Protoiodureto de mercurio.
Deutoiodureto de mercurio.
Iodureto de potassio.
Oleo de figado de bacalháo.
Arseniato de ferro.
— de ammoniaco.
— de soda.
Arsenito de potassa.

Analepticos, Corroborantes, Reconstituintes. Medicamentos ou substancias que servem para restabelecer as forças dos convalescentes. As feculas como a tapioca, araruta, sagú, salepo, etc., etc., os caldos de carne de vacca, a caça, filhotes, carnes assadas, geleas animaes, os ovos, o leite, as gorduras, a manteiga, o azeite, as bolinhas de carne crua, são *alimentos analepticos* e *reconstituintes;* a classe dos tonicos ministra os *medicamentos corroborantes.*

Vinho.
Oleo de figado de bacalháo.
Ferro e suas preparações.
Carragaheen.
Sal marinho.
Carbonato de manganez.
Quina.
Quassia.
Calumba.
Genciana.
Fumaria.
Camomilla
Centaurea menor.
Lupulo.

Almeirão.
Taraxaco.
Fumaria.
Labaça.
Bardana.
Phosphato de cal.
Carbonato de cal.
Pepsina.
Malt.
Diastase.

Anesthesicos. Dá-se este nome a diversas substancias que tem a propriedade de produzir a insensibilidade ou *anesthesia* momentanea. Esta propriedade foi utilizada para evitar a dôr nas operações cirurgicas. A anesthesia póde ser *geral* ou *local.*

Anesthesia geral. É o resultado da acção dos vapores anesthesicos sobre o cerebro. Obtem-se pelas inhalações do *chloroformio, ether sulfurico* ou *protoxydo de azoto.* (V. p. 374, 456, 674.) São as tres substancias mais empregadas, bem que haja outras que gozem igualmente da propriedade anesthesica, taes são a amylena, o sulfureto de carbone, o oleo de naphta artificial e algumas outras substancias volateis.

Anesthesia local. É a que se circumscreve a uma região do corpo, e que se obtem pela applicação directa dos agentes anesthesicos. Um cirurgião inglez, o Dr. Richardson, conseguio este resultado por meio da refrigeração quasi instantanea que produzem os vapores de ether sulfurico applicados ao lugar que se quer tornar insensivel. Consiste o processo em projectar sobre a parte que se quer insensibilizar, sob a fórma de vapor ou chuva miuda, o ether sulfurico. O resultado d'esta applicação é a perda rapida do calor, por effeito da evaporação do ether, o que produz a morte momentanea da parte. As operações em que é mais especialmente applicavel este processo anesthesico são : abertura dos abcessos, amputação dos dedos, extracção dos dentes e da unha encravada, extirpação dos lobinhos, o phimosis, etc. O apparelho empregado para este fim é simples e de facil manejo. Fig. 298. Consta de um frasco graduado que contém ether, no qual mergulha a extremidade de um tubo, que atravessa a rolha bem adaptada, e termina bifurcando-se exteriormente; um dos ramos da bifurcação acaba em uma ponta fina (A) por onde se faz a pulverização, e o outro communica com um tubo, muito mais extenso, de caoutchouc, e que prende duas bolas da mesma substancia. A bola extrema preenche o lugar de bomba de pressão, e, comprimida pela mão, impelle o ar que vai accumular-se na segunda bola ou reservatorio, e d'ahi seguindo entra no frasco pelo tubo, passa para a parte superior do liquido e, comprimindo-o, fa-lo introduzir-se no pulverizador e sahi em fórma de chuva. A fig. 298 representa este apparelho fabricado por *Aubry,* em Pariz, Boulevart St-Michel, 6. Custa 15 francos.

É indispensavel que o ether esteja rectificado, e não tenha uma densidade superior a 0,720 (66° Beaumé). Deve ferver na palma da mão; applicado sobre a lingua deve evaporar-se rapidamente sem deixar outro vestigio senão o de leve frio. Digirido em jorro ou chuva miuda sobre a bola de um thermometro centigrado faz descer o mercurio a 14,44, e produz n'ella uma camada de neve fornecida pelo vapor d'agua atmospherica.

Pulverizado sobre a pelle, o ether produz a principio a sensação de frescura, depois frio intenso, que póde augmentar a ponto de simular uma queimadura. Por este abaixamento da temperatura produz-se a anesthesia, e ao mesmo tempo a pelle empallidece, endurece-se com o tecido cellular sub-jacente. O tempo necessario á anesthesia varía de 2 a 4 minutos. A distancia do pulverizador

elle deve ser pelo menos de 10 centimetros. Deve-se temer a ɔngelação se a refrigeração fôr prolongada além do tempo strictaɪente necessario para produzir a anesthesia; esta é sufficiente uando a pelle empallidece e quando o doente não sente as picadas. quarto em que se opera deve ser largamente ventilado; a vizihança de uma vela accesa, ou algum outro fóco de combustão, seria ɛtremamente perigosa, por causa da excessiva inflammabilidade os vapores de ether.

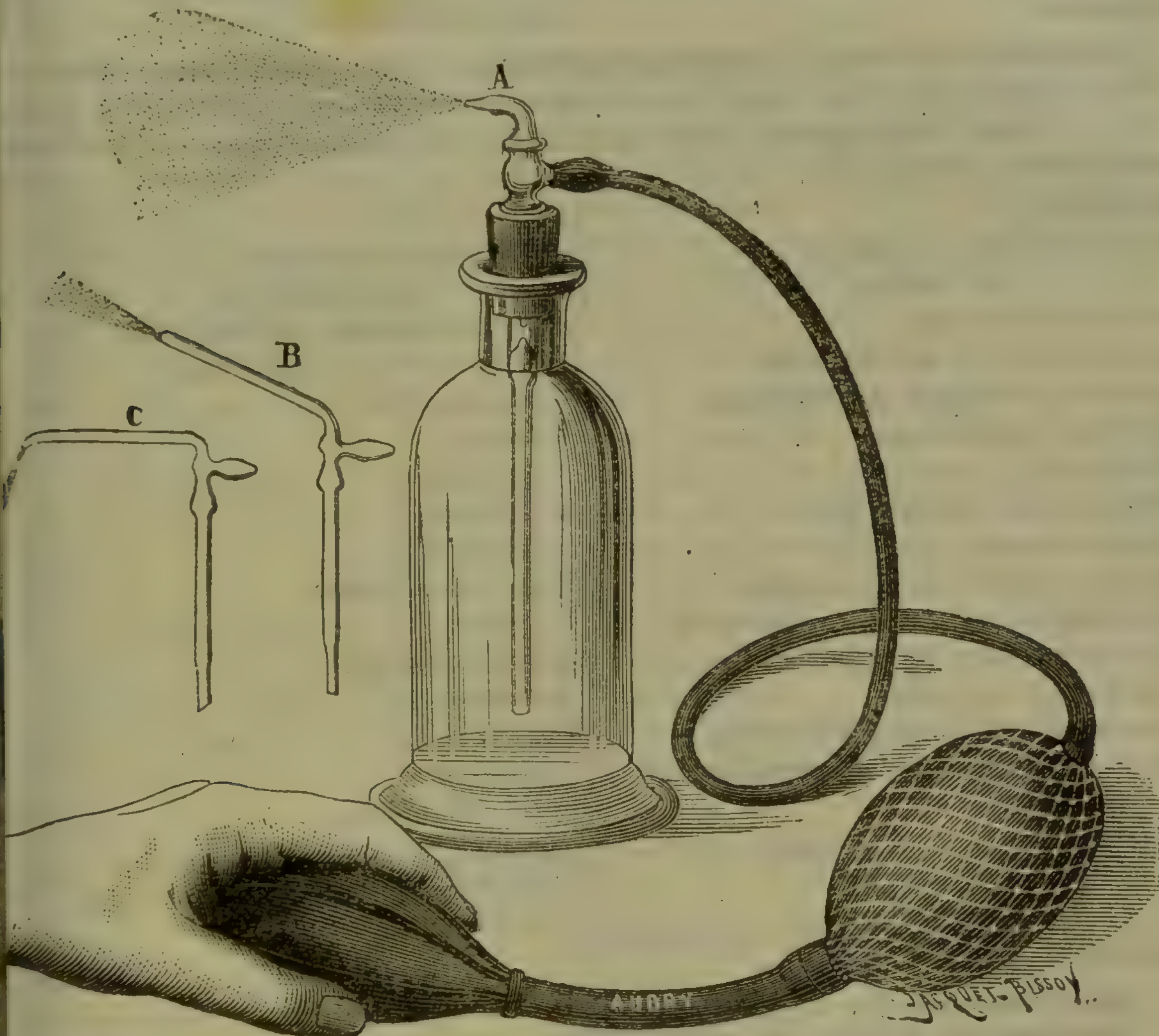


Fig. 298. — Pulverizador de Aubry.

O *apparelho de Aubry* póde servir tambem para inhalações nas ɪolestias do peito, ou dirigir o liquido pulverizado á garganta nas ɪolestias d'esta região, ou aos olhos nas ophthalmias, etc. Para ste fim adapta-se á extremidade do tubo do apparelho um dos ubos accessorios representados na fig. 298, B, C.-V. PULVERIZAÇÃO, p. 116.

Anodynos. V. *Narcoticos.*

Anthelminticos ou **vermifugos**. Os medicamentos *anthelɪinticos* ou *vermifugos* são aquelles que gozão da propriedade de ɪatar os vermes intestinaes, ou de expulsa-los dos intestinos. Estes ffeitos são frequentemente produzidos pelos purgantes drasticos, algumas outras substancias cuja acção sobre a economia é mui iva, taes como a camphora, alguns tonicos energicos; mas ha erto numero de medicamentos que, sem exercerem uma acção mui orte sobre a economia, são deleterios para os vermes que existem o canal digestivo. Em geral, algumas horas depois da sua administração, é necessario tomar um purgante.

Estes medicamentos são :

Casca de raiz de romeira.
Feto macho.
Musgo de Corsega.
Semen-contra.
Santonina.
Cusso.
Alho.
Sementes de abobora.
Atanasia.
Kamala.
Angelim.
Herva de Santa Maria.
Losna.
Hortelã.
Estanho granulado.
Oleo de ricino.
Essencia de terebinthina.
Coco da Bahia.

Antidartrosos, antiherpeticos, antipsoricos. Medicamentos que exercem sobre o systema cutaneo uma influencia especial, e são empregados nas molestias cutaneas, como os dartros, empigens, sarna, etc.

Enxofre.
Sulfureto de potassio.
— de sodio.
Acido sulfuroso.
Sulfureto de antimonio.
Aguas mineraes sulfurosas.
Banhos sulfurosos.
Mercurio.
Sublimado corrosivo.
Calomelanos.
Oxydo rubro de mercurio.
Sulfureto rubro de mercurio.
Proto-nitrato de mercurio.
Turbitho mineral.
Protoiodureto de mercurio.
Deutoiodureto de mercurio.
Acido arsenioso.
Arseniato de ammoniaco.
— de ferro.
— de soda.
Arsenito de potassa.
Iodo.
Iodureto de enxofre.
— de potassio.
Sub-carbonato de potassa.
— de soda.
Salsaparrilha.
Caroba.
Japecanga.
Guaiaco.
Sassafraz.
Raiz da China.
Colchico.
Doce-amarga.
Bardana.
Saponaria.
Fumaria.
Oleo de cade.
Alcatrão.
Coaltar.
Acido phenico.

Antifebris. V. *Febrifugos.*

Antiperiodicos. V. *Febrifugos.*

Antiphlogisticos. Medicamentos proprios para combater a inflammação. O tratamento antiphlogistico consiste no emprego das sangrias, bichas, das bebidas aquosas, mucilaginosas ou acidulas, segundo as circumstancias, dos banhos tepidos, das applicações emollientes, e da abstinencia mais ou menos completa de alimentos. Ha quarenta annos a sangria e as bichas erão muito empregadas no tratamento das molestias; hoje raras vezes se recorre a estes meios, por ter demonstrado a experiencia, que as molestias, mesmo inflammatorias, podem ceder a um tratamento muito mais brando. Os casos em que a sangria póde ser util, são : 1° convulsões das parturientes; 2° pneumonia nos individuos vigorosos acompanhada de pulso forte e frequente e dyspnea intensa ; 3° hemorrhagia cerebral, quando se assiste aos symptomas precursores d'esta molestia, e mesmo quando a hemorrhagia já se declarou, se existirem ainda symptomas congestivos; 4° congestão cerebral ou pulmonar; 5° algumas inflammações intensas.

Antiscorbuticos. Medicamentos empregados contra o escorbuto. A esta classe pertencem : agriões, cochlearia, sementes de mostarda

maria, genciana, quassia, quina, rhuibarbo, fructas acidulas, lhas de azedas, laranjas, limões, batatas inglezas, etc. Entretanto uso d'estas substancias não basta para curar o escorbuto, é preso tambem que os doentes estejão collocados em circumstancias gienicas apropriadas; isto é, que respirem um ar secco e puro, nutrão de vegetaes frescos, e habitem casas preservadas da imidade, etc.

Antisepticos. Medicamentos que impedem a putrefacção nas olestias. Os antisepticos escolhem-se d'entre os acidos, adstringentes, nicos e estimulantes.

Antispasmodicos. Os *antispasmodicos* são medicamentos excintes, que modificão algumas desordens da innervação, conhecidas elos nomes de espasmos, nevroses, nevralgias, etc. Diminuem os ovimentos convulsivos dos musculos, quando estes não dependem i inflammação do systema cerebral; acalmão a dôr e a agitação, m occasionar o estado de somnolencia que caracteriza a medicação ircotica. Distinguem-se pelo seu cheiro agradavel ou fetido e pela 'ande volatilidade de seus principios activos.

Estes medicamentos são bastante numerosos :

her sulfurico.
— nitrico.
— chlorhydrico.
— acetico.
mphora.
ssafetida.
omma-ammoniaco.
leriana.
lerianato de zinco.
ydo de zinco.
storeo.
miscar.

Ambar cinzento.
— amarello.
Bromureto de potassio.
Folhas de laranjeira.
Flores de laranjeira.
Chloroformio.
Tilia.
Herva-cidreira.
Louro-cereja.
Sub-azotato de bismutho.
Banhos mornos prolongados.

Antisyphiliticos. Medicamentos que tem a propriedade de struir o virus syphilitico.

ercurio.
iblimado corrosivo.
otoiodureto de mercurio.
eutoiodureto de mercurio.
ydo rubro de mercurio.
anureto de mercurio
dureto de potassio.
uro.
ydo de ouro

Chlorureto de ouro.
— de ouro e de sodio.
Cyanureto de ouro.
Salsaparrilha.
Guaiaco.
Sassafraz.
Raiz da China.
Japecanga.

Aperientes ou **desobstruentes.** (De *aperire*, abrir.) Dava-se ntigamente este nome a diversas substancias que se julgavão pro-ias para abrirem as vias biliarias o urinarias. E por isso a maior irte dos aperientes gozão de propriedades laxativas ou diureticas. espargo, salsa, azedas, cerefolio, nitro, forão considerados como erientes. A denominação de aperientes, que dependia das ideas ypotheticas que outr'ora reinavão, acha-se hoje pouco usada na nguagem medica.

Aphrodisiacos. Chamão-se *aphrodisiacos* os medicamentos estiulantes que tem a propriedade de excitar os orgãos genitaes. sta classe comprehende algumas substancias cuja administração óde produzir os mais graves accidentes. O medico que julgar

necessario o emprego de taes medicamentos, deve usar d'elles com muita prudencia.

Cantharidas.	Moscada.
Phosphoro.	Baunilha.
Terebinthina.	Mostarda.
Almiscar e a maior parte dos estimulantes geraes.	Ovos, regimen analeptico e estimulante.

Bechicos. Medicamentos empregados contra a tosse. Dá-se particularmente este nome aos medicamentos emollientes. São : folhas de avenca do Canadá, folhas de hera terrestre, summidades de hysopo, flores de malvas, etc.

Calmantes. V. *Narcoticos.*

Carminativos. Medicamentos a que se attribue a propriedade de combater as dôres nervosas do estomago e dos intestinos, acompanhadas de ventosidades. Estes medicamentos são tirados d'entre as substancias tonicas e aromaticas, taes como as folhas de herva cidreira, salva, hortelã, etc. Os fructos de herva doce, funcho, coentro e alcaravia (partes iguaes de cada substancia) constituem as *especies carminativas.*

Catharticos. V. *Purgantes.*

Cathereticos. Dá-se este nome aos medicamentos causticos fracos, ou empregados em pequena quantidade, afim de que o seu effeito se limite a produzir só viva irritação, e a formação de uma crosta superficial. Empregão-se sobretudo os cathereticos para destruir as carnes molles de certas ulceras, para avivar as feridas indolentes, ou reprimir as carnosidades que se formão na superficie das feridas, etc. O azotato de prata (pedra infernal) é o catheretico mais activo. A pedra lipes, a pedrahume calcinada, o acido sulfurico ou chlorhydrico, diluidos em agua, são *cathereticos.*

Causticos. Designão-se com o nome de *causticos* os agentes que desorganizão as partes do corpo com que são postos em contacto. Empregão-se para abrir fontes, impedir o progresso das affecções gangrenosas, taes como o carbunculo, a podridão de hospitaes, para cauterizar as mordeduras dos animaes damnados o venenosos, para destruir as carnosidades das feridas, verrugas cancros, para impedir a absorpção do virus syphilitico, para tocar as ulceras da bocca, etc.

Potassa caustica.	Massa caustica de Canquoin.
Pós de Vienna.	Caustico de Filhos.
Azotato acido de mercurio.	— com gutta-percha.
Manteiga de antimonio.	— de Pollau.
Acido azotico concentrado.	Verdete.
— chlorhydrico concentrado.	Sulfato de cobre.
— sulfurico concentrado.	Pós de Joannes.
Pedra infernal.	Pedra-hume calcinada.
Ammoniaco liquido.	Pomada ammoniacal de Gondr
Chlorureto de zinco.	Fogo.

Contra-estimulantes. V. *Hyposthenisantes.*

Corroborantes. V. *Analepticos.*

Cordiaes. Dá-se o nome de *cordiaes* aos medicamentos que t a propriedade de augmentar promptamente o calor geral do cor assim como a acção do estomago e do coração. São : canella, cr da India, moscada, pimenta da India, bebidas alcoolicas, vinho outros *estimulantes geraes.*

Dentifricios. Medicamentos que entretem o asseio dos dentes. io, em geral, substancias acidas, alcalinas ou terreas, com que esfregão os dentes, para tirar as mucosidades e outras substanas que lhes diminuem a alvura. Os dentifricios usão-se debaixo da rma de pós ou de opiatos. Ajuntão-se-lhes aromas para dar cheiro gradavel á bocca, e laca, cochonilha ou carmim para dar côr verelha ás gengivas e aos beiços. As substancias muito acidas ou uito alcalinas podem atacar o esmalte dos dentes, e devem ser inidas d'estas composições. Empregão-se ordinariamente para os entifricios a magnesia, bicarbonato de soda, cremor de tartaro, eda, coral, ossos de siba, pedrahume, quina, carvão vegetal, etc., n pós simples ou misturados com mel de abelhas. O cremor de rtaro, quando se acha em excesso, dá aos dentes uma côr muito va; mas póde, sendo continuado, destruir o esmalte. O carvão é n bom dentifricio, que por sua propriedade absorvente, possue a culdade de destruir o máo cheiro dos dentes cariados. Os ossos siba reduzidos a pó impalpavel, simples e sem mistura alguma, nstituem um excellente dentifricio. Direi o mesmo da magnesia lcinada, que convem sobretudo ás crianças, para neutralizar a idez dos succos da bocca. O mais simples de todos os dentifricios um aturado asseio da bocca, a qual se deve lavar com agua fria pois de cada comida, e esfregar os dentes de manhã com escova acia.

Eis-aqui os melhores dentifricios :

Pós dentifricios absorventes (Cod. fr.).

rbonato de cal	100 gram.	Quina cinzenta	100 gram.
ydro-carbon. de magn.	100 gram.	Essencia de hortelã	1 gram.

Pós dentifricios acidos (Cod. fr.).

emor de tartaro em pó	200 gram.	Laca carminada	20 gram.
ssucar de leite	200 gram.	Essencia de hortelã	1 gram.

Moa cuidadosamente sobre o porphyro a laca carminada com na parte do assucar de leite; ajunte o resto do assucar e o cremor tartaro; torne a moer por partes a mistura sobre o porphyro, omatize com a essencia, e guarde ao abrigo da luz em frasco bem pado.

Pós dentifricios.

so de siba porphyriz.	16 gram.	Cremor de tartaro	12 gram.
rio florentino lavado em alcool	16 gram.	Cravo da India pulv.	4 gram.
		Laca carminada	16 gram.

Pós dentifricios.

rvão vegetal em pó	60 gram.	Essencia de hortelã	6 gottas
agnesia	4 gram.		

Pós dentifricios com carvão (Cod. fr.).

arvão vegetal em pó	200 gram.	Oleo essencial de hortelã	1 gram
uina cinzenta pulver.	100 gram.		

Reduza o carvão a pó fino, depois de bem lavado e secco. Misure-o com o pó de quina e o oleo essencial de hortelã.

Pós dentifricios (Magendie).

hlorureto de cal	2 gram.	Coral vermelho pulveriz.	16 gram.

Pós dentifricios.

uina em pó	32 gram.	Oleo de cravo da India.	2 gottas
anella em pó	8 gram.		

M. Convem na relaxação das gengivas.

Pós dentifricios antiscorbuticos.

Extracto de ratanhia	16 gram.	Canella	8 gram.
Carvão vegetal	64 gram.	Cravo da India	8 gram.

Reduza tudo a pó impalpavel, e misture.

Pós dentifricios (Toirac).

Carbonato de cal	20 gram.	Cremor de tartaro	5 gram.
Magnesia	40 gram.	Essencia de hortelã	5 gottas
Assucar	20 gram.		

Pós dentifricios (Lefoulon).

Cochlearia, guaiaco, quina, hortelã, pyrethro, calamo aromatico, ratanhia, aná p. ig.

Pós dentifricios (Maury).

Carvão vegetal	120 gram.	Essencia de hortelã	8 gram.
Quina	60 gram.	Essencia de canella	4 gram.
Assucar	120 gram.	Tint.ª de ambar cinzento	1 gram.

Pós dentifricios alcalinos (Deschamps).

Talco de Veneza	60 gram.	Carmim	15 centig.
Bicarbonato de soda	15 gram.	Essencia de hortelã	8 gottas

Pós dentifricios alcalinos (Lallement).

Osso de siba em pó	80 gram.	Lirio florentino	2 gram.
Greda	20 gram.	Tintura de ambar cinzento	10 gottas
Bicarbonato de soda	5 gram.		

Pós dentifricios brancos inglezes.

Greda branca	30 gram.	Camphora em pó fino	10 gram.

Opiato dentifricio (Desforges).

Coral porphyrizado	150 gram.	Cochonilha	30 centig.
Cremor de tartaro	30 gram.	Mel de abelhas	160 gram.
Osso de siba pulverizado	20 gram.		

Odontina (Pelletier).

Mistura de magnesia, de manteiga de cacáo, de essencias e de outras substancias cujas proporções e nome são ignorados. É um opiato para limpar os dentes.

Elixir aromatico (Lefoulon).

Tintura de baunilha	15 gram.	Alcoolato de alecrim	30 gram.
— de pyrethro	120 gram.	— de rosas	60 gram.
Alcoolato de hortelã	30 gram.		

M. Algumas gottas n'um copo d'agua para lavar a bocca.

Agua oriental (Delabarre).

Alcool rectificado	100 gram.	Cochonilha	50 centig.
Essencia de horte	1 gram.	Sal de tartaro	50 centig.
— de rosas	8 gottas		

M. Uma colher *de chá* n'um copo d'agua, para lavar a bocca.

Thesouro da bocca.

Alcoolato de cochlearia	200 gram.	Alcoolato de hortelã	100 gram.
— de alfazema	200 gram.	Alcoolato de limão	100 gram.

M. Uma colher *de chá* n'um copo d'agua, para lavar a bocca.

Elixir dentifricio (Mehu).

Tintura de canella	200 gram.	Alcoolato de melissa composto	75 gram.
— de aniz estrellado	150 gram.	Essencia de hortelã	6 gram.
— de guaiaco	150 gram.	— de bergamota.	1 gram.
— de cravo da India	50 gram.		
Alcoolato vulnerario	75 gram.		

Boa receita. Uma colher *de chá* n'um copo d'agua para lavar a bocca

Elixir odontalgico (Ancelot).

Alcoolato de alecrim	80 gram.	Raiz de pyrethro	10 gram.

Macere e filtre. Uma colher *de chá* n'um copo d'agua, para lavar a bocca.

Elixir de pyrethro composto.

Canella	5 gram.	Macis	4 gram.
Baunilha	4 gram.	Cochonilha	4 gram.
Coentro	4 gram.	Sal ammoniaco	4 gram.
Cravos	4 gram.	Alcoolato de pyrethro	875 gram.

Macere por 15 dias e ajunte :

Essencia de aniz	1 gram.	Tintura de ambar cinzento	45 centig.
— de limão	1 gram.	Agua de flores de laranjeira	16 gram.
— de alfazema	45 centig.		
— de tomilho	45 centig.		

Misture e filtre. Uma colher *de chá* n'um copo d'agua, para lavar a bocca.

Elixir odontalgico (Desforges).

Quina contusa	100 gram.	Casca de laranja	8 gram.
Guaiaco	150 gram.	Açafrão	2 gram.
Pyrethro	100 gram.	Benjoim	8 gram.
Cravos	20 gram.	Alcool a 82° cent.	2000 gram.

Macere por 6 dias, filtre e conserve. Uma a duas colheres *de chá* n'um copo d'agua, para lavar a bocca.

Agua dentifricia tonica.

Tintura de quina	50 gram.	Agua de Labarraque	10 gram.
— de cato	10 gram.	Essencia de cravo	2 gram.
Alcoolato de cochlearia	30 gram.		

M. Uma ou duas colheres *de chá*, em meio copo d'agua, para lavar a bocca, na inchação das gengivas, ou para destruir o máo halito.

Agua de Bolot (Dorvault).

Aniz estrellado	50 gram.	Cremor de tartaro	25 gram.
Cravos	50 gram.	Essencia de hortelã	25 gram.
Canella	50 gram.	Alcool a 80° cent.	8000 gram.
Cochonilha	25 gram.		

As substancias aromaticas contusas introduzem-se no alcool. Por outra parte, tritura-se a cochonilha com o cremor de tartaro e um pouco de agua. Ajunta-se esta mistura á primeira; deixa-se em contacto durante dez dias e filtra-se.

Uma a duas colheres *de chá* n'um copo d'agua para lavar a bocca. Fortifica as gengivas.

Vinagre dentifricio.

Raiz de pyrethro	60 gram.	Alcoolato de cochlearia	60 gram.
Canella	8 gram.	Agua vulneraria rubra	125 gram.
Cravos da India	8 gram.	Resina de guaiaco	8 gram.
Vinagre branco	2000 gram.		

Macerão-se as tres primeiras substancias no vinagre, depois de contusas. Dissolve-se, á parte, a resina de guaiaco na agua vulneraria e no alcoolato de cochlearia; ajunta-se esta tintura ao vinagre, filtra-se : a mistura turva-se, mas torna-se clara alguns dias depois. — Uma colher *de chá*, em meio copo d'agua, para lavar bocca.

Agua dentifricia de Prudhomme.

Raiz de angelica	25	Moscadas	6
Herva doce	25	Cravos da India	6
Essencia de hortelã ingleza	9	Alcool a 60°	800
Canella	6		

Macere durante 8 dias; distille a b. m. até não passar mais nada; ajunte ao alcoolato :

Quina rubra	6	Tintura de baunilha	3
Raiz de ratanhia	6	Cochonilha em pó	3
Balsamo de Tolú	6		

Macere durante 6 dias. Filtre. Para lavar a bocca, misturada esta *agua* com agua ordinaria.

Agua balsamica de Jackson.

Casca exterior de laranja	50 gram.	Benjoim	60 gram.
— — de limão	60 gram.	Canella	60 gram.
Raiz de angelica	60 gram.	Baunilha	15 gram.
Guaiaco	180 gram.	Myrrha	15 gram.
Pyrethro	180 gram.	Cascas de romã	15 gram.
Balsamo de Tolú	60 gram.	Alcool	1000 gram.

Macere durante 8 dias; distille a b. m. até á seccura, e ajunte ao producto.

Alcool a 80°	500 gram.	Alcoolato de hortelã	250 gram
Alcoolato de cochlearia	250 gram.		

Dê côr com q. s. de tintura de cochonilha. — Dentifricio.

Tintura dentifricia (Jeannel).

Tintura de cato	400 gram.	Essencia de hortelã	5 gram
— de benjoim	100 gram.		

M. — Tonico, adstringente. Gengivite expulsiva. D. Uma colher *de chá* em meio copo d'agua; para lavar a bocca.

Agua dentifricia de Mallard.

Aniz estrellado	38 gram.	Cravos	38 gram
Herva doce	38 gram.	Rosas rubras	25 gram
Guaiaco raspado	50 gram.	Moscadas	10 gram
Quina cinzenta	20 gram.	Cochonilha	15 gram
Canella	38 gram.	Alcool a 80°	5000 gram

Pulverize grosseiramente e passe por crivo as oito primeiras substancias; borrife-as com a cochonilha pulverizada separadament e fervida com q. s. d'agua; introduza o pó no apparelho de deslocação, deite por cima o alcool; ajunte á tintura obtida : essenci de hortelã, espirito de cochlearia e tintura de benjoim, aná 35 grammas.

Agua phenica dentifricia.

Acido phenico	1 gram.	Oleo essencial de hortelã	1 gram
Agua	1000 gram.		

Opiato dentifricio (Antigo Codigo de 1835).

Coral rubro em pó	120 gram.	Cochonilha	30 gram
Ossos de siba	30 gram.	Alumen crystallizado	2 gram
Cremor de tartaro	60 gram.	Mel de abelhas	300 gram

Moa a cochonilha com o alumen e um pouco d'agua; ajunte mel, e incorpore as outras substancias. Aromatize com q. s. d essencias de cravo e de hortelã.

Derivativos. V. *Revulsivos.*

Desinfectantes. Assim se chamão todas as substancias que pela acção mecanica ou chimica, encobrem, neutralizão ou des-

troem as materias organicas que vicião o ar atmospherico. Entre os desinfectantes, uns actuão *chimicamente*, e isto, ora combinando-se com os corpos odoriferos para dar nascimento a composições inodoras (os acidos saturando o ammoniaco; os alcalis, saturando os acidos carbonico, acetico, sulfhydrico; as soluções salinas de ferro, de zinco, de cobre, de chumbo, formando com hydrogeneo sulfurado, ou sulfhydrato de ammoniaco, composições inodoras ou insoluveis); ora por um phenomeno de substituição, chloruração ou oxygenação (chloro, chloruretos de oxydos, acidos sulfuroso, hypo-azotico, etc.). Os outros não actuão senão *mecanicamente*, quer por absorpção, quando suas moleculas retem interpostos os gazes odoriferos (corpos porosos, carvão, fuligem, barro, etc.); quer por substituição, quando o cheiro infecto das materias putrefactas se acha encoberto pelo cheiro que lhes é proprio (aromas, oleos essenciaes, resinas, alcatrão, etc.). Entre estas substancias, algumas ha que podem actuar de maneira mixta; assim a cal, por exemplo, que absorve certos gazes acidos, e além d'isso combina-se com elles produzindo saes inodoros; o alcatrão, que, á sua propriedade absorvente, reune a de substituir seu cheiro, pelo menos em parte, aos corpos com os quaes se põe em contacto.

As substancias desinfectantes são :

Chlorureto de cal.
Agua de Labarraque ou hypochlorito de soda.
Chloro.
Cal.
Bromo.
Tintura de iodo.
Sulfato de ferro.
— de zinco.
Alumen.
Permanganato de potassa.
Acido phenico.
Creosota.
Alcatrão.
Coaltar misturado com gesso em consistencia de massa liquida, e applicado nas feridas.
Coaltar misturado com amido desinfecta o suor dos pés.
Essencia de terebinthina.
Carvão em pó.
Sub-acetato de chumbo.
Ceroto de Saturno.
Azotato de chumbo.
— de potassa.
Chlorureto de zinco dessolvido em agua, ou applicado nas feridas infectas sob a fórma de massa, que se faz com farinha de trigo e agua.
Chloral.
Chloroformio.
Hyposulfito de soda.
Chlorato de potassa.
Glycerina.
Bichlorureto de estanho.
Acido salicylico.

Veja-se tambem o artigo *Desinfecção* nas *Receitas diversas*.

Desobstruentes. V. *Aperientes*.

Detergentes. V. *Adstringentes*.

Diaphoreticos. V. *Sudorificos*.

Digestivos. Dá-se este nome a certas substancias, ás quaes se attribue a propriedade de facilitar a digestão. São : chá da India, infusão de macella, de herva cidreira, rhuibarbo em pequena dóse, canella, pimentas e alguns outros medicamentos excitantes.

Diluentes. V. *Emollientes*.

Diureticos. Chamão-se *diureticos* os medicamentos que tem a propriedade de augmentar a secreção da ourina. A elles se recorre nas hydropisias, gota, affecções das vias urinarias, affecções calculosas, febres inflammatorias, etc. Administrão-se em geral, em dissolução, n'um vehiculo aquoso abundante. São os seguintes :

Azotato de potassa.
Acetato de potassa.
Sub-carbonato de potassa.
Bi-carbonato de potassa.
Sub-carbonato de soda.
Bi-carbonato de soda.
Carbonato de lithia.
Benzoato de soda.
Acetato de soda.
Sabão medicinal.
Scilla.
Colchico.
Espargos.
Parietaria.
Cainca.
Aipo.
Salsa hortense.
Funcho.
Gilbarbeira.
Especies diureticas.
Digital.
Fragaria.
Grama.
Ulmo pyramidal.
Sapé.
Trapoeraba.
Parreira brava.
Fedegoso.
Herva tostão.
— do bicho.
Espirito de nitro doce.
Cerveja.
Vinho branco.
Pedunculos de cerejas.
Cebola.

Emeticos. Dá-se o nome de *emeticos* aos medicamentos qu determinão vomitos; e *que para este fim são administrados.* Deve-s accrescentar á definição esta ultima parte, pois que o maior numer dos venenos introduzidos na economia provocão vomitos, e entre tanto nunca se administrão para este fim.

Empregão-se com vantagem os emeticos nos embaraços gastrico esquinencias, erysipelas, constipações, febres catarrhaes, bron chites, pneumonias, certos envenenamentos, garrotilho, coqueluch diarrheas, dysenterias, enxaqueca, sciatica, rheumatismos, gota, et Cumpre, pelo contrario, abster-se d'elles quando existe dôr inten na região epigastrica, nas inflammações agudas do estomago e d intestinos, nos vomitos contínuos, e dolorosos, nas aneurismas coração e das arterias, nas hernias estranguladas, quando ha te dencia ás hemorrhagias pulmonares ou gastricas, na exaltação systema nervoso, etc. O estado de gravidez ou de menstruação n é sempre contra-indicação da medicina vomitiva.

Um vomitorio não é unicamente um meio para esvaziar o est mago, é um agente perturbativo e revulsivo, cuja acção prompta energica desvia as molestias de certos orgãos. Pela sua influen anima-se a circulação capillar, augmentão os suores, as ourinas as mucosidades intestinaes.

Os emeticos tomão-se diluidos em pequena quantidade d'agu A dóse necessaria é administrada em jejum, em uma, duas ou t vezes, com um quarto de hora de intervallo, e os vomitos fac tão-se dando a beber ao doente grande porção d'agua morna.

O *tartaro stibiado* e a *ipecacuanha* são os dois medicamen empregados quasi exclusivamente como emeticos. A agua mo ingerida em abundancia, a titillação da uvula com a rama de u penna, os dedos introduzidos na garganta, podem tambem fa parte dos meios vomitivos. A *apomorphina,* introduzida pela injec sub-cutanea, produz tambem vomitos.

Emeto-catharticos. Medicamentos que fazem vomitar e p duzem ao mesmo tempo evacuações alvinas. Dá-se ordinariame como emeto-carthartico a mistura de 10 centigrammas (2 grãos) tartaro emetico com 15 grammas (1/2 onça) de sulfato de magn ou de soda, tudo dissolvido em meio litro (16 onças) d'agua, que se bebe um copo de quarto em quarto de hora.

Emmenagogos. Os *emmenagogos* são agentes que gozão da propriedade de restabelecer o fluxo menstrual quando por alguma causa acontece supprimir-se. Mas como esta suppressão póde depender de causas differentes, os agentes emmenagogos são tambem diversos, e muitas vezes oppostos uns aos outros. Assim a sangria geral ou local, a dieta, o repouso, são ás vezes, os meios mais efficazes para provocar ou regularizar a menstruação, quando a sua suppressão é precedida de um estado de plethora geral ou local. Quando, pelo contrario, a pessoa é fraca, chlorotica, as preparações ferruginosas, a quina e outros tonicos, sós ou associados aos excitantes, são os verdadeiros emmenagogos. Mas, por abuso de palavras, tem-se dado especialmente o nome de emmenagogos aos medicamentos que exercem uma acção estimulante sobre o utero.

Os medicamentos emmenagogos são :

Açafrão.
Arruda.
Sabina.
Absinthio.
Artemisia.
Contraherva.
Aloes.
Pediluvios sinapizados.
Pilulas ferruginosas de Blaud.
— de Vallet.
Assafetida.
Castoreo.

Emollientes. Os *emollientes* são medicamentos que se empregão para amollecer os tecidos com os quaes são postos em contacto, e diminuir-lhes a sensibilidade. Em geral, não tem sabor, nem cheiro, ou são de sabor viscoso e adocicado. O seu modo de acção depende muito da agua que lhes serve de vehiculo. Sendo applicados exteriormente, sobre um tumor inflammatorio, por exemplo, sua propriedade é, por assim dizer, sensivel á vista; os tecidos com effeito bem depressa se tornão mais molles e menos dolorosos. Pela influencia do seu emprego interno, o sangue torna-se menos espesso, os solidos adquirem compleição mais molle, e d'aqui vem os nomes de *diluentes* e de *relaxantes* que ás vezes se lhes dão. Os emollientes convem em todas as inflammações agudas, febres inflammatorias, hemorrhagias activas, nevroses, e em algumas affecções chronicas. São contra-indicados quando existe atonia e infiltração cellular.

Gomma arabica.
— alcatira.
Polvilho.
Althea.
Malva.
Borragem.
Consolda maior.
Alcaçuz.
Manteiga de cacáo.
Linhaça.
Fecula.
Miolo de pão.
Ponta de veado.
Verbasco.
Tussilagem.
Papoulas.
Tamaras.
Jujubas.
Figos seccos.
Passas.
Avenca do Canadá.
Veronica.
Pevides de marmelo.
Leite de vacca, de cabra, etc.
Mel de abelhas.
Amendoas doces.
Oleo de amendoas doces.
Azeite doce.
Glycerina.
Grama.
Sapé.
Cevada.
Arroz.
Aveia.
Farelos.
Cenoura.
Carragaheen.
Musgo islandico.
Especies emollientes.
Flores e fructos peitoraes.

Ovos.
Caldo de frango.
Banha.
Cera.
Colla de Flandres.
Banhos mornos.

Epispasticos. V. *Vesicantes.*

Escaroticos. Dá-se este nome aos medicamentos que, applicados sobre uma parte viva, a irritão fortemente, desorganizando-a, e determinando n'ella a formação de uma crosta ou *escara*, taes são : o acido sulfurico e chlorhydrico concentrados, o ammoniaco liquido, o deuto-chlorureto d'antimonio, etc.

Estimulantes geraes. Chamão-se *estimulantes* ou *excitantes* os medicamentos que tem a propriedade de augmentar momentaneamente a energia das funcções vitaes. Seus effeitos são muito mais promptos, mas menos duraveis do que os dos medicamentos tonicos. Sob a sua influencia torna-se o pulso mais rapido e mais forte, a respiração accelera-se, augmenta o calor do corpo, as forças musculares adquirem maior energia, o apparelho genital, as secreções urinarias e cutaneas, em uma palavra, toda a economia adquire nova actividade.

Os estimulantes são fornecidos pelos tres reinos. A maior parte das substancias vegetaes, que gozão d'esta propriedade, são notaveis em geral pelo cheiro forte e aromatico : devem as suas virtudes á presença de um oleo essencial, de uma resina, de um balsamo, do acido benzoico ou da camphora. As substancias animaes estimulantes são tambem ordinariamente dotadas de cheiro caracteristico; quanto aos excitantes mineraes, não apresentão propriedade alguma que os possa distinguir a esse respeito.

Os estimulantes geraes são contra-indicados nas inflammações agudas, sempre que o pulso é frequente, e o calor animal forte; convem, pelo contrario, nas phlegmasias chronicas, nas affecções occasionadas e entretidas pela atonia dos orgãos; taes são os catarrhos chronicos, as hemorrhagias passivas, as febres adynamicas, as molestias gangrenosas, escrophulosas, escorbuticas, amenorrhea, asthma, fraqueza dos orgãos genitaes, typho, etc. Empregão-se em geral nos mesmos casos que os medicamentos tonicos, aos quaes são frequentemente associados.

Ammoniaco.
Chlorhydrato de ammoniaco.
Acetato de ammoniaco.
Carbonato de ammoniaco.
Chlorhydrato de soda.
Camphora.
Phosphoro.
Açafrão.
Canella.
Cascarilha.
Casca de Winter.
Aniz estrellado.
Baunilha.
Noz moscada.
Oleo de noz moscada.
— de bicuiba.
Cravo da India.
Serpentaria de Virginia.
Café.
Cochlearia.
Agrião ordinario.
— do Pará.
Mastruço.
Polygala de Virginia.
Veronica.
Absinthio.
Camomilla romana.
Macella gallega.
Pyrethro.
Hortelã.
Salva.
Alecrim.
Alfazema.
Herva cidreira.
Hysopo.
Hera terrestre.
Oregão.
Inula.
Pimenta da India, e outras pimentas.

Contraherva.
Gengibre.
Alfavaca.
Angelica.
Funcho.
Endro.
Alcaravia.
Herva doce.
Cominhos.
Coentro.
Cerefolio.
Aipo.
Salsa hortense.
Casca de laranja.
Casca de limão.
Chá da India.
Terebinthina.
Essencia de terebinthina.
Alcatrão.
Cardamomo menor.
Marroio branco.
Tomilho.
Zimbro
Balsamo de Meca.
Myrrha.
Balsamo peruviano.
— de Tolú.
Benjoim.
Acido benzoico.
Estoraque liquido.
Sassafraz.
Alho.
Milhomens ou jarrinha.
Urucú.
Raiz de pipi
Alcool.
Vinhos.
Banhos quentes.
Fricções.

Estimulantes do apparelho genito-urinario. Os *estimulantes especiaes do apparelho genito-urinario* differem dos *estimulantes geraes* por sua acção que é inteiramente electiva. Tem de particular o poderem ser empregados indifferentemente nas affecções agudas e chronicas. Estes medicamentos tem sabor e cheiro balsamicos ou semelhantes aos da terebinthina. São :

Copahiba.
Cúbebas.
Terebinthina.
Essencia de terebinthina.
Alcatrão.
Estoraque liquido.
Zimbro.
Salsa hortense.
Pimenta.
Vinho generoso.

Estimulantes do systema nervoso. Estes medicamentos exercem sua acção principalmente sobre o systema nervoso, e empregão-se nas paralysias. São os seguintes :

Strychnina.
Noz vomica.
Brucina.
Veratrina.
Phosphoro.
Arnica.
Raiz de pipi.
Vinho.
Alcool.

Estomachicos. Medicamentos que fortificão o estomago; taes são alguns estimulantes, os tonicos, e particularmente os amargos. A estes pertencem :

Rhuibarbo.
Losna.
Quina.
Macella gallega.
Hortelã.
Herva cidreira.
Chá da India.
Herva doce, etc.

Expectorantes. Dá-se o nome de *expectorantes* a certos medicamentos estimulantes, que exercem uma acção especial sobre a membrana mucosa do apparelho respiratorio, e favorecem a expulsão das materias contidas nos canaes bronchicos.

Inula campana.
Ipecacuanha em pequena dóse.
Scilla.
Hysopo.
Tussilagem.
Veronica.
Hera terrestre.
Violas.

Verbasco.
Especies bechicas.
Benjoim.
Balsamo de Tolú.
— peruviano.
Terebinthina.
Alcatrão.
Gomma-ammoniaco.
Kermes mineral.
Tartaro emetico.

Febrifugos, antifebris ou antiperiodicos. Medicamentos que exercem uma acção especifica contra as febres intermittentes e outras affecções de caracter periodico, taes como as enxaquecas, nevralgias faciaes, e outras nevroses.

Sulfato de quinina.
Quina.
Casca de páo pereira.
Açafrão de Marte aperiente.
Acido arsenioso.
Serpentaria de Virginia.
Café.
Absinthio.

Fundentes. Medicamentos internos ou externos aos quaes se attribue a propriedade de resolver os engurgitamentos, sobretudo os que se manifestão lentamente e sem symptomas inflammatorios. Os *fundentes* são, em geral, os estimulantes que produzem o effeito de que se trata, animando a energia vital de um orgão, mudando-lhe o modo de vitalidade.

Os medicamentos fundentes são :

Iodo e as preparações iodadas.
Mercurio.
Calomelanos.
Bicarbonato de soda.
Sabão medicinal.

Hemostaticos. Medicamentos ou meios empregados para vedar as hemorrhagias. São :

Perchlorureto de ferro.
Pedra infernal.
Pedra-hume calcinada.
Colophonia.
Vinagre.
Compressão.

Hypersthenisantes. Assim se chamão, segundo a escola italiana, as substancias que, sendo introduzidas pela assimilação nos tecidos, modificão de tal maneira o ser do organismo vivo, que a força vital eleva-se acima do rhythmo normal ou do gráo em que se achava. Estas substancias chamão-se commummente estimulantes ou excitantes.

Quando se administra uma substancia hypersthenisante, toda a constituição resente os seus effeitos, porém manifestão-se estes de maneira mais pronunciada em tal ou tal orgão, conforme a especie particular da substancia. Segundo esta condição existem quatro ordens de remedios hypersthenisantes :

1° *Hypersthenisantes vasculo-cardiacos,* isto é, aquelles cuja acção principal se passa no systema angiolico. D'este numero é o ether.

2° *Hypersthenisantes cephalicos*, os que exercem uma acção estimulante sobre o cerebro, são : opio, acetato de morphina, chlorhydrato de morphina, e sulfato de morphina.

3° *Hypersthenisantes rachidianos* ou *espinhaes*, cuja acção se pronuncía mais particularmente no cerebello e na metade anterior da medulla espinhal. São : alcool, rhum, vinho.

4° *Hypersthenisantes gastro-entericos*, cuja acção se exerce sobre o estomago e os intestinos. Estes são : oleos essenciaes, canella, cravo da India, noz moscada, etc.

Hypnoticos. Medicamentos que tem a propriedade de provocar o somno; são : o opio, chlorhydrato, sulfato e acetato de morphina; chloral; lactucario.

Hyposthenisantes ou **contra-estimulantes.** Chamão-se hyposthenisantes as substancias que, introduzidas no organismo, levão a força vital abaixo do grão em que estava antes da sua applicação. Estes remedios chamão-se tambem *antiphlogisticos* e *debilitantes.* Convenientemente applicados, produzem ás vezes o mesmo resultado que a sangria, e empregão-se nas molestias inflammatorias.

O seu effeito mais notavel é diminuir a frequencia do pulso, e provocar a transpiração cutanea.

Todos os medicamentos diureticos e emeticos, quando são administrados em alta dóse, podem ser considerados como hyposthenisantes, taes são o *tartaro stibiado* na dóse de 30 a 60 centigrammas, o *nitro* na dóse de 15 a 30 grammas, a *digital* e a *scilla.* São estas quatro substancias que se empregão principalmente como *hyposthenisantes* pelos medicos em geral, mas a escola italiana tem singularmente ampliado esta categoria. Segundo Giacomini, a divisão dos remedios hyposthenisantes é baseada na acção electiva para tal ou tal orgão. D'aqui resultão as sete ordens seguintes :

1° *Hyposthenisantes cardiaco-vasculares,* que tem por effeito afrouxar e retardar as contracções do coração. Este effeito manifesta-se no pulso, que se torna mais fraco e menos frequente ; as ourinas tornão-se mais abundantes. A esta ordem pertencem:

Acido prussico.
Agua de louro-cereja.
Amendoas amargas.
Folhas e flores de pecegueiro.
Cantharidas.
Digital.
Scilla.
Colchico.
Veratrina.
Camphora.
Hortelã-pimenta.
Salva.
Camomilla.
Terebinthina.
Copahiba.
Bagas de zimbro.
Gaz acido carbonico.
Nitro.
Espargos.

2° *Hyposthenisantes vasculo-cardiacos,* que abaixão a energia vital das extremidades dos vasos sanguineos. Sob a sua influencia o pulso torna-se mais lento e mais fraco. São :

Preparações antimoniaes.
Tartaro stibiado.
Kermes mineral.
Antimonio diaphoretico.
Aconito.
Ipecacuanha.
Flores de sabugueiro.
Doce amarga.
Salsaparrilha.
Guaiaco.
Enxofre.
Sulfureto de potassio.
Aguas mineraes sulfurosas.
Centeio espigado.
Quina.
Sulfato de quinina.
Musgo islandico.
Ferro e suas preparações.
Ammoniaco liquido.
Acetato de ammoniaco.
Carbonato de ammoniaco.
Chlorhydrato de ammoniaco.
Acido sulfurico.
— nitrico.
— chlorhydrico.
Chloro.
Acido oxalico.
— citrico.
Vinagre.
Acido borico.
Mostarda.
Cochlearia.

3° *Hyposthenisantes lymphatico-glandulares,* são os medicamentos que exercem a acção hyposthenisante sobre os vasos lymphaticos e as glandulas lymphaticas. São :

Mercurio e suas preparações.
Sublimado.
Calomelanos.
Iodureto de mercurio.
Iodo.
Iodureto de potassio.
— de ferro.
Bromo.
Chlorureto de calcio.
Cicuta.

4° *Hyposthenisantes gastricos,* que exercem sua acção sobre o estomago. São :

Sub-azotato de bismutho.
Quassia.
Raiz de calumba.
Absinthio.
Semen-contra.
Genciana.
Taraxaco.
Centaurea menor.
Simaruba.
Cardo santo.
Marroio branco.
Raiz de chicoria.
— de fumaria.
Casca de cascarilha.
Lupulo.
Veronica.
Cato.
Gomma kino.
Raiz de bistorta.
— de tormentilla.
Casca de raiz de romeira.

5° *Hyposthenisantes entericos,* que exercem sua acção sobre os intestinos. São :

Tamarindos.
Manná.
Oleo de amendoas doces.
Azeite doce.
Oleo de ricino.
Cremor de tartaro.
Sulfato de magnesia.
— de potassa.
— de soda.
Carbonato de magnesia.
Sene.
Rhuibarbo.
Jalapa.
Aloes.
Escamonéa.
Gomma gutta.
Oleo d'*Euphorbia latyris.*
Oleo de croton.

6° *Hyposthenisantes cephalicos,* que exercem sua acção sobre o cerebro. São :

Belladona.
Estramonio.
Meimendro.
Tabaco.

7° *Hyposthenisantes espinhaes,* que abatem directamente a energia vital do cerebello e da medulla espinhal. São :

Noz vomica.
Strychnina.
Preparações de chumbo.
Acetato de chumbo.
Carbonato de chumbo.
Arnica.
Assafetida.
Valeriana.

Narcoticos. Dá-se o nome de *narcoticos* aos medicamentos que tem a propriedade de acalmar a dôr, de entorpecer a sensibilidade, de adormecer a economia. Estes medicamentos são designados pelos nomes de *sedativos, calmantes, anodynos* e *hypnoticos.* Administrados com precaução, tornão-se um poderoso soccorro no tratamento das nevroses em geral, dos rheumatismos, nevralgias, febres complicadas de symptomas nervosos, cancros etc. Convem tambem nas febres agudas, mas sómente para combater a dôr, as convulsões, a insomnia; nas inflammações bronchicas, laryngeas, intestinaes, gastricas, oculares; contra as hemorrhagias, os fluxos mucosos, taes como as diarrheas, as dysenterias, a cholera-morbus. Os opiaceos são tambem recommendados no momento do accesso das febres intermittentes.

Os narcoticos, administrados em alta dóse, dão lugar á reunião dos symptomas que forão chamados *narcotismo.* Este estado é carac-

terizado por peso da cabeça, escurecimento da vista, diminuição das faculdades intellectuaes, prostração das forças, e somno mais ou menos profundo; em outros casos, por dôr de cabeça, vertigens, convulsões, hallucinações, somnolencia acompanhada de agitação violenta. Estes accidentes, quando a dóse da substancia narcotica é demasiada, são ordinariamente seguidos de um coma profundo e da morte.

Opio.	Belladona.
Chlorhydrato de morphina.	Meimendro.
Sulfato de morphina.	Cicuta.
Acetato de morphina.	Aconito.
Codeina.	Estramonio.
Dormideira.	Trombeteira.
Chloral hydratado.	Tabaco.
Acido hydrocyanico.	Alface.
Cyanureto de potassio.	Lactucario.
Louro-cereja.	Thridacio.
Amendoas amargas.	Canhamo indiano.

Odontalgicos. De *odous*, dente, e *algos*, dôr. Emprega-se fóra de proposito esta palavra como synonymo de *anti-odontalgicos*, para designar os medicamentos proprios para acalmar a dôr de dentes.

Solução odontalgica, p. 803.	Creosota, p. 407.
Topico odontalgico, p. 804.	Chloroformio, p. 380.
Remedio contra a dôr de dentes, p. 333.	Espirito odontalgico, p. 640.
Oleo essencial de cravo da India, p. 405.	Mistura odontalgica p. 640.
	— anti-odontalgica de Lemazurier, p. 642.

Gottas odontalgicas.

Alcool a 100°	4 gram.	Oleo essencial de hortelã-pimenta.	10 centig.
Creosota	4 gram.		

Molhar o algodão n'esta mistura, e introduzir na cavidade do dente doloroso.

Gottas odontalgicas (Copland).

Extracto de opio	6 part.	Essencia de cravo	40 part.
Camphora	6 part.	Oleo de cajeput	40 part.
Alcool a 90°	20 part.		

Gottas odontalgicas (Dobberan).

Laudano de Sydenham	1 part.	Oleo essencial de hortelã-pimenta.	1 part.
Ether sulfurico alcoolizado	1 part.		

Balsamo odontalgico (Beasley).

Extracto de opio.	12 part.	Oleo de cajeput	18 part.
Essencia de terebinthina	55 part.	Balsamo peruviano	75 part.
Essencia de cravo	18 part.		

Solução odontalgica (Chapmann).

Camphora	4 gram.	Essencia de terebinthina	16 gram.

Molha-se algodão n'esta solução, e applica-se no dente dorido.

Mistura contra a carie dentaria (Magitot).

Chloroformio	5 part.	Tintura de benjoim	10 part.
Laudano de Sydenham.	2 part.		

Introduza na cavidade do dente algodão embebido n'esta mistura; repita esta introducção até obter a insensibilidade; póde-se então obturar a cavidade dentaria definitivamente. O alcool absoluto emprega-se no mesmo fim e do mesmo modo.

Paraguay-Roux.

Folhas de agrião do Pará	4	Pyrethro	1
— de *inula bifrons*	1	Alcool a 86° cent.	8

Macere durante 15 dias, esprema e filtre. — Esta preparação, cujo privilegio já acabou, vende-se nas pharmacias contra as dôres de dentes. Para este fim humedece-se um pouco de algodão com este liquido, e introduz-se na cavidade do dente cariado.

Topico odontalgico (Parisel).

Acido phenico crystal.	1 gram.	Chloroformio	3 gram.

Molha-se algodão n'esta mistura, e applica-se no dente cariado para cauterizar o nervo.

Topico odontalgico (Handel).

Oleo de meimendro	4 gram.	Camphora	30 centig.
Opio	2 gram.	Tintura de cantharidas	8 gottas
Extracto de belladona	30 centig.	Oleo de cajeput	8 gottas

Molhar uma bola de algodão, e introduzi-la na cavidade do dente cariado.

Purgantes. Chamão-se *purgantes*, em geral, os medicamentos que podem accelerar ou provocar evacuações alvinas. A sua administração é seguida de inappetencia, nauseas, sensação de calor interno, dôres mais ou menos vivas no abdomen, de borborygmos, e de leve inchação do ventre. Em consequencia das evacuações mais ou menos repetidas, a exhalação dos succos intestinaes é augmentada; a bilis, o succo pancreatico, correm mais facil e abundantemente. Além d'estes effeitos, os purgantes produzem a diminuição da frequencia do pulso, e augmentão a absorpção que se faz nas cavidades do corpo.

Os purgantes administrão-se com vantagem nas hydropisias, molestias do figado, affecções catarrhaes, certas febres, nas das recem-paridas, apoplexia, plethora sanguinea, hysterismo, e nas molestias cutaneas. Certas diarrheas e dysenterias, cedem ao emprego dos purgantes salinos.

A fluxão abdominal, que os purgantes determinão, é um meio util para provocar a menstruação. Tem-se observado muitas vezes que, se no dia seguinte ao da cessação da menstruação, a mulher toma um purgante, o fluxo menstrual torna a apparecer : d'onde vem o preceito de se não receitarem purgantes sempre que se temer a metrorrhagia. — O abuso dos purgantes fortes póde produzir inflammação intestinal.

Os purgantes, segundo a energia da sua acção, dividem-se em tres classes : 1° os *laxantes* ou *minorativos;* 2° os *catharticos* ou *purgantes médios;* 3° os *drasticos* ou *purgantes irritantes.*

I. *Laxantes.* Os *laxantes* ou *minorativos*, purgantes mui brandos, são substancias sem sabor algum, ou dotadas de gosto adocicado ou acidulo, os quaes, longe de irritarem a superficie dos intestinos, e produzirem calor interno, como fazem os catharticos, e ainda mais os drasticos, exercem uma acção relaxante e emolliente. Os laxantes devem ser preferidos aos catharticos, e sobretudo aos drasticos, sempre que fôr preciso provocar as evacuações alvinas durante o curso de uma molestia inflammatoria. Os laxantes podem por conseguinte ser empregados nas febres eruptivas, nervosas, adynamicas, peritonites, pleuriz, hemorrhagias activas, etc. É necessario, pelo contrario, abster-se d'elles na hypocondria, hydropisia, affecções escorbuticas, escrophulosas.

Os medicamentos laxantes são :

Oleo de ricino.
Cremor de tartaro.
Cannafistula.
Magnesia calcinada.
Tamarindos.
Manná.
Citrato de magnesia.
Xarope de rosas brancas.
— de flores de pecegueiro.
Mel de abelhas.
Ameixas seccas.
Oleo de amendoas doces.

II. *Catharticos*. São purgantes médios que irritão brandamente a membrana mucosa dos intestinos :

Sene.
Rhuibarho.
Espinheiro cerval.
Sulfato de soda.
— de magnesia.
Sub-phosphato de soda.
Tartrato de potassa.
Tartrato de potassa e de soda.
Agua de Sedlitz.
Tartaro emetico dissolvido em grande quantidade d'agua.
Sal de Cheltenham.
Chá de S. Germano.

III. *Drasticos*. São purgantes energicos. Administrados em alta dóse, são venenos irritantes, e por isso devem ser empregados com prudencia. Convem principalmente nas congestões cerebraes, hydropisias, e em todos os casos em que é necessario produzir uma revulsão forte. São contra-indicados sempre que existir a irritação dos orgãos da digestão :

Aloes.
Gomma gutta.
Coloquintidas.
Escamonéa.
Oleo de croton tiglium.
— de euphorbia latyris.
Jalapa.
Purgante Le Roy.

Plantas purgativas indigenas do Brasil.

Amendoirana.
Anda-açú.
Batata de purga.
Bucha dos Paulistas.
Cainca.
Cayapó.
Cereja de purga.
Cipó de suma.
Espelina (S. Paulo), Tomba (Minas).
Imbé ou tracuans.
Jalapa do Brasil.
Jalapão.
Maleiteira.
Manacá.
Marinheiro.
Mariricó.
Nhandiroba.
Pinhão de purga.
Purga do campo.
— de João Paes.
Tayuyá.
Velame do campo.

Reconstituintes. V. *Analepticos*.
Refrigerantes. V. *Temperantes*.
Relaxantes. V. *Emollientes*.
Repercussivos. V. *Adstringentes*.
Resolventes. V. *Adstringentes*.

Revulsivos. Chamão-se *revulsivos* ou *derivativos* os diversos meios que a arte emprega para desviar o principio de uma molestia, de um orgão mais ou menos essencial á vida, para uma parte mais afastada, ou menos importante. Taes são os vesicatorios, os sinapismos e os purgantes.

Rubefacientes. Medicamentos que, applicados na superficie da pelle, a enrubecem, e determinão todos os symptomas da inflammação leve. Empregão-se como derivativos na gota, rheumatismo, nevralgias, pleuriz chronico, etc., e para combater a prostração das forças e outros symptomas adynamicos.

Farinha de mostarda.
Thapsia.
Oleo de croton.
Pomada stibiada.

Linimento ammoniacal.
Essencia de terebinthina.
Pez de Borgonha.
Agua quente.

Seccativos. V. *Adstringentes.*

Sedantes ou **sedativos.** V. *Narcoticos.*

Stypticos. V. *Adstringentes.*

Sudorificos ou **diaphoreticos.** Dá-se o nome de *sudorificos* ou *diaphoreticos* aos medicamentos que promovem a transpiração cutanea. O effeito d'estes medicamentos deve ser favorecido pela temperatura conveniente, e por cobertores e roupas quentes.

Suadouro. Consiste em tomar um pediluvio com farinha de mostarda, beber uma a duas chicaras de chá da India, de sabugueiro, de borragem, ou de jaborandi, deitar-se depois na cama, e cobrir-se com um cobertor de lã : a transpiração não tarda a apparecer. O *suadouro* emprega-se nas constipações, defluxos e outras molestias; é um meio simples e efficaz no tratamento de muitas molestias.

Ha muitas substancias *sudorificas.* Empregão-se estes medicamentos em grande numero de molestias, como são : affecções catarrhaes, hydropisias, dartros, gota, rheumatismo, syphilis, etc.

Os medicamentos sudorificos são :

Jaborandi.
Sabugueiro.
Borragem.
Chá da India.
Contraherva.
Aconito.
Serpentaria de Virginia.
Salsaparrilha.
Guaiaco.
Sassafraz.
Raiz da China.
Caroba.
Gervão.
Raiz de pipi.
Mate.
Periparoba.
Especies sudorificas.
Doce amarga.
Bardana.
Saponaria.
Fumaria.
Ammoniaco liquido.
Acetato de ammoniaco.
Carbonato de ammoniaco.
Banhos d'agua quente.
— de vapor.
Muitas infusões quentes.

Temperantes. Dá-se o nome de medicamentos *temperantes* áquelles que moderão os movimentos do systema circulatorio quando demasiado rapidos, e diminuem o calor do corpo. São todos de gosto acidulo, e, applicados sobre as partes exteriores do corpo, occasionão a adstricção dos vasos capillares. Grande numero dos medicamentos, que se achão na classe dos adstringentes, tornão-se temperantes, quando diluidos em agua. Estes medicamentos chamão-se tambem *refrigerantes, antiphlogisticos* e *acidulos.* Os medicamentos temperantes aplacão a sêde, augmentão a transpiração cutanea, a secreção da ourina, e dão ás vezes lugar a evacuações alvinas. Empregão-se nas phlegmasias pouco intensas, febres biliosas e typhoides, escorbuto, ictericia, hematuria, etc.

Sumo de limão.
Acido citrico.
— tartarico.
Vinagre.
Acido sulfurico e chlorhydrico diluidos em grande quantidade d'agua.
Laranja.
Lima.
Limão doce.
Tamarindos.
Romã.
Amora.
Framboeza.
Maçã.
Azedas.
Herva saracura.
Marmelo.
Cajú.
Cajá.

Araçá.
Goiaba.
Jaboticaba.
Grumixama.
Pitanga e outras fructas acidas.
Soro de leite.
Grama.
Amendoada.
Cremor de tartaro.
Limonadas de limão, laranja e de outros fructos acidos.
Banhos frios.

Tonicos. Dá-se o nome de *tonicos* a uma classe de meios therapeuticos, que tem a propriedade de augmentar gradualmente a energia dos orgãos, sem n'elles determinar a adstricção manifesta, como os adstringentes, nem a excitação viva e prompta, como os estimulantes. Os tonicos tirados dos vegetaes distinguem-se pelo principio amargo que contém. Empregão-se para animar as forças vitaes em grande numero de molestias, como sejão affecções chronicas, debilidades musculares, convalescenças de molestias longas, chlorose, amenorrhea, leucorrhea, febres adynamicas, affecções gangrenosas, escorbuticas, escrophulosas, fraqueza dos orgãos digestivos, etc. Os medicamentos d'este genero tem sido sobretudo empregados com vantagem nas febres intermittentes e em certas affecções periodicas, taes como as nevralgias. Os seus effeitos, n'estes casos, são de tal maneira evidentes, que muitos d'entre elles são considerados como especificos, e designados pelos nomes de *febrifugos* e *antiperiodicos*.

Ferro.
— reduzido pelo hydrogeneo.
Oxydo negro de ferro.
— vermelho de ferro.
— de ferro hydratado.
Tartrato de potassa e ferro.
Iodureto de ferro.
Perchlorureto de ferro.
Lactato de ferro.
Citrato de ferro.
Aguas ferreas.
Oleo de figado de bacalháo.
Quina.
Casca de páo pereira.
Quassia.
Simaruba.
Genciana.
Calumba.
Centaurea menor
Trevo aquatico.
Bardana.
Inula campana.
Almeirão.
Taraxaco.
Lupulo.
Labaça.
Fumaria.
Saponaria.
Musgo islandico.
Polygala amarga.
Marroios brancos.
Cerveja.
Especies amargas.
Rhuibarbo em pequena dóse.
Guaraná.
Cipó de chumbo.
Herva grossa.
Banhos frios.

Vermifugos. V. *Anthelminticos.*

Vesicantes. Chamão-se *vesicantes* ou *epispasticos* os medicamentos que, applicados á superficie do corpo, irritão a pelle, e determinão a secreção serosa que levanta a epiderme e forma uma empola; phenomenos semelhantes aos da queimadura leve. Os vesicantes convem nas molestias agudas e chronicas como meio derivativo; nas affecções causadas pela repercussão, nos rheumatismos, gota, nevralgias, erupções cutaneas mal desenvolvidas, ou que se recolhêrão, nas molestias acompanhadas de fraqueza extrema, e sempre que fôr preciso excitar as forças quasi extinctas do organismo. São :

Cantharidas.
Trovisco.
Pomada ammoniacal de Gondret.

Vomitivos. V. *Emeticos.*

RECEITAS DIVERSAS

E

INFORMAÇÕES UTEIS

Agua de Colonia. Emprega-se geralmente como cosmetico goza de propriedades tonicas e estimulantes. Sua composição vari muito. Prepara-se por dois processos; isto é, por distillação e po mistura.

Agua de Colonia por distillação, ou *alcoolato de limão compost* (Cod. fr.).

Essencia de bergamota	100 gram.	Essencia de alfazema	50 gram
— de canella	25 gram.	— de alecrim	50 gram
— de limão	100 gram.	Alcool a 90° cent.	12000 gram
— de cidra	100 gram.	Alcoolato de melissa composto	1500 gram
— de flores de laranjeira	50 gram.	Alcoolato de alecrim	1000 gram

Dissolva as essencias no alccool, ajunte os dois alcoolatos; deix em contacto por oito dias, e distille a banho-maria até obter o quatro quintos do peso total.

Agua de Colonia de Joao Maria Farina (segundo o *Dictionnaire de Arts et Manufactures*).

	gram.		gram
Espirito de vinho rectificado	300000	Tomilho	3
Melissa	350	Calamo aromatico	1
Hortelã pimenta	350	Flores de laranjeira	1
Rosas	120	Moscada	1
Violetas	120	Macis	1
Alfazema	60	Cravos da India	1
Absinthio	30	Canella	1
Salva	30	Camphora	
		Angelica	

Digira durante 24 horas, com duas laranjas e dois limões, distille a b. m. para obter 200000 grammas de producto. Ajunte a est producto :

	gram.		gram
Essencia de limão	45	Essencia de neroli	1
— de cidra	45	— de alecrim	1
— de melissa	45	— de jasmim	3
— de alfazema	45	— de bergamota	35

Misture e filtre.

Ha mais outras receitas d'esta *agua*.

Agua de Colonia por mistura (Dorvault).

Alcool a 85° cent.	1750 gram.	Oleo volatil de bergamota	24 gram
Oleo volatil de limão	30 gram.	— — de alfazema	6 gram
— — de cidra	12 gram.	Tintura de benjoim	45 gram

Misture e filtre algumas horas depois.

Outra agua de Colonia por mistura.

Essencia de limão	2 gram.	Essencia de bergamota	5 gram.
— de neroli	2 gram.	— de cidra	5 gram.
— de alecrim	2 gram.	Alcool a 85° cent.	1000 gram.

Misture, mexa e deixe estas diversas substancias misturar-se mais intimamente por alguns dias : passados os quaes, se a agua de Colonia estiver turva, filtre-a por filtro de papel.

Outra mais forte.

Essencia de bergamota	10 gram.	Essencia de alecrim	1 gram.
— de laranja	10 gram.	Tintura de benjoim	5 gram.
— de limão	5 gram.	Alcool a 85° cent.	1000 gram.
— de cidra	5 gram.		

Proceda como na receita precedente.

Outra agua de Colonia (ordinaria).

Essencia de limão	10 gram.	Essencia de alfazema	10 gottas
— de bergamota	5 gram.	— de alecrim	10 gottas
— de cidra	5 gram.	Tintura de ambar cinzento	10 gram.
— de laranja	2 gram.	Alcool a 85° cent.	2000 gram.
— de neroli	2 gram.		

Misture como nas receitas precedentes. V. *Agua de mel, Perfumes.*

Agua sem igual (Eau sans pareille, fr.).

Alcool rectificado	3000 gram.	Essencia de limão	15 gram.
Essencia de bergamota	10 gram.	Alcoolato de alecrim	250 gram.

Misture e distille a banho-maria.

Agua de cheiro ou *de toucador* (Eau de bouquet ou eau de toilette, fr.).

Agua de mel cheirosa	80 gram.	Alcoolato de cravo	40 gram.
Agua sem igual	160 gram.	— de junça de cheiro	20 gram.
Alcoolato de jasmim	45 gram.	— de lirio	40 gram.
— de calamo aromatico	20 gram.	— de neroli	25 gottas

M. Este alcoolato composto é de cheiro muito agradavel.

Agua de Portugal (Piesse.)

Alcool a 85° cent.	600 gram.	Essencia de bergamota	4 gram.
Essencia de laranja	32 gram.	— de rosas	1 gram
— de limão	8 gram.		

Misture e filtre.

Veja-se tambem *Perfumes*.

Aguas de côr. *Para os vasos que em França, e em alguns outros paizes, costumão pôr á entrada das boticas para ornamento.*

Agua amarella. Dissolução acidulada de chromato de potassa amarello, á qual se ajunta carbonato de potassa.

Agua amarella-alaranjada. Solução de perchlorureto de ferro em agua.

Agua azul. Dissolução em agua de sulfato de cobre, á qual se ajunta um excesso de ammoniaco.

Agua branca. Agua commum 1000 partes, sabão amygdalino 12, pomada de pepino 90. Divida o sabão por meio da pomada, e ajunte pouco a pouco a agua.

Agua roxa. Solução de carbonato de ammoniaco, misturada com a solução de nitrato de cobalto, até que o precipitado torne a dissolver-se. Ajunte depois um pouco de sulfato de cobre ammoniacal.

Agua verde. Dissolução de sulfato de cobre, á qual se ajunta q. s. de acido chlorhydrico.

Agua vermelha. Infusão de flores de papoulas em agua acidulada com acido chlorhydrico.

Agua de mel. (*Pharmacopea ingleza de Redwood.*)

Alcool	4800 gram.	Essencia de bergamota	60 gram.
Agua de rosas	1200 gram.	— de sandalo amarello	4 gram.
Agua de flor de laranj.	1200 gram.	Mel de abelhas	30 gram.
Essencia de cravo	15 gram.	Almiscar	50 centig.
— de alfazema	15 gram.		

Macere por 7 dias e filtre. Esta composição emprega-se como cosmetico. Uma colher de *agua de mel,* misturada com 4 colheres d'agua, serve para lavar a cabeça, e póde ser util para impedir a quéda do cabello.

Agua de mel cheirosa, ou *alcoolato de mel composto.*

Mel de abelhas	320 gram.	Estoraque solido	20 gram.
Coentros	320 gram.	Baunilha	15 gram.
Casca exterior de limão	40 gram.	Agua de rosas	200 gram.
Cravos	30 gram.	Agua de flor de laranjeira	200 gram.
Moscadas	20 gram.	Alcool a 85° cent.	1920 gram.
Benjoim	20 gram.		

Divida as substancias e macere-as no alcool por 3 dias. Ajunte o mel e as aguas distilladas, e distille toda a parte espirituosa. Ás vezes ajunta-se ambar cinzento e almiscar. Preparação de cheiro suave exclusivamente destinada ao toucador.

Agua de mel cheirosa de Londres.

Agua	1 litro	Tintura de açafrão	250 gram.
Mel de abelhas	30 gram.	Tintura de ambar cinzento	1 gram.
Essencia de bergamota	2 gram.		
— de neroli	1 gram.		

M. e filtre. Emprega-se como a precedente.

Aguardente. *Modo de lhe dar côr.* Dissolver n'ella um pouco de assucar queimado.

Alabastro. *Modo de limpar os objectos de alabastro.* Os objectos de alabastro fazem-se amarellos com a fumaça ou poeira. Limpão-se lavando-os com agua de sabão, e depois com agua pura; feito isto, esfregão-se com pellica. Tirão-se-lhes as nodoas de gordura, esfregando-as com talco em pó ou com essencia de terebinthina.

Algodão. *Modo de descobrir os fios de algodão na fazenda de linho.* Molhe-se a fazenda secca em azeite doce, e esprema-se depois para tirar o excesso do azeite. Os fios de linho tornão-se traslucidos, em quanto que os de algodão conservão-se brancos.

Modo de distinguir nos tecidos vegetaes (algodão, linho, canhamo, etc.) *os fios animaes (lã, seda,* etc.). Corte-se da fazenda que se quer experimentar um pedaço pequeno, tirem-se os fios da largura e os do comprimento, e queimem-se á chamma de uma vela todos os fios, um depois do outro. Os fios de origem vegetal (algodão, linho, canhamo), ardem com chamma viva, sem deixar residuo, e dão o cheiro franco de panno queimado; os fios de origem animal (lã ou seda) ardem mal; forma-se na sua extremidade um carvão esponjoso que lhes suspende a combustão; desenvolve-se ao mesmo tempo o cheiro forte e caracteristico de chifre queimado. É facil contar os fios de uma e outra origem.

Os fios animaes aquecidos com a solução de potassa ou soda (5 partes de potassa ou soda e 100 partes d'agua) dissolvem-se; os fios vegetaes, pelo contrario, não se dissolvem n'esta solução.

Arrebiques. *Arrebique branco.* 1° Sub-azotato de bismutho misturado com greda; alvaiade misturado com gomma alcatira (nocivo para a saude); 3° flores de zinco misturadas com greda; 4° talco 500 gram., carmim 1 gram., essencia de rosas 4 gottas, oxydo de bismutho 30 grammas.

Arrebique vermelho. 1° Carmim 8 grammas, talco 120 grammas. 2° *vinagre de arrebique :* carmim suspenso em vinagre mediante pouca mucilagem de gomma; 3° *outro :* cochonilha em pó 12 p., laca 90, alcool 190, vinagre de alfazema 500. Macere por 10 dias, mexendo de vez em quando a garrafa, e côe.

Os arrebiques que contém chumbo ou mercurio são nocivos á saude. Os arrebiques vermelhos devem ser corados com carmim, cochonilha, e não com vermelhão (sulfureto de mercurio).

O *arrebique branco philodermo* em pó, de Arrault, contém greda, oxalato de cal, silicato de alumina, oxydo de zinco e borato de manganez.

O arrebique branco philodermo liquido é o precedente diluido em agua de rosas.

O arrebique branco philodermo em massa, é a mistura de arrebique philodermo em pó com paraffina e oleo de amendoas doces. Estas tres preparações não são nocivas á saude.

Eis-aqui a preparação dos arrebiques que tem o talco por base :

Arrebique branco. Talco em pó fino 500 gram., vinagre distillado 1000 gram. Põe-se o talco com o vinagre n'um matraz, e deixa-se em maceração por 15 dias, tendo o cuidado de mexer de vez em quando; filtra-se e lava-se com agua distillada, até esta sahir sem sabor algum. Moe-se então com um pouco de agua e 60 gram. de espermacete; põe-se a massa ainda liquida em pucaros, e faz-se seccar ao abrigo da poeira.

O *vermelho* chamado impropriamente *vegetal* (Rouge végétal, fr.). Arrebique branco acima indicado 500 gram., vermelho de açafrôa 15 gram., espermacete 60 gram. Moe-se tudo junto com um pouco d'agua distillada, faz-se seccar, e conserva-se em pucaros.

Estes dois ultimos arrebiques não são nocivos á saude.

Arvore de Saturno. Deposito de chumbo metallico crystallizado, que se produz debaixo da fórma de vegetações, sobre uma lamina de zinco mergulhada na solução de acetato de chumbo. Vê-se ás vezes esta preparação exposta em algumas boticas como curiosidade.

Assucar *aromatizado e acidulado para bebidas refrigerantes.* Tomem-se morangos 1 parte, limpem-se, pisem-se e passe-se o sumo por coador de panno. Tomem-se 4 a 6 partes de assucar refinado em pó, misturem-se com o sumo, a massa que resulta d'esta mistura, secca-se na estufa, reduz-se depois a pó, ou se conserva meio-solida em frascos de vidro bem seccos e tapados com rolhas. Quando se quer ter a limonada de morangos, toma-se uma colher d'este assucar e dissolve-se em agua.

Da mesma maneira prepara-se assucar de cajú, araçá, grumixama, groselha e outros fructos acidos. Póde-se tambem preparar assucar de laranja ou limão, mas é mister então, antes de pisar o assucar com o sumo, esfrega-lo sobre as cascas de laranja ou de limão, para lhes tirar uma parte de oleo essencial que communica um cheiro aromatico ao producto.

Bandolina. Composição mucilaginosa para lustrar e fixar o cabello. Ha muitas receitas de bandolina :

1ª Gomma alcatira 6 gram., agua 220 gram., alcool 90 gram., oleo essencial de rosas 20 gottas. Macere por 24 horas e côe.

2ª Oleo de ricino 60 grammas, espermacete 4 grammas. Derreta, côe e ajunte : oleo essencial de bergamota 4 grammas, oleo essencial de rosas 20 gottas.

3ª Oleo de amendoas doces 30 grammas, cera branca 4 grammas, tintura de almêcega 12 grammas, essencia de bergamota 1 gramma.

As mucilagens de sementes de marmelo ou de psyllium, de musgo carragaheen, misturadas com agua de Colonia, são tambem frequentemente empregadas para o mesmo uso.

Betumes artificiaes, lutos, mastiques, cimentos e diversos mastiques para unir louça, crystal, marmore, etc.

Betume para concertar louça. Cal virgem, clara de ovo, de cada substancia partes iguaes. Misture-se.

Betume universal. Dissolve-se a calor brando em pequena quantidade de alcool, até formar gelea forte, uma porção de colla de peixe, previamente amollecida em agua. A 30 grammas (1 onça) d'esta solução ajuntão-se 25 centigrammas (5 grãos) de gomma-ammoniaco pulverizada, e depois mistura-se tudo com 1 gramma (20 grãos) de almècega dissolvida em 6 grammas (1 1/2 oitava) de alcool muito forte. Esta mistura faz-se em vaso de barro e a calor brando. Deitão-se n'uma garrafinha, que se tapa depois, todas estas substancias bem misturadas. Para se servir d'este cimento, mette-se a garrafinha em agua quente, para amollecer o cimento, e applica-se este sobre as superficies quebradas da louça ou do vidro que se querem concertar. É necessario que as superficies quebradas, depois de grudadas, fiquem em contacto e apertadas ao menos por 12 horas. —Este cimento serve particularmonte aos ourives para fixar as pedras preciosas.

Outro betume. Faça-se coalhar leite por meio do vinagre, separe-se este leite coalhado do soro, esprema-se, faça-se seccar e reduza-se a pó. A 300 partes d'este pó ajuntem-se 30 partes de cal viva, e 3 partes de camphora. Misture-se bem e guarde-se em frasco bem tapado. No momento em que se precisa do betume amassão-se estes pós com sufficiente quantidade d'agua e applica-se immediatamente.

A gomma-laca, amollecida em alcool, constitue tambem um bom betume.

Outro betume. Queijo fresco ou recentemente separado do soro de leite, misturado com cal hydratada, fórma um excellente betume.

Cimento commum. Areia de rio 20 partes, lithargyrio 2 partes, cal viva 1 parte, oleo de linhaça q. s. para formar massa. Para tapar os intersticios das pedras, betumar as caldeiras de vapor, etc.

Betume com colla de polvilho. Este betume prepara-se formando massa com colla de polvilho e farinha de linhaça. Emprega-se nos laboratorios de pharmacia ou de chimica.

Betume dos vidraceiros. Alvaiade 1 parte, giz 2 partes. Misture-se em almofariz, e ajunte-se pouco a pouco oleo de linhaça até formar massa. Este betume conserva-se n'uma bexiga molhada.

Betume impermeavel á agua, proprio para concertar louça. Deite-se 1 kilogramma (2 libras) de colla de Flandres em sufficiente quantidade d'agua, e deixe-se durante toda a noite. Ferva-se depois esta colla em vaso de ferro, a fogo lento até tomar boa consistencia; ajunte-se pouco a pouco, e mexendo com espatula de ferro, mistura de partes iguaes de cal extincta e de greda reduzida a p

ino. Este betume emprega-se quente, e quando arrefece tapa exactamente as fendas. Póde ser empregado em ponto grande para os anques e reservatorios d'agua.

Outro betume para concertar louça. Polvilho 30 partes, greda em pó fino 100 partes, grude 30 partes, terebinthina 30 partes. Dissolva-se o polvilho com a greda em agua misturada com outra anta porção de aguardente, ajunte-se o grude, ferva-se, e durante a ebullição ajunte-se a terebinthina, e mexa-se para formar massa homogenea.

Outro betume para concertar louça. Faça-se uma dissolução conentrada de colla de peixe em agua, ajunte-se-lhe um pouco de alcool e de gomma-ammoniaco para fazer massa liquida. Para se usar d'ella, applica-se com espatula de páo sobre os lugares que se querem grudar; apertão-se depois estes lugares, e deixa-se seccar.

Betume para canos d'agua. Misture-se sebo com cal viva até á consistencia de massa espessa; molhe-se estopa n'esta massa, applique-se nas rachas dos canos, e segure-se com atadura.

Betume para soldar pedras. Derreta-se enxofre, e applique-se na racha.

Betume para fixar torneiras ou tapar as rachas das vasilhas de barro que servem para agua. Derretão-se 4 part. de breu com 1 parte de cera amarella; ajuntem-se pouco a pouco 4 partes de tijolo pulverizado; e applique-se quente sobre o lugar, o qual deve estar bem secco.

Betume para os tubos de ferro. Flor d'enxofre 1 parte, limalha de ferro 16 partes, sal ammoniaco 2 partes.

Misturão-se estes ingredientes em gral, ajunta-se-lhes a quantidade d'agua necessaria para humedece-los, e emprega-se o betume immediatamente, mettendo-o com força nas juntas e fendas das caldeiras, e outros vasos de ferro fundido ou batido. Esta mistura dá origem a um sulfureto de ferro que adquire grande dureza e enche perfeitamente as fendas e fugas que se pretendem tapar nos tubos e caldeiras das maquinas de vapor.

Visco marinho. Borracha 1 parte, alcatrão 16 partes; gomma-lacca em pó 32 partes. Dissolva-se a borracha no alcatrão, ajunte-se gomma-lacca, aqueça-se tudo, e mexa-se até obter mistura completa. Quando se emprega é necessario aquecê-la em vaso de ferro, e applica-la com pincel sobre as superficies das peças de páo que se querem grudar.

Bichos dos livros (Destruição dos). Os bichos, vulgo *traças*, são o flagello das bibliothecas. As femeas põem ovos microscopicos debaixo da capa dos livros encadernados. Cada ovo dá nascimento a uma lagarta mui pequena que fura, para alimentar-se, a substancia da capa, e depois o livro mesmo. Achão-se assim livros furados de parte a parte por uma galeria cylindrica, em cujo fundo se acha um pequeno verme esbranquiçado; é a lagarta do bicho. O unico remedio que se lhe poderá oppôr é visitar os livros a miudo e sacudi-los.

Botica domestica. *Medicamentos com que devem ser fornecidas as pharmacias navaes e as boticas domesticas das fazendas do Brasil.*

Acido phenico alcooliz.	15 gram.	Agua de Labarraque	250 gram.
Acido sulfurico concentrado ou oleo de vitr.º	15 gram.	Aguardente camphor.ª	250 gram.
Agua de flores de laranj.	125 gram.	Alcali volatil ou ammoniaco liquido	15 gram.

Algodão em rama ou em pasta	125	gram.
Althea (Raiz de)	150	gram.
Arroz	125	gram.
Azeite doce	125	gram.
Balsamo catholico	250	gram.
Balsamo de Fioravanti	30	gram.
Balsamo tranquillo	125	gram.
Calomelanos	30	gram.
Camomilla romana	60	gram.
Camphora	10	gram.
Causticos ou vesicatorios (massa caustica estendida em panno) nº	6	
Ceroto simples	150	gram.
Cevada perlada (cevadinha)	250	gram.
Chloroformio	8	gram.
Creosota	8	gram.
Diachylão estendido em panno (sparadrapo ou encerado)	1	metro
Dormideiras	10	gram.
Emetico	8	gram.
Encerado inglez (tafetá côr de rosa)	1	carta
Essencia de cravo da India	8	gram.
Essenc. de terebinthina	125	gram.
Ether sulfurico	15	gram.
Extracto de Saturno	250	gram.
Farinha de linhaça	250	gram.
Farinha de mostarda	250	gram.
Fecula. *Veja-se* Polvilho		
Folhas de laranjeira	20	gram.
Herva cidreira	25	gram.
Ipecacuanha em pó	15	gram.
Ipecacuanha em rama	90	gram.
Laudano de Sydenham	30	gram.
Linhaça (sementes de linho)	210	gram.
Magnesia calcinada	30	gram.
Malva (flores de)	45	gram.
Manteiga de antimonio	15	gram.
Nitro	30	gram.
Oleo camphorado	125	gram.
Oleo de ricino	225	gram.
Opio (extracto de) de 5 centig. cada uma.	24	pilulas
Opodeldoch	30	gram.
Pedrahume em pó	25	gram.
Pedra infernal	2	gram.
Perchlorureto de ferro liquido a 30º	45	gram.
Pilulas purgativas de Anderson nº	24	
Polvilho	250	gram.
Potassa caustica em bocados chatos	8	gram.
Rhuibarbo em pó	15	gram.
Sabugueiro (flores de)	45	gram.
Sene	60	gram.
Sulfato de magnesia ou Sal d'Epsom	210	gram.
Sulfato de quinina	8	gram.
Tintura de aconito fresco	30	gram.
Tintura de arnica	125	gram.
Unguento de Arceus	150	gram.

Instrumentos e objectos para curativos.

Lanceta.
Canêta com pedra infernal.
Tesoura.
Pinça.
Balança granataria com pesos em grammas e centigrammas.
Copo graduado de 125 grammas para liquidos.
Ventosa de borracha vulcanizada.
Atadura enrolada em um globo.
Chumaços.
Fios.
Isca.
Alfinetes.
Agulhas.
Linha de coser.

Existem diversos generos de caixas com medicamentos chamadas *boticas portateis*. Adiante indico um modelo que convem sobretudo ás fazendas do Brasil e aos navios mercantes.

Todos os medicamentos d'esta *botica portatil* podem conservar-se por annos, salvo a herva cidreira, folhas de laranjeira e flores de sabugueiro, que devem ser reformadas annualmente. A farinha de mostarda, que se altera em poucos dias, é substituida pelo papel sinapizado de Rigollot; e em lugar da farinha de linhaça, que tambem não se conserva, achão-se as cataplasmas instantaneas de Lelièvre, que consistem em pasta de algodão, impregnada de solução de carragaheen, a qual basta molhar por um minuto em agua a ferver, para ter immediatamente uma cataplasma emolliente.

BOTICA DOMESTICA PORTATIL.

(*O decimo do tamanho natural.*)

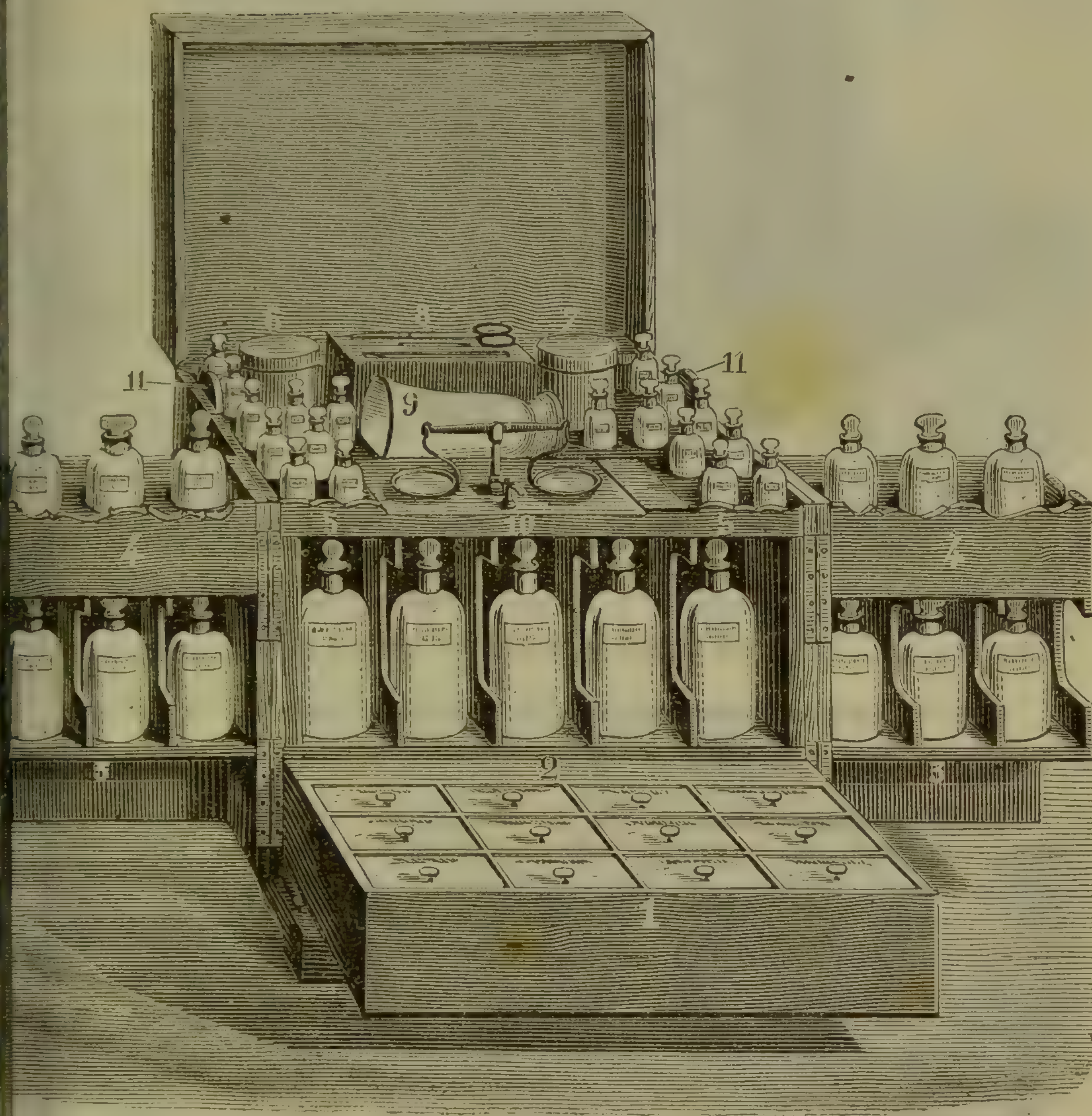


Fig. 299. — Botica portatil aberta.

Esta *botica portatil*, guarnecida dos medicamentos e instru-
entos acima indicados, vende-se em Pariz, na pharmacia de Luiz
rral, rua Saint-Honoré, 41. Preço, 325 francos.

Na mesma casa achão-se tambem *boticas portateis para as cha-
ras*. São caixas mais pequenas do que a precedente : guarne-
das de medicamentos de urgencia e de alguns instrumentos (lan-
ta, tesoura, pinça, caneta com pedra infernal).

Cada caixa com medicamentos e instrumentos custa em Pariz
francos.

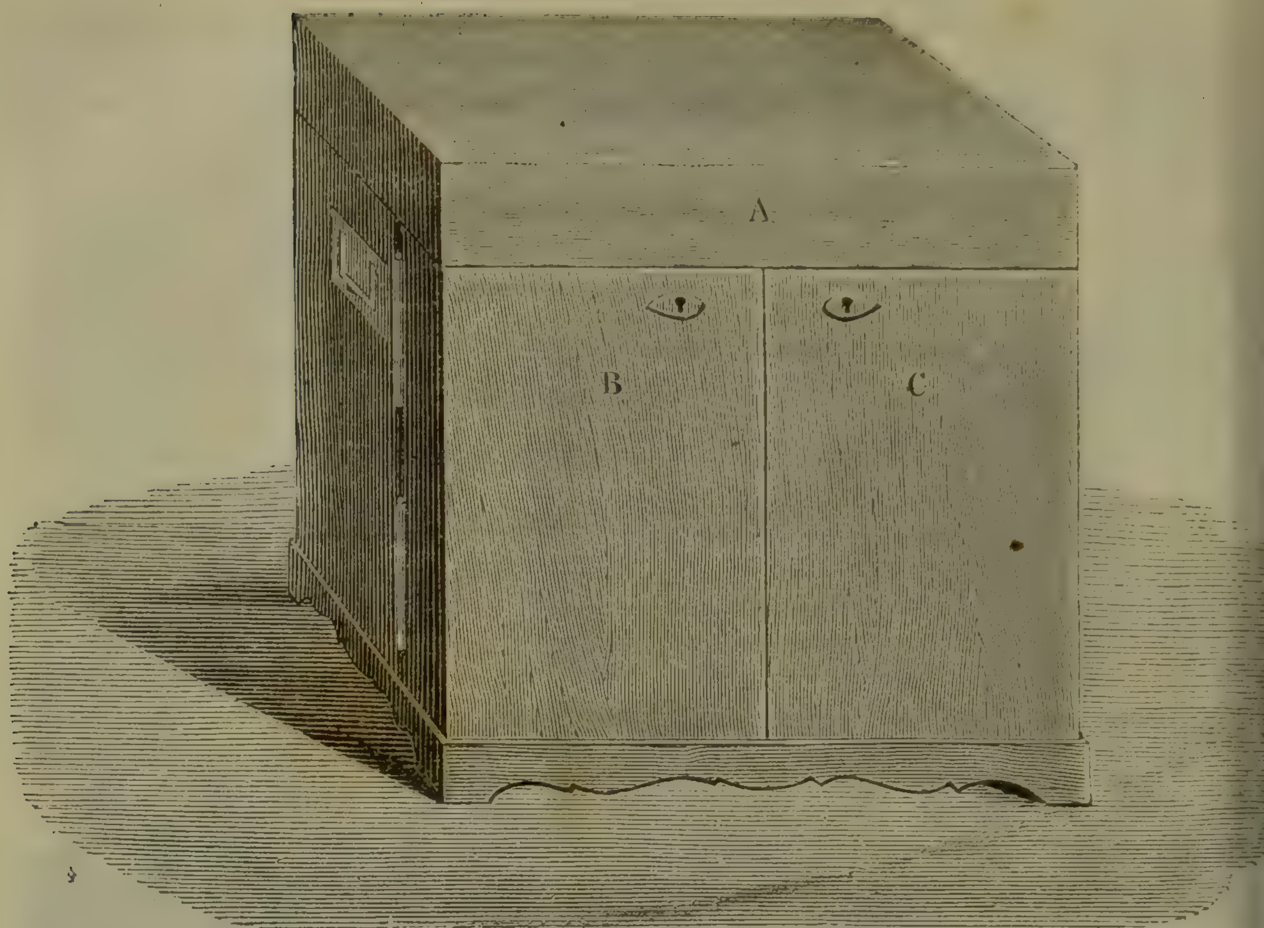


Fig. 300. — Botica portatil fechada.

(*O decimo do tamanho natural.*)

Altura, 44 centimetros e meio; — largura, 44 centimetros e meio; profundidade, 34 centimetros.

Bronze dourado. *Modo de limpar e entreter os objectos de bronze dourado ou prateado.* Se o objecto tem cera ou sebo, é preciso metê-lo em agua fervendo até que a cera ou o sebo se derreta : enxuga-se bem; depois toma-se um pouco de gesso diluido em agua, molha-se n'elle uma pequena escova, e com esta esfrega-se até que se não vejão nodoas, e até que o objecto fique secco. Depois, com outra escova que não esteja molhada, tira-se o gesso que existir nos riscos dos objectos lavrados, e, com um panno limpo enxuga-se o objecto.

Cabello. Os liquidos empregados para limpar o cabello (*Eau romaine, athenienne,* etc.) são dissoluções alcoolicas de saponina, aromatizadas com oleos essenciaes. São proprios para curar a *caspa.*

Agua de quinina para limpar a cabeça.

Casca de quina amarella	30 gram.	Cochonilha	2 gram
Agua	500 gram.	Alcool	80 gram
Carbonato de potassa	2 gram.	Oleo essencial qualquer	10 gotta

Ferva a quina na agua, dissolva no decocto o carbonato d potassa e a cochonilha; filtre, ajunte o alcool e qualquer oleo essencial para aromatizar. — Boa preparação; fortifica o bolbo do cabello e serve para destruir a caspa.

Pós para tingir o cabello.

Lithargyrio em pó	30 gram.	Greda	30 gram
Cal extincta	15 gram.		

Misture. Com certa quantidade d'estes pós, e q. s. d'agua, faz-s

massa que se applica sobre o cabello. Dez horas depois lava-se a cabeça com agua e sabão.

Agua da Florida, para tingir de preto o cabello (Reveil).

Acet.º neutro de chumbo	28 gram.	Agua de rosas	945 gram.
Flor de enxofre	26 gram.		

Para applicar sobre o cabello lavado previamente com agua e sabão. O effeito só se manifesta 3 ou 4 horas depois; porém se o cabello está molhado com a solução de sulfureto de potassa, a côr preta apparece immediatamente.

Mistura franceza para tingir de preto o cabello.

1º Solução saturada de sulfato de cobre, á qual se ajunta ammoniaco até á dissolução do oxydo.

2º Solução saturada de cyanureto amarello de potassio e de ferro.

Lava-se a cabeça com agua e sabão e deixa-se seccar o cabello. Molha-se então o cabello com a solução nº 2, e deixa-se seccar; humedece-se depois com a solução nº 1. Preserva-se a pelle da acção caustica da solução nº 1, untando-a com alguma pomada.

Tintura para fazer o cabello preto.

Tintura de casca verde de nozes	125 gram.	Essencia de alfazema	4 gottas

Solução para tornar os cabellos castanhos (Jeannel).

Solução de permanganato de potassa em q. s. d'agua distillada até á saturação.

Lavar a cabeça com agua e sabão, deixar seccar o cabello, e humedecê-lo depois com a solução que lhe dá uma bella côr castanha. É necessario preservar a pelle que tomaria a mesma côr. Esta solução não é nociva á saude.

Solução para tingir o cabello.

Azotato de prata crystallizado	15 gram.	Verde de bexiga (combinação de succo de bagas de espinheiro cerval com cal) para dar côr	q. s.
Agua distillada	125 gram.		

Applica se esta solução aos cabellos com pente ou escova, tendo cuidado de não tocar com ella a pelle.

Para o mesmo fim póde-se empregar o meio seguinte: molhão-se os cabellos com o pente, com a solução de 4 grammas de azotato de prata em 60 grammas d'agua distillada, e depois com a solução de ammoniaco ou sulfureto de potassio em agua. Deve-se previamente lavar o cabello com agua e sabão para tirar-lhe a gordura.

As preparações de azotato de prata tem o inconveniente de dar ao cabello uma côr avermelhada.

Pomada para fazer o cabello preto.

Cera branca	120 gram.	Marfim queimado e reduzido a pó subtil	120 gram.
Sabão raspado	30 gram.		
Sebo de Hollanda	90 gram.		

Derrete-se a cera com o sabão e o sebo, tira-se do fogo e ajunta-se-lhe, mexendo, o marfim e 8 grammas de oleo essencial de baunilho ou alguma outra essencia aromatica; continua-se a mexer, vasa-se o liquido, ainda quente, em canudos feitos de papel, para formarem páos de pomada. — Esta pomada é para se correr sobre o cabello, que pela idade ou por outra qualquer causa, tenha perdido a sua côr natural; depois do que, com um papel pardo bem brando, esfrega-se o mesmo cabello que fica assim preto por alguns dias, sem causar damno á saude.

Caracoes. *Modo de destruir os caracoes nas hortas.* Polvilhe-se o chão com cal viva.

Cera para mobilia e marmore. Derreter a fogo brando 60 grammas de cera amarella; coar por panno e ajuntar 60 gram. de essencia de terebinthina mexendo até a mistura arrefecer. Para usar d'esta cera, estende-se igualmente pequena quantidade d'ella sobre a madeira ou sobre o marmore que se quer limpar, e, com um panno de lã esfrega-se até obter o lustro conveniente.

Outra receita. Derretão-se 180 gram. de potassa em 360 gram. d'agua, ajuntem-se 120 gram. de cera cortada em pedaços, e ferva-se; tire-se depois do fogo e deixe-se esfriar. A massa fica como sabão. Pise-se esta massa com um pouco d'agua, e applique-se nos trastes; lustre-se depois com panno de lã.

Cheiro dos almofarizes. Tira-se-lhes o cheiro do almiscar, da assafetida, etc., esfregando-os com a farinha de mostarda, com a pasta de amendoas amargas, ou com as folhas de louro-cereja.

Cobre. *Modo de limpar os objectos de cobre.*

1ª *receita.* Esfrega-los com limão azedo.

2ª *receita.* Esfrega-los com um panno molhado em agua levemente avinagrada, ou no ammoniaco liquido.

3ª *receita.* Esfrega-los com um panno molhado na dissolução aquosa de cremor de tartaro.

4ª *receita.* Diluir um pouco de barro vermelho, chamado *triroli* em essencia de terebinthina; applicar uma camada d'esta massa sobre o objecto que se quer limpar; esfregar o objecto com panno de linho até elle recobrar o seu lustre; e com uma escovinha tirar o pó que tenha ficado nos riscos ou excavações.

5ª *receita.* Diluir 30 gram. de sabão preto em 250 gram. d'agua; ajuntar 50 gram. de terra podre (especie de barro), 30 grammas de aguardente, 50 gram. de essencia de terebinthina, e 15 gram. de azeite doce. Depois de misturadas todas estas substancias, deita-se a composição n'uma garrafa, que se conservará tapada. Cada vez que se quizer empregar, agite-se a garrafa, deite-se pequena quantidade da composição n'um pedaço de panno de lã, e esfrega-se com ella o objecto, que se enxuga depois com panno de linho bem secco.

Agua de cobre. Agua 125 grammas, acido oxalico 20 grammas. Molha-se um panno n'esta agua, e esfrega-se o objecto.

Outra receita d'agua de cobre. Derretem-se em 1 litro (32 onças) d'agua, 32 grammas (1 onça) de sal de azedas. Quando o sal estiver completamente dissolvido, ajunte-se á dissolução a seguinte mistura: 4 colheres de pó de madeira peneirada, 3 colheres de espirito de vinho e 2 de essencia de terebinthina. Guarda-se esta agua em uma garrafa bem arrolhada, e põe-se-lhe o letreiro, para evitar qualquer erro. Quando fôr necessario, deitem-se algumas colheres d'este liquido n'um caco de louça, molhe-se um trapo de lã, que se passará sobre o objecto de cobre *não dourado* que se quizer limpar. Deixe-se seccar por alguns instantes, e depois esfregue-se com um pedaço de pellica.

Cobre dourado. *Modo de limpar o cobre dourado.* Mergulhe-se o objecto em agua de sabão quasi fervendo, e esfregue-se n'esta agua com escova macia. Tire-se da agua de sabão, e passe-se em agua quente pura, escove-se n'ella afim de tirar todo o sabão que póde achar-se na superficie, e exponha-se ao ar sem enxuga-lo. Depois de secco, esfregue-se com panno de linho fino ou com pellica de luva.

Modo de limpar os objectos de cobre dourado que não podem ser tirados do lugar em que estão. Misturem-se 125 grammas d'agua, 50 grammas d'aguardente, 7 grammas de carbonato de soda, e 15 grammas de branco de Hespanha (giz), e applique-se esta massa com um panno sobre o objecto, e, depois de secca, esfregue-se o objecto com panno velho, ou com escova macia.

Colla. *Colla ordinaria.* Farinha de centeio 1 kilogramma, agua quantidade sufficiente. Dilua-se a farinha com um pouco d'agua fria, até não haver grumos; deite-se depois na mistura agua fervendo até ficar na consistencia de papas. Continue-se a aquecer mexendo com espatula de páo. Para se servir d'ella, espera-se que esfrie, e se fôr demasiado espessa, ajunte-se-lhe um pouco d'agua fria.

Com a farinha de arroz, faz-se colla de côr branca, quasi transparente e muito adherente, que se emprega com preferencia para as encadernações delicadas.

Colla de Flandres, colla forte ou grude. Materia glutinosa que se obtem fervendo em agua os couros dos animaes. É em laminas delgadas, amarelladas. Pulverizada grosseiramente, constitue a *gelatina para banhos.* O grude mais ordinario, que se obtem de substancias ainda mais ordinarias, taes como os cascos dos bois, pellicas, orelhas, é em grandes laminas negras, espessas, e só se emprega nas artes.

Eis-aqui o modo de assegurar-se da boa qualidade d'esta especie de colla. Deite-se um pedaço d'ella n'um vaso cheio d'agua, e deixa-se em lugar fresco por doze horas. Se a colla se derreter, será prova de que não presta; se inchar e augmentar de peso, será tanto melhor quanto mais pesada; mas importa que estándo exposta ao ar torne a seccar e recupere a sua primeira consistencia.

Qualquer que seja a especie de grude de que se faz uso, devem tomar-se certas precauções para derretê-lo : uma temperatura elevada ou por muito tempo continuada altera-o, e o melhor grude póde não prestar se fôr submettido á ebullição mui prolongada. Cumpre quebra-lo em pedaços, pô-lo em banho-maria, e depois de coberto com agua fria, deixa-lo ficar de môlho por cinco ou seis horas; faz-se depois ferver a agua exterior do banho-maria, e mexe-se o grude para facilitar a dissolução. A agua quente contida no envoltorio do banho-maria basta para manter o grude em estado de fluidez conveniente durante o tempo que se faz uso d'elle.

Colla liquida (Dorvault).

Colla forte	5 part.	Acido azotico a 36° Baumé	1 part.
Agua commum	5 part.		

Dissolvida a colla na agua em b. m., ajunte pouco a pouco o acido azotico.

Colla liquida (Balland).

Colla forte	40 gram.	Acido acetico do commercio	100 gram.

Dissolva a calor brando.

Colla liquida (Boettger).

Colla forte	8 part.	Alcool a 85° cent.	2 part.
Vinagre forte	8 part.	Pedrahume pulverizada	1 part.

Dissolva a calor brando.

Colla liquida (Knaff).

Colla forte	12 part.	Acido chlorhydrico	2 part.
Agua	32 part.	Sulfato de zinco	3 part.

Deixe em contacto a agua com a colla durante algumas horas,

ajunte o acido e o sulfato, e aqueça tudo de 81° a 89° durante 12 horas. — Serve para grudar a madeira, a porcelana, e o vidro.

Colla de bocca. Prepara-se macerando colla forte de bella qualidade em pequena quantidade d'agua, aquecendo depois para dissolver a colla, ajuntando então 10 por 100 do seu peso de assucar em pó, continuando a aquecer até a massa tornar-se transparente e homogenea, tirando do fogo, aromatizando com essencia de limão, e deitando a massa em moldes, em que se solidifica, depois de fria. Emprega-se humedecendo-a com saliva ou agua.

Colla de peixe. É a membrana interna dessecada da bexiga natatoria de certos peixes, e sobretudo do grande esturjão, que se emprega para fazer as geleas, o encerado inglez, e para clarificar os licores e o vinho branco. Acha-se no commercio ordinariamente em laminas seccas e duras. Para a preparar e torna-la propria para os usos domesticos, quebra-se com martello sobre um pedaço de páo, depois de envolvida em panno de linho. Reduz-se d'esta maneira a pedacinhos, que se põem de môlho em agua fria, na proporção de 10 partes de colla para 90 d'agua. Dissolve-se a banho-maria, côa-se por panno de linho, ajunta-se-lhe um pouco d'agua quente, e emprega-se immediatamente. Esta colla, quando esfria, toma o aspecto de gelea transparente e assaz consistente. Para conserva-la sem alteração no estado de gelea, e tê-la sempre prompta, deve-se evaporar no banho-maria a metade da agua que contém, e accrescentar quantidade igual de alcool. Introduz-se esta solução em frascos de vidro, que se tapão a principio simplesmente com papel, e depeis com panno de linho ou pergaminho quando estiver presa em gelea. Querendo-se fazer uso d'ella, basta, para torna-la liquida, segurar por algum tempo o frasco na mão, ou expô-lo por um momento, e um pouco de longe, ao calor do fogo.

Para clarificar um licor, deita-se um pouco de colla de peixe bem dissolvida, mexe-se, e as substancias contidas ordinariamente nos licores taes como o alcool, os acidos, o tannino, etc., precipitão a colla que, quando assenta, leva comsigo todas as impurezas que turvavão a transparencia do liquido. Para clarificar um barril de vinho de 300 garrafas, bastão 24 grammas (6 oitavas) de colla de peixe dissolvidos n'uma garrafa de liquido.

Colla para preservar os livros da traça e dos insectos. Farinha de trigo 500 grammas, agua q. s., arsenito de potassa 4 grammas, sublimado corrosivo 4 grammas. Faça-se com a farinha a colla propria para a encadernação, e ajunte-se-lhe, mexendo com espatula, as duas ultimas substancias que são venenosas. Feita a encadernação, applique-se sobre a capa, com pincel, a tintura feita da maneira seguinte : coloquintidas 4 grammas, alcool 60 grammas, macere-se por oito dias e filtre-se. Quando os armarios e as bibliothecas tem aberturas, é prudente tapa-las com tiras de papel fixadas com esta colla.

Colla para pregar letreiros ou rotulos. Sublimado corrosivo 1 parte, farinha de trigo 8 partes, folhas de losna 4 partes, agua 120 partes. Os bichos não atacão esta colla.

Colla para flores artificiaes. Farinha de trigo, gomma arabica, assucar, agua q. s. para fazer massa pouco grossa.

Colla para louça e vidro. Toma-se um pouco de flor de farinha de trigo, sobre a qual se deitão algumas gottas d'agua, para fazer massa firme e ligada; forma-se com esta massa uma bola que se segura entre as mãos em quanto outra pessoa lhe deita por cima agua, continuando a tritura-la entre as mãos até que fique só

gluten, o que é facil reconhecer, logo que a agua sáia clara das mãos. Estende-se então uma camada muito delgada d'este gluten sobre uma das partes do vaso quebrado, approxima-se da outra parte, ajuntando-as com cuidado, e deixando depois seccar. V. *Betumes*.

Conservação dos cadaveres para os estudos anatomicos. V. *Hyposulfito de soda*, p. 527.

Conservação dos passaros e dos pequenos quadrupedes. Para encher a pelle do animal emprega-se algodão, estopa ou musgo; e para preserva-la dos bichos, emprega-se o sabão arsenical preparado segundo a receita seguinte : Acido arsenioso 32 part., carbonato de potassa 12, agua distillada 32, sabão 32, cal viva 4, camphora 1; ferva a agua com o acido arsenioso e o carbonato de potassa; feita a dissolução, ajunte o sabão muito dividido, e depois a cal e a camphora.

Conservação das substancias alteraveis pela luz. Os frascos de vidro *azul-escuro* não se empregão, nas pharmacias, para conservar as substancias alteraveis pela luz, senão por um esquecimento das leis physicas, porque o azul deixa passar os raios activos; cumpre empregar exclusivamente os frascos *pretos* ou *amarellos*. Substitue-se tambem com vantagem, para envolver os frascos, o papel azul pelo papel amarello, que absorve os raios activos que o papel azul deixa passar.

Côres. *Substancias corantes que podem ser empregadas na preparação das pastilhas, confeitos e licores.*

Côres azues. O anil, o azul de Prussia ou de Berlim, o azul celeste, o verde mar puro. Estas côres misturão-se com todas as outras, e podem dar todas as tintas compostas que tem o azul por principal elemento.

Côres vermelhas. A cochonilha, a urzella, o carmim, a laca carminada, a laca brasiliense.

Côres amarellas. O açafrão, e semente de Avinhão, a semente persica, a curcuma, o pastel e as lacas aluminosas d'estas substancias. As tintas que se obtem com muitas d'estas drogas, especialmente com a semente de Avinhão e semente persica, são mais brilhantes do que as que dá o amarello de chromo, cujo uso é prohibido por ser perigoso.

Côres verdes. Póde-se obter esta côr pela mistura do azul com diversas tintas amarellas. O mais intenso é o que se obtem com o azul de Prussia e a semente persica; é muito mais brilhante do que o verde de Schweinfurt, que é um violento veneno, pelo arsenico que contém.

Côres roxas. O páo da India e azul de Prussia, convenientemente misturados, dão as côres desejadas.

Em geral as outras côres compostas podem ser preparadas pela mistura das diversas materias corantes que deixámos transcriptas.

SUBSTANCIAS QUE NÃO DEVEM EMPREGAR-SE NA PREPARAÇÃO DOS DOCES E LICORES. As substancias mineraes em geral, especialmente os compostos de cobre, as cinzas azues, os oxydos de chumbo, massicote, minio, o sulfureto de mercurio ou vermelhão, o amarello chromio ou chromato de chumbo; o verde de Scheele, o verde de Schweinfurt ou arsenito de cobre; o verde inglez; o carbonato de chumbo ou alvaiade; a gomma-gutta.

MEIOS QUE DEVEM EMPREGAR-SE PARA RECONHECER A NATUREZA DAS PRINCIPAES MATERIAS CORANTES CUJO USO É PROHIBIDO. *Côres brancas.* Para reconhecer o carbonato de chumbo, conhecido no

commercio debaixo do nome de branco de chumbo, alvaiade e branco argentino, applica-se por meio de uma faca uma camada sobre um papel, queima-se este, e achar-se-ha no prato, sobre o qual o papel foi incendiado, o chumbo metallico debaixo da fórma de pequenos globulos, dos quaes os mais volumosos são do tamanho da cabeça de um pequeno alfinete. — Os papeis brunidos com o alvaiade, quando se queimão, tambem algumas vezes dão lugar á producção dos globulos de chumbo, e durante a combustão do papel observa-se um circulo amarello que rodeia as partes do papel em combustão. Emfim o carbonato de chumbo, e os papeis brunidos com elle, ennegrecem quando se tocão com agua saturada de hydrogeneo sulfurado.

Côres amarellas. O oxydo de chumbo ou massicote reconhece-se do mesmo modo que o alvaiade.

O chromato de chumbo ou amarello de chromo torna-se escuro quando se trata, depois de pulverizado, pela solução de hydrogeneo sulfurado em excesso. Deve haver cuidado em agitar a mistura com vareta de vidro.

A gomma-gutta, diluida em agua, dá a solução amarella que se torna rubra pela potassa ou ammonia : lançada sobre o carvão incandescente amollece, depois inflamma-se deixando um residuo de cinza ou carvão.

Côres vermelhas. O sulfureto de mercurio, conhecido pelo nome de cinabrio ou vermelhão, lançado sobre carvão ardente, arde com chamma azul pallida, produzindo cheiro de enxofre em combustão: se aos vapores brancos, que d'elle se separão, se expõe uma peça qualquer de cobre, esta se veste de uma camada branca de mercurio metallico que, pela fricção, se torna brilhante. — O carmim, quando tem mistura de vermelhão, comporta-se da mesma maneira. — O minio ou oxydo de chumbo comporta-se como o alvaiade e o massicote.

Côres verdes. O arsenito de cobre ou verde de Schweinfurt e de Scheele, posto n'um vidro com ammonia, dissolve-se e dá lugar a um licor azul. Quando se deita nas brasas produz vapores esbranquiçados com cheiro pronunciado de alho. Não se devem respirar estes vapores, que são mui nocivos. Os papeis corados com esta substancia descorão-se na presença da ammonia : uma gotta só basta para branquear o ponto onde se toca, e toma quasi de repente a côr azul. Finalmente estes papeis ardem exhalando vapores de cheiro alliaceo. A cinza que deixão contém cobre.

Com gomma-gutta e anil prepara-se um verde que tem bastantes usos. Reconhece-se a gomma tratando o verde pelo alcool, esta dissolve-se e communica ao alcool a côr amarella de ouro; uma porção d'este liquido, em um pouco d'agua, dá a emulsão amarella; com a potassa e ammonia dá a côr rubra ou alaranjada.

Côres azues. O oxydo e o carbonato hydratado de cobre dão com o ammoniaco um licôr azulado. As cinzas azues não corão pela ammonia, mas quando são alteradas pelo hydrato de cobre dão ao liquido a côr azul caracteristica do cobre.

PAPEIS PARA EMBRULHAR SUBSTANCIAS ALIMENTICIAS. Já tem acontecido que os papeis pintados, em contacto com as substancias humidas de uso diario, tem produzido effeitos toxicos. Os mais perigosos são os pintados de verde e azul claro, que ordinariamente contém preparações toxicas. Menos perigosos são os brancos brunidos, alaranjados e dourados com ouro falso. Todos elles, em contacto com alimentos molles graxos ou humidos, podem communicar-lhes alguma materia corante, e de que podem resultar, segundo a

maior ou menor quantidade d'ella, accidentes graves; esta materia póde ser reconhecida empregando-se os meios que deixamos descriptos. Em geral todos os papeis preparados com substancias mineraes são perigosos. Os corados com as lacas vegetaes não apresentão inconveniente algum. V. *Licores*.

ORDENAÇÃO DO GOVERNO FRANCEZ CONCERNENTE ÁS CONFEITARIAS, ÁS SUBSTANCIAS ALIMENTARES, AOS UTENSILIOS, VASOS DE COBRE E OUTROS METAES (JUNHO DE 1862).

Confeitarias e substancias alimentares.

1° É expressamente prohibido o uso das substancias mineraes para coloração dos doces de qualquer qualidade que sejão, como os confeitos, os bolos, as pastilhas, licores e objectos de pastelaria, etc. Não são comprehendidos n'esta disposição os ocres, o azul de Prussia, o azul celeste, e o verde-mar.

2° É igualmente prohibido o uso das substancias vegetaes, nocivas á saude publica, para a coloração dos bolos, licores, etc. como são a gomma-gutta, a baga de belladona, etc., sendo applicaveis estas disposições ás substancias empregadas na clarificação dos xaropes e licores.

3° É prohibido o uso dos papeis corados com substancias mineraes para embrulhar os doces, e bem assim fica prohibido o uso de collocar os doces, ou fructos confeitados, em caixas forradas interiormente de papel corado com as substancias mineraes e prohibidas n'esta ordenação; e mesmo cobri-los com recortados d'este papel, com flores ou quaesquer enfeites artificiaes de papel corado com as mencionadas substancias.

4° É prohibido fazer entrar qualquer preparação fulminante na composição dos involucros dos confeitos, bem como não é permittido o uso de fios metallicos para supporte de flores, fructas e outros objectos de assucar.

5° Os bolos embrulhados terão o nome e o endereço do fabricante ou negociante, e os saccos, em que taes objectos forem distribuidos ao publico, terão iguaes indicações. Os frascos ou garrafas dos licores corados serão igualmente rotulados.

6° É prohibido o uso de collocar no interior dos doces, bolos, pastilhas, etc., objectos de metal ou amalgamas metallicas que possão formar compostos nocivos á saude. As folhas metallicas, applicadas á cobertura dos bolos, só podem ser as de ouro ou prata fina, e só estas podem introduzir-se nos licores de phantasia.

7° Os xaropes que contenhão glucose (xarope de fecula ou de cevada) deverão levar sempre a indicação commum, para evitar confusões.

8° Serão visitadas annualmente, e mais vezes se necessario fôr as fabricas de distillação e as confeitarias, com o fim de fazer-se cumprir rigorosamente a presente ordenação.

Bebidas, sal de cozinha e substancias alimentares.

9° É expressamente prohibido o emprego do lithargyrio, acetato de chumbo e outras quaesquer preparações do mesmo metal, para clarificar ou adoçar os xaropes e as bebidas fermentadas, como vinho, cidra, cerveja, etc., etc.

10° É igualmente vedado a todos os fabricantes, refinadores, negociantes de grosso trafico, especieiros e vendedores de sal, a mistura de quaesquer outros saes, seja qual fôr a sua origem.

11° É prohibido juntar fraudulentamente ao leite as feculas, polvilho, farinhas e qualquer outra substancia estranha, ainda que não sejão nocivas.

12° Os commissarios de policia ou os *maires* nas povoações ruraes farão em epocas indeterminadas, em companhia dos homens da arte, as visitas aos estabelecimentos, armazens e lojas ou fabricas, vendedores de sal e comestiveis de qualquer natureza, e ahi verificarão a pureza e boa qualidade de todas as mercadorias.

13° O sal, as bebidas, as substancias alimentares e mercadorias falsificadas serão destruidas, e os contraventores processados, conforme o disposto na lei de 27 de março de 1851.

14° É expressamente prohibido o envolver qualquer substancia alimentar em papeis pintados com as tintas que ficão interditas pelo artigo 3° da presente ordenação. Igualmente é prohibido o emprego do dito papel para saccos, involucros, caixas o coberturas de qualquer denominação que sejão, para os comestiveis, como o chocolate, a manteiga, o queijo, especiarias, pasteis, fructas confeitadas, etc., etc.

Utensilios, vasos de cobre e outros metaes.

15° Os utensilios e vasos de cobre ou amalgama em que ella entre, e de que costumão fazer uso os mercadores de vinho, estalajadeiros, casas de pasto, pasteleiros, especieiros, cortadores e confeiteiros, deverão ser estanhados com estanho fino e renovada a estanhadura amiudadas vezes. São comtudo exceptuadas d'esta disposição as balanças, os vasos e utensilios das officinas, devendo aquellas e estes ser conservados sempre no maior aceio. Os estanhadores e caldeireiros ambulantes não poderão empregar senão o estanho fino do commercio, para estanhar os vasos de cobre que devem servir ao uso de comestiveis, ou para preparar bebidas.

16° O emprego do chumbo, do zinco e ferro galvanizado não é permittido na fabricação dos vasos destinados a preparar ou a conservar substancias alimenticias ou bebidas. É igualmente prohibido conservar as aguas distilladas em vasos de metal, qualquer que elle seja. Os estanhadores são obrigados a marcar os vasos e utensilios, e entregar ao portador um endereço do seu estabelecimento, em que certifiquem que empregárão estanho fino, e pelo qual se responsabilizão.

17° É prohibido aos negociantes de vinho e distilladores ter balcões forrados com laminas de chumbo; aos vendedores de sal o servir-se de balanças de cobre; aos criadores de vaccas e vendedores de leite o deposita-lo em vasos de chumbo, de zinco, de ferro galvanizado, de cobre e de suas amalgamas; aos fabricantes de aguas gazosas, cerveja ou cidra; aos negociantes de vinhos e distilladores de fazer passar estes liquidos por tubos ou apparelhos dos ditos metaes ou outros quaesquer nocivos á saude.

18° Fica igualmente prohibido aos refinadores de sal servirem-se de vasos e instrumentos de cobre, de chumbo, de zinco ou de qualquer outro metal prejudicial á saude.

19° Os vinagreiros, especieiros, mercadores de vinhos, cozinheiros e casas de comestiveis não podem preparar, depositar, transportar, medir ou conservar em vasos de chumbo, cobre, zinco, ferro galvanizado ou metal de liga de cobre, liquido ou substancia alimentar, susceptiveis de alterar-se pelo contacto d'esses metaes. Estas mesmas disposições são applicaveis ás torneiras fixas nos barrís

em que os vinagreiros, especieiros e outros vendedores envasilhão os vinagres.

20° Os vasos de estanho empregados para conservar, depositar ou preparar substancias alimentares ou liquidos, assim como as laminas d'este metal que servem para cobrir os balcões dos mercadores de vinhos ou licores, não devem conter mais de 10 por 100 de chumbo ou de outro qualquer metal dos que ordinariamente costumão ligar o estanho do commercio.

21° Os metaes designados no artigo antecedente, que forem encontrados em semelhantes usos, serão confiscados e enviados á prefeitura de policia, com os processos verbaes constantes das contravenções.

22° Os vasos estanhados deve-lo-hão ser sempre com estanho fino, e conservados constantemente no melhor estado.

Disposições geraes.

23° Todos os fabricantes e vendedores, designados na presente ordenação, são pessoalmente responsaveis pelos incidentes que tiverem lugar contra as disposições da mesma, para o que as ordenações de policia de 20 de julho de 1832, 7 de novembro de 1838, de 2 de setembro de 1841 e de 18 de fevereiro de 1853 ficão em pleno vigor.

24° Os contraventores serão punidos na conformidade das leis perante os tribunaes competentes, sem prejuizo das medidas administrativas a que possão dar lugar.

Cosmeticos. V. *Perfumes*, *Agua de Colonia*, *Agua de mel*, *Pasta de amendoas*, e *Pomadas*.

Agua cosmetica de Vienna (Jeannel).

Pasta de amendoas	15	Agua distillada de rosas	62
Agua de flor de laranjeira	62		

Dilua a pasta de amendoas nas aguas distilladas, côe, esprema, e ajunte :

Borax	1	Tintura de benjoim	2

Dissolva, mexa, e filtre. Acne.

Loção com glycerina (Piesse).

Agua de flor de laranjeira	2270	Borax	14
Glycerina	113		

Dissolva e filtre. Sardas, rachas, erythema, etc.

Cosmetico de Alibert.

Sabão amygdalino	6	Agua de rosas	500
Manteiga de cacáo	45		

Dilua o sabão com um pouco d'agua de rosas, misture a manteiga de cacáo, e ajunte o resto da agua de rosas pouco a pouco e mexturando. Pomada hygienica para amaciar e limpar a pelle; sua applicação deve ser seguida de lavatorios com muita agua.

Vinagre cosmetico (Lubin).

Alcool a 85° cent.	950	Balsamo peruviano	31
Benjoim	94	Essencia de neroli	2
Vinagre inglez (p. 779)	31	Essencia de moscada	1

Misture e filtre.

Vinagre cosmetico e hygienico.

Alcool a 32°	100 litros	Essencia de bergamota	1000 gram.
Espirito de melissa	15 litros	— de laranja azeda	600 gram.
— de alfazema	10 litros	— de limão	400 gram.
— de alecrim	10 litros	— de laranja	350 gram.

Essencia de neroli	200 gram.	Essencia de cravo	50 gram.
— de hortelã	150 gram.	— de canella	25 gram.
— de tomilho	150 gram.	— de verbena	150 gram.

Misture tudo e distille a b. m. 126 litros; deixe macerar por um mez no terço d'estes 126 litros, 15 kilogrammas de lirio e 2 kilogrammas de balsamo de Tolú. Filtre. Reuna ao resto do producto distillado, e ajunte 15 litros de acido acetico a 8°. Filtre passadas 24 horas. É o vinagre da Sociedade hygienica de Pariz, cujo privilegio expirou.

Agua de Hebé contra as sardas.

Essencia de alfazema	250 gram.	Alcool	850 gram.
— de cidra	60 gram.	Agua	808 gram.
— de rosas	5 gram.	Vinagre distillado	6595 gram.
Limões	1350 gram.		

Exponha ao sol por tres dias, e filtre.

Vinagre de toucador (Mallard).

Tintura de Tolú	200 gram.	Essencia de neroli	10 gram.
— de benjoim	200 gram.	— de laranja	10 gram.
Essencia de limão	40 gram.	— de alfazema	5 gram.
— de Portugal	40 gram.	— de alecrim	5 gram.
— de bergamota	40 gram.	Almiscar	60 centig.
— de cidra	40 gram.	Acido acetico	3000 gram.
— de limão doce	20 gram.	Alcool a 85° cent.	10000 gram.

Macere durante um mez, ajunte 15 grammas de tintura de ratanhia para dar côr, e filtre.

Vinagre virginal (Dorvault).

Alcool, vinagre, benjoim, aná................. p. ig.

Macere e filtre. Algumas gottas misturadas em um copo d'agua, dão a esta a côr branca, communicando-lhe um perfume agradavel e propriedades tonicas para a pelle.

Pomada chamada *Creme de Libano* (Dorvault).

Oleo de ben	250	Amendoas doces	500
Oleo de sementes de dormid.	60	Sub-azotato de bismutho	250
Cera amarella	30	Talco de Veneza	125
Espermacete	30	Balsamo peruviano	1
Flor de benjoim	15	Essencia de rosas	0.5
Extracto de flor de laranjeira	10		

Cosmetico para a pelle.

Cupim. *Para destruir o cupim.*, emprega-se, conforme as circumstancias, agua de barrela fervendo, agua de cal, decocção de folhas de tabaco; ou deita-se pyrethro do Caucaso em pó nos buracos ou caminhos por onde passão estes insectos.

Dentes. *Massa para encher os vasios dos dentes cariados.* Oxydo de zinco 16 grammas, vidro porphyrizado 4 grammas. Misture, à parte, 20 grammas de chlorureto de zinco liquido, com 2 grammas de acido nitrico. Faça massa molle com os pós e q. s. do ultimo liquido, introduza-a immediatamente na cavidade do dente onde se tornará dura passados poucos minutos.

Outra massa para tapar os buracos dos dentes. Prata em pó 10 partes, ouro platinado 4 partes, mercurio q. s. para fazer massa. Lave em alcool esta massa, e esprema d'ella o mercurio, pondo-a n'uma pellica que depois de torcida deixa sahir o mercurio pelos poros. Introduza depois a massa na cavidade do dente, previamente raspada e limpa da carie. Esta massa não se solidifica completamente senão ao cabo de duas horas.

Outra. (Lecaudey). Tome-se : Prata, 10 grammas; estanho, 7; platina, 2; ouro, 1. Derretão-se juntos estes quatro metaes; deixe-se esfriar, e reduza-se á limalha a barra que resultar da mistura. Faça-se massa molle com esta limalha e q. s. de mercurio metallico; lave-se na solução de chlorureto de sodio, e esprema-se o mercurio. Ficará uma massa molle, que introduzida na cavidade do dente, se solidificará dentro de meia hora.

Outro. (Evans). Estanho, 2; cadmio, 1. Derreta para obter uma liga, que reduzirá a limalha. Faça com esta limalha e q. s. de mercurio uma amalgama semi-liquida; esprema fortemente n'uma pellica o excesso do mercurio; amasse o residuo metallico na palma da mão, e introduza-o na cavidade dentaria onde não tardará a solidificar-se.

Outra massa. Cal viva 13 partes, acido phosphorico anhydro 12. Esta mistura solidifica-se no dente.

Cimento obturador (Wagner). Gutta-percha amollecida em agua quente 4 grammas, cato em pó 2 grammas, tannino 2 grammas, essencia de cravo 1 gotta. M. Amollece-se a mistura a calor brando, e introduz-se no dente.

Outro. Almêcega em lagrimas dissolvida no ether.

Outro. Almêcega dissolvida no ether, ao qual se ajunta um pouco de camphora.

Outro. Gutta-percha pura e simples.

Outro (Bouton). Almêcega 1 parte, collodio 2. Depois de limpa a cavidade do dente, introduz-se n'ella uma bolinha de algodão embebida n'esta mistura. Este pequeno tampão solidifica-se logo, e póde ficar no lugar por muito tempo.

Outro. Silicato de magnesia e gutta-percha, p. ig.; cochonilha q. b. para dar côr. Derreta e reduza a chapas. Para empregar este cimento, derrete-se um bocado ao calor de uma vela, introduz-se na cavidade do dente, com um estylete ou espatula molhada em agua.

Pasta aluminosa acetica (Lefoulon). Alumen em pó 5; gomma arabica em pó 5; ether acetico 1; agua q. s. Triture para fazer massa que serve para tapar as cavidades dos dentes cariados.

Estas massas são empregadas pelos dentistas, quando as paredes dos dentes são demasiado fracas para poderem resistir á pressão que se exerceria sobre ellas, se se tapassem os buracos com ouro.

Ha ainda nas boticas lapis compostos de gutta-percha, borracha e zinco. Amollece-se um pedacinho d'estes lapis em agua quente, e introduz-se no dente cariado. A mesma composição acha-se tambem em pilulas de 30 centigrammas (6 grãos). Serve para tapar temporariamente os dentes cariados.

Depilatorios ou **Epilatorios.** Preparações causticas para fazer cahir o pello.

Depilatorio de Martins. Sulfureto sulfurado de calcio. Este composto tem em todas as producções pilosas do corpo uma rapidez de acção extraordinaria, e é preferivel ás outras preparações d'este genero. Obtem-se dissolvendo 2 partes de cal extincta e decarbonatizada em 3 partes d'agua, e fazendo passar na mistura o gaz acido sulfhydrico até á saturação completa, isto é, até este não se dissolver mais. Durante a operação deve-se mexer frequentemente o leite calcareo afim de satura-lo de gaz completamente e de maneira uniforme. — Obtem-se assim um producto de consistencia de sopa e de côr verde azulada. Pelo repouso depõe-se a parte solida, e a parte liquida sobrenada. No momento em que se emprega, deve-se

restabelecer a homogeneidade da massa. Tem cheiro de ovos chocos. Para servir-se d'ella, cobre-se com uma camada de 1 linha de espessura a parte pilosa cujo pello se quer fazer cahir. Passados 8 ou 10 minutos, e até menos, a massa solidifica-se; lava-se com agua fria ou quente, e a pelle fica desnudada como se tivesse passado uma navalha, e sem desenvolvimento de irritação. Com o depilatorio não se destroe o bolbo piloso, e é necessario repetir a operação de tempo em tempo. Quando se applica no labio superior ou na barba, é preciso ter o cuidado de interpor algum corpo em baixo do nariz para não respirar as emanações hydrosulfurosas. Muitas experiencias tem demonstrado que as substancias de natureza analoga á do cabello, como as unhas, crina, pontas, pennas, barbas de baleia, são dissolvidas, e destruidas pelo sulfureto sulfurado de calcio.

As outras receitas das preparações depilatorias são :

1ª Hydrosulfato de soda 3 partes, cal viva 10 partes, polvilho 10 partes. Misture. Diluão-se estes pós em agua, e appliquem-se sobre a pelle. O effeito produz-se dentro de 5 minutos.

2ª Sulfhydrato de cal em massa 20 grammas, glycereo de amido 8 grammas, amido 8 grammas, essencia de limão 20 gottas. Misture.

Convem desprezar todas as outras receitas depilatorias em que entre rosalgar ou ouropimento, que são composições arsenicaes e venenosas. Uma d'estas receitas é a seguinte :

Rusma dos Orientaes. Cal 64 grammas, ouropimento (sulfureto de arsenico) 16, lixivia alcalina 500. — Preparão-se tambem com os mesmos ingredientes uns pós depilatorios, que se diluem n'um pouco d'agua de sabão, e se applicão sob a fórma de massa.

Desinfecção. *Desinfecção das materias fecaes.* O sulfato de ferro reduzido a pó, e lançado na vasilha que contém as materias fecaes, as desinfecta immediatamente. Obtem-se o mesmo resultado lançando na vasilha sulfato de zinco reduzido a pó.

Outra receita. Sulfato de ferro 1 kilogramma, agua 8 litros. Dissolva e derrame esta solução no lugar sujo pelas materias, ou empregue-a em lavatorios com esponja.

Outra receita. Sulfato de zinco 1 kilogramma, agua 8 litros. Dissolva, e proceda do mesmo modo que na receita precedente.

Outra receita. Chlorureto de zinco 1 parte, agua quente 40 part. Dissolva. Mesmo emprego.

Desinfecção dos quartos dos doentes. V. *Purificação.*

Douradura da escripta. Ajunte-se um pouco de gomma arabica á tinta, e escreva-se como de costume; applique-se depois na escripta uma folha de ouro com leve pressão, e esfregue-se com pincel macio.

Embalsamento. Os meios actualmente empregados para conservar os cadaveres, reduzem-se a injectar pelas arterias do pescoço um liquido dotado de propriedades antiputridas. O methodo geralmente usado é o de Sucquet, medico de Pariz.

Methodo de Sucquet. Para embalsamar um cadaver, injectão-se pela carotida 4 a 6 litros (128 a 192 onças) de dissolução de chlorureto de zinco em agua que marque 40 grãos no areometro de Baumé, quando se embalsama um adulto; 20 a 25 grãos quando se opera n'uma criança; e 25 a 30 grãos nas pessoas idosas. Ajunta-se a este liquido um pouco de essencia de neroli, ou de alguma outra substancia aromatica.

Eis-aqui como se procede : Posto o cadaver sobre uma mesa, descobre-se com o bisturí a arteria carotida primitiva, direita ou

esquerda, pratica-se a laqueadura sobre a parte superior d'este vaso, e faz-se depois uma incisão na arteria debaixo da laqueadura. Introduz-se na direcção do peito, pela abertura feita, o canudo de uma seringa, que se fixa de maneira que nada possa sahir. Seringa-se então o liquido, e repete-se a operação, até que o systema arterial se ache sufficientemente cheio; são necessarios de ordinario 4 a 6 litros de liquido. Conhece-se que a operação toca ao seu fim, pela resistencia insuperavel que se experimenta ao introduzir maior quantidade do liquido, e pelas mucosidades que de ordinario sahem da bocca e do nariz. Acabada a operação, laquea-se a arteria inferiormente, reune-se a incisão da pelle por sutura, e enxuga-se o corpo com esponja molhada na essencia de neroli.

Um cadaver embalsamado d'esta maneira em 21 de maio de 1845, perante a commissão da Academia de medicina de Pariz, enterrado depois, e exhumado em 14 de julho de 1846, isto é, quatorze mezes depois, foi achado, pela mesma commissão, em estado de perfeita conservação, e sem nenhum máo cheiro.

O embalsamento praticado pelo methodo Sucquet mantem a firmeza das carnes e a elasticidade da pelle, mas só quando o corpo embalsamado não perde pela evaporação os liquidos que contém, como acontece n'um ataude hermeticamente fechado e enterrado; porque se o corpo fica exposto ao ar livre, perde pouco a pouco os liquidos, secca sem a menor putrefacção, e adquire dureza semelhante á da madeira ou da pedra.

O chlorureto de zinco muda a côr do rosto, sobretudo nas pessoas de pelle escura. Nos lugares onde a injecção penetra a principio, apparecem arborizações esbranquiçadas, contrastando com a côr da pelle que não está ainda impregnada do liquido, e que dão ao rosto um aspecto particular. Pouco a pouco a pelle branquea uniformemente, á medida que o liquido penetra em toda a parte, mas esta côr torna-se depois branca-terrea, que obriga o operador a dar com arrebique o colorido artificial ao rosto. As partes impregnadas d'este sal adstringente perdem pouco a pouco o seu volume; a pelle applica-se sobre os tecidos, e o rosto torna-se magro. Entretanto, no estado actual da sciencia, o chlorureto de zinco deve ser a unica base do embalsamento. Applicado á conservação do tronco e dos membros, não tem os inconvenientes assignalados para o rosto; porque estas partes estão cobertas de vestidos.

Para não alterar as feições, o Dr. Sucquet propoz em 1862 fazer duas injecções separadas, uma para o rosto e outra para o tronco. A injecção do rosto deve ser feita com a dissolução de sulfito de ammoniaco a 25 gráos do areometro Baumé; é um liquido antiseptico sem acção nem sobre a pelle, nem sobre as substancias corantes que possão ser-lhe ajuntadas, taes como o carmim dissolvido em vinagre. Esta injecção será introduzida pela arteria carotida externa. A injecção do tronco será feita com a dissolução de chlorureto de zinco, e introduzida pela carotida primitiva.

Uma unica incisão, praticada sobre a linha mediana do pescoço, é sufficiente para as duas injecções. Esta incisão deve ser bastante elevada, para se approximar á divisão das arterias carotidas primitivas em carotida interna e carotida externa. Na região anterior do pescoço a pelle é movediça, e póde ser puxada para um ou para outro lado. Depois de feita esta incisão, deve-se, pois, puxa-la para os trajectos dos vasos, abrir a carotida externa, introduzir na abertura uma pequena canula, e laquear a carotida interna assim como a carotida primitiva. Feito isto, deve-se desviar a

incisão da pelle sobre o lado opposto, descobrir as arterias d'este lado, introduzir duas canulas, uma na abertura da arteria carotida externa, e outra na extremidade da carotida primitiva, e finalmente laquear a carotida interna. — Em vez de uma incisão sobre a linha mediana do pescoço, podem fazer-se duas incisões lateraes, uma de cada lado do pescoço, na altura do osso hyoideo, sobre cada trajecto arterial. — A dissolução de sulfito de ammoniaco, a 25° Baumé, preparada de antemão, é então dirigida com uma pequena seringa, ora por uma das carotidas externas, ora por outra, de maneira que se dêem aos dois lados do rosto as mesmas proporções. Este ponto é importante, porque se a injecção fôr feita só de um lado, as duas faces ficão desigualmente penetradas, e o seu volume assim como a sua tez apresentão differenças de máo effeito. — Faz-se depois a injecção geral de chlorureto de zinco pela abertura praticada na carotida primitiva; finalmente laqueão-se as arterias, tirão-se as canulas, e aproximão-se as margens das incisões. O embalsamento com a injecção especial do rosto, feita com sulfito de ammoniaco, póde conservar a fórma, volume, animação, e mesmo, a apparencia da vida.

Para a simples conservação das peças anatomicas, e para o *estudo da anatomia nas escolas de medicina,* o chlorureto de zinco não póde servir, porque torna os corpos duros, quando estes ficão expostos ao ar, como já disse, e n'estes casos Sucquet aconselha que se injecte nos vasos a dissolução concentrada de hyposulfito de soda, que produz o effeito da conservação por algumas semanas sem rijeza : systema este seguido na escola anatomica de Pariz. V. p. 527.

O methodo Sucquet torna-se recommendavel pelos motivos seguintes : 1° a substancia empregada é sem perigo para o operador; 2° a operação póde ser effectuada em meia hora; 3° as numerosas incisões, mutilações, a subtracção das visceras, a maceração prolongada, etc., são substituidas por uma operação de muita simplicidade, uma injecção por uma pequena abertura; 4° em lugar de um vulto cinzento, duro e secco, tendo apenas a fórma humana, o novo methodo conserva a pessoa tal qual estava no momento da morte; 5° finalmente, as despezas, que pelos methodos geralmente usados até á nossa epoca se elevavão até 10 contos de réis (moeda do Brasil), não excedem hoje em Pariz, a quantia de um conto de réis.

Methodo de Gannal, chimico de Pariz. Consiste este methodo em injectar pela arteria carotida esquerda a dissolução de sulfato de alumina em agua, que marque a frio 40° no areometro Baumé. O sulfato de alumina era proposto para os embalsamentos por Gannal Senior, mas a primeira experiencia feita em 1845, perante a mesma commissão scientifica que examinou o methodo Sucquet, não deo resultado satisfactorio. O cadaver injectado com a dissolução de sulfato de alumina, enterrado, e exhumado quatorze mezes depois da injecção, foi achado em completa putrefacção; e a commissão no seu parecer declarou que o sulfato de alumina, de por si, só poderia conservar o cadaver por dois mezes. Depois da morte de Gannal, que falleceo no anno de 1850, o filho aperfeiçoou o modo de embalsamento de seu pai, e obteve do Governo francez, em 4 de Setembro de 1861, o privilegio exclusivo por quinze annos, para embalsamar pelo seu systema e pelo liquido de sua composição, que nos casos por elle dirigidos derão resultados atisfactorios; mas todos os outros medicos de Pariz costumão

recorrer ao methodo Sucquet, que tambem teve um privilegio exclusivo, mas cujo prazo já expirou.

Methodo pelo sublimado corrosivo. A dissolução de sublimado em agua, ou melhor ainda em aguardente de canna ou em alcool; tem a propriedade de conservar as substancias animaes. Eis-aqui como se procede.

Tirão-se os intestinos por uma pequena abertura feita no ventre, e lavão-se com dissolução de sublimado. Por meio de uma incisão, praticada debaixo de cada braço, chega o operador ao peito e injecta o mesmo liquido. Uma corôa de trepano, applicada na parte posterior do craneo, permitte extrahir o cerebro. Injecta-se a mesma dissolução na traca-arteria, introduz-se o sublimado em pó nas diversas cavidades, e mergulha-se depois o cadaver n'um banho saturado da mesma substancia, onde deve ficar dois mezes; depois tira-se para um lugar secco e quente : em poucos dias está effectuada a deseccação.

Por este modo toma a pelle a côr cinzenta, e deformão-se as feições. Mas tendo o cuidado de encher a bocca com algodão, esvaziando primeiramente os olhos, e enchendo as excavações das orbitas com algodão ou estopa, afim de levantar as palpebras e preparar o lugar para os olhos de esmalte, mantendo as palpebras e os beiços approximados por meio de tiras de encerado inglez, podem prevenir-se em parte os inconvenientes da deseccação; emfim, póde-se dar expressão ao rosto restabelecendo com cera as partes dos labios ou do nariz que tenhão soffrido diminuição mui consideravel, e faz-se desapparecer, com tinta branca-rosea, a côr cinzenta do rosto.

Methodo pelo arsenico, do Doutor Tranchina. A operação consiste em injectar pela arteria carotida esquerda, com seringa, a dissolução de 1 kilogramma de arsenico, corado com um pouco de minio ou cinabrio, em 10 kilogrammas d'agua, ou ainda melhor em espirito de vinho. Por este meio póde o cadaver ficar mais de dois mezes sem cheiro nem alteração; conserva a sua frescura, flexibilidade e côr natural; depois torna-se secco, duro, toma a côr escura, e conserva-se n'este estado muitos annos. Mas este methodo é perigoso para as pessoas encarregadas da operação, por causa da absorpção do arsenico. Em França, o decreto real de 31 de outubro de 1846 prohibio o emprego do arsenico nos embalsamentos.

Methodo pelo arsenico e sublimado, do Doutor Bugliarelli. — Põe-se o cadaver sobre uma mesa, evacua-se a ourina por meio de sonda. Faz-se uma incisão na arteria carotida primitiva, e injecta-se pela abertura do lado da cabeça cerca de 500 grammas de alcool, tendo em dissolução 45 grammas de acido arsenioso e outro tanto de deuto-chlorureto de mercurio, corado com um pouco de cinabrio. Feito isto, liga-se a arteria por cima da abertura, e injecta-se para baixo, na mesma carotida, quantidade dupla d'alcool, contendo em dissolução dupla quantidade de arsenico e de sublimado, e cose-se a pelle com linha. Abre-se depois a arteria iliaca externa do lado direito, e seringa-se no ventre por esta arteria 1 kilogramma de alcool contendo 100 grammas de sublimado. Liga-se igualmente a arteria por cima da abertura pela qual foi feita a injecção; dirige-se então a seringa para baixo, e injecta-se o mesmo liquido; e depois de ligada a arteria, cose-se a pelle. Para maior segurança, esta injecção deve tambem ser praticada do outro lado. Penetra-se depois por meio do trocate, no hypocondrio esquerdo, e injectão-se pela canula 10 a 12 litros de alcool con-

tendo 1250 grammas de sublimado e outro tanto de arsenico. Para maior precaução, póde-se praticar esta operação de cada lado, entre a primeira e a segunda costella, afim de poder injectar no peito a solução alcoolica.

Pós para metter dentro do caixão em que vai o cadaver para a sepultura. 1° Casca de carvalho em pó 1 parte, carvão de lenha 2 p. M. 2° Serradura de madeira 25 kilogrammas, sulfato de zinco ou sulfato de ferro 1 kilogr., essencia de alfazema 100 gram. M.

Pós para a conservação dos cadaveres. V. *Acido phenico*, p. 159.

Escripta. *Modo de fazer reviver a escripta velha.* Apresentar ao vapor d'agua o pergaminho ou o papel, cuja escripta se quer avivar; e passar, depois, sobre a escripta um pincel molhado na tintura de noz de galha.

Outro modo. Mergulhar os pergaminhos velhos ou papeis cuja escripta custa a ler, na dissolução aquosa de caparrosa verde; depois deixa-se seccar : a caparrosa tornará a escripta visivel.

Outro modo. Esfregue-se levemente a escripta, com pincel molhado em acido chlorhydrico diluido em agua. Logo que o papel estiver completamente humedecido, esfregue-se com a solução saturada de prussiato amarello de potassa, e a escripta não tardará a apparecer debaixo da côr do azul de Prussia. Para esta ultima operação, o liquido deve ser empregado em abundancia, e não se deve esfregar com força, para não estragar o papel. — Este resultado é devido a uma acção chimica mui simples. Com effeito sendo o ferro, que contém a tinta de escrever, incorporado nos filamentos do papel, o emprego do prussiato de potassa dá lugar á formação do azul de Prussia. Quanto ao acido chlorhydrico, este tem só por fim pôr o ferro em circumstancias favoraveis á acção do prussiato. — Feito isto lava-se o papel em agua pura, mette-se depois entre as folhas de papel passento, e deixa-se seccar. Se a escripta tem um valor que exige a sua conservação, é bom, antes de a fechar molha-la na solução de colla de peixe. Escriptos que não se podião ler pela acção da agua do mar, forão restituidos, por este processo, ao seu estado quasi primitivo.

Estampas. *Modo de limpar as estampas.* Não ha estampa, por muito alterada que esteja pela antiguidade ou pela exposição ao ar, que não possa ser limpa, com tanto que o papel conserve a solidez sufficiente. O modo o mais simples consiste em molhar a estampa em agua pura, e estendê-la sobre a relva ou mouta de terra com hervinha. Mettem-se na terra quatro estacas, ás quaes se atão dois barbantes em X; a estampa molhada fica segura debaixo d'estes barbantes, de maneira que não possa ser agitada pelo vento. Molha-se muitas vezes á medida que secca ao contacto do ar, e espera-se que a acção da luz tenha restituido ao papel a alvura. Se está suja pelas immundicias das moscas, tirão-se estas brandamente com esponja fina levemente molhada. Se este meio não é sufficiente, mergulha-se com muita precaução a estampa na leve solução de chloro (*agua chlorurada*). O vaso empregado n'esta operação deve ser bastante profundo para que a estampa possa ser mergulhada n'elle verticalmente, não se demorando n'este senão alguns segundos, e passa-se immediatamente por agua pura. Estas immersões devem ser repetidas muitas vezes. Se está manchada de nodoas de tinta de escrever, as quaes a solução de chloro transforma em nodoas amarellas, estas nodoas devem ser atacadas mui delicadamente com a solução leve de acido oxalico ou de cremor de tartaro. Um ou outro d'estes liquidos applica-se na nodoa com pincel fino.

Quando as nodoas que manchão a estampa são de gordura, encerra-se dentro de dois saquinhos de cassa fina cinza de carvão de páo passada por peneira; applica-se um d'estes saquinhos por cima da nodoa, outro por baixo; depois, mediante um ferro de encrespar o cabello, moderadamente aquecido, aperta-se a estampa entre os dois saquinhos tão fortemente quanto seja possivel evitando o deteriora-la. Esta compressão, repetida muitas vezes, fará absorver completamente a gordura pela cinza quente encerrada nos saquinhos.

Ferrugem. Pó fino, de côr vermelha mais ou menos escura, de que se cobre promptamente o ferro ou o aço, quando estes metaes estão expostos á acção do ar humido; é um peroxydo de ferro hydratado.

Modo de impedir o aço e o ferro de se enferrujarem. Aquecer lentamente o aço, esfrega-lo com cera branca, expô-lo ao fogo para derreter a cera, e enxuga-lo com trapo.

Outro modo. Dissolver a cera em benzina, e untar o aço com esta dissolução.

Outro modo. Aqueça-se fortemente o ferro, sem que comtudo fique vermelho, e mergulhe-se depois n'um banho de sebo. Depois de frio, unte-se levemente com oleo de linhaça ao qual se deve ter ajuntado um pouco de alvaiade para o tornar seccativo. Os objectos de ferro, que tiverem experimentado esta preparação, podem depois ser enxutos com bastante cuidado, para que não haja n'elles vestigio apparente do corpo gordo, e que se possão tocar sem sujar; acontece ficar sempre uma camada insensivel, que torna a oxydação do ferro difficil, e preserva-o por muito tempo da ferrugem.

Outro modo. Dissolvão-se a calor brando ou a banho-maria 60 grammas (2 onças) de sandaraca e 2 grammas (1/2 oitava) de camphora em 500 grammas (16 onças) de espirito de vinho, com meio copo de essencia de terebinthina. Dilua-se certa quantidade de pós de sapato n'este verniz, e appliquem-se duas camadas d'esta mistura sobre os objectos de ferro : depois de seccos applique-se-lhes sómente a terceira camada do verniz.

Do mesmo modo se tratão os objectos de aço : estes perdem um pouco do seu brilho, mas não correm risco de se enferrujarem.

Modo de limpar os instrumentos de aço e de ferro. Se os instrumentos se achão enferrujados, é mister primeiro esfrega-los com vidro moido misturado com azeite, com pedra pomes pulverizada, ou com papel de vidro. Estas substancias não se devem empregar senão no caso de haver ferrugem; porque a não havê-la, limpão-se os instrumentos e armas com uma taboina, com a qual se esfregão por toda parte.

Nodoas de ferruguem. V. NODOAS.

Formigas. (*Destruição das*). Deitar agua fervendo sobre o formigueiro.

Outro modo. Polvilhar o formigueiro com cal viva e deitar agua por cima.

Outro. Espargir em roda da arvore um pouco de essencia de terebinthina.

Outro. Deitar o sulfureto de carbone em todos os buracos em que a passagem das formigas foi verificada e nos fócos principaes marcados pela elevação de terra; tapar depois com terra todos os buracos. Mexendo a terra, alguns dias depois, achão-se todas as formigas, larvas e ovos completamente destruidos. Os effeitos d'este meio, forão provados na Guyana franceza para a destruição das formigas saúvas, que ali se chamão *fourmis-manioc*.

Frascos. *Modos de abrir os frascos tapados com rolhas esmerilhadas.* Estes modos são bastante numerosos. São : immersão do gargalo em agua quente; a torsão e percussão; o calor de uma alampada, ou de uma vela accesa; as pancadinhas seccas á rolha de baixo para cima, com um pedaço de páo, ou com o cabo de uma faca. — Expôr durante alguns segundos, á chamma de uma vela, o gargalo do frasco, dando-lhe um movimento circular : se o primeiro ensaio não fôr sufficiente, repeti-lo duas ou tres vezes, até que o calor tenha dilatado sufficientemente o vidro. — Pegar no frasco com uma das mãos e approximar ao gargalo com a outra, por meio de pinça, um carvão candente, dando ao frasco um movimento de rotação, e soprando ao mesmo tempo o carvão com a bocca, afim de entreter a combustão.

Dependendo a difficuldade de destapar um frasco esmerilhado de grande numero de causas, é impossivel que um dos meios que deixei indicados as possa vencer todas. Se só um abaixamento de temperatura faz apertar fortemente a rolha pelo gargalo, facil é comprehender que um brando calor communicado ao gargalo fará desapparecer a difficuldade. N'este caso, a immersão em agua quente, a alampada, o calor da mão, poderão ser sufficientes; mas se a esta causa de aperto, ou de approximação das moleculas do vidro, se ajuntar a juncção das peças, devida á crystallização de principios salinos, ou á deseccação de substancias gordas, resinosas, gommosas ou assucaradas, então torna-se necessario o concurso de muitos meios reunidos. Cumpre, n'estes casos, entreter por bastante tempo, no ponto de contacto do gargalo com a rolha, uma camada de alcool, ou d'agua, ou d'agua acidula, ou de alguma essencia, ou de azeite doce, ou de solução de carbonato de potassa; depois de prolongada applicação d'estes liquidos dissolventes, communicar ao gargalo um calor bastante forte, mas graduado; feito isto, muitas vezes o menor esforço da mão, ou algumas pancadinhas dadas de baixo para cima, poderão ser sufficientes para tirar a rolha.

Eis-aqui outro modo proposto por Dorvault. Quando a adherencia se acha augmentada pelas materias que enlabusão a rolha, principia-se pelo emprego de uma mistura apropriada e capaz de dissolver as materias deseccadas; recorre-se depois ao calor necessario para dilatar o gargalo; em seguida, cerca-se a cabeça da rolha com um panno, agarra-se com um alicate, instrumento que se acha em todas as lojas de ferragens, e, apertando moderadamente as duas pernas do alicate, puxa-se pela rolha com precaução, proporcionando a força á resistencia do vidro. Se, por exemplo, para uma fraca rolha se empregasse um alicate de 22 a 24 centimetros, semelhante peso poderia quebrar a cabeça da rolha, sem tira-la. Convem, pois, não empregar para as rolhas pequenas senão o alicate de 11 a 16 centimetros, os de 16 a 24 centimetros não devem servir senão para as rolhas volumosas e fortes, 18 a 34 millimetros de diametro por exemplo.

Eis-aqui ainda um outro meio. Consiste em servir-se de uma pequena alavanca feita com um pedaço de madeira chato, duro, de 30 a 35 centimetros de comprimento sobre 4 de largura, um pouco curvo em fórma de sabre, e com 3 ou 4 buracos ovaes, de tamanhos proporcionados aos tamanhos das rolhas mais usadas nas pharmacias. Os buracos grandes devem ser feitos com preferencia nas extremidades. Para servir-se d'esta chave, principia-se, como nos outros modos, por destruir a adherencia da rolha; introduz-se esta n'um dos buracos do instrumento, e move-se em roda proporcio-

nando a força á resistencia. — Finalmente, eis-aqui um modo empregado pelos fabricantes ou mercadores de frascos. Consiste em aquecer o gargalo do frasco com a chamma da alampada de alcool ou de uma vela para dilata-lo, em agarrar a rolha com os dentes, imprimindo-lhe simultaneamente um movimento de torsão e de tracção.

Quando os frascos contém liquidos alcalinos, as rolhas contrahem uma adherencia progressiva; basta esfregar a rolha com paraffina para prevenir este inconveniente. A *paraffina* é um corpo oleoso que se extrahe do alcatrão; não se saponifica nem póde ser atacada pelos alcalis.

Joias. *Modo de limpar as joias de ouro.* Esfreguem-se por dois ou tres minutos com escova embebida em agua com sabão, e depois de enxutas esfreguem-se de leve com miolo de pão, ou com pelle fina.

Lacre. Os lacres, que se empregão para lacrar cartas, são misturas resinosas differentemente coradas. O lacre vermelho ordinario prepara-se com resina laca e q. s. de terebinthina, coradas com vermelhão.

Eis-aqui algumas receitas de lacre para cartas: Resina laca 500 partes, benjoim 15, vermelhão 4, colophonia 45.

Lacre superfino. Terebinthina de Veneza 100 partes, resina laca 250, colophonia 500. Derreta a fogo mexendo continuamente; ajunte vermelhão 125. Mexa, e no momento de tirar do fogo ajunte alcool rectificado 60, e enrole em fórma de cylindros.

Póde substituir-se o vermelhão por outras substancias corantes, pelo ouro em pó, mica, talco, etc.

Lacre azul ferrete para cartas. Resina laca 100 partes, resina dammara 100, pêz de Borgonha 50, terebinthina 50, azul ultramarino (*outremer*) 150.

Lacre para lacrar as rolhas das garrafas. Póde-se comprar já feito em pães de uma libra. Cada pão fornece com que lacrar 100 garrafas; deve-se accrescentar-lhe algum sebo, quando se derrete. Se se prefere fabrica-lo em casa, eis-aqui as misturas que se podem empregar indifferentemente:

1° Para 300 garrafas, 1 kilogramma (2 libras) de pêz resina, 500 grammas (1 libra) de pêz de Borgonha, 250 grammas (1/2 libra) de cera amarella; derrete-se tudo, e dá-se á mistura côr vermelha com cinabrio, côr preta com pós de sapato, azul com azul de Prussia, amarella com ocre amarello ou com chromato de chumbo, verde com mistura de azul de Prussia e ocre amarello. Em vez de cera emprega-se sebo, 90 grammas (3 onças) para essa quantidade.

2° Derreta breu, ajunte um pouco de sebo para evitar que se rache, e core com uma das substancias que deixei indicadas.

Lata ou **folha de Flandres.** *Modo de limpar os objectos de lata.* Faça-se mistura de azeite doce e de cinza da consistencia de massa, e esfregue-se com este mixto a lata com uma rodilha de panno de linho, e depois com um trapo de lã. Ás vezes é mister repetir esta operação mais de uma vez, quando ha muito tempo que a lata se acha tisnada.

Latão ou **cobre vermelho.** *Modo de limpar o latão com que se ornão os moveis.* Esfregue-se com panno molhado na dissolução de acido oxalico em agua, com folhas de azedas, com limão azedo; ou então, dissolva-se e incorpore-se na mistura de cera e de essencia de terebinthina o esmeril ou barro vermelho, esfregue-se o latão com esta massa estendida n'um pedaço de panno.

Lavagem das garrafas nas pharmacias. As garrafas graxas alimpão-se com agua e potassa, soda, cal, cinza, papel passento ou serradura de páo de carvalho. A agua com grãos de chumbo é vantajosamente substituida, debaixo do ponto de vista hygienico, pela grenalha de ferro ou pós de sapato em grão; estes são sobretudo convenientes para alimpar garrafas que continhão substancias resinosas ou algum oleo empyreumatico; as paredes internas da vasilha devem ser previamente molhadas com alcool.

Licores. *Modos de corar os licores.* Para este fim empregão-se as seguintes tintas.

Tinta vermelha. Cochonilla 20 partes, pedrahume 1, agua 250. Reduza-se a cochonilha e a pedrahume a pó fino, ferva-se a agua e deite-se por cima. Póde-se fazer d'este modo uma tinta vermelha mais ou menos carregada, empregando maior ou menor quantidade de cochonilha.

Outra receita de tinta vermelha. Páo de Pernambuco 375 partes, alcool 1,000.

Tinta roxa. Mistura-se uma parte de azul de Saxonia (solução de anil em acido sulfurico) com duas partes de tinta vermelha, da primeira receita.

Tinta verde. Dissolve-se 1 parte de curcuma com 2 de azul de Saxonia e um pouco de pedrahume.

Tinta azul. Solução de anil em alcool.

Tinta amarella. Infusão de açafrão em agua ou alcool.

Outra receita de tinta amarella. Raiz de curcuma 125 partes, alcool 1,000.

Com esta ultima tinta e a azul, faz-se a *tinta verde.* V. *Côres,* pag. 821.

Luvas. *Saponina para limpar luvas* (Dorvault). Sabão raspado 250 partes, agua de Javel 165, ammoniaco liquido 10, agua 155. Faça massa. Impregne n'ella pedaços de baeta, e esfregue a luva até ficar limpa.

Madeira. *Modo de conservar as estacas de madeira que se fincão na terra.* Carbonizem-se na espessura de duas linhas sobre toda a superficie que deve ser enterrada, e mesmo uma a duas pollegadas acima. Tambem é bom cobri-las com alcatrão fervendo.

Modo de conservar a madeira empregada nas grandes industrias e nas estradas de ferro. O ferro é um dos melhores agentes conservadores. Para impregnar a madeira de ferro, basta introduzir n'ella pregos compridos e delgados, de cabeça chata e larga. Dentro da terra forma-se ferrugem, que se derrama pela madeira. As travessas de páo cercão-se de fio de ferro. Conservão-se assim intactas, durante muitos annos, madeiras enterradas nos lugares humidos.

Manteiga (*Modo de conservar a*). Misturar 30 grammas de sal commum com 500 grammas de manteiga.

Outro modo. Assucar 1 parte, sal commum 2, nitro 1. Empregar 30 grammas d'esta mistura para 500 grammas de manteiga. Com esta preparação a manteiga póde conservar-se por mais de um anno.

Modo de tirar a rancidez á manteiga. Malaxar a manteiga com agua contendo 15 grammas de bicarbonato de soda por kilogramma de manteiga. Malaxar depois a manteiga com agua simples, lavar bem e salgar.

Marfim. *Modo de restituir ao marfim amarellecido a côr branca que tinha.* Dissolva-se, em uma porção dada d'agua, quanto baste de pedrahume para torna-la côr de leite; faça-se ferver, deitem-se dentro as peças de marfim, e deixem-se de molho obra de uma

hora, escovando-as de vez em quando. Póde-se tambem esfregar o objecto, que se quer branquear, com sabão preto, e enxuga-lo muito bem com panno.

Mariscos. *Modo de tirar aos mariscos as qualidades nocivas.* Os mariscos são ás vezes nocivos; por conseguinte é prudente fazê-los passar por uma preparação antes de os empregar. Consiste esta preparação em mette-los, por cinco ou seis horas, em agua simples renovada duas ou tres vezes; então ficão desembaraçados de todas as materias nocivas, e perdem ao mesma tempo o gosto de maresia que ás vezes tem. Convem tambem tempera-los com vinagre.

Marmore (*Modo de lustrar o*). Esfregar o marmore com a mistura de cera e de essencia de terebinthina.

Moscas. *Modo de destruir as moscas :*

1° O papel *para matar moscas*, que se vende em certas lojas, prepara-se molhando o papel sem colla na decocção assucarada de quassia, á qual se ajunta ás vezes a decocção de noz vomica, que é um veneno violento para todos os entes. Para se servir do papel, mette-se n'um prato, e conserva-se humido.

2° *Veneno para as moscas.* Ferva 8 grammas (2 oitavas) de quassia em 500 grammas (16 onças) d'agua; côe, e ajunte 125 grammas (4 onças) de melaço.

3° Espalhar pós de pyrethro do Caucaso nos lugares onde pousão estes insectos.

4° Pintar a casa com oleo de louro.

Nodoas. Ha duas especies de nodoas, as que manchão os tecidos sem altera-los, e as que os alterão totalmente ou em parte, destruindo-os ou mudando o seu estado. As primeiras tirão-se em geral com bastante facilidade; para as outras, não ha outro meio senão tingir a fazenda.

Entre as substancias ordinariamente empregadas para tirar as nodoas, algumas tem a propriedade de destruir a substancia que formou a nodoa, lavando-a ou dissolvendo-a; taes são, para as nodoas de gordura, o *ether*, a *essencia de terebinthina*, a *benzina*, o *sabão*, o *fel de boi*, etc. Outras absorvem a nodoa; taes são, para as nodoas oleosas, o *cré*, a *cal extincta ao ar*, o *talco em pó*, o *barro*, o *papel sem colla*, etc. A difficuldade está portanto em saber escolher entre estas substancias a que póde convir ao tecido e á côr do objecto manchado, para não substituir uma por outra mancha. Assim, o sabão tira bem as nodoas de gordura; mas empregando-o para tirar as nodoas de uma fazenda côr de rosa, alterar-se-ha a côr, e o remedio será peior do que o mal; pelo contrario, conseguir-se-ha o que se deseja empregando o ether sulfurico ou a benzina.

Algumas vezes é facil tirar a substancia que produz a nodoa, porém, outras vezes é difficil restabelecer a côr alterada por esta mesma substancia. Certas côres reapparecem por meio dos acidos vegetaes (o cremor de tartaro, o vinagre, o sumo de limão); taes são, particularmente, as côres negras que forão manchadas ou destruidas pela ourina ou pelas lixivias.

Antes de principiar a tirar a nodoa deve-se bater cuidadosamente o vestido, escova-lo para tirar toda a poeira, e depois expô-lo á acção do vapor d'agua, para fazer sobresahir as nodoas. Emfim, marca-se cada uma d'ellas com cré para acha-las facilmente, e tira-se uma depois da outra antes de molhar o vestido. Acabados estes preparativos, eis-aqui os meios que a experiencia e a chimica nos fornecem para tirar as nodoas mais communs.

Nodoas recentes de acidos mineraes. Póde-se neutralizar immediatamente o effeito dos acidos pelo alcali volatil diluido em agua, ou mesmo só com o vapor d'este alcali. Se a mancha é antiga, e se a tinta tem completamente desapparecido, não ha outro remedio senão tingir.

Nodoas de vinho tinto, de rapé, de hervas, de cerveja, de morangos e outras fructas. Molhar a nodoa em agua de Javel (chlorito de potassa liquido), e lava-la depois com agua fria.

Nodoas de tinta de escrever :

1° Applicar um panno molhado na dissolução fraca de acido oxalico em agua (acido oxalico 60 centigrammas, agua 15 grammas); com esta applicação a nodoa far-se-ha roxa; mas desapparece lavando-a depois com agua tendo em dissolução um pouco de chlorureto de cal.

2° Applicar na nodoa a dissolução de sal de azedas, e esfregar com panno. Se a nodoa fôr antiga, e resistir a este meio, será preciso, depois do emprego do sal de azedas, recorrer á dissolução aquosa de chlorureto de estanho.

3° Applicar na nodoa o succo de carambola.

4° Lavar a nodoa com leite não cozido. Esta substancia não tira a nodoa tão rapidamente como o acido oxalico, mas não destroe a côr do vestido. O leite actua pelo acido lactico que contém : forma-se lactato de ferro, que é branco.

O sal de azedas emprega-se nas fazendas brancas, mas não nas de côr, porque as faz desbotar. Nas fazendas de côr, deve-se recorrer ao leite, ou proceder da maneira seguinte : Quando as manchas são recentes, lavão-se com agua e sabão, para tirar as substancias vegetaes. Tira-se depois o oxydo de ferro, que constitue a marca, molhando-o com acido sulfurico ou chlorhydrico diluido em agua. Quando as manchas são antigas, o acido deve ser mais forte (1 parte de acido e 10 partes d'agua).

Quando as nodoas da tinta de escrever, feitas nas fazendas de côr, são recentes, tirão-se com vinagre branco forte.

5° Lavar a nodoa com solução concentrada de pyrophosphato de soda. Esta solução tira as nodoas sem alterar as materias corantes do tecido.

Nodoas de gordura nos vestidos :

1° Applicar pó de argila branca de que se fazem cachimbos (*terre à pipe*, fr.), e que se vende nas lojas de drogas.

2° Esfregar a nodoa com benzina, com essencia de terebinthina, ou com ammoniaco liquido.

3° Pôr a seda manchada sobre um lençol dobrado em muitas dobras, e deitar sobre cada nodoa uma pitada de talco; cobrir tudo com um papel mata-borrão, e comprimir este com um ferro moderadamente quente. A gordura da mancha é absorvida pelo talco, e se não desapparece completamente, repete-se a operação.

4° Esfregar a nodoa com a mistura seguinte : essencia de terebinthina 30 grammas, alcool 4 grammas, ether sulfurico 4 grammas.

5° Pôr o estofo manchado em cima de uma mesa; deitar sobre a nodoa algumas gottas de alcool rectificado; cobri-la com panno de linho bem fino ou papel de seda, passar por cima o ferro quente; mudar o panno ou o papel de seda, repetir a operação muitas vezes se fôr preciso, até que toda a gordura passe para o panno ou papel de seda.

6° Misturar 12 gottas de essencia de terebinthina, e igual porção de alcool com cré até formar massa, e esfregar a nodoa com esta massa, secca ou humedecida com agua.

7° Se as nodoas de gordura existem em roupa branca, basta lava-las varias vezes com agua quente e sabão, para as fazer desapparecer.

A *benzina* é uma das substancias que mais depressa tira as nodoas de gordura nos estofos; é raro que a sua applicação tenha inconvenientes. O cheiro desagradavel d'esta substancia desapparece em pouco tempo.

Nodoas de gordura no papel :

1° Molhar um pincel na essencia de terebinthina quente, e applicar sobre as duas faces do papel; aquecer e deixar evaporar-se a essencia. Depois esfregar a mancha com panno molhado em alcool.

2° Pôr o papel manchado sobre papel passento, e sobre a mancha comprimir algodão embebido em ether. Em vez de ether póde-se empregar a benzina.

3° Applicar sobre a mancha massa feita com magnesia calcinada e agua; deixar seccar, e tirar depois a massa com faca.

Nodoas de gordura no soalho :

1° Applicar barro molhado em agua, ou greda, e lavar, passado algum tempo.

2° Esfregar a nodoa com cortume, substancia extrahida da casca de carvalho, ou de outras cascas adstringentes com que se curtem os couros.

3° Esfregar a nodoa com sabão, lavar depois com aguardente muito forte; esfregar com escova e depois com agua a ferver, empregando novamente a escova, e tirando a agua suja com esponja.

Nodoas de unto negro que sahe dos cubos das rodas dos carros. Humedeça-se primeiro a nodoa com essencia de terebinthina, e esfregue-se brandamente com esponja; depois torne-se a humedecer com essencia de terebinthina, e polvilhe-se com cinza peneirada. Passados dez miuutos, tire-se a cinza, escove-se o lugar, e se a nodoa não tiver completamente desapparecido, repita-se a operação. Se resistir ainda, empregue-se a gema de ovo misturada com essencia de terebinthina. Se a nodoa é antiga, póde acontecer que as partes ferruginosas, que contém, estejão pegadas fortemente ao panno. Sendo assim, lava-se a nodoa, e ataca-se com acido oxalico, como se se tratasse de tirar a mancha antiga de tinta de escrever.

Nodoas de verniz e de alcatrão. Tirão-se com essencia de terebinthina.

Emfim as nodoas de *resina, terebinthina, pez, cera, velas de espermacete ou de composição,* dissolvem-se perfeitamente no alcool rectificado, ou em agua de Colonia; por conseguinte para tirar essas nodoas, basta humedecê-las com agua de Colonia, e esfregar com panno.

Nodoas de lama, ourina e suor. As mais das vezes basta a agua no caso contrario, recorre-se á gema de ovo; emfim, como ultimo recurso, ao cremor de tartaro pulverizado. Se a lama produzio alterações na côr vermelha ou escarlate, bastará, para restituir a côr, a applicação do acido citrico, ou do vinagre diluido em agua.

Para fazer desapparecer as manchas de ourina recentes, o melhor meio que se póde empregar é o alcali volatil diluido em agua. Se a mancha fôr antiga e tomar um caracter alcalino, então o alcali volatil não será sufficiente : dissolve-se um pouco de acido oxalico em agua; lava-se a mancha n'esta dissolução, e depois applica-se sobre ella um pouco de acido oxalico pulverizado. — As manchas de suor podem tirar-se de qualquer especie de panno pelos mesmos meios, e do panno de côr escarlate desapparecem instantaneamente

com a applicação do sal de estanho dissolvido em grande quantidade d'agua.

Nodoas de pintura. Esfrega-las com essencia de terebinthina.

Nodoas de café e chocolate. As lavagens com agua a principio, e depois com agua e sabão, são sufficientes para tirar estas nodoas; mas, como podem destruir a tinta, é mais prudente lavar a nodoa com gema de ovo misturada com agua quente. Se as nodoas resistem ás repetidas lavagens, esfreguem-se com pincel molhado em alcool.

Nodoas de ferrugem no panno de linho ou de algodão.

1° Tirão-se estas das fazendas brancas molhando-as primeiro, e esfregando-as depois com acido oxalico; e das fazendas de côr, com acido chlorhydrico diluido em agua.

2° Póde-se tambem empregar com vantagem o cremor de tartaro, que ataca menos as tintas do que os acidos. Eis-aqui como se procede : reduz-se o cremor de tartaro a pó fino e applica-se sobre a nodoa, que se humedece depois com agua. Oito ou dez minutos depois, esfrega-se a nodoa entre as mãos e enxagua-se.

3° Depois de estendido o panno sobre uma mesa, molhão-se as manchas com a solução de hydrosulfato de soda ou de potassa. O contacto d'esta solução muda immediatamente a côr amarella da ferrugem em côr roxa-esverdeada, effeito este devido á decomposição do oxydo de ferro e á sua transformação em proto-sulfureto de ferro que é roxo. Effectuada esta mudança, ao cabo de um ou dois minutos, applica-se, com um tubo de vidro, sobre as manchas escuras de sulfureto de ferro, a mistura de acido chlorhydrico puro com outro tanto d'agua : ha logo dissolução da mancha escura, se a mancha de ferrugem não é antiga; no caso contrario fica ainda uma porção, mas muito fraca, que se tira repetindo a operação. Não se deve deixar o acido applicado sobre a nodoa, senão um instante, e é necessario depois lavar o panno em agua, para impedir que o acido queime o tecido. Quando se faz preciso repetir a mesma operação sobre a mesma nodoa de ferrugem, afim de fazê-la desapparecer totalmente, deve-se cada vez lava-la perfeitamente depois do contacto do acido chlorhydrico, e antes de nova applicação da solução de hydro-sulfato de potassa. Finalmente para acabar de tirar a mancha, lava-se o panno em agua com sabão.

Nodoas de pedra infernal na roupa ou na pelle :

1° Fazem-se desapparecer esfregando-as com iodureto de potassio dissolvido em agua.

2° Molhar as nodoas com agua fria, e esfregar com iodureto de potassio, ou com chlorureto de cal. Com esta primeira operação, as nodoas ficão amarelladas. Para as fazer desapparecer de todo, esfregão-se com a solução concentrada de hyposulfito de soda, ou com a solução de ammoniaco.

3° Tocar as nodoas com pincel embebido na dissolução de cyanureto de potassio, e applicar depois com o mesmo pincel um pouco de iodo em pó.

4° *Mistura para tirar as nodoas produzidas pela pedra infernal.* Iodureto de potassio 8 gram., agua commum 60 gram. Misture-se.

5° *Outra receita.* Cyanureto de potassio 4 gram., iodo 40 centigrammas, agua 30 grammas. Basta molhar n'este liquido a nodoa de pedra infernal, para fazê-la desapparecer promptamente.

As tintas que servem para marcar roupa, são quasi todas preparadas com pedra infernal, por conseguinte a mistura aqui indicada serve para tirar as nodoas ou marcas feitas com essa tinta.

6° Molhar a nodoa na solução de 1 gramma de deuto-chlorureto de mercurio em 30 grammas d'agua distillada, esfrega-la, e lava-la depois com agua.

Nodoas produzidas por licores. Humedece-se a nodoa com agua pura, e, se a côr o permitte, lava-se com alcool ou com agua acidulada com algumas gottas de acido chlorhydrico ou nitrico. Nas fazendas brancas estas nodoas desapparecem totalmente, lavando-as primeiro com agua de sabão; e expondo-as depois aos vapores de enxofre.

Nodoas produzidas pelo contacto do cabello na gola das casacas. Para tirar estas nodoas deita-se n'uma tigela um copo d'agua e ajunta-se-lhe uma colher *de sopa* de ammoniaco liquido. Esfrega-se então a gola da casaca com um pedaço de panno ou com uma toalha molhada n'esta preparação, e á medida que se forma escuma, tira-se esta com faca de páo ou uma taboinha, que se passa na gola apoiando-a com bastante força. A operação, repetida sem interrupção tres ou quatro vezes, basta ordinariamente para produzir uma limpeza completa. Sómente, é preciso ter o cuidado de mudar cada vez o pedaço de panno ou de molhar outra parte da toalha. Depois de acabada a operação, passa-se sobre a gola um panno limpo levemente molhado em agua pura.

Oleo de Macassar. Azeite doce ou oleo de amendoas doces 1000 grammas, raiz de orcanetta 30 grammas, oleo essencial de bergamota 8 grammas, oleo essencial de canella 4 grammas, oleo essencial de alfazema 8 grammas. Misture e ponha de infusão por alguns dias, até que o mixto tenha côr sufficiente, decante e deite em vidro bem enxuto. Cosmetico; para untar o cabello.

Pasta ou **massa de amendoas para as mãos.**

1.ª *receita.*

Amendoas amargas	180 gram.	Espirito de jasmim	12 gram.
Farinha de arroz	60 gram.	Essencia de rosas	10 gottas
Lirio em pó	15 gram.	Essencia de neroli	10 gottas
Carbonato de potassa	8 gram.		

Pisem-se as amendoas privadas da pellicula, em gral de marmore, juntando-se-lhes pouco a pouco alguma agua, para fazer pasta molle; ajunte-se depois a farinha de arroz, o lirio, e misture-se tudo; dissolva-se depois o carbonato de potassa n'um pouco d'agua de rosas, deite-se a solução sobre a pasta, e incorpore-se n'ella. Junte-se successivamente, e pouco a pouco, o espirito de jasmim, misturado com os oleos essenciaes. Estando tudo bem misturado, deite-se a pasta em vaso apropriado. Se o liquido não bastar para fazer pasta de consistencia conveniente, ajunte-se-lhe agua em quantidade sufficiente.

2.ª *receita* (Dorvault).

Amendoas doces	750 gram.	Espermacete	30 gram.
Farinha de arroz	125 gram.	Essencia de alfazema	1 1/2 gram.
Lirio	125 gram.	— de cravo	1 1/2 gram.
Benjoim	30 gram.	— de Rhodes	1 1/2 gram.
Carbonato de potassa	30 gram.		

3.ª *receita. Pasta de amendoas com mel* (Dorvault).

Pasta de amendoas doces	500 gram.	Mel de abelhas	1000 gram.
— — amargas	125 gram.	Gemas de ovo	n.° 8

Misture as pastas com as gemas, e, mexendo sempre, ajunte pouco a pouco o mel.

Pasta para as mãos chamada *Amandina Faguer.* Misture em

almofariz 60 grammas de gomma arabica, com 180 grammas de mel de abelhas, ajunte depois 90 grammas de sabão branco de potassa neutro. Feita a mistura, incorpore pouco a pouco 1000 gram. de oleo de amendoas doces, depois 5 gemas de ovo e 125 gram. de leite de pistachas feito com agua de rosas. Este dá uma côr verde que se póde augmentar, querendo, com oleo carregado da materia verde do espinafre. Aromatize com 60 centigrammas de essencia de amendoas amargas. — Especie de sabão cosmetico.

Perfumes.

Agua de alfazema (Smith).

Essencia de alfazema	60 gram.	Agua de Colonia	500 gram.
Tint.ª de ambar cinzento	30 gram.	Alcool	1000 gram.

Agua de alfazema (Piesse).

Essencia de alfazema	23 gram.	Agua distillada de rosas	55 gram.
Alcool a 85°	680 gram.		

Misture, e filtre.

Tintura de alfazema composta (Pharmacopea britannica).

Canella	16 gram.	Alcool a 85°	1000 gram.
Moscadas	16 gram.	Essencia de alfazema	8 gram.
Sandalo rubro	32 gram.	— de alecrim	8 gram.

Macere no alcool durante 8 dias a canella, as moscadas e o sandalo; côe, esprema; ajunte as essencias; lance sobre o residuo de maceração alcool a 85° q. s. para completar 1000 grammas de tintura; filtre.

Aguardente de alfazema ingleza.

Essencia de alfazema	12 gram.	Almiscar	1 decig.
— de bergamota	12 gram.	Mel de abelhas	30 gram.
— de rosas	6 gottas	Acido benzoico	2 1/2 gram.
— de cravo	6 gottas	Alcool	500 gram.
— de alecrim	3 gram.	Agua distillada	90 gram.

Misture, deixe em contacto e filtre.

Essencia de ambar e de almiscar.

Ambar gris	1	Ether sulfurico alcoolizado	70
Almiscar	1		

Macere durante dois dias e filtre. — Perfume dos mais persistentes.

Tintura de patchouly composta (Piesse).

Alcool a 85°	600	Essencia de rosas	1
Essencia de patchouly	7		

Misture e filtre.

Tintura de vetiver (Piesse).

Raiz de vetiver	1	Alcool a 85°	2

Macere durante 15 dias; côe, esprema, filtre. Raras vezes empregada isolada; entra na composição de muitos perfumes estimados.

Essencia volatil (Pharmacopea ingleza).

Essencia de limão	48	Essencia de canella	4
— de bergamota	48	— de rosas	12
— de cravo	12	— de casca de laranja	1
— de alfazema	8	— de sandalo	1
— de neroli	4	Ammoniaco liquido a 22° B.	100

M. Perfume para guarnecer os frascos de algibeira.

Essencia volatil ingleza, 1.ª receita.

Essencia de alfazema	15 gram.	Essencia de rosas	10 gottas
— de bergamota	8 gram.	Tintura de almiscar	15 gram.
— de cravo	4 gram.	Ammoniaco concent.º	500 gram.
— de canella	5 gottas		

2.ª receita.

Essencia de limão	24 gram.	Essencia de rosas	6 gram.
— de bergamota	24 gram.	— de casca de laranja	5 decig.
— de cravo	6 gram.	— de sandalo	4 decig.
— de alfazema	4 gram.	Ammoniaco concent.º	500 gram.
— de neroli	2 gram.		
— de canella	2 gram.		

Liquidos com que os Inglezes costumão encher os vidros que razem na algibeira para cheirar.

Pomada de baunilha (Piesse).

Baunilha	1 part.	Banha	16 part.

Macere a 25º durante 8 dias; derreta a b. m., deixe formar eposito, e côe.

Essencia real para lenço.

Ambar cinzento	25	Essencia de páo de Rhodes	2
Almiscar	12	— de neroli	2
Algalia	5	Carbonato de potassa	6
Essencia de canella	3	Alcool. a 85º cent.	860
— de rosas	2		

Macere por 15 dias, e filtre. — Perfume mui penetrante.

Pós fumigatorios odoriferos de Berlim.

Almiscar	10 centig.	Rosas rubras	24 gram.
Benjoim	4 gram.	Alfazema	24 gram.
Cascarilha	4 gram.	Flores de romã	24 gram.
Estoraque solido	16 gram.	Essencia de bergam.	60 centig.
Lirio	16 gram.	— de cravo	60 centig.
Cravo	12 gram.	— de camomilla	40 centig.
Canella	12 gram.	— de rosas	60 centig.

M. Deita-se uma pequena quantidade d'estes pós sobre uma hapa de ferro quente, ou sobre brasas. Estes pós podem servir mbem para encher saquinhos, que se põem nas gavetas para erfumar a roupa.

Pós fumigatorios inglezes.

Olibano	30 gram.	Cascarilha	15 gram.
Benjoim	30 gram.	Estoraque solido	8 gram.
Myrrha	30 gram.		

Deitão-se estes pós nas brasas. D. 1 a 2 grammas.

Pós fumigatorios balsamicos.

Almécega, olibano, benjoim, zimbro, aná...... p. ig.

Pós fumigatorios (Mazurier).

Incenso	4 gram.	Sassafraz	2 gram.
Almecega	4 gram.	Cascarilha	2 gram.
Alfazema	4 gram.	Cravos da India	1 gram.
Rosas rubras	4 gram.	Canella	1 gram.

Saquinhos cheirosos.

Ha grande numero de receitas d'estes saquinhos que se mettem as gavetas, para perfumar a roupa ou os papeis.

Saquinho de alfazema. Flores de alfazema pulverizadas, 75; enjoim em pó, 20; essencia de alfazema, 1.

Saquinho de cachia. Flor de cachia (esponjeira); lirio em pó grosso, aná p. ig. M.

Saquinho de Chypre. Páo de rosa, de cedro, de sandalo em pó, aná 500 grammas; essencia de páo de rosa, 6; almiscar, 2. Misture.

Saquinho de Frangipanni. Lirio em pó, 1500 grammas; vetiver em pó, 125; sandalo pulverizado, 125; essencia de rosas, 2; essencia de sandalo, 2; essencia de neroli, 2; almiscar em pó, 28; ambar cinzento, 17.

Saquinho de heliotropio. Lirio em pó, 1000 grammas; folhas de rosas em pó, 500; favas Tonka em pó, 250; baunilha, 125; almiscar, 5; essencia de amendoas amargas, 50 centigrammas. Contunda a baunilha e o almiscar com o lirio; misture tudo, e passe por peneira de tecido pouco tapado. — Imitação extraordinaria do perfume do heliotropio.

Saquinho de mil flores. Flores de alfazema, lirio, folhas de rosas, benjoim pulverizado, aná 500 grammas; favas tonka, baunilha, sandalo, aná 125; almiscar, algalia, aná 3,54; cravos da India pulverizados, 125; canella, pimenta da Jamaica pulverizada, aná 56,67.

Saquinho para perfumar a roupa. Lirio, 125; rosas, 125; cravos, 8; moscadas, 8; grãos de quigombo de cheiro (ambreta), 15. Reduza a pó grosso, e misture.

Trociscos cheirosos ou *pastilhas de serralho* (Cod. fr.).

Benjoim	80 gram.	Nitro	40 gram.
Balsamo de Tolú	20 gram.	Mucilagem de gomma alcatira	q. s.
Sandalo citrino	20 gram.		
Carvão de lenha leve	500 gram.		

Reduza a pó cada uma das cinco primeiras substancias; misture exactamente, e, por meio da mucilagem de gomma alcatira, faça massa homogenea que dividirá em pequenos cónes de 3 centimetros de altura, dando á sua base a fórma de um tripode. Accendem-se pela ponta, e ardem espalhando cheiro muito suave.

Roletes aromaticos russos.

Balsamo peruviano	18 part.	Assucar	72 part.
— de Meca	18 part.	Baunilha	36 part.
— de Tolú	72 part.	Almiscar	1 part.
Estoraque solido	72 part.	Ambar cinzento	1 part.
Benjoim	72 part.	Succino	144 part.
Canella	72 part.	Laca encarnada	18 part.
Cascarilha	72 part.	Essencia de rosas	q. s.
Cravo	18 part.		

Faça massa, e divida-a em cylindros oblongos do peso de 4 oitavas. Servem para perfumar os quartos. Esfregados sobre um ferro quente, espalhão cheiro aromatico agradavel.

Para os outros **Perfumes**. V. *Agua de Colonia* pag. 808, *Agua de mel* pag. 810, *Pasta de amendoas* pag. 841, *Vinagre cosmetico* pag. 825.

Persevejos. *Modos de destruir os persevejos.*

1° *Pós contra os persevejos.* Flores reduzidas a pó de pyrethro do Caucaso, *Pyrethrum roseum* e *Pyrethrum carneum*, plantas que habitão na Turquia e Persia. Estes pós, muito empregados hoje, constituem a preparação verdadeiramente efficaz para destruição dos persevejos, moscas e outros insectos. Basta espalhar estes pós sobre os lenções, ou introduzi-los por meio de um pequeno folle nos intersticios da cama. Vendem-se no commercio debaixo dos

liversos nomes : *Pós contra os persevejos, Pós de Caucaso* ou de *Mismaque, Insecticidio de Ferrand, de Vicat, de Burnichon*, etc.

2° Applicar nos intersticios da cama com pincel essencia de terebinthina ou dissolução de sublimado corrosivo em alcool (sublimado 4 grammas, alcool 125 grammas.)

3° Lavar a cama com a decocção de fumo.

4° Lavar a cama, e todos os lugares onde se escondem estes insectos, com a dissolução de 2 partes de sabão verde em 100 p. d'agua. O liquido deve ser empregado muito quente.

5° O *gaz acido sulfuroso*, que se produz queimando cylindros de enxofre em cadinhos ou outros vasos, penetrando nas fendas, apresenta a vantagem de destruir não somente os persevejos, mas tambem seus ovos. Satura-se depois o gaz acido pelo desenvolvimento do gaz ammoniaco, que se obtem aquecendo levemente em 2 ou 3 cadinhos a mistura de cal e de sal ammoniaco.

6° Destroem-se instantaneamente os persevejos e os seus ovos, com a unica applicação de solução de acido phenico em agua (agua 1000 gram., acido phenico 5 gram.). Mistura-se tambem, para destruir os persevejos, que existem nas paredes velhas, 5 por 100 de acido phenico na massa que serve para collar os papeis pintados.

Peso especifico ou *densidade dos corpos solidos mais importantes.* O peso d'agua distillada, que serve de termo de comparação, é representado por 1.

Acido arsenioso 3,70.
Aço temperado 7,8163.
Agata 2,6.
Alabastro 1,874.
Alambre 1,078.
Amethysta oriental 3,921.
Amianto 2,9911.
Amido 1,529.
Antimonio 6,712.
Arsenico 5,67.
Assucar 1,6.
Aveia 0,47.
Banha de porco 0,937.
Benjoim 1,092.
Beryllo 2,678.
Biiodureto de mercurio 6,32.
Bismutho 9,822.
Borax 1,713.
Cal carbonatada crystalliz. 2,7182.
Calomelanos 7,14.
Camphora 0,989.
Caoutchouc 0,925.
Carvão de lenha ordinario 0,383.
— de pedra compacto 1,3292.
Cera 0,963.
Cevada 0,64.
Chumbo fundido 11,35.
Cobalto 7,8119.
Cobre fundido 8,85.
Colophonia 1,070.
Coral 2,68.
Corpo humano 1,66.
Cremor de tartaro 1,607.
Crystal de Bohemia 2,393.
— do Brasil 2,651.
— de Inglaterra chamado flintglass 3,3293.
— (vidro) 3,33.
Diamantes os mais pesados (de côr rosea) 3,531.
— os mais leves 3,501.
Emetico 2,245.
Enxofre 2,086.
Esmeralda oriental 3,949.
Esmeralda do Perú 2,732
Espermacete 0,943.
Estanho fundido 7,2911.
Feijão 0,795.
Ferro 7,78.
Gelo 0.930.
Gomma alcatira 1,316.
Granate 3,55 a 3,9.
Granito cinzento do Egypto 2,727.
Greda de Hespanha 2,789.
Gutta-percha 0,966.
Iman 5,400.
Iodo 4,948.
Iodureto de potassio 3,0.
Jaspe 2,6 a 2,7.
Lentilhas 0,796.
Linhaça 0,631.
Manganez 8,01.
Manteiga 0,942.
Marfim 1,917.

Marmore branco 2,716.
Naphta 0,758.
Nickel fundido 8,279.
Nitro 1,607.
Onyx 2,6 a 2,7.
Opalo 2,09.
Ouro 19,5.
Palladium 11,3.
Páo Brasil 1,030.
— Campeche 0,913.
— de carvalho de 60 annos, o interior 1,170.
— de choupo 0,383.
— de cortiça 0,240.
— de ebano 1,187.
— de laranjeira 0,705.
— de mogno 0,809.
Páo de pinho 0,657.
— de tilia 0,604.
Pedrahume 1,7.
Perolas 2,75.
Platina laminada, o mais pesado dos corpos conhecidos, 22,069.
Prata fundida 10,47.
Protoiodureto de mercurio 7,75.
Quina (casca) 0,783.
Rubim 3,909.
Sal marinho 2,125.
Saphira 3,979.
Sublimado corrosivo 5,42.
Succino 1,078.
Topazio 3,499.
Vidro de garrafas 2,732.
Zinco fundido 7,19.

Peso especifico de alguns liquidos, sendo o peso da agua, na temperatura de 4 gráos centigrados, tomado por 1.

Acido azotico 1,33 a 1,38.
— chlorhydrico liquido (agua saturada de gaz acido chlorhydrico concentrado 1,208.
— cyanhydrico 0,696.
— sulfurico o mais concentrado 0,66 a 1,841.
Agua distillada 1,000.
— fervendo 0,963.
— do mar 1,026.
— de poço 1,002.
— do Sena filtrada 1,001.
Alcool absoluto 0,792.
— do commercio a 85° 0,850.
— fraco a 60° (aguardente) 0,914.
Ammoniaco liquido concent. 0,875.
Azeite doce 0,915.
Benzina 0,850.
Bromo 2,966.
Chloroformio 1,480.
Copahiba 0,950.
Creosota 1,037.
Espirito de vinho do commercio a 85° cent. 0,850.
Essencia de limão 0,847.
— de terebinthina 0,869.
Ether sulfurico 0,715.
Glycerina 1,280.
Leite de vacca 1,033.
Mercurio (a 0°) 13,596.
Oleo de amendoas doces 0,917.
— de ricino 0,941.
Petroleo 0,80 a 0,90.
Sulfureto de carbone 1,263.
Vinagre branco 1,013.
Vinho de Bordeos 0,994.
— da Madeira 0,966.
— de Malaga 1,056.
Xarope de assucar 1,321.

Peso especifico de alguns gazes. O peso do ar, á temperatura de 0°, e na pressão atmospherica de 0,76, é tomado por unidade.

Acido carbonico 1,529.
— chlorhydrico no estado gazoso 1,247.
— sulfuroso 2,234.
Ammoniaco (gaz) 0,596
Ar 1,000. (O ar a 10° cent. na pressão de 76° cent. pesa 811 veses menos do que a agua distillada).
Azoto 0,971.
Chloro 2,470.
Hydrogeneo 0,0693.
— bicarbonatado q. forma em grande parte o gaz da illuminação 0,978.
Oxydo de carbone 0,957.
Oxygeneo 1,1056.

Phosphoros (Palitos ou páosinhos para accender fogo). Phosphoro 4 partes, chlorato de potassa 2, gomma arabica 7, gelatina 2. Divide-se o phosphoro na gomma arabica; reduzida por meio d'agua ao estado de mucilagem espessa, e que deve estar quente; derrete-se a gelatina e ajunta-se á mistura phosphorea;

moe-se o chlorato molhado e mistura-se com o resto. D'esta maneira obtem-se a massa com que se cobrem as pontas dos páosinhos, previamente cobertas com enxofre; e depois deixão-se seccar na estufa.

Com a receita seguinte obtem-se os phosphoros inexplosiveis, isto é, que não estalão quando se esfregão para se accenderem : gomma arabica 16 partes, phosphoro 9, nitro 14, oxydo de manganez 16.

Pomadas. *Pomada simples para o cabello.*

Banha	60 gram.	Sebo de carneiro	30 gram.

Deite tudo em agua fervendo, derreta, deixe precipitar as impurezas, e faça escorrer a agua.

Póde-se aromatizar esta pomada com essencia de rosas, limão, bergamota, canella, etc., ou com um *dos cheiros* seguintes : para 500 grammas de pomada, 15 grammas de um d'estes *cheiros :*

Cheiros para as pomadas de cabello. 1° Oleo essencial de bergamota 4 p., oleo essencial de limão 2, oleo essencial de cravo 1.

2° Oleo essencial de bergamota 8 p., oleo essencial de limão 8, oleo essencial de cravo 2, oleo essencial de sassafraz 1, oleo essencial de laranja 1.

3° Chamado *Cheiro de mil flores.* Tintura de ambar cinzento 6 partes. oleo essencial de limão 12, oleo essencial de cravo 1, oleo essencial de alfazema 1, oleo essencial de bergamota 4.

Pomada de baunilha para o cabello.

Pomada rosada	360 gram.	Agua	30 gram.
Baunilha em pó	30 gram.		

Triture por uma hora, deixe escorrer a agua e ajunte : oleo essencial de limão 24 gottas.

Pomada de canella para o cabello.

Pomada simples	500 gram.	Oleo de ricino	50 gram.

Faça clarear pela trituração e ajunte :

Oleo essencial de canella	4 gram.	Oleo essencial de neroli	20 gottas
Tintura alcoolica de jasmim	4 gram.	— — de limão	15 gottas
		— — de rosas	5 gottas

Póde-se dar a côr vermelha a esta pomada, ajuntando-lhe orcanetta.

Pomada de cachia.

Banha	1	Flor de cachia	2

Derreta a banha; ajunte tantas flores de cachia (esponjeira) quantas a banha puder cobrir; deixe infundir durante 6 horas; côe; esprema; repita a mesma operação 8 a 10 vezes servindo-se de nova flores.

Pela mesma fórma se prepara o *oleo de cachia* empregando azeite doce em lugar de banha.

Extracto de cachia. Pomada ou oleo de cachia, 3; alcool a 85° 5. Misture em frasco tapado; mexa fortemente; deixe digerir na temperatura de + 25 a + 30 durante um mez; separe o alcool da pomada. — Algumas gottas para perfumar um lenço.

Pomada indiana para o cabello.

Sebo de carneiro	750 gram.	Oleo de ricino	60 gram.
Banha	1000 gram.	Benjoim	1000 gram.
Cera branca	250 gram.	Almiscar	1 gram.

Derreta a fogo brando o sebo, a banha e a cera; triture á parte o oleo de ricino com o benjoim e o almiscar; ajunte o sebo, a

banha e a cera liquida, deixe tudo de infusão por duas horas, decante, e ajunte :

Oleo essencial de limão	30 gram.	Oleo essencial de canella	4 gram.
— — de alfazema	8 gram.	— — de verbena	4 gram.
— — de cravo	4 gram.		

A addição do benjoim ás pomadas tem a propriedade de conserva-las por muito tempo, e impedir que adquirão ranço.

Pomada para o cabello (chamada impropriamente *Banha de urso*).

Cera	500 gram.	Sebo de carneiro	750 gram.
Banha	1000 gram.	Azeite doce	1000 gram.

Derreta e ajunte :

Oleo essencial de cravo	60 gottas	Oleo essencial de bergam.	90 gram.
— — de neroli	20 gottas	Tint.ª de ambar cinzento	50 gottas
— — de alfazema	60 gottas	Tintura de almiscar	50 gottas

Pomada para o cabello (chamada *Tutano de boi*).

Tutano de boi	1500 gram.	Espermacete	120 gram.
Cera	360 gram.		

Derreta a fogo brando e ajunte :

Benjoim em pó...,. .... 30 gram.

Deixe de infusão por algumas horas, côe, e ajunte qualquer oleo essencial, ou um dos *cheiros* indicados na pag. 847, 100 gram.

Pomada ingleza para o cabello. Esta pomada é feita com oleo de ricino, cera branca e espermacete : é muito usada na Inglaterra; ajunta-se-lhe ás vezes tintura de cantharidas. V. tambem *Cabello*, pag. 816.

Pomada para fazer crescer o cabello (Griffith).

Manteiga de cacáo	30 gram.	Essencia de alfazema	30 gram.
Manteiga de moscada	30 gram.		

Derreta a b. m., e misture.

Pomada para os labios.

Uvas frescas maduras e limpas	250 part.	Cera branca	250 part.
Oleo de amendoas doces	500 part.	Orcanetta	20 part.
		Essencia de rosas	algumas gottas

Machuque as uvas, ponha-as em capsula de louça, com o oleo de amendoas e a cera, evapore toda a humidade a calor brando, ajunte a orcanetta, mexa, esprema, e antes de esfriar ajunte a essencia de rosas. Cosmetico, empregado para os labios.

Pomada para tingir o cabello. V. p. 816.

Prata (Modo de limpar os objectos de). O cré, applicado molhado sobre os objectos que se querem limpar, e esfregado depois de secco, é o modo mais efficaz e menos dispendioso.

O meio seguinte é infallivel para branquear as colheres, castiçaes e outros objectos de prata : Dissolva em agua partes iguaes de sal ammoniaco, pedrahume, sal de tartaro (sub-carbonato de potassa), e ferva n'esta dissolução os objectos de prata pelo tempo que se julgar necessario : todos estes objectos ficarão muito brancos.

Composição para limpar a prata. Cremor de tartaro 15 gram., sal de cozinha 15 gram., pedrahume 15 gram., agua 750 gram. As colheres, os garfos e os outros utensilios de prata, fervidos n'esta composição, ficão muito brilhantes.

Purificação dos quartos dos doentes. Abrir de vez em quando as janellas, collocar no quarto um ou dois pratos com dissolução de chlorureto de cal (15 grammas de chlorureto de cal para 500 grammas d'agua). Fazer aspersões no quarto com este liquido,

ou com agua de Labarraque. Espalhar no quarto agua phenica, ou serradura de madeira molhada com esta agua. Este meio é empregado na Inglaterra, nos curraes, contra a peste bovina. — Os vapores das substancias odoriferas queimadas, taes como a alfazema, o vinagre, o incenso, o assucar, etc., não purificão o ar : porque não fazem senão encobrir por um instante os cheiros fetidos, sem destruirem os miasmas.

Saneamento dos hospitaes no tempo de epidemias. (Ordenações do conselho de salubridade de Pariz.) 1° Saneamento da roupa : mergulha-la em agua contendo 1/10 d'agua de Labarraque; enxaguar, fazer seccar. — 2° Mergulhar os ourinoes na agua contendo 1/20 de chlorureto de cal secco; lavar. — 3° Deitar nas aberturas das latrinas, de manhã e de noite, cerca de 10 litros d'agua contendo 500 grammas de sulfato de ferro, e 100 grammas de solução d'acido phenico a 1/10. — 4° Collocar nas salas dos hospitaes pratos com chlorureto de cal humido, e tigelas contendo cada uma 2 litros da mistura seguinte : agua, 10 litros; alcool a 85°, 1 litro; acido phenico, 50 grammas; cinco tigelas para uma sala de 30 a 40 camas. — 5° Nos amphiteatros, nas salas dos cadaveres, nos depositos de roupa suja, espalhar no soalho o liquido seguinte : acido pyrolígneo, (vinagre de madeira) 1 litro; agua 4 litros; chlorureto de cal secco, 150 grammas. Espargir sobre o soalho a solução de chlorureto de cal n'agua acidulada com acido chlorhydrico. — 6° Nos caixões derramar sobre o cadaver chlorureto de cal secco, ou serradura de madeira impregnada de acido phenico.

Ratos e camondongos.

Veneno arsenical para a destruição dos ratos, e outros animaes nocivos (Cod. fr.).

Sebo de carneiro	1000 gram.	Pós de sapatos	10 gram.
Farinha de trigo	1000 gram.	Oleo essencial de aniz	1 gram.
Acido arsenioso pulver.	100 gram.		

Derreta o sebo em tigela de barro, ajunte as outras substancias, misture exactamente. Esta massa póde ser empregada tal como acaba de ser formulada, ou misturada com pão ou outras substancias que costumão comer os animaes que se querem destruir.

Veneno phosphoreo para a destruição dos ratos, e outros animaes damninhos (Cod. fr.).

Phosphoro	1 gram.	Sebo derretido	20 gram.
Agua fervendo	20 gram.	Azeite doce	10 gram.
Farinha de trigo	20 gram.	Assucar em pó	14 gram.

Deite o phophoro na agua quente em vaso de porcelana mui limpo; dissolvido o phosphoro, ajunte-lhe por pequenas porções a farinha mexendo continuamente com espatula de páo; estando esta primeira mistura quasi fria, deite pouco a pouco o sebo derretido mas pouco quente, azeite e assucar, e mexa até esfriar. Conserva-se esta massa em vasos tapados. Para emprega-la, estende-se em camadas finas sobre fatias de pão mui delgadas. Os ratos comem-n'a e morrem em pouco tempo.

Rolhas impermeaveis. As rolhas de cortiça mergulhadas duas ou tres vezes na paraffina derretida, ou n'uma mistura derretida de 2 partes de cera branca e de 1 de sebo, e postas depois pela grossa extremidade sobre uma chapa metallica que se introduz e deixa na estufa até ficarem seccas, tornão-se impermeaveis aos liquidos, sem lhes communicarem máo cheiro.

Tinta de escrever. *Tinta preta.* A tinta preta é uma combinação de tannino, de acido gallico e de oxydo de ferro; a gomma e o assucar que entrão na sua composição servem sómente para lhe dar consistencia e brilho.

De todos os liquidos, em que se dissolvem as substancias que compõem a tinta de escrever, o melhor é a agua pura. Deve tambem preferir-se a agua de chuva, ou agua distillada por não conterem saes calcareos, que mais tarde formão precipitados na tinta.

Todos os corpos que contém acido gallico e tannino podem servir para a preparação da tinta de escrever; são : a casca de carvalho, de romã, o sumagre, etc.; mas a substancia mais vantajosa é a noz de galha. As galhas devem ser pulverizadas, para se poder extrahir d'ellas maior quantidade de tannino e de acido gallico; todavia não devem ser reduzidas a pó mui fino, porque uma parte d'elle póde ficar em suspensão e tornar a tinta empastada.

Ajunta-se-lhes ordinariamente o proto-sulfato de ferro (vitriolo verde, caparrosa verde). Pórem, alguns fabricantes aconselhão empregar de preferencia o persulfato de ferro, e não o protosulfato; empregando este é preciso primeiro calcina-lo até ficar amarello côr de ferrugem. A infusão de noz de galha, actuando sobre o sulfato de ferro, decompõe-n'o, e tira-lhe o oxydo para formar o gallato de ferro, que é de côr mais ou menos preta segundo as proporções. Achando-se o ferro no estado de protoxydo, a tinta não se torna de um bello preto senão depois de exposta algum tempo ao ar, de que absorve o oxygeneo. Se se oxyda mais o ferro no sulfato, calcinando-o levemente, até ficar amarello côr de ferrugem, obtem-se uma tinta completamente preta. Quando se prepara uma tinta, é preciso mexer a mistura de vez em quando, e abandona-la ao contacto do ar, até ella tomar côr preta.

Não se deve accrescenter o sulfato de cobre (caparrosa azul), como indicão alguns autores, porque este sal ataca as pennas de aço.

O páo Brasil e o páo Campeche contribuem para a confeição da tinta de escrever, por causa da união que contrahe a sua materia corante com o oxydo de ferro, o que torna a côr mais preta, e menos susceptivel de experimentar mudanças pela acção do ar ou dos acidos.

Ajunta-se ao liquido gomma-arabica, para augmentar-lhe a viscosidade, manter em suspensão as materias corantes, e impedir á tinta de atravessar o papel. Se a gomma, porém, se acha em excesso, a tinta torna-se mui grossa, e difficilmente secca.

O assucar em pequena porção augmenta a fluidez da tinta, dá-lhe mais brilho, e permitte accrescentar mais gomma que a tinta não poderia supportar sem isto. O assucar retarda a deseccação, o que é um inconveniente em certos casos; utilisa-se, porém, esta propriedade na preparação das tintas que servem para copiar as cartas, como se verá mais abaixo.

O sulfato de anil ou azul em licor (dissolução de 1 parte de anil em 8 partes de acido sulfurico) e a ruiva dos tintureiros dão á tinta uma bella côr preta.

Alguns fabricantes ajuntão-lhe pequena quantidade de carbonato de manganez para obter a tinta preta tirante a roxo.

O sal de cozinha impede o mofo até certo ponto.

Modos da preparação. A proporção d'agua mais conveniente é de 10 a 12 partes d'agua para 1 parte de noz de galha. Algumas receitas indicão de 4 a 16 partes d'agua. Quando se emprega agua em

xcesso, póde-se facilmente tornar o liquido mais denso pela vaporação.

1º *Por infusão.* Deixa-se de molho, por algum tempo, em lugar uente, a noz de galha em agua; trasfega-se o liquido para outro aso, e substitue-se pela nova agua; repete-se a operação até xtrahir-se todo o tannino. Quando o extracto é mui aqueo, conentra-se ao ar livre ou mediante o calor. Dissolve-se a gomma rabica no liquido, e depois o sulfato de ferro. A tinta assim prearada é pallida, mas torna-se preta com o tempo.

2º *Por decocção.* Fervem-se as galhas; filtra-se o liquido; depois junta-se a gomma e o sulfato de ferro. Por este processo, as subancias pretas dissolvem-se em maior abundancia; mas a tinta é ais mucilaginosa e cria mofo mais facilmente.

3º *Pelo tempo.* Deixa-se durante seis mezes exposta ao ar em asos pouco profundos a dissolução de tannino obtida por infusão 1 decocção; tira-se de tempo em tempo o mofo que se cria na iperficie; filtra-se, e no liquido dissolve-se 1/4 de gomma. Então unta-se outro tanto de sulfato de ferro, e mexe-se.

A côr preta da tinta de escrever augmenta, como ja deixei dito, m a oxydação do ferro; pelo que não se obtem senão com o mpo.

Meios de impedir o mofo. A causa d'este phenomeno provém de ie a decocção de galhas continha muitas substancias glutinosas, i que as galhas erão de má qualidade. Póde prevenir-se este conveniente deixando a decocção ao ar até que a mucilagem se nha deposto, e só então convem servir-se do liquido. Depois, o elhor meio é o emprego dos cravos da India : introduzem-se guns no tinteiro. O sublimado corrosivo destroe tambem o mofo; is a propriedade venenosa d'esta substancia torna perigoso o seu o. O acetato de nickel impede tambem o mofo; a aguardente oduz igualmente algum effeito, mas enfraquece um pouco a tinta, rque precipita as materias corantes. A camphora foi empregada n vantagem, mas volatiliza-se em pouco tempo. O nitro, o sal de inha, o sal ammoniaco tem algum effeito, mas fraco, e são civos á duração da tinta. A pedrahume não impede o mofo, antes provoca. As receitas para fazer a tinta preta são numerosas; eisii as melhores :

Tinta preta (Tarry).

lhas pulverizadas	125 gram.	(caparrosa verde), cal-	
mma arabica em pó	48 gram.	cinado	36 gram.
oto-sulfato de ferro		Agua de chuva	1750 gram.

Infunda as galhas na agua durante 24 horas, mexendo de vez quando; filtre a infusão por filtro de papel; dissolva a gomma ma parte de infusão moendo-a em almofariz. Feita a dissolução, nte o sulfato de ferro, mexa, e deixe depôr.

Tinta preta (Machet).

has machucadas	50 gram.	Gomma arabica	50 gram.
sulfato de ferro em pó	25 gram.	Agua de chuva ou dis-	
campeche	10 gram.	tillada	650 gram.

Ferva o campeche na agua prescripta; infunda n'esta decocção galhas durante 12 horas; ajunte as outras substancias, deixe pôr por alguns dias, e trasfegue a tinta em garrafas. Esta tinta -se melhor com o tempo.

Tinta azul-preta.

Galhas de Alepo	135 gram.	Sulfato de anil em pasta	40 gram.
Cravos da India	12 gram.	Acido sulfurico	175 gram.
Caparrosa verde	40 gram.	Agua de chuva, fria	1000 gram.

Macere durante oito dias, em 500 grammas d'agua, as galhas e os cravos convenientemente divididos. Decante. Ajunte ao residuo 250 grammas d'agua; macere por quatro dias, e decante. Ajunte emfim ao residuo a ultima porção d'agua de 250 grammas para macerar durante quatro dias. Misture todos os liquidos, depois de submettido o residuo á prensa; filtre. Ajunte então a caparrosa verde, o acido sulfurico e o anil em pasta privado de todo o acido livre.

Tinta preta (Robiquet).

Galhas machucadas	1500 gram.	Casca de carvalho	200 gram.
Caparrosa verde	1000 gram.	Gomma arabica	500 gram.
Sulfato de manganez	100 gram.	Agua commum	20 litros.

Ferva durante duas horas, ajuntando nova agua á medida que se fôr evaporando; deixe formar deposito durante tres dias; decante. Torne a ferver o liquido durante duas horas, depois de ter-lhe ajuntado

Perchlorureto de ferro	30 gram.	Carbonato de ferro	60 gram.

Côe por panno com espressão; deixe depôr durante oito dias, filtre por papel, e complete com agua commum o volume de 20 litros de liquido.

Tinta preta (Payen).

Galhas machucadas	2000 gram.	Páo campeche	150 gram.

Macere durante 36 horas em 10 litros d'agua de chuva ou distillada; mantenha a temperatura da mistura perto do ponto de ebullição durante duas horas; côe por panno de lã e ajunte :

Caparrosa verde	1000 gram.	Gomma arabica	1000 gram.

dissolvidas previamente em 5 litros d'agua. Agite tudo, e deixe exposto ao ar durante dois ou tres dias. Decante, e engarrafe depois.

Tinta indelevel.

Póde obter-se uma tinta quasi indelevel ajuntando simplesmente á tinta ordinaria um pouco de pós de sapatos, e mexendo cada vez que se empregar.

As outras receitas são :

1° Tinta da China diluida no vinagre ou no acido chlorhydrico;

2° Tinta da China diluida no acetato de manganez liquido marcando 10° B., ao qual se ajunta 1/9 do seu volume de acido acetico. Expôr a escripta feita com esta tinta aos vapores ammoniacaes;

3° Gluten 6 p., acido pyroligneo 40 p., pós de sapatos, 1 p.;

4° Páo Brasil 2, agua 24, pedra-hume 1, oxydo de manganez 6, gomma arabica 1.

Estas tintas resistem á humidade e aos diversos agentes chimicos que possão ser empregados para apaga-las.

Tinta preta communicativa, para copiar cartas.

Tinta preta ordinaria	3 part.	Assucar cande	1 part.

Dissolva o assucar na tinta.

Outra receita de tinta para copiar cartas.

Tinta preta ordinaria	18 part.	Sal de cozinha	2 1/2 part.
Assucar cande	6 1/4 part.		

Dissolva.

Tinta da China. Prepara-se na China por meio da decocção

diversas plantas, de colla de pelle de burro e de pós de sapatos (carvão que resulta da fumaça dos lenhos resinosos). É de côr preta luzente, e vem da China em pequenos pães da fórma de parallelipipedos rectangulos, com caracteres chinezes pela maior parte dourados. Prepara-se hoje na Europa uma tinta semelhante á da China, e de muito boa qualidade; emprega-se particularmente na pintura dita *aguada*.

Tinta de imprensa. Pós de sapatos e oleo de linhaça fervido até á consistencia conveniente.

Tinta encarnada.

Páo Brasil	1000 gram.	Vinagre	4000 gram.

Macere durante 3 dias; depois ferva, filtre, e ajunte :

Gomma arabica, alumen, assucar, aná.... 125 gram.

Esta tinta é bella, e faz-se melhor com o tempo.

Outra receita de tinta encarnada.

Carmim em pó	30 centig.	Ammoniaco liquido	30 gram.

Dissolva, deixe evaporar o excesso de ammoniaco, e ajunte :

Mucilagem de gomma arabica.............. 1 gram.

Outra receita de tinta encarnada (Soubeiran).

Páo Brasil	3 part.	Alcool a 60°	8 part.

Macere durante 24 horas, côe, evapore para obter 3 partes de liquido, e ajunte :

Alumen	2 part.	Gomma arabica	1 part.
Assucar	1 part.		

Tinta azul.

Anil em pó	10 part.	Agua	1000 part.
Acido sulfurico	40 part.	Gomma arabica em pó	25 part.
Ammoniaco liquido	q. s.		

Dissolva em matraz a calor brando o anil no acido sulfurico, dilua o producto na agua, sature exactamente pelo ammoniaco, e ajunte a gomma.

Outra receita de tinta azul (Vogel).

Acido oxalico	1 part.	Azul de Prussia	6 part.

Triture com q. s. d'agua para fazer pasta homogenea, e dilua esta em agua sufficiente para tinta azul.

Outra receita de tinta azul.

Lance sobre 1 parte de anil 8 partes de acido sulfurico concentrado, mexendo com tubo de vidro. Abandone o liquido durante algumas horas, e deite-o gotta a gotta mexendo fortemente em 3 ou 5 litros d'agua fria. Deite então greda no liquido até deixar de fazer effervescencia; deixe depôr durante alguns dias e filtre. O acido deve ser saturado pela greda, senão alteraria o papel. Póde-se tambem ajuntar gomma.

Tinta amarella.

Gomma-gutta	1 part.	Agua	12 part.
Gomma arabica	1 part.		

Ferva. Póde-se tambem ajuntar um pouco de açafrão.

As decocções de açafrão ou de flores de açafrôa misturadas com gomma arabica dão tambem tinta amarella.

Tinta verde.

Acetato de cobre	10 gram.	Agua	400 gram.
Cremor de tartaro	50 gram.		

Ferva até reduzir á metade, e filtre.

Tinta roxa. Misturar a tinta encarnada com tinta azul.

Tinta côr de laranja. Misturar a tinta encarnada com tinta amarella.

Tinta branca para adega. Prepara-se diluindo um pouco de alvaiade em essencia de terebinthina. Com esta composição escreve-se directamente no vidro das garrafas que se desejão conservar por muito tempo na adega.

Tinta preta para adega. Para escrever sobre os frascos de vidro branco, ou sobre as botijas, como por exemplo nas d'agua de Vichy, é preciso ter tinta preta. Faz-se com pós de sapatos diluidos na essencia de terebinthina e oleo de linhaça; ou com tinta de imprensa diluida na essencia de terebinthina. O alcatrão liquido de carvão de pedra serve tambem para o mesmo emprego.

Tinta para hortas. Para pôr letreiros no zinco, os jardineiros servem-se do chlorureto de platina dissolvido em agua, ou da solução de sulfato de cobre misturada com pós de sapatos. Esta tinta é indestructivel. Os pharmaceuticos podem emprega-la para letreiros metallicos para a adega. A tinta com chlorureto de platina resiste melhor ás influencias meteorologicas. Faz-se immediatamente negra sobre o zinco. Eis-aqui a rceita :

Chlorureto de platina	1 part.	Agua distillada	10 part.
Gomma arabica	1 part.		

Outra receita de tinta para escrever sobre zinco.

Verdete pulverizado	30 gram.	Gomma arabica	8 gram.
Sal ammoniaco pulveriz.	30 gram.	Agua	300 gram.
Pós de sapatos	8 gram.		

Mexa cada vez que se servir d'esta tinta; e para escrever com ella, deve-se empregar com preferencia a penna de ganso.

Para escrever sobre a folha de Flandres, emprega-se o liquido seguinte : acido nitrico 10, agua 10, cobre 1.

Tinta indelevel para marcar roupa. Solução nº 1 (mordente). Carbonato de soda 8 gram., gomma arabica 8 gram., agua distillada 125 grammas.

Solução nº 2. Azotato de prata 8 gram., gomma arabica 8 gram. agua distillada 30 grammas.

Molhe com a solução nº 1 o lugar da roupa em que se deve marcar, deixe seccar e escreva com a solução nº 2. Em vez de escrever com uma penna, póde-se usar de um sinete de buxo, ou de algum outro páo, gravado em relevo. Põe-se então n'um pires um pedaço de panno de lã molhado na solução nº 2, applica-se o sinete sobre este panno, e depois sobre a roupa que se quer marcar.

Outra receita.

Galhas	32 gram.	Azotato de prata	4 gram
Campeche	16 gram.	Gomma arabica	8 gram
Agua	500 gram.		

Ferva as galhas e o campeche na agua, côe e ajunte as outras substancias. Escreve-se com esta tinta sobre o panno molhado previamente na solução de 32 gram. de potassa em 64 gram. d'agua

Outra receita.

Azotato de prata	30 gram.	Gomma arabica	30 gram
Agua distillada	125 gram.	Pós de sapatos	8 gram

Dissolva o azotato na agua, ajunte a gomma e os pós de sapatos Substituindo a gomma pela mesma quantidade de tinta da China obtem-se tinta ainda mais escura. Para emprega-la, põe-se n'um pires um panno de lã molhado n'esta tinta, applica-se sobre este panno um sinete de páo, e imprime-se depois sobre a roupa.

Outra receita de tinta para marcar roupa.

Azotato de prata	30 part.	Urzela	15 part.
Cremor de tartaro	30 part.	Assucar	24 part.
Ammoniaco liquido	125 part.	Gomma arabica	40 part.

Moe-se o azotato com o cremor de tartaro; ajunta-se o ammoniaco e a urzella, e, por fim, o assucar e a gomma. Escreve-se com esta tinta sobre panno tendo bastante gomma, e passa-se por cima um ferro quente.

Outra receita.

1.ª Solução de cobre com :

Chlorureto de cobre crystallizado	8,52	Chlorhydrato de ammon.°	5,35
Chlorato de soda	10,65	Agua distillada	60

2.ª Solução de anilina com :

Chlorhydrato de anilina	20	Glycerina	10
Agua distillada	30	Agua de gomma de 50 por 100	20

Misturão-se no momento da precisão, 4 partes da solução de anilina e 1 de cobre. Ao escrever a tinta é verde; torna-se rapidamente preta. Esta tinta resiste aos acidos, aos alcalis, e é extremamente fixa.

Outra tinta para marcar roupa.

Limalha de ferro	100 part.	Acido pyroligneo	400 part.

Dissolva a calor brando, e ajunte o soluto seguinte :

Agua	500 part.	Gomma arabica	50 part.
Sulfato de ferro	100 part.		

Misture, e ajunte um pouco de tinta ordinaria para dar côr. Esta tinta não é tão fixa como as tintas preparadas com azotato de prata.

Outra tinta para marcar roupa.

Dissolução no ether, ou na mistura de alcool e de ether, da materia resinosa negra, que se acha na castanha de cajú (*Anacardium occidentale*).

Tinta azul para marcar roupa.

Azotato de prata crystal.	100 part.	Gomma arabica	150 part.
Ammoniaco liquido	100 part.	Sulfato de cobre	50 part.
Carbonato de soda	100 part.	Agua distillada	380 part.

Dissolva o azotato de prata no ammoniaco; faça as dissoluções do carbonato de soda e do sulfato de cobre n'uma porção d'agua distillada quente; depois, logo que as duas dissoluções esfriarem, ajunte-lhes a dissolução de gomma arabica feita no resto da agua distillada fria, e ajunte depois a solução de azotato de prata no ammoniaco. Deixe depôr por 24 horas e côe.

Tintas sympathicas. Chamão-se *tintas sympathicas* certas preparações com que se escreve em papel, mas que só se tornão apparentes por meio de uma reacção. Estas tintas tem sido empregadas para correspondencias secretas; para este fim, entre as linhas escriptas com tinta ordinaria, existia outra linha que não era visivel senão para o correspondente, instruido com anticipação da maneira de fazer reapparecer os caracteres.

1.ª *receita.* Dissolva-se 1 oitava de caparrosa verde em 3 onças d'agua, escreva-se com este liquido. As letras não são visiveis, ou pelo menos não são legiveis, para fazê-las apparecer molhe-se o papel n'uma decocção de galhas.

2.ª *receita.* Dissolva-se em agua um pouco de polvilho e escreva-se com esta solução, que fica invisivel. Para fazer apparecer a escripta, passe-se por cima d'ella um pincel molhado na tintura de iodo. As letras adquirem então uma côr azul purpurea, que só desapparece muito tempo depois de estar o papel exposto ao ar.

3.ª *receita.* As letras escriptas com chlorhydrato de cobalto dissolvido em agua são invisiveis, mas apparecem verdes quando se approxima o papel do fogo, e desapparecem pelo esfriamento, se o papel não foi fortemente aquecido.

4.ª *receita.* Escrevendo com acido sulfurico dissolvido em seis partes d'agua, ou com sumo de cebola, ou simplesmente com leite, apparecem as letras approximando-as do fogo.

Nodoas de tinta. V. NODOAS.

Vidro. *Modo de gravar letras indeleveis nos frascos de vidro.* Estende-se no vidro com um pincel macio uma camada de verniz de gravador, ou cera molle, e depois de secca, tração-se por cima d'ella as letras com um ponteiro metallico. Applica-se sobre os pontos assim descobertos uma camada pouco espessa de massa composta de fluorureto de calcio (spatho fluor) em pó e de acido sulfurico concentrado. Passadas algumas horas), lava-se, e o vidro acha-se sufficientemente marcado.

Outro modo. Enverniza-se o vidro e escreve-se como acima fica dito. Colloca-se depois o vidro assim preparado sobre uma caixinha de chumbo contendo p. ig. de spatho fluor e de acido sulfurico concentrado, e aquece-se a caixinha. O vapor atacará os pontos do vidro que não estiverem cobertos de verniz, e bastarão alguns minutos para se obter uma gravura sufficientemente profunda.

A cera molle para gravar compõe-se de muitas maneiras : 1° sebo 1 parte, cera amarella 2 p.; — 2° cera amarella 5 p., azeite doce 1 p.; — 3° cera amarella 4 p., terebinthina 1 p.; — 4° cera amarella 500 p., terebinthina e azeite doce aná 30 partes.

Modo de depolir o vidro. Esfregar circularmente o vidro com pós de esmeril, pegados a uma rolha de cortiça molhada em agua; ou expôr o vidro á acção do acido fluorico, quer liquido, quer em vapor.

Chama-se ainda vidro deslustrado ou *vidro mate* o vidro simples coberto com uma leve camada de pintura a oleo, branca ou parda; esta pintura applica-se com um pequeno tampão com que se esfrega leve e circularmente, até estende-la uniformemente por toda a superficie do vidro.

Modo de dar aos copos, e mais vasos de vidro, a propriedade de resistirem á mudança subita de temperatura. Introduza-se o copo n'um vaso com agua fria que o cubra totalmente; faça-se aquecer a agua gradualmente até ferver, e deixe-se esfriar pouco a pouco com o copo dentro. Assim tratados os vasos de vidro resistem á agua a ferver sem ser necessario repetir a operação, por ser indestructivel a qualidade que elles adquirem por este meio.

Vinho. *Modo de collar os vinhos.* Os vinhos tintos collão-se com clara de ovo. Para um barril de 220 litros empregão-se 6 claras de ovo, que se misturão com agua ou com meia garrafa de vinho tirado do proprio barril, e batem-se; depois deita-se esta mistura no barril, e mexe-se com uma vara. Depois de assente o vinho por doze ou quinze dias, engarrafa-se; o que, segundo os praticos aconselhão, deve-se fazer quando o tempo está bom e secco.

Para collar os *vinhos brancos*, emprega-se a colla de peixe 24 grammas (6 oitavas) de colla para um barril de 220 litros.

Visco marinho. V. p. 813.

Zinco. *Modo de limpar os objectos de zinco.* O oxydo de zinco, que cobre os objectos fabricados com este metal, desapparece esfregando-os com escova molhada na mistura de 1 parte de acido sulfurico e 30 partes d'agua. Depois lavão-se em agua pura.

MEMORIAL
THERAPEUTICO
OU
INDICAÇÃO ABREVIADA DOS SYMPTOMAS DAS MOLESTIAS
E DOS MEIOS EMPREGADOS NO TRATAMENTO D'ELLAS.

Os algarismos indicão as paginas d'este livro, onde se achão as formulas ou os medicamentos designados no presente Memorial.

ABATIMENTO. Exercicio, distracções, alimentação succulenta, composta de carne, peixe, ovos, tapioca, vinho generoso; banhos frios do mar ou de rio. Vinho de quina 684. Vinho de quina composto 686. Vinho de quina ferruginoso 686. Vinho de quina e cacáo 686. Ferro reduzido 463.

ABCESSO, ou **Postema**. Collecção de pus.

Abcesso agudo ou **quente.** Collecção de pus que succede á inflammação aguda, sendo esta caracterizada pela inchação, calor, vermelhidão, dôres latejantes, ás vezes febre; logo depois da formação do pus, diminuem ou céssão as dôres. O abcesso agudo apresenta-se debaixo da fórma de um tumor mais ou menos volumoso, duro pela circumferencia, molle e elastico no resto da sua extensão, e sobretudo no centro.

Tratamento. Cataplasma de linhaça 560, ou de fecula 461. Banhos locaes d'agua tepida simples, ou com o cozimento de malvas 587. Posição elevada da parte affectada. Nos abcessos mui dolorosos, acompanhados de insomnia, empregar as cataplasmas anodynas 641, ou calmantes 597. Bebidas diluentes, refrigerantes: limonada de limão, laranja, cozimento de cevada 366, ou de grama 511. Puncção ou incisão no lugar mais declive. Abrir cedo os abcessos, quando estão situados profundamente, ou debaixo de uma forte aponevrose inextensivel, *v. g.*, na mão, nos dedos; que se avizinhão de uma articulação, de alguma cavidade splanchnica. Comprimir, depois, brandamente com a mão, para expellir o pus. Deixar abrir-se por si os abcessos superficiaes, ou pouco extensos, como são os do rosto, cobrindo-os com cataplasmas de linhaça 560, de miolo de pão, de fecula de batatas 461, de banana assada, com a cataplasma de fari-

nha de mandioca 461, ou com emplasto de diachylão gommado 79. Introduzir uma mecha na abertura dos abcessos profundos, para impedir que se fechem; não é necessario introduzi-la na abertura dos superficiaes; evitar quanto seja possivel a introducção da mecha nos abcessos situados nas partes descobertas do corpo, para que a cicatriz não venha a tornar-se depois mais apparente. Aberto o abcesso, continuar uma das cataplasmas emollientes, acima indicadas, durante dois ou tres dias, isto é, até desapparecerem os symptomas inflammatorios; curar, depois, a pequena ferida com ceroto simples 72, glycereo de amido 502, encerado commum 84, encerado inglez 85, com fios seccos, ou applicar simplesmente panno de linho.

Abcesso das paredes do abdomen. Não differem dos abcessos nas outras regiões da pelle; são occasionados as mais das vezes por contusões. — Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Logo depois de verificada a fluctuação, praticar uma longa incisão afim de abrir ao pus uma via facil. Se a pelle estiver despegada em grande extensão, e se o pus não correr facilmente, fazer as contra-aberturas necessarias.

Abcesso das amygdalas. V. *Abcesso da garganta.*

Abcesso no anus. Cataplasma de linhaça 560, ou de fecula 461. Clysteres de linhaça 560. A incisão deve ser feita mui cedo, para collocar dentro uma mecha, ou um tubo de borracha perforado, Fazer, no fim, injecções d'agua misturada com tintura de iodo 531.

Abcesso das articulações. Succedem á arthrite. — Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Fazer a incisão quanto antes.

Abcesso da axilla. Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Sendo o abcesso superficial, abri-lo tres ou quatro dias depois do começo da inflammação, ou quando a fluctuação fôr evidente. Abrir cedo os abcessos profundos, para impedir que o pus se esparja.

Abcesso do cerebro. Dôres de cabeça fixas, permanentes, acompanhadas de fastio, emmagrecimento, insomnia, ou febre, succedendo á contusão do craneo, podem fazer temer um abcesso no cerebro. — O tratamento é só palliativo: combater a insomnia e as dôres de cabeça pelas preparações de opio.

Abcesso do figado. Apparece depois da inflammação espontanea do figado, ou produzida por pancadas, quédas e outras violencias exteriores. *Symptomas.* Dôres na região do figado, emmagrecimento, fraqueza, fastio, suores nocturnos, calefrios, febre. — Praticar a abertura com o bisturí na parede abdominal, no ponto em que se mostrar o tumor, ou applicar a massa caustica de Vienna 674. Fazer injecções no fóco com agua tepida simples, ou misturada com aguardente; introduzir na abertura um tubo de caoutchouc afim de manter o esgoto regular do pus.

Abcesso da fossa iliaca. — *Symptomas.* Dôr fixa ou ambulante n'uma das fossas iliacas; dôr viva, lancinante, surda, augmentando pela pressão, tosse, esforços. Apparição de um tumor profundo, duro ao tocar; desordens digestivas; ás vezes febre. Do 25° ao 26° dia, termo médio, formação do pus que se manifesta pelos symptomas seguintes: febre mais intensa, tumor mais consideravel, calefrios, dôres lancinantes; fluctuação perceptivel ou não, segundo a situação superficial ou profunda do tumor. — Cataplasmas de linhaça 560 ou de fecula 461. Semicupios d'agua morna. Abrir o abcesso logo que se manifestar a fluctuação, e favorecer o esgoto do pus, aconselhando o doente a deitar-se de lado ou de bruços. Fazer no fóco injecções d'agua tepida simples ou misturada com aguardente.

Abcesso das fossas nasaes. Mostra-se sobre o repartimento que

separa as duas fossas nasaes. Annuncia-se pela dôr, calor, inchação e côr luzente do nariz. A exploração com estylete faz conhecer a fluctuação. — Abrir o tumor com lanceta ou bisturí, e fazer injecções com agua tepida.

Abcesso da garganta. Uma angina tonsillar precede sempre os abcessos da garganta, que se reconhecem pela difficuldade da respiração, voz fanhosa, impossibilidade de engulir mesmo a saliva, inchação do veo do paladar e elasticidade fluctuante d'esta região. — Administrar 5 centigrammas de emetico para produzir a ruptura do abcesso pelos esforços dos vomitos, ou abrir, logo que o tumor amollecer, com o bisturí envolvido em panno de linho até á altura conveniente. Gargarejo emolliente 257, e depois acidulo 779.

Abcesso do joelho. Succede á arthrite violenta. Póde ser extra ou intra-capsular. O segundo é muito mais grave. — Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Abrir o abcesso quanto antes.

Abcesso dos ligamentos largos do utero. Começa por acceleração do pulso, dôres vivas no interior da bacia; sente-se depois na fossa iliaca um tumor resistente, doloroso quando comprimido; frequente vontade de ourinar; prisão de ventre; dôres lancinantes; calefrios; peso no hypogastro. Passado algum tempo o pus sahe perforando a pelle do ventre, ou a vagina, a bexiga ou o recto. — Quando apparecem os primeiros symptomas da inflammação, applicar bichas no hypogastro, ou no perineo; cataplasmas de linhaça 560. Semicupios frequentes d'agua tepida. Formado o pus, abrir-lhe uma sahida n'um lugar favoravel ao seu corrimento.

Abcesso da orbita. Principia por dôr surda que não tarda em augmentar de intensidade; o globo do olho torna-se proeminente; a conjunctiva infiltra-se (chemosis); os movimentos do olho são difficeis ou nullos; as palpebras inchão; photophobia, vista dupla, amaurose; febre, agitação, insomnia, delirio. — Bichas na fonte; purgantes; cataplasmas de linhaça. Se por estes meios não se obtiver a resolução, abrir com bisturí o fóco purulento.

Abcesso da palma da mão. Ha d'elle tres variedades: abcesso *sub-epidermico*, *sub-cutaneo*, e *sub-aponevrotico*. O tratamento de todos elles compõe-se de manuluvios d'agua tepida, cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Suster a mão com um lenço suspenso do pescoço. Praticar a incisão logo que o pus estiver formado. Nos abcessos sub-cutaneos e sub-aponevroticos não é sempre facil chegar a conhecer a presença do pus, por causa da espessura da pelle, que não permitte perceber distinctamante a fluctuação; o diagnostico deve basear-se na dôr local que augmenta pela pressão, na inchação, nos symptomas geraes. Nos abcessos sub-aponevroticos a inchação não é proporcionada á intensidade da phlegmasia. Na abertura dos abcessos profundos, o cirurgião deve lembrar-se de que a arcada arterial occupa o centro da palma da mão; ás vezes é preferivel praticar a incisão camada por camada, para não offender os vasos importantes.

Abcesso da palpebra. Cataplasma de linhaça 560, de fecula 461. Abrir o abcesso com o bisturí com muita precaução. Consiste esta em introduzir previamente debaixo da palpebra uma chapa de chifre ou de madeira, afim de reter a ponta do instrumento, se um movimento subito e involuntario o levasse além dos devidos limites. A incisão deve ser horizontal, para que a pequena marca, que lhe succede, fique escondida nas rugas da pelle.

Abcesso do pé. Os abcessos do pé são menos frequentemente o resultado de um verdadeiro phlegmão do que a consequencia de uma lesão dos ossos, como uma carie ou uma necrose. São por con-

seguinte as mais das vezes *abcessos frios*. Os *abcessos quentes* podem ser sub-epidermicos, sub-cutaneos, sub-aponevroticos. Os *abcessos sub-epidermicos* observão-se ordinariamente na planta dos pés ou no calcanhar; abrem-se ás vezes espontaneamente durante o andar. Os pediluvios tepidos, uma ou duas picadas no tumor, que deixão escorrer um pus seroso, constituem o unico tratamento. Os *abcessos sub-cutaneos* são menos facilmente fluctuantes; o pus é retido mais tempo pela pelle endurecida. É preciso dividir não sómente a epiderme, mas tambem a derme. — Os abcessos *sub-aponevroticos* são os mais graves de todos. O tumor não é limitado, todo o pé augmenta de volume, a dôr é grande. É preciso empregar pediluvios quentes, cataplasmas de linhaça 560, e abrir o abcesso quanto antes.

Abcessos do pescoço. Differem, quanto á gravidade, conforme estão situados por cima ou por baixo da aponevrose cervical. Quando se achão debaixo da aponevrose, o pus póde espargir-se no peito seguindo as bainhas que envolvem os canaes d'esta região. Os abcessos superficiaes podem ser abertos facilmente com lanceta. Na abertura dos abcessos profundos, é preciso dividir com bisturí os tecidos com precaução, camada por camada, afim de não offender algum vaso importante. Abrir o abcesso quanto antes.

Abcesso da prostata. V. *Prostata* (*Inflammação da*).

Abcesso do pulmão. Apparece na pneumonia, gangrena do pulmão, no pleuriz e na infecção purulenta produzida pelas grandes operações. Os signaes do abcesso que se declara no curso da pneumonia, e que se abre por si mesmo nos bronchios, são: expectoração subita e abundante de pus, som de gargarejo e pectoriloquia. Quando um abcesso se abre por si mesmo na cavidade da pleura, os symptomas são os do *empyema*, (v. esta palavra). — O tratamento dos abcessos do pulmão é o da *bronchite*. Quando produzem o empyema, é preciso praticar a abertura do peito, para dar sahida á collecção purulenta.

Abcesso á roda dos rins. É occasionado as mais das vezes por violenta contusão: desenvolve-se tambem em consequencia das febres graves. Uma dôr violenta sobrevem na região lombar; no fim de alguns dias, apparece um tumor com fluctuação profunda e infiltração do tecido cellular sub-cutaneo. O pus póde correr até á região inguinal; o abcesso póde abrir-se no peritoneo ou no intestino. É preciso abrir estes abcessos exteriormente logo que se verificar a presença do pus; recorrer, antes e depois da abertura, aos banhos d'agua tepida e cataplasmas de linhaça.

Abcesso do seio. Sobrevem ordinariamente depois do parto. Póde desenvolver-se debaixo da pelle ou no interior da glandula mamaria. — Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Levantar e soster o seio com um lenço. Os *abcessos superficiaes* devem ser abertos logo que estiverem maduros, e não exigem que se cesse a amamentação, porque a glandula mamaria não participa da inflammação. Nos *abcessos profundos*, deve-se cessar a amamentação, porque o pus mistura-se com o leite, ao qual communica propriedades nocivas. Os abcessos profundos são de ordinario multiplices e pequenos, pelo que é necessario fazer muitas incisões sobre todos os pontos fluctuantes. Depois de aberto o abcesso profundo, introduzir fios de linho na abertura, e por cima applicar cataplasma de linhaça ou de fecula. V. SEIO (INFLAMMAÇÃO DO).

Abcesso do sinus maxillar. O pus póde formar-se no sinus em consequencia da inflammação da membrana mucosa, da carie de um dente, da necrose das paredes do sinus, ou póde provir de um

abcesso do rosto que passou no sinus. Os signaes da collecção purulenta no sinus maxillar são dôres vivas, inflammação da arcada alveolar, e ás vezes sahida do pus pelas ventas. Mais tarde forma-se um phlegmão no rosto. — É preciso crear uma via de sahida ao pus formado no sinus maxillar; arrancar um dente, o segundo pequeno queixal ou o primeiro grosso queixal, e perforar o fundo do alveolo. Depois de aberto o abcesso. fazer injecções no sinus com vinho aromatico. Extrahir os sequestros, se estiverem moveis.

Abcesso da virilha. Póde ser *simples* ou *syphilitico.* N'este ultimo caso é acompanhado ordinariamente de cancros venereos nos orgãos genitaes, e precedido de um tumor chamado *bubão :* exige um tratamento antisyphilitico interno (v. *Bubão*). Sendo simples, necessita só cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Abrir o abcesso, logo que se manifestar a fluctuação.

Abcesso da vulva. É caracterizado pela tumefacção, vermelhidão, calor e dôr do grande labio. — Semicupios d'agua tepida, cataplasmas de linhaça 560. Abrir o abcesso com lanceta.

Abcesso chronico ou frio. Collecção de pus formada sem inflammação evidente. A's vezes sobrevem só um simples engurgitamento no tecido cellular, sem dôr; o inchaço torna-se molle, fluctuante; a pelle que o cobre, adelgaça-se, faz-se luzente, violacea, perfora-se; o pus corre então. Ás vezes o abcesso, depois de adquirir um volume consideravel, diminue de repente e desapparece sem deixar vestigio. O abcesso frio desenvolve-se ordinariamente nas crianças escrophulosas, nos individuos enfraquecidos por diversas causas. — Raras vezes o pus desapparece espontaneamente : é preciso evacua-lo, por qualquer dos meios seguintes : 1° *Puncção* com bisturí; deve ser obliqua afim de impedir a entrada do ar na cavidade do fóco. Esta puncção não é sufficiente para curar a molestia; o fóco não tarda a encher-se de pus : é preciso repetir a puncção. — 2° *Incisão.* Produz a cura de um modo mais certo do que a puncção; deve ser grande, afim de que se possa introduzir fios para determinar a inflammação do fóco e a sua obliteração. — 3° As *injecções* com vinho simples ou aromatico 445, com tintura de iodo misturada com agua 531, com agua de Labarraque 343; actuão da mesma maneira que os fios, isto é, irritão a face interna do kysto e produzem a cicatrização. — 4° A applicação de *massa caustica de Vienna* (674), não só abre passagem ao pus, mas irrita levemente as paredes do kysto. — 5.° *Sedenho* atravez do tumor. — É preciso ás vezes excizar os tegumentos despegados; curar a ulcera com basilicão 396, unguento da Madre 80, de estoraque 451, digestivo 759, de Arceus 750, de Genoveva 760. Um tratamento geral deve ser dirigido contra as causas provaveis do abcesso frio : medicamentos tonicos 807, regimen analeptico 785, banhos geraes aromaticos 444, banhos do mar, habitação sadia; ar do campo.

Abcesso por congestão. Collecção de pus proveniente de uma lesão dos ossos, e que apparece em lugar mais ou menos distante da séde do mal que lhe deo origem. Mostra-se sobretudo na virilha, em consequencia da carie das vertebras. — Abrir o abcesso o mais tarde possivel, e quando se lhe não póde evitar a abertura espontanea; e impedir a entrada do ar, applicando sobre a abertura, depois de evacuado o pus, um pedaço de encerado. Fazer no fóco injecções com tintura de iodo misturada com agua 531. Combater a lesão do osso com oleo de figado de bacalháo 631, medicamentos tonicos 807, vinho, regimen analeptico 785, banhos quentes aromaticos 444, banhos do mar.

ABDOMEN V. VENTRE.

ABORTO ou **Movito.** Expulsão prematura do feto, morto, ou vivo, mas não podendo continuar a viver.

Tratamento preservativo. Evitar as emoções moraes e physicas.

Tratamento palliativo. Se o aborto fôr inevitavel, espera-lo sem atormentar a doente com remedios inuteis. Declarando-se grande hemorrhagia, recorrer ao tampão com mechas de fios. Depois da sahida do feto, a mesma medicação e os mesmos cuidados que no parto ordinario.

ACCIDENTE. Symptoma, ou lesão que sobrevem no curso de qualquer molestia interna ou externa, sem que haja razão de espera-lo.

ACEPHALOCYSTO. V. HYDATIDA.

ACIDEZ. V. AZÍA.

ACNE. Erupção de botões ou de pustulas pela pelle. Ha varias especies de acne : 1° *Acne simples* ou *espinha carnal;* consiste em pustulas, isoladas, acuminadas, cercadas de aureola vermelha, espalhadas pela face, espaduas, peito; seguidas, depois de seccas, de manchas violaceas, de indurações tuberculosas ou de pequenas cicatrizes. 2° *Acne endurecida;* sarabulhos como os da primeira especie, maiores, mais numerosos, mais duros e mais dolorosos. 3° *Acne ponctuada;* canaes das glandulas sebaceas intumecidos, cheios de materia sebacea, concreta, em fórma linear ou vermiforme, preta na extremidade do canal, e ás vezes sobresahida; situação no rosto. 4° *Acne varioliforme;* pequenas proeminencias tuberculosas, arredondadas, umbilicadas, formadas pela hypertrophia das glandulas sebaceas com concreção e retenção do seu producto. 5° *Acne rosacea*, *gota rosada* ou *caparrosa*; principia por manchas vermelhas nas faces, nariz, testa ou orelhas. Estas manchas, que augmentão depois da comida, são lisas, luzentes, ás vezes inchadas, com leve exfoliação e calor no rosto. Em gráo mais adiantado, cobre-se a superficie de linhas azuladas, varicosas. O nariz adquire um volume mais consideravel, e fórma differente da que tinha. A acne rosacea póde não limitar-se ao rosto, e em algumas senhoras, cuja parte superior do tronco está descoberta, vêem-se manchas vermelhas nas espaduas, costas e peito. Esta acne póde existir só; as mais da vezes, porém, é acompanhada de algumas espinhas ou pustulas de acne simples ou endurecida.

O *tratamento geral* de todas as especies de acne é o seguinte : regimen simples, composto pela maior parte de vegetaes; uso habitual de bebidas refrigerantes, taes como a limonada de limão, de laranja, tamarindos; uso de fructas; abstinencia de bebidas alcoolicas; de vez em quando um purgante. Quanto ao tratamento local, varía este conforme a intensidade da molestia. Se não existem senão alguns pontos negros de *acne pontuada*, não necessitão senão de um leve tratamento; comprime-se simplesmente o folliculo, e faz-se sahir a materia sebacea. Mas se a acne pontuada é confluente, cumpre empregar lavatorios alcalinos com solução de borax 313, ou de subcarbonato de soda (15 gram. para 500 gram. d'agua).

Na *acne simples*, e sobretudo na *acne rosacea*, lavar o rosto, duas vezes por dia, e por espaço de um minuto, com agua quente de temperatura tão elevada que o doente possa apenas supporta-la. Estes lavatorios serão feitos ora com agua quente simples, ora misturada com algumas gottas de tintura de benjoim 310, ou com fraca dóse de solução de sublimado (para um copo d'agua quente

uma colher *de chá* de uma solução de 40 centigrammas de sublimado em 60 grammas d'agua distillada). Se este tratamento, continuado por algumas semanas, não produzir melhoras, usar de applicações do oleo de cade 628, ou do oleo de noz de cajú 325. Repetir a applicação do oleo de cade de dois em dois dias, e a do oleo de cajú, sómente cada cinco ou seis dias. — O tratamento do Dr. Hardy contra a acne simples é o seguinte : Um banho sulfureo geral de dois em dois dias 746, lavar o rosto com solução de sulfureto de potassio 747, ou com solução de borax 313. Na acne varioliforme destruir os folliculos, tocando a parte saliente com uma gotta de acido azotico; forma-se uma escara que cahe no fim de 15 dias deixando uma pequena cicatriz.

As outras applicações, aconselhadas contra as diverssas acnes são : lavatorios com infusão de rosas, de salva, de alfazema; cataplasma de fecula 461, cold-cream 448, pomada de pepinos 658, glycerina 501; glycereo de tannino 754, pomada antidartrosa de Gibert 259, solução de borax de Hufeland 313, pomada de proto-iodureto de mercurio 609, tintura de iodo 531; lavatorios com agua de Vichy 231.

Applicações de pannos molhados em agua vegeto-mineral 146, em solução de pedrahume 258, no lavatorio de Gowland 607. Tocar as espinhas com pincel molhado em agua de creosota 406. Pomada de iodureto de enxofre 535, pomada de calomelanos 604, pomada de calomelanos camphorada 605. Pomada antiherpetica 605, 611, 612. Pomada contra a espinha carnal 754. Vapores d'agua quente simples dirigidos, por dez a quinze minutos, ao rosto. Collodio estendido sobre a superficie affectada 395. Pomada alcalina opiada 348. Banhos geraes d'agua morna simples. Caldas da Rainha 197, e outras aguas sulfurosas, em bebida e banhos 184. Banhos do mar.

ADENITE. Inflammação de uma glandula. *Aguda.* Dôr, inchação, vermelhidão, ás vezes suppuração. — Cataplasma de linhaça 560, ou de fecula 461. Abrir o abcesso, se elle vier a formar-se. — *Chronica.* Os symptomas são menos intensos do que os da adenite aguda. — Fricções com pomada de iodureto de potassio 538; applicações de pannos molhados em tintura de iodo 531; emplasto de cicuta 79. Regimen analeptico 785. Banhos aromaticos 444.

ADHERENCIAS VICIOSAS. Destrui-las por dissecções delicadas, e oppôr-se á sua nova formação, introduzindo entre as partes divididas pequenas tiras de panno fino. V. CICATRIZES VICIOSAS.

ADYNAMIA. Debilidade; prostração physica e moral. — Quina e suas preparações 684. Vinho puro. Fricções alcoolicas sobre a pelle. Infusão de lupulo 564, de marroios 595, e outros medicamentos tonicos 807.

AFFLICÇÃO. V. AFFRONTAÇÃO.

AFFRONTAÇÃO. Sensação de calor que sobe do ventre ou do peito á cabeça, com coloração da face, afflicções precordiaes e tonturas. — Pediluvio sinapizado 616. Tirar todos os vestidos e todos os atilhos que possão pôr obstaculo á circulação e á respiração. Assentar o doente n'uma cadeira de braços ou sobre a cama, sustentando-lhe o corpo com almofadas, dar-lhe a beber algumas colheres d'agua fria com assucar e agua de flores de laranjeira, ou com 20 gottas de ether sulfurico 455. Dar-lhe a respirar vinagre. Sangria havendo plethora. Tratar as causas. V. ASTHMA, HYPERTROPHIA DO CORAÇÃO, HYSTERISMO.

AFOGADOS (Socorros aos). V. ASPHYXIA.

AGALACTIA. Falta de leite nas amas. — Cataplasmas de linhaça quentes nos seios 560. Fricções no seio com alcoolato de alfa-

zema 248. Alimentação composta principalmente de substancias farinaceas, como feijões, arroz, cangica, etc. A agalactia depende ás vezes da gravidez da ama, é preciso então mudar de ama. Outras vezes, porém, depende da metrite, peritonite, tisica incipiente: cumpre n'estes casos combater as causas.

AINHUM. Degeneração gordurosa, lenta e progressiva dos dedos minimos, e ás vezes dos quartos dedos dos pés, produzindo a sua quéda em um periodo mais ou menos longo que póde variar de um a dez annos. Esta molestia é frequente entre a raça preta na costa d'Africa, onde os pretos nagôs lhe chamão *ainhum*; existe tambem entre a raça india em Pondichery, capital do Indostão francez, e foi observada no Brasil, especialmente na Bahia, nos pretos africanos sobretudo, e ás vezes nos pretos crioulos. As pretas parecem menos sujeitas a esta affecção do que os pretos. Até hoje não ha um só exemplo de ter-se manifestado nos brancos. A degenerescencia acommette quasi exclusivamente os dedos minimos de um pé, rara vez de ambos os pés; poucos são os casos em que o quarto dedo foi compromettido. O Sr. Dr. J. F. da Silva Lima, eminente medico da Bahia, foi o primeiro que fez d'ella a descripção na Gazeta medica da Bahia (vol I, p. 146, anno de 1867). O distincto Sr. Dr. Moncorvo, em uma das sessões da Academia de medicina do Rio de Janeiro, em 1874, communicou um caso de ainhum, por elle observado e operado no hospital da cidade de Valença, na provincia do Rio de Janeiro, em um preto africano de 40 annos de idade. Outro distincto medico do Rio de Janeiro, o Sr. Dr. J. Pereira Guimarães, publicou em Setembro de 1875, nos *Annaes brasilienses de medicina*, a observação da mesma molestia, notada no Rio de Janeiro, em um preto, natural d'Africa, de 50 annos de idade. Em Buenos-Ayres, o Sr. Dr. Argerich fez a operação de ainhum em um preto natural da ilha de Bourbon (Setembro, 1876). N'este ultimo caso o dedo compromettido foi o quarto dedo do pé direito, nos outros o dedo minimo.

As *causas* do ainhum são inteiramente desconhecidas.

Começa por um rego, ás vezes escoriado, na face interna do dedo sem dôr intensa nem phenomeno algum inflammatorio. Gradualmente o rego vai circulando o dedo; este augmenta de volume, de sorte que, para o fim, a cabeça do dedo adquire duas ou tres vezes o seu volume ordinario, e assemelha-se a uma pequena batata. Pouco a pouco o rego torna-se profundo; ulcera-se ás vezes; mas, de ordinario, cobre-se apenas de pequenas escamas epidermicas que se renovão constantemente. Quando o rego é circular e muito profundo, o dedo adquire grande mobilidade, podendo-se inclina-lo em qualquer sentido, e mesmo imprimir-lhe um movimento de rotação; mas não tem movimento algum proprio. N'este periodo da molestia o osso da primeira phalange tem desapparecido completamente ao nivel do rego circular; da segunda phalange existem apenas vestigios; a ultima phalange é aquella cujo tamanho está menos reduzido; um pediculo delgado prende só o dedo ao pé: existem dôres que alguns doentes comparão como se um verme lhes estivesse a roer o osso; o dedo, inclinando-se para baixo embaraça a marcha, por estar sujeito a topadas extremamente dolorosas; e é então que os doentes reclamão a amputação como unico allivio. É tambem o unico meio a que se póde recorrer no periodo adiantado da molestia. A amputação faz-se com tesoura ordinaria, e pratica-se como se se cortasse uma verruga. Ha diminuta perda de sangue por uma pequena arteria; a compressão da ferida com o dedo, e aspersões d'agua fria dão fim, ordinariamente, a esta hemor-

rhagia; ás vezes é necessario, para vedar o sangue, applicar fios ou isca molhada em solução de perchlorureto de ferro; ou, então, cauterizar a ferida com o nitrato de prata. Cura-se a ferida com fios untados de ceroto simples ou de balsamo de Arceus; em poucos dias a cicatrização está completa.

Na costa d'Africa os pretos costumão enleiar um fio no rego circular com o fim de apressar a quéda do dedo affectado.

Não se conhece ainda medicamento para soster a marcha da molestia. Varios unguentos tem sido empregados, sem evitar a perda do dedo. É util applicar uma cataplasma feita de farinha de mandioca e mel de abelhas. O Dr. Silva Lima propõe que, logo que começar a manifestar-se a constricção circular da pelle, se pratiquem incisões perpendiculares ao sulco inicial.

ALBINISMO. Anomalia de organização, que consiste na diminuição ou ausencia da materia corante da pelle. Póde ser total ou parcial. Não ha tratamento que o cure; minora, porém, com a idade.

Previne-se o deslumbramento da vista, de que soffrem os albinos, pelo emprego dos oculos azues ou stenopeicos. Dá-se este ultimo nome aos oculos ordinarios, cujos vidros são substituidos por laminas metallicas, tendo no centro uma pequena abertura circular.

ALBUGO. V. BELIDAS DA CORNEA.

ALBUMINURIA, Nephrite albuminosa ou **Molestia de Bright.** Molestia caracterizada symptomaticamente pela presença da albumina nas ourinas, pelo edema do rosto, perturbação da vista, anasarca geral, ou outras hydropisias; e anatomicamente por congestão passageira dos rins ou por lesões renaes de aspectos differentes, que produzem a obstrucção dos canaes uriniferos. Verifica-se a presença da albumina na ourina por meio do calor e do acido azotico, que ambos tem a propriedade de coagular esta substancia. Para este fim aquece-se com alampada um pouco de ourina n'um tubo de vidro, e se o precipitado obtido não se dissolver pela addição de uma gotta de acido azotico, será prova de que é formado de albumina. Póde-se dizer o mesmo quando, em outro tubo, a ourina precipitar directamente pelo acido azotico, e quando o precipitado não se dissolver n'um excesso de acido ou pela ebullição. — A albuminuria dependente da affecção dos rins, constitue só a verdadeira molestia; não se deve confundir com certas albuminurias accidentaes. Com effeito, a presença da albumina na ourina observa-se na gravidez, na inflammação da bexiga, na escarlatina, na diphtherite, na hematuria, etc. Estas albuminurias desapparecem com a molestia principal. No estado de saude a ourina não contém albumina.

Symptomas. A albuminuria póde começar subitamente por calefrios, febre, dôres nas cadeiras, o que constitue a *fórma aguda.* A ourina, segregada em menor quantidade do que no estado ordinario, é avermelhada a principio; mas no fim de alguns dias torna-se de côr citrina pallida, e pela albumina que então contém mais espumosa do que no estado normal. A quantidade de ourina vertida em 24 horas desce muitas vezes abaixo de 700 e mesmo 500 grammas. Sobrevem inchação do rosto, e de outras partes do corpo. Em duas ou tres semanas a molestia póde curar ou passar ao estado chronico. A *fórma chronica* póde ser consecutiva á fórma aguda; porém, as mais das vezes é primitiva; e eis-aqui os symptomas: a ourina é pouco abundante, pallida, de pouco cheiro, precipita abundantemente albumina pelo calor ou pelo acido azotico; diminuição progressiva das forças, peso nas cadeiras, inchação das

palpebras, dos pés, ascite, enfraquecimento da vista, diplopia, cegueira, vertigens, delirio, convulsões.

Tratamento. Na fórma aguda : cozimento de grama e nitro 297, agua de Sedlitz 183; banhos d'agua tepida; fumigações de bagas de zimbro, sobre o corpo nú, coberto com cobertor de lã 783; preparações de digital 416. Tomar leite em abundancia. — Na fórma chronica, regimen mixto, tonico e lacteo; comidas muito salgadas; 4 a 8 grammas de sal marinho n'um copo de leite por dia (Jaccoud); tannino 753, perchlorureto de ferro 469; ferro reduzido 463, ferro dialysado 466. Contra a hydropisia : vinho de coloquintidas 397, vinho diuretico de Trousseau 725, vinho diuretico amargo 725.

ALFINETE ENGULIDO. Se o alfinete se tiver pregado na garganta, extrahi-lo com os dedos ou com uma pinça, empregando o cabo de uma colher para abaixar a lingua, e para tornar visivel o fundo da bocca. Não podendo ser extrahido, o alfinete engulido desce as mais das vezes ao estomago com a cabeça para baixo, corre assim todo e intestino, e sahe com os excrementos. Outras vezes, fura os tecidos, caminha por debaixo da pelle, e vem formar proeminencias no pescoço, ou em outro ponto, d'onde pode ser tirado por meio de pequena incisão, quando não fôr expellido naturalmente pela formação de um pequeno tumor que vem a furo exteriormente.

ALIENAÇÃO MENTAL ou **Demencia.** Desordem da intelligencia, das sensações, das paixões, sem lesão notavel das funcções de nutrição nem de geração. — Tratamento moral e hygienico. Exercicios. Cultura de jardim e outros trabalhos manuaes. Banhos. Emborcações. Isolamento, quando elle fôr necessario para o tratamento geral e para a segurança publica. Narcoticos 802. Antispasmodicos 789. Purgantes 804. Causticos na nuca. Regimen brando.

ALMORREIMAS. V. HEMORRHOIDAS.

ALOPECIA. Quéda dos cabellos, parcial ou total; quando ataca a cabeça, chamão-lhe mais particularmente *calvicie.* — Regimen analeptico. Pomada de Dupuytren contra a quéda do cabello 344. Embrocação contra a alopecia 344. Pomada de Schneider 345. Pomada philocoma 688. Pomada de Reveil 743. Pomada de tannino 754. Pomada com acido gallico 155. Pomada de alcatrão 241. Pomada de Dauvergne 241. Pomadas preparadas com extracto de quina, gomma kino, balsamo peruviano, benjoim. Lavar a cabeça, com agua salgada, com solução de sulfato de ferro 474, com agua saturada d'agua de Colonia, com rhum, com vinho de quina 684, com dissolução de sulfureto de potassio 746. Lavatorio antipsorico de Biett 747. Lavatorio de Barlow 747. Cortar o cabello, e rapar frequentemente a cabeça, se o cabello principiar a cahir. Antisyphiliticos 789, se a alopecia depender de syphilis.

Alopecia palpebral. Tocar a margem ciliar da palpebra com pedra infernal, com agua de creosota 407, com oleo de cade, misturado em p. ig. com azeite doce 628. Ceroto sulfurado 439.

ALPORCAS. V. ESCROPHULAS.

AMARGOR DE BOCCA. Chá de macella 580. Rhuibarbo 695. Pós estomachicos 327, 497, 685, 697.

AMAUROSE ou **Gota serena.** Perda total da vista, sobrevindo sem haver obstaculo ao accesso dos raios luminosos no fundo do olho. Quando ha só enfraquecimento da vista, sem lesão apreciavel, este estado chama-se *amblyopia.* Depois da invenção do ophthalmoscopio sabe-se que a amblyopia e a amaurose são symptomas das molestias do corpo vitreo, da choroide, da retina, da papilla do nervo optico, de todas as partes do globo ocular em geral. Em con-

sequencia do que um tratamento unico não lhe póde ser applicado, varía segundo a natureza e a causa d'estas affecções. Ás vezes; porém, o ophthalmoscopio não descobre lesão alguma no interior do olho.

Symptomas. Na *amblyopia* os doentes queixão-se de vêr os objectos atravez de uma nuvem; ás vezes vêem só uma parte d'elles; julgão distinguir uma mosca que encobre uma parte do objecto que olhão. Estas perturbações desapparecem pelo repouso dos olhos, mas voltão pela menor fadiga. Em muitos casos não ha symptomas geraes; em outros observão-se dôres nevralgicas, cephalalgias, vertigens. A pupilla está dilatada, contrahe-se lentamente. Este estado póde ficar estacionario durante muito tempo, a molestia póde mesmo sarar, mas muitas vezes a amblyopia augmenta e torna-se em *amaurose.* As pessoas *amauroticas* tem a vista completamente perdida, não distinguem o dia da noite, os olhos são fixos, a pupilla é dilatada; no estado de saude a pupilla diminue e augmenta alternativamente quando se abaixa e levanta a palpebra : é immovel na amaurose.

Muitas *causas* podem produzir a amblyopia e a amaurose; são : o abuso prolongado das bebidas alcoolicas, o abuso de tabaco, uma contusão do globo do olho, uma lesão do nervo supra-orbitario, o hysterismo, a suppressão dos menstruos, a intoxicação pelo chumbo ou belladona, a albuminuria, o diabetes, etc.

Tratamento. Se existir só amblyopia, o doente deve evitar fadigas do orgão da vista. Combater todas as molestias de que a amblyopia é o symptoma. Eis-aqui os diversos meios que são aconselhados, quando pelo ophthalmoscopio não se póde descobrir lesão alguma :

Amaurose incompleta ou amblyopia. Trabalhar pouco á luz. Usar de oculos de côr. Trazer habitualmente antolhos verdes. Banhos frios do mar ou de rio. Lavar o rosto e a cabeça com agua fria. Lavar os olhos com agua fria misturada com um pouco de rhum, espirito de vinho, agua de Colonia ou aguardente camphorada 332. Fricções na testa com linimento phosphorado 665. Vida regular; evitar excessos de qualquer genero.

Amaurose declarada. Purgantes 805. Pediluvios sinapizados 616. Causticos, fontes na nuca. Evitar a luz viva. Provocar os menstruos, as hemorrhoidas, se a amaurose depender da suppressão d'estes fluxos. Fumigações estimulantes com balsamo de Fioravanti 759, ou com ether sulfurico 454. Fazem-se estas fumigações derramando algumas gottas das substancias indicadas sobre a palma da mão, e approximando esta ao olho. Fumigações de gaz ammoniaco, que se fazem approximando ao olho um frasco contendo alcali volatil, ou só a rolha humida do mesmo frasco 265. Uso de rapé. Pomada de Gondret sobre o trajecto do nervo frontal 266. Embrocação ophthalmica de Sichel 266. Vesicatorios á região supra-orbitaria. Curativo d'estes vesicatorios com strychnina 734. Collyrio de Henderson 734. Linimento de Furnari 735. Alcool de veratrina em fricções 775. Aguas mineraes ferreas 181, sulfurosas 184. Arnica. Almiscar. Camphora. Valeriana. Opio. Electricidade 423. Leve applicação de azotato de prata á circumferencia da cornea. Internamente, medicamentos tonicos : infusão de lupulo 564, xarope de genciana 497, ferro reduzido 463.

AMBLYOPIA. Enfraquecimento da vista sem causa visivel no exterior. V. AMAUROSE.

AMENORRHEA. Falta, suppressão ou irregularidade da menstruação. Ha *amenorrheas constitucionaes* em relação com o máo

estado geral de saude, tal como a fraqueza geral, a diathese escrophulosa, a chlorose, a anemia, a miseria, a inanição, a vida sedentaria, a tristeza, a convalescença; *amenorrheas locaes* produzidas por alguma molestia do utero ou da vagina; e *amenorrheas sympathicas* em relação com as molestias de um orgão differente do utero. A gravidez é uma das causas mais ordinarias da amenorrhea. No momento dos menstruos, as mulheres que experimentão alguma emoção moral viva, e particularmente o susto, ou um resfriamento subito do corpo ou dos pés, tem quasi sempre uma suppressão immediata do fluxo menstrual, seguida, ás vezes, de alguma molestia grave. A amenorrhea existe muitas vezes sem produzir nenhuma perturbação de saude. A esterilidade é a consequencia ordinaria da amenorrhea. Os incommodos proprios da amenorrhea são: calor no rosto, dôr de cabeça, vertigens, zunidos nos ouvidos, peso na cabeça, somnolencia, dôres nas cadeiras, e ás vezes epistaxis ou escarros de sangue. N'uma senhora casada a amenorrhea está tão ordinariamente ligada á gravidez incipiente, que não convem administrar medicamentos para provocar o fluxo menstrual, mas sim esperar a apparição dos outros signaes da gravidez. N'uma joven, a amenorrhea é quasi sempre o signal precursor da chlorose.

Tratamento. Ha differentes indicações a preencher no tratamento da amenorrhea. Com effeito, a suppressão dos menstruos depende da prenhez confessada, ou que se pretende dissimular, e então nada se deve fazer; ou está ligada á lesão do utero ou da vagina que é preciso tratar; ou, emfim, depende do estado constitucional da chlorose, anemia, escrophulas, que se devem combater pelos meios apropriados. — Fazer a incisão do hymen, se a amenorrhea fôr occasionada pela imperforação d'esta membrana. — Eis-aqui o *Formulario da amenorrhea* que depende do estado constitucional:

Pediluvio sinapizado 616. Semicupio d'agua quente. Tomar uma chicara de chá de macella 580, de arruda 284, de artemisia 288, de sabina 705, de herva cidreira 516, de hysopo 528. Sinapismos nas coxas 616. Ventosas seccas no hypogastro, face interna das coxas e na região lombar. Dirigir ao utero vapores d'agua quente ou de infusões aromaticas. Eis-aqui como se procede. Introduzem-se no ourinol folhas de salva, losna, hortelã, tomilho ou alfazema, e por cima d'ellas deita-se agua fervendo; a doente senta-se no ourinol com precaução, e recebe as fumigações por espaço de 10 a 15 minutos; deita-se depois na cama, e antes de adormecer bebe uma chicara de chá de herva cidreira 516. As fumigações d'agua quente simples produzem tambem bom resultado. Pilulas de Blaud 473. Pilulas de ferro e aloes 464. Pilulas de Vallet 473. Ferro reduzido 463 e outras preparações de ferro 463 a 476. Iodureto de ferro 535. Aloes. Castoreo. Pilulas de Rufus 253. Pós emmenagogos 622, 705. Suppositorio irritante no recto 279. Pilulas emmenagogas 144. Poção emmenagoga 145, 267. Emulsão emmenagoga 145. Poção de Raciborski contra a dysmenorrhea 217. Banhos frios d'agua corrente. Banhos do mar. Banhos aromaticos 444. Medicamentos tonicos 807. Fricções seccas pelo corpo. Semicupios com farinha de mostarda. Insolação, exercicios, passeios a cavallo, habitação no campo, vinho, regimen analeptico, aguas ferreas 181, se a amenorrhea provier da fraqueza de constituição. V. *Dysmenorrhea.*

AMNESIA. Diminuição notavel ou perda completa da memoria produzida por molestias organicas do cerebro, por grandes hemorrhagias, excessos de diverso genero e outras causas de esfalfamento. Contra a amnesia que depende de alguma molestia grave

do cerebro, ordinariamente nada ha a fazer. Contra a amnesia que provém do esfalfamento, empregar os tonicos 807, os ferruginosos 462 a 476. Em certos casos, as cúbebas na dóse de 2 a 4 grammas por dia, continuadas por 15 a 20 dias, produzirão a cura 407.

AMOLLECIMENTO DO CEREBRO. Molestia caracterizada no cadaver pela diminuição de consistencia da polpa cerebral; e durante a vida por um enfraquecimento gradual das faculdades intellectuaes, do movimento e sentimento, diminuição da memoria, falla difficil, e, nos casos mais graves, pela paralysia geral. — Sangria no começo, mas só nos casos de plethora. Medicamentos tonicos, como a quina 684, preparações de ferro 462 a 476, regimen analeptico. Purgantes repetidos 804. Causticos na nuca 343.

AMOLLECIMENTO DAS GENGIVAS. Collutorios com tintura de cochlearia e alcool camphorado, em p. ig. Collutorio antiscorbutico 392. Collutorio de borax 313. Electuario gengival 359. Gargarejos adstringentes 259, 313, 491, 693, 702, 753. Tintura gengival 687. Tocar as gengivas com pedra infernal. Purgantes 804. Regimen vegetal. Fructas. V. *Estomatite.*

AMOLLECIMENTO DA MEDULLA ESPINHAL. Entorpecimento do corpo, paralysia progressiva da bexiga e dos membros inferiores, se o amollecimento existir na região lombar; difficuldade de respirar e paralysia dos membros superiores, se existir na região dorsal ou cervical. — Causticos 343, e fontes no lugar da dôr 674. Banhos geraes mornos. Banhos aromaticos 444. Banhos do mar. Aguas sulfurosas 184. Caldas da Rainha 197. Purgantes 804. Iodureto de ferro 535. Oleo de figado de bacalháo 631.

AMOLLECIMENTO DOS OSSOS. V. RACHITISMO.

AMYGDALITE. V. ANGINA TONSILLAR.

ANAPHRODISIA. V. IMPOTENCIA VIRIL.

ANASARCA. Intumecencia geral ou muito extensa do corpo e dos membros, produzida pela accumulação de serosidade no tecido cellular subcutaneo. — A anasarca não differe do edema senão pela sua extensão; este é sempre parcial, aquella geral. As molestias organicas do coração, a albuminuria, a anemia no seu mais alto grão, as molestias do figado, a intoxicação palustre, as febres intermittentes que durárão muito tempo, etc., são as causas ordinarias da anasarca. — Bebidas diureticas 795, sudorificas 806. Digital 415. Pós diureticos 416, 724. Pilulas de Dupuy 416. Poção diuretica 148. 150, 416, 725. Linimento diuretico 417. Colchico 393. Poção de Harless 267. Mistura diuretica de Hildebrand 395. Scilla. Pilulas scilliticas 724. Pilulas diureticas 442, 724. Cozimento de scilla composto 725. Nitro 297. Vinho diuretico inglez 725, de Trousseau 725. Vinho diuretico amargo 725. Fricções com tintura de digital e scilla. Purgantes drasticos 805. Oleo de croton tiglium 629. Vesicatorios 343. Escarificações. Banhos de vapor. Fumigações de bagas de zimbro 783. Tratamento com leite, cebolas e dieta secca 558. A anasarca que é consecutiva ás febres intermittentes cede ao vinho de quina 684.

ANCA (**Dôr de**). V. COXALGIA.

ANCHILOPS. Pequeno phlegmão situado perto do angulo interno do olho, ao lado do sacco lagrimal, e não no sacco, o que distingue o anchilops do *tumor lagrimal.* Cura-se com cataplasma de linhaça 560, ou de fecula 461. Formada a collecção purulenta, importa abri-la com muita precaução, afim de não offender o sacco lagrimal, o que daria lugar a uma fistula lagrimal; é preciso, pois, incisar os tecidos camada por camada. Chegando o anchilops a abrir-se, suc-

cede-lhe uma pequena ulcera arredondada, que se chama *egilops*. Esta ulcera cede ás applicações repetidas da pedra infernal.

ANCHYLOSTOMO ou *Anchylostomo duodenal*. Pequeno verme que habita no intestino duodeno do homem. É mui pequeno, cylindrico; o macho tem 6 a 8 millimetros de comprimento; a femea 8 a 10 millimetros de comprimento e 0^{mil},27 de espessura. Por meio dos quatro dentes, de que sua bocca está armada, fixa-se em numero ás vezes consideravel na membrana mucosa do intestino, no centro de uma ecchymose que determina. Segundo o Dr. Wucherer, as perdas de sangue, mui pequenas sem duvida, mas incessantemente renovadas, que determinão estes vermes, occasionão a molestia chamada *opilação*. (V. esta palavra.)

ANCIA. V. AFFRONTAÇÃO.

ANEMIA. Diminuição dos globulos rubros do sangue. 1000 partes de sangue, no estado de saude, contém, termo médio, 127 partes de globulos. O numero 80 é o limite em que o vicio de sangue principia a ser morbido. A agua augmenta no sangue á proporção que os globulos n'elle diminuem. A anemia é caracterizada pela diminuição da côr da pelle e fraqueza geral. A anemia é um symptoma commum a grande numero de molestias ou estados morbidos. Muitas crianças nascem anemicas, ou por fraqueza dos paes, ou por falta do seu proprio desenvolvimento. Depois do nascimento póde estabelecer-se a anemia por falta da nutrição sufficiente; por falta do ar necessario, da luz solar, e mesmo por excesso da temperatura do clima. Muitas causas debilitantes trazem a anemia comsigo, taes são os esforços excessivos, intellectuaes e physicos, dôres excessivas e prolongadas, paixões, desgostos continuados da vida, perdas grandes de sangue. Ha infinidade de molestias que conduzem á anemia, como sejão a tisica, o cancro, as escrophulas, a arthrite, a syphilis, as differentes febres, e sobretudo as intermittentes. A anemia que se desenvolve nas jovens na epoca da puberdade, caracteriza a molestia chamada *chlorose* (V. esta palavra). Nos paizes quentes concorrem muitas causas para a producção do estado anemico, a intoxicação pantanosa, as dysenterias, as perdas de sangue; mas casos ha em que as causas conhecidas não bastão para explica-lo; são estes justamente que se designão debaixo do nome de *opilação* (V. esta palavra).

O *tratamento* das anemias varía naturalmente conforme os casos. Os meios therapeuticos que mais emprego achão são os tonicos, e sobretudo as preparações de ferro 462 a 476, pilulas de Vallet 473, pilulas de Blaud 473, vinho de quina 684, vinho de quina composto 686, vinho de quina ferruginoso 686, vinho amargo de Dubois 686, vinho de genciana 497, vinho de quina e cacáo 686, de quassia 678. Infusão de lupulo 564, de raiz de chicoria 368. Vinho do Porto. Boa alimentação; geléas animaes e vegetaes 494. Banhos quentes aromaticos 444. Banhos frios de rio ou do mar. Fricções pelo corpo com linimento de Rosen 614. Maçadura 565. Ar salubre do campo.

ANESTHESIA DA FACE. V. PARALYSIA DO ROSTO.

ANEURYSMA DAS ARTERIAS. Tumor formado por sangue e communicando com a cavidade de uma arteria. A aneurysma chama-se *espontanea* quando apparece sem ferimento, ou quando as paredes do sacco são formadas pelas tunicas arteriaes mesmas, que perdêrão a resistencia por causa de inflammações ou degenerescencias chronicas. A aneurysma tem o nome de *traumatica* quando succede á ferida de uma arteria. N'este caso, a arteria era sã, mas foi perfo-

rada; o sangue derramou-se nos tecidos visinhos, e as paredes do sacco são formadas pelo tecido cellular ou pelos orgãos visinhos da arteria dividida. — Segundo a séde que occupão, as aneurysmas são *internas* ou *externas*.

I. Aneurysmas espontaneas. — *Symptomas.* Tumor pulsativo de fórma e de volume variaveis, situado sobre o trajecto de uma arteria, cessando de bater quando se comprime a arteria entre o tumor e o coração, batendo mais fortemente quando a compressão é feita abaixo do tumor, — desapparecendo ás vezes totalmente ou em parte quando se comprime com a mão, — sem mudança de côr na pelle, — com dòr ou sem ella segundo um nervo é ou não é comprimido, — pulsações isochronas com as pancadas do pulso, manifestadas por uma dilatação do sacco a cada onda sanguinea, — ruido de folle que se faz ouvir quando se applica a orelha sobre o tumor. Passado certo tempo as paredes das aneurysmas tornão-se espessas, por conseguinte o movimento de expansão, o ruido de folle, enfraquecem-se e desapparecem, o tumor torna-se irreductivel.

A aneurysma tem tendencia para augmentar de volume continuadamente. Abandonada a si mesma termina pela cura espontanea, o que é raro, ou pela ruptura do sacco, o que é frequente. A aneurysma rompe-se debaixo da pelle ou atravez da pelle adelgaçada : a hemorrhagia é mortal; ou o sangue infiltrado no tecido cellular provoca phlegmões e gangrenas graves. A cura espontanea effectua-se pela obliteração por coalhos fibrinosos; annuncia-se pela desapparição das pancadas; o tumor torna-se duro, irreductivel, retrahe-se e acaba por desapparecer, não deixando outro vestigio mais do que uma grossura da parede arterial.

Tratamento. Consiste em produzir a coagulação do sangue no sacco aneurysmal. Obtem-se este resultado pelos meios seguintes : 1° *Compressão da arteria* por cima do sacco feita com os dedos. Pratica-se por muitas pessoas, que, cada uma a seu turno, comprimem a arteria durante cinco a dez minutos, ou por mais tempo. O doente póde tambem comprimir a arteria quer com os dedos, quer applicando sobre a arteria um sacco cheio de grãos de chumbo. Tanto quanto fôr possivel, a compressão deve ser contínua e total, a sua duração é muitas vezes de alguns dias; é mais facilmente tolerada do que por instrumentos compressivos. Debaixo da sua influencia, o tumor abaixa-se a principio, depois recobra o seu volume e apresenta mesmo fracas pulsações devidas á volta do sangue pela circulação collateral. Mas no maior numero de casos, a formação dos coalhos é rapida, e a aneurysma toma uma consistencia solida. Termo médio, tres dias de compressão bastão para obter a cura; é raro que a solidificação do tumor não sobrevenha no fim de um ou dois mezes. Emfim, a compressão falha ás vezes, comtudo deve ser empregada antes de recorrer a outros meios. — 2° *Flexão.* Quando a aneurysma existe ao nivel de uma articulação (cotovelo, curva da perna, etc.), póde-se exercer sobre ella uma compressão directa pela flexão. Este methodo conta já bastante numero de curas. — 3° *Injecções coagulantes* no interior do tumor com a solução de perchlorureto de ferro a 30°. — 4° *Ligadura da arteria.* Pratica-se pelo lado de cima da aneurysma, ou pelo lado de baixo, ou de ambos os lados ao mesmo tempo.

II. Aneurysmas traumaticas. São as que resultão do ferimento de uma arteria. O derramamento sanguineo póde formar-se immediatamente depois do ferimento; constitue então o que se chama *aneurysma falsa primitiva;* ou sobrevem algum tempo depois da lesão

arterial, e por uma especie de dilatação da cicatriz da arteria: chamão-lhe *aneurysma falsa consecutiva*. Em ambos os casos o derramamento sanguineo forma em volta da arteria ferida um tumor diffuso, acompanhado de pulsações e ás vezes de um leve sopro. — Sendo o tumor pequeno, a *compressão directa* do tumor póde produzir a cura. Se não se obtiver este bom resultado, recorre-se á *compressão indirecta* acima do tumor; no caso de máu resultado, abre-se largamente a aneurysma, em quanto se comprime a arteria, e faz-se a ligadura de duas extremidades.

Aneurysma da aorta. A aorta é uma grossa arteria que tem origem no coração, desce, ao longo da columna vertebral até á 4.ª vertebra lombar onde se divide em duas arterias iliacas primitivas. Durante o seu trajecto no peito chama-se *peitoral*, e, no abdomen, *abdominal*. É assaz frequentemente acommettida de aneurysma.

Symptomas da aneurysma da aorta peitoral. Oppressão, palpitações, dôres ás vezes agudas no peito; ruido de folle, de lima, de serra; som de rosnadura; elevação da parede thoracica á direita do sternon, quando a aneurysma occupa a aorta ascendente; tumor ou elevação na parte posterior do peito, quando a aneurysma existe na aorta descendente do peito; dyspnea, tosse, congestão do rosto, edema.

Symptomas da aneurysma da aorta abdominal. Dôres na região epigastrica ou nas cadeiras; tumor entre o epigastro e embigo ou no hypochondrio esquerdo; ás vezes vomitos depois das comidas; pela auscultação ouvem-se os mesmos ruidos morbidos que na aneurysma peitoral.

Tratamento em ambos os casos. Preparações de digital 414, para moderar a força das contracções do coração e diminuir a impulsão do sangue. Opio 636, para acalmar as dôres. Vida sobria regular, evitar os esforços physicos e impressões moraes. Regimen mais vegetal do que animal; fructas; limonadas de limão e de laranja. Abstinencia das bebidas alcoolicas.

ANEURYSMA DO CORAÇÃO. A palavra *aneurysma* foi applicada a principio exclusivamente ás arterias, mas alguns autores derão-lhe depois mais lata significação, e estendêrão este nome ás dilatações do coração, e dividírão as aneurysmas em *aneurysmas activas* e *passivas* do coração. Aquellas são impropriamente chamadas *aneurysmas*, porque consistem no augmento de espessura das paredes do coração, o que estreita as cavidades d'este orgão, em vez de as dilatar; a denominação de *hypertrophia* indica melhor a natureza d'esta molestia (V. *Hypertrophia do coração*). Quanto ás *aneurysmas passivas*, apresentão ellas, pelo contrario, um adelgaçamento das paredes do coração (V. *Dilatação do coração*).

ANGINA. Assim se denomina toda a affecção inflammatoria da garganta, caracterizada pela difficuldade mais ou menos intensa na deglutição e ás vezes na respiração. Ha diversas anginas.

Angina simples, *superficial, angina guttural, angina pharyngea, esquinencia, dôr de garganta, ataque de garganta, pharyngite.* É caracterizada pelos symptomas seguintes: calor e seccura da garganta, dôr durante a deglutição, esputo pharyngeo, vermelhidão das fauces, ás vezes febre. *Se fôr leve*, gargarejos com decocção de raiz de althea misturada com mel de abelhas. Gargarejo emolliente 257. Gargarejo calmante 419. Pediluvio sinapizado 616. Purgante de oleo de ricino 632, de sulfato de magnesia 585, ou de citrato de magnesia 584.

Se fôr intensa. Administrar um vomitorio. 5 a 10 centigrammas de tartaro emetico em 180 grammas d'agua. Bebidas emollientes: infusão de flores de malvas 587, de violas 781, de linhaça 560. Sinapismos nas pernas 616. Gargarejos emollientes 257, e mais tarde adstringentes 259, 313, 491, 693, 702, 753. Gargarejo adstringente de Bennati 259. Gargarejo estimulante 687. Pós de alumen assoprados para as fauces por meio de uma penna ou de qualquer outro tubo 258. Cauterização da garganta com pedra infernal. Repouso do orgão inflammado, isto é, silencio e abstenção de alimentos. As bichas não são necessarias, e ainda menos as sangrias geraes. Se se formar um abcesso, e existir no fundo da garganta um ponto amarellado e saliente, comprimir o tumor com o dedo, afim de produzir a sua ruptura. Não sendo sufficiente este meio, abrir o tumor com o bisturí para dar sahida ao pus. Abrir cedo o tumor, sem esperar a fluctuação evidente, quando o pus ameaçar romper caminho e correr longe. Deve-se cobrir a lamina do bisturí com sparadrapo ou com panno, até perto da ponta, para não cortar ou picar senão com a parte livre.

Se fôr chronica. Gargarejos adstringentes 259, 313, 491, 693, 702, 753. Gargarejo com agua misturada com alcool camphorado (5 p. de alcool camphorado para 100 d'agua). Pós de alumen assoprados para as fauces 258. Cauterização com pedra infernal. Gargarejo com chlorato de potassa 373. Aguas sulfurosas em bebida e gargarejos 184. Caldas na provincia de Minas no Brasil 195, Caldas da Rainha 197, de Vizella 234. A angina chronica póde depender do virus syphilitico; n'este caso recorrer aos medicamentos indicados contra a *syphilis.*

Angina tonsillar ou *amygdalite.* Inflammação das amygdalas, caracterizada pela inchação, dureza e vermelhidão d'estas glandulas. Póde ser aguda ou chronica. A *Amygdalite aguda* produz febre, impossibilidade de engulir, dôr durante a deglutição, voz guttural, inchação e dôr da região submaxillar. Occasiona ás vezes nas amygdalas abcessos que se abrem naturalmente, ou que é preciso abrir com o bisturí. Estes abcessos podem ser acompanhados de accessos de suffocação. A *Amygdalite chronica* produz frequentemente a hypertrophia das amygdalas, e occasiona frequentes recahidas da amygdalite aguda.

O *tratamento* da amygdalite leve é o mesmo que o da angina simples leve. Nos casos graves applicar bichas no pescoço. Um vomitorio de 5 a 10 centigrammas de emetico deve ser dado no começo; e se se formar um abcesso, convem repetir o vomitorio porque as contracções do pharynge, produzidas nos esforços, podem romper o abcesso e alliviar o doente. Contra a hypertrophia das amygdalas, empregar as insufflações de alumen em pó 258, a cauterização repetida com o nitrato de prata, os gargarejos adstringentes 259, 313, 491, 693, 702, 753; e, por fim, a excisão das amygdalas. Mas esta operação (a excisão das amygdalas) não deve ser praticada senão nos individuos expostos a frequentes recahidas, tratados inutilmente pelos meios acima indicados, e quando as amygdalas hypertrophiadas occasionão grandes incommodos.

Angina glandulosa ou *granulosa.* É uma inflammação chronica da garganta caracterizada pelo desenvolvimento, na membrana mucosa, de elevações do tamanho de um grão de milho painço. Os doentes experimentão de vez em quando picadas e cocegas na garganta; altera-se a voz; ás vezes sobrevem aphonia. Esta molestia acommette principalmente os individuos que se entregão ao exercicio

da palavra, os oradores, os pregadores, os cantores, ou os que fumão demasiadamente e abusão de bebidas alcoolicas.

O *tratamento* consiste em remover as causas; habitar no campo, perto dos matos que abundem em arvores balsamicas, aspirar os vapores de alcatrão 241, usar de caldas sulfurosas em pulverizações 116, gargarejos e bebida 184. Localmente : gargarejo iodurado 539, gargarejo adstringente de Bennati 259. Assoprar para as fauces assucar cande e subazotato de bismutho em partes iguaes; — a mistura de 1 parte de calomelanos com 12 partes de assucar; — sulfato de zinco, pós de Joannes, sulfato de cobre, cada uma d'estas substancias misturada com 36 partes de assucar; azotato de prata e 72 vezes o seu peso de assucar. Todas estas misturas devem ser porphyrizadas perfeitamente. Applicar na garganta tintura de iodo 531, solução de iodureto de potassio iodurado 538, solução de perchlorureto de ferro 468, solução de azotato de prata 301, agua phenica 158, solução de permanganato de potassa 660. Estes liquidos applicão-se com varinha de barbatana, curvada em angulo recto, e terminada por pequena esponja fixada solidamente na extremidade. Curva-se a barbatana aquecendo-a no lugar onde deve ser dobrada.

Angina diphtherica; *angina membranosa, cuennosa, pelliculosa, pultacea, caseiforme; diphtherite; esquinencia maligna.* Com estes diversos nomes disigna-se a inflammação especial da garganta, caracterizada pela exsudação fibrinosa, que se estende em camada na superficie das fauces, reproduz-se durante um tempo illimitado, tem grande tendencia a invadir successivamente as fossas nasaes e o larynge. Mas o perigo da angina diphtherica não provém da existencia da falsa membrana : é uma infecção geral da economia que póde occasionar a morte, ficando a falsa membrana limitada ao pharynge e não chegando a tapar as vias respiratorias; mas, se chegar a tapa-las, póde occasionar a axphyxia. A molestia principia por calefrios, dôres de cabeça, cansaço geral, fastio, febre, ás vezes vomitos; algumas horas depois declara-se dôr de garganta. Examinando-se o interior da bocca, achão-se as amygdalas cobertas com uma membrana branca, que se estende progressivamente. O doente respira com a bocca aberta, e sente difficuldade ao engulir; inchão as regiões lateraes e superiores do pescoço, e toda a physionomia exprime anxiedade. Se a molestia tender á *cura,* a febre diminue no fim de cinco ou seis dias, a pelle perde o calor, a cephalalgia e as ancias desapparecem; a dôr de garganta diminue; cessa a reproducção das membranas falsas. Quando a molestia deve acabar fatalmente, todos os symptomas locaes e geraes augmentão. O rosto altera-se visivelmente; a physionomia fica abattida e triste; o doente recusa todos os alimentos solidos e todas as bebidas; a dôr de garganta, fraca em si mesma, exaspera-se nos esforços que faz o doente para engulir ou para se desembaraçar das mucosidades pharyngeas; a voz torna-se rouca e fraca; ha insomnia; o pulso, rapido nos primeiros dias, torna-se pequeno, e ás vezes lento; a intelligencia fica intacta, entretanto ha ás vezes delirio nos ultimos instantes da vida. Esta molestia é contagiosa.

Tratamento. Administrar um vomitorio de ipecacuanha 541. Tocar a garganta, cinco ou seis vezes por dia, com pincel molhado em sumo de limão; ou só duas vezes por dia, com pincel molhado em agua phenica 158, na solução de perchlorureto de ferro a 15° 468, em tintura de iodo 531. Gargarejo com chlorato de potassa 373. Gargarejo com borax 313. Assoprar nas fauces flor d'enxofre, para des-

truir os germens vegetaes, que, segundo o Dr. Barbosa, são a origem da molestia local e da infecção geral secundaria. Fazer injecções na garganta com agua de cal 326. Estas injecções ou irrigações fazem-se muitas vezes por dia, com seringa, tendo o doente a cabeça inclinada para diante sobre uma bacia. Cauterizar a garganta com acido chlorhydrico puro, ou misturado com mel de abelhas em partes iguaes 153. A maneira como se procede está indicada no artigo *Crup*. Cauterizar com solução de azotato de prata (agua distillada 3 gram., azotato de prata crystallizado 1 gramma), ou com lapis de pedra infernal. Este ultimo meio requer grande attenção. Assim ter-se-ha o cuidado de fixar solidamente na caneta o lapis de pedra infernal, não deixando de fóra senão uma pequena parte. Não havendo esta precaução, a pedra infernal póde quebrar-se, ser engulida, e causar a morte. Internamente : poção com chlorato de potassa 372, cúbebas em pó na dóse de 4 grammas de 3 em 3 horas 407, copahiba 400, poção com perchlorureto de ferro 469, vinho de quina 684. Agua com vinho, para bebida ordinaria. Borrifar o quarto com agua de Labarraque 383, solução de chlorureto de cal 381, ou agua phenica 158. Isolar o doente, tanto quanto o permittirem as circumstancias particulares, durante 2 ou 4 semanas, das outras pessoas, e sobretudo das crianças, que correm mais risco do contagio do que os adultos.

Angina gangrenosa. A mesma influencia epidemica, contagiosa e maligna, que produz a angina diphtherica, determina igualmente a angina gangrenosa, caracterizada pela presença de escaras na superficie das amygdalas, e pelos phenomenos de abatimento geral, seguido ordinariamente da morte dos doentes. O tratamento é o mesmo que o da angina diphtherica.

Angina laryngea. V. LARYNGITE.

ANGINA DO PEITO, *angina nervosa, sternalgia, catarrho suffocante*. Aperto doloroso do peito que vem por accessos; a dôr, que é atroz, estende-se habitualmente ao pescoço e ao braço esquerdo. — Administrar 10 a 15 gottas de ether sulfurico em meia chicara d'agua fria com assucar. Chá de folhas de laranjeira ou de herva cidreira. Dar a respirar ether, vinagre, chloroformio. Applicar sinapismos no peito e nas costas; fazer uma injecção de chlorhydrato de morphina no braço esquerdo 643; administrar ás colheres a poção de chloral 371; dar um clyster d'agua morna com 20 gottas de laudano. Banho morno geral. Caustico no peito. Café. Fumigações com infusão de estramonio, meimendro, belladona. Para prevenir as crises, empregar os medicamentos tonicos 807. Quina, preparações de ferro, banhos do mar. Purgantes 804.

ANGIOLEUCITE. V. LYMPHATITE.

ANGURRIA. V. RETENÇÃO DE OURINA.

ANKYLOSE. Perda total ou incompleta dos movimentos em uma articulação naturalmente mobil. — Se fôr completa, nada ha a fazer. Se fôr incompleta, fazer executar, muitas vezes por dia, á articulação doente, os movimentos que lhe são habituaes, para alongar os ligamentos ou romper as membranas filamentosas que se formárão entre as superficies articulares. Empregar a maçadura 565. Cataplasmas de linhaça 560. Banhos d'agua tepida. Fricções com banha fresca, com balsamo tranquillo 309, com oleo camphorado 332. Banhos d'agua tepida. Banhos aromaticos 444. Caldas sulfurosas 184. Meios orthopedicos. Póde-se prevenir a ankylose, que sobrevem em consequencia das fracturas vizinhas das articulações, fazendo de quando em quando, antes da consolidação d'estas fracturas, brandos movimentos nas articulações.

ANNEIS que apertão os dedos. Depois de untado o dedo com azeite, tirar e reter por detraz a pelle, na base do dedo; ao mesmo tempo tirar o annel para diante. Chegado o annel á articulação, largar subitamente a pelle, então o annel passa por si mesmo por cima da articulação. — Untar o dedo com azeite e mettê-lo dentro d'agua muito fria; passados alguns minutos puxar pelo annel. — Se o annel fôr de ouro, e se não se puder tirar, destrui-lo esfregando-o com unguento mercurial 600. Sendo de cobre ou outro metal, lima-lo ou corta-lo com tenalha.

ANOREXIA. V. FASTIO.

ANTHRAX. Tumor inflammatorio mui duro, muito doloroso, de côr vermelha escura, que, no espaço do alguns dias, adquire muitas pollegadas de diametro; a pelle que o cobre abre-se em muitos buracos que deitão um pus sanguinolento, mortifica-se e cahe. — No começo, 60 grammas de sulfato de magnesia 585, ou 5 centigrammas de emetico 278. Cataplasmas de linhaça simples 560, ou com laudano 636. Cataplasma de fecula 461. Praticar a incisão crucial, que deve estender-se a toda a profundidade do anthrax, e exceder de algumas linhas os limites em largura. Extracto de quina em poção ou pilulas 684. Sulfato de quinina na dóse de 50 centigrammas por dia, para prevenir a infecção purulenta. Limonada de limão ou de laranja. Depois da incisão, applicar sobre a ferida cataplasma de linhaça misturada com galbano 491, com raspas de sabão branco, com pó de quina e carvão 688; e lava-la com agua morna misturada com agua phenica 158, ou com agua de Labarraque 383; fazer applicações de glycereo phenico 158. Desembaraçar a ferida cada dia, e logo que fôr possivel, das escaras gangrenosas. Antes de abrir um anthrax por incisão crucial, póde-se produzir a anesthesia local por meio do jorro de ether 787. Os anthrazes pequenos, que sobrevem nos individuos gozando boa saude, não devem ser incisos. Basta applicar as cataplasmas de linhaça 560, de fecula 461, ou algodão em rama. — Para tornar a molestia local, e impedir a sua evolução, o Dr. Guérin aconselha que se applique um caustico sobre toda a extensão do anthrax.

ANUS ANORMAL. Abertura anormal do ventre que communica com a cavidade intestinal. — No momento de sua producção, não se deve fazer operação alguma, porque esta lesão póde sarar espontaneamente, e porque, esperando, facilita-se o bom exito do tratamento. Applicar só um vaso de couro ou de metal á abertura do anus anormal, e manter o devido asseio. Quando estiver demonstrado que o anus não tende a curar-se espontaneamente, praticar a tenotomia ou as outras operações necessarias.

Anus (Affecções inflammatorias do). § I. *Affecções cutaneas.* As mais frequentes são : o erythema, o eczema, o lichen e o herpes. Produzem um prurido, que tambem se manifesta fóra de qualquer lesão cutanea apreciavel. O tratamento deve ser em relação com as diversas causas da molestia. Em todos os casos devem empregar-se semicupios d'agua tepida; applicações de polvilho, pós de lycopodio; unturas com glycerina. — § 2. A *irritação simples*, ou a phlegmasia do anus annuncia-se por tenesmo, escorrimento mucoso, ardor e uma sensação de peso. Combate-se com semicupios, unturas de glycerina ou banha simples. — § 3. *Abcesso* (v. p. 858.).

Anus (Affecções syphiliticas do). A syphilis apresenta-se no anus debaixo das fórmas de *escorrimentos mucosos, excoriações, pustulas, diversas vegetações*, taes como figos, framboezas, cristas de gallo, etc. — O tratamento interno, pela preparações de mercurio ou de

iodureto de potassio, cura estas affecções; deve ser acompanhado do tratamento local : banhos d'agua tepida, lavatorios com infusão de folhas de nogueira 625, com solução de sulfato de zinco 744, cauterizações com pedra infernal, ou excisões.

Anus (Imperforação do). Dividir a membrana que tapa o canal com o bisturí ou trocate, e facilitar a sahida do ferrado com clysteres d'agua morna.

Anus (Prolapso do). V. *Recto*.

Para as outras molestias do anus, v. *Estreitamento, Fissura, Fistula, Hemorrhoidas, Nevralgia, Prurigo do anus.*

APERTO DA URETHRA. V. ESTREITAMENTO.

APHASIA, Aphenia, Alalia, Anaudia. Abolição da linguagem articulada, apezar da persistencia da faculdade de expressão, da voz, da audição, das contracções voluntarias dos musculos do larynge e da face; é o estado de um individuo que não póde exprimir o seu pensamento pela palavra. Póde ser congenial e estar ligada ao idiotismo, á surdo-mudez, a vicios de conformação, ou, então, ser adquirida, e n'este caso é o resultado das lesões organicas ou das perturbações nervosas do cerebro.

A aphasia nervosa exige a tranquillidade do espirito, medicamentos tonicos, e tempo. A aphasia produzida por congestões cerebro-meningeas (febre typhoide, bexigas, alcoolismo, erysipela da face) necessita causticos na nuca, purgantes, ás vezes bichas atraz das orelhas. A aphasia symptomatica das lesões organicas precisa só dos cuidados hygienicos. Mais tarde, o doente deve principiar a grammatica como na tenra idade, ou seguir o mesmo methodo que se emprega para os surdos-mudos.

APHONIA. Diminuição ou suppressão da voz; perda da falla, mais ou menos completa. — É muitas vezes o resultado das lesões organicas do larynge ou da garganta; n'estes casos cumpre empregar os medicamentos que se applicão contra estas molestias. Assim, é pelo tratamento da laryngite aguda, da laryngite chronica, da laryngite ulcerosa syphilitica, do edema da glotte, do crup, do crup falso, é pelo tratamento da angina tonsillar e pharyngea, que se deve procurar restabelecer a voz mais ou menos alterada, mas raras vezes supprimida n'estas molestias. Muitas vezes, porém, a voz é completamente supprimida, sem o larynge parecer estar affectado; não ha tosse, nem dôr, nem secreções. É a aphonia *nervosa*, contra a qual se recorre aos meios seguintes : — Suadouro 806. Tomar á noite uma chicara de infusão de salva bem quente 713. Tomar um vomitorio de emetico 278. Fricções no pescoço com linimento volatil 266. Sinapismos na parte anterior do pescoço 616. Gargarejo adstringente de Bennati 259. Insufflar o pó de alumen na garganta 258. Cauterizar o interior da garganta com pedra infernal. Cigarrilhas de camphora 333. Xarope de ether 455. Xarope de terebinthina 758. Xarope de alcatrão 240. Agua de alcatrão 240. Licor de alcatrão de Guyot 241. Friccionar o pescoço com essencia de terebinthina 762. Tintura etherea de ambar amarello, 1 gramma em poção 261. Electricidade 424.

APHTAS. Vesiculas transparentes ou pequenas ulcerações no interior da bocca. — Tocar com pedrahume, com pedra infernal, com solução de chlorato de potassa 373. Gargarejos adstringentes 259, 413, 491, 693, 702, 753. Collutorio de borax 313. Habitar no campo, Regimen vegetal. Saladas, fructas. Purgantes 804.

Aphtas das crianças. V. SAPINHOS.

APOPLEXIA CEREBRAL. Molestia caracterizada por uma paralysia subita, espontanea, mais ou menos completa, mais ou menos extensa, mais ou menos duravel, do sentimento e do movimento; paralysia produzida, no maior numero de casos, por um derramamento de sangue nas membranas cerebraes, nos ventriculos do cerebro, ou na substancia propria do cerebro (*apoplexia cerebral sanguinea*). Ás vezes, em lugar de sangue, é uma serosidade mais ou menos abundante que se acha na arachnoide ou nos ventriculos cerebraes (*apoplexia serosa* ou *hydrocephalo agudo*). Esta ultima fórma observa-se sobretudo nos individuos tisicos. Não ha signal que possa fazer distinguir a apoplexia serosa da sanguinea. A pallidez do rosto, a lentidão do pulso, o estado cachectico do doente, que os autores antigos tem dado como caracteres distinctivos das apoplexias serosas, não tem valor, porque, por um lado, faltão muitas vezes, e por outro, encontrão-se nas apoplexias sanguineas. Mas se o diagnostico é incerto, o tratamento é o mesmo; deve ser dirigido pelos symptomas que se manifestão. As diversas fórmas da apoplexia tanto sanguinea como serosa podem ser reduzidas a tres principaes : 1° A pessoa cahe privada de sentimento e de movimento; o rosto está ordinariamente turgido, a respiração roncante, o pulso cheio, sem frequencia. Ás vezes ha convulsões; o estupor cessa ao cabo de alguns instantes ou persiste durante muitos dias. O doente succumbe, ou restabelece-se sem conservar vestigio notavel do ataque; em outros casos fica uma hemiplegia, ou a perda da palavra ou da vista, estados que podem persistir ou ser passageiros. — 2° A pessoa experimenta uma cephalalgia violenta e subita; cahe n'um estado visinho ao da syncope; o rosto está pallido, o pulso fraco, o corpo frio; as ideias tornão-se incoherentes; sobrevem o coma: a hemiplegia é mais rara no caso d'esta especie. — 3° Metade do corpo da pessoa fica subitamente paralysada, e perde-se a falla : este estado persiste em gráos diversos durante mais ou menos tempo. — Todos estes symptomas diminuem se o coalho sanguineo diminuir pela absorpção; augmentão se sobrevier novo derramamento, ou se se declarar uma inflammação ao redor do coalho.

Tratamento. Depois de sobrevinda uma hemorrhagia cerebral, o medico deve esforçar-se por prevenir nova effusão de sangue, e favorecer a absorpção do derramamento já effectuado. O tratamento varía segundo os symptomas.

Se o rosto estiver vermelho ou turgido, e o pulso forte, cumpre praticar a sangria no braço; collocar o doente n'uma posição tal que a cabeça fique elevada; despi-lo para que os vestidos não impeção a circulação no tronco; applicar na testa pannos molhados em agua fria. A quantidade de sangue a tirar varía segundo a idade e constituição do doente (360 a 500 grammas). Os casos em que é necessario recorrer á sangria são, porém, os menos frequentes. Os sinapismos são uteis em todas as apoplexias : é preciso applica-los immediatamente nas coxas e pernas. — As bixas atraz das orelhas, ou as ventosas sarjadas na nuca, podem substituir em certos casos, ou completar o effeito da sangria do braço. As emissões sanguineas não podem curar a rasgadura dos vasos sanguineos e do cerebro : combatem só a congestão que póde ser causa de nova hemorrhagia, e não devem ser empregadas senão quando esta congestão se torna evidente pela força do pulso e turgencia do rosto. Não convem nas pessoas mui idosas e nos individuos fracos. Depois das emissões sanguineas, empreguem-se os derivativos sobre o canal intestinal; estes meios convem em todas

as apoplexias : 15 grammas de oleo de ricino, ou 60 grammas de sulfato de magnesia, ou infusão de sene tartarizada, ou 5 centigrammas de emetico em 500 grammas d'agua. Para bebida ordinaria, agua fria, limonada de limão ou de laranja. Manter rigorosamente silencio e a tranquillidade ao redor do doente.

Se o pulso estiver fraco e a pelle fria, deve-se, em lugar de tirar sangue, excitar a sensibilidade, soster as forças desfallecentes, esfregando o corpo com escova, com baeta molhada em agua de Colonia, ou em linimento ammoniacal 266, applicando sinapismos nas pernas e nas coxas; administrando a infusão de herva cidreira, e a poção antispasmodica do Codigo 455. Nunca se deve empregar a sangria nas pessoas idosas ou individuos de constituição fraca; n'estes casos convem só recorrer á poção antispasmodica com ether 455, e aos purgantes : oleo de ricino 632, sulfato de magnesia 585, infusão de sene tartarizada 729, ou 5 centigrammas de emetico em 500 gram. d'agua. A infusão leve de chá da India ou de café é util no coma prolongado. — Quando o doente atravessou felizmente a phase dos primeiros accidentes, que podem durar duas ou tres semanas, importa esperar que a natureza tenha feito desapparecer, por absorpção, a maior parte do sangue ou da serosidade derramada. Toda a intervenção prematura, para combater a paralysia, ou o enfraquecimento da intelligencia, seria inopportuna ou perigosa. Não ha medicamentos a administrar n'este periodo : o doente deve limitar-se a observar as regras da hygiene, ter um regimen brando, manter o ventre livre. Tres ou quatro semanas depois do ataque, póde-se tentar o tratamento das paralysias consecutivas ao ataque. O tratamento consiste em maçadura 565, fricções pelo corpo com balsamo de Fioravanti 759, linimento ammoniacal 266, linimento estimulante 759, e linimento de Rosen 614, causticos na nuca ou no espinhaço, electricidade, banhos nas caldas sulfurosas 184 e salinas 183. — Os individuos predispostos, ou já sujeitos ás congestões cerebraes, devem ser sobrios, e usar pouco de bebidas alcoolicas; comer mais vegetaes do que carne; devem evitar as emoções fortes e os exercicios violentos; entreter a liberdade do ventre com clysteres d'agua morna simples, ou com pilulas de aloes 253, evitar que o pescoço esteja muito apertado pela gravata, manter os pés quentes e ao abrigo da humidade; a cama para dormir deve formar um plano bastante inclinado desde a cabeceira até aos pés.

O tratamento da *apoplexia serosa* é o mesmo que o da apoplexia sanguinea : sangria, estando o pulso forte e o rosto turgido, sinapismos, fricções estimulantes pelo corpo, e poção com ether, se o pulso estiver fraco, e o corpo frio.

Por analogia com a lesão que caracteriza ordinariamente a apoplexia cerebral, chamou-se *apoplexia* a qualquer affecção que apresenta como caracter essencial a formação subita e espontanea de um foco sanguineo n'um orgão qualquer, e principalmente no pulmão (*apoplexia pulmonar*). V. esta palavra.

Apoplexia dos recem-nascidos. Estado de morte apparente em que se póde achar uma criança no momento da nascença, quando qualquer causa impedio a circulação e occasionou uma demora de sangue nos vasos cerebraes. Este estado é caracterizado pela vermelhidão do corpo, rosto inchado e roxo, conjunctivas injectadas, rijeza dos membros, ás vezes convulsões. — Cortar o cordão umbilical, e deixar correr uma a quatro colheres *de chá* de sangue. Mergulhar a criança em um banho d'agua morna, animada com vinho ou aguardente. Tirada que seja a criança do

banho, esfregar-lhe as costas com baeta quente. V. *Asphyxia dos recem-nascidos.*

APOPLEXIA PULMONAR, Pneumorrhagia, ou **Hemoptyse fulminante.** — Escarros abundantes de sangue, que sahe ás golfadas, e ás vezes em tão grande quantidade, que parece ser vomitado. — Ventosas seccas sobre o peito. Sinapismos nas pernas, coxas e braços 616. Sendo o doente vigoroso, praticar immediatamente a sangria, que diminue a fluxão e previne as novas rupturas vasculares. Só a debilidade extrema do doente, ou um estado de anemia anterior podem fazer renunciar a este meio. Poção com perchlorureto de ferro 469. Tartaro stibiado em alta dóse. Poção contra-estimulante de Laennec 279. Ipecacuanha 541. Nitro, em alta dóse 298. Digital 414. Limonada de limão ou de vinagre, fria, e mesmo gelada. Caustico no peito. Para o mais, v. *Hemoptyse.*

APPETITE EXAGERADO. V. BULIMIA.

AR NAS VEIAS. V. ENTRADA DO AR NAS VEIAS.

ARACHNITE ou **Arachnoidite.** V. MENINGITE.

ARDOR AO OURINAR. Banhos mornos e prolongados. Beber a infusão de linhaça 560. Clyster de linhaça 560. Clysteres emollientes 628, e camphorados 332. Emulsão camphorada 332. Repouso na cama. Fricções no hypogastrio com oleo camphorado 328. Cataplasmas de linhaça na mesma região 560. Regimen vegetal.

AREIAS. Molestia caracterizada pela emissão da ourina contendo concreções mais ou menos volumosas, formadas n'este liquido, as mais das vezes nos rins, e ás vezes em outros pontos do apparelho urinario. O sedimento que se fórma na ourina fria, depois de um excesso no regimen, ou debaixo de influencias variadas, não constitue as *areias;* é quando muito um indicio, se este sedimento se produz habitual e abundantemente, que existe a predisposição para as areias. Esta ultima affecção é claramente caracterizada pela expulsão com a ourina de pequenos corpos duros, que na sua passagem irritão ás vezes o canal da urethra, e cuja evacuação é frequentemente precedida por alguns dias de colicas nephriticas. Logo que estas concreções, pelo seu tamanho, não podem passar pelo canal da urethra, chamão-se *calculos* ou pedras. Ha diversas areias. As areias de *acido urico* são de côr rubra brilhante ou amarellada, pouco soluveis em agua fria, soluveis em agua fervendo. As areias formadas de *oxalato de cal* são de um amarello-roxo, insoluveis em agua. As areias compostas de *phosphato de ammoniaco e magnesia,* são cinzentas depois da emissão, brancas depois de lavadas. As de *phosphato de cal,* e de *carbonato de cal* são brancas.

Tratamento. Beber bastante agua, e usar abundantemente de bebidas diureticas taes como o cozimento de grama 511, a infusão de pedunculos de cerejas 365, de parietaria 656, de linhaça 560. Comer moderadamente, e não mais do necessario; mais legumes do que carne. Comer muitas batatas inglezas, couve, couve-flor, agriões, cenouras, laranjas. maçãs, ameixas, morangos, bananas, fructas do conde, maracujás, uvas, etc. Fazer uso de saladas e de fructas de todas as especies. Não comer muitos espargos, porque o seu uso excessivo produz irritação nos rins. Evitar sobretudo os excessos de vinhos generosos, licores, aguardente. Os vinhos espumosos, como os de Champanha, augmentão a formação do acido urico; o uso excessivo de azedas e de tomates favorece a producção das areias ou calculos de oxalato de cal. Os corpos gordos e assucarados, ingeridos em demasiada quantidade, provocão tambem a formação das areias de acido urico. O uso do chá da India e do café

é util, como tambem o do vinho de Rheno, de Sauterne e dos vinhos verdes, pouco espirituosos. Os outros vinhos devem ser tomados com agua. Fazer bastante exercicio. Tomar um purgante de vez em quando 804. O melhor dissolvente das areias formadas pelo acido urico é o acetato de potassa 148. Usar das aguas de Vichy 231, de Vidago 232, das Pedras Salgadas 220, do bicarbonato de soda 349. Pastilhas de Vichy 349. Bebida alcalina 348. Tisana de Mascagni 348. Acido benzoico 150. Carbonato de lithia 561. Para acalmar as dôres occasionadas pela passagem das areias, empregar os banhos mornos geraes e o opio 638.

ARRANHADELA ou **Arranhadura**. Applicar encerado inglez.

ARRIPIOS. V. CALEFRIOS.

ARROTO. Emissão de gaz pela bocca, proveniente do estomago. V. FLATULENCIA.

ARTERITE. Inflammação da arteria. Sobrevem espontaneamente ou succede a violencias exteriores e ligadura do vaso. É caracterizada pelas dôres vivas que seguem o trajecto da arteria. Se o vaso é superficial, forma uma especie de corda, dolorosa á pressão. Se a arteria se acha obstruida pelo derramamento albuminoso, manifesta-se entorpecimento, atrophia, e, ás vezes, gangrena das partes situadas abaixo do obstaculo. O *tratamento* consiste em bichas e cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461.

ARTHRITE. Inflammação das articulações. É aguda ou chronica, primitiva ou consecutiva, de causa interna ou traumatica, isto é, externa. A dôr e a inchação da junta são os symptomas da arthrite.

Arthrite aguda espontanea. Desenvolve-se depois de um resfriamento pelo ar ou pelo contacto da humidade, depois da suppressão dos menstruos; em consequencia de sarampo, escarlatina, de parto (*arthrite puerperal*); emfim, póde sobrevir sem causa evidente. É caracterizada pela dôr, inchação, calor da junta, difficuldade dos movimentos, ás vezes côr rosea da pelle. O rheumatismo e a gota apresentão os mesmos symptomas, mas occupão, quer ao mesmo tempo, quer successivamente, muitas juntas; desapparecem n'uma junta para se declarar na outra; a arthrite pelo contrario, occupa sempre a mesma junta; é molestia contínua e regular.

Tratamento. Cataplasma de linhaça 560, de fecula 461, anodyna 41, narcotica 309, calmante 597. Fricções com balsamo tranquillo 309, com linimento de chloroformio 380. Se estes meios não produzirem melhoras, immobilizar a junta em boa direcção durante um mez e mais se fôr preciso, por meio de goteira de folha, ou envolvendo-a em algodão, e segurando este com atadura molhada no silicato de potassa 732. Póde-se tambem empregar gesso, e eis-aqui como se procede : — Supponhamos que se quer immobilizar o joelho. Cobre-se a perna e a coxa com uma camada de algodão em pasta de 6 centimetros de espessura; segura-se este com ligadura enrolada, molhada em gesso liquido; por cima da ligadura applica-se uma camada de gesso diluido em agua; este solidifica-se em pouco tempo, e mantem o membro na immobilidade completa. Se a inflammação passar ao *estado chronico* : cataplasma antiarthritica 334, applicação de pannos molhados em tintura de iodo 531, fricções com pomada de iodureto de potassio 538, com aguardente camphorada 332, causticos volantes 343, maçadura 565, hydrotherapia 523, caldas sulfurosas 184; no Brasil na villa de Caldas (Minas Geraes) 195; em Portugal Caldas da Rainha 197. Taipas 228. Vizella 234.

Arthrite blennorrhagica. No curso de uma blennorrhagia, apparece ás vezes a arthrite occupando o joelho, o punho, o cotovelo ou o hombro; a junta incha, enrubece, torna-se dolorosa, e os movimentos são difficeis. — Cessar o uso da copahiba; applicar cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461; ás vezes bichas; depois pannos molhados em tintura de iodo 531, e causticos volantes 343. Internamente, infusão de linhaça 560.

Arthrite traumatica. Occasionada por ferimento ou contusão. Applicações de pannos molhados em agua fria, em agua vegeto-mineral 146, em agua misturada com aguardente camphorada 332. Bichas. Mais tarde cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461.

ARTHRODYNIA. Dôr das juntas, sem vermelhidão nem inchação. É o resultado do crescimento, do hysterismo, da gota, do rheumatismo chronico, ou de um resfriamento accidental. — Friccionar a junta com baeta secca, com balsamo tranquillo 309, linimento opiado 641, agua de Colonia 808, balsamo de Fioravanti 759. Hydrotherapia 523.

ASCARIDAS. V. VERMES INTESTINAES.

ASCITE ou **Hydropisia do ventre.** Accumulação de serosidade na cavidade do peritoneo. Suas causas são : alteração do peritoneo, obstaculo á circulação venosa no abdomen ou no thorax, molestias do figado, do coração, dos rins, febres intermittentes, hemorrhagias, alteração do sangue, diversas cachexias. Algumas ascites desenvolvem-se sem causa bem apreciavel, e ás vezes como metastases de affecção gotosa ou cutanea promptamente desapparecida. — O desenvolvimento exagerado do ventre com som massiço na região iliaca e hypogastrica, que se desloca pela posição do doente, e a fluctuação do liquido, annuncião a hydropisia ascitica. A ascite sem complicação póde durar de 15 a 20 annos, ou desapparecer pelo fluxo abundante das ourinas, das evacuações alvinas, ou pelo augmento da transpiração cutanea.

Tratamento: Leite; 1 a 2 litros de leite frio por dia. Diureticos 795. Purgantes 804. Scilla 723. Digital 414. Pós diureticos 416, 724. Pilulas de Withering 416. Pilulas de Dupuy 416. Linimento diuretico 417. Vinho diuretico de Trousseau 725. Vinho diuretico amargo 725. Pilulas purgativas e diureticas de Frank 398. Espargos 443. Parietaria 655. Zimbro 782. Nitro 297. Infusão de pedunculos de cerejas 365. Calomelanos 602. Colchico 393. Jalapa 545. Coloquintida 396. Gomma gutta 508. Cainca 324. Fricções com tintura diuretica 726. Pilulas contra a hydropisia 604. Pilulas diureticas 442, 724. Paracentese.

Contra a ascite que é consequencia das febres intermittentes : sulfato de quinina 739, preparações de quina 684, preparacões de ferro 462 a 476. — Regimen analeptico 785.

ASPHYXIA. A asphyxia, ou morte apparente que resulta da suspensão da respiração, é caracterizada pelos symptomas seguintes : perda de conhecimento, pulso fraco, rosto azul, beiços e ás vezes todo o corpo roxo, estado que, continuando, poderia acabar pela morte real. A asphyxia póde ser produzida por diversas causas.

Asphyxia por submersão ou dos afogados. O afogado deve ser transportado immediatamente para um local onde possa ser soccorrido facilmente. A primeira precaução consiste em despi-lo, enxuga-lo, e colloca-lo em posição horizontal, com a cabeça descoberta mais alta que o peito, e este mais alto que as pernas, e, por um instante, sobre o lado, afim de facilitar a sahida dos liquidos, que se acharem na bocca ou na trachea. — Pôr-se-ha a cama no meio do

quarto, afim de facilitar o serviço das pessoas que ministrão os soccorros. É necessario despir o afogado o mais breve possivel, e para não perder tempo, cortem-se ou rasguem-se os vestidos. — Enxugue-se a superficie do corpo, e embrulhe-se o afogado n'um cobertor de lã. Deve-se depois procurar restabelecer a respiração, fazendo contrahir o peito artificialmente. Eis-aqui como se procede : Deitar o paciente de costas, com os hombros levantados, e sustidos por um vestido dobrado; e com os pés apoiados. Levantar os braços do paciente dos dois lados da cabeça, e segura-los brandamente, mas com firmeza, assim levantados durante dois segundos. Este movimento, levantando as costellas, alarga a capacidade do peito, e produz um vacuo que é logo occupado pelo ar exterior. Abaixar depois os braços, e comprimi-los brandamente, mas com firmeza, durante dois segundos contra os lados do peito. Este movimento, comprimindo as costellas, diminue a capacidade do peito, e produz uma expiração forçada. — Estes movimentos devem ser repetidos alternadamente, e com perseverança, 15 vezes por minuto. — Ao mesmo tempo que se empregão estes meios, as outras pessoas fazem fricções por todo o corpo, e principalmente na região precordial, com escovas, baeta quente, ou embebida em agua de Colonia, ou aguardente. — Approxime-se ao nariz do afogado um vidro com vinagre ou alcali volatil, introduza-se-lhe rapé no nariz, sal na bocca, e dê-se-lhe um clyster com sal de cozinha (2 colheres *de sopa* de sal para um copo d'agua), ou com mistura d'agua e de vinagre (1 colher *de sopa* de vinagre para um copo d'agua). Appliquem-se sinapismos nas pernas. — Fação-se aspersões sobre o rosto com agua avinagrada. — Estes succorros devem ser continuados por duas a tres horas. Quando o paciente principiar a dar signaes de vida, administrem-se-lhe algumas colheres de qualquer vinho generoso, por exemplo, da Madeira, do Porto, etc ; ou de alguma outra bebida estimulante, como v. g. chá da India ou de folhas de laranjeira. O emprego de qualquer liquido, antes de poder ser engulido, seria funesto; pois que em lugar de ir para o estomago, poderia penetrar nas vias respiratorias. Se todos estes meios não produzirem effeito, recorrer ao galvanismo. Para este fim, introduz-se um pólo da pilha na bocca, e outro no recto. — Torno a dizer : não se póde ter a pretenção de reanimar em alguns minutos a vida do asphyxiado : muitas horas de cuidados são ordinariamente necessarias, e por isso não deve elle ser abandonado senão quando cessa o calor do corpo, e principia a rijeza cadaverica.

Asphyxia por suffocação ou dos enforcados. O tratamento é identico ao que está indicado na *asphyxia dos afogados* (pag. 882). Consiste em tentativas para produzir os movimentos respiratorios, e fricções estimulantes pelo corpo; mas é necessario insistir em algumas precauções importantes. Depois de cortado o nó, o doente deve ser collocado de maneira que a cabeça e o tronco estejão muito mais elevados do que o resto do corpo. O engurgitamento dos vasos cervicaes reclama ás vezes uma sangria.

Asphyxia pelo vapor do carvão, *pelo gaz da illuminação, pelos gazes que resultão da fermentação alcoolica, dos fornos de cal, dos pantanos, das minas de carvão de pedra, por falta de ar respiravel, pelas emanações das flores.* Transporte-se o asphyxiado a um lugar arejado, e empreguem-se aspersões frias, que geralmente aproveitão n'este caso; por conseguinte, de dois em dois minutos, lance-se sobre o rosto um copo d'agua fria, e continue-se assim

até se manifestarem calefrios, e a respiração principiar a restabelecer-se. Appliquem-se sinapismos nas pernas e coxas, fação-se fricções pelo corpo com agua de Colonia, e internamente administre-se vinho quente, aguardente, chá de canella. Ensaiar a acção das correntes electricas; applicar, para este fim, durante uma, duas e mais horas, os pólos da pilha voltaica sobre as differentes partes do corpo, e na cabeça. Nunca se deve recorrer á sangria. Empregar ao mesmo tempo, os outros meios indicados na *Asphyxia dos afogados*, pag. 883.

Asphyxia pelos gazes das latrinas, *dos desaguadeiros, das vallas e cloacas.* Subtrahir o doente ao foco de infecção, e fazer-lhe respirar chloro, approximando-lhe ás ventas um vidro com dissolução de chlorureto de cal ou com agua de Labarraque, ou um lenço embebido n'este liquido. Fação-se depois aspersões sobre o rosto com mistura d'agua fria e vinagre; friccione-se o corpo com baeta. Dissipados que estejão os primeiros accidentes, prescrever a poção antispasmodica 455.

Asphyxia dos recem-nascidos. Estado de morte apparente e imminente, devido á extrema fraqueza da criança, na qual a respiração, necessaria ao seu novo modo de vida, não se estabelece convenientemente. Este estado observa-se principalmente nas crianças delicadas, ou que perdêrão muito sangue ao nascer. A criança é pallida; na apoplexia, pelo contrario, a pelle é corada, o rosto inchado; azulado, o peito cheio de sangue e com manchas denegridas. — Se a criança estiver pallida, o rosto frio, e os membros flaccidos, eis-aqui o que se deve fazer : Ligar o cordão, logo depois ou antes da secção; fazer fricções com baeta secca, ou embebida em vinho, aguardente, sobre o peito, costas, palmas das mãos e plantas dos pés; metter a criança em um banho quente, e depois de tirada do banho embrulha-la em pannos quentes e seccos; approximar-lhe ás ventas a rolha humida de um vidrinho de ammoniaco ou de ether, ou um lenço embebido em vinagre; irritar-lhe as fossas nasaes com a rama de uma penna; por este mesmo meio, desembaraçar-lhe a bocca e garganta das mucosidades que possão existir. O galvanismo deve ser reservado para os casos extremos. Todos estes meios devem ser continuados ao menos por uma hora.

Mas se o corpo estiver vermelho, o rosto inchado e roxo, as conjunctivas injectadas, se existir rijeza dos membros, ou convulsões, deve-se deixar correr do cordão algumas colheres *de chá* de sangue, e depois fazer fricções, se o primeiro meio não bastar para reanimar a criança.

Asphyxia que resulta da entrada nas vias aereas de um corpo estranho. A tracheotomia é o unico meio indicado quando o mal já apresenta alguma gravidade. Entretanto, antes de recorrer a esta operação, empreguem-se os esternutatorios e vomitorios para provocar a expulsão do corpo estranho.

ASSA, Albino ou **Preto-branco.** V. ALBINISMO.

ASSAMENTO ou **Intertrigo.** Rubor occasionado por attrito, pressão ou toque de humor acre, ás vezes com excoriação e secreção morbosa; frequente nas crianças, nas pessoas gordas, nas que tem leucorrhea, etc. — Abluções frequentes com agua; applicações de ceroto simples 72, glycerina 501; polvilho, pós de arroz, de lycopodio 564, de glycereo de sub-azotato de bismutho 736.

ASTHENIA GERAL. Falta de forças. — Medicamentos tonicos 807. Bebidas amargas; macerato de genciana 496, de quassia 677, de simaruba 733, infusão de lupulo 564, cozimento de musgo islan-

lico 620. Ferro e seus compostos 462 a 476. Banhos aromaticos 444. Banhos frios d'agua corrente e do mar. Vinho. Regimen analeptico 785. Exercicio.

ASTHMA. Molestia nervosa, caracterizada por accessos de dyspnea, que se reproduzem em epocas irregulares, frequentes vezes mui afastadas, e no intervallo das quaes os individuos gozão saude perfeita. Os accessos durão desde alguns minutos até muitas horas.

Durante o accesso. Pediluvio d'agua quente. Applicar sinapismos nas pernas. Dar a beber agua fria com assucar e algumas gottas de vinagre; ou meia chicara d'agua com assucar e com 5 gottas de laudano de Sydenham. Fazer sentar o doente, tirar-lhe todos os vestidos que possão constranger-lhe o peito; arejar o quarto, abrir as janellas e o cortinado da cama. Como a chamma da luz influe sobre o allivio dos asthmaticos, muitos usão acalmar os accessos, entretendo uma fraca luz no quarto em que dormem. Outros doentes ficão alliviados bebendo uma chicara de café, de chá da India, de herva cidreira, tomando um sorvete ou pequena quantidade de algum licor alcoolico, de kirsch sobretudo. Queimar o papel nitrado no quarto do doente 298. A acção do mesmo medicamento varía segundo os individuos; o que aproveita a um, não faz effeito ao outro. Eis-aqui as preparações mais aprovadas durante o accesso da asthma: Poção com bromureto de potassio 317. Tintura de lobelia, 5 a 10 gottas n'uma colher d'agua, de hora em hora 562. Preparações de estramonio 452. Pilulas de extracto de estramonio de 5 centigrammas; tomar 1 a 3 pilulas no espaço de 24 horas 453. Mistura para fumar 453. Emetico 278, ou ipecacuanha 540, administrados no começo do accesso tem sido vantajosos em alguns casos. Ether 454. Poção antispasmodica 455. Poção antispasmodica opiada 456. Belladona 306. Kermes mineral 277. Oxymel scillitico 724. Cigarrilhas de camphora 333.

No intervallo dos accessos. Evitar as correntes de ar, o andar contra o vento, as mudanças subitas de temperatuara. Morar, e sobretudo dormir em quartos espaçosos. Observar boa hygiene, sobriedade no comer. Usar de caldas sulfurosas em bebida, inhalações e banhos 184, de hydrotherapia 523, de banhos frios de rio ou do mar; recorrer, emfim, á mudança de clima.

ASTHMA AGUDA DE MILLAR. V. LARYNGITE ESTRIDULA.

ATAQUE DE APOPLEXIA. V. APOPLEXIA.

ATAQUE DE GOTA CORAL. V. EPILEPSIA.

ATAQUE DE NERVOS. Dá-se este nome a certos espasmos, e outros phenomenos nervosos, observados particularmente nas senhoras e nos homens mui irritaveis. Estas pessoas experimentão a principio um incommodo geral que não podem definir; depois sentem uma anxiedade pungente que augmenta até se manifestarem phenomenos convulsivos, e ás vezes choro. Os ataques de nervos são produzidos nas senhoras sensiveis pelas palavras asperas, pelas contradicções, contrariedades, e, com mais forte razão, pelos pezares profundos. No mais alto grão constituem o *hysterismo*. O tratamento dos ataques leves consiste; em primeiro lugar, em fazer cessar a contrariedade ou outra causa que produzio a molestia; cumpre, depois, dirigir palavras consoladoras, e administrar chá de folhas de laranjeira. Quanto ao tratamento do *hysterismo*, veja-se esta palavra.

ATAXIA. Grupo de phenomenos nervosos *irregulares*, que acompanhão certas febres, e as tornão mais graves. Os phenomenos ataxicos apparecem sobretudo na *febre typhoide*.

ATAXIA LOCOMOTRIZ ou **Ataxia muscular progressiva.** Molestia do systema nervoso caracterizada, conforme a sua intensidade, por : 1° desordens nos movimentos, sem paralysia; os doentes quando andão sentem bambalearem-se-lhes as pernas, perdem facilmente o equilibrio e cahem; 2° dôres nevralgicas em differentes partes do corpo; picadas nas pontas dos dedos; 3° insensibilidade nas palmas das mãos e nas plantas dos pés; 4° vista dupla; 5° os membros não emmagrecem como nas paralysias. — Banhos frios de rio ou do mar, medicamentos tonicos 807, electricidade 423. Contra as dôres : fricções com pomada de belladona 308, com linimento de chloroformio 380, applicações de pannos molhados em agua quente, injecções sub-cutaneas de chlorhydrato de morphina 643.

ATHEROMO. Kysto sebaceo. V. KYSTO.

ATONIA. V. ASTHENIA.

ATRESIA. V. IMPERFORAÇÃO.

ATROPHIA. Emmagrecimento, diminuição progressiva no volume de todo o corpo, ou de uma das suas partes, devida á falta de succos nutritivos. É antes um symptoma do que uma molestia. A *atrophia parcial* póde ser occasionada pelo repouso absoluto de um membro, compressão que teve a supportar, ou pelo effeito de outra molestia, tal como o rheumatismo; póde tambem provir da suspensão da influencia nervosa. A *atrophia geral* ou *consumpção* é produzida pelas molestias dos orgãos essenciaes á vida.

Atrophia mesenterica. V. TUBERCULOS MESENTERICOS.

Atrophia muscular progressiva. Diminuição progressiva e transformação da substancia muscular em tecido fibroso ou fibro-gorduroso d'onde resulta a diminuição incompleta ou completa das contracções musculares, e a paralysia. — Regimen analeptico 785, banhos aromaticos quentes 444, banhos frios de rio ou do mar, electricidade 423, fricções com tintura de arnica 282, com alcoolato de melissa composto 516, com linimento de Rosen 614.

ATROPISMO. V. ENVENENAMENTO PELA BELLADONA.

AUSCULTAÇÃO. Modo de explorar as molestias do peito, do coração e de alguns outros orgãos, por meio do sentido do ouvido. Póde-se fazer com o cylindro acustico chamado *stethoscopio*, ou pela applicação immediata do ouvido.

Auscultação da respiração. Applicando-se sobre o peito de qualquer pessoa sã o ouvido nú ou armado do stethoscopio, ouve-se, durante a inspiração, um ruido ou murmurio mui brando e sonoro produzido pela entrada do ar nas cellulas do pulmão; e durante a expiração, um ligeiro murmurio muito mais curto do que o da inspiração. No estado de molestia, o murmurio natural, ouvido na inspiração, póde diminuir, cessar, augmentar, ou ser substituido por outros ruidos mui differentes n'uma extensão mais ou menos consideravel do peito.

O murmurio respiratorio faz-se menos sensivel no começo das molestias do peito, as quaes, chegadas ao periodo mais adiantado, dão lugar, nos pontos que occupão, á suspensão completa do ruido respiratorio. Esta suspensão tem lugar na pneumonia em segundo ou terceiro grão, na degeneração tuberculosa, no emphysema, nos derramamentos de liquidos serosos, purulentos ou sanguineos na cavidade das pleuras.

Em certas condições, o murmurio macio da respiração normal é substituido por um ruido mais forte, e mais aspero, a que se tem dado o nome de *ruido* ou *sopro bronchico* ou *tracheal* ou *tubario*. Suppõe-se produzido, nas principaes divisões dos bronchios, pel

r vagaroso que deixa de penetrar, ou só difficilmente penetra, nas ultimas ramificações ou nas vesiculas que as terminão. Este ruido u sopro ouve-se particularmente quando se põe o ouvido sobre as artes endurecidas do pulmão, ou em ponto correspondente a um erramamento mediocre de liquido na pleura. Percebe-se tambem ao ivel dos bronchios dilatados e das excavações produzidas pela ulceação do tecido pulmonar; n'este ultimo caso, deo-se-lhe o nome e *respiração cavernosa*.

O *ruido* ou *sopro amphorico* é analogo áquelle que se ouve assorando no gargalo de uma garrafa. Este phenomeno produz-se logo ue o ar inspirado entra em uma vasta cavidade feita no parenchyma o pulmão, e principalmente logo que passa para dentro da pleura travez do pulmão ulcerado.

O *fervor crepitante* é um ligeiro ruido que a auscultação faz conheer, e que póde comparar-se ao do sal que estala quando se projecta obre o fogo ou se aquece. Consiste em bolhas seccas, pequenas, guaes entre si, ordinariamente mui numerosas. Ouve-se quasi xclusivamente na inspiração, e nem sempre impede que se disngua o murmurio respiratorio, que se faz menos sensivel n'este tio. O fervor que offerece estes caracteres só se manifesta na pneuonia em primeiro gráo.

Fervor subcrepitante. Forma-se por bolhas menos numerosas, enos regulares, mais grossas e mais humidas, mais distinctas urante a inspiração do que na expiração. Pertence á bronchite pillar, e á pneumonia em resolução decidida, assim que os pulmões ssão do estado de hepatização vermelha (segundo gráo) para a mples congestão (primeiro gráo). Quando o fervor subcrepitante xiste de modo continuo, limitando-se a uma das fossas escapures ou abaixo de uma das claviculas, e não succedendo a uma neumonia, indica a presença de tuberculos que principião a ndir-se.

O *fervor mucoso* compõe-se de bolhas mais grossas, mais humis e mais desiguaes que o precedente; é produzido pela passagem o ar atravez dos escarros contidos na trachea, nos bronchios, ou cumulados nas cavidades ulcerosas que succedem á fusão dos berculos. Este ruido é semelhante ao que se ouve na garganta dos dividuos agonisantes. Existe elle em uma grande extensão do eito na bronchite; nos tisicos limita-se sempre a um ou a varios ontos mui circumscriptos. Desapparece muitas vezes depois da sse, e desloca-se com as mucosidades que o produzem.

Som de gargarejo ou *fervor cavernoso*. É analogo ao que deterina a agitação de um liquido misturado com as bolhas de ar. uve-se principalmente no cimo do peito : é o signal o mais certo cavidades produzidas pela fusão dos tuberculos.

O *fervor sonoro secco* ou *o ronco* consiste em um som mais ou enos grave, ás vezes mui ruidoso, e que se parece ora com o ncar de um homem que dorme, ora com o som dado por uma rda de rabecão roçada com os dedos, ora finalmente, com o rulho da rola.

O *fervor sibilante* ou *silvo* parece-se de ordinario com um pequeno sobio prolongado, grave ou agudo; outras vezes com o pio de es pequeninas, com o ruido de uma bomba. Parece provir ou de ucosidade pouco abundante, porém mui viscosa, obstruindo incometamente as pequenas ramificações bronchicas, ou tambem de chação da membrana mucosa.

O fervor sonoro secco e o fervor sibilante dão-se na bronchit aguda e chronica, simples ou complicadas de tuberculos.

Tinnido metallico. Ruido semelhante ao que a percussão ligeir de um corpo duro produz no vidro ou em chapa de metal. Ouve-s durante os movimentos respiratorios, e melhor ainda, quando doente falla ou tosse. Este phenomeno só tem sido observado no individuos que tem ou cavidades ulcerosas no pulmão, ou derra mamento na pleura. N'estes dois casos, parece indispensavel, par a producção do phenomeno, que a cavidade contenha um liquid e ar, e que communique com os bronchios. O tinnido metallico é pois, symptoma de uma fistula pulmonar.

Auscultação da voz. Se em vez de escutar o ruido que faz o a ao entrar e ao sahir do pulmão, se escuta o eco da voz, ouve-s seu som normal ou modificado por differentes circumstancias phy sicas importantes, que produzem a *bronchophonia*, a *egophonia* e *pectoriloquia.*

A *bronchophonia* é um eco da voz mais ou menos ruidoso diffuso, do qual se póde fazer idea bastantemente exacta appli cando-se o stethoscopio sobre o larynge de uma pessoa que est fallando. No homem doente este phenomeno produz-se todas a vezes que o pulmão está endurecido, isto é, na congestão pulmona na pneumonia, e na affecção tuberculosa em primeiro gráo.

A *egophonia* consiste na resonancia exagerada da voz. Esta reso nancia é aspera, tremula, sacudida como a da cabra. É signal d um derramamento nas pleuras.

A *pectoriloquia* consiste em uma resonancia particular da vc que, na auscultação mediata, parece sahir directamente do peito d enfermo, e passar toda inteira para o canal do stethoscopio; se medico emprega a auscultação immediata, parece-lhe que o doent lhe falla ao ouvido. É signal de uma excavação feita no pulmã pela fusão de tuberculos.

Auscultação do coração. Em qualquer pessoa sã e na idad adulta, as pancadas do coração só se sentem no espaço comprehen dido entre as cartilagens das quinta e setima costellas esternaes e nos pontos correspondentes do esternon. O *choque* ou *impulsão* uma sensação de levantamento ou de percussão, que os moviment do coração imprimem no ouvido ou na mão do observador. Quand a conformação do coração está na melhor harmonia com a das outr partes, esta impulsão é mui pouco apreciavel; muitas vezes mesm é insensivel : augmenta ella sob a influencia das causas que acce lerão as pulsações d'esta viscera, e volta ao seu typo natural pel eliminação d'estas causas. Na hypertrophia do coração, esta impulsã torna-se geralmente tanto mais forte quanto maior é a espessur das paredes d'este orgão : ás vezes chega ao ponto de levantar cabeça do observador.

Natureza e intensidade do ruido. Quando se applica o ouvido o stethoscopio á região do coração em individuo de boa saude, di tinguem-se alternativamente dois ruidos differentes o primeiro surdo e prolongado, coincide com a contracção ventricular, e é is chrono com o pulso. A este ruido succede outro mais claro, ma rapido, produzido pela dilatação dos ventriculos.

Ruido de folle. Succede frequentemente serem os ruidos do cor ção substituidos ou encobertos pelo *ruido de folle,* assim chamac porque se parece muito exactamente com o ruido d'este instrument Esta circumstancia deixa suspeitar uma alteração nos orificios coração ou de suas valvulas. Mas o ruido de folle, por mais for

que seja, não indica nenhuma molestia do coração em particular; porque, de uma parte, póde elle existir em quasi todas as affecções d'esta viscera; e por outra parte, póde faltar nas mais graves d'entre ellas, especialmente nos estreitamentos dos orificios. O ruido de folle póde existir nas pericardites simples, nas hypertrophias, e principalmente nas hypertrophias concentricas. Mas os estreitamentos fibrosos, e a insufficiencia das valvulas, são as lesões do coração que com elle coincidem as mais das vezes. Tambem existe frequentemente nos casos em que a acção do coração vem a augmentar-se sem lesão material em seu tecido, como nas palpitações nervosas. Por fim, encontra-se igualmente nos individuos plethoricos, nas mulheres pejadas, mas principalmente nos individuos anemicos, nas jovens chloroticas, e depois de hemorrhagias abundantes. Resulta d'estes factos que o ruido de folle desenvolve-se em condições mui variadas e mesmo oppostas.

A auscultação do coração dá a conhecer varios outros ruidos, designados com os nomes de *ruidos de lima, de grosa, de serra*, e o *ruido musical*, ou *sibilante*. O ruido de grosa ou de lima dá ao ouvido uma sensação de aspereza e de escabrosidades que se comparou ao roçar de uma grosa ou de uma lima em um pedaço de pão. Se n'estes casos se applica a mão á região precordial, sentir-se-ha muitas vezes uma vibração particular conhecida pelo nome de som de rosnadura (*frémissement cataire*, fr.), comparado ao murmurio de satisfação que fazem os gatos quando a mão os afaga. O *ruido de serra;* é inteiramente semelhante ao que faz este instrumento a distancia um tanto afastada. — Os ruidos de grosa, de lima, de serra, e o som de rosnadura tem sido ouvidos especialmente nos apertos dos orificios, e principalmente quando as valvulas offerecem indurações calcareas, rugosas, e desiguaes. Todavia, tem-se encontrado varias vezes o ruido de grosa em casos de opilação, e depois de sangrias abundantes. Quanto ao ruido de assobio musical do coração, não póde elle ser attribuido a lesão alguma distincta d'esta viscera.

Auscultação do pericardio. Se no estado são, o roçamento do coração pelo pericardio não se acompanha de ruido algum apreciavel pelo ouvido, não acontece assim quando a inflammação determinou a formação de falsas membranas, que tirão ao involucro fibroso do coração a lisura que lhe é natural. Ruidos anormaes produzem-se então no pericardio. O *ruido de couro novo* dá ao ouvido a sensação que produz a pressão do cavalleiro em uma sella nova. O *ruido de brando roçar* (frôlement, fr.), compara-se ao que se produz roçando-se entre os dedos tafetá, pergaminho, ou papel. O *ruido de raspadura*, é o mesmo ruido; mais forte. Estes diversos ruidos annuncião a pericardite ou a formação de falsas membranas.

Auscultação do ventre. Não se pratica senão nos casos de gravidez no principio do quarto mez, para ouvir o sopro placentario; e aos quatro mezes e meio, para verificar as duplas pancadas do coração do feto. V. *Gravidez*.

AZEDUME DE ESTOMAGO. V. Azía.

AZÍA. Eructações acidas que resultão de má disgestão. — Comer com moderação. Abster-se das gorduras. Chá de hortelã 522, de herva cidreira 516. Fazer dieta. Magnesia calcinada 581. Pós anti-acidos 582. Pós de rhuibarbo e magnesia 581. Pastilhas de Vichy 349. Pós de carvão 354. Pós digestivos 275, 350. Agua de Vichy 231. Regimen brando. Fructas maduras. Vomitorio 798. Purgantes 804. Pilulas estomachicas 622.

BAÇO. Orgão molle, esponjoso, situado profundamente no hypocondrio esquerdo, por baixo do diaphragma, por cima do colon descendente, entre a grossa extremidade do estomago e as cartilagens das costellas mendosas, por cima e por diante do rim. O seu comprimento, mui variavel, é ordinariamente de 13 a 16 centimetros; o baço tem 8 a 11 centimetros da borda anterior á posterior 32 a 46 millimetros da face interna á externa; o seu peso mais ordinario é de cerca de 250 grammas.

Baço (Congestão ou hyperemia do). Augmento de volume do baço, pela grande quantidade de sangue que contém. Manifesta-se durante muitas molestias, taes são : febre intermittente, sarampo escarlatina, febre typhoide; desapparece, n'estes casos, com a molestia principal. Apparece tambem pela simples influencia dos miasmas pantanosos, sem que haja febre, e declara-se tambem pelo desarranjo da menstruação. — Contra a congestão palustre, empregar o sulfato de quinina 739. Contra a congestão que apparece e persiste sem causa conhecida, recorrer ás duchas frias sobre o hypochondrio esquerdo, n'um estabelecimento hydrotherapico 523.

Baço (Contusão do). V. CONTUSÃO.

Baço (Degenerescencia atoucinhada do). Transformação do tecido do baço em tecido de côr rubra pallida, cujo corte mostra um brilho que foi comparado ao do toucinho ou da cera. Póde dar lugar a tumores de um volume igual ao da hypertrophia. Apparece no ultimo periodo de diversas cachexias, das escrophulas, do rachitismo, da syphilis constitucional; os doentes apresentão todos os caracteres de anemia. Empregar o iodureto de ferro, as preparações de quina e o regimen analeptico.

Baço (Encalhe, enfarte, engurgitamento ou obstrucção do). Dão-se estes nomes á *congestão* ou *hypertrophia* do baço.

Baço (Feridas do). V. FERIDAS.

Baço (Hypertrophia do). Augmento de volume do baço em consequencia do desenvolvimento do orgão, sem alteração do tecido nem da configuração, nem da côr; só a consistencia está augmentada. Differe da congestão, porque n'esta o augmento resulta da simples accumulação pouco duradoura do sangue, ficando o tecido o mesmo. Succede frequentemente ás febres intermittentes, ou desenvolve-se pela influencia dos effluvios pantanosos, sem que tenhão apparecido accessos da febre; manifesta-se tambem sem causa conhecida.

Symptomas. Embaraço, peso, e ás vezes dôr no hypochondrio esquerdo; sente-se no ventre, pela palpação, um tumor grosso, duro, pouco sensivel á pressão; em alguns casos não ha alteração da saude; em outros ha perda de appetite, emmagrecimento, oppressão do peito; não ha febre.

Tratamento. Quando a molestia sobrevier em consequencia das febres intermittentes, administrar o sulfato de quinina 739, vinho de quina 684. Em outros casos recorrer ao ferro reduzido 463, ferro dialysado 466, tintura de Marte tartarizada 475, agua de Vichy 231, bicarbonato de soda 349, e duchas d'agua fria.

Baço (Inflammação do). V. SPLENITE.

BALANITE. Inflammação da membrana que cobre a glande e interior do prepucio, acompanhada de corrimento mucoso-purulento. — Banhos mornos. Injecções de cozimento de linhaça entre o prepucio e a glande 559. Injecções de dissolução de azotato de prata 301. Introduzir o lapis de pedra infernal entre a glande e prepucio, e cauterizar rapida e levemente a superficie da membrana. Infusão de linhaça para bebida 559.

BARRIGA D'AGUA. V. ASCITE.

BEIÇOS ARREBENTADOS. Vesiculas nas margens dos beiços com calor, dòr e inchação. — Cold-cream 448, unguento rosado 701, glycerina 501, ceroto simples 72.

Beiços (Cancro dos). Póde ser um epithelioma ou cancro encephaloide. O epithelioma conhece-se por uma pequena proeminencia dura, indolente, que não tarda a rachar-se e cobrir-se de pequena crosta que cahe e se reproduz incessantemente; de sua base distilla um humor fetido. O cancro encephaloide é um tumor meio molle, causando dôres lancinantes, e que acaba pela ulcera de margens viradas. — *Tratamento.* Curar com glycereo de chlorato de potassa 373; cauterizar com acido acetico crystallizavel 149, com massa de chlorureto de zinco 384, com massa de Vienna 674, ou praticar a extirpação do cancro.

Beiços (Feridas dos). V. FERIDAS.

Beiços (Hypertrophia dos). Augmento excessivo do volume dos beiços. Póde invadir só a membrana mucosa, que forma então uma dobra que repelle para fóra o verdadeiro beiço; cura-se por excisão. Quando a hypertrophia affecta toda a espessura do beiço, a cura é difficil; os banhos frios de rio ou do mar e o vinho de quina podem aproveitar ás vezes; não ha operação a fazer.

Beiços (Rachas dos). V. RACHAS.

Beiços (Tumores erectis dos). Apresentão pulsações, inchão durante os esforços e são reductiveis; ulcerão-se ás vezes e dão lugar a hemorrhagias. — Ligadura ou cauterização.

Beiço rachado ou Labio leporino. Divisão longitudinal, e ordinariamente congenial, de um dos beiços, e, as mais das vezes, do beiço superior. — Avivar as bordas da divisão com o bisturí ou tesoura, e pô-las em contacto por meio de sutura.

Beiços (Ulcerações dos). Sendo simples, cura-las com ceroto, cold-cream, unguento rosado, ou toca-las com pedra infernal. — Podem depender do abuso do mercurio : cauteriza-las com pedra infernal, e empregar os gargarejos indicados na *salivação.* — Se forem cancerosas, veja-se *Cancro dos beiços.* — Sendo syphiliticas, podem ser produzidas pela applicação directa do virus, ou ser consecutivas; n'este ultimo caso apparecem no angulo dos beiços sob a fórma de fissuras : exigem o tratamento anti-syphilitico interno e a cauterização com pedra infernal.

BELIDAS DA CORNEA. As belidas ou manchas da cornea transparente são effeitos de um derramamento, de abcesso ou de uma ferida. São superficiaes, médias, ou profundas. As primeiras comprehendem o *nephelion*, a *nevoa;* as segundas constituem o *albugo;* as terceiras tem o nome de *leucoma.* As belidas superficiaes curão-se com facilidade; as outras são muitas vezes incuraveis. — Cauterização com pincel embebido na solução de azotato de prata 301, com lapis de azotato de prata ou de sulfato de cobre. Pomada de Janin 749. Pomada de Desmarres 738. Collyrio secco de Dupuytren 649. Collyrio de Brun 255. Insufflação nos olhos de calomelanos ou de assucar cande. Lavatorios com agua do mar tepida. Collyrios adstringentes com sulfato de zinco, sulfato de cobre, sulfato de ferro, acetato de chumbo, com laudano puro. Applicação de oleo de figado de bacalháo 631. Excisão dos vasos varicosos. Se as belidas da cornea existirem no lugar correspondente a menina do olho, se impedirem a visão, e não cederem aos meios acima indicados, não ha outro remedio senão a operação da pupilla artificial, sendo esta praticavel.

BERIBERI. Molestia caracterizada pela dormencia das extremidades, diminuição da sensibilidade cutanea, fraqueza geral, com dôres á pressão sobre os musculos, acompanhada muitas vezes de edema duro, inchação da face e do corpo todo, anemia, oppressão epigastrica, dyspepsia, dyspnea, paralysia ordinariamente gradual, incompleta, ascendente, acompanhada ás vezes de constricção em roda do tronco, fraqueza da voz ou rouquidão, movimentos dos membros; e terminando, nos casos fataes, por suffocação, asphyxia ou extenuação das forças; e, nos favoraveis, por secreção abundante de ourinas, e pela restauração lenta e gradual das forças. É uma affecção dos climas intertropicaes, peculiar á India, Malabar, ilha de Ceylão, Antilhas; houve exemplos de desenvolver-se epidemicamente durante a viagem do mar na população indiana; observa-se tambem no Brasil; reinou epidemicamente em 1866 na cidade da Bahia, tanto entre os brancos como entre os pretos, nos acampamentos do exercito brasileiro no Paraguay e na provincia de Matto-Grosso. Grassou tambem em 1867 no interior da provincia do Pará, como consta das observações communicadas pela Sr. Dr. Luiz Ferreira de Lemos á *Gazeta medica da Bahia* (Abril 1868), e em Pernambuco em 1871. Continua a apparecer, por casos isolados, em diversas partes do Brasil, e sobretudo na Bahia. O Sr. D. J. F. da Silva Lima, distincto medico da Bahia publicou, em 1872, uma excellente descripção d'esta molestia n'uma obra intitulada : *Ensaio sobre o Beriberi no Brasil*. Esta obra servio-me para redigir o presente artigo.

Symptomas. A molestia tem-se apresentado geralmente sob tres fórmas principaes que são : 1.ª aquella em que predomina a paralysia; 2.ª aquella em que predomina o edema; 3.ª a que se póde chamar mixta, isto é, a que participa igualmente de ambos aquelles symptomas.

Na primeira fórma, ou *paralytica*, o doente começa por accusar um incommodo indefinido; sente fraqueza geral, inaptidão para qualquer exercicio; o appetite diminue em alguns casos, e ha sensação de plenitude no epigastro. Vem depois dôres vagas pelos membros, nos inferiores principalmente, simulando rheumatismo muscular, que não tarda a ser seguido de dormencia, ou torpor da sensibilidade cutanea. Alguns dias depois, nos casos mais rapidos, o doente sente fraquearem-se-lhe as pernas sob o peso do corpo; illudindo-se sobre a força de seus musculos cahe por vezes quando teima em caminhar, até que desiste do intento de levantar-se; em breve a paralysia do movimento, raras vezes completa, apenas lhe permitte levantar os joelhos no decubito dorsal, ou movê-los no sentido de adducção e abducção. — A paralysia manifesta-se tambem nos membros superiores, começando por dormencia e formigamento nas extremidades de um ou mais dedos, algumas vezes de todos, e pouco depois na perda do tacto, e fraqueza muscular, sendo impossivel ao doente comer por sua mão, segurar qualquer objecto, escrever, etc. — A compressão sobre os musculos paralysados é muito dolorosa, e tanto mais, quanto mais é consideravel a paralysia d'estes orgãos. — Ao mesmo tempo que se manifestão estes symptomas, ou pouco depois, apparece a sensação de uma cinta apertada, a principio em roda da pelve, e gradualmente subindo até ao nivel das axillas. No epigastro accusão alguns doentes um sentimento de plenitude e de dureza, como se ali tivessem uma taboa, ou uma barra de ferro. — Á proporção que esta constricção do tronco vai subindo, apparece a dyspnea, que se torna cada vez

mais afflictiva; sobrevem, por fim, algum ligeiro edema nas extremidades inferiores e na face, que se torna, assim como a parte supèrior do tronco, de côr pallida-azulada; a dyspnea augmenta progressivamente; sobrevem, ás vezes, contracções dos musculos, convulsões parciaes, movimentos choreicos das mãos e braços, mais raramente das pernas, grande anxiedade, acceleração e enfraquecimento do pulso, diminuição consideravel da quantidade da ourina, que toma uma côr de café, suores frios viscosos e a morte por asphyxia.

Na segunda fórma da molestia (*edematosa*) os primeiros symptomas que chamão a attenção do doente são : canceira da respiração, augmento do volume da parte média das pernas, acompanhado de dôr como rheumatica, algum edema e peso dos pés, e fadiga dos musculos, principalmente ao subir escadas ou ladeiras. A compressão dos musculos da barriga da perna é mais ou menos dolorosa. Depois vai apparecendo maior oppressão da respiração, augmentada pelo exercicio; o moral do doente começa então a affectar-se por apprehensões acerca do seu estado, e por uma desesperança, de que, ás vezes, é impossivel tira-lo. O edema é duro e um tanto elastico, de fórma que a impressão do dedo desapparece em poucos segundos, e de circumscripto que era ás pernas, estende-se á face, ao tronco, aos braços, e, finalmente, a todo o corpo, de sorte que alguns doentes parecem ter duplicado de volume. Á proporção que o edema cresce, sobrevem difficuldade de mover as pernas e os braços, e a dyspnea vai augmentando. As ourinas tornão-se escassas, e o suor é geralmente pouco abundante, salvo para o fim, quando a dyspnea é consideravel. A pelle torna-se descorada desde o principio, e por fim é livida, e guarda por muito tempo a marca branca produzida por uma compressão feita lentamente com os dedos. O pulmão torna-se congesto, e o figado muito volumoso e doloroso á pressão. N'estes casos a morte vem tambem por asphyxia, por congestões visceraes, e, ás vezes, como o Sr. Dr. Silva Lima verificou em duas autopsias, por embolia da arteria pulmonar.

Na terceira fórma, ou *mixta*, a molestia começa ora pela paralysia das extremidades inferiores, ora pelo edema sem paralysia, ora, finalmente, por paralysia e edema simultaneos, continuando umas vezes estes dois symptomas a progredir de um modo igual, outras vezes augmentando um mais do que outro, formando então a doença a primeira ou a segunda fórma. Quando o edema e a paralysia são simultaneos no seu apparecimento, e na sua marcha, o doente sente ao mesmo tempo intumescerem-se-lhe os pés e as pernas, o torpor da sensibilidade cutanea e fraqueza muscular, que vai ao ponto de lhe impossibilitar a marcha. Estes symptomas estendem-se depois aos braços, o edema invade a face e todo o tronco. A dôr á pressão sobre os musculos paralysados é tambem muito notavel n'esta fórma. Os doentes sentem grande anxiedade, e não podem estar senão recostados. Em um doente affectado d'esta fórma da molestia, o Sr. Dr. Silva Lima vio sobrevir a cegueira completa em vinte e quatro horas, cerca de oito dias antes da morte. A asphyxia é, de ordinario, o fim d'esta scena de angustias.

Estes tres quadros symptomaticos são transumptos dos casos mais graves da molestia.

Quando a cura deve ter lugar, o edema diminue pouco a pouco; os outros symptomas minorão igualmente; os doentes começão a poder ter-se de pé, e a oppressão quasi não existe. Volta o appetite, cessa a prisão de ventre, reapparecem as ourinas, e recobra o

pulso a sua primeira força. A inchação dos tornozelos, assim como a fraqueza dos membros inferiores, são os symptomas que persistem mais tempo.

O *prognostico* do beriberi, em todas as suas tres fórmas, é bastante grave. Sobre os 51 casos, observados pelo Sr. Dr. Silva Lima, houve só 13 curas, e 38 mortes.

A *duração* varía desde algumas horas até muitos mezes.

Anatomia pathologica. As indagações cadavericas tem demonstrado os phenomenos seguintes : as membranas da medulla espinhal apresentavão a injecção consideravel dos vasos sanguineos, e mesmo algumas ecchymoses nos pontos de emergencia das raizes dos nervos; a medulla tem sempre offerecido certo gráo de amollecimento. Nos individuos que succumbírão depois da fórma hydropica, achou-se n'uma das cavidades da pleura, e ás vezes nas duas, um derramamento de serosidade que variava de 300 a 800 grammas; os pulmões congestos. O coração é habitualmente volumoso, descorado, cheio de sangue fluido ou coalhado. Quando existio inchação durante a vida, encontrou-se no peritoneo, uma accumulação de serosidade que variava de 300 a 1000 grammas; filtração do tecido cellular sub-cutaneo.

Natureza da molestia. O Sr. Dr. Silva Lima considera a molestia como produzida por envenenamento do sangue, manifestando-se ora nos nervos da vida animal, ora nos da vida organica, ora em uns e outros; dando lugar, no primeiro caso, ás perturbações da motilidade e da sensibilidade, constituindo a *fórma paralytica;* no segundo, á stase sanguinea no systema capillar, anasarca, perturbações da circulação geral e visceral, das funcções secretorias, etc., ou *fórma edematosa;* e no terceiro a uns e outros d'estes phenomenos morbidos simultaneamente, constituindo a *fórma mixta.*

Tratamento. Na fórma paralytica, fricções nas costas e nas pernas com tintura de jaborandi 543. A *tintura de jaborandi* prepara-se com 100 grammas de folhas de jaborandi, e q. s. d'alcool a 60°, para obter, por deslocação, 500 grammas de liquido. Fricções com linimento terebinthinado 762, linimento ammoniacal 266, linimento de Rosen 614, linimento ammoniacal camphorado 266, linimento de cantharidas camphorado 345. Sinapismos no espinhaço 616. Maçadura 565. Internamente, vinho de quina 684, vinho de genciana 497, poções com acetato de ammoniaco 267, infusão de jaborandi 544, infusão de cascarilha 355, chá da India com rhum. Banhos do mar, banhos aromaticos 444.

Na *fórma hydropica,* purgantes e diureticos; preparações de gomma-gutta, 508, jalapa 545, escamonea 441, scilla 723, digital 414. Vinho do Porto. Poção contra o beriberi do Dr. Silva Lima 725. Pilulas diureticas 442.

Na *fórma mixta,* os meios therapeuticos consistem na associação dos tonicos, estimulantes, diureticos e purgantes, acima indicados.

A mudança para fóra da localidade onde o doente adquirio a doença, e melhor ainda para fóra da zona intertropical, mórmente se é emprehendida em periodo pouco adiantado da molestia, produz quasi sempre excellentes effeitos. Quando os doentes não podem lançar mão d'este valioso recurso, resta-lhes a mudança para o interior da provincia, que é proveitosa muitas vezes. Na provincia da Bahia, a ilha de Itaparica é considerada pelos medicos como excellente refugio contra o beriberi para as pessoas que não podem emigrar para a Europa ou para o sul do Imperio. A agua potavel é ali abundante e excellente, o terreno é arenoso e enxuto, ha uma

spaçosa praia de banhos. Segundo as averiguações dos Srs. Drs. Silva Lima e Pacifico Pereira, cerca de 50 beribericos idos da cidade da Bahia para a villa de Itaparica, nos annos de 1875 e 1876, curárão-se ou melhorárão todos.

BERNE. *Cuterebra*, Clark, Latreille. Larva de insectos dipteros, semelhantes ás moscas, da familia dos *Oestridos*, que depõem os ovos debaixo da pelle dos bois, cavallos, dos cães de caça e do homem, por meio de uma púa ou ferrão, orgão perfurante que estes insectos tem na porção abdominal. A larva, desenvolvendo-se, fórma um pequeno tumor, a que se dá tambem o nome de *berne*. O insecto completo parece-se com uma grossa mosca, coberta de pellos delicados e abundantes. Existem d'elle diversas especies, que se encontrão na America meridional. A larva de algumas tem 27 millimetros de comprimento; o seu corpo é glabro e esbranquiçado; acha-se representada na fig. 301; é mais particularmente propria ao gado vaccum: chamão-lhe no Brasil *berne branco*. O berne, que o Sr. Dr. Martins Costa, distincto medico do Rio de Janeiro, observou na provincia do Rio de Janeiro, foi uma larva de côr amarella, de fórma cónica ou, antes, ellipsoide, bastante afilada em uma de suas extremidades, de maneira a simular um pescoço, mais grossa no ventre, podendo estender-se ou encurtar-se com facilidade, graças á sua disposição em anneis. (V. a descripção acompanhada da figura no *Progresso medico*, jornal do Rio de Janeiro, de 5 de Dezembro de 1876.)



Fig. 301. Berne.
a, larva; *b*, insecto completo

O berne é solitario, isto é, em cada tumor sub-cutaneo encontra-se só uma larva. Quando o insecto fura a pelle, para depositar o seu ovulo, sente-se apenas uma leve comichão; mas quando o ovulo se transforma em larva (berne) sobrevem dôr e inchação mais ou menos intensas; o tumor apresenta um pequeno orificio d'onde escôa continuamente um liquido diaphano. A fricção com unguento cinzento 801, a applicação de um pouco de ammoniaco liquido 265, ou de essencia de terebinthina 761, bastão para mata-lo. Deixando-se de empregar estes meios, o insecto cresce e profunda-se nos tecidos : é necessario então extrahi-lo. Para este fim introduz-se no buraquinho uma torcida de fumo da grossura de uma agulha grossa; o bicho não tarda a pôr a cabeça de fóra; agarra-se então com a pinça e extrahe-se. Facilita-se a sahida do bicho, comprimindo o tumor com os dedos sobre os lados. Em vez de uma torcida de folha de fumo, que o povo costuma empregar, póde se obter a dilatação do orificio com um bisturí, meio mais rapido e mais seguro.

BERTOEJA ou **Brotoeja.** Borbulhas pela pelle, brancas no topo, cercadas de extenso rubor, mui pruruginosas, de ordinario pouco duradouras. — Regimen brando e composto principalmente de vegetaes. Fructas acidas. Caldos de hervas. Limonadas de limão, de tamarindos 751, de cremor de tartaro 406. Banhos mornos. Lavatorios com agua e vinagre, ou com sabão. Purgantes 804.

BEXIGA. Reservatorio da ourina. É uma bolsa musculo-membranosa, situada na região hypogastrica, na excavação da bacia, atraz do pubis, acima do qual ella se eleva quando está cheia. No estado de vacuidade, fórma, na pequena bacia, uma massa arredondada,

levemente conoide, e cujo volume é igual ao de um ovo de gallinha.

Bexiga (**Calculo da**). V. CALCULO.

Bexiga (**Catarrho da**). V. CATARRHO VESICAL.

Bexiga (**Espasmo do collo da**). Conhece-se pela difficuldade de emittir a ourina apezar dos esforços, e pela facilidade com que este liquido corre logo que chegou ao meato; a ourina causa uma dôr viva durante a passagem na urethra, e quando deixou de correr o doente sente dôr no meato urinario. — Applicar no perineo panno molhado em agua fria. Friccionar a mesma região com pomada de belladona 308.

Bexiga (**Feridas da**). V. FERIDAS.

Bexiga (**Inercia da**). V. INERCIA.

Bexiga (**Inflammação da**). V. CYSTITE.

Bexiga (**Nevralgia da**). V. NEVRALGIA.

Bexiga (**Paralysia da**). V. PARALYSIA.

Bexiga (**Ruptura da**). V. RUPTURA.

BEXIGAS ou *Variola*. Molestia febril, com erupção pustulosa na pelle, contagiosa, que de ordinario se tem só uma vez, mas de que todos, geralmente, podem preservar-se pela *vaccinação*. É precedida de um periodo de incubação, que dura de tres a quatro dias, acompanhada de lassidão e dôr nos membros, febre, coryza, lagrimejamento. Manifestão-se depois phenomenos variados, segundo que as bexigas são discretas ou confluentes.

Bexigas discretas, *regulares* ou *benignas*. Do terceiro para o quarto dia, depois do começo da febre, apparecem pintas vermelhas isoladas, semelhantes a mordeduras de pulgas, e occupando primeiramente a face, depois os braços, o peito, e todas as outras partes do corpo. Cessão então momentaneamente os symptomas febris. Estas manchas transformão-se em pustulas. Os intervallos das pustulas avermelhão, a pelle entumece, as pustulas são duras ao tocar; o liquido que ellas contém espessa-se; faz-se primeiramente amarellado depois toma uma côr argentina e purulenta; o seu apice é achatado e apresenta uma depressão umbilicada. A tumefacção da pelle, mais consideravel na cara do que nas outras partes, causa uma dôr tensiva e calor ardente, e do quinto ao sexto dia da erupção declara-se a febre secundaria (a febre de suppuração), e uma leve salivação; este estado persiste até ao dia undecimo ou duodecimo (o oitavo da erupção), e depois principia a secca. A tumefacção diminue : as crostas que se formárão na face cahem pelo decimo quarto ou decimo quinto dia, as das outras regiões do corpo cahem successivamente um, dois ou tres dias mais tarde; e ficão pequenas nodoas vermelhas escuras, que se apagão lentamente, e ás vezes pequenas cicatrizes irregulares e persistentes.

Bexigas confluentes. Os periodos de incubação e de invasão manifestão-se com medonha intensidade e em todo o organismo. A erupção é rapida; do segundo ao terceiro dia apparecem pequenas elevações numerosas, violaceas, grupadas ou confundidas por sua circumferencia. No espaço de quatro a cinco dias, as elevações tem augmentado de volume; o seu apice achata-se; depois forma-se-lhe no centro a *depressão umbilicada*, caracteristica das pustulas variolicas, depressão tanto mais pronunciada quanto a suppuração está mais proxima, mas ás vezes desmanchada em razão da agglomeração das pustulas. É n'este periodo de molestia que sobrevem as mais graves complicações. Muitas vezes a tumefacção enorme do rosto estende-se ao tecido cellular do craneo e do pescoço; sobrevem

elirio, somnolencia, vomitos, diarrhea, tosse, salivação. Finalmente hega a secca, que principia ordinariamente pela face; diminue a umefacção, forma-se uma especie de vasta crosta escura, que cahe lo quinto ao sexto dia a contar da epoca da sua formação, e que substituida por escamas que se renovão muitas vezes. Porém, om frequencia, a secca não se faz com esta regularidade : as pusulas ulcerão-se, e estas ulcerações deixão após si cicatrizes disormes. Outras vezes não ha secca, nem formação de crostas, as omplicações acima indicadas determinão a reabsorpção do pus; s pustulas abatem rapidamente; sobrevem prostração de forças, e ima collecção de symptomas adynamicos promptamente mortaes.

Tratamento das bexigas regulares. Dar ao doente bebidas emolientes frias, taes como o cozimento de arroz 283, de cevada 366, nfusão de flores de malvas 586, etc., adoçadas com assucar ou arope de gomma; póde-se mesmo dar a beber agua simples fria; olloca-lo n'um quarto vasto, mudar-lhe frequentemente a roupa, reserva-lo do ar frio, sem comtudo abafa-lo com cobertores, cuidar o asseio, e renovar o ar, abrindo de vez em quando as portas ou anellas, evitar uma temperatura muito elevada. Sarracenia purpurea 721. Caldos de gallinha nos primeiros dias por toda a alimenação; entreter o ventre livre com clyster de linhaça 560. Lavar os lhos com decocção de linhaça 561, usar de gargarejos com agua norna e mel rosado 702. Contra a insomnia, dar 15 a 30 grammas 1/2 a 1 onça) de xarope diacodio 637, ou 15 gottas de laudano de ydenham 636. Banho geral d'agua morna simples no fim do periodo le deseccação, para favorecer a quéda das crostas e fazer cessar a omichão; as uncções com oleo de amendoas doces são uteis para o nesmo fim. No momento da erupção, as pustulas que apparecem a margem livre das palpebras, ou sobre a conjunctiva, devem ser auterizadas com pedra infernal, para evitar as ophthalmias conseutivas, tão graves na variola. No periodo de secca procurar cuidaosamente as collecções purulentas, e abri-las com lanceta afim de vitar a resorpção.

Diversos meios forão propostos para fazer abortar as pustulas; ão : 1° Cauterização das pustulas com lapis de pedra infernal, do rimeiro ao terceiro dia da erupção. Este meio, hoje quasi abandoado, ficou reservado sómente para as pustulas da margem ciliar las palpebras ou dos olhos. 2° Applicação do emplasto mercurial le Vigo sobre o rosto, tendo aberturas para a bocca, nariz e olhos; u fricções com unguento mercurial na mesma região, nos prineiros dias da molestia, para impedir o desenvolvimento das pusulas, e prevenir as marcas que ellas deixão. Este meio é bom. ° *Vaccinação* no braço; 40 a 50 picadas nas differentes partes do orpo, com a lanceta molhada na vaccina, logo no principio da nolestia. Este meio está abandonado, por não ter produzido os ons resultados que se esperavão.

Tratamento das bexigas confluentes, irregulares, malignas, pelle le lixa, olho de polvo. Se predominarem os symptomas ataxicos, ecorra-se aos antispasmodicos 789 (castoreo, almiscar, camphora, ssafetida, etc.); se os adynamicos, admimistrem-se os tonicos 807, sobretudo as preparações de quina 679, e vinhos generosos. Aceato de ammoniaco 266. Poção sudorifica simples 267. Poção com erchlorureto de ferro 469. Poção sudorifica de Foy 267. Se apparecer hemorrhagia na bocca, empreguem-se os adstringentes 784. reparações de ratanhia 692. Poção adstringente 693. Gargarejo dstringente 693. Limonadas de limão, de laranja. Cozimento anti-

phlogistico de Stoll 298. Emulsão camphoro-nitrada 332. Pilula antisepticas 331.

BEXIGAS DOUDAS. V. CATAPORAS.

BICHEIRO. Tumor em que se encontra maior ou menor quantidade de larvas, vulgo *bichos*, produzidos pelas lendeas da mosca hominivora (*Lucilia hominivora*, Coquerel), — Quando o tumor existe na parte superficial do corpo, introduzir, pelo seu buraquinho, calomelanos; ou abrir o tumor com a lanceta ou bisturí, tirar todas as larvas; curar depois a ferida com ceroto simples 72. Se o bicheiro existir na garganta ou no interior do nariz, como ha exemplos (*bicheiro das fossas nasaes* ou *myasis*), empregar os gargarejos ou seringatorios com agua salgada, ou agua com vinagre.

BICHO DOS PÉS. Pequeno insecto commum no Brasil, pertencente ao genero *pulga* (*pulex penetrans*, L.). A femea introduz-se debaixo da pelle dos calcanhares ou debaixo das unhas dos dedos dos pés, e adquire logo ali o volume desde o tamanho de um grão de milho painço até ao de um grão de cevadinha regular, pela inchação de um sacco membranoso que tem debaixo do ventre, que contém os seus ovos. Quando não se extrahe promptamente póde occasionar ulceras extensas. Extrahir o bicho, e applicar na ferida um pouco de rapé, ou calomelanos 602; lavar depois a ferida com agua morna, e curar com fios untados com glycerina 501, ou ceroto simples 72.

BICO DO PEITO (Eczema do). Quando um eczema existe na superficie do bico do peito, observão-se vesiculas, liquido seroso que distilla gotta a gotta, e crostas que cahem e se reproduzem. Para o tratamento, v. *Eczema*.

Bico do peito (Rachas do). V. RACHAS DO SEIO.

Bico do peito (Ulcerações do). O bico do peito, nas mulheres que cessárão de amamentar, cobre-se ás vezes de crostas que, depois de cahidas, deixão o bico do peito descoberto e vermelho; este estado causa dôres vivas. Em alguns casos uma pequena ulcera succede a estas crostas. — Cataplasma de fecula 461. Glycereo de tannino 754. Tocar levemente a superficie denudada com pedra infernal.

Bico do peito (Vegetações do). Apparecem ás vezes vegetações no bico do peito depois da cicatrização das syphilides, mas mostrão-se tambem fóra da diathese syphilitica. Tem a fórma de couve-flores; são sesseis ou pediculadas. Ligar com linha a base dos tumores *pediculados;* excisar os tumores *sesseis* com tesoura, e cauterizar depois a ferida com pedra infernal.

BLENNORRHAGIA, Gonorrhea, Esquentamento, ou **Purgação.** Fluxo mucoso ou purulento e contagioso do canal da urethra no homem ou da vagina na mulher. — Bebidas emollientes e diureticas, como a infusão de linhaça, a decocção de cevada, grama; alimentação leve abstinencia de todos os licores estimulantes, do vinho puro, de espargos, de comidas temperadas, do coito, de grandes fadigas, da equitação, etc. Banhos e semicupios d'agua morna. Copahiba 400. Capsulas de copahiba 400. Poção de Chopart 402. Mistura balsamica de Fuller 402. Mistura brasileira 402. Xarope de copahiba de Puche 402. Mistura de Lisemann 402. Clysteres de copahiba 403. Cúbebas 407. Electuario de cúbebas e copahiba 408. Electuario anti-blennorrhagico 408. Copahiba Mège 400. Capsulas balsamicas de Barral 400. Clyster anti-gonorrheico 408. Terebinthina 758. Pilulas de estoraque 451. Electuario adstringente de Most 551. Se houver erecções frequentes, dolorosas; banhos mornos, repouso, clysteres opio-

camphorados 640. Emulsão camphorado-nitrada 332, e dieta severa. — As preparações mercuriaes não devem ser empregadas internamente, senão quando a blennorrhagia não ceder a todos estes meios.

Blennorrhagia bastarda ou **espurria**. Dá-se este nome á *balanite*.

BLENNORRHEA. Dá-se este nome á *blennorrhagia chronica*. Póde ser primitiva, mas quasi sempre succede ao estado agudo. É um estillicidio contínuo pela urethra de um liquido espesso, branco, viscoso, transparente, ás vezes amarello ou esverdeado. Outras vezes este fluxo é tão pouco consideravel, que passa inapercebido durante o dia, porque sahe durante a emissão da ourina; mas de manhã, ao accordar, basta exercer uma pressão sobre o canal para vêr apparecer uma gotta de liquido mucoso ou puriforme. Emfim, no mais fraco gráo da molestia, existe só leve humidade no meato urinario. — Injecções com dissolução de azotato de prata 301. Injecção com tannino 753, e outras injecções adstringentes 146, 258, 693, 744. Banhos frios. Banhos do mar. Leve cauterização do canal da urethra com o nitrato de prata por meio de sonda. Uso interno das preparações de copahiba 389, ou de cúbebas 407.

BLEPHARITE. Inflammação da palpebra.

Blepharite geral. Inchação dolorosa da palpebra, vermelhidão, mucosidades, ás vezes formação de abcesso. — Cataplasma de linhaça 560, ou de fecula 461. Lavatorios com agua morna. Pediluvio sinapizado 616. Purgante de sal de Sedlitz 595. Se se formar um abcesso, abri-lo quanto antes.

Blepharite ciliar ou *Tinha das palpebras*. Vermelhidão mais ou menos viva da margem livre das palpebras; a epiderme da pelle da palpebra separa-se debaixo da fórma de pelliculas esbranquiçadas semelhantes a farelos; apparecem pequenos botões entre as pestanas que ás vezes estão unidas por crostas; em alguns casos sobrevem ulcerações, e as pestanas cahem espontaneamente. — Fazer cahir as crostas com cataplasmas de fecula 461; com glycerina 501; lavar com decocção morna de raiz de althea, e depois com licor de Van Swieten tepido 606; untar com pomada de turbitho mineral 611. Se estes meios não forem sufficientes, arrancar com pinça as pestanas que parecerem mais affectadas, e cauterizar a base com pedra infernal. Applicar a tintura de iodo 531.

BLEPHAROPTOSE. V. PALPEBRA (*Quéda da*).

BLEPHAROSPASMO. V. ESPASMO DA PALPEBRA.

BOCCA AMARGA. V. AMARGOR DE BOCCA.

BOCCA (**Molestias da**). V. APHTAS, CANCRO DOS BEIÇOS, CANCROIDE, ESTOMATITE, FERIDAS DOS BEIÇOS, SALIVAÇÃO, ULCERAS SYPHILITICAS.

BOCIO. V. PAPEIRA.

BOLHA, ou **Empola na pelle**, ou **Phlyctena**. Porção de epiderme despegada pela interposição de um liquido aquoso. Póde ser occasionada por attrito : n'este caso é necessario abrir o pequeno tumor na parte mais declive com a ponta da lanceta, deixar escorrer a serosidade, respeitar a epiderme, e applicar encerado inglez 85, ou um panno untado com ceroto 72, ou glycerina 501. As bolhas podem tambem apparecer espontaneamente no *pemphigo* e *rupia*. (V. estas palavras.)

BORBORYGMOS. V. FLATULENCIA.

BORRACHUDO (**Picadas de**). V. PICADAS.

BOUBAS ou *Framboesia*. Molestia de pelle que se apresenta debaixo das fórmas seguintes : 1.ª *Boubas seccas;* são tuberculos a principio como cabeças de alfinetes, um tanto molles, e como nucleosos; no decurso mais e mais amplos, desiguaes, achatados,

indolentes, superficialmente ulceraveis, espalhados pela cara, tronco e extremidades. 2.ª *Boubas humidas* : ulceras elevadas, planas, rubras, granulosas, de 1 a 3 polegadas de diametro, das quaes reçuma um fluido mucoso; cobertas ás vezes de materia branco-amarellada (*boubas atoucinhadas*). 3.ª *Cravos boubaticos*; pequenas elevações na planta dos pés, acompanhadas de rachas profundas e dolorosas. — Cozimentos de caroba 352, de salsaparrilha 712, de guaiaco 513, infusão de sassafraz 722, ou de bardana 303. As preparações mercuriaes são reconhecidas como as mais efficazes n'esta molestia. Pilulas azues 600. Pilulas mercuriaes de Biett 600. Pilulas de Plenck 600. Licor de Van Swieten 606. Pilulas antiboubaticas do Dr. Castro 601. Bolos antipsoricos de Levacher 513. De tempos a tempos, algum purgante 804. Tocar as ulceras, de vez em quando, com pedra infernal. Cura-las com um unguento digestivo 759, unguento de Arceus 759, mel mercurial 602, agua de Labarraque 383, vinho aromatico 445, vinho tinto simples, pós de Joannes 601, glycereo phenico 158, ceroto simples 72. Usar frequentemente de banhos ou lavatorios com agua tepida.

BRONCHITE ou Catarrho pulmonar. Inflammação da membrana que forra as vias aereas (bronchios). Chama-se *simples*, quando acommette os bronchios maiores, e *capillar*, quando se estende ás ultimas ramificações bronchiaes.

Bronchite simples aguda. Quando é intensa é designada vulgarmente pelo nome de *defluxo do peito*, e é caracterizada pela tosse e expectoração pouco abundante. Os symptomas da bronchite intensa (*catarrhal*), são : calor no peito, cephalalgia, oppressão, pelle secca e depois humida, tosse a principio secca, e, passados alguns dias, acompanhada de escarros mucosos, purulentos, ás vezes estriados de sangue; pulso duro, ás vezes febril; o ouvido applicado no peito distingue ruidos sibilantes e roncantes.

Tratamento. Sendo a bronchite *leve*, basta, para cura-ia, empregar infusões sudorificas e emollientes, como as de sabugueiro, flor de malvas, raiz de althea, violas, papoulas, verbasco, hysopo, ou hera terrestre, com assucar, mel de abelhas ou xarope de gomma. As infusões tomadas ao deitar devem ser quentes, afim de excitarem a transpiração. Pediluvio sinapizado 616. Infusão peitoral 257. Loock branco 264. Pasta de jujubas 550, de Regnauld 447. Pasta de gomma 507. Pasta peitoral balsamica 507. Xarope anti-phlogistico 489. Xarope peitoral inglez 751. Pastilhas de ipecacuanha 542. Pastilhas de manná de Manfredi 592. Respirar o vapor da infusão quente de flores de malvas 586.

Uma temperatura uniforme, o silencio e a dieta absoluta, são as primeiras condições que se exigem na *bronchite intensa*. Tartaro stibiado 278. Poção contra-estimulante de Laennec 279. Poção stibiada de Louis 279. Ipecacuanha 540. Pós de Dower 25 centigrammas, duas vezes por dia 542. Loock branco 264. Loock calmante 639. Xorope de chlorhydrato de morphina 642. Xarope de lactucario opiado 247. Pasta de lactucario 247. Xarope diacodio 637. Loock oleoso 627. Loock peitoral 628. Loock scillitico 725. Loock de kermes 278. Poção de kermes contra-estimlante 278. Marmelada de Tronchin 240. Marmelada de Zanetti 340. Belladona 306 Vesicatorios 343. Regimen lacteo.

Bronchite capillar. Distingue-se pela dyspnéa, tosse frequente, expectoração de mucosidades serosas, glutinosas ou amarelladas, ruidos sibilantes e sub-crepitantes, anxiedade, pelle secca ou coberta de suor, febre. É uma das fórmas mais graves da bronchite, por

causa da extensão que occupa, e da profundidade onde penetra, pelo que se lhe dá o nome de *catarrho suffocante*.

O *tratamento* da bronchite capillar compõe-se de tartaro emetico administrado na dóse de 10 centigrammas em 120 grammas d'agua, que se administra ás colheres durante dois ou tres dias; ventosas seccas na base do peito, caustico no peito, e pós de Dower 542.

Bronchite chronica. (*Catarrho pulmonar, catarrho mucoso*). Tosse chronica acompanhada de escarros mais ou menos abundantes. — Habitar em lugar secco. Usar do leite de vacca, de cabra, de burra. Tartaro emetico 278. Ipecacuanha 540. Purgantes 804. Decocção mucilaginosa de musgo islandico 620. Gelea de musgo islandico 621. Pasta de musgo islandico 620. Pasta de carragaheen 353. Gelea de carragaheen 353.—Xarope de especies peitoraes 134, xarope de especies bechicas 134, xarope de erysimo composto 441, xarope de renovos de pinheiro 138, xarope de Lanthois 621, de caracoes 132, xarope de balsamo de Tolú 131, xarope de terebinthina 140, xarope de alcatrão 130, xarope de lactucario 247, xarope peitoral 639, xarope de phellandrio 137, xarope peitoral inglez 751. Balsamo de mel 598. Infusão de hera terrestre 515, de hysopo 528, de inula campana 529, de polygala de Virginia 670. Pasta de alcaçuz 239, pasta de jujubas 550, pasta peitoral de Regnauld 447, pasta peitoral balsamica 507, pasta de gomma arabica 507. Pilulas de Pariset 279. Pilulas expectorantes 506. Pilulas de cynoglossa 638. Pastilhas de manná 591. Pasta de Calabria 591. Pastilhas de Tolú 302. Marmelada de Tronchin 340. Marmelada de Zanetti 340. Poção peitoral 302. Emulsão balsamica 303. Preparações de kermes 277, scilla 723, meimendro 596, digital 414. Belladona 306. Oleo de figado de bacalháo 631. Fumigações com vapores quentes de infusão de plantas emollientes 446, ou narcoticas 446. Fumigações de vapores de benjoim 310. Respirar os vapores de alcatrão ou de terebinthina. Para este fim collocar no quarto pratos com alcatrão liquido que se mexe de vez em quando com um páo; ou introduzir 8 grammas de terebinthina n'uma garrafa d'agua quente, e respirar o vapor muitas vezes por dia, por um quarto de hora, por meio de um funil introduzido no gargalo. Applicar nas costas ou no peito emplasto de pez de Borgonha 82. Emplasto contra o catarrho pulmonar 280. Sparadrapo de thapsia 762. Vesicatorios volantes 343. Fricções no peito com oleo de croton tiglium 629, com pomada stibiada 280. Aguas sulfurosas 184. Caldas da Rainha 197. Inspiração dos vapores das aguas sulfurosas.

BRONCHOCELE. V. PAPEIRA.

BRONCHORRHEA. V. CATARRHO PITUITOSO.

BROTOEJA V. BERTOEJA.

BUBÃO ou **Mula**. Tumor produzido pela inchação das glandulas lymphaticas da virilha, e occasionado pelo virus syphilitico. Quando depende de outra causa, chama-se *Ingua*. (V. esta palavra). Póde ser *consecutivo* ou *constitucional*. Os bubões consecutivos só se declarão depois da apparição de cancros ou de blennorrhagia; os constitucionaes manifestão-se ao cabo de um tempo mais ou menos longo, em consequencia de infecção antiga, que se tornou constitucional. O bubão annuncia-se por um incommodo, e dôr na virilha; pouco depois apparece um tumor que adquire logo o volume de uma noz, de um ovo e mesmo do punho do doente : sua fórma é oblonga. Resolve-se ou termina por suppuração.

Tratamento. Deve-se tentar a resolução por todos os meios, pois que a suppuração prolonga o tratamento, e deixa vestigios inde-

leveis. Para este fim, applicar a tintura de iodo sobre o tumor duas vezes por dia com pincel 531, e por cima a cataplasma de linhaça 560, ou de fecula 461. O doente observará o maior repouso, e tomará internamente as preparações mercuriaes ou as de iodureto de potassio (V. *Syphilis*), se a coexistencia dos cancros não o obrigou a sujeitar-se já a este tratamento. Com o fim de resolver o tumor, póde-se tambem recorrer á applicação de um caustico 343, que se cura depois com pomada mercurial cinzenta 601. Tambem para resolver os bubões póde-se empregar o emplasto de Vigo 81. Se apezar d'este tratamento a suppuração se tiver formado, dê-se sahida ao pus com o bisturí. Se a suppuração se tiver formado lentamente, como em alguns tumores escrophulosos, se o fóco fôr vasto, a pelle violacea, despegada, ou se existir ao redor do abcesso um engurgitamento não doloroso, em lugar do bisturí, empregue-se a potassa caustica 673, ou os pós de Vienna 674. Se o tumor ficar estacionario, se apezar de todas as applicações locaes, e dos antisyphiliticos administrados internamente por muito tempo, não tender á suppuração, nem a desfazer-se, applique-se um vesicatorio, e depois de destruida a epiderme, applique-se um chumaço embebido em solução mercurial caustica (1 gramma de sublimado para 30 grammas d'agua distillada) : favoreça-se a quéda da escara com cataplasma de linhaça, e entretenha-se a suppuração por meio de applicações estimulantes, como, por exemplo, de unguento de Genoveva 760, digestivo simples 759, ou digestivo animado 759, de estoraque 451, etc. A ulcera que resulta da abertura de um bubão pelo bisturí ou pela potassa caustica, deve ser curada com fios untados com ceroto, com pomada mercurial 601 ; ou se a inflamação fôr intensa, com cataplasmas de linhaça. Se o estado atonico dos tecidos impedir a cura, toquem-se com pedra infernal, e curem-se com fios molhados em agua de Labarraque 383, solução de chlorureto de cal 381, de sublimado 606, vinho aromatico 445, ou cobertos com algum unguento estimulante 759. No caso de ser a cicatrização retardada pela diathese escrophulosa ou escorbutica, convem associar aos antisyphiliticos os medicamentos que reclamão estas complicações. Existindo trajectos fistulosos, cauteriza-los com pedra infernal; ou fazer injecções com tintura de myrrha 623, tintura de iodo 531, ou com solução de azotato de prata 301. Cortem-se com tesoura todas as sinuosidades e as margens da ulcera, se estiverem despegadas. Se, apezar do emprego do azotato de prata, das applicações emollientes, narcoticas, ou dos curativos com vinho aromatico, a ferida ficar estacionaria ou continuar a fazer progressos, applique-se sobre ella um caustico, ou polvilhe-se com cantharidas em pó. Vinte e quatro horas depois cure-se a ferida com fios molhados em vinho aromatico 445. V. Virilha (*Tumores da*).

BULIMIA. Appetite exagerado, que obriga os doentes a comer no intervallo ordinario das comidas, e mesmo ás vezes a levantar-se de noite para tomar alimento. É uma perversão da sensibilidade gastrica. Existe n'essas pessoas uma dòr de estomago que simula a sensação da fome, e esta falsa necessidade mal comprehendida é que as obriga a comer continuadamente. — Tomar no momento da crise uma pilula de opio de 5 centigrammas 638.

CABEÇA DE PREGO. V. Fruncho.

CABELLO (**Quéda do**). V. Alopecia.

CACHEXIA EM GERAL. Alteração profunda da economia caracterizada pela inchação do corpo, tez do rosto amarellada ou côr de chumbo, sangue seroso, e languidez de todas as funcções, estado que se observa sobretudo depois de longas molestias, no fim de

certas affecções chegadas ao mais alto gráo de intensidade, principalmente no escorbuto, cancro, syphilis. — O *tratamento* consiste em boa alimentação, vinho, habitação no campo, viagens, banhos aromaticos quentes 444, fricções pelo corpo com linimento de Rosen 614, preparações ferruginosas 462 a 476.

Cachexia cancerosa. V. Cancro em geral.

Cachexia mercurial. Enfraquecimento produzido pelas emanações do mercurio em certos operarios como os fabricantes de espelhos, douradores, etc., ou então pelo abuso dos medicamentos mercuriaes, e sobretudo das fricções com unguento mercurial.

Remover as causas. Suspender o tratamento mercurial. Regimen analeptico : vinho, ovos, carnes assadas, tapioca, vinho de quina 684, vinho de quina composto 686. Aguas sulfurosas tomadas na fonte 184. Caldas na provincia de Minas 195. Caldas da Rainha 197, de Vizella 234. Ferro reduzido 463.

Cachexia paludosa. Côr amarellada da pelle, languidez, carnes molles, ventre volumoso, pernas magras, baço inchado, anasarca, ascite. — Mudar de habitação para longe dos pantanos; regimen fortificante, vinho do Porto, poção de genciana 498, vinho de quina 684, vinho de quina composto 686, ferro reduzido 463, sulfato de quinina 739.

CACHUMBA. Engurgitamento das glandulas situadas debaixo do queixo ou das orelhas, que apparece nas crianças. — Applicar algodão em rama. Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Limonada purgativa com citrato de magnesia 584, ou oleo de ricino 632.

CADEIRAS (Dôr de). V. Lumbago.

CAIMBRA. Contracção involuntaria, espasmodica e dolorosa de certos musculos, particularmente dos da parte posterior da perna.

Estender o membro ou comprimir os musculos. Se as caimbras forem nas barrigas das pernas, apoiar com força a perna no soalho. Praticar fricções com a mão sobre o lugar dorido. Applicar uma chapa de latão, ou cercar a perna com cadeia feita d'este metal. Previnem-se as caimbras pelo uso dos banhos geraes mornos, ou mettendo debaixo do colchão, e atravez da cama, uma pinça de chaminé, ou algum outro pedaço comprido de ferro. Empregar, finalmente a electricidade. As caimbras dependentes da gravidez céssão depois do parto.

Caimbra dos escrivães ou **Contractura da mão.** Principia pela rijeza nos movimentos do dedo pollegar, o qual se torna custoso collocar-se na posição recta. Depois quaesquer que sejão os esforços do doente, é-lhe impossivel estender o pollegar e leva-lo na abducção; mais tarde a mão tende a fechar-se; os movimentos communicados para apartar o pollegar são dolorosos. — Quando principia a contractura da mão, o doente deve cessar de escrever, ou, se fôr obrigado a fazê-lo, servir-se-ha de caneta do diametro de 2 centimetros pelo menos. Se a caimbra não cessar, sirva-se do apparelho de Velpeau ou de Duchenne de Boulogne. Ao mesmo tempo electrizar os adductores do pollegar, e praticar a maçadura na eminencia thenar e na parte inferior do antebraço 565.

Caimbra do estomago. Dôr viva que ataca o estomago, e que parece devida á contracção espasmodica da tunica muscular d'este orgão. — Applicar panno quente na região epigastrica. Sinapismos no mesmo lugar 616. Beber 15 a 20 gottas de ether sulfurico n'uma colher d'agua fria com assucar. Chá de folhas de laranjeira ou de herva cidreira. Poção calmante e antispasmodica 456. Banho morno geral.

CALCULO. Concreção morbida de consistencia dura e mesmo lapidosa, que se forma em differentes cavidades, e em outras partes do corpo.

Calculo ou **Pedra na bexiga.** *Symptomas :* Dôres no baixo-ventre, entre as coxas, no anus, que acalmão pelo repouso e augmentão com o exercicio; vontade frequente de ourinar; choque da pedra contra a sonda metallica introduzida na bexiga. — *Tratamento :* Banhos geraes mornos, preparações de opio para acalmar as dôres 638. Lithotomia. Lithotricia. Para prevenir a formação das pedras na bexiga, seguir o regimen indicado contra as Areias.

Calculos biliares. *Symptomas :* Dôr espontanea, viva e ás vezes insupportavel, no hypochondrio direito (*colica hepatica*).

Tratamento. Para acalmar as dôres : Banho morno prolongado. Tomar 1 pilula de opio 638. Praticar injecções sub-cutaneas no hypochondrio direito com a dissolução de chlorhydrato de morphina 645. Tomar a poção de chloral 371. As inhalações de chloroformio 374, ou de ether 454, podem ser empregadas nos accessos de colica hepatica, com o fim de entorpecer a dôr. Um purgante de sulfato de magnesia 585, póde facilitar a deslocação do calculo. — As pessoas sujeitas á colica hepatica devem adoptar um regimen composto pela maior parte de legumes, hortaliça, fructas, saladas, vinho com agua, muitas limonadas, peixe, pouca carne; ter vida activa, tomar bicarbonato de soda 349, pastilhas de Vichy 349, usar das aguas de Vichy 231, Pedras Salgadas 220, Vidago 232, em bebida e banhos. O remedio de Durande 761, que foi aconselhado, não se emprega mais. O acetato de potassa 147, as pilulas de sabão medicinal 704, são uteis.

Calculos renaes. Symptomas : dôr nas cadeiras (*colica nephritica*), acompanhada ás vezes de febre.

Acalmar as dôres e inflammações pelas preparações de opio 638, injecções subcutaneas com chlorhydrato de morphina 645, poção de chloral 371, banhos mornos, e applicando nas cadeiras cataplasmas de linhaça simples ou borrifadas com laudano 636. Diureticos 795, e todos os meios indicados nas *Areias*.

Calculos dos ureteres. Symptomas : Dôr pelo trajecto d'estes canaes, desde as cadeiras até á bexiga. — Banho geral d'agua morna. Cataplasma anodyna nas cadeiras 641. Opio 638. Chloral 371.

Calculos da urethra. *Os que parão na porção prostatica :* Penetrar com o catheter encanado até ao obstaculo, e incisar sobre elle a porção muscular da urethra : com os dedos da mão esquerda introduzidos no recto, trazer o calculo para diante; dilatar então a incisão sobre o mesmo calculo, e extrahi-lo com a pinça.

Os que parão na porção musculosa : Introduzir no recto o index esquerdo, afim de empurrar o calculo para o perineo; fazer a incisão obliqua sobre o catheter encanado ou sobre o proprio calculo, e extrahi-lo com a pinça ou cureta.

Os que parão na porção esponjosa : Se os banhos mornos e as injecções oleosas não facilitarem a sahida do calculo, extrahi-lo com um fio metallico dobrado em fórma de aza, com a pinça de Hunter, com um ganchinho, ou praticar a incisão no canal,

CALEFRIOS. Estremecimentos com sensação de frio, mais ou menos fortes, que precedem quasi sempre as febres intermittentes, e muitas inflammações mórmente internas, a constipação, etc. — Chá de sabugueiro 705, de herva cidreira 516, suadouro 806.

CALENTURA. Delirio furioso a que os navegantes se achão expostos debaixo da zona torrida, acompanhado do desejo de se

deitar ao mar. — Sangria. Limonada de vinagre. Sinapismos nos pés. Applicação d'agua fria na cabeça. Purgantes 804.

CALLO NOS PÉS. Dureza epidermica que se forma nos pés, nos lugares expostos a um attrito prolongado. Compõe-se de uma porção superficial, secca, em fórma de cabeça de prego, e de uma porção mais estreita, mais profunda, que penetra até aos tendões e aos ossos. Esta porção é atravessada por um prolongamento vascular, que distingne o callo da *callosidade* (*durillon*, fr.), a qual consiste em um simples endurecimento das camadas epidermicas. — Cortar de vez em quando com o canivete bem afiado, ou com instrumento apropriado, as callosidades, camada por camada. Adelgaça-las com a lima, com pedra pomes molhada em solução de potassa. Extrahir os callos cercando-os com agulha curva. Depois de cortado o callo, como fica dito, applicar encerado de diachylão gommado 79, ou papel Fayard 101, para evitar o attrito. Applicar sobre o callo um pedaço de sparadrapo dobrado muitas vezes e furado no centro, no lugar correspondente ao callo; por este meio o callo não soffre compressão do calçado. Com o mesmo fim de evitar a compressão do callo, existem nas lojas de fundas umas rodilhas de flanela grossa, de 2 centimetros e meio de diametro, furadas no centro; cobertas de gomma em uma das faces. Molha-se levemente a face gommada, e applica-se sobre o callo, tendo o cuidado de que o buraco da rodilha corresponda exactamente ao callo. Estas pequenas rodilhas, chamadas *Isoladores de callos;* achão-se á venda em Pariz, na loja de fundas, rua Richelieu 77. Duas duzias custão 1 franco e meio.

CALLOSIDADE. Induração accidental da epiderme, occasionada pelo attrito prolongado, na planta ou nos dedos dos pés, em consequencia da compressão do calçado, ou nos individuos que andão descalços; na palma das mãos, pelo effeito dos trabalhos rudes, etc. — As callosidades desapparecem pouco a pouco, logo que cessa a compressão que as produzio. Usar do calçado quadrado na ponta. Tirar com a navalha as camadas de epiderme á medida que se formão.

Callosidades das feridas. Indurações que se observão nas margens das feridas e ulceras. — Toca-las com pedra infernal, ou excisa-las com tesoura curva.

CALVA TINHOSA. V. PELLADA.

CALVICIE. V. ALOPECIA.

CAMARAS, **Camaras de sangue**. V. DIARRHEA e DYSENTERIA.

CANCRO EM GERAL. O cancro é constituido por diversos tecidos de nova formação; os principaes são o scirrho, o tecido encephaloide, o tecido colloide, e o tecido melanico. O *scirrho* é um tecido de côr esbranquiçada, de consistencia que varía desde a da pelle de toucinho até á da cartilagem; póde persistir n'este estado durante um tempo indefinido; todavia ao cabo de um anno, ás vezes de dois ou tres annos, o tecido começa a amollecer; a pelle que o cobre é attrahida a elle, adhere-lhe, enrubece, e, por fim, ulcera-se. — O *encephaloide*, chamado tambem *fungus hematode*, *carcinomo molle* ou *esponjoso*, tem o aspecto semelhante ao encephalo, quando passa do estado de dureza ao de amollecimento. Quando o tumor está perto de alguma superficie do corpo, não tarda a abrir-se e dar lugar a uma ulcera cujo aspecto differe da que succede ao amollecimento do scirrho. Com effeito, longe de ser esbranquiçada e secca, como no scirrho, a ulcera é muito humida, avermelhada, e produz frequentes e ás vezes abundantes hamorrhagias. — O *cancro colloide* ou *gelatiniforme* tem o aspecto de gelea transparente, ou da polpa de certas fructas, *v. g.* ameixas; pouco a pouco destroe as partes vizinhas;

observa-se no estomago, nos intestinos, no utero e nos membros. — O *cancro melanico*, que não se deve confundir com a melanose, é constituido por tecido canceroso misturado com materia corante negra. — O *cancro hematode* não é outra cousa senão o cancro encephaloide com predominancia de elemento vasculoso.

O cancro principia, em geral, pela apparição de um tumor pequeno, duro, circumscripto, arredondado, movel, isto é, sem adherencias com as partes visinhas, sem alteração da pelle, indolente ou pouco doloroso, sem alteração da saude geral. Em alguns casos, um orgão inteiro, o seio ou o testiculo, está invadido pela degenerescencia morbida, e, n'este caso, augmenta consideravelmente de volume; outras vezes, experimenta uma especie de atrophia, e ao mesmo tempo a sua consistencia é mais pronunciada. Quando o cancro principia por tumor, este augmenta gradualmente de volume; torna-se resaltado e desigual, perde a mobilidade e contrahe adherencias com a pelle que o cobre; offerece uma consistencia variavel segundo que é formado de tecido scirrhoso ou de tecido encephaloide; é mui duro no primeiro caso, molle e elastico no segundo. Os doentes experimentão no tumor dôres vivas, agudas, ou uma sensação de picadas, de queimadura, de mordedura, as mais das vezes dôres lancinantes. A uma epoca mais adiantada, os ganglios lymphaticos vizinhos inchão e endurecem. A saude geral, que até este momento foi intacta, altera-se; os doentes emmagrecem e perdem o appetite. O cancro abandonado a si amollece e abre-se ao cabo de um tempo mais um menos curto; apresenta então uma ulcera com margens duras e viradas, d'onde distilla um humor fetido. Chegados a este periodo, os doentes enfraquecem consideravelmente; a pelle do rosto toma e côr amarella; as dôres fazem-se sentir na bacia, ancas, hombros; o somno perde-se; todos estes symptomas constituem um estado chamado *cachexia cancerosa*; sobrevem, depois, febre contínua, diarrhea coliquativa, e finalmente a morte.

Tratamento. O unico tratamento racional do cancro confirmado é a ablação ou a destruição do tumor. Extrahe-se com bisturí; destroe-se pela cauterização com massa de chlorureto de zinco 384, com caustico de Filhos 674, com pós causticos de Vienna 674, com caustico sulfo-açafroado 164, com caustico sulfo-carbonico 164. Cobre-se o tumor ou a ulcera com discos de massa caustica de Canquoin 384, ou introduzem-se frechas causticas por fóra da ulceração a travez dos tecidos, ao redor do tumor, por meio de puncções com bisturí 385. Destroe-se tambem o tumor canceroso apertando fortemente a base da producção morbida com uma *ligadura*, quando o tumor é pediculado, o que aliás é bastante raro.

Os cancros das visceras não podem ser attingidos por instrumentos cortantes nem por substancias causticas; n'estes casos restão só os meios palliativos, que tem por fim acalmar as dôres, são: Narcoticos. Opio 634. Cicuta 385. Pilulas de cicuta de Storck 387. Emplasto de cicuta 79. Estramonio 452. Cataplasma narcotica 309. Preparações de aconito 167. — O mesmo *tratamento palliativo* deve ser empregado para os cancros externos que não podem ser operados. Se as ulceras deitarem muito sangue, suspenda-se a hemorrhagia applicando fios molhados em solução de perchlorureto de ferro 469. Para tirar o máo cheiro, lave-se a ulcera com mistura d'agua e d'aguardente camphorada 332, com agua de Labarraque 383; com agua phenica 158, com solução de permanganato de potassa 660.

Cancro das amygdalas. A difficuldade de fallar e de engulir, produzida por um tumor volumoso, desigual, duro, ás vezes ulcerado, sangrento, entre os dois pilares do veo do paladar, indica um cancro da amygdala. — Depois da extracção do cancro, empregar os gargarejos com agua phenica 158, gargarejo de Bennati 259.

Cancro do baço. Conhece-se por um tumor com superficie desigual no hypochondrio esquerdo; dôres latejantes; côr amarellada da pelle, e por outros symptomas da cachexia cancerosa. O tratamento é simplesmente palliativo : emplasto de cicuta 79, cataplasmas de linhaça regadas com laudano 641, fricções com balsamo tranquillo 309.

Cancro dos beiços. V. p. 891.

Cancro do estomago. Symptomas : dôr nas costas, no estomago, peso no epigastro, eructações sulfureas, regurgitações acidas, vomitos pretos, tumor epigastrico, cachexia cancerosa. — Preparações de opio 638, cicuta 385, e outros narcoticos 802. Cataplasma narcotica 309, anodyna 641, calmante 597. Emplasto de cicuta 79. Agua de Seltz 171. Magnesia calcinada 50 centigrammas por dia contra a pyrose. Manter as forças com vinho de quina 684. Xarope de casca de laranja puro 555, ou misturado com agua de canella ou de flores de laranjeira. Banhos geraes d'agua morna. Regimen lacteo. Agua phenica internamente na dóse de 3 a 5 grammas em poção 158.

Cancro do figado. Symptomas : dyspepsia, gastralgia, com tumores resaltados no figado, ictericia, ascite, anasarca. — Preparações de opio 638, de cicuta 385. Agua de Vichy 231. Cataplasma narcotica 309, anodyna 641, calmante 597. Fricções com linimento opiado 641, com linimento narcotico 641.

Cancro dos intestinos. Symptomas : dyspepsia, prisão de ventre alternando com diarrhea, tez do rosto amarellada, tumor abdominal. — Mesmo tratamento que no cancro do estomago.

Cancro da lingua. Apresenta-se debaixo da fórma de encephaloide ou de cancroide. 1° Massas duras multilobadas, reunidas ou espalhadas, de consistencia fungosa, que se transformão em ulceras ichorosas, acompanhadas de dôres lancinantes; 2° Botão indolente, que cresce pouco a pouco, e se transforma em ulcera. — Extrahir a porção morbida por meio da esmagadura linear; ou da cauterização com as substancias indicadas no *Cancro em geral.* Antes de proceder a qualquer d'estas operações, interrogar o doente sobre as suas antecedencias; examinar se não ha symptomas syphiliticos; no caso de duvida administrar o mercurio ou o iodureto de potassio, cuja acção curativa será prompta se as ulcerações da lingua forem syphiliticas.

Cancro do olho. Principia ordinariamente nas camadas cellulosas intermediarias entre a retina e a choroide. Quando a molestia é ainda latente, annuncia-se só pela diminuição ou perda da vista e pela proeminencia esbranquiçada ou avermelhada na pupilla. Mais tarde, o cancro revela-se pelas dôres contínuas e violentas, pela augmentação rapida do olho, que se ulcera e deixa sahir um tumor fungoso. — A ablação do olho é o unico tratamento.

Cancro dos ossos ou *Osteosarcoma.* Manifesta-se por dôres surdas, profundas, ao nivel do ponto doente; quando o osso affectado é superficial, apparece na sua superficie um tumor com relevos, duro em certos pontos, molle e elastico nos outros. Ao mesmo nivel, as veias subcutaneas tornão-se mais grossas; mais tarde, a pelle fica adherente ao tumor; abre-se e põe a nú um cogumelo ulcerado e sanioso. Sobrevem, no fim, symptomas de cachexia cancerosa : pelle amarella, enfraquecimento geral, febre, etc. — Quando se póde

apreciar a extensão e as connexões do tumor, e quando fica bastante porção de pelle intacta para formar retalhos, póde-se praticar a excisão do osso affectado.

Cancro do pulmão. Symptomas : dôr ao nivel da alteração, tosse, emmagrecimento, engurgitamento dos ganglios cervicaes, escarros opacos ou avermelhados, hemoptyse, dyspnea. O diagnostico é difficil, o tratamento só palliativo : xarope diacodio 637, bebidas emollientes 797.

Cancro do recto. Symptomas : Prisão de ventre, corrimento infecto pelo anus, dôres na região do sacro, vegetações duras no recto. — Clysteres emollientes e calmantes 640. Semicupios com folhas de estramonio 452. Lavatorios com agua phenica 158, com agua de Labarraque 383, com solução de permanganato de potassa 660, ou de chlorato de potassa 373. Extirpação, ligadura, cauterização. Se estas operações não forem possiveis, e se houver difficuldade nas evacuações, dilatar o anus por meio de mechas, cujo volume se augmentará gradualmente. Havendo retenção completa das materias, estabelecer um anus artificial.

Cancro dos rins. Tumor relevado, duro, mais ou menos doloroso, com dôres lancinantes, situado na região lombar, acompanhado de hematuria, emmagrecimento, anemia, e côr amarellada do rosto. — O tratamento é só palliativo. Combatem-se as dôres pelas preparações de opio 638; a hematuria pelo perchlorureto de ferro 467, poção adstringente 603, agua terebinthinada 758; a anemia pelos medicamentos tonicos 807, e regimen analeptico 785.

Cancro do seio. O cancro mostra-se no seio debaixo de duas fórmas principaes, o *scirrho* e o *encephaloide*. Conhecem-se pela induração isolada ou multipla do seio, por dôres vivas, engurgitamentos ganglionarios na axilla, o pela alteração progressiva e rapida da saude geral, sobretudo quando o tumor está ulcerado. Os symptomas indicados no *Cancro em geral*, applicão-se principalmente ao cancro do seio. — O cancro do seio, quando começa, póde ser confundido com outros tumores do seio, com o lipoma, kysto, engurgitamento lacteo, e sobretudo com o tumor fibroso. Os caracteres distinctivos d'estes diversos tumores estão indicados no artigo SEIO. — Todas as preparações anticancerosas (cicuta, iodureto de potassio, iodureto de ferro) tem sido empregadas em vão contra o cancro do seio; não ha outro remedio senão a ablação do tumor. Se se puder extrahir cedo, com grande quantidade de tecidos sãos, mudar as doentes de paiz, e fazer-lhes seguir um regimen tonico, póde obter-se a cura, ou pelo menos afastar-se o reapparecimento da molestia. A ablação faz-se de preferencia com bisturí; mas em alguns casos obtem-se bom resultado com a cauterização circular ou disposta em fórma de raios por meio de frechas causticas 385. As recahidas serão tratadas, conforme a sua extensão, pela ablação ou cauterização. As recahidas que não podem ser operadas, serão tratadas pelos desinfectantes locaes, agua phenica 158, agua de Labarraque 383, solução de permanganato de potassa 660; e internamente pelas preparações calmantes, cicuta 385, estramonio 452, opio 636.

Cancro do testiculo. O cancro do testiculo ou o *sarcocele* é formado no começo de *tecido scirrhoso* ou de *tecido encephaloide*. Encontra-se ás vezes n'elle o *tecido colloide* ou o *tecido hematode* (v. *Cancro em geral*, p. 905). A doença principia pelo augmento gradual no volume do testiculo, que se torna mais pesado e apresenta á palpação um engurgitamento parcial, e depois geral. Ao cabo de certo tempo, o tumor amollece, causando dôres lancinantes,

A pelle do escroto contrahe adherencias com o testiculo, e as veias sub-cutaneas dilatão-se. Incha o cordão espermatico e torna-se mais duro. Mais tarde, a pelle do escroto enrubece, e emfim ulcera-se. Sobrevem então a alteração geral de saude, o appetite perde-se, a pelle do rosto toma côr amarella, os pés inchão, e o emmagrecimento augmenta. Finalmente, o enfermo succumbe apresentando todos os phenomenos da cachexia cancerosa. — A extirpação do tumor é o unico tratamento quando não houver duvida sobre a natureza da molestia; mas antes de reccorrer a este meio, devem empregar-se fricções com unguento napolitano 600, com pomada de iodureto de potassio 538; emplasto de cicuta 79, emplasto de Vigo 81.

O cancro do testiculo póde ser confundido com o *hydrocele, hematocele, testiculo syphilitico* (v. estas palavras). Póde tambem ser tomado por *orchite chronica* ou *engurgitamento simples*, mas este diminue pelo tratamento conveniente, em quanto que o cancro faz progressos incessantes. O cancro do testiculo não deve ser confundido com o *cancroide da pelle do escroto* (v. p. 912).

Cancro do utero. Principia; as mais das vezes, pelo collo do utero, d'onde se propaga ao corpo do orgão, que raras vezes é invadido primeiro. — Symptomas : Dôres uterinas, irregularidade na menstruação, escorrimento mucoso sem cheiro a principio, fetido mais tarde, hemorrhagias uterinas frequentes; a physionomia apresenta uma côr especial, uma pallidez excessiva com a tez amarellada que é propria ao cancro. O especulo nada descobre se o collo não está invadido; mas se a séde do cancro se achar no collo, vê-se um tumor irregular com relevos. Havendo ulcera, esta apresenta todos os caracteres das ulceras cancerosas. (v. *Cancro em geral*, p. 905).

O cancro do utero, difficil de ser reconhecido quando principia, póde ser confundido com : 1° A *metrite chronica;* mas, n'esta affecção, o corpo do utero está muito desenvolvido, quando o collo está ainda intacto; na inflammação do collo, o endurecimento é mais uniforme, a leucorrhea não é fetida, as dôres são menos vivas e acalmão-se pela posição horizontal; 2° As *ulcerações*, as *granulações do collo do utero* são menos profundas ou menos salientes do que no cancro; 3° Os *polypos*, os *corpos fibrosos do utero,* os *kystos,* as *fungosidades uterinas*, podem a principio ser tomadas por cancros; mas a marcha da molestia é essencialmente differente. Estas affecções não imprimem á constituição das enfermas marcas tão profundas como a degenerescencia cancerosa; começão pelo corpo do utero o que é a excepção no cancro; quando se mostrão no collo, podem ser reconhecidas facilmente por meio do especulo ou do dedo.

Tratamento : Estando o corpo do utero invadido, não se póde fazer mais do que um tratamento palliativo : combatem-se as metrorrhagias com injecções de solução de perchlorureto de ferro 469, com solução de sulfato de ferro 474, com solução de tannino 753, com pannos molhados n'agua fria e applicados no ventre; o máo cheiro, com injecções de solução de chlorureto de cal 382, com agua de Labarraque misturada com agua tepida 383, ou com agua phenica 158; as dôres com injecções de decocção de dormideiras 419, de folhas de cicuta 387, com opio tomado internamente 639. Mas se o cancro existir só no collo, duas operações podem ser tentadas : a cauterização com massa de Canquoin 384, ou com o caustico de Filhos 674; ou a amputação do collo. Usar frequentemente de banhos geraes ou locaes d'agua tepida.

CANCRO SYPHILITICO, vulgo **Cavallo**. Ulceração produzida pelo contacto do pus syphilitico; sua séde ordinaria é nas partes genitaes de ambos os sexos, póde ser molle ou endurecido.

O **Cancro molle** ou **Cancro simples** declara-se, as mais das vezes, do primeiro ao terceiro dia depois do coito impuro; é frequentemente multiplo. Principia por pequena mancha vermelha que tem um ponto branco no centro; este ponto separa-se no segundo ou terceiro dia, e deixa uma cavidade de contorno bem limitado, cortado perpendicularmente, cujo fundo avermelhado, humido, recobra em poucas horas seu aspecto branco-cinzento. A base do cancro simples é como a de uma ferida ordinaria; é *molle;* d'onde lhe vem o nome. Segundo o Dr. Ricord este cancro produz só accidentes locaes, nunca occasiona syphilis constitucional. Esta opinião, porém, não é partilhada por todos os medicos.

O **cancro endurecido** mostra-se tres, quatro ou sete dias depois do contacto. Principia, como o cancro molle por uma pustula, ou por uma pequena ulceração. A ulceração é, em geral, *unica;* é pequena, arredondada, podendo, em certos casos, estender-se consideravelmente; mas *não cava os tecidos,* como o cancro molle : é superficial. O liquido que fornece não é um pus abundante como o do cancro molle, é um liquido seroso, exhalado em pequena quantidade. O cancro assenta em uma base *endurecida.* Esta induração, caracteristica, que deo nome á ulceração, está situada, debaixo do cancro e em volta d'elle. É de ordinario bastante volumosa para determinar a proeminencia da ulcera. Não é *rubra,* como a induração inflammatoria que acompanha ás vezes o cancro molle; é *esbranquiçada.* Tocando-a, dá a sensação de um corpo estranho, como cartilaginoso, na espessura dos tecidos, ou de um pedaço de pergaminho subjacente á ulcera. Os seus limites estão bem marcados; não se perde insensivelmente no meio dos tecidos sãos, como acontece na induração inflammatoria. É o cancro endurecido que produz ordinariamente a syphilis constitucional.

As duas especies de cancro, que acabei de descrever, são consideradas pela generalidade dos medicos como o producto do mesmo virus; mas alguns sustentão a opinião contraria, e considerão os dois cancros como a expressão de dois virus distinctos. Segundo esta doutrina, o cancro molle constituiria uma affecção local, e nunca produziria accidentes constitucionaes, entretanto que estes apparecerião frequentemente em seguida do cancro endurecido.

Tratamento. Apenas appareça qualquer cancro, cauteriza-lo com pedra infernal, applicando a pedra aparada em ponta, sobre a ulcera com bastante força e durante tempo sufficiente, afim de que todos os tecidos doentes fiquem bem queimados. A pedra infernal ás vezes não basta para destruir completamente o cancro : é preciso recorrer a um caustico mais energico. Segundo o Dr. Ricord deve-se preferir o caustico-sulfo carbonico 164. Eis-aqui como se procede : toma-se pó de carvão de páo ordinario, deita-se-lhe acido sulfurico de modo a fazer massa meio solida; cobre-se a ulcera mui exactamente de uma camada d'esta massa caustica, e applica-se-lhe por cima algodão cardado, para garantir as regiões visinhas. Passado certo tempo, a escara cahe com a massa que se tornou secca; fica uma ferida simples que se cicatriza como todas as outras feridas. Se a ulcera existir desde algum tempo, deve sempre cauterizar-se, não para a fazer abortar, mas para abreviar a sua duração modificando o seu modo de vitalidade. Não se deve cauterizar, quando não se póde attingir com a substancia caustica toda a superficie do cancro;

porque se a menor porção da ulceração não estiver modificada, a ulcera torna a tomar a primeira extensão. Depois de cahida a escara, cure-se a ferida com fios seccos, ou embebidos em vinho aromatico 445, em vinho tinto simples, com agua morna misturada com agua de Labarraque 383, em solução de chlorureto de cal 382. Se a superficie da ulcera fôr muito inflammada, substituir estas applicações pelo cozimento de raiz de althea, de folhas de malvas ou de sementes de linho. Reformar estes curativos cada 12 horas. Calmada a irritação, voltar ao vinho aromatico. Entreter o asseio por meio de banhos ou lavatorios locaes com agua morna simples.

Uma cauterização, feita a principio, basta ás vezes para cicatrizar completamente a ulcera syphilitica, mas não impede a apparição dos symptomas secundarios da syphilis; para preveni-los, e para que o doente se possa considerar radicalmente curado, deve tomar internamente os medicamentos antisyphiliticos, as preparações mercuriaes sobretudo : licor de Van-Swieten 606, pilulas de protoiodureto de mercurio de Ricord 609, pilulas de Sedillot 600, ou pilulas azues 600, durante um a dois mezes, juntamente com o cozimento de salsaparrilha. Estes medicamentos, e mais alguns outros, achão-se indicados no artigo *Syphilis*. — Se o cancro não tender á cura, cumpre mudar as applicações externas, e recorrer á solução de perchlorureto de ferro 469, tintura de iodo pura ou misturada com agua 531, azotato de prata em solução (50 centigram. a 1 gramma de azotato para 30 grammas d'agua distillada), tartrato de ferro e potassa (20 grammas para 200 grammas d'agua distillada), glycerina 501, glycereo de tannino 754, solução de sulfato de ferro 474. Quanto ás pomadas, ellas são sempre ou quasi sempre nocivas.

Cancro phagedenico, *estiómeno* ou *corrosivo*. Cancro syphilitico que se estende superficialmente ou em profundidade, e que se cobre de escara. Quando um cancro deve tomar esta fórma, o circulo avermelhado que o cerca torna-se mui extenso; o doente experimenta uma dôr intensa; incha a parte affectada, e toma a côr de borra de vinho; a suppuração é abundante, fetida, de cheiro gangrenoso. A ulcera estende-se rapidamente, destruindo tudo que se acha em sua passagem, até que, depois de separada a escara, fique a nú uma ferida que segue a marcha das feridas que tem suppurado. O phagedenismo produz ás vezes desordens consideraveis.

Tratamento. Curar o cancro phagedenico com fios molhados em solução de tartrato de potassa e ferro (tartrato 1 p., agua 10 a 20 p., alcoolato de alfazema 5 p.); com agua de Labarraque 383, com solução de chlorureto de cal 382, com agua phenica 158, com solução de chlorato de potassa (1 p. de chlorato para 30 p. d'agua) 373. Tocar o cancro com tintura de iodo pura 531, com solução de perchlorureto de ferro a 15° 468. Nos casos muito renitentes polvilhar a ferida com cantharidas, e vinte e quatro horas depois curar com fios embebidos em vinho aromatico 445, ou applicar um caustico sobre a ulcera. Applicar finalmente, a massa caustica de Vienna 674. — O tratamento interno compõe-se das preparações mercuriaes, ou de iodureto de potassio. V. *Syphilis*. O phagedenismo não se produz senão nos individuos que não tratão com asseio as ulceras syphiliticas, ou cuja constituição foi debilitada por qualquer causa; pelo que será necessario associar aos medicamentos antisyphiliticos, o regimen analeptico, e ter muito asseio.

Apresenta-se aqui uma questão : Se o cancro necessita sempre de um tratamento geral? Ninguem contesta a sua utilidade no cancro endurecido. Mas muitos, considerando o cancro molle como uma

affecção puramente local, combatem-n'o sómente pela cauterização e applicação de vinho aromatico, e repellem absolutamente o tratamento mercurial interno. Não se deve adoptar esta ultima pratica, porque os dois cancros não são duas molestias differentes, mas duas variedades de uma affecção unica, e admittindo mesmo que o cancro molle seja muito mais raramente seguido de symptomas constitucionaes, é melhor sempre, para preveni-los, administrar um tratamento mercurial interno que, convenientemente dirigido, nunca tem inconvenientes, antes do que expôr o doente a uma syphilis secundaria e aos numerosos accidentes que a acompanhão.

CANCROIDE, Cancro verrugoso, Epithelioma, ou *Noli me tangere*. Tumor formado de elementos anatomicos semelhantes a epithelio (cuticula que cobre as membranas mucosas). Encontra-se nos beiços, lingua, rosto, escroto, anus, vulva, collo do utero, etc., mais particularmente nas regiões em que a pelle se continua com alguma membrana mucosa. Principia pela proeminencia da pelle em fórma de verruga, que se cobre de escamas, racha-se, augmenta de volume, enrubece e torna-se lobulada; as escamas cahem, e deixão a nú uma ulcera, que invade pouco a pouco os orgãos vizinhos. Esta ulcera apresenta uma superficie desigual, coberta de granulações semelhantes ás da polpa de um figo, fornecendo um liquido pouco grosso.

O *tratamento* consiste em extrahir a producção morbida com bisturí; ou queima-la com massa caustica de Canquoin 384.

CANICIE. Pomada para fazer o cabello preto 817. Pós para tingir o cabello 816. Solução para tingir o cabello 817.

CÃO DAMNADO (Signaes do). V. RAIVA.

CAPARROSA. V. ACNE.

CARBUNCULO. Tumor doloroso, de côr vermelha livida, com crosta preta gangrenosa no centro. — Fazer a incisão do tumor, e cauteriza-lo com massa caustica de Vienna 674; cobri-lo depois com cataplasmas de linhaça 560, e fazer lavatorios desinfectantes com dissolução de chlorureto de cal 382, com agua de Labarraque 383, ou com agua phenica 158.

CARDIALGIA. V. GASTRALGIA.

CARCINOMO. Synonymo de cancro.

CARDITE. Inflammação do coração caracterizada pela dyspnea, palpitações, frequencia e irregularidade do pulso, dôr precordial, fraqueza extrema. — Sangria. Sanguesugas na região precordial. Dieta. Repouso absoluto. Bebidas gommosas e acidulas. Pediluvios sinapizados 616. Purgantes 804. Diureticos 795. Digital 414.

CAREPA. V. PITYRIASE.

CARIE. Molestia dos ossos, caracterizada pelo amollecimento do osso affectado, suppuração, friabilidade, côr denegrida ou avermelhada, e máo cheiro. — Destruir as causas pelos medicamentos internos (V. *Escrophulas, Escorbuto, Syphilis*). Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula, 461. Injecções com tintura de myrrha 623, de aloes 253, com agua phenica 158; com agua de creosota 407, com tintura de iodo 530, com solução de chlorureto de cal 382, com licor de Villate 739. Applicar o cauterio actual sobre o osso cariado, ou causticos liquidos; mas, se o osso fôr affectado tão profundamente, que não seja possivel limitar o mal, praticar a resecção ou a amputação da parte.

CARIE DOS DENTES. Se um dente incisivo ou canino estiver cariado superficialmente, tirar com lima as partes cariadas; se a carie affectar um dente queixal, limar igualmente e encher a cavi-

dade com ouro, com diversas amalgamas, ou com um dos cimentos obturadores 826. Em quanto doe o dente, não é possivel tapar-lhe o buraco : deve-se, primeiro, cauterizar o nervo, introduzindo na cavidade do dente uma bolinha de algodão embebida na mistura seguinte : creosota 4 grammas, chlorhydrato de morphina 3 centigrammas, e polvilhada com 1 centigramma de acido arsenioso, que goza de propriedades causticas. Deixa-se esta bolinha por 24 horas, e para segura-la na cavidade do dente, applica-se-lhe por cima outra bolinha embebida na solução alcoolica e concentrada de benjoim. O dente, depois de obturado, fica ás vezes sensivel ao frio e ao calor : n'este caso nada ha a fazer senão esperar. Se se tornar muito doloroso, extrahir o cimento, e tornar a tapar o buraco depois de passada a dôr. V. Dôr de dentes.

CARIE VERTEBRAL. V. Mal de Pott.

CARNES ESPONJOSAS, *Carnosidades das feridas*, ou *Fungosidades*. Excrescencias carnosas, molles e esponjosas, da feição do cogumelo, que se desenvolvem na superficie das feridas e ulceras. — Destrui-las com pedra infernal ou alumen calcinado; e, sendo necessario, corta-las com tesoura curva.

CARNOSIDADE. V. Elephantiase.

CARNOSIDADE DA URETHRA. V. Estreitamento.

CARPHOLOGIA ou **Crocidismo**. Movimento que fazem certos doentes com as mãos e dedos, que parecem querer apanhar flocos ou moscas, ou o felpo dos cobertores de suas camas. É phenomeno de febres typhoides e de outras molestias graves, indica a morte imminente.

CARRAPATO. Fig. 300. (*Ixodes ricinus,* Latreille.) Insecto do genero das Arachneidas, da familia dos Acarianos, cujo corpo é orbicular ou oval, chato, quando o insecto está em jejum, porém, é relativamente enorme quando está cheio de sangue dos animaes a que se pega. A bocca acha-se provida de um chupador composto de tres laminas corneas. As patas, guarnecidas de ganchos, permittem-lhe fixar-se sobre todos os corpos. Vivem sobre as plantas, e agarrão-se aos animaes que roção estas plantas passando, taes como os cães, cavallos, vaccas, carneiros, gatos, e mesmo o homem, sobre o qual causão só a sensação de picada, comichão com vermelhidão e alguma inchação. Põem quantidade prodigiosa de ovos. Para desembaraçar d'elles os animaes, convem lavar estes com infusão de fumo, esfregar com unguento mercurial cinzento 601, ou applicar essencia de terebinthina 760.



Fig. 300. Carrapato.

CARREGAÇÃO DOS DENTES. V. Fluxão.

CARREGAÇÃO DOS OLHOS. V. Conjunctivite.

CARREGAÇÃO DO PEITO. V. Defluxo e Bronchite.

CARO. V. Coma.

CARUNCULA LAGRIMAL (**Inflammação da**). É caracterizada pela inchação, dôr, vermelhidão, calor, e, ás vezes, pela suppuração do canto do olho. — Applicar pannos molhados em agua tepida; cataplasma de linhaça. Tirar os corpos estranhos, se existem, arrancar os cabellos se a inflammação depender da trichiasis; abrir os abcessos que podem formar-se.

Caruncula lagrimal (**Tumores da**). **Encanthis.** São de natureza diversa : hypertrophia, kystos, polypos, calculos, cancros. — Excisar a caruncula hypertrophiada, e cauterizar depois a ferida com pedrahume ou pedra infernal. Os polypos tratão-se pela mesma

fórma. Os calculos extrahem-se pela incisão; extirpão-se os kystos. Os cancros devem tirar-se quanto antes pela excisão, ou pela cauterização com massa de chlorureto de zinco 384.

Caruncula lagrimal (**Trichiasis da**). Ás vezes desenvolvem-se pestanas sobre a caruncula, e irritão o olho. — Arranca-las, e cauterizar o bolbo perforado com agulha aquecida ao rubro.

CASPA. Escamas brancacentas, miudinhas, pela testa e fontes, e que as mais das vezes sahem do couro cabelludo da cabeça. — Lavar a cabeça com agua e sabão, com mistura de aguardente de canna e gema de ovo, com aguardente pura, com glycerina 501, com agua romana 816, agua atheniena 816, com solução de borax 313.

CATALEPSIA. Nevrose intermittente, caracterizada pela perda instantanea da sensação e da intelligencia, rijeza geral ou parcial, e pela particularidade que apresentão os membros e o tronco de conservar, em quanto dura o ataque, as posições que tinhão quando elle começou; ou as que durante elle se lhes dão. — *Durante o accesso.* Sinapismos nos pés 616. Applicar na cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre. Dar a respirar vinagre, agua de Colonia ou ether. Borrifar o rosto com agua fria. — *No intervallo dos accessos.* Banhos frios. Occupações manuaes. Exercicios. Moderação nos trabalhos de espirito. Opio. Camphora. Almiscar, assafetida e outros antispasmodicos 789. Anthelminticos, se a molestia depender de vermes 787.

CATAPORAS, Varicella ou **Variola falsa.** Molestia febril e contagiosa, caracterizada pela erupção no corpo de vesiculas transparentes, que seccão ordinariamente cinco a seis dias depois da sua apparição. — Cozimento de cevada 366, ou infusão de flores de malvas 586. Regimen brando. Banho d'agua morna depois de cahidas as crostas.

CATARACTA. Opacidade do crystallino ou da sua membrana, caracterizada pelo nodoa branca ou amarellada que existe na menina do olho. Fricções sobre a testa com linimento phosphorado 665. Operação.

CATARRHAL. V. BRONCHITE.

CATARRHO. Inflammação aguda ou chronica das membranas mucosas com augmento da secreção habitual d'estas membranas.

CATARRHO DO ESTOMAGO. A *fórma aguda leve* comprehende a molestia denominada *embaraço gastrico*; a *fórma aguda intensa* comprehende os estados morbidos designados com o nome de *febre gastrica, febre gastrica biliosa*; emfim a *fórma chronica* absorve um bom numero dos estados mal definidos chamados *dyspepsias*.

Catarrho agudo do estomago. *Symptomas.* Fastio, digestões lentas, somno agitado, cephalalgia, vertigens, dôr epigastrica que augmenta comprimindo o ventre, lingua coberta de um muco branco-amarellado, bocca amarga, sêde viva, nauseas, vomitos, máo halito, arrotos, tympanismo; não ha febre na fórma leve (embaraço gastrico), mas na fórma aguda o pulso é frequente, a pelle secca, o thermometro sobe a 39° ou 40°. A cura coincide com a erupção de herpes no rosto ou com suores abundantes.

Tratamento. O catarrho gastrico leve sára pelo repouso, dieta, bebidas acidulas e alguns laxantes 804. O catarrho intenso reclama o emprego do tartaro emetico só 278, ou associado á ipecacuanha 542. Vinte e quarto horas depois do vomitorio administrar 30 gram. de sulfato de magnesia 585. Isto feito, o tratamento é simplesmente hygienico : alimentos de facil digestão. Se o appetite tardar a res-

tabelecer-se administrar a infusão de centaurea 360, ou o vinho de quina 684.

Catarrho chronico do estomago, *Gastrite catarrhal chronica, Dyspepsia catarrhal.* Succede ao agudo, ou desenvolve-se subitamente debaixo da influencia do vicio de alimentação, da falta de hygiene, do abuso dos licores alcoolicos, ou das comidas mui copiosas.

Symptomas. Digestão difficil, sensação de plenitude na bocca do estomago, pouca dôr, ventre inchado, quebramento do corpo, fastio, arrotos, regurgitações amargas ou acidas, ás vezes vomitos. As materias vomitadas, ordinariamente viscosas, contém em alguns casos vegetaes microscopicos conhecidos debaixo do nome de *sarcinas* (*Sarcina ventriculi*).

Tratamento. Diminuir a quantidade de alimentos; prescrever leite, caldos de gallinha, carne assada despida de gordura. Administrar um vomitorio (emetico 5 centigrammas com 1 gramma de ipecacuanha 542). Soro de leite. Magnesia calcinada, 50 centigram. por dia 581. Bicarbonato de soda 349. Carvão vegetal 354. Pilulas de extracto de opio 638. Poção com chlorhydrato de morphina 612. Tintura de rhuibarbo 697. Macerato de calumba 327. Sub-azotato de bismutho 735. Hydrotherapia 523. Aguas de Campanha 199, de Vidago 232, das Pedras Salgadas 220, de Vichy 231.

Pilulas contra o catarrho gastrico alcoolico (Moncorvo).

Extracto thebaico	5 centig.	Extracto de alcaçuz	20 centig.
Creosota	2 gottas		

F. 5 pilulas. Para tomar 1 pilula depois de cada refeição.

Poção contra os vomitos com producção de sarcinas (Moncorvo).

Macerato de genciana	150 gram.	Tintura de genciana	20 gram.
Hyposulfito de soda	6 gram.	Tintura de cardamomo	10 gram.

M. Uma colher *de sopa,* antes e depois das refeições.

CATARRHO INTESTINAL. Dá-se este nome á inflammação dos intestinos, ou *enterite,* acompanhada de evacuações dos productos mucosos. V. ENTERITE.

CATARRHO NASAL. V. DEFLUXO.

CATARRHO PITUITOSO ou **Bronchorrhea.** Expectoração consideravel de mucosidades transparentes, pegajosas, independentes de qualquer inflammação. — Tartaro emetico 278, ou ipecacuanha 541. Xarope de Tolú 302. Pasta de musgo islandico 620. Respiração dos vapores de alcatrão 240. Caustico no peito 343. Purgantes 804. Caldas sulfurosas 184.

CATARRHO PULMONAR. Tosse, escarros mucosos, purulentos, dôr de cabeça, etc., provenientes da inflammação da membrana mucosa dos bronchios. V. BRONCHITE.

CATARRHO SUFFOCANTE. Combater as causas. (V. *Bronchite capillar, Laryngite, Crup falso, Edema da glotte, Asthma, Angina do peito*). Tartaro stibiado 278. Oxymel scillitico 724. Ipecacuanha 541. Ventosas seccas no peito. Vesicatorios nas coxas 343. Sinapismos nos pés 616. Clysteres purgativos 586, 730, 743. Belladona 306. Pilulas de Meglin 597. Clyster de assafetida 290. Inspirações de ether 454.

CATARRHO UTERINO. V. METRITE CHRONICA.

CATARRHO VAGINAL. V. LEUCORRHEA.

CATARRHO VESICAL ou **DA BEXIGA.** Inflammação chronica da membrana mucosa da bexiga, cujos principaes symptomas são : Dôr na região hypogastrica, vontade frequente de ourinar, ourinas turvas, que depõem no fundo do vaso mucosidades ou materias purulentas. — Ao principio banhos geraes ou semicupios d'agua

morna prolongados. Terebinthina 758. Xarope de terebinthina 758. Essencia de terebinthina internamente e em fricções 761. Xarope de renovos de pinheiro 668. Copahiba 400. Clysteres de copahiba 403. Balsamo de Tolú 302, de Meca 301. Balsamo peruviano 302. Colchico 393. Agua de alcatrão 240. Pilulas de alcatrão 240. Bicarbonato de soda 349. Nitro 297. Cato 357. Tannino 752. Sabão medicinal 703. Xarope das cinco raizes aperientes 446. Zimbro 782. Alumen 257. Inula campana 529. Purgantes 804. Sudorificos 806. Injecções com solução de azotato de prata 301. Cauterização da bexiga com azotato de prata, por meio de sonda. Regimen brando. Fricções seccas na pelle. Habitação em lugares seccos. Banhos frios no periodo mais adiantado da molestia. Banhos do mar. Evitar exercicios violentos, como as caminhadas, a equitação, as viagens em vehiculos mal suspensos. Os exercicios moderados, os passeios no campo são, pelo contrario, mui vantajosos, Aguas de Vichy 231, Vidago 232. Pedras Salgadas 220. Contrexeville 204, ou de Evian 206. Se a molestia depander do estreitamento da urethra, ou da presença do calculo na bexiga, destruir estas causas.

CAVALLO. V. CANCRO VENEREO.

CEGUEIRA. V. AMAUROSE, CATARACTA, CONJUNCTIVITE, BELIDAS DA CORNEA, HEMERALOPIA.

CENTOPÊA (Picadas de). V. PICADAS DE INSECTOS.

CEPHALALGIA ou **Dôr de cabeça.** Combater as causas. Pediluvio d'agua quente simples, ou pediluvio sinapizado 616. Applicar na cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre, ou molhados em agua sedativa 334. Sanguesugas atraz das orelhas. Sangria. Uso de rapé. Tartaro emetico 278, ou ipecacuanha 540. Purgantes 804. Vesicatorios na nuca 343. V. *Enxaqueca.*

CERA DO OUVIDO ou **Cerumen.** Ajunta-se ás vezes em tal quantidade no conducto auditivo que produz zunidos e surdez; offerece em alguns casos a consistencia de um pedaço de sabão. Extrahi-la com pinça ou com um pequeno esgaravatador. Dilui-la com injecções d'agua tepida, ou da mistura de azeite doce quente e de ether sulfurico em partes iguaes.

CEREBRITE. V. ENCEPHALITE.

CEREBRO (Molestias do). V. AMOLLECIMENTO, APOPLEXIA (Hemorrhagia do cerebro), CONGESTÃO, ENCEPHALITE (Inflammação do cerebro), FERIDAS DO CEREBRO, TUBERCULOS.

CERRAÇÃO DO PEITO. V. DYSPNEA, BRONCHITE.

CERRAÇÃO DOS QUEIXOS. V. TETANO.

CHAGA. V. FERIDA.

CHALAZION. Pequeno tumor da margem livre das palpebras, do tamanho de um grão de milho painço ou de um feijão, transparente ou avermelhado, pouco movel ou immovel, duro, indolente. Resulta da hypertrophia de uma glandula da conjunctiva. Quando não desapparece espontaneamente, a ablação com tesoura curva, ou as cauterizações repetidas com pedra infernal são os unicos meios a empregar.

CHEMOSIS. Accidente que sobrevem ás vezes durante a inflammação do olho, e que consiste em uma fluxão tão consideravel no tecido cellular sub-mucoso, que a conjunctiva, que cobre o branco do olho, se eleva muito acima, e em redor da cornea transparente, de modo que esta parece estar no fundo de um buraco. — Collyrios adstringentes 147, 248, 300, 313, 744. Purgantes 804. Leve applicação de pedra infernal ou de pedra lipes. Excisão da membrana engurgitada com tesoura curva.

CHLOROFORMIO (Envenenamento pelo). V. pag. 378.

CHLOROSE. Anemia propria ás jovens que chagárão á epoca da puberdade. Esta molestia é caracterizada pela pallidez excessiva, côr amarellada ou esverdeada da pelle, flaccidez das carnes, alvura das conjunctivas, anorexia, dyspepsia, malacia, nauseas, pulso pequeno e frequente, palpitações, respiração difficil, lassidão, tristeza. Notão-se tambem, n'esta molestia, diversas perturbações uterinas, taes como amenorrhea, dysmenorrhea, flores brancas. Todavia não é raro encontrar a menstruação perfeitamente regular, só o sangue perdido é mais pallido; emfim, existem, ás vezes, de tempos a tempos, perdas uterinas abundantes, que tem sempre por effeito augmentar o estado chlorotico.

Tratamento. Habitação em lugares elevados e seccos. Evitar as casas humidas, mal arejadas e escuras. Regimen composto pela maior parte de carne. Vinho. Cerveja. Insolação, Exercicio. Equitação. Dansa. Habitação no campo. Hydrotherapia 523. Medicamentos tonicos : aguas ferreas, naturaes e artificiaes 181. Preparações de ferro 462 a 476. Ferro dialysado 466. Ferro reduzido 463. Assucar ferruginoso 467. Pilulas de Blaud 473, de Vallet 473, de Rufus 253. Vinho de quina 684. Vinho de quina ferruginoso 686. Vinho amargo 686. Lupulo 564. Genciana 496. Quassia 677. Centaurea 360. Manganez 590. Banhos quentes aromaticos 444. Banhos frios de rio ou do mar. Fricções pelo corpo com linimento de Rosen 614. Havendo amenorrhea, empregar pediluvios sinapizados 616, e os outros meios indicados para provocar o fluxo menstrual. (V. *Amenorrhea.*) Se, pelo contrario, sobrevier hemorrhagia uterina abundante, administrar na epoca dos menstruos o centeio espigado 361, e nos intervallos, as preparações de ferro 462 a 476.

CHOLERA ASIATICA. 1° periodo (*Cholerina*). Fraqueza geral e subita, fastio, borborygmos, colicas, diarrhea, evacuações alvinas amarellas e fetidas, sêde, nauseas, alguns vomitos. — O doente deve deitar-se na cama, cobrir-se com cobertores sufficientes para entreter o calor, beber uma chicara de chá de hortelã-pimenta, herva cidreira ou chá da India, tomar um clyster de cozimento de linhaça; caldo de gallinha por unico alimento; applicar sinapismos nas pernas; para bebida, infusão de linhaça fria; tomar, n'uma colher d'agua morna com ou sem assucar, 20 gottas da *mistura anticholerica* 773, ou a poção contra a cholerina 595, 639.

Os outros medicamentos, empregados por varios medicos, n'este periodo da molestia, são : infusão de macella, com sumo de limão azedo 558; ou uma colher, das *de sopa*, de hora em hora do sumo de limão puro (Dr. Castro do Pará). Ipecacuanha 540. Sulfato de soda 743. Poção com ether 455. Poção antispasmodica opiada 456. Vinho quente. 10 a 15 gottas de elixir paregorico de hora em hora n'uma colher d'agua morna com assucar 637. Sub-azotato de bismutho 735. Bicarbonato de soda 349. Extracto de ratanhia em clysteres 693. Tannino 753.

2° *periodo* (Periodo algido). Vomitos e evacuações alvinas mais frequentes; fluxo a principio seroso ou apenas bilioso, logo depois substituido por um liquido esbranquiçado, assaz semelhante ao cozimento de arroz ou ao soro de leite não clarificado, e quasi sem cheiro; sêde, dôr no epigastro, soluços, caimbras nas barrigas das pernas e nos antebraços, fraqueza e insensibilidade do pulso, esfriamento do corpo, alteração profunda do rosto que se torna azul, pelle viscosa, lingua fria, halito frio, suppressão de ourinas, extincção da voz, intelligencia normal até aos ultimos instantes da vida. —

10 gottas da mistura anticholerica, de 2 em 2 horas 773. Cercar o doente de botijas cheias d'agua quente ou de saquinhos cheios de areia quente, ou de tijolos quentes; applicar-lhe sinapismos nas pernas e braços; cobri-lo com cobertor para provocar o calor. Com o mesmo intuito, isto é, para provocar a reacção, administrar-lhe chá de hortelã, de tilia, da India, café, ou ponche. Para acalmar a sêde, que é intensa, introduzir na bocca pedacinhos de gelo, gomos de laranja, dar e beber limonada de limão, de laranja, agua fria, agua de Seltz, vinho de Champanha misturado com agua gelada. Friccionar os braços, coxas, pernas, espinhaço com escova secca, ou com panno molhado no balsamo de Fioravanti 759, linimento ammoniacal 266, linimento terebinthinado 762, linimento de cantharidas camphorado 345. Collocar no quarto do doente pratos com dissolução de chlorureto de cal 381, espargir agua phenica 158, ou pós phenicos 158. Os vasos destinados a receber as evacuações devem conter sempre um liquido desinfectante (sulfato de ferro 30 grammas, agua 1 litro).

Muitos outros medicamentos são recommendados contra o periodo algido da cholera, são : calomelanos 602, sub-azotato de bismutho 735, sulfato de quinina 739, carvão vegetal 354, camphora 329, valeriana 771. Vinho do Porto, da Madeira. Ponche. Opio em pilulas 638. Pastilhas de hortelã-pimenta 102. Acetato de ammoniaco 266.

3° *periodo* (Reacção). Volta gradual do calor e da circulação, animação dos olhos, coloração do rosto, diminuição dos vomitos; persistencia da diarrhea, mas mudança de natureza das evacuações que em vez de continuarem brancas, tornão-se amarelladas; volta das ourinas; sêde menos viva, cessação das caimbras; convalescença. — Combater com emollientes todas as congestões que se manifestarem 797. Cozimento de arroz, de cevada, infusão de malvas, limonada de limão. Caldo. Se se declarar o estado typhoide, prescrevão-se vesicatorios polvilhados com camphora : preparações de quina 685, camphora internamente 331.

CHOLERA SPORADICA. Cholera que apparece por um ou dois casos isolados; que sobrevem em qualquer tempo e lugar independentemente da influencia epidemica; caracterizada por vomitos verdes, roxos, dejecções alvinas da mesma natureza, dôres no ventre, contracções espasmodicas dos membros, e desmaios. Os symptomas não vão além, e a molestia é muito menos grave do que a cholera chamada *asiatica,* que ataca ao mesmo tempo grande numero de individuos. — Provocar a transpiração administrando um suadouro 806. Infusões dé folhas de hortelã, laranjeira, herva cidreira. Limonada de limão. Poção antispasmodica opiada 456. Clyster emolliente e calmante 640. Cataplasma de linhaça no epigastro 560. Ipecacuanha 541. Sub-azotato de bismutho 735.

CHOLERINA. V. p. 917.

CHONDROMO. V. ENCHONDROMO.

CHOREA ou **Dansa de S. Vito.** Movimentos irregulares e involuntarios, parciaes ou geraes, do systema muscular, e mais especialmente dos musculos dos membros e do rosto. — Banhos frios ou mornos. Valeriana 771. Oxydo de zinco 648. Purgantes 804. Poções antispasmodicas 357. Ferro reduzido 463. Fricções pelo corpo com linimento de Rosen 614. Distracções agradaveis. Musica. Gymnastica. Hydrotherapia 523. Maçadura 565. Applicar chapas de latão nos pulsos, braços, pescoço, coxas e pés.

CHOROIDITE. Inflammação da choroide, membrana mui delgada que reveste a parte posterior do olho, onde está situada entre a esclerotica e a retina. O hemispherio posterior do olho apresenta

ao ophtalmoscopio uma côr rubra escura, uniforme ou disposta por chapas ou proeminencias. Os symptomas são : vista turva, argueiros que parecem gyrar no ar, photophobia, sensação de peso no olho, e ás vezes dôres que em alguns casos são violentas, myopia, diminuição progressiva da vista. — Sanguesugas, purgantes 804, caustico na nuca, repouso da vista. Não lêr depois da comida, e sobretudo com a cabeça baixa; escrever de pé servindo-se de uma estante.

CHYLURIA. V. HEMATURIA DOS PAIZES QUENTES.

CICATRIZES VICIOSAS. *Cicatrizes salientes*. Destrui-las com applicações repetidas de nitrato de prata ou com instrumento cortante, e impedir pela cauterização que a nova cicatriz se torne proeminente.

Cicatrizes muito estreitas ou bridas. Tirar toda a cicatriz com o bisturí, e reparar a perda da substancia com os meios autoplasticos. Ou então, segundo o methodo antigo, mas que não offerece tanta certeza, dividir transversalmente as bridas por incisões, e empregar depois os meios mecanicos de extensão.

Adherencias anormaes. Dividir as adherencias, e impedir pelos meios mecanicos a sua reproducção.

Obliterações contra a natureza. Dar á abertura a dimensão natural, introduzir n'esta mechas ou tubos de páo feitos de proposito, e deixa-los permanecer até á cicatrização completa, e mesmo muito tempo depois.

Cicatrizes da cornea transparente. As cicatrizes da cornea formão belidas que impedem ás vezes a vista : n'este caso, o unico remedio é a operação da pupilla artificial.

CIEIRO. Pequenas rachaduras nos beiços. — Ceroto simples 72. Unguento rosado 701. Cold-cream 448. Glycerina 501. Banhar os beiços com decocção de linhaça 561.

CIRRHOSE DO FIGADO. (Da palavra grega *cirrhos*, amarello-fulvo.) Alteração especial do figado, caracterizada pela hypertrophia de uma parte das granulações do orgão, e pela atrophia do maior numero dellas; as primeiras, desenvolvendo-se, tomão a côr da cêra amarella. — *Symptomas*. Diminuição do volume do figado e augmento da sua consistencia; pallidez do rosto, pernas fracas, ascite, ourinas poucas e turvas. — *Tratamento :* Purgantes. Bicarbonato de soda 349. Pilulas de sabão medicinal 704. Pilulas ferruginosas de Vallet 473.

CIRSOCELE. V. VARICOCELE.

COBRA (**Mordedura de**). V. MORDEDURAS.

COBREIRO, **Cobrelo** ou **Zona**. Pequenas bolhas, cheias de liquido amarellado, que apparecem, sob a fórma de meia-cinta, no peito, hombros ou ventre, e que são acompanhadas de dôr e comichão. — Untar a região affectada com azeite doce, e depois polvilhar com polvilho. Bebidas temperantes 806. Infusão de tamarindos 752. Cremor de tartaro 406. Purgantes 804. Regimen vegetal. Banhos mornos prolongados. As ulcerações que succedem á queda das crostas curão-se com ceroto simples 72, ceroto opiado 641, glycerina 657, glycereo de amido 502, pomada de tannino 754.

COCEIRA. V. PRURIGO.

COLICA. Designão-se com este nome não sómente as dôres que existem nos intestinos delgados, mas tambem as que acommettem as outras visceras do ventre.

Colica de chumbo, **saturnina** ou **dos pintores**. Dôr no ventre occasionada pelas emanações do chumbo. — Opiato sulfureo 439. Banhos d'agua sulfurea 746. 10 a 15 centigrammas (2 a 3 grãos) de

emetico em 500 grammas (16 onças) d'agua. Oleo de croton tiglium 1 a 3 gottas. Opio 638. Clyster emolliente e calmante 640. Cataplasma de gelo no ventre. Esta cataplasma prepara-se misturando o gelo com a farinha de linhaça. Se estes meios não forem sufficientes, empregar o tratamento chamado da *Caridade de Pariz*, que é o seguinte :

PRIMEIRO DIA. *De manhã.* Clyster purgativo dos pintores.

Pelo dia adiante. Agua de cannafistula com sementes, ás chicaras.

Á noite. Clyster anodyno dos pintores.

Depois do clyster anodyno. Bolo calmante.

SEGUNDO DIA. *Pela manhã.* Agua benta segundo a formula da Caridade que se toma em duas dóses, com uma hora de intervallo, facilitando-se os vomitos com muita agua morna.

Pelo dia adiante. Cozimento sudorifico.

Á noite. Bolo calmante.

TERCEIRO DIA. *Pela manhã.* Cozimento sudorifico laxante, para tomar em quatro dóses, com meia hora de intervallo.

Pelo dia adiante. Cozimento sudorifico.

Ás 4 horas da tarde. Clyster purgativo dos pintores.

Ás 6 horas. Clyster anodyno.

Ás 8 horas da noite. Bolo calmante.

QUARTO DIA. *Pela manhã.* Poção purgativa.

Pelo dia adiante. Cozimento sudorifico.

Ás 5 horas da tarde. Clyster anodyno.

Ás 8 horas da noite. Bolo calmante.

QUINTO DIA. *Pelo dia adiante.* Cozimento sudorifico laxante.

Ás 4 horas da tarde. Clyster purgativo.

Ás 6 horas. Clyster anodyno.

Ás 8 horas da noite. Bolo calmante.

Se a molestia não ceder, torna-se a principiar o tratamento. Convem sómente supprimir a agua benta, e insistir nos purgantes, até que o doente não soffra mais dôres abdominaes, e tenha o ventre desembaraçado.

FORMULARIO DOS MEDICAMENTOS INDICADOS NO TRATAMENTO DA CARIDADE.

Clystér purgativo dos pintores.

Sene	8 gram.	Agua fervendo	500 gram.

Infunda, côe e ajunte :

Jalapa em pó	8 gram.	Xarope d'espinha cervina	30 gram.
Electuario diaphœnix	30 gram.		

Agua de cannafistula com sementes.

Cannafistula em vagens	60 gram.	Agua tepida	1000 gram.

Infunda, côe e ajunte :

Emetico	15 centig.	Sulfato de magnesia	30 gram.

Clyster anodyno dos pintores.

Oleo de nozes	180 gram.	Vinho tinto	360 gram.

Bolo calmante.

Theriaga	4 gram.	Opio	5 centig.

Agua benta.

Emetico	30 centig.	Agua	250 gram.

Cozimento sudorifico.

Guaiaco	4 gram.	Raiz da China	4 gram.
Salsaparrilha	4 gram.	Agua	1000 gram.

Ferva por um quarto de hora, e infunda :

Sassafraz	30 gram.	Alcaçuz	15 gram.

Côe.

Cozimento sudorifico laxante.

Guaiaco	30 gram.	Alcaçuz	4 gram.
Salsaparrilha	15 gram.	Sene	15 gram.
Sassafraz	4 gram.	Agua	q. s.

para ter 500 grammas de cozimento, procedendo do mesmo modo que no cozimento precedente.

Poção purgativa dos pintores.

Sene	4 gram.	Agua fervendo	125 gram.

Infunda, côe e ajunte :

Electuario diaphœnix	30 gram.	Xarope d'espinha cervina	30 gram.
Jalapa em pó	4 gram.		

As paralysias que resultão ás vezes da absorpção dos saes de chumbo, curão-se com vesicatorios e linimentos estimulantes 759.

Colica das crianças. Clyster com decocção de linhaça 560. Cataplasma de linhaça sobre o ventre 560. Chá de herva doce 274, ou folhas de laranjeira 554. Banho morno geral.

Colica do estomago. Mesmo tratamento que o da *Colica nervosa.*

Colica flatulenta ou ventosa. Chá de herva doce 274, de hortelã 521, ou de macella 580. Purgante de magnesia calcinada 581.

Colica hepatica. É occasionada pelos calculos biliares. Banhos d'agua quente. Opio 638. Poção calmante e antispasmodica 456, cataplasma anodyna 641, cataplasma calmante 597. Pilulas de sabão medicinal 704. Bicarbonato de soda 349. Nitro 297. V. *Calculos biliares.*

Colica de indisgestão. V. INDIGESTÃO.

Colica inflammatoria. Cataplasmas de linhaça 560. Banhos mornos.

Colica menstrual. Semicupios quentes. Chá de arruda 283, de sabina 704. Pediluvio sinapizado 616. Acetato de ammoniaco 266. Poção de Raciborski contra a dysmenorrhea 267. Poção emmenagoga 145.

Colica de miserere. V. ILEO.

Colica nephritica. Dôres nas cadeiras occasionadas pela passagem no canal ureter de um pequeno calculo. — Semicupio ou banho geral, quente. Opio 638. Cataplasma anodyna 641. Bicarbonato de soda 349. Cozimento antinephritico 350. Agua de Vichy 231. Infusão de zimbro 782.

Colica nervosa, *Colica vegetal* ou *Gastro-enteralgia.* Chá da India, de herva cidreira 516, ou de folhas de laranjeira 555. Panno quente no ventre. Poção calmante e antispasmodica 456. Poção anizada 275. Clyster com infusão de dormideiras 419, ou decocção de linhaça 560, ou com assafetida 290. Fricções no ventre com balsamo tranquillo 309, com linimento de chloroformio 380, ou com linimento antispasmodico de Selle 333. Cataplasma de linhaça 560, ou cataplasma narcotica 309. Banhos de agua tepida. Antispasmodicos 789. 15 grammas de oleo de ricino pela bocca ou em clyster. Tartaro emetico 278. Oleo de croton tiglium 629. Emfim, se a colica nervosa resistir a todos estes medicamentos, empregar o tratamento indicado contra a *colica de chumbo,* isto é, os purgantes energicos.

COLITE. Inflammação do intestino colon. Os symptomas e o tratamento d'esta molestia são os mesmos que os da *enterite.*

COMA. Adormecimento em que o doente cahe assim que deixa de ser excitado. O coma profundo chama-se *caro.* É ordinariamente um symptoma de congestão cerebral ou de derramamento no inte-

rior do craneo. — Café. Sinapismos nas pernas 616. Clyster com 10 centigrammas de tartaro emetico, com camphora 332. V. COMMOÇÃO CEREBRAL, ENCEPHALITE, ENVENENAMENTO PELO OPIO.

COMBUSTÃO. V. QUEIMADURA.

COMICHÃO. Banhos d'agua tepida; lavatorios com agua e sabão, com agua misturada com vinagre. V. *Prurigo*, *Sarna.*

COMMOÇÃO CEREBRAL. Abalo do cerebro produzido por uma pancada na cabeça, ou pela queda sobre outra parte mais ou menos afastada; é caracterizada pelo deslumbramento, tontura, perda do movimento e da falla; mais intensa é seguida de modorra, paralysia, evacuação de ourina e de materias fecaes, ás vezes mesmo de morte immediata. — Dar a cheirar vinagre ou agua de Colonia, applicar sinapismos nos pés 616, fazer fricções pelo corpo com aguardente ou agua de Colonia, e dar a beber ao doente algumas colheres de vinho da Madeira, do Porto, ou de algum outro vinho generoso. A sangria nunca deve ser praticada nos primeiros instantes depois da quéda, accidente que produz ordinariamente a commoção cerebral, pois que n'esta occasião o pulso deve estar apenas sensivel e o corpo frio; mas, quando o calor do corpo se houver restabelecido, se o pulso se tornar forte, e se o doente accusar dôres de cabeça; póde-se recorrer ás sanguesugas ou sangria segundo a gravidade do caso, e depois aos purgantes 804, e ás applicações na cabeça de pannos molhados em agua fria. Nas commoções leves basta só o repouso.

COMMOÇÃO DA MEDULLA ESPINHAL. É produzida pela queda de um lugar elevado sobre os pés ou nadegas, e é caracterizada, conforme a sua gravidade, pela perda dos sentidos, paralysia dos membros inferiores e da bexiga, e pela difficuldade na respiração. O tratamento é o mesmo que o da commoção cerebral.

CONDYLOMAS. V. EXCRESCENCIAS SYPHILITICAS.

CONGESTÃO CEREBRAL. Accumulação de sangue no cerebro sem ruptura das paredes vasculares, o que a distingue da apoplexia, na qual se produz esta ruptura com derramamento de sangue. Na congestão não ha paralysia, mas só vertigem, somnolencia, dôr de cabeça, zunidos nos ouvidos. — Applicar na testa pannos molhados em agua fria e vinagre; sinapismos nos pés 616; administrar 60 grammas de sal d'Epsom ou 5 centigrammas d'emetico em 1 litro d'agua. Se o pulso estiver forte e frequente, applicar bichas atraz das orelhas, ou praticar uma sangria.

CONGESTÃO DO FIGADO. V. FIGADO.

CONGESTÃO DA MEDULLA. É caracterizada anatomicamente pelo desenvolvimento das veias da medulla espinhal. A congestão *activa* observa-se sobretudo no começo da variola e da febre typhoide; a congestão *passiva* é produzida pela prenhez, pelas molestias chronicas do figado, dos pulmões, do coração, quando as alterações d'estes orgãos estorvão a circulação do sangue nas veias cavas. — *Symptomas :* Dôr sobre o trajecto da columna vertebral, enfraquecimento nas contracções musculares da metade inferior do corpo, ás vezes retenção de ourina. — *Tratamento :* Ventosas sarjadas nas costas, purgantes salinos 805.

CONGESTÃO PULMONAR. Activa. Encontra-se nos individuos robustos e moços. *Symptomas.* Oppressão, calor no peito, acceleração dos movimentos respiratorios, escarros brancos, viscosos, ou sanguinolentos. *Tratamento.* Sangria, tartaro emetico 278, limonada de limão ou de laranja; regimen mais vegetal do que animal.

Congestão pulmonar passiva. Apparece nos individuos enfraquecidos pela idade, ou por alguma molestia grave e longa. Não é

acompanhada de dyspnea, nem de dôres peitoraes. Os doentes tossem e deitão escarros serosos, ás vezes de côr avermelhada. — Abster-se da sangria; recorrer aos purgantes 804, ventosas seccas no peito, e causticos 343.

CONJUNCTIVA. Membrana mucosa que une o globo do olho ás palpebras, revestindo de uma parte a superficie interna das palpebras, e da outra o globo ocular até á circumferencia da cornea transparente, sobre a qual não se estende. Diversas molestias, que passo a referir, affectão esta membrana.

Conjunctiva (Cancro da). A conjunctiva está ás vezes affectada de cancro gelatiniforme ou melanico. Cumpre extrahi-lo quanto antes com tesoura curva ou bisturí.

Conjunctiva (Cancroide da). Pequeno botão na vizinhança das margens da cornea, ou sobre a conjunctiva palpebral, de mais em mais saliente, e tornando-se mais tarde um tumor avermelhado, desigual, excoriado na superficie, sem suppuração. — Excisão.

Conjunctiva (Derramamento sanguineo debaixo da). Manchas sanguineas. Sobrevem ás vezes espontaneamente nas pessoas idosas e nos adultos, depois das fadigas, ou, nas mulheres, em consequencia de pertubações menstruaes. Estas manchas devem considerar-se como verdadeiras apoplexias. O escorbuto, uma contusão do olho, uma fractura do craneo ou da orbita, uma espinha que ferio a garganta, a tosse violenta, são tambem causas dos derramamentos sanguineos sub-conjunctivaes.

Tratamento. Pannos molhados em agua fria simples, ou misturada com pequena porção de tintura de arnica 282, que se applicão no olho, favorecem a cura d'estes derramamentos que, aliás, resolvem-se espontaneamente com o tempo.

Conjunctiva (Derramamento seroso debaixo da). V. CHEMOSIS.

Conjunctiva (Edema da). V. CHEMOSIS.

Conjunctiva (Granulações da). Em consequencia de conjunctivites, apparecem ás vezes na conjunctiva pequenas elevações esbranquiçadas como tapioca cozida; dá-se-lhes o nome de *trachoma.* Estas elevações enchem-se e apparecem sob a fórma de pequenas vegetações confluentes de côr rubra roxa. Toca-las com pincel molhado no collyrio de azotato de prata 300, com pedra infernal, com lapis de pedra lipes 738.

Conjunctiva (Hypertrophia da). Consequencia da conjunctivite chronica, de um corpo estranho no olho, do estado anemico e escrophuloso, a hypertrophia da conjunctiva manifesta-se por pequenas proeminencias sobre a conjunctiva. — Collyrio anodyno 640.

Conjunctiva (Inflammação da). V. CONJUNCTIVITE.

Conjunctiva (Kystos serosos da). Extrahi-los com tesoura curva, e cauterizar a ferida com pedra infernal.

CONJUNCTIVITE. Inflammação da conjunctiva. Ordinariamente, a *conjunctivite* é synonymo de *ophthalmia.*

Conjunctivite simples aguda. (*Ophthalmia agúda*). É caracterizada pela vermelhidão da membrana conjunctiva; por sua inchação, calor e peso no olho, sensação de um grão de areia entre as palpebras, e fluxo de serosidade mais ou menos purulenta. — Subtrahir os olhos á influencia da luz. Lava-los com decocção morna de sementes de linho, de marmelo, raiz de althea ou folhas de malvas, com banho anti-ophthalmico do Dr. Castro 714. Applicar na palpebra uma folha de alface cozida. Examinar se não se introduzio entre as palpebras algum corpo estranho. Administrar um purgante, *v. g.*, 60 grammas de sulfato de magnesia 585, ou 5 centigrammas de

emetico dissolvido em 600 grammas d'agua. Quando a ophthalmia é leve, cede promptamente a estes meios. Mas se não ceder, lavar os olhos com agua rosada 66, com agua tepida misturada com algumas gottas de aguardente camphorada 332, com agua vegeto-mineral pura 146, instillar entre as palpebras a mistura de laudano de Sydenham com agua morna em p. ig. 636, ou a solução de azotato de prata (5 centigrammas de azotato para 30 grammas d'agua distillada fria), duas ou tres vezes por dia.

Na inflammação intensa, recorrer internamente ao tartaro stibiado em alta dóse 278. A cabeça deve estar elevada por travesseiros. Instillar entre as palpebras, com pincel, agua morna misturada com algumas gottas de aguardente camphorada 332, o collyrio de azotato de prata de Réveillé-Parise 300, ou o de Velpeau 300. Collyrio com sulfato de zinco 744. Collyrio narcotico 309, 453, anodyno 640. Tocar levemente a conjunctiva com pedra infernal. Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461, sobre as palpebras. Em alguns casos graves, fricções na testa com pomada mercurial 600, com pomada ophthalmica de Sichel 600, com pomada mercurial anodyna de Weller 597. Se se formar sobre o olho uma pustula ou uma ulcera, cauteriza-la com pedra infernal ou pedra lipes. Caustico na nuca 343. Instillação entre as palpebras de algumas gottas de collyrio preparado com a dissolução de sublimado corrosivo em agua distillada (20 centigrammas de sublimado para 125 grammas d'agua). Durante a convalescença não cansar os olhos com a leitura nem outros trabalhos. Se houver tumefacção da conjunctiva, vasos varicosos, ás vezes torna-se necessaria a excisão d'elles.

Conjunctivite (Ophthalmia) blennorrhagica. Ophthalmia aguda produzida pela applicação sobre a conjunctiva, da materia do fluxo blennorrhagico. Póde tambem resultar de simples metastase. É uma affecção grave, caracterizada pela vermelhidão do olho e suppuração abundante. É mui rapida na sua marcha, pelo que é mister oppôr-lhe um tratamento energico, senão o doente perde a vista. — Como meio preservativo cumpre avisar as pessôas que padecem da blennorrhagia, que não toquem os olhos com os dedos cobertos de materia, e que tenhão muito cuidado com o asseio das mãos. Administrar tartaro emetico, em alta dóse: Poção de Laennec 279. Tocar levemente a conjunctiva com pedra infernal, ou applicar o collyrio composto d'agua distillada e de azotato de prata crystallizado na proporção de 30 grammas d'agua para 5 centigrammas e até mais, 300, tres ou quatro vezes por dia. E é preciso que o azotato quer solido, quer dissolvido, toque toda a área inflammada, mas que, por nenhum modo, passe por cima da cornea transparente, porque poderia produzir n'ella graves alterações. Causticos na nuca 343. Fricções na testa com pomada mercurial pura 600, ou misturada com pomada de belladona 308. Bebida emeto-cathartica 743. Calomelanos 602.

Conjunctivite (Ophthalmia) purulenta dos adultos. Molestia contagiosa, caracterizada por uma tal inchação das palpebras, que se póde apenas descobrir o olho; e pela accumulação da materia purulenta entre o globo ocular e as palpebras inferiores. Esta ophthalmia limita-se ordinariamente á conjunctiva palpebral, mas póde propagar-se á conjunctiva ocular, e atacar ás vezes mesmo o globo do olho. — As sangrias e bichas não produzem aqui bom effeito. Lavar frequentemente os olhos com esponja embebida na decocção morna de linhaça, para que não se conserve pus entre as palpebras. Tocar a conjunctiva palpebral e ocular com pedra infernal. Pingar

entre as palpebras o collyrio de azotato de prata 300, ou a mistura de duas partes d'agua com uma parte de aguardente camphorada 332. Applicar nas faces internas da palpebra superior e inferior pós de acetato de chumbo 145. — Tem-se empregado com bom exito o collyrio preparado com a dissolução de sublimado (5 centigram. para 30 grammas d'agua distillada). Collyrio de Clot-Bey 744. Administrar um purgante (60 grammas de sulfato de magnesia) ou tartaro emetico em alta dóse : Poção de Laennec 279.

Conjunctivite (Ophthalmia) purulenta dos recem-nascidos. Instillar entre as palpebras algumas gottas da mistura de agnardente camphorada com agua morna (1 colher *de chá* d'aguardente e 2 colheres *de sopa* d'agua). Tocar levemente a conjunctiva palpebral com pedra infernal, ou introduzir entre as palpebras algumas gottas de collyrio de azotato de prata 300. Lavar os olhos com agua acidulada com sumo de limão. Lavatorios com decocção de linhaça 564, com leite de ama.

Conjunctivites (Ophthalmias chronicas). Mudar de profissão, curar a trichiasis, etc., se a ophthalmia provier d'estas causas. Collyrios adstringentes 147, 248, 300, 313, 744. Collyrio aluminoso 259. Collyrio de Brun 255. Collyrio de Conrad 607. Collyrio de Janin 744, de azotato de prata 300, de tannino 754, salino 384, boratado 313, de ratanhia 693, contra as ophthalmias chronicas 145, 738, com pedra divina 738, secco de Beer 260. Pomada ophthalmica 146, 301, 465. Pomada ophthalmica de Desault 602, de Dupuytren 602, de Guthrie 146, de Regent 602, de Janin 649. Instillar entre as palpebras laudano de Sydenham 636. Cauterizar a conjunctiva palpebral com pedra infernal ou com lapis de pedra divina 738. Havendo vasos varicosos sobre a conjunctiva, applicar uma gotta da solução de perchlorureto de ferro a 30° 468. Purgantes 804. Causticos na nuca 343. — As ophthalmias syphiliticas, escrophulosas, dartrosas, exigem o tratamento interno d'estas molestias. Collyrio antiscrophuloso de Baudelocque 489. Oleo de figado de bacalháo internamente 631.

CONSTIPAÇÃO. Indisposição caracterizada por calefrios, quebrantamento do corpo, grande peso e dôr de cabeça, fadiga em todos os membros, fastio, insomnia ou somno agitado, e febre. — Pediluvio sinapizado 616 e chá de sabugueiro ou de casca de limão para provocar a transpiração. 6 gottas de alcoolatura de aconito em 180 grammas (6 onças) d'agua, que se administrão ás colheres, ou em duas porções, com uma hora de intervallo. Com o mesmo fim, de provocar a transpiração, póde empregar-se tambem o acetato de ammoniaco em poção. V. Poção sudorifica simples 267. Depois de provocada a transpiração, usar de bebidas temperantes, limonada de limão ou de laranja.

CONSTIPAÇÃO DE VENTRE. V. PRISÃO DE VENTRE.

CONSTRICÇÕES SPASMODICAS. Banhos mornos prolongados. Fricções com pomada de belladona 308.

CONSUMPÇÃO. Diminuição lenta e progressiva das forças e do volume de todas as partes molles do corpo, phenomeno que pertence a todas as molestias de longa duração, e principalmente á tisica. Póde tambem provir do vicio da disgestão. — Combater as causas. Moderar as evacuações excessivas. Suspender as fadigas violentas, os grandes trabalhos do espirito. Regimen analeptico 785. Tonicos 807. Oleo de figado de bacalháo 631. Aguas ferreas 182. Habitação no campo. Anthelminticos 787, se a consumpção depender da presença de vermes intestinaes, da solitaria. Distrahir o espirito dos melancolicos. Prevenir o vicio do onanismo. Os suores excessivos comba-

tem-se com o tannino e outros adstringentes; a diarrhea, a bronchite, a tisica, etc., combatem-se com os meios indicados para estas molestias.

CONTRACTURA MUSCULAR. Affecta de ordinario as pernas e os antebraços; e é caracterizada n'estes casos pela flexão dolorosa dos dedos das mãos e dos pés; póde invadir os musculos do pescoço, do tronco e o musculo diaphragma : n'este ultimo caso é acompanhada de dypnea, e de suffocação. — Maçadura prolongada 565. Fricções com balsamo tranquillo 309. Injecções sub-cutaneas com solução de sulfato de atropina 293. Internamente pilulas de opio 638, de extracto de belladona 307, xarope de ether 455, xarope de chloroformio 379. Banho morno geral e prolongado. V. CAIMBRA DOS ESCRIVÃES.

CONTUSÃO EM GERAL. Lesão produzida nos tecidos vivos pelo choque de corpos redondos ou de superficie mais ou menos larga, sem solução de continuidade na pelle; é uma ferida sub-cutanea. Os corpos contundentes batem e rompem as fibras dos tecidos sub-cutaneos, de que resulta a infiltração ou derramamento de sangue, inchação, ecchymose, dôr seguida de entorpecimento e insensibilidade. Tem diversos gráos de intensidade. Ás vezes juntamente com a contusão ha divisões dos tegumentos; então diz-se *ferida contusa*, como são as feridas por armas de fogo.

Tratamento. Applicar pannos embebidos em agua fria simples, ou misturada com aguardente camphorada 332, ou com tintura de arnica 282, ou com alcoolato vulnerario 444, ou em agua vegeto-mineral 146. Cataplasmas de linhaça ou de mandioca, frias, regadas com aguardente camphorada. Os *depositos sanguineos* desapparecem ás vezes com a applicação contínua de pannos molhados na tintura de arnica pura 282, ou no alcoolato vulnerario puro 444; favorece-se a sua absorpção exercendo sobre o kysto a compressão forte e instantanea, de modo a romper as suas paredes e espalhar o sangue no tecido cellular ambiente. Sobrevindo inflammação, applicar cataplasmas quentes de linhaça 560, ou de fecula 461.

Contusão das articulações. A mais frequente é a do joelho. As contusões articulares produzem muitas vezes derramamentos de sangue puro na junta contusa. As mais das vezes derrama-se pequena quantidade de sangue e muita serosidade. — Cobrir a junta com cataplasma fria de linhaça ou de mandioca, regada com aguardente camphorada 332, ou agua vegeto-mineral 146. Sobrevindo inflammação, applicar 10 bichas.

Contusão do baço. Depois de uma pancada ou compressão directa, ou em consequencia de um contra-golpe, o baço póde apresentar no seu interior fócos hemorrhagicos, ou rasgar-se, d'onde resulta a hemorrhagia na cavidade peritoneal. Os symptomas são : dôr no hypochondrio esquerdo, ás vezes ecchymose na região lombar, anxiedade, dyspnea, febre. — Cataplasmas de linhaça 560, ou de mandioca 461, frias, regadas com aguardente camphorada 332, e apertar o ventre com cinta. Sobrevindo a inflammação, applicar bichas.

Contusão da bexiga. Póde produzir a ruptura d'este orgão. V. RUPTURA DA BEXIGA.

Contusão do cerebro. Quando, depois de uma pancada na cabeça, ou depois de uma queda sobrevem agitação, perda de conhecimento, delirio, pupilla contrahida, sobresaltos de tendões, respiração lenta, todos estes symptomas denotão a contusão do cerebro. — Bichas atraz das orelhas; purgante de 45 grammas de sulfato de magnesia.

Contusão do escroto. Póde ser seguida de infiltração de sangue no tecido cellular, ou de derramamento sanguineo na tunica vaginal (*hematocele*). — Applicar pannos molhados em agua vegeto-mineral 146, ou em agua fria misturada com aguardente camphorada 332. Cataplasma de linhaça se se declarar inflammação 560. Operação do hematocele se o derramamento não se resolver.

Contusão do figado. A contusão do figado póde produzir a *ecchymose*, ou a *rasgadura do orgão*. A ecchymose é caracterizada pela dôr no hypochondrio direito; a rasgadura pela agitação, dôr abdominal, pallidez, lipothymia. — Cataplasmas de linhaça frias regadas com aguardente camphorada 332, limonadas de limão ou de laranja muito frias. Sobrevindo a inflammação, applicar bichas.

Contusão da medulla espinhal. Sobrevem em consequencia de queda sobre os pés ou de pancada sobre a columna vertebral. É caracterizada pela paralysia de quatro membros e incontinencia da ourina. Applicar cinco ventosas sarjadas de cada lado da columna vertebral em toda a sua extensão.

Contusão dos musculos. As contusões dos musculos podem apresentar todos os gráos, desde a simples effusão sanguinea até á moedura e destruição das porções dos musculos. — O tratamento é o que está indicado na *Contusão em geral.* Se os movimentos forem difficeis; depois da cura da contusão, recorrer á maçadura com os dedos 565, ás duchas 75, á gymnastica é a electrização repetida cada dois dias.

Contusão do olho. O olho póde ficar contuso por pancada directa ou por causa indirecta, como *v. g.* em consequencia de uma pancada na cabeça. Depois da contusão do olho sobrevem ás vezes um derramamento de sangue na camara anterior, que se conhece por um disco avermelhado, que muda de lugar ás vezes pelos movimentos da cabeça. — Applicar bichas atraz da orelha; e sobre o olho pannos molhados em agua fria. Se o sangue derramado na camara anterior fôr pouco, resolve-se em alguns dias; se fôr abundante, e se tardar a resolver-se, praticar a puncção do olho.

Contusão dos ossos. Occasiona o derramamento de sangue no periostio; conhece-se pela dôr e inchação. — Cataplasmas de linhaça frias regadas com tintura de arnica 282, ou com aguardente camphorada 332. Em caso de inflammação consecutiva, applicar cataplasmas de linhaça quentes 560, e bichas.

Contusão das palpebras. É seguida facilmente de extravasação sanguinea e de tumefacção enorme. — Applicar pannos molhados em agua fria.

Contusão do pulmão. Quando o thorax fôr submettido a uma forte compressão, o pulmão póde ficar contuso. *Symptomas :* dyspnea, tosse, escarros sanguinolentos, e algumas dôres. — *Tratamento.* Bichas ou ventosas sarjadas no peito, repouso e dieta.

Contusão dos rins. Ha d'ella differentes gráos, desde uma simples ecchymose da substancia renal, até á rasgadura dos rins em duas partes, com derramamento de sangue no tecido cellular circumvisinho, ou na cavidade peritoneal. Os symptomas varião : dôr nas cadeiras, ourinas sanguinolentas, ou de sangue puro. — Sangria ou bichas, conforme a gravidade da contusão; pannos molhados em agua fria nas cadeiras. Dieta; limonada de limão ou de laranja; repouso absoluto. Catheterismo, sobrevindo a retenção de ourina. A hematuria, que se declara alguns dias depois do accidente, trata-se com applicação de gelo nas cadeiras.

Contusão do seio das mulheres. As contusões do seio das mulhe-

res, fóra da lactação, são semelhantes ás outras contusões externas. As contusões nas amas produzem maiores desordens. Podem romper os canaes galactophoros, e occasionar um derramamento de sangue que forma um tumor. — O tratamento compõe-se das mesmas applicações que estão indicadas na *Contusão em geral*.

Contusão dos testiculos. Produzem infiltrações e derramamentos sanguineos nos envoltorios do testiculo ou no orgão mesmo. O tratamento compõe-se nos primeiros dias de cataplasmas de linhaça frias, regadas com agua vegeto-mineral 146, com aguardente camphorada 332. Se sobreviera inflammação do testiculo, appliquem-se bichas na virilha, e cataplasmas de linhaça, quentes, no testiculo 560.

Contusão da urethra. Estas contusões são graves por causa da retenção immediata da ourina que occasionão, e por causa dos estreitamentos consecutivos do canal. — Para fazer cessar a retenção de ourina, appliquem-se bichas no perineo, e dê-se o semicupio d'agua tepida. Depois do banho, cataplasma de linhaça quente 560. O catheterismo offerece, n'estes casos, difficuldades taes, que convem retardar esta operação, e não pratica-la senão com as maiores precauções por meio de grossa sonda flexivel introduzida mui lentamente. Se houver infiltração de ourina no perineo, praticar incisões para dar sahida aos liquidos.

Contusão do ventre. 1° *Contusão das paredes.* Applicar no ventre cataplasmas de linhaça regadas com agua vegeto-mineral 146, ou panno molhado em aguardente camphorada 332.

2° *Contusões profundas.* O figado, o baço, os intestinos, rasgados por uma contusão profunda do ventre, fornecem um derramamento de sangue no peritoneo, que se manifesta por dôres abdominaes, e às vezes pela difficuldade de ourinar. — Cataplasma de linhaça regada com agua vegeto-mineral 146. Clyster de decocção de linhaça 560. Se o clyster não determinar evacuações alvinas; administrar 30 grammas de oleo de ricino. Bichas no ventre.

CONVALESCENÇA EM GERAL. Vinho do Porto, da Madeira ou de Malaga. Regimen analeptico 785. Ovos. Exercicio leve. Habitação no campo. Insolação. Medicamentos tonicos 807. Tapioca. Diversas feculas alimenticias 460. Mingáo de cevadinha. Pasta ou gelea de musgo islandico 620, 621. Xarope de Lanthois 621. Gelea de carrageheen 621. Banho geral morno.

CONVULSÃO. Contracção e relaxação alternativas, violentas e involuntarias dos musculos que, ordinariamente, só se contrahem sob a influencia da vontade.

Convulsões dos adultos. Combater as causas. (V. *Epilepsia*, *Hysterismo, Catalepsia, Tetano, Meningite, Vermes intestinaes, Raiva*, etc).

Convulsões das crianças. Contracção involuntaria e instantanea dos musculos, com movimentos irregulares, e tremor, phenomenos limitados a uma parte do corpo, sua metade lateral, braço, ou só ao rosto; suspensão momentanea das faculdades intellectuaes; respiração accelerada, olhos fixos ou agitados, dedos das mãos retrahidos, febre, etc. — Desembaraçar a criança dos vestidos, afim de assegurar-se se as convulsões não são occasionadas pela picada de alfinete, ou pela compressão de atadura ou cueiro muito apertado, como tem havido exemplos. Collocar a criança, com a cabeça sobre um travesseiro, n'um lugar moderadamente quente, onde o ar circule com facilidade. Applicar sinapismos nos pés, e um instante depois muda-los para as pernas e coxas 616. Applicar na cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre. Approximar ao nariz uma rolha molhada em ether, vinagre ou agua de Colonia; dar a beber

uma colher d'agua fria com assucar e com algumas gottas d'agua de flores de laranjeira; administrar um clyster d'agua morna simples, e depois o clyster seguinte :

Agua morna	90 gram.	Gema de ovo nº	1
Assafetida	60 centig.		

De quarto em quarto de hora dar a beber uma colher *de sopa* da poção seguinte :

Agua	90 gram.	Agua de flor de laranj.	4 gram.
Ether sulfurico	10 gottas	Xarope simples	30 gram.

Se com este tratamento as convulsões não cessarem, e estando o corpo quente e o pulso forte, applicar duas a quatro bichas atraz das orelhas; abster-se das emissões sanguineas, se o rosto estiver pallido, a cabeça fria ou o pulso fraco. Se as convulsões persistirem, metter a criança n'um banho d'agua morna, e depois de tirada do banho, administrar-lhe pela bocca 15 grammas de oleo de ricino. Passado o ataque, se se suspeitar a presença de vermes nos intestinos, empregar, para evitar a recahida, os anthelminticos 787.

Convulsões das parturientes ou **Eclampsia.** Praticar uma sangria; administrar um clyster com 60 grammas de oleo de ricino e agua tepida. Applicar na cabeça pannos molhados em agua fria. Admiministrar algumas colheres d'agua com assucar e com agua de flores de laranjeira; ou chá de folhas de laranjeira. Accelerar o parto com o forceps, ou fazendo a versão se fôr possivel. Romper as membranas, se o parto principiar. Vigiar que a doente não se magôe em algum corpo vizinho; repellir a lingua para o interior da bocca, quando se apresenta entre os dentes, e pôr entre estes um lenço. Administrar, ás colheres, a poção antispasmodica opiada 456, ou a infusão de valeriana composta 772. Se sobrevier coma, applicar sinapismos e vesicatorios nas pernas.

COQUELUCHE. Tosse violenta e convulsiva, que acommette sobretudo as crianças desde a nascença até á segunda dentição : apparece por accessos, com intervallos mais ou menos longos, consistindo em muitas expirações successivas, seguidas de inspiração sonora e particular. É contagiosa e epidemica; depois de curada uma vez, não se repete. Começa por um simples defluxo, que a principio nada apresenta de especial, mas ás vezes póde-se reconhecer n'ella a coqueluche, sobretudo no tempo de epidemia, pela persistencia da tosse : em alguns casos a tosse é acompanhada de inspirações estrondosas e de soluço; é uma especie de preludio á molestia. O periodo catarrhal dura de 3 a 15 dias. A tosse toma pouco a pouco ou subitamente o caracter espasmodico. A duração da coqueluche é variavel; termo médio 50 a 60 dias; ás vezes cessa ao cabo de 8 dias, outras vezes prolonga-se durante muitos mezes.

Tratamento. No primeiro periodo, ou periodo catarrhal, chá de folhas de laranjeira; ou de tilia, um vomitorio de poaya 543. Repetir o vomitorio duas ou tres vezes. No periodo espasmodico, recorrer a um dos numerosos medicamentos que forão propostos, e que são : Xarope contra a coqueluche de Trousseau 308. Xarope de ether 455. Poção contra a coqueluche de Davreux 167. Xarope de lactucario 247. Xarope de lactucario opiado 247. Xarope de ipecacuanha composto 542. Xarope de chloroformio 379. Xarope de quina 684. Café. Infusão de herva cidreira 516, de hortelã 522. Clyster de assafetida 290. Banhos frios de rio ou de mar. Mudança frequente de roupa e de habitação. Passeio todos os dias, Evitar emoções e contrariedades.

CORAÇÃO (Molestias do). V. CARDITE, DILATAÇÃO DO CORAÇÃO, ENDOCARDITE, HYPERTROPHIA DO CORAÇÃO, PERICARDITE, PALPITAÇÕES.

CORDÃO ESPERMATICO. Nome dado a um cordão que sustem o testiculo, e que é formado de uma arteria, de veias, de vasos lymphaticos, de nervos e de canal deferente; todos estes orgãos são unidos por um tecido cellular. Penetra no abdomen pelo canal inguinal, depois dispersa-se, voltando cada vaso ou nervo para a sua origem ou dirigindo-se ao seu destino proprio. — As *molestias* do cordão são : *abcessos, contusão, feridas, hydrocele, inflammação, kystos, tumores adiposos* ou *lipomas*, e *varicocele*. V. Cada uma d'estas palavras.

CORPOS ESTRANHOS. Corpos estranhos na bexiga (*balas de espingarda, alfinetes, pedaços de sondas, de instrumentos de lithotricia, quebrados*, etc.). Podem vir do exterior pela abertura accidental, ou penetrar pelo canal da urethra. — Havendo abertura na bexiga, os corpos estranhos extrahem-se com a pinça; no caso contrario, é preciso extrahi-los pelo canal da urethra. No *homem* empregar o quebra-pedras; se o corpo fôr mui volumoso, corta-lo com litholabo de Civiale. Na *mulher*, dilatar o canal da urethra, e tirar os corpos estranhos com pinça de anneis; sendo mui grossos, quebra-los com quebra-pedras, ou corta-los com litholabo. A serem inuteis estas tentativas, tanto no homem como na mulher, recorrer á cystotomia.

Corpos estranhos na cavidade do craneo (*balas de espingarda, pontas de espada* ou *de faca, pedaços de páo*, etc.). Fazer a extracção, quer pela simples tracção, quer engrandecendo a abertura com as coroas do trepano. Prevenir ou combater a inflammação do cerebro com sangria, bichas, e applicação na cabeça de pannos molhados em agua fria.

Corpos estranhos á roda dos dedos. V. ANNEIS.

Corpos estranhos no esophago. Os corpos estranhos parados na porção superior do esophago, extrahem-se pela bocca com pinça curva de anneis, abaixando fortemente a base da lingua. Para extrahir os ossos ou os corpos um pouco duros, emprega-se um instrumento em fórma de gancho, ou uma haste terminada por uma ou duas azas. Póde-se tambem empregar uma haste de baleia terminada por uma esponja *preparada* (v. p. 449) : introduz-se com promptidão por detraz do corpo estranho, deixa-se demorar ali um pouco para que inche, e tirando-a depois extrahe-se com ella o corpo estranho. — Não podendo ser extrahido pela bocca o corpo estranho, é preciso empurra-lo para o estomago, com a haste de baleia guarnecida de esponja, ou com sonda de gomma. — O ultimo recurso consiste em praticar a incisão sobre o lado esquerdo do pescoço, abrir o esophago, e extrahir o corpo estranho com pinça. Depois da operação, approximão-se as margens da incisão, e, até á cicatrização, alimenta-se o doente com caldos por meio da sonda esophagea. — A suffocação e a asphyxia reclamão a tracheotomia immediata; depois do que, o cirurgião occupar-se-ha do corpo estranho.

Corpos estranhos no estomago e nos intestinos. Administrar azeite doce para favorecer a expulsão do corpo estranho pela via inferior. Se fôr um corpo agudo, encher o estomago com alimentos proprios para darem residuos abundantes, que possão envolver o corpo estranho (feijão, batatas, pão). Sendo engulida uma *moeda de cobre*, dar a beber agua com claras de ovo, para neutralizar as propriedades venenosas dos saes de cobre que podem formar-se, e administrar 8 grammas de magnesia calcinada.

Corpos estranhos nas feridas. Reconhece-se um corpo estranho

n'uma ferida pela dôr mais viva que a dôr de uma ferida simples. Ao comprimir a ferida, determina-se uma dôr viva, semelhante a uma picada ou golpe; este signal é caracteristico mesmo depois da cicatrização. Nas feridas por armas de fogo, reconhece-se a presença da bala explorando a ferida com o dedo, ou com estylete de ferro guarnecido de uma esphera de porcelana. Se houver bala, na esphera de porcelana apparecerá uma marca preta. — Cumpre extrahir qualquer corpo estranho que se achar na ferida. A extracção faz-se com pinças de diversos tamanhos.

Corpos estranhos na garganta. São ordinariamente espinhas de peixe ou fragmentos de osso engulidos com alimentos; ás vezes peças de moeda, garfos, alfinetes, etc. — Tirão-se com pinças de anneis, abaixando a base da lingua. Sendo mui volumosos, podem comprimir o larynge e produzir a suffocação, n'este caso, se não podem ser tirados immediatamente, é preciso praticar a laryngotomia.

Corpos estranhos no larynge, trachea, bronchios. Podem ser liquidos ou solidos. Uma forte preoccupação, a tosse, o riso, que sobrevem durante a deglutição, produzem a sua introducção. No momento dos vomitos, se se fechar a bocca, as materias podem penetrar no larynge. Apparece então tosse violenta, o rosto torna-se violaceo, livido; a morte mesmo pode sobrevir por suffocação.

Tratamento. Tossir com força e provocar os espirros sorvendo uma pitada de rapé. Sendo o corpo soluvel e não venenoso, esperar a sua dissolução e a expulsão com a tosse. Introduzir o dedo no fundo da bocca, para assegurar-se se o corpo estranho não está parado no orificio do larynge : n'este caso, extrahi-lo com pinça de anneis curva. Sahe ás vezes pelo seu proprio peso, collocando o doente a cabeça em baixo. Se estas tentativas forem sem resultado, e sobretudo se a suffocação fôr imminente, recorrer á abertura da trachea.

Corpos estranhos no nariz. Provocar espirros com rapé. Extrahir com gancho ou pinça. Ás vezes é necessario dilatar as ventas com esponja preparada, para poder introduzir mais facilmente os instrumentos. Se o corpo penetrou tão profundamente que não se possa alcançar com estes instrumentos, cumpre empurra-lo para diante, com um tampão de fios, impellido de detraz para diante por meio da sonda de Belloc. — Para extrahir os corpos estranhos que as crianças introduzem no nariz, taes como feijões, grãos de café, etc., em vez de ensaiar a pinça, que tem ás vezes o inconveniente de empurrar mais profundamente o corpo estranho, é preciso tapar com uma das mãos a venta opposta á que contém o corpo estranho, e apertar com os dedos da outra mão os labios da criança de maneira que não possa respirar. Sentido-se assim incommodada, zanga-se e faz grandes esforços de expiração, que não deixão de expulsar o corpo obstruente.

Corpos estranhos nos olhos. Os corpos estranhos, introduzidos entre as palpebras e o globo do olho, podem ser tirados com lavatorios d'agua fria, ou com um pincelzinho feito de panno de linho ou de um pedaço de papel enrolado. — Eis-aqui um meio facil : tira-se ligeiramente a si com os dedos a palpebra superior, com o fim de passar-lhe por baixo a palpebra inferior, de maneira que aquella venha cobrir esta, quanto seja possivel. Manda-se ao paciente gyrar o globo do olho por duas ou tres vezes : é raro que o objecto não venha ter ao angulo interno do olho, d'onde é expellido pelo movimento do olho e pelas lagrimas que se tem accumulado.

Os corpos estranhos entranhados nas membranas do olho não podem ser tirados senão com a pinça, com a ponta do bisturí ou da agulha.

Corpos estranhos nos ouvidos. Fazer no conducto auditivo com seringa irrigações d'agua tepida cuja força de impulsão e abundancia são variaveis. Se as irrigações não chegarem a expulsar o corpo estranho, e se este é redondo, como *v. g.* feijão, grão de café, etc., introduzir entre elle e o conducto auditivo um estylete metallico mui fino, com a ponta curvada em angulo recto ou obtuso, tendo o cuidado de manter a parte curvada na posição horizontal. Logo que esta parte tenha ultrapassado o lugar em que está situado o corpo estranho, dar-lhe um gyro no conducto auditivo de modo que possa bater contra o corpo, e attrahi-lo para fóra tirando o estylete. — Os corpos agudos, compridos, irregulares, podem extrahir-se com pinça.

Eis-aqui um *outro meio :* O operador toma um grosso alfinete de 5 centimetros de comprimento, e, agarrando a extremidade mais aguda entre as hastes de uma pinça, curva-a em angulo recto. A tres millimetros d'esta primeira curvatura, curva-a de novo em angulo recto no mesmo sentido. Fixa o alfinete assim preparado entre as hastes de uma pinça que sirva de cabo e permitta guia-lo. Segurada a cabeça do paciente, o operador introduz o alfinete horizontalmente pela parede inferior entre ella e o corpo estranho; depois, quando julga que o alfinete o tem ultrapassado, imprime-lhe um movimento de rotação equivalente a um quarto de circulo de tal modo que fique quasi certo de que a ponta do gancho corresponde ao centro do corpo estranho, isto é, ao eixo do conducto auditivo. Logo que a ponta do gancho estiver em posição, o operador retira-o exercendo uma tracção lenta e methodica.

Outro meio. Toma-se uma crina de cavallo, do comprimento de 15 centimetros, e dobra-se. Deitado o doente sobre o lado, introduz-se a parte dobrada no conducto auditivo o mais profundamente que se possa; imprimem-se-lhe então brandos movimentos de torsão; depois de uma ou duas voltas, o corpo estranho póde ser tirado com a crina.

Para matar as *pulgas*, os *persevejos* e *outros insectos,* que se tiverem introduzido no conducto auditivo, injectar azeite doce ou agua quente; e para extrahi-los, servir-se de um pincel embebido de terebinthina ou de mel de abelhas.

Corpos estranhos na pelle (*grãos de chumbo, espinhos de plantas, fragmentos de vidro, grãos de polvora*, etc.). Extrahi-los com pinça, com a ponta do bisturí ou agulha. Os grãos de polvora devem ser tirados com a ponta do bisturí ou agulha; esfregar depois os lugares offendidos com azeite doce.

Corpos estranhos no recto. Diversos corpos estranhos forão encontrados no recto : bolas de marfim, copos de vidro, rabos de porco, sanguesugas, materias fecaes endurecidas, caroços de cerejas e de outras fructas. — Faz-se sahir uma sanguesuga, que se introduzio no recto, com clyster d'agua tendo em dissolução sal de cozinha. Os outros corpos, extrahem-se com pinça, tenaz ou cabo de colher. Os que são mui volumosos, quebrão-se primeiro, e tirão-se por fragmentos. Os que tem asperidades na superficie, tirão-se com o soccorro do especulo. É preciso proceder segundo as circumstancias. Em alguns casos tem sido preciso empregar um saca-rolhas ou uma verruma, para extrahir cylindros de páo.

Corpos estranhos na urethra. Diversos corpos estranho podem

parar no canal da urethra; são pedaços de sondas elasticas ou metallicas, que se quebrárão na operação de catheterismo; pregos, alfinetes, etc., introduzidos accidentalmente, emfim calculos. Os meios de extracção são os mesmos que estão indicados no artigo *Calculos da urethra*, pag. 904.

CORPO FIBROSO. Tumor arredondado, mais ou menos volumoso, duro e pouco adherente ás partes vizinhas. É composto de fibras brancas ou amarelladas, mui resistentes e pouco elasticas. Apparece nas diversas regiões do corpo, mas sobretudo no seio e no utero.

CORTADURA ou **Córte**. V. FERIDAS.

CORYZA. V. DEFLUXO.

COXALGIA. *Dôr de anca, dôr de quadril, dôr de coxa, luxação espontanea do femur*. Molestia complexa da articulação coxo-femoral, de natureza escrophulosa, que se approxima muito, debaixo do ponto de vista anatomico, ao tumor branco articular. A cabeça do femur engrossa-se, e não podendo mais permanecer na cavidade que lhe é destinada, sahe d'ella : sobrevem uma verdadeira luxação do femur para cima e para fóra. Principia pela dôr na anca, seguida de claudicação e alongamento do membro; algum tempo depois o membro faz-se mais curto do que era no estado normal. — No principio, semicupios mornos, e cataplasmas de linhaça 560; mais tarde applicação de panno molhado em tintura de iodo 531. Causticos 343. Internamente medicamentos tonicos 807. Infusão de lupulo 564. Pilulas de iodureto de ferro 535. Vinho e xarope de quina 684. Vinho de quina composto 686. Oleo de figado de bacalháo 631. Banhos quentes aromaticos 444. Banhos frios de rio ou do mar. Boa alimentação. Habitação no campo, no clima secco e quente. Fricções na côxa com linimento de Rosen 614, com balsamo nerval 614.

CRAVO. V. FRUNCHO.

CRAVO BOUBATICO. V. BOUBAS.

CRISTA. V. EXCRESCENCIAS SYPHILITICAS.

CROSTA DE LEITE. V. OZAGRE.

CRUP, *Garrotilho, Laryngite diphtherica* ou *membranosa, Diphtherite tracheal, Angina laryngea membranosa*. Especie de laryngite, contagiosa e grave, de marcha rapida, caracterizada anatomicamente pela formação de uma membrana nas vias aereas. Observa-se sobretudo nas crianças de 2 a 8 annos. Principia por um estado febril simples, por calefrios, calor da pelle, frequencia do pulso, tristeza, outras vezes começa por um defluxo, abatimento insolito, vermelhidão dos olhos, lagrimejamento e dôr de garganta. Estes phenomenos durão de 1 a 5 dias. Subitamente sobrevem tosse acompanhada de rouquidão sobretudo durante a noite; muitas vezes a criança acorda assaltada pela suffocação imminente. Explorando a garganta verifica-se então vermelhidão mais ou menos viva, inchação da uvula e das amygdalas, e percebem-se chapas membranosas que cobrem estes orgãos. A respiração torna-se estrondosa, precipitada; o rosto enrubece e empallidece alternativamente, o pulso é frequente, o calor grande, a anxiedade extrema. A criança sente dôr viva no larynge, e parece que quer arrancar com a mão o obstaculo que lhe tolhe a respiração. Alguns momentos de repouso são logo seguidos de exacerbações espantosas, durante as quaes se faz ouvir de longe respiração sibilante. A tosse e os vomitos expellem muitas vezes materias grossas, pegajosas, misturadas com fragmentos membraniformes. As exacerbações mais frequentes, a respiração convulsiva, a suppressão da expectoração, o abatimento e os suores

frios precedem de alguns instantes a morte que é frequente n'esta molestia. A duração do crup é de 4 a 5 dias. Depois da morte, encontrão-se membranas cinzentas, mais ou menos extensas, que cobrem a mucosa das vias respiratorias, e que determinárão a asphyxia interceptando a passagem do ar. Estas concreções morbidas existem ordinariamente no larynge e na trachea; ás vezes, porém, estendem-se até aos bronchios e ás suas ramificações. Em alguns casos a obstrução não é completa, mas é sufficiente para tornar a hematose difficil, e para produzir, consequentemente, asphyxia.

Tratamento. Poção com emetico (emetico 10 centigrammas, agua 100 grammas), da qual se administra uma colher *de chá* á criança de 1 a 3 annos; 2 colheres *de chá*, de 3 a 7 annos; uma colher *de sopa*, sempre de meia em meia hora, acima de 7 annos; até provocar vomitos. Suspende-se a poção no terceiro vomito; mas repete-se no dia seguinte, pela mesma fórma. Se esta poção não determinar vomitos, administrar 40 a 60 grammas de ipecacuanha em pó 541, ou 15 grammas de xarope de ipecacuanha 541. Cauterizar a garganta com a solução concentrada de azotato de prata (agua distillada 15 grammas, azotato de prata 4 grammas.) Eis-aqui como se deve proceder : Toma-se uma esponja fina, que estando molhada na solução e depois bem enxuta, deve ter para *um adulto* o volume de um ovo de pomba, um terço de menos para uma *criança de 10 annos,* e metade menos para uma criança de menor idade. Fixe-se sobre uma haste de baleia da maneira seguinte : corte-se em cruz na sua pequena extremidade, faça-se um entalho circular na ponta da haste, e fixe-se a esponja sobre a haste com linha que se cobre depois com lacre para que esta não seja destruida pela acção da solução. Aqueça-se ao fogo a haste, para lhe dar uma curvatura que permitta levar o caustico á garganta sem tocar o ceo da bocca, Isto feito, assenta-se o doente em uma cadeira ou na cama, com o rosto virado para a janella ou para a luz de uma vela. Uma pessoa deverá segurar a cabeça do doente, encostando-a contra o peito. Molhe-se então a esponja na solução, e esprema-se afim de que esteja simplesmente humedecida; abaixe-se a lingua com uma colher que se segura com a mão esquerda, leve-se rapidamente a esponja ao fundo da garganta, e cauterize-se levemente. A cauterização faz-se uma vez por dia. Em vez da solução de azotato de prata, póde-se empregar o acido chlorhydrico puro ou misturado com igual quantidade de mel de abelhas; ou a solução officinal de perchlorureto de ferro 467. As applicações d'agua phenica na garganta por meio da esponja são uteis. Póde-se tambem assoprar ás fauces o alumen em pó por meio de um tubo de papel. O rapé introduzido no nariz da criança, póde provocar espirros e favorecer a expulsão das membranas. Ao mesmo tempo administra-se internamente o vinho de quina 684, e o perchlorureto de ferro 468, 20 gottas de solucão a 30° em meia chicara d'agua fria, 5 vezes por dia. Os outros medicamentos empregados contra o crup são : alumen internamente : mistura contra o crup 258; copahiba 399, cúbebas 407, chlorato de potassa em applicação externa e internamente em poção 372, polygala de Virginia 670, fricções no pescoço com ceroto ammoniacal de Rechoux 268. Sinapismos nos pés 616. Quando, apezar do tratamento, a dyspnea se aggrava e os accessos de suffocação se repetem a miudo, é preciso abrir ao ar uma via artificial praticando a tracheotomia. O medico deve estar sempre preparado para fazer a operação em semelhante circumstancia. V. TRACHEOTOMIA.

Crup falso. V. LARYNGITE ESTRIDULA.

CYANOSE. Na sua accepção a mais larga, esta palavra designa a coloração azul da pelle, que se observa na cholera e outras affecções nas quaes ha estagnação do sangue nos vasos capillares; é um symptoma que é passageiro. Mas existe uma molestia contínua, á qual se dá mais especialmente o nome de *cyanose* ou *molestia azul*: resulta dos vicios de conformação que permittem a mistura do sangue negro com o sangue vermelho. Os vicios de conformação podem ter lugar no coração ou na origem das veias e das arterias. De todas as anomalias cardiacas, que produzem a cyanose, a communicação das duas auriculas é a mais frequente. A cyanose desenvolve-se ordinariamente logo depois da nascença : outras vezes, algumas semanas, alguns mezes, e mesmo annos, depois, como ha exemplo. A coloração azul da pelle é acompanhada de dyspnea e de accessos de suffocação. A molestia está fóra dos recursos da medicina.

CURSOS. V. DIARRHEA.

CYSTALGIA. V. NEVRALGIA DA BEXIGA.

CYSTICERCO. Verme cujo corpo globoso e alongado termina por uma parte estreita, annelada, que é o pescoço, em cujo apice se acha a cabeça que é obtusa, e guarnecida, como a da *Tœnia solium*, de quatro chupadores e de dezaseis ganchos. Os cysticercos são implantados no fundo de uma vesicula, suspensa n'um um kysto seroso transparente; esta vesicula apresenta uma abertura pela qual o cysticerco póde sahir e alongar-se como um caracol de sua concha. Ha varias especies de cysticerco. O de pescoço estreito observa-se ordinariamente no homem e no porco, onde por sua presença, em quantidade consideravel, constitue a *ladraria* (v. esta palavra). O cysticerco do homem resulta do uso de alimentos de má qualidade, cheios de cysticercos ou de ovos de cysticercos, de ovos de echinococos e de tenias, que, uma vez no organismo, penetrão nos tecidos e desenvolvem-se no estado de echinococos, de cysticercos e de tenias segundo a influencia do lugar. O cysticerco encontra-se no homem muito menos frequentemente do que o echinococo e a tenia, mas foi observado em todos os tecidos, e particularmente no olho e no cerebro. Os symptomas do cysticerco nada tem de proprio a este verme : varião segundo a importancia do orgão em que se desenvolvem. Extrahe-se este parasita pela excisão, se fôr accessivel aos instrumentos.

CYSTITE. Inflammação da bexiga. **Cystite aguda**. *Symptomas* : dôr durante a sahida das ourinas; vontade frequente de ourinar; hypogastro dorido quando se comprime, febre, sêde, agitação, insomnia, soluços, vomitos; se as ourinas contém mucosidades, estas são pouco abundantes, pouco espessas, ordinariamente avermelhadas.

Tratamento. Bichas no hypogastrio ou no perineo. Banhos mornos geraes. Semicupios d'agua tepida simples ou com decocção de folhas de malva 587. Clysteres e cataplasmas de linhaça 560. Cataplasma emolliente interna 561, 257. Clyster emolliente e calmante 640. Repouso absoluto. Dieta severa. Para bebida : Infusão de linhaça 560. Cozimento de grama 511. Infusão de raiz de althea 256, com xarope de amendoas 264. Cozimento antiphlogistico de Stoll 298. Clysteres com oleo de amendoas doces 628. Narcoticos : xarope diacodio 637. Pilulas camphoradas e opiadas 639. Fricções no hypogastrio com balsamo tranquillo 309, com oleo camphorado 332, com linimento antispasmodico 333. Se houver retenção de ourina, recorrer ao catheterismo. Administre-se camphora, se a inflammação da bexiga provier do emprego das cantharidas 329.

Cystite chronica. V. CATARRHO VESICAL.

DAMNADO. V. RAIVA.

DANSA DE S. GUIDO. V. CHOREA.

DARTRO. Palavra generica com que tem sido designadas algumas molestias da pelle, mui differentes umas das outras. Os autores distinguem sete especies : 1° *Dartro furfuraceo volante*, que consiste em ligeiras exfoliações da epiderme que se parecem com farelos (v. *Pityriase*); 2° *Dartro escamoso*, exfoliações da epiderme que forma escamas mais largas do que na especie precedente (v. *Eczema, Lichen*); 3° *Dartro crustaceo*, crostas amarellas, cinzentas, esbranquiçadas ou verdoengas, de differentes fórmas (v. *Ozagre*); 4° *Dartro corrosivo*, botões pustulosos ou ulceras corrosivas, que fornecem um pus fetido, e que não sómente acommettem a pelle, mas tambem corroem os musculos e as cartilagens, e estendem-se ás vezes até aos ossos (v. *Lupo*); 5° *Dartro pustuloso*, pustulas mais ou menos volumosas, ás quaes succedem manchas avermelhadas (v. *Acne, Sycose*); 6° *Dartro phlyctenoide*, vesiculas produzidas pela elevação da epiderme, cheias de serosidade, e deixando, depois de seccas, escamas avermelhadas (v. *Herpes*); 7° *Dartro erythemoide*, elevações vermelhas produzidas pela inchação do tecido cutaneo, terminando por exfoliações da epiderme analogas ás da erythema. Pelo que vemos, a palavra dartro é muita vaga. V. *Molestias de pelle*.

DEBILIDADE. V. FRAQUEZA.

DEDOS (Adherencias dos). Resultão das queimaduras e feridas contusas. — Separa-los por incisões, e impedir por meios mecanicos a sua nova reunião.

Dedos (Anneis que apertão os). V. ANNEIS.

Dedos (Arrancamento dos). Cortar os tecidos pendentes, para regularizar a ferida; curar com pannos molhados em agua fria durante os dois ou tres primeiros dias; e, passados estes, curar com cataplasmas de linhaça 560.

Dedos (Cortadura dos). Reunir os labios da ferida com encerado inglez 85. Mesmo no caso de ser a separação quasi completa, cumpre tentar a reunião dos dois pedaços.

Dedos (Extensão permanente dos). Depende da perda de substancia da pelle da face dorsal da mão, ou da destruição dos tendões flexores por um panaricio, ou outra causa. Quando depende da cicatriz viciosa, corta-se a brida, e fixa-se o dedo na flexão.

Dedos (Feridas contusas dos). A amputação é só reservada para os casos em que o dedo está completamente esmagado, e quando perdeo toda a fórma. Sempre que se possa conservar um coto de dedo, por mais irregular que seja, vale mais do que uma amputação. Cura-se a ferida com pannos molhados em agua fria simples ou misturada com aguardente camphorada, durante os dois ou tres primeiros dias; depois com cataplasmas de linhaça 560. Um manuluvio d'agua quente antes de cada novo curativo. Finalmente, depois de cahidos todos os tecidos mortificados, approximar as margens da ferida com tiras de encerado commum 84.

Dedos (Flexão permanente dos). Póde ser o resultado da paralysia dos musculos extensores, da contractura dos flexores, das feridas com perda de substancia, das cicatrizes com bridas na face palmar dos dedos, da retracção da aponevrose palmar, da affecção gotosa. — Tratar a paralysia dos extensores pela electricidade 423; a contractura dos flexores pela extensão forçada, ou pela tenotomia; fazer a incisão das cicatrizes, das bridas. Tratar a retracção da aponevrose palmar pela extensão dos dedos por meio de gymnastica

quotidiana, ou mediante a prancheta destinada a manter os dedos estendidos; a serem insufficientes estes meios, fazer a secção das bridas tendinosas. Não ha nada a fazer contra a flexão dos dedos que é consequencia da gota ou da arthrite.

Dedos (Inflammação dos). V. PANARICIO.

Dedos (Queimadura dos). Cura-se com algodão em rama, como as outras queimaduras. É só preciso obstar que os dedos não se reunão entre si; pelo que cumpre separa-los com tiras de panno de linho.

Dedos supranumerarios da mão. Quando o dedo supranumerario possue o seu osso metacarpo, e se acha na mesma linha que os outros dedos, deve ser conservado; se forma, porém, um appendice com osso irregular, mal collocado e insufficientemente desenvolvido, tira-se com tesoura logo depois da nascença.

DEFLUXO. Inflammação catarrhal da membrana mucosa das fossas nasaes. — Bebidas emollientes e sudorificas, como as infusões de flores de malva 586, viola 781, sabugueiro 705, etc. Pediluvios sinapizados 616. Fumigações com vapores d'agua quente. Untar o nariz e o beiço superior com oleo d'amendoas doces, coldcream, ceroto 72, glycerina 501, ou pomada camphorada 334. Passar mais ou menos rapidamente, debaixo do nariz, um frasco com ammoniaco liquido 265. Fazer lavatorios frequentemente repetidos no interior do nariz com agua fria simples, ou misturada com aguardente camphorada, ou com solução de sulfato de zinco (agua commum 100 grammas, sulfato de zinco 50 centigrammas). Introduzir no nariz assucar em pó ás pitadas, ou comphora em pó 329, um panno molhado na tintura de iodo 531. — Se o defluxo ataca uma criança de peito, e se é bastante intenso para tapar quasi completamente as ventas, a criança não póde mamar; porque logo que applique a bocca ao peito, fica impossibilitada de respirar : é preciso então substituir, por um ou dois dias, a amamentação natural pelo leite administrado ás pequenas colheres, o que não necessita, como esta, de uma occlusão completa da bocca. Limpar frequentemente as ventas ás crianças de peito; empregar fumigações com infusão de flores de malva 587. Untar-lhes o nariz com sebo, ou com coldcream 448.

Defluxo do peito. V. BRONCHITE.

DELIRIO. Perversão da intelligencia, em que o doente associa ideias incompativeis, as toma como verdades, e diz disparates. Apparece frequentemente durante as molestias graves, e sobretudo nas do cerebro; mas caracteriza tambem muitas outras, como a melancolia, loucura etc.

Delirio nervoso, *delirio tremente,* ou *loucura dos bebados.* Symptomas : o fallar disparatado, agitação e tremor dos membros, insomnia, vermelhidão e calor do rosto, loquacidade contínua, phenomenos occasionados pelo abuso das bebidas alcoolicas. — Quando o delirio principia depois de um estado de embriaguez, administrar 5 centigrammas de emetico para impedir a absorpção dos liquidos ainda contidos no estomago. Depois dar 1 a 3 pilulas de opio 638. Poção contra a embriaguez 265, 267. Applicar na testa pannos molhados em agua fria e vinagre. Dar a beber limonada de vinagre. Almiscar 250. Vigiar o delirante para que não faça damno a si ou aos outros.

Delirio dos feridos ou **dos operados.** Seus symptomas são : insomnia, ameaças, gritos, furor, movimentos rapidos, ás vezes alegria sobrenatural. — Clyster com 10 gottas de laudano de Sydenham. Poção calmante 639.

DEMENCIA. V. ALIENAÇÃO MENTAL.

DENTES (Abalo dos). O abalo dos dentes produzido pelas quedas de encontro á bocca, exige uma abstinencia de todo o alimento solido; pouco a pouco os dentes recobrão a solidez. Quanto ao abalo dos dentes que resulta da estomatite ou escorbuto, v. ESTOMATITE e ESCORBUTO.

Dentes (Carie dos). V. CARIE DOS DENTES.

Dentes (Carregação dos). V. FLUXÃO.

Dentes (Deviação dos). Depois da idade de 25 annos o endireitamento dos dentes seria tentado inutilmente; póde-se n'essa idade arrancar um dente molar cariado; tornando-se então os dentes menos apertados, podem ainda tomar melhor posição. — Pelo contrario, na idade de 9 a 15 annos, quando os dentes estão mal collocados, cumpre extrahir o dente que impede os outros de tomarem o seu lugar natural, ou, então, podem endireitar-se por apparelhos particulares os que não estão no seu lugar.

Dentes (Dôr de). V. DÔR DE DENTES.

Dentes (Embotamento dos). V. EMBOTAMENTO DOS DENTES.

Dentes. *Extracção dos dentes sem dôr.* Mandar comprimir com os dedos por um assistente, e com força bastante, durante quasi um minuto, a cavidade que se encontra atraz do osso temporal que forma a base ou abertura da orbita, parte externa. Esta compressão torna insensivel o nervo dentario. Algumas pessoas, que soffrem dôres de dentes, achão allivio carregando na fonte correspondente com os dedos. — Produzir uma anesthesia na gengiva por meio da refrigeração com ether pulverizado 786.

Dentes (Luxação dos). Ás vezes em consequencia da fractura do queixo, ou ao extrahir um dente dorido, um bom dente acha-se abalado ou mesmo arrancado. Em alguns casos póde tornar a consolidar-se depois de reposto no seu lugar.

Dentes (Pedra dos). Deposito phosphato-calcareo, amarellado, mais ou menos duro, que se forma ao redor da corôa dos dentes. — Tirar este deposito com a ponta de um instrumento apropriado.

Dentes do siso (Accidentes produzidos pelos). Podem os dentes do siso estar cobertos pela gengiva; a mastigação torna-se então dolorosa. — Cortar a gengiva exuberante com tesoura curva ou bisturí.

Dentes supranumerarios. Mostrão-se por diante ou por detraz da arcada dentaria. — Não se deve tocar nos dentes supranumerarios que existem por dentro da arcada dentaria, salvo se sobrevierem accidentes de compressão sobre os dentes vizinhos, ou quando os dentes supranumerarios estão collocados irregularmente, *v. g.* na abobada palatina. Convem arrancar os dentes supranumerarios collocados por diante.

Dentes vacillantes. V. ESTOMATITE EXPULSIVA.

DENTIÇÃO. Sahida dos dentes. *A primeira dentição* principia ordinariamente do sexto ao decimo mez. Eis-aqui em que ordem e em que epoca rompem ordinariamente os dentes da primeira dentição:

Do 6° ao 10° mez, os quatro incisivos centraes (dianteiros), mas primeiramente os de baixo.

Do 6° ao 12° mez, os quatro incisivos lateraes.

Do 10° até ao 14° mez, os quatro primeiros queixaes.

Do 12° até ao 20° mez, as quatro presas.

De dois annos e meio a tres e meio, os segundos pequenos queixaes. — Estes vinte primeiros dentes, ordinariamente completos

de dois annos e meio a tres annos e meio, devem cahir para serem substituidos. Chamão-se *dentes primitivos* ou *dentes de leite*.

No fim do quinto ou do sexto anno sahem, em cada maxilla, dois novos queixaes permanentes, isto é, os que não devem ser substituidos, e que ao depois são os primeiros grandes queixaes.

Segunda dentição. Faz-se ainda com maior irregularidade que a primeira dentição. Eis-aqui a ordem mais ordinaria da erupção dos dentes permanentes:

De 6 a 8 annos os incisivos médios de baixo, depois os de cima.
De 7 a 9 annos, os incisivos lateraes.
De 10 a 12 annos, as presas.
De 9 a 11 annos, os primeiros e segundos pequenos queixaes.
De 12 a 17 annos, o segundo grande queixal.
De 20 a 24 annos, os quatro dentes do siso.

Dentição (Accidentes da). Eis-aqui as complicações da primeira dentição: inchação das gengivas, salivação, febre; irritabilidade das crianças, erupção pela pelle de botões ou vesiculas (eczema), diarrhea, vomitos, convulsões. — Contra a inchação das gengivas, dar a mascar á criança a raiz de althea ou de consolda; esfregar as gengivas com mucilagem de sementes de marmelo, com mel rosado. Alguns medicos recorrem á incisão das gengivas: esta operação é inutil. Havendo aphtas ou ulceras na bocca, toca-las com pedra-hume, com pedra infernal, com pincel molhado no glycereo de chlorato de potassa 373. O eczema, a diarrhea, os vomitos e as convulsões, todas estas molestias devem ser tratadas pelos meios apropriados, e independentemente de sua origem.

DERRAMAMENTO. Effusão ou extravasação de um liquido em alguma parte do corpo que, normalmente, não é destinada a contê-lo; taes são os derramamentos de sangue consequentes á ferida ou rotura de algum vaso. Ás vezes a materia do derramamento é pus ou serosidade. Em alguns casos o tratamento consiste em dar sahida ao liquido derramado, *v. g.* no derramamento de pus no peito, ou *empyema*; em outros, não ha remedio senão esperar a absorpção, pelos esforços da natureza, do liquido derramado *v. g.* no derramamento de sangue no olho em consequencia de alguma pancada, de sangue na cavidade do craneo em consequencia de apoplexia, etc.

DESCIDA DO UTERO. V. QUEDA.

DESFALLECIMENTO, Desmaio. V. SYNCOPE.

DESLOCAÇÃO, Destroncado. V. LUXAÇÃO.

DESMAMAÇÃO. O desenvolvimento da criança e a dentição devem servir para determinar a epoca da desmamação. Nunca se deve cessar o aleitamento antes de um anno. Em geral é preciso esperar que a criança tenha 16 dentes (15 a 18 mezes). O intervallo entre um anno e dezoito mezes é aquelle em que deve ter lugar a desmamação. Nos primeiros mezes da vida da criança é perigoso dar-lhe outro alimento que não seja o leite. A alimentação prematura produz os tuberculos mesentericos e o rachitismo.

DESMANCHO. V. ABORTO.

DESTEMPERO DO VENTRE. V. DIARRHEA.

DIABETES, Glycosuria ou Ourinas doces. Excreção abundante de ourina doce, pallida, mais pesada do que no estado normal, e contendo assucar de fecula; acompanhada de bom appetite, sêde inextinguivel, e emmagrecimento progressivo. O peso da ourina dos diabeticos varía de 1,020 a 1,074; o seu sabor é doce, e espuma pela agitação. No estado normal a ourina tem sabor salino e amargo, e pesa de 1,005 a 1,030. Não se póde conhecer o diabetes ao prin-

cipio, e sua apparição, sempre ignorada, não se manifesta senão muito tarde por grande fraqueza muscular, sêde, fome insaciavel, digestão difficil, seccura da pelle, enfraquecimento da vista, frequentes emissões de ourina pallida, doce e pegajosa. Toda a pessoa que se torna fraca e emmagrece sem motivo apreciavel, que tem muita sêde, deve ser suspeitada de diabetes : cumpre analysar as suas ourinas. Existem muitos modos de verificar a presença do assucar na ourina. Póde-se evaporar o liquido na temperatura de 30°, expõe-se depois á evaporação espontanea n'um lugar secco; n'esta operação depõem-se crystaes, segundo a quantidade maior ou menor de assucar. Eis-aqui um outro modo : Introduz-se na ourina, contida n'um tubo de vidro, uma quantidade igual de solução aquosa de potassa caustica, e aquece-se á chamma de uma alampada a alcool. Logo que o liquido diabetico entra em ebullição, toma a côr roxa-avermelhada, que não apresentão outras ourinas submettidas á mesma experiencia. — O diabetes não tem lesão anatomica; a autopsia dá só a conhecer certas congestões do figado, do estomago e dos rins; as outras alterações são puras coincidencias.

Tratamento. Diminuir toda a especie de alimentos feculentos, inclusive o pão : para este fim substituir o pão ordinario pelo pão de gluten 501; comer pouco feijão e poucas batatas. Aconselhar um regimen composto de carne, caldos, ovos, peixe, comidas salgadas, vinho tinto, e os vegetaes seguintes : azedas, almeirão, agriões, fructas acidas. Prohibir a cerveja, passas, pastelarias, doces, leite, vinho branco, vinho de Champanha, agua de Seltz; mas permittir os queijos, café e chá com mui pequena quantidade de assucar. Banhos de vapor. Exercicio. Oleo de figado de bacalhão 631. Bicarbonato de soda 349. Aguas de Vichy 231, de Carlsbad 202, de Vidago 232, das Pedras Salgadas 220. Opio 638. Tannino 752. Agua de cal 326. Magnesia calcinada na dóse de 2 a 4 grammas por dia. Banhos do mar. Hydrotherapia 523.

DIABETES FALSO ou **INSIPIDO.** V. Fluxo de ourina.

DIARRHEA e **Dysenteria.** A *diarrhea* consiste na evacuação repetida de materias claras, aqueas, mucosas, biliosas ou denegridas dos intestinos; e a *dysenteria* no curso frequente com sangue, dôr e puxos. — O tratamento é identico para ambas as molestias : Dieta. Cozimentos de arroz 283, cevada 366; infusão de raiz de althea 256, infusão de linhaça 560. Cozimento branco de Sydenham 672. Solução de gomma arabica 507, com xarope de marmelo 595. Semicupios tepidos. Clysteres de linhaça 560. Clysteres emollientes e calmantes 640. Bebidas e clysteres com claras de ovo (albumina) 648. Bebida albuminosa de Mondière 648. Poção de Requin 639. Cataplasmas de farinha de linhaça sobre o ventre 560. Vomitorio de ipecacuanha 540. Clyster de ipecacuanha 543. Julepo antidysenterico 542. Sub-azotato de bismutho 735. Glycerina 501 Electuario antidiarrheico 663. Gelea de carragaheen 353. Azotato de soda na dóse de 1 a 20 grammas por dia em poção 301. Carvão vegetal em clyster e pela bocca 354. Purgante de sulfato de magnesia 585, de sulfato de soda 743, ou de oleo de ricino 632. Calomelanos 602. Opio 638. Mistura de calomelanos, opio e ipecacuanha. Pós anti-dysentericos d'Ellis 603. Pilulas antidysentericas de Boudin 604.

Contra a *diarrhea das crianças* chlorato de potassa 372, na dóse de 4 grammas em 120 grammas d'agua com assucar, para tomar uma colher *de sopa* de duas em duas horas (Dr. Moncorvo).

Se estes meios não bastarem, recorra-se aos medicamentos adstringentes 784, e tonicos 807. Cato 357. Electuario de cato 359.

Pilulas antidysentericas de Willis 359. Poção adstringente 359. Apozema adstringente 359. Infusão de cato composta 359. Aconito 166. Poção de Marbot contra a dysenteria 167. Tannino 752. Alumen 257. Bistorta 312. Tormentilla 764. Ratanhia 692. Xarope de ratanhia com xarope diacodio p. ig. Noz de galha. Cascarilha. Simaruba. Quina. Theriaga. Diascordio. Monesia. Conserva de rosas 700. Rhuibarbo. Emulsão de cera 364. Electuario adstringente 403, 551, 753. Poção de simaruba opiada 733. Banhos aromaticos 444. Fricções pelo corpo com linimento de Rosen 614. Se apezar d'este tratamento, a dysenteria continuar, empreguem-se clysteres com azotato de prata : 5 centigrammas de azotato para 100 grammas d'agua morna ás crianças; 50 centigrammas de azotato para 200 grammas d'agua aos adultos. Recommendar muito asseio aos doentes; collocar em seus quartos vasos contendo a solução de chlorureto de cal 381. Desinfectar as materias fecaes, introduzindo nas vazilhas um pouco de sulfato de ferro em pó 472. O regimen, severo a principio, será composto ao depois de sopas de arroz, de araruta, ovos, gallinha; e no fim da molestia, de alimentos mais succulentos.

DIGESTÃO LABORIOSA. V. Dyspepsia.

DILATAÇÃO DO CORAÇÃO. Augmento de capacidade das cavidades do coração, com adelgaçamento de suas paredes; alguns autores chamão-lhe *aneurysma passiva do coração.*

Symptomas : Dyspnéa, palpitações : as pancadas do coração sentem-se em maior superficie do que no estado normal, mas são fracas; inchação do rosto, côr violacea dos labios, inchação dos pés, hydropisia do ventre.

Tratamento : Preparações de ferro, ferro reduzido 463, tintura de Marte tartarizada 475, genciana 496, quassia 677, calumba 327, e outros medicamentos tonicos 807. Diureticos 795. Purgantes 804.

DIPHTHERITE. V. Angina diphtherica.

DIPLOPIA. Vista dupla. Lesão do sentido da vista em que o mesmo objecto produz duas sensações distinctas, e por isso parece duplo. Resulta do desarranjo no parallelismo dos dois eixos visuaes, que não permitte ás imagens o pintarem-se nos dois pontos correspondentes de cada retina. — Vesicatorios na nuca. Esfregar algumas gottas de balsamo de Fioravanti (759) nas palmas das mãos, e approxima-las, depois, ao olho. Emetico. Purgantes. Oculos com vidros de gráo desigual.

DIVISÃO DA UVULA. Operação da staphylorraphia.

DÔRES. Opio 638. Chlorhydrato de morphina internamente e em injecções sub-cutaneas 642. Sulfato de morphina 643. Codeina 644. Chloral hydratado 368. Lactucario 246. Chloroformio 374. Cicuta 385. Meimendro 596. Estramonio 452. Acupunctura nas nevralgias 167. Causticos volantes 343. Banhos geraes mornos.

Dôr de anca. V. Coxalgia.

Dôr de barriga. V. Colica.

Dôr de bexiga. V. Nevralgia da bexiga.

Dôr de cabeça. V. Cephalalgia.

Dôr de cadeiras. V. Lumbago.

Dôr de coxa. V. Coxalgia.

Dôr de dentes. *Dôr proveniente da carie.* Introduzir na excavação do dente cariado um pedacinho de camphora 329, ou algodão embebido em aguardente camphorada 332, ou em algumas gottas de chloroformio 374, no acido phenico liquido 156, em solução odontalgica 803, no topico odontalgico 804, em creosota 406, em laudano de Sydenham 636, em oleo essencial de cravo da India 405,

em mistura odontalgica 640, em mistura anti-odontalgica 642, em espirito odontalgico 640, ou uma pilula odontalgica 308. Gottas odontalgicas 803. Balsamo odontalgico 803. Mistura contra a carie dentaria 803. Remedio contra a dôr de dentes 333. Comprimir com os dedos, e com força bastante, a fonte do lado da dôr. Esta compressão torna insensivel o nervo dentario, que passa atraz do osso temporal, no lugar aonde existe uma pequena depressão, na base da orbita, parte externa. O mesmo meio é aconselhado para extrahir os dentes sem dôr. Passada a dôr, obturar a cavidade do dente. V. *Carie dos dentes.*

Dôr de dentes nervosa, isto é, sem carie. Collutorio calmante 640. Fricções nas gengivas com mistura anti-odontalgica 642. Applicar no rosto a cataplasma anodyna 641, ou a cataplasma calmante 597. Purgantes brandos 804. Habitação em lugar quente e secco. Opio. Estramonio. Meimendro. Belladona. Oxydo de zinco e outros antispasmodicos 789. Pilulas de Meglin 597. Introduzir no ouvido uma bola de algodão embebida em chloroformio 374.

Dôr de estomago. V. Gastralgia.

Dôr de garganta. V. Angina.

Dôr hepatica. V. Colica hepatica.

Dôr intercostal. V. Nevralgia intercostal.

Dôres das juntas. V. Arthrite, Arthrodynia, Rheumatismo.

Dôres esteocopas. Dôres agudas que atacão os ossos, e que são occasionadas pela syphilis. — Opio 638. Cicuta 385. Meimendro 596. Causticos no lugar da dôr 343. Tratamento antisyphilitico interno. V. Syphilis.

Dôr de ouvido. Introduzir no conducto auditivo algodão molhado no azeite quente, o mais quente que se possa supportar; ou um bocado de toucinho aquecido; algumas gottas de alcoolatura de aconito 167, ou algodão embebido em laudano de Sydenham aquecido 636, em balsamo tranquillo quente 309, em chloroformio 374, ou um bocado de camphora envolto em algodão 329. Pediluvios sinapizados 616. Pannos quentes na cabeça. Bichas atraz da orelha.

Dôr de peito. Existe na *Pleurodynia, Bronchite, Pleuriz, Pneumonia, Tisica.* V. estas palavras.

Dôr de pescoço. V. Torcicollo.

Dôr de quadril. V. Coxalgia.

Dôr de rosto. V. Nevralgia facial.

DOTHINENTERITE. V. Febre typhoide.

DRACUNCULO ou **Bicho da costa.** Verme cylindrico, filiforme, de côr branca, do comprimento de 1 pé, e mesmo de 10 a 12 pés, da grossura de um fio de linha até á de um barbante, que se encontra debaixo da pelle perto dos tornozelos, no escroto, pescoço, conjunctiva, etc. — Extrahir o bicho exercendo sobre elle tracções lentas e moderadas. Se o bicho resistir, liga-lo a um rolete, e puxa-lo todos os dias brandamente, enrolando o que sahe, no rolete, até extrahi-lo todo.

DUREZA DE VENTRE. V. Prisão de ventre.

DYSENTERIA. V. Diarrhea.

DYSMENORRHEA. Menstruação difficil. Quando as epocas menstruaes são irregulares e dolorosas, *ha dysmenorrhea.* É produzida pelas mesmas causas que a *amenorrhea* (v. esta palavra), e é accompanhada de nauseas e de colicas uterinas tão vivas que as senhoras, não podendo ficar em pé, são obrigadas ás vezes, a deitar-se durante 24 horas, e não céssão de soffrer senão quando o sangue tomou o seu curso natural. — Para regularizar os menstruos, e para

acalmar as dôres, na vespera ou no dia da sua apparição, é preciso empregar todos os remedios aconselhados na *amenorrhea,* mas ha ainda aqui mais algumas indicações a preencher. As senhoras devem deitar-se e ficar na cama por todo o tempo que durão as colicas uterinas, e conservar no ventre pannos quentes ou cataplasma de linhaça regada com uma colher *de chá* de laudano de Sydenham 636. Devem tomar uma chicara de chá da India, de macella ou de herva cidreira; devem tomar um clyster de cozimento de raiz de althea com 10 gottas de laudano de Sydenham. Empregar tambem a poção contra a dysmenorrhea de Raciborski 267, ou as pilulas seguintes:

Extracto de opio	5 centigram.	Mucilagem de gomma	q. s.
Camphora	30 centigram.		

F. 2 pilulas. Uma pela manhã, outra á noite.

DYSPEPSIA. Digestão laboriosa. — Quando resulta de alimentação mui copiosa, diminuir esta, suspender mesmo toda a alimentação solida, e usar só de alimentos liquidos, caldo, leite. Attender ás sympathias e antipathias do estomago; vigiar a quantidade e qualidade dos alimentos; pôr ordem na distribuição das comidas, que devem ser antes leves do que copiosas. A vida sedentaria será modificada pelo exercicio, moderado, agradavel. A respeito do exercicio, depois de jantar, ha muitas differenças individuaes, que é necessario respeitar. Ha pessoas que se dão bem com um passeio a pé depois da comida; a outras, a immobilidade é indispensavel para que a digestão possa effeituar-se. Os medicamentos que favorecem a acção do regimen contra a digestão laboriosa são: Pilulas de aloes, uma a duas por dia 253. Grãos de saude 254. Rhuibarbo em pó 30 a 60 centigrammas. Pilulas estomachicas 622. Pós estomachicos 327, 685, 697. Pós digestivos 275, 350. Poção de genciana, 498. Tintura de canella, absinthio, camomilla, cardamomo, quina. Café depois de jantar. Banhos de rio ou do mar. Agua de Seltz 171.

DYSPNÉA. Difficuldade de respirar. Tem diversos gráos, e póde depender de asthma, molestia do coração, bronchite, etc.

DYSTOCIA. Difficuldade de parir. V. PARTO LABORIOSO.

DYSURIA. Difficuldade de ourinar. — Banhos mornos. Cataplasmas de linhaça no ventre 560. Fricções com oleo camphorado 332. Beber a infusão de linhaça 560. V. RETENÇÃO DE OURINA.

ECCHYMOSE. Mancha denegrida ou amarellada, resultante da extravasação do sangue no tecido cellular subcutaneo, produzida pela rotura dos vasos capillares sanguineos, em consequencia de uma pancada, ou compressão. — Applicar pannos molhados em agua fria, ou em agua misturada com vinagre, ou com aguardente camphorada 332, ou na tintura de arnica 282. V. *Contusão.*

ECHINOCOCO. Verme que se acha reunido em maior ou menor quantidade nos kystos chamados *hydatidas.* Os echinococos apresentão-se debaixo da fórma de grãos innumeraveis quasi invisiveis, encerrados em pequenas bexigas transparentes do volume de uma avelã. Não se desenvolvem no corpo do homem senão pelo uso das carnes corruptas, cheias de cysticercos, cujos germens se introduzem no sangue, percorrem os tecidos e fixão-se n'um ponto onde se multiplicão formando kystos. É sobretudo a carne de porco affectada de *ladraria,* isto é, de cysticercos, que é a causa do desenvolvimento dos echinococos no corpo do homem. Hoje já não se póde admittir a geração espontanea dos echinococos, pois que se sabe que nascem dos germens incompletamente desenvolvidos do cysticerco, como o proprio cysticerco não é senão o producto incompleto da tenia. Os echinococos, os cysticercos e as tenias, bem que

differentes de fórma, constituem o mesmo animal, modificado pelo lugar em que se origina. Encontrão-se os echinococos em todos os orgãos, e principalmente no figado, no pulmão, nos rins, no cerebro, no tecido cellular, nos musculos (séde ordinaria dos tumores externos); e em toda a parte este verme parasita se cobre com membrana gelatinosa, amorpha, quasi transparente, cheia d'agua. Estas vesiculas, mais ou menos numerosas, chamadas tambem *acephalocys'os*, são contidas n'um envoltorio gelatinoso, esbranquiçado (*hydatida mãi*), que é cercado de um kysto fibroso mais ou menos consideravel, e formão um tumor hydatico. — Varião os *symptomas* conforme o volume dos tumores, e o lugar que occupão: ora phenomenos nervosos encephalicos; — ora desordens de respiração; — outras vezes symptomas hepaticos, renaes, gastricos, etc., segundo a séde dos parasitas no cerebro, no pulmão, no figado, nos rins, o que quer dizer que os echinococos das visceras não produzem phenomeno algum que lhes seja particular, e que os que occasionão são essencialmente variaveis, inteiramente dependem das funcções do orgão affectado pela sua presença. Ha só um caso em que os echinococos se manifestão por um signal caracteristico; vem a ser quando formão um tumor proeminente debaixo da pelle, no qual o choque do dedo produz fluctuação com um ruido especial devido á collisão dos acephalocystos. Muitos d'estes tumores curão-se espontaneamente, quer porque os vermes céssão de se multiplicar, ou porque morrem deixando o kysto no estado estacionario ou de petrificação, quer porque o tumor despeja o seu conteudo n'uma cavidade vizinha, no intestino, nos bronchios, na bexiga, etc. Quando estes tumores não se curão de per si augmentão de dia em dia; cumpre, quando são accessiveis, extrahi-los com um instrumento, ou fazer a puncção para esvaziar o seu conteudo, e injectar a tintura de iodo 531.

ECLAMPSIA. V. CONVULSÕES DAS PARTURIENTES.

ECTHYMA. Pustulas na pelle; largas, arredondadas, de base dura e vermelha, ás quaes succede uma crosta, que deixa após si um signal vermelho, ou mais raramente uma verdadeira cicatriz. — Bebidas acidulas 806. Purgantes 804. Banhos mornos. Cataplasmas de fecula 461. Ceroto sulfurado 439. Cauterizar as feridas com pedra infernal. Unguento digestivo 759, de Genoveva 760, de estoraque 451. Lavatorios com decocção de quina 687. Applicar pannos molhados em agua phenica 158. Internamente, medicamentos tonicos 807.

ECTROPION. Viramento para fóra de uma das palpebras, e principalmente da palpebra inferior, que não lhe permitte cobrir o olho. — Collyrios adstringentes 147, 248, 300, 313, 744. Cauterização com pedra infernal. Excisar a membrana mucosa, se o ectropion é devido ao engurgitamento d'esta. Se provier de uma cicatriz, fazer a excisão d'esta, e substituir a pelle que falta por um retalho tirado em outro lugar.

ECZEMA. Affecção cutanea, caracterizada por pequenas vesiculas muito chegadas umas ás outras, cuja erupção é annunciada pelo ardor na pelle; cuja base é apenas inflammada, e que terminão por excoriações superficiaes acompanhadas de exhalação serosa, á qual succedem escamas e crostas. — Banhos mornos. Lavatorios com a decocção de farelos 458, ou de polvilho. Para bebida, infusão de violeta de tres côres silvestre 782, de raiz ou de folhas de chicoria 368, limonada, laranjada. Regimen composto principalmente de vegetaes. Polvilhar as vesiculas com amido ou pó de arroz. Cata-

plasmas de fecula 461, de polpa de cenouras 360. As cataplasmas de linhaça não convem n'esta molestia, por causa da fermentação rapida. Purgante de sene 729. Unturas com coldcream 448, com glycerina 501, com pomada de pepinos 658. Linimento contra o eczema 649. Lavatorios com solução de borax 313. Applicações de oleo de cade puro ou misturado com azeite doce 628. Pomada camphorada 334. Pomada anti-dartrosa de Gibert 259. Pomada de alcatrão 241. Pomada de fuligem 489. Pomada alcalina 348, 349. Pomada de calomelanos 604. Banhos geraes com sal de Vichy 350. Lavatorios com solução de sulfureto de potassio 746. Aguas sulfurosas. Caldas da Rainha e outras aguas da mesma especie 184. Banhos com gelatina 493. No eczema das orelhas, é necessario ás vezes introduzir um pedaço de *esponja preparada* 449, para prevenir a obliteração do conducto auditivo. No eczema da cabeça é bom cortar o cabello ou rapar a cabeça, e entreter muito asseio n'esta parte.

EDEMA. Inchação geral ou parcial, devida á accumulação de serosidade no tecido cellular. O edema geral chama-se *anasarca* (v. esta palavra); o edema parcial toma o nome da parte que occupa. Phenomeno frequente na convalescença e no ultimo periodo das molestias chronicas, occupa ordinariamente os membros inferiores, sobretudo ao redor dos malleolos, e está ligado com a fraqueza dos individuos. Convem n'este caso os medicamentos tonicos 807, e os alimentos analepticos 785. Manifesta-se ás vezes nos membros inferiores depois das caminhadas : o repouso basta para cura-lo. Póde depender da presença das *varizes;* ou então ser o primeiro gráo da hydropisia geral, ou o symptoma de uma molestia do coração. É necessario dirigir o tratamento contra a molestia principal. O edema de um dos braços, ou da metade superior do tronco, deve obrigar o medico a examinar se não existe algum obstaculo á circulação no peito, algum tumor no braço, aneurysma da aorta, etc. O edema circumscripto póde ser o signal de um abcesso mais ou menos profundo. O edema do rosto é ás vezes o indicio de pequena postema que se forma na gengiva. O edema das pernas, do escroto e de outras partes é a consequencia commum dos ataques de erysipela (V. *Elephantiase*). A inchação parcial é o symptoma que se observa nas *contusões, torceduras, abcessos, erysipelas*, em muitas *inflammações*, etc. Todas estas inchações desapparecem com as causas que as tinhão produzido. Contra o edema das pernas nas *mulheres gravidas* empregar as fricções com balsamo nerval 614, banhos com plantas aromaticas taes como a alfazema, alecrim, salva, etc., 444.

Edema da glotte. Respiração difficil, tosse, suffocação, ás vezes todos os phenomenos da asphyxia. — Sanguesugas no pescoço, 5 centigrammas de emetico em 60 grammas d'agua. Sinapismos nos pés 616, caustico na nuca 343. Fricções com pomada mercurial no pescoço 600. Assoprar ás fauces alumen em pó 258. Fazer a operação da tracheotomia se a suffocação fôr imminente.

Edema das parturientes, edema doloroso ou *Phlegmatia alba dolens*. Inchação dolorosa das côxas e pernas nas mulheres depois do parto. — Cataplasmas de linhaça simples ou feitas com cozimento de dormideiras, meimendro ou estramonio. Fricções com balsamo tranquillo 309, com unguento populeão 310, com linimento opiado 641, com linimento anodyno 641. Mistura nitrada 298. Purgantes 804. Banhos d'agua morna.

Edema dos pulmões. Infiltração de serosidade no tecido pulmonar levada a um tal gráo, que o orgão torna-se notavelmente menos permeavel ao ar. Os symptomas d'esta molestia são : dyspnéa, tosse,

expectoração aquosa, som massiço no peito pela percussão, fervor crepitante na auscultação. — Vesicatorios 343. Medicamentos diureticos 795. Scilla 723. Digital 414. Acetato de potassa 147. Poções com kermes 278. Acetato de ammoniaco 266. Pilulas de aloes 253, escossezas 254.

Edema dos recem-nascidos ou *Sclerema.* Endurecimento do tecido cellular nas crianças recem-nascidas. — Banhos d'agua quente simples ou misturada com aguardente, ou com agua de Colonia. Banhos com plantas aromaticas, taes como a alfazema, alecrim, hortelã, etc., 444. Fricções pelo corpo com balsamo nerval 614.

EGILOPS. V. ANCHILOPS.

ELEPHANTIASE. Elephantiase dos Arabes. Erysipela branca. Tumefacção da pelle e dos tecidos subjacentes, que produz a deformação mais ou menos consideravel das partes affectadas, e que é assim chamada por tornar a pelle dura e enrugada como a dos elephantes; apparece sobretudo nos membros inferiores e no escroto; é consecutiva a ataques repetidos de erysipela. — No seu começo, isto é, quando sobrevem o ataque, acompanhado de calefrios, dôr na parte affectada, seguida de calor, suor, sêde, etc., provocar a transpiração, administrando chá de sabugueiro ou de borragem. Polvilhar a parte affectada com polvilho ou com pós de polvilho camphorados 333, ou applicar algodão em rama. Dieta. Repouso. Administrar um purgante (limonada de citrato de magnesia 584, magnesia calcinada 581, oleo de ricino 632, etc.), ou 5 centigrammas de emetico em 100 grammas d'agua. Quando se formar a inchação elephantiaca, empregar banhos frios, banhos do mar, fricções com gelo, compressão methodica, maçadura 565. Applicações de pannos molhados em infusões aromaticas, taes como as de alfazema, alecrim, tomilho, salva, etc. Fricções com pomada marcial 474, com pomada de iodureto de potassio 538. Medicamentos diureticos 795. Iodureto de ferro 535. A mudança de clima, no principio da molestia, é um dos meios mais certos da cura.

ELEPHANTIASE DOS GREGOS. Affecção tuberculosa da pelle. V. MORPHÉA.

EMBARAÇO GASTRICO. Fastio, cephalalgia, lingua esbranquiçada, vontade de lançar, com febre, ou sem ella. — Dieta. Cozimento de arroz ou de cevada com sumo de limão. Limonada. Laranjada. Vomitorio de ipecacuanha 541. Chá de macella 580, ou herva cidreira 516.

EMBARAÇO INTESTINAL. Lassidão, eructações, borborygmos, flatuosidades, dôres vagas nas pernas e joelhos. — Depois do tratamento indicado no embaraço gastrico, insistir nos purgantes, como o sene 728, rhuibarbo 695.

EMBIGO (Fungosidades do). Nas crianças recem-nascidas, depois da quéda do cordão, carnosidades exuberantes formão uma proeminencia na cicatriz umbilical tendo a fórma do morango. Polvilha-las com pós de murta. Cauterizar com pedra infernal. Cortar com tesoura curva. Se o pediculo estiver situado profundamente, attrahir o tumor com a primeira ligadura applicada sobre um ponto vizinho do pediculo, applicar a segunda ligadura por detraz da primeira, e cortar com tesoura.

Embigo (Hemorrhagia pelo). V. HEMORRHAGIA UMBILICAL.

Embigo (Mal de), ou *Mal de sete dias.* Nomes vulgares do tetano dos recem-nascidos. V. MAL DE SETE DIAS.

Embigo (Quebradura do). Reduzi-la, e applicar uma funda elastica que tenha no ponto correspondente do embigo uma almofadinha

convexa. A mola da funda deve ser mui branda, deve cercar só a metade do corpo, tomando o seu ponto de apoio atraz, sobre a columna vertebral.

Embigo (Ulcerações do). Podem ser *simples* ou *syphiliticas*. As ulcerações simples curão-se com fios molhados em vinho tinto, ou cauterizão-se com pedra infernal. As ulcerações syphiliticas exigem um tratamento mercurial interno.

EMBOLIA. (Da palavra *embolo*, cylindro de bomba ou seringa). Chama-se *embolia* a obstrucção de alguma grossa arteria ou veia por uma porção de sangue coagulado; esta obstrucção póde produzir, e já tem produzido a morte subita. É uma molestia que fixou a attenção dos medicos ha apenas alguns annos. Eis-aqui a sua explicação pelo professor Velpeau. Acontece que sob a influencia de qualquer estado morbido o sangue coagula-se nas grossas arterias, e produz a obstrucção do vaso, d'onde procede a morte mais ou menos rapida, mas não subita. N'uma veia, n'uma veia varicosa por exemplo, se não sahem do lugar, as concreções só podem produzir ligeiras perturbações; para cada veia assim obstruida podem desenvolver-se dez novas veias na vizinhança, e a corrente circulatoria póde continuar. Mas se por acaso um fragmento d'esta concreção vier a romper-se e a separar-se, estando livre, será logo arrastado pelo sangue liquido como n'um rio; da veia femoral, entre outras, chegará á veia iliaca, depois á veia cava, depois ao coração. As desordens, que o fragmento da concreção póde produzir, dependerão aqui do seu volume e fórma: se parar no ventriculo cardiaco, as perturbações poderão ser leves; se fôr assaz pequeno para introduzir-se em algumas das divisões secundarias da arteria pulmonar, poderá perturbar a respiração, mas não occasionnará a morte. Porém se fôr bastante volumoso para tapar ao mesmo tempo os dois ramos principaes da arteria pulmonar, e sobretudo para obstruir o seu tronco, póde então occasionar a morte, suspendendo de repente a hematose e a respiração. Bem que estes factos não tenhão fixado a attenção até agora, não são entretanto raros. O Dr. Velpeau, n'uma memoria apresentada á Academia de medicina de Pariz, no mez de maio de 1862, diz que, em menos de dois annos, veio ao seu conhecimento um numero relativamente consideravel: « Uma senhora, ainda joven, é submettida á cauterização de alguns tumores hemorrhoidaes; durante 24 horas corre tudo bem; mas depois sobrevem, sem causa apreciavel, uma anxiedade subita, oppressão, ancias, e a pobre senhora morre em algumas horas. Faz-se a autopsia e encontra-se uma concreção sanguinea na arteria pulmonar. — Um joven que o Dr. Velpeau tratava juntamente com o Dr. Trousseau, tinha uma inflammação em todo o braço; depois da abertura de muitos abcessos, parecia entrar em convalescença; na visita das 10 horas da manhã os medicos o julgavão fóra de perigo; uma hora depois sente-se suffocado, pede soccorros, e morre antes que algum medico tivesse podido acudir-lhe: embolia pulmonar. — Uma senhora de alta posição, restabelecida de recente parto, é acommettida de repente de suffocações, e morre em alguns minutos: embolia pulmonar. — A mulher de um celebre parteiro desperta sobresaltada a deshoras, e morre da mesma maneira. — Outro tanto aconteceo a um medico de Pariz, cujo systema venoso indicava algumas desordens desde certo tempo. — O chefe de um grande estabelecimento industrial succumbio, victima da mesma lesão, antes da chegada dos medicos que forão chamados. — Em alguns mezes do anno de 1862 quatro casos semelhantes se apresentárão no Hospital da Caridade de Pariz:

uma mulher com uma enorme embolia pulmonar, precedida de varizes inflammadas nas pernas; outra que entrou no hospital com uma molestia do utero, e que, sem nenhum symptoma precursor, falleceo de repente como de syncope; a terceira, tambem em consequencia das varizes inflammadas; emfim a quarta, que entrou para o hospital por ter quebrado uma perna, morreo de repente na cama, tres semanas depois. Na autopsia encontrou-se, n'esta ultima, uma concreção sanguinea de 8 millimetros (3 linhas) de espessura, e de 26 centimetros (9 pollegadas e meia) de comprimento, que obstruia completamente o calibre do tronco da arteria pulmonar. » É esta concreção sanguinea que produz o que se chama *embolia*. Não se conhecem meios nem para curar, nem para prevenir esta molestia.

EMBOTAMENTO DOS DENTES. Sensação desagradavel, produzida pelo contacto das substancias acidas, ou pela acção de instrumentos cirurgicos, quando se limão os dentes. — Mascar a raiz de althea. Esfregar as gengivas com magnesia calcinada 581, com bicarbonato de soda 349. Gargarejo com borax e mel de abelhas 313.

EMBRIAGUEZ. Se a embriaguez não fôr muito grande, bastará, para dissipa-la, beber um ou dois copos d'agua fria, e lavar a cabeça com agua fria; se fôr mais forte, administrar, a infusão de chá, de café, ou uma chicara d'agua fria com 15 a 20 gottas de acetato de ammoniaco, ou de ether sulfurico, ou com 8 gottas de alcali volatil; ou agua morna com 5 centigrammas de emetico para provocar vomitos. Poção contra a embriaguez 265, 267. Mas, se a embriaguez chegar ao estado de insensibilidade, de somno lethargico, de coma, o doente será deitado de lado, com a cabeça elevada; o tronco e os membros serão desembaraçados de toda e qualquer compressão. Cumpre fazer fricções pelo corpo com vinagre; approximar ás ventas um vidro com vinagre, agua de Colonia ou ammoniaco; administrar clysteres com 15 centigrammas de emetico, ou com 60 grammas de sulfato de soda; applicar sinapismos em diversas partes do corpo, e praticar a sangria se existir alguma congestão sanguinea.

EMMAGRECIMENTO. V. CONSUMPÇÃO.

EMPHYSEMA. Tumor branco, luzidio, elastico, indolente, causado pela introducção do ar no tecido cellular; não conserva, como o edema, a impressão do dedo. As soluções de continuidade do larynge, da trachea, dos pulmões, as fracturas das costellas, as feridas penetrantes do peito, são as causas mais frequentes d'esta affecção. — O emphysema passageiro não exige tratamento algum; mas, se fôr consideravel a ponto de produzir suffocação, dê-se sahida ao ar por meio de escarificações, e appliquem-se ventosas sobre estas aberturas artificiaes.

EMPHYSEMA PULMONAR. Molestia caracterizada anatomicamente pela dilatação do numero mais ou menos consideravel de vesiculas pulmonares, e symptomaticamente pela dyspnea habitual que augmenta por accessos, tosse, deformação do peito que adquire a fórma globosa, e pela diminuição ou ausencia completa do ruido respiratorio. — Xarope de balsamo de Tolú 302, xarope de renovos de pinheiro 668, xarope de ether 455, oxymel scillitico 724. Xarope de lactucario 247. Gelea de musgo islandico 621. Opio 638. Purgantes 804. Tartaro emetico 278. Caustico no peito.

EMPIGEM. Dá-se este nome a muitas molestias cutaneas de fórma variavel, e particularmente : 1° a pequenas elevações da epiderme, ás vezes rubras, outras vezes sem mudança da côr da pelle,

com picadas e comichão (v. *Lichen*); 2º a vesiculas miudas, pouco inflammadas na base, cheias de serosidade, seguidas de excoriações e de escamas (v. *Eczema*); 3º á exfoliação contínua da epiderme (v. *Pityriase*); 4º a malhas escamosas, frequentemente com feridas (v. *Psoriase*); etc. Para a *Empigem humida*, v. *Impetigo*. Veja-se tambem *Molestias de pelle*.

EMPOLA. V. BOLHA.

EMPYEMA. Collecção serosa ou purulenta nas cavidades da pleura Apparece ordinariamente depois do pleuriz, e affecta as mais das vezes um só lado do peito. É caracterizado pela oppressão; o doente não póde deitar-se do lado são, deita-se ordinariamente de costas ou sobre o lado affectado. Este acha-se consideravelmente dilatado no seu diametro transversal e antero-posterior. Póde-se ás vezes perceber a fluctuação durante a tosse. A percussão do peito fornece um som massiço no lugar occupado pelo derramamento, e o ouvido applicado n'este lugar não percebe o ruido respiratorio. Abalando um tanto fortemente o peito do doente, em quanto se conserva o ouvido sobre esta cavidade, ouve-se então um ruido de liquido em fluctuação. — Favorecer a resorpção do liquido com as preparações de digital 414, nitro 297, acetato de potassa 147, sulfato de magnesia 585, e outros purgantes 804. Se o empyema não ceder a estes meios, e se pela sua abundancia ameaçar a vida do doente, praticar a abertura no peito para dar sahida ao liquido derramado.

ENCALHE DO BAÇO. V. SPLENITE CHRONICA.

ENCALHE DO FIGADO. V. HEPATITE CHRONICA.

ENCANTIS. Tumefacção, no angulo do olho, causada pelo augmento de volume da caruncula lagrimal. — Applicação de pannos molhados em agua fria simples, ou em agua vegeto-mineral 146. Leve cauterização com pedra divina ou com pedra infernal. Excisão.

ENCEPHALITE ou **Cerebrite.** Inflammação do cerebro. *Aguda.* Abolição da intelligencia, dôr de cabeça, paralysia, delirio, convulsões, abatimento, febre. — Sangria. Sanguesugas atraz das orelhas. Applicações frias, gelo na cabeça. Sinapismos nos pés 616. Vesicatorios nas pernas 343. Bebidas e clysteres purgativos 804. Calomelanos 602. Agua de Sedlitz 227. Oleo de ricino 632. 5 centigrammas de emetico em 500 grammas d'agua. Catheterismo frequentemente repetido.

Chronica. Cephalalgia, vomitos, prisão de ventre, dôres e entorpecimento nos membros, estrabismo, vista dupla, enfraquecimento ou perversão dos sentidos, da memoria, da vontade, da intelligencia, podendo este enfraquecimento ir até á loucura. — Regimen composto pela maior parte de vegetaes, leite, fructas. Vesicatorios, fontes na nuca. Purgantes 804.

ENCEPHALOCELE. Tumor redondo, molle, sem mudança da côr da pelle, produzido pela falta de ossificação dos ossos do craneo, não doloroso, offerecendo pulsações isóchronas ás do pulso, e que é formado por uma porção do cerebro. — Compressão igual e suave. Preservar o tumor dos corpos externos.

ENCHONDROMO ou **Chondromo.** Tumor cartilaginoso que se forma no interior do osso, ou nos tecidos molles. — Nada fazer se fôr pouco volumoso; se incommodar pelo seu volume ou fizer obstaculo ao exercicio de alguma funcção, praticar a sua excisão.

ENDOCARDITE. Inflammação da membrana interna do coração. Esta lesão, no estado agudo, produz no interior dos ventriculos do coração falsas membranas, que occupão sobretudo as valvulas. Raras vezes é molestia primitiva; apparece de ordinario no decurso de outras

molestias, e sobretudo no rheumatismo articular agudo, na escarlatina, na febre puerperal. É caracterizada pela dyspnéa, anxiedade, palpitações, pulso frequente, ruido de folle na auscultação. Quando, no decurso de uma das molestias que deixei indicadas, sobrevem de repente palpitações e oppressão, póde-se suspeitar a endocardite. O *tratamento* é o seguinte : caustico na região precordial, preparações de digital 414, de scilla 723, xarope de pontas de espargos 444, veratrina 774; para bebida agua fria em abundancia, simples, ou com xarope de vinagre.

A *endocardite chronica* produz a ossificação das valvulas do coração; é caracterizada pela extensão das pancadas do coração, ruidos insolitos, n'este orgão, ruido de lima, de grosa, ruido sibilante; inchação das veias do pescoço, edema das pernas, anasarca geral.

O *tratamento* da endocardite chronica é simplesmente hygienico. Vida tranquilla, regimen mais vegetal do que animal, uso de leite, de fructas; abstinencia do vinho puro, dos licores; evitar as fadigas corporaes.

ENDURECIMENTO DO BAÇO. V. SPLENITE CHRONICA.

ENDURECIMENTO DO FIGADO. V. HEPATITE CHRONICA.

ENDURECIMENTO DO TECIDO CELLULAR DAS CRIANÇAS. V. EDEMA.

ENFARTE. Obstrucção de um orgão ou parte d'elle, com augmento de volume e de densidade.

Enfarte do baço. V. SPLENITE CHRONICA.

Enfarte do figado. V. HEPATITE CHRONICA.

Enfarte das glandulas. Fricções com pomada de iodureto de potassio 538, com linimento ammoniacal camphorado 266. Preparações de iodo interna e externamente, 530. Medicamentos tonicos 807. Regimen analeptico 785. V. ESCROPHULAS.

Enfarte dos seios. V. TUMORES DOS SEIOS.

Enfarte dos testiculos. V. ORCHITE CHRONICA.

ENFORCADO. V. ASPHYXIA POR ESTRANGULAÇÃO.

ENGASGAMENTO. V. CORPOS ESTRANHOS NA GARGANTA.

ENGURGITAMENTO. Synonymo de *Enfarte*.

Engurgitamento lacteo dos seios. Purgantes 804. Limonadas de limão, laranja. Applicar sobre os seios algodão em pasta.

ENJÔO DO MAR. Nauseas e vomitos que atormentão as pessoas que embarcão pela primeira vez, e ás vezes até mesmo as que tem feito muitas viagens. — Esforçar-se por vencer o mal comendo como de costume, e tornando a comer depois de lançar; passear no convez do navio, ficar ao ar livre; fazer exercicio quanto seja possivel; distrahir-se; entregar-se a alguma occupação que absorva a attenção, *v. g.* jogo de cartas. Comprimir o ventre com cinta. Chupar limão com assucar. Tomar 10 a 20 gottas de ether sulfurico em um torrão de assucar; um calix de vinho do Porto, ou da Madeira, ou um pouco de rhum. Tomar xarope de chloral, uma colher de *sopa*, duas a cinco vezes por dia 371; ou da poção de chloral 371 uma colher de *sopa* de quarto em quarto de hora.

ENTERALGIA. V. COLICA NERVOSA.

ENTERITE. Catarrho intestinal. Inflammação dos intestinos. *Aguda*. Colicas, ventre inchado e doloroso á pressão, evacuações liquidas, borborygmos, fastio, febre. — Dieta; bebidas emollientes, gommosas, taes como a infusão de linhaça 560, cozimento de arroz 283, de cevada 366. Cataplasmas de linhaça no ventre 560. Clysteres de linhaça 560. Clyster de polvilho 670. Clyster emolliente e cal-

mante 640. Banhos geraes mornos. Pilulas de cynoglossa 638, e outras preparações de opio 638.

Chronica. Alternativas de prisão de ventre e de diarrhea, abatimento, fracas dôres de ventre, borborygmos, algumas colicas, febre pouco intensa, caracterizão a *enterite chronica simples*. A diarrhea prolongada com dôr de ventre, febre lenta, emmagrecimento e perda das forças, annuncião a *enterite chronica ulcerosa*. — Alimentos de facil digestão, compostos parte de carne, parte de legumes herbaceos ou feculentos; tapioca, leite, ovos. Exercicio ao ar livre. Habitar no campo. Purgante brando de citrato de magnesia 584 ou de sulfato de soda 743. Gelea de carragaheen 353. Vinho de quina 684. Calumba 327. Sub-azotato de bismutho 735. Aguas de Campanha 199. Vidago, 232. Pedras Salgadas 220, Vichy 231.

Enterite folliculosa. V. FEBRE TYPHOIDE.

ENTERO-MESENTERITE. V. FEBRE TYPHOIDE.

ENTORPECIMENTO. Peso dos membros, diminuição da sua faculdade motriz e da sensibilidade. Este estado *passageiro* é devido a uma posição do corpo ou a uma pancada produzindo a compressão de um nervo; se fôr *permanente* provém do hysterismo ou de uma molestia do cerebro. — Fazer fricções seccas ou com agua de Colonia, ou combater a causa do entorpecimento.

ENTRADA DO AR NAS VEIAS, *durante as operações cirurgicas.* Quando o ar entra n'uma veia, ouve-se um certo sibilo; o doente dá um grito, sobrevem desmaio, e, ordinariamente, a morte. — Comprimir com o dedo o lugar por onde o ar entrou na veia. Dar a respirar ao doente cheiros fortes, taes como o vinagre, ether, alcali volatil, deitar-lhe agua fria sobre o rosto, friccionar-lhe o corpo com baeta, dar sacudidelas no thorax, empregar finalmente os meios indicados na *Syncope.*

ENTREVADO. V. PARALYSIA.

ENTROPION. Viramento para dentro da palpebra, d'onde resulta que os cabellos das pestanas se voltão contra o olho, e produzem dôr e inflammação. — Excisão da pelle da palpebra. Destruição dos bolbos ciliares pela cauterização ou com o bisturí. Excisão da margem palpebral.

ENVENENAMENTOS. O envenenamento é um estado morbido accidental, devido á introducção, na economia, de uma substancia que póde alterar a saude ou occasionar a morte. As substancias que produzem estes effeitos chamão-se *venenos*. A introducção dos venenos tem lugar ordinariamente pela bocca, mas póde tambem operar-se pelo intestino recto, pela superficie da pelle, e mesmo por via da respiração. — Quando uma pessoa de boa saude é accommettida subitamente, depois da ingestão de bebidas ou alimentos, de colicas, nauseas e vomitos, póde-se suspeitar envenenamento. Cumpre, porém, dizer que muitas affecções abdominaes ou nervosas podem simular o envenenamento; as principaes são : as indigestões, o ileo, a hernia, a cholera, a peritonite, as colicas nephriticas e hepaticas, e certas nevroses. Entretanto, as circumstancias commemorativas, a marcha e a successão dos symptomas, bastão ordinariamente para fixar a natureza da molestia.

Tratamento geral. Quando se é chamado para acudir a qualquer pessoa que acaba de ser envenenada, e se *tem decorrido pouco tempo desde que o veneno foi engulido*, a primeira cousa que se deve fazer é provocar ou favorecer os vomitos. Para este fim administrem-se 10 a 15 centigrammas (2 ou 3 grãos) de tartaro emetico, dissolvidos n'uma chicara d'agua fria ou morna, e favoreça-se a

acção do medicamento dando a beber agua morna, introduzindo os dedos na garganta, ou titillando a uvula com a rama de uma penna. *Se já tem decorrido muitas horas depois do envenenamento*, e se o veneno tem já passado para os intestinos, administre-se uma chicara, de cinco em cinco minutos, da bebida emeto-purgativa (agua 500 grammas, emetico 5 centigram., sal d'Epsom 60 gram.), ou na falta d'esta, 60 grammas (2 onças) de oleo de ricino. Quando o veneno foi tomado debaixo da fórma de clysteres, é preciso administrar o oleo de ricino em clyster. Depois, tratar-se-ha de neutralizar os máos effeitos da porção do veneno que póde ter ficado, administrando um antidoto. Póde-se introduzir este com a agua destinada a evacuar a substancia deleteria, e mesmo convem proceder d'esta maneira, sempre que as duas indicações possão ser executadas. Devem-se prescrever bebidas diureticas, como a infusão de parietaria 655, ou o cozimento de grama 511, para expulsar a porção do veneno que já tenha penetrado nos orgãos. Ao depois combatão-se os accidentes que occasionar o veneno. Se elle tiver produzido a inflammação intestinal, applicar-se-hão sobre o abdomen cataplasmas de linhaça 560, ou tomará o doente um banho morno. Administrar bebidas emollientes, como a infusão de linhaça 560, ou agua com assucar. O caldo será o unico alimento do doente ao principio, e mais tarde sopas de arroz, de pão, etc. Os alimentos mais solidos não serão permittidos senão na convalescença.

Combater-se-hão as caimbras, convulsões e mais phenomenos nervosos com os antispasmodicos, taes como o ether, valeriana, chá de folhas de laranjeira; as dôres com o opio; o narcotismo com o café, ammoniaco, e agua com vinagre. Os sinapismos, fricções excitantes e medicamentos estimulantes taes como o acetato de ammoniaco, infusão de hortelã ou de canella, vinho, aguardente, etc., serão empregados se a vida parecer extinguir-se; mas se a reacção fôr exagerada, é necessario abster-se d'estes meios estimulantes. Se o doente não puder engulir o vomitorio, nem outros medicamentos, introduzir-se-ha o remedio no estomago por meio da sonda de gomma elastica. — Sendo impossivel achar-se á mão os antidotos, ou não existindo estes, o tratamento será o que acabei de indicar; isto é, será preciso combater os symptomas. Se a substancia deleteria tivér sido engulida já depois de algum tempo, ou introduzida na economia pela pelle, é evidente que não se deve contar com os emeticos, nem com os antidotos, mas deve-se examinar a natureza dos symptomas, e combatê-los pelos meios apropriados.

Meios de reconhecer os venenos. Estes meios são de duas especies: reconhecem-se os venenos por seus effeitos toxicos na economia, e por meio de reagentes chimicos. O medico não deve limitar-se a verificar a presença do veneno nas primeiras vias, no estomago e nos intestinos, mas deve sim continuar a procura-lo até nos tecidos dos orgãos, como o figado, os rins, os pulmões, para onde póde ser transportado por absorpção. Este modo de proceder permitte descobrir muitos crimes que parecião poder escapar á justiça. Todos os venenos não são eliminados pelas mesmas vias: o antimonio, o chumbo, o arsenico, depois de absorvidos, são expellidos pelas ourinas; outros pelo suor.

Reagentes. Chama-se *reagente* toda a substancia que serve para descobrir e fazer sobresahir as propriedades caracteristicas de outras substancias com que se mistura. Sempre que se achão parcellas de veneno ainda intactas, basta ensaia-las por alguns reagentes para

se chegar ao conhecimento da natureza d'elle; assim encontra-se ás vezes nas rugas do estomago acido arsenioso sob a fórma de pequenos grãos. Porém, as mais das vezes o veneno está dissolvido; se está misturado com um liquido incolor, podem ainda facilmente descobrir-se os seus caracteres; quando, pelo contrario, a materia venenosa se acha unida a um liquido corado, o problema é mais difficil a resolver, porque as substancias corantes podem unir-se aos reagentes, e dar resultados duvidosos. N'este caso, convem primeiro descorar o liquido por meio do chloro. — Emfim a substancia toxica póde estar misturada com materias do estomago ou dos intestinos; póde tambem achar-se combinada intimamente com os tecidos ou com as visceras, taes como o figado, o baço, etc. Em todos estes casos, se ha liquidos a examinar, cumpre concentra-los; e se se opera com materias solidas, fervão-se em agua distillada, tendo o cuidado de verificar se o producto é acido ou alcalino. Quando isto não póde ser averiguado, faz-se passar uma corrente de acido sulfhydrico na metade do liquido previamente acidulado com acido chlorhydrico. Ao cabo de 24 horas vê-se se se formou um precipitado, cuja natureza se determina. — Sendo o resultado negativo, trata-se a outra metade do liquido pelo acetato de chumbo, depois pelo acido sulfhydrico, etc., com o fim de descobrir a morphina (v. mais adiante), ou qualquer outro alcaloide. — Emfim, se a analyse não revelar a existencia do veneno, será preciso: 1° tratar pelo alcool as materias esgotadas, com o fim de procurar n'ellas um alcaloide organico; 2° incinerar todas as substancias em cadinho de porcelana, reassumir as cinzas pela agua, depois pela agua regia, evaporar, tornar a reassumir pela agua, emfim filtrar, e tratar pelo acido sulfhydrico para ver se não existe algum veneno metallico. Outras operações são necessarias para reconhecer as preparações arsenicaes e antimoniaes, quando absorvidas (v. mais adiante). — A pureza dos reagentes, empregados nas operações medico-legaes, é da mais alta importancia. — Recorre-se tambem ás experiencias em animaes, com os liquidos vomitados ou não vomitados, pertencentes ao corpo humano envenenado.

Envenenamento pela abobora do matto. V. Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenen. pelo acetato de morphina. V. Envenen. pelo *Opio.*

Envenenamento pelos acidos concentrados (*acido sulfurico*, ou *oleo de vitriolo, acido azotico, nitrico* ou *agua forte, acido acetico* ou *vinagre radical, acido chlorhydrico* ou *muriatico*, *acido oxalico, azul de Saxonia* ou *dissolução de anil no acido sulfurico*, pela *agua regia*, pelos *acidos citrico, phosphorico e iodico*). — *Symptomas.* Vomitos ás vezes sanguineos, que avermelhão a tintura de turnesol; dôres agudas no epigastro; prisão de ventre ou diarrhea; difficuldade de ourinar; pulso frequente, calefrios; suores frios, viscosos; rosto pallido; bocca e labios pretos (acido sulfurico), vermelhos (acido chlorhydrico), amarellos (acido nitrico). — *Tratamento.* Administre-se grande quantidade d'agua morna, misturada com magnesia calcinada (30 grammas de magnesia para 1 litro d'agua). Dê-se um copo d'esta mistura de cinco em cinco minutos, com o duplicado fim de provocar as evacuções, e neutralizar o acido. Favoreção-se os vomitos introduzindo dois dedos na garganta. Na falta da magnesia administrem-se 30 grammas de sabão dissolvido em 1 litro d'agua. O giz diluido em agua póde tambem ser util, a não se achar magnesia, nem sabão. Combater os accidentes inflammatorios com a infusão de linhaça em bebida 560, com clysteres de

cozimento de linhaça 560, com cataplasmas de linhaça no ventre 560, e com banhos geraes d'agua tepida.

Reagentes. Acido sulfurico. Aquecido com carvão ou mercurio, o acido sulfurico desenvolve acido sulfuroso; tratado pela agua de baryta, dá um precipitado insoluvel na agua e no acido nitrico.

Acido azotico. Espalha vapores de côr amarella-alanrajada e de cheiro suffocante, quando derramado sobre o cobre. Ajuntando ao liquido que se examina algumas gottas de acido sulfurico, depois a solução concentrada de persulfato de ferro deitada gotta a gotta, até que appareça uma côr que varía desde o purpureo carregado até á côr de rosa desmaiada, póde-se descobrir 1/24000 de acido livre ou combinado. Forma com a potassa o sal de nitro, composto que se deflagra quando se lança sobre brasas.

Acido chlorhydrico. Dá pelo azotato de prata um precipitado de chlorureto de prata branco, pesado, insoluvel em agua e no acido azotico, soluvel no ammoniaco. Este precipitado torna-se roxo ao contacto da luz. Aquecido com o bioxydo de manganez, o acido chlorhydrico decompõe-se, e desenvolve chloro.

Acido oxalico. Sua dissolução dá pela agua de cal um precipitado branco, insoluvel na agua. O azotato de prata faz alli apparecer um precipitado do oxalato de prata, que secco e aquecido na ponta de uma espatula, escurece pelas extremidades, e fulmina de repente dissipando-se em fumo branco.

Envenenamento pelo acido phenico e pelas substancias que o contém, taes como a creosota. 1° Envenenamento pela ingestão interna. *Symptomas:* Nauseas, vomitos, suores frios, respiração estertorosa, estupor, pupillas contrahidas, pulso lento. — *Tratamento.* Administrar agua de cal mui concentrada e adoçada com assucar.

2° Envenenamento pelas fricções, injecções, etc. com soluções phenicas mui concentradas. *Symptomas:* Calefrios, vomitos, prostração, pulso fraco; as ourinas exhalão um cheiro de acido phenico. — *Tratamento.* Lavatorios com agua quente simples ou misturada com farinha de mostarda; poção antispasmodica 455; bebidas estimulantes, taes como chá da India com rhum, vinho.

Envenenamento pelo acido prussico, e pelas substancias que o contém, taes como *a agua de louro-cereja, amendoas amargas,* etc. *Symptomas.* — Vertigens, embaraço de respiração, algumas convulsões, paralysias parciaes ou geraes, dôr no estomago, pupillas dilatadas, aperto dos queixos, pulso pequeno e frequente, pelle fria, coma, morte. — *Tratamento.* Administrem-se 5 centigrammas de emetico em uma chicara d'agua. Faça-se respirar o chloro. Para isto molha-se um panno ou esponja na mistura de 1 parte de chloro liquido e de 4 partes d'agua, e approxima-se este panno ao nariz e á bocca do doente. Na falta do chloro liquido póde-se empregar a agua de Labarraque, ou a dissolução aquosa de chlorureto de cal. Não havendo chloro, faça-se respirar o alcali volatil. Administrem-se depois 10 a 20 gottas de alcali volatil n'um copo d'agua fria. Fação-se applicações de pannos molhados em agua fria sobre a cabeça e a columna vertebral. Em seguida fação-se fricções sobre as fontes com agua de Colonia, e appliquem-se sinapismos nas pernas. Depois de combatidos os primeiros accidentes, será preciso tratar o estado de prostração, que durará mais ou menos tempo, e que irá cedendo pouco a pouco: para este fim administre-se vinho generoso e chá de hortelã.

Reagentes. Previamente saturada de potassa, a solução de acido

prussico dá um precepitado azul pela mistura do perchlorureto de ferro.

Envenenamento pelo aconito. Os symptomas produzidos por esta substancia achão-se indicados no artigo ACONITO, pag. 166. Se o envenenamento fôr muito recente, administrar 5 centigram. de emetico. Se já tem decorrido algum tempo, dar 60 grammas de oleo de ricino ou de sal d'Epsom. Depois applicar sinapismos nas pernas, coxas e braços; dar uma chicara de chá de hortelã quente, ou chá da India, e de cinco em cinco minutos uma colher da poção seguinte : agua 200 grammas, ether sulfurico 2 grammas, assucar 15 grammas. Se esta poção não provocar o calor da pelle, administrar um calix de vinho quente. Depois dar limonada de vinagre.

Envenenamento pela agua de Javel (Chlorito de potassa liquido). Provocar os vomitos dando a beber agua morna, e agua com claras de ovo. Combater a inflammação gastrica com cataplasmas e infusão de linhaça 560.

Env. pela agua de louro-cereja. V. Env. pelo *Acido prussico.*

Env. pela agua regia. V. Env. pelos *Acidos concentrados.*

Envenenamento pelos alcalis e seus compostos (potassa, soda, ammoniaco, cal). — *Symptomas.* Sabor acre, caustico, dôres vivas no ventre, convulsões; vomitos; os liquidos vomitados enverdecem o xarope de violetas, tornão vermelho o papel amarello de curcuma, e restituem a côr azul ao papel de turnesol avermelhado pelos acidos. — *Tratamento.* Administrar 5 centigrammas de emetico dissolvidos n'uma chicara d'agua; administrar, em seguida, uma chicara d'agua acidulada com uma colher *de sopa* de vinagre ou de sumo de limão. Recorrer depois ás bebidas, clysteres e cataplasmas de linhaça 560.

Envenenamento pelo alcool e pelos liquidos espirituosos. Se as bebidas alcoolicas produzirem um somno profundo, acompanhado de insensibilidade, respiração estertorosa, bocca cheia de espuma; recorrer á sangria do braço, ás applicações sobre a testa, rosto e peito, de pannos molhados em agua e vinagre; dar a beber agua com vinagre, applicar sinapismos nos pés e causticos nas pernas, e dar clysteres com agua morna que tenha em dissolução duas ou tres colheres *de sopa* de sal de cozinha.

Env. pela alface brava. V. Env. pela *Belladona.*

Env. pelo alvaiade. V. Env. pelas *Preparações de chumbo.*

Env. pelas amendoas amargas. V. Env. pelo *Acido prussico.*

Env. pelo ammoniaco. V. Env. pelos *Alcalis.*

Env. pelo anda-açú. V. Env. pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Env. pelo angelim. V. Env. pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Env. pela angustura falsa. V. Env. pela *Noz vomica.*

Env. pelos animaes damnados, venenosos. V. *Mordeduras de animaes venenosos.*

Env. pela arruda. V. Env. pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pelo arsenico e seus compostos, taes como o *acido arsenioso, arseniato de ammoniaco, arseniato de ferro, arsenito de potassa, arseniato de soda, ouropimento, rosalgar, pós contra as moscas, a massa de que se servem os empalhadores de passaros.* — *Symptomas.* V. pag. 284.

Tratamento. A expulsão do arsenico é o meio mais efficaz para prevenir os accidentes : é pois mister favorecer os vomitos, dando tres ou quatro chicaras d'agua fria, que tenha em dissolução 5 a 10 centigrammas de tartaro emetico. Para neutralizar a parte do veneno que possa ficar nos intestinos, prescrever o peroxydo de

ferro hydratado (12 a 15 vezes o peso presumido do arsenico) diluido em agua adoçada 466, ou açafrão de Marte aperiente 465, ou 8 a 16 grammas de magnesia calcinada 581, ou melhor ainda hydratada 582. Ao depois, para combater a prostração, administre-se vinho do Porto, chá de hortelã, chá da India com rhum; appliquem-se sinapismos nas pernas; façã-se fricções pelo corpo com baeta quente. Bebidas diureticas, taes como a infusão de parietaria 655, o cozimento de grama para expulsar a porção do veneno que tenha penetrado nos orgãos. — Se o envenenamento foi produzido pela applicação externa de alguma massa arsenical, da massa de Rousselot por exemplo, os alcoolicos, o chá de hortelã, o opio, combinados e admnistrados em altas dóses, podem produzir a reacção salutar.

Reagentes. O acido arsenioso (arsenico do commercio) lançado nas brasas esparge vapores brancos com cheiro alliaceo. Aquecido em matraz, com potassa e carvão, pega-se ao gargalo do vaso, e forma uma codea branca. O acido arsenioso dissolvido precipita em verde pelo sulfato de cobre ammoniacal, em vermelho-tijolo pelo nitrato de prata, em flocos amarellos pelo acido sulfhydrico, em branco pela agua de cal. Todos os precipitados, obtidos pelos reagentes indicados, dão arsenico metallico, quando aquecidos em matraz com potassa e carvão. É por meio d'estes reagentes que se indagava o acido arsenioso nas substancias que se suppunhão contê-lo, até ao anno de 1836, epoca em que foi inventado o apparelho de Marsh, hoje muito empregado nas indagações medico-legaes relativas aos envenenamentos. Este apparelho é fundado na propriedade que possue o hydrogeneo, no estado nascente, de formar com o arsenico uma combinação gazosa susceptivel de se decompôr pelo calor, e produzir arsenico metallico ou acido arsenioso, segundo as circumstancias que acompanhão a operação. Depois da sua invenção, o apparelho de Marsh recebeo numerosas modificações. A fig. 301 representa o apparelho de Marsh modificado por Berzelius e Liebig, e adoptado pela Academia das sciencias de Pariz.

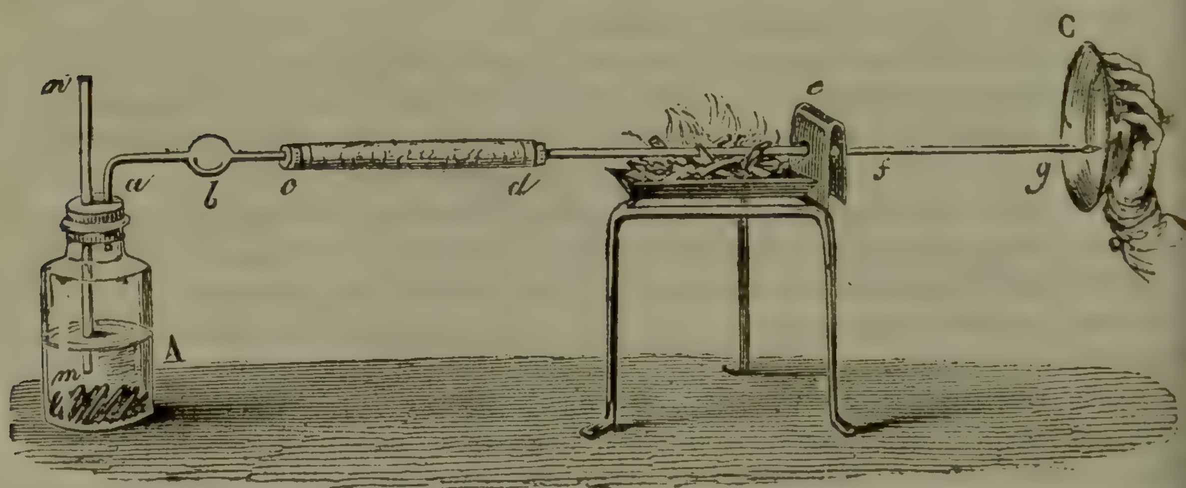


Fig. 301. — Apparelho de Marsh.

O apparelho de Marsh compõe-se de um frasco A, com rolha contendo dois furos; no primeiro introduz-se um tubo direito *mn*, de 1 centimetro pouco mais ou menos de diametro, e no segundo acha-se um tubo *a b c* cuja curva forma um angulo recto, e que tem uma bola *b* na qual se condensa a maior parte da agua levada

pelo desenvolvimento de hydrogeneo. Este tubo communica com outro tubo mais largo *c d*, que contém amianto ou algodão, destinado a reter as particulas da dissolução levada pela corrente gazosa. Na extremidade d'este ultimo tubo, acha-se um tubo de vidro estreito *d f g*, de 2 a 3 millimetros de diametro interior, de 3 a 4 decimetros de comprimento, coberto com uma lamina de prata no comprimento de 1 decimetro, pouco mais ou menos. O frasco A deve ser bastante grande para conter todo o liquido que se quer ensaiar, e deixar ainda um vacuo approximadamente equivalente á quinta parte da sua capacidade total. — Disposto assim o apparelho, introduzem-se no frasco algumas laminas de zinco puro, cobrem-se estas com agua, e deita-se no frasco pequena quantidade de acido sulfurico puro pelo tubo *m n*. Produz-se então um desenvolvimento regular de hydrogeneo puro, que expelle pouco a pouco o ar contido no frasco. Expellido o ar, aquece-se, com uma alampada de alcool, ou por meio de uma grelha de ferro com carvão acceso, a porção do tubo cercada de lamina de prata. Se os reagentes (zinco, acido, agua e frasco) são puros e completamente isentos de arsenico, a porção do tubo *f g* não apresentará nodoa alguma. Se acontecesse o contrario, seria indispensavel mudar os reagentes. Um anteparo *e* preserva da acção do fogo a parte *f g* do tubo. Accende-se tambem o gaz no orificio *g*, e approximando-lhe um pires de porcelana, examina-se se não apparece alguma nodoa no pires. Estas experiencias preliminares devem durar pelo menos meia hora, para não deixarem duvida alguma no espirito. Convem ainda esgotar completamente o zinco, n'esta experiencia prévia, visto que as pequenas quantidades de arsenico que póde conter, se accumulão particularmente nas ultimas porções do metal que se dissolve. — Feito isto, introduz-se no frasco A, pelo tubo *m n*, o liquido suspeito, e mantem-se pela addição conveniente de acido sulfurico um desenvolvimento fraco de gaz hydrogeneo. Se o liquido fôr arsenical, o arsenico depõe-se quasi immediatamente no *f*, a pequena distancia do anteparo *e*. Accende-se tambem o gaz no orifico *g*, e approximando-lhe um pires de porcelana frio, obtem-se nodoas arsenicaes. — Se se obteve, por meio do aparelho de Marsh, um annel metallico no tubo, cumpre submetter este annel a uma serie de experiencias, para ver se elle possue todos os caracteres do arsenico. Convem, primeiro, verificar se este annel é volatil, se pela acção de um calor brando, se desloca facilmente de uma parte do tubo sobre a outra; e se, aquecido n'um tubo aberto nas duas extremidades, branquea e se transforma em acido arsenioso que tambem é volatil. Deve-se depois tratar este acido arsenioso pelo acido azotico para transforma-lo em acido arsenico, e formar por meio do azotato de prata um precipitado vermelho-tijolo de arseniato de prata, cuja côr é caracteristica. Finalmente, o arsenico espargido sobre o carvão ardente exhala um cheiro alliaceo.

O apparelho de Marsh descobre, com certeza absoluta, as mais pequenas quantidades de arsenico. Por meio d'este apparelho o arsenico póde ser achado nas visceras, na ourina e no sangue. Quanto ao arsenico que dizião existir no corpo humano no estado normal, todas as experiencias feitas pela commissão do Instituto de França derão resultados negativos.

Por meio do apparelho de Marsh, ou dos reagentes indicados no principio d'este artigo (sulfato de cobre ammoniacal, nitrato de prata, acido hydrosulfurico, agua de cal), podem facilmente reconhecer-se as mais pequenas quantidades de acido arsenioso, quando

este veneno se acha dissolvido em agua. Mas o problema é menos simples, quando se trata de reconhecer a presença de pequena quantidade de arsenico, no meio de massas consideraveis de materias organicas, como acontece ordinariamente nos casos de envenenamento. Vou descrever succintamente a marcha que então convem seguir.

Se existir ainda uma parte dos alimentos que produzírão o envenenamento, cumpre examinar se não se formou no fundo das vasilhas um deposito de acido arsenioso, em pó branco, que, por ser muito pesado, se precipita rapidamente; póde-se então reconhecer facilmente pelos reagentes já indicados. Uma indagação semelhante deve ser feita nas materias vomitadas. Se estas pesquizas forem infructuosas, espremer-se-hão os alimentos ou as materias vomitadas por panno de linho muito limpo, previamente lavado em agua distillada; dividem-se assim em uma porção liquida e em outra porção solida, que se tratão primeiro separadamente, e se reunem depois. Approximar-se-hão os liquidos por evaporação em capsula de porcelana. Como elles contém ordinariamente materias organicas em dissolução, estão ordinariamente muito viscosos para poderem ser introduzidos directamente no apparelho de Marsh. Produzem muita escuma, e seria difficil dirigir convenientemente a experiencia. Além d'isto, a presença d'estas materias organicas muda notavelmente as reacções proprias para fazerem reconhecer o arsenico: cumpre pois começar por destrui-las. O melhor é concentrar muito os liquidos, depois ajuntar uma quantidade de acido sulfurico proporcionada á da materia organica que se suppõe existir na dissolução. Evapora-se para expellir o acido sulfurico. A materia organica destroe-se, e fica reduzida á fórma de carvão esponjoso. Borrifa-se este carvão com acido azotico concentrado, e torna-se a aquecer para expellir o acido; desprendem-se vapores rutilantes em abundancia. O arsenico (quando o ha) transforma-se em acido arsenioso que se dissolve facilmente em agua. Dissolve-se o residuo em pequena quantidade d'agua distillada fervendo, côa-se, e obtem-se ordinariamente, se a carbonização foi bem feita, um liquido incolor, ou mui pouco corado, que se póde tratar facilmente pelos reagentes ou pelo apparelho de Marsh.

As materias solidas, que ficárão no panno, devem tambem ser carbonizadas pelo acido sulfurico. Para este fim, borrifão-se com o quinto de seu peso d'este acido concentrado, pouco mais ou menos, e aquece-se. Toda a materia se torna liquida; expelle-se o acido sulfurico pela acção do fogo, borrifa-se o carvão com acido azotico que se evapora; emfim dissolve-se o residuo em agua distillada fervendo. Obtem-se por filtração um liquido transparente que apresenta a mesma apparencia que o liquido resultante do tratamento da porção liquida. Reunem-se os dois liquidos, e tratão-se juntamente pelos reagentes ou pelo apparelho de Marsh.

Quando o acido arsenioso existe em quantidade consideravel nas materias submettidas á experiencia, póde-se effectuar em capsulas de porcelana a carbonização das materias pelo acido sulfurico, e as evaporações successivas. Mas se a porção do veneno é pequena, deve-se receiar que grande quantidade de acido arsenioso venha a volatilizar-se na alta temperatura que é preciso empregar para expellir o acido sulfurico. É, pois, melhor, em todos os casos, fazer a carbonização em retorta de vidro guarnecida de um recipiente, cujas paredes estejão molhadas. Os liquidos distillados condensão-se no recipiente, e póde-se examinar depois se elles contém arsenico.

Sendo o medico chamado para verificar o envenenamento depois da morte, deve fazer as investigações, que deixei indicadas, nas materias tiradas do estomago, e na ourina contida na bexiga. Emfim, se tiver de verificar o envenenamento muito tempo depois do obito da victima, e no cadaver chegado a um gráo de decomposição mais ou menos adiantado, deve n'este caso operar sobre o que fica do estomago, figado, pulmões, baço e coração, orgãos nos quaes e veneno se fixa principalmente. Deve carboniza-los do mesmo modo pelo acido sulfurico, em retorta de vidro, depois de cortados os orgãos em pedacinhos.

É inutil dizer que todos os reagentes chimicos empregados n'essas operações devem ser muito puros, *previamente ensaiados* com muita attenção, para averiguar que elles não contém vestigio algum de arsenico. O medico poderá ter então uma confiança completa no resultado das suas indagações, se comtudo forão ellas executadas de maneira conveniente.

Envenenamento pelo azinhavre. V. *Envenenamento pelo Cobre.*

Envenenamento pelo azotato de prata. Administrar muitos copos d'agua salgada, preparada com uma colher *de sopa* de sal de cozinha e 1 litro d'agua fria. Combater a inflammação consecutiva com banhos mornos, cataplasmas e infusão de linhaça 560.

Envenenamento pela baryta. Os symptomas são os do envenenamento pelos alcalis. — Provocar os vomitos com agua morna. Administrar a solução de sulfato de soda ou de sulfato de magnesia (8 grammas de sal para 500 grammas d'agua). Combater a inflammação consecutiva com cataplasmas e infusão de linhaça 560.

Envenenamento pela belladona, pela *atropina*, e pelas substancias seguintes : *tabaco* ou *fumo*, *figueira do inferno* ou *estramonio*, *meimendro*, *trombeteira*, *colchico*, *cicuta*, e *espirradeira*. — *Symptomas.* Dilatação notavel das pupillas, se o veneno é a belladona; fraqueza extrema se é o tabaco; vomitos, prostração, coma ou delirio, pallidez, pulso lento, dôr no ventre, soluços, emissão involuntaria das ourinas e das materias estercoraes. — *Tratamento.* Dê-se o emetico ou o purgante segundo os principios estabelecidos no *tratamento geral* (pag. 951). Depois de provocados os vomitos, administre-se o opio 638, e bebidas estimulantes, como o chá de hortelã, ether, vinho, aguardente, chá da India. Friccione-se todo o corpo com baeta quente, ou embebida em aguardente. Se o veneno foi introduzido pela pelle, trata-se o doente da mesma maneira, á excepção do vomitorio.

Enven. pelo bismutho. V. *Enven. pelas Preparações de bismutho.*

Envenenamento pelo bromo. Administrar 5 centigrammas de emetico, e depois 60 grammas de oleo de ricino.

Envenenamento pela brucina. V. *Enven. pela Noz vomica.*

Enven. pela bryonia. V. *Enven. pelos Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pela cal. V. *Enven. pelos Alcalis.*

Envenen. pelos calomelanos. V. *Env. pelo Sublimado.*

Envenenamento pela camphora. *Symptomas.* Vertigens, prostração, somnolencia, enfraquecimento dos sentidos, da vista principalmente. — *Tratamento.* Administrar vinho, aguardente, chá de canella, e outros estimulantes; depois de preenchida a primeira indicação, que consiste em dar 5 entigrammas (1 grão) de emetico para expulsar a camphora que ainda não foi absorvida.

Envenenamento pela cannabina. (principio activo do canhamo indiano). O tratamento é o mesmo que o indicado contra o envenenamento pelo opio.

Envenenamento pelas cantharidas. *Symptomas.* As cantharidas engulidas produzem sabor acre, sêde intensa, dôres no ventre, vomitos, dejecções alvinas, ardor na bexiga e na urethra, difficuldade de ourinar, priapismo. — *Tratamento.* Administrar 5 centigrammas de emetico e depois agua morna, ou infusão de linhaça 560. Friccionar levemente o hypogastrio, assim como a parte interna das coxas, com oleo camphorado 332. Semicupios mornos. Internamente administrar vinho generoso, aguardente de canna, chá de hortelã, opio 638.

Envenenamento pelo centeio espigado. Os symptomas que produz o centeio espigado quando é administrado em grande dóse, estão indicados na pag. 362.

Tratamento. Administrar 5 centigrammas de emetico; dar, depois, a poção calmante e antispasmodica 456, e agua acidulada com vinagre ou sumo de limão. Nos intervallos dar a beber vinho generoso. Chá de canella. Administrar o opio na dóse de 15 a 20 centigrammas por dia. Poção tonica 685. Infusão de serpentaria de Virginia 731. Banhar as pernas com infusão de plantas aromaticas, como a de alfazema, alecrim, salva, misturadas com vinagre. Esfregar as pernas com aguardente, e cobri-las depois com baeta quente. Applicar garrafas d'agua quente aos pés. Se o torpor e a frieza continuarem, applicar vesicatorios nos lugares proximos do mal. Se sobrevier a gangrena. V. *Gangrena.*

Enven. pelo chloral. V. *Chloral,* p. 370.

Enven. pelo chlorhydrato de morphina. V. *Env. pelo Opio.*

Envenenamento pelo chloroformio. V. pag. 378.

Envenenamento pelo chlorureto de ouro e sodio. V. *Envenenamento pelas Preparações de ouro.*

Enven. pelo chumbo. V. Env. pelas *Preparações de chumbo.*

Envenenamento pela cicuta. V. Env. pela *Belladona.*

Envenenamento pelo cinabrio. V. Env. pelo *Sublimado.*

Envenenamento pelo cobre e suas preparações, taes como *o azinhavre* ou *zinabre, verdete, cal de cobre, agua celeste, sulfato de cobre* (conhecido pelos nomes de *pedra lipes, caparrosa azul, azul de Chypre, vitriolo azul, azul de Venus, azul de cobre*).

Symptomas. Quando o verdete é tomado no estado solido ou dissolvido em pequena porção d'agua, os symptomas desenvolvem-se dentro dos dez minutos consecutivos á sua ingestão. Colicas atrozes, vomitos de materias verdes, dejecções copiosas, apparecem primeiro; o rosto abate-se, os olhos encovão-se muito; esputos continuos com arrotos que tem o sabor desagradavel do verdete, sêde intensa, pulso pequeno e frequente, ventre doloroso á pressão, difficuldade de respirar, suores abundantes, anxiedades precordiaes. Ás vezes o doente tem movimentos convulsivos, seguidos de abatimento e syncope. A morte póde ser rapida e acompanhada das mais vivas dôres no abdomen; dá-se este caso quando occorre uma perforação dos intestinos com derramamento de fezes no peritoneo. Outras vezes, a morte vem só no fim de dois ou tres dias depois da ingestão do veneno. — O envenenamento pelo verdete, por ingestão de alimentos preparados em vasos de cobre, não estanhados ou mal estanhados, envenenamento assaz frequente, não tem a mesma gravidade que a ingestão voluntaria ou involuntaria do verdete em substancia. Umas dez ou doze horas depois do comer é que, de ordinario, os symptomas se declarão, e por isso as mais das vezes durante a noite. O doente acorda com violenta dôr de cabeça, fraqueza excessiva nos membros, caimbras nas pernas; depois vem colicas, nauseas, vomitos

primeiro de alimentos, depois de materias biliosas; as colicas augmentão, e apparecem logo tremores nos membros e suores copiosos; pulso pequeno, desigual, frequente, evacuações alvinas que de ordinario allivião. Raras vezes morrem os enfermos, comtudo a morte póde ser a consequencia da ingestão de um alimento assim mal preparado.

Tratamento. Favorecer os vomitos por meio d'agua albuminosa com assucar (4 a 6 claras de ovo para um copo d'agua). Administrar, depois, ferro reduzido 463, em quantidade pelo menos tão elevada como o cobre ingerido. Havendo phenomenos de asthenia, administrar a infusão de hortelã 522, e vinho ou aguardente. Se apparecer inflammação gastrica, empregar banhos mornos e cataplasmas de linhaça 560.

Reagentes. Os solutos aquosos dos saes de cobre tem uma bella côr azul levemente verde. A potassa, a soda, a baryta decompõem-n'os e precipitão n'elles o deutoxydo de cobre de côr verde. O acido sulfhydrico, e os hydro-sulfatos soluveis dão um precipitado de sulfureto negro de cobre. Assim que se introduz no liquido uma lamina de ferro bem limpa, veste-se esta de uma camada de cobre. Se a quantidade de cobre é muito fraca, obtem-se o mesmo resultado, acidulando o liquido com acido sulfurico, e mettendo n'elle uma agulha suspensa por um fio. Quando os saes de cobre estão misturados com liquidos que lhes occultão as propriedades, precipitão-se pelo acido sulfhydrico; filtra-se, recolhe-se o deposito que se põe a ferver com o acido nitrico, que transforma o sulfureto de cobre em sulfato. Evapora-se, e estando dissolvido o sal em agua distillada, póde ser reconhecido pelos reagentes indicados no principio d'este artigo. Se os saes de cobre estiverem decompostos pelo leite, pela albumina, etc., ou combinados com os tecidos, evaporão-se estas substancias, e calcinão-se em calor vermelho durante meia hora. Acha-se no fundo do cadinho, em que se fez a experiencia, um pequeno residuo de cobre metallico. Se a quantidade do metal fôr tão fraca, que venha a ficar em parcellas no meio do carvão, trata-se a massa pelo acido azotico, e por meio do filtro obtem-se o liquido que contém o azotato de cobre.

Envenenamento pelos cogumelos. *Symptomas.* Colicas, nauseas, vomitos, dejecções abundantes, frio nas extremidades, suores frios, caimbras, estupor, abatimento, convulsões, delirio, pulso pequeno, coma. — *Tratamento.* Administrar 10 centigrammas de emetico ou 1 gramma de ipecacuanha. Ao depois 30 grammas de oleo de ricino, ou uma chicara d'agua com 60 grammas de sulfato de magnesia. Ao mesmo tempo, um clyster preparado com 180 grammas d'agua tepida e 60 grammas de sulfato de magnesia. Depois das evacuações, dêem-se ao doente, de cinco em cinco minutos, duas colheres da poção antispasmodica do Codigo 455. Depois d'esta poção, algumas colheres d'agua com vinagre. Se sobrevierem phenomenos de fraqueza, o rhum, a cachaça, o vinho, o opio, a infusão de canella, ou de hortelã, chá da India com aguardente, taes são os meios a que se deve recorrer. Se apparecer a inflammação do ventre, empregar cataplasmas de linhaça 560.

Envenenamento pelo colchico. V. Env. pela *Belladona.*

Envenenamento pelas coloquintidas. V. Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Enven. pela creosota. V. Enven. pelo *Acido phenico.*

Envenenamento pelo croton tiglium. Dar a beber um calix de vinho generoso, e de cinco em cinco minutos, uma colher *de sopa*

da poção seguinte : infusão de hortelã 150 grammas, laudano de Sydenham 30 gottas, assucar 15 grammas.

Envenenamento pelo curare. V. Enven. pela *Noz vomica.*

Envenenamento pelo cyanureto de mercurio. Administrar 5 centigrammas de emetico em uma chicara d'agua, e depois seguir o tratamento indicado para o *Acido prussico.*

Env. pelo cyanureto de ouro. V. Env. pelo *Acido prussico.*

Env. pelo cyanureto de potassio. V. Env. pelo *Acido prussico.*

Env. pelo cyanureto de prata. V. Env. pelo *Acido prussico.*

Envenenamento pela datura V. Env. pela *Belladona.*

Envenenamento pela digital e pela digitalina. *Symptomas :* Nauseas, vomitos, evacuações alvinas, vertigens, cephalalgia, desmaios, delirio, convulsões, morte.

Tratamento : Administrar 5 centigrammas de emetico ou 1 gram. de ipecacuanha. Infusão de hortelã. Vinho, aguardente. Poção com tannino 753.

Env. pelo elaterio. V. Env. pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Env. pelas emanações das flores. V. *Asphyxia.*

Envenenamento pelo emetico e *outros compostos de antimonio.* Se bem que 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) de emetico possão produzir accidentes mortaes, comtudo quando o emetico é administrado successivamente na dóse de 10 a 15 centigrammas (2 a 3 grãos) em curtos intervallos, póde-se tomar 1 gramma (20 grãos) n'um dia sem que se determinem symptomas de envenenamento. Estabelece-se a *tolerancia,* e a mucosa gastro-intestinal só se irrita levemente. Todavia já houve alguns exemplos desastrosos, quando o remedio foi dado em dóse demasiado elevada. Cousa singular, e digna de notar-se, é que no maior numero d'estes casos não apparecêrão vomitos nem evacuações alvinas; mas sim pulso pequeno e frequente, pallidez no rosto, esfriamento do corpo, syncope, e o doente succumbia no estado de collapso. — *Tratamento.* Se os vomitos não vierem, provoca-los titillando a uvula com os dedos. Administre-se a decocção de noz de galha 491, de quina 684, ou chá da India bem forte. Mas no caso de vomitos, e se estes continuarem por muito tempo, prescreva-se o opio 638. Combatão-se as phlegmasias consecutivas com cataplasmas e infusão de linhaça 560.

Reagentes. Aquecidas até ao calor rubro em cadinho, com potassa e carvão, todas as preparações antimoniaes dão antimonio metallico. Seus solutos precipitão em amarello pelo acido sulfhydrico, e pelo sulfureto de potassa ou de cal. — O soluto de emetico dá um precipitado branco pela potassa, pelo ammoniaco, pelas aguas de cal e de baryta. O chlorureto de platina dá um precipitado amarello. Os decoctos de rosas rubras, de ratanhia, de noz de galha precipitão o emetico em branco. Sendo liquidas as materias que se examinão, filtrão-se, e serve o liquido obtido; sendo solidas, faz-se-lhes o mesmo, depois de fervidas em agua distillada; e ensaião-se então os liquidos pelos diversos reagentes que tenho indicado. Se esta primeira operação deixar alguma duvida, precipite-se o liquido pela noz de galha; seque-se o deposito a calor brando, e misture-se depois com potassa; e calcinando tudo em cadinho, obtem-se o antimonio metallico. As preparações antimoniaes tornadas soluveis, e introduzidas no apparelho de Marsh, dão antimonio metallico.

Env. pela escamonéa. V. Env. pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Env. pela espirradeira. V. Env. pela *Belladona.*

Env. pela estaphysagria. V. Env. pelas *Coloquintidas.*

Env. pelo estramonio. V. Env. pella *Belladona.*

Env. pelo euphorbio. V. Env. pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Env. pela fava de Calabar. V. Env. pela *Noz vomica.*

Env. pela fava de Santo Ignacio. V. Env. pela *Noz vomica.*

Envenenamento pelo figado de enxofre (Sulfureto de potassio, agua de Baréges para banhos). Favorecer os vomitos, administrando 5 centigrammas de emetico, dissolvidos n'uma chicara d'agua; applicar cataplasma de linhaça no ventre 560.

Env. pela figueira do inferno. V. Env. pela *Belladona.*

Env. pelo fumo. V. Env. pela *Belladona.*

Env. pelos gazes. V. *Asphyxia.*

Env. pela gomma-gutta. V. Env. pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Env. pelo helleboro. V. Env. pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Env. pela herva moira. V. Env. pela *Belladona.*

Envenenamento pelo iodo. A acção toxica do iodo varía segundo as dóses. O iodo metallico inflamma o estomago, ou os intestinos. Administrado como remedio, em dóse therapeutica, e por muito tempo continuada, produz ás vezes irritabilidade nervosa.

Tratamento. Contra o envenenamento agudo, administrar a dissolução de polvilho em agua; cataplasmas de linhaça sobre o ventre 560. Se sobrevierem alguns accidentes pela administração prolongada de iodo como remedio, cessar o uso d'esta substancia, recorrer ao ferro reduzido 463, ao vinho, e á alimentação analeptica 785.

Env. pelo iodureto de mercurio. V. Env. pelo *Sublimado.*

Env. pelo iodureto de potassio. V. Env. pelo *Iodo.*

Env. pela jalapa. V. Env. pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Env. pelo kermes mineral. V. Env. pelo *Emetico.*

Env. pelo lithargyrio. V. Env. pelas *Preparações de chumbo.*

Env. pelo louro-cereja. V. Env. pelo *Acido prussico.*

Env. pela mancenilha. Se alguem comer o fructo d'esta arvore, sobrevem-lhe calor ardente na lingua, e na bocca, vomitos, suores frios, syncope, morte. — Dê-se um vomitorio.

O succo lactescente d'esta arvore, applicado na pelle, produz erupção pustulosa, rubor, inchação, prurido doloroso. — Lavar o lugar offendido com agua fria, e applicar cataplasma de linhaça 560.

Envenenamento pelos mariscos. *Symptomas.* Vomitos, dôres no ventre, respiração difficil, sêde, extremidades frias, pulso pequeno; raras vezes morte. — *Tratamento.* Administrar 5 centigrammas de emetico n'uma chicara d'agua fria; ou 30 grammas de oleo de ricino, se o veneno foi engulido já passado algum tempo; 20 a 40 gottas de ether sulfurico em meia chicara d'agua fria com assucar. Vinho do Porto, ou aguardente. Agua acidulada com vinagre ou sumo de limão.

Env. pelo meimendro. V. Env. pela *Belladona.*

Env. pelo minio. V. Env. pelas *Preparações de chumbo.*

Env. pela morphina *e seus saes.* V. Env. pelo *Opio.*

Env. pelos narcoticos. V. Env. pelo *Opio.*

Envenenamento pelo nitro. Os symptomas que o nitro produz vão indicados no artigo *Azotato de potassa*, 297.

Tratamento. Combater a fraqueza com fricções de aguardente pelo corpo, com sinapismos e bebidas estimulantes, taes como o vinho quente, aguardente, infusão de canella, ether, 454. Administrar o opio contra os symptomas nervosos 638.

Envenenamento pela noz vomica, curare e fava de Calabar. *Symptomas.* Tremor geral, convulsões, trismo, constricção no peito, difficuldade de respiração, vontade de vomitar, suor abundante, morte no espaço de meia hora.

Tratamento. Administrar 5 centigrammas de tartaro emetico em uma chicara d'agua fria. Administrar o tannino ou o iodo, que tem a propriedade de precipitar a strychnina; mas os precipitados não são innoxios; devem por conseguinte ser evacuados immediatamente por meio dos vomitorios e dos purgantes. Eis-aqui as formulas dos contra-venenos.

Solução de tannino.

Agua	125 gram.	Tannino	1 gram.

Toma-se de uma vez. — 20 centigrammas de tannino precipitão 5 centigrammas de strychnina.

Poção iodada.

Iodo	50 centig.	Iodureto de potassio	2 gram.
Agua distillada	50 gram.		

Toma-se de uma vez, ou em duas ou mais dóses. — 5 grammas d'esta poção precipitão 5 centigrammas de strychnina.

Administrar depois um clyster d'agua morna com 30 gottas de ether sulfurico. De dez em dez minutos, dar uma colher *de sopa* da poção seguinte : agua 125 grammas, laudano de Sydenham 4 grammas, assucar 8 grammas. De meia em meia hora, fazer fricções na columna vertebral com essencia de terebinthina. Se o veneno foi introduzido pela superficie do corpo, empregar os mesmos meios, menos o vomitorio, e os contra-venenos.

Env. pelo oleo de croton tiglium. V. Env. pelo *Croton tiglium.*

Env. pelo oleo de vitriolo. V. Env. pelos *Acidos concentrados.*

Envenenamento pelo opio ou pelos *saes de morphina.* — *Symptomas.* Nauseas, vomitos, sêde, seccura da bocca, delirio, prisão de ventre, diminuição e ás vezes suspensão das ourinas, modorra, olhos vermelhos, contracção das pupillas; pulso ás vezes lento, cheio e duro, outras vezes pequeno e frequente; comichão pelo corpo, pelle fria, suores, coma, symptomas de asphyxia.

Tratamento. Quando o opio tiver sido introduzido no estomago, dêem-se 10 centigrammas de emetico dissolvidos n'uma chicara d'agua. Favoreção-se os vomitos introduzindo os dedos na garganta, ou titillando a uvula com a rama de uma penna. Se se suspeitar que o narcotico penetrou nos intestinos, ou se foi introduzido na economia pelo recto, prescreva-se um purgante pela bocca ou em clyster. Dê-se a dissolução de 30 centigrammas de tannino n'uma colher d'agua. Quando o opio estiver inteiramente, ou quasi todo, evacuado, administre-se, de cinco em cinco minutos, uma colher *de sopa* d'agua com aglumas gottas de vinagre ou sumo de limão, e immediatamente depois de cada dóse d'agua acidulada, dêem-se algumas colheres de café forte. Administre-se tambem um clyster de infusão de café. Os acidulos antes da evacuação do veneno serião nocivos. Trate-se de dissipar o torpor dos membros, esfregando-os com escova ou panno de lã. Prescrevão-se poções com acetato de ammoniaco 267. Adminitre-se um clyster com camphora 332. Se a modorra fôr profunda, e o individuo parecer estar apoplectico, recorra-se á sangria. — Se o envenenamento tiver sido produzido pela applicação externa dos saes de morphina, é inutil administrar os evacuantes e o tannino, mas deve-se recorrer immediatamente aos acidulos, ao café, etc.

Reagentes. Geralmente, nas investigações dos envenenamentos pelo opio ou pelo seus compostos, procura-se a morphina ou o acido meconico. Para os descobrir e reconhecer, fervem-se os alimentos e os tecidos em agua acidulada com acido acetico, filtra-se

e evapora-se. Trata-se o residuo pelo alcool fervendo e filtra-se o liquido; deita-se n'elle sub-acetato de chumbo, que produz a formação do precipitado de meconato de chumbo; ficando no liquido uma solução de acetato de morphina. Submette-se o sedimento á acção do acido sulfhydrico, e separa-se pelo filtro o sulfureto de chumbo que então se forma. Evapora-se lentamente o liquido, e verifica-se n'elle a presença do acido meconico por meio do persal de ferro em dissolução extensa, que dá a coloração vermelha. Trata-se pelo acido sulfhydrico o liquido que contém o acetato de morphina, para desembaraça-lo do excesso de acetato de chumbo. Separa-se, e ensaia-se pelos reagentes da morphina, que são : o acido azotico concentrado tinge a morphina de amarello, e dá-lhe depois a côr vermelha. A morphina é soluvel na soda e na potassa, muito menos no ammoniaco. Posta em contacto com o acido iodico, produz a decomposição do acido, a qual se póde verificar empregando o amido. A morphina torna-se azul pelos persaes de ferro não acidos, e é precipitada pelo tannino. O perchlorureto de ouro dá um precipitado amarello, depois azul, e emfim violaceo. — Os saes de morphina dão lugar ás mesmas reacções.

Env. pelo ouropimento. V. Env. pelo *Arsenico.*

Env. pelo oxydo branco de antimonio. V. Env. pelo *Emetico.*

Envenenamento pela pedra-hume. Favorecer os vomitos com tartaro emetico 278, e agua morna. Cataplasmas de linhaça no ventre 560.

Env. pela pedra infernal. V. Env. pelo *Azotato de prata.*

Env. pela pedra lipes. V. Env. pelo *Cobre.*

Envenenamento por alguns peixes e pelos caranguejos de mangue. V. Envenenamento pelos *Mariscos.*

Envenenamento pelo phosphoro e *pela massa phosphorea com que se fabricão os phosphoros ou páosinhos para accender fogo.* Os envenenamentos pelo phosphoro, outr'ora raros, são hoje bastante frequentes, desde que se emprega, para a preparação dos pavios de accender lume, a massa composta em grande parte de phosphoro branco. Ingerido em alta dóse ou em fragmento, o phosphoro luminoso inflamma-se no estomago, corroe e perfora este orgão. Administrado mui dividido, em quantidade menor, sobretudo se o estomago contiver alimentos, os symptomas locaes podem ser pouco intensos, e ás vezes lentos em seu desenvolvimento. Consistem em vomitos, pulso irregular, dôr no ventre, fraqueza, delirio, e morte. — *Tratamento.* 2 colheres *de chá* de essencia de terebinthina, e depois administrar um vomitorio : 5 centigrammas de emetico n'uma chicara d'agua fria.

Envenenamento pelos pinhões de purga. V. Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Env. pelos pós de Joannes. V. Env. pelo *Sublimado.*

Env. pela potassa. V. Env. pelos *Alcalis.*

Env. pelas preparações de arsenico. V. Env. pelo *Arsenico.*

Env. pelas preparações de baryta. V. Env. pela *Baryta.*

Envenenamento pelas preparações de bismutho, e *outras substancias metallicas irritantes.* Provocar os vomitos com agua morna, administrar leite com agua; agua com claras de ovo, agua com assucar. Combater os accidentes consecutivos pelos meios indicados no *Tratamento geral,* pag. 951.

Envenenamento pelas preparações de cerio. V. Envenenamento pelas *Preparações de bismutho.*

Envenenamento pelas preparações de chromo. V. Envenenamento pelas *Preparações de bismutho.*

Envenenamento pelas preparações de chumbo, que são: *acetato de chumbo*, vulgarmente *assucar de Saturno* ou *sal de chumbo*, *subacetato de chumbo* ou *extracto de Saturno*, *agua branca de Goulard* ou *agua vegeto-mineral*, *carbonato de chumbo* ou *alvaiade*, *protoxydo de chumbo* ou *lithargyrio*, *zarcão* ou *minio*.

Symptomas. No estado metallico e solido, o chumbo não tem acção deleteria sobre a economia. Mas todas as vezes que passa por transformações chimicas, torna-se um veneno, tanto mais activo quanto maior é a solubilidade do novo composto. É perigoso fazer uso de vasos de chumbo para guardar ou preparar alimentos e bebidas: estas substancias podem por sua mistura com alguma quantidade de oxydo, ou de saes d'este metal, causar graves damnos. As pessoas que se tem exposto ás emanações de chumbo, e particularmente os pintores, são atacadas da molestia chamada *colica de chumbo*, caracterizada por dôres no ventre, mui vivas. O acetato de chumbo, tomado em alta dóse, produz nauseas, vomitos, colicas, e convulsões.

Tratamento. Se o envenenamento é produzido por grande quantidade de alguma preparação de chumbo, engulida de uma vez, o tratamento é o seguinte: — Favorecer os vomitos com 5 centigram. de emetico; dar como antidoto a dissolução de sulfato de magnesia ou de sulfato de soda (15 gram. de sal para 500 gram. d'agua). — Se o envenenamento foi lento, isto é, se foi produzido por pequenas e repetidas dóses de algum sal de chumbo, ou se depende da absorpção d'este metal, como acontece, por exemplo, aos fabricantes de alvaiade, o tratamento é o que se acha indicado para a *Colica de chumbo*, pag 919.

Reagentes. Todas as preparações de chumbo, aquecidas ao rubro com potassa e carvão, dão chumbo metallico; e todas, tornadas soluveis por um acido conveniente, precipitão em amarello pelo iodureto de potassio, e em preto pelo acido sulfhydrico ou pelos hydrosulfatos. Para reconhecer a presença do acetato de chumbo, em indagações sobre envenenamento, deve-se primeiro obter a sua dissolução aquosa e incolor: para este fim, põem-se a ferver as materias solidas, filtrão-se as materias liquidas, tira-se-lhe a côr por meio do chloro, e os liquidos obtidos tratão-se pelos reagentes acima indicados.

Envenenamento pelas preparações de cobalto. V. Envenenamento pelas *Preparações de bismutho*.

Env. pelas preparações de cobre. V. Env. pelo *Cobre*.

Envenenamento pelas preparações de estanho. V. Envenenamento pelas *Preparações de bismutho*.

Envenenamentos pelas preparações de iridio. V. Envenenamento pelas *Preparações de bismutho*.

Envenenamento pelas preparações de manganez. V. Envenamento pelas *Preparações de Bismutho*.

Env. pelas preparações de mercurio. V. Env. pelo *Sublimado*.

Envenenamento pelas preparações de nickel. V. Env. pelas *Preparações de bismutho*.

Envenen. pelas preparações de ouro (*chlorureto de ouro, chlorureto de ouro e sodio*). Provocar os vomitos com agua morna, e pela introducção dos dedos na garganta. Administrar a dissolução de sulfato de ferro (40 a 60 centigrammas para 250 grammas d'agua). Combater os accidentes consecutivos pelos meios indicados no *Tratamento geral*.

Envenenamento pelas preparações de palladium. V. Envenenamento pelas *preparações de bismutho*.

Envenenamento pelas preparações de platina. V. Envenenamento pelas *Preparações de bismutho.*

Envenenamento pelas preparações de zinco. V. Envenenamento pelas *Preparações de bismutho.*

Envenenamento pelo rosalgar. V. Envenenamento pelo *Arsenico.*

Env. pela sabina. V. Env. pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Env. pelo sal ammoniaco. V. Env. pelos *Alcalis.*

Env. pela scilla. V. Env. pella *Belladona.*

Envenenamento pela soda. V. Envenenamento pelos *Alcalis.*

Envenenamento pela strychnina. V. Env. pela *Noz vomica.*

Envenenamento pelo sublimado, *e pelas outras preparações de mercurio*, taes como *o bromureto, iodureto, protoxydo de mercurio,* etc. — Os *symptomas* do envenenamento pelo sublimado são : sabor metallico, acre, nauseas, vomitos; dôres vivas na garganta, ao longo do esophago e no estomago; soluços, difficuldade de ourinar, tumefacção do ventre, pulso pequeno, caimbras, extremidades frias, abatimento; depois suores frios e abundantes; o pulso diminue cada vez mais; syncopes cada vez mais fortes; e o doente expira conservando até ao fim de seus padecimentos a integridade perfeita de suas faculdades intellectuaes. — *Tratamento.* Dar de dois em dois minutos uma chicara d'agua que tenha em dissolução 3 ou 4 claras de ovo. Ferro reduzido 463. Leite com agua. Combater a inflammação intestinal com cataplasmas de linhaça 560.

Reagentes. Misturando n'um tubo de vidro fechado em uma das extremidades, o sublimado, ou qualquer outro composto mercurial com a potassa, e aquecendo, o mercurio metallico vem depôr-se em globulos nas paredes do tubo. Ensaiando a dissolução aquosa do sublimado com diversos reagentes, observa-se que precipita em amarello-avermelhado pela potassa ou agua de cal; em branco pela ammonia; em negro pelos hydrosulfatos soluveis; em vermelho pelo iodureto de potassio. Uma lamina de cobre, bem limpa, mettida na solução mercurial, cobre-se logo com uma ligeira camada d'este metal, como quando se expõe ao vapor d'elle. — O ether agitado com o soluto de sublimado, apodera-se d'este. Basta então decantar o ether que sobrenada, e evapora-lo a calor brando para obter o residuo que se trata de novo pela agua, e que dá a solução quasi pura. Nos casos mais complicados obtem-se com maior certeza o sublimado em substancia, agitando o liquido com carvão animal em pó, que tem a propriedade de apoderar-se do sublimado; separando depois o carvão, tratando-o pela mistura de alcool e ether, e evaporando estes.

Em todos os casos em que o sublimado fôr decomposto, ou pelas materias vomitadas, ou pelos tecidos com os quaes elle se combina, demonstra-se a presença do mercurio, seccando estas substancias em banho-maria, misturando-lhes potassa com alcool, e calcinando-as em vermelho : sublima-se então o metal, e vem depôr-se em globulos nas paredes do gargalo da retorta ou do tubo.

Env. pelo sulfato de morphina. V. Env. pelo *Opio.*

Envenenamento pelo sulfato de quinina. *Symptomas.* Dôr de cabeça, agitação, phenomenos de embriaguez, de surdez, vista turva delirio, convulsões, paralysia, ás vezes ourinas sanguinolentas, fraqueza extrema, morte. — *Tratamento.* Provocar os vomitos com 5 centigram. de emetico; depois administrar vinho, chá de hortelã, e friccionar o corpo com baeta embebida em aguardente.

Envenenamento pelo sulfureto de carbone (*liquido empregado nas fabricas de objectos de borracha,* para dissolver esta substancia

e soldar os pedaços isolados). Este liquido volatiliza-se e produz vapores maleficos, que occasionão dôres de cabeça, insomnia, vista turva, enfraquecimento geral, impotencia viril, surdez, etc. Devem estas fabricas ser ventiladas, se não podem ser estabelecidas ao ar livre; os vasos que contém o sulfureto devem estar hermeticamente fechados; os operarios mudarão alternativamente de officina afim de evitarem periodicamente aquella onde se desenvolvem os vapores toxicos; usarão de banhos frequentes; sua alimentação será reparadora. Vinho de quina 684. Ferro reduzido 463.

Env. pelo tabaco. V. Env. pella *Belladona.*

Env. pelo tartaro emetico. V. Env. pelo *Emetico.*

Env. pelo trovisco. V. Env. pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pelos venenos corrosivos, causticos. V. Envenenamento pelos *Alcalis, acidos concentrados.*

Envenenamento pelos venenos irritantes vegetaes, como *a coloquintida, gomma-gutta, helleboro, sabina, escamonéa, pinhão de purga, abobora do matto* ou *tayuyá, anda-açú* ou *fructa de arará, angelim, arruda, trovisco, anemona,* etc. — *Symptomas.* Dôr no ventre, calor interno, sêde, nauseas, vomitos. — *Tratamento.* Administrem-se muitos copos d'agua com assucar, ou d'agua simples morna ou fria, afim de diluir o veneno e favorecer os vomitos. Depois combata-se a inflammação intestinal e os accidentes nervosos com banhos d'agua morna, cataplasmas de linhaça no ventre, e com a poção seguinte : infusão de folhas de laranjeira 150 gram., laudano de Sydenham 24 gottas, assucar 15 grammas.

Env. pelos venenos narcoticos. V. Env. pelo *Opio.*

Envenenamento pelos venenos narcotico-acres. V. Envenenamento pela *Noz vomica, Belladona.*

Envenenamento pelos venenos septicos, como *carnes* e *peixes putrefactos.* Administrar o emetico e purgantes. Bebidas aciduladas com vinagre. Opio. Estimulantes como o ether, infusão de hortelã, de moscada, vinho, alcool.

Env. pela veratrina. V. Env. pela *Belladona.*

Env. pelo verdete. V. Env. pelo *Cobre.*

Envenenamento pelo vidro moido. O vidro moido, verdadeiramente fallando, não é veneno : produz o damno só mecanicamente. — Encher o estomago de feijões, batatas, couve, miolo de pão, e depois administrar 5 centigrammas de emetico. Depois de evacuadas estas substancias, administrar leite, infusão de linhaça 560, e applicar no ventre cataplasma de linhaça 560.

Env. pelo vitriolo azul. V. Env. pelo *Cobre.*

Env. pelo woorara. V. Env. pela *Noz vomica.*

Env. pelo zarcão. V. Env. pelas *Preparações de chumbo.*

Env. pelo zinabre. V. Env. pelo *Cobre.*

ENXAQUECA. Dôr viva, pungente, superficial ou profunda, que occupa um só lado da cabeça, particularmente uma das regiões temporaes ou orbitarias, sujeita a repetir-se por accessos, cujos intervallos são variaveis; complicada com perturbações das funcções gastricas, mas que não apresenta perigo.

O melhor remedio é o repouso, longe da luz e de todo o ruido. Os doentes devem deitar-se e dormir : póde-se mesmo provocar o somno com 1 pilula de opio 638 ou de codeina 644. Alguns ficão alliviados com uma chicara de café, chá da India ou herva cidreira. Os outros meios são : Pediluvios com farinha de mostarda 616; applicações frias na cabeça. O ether derramado pela testa produz, evaporando-se, uma frialdade, que ás vezes acalma as dôres de cabeça.

As enxaquecas acompanhadas de sensação de frio na cabeça são alliviadas, ao contrario, com applicações de pannos quentes. Citrato de cafeina 323. Purgantes 804. Pós de camphora para cheirar 333. Applicar na testa pannos molhados em agua sedativa 334. Pilulas anticephalgicas 639. Banhos do mar. Se houver prisão de ventre, combatê-la com clysteres d'agua morna.

EPHELIDES. V. Sardas.

EPICANTHUS. Desenvolvimento exagerado, da pelle do rosto sobre os dois lados da raiz do nariz. Resulta d'isto que nos dois angulos internos do olho formão-se dobras cutaneas que impedem a vista e produzem o estrabismo. Póde dar-se n'um só olho ou em ambos. Esta affecção póde diminuir com a idade em consequencia do desenvolvimento do rosto. Mas quando é extensa, é preciso recorrer a uma operação para a fazer desapparecer.

EPIDIDYMITE. Inflammação do epididymo. Trata-se do mesmo modo que a *orchite*.

EPILEPSIA ou **Gota coral.** Molestia nervosa que se manifesta por accessos mais ou menos approximados de curta duração, caracterizados pela perda subita dos sentidos, insensibilidade, convulsões, contorsão dos labios e dos olhos, espuma na bocca, etc.

Durante o ataque. Vigiar o doente; desembaraça-lo dos vestidos que possão exercer alguma compressão; introduzir entre os dentes um panno dobrado para impedir que estes se quebrem ou possão ferir a lingua; applicar na testa pannos molhados em agua fria e vinagre; dar a respirar agua de Colonia, vinagre ou alcali volatil, estender os membros e dedos do doente. Se o ataque fôr violento e durar a ponto de pôr a vida em perigo, e se houver congestão cerebral, praticar a sangria, e applicar sinapismos nas pernas 616.

No intervallo dos ataques. Evitar as emoções fortes, os excessos venereos, os trabalhos do espirito, as contrariedades. Exercicio moderado. Banhos frios. Entreter o ventre livre com clysteres d'agua morna, com pilulas de aloes 253, ou com outros purgantes 804. Hydrotherapia 523. Anthelminticos se se suspeitar a presença de vermes 787. Os agentes pharmaceuticos aconselhados para prevenir a molestia são numerosos. Eil-os: Bromureto de potassio 317. Selino palustre 727. Oxydo de zinco. Valerianato de zinco. Belladona. Pilulas de Trousseau 307. Cotyledon umbilicus 404. Valeriana. Almiscar. Castoreo. Camphora. Agua de flores de laranjeira. Opio. Terebinthina. Oleo essencial de terebinthina. Digital. Agua de louro-cereja. Estramonio. Meimendro. Sulfato de quinina. Assafetida. Artemisia. Pilulas de Leuret 453. Pilulas de Vallerand 736. Pilulas de Meglin 597. Pilulas antinevralgicas 453. Pilulas contra a epilepsia 649, 736. Pilulas antispasmodicas 290, 772. Poção de Lemoine contra a epilepsia 265. Pós antispasmodicos 251, 333, 356, 416, 736, 772. Quando os doentes apresentarem symptomas de anemia, convem administrar-lhes as preparações ferruginosas 462, o vinho com regimen analeptico 785, habitação no campo. Existindo plethora, restringir o regimen, usar de uma alimentação vegetal, beber muita agua.

EPIPHORA. Fluxo contínuo de lagrimas que correm pelas faces, em vez de passarem pelos pontos lagrimaes, por se acharem estes obstruidos. Reclama o tratamento da *fistula lagrimal.*

EPISPADIAS. Vicio de conformação das partes genitaes do homem, caracterizado pela situação anormal da abertura do canal da urethra, a qual se acha então collocada na parte superior do membro viril; é o opposto de *hypospadias.* — Geralmente fallando, não se póde remediar semelhante anomalia.

EPISTAXIS ou *Hemorrhagia nasal.* Apertar o nariz com os dedos. Fazer levantar os braços do doente perpendicularmente, e comprimir as ventas. Se a hemorrhagia não é, como acontece ordinariamente, senão de um lado, basta fazer levantar o braço correspondente. Dar profundos e repetidos suspiros. Comprimir com um dedo a arteria facial, do lado de que sahe o sangue, sobre o osso maxillar superior, por cima do labio superior, mui perto da ala do nariz. Ligar os quatro membros, por cima dos joelhos e dos cotovelos de maneira a impedir a ascensão do sangue venoso. Comprimir as carotidas sobre os dois lados do pescoço. Applicar na região frontal e temporal pannos molhados em agua fria. Applicar um sinapismo na nuca. Introduzir na venta fios ou pedra-hume em pó 258. Fazer injecções na venta com agua fria, introduzir fios ou pannos molhados na mistura d'agua fria com vinagre, ou na dissolução de perchlorureto de ferro a 15° 469. Fazer com a solução de perchlorureto de ferro a 15° injecções na venta 469. Pediluvios e manuluvios d'agua quente simples ou sinapizada. Ventosas seccas na nuca. Se não bastarem estes meios, tapar com fios as aberturas anteriores e posteriores das fossas nasaes por meio da sonda da Belloc; ou com uma bexiga de caoutchouc que se faz inchar depois da introducção, soprando. — A epistaxis, que se repete nos individuos anemicos exige o emprego de quina 684, e de preparacões ferruginosas 462 a 476. Na epistaxis periodica empregar o sulfato de quinina 741.

EPITHELIOMA. V. CANCROIDE.

EPULIDA. Tumor na gengiva. Os tumores designados sob o nome de *epulidas* são bastante numerosos; são : 1° Pequenos tumores fungosos consecutivos á carie de um dente ou á necrose da margem alveolar; apresentão todos os caracteres das ulceras atonicas; 2° Tumores elasticos que tem a organisação das gengivas, e que são attribuidos á contusão; 3° Tumores violaceos que se approximão, pela sua estructura, do tecido canceroso. — Estes tumores exceptuando os ultimos, adquirem raras vezes um volume consideravel; mas podem abalar os dentes, e perturbar as funcções da bocca.

Tratamento. Para fazer desapparecer os tumores da primeira categoria, basta extrahir o dente cariado. — Se os segundos forem pediculados, cumpre liga-los ou fazer a sua excisão. Esta ultima operação acha-se indicada nos tumores de base larga. — Quanto aos tumores da terceira especie, tumores cancerosos, é preciso fazer a sua extirpação; ás vezes é necessario tirar uma porção do osso.

ERECÇÕES DOLOROSAS. Emulsão camphorada 332. Clyster camphorado 332. Pilulas camphoro-opiadas 639. Bromureto de potassio 317. V. BLENNORRHAGIA.

ERUCTAÇÃO. V. ARROTO.

ERYSIPELA. Inflammação superficial da pelle com tensão, inchação, dôr, calor e vermelhidão; e que é precedida de calefrios, e acompanhada de febre. — Provocar a transpiração com chá de sabugueiro 705, borragem 314, casca de limão, etc. Depois dar bebidas diluentes e acidulas como a decocção de arroz 283, de cevada 366, infusão de tamarindos 751, etc. Na maior parte dos casos, e sendo a molestia sem gravidade, basta este simples tratamento. Sendo a molestia mais intensa, póde-se administrar um purgante 804, ou 5 centigram. (1 grão) de emetico 278. Cinco centigram. de emetico em meio litro d'agua, que se administra aos copos, é sobretudo util na erysipela do rosto. Em geral não ha necessidade de recorrer ás applicações locaes, em muitos casos convem só polvilhar o lugar affectado com polvilho ou com polvilho e camphora em pó 333. Toda-

a se a vermelhidão persistir por alguns dias, e se fôr acompanhada de muita dôr e tensão, será util applicar sobre o lugar cataplasmas de fecula 461. Contra a *Erysipela dos recem-nascidos*, applicar a tintura etherea de camphora 331. Contra a inchação consecutiva, são recommendadas as fricções com pomada marcial 474, com glycereo de sulfato de ferro 474; applicações de pannos molhados na dissolução de sulfato de ferro 474, de camphora molhada e conservada entre dois pannos, algodão cardado; compressão methodica; atacadura 565. Se a erysipela fôr acompanhada de symptomas adynamicos, empregar as preparações de quina 685, e outros tonicos 907, e antispasmodicos 789. Dar sahida ao pus, se a erysipela terminar por suppuração; fazer abertura larga se esta suppuração fôr na cabeça, e applicar depois cataplasmas de farinha de linhaça 560, ou de fecula 461. Sustentar então as forças do doente com bebidas tonicas e regimen conveniente. Se a erysipela deixar inchação estacionaria na parte, proceder como fica dito na *Elephantiase*.

ERYTHEMA. Vermelhidão da pelle, acompanhada de ardor, occasionada pela insolação, pelo attrito contínuo de duas superficies contiguas do corpo, pelo contacto das ourinas, etc. — Applicações de polvilho. Banhos d'agua morna. Cataplasmas de fecula 461.

ESCALDADURA. V. QUEIMADURA.

ESCAMAS. Laminas de epiderme morbosa, duras, alvacentas e opacas. As molestias cutaneas caracterizadas por escamas são : psoriase, caspa, lepra, pityriase, ichthyose e pellagra.

ESCARA. Crosta negra ou roxa que resulta do amortecimento de uma parte viva. As queimaduras, a contusão, a inflammação, e todas as causas que produzem a suspensão da circulação são a causa immediata das escaras. O peso do corpo sobre a cama, nos doentes que a febre typhoide, uma molestia chronica ou qualquer fractura obrigão a estar deitados, produz frequentemente escaras no sacro, nas nadegas, nos trochanteres, nos calcanhares, etc.

Escaras no sacro. Entreter muito asseio; pôr debaixo do sacro uma almofada de borracha ou de paina com abertura no meio; lavar a parte com vinho tinto; polvilhar com polvilho, com mistura de pó de quina e de carvão vegetal em partes iguaes. Para prevenir as escaras, deitar o doente sobre uma bexiga de porco cheia pela metade d'agua e de ar; e para cura-las, introduzir na bexiga a solução de creosota ou de tannino. Previne-se a putrefacção da bexiga, macerando-a previamente em solução de tannino.

ESCARLATINA. Molestia contagiosa e muitas vezes epidemica, cuja evolução é precedida de incommodo geral, arripios, fastio, cephalalgia e febre. Do segundo ao quarto dia apparecem na pelle pontos vermelhos, que logo se tornão em largas chapas, irregulares, de um vermelho-escarlate, e que se espalhão por todo o corpo; isto acompanhado de esquinencia. Termina por descamação.

Na *escarlatina simples* deve-se abandonar o doente á natureza; conserva-lo em temperatura moderada; preserva-lo do frio, sem que seja necessario abafa-lo com cobertores. Administrar a principio bebidas emollientes e sudorificas, taes como as infusões mornas de sabugueiro, borragem, flor de malva; ao depois bebidas temperantes e refrigerantes como a limonada de laranja, limão ou mesmo agua fria. Gargarejo emolliente 257. Clysteres com decocção de linhaça 560. Cozimento antiphlogistico de Stoll 298. Passados tres ou quatro dias os gargarejos podem ser adstringentes 258, 313, 491. A angina diphtherica será combatida pelos meios indicados no artigo *Angina diphtherica*. No fim do periodo de descamação da escarlatina

convem tomar um purgante de manná 591, e um banho geral d'agua morna.

Na *escarlatina maligna*, recorrer ás poções com acetato de ammoniaco 266, camphora 329, julepo almiscarado 252, preparações de quina 685, sinapismos 616. Alcoolatura de aconito 167. Poção de Stahl 268. Contra o delirio, applicar na testa pannos molhados em agua fria e vinagre. Se a erupção cutanea desapparecer subitamente, provoca-la com bebidas diaphoreticas, chá de borragem ou sabugueiro. Como meio preservativo, contra a escarlatina epidemica, empregar a belladona. Poção preservativa da escarlatina 308.

ESCARRO. Materia expellida pela bocca depois dos esforços da expectoração. Os escarros são mais ou menos abundantes; são *serosos* na bronchite capillar e na bronchorrhea; *mucosos* na bronchite chronica; *estriados de sangue* na bronchite aguda; *viscosos*, com bolhas de ar, e *tintos de vermelho* ou *amarello* na pneumonia; de *sangue puro* na hemoptyse; *albumino-mucosos* na coqueluche; *purulentos* nos abcessos do pulmão e na tisica; de *cheiro infecto* na gangrena do pulmão, etc.

Escarros de sangue. V. HEMOPTYSE.

ESCORBUTO. Molestia caracterizada pelo estado de entorpecimento, por manchas lividas em differentes partes do corpo; pela vermelhidão, molleza e inchação das gengivas, que deitão sangue pela menor compressão; máo halito, disposição ás hemorrhagias e debilidade geral. — *Tratamento.* Remover as causas. Ar puro, secco e quente. Habitação em lugares elevados. Insolação. Regimen composto principalmente de vegetaes, carnes frescas de boa qualidade, de caldos de gallinha, leite, peixe fresco, saladas de todas as especies; azedas, agriões, chicoria, e sobretudo batatas chamadas inglezas; vinho, cerveja, fructas. Bebidas acidulas com sumo de limão, de laranja. Comer duas a tres laranjas por dia. O escorbuto do mar cura-se com rapidez logo que os doentes desembarquem em alguma paragem, cujo ar seja puro e quente, e se alimentem de carnes e vegetaes frescos. Os medicamentos que favorecem a cura são : Succo de agriões, 30 a 60 grammas por dia, só ou misturado com sumo de almeirão. Xarope de agriões do Pará 169. Xarope de Portal 497. Infusão de bagas de zimbro 782. Soro de leite 733. Vinho de quina 684. Extracto de quina em pilulas 684. Tintura de quina composta 684. Tartrato de ferro e potassa 474. Cozimentos de casca de romã, calumba, bistorta, ratanhia, tormentilla. Banhos aromaticos 444. As ulcerações das gengivas serão tocadas com a mistura de mel e solução de chlorureto de cal. Gargarejos adstringentes, 258, 313, 491, 693, 702, 753. Gargarejo antiscorbutico 259, 692. Gargarejo camphorado 333. Gargarejo com a mistura de partes iguaes de aguardente camphorada e de tintura de cochlearia. Fricções pelo corpo com alcoolato de alfazema, de alecrim, com tintura de quina. Curar as ulcerações escorbuticas com fios embebidos na mistura d'agua fria com sumo de limão ou vinagre, ou em agua de Labarraque 383, ou com polpa de batatas, unguento digestivo 759, unguento de Arceus 759, unguento de estoraque 451, unguento de Genoveva 710, basilicão 396. Para prevenir o escorbuto, os navios devem ser sufficientemente abastecidos de batatas, de repolho salgado, de legumes frescos conservados em latas hermeticamente fechadas, e de succo de limão inspissado 558.

ESCROPHULAS. Molestia caracterizada por tumores irregulares, duros, não dolorosos, moviveis, que occupão as glandulas do pescoço, do sovaco, etc., sem alteração da côr da pelle. Estes tumores

augmentão pouco o pouco, fazem-se molles e tornão-se fluctuantes. A pelle que os cobre é luzidia, de um vermelho-azulado, e abre-se em differentes pontos. As feridas degenerão em ulceras, que, algum tempo depois, se cicatrizão: mas novos tumores se formão em outras partes do corpo.

Uma boa hygiene é a base do tratamento. Ar puro, habitação arejada, exposta ao sol. Regimen analeptico, composto sobretudo de carnes assadas, ovos, vinho, cerveja; pouco leite, arroz, feijões. Fricções pelo corpo com linimento de Rosen 614, com tintura de benjoim 310, com agua de Colonia 808. Banhos frios de rio ou do mar. Banhos quentes aromaticos 444. Dormir em colchões feitos com plantas aromaticas, como o alecrim, salva, tomilho, alfazema, etc. Medicamentos tonicos 807. Lupulo 564. Genciana 496. Quina 684. Preparações de ferro 462 até 476. Iodureto de ferro 535. Pilulas de Blancard 535. Oleo de figado de bacalháo 631. Vinho amargo 686. Vinho de quina ferruginoso 686. Vinho toni-nutritivo 686. Fricções nas glandulas enfartadas com pomada de iodureto de potassio 537. Injecções nos trajectos fistulosos com tintura de myrrha 624, com tintura de iodo 531. Curar as ulceras com vinho aromatico 445, unguento de estoraque 451, digestivo 759.

ESCROTO (**Cancroide do**). O cancroide do escroto ou o *cancro dos alimpadores de chaminés*, ataca o escroto; é frequente na Inglaterra. É caracterizado por uma ulcera, que pouco a pouco augmenta em extensão. — Cauterização. V. CANCROIDE.

Escroto (**Contusão do**). V. CONTUSÃO DO ESCROTO.

Escroto (**Elephantiase do**). V. ELEPHANTIASE DOS ARABES.

Escroto (**Erysipela do**). V. ERYSIPELA.

Escroto (**Feridas do**). V. FERIDAS.

ESFALFAMENTO. Enfraquecimento de uma função ou de todas as funcções do organismo. É ordinariamente acompanhado de emmagrecimento consideravel, e, em muitos casos, não ha lesão material. É o resultado de fadigas excessivas sem repouso sufficiente. — A morada no campo, longe das agitações, do ruido ou do tumulto das grandes cidades; a boa alimentação; a tranquillidade de espirito, bastão muitas vezes para reanimar o individuo cahido no maior estado de esfalfamento.

ESFOLADURA. Ferida superficial da pelle, produzida por um attrito violento, e caracterizada pela simples ablação da epiderme. — Applicar encerado inglez 85, ou panno untado com ceroto 72, ou com glycerina 501.

ESMAGADURA. V. CONTUSÃO.

ESOPHAGISMO. V. MAL DE ENGASGO.

ESPASMO. Toda a contracção muscular involuntaria. Precede frequentemente a convulsão, mas póde tambem existir sem ella. — Chá de folhas de laranjeira. Beber um pouco d'agua com assucar e com uma colher *de chá* d'agua de flores de laranjeira, ou com 10 gottas de ether sulfurico. Poção calmante e antispasmodica 456. Injecções sub-cutaneas de chlorhydrato de morphina 643, ou de sulfato de atropina 293. Electricidade 423.

Espasmo do collo da bexiga. V. BEXIGA.

Espasmo da glotte. V. GLOTTE.

Espasmo da palpebra ou *Blepharospasmo*. Contracções involuntarias da palpebra. — Friccionar a palpebra com balsamo tranquillo 309.

ESPHACELO. Synonymo de gangrena.

ESPIGA DAS UNHAS. Pellicula que se levanta junto ás unhas

55

das mãos. — Corta-la com tesoura. Se a inflammação fôr grande, combatê-la com banho d'agua tepida, e cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461.

ESPINHA. Borbulha que nasce pelo corpo. Applicar encerado commum 84. Bebidas temperantes 806.

Espinha carnal. V. ACNE.

ESPINHA DE PEIXE NA GARGANTA. V. CORPOS ESTRANHOS NA GARGANTA.

ESPIRRO. É symptoma frequente de defluxo, e acompanha quasi sempre o primeiro periodo do sarampo.

ESQUENTAMENTO. V. BLENNORRHAGIA.

ESQUINENCIA. V. ANGINA.

ESTAPHYLOMA. Tumor da cornea ou da esclerotica.

Estaphyloma da cornea. É transparente ou opaco. O *estaphyloma transparente* é caracterizado pela convexidade exagerada da cornea; esta membrana toma a fórma de um cóne cujo apice corresponde ao seu centro, pouco mais ou menos; a cornea conserva a sua transparencia; ás vezes apresenta no apice uma pequena ulceração ou uma nodoa branca. Esta affecção desenvolve-se sem causa conhecida; tem os symptomas seguintes : deformação da cornea, augmento de capacidade da camara anterior, myopia, ás vezes estrabismo. O estaphyloma transparente faz progressos lentos; póde ficar estacionario por muito tempo; em quanto póde estar coberto pelas palpebras, determina só a confusão da vista que póde ser corrigida por vidros mui concavos; no caso contrario póde sobrevir a inflammação e a perforação da cornea. Aconselhão contra esta affecção a applicação quotidiana de fel de boi, a compressão e a puncção da cornea.

O *estaphyloma opaco* da cornea observa-se em consequencia de ophthalmia purulenta, escrophulosa, variolica, etc. Póde ser *esphe-rico* ou *cónico*; é *geral* ou *parcial*. No *estaphyloma geral*, a cornea forma um tumor esbranquiçado, liso, coberto com vasos mais ou menos volumosos, ás vezes com pequenas chapas pretas; quando tem a fórma cónica, seu apice apresenta uma pequena lamina translucida. O tumor inflamma-se, abre-se; alguma quantidade de humor aquoso sahe pela abertura; a proeminencia diminue, a ulceração cicatriza-se, e o tumor torna a reproduzir-se até que finalmente sobrevem a suppuração do olho. O iris solda-se então com a cornea.

No *estaphyloma parcial*, só uma porção do iris está pegada á cornea; a pupilla está deformada, e atravez da porção da cornea que ficou sã, vê-se o iris ou uma parte d'elle intacto.

Aconselhão a compressão, a cauterização com pedra infernal; mas a operação á qual se recorre as mais das vezes é a excisão do tumor. Depois de formada a cicatriz, applica-se um olho artificial. Quando o estaphyloma é só parcial, póde-se ás vezes praticar a operação da pupilla artificial.

Estaphyloma da esclerotica. Tumor circumscripto, molle, azulado, sobre a esclerotica. É a consequencia do enfraquecimento da esclerotica por inflammações repetidas, ou sobrevem depois das feridas do olho. — Cauterização com pedra infernal; excisão do tumor.

ESTEATOMA. Tumor formado pela acumulação de uma substancia gorda de consistencia e côr de sebo. V. LIPOMA.

ESTHIOMENO. Do verbo grego *esthiein*, comer. Que come, que devora. Dá-se este nome a certas ulceras da face e da vulva, que se afundão roendo; applica-se tambem a alguns dartros, ao lupo sobretudo.

ESTOMAGO (Molestias do). Diversas molestias affectão o esto-

mago; taes são : *Cancro, Catarrho do estomago, Corpos estranhos, Embaraço gastrico, Feridas, Hemorrhagia* ou *Hematemese, Inchação, Inflammação* ou *Gastrite, Ulcera do estomago.* V. cada uma d'estas palavras.

ESTOMATITE. Inflammação do interior da bocca.

Estomatite simples. Inflammação da membrana mucosa boccal, cujos symptomas são : vermelhidão e inchação do interior da bocca; dôr que augmenta pela passagem do ar, dos alimentos, e mesmo pela simples compressão com a lingua.

Aguda. Gargarejo emolliente 257. Gargarejo com decocção de figos feita em agua ou em leite. Pediluvios sinapizados 616. Purgantes brandos 804. No fim, gargarejos com agua e mel rosado 702, com infusão de rosas rubras 702, com dissolução de alumen 259, ou acidulados com vinagre 779. Deixar abrir-se por si os abcessos que se formarem nas gengivas.

Chronica. Gargarejos adstringentes 258, 313, 491, 693, 702, 753. Gargarejo com partes iguaes de tintura de cochlearia e aguardente camphorada. Pós dentifricios e outras composições para a bocca 791. Tintura dentifricia de Jeannel 794. Habitar o campo. Regimen composto pela maior parte de vegetaes. Abstinencia de carnes salgadas. Extrahir os dentes cariados. Limpar os dentes; tirar com instrumentos apropriados as concreções que se formão em roda d'elles. Purgantes 804. Tocar as feridas da bocca com pedra infernal.

Estomatite ou **Gengivite expulsiva.** Na idade média da vida frequentemente as gengivas amollecem e abandonão os dentes que sahem dos alveolos com a maior facilidade, sem molestia apreciavel : é o que se chama *gengivite expulsiva.* — Tocar as gengivas, duas ou tres vezes por dia, com pincel molhado na tintura de iodo 531, ou na mistura das substancias seguintes : tintura de iodo 5 gram., ether nitrico alcoolizado 10 grammas, alumen 5 grammas. Gargarejos adstringentes 258, 313, 491, 693, 702, 753. Tintura dentifricia de Jeannel 794. Entreter a bocca com muito aceio. Comer muitas laranjas, muitas fructas acidulas; usar das saladas de todas as especies.

Estomatite mercurial. V. *Salivação mercurial.*

Estomatite ulcerosa. Tumefacção dolorosa das gengivas, vermelhidão da margem d'estas partes em que apparece uma ulceração cinzenta, linear, transversal, mais ou menos larga, salivação com máo cheiro ou sem elle, inchação dos ganglios lymphaticos do pescoço; vacillação e quéda dos dentes, ás vezes necrose de pequenas porções de ossos maxillares. — Gargarejos com chlorureto de cal 382. Solução desinfectante 382. Collutorio de borax 313. Gargarejo com chlorato de potassa 373. Uso de chlorato de potassa internamente em poção 372. Tocar as ulceras com agua phenica 158. Lavar a bocca com agua misturada com vinagre phenico. 158.

ESTRABISMO. Desviação de um ou dos dois olhos. Os individuos que tem esta disposição dos olhos, chamão-se *vesgos* ou *tortos dos olhos.* O estrabismo depende da desigualdade na força dos musculos motores do olho, da differença na sensibilidade de ambos os olhos, ou da paralysia dos nervos que animão o apparelho motor do olho. O estrabismo muscular é quasi sempre consecutivo ás convulsões anteriores, que rompêrão o equilibrio dos musculos; ou ao enfraquecimento da vista de um lado.

O estrabismo dependente da desigualdade na força dos musculos motores do olho trata-se pela secção dos musculos. Consiste a operação em cortar o musculo mais curto, em favorecer a sua inserção

sobre um ponto mais afastado da cornea. Em geral, o estrabismo que não impede ás pessoas o vêr regularmente, não deve ser operado. Para restituir o parallelismo aos eixos visuaes, imaginou-se cobrir cada olho com um oculo preto, transparente só no centro, para obrigar os vesgos a não olhar senão atravez d'este ponto. Com o mesmo fim foi tambem aconselhado o uso dos hemispherios com um buraco no centro. Mas aconteceo que as crianças não olhavão senão com o olho são, ou, quando ambos os olhos erão affectados, não se servião senão do menos fraco; e sempre um globo ocular ficava mais desviado do que antes do tratamento. — O estrabismo que depende unicamente da desigualdade da força dos dois olhos, póde curar-se restabelecendo a harmonia das faculdades visuaes, fortificando o olho fraco, enfraquecendo o olho são, fazendo as duas cousas ao mesmo tempo. O melhor meio de preencher estas indicções, consiste em cobrir o olho forte, em quanto se exerce o olho fraco. Para não condemnar o olho são á escuridão completa, o que póde ter inconvenientes, o Dr. Javal, de Pariz, aconselha applicar sobre o olho são uma especie de crivo metallico, a que dá o nome de *concha*, que deve ficar em permanencia sobre o olho são durante algumas semanas. Estas *conchas* vendem-se em Pariz, na loja de objectos de optica, rua Boissy-d'Anglas, 31. Custão meio franco cada uma. — Um meio palliativo, para remediar a vista dupla persistente, que acompanha ás vezes o estrabismo, consiste em cobrir o olho mais fraco com faxa de tafetá. Contra o estrabismo occasionado pela paralysia do nervo, empregar a electrização local 423 e 424.

ESTRANGULAMENTO. Assim se chama todo o aperto feito em qualquer parte do corpo, a ponto de n'ella impedir a circulação. Uma hernia estrangula-se quando a abertura, que deo passagem ao intestino, chega a apertar-se de modo que suspende a circulação, e a vida da parte alli entalada.

Estrangulamento da hernia. V. HERNIA.

Estrangulamento do membro viril, dos dedos, etc., *pelos corpos circulares*. Untar com azeite doce a parte entumecida, e fazer tracções methodicas. Cortar estes corpos com a pinça. Se o corpo circular é um annel de ouro, é facil destrui-lo esfregando-o com pomada mercurial 600.

ESTRANGURIA. Difficuldade de ourinar. V. RETENÇÃO DE OURINA.

ESTREITAMENTO DO ANUS. Dilatação. Excisão das producções accidentaes. Picada dos tumores hemorrhoidaes. Incisão das cicatrizes.

ESTREITAMENTO DA URETHRA. Póde ser simplesmente *espasmodico*, ou depender de *lesão organica*. No primeiro caso é ordinariamente passageiro. Quanto aos estreitamentos *organicos*, são estados morbidos das paredes do canal, que diminuem a largura e extensibilidade, a ponto que a urethra oppõe á sahida das ourinas um obstaculo permanente, mais ou menos consideravel. As *causas* dos estreitamentos organicos são : 1° as feridas, as contusões com ruptura do canal, as ulcerações : todas estas lesões são seguidas de cicatrizes; 2° as inflammações blennorrhagicas do canal da urethra, que acabão por augmentar a espessura da membrana mucosa, e por formar um tecido novo que se retrahe como as cicatrizes; este tecido é bastante elastico e deixa passar a sonda, o que faz crer que a cura está perfeita; mas torna a retrahir-se de novo, e com bastante rapidez; 3° as cauterizações e as injecções demasiado causticas. — A dilatação, cauterização, escarificação e incisão, forão propostas contra os estreitamentos *organicos*. A dilatação praticada pelas

bugias deve ser adoptada como methodo geral, as outras são para os casos excepcionaes. A cauterização nunca deve ser empregada para destruir os tecidos, mas sim para modifica-los. Ella só convem quando o calibre do canal se acha diminuido pelas fungosidades, pela inchação da membrana mucosa, e deve ser sempre superficial. A cauterização, considerada como meio de destruição, está hoje abandonada pelos professores que mais a defendião. Quando o estreitamento não permittir a passagem das sondas pequenas, um meio precioso para favorecer a dilatação consiste nas injecções forçadas repetidas por alguns dias. Eis-aqui um dos modos mais vantajosos de praticar a dilatação : Introduz-se uma bugia cónica tão fina quanto o exigir o estado do orgão. Uma vez introduzida, em vez de tira-la, ou deixa-la algumas horas *immovel*, communica-se-lhe, depois de estendido o membro genital, *movimentos repetidos de vaivem*, horizontaes ou verticaes, até dez, vinte, trinta vezes. A bugia, a principio apertada, torna-se logo livre; substitue-se então por outra mais volumosa, e a esta segue-se um instrumento de mais forte calibre. Aos movimentos horizontaes e verticaes accrescenta-se muitas vezes um movimento de rotação.

Os estreitamentos *espasmodicos* cedem aos banhos geraes mornos e prolongados, ou á introducção no canal da urethra da bugia coberta com pomada de belladona 308.

ESTROPHULO. Papúlas mais brancas ou mais rubras que o resto da pelle, que apparecem, na idade infantil, no rosto, mãos e ante-braços, raras vezes por toda a pelle, e são acompanhadas de comichão; chamão-lhe ás vezes *fogagem de dentes.* O tratamento consiste em banhos d'agua tepida, e applicação de polvilho.

ESTUPOR. V. APOPLEXIA.

EXANTHEMA. Os exanthemas são manchas vermelhas, superficiaes, de diversas figuras, espargidas pelo corpo com intervallos de côr natural, e que acabão por furfuração ou exfoliação da epiderme. Apparecem no erythema, erysipela, roseola, sarampos, escarlatina e urticaria.

EXCORIAÇÃO. V. ESFOLADURA.

EXCRESCENCIAS SYPHILITICAS, taes como os *condylomas, figos, cristas, mariscas;* situação nas partes genitaes e no anus. — Excisão. Ligadura. Cauterização com pedra infernal, associada ao tratamennto interno da syphilis. V. *Syphilis.*

EXOSTOSE. Tumor osseo que se levanta, mais ou menos, acima da superficie natural de um osso. Depende ordinariamente do virus syphilitico. — Causticos, fricções com pomada mercurial 600. Tratamento interno da *Syphilis.*

EXTASE. Affecção do cerebro na qual a exaltação de certas ideias absorve a attenção de tal maneira, que as impressões céssão de ser percebidas, os movimentos voluntarios ficão parados, e até a acção vital se acha frequentemente enfraquecida. — Separar momentaneamente os extaticos do objecto de suas meditações abstractas ou religiosas. Applicar-lhes sinapismos nas pernas, pannos molhados em agua fria na cabeça, e dar a cheirar vinagre ou agua de Colonia.

EXTINCÇÃO DA VOZ. V. APHONIA.

FALTA DE LEITE NAS AMAS. V. AGALACTÍA.

FALTA DE MENSTRUAÇÃO. V. AMENORRHEA.

FARCIN. Molestia do cavallo, transmissivel ao homem, por inoculação ou infecção, e caracterizada, *no estado agudo,* pela inflammação dos vasos e ganglios lymphaticos, por abcessos que se transformão em ulceras; pela erupção pustulosa e gangrenosa; pela

alteração profunda da economia. Só differe do mormo pela falta do corrimento nasal; o virus do farcin é da mesma natureza que o do mormo.

Na *fórma chronica* o farcin póde limitar-se a cordões violaceos, a indurações sobre o trajecto dos vasos lymphaticos, ao engurgitamento dos ganglios correspondentes. Os abcessos são lentos em sua evolução, e abrem-se dando lugar a fistulas. Os symptomas geraes podem ser nullos, ou consistir em enfraquecimento geral, pouco grave, ou alguma febre.

Tratamento. Internamente vinho de quina 684, tintura de iodo 6 a 12 gottas por dia 531, pilulas de extracto de aconito 167. Friccionar os tumores com pomada de iodureto de potassio 538; curar as ulceras com agua de Labarraque 383, solução de chlorureto de cal 382, agua phenica 158.

FASTIO. Combater as molestias de que o fastio é symptoma. Exercicio. Banhos frios. Elixir santo 255. Pós digestivos 275, 350. Pós estomachicos 327, 497, 685, 697.

FAVUS ou **Tinha.** V. TINHA.

FEBRE. Estado morbido caracterizado pela acceleração do pulso, augmento do calor do corpo, incommodo geral, e perturbação de diversas funcções, com lesão material primitiva, ou sem ella. Cumpre, primeiro, distinguir as *febres symptomaticas* das *febres essenciaes.* As *febres symptomaticas* acompanhão as inflammações externas e internas. As *febres essenciaes* são as que se declarão sem alteração organica primitiva evidente. Ha febres que se manifestão de maneira contínua; chamão-se *contínuas,* e são : febre typhoide, febre amarella, febre puerperal, febre cerebral, febres que dependem das bexigas, sarampos, escarlatina, etc.; ha outras que, depois de se declararem, céssão e tornão a apparecer por vezes; de tal modo que as alternativas de reapparecimento e cessação executão-se em tempos regulares, ou pouco mais ou menos regulares : são estas as febres *intermittentes.*

Febre adynamica. V. FEBRE TYPHOIDE.

Febre algida. Febre intermittente perniciosa, na qual o doente sente um frio glacial e contínuo. V. FEBRE INTERMITTENTE PERNICIOSA.

Febre amarella. *Primeiro periodo.* Dôr de cabeça, calefrios, dôr nos membros, sêde, fastio, nauseas ou vomitos biliosos, pulso forte e frequente. — Provocar a transpiração. Pediluvio sinapizado. Infusão de sabugueiro, de borragem 314 de folhas de jaborandi 544. Acetato de ammoniaco 266. Poção diaphoretica 267. Ipecacuanha 541, ou sulfato de magnesia 585. — Nas pessoas em que a molestia principia pelos vomitos, é preferivel o purgante ao vomitorio. Limonada ou laranjada, cozimento antiphlogistico de Stoll 298.

Segundo periodo. Principia no terceiro ou quarto dia, e é caracterizado pela côr amarellada da pelle, vomitos de materias escuras, depois pretas; evacuações alvinas tambem pretas; ourinas poucas e depois nullas; anxiedade, prostração, pulso fraco; hemorrhagias pelas gengivas, lingua, nariz e anus. — Sulfato de quinina 739. Limonada sulfurica 163. Cato 357. Nitro 297. Camphora 329. Agua de Labarraque internamente 383. Quina 685. Cozimento de Levis 685. Valeriana 771. Cozimento de valeriana e quina 772. Almiscar 250. Ether sulfurico 455. Vinho do Porto, da Madeira. Bebidas geladas; administrar gelo aos pedaços; leite em grande quantidade. Borrifar o quarto do doente com agua de Labarraque 383, com a dissolução

de chlorureto de cal 381, ou com agua phenica 158. Desinfectar os productos dos vomitos e das evacuações alvinas com a solução de acido phenico (2 grammas por litro d'agua). Despejar os ourinoes, e mergulha-los immediatamente n'um balde contendo a mistura seguinte: chlorureto de cal 500 grammas, agua 9 litros. No fim do dia, deitar o conteúdo do balde nas latrinas, e reformar a solução de chlorureto. De manhã e de noite, deitar no conducto das latrinas, a solução seguinte: sulfato de ferro 500 grammas, agua 5 litros, acido phenico 1 gramma.

Febre ataxica. A molestia assim chamada não é senão a fórma grave de certas febres typhoides. *Ataxia,* significa irregularidade na marcha da molestia.

Febre biliosa. Cansaço geral, dôr de cabeça, vomitos, lingua esbranquiçada, sêde, febre. — Ipecacuanha 540. Emetico 278. Sulfato de magnesia 585. Oleo de ricino 632. Agua de Sedlitz 227. Limonadas de limão ou laranja. Agua gazosa 171.

Febre catarrhal. Synonymo de bronchite aguda.

Febre cerebral. V. ENCEPHALITE, MENINGITE.

Febre colliquativa. V. FEBRE HECTICA.

Febre continua. Dirigir o tratamento contra a lesão organica de que esta febre é symptoma.

Febre ephemera ou **passageira.** Movimento febril mais ou menos intenso, que termina espontaneamente 24 horas depois. — Repouso. Abstinencia de alimentos. Cozimento de cevada, limonadas de limão, laranja, tamarindos 751. Purgante de citrato de magnesia 584.

Febres eruptivas. Febres que precedem alguma erupção cutanea, os sarampos, a escarlatina, as bexigas, etc.

Febre exanthematica. Febre que acompanha algum exanthema agudo, tal como o erythema, a erysipela, a roseola.

Febre gastrica. V. EMBARAÇO GASTRICO.

Febre hectica, colliquativa ou **lenta.** Estado caracterizado pela febre ordinariamente contínua, com exacerbações á noite, acompanhada de emmagrecimento progressivo, frequencia e fraqueza do pulso, calor na pelle e sobretudo nas palmas das mãos e plantas dos pés, suores e diarrhea colliquativa. Declara-se este estado no ultimo periodo das molestias organicas. — Combater a tisica ou outra molestia de que esta febre é symptoma. Combater os suores com tannino 752, preparações de quina 685, a diarrhea com clysteres emollientes 628, a insomnia com opio 638.

Febre inflammatoria ou **synocha.** Febre contínua que apezar do seu nome, não está ligada a nenhuma inflammação apreciavel; salvo a sua duração, parece-se com a febre ephemera; dura de quatro a oito dias. — Dieta. Bebidas acidulas frias. Limonada. Laranjada. Infusão de tamarindos 752. Bebida com cremor de tartaro 406. Bebida temperante 406. Cozimento antiphlogistico de Stoll 298. Mistura salina simples 347. Applicar na testa pannos molhados em agua fria e vinagre. Laxantes 804.

Febre intermittente simples. Febre que não continua sempre, que apparece e desapparece successivamente, com intervallos mais ou menos longos, durante os quaes não existe nenhum indicio de movimento febril. Todo o accesso de febre intermittente se compõe de tres periodos distinctos: o primeiro manifesta-se por frio geral, com bocejos, espriguiçamentos, tremores, pulso pequeno e frequente, pallidez geral; o segundo, por calor, agitação, anxiedade, sêde, pulso forte e frequente; o terceiro, por suor, que ás vezes se limita a uma lentura halituosa, outras vezes é excessivamente abundante.

Ao terceiro periodo succede um estado de socego chamado *apyrexia.* Quando o accesso se manifesta todos os dias, a febre intermittente chama-se *quotidiana.* É *terçã,* quando os accessos voltão um dia sim, outro não; *quartã,* quando os accessos voltão cada tres dias. Ha tambem febres *duplas-terçãs, duplas-quartãs.* Ha febres cuja remissão dura mais de tres dias, mas são raras. Algumas ha, cujos accessos não são completos, isto é, que apresentão só um ou dois periodos ordinarios; outras, cujos tres periodos se confundem ou se invertem.

Durante o periodo do frio. Agasalhar o doente, dar-lhe alguma infusão aromatica e quente, por exemplo, uma chicara de chá da India, de infusão de folhas de laranjeira, de herva cidreira, etc. Para acalmar a sêde, póde-se dar agua fria.

Durante o periodo do calor ou *da reacção.* Diminuir pouco a pouco o peso dos cobertores. Substituir as bebidas quentes pelas bebidas temperantes acidulas e frias (laranjada, agua de arroz, de cevada, etc.). Se houver dôr de cabeça, applicar na testa pannos molhados em agua fria simples ou com vinagre.

Durante o periodo do suor. Voltar ás bebidas quentes, cobrir o doente como no primeiro periodo, mudar-lhe a roupa, enxugar o corpo, e preserva-lo de qualquer esfriamento. Findo o accesso, podem-se permittir ao doente alguns alimentos.

Durante a apyrexia. Medicamentos antiperiodicos. Sulfato de quinina em pó, pilulas, poções, xarope, fricções ou clysteres 741. Folhas de eucalypto em infusão ou pó 457. Acido arsenioso 284. Solução arsenical de Boudin 287. Quinium 690. Casca de páo pereira 652. Quina 685. Quassia 677. Café não torrado com sumo de limão azedo 323. Poção febrifuga 323. Genciana 496. Casca de Winter 355. Centaurea menor 360. Pimenta da India 666. Electuario de Fuller 685. Poção de Peysson 279. Santonina na dóse de 25 centigrammas por dia 727. Mudança de moradia ou de clima em alguns casos rebeldes.

Febre intermittente perniciosa. Febre intermittente caracterizada por symptomas semelhantes aos precedentes, porém muito mais graves, taes como o frio intenso, delirio, coma, convulsões, suores excessivos, etc., e que póde terminar pela morte, no decurso do primeiro ou segundo accesso. — Sulfato de quinina em altas dóses durante a apyrexia e ao começo (1 a 2 grammas), as quaes depois serão diminuidas 741. Sinapismos, causticos, opio 638, camphora 329. Combater os outros symptomas pelo tratamento conveniente. V. *Meningite, Gastro-enterite, Febre typhoide.*

Febre de leite. Annuncia-se, do segundo ao quarto dia depois do parto, pelo calor do corpo, frequencia do pulso, vermelhidão do rosto, inchação dos seios, e suppressão do fluxo lochial; dura 24 horas, e termina por suores abundantes, corrimento do leite e volta dos lochios. — Se a febre fôr leve, natural, administrar a infusão morna de herva cidreira, tilia, sabugueiro. Se fôr intensa, bebidas diluentes, como a decocção de arroz, cevada. Clyster com azeite doce. Cataplasmas de linhaça quentes nas coxas 560. Se a intensidade da febre fôr augmentando, será preciso ver se ella depende da *peritonite* ou *metrite,* para applicar-lhe então o tratamento conveniente.

Febre lenta. V. FEBRE HECTICA.

Febre de Macacú. Febre intermittente que existe no Brasil, e que é assim chamada da localidade onde ella grassa principalmente. Quando o accesso apparece das 9 horas ao meio dia com pouco calo-

frio, a molestia é benigna. Se o calefrio é mais intenso, ha perigo imminente. Os accessos nocturnos intermittentes ou remittentes são perigosos. As peiores febres são as que são acompanhadas da inflammação das pleuras, do peritoneo, do cerebro, do figado ou do baço. O sulfato de quinina é o principal remedio 741. Será tambem necessario combater a inflammação dos orgãos com a applicação das bichas.

Febre maligna. V. MENINGITE.

Febre miliaria. V. MILIARIA.

Febre mucosa. V. FEBRE TYPHOIDE.

Febre nervosa. V. FEBRE TYPHOIDE.

Febre palustre. V. FEBRE REMITTENTE.

Febre perniciosa. V. FEBRE INTERMITTENTE PERNICIOSA.

Febre pestilencial. V. PESTE.

Febre petechial. V. FEBRE TYPHOIDE.

Febre pituitosa. Segundo a doutrina antiga, dá-se este nome á febre complicada com a inflammação da membrana mucosa dos bronchios : é a *bronchite.*

Febre puerperal. V. PERITONITE.

Febre putrida. V. FEBRE TYPHOIDE.

Febre remittente. Febre que, sem cessar de ser contínua, tem exacerbações acompanhadas de frio e de calor no principio, e de simples paroxysmos de calor no fim. Tem sido observada nos paizes onde se produzem miasmas pantanosos, sobretudo nos climas quentes, pelo que foi chamada *febre de mangue, febre palustre, malaria.* A molestia principia pelo quebramento do corpo, perda de appetite e de forças, dôr de cabeça; sobrevem depois um certo incommodo nos hypocondrios, côr amarellada da pelle. Existe uma febre contínua, com exacerbações de noite. Ha uma fórma grave, acompanhada de estupor e delirio. O periodo de frio não é tão completo como nas sezões; no periodo de calor apparecem, muitas vezes, vomitos; o suor é quasi imperceptivel, falta algumas vezes.

Tratamento. Logo que apparecer transpiração, diminuir o calor da pelle, e se abater o pulso em força e frequencia, deve ser dado o sulfato de quinina em dóse não inferior de 50 centigrammas, ás vezes 75 centigrammas ou 1 gramma 741. Sendo rejeitado o sulfato, administre-se em um clyster. Se o estomago conservar o remedio, este deve ser repetido duas horas depois até que o doente antes da hora da exacerbação haja ingerido 1 gramma. No dia seguinte repete-se o remedio, apenas apparecer a remissão, e continua-se nos outros dias, pela mesma fórma, até decahir a molestia. Contra a cephalalgia, applicar na testa pannos molhados em agua fria ou gelo; se os phenomenos de congestão cephalica forem muito marcados, applicar bichas atraz das orelhas; a sangria geral é perigosa. Os sinapismos nas pernas são uteis 616.

Febre rheumatismal. Febre que acompanha o rheumatismo agudo.

Febre traumatica. Febre que acompanha os ferimentos graves. — Dieta. Bebidas temperantes, acidulas frias.

Febre typhoide. Febre essencial marcada pela perturbação de todas as funcções, pela prostração das forças, hemorrhagia nasal, pequenas manchas na pelle. Os autores tem-lhe dado diversos nomes : *febre maligna, putrida, biliosa, mucosa, lenta nervosa, adynamica, ataxica, febre grave, dothinenterite, enterite folliculosa, entero-mesenterite, gastro-enterite;* mas o nome de febre typhoide é o melhor de todos, por indicar o torpor (typhos), que é, com effeito o symptoma predominante. Além da alteração do sangue, as

lesões da febre typhoide são : ulceração dos folliculos intestinaes, hypertrophia das glandulas mesentericas, e congestão do baço, dos pulmões e do cerebro. A febre typhoide apresenta-se sob quatro fórmas differentes : 1° febre typhoide mucosa; 2° febre typhoide inflammatoria; 3° febre typhoide adynamica; 4° febre typhoide ataxica.

Fórma mucosa. Symptomas : febre continua ou remittente, dôr de cabeça, fastio, nauseas, diarrhea ou prisão do ventre, dôr iliaca do lado direito, e perda das forças. A febre typhoide mucosa dura de 3 a 4 semanas, e termina ordinariamente pela cura.

Fórma inflammatoria : febre contínua com rubor do rosto, fastio, dôr de cabeça, epistaxis, surdez, dôr iliaca direita, diarrhea, manchas roseas no ventre. Dura de 3 a 4 semanas, e termina de ordinario pela cura.

Fórma adynamica e *ataxica :* febre, agitação, dôr de cabeça, delirio, epistaxis, surdez, torpor, inchação do ventre, dôr iliaca direita, diarrhea, manchas roseas no ventre, lingua secca, labios fuliginosos. Estas fórmas durão de 3 a 6 semanas, e acabão frequentemente pela morte.

A tosse acompanha todas as febres typhoides graves, e indica a bronchite que póde degenerar em pneumonia. Às aphtas, que sobrevem na bocca durante o curso da febre typhoide, são quasi sempre symptomas mortaes. Vomitos esverdeados subitos com arrefecimento da pelle, rosto azul, pulso pequeno e dôr aguda no ventre annuncião a perforação do intestino ulcerado e a morte. O soluço que sobrevem no curso da febre typhoide, annuncia quasi sempre a morte. Escaras no sacro produzem-se frequentemente durante esta molestia, e aggravão a situação dos doentes. Apparecem ás vezes parotidites, que são indicio de grande perigo.

Tratamento. Cumpre : 1° Destruir o embaraço gastrico e as saburras do intestino primeiro por meio de um vomitorio, e de um purgante no dia seguinte; 2° expellir as materias liquidas contidas no intestino com purgantes repetidos em quanto existirem borborygmos na fossa iliaca direita; 3° sustentar as forças com medicamentos tonicos e alimentação leve.

Principiar o tratamento com um vomitorio (5 centigrammas de emetico ou 1 gramma de ipecacuanha). No dia seguinte um copo de limonada de citrato de magnesia 584, d'agua de Sedlitz 227, ou 15 grammas de sulfato de soda 743. Dar a beber frequentemente agua fria, limonada de limão, de laranja, agua com vinho e assucar. A febre typhoide é uma molestia na qual é preciso dar a beber amiudadas vezes. Sustentar as forças desde o principio com caldos de gallinha ou de carne de vacca, vinho de Bordeos, Porto, Madeira. Administrar as preparações de quina : Poção tonica 685, poção de quina 685, mistura tonica 685, cozimento antifebril de Levis 685, vinho de quina composto 686. Se o calor fôr intenso e o pulso mui frequente, molhar toda a superficie do corpo, duas ou tres vezes por dia, com esponja embebida em vinagre aromatico. Muitas vezes esta medicação produz melhoras ao cabo de dois ou tres dias; a não ser assim accrescentar ás poções de quina o uso de sulfato de quinina, que se administra na dóse de 15 centigrammas, duas ou tres vezes por dia, no intervallo da poção.

Tal é o principal tratamento da febre typhoide. Porém, conforme as circumstancias, muitos outros medicamentos são empregados, que passo a indicar.

Contra a *cephalalgia,* sinapismos nas pernas 616 e pannos molhados em agua fria e vinagre na cabeça. Agua gazosa contra *os vomi-*

tos 171. Se houver *diarrhea* abundante e persistente, clyster com polvilho 670, clyster emolliente e calmante 640, clyster com claras de ovo 648, clyster com decocção de ipecacuanha 543. Cataplasma de linhaça no ventre 560. Contra a *prostração* : mistura alcoolica 245. Clysteres com infusão de macella 581, clyster de quina 687; fricções no ventre com oleo camphorado 332, poção gommosa com 15 a 36 gottas d'agua de Labarraque 383. Clyster chloruretado 383. Cataplasmas de linhaça no ventre borrifadas com agua de Labarraque, poção tonica de Foy 163, ether sulfurico 454, xarope de ether 455, poção antispasmodica 455, camphora 329, pilulas antisepticas de Kapeler 331, pilulas camphoro-nitradas 331, almiscar, julepo almiscarado 252, clyster com almiscar 252. Contra os symptomas ataxicos : valeriana 771, infusão de valeriana composta 772, cozimento de valeriana e quina 772. Se as paredes boccaes estiverem cobertas de fuliginosidades, introduzir na bocca um gommo de laranja ou de lima. Contra a hemorrhagia nasal : applicar na testa pannos molhados em agua fria e vinagre, ou tapar as ventas com fios. Contra a *hemorrhagia intestinal* : preparações de ratanhia 692, poção adstringente 693, clyster com extracto de ratanhia 693, limonada sulfurica 163, poção com perchlorureto de ferro 469. Contra a *insomnia* e os *phenomenos nervosos* : xarope diacodio 637, chlorhydrato de morphina 642, codeina 644, xarope de lactucario 247. Se houver *tosse*, difficuldade de respiração, xarope de balsamo de Tolú 302, caustico no peito 343.

Apalpar frequentemente a região hypogastrica, para ver se a bexiga não se acha estendida pela accumulação de ourina : sendo assim, empregar o catheterismo para evacuar a ourina. Mudar frequentemente a posição do doente, curar as excoriações, as feridas, que apparecem no sacro, com ceroto simples, polvilho, pós de quina, agua de Labarraque, e usar de almofadas elasticas.

O methodo evacuante (oleo de ricino, sulfato de magnesia, sulfato de soda, agua de Sedlitz, limonada de citrato de magnesia, emetico, ipecacuanha) é empregado no começo da febre typhoide, na generalidade dos casos; quanto ás sangrias geraes ou locaes, raras vezes são indicadas; devem ser empregadas com muita prudencia, e só excepcionalmente nos individuos plethoricos e atormentados pela dôr de cabeça forte e permanente, com pulso energico e frequente, e quando a congestão ou inflammação de algum orgão as reclama imperiosamente. Os causticos nas pernas são raras vezes uteis.

É necessario manter no quarto do doente o maior asseio, e renovar-lhe o ar muitas vezes por dia. Collocar no quarto pratos com a dissolução de chlorureto de cal 382, e espargir pelo soalho agua phenica 158, desinfectar as evacuações com sulfato de ferro. 474.

Febre urticaria. V. Urticaria.

Febre verminosa. Febre com irritação gastro-intestinal, e producção de grande numero de vermes intestinaes. — Combate-se com os medicamentos vermifugos : semen-contra, musgo de Corsega, feto macho, etc.

FENDAS do anus, dos beiços, do peito. V. Fissura e Rachas.

FERIDAS EM GERAL. A ferida é a solução de continuidade feita por causa externa. A solução de continuidade produzida por causa interna, como a syphilis, escrophulas, escorbuto, etc., tem o nome de *ulcera*. A ferida chama-se ás vezes *chaga*, do persico *xaga*, cortadura, e algumas pessoas dão ás ulceras o nome de *feridas antigas*. Existem differentes especies de feridas; o tratamento varía conforme o seu estado.

I. FERIDAS POR INSTRUMENTOS CORTANTES, taes como canivetes, facas, navalhas, pedaços de vidro, etc.; chamão-se *córtes, talhos, golpes, incisões*. — Nos córtes simples, pequenos, basta comprimir com panno secco para vedar a pequena hemorrhagia; algumas horas depois applicar encerado inglez. — Se o córte fôr maior, ou deitar muito sangue, applicar um panno molhado em balsamo catholico 311, ou em balsamo do commendador 310, na tintura de arnica 282, ou em aguardende simples, e comprimir a ferida com atadura. — Nas feridas mais extensas, applicar uma porção de fios molhados em espirito de vinho, e comprimir; ou, depois de lavada a ferida com alcool misturado com agua, applicar pasta de algodão ou algodão em rama, e comprimir com atadura; não reformar o algodão senão ao cabo de 4, 8, 16 e mesmo 25 dias depois do primeiro curativo, conforme a abundancia da suppuração e extensão da ferida. Depois da amputação do braço póde-se deixar a pasta de algodão durante 30 dias; cumpre, sómente, molhar o apparelho todos os dias com agua phenica 158, que destroe o máo cheiro.

No caso de hemorrhagia abundante, comprimir a ferida com fios e ataduras; ás vezes é necessario applicar fios molhados na solução de perchlorureto de ferro a 15°, ou recorrer a outros meios indicados no artigo *Hemorrhagia*.

A maior parte dos cirurgiões curão as feridas extensas pela reunião immediata.

Reunião immediata ou por primeira intenção. É a approximação das partes divididas, de modo que haja communicação immediata entre os vasos capillares. Em 24 horas a reunião tem lugar : as margens da ferida tornão-se um pouco rubras; em 8 dias voltão ao seu estado normal. — Obtem-se a reunião immediata : 1° pela posição; *v. g.* a reunião das feridas da região inguinal por flexão da coxa; a das feridas da curva do braço por flexão do ante-braço sobre o braço, etc. Empregão-se tambem as ligaduras que mantem as partes postas em posição favoravel. As feridas transversaes do pescoço são aquellas onde este modo de reunião é o mais applicavel.

2° Obtem-se a reunião immediata por meio de tiras de emplasto adhesivo, de encerado inglez, ou de collodio elastico. Afim de que as tiras aproximem sufficientemente as margens da ferida, collão-se o mais longe possivel de modo a estender a compressão e evitar a tendencia para a separação. A reunião por primeira intenção com as tiras agglutinativas deve ser ajudada pela compressão por meio da ligadura enrolada apropriada á região. Reunem-se ás vezes as feridas extensas ao mesmo tempo pelas tiras agglutinativas e pela sutura. Collocão-se as tiras entre os pontos de sutura, que devem estar mais separados do que nos casos em que se reune inteiramente pela sutura.

3° Reunem-se as feridas extensas, por primeira intenção, com a sutura que se pratica por meio de agulha e linha.—Cumpre sempre reunir os labios das feridas, por maiores que ellas sejão. Ha exemplos de dedos cortados quasi completamente, e que não communicavão com a mão senão por uma porção muito estreita, juntarem-se e sararem depois de conchegados os labios da ferida. Antes de reuni-los, cumpre lava-los com agua ou aguardente, e tirar qualquer corpo estranho que possa oppôr-se á cicatrização. Depois de reunidos os labios da ferida, applicar por cima um panno untado com ceroto 72, ou com glycerina 501, pôr fios por cima do panno, e manter tudo com atadura. Levantar o primeiro apparelho 48 ou 60 horas depois, e repetir os curativos todos os dias. Entreter na ferida muito asseio.

Tratamento das feridas com acido phenico. — O Dr. Lister, Pro-

fessor de Edimburgo, adoptou o tratamento seguinte, que deo bons resultados. Lavar a ferida com agua phenica (agua 20, acido phenico 1). Reunir, depois, os labios da ferida com sutura, se fôr necessario. Applicar a chapa phenica 159. Por meio das incisões feitas na chapa, póde esta adaptar-se á região que é necessario cobrir; sobrevindo alguma difficuldade, substituir a chapa pelo emplasto phenico 159. Cobrir a chapa com uma folha delgada de estanho e manter esta com tiras agglutinativas. Applicar por cima de tudo fios e compressas, e fixa-los com atadura. Reformar o apparelho todos os dias, ou só ao cabo de dois, tres ou quatro dias. Fazer os curativos rapidamente para não expôr por muito tempo a ferida ao ar.

II. FERIDAS CONTUSAS. Resultão da acção de instrumentos contundentes, pedras, páos, dentes de animaes, a passagem de uma roda de carruagem, a quéda de um corpo pesado, balas de espingarda, etc. As feridas contusas que comprehendem só a pelle chamão-se *excoriações* ou *esfoladuras*. (V. estas palavras). — Apezar da difficuldade de obter a reunião por primeira intenção nas feridas contusas, é preciso tenta-la; uma porção do retalho adhere promptamente ás partes subjacentes, e as margens da solução de continuidade suppurão. Todavia, não convem praticar a reunião de todas as porções da ferida, com medo que os liquidos juntos debaixo do retalho não possão escorrer para fóra. Feita a reunião, termina-se o curativo com prancheta de fios molhada em aguardende camphorada, por cima da qual se applica uma cataplasma de linhaça ou de fecula. Tres ou quatro dias depois renova-se o apparelho, e na mesma occasião limpa-se a ferida com esponja embebida em agua morna: os curativos seguintes fazem-se diariamente. Sobrevindo inflammação, combate-se com cataplasmas de linhaça ou de fecula, com applicações contínuas de pannos molhados em agua morna, ou com irrigações contínuas do mesmo liquido.

III. FERIDAS COM PERDA DE SUBSTANCIA. Curão-se com fios molhados em aguardende camphorada e cataplasmas, ou com panno crivado untado de ceroto, ou glycerina, ou com algodão secco.

Muitos cirurgiões abandonárão completamente o ceroto no curativo das feridas as mais extensas, e não empregão senão as applicações alcoolicas, a aguardende simples ou camphorada, a tintura de arnica 284, o vinho aromatico 445, em que embebem os fios que reformão diariamente, e muitas vezes por dia. O ardor que segue a primeira applicação desapparece promptamente, e a ferida não tarda a cicatrizar. — Se a ferida fôr de suppuração fetida, curar com agua phenica, ou alcool phenico. Reprimir as carnosidades com pós de alumen calcinado ou com pedra infernal.

IV. MORDEDURAS. Apresentão grande analogia com as feridas contusas. Reunem-se por primeira intenção; ás vezes suppurão, outras vezes são seguidas de phlegmão. Compõe-se o tratamento de applicações de pannos molhados em agua fria no primeiro dia, e depois de tiras agglutinativas, ceroto, glycerina, cataplasmas de linhaça ou de fecula; ou de algodão em pasta.

V. FERIDAS POR ARRANCAMENTO. Occupão o nivel das articulações. São notaveis pela irregularidade da solução de continuidade, pela pouca dôr e pouca hemorrhagia. Podem reunir-se frequentemente por primeira intenção, depois de igualar, com tesoura, os labios da ferida. O tratamento consiste em irrigações d'agua fria, ceroto, glycerina, fios molhados em aguardende camphorada, cataplasmas de linhaça ou de fecula, ou algodão em rama ou pasta.

VI. FERIDAS POR INSTRUMENTOS PICANTES. Quasi sem importancia quando o instrumento é muito fino e muito agudo, como se vê na acupunctura, podem ser mui graves, quando o instrumento, penetrando profundamente, fere algum grosso vaso ou um nervo, ou quando elle entra dentro da cavidade splanchnica. Quando são simples, exigem só a applicação de panno molhado em agua fria, ou de encerado inglez 85. Convem sempre reuni-las immediatamente. Ás vezes occasionão o phlegmão ou o panaricio : n'estes casos convem applicar cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Em alguns casos são complicadas da presença de um corpo estranho, como sejão um fragmento de vidro, um pedacinho de páo, de agulha. Cumpre extrahi-los, quer com pinça, quer fazendo as incisões. Se a extracção é impossivel, então o corpo estranho produz a inflammação e suppuração, e sahe com o pus.

VII. FERIDAS ENVENENADAS. Assim se chamão as feridas que são feitas por cobras venenosas, cães damnados, abelhas, escorpiões. V. *Mordeduras de animaes venenosos* e *Picadas de insectos.*

VIII. FERIDAS POR PICADAS ANATOMICAS. V. *Picadas.*

IX. FERIDAS VIRULENTAS. São produzidas por instrumentos ou ossos banhados no liquido mormoso, carbunculoso, ou syphilitico : podem occasionar o mormo, o carbunculo, ou a molestia syphilitica. — Lava-las com agua tepida ou fria, fazê-las sangrar tanto quanto fôr possivel, comprimindo com os dedos a parte ferida, e cauterizar logo depois com pedra infernal.

Se a ferida, seja ella qual fôr, se tornar pallida, empregar applicações estimulantes, taes como o unguento de Arceus 759, balsamo samaritano 781, unguento digestivo 759, unguento da madre 80, basilicão 396, de estoraque 451, de Genoveva 760. Lavar a ferida com aguardente camphorada 332, com tintura de arnica. Dividir as aponevroses se houver receio de estrangulamento. Se a suppuração fôr abundante e fetida, purificar com a solução de chlorureto de cal, o quarto do doente, o apparelho, a cama; e lavar a ferida com a mistura de p. ig. d'agua e d'agua de Labarraque 333, ou com agua phenica 158.

X. FERIDAS POR ARMAS DE FOGO. Fazer as divisões necessarias. Cortar as partes pendentes e contusas. Extrahir os corpos estranhos. Atalhar a hemorrhagia pela compressão, applicação de fios molhados em agua fria ou na solução de perchlorureto de ferro a 15° 468, ou pela ligadura das arterias, conforme o genero de hemorrhagia. Curar a ferida com fios seccos ou molhados em aguardente camphorada 332. Prevenir os phenomenos inflammatorios com irrigações contínuas d'agua tepida. Se se desenvolver a tumefacção inflammatoria, combatê-la com cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Depois de estabelecida a suppuração curar a ferida com panno untado com ceroto 72, ou glycerina 501. Verifica-se a presença da bala por meio de um estylete de porcelana, arredondado em fórma de bola na extremidade. Se esta bola encontrar a bala apresentará uma marca preta. Quando o projectil separar completamente o membro, é raro ser inteira a amputação : é preciso então pratica-la logo depois do accidente, nas partes sãs vizinhas da ferida. A amputação é ainda indicada quando os musculos estão pisados, e os ossos quebrados em grande extensão.

O lugar das feridas, no olho, coração, figado, etc., exige modificações no tratamento que vou indicar succintamente. As complicações necessitão tambem mudanças no curativo; mas em geral, as regras fundamentaes que deixei descriptas devem ser observadas.

Feridas das arterias. Atalhar a hemorrhagia exercendo com os dedos uma compressão não interrompida sobre o orificio do vaso. Se a arteria fôr situada profundamente, comprime-se do mesmo modo a ferida exterior. Podendo-se dispôr de um torniquete, acrescentar á compressão directa a compressão indirecta sobre a arteria principal do membro; os dedos de uma pessoa intelligente, ou qualquer outro meio de compressão, podem substituir o torniquete. A compressão suspende só momentaneamente a effusão de sangue, e para obter a cura da ferida arterial cumpre recorrer aos outros meios, que varião conforme o volume do vaso aberto e a sua situação mais ou menos profunda. Sendo pouco volumoso o vaso ferido, atalha-se ás vezes definitivamente a hemorrhagia approximando exactamente os labios da ferida, e exercendo forte compressão. Na falta de reunião, póde-se submetter o vaso á *torsão,* ou então *cauteriza-se* a extremidade com ferro quente. A *compressão directa* é sufficiente para atalhar a hemorrhagia nas feridas das arterias encostadas a um osso, taes como a temporal, a occipital, a auricular. Fóra d'estas circumstancias, é preciso laquear as duas extremidades do vaso dividido, no proprio lugar da ferida. Atalhada a hemorrhagia, cura-se a ferida com fios untados com ceroto 72, glycerina 501, ou embebidos em aguardente camphorada.

Feridas das articulações. Reunir immediatamente as margens da ferida com encerado commum 84, ou encerado inglez 85. Applicar pannos molhados em agua fria, ou cataplasma de linhaça, fria, regada com agua vegeto-mineral 146, ou cataplasmas de raspas de batatas cruas. Declarada a inflammação, combatê-la com cataplasmas de linhaça 560, de fecula 461, quentes, ou com bichas. Se houver decomposição dos liquidos accumulados na articulação, injectar no foco aguardende camphorada 332, ou agua misturada com tintura de myrrha 623, ou com tintura de iodo 531. Favorecer o corrimento dos liquidos por aberturas mais ou menos extensas.

Feridas do baço. Cataplasma de linhaça 560, ou fecula 461, regadas com agua vegeto-mineral 146. Bichas.

Feridas dos beiços. Lavar a ferida com agua fria, e reuni-la com encerado inglez ou com sutura.

Feridas da bexiga. Introduzir na urethra a sonda de gomma elastica para prevenir a infiltração da ourina. Applicar no ventre, nos primeiros dias, pannos molhados em agua fria; e depois, cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461.

Feridas do cerebro. 1° *Feridas por instrumentos picantes e cortantes.* Extrahir os corpos estranhos; collocar a cabeça na posição favoravel ao escorrimento do liquido da ferida. Sobrevindo a encephalite, caracterizada pela dôr de cabeça, delirio, convulsões, febre, applicar bichas ou praticar a sangria. Applicar sobre a ferida, durante os dois primeiros dias, pannos molhados em agua fria; mais tarde curar a ferida com panno simples, ou untado de ceroto, ou de glycerina.

2° *Feridas contusas.* Trepanar, se as esquirolas estiverem enterradas no cerebro; tirar a bala com sacabala ou pinça; applicar bichas ou sangrar no braço para prevenir ou combater a encephalite. Curar a ferida com pannos molhados em agua simples fria.

Feridas do coração. Tapar a ferida exterior do peito. Sangria. Silencio, repouso e dieta absoluta.

Feridas do corpo thyroide. Não são notaveis senão pela hemorrhagia, contra a qual é impossivel empregar a compressão. — Ligar

as arterias, torcer os vasos que não podem ser ligados, e applicar panno molhado na solução de perchlorureto de ferro 469.

Feridas dos dedos, contusas. Não se deve praticar a amputação senão quando o dedo estiver completamente esmagado. Todas as vezes que se póde conservar um coto, ainda que muito irregular, isso vale melhor do que a amputação. — Applicar no dedo, durante oito dias, pannos molhados em agua fria misturada com aguardente camphorada 332; depois, cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461.

Feridas do escroto. São ás vezes complicadas da sahida do testiculo, ou este orgão acha-se descoberto. — Repôr o testiculo no escroto; reunir as margens da ferida pela sutura; applicar durante dois ou tres dias pannos molhados em agua vegeto-mineral 146, e depois cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461.

Feridas do estomago. Abstinencia completa de alimentos e bebidas. Se o estomago ferido apparece na abertura exterior, antes de reduzi-lo, reunir a ferida do estomago por meio de sutura. Applicar continuamente no ventre pannos molhados em agua fria, e depois bichas.

Feridas do figado. Applicar na região do figado cataplasma de linhaça ou de fecula regada com agua vegeto-mineral 146. Bichas, sangria. Infusão de tamarindos para bebida 752.

Feridas dos intestinos. Acalmar a inflammação por meio de cataplasmas de linhaça 560 e bichas. O doente deve conservar-se em repouso, e abster-se completamente de alimentos e bebidas. Se o intestino ferido apparecer pela parte exterior, é necessario rête-lo e reunir a ferida por meio de sutura.

Feridas do larynge. Ligar os vasos que vertem sangue. Quando o sangue que tem penetrado nas veias aereas fôr expulso pelos esforços da tosse, proceder á reunião da ferida pelas tiras agglutinativas, posição, ataduras ou sutura. Combater a inflammação com antiphlogisticos. V. *Feridas do pescoço.*

Feridas da lingua. Para impedir a hemorrhagia, lavar a bocca com agua fria, agua e vinagre; comprimir a ferida com os dedos por algum tempo; applicar na ferida a solução de perchlorureto de ferro a 15° 468. Se estes meios não forem sufficientes, cauterizar com ferro em brasa.

Feridas da mão. As picadas, as feridas superficiaes, não apresentão perigo; mas quando o instrumento penetrou profundamente, a inflammação dos tecidos sub-aponevroticos provoca symptomas mui serios por causa do estrangulamento que resulta da inextensibilidade da aponevrose palmar. As feridas contusas provocão inflammação grave. A explosão de uma arma de fogo na mão produz lesões mui extensas. — Recorrer á irrigação contínua com agua fria durante tres ou quatro dias, para prevenir a inflammação; praticar, mais tarde, incisões necessarias para fazer cessar o estrangulamento; extrahir as esquirolas, envolver a mão n'uma cataplasma de linhaça, empregar todos os dias os manuluvios d'agua quente. Se a arcada palmar foi aberta, soster a hemorrhagia pela compressão com fios ou isca e atadura. Se não bastar a compressão, laquear dentro da ferida as duas extremidades da arteria. Se a laquedura não vedar a hemorrhagia, applicar ferro em brasa sobre os pontos sanguentos; e finalmente, se estas operações não forem sufficientes, laquear a arteria cubital e radial.

Feridas de máo caracter. Cauterização com caustico de Velpeau 164, ou massa caustica de Vienna 674.

Feridas do membro viril. Applicar pannos molhados em agua fria, e comprimir.

Feridas dos musculos. As feridas longitudinaes apresentão pouca separação, e só na flexão; as feridas transversaes, pelo contrario, apresentão uma separação ás vezes consideravel; são ás vezes acompanhadas de hemorrhagia. — Laquear as arterias, se deitarem muito sangue. Por meio de ataduras collocar a região na posição favoravel á reunião das margens. Applicar uma ligadura unitiva, formada com tiras de sparadrapo divididas na extremidade em tres pontos que se sobrepõem um sobre outros á maneira de telhas. Comprimir com chumaços por cima e por baixo da ferida. Curar com ceroto 72, ou cataplasmas de linhaça 560.

Feridas do nariz. Reunir as margens da ferida com encerado inglez 85, com encerado commum 84, ou pela sutura.

Feridas dos nervos. Uma dôr viva, a abolição da sensibilidade e dos movimentos n'uma parte, ou a abolição de uma só d'estas funcções, segundo que o nervo é mixto, sensitivo ou motor, acompanhão sempre a secção dos nervos. Os nervos divididos são susceptiveis de cicatrizar-se e de tornar a cobrar as suas funcções. — Collocar a parte na posição que favoreça a aproximação dos labios da ferida. Se as funcções dos musculos tardarem a apparecer, electrizar a região.

Feridas do olho. As feridas regulares da cornea, feitas com instrumento limpo, e as picadas que atravessão a cornea, sárão sem deixar vestigios. Pelo contrario, as contusões com ferida e as rasgaduras são seguidas de belida. Nas feridas da cornea com lesão do crystallino e do iris, sobrevem a cataracta traumatica e a irite. As complicações primitivas da ferida penetrante da cornea são a hernia do iris, se a ferida da cornea fôr algum tanto larga; a keratite, e o hypopyo. — Fechar o olho com tiras de encerado inglez 85; applicar na palpebra pannos molhados em agua fria; manter o doente na escuridão. Havendo hernia do iris, applicar sobre a palpebra o collyrio de belladona 309. Combater a inflammação consecutiva com bichas nas fontes.

Feridas das orelhas. Reunir os labios da ferida com tafetá 85, com encerado commum 84, ou pela sutura.

Feridas dos ossos. Toda a ferida do osso, um pouco consideravel, por incisão, deve ser considerada como fractura complicada: trata-se empregando a reunião immediata da pelle e a immobilidade.

Feridas das palpebras. Não differem das outras feridas senão porque as que são verticaes, e que occupão toda a espessura da pelle, tendem a cicatrizar-se isoladamente, por causa das contracções do musculo orbicular. — Reunir os labios da ferida com sutura, e applicar pannos molhados em agua fria.

Feridas das paredes do peito. Reunir a ferida pela posição e com tiras agglutinativas. Repouso. Silencio absoluto. Havendo laceração de algum vaso, praticar incisões sufficientes para descobri-lo e liga-lo. Se o pulmão foi offendido, sangria ou bichas; tapar a ferida exterior com encerado inglez 85. Se o pulmão tiver sahido pela ferida, fazer a sua reducção. Se a arteria intercostal estiver aberta, impedir a hemorrhagia pela compressão ou ligadura. Dar sahida á collecção que se tiver formado no interior da cavidade pulmonar pela operação do empyema. Mas esta operação não deve ser praticada senão depois de restabelecido o calor do corpo, e depois de

ter esperado sufficiente tempo, para certificar-se de que se acha solidamente cicatrizado o vaso que fornecia a hemorrhagia.

Feridas da parotida. Estas feridas merecem grande attenção, porque podem ser seguidas de cicatriz disforme ou de fistula. — Reunir com encerado inglez 85, e comprimir levemente.

Feridas do pescoço. As *feridas superficiaes* do pescoço não differem das feridas das outras regiões. Sárão pela simples posição, e reunem-se facilmente debaixo das tiras de encerado inglez 85, ou de encerado commum 84.

As *feridas profundas* podem, quando atravessão a região suprahyoidea, penetrar na cavidade da bocca. Estas feridas fazem grande abertura; oppõem-se á deglutição; os liquidos introduzidos na bocca sahem pela ferida. Quando as feridas occupão a região sub-hyoidea, offendem a trachea, o esophago, as arterias e as veias. As feridas do pescoço feitas pelos proprios individuos com o fim de suicidio, affectão ordinariamente a região da cartilagem thyroide, e os grandes vasos são quasi sempre respeitados.

Tratamento. Quando alguma ferida offende o *pharynge* introduzir, em primeiro lugar, pela bocca ou pelo nariz, a sonda esophagea para alimentar o doente. Reunir a ferida pela sutura, e collocar a cabeça na flexão por meio de ligadura apropriada. Soster a hemorrhagia do corpo thyroide com rolos de fios molhados na solução de perchlorureto de ferro 469; se houver ao mesmo tempo abertura da trachea, cuidar que o sangue ou fios não penetrem no interior d'este canal. — Se a arteria carotida foi aberta, comprimir com o dedo pollegar a arteria, abaixo da ferida, applicando fortemente o dedo contra as vertebras, para soster provisoriamente a hemorrhagia; laquear, depois, a arteria abaixo e acima da ferida.

As feridas da trachea e *do larynge* tem por caracter a sahida do ar pela ferida, ou o derramamento do ar no tecido cellular, e a aphonia. Devem ser reunidas com tiras de encerado inglez 85, e pela flexão forçada da cabeça sobre o tronco, ou pela sutura.

Feridas do pharynge. V. *Feridas do pescoço.*

Feridas dos pulmões. V. *Feridas das paredes do peito.*

Feridas dos rins. Bichas. Applicação contínua de pannos molhados em agua fria.

Feridas do rosto. Reunir as margens da ferida com encerado inglez 85 ou pela sutura.

Feridas dos seios. Geralmente fallando, não differem das outras feridas. Se attingem, porém, a glandula na epoca da amamentação, podem occasionar uma fistula lactea. — Em todos os casos, é preciso reunir os labios da ferida com encerado commum 84, ou tafetá 85.

Feridas do sobaco. Podem offender a arteria axillar ou os nervos do plexus brachial; d'onde resultão hemorrhagias mortaes, no maior numero dos casos, ou paralysias mais ou menos completas do braço. — Se a arteria axillar estiver offendida, comprimir a arteria subclavicular sobre a primeira costella, fazendo profundar o dedo atraz da parte média da clavicula depois de fazer abaixar o hombro. Este meio é só provisorio para soster a hemorrhagia; o meio definitivo consiste em ligar as duas extremidades da arteria axillar.

Feridas das sobrancelhas. Podem ser seguidas de cegueira, que é attribuida á lesão do nervo frontal, ou á commoção do olho. Curão-se com tiras de tafetá ou de encerado commum; quanto á cegueira, é incuravel.

Feridas dos tegumentos do craneo. Rapar a cabeça na vizinhança da ferida. Lavar a ferida com agua fria. Reunir as margens com

encerado inglez 85, ou com encerado commum 84. Mais tarde cataplasma de linhaça 560, ceroto 72, glycerina 501.

Feridas dos tendões. Contra as picadas dos tendões e contra os córtes longitudinaes, applicar nos dois primeiros dias pannos molhados em agua fria simples, ou misturada com aguardente camphorada e depois cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. As feridas transversaes causão a separação dos dois extremos do tendão dividido; curão-se pela simples posição. Assim, quando os tendões dos extensores dos dedos da mão são cortados, colloca-se a mão na extensão forçada por meio de atadura ou de apparelho inamovivel feito com gesso, dextrina ou silicato de potassa.

Feridas do testiculo. Applicar pannos molhados em agua fria. Cataplasma resolvente 147.

Feridas da trachea. V. *Feridas do pescoço.*

Feridas da urethra. Quando a ferida não é complicada de perda de substancia, sára espontaneamente, e só exige asseio. Quando a urethra tem experimentado alguma perda de substancia, introduzir n'este canal a sonda de gomma elastica, afim de prevenir o estreitamento. Curar a ferida com ceroto simples 72.

Feridas das veias. Menos graves do que as das arterias; a compressão é sufficiente para impedir a hemorrhagia.

Feridas do ventre. Favorecer a reunião da ferida pela posição, tiras de emplasto adhesivo, apparelhos compressivos e sutura. Reduzir as visceras se estas tiverem sahido. Combater os accidentes inflammatorios com cataplasmas de linhaça 560, e bichas.

Feridas da virilha. São graves por causa da presença da arteria femoral, cuja lesão é promptamente mortal, pela hemorrhagia; todavia a abertura da arteria póde ser só seguida da formação de aneurysma curavel. — Para soster provisoriamente a hemorrhagia, dobrar a coxa fortemente contra o ventre, e comprimir a arteria com os dedos sobre o osso do pubis. O meio definitivo consiste em ligar a arteria acima e abaixo do lugar em que foi aberta.

FERVOR DE SANGUE. V. Eczema.

FETO (Morte do). V. Morte da criança no utero.

FIGADO. Orgão secretor da bilis. Está situado por baixo do diaphragma, do lado direito, por traz das costellas mendosas que o protegem; occupa o hypocondrio direito, e uma parte da região epigastrica. No estado ordinario não excede a borda das costellas mendosas. Está sujeito a muitas molestias.

Figado (Abcesso do). V. pag. 858.

Figado (Calculos do). V. *Calculos biliares*, pag. 904.

Figado (Cancro do). V. pag. 907.

Figado (Cirrhose do). V. pag. 919.

Figado (Congestão ou Hyperemia do). Accumulação do sangue no figado, caracterizada pelo augmento de volume do orgão, peso e dôr no hypocondrio direito, dyspepsia, ictericia esclerotical. Desenvolve-se sob a influencia do excesso de regimen e da temperatura dos climas quentes. É ordinariamente de pouca duração; se persistir, transforma-se em hypertrophia.

Tratamento. Agua de Sedlitz 227, limonada de citrato de magnesia 584. Regimen sobrio, e mais vegetal do que animal. Ás vezes bichas. Contra a congestão occasionada pelos effluvios pantanosos, sulfato de quinina 741. Mudar de clima, se a congestão fôr devida e entretida pelas influencias locaes.

Figado (Contusão do). V. pag. 927.

Figado (Degenerescencia amyloide do). Alteração devida ao depo-

sito no interior do figado de uma substancia semelhante ao amido. O figado augmenta de volume, e toma côr cinzenta esbranquiçada; não ha dôr; a fórma do orgão é normal, mas a sua consistencia é mais dura; não ha ictericia, porém a ascite é frequente. Esta alteração do figado apparece no rachitismo, na tisica, syphilis constitucional, depois das diarrheas ou suppurações prolongadas, e na cachexia palustre. — *Tratamento :* Regimen analeptico, vinho de quina 684, pilulas de iodureto de ferro 535. Se existir syphilis constitucional, administrar o iodureto de potassio 537.

Figado (Degenerescencia gordurosa do), ou Figado gordo. Deposito de gordura nas cellulas hepaticas. É mais um incommodo do que uma molestia. Observa-se nos individuos que comem e bebem muito. Este estado é caracterizado pela sensação de plenitude no hypocondrio direito, augmento de volume do figado; não ha dôr nem ascite. — Comer poucas gorduras, usar de um regimen mais vegetal do que animal; fazer muito exercicio.

O figado gordo apparece tambem na tisica pulmonar : o tratamento deve ser dirigido contra a molestia principal.

Figado (Enfarte, engurgitamento ou induração do). Dão-se estes nomes á *hepatite chronica.*

Figado (Feridas do). V. pag. 988.

Figado (Hydatidas do). Tumores contendo vermes chamados *echinococos.* Os tumores hydaticos do figado não se conhecem senão depois de adquirirem grande volume, no fim de muitos mezes ou muitos annos de existencia, e revelão-se por um peso desagradavel, gastralgia, dyspepsia, e emfim pelo augmento de volume do figado. Quando são grandes, fazem proeminencia ao nivel das costellas mendosas do lado direito; são molles, pouco dolorosos, fluctuantes, elasticos, sem mudança de côr da pelle, e dão lugar pela percussão, a um certo ruido que provém da collisão das vesiculas em que se achão os vermes.

Tratamento. A essencia de terebinthina e os calomelanos, aconselhados internamente, tem pouco effeito. Punccionar o kysto com o trocate capillar e esvazia-lo; a simples evacuação do liquido produz a morte dos echinococos, e a atrophia do kysto. Póde-se deixar a canula 24 horas para determinar a inflammação do kysto, ou para injectar n'elle a tintura de iodo 531. Atacar o tumor por applicações successivas de potassa caustica ou chlorureto de zinco. Obtem-se tambem a morte dos echinococos pela electricidade; eis-aqui o modo de proceder : Introduzem-se no tumor duas agulhas douradas, e põem-se ambas em communicação com o pólo negativo da pilha de dez elementos; o pólo positivo, terminado por uma esponja humida, applica-se sobre a parede abdominal; depois faz-se passar a corrente durante dez a vinte minutos.

Figado (Hypertrophia do). Augmento do tecido glandular do figado, estado differente da congestão hepatica. Na hypertrophia o numero e o volume das cellulas hepaticas são augmentadas; são duplas ou triplices do volume natural. Na congestão ha só inchação produzida pela excessiva quantidade de sangue. A hypertrophia é consequencia da hepatite aguda, diabetes, cachexia paludosa, dysenteria, ou da habitação nos paizes quentes. É caracterizada pela dyspepsia, perda das forças, tez amarellada, peso no hypocondrio direito, augmento de volume do figado, que se verifica pela palpação e percussão; ás vezes ascite, anemia e melancolia.

Tratamento. Regimen composto de leite, vegetaes, peixe, feculas e d'agua pura. Fricções no hypocondrio direito com pomada de

iodureto de potassio 538. — Internamente : Sulfato de soda 743, ou de magnesia 585. Bicarbonato de soda 349. Pilulas de sabão medicinal 704. Pilulas de aloes 253. Calomelanos 602. Agua de Vichy 231, Vidago 232, Pedras Salgadas 220, Carlsbad 202, em bebida e banhos. Hydrotherapia 523. Duchas d'agua fria sobre o hypocondrio direito.

Figado (Inflammação do). V. HEPATITE.

Figado (Kystos do). Puncção com trocate, seguida de injecções de tintura de iodo misturada com agua 531.

FIGADO. Molestia cutanea. V. PSORIASE.

FIGO. V. EXCRESCENCIAS SYPHILITICAS.

FILARIOSE. Nome dado pelo Sr. Dr. Antonio José Pereira da Silva Araujo, medico da Bahia, a uma molestia cutanea, caracterizada pelas papulas e vesiculas, acompanhadas de um vivo prurido, produzidas por um animalculo parasita, descoberto em 1875 nas mesmas vesiculas por este distincto medico, que lhe chamou *Filaria dermathemica*. Este animalculo tem de comprimento um quarto a um terço de millimetro, e de largura, seis a nove millesimos de millimetro. O prurido, que occasiona, obriga o paciente a esfregar o lugar, despedaçando a vesicula ou exfoliando a epiderme que reveste a papula. A ruptura, com extravasação sanguinea, de uma ou muitas papulas, derramando, sobre a pelle e as roupas, animalculos, e os seus ovos, torna-se causa da propagação da molestia sobre a superficie cutanea. O *tratamento* consiste em lavatorios com agua phenica 158, ou fricções com glycereo phenico 158, depois de excoriar a elevação da pelle para destruir o animalculo, causa da molestia. Para maiores informações, veja-se a *Memoria sobre a Filariose*, publicada em 1875 na Bahia pelo Sr. Dr. A. J. Pereira de Silva Araujo.

FISSURA NO ANUS. Ulceração alongada e superficial da margem do anus, entre as rugas radiadas da membrana mucosa d'esta parte, com dôr viva e contracção espasmodica do musculo sphincter. — Combater a prisão do ventre com clysteres d'agua morna. Applicar com pincel sobre a fissura a mistura de 1 parte de chloroformio com 5 partes d'alcool. Cauterização com pedra infernal. Introduzir no anus mechas untadas com pomada d'extracto de ratanhia 693. Clyster contra as fissuras 693. Suppositorio com extracto de ratanhia 693. Se estes meios não forem sufficientes para curar a molestia, recorrer á incisão do sphincter do anus, ou á dilatação forçada. Esta ultima operação costuma ser precedida da chloroformização do doente : o cirurgião introduz os dois dedos pollegares no recto, e, puxando com força em duas direcções oppostas, rasga o sphincter. Feito isto, a pequena rasgadura sára em pouco tempo; então a dôr, a contracção espasmodica do anus e a prisão do ventre céssão como por encanto.

FISTULA. Ulcera em fórma de canal estreito, profundo, mais ou menos sinuoso, que sempre mareja materia, e que é entretida pelo estado morbido local, ou pela presença de corpo estranho. — Destruir as causas. Praticar injecções emollientes ou detergentes, taes como a agua de Labarraque 383, tintura de myrrha 622, tintura de iodo 531, solução de pedra infernal 300, licor de Villate 739, agua phenica 158.

Fistula do anus. É ordinariamente precedida do abcesso na região do anus, ou de hemorrhoidas; apresenta os symptomas seguintes : humidade contínua do anus; sahida mais abundante da materia pela compressão; dôr durante a defecação; uma pequena proeminencia ou tuberculo no meio do qual existe o orificio da fistula, e

que se acha na vizinhança do anus; ás vezes este orificio expelle ventosidades, etc. — O tratamento consiste em : 1° injecções no trajecto fistuloso com tintura de iodo 531, ou com solução de azotato de prata 300; 2° lavatorios ou semicupios com infusão de folhas de nogueira 625; 3° operação pela incisão. Fazendo esta operação deve o operador deixar intacto o sphincter do anus.

Fistula da cornea. É a consequencia das ulcerações da cornea ou das feridas obliquas d'esta membrana por instrumentos picantes. A abertura, que a forma, deixa escorrer contínuadamente o humor aqueo á medida que se produz; d'onde resulta um desapparecimento da camara anterior do olho, e uma propulsão do iris que se applica sobre a face posterior da cornea. A abertura da cornea fecha-se ás vezes espontaneamente : n'este caso o humor aqueo reforma-se, o globo ocular recobra a conformação primitiva; acontece, porém, que a fistula se reproduz passado certo tempo. Para cura-la, empregar os collyrios adstringentes 147, 248, 300, 313, 744, a occlusão methodica das palpebras, ou a cauterização *superficial* dos labios da fistula com pedra infernal.

Fistula dentaria. Tem lugar na gengiva, perto da raiz do dente cariado, ou no rosto. — Extrahir o dente cariado.

Fistula do estomago. É a consequencia da contusão ou da ferida do estomago; succede tambem ao cancro do estomago. — O *tratamento* palliativo consiste em tapar a abertura com um obturador, para impedir a sahida dos alimentos. A fistula que resulta do cancro é incuravel; outras podem sarar pela compressão ou sutura. Quando houver grande perda de substancia, póde fechar-se com um pedaço de pelle cortado na região vizinha.

Fistula lagrimal. Abertura do sacco lagrimal, pela qual sahem e se derramão pelo rosto as lagrimas, em vez de seguirem as vias naturaes. Começa por um tumor no angulo interno do olho; o tumor abre-se e fornece a principio pus, e depois um liquido mucoso-purulento misturado com lagrimas. A fistula lagrimal é devida, no maior numero dos casos, á inflammação chronica das vias lagrimaes, que produz um estreitamento ou obliteração do canal lagrimo-nasal. Não é raro que dependa de carie ossea.

Tratamento. Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Estas applicações, empregadas no começo da molestia, são sufficientes ás vezes para cura-la. O enfermo deve assoar-se frequentemente, e fazer esforços para aspirar o que se acha no nariz, depois de tapar a bocca e as ventas. Fazer injecções pelos pontos lagrimaes com a solução de azotato de prata 300, ou de tintura de iodo misturada com agua em porções iguaes 531. Se, ao cabo de duas ou tres semanas, a fistula não diminuir, destruir o estreitamento do canal nasal pela introducção de pequenas sondas. Este catheterismo é precedido pela incisão de um dos pontos lagrimaes. Introduzir no canal nasal um prego de ouro ou de prata, de cabeça furada, e cuja haste, que penetra no canal lagrimo-nasal, tem um diametro menor do que elle, de sorte que a cabeça, mergulhando no sacco lagrimal, tira as lagrimas que descem depois nas fossas nasaes entre a haste do prego e as paredes do canal. Deixa-se o prego no canal maior ou menor espaço de tempo, segundo a intensidade da fistula. No fim de alguns dias, observa-se melhora notavel; o resultado immediato é a cessação do lagrimejamento.

Fistula do larynge ou da trachea. Toca-la com pedra infernal, e comprimir. Reunir a fistula com sutura enrodilhada depois da divisão longitudinal ou transversal. Cortar sobre o pescoço um pedaço alon-

gado de pelle com um pediculo de 9 millimetros, enrolar este pedaço sobre a sua face cutanea, introduzi-lo assim na fistula previamente avivada, e atravessar tudo com dois alfinetes sobre os quaes se fará a sutura enrodilhada.

Fistulas osseas. São produzidas pelas lesões dos ossos. — Extrahir o sequestro.

Fistulas salivares. *Fistulas da glandula parotida.* Resultão das feridas da parotida ou das inflammações terminadas por suppuração. Distingue-se a fistula das outras ulceras d'esta região pela sahida de um humor viscoso, transparente, limpido, mais abundante durante a mastigação. A posição da fistula distingue-a das do canal de Stenon, porque as da glandula achão-se no angulo da região parotidiana, e perto da orelha. Os methodos curativos contra esta affecção são : 1° *Cauterização* com ferro em brasa ou com as substancias causticas. 2° *Compressão* directa sobre o orificio fistuloso. 3° *Injecções* com tintura de iodo ou solução de azotato de prata. 4° *Excisão* dos dois labios da ferida, e a reunião immediata das margens da solução de continuidade.

Fistulas do canal de Stenon. São determinadas pelas feridas do canal de Stenon : podem ser consecutivas a um abcesso do rosto, ou á ulceração provocada pela presença de um calculo ou de um corpo estranho no conducto excretor da glandula parotida. Reconhece-se esta affecção pelo corrimento da saliva, sobretudo no momento das comidas, ás vezes existe sobre o rosto um tumor molle que se esvazia pela compressão. Reconhece-se que a fistula pertence ao canal de Stenon pelos signaes seguintes : A abertura fistulosa é por diante da glandula parotida; o corrimento da saliva é mais abundante do que na fistula parotidiana, porque o canal dá passagem a toda a saliva segregada; é ás vezes possivel fazer penetrar um estylete pela fistula, e leva-lo até ao canal excretor.

Tratamento. 1° *Occlusão da abertura fistulosa.* Este methodo suppõe o canal de Stenon permeavel; consiste em processos seguintes:

a Sutura enrodilhada. Este processo convem nas feridas recentes do canal de Stenon.

b. Cauterização, afim de fechar o orificio fistuloso, e obrigar a saliva a passar pelas vias naturaes.

c. Compressão sobre a fistula, afim de suspender a sahida da saliva até á cicatrização da fistula.

d. Occlusão da ferida exterior, por meio de uma folha delgada de ouro, que se gruda com pez. Este processo é extremamente simples, e não apresenta inconvenientes.

2° *Abertura de uma via nova na cavidade bocal.* — Este methodo conta muitos processos que tem dado bons resultados.

Fistula do seio. Abertura de um canal formado nos tecidos do seio, depois de um abcesso determinado pelo engurgitamento lacteo, pela qual sahe um liquido lactescente, sero-purulento ou seroso. — Tocar a abertura fistulosa com pedra infernal. Fazer seringatorios com dissolução de azotato de prata 300, com vinho tinto, com dissolução de pedra-hume 257, com tintura de iodo 531, agua phenica 158, ou com licor de Villate 739.

Fistula urinaria. É todo o trajecto anormal que dá passagem á ourina. A abertura póde existir no recto, perineo, escroto, parede abdominal, membro viril no homem, ou vagina na mulher. — Destruir os obstaculos que se oppõem ao curso natural da ourina; restabelecer o calibre normal da urethra, curar os estreitamentos; destruir as carnosidades; introduzir e deixar por algum tempo uma

sonda na bexiga; tocar com pedra infernal a abertura fistulosa, e principalmente quando esta é mui pequena; tentar a sutura, a urethroplastia.

Fistula vesico-vaginal. Se durante o parto a cabeça da criança ficar por muito tempo applicada sobre o pubis, comprimindo-lhe as partes molles, sobrevem a gangrena nas paredes da bexiga, e na parte correspondente da vagina, forma-se uma escara que cahe no decimo ou duodecimo dia depois do parto, e deixa uma *fistula vesico-vaginal.* O corrimento contínuo da ourina pela vagina é o symptoma caracteristico d'esta molestia. — Muitas fistulas sárão espontaneamente; cumpre, pois, não ter pressa para operar. Se ao cabo de quatro mezes não sararem, recorra-se a uma das operações seguintes: 1.ª Sonda inamovivel na bexiga e tampão na vagina. 2.ª Cauterização das margens da fistula com pedra infernal, ferro em brasa ou cauterio electrico; mantendo ao mesmo tempo a sonda na bexiga. 3.ª Sutura. 4.ª Autoplastia, isto é, a obliteração da abertura fistulosa mediante um pedaço de pelle cortado na região vizinha.

FLATO HYSTERICO. V. HYSTERISMO.

FLATULENCIAS, Flatuosidades ou **Ventosidades.** Collecção de gaz no interior do estomago ou dos intestinos em consequencia de má digestão, ou de uma disposição particular. Exercicio depois de jantar. Café. Chá de macella, herva doce ou hortelã. Comidas temperadas com pimenta, gengibre. Pós digestivos 275, 350. Pós estomachicos 327, 685, 697. Pós anti-acidos 582. Pastilhas de Vichy 349. Magnesia calcinada 581.

FLORES BRANCAS. V. LEUCORRHEA.

FLUXÃO ou **INCHAÇÃO DO ROSTO, Fluxão dentaria** ou **Carregação dos dentes.** Engurgitamento do tecido cellular do rosto e das gengivas, occasionado pela irritação da polpa dentaria ou da membrana interna dos dentes. A *fluxão das gengivas* annuncia-se pela vermelhidão viva, com dôres que se fazem sentir por picadas; logo depois manifesta-se a inchação mais ou menos extensa, dura a principio, mas que se torna molle pouco a pouco, e se transforma em abcesso ao cabo de seis ou sete dias. As *fluxões do tecido laminoso das faces* tem symptomas inflammatorios mais intensos, são frequentemente occasionadas pelas dôres de dentes ou pelas operações que se praticão sobre estes orgãos; e estas dôres diminuem ou céssão completamente depois de formado o abcesso. Muitas vezes tambem as fluxões, em vez de terem o caracter phlegmonoso, são simplesmente *edematosas*: não são precedidas nem acompanhadas de dôres. — Preservar o rosto do frio. Tomar um suadouro 806 Applicar algodão cardado sobre o rosto. Cataplasma de linhaça 560, ou de fecula 461. Gargarejo emolliente 257.

FLUXO BRONCHICO. V. CATARRHO PITUITOSO.

FLUXO DE OURINA, Polyuria, Polydipsia, Diabetes insipido ou **falso.** Emissão abundante de ourinas aquosas, não doces, 5 a 15 litros por dia, acompanhada de sêde excessiva e fraqueza geral. Tintura de Marte tartarizada 475. Tannino 752. Cato 357. Alumen 257. Purgantes 804. Opio 638. Hydrotherapia 523.

FLUXO DE SANGUE. V. HEMORRHAGIA.

FOGAGEM. V. LICHEN.

Fogagem de dentes. V. ESTROPHULO.

FOME CANINA. Fome quasi insaciavel, acompanhada de afflicção tão grande, que determina desmaios quando não satisfeita. Escolher os alimentos que occupem o estomago por muito tempo: carne de vacca, carneiro, porco. Entre os medicamentos são aconselhados o sub-azotato de bismutho 735, opio 638 e gelo.

FONGUS HEMATODE. Especie de cancro no qual o tecido é molle, fungoso e produz hemorrhagias. Extirpação. Ligadura. Introduzir no interior do tumor agulhas ou linhas até produzirem suppuração.

FORMIGAMENTO. Comichão, como se formigas corressem sobre a pelle. Ás vezes occorrendo nos membros de um lado, este symptoma é precursor da apoplexia, do amollecimento cerebral ou da myelite.

FORMIGUEIRO. Nome *vulgar* de certas ulceras das pernas. V. ULCERAS.

FRACTURAS EM GERAL. A fractura é a solução de continuidade de um ou mais ossos, produzida ordinariamente por violencia exterior, e ás vezes pela contracção forte e subita dos musculos que se prendem aos ossos. — Reduzir a fractura, mantê-la com apparelhos. Prevenir e combater os accidentes. Havendo contusão forte, fazer applicações de pannos molhados em agua fria; apertar moderadamente o apparelho, renova-lo no fim de 24 horas; e, para vêr se está convenientemente apertado, visita-lo diariamente até cessar a inchação. A compressão não deve ser demasiada, afim de evitar a gangrena. Nunca estar surdo ás queixas do doente, e reformar o apparelho, sendo necessario. Se houver alguma ferida, reunir-lhe os labios com tiras agglutinativas. Recorrer á amputação se os musculos estiverem dilacerados, contusos, destruidos em grande extensão, e os ossos quebrados em esquirolas longas e multiplicadas, ou no caso de fractura de alguma articulação importante. Mas se a desordem não fôr tão grande que torne necessaria a amputação, cobrir a ferida, depois de feita a reducção, com panno fino, fenestrado e coberto de ceroto; depois applicar a ligadura de Scultet, se a fractura fôr nos membros. Repetir os curativos segundo a abundancia da suppuração. Combater os accidentes.

Quando os extremos fracturados forem collocados topo com topo, é preciso ainda, para obter a cura, mantê-los invariavelmente n'esta posição, durante todo o tempo necessario para a formação do callo. Para chegar a este resultado, recorre-se á posição e á applicação de *apparelhos*.

Os *apparelhos contentivos* das fracturas são numerosos. Os principaes são :

1° Apparelhos compostos de *ataduras, talas, almofadas, compressas*. Estes apparelhos reformão-se muitas vezes durante o tratamento.

2° *Apparelhos inamoviveis*. Dá-se este nome aos apparelhos destinados a permanecer todo o tempo necessario para a consolidação da fractura. São compostos de substancias molles ou semi-liquidas que tem a propriedade de se tornarem duras, algum tempo depois, de modo a formarem um molde solido que comprime o membro sobre toda a superficie, e mantem os fragmentos do osso topo com topo até á cura.

As substancias que se empregão principalmente para solidificar os apparelhos inamoviveis são : a *colla de amido*, a *dextrina*, o *gesso* e o *silicato de potassa*.

Apparelho inamovivel de Velpeau. Eis-aqui como se procede : Deita-se n'uma bacia a quantidade de dextrina que se quer empregar, e pulverizão-se os grumos que a humidade forma ás vezes n'esta substancia. Deita-se depois aguardente camphorada em quantidade sufficiente para formar massa espessa, que se deve amassar até que a superficie principie a pegar-se aos dedos. Lanção-se depois peque-

nas porções d'agua morna, que se incorporão successivamente amassando de novo; pouco a pouco ajunta-se assim bastante agua para ter um liquido da consistencia de mel. As melhores proporções são: dextrina 100 partes, aguardente camphorada 60 partes, agua 40 partes. Para a fractura da coxa são precisos 500 grammas de dextrina; para a perna 300 grammas, para o braço 180 grammas, assim como para o ante-braço. — Molha-se n'esta solução uma atadura de comprimento conveniente que se enrola depois espremendo o excesso de liquido. Applica-se, primeiro, ao redor do membro, uma atadura secca; applica-se por cima a atadura dextrinada, que se conduz de baixo para cima, tendo a precaução de cobrir as voltas successivamente, aos dois terços, aos tres quartos ou quatro quintos, evitando as inversões. Estende-se depois uma camada de dextrina sobre a superficie inteira do apparelho. Este torna-se secco no espaço de algumas horas, sobretudo tendo-se a cautela de suspender o membro e de expô-lo ao ar. Póde-se cercar o membro de talas de páo até ficar completamente secco. Para tirar este apparelho, o doente deve tomar um banho geral.

Os apparelhos inamoviveis não permittem verificar se os fragmentos do osso mudárão de lugar; e expõem á gangrena o membro quando este, inchando, experimenta uma constricção demasiado forte. Não podem servir senão quando definitavamente não se receiar a inchação, ou quando o trabalho de consolidação se acha bastante adiantado, para não necessitar mais do que ligeira observação, isto é, doze a quinze dias depois da fractura.

Sobrevindo inchação, depois da applicação do apparelho inamovivel, cumpre cortar este ao comprimento com tesoura; segura-se depois o mesmo apparelho com atadura, o que constitue o *apparelho amovo-inamovivel.* Póde-se tambem tirar completamente o primeiro apparelho, e substitui-lo inteiramente pelas novas ataduras, uma secca, outra coberta de colla de dextrina.

FRACTURA DO ANTE-BRAÇO. Fractura de ambos os ossos do ante-braço (*radio* e *cubito*). *Symptomas.* Deformação do ante-braço; fórma cylindrica d'este produzida pela approximação dos fragmentos do lado do centro do membro; dôr e crepitação.

Tratamento. Dar ao ante-braço o comprimento e direcção normal; pôr o ante-braço em supinação; porque se estivesse em pronação, o radio cruzaria o cubito, e os fragmentos consolidar-se-hião viciosamente. Applicar duas talas da largura do ante-braço, uma palmar e outra dorsal, sobre duas compressas graduadas, pyramidaes, postas ao longo do espaço interosseo; ou sobre rolhas cortadas ao meio no sentido do seu comprimento, postas sobre a pelle ou por cima de uma ligadura enrolada. Manter o apparelho com tres fitas guarnecidas de fivelas, com que se póde apertar o apparelho quando vier a afrouxar-se. Em lugar das fivelas podem-se fazer nós. Estas ligaduras podem ser substituidas por tiras de sparadrapo de diachylão, dispostas de distancia em distancia. Evitar uma compressão muito forte, por causa da posição superficial das arterias e das veias. Reformar o apparelho cada 10 ou 12 dias. Sustentar o ante-braço com um lenço suspenso ao pescoço. A fractura, para consolidar-se, exige de 35 a 40 dias.

A *fractura do radio* ou *do cubito*, cada uma separadamente, exige o mesmo curativo.

FRACTURA DA BACIA. V. FRACTURA DOS OSSOS ILIACOS.

FRACTURA DO BRAÇO ou **DO OSSO HUMERO. — Fractura da parte média** ou **do corpo do humero.** *Symptomas.* Dôr, crepitação;

mobilidade anormal, deformação do membro no caso de deslocação dos fragmentos.

Faz-se a *reducção* exercendo a extensão no ante-braço dobrado sobre o braço, e a contra-extensão no hombro. Estando o ante-braço dobrado sobre o braço, enrola-se todo o membro, desde a ponta dos dedos até á axilla, com uma atadura circular; applicão-se depois, sobre as quatro faces do braço, 4 saquinhos de paina, e por cima d'estes, 4 talas de madeira. Segurão-se as talas com 3 pedaços de cadarço, ou antes com 3 correias guarnecidas de fivelas. Muitas vezes não se applica a tala pela parte interna. Depois de applicado o apparelho, sustenta-se o ante-braço com um lenço suspenso ao pescoço; e é bom segurar o braço, ao menos durante os quinze primeiros dias, com uma toalha passada ao redor do corpo. Em 30 a 40 dias a fractura está consolidada.

O apparelho inamovivel póde igualmente ser applicado na fractura do corpo do humero : mas deve ser observado com cuidado para evitar a falsa articulação.

Fractura da extremidade superior do humero. *Symptomas.* Dôr no hombro, inchação, crepitação. — A ausencia da deslocação torna inuteis, no maior numero dos casos, as tentivas de reducção. Para conter a fractura, encostar o braço ao corpo, mantê-lo n'esta posição com uma toalha applicada á rodo do corpo e sustentar o antebraço com um lenço suspenso ao pescoço.

Fractura da extremidade inferior do humero. Deformação do cotovelo, dôr, crepitação. — Para operar a reducção, faz-se abarcar o braço com as mãos por uma pessoa; outra pessoa pratica a extensão sobre o ante-braço meio dobrado; e o cirurgião executa a coaptação repellindo para traz o fragmento superior, e para diante o fragmento inferior. Para manter os fragmentos no seu lugar, rodeia-se primeiro a mão, o ante-braço e o braço com uma atadura; põem-se depois talas de papelão molhado, uma do lado da flexão, outra do lado da extensão, fendidas nos lados ao nivel do cotovelo dobrado; estas talas segurão-se com uma segunda atadura enrolada. A cura exige de 50 a 60 dias; mas o apparelho deve ser reformado cada 15 dias; o far-se-hão executar alguns movimentos á junta do cotovelo para prevenir a rijeza articular.

FRACTURAS DA CABEÇA. Nas fracturas da cabeça, que não são acompanhadas nem de commoção, nem de compressão do cerebro, basta praticar a sangria do braço, applicar no lugar fracturado pannos molhados em agua fria, e conservar o doente em repouso. Havendo symptomas de commoção cerebral (tonturas, perda de movimento e da falla, modorra), excitar primeiro os movimentos do coração com chá de herva cidreira ou de folhas de laranjeira; e depois praticar a sangria do braço. Se existirem symptomas de compressão do cerebro, produzida pelo sangue ou pelas esquírolas (modorra; insensibilidade, paralysia), recorrer á operação do trepano.

FRACTURA DA CLAVICULA. *Symptomas.* Dôr local viva, impossibilidade ou difficuldade de mover o braço sem soffrer dôres; hombro abaixado; cabeça e corpo inclinados do lado da fractura; fragmento externo enterrado, o interno proeminente; crepitação, mobilidade anormal.

Reduz-se facilmente esta fractura empurrando o hombro para cima e para fóra, o que se obtem puxando o cotovelo para cima, para diante e para dentro. Feito isto applica-se o apparelho.

Para este apparelho é necessario preparar : 1º uma almofodinha cuneiforme feita com pedaços de panho velho; 2º um pedaço qua-

drado de panno de linho bastante forte, e de dimensões taes que, depois de dobrado em triangulo, possa rodear o peito. Faz-se sentar o doente n'uma cadeira; uma pessoa levanta-lhe o braço do lado da fractura; e segura-o em angulo quasi recto com o corpo; põe-se a almofadinha na axilla, e segura-se n'esta posição com dois cadarços que, adaptados aos angulos superiores, se atão sobre o hombro do lado bom, depois de passados um por diante outro por detraz do peito. Depois de dobrado o ante-braço sobre o braço, encosta-se este ao peito, e dirige-se para diante e para dentro, em quanto se empurra a almofadinha para cima. D'esta maneira dirige-se o hombro para fóra, para traz e para cima. Estando o braço mantido n'esta posição, e descançando a face palmar da mão no peito, applica-se por diante do ante-braço o panno triangular de modo que o meio da base virada para cima corresponda ao nivel do quarto inferior do braço, e que a dupla ponta, opposta a esta base, penda diante e debaixo do ante-braço. Passão-se as duas longas extremidades do triangulo, uma para traz e outra para diante do peito, do lado opposto do thorax, para alli ficarem convenientemente apertadas, e atadas ou seguras com alfinetes. Levão-se então as duas pontas pendentes de baixo para cima entre o ante-braço e o peito, de modo que o cotovelo, o ante-braço e a mão fiquem inteiramente cobertos; dirigem-se estas pontas separadamente, uma obliquamente do lado do hombro são, outra perpendicularmente contra o osso quebrado, e levão-se para traz aonde se fixão á parte do triangulo atado nas còstas. Se as pontas não tiverem comprimento sufficiente, cose-se-lhes a cada uma d'ellas um cadarço que se leva por cima de cada hombro, por detraz do peito, para alli se atarem um com outro. Póde-se interpôr uma compressa graduada entre a clavicula fracturada e a tira, afim de assegurar melhor a coaptação. Ainda quando solidamente applicado, afrouxa-se este apparelho passados alguns dias, é pois necessario tornar a applica-lo de vez em quando, até á perfeita consolidação da fractura, a qual se effectua ao cabo de 20 a 30 dias.

Em lugar d'este apparelho póde-se applicar o seguinte : 1° Pôr debaixo do braço uma almofadinha cuneiforme, e segura-la com dois cadarços, que, cosidos aos angulos superiores, se atão sobre o hombro do lado são, depois de passados á roda do pescoço. 2° Encostar ao peito o braço do lado da fractura, e segura-lo cam uma cinta (faxa do corpo) feita com toalha. 3° Sustentar o ante-braço com um lenço suspenso ao pescoço.

FRACTURA DO COCCYX. Dôr local. — Para obter a consolidação da fractura, basta só o repouso.

FRACTURA DA COLUMNA VERTEBRAL. Dôr que augmenta pela pressão, e pelos movimentos do doente; paralysia, se houver lesão da medulla pelos fragmentos deslocados. — Repouso, applicação de pannos molhados em agua fria.

FRACTURA DA COSTELLA. Dôr que augmenta pela compressão, respiração, tosse; crepitação (ás vezes); emphysema; escarros de sangue, se o pulmão foi ferido pelo fragmento do osso, o que raras vezes acontece. — Tornar immovel o thorax por meio de uma cinta (faxa do tronco) feita com toalha. Consolidação no fim de 20 a 30 dias.

FRACTURA DA COXA ou **DO OSSO FEMUR.** — Fractura do corpo do femur. *Symptomas :* Dôr, impossibilidade de apoiar-se sobre o membro; mobilidade anormal; crepitação; convexidade da parte anterior da coxa, que fica mais curta, comparando-se com a outra.

Faz-se a *reducção* por meio da extensão, contra-extensão e coaptação. Deitado o doente na cama, uma pessoa abrange solidamente com uma das mãos a parte superior e inferior do calcanhar; agarra a parte anterior do pé com a outra mão, applicando a face palmar dos quatro ultimos dedos sobre o peito do pé, o dedo pollegar sobre a planta, e executa sobre o pé as tracções necessarias para dar ao membro inferior o comprimento e direcção normaes; a ponta do pé deve acharse para diante. Ao mesmo tempo, outra pessoa mantem solidamente a bacia, apoiando com força as duas mãos sobre as espinhas iliacas. Se estas manobras não bastão para dar ao membro a conformação normal, isto é, para os extremos fracturados se collocarem topo com topo, o cirurgião faz a coaptação executando pressões sobre os pontos onde os fragmentos fazem proeminencia. Para manter a reducção recorre-se a um dos apparelhos seguintes :

1° *Ligadura de Scultet.* Forma-se com as peças seguintes : 5 pedaços de cadarço, uma toalha da largura de 1 metro e pouco mais comprida do que o membro fracturado, talas, saquinhos, tiras da largura de 8 centimetros e com sufficiente comprimento para darem volta e meia ao redor do membro; o numero das tiras deve ser tal, que cobrindo-se umas com as outras na metade de sua largura, possão rabanger totalmente a coxa ou a perna. Todas estas peças devem ser dispostas da maneira seguinte : Estende-se a toalha em cima de uma mesa; applicão-se depois sobre esta toalha e principiando a 5 centimetros da sua margem superior, as tiras, tendo o cuidado que cada tira inferior cubra a metade d'aquella que se acha immediatamente por cima. Convem ter tiras de comprimento differente e proporcionado aos diversos diametros da perna e da coxa. Enrolão-se então duas talas compridas nas duas margens da toalha, uma tala na margem interna da toalha, outra na margem externa, de maneira que formem dois rolos que vão ao encontro um do outro. Os pedaços de cadarço servem para segurar juntas todas estas partes.

Este apparelho applica-se da maneira seguinte : Desenrola-se a toalha, tirão-se as talas, e mette-se a toalha coberta com as tiras debaixo do membro fracturado, tendo o cuidado de que o meio das tiras corresponda ao eixo do membro. Depois de reduzida a fractura, como acima fica dito, faz-se a applicação das tiras ao redor do membro, continuando ao mesmo tempo a extensão e a contra-extensão. Para fazer esta applicação deve o cirurgião collocar-se do lado externo do membro, e um ajudante do lado opposto. O cirurgião pega na extremidade, correspondente ao seu lado, da tira inferior do apparelho; rodeia com ella um pouco obliquamente as faces externa, anterior e interna do membro; depois do que o ajudante executa a mesma manobra com a extremidade da mesma tira do seu lado. O cirurgião toma então a extremidade externa da segunda tira que dispõe como a primeira, e o ajudante torna a fazer outro tanto do seu lado; e assim continuamente procedendo do mesmo modo com todas as tiras que compõem o apparelho, até que se chegue á ultima em cima, e tendo sempre o cuidado de as cobrir successivamente, a tira inferior com metade da superior. Enrolão-se depois, nos dois lados da toalha, duas talas de comprimento desigual; uma para o lado externo e outra para o lado interno do membro, desde a crista iliaca e a tuberosidade sciatica até além do pé.

Applicão-se, sobre a face anterior da perna e da coxa, duas outras talas proporcionadas ao comprimento d'estas partes do membro, e entre o membro e as talas interpõem-se saquinhos de paina, ou

de outra substancia analoga, de comprimento conveniente. Fixa-se todo o apparelho com cinco ligaduras, tres na coxa e duas na perna. Afim de prevenir qualquer deviação da ponta do pé, segura-se este com uma tira, cuja parte média se applica sobre a planta e cujas pontas se cruzão no peito do pé, e fixão-se depois com alfinetes na toalha que envolve o membro. Ficará o calcanhar em falso por meio de chumaços, para se evitarem dôres e excoriações, a que esta parte fica sujeita em razão da compressão que soffre.

2° *Apparelho de extensão contínua.* O apparelho de Scultet nem sempre se oppõe á deslocação dos fragmentos. Para prevenir esta deslocação, sobretudo nas fracturas obliquas, cumpre exercer sobre o fragmento inferior uma tracção permanente, ao mesmo tempo que, pela applicação de uma força que actua em sentido inverso, se impede que o superior obedeça a esta tracção. Forão imaginados muitos apparelhos para preencher esta dupla indicação. O mais simples é o seguinte que se adapta ao apparelho de Scultet : Applica-se sobre os lados externo e interno da perna uma larga tira de encerado de diachylão gommado, de maneira que a sua parte média corresponda á planta do pé, excedendo-a um pouco; forma assim uma especie de presilha. Fixa-se com outras tiras circularmente dispostas em volta da perna. No annel formado pela primeira tira, passa-se uma fita de caoutchouc, que se ata ao pé da cama. A contra-extenxão faz-se por meio de um lençol applicado na parte superior e interna da coxa, e atado á cabeceira da cama. Graças á elasticidade do caoutchouc, obtem-se uma extensão contínua, porém, branda, gradual, que não é penosa ao doente, e cuja acção incessante restitue á coxa o seu comprimento normal. — Ha um apparelho de Boyer. Ha tambem um apparelho de extensão contínua de Bonnet, formado de uma goteira solida que abraça simultaneamente os dois terços posteriores do membro fracturado e os dois terços posteriores da bacia e do abdomen. Por meio de uma corda e de uma roldana fixa no tecto, o doente póde por si mesmo levantar-se horizontalmente á altura mais ou menos consideravel acima do plano da cama, o que lhe permitte satisfazer certas nocessidades sem occasionar movimentos nos fragmentos do osso.

A fractura do corpo do femur exige 50 a 60 dias para consolidar-se nos adultos; 40 dias nas crianças.

3° *Apparelho inamovivel.* Ha d'elle muitas especies. O apparelho de Velpeau faz-se do modo seguinte : Rodeia-se o membro com um panno secco que o cobre em todo o seu comprimento; por cima d'este panno applica-se um primeiro plano de ligadura enrolada dextrinada, estendida desde os dedos do pé até á raiz da coxa. Applicão-se depois ao comprimento do membro tres talas de papelão, uma por diante, outra por detraz, que occupão todo o comprimento do membro, e a terceira pela parte de fóra, que se estende desde o calcanhar até perto da fossa iliaca. Segurão-se estas talas com segunda ligadura enrolada dextrinada, que se prolonga o mais alto possivel do lado da nadega, e que rodeia toda a pelve em fórma de espiga. Afim de assegurar a extensão do membro, durante o tempo que é necessario para o apparelho seccar, applica-se por cima do peito do pé a parte média de uma tira cujas duas pontas se fixão ao pé da cama; faz-se a contra-extensão por meio de toalha dobrada á maneira de gravata, e cujas duas pontas, depois de passarem uma sobre a virilha e outra atraz da coxa, vão fixar-se á columna da cabeceira da cama.

Fractura do collo do femur. É produzida pela quéda sobre a

nadega, planta do pé ou joelho. Conhece-se pelas dôres na anca, falta de movimentos, impossibilidade de andar, o membro mais curto, o pé e joelho voltados para fóra.

A *reducção* executa-se fazendo manter a bacia por uma pessoa, e fazendo praticar a extensão sobre o pé por outra pessoa. Para dar boa direcção ao membro, dirije-se o pé de fóra para dentro, imprimindo-lhe o movimento de rotação n'este sentido. Feita a reducção, colloca-se a coxa e a perna, sobre duplo plano inclinado, feito de duas taboas articuladas em fórma de estante. O membro descança em meia flexão sobre estas taboas guarnecidas de toalhas. Sujeita-se o pé a uma sola fixa ao apparelho; e para exercer sobre a bacia a contra-extensão contínua, passa-se debaixo da virilha do lado da fractura um lençol dobrado cujas pontas se fixão á cabeceira da cama. A cama deve ser dura e bem horizontal, com um travesseiro pouco espesso, afim de que o peso do corpo não empurre o fragmento superior. O apice do plano inclinado acha-se debaixo do joelho, estando a coxa fixa sobre um dos planos com um lenço, a perna sobre outro plano fixa com outro lenço, e o pé solidamente atado á sola. O doente deve ficar dois mezes com o apparelho e na cama, e só no terceiro póde dar alguns passos com o auxilio de muletas. Apezar de todos os cuidados, raras vezes a união se faz topo com topo, e por isso ficão os doentes com a coxa mais curta, e com alguma claudicação.

FRACTURA DOS DEDOS DA MÃO. Dôr, deslocação dos fragmentos, crepitação, ás vezes feridas e pisaduras das partes molles. — Reduzir os fragmentos puxando levemente pelo dedo quebrado, segurando ao mesmo tempo no punho; rodeia-se depois o dedo com um cadarço estreito; por cima do cadarço applicão-se duas talas de papelão sobre a face superior e inferior do dedo, e segurão-se com o mesmo cadarço; feito isto, approximão-se todos os dedos uns aos outros, e envolve-se a mão inteira com uma atadura de 5 centimetros de largura; 25 a 30 dias são sufficientes para a consolidação.

Para evitar a rijeza articular, alguns cirurgiões preferem manter o dedo em meia flexão do que em extensão. Emprega-se para este fim o apparelho formado de uma compressa comprida, que se applica sobre a face palmar do dedo, e por cima da qual se colloca uma tala de papelão levemente curvada, e mantida com tiras de sparadrapo que rodeião o dedo.

Nas fracturas com ferida contusa e com muitas esquírolas, cumpre amputar immediatamente se a desordem das partes molles e duras é mui extensa; senão, empregar durante os dois primeiros dias as applicações de pannos molhados em agua fria, e em agua tepida nos dias seguintes.

FRACTURA DOS OSSOS ILIACOS. — **Fractura da crista iliaca.** Dôr, contusão, difficuldade de andar; de ordinario não ha deslocação dos fragmentos, mas quando ella existe o fragmento acha-se um pouco para dentro. Dobrar fortemente a coxa, para restituir o fragmento ao seu lugar; applicar pannos molhados em agua fria, e apertar a bacia com uma toalha passada á roda do corpo. O doente estará deitado de costas, e conservará repouso absoluto.

Fractura do pubis. É o resultado da quéda de um peso enorme sobre a parte anterior da bacia, ou da quéda do paciente de grande altura sobre o chão. — Reduzir os fragmentos, extrahir as esquírolas, applicar pannos molhados em agua fria misturada com um pouco de aguardende camphorada, ou em agua vegeto-mineral 146.

Fractura do ischion. Estas fracturas sobrevem nas quédas sobre as nadegas. — Repouso na cama, se não ha deslocação; havendo-a, o doente estará deitado de costas, com a bacia um pouco levantada, e as pernas levemente dobradas.

FRACTURA DOS OSSOS DO METACARPO (Ossos da mão). Dôr mobilidade anormal, crepitação. — Se a fractura é simples, approximar os dedos uns dos outros, applicar duas pequenas talas de papelão sobre o lugar correspondente á fractura, e envolver a mão com atadura. A consolidação faz-se em 20 ou 30 dias. Se a fractura fôr complicada com contusão e dilaceração das partes molles, como acontece nas feridas por armas de fogo, extrahir as esquírolas, e combater a inflammação com pannos molhados em agua fria, applicados durante os dois primeiros dias, e depois com cataplasmas de linhaça ou de fecula. Se a desordem fôr demasiado grande, praticar a amputação da mão.

FRACTURA DOS OSSOS DO NARIZ. Póde ser simples ou multipla; os fragmentos podem conservar-se em contacto ou enterrar-se do lado das fossas nasaes; os tegumentos achão-se em geral contusos ou divididos. — O tratamento varía segundo os fragmentos conservão ou não as suas relações. No primeiro caso, basta applicar durante alguns dias pannos molhados em agua fria; no segundo, cumpre levantar os fragmentos com a sonda ou pinça introduzida dentro do nariz, em quanto que com os dedos da outra mão se ajuntão os fragmentos no exterior. Se a reducção é difficil de manter, introduz-se, e deixa-se dentro do nariz, um tampão de fios, ou um canudo de penna coberto com envoltorio molle. Combater a hemorrhagia com lavatorios d'agua fria ou levantando o braço; reunir os labios das feridas; não tirar as esquírolas senão quando ellas estiverem completamente separadas.

FRACTURAS DA OMOPLATA. Dividem-se em fractura do *corpo do osso*, do *acromion* e da *apophyse coracoide*.

Fractura do corpo da omoplata. Dôr local, que augmenta pela pressão, pela tosse e pelos movimentos do braço; ás vezes ha ecchymose; a mobilidade dos fragmentos é difficil de verificar. — Manter o braço encostado ao peito, por meio de um lenço suspenso ao pescoço, e de uma cinta passada á roda do corpo; e recommendar o repouso.

Fractura do acromion. Dôr que augmenta pelos movimentos do braço; ecchymose mais ou menos extensa; mobilidade anormal; deformação e crepitação. — Reduz-se esta fractura puxando o braço para cima. Mantem-se a reducção fixando o braço no peito com um lenço suspenso ao pescoço, e com uma toalha passada ao redor do corpo.

Fractura do apophyse coracoide. Sustentar o braço com um lenço suspenso ao pescoço, durante todo o tempo necessario para a consolidação (20 a 30 dias).

FRACTURA DO PÉ. Não ha deslocação nas fracturas das phalanges dos dedos do pé e dos ossos do metatarso; e as fracturas d'estes ossos exigem só repouso, applicação de pannos molhados em agua fria, e, depois, cataplasmas de linhaça ou de fecula para combater a inflammação. Nas fracturas do calcaneo ha deslocação do fragmento superior para cima; e esta deslocação augmenta durante a extensão da perna e flexão do pé. Cumpre, n'este caso, estender o pé e dobrar a perna; exercer a pressão directa sobre os fragmentos postos em contacto, por meio de um dos apparelhos empregados na

ruptura do tendão de Achilles, ou mediante uma tira de sparadrapo, que, passando ao redor do calcanhar, venha cruzar-se no peito do pé.

FRACTURA DA PERNA. — **Fractura de ambos os ossos da perna.** (*tibia* e *peroneo*). Dôr, impossibilidade de andar, mobilidade anormal, crepitação, deformação da perna. — A reducção faz-se praticando a contra-extensão sobre o joelho e a extensão sobre o pé. Deitado o doente de costas, com a perna descansando nas almofadas e a coxa levantada, uma pessoa passa-lhe ambas as mãos á roda da coxa perto do joelho. em quanto que outra pessoa, segurando o pé com uma das mãos e o calcanhar com a outra, colloca a perna na direitura natural, virando o pé um pouco para dentro, e fazendo tracções graduadas na direcção da perna. A coaptação consiste em comprimir levemente os fragmentos até se acharem defronte um do outro, o que se conhece correndo-se os dedos sobre a face interna da tibia. Applica-se então a ligadura de Scultet, semelhante áquella que se emprega na fractura da coxa, da qual só differe pelo comprimento menor nas diversas peças que a compõem. A consolidação exige 40 a 50 dias.

Póde-se tambem empregar o apparelho inamovivel, dextrinado.

Fractura da tibia. Dôr local, augmentada pela pressão; desigualdades sobre o trajecto da crista da tibia; mobilidade e crepitação percebidas quando se comprimem os fragmentos em sentido contrario. — O mesmo modo de reducção, e o mesmo apparelho que na fractura de ambos os ossos da perna.

Fractura do peroneo. Quando a fractura tiver lugar na porção inferior do osso, é caracterizada pela crepitação, mobilidade dos fragmentos, e deviação do pé para fóra; mas se existir na porção superior do osso, os signaes são muito obscuros : a dôr, a inchação e a difficuldade de andar são os unicos symptomas que se notão. — Collocar o pé na direcção normal com a perna, e applicar o apparelho. Este apparelho compõe-se de um saquinho de paina, de comprimento igual ao da perna, dobrado sobre si em fórma de cunha, que se applica sobre o lado interno da perna, com a base dirigida para baixo, e pousando no malleolo interno, sem excedê-lo; o apice dirigido para cima apoia-se na porção superior da tibia. Por cima do saquinho applica-se uma tala mais comprida do que a perna, de maneira que exceda inferiormente a planta do pé 8 centimetros. Fixa-se o saquinho e a tala com ligadura circular, que se estende desde a parte inferior do joelho até ao meio da perna, onde se segura com alfinete. Applica-se então sobre a margem externa do pé, por baixo do malleolo, outra atadura, que se passa por cima da tala interna, e cujas voltas se cruzão no peito do pé. Esta atadura puxa o pé para dentro, e oppõe-se a que elle vire para fora. O doente deve conservar o apparelho durante 30 a 40 dias, tempo necessario para a formação do calo.

FRACTURA DO QUEIXO INFERIOR. As fracturas do *corpo* do queixo inferior são caracterizadas pela dôr, inchação, deformação, crepitação e a mobilidade impropria. As fracturas do *collo* distinguem-se, pela dôr, difficuldade nos movimentos, crepitação, immobilidade do condylo nos movimentos do queixo, e pela depressão adiante do conducto auditivo externo.

Reduzir os fragmentos e applicar o apparelho que se faz com um panno de linho do comprimento de 1 metro, e da largura de 10 centimetros, fendido em cada uma das extremidades até 8 centimetros do meio do comprimento. Applica-se a parte média d'este panno sobre o queixo inferior; dirigem-se as duas extremidades

para a nuca, onde se cruzão, e depois dirigem-se para diante sobre as fontes e a testa, onde se fixão com um alfinete. Passão-se as outras duas extremidades do panno sobre os angulos do queixo inferior, sobre as orelhas, e fixão-se no apice da cabeça com um alfinete. A fractura consolida-se em 30 dias. Durante o tempo da consolidação o doente evitará o movimento do queixo, ficando só no uso de caldos ou alimentos liquidos para não ser obrigado a mastigar.

FRACTURAS DO QUEIXO SUPERIOR. Dôr, crepitação, mobilidade dos fragmentos.—Collocar no seu lugar os fragmentos, e fixa-los aos dentes vizinhos com um fio de retroz, ou com atadura semelhante á que se applica na fractura do queixo inferior.

FRACTURAS DA ROTULA. Nas *fracturas transversaes* o joelho incha, torna-se doloroso e apresenta uma deformação especial; a rotula fica achatada e alongada; entre os dois fragmentos existe uma separação transversal que augmenta pela flexão, e diminue pela extensão da perna : approximando os fragmentos, póde-se roçar um pelo outro e sentir a crepitação. As *fracturas verticaes* são tambem caracterizadas pela contusão, dôr, inchação, separação lateral dos fragmentos; as *fracturas multiplas* pela inchação e crepitação mais evidente.

Os apparelhos que se empregão para as **fracturas transversaes** tem por fim approximar os fragmentos da rotula quebrada; são :

Apparelho de Cooper. Collocar o membro sobre um plano inclinado ascendente composto de travesseiros, que principiando na nadega, seja bastante alto para levantar o calcanhar 50 a 60 centimetros acima da cama. Rodear o membro com uma atadura, desde o pé até ao joelho. Depois de approximados os fragmentos, applicar longitudinalmente sobre os lados da rotula dois cadarços; dar por cima d'estes cadarços muitas voltas de atadura para estas formarem um annel por baixo do fragmento inferior, e outro annel por cima do fragmento superior. Atar, sobre os dois anneis da atadura, as duas extremidades de cada cadarço lateral. Os anneis são d'esta maneira approximados, e empurrão os fragmentos um para o outro.

Apparelho de Boyer. Compõe-se de uma goteira bastande longa, para estender-se desde o meio da coxa até abaixo da barriga da perna, e assaz profunda para conter os dois terços da espessura do membro. Os lados apresentão de cada lado pregos de cabeça arredondada, collocados a distancia uns dos outros, e proprios para segurarem correias que passão e se cruzão uma por cima do fragmento superior, outra por baixo do fragmento inferior, de modo a approximar os dois fragmentos um ao outro.

Apparelho inamovivel de Velpeau. Depois de collocado o membro na extensão moderada, e approximados os dois fragmentos o mais possivel, envolve-se o joelho n'um panno fino e secco; applicão-se em travez, por cima e por baixo da rotula, compressas graduadas que se mantem com voltas de atadura cruzando-se obliquamente na curva da perna. Applica-se depois um primeiro plano de ligadura enrolada, molhada na colla de dextrina, desde o pé até á virilha. Colloca-se uma lamina de papelão, molhada em agua, sobre toda a face posterior do membro, desde o calcanhar até á nadega, e mantem-se com dois outros planos de ligadura enrolada molhada na colla de dextrina.

Fracturas verticaes. Applicar sobre os dois lados da rotula compressas graduadas proprias para approximarem os fragmentos; e mantê-las com tiras de sparadrapo. — A fractura da rotula exige, termo médio, dois mezes e meio para consolidar-se. Nos ultimos dias,

'az-se executar á perna pequenos movimentos, para evitar a ankyose, consequente de longa immobilidade.

FRACTURA DO SACRO. Dôr, contusão, proeminencia do lado la face posterior do sacro produzida pelo encontro dos dois fragnentos; esta proeminencia torna-se mais apparente quando se :arrega no apice do osso. — Repouso na cama; o doente deitar-se-ha le costas. No caso de deslocação dos fragmentos, reduzem-se estes :om o dedo introduzido no recto. Se a posição não fôr sufficiente, ntroduzir e deixar no recto um páo cónico ou uma canula de prata.

FRACTURA DO STERNON. É ordinariamente transversal ou)bliqua. E' caracterizada pela dôr, pela sensação de estalo percebida)elo doente, pela inchação, pela deformação se os fragmentos se leslocárão, e pela crepitação. — Tornar o peito immovel por meio le uma toalha passada ao redor do corpo. A fractura consolida-se ɜm 30 a 40 dias.

FRACTURA DAS VERTEBRAS. Quando as vertebras se fractu-rão pelos seus corpos nada póde fazer a cirurgia, porque taes offensas são sempre acompanhadas de grandes lesões na medulla espinhal, ɜ por consequencia mortaes; porém sendo fracturadas pelas apophyses; sárão com o repouso e pelas applicações de pannos molhados ɜm agua fria misturada com aguardente camphorada.

FRAMBOESIA. V. BOUBAS.

FRAQUEZA. Falta de forças, diminuição geral ou local, absouta ou relativa, das propriedades vitaes. Póde ser a consequencia le uma molestia, ou de quaesquer excessos. — Habitar no campo, 'iajar, usar de banhos do mar ou de rio, das aguas ferreas. A ;ymnastica, a equitação, a esgrima, os passeios, o exercicio de nadar, ɜ todos os exercicios do corpo, quando moderados, são uteis. Regimen analeptico, tapioca, sagú, salepo, ovos, carnes assadas, vinho ;eneroso, vinho de quina 684, xarope de genciana 497, infusão de upulo 564, ferro reduzido 463, pilulas de Blaud 473, pilulas de Vallet 473. Banhos quentes aromaticos 444. Fricções pelo corpo com)alsamo nerval 614, com linimento de Rosen 614.

FREIO DA LINGUA. Ligamento membranoso que prende a lingua pela parte inferior. Quando elle se prolonga até á ponta da ingua, e apresenta ao mesmo tempo pouca extensão de baixo para :ima, a criança não póde mamar, ou mama com difficuldade. — Fazer a secção do freio com tesoura; depois da operação attender á nemorrhagia. Se ella se declarar, cauterizar as aberturas dos vasos :om estilete incandescente.

FRIEIRA. Mancha tumida, occasionada pelo frio; caracterizada pela dôr, prurido, vermelhidão, e ás vezes por ulcerações.

Frieiras não ulceradas. Fricções com limão. Lavatorios com aguardente camphorada. Applicações de balsamo de Fioravanti 759. Linimento contra as frieiras 153. Lavatorios com agua salgada natural ou artificial, com solução de alumen 258, com agua de Colonia.

Frieiras ulceradas. Glycereo de amido 502. Pomada de Bron 364. Pomada de Hufeland 314. Cauterização com pedra infernal. Agua de Labarraque 383.

FROUXO DE SANGUE. V. HEMORRHAGIA.

FRUNCHO ou **Furunculo.** Tumor inflammatorio circumscripto e proeminente; é a inflammação de alguns dos prolongamentos do tecido cellular que penetrão nas malhas da pelle. — Applicar cataplasma de linhaça 560, de fecula 461, ou emplasto diachylão 79. Logo que o tumor estiver maduro, comprimi-lo para expellir o carnegão.

FUNGOSIDADE. V. CARNES ESPONJOSAS.

GAFEIRA ou **Quigila.** Especie de morphea caracterizada pelos symptomas seguintes : magreza nos metacarpos, contracção e estropeamento dos dedos, dôres arthriticas, salsugem, grandes ulceras nas extremidades. Apparece no extensor da segunda phalange dos dedos minimo e annular de uma das mãos, ás vezes é precedida nos brancos de rubores morpheticos, e de alguns tuberculos, nos pretos de malhas escamosas. Termina pela mortificação e separação da phalange. — O tratamento é o da *morphea.* Corta-se a phalange se estiver mortificada, e cura-se com unguento de Arceus 759. Antes de chegar a esta extremidade empreguem-se lavatorios com agua phenica 158.

GAGUEIRA. Embaraço na falla. — Antes de começar a fallar, fazer uma profunda inspiração : recolher a lingua para traz, e approximando a ponta ao ceõ da bocca, estender ao mesmo tempo os beiços no sentido transversal, de maneira que se afastem as commissuras; fallar rhythmicamente e sempre sem precipitação (Dr. Colombat). Collocar debaixo da lingua um pequeno instrumento de prata em fórma de forquilha (Dr. Itard; e, quando se fallar, afastar o menos possivel a lingua do ceo da bocca. O methodo do Dr. Serre é baseado nos principios seguintes : vontade firme, intervallos iguaes entre as syllabas, e movimento dos braços, que o gago deve levar para diante, a cada emissão do som. Todas as syllabas devem ter a mesma duração, ser bem articuladas, e bem ligadas entre si. — Applicar, quando se falla, o dedo index de uma das mãos sobre o labio inferior.

Segundo o Dr. Violette, a gagueira deve curar-se pelo rhythmo ou compasso. Convem que o gago solte as syllabas por compasso, dando golpes com a palma da mão; e a voz deve concordar com cada palmada. Todas as syllabas devem ser isoladas e acompanhadas do bater das mãos. O compasso deve executar-se com todas as partes do corpo.

O methodo de Chervin, professor de Pariz, consiste no rhythmo, ordem e precisão que o professor dá ao discipulo, fazendo-lhe executar as suas formulas de pronunciação com lentidão compassada e calculada.

GALACTORRHÉA. Secreção demasiada de leite nas amas, que occasiona distensão e sensibilidade dos seios, assim como o enfraquecimento geral. — Dar menos vezes de mamar ou cessar a amamentação. Alimentos vegetaes. Fructas acidas. Bebidas diureticas 795, diaphoreticas 806 e temperantes 806. Soro de leite de Weiss 730. Purgantes 804. Pediluvios quentes. Repouso dos braços. Levantar e comprimir levemente os seios com ataduras.

GALLICO. V. SYPHILIS.

GALLO. Pequeno tumor proveniente de pancada ou quéda, formado pelo sangue derramado sob a pelle, e que sobrevem facilmente nos lugares em que os ossos são immediatamente cobertos pela cutis, como na testa, cabeça, cotovelo, etc. — Applicar um panno molhado em agua fria simples ou misturada com vinagre, no balsamo catholico 311, ou na tintura de arnica 282.

GANGLIO. Pequeno tumor globoso, duro, indolente, sem mudança na côr da pelle, desenvolvido no trajecto dos tendões; apparece sobretudo na mão ou no punho; é formado por um liquido albuminoso encerrado em um sacco membranoso. — Puncção do tumor havendo o cuidado de impedir o parallelismo entre a ferida da pelle e a do sacco. Esmagar o tumor pela compressão forte e

rapida. Puncção do tumor com trocate, seguida de injecção com tintura de iodo misturada com agua em partes iguaes 531.

GANGRENA. Mortificação mais ou menos extensa n'uma parte molle, e conservação da existencia no resto do corpo. Reserva-se mais especialmente o nome de *esphacelo* para a mortificação que se estende a toda a espessura de algum membro, e de *escara* para a lamina mais ou menos espessa do tecido gangrenado. Chama-se *necrose* á gangrena dos ossos. — As *causas* da gangrena são: excesso de inflammação em alguma ferida; a compressão demasiada, como acontece, por exemplo, nas hernias estranguladas, ou quando os apparelhos das fracturas estão demasiadamente apertados; a contusão forte; a queimadura; o frio excessivo; a obliteração ou a ligadura das arterias e das veias; emfim, as causas das febres graves. A gangrena é *externa* ou *interna*.

Symptomas da gangrena externa: Se a gangrena se declara em alguma ferida, esta torna-se menos vermelha, depois azulada, roxa e emfim negra, com cheiro fetido e particular. Na gangrena produzida pela compressão os symptomas são: esfriamento, perda da sensibilidade, formação de bolhas e escaras negras.

As gangrenas caracterizadas pela diminuição do calor e da sensibilidade das partes mostrão-se ora sob a fórma de laminas pretas humidas, exhalando cheiro de putrefacção de materias organicas, ora debaixo da fórma de laminas seccas sem cheiro. Existem sempre dois periodos na gangrena externa que percorre todas as suas phases: a cessação de circulação ou *periodo de mortificação*, e a *eliminação das partes gangrenadas*, seguida da cicatrização da ferida.

Tratamento. Na *gangrena externa* favorecer a quéda das escaras com cataplasmas de linhaça ou de fecula, simples ou polvilhadas com pós de quina e carvão 688. Lavatorios com agua de Labarraque 383, com agua phenica 158 com a solução de coaltar saponinado 389. Depois de cahida a escara, curar a ferida com ceroto simples 72, unguento de estoraque 451, unguento de Arceus 759, com agua phenica 158, com solução de permanganato de potassa 660, com fios molhados na solução de chlorureto de cal 381, ou na mistura d'agua com agua de Labarraque 383. Internamente administrar o xarope ou vinho de quina 684. Para evitar a gangrena por compressão, reparar attentamente no emprego das ataduras, das talas das fracturas; desfazer os apparelhos logo que estes causem aos doentes algum incommodo. Outro tanto se deve fazer quando um annel comprime demasiadamente o dedo. Applicar algodão sobre todas as partes onde a compressão se exerce. Para prevenir a gangrena no sacro aos doentes que precisão ficar deitados por muito tempo, v. *Escaras no sacro*.

Gangrena por contusão. É caracterizada pelo cheiro de putrefacção de uma lamina de pelle, e pela tumefacção quatro a seis dias depois da contusão.

Tratamento. No primeiro dia, applicar pannos molhados em agua fria misturada com aguardente camphorada 332; nos dias seguintes favorecer a separação dos tecidos mortificados com cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461; lavar com o decocto de quina 687, com solução de chlorureto de cal 381, com agua de Labarraque misturada com agua tepida 383; tirar os tecidos mortificados á medida que se separarem.

Gangrena da bocca das crianças. Tumefacção do rosto, luzidia, como oleaginosa, violacea, com bolhas ou manchas pretas, que são

seguidas de ulceração pardacenta, com cheiro fetido e gangrenoso; esta ulceração póde invadir a metade do rosto e propagar-se mesmo até ao pescoço. — Lavatorios com solução de chlorureto de cal, misturada com decocção de quina. Tocar as partes affectadas com pincel embebido em acido chlorhydrico 153, ou applicar a massa caustica de Vienna 674. Curar a ferida com agua phenica 158, ou com a solução de permanganato de potassa 660.

A gangrena póde desenvolver-se tambem na *vulva das meninas*: apresenta os mesmos caracteres que a da bocca, e reclama o mesmo tratamento.

Gangrena senil ou **espontanea.** O doente experimenta nas extremidades a principio a sensação de frio, formigamentos, dôres vivas, sem mudança da côr da pelle; depois toma esta a côr vermelha-livida; sobrevem inchação, bolhas cheias de liquido côr de vinho, e finalmente ulceração gangrenosa. Ás vezes, as partes mortificadas, em vez de incharem, seccão, endurecem e não tem cheiro; e depois de tempo mais ou menos longo, as partes mortas separão-se das vivas. — Aquecer o membro com pannos quentes. Quina interior e exteriormente 684. Vinho e xarope de quina 684. Cataplasma anti-septica 687. Fricções com aguardente camphorada 332. Opio para acalmar as dôres 638. Depois da separação das partes mortas, curar a ferida com unguento de Arceus 759, ou unguento de estoraque 451.

Gangrenas internas. As gangrenas dos orgãos internos são occasionadas pelo excesso da inflammação, por contusões profundas, por estrangulamentos, como *v. g.* na hernia, por febres graves.

Symptomas. Deve suspeitar-se a gangrena interna quando a dôr, que a precede ordinariamente, cessa de repente, quando o pulso se torna mui frequente e fraco, quando a pelle se cobre de suor frio e viscoso, quando ha prostração extrema das forças.

Tratamento. Vinho do Porto, da Madeira. Vinho de quina 684. Preparações de camphora 329, de valeriana 771. Pilulas anti-septicas 331. Serpentaria de Virginia 731.

Gangrena do pulmão. Certas inflammações do pulmão produzem a gangrena d'este orgão, a qual se manifesta pelo cheiro fetido e particular da expectoração mucoso-purulenta; sanguinolenta ou contendo porções do tecido pulmonar gangrenado. — Internamente, vinho de quina 684, vinho de quina composto 686, vinho de quina ferruginoso 686. Espalhar no quarto do doente a solução de chlorureto de cal 381, ou agua phenica 158. Inhalar a essencia de terebinthina 760.

GARGANTA (Abcesso da). V. p. 859.

Garganta (Corpos estranhos na). V. p. 931.

Garganta (Dôr de). V. ANGINA, p. 872.

Garganta (Inflammação da). V. ANGINA, p. 872.

GARROTILHO. V. CRUP.

GASTRALGIA, Gastrodynia ou **Cardialgia.** Dôr nervosa do estomago. — Applicar um panno quente no ventre. Chá de herva cidreira, de folhas de laranjeira, de flor de tilia. Clyster d'agua tepida com 20 gottas de laudano de Sydenham 636. Sinapismos nas pernas 616. Banho morno geral. Cataplasma anodyna 641, calmante 597. Poção antispasmodica 455. Poção calmante e antispasmodica 456. 1 pilula de extracto de opio 638. Caustico no epigastro. Magnesia calcinada 581. Infusão de macella 580. Agua gazosa 171. Pós de Seltz 152. Carvão vegetal 354. Valeriana 771. Pós antispasmodicos 251, 333, 356, 416, 736, 772. Sub-azotato de bismutho 735. Rhuibarbo 695. Pepsina 658. Valerianato de zinco 773. Bebidas nevadas.

ara a alimentação, cumpre tomar em consideração o gosto e até o apricho dos doentes. Ha alguns que não podem comer senão alientos mui quentes, outros dão-se bem com os frios; deve-se fazer mesma observação a respeito da natureza dos alimentos. Chá. Café. anhos frios de rio ou do mar. Combater a prisão de ventre com lysteres d'agua morna simples ou com purgantes 804. Exercicio. guas mineraes e sobretudo as aguas ferreas 181, tomadas á fonte.

GASTRITE. Inflammação do estomago.

Gastrite aguda espontanea. Dôr na bocca do estomago, que augenta pela compressão, pelos movimentos do corpo, e pela introucção dos liquidos; fastio; sêde; lingua esbranquiçada, secca; auseas; vomitos; pulso frequente; cephalalgia; anxiedade.

Tratamento. Se fôr leve, basta a dieta, bebidas emollientes frias omo o cozimento de cevada 366, ou de arroz 283, limonadas de aranja, limão, e clyster de linhaça 560. Se fôr mais intensa, appliuem-se bichas no epigastro e cataplasmas de linhaça 560. Agua ria para bebida, em pequenas dóses e repetidamente. Agua gazoza 71. Laxantes 804. Opio 638. Clysteres com azeite doce. Observar dieta na convalescença.

Gastrite chronica espontanea. Dôres vagas na região epigastrica, ructações, azía, vomitos depois das comidas, sêde nulla, pulso reguar, prisão de ventre ou alternativas de diarrhea e prisão de ventre; igestão difficil; emmagrecimento progressivo.

Tratamento. Bebidas emollientes, gommosas ou acidulas. Regiaen lacteo. Exercicio. Banhos frios. Fricções seccas sobre a pelle. austicos, fricções com pomada stibiada na região epigastrica 280. labitar no campo. Pepsina 658. Aguas de Campanha 199, Vidago 32, Pedras Salgadas 220, Vichy 231. Agua gazosa 171. Tonicos 807, no fim estimulantes 798. Opio 638. Carvão animal 355.

Gastrite toxica. Inflammação do estomago produzida pela ingestão las substancias venenosas (os acidos sulfurico, azotico, chlorhydrico; o mmoniaco; o phosphoro; os saes de cobre, de mercurio; o acido rsenioso; muitas substancias vegetaes irritantes taes como a coloquintida, gomma-gutta, etc., etc). — Quasi immediatamente depois la ingestão do veneno sobrevem uma dôr estomacal atroz, vomitos evacuações alvinas sanguinolentas.

Tratamento. Favorecer os vomitos com agua fria misturada com laras de ovo, e administrar o contra-veneno conforme a substancia. V. ENVENENAMENTO.) Cataplasmas de linhaça no ventre 560. Regimen lacteo.

GASTRODYNIA. V. GASTRALGIA.

GASTRO-ENTERITE. Inflammação simultanea do estomago e dos ntestinos, na qual os symptomas d'estas duas affecções se comlicão e se aggravão mutuamente. — **Aguda.** Dieta. Bebidas gommosas e acidulas frias, como as decocções de arroz, cevada, malvas, com xarope de gomma, de vinagre; limonada, laranjada; agua com laras de ovo, ou agua fria simples em pequenas dóses e repetidas. Sanguesugas no epigastro. Cataplasmas e clysteres de linhaça 561. Se a gastro-enterite se desenvolver debaixo da influencia de circumstancias debilitantes, de tempos chuvosos, humidos, nos individuos fracos, se existirem symptomas biliosos ou saburrentos, o emetico com algum sal purgante ou a ipecacuanha podem impedir os progressos da molestia. No oitavo ou decimo dia da sua duração, se existir prostração e lingua saburrosa, administrar bebidas tonicas 807, ajuntando aos cozimentos algumas colheres de vinho. Extracto de quina 684. Sulfato de quinina 739. Ether 454. Camphora 329.

Almiscar 251. Vesicatorios nos membros. Fricções no abdomen e pelo corpo com aguardende camphorada 332. Applicar sobre a cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre. Evacuar a ourina da bexiga por meio da sonda, duas ou tres vezes por dia. Clysteres emollientes e calmantes 640. Impedir, por meio de rodilhas elasticas, a formação de feridas no sacro.

Gastro-enterite chronica. O mesmo tratamento que o da *gastrite chronica.*

GASTRORRHAGIA. Hemorrhagia gastrica, exhalação de sangue na superficie da membrana mucosa do estomago, quasi sempre seguida de hematemese. V. *Hematemese.*

GASTRORRHEA. Vomitos, pela manhã, de mucosidades pegajosas (*gosma*). — Sobriedade. Alimentação mais animal do que vegetal, e apropriada á natureza da pessoa; uso moderado de algum vinho generoso, como o do Porto, da Madeira, de café, chá da India. Infusão de macella 580, herva cidreira 516. Pastilhas de Vichy 349. Agua de Seltz 171. Pós de rhuibarbo e opio 697. Vomitorio de ipecacuanha 541.

GENGIVAS (Amollecimento das). V. pag. 869.

Gengivas (Congestão das). Simples inchação das gengivas, que deitão sangue pela menor compressão. — Lavar a bocca com agua misturada com vinagre aromatico 779, e fazê-las sangrar picando-as com um palito, ou applicar uma bicha na gengiva inchada.

Gengiva (Hypertrophia da). Desenvolvimento extraordinario que adquirem ás vezes as gengivas a ponto de cobrirem os dentes. — Gargarejos adstringentes 258, 313, 491, 693, 702, 753. Tirar com bisturí a porção exuberante, e cauterizar com um estilete aquecido ao branco.

Gengivas (Inflammação das). ou **Gengivite.** V. Estomatite.

Gengivas (Tumores das). V. Epulida.

Gengivas (Ulcerações das). Toca-las com pedra infernal ou com pedrahume.

GENGIVITE. Inflammação das gengivas. V. Estomatite.

GIBOSIDADE. V. Rachitismo, Mal de Pott.

GLANDULA ENFARTADA. V. Enfartes glandulares.

GLAUCOMA. Molestia dos olhos que consiste em grande enfraquecimento da vista, deformação da pupilla e côr esverdeada do fundo do olho. No principio os doentes vêem os objectos como cercados de um nevoeiro; pouco a pouco a vista turva-se e desapparece. Sobrevem dôres no interior do olho e augmento da secreção do humor hyaloide. Apalpando o olho, atravez da palpebra superior, verifica-se que a sua dureza augmentou a ponto de a fazer comparar á de uma bola de marmore. Este phenomeno caracteristico mostra a verdadeira natureza da molestia, que é devida á secreção exagerada do humor hyaloide. Examinando o interior do olho com o ophthalmoscopio, acha-se na papilla do nervo optico uma excavação devida á compressão feita pelo humor. — O tratamento consiste em fazer cessar o excesso da pressão intra-ocular pela puncção da cornea, ou pela excisão de uma parte da membrana iris (iridectomia). Depois da operação, a vista restabelece-se ás vezes completamente; outras vezes, o doente só experimenta pequenas melhoras.

GLOSSITE. Inflammação da lingua. É caracterizada pela dôr e inchação d'este orgão; e é produzida pela mordedura da lingua durante o ataque da epilepsia, por um dente cariado cuja ponta fere a lingua, por um liquido muito quente, mas sobretudo pelo abuso do mercurio. — O tratamento da glossite occasionada pelo

mercurio acha-se descripto no artigo *Salivação mercurial*. Contra as outras glossites, recorrer aos gargarejos emollientes 257, medicamentos laxantes 804, pediluvios sinapizados 616, ás bichas, e ás vezes ás incisões superficiaes da lingua.

GLOTTE. Abertura superior do larynge.

Edema da glotte. Inchação da membrana mucosa e do tecido cellular que circumscreve a abertura superior do larynge. Principia por uma sensação incommoda no larynge, ou por uma verdadeira dôr; a respiração torna-se estrondosa; e poucas horas ou poucos dias depois, o doente é acommettido de suffocações, que se tornão cada vez mais violentas e repetidas. A inspecção da garganta permitte descobrir ás vezes o rubor d'esta região, e o dedo, levado atraz da base da lingua, póde reconhecer a inchação da membrana mucosa. Esta molestia é muitas vezes mortal. Depois da morte achão-se as margens da glotte inchadas; a abertura está quasi completamente tapada. O edema póde ser primitivo ou consecutivo á inflammação da garganta. N'este ultimo caso sobrevem derramamento seroso na glotte da mesma fórma como sobrevem á roda do olho, quando uma ferida existe n'esta região; do mesmo modo incha o prepucio, quando existe um cancro venereo no freio.

Tratamento. Quando a suffocação é imminente, a tracheotomia é o unico meio de atalhar o perigo; é preciso em primeiro lugar fazer respirar o doente, o tratamento virá depois. Este tratamento compõe-se de bichas no pescoço, vomitorio (5 centigrammas de emetico n'uma chicara d'agua fria) caustico na nuca, e insufflações nas fauces de pedrahume em pó 258. Se o edema da glotte depender das ulcerações syphiliticas do larynge, empregar internamente as preparações de mercurio e de iodureto de potassio.

Espasmo da glotte. Contracção espasmodica da glotte, de que resulta suffocação subita, porém momentanea; sobrevem nas crianças durante o dia ou durante a noite, sem causa apreciavel. — Esfregar o peito com panno embebido em vinagre; dar a respirar ether ou vinagre; applicar sinapismos nos pés; administrar um clyster com agua e sal de cozinha; dar a beber agua com assucar e agua de flor de laranjeira, ou chá de folhas de laranjeira. Dar a beber 5 a 10 gottas de ether sulfurico em meia chicara d'agua fria com assucar. Clyster com assafetida 290.

GLYCOSURIA. V. DIABETES.

GOLPE. V. FERIDAS.

GOLPE DE SOL (*Queimado do sol*). Inflammação superficial da pelle, occasionada pela acção prolongada do sol ardente sobre as regiões descobertas do corpo. É caracterizada pela vermelhidão, comichão, ás vezes dôr de cabeça e febre; produz ás vezes a inflammação do cerebro. — Lavatorios com agua fria, unturas com azeite doce, glycerina, leite ou cold-cream 448. Sangria, se sobrevier inflammação do cerebro.

GOMMA. Tumor molle, sem mudança na côr da pelle, de origem syphilitica, que se desenvolve no periostio, nos musculos, nos tendões; póde mostrar-se seis mezes, um anno e mais depois da apparição dos cancros venereos. Reclama o uso interno de iodureto de potassio 537, ou de sublimado 605. V. SYPHILIS.

GONAGRA. Dá-se este nome á gota. V. GOTA.

GONALGIA. Dôr no joelho. V. ARTHRODYNIA.

GONORRHEA. V. BLENNORRHAGIA.

GOSMA. V. GASTRORRHEA.

GOTA. Molestia caracterisada pela dôr, inchação e vermelhidão

das pequenas articulações, occupando quasi sempre, a principi a junta do dedo grande do pé. É *aguda* ou *chronica*. Apparece s a fórma de accessos, em numero de tres ou quatro, que constitue um ataque de gota, tendo cada ataque uma duração média de qu torze dias. Durante estes accessos, as ourinas contém grande qua tidade de acido urico, que se deposita, quando as ourinas est frias, sob a fórma de areias. O accesso de *gota aguda* annuncia- pela dyspepsia, inquietação nervosa, e principia violentamente noite por dôres terriveis no dedo grande do pé, no calcanhar n'uma das juntas do pé, depois, no fim de dois ou tres dias, n articulações do outro pé. Esta dôr é acompanhada de tumefacção de vermelhidão da junta e de febre; dura até á manhã do d seguinte, diminue um pouco, deixa dormir o doente que acor algum tanto satisfeito, sem pensar que novas dôres se manifestar na noite seguinte, e assim successivamente durante muitos dias, sorte que o ataque de gota compõe-se de uma serie de accessos dôres diminuindo cada dia, do primeiro até ao ultimo, duran uma, duas ou algumas semanas. No segundo ataque de gota, a d occupa não só os pés, mas tambem os joelhos, a anca, ás vezes mãos e as grandes juntas do braço. A gota aguda desapparece vezes para não voltar mais, ou, pelo contrario, torna a voltar cabo de dois annos, e termina assim pela resolução ou pela go chronica. Na *gota chronica*, a febre é menor; os ataques men dolorosos, porém muito mais prolongados. A gota chronica é segui muitas vezes da deformação das juntas, e das incrustações (*tophu* que se depositão no seu interior, e que são compostas de aci urico, soda, cal e chlorureto de sodio. — Estas concreções, as defo mações das juntas, e as areias que apparecem nas ourinas separ completamente a gota do rheumatismo.

Tratamento. Durante o accesso da gota aguda, envolver a jun em algodão, e collocar o membro n'uma posição tal que a par affectada não esteja em posição declive. Por conseguinte, se molestia existir no pé, o calcanhar deve ficar mais alto do que perna. Tome-se um purgante, 60 grammas de sulfato de magnesi ou 30 grammas de oleo de ricino. Se as dôres não diminuirem tomem-se as pilulas de aconito 167, e recorra-se a uma das appl cações seguintes : Cataplasma de linhaça borrifada com uma colhe *de sopa* de laudano de Sydenham 636, á cataplasma de linhaça fei em cozimento de cicuta 385, de meimendro 596. Cataplasma anc dyna 641. Cataplasma de Pradier 688. Banhos de vapor camphorad 334. Fricções com oleo camphorado 328, com linimento opiado 64 Applicação de panno embebido em linimento de chloroformio 38

Durante o accesso da gota chronica, applicar um sinapismo n junta dorida, ou recorrer ás mesmas applicações locaes, que estã indicadas no accesso da gota aguda, ou ás applicações seguintes linimento anti-arthritico 266, linimento terebinthinado 762, liniment terebinthinado e camphorado 762, linimento ammoniacal 266, lin mento ammoniacal camphorado 266, linimento contra a gota 56 linimento saponaceo 703. Fumigações com benjoim 310 Maçadura 56

Internamente, durante o accesso da gota aguda ou chronica infusão de borragem 314, de sabugueiro 705, tilia 763, para provo car a transpiração. Colchico. Tintura de colchico 394. Vinho d colchico 394. Pilulas antigotosas 395. Veratrina 774. Opio 638. Chlo rhydrato de morphina 642. Meimendro 596. Cicuta 385. Xarope anti gotoso 548, 713.

Nos intervallos dos ataques. A gota póde curar-se pelo exercici

ou a cavallo, pela alimentação composta pela maior parte de
taes, legumes, fructas, saladas, pouca carne; poucas bebidas
licas, pelas bebidas aqueas abundantes, e pelo emprego diario
0 a 20 gottas de tintura de colchico 394, ou de 25 centigram.
enzoato de soda 311, ou de bicarbonato de soda 349, ou de agua
ichy 231, de Vidago 232, das Pedras Salgadas 220, de acido ben-
150, ou de carbonato de lithia 561; e de algum purgante, de
em quando. O exercicio de cada dia em relação com as forças é
elhor preservativo da gota. Quanto ao genero de exercicio, a
tação é preferivel, a não ser o doente mui idoso. Não podendo
regar-se a equitação, recorra-se ao andar accelerado, e á gym-
ca dos braços. As fricções pelo corpo com escova macia são
em uteis.
ontra as inchações articulares e concreções tophaceas, applicações
leo de cajeput 629, de essencia de terebinthina 760, fumigações
imbro 783, caldas de Vichy 231, Vidago 232. Pedras Salgadas
Carlsbad 202, Pougues 222, Plombières 222, Vittel 234, Contrexe-
204, Royat 224.

OTA-CORAL. V. EPILEPSIA.

OTA ROSADA. V. ACNE.

OTA SCIATICA. V. SCIATICA.

OTA SERENA. V. AMAUROSE.

RAVIDEZ (**Signaes da**). 1° *Signaes de probabilidade.* Grande
bilidade e irritabilidade; genio fantastico, inquieto, caprichoso;
ensão á colera, á tristeza; ou então alegria, felicidade de estar
ida; ou bem ainda, desmaios, convulsões, calefrios, calores
zes, lassidão, fraqueza. Plethora, aceleração e irregularidade
ulso. Congestão sanguinea no cerebro; e, como resultado d'ella,
s de cabeça, dôres de dentes, vertigens. Congestão saguinea do
do peito, em seguida palpitações, oppressões, anxiedades, etc.
nvolvimento, sensibilidade dos seios; inchação das veias d'estes
os. Nauseas, vomitos, principalmente pela manhã; antojos, repu-
icia mais ou menos forte para certos alimentos, certas bebidas,
então, desejos irresistiveis de substancias contrarias a todos os
imes hygienicos ou sociaes. Salivação, diarrhea ou prisão do
re. Appetite augmentado ou diminuido. Emmagrecimento ou
r gordura. Alterão-se as feições, empallidecem as côres roseas
ez, apparecem nodoas amarelladas na pelle. Os olhos cercão-se
lheiras; a testa e o nariz cobrem-se de erupções mais ou menos
unciadas.

° *Signaes de probabilidade que tem mais valor do que os prece-
es.* Suppressão dos menstruos. Proeminencia das glandulas da
la dos seios. Desenvolvimento e peso do ventre. Abatimento
l. Nos primeiros tempos da gravidez o collo do utero incha,
ce mais curto, mais redondo, mais cónico, mas não desappa-
completamente senão no fim da gravidez. Introduzindo o dedo
vagina, póde-se verificar este estado do collo, e conhecer, ao
no tempo, que o utero é mais volumoso, mais resistente e menos
diço. Nas senhoras não gravidas o collo do utero entra na
na o comprimento de 2 1/2 centimetros pouco mais ou
os. No curso do quarto mez o collo do utero perde o terço do
primento. Aos cinco mezes conserva a metade do compri-
o. Aos seis mezes fica só o terço; aos sete mezes tem só 7 mil-
tros; aos oito 5 millimetros. Emfim aos oito mezes e meio,
simples depressão circular separa o utero da proeminencia da
abertura (bocca de tenca).

3° *Signaes certos.* A mulher principia a sentir os movimentos espontaneos da criança aos quatro mezes ou quatro mezes e meio. Applicando-se o ouvido sobre o ventre da mulher que se acha no principio do quinto mez da gravidez, ouve-se um ruido particular chamado *ruido de folle* ou *sopro placentario*, devido á circulação uterina; e no meio da gravidez, isto é, aos quatro mezes e meio, ouve-se, além do sopro placentario, outro ruido devido ás *duplas pancadas do coração do feto*. Ás vezes o ruido de folle póde ouvir-se aos tres mezes e meio.

Quando, depois do parto, o utero se conserva volumoso, e se a auscultação permitte ouvir ainda as duplas pancadas do coração, é signal certo de haver segunda criança.

Gravidez (**Epoca da**). *Nos dois primeiros mezes.* Fórma circular da bocca de tenca do utero. Seios mais firmes, mais desenvolvidos. Bico do peito mais saliente; areola de côr mais escura.

Terceiro mez. Direcção do utero no sentido vertical.

Quarto mez. Apparição do fundo do utero em cima do pente. Possibilidade de sentir a sua fórma redonda e a sua resistencia. Elevação, direcção para traz da bocca de tenca.

Quinto mez. Possibilidade de sentir o fundo do utero no meio do espaço comprehendido entre a symphyse do pubis e o embigo. Movimentos da criança aos 4 mezes ou 4 mezes e meio; a possibilidade de ouvir o ruido de folle ou sopro placentario, e as duplas pancadas do coração do feto, tambem aos quatro mezes e meio.

Sexto mez. Elevação do fundo do utero até ao embigo. Direcção da porção vaginal para cima e para traz. Tumefacção mais consideravel dos seios. Facilidade de contar as pancadas do coração do feto (ordinariamente 130 a 140 por minuto). Aos seis mezes o fundo do utero está ao nivel do embigo.

Setimo mez. O fundo do utero excede o embigo a largura de dois ou tres dedos. Desapparição incessante da depressão umbilical. Direcção da porção vaginal para cima e para traz de mais em mais pronunciadas. Possibilidade de espremer do bico do peito leite aqueo.

Oitavo mez. O fundo do utero occupa o meio do espaço comprehendido entre o embigo e a bocca do estomago; a porção vaginal do utero torna-se mui curta.

Nono mez. O fundo do utero está ao nivel da bocca do estomago. Desenvolvimento completo do ventre. Proeminencia pronunciada da cicatriz umbilical. Respiração e movimentos geraes da mulher mais faceis. Adelgaçamento do collo do utero. Sente-se facilmente a cabeça da criança. — No fim do nono mez, a cabeça da criança está dirigida (o mais ordinariamente) para baixo; a nuca, o occipicio e o dorso estão dirigidos (o mais ordinariamente ainda) á esquerda e um pouco para diante. O fundo do utero desce ao espaço comprehendido entre o embigo e a bocca do estomago; a porção vaginal do utero desapparece completamente; não ha mais differença entre o orificio interno e externo do utero; o collo do utero desappareceo. O dedo introduzido na vagina sente a cabeça da criança atravez do utero adelgaçado.

Gravidez (**Incommodos da**). 1° *Fastio, depravação de appetite.* Rhuibarbo em pó 20 a 50 centigram., muitos dias a fio. Sub-azotato de bismutho 20 centigram. por dia 735. Magnesia calcinada 50 centigrammas a 1 gramma 581. Pastilhas de Vichy 349.

2° *Prisão de ventre.* Clysteres de cozimento de linhaça 560.

3° *Vomitos.* Infusão de folhas de laranjeira. Bebidas alcoolicas :

Vinho de Champanha, aguardente de canna, rhum, cognac, kirsch. Pastilhas de Vichy 349. Agua de Vichy 231.

4º *Varizes nas pernas.* Usar de meias elasticas.

5º *Dôres abdominaes, lombares; caimbras nas pernas.* Fricções com oleo camphorado 328, com balsamo tranquillo 309. Fricções seccas com a mão.

6º *Inchação das pernas.* Posição horizontal. Se as pernas estão consideravelmente infiltradas, praticar leves incisões com lanceta.

7º *Hydrorrhea* ou *aguas falsas.* O liquido provém da superficie interna do collo uterino, mas não da ruptura do amnios. Póde ser tomado por um começo de parturição, mas evita-se o erro considerando que o fluxo não é precedido de dôr alguma. — Recorrer ao repouso durante alguns dias, e ao clyster emolliente e calmante 640.

GRETAS, Gretaduras. V. RACHAS.

GRIPPE. Febre, dôr e peso de cabeça, injecção da face e olhos, seccura, inappetencia, prostração, tosse, dôr de garganta. — Tomar um suadouro 806. Chá de flor de malva, de raiz de althea adoçado com mel de abelhas ou xarope de gomma. Gargarejo emolliente 257. Emetico 278. Xarope de lactucario 247.

HALITO (Máo). V. MÁO HALITO.

HEMALOPIA ou **Hypohema.** Derramamento de sangue no interior do olho. — Esta hemorrhagia, que provém ás vezes da divisão das arterias do interior do olho na operação da cataracta, deve ser abandonada aos esforços da natureza. O sangue com o tempo fica absorvido, e por isso basta só combater os accidentes inflammatorios e nervosos, com antiphlogisticos e narcoticos. Pannos molhados em agua fria sobre o olho, xarope de diacodio internamente.

HEMATEMESE. Vomitos de sangue exhalado pela membrana mucosa do estomago : é uma hemorrhagia gastrica produzida por diversas causas. O sangue póde sahir dos vasos do estomago n'uma simples superabundancia sanguinea local occasionada pelo esfriamento subito, por uma emoção viva, etc. A hematemese póde apparecer em todas as molestias que alterão a textura do estomago e de seus vasos, e sobretudo no cancro do estomago; póde resultar da ruptura de uma aneurysma no estomago : n'estes casos a hematemese é precedida dos symptomas d'estas molestias. Em consequencia da hemorrhagia nasal o sangue das ventas, cahido no pharynge e engulido instinctivamente, é depois expulso pelos vomitos. Emfim, a hematemese póde ser produzida por pancadas ou quédas sobre o epigastro, ou pela introducção de venenos no estomago. O sangue *lançado,* na hematemese, differe do sangue *expectorado* na hemoptyse, por ser vermelho, não espumoso, frequentemente misturado com materias alimentarias; ou, então, preto, decomposto, mudado de tal maneira que custa a reconhecer, e de apparencia de terra diluida em agua. — A hematemese principia pela dôr na bocca do estomago, oppressão, vertigens, pallidez do rosto, frio nas extremidades; depois o doente lança sangue mais ou menos puro.

Tratamento. Applicar sinapismos nos pés e nas coxas 616. pannos molhados em agua fria no epigastro, ligaduras nos membros, ventosas seccas nas costas. Administrar bebidas acidulas frias, e só ás colheres; agua com vinagre ou com sumo de limão. Se a hemorrhagia continuar, applicar na bocca do estomago gelo contido n'uma bexiga. Ao depois recorra-se aos medicamentos adstringentes : poção com perchlorureto de ferro 469, extracto de ratanhia 693, poção de ergotina de Bonjean 364. Agua hemostatica de Brocchieri 668, de

Pagliari 258, de Tisserant 758, de Deschamps 759, ás colheres. Subazotato de bismutho 735. Clyster com infusão de ratanhia 692.

HEMATOCELE. Tumor do escroto contendo sangue. Ha tres principaes variedades. O sangue póde infiltrar-se no tecido cellular das bolsas, no cordão espermatico, ou accumular-se na tunica vaginal. Estas molestias são ordinariamente occasionadas por pancada sobre o escroto, por quéda ou violencia qualquer. No hematocele do tecido cellular do escroto, e no do cordão espermatico, empregar as applicações de pannos molhados em agua vegeto-mineral 146; no hematocele da tunica vaginal, recorrer ao mesmo tratamento cirurgico que no hydrocele.

HEMATURIA. Emissão pela urethra de sangue puro ou misturado com ourina. O sangue communica á ourina uma côr rubra tanto mais carregada quanto a proporção é mais consideravel. Examinando ao microscopio o deposito que se fórma no fundo do vaso, descobrem-se n'elle globulos sanguineos, isto é, corpusculos de cerca de 1/120 millimetro de diametro, lenticulares, amarellados, parecendo ter um nucleo central, insoluveis na agua e no acido azotico, e soluveis no acido acetico.

A hematuria póde ser produzida por varias *causas,* taes são: um esforço violento, uma grande caminhada, a equitação prolongada, uma escandescencia intensa, pancadas sobre as cadeiras, uma quéda de um lugar alto, a presença da pedra na bexiga, a absorpção das cantharidas. Póde depender das molestias dos rins (calculos, nephrite), das molestias da bexiga ou da urethra. Porém, as mais das vezes, é occasionada pelas influencias climatericas : é uma molestia dos paizes quentes; é frequente no Brasil, onde apparece espontaneamente; chamão-lhe n'este caso *hematuria dos paizes quentes.* Tratarei d'esta ultima variedade n'um artigo separado; em primeiro lugar, indico o tratamento das outras especies de hematuria.

Tratamento. Varía segundo as causas. Quando a hematuria resulta de pancada ou quéda, appliquem-se nas cadeiras pannos molhados em agua fria e vinagre, e dê-se a beber limonada de vinagre. — Contra a hematuria cantharidia, semicupios d'agua tepida, infusão de linhaça para bebida 560. Se a hematuria depender da presença da pedra na bexiga, é preciso destruir esta causa. Se fôr acompanhada de areias, empregar o bicarbonato de soda 349, as aguas de Vichy 231, de Vidago 232, das Pedras Salgadas 220.

Hematuria dos paizes quentes. Differe das hematurias precedentes pelas causas, pelo aspecto da ourina e pelo tratamento. Chamão-lhe tambem *hematuria dos paizes intertropicaes, hematuria chylosa* ou *albumino-gordurosa, ourinas leitosas, ourinas chylosas, chyluria.* Esta molestia observa-se no Brasil e nas cidades ou paizes seguintes: Nova Orleans, Vera Cruz, nas ilhas de Cuba, Martinica, Guadelupa, na Goyana, no Egypto, no Cabo da Boa Esperança, no Port-Natal, Madagascar, Bourbon, Mauricia, Calcutta. Na Europa os autores fazem só menção de quatro casos de ourinas leitosas nos individuos que nunca sahírão d'esta parte do globo.

A molestia apparece, em geral, de modo subito sem que a preceda padecimento algum; ás vezes, porém, é precedida de dôres nas cadeiras, na direcção dos canaes ureteres, e da bexiga. A ourina, ao sahir, assemelha-se ao soro de leite; outras vezes é sanguinolenta, turva ou leitosa. Abandonada no vaso por algum tempo, separa-se em duas partes, das quaes a inferior é sanguinolenta, ao passo que a superior é turva, côr de leite ou completamente opaca. Um coalho occupa o fundo do vaso; é produzido pela coagulação da

fibrina. O sangue coalha-se ás vezes no interior dos canaes ureteres ou da bexiga, impede de ourinar, e sahe do canal sob a fórma de grumos solidos, estreitos e compridos.

O Dr. Wucherer, medico da Bahia, fez sobre estas ourinas indagações que passo a referir.

Examinando ao microscopio, em 1866, as ourinas de tres doentes affectados de hematuria intertropical, duas mulheres e um homem, achou no coalho alguns vermes filiformes que executavão movimentos ondulatorios mui energicos. Achou estes vermes não no deposito da ourina, porém sim no coalho que se via quando se despejava a ourina. Estes vermes forão reconhecidos por embryões de um *nemaloide*. São mui pequenos, 1/4 de millimetro de comprimento, 1/10 de largura. Vermes semelhantes forão encontrados, por um medico da marinha franceza, em 1870, nos coalhos da ourina de um doente da ilha Guadelupa. Além dos vermes existem, n'esta especie de ourina, cylindros de albumina transparentes, muitos globulos sanguineos, e moldes dos tubos uriniferos, que indicão a affecção dos rins. — Muitos medicos julgão hoje, que a hematuria dos paizes quentes é de natureza verminosa. Os vermes rasgão os vasos sanguineos e lymphaticos dos rins; estabelecida a communicação, o conteúdo d'estes vasos penetra no apparelho urinario, e d'aqui resulta a presença do sangue e do chylo na ourina. Quando a ourina toma o aspecto natural, os vermes desapparecem completamente.

Tratamento. Consiste em destruir os vermes aos quaes se attribue a molestia. Os medicamentos indicados para este fim são : Preparações de essencia de terebinthina 761. Iodureto de potassio 537. Preparações de camphora 329. Applicar no ventre a cataplasma vermifuga 250, regada com 15 grammas d'agua sedativa 334; applicar nas cadeiras pannos molhados em aguardente camphorada 332. Internamente tomar 3 pilulas camphoradas por dia 331.

Os medicamentos adstringentes achão tambem emprego racional; são : perchlorureto de ferro 468, extracto de ratanhia 693, cato 359.

Banhos frios do mar ou de rio. Alimentacão corroborante. Copahiba 401. Mudança de clima em casos rebeldes.

Para facilitar a expulsão dos coalhos, observar as regras seguintes : 1° Não ourinar senão quando a bexiga estiver bem cheia ; 2° começar por uma contracção energica ; 3° estando o coalho na urethra, contrahir fortemente a bexiga ; não persistir, se o coalho não passar no segundo esforço ; 4° não repetir as tentativas senão quando a bexiga estiver completamente cheia. — Se a sahida do coalho fôr impossivel, introduzir na bexiga, repetidas vezes uma grossa sonda elastica ; — ou introduzir uma sonda elastica, contendo no seu interior outra, menos grossa : chegada á bexiga tira-se a sonda interior ; — ou introduzir uma sonda elastica tendo no interior uma haste metallica flexivel, terminada por uma grossura ; se os coalhos obstruem os olhos da sonda, a grossura esmaga os coalhos, e a ourina corre á roda da haste. — Se não bastarem estes meios, fazer injecção na bexiga d'agua tepida por meio de grossa sonda de prata á qual se adapta uma seringa, e aspirar depois a agua com a mesma seringa tirando o embolo.

HEMERALOPIA. Molestia nervosa na qual os olhos gozão da faculdade de ver, em quanto o sol está sobre o horizonte, e céssão de distinguir os objectos á medida que o astro declina. O tratamento consiste em dirigir sobre os olhos vapores estimulantes, taes como os d'agua de Colonia ou de balsamo Fioravanti 759, em

applicar nas fontes a electricidade 423, e em usar de alimentação reparadora.

HEMICRANIA. Dôr que abrange só a metade da cabeça; enxaqueca. V. ENXAQUECA.

HEMIPLEGIA. V. PARALYSIA.

HEMOPTYSE. Hemorrhagia pulmonar, caracterizada pela expectoração de quantidade maior ou menor de sangue espumoso e vermelho. Distingue-se: a hemoptyse produzida por uma causa accidental que actua sobre o pulmão, como pancadas, quédas, ferimentos, a fadiga dos orgãos da respiração que resulta da acção de fallar, gritar, cantar, a hemoptyse inherente á constituição, e dependente de lesão organica do pulmão, ou do coração; e a hemoptyse devida á plethora ou á simples congestão sanguinea.

Tratamento. Fazer sentar o doente para que tenha a cabeça e o tronco elevados; e alarguem-se-lhe os vestidos que comprimem o peito; deve ficar immovel, e guardar o mais absoluto silencio; cumpre tambem recommandar-lhe que resista á necessidade de tossir, pois que taes esforços são proprios para favorecerem a hemorrhagia. Appliquem-se sinapismos nos pés 616, ligaduras bem apertadas á roda dos quatro membros, e ventosas seccas no peito. Administrem-se bebidas acidulas frias, taes como a limonada de laranja, de limão ou agua fria adoçada com assucar e acidulada com vinagre, ou com algumas gottas d'agua de Rabel 163. Inhalações de perchlorureto de ferro (4 grammas de solução officinal de perchlorureto de ferro para 180 grammas d'agua), 468. Poção com perchlorureto de ferro 469. Nitro em alta dóse (15 a 30 grammas por dia em 750 grammas d'agua com assucar). Emulsão nitrada 298. Cozimento antiphlogistico de Stoll 298. Digital 414. Extracto de ratanhia 692. Poção adstringente 693. Tannino 752. Pilulas antihemoptoicas 753. Alumen 257. Pós adstringentes opiados 258. Poção aluminosa 258. Cato 357. Poção adstringente 359. Conserva de rosas 702. Electuario antihemoptoico 702. Electuario balsamico de Barthez 302. Infusão de consolda maior 399. Agua hemostatica de Brocchieri 668, de Pagliari 258, de Tisserant 758, de Deschamps 759. Sinapismo ou vesicatorio entre as duas espaduas. Ipecacuanha 540. Tartaro emetico em alta dóse 278. Poção contra-estimulante de Laennec 279. Um vomitorio é meio perturbador poderoso contra as hemoptyses rebeldes a outros tratamentos. Praticar a sangria no braço se a hemorrhagia fôr abundante, e acompanhada de grande dyspnea. Nas mesmas circumstancias, applicar no peito pannos molhados em agua mui fria, e administrar no interior bebidas nevadas, servetes, ou gelo aos pedaços.

HEMORRHAGIA ou Perda de sangue. O tratamento das hemorrhagias varía conforme a sua natureza, o lugar em que se declarão e as causas que as provocão.

Hemorrhagia anal. Póde ser occasionada pelas materias excrementicias endurecidas; é preciso, n'este caso, empregar clysteres d'agua tepida; se depender da *hemorrhagia intestinal*, de *hemorrhoidas*, ou de *fissura*, vejão-se estas molestias.

Hemorrhagia arterial. Compressão. Laqueação da arteria. V. *Feridas das arterias.*

Hemorrhagia da bocca. Gargarejos adstringentes 258, 313, 491. Lavar a bocca com agua fria misturada com algumas gottas de solução de perchlorureto de ferro 468. Se a hemorrhagia succeder á extracção de um dente, applicar o tratamento indicado mais abaixo.

Hemorrhagia capillar. Applicar um panno molhado em agua fria.

Comprimir. Applicar fios molhados em agua fria e vinagre, em solução de perchlorureto de ferro a 15° 468. Alumen calcinado 259. Cauterizar com pedra infernal. V. *Hemorrhagia que resulta das picadas das sanguesugas.*

Hemorrhagia cerebral. V. *Apoplexia.*

Hemorrhagia depois da extracção de um dente. Gargarejar com agua fria e vinagre. Introduzir na cavidade, que era occupada pelo dente, uma bolinha de fios ou de cera; ou um pedaço de isca molhada na solução de perchlorureto do ferro a 15° 468, e exercer por cima uma compressão energica e prolongada; ou cauterizar com pedra infernal.

Hemorrhagia gastrica. V. *Hematemese.*

Hemorrhagia intestinal, ou *Fluxo de sangue pelo anus.* Este fluxo, que é necessario distinguir do fluxo hemorrhoidal, depende da hemorrhagia dos intestinos, em quanto que o fluxo hemorrhoidal provém dos tumores sanguineos que se desenvolvem á roda do anus. O tratamento da hemorrhagia intestinal é o mesmo que o da hemorrhagia gastrica ou *hematemese.*

Hemorrhagia meningea. V. APOPLEXIA.

Hemorrhagia nasal. V. *Epistaxis.*

Hemorrhagia do ouvido. É um symptoma indicando : uma lesão do conducto auditivo externo ou do rochedo, com ou sem a fractura do craneo; uma ruptura da membrana do tympano. — Não se deve impedir a hemorrhagia depois de uma lesão traumatica, a não tomar proporções graves. Esta hemorrhagia é um antiphlogistico que póde ser util depois das fracturas do craneo. Deixem-se correr por algum tempo as hemorrhagias consecutivas á ruptura da membrana do tympano; se o sangue não estancar, introduza-se no ouvido algodão molhado na mistura d'agua fria com vinagre, ou na solução de pedra-hume 258.

Hemorrhagia pulmonar. V. *Hemoptyse.*

Hemorrhagia que resulta das picadas das sanguesugas. Applicar um panno de linho e comprimir. Applicar gomma arabica em pó, colophonia em pó, panno queimado, pedra-hume calcinada 259, isca ou panno impregnado de solução de perchlorureto de ferro a 15° 468, ou cauterizar com pedra infernal.

Hemorrhagias traumaticas. Perdas de sangue occasionadas por um ferimento. N'estas hemorrhagias o sangue é vermelho-claro, e esguicha por movimentos isochronos com as pancadas do pulso, quando provém de uma arteria; é vermelho-escuro e corre em jorro contínuo; se é fornecido por uma veia. Quando a lesão existe só nos vasos capillares, o sangue é de côr vermelha pouco viva, não jorra, mas corre pouco a pouco, de maneira uniforme. Estas hemorrhagias reclamão, segundo as circumstancias, o emprego das applicações absorventes (gomma arabica ou colophonia em pó), stypticas (alumen calcinado, solução de perchlorureto de ferro), causticas, (pedra infernal), da compressão ou laqueação da arteria.

Hemorrhagia umbilical dos recem-nascidos. Em consequencia da estructura alterada, da sua exiguidade natural, ou das tracções intempestivas da parteira, o cordão umbilical póde romper-se na sua base, perto da pelle, e dar lugar á hemorrhagia mortal. Esta hemorrhagia póde sobrevir tambem depois da quéda natural do cordão, do setimo ao decimo terceiro dia depois do nascimento. — Perde-se um tempo precioso empregando para soster esta hemorrhagia, a pedra-hume, o perchlorureto de ferro, a cauterização. Existe um só meio efficaz : consiste em atravessar a cicatriz umbi-

lical com um alfinete, e apertar a pelle com linha, fazendo a laqueadura em massa de todas as partes molles.

Hemorrhagia uterina. O tratamento varía conforme a hemorrhagia tiver lugar no estado de vacuidade do utero, durante a gravidez, e durante ou pouco tempo depois do parto.

1° *Hemorrhagia uterina no estado de vacuidade do utero.* Collocar a doente em lugar fresco e na posição horizontal. Administrar bebidas frias e acidulas, taes como a limonada de limão, laranja ou agua fria com assucar e vinagre. Applicar ao hypogastro e ás coxas pannos molhados em agua fria e vinagre, mergulhar as mãos em agua quente, pôr aos pés botijas com agua quente, para entreter o calor n'esta parte do corpo; applicar sinapismos nas pernas, ventosas seccas no peito. Administrar clysteres d'agua fria ou d'agua com vinagre. Nitro em alta dóse (15 a 30 grammas em 720 grammas d'agua) 298. Centeio espigado 361. Ergotina 363. Poção de ergotina 364. Poção com perchlorureto de ferro 469. Injecção na vagina com solução de perchlorureto de ferro 469. Nos casos extremos, oppôr um dique á sahida do sangue empregando o tampão. Consiste este em introduzir na vagina a parte média de um panno grande e quadrado, leva-lo á parte superior da vagina, encher a especie de sacco que representa com fios ou algodão para formar um batoque, que fique bem justo. Comprimir com a mão a aorta abdominal abaixo do embigo. Para praticar esta compressão, estando a mulher deitada, faz-se-lhe levantar as coxas; depois, comprime-se o ventre com os quatro ultimos dedos de uma das mãos abaixo do embigo, e logo que se sentir bater a arteria, comprime-se fortemente contra o rachis. Esta compressão póde ser continuada por muitas horas, se o estado da mulher o exigir.

Na *hemorrhagia chronica,* prescreva-se o cozimento de arroz com xarope de consolda maior 399, bebidas aciduladas com sumo de limão; extracto de ratanhia 692, tannino 752, perchlorureto de ferro internamente e em injecções 467, alumen 257, centeio espigado 361, ergotina 363, cato 357, ipecacuanha em pequenas dóses 540, canella em pó 334, vesicatorios nas coxas, e injecções com infusão de ratanhia 693, ou com tannino 753. Banhos frios. Abstinencia da dansa, e da equitação. Se a hemorrhagia fôr entretida pelo cancro do utero, ou pelo polypo, dirigir o tratamento contra a affecção principal.

2° *Hemorrhagia uterina durante a gravidez.* Esta hemorrhagia provém do despego prematuro da placenta; e depende este despego ordinariamente da inserção da placenta sobre o orificio uterino. N'este caso é preciso romper com o dedo as membranas; e esperar o parto. Nos casos graves, encher a vagina com fios : este tampão póde provocar o parto e cortar o mal pela raiz. Nos casos mais graves ainda, proceder ao parto forçado; para este fim fazer a versão do feto se a cabeça está em cima do orificio do utero; ou applicar o forceps se ella está na excavação da bacia.

3° *Hemorrhagia uterina depois do parto.* Applicar sobre o ventre panno molhado em agua fria e vinagre. Bebidas frias e acidulas. Extrahir o sangue coagulado, os pedaços de placenta, etc., que estendem o utero. Introduzir a mão no interior d'este orgão, para excita-lo e provocar as contracções. O centeio espigado, a ergotina, o alumen, o nitro, a ratanhia, e as injecções adstringentes, forão tambem aconselhados. Poção de ergotina de Bonjean 364. Poção com perchlorureto de ferro 469. A hemorrhagia que sobrevem cinco a seis dias depois do parto deve ser tratada pelo tampão.

Hemorrhagia venosa. Compressão.

Hemorrhagia vesical. V. *Hematuria*.

HEMORRHOIDAS. Tumores sanguineos do recto com fluxo de sangue ou sem elle. — Os tumores hemorrhoidaes são reuniões de veias dilatadas, em volta das quaes se desenvolveo um tecido cellular de nova formação. Ha hemorrhoidas externas e internas, hemorrhoidas seccas chamadas *mariscas*, e hemorrhoidas fluentes dando lugar de vez em quando a maior ou menor effusão de sangue. — Entreter o ventre livre com clysteres d'agua fria ou morna, ou com brandos purgantes, taes como o oleo de ricino 632, manná 591, limonada de citrato de magnesia 584, ou agua de Sedlitz 227. Regimen composto pela maior parte de vegetaes. Se a congestão sanguinea nos tumores fôr intensa, recorrer aos semicupios d'agua fria, e às applicações sobre o anus de pannos molhados em agua fria. Se os tumores forem doridos e inchados, empregar os semicupios d'agua morna, clysteres de linhaça 560, manteiga de cacáo 321, unguento populeão 310, linimento de Buchan 309, pomada anti-hemorrhoidal 753, balsamo tranquillo 309. Empurrar os tumores para o interior do recto, afim de evitar a estrangulação que póde ser occasionada pelo sphincter do anus. Ás vezes é necessario applicar bichas no anus, ou fazer puncções nos tumores com lanceta. Se as dôres forem occasionadas por pequenas feridas sobre os tumores hemorrhoidaes, toca-las com pedra infernal. Allivia-se o doente affectado de hemorrhoidas, reduzindo o tumor no recto e mantendo-o por meio de uma bola de marfim presa á mola que se fixa a uma cinta rigida e elastica. Sobrevindo grande hemorrhagia, que enfraqueça o doente, applicar a pedra infernal sobre o lugar de que sahe o sangue, ou pincel embebido da solução de perchlorureto de ferro 469. Se os tumores forem irreduziveis, se embaraçarem o andar, e o estar assentado, se forem doridos, se fornecerem hemorrhagias abundantes e repetidas, deve-se praticar a sua excisão. As hemorrhoidas internas podem ser destruidas pela cauterização com acido azotico. Sobrevindo alguns accidentes da suppressão repentina do fluxo hemorrhoidal, será este provocado por meio de sanguesugas, de semicupios quentes, de pilulas purgativas de aloes 253, e de suppositorios com aloes 255.

HEPATITE. Inflammação do figado.— **Aguda.** Dôr na região do figado; esta dòr augmenta pela compressão, e estende-se ás vezes até ao hombro; lingua saburrosa; oppressão; febre; ás vezes vomitos e côr amarellada da pelle; e em alguns casos delirio, agitação e symptomas adynamicos. — Bichas no hypocondrio direito ou no anus. Limonada, laranjada, bebidas com xarope de vinagre, xarope de tamarindos. Soro de leite. Tartaro emetico 278. Nitro 297. Clysteres emollientes 628. Cataplasmas de linhaça no hypocondrio direito 560. Dieta. Banhos mornos prolongados. Oleo de ricino 632. Sulfato de soda 743. Aloes 253. Jalapa 545. Escamonéa 441. Calomelanos 602. Se se formar um abcesso, e se este fôr visivel no exterior, abri-lo com a potassa caustica 673, ou com o bisturí.

Hepatite chronica. Dôr surda no hypocondrio direito, augmento no volume do figado, perturbação nas digestões; ás vezes diarrhea, outras vezes prisão de ventre; pelle amarellada; emmagrecimento progressivo. — Caustico no hypocondrio direito. Fricções com pomada de iodureto de potassio 538, com pomada stibiada 280. Aguas de Vichy 231, de Vidago 232, das Pedras Salgadas 220, de Neris 218. Gomma gutta 508. Rhuibarbo 695. Jalapa 545. Bicarbonato de soda 349. Cicuta 385. Pilulas anti-ictericas de Mac-Gregor

387. Pilulas antibiliosas de Barclay 398. Nitro 278. Sabão medicinal 703. Pilulas anti-ictericas 254, 604. Cozimento de herva tostão 521, de parietaria 655. Regimen vegetal. Leite. Emplasto de Vigo 81. Mudança de clima em alguns casos rebeldes. Hydrotherapia 523.

HERNIA. Chama-se hernia a todo o tumor formado pela deslocação de uma porção de viscera que, sahindo da sua cavidade natural por uma abertura qualquer; vem fazer proeminencia fóra; porém entende-se mais commummente por hernia o tumor produzido pela sahida de uma porção de intestino, ou de epiploon.

Hernia crural. Sahida do intestino ou do epiploon debaixo da arcada crural. Dá-se o nome de *arcada crural* á margem inferior e aponevrotica do musculo grande obliquo do abdomen; e o *annel crural* é a abertura que forma o principio da bainha que envolve a arteria e a veia femoral. A hernia crural é muito menos commum do que a inguinal; é mais frequente na mulher do que no homem; conhece-se por um tumor globoso, situado na parte média e um pouco para dentro da virilha, cerca de 14 millimetros abaixo do annel inguinal; é um tumor oval, alongado no sentido da virilha. Quando a hernia crural principia a formar-se, o diagnostico é difficil; e muitas vezes ignora-se a sua existencia. Quando se suspeitar uma semelhante hernia, é preciso examinar attentamente a região crural. Deitado o doente sobre o dorso, a cabeça e o peito levantados pelos travesseiros, os membros abdominaes postos n'um estado de meia flexão e de adducção: n'esta attitude, o index, applicado sobre a abertura crural, póde perceber o choque do intestino durante os esforços da tosse; os outros symptomas são: inchação geral da virilha, uma dôr profunda que se propaga d'esta região ao ventre e ao estomago, ás vezes nauseas. A hernia crural desapparece ordinariamente durante a prenhez. É mais grave do que a hernia inguinal, porque raras vezes é susceptivel de cura radical; está mais exposta a estrangular-se; a sua estrangulação tem uma marcha mais rapida, e necessita mais vezes a operação. A hernia crural desprezada póde tornar-se irreduzivel, quer pela inchação do epiploon, quer por suas adherencias. Quando a porção não reduzivel é pouco volumosa, applica-se uma funda com almofada concava. A estrangulação conhece-se pela apparição subita de uma dôr intensa, pela febre, nauseas, vomitos de liquidos biliosos e depois estercoraes.

Tratamento. Taxis : Para reduzir a hernia crural, o doente deve deitar-se sobre o dorso, a cabeça e a parte superior do tronco levantados pelos travesseiros, as coxas dobradas em angulo recto, e os joelhos approximados. As partes fibrosas que concorrem para a formação da abertura crural estão assim em relaxação. Se a hernia, pouco volumosa, não atravessou a parede anterior do canal crural, é preciso empurra-la de baixo para cima e um pouco para fóra; mas quando a atravessou, o que tem lugar na maioria dos casos, começa-se por comprimi-la de cima para baixo, para fazer descer defronte da abertura do fascia a sua parte superior, que se dobrou sobre a margem superior d'esta abertura; depois, ao passo que se sustenta n'esta altura com os dedos de ambas as mãos, comprime-se de diante para traz, e um pouco de dentro para fóra, com os dois pollegares, como se se quizesse afunda-la na coxa, e finalmente empurra-se na direcção do canal. Feito isto applica-se a funda. A almofada d'esta funda deve ter pouca largura, para não embaraçar a flexão da coxa; a curvatura da mola que inclina para baixo a almofada deve ser mais forte do que na funda inguinal. A funda

para a hernia crural está representada na fig. 302. — Os meios empregados contra a estrangulação são os mesmos que na hernia inguinal. (V. p. 1027).

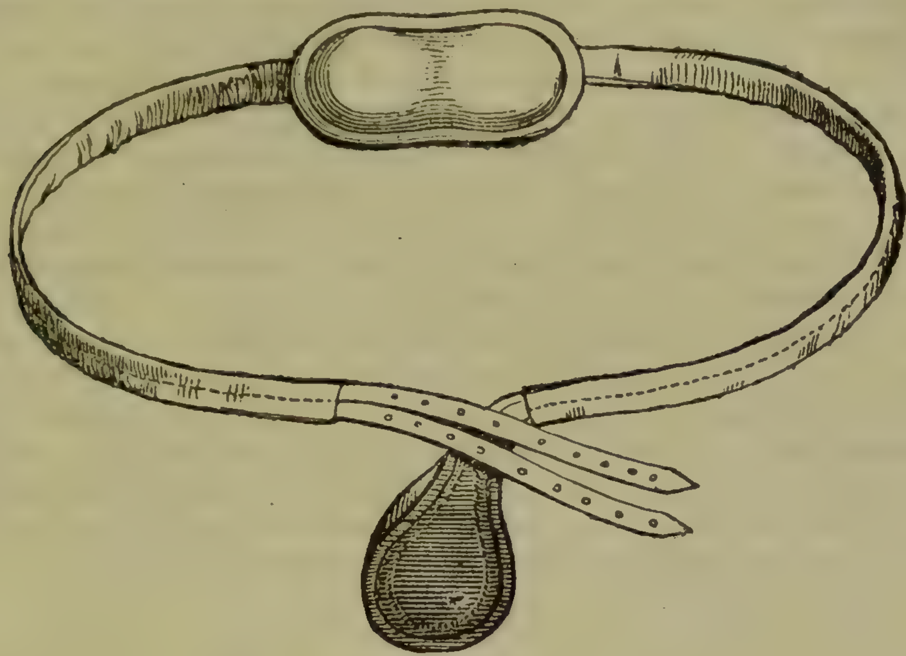


Fig. 302.

Funda de Pouillien para a hernia crural, lado esquerdo.

Hernia inguinal. Dá-se este nome á deslocação do intestino ou epiploon ao nivel do canal inguinal. O *canal inguinal* é um trajecto de 4 a 5 centimetros de comprimento, situado por cima da virilha de que segue a direcção. Tem duas aberturas : uma, cutanea, (annel inguinal superficial), situada por cima do pubis; a outra, peritoneal, (annel inguinal profundo), correspondendo a 4 ou 5 centimetros por fóra da precedente, situada a 2 centimetros por cima da arcada crural. O canal inguinal dá passagem, no homem ao cordão espermatico, e na mulher, ao ligamento redondo do utero.

As hernias inguinaes são de diversas especies. Ha uma especie commum, mui frequente, na qual o intestino percorre toda a extensão do canal inguinal, desde e orificio peritoneal até ao orificio cutaneo aonde forma tumor. Esta hernia chama-se *hernia inguinal obliqua externa* ou *indirecta*. A especie menos commum é a *hernia inguinal interna* ou *directa*, que sahe pelo annel inguinal cutaneo, depois de ter deprimido a parede posterior do canal inguinal.

A hernia inguinal externa póde ser *congenial* ou *accidental;* é mais frequente no homem do que na mulher; mais commum do lado direito do que do lado esquerdo; póde existir em ambos os lados na mesma pessoa.

Symptomas. A hernia inguinal apparece ou subitamente, debaixo da influencia de um esforço consideravel, ou lentamente, em consequencia de esforços repetidos. Quando é completa, percorre todo o canal inguinal e desce até ao escroto, no homem; na mulher dirige-se do lado do grande labio. É um tumor pyriforme, cuja ponta se perde no canal inguinal ; sem mudança na côr da pelle, molle, elastico, não doloroso, desapparecendo pela pressão ou posição horizontal, augmentando quando o doente tosse ou está de pé.

O *tratamento* tem por fim reduzir a hernia, manter as visceras

na cavidade abdominal, e prevenir os accidentes. Ás vezes a reducção opera-se pela posição; basta que o doente se deite sobre o dorso: a reducção faz-se espontaneamente; mas quando se apresentão difficuldades, deve-se proceder á reducção de uma maneira methodica. Deita-se o doente sobre o dorso, a bacia um pouco mais elevada do que o tronco, o corpo curvado para diante, as coxas na flexão e na abducção. O medico, collocado do lado correspondente á hernia, applica a mão esquerda sobre o pediculo da hernia, de modo a rodea-lo o mais completamente possivel. Com os dedos da mão direita, espalhados ao redor do corpo da hernia, exerce uma pressão regular e igual sobre todos os pontos do tumor, e repelle-o com precaução do lado do pediculo. Ao mesmo tempo que a mão direita empurra a hernia do lado da cavidade abdominal, a esquerda comprime levemente o pediculo, afim de impedir que a hernia se estenda diante do annel. No momento em que a hernia entra na cavidade abdominal, ouve-se um ruido determinado pelos liquidos e gazes intestinaes. Quando o ruido não se produz, póde-se suppor, que a hernia é formada só pelo epiploon. Depois de reduzida a hernia, applica-se uma das fundas indicadas nas figuras conforme a hernia fôr de um lado ou de ambos os lados.

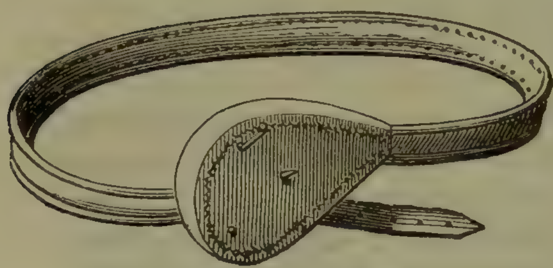


Fig. 303.

Funda franceza
para a hernia inguinal simples.

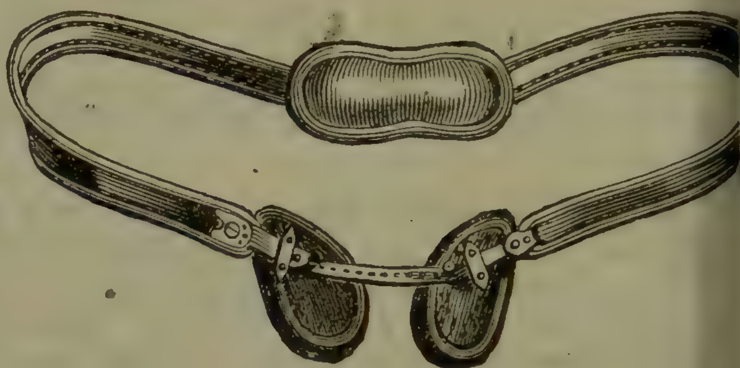


Fig. 304.

Funda franceza
para a hernia inguinal dupla.



Fig. 305.

Funda ingleza
para a hernia inguinal simples:



Fig. 306.

Funda ingleza
para a hernia inguinal dupla.

Nos recem-nascidos applica-se sobre todo o comprimento do canal inguinal uma almofadinha de panno de linho, que se fixa com tiras de sparadrapo, ou com atadura do feitio de espiga cujas voltas, depois de passarem ao redor do ventre e da coxa, se cruzão na virilha. Mais tarde emprega-se uma funda elastica, semelhante á funda empregada nos adultos, com a differença de que

a mola deve ser fraca. Obtem-se uma cura radical, nas crianças ao cabo de seis mezes, um anno, dois annos quando muito, pelo uso contínuo da funda. Depois dos 25 annos raras vezes se obtem uma cura radical.

Estrangulação da hernia. Dá-se este nome á constricção da hernia pela abertura, que lhe deo passagem, ou pelo collo do sacco herniario. Esta constricção é tão grande que impede a circulação do sangue nos orgãos deslocados. Póde ser determinada pela torsão do intestino sobre si mesmo, pelas bridas fibrosas que attravessão o sacco herniario, pela perforação do sacco, mas as mais das vezes a estrangulação é produzida pelo collo do sacco, modificado pela inflammação. Sobrevem em consequencia de violentos esforços, de uma indigestão, do entupimento pelas materias intestinaes, e da inflammação da hernia. Os symptomas são : impossibilidade de repôr a hernia no seu lugar pela compressão, uma dôr intensa no tumor e no ventre, suppressão das evacuações, febre, nauseas, vomitos de substancias alimentarias a principio e depois de liquidos tendo o cheiro de materias estercoraes. Os symptomas tem uma marcha mais ou menos rapida; mas a gangrena é imminente, se não fôr possivel reduzir o tumor, ou se não se fizer a operação, que consiste em alargar a abertura que aperta o intestino. — O *tratamento* da estrangulação compõe-se dos meios seguintes : 1° Deitar o doente sobre o dorso e tentar a reducção pela compressão com as mãos (taxis). 2° Deitado o doente de costas, um homem toma sobre as hombros as pernas do doente e levanta-o de maneira a não lhe deixar para ponto de apoio sobre a cama senão a cabeça e os hombros. O corpo do doente descreve assim uma concavidade anterior, e as paredes abdominaes achão-se relaxadas pela flexão da columna vertebral. N'esta posição praticar a taxis, que diminue a hernia de metade pela entrada no ventre do liquido contido no sacco herniario. Tornar a deitar o doente na cama sobre o dorso, e repetir as tentativas de reducção na posição horizontal. — 3° Administrar um banho geral d'agua morna de uma hora ou de hora e meia, e fazer no banho tentativas de reducção. — 4° Administrar um clyster d'agua morna com 60 grammas de oleo de ricino. — 5° Dar um clyster com decocção de folhas de tabaco 749. — 6° Applicar bichas no perineo. — 7° Applicar no tumor pannos molhados em agua fria, ou applicar gelo. A refrigeração pelo ether pulverizado basta ás vezes para obter a reducção da hernia estrangulada ou não estrangulada. — 8° Cercar o tumor de uma tira de caoutchouc, accumulando as voltas da tira, e exercendo uma compressão mui forte, sobretudo ao nivel do pediculo. É uma especie de taxis superior á compressão feita com a mão, porque a pressão está regularmente repartida, é contínua e energica. Póde-se augmentar o effeito comprimindo a quebradura com a mão por cima das voltas da tira. — 9° Administrar de quarto em quarto de hora uma chicara de café. Este simples medicamento produz ás vezes a entrada espontanea do intestino. — 10° Chloroformizar o doente; continuar os esforços de reducção. Em geral, se com a anesthesia produzida pelo chloroformio, a reducção não se effectuar depois de 20 minutos nas hernias pequenas, e depois de 30 minutos nas hernias grandes, julga-se impossivel; é preciso então renunciar á compressão; porque as tentativas muito tempo prolongadas, poderião causar graves accidentes que diminuirião a probabilidade do bom exito da grande operação. Consiste esta em abrir com bisturí a pelle do escroto e o sacco herniario, dilatar, sendo preciso, pela incisão o annel, e repellir para a cavidade abdominal o intestino ou o epiploon que d'ella escapárão.

Hernia umbilical. Dá-se este nome á sahida das visceras do ventre atravez do embigo ou em volta d'este orificio. Distingue-se a *hernia congenial, hernia da infancia*, e *hernia do adulto*.

1° HERNIA UMBILICAL CONGENIAL. Sendo de pequeno volume, é reduzivel; mas se fôr volumosa, nem sempre é susceptivel de reducção.

Tratamento. Se fôr pequena, reduz-se e mantem-se com uma faxa do corpo, quando o periodo inflammatorio da quéda do cordão tiver passado. No caso das hernias volumosas, é preciso contar sobre os esforços da natureza e ajuda-la por um tratamento palliativo: boa posição, cuidados de asseio. As hernias volumosas são mui graves; as mais das vezes uma peritonite produz a morte pouco tempo depois do nascimento.

2° HERNIA UMBILICAL DA INFANCIA. Pruduz-se no momento da nascença ou nos primeiros dias que se lhe seguem. O tumor é ordinariamente pequeno e reduzivel. Depois da reducção, póde-se introduzir o dedo no annel umbilical. É raro que esta variedade de hernia persista; as mais das vezes sara espontaneamente; não incommoda os doentes; nunca se estrangula. Para fovorecer a cura, é preciso reduzir a hernia pela compressão e mantê-la com uma funda, representada na fig. 307. Esta funda compõe-se de uma mola elastica mui branda, e de uma almofada tendo no centro uma proeminencia espherica. Ás vezes basta uma simples faxa de corpo, ou uma tira de sparadrapo, que se applica por cima de uma bola espherica de marfim ou de cortiça. A bola é destinada a repellir o intestino para a cavidade abdominal.

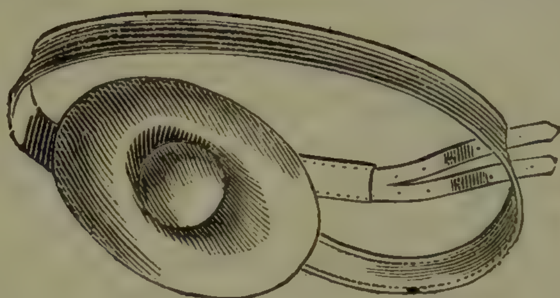


Fig. 307.
Funda para a hernia umbilical da infancia e dos adultos,

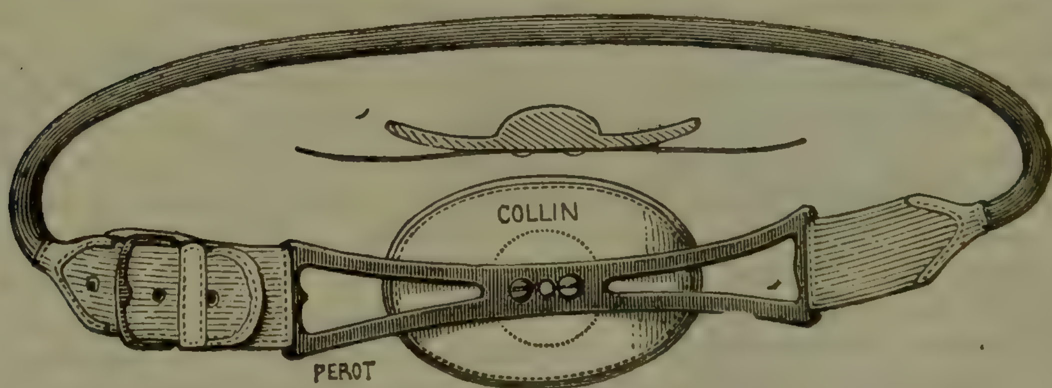


Fig. 308.
Funda de Dolbeau para a hernia umbilical dos adultos.

3° HERNIA UMBILICAL DOS ADULTOS. Apresenta um volume variavel, desde o de uma ervilha até ao da cabeça. As visceras contidas são: o intestino delgado, o epiploon, o estomago, etc. O tratamento consiste em reduzir o tumor e manter a reducção com fundas representadas nas fig. 307, 308.

Hernia do iris. V. Iris.

HERPES. Vesiculas numerosas, aggregadas em corymbos distinctos por intersticios naturaes, orladas de rubor inflammatorio e communicante, pruriginosas, com calor, picadas, e ás vezes dôr viva, desinentes em crostas, erosões, ás vezes em ulceras. Duração ordinaria de 10 a 14 dias. Ha varias especies d'esta molestia.

Herpes boccal e guttural. Desenvolve-se na face interna dos beiços e das faces, no céo da bocca. — Gargarejo adstringente 258. Tocar as vesiculas com pedra-hume, ou com pedra infernal.

Herpes circular ou **circinado.** Affecção cutanea contagiosa, caracterizada por uma alteração da epiderme determinada pela evolução de um vegetal parasita chamado *tricophyton;* não tem, quanto á sua natureza e marcha, analogia alguma com as erupções precedentes chamadas tambem *herpes.* Apresenta-se sempre sob a fórma de manchas rubras ou de anneis mais ou menos completos; é caracterizada por vesiculas extremamente pequenas, dispostas de maneira a formar circulos cujo centro é ás vezes intacto, e cujas margens, de um rubro mais ou menos vivo, fazem proeminencia acima do nivel da pelle. As vesiculas, de ordinario amarellas, adquirem ás vezes outras côres, o que constitue o *herpes variegado* ou *herpes-iris.* As vesiculas abrem-se, formão-se pequenas escamas que não tardão a separar-se, e de ordinario, se o vegetal está situado na pelle despida de pellos, a erupção percorre os seus periodos em oito, dez ou quinze dias; fica só uma vermelhidão que desapparece lentamente. N'aquelle lugar o *tricophyton* morre, não achando mais pellos para alimentar-se, e o doente está curado. Não acontece o mesmo, se estiver situado na cabeça ou sobre uma parte guarnecida de cabello.

Tratamento. Consiste em destruir o vegetal parasita. Obtem-se este resultado pelas fricções com as preparações seguintes : pomada de araroba 281, pomada de turbilho mineral 611, oleo de cade 628. Banhos d'agua simples, banhos sulfurosos 746.

Herpes conjunctival. Vesiculas que se desenvolvem espontaneamente sobre a conjunctiva ou cornea. — Toca-las com pedra lipes 738, ou infernal 299. Collyrio adstringente 147, 300.

Herpes labial. Occupa, como o seu nome indica, os beiços; sobrevem muitas vezes depois das febres intermittentes. — Polvilhar com amido, applicar glycerina 502, coldcream 448; ou pomada de tannino 754.

Herpes das partes genitaes. Occupa o prepucio ou a glande no homem, ou os grandes e pequenos labios da vulva na mulher. — Lavar com decocção de rosas rubras, polvilhar com amido. Tocar as vesiculas com pedra infernal; applicar fios molhados em agua vegeto-mineral 146, ou no vinho aromatico 445.

Herpes phlyctenoide. Vesiculas agglomeradas, dispostas em chapas irregulares. O mesmo tratamento que o do herpes circular.

Herpes variegado, ou *Iris herpetico.* Vesiculas herpeticas, aggregadas em circulos concentricos de diversas côres. Situação na mão e peito dos pés. O mesmo tratamento que o do herpes circular.

Herpes zona ou **Zoster.** V. *Cobreiro.*

HORDEOLO. V. Terçol.

HYDARTHROSE ou **Hydropisia da articulação.** Accumulação de serosidade nas articulações. É caracterizada pela tumefacção da articulação sem mudança na côr da pelle nem na consistencia dos tecidos sub-jacentes. O tumor é fluctuante. A hydarthrose póde apparecer em todas as articulações, mas é mais frequente no joelho

do que nas outras, sobrevem muitas vezes sem causa apreciavel; póde desenvolver-se em consequencia da contusão, da torcedura, dos exercicios violentos; sobrevem ás vezes nos individuos affectados de blennorrhagia.

Tratamento. Nas hydarthroses agudas, sobretudo nas que se declarão em consequencia do rheumatismo agudo, empregar o tartaro stibiado em alta dóse, internamente 20 a 40 centigrammas em poção 278. Poção contra-estimulante de Laennec 279. Estender sobre o joelho com pincel uma ou mais camadas de tintura de iodo 531. Applicar causticos volantes na junta 343. A compressão exacta da articulação, associada ás fricções com alcoolato de alfazema 67, tem produzido algumas curas. A compressão pratica-se com tiras d'emplasto diachylão, com atadura ordinaria, com atadura elastica, ou, melhor ainda, interpondo pasta de algodão entre a atadura e a junta. Para impedir o afrouxamento da atadura, na ligadura, com algodão, cobre-se a superficie da atadura, com dextrina ou polvilho diluido em agua; reforma-se o apparelho todos os quinze ou vinte dias, afim de aperta-lo, á medida que a articulação diminuir de volume. No maior numero de casos, evitar a *immobilidade absoluta e prolongada,* como podendo produzir a rijeza muscular. Assim, salvo os casos de hydarthrose complicados de inflammação, o doente deve servir-se da junta, evitando, comtudo, a fadiga. — Se estes meios não forem sufficientes, evacuar a serosidade que distende a articulação e injectar dentro o liquido seguinte : Agua 40 grammas, iodo 5 grammas, iodureto de potassio 10 grammas. O lugar que se deve escolher para a picada do trocate acha-se por cima e por fóra da rotula; a canula deve ter só 3 a 4 millimetros de diametro; os tecidos que se atravessão tem a espessura de 1 centimetro pouco mais ou menos. A quantidade do liquido que se injecta é de 10 a 30 gram., e o tempo que deve demorar-se na articulação varía de um a cinco minutos. A injecção é seguida da inflammação articular que cessa pouco a pouco. Combate-se a rijeza articular pela maçadura 565, banhos e gymnastica da articulação.

HYDATIDA. Kysto contendo maior ou menor numero de saquinhos ou vesiculas chamadas *acephalocystos,* que encerrão no seu interior certo numero de vermes chamados *echinococos.* Póde-se formar em todos os orgãos, mas sobretudo no figado, pulmões, rins, cerebro, utero, onde produz phenomenos mais ou menos graves. — Se o kysto se achar ao alcance dos instrumentos, abri-lo com o bisturí ou massa caustica de Vienna 674. Evacuar o kysto, e injectar alcool ou tintura de iodo 531, para produzir a inflammação e adhesão das paredes. V. *Echinococo* e *Cysticerco.*

HYDROCELE. Hydrocele da tunica vaginal. Tumor formado pela accumulação de serosidade na tunica vaginal do testiculo. — Puncção subcutanea se o tumor fôr pouco volumoso. Operação pela injecção com vinho, com tintura de iodo 531, com tintura de iodo e iodureto de potassio 532, com alcool 425.

Hydrocele do cordão espermatico. Derramamento de serosidade entre os diversos elementos que constituem o cordão. É um tumor na virilha, molle e não doloroso. — Nada fazer, sendo o tumor pequeno; se fôr grande, praticar uma puncção, que póde tambem ser seguida de injecção iodada 532.

HYDROCEPHALO. Hydropisia da cabeça.

Hydrocephalo agudo ou *Apoplexia serosa.* Molestia caracterizada anatomicamente pela exhalação de grande quantidade de serosidade no interior do craneo, produzindo a perda subita e mais ou menos

›mpleta do sentimento, do movimento e da intelligencia. Tem dois odos de invasão : um gradual, outro subito. No primeiro caso, o ›ente queixa-se de cephalalgia; tem somnolencia; os sentidos estão ıfraquecidos, as faculdades intellectuaes obtusas, ás vezes ha delio. Estes symptomas augmentão, o individuo cahe n'um estado ›matoso, com paralysia. Quando a apoplexia serosa sobrevem subimente, o enfermo perde de repente os sentidos; os quatro membros ›ão paralysados; as pupillas largas e immoveis; o pulso lento; a ›spiração com estertor; o rosto pallido ou violaceo. Emfim, depois › uma duração que varía entre algumas horas e muitos dias, o ›ente succumbe; outros recobrão pouco a pouco o conhecimento; ; movimentos e a sensibilidade voltão progressivamente, e bastão guns dias, ás vezes só 24 horas, para desapparecerem todos os ›mptomas de compressão cerebral.

Tratamento. Sangria, se o pulso estiver forte. Abster-se da nissão sanguinea estando o doente fraco. Em todos os casos recor›r aos purgantes energicos, taes como sene 728, escamonea 441, ›mma-gutta 508. Bebidas diureticas (infusão de zimbro 782, com grammas de acetato de potassa, infusão de parietaria 656, etc.). austicos na nuca e nas pernas 343.

Hydrocephalo chronico ou *Agua na cabeça.* É muitas vezes con›nito; outras vezes não se desenvolve senão depois da nas›nça. É acompanhado *quasi sempre* de um augmento consideravel › volume da cabeça; em alguns casos, porém, notou-se que o ›aneo teve proporções normaes ou inferiores ás do estado physio›gico. A cabeça está mais ou menos deformada : é aguçada, e ›hatada na testa e nos lados. O rosto não tem expressão, as pernas io delgadas, sem força; a voz fraca; os doentes tem voracidade, não obstante isto não se desenvolvem; emfim a maior parte d'estes ıfelizes morrem pouco tempo depois da nascença, no coma ou nas ›nvulsões. Os meninos, que se tornão hydrocephalos depois do ascimento, são pela maior parte tranquillos e de intelligencia btusa; dormem muito; tem a vista fraca ou extincta; alguns são esgos e paralysados de um ou mais membros; cahem frequente›ente; muitos não podem soster a cabeça em equilibrio; alguns tem ıovimentos epileptiformes. A morte é a terminação constante. Todos s medicamentos empregados tem sido inuteis. Sendo a cabeça voluıosa nada ha a fazer senão preserva-la dos choques exteriores.

HYDROPERICARDIO. Hydropisia do pericardio, cujo desenvolimento é precedido dos symptomas da *pericardite.* O signal consiste m perceber-se na região do coração, pela percussão, o som massiço ıais extenso do que no estado normal. — Applicar o tratamento da *nasarca* e da *ascite.*

HYDROPHOBIA. Aversão para a agua a para todos os liquidos. em razão tem-se empregado este nome como synonymo da raiva; pois ue o horror á agua não existe no cão damnado; existe só no homem, é produzido pela contracção dolorosa dos musculos do pharynge : doente tem sède, mas não póde engulir a agua que se lhe leva á occa. A hydrophobia póde tambem não depender da raiva, mas ser *spontanea*; um grande susto, e sobretudo o medo de ter sido mor›ido por um animal damnado; são a causa mais ordinaria d'esta oença. Houve exemplos em que, sem ter sido mordido por um nimal damnado, o doente apresentou repugnancia para a agua, onstricção na garganta, convulsões, desejo de morder, delirio, ebre. — Na hydrophobia espontanea o tratamento a empregar coniste em : Banhos geraes mornos, medicamentos calmantes e antis-

pasmodicos como a valeriana, opio, castoreo, assafetida, ether, injecções sub-cutaneas com chlorhydrato de morphina 643; mas sobretudo meios moraes proprios para tranquilizar o doente. Quanto á hydrophobia communicada, v. *Raiva*.

HYDROPHTHALMIA. Hydropisia do olho. Affecção que depende da secreção excessiva dos humores do olho: este orgão adquire maior volume e dureza do que no estado natural, póde até fazer proeminencia fóra da orbita, e então as palpebras não o cobrem. A pupilla dilata-se, torna-se quasi immovel, e a vista perde-se pouco a pouco; sobrevem ás vezes insomnia, dôres no fundo da orbita, inflammação do olho, e a sua ruptura. A hydrophthalmia é ordinariamente incuravel; todavia, sendo pouco consideravel, póde-se recorrer aos purgantes repetidos, ás fricções na testa com unguento mercurial 600, e a applicação sobre o olho de saquinhos cheios de alfazema, alecrim, hortelã e outras plantas aromaticas; finalmente, praticar a puncção do olho.

HYDROPISIA. Collecção de serosidade em uma cavidade qualquer do corpo ou no tecido cellular. Quando a serosidade se infiltra no tecido cellular de todo o corpo, a molestia toma o nome de *anasarca* ou *leucophlegmasia;* e quando a hydropisia é parcial, chama-se *edema*. V. *estas palavras*.

Hydropisia das articulações. V. HYDARTHROSE.

Hydropisia da cabeça. V. HYDROCEPHALO.

Hydropisia do coração. V. HYDROPERICARDIO.

Hydropisia do olho. V. HYDROPHTHALMIA.

Hydropisia do ovario. V. KYSTO DO OVARIO.

Hydropisia do peito ou *Hydrothorax*. Derramamento de serosidade na cavidade da pleura. Depende da inflammação das pleuras, de um obstaculo na circulação do coração ou dos pulmões, de certas alterações do sangue nas cachexias, emfim das metastases dartrosas, rheumaticas ou gotosas. A quantidade de serosidade póde chegar a muitos litros. O hydrothorax pouco intenso produz tosse secca, alguma expectoração, dyspnéa, dilatação do peito, som massiço no ponto correspondente ao liquido derramado, enfraquecimento do murmurio respiratorio vesicular, sopro bronchico na raiz dos bronchios, emfim egophonia, isto é, resonancia exagerada da voz. No hydrothorax que enche toda a cavidade da pleura, o lado doente é dilatado, fluctuante no espaço intercostal, dá um som massiço em toda a sua extensão, não deixa mais ouvir o murmurio respiratorio, mas só o sopro e a egophonia na margem espinhal da omoplata. — O hydrothorax pouco abundante desapparece quasi sempre por absorpção. O tratamento compõe-se de medicamentos diureticos 795, e purgativos 804. Nitro 297. Scilla 723. Digital 414. Acetato de potassa 147. Infusão de parietaria 655. Sulfato de soda 743. Sulfato de magnesia 585. Aloes 252. Escamonéa 441. Jalapa 545. Causticos no peito 343. Se o derramamento de serosidade, estacionario desde muito tempo, encher a pleura e ameaçar de produzir a suffocação, cumpre fazer a puncção do peito com o trocate.

Hydropisia do ventre. V. ASCITE.

HYDROTHORAX. V. HYDROPISIA DO PEITO.

HYGROMA. Hydropisia das bolsas mucosas subcutaneas, que forma um tumor fluctuante. Observa-se sobretudo no joelho, nas pessoas que tem costume de estar muito tempo de joelhos. — Applicar um panno molhado no vinho tinto e comprimir com atadura. Applicar emplasto de sabão 83. Se o tumor não se resolver, e causar pouco incommodo, abandonar a molestia a si mesma. Se incommodar muito,

esmagar o tumor, comprimindo-o fortemente com os dois dedos pollegares. Fazer uma puncção com lanceta de modo a destruir o parallelismo, depois de feita a puncção.

HYPEREMIA. Synonymo de congestão. V. Congestão.

HYPERTHROPHIA. Desenvolvimento excessivo de um orgão, caracterizado pelo augmento do seu peso e volume, sem alteração na sua textura intima.

Hypertrophia do baço. V. p. 890.

Hypertrophia da conjunctiva. V. p. 923.

Hypertrophia do coração ou *Aneurysma activa do coração.* Accrescimo das paredes do coração. Seus symptomas são : palpitações acompanhadas de anxiedade, ás vezes desmaios; sensação de peso, mas raras vezes dôr na região precordial; dyspnéa; inchação das extremidades inferiores, do rosto e das outras partes do corpo. Pancadas do coração visiveis em grande extensão do peito; o som massiço pela percussão que, no estado normal, não tem senão 4 a 6 centimetros quadrados, póde na hypertrophia, estender-se a um espaço duas ou tres vezes maior. Pela auscultação, conhece-se que a impulsão do coração acha-se augmentada, e ás vezes a um ponto tal, que as pancadas do coração levantão a orelha ou a mão applicada na região precordial. Quasi sempre os ruidos são mais prolongados do que no estado normal. Ouve-se ás vezes um outro ruido chamado *tinido metallico.* Póde-se fazer ideia d'elle applicando levemente a polpa do dedo médio ao orificio do canal auditivo externo, de modo que este fique completamente fechado, e dando uma pequena pancada n'este dedo com a mão do lado opposto. Este ruido não impede ouvir distinctamente os dois ruidos normaes do coração. Ás vezes ouve-se um ruido imitando o *pio das aves* e um ruido *de folle.*

Tratamento : Repouso do corpo e do espirito; vida regular e isenta de todos os excessos. Evitar as emoções fortes, e abster-se dos licores espirituosos. Regimen mais vegetal do que animal; uso do leite, das fructas, das limonadas de limão, de laranja e de outras fructas acidas. Digital 415. Pilulas de Withering 416. Pilulas de Andral contra as palpitações 416. Pós diureticos 416. Scilla 723. Pilulas scilliticas de Parmentier 724. Xarope de pontas de espargos 44. Purgantes 804. Preparações de nitro 297. Fricções na região precordial com linimento sedativo 417. Emplasto de digital na mesma região 79. As palpitações acalmão pelas applicações d'agua fria sobre o coração.

Hypertrophia do figado. V. *Figado*, pag. 992.

Hypertrophia da lingua. V. *Lingua.*

Hypertrophia dos ossos. Inchação uniforme dos ossos, que apparece em consequencia das contusões, e inflammações. Com o tempo o osso diminue de volume.

Hypertrophia da prostata. V. *Prostata.*

HYPOCONDRIA. Molestia caracterizada pela perturbação na digestão, sem febre nem lesão local; por flatulencia, exaltação extrema da sensibilidade, espasmos, palpitações, illusões dos sentidos, successão de phenomenos morbidos que simulão a maior parte das doenças, terrores panicos, inquietações exageradas, principalmente sobre o que respeita á saude. — Habitar no campo. Distracções, taes como a leitura, theatro, musica. Exercicios segundo o gosto do doente : equitação, caça, cultura de jardim, ou certos jogos, como o bilhar, cartas, etc. Ter uma occupação contínua. Combater a prisão de ventre. Banhos de rio e do mar.

HYPOHEMA. V. Hemalopia.

HYPOHEMIA INTERTROPICAL. V. Opilação.

HYPOPYO. Derramamento de pus na camara anterior ou posterior do olho, consequente á inflammação violenta das membranas internas do olho. A materia purulenta turva a transparencia do humor aquoso, e forma uma nodoa branca que tapa algumas vezes a pupilla. — Cataplasmas de linhaça sobre o olho 560. Fazer puncções repetidas da cornea com agulha de cataracta. O humor aqueo reproduzindo-se leva comsigo cada dia um pouco de pus.

HYPOSPADIAS. Vicio de conformação, que consiste em estar a abertura do canal da urethra collocada por baixo da glande. É quasi sempre incuravel.

HYSTERALGIA. V. Nevralgia do utero e da vagina.

HYSTERISMO. Nevrose propria ás mulheres, que comprehende os *ataques de nervos;* apparece por accessos e manifesta-se, na sua maior intensidade, por gritos, convulsões, oppressão, com ou sem a sensação de uma bola que sobe ao pescoço.

Tratamento preservativo. Exercicio muscular. Occupações serias. Vida tranquilla. Evitar as emoções fortes e sobretudo as contrariedades.

Durante os accessos. Deitar a doente na cama com a cabeça elevada; contê-la para que não se magôe; tirar o collete, as ligas e todos os obstaculos que possão impedir a circulação; deixar entrar ar puro no quarto; fazer aspersões d'agua fria sobre o rosto, applicar sinapismos nas extremidades 616; fazer respirar ether ou vinagre; dar a beber chá de folhas de laranjeira 554.

Tratamento da molestia. Banhos mornos prolongados. Banhos frios. Semicupios com folhas de figueira do inferno 452. Exercicios. Hydrotherapia 523. Medicamentos narcoticos 802, antispasmodicos 789, e tonicos 807. Pilulas de Meglin 597. Pilulas antihystericas de Selle 357. Preparações de açafrão 143. Opio 638. Valeriana 771. Oxydo de zinco 648. Valerianato de zinco 773. Pilulas antispasmodicas 252, 290, 772. Almiscar 250. Castoreo 356. Ambar cinzento 260. Clyster de assafetida 290. Purgantes 804.

ICHTHYOSE. Escamas duras e seccas na pelle, de côr de nacar ou de cinza, que lhes dá semelhança com as de peixe. — Banhos d'agua tepida. Banhos alcalinos 349. Banhos sulfurosos 746. Fricções com glycerina pura 501, com glycereo de amido 502, com pomada de alcatrão 241. Applicação de tintura de iodo com pincel 531, e outros meios indicados no artigo *Molestias de pelle.*

ICTERICIA. Molestia caracterizada pela côr amarella da pelle, das conjunctivas e da ourina, coloração cinzenta das materias fecaes, dôr surda na região do figado, e inchação mais ou menos sensivel de todo o abdomen. Ha duas especies de ictericia, uma *essencial,* e outra *symptomatica.* N'esta, a ictericia é a consequencia de um obstaculo material no curso da bilis, tal como calculos biliares retidos no conducto hepatico ou choledoco, ou um tumor que comprime estes conductos; de uma inflammação do figado; de alguma molestia grave que inficiona toda a economia; na ictericia essencial, pelo contrario, a molestia desenvolve-se sem alteração organica, em consequencia de alguma perturbação profunda do systema nervoso, proveniente de dôr physica ou affecção moral. Na ictericia essencial não ha febre.

A *ictericia essencial* sara pelo repouso, bebidas refrigerantes, como as limonadas de limão, laranja, ou levemente laxativas, como a infusão de tamarindos 752, e de um regimen sobrio, mais vegetal

do que animal, composto da metade do que entra na alimentação habitual. Leite. Soro de leite 733. Cremor de tartaro 406. Limonada de citrato de magnesia 584. Acetato de potassa 147. Sulfato de magnesia 585. Nitro 297. Cozimento de grama 511. Agua gazosa 171.

A ictericia devida a um embaraço gastrico deve ser tratada pelo vomitorio, 5 centigrammas (1 grão) de emetico 278, e por bebidas acidulas. A ictericia produzida pelos calculos biliares e pela colica hepatica, deve ser combatida pelo bicarbonato de soda 349, aguas de Vichy 231, Vidago 232, Pedras Salgadas 220.

A ictericia chronica, de causa incerta ou attribuida á obstrucção do figado, trata-se pelo aloes 252, pilulas anti-ictericas de Buchan 254, pilulas de sabão medicinal 704, agua de Vichy 231, Vidago 232, Pedras Salgadas 220. Bicarbonato de soda 349, mistura nitrada 298, purgantes 804.

Ictericia dos recem-nascidos. Não se confunda esta molestia com a côr amarellada que provém da mudança de hematose, nos recem-nascidos. — Xarope de chicoria composto 368. Clysteres de decocção de linhaça 560. Banhos mornos. Cataplasmas de linhaça no hypocodrio direito 560.

IDADE CRITICA. Epoca da vida da mulher, na qual cessa a menstruação; de 45 a 50 annos. É chamada *critica* por causa de alguns incommodos ou molestias que apparecem n'esta epoca. São : congestões de sangue na cabeça, calores no rosto, plethora geral, hemorrhagias uterinas, certas molestias da pelle e sobretudo caparrosa, nevralgias lombo-uterinas, etc. — Contra a plethora, usar do regimen vegetal, limonadas, ás vezes da sangria. Contra as hemorrhagias uterinas, em quanto durão, repouso na cama, tintura de Marte tartarizada 475, centeio espigado 361; e no intervallo das hemorrhagias, banhos de rio ou do mar, lavatorios locaes com agua fria. As erupções da pelle e as nevralgias combatem-se pelos meios indicados na *Acne* e *Nevralgias.*

IDIOTISMO. Falta congenial e quasi completa da intelligencia. — Não ha tratamento que o cure.

ILEO, volvulo, colica de miserere, nó na tripa ou **paixão iliaca.** Dôres extremamente vivas no ventre, acompanhadas de vomitos e de prisão do ventre; dependentes da deslocação, invaginação ou estrangulação de uma porção de intestino. Os vomitos contém alimentos, mucosidades, e por fim materias estercoraes.

Tratamento. Dieta. Fricções no ventre com laudano de Sydenham 636. Banhos mornos prolongados. Purgantes 804. Clysteres purgativos 586, 730, 743. Clyster de assafetida 290. Clyster de belladona 308. — Dilatar fortemente o ventre com agua introduzida pelo anus no canal intestinal por meio da seringa; introduzir depois, do mesmo modo, em 1° lugar, a solução de 30 grammas (1 onça) de acido tartrico em 90 grammas (3 onças) d'agua; 2° a solução de 30 grammas de bicarbonato de soda, em 90 grammas d'agua; tapar o anus com um chumaço fortemente applicado; esperar alguns minutos; por fim tirar o chumaço. A irrupção espontanea dos gazes, liquidos e materias estercoraes, produz a cura do doente. — Insuflar ar no anus, por meio de folle até que este fluido saia pela bocca. O folle deve ser guarnecido de um tampão que tape o anus.

IMPERFORAÇÃO DO ANUS. Perforar com o bisturí ou trocate a membrana que tapa a abertura do anus, e introduzir na abertura uma mecha de fios.

IMPERFORAÇÃO DO PREPUCIO. Fazer a abertura com lanceta.

IMPETIGO, salsugem, empigem humida. Affecção cutanea caracterizada por pequenas pustulas, cuja materia se transforma em crostas espessas, gretadas e amarellas. Póde desenvolver-se sobre todas as regiões, e mostrar-se debaixo de duas fórmas principaes : ora as pustulas são aggregadas em corymbos circulares, de figura irregular (*salsugem figurada*); ora são espargidas sobre as partes que occupão (*salsugem diffusa*). A *salsugem figurada* occupa sobretudo o rosto. A *salsugem diffusa* mostra-se nas extremidades inferiores, e no couro cabelludo da cabeça, onde toma o nome de *tinha falsa*, a qual não se deve confundir com a *tinha verdadeira*. Esta tem por caracter essencial crostas seccas, circulares e deprimidas em fórma de copinho; e é contagiosa; entretanto que o impetigo não se communica. Ha ainda uma especie de *impetigo* chamada *larvalis*, da palavra latina *larva* mascara, que se fórma sobre o rosto das crianças : chamão-lhe mais particularmente *crosta lactea* ou *ozagre* (v. esta ultima palavra).

O *tratamento* do impetigo consiste em lavatorios com cozimento de raiz de althea, banhos d'agua tepida, cataplasmas de fecula 461, applicações de polvilho, limonadas de limão ou outras bebidas refrigerantes; é bom tambem tomar um purgante. Se a molestia resistir, recorrer ás applicações seguintes : ceroto sulfurado 439, glycereo de amido 502, pomada de iodureto de enxofre 535. Banhos sulfurosos 746.

IMPOTENCIA VIRIL. Banhos e semicupios frios. Regimen tonico e analeptico. Comidas temperadas com pimenta, gengibre, etc. Baunilha 305. Vinhos generosos. Banhos quentes aromaticos 444. Pós aphrodisiacos 252, 261. Pastilhas mogolas 405. Mistura aphrodisiaca 342. Tintura de cantharidas 342. Balsamo de Gilead de Salomon 343. Pastilhas divinas 261. Pastilhas cachundé 261. Pastilhas de ginseng 499. Fumigações nas partes genitaes com bagas de zimbro 783. Fricções no perineo com tinturas ou linimentos preparados com ambar cinzento, almiscar, essencia de terebinthina, tintura de cantharidas. Immersão repetida do penis em macerato de sementes de mostarda. A tranquillidade do espirito e a confiança em si mesmo dissipão a impotencia occasionada pelas emoções e pelo medo. Muitas vezes, não existe a debilidade senão no espirito; basta, para combatê-la, não duvidar das proprias forças. Nada se deve fazer contra a impotencia que resulta da idade.

INAPPETENCIA. V. Fastio.

INCHAÇÃO. V. Edema, Anasarca.

Inchação do estomago. A ingestão dos alimentos é muitas vezes seguida de inchação epigastrica, devida ao desenvolvimento dos gazes no estomago, nas molestias seguintes : gastralgia, dyspepsia, gastrite, cancro do estomago. Este desenvolvimento dos gazes produz suffocações que obrigão a desapertar a roupa, e provoca as eructações inodoras ou de máo cheiro. — Chá de herva doce 274. Magnesia calcinada, 50 centigrammas (10 grãos).

Inchação das juntas. Apparece no *rheumatismo, arthrite, gota, hydarthrose.*

Inchação da lingua. V. Glossite.

Inchação do rosto. V. Fluxão.

Inchação dos seios. V. Engurgitamento.

Inchação do ventre nas crianças. V. Tuberculos mesentericos.

INCONTINENCIA DE OURINA. Emissão involuntaria de ourina pelo canal da urethra. — Se a incontinencia depender da *inflammação* ou da *paralysia* da bexiga, empregar o tratamento indicado

contra estas molestias. Aquella que depende da presença de algum calculo, reclama a extracção d'este corpo estranho. — Contra a incontinencia nocturna das crianças, empregar os banhos quentes com alfazema, salva, alecrim e outras plantas aromaticas 444, banhos frios de rio ou do mar, regimen analeptico, vinho, abstinencia de bebidas aquosas de noite, belladona internamente na dóse de 5 a 15 centigrammas (1 a 3 grãos) 506, ferro reduzido 463. — Quanto ás incontinencias de ourina que dependem da *fistula vesico-vaginal, fistula vesico-rectal, estreitamentos da urethra,* dirigir o tratamento contra a molestia principal. Se a incontinencia de ourina fôr incuravel, a pessoa é obrigada a trazer continuamente um ourinol de caoutchouc vulcanizado.

INCORDIO. V. Bubão.

INDIGESTÃO. Perturbação passageira e subita das funcções digestivas, a qual sobrevem ordinariamente pouco tempo depois da comida mui copiosa ou de má qualidade, pela influencia de uma affecção moral viva, ou por alguma outra causa estranha.

Se a indigestão estiver no seu começo, se existir só incommodo no epigastro, tome-se uma chicara de chá da India ou de folhas de laranjeira. Se a indigestão fôr completa, favorecer os vomitos com agua morna. Se as ancias forem grandes, e os vomitos não se declararem, administrar 5 centigrammas de emetico 278. Dieta.

INDURAÇÃO. V. Endurecimento.

INERCIA DA BEXIGA. Difficuldade de expulsar completamente a ourina. E o resulado do enfraquecimento da membrana musculosa da bexiga, e depende ordinariamente dos progressos da idade, mas esta difficuldade póde ser augmentada pela distensão exagerada da bexiga. A inercia apparece de uma maneira lenta e gradual. A bexiga perde pouco a pouco a faculdade de se contrahir, a ourina sahe com custo; a expulsão do liquido é incompleta, fica d'elle sempre certa quantidade, e pouco a pouco a ourina accumula-se na bexiga, cujas paredes estende. O individuo verte pouca ourina cada vez; depois a necessidade faz-se sentir não só de dia mas tambem de noite, de modo que o somno é interrompido continuamente. N'estes individuos a bexiga está enormemente dilatada pela ourina que se accumulou pouco a pouco, e quando não póde receber mais, a necessidade faz-se sentir e a bexiga esvazia-se em parte. A inercia da bexiga póde tambem sobrevir subitamente nos individuos jovens, pela dilatação forçada da bexiga, que perde então *momentaneamente* a sua contractilidade, quando estes individuos, achando-se em companhia de outras pessoas, não ousão ausentar-se para satisfazerem a vontade de ourinar.

Tratamento. Nos individuos jovens, na inercia produzida pela distensão forçada da bexiga, basta applicar no ventre e no perineo pannos molhados em agua fria, para provocar a contracção do orgão e a expulsão da ourina. Sendo este meio insufficiente, introduzir a sonda. A bexiga recobra depois a sua energia. Os individuos idosos, nos quaes a inercia da bexiga é o resultado da idade, devem recorrer de vez em quando ao catheterismo, para impedir a accumulação exagerada da ourina. Devem ourinar logo que a necessidade se fizer sentir. Empregar semicupios d'agua fria, e fricções no ventre com balsamo de Fioravanti 759.

INERCIA DO UTERO. Falta de contractilidade necessaria para apertar e approximar as paredes d'este orgão. Se se manifestar durante o parto, retardar o trabalho de parturição. N'este caso a mulher deve dar alguns passeios pelo quarto, tomar uma chicara

de caldo, um pouco de vinho. Administrar-lhe um clyster d'agua morna; fazer algumas fricções no ventre. Romper as membranas, quando se suppuzer que a inercia depende da dilatação excessiva do utero; administrar o centeio espigado 363; finalmente applicar o forceps ou fazer a versão do feto.

Se a inercia se declarar depois do parto, conhece-se pela molleza do orgão, que occupa grande parte do ventre. Pelo contrario, o utero contrahido sente-se, atravez das paredes do ventre, sob a fórma de um tumor duro, globoso, que occupa a região inferior do ventre. A inercia depois do parto, póde occasionar grande hemorrhagia. Extrahir as pareas, se não forão expulsas. Se a hemorrhagia continuar apezar da sahida das pareas, administrar o centeio espigado 363, ou praticar o entupimento com panno e fios.

INFILTRAÇÃO. V. ANASARCA.

INFLAMMAÇÃO EM GERAL. A inflammação é um estado morbido particular, caracterizado pelo affluxo de sangue aos vasos capillares em maior abundancia do que no estado natural, e que determina dôr, vermelhidão, calor, tensão e inchação. Estes phenomenos apresentão differenças segundo a estructura e as funcções da parte affectada. Todas as inflammações podem terminar-se pela resolução, suppuração, gangrena, induração, ou passagem ao estado chronico. O *tratamento* das inflammações em geral é : Repouso. Posição tal que o sangue não se dirija á parte doente. Sanguesugas. Sangrias. Applicações emollientes 797, narcoticas 802. Dieta mais ou menos rigorosa. Bebidas emollientes, frias ou acidulas. Banhos mornos, clysteres emollientes. Tartaro emetico em alta dóse 279. Laxantes 804.

Inflammação das amygdalas. V. *Pharyngite.*
Inflammação das articulações ou juntas. V. *Arthrite.*
Inflammação do baço. V. *Splenite.*
Inflammação da bexiga. V. *Cystite.*
Inflammação da bocca. V. *Estomatite.*
Inflammação do cerebro. V. *Encephalite.*
Inflammação da conjunctiva. V. *Conjunctivite.*
Inflammação da cornea. V. *Keratite.*
Inflammação dos dedos. V. *Panaricio.*
Inflammação do estomago. V. *Gastrite.*
Inflammação do figado. V. *Hepatite.*
Inflammação da garganta. V. *Pharyngite.*
Inflammação das gengivas. V. *Estomatite.*
Inflammação dos intestinos. V. *Enterite.*
Inflammação do iris. V. *Iridite.*
Inflammação da lingua. V. *Glossite.*
Inflammação da medulla espinhal. V. *Myelite.*
Inflammação do musculo. V. *Myosite.*
Inflammação do olho. V. *Ophthalmia, Conjunctivite.*
Inflammação do ouvido. V. *Otite.*
Inflammação da palpebra. V. *Blepharite.*
Inflammação da prostata. V. *Prostatite.*
Inflammação do psoas. V. *Psoite.*
Inflammação dos pulmões. V. *Pneumonia.*
Inflammação dos rins. V. *Nephrite.*

Inflammação dos seios. Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Purgantes 804. V. *Seios.*

Inflammação dos testiculos. V. *Orchite.*

Inflammação da unha. V. *Onyxis.*

Inflammação da urethra. Bichas. Cataplasmas de linhaça 560. Semicupios mornos. Infusão de linhaça para bebida 560.

Inflammação do utero. V. *Metrite.*

Inflammação das veias. V. *Phlebite.*

INGUA. Inchação de alguma glandula da virilha. — Dependendo do virus syphilitico, empregar o tratamento indicado no *Bubão;* se provier de erysipela, de ferida no pé, etc., desapparece com a molestia principal; se constituir um tumor inflammatorio simples, applicar cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461.

INSOLAÇÃO. A acção mui prolongada do sol sobre a cabeça, sobretudo durante a estação calmosa, póde produzir cephalalgia e congestão cerebral, contra a qual se empregão lavatorios do rosto com agua fria, applicações na testa de pannos molhados em agua fria e vinagre, repouso á sombra, ás vezes bichas ou sangria. Longe de ser uma causa de molestia, a insolação moderada póde ser um remedio propicio ao restabelecimento da saude; possue uma acção tonica conveniente aos convalescentes, pessoas fracas, jovens chloroticas, e crianças debeis.

INSOMNIA. Opio e sua preparações 638. Codeina 644. Chlorhydrato de morphina 642. Pilulas de cynoglossa 638. Lactucario 246. Xarope de lactucario 247. Xarope de lactucario opiado 247. Chloral hydratado 368. Cúbebas na dóse de 1 gramma 407. Passeios moderados antes de se deitar. Banho morno. Sobriedade na comida. Abster-se de café, e não cear.

INTERTRIGO. V. Assamento.

INTESTINOS. (Feridas dos). V. p. 988.

Intestinos (Inflammação dos). V. *Enterite.*

Intestinos (Invaginação cu Estrangulação dos). V. Ileo.

Intestinos (Rasgadura dos). V. Contusão do ventre.

IRIDITE ou **Irite.** Inflammação do iris. — **Aguda.** Observa-se em consequencia das feridas penetrantes do olho, das operações da cataracta ou da pupilla artificial; é ás vezes consecutiva ás conjunctivites purulentas. — O iris perde o brilho; a pupilla, algum tanto irregular na circumferencia, turva-se e fica mais estreita do que a do lado são; a conjunctiva e a esclerotica injectão-se ao redor da cornea. Mais tarde o iris apresenta uma turgencia notavel; sua côr acha-se modificada; offerece manchas roxas ou amarelladas devidas a derramamentos sanguineos ou purulentos; por fim, a pupilla fica completamente immovel e fechada por uma falsa membrana. No principio ha pouca dôr, a vista está algum tanto confusa; mas logo depois augmenta a dôr, e mesmo torna-se excessiva; o doente não póde supportar a luz; no ultimo periodo a vista está quasi completamente extincta. — Sanguesugas nas fontes. Fricções na testa com unguento mercurial e extracto de belladona (unguento cinzento 30 grammas, extracto de belladona 4 grammas), com pomada fundente de Ricord 601. Purgantes 804. Calomelanos internamente 602.

Iridite chronica. Vista confusa, pouca ou nenhuma dôr, deformação da pupilla; não ha vermelhidão nem da conjunctiva, nem da esclerotica. — Caustico na nuca. Purgantes 804. Collyrio de belladona 309.

IRIS (**Feridas do**). V. Feridas do olho.

Iris (**Hernia do**). A hernia do iris succede á ferida da cornea. — Reduzi-la com estylete rombo, ou por meio de pomada de belladona applicada na sobrancelha.

Iris (**Inflammação do**). V. *Iridite.*

ISCHURIA. V. Retenção de ourina.

KERATITE. Affecção da cornea na qual esta membrana apresenta diversas alterações : 1° A cornea perde o lustre; pequenos vasos formão-se na sua superficie, e produzem verdadeiras membranas vasculares ; 2° desenvolve-se sobre a cornea uma vesicula esbranquiçada ; 3° formão-se pequenas ulceras. Estes symptomas são acompanhados de photophobia, fluxo de lagrimas, dôr com maior ou menor alteração da vista : uma nuvem espessa parece existir sempre entre os objectos.

Tratamento. Applicar sobre a palpebra pannos molhados em agua quente durante duas horas cada dia. Tocar levemente a cornea com pedra infernal. Introduzir entre as palpebras uma pequena porção de pomada de turbitho mineral 611, ou as pomadas seguintes : Pomada de sulfato de cobre 738, ophthalmica de Dupuytren 602, de Regent 602, de Desault 602; de Lyão 602, mercurial opiada de Weller 601. Instillar o oleo de figado de bacalháo 631. Assoprar assucar cande ou calomelanos 602. Collyrio com sulfato de zinco 744, com azotato de prata 300. Collyrios adstringentes 147, 248, 744.

KYSTO. Especie de sacco sem abertura, ordinariamente membranoso, que se desenvolve accidentalmente na espessura dos tecidos, e principalmente nas regiões providas abundantemente do tecido cellular, no pescoço, nas virilhas, etc.; encontra-se tambem nos seios, nos ganglios lymphaticos, nos rins, no figado, e sobretudo nos ovarios. As materias que os kystos contém são muito variaveis : serosidade limpida, substancia gordurosa ou viscosa, sangue, hydatidas, etc.

Symptomas. Os kystos começão por um pequeno tumor indolente que fixa apenas a attenção da pessoa; mas, ao cabo de algum tempo, o tumor augmenta de volume, faz-se movel, produz certo incommodo, deformidade. É raro que mesmo no gráo muito adiantado, se torne doloroso. O tumor pára, depois de tomar certo desenvolvimento; outras vezes faz progressos incessantes. O sacco é ordinariamente unilocular, outras vezes está dividido em loculamentos completamente separados. A marcha do tumor, a falta da dôr, a mobilidade, permittem distingui-lo facilmente dos outros tumores.

Tratamento. 1° Puncção, seguida da injecção de alcool puro, vinho quente ou de tintura de iodo misturada com agua, (3 partes d'agua e 1 parte de tintura de iodo). — 2° Extirpação completa.

Kysto do ovario ou *hydropisia do ovario.* É caracterizado pelo augmento progressivo e lateral do ventre, com peso abdominal, prisão do ventre, respiração difficil. Sendo o tumor grande, percebe-se a fluctuação. — Sustentar o ventre com cinta. Se o tumor incommodar pelo seu grande volume, evacua-lo fazendo a puncção com trocate; repetir a operação cada tres semanas e tantas vezes quantas forem necessarias. Se as puncções successivas enfraquecerem a doente, tentar a cura radical por meio da puncção seguida da injecção de tintura de iodo, que inflamma o kysto e o oblitera para sempre 532. A ovariotomia, isto é, a excisão do ovario affectado, foi praticada n'estes ultimos annos pelo Dr. Nelaton, de Pariz, e por outros cirurgiões. Um terço das operadas sarou.

LABIOS (**Molestias dos**). V. Beiços.

Labio leporino. V. *Beiço rachado.*
LACRAIA (**Picadas de**). V. PICADAS DE INSECTOS.
LADILHAS. V. PIOLHOS LADROS.
LADRARIA. Molestia particular aos porcos, caracterizada pelo esenvolvimento no tecido cellular de numerosos vermes vesiculares, ue não são outra cousa senão *cysticercus cellulosæ*, vulgo *ladras*, g. 309. É uma vesicula elliptica, na qual não se vê ordinariamente enhum appendice exterior; apreenta um buraquinho pouco visiel; grande diametro da vesicula, centimetro; diametro médio, millimetros; pequeno diametro millimetros. Manifestão-se na arne de porco debaixo da fórma e granulações brancas e ovaes. sta carne não é absolutamente npropria á alimentação; convém ntretanto abster-se d'ella; não ecebe bem a salmoura, e é freuentemente a causa da tenia, dos kystos hydaticos que conèm os vermes cysticercos e echiococos. No começo da molestia ão ha signaes para a conhecer o porco; só passado algum tempo que se notão na base da lingua s pontos brancos, que annuncião molestia. É esta acompanhada e grande fraqueza; a andadura o animal é lenta, e as sedas arrancão-se-lhe com facilidade.



Fig. 309.

Ladra ou Cysticerco ladrico do porco de tamanho natural.

a, cabeça, pescoço e corpo sahidos da vesicula; — *b*, *c*, vesicula vista sob dois aspectos, a cabeça e o corpo estando dentro da vesicula.

LAGRIMEJAMENTO. V. EPIPHORA.
LARYNGE. Orgão que forma o principio das vias respiratorias e o qual se produz a voz; é uma especie de caixa aberta em cima em baixo, situada na parte anterior e superior do pescoço, atraz os musculos da região hyoidea, por diante do pharynge e da parte uperior do esophago, entre a base da lingua e a traca-arteria.
Larynge (**Corpos estranhos no**). V. p. 931.
Larynge (**Feridas do**). V. p. 988.
Larynge (**Inflammação do**). V. *Laryngite.*
Larynge (**Tisica laryngea**). V. *Laryngite ulcerosa.*
LARYNGITE. Inflammação da membrana mucosa do larynge.
Laryngite aguda. A inchação e a vermelhidão da membrana ucosa do larynge, são as alterações anatomicas que se observão 'esta molestia. A não ser mui leve, a laryngite aguda é sempre recedida de febre, calefrios, cephalalgia, fastio. A voz enrouquece extingue-se; existe tosse secca; o enfermo sente, no lugar que orresponde ao larynge, calor e mesmo dôr quando os escarros se eparão da membrana mucosa inflammada. A expectoração, que não em durante o primeiro periodo, dá mais tarde escarros mucosos, rredondados, marcados com um ponto preto, ou amarellados, pacos e puriformes. — *Se fôr leve,* infusão de flores peitoraes, de alvas, de raiz de althea edulcorada com assucar, xarope de gomma u mel de abelhas. Xarope diacodio 637. Xarope de lactucario 247. 'ediluvio sinapizado 616. — *Se fôr intensa.* Tartaro emetico 278, ou pecacuanha 541. Cataplasma de linhaça no pescoço 560. Fumigaões de vapor d'agua quente simples, ou de infusão de flores de

malvas 586. Bebidas gommosas, emollientes 797. Silencio absoluto. Purgantes 804. Meimendro 596. Aconito 166. Chlorhydrato de morphina 642. Applicar no pescoço a tintura de iodo 531.

Laryngite chronica simples. Inflammação da membrana mucosa, que percorre lentamente os seus periodos, e que invade unicamente as partes molles do larynge, sem determinar alteração profunda d'este orgão. As lesões anatomicas consistem em simples vermelhidão da membrana mucosa do larynge. Os symptomas da molestia são: alteração da voz, rouquidão, aphonia, tosse a principio secca, e depois seguida de expectoração. A voz póde faltar no meio da conversação: o doente falla então baixo. — Infusões de hera terrestre 515, de hysopo 528. Xarope de Tolú 302, de terebinthina 758, de renovos de pinheiro 668, de phellandrio 662, de lactucario 247. Fumigações com infusão de flores de sabugueiro 705, de estramonio 452, com vapores de alcatrão 240. Emplasto de cicuta no pescoço 79. Fricções no pescoço com oleo de croton tiglium 629, ou com pomada stibiada 280. Insufflação nas fauces de alumen em pó 258. Applicação no pescoço de tintura de iodo 531. Caldas sulfurosas 184. Caldas no Brasil, na provincia de Minas 195, e Caldas da Rainha em Portugal 197. Contra a aphonia, poção aluminosa 258. Gargarejo adstringente de Bennati 258.

Laryngite diphtherica ou membranosa. V. *Crup.*

Laryngite edematosa. V. *Edema da glotte.*

Laryngite estridula, *Angina estridula, Catarrho suffocante, Asthma espasmodica, Asthma aguda de Millar, Crup falso, Pseudo-crup.* Inflammação superficial da membrana mucosa do larynge, com contracções espasmodicas dos musculos da mesma região; ataca sobretudo as crianças; dá lugar a accessos de suffocação mais ou menos espantosos: a criança acorda sobresaltada, ou pára de repente nos seus brincos; declara-se uma tosse sonora, rouca, com ruido particular que foi comparado ao latido de um cachorrinho; ao mesmo tempo a respiração é rapida, interrompida, estridula; anxiedade grande; os olhos espantados; o doente leva a mão ao pessoço, e parece como se estivesse perto de suffocar. Pouco a pouco estes symptomas aterradores acalmão-se, e fica só o cansaço em relação com a violencia do accesso; em outros casos, mas felizmente raros, sobrevem a morte como resultado da suffocação. — Os symptomas do *crup falso* approximão-se muito aos do *crup verdadeiro;* mas a apparição subita do ataque, a ausencia de febre e de falsa membrana no larynge, estabelecem uma demarcação profunda entre o primeiro e o segundo. — Sinapismos nos pés e pernas 616. Dar a respirar vinagre ou agua de Colonia. Applicar no pescoço uma esponja molhada n'agua quente. Clyster de assafetida 290. Oleo de ricino 15 grammas. Poção com emetico: agua 60 grammas, emetico 5 centigrammas, que se administra ás colheres; uma colher de quarto em quarto de hora, até produzir vomitos. Chá de folhas de laranjeira. Xarope de gomma, de balsamo de Tolú 302. Caustico na nuca 343. Se a asphyxia fôr levada mui longe para que não se possa esperar a terminação feliz do accesso, praticar a tracheotomia todas as vezes que a vida esteja evidentemente em perigo.

Laryngite ulcerosa. (*Tisica laryngea*). Inflammação do larynge com ulcerações. As alterações anatomicas consistem nas ulcerações das cordas vocaes, dos ventriculos do larynge, da epiglotte; e na destruição das cartilagens. Esta molestia póde existir só, isto é, limitar-se ao larynge; mas acompanha ás vezes o desenvolvimento dos tuberculos no pulmão: n'este caso dão-lhe o nome de *tisica*

laryngea. Quando existe só, póde ser occasionada pelas causas geraes da laryngite, exposição subita ao frio, fadiga excessiva do orgão da voz, uso immoderado das bebidas alcoolicas, excessos de todo o genero; muitas vezes depende do virus syphilitico que existe na economia.

Os *symptomas locaes* de todas as especies de laryngites ulcerosas são, dôr no larynge, alteração da voz, aphonia, tosse: respiração mais ou menos difficil, expectoração de escarros pegajosos, estriados de pus ou de sangue, com pequenos fragmentos de pus concreto ou de cartilagens. As ulcerações do larynge podem ás vezes occasionar *edema da glotte* e phenomenos de asphyxia. Os *symptomas geraes* consistem na febre lenta, fastio, emmagrecimento e marasmo quando a laryngite ulcerosa é complicada de tuberculos pulmonares, e constitue o que se chama *tisica laryngea;* os symptomas não apresentão gravidade quando a laryngite é simples ou occasionada pelo virus syphilitico.

Tratamento. Fumigações de infusão de flores de malvas 586. Aspirações de alcatrão 240. Fumigações com vapores de infusão de estramonio 452; com vapores de benjoim lançado nas brasas 310. Caustico no pescoço ou na região superior do peito 343. Xarope de terebinthina 758. Xarope de renovos de pinheiro 668. Xarope de Desessartz 542. Cozimento de musgo islandico 620. Pasta de musgo islandico 620. Xarope de phellandrio 662. Infusão de papoulas 653. Aguas sulfurosas em bebida 184. Para acalmar a tosse empreguem-se os narcoticos: as preparações de opio 638, lactucario 246, aconito 66. Xarope diacodio 637. Xarope de lactucario 247. Pilulas de codeina 644. Oleo de figado de bacalháo internamente e em fricções no pescoço 631. Emplasto de cicuta 79. Applicações no pescoço de tintura de iodo 531. Fricções no pescoço com pomada stibiada 280, com oleo de croton tiglium 629. Cauterizar a garganta com a solução de azotato de prata, por meio da esponja levada sobre a haste de baleia (Azotato da prata crystallizado 1 gramma, agua 4 grammas). Assoprar ás fauces os pós de alumen misturados em p. ig. com assucar; ou os pós seguintes: azotato de prata em pó 50 centigrammas, assucar 2 grammas. Regimen substancial, habitação sadia, Evitar o frio e a humidade. Aguas sulfurosas em inhalações 184. Caldas da provincia de Minas no Brasil 195. Caldas da Rainha em Portugal 197. Eaux Bonnes 205, Luchon 214 em França. — Em presença de um doente que tem uma laryngite chronica, e no qual se suspeita a existencia de ulceração no larynge, cumpre indagar se estas desordens anatomicas são a consequencia de inflammação pura e simples, mas desprezada ou desconhecida, ou se dependem do vicio syphilitico. N'esta ultima supposição, convem administrar internamente as preparações mercuriaes, e sobretudo as pilulas de protoiodureto de mercurio de Ricord 609, ou o licor de Van-Swieten 606. — Se a laryngite ulcerosa fôr acompanhada de symptomas de tisica pulmonar, seguir o tratamento d'esta ultima molestia, conjunctamente com os meios locaes ou geraes indicados contra a laryngite ulcerosa.

LASCA ou *outro corpo pontudo que entre na carne*. Extrahir immediatamente este corpo estranho, puxando simplesmente por elle, ou fazendo as incisões necessarias. Se não se póde extrahir, sobrevem a inflammação, e depois um abcesso, que se deverá abrir com lanceta: o corpo estranho sahe então com o pus.

LEICENÇO. V. FRUNCHO.

LENTILHAS. V. SARDAS.

LEPRA. Affecção escamosa da pelle, que se manifesta sobretudo

no cotovelo, joelho, e tronco, excepto, de ordinario, a cara. Principia por pequenas elevações rodeadas de manchas avermelhadas, luzidias, *circulares;* as quaes se cobrem, no fim de alguns dias, de pequenas escamas brancas e lisas, que cahem e são substituidas por outras, e as superficies despojadas alargão-se successivamente, *mas conservando sempre a fórma circular.* Não se deve confundir esta molestia com a *morphea,* a que chamavão antigamente *lepra tuberculosa.*

Tratamento. Alimentos brandos. Abstinencia de comidas muito temperadas. Banhos d'agua quente. Banhos sulfurosos 746. Pomada de calomelanos 604. Hydrotherapia 523. Infusão de doce-amarga 418. Tintura de cantharidas internamente 342. Alcatrão internamente e em fricções 240. Cauterização com pedra infernal. Preparações arsenicaes 284, e outros medicamentos indicados contra as *Molestias de pelle.*

Lepra tuberculosa, *Lepra dos Hebreos.* V. MORPHEA.

LETHARGO. Somno profundo e contínuo, no qual o doente falla quando o acordão, mas não sabe o que diz, e torna a cahir promptamente no primeiro estado. Manifesta-se este estado em algumas febres perniciosas e nas molestias do cerebro, e não exige outro tratamento senão aquelle que está indicado contra estas molestias.

LEUCOCYTHEMIA. O sangue contém naturalmente no meio dos globulos vermelhos mui pequeno numero de globulos brancos; termo médio, 1 globulo branco sobre 355 globulos vermelhos. Porém, se debaixo da influencia das causas ainda não determinadas, a proporção dos globulos brancos augmenta, quando se conta, por exemplo, 1 globulo branco para 3 ou 4 globulos vermelhos, existe então um estado pathologico do sangue que foi chamado *leucocythemia.* O sangue contido nos vasos é n'este caso de côr rubra de tijolo ou côr de chocolate. Porém, nos leucocythemicos não só o sangue está alterado; existe, além d'isto, a hypertrophia do baço, do figado, e a inchação das glandulas lymphaticas do pescoço e do mesenterio. Os doentes enfraquecem e emmagrecem rapidamente; apresentão todos os symptomas de anemia; sua pelle está pallida, as membranas mucosas descoradas; tem suffocações, palpitações, dôres de cabeça. Sobrevem vomitos, diarrhea, diversas hydropisias, emfim hemorrhagias pelo nariz e outras vias. Todavia, de todos estes symptomas, não ha nenhum que caracterize a molestia; sua reunião, mesmo, não póde fornecer senão presumpção : só o exame do sangue é que póde dar a conhecer a leucocythemia. Sua terminação é quasi sempre fatal. O tratamento é o mesmo que o da *anemia.*

LEUCOMA. Mancha profunda da cornea. V. BELIDAS.

LEUCOPHLEGMASIA. V. ANASARCA.

LEUCORRHÉA ou **Flores brancas.** Fluxo mais ou menos abundante de um liquido branco, amarello ou verdoengo, provindo do utero ou da vagina, sem alteração apreciavel dos orgãos genitaes da mulher.

Tratamento geral. Se a leucorrhea fôr recente, semicupios d'agua tepida, simples ou com polvilho, injecções com decocção de linhaça 560. Se fôr antiga, regimen tonico e analeptico, composto principalmente de caldos substanciaes, carnes assadas, vinho. Habitação em lugares seccos e elevados. Exercicio. Passeios ao sol. Banhos frios de rio ou do mar. Banhos geraes quentes com plantas aromaticas (alecrim, alfazema, salva, hortelã) 444. Semicupios com infusão de folhas de nogueira, com infusão de rosas rubras 701, com agua fria misturada com vinagre aromatico 779.

Internamente : Ferro reduzido 463. Ferro dialysado 466. Pilulas ferruginosas de Vallet 473, ou de Blaud 473. Aguas ferruginosas tomadas na fonte 182. Vinho de quina composto 686. Vinho de Seguin 686. Vinho de quina e cacáo 686. Vinho amargo de Dubois 686. Canella em pó, 1 gramma por dia 334. Copahiba 399. Capsulas gelatinosas de copahiba e outras preparações d'esta resina 401. Cúbebas 407. Terebinthina 756. Xarope de renovos de pinheiro 668. Tannino 753. Cato 358. Macerato de genciana 496, infusão de centaurea 361, macerato de quassia 678, macerato de simaruba 733, infusão de inula campana 529, infusão de zimbro 782. Extracto de ratanhia 692. Estoraque liquido 451. Electuario contra a leucorrhéa 702.

Externamente : Injecções ou lavatorios com infusão de folhas de nogueira 625, de noz de galha 411, de cascas de romã 699, com dissolução de alumen 258, de sulfato de zinco 744, de azotato de prata crystallizado 301, de perchlorureto de ferro 469, de sublimado (1 gram. para 500 gram. d'agua). Cauterização da vagina e do collo uterino, com pedra infernal. Fumigações com succino 260. Hydrotherapia 523.

LICHEN ou **Fogagem.** Molestia cutanea, caracterizada pelas papúlas (elevações da epiderme) avermelhadas ou côr da pelle, pruriginosas, aggregadas em grupos, ou espargidas n'uma região ou por todo o corpo. Acaba por exfoliação furfuracea, e mais raramente, por excoriações superficiaes mui rebeldes.

Tratamento. Banhos tepidos. Limonadas de limão, laranja, tamarindos. Purgantes 804. Applicação de glycerina pura ou com bicarbonato de soda 502. Glycereo de aloes 255. Pomada de alcatrão 241. Oleo de cade 628. Tocar levemente com pedra infernal. Pomada alcalina opiada 348. Pomada camphorada 334. Banhos sulfurosos 746, pomada antipsorica 348, 440, 744 e outras applicações indicadas no artigo *Molestias de pelle.*

LIENTERIA. Especie de diarrhea, na qual se encontrão os alimentos meio-digeridos. — Alimentos de facil digestão e tomados em pequena quantidade. Medicamentos tonicos 807. Pepsina 658.

LINGUA (**Affecções syphiliticas da**). Consistem em, 1° *Vegetações* de apparencia verrugosa; 2° *Chapas mucosas*, arredondadas, de margens salientes; superficie rosea; 3° *Tuberculos mucosos;* redondos, salientes, de côr rubra violacea; estes terminão ás vezes por ulcerações, e offerecem então o aspecto do cancro da lingua, com o qual se confundem. O diagnostico n'este caso é difficil, e as duvidas não podem desapparecer senão pelo resultado que fornece o tratamento anti-syphilitico. Estas tres especies de producções pertencem aos symptomas secundarios da syphilis; 4° Ulceras primitivas ou consecutivas; apresentão a superficie cinzenta e margens cortadas perpendicularmente.

Tratamento. Internamente, preparações de mercurio 598, sublimado 605, proto-iodureto de mercurio 608, iodureto de potassio 537, salsaparrilha 709. Ás vezes é necessario fazer a ligadura ou excisão das verrugas syphiliticas. Cauterizar as ulceras com pedra infernal.

Lingua (**Cancro da**). V. pag. 907.

Lingua (**Feridas da**). V. pag. 988.

Lingua (**Freio da**). V. pag. 1007.

Lingua (**Hypertrophia da**) Congenial ou adquirida a hypertrophia da lingua é caracterizada pelo augmento de todas as partes que constituem a lingua. Reconhece-se nos adultos pelo afastamento

das arcadas dentarias e pela sahida da lingua. Nas crianças a bocca meio-aberta deixa passar constantemente a lingua. — Obrigar as crianças a manter a lingua dentro da bocca, applicando na porção sahida substancias de gosto desagradavel, taes como os pós de pédra-hume, rhuibarbo, genciana. Comprimir a lingua com chapas de caoutchouc ou fundas elasticas. Cortar uma porção da lingua em fórma de V.

Lingua (Inflammação da). V. *Glossite.*

Lingua (Kystos da). Empregar a puncção seguida de injecções com tintura de iodo, ou a excisão.

Lingua pregada. V. *Freio da lingua.*

Lingua (Quéda da). A quéda da lingua é ás vezes a consequencia, nas crianças, do costume de deitar continuadamente a lingua de fóra; e nos adultos, de salivações mercuriaes prolongadas; póde depender da constituição lymphatica dos individuos; é independente da hypertrophia. N'este caso a bocca fica meio-aberta pela lingua que proemina entre os dentes, e pende ás vezes até ao queixo; a saliva corre involuntariamente. — Repellir a lingua para dentro da bocca, e, no intervallo das comidas, mantê-la ali por meio de uma ligadura que approxime os queixos. Gargarejos com agua e vinagre, com a solução de pedrahume 258, com infusão de rosas rubras e mel de abelhas.

Lingua (Tumores da).

1° *Tumores erectis.* Desenvolvem-se na superficie ou na espessura da lingua; são todos congeniaes; tem a côr do morango ou a da framboeza; são pulsateis e sobretudo reductiveis. — Cauterização com ferro quente, ou excisão. Nada fazer contra os tumores que não augmentão rapidamente.

2° *Tumores fibrosos.* São caracterizados por um caroço duro, indolente, desenvolvido lentamente, sem lesão da mucosa. Não podem ser confundidos com os cancros porque estes fazem progressos rapidos, e porque n'elles a membrana mucosa altera-se rapidamente. — Respeitar os tumores que são pequenos e que não crescem; extrahir os grandes pela excisão.

3° *Tumores varicosos.* São constituidos pelo desenvolvimento excessivo das veias, contra o qual não ha remedio, mas que tambem não apresenta perigo.

Lingua (Ulceras da). Ás vezes, em consequencia de uma glossite, as mais das vezes depois das excoriações produzidas por dentes cariados, irregularmente quebrados, sobrevem ulceras na lingua. Podem tambem resultar do vicio syphilitico. — Contra as ulceras simples, gargarejo adstringente 258. Se são produzidas por um dente, lima-lo ou extrahi-lo. As ulceras syphiliticas tem a superficie cinzenta, margens cortadadas perpendicularmente : necessitão da cauterização com pedra infernal, e do tratamento interno composto de preparações de mercurio 598, sublimado 605, proto-iodureto de mercurio 608, iodureto de potassio 537, e salsaparrilha 709.

LIPOMA. Tumor formado pela hypertrophia do tecido cellulo-gorduroso; ordinariamente do volume que varía do de uma avellã até ao de um ovo; ás vezes muito maior. É constituido por um envoltorio celluloso unido levemente aos tecidos vizinhos, e que envia pela face interna prolongamentos que se cruzão reciprocamente e formão compartimentos de diversos tamanhos, cheios de substancia gordurosa amarella e molle. Quando esta substancia se approxima do sebo pela côr e consistencia, o tumor toma o nome de *esteatoma.* Os lipomas e os esteatomas formão-se de ordinario na

nuca, nas costas, sobre as regiões lateraes do pescoço, sobre a pelle das paredes abdominaes, nas nadegas e coxas; são quasi sempre superficiaes; ás vezes existem nos intersticios dos musculos, e n'este caso são profundos.

Symptomas. Estes tumores não causão dôr alguma, pelo que as pessoas não começão a aperceber-se da sua presença senão quando o seu volume está evidente ou lhes causa algum incommodo. Os lipomas ficão estacionarios durante muito tempo, por mezes ou annos; em outros casos crescem lentamente, mas de uma maneira constante; em outros emfim desenvolvem-se com rapidez. O tumor é flexivel, não resistente, movel, coberto da pelle que não apresenta alteração; não é fluctuante; não altera a saude geral; não degenera em cancro.

Tratamento. O unico meio de fazer desapparecer estes tumores é a extirpação, mas não se deve recorrer a ella senão quando o lipoma tornar-se incommodo pelo volume, ou quando cresce sem cessar. ás vezes o lipoma pouco volumoso desapparece espontaneamente.

LIPOTHYMIA. Perda subita e instantanea do movimento e do sentimento, continuando ainda a respiração e a circulação. — Applicar o tratamento da *syncope*.

LOBINHO ou **Lupia.** Kysto ou sacco sub-cutaneo, devido á dilatação de um folliculo mucoso ou sebaceo pela accumulação na sua cavidade do producto da secreção. Estes pequenos tumores desenvolvem-se sobretudo no rosto, cabeça, costas, labios. vulva, e prepucio. A membrana do kysto é espessa e resistente; é formada de um tecido analogo á derme; a face externa d'esta membrana adhere fracamente aos tecidos vizinhos; o seu conteúdo é mui variado: substancia semi-fluida, unctuosa, esbranquiçada, ou semelhante ao mel de abelhas, outras vezes materia concreta. O volume dos lobinhos é pequeno, ordinariamente o de uma ervilha ou de uma avelã; os lobinhos do couro cabelludo da cabeça adquirem ás vezes o tamanho de um ovo ou de uma laranja. O tumor é redondo, ás vezes achatado, bem circumscripto, ás vezes pediculado, movel, não doloroso á pressão, sem mudança na côr da pelle, e de consistencia molle. Os lobinhos tem um desenvolvimento lento; e, depois de adquirirem certo volume, ficão ordinariamente estacionarios; não se desfazem, e podem persistir toda a vida sem degenerarem; não incommodão, salvo se occupão o rosto, as palpebras ou a testa.

Tratamento. Os lobinhos curão-se pela extirpação ou cauterização. A cauterização pratica-se estendendo na superficie do tumor massa caustica de Vienna, com a precaução de garantir os tecidos vizinhos por meio do sparadrapo furado no centro. Deixa-se a massa sobre o kysto durante dez minutos; tira-se então; a escara que resulta da acção da massa caustica cobre-se com sparadrapo. Passados alguns dias, a escara solta-se e deixa uma ferida, que se cura com fios cobertos de ceroto. — A cauterização é mais longa do que a extirpação, e é seguida de cicatriz mais apparente. — Não se deve tocar nos lobinhos pequenos e multiplos.

LITHIASE RENAL. Formação de concreções na parte superior das vias urinarias. A molestia manifesta-se sob a fórma dos accessos dolorosos chamados *colicas nephriticas*. Certas pessoas deitão com ourinas areia ou pedras pequenas, sem dôr nem incommodo. Outras vertem ourinas purulentas, tem febre, dôres nas cadeiras e emmagrecem. — No momento do accesso, tomar um banho geral d'agua morna, e applicar nas cadeiras uma cataplasma de linhaça regada

com laudano 636. Para prevenir os accessos dolorosos, ou combater a molestia, seguir as prescripções indicadas no artigo *Areias*.

LOMBRIGAS. V. VERMES.

LOUCURA. V. ALIENAÇÃO MENTAL.

LUMBAGO. Dôr rheumatica nos musculos da região lombar.

Tratamento. Applicar um sinapismo no lugar dorido 616. Fricções com aguardente camphorada 332, com opodeldoch 332, com essencia de terebinthina 760, com linimento terebinthinado e opiado 762. Maçadura 565. Banho quente. Caustico 343.

LUPARÃO. Tumor glandular; engurgitamento das glandulas lymphaticas. V. ESCROPHULAS.

LUPO. Tuberculos lividos, indolentes, solitarios ou em grupos, que apparecem sobretudo no rosto e nariz, seguidos ou de ulceras corrosivas ou de alteração da pelle sem ulceração.

Tratamento. Pomada de bi-iodureto de mercurio 610. Applicação de agua phenica 158. Glycereo phenico 158. Glycereo de iodureto de potassio iodurado 538. Pomada de iodureto de enxofre 535. Oleo de casca de castanha de cajú 324. Curativos com estoraque liquido 451. Banhos quentes aromaticos 444. Cauterização com pedra infernal, com massa caustica de Vienna 674, com massa caustica de Canquoin 384. Cahida a escara, curar a ferida com ceroto simples 72, com fios embebidos em agua de Labarraque 383, em agua de creosota 407. Lavatorios e banhos com agua de Caldas 195, de Caldas da Rainha 197, de Vizella 234, de Luchon 214. Internamente oleo de figado de bacalháo 631, e os tonicos 807.

LUXAÇÕES ou **Deslocações** Chama-se *luxação* ou *deslocação* á sahida da extremidade do osso do seu lugar natural, pelo effeito de qualquer violencia externa, como quéda, salto, pancada, etc. — Reduzir os ossos deslocados, mantê-los por algum tempo, afim de não tornarem a deslocar-se; combater os accidentes com applicações de pannos molhados em agua fria; repouso e dieta. A reducção deve ser feita com a possivel brevidade.

Para reduzir qualquer luxação, deve o operador ter presente na memoria a disposição natural dos ossos que compõem o esqueleto: serve para este fim a fig. 310.

LUXAÇÕES DO ANTEBRAÇO. V. LUXAÇÕES DO COTOVELO.

LUXAÇÕES DO BRAÇO, luxações do hombro ou do humero. A cabeça do humero póde ir: 1° para baixo da apophyse coracoide (*luxação sub-coracoidea*); 2° para a parte superior da margem axillar da omoplata (*luxação sub-glenoidea*); 3° para dentro da apophyse coracoide, approximando-se mais ou menos da clavicula (*luxação entre-coracoidea*); 4° para a margem posterior da cavidade glenoide, immediatamente debaixo do acromion (*luxação sub-acromial*).

1° Luxação sub-coracoidea. É a mais frequente de todas. É caracterizada pela proeminencia da cabeça do humero na cova do braço, e pela sua situação debaixo da apophyse coracoide.

Suas causas são: a quéda sobre a mão ou sobre o cotovelo afastado do corpo; ás vezes a elevação forçada do braço por uma causa exterior.

Symptomas: Deformação do hombro, o qual, em vez de ser arredondado, está achatado sobretudo na parte posterior. O acromion faz uma proeminencia mui apparente. Comprimindo as partes molles do hombro, póde-se sentir a cavidade glenoidea. A cabeça do humero faz uma proeminencia arredondada na axilla, perto da superficie da pelle. O cotovelo fica afastado do tronco, o braço virado para fóra, e alongado, o antebraço em flexão, o tronco incli-

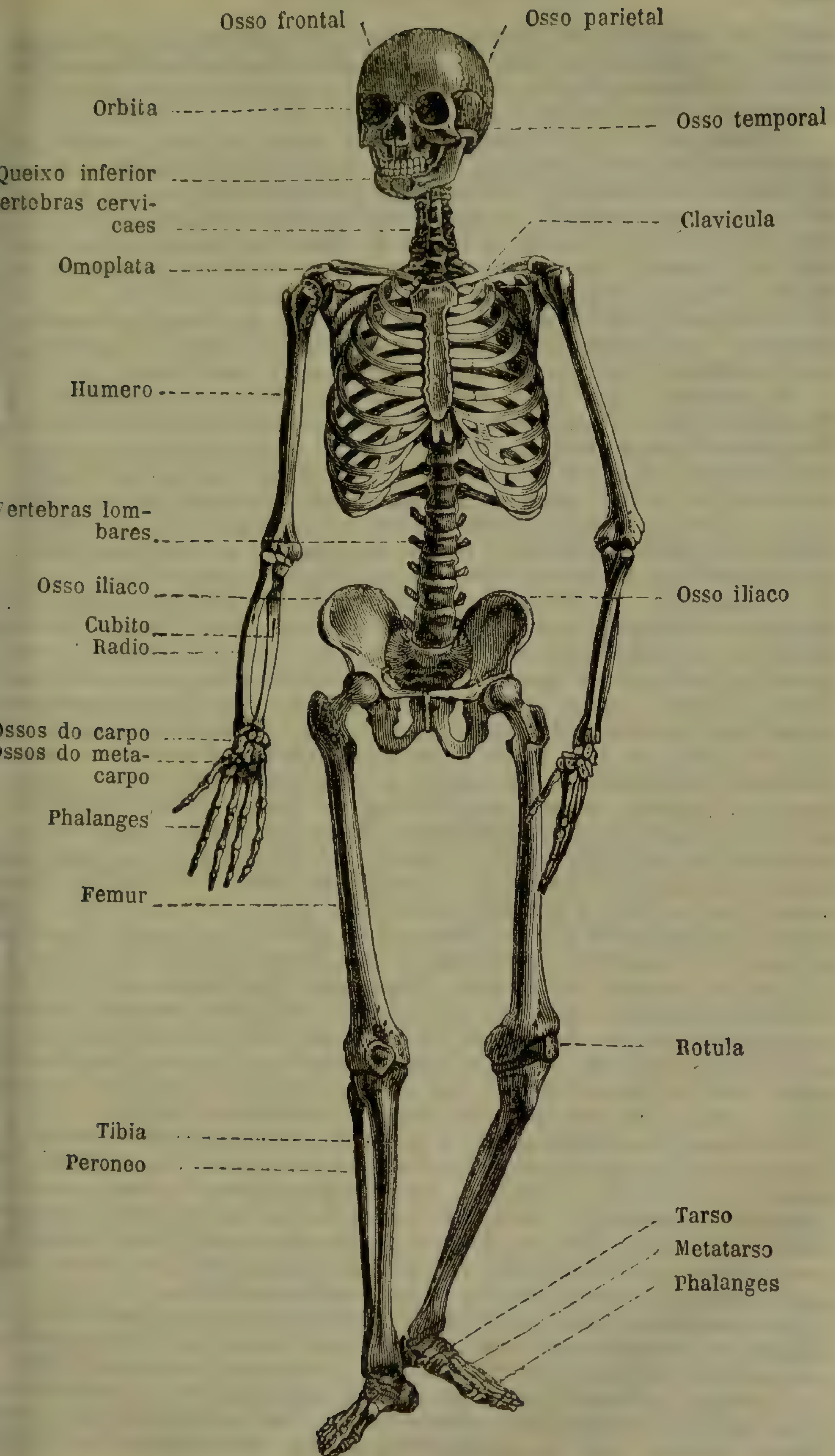


Fig. 310. — Esqueleto humano.

nado do lado doente. Os movimentos espontaneos da articulação tornão-se difficeis; os movimentos communicados são dolorosos. O doente queixa-se de dôr no hombro, e muitas vezes apparece a ecchymose na face interna do braço.

Tratamento. 1° methodo. Sentado o doente em uma cadeira, e segurando-lhe uma pessoa o peito, o operador levanta-lhe o braço afastando-o do tronco, e fazendo-lhe descrever um arco de circulo até ficar quasi vertical; o operador põe então uma de suas mãos debaixo do braço, e abaixa o braço do doente approximando o cotovelo do tronco. Um estalo particular annuncia que a cabeça do humero tornou a entrar na cavidade glenoidea.

2° methodo. Deitado o doente na cama, o cirurgião exerce a extensão recta puxando o braço para cima; e faz elle proprio a contra-extensão, carregando no hombro com a outra mão.

3° methodo, *por meio do joelho.* Para executa-lo, senta-se o doente em uma cadeira baixa. O operador colloca-se em pé ao lado da parte affectada e um pouco para traz, aparta-lhe o cotovelo do tronco para pôr a seu joelho debaixo do braço do doente; depois, apoiando o pé na margem da cadeira; applica uma de suas mãos sobre o acromion, agarra com a outra o braço perto do cotovelo, e abaixa-o approximando-o do corpo, de maneira a imprimir á cabeça do humero um movimento de redouça de dentro para fóra.

4° methodo. O doente senta-se em um mocho pouco elevado. Estando o antebraço dobrado em angulo recto com o braço, e este posto em direcção horizontal, fixão-se por cima do cotovelo, com as voltas de ligadura fortemente apertadas, as duas pontas de uma toalha dobrada como gravata, de tal sorte que a parte mediana fique livre por baixo do cotovelo, e forme uma especie de annel no qual se passa um laço, sobre cujas extremidades os ajudantes operão tracções. Preparada d'este modo a extensão, opera-se a contra-extensão fazendo passar por debaixo do braço do lado deslocado um lençol dobrado ao comprimento em quatro dobras, cujas extremidades vão uma por diante, a outra por detraz do peito, reunir-se sobre o hombro do lado são; e confião-se estas a ajudantes vigorosos, ou se atão a alguma cousa bem firme. Procede-se então ás tracções de maneira lenta e regular; o operador, collocado do lado externo do membro, segue com a mão os movimentos impressos á cabeça do humero, e quando julga que ella chegou ao nivel da cavidade glenoidea, dirige-a para cima e para fóra, recommendando aos ajudantes que fação tracções obliquas para baixo, isto é, que abaixem o braço de maneira a appoxima-lo do tronco. O operador póde auxiliar os effeitos d'esta ultima manobra, repellindo para cima a cabeça do humero com as mãos collocadas na axilla.

2° **Luxação sub-glenoidea.** É caracterizada pela situação da cabeça do humero na parte superior da margem axillar da omoplata. O hombro achata-se; a abobada acromio-coracoidea faz uma proeminencia pronunciada. A cabeça do humero acha-se na axilla; o braço está virado para fóra e alongado; o antebraço em forte flexão; os movimentos voluntarios da articulação impossiveis. Os modos de reducção não differem dos da luxação sub-coracoidea.

3° **Luxação entre-coracoidea.** É caracterizada pela situação da cabeça do humero por dentro da apophyse coracoide. É occasionada por quédas sobre o hombro, cotovelo, antebraço, ou sobre a mão. O acromion faz uma proeminencia, em baixo da qual se acha uma depressão. A concavidade sub-clavicular fica substituida por um resalto formado pela cabeça humeral, á qual está situada mui alto

na axilla, para dentro da apophyse coracoide, e mais ou menos chegada á clavicula. O braço está pegado ao tronco. — Para reduzir, empregar a extensão obliqua, primeiro para baixo, depois horizontal, combinada com um movimento de pressão ou de redouça feito sobre o joelho.

4° **Luxação sub-acromial.** N'esta luxação a cabeça do humero acha-se situada debaixo do angulo posterior do acromion. Esta luxação é occasionada pelas quédas sobre o hombro, cotovelo ou sobre a mão. O hombro avança para fóra, a apophyse coracoide e o angulo anterior do acromion forma uma proeminencia em baixo da qual se acha uma depressão. A cabeça do humero constitue um tumor saliente na parte externa e posterior do hombro, debaixo do angulo posterior do acromion; o braço está virado para dentro, o cotovelo acha-se para diante e um pouco apartado do tronco; os movimentos do braço são dolorosos.

O modo de reducção consiste em comprimir com os dedos a cabeça do humero, exercendo ao mesmo tempo a contra-pressão sobre a parte anterior do hombro. Se este meio falhar, imprimir ao braço um movimento de redouça levantando um pouco o cotovelo e dirigindo-o para traz.

LUXAÇÕES DO COTOVELO. A articulação do cotovelo é formada de tres ossos : o humero, o cubito e o radio. Os dois ultimos são unidos pela extremidade superior, e ao mesmo tempo cada um d'elles é unido com o humero. Os dois ossos do antebraço deslocão-se simultaneamente sobre o braço, ora conservando os meios de união, ora um d'elles deslocando-se ao mesmo tempo sobre o humero e sobre o outro osso.

Luxações dos dois ossos do antebraço. Ha d'ellas oito variedades :

Luxações para traz..	1ª	Luxação	completa do antebraço para traz
	2ª	»	incompleta
Luxações para fóra..	3ª	»	incompleta para fóra
	4ª	»	para traz e para fóra
	5ª	»	completa para fóra
Luxações para dentro.	6ª	»	incompleta para dentro
	7ª	»	para traz e para dentro
Luxações para diante.	8ª	»	para diante

1° *Luxação completa do antebraço para traz.* Comprehende-se debaixo d'este titulo a luxação na qual, deslocando-se os dois ossos do antebraço para traz sobre o humero, as superficies articulares cessão de ter qualquer especie de contacto entre si. De todas as luxações do cotovelo é a mais frequente.

Causas. Esta luxação é produzida por quéda sobre a parte interna do cotovelo ou do antebraço; ou sobre a mão estando o membro em extensão; ou pelo choque violento dirigido sobre a parte anterior do cotovelo, em quanto o antebraço se acha fortemente estendido sobre o braço; ou então pelo choque energico sobre a parte inferior do humero, por detraz do cotovelo.

Symptomas. O cotovelo apresenta uma deformação caracteristica; o seu diametro antero-posterior augmenta; a apophyse olecrane, vindo collocar-se atraz do humero, faz grande proeminencia na parte posterior. Na parte externa da face posterior da articulação, sente-se a cabeça do radio. O antebraço acha-se fortemente encolhido em pronação; não ha movimentos voluntarios, porém os movimentos communicados são bastante extensos.

Tratamento. Os methodos de reducção variâo conforme a luxação fôr recente ou antiga.

1° methodo. Estando o braço dobrado ao redor de uma columna da cama ou de algum pilar que sirva de ponto de apoio ao humero, applica-se uma correia sobre a olecrane, e um ajudante puxa pelas extremidades d'esta na direcção do antebraço.

2° methodo. O operador applica o seu joelho contra a dobra do cotovelo, e faz a flexão forçada do antebraço.

3° methodo. Sentado o doente n'uma cadeira, uma pessoa segura-lhe o braço perto da axilla; outra pessoa faz a extensão puxando pela mão e punho. O operador, collocado na parte externa da articulação, cruza as mãos sobre a parte anterior e inferior do humero para empurra-lo para traz, e carrega com os dedos pollegares na apophyse olecrane que se acha na parte posterior, para a repellir para diante; e quando esta proeminencia se acha por baixo das tuberosidades do humero, recommenda á pessoa encarregada da extensão, que faça a flexão do antebraço. Um choque caracteristico annuncia que a deslocação está reduzida. Feita a reducção, cumpre, para impedir nova deslocação, manter o braço fixado contra o tronco, com o antebraço em flexão.

2° *Luxação incompleta do antebraço para traz.* Differe da luxação completa, em que o cubito e o radio subírão só um pouco para traz do humero. Os symptomas tem muita semelhança em ambos os casos, e a reducção opera-se pelos mesmos modos.

3° *Luxação incompleta para fóra.* Esta variedade, que é mui rara, consiste na deslocação dos ossos tal, que a cabeça do radio sahe completamente da superficie articular do humero.

É as mais das vezes *produzida* por quéda sobre o lado interno do cotovelo ou sobre o punho.

É caracterizada pelo alargamento do diametro transversal da articulação, e por leve flexão do antebraço. Na parte interna da articulação vê-se uma grande proeminencia formada pela extremidade inferior do humero; a cabeça do radio está fóra da articulação.

Obtem-se a *reducção* submettendo o antebraço á extensão e repellindo depois a extremidade do antebraço para dentro.

4° *Luxação para traz e para fóra.* É a deslocação mixta dos ossos do antebraço que são dirigidos ao mesmo tempo para traz e para fóra do humero. É produzida pela quéda sobre o cotovelo, ou sobre a palma da mão.

Symptomas. O cotovelo fica mais largo ao mesmo tempo no diametro transversal e no antero-posterior. Por dentro, a epitrochlea está muito saliente; a borda interna e anterior da trochlea levanta a pelle do cotovelo para diante. Na parte posterior existe um vacuo correspondente á trochlea humeral. A olecrane acha-se ao mesmo tempo na parte posterior e externa do cotovelo.

Tratamento. A reducção é facil : basta, para obtê-la, exercer a tracção ligeira sobre o punho do paciente, e repellir a olecrane para baixo e para dentro, com os dedos pollegares, em quanto que os outros dedos abarcão a parte inferior do humero.

5° *Luxação completa para fóra.* Esta especie é mui rara. É occasionada por quédas sobre o lado interno do cotovelo, ou sobre a mão e sobre o antebraço ao mesmo tempo.

Symptomas. O antebraço está em flexão e pronação; as mais das vezes o membro fica mais curto de 2 a 3 centimetros. Augmenta o diametro transversal do cotovelo. A face externa do braço na vizinhança da junta apresenta uma proeminencia consideravel perten-

cendo aos ossos do antebraço. Na face interna existe, debaixo da epitrochlea e da trochlea, uma depressão subita. No lugar da proeminencia acostumada da olecrane acha-se uma superficie achatada debaixo da qual se sente a trochlea e a cavidade olecranea unicamente cobertas com a pelle. O antebraço acha-se torcido sobre o seu eixo; a face posterior do membro tornou-se externa, a face anterior interna.

A reducção obtem-se abarcando o humero com ambas as mãos, e comprimindo com os pollegares a olecrane, que se dirigirá primeiro para dentro, e depois para diante.

6º *Luxação incompleta para dentro.* É produzida pela quéda sobre o cotovelo ou sobre o antebraço e a mão simultaneamente.

Para reduzir esta luxação, cumpre fazer a extensão no antebraço, e exercer a pressão, em sentido inverso, nas superficies articulares do humero, e dos ossos do antebraço.

7º *Luxação para traz, e para dentro.* O braço acha-se em leve flexão e em supinação. O condylo humeral torna-se saliente na parte externa com depressão por baixo. A cabeça do radio está situada atraz da trochlea, isto é, completamente dislocada para traz. A margem interna da trochlea faz eminencia para diante e para dentro. A olecrane, que subio para traz de 1 a 2 centimetros, acha-se na parte interna sobre o mesmo plano que a epitrochlea, que excede ás vezes.

Obtem-se a *reducção* empurrando a olecrane para fóra e para diante. Se esta operação falhar, exerção-se tracções sobre o punho, leve-se o antebraço na abducção, e faça-se a pressão em sentido inverso sobre o braço e sobre os ossos do antebraço.

8º *Luxação para diante.* É consequencia da quéda sobre a parte posterior do cotovelo, estando o antebraço dobrado sobre o braço. Póde ser *incompleta* ou *completa.*

Luxação incompleta. O apice da olecrane está applicado sobre a parte inferior da trochlea humeral, a cabeça do radio está situada debaixo do condylo humeral, d'onde é separada por um intervallo mui sensivel. D'ahi resultão os phenomenos seguintes :

O membro está alongado de todo o comprimento da olecrane; detraz da articulação, acha-se no lugar da olecrane uma depressão ou goteira vertical. Na parte interna e externa do cotovelo, as tuberosidades humeraes fazem proeminencia anormal com depressão por baixo.

Luxação completa. O cubito e o radio achão-se diante do humero. O braço fica mais curto. Na parte posterior, no lugar occupado pela olecrane, existe uma cavidade profunda. Na parte anterior, a pelle está levantada pela proeminencia das extremidades superiores do radio e do cubito.

Faz-se a reducção na luxação incompleta, agarrando o braço com a mão esquerda, o antebraço com a direita, o pollegar applicado na parte anterior na olecrane; dobra-se brandamente o antebraço repellindo a olecrane para baixo e para traz. Na luxação completa, pratica-se a contra-extensão do humero, a extensão no antebraço dobrado, de maneira a dirigir os ossos do antebraço para baixo e depois para traz.

Luxação isolada do cubito para traz. *Causas.* Quéda sobre a palma da mão, estando o antebraço estendido, e sendo a violencia dirigida sobre o lado interno do membro.

Symptomas. Deforma-se a articulação e augmenta o diametro antero-posterior. Na parte interna do cotovelo existe uma proemi-

nencia correspondente á extremidade articular do humero. A olecrane faz proeminencia na parte posterior; o lado externo da articulação apresenta um angulo saliente, o lado interno, um angulo reintrante.

Tratamento. Feitas as tracções no antebraço estendido e em posição supina, o operador empurra com o dedo pollegar a olecrane para diante e para baixo.

Luxações isoladas da extremidade superior do radio. A extremidade superior do radio póde deslocar-se para diante, ou para traz; a deslocação póde ser mais ou menos extensa :

1° *Luxação incompleta do radio para diante. Causas.* Observa-se sobretudo nas crianças; as mais das vezes é produzida por tracções subitas exercidas sobre o radio : assim quando se retem a criança pelo punho para a impedir de cahir; quando se levanta pelo pulso para ajuda-la a saltar por cima de um rego ou de qualquer outra cousa.

Symptomas. A mão está em pronação completa, o antebraço em leve flexão; os movimentos de supinação tornão-se dolorosos. Imprimindo movimentos de rotação ao radio, percebe-se um estalo na junta. O cotovelo está augmentado no diametro antero-posterior, e no diametro transversal. A cabeça do radio faz uma *proeminencia na parte anterior,* e existe uma *depressão na parte posterior,* debaixo do condylo humeral.

Tratamento. Para fazer a reducção deve-se pôr o antebraço em supinação, isto é, virar a curva do braço para cima, a exercer, com o dedo pollegar da outra mão, a pressão directa sobre a cabeça do osso deslocado.

2° *Luxação completa do radio para diante. Causas.* É produzida pela quéda sobre a mão, o antebraço estendido; pela quéda sobre o cotovelo; pela tracção exercida sobre a mão levada em pronação; por esforço para levantar com a mão grande peso.

Symptomas. A mão está em pronação completa; o antebraço em leve flexão. A fórma do cotovelo está pouco alterada á vista, salvo nos individuos magros, em que o diametro antero-posterior parece augmentado, e o transversal diminuido. Os movimentos do antebraço são mais ou menos dolorosos; a flexão não póde ir além do angulo recto; dobrando o antebraço, percebe-se o choque da cabeça do radio contra o humero. Na parte posterior e externa do cotovelo, acha-se uma depressão situada immediatamente debaixo do condylo humeral. A cabeça do radio sobresahe para *diante* e um pouco para *dentro* do condylo.

Tratamento. Posto o braço em supinação, exercer primeiro uma branda impulsão com os dedos pollegares de cima para baixo sobre a cabeça do radio, depois a pressão de dentro para fóra e de diante para traz.

3° *Luxação completa do radio para traz.* É produzida pela quéda sobre o cotovelo ou sobre a mão.

Symptomas. No momento do accidente, o enfermo percebe um estalo no cotovelo, que incha e torna-se doloroso. O antebraço está em pronação. Na parte posterior e externa do condylo humeral, sente-se a cabeça do radio rolar debaixo dos dedos durante os movimentos de pronação e de supinação.

Tratamento. Sentado o doente em uma cadeira, põe-se-lhe o antebraço em supinação e extensão, e exerce-se ao mesmo tempo a pressão directa sobre a cabeça do radio com o dedo pollegar. Se a luxação fôr antiga, será necessario fazer preceder estas manobras da extensão no punho.

LUXAÇÃO DA COXA. A cabeça do femur póde saltar da cavidade cotyloidea, e dirigir-se sobre o osso coxal em differentes sentidos. D'aqui vem as denominações : 1° luxação para cima e para fóra; 2° para baixo e para dentro; 3° para traz e para fóra; 4° para cima e para dentro.

Causas. As luxações do femur são produzidas por violencia mui grande que actua, quer directamente sobre a articulação da coxa, quer por intermedio do femur, quer sobre a bacia, estando o femur firmado. Sobrevem principalmente quando um montão de terra desaba e vem cobrir em parte o individuo, ou quando a carga pesada de um carro o derriba. Quanto á direcção da luxação, é ella determinada pela direcção da violencia, e sobretudo pela posição do membro.

1° Luxação para cima e para fóra (luxação iliaca). É a mais frequente de todas.

Symptomas. O membro fica voltado para dentro com adducção e flexão, e mais curto; existe um tumor na parte posterior da nadega e depressão na virilha; a anca está mais larga e mais saliente; emfim ha dôr, inchação da região coxo-femoral, e impossibilidade de mover o membro.

Tratamento. 1° methodo (*methodo por flexão*). Deitado o doente de costas, dobra-se-lhe a coxa sobre a bacia e a perna sobre a coxa, e imprime-se a esta o movimento de rotação para fóra, depois do que puxa-se a coxa brandamente para baixo e para dentro.

2° methodo (*methodo por extensão*). Deita-se o doente sobre o lado são : dobra-se-lhe a coxa deslocada em angulo recto com a bacia, e dobra-se tambem a perna em angulo recto com a coxa. Passa-se por entre as coxas um lençol dobrado ao comprido em quatro dobras, cujo meio ficando na virilha do lado doente, cruzão os extremos sobre a ilharga do mesmo lado, ficando um do lado das costas, e outro do lado do peito, e atão-se a um annel seguro á parede na altura da cama. Por cima do joelho, enlação-se ataduras para a extensão. Estando tudo assim preparado, fazem os ajudantes a extensão; puxando pelas ataduras no sentido do eixo do femur posto na posição acima indicada : a cabeça do femur entra logo no seu lugar, o que se conhece pelo allivio do enfermo, boa configuração da parte e o estalo que se percebe.

2° Luxação para baixo e para dentro. A cabeça do femur vai para o buraco oval do osso iliaco.

Symptomas. A proeminencia do trochanter é substituida por uma excavação; a dobra da nadega acha-se mais abaixo; na parte interna e superior da coxa existe uma convexidade devida á presença da cabeça do femur; a coxa está em flexão e voltada para fóra; o membro está alongado de 3 a 5 centimetros; deixão de existir os movimentos de extensão e de rotação para dentro.

Tratamento. 1° methodo (*methodo por flexão*). Deitado o doente de costas, dobra-se-lhe a coxa sobre a bacia, e a perna sobre a coxa, e imprime-se a esta o movimento de rotação para dentro; depois do que puxa-se brandamente a coxa para cima e para fóra.

2° methodo (*methodo por extensão*). Deita-se o doente sobre o lado são : dobra-se-lhe a coxa deslocada em angulo recto com a bacia, e dobra-se tambem a perna em angulo recto com a coxa, do mesmo modo que na deslocação para cima e para fóra. Passa-se um lençol por entre as coxas, e enlação-se ataduras por cima do joelho, tambem do mesmo modo. Faz-se então a extensão segundo a direc-

ção do femur, isto é, para fóra; a cabeça do femur vai logo ao seu lugar, dando o estalo caracteristico.

3° **Luxação para traz e para fóra (luxação ischiatica).** *Symptomas.* A coxa está em flexão; o membro inferior voltado para dentro, e mais curto. Na parte posterior da nadega, percebe-se a proeminencia formada pela cabeça deslocada. Na parte anterior existe uma depressão que corresponde á sahida da cabeça do femur.

Reduz-se do mesmo modo que a luxação para cima e para fóra, da qual pouco differe.

4° **Luxação para cima e pára dentro.** N'esta deslocação a cabeça do femur colloca-se sobre o ramo horizontal do pubis.

Symptomas. O membro encurta-se e fica voltado para fóra, a nadega achata-se. A cabeça do femur faz proeminencia na virilha.

A *reducção* faz-se pelo mesmo modo que na luxação para baixo e para dentro.

As duas ultimas luxações são mui raras. Quando a luxação não foi reduzida, a cabeça do femur forma uma cavidade nova, ao passo que a cavidade antiga estreita-se até desapparecer.

Luxação espontanea do femur. V. *Coxalgia.*

LUXAÇÃO DOS DEDOS. V. LUXAÇÃO DA MÃO.

LUXAÇÃO DO HOMBRO. V. LUXAÇÃO DO BRAÇO.

LUXAÇÃO DO JOELHO. A tibia póde deslocar-se relativamente ao femur para diante, para traz, para dentro e para fóra. Estas deslocações podem ser incompletas ou completas.

Causas. As luxações da tibia sobre o femur são produzidas por violencia consideravel que carrega na tibia ou no femur, estando este ou aquelle osso seguros. Assim, por exemplo, a tibia leva uma pancada na parte anterior e superior; se o femur está immovel, a luxação faz-se para traz; mas se é o femur que levou a pancada, estando a tibia fixa, a luxação da tibia opera-se para diante. As luxações lateraes produzem-se por um modo analogo. O gráo de violencia determina a luxação completa ou incompleta. — A luxação para traz póde ser produzida pela extensão forçada da perna, ou antes pela flexão para diante, estando repellida para traz a extremidade superior da tibia; póde tambem sobrevir em consequencia de quéda sobre o joelho, estando a perna em meia flexão, encontrando a tibia só o obstaculo : então o femur escorrega para diante da tibia, puxado para baixo e para diante pela impulsão que lhe communica o peso do corpo, augmentado pela velocidade da quéda.

Symptomas. 1° **Luxação completa da tibia para diante.** É caracterizada pela deformação notavel do joelho, que forma um angulo. A tuberosidade anterior da tibia faz proeminencia para diante. A rotula fica deitada quasi horizontalmente sobre o meio da superficie articular da tibia, com a face anterior voltada para cima. Na parte posterior a curva da perna desapparece; os condylos femoraes levantão a pelle mui fortemente. A coxa parece mais curta por diante; a perna, por detraz.

Na *luxação incompleta* as proeminencias são menos consideraveis; o membro está alongado; a rotula acha-se na posição normal; podem communicar-se á perna movimentos lateraes bastante extensos; a flexão para diante póde ter lugar.

2° **Luxação da tibia para traz.** O diametro antero-posterior do joelho está mais extenso; os condylos do femur fazem proeminencia na parte anterior, as tuberosidades da tibia podem perceber-se na parte posterior.

Na *luxação incompleta* a perna está em extensão ou flexão leve;

a tibia forma na curva da perna um tumor mais apparente na extensão do que na flexão da perna.

Na *luxação completa* a perna está em extensão; as proeminencias formadas pelas tuberosidades da tibia, e pelos condylos do femur, são muito mais consideraveis. A rotula fica quasi horizontal, a face anterior dirigida para baixo, a margem superior voltada para diante. A perna está realmente mais curta por causa da ascensão da tibia atraz do femur.

3° **Luxação da tibia para fóra.** *Luxação incompleta.* O femur faz proeminencia na parte interna; a rotula está mais ou menos desviada para fóra.

Luxação completa. É mais rara. N'este caso a tibia sobe do lado externo do femur.

4° **Luxação da tibia para dentro.** *Luxação incompleta.* É caracterizada pela proeminencia da tibia para dentro, e pela proeminencia da extremidade do femur para fóra. A rotula fica dirigida obliquamente para baixo e para dentro.

Luxação completa. É excessivamente rara. As proeminencias são mais consideraveis; existe ordinariamente uma ferida nos tegumentos pela qual sahe a extremidade inferior do femur.

Prognostico. As luxações simples do joelho, reduzidas sem demora não produzem, em geral, damno immediato; só subsiste por muito tempo fraqueza na articulação femoro-tibial. Mas estas luxações são ás vezes complicadas de contusão, compressão ou laceração das arterias ou das veias. As luxações acompanhadas de solução de continuidade dos tegumentos são mui graves.

Tratamento. A reducção das luxações da tibia é, em geral, facil. Pratica-se, deitando o doente de costas, na cama e fixando o corpo por meio do lençol como na luxação da coxa; um numero sufficiente de ajudantes fazem a extensão, puxando directamente a perna com as mãos, ou com ligaduras enlaçadas acima dos tornozelos. Então o operador, applicando as palmas das mãos sobre as extremidades dos ossos deslocados, comprime-as oppostamente até repôlas nos seus lugares.

Sendo a luxação para diante, carrega-se de traz para diante no femur e de diante para traz na parte superior da tibia; facilita-se a reducção dobrando a perna sobre a coxa. — Sendo a luxação para traz, comprime-se no sentido contrario. — Sendo a deslocação lateral, carrega-se nas tuberosidades da tibia e nos condylos do femur, de dentro para fóra e de fóra para dentro, segundo a direcção da deslocação.

Feita a reducção, o doente ficará na cama; na quarta e mesmo na sexta semana, imprimir-se-hão ao membro movimentos algum tanto extensos, e o doente deverá andar. Havendo ruptura dos vasos, ou uma larga abertura da articulação, com grandes dilacerações das partes molles, a amputação torna-se, então, algumas vezes necessaria.

LUXAÇÕES DA MÃO. Luxação do primeiro osso do metacarpo (o dedo pollegar) **relativamente ao osso do carpo.**

1° *Luxação incompleta para traz.* É o resultado de quéda sobre a borda externa da mão, ou sobre a palma da mão.

É caracterizada pela leve proeminencia para traz, ou para traz e para dentro, da extremidade superior do primeiro osso do metacarpo sobre o osso trapezio, o qual fica ás vezes saliente do lado da palma da mão. O dedo pollegar acha-se em leve flexão.

A *reducção* é facil : basta exercer a pressão com o dedo polle-

gar sobre a extremidade do osso, quer directamente de traz para diante, quer obliquamente, segundo a direcção que ella tomou. Para manter a reducção, applica-se ao longo da face posterior do osso uma compressa de comprimento sufficiente e uma pequena tala que se fixa com atadura.

2º *Luxação completa para traz.* É produzida pelas mesmas causas que a luxação incompleta para traz. Os *symptomas* são os seguintes : A extremidade superior do primeiro osso do metacarpo, dirigida completamente para traz e para dentro, occupa quasi a cavidade que existe entre o tendão do musculo longo extensor do dedo pollegar que levanta, e o tendão do longo abductor. O osso trapezio faz uma proeminencia mui sensivel na palma da mão, e debaixo d'elle existe uma depressão. O dedo pollegar fica um pouco dobrado.

A *reducção* faz-se puxando levemente pelo dedo pollegar, e comprimindo a extremidade deslocada.

3º *Luxação para diante.* O primeiro osso do metacarpo faz proeminencia na palma da mão; o dedo pollegar, voltado para traz, não póde ser dirigido do lado do dedo minimo; ha dôr e inchação.

Para reduzir a luxação, cumpre inclinar o dedo pollegar do lado da palma da mão, e exercer a extensão prolongada.

LUXAÇÃO DOS DEDOS. Luxação do pollex sobre o osso do metacarpo. D'esta ha quatro variedades.

Luxação incompleta para traz. É consequencia de quéda sobre a face anterior (palmar) do dedo pollegar. É caracterizada pela proeminencia da phalange atraz do osso do metacarpo; pela extensão permanente da phalange, que não se póde dobrar; pela presença de outra proeminencia, do lado da face palmar, formada pela cabeça do osso do metacarpo; pela conservação do comprimento do dedo pollegar.

Reducção. Depois de abarcado com a mão o dedo deslocado, cumpre dobra-lo, e carregar ao mesmo tempo com o dedo pollegar na cabeça da phalange.

Luxação completa para traz. É produzida pelas mesmas causas que a precedente.

Symptomas. A primeira phalange do dedo pollegar está voltada para traz sobre o osso do metacarpo; de tal modo que o dedo pollegar apresenta duas inflexões em fórma de *z*. Do lado da face palmar da mão, existe uma proeminencia formada pela cabeça do primeiro osso do metacarpo.

Em alguns casos os symptomas são differentes. A phalange acha-se situada por detraz, e a phalangeta apenas dobrada. O dedo pollegar conserva a direcção natural e está situado sobre um plano posterior e parallelo ao plano do osso do metacarpo; fica mais curto, porém mais ou menos, segundo a sua elevação por detraz do osso do metacarpo.

Tratamento. Esta luxação é ás vezes difficil de reduzir. Póde fazer-se a reducção de qualquer dos modos seguintes :

1º Seguro o punho por uma pessoa, o operador puxa pelo dedo, envolto em um panno para não escorregar; logo que a extensão parecer sufficiente, repellem-se os ossos para o seu lugar pela pressão em sentidos oppostos nas superficies articulares. Para exercer a tracção, póde empregar-se uma chave; mette-se o annel atraz da phalange, e puxa-se pelo palhetão.

2º Dobra-se fortemente a phalange para diante, e carrega-se na superficie articular, para a pôr no seu lugar.

Luxações para diante. Podem ser incompletas ou completas. São produzidas pelo choque sobre a face dorsal da phalange, ou pela quéda sobre a face palmar da mão. Seus symptomas são variaveis. Existe uma proeminencia da cabeça do osso do metacarpo na parte posterior; a phalange sobe para diante alguns millimetros; o pollex está em flexão.

A reducção é mais facil do que na luxação para traz. Obtem-se pela simples extensão exercida no dedo pollegar; ou pela extensão do pollegar, combinada com a pressão na cabeça do osso do metacarpo e na extremidade da phalange.

As luxações dos *quatro ultimos dedos* relativamente aos ossos do metacarpo são muitissimo raras. Tem sido entretanto observadas para diante e para traz, no estado de deslocação completa e incompleta. Reduzem-se por meio de simples tracção ou pela impulsão combinada com a flexão forçada.

Luxações das segundas phalànges ou phalanginas. Podem ser para traz, para diante e para os lados.

Luxação para traz. É produzida pela quéda sobre a face palmar do dedo. É caracterizada pelos signaes seguintes : Do lado da face dorsal da articulação existe uma proeminencia formada pela cabeça da segunda phalange, por cima da qual ha uma depressão profunda ; do lado da face palmar vê-se outra proeminencia formada pela primeira phalange, com uma depressão por baixo. O dedo está mais curto. A segunda phalange fica estendida e um pouco voltada para traz; a terceira phalange (phalangeta) um tanto dobrada para diante.

Para reduzir esta luxação, exerce-se a tracção nas duas ultimas phalanges : communica-se a impulsão á cabeça da segunda, e imprime-se-lhe subitamente o movimento de flexão.

1° *Luxação para diante.* Resulta do choque que repelle a segunda phalange para diante, achando-se a primeira phalange retida por um ponto de apoio.

Esta luxação póde ser completa ou incompleta. É caracterizada pela proeminencia da primeira phalange na face dorsal, e da segunda na face palmar, com flexão da segunda e terceira phalanges, e impossibilidade de estendê-las. O dedo correspondente está mais curto quando a luxação é completa.

Obtem-se a reducção, combinando a tracção do dedo com a pressão sobre a cabeça da phalange.

2° *Luxações lateraes.* São excessivamente raras. A reducção obtem-se pela extensão e compressão.

Luxações da phalangeta do dedo pollegar. São as mais das vezes para traz; podem ser completas ou incompletas; são frequentemente complicadas com ruptura dos ligamentos.

1° *Luxação incompleta para traz.* É occasionada pela quéda sobre o dedo pollegar. A phalangeta fica privada do movimento e estendida sobre a phalange. Do lado da face dorsal existe uma proeminencia de 4 a 5 millimetros formada pela extremidade superior da phalangeta : na face palmar acha-se outra proeminencia correspondente á phalange.

Reduz-se esta luxação imprimindo á phalangeta um energico movimento de flexão.

2° *Luxação completa para traz.* Resulta da quéda sobre a face palmar da phalangeta.

Umas vezes a phalangeta está voltada para traz e forma com a phalange um angulo mais ou menos approximado do angulo recto,

applicando-se pela superficie articular nas costas da phalange; outras vezes está em extensão forçada e situada sobre um plano posterior ao da phalange. A base da phalangeta levanta a pelle na face dorsal; na face palmar a proeminencia que pertence á phalange não se percebe senão pelo tacto. Encurta-se o dedo pollegar.

Reduz-se de diversas maneiras : pela impulsão unida á leve tracção; impulsão combinada com a flexão; pelo viramento da phalangeta para traz seguido da impulsão para diante.

3° *Luxação para diante.* Resulta do choque sobre a extremidade inferior da phalangeta.

A phalangeta está voltada para traz com a cabeça para diante; ás vezes fica em leve flexão para diante. A phalange sobresahe na face dorsal, e a phalangeta, na face palmar; o dedo pollegar encurta-se de 4 a 5 millimetros : os movimentos de extensão e de flexão da phalangeta são impossiveis.

A reducção obtem-se pela flexão da ultima phalange, sobre a palma da mão, ou pela impulsão directa sobre a cabeça da phalangeta, ou então pela extensão combinada com a impulsão.

As luxações das phalangetas dos *quatro ultimos dedos* são mui raras. Reduzem-se pelo mesmo modo que as do dedo pollegar.

LUXAÇÃO DO PÉ ou **TIBIO-TARSIANA.** O pé articula-se com a perna por meio do astragalo e das extremidades inferiores da tibia e do peroneo. Esta articulação, além de ser presa por fortes ligamentos, tem aos lados os dois tornozelos, que lhe dão bastante firmeza; comtudo, as violencias externas, como quédas, saltos, pancadas, etc., podem causar a deslocação do astragalo para differentes lados; isto é, para dentro, para fóra, para traz, para diante, e para cima. Todas estas deslocações são as mais das vezes acompanhadas de fractura dos tornozelos.

1° **Luxação para dentro.** N'esta variedade, o astragalo experimenta um movimento de rotação tal, que a face superior do osso torna-se interna, e a face externa superior. O ligamento lateral interno acha-se dilacerado, e o tornozelo externo fracturado.

A luxação é produzida pelo viramento do pé para fóra. A planta do pé fica voltada para fóra; a borda interna para baixo, a borda externa para cima. Na face interna da articulação, acha-se uma proeminencia formada pelo tornozelo interno; por baixo, outra proeminencia formada pelo astragalo. A crepitação, que acompanha a deslocação, permitte reconhecer a fractura de um ou de outro tornozelo.

Tratamento. Para reduzir esta luxação, um dos ajudantes faz a contra-extensão segurando a parte inferior da perna, e outro faz a extensão puxando pelo calcanhar e peito do pé, até que os extremos deslocados se achem parallelos; então o operador, com os seus dedos, conduzi-los-ha ao seu lugar.

Feita a reducção, applicar-se-ha o apparelho das fracturas da perna. Passados alguns dias, será mister imprimir á articulação alguns movimentos afim de prevenir a ankylose.

2° **Luxação para fóra.** É o resultado da volta do pé para dentro. O astragalo fez um movimento de rotação que torna a face superior externa, a face interna superior. A planta do pé está voltada para dentro; a borda externa do pé para baixo, a interna para cima. Na parte externa da articulação, achão-se duas proeminencias : uma pertence ao tornozelo do peroneo, a outra ao astragalo.

A *reducção* faz-se do mesmo modo que a da luxação para fóra.

3° **Luxação para traz.** O astragalo colloca-se atraz da encarna tibio-peroniana, de tal maneira que a tibia descança no proprio collo do osso.

Semelhante deslocação não póde resultar senão do movimento de extensão forçada da articulação tibio-tarsiana, *v. g.*, da quéda sobre um plano inclinado no qual a planta do pé apoia em toda a sua extensão; ou da quéda para traz achando-se o pé preso entre dois objectos.

Signaes. A face dorsal do pé encurta-se : o calcanhar alonga-se proporcionalmente para traz. Os tornozelos achão-se muitas vezes quebrados.

Para *reduzir*, dobra-se a perna sobre a coxa, repellem-se as superficies articulares em sentidos oppostos, e por fim dobra-se o pé em angulo recto com a perna. Para manter a reducção, applica-se uma almofada cheia de paina, e dobrada ao meio, sobre a parte posterior da perna, desde o calcanhar até á curva da perna : por cima da almofada põe-se uma tala que se fixa com duas ataduras, uma na parte superior da perna e a outra na inferior, de maneira que empurre o calcanhar para diante, e a tibia para traz.

4° **Luxação para diante.** A borda posterior da roldana do astragalo corresponde á borda anterior da encarna tibio-peroniana. A borda posterior da superficie articular da tibia descança na parte mais extrema do calcaneo. Esta luxação produz-se pelo movimento de flexão forçada do pé sobre a perna.

Symptomas. O peito do pé alonga-se; desapparece a proeminencia do calcanhar, e os dois tornozelos ficão mais approximados da planta do pé, e removidos para o lado do calcanhar.

A *reducção* faz-se segundo os mesmos principios que forão expostos na luxação para traz.

5° **Luxação para cima.** É uma variedade da luxação para fóra, da qual differe em que o peroneo separa-se da extremidade inferior da tibia para permittir que o astragalo se colloque entre a tibia e o peroneo. O pé não fica desviado, o espaço entre os dois tornozelos alarga-se consideravelmente, e as proeminencias dos tornozelos abaixão-se para a planta do pé.

A *reducção* faz-se por meio da extensão e contra-extensão como nas outras luxações e fracturas; e depois, applica-se o apparelho de fractura da perna.

Tratamento das complicações das luxações do pé. Sendo a fractura em muitos pedaços, cumpre, depois de reduzida a luxação, manter os fragmentos o mais exactamente possivel, por meio de um apparelho apropriado, e attender cuidadosamente aos symptomas inflammatorios. A mesma attenção, se houver alguma ferida que communique com a articulação. Irrigações contínuas d'agua tepida sobre as partes lesadas, poderão ás vezes salvar o membro. Se houver resalto das superficies osseas, será preciso reduzi-las. A amputação da perna ficará reservada para as luxações acompanhadas de lesões muito extensas, e para aquellas em que se desenvolver consecutivamente a gangrena do membro, ou suppuração que, por excessiva, possa enfraquecer consideravelmente o doente, ou expô-lo á resorpção putrida.

LUXAÇÕES DOS DEDOS DO PÉ. Exigem os mesmos meios e cuidados aconselhados para as luxações dos dedos da mão.

LUXAÇÕES DO PUNHO. As luxações do punho sem fractura da extremidade inferior do radio são mui raras; entretanto podem ter lugar para traz ou para diante. São produzidas por violencias que

empurrão os ossos do carpo quer para o lado da face dorsal, quer para o da face palmar, achando-se o antebraço mantido sobre um plano resistente.

1° **Luxação para traz.** O punho deforma-se, e augmenta o seu diametro antero-posterior. Na face posterior do punho, existe uma proeminencia convexa, correspondente aos ossos do carpo; na parte anterior resaltão as apophyses do radio e do cubito; a mão e os dedos ficão dobrados.

2° **Luxação para diante.** É caracterizada pelos mesmos symptomas que a luxação para traz, com a differença de que as proeminencias anterior e superior do carpo tem a posição diametralmente inversa.

As luxações do punho não são graves senão quando acompanhadas de lesões consideraveis das partes molles.

Tratamento. Para se reduzirem as deslocações do punho, assenta-se o doente em uma cadeira; um ajudante faz a contra-extensão pegando na parte superior do antebraço, outro faz a extensão puxando pela mão; o operador conduz com os seus dedos os ossos aos seus lugares, empurrando os ossos do carpo primeiro para baixo, depois no sentido opposto á deslocação. Para prevenir a a recahida, convem immobilizar o punho, por meio do apparelho das fracturas do antebraço.

LUXAÇÕES DO QUEIXO INFERIOR. O queixo inferior póde sómente deslocar-se para diante, isto é, podem os condylos sahir das fossas glenoideas para a parte anterior das apophyses transversaes. A deslocação póde ser de um só lado (*luxação singela* ou *unilateral*), ou de ambos (*luxação dupla* ou *bilateral*).

Produzem-se no acto de bocejar, gritar, vomitar ou durante as convulsões; ou tem por causa violencias exteriores que abaixão o queixo, como pela introducção de um corpo volumoso na bocca, pelo arrancamento de um dente, por um couce, etc.

Symptomas. 1° Na deslocação *dupla* fica a bocca largamente aberta e não póde fechar-se; as arcadas dentarias afastão-se uma da outra na parte anterior, entretanto que no fundo da bocca os dentes estão cerrados; os dentes do queixo inferior ficão dirigidos para diante. O doente não póde approximar os labios; a saliva corre involuntariamente; a pronunciação é difficil, a deglutição impossivel. Existe uma depressão diante do conducto auditivo externo que corresponde á sahida do condylo, e uma proeminencia da apophyse coronoide que se acha para cima e para diante.

2° Na deslocação *singela* a bocca está igualmente aberta, mas não tanto; a ponta do queixo fica inclinada do lado opposto á deslocação. Do lado são a face fica concava; do lado doente achatada. Existe uma depressão diante do ouvido, só de um lado. A articulação dos sons é defeituosa, a saliva corre involuntariamente, e existe difficuldade de engulir.

Tratamento. Para reduzir a luxação dupla procede-se do modo seguinte : Senta-se o paciente n'uma cadeira baixa com a cabeça encostada ao peito de uma pessoa, que a segura com as duas mãos postas por cima das orelhas. O operador, collocado defronte do paciente, mette-lhe na bocca os seus dois pollegares embrulhados em pannos, de modo que as polpas fiquem sobre os dentes molares inferiores, e as palmas de ambas as mãos aos lados do queixo. Então carregando com força primeiro directamente para baixo, e depois movendo o queixo brandamente para traz, os condylos escorregão facilmente para os seus lugares. — Sendo a deslocação

singela, o operador applicará maior força no lado deslocado, e para este mesmo lado moverá com brandura o queixo.

LUXAÇÃO DA ROTULA. A rotula não póde deslocar-se senão para fóra ou para dentro. Não se considere como luxação, a deslocação da rotula para cima, que se observa depois da ruptura do ligamento que prende este osso á tuberosidade anterior da tibia.

1° *Luxação completa para fóra.* É produzida por violencias externas, taes como quédas sobre o lado interno do joelho.

É caracterizada pelos *symptomas* seguintes : O joelho fica deformado. No lugar occupado pela rotula existe um vacuo onde se póde sentir a extremidade articular do femur. A rotula fica situada perpendicularmente na parte externa do condylo externo do femur; sua superficie articular applicada na face externa do condylo, sua face externa voltada para fóra. A perna fica mais ou menos dobrada sobre a coxa. O joelho torna-se doloroso, inchado e incapaz de mover-se.

A *reducção* faz-se pondo a perna na maior extensão e a coxa em meia flexão ; ao mesmo tempo o operador carregará na rotula para diante e para dentro. Feita a reducção o membro deve ser immobilizado por meio da ligadura de Scultet.

2° *Luxação incompleta para fóra.* É produzida pelas mesmas causas que a luxação completa. A deformação do joelho é menos consideravel do que no caso precedente.

A rotula, desviada para fóra, não sahe completamente do seu lugar; sua margem interna não passa do meio da roldana articular; a margem externa, mais ou menos levantada, resalta para diante e para fóra.

A reducção faz-se quer pelo mesmo modo que a da luxação completa, quer dobrando vivamente a perna sobre a coxa, para desembaraçar o angulo interno da rotula; basta, então, a unica acção muscular para levar o osso para o seu lugar.

3° *Luxação para dentro.* A rotula vai para cima do condylo interno do femur. A reducção faz-se estendendo a perna, dobrando a coxa, e carregando na rotula de dentro para fóra.

LYMPHATITE ou **Angioleucite.** Inflammação dos vasos lymphaticos, caracterizada pela tumefacção cylindrica d'estes vasos, dôr, vermelhidão e grossuras no seu trajecto. — Banhos mornos. Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Sanguesugas. Nitro 297. Purgantes 804. Havendo symptomas adynamicos, empregar a quina 584, e outros medicamentos tonicos 807.

MACHUCADURA. V. Contusão.

MACULAS. Malhas da pelle, de côr differente da natural, procedentes da alteração do pigmento. As molestias caracterizadas por maculas são : sardas, pannos, signaes de nascença, albinismo, vitiligem.

MACULO. Dilatação consideravel do anus, precedida e acompanhada de diarrhea. As evacuações compõem-se de mucosidades mui fetidas, contendo frequentemente pequenos bichos. Esta molestia, especial aos negros, existe principalmente em Angola e em Moçambique; observei alguns casos d'ella no Rio de Janeiro nos annos de 1843 e 1844 entre os Africanos recem-chegados da costa d'Africa; porém a molestia não appareceu mais no Brasil depois que cessou a importação dos negros. A relaxação e a dilatação do recto parecem ser occasionadas pela diarrhea.

Tratamento. Semicupios d'agua tepida. Lavatorios com agua misturada com agua de Labarraque 383. Applicar no anus pós de

calomelanos 603, ou rapé. Um meio vulgar, empregado com vantagem para matar os bichos, mas que é mui violento, consiste em introduzir no anus um limão azedo descascado e polvilhado com polvora e pimenta. Semicupios mornos. Clysteres com ipecacuanha 543, e outros medicamentos que se applicão contra a *Diarrhea*.

MAGREZA. Estado de qualquer individuo em que o tecido cellular não contém gordura, ou contém mui pequena quantidade d'ella. Este estado, longe de excluir a saude, é muitas vezes inherente á constituição primitiva, e por consequencia não deve ser confundido com o *emmagrecimento*, que é sempre um symptoma morbido, ou o resultado de uma molestia.

MAL CADUCO. V. Epilepsia.

MAL DE EMBIGO. V. Mal de sete dias.

MAL DE ENGASGO, Dysphagia ou **Esophagismo.** Difficuldade ou impossibilidade de engulir produzida pela contracção espasmodica do pharynge ou do esophago. Sobrevem durante a comida : de repente a pessoa vê-se na impossibilidade de engulir, e quasi sempre parece-lhe que um corpo estranho ficou parado no estomago. Se o espasmo existir na extremidade superior, as substancias introduzidas voltão para cima immediatamente; se occupar, pelo contrario a extremidade inferior, a regurgitação tem lugar algum tempo depois da ingestão dos alimentos. O espasmo póde desapparecer passadas algumas horas, ou persistir sem interrupção durante muitos dias; durando mais de doze dias, occasiona a morte por inanição; outras vezes apparece com certos intervallos, e existe debaixo da fórma de um mal chronico. Pelo exame com a sonda esophagica não se encontra obstaculo algum nos intervallos livres; examinando, em quanto dura o accesso, acontece ás vezes que o estreitamento desapparece durante a introducção da sonda.

Tratamento. Clyster de assafetida 290. Fricções no pescoço com pomada de belladona 308, com balsamo tranquillo 309, com linimento opiado 641, com oleo camphorado 328, com linimento de chloroformio 380. Engulir gelo aos pedaços. Introduzir a sonda esophagica no esophago até ao ponto da constricção. Injecções subcutaneas com a solução de sulfato de atropina 293. Electricidade 423.

MAL FEIO. V. Morphea.

MAL GALLICO ou **venereo.** V. Syphilis.

MAL DE GOTA. V. Epilepsia.

MAL DE LOANDA. V. Escorbuto.

MAL PERFORANTE ou **Ulcera verrugosa.** Molestia do pé cujos caracteres principaes são os seguintes : 1° Producção cornea, as mais das vezes, na planta do pé e sobre os lugares mais salientes; 2° formação de uma ulcera acompanhada de um circulo epidermico mui espesso, e distillando um liquido sero-sanguinolento; 3° inflammação das bolsas serosas, das bainhas dos tendões e do periostio; 4° osteite, carie e necrose do osso. O mal perforante tem ordinariamente a séde na planta do pé, sobre a linha saliente das articulações metatarso-phalangeas, na polpa dos dedos, no calcanhar; mas fixa-se ás vezes na face dorsal dos dedos do pé, na proeminencia das suas articulações. A causa é inteiramente mecanica : compressão longa e contínua da derme entre dois corpos resistentes : primeiro entre o calçado e os ossos, mais tarde entre os ossos e a callosidade; a derme mortifica-se e forma-se uma ulcera.

Tratamento. Guardar o repouso, cortar a callosidade, applicar cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Se o osso estiver affectado de necrose, extrahir as esquírolas.

MAL DE POTT. Amollecimento e carie de uma e mais vertebras, seguido de gibosidade, de abcesso por congestão, e ás vezes de paralysia. — Fontes. Regimen analeptico 785. Banhos quentes aromaticos 444. Oleo de figado de bacalhão internamente e em fricções 631. Pilulas de iodureto de ferro 535.

MAL DE S. LAZARO. V. MORPHEA.

MAL DE SETE DIAS ou **Mal de embigo.** Tetano dos recem-nascidos. Esta molestia mostra-se de ordinario nos primeiros sete dias depois da nascença. Principia pela impossibilidade de apartar os queixos; um ou dois dias depois os musculos do pescoço e do tronco tornão-se rijos : a respiração é constrangida.

Tratamento. Banho geral d'agua tepida. Fricções no pescoço com balsamo tranquillo 309. Clyster d'agua morna com 5 gottas de laudano de Sydenham 636. Poção calmante e antispasmodica 456, (uma colher *de chá,* de hora em hora).

MALACIA. Appetite depravado que faz desejar e comer substancias não alimentarias, e que causão mais ou menos asco no estado de saude, taes como barro, carvão e outras até immundas. — Vigiar a pessoa, e nas crianças empregar, se fôr preciso, as admoestações. Administrar o rhuibarbo 695, e ferro reduzido 463.

MALEITAS. V. FEBRES INTERMITTENTES.

MALINA ou **Febre maligna.** V. MENINGITE.

MANCHAS DA CORNEA. V. BELIDAS.

MANCHAS DA PELLE. Diversas molestias cutaneas principião por manchas; taes são a *morphea, syphilides, lepra, mentagra, sardas,* etc. Recorrer n'este caso ao tratamento indicado contra estas molestias. Existem ás vezes *descoramentos* ou *alterações na côr da pelle;* dependem da modificação do pigmento da pelle; não ha medicamentos internos nem externos que as curem. Contra as *manchas hepaticas,* lavatorios com agua misturada com tintura de benjoim 310, fricções com pomada sulfurada 439, com sabão. V. *Moleslestias de pelle.*

MÁO CHEIRO DO NARIZ. V. OZENA.

MÁO GEITO. V. TORCEDURA.

MÁO HALITO. Combater as causas. Extrahir os dentes cariados Tirar a pedra dos dentes. Entreter o asseio da bocca. Carvão internamente, e em gargarejos 354. Pós dentifricios com carvão 791. Chlorureto de cal em collutorios 382. Solução desinfectante de Chevalier 382. Pós dentifricios de Magendie 791. Lavar a bocca com agua misturada com vinagre phenico 158; ou com agua misturada com a solução de permanganato de potassa 660. Usar internamente de pastilhas de Bolonha 358, de chá de macella 580, de rhuibarbo em pó 695.

MÁO SUCCESSO. V. ABORTO.

MARASMO. Magreza extrema, consequencia ordinaria das molestias chronicas. — Medicamentos tonicos 807. Estimulantes 798. Banhos aromaticos 444. Regimen analeptico 785. Vinho generoso. Fricções pelo corpo com linimento de Rosen 614.

MARISCA. V. EXCRESCENCIAS SYPHILITICAS.

MASTITE. V. INFLAMMAÇÃO DOS SEIOS.

MASTURBAÇÃO. Combater este pernicioso vicio pelos meios moraes, hygienicos e mecanicos.

MEDULLA VERTEBRAL. (**Amollecimento da**). V. pag. 869.

Medulla vertebral (Commoção da). V. pag. 922.

Medulla vertebral (Contusão da). V. pag. 927.

Medulla vertebral (Inflammação da). V. MYELITE.

MELANCOLIA. V. HYPOCONDRIA.

MELANOSE. Tumor formado pelo tecido preto, duro, e que deixa sahir pela pressão, quando se torna molle, um liquido avermelhado. — Não se lhe deve tocar, quando nas pessoas idosas este tumor permanece indolente durante annos. Nos individuos jovens destrui-lo com massa caustica de Vienna 674, caustico sulfo-açafroado 164, ou extrahi-lo com bisturí.

MELENA. V. HEMATEMESE.

MENINGITE ou Arachnite. Inflammação das membranas que envolvem o cerebro chamadas collectivamente *meninges*, e que são, procedendo da superficie ao interior: dura-mater, arachnoide e pia-mater. A meningite é caracterizada anatomicamente pela injecção na pia-mater e no tecido cellular sub-arachnoideo; pela serosidade, pus e falsas membranas; a pia-mater torna-se vermelha; o seu tecido é humido, friavel. Raras vezes a inflammação é geral; de ordinario existe só na convexidade dos hemispherios; ás vezes occupa a base, está circumscripta a um dos lobos do cerebro, emfim póde penetrar no interior dos ventriculos.

Symptomas. Em alguns casos a molestia começa pelos symptomas precursores : dôr de cabeça, vertigens, vomitos, ás vezes epistaxis; outras vezes apparece subitamente, precedida só por um calefrio; segue-se depois a febre. Declarada a molestia, eis-aqui os symptomas no 1° *periodo* : O pulso bate 100 vezes por minuto; o thermometro applicado na axilla marca 40° e mais, e desce pouco de manhã ou não desce; o rosto está animado, os olhos brilhantes; a cephalalgia torna-se violenta; sobrevem vomitos alimentarios ou biliosos, delirio e convulsões. O 2° *periodo* é caracterizado por phenomenos de depressão e de paralysia. Finalmente, se a molestia deve ter exito fatal, apparece coma, dilatação das pupillas, paralysia da bexiga, afrouxamento do pulso, bem que o thermometro continue a estar elevado como no começo da molestia.

Tratamento. Sangria. Sanguesugas atraz das orelhas. Applicações sobre a cabeça de pannos molhados em agua fria ou nevada. Sinapismos nos pés e nas mãos. Causticos nas barrigas das pernas. Clyster com 60 grammas de oleo de ricino. Calomelanos : 10 centigrammas de 3 em 3 horas. Continuar este medicamento até provocar a salivação que, n'este caso, deve ser considerada como um beneficio. Bebidas frias e laxativas : agua fria, limonada de limão, de laranja, agua com xarope de tamarindos. Preservar o doente da luz, do barulho e do calor. No periodo de collapso, administrar as preparações de camphora 331, quina 684, almiscar 251, ether 454, acetato de ammoniaco 266.

Meningite tuberculosa. É uma inflammação das meninges, que principia por uma infiltração tuberculosa da pia-mater. Ataca sobretudo as crianças debeis ou os adultos de 20 a 30 annos. Os prodromos são : mudança no caracter da criança, que fica triste, chora sem motivo e emmagrece. Os prodromos podem durar algumas semanas. Quando a molestia se declara, manifesta-se por cephalalgia, vomitos, prisão do ventre. A terminação é quasi sempre fatal. — O tratamento consiste no uso interno de iodureto de potassio 537, e causticos na nuca 343.

MENORRHAGIA. V. HEMORRHAGIA UTERINA.

MENSTRUAÇÃO DIFFICIL. V. DYSMENORRHEA.

Menstruação (Falta de). V. AMENORRHEA.

MENTAGRA ou Sycose. Erupção de tuberculos ou pustulas sobre

barba ou nas partes lateraes do rosto onde ha cabello, devida ao esenvolvimento de um vegetal parasito na raiz do cabello.

Tratamento. Praticar a epilação, arrancando com pinça os cabello a barba, um a um, e applicar depois o seguinte *liquido parasiticida* gua distillada 30 grammas, sublimado 5 centigrammas. Este tratamento é o mais certo e expeditivo. Os outros meios são : Lavatorios om cozimento de linhaça 560. Supprimir o uso da navalha, e cortar barba com tesoura. Tocar as pustulas com pincel molhado em oleo e cade 628, em agua de creosota 407, glycereo phenico 158. Pomada e calomelanos 604. Pomada de calomelanos camphorada 605. Pomada e iodureto de enxofre 535. Pomada de tannino 754. Pomada antiartrosa com alumen 259. Se houver forte inflammação local, appliar cataplasma de fecula 461, e lavar com leite morno, ou com o ozimento de raiz de althea 257.

METEORISMO. Augmento de volume do ventre pela presença e gaz nos intestinos. — Infusão de herva doce, ou de hortelã. lagnesia calcinada 581. Rhuibarbo 695. Vinhos generosos. Regimen omposto principalmente de carne,

METRITE. Inflammação do utero. **Aguda.** Dôr viva e contínua o hypogastro, inchação da mesma região, febre, suppressão ou lteração dos locchios ou dos menstruo, prisão de ventre, e stranuria, vomitos, etc. — Sanguesugas no hypogastro. Cataplasmas de nhaça 560, ou de fecula 461. Cataplasma anodyna 641, cataplasma almante 597. Clysteres de linhaça 560. Semicupios d'agua morna. 'urgante de oleo de ricino 632. Opio se as dôres forem fortes 638.)ieta severa, repouso e posição horizontal. Na merite puerperal ecorre-se ás vezes ás fricções mercuriaes 600, e internamente aos alomelanos 602.

Metrite chronica. Dôres vagas no utero que augmentão pela comressão do hypogastro; perturbação da menstruação, leucorrhea; ão ha febre. — Semicupios e injecções emollientes e narcoticas, eitas com decocções de dormideiras, herva moura, estramonio, ıeimendro, e depois injecções adstringentes 146, 258, 693, 744. Causcos nas cadeiras. Banhos frios de rio ou de mar. Banhos quentes romaticos 444. Exercicio moderado. V. LEUCORRHEA.

METRORRHAGIA. V. HEMORRHAGIA UTERINA.

MIASMAS. Emanações que, se bem que, inapreciaveis as mais as vezes pelos processos chimicos ou physicos, espalhão-se no ar, dherem a certos corpos com maior ou menor tenacidade, e tem obre a economia animal uma influencia mais ou menos perniciosa. s meios de destruir os miasmas nos hospitaes, prisões, navios, etc., io : Fumigações chloricas 374. Aspersões no quarto com solução e chlorureto de cal 381, com agua de Labarraque 383, com agua henica 158. Estabelecer corrente de ar. Abrir de vez em quando s portas e janellas para renovar o ar.

MILIARIA ou **Febre miliar.** Febre eruptiva que de ordinario taca grande numero de pessoas ao mesmo tempo, e que apresenta, or principaes symptomas, suores abundantes, constricção dolorosa o epigastro, e erupção de botões pelo corpo semelhantes aos grãos e milho painço.

Tratamento. Se a febre não fôr intensa, bastará usar de bebidas cidulas frias (limonada, laranjada), agua fria, não sobrecarregar o oente de cobertores, para não excitar o suor; mudar frequenteente de roupa; renovar o ar do quarto. Se a erupção fôr acomanhada de muita febre, administrar a bebida emeto-carthartica 79, ou um vomitorio de ipecacuanha 540. Sinapismos nas pernas

contra a dôr de cabeça 616. Contra a fórma perniciosa da molestia, sulfato de quinina 739, quina 684, valeriana 771.

MODORRA. V. SOMNOLÊNCIA.

MOEDAS ENGULIDAS. Quando as moedas são de ouro ou prata, póde-se esperar sem perigo a expulsão pela defecação ordinaria. Quanto ás moedas de cobre, que são susceptiveis de se transformarem no estomago em saes venenosos, cumpre apressar a expulsão pelos purgantes; e principalmente pela magnesia calcinada 581, e administrar ao mesmo tempo agua com claras de ovo.

MOLA. Massa carnosa que se forma ás vezes no utero, sob a influencia da fecundação. São os restos dos envoltorios modificados depois da morte do embryão ou do feto. Sendo a mola expulsa pouco tempo depois da morte do embryão, contém ordinariamente os restos do embryão; se fôr expulsa muito tempo depois da sua destruição, esta massa é mais ou menos analoga a uma placenta. Ha tambem *molas hydaticas*, que contém vesiculas cheias de serosidade, dispostas em cachos. As molas são expulsas ordinariamente do terceiro ao quinto mez. Os cuidados, que a *doente* reclama n'este caso, são os mesmos que no *aborto*.

MOLESTIA BRONZEA ou **Molestia de Addison** (porque foi o Dr. Addison o primeiro que a descreveo). Côr bronzeada da pelle, acompanhada de anemia geral. — Não se póde melhor comparar esta côr do que á do bronze mais ou menos esverdeado. É mais escura em certas regiões, *v. g.* no escroto. A esta côr associão-se symptomas geraes, e sobretudo grande debilidade que torna o doente incapaz de cumprir com as suas occupações. As digestões são perturbadas, e os desarranjos intestinaes frequentes. A duração d'esta molestia é longa, o prognostico grave. Em quasi todos os casos, em que se teve occasião de fazer a autopsia, achárão-se as capsulas supra-renaes doentes, de maneira que se julga poder attribuir a esta lesão a côr da pelle e o enfraquecimento geral; mas nada ha de constante a este respeito. — O tratamento é puramente symptomatico : Aguas ferreas 180. Preparações de quina 684, de calumba 327, de genciana 496. Banhos do mar ou de rio. Vinhos generosos, alimentação substancial. Hydrotherapia 523, maçadura 565, viagens.

MOLESTIA DE BRIGHT. V. ALBUMINURIA.

MOLESTIA IMAGINARIA. V. HYPOCONDRIA.

MOLESTIAS NERVOSAS. V. NEVRALGIAS, HYSTERISMO, etc.

MOLESTIAS DE PELLE. Assim se denominão todas as molestias que mudão a côr ou a textura natural da pelle. A muitas d'ellas dá-se o nome generico de *dartros* e *empigens*. São caracterizadas por *exanthemas, vesiculas*, *bolhas*, *pustulas, papulas, escamas, tuberculos, maculas* (v. cada uma d'estas palavras) e d'aqui resultão as seguintes divisões :

1° *Exanthemas :* Erythema, erysipela, roseola, sarampo, escarlatina, urticaria.

2° *Vesiculas :* Eczema, herpes, sarna.

3° *Bolhas :* Pemphigo, rupia.

4° *Pustulas :* Ecthyma, impetigo, acne, caparrosa ou gota rosada, mentagra, tinha.

5° *Papulas :* Lichen, prurigo.

6° *Escamas :* Lepra, psoriase, pityriase, ichthyose, pellagra.

7° *Tuberculos :* Morphea, boubas.

8° *Maculas :* Pannos, sardas, signaes, albinismo, vitiligem.

9° Lupo.

10° Purpura.

11° Elephanthiase dos Arabes.

12° Syphilides.

13° *Molestias parasitarias*. Sarna, tinha, pellada, mentagra, herpes circinado.

Cada uma d'estas molestias tem no presente *Memorial* um artigo especial destinado aos seus symptomas e tratamento. As indicações seguintes só são relativas ao tratamento das molestias de pelle na generalidade dos casos.

Regras geraes. Regimen brando, composto principalmente de vegetaes e carnes frescas. Abstinencia de comidas mui temperadas, de licores. Exercicio moderado ao ar livre. Ás vezes é preciso estabelecer uma fonte. Respeitar os dartros que são salutares. Se pela suppressão de um dartro se declarar alguma molestia grave, provocar a affecção cutanea pela applicação de sinapismo ou de caustico. Se os dartros dependerem da syphilis, empregar o tratamento proprio a esta ultima molestia, as preparações de mercurio 598, e de iodureto de potassio 537.

Medicamentos internos. Cozimentos de dulcamara, bardana, fumaria, labaça, saponaria, agriões, luparo, genciana. Enxofre 437. Aguas mineraes sulfurosas 183. Proto-iodureto de mercurio 608. Deuto-iodureto de mercurio 609. Iodureto de potassio 537. Sulfureto de antimonio 277. Mercurio 598. Sublimado corrosivo 605. Preparações arsenicaes 284, 287, 288. Extracto de cicuta 386. Extracto de aconito 167. Purgantes muitas vezes repetidos 804. Medicamentos tonicos 807. Pilulas antiherpeticas de Double 606. Pilulas de sulfureto de potassio 746. Pós depurantes de Jaser 277. Pós anti-dartrosos 439. Xarope de Cuisinier 712. Xarope de Larrey 712. Xarope de ulmo pyramidal 768.

Medicamentos externos. Banhos tepidos. Lavatorios com decoctos de malvas, althea, linhaça, herva moira, meimendro, dormideiras, trombetas; fomentações com oleo de amendoas doces, balsamo tranquillo 309. Cataplasma de fecula 461, e não de linhaça por causa das erupções que esta produz ás vezes. Banhos sulfurosos 746. Aguas de Caldas no Brasil, 195. Caldas da Rainha 197. Taipas 228. Vizella 234. Furnas 207. Fumigações sulfureas 164. Banhos com gelatina 493. Lavatorios com agua salgada, agua do mar, com licor de Van-Swieten 606, agua de Colonia 808, agua e sabão, com dissoluções de borax 312 sulfato de ferro 472, sulfato de zinco 743. Lavatorio antipsorico 747. Glycereo de alcatrão 241. Glycereo phenico 158. Pomadas antidartrosas 259, 349, 382, 611. Pomadas antipsoricas 348, 440, 774. Pomada anti-herpetica 605, 611, 612. Pomada alcalina opiada 348. Pomada alcalina de Biett 248. Pomada sulfuro-saponacea 439. Pomada de creosota 407. Uncções com oleo de cade 628. Pomada de fuligem 489. Pomada de iodureto de enxofre 535. Pomada sulfurada 439. Ceroto sulfurado 439. Pomada de calomelanos 604. Pomada de calomelanos camphorada 605. Pomada de proto-iodureto de mercurio 609. Pomada de bi-iodureto de mercurio 610. Ceroto de cacáo 322. Pomada de alcatrão 241. Linimento calcareo 326. Cauterização com pedra infernal. Applicação de tintura de iodo por meio de pincel 531. Se o dartro fôr corrosivo, cauteriza-lo com oleo de cade 628. Vesicatorios no lugar dos dartros. Hydrotherapia 523. Em alguns casos rebeldes, a mudança de regimen, de costumes ou clima basta para curar a molestia de pelle, que tem resistido a todos os medicamentos.

MOLESTIAS VERMINOSAS. V. VERMES INTESTINAES.

MORDEDURAS. Mordedura simples. V. FERIDA.

Mordeduras de animaes venenosos. — 1° *Mordeduras de animaes damnados.* Comprimir immediatamente a ferida em todos os sentidos, afim de fazer sahir o sangue e a baba. Lavar depois a ferida com muita agua fria, e cauteriza-la, quanto antes, com um prego de ferro em brasa, com tesoura, uma chave aquecida em brasa viva, ou outro ferro de fórma conveniente, com um tição de fogo, com isca ou com polvora que se applica na ferida e que se accende. Outras substancias causticas, taes como a potassa caustica, o acido sulfurico ou a pedra infernal, que são aconselhadas para o mesmo fim, não tem acção tão energica como o ferro em brasa. Podem empregar-se em quanto se aquece o ferro, mas é prudente, mesmo depois do seu emprego, tornar a cauterizar com o ferro em brasa. Empregue-se a primeira substancia caustica que se tiver á mão, *v. g.*, cal viva. A cauterização deve penetrar em todas as partes que forão tocadas pelos dentes do animal, e, por prudencia, deve-se ir além dos limites do mal. Não se sabe o tempo, passado o qual nada mais resta a temer sobre os effeitos da mordedura do animal damnado; pelo que torna-se indispensavel recorrer sempre á cauterização, seja qual fôr o numero de horas ou de dias decorridos depois da mordedura. Quanto á applicação das diversas plantas, e aos outros meios preconizados pela ignorancia ou pelo charlatanismo, são inuteis, mesmo nocivos, e não merecem a menor confiança. Declarada a molestia, raras vezes se cura; cumpre, entretanto, recorrer aos meios indicados no artigo *Raiva.*

2° *Mordeduras de cobras.* Esprema-se o sangue, lave-se a ferida com muita agua, e cauterize-se do modo como fica dito no tratamento *das mordeduras de animaes damnados.* Em quanto se faz isto, dê-se ao doente uma chicara de infusão de flores de sabugueiro, de folhas de laranjeira, ou de folhas de hortelã, com 4 gottas de alcali volatil; repita-se esta bebida de duas em duas horas. Póde-se tambem dar um copo de vinho da Madeira ou de qualquer outro vinho generoso. Administre-se uma poção, com acetato de ammoniaco : poção sudorifica simples 267. O vulgo, e até alguns medicos, attribuem propriedades especificas, nas mordeduras de cobras, ao guaco e outras plantas, administradas interna e externamente; mas parece que os factos apresentados para apoiar esta opinião não tem sido bem examinados. O ponto importante é que a cauterização seja bem feita, e quanto antes.

3° *Mordeduras de insectos.* V. PICADAS.

MORMO. Molestia transmissivel do cavallo ao homem, e d'este á sua especie, por contagio ou infecção, e que é caracterizada por secreção nasal purulenta ou sanguinea abundante, erupção pustulosa na pelle, e tumores purulentos pela superficie do corpo. É de fórma *aguda* ou *chronica.*

Mormo agudo. Quando a molestia é contrahida por infecção, principia por calefrios, dôres de cabeça, dôres nas costas, pernas e braços, fraqueza extrema e febre. Quando o pus do animal mormoso foi inoculado por uma ferida, picada, etc., os symptomas, que deixei indicados, são precedidos de inflammação local. Pouco tempo depois as dôres musculares augmentão; estas dôres forão tomadas ás vezes pelo rheumatismo. Ao cabo de alguns dias, a pelle cobre-se de vesiculas, seguidas de ulcerações. Um fluxo mucoso, sanguineo e fetido corre pelo nariz. A pelle do rosto e das pernas cobre-se de novas pustulas e bolhas gangrenosas : a molestia faz novos progressos, e acaba ordinariamente pela morte, do decimo quinto ao vigesimo dia.

Mormo chronico. Tem a duração muito mais longa : foi visto persistir durante seis annos. É acompanhado de tumefacção das glandulas e de abcessos multiplos, que produzem alteração profunda na economia.

O mormo foi considerado por muito tempo como incuravel no homem. Mas hoje possuimos dois factos de cura. Um é o de Henrique Bouley, Lente da Escola de veterinaria de Alfort, curado depois de onze mezes de accidentes de mormo, complicados de abcessos multiplos rebeldes á cicatrização; outro é o de um moço de cavalhariça em Pariz.

Tratamento. Internamente : Pilulas de aconito 167. Poção antispasmodica 455. Julepo do Dr. Frank 685. Vinho de quina 684. Tintura de iodo na dóse de 6 a 12 gottas por dia. Externamente : Applicar nas ulceras agua phenica 158, agua de creosota 407, tintura de iodo 531, agua de Labarraque 383. — As pessoas obrigadas a approximarem-se dos cavallos mormosos, devem tomar as maiores precauções para evitar o contagio : não dormir nas estrebarias onde estiverem cavallos mormosos; evitar o contacto de materia purulenta, e se por acaso esta materia cahir n'uma ferida, n'uma arranhadura ou n'uma membrana mucosa, instantaneamente lavar a parte com muita agua e cauterizar com acido sulfurico concentrado, ou com pedra infernal.

Para evitar que os arreios das bestas mortas de mormo communiquem a molestia a outros animaes, é necessario lavar estes arreios em agua de Labarraque ou na dissolução de chlorureto de cal, na proporção de 15 grammas de chlorureto de cal para 3000 grammas d'agua.

MORPHEA, Mal de S. Lazaro, Lepra tuberculosa ou **Lepra dos Hebreos.** Molestia cutanea, caracterizada por tuberculos mais ou menos largos, proeminentes, irregulares, precedidos de manchas de côr rubra ou trigueira, e seguidos de ulcerações, situação ordinaria na cara.

Tratamento. Mudança de clima. Habitação nos climas temperados da Europa, como a França, onde esta molestia é rarissima. Durante os tres primeiros mezes do tratamento, o doente deve abster-se de toda a especie de carne e peixe; sua alimentação deve ser composta exclusivamente de pão, leite, legumes, fructas, hortaliça e caldos de carne de vacca. Uns dias por outros, é necessario administrar-lhe um purgante 804. Depois, póde-se-lhe permittir gallinha, carne de vacca fresca, mas deve sempre abster-se de carne de porco, de carnes defumadas e salgadas. Banhos d'agua morna. Banhos sulfurosos 184. Banhos de Luchon sobretudo 214. Cozimento de salsaparrilha 710. Iodureto de potassio 537. Iodureto de ferro 535. Proto-iodureto de mercurio 608. Preparações arsenicaes 286, 287, 288. Tintura de cantharidas internamente 342. Pilulas de sabão medicinal 704. Beber o macerato de genciana, 120 grammas por dia 496. Todos estes medicamentos devem ser continuados por longo tempo, e empregados alternativamente. Externamente, sobre os tuberculos, fricções com pomada de iodureto de potassio iodurado 538, pomada de iodureto de enxofre 535, pomada de perchlorureto de ferro 469, glycereo de iodureto de potassio 538, glycereo phenico 158; e sobre as ulceras, applicações de agua phenica 158, agua de creosota 407, solução de chlorureto de cal 381, solução de perchlorureto de ferro 469, solução de permanganato de potassa 660, solução de sulfato de ferro 474, oleo de cade 628. Hydrotherapia 523.

Tratamento da morphea pelo Dr. Beauperthuy. O Dr. Beauper-

thuy, já fallecido, era um medico francez que residia em Cumana, (Venezuela), onde empregava contra a morphea um tratamento que produzia grandes vantagens, e que se tornou tão notorio, que os governos inglez e francez mandárão em 1869 cada qual um medico para entenderem-se com o Dr. Beauperthuy, e observarem os resultados do seu tratamento, que é o seguinte :

1° regimen nutritivo e abundante, composto de carne de vacca fresca e de vegetaes frescos. Abstinencia do peixe e carne salgada e das bebidas alcoolicas. É permittido o vinho fraco, o de Bordeos, em pequena quantidade. Abster-se completamente da carne de porco, salgada ou fresca.

2° Os doentes devem habitar uma localidade salubre, longe dos pantanos, etc. Devem dormir debaixo dos mosquiteiros, afim de evitarem as picadas dos mosquitos, que irritão a pelle e propagão talvez a molestia. Não mais de duas pessoas devem habitar o mesmo quarto, e melhor será que cada qual tenha o seu em separado.

3° Usar internamente de sublimado corrosivo, na dóse de meio centigramma (1/10 de grão) uma vez por dia. A melhor fórma de administrar este medicamento é o licor de Van-Swieten 606, de que o doente tomará 5 gram. (1 1/4 oit.) de manhã n'uma chicara d'agua fria.

Pela noite, ingerir 2 grammas (1/2 oitava) de bicarbonato de soda n'uma chicara d'agua fria simples, ou com assucar 349. Resulta d'esta explicação que o doente tomará de manhã o sublimado, e pela noite o bicarbonato de soda, e continuará estes medicamentos durante todo o tempo do tratamento. Se o sublimado affectar a bocca, ou produzir qualquer irritação do tubo intestinal, deve ser logo interrompido o seu uso, o substituido pelo bicarbonato de soda, de que o doente tomará 2 grammas de manhã e 2 grammas pela noite. Em alguns doentes, e sublimado não produz bom effeito; n'este caso é preciso limitar-se ao uso do bicarbonato de soda, de que se augmenta gradualmente a dóse, até o doente tomar 30 gram. (1 onça) por dia.

4° Sobre os tuberculos da morphea, applicar oleo de castanha de cajú 324, obtido pela evaporação espontanea da tintura da castanha, que deve ser bem pisada em almofariz de pedra ou de páo, antes de se expôr á acção do alcool. O oleo encontra-se fluctuando sobre o alcool, e póde ser separado d'elle. Applica-se por meio de esponja; produz em 24 horas uma ligeira cauterização ; forma-se uma crosta ou escara, na qual não se deve tocar, e sim deixa-la cahir por si mesma. Depois de cahida a crosta, torna-se a applicar o oleo; á proporção que diminuem os tuberculos, tornão-se mais tenues as crostas das applicações subsequentes, e translucidas por fim. Quando os tuberculos são pequenos e de formação recente, isto é, de menos de um anno, uma só applicação restabelecerá a sensibilidade, e duas ou tres mais destruirão o tuberculo, deixando a pelle perfeitamente flexivel, macia, e sem cicatriz. Sendo mais antigos e mais levantados os tuberculos, serão precisas duas ou tres applicações para despertar a sensibilidade, e mais cinco ou seis para destrui-los inteiramente. Para os tuberculos duros e redondos, nos lobulos das orelhas, a applicação é differente. O Dr. Beauperthuy fazia sobre ellas puncturas com uma agulha molhada no oleo, o qual promovia a suppuração, e fazia-os desapparecer mais depressa.

Como applicações externas, póde empregar-se a copahiba 399, e a pomada de iodureto de potassio 538.

5° Friccionar todo o corpo pela manhã e á noite com azeite de côco ou azeite doce.

6° Tomar um banho d'agua e sabão antes de cada fricção.

(Extrahido da *Gazeta medica da Bahia*, n° 117, 15 de Junho de 1872, do artigo publicado pelo Sr. Dr. Silva Lima).

MORTE. *Signaes da morte.* Ausencia da respiração e da circulação, frio glacial, insensibilidade ás incisões, cauterizações, etc., rijeza cadaverica, e mais tarde putrefacção. — A morte é ordinariamente precedida de alguns symptomas graves que dependem da perturbação da respiração, da circulação, ou das funcções cerebraes, e que constituem a *agonia.* Aquella que sobrevem de repente e sem phenomenos precursores chama-se *morte subita ;* é determinada ordinariamente pela apoplexia fulminante ou pela ruptura de uma aneurysma. A morte é *natural* se sobrevem em consequencia de uma molestia espontanea; *violenta* quando é effeito de uma violencia qualquer. Ás vezes póde haver suspensão da respiração e circulação, e a vida não estar extincta : o que se chama *morte apparente.* A rijeza dos membros, e a putrefacção são os dois signaes mais certos da morte real. A rijeza principia poucos instantes depois da morte, e dura 24 a 36 horas. Em quanto os membros estão flexiveis, se a sua flexibilidade não foi precedida de rijeza, póde-se presumir um resto de vida. Quando as pancadas do coração não se percebem durante algum tempo, muitos minutos por exemplo, póde-se assegurar que a morte é real. Mas isto deve ser verificado pela auscultação precordial, porque na syncope e outras molestias o pulso ás vezes não se sente, em quanto que o ouvido applicado sobre a região do coração póde perceber fracas pancadas d'este orgão.

Morte apparente. A morte póde não ser real nos casos de *apoplexia*, *asphyxia*, *feridas graves*, *catalepsia*, *chorea*, *contusões*, *convulsões*, *extase*, *hysterismo*, *hypocondria*, *lethargo*, *perdas sanguineas*, *syncope*, *tetano*, *quédas*, nas pessoas parecendo mortas por *molestias agudas*, durante alguma *epidemia*, e nas mortes chamadas *subitas*. Em taes casos o dever rigoroso do medico é tentar todos os meios para reanimar o morto apparente. Consistem estes meios em descobrir a face, deixar a bocca aberta, para permittir a introducção do ar nas vias respiratorias, tirar tudo quanto comprimindo o peito e o baixo-ventre possa impedir o resto dos movimentos que ainda existão, posto que imperceptiveis aos nossos sentidos, no diaphragma, coração e intestinos; approximar ás ventas frascos com vinagre, ether, alcali volatil. Os outros meios são : aspersões d'agua fria, bebidas excitantes como o vinho quente, infusão de canella, poção com ether, etc.; banhos quentes, commoções electricas, cobertores quentes, fricções com baeta ou escova, moxas, queimaduras, escarificações, esternutatorios, chapas de ferro quente, flagellação, sinapismos, vesicatorios, ventosas, sangria. V. *Asphyxia*, *Syncope*, etc.

Morte da criança no utero. Signaes : cessação dos movimentos da criança. Cessação das pulsações fetaes. O ventre da mãi deixa de crescer, e mesmo diminue de volume. Sensação de frio e peso no utero. Deslocação uterina cada vez que a mulher se move ou toma uma posição lateral differente; seios flaccidos. Calefrios, lassidão, peso nos membros inferiores, fastio : máo halito, alteração da physionomia, inchação do rosto ou do corpo.

Morte da mulher durante a prenhcz ou durante o parto. Como a criança póde continuar a viver no utero depois da morte da mãi, não se deve enterrar a mulher, que tiver succumbido subitamente n'um estado de gravidez adiantada, antes de extrahir a criança. A extracção pratica-se pela *operação cesarea,* se o parto não tiver

principiado; ou pela *extracção ordinaria*, se o permittirem o estado das cousas e dos orgãos.

MOVITO. V. ABORTO.

MUDEZ. A mudez, acompanhada de surdez de nascença, é incuravel; depende de alguma affecção do cerebro, ou dos ossos do ouvido. É igualmente incuravel, aquella que depende de algum defeito na organisação da lingua ou do idiotismo. A linguagem dos signaes é o unico meio que offerece aos surdos-mudos a faculdade de communicação. Póde tambem ensinar-se-lhes a imitar os movimentos dos labios. Existem em quasi todos os paizes estabelecimentos destinados á educação dos surdos-mudos. O instituto do Rio de Janeiro creado no 1° de Janeiro de 1856, debaixo da protecção de S. M. I. o Senhor D. Pedro II, recebe alumnos de um e outro sexo, mediante uma pensão annual, os pobres gratuitamente; alimenta-os, ensina-lhes tudo quanto comprehende a instrucção que podem adquirir, e dá-lhes noções das artes e sciencias, para torna-los membros uteis da sociedade.

MULA. V. BUBÃO SYPHILITICO.

MYASIS ou **Bicheiro das fossas nasaes.** V. BICHEIRO.

MYDRIASE. Paralysia do iris caracterizada pela dilatação permanente da pupilla. Póde depender de alguma lesão do cerebro, da paralysia do nervo, etc. — Vesicatorios sobre as fontes. Dirigir vapores de alcali volatil sobre o olho. Instillar entre as palpebras uma gotta de dissolução de extracto de fava de Calabar 459.

MYELITE. Inflammação da medulla, cuja lesão caracteristica é o amollecimento da medulla com vermelhidão, e o signal principal, a paralysia de ambos os membros superiores ou inferiores, conforme o lugar em que existe a inflammação. A myelite póde occupar, ora a porção cervical, ora a porção dorsal, outras vezes a porção lombar da medulla. Em taes casos, existe quasi sempre n'um lugar da columna vertebral, ao nivel do ponto da medulla doente, uma dôr vaga, que augmenta pela compressão e sobretudo pela passagem de uma esponja embebida em agua ou mui quente ou mui fria. A molestia principia por formigamentos, entorpecimentos, caimbras nos membros inferiores, ou nos superiores, segundo a altura na qual existe a alteração. Pouco depois sobrevem a paralysia dos musculos, da bexiga e do recto, d'onde resultão as retenções e incontinencias de ourina ou das materias fecaes. A myelite póde durar de tres a quinze dias : chama-se então *aguda ;* e termina pela *cura ,* o que é raro; pela *morte,* o que é mais commum; ou pela passagem ao *estado chronico ,* o qual, ás vezes, se prolonga por muitos annos.

Tratamento. Fórma aguda. Bichas. Cataplasmas de linhaça no lugar affectado 560. Banhos mornos. Dieta. Bebidas emollientes 797. Agua de Sedlitz 183, 5 centigrammas de emetico em 720 grammas d'agua. Se houver retenção de ourina, ou de materias fecaes, recorrer ao catheterismo ou aos clysteres d'agua morna.

Fórma chronica. Vesicatorios, moxas, sedenhos, fontes ao longo da columna vertebral. Fricções com linimento terebinthinado 762, com balsamo nerval 614, com linimento de Rosen 614. Duchas d'agua salgada e quente dirigidas sobre a columna vertebral. Aguas sulfurosas 184. Caldas no Brasil 195. Em Portugal Caldas da Rainha 197, Taipas 228, Vizella 234. Furnas na ilha de S. Miguel 207. Banhos do mar.

MYOPIA. Vista curta. — Usar de oculos com vidros concavos, e graduados segundo a necessidade. V. OCULOS.

MYOSITE. Inflammação de qualquer musculo. Sobrevem em consequencia de ferida, contusão, fadigas corporaes, esfriamento. É caracterizada pela dôr viva e fixa, que augmenta durante os esforços musculares, inchação, dureza; não ha vermelhidão, salvo se se formar abcesso. N'este ultimo caso apparecem calefrios e febre. — Cataplasma de linhaça 560, ou de fecula 461. Abrir cedo os abcessos formados nos musculos, afim de impedir a destruição das fibras musculares pela suppuração.

NARCOTISMO. Entorpecimento geral, modorra, vertigens, nauseas, delirio, inchação dos olhos, etc., effeitos do envenenamento pelo opio e outros narcoticos. V. *Envenenamento pelo opio*.

NARIZ (Bichos no). V. BICHEIRO.

Nariz (Corpos estranhos no). V. p. 931.

Nariz (Deviação do). Attribue-se ao costume de se assoar sempre do mesmo lado; aconselha-se, para a fazer desapparecer, assoar-se com a outra mão.

Nariz (Falta do). Quando o nariz foi destruido por uma ulcera, pela gangrena, congelação, etc., póde-se encobrir a deformidade por um nariz artificial. Ás vezes é possivel, tomando um retalho ás regiões vizinhas, remediar a destruição de uma parte do nariz, por meio da rhinoplastia.

Nariz (Feridas do). V. p. 989.

Nariz (Fractura do). V. p. 1004.

Nariz (Hemorrhagia pelo). V. *Epistaxis*.

Nariz (Polypo no). Excrescencia mucosa ou fibrosa que se desenvolve nas fossas nasaes. A principio, causa um incommodo leve, que se attribue ao defluxo; mas a pessoa não tarda em ser desenganada pela persistencia do incommodo. O tumor toma um desenvolvimento mais ou menos rapido; a respiração pelo nariz torna-se difficil. Virando a cabeça para traz, e examinando o interior da fossa nasal, vê-se uma massa de um cinzento avermelhado, coberta de mucosidades. — O *arrancamento* é o methodo curativo empregado de preferencia nos polypos mucosos; contra os polypos fibrosos, que são mais duros, emprega-se a *ligadura* ou a *excisão*.

Nariz (Tumores do). Os tecidos molles do nariz tornão-se ás vezes a séde de degenerescencias gordurosas, fibrosas, vasculares ou sarcomatosas, que produzem tumores de formas variadas. O tratamento consiste na excisão, mas não se deve recorrer a esta operação senão quando o tumor, pelo seu peso ou volume, determinar um incommodo bem real; porque deve-se temer sempre; quando se faz a extirpação, o desenvolvimento de uma erysipela no rosto.

Nariz (Ulceras do). As ulceras do nariz podem ser syphiliticas, escrophulosas ou dartrosas. Exigem um tratamento interno e externo proprio a cada especie. Veja-se tambem LUPO. Quanto ás ulceras do interior do nariz, v. OZENA.

Nariz (Vermelhidão do). A pelle do nariz torna-se vermelha em algumas pessoas affectadas de acne (v. esta palavra), de lupo, de erythema chronico, e, nas pessoas idosas, quando a epiderme hypertrophiada está coberta de veias varicosas. — Pomada sulfurada 439, glycerina 501, coldcream 448, lavatorios com agua vegeto-mineral 146, com agua muito quente misturada com vinagre.

NECROSE. Estado do osso ou de uma parte do osso privado de vida. Reconhece-se este estado pela denudação do osso, côr cinzenta, mobilidade da porção morta (sequestro), e pela suppuração das partes molles vizinhas; o estylete introduzido no trajecto fistuloso, faz sentir a mobilidade do sequestro e a superficie rugosa. — Com-

bater as causas (v. *Syphilis*, *Escrophulas*, *Escorbuto*). Facilitar por meio de incisões, de trepanação do osso, e de outros processos cirurgicos adequados, a sahida das partes mortas e separadas. Estando movel o sequestro extrahe-se com pinça; se o trajecto fistuloso dos tecidos molles não fôr bastante largo, faz-se uma incisão. Depois da extracção do sequestro, as fistulas cicatrizão-se; o doente deve conservar-se em repouso completo até á consolidação completa do osso.

NEPHRITE. Inflammação dos rins. **Aguda.** Dôr surda, contínua, profunda nas cadeiras, que augmenta pela compressão; febre; ourinas pouco abundantes, avermelhadas, sanguinolentas. — Sanguesugas ou ventosas sarjadas nas cadeiras. Cataplasmas de linhaça 560. Banhos mornos prolongados. Clysteres emollientes 628, de dormideiras 419, emollientes e calmantes 640, camphorados 332. Infusão de linhaça 560, e outras bebidas emollientes 797. Dieta lactea. Agua gazosa 171. Fricções nas cadeiras com oleo camphorado 332, com balsamo tranquillo 309. Poções com xarope diacodio 637, chlorhydrato de morphina 642, xarope de lactucario 247. Laxantes brandos 804.

Nephrite chronica. Dôres surdas nas cadeiras; sem febre. — Fontes na região lombar. Banhos mornos. Poção calmante antispasmodica 456. Exercicio. Bebidas diureticas 795. Agua de Vichy 231, de Seltz 171. Bicarbonato de soda 349. Magnesia calcinada 581. Decocto de grama 511, infusão de parietaria 655, infusão de pedunculos de cerejas 365. Soro de leite 733. Nitro 297. Cerveja. Regimen mais vegetal do que animal. Habitação em lugares elevados e seccos.

NEPHRITE ALBUMINOSA. V. ALBUMINURIA.

NEVOA DO OLHO. V. BELIDA.

NEVRALGIAS EM GERAL. Nome generico de algumas molestias, cujo principal symptoma é uma dôr viva, contínua ou intermittente, que segue o trajecto de um ramo nervoso, e de suas ramificações, sem que haja vermelhidão, calor, tensão, nem inchação. Todos os orgãos podem ser séde de nevralgias, por isso mesmo que todos contém nervos sensitivos.

Tratamento. Applicar panno bem quente no lugar dorido. Applicar um sinapismo no mesmo lugar 616. Esfregar com essencia de terebinthina 760. Injectar debaixo da epiderme a solução de chlorhydrato de morphina 643, ou sulfato de atropina 293.

As injecções sub-cutaneas ou hypodermicas são hoje muito empregadas contra todas as nevralgias, por introduzirem o medicamentos perto do lugar doloroso; acalmão promptamente.

Os medicamentos de que se faz uso para as injecções contra as nevralgias são o chlorhydrato de morphina e o sulfato de atropina, dissolvidos em agua distillada, na proporção de 30 centigrammas (6 grãos) de chlorhydrato de morphina ou de sulfato de atropina para 30 grammas (1 onça) d'agua distillada. O que perfaz 1/5 de milligramma (1/250 de grão) de sal por gotta de liquido, ou 1 milligramma (1/50 de grão) por 5 gottas.

A acção energica d'estas soluções, mesmo administradas em pequenas dóses, reclama o uso de instrumentos de grande precisão. Para fazer as injecções sub-cutaneas, emprega-se a seringa de Pravaz.

Seringa de Pravaz. Compõe-se de um cylindro de vidro, de conteúdo de 40 gottas de liquido, com guarnição de prata. O embolo, munido de uma rosca, é graduado por millimetros a partir do ponto em que começa a penetrar no cylindro. Este é calibrado de tal

maneira, que por cada millimetro percorrido pelo embolo, uma gotta de liquido é expellida pela canula. Para regrar com anticipação a marcha do embolo, basta fixar o aro sobre o algarismo que representa o numero de gottas que se querem injectar. A canula, que é de aço, é cortada obliquamente e termina em ponta aguda. — A operação é mui simples: Enche-se a seringa com o liquido, adapta-se a canula, penetra-se obliquamente debaixo da pelle a 1 centimetro de profundidade, e comprime-se o embolo para fazer a injecção.

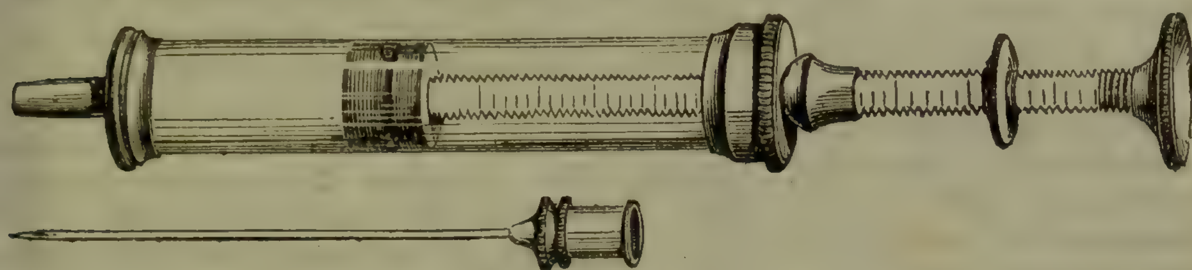


Fig. 311.

Seringa para injecções sub-cutaneas.

A dóse do liquido que se póde introduzir debaixo da epiderme é:

Solução de chlorhydrato de morphina (Chlorhydrato de morphina 15 centigrammas, agua distillada 15 grammas), 5 a 10 gottas por injecção.

Solução de sulfato de atropina (Sulfato de atropina 15 centigrammas, agua distillada 15 grammas). 1 a 5 gottas por injecção.

Continuão-se as injecções, uma ou duas vezes por dia, até que a dôr desappareça de todo. Sendo a absorpção sub-cutanea mais certa e prompta, a dóse deve ser menor do que se o medicamento fosse administrado em poção: n'este ultimo caso uma parte do medicamento sahe com as excreções e escapa á absorpção. É preciso proceder progressivamente, porque a atropina na dóse de 1 milligramma (5 gottas da solução), administrada na primeira injecção, póde produzir symptomas de atropismo exagerado: dilatação da pupilla, perturbacão da vista, nauseas e vomitos. Combatem-se estes symptomas com opio. Em dóse forte, a atropina, introduzida pelas injecções sub-cutaneas, poderia occasionar a morte. É pois, prudente começar por 1 gotta da solução, e não administrar no primeiro dia senão uma só dóse, sem que isso sirva de impedimento para multiplicar gradualmente o numero das dóses até attingir a dóse efficaz, determinada pela apparição dos phenomenos physiologicos.

Em vez de injecções sub-cutaneas, alguns medicos propuzerão, introduzir os medicamentos debaixo da epiderme por meio de lanceta. Depois de dissolver 2 centigram. (2/5 de grão) de chlorhydrato de morphina em mui pequena quantidade d'agua, fazem sobre os pontos dolorosos 30 a 40 picadas com lanceta carregada d'este liquido. Outros applicão um pequeno caustico ammoniacal 266, ou emplasto de cantharidas 343, e depois de furar a bolha, polvilhão a ferida com 1 a 2 centigrammas (1/5 a 2/5 de grão), de chlorhydrato do morphina. — O methodo por injecções sub-cutaneas é, porém, mais exacto.

As outras applicações que se empregão com proveito contra as nevralgias são: Applicação de chloroformio sobre a pelle, por meio

de um calix debaixo do qual se acha um panno molhado no chloroformio 374. Cataplasma de linhaça 560, cataplasma anodyna 641, cataplasma narcotica 309, cataplasma calmante 597. Fricções com linimento opiado 641, com linimento de chloroformio 380, com linimento camphoro-opiado 641; balsamo tranquillo 309, balsamo opodeldoch 332. Estender, com pincel, algumas camadas de tintura de iodo sobre o lugar dorido 531. Banho geral d'agua tepida durante uma hora. Caustico 343. Acupunctura 167. Banhos de vapor d'agua quente. Fomentações com dissolução de cyanureto de potassio 413. Electricidade applicada por meio dos apparelhos de Ruhmkorff 430, Gaiffe 425, Trouvé 423, Breton 432. Applicar sobre o lugar dorido chapas galvanicas; que resultão da juxta-posição de uma lamina de zinco sobre uma lamina de cobre. Caldas 237. Hydrotherapia 523.

O *tratamento interno* compõe-se de antispasmodicos, taes como as preparações de valeriana 771, oxydo de zinco 648, valerianato de zinco 773, ether 454, castoreo 356, almiscar 250, assafetida 289, estramonio 452, aconito 166, belladona 306, meimendro 596, etc. Essencia de terebinthina 760. Oxydo de ferro hydratado 465. Opio 638. Chlorhydrato de morphina 642. Sulfato de morphina 643. Cicuta 385. Agua de louro-cereja 564. Pilulas de Meglin 597. Pilulas de aconito de Biett 167. Opiato terebinthinado de Martinet 762. Pilulas antinevralgicas 453. Pilulas antispasmodicas 252, 290, 772. Poção antispasmodica 357, 455. Pós antispasmodicos 251, 333, 356, 416, 736, 772. Sulfato de quinina, contra as nevralgias periodicas 739. Este tratamento é applicavel a todas as nevralgias em geral. Eis-aqui algumas indicações especiaes :

Nevralgia do anus. Dôres agudas, intermittentes, no anus, com contracções do sphincter do anus. — Sinapismo 616. Fricções com essencia de terebinthina. Clyster emolliente e calmante 640. Para o mais, veja-se o tratamento das *nevralgias em geral.*

Nevralgia da bexiga ou *Cystalgia.* Dôres agudas e vontade frequente de ourinar. — Introduzir no anus a mecha untada com pomada de belladona 308. Semicupios mornos. Clyster de linhaça com 20 gottas de laudano. Introduzir na bexiga a sonda de prata. V. *Nevralgias em geral.*

Nevralgia das cicatrizes. Applicação de algodão em rama. Injecções sub-cutaneas de chlorhydrato de morphina 643, ou de sulfato de atropina 293. Cauterização ponctuada com acido sulfurico. Fazer a secção do nervo doloroso, ou praticar a excisão da cicatriz.

Nevralgia do coração. V. *Angina do peito.*

Nevralgia do cordão espermatico. V. *Nevralgia do testiculo.*

Nevralgia crural. Dôres no trajecto do nervo crural. — Tratamento da *sciatica.*

Nevralgia dentaria. V. *Dôr de dentes nervosa.*

Nevralgia facial, *prosopalgia*, ou *tico doloroso da face.* Applicar um lenço de seda ou de linho bem quente no rosto. Friccionar com essencia de terebinthina 760, com laudano de Sydenham 637. Applicar com pincel, no lugar doloroso, oleo essencial de hortelã 522. Sinapismo no rosto 616. Applicar no lugar da dôr algodão embebido em chloroformio 374. Injecções sub-cutaneas com dissolução de chlorhydrato de morphina 643, ou de sulfato de atropina 293. Extrahir os dentes cariados. Banho geral d'agua tepida, e outros meios indicados na nevralgia em geral.

Nevralgia do figado. Dôres lancinantes no hypocondrio direito, que se estendem até ao hombro, costas, ventre, sem ictericia. —

Xarope de ether 455, xarope de chloroformio 379. Fricções com essencia de terebinthina 760. Applicações locaes e repetidas de tintura de iodo 531. Banhos mornos geraes. Hydrotherapia e duchas dirigidas sobre o figado 523, e outros meios indicados contra as *Nevralgias em geral.*

Nevralgia geral, *Nevropathia cerebro-espinhal*, *Nevropathia cerebro-cardiaca*, *Nevrosismo.* — *Symptomas* : Quando a molestia apparece de uma *maneira rapida*, é um verdadeiro *ataque* caracterizado pela sensação estranha de um vacuo ou de um fluxo na cabeça, com diminuição dos sentidos, vertigens, photophobia, anxiedade precordial e palpitações acompanhadas ás vezes de syncopes. A pessoa não póde conservar-se em pé; outras vezes tem uma agitação extrema. Este ataque dura pouco tempo; sobrevem remissão, mas os incommodos reproduzem-se no mesmo dia, ou no dia seguinte; depois de algumas alternativas apparece o estado contínuo. — Quando a molestia se declara de uma *maneira lenta*, os doentes experimentão sensações anormaes na cabeça, perturbações dos sentidos, dôres no espinhaço, insomnia, diversas nevralgias, locomoção difficil, photophobia, vista dupla, impressão penosa pelo menor ruido, palpitações. anxiedades precordiaes, contracturas das pernas. A *marcha* da molestia é em geral contínua com remissões e exacerbações. Apezar da violencia e multiplicidade dos symptomas, termina quasi sempre pela cura.

Tratamento. Subtrahir o doente ás excitações moraes e physicas. Aconselhar uma alimentação substancial. Uso do leite. Habitação no campo. Banhos geraes d'agua tepida. Hydrotherapia 523. Aguas ferreas 181. Preparações ferruginosas 462 a 476, preparações de quina 685, medicamentos antispasmodicos (ether, belladona, meimendro, valeriana). Chloral 171. Bromureto de potassio 317. No *ataque subito*, poção calmante e antispasmodica 456.

Nevralgia intercostal. Differe do rheumatismo em estar a dôr limitada a um ou dois ramos do nervo no espaço intercostal; em quanto que no rheumatismo a dôr é geral e augmenta pelo menor movimento. Tratamento das *nevralgias em geral.*

Nevralgia dos intestinos. V. *Colica nervosa.*

Nevralgia lombo-abdominal. As mulheres são sujeitas a uma dôr lombar, iliaca superior ou inguinal hypogastrica, devida á nevralgia dos nervos lombares. — Sinapismo no lugar da dôr 616. Fricções com essencia de terebinthina 760. Applicações de tintura de iodo 531. Caustico 343. cuja ferida se polvilha todos os dias com 2 centigrammas de chlorhydrato de morphina 642. e outros meios indicados contra as *Nevralgias em geral.*

Nevralgia occipital. É caracterizada por dôres agudas, intermittentes na nuca, que se estendem á parte superior da cabeça. — Applicar a tintura de iodo simples 531, ou com o chlorhydrato de morphina 642, e seguir o tratamento das *nevralgias em geral.*

Nevralgia do olho, *nevralgia supra-orbitaria* e *sub-orbitaria.* Dôres contínuas ou intermittentes, na palpebra superior ou inferior, mais violentas de noite, acompanhadas ora de secreção abundante de lagrimas, de aversão á luz, de calor no nariz, de zunido nos ouvidos, ora de tremores do rosto. — Collyrio opiado 640; collyrio calmante 643, cataplasma anti-ophthalmica 145, cataplasma anodyna 641, cataplasma calmante 597. Fricções nas palpebras com pomada camphorada 334, com essencia de terebinthina 760. V. *Nevralgias em geral.*

Nevralgia do ouvido. V. *Dôr de ouvido.*

Nevralgia da planta do pé. O mesmo tratamento que o da *sciatic*

Nevralgia sciatica. V. *Sciatica.*

Nevralgia dos seios. É caracterizada por dôres contínuas intermittentes, que se fazem sentir no seio por picadas, e que estendem até ao pescoço e braço correspondente. — Empregar tratamento das *nevralgias em geral.*

Nevralgia do testiculo e do cordão espermatico. Dôres no te ticulo e no cordão, que se fazem sentir por picadas, e que n dependem de lesões organicas. — Semicupios mornos d'agua simple ou com folhas de herva moira, cicuta, estramonio. Cataplasn anodyna 641, cataplasma calmante 597. Applicações quotidianas tintura de iodo 531. Sinapismo 616, e outros meios indicad contra as *nevralgias em geral.*

Nevralgia da urethra. Calor ao longo do canal da urethra; d que parte da extremidade do penis e se estende até ao pubis; vezes difficuldade de ourinar. — Semicupios d'agua morna simpl ou com folhas de cicuta, estramonio, herva moira. Introduzir sonda de prata no canal. Fazer injecções com agua fria. Cataplas anodyna no perineo 641. Beber emulsão nitrada 298. V. *Nevralg em geral.*

Nevralgia do utero. Dôres hypogastricas e lombares, sem desl cação nem lesão organica do utero. — Banhos frios de rio, do m Fricções com balsamo tranquillo 309, com linimento calmante 3 Clysteres d'agua morna simples com 10 gottas de alcoolatura aconito 167, ou de laudano de Sydenham 636. Injecções com decoc de herva moira 518, e dormideiras 419. Semicupios com as mesm plantas. V. *Nevralgias em geral.*

Nevralgia da vagina e da vulva. Dôr viva na vagina, q augmenta com o andar, coito, defecação, etc. — Banhos morn prolongados. Injecções com decocção de dormideiras 419, estramo 452, meimendro 596, clysteres com 10 gottas de laudano 636. La torios com solução de bicarbonato de soda (agua 1000 gramma bicarbonato de soda 60 grammas). Tocar a superficie com pe infernal. Empregar toda a serie dos medicamentos indicados con as outras *nevralgias.*

NEVRITE. Inflammação dos nervos; affecção rara, sem confundida com a nevralgia. Consiste o tratamento em cataplasn de linhaça 560, cataplasma anodyna 641, banhos mornos, e me camentos indicados contra as nevralgias.

NEVROMA. Tumor sub-cutaneo, circumscripto, ordinariame doloroso, bem que algumas vezes o não seja, que se desenvolve superficie dos nervos, ou entre os filetes que os constituem; ap senta-se ora sob a fórma de tuberculo duro, movel, rolan debaixo da pelle, ora sob a fórma de uma proeminencia alonga mais ou menos volumosa, ordinariamente da grossura de u ervilha; de um tecido duro, cinzento, e como fibro-cartilagino Estes tumores comprimem os nervos, e produzem ás vezes dô atrozes. — O tratamento consiste em fricções com linimento chloroformio 380, balsamo tranquillo 309, essencia de terebinth 760. Injecções sub-cutaneas com chlorhydrato de morphina 643. estes meios não acalmarem as dôres, recorrer a extirpação nevroma.

NEVROSE. Nome generico das molestias que se suppõe ter a séde no systema nervoso, e que consistem na perturbação funcções, sem lesão evidente na estructura das partes, e s agente material que as produza. A esta classe de molestias pertenc

ilepsia, catalepsia, convulsões, caimbras, enxaqueca, etc. — ios mornos prolongados. Banhos frios de rio ou de mar. Exer-. Equitação. Regimen regular. Habitação no campo. Distracções. icamentos antispasmodicos 789, narcoticos 802. Hydrotherapia V. *Nevralgia*.

IÓ NA TRIPA. V. Ileo.

IOSTALGIA. Tristeza causada pelo desejo ardente de voltar a patria.—Distracções e occupações contínuas. Regressar á patria.

IYCTALOPIA. Molestia caracterizada pela faculdade que tem o ite de distinguir os objectos a uma luz fraca ou durante a , entretanto que não póde supportar a luz durante o dia. ende frequentemente da extrema sensibilidade da retina ou do d'onde resulta a contracção da abertura pupillar. sar de oculos com vidros verdes, azues ou pretos. Purgantes A nyctalopia póde tambem ser o resultado de obstaculos phy- á chegada dos raios luminosos ao fundo do olho, como seja a encia de uma belida, e a opacidade central do crystallino. Os s com vidros azues servem tambem n'este caso: mas cumpre pater as causas.

YMPHOMANIA. Inclinação irresistivel e insaciavel ao acto reo, nas mulheres. — Pilulas camphoradas 331. Limonadas e is bebidas temperantes 806.

BESIDADE. Diminuir a quantidade dos alimentos. Não comer de uma vez; não se entregar a excessos da mesa. Beber . Comer pouco pão, poucas feculas, pouca gordura, pouco ; abster-se de licores alcoolicos, do vinho de Champanha; mittido o vinho tinto fraco, ordinario, mas a cerveja é pro-a. Alimentar-se sobretudo de carne, como o fazem os ani- carnivoros, que são habitualmente magros, e ajuntar á alguns vegetaes verdes e herbaceos, para variar as comidas; da activa, fazer muito exercicio, e não ficar na cama, senão o strictamente necessario para restaurar as forças; tomar um inte de tempos a tempos e com preferencia as pilulas de esca-a 442; usar de bicarbonato de soda 349; recorrer á hydrothe- 523. Alga vesiculosa 249. As aguas de Marienbad são reputadas a a obesidade 216.

BLITERAÇÃO DO ANUS. V. Imperforação.

bliteração do orificio da urethra. V. *Imperforação do prepucio.*

bliteração da vagina. Incisão.

bliteração da pupilla. Fazer a pupilla artificial.

BSTRUCÇÃO. Embaraço que se forma nos vasos, ou nos con-s de algum orgão, ou em consequencia da adstricção d'estes , ou em razão do affluxo de algum liquido alterado. Designão-baixo d'este nome, principalmente, os engurgitamentos chro-do figado e do baço, que se desenvolvem ás vezes no curso bres intermittentes prolongadas.

strucção do baço. V. *Splenite chronica.*

strucção do figado. V. *Hepatite chronica.*

ULOS. Instrumentos destinados a reforçar a vista e a reme- poder refractivo do olho. Para que os oculos não sejão s, não se deve com elles sentir fadiga ao ler, e experimen-os olhos a menor congestão, cumpre mudar os oculos e ensaiar até que se chegue a acertar com uns que não incommodem. ros dos oculos são mais ou menos *canvexos*, conforme a vista s ou menos longa (*presbyopia*); ou mais ou menos *concavos*, me a vista é mais ou menos curta (*myopia*).

Eis-aqui a escala adoptada pelos fabricantes de Pariz :
Presbyopia ou *Vista longa*. Vidros convexos.
Presbyopia fraca. N.os 80, 72, 60, 48, 36, 30, 24, 20.
Presbyopia mais forte. 18, 16, 15, 14, 13.
Presbyopia forte. 11, 10, 9, 8, 7, 6, 5.
Presbyopia muito forte. 4 1/2, 4, 3 1/2, 3, 2 1/2, 2, 1 3/4, 1 1/2, 1.
Esta ultima serie é usada ordinariamente pelos individuos operados de cataracta.

Myopia ou *Vista curta*. Vidros concavos.
Myopia fraca. N.os 60, 30, 20, 18, 16.
Myopia mais forte. 15, 14, 13, 12, 11, 10.
Myopia forte. 9, 8, 7, 6, 5, 4 1/2, 4.
Myopia muito forte. 3 3/4, 3 1/2, 3, 2 3/4, 2 1/2, 2, 1 3/4, 1 1/2, 1 (raras vezes empregados).

ODONTALGIA. V. DÔR DE DENTES.

OLHOS. Molestias dos olhos :

1° **Amaurose** ou **Gota serena.** V. p. 866.

2° **Apoplexia.** Hemorrhagia intra-ocular. Sobrevem espontaneamente; termina pela resolução, ás vezes pela suppuração. — Applicar sobre o olho pannos molhados em agua fria. Purgante 804. Sinapismos nas pernas 616.

3° **Belidas da cornea.** V. p. 891.

4° **Cancro do olho.** V. p. 907.

5° **Cataracta.** V. p. 914.

6° **Commoção do olho.** É produzida pela pancada sobre o globo do olho ou sobre a testa. Póde ser seguida de cegueira. — Applicar bichas na fonte correspondente, e pannos molhados em agua fria sobre o olho.

7° **Contusão do olho.** V. p. 927.

8° **Corpos estranhos no olho.** V. p. 931.

9° **Estaphyloma.** Tumor no olho. V. p. 974.

10° **Estrabismo.** V. p. 975.

11° **Feridas do olho,** V. p. 989.

12° **Fistula da cornea.** V. p. 994.

13° **Glaucoma.** V. p. 1012.

14° **Hemalopia.** V. p. 1017.

15° **Hemeralopia.** V. p. 1019.

16° **Herpes conjunctival.** V. p. 1029.

17° **Hydropisia do olho.** V. *Hydrophthalmia*, p. 1032.

18° **Hypopyo.** V. p. 1034.

19° **Inflammação do olho.** V. *Conjunctivites*, p. 923.

20° **Irite.** V. p. 1039.

21° **Keratite.** V. p. 1040.

22° **Mydryase.** V. p. 1074.

23° **Myopia.** V. p. 1074.

24° **Nyctalopia.** V. p. 1081.

25° **Presbyopia.** V. *Presbyopia*.

26° **Pterygio** ou *Unha do olho*. V. PTERYGIO.

27° **Queimadura do olho** *pela cal ou por liquido a ferver*. V. QUEIMADURA.

28° **Retinite.** V. *Retinite*.

29° **Ulcera da cornea.** Applicar laudano de Sydenham. Cauterizar levemente com pedra infernal, ou pedra lipes. Collyrio de azotato de prata 300, de ratanhia 693, collyrio salino 384. Ter constantemente sobre a palpebra panno quente.

30° **Vista dupla.** V. DIPLOPIA.

ONYXIS. Inflammação da matriz da unha. — Banhos mornos, cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Lavatorios com infusão de rosas rubras 702, com decocto de quina misturado com alcool camphorado, com solução de chlorureto de cal 381. Polvilhar a ferida com pedrahume calcinada 259. Tocar com pedra infernal. Extirpação da unha com a raiz.

OPHTHALMIA. Nome generico de qualquer inflammação parcial ou total do olho ou das differentes partes que o compõem. As mais das vezes esta inflammação limita-se á conjunctiva, e as palavras *coujunctivite* e *ophthalmia* são frequentemente synonymas na linguagem medica, mas sobretudo na linguagem vulgar. V. *Conjunctivite.*

Ao mesmo tempo que os ophthalmologistas modernos propuzerão chamar *conjunctivite* á inflammação da membrana externa do olho, assignalárão caracteres e nomes particulares ás inflammações de cada um dos outros tecidos, que concorrem para formar o orgão da visão. V. *Choroidite, irite, keratite, retinite, sclerotite.*

OPILAÇÃO, Hypohemia intertropical, cançaço. Molestia frequente no Brasil; ataca os brancos e os pretos; homens e mulheres; existe tambem no Egypto e nota-se na Italia. É caracterizada, nos casos menos graves, pela pallidez geral da pelle, palpitações, languidez geral, flaccidez das carnes, desarranjo nas digestões sem emmagrecimento. A marcha d'esta molestia é mais ou menos rapida; aggrava-se progressivamente, e póde chegar ao seu mais alto grão. Então declara-se a magreza; sobrevem inchação nas palpebras e nas extremidades inferiores. A pelle, nos brancos, torna-se de côr amarella-pallida; os pretos tornão-se fulos. A conjunctiva é de um branco azulado; todas as membranas mucosas apparentes são de pallidez cadaverica. Observão-se, além d'isto, os phenomenos seguintes: apathia, fraqueza geral, palpitações constantes que augmentão pelo menor movimento; pulso frequente e pequeno, respiração curta, dyspnéa; dôres de cabeça, zunidos nos ouvidos, dôres articulares e precordiaes; fome constante, appetites bizarros, digestão difficil; lingua saburrosa, ourinas claras, côr de palha; sôpro systolico no coração, susurro contínuo sobre as veias jugulares. Muitas vezes a marcha d'esta molestia é bastante rapida; com cuidado e bom regimen póde durar muitos annos.

A autopsia dos individuos mortos d'esta molestia revelou a existencia no intestino duodeno dos vermes da especie de *Anchylostomum duodenale*, Dubini, em quantidade consideravel. Estes vermes tem 6 a 10 millimetros de comprimento : a bocca é guarnecida de quatro dentes por meio dos quaes se agarrão á membrana mucosa do intestino. Foi um medico allemão, o Dr Griesinger, que primeiro descobrio em 1852 no Egypto a existencia d'estes vermes n'um individuo morto de opilação. Não se deo bastante importancia a esta descoberta que foi quasi esquecida, quando quatorze annos depois em 1866, o Dr. Wucherer, distincto medico da Bahia, chamou a attenção dos medicos sobre este ponto, verificando a existencia dos vermes da especie de *Anchylostomum duodenale* nos intestinos de cinco pessoas mortas da opilação na Bahia. Achou estes vermes ainda pela maior parte vivos e agarrados á mucosa, sendo precisa alguma força para os despegar. (V. *Gazeta medica* da Bahia, 1866, p. 39). O Sr. Dr. Julio Rodrigues Moura, outro distincto medico brasileiro, na *Gazeta medica* da Bahia publicou (15 de março de 1870), factos semelhantes observados por elle só, ou por seus collegas (Dr. Faria. Dr. Silva Lima, Dr. Santos Pereira, Dr. Teixeira da Rocha, Dr. Marques da Cruz).

Estas observações vierão dar uma nova face á doutrina, até então obscura, das causas da hypohemia intertropical.

« Não ha duvida, diz o Dr. Wucherer, que uma grande copia de vermes, que vivem de sangue e causão numerosissimas, ainda que pequenas hemorrhagias, sejão capazes de produzir, dentro de certo tempo, uma excessiva anemia; e havendo ausencia de outras causas, a que a opilação possa ser attribuida, forçoso é concluir que a causa está nos anchylostomos. Estes vermes devem ser muito mais nocivos do que outros que vivem de chymo, pois que elles vivem de um liquido já mais elaborado, de sangue. Porém, d'onde vem os anchylostomos? Vem de fóra. O uso de alimentos improprios ou pouco variados, de substancias feculentas, com exclusão de estimulantes e condimentos, e, sobretudo, pouco escrupulo nas aguas para beber, são causas da opilação; é de facto que é entre os habitantes dos campos entregues á lavoura, que se encontra o maior numero de opilados, e não houve nenhum d'elles que não tenha bebido agua de gotteiras, riachos ou poços; estas aguas contém germens dos vermes. »

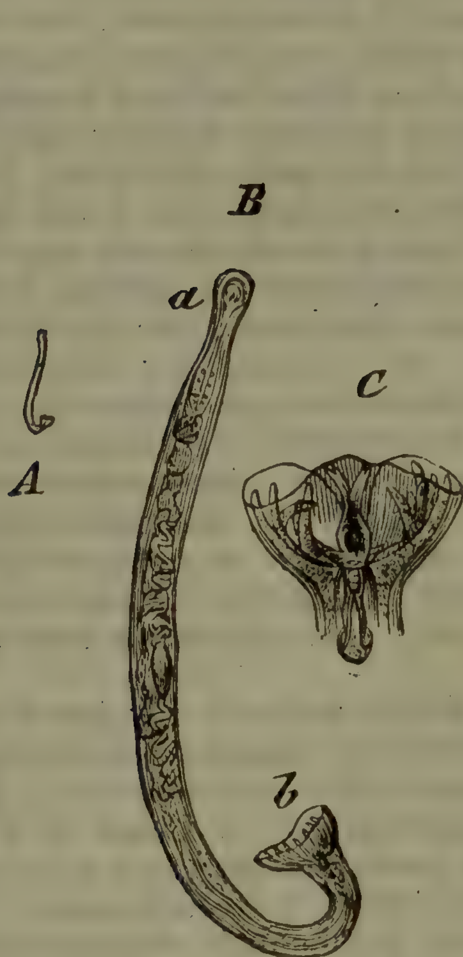


Fig. 312.

Anchylostomum duodenale, macho.

A, de tamanho natural. — *B*, o mesmo engrossado; *a*, a extremidade cephalica; *b*, extremidade posterior; *C*, extremidade posterior, fortemente engrossada.

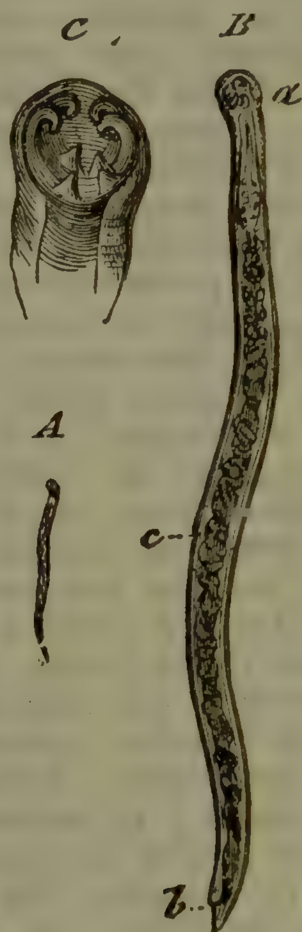


Fig. 313.

Anchylostomum duodenale, femea.

A, de tamanho natural. — *B*, a mesma engrossada; *a*, a extremidade cephalica; *b*, extremidade posterior; *c*, vulva. — *C*, extremidade cephalica, fortemente engrossada para mostrar a disposição da armação boccal.

Descripção do Anchylostomum duodenale. Fig. 312 e 313. Comprimento de 6 a 10 millimetros, sendo as femeas um pouco maiores do que os machos. A sua côr é branca-acizentada, approximando-se em alguns, ao encarnado. O corpo é roliço, attenuando-se para ambas as extremidades. A cabeça é arredondada, separada do corpo por um leve estreitamento formando uma especie de pescoço. A bocca é de fórma de funil, troncada obliquamente e guarnecida de quatro dentes cónicos, que parecem nada mais ser do que prolongamentos da margem da bocca, que é de substancia cornea. A extremidade posterior da femea é cónica, e o anus fica em pequena distancia da ponta; a abertura genital acha-se situada um pouco além do meio do corpo. A extremidade posterior do macho acaba em fórma de calice, partido de um lado; o penis é duplo, delgado e longo.

Tratamento da opilação. Leite de gamelleira 492. Pilulas de extracto ethereo de feto macho 477. Musgo de Corsega em pó 618. Pastilhas de santonina 727. Pilulas de assafetida 290. Capsulas ou perolas de essencia de terebinthina 761. Opiato terebinthinado 762. Pilulas camphoradas 331. Pilulas de aloes simples 253. Preparações de ferro 462 a 476. Vinho de genciana 497, vinho de quassia 678, vinho de quina composto 686. Vinho do Porto, regimen analeptico 785, comidas apimentadas, geleas animaes, sagú, tapioca. Usar de boa agua. Não beber nunca agua de riachos, regos, etc., sem ser filtrada. Os lavradores não deverião sahir para o trabalho dos campos, sem levarem comsigo sufficiente agua de vertente, para não beberem aguas que lhes podem occasionar a opilação.

Opilação do ventre nas crianças. V. *Tuberculos mesentericos.*

OPPRESSÃO. V. AFFRONTAÇÃO.

ORCHITE. Inflammação dos septos fibro-cellulosos do testiculo. É *aguda* ou *chronica*.

Orchite aguda. Póde sobrevir durante o curso de uma blennorrhagia, ou ser occasionada por um esforço para levantar objecto pesado, pela fadiga, uma profissão penosa, pancadas no escroto, introducção de uma sonda na bexiga, ou injecções irritantes na urethra. É caracterizada pela dôr, inchação e vermelhidão do escroto; o tumor póde adquirir o volume de um ovo de gallinha ou de um punho; termina pela resolução ao cabo de 15 ou 20 dias, ou pela passagem ao estado chronico; ás vezes forma-se um abcesso no escroto.

Tratamento. Repouso na cama. Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Banhos geraes d'agua tepida. Soster o escroto com um tampão de panno, ou por meio de um lenço dobrado em gravata, que se applica pelo meio debaixo das bolsas e se fixa á cintura pelas pontas. Se a dôr fôr intensa e se se propagar até ao ventre, se o cordão espermatico estiver duro e doloroso, e havendo febre, appliquem-se 10 a 15 bichas na virilha. Forão tambem aconselhadas as applicações sobre o escroto de pannos molhados em chloroformio 374. Envolver o testiculo em algodão cardado.

Orchite chronica. Succede á orchite aguda, ou é primitiva. É um augmento pouco doloroso, ou não doloroso do testiculo, que de ordinario não excede o volume de um ovo de gallinha. — Fricções com pomada de iodureto de potassio 538, com unguento mercurial 600. Emplasto de sabão 83, de cicuta 79, de Vigo 81. Applicações de tintura de iodo 531. Applicações repetidas de bichas no escroto em pequeno numero (5 a 6). Purgantes 804. Banhos frios de rio ou de mar. V. TESTICULO (*Molestias do*).

Orchite chronica syphilitica. V. TESTICULO SYPHILITICO.

OSSOS (Molestias dos). As molestias que podem acommetter os ossos são : *Cancro, Carie, Contusão, Dôres osteocopas, Enchondromo, Exostose, Feridas, Fracturas, Hypertrophia, Inflammação (Osteite), Necrose, Osteomalacia (Amollecimento), Rachitismo, Tuberculos.* V. estas palavras.

OSTEITE. Inflammação do tecido osseo. Manifesta-se em seguida de causas externas, como ferimentos, contusões; ou por causas internas, como a affecção escrophulosa, arthritica, syphilitica. Sendo superficial o osso inflammado, sente-se uma inchação acompanhada de peso, de dôr obtusa que augmenta assim que o membro soffre algum abalo. Póde terminar pela resolução, induração, suppuração (*carie*) e gangrena (*necrose*). — Se depender de causa externa, empregar cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461, cataplasma anodyna 641, cataplasma calmante 597, cataplasma narcotica 309, banhos mornos, ás vezes sanguesugas. Resultando de causa interna, associar a este tratamento os medicamentos internos indicados contra as *escrophulas, escorbuto, syphilis*, etc.

OSTEOMALACIA. Amollecimento dos ossos na idade adulta; differe do rachitismo porque este é o amollecimento dos ossos na infancia. Principia por dôres em todos os ossos, pela fraqueza e impossibilidade de resistir á fadiga; depois os ossos curvão-se, o tronco encurta-se pelo achatamento das vertebras, o humero toma a fórma de um S; sobrevem fracturas nas pernas, ou coxas; a saude geral altera-se; as ourinas são carregadas de phosphato de cal que se reconhece pelo pó amorpho.

Tratamento. Alimentação succulenta, caldos substanciaes, carnes assadas, ovos, vinho, feijões e outras substancias farinaceas, por conterem estas muito phosphato de cal. Habitação em lugar secco, elevado, exposto ao sol. Banhos quentes aromaticos 444. Banhos frios de rio e do mar. Internamente, phosphato de cal na dóse de 1 a 5 grammas por dia, n'um copo d'agua com assucar, ou em pilulas 663. Ossos calcinados, na dóse de 2 a 10 grammas por dia, em pó, ou em poção á qual se ajuntão 2 gottas d'acido sulfurico, para transformar o phosphato de cal em phosphato acido de cal soluvel e em sulfato de cal. Oleo de figado de bacalháo 631.

OSTEOSARCOMA. V. Cancro dos ossos, p. 907.

OTALGIA. Dôr de ouvido. V. p. 942.

OTITE. Inflammação da membrana mucosa do ouvido. É *externa* ou *interna*; e cada uma d'estas divide-se ainda em *aguda* e *chronica*.

Otite externa aguda. Inflammação do conducto auditivo externo e da membrana do tympano. Quando *é leve*, é caracterizada pelas picadas, pela sensação de queimadura no conducto auditivo. *Se fôr mais intensa,* sobrevem dôr e inchação do conducto. Depois de um ou mais dias apparece um corrimento de materia esbranquiçada, amarella ou esverdeada, ás vezes misturada com sangue. A faculdade de ouvir está diminuida. *Se a inflammação fôr phlegmonosa,* a dôr é intensa, sobrevem febre, suppuração, zunidos excessivos, surdez quasi completa.

Tratamento. Na *inflammação leve,* recorrer ás injecções com decocção morna de linhaça 560, raiz de althea 256, dormideiras 419, meimendro 596, cicuta 385, com leite morno. Instillar no ouvido oleo de amendoas doces 627, ou balsamo tranquillo, quentes 309. Dirigir ao ouvido vapores d'agua quente, ou de infusão de flores de sabugueiro 705. Applicar sobre a orelha cataplasma de linhaça 560, ou de fecula 461. Pediluvio sinapizado 616. Administrar um purgante 804. Na *inflammação intensa*, applicar oito a

dez bichas atraz da orelha, continuar as injecções emollientes ou calmantes e as cataplasmas de linhaça. Extrahir com esgaravatador as concreções que se formão ás vezes no conducto auditivo, ou dissolvê-las com injecções d'agua tepida ou com a mistura de azeite quente e de ether sulfurico em partes iguaes. Se a inflammação terminar por abcesso, manifesta-se este pela elevação dura e dolorosa sobre o conducto; é preciso abri-lo com lanceta. Os accidentes céssão depois da evacuação do pus. Esta otite dura de tres á sete dias. A faculdade de ouvir volta quasi sempre, salvo nos casos de extensão e de persistencia da inflammação á membrana do tympano. As injecções e cataplasmas emollientes serão continuadas até cessar de todo a dôr e a suppuração.

Otite interna aguda. Inflammação da caixa do tympano e da trompa de Eustachio. Conhece-se pelas dôres que se estendem até ao pharynge e craneo, e que augmentão pelo andar, mastigação, deglutição, espirros; ha febre e ás vezes delirio. A excreção mucoso-purulenta é muito mais tardia do que na otite externa, não podendo o pus escoar-se senão depois da ruptura da membrana do tympano; n'este caso, a evacuação tem lugar subitamente, e sem humidade preliminar. Na otite externa, ao cabo de dois ou tres dias, apparece um corrimento qualquer pelo conducto auditivo, e pouco a pouco; entretanto que na otite interna, o doente passa seis ou oito dias de dôres crueis, antes que algum producto morbido venha a ser expulso. É a membrana do tympano que impede esta eliminação; mas emfim ella rompe-se; então o pus sahe ás golfadas pelo conducto auditivo. A eliminação faz-se ás vezes pela trompa de Eustachio, no interior da garganta : do que o doente é advertido por um sabor desagradavel e pela maior tenacidade dos escarros.

Tratamento. Applicar 10 a 15 bichas atraz da orelha. Pediluvio sinapizado 616. Purgante de sulfato de magnesia 585, ou limonada de citrato de magnesia 584. Respirar o vapor da infusão de flores de malvas 586. Se se formar suppuração, alguns cirurgiões aconselhão que se perfore a membrana do tympano, para dar sahida ao pus. Mas a presença do pus na orelha interna só póde ser presumida; nenhum signal physico a indica; a perforação é inutil; ella faz-se espontaneamente. Depois de effectuada a perforação, empreguem-se as injecções com agua tepida no conducto auditivo, e appliquem-se cataplasmas de linhaça sobre a orelha.

Otite externa chronica, *Otorrhea,* ou *Purgação pelo ouvido.* A otite phlegmonosa deixa ás vezes um estado inflammatorio chronico, caracterizado pelo corrimento sero-purulento. Nos individuos escrophulosos, o estado chronico existe logo desde o principio. Póde tambem depender do vicio dartroso ou syphilitico.

Tratamento. Injecções com dissolução de alumen 258, de tannino, com agua de alcatrão 240, agua de creosota 407, agua de cal 326, com dissolução de azotato de prata 300, com agua phenica 158. Caustico na nuca 343. Banhos frios de rio ou do mar. Banhos quentes aromaticos 444. Regimen analeptico 785. Vinho de quina 684. Oleo de figado de bacalháo 631. Xarope de alcatrão 240. Se se suppõe que a otorrhea depende do vicio syphilitico, administrar internamente as pilulas de protoiodureto de mercurio 609, e externamente as injecções de sublimado 607.

OTORRHAGIA. Hemorrhagia do ouvido. V. p. 1021.

OTORRHEA. Corrimento mucoso ou purulento pelo ouvido, V. OTITE CHRONICA.

OURINAS ALBUMINOSAS. V. ALBUMINURIA.

OURINAS DOCES. V. Diabetes.

OURINAS LEITOSAS ou **CHYLOSAS.** Ourinas amarelladas, espessas, opacas, turvas e com apparencia de leite: apparecem na hematuria intertropical. V. Hematuria dos paizes quentes.

OURINAS SANGUINOLENTAS. V. Hematuria.

OUVIDO (Molestias do). As molestias do ouvido são: *Cera no ouvido*, *Corpos estranhos*, *Dôr no ouvido*, *Hemorrhagia*, *Inflammação* ou *Otite*, *Polypo*, *Purgação* ou *Otite chronica*, *Ruptura do tympano*, *Zunido*. V. estas palavras.

OVARIO (Kysto do). V. Kysto do ovario.

OVARITE. Inflammação do ovario, caracterizada pela dôr e tumor na fossa iliaca direita ou esquerda. — Sanguesugas. Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Semicupios d'agua morna. Clysteres de linhaça 560. Purgante de oleo de ricino 632.

OZAGRE ou **Crosta lactea.** Erupção de pustulas na testa e faces nas crianças que mamão; estas pustulas são seguidas de crostas amarellas ou esverdeadas, que cahem e deixão descoberta uma superficie vermelha; ás vezes o corrimento é tão abundante, que não se coagula, e vê-se um liquido viscoso reçumar por muitos pontos. — Entreter o asseio. Lavar a parte affectada com agua morna, e depois polvilhar com polvilho. Cataplasma de fecula 461, ou de polpa de cenouras 360. Curativos com ceroto simples 72, com azeite doce ou glycerina 501.

OZENA. Ulceração nas fossas nasaes caracterizada pelo máo cheiro do ar expirado, e pelo fluxo nasal ás vezes pouco abundante. Banhar o nariz com a decocção de linhaça ou de raiz de althea. Injecções com dissolução de chlorureto de cal 382, com agua de Labarraque 383, com dissolução de permanganato de potassa 660. com tintura de iodo 531, com agua de creosota 407, com agua phenica 158, com dissolução de pedrahume 258, com dissolução de sublimado 606, com solução de chlorato de potassa 373. Estas injecções devem ser feitas em dóses mui pequenas, porque o doente poderia enguli-las. Cauterização com pedra infernal. Pós de carvão, quina e myrrha, aná p. ig., ou mistura de subnitrato de bismutho com herva cidreira em pó; o doente usará d'estes pós á maneira do rapé. Se a ozena depende do virus syphilitico, administrar os anti-syphiliticos. V. *Syphilis*. A constituição escrophulosa reclama os tonicos 807, banhos do mar, e banhos aromaticos 444.

PALPEBRAS (Molestias das).

1° **Abcesso.** V. p. 859.

2° **Adherencias com o Globo ocular.** Sobrevem em consequencia de conjunctivites ou de queimaduras. — Cortar as bridas e impedir a reunião das duas pontas.

3° **Cancro.** Extrahi-lo com bisturí.

4° **Chalazion.** V. p. 916.

5° **Contusão.** V. p. 927.

6° **Desvio** ou *Viramento*. V. Ectropio e Entropio.

7° **Divisão** ou *Coloboma*. Póde ser congenial ou accidental. — Avivar as bordas de divisão com bisturí, e reunir com sutura.

8° **Espasmo** ou *Blepharospasmo*. É de duas especies: a 1ª dura em quanto as palpebras estão fechadas; a 2ª consiste no movimento convulsivo das palpebras que as faz abrir e fechar continuadamente e com grande rapidez. — Friccionar as palpebras com balsamo tranquillo 309, com glycereo de cicuta 387, com linimento opiado 641.

9° **Feridas das palpebras.** V. p. 989.

10° **Granulações da face interna das palpebras.** — Sendo pequenas, cauteriza-las com pedra infernal ou com pedra lipes; sendo grandes e pediculadas, excisa-las com tesoura curva. Não se deve, porém, fazer experimentar uma mui grande perda de substancia á membrana que forra a palpebra, para não produzir o entropion.

11° **Inchação das palpebras.** A inchação espontanea observa-se nas pessoas anemicas, nas senhoras depois do parto. Sobrevem no terçol; na conjunctivite purulenta, depois da picada de um insecto, etc. — O tratamento consiste em combater a molestia de que a inchação é symptoma.

12° **Inflammação.** V. Blepharite, p. 899.

13° **Queda da palpebra** ou *Blepharoptose.* Abaixamento da palpebra superior devido á inchação do tecido cellular sub-cutaneo, ou á paralysia do musculo que fecha e abre a palpebra. — Applicações adstringentes taes como a solução de alumen 258, agua com vinagre, infusão de ratanhia 692. Friccionar levemente a palpebra com balsamo de Fioravanti 759. Electrização local 423. Se a blepharoptose tiver por causa uma exuberancia da pelle, excisar alguma porção d'esta.

14° **Queimadura das palpebras.** V. Queimadura.

15° **Reunião das palpebras.** As mais das vezes é consequencia das queimaduras ou das ulcerações das margens das palpebras. — Dividir as adherencias com bisturí, e para impedir nova reunião, apartar todos os dias as bordas com um instrumento rombo.

16° **Scirrho das palpebras.** Tumor duro, circumscripto, desigual, cercado de veias varicosas, acompanhado de dôres lancinantes, que acaba por ulceração. — Extrahir o tumor com bisturí.

17° **Terçol.** V. Terçol.

18° **Tinha das palpebras.** V. Blepharite, p. 899.

19° **Trichiasis.** V. Entropion, p. 944.

20° **Tumores das palpebras.** V. Chalazion, Kysto, Scirrho, Terçol.

21° **Ulceração da margem das palpebras.** Toca-la com pedra-hume, pedra lipes, ou pedra infernal.

22° **Vermelhidão das palpebras.** Banha-las com agua misturada com aguardente camphorada 332, ou unta-las com glycereo de tannino 754.

PALPITAÇÕES. Movimentos do coração mais apressados, mais fortes e mais extensos do que devem ser. As palpitações contínuas dependem, as mais das vezes, de uma lesão organica do coração; as que são intermittentes dependem ordinariamente de uma affecção nervosa. São ellas frequentes na chlorose, e dão o ruido do folle assaz distincto quando se applica o ouvido á região do coração. O *tratamento* differe conforme as palpitações forem nervosas, provenientes de lesão organica do coração, ou de plethora. N'este ultimo caso, a sangria geral ou local é util. Nos outros recorrer-se-ha aos medicamentos antispasmodicos e calmantes, taes como a valeriana 771, digital 414, assafetida 289, camphora 329, opio 638, etc. Solução atrophica 537. Pós antispasmodicos 356. Pilulas de Dupúy 416. Pilulas de Andral contra as palpitações 416. Fricções com linimento sedativo do Cottereau 417. Applicar emplasto de digital sobre a região do coração 79. Evitar os excessos venereos, os alimentos excitantes, as bebidas alcoolicas. As palpitações que dependem da chlorose, reclamão os medicamentos indicados contra esta molestia.

PANARICIO. Phlegmão dos dedos. Ha d'elle quatro especies : 1° *Panaricio superficial, panaricio erysipelatoso,* ou *unheiro ;* 2° Pana-

ricio que occupa o tecido cellular sub-cutaneo, *panaricio sub-cutaneo*; 3° aquelle que principia pelas bainhas tendinosas e synoviaes, *panaricio da bainha* ou *profundo*; 4° o que invade a membrana do osso (periostio) das phalanges, *panaricio periostico*.

Symptomas : 1° *Panaricio superficial* (*unheiro*). Leve comichão, dôr pulsativa na polpa do dedo, vermelhidão, inchação. Ao cabo de alguns dias, o pus levanta a epiderme, e apparece uma bolha no dedo; ás vezes o pus ajunta-se debaixo da unha. 2° *Panaricio sub-cutaneo* ou *phlegmonoso*. Dôr viva, tensão, calor, rubor. A inflammação estende-se até ao ante-braço; incha sobretudo a face dorsal da mão. Ao cabo de oito a doze dias, o tumor abre-se, sahe o pus, e a dôr diminue. — 3° *Panaricio da bainha*. N'esta especie a pelle da face palmar do dedo é só levemente vermelha, a dôr é mais forte, o dedo apresenta uma tumefacção uniforme, parece-se com um fuso; está encolhido, curvado em fórma de gancho. Ha febre, sêde, fastio. Depois de aberta a collecção purulenta, apparece a nú a bainha fibrosa; os tendões flexores desfazem-se em laminas, d'onde resulta abolição dos movimentos do dedo; ás vezes os ossos ficão affectados de necrose. 4° *Panaricio periostico*. Inchação pouco marcada, rubor pouco intenso, dôr forte, porém menos viva do que a do panaricio da bainha. A molestia termina as mais das vezes pela necrose da phalange. Formão-se então trajectos fistulosos, pelos quaes o estylete chega facilmente ao osso mortificado.

Tratamento. Em todas as especies de panaricio empregar a principio cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461, e manuluvios d'agua quente simples, ou de cozimento de folhas de malvas 586. — No panaricio superficial, abrir a collecção purulenta logo que estiver formada, e curar a ferida com cataplasmas de linhaça, e depois com ceroto simples 72, ou glycerina 501. Tirar a unha, se perdeo alguma das adherencias, reprimir com pedra infernal as carnosidades que se desenvolvem; a nova unha não tarda a apparecer, mas não tem a mesma força que a antiga. — No panaricio sub-cutaneo, dar sahida ao pus logo que se verificar a sua presença. — No panaricio da bainha, fazer com bisturí a incisão profunda na linha média, no segundo ou terceiro dia da apparição da inflammação, e curar a ferida com cataplasmas de linhaça. — Emfim, no panaricio do periostio, praticar mui cedo a incisão das partes molles que cobrem o osso, para prevenir a mortificação d'este, ou diminuir a sua extensão. No caso de necrose, extrahir a porção do osso mortificado, logo que perder as adherencias com a phalange sã vizinha.

PANNOS. Manchas que vem pelo corpo. — Lavatorios com agua misturada com tintura de benjoim 310, com leite virginal 310. Pasta de amendoas 841.

PAPEIRA ou **Bocio**. Tumor no pescoço, que consiste no desenvolvimento anormal da glandula thyroide. — Iodureto de ferro 535. Pilulas de Blancard 535. Iodureto de potassio 537. Pomada de iodureto de potassio em fricções 538. Esponja torrada 449. Pastilhas de esponja torrada 451. Pós contra a papeira 451. O doente póde prevenir o augmento da papeira, e sarar mesmo completamente, mudando de paiz e deixando de habitar o lugar onde a molestia é endemica. Alimentos de boa qualidade e habitação sadia. Bebidas tonicas, amargas 807. Pilulas de sabão amygdalino 704. Agua do mar em banhos e em bebida. Aguas mineraes de Balaruc 193.

PAPÚLAS. Pequenas elevações da epiderme, da mesma côr que a pelle, ou de um vermelho pouco escuro, solidas, isto é, não con-

tendo nem pus como as pustulas, nem serosidade como as bolhas, e terminando por furfuração. As molestias cutaneas caracterizadas por papúlas são lichen, prurigo e estrophulo.

PARALYSIA EM GERAL. Perda absoluta ou diminuição notavel do sentimento e movimento. Póde ser geral ou parcial. Chama-se *hemiplegia,* quando occupa um lado do corpo; *paraplegia* quando affecta a metade inferior do corpo. As paralysias são o *symptoma* de alguma lesão do cerebro, da medulla espinhal ou dos nervos, mas ás vezes resultão de simples perturbação das funcções nervosas sem lesão apreciavel de nenhum orgão : estas são as *paralysias essenciaes*; são verdadeiras nevroses. A hemiplegia é ordinariamente um signal de qualquer lesão do hemispherio cerebral opposto; a paraplegia annuncia ordinariamente a existencia de alguma molestia na medulla espinhal ou a *myelite* (v. p. 1074). Se a paralysia é subita, depende as mais das vezes da *apoplexia,* e reclama o tratamento indicado n'este caso (v. p. 878). As *emoções moraes*, taes como o susto, e as paixões violentas produzem ás vezes paralysias parciaes. A *chlorose* e a *convalescença* das molestias agudas, taes como a angina diphtherica, a febre typhoide, a pneumonia, as bexigas, a dysenteria, os sarampos, a escarlatina, a erysipela, são seguidas ás vezes da paralysia geral ou da paralysia da visão; todas ellas são *paralysias essenciaes.* O frio occasiona ás vezes paralysias que se chamão *rheumatismaes.* A dyspepsia prolongada, a inflammação intestinal chronica, os vermes intestinaes, occasionão tambem paralysias *por sympathia.*

Tratamento da paralysia em geral. Em presença de uma paralysia, o medico deve determinar a sua natureza, e antes de fazer a prescripção, deve verificar se a paralysia é *symptomatica* de alguma molestia do cerebro, da medulla ou dos nervos, se ella é *sympathica,* ou emfim, se é *essencial.*

As paralysias sympathicas devem ser tratadas combatendo a causa que, por *acção reflexa,* produz a abolição da sensibilidade e do movimento. É preciso curar a tenia, a dyspepsia, a enterite chronica, as molestias da bexiga ou da pelle, que são a origem dos accidentes paralyticos.

Nas paralysias symptomaticas de qualquer molestia do cerebro, da medulla e dos nervos, o tratamento differe conforme a epoca da molestia. Assim na apoplexia, não convem tratar a paralysia nos primeiros dias do ataque; mas quando, ao cabo de tres a seis mezes, a molestia do cerebro póde considerar-se como curada, cumpre então combater os accidentes paralyticos pelos excitantes locaes do systema muscular que abaixo indico.

Nas paralysias essenciaes e nas paralysias sympathicas, quando o effeito dura depois da causa, é preciso combater a paralysia pelos meios excitantes que seguem.

Internamente : Tintura de arnica 282. Valeriana em pó 4 gram. por dia 771. Essencia de terebinthina 4 a 8 grammas por dia 760. Infusão de serpentaria de Virginia 180 grammas por dia 731.

Externamente : Sinapismo 616. Caustico 343. Banhos quentes, aromaticos 444. Fricções com linimento ammoniacal 266, linimento ammoniacal camphorado 266, linimento camphoro-ammoniacal cantharidado 266, linimento de cantharidas camphorado 345, linimento phosphorado 665, linimento terebinthinado 762, linimento de Rosen 614, com balsamo de Fioravanti 759, com tintura de valeriana 772, com oleo sinapizado 617. Strychnina pelo methodo endermico 734. Electrização com correntes interrompidas 430, 431, 432; ou com

correntes contínuas por meio do apparelho de Trouvé 423, de Gaiffe 425. Banhos sulfurosos quentes 746. Caldas sulfurosas 184; no Brasil na villa de Caldas (Minas Geraes) 195, em Portugal, Caldas da Rainha 197. Taipas 228. Vizella 234. Maçadura 565.

Paralysi aagitante. Enfraquecimento do systema muscular, com tremor contínuo da cabeça ou dos membros superiores. — Ferro reduzido 463. Açafrão de Marte aperiente 465. Banhos geraes quentes com affusões frias nas costas. Electrização 423. Caldas sulfurosas 184; no Brasil na villa de Caldas 195; em Portugal. Caldas da Rainha 197, Taipas 228, Vizella 234. Maçadura 565. Banhos aromaticos 444.

Paralysia do antebraço ou **do nervo radial.** Sobrevem subitamente durante o somno, e de ordinario pela impressão do ar frio e humido. — Sinapismos 616. Fricções com linimentos estimulantes indicados contra a *paralysia em geral.*

Paralysia resultante de apoplexia. Empregar a maçadura 565, a electricidade 423.

Paralysia arsenical. O uso prolongado de arsenico determina ás vezes paraplegias completas ou incompletas, caracterizadas pela difficuldade de mover os membros inferiores. — Cessar o uso das preparações arsenicaes; administrar o sesqui-oxydo de ferro 465, ou o peroxydo de ferro .hydratado 466. Banhos sulfurosos 746. Fricções com linimentos estimulantes, indicados contra a *paralysia em geral.*

Paralysia da bexiga. Falta de contracção da bexiga para expulsar a ourina. — Quando a bexiga está só enfraquecida basta, para excitar a sua acção, applicar um corpo frio sobre o hypogastro ou coxas, como, por exemplo, approximar o ourinol ao escroto. Estas pessoas não devem ourinar estando deitadas, devem levantar-se de noite de 3 em 3 horas para ourinar, e ourinar logo que a necessidade se manifestar. Se a paralysia fôr completa, introduzir a sonda de gomma, e deixa-la na bexiga destapando-a de 2 em 2 ou de 3 em 3 horas para dar sahida á ourina. Se houver dôr na bexiga : semicupios mornos, cataplasma de linhaça no ventre e clysteres de linhaça 560. Não havendo dôr nem outros symptomas de inflammação, empregar as fricções no ventre com linimento ammoniacal 266, linimento de cantharidas camphorado 345, tintura de quina 684, agua de Colonia, essencia de terebinthina 760, causticos nas côxas que se curão polvilhando a ferida todos os dias com 2 centigrammas de strychnina 734, banhos quentes aromaticos 444, banhos frios de rio ou do mar, banhos sulfurosos 746. Aguas sulfurosas 184, no Brasil na villa de Caldas (Minas Geraes) 195, em Portugal, Caldas da Rainha 197. Taipas 228, Vizella 234. Electrização 423. Internamente, tintura cantharidea 342. Se todos estes meios não aproveitarem, recorrer ao uso permanente do ourinol de borracha.

Paralysia consecutiva a diversas molestias. Na convalescença de muitas molestias agudas, taes como a febre typhoide, a pneumonia, a angina diphtherica, a escarlatina, etc., sobrevem ás vezes paralysias parciaes ou geraes, que não tem causa organica apreciavel. — Preparações de quina 684, e de ferro debaixo de todas as fórmas 462 a 476. Regimen analeptico 785. Habitação no campo. Banhos quentes aromaticos 444. Banhos frios de rio ou do mar. Maçadura 565. Fricções com linimentos estimulantes indicados contra a *paralysia em geral.*

Paralysia essencial de marcha mui aguda. Ha paralysias essenciaes que se declarão subitamente, e que terminão em 15 ou 20 dias pela morte quando a paralysia, que principiou pelos membros

inferiores, sóbe á parte superior do corpo, invade os musculos respiratorios e produz a asphyxia. As faculdades intellectuaes ficão intactas. Esta paralysia é muito rara, mas merece ser signalada, porque não póde explicar-se por nenhuma lesão material do cerebro ou da medulla espinhal. Observa-se no beriberi (v. pag. 892). — O tratamento é o mesmo que está indicado contra a *paralysia em geral.*

Paralysia geral progressiva. Existe uma paralysia notavel pela sua marcha, que principiando pelo embaraço da lingua, tremor dos labios e enfraquecimento dos membros, estende-se progressivamente á maior parte dos musculos do corpo, e termina quasi sempre pela morte. Na autopsia, a arachnoide é lactescente e mais espessa, muitas vezes infiltrada de serosidade; o cerebro é atrophiado na sua totalidade; os ventriculos contém serosidade. Estas lesões, porém, não são constantes; podem faltar completamente. A lesão constante, é uma *encephalite diffusa intersticial.* A alteração do tecido intersticial manifesta-se por um desenvolvimento de suas cellulas. As alterações não se limitão ao cerebro; propagão-se até á medulla espinhal.

Tratamento. Isolar o doente, subtrahi-lo ás suas preoccupações; dar repouso ao cerebro. Purgantes 804, sinapismos na nuca e na columna vertebral 616, causticos volantes nas mesmas regiões 343. Medicamentos tonicos 807, regimen analeptico 785.

Paralysia do hombro. Provém da paralysia do musculo deltoide. A impossibilidade de levantar o braço com atrophia do extremo do braço annuncia a paralysia do deltoide. — Causticos volantes sobre o hombro 343. Emborcações d'agua quente sobre a mesma região por meio de seringa. Fricções com linimentos estimulantes indicados contra a *paralysia em geral.*

Paralysias hystericas. Nas mulheres hystericas, com ou sem ataque anterior, apparecem ás vezes paralysias mais ou menos persistentes. Certas hystericas não percebem que se lhes toca, que se lhes dá um beliscão ou uma picada; sobrevem n'ellas ás vezes amaurose, aphonia, hemiplegia ou paralysia geral mais ou menos grave. Estas paralysias desapparecem ás vezes subita e espontaneamente. — Medicamentos antispasmodicos 789. Pilulas de assafetida 290. Pilulas de assafetida compostas 290. Pilulas antihystericas 290. Preparações de valeriana 772. Pós antispasmodicos 772. Pilulas antispasmodicas 772. Infusão de folhas de laranjeira 554, de herva cidreira 516. Banhos geraes d'agua tepida. Fricções com linimentos estimulantes indicados contra a *paralysia em geral.*

Paralysia essencial da infancia. É produzida pela compressão de qualquer membro debaixo do peso do corpo, pelo frio humido da cama molhada com ourina, por um ataque de convulsões. Apparece n'um só musculo, *v. g.* sterno-mastoideo, n'um dos membros superiores ou inferiores, ou nos dois membros inferiores. Se a molestia durar algum tempo, segue-se a atrophia e a degenerescencia gordurosa dos musculos. — Banhos sulfurosos 746. Banhos com sal de cozinha. Banhos quentes d'agua do mar. Banhos quentes aromaticos 444. Applicações de tintura de iodo 531. Maçadura 565. Electrização 423. Fricções com linimentos indicados contra a *paralysia em geral.* Quando a paralysia occupa os membros inferiores, e produz a luxação do pé ou do joelho, é preciso manter o membro na situação conveniente por meio de um apparelho especial.

Paralysias musculares parciaes. Encontrão-se ás vezes paralysias limitadas a um só musculo; os musculos superficiaes lhes são mais sujeitos do que os profundos. As causas ordinarias são : o frio

humido, as contusões, as compressões prolongadas. O tratamento é o mesmo que está indicado contra a *paralysia em geral*.

Paralysia das palpebras. Depende da paralysia do nervo motor ocular commum. É caracterizada pelo abaixamento da palpebra, estrabismo externo, dilatação da pupilla, e vista dupla. — Applicar um caustico nas fontes ou na testa, e cura-lo com strychnina 734. Friccionar a palpebra com balsamo de Fioravanti 759. Electrizar a palpebra 423.

Paralysia rheumatismal. Sob a influencia da diathese rheumatismal, depois da impressão subita ou contínua do frio humido, desenvolvem-se ás vezes paralysias mais ou menos extensas. Ordinariamente são precedidas ou acompanhadas de dôres rheumaticas. — Banhos quentes sulfurosos 746. Caldas sulfurosas 184. Fricções com balsamo de Fioravanti 759, com linimento terebinthinado 762. Sinapismos 616. Causticos volantes 343. Maçadura 565.

Paralysia do rosto ou **hemiplegia facial.** É devida á paralysia do setimo par dos nervos. Conhece-se pela immobilidade e insensibilidade do lado correspondente do rosto. A sobrancelha é immovel, a testa do lado paralysado sem rugas, o olho aberto sem poder fechar-se, a bocca desviada do lado opposto, difficuldade de pronunciar as letras *o*, *u*, *b*, *p*. — Causticos atraz da orelha 343. Inoculações do sulfato de strychnina debaixo da pelle do rosto 734. Fricções com linimentos indicados contra a *paralysia em geral*. Electrização.

Paralysia saturnina. Nos obreiros que fabricão o minio e o alvaiade, nos pintores de casas, e emfim em todas as pessoas que, por uma causa ou outra, trabalhão no chumbo ou nos saes de chumbo, produz-se frequentemente uma intoxicação que principia por *colica saturnina* (v. pag. 919), e que póde produzir a paralysia. — Suspender o trabalho das preparações de chumbo. Usar interna e externamente de aguas sulfurosas 184. Banhos sulfurosos 746. Preparações de enxofre internamente 437. Fricções com linimentos indicados contra a *paralysia em geral*.

PARAPHIMOSIS. Estrangulamento da glande pela abertura demasiado estreita do prepucio, quando este involucro cutaneo, depois de ter sido recuado atraz da corôa, não póde tornar a cobrir a extremidade do membro viril. A abertura do prepucio, applicada circularmente sobre o membro viril, aperta este orgão, e causa um obstaculo não só á circulação do sangue da glande, mas ainda á do da membrana interna do mesmo prepucio, que incha e forma muitos anneis vermelhos e luzidios; as dôres são grandes. Este accidente é quasi sempre resultado da gonorrhea violenta; póde ser determinado pela presença dos cancros venereos no prepucio; mas sobrevem tambem sem estas causas.

Tratamento. Fazer a reducção do prepucio. Para fazer esta reducção, o doente põe-se em pé, encostado a uma parede; e em quanto uma pessoa lhe deita agua fria por cima da glande, o cirurgião faz a reducção do prepucio. Para facilitar a reducção, é ás vezes necessario praticar incisões sobre a membrana mucosa inchada. Se, apezar d'isso, a reducção fôr impossivel, dividir com lanceta o annel circular formado pela abertura do prepucio, o qual aperta a glande. Reducção feita, envolver o membro em panno molhado em agua fria, ou em agua vegeto-mineral 146. Tomar um banho d'agua morna. Havendo blennorrhagia ou cancros venereos, applicar-lhes o tratamento conveniente, como se o paraphimosis não tivesse existido.

PARAPLEGIA. Paralysia da parte inferior do corpo, dos membros abdominaes, da bexiga e do recto. Póde depender da alteração apreciavel da medulla vertebral; taes são as paraplegias que são devidas á myelite, á congestão, á commoção da medulla, á sua compressão resultando dos derramamentos sanguineos, serosos ou purulentos, dos tumores, luxações ou fracturas da columna vertebral. Todas estas lesões são occasionadas pelas quédas de lugar muito elevado, ou pelas pancadas directas sobre a columna vertebral. A myelite, porém, póde tambem desenvolver-se espontaneamente. Outras paraplegias não estão ligadas a nenhuma lesão apreciavel da medulla : taes são as que se desenvolvem debaixo da influencia de qualquer molestia dos orgãos genito-urinarios e das visceras abdominaes, de uma febre grave, do frio prolongado, da diathese rheumatismal, do hysterismo, da anemia, das intoxicações por substancias mineraes ou vegetaes; emfim ha paraplegias que são a consequencia de alguma affecção cerebral.

Tratamento. Se a paraplegia sobrevier depois da quéda de um lugar elevado, empregar bichas ou ventosas sarjadas nas cadeiras, cataplasmas de linhaça 560, banhos mornos; praticar o catheterismo para esvasiar a bexiga. Depois recorrer ás caldas sulfurosas 184, e ás fricções com os linimentos indicados contra a *paralysia em geral*, pag. 1091. Sendo o resultado da *myelite*, v. pag. 1074. As paraplegias essenciaes e sympathicas, isto é, as que não dependem de lesão apreciavel da medulla, tratão-se do mesmo modo que a *paralysia em geral*, pag. 1091.

PAROTIDA (Engurgitamento da). V. CACHUMBA, pag. 903.

PAROTIDA (Feridas da). V. pag. 990.

PAROTIDA (Inflammação da). V. PAROTIDITE.

PAROTIDITE ou parotite. Inflammação da glandula parotida. É o gráo mais elevado do engurgitamento (*cachumba*). Dôr, inchação, vermelhidão debaixo da orelha. — Cataplasma de linhaça 560, ou de fecula 461. Laxantes 804. Sendo a inflammação forte, applicar sanguesugas. Emplasto de extracto de cicuta 79.

PARTO. Expulsão do feto da cavidade uterina. É *normal* ou *natural*, quando as unicas forças do organismo bastão para a expulsão, qualquer que seja a presentação da criança; *anormal* ou *artificial*, quando a mão, só ou armada de um instrumento (forceps), vem ao soccorro da natureza.

I. PARTO NATURAL.

Condições do parto natural. Forças sufficientes pelo que respeita á mãi e ás contracções uterinas. Nenhum accidente, quer á mulher, quer á criança, durante o parto. Boa conformação da bacia. Grossura da criança em relação com os diametros da bacia. Na mulher, dilatação conveniente das partes molles. Presentação da cabeça, dos pés, dos joelhos ou das nadegas da criança. Dôres ou contracções uterinas, progressivamente mais intensas.

Signaes do parto. Quando o termo da gravidez se approxima, oito, dez ou quinze dias antes do parto, o utero desce para a excavação, o epigastro desembaraça-se, a digestão e a respiração tornão-se mais faceis, a mulher sente-se mais ligeira, e as partes genitaes começão a humedecer-se. Ajuntão-se a estes symptomas precursores a sensação de peso no fundo da bacia, frequente vontade de ourinar, e os movimentos da criança um pouco mais abaixo.

Logo que o trabalho começa, a mulher sente na parte inferior do utero, dôres ligeiras curtas e espaçadas, durante as quaes o ventre se restringe, o globo uterino endurece, seu orificio alarga-se

e estreita alternativamente, e começão a sahir pela vulva mucosidades viscosas. O pulso torna-se frequente durante a dôr, o calor do corpo augmenta, o rosto anima-se e córa, manifesta-se sêde e uma universal agitação. O fluxo mucoso tinge-se de sangue, dilata-se o orificio uterino, as membranas que envolvem a criança enchem-n'o, e pouco a pouco vão-se entranhando n'elle para formar um segmento espherico (*bolsa das aguas*). Todos estes phenomenos augmentão a dilatação do orificio uterino, que chega a ampliar-se quasi tanto, como a mesma cavidade do utero. A vagina amplia-se simultaneamente com o orificio uterino, de modo que estes dois orgãos formão um canal continuado, tendo sómente uma restricção no ponto da sua união.

As dôres tornão-se mais intensas, mais approximadas; são acompanhadas de peso no fundo da bacia e de uma especie de tenesmo. O segmento inferior das membranas, impellido pelas violentas contracções uterinas, não póde resistir á impulsão do fluido amniotico e rompe-se; este fluido sahe então com impeto, trazendo para o orificio uterino a cabeça da criança, se é por esta parte que ella se apresenta. Com as subsequentes dôres a cabeça da criança avança; vai franqueando o circulo do orificio uterino e o estreito abdominal, para entrar na vagina, que se dilata e alonga. Em cada uma das dôres o pavimento inferior da bacia é comprimido pela cabeça, que o leva adiante de si; o perineo estende-se e adelgaça-se. Os esforços tomão grande actividade; são acompanhados de tremores convulsivos, e a parturiente dá lastimosos gritos. Finalmente por uma prolongada dôr, ou por duas dôres successivas, a cabeça da criança é expulsa da vulva; e, depois de um curto intervallo, por uma nova dôr, porém menos vehemente do que a antecedente, é expellido o corpo da criança com o restante das aguas, que o utero ainda continha. A parturição termina-se; ás excessivas agitações, aos immoderados esforços, e ás intoleraveis dôres succede plena tranquillidade. Segue-se depois a expulsão das segundinas. Termo médio, o parto dura seis horas.

Cuidados que se devem prestar á mulher durante o parto. Estes cuidados dependem da natureza das dôres, da marcha do parto, do conhecimento adquirido pelo *tocar,* da posição do collo, do gráo do seu desenvolvimento, da presentação da criança. Sustentar as forças da mãi com caldos ou mingáos, acalmar a sêde com agua pura, agua com assucar, agua com vinho, com limonadas refrigerantes, e acoroçoar com palavras consoladoras. Ao redor da paciente, não admittir senão as pessoas uteis e necessarias; evitar o ruido, as emoções, as contrariedades. Calor moderado no quarto. Renovar o ar. Esvasiar o recto por meio de um clyster d'agua morna, e a bexiga mandando ourinar a mulher antes do trabalho.

Preparação da cama, accessorios. Quando a natureza das dôres, e a dilatação do collo annuncião a proximidade do parto, é necessario preparar a cama e os objectos chamados accessorios (tesoura, fitas, esponja, fios, ataduras, faxa do corpo, assucar, agua de flor de laranjeira, agua fria, agua quente, bacia, pequena banheira, vestidos da primeira idade, e roupa para a mãi).

A cama, sobre a qual a mulher deve parir, será de altura tal, que facilmente a mulher suba e desça para ella, de pequena largura, e posta de modo que livremente se possa andar á roda d'ella. Um colchão estendido, um outro colchão dobrado pelo meio, um lençol, um panno encerado debaixo d'este lençol, um travesseiro pouco volumoso, um cobertor leve, eis os objectos que se põem na cama.

A mulher não deve deitar-se na cama senão no momento em que a bolsa das aguas está perto de romper-se. Antes d'este tempo, deve andar, deitar-se n'um canapé para tomar algumas forças. Nenhum vestido, nenhuma liga deve aperta-la, nem incommoda-la.

Quando as dôres expulsivas se tiverem declarado, é necessario que a mulher se conserve na cama, e que durante a dôr esteja em supinação, as espadoas e a cabeça sufficientemente levantadas e sustidas por travesseiros, as nadegas sobre a margem do colchão dobrado, as coxas dobradas sobre a bacia, as pernas encolhidas, e os joelhos um pouco separados.

Havendo grandes dôres nas cadeiras, convem passar debaixo das cadeiras uma toalha enrolada, e levantar a mulher no momento de cada dôr.

Se as dôres diminuirem, se o trabalho estiver languido, esperar com paciencia, quando nenhum accidente complica nem explica uma demora que geralmente não é de longa duração. Friccione-se o ventre com a mão, para despertar as dôres.

Para reanimar as contracções uterinas debeis, enfraquecidas ou suspensas, *estando o collo dilatado*, administre-se internamente o centeio espigado em pó, 50 centigrammas (10 grãos) três vezes; de meia em meia hora, n'uma colher d'agua fria com assucar.

Para ficar certo de que a bolsa das aguas está rota, é preciso tocar durante uma dôr e verificar a ausencia de qualquer tumor molle e fluctuante.

Quando a cabeça está na vulva, a parteira deve soster o perineo para evitar-lhe o rompimento; para este fim deve apoia-lo moderadamente sobre toda a superficie com a face palmar da mão coberta com um panno.

Apresentações e posições. Chama-se *apresentação* a parte do feto que se apresenta no estreito superior. São quatro : pelo vertice, pela face, pela pelve, e pelo tronco. Esta ultima apresentação offerece o plano lateral direito, e o plano lateral esquerdo.

Chama-se *posição* a relação que existe entre a parte fetal que se apresenta e a bacia da mãi.

Apresentação pelo vertice da cabeça. É a mais frequente comparada com as outras apresentações. Conhece-se, quando o dedo index, introduzido no utero, sente uma parte dura e globosa. Ordinariamente n'esta apresentação o parto não exige a intervenção da arte : a parteira ou o medico só tem de vigiar o trabalho para que não aconteça algum accidente. A cabeça do feto franquea o estreito superior, e desce para a excavação, a ponta do queixo aproxima-se do peito. O occipicio passa sobre o plano lateral da bacia; depois a ponta da barba separa-se gradualmente do esternon, e a cabeça passa do estado de flexão ao de extensão mais ou menos declarada. As espadoas, descendo em direcção obliqua ou transversa, apresentão-se á arcada pubiana, franqueão-n'a, e o restante do tronco sahe, depois d'isto, sem difficuldade.

Não se deve puxar pelo tronco, a não sobrevirem accidentes urgentes. Depois da sahida do feto, corta-se o cordão entre as duas ligaduras feitas na distancia de uma a duas pollegadas do ventre da criança, e depois procede-se ao delivramento.

Apresentações pela face. As apresentações cephalicas pela face são assaz raras, e a sua proporção para as do vertice está na de 1 para 211. Ordinariamente são mento-iliacas direitas. Antes da ruptura da bolsa das aguas, é impossivel affirmar que ha apresentação pela face. As apresentações pela face permittem o parto espon-

taneo. A face penetra transversalmente no estreito superior, depois do rompimento da bolsa das aguas, que muitas vezes se effectua com estrondo. Porém o feto acha-se em perigo, porque a extensão do pescoço, e a compressão que este experimenta, determinão congestões cerebraes.

É preciso favorecer o parto com a mão, ás vezes com o forceps, e não administrar centeio espigado.

Depois da sahida da criança, a cabeça está virada para traz; mas este estado desapparece espontaneamente.

Apresentação pela pelve N'estas apresentações reconhecem-se as nadegas pela proeminencia do coccyx, os joelhos pelas proeminencias das cristas dos ossos tibias, e os pés pelo calcaneo. Em geral, nas mulheres magras, é facil reconhecer uma apresentação pela pelve, porque se sente a cabeça do feto atravez das paredes abdominaes.

Se a bolsa das aguas estiver mui estendida, os pés sahem primeiro e o parto torna-se facil. Em geral, a linha bi-ischiatica do feto colloca-se parallelamente aos diametros obliquos da bacia da mãi; os quadrís, depois de atravessarem o estreito superior da bacia, executão um movimento rotatorio, de modo que a linha bi-ischiatica esteja parallela ao diametro antero-posterior do estreito inferior; sahem juntos, ou o anterior sahe primeiro. Segue o tronco, depois sahem as espadoas como os quadrís, e a cabeça franquea o canal como nas posições do vertice, o occipicio para traz ou para diante: no primeiro caso, a face e depois a testa escorregão debaixo do pubis e a cabeça apparece para fóra; no segundo caso, a face e a testa passão por diante do coccyx.

O parto pela extremidade pelvica é longo e perigoso para o feto, em consequencia da compressão do cordão entre a cabeça e o collo uterino. Os calculos estatisticos tem dado os seguintes resultados: que nos partos pela extremidade pelvica quasi que morre um feto por onze; e nas apresentações pelo vertice morre um por cincoenta.

Nas apresentações da extremidade pelvica é preciso vigiar os diversos tempos do parto, favorecer com a mão as mudanças physiologicas da bacia da criança, desdobrar as coxas e as espadoas. Quando só a cabeça fica na bacia, a parturiente deve fazer força. Estando a cabeça immovel, é preciso curvar o feto sobre o ventre da mãi, quando a face está virada para traz; ou metter os dedos index e médio de cada lado do nariz da criança, e desembaraçar a cabeça; ou apoiar com os dois dedos sobre o occipicio para favorecer o movimento de flexão. Estando a cabeça detida, e se não póde tirar-se por estes meios, é melhor applicar o forceps.

Apresentações pelo tronco. O tronco apresenta-se pelo plano lateral esquerdo ou direito. Estas apresentações estão n'uma relação de frequencia com as outras apresentações como 1 para 247. As causas d'esta apresentação são: a obliquidade do utero, a abundancia do liquido amniotico, a augmentação das dimensões transversaes do utero. Os exercicios violentos e as quédas não são, a este respeito, senão causas occasionaes.

O predominio do diametro transversal do utero, a possibilidade de sentir a cabeça á direita ou á esquerda, as pulsações do coração da criança no hypogastro, devem fazer suspeitar uma apresentação pelo tronco; ao tocar, nada se póde affirmar sobre a porção do plano lateral que se apresenta em quanto a bolsa das aguas não se rompe. Rota esta, reconhece-se a espadoa procurando a proeminencia do acromion e a axilla, a omoplata e as costas. Distingue-se

o cotovelo pelas proeminencias da epitrochlea, do epicondylo e da olecrane. Quando o braço está desdobrado e a mão se acha na vulva, abre-se a mão e põe-se de modo que a palma fique virada para cima; se o pollegar está dirigido do lado da coxa direita ou esquerda, a cabeça do feto está á direita ou á esquerda.

Quando a espadoa está encravada no estreito superior, e se o braço se acha na vulva, é quasi sempre necessario recorrer á versão; porém nos casos excepcionaes a espadoa póde ser deslocada, então opera-se a versão espontaneamente. Estando na vulva o braço e a mão, é ainda possivel que o parto se effectue sem a intervenção da arte : sobrevem *evolução espontanea.*

Versão espontanea. Quando as membranas estão ainda intactas, e sobretudo se as aguas são abundantes, o feto muda de lugar ás vezes por si mesmo, e o vertice da cabeça ou a extremidade pelvica collocão-se no estreito superior; mesmo depois do escoamento das aguas, o facto ainda póde produzir-se. O braço na vulva não impede a versão espontanea; se ha versão cephalica, o braço e a cabeça sahem ao mesmo tempo; se a versão é pelvica, o braço sóbe.

Evolução espontanea. Depois da evacuação das aguas e sahida do braço, o feto está dobrado lateralmente por um movimento de flexão lateral; principia então o tempo de descida; o feto, curvado, acha-se na pequena bacia, e a espadoa chega á vulva, onde fica; n'este momento produz-se um movimento de rotação, a cabeça vem collocar-se por cima do pubis, que se acha então como encravado entre a cabeça e a espadoa; em consequencia de contracções energicas, o tronco e a bacia escorregão seguindo a curvatura do sacro e vem apresentar-se na vulva, onde são seguidos dos membros superiores, que se desdobrão no exterior. Resta só trazer a cabeça como na apresentação pelos pés, com a unica differença de que o braço está retido e sahe com a cabeça. É o quarto tempo da evolução espontanea, e que deve ser considerado como o tempo de deflexão ao redor do pubis, centro de um movimento em arco de circulo.

Qualquer que seja o lado do plano do feto que se apresenta, em quanto que a cabeça está ainda retida no estreito superior, o plano posterior do feto tende a collocar-se em relação com as partes anteriores da bacia. Ha uma rotação exterior como na apresentação pela face.

Para que a versão espontanea cephalica ou pelvica se produza, é necessario que o feto seja pequeno e a bacia larga, ou que o parto tenha lugar antes do tempo, e sobretudo que as contracções uterinas sejão energicas. Nos partos multiplos, ha facilidade de se produzir esta evolução.

Em geral, as apresentações pelo tronco reclamão a intervenção do parteiro; a versão espontanea será auxiliada pelas manobras externas; comprime-se o ventre, e, n'estes casos, é quasi sempre a versão cephalica que terá lugar.

A evolução espontanea não póde ser auxiliada por manobras; mas quando se vê que ella deve produzir-se, é indispensavel esvaziar o recto e a bexiga, e sustentar o perineo. Quando a cabeça está detida, convem proceder como na apresentação pela pelve. Não se administre o centeio espigado nas mulheres que parem pela primeira vez, e prestem-se os cuidados geraes que convem nos partos em geral.

Accidentes do parto natural. 1° *Fraqueza das contracções uterinas, ou inercia.* Se o trabalho durar vinte e quatro horas, é preciso

administrar o centeio espigado, 50 centigram. (10 grãos) tres vezes, de dez em dez minutos, mas, para isso, o collo deve estar dilatado; favorece-se a dilatação applicando sobre elle um pouco de pomada de belladona. Se se suspeitar a extensão extrema do utero, a ruptura das membranas facilitará o trabalho. Se estes meios não forem sufficientes, applicar o forceps ou fazer a versão.

2° *Rijeza do collo.* É simples ou espasmodica. No primeiro caso, as margens do orificio são espessas, molles, sem que, entretanto, a dilatação faça progressos; é acompanhada de dôres nas cadeiras. A este estado oppõem-se os semicupios d'agua tepida.

No segundo caso (rijeza espasmodica), as margens são delgadas, tesas, resistentes, sensiveis : applicar no collo a pomada de belladona 308, ou fazer incisões multiplas.

3° *Hemorrhagia.* V. pag 1022.

4° *Immobilidade da cabeça.* Ás vezes a cabeça pára na pequena bacia, estando retida pelo estreito superior. Então as contracções uterinas não tem effeito. É difficil com a mão tirar a cabeça do seu lugar; deve-se, entretanto, ensaiar este meio no intervallo das contracções. Se isto fôr inefficaz, e se a cabeça ficar no mesmo lugar mais de tres horas, applique-se o forceps.

5° *Convulsões.* V. pag. 929.

II. PARTO ANORMAL OU ARTIFICIAL.

O parto anormal é aquelle que reclama imperiosamente os soccorros da mão, dos instrumentos rombos ou dos de gume. Suas causas são : da parte da mãi, os vicios de conformação da bacia, certas molestias das partes molles que constituem um obstaculo á expulsão do feto, a hemorrhagia, as convulsões, a ruptura do utero, etc.; da parte do feto, as posições viciosas, o hydrocephalo, o hydrothorax, a ascite, a sahida do cordão, etc. Dá-se o nome de *dystocia* á difficuldade de parir.

Dystocia por posições e apresentações viciosas do feto. 1° *Posição inclinada do vertice, da região parietal, da orelha, da testa, do angulo do queixo.* As contracções uterinas bastão ordinariamente para reconduzir a cabeça á posição normal; não se deve operar senão quando a bolsa das aguas está rota e quando o trabalho dura mais de seis horas. N'este momento é facil verificar a posição da cabeça, e deve-se proceder do modo seguinte : Endireitar a cabeça com a mão, com a alavanca, ou melhor com uma das hasteas do forceps. Se estes meios não produzirem o effeito que se deseja, faça-se a versão pelvica.

2° *Apresentação da nuca.* Applicar o forceps.

3° *Encravamento das espadoas.* Tem-se algumas vezes observado, no progresso do trabalho do parto, descer facilmente a cabeça do feto para a excavação, e depois, cessando de avançar, as dôres continuarem por muito tempo sem effeito : isto depende do *encravamento das espadoas.* A mobilidade da cabeça na excavação é um signal quasi caracteristico. — Pôr a parturiente de joelhos e sobre os cotovelos com a cabeça baixa; introduzir a mão no utero, e, fazendo-a passar entre a cabeça do feto e o osso sacro, pegar na espadoa para a puxar de lado e dar ao tronco a direcção segundo o diametro transversal da bacia. No caso do feto estar morto, evacuar o cerebro para facilitar a introducção da mão, que deve actuar sobre as axillas.

4° *Posição occipito-pubiana* e *occipito-sacra.* É raro que as contracções do utero não transformem estas posições em posições

obliquas, todavia nem sempre isto acontece. — Applicar o forceps, e conduzir a cabeça a uma posição obliqua.

5° *Encravamento da cabeça na pequena bacia.* Sobrevem, quando existe um tumor no craneo ou inchação sero-sanguinea, que se encrava no angulo formado pelo pubis e impede a rotação, conhece-se o tumor pela sua consistencia molle. — N'este caso, a mão só não póde produzir a rotação; applicar o forceps.

6° *Apresentação do tronco.* Nas apresentações do tronco, quando a bolsa das aguas está rota, e quando a versão ou evolução espontanea não são evidentes, é preciso fazer a versão pelvica ou cephalica; aquella é melhor (V. p. 1106).

7° *Procidencia das mãos.* As duas mãos postas ao lado da cabeça são um obstaculo insuperavel ao parto natural; uma só mão que se apresenta com a cabeça não impede sempre o parto, mas a mão na vulva, na apresentação da espadoa, constitue ordinariamente a impossibilidade do parto natural, sendo então a evolução espontanea um facto inteirammente excepcional. — Fazer entrar a mão que sahio e esperar; depois fazer a versão pelvica, se a cabeça não avança (V. p. 1106).

8° *Procidencia dos pés com apresentação do vertice.* A procidencia de um pé não é um obstaculo real ao parto senão quando a cabeça já se apresenta ao nascedouro. Vio-se a apresentação da face com procidencia de um pé. Esta apresentação complicàda do feto foi encontrada mais de uma vez no parto de gemeos na segunda criança. — Se, estando a cabeça no nascedouro, não se puder repellir o pé para o utero, é preciso praticar aembryotomia. Quando é um segundo gemeo que apresenta a face com procidencia dos pés, é necessario repellir a cabeça, e fázer a versão pelvica. Em caso de impossibilidade, praticar a embryotomia.

Dystocia por sahida do cordão umbilical. Quando o cordão umbilical escapa da cavidade do utero, infallivelmente acha-se comprimido entre a cabeça do feto e as partes da mãi; se fica comprimido por muito tempo, a criança morre por syncope ou asphyxia, conforme a veia ou as arterias umbilicaes estiverem comprimidas. — Deixar continuar o parto, se a criança morreo, ou se a cabeça penetrou fortemente na excavação sem estarem as membranas rotas. — *Depois da ruptura da bolsa das aguas*, em casos de apresentação do tronco ou da face, fazer a versão ou applicar o forceps. Na apresentação do vertice, repôr o cordão com a mão dentro do utero, quando a cabeça ainda movivel e collocada por cima do estreito superior permitte fazê-lo; e para obstar á repetição da sahida, enrolar o cordão a qualquer dos membros do feto; abandonar, depois, a terminação do parto á natureza. Em caso de impossibilidade, fazer a versão se a cabeça está por cima do estreito superior, applicar o forceps se se acha na excavação. Proceder com presteza, quando as pulsasões do cordão se tornarem irregulares e intermittentes. Fazendo a versão, reduzir sempre o cordão quando se introduz a mão no utero.

Dystocia por deformidade do feto. 1° *Feto normal volumoso.* O feto bem conformado nunca é tão volumoso que possa oppôr-se ao parto; o trabalho é sómente retardado. N'este caso é preciso applicar o forceps.

2° *Feto monstruoso.* São só os fetos multiplos e adherentes que podem ser a causa de dystocia. O parto é entretanto quasi sempre possivel; as duas cabeças apresentão-se uma depois da outra. Os unicos casos que reclamão a intervenção da arte são aquelles em

que uma das duas cabeças pára no estreito superior : n'este caso faz-se a versão pelvica, e puxa-se pelas pernas. Se a versão não se póde fazer, corta-se a cabeça que sahio, e applica-se o forceps sobre a outra.

2° *Fetos multiplos.* Ás vezes depois da expulsão da primeira criança o utero cessa de contrahir-se; e o feto que não tem a justa perfeição póde ficar no utero depois da sahida do feto que se desenvolveo regularmente. Nos partos gemeos, a primeira criança póde apresentar-se pela espadoa; ou então tendo-se apresentado pelos pés, a cabeça desce ás vezes juntamente com a cabeça do segundo feto; a cabeça de um feto corresponde ao pescoço do outro, e reciprocamente : um parto d'este genero foi possivel sem intervenção da arte. No caso de fetos multiplos, quando dois pés ou tres pés se apresentão no orificio do collo uterino, cumpre reconhecer se os dois pés pertencem ao mesmo feto, e as incertezas são mui grandes, a não serem os fetos mui pequenos e salvo se se póde introduzir a mão inteira no collo.

Tratamento. Contra a inercia do utero, a complicação principal de gravidez dupla, é preciso tocar o collo, e exercer pressões sobre o utero atravez da parede abdominal. Não havendo accidentes da parte da mãi, póde-se esperar; as dôres voltarão, e o parto se fará naturalmente. Apparecendo uma hemorrhagia, far-se-ha a versão pelvica na primeira criança; proceder-se-ha da mesma fórma quando a segunda criança se apresentar pela espadoa. Quando o utero fica volumoso depois da sahida das pareas, introduzir a mão no utero para assegurar-se se não contém outro feto. O primeiro feto que se apresentar pela espadoa, isto é, pelo plano lateral, será tirado pela versão pelvica; evite-se de tomar o pé do outro feto. Deve-se sacrificar um dos dois fetos postos cabeça com cabeça, em sentido opposto. Sahidos os pés e o tronco de um feto, se o trabalho parou, far-se-ha a embryotomia, isto é, a cephalotripsia sobre a cabeça accessivel, a não estar morto o feto cujo tronco sahio; n'este caso faz-se a secção do pescoço, e pratica-se a craniotomia a travez da base do craneo. No caso de imbricação dos fetos, sacrifica-se o primeiro pela embryotomia, e faz-se a versão do segundo. Se dois ou tres pés se apresentarem ao mesmo tempo, deve o parteiro, dirigindo-se por um dos pés, levar a mão até á bacia, trazer o outro pé, e acabar a versão.

Dystocia por hydrocephalo do feto. O derramamento seroso na cabeça do feto raras vezes é tão volumoso que possa impedir o parto; todavia ha casos em que o trabalho torna-se difficultoso. Conhece-se o hydrocephalo por uma superficie larga desigualmente resistente que o dedo encontra no estreito superior. Em vez de ser dura esta superficie na occasião das dôres como a bolsa das aguas, apresenta, pelo contrario, partes molles.

Tratamento. Se a cabeça avança debaixo das contracções energicas do utero, é preciso esperar. Se as contracções uterinas não produzirem effeito, applicar o forceps; no caso de apresentação do tronco, tentar a versão cephalica com preferencia á versão pelvica. Sendo estes meios inefficazes, fazer a puncção da cabeça com trocate.

Dystocia por vicios de conformação da bacia. A estatura da mulher não é sempre em relação com a boa conformação da bacia. Os estreitamentos da bacia são produzidos por um achatamento de diante para traz, de um lado ao outro, ou em dois sentidos. O achatamento antero-posterior é o mais frequente. Os estreitamentos da bacia provém : 1° da falta de desenvolvimento dos ossos ou de um

sso; 2° do rachitismo; 3° da deformação de alguma outra parte do squeleto que provoca a deformação da bacia, como acontece : na eviação espontanea da columna vertebral, nas coxalgias e luxações spontaneas do femur, nas curvaturas dos membros inferiores occaionadas pelo rachitismo. O diametro antero-posterior, n'uma mulher em conformada, tem 11 centimetros; mas com uma bacia de 9 centimetros e pouco menos, a mulher póde parir a termo uma vez sem raves accidentes, entretanto que n'uma outra gravidez o parto é imposivel; tudo depende do volume da criança e de sua posição. Em muitos asos, a applicação do forceps póde extrahir a criança. Atravez da acia que tem só 6 centimetros no seu diametro antero-posterior, o arto póde fazer-se excepcionalmente se o feto é pequeno, e com auxilio do forceps. Com uma bacia que tem menos de 6 centimeros no diametro antero-posterior o parto a termo é impossivel. Nos asos de estreitamento da bacia, desordens mortaes complicão o traalho principiado, a ruptura do utero e da bexiga, a separação las symphyses e a sua inflammação. A lentidão do trabalho é quasi empre uma causa de morte para o feto. Quando o medico de uma amilia observa que a senhora que se destina a casar, é affectada le alguma das molestias que produzem o estreitamento da bacia, leve despertar a attenção da familia sobre a sua primeira gravidez : erá necessario reconhecer o estado das dimensões da bacia pelo ocar e pelos intrumentos exploratores.

Eis-aqui as dimensões de uma bacia bem conformada :

Distancia entre as espinhas iliacas anteriores e inferiores de um lado ao outro	215	millimetros.
Distancia entre as duas espinhas iliacas anteriores e superiores..................................	250	—
Distancia do meio da crista iliaca ao ischion. O que dá para altura da grande á pequena bacia uma dimensão de..............................	95	—
Da parte anterior e superior do pubis ao apice da primeira apophyse espinhosa do sacro.........	190	—
Desfalcando 15 millimetros para a espessura do pubis, e 65 millimetros para a espessura do sacro, obtem-se o diametro antero-posterior, que é de.....................................	110	—

Tomão-se todas estas dimensões com o compasso de Baudelocque.

O dedo indicador póde tambem servir para medir o interior da bacia. Introduz-se o dedo na vagina, e avança-se a sua extremidade até á parte média do angulo sacro-vertebral; aproxima-se a borda radial á borda inferior da symphyse do pubis, e com a unha do ndex da outra mão marca-se sobre o dedo o ponto em que a symphyse toca. Tira-se o dedo para fóra da vagina, e mede-se a distancia que existe entre este ponto e a extremidade que apoiou no sacro. Por este modo obtem-se o comprimento de uma linha obliqua, que do angulo sacro-vertebral vem á parte inferior da symphyse do pubis, a qual ordinariamente excede 13 millimetros de comprimento ao diametro antero-posterior do estreito.

Tratamento. Um parto a termo n'uma mulher cuja bacia é mais estreita do que deve ser, dá lugar a tres ordens de indicações, segundo o que a bacia apresenta : 1° mais de 9 centimetros e meio no diametro antero-posterior; 2° mais de 6 centimetros e meio; 3° menos de 6 centimetros e meio.

A. Estreitamento acima de 9 centimetros e meio. Na apresentação

pelo vertice, esperar seis ou sete horas. Depois de dilatado o collo e rota a bolsa das aguas, applicar o forceps.

Na apresentação pela extremidade pelvica, não puxar pelo tronco do feto, porém applicar o forceps para desembaraçar a cabeça. Só no caso de morte da criança, é que se podem fazer tracções sobre o tronco, e estas devem ser moderadas.

Na apresentação pela face, tentar a versão pelos pés, e desembaraçar depois a cabeça com ou sem forceps.

Na apresentação pelo plano lateral, fazer a versão cephalica ou pelvica.

B. Estreitamento a 9 centimetros e meio e acima de 6 centimetros e meio. Na apresentação pelo vertice, applicar o forceps. Na apresentação pela face e pelo tronco, fazer a versão cephalica, mas é preciso para isso que a bacia não tenha menos de 8 centimetros. Abaixo d'este numero, não se poderá recorrer senão á embryotomia.

C. Estreitamentos abaixo de 6 centimetros e meio. A embryotomia e a operação cesarea são as unicas operações possiveis durante o parto. Quando se reconhece, durante a gravidez, que a bacia, no seu menor diametro, tem menos de 6 centimetros e meio, cumpre provocar o parto prematuro a sete mezes e meio.

DELIVRAMENTO. Expulsão das pareas. É natural ou artificial.

Delivramento natural. Divide-se em tres tempos: no 1° a placenta é descollada da superficie interna do utero; no 2° é precipitada da cavidade d'esta viscera para a da vagina juntamente com as membranas; no 3° é expulsa. Ordinariamente o descollamento faz-se logo no começo do trabalho pelas primeiras contracções do utero. Quando o trabalho foi prolongado, não é raro ver cahir a placenta no collo immediatamente depois da sahida da criança.

Não se deve arrancar a placenta, porém sim facilitar a sahida d'ella. Para este fim, friccione-se levemente o ventre e segure-se simplesmente o cordão. Conhece-se que o utero se contrahe para expulsar a placenta pela formação de um tumor duro, que se sente atraz das paredes abdominaes, e pela presença de uma porção da placenta no orificio do utero; então deve a parteira puxar pelo cordão com brandura para conduzir para fóra as pareas que estão na vagina e no utero; se encontra resistencia, envolve o cordão em um panno e faz tracções brandas e continuadas, primeiro em linha recta, depois levando o cordão alternativamente para a direita e para a esquerda. Ás vezes é necessario mudar a direcção da tracção, e fazer com que ella actue no sentido do eixo do utero: para este fim; pegando no cordão com a mão direita, levão-se os dedos indicador e mediano reunidos da mão esquerda ao longo do cordão, dentro da vagina até ao orificio do utero; empurrando então com elles o cordão para o sacro, e fazendo ao mesmo tempo as tracções com a mão direita, o cordão escorrega pelas pontas dos dedos da mão esquerda como sobre uma roldana de retorno. Chegada a placenta á vulva, enrola-se sobre si tres ou quatro vezes com as membranas, para facilitar a sahida de tudo.

Delivramento artificial. Não podendo as pareas ser extrahidas por meio das tracções bastante fortes, é preciso procurar pelo tocar e pela apalpação abdominal as causas d'este obstaculo que são:

1ª *Inercia do utero.* Conhece-se a inercia do utero pela molleza e depressibilidade do utero, e pela cessação das dôres; ás vezes existe hemorrhagia. — Excitar as contracções uterinas pelas fricções no ventre, e pelas applicações nas coxas de pannos molhados em agua fria.

2ª *Ruptura do cordão.* Quando o cordão se rompeo pela tracção, é preciso esperar a expulsão natural, ou introduzir a mão para extrahir as pareas.

3ª *Volume da placenta.* A retenção da placenta póde depender da sua hypertrophia ou da accumulação do sangue nas membranas entre o utero e a placenta. Conhece-se este estado por conservar o utero o seu volume normal, por não estar duro como nas contracções totaes do utero, e porque existem dôres. Sente-se tambem a placenta no orificio. Não bastando as contracções para expellir as pareas, deve-se introduzir a mão, e dilacerar com os dedos as membranas para facilitar a sahida do sangue, diminuir a massa total, e facilitar a sua expulsão ou extracção.

4ª *Adherencias anormaes da placenta.* Resultão da inflammação ao redor de um derramamento sanguineo. Quando o cordão resiste, e o utero a cada contracção se torna cónico, o que provém da accumulação do sangue entre a placenta e o utero, póde-se dizer que existe a adherencia da placenta. As adherencias geraes da placenta são isentas de accidentes, mas as adherencias parciaes, pelo contrario, são acompanhadas de hemorrhagias. — Não havendo accidentes, deve-se esperar cinco ou seis horas; as contracções podem separar as adherencias da placenta. Se a expulsão tardar, friccione-se o ventre, toque-se o collo uterino para provocar as contracções; fação-se tracções sobre o cordão umbilical; finalmente, tire-se a placenta pegando na mesma dentro do utero com a mão. Sobrevindo hemorrhagia, depois da extração da placenta, administre-se internamente o centeio espigado 361, e recorra-se ao tampão.

5ª *Contracções espasmodicas do utero.* Ordinariamente são parciaes, porém ás vezes são geraes. Em todos os casos é preciso: 1° esperar; no fim de algumas horas, friccionar o ventre, tocar o collo uterino, administrar um banho geral d'agua tepida; sobrevindo algum accidente, introduzir a mão e extrahir a placenta.

6ª *Inversão do utero.* Produz-se quando se puxa pelo cordão antes da retracção sufficiente do utero: a indicação consiste em reduzir o utero quanto antes.

Delivramento depois de um parto de duas ou mais crianças. Não se deve proceder ao delivramento n'este caso senão quando todos os fetos tiverem sido expulsos ou extrahidos. Com effeito, as placentas podem ser reunidas em uma só massa, e n'este caso não se póde extrahir uma sem descollar ou despedaçar as outras, e por essa razão, sem produzir uma hemorrhagia tanto mais grave, quanto o utero estiver mais desenvolvido; e nos casos em que as placentas estiverem separadas, descollando uma ficarião abertos os orificios dos vasos uterinos, o que daria o mesmo resultado. Comtudo se a disposição das placentas fôr tal que, descollando-se uma d'ellas venha apresentar-se ao orificio do utero, em quanto um ou mais fetos permanecerem ainda n'este orgão, será necessario fazer a extracção d'esta placenta, depois de estar certificado que não forma corpo com as outras.

Versão. Volta que se faz dar ao feto, collocado em presentação viciosa, para lhe dar uma situação que favoreça o parto. Pratica-se esta operação não sómente quando o feto se apresenta em má posição, mas tambem para accelerar o parto, quando occorre a hemorragia ou qualquer outro accidente. A versão conduz para o estreito superior uma das duas extremidades do feto: d'aqui vem a versão cephalica, e a versão pelvica.

Versão cephalica. Póde ser feita *antes* ou *depois* da ruptura das

membranas. — *Antes*. Conduz-se o vertice da cabeça por meio das manobras externas. — *Depois*. Pratica-se introduzindo a mão cuja face palmar abraça facilmente o vertice.

Esta versão não é, fallando propriamente, senão uma reducção cephalica. Recorre-se a ella nas circumstancias seguintes :

1ª Apresentações inclinadas do vertice. (Endireita-se as mais das vezes espontaneamente.)

2ª Apresentações da face; para as converter pela flexão em apresentações do vertice.

3ª Apresentações do tronco. N'este caso, porém, é melhor recorrer á versão pelvica.

Versão pelvica. A versão pelvica é uma manobra que tem por fim ir procurar os pés do feto, e trazer estes pela extremidade inferior. Para pratica-la é preciso que o collo esteja dilatado ou dilatavel. Está indicada em todos os casos em que o parto deve ser terminado promptamente. Deve ser empregada nas apresentações do tronco, com ou sem procidencia da mão na vulva. A versão compõe-se de tres tempos : a introducção da mão, a evolução do feto, e a extracção.

1º *Preparativos*. A mulher deve ser collocada na borda da cama horizontalmente sobre o dorso, de modo que a vulva e o estreito inferior fiquem desembaraçados, a cabeça e as espadoas mediocremente elevadas por travesseiros, as coxas um pouco dobradas sobre a bacia e apartadas, os pés postos sobre as coxas de dois ajudantes assentados um defronte do outro, que os segurarão solidamente com as mãos; um terceiro ajudante sustentará as espadoas da paciente, um quarto fornecerá ao que opéra o que elle precisar.

2º *Introducção da mão*. Para entrar com a mão na vagina, e depois no utero, deve-se esperar o intervallo de duas contracções uterinas, e aproveitar o estado de relaxação em que as partes se achão. A mão deve ser disposta de modo que apresente o menor volume possivel para o que as extremidades dos cinco dedos devem ser reunidas de modo que pareção o apice de um cóne, e como sómente a face dorsal da mão se corresponde com as paredes do utero, só ella deve ser untada com azeite doce para lhe facilitar o escorregamento.

Depois de introduzir a mão, o parteiro pega na parte que se apresenta ao orificio do utero; eleva-a e a arreda do estreito superior; segue depois o lado do feto, que corresponde á face palmar da sua mão, chega ás nadegas, pega nos membros inferiores, e os conduz no sentido natural da sua flexão. Se as membranas não estiverem rotas, é necessario rompê-las antes de penetrar no utero.

3º *Evolução do feto*. É sempre vantajoso pegar nos dois pés, e conduzi-los juntos para a vagina; porém, nem sempre se póde obter isto. Quando só um pé se alcançou, traz-se para a vagina, e mesmo para fóra da vulva. Para alcançar o segundo pé, a mão deve ser dirigida pelo lado externo do membro que está de fóra, até chegar ás nadegas. Uma vez que os dois membros se achão desembaraçados, segurão-se com as mãos, e trazem-se atravez do orificio do utero, vagina e vulva, puxando igualmente pelos dois pés.

4º *Extracção*. Envolvem-se os membros do feto em uma toalha, e pega-se-lhes com as mãos, as unhas de ambas as mãos para baixo, os pollegares alongados, e fazem-se tracções com suavidade parallelamente ao eixo do estreito superior. A medida que os membros do feto descem, devem subir as mãos do parteiro de maneira que os pollegares estejão sempre perto da vulva; quando o assento desceo na pequena bacia, levantão-se os membros para facilitar a

sahida da anca que está pela parte posterior. Logo que o embigo apparece, é preciso ter o cuidado de desembaraçar o cordão, para evitar que esteja estirado, e deixa-se operar naturalmente o desenvolvimento do tronco se não ha motivo de apressar o parto.

Depois de apparecerem as axillas, é preciso desembaraçar os braços afim de tornar a passagem da cabeça mais livre; principia-se pelo braço que está para a parte posterior; muitas vezes ambos os braços desenvolvem-se sós; levanta-se o tronco, se os braços não se desenvolvem, sustenta-se o tronco do feto sobre o antebraço, e com o index e o dedo médio da mão homonyma á espadoa que está por detraz de uma parte, e com o pollegar da mesma mão de outra parte, dobra-se o braço sobre o tronco, e o antebraço sobre o braço, e conduz-se o braço do feto do lado do seu plano sternal. A extracção do outro braço exige a mesma manobra no sentido opposto.

Não fica mais senão a cabeça. Supponhamos o occipicio debaixo da symphyse do pubis, a face na concavidade do osso sacro : é o caso mais ordinario. Basta muitas vezes levantar o tronco, dizendo á mulher de puxar; mas se a cabeça está desdobrada, é preciso deitar o tronco do feto sobre o antebraço do lado esquerdo, introduzir dois dedos d'esta mão na bocca, para tomar um ponto de apoio sobre o queixo inferior, e com o index e o dedo médio da mão direita, repellir o occipicio na concavidade do osso sacro dobrando a cabeça, para imitar o parto natural.

Póde acontecer que a face esteja virada para diante, e o occipicio para traz : então, se a cabeça está dobrada, inclinar-se-ha o tronco sobre o perineo abaixando a face com os dedos levados sobre os lados do nariz (costas sobre as costas); se, pelo contrario, a cabeça está desdobrada, será necessario levantar o tronco para diante do pubis, deixando o occipicio desembaraçar-se o primeiro (ventre sobre o ventre).

Em caso de difficuldade para extrahir a cabeça, póde-se recorrer ao forceps, mas nunca se deve puxar pelo tronco.

Versão no caso de apresentação da espadoa com sahida do braço. A procidencia do braço póde servir para reconhecer a posição do feto. Antes de introduzir a mão é preciso fixar o braço por meio de um laço para que não torne a subir, e para que não se applique depois sobre o tronco.

Applicação do forceps. O forceps é uma grande pinça de duas hasteas, em cada uma das quaes se distingue a parte que apprehende, o ponto da juncção ou de engaste, e o cabo ou péga. A parte que apprehende é uma especie de colher, penetrada por uma comprida e larga fenda, curvada sobre a superficie chata, para se accomodar á fórma arredondada da cabeça do feto, assim como sobre as suas bordas para se adaptar á curvatura da excavação da bacia.

O forceps não se applica senão sobre a cabeça. Tanto quanto seja possivel, deve agarrar esta parte pelo seu diametro bi-parietal.

Casos que exigem a applicação do forceps. 1° Para supprir as forças exhaustas da mãi na inercia do utero ; 2° para accelerar o parto, quando sobrevem hemorrhagia, syncope, convulsões ou o prolapso do cordão umbilical; 3° para ajudar a sahida da cabeça no caso de um ligeiro estreitamento da bacia. Muitas vezes o forceps bem applicado, mesmo no parto sem complicações, favorece o trabalho sem fazer correr perigo á mãi.

Regras que se devem seguir na applicação do forceps. Jámais se

deve emprehender applicar o forceps antes do orificio uterino estar sufficientemente dilatado. Antes de introduzi-lo, deve-se untar com azeite doce ou com alguma outra substancia gordurenta. Cada hastea introduz-se separadamente; deve ser guiada pela mão que a não segura, até ter penetrado por entre o collo uterino e a cabeça do feto, insinuando-a vagarosamente, com suavidade e quasi sem esforço, por pressões graduadas. Geralmente a hastea macha é que primeiro se introduz, depois a hastea femea, e se unem fazendo entrar a brecha d'esta ultima no gonzo ou parafuso da primeira. Estando as hasteas articuladas, o gonzo deve estar para cima. Quando a primeira hastea se tem introduzido até á conveniente altura, entrega-se ao ajudante, para elle a conservar firme n'aquelle ponto, em quanto que o parteiro introduz a segunda hastea. Devem sempre ser applicadas as colheres ás partes lateraes da cabeça. Feita a juncção das hasteas; dá-se um certo grão de aperto aos cabos; e para obter a certeza de que nenhum dos tecidos da mãi se acha entalado entre o forceps e a cabeça do feto, ensaião-se algumas tracções. Não se deve extrahir a cabeça por empuxões violentos e repentinos. As tracções devem ser contínuas, e acompanhadas de suaves oscillações para a direita e para a esquerda, afim de não contundir as partes, e ellas poderem ceder sem se rasgar; tambem não se deve puxar em linha recta, mas sim seguindo successivamente os eixos do estreito abdominal, da excavação e do estreito perineal. Devem-se ter presentes na imaginação os diversos movimentos que executa a cabeça para penetrar na fileira ossea da bacia. No ultimo tempo da manobra, cumpre sustentar o perineo.

Emprego dos instrumentos cortantes. Quando ha grande desproporção entre o volume do feto e a bacia da mãi, torna-se necessario empregar estes instrumentos para os fins seguintes :

1º Diminuir o volume da criança (*cephalotripsia, embryotomia*); 2º abrir ao feto uma sahida artificial (*operação cesareana*).

O *cephalotribo* não é, fallando propriamente, um instrumento cortante, porém concorre ao mesmo fim. Applica-se sobre a cabeca, como o forceps. Depois de esmagar a cabeça, imprime-se um movimento de rotação, para collocar a parte estreitada da cabeça no sentido mais favoravel da bacia, e tira-se. Esta operação é geralmente precedida de perforação do craneo.

A *embryotomia* é a dissecção do feto, com o fim de extrahi-lo por partes; pratica-se com as tesouras de Dubois.

A *operação cesareana* consiste em uma incisão praticada nas paredes abdominaes e no utero, para extrahir d'elle o feto. Pratica-se na mulher morta durante o curso de uma gravidez; e na mulher viva, quando fôr reconhecido que o parto não se póde effectuar pelas vias naturaes. Os vicios de conformação da bacia, ou a presença de tumores que estreitão as vias naturaes, a ponto de tornar impossivel o delivramento pelo forceps ou pela mutilação do feto, obrigão a recorrer a operação cesareana. Deve ella ser reservada para as bacias inferiores a 6 centimetros, porque póde-se praticar a cephalotripsia até 6 centimetros.

PÉ. Molestias do pé. V. *Bichos dos pés*, *Callo*, *Contusão*, *Cravo boubatico*, *Fractura*, *Luxação*, *Mal perforante*, *Torcedura*, *Tumor branco*, *Unha encravada*.

Pé chato. Deformidade do pé, que consiste na fórma muito achatada da planta do pé, o que torna o andar custoso e doloroso.

Remedeia-se por meio de sapatos com talões altos, ou de botins mecanicos.

Pé torto. Cortar os tendões musculares, e applicar maquinas orthopedicas.

PEÇAS DE MOEDA ENGULIDAS. V. MOEDAS.

PEDRA DOS DENTES. V. p. 938.

PEDRA NA BEXIGA. V. CALCULO, p. 904.

PEDRA NOS RINS. V. AREIAS, e COLICA NEPHRITICA.

PELLADA, Calva tinhosa, Tinha pellante ou decalvante, *Porrigo decalvans.* Areas na cabeça despidas de cabello, brancas, lisas, sub-orbiculares e lavrantes. Quando se vê o cabello cahir em differentes pontos da cabeça sem nenhuma molestia, e deixar a pelle glabra, lisa e brilhante, este estado constitue a *pellada.* Esta enfermidade é produzida por um vegetal parasita, de tenuidade extrema, visivel só por meio do microscopio, que se desenvolve no folliculo, isto é, na glandula que dá nascimento ao cabello; este vegetal penetra dentro do cabello, cresce com elle, e uma vez chegado a 2 ou 3 millimetros acima da epiderme, occasiona a ruptura do cabello e produz a calvicie.

O *tratamento* consiste n'um só meio: *epilação* seguida de lavagens com lavatorio parasiticida 608, e de fricções com pomada de turbitho mineral 611. A epilação pratica-se com pinça ordinaria, e deve ser feita completamente no mesmo dia sobre toda a extensão da molestia. Arrancando-se o cabello, arrancão-se os sporos, isto é, os orgãos da reproducção do vegetal, pequenos corpos esphericos que estão pegados ao cabello. Facilita-se a epilação untando previamente a cabeça com oleo de cade 628. As lavagens com lavatorio parasiticida devem ser continuadas todos os dias, até tornar a nascer o cabello. Repete-se a epilação ao cabo de um mez, se a primeira não produzio a cura completa.

PELLAGRA. Molestia de pelle, observada na Italia e na Hespanha, caracterizada pela erupção erythematosa a principio, e depois escamosa, que se complica logo com perturbação de todas as funcções, magreza e marasmo. — Banhos mornos geraes. Banhos sulfurosos 746. Caldas sulfurosas 184. Alimentação substancial. Banhos do mar. Pomada alcalina opiada 348, e outras pomadas indicadas contra as *Molestias de pelle.* Medicamentos tonicos 807.

PEMPHIGO. Molestia de pelle, caracterizada pela formação de uma ou mais bolhas precedidas de febre, que se rasgão facilmente, terminão pela sahida do liquido que contém, e pela formação de excoriações superficiaes ou crostas, deixando depois nodoas que persistem durante certo tempo. — Limonada de limão ou laranja. Infusão de tamarindos 752. Banhos mornos. Abrir as bolhas com agulha, applicar polvilho e por cima uma camada de algodão; ou linimento calcareo 326, e algodão por cima do linimento. Se as feridas se inflammarem, cura-las com cataplasma de fecula 461, e depois com glycereo de amido 502. Se a superficie fôr violacea e sanguinolenta, applicar pós de quina, de carvão, lavar com cozimento de quina 687. ou vinho aromatico 445.

PERCUSSÃO. Modo de verificar o gráo de sonoridade que offerece um ponto qualquer do corpo quando se lhe bate. Pratica-se applicando o dedo indicador sobre a parte que se examina, e batendo sobre elle com o dedo grande da mão opposta.

Percussão do pulmão. A sonoridade do thorax, no estado de saude, varía segundo as regiões: é mais clara por baixo das claviculas, por baixo dos sovacos e nas partes lateraes do peito; é menos

clara na omoplata e na região precordial. Esta ultima dá, n'uma superficie de 4 centimetros quadrados, uma obscuridade que indica a extensão em que os pulmões não cobrem o coração. Abaixo do coração, a sonoridade do peito faz-se, em geral, mais clara do que em todos os outros pontos, o que depende da presença do estomago e dos gazes n'elle contidos; á direita, no ponto correspondente, o som é massiço em razão da presença do figado.

Os pulmões resoão bem em quanto se achão no estado normal; mas se existe congestão chronica parcial, pneumonia aguda ou chronica, a apoplexia pulmonar, uma tuberculização mais ou menos extensa, o achatamento por derramamento seroso ou sanguineo da pleura, manifesta-se na parte correspondente do thorax o som massiço mais ou menos forte.

O som massiço no apice de um ou dos dois pulmões indica quasi sempre a presença de tuberculos; mas póde depender tambem de congestão chronica ou de pneumonia. O som massiço fixo em algum ponto do peito depende da induração do pulmão pela congestão, inflammação ou pelos tuberculos. — O som massiço movel, cujo nivel se desloca com os movimentos do doente, indica um derramamento na pleura.

Percussão do coração. É util para apreciar o volume e a situação do coração, assim como os derramamentos serosos do pericardio, porque um som massiço de 4 centimetros quadrados sendo a dimensão normal do coração, todas as vezes que o som massiço exceder muito este algarismo, póde suspeitar-se a hypertrophia do coração ou o hydropericardio, factos que podem ser confirmados pela força ou afastamento das pancadas do coração.

Percussão do ventre. Sem a percussão seria impossivel fazer o diagnostico de certos tumores do ventre, e é por este meio que se fixa a sua séde, que se lhes limita a extensão, e que se descobre a sua natureza solida, liquida ou gazosa. — Nas molestias do figado, o som massiço exagerado de toda a glandula, ou de uma das partes, indica a congestão aguda ou chronica d'esta glandula, a hypertrophia, ou tumores hydaticos e cancerosos. — Nas molestias do baço, e em consequencia das febres intermittentes, o som massiço exagerado do hypocondrio esquerdo indica o volume e a hypertrophia d'esta glandula, e então podem-se determinar os seus contornos. O som massiço ou a sonoridade do abdomen indica a presença dos excrementos ou dos gazes no intestino. — O tumor no hypogastro que chega até ao embigo e dá o som massiço pela percussão, annuncia a retenção de ourina, um tumor do utero ou a gravidez. — O som massiço lateral do hypogastro acha-se muitas vezes em relação com os tumores do ovario. — O som massiço da fossa iliaca, direita ou esquerda, indica a obstrucção estercoral do intestino cego, ou um phlegmão iliaco. — O som massiço de todo o hypogastro, que muda de um lado para outro, segundo a posição do doente, é um signal certo de hydropisia.

PERDA DE FALLA. V. APHONIA.

PERDA DE SANGUE. V. HEMORRHAGIA.

PERICARDITE. Inflammação do pericardio, sacco membranoso que cobre externamente o coração. É *aguda* ou *chronica*.

Pericardite aguda. Anatomicamente a molestia é caracterizada no começo pela vermelhidão do pericardio; mais tarde pela hydropisia do pericardio mais ou menos abundante, pelas falsas membranas que o cobrem parcialmente ou em totalidade; e finalmente, no estado chronico, pelas adherencias do pericardio e transformação

cartilaginosa das suas paredes. A pericardite sobrevem ora no meio de uma saude perfeita, ora declara-se no curso de uma outra affecção (rheumatismo, pleuriz, escarlatina, bexigas, etc.); é sobretudo frequente no rheumatismo agudo.

Symptomas. A pericardite aguda principia por calefrios, febre, anxiedade, tosse secca, palpitações, dyspnea, respiração frequente. No maior numero dos casos não ha dôr precordial; quando esta existe, a pericardite acha-se complicada com pleuriz. Se, no caso de derramamento algum tanto abundante no pericardio, se applicar o ouvido sobre o lado esquerdo do peito, não se percebe o ruido respiratorio que se ouve no estado normal. As pancadas do coração não são superficiaes como no estado de saude, e muitas vezes ruidos anormaes as encobrem. Estes tem lugar, uns no coração : são os *ruidos de folle e de lima;* os outros existem no pericardio : são os *ruidos de fricção*, cuja força e asperidade estão em relação com a espessura e desigualdades das falsas membranas que as occasionão; são os ruidos comparados aos que se produzem roçando entre os dedos tafetá ou papel; ou então são os *ruidos de couro novo*, comparados aos que produz a pressão do cavalleiro em uma sella nova. No derramamento a percussão do peito produz som massiço; o thorax torna-se mais convexo.

Tratamento. As emissões sanguineas não estão indicadas senão quando existe grande oppressão no peito; e mesmo n'este caso não se deve recorrer á sangria do braço, mas só á applicação das bichas ou ventosas sarjadas. Quando a molestia está incipiente, e se não existir ainda derramamento no pericardio, administrem-se duas colheres *de sopa*, de 2 em 2 horas, da poção de digital de Jaccoud 416. Cessar a poção, logo que o pulso se tornar fraco. Para bebida ordinaria limonada de limão ou de laranja. A digital não convem senão no começo da molestia.

Se o derramamento já estiver formado, ou quando a pericardite apparece durante o curso do rheumatismo articular agudo, administrar a poção contra-estimulante de Laennec durante um, dois ou tres dias 279. Favorecer a absorpção do derramamento com causticos volantes no peito e bebidas diureticas : infusão de zimbro com acetato de potassa 147, vinho diuretico 725, vinho amargo scillitico 725. Se a pericardite fôr acompanhada de grande prostração, administrar ás colheres a mistura tonica de Jaccoud 685.

Pericardite chronica. Succede ao estado agudo, ou principia surda e lentamente debaixo da fórma chronica. O enfermo sente um certo *embaraço* na região precordial; raras vezes uma verdadeira dôr. O peito percutido do lado esquerdo dá um som *massiço*, por causa do derramamento que existe; as pancadas do coração são mais fracas do que no estado de saude; os symptomas que se descobrem pela auscultação são os mesmos que na pericardite aguda. O pulso é irregular, intermittente, e mais frequente; o rosto e os pés inchão.

Tratamento. Diureticos 795. Purgantes 804. Tintura de jalapa composta 547, na dóse de 8 grammas todas as manhãs, misturada em partes iguaes com xarope de casca de laranja. Regimen substancial; uso de vinho.

PERINEO (**Rasgadura do**). V. RASGADURA.

PERIOSTITE. Inflammação da membrana que cobre os ossos (periostio).

Periostite aguda. É primitiva ou consecutiva. Umas vezes depende da alteração do periostio debaixo da influencia de um traumatismo

ou do resfriamento; outras vezes segue a inflammação dos orgãos vizinhos. Seus exemplos são : as fluxões dentarias e os panaricios profundos. É caracterizada pela dôr e edema dos tegumentos; ás vezes febre. Se se formar abcesso sub-periostico, o edema é mais consideravel; ha fluctuação; sobrevem então a necrose do osso; a febre é intensa.

Tratamento. Banhos d'agua quente. Cataplasma de linhaça 560, ou de fecula 461. Se se formar abcesso, abri-lo immediatamente. Extrahir os fragmentos de osso affectados de necrose.

Periostite chronica. É occasionada pelo vicio escrophuloso, syphilitico ou rheumatico. Seus symptomas são : tumefacção do osso, dôres vagas, sem febre. A periostite syphilitica é caracterizada pelas dôres nocturnas, que desapparecem durante o dia. Todas as periostites chronicas podem suppurar, produzir abcessos chronicos, e a necrose superficial dos ossos.

Tratamento. Fricções com pomada de iodureto de potassio 538. Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Causticos sobre o lugar doloroso 343. Se a osteite depender do vicio escrophuloso, seguir o tratamento interno indicado contra as escrophulas (p. 972). Se provier da syphilis, empregar as fricções com pomada mercurial 600, emplasto de Vigo 81, e internamente o licor de Van-Swieten 606, ou o iodureto de potassio 537.

PERITONITE. Inflammação do peritoneo. Ha varias especies :

Peritonite aguda simples ou primitiva. Sobrevem no homem ou na mulher fóra do estado puerperal, debaixo da influencia das causas geraes das outras phlegmasias.

Symptomas. Dôr abdominal aguda que augmenta pela menor compressão exterior, pelas fortes inspirações, e pelo movimento do corpo; tumefacção do ventre, febre. Se a molestia se aggravar, o pulso, pequeno e fraco, dá 120 pulsações por minuto, o rosto torna-se pallido, sobrevem soluços, delirio, suores frios e a morte. Devendo a molestia ter o exito feliz, o pulso torna-se menos frequente, céssão os vomitos, a dôr diminue, o rosto restabelece-se.

Tratamento. Sanguesugas no ventre. Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Não podendo o doente supportar o peso das cataplasmas, applicar pannos molhados no cozimento de linhaça, os quaes se cobrem com flanella e tafetá para não esfriarem. Bebidas emollientes, taes como a infusão de linhaça 560, de flores de malvas 586. Dieta severa. Clysteres de linhaça 560. Purgante de oleo de ricino 632. Semicupios ou banhos geraes d'agua tepida. Pilulas de extracto d'opio, uma a duas por dia 638, ou injecções sub-cutaneas de chlorhydrato de morphina 643. Quando, não obstante este tratamento, a peritonite continuar a fazer progressos, empregar fricções no ventre com unguento mercurial duplo, na dóse de 15 grammas cada vez, duas vezes por dia 600. Administrar ao mesmo tempo os calomelanos na dóse de 5 centigrammas, duas vezes por dia 602. Longe de receiar a salivação, cumpre, n'este caso, deseja-la, porque quasi todos os doentes melhorão quando ella se declara. — Se predominarem os symptomas adynamicos, empregar as preparações de quina 684, as pilulas camphoradas 331, clyster de almiscar 252.

Peritonite aguda consecutiva. Sobrevem em consequencia das feridas dos intestinos, do estrangulamento da hernia, mesmo depois da operação, porque as materias intestinaes derramão-se no peritoneo por uma fenda ou atravez das membranas gangrenadas do intestino. O peritoneo inflamma-se tambem no periodo adiantado do

cancro do utero, do estomago, do figado, e, por causa da perforação intestinal, na febre typhoide.

Tratamento. É quasi sempre inutil. O doente deve privar-se de bebidas. Aplaca-se a sêde com gelo em pedaços, ou com gomos de laranja.

Peritonite puerperal. Inflammação do peritoneo que sobrevem nas mulheres recem-paridas; chamão-lhe tambem *febre puerperal.* Declara-se ordinariamente do segundo ao quinto dia depois do parto; principia pelo calefrio, precedido, acompanhado ou seguido de dôr abdominal. Seguem-se vomitos; ha ora prisão de ventre, ora diarrhea. A sêde é grande, a febre intensa; supprimem-se os locchios, diminue o leite, e incha o ventre. Se a molestia fizer progressos, apparecem os soluços, prostração, delirio.

Tratamento. Bichas no ventre. Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Administrar 1 gramma de ipecacuanha em pó. Clyster de linhaça 560. Fricções no ventre com unguento mercurial 600, com oleo de camomilla camphorado 328. Sobrevindo os phenomenos adynamicos, dar as preparações de quina 684, sulfato de quinina 739, poção excitante 772.

PERITYPHLITE. Inflammação do tecido cellular que envolve o intestino cego. V. *Abcesso da fossa iliaca*, p. 858.

PESADELO. Sensação do peso na região epigastrica durante o somno, com impossibilidade de mover-se, de fallar e de respirar; estado que acaba acordando o paciente sobresaltado, e depois de anxiedade extrema. Para prevenir o pesadelo, basta ás vezes deitar-se de um lado com preferencia a outro, e com a cabeça elevada; cear pouco; usar de banhos mornos, entreter o ventre livre com clysteres. Deve-se sempre despertar a pessoa que está soffrendo a anxiedade do pesadelo.

PESCOÇO (Dôr no). V. Torcicollo.

Pescoço (Feridas do). V. p. 990.

PESTANEJAR. Espasmo do musculo orbicular palpebral, que produz contracções frequentes, ás vezes dolorosas da palpebra. — Fricções na palpebra com linimento opiado 641, com balsamo tranquillo 309.

PESTE. Molestia contagiosa, endemica no Levante, muitas vezes epidemica, cujos symptomas são : calefrios, cephalalgia, vertigens, insomnia ou coma, delirio, pulso frequente e fraco, pelle quente e secca, respiração arquejante, lingua humida e branca, nauseas, vomitos, prisão de ventre em alguns doentes, em outros evacuações alvinas fetidas, amarellas ou pretas; a ourina varía muito na côr e quantidade; n'uma epoca indeterminada da molestia apparecem, em diversas partes do corpo, bubões, anthrazes, carbunculos ou petechias. — Tartaro emetico 278. Limonada de limão, de laranja e outras bebidas temperantes 806. Poções com ether sulfurico 454. Camphora 329. Pilulas antisepticas 331. Clyster de almiscar 252. Borrifar o quarto do doente com agua phenica 158. Tonicos 807. Vinhos generosos. Abrir os bubões logo que a fluctuação estiver sensivel. Curar os carbunculos com vinho aromatico 445, agua phenica 158, ou pós de quina e carvão 688.

PHAGEDENISMO. V. Cancro phagedenico.

PHARYNGITE. V. Angina guttural.

Pharyngite membranosa. V. Angina diphtherica.

PHIMOSIS. Estado do membro viril, no qual o prepucio está tão apertado que não póde recuar e descobrir a glande. É *congenial* ou *accidental.*

Phimosis congenial. A estreiteza excessiva do prepucio é causa de varios inconvenientes. Impede os lavatorios necessarios para entreter o asseio. O contacto da ourina e a presença constante da materia sebacea entre a glande e o prepucio entretem uma irritação constante, e occasionão a balanite, mui difficil de curar. Em consequencia da copula impura, o liquido deleterio fica entre o prepucio e a glande; d'onde vem predisposição ás molestias venereas. Durante o acto, o prepucio póde rasgar-se, o que produz grandes dôres. Em certos individuos, a abertura do prepucio póde deixar passar a glande, mas o prepucio, retido pela corôa, não póde voltar adiante; aperta o membro: sobrevem *paraphimosis*.

Tratamento. Se o phimosis é tão pronunciado que conduz aos accidentes que indiquei, cumpre fazer desapparecer este vicio de conformação por meio de *incisão* ou *excisão* (*circumcisão*). Para fazer esta ultima operação, marca-se, com tinta de escrever, uma linha circular na direcção da corôa da glande, agarra-se com pinça toda a porção do prepucio que se acha por diante d'esta linha, em quanto um ajudante tira para traz a pelle do membro viril; depois o operador, com forte tesoura ou bisturí, corta o prepucio parallelamente á pinça. Repito, deve haver toda a precaução de marcar com tinta de escrever os limites dos tegumentos que tem de cortar-se, porque a pelle n'esta região é muito laxa, e sem a marca o operador poderia cortar mais do que é preciso, o que denudaria o membro e seria causa de grave inconveniente.

Phimosis accidental. Mostra-se no *estado agudo*, e é determinado pelos cancros venereos, muito inflammados, ou pela blennorrhagia muito intensa. Póde ser *chronico*, e succede então ao phimosis agudo; ás vezes tambem é consecutivo á irritação contínua do prepucio; póde ser produzido pelo herpes prepucial.

Tratamento. Atacar a molestia que é causa da deformação. Se a molestia passar ao estado chronico, praticar a incisão ou excisão do prepucio. Não se deve praticar a operação em quanto os cancros não forem cicatrizados, porque o contacto do pus com os labios da ferida produziria novos cancros que retardarião a cicatrização.

PHLEBITE. Inflammação da veia, produzida ordinariamente pela sangria, picadas anatomicas, operações cirurgicas, etc. É caracterizada pelos symptomas seguintes: cordão duro, vermelho, doloroso, sensivel á pressão, que segue exactamente o trajecto da veia inflammada; cephalalgia, calefrios, febre, abcessos, sêde, vomitos, delirio. — Sanguesugas na proximidade da veia inflammada. Banhos mornos. Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461, cataplasma anodyna 641, cataplasma narcotica 309, cataplasma calmante 597. Fricções mercuriaes 600. Tartaro stibiado em alta dóse 279. Purgantes 804. Quina e outros medicamentos tonicos, se a molestia tomar o caracter adynamico 807.

PHLEGMÃO. Inflammação do tecido cellular. O phlegmão póde desenvolver-se em todas as partes que contém certa quantidade d'este tecido; póde vir aos orgãos encerrados nas cavidades splanchnicas; porém, as mais das vezes, chama-se phlegmão o tumor formado no tecido cellular subcutaneo ou sub-aponevrotico. As suas causas mais communs são pancadas, quédas, picadas, corpos estranhos introduzidos nos orgãos; mas póde tambem desenvolver-se espontaneamente, sem causa apreciavel. Annuncia-se por dôres mais ou menos vivas, que augmentão pelo movimento e pela pressão. Logo depois eleva-se um tumor arredondado, circumscripto, duro, resistente, com vermelhidão mais ou menos intensa, mas sempre

mais ou menos viva no centro. Esta vermelhidão não desapparece pela pressão do dedo. A dôr, primeiramente pulsativa, torna-se depois gravativa; forma-se a suppuração, o tumor amollece e apresenta fluctuação; a pelle mais pallida, principalmente no centro, vem a manifestar um ponto esbranquiçado que se abre, e dá sahida a uma quantidade mais ou menos consideravel de pus.

Tratamento. Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461; banhos mornos, dieta e bebidas emollientes 797. Abrir de prompto com a lanceta ou bisturí os abcessos, e principalmente os que estiverem situados profundamente, ou vizinhos de alguma articulação ou cavidade splanchnica. Introduzir na abertura a mecha de fios untada com ceroto, para impedir a reunião das margens da abertura antes da completa evacuação do pus. Esta precaução não é necessaria nos abcessos superficiaes. Exercer compressão methodica para facilitar a sahida do pus. V. ABCESSO.

PHLEGMASIA. Synonymo de *inflammação.*

PHLEGMATIA ALBA DOLENS. V. EDEMA.

PHLYCTENA. V. BOLHA.

PHRENESI. V. MENINGITE.

PHTHIRIASE. Affecção que tem por principal e essencial symptoma o desenvolvimento de grande quantidade de piolhos sobre uma região, ou sobre toda a superficie do corpo. Ignorão-se completamente as suas causas. — Banhos mornos com sabão. Fricções com pomada phenica 158, com pomada de alcatrão 241, com oleo petroleo 661, com banha misturada com pós de pyrethro do Caucaso 676, com pomada sulfuro-saponacea 439. Banhos sulfurosos 746. Lavatorios com solução de sublimado corrosivo (sublimado 10 centigrammas, alcool 15 grammas, agua 300 grammas), com decocção de paparraz 653. Regimen analeptico 785.

PHTHISICA. V. TISICA.

PIAN. V. BOUBAS.

PICADA. Ferida estreita feita por instrumento pontudo ou por insecto.

Picadas simples. Applicar panno molhado em agua fria. Extrahir o corpo estranho, se o houver. Sobrevindo inflammação, applicar cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. V. *Feridas.*

Picadas nas dissecções anatomicas. Lavar immediatamente a pequena ferida com muita agua pura ou com dissolução de pedrahume, e espremê-la com força; cauteriza-la com pedra infernal, e applicar-lhe em cima encerado inglez. Se sobrevier inflammação local ou symptomas geraes, empregar cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461; abrir cedo todos os abcessos que se formarem, e internamente administrar os tonicos: vinho de quina 684, pilulas antisepticas 331, poção com acetato de ammoniaco 267.

Picadas de insectos, como sejão: *zangão, abelha, besouro, centopea, vespa, borraxudo, tarantula, aranha, mosquito, maribondo, formiga ruiva, escorpião e outros.* Tirar o ferrão, lavar a ferida com agua, e deitar no lugar ferido algumas gottas de alcali volatil puro ou diluido em agua 265; e na falta d'este, vinagre ou salsa hortense previamente mastigada. Se o individuo fôr mordido por grande quantidade de abelhas, e sobrevier febre, administrar-lhe limonada de limão, a poção diaphoretica 267. O ardor, que determinão as mordeduras de mosquitos, acalma-se com lavatorios d'agua fria misturada com vinagre.

PINTAS. V. *Sarampos, Escarlatina, Roseola, Bexigas, Cataporas, Molestias de pelle,* etc.

PIOLHOS. Contra os piolhos da cabeça empregar lavatorios com agua e sabão, com infusão de centaurea menor 361, com decocção de sementes de paparraz 653; pentear frequentemente o cabello, e ter muito asseio. Contra os piolhos do pubis (vulgo *piolhos ladros* ou *ladilhas*), untura com unguento mercurial cinzento 601, e um banho geral.

Piolhos do corpo. V. PHTHIRIASE.

PITUITA. V. CATARRHO PITUITOSO.

PITYRIASE ou Carepa. Malhas escamosas, de figura irregular, sem fendas, nem excoriações, seguidas de exfoliação furfuracea da epiderme. Póde apparecer em todas as partes do corpo, porém mostra-se ordinariamente na cabeça, e toma então o nome de *caspa* (V. esta palavra). — Contra a pityriase do corpo os meios a empregar são : banhos mornos, lavatorios com agua e sabão, com agua de alcatrão 240, fricções com glycereo de alcatrão 241, com pomada antidartrosa de Gibert 259, pomada com borax 314, banhos sulfurosos 746.

PLETHORA. Superabundancia de sangue. Tem por caracteres : rubor da pelle, turgencia dos vasos sanguineos mais superficiaes, dureza do pulso, augmento de calor, tendencia a hemorrhagias, dôres vagas, etc. A somnolencia, as vertigens, o rubor dos olhos e da face, a pulsação mui forte das arterias carotidas, a turgencia exagerada das veias do pescoço, fazem temer a congestão sanguinea no cerebro. — Dieta. Regimen composto principalmente de vegetaes. Fructas acidas. Limonadas vegetaes. Purgantes 804. Sangria.

PLEURIZ. Inflammação da pleura, membrana que reveste os pulmões. É *agudo* ou *chronico*.

Pleuriz agudo. É caracterizado, anatomicamente, pela vermelhidão da pleura, no começo da molestia. Alguns dias, ou apenas algumas horas depois, forma-se na cavidade pleural um derramamento cuja quantidade varía de 30 grammas a 6 ou 8 litros. O liquido derramado é de côr citrina ou esverdeada; mais tarde o interior da pleura reveste-se de exsudações membranosas que ligão uma á outra a pleura costal e pulmonar, n'uma parte ou na totalidade da sua extensão.

Symptomas. Dôr pungitiva em um dos lados do peito, augmentando na inspiração, nos esforços da tosse, no movimento do tronco; respiração difficil, tosse secca com pouca expectoração, a qual é mucosa; pulso frequente. A estes signaes ajuntão-se os que fornece a auscultação e a percussão : a resonancia, que deveria dar o peito percutido, falta em todas as partes que são a séde do pleuriz : a grande diminuição ou a ausencia total do ruido respiratorio, a apparição, o desapparecimento, reapparição da egophonia (voz tremula), são signaes pelos quaes o stethoscopio annuncia a existencia do derramamento pleuritico, e lhe indica a medida. Quando se manda fallar um enfermo durante que o ouvido está applicado no peito ao nivel do derramamento, a voz chega ao ouvido mais aguda, mais aspera do que a voz natural, é tremula, saltante como a de uma cabra; dá-se a este symptoma o nome de *egophonia*. É o effeito da resonancia natural da voz nos ramos bronchicos, transmittida atravez da camada delgada e tremula do liquido derramado. A egophonia desapparece quando o derramamento diminue ou se torna mui consideravel.

Tratamento. Bichas ou ventosas sarjadas no lugar doloroso. A sangria não convem senão no caso de muita febre e grande dyspnea. Poção de digital de Jaccoud 416. Bebidas emollientes, gommosas.

taes como a infusão de flores de malvas 586, de raiz de althea 256, de violas 781, de verbasco 776, adoçadas com assucar ou xarope de gomma. Causticos no peito 343. Loock branco simples 264. Loock calmante 639. Loock peitoral 628. Loock oleoso 627. Julepo gommoso 508. Loock scillitico 725. Regimen lacteo. Para diminuir a dôr, empregar as injecções sub-cutaneas com chlorhydrato de morphina 643. Para facilitar a absorpção do liquido derramado no sacco pleuretico, recorrer aos diureticos e aos purgantes : preparações de nitro 297, de acetato de potassa 148, cremor de tartaro 406, pilulas purgativas de Anderson 254. Quando o derramamento fica estacionario, ou quando a sua diminuição é tão lenta, que se póde receiar a deterioração organica e o marasmo, é preciso dar sahida ao liquido, praticando a puncção com um trocate preparado de maneira que o ar não possa entrar na pleura, ou com agulha ôca, do aspirador pneumatico. A puncção do peito deve ser igualmente feita em qualquer momento do pleuriz agudo, se o doente fôr ameaçado de suffocação pela abundancia do liquido. A operação é sobretudo urgente no pleuriz esquerdo, por causa da situação do coração, que não póde soffrer compressão demasiada que sobre elle exerce o liquido derramado. Mas a operação não convem no periodo ascendente da molestia, quando o pleuriz se acha no começo do periodo agudo; evacuando o liquido n'este caso, não se produziria senão um allivio momentaneo ; o liquido reproduzir-se-hia em pouco tempo.

Pleuriz chronico. Póde estabelecer-se lentamente ou succeder ao pleuriz agudo. No primeiro caso, dôres vagas pelo peito, tosse pequena e secca, oppressão por intervallos, arripios, movimentos febrís irregulares. Conhece-se que o pleuriz agudo se torna em chronico, quando no oitavo ou nono dia, tendo diminuido os symptomas inflammatorios, persiste a dôr e tambem o embaraço na respiração; quando ha febre com exacerbação pela tarde; quando o som do lado affecto é massiço, e o doente se deita com preferencia sobre este lado. A egophonia é um phenomeno raro no pleuriz chronico, não existe senão na epoca na qual o derramamento é ainda pouco abundante. O ruido respiratorio é fraco ou nullo. Nos derramamentos consideraveis, quando o pulmão comprimido está reduzido a pequeno volume, não se ouve o ruido respiratorio senão ao longo do espinhaço aonde o pulmão se acha repellido. O peito do lado affectado está mais amplo. No pleuriz esquerdo o coração está expellido do seu lugar, de modo que a ponta bate do lado direito do sternon, e ás vezes na região axillar direita. — As lesões anatomicas são : injecção forte da pleura, concreções pseudo-membranosas na sua superficie muito mais espessas, mais duras do que no pleuriz agudo; o liquido que enche a pleura é raras vezes limpido, e citrino, mas quasi sempre opaco, branco ou completamente purulento.

Tratamento. Vesicatorios 343. Bebidas diureticas 795. Scilla 723. Fricções com pomada stibiada 280. Ipecacuanha 541. Emetico 278. Azotato de potassa 298. Cozimento antiphlogistico de Stoll 298. Purgantes 804. Regimen tonico, corroborante. Emfim, quando todos estes meios não tiverem determinado a absorpção do liquido derramado na cavidade da pleura, cumpre extrahi-lo por meio da operação, que consiste em fazer a puncção no peito com o trocate. V. Empyema.

Pleuriz falso ou bastardo. V. Pleurodynia.

PLEURODYNIA. Dôr rheumatica dos musculos das paredes thoracicas. — Sinapismo no lugar dorido 616. Fricções com essencia

de terebinthina 760, com oleo camphorado 328, com linimento terebinthinado 762, com linimento terebinthinado e camphorado 762, com linimento volatil 266. Vesicatorio 343. Banho quente.

PLEURO-PNEUMONIA. Inflammação simultanea da pleura e do pulmão; pleuriz complicado de pneumonia. Os symptomas pertencem ás duas molestias; o tratamento é o do pleuriz combinado com o da pneumonia.

PLICA POLONICA. Molestia observada particularmente na Polonia, caracterizada pela conglomeração do cabello, e exsudação de materia viscosa. — Bebidas sudorificas 806. Banhos quentes. Cataplasmas e lavatorios de linhaça 460. Vesicatorios. Extracto de aconito. Preparações antimoniaes, sulfureas. Medicamentos tonicos 807. A secção dos cabellos não deve ser feita senão depois de cessada a secreção oleosa, e deve ser precedida da applicação de algum exutorio. Entreter o asseio. Purgantes 804.

PNEUMONIA. Inflammação do tecido pulmonar.

Pneumonia aguda. *Anatomicamente* é caracterizada por tres alterações : *congestão, hepatização rubra*, e *hepatização cinzenta.* No *primeiro grão*, ou *congestão*, o pulmão apresenta exteriormente nos lugares affectados uma côr violacea, perdeo a elasticidade; mettido n'agua, sobrenada ainda completamente. — Na pneumonia chegada ao *segundo grão*, (*hepatização rubra*), o pulmão augmentou de volume; é duro; mettido n'agua vai ao fundo; é de côr rubra exterior e interiormente; o seu tecido é semelhante ao do figado. — No *terceiro grão* da pneumonia, (*hepatização cinzenta*), o pulmão conserva a dureza e o volume; mas a sua côr vermelha é substituida pela côr cinzenta; cortado deixa escorrer uma materia opaca semelhante a pus. O pus, a principio infiltrado, póde reunir-se em um ou mais fócos, e formar abcesso.

Symptomas. Febre, calefrios, ardor no peito. Dôr de peito lancinante profunda, mais ou menos extensa, augmentando durante a inspiração e tosse. Respiração accelerada, oppressão no peito. Tosse frequente, seguida de escarros viscosos, variando de côr segundo a epoca da molestia; côr de ferrugem, de açafrão, de laranja, de tijolo, esverdeados, côr de sumo de alcaçuz ou de cozimento de ameixas seccas. A percussão dá som massiço no lugar affectado : a auscultação faz ouvir o fervor crepitante no começo da molestia, que cessa quando a inflammação está mais adiantada. O pulso é mais ou menos forte e frequente; bate 100 a 120 vezes no adulto; 120, 140 e mesmo 180 nas crianças; nas pessoas idosas é muito irregular. O thermometro centigrado, applicado na axilla, marca no primeiro dia 39° ou alguns decimos mais; o calor continua a augmentar nos dias seguintes a 40°,8 e 41°,2. (No estado de saude o thermometro marca, termo médio, 37°,27). Os outros symptomas são : Cephalalgia, insomnia, agitação, diminuição de forças, delirio. Se o doente deve sarar : pelle humida, os escarros céssão de ser sanguinolentos, são esbranquiçados; diminuição da febre e da pontada, reapparição do fervor crepitante. No caso contrario, persistencia e aggravação dos symptomas; respiração mais constrangida, rosto livido; suor viscoso; escarros de côr rubra-escura, esfriamento das extremidades, pulso cada vez mais fraco, irregular; estertor tracheal.

Nas pessoas idosas a pneumonia é muitas vezes complicada com symptomas adynamicos. Em alguns casos existe em *estado latente*, sem febre, sem tosse, sem dôr de peito, sem expectoração, e não se póde conhecer senão pela percussão ou auscultação. Percutindo-

-se o peito, acha-se som massiço; applicando-se o ouvido sobre o peito raras vezes se ouve a crepitação, porém sim, um som de gargarejo.

Nos recem-nascidos e *nas crianças até um anno de idade,* a expectoração falta completamente. Os symptomas que annuncião a pneumonia n'esta idade são : tosse, acceleração dos movimentos respiratorios, dyspnea, expiração rapida, gemente, com dilatação das ventas, seguida de inspiração passiva e de um tempo de repouso, fervor crepitante no peito.

Tratamento. Se n'um adulto affectado de pneumonia o pulso bate menos de 120 vezes por minuto, se a dyspnea é pouca, administrar a infusão de flores de malvas, fria para bebida ordinaria, e dar uma colher *de sopa,* de 2 em 2 horas, da poção de digital de Jaccoud 416. Se ao cabo de dois dias os symptomas não diminuirem, administrar 2 colheres *de sopa,* de 2 em 2 horas da poção contra-estimulante, de Laennec 279. Continuar esta poção durante dois ou tres dias. Este tratamento convem sobretudo ás pessoas idosas e ás crianças de 2 a 7 annos, com a differença de que nas crianças as dóses das poções devem ser menores. Em lugar das colheres *de sopa,* é ás colheres *de chá,* que cumpre administrar o medicamento. — Se a pontada não diminuir, applicar no lugar doloroso 10 bichas ou 2 ventosas sarjadas. — Se a pneumonia começar por grande dyspnea, pulso forte e batendo mais de 120 vezes por minuto, e se o individuo fôr robusto, praticar a sangria, e administrar a poção contra-estimulante de Laennec 279. Evitar, tanto quanto fôr possivel, as sangrias e as bichas nas pessoas idosas e nas crianças. Quando a febre tiver diminuido, applicar um caustico no peito 343, administrar, ás colheres, loock branco 264, ou loock diacodico 264. Xarope de lactucario 247. Xarope de lactucario opiado. Xarope de balsamo de tolú 302. Pilulas expectorantes 506. Combater pelos tonicos os symptomas de anemia que são ás vezes consequencia da pneumonia 807.

Se durante o curso da pneumonia sobrevierem phenomenos adynamicos, empregar ás colheres vinho do Porto, da Madeira, e duas colheres *de sopa,* de 2 em 2 horas, da poção seguinte :

Agua distil. de hortelã	120 gram.	Xarope de quina	30 gram.
Tintura de canella	15 gram.		

Nos recem-nascidos, até 1 anno, infusão de flores peitoraes adoçada com assucar ou xarope de gomma 135. Xarope de ipecacuanha, 8 a 15 grammas 541. Caustico no peito 343. Abster-se das emissões sanguineas.

Nos individuos debeis ou idosos, e quando a pneumonia fôr acompanhada desde o principio de grande prostração, empregar, logo no começo da molestia, a poção alcoolica de Todd 245, e abster-se da digital, do tartaro emetico, e sobretudo das sangrias e bichas.

Pneumonia chronica. Na pneumonia chronica o tecido está endurecido, o orgão tornou-se completamente impermeavel. A sua côr exterior é cinzenta, avermelhada ou preta. A pneumonia chronica póde succeder ao estado agudo, mas de ordinario torna-se chronica desde o principio.

Symptomas. Escarros brancos, pouca ou nenhuma febre, dôr nulla, som massiço do peito, fervor mucoso, ausencia total do murmurio respiratorio.

Tratamento. Vomitorio de tartaro emetico 278. Preparações de scilla 723. Emplasto de pez de Borgonha no peito 82. Causticos 343

Caldas sulfurosas 184. Regimen tonico, vinho, alimentação corroborante.

PODAGRA. V. Gota.

PODRIDÃO DE HOSPITAL. Gangrena que sobrevem nas feridas ou nas ulceras, nos hospitaes, quando o ar está alli corrompido pelo grande numero de doentes ou por qualquer outra circumstancia. Principia pela mudança no aspecto da ferida, excavação central com margens côr de vinho, ou formação de uma pellicula esbranquiçada; e acaba, se não se atalhão os progressos, pela destruição da pelle, dos musculos, dos tendões, etc.

Tratamento preservativo. Destruir os miasmas com chlorureto de cal 381, com agua de Labarraque 383, com agua phenica 158, com fumigações guytonianas 374; separar os doentes, recommendar muitissimo asseio; preservar as feridas do contacto do ar.

Tratamento curativo. Cauterizar as feridas com acido sulfurico concentrado 162, nitrato acido de mercurio 611, com pedra infernal, com ferro incandescente. Depois da cauterização curar as feridas com pannos molhados em agua e vinagre, em agua phenica 158, essencia de terebinthina 760, sumo de limão, com mistura de pós de camphora, carvão e quina, com solução de perchlorureto de ferro 469, com glycereo phenico 158, com solução de chlorureto de cal 381, com agua de creosota 407.

POLKA. Nome que se deo no Rio de Janeiro a uma febre rheumatica que alli atacou grande numero de pessoas em 1846, cujos symptomas erão : febre, dôres nas juntas, cephalalgia, fastio, cansaço geral, e, em algumas pessoas, erupção cutanea semelhante ao sarampo. A febre durava de um a quatro dias; os doentes restabelecião-se todos; mas sentião dôres e fraqueza extrema muitas semanas ainda depois do desapparecimento da febre. Esta molestia appareceo tambem no mesmo anno na Bahia e nas outras cidades do Brasil; precedentemente tem grassado epidemicamente nas Antilhas, Nova-Orleans, Perú, Bogota, Senegal, Egypto, Indias orientaes, etc. É propria, sobretudo, ás regiões intertropicaes; comtudo appareceu em Hespanha, na cidade de Cadix, em 1864. Differentes nomes lhe forão dados n'estes diversos paizes : *febre rheumatismal*, *escarlatina rheumatica*, *febre eruptiva*, na India; *colorado* nas colonias espanholas; *dengue*, *girafa*, nas Antilhas francezas; *polka*, no Rio de Janeiro; *patulca*, na Bahia, etc.

Tratamento. Nos casos leves, administrar um purgante 804; nos casos intensos, emetico 278, ou ipecacuanha 540. Applicar sinapismos nos lugares dolorosos. Friccionar os mesmos lugares com balsamo tranquillo 309, com linimento terebinthinado e camphorado 762. Opio contra as dôres 638. Na convalescença, alimentação restauradora, vinho generoso, vinho de quina 684. Rhuibarbo contra o fastio 695.

POLLUÇÕES NOCTURNAS. Evitar os excessos venereos ou a masturbação, se as polluções provém d'estas causas. Se são devidas á continencia ou ao temperamento ardente, aconselhar o regimen vegetal e lacteo, e impedir a excitação moral ou physica; dormir deitado de um dos lados e não de costas. Se as polluções dependem da fraqueza dos orgãos genitaes, é indicado o regimen analeptico, vinho generoso, gengibre, canella, comidas temperadas, exercicio. Parece que os banhos frios, os banhos do mar, deverião ter uma acção favoravel sobre esta fraqueza local, mas mostra a experiencia que não impedem as perdas seminaes, e debilitão, pelo contrario, a economia 'á demasiado fraca : por conseguinte não se podem

aconselhar em todos os casos. Convem só limitar-se ás abluções das partes genitaes com agua fria, aos clysteres d'agua fria e ao gelo internamente. Ha entretanto individuos a quem os banhos frios aproveitão. Regrar o appetite venereo, e dar-lhe pelo matrimonio uma direcção normal. O casamento cura as polluções. Elixir de Stoughton 142. Copahiba 400. Terebinthina 756. Oleo essencial de terebinthina 760. Cúbebas 407. Mistura balsamica de Niemann 402. Tannino 752. Alumen 258. Pós adstringentes 255. Vinho de quina 684. Tintura de Marte tartarizada 475. Sulfato de magnesia na dóse de 8 grammas antes de se deitar 585. Fazer no hypogastro e perineo, ao deitar-se, applicações de pannos molhados em agua fria e vinagre. As mesmas fomentações na região occipital. Vesicatorios com cantharidas na região lombar 343.

POLYDIPSIA. Sêde excessiva. V. DIABETES e FLUXO DE OURINA.

POLYPO. Excrescencia carnosa, fungosa, fibrosa, etc., que póde desenvolver-se sobre todas as membranas mucosas, mas que se observa com mais frequencia nas fossas nasaes, no utero ou na vagina. — Ligadura. Excisão. Arrancamento. Torsão. V. NARIZ e UTERO.

POLYURIA. V. FLUXO DE OURINA.

PONTADA. Dôr pungitiva em algum ponto das paredes thoracicas. Ás vezes é rheumatica (v. *Pleurodynia*), outras vezes depende da inflammação da pleura (v. *Pleuriz*).

PORRIGO ou *Finha*. V. TINHA.

Porrigo decalvans. V. *Pellada*.

POSTEMA. V. ABCESSO.

PRESBYOPIA. Vista confusa quando se olha para as cousas de perto, e clara quando dirigida a objectos mais ou menos afastados. — Usar de oculos com vidros convexos. V. OCULOS.

PRIAPISMO. Tensão permanente e dolorosa do membro viril, sem desejo venereo. — Regimen lacteo e vegetal. Bebidas acidulas e frias. Soro de leite 733. Amendoada 264. Banhos mornos e prolongados. Pilulas camphoradas 331. Clysteres de linhaça 560. Afastar todos os objectos que possão excitar os sentidos.

PRISÃO DE VENTRE. Clysteres com agua morna simples ou misturada com azeite doce. Clysteres purgativos 586, 730, 743. Regimen composto principalmente de vegetaes. Comer fructas. Usar de leite, de café com leite. Beber um copo d'agua fria pela manhã. Passear para fazer exercicio. Regrar as horas das evacuações, isto é, sentar-se na banca todos os dias ás mesmas horas, quer se sinta a necessidade, quer não. Banhos mornos geraes. Suppositorio de sabão ou de manteiga de cacáo no recto 120. Purgantes 804, e sobretudo : 1 a 3 pilulas de aloes 253, meia colher *de sopa* de magnesia calcinada 581 ; 1 a 3 pilulas de gomma-gutta 508 ; 60 gram. de azeite doce com assucar ; 2 a 3 pilulas escossezas 254 ; um copo d'agua de Sedlitz 227 ; 3 colheres *de sopa* de mostarda branca em meio copo d'agua fria 618. Estas substancias tomão-se de vez em quando pela manhã, em jejum.

PROLAPSO DO RECTO, UTERO, VAGINA. V. QUEDA.

PROLAPSO DA UVULA. V. UVULA.

PROSOPALGIA. V. NEVRALGIA FACIAL.

PROSTATA. A prostata é um corpo carnudo, glanduloso, do volume de uma noz, e de fórma conoide, situado por traz do collo da bexiga e por diante do recto. As *molestias da prostata* são :

1° **Hypertrophia da prostata**. Augmento da prostata, sem alteração da sua textura.

Symptomas. Vontade frequente de ourinar; o jacto de ourina sahe bifurcado ou em espiral; ás vezes interrompe-se subitamente; calor no collo da bexiga; depois da defecação, parece ao doente que ficárão ainda materias no recto; ás vezes retenção ou incontinencia de ourina. Introduzindo o dedo no recto, póde sentir-se a inchação se é consideravel.

Tratamento. Fricções no perineo com pomada de iodureto de potassio 538, com unguento mercurial 600. Clysteres de linhaça 560. Purgantes 804. Bichas no anus. Banhos do mar. Catheterismo segundo as necessidades do doente.

2° **Inflammação da prostata** ou **Prostatite.** *Aguda.* Dôr no perineo, vontade frequente de ourinar. Se a inflammação deve terminar por abcesso, ha febre, sêde, fastio, peso no anus, ás vezes retenção de ourina. — Sanguesugas no perineo, semicupios d'agua tepida, clysteres de cozimento de linhaça 560, cataplasmas de linhaça no perineo 560, cataplasma interna de farinha de linhaça 561, ou de pó de althea 257. Se se formar abcesso, abri-lo com bisturí, depois de introduzida previamente a sonda metallica no canal da urethra. É preciso abrir estes abcessos mui cedo, para prevenir a extravasação do pus entre as aponevroses do perineo.

Chronica. Vontade frequente de ourinar; sensação de queimadura quando o doente principia e quando acaba de ourinar; peso no perineo; corrimento pela urethra de liquido viscoso, transparente, analogo á clara de ovo. — Banhos do mar. Fricções no perineo com pomada de iodureto de potassio 538. No caso de corrimento urethro-prostatico, cauterizar levemente a porção prostatica da urethra com sonda munida de azotato de prata.

PRURIGO ou **Coceira.** Molestia de pelle caracterizada pelo prurido mais ou menos intenso, e por elevações miudas da epiderme (*papúlas*), sem mudança de côr da pelle, isoladas, cobertas accidentalmente de pequena crosta negra central, devida a uma gotta de sangue coagulado. — Banhos mornos. Lavatorios com agua fria, com agua fria e vinagre, com vinagre puro, com solução de sublimado (sublimado corrosivo 20 centigrammas, agua 300 grammas), com agua phenica 158. Banhos d'agua tepida com 125 grammas de sub-carbonato de potassa 347, banho gelatinoso 493, com polvilho 670. Unturas com banha de porco. Limonadas de limão, laranja, tamarindos. Regimen vegetal. Leite. Abstinencia de bebidas espirituosas. Lavatorios com agua e sabão. Pomada antidartrosa de Biett 349. Pomada d'Helmerik 348. Banhos do mar. Banhos sulfurosos 746.

Prurigo do anus ou **da vulva.** Untura com glycerina 501. Lavatorio com solução de borax 313. Lavatorio anti-pruriginoso 349.

PSOITE. Inflammação do musculo psoas, caracterizada pela dôr na região lombar, a qual se propaga até á virilha e parte superior da coxa, e augmenta pelos movimentos do membro; febre, e impossibilidade de andar. Se se formar abcesso, o pus vem formar um tumor na virilha, na região do pequeno trochanter, ás vezes na região lombar. — Sanguesugas. Semicupios d'agua tepida. Cataplasmas de linhaça 560. Abrir o abcesso.

PSORIASE ou **Figado.** Molestia de pelle, caracterizada por manchas salientes, cobertas de escamas duras, côr de madreperola. Situação nos membros, na vizinhança das articulações, na palma das mãos, no prepucio, nas palpebras. — *Internamente :* Copahiba na dóse de 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) por dia 400. Cozimento de salsaparrilha 710. Tintura de cantharidas 342. Pilulas de alcatrão 240. Purgantes 804. Arsenito de potassa 287. — *Externamente :*

Banhos geraes d'agua morna simples. Banhos do mar. Banhos com sulfureto de potassio 746. Banhos de vapor. Banhos com gelatina 493. Pomada de alcatrão 241. Pomada de iodureto de enxofre 535. Oleo de cade 628. Pomada alcalina opiada 348 e outros meios indicados no tratamento das *Molestias de pelle* em geral.

PTERYGIO ou **Unha do olho.** Engrossamento de uma parte da conjunctiva, que apparece ordinariamente no angulo interno do olho (mui raras vezes no externo); tem a fórma de um triangulo cuja base fica voltada para a caruncula lagrimal, e o apice dirige-se do lado da cornea, ou estende-se mais ou menos sobre esta membrana. — Quando é incipiente, quando ainda não tem invadido a cornea, desapparece ás vezes pela cauterização quotidiana com pedra infernal, pela applicação, todos os dias, de uma gotta da solução de perchlorureto de ferro a 30° 467, ou de acetato de chumbo em pó fino 145. Quando está desenvolvido, todos os collyrios e applicações adstringentes são inuteis; convem não perder tempo e recorrer á operação. Consiste esta, em destacar o pterygio da cornea e da esclerotica até á base, despregar com um gancho a conjunctiva em cima e em baixo até á outra metade do globo, para fazê-la escorregar mais facilmente, e reunir melhor os labios da ferida, os quaes se ligão por um ou dois pontos de sutura; a parte superior e inferior da cornea, logo depois da operação, fica coberta pela conjunctiva, que em poucos dias volta ao seu estado anterior; o pterygio revirado desapparece bem depressa atrophiando-se. O curativo consiste em applicações contínuas de panno molhado em agua fria. — Foi proposta a excisão, mas a extirpação do pterygio em sua totalidade deve ser abandonada, porque dá lugar á formação da cicatriz, que embaraça os movimentos do olho. Qualquer operação que se faça, convem que a conjunctiva fique intacta.

PTYALISMO MERCURIAL. V. SALIVAÇÃO MERCURIAL.

PULMONITE. Synonymo de pneumonia. V. PNEUMONIA.

PURGAÇÃO. V. BLENNORRHAGIA e LEUCORRHEA.

Purgação pelo ouvido. V. OTITE CHRONICA.

PURPURA ou **Tabardilho.** 1° **Purpura simples.** Erupção na pelle de manchas de côr e feição de mordeduras de pulgas, ás vezes muito maiores, não desapparecendo debaixo da pressão do dedo; sem calor, sem dôr, nem prurido. Desapparecêm espontaneamente passados alguns dias; convem usar de limonada de limão, de laranja, e de um regimen tonico.

2° **Purpura hemorrhagica** ou *Molestia de Werlhof.* Manchas mais largas do que as precedentes com tumores sanguineos e extensas ecchymoses, precedidas de calefrios, cephalalgia e febre. Nos casos graves as hemorrhagias cutaneas são acompanhadas das hemorhagias internas : dos epistaxis, hemoptyse, vomitos sanguineos, hemorrhagia do interior da bocca, etc. — Limonada sulfurica 163. Agua de Rabel 163. Poção com perchlorureto de ferro 469. Vinho de quina 684. Tannino 752. Regimen corroborante. Sobrevindo hemorrhagia nasal, empregar o tratamento indicado no artigo *Epistaxis.* Contra a hematemese, poção aluminosa 258, e pannos molhados em agua fria sobre o ventre; contra a hematuria, preparações de tannino 752. Manter o doente n'uma posição horizontal para prevenir as syncopes.

PUSTULAS. Elevação da epiderme, inflammada na base, cheia de pus, e apresentando a fórma de botão branco. As molestias caracterizadas por pustulas, são : bexigas, vaccina, ecthyma, impetigo, acne, mentagra e tinha.

PUSTULA MALIGNA. Molestia de natureza gangrenosa, transmittida ao homem pelo boi ou por outros animaes domesticos. Esta molestia é causada tambem pelas picadas de moscas que pousárão sobre animaes mortos de carbunculo ou de outra affecção de natureza analoga. Principia por um ponto semelhante á mordedura de pulga, que causa calor e comichão; seguida logo de uma pequena phlyctena que se abre, e por baixo da qual está um pequeno tuberculo livido do tamanho de uma lentilha; a areola, que o rodeia, alarga-se, toma côr escura; a dôr, a comichão e a inchação augmentão; formão-se novas phlyctenas, e o tuberculo central transforma-se em mancha verdadeiramente gangrenosa: o mal invade primeiro o tecido cellular, depois os musculos e todas as partes profundas. — Cauterização com massa caustica de Vienna 674, ferro incandescente, ou com causticos liquidos, como o acido sulfurico concentrado 162. Antes da cauterização, é bom fazer a incisão crucial, afim de tornar a applicação do caustico mais immediata. Applicar depois sobre o lugar affectado unguento de Arceus 759, e fazer lavatorios com solução de chlorureto de cal 381. Applicar folhas de nogueira, frescas, reduzidas pela trituração a massa, e applicadas de 3 em 3 horas 624, ou folhas de nogueira da India 625. Se se manifestarem symptomas adynamicos, como frequentemente acontece, recorrer internamente á camphora, á quina, ao acetato de amoniaco e aos outros tonicos 807, e estimulantes 798.

PUSTULAS VENEREAS. Tumores chatos, arredondados, humidos ou seccos, que se desenvolvem pelo corpo exteriormente, no anus ou nas partes genitaes, nas pessoas atacadas de syphilis. Reclamão o tratamento interno da *syphilis*.

PUXOS. V. Diarrhea.

PYELITE. Inflammação dos calices e dos bassinetes dos rins. O tratamento é o mesmo que o da *nephrite*.

PYROSE. Sensação ardente que sobe do estomago á garganta; acommette principalmente as pessoas que se alimentão de substancias gordas, de alimentos fritos, de salgados, de queijos velhos e de outras substancias irritantes. — Remover as causas. Diminuir a quantidade de alimentos. Regimen lacteo e vegetal. Magnesia calcinada 581. Rhuibarbo 695. Sub-azotato de bismutho 735.

QUADRIL (**Dôr de**). V. Coxalgia.

QUEBRADURA. V. Hernia.

QUÉDAS. A quéda forte é acompanhada ordinariamente do sentimento de pasmo e de estupor que dura ainda alguns instantes depois do accidente; mesmo durante a quéda tem-se a percepção de faiscas luminosas. Sendo a quéda grande, determina a perda dos sentidos por alguns instantes, e muitas vezes durante mais tempo. Estes phenomenos são occasionados pela commoção do cerebro. Póde haver tambem commoção da medulla espinhal, que, no mais alto grão, é caracterizada pela paralysia dos membros inferiores e da bexiga, e pela difficuldade de respirar. O *tratamento* das quédas é o seguinte:

Fazer respirar vinagre ou agua de Colonia; dar a beber um calix de vinho, agua com assucar ou chá da India. Se o pulso estiver fraco, a pelle fria, e a perda dos sentidos completa, fazer fricções pelo corpo com baeta, cobrir o doente com cobertores de lã, applicar sinapismos nas pernas 616, dar-lhe a beber vinho quente com assucar ou chá de folhas de laranjeira. Logo que o pulso adquirir força; praticar a sangria do braço, *no caso de quéda grave*. Todavia, em individuos fracos, bastará a applicação de algumas bichas atraz

das orelhas. Nas quédas simples, o repouso, e chumaços embebidos em agua fria, sobre o lugar contuso, e renovados frequentemente, são os unicos meios que se devem empregar não havendo complicação.

Quéda do cabello. V. ALOPECIA.

Quéda da palpebra ou **Blepharoptose.** V. PALPEBRA (*Quéda da*).

Quéda do recto. V. RECTO.

Quéda do utero. V. UTERO.

Quéda da vulva. V. VULVA.

Quéda da vagina. V. VAGINA.

QUEIMADURA. 1° Queimadura pelo fogo. *Tratamento geral.* Applicar sobre a cabeça pannos molhados em agua fria. Opio 636, se houver dôr e espasmo. Tonicos e excitantes, como o vinho, ether, chá de hortelã, chá da India bem quente, se houver prostração, se o pulso estiver fraco ou as extremidades frias.

1° gráo (*Rubefacção*). Applicar algodão cardado, raspas de batatas, ou linimento calcareo 326.

2° gráo (*Vesicação*). As empolas devem ser abertas com alfinete ou agulha, mas não se deve tirar a epiderme. Applicar algodão cardado, ou panno untado com ceroto simples 72, glycereo de amido 502, glycerina 501, linimento calcareo 326, azeite doce, oleo de amendoas doces 627, ceroto opiado 641, balsamo tranquillo 309.

3° gráo (*Desorganização de uma parte do corpo papillar da pelle*). Algodão cardado. Applicação de chumaço fenestrado, untado com ceroto 72, e por cima d'elle fios seccos ou embebidos em agua de Labarraque 383. Quando as escaras cahirem, curar a chaga como fica dito no 2° gráo.

4° gráo (*Combustão completa do derma*). Os meios precedentes convem ainda n'este gráo. Pôr a parte queimada em tal situação que as margens da ulceração fiquem afastadas umas das outras. Impedir, por meios mecanicos, que as cicatrizes produzão a occlusão das aberturas naturaes do corpo, ou que tornem difficeis os movimentos das partes. Cauterizar as carnosidades com pedra infernal.

5° gráo (*Combustão dos tecidos até aos ossos*). O mesmo tratamento.

6° grão (*Carbonização de todo o membro*). Amputação.

2° Queimadura pelas substancias causticas (*acido sulfurico, acido nitrico, acido chlorhydrico, fluor, potassa, soda, ammoniaco, agua de Javel*, etc.). Lavar com agua fria e depois applicar algodão cardado.

Queimadura do olho pelo fogo. Applicar sobre o olho pannos molhados em agua fria, que se devem renovar frequentemente; e mais tarde cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461.

Queimadura do olho por liquidos a ferver ou pela cal. Lavar o olho com agua, ou leite frio. Depois, applicar no olho pannos molhados em agua fria no primeiro dia, e nos dias seguintes pannos molhados em agua morna, e mais tarde cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461.

Queimadura das palpebras. Estando queimadas as margens das palpebras, deve receiar-se a sua reunião. Para preveni-la, o doente deve ter os olhos abertos o mais tempo possivel; deve-se interromper o somno, e apartar as palpebras todos os dias com um instrumento rombo. Se houver perda de substancia nas palpebras, sobrevem, depois da cicatrização, o viramento da palpebra para fóra (*lagophthalmia*); para cura-lo, é preciso recorrer á blepharoplastia.

QUEIMADURA PELO SOL. *Se fôr pouco intensa* : lavatorios com agua fria, bebidas acidulas frias. *Se fôr violenta* e provocar a congestão cerebral : purgantes 804, dieta, repouso, sangria.

QUIGILA. V. GAFEIRA.

RACHA DO ANUS. V. FISSURA.

Rachas dos beiços, mãos, pés, etc. Unturas com oleo de amendoas doces 627, com glycerina 501, com coldcream 440, com ceroto simples 72, com pomada labial 701. Polvilho. Leve applicação de pedra infernal.

Rachas do bico do peito. Toca-las com pedra infernal. — Cobrir o bico com tintura de benjoim por meio de um pincel; pela evaporação do alcool, o benjoim depõe-se sobre a racha, e faz com que a pequena ferida se cicatrize, abrigando-a do contaco do ar. Não tendo o benjoim propriedade nociva, não é necessario tira-lo quando se faz mamar a criança. Immediatamente depois de ter ella deixado o seio, applica-se nova camada de tintura de benjoim. — Se este meio não fôr sufficiente, cobrir o bico com a pellicula da tripa de carneiro (*baudruche*, em francez); faz-se pegar a pellicula com o collodio elastico, que não se dissolve nem na agua, nem no leite, nem na saliva da criança. A pellicula deve ter muitos furos ao nivel do bico do peito, para deixar passar o leite; os furos fazem-se com a ponta de alfinete. Quando se apresenta o peito á criança, molha-se a pellicula com agua. Este meio é melhor do que a applicação do bico do peito artificial, que ordinariamente as crianças não querem tomar.

RACHITISMO. Molestia propria á infancia, caracterizada pela alteração na direcção, comprimento, volume e estructura dos ossos, com enfraquecimento da constituição. — Regimen exclusivamente lacteo para as crianças de peito, aleitamento preferivel a qualquer outra alimentação, nada de carnes e de sopas gordas. Habitação no campo, em lugar elevado e exposto ao sol. Mais tarde, depois de desmamada, a criança usará de caldos substanciaes, carnes assadas, ovos, vinho. Oleo de figado de bacalháo internamente e em fricções 631. Xarope de lacto-phosphato de cal 554. Medicamentos tonicos 807. Xarope de pyrophosphato de ferro 472, uma colher *de sopa*, 2 vezes por dia. Phosphato de cal 662. Ferro reduzido 463. Lupulo 564. Agua de cal 326. Centaurea menor 360. Banhos frios de rio ou do mar. Banhos aromaticos quentes 444. Dormir em colchões feitos com plantas aromaticas, como sejão : alfazema, alecrim, salva, feto macho, etc. Habitação no campo. Meios gymnasticos e orthopedicos.

RAIO. O tratamento das pessoas assombradas pelo raio consiste em esfregar o espinhaço com vinagre ou agua de Colonia; applicar sinapismos nas pernas e braços 616; dar a cheirar vinagre, metter sal na bocca, e, se o rosto estiver vermelho, praticar a sangria no braço.

RAIVA. Reunião dos phenomenos que resultão no homem muitas vezes, *mas nem sempre*, da mordedura dos animaes damnados, do cão damnado sobretudo, e depende do virus depositado pela saliva na ferida feita pela mordedura. No individuo mordido por um cão damnado, a ferida nada offerece de particular, e cicatriza-se como se fôra feita por um animal são. Mas ao cabo de 30 a 40 dias, ás vezes antes, outras vezes depois, apparecem de repente os symptomas da molestia. Não ha exemplo authentico de que estes se mostrem passado um anno. A molestia principia por dôres de cabeça, insomnia, agitação. O enfermo sente depois suffocação, e a constricção na garganta, d'onde vem a impossibilidade de engulir qualquer liquido, chamada impropriamente *hydrophobia*. Não póde tambem supportar claridade. O maior numero dos doentes tem delirio, hallucinações; alguns são furiosos e querem morder, mas estes são em

pequeno numero; outros são affectuosos e pedem perdão dos seus furores. Embaraça-se a respiração; enche-se a bocca de saliva espumosa, o pulso torna-se pequeno e frequente; a sêde é viva; sobrevem soluços, ás vezes convulsões; os labios fazem-se azues, e a vida extingue-se antes do quinto dia, por suspensão da respiração.

Tratamento. Para prevenir a raiva, cumpre destruir, quanto antes, o veneno no lugar em que foi depositado (v. *Mordeduras de animaes damnados*). Raras vezes póde curar-se a molestia; depois de declarada; existem, todavia, exemplos de cura espontanea ou produzida pelos medicamentos, mas são raros. Os medicamentos propostos contra a raiva declarada são : Fricções com pomada de belladona no pescoço ou nas pernas 308, fricções com linimento opiado 641, com linimento camphoro-opiado 641; banhos geraes mornos. Clyster chloruretado 383. Clyster d'assafetida 290. Podendo o doente engulir, administrar as poções com alcali volatil 265, almiscar 252, castoreo 357, acido phenico 158, sulfato de quinina 739. Foi tambem aconselhada a electricidade por meio de um dos apparelhos indicados nas pag. 423 a 434. Um pólo applica-se no pescoço, e o outro nos pés. O curare foi tambem empregado em injecções sub-cutaneas, mas sem resultado 409.

Signaes do cão damnado. Torna-se triste, evita a claridade, busca a solidão, perde o appetite; obedece ainda, mas lentamente, á voz que o chama; fica encolhido, com a cabeça escondida entre as patas anteriores. Depois torna-se inquieto, muda muitas vezes de lugar, e agita-se continuamente. O olhar torna-se estranho, a attitude sombria e suspeita; vai de uma pessoa a outra; olha para cada uma d'ellas, e parece pedir um remedio ao mal que sente. É erro crêr de que o cão damnado tem horror á agua. Chegado a certo periodo da molestia, o cão damnado tem os musculos da guela paralyzados e não póde engulir; mas no começo da molestia bebe, e mesmo com muita avidez, a agua que se lhe apresenta. Tem a voz mudada. Quando ladra, principia pelo latido ordinario, que termina de repente em um huivo de cinco a oito tons mais elevados que a principio. Este huivo tem alguma relação com o canto do gallo. Passados dois ou tres dias, deixa a casa do dono, abaixa a cabeça, erriça o pelo, aperta a cauda entre as pernas, e com os olhos fitos e luzidios, a bocca aberta, d'onde sahe a lingua azulada, corre desatinadamente; a carreira é mal segura, ora languida, ora precipitada, e ás vezes aos saltos. De tempos a tempos experimenta accessos de furor, morde tudo o que encontra, mas com preferencia os outros cães. Morre paralyzado um ou dois dias depois de ter deixado a casa do seu dono. — Um meio certo de conhecer se o animal suspeito está verdadeiramente damnado, consiste em fecha-lo e dar-lhe de beber e comer : se está damnado, não tardará a succumbir; no caso contrario, conservar-se-ha bom.

RANULA. Tumor que nasce debaixo da lingua, junto ao freio. — Excisão do tumor.

RASGADURA DO PERINEO. Póde-se prevenir este accidente, durante o parto, sustentando, com a mão o perineo durante a passagem da cabeça e das espaduas da criança. Se apezar d'isto o perineo se rasga, se a ferida é pequena, sara por si com o emprego de banhos d'agua morna. Mas quando a laceração se estende até ao anus, é preciso recorrer á sutura.

RECTO (**Cancro do**). V. pag. 908.

Recto (**Corpos estranhos no**). Os corpos estranhos no recto vem de fóra, ou formão-se quer n'este intestino, quer em algum outro

lugar do tubo digestivo. Entre os primeiros, uns forão engulidos e parárão no recto depois de percorrerem o tubo digestivo; outros forão introduzidos directamente pelo anus. Occasionão dôr ou incommodo; depois sobrevem inflammação e prisão do ventre. A introducção do dedo no recto é o melhor meio para verificar a sua presença.

Tratamento. As materias fecaes endurecidas extrahem-se com o dedo ou o cabo de colher; ás vezes é necessario quebra-las e extrahi-las por fragmentos. Se ficarem restos de pequeno volume, um purgante de oleo de ricino basta para desembaraçar completamente o intestino. Outros corpos extrahem-se com pinça. Ás vezes é preciso quebra-los para extrahi-los aos pedacinhos. Uma sanguesuga, que penetrasse no recto, seria expulsa com um clyster d'agua fria tendo em dissolução uma colher *de sopa* de sal de cozinha.

Recto (Degenerescencias vasculares, esteatomatosas, fibrosas do). Extirpa-las, se causão grande incommodo.

Recto (Estreitamento do). *Causas.* Inflammações, abcessos, ulcerações syphiliticas e outras, blennorrhagia anal, cancros, polypos, etc. — *Tratamento.* Clysteres de cozimento de linhaça 560, clysteres purgativos 586, 730, 743. Semicupios d'agua tepida. Dilatação com mechas de fios, de que se augmenta gradualmente o volume. Rasgar o intestino com os dois pollegares introduzidos no intestino, do mesmo modo que se procede para curar a fissura do anus. Fazer pequenas incisões á direita e esquerda.

Recto (Inflammação do). É caracterizada pelos puxos frequentes, corrimento de liquido amarellado, ás vezes misturado com sangue. Parece ao doente que uma porção de massa consideravel tende sem cessar a sahir do anus. — Clysteres de cozimento de linhaça 560. Semicupios d'agua tepida. Diminuir a quantidade das comidas, para tornar as evacuações menos frequentes.

Recto (Polypos do). Ligadura, excisão, arrancamento, torsão.

Recto (Prolapso, Quéda ou Sahida do). Reduzir o tumor, lavar o anus com agua fria, comprimir com um tampão de fios sostido pela ligadura em fórma de T. Nas crianças mui jovens, soster o anus, no momento da defecação, com dois dedos apartados, para impedir a sahida do intestino. Para impedir a volta do prolapso, empregar, duas ou mais vezes por dia, lavatorios com agua fria, com agua misturada com vinagre, com solução de alumen 258, com infusão de ratanhia, fria, 692; untar o anus com pomada de tannino 754. Estes meios são sufficientes nas crianças. Nos adultos, quando o prolapso se tornou permanente, aconselhão cauterizar a membrana mucosa do recto com ferro em brasa. Depois da cauterização, formão-se cicatrizes, que tornão mais estreito o recto, e impedem a sua sahida. Esta operação, porém, não é infallivel, e póde occasionar inflammação grave. É melhor recorrer á excisão das rugas do anus.

RELAXAÇÃO DA UVULA. V. UVULA.

RENDIDO DAS VIRILHAS. V. HERNIA.

RESFRIADO. V. CONSTIPAÇÃO.

RESICAÇÃO DE VENTRE. V. PRISÃO DE VENTRE.

RETENÇÃO DE OURINA. Accumulação de ourina na bexiga. — Remover as causas. Se a retenção de ourina provier da inflammação da bexiga, empreguem-se cataplasmas de linhaça 560, banhos mornos, e clysteres de linhaça 560. Se a causa da retenção fôr o estreitamento ou a occlusão do canal da urethra, faça-se uso dos meios indicados contra esta ultima molestia. Nas febres graves, nas

inflammações do cerebro, da medulla espinhal, a ourina fica retida na bexiga : é preciso evacua-la por meio da sonda. A retenção espasmodica cede aos banhos mornos prolongados. Se ella depender da paralysia da bexiga, recorra-se á medicação aconselhada contra esta molestia. Mas, em todas as retenções de ourina, a primeira indicação a preencher consiste em evacuar a bexiga pelo catheterismo; e sendo isso impossivel, pratique-se a puncção no hypogastro ou no perineo. V. *Paralysia da bexiga.*

RETINITE. Inflammação da retina. A retina e a mais interior das membranas do olho, membrana nervosa, delgada, meio transparente, collocada entre o corpo vitreo e a choroide; é o orgão essencial da percepção luminosa. Quando inflammada, a retina perde a transparencia; examinada com o ophthalmoscopio apresenta chapas esbranquiçadas, ou pontos pretos de distancia em distancia. A causa da retinite é ordinariamente um estado pathologico que acommette todo o organismo (diabetes, albuminuria, debilidade geral). É caracterizada pela dôr viva no fundo da orbita, photophobia intensa, espectros luminosos coloridos de vermelho, verde ou amarello; vista turva. — Sanguesugas nas fontes; tartaro emetico em alta dóse 279. fricções com pomada mercurial opiada 601. Não cançar os olhos com leituras prolongadas. Lavar os olhos com a infusão de folhas de meimendro 596.

RHAGADIAS. Gretas ou ulceras longas e estreitas que occupão os intersticios das rugas do anus, e que procedem do virus syphilitico. — O tratamento externo das rhagadias é o mesmo que o dos *Cancros venereos*, e o interno o mesmo que o da *Syphilis.*

RHEUMATISMO ARTICULAR. Agudo. Molestia primitiva e espontanea, caracterizada pela dôr, inchação e ás vezes vermelhidão de uma ou mais juntas, com febre intensa. Corre de uma á outra articulação, e regressa ás que já forão occupadas. A mobilidade das dôres do rheumatismo articular agudo, distingue esta molestia da arthrite. O rheumatismo articular agudo é muitas vezes acompanhado de pericardite ou endocardite, ás vezes de pleuriz e meningite.

Tratamento. Nos *casos intensos,* administrar no primeiro dia a poção contra-estimulante de Laennec 279, duas colheres *de sopa* de 2 em 2 horas. No segundo dia cessa-se o uso da poção; mas repete-se no terceiro, se a febre e as dôres tiverem quasi a mesma vivacidade que no dia primeiro. Com o uso do tartaro stibiado, que forma a base da poção de Laennec, as pericardites são mais raras. — Nos *casos de mediana intensidade,* recorrer igualmente á mesma poção, mas não administra-la senão durante um só dia. — Nos *casos menos graves,* empregar o sulfato de quinina na dóse de 50 centigrammas a 1 gramma por dia, puro ou misturado com digital, segundo a formula seguinte :

Sulfato de quinina	10 centig.	Digital em pó	5 centig.

Misture, faça 1 papel, e como este mais 17. Para tomar 6 papeis no primeiro dia, outros tantos no segundo dia, e 3 papeis, cada dia, nos dias seguintes.

Para bebida, limonada de limão. Cobrir as juntas affectadas com algodão em rama ou pasta. Sustentar o doente com caldos. Cessada a febre, administrar o vinho de quina, 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia 684. — Emfim, no *rheumatismo agudo leve,* caracterizado pela pouca febre, e poucas dôres, administrar o nitro ou bicarbonato de soda, na dóse de 15 grammas por dia, em 720 grammas de infusão de linhaça, adoçada com assucar. — Se houver insomnia,

dar uma pilula de opio 638, ou fazer injecções sub-cutaneas com chlorhydrato de morphina 643.

Se se manifestar a pericardite, caracterizada pela dyspnéa, anxiedade, ruidos no peito comparados aos que se produzem roçando-se entre os dedos tafetá ou papel, applicar um caustico na região precordial, e recorrer ao tratamento indicado contra esta molestia. Se sobrevierem symptomas de meningite (cephalalgia, delirio, coma), applicar um causticõ na nuca. — Os outros medicamentos aconselhados contra o rheumatismo articular agudo, são colchico 393, veratrina 774, aconito 166. Xarope de lactucario 247. Xarope de lactucario opiado 247. Acido salicylico 160.

Rheumatismo articular chronico. Succede ás vezes ao rheumatismo agudo; em alguns casos, entretanto, o rheumatismo é primitivamente chronico; é caracterizado pela dôr nas juntas, sem inchação nem febre.

Tratamento. Precauções contra as variações atmosphericas. Fricções com opodeldoch 332, com essencia de terebinthina 760, com linimento terebinthinado 762, com linimento terebinthinado e camphorado 762, com linimento ammoniacal camphorado 266, com linimento anti-arthritico 266, com aguardende camphorada 332, com oleo camphorado 328, com balsamo de Fioravanti 759, com balsamo tranquillo 309, com balsamo nerval 614. Maçadura 565. Fumigações com vapores de bagas de zimbro 783, benjoim 310, succino 260. Sinapismos 616. Causticos 343. Curativo dos causticos applicados nas partes affectadas com ceroto opiado 641. Banhos de vapor aquoso. Banho de vapor camphorado 334. Banhos aromaticos 444.

Internamente : Oleo essencial de terebinthina 760. Colchico 393. Opio 638. Meimendro 596. Cicuta 385. Aconito 166. Purgantes 804.

Aguas mineraes quentes, taes como : Caldas no Brasil, na provincia de Minas 195; em Portugal, Caldas da Rainha 197, Vizella 234, Taipas 228, e outras aguas sulfurosas 184; assim como os banhos alcalinos de Vichy 231, Vidago 232, Pedras Salgadas 220.

Rheumatismo nodoso. Fórma do rheumatismo, que não é nem a gota, nem o rheumatismo agudo nem chronico. Esta molestia acommette sobretudo as mulheres depois de 40 ou 50 annos. É caracterizada pelo augmento gradual do volume das extremidades osseas e dos ligamentos que concorrem ás articulações, as dos dedos sobretudo. Principia pelas dôres nas juntas, sem febre nem outros symptomas do rheumatismo agudo. As dôres apparecem por ataques de alguns dias ou de algumas semanas de duração, e cada vez que céssão deixão as extremidades osseas mais inchadas. As articulações, a principio deformadas, deslocão-se mais ou menos completamente, a sua mobilidade torna-se impossivel.

Tratamento. Administrar internamente o iodureto de potassio, na dóse diaria de 50 centigrammas a 1 gramma 537; continuar o medicamento durante dois mezes pelo menos. Externamente, applicar pannos molhados em tintura de iodo 531. Friccionar com essencia de terebinthina 760. Electrizar as articulações com correntes continuas 423. Usar de banhos de *Caldas*, no Brasil na provincia de Minas; em Portugal, Vidago 232, Pedras Salgadas 220; em França, Aix-en-Savoie 186, *Neris* 218, *Vichy* 231.

RHEUMATISMO MUSCULAR. Dôr mais o menos viva, fixa ou erratica, n'um ou em muitos musculos, que augmenta pela contracção dos orgãos affectados. Sinapismo no lugar dorido 616. Fricções com essencia de terebinthina 760, balsamo tranquillo 309, laudano de Sydenham 636. Injecções hypodermicas com chlorhydrato de mor-

phina 643. Maçadura 565. Banhos geraes d'agua morna. Banhos de vapor. Caustico 343. Caldas sulfurosas 184.

RIJEZA ARTICULAR. Combate-se por movimentos forçados da articulação, banhos mornos, e pela maçadura 565.

RINS. Os *rins* são duas glandulas que segregão a ourina. Achão-se situados profundamente sobre os lados das vertebras lombares, atraz do peritoneo. Os seus pequenos canaes vão ter a uma especie de reservatorio commum, chamado *bassinete*, do qual partem dois canaes membranosos, estreitos e mui longos, que conduzem a ourina á bexiga, onde se ajunta e d'onde sahe pelo canal da urethra.

Rins (Abcesso á roda dos). V. pag. 860.

Rins (Calculos nos). V. pag. 904.

Rins (Cancro dos.) V. pag. 908.

Rins (Contusão dos), V. pag. 927.

Rins (Degenerescencia dos). A degenerescencia dos rins observa-se na *albuminuria*. As alterações podem ser mais ou menos profundas. No primeiro gráo, os rins são simplesmente mais volumosos; a sua consistencia é firme, sem dureza, No ultimo gráo; os rins são mais volumosos ou mais pequenos; tem a superficie desigual, o tecido endurecido, e a côr amarella. Para o tratamento, V. Albuminuria.

Rins (Feridas dos). V. pag. 990.

Rins (Hydatidas dos). As hydatidas, isto é, tumores cheios de vesiculas, contendo vermes chamados *echinococos*, podem desenvolver-se no rim, como em todos as outras visceras. A principio, não occasionão symptomas apreciaveis, e só depois de adquirirem certo volume é que produzem dôres na região lombar, e tumor mais ou menos sensivel. Os tumores hydaticos podem abrir-se no reservatorio dos rins chamado *bassinete*, e então as vesiculas são expulsas com a ourina. Se o tumor fôr visivel no exterior, é preciso abri-lo com a potassa caustica. Os echinococos podem tambem morrer espontaneamente, então o kysto transforma-se em materia calcarea, e póde continuar a existir no interior do orgão, sem occasionar accidentes. Quando as vesiculas sahem com a ourina pelo uretér, podem produzir dôres semelhantes ás que existem na colica nephritica. O unico tratamento que se póde applicar, no maior numero d'estes casos, é o tratamento expectante.

Rins (Inflammação dos). V. Nephrite.

ROSEOLA. Erupção cutanea, sem importancia, caracterizada por pequenas manchas roseas de diversas fórmas, no rosto, pescoço, peito e ventre; acompanhada ás vezes de alguma febre; dura de tres a cinco dias. — Cozimento de cevada 366, ou infusão de flores de malva 586, e alimentação moderada.

ROTURA. V. Hernia.

ROUQUIDÃO. V. Defluxo e Bronchite.

RUPIA. Bolhas cheias de liquido seroso, depois purulento e sanguineo, que se transformão em crostas denegridas; ás quaes succedem ulcerações. Situação em diversas partes do corpo; e nas crianças cachecticas, nas extremidades inferiores. — Leite de boa ama para as crianças de peito, ar do campo. Para os adultos alimentação substancial, vinho, ar puro, muito asseio. Tonicos 807. Abrir as bolhas, e cura-las com ceroto simples 72, ou com glycerina 501, com glycereo phenico 158. Se as crostas cahirem, curar as ulceras com fios molhados em vinho aromatico 445, ou polvilha-las com cremor de tartaro 406. Cauterizar as ulceras com pedra infernal.

RUPTURA. Solução de continuidade repentina, susceptivel de sarar quando tem lugar em um musculo, tendão, etc.; ordinaria-

mente mortal se sobrevem na *aorta*, *coração*, *estomago*, *intestino*, *utero*, *bexiga*.

Ruptura da bexiga. Póde ser occasionada pela accumulação excessiva de ourina na bexiga, por pancada, passagem da roda de sege sobre o ventre, ou pela compressão que a cabeça do feto exerce durante o parto. — Introduzir a sonda e deixa-la na bexiga, para dar sahida á ourina, e impedir a infiltração urinaria.

Ruptura dos musculos. É a consequencia de um esforço violento. Póde ter lugar em todos os musculos, mas observa-se sobretudo nos musculos das goteiras vertebraes (*lumbago traumatico*), e nos da barriga da perna. No momento em que o musculo se rompe, o doente percebe um estalo analogo áquelle que produziria uma corda fortemente estirada quando arrebenta, e uma dôr mui viva que se compara a uma pedrada ou a uma chicotada (*coup de fouet*, fr.). — Maçar o lugar dorido, dar ao membro situação tal que os dois extremos do musculo roto fiquem approximados, e exercer sobre todo o membro compressão methodica por meio da atadura enrolada.

Ruptura do perineo durante o parto. V. Rasgadura.

Ruptura dos tendões. Resulta de grandes esforços. O tendão d'Achilles, o tendão da rotula, o musculo plantar delgado e o seu tendão rompem-se frequentemente. É a ruptura d'este ultimo que constitue a variedade de lesão conhecida em francez debaixo do nome *coup de fouet*, chicotada. — A maçadura, o repouso e a posição, bastão para a cicatrização e reunião dos dois extremos do tendão por meio do tecido fibroso.

Ruptura do tendão d'Achilles. Sobrevem principalmente nos dansarinos. É caracterizada pela dôr viva, estalo, difficuldade de estar em pé, depressão no lugar roto. — Dobrar a perna sobre a coxa e estender o pé; manter o membro n'esta posição durante tres a quatro semanas, applicando uma atadura molhada na solução de dextrina.

Ruptura da membrana do tympano. Póde ser produzida por um violento abalo do ar, como o que succede á explosão das armas de fogo; póde resultar de um esforço de tosse ou de espirro; de uma bofetada; das tentativas para extrahir do ouvido os corpos estranhos, etc. — *Symptomas :* dôr viva, no ouvido, ás vezes pequena hemorrhagia. — *Tratamento :* Afastar toda a especie de ruido, e guardar o repouso.

Ruptura do utero. V. Utero.

SAHIDA DO ANUS. V. Recto.

SAHIDA DO UTERO. V. Utero.

SALIVAÇÃO MERCURIAL. Secreção superabundante da saliva, occasionada pelo uso interno ou externo das preparações mercuriaes. — Suspender o tratamento mercurial. Tomar um purgante 804. Gargarejos adstringentes 259, 313, 491, 693, 702, 753. Gargarejo adstringente de Bennati 259. Gargarejo de Geddings 762. Gargarejo acidulo 779. Solução desinfectante de Chevalier 382. Tocar as gengivas com pedra infernal. Chlorato de potassa interna e externamente 372.

SALSUGEM. V. Impetigo.

SANGUE PELO NARIZ. V. Epistaxis.

SAPINHOS. Vesiculas brancas, semelhantes a grumos de leite coalhado, cheias de um vegetal parasito chamado *Oidium albicans*, que se mostrão na lingua e por todo o interior da bocca, nas crianças de peito. — Tocar com mel rosado 702, com collutorio de borax 313, com collutorio de bicarbonato de soda 350. Clysteres de

linhaça 560. Xarope de quina internamente 684. Chá de salva 713. Banhos geraes d'agua morna simples ou com plantas aromaticas 444. Ar puro, habitação no campo.

SARABULHOS. V. Acne.

SARAMPO. Erupção cutanea, precedida e acompanhada de dôr de cabeça, fastio, febre, coryza, tosse, rubor dos olhos e lagrimejamento, cujos caracteres são : pequenas manchas vermelhas, um pouco proeminentes, semelhantes á mordeduras de pulgas, separadas umas das outras por intervallos em que a pelle conserva a côr natural, as quaes apparecem do terceiro ao quinto dia da invasão da febre, mostrando-se primeiramente na face, depois no pescoço, peito, membros superiores, abdomen e membros inferiores. Esta molestia é contagiosa, ataca sómente uma vez, e dura de sete a oito dias. As manchas desapparecem na ordem da sua erupção, e segue-se-lhes a descamação da epiderme.

Tratamento. O sarampo, que percorre regularmente os periodos, exige só tratamento hygienico. Infusões mornas de sabugueiro 705, borragem 315, flores de malva 586, etc., com assucar ou xarope de gomma. Loock branco 264. Dieta. Temperatura branda. Preservar o doente do esfriamento. Se a erupção apparecer lentamente, administrar a infusão de hortelã. Poção sudorifica simples 267, poção sudorifica de Foy 267. Poção com carbonato de ammoniaco 268. Poção de aconito 167. Contra a bronchite, que acompanha ás vezes o sarampo, administrar 50 centigrammas (10 grãos) de ipecacuanha, e xarope de lactucario 247. Se o sarampo fôr acompanhado dos symptomas de meningite, recorrer ás sanguesugas, e aos outros meios indicados n'esta ultima molestia; prescrevão-se, pelo contrario, os estimulantes internamente 798, e os sinapismos, se existir estado adynamico. Se a erupção cutanea desapparecer subitamente, provoca-la com banhos quentes, ou banhos de vapor, e bebidas sudorificas taes como o chá de borragem, ou de sabugueiro.

SARCOCELE. Tumor scirrhoso do testiculo. V. Testiculo.

SARDAS, Ephelides, ou Lentilhas. Manchas miudas, aggregadas, no rosto e costas das mãos, passageiras e devidas á acção dos raios solares em algumas pessoas; e muitas vezes nas de cabello ruivo. — Lavatorios com solução de borax 313, com solução de alumen 258, com leite virginal 310, com agua simples misturada com agua de Colonia 808. Lavatorios com agua e sabão. Pomada com borax 314. Lavatorio cosmetico 607. Lavatorio antephelico 607. Agua de Guerlain 607. Agua de Hebé 826. Loção de Piesse com glycerina 825.

SARNA. Molestia contagiosa, caracterizada por vesiculas pontudas, transparentes no apice, acompanhadas de prurido, occasionadas pela presença de um insecto. — Tomar um banho d'agua morna, e esfregar no banho o corpo todo com sabão ordinario, e melhor ainda, com sabão preto. Depois de sahir do banho, esfregar o corpo todo, por meia hora, com pomada de Helmerik 348. Repete-se a fricção no dia seguinte, immediatamente depois toma o doente um banho d'agua morna simples, muda de roupa, e póde julgar-se curado. Este remedio é o mais simples e o mais expeditivo. Cumpre porém, não esquecer que os insectos, que occasionão a sarna, e os ovos d'elles, se achão ordinariamente nos vestidos das pessoas sarnentas, e podem tornar-se nova causa do contagio; será necessario, por conseguinte, desinfectar esses vestidos, quer lavando-os em agua quente, quer deixando-os tres ou quatro dias expostos ao ar, quer, emfim, submettendo-os por meia hora á temperatura de 80° cent., que mata necessariamente os ouções e os seus ovos. — Os outros

medicamentos contra a sarna são : Pomada contra a sarna 382. Pomada sulfuro-saponacea 439. Balsamo antipsorico 440. Sabão antipsorico 440. Pomadas antipsoricas 440, 744. Pomada de Emery 382. Lavatorio antipsorico 747. Unguento sulfurado 440. Fricções com oleo de cade 628. Lavatorio de Barlow 747. Pós de Pyhorel 745. Banhos sulfurosos 746. Fricções com oleo camphorado 332.

SATYRIASIS. Estado de exaltação das funcções genitaes, caracterizado pela inclinação irresistivel para repetir o acto venereo com a faculdade de exercê-lo sem esfalfar-se, é acompanhado de tendencia á loucura, se a inclinação para a copula é contrariada. — Lavatorios e semicupios d'agua fria, preparações de camphora 331, bromureto de potassio 317, limonada de limão, de vinagre, regimen vegetal.

SCIATICA. Dôr nevralgica que parte da chanfradura sciatica, estende-se á face posterior da coxa, e segue a margem peroneal da perna até á planta do pé. — Fricções com oleo essencial de terebinthina 762. Oleo essencial de terebinthina internamente 761. Opiato terebinthinado 762. Loock terebinthinado 761. Perolas de essencia de terebinthina 761. Pilulas de essencia de terebinthina 761. Fricções com linimento terebinthinado e camphorado 762, com linimento de chloroformio 380. Pilulas de aconito de Biett 167. Sinapismos 616. Applicações de tintura de iodo 531. Maçadura 565. Causticos no lugar dorido 343. Curativos d'estes causticos com chlorhydrato de morphina 642. Injecção sub-cutanea com dissolução de chlorhydrato de morphina 643. Acupunctura 167. Pilulas de Meglin 597. Xarope de chloral 371. Hydrotherapia 523.

SCIRRHO. V. Cancro.

SCLEREMA. Sclerema dos adultos. Endurecimento da pelle. Principia por uma nodoa branca, que se estende pouco a pouco. — Fricções com pomada de iodureto de potassio 537, com balsamo tranquillo 309, cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Banhos quentes.

Sclerema dos recem-nascidos. V. *Edema*, p. 946.

SCLEROSE. Dá-se este nome a todo o endurecimento morbido dos tecidos.

Sclerose do encephalo. É caracterizada por dôres de cabeça, vertigens passageiras, desordens da intelligencia, do movimento e da sensibilidade, paralysia, tremor dos membros. — Calomelanos 602. Opio 638. Causticos na nuca 343.

SCLEROTITE. Inflammação da sclerotica. É caracterizada por uma mancha avermelhada sôbre a sclerotica. — Purgantes 804. Friccionar as palpebras com pomada de calomelanos 604. Caustico na nuca.

SEIO (Abcesso do). V. p. 860.

Seio (Cancro do). V. p. 908.

Seio (Contusão do) 1° V. p. 927.

Seio (Ecchymose espontanea do). Mancha mais ou menos escura, que apparece ás vezes espontaneamente, e que depende da extravasação do sangue, no tecido laminoso do seio, na epoca menstrual ou na idade critica, sem ou com augmento do volume do orgão. É indolente ou dolorosa. Desapparece espontaneamente.

Seio (Eczema da areola do bico do). Vesiculas miudas, acuminadas, acompanhadas de calor, ardor e comichão, cheias de fluido transparente, terminando por exfoliação ou miudas crostas, ás vezes por ulcerações rebeldes. — Cataplasmas de fecula 461, cataplasmas de cenouras raspadas 360, e outras applicações indicadas no *Eczema em geral*, p. 944.

Seio (Engurgitamento do). 1° *Engurgitamento lacteo.* Observa-se nas mulheres que, depois do parto, não dão de mamar. O leite, que dilata o seio, dá-lhe maior volume; a pelle não fica corada; ha dôres vivas, e ás vezes, alguma febre. — Applicar no seio algodão cardado; friccionar com oleo camphorado 332; usar de limonada de limão ou de laranja; tomar um purgante de citrato de magnesia 584.

2° *Engurgitamento physiologico.* Observa-se nas mulheres jovens nas epocas menstruaes e no principio da gravidez. Não se lhe póde dar o nome de molestia; não necessita de tratamento, e desapparece sem deixar vestigio.

3° *Engurgitamento simples.* Consequente a violencias externas, e á lactação. — Friccionar com pomada de iodureto de potassio 538. Cataplasma de linhaça 560 ou de fecula 461.

4° *Engurgitamento symptomatico.* Em consequencia de abcesso do seio, persistem, ás vezes indurações por muito tempo. Desapparecem espontaneamente, e não exigem tratamento.

Seio (Feridas do). V. p. 990.

Seio (Fistulas do). V. p. 995.

Seio (Hypertrophia do). Desenvolvimento exagerado do parenchyma do seio, ao ponto de produzir deformidade. — Compressão do seio por meio do collete ou da atadura convenientemente applicada. Fricções com pomada de iodureto de potassio 538. Iodureto de potassio internamente 537. Purgantes repetidos 804. As relações entre os seios e o utero são tão grandes, que a prenhez não deixa de ter influencia salutar n'este caso; pelo que o casamento é util contra a hypertrophia do seio.

Seio (Inflammação do). É de diversas especies :

1ª *Inflammação da areola do bico do peito.* É occasionada pelas excoriações nas amas ou nas recem-paridas. É caracterizada pela inchação, vermelhidão, dôres surdas, lancinantes. Resolve-se promptamente, ou termina por pequenos abcessos superficiaes que se abrem espontaneamente. — Tocar as excoriações com pedra infernal. Applicar cataplasma de linhaça 560, ou de fecula 461. Cessar a amamentação até as excoriações sararem. Tirar o leite com ventosa.

2ª *Inflammação do tecido cellulo-gorduroso.* Termina ordinariamente por um abcesso. É caracterizada pela inchação, vermelhidão, dôr e febre. Quando o pus está formado, sente-se a fluctuação. — Cataplasma de linhaça 560, ou de fecula 461. Abrir o abcesso com lanceta ou bisturí do quarto ao nono dia, mesmo se o pus fôr pouco abundante. Se o bico do peito está são, a mulher póde continuar a dar de mamar; no caso contrario, é preciso esvaziar o seio com ventosa. Limonada de limão, de laranja, de tamarindos.

3ª *Inflammação profunda ou sub-mamaria, isto é, por detraz do seio.* A inchação é consideravel; o seio é repellido para diante; se se comprime de diante para traz, parece, pela flexibilidade, que se acha sobre uma esponja. A pelle é tesa, lisa, e sulcada por grossas veias; está quente e algum tanto vermelha. As dôres são surdas, profundas, gravativas; a febre é intensa. A suppuração é a terminação quasi constante. — Cataplasma de linhaça 560. Logo que se verificar a presença do pus, fazer uma abertura de 2 a 3 centimetros na circumferencia do seio, no ponto mais declive; comprimir o seio. Se a suppuração fôr fetida, fazer injecções com infusão de folhas de nogueira 624, de rosas rubras 701, ou decocto de quina 687. A criança não será privada de mamar, em quanto a inflammação não attingir a glandula mamaria.

4ª *Inflammação da glandula mamaria propriamente dita*, ou *Mastite*. O engurgitamento dos conductos galactophoros precede ordinariamente a inflammação do tecido glandular; observa-se nas recemparidas. A dôr e inchação apparecem em muitos pontos da glandula. A molestia termina pela resolução ou pela suppuração. N'este ultimo caso, a pelle perfora-se de ordinario na proximidade da areola, ás vezes em um só ponto, outras vezes ha tantas aberturas espontaneas quantos são os fócos distinctos. O pus mistura-se com o leite. Esta affecção differe dos outros abcessos do seio pelas desigualdades internas espalhadas na espessura da glandula, acompanhadas de dôres internas, lancinantes, e pelo amollecimento successivo dos lugares affectados. Os abcessos apparecem de ordinario debaixo da areola ou na proximidade.

O tratamento é o seguinte: Diminuir a secreção do leite pela alimentação pouco abundante, pelo uso de limonada de limão, de tamarindos, e pelos purgantes, taes como oleo de ricino 632, ou limonada de citrato de magnesia 584. Applicar no seio cataplasma de linhaça 560, ou de fecula 461. Logo que o pus estiver formado, cessar a amamentação, tirar o leite com ventosa, e abrir o abcesso com lanceta. Se os abcessos são multiplos, cumpre fazer muitas puncções successivas. Se depois da abertura do abcesso persistir por muito tempo o corrimento (*fistula*), fazer injecções com infusão de folhas de nogueira 624, e outros liquidos indicados contra a fistula do seio, p. 995.

Seio (Kysto do). Sacco sem abertura, que contém liquidos de diversa natureza, ou substancias molles. Os kystos desenvolvem-se no tecido cellular que cobre os seios, entre os lobulos do seio, no parenchyma da glandula, ou, emfim, entre o seio e o thorax. Principião por um pequeno tumor duro, movel, não doloroso, que augmenta de volume mais ou menos rapidamente, e torna-se fluctuante. A pelle conserva a côr natural, e a saude geral não experimenta mudança. A mobilidade do tumor, a existencia da fluctuação, a ausencia das dôres e de accidentes geraes, distinguem o kysto do scirrho. Os kystos do seio não são graves por si mesmos; mas como podem incommodar pelo seu volume, é necessario muitas vezes extrahi-los.

As differentes pomadas não tem effeito algum; é preciso recorrer á operação cirurgica. A extirpação é o meio radical. Póde tambem empregar-se a puncção, seguida da injecção de tintura de iodo, misturada com agua, como na operação do hydrocele 531. Quando o kysto não incommoda, convem abster-se de qualquer operação.

Seio (Lipomas do). Tumores gordurosos do seio. Apresentão os mesmos caracteres que os lipomas das outras regiões do corpo; formão um tumor saliente, desigual, dando á mão que os comprime a sensação da fluctuação. A pelle conserva a côr natural, e não ha dôr. O diagnostico é difficil: só as circumstancias antecedentes e a marcha da molestia podem ministrar alguma presumpção. Estes tumores podem sem inconveniente ser abandonados á natureza; se mostrarem propensão a augmentar de volume, praticar-se-ha a extirpação.

Seio (Nevralgia do). V. p. 1080.

Seio (Nevromas do). Pequenos tumores espalhados á roda do seio, principalmente do lado da axilla e sobre a margem do musculo grande peitoral. São constituidos por um tecido amarellado, com pontos brancos, não deixando sahir liquido algum; são acompanhados

de dôres vivas e lancinantes. — Cataplasma de linhaça regada com laudano 636; unturas com glycereo de chloroformio 380.

Seio (Rachas do). V. p. 1126.

Seio (Tumores do). Os tumores do seio são numerosos; pela maior parte são *benignos;* e não exercem influencia sobre a saude geral; nem inficionão a economia; mas ha tambem *malignos*, que deteriorão a constituição. Os benignos são : *engurgitamentos do seio*, *hypertrophias*, *kystos*, *lipomas*, *nevromas*, *tumores adenoides*, *tumores calcareos*, *tumores cartilaginosos*, *tumores lacteos*, *tumores tuberculosos*. Os tumores malignos pertencem á classe de *cancros* (scirrho, encephaloide). Eis-aqui os caracteres distinctivos dos tumores do seio e o seu tratamento.

1° Engurgitamento do seio. V. p. 1135.

2° Hypertrophia do seio. V. p. 1135.

3° Kysto do seio. V. p. 1136.

4° Lipoma do seio. V. p. 1136.

5° Nevromas. V. p. 1136.

6° Tumores adenoides, adenomos, ou tumores fibrosos. A sua estructura é semelhante á do tecido mamario, isto é, apresentão os elementos do tecido glandular; pelo que lhes foi dado o nome de *tumores adenoides* ou de *adenomos*, das palavras gregas *aden* glandula, e *eidos* fórma. Chamárão-lhes tambem *tumores fibrosos*, porque são duros como os corpos fibrosos. Por muito tempo forão considerados como cancros. O seu volume varía entre o da avelã e o do punho. A apparencia é a do ganglio lymphatico hypertrophiado. A textura é firme, homogenea; o corte tem o aspecto luzidio e granulado; côr branco-amarellada. A compressão faz sahir d'elle um liquido amarellado, transparente, porém não um liquido lactescente como no cancro.

A affecção apresenta-se sob a fórma de um pequeno tumor movivel, que rola debaixo do dedo, cresce lentamente, não contrahe adherencias nem com os tegumentos nem com os tecidos musculares profundos, de superficie irregular, dando ás vezes ao tacto a sensação semelhante á de um embrulho de arroz; de consistencia bastante dura, não apresentando a sensação da rigidez do scirrho, nem a molleza do encephaloide. As glandulas do sovaco não se engurgitão, e a saude geral conserva-se boa. De ordinario, o tumor é indolente; em algumas mulheres é doloroso nas epocas menstruaes.

A mobilidade do tumor, a falta de adherencia da pelle que o cobre; a falta de dôres lancinantes, de fluctuação; a marcha lenta da molestia; a integridade da saude geral; a ausencia do engurgitamento ganglionar da axilla, são outros tantos caracteres proprios aos tumores adenoides. O *scirrho* nunca é isolado no seio; continua sempre com o tecido mamario por prolongamentos mais ou menos numerosos; a pelle adhere-lhe. O *encephaloide* tem o desenvolvimento rapido, e é acompanhado de engurgitamento na axilla. Os *kystos* são elasticos e fluctuantes.

Os tumores adenoides ficão estacionarios por muito tempo, dez, quinze annos, toda a vida. Porém ás vezes amollecem superficialmente; a pelle enrubece e acaba por abrir-se. A ulcera é de ordinario limitada á pelle, as suas margens não são duras e viradas como na ulcera cancerosa. Todavia a molestia, quando chega a este periodo, embaraça muito o medico que quer estabelecer um diagnostico.

Tratamento. Ás vezes os adenomos desapparecem espontanea-

mente. Quando são pequenos, empreguem-se as fricções com a pomada seguinte :

Iodureto de potassio	1 gram.	Banha	30 gram.
Iodo	50 centig.		

Ao mesmo tempo a doente tomará uma colher *de sopa*, 2 vezes por dia, do xarope seguinte :

Xarope de saponaria	300 gram.	Iodureto de potassio	10 gram.

Comprimir o tumor com uma ligadura conveniente. Continuar o tratamento se o tumor diminuir de volume. Se, pelo contrario, estes meios não produzirem bom resultado, se o tumor continuar a augmentar, se se tornar em ulcera, fazer a sua extirpação. Mas se o tumor ficar estacionario, se causar pouco incommodo, é preciso abster-se de qualquer operação.

7° Tumor calcareo. Consiste em concreções calcareas, que se encontrão mui raras vezes no interior do seio, e que se mostrão sob a fórma de agulhas, de laminas ou de verdadeiros tumores. Podem tambem sobrevir no seio *tumores cartilaginosos* (enchondromos). Uns e outros são de um diagnostico difficil, e podem adquirir um volume bastante consideravel. Se estes tumores incommodarem, cumpre extrahi-los; no caso contrario não se lhes deve tocar.

8° Tumores cancerosos, scirrhosos, V. *Cancro do seio*, p. 908.

9° Tumores lacteos ou *Galactoceles*. O galactocele observa-se durante a amamentação ou pouco tempo depois de desmamada a criança. Mostra-se debaixo de duas fórmas : no estado de infiltração no seio, tendo o leite perforado um dos canaes galactophoros para derramar-se no tecido do seio (*galactocele por infiltração*); ou então no estado de *kysto*; n'este ultimo caso, um conducto galactophoro está estreitado ou obliterado, o leite accumula-se atraz do obstaculo e forma um tumor lacteo mais ou menos volumoso. O leite não se conserva sempre liquido; toma a consistencia da manteiga ou do queijo : d'aqui vem os nomes de tumores *butyrosos* e *caseosos*, que forão observados (galactocele solido). Verdadeiras concreções calculosas podem reconhecer uma semelhante origem.

Os *symptomas* são pouco numerosos : *dôr* pouco intensa, augmentando quando a doente apresenta o seio á criança, porque os canaes galactophoros dilatão-se n'esta circumstancia; *fluctuação*, se o tumor fôr completamente liquido; a *pelle é normal*. A terminação é variavel. Ás vezes o galactocele sara espontaneamente; em alguns casos a pelle abre-se, o tumor esvazia-se, fica uma fistula.

O *tratamento* consiste em desmamar a criança, e administrar um purgante para seccar o leite. Se estes meios não conseguirem a cura, fazer uma puncção simples ou seguida de injecção de tintura de iodo misturada com agua 531; ou, então, empregar o sedenho ou incisão do sacco para fazer suppurar as paredes e obliterar a cavidade. Se em vez do leite liquido, o tumor contiver a substancia butyrosa concreta, cumpre extirpa-lo.

9° Tumores tuberculosos. São uma manifestação da diathese tuberculosa; consistem em endurações indolentes. São formados por *tuberculos* espalhados na espessura do tecido glandular; terminão de ordinario por abcessos. O tratamento consiste em melhorar a constituição por um bom regimen, boa habitação, oleo de figado de bacalháo 631, vinho de quina 684, banhos do mar, banhos aromaticos 444.

SEZÕES. V. Febre intermittente.

SIGNAL DE NASCENÇA ou **Lunar.** Mancha congenial da pelle. Póde ser de um azul-escuro ou vermelha, superficial ou em fórma

de tumor, ou ser uma pequena aneurysma por anastomose. — Nenhum tratamento quando é estacionario, e não augmenta de volume. Se augmentar rapidamente, recorrer a uma das seguintes operações : compressão, cauterização, ligadura, excisão.

SOLITARIA. V. Tenia.

SOLTURA DE OURINA. V. Incontinencia de ourina.

SOLTURA DE VENTRE. V. Diarrhea.

SOLUÇO. Contracção espasmodica do diaphragma, que determina um abalo subito das cavidades thoracicas e abdominaes, acompanhada de ruido particular, e de aperto subito da glotte que intercepta a inspiração. — Suspender a respiração pelo maior espaço de tempo possivel. Beber agua lentamente por algum tempo. Engulir um pedaço de gelo ou um pouco de vinagre. Provocar espirros com rapé. Banhos mornos prolongados. Ether sulfurico 455. Poção calmante e antispasmodica 456. Poção com chloroformio 379. Sub-azotato de bismutho 735. Extracto de valeriana 771. Pilulas de extracto de belladona 307. Vomitorios 796. Vesicatorio no epigastro 343. Nos soluços prolongados, renitentes e periodicos, empregar o sulfato de quinina 739, e a electricidade 423.

SOMNAMBULISMO. Estado particular das funcções cerebraes, caracterizado pela aptidão de repetir durante o somno os actos habituaes, ou de andar e executar diversos movimentos, mas sem que fique, quando se accorda, nenhuma lembrança do que se passou. — Alimentos de facil digestão e pouco excitantes. Banhos mornos. Exercicio moderado. Viagens. Laxantes 804. Xarope de ether 455. Pilulas de codeina 644. Pilulas de valerianato de zinco 773. Pilulas de Meglin 597.

SOMNOLENCIA ou **Modorra.** Estado intermedio entre o somno e a vigilia, que se observa na meningite, na commoção do cerebro, nas molestias cerebraes, e nos envenenamentos pelas substancias narcoticas. Em grão menos forte, a somnolencia acompanha muitas vezes os sarampos, a escarlatina, as bexigas, e é, nas crianças, o symptoma commum em todas as molestias febrís.

SPLENITE. Inflammação do baço. — **Aguda.** Febre, vomitos, dôr no hypocondrio esquerdo. — Bichas, cataplasmas de linhaça 560. Azotato de potassa 298. Pós contra-estimulantes 298. Calomelanos 602. Purgantes 804. Cozimento antiphlogistico de Stoll 298.

Splenite chronica. Os symptomas são os do estado agudo, porém com menor violencia; são seguidos do *engurgitamento.* — Sabão medicinal 703. Pilulas de sabão 704. Azotato de potassa 298. Sulfato de quinina interna e externamente 739. Vinho de quina 684. Fricções com pomada de iodureto de potassio 538. Purgantes 804. Bicarbonato de soda 349. Aguas de Vichy 231, de Vidago 232, das Pedras Salgadas 220.

STERNALGIA. V. Angina do peito.

STRANGURIA. V. Retenção de ourina.

STRONGYLO (*Strongylus,* Diesing). Verme encontrado no tecido cellular que envolve os rins dos animaes, mais frequentemente ainda do que nos rins do homem. Tem 15 a 80 centimetros e mesmo 1 metro de comprimento, e 10 a 15 millimetros de espessura. É o mais volumoso dos entozoarios, pelo que foi chamado *strongylo gigante.* Sendo pequeno, póde ser expulso com ourina; mas se ficar no rim, determina hematuria e desorganisação d'este orgão, no meio de dôres atrozes. — Empregar internamente essencia de terebinthina 760, camphora 329, e os outros vermifugos 787.

SUFFOCAÇÃO. Depende de alguma affecção nervosa dos orgãos respiratorios no *espasmo da glotte*, na *asthma, angina do peito*, no *hysterismo*, *crup falso*; de alguma molestia do coração, do pulmão ou do abdomen, taes como *aneurysma da aorta*, *hypertrophia do coração*, *corpos estranhos no larynge*, *crup*, *hydropisia do peito*, *bronchite capillar*, *emphysema pulmonar*, *edema da glotte*, *ascite excessiva* (v. estas palavras). No maior numero d'estes casos, é util dar uma chicara de chá de folhas de laranjeira, e administrar a poção antispasmodica 455.

SUOR DOS PÉS. Não supprimi-lo, principalmente quando é antigo. Limitar-se aos cuidados de asseio, aos banhos de pés, aos lavatorios desinfectantes com solução de permanganato de potassa (5 centigrammas por 500 grammas d'agua) 660, com agua phenica 158, ou com agua misturada com agua de Labarraque 383. Polvilhar os pés com mistura de 1 p. d'acido phenico crystallizado e 500 p. de amido. Todos os dois ou tres dias polvilhar o calçado com tannino em pó, que destroe o máo cheiro combinando-se com os productos ammoniacaes que se exhalão da pelle; em vez de tannino podem empregar-se as substancias que o contém, *v. g.* noz de galha. — Polvilhar com pó de acido salicylico misturado com pó de arroz 162. Usar de calçado aberto, de sapatos, e não de botas ou botins, qne não permittem a chegada do ar aos pés. Para restabelecer o suor dos pés, quando o seu desapparecimento tiver produzido accidentes, metter os pés em farelos quentes, ou na areia quente; cobrir os pés com baeta polvilhada com farelos quentes, ou com a farinha de mostarda.

SUPPRESSÃO DA MENSTRUAÇÃO. V. Amenorrhea.

SUPPRESSÃO DA TRANSPIRAÇÃO. Póde occasionar affecções diversas conforme a predisposição da pessoa : bronchite, pneumonia, pleuriz, rheumatismo, empigens, dôres nervosas, e sobretudo o incommodo chamado *constipação*. — Para provocar a transpiração, veja-se *Suadouro*, p. 806.

SURDEZ. Póde ser accidental ou de nascença; esta é em geral incuravel. Para que a audição possa effectuar-se em toda a sua plenitude, é preciso : 1° que os sons cheguem ao ouvido pelo conducto auditivo externo; 2° e o ar pela trompa d'Eustachio, cuja abertura se acha no fundo da garganta na parte superior do pharynge. A obstrucção, o estreitamento d'estes conductos, causão differentes gráos de surdez.

Quando um medico é consultado para a surdez, deve primeiro examinar a orelha externamente. Procurar vêr se o orificio do conducto auditivo está livre, se não está obstruido pelo cerumen ou outro corpo estranho, pela inchação da pelle e do tecido cellular, ou se não ha estreitamento congenial d'este conducto. Deve vêr depois o interior do canal. Para este fim, expõe a orelha á luz, ao sol se é possivel; depois, erguendo o pavilhão da orelha com uma das mãos e tirando-o para traz com a outra, diminue a curvatura natural do conducto, e apercebe no fundo a membrana do tympano, que é branca, se está livre, ou verifica se existe accumulação do cerumen, um corpo estranho, ou inflammação. Interroga o doente para saber se em alguma epoca não teve um corrimento puriforme. É preciso, depois, explorar a garganta, para vêr se as amygdalas inchadas não comprimem a trompa d'Eustachio.

Tratamento. Se a surdez depender da accumulação do cerumen no ouvido, o que é frequente nas pessoas idosas, é preciso extrahi-lo com pinça ou com esgaravatador.

Se provier da inflammação aguda ou chronica do ouvido, recorra-se ao tratamento indicado contra estas molestias (v. *Otite*).

Sendo consecutivo á inflammação da garganta, combata-se com gargarejos adstringentes 259, e outros meios indicados contra a angina tonsillar, p. 873. Porém ha casos de surdez cuja causa não é conhecida, e que portanto, admittem os tratamentos empiricos. Causticos na nuca 343. Instillação no conducto auditivo de glycerina 501, de agua de creosota 407, de balsamo acustico 310, de oleo camphorado 332, de balsamo tranquillo 309, de gottas de aconitina 166. Vapores de enxofre queimado, dirigidos ao conducto auditivo. Fumigações com infusões de valeriana 771, alecrim 245, alfazema 248. Insufflação de ar na trompa d'Eustachio. Electricidade 423. Cauterização da trompa d'Eustachio com pedra infernal, por meio de sonda. Insufflação ás fauces de alumen pulverizado 258.

Quando a surdez é incompleta, os seus inconvenientes desapparecem em grande parte pelo emprego das *cornetas acusticas*. São instrumentos em fórma de trombeta, feitos de prata, cobre, gomma, ou caoutchouc vulcanizado. Estando introduzida a pequena abertura no conducto auditivo, as ondas sonoras que penetrão pela abertura larga, chegão em maior numero ao ouvido. As melhores cornetas acusticas tem 15 a 20 centimetros de comprimento; as pequenas conchas auditivas, adaptadas ao pavilhão da orelha, agradão pelo seu pequeno volume, mas produzem pouco effeito.

SYCOSE. V. MENTAGRA.

SYNCOPE, Desfallecimento, Desmaio. Suspensão subita e momentanea das pancadas do coração, da respiração, das sensações, e dos movimentos voluntarios. — Deitar horizontalmente a pessoa sem travesseiro. Fazer-lhe aspersões d'agua fria sobre o rosto. Fazer-lhe inspirar algum cheiro, approximando-lhe ás ventas um lenço molhado em vinagre, agua de Colonia, um frasco com ether, ammoniaco, ou introduzindo-lhe rapé no nariz. Introduzir na bocca um pouco de sal de cozinha. Se a syncope se prolonga, tirar todos os vestidos, tudo o que possa impedir a circulação, expôr o rosto do paciente ao ar livre, aquecer as partes do corpo que esfriarem, friccionando-as com baeta quente, cercando-as com garrafas d'agua quente, e applicando sinapismos nos braços, pés e pernas 616. Logo que o doente recobrar o uso dos sêntidos, dar-lhe algumas colheres de vinho generoso ou uma chicara de caldo.

SYNOVITE. Inflammação da membrana synovial. Os symptomas e o tratamento são os da *arthrite*.

SYPHILIDE. Comprehendem-se debaixo d'esta denominação todas as affecções cutaneas, que dependem da syphilis. Como as erupções ordinarias, as syphilides podem ser classificadas em *exanthemas*, *vesiculas*, *bolhas*, *pustulas*, *papulas*, *escamas*, *tuberculos*. As syphilides tem por antecedente o cancro endurecido, ou provém da syphilis hereditaria. Tem uma côr particular, côr escura, de cobre, ou de chocolate. São ordinariamente arredondadas, e quando se reunem, formão um circulo, o que raras vezes se encontra nas erupções cutaneas ordinarias. Nas erupções syphiliticas seccas, o caracter é o serem as superficies affectadas lisas, como envernizadas; a escama, quando cahe, deixa uma orla branca, ao passo que, nos casos não syphiliticos, na psoriase, por exemplo, as laminas não são enrugadas. Todavia estes signaes não são constantes; as syphilides não podem ser reconhecidas senão pelo exame attentivo da filiação dos accidentes. Para o tratamento das syphilides, v. *Syphilis*.

SYPHILIS, Mal venereo ou **gallico.** Molestia multiforme, procedendo da acção do virus que se transmitte de um individuo infectado a um individuo são, por contacto immediato e sobretudo pelo coito, ás vezes tambem por inoculação ou simplesmente pela applicação do pus virulento sobre a pelle denudada da epiderme, ou sobre uma membrana mucosa. Este virus póde reproduzir-se, multiplicar-se, e exercer a acção localmente, e mais tarde sobre toda a economia. Chamão-se *symptomas primitivos* todos os accidentes que sobrevem sobre o ponto mesmo em que o virus foi depositado; e *consecutivos* ou *constitucionaes*, todos os que se declarão em uma epoca mais ou menos afastada, sobre differentes partes do corpo, quando o virus tem infectado toda a massa do sangue. Os symptomas consecutivos dividem-se ainda em duas series : uns, mais precoces, chamão-se *segundarios;* outros, mais tardios, *terciarios.*

Os symptomas *primitivos* consistem só no cancro simples, vulgo cavallo. Os *segundarios* são : bubão ou mula, cancro endurecido, cancro phagedenico, diversas fórmas de molestias de pelle conhecidas pelo nome de *syphilides,* taes como as pustulas, escamas, papulas, tuberculos syphiliticos, rhagadias, vegetações; diversas ulcerações da bocca, do pharynge, larynge; alopecia. Os *terciarios* são : engurgitamento syphilitico do testiculo, tumores gommosos, exostoses, necroses, caries, dôres musculares e osteocopas, amaurose, emmagrecimento syphilitico, etc.

A blennorrhagia ou o esquentamento, bem que adquirida por um contacto impuro, não é considerada como molestia syphilitica : é de natureza especial diversa da do cancro, e exige o tratamento differente d'aquelle que se emprega contra os symptomas syphiliticos propriamente ditos, mencionados no presente artigo.

O tratamento dos symptomas primitivos da syphilis deve durar, termo médio, mez e meio a dois mezes : o dos symptomas segundarios tres, e o dos terciarios seis mezes. O tratamento *local* do cancro syphilitico acha-se descripto na pag. 910; aqui indico as diversas preparações que se empregão no tratamento geral.

Internamente. Mercurio metallico. Pilulas azues 600. Pilulas mercuriaes de Plenck 600. Pilulas de Sedillot 600. Pilulas mercuriaes de Biett 600. Pilulas de Belloste 600. — Sublimado. Licor de Van-Swieten 606. Pilulas de Cullerier 606. Pilulas antisyphiliticas de Dupuytren 606. — Proto-iodureto de mercurio. Pilulas de proto-iodureto de mercurio de Velpeau 609, de Ricord 609, de Biett 609. Pilulas de proto-iodureto de mercurio e de guaiaco de Biett 609. — Iodureto de potassio 537. — Xarope de iodureto de mercurio e de potassio de Gibert 610. — Chlorureto de ouro. Pilulas de chlorureto de ouro 646. — Chlorureto de ouro e sodio 646. — Oxydo de ouro 646. — Salsaparrilha 709. Salsaparrilha iodurada de Magendie 538. Tisana iodurada de Ricord 538. Xarope iodurado 538. Cozimento sudorifico 711. Cozimento anti-syphilitico de Dupuytren 711. Xarope de Cuisinier 712. Xarope sudorifico de Ricord 712. Xarope depurativo de Larrey 712. — Guaiaco. Cozimento de guaiaco composto 513. — Raiz da China 368. — Sassafraz 722.

Externamente. Fricções com pomada mercurial napolitana 600. Emplasto de Vigo 81. Curativo das ulceras com vinho aromatico 445, vinho tinto simples, agua de Labarraque misturada com agua morna 383, com solução de chlorureto de cal 381, com ceroto simples 72, com ceroto opiado 641, com unguento rosado composto 701, com pós de Joannes 601, com pomada antisyphilitica 602, com mel mercurial

de Swediaur 602, com pomada de calomelanos 604, com unguento digestivo 759, com unguento de Arceus 759.

Qualquer que seja o tratamento empregado, é preciso que o regimen seja brando, que o doente se preserve do frio e da humidade. Prescrever-se-ha de vez em quando um purgante para impedir a salivação, e suspender-se-ha o tratamento mercurial por algum tempo, se ella se declarar. Veja-se *Salivação.*

De todos os remedios propostos para combater a syphilis, o mercurio e os seus compostos são os mais efficazes. Sem duvida, alguns medicos tem abusado do mercurio, administrando-o em dóse exagerada; mas quando é dado em dóse sufficiente, constitue o melhor meio para curar a syphilis. Depois do mercurio vem o iodureto de potassio 537. O mercurio e as suas diversas preparações convem sobretudo nos symptomas primitivos e segundarios (cancros, bubões, vegetações, affecções syphiliticas cutaneas), entretanto que o iodureto de potassio é efficaz nas exostoses, anginas syphiliticas, e outros symptomas terciarios. Cumpre modificar, e alternar todas essas diversas composições, acima indicadas, conforme os casos, idade, sexo e força dos doentes. O cozimento de salsaparrilha só não basta para curar a syphilis; mas é um bom adjuvante do mercurio.

Para o que se deve fazer nos casos especiaes, v. *Cancro venereo, Bubão, Blennorrhagia.*

Alguns cancros venereos, syphilides, e outros symptomas da syphilis, rebeldes ao mercurio, iodureto de potassio e a outros medicamentos, forão curados pela applicação de 4 a 6 pequenos causticos sobre o peito. Os casos refractarios a todos estes tratamentos curão-se pelas aguas sulfurosas, bebidas na fonte, e em banhos, taes como de Caldas do Brasil, na provincia de Minas-Geraes 195; e em Portugal, Caldas da Rainha 197, Taipas 228, Vizella 234, e Furnas na ilha de S. Miguel 207.

Preservativo da syphilis. Depois do coito suspeito, ourinar e lavar immediatamente a parte com agua e sabão, ou com agua hygienica 259, com solução de perchlorureto de ferro a 15° 468, com solução de Rollet contra o cancro syphilitico 469, com lavatorio preservativo de Curtis 607. Desenvolver todas as rugas do prepucio, repetir os lavatorios de maneira que nenhum ponto, onde se possa esconder o pus contagioso, fique por lavar. Quando as circumstancias não permittem o emprego immediato d'este meio, nem por isso se deve deixar de recorrer a elle algumas horas mais tarde, pois se ignora o momento exacto em que principia a germinação do mal.

TABARDILHO. V. PURPURA.

TALHO. V. FERIDA.

TENDÕES (**Feridas dos**). V. pag. 991.

Tendões (**Ruptura dos**). V. pag. 1131.

TENESMO **rectal.** Vontade contínua, dolorosa e quasi inutil de obrar, acompanhada de ardor no anus. É symptoma da irritação do recto, produzida pela persistencia da inflammação intestinal, ou por hemorrhoidas. — Combate-se com semicupios mornos, clysteres de linhaça 560, e outros meios indicados contra a *diarrhea.*

Tenesmo vesical. Vontade contínua, e dolorosa de excretar a ourina, com calor e ardor, cuja séde parece estar no collo da bexiga. — Semicupios e banhos geraes d'agua tepida, infusão de linhaça para bebida 560, fricções no perineo com oleo camphorado 332, cataplasma de linhaça no ventre 560.

TENIA ou **Solitaria**. *Signaes.* Expulsão de uma porção do verme, e, antes d'esta prova, eis-aqui os signaes provaveis : colicas ; sensações particulares no ventre, taes como sucção, mordedura, ondulação; prurido no anus ou no nariz, diarrhea, vomitos, lassidão, vertigens, desmaios, emmagrecimento, vista turva, caimbras, convulsões. — Decocção de casca de raiz de romeira 699. Sementes de abobora 141. Cusso em pó 412. Oleo essencial de terebinthina 760. Ether sulfurico 454. Feto macho 476. Coco da Bahia 392. Kamala 551.

TERÇOL ou **Hordeolo**. Pequeno tumor inflammatorio, do tamanho de um grão de cevada, da natureza do fruncho, que se desenvolve perto da margem ciliar da palpebra. — Cataplasma de miolo de pão, de fecula 461 ou de farinha de linhaça 560. Facilitar a sahida do carnegão pela compressão. Purgantes 804.

TERICIA V. ICTERICIA.

TESTICULO (**Atrophia do**). Depende de alguma lesão do testiculo ou dos seus envoltorios; do varicocele; da masturbação. Ás vezes o testiculo atrophiado, isto é, diminuido de volume, recobra as suas funcções pelo regimen analeptico e uso do coito. Ha aliás, quanto ao volume dos testiculos, differenças ainda maiores do que pelo que respeita aos seios.

Testiculo (**Cancro do**). V. pag. 908.

Testiculo (**Contusão do**). V. pag. 928.

Testiculo (**Degenerescencia fibrosa e pedregosa do**). No testiculo tem sido encontrados tumores fibrosos; outras vezes concreções duras como cartilagem (enchondromo), e até como pedra. As mais das vezes são os envoltorios do testiculo que se achão invadidos por semelhantes producções. — A castração é inutil n'estes casos, basta soster o escroto com um suspensorio.

Testiculo (**Engurgitamento chronico e simples do**). É a consequencia da *orchite aguda;* mas póde tambem desenvolver-se espontaneamente. Consiste no augmento consideravel, porém indolente, do testiculo, que conserva a sua fórma. — O tratamento está indicado no artigo *Orchite chronica.*

Testiculo (**Falta do**). Um testiculo, e ás vezes os dois, podem não estar no escroto; mas achão-se então na cavidade abdominal. O testiculo não occupa o mesmo lugar em todas as epocas da vida intra-uterina. Este orgão acha-se primitivamente no feto na região lombar; aos sete mezes está applicado contra a abertura do canal inguinal; aos oito mezes atravessa este canal e continua a descer até ao fim do nono mez, epoca na qual occupa finalmente o fundo do escroto. Ora, acontece ás vezes que o testiculo não percorre regularmente as differentes phases da sua passagem; póde ficar toda a vida no interior do ventre, e por consequencia não se encontra nem no escroto nem na virilha. Esta disposição não priva o individuo da faculdade de procrear. Quando o testiculo desce depois da nascença, fórma um tumor na virilha que se póde tomar por quebradura, mas que se deve distinguir d'esta molestia pela natureza das dôres que provoca a compressão. Em tal caso é preciso evitar qualquer compressão : o testiculo, pouco a pouco, desce ao escroto.

Testiculo (**Feridas do**). V. pag. 991.

Testiculo (**Fongus benigno do**). Excrescencia de carnosidades molles, semelhantes ás que se produzem na superficie de algumas feridas. O tumor que fórma o fongus continua directamente com a substancia testicular atravez da perda de substancia da tunica albuginea, ou é constituido por vegetações que se desenvolvem sobre o envoltorio fibro-seroso do testiculo; tem o volume que varía desde

uma avelã até ao de um ovo; tem a fórma espherica, e o aspecto da amora, é de côr rosea pallida, ás vezes esbranquiçada, roxa ou anegrada. — Excisar a parte fongosa, e cauterizar a ferida com ferro em brasa.

Testiculo (Fongus maligno do). Vegetação fongosa, que deita abundante sangue pela menor arranhadura, e ás vezes espontaneamente. É o encephaloide ulcerado. V. CANCRO, pag. 905.

Testiculo (Hypertrophia do). Os testiculos adquirem ás vezes o dobro, o triplo, o quadruplo mesmo do seu volume natural, sem offerecer o menor vestigio de degenerescencia ou de inflammação. A fórma, a elasticidade, o genero de sensibilidade, todos os caracteres materiaes, em uma palavra, salvo o volume, ficão no estado normal. Este genero de inchação occupa mais frequentemente ambos os testiculos do que um só. As funcções do orgão não estão alteradas. Não ha, pois, tratamento a empregar.

Testiculo (Inflammação do). V. *Orchite.*

Testiculo (Kystos do). Os kystos pequenos são difficeis de conhecer, os grandes são caracterizados pela grossura situada na parte anterior e média do escroto, arredondada, sem mudança da côr da pelle, fluctuante, transparente, distincta do testiculo. — Contra os kystos pequenos, nada se deve fazer. Os grandes curão-se fazendo a puncção e injecção com tintura de iodo como no hydrocele.

Testiculo (Nevralgia do). V. pag. 1080.

Testiculo syphilitico. Engurgitamento chronico do testiculo desenvolvido debaixo da influencia da syphilis. É caracterizado pelo augmento do volume do grão, e pelas dôres surdas, que apparecem sobretudo de noite. O individuo foi affectado antecedentemente de cancro syphilitico (cavallo), e não foi bem tratado. Esta molestia póde ser confundida com a orchite chronica, com os tuberculos e o scirrho do testiculo. As circumstancias antecedentes tem grande valor para estabelecer o diagnostico. Os cavallos precedem o testiculo syphilitico; vestigios de escrophulas fazem suspeitar o testiculo tuberculoso. No testiculo syphilitico, a dôr é surda, leve, ás vezes nulla; é viva e lancinante no testiculo canceroso.

Tratamento. Fricções com unguento napolitano 600. Internamente: Iodureto de potassio 537, pilulas de protoiodureto de mercurio de Ricord 609, ou licor de Van-Swieten 606.

Testiculo tuberculoso. Os tuberculos podem apparecer no interior dos testiculos. No estado crú, apresentão-se debaixo da fórma de pequenos corpos brancos-cinzentos, espargidos ou em grupos. Mais tarde augmentão de volume, amollecem e trasformão-se em liquido sero-purulento. A principio, os enfermos sentem apenas pequena dôr no epididymo; o testiculo parece levemente augmentado de volume e conserva a fórma normal. Quando a massa tuberculosa está situada profundamente no interior do testiculo, sente-se ao apalpar dureza insolita. Estas massas apresentão um volume variavel, desde o de uma ervilha até ao de uma pequena noz. Pouco a pouco os tuberculos tornão-se molles; o escroto perfora-se, e a abertura dá passagem a uma substancia molle e caseosa.

Tratamento. Regimen substancial, carne, vinho, tapioca. Habitação sadia. Banhos do mar; banhos quentes aromaticos 444. Fricções no testiculo com pomada de iodureto de potassio 538. Internamente: Preparações de ferro, pilulas de Vallet 473, pilulas de Blaud 473. Pilulas de iodureto de ferro 535. Injecções nos trajectos fistulosos com vinho aromatico 445, com tintura de iodo misturada com agua 531, ou com aguardente.

TETANO. Molestia caracterisada pela rijeza e tensão convulsiva de um ou mais musculos, e ás vezes de todos os musculos sujeitos ao imperio da vontade; estado de caimbra ou de convulsão que se mantém durante tempo indefinido, e produz immobilidade absoluta, que nem a vontade do doente nem os esforços de outra pessoa não poderião vencer. Quando o tetano é *geral*, o corpo conserva-se em estado permanente de rijeza sem dobrar-se em sentido algum. Quando occupa a parte anterior do corpo, e o tronco se curva para diante, chama-se *emprosthótono*. Dá-se-lhe o nome de *opisthótono*, quando curva o corpo para traz; de *trismo*, quando só affecta os musculos do queixo. Quatro vezes em cinco, o tetano começa pelo trismo, isto é, pela contracção espamodica dos musculos masseteres e temporaes, que endurecem, não se allongão e conservão o queixo inferior fortemente unido ao superior. A rijeza propaga-se aos musculos da face, do pescoço, do tronco, dos membros, e, no meio d'esta desordem de innervação, as faculdades intellectuaes conservão-se intactas. O tetano sobrevem espontaneamente de ordinario, sem causa conhecida, ou desenvolve-se em consequencia de alguma ferida.

Tratamento. Os medicamentos empregados contra o tetano são numerosos; indico os que produzirão algumas curas :

Opio. Para ser util no tetano, deve ser dado em grande dóse. Extracto de opio, 20 a 50 centigrammas (4 a 10 grãos) e mais por dia, conforme o effeito que se produzir, em pilulas 638, ou laudano de Sydenham em poção, segundo a formula seguinte :

Agua	150 gram.	Xarope simples	30 gram.
Laudano de Sydenham	8 gram.		

Para beber duas colheres *de sopa* de duas em duas horas. Quando o doente dorme, cumpre cessar o tratamento pelo opio, porém é preciso tornar a continuar a poção ao acordar.

Injecções intra-musculares com 20 gottas da solução seguinte :

Chlorhydrato de morphina	50 cent.	Agua distilada	25 gram.

As injecções fazem-se com a seringa de Pravaz representada na pagina 96, no interior dos musculos atacados de contracções espasmodicas, no masseter, quando se trata do trismo, nos musculos do peito, dos braços ou da coxa no tetano geral. Fazem-se duas ou tres injecções diarias (20 gottas da solução por cada vez). O Dr. Demarquay publicou tres casos de cura obtidos por este methodo (Abril, 1872).

Tintura de aconito. 10 gottas, de duas em duas horas, internamente, n'uma colher d'agua fria.

Poção de chloral hydratado 371, para tomar uma colher *de sopa*, de hora em hora. Existem casos de cura, obtidos com este medicamento.

Uso interno de *chloral hydratado*, e ao mesmo tempo *injecções hypodermicas de chlorhydrato de morphina*. O Sr. Dr. Pacifico Pereira publicou dois casos de cura (Gazeta medica da Bahia, Março 1876). Eis-aqui o seu tratamento : Injecções hypodermicas de chlorhydrato de morphina, pela manhã e á tarde, começando por 1 centigramma de cada vez, e subindo gradualmente até 3 centigrammas 643. Nos intervallos chloral hydratado, 50 centigrammas de 4 em 4 horas 371.

Lobelia inflada 562, em infusão, que se prepara com 30 gram. de folhas da planta, e q. s. d'agua fervendo, para ter 180 gram. de infusão. O doente toma uma colher *de chá* d'esta infusão de meia em meia hora. Suspende-se o medicamento, se produzir enjôos ou vomitos. O Dr. Buther, de Ohio, pubicou tres casos de cura pelo emprego da lobelia. (*Med. surg. Reporter,* 1870.)

Ether sulfurico. Poção contra o tetano 456.

A *chloroformização* foi empregada com alguma vantagem. Dá-se a respirar o chloroformio repetidas vezes, até o doente pegar no somno, cada vez, 374.

Aguardente. Dá-se a beber aguardente de canna ou aguardente de França até produzir a embriaguez. Um calix de duas em duas horas. O emprego da aguardente é bastante commum contra o tetano nas fazendas do interior da provincia do Rio de Janeiro, e tem-se obtido com este meio algumas curas.

O *curare* 409, applicado pela primeira vez em 1859, deo tres curas, mas não se continuárão. Administra-se pelo methodo hypodermico. Faz-se solução de 5 centigrammas (1 grão) de curare em 100 gottas d'agua, e injectão-se 10 gottas d'esta solução duas vezes por dia, debaixo da pelle, do braço ou da coxa, com a seringa de Pravaz (v. pag. 96). Na falta da seringa, póde introduzir-se a solução debaixo da pelle por meio de picadas feitas nas coxas ou braços com a lanceta, do mesmo modo que se pratica a vaccinação.

A *fava de Calabar* 458, foi empregada contra o tetano, e os resultados obtidos são animadores. Dá-se em pó na dóse de 20 a 60 centigrammas (4 a 12 grãos) por dia. O extracto póde ser dado em pilulas segundo a formula seguinte :

Ext° de fava de Calabar	25 millig.	Pó de gengibre	25 millig.

Faça 1 pilula, e como esta 23. Dóse, uma pilula de 2 em 2 horas.

Os outros meios aconselhados contra o tetano são : Banhos quentes prolongados, 1, 2, 3 e mais horas. Banhos com decocção de folhas de trombeteira 767 (60 grammas da planta para um banho); banhos com decocção de folhas de tabaco 748 (a mesma quantidade). Belladona 306. Fricções nas costas com essencia de terebinthina 760. Tartaro stibiado em alta dóse : Poção de Laennec 279.

Limpar a ferida, extrahir os corpos estranhos, cura-la convenientemente, regularizar as feridas por armas de fogo, nas quaes os nervos e os tendões estão machucados, amputar os membros troncados pela bala, taes são os meios cirurgicos, proprios para prevenir o tetano.

Tetano dos recem-nascidos. V. *Mal de sete dias.*

THERMOMETRIA MEDICA. Determinação, por meio do thermometro, da temperatura interna do corpo nas molestias. É um novo modo de explorar os estados morbidos, que serve de complemento ao exame do pulso e de outros symptomas.

No homem adulto, no estado de saude, o calor normal é de 37° a 37°,5 da escala centigrada, termo médio 37°,27; apresenta oscillações que são sobretudo determinadas pela alimentação; depois de cada comida; ha pequena elevação que persiste durante tres ou quatro horas; mas estas ascenções são contidas em limites estreitos, porque a fluctuação diurna não excede de quatro a seis decimos de grão. — Verifica-se a temperatura interior do corpo por meio do thermometro applicado na axilla.

A temperatura febríl é constituida pela elevação duradoura acima do maximo physiologico; admittindo, pois, que debaixo da influencia de bebidas quentes, ou de violentos exercicios musculares, o calor possa attingir momentaneamente 37°8 (o que é excepcional), a temperatura que se mantenha durante muitas horas entre 38° e 38°,5, deve ser considerada como febríl. Estes algarismos são, aliás, os mais fracos, que se observão no estado de febre.

O conhecimento da temperatura animal serve para o diagnos-

tico, tratamento, e sobretudo para o prognostico. Mas, para este fim, um algarismo isolado não é sufficiente; importa conhecer as oscillações quotidianas da temperatura durante todo o curso da molestia. Assim, a observação não póde ser util, senão quando é repetida duas vezes em 24 horas pelo menos, e todos os dias á mesma hora,

A exploração deve ser feita na axilla; cumpre deixar ali a bola do thermometro durante vinte minutos. Póde-se deixar menos tempo, se previamente o observador a segurou na mão para leva-la á temperatura de 37 gráos, que é a altura physiologica; bastará então manter o thermometro na axilla, em quanto vai subindo, e marcar a sua altura, depois de estacionar durante tres a cinco minutos.

Para facilitar as observações thermicas, existem nas lojas de objectos de physica, thermometros de pequeno comprimento, que satisfazem todas as necessidades da clinica. Estes thermometros são de mercurio ou de alcool tinto de côr vermelha; o thermometro de alcool vermelho é mais apreciavel á vista do que o de mercurio. O instrumento tem 16 centimetros de comprido, de que 3 pertencem ao reservatorio, que é de fórma cylindrica. Entre a extremidade superior do reservatorio e o algarismo mais baixo da escala, existe um espaço não graduado, de 4 centimetros; em consequencia d'esta disposição, a escala inteira apparece fóra da axilla quando o instrumento está ali collocado, e a leitura dos gráos não apresenta difficuldade alguma. A escala graduada, limitada ás exigencias pathologicas, comprehende 10 gráos, de 35° a 44°; cada gráo está dividido em decimos, figurados por linhas transversaes, de que a quinta (meio gráo) excede algum tanto as outras. A apreciação dos decimos do gráo adquire d'esta maneira grande facilidade. O modo de applicar o instrumento não é cousa indifferente; contribue muito para a precisão do resultado. Antes de collocar o thermometro, deve este ser aquecido na mão do observador, como já deixei dito; uma vez o instrumento no seu lugar, approxima-se o braço da parede thoracica, e mantem-se n'esta posição durante alguns minutos. Este thermometro, tanto de mercurio como de alcool, custa em Pariz 6 francos.

O gráo thermometrico mais elevado que tem sido visto até agora, com a conservação da vida, foi o de 42°, em um caso de febre typhoide em doente que se curou (Dr. Alvarenga). O prognostico aggrava-se em razão directa da elevação dos algarismos e da sua duração. Se o calor se mantem entre 40° e 41° com remissões matinaes mui fracas, 1 decimo de gráo, a morte sobrevem infelizmente ao cabo de alguns dias; com fortes remissões pela manhã, 6 a 8 decimos de gráo, o prognostico é favoravel.

As observações do Dr. Alvarenga, distincto professor da Escola de medicina de Lisboa, mostrão que até 39°,5 a temperatura não exprime, só de per si, gravidade da molestia; que d'este gráo em diante, e sobretudo de 41° para cima (e com muita particularidade quando esta elevação é duradoura), o prognostico é grave. Uma temperatura alta, mas passageira, importa menos gravidade, do que outra inferior, mas persistente. A febre contínua, que percorre os seus periodos com a temperatura maxima do 40 a 41 gráos, póde ser considerada como uma doença que se curará.

As temperaturas altas, só de per si, constituem um grande perigo, e podem causar a morte. As febres graves, acompanhadas de temperatura elevada, reclamão, pois, a medicação antipyretica :

dieta, o sulfato de quinina, digital, veratrina, medicamentos que fazem baixar a temperatura.

Quando a temperatura é normal (37° a 37°,5) ou levemente elevada, póde-se, em geral, affirmar que a molestia é sem consequencia. Se se verifica, pelo contrario, dois ou tres gráos de elevação na temperatura, este estado annuncia certamente o começo de uma molestia séria.

THROMBO. Derramamento de sangue debaixo da pelle, que resulta de uma contusão. O thrombo pouco volumoso não exige tratamento algum. O thrombo volumoso cura-se pela compressão por meio de atadura. O thrombo forma-se ás vezes ao redor da abertura de uma veia, sobre a qual se praticou a sangria, em consequencia do derramamento de sangue no tecido cellular sub-cutaneo; consiste em uma simples nodoa violacea : desapparece pouco a pouco espontaneamente.

TICO DOLOROSO DA FACE. V. NEVRALGIA FACIAL.

TINHA. A *tinha verdadeira*, *porrigo* ou *favas*, é uma affecção dos cabellos produzida pela presença de um vegetal parasito ou cogumelo, e caracterizada por pequenos botões cheios de materia purulenta, que se desecca e forma crostas de côr amarella, muito adherentes, circulares, *deprimidas no meio*, levantadas nas margens, e que produzem a quéda do cabello. Esta molestia é contagiosa; deve ser distinguida das *tinhas falsas*, que consistem em erupções de outra fórma, e que não são contagiosas. Existem muitas especies de *tinhas falsas* : consistem em crostas de côr parda ou roxa, sem excavação no centro, ou em escamas furfuraceas (*eczema*), ou em vesiculas cheias de liquido transparente, seguidas, após a ruptura, de escamas amarellas (*impetigo*, *ozagre*).

Tratamento. Para curar a tinha verdadeira cumpre : 1° destruir o vegetal parasito; 2° modificar o estado da pelle para que este vegetal não ache mais n'ella as condições da sua existencia; 3° combater as erupções determinadas pelo parasito; modificar, pelo tratamento hygienico e pharmaceutico apropriado, a constituição dos doentes. Os parasitos das tinhas podem existir, sobre o cabello, na superficie da pelle, entre as duas camadas epidermicas, e nos folliculos pilosos. Para fazer desapparecer o cogumelo situado, quer na espessura da epiderme, quer no exterior, bástão as pomadas que matão o vegetal; mas para poder attingi-lo na raiz do cabello, é indispensavel a epilação associada ás pomadas. — Consiste, pois, o tratamento da tinha verdadeira em rapar a cabeça, lava-la com agua e sabão, applicar por um ou dois dias cataplasmas de fecula 461, para despegar as crostas; depois untar a cabeça, uma vez por dia, com pomada de Mahon 326, e polvilha-la depois com pós de Mahon 326, ou applicar oleo de cade 628. Se este tratamento, continuado por dois mezes, não curar a molestia, será preciso arrancar os cabellos um a um, com pinça, e lavar a cabeça com o *lavatorio parasiticida* 608. As outras applicações aconselhadas contra a tinha verdadeira são : Glycereo phenico 158. Acido acetico concentrado, diluido em 3 partes d'agua 149. Pomada sulfuro-saponacea 439. Pomadas antipsoricas 348, 440, 744. Pomada de fuligem 489. Lavatorios com decocção de fuligem 489. Pomada anti-dartrosa 259, 349, 382, 611. Pomada contra a tinha 355, 628, 744, 747. Lavatorio de Barlow 747. Lavatorios com agua de Labarraque 383. Regimen analeptico 785. Bebidas de bardana 303, labaça 553, doce-amarga 418, fumaria 489. Purgantes 804. No tratamento das tinhas falsas empregão-se os mesmos meios, menos o arrancamento do cabello.

Tinha pellante ou decalvante. V. PELLADA.

TIRO DE ESPINGARDA. V. FERIDAS POR ARMAS DE FOGO, p. 986.

TISICA LARYNGEA. Dá-se este nome ao desenvolvimento de tuberculos nos pulmões, acompanhado de laryngite ulcerosa. V. *Laryngite ulcerosa.*

TISICA MESENTERICA. V. TUBERCULOS MESENTERICOS.

TISICA PULMONAR. Diminuição lenta das forças, e emmagrecimento progressivo occasionado pela presença de tuberculos no tecido dos pulmões. Principia por tosse secca, que póde durar annos. Ás vezes a hemoptyse é o primeiro signal; pouco a pouco sobrevem a expectoração mucosa com febre continua; suores abundantes pela manhã. A inspecção e a analyse dos escarros não tem muita importancia no diagnostico : os seus caracteres são, em geral, os mesmos que na bronchite chronica : os escarros são mucosos, opacos, pouco soluveis na agua, ou mesmo misturados com bolhas de ar, de um amarello pallido; distinguem-se ás vezes no meio d'elles porções de materia branca, opaca, semelhante a grãos de arroz cozido; ás vezes os escarros são sanguinolentos ou contém um circulo sanguineo, ou são raiados de sangue. É por meio da auscultação que se póde, sobretudo, reconhecer a tisica. Nos tuberculos incipientes, o murmurio expiratorio; é mais prolongado do que o murmurio inspiratorio; é o inverso do estado de saude, no qual este murmurio é pelo menos tres vezes mais prolongado durante a inspiração do que durante a expiração. Mais tarde, e conforme o progresso do amollecimento dos tuberculos ou da ulceração do pulmão, ouve-se, pela auscultação, o *ruido crepitante,* o *fervor mucoso,* o *som de gargarejo* ou *fervor cavernoso*, a *pectoriloquia*, a *respiração cavernosa,* o *sopro amphorico,* e o *tinnido metallico.* (V. *Auscultação,* pag. 886).

Resumo dos symptomas. Notão-se na tisica tres periodos :

1° *periodo.* (Formação dos tuberculos; tuberculos crús.) Tosse secca, com expectoração mucosa ou sem ella; respiração constrangida; dôres no peito; suores nocturnos; perda de appetite; muitas vezes hemoptyse. Percutindo o peito, ouve-se um som massiço n'um ponto circumscripto, e quasi sempre sobre a clavicula, na região sub-clavicular, no sovaco, ou na fossa supra-espinhosa da omoplata.

2° *periodo.* (Amollecimento dos tuberculos.) Tosse frequente, escarros opacos, cinzentos, esverdeados; hemoptyse; suores nocturnos; diarrhea; emmagrecimento pronunciado. Som massiço completo. Ruido crepitante ou sub-crepitante. Pulso frequente.

3° *periodo.* (Cavernas.) Tosse renitente, escarros sujos, opacos, raiados de sangue; febre, marasmo. Extensão do som massiço. Fervor mucoso. Som de gargarejo. Pectoriloquia.

A tisica segue frequentemente a marcha aguda, isto é, em vez de durar um ou dois annos, como se vê no maior numero dos casos, termina em tres mezes, e mesmo n'um mez (*tisica galopante*). É, todavia, susceptivel de cura. Esta póde effectuar-se pela petrificação dos tuberculos, ou pela cicatrização das cavernas que elles produzírão.

Tratamento. Os agentes pharmaceuticos são adjuvantes uteis, mas é á hygiene que se deve sobretudo recorrer para curar a tisica. O doente deve ser collocado nas melhores condições do clima e da habitação; esta é mais preferivel no campo do que na cidade; aposento vasto; alimentação substancial e variada. Leite de vacca, de cabra, de burra; ovos; ostras. Mingáos de tapioca, de araruta; cangíca; caldo grosso de cevadinha cozida adoçado com assucar e aromatizado com agua de flor de laranjeira; café com bom leite;

costeletas de carneiro; sopas de carne de vacca, carne da vacca assada e com muito sal; comidas salgadas; geleas de carne; fructas da estação, vinho do Porto, da Madeira, de Bordeos. Vida activa, mas sem fadiga. Usar de hydrotherapia, de gymnastica. Exercicios de equitação e outros apropriados ás forças do doente. Em todas as epocas da molestia, se as forças o permittirem, o doente fará todos os dias, ás 3 ou 4 horas da tarde, ao ar livre e ao sol, um passeio a pé, a cavallo ou em sege. Evitar o canto, os instrumentos de sopro, as conversações prolongadas. Privar-se das distracções e dos prazeres que não podem gozar-se senão á custa do somno. Mas de todos os meios aconselhados contra a tisica, o melhor é a mudança da residencia. Na provincia do Rio de Janeiro o lugar mais proprio para os doentes d'esta especie é a Nova Friburgo; em Portugal, a provincia do Algarve, e sobretudo a ilha da Madeira. Nas outras partes, Niça, Hyeres, Cannes, Florença, Roma, Piza, Veneza, os arredores de Napoles. Na ilha da Madeira, a temperatura é amena em todas as estações; o barometro é pouco variavel; as chuvas são moderadas, as noites magnificas; não ha emanações deleterias, e os doentes podem gozar os passeios, pela beira-mar e pelo campo. — Um tratamento hydrotherapico bem applicado tambem será util, como tonico.

Os antigos medicos applicavão fontes no braço, que entretinhão por muitos annos, para prevenir ou curar a tisica. A experiencia desaprova semelhante pratica, que diminue as forças, altera a constituição, e produz resultados oppostos aos que se desejão obter.

Como meios preventivos, empregar a infusão de lupulo 564, succo de agriões 168, xarope antiscorbutico 497.

Caldas sulfurosas, em bebida, inhalação, pulverização ou banhos 184; Caldas, na provincia de Minas Geraes no Brasil 195; em Portugal, Caldas da Rainha 197, Taipas 228, Vizella 234; em França, Eaux Bonnes 205.

Infusão de flores de malva, de hysopo, de hera terrestre. Pasta de musgo islandico 620. Gelea de musgo islandico, simples ou com quina 621. — Xarope de Lanthois 621, pilulas de Lanthois 622, fricções de Lanthois 622. Cozimento de carragaheen 352. Xarope de renovos de pinheiro 668. Xarope de terebinthina 758. Pilulas de alcatrão 240. Respirar o vapor do alcatrão 240. Oleo de figado de bacalháo, 1 a 3 colheres *de sopa,* tres vezes por dia 631. Xarope de erysimo composto 441. Xarope de balsamo peruviano 302. Xarope de balsamo de Tolú 302. Sal commum. Leite com sal. Usar do leite produzido por cabra, a que se dá diariamente uma alimentação composta de hervas, juntas com 20 a 30 grammas de sal commum.

Calmantes : Pilulas d'extracto de opio 638. Chlorhydrato de morphina 642. Pilulas de codeina 644. Xarope de phellandrio 662. Xarope de lactucario 247. Xarope de lactucario opiado 247.

Contra a hemoptyse : Pediluvios sinapizados 616, ou sinapismos nas pernas 616. Ventosas seccas no peito. Mistura nitrada 298. Electuario antihemoptoico 702. Poção com extracto de ratanhia 693. Pilulas antihemoptoicas 753.

Contra a diarrhea : Clysteres de linhaça simples 560, ou com 10 gottas de laudano de Sydenham. Clyster com polvilho 670.

Tratamento com soro de leite e uvas 770. Emplasto de pez de Borgonha no peito 82. Emplasto de cicuta 79. Fricções nas costas com toucinho. Applicações no peito de tintura de iodo 531. Inhalações de vapor d'agua contendo 4 grammas d'acido phenico alcoolizado para 500 grammas d'agua fervendo 156.

Hypophosphito de cal 527, ou hypophosphito de soda 527, em xarope.

As preparações arsenicaes são empregadas por alguns medicos contra a tisica. As observações sobre o effeito d'estas substancias parecem provar que se ellas são venenosas na dóse de 5 centigram. (1 grão), são corroborantes, isto é, augmentão as forças na dóse menor, e continuada por algum tempo (v. p. 284). Debaixo da sua influencia a secreção das cavernas póde minorar, a febre, sobretudo, se apresenta certa periodicidade, póde melhorar e desapparecer; a tosse diminuirá. O melhoramento do estado geral é a unica cousa que se poderá obter; mas o arsenico não tem propriedades especiaes para fazer desapparecer os tuberculos, ou prevenir a sua formação. As preparações d'este genero, que se empregão contra a tisica, são o acido arsenioso e o arseniato de soda; o acido arsenioso emprega-se na dóse diaria de 1 milligramma (1/50 de grão) até 1, 2, 3 centigrammas (1/5, 2/5, 3/5 de grão) dissolvido em agua, ou em granulos. Veja-se: Solução arsenical de Boudin 287. Granulos de acido arsenioso 286. Granulos de Dioscorides 286. — O arseniato de soda dá-se na dóse de 2 a 25 milligrammas (1/25 a 1/2 grão) por dia, em solução ou pilulas. Veja-se: Soluto de Pearson 288. Pilulas de arseniato de soda 288. Cumpre proceder com muita cautela no emprego das preparações arsenicaes; administra-las em pequenas dóses, e não chegar ao limite no qual ellas deprimem as forças e se tornão toxicas (v. p. 285).

O tratamento do Dr. Jaccoud é o seguinte: Regimen corroborante; polpa de carne de vacca fresca envolta em hostia, ou misturada com aguardente de França; oleo de figado de bacalháo, preparações de quina, acido arsenioso, preparações de ferro, fontes no peito, na região sub-clavicular.

TOMBO. V. QUÉDA.

TORCEDURA, **Torsão** ou **Máo geito**. Estiramento forte das partes molles e dos ligamentos que cercão as articulações moveis, e principalmente a articulação do pé. — Applicar pannos molhados em agua fria, e renovar estas applicações logo que a agua se aquecer. Em lugar d'agua fria simples, podem-se applicar pannos molhados em agua vegeto-mineral 146, ou em agua fria misturada com aguardente camphorada 322, ou com vinagre, ou, então, cataplasma fria de polpa de batatas raspadas. Conservar a junta em posição elevada. Friccionar a junta, apoiando alguma cousa n'ella. Esta operação, chamada *maçadura*, tem utilidade real nas torceduras: favorece a absorpção dos liquidos derramados, torna a pôr os tendões nos seus lugares normaes, e fortifica as partes molles. Procede-se como está indicado na pagina 565. Se a dôr articular persistir, e se sobrevier inchação e vermelhidão, applicar cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461, e usar de banhos d'agua morna.

TORCICOLLO. Dôr rheumatica nos musculos do pescoço, que obriga o doente a ter a cabeça inclinada para diante ou para um dos lados. — Fricções com essencia de terebinthina 760, com aguardente camphorada 332, com balsamo tranquillo 309. Sinapismo sobre o lugar dorido 616. Maçadura 565.

TORTO DOS OLHOS. V. ESTRABISMO.

TOSSE. Expiração subita, mais ou menos estrondosa. É secca ou humida. Esta provoca a excreção mais ou menos abundante de mucosidades; aquella não produz nenhuma. A tosse secca póde ser occasionada por alguma irritação das vias aereas, por corpos estranhos suspensos no ar, *v. g.*, pela poeira, por filamentos de algodão

ou lã, por vapores acidos, pelo ar muito quente e mui secco. Observa-se nos sarampos e na escarlatina. Depende ás vezes das molestias do estomago e do figado. As pessoas nervosas são sujeitas a accessos de tosse secca e mui fatigante: depende esta da nevrose do larynge, e constitue a *tosse nervosa*. É produzida ás vezes pela dentição, pela presença dos vermes no canal intestinal, pela amenorrhea, hysterismo, pelas affecções do utero. Mostra-se tambem no começo da tisica, mas, então, é acompanhada de outros symptomas da molestia. Quando a tosse é ao mesmo tempo secca e rebelde, chama-se-lhe *tosse ferina*.

A tosse é humida na bronchite, laryngite, tisica confirmada, pneumonia, pleuriz, coqueluche, defluxo, asthma.

Na coqueluche, a tosse consiste em muitas expirações successivas, acompanhadas de uma inspiração lenta e sonora. No crup, assemelha-se ao ladrar do cão.

Não sendo ordinariamente a tosse senão um symptoma de molestia, o melhor tratamento que se póde empregar para cura-la, consiste em fazer desapparecer a molestia que a produzio. V. *Bronchite, Defluxo, Laryngite, Asthma, Coqueluche, Pneumonia, Tisica.*

Contra a tosse secca e nervosa, empregar os medicamentos emollientes 797, expectorantes 799, e narcoticos 802.

TRACHEOTOMIA. Operação pela qual se estabelece uma communicação entre a trachea e o exterior. A extracção dos corpos estranhos, o edema da glotte ou o crup tornão-n'a muitas vezes necessaria. Eis-aqui como se procede. Deitado o doente de costas, o peito levantado, a cabeça levemente virada para traz, e um travesseiro posto debaixo da nuca para fazer sobresahir a parte anterior do pescoço, o cirurgião, collocado á direita do doente, abraça e fixa o larynge com a mão esquerda, e com a outra, armado de um bisturí, faz sobre a linha mediana uma incisão que se estende da cartilagem cricoide até ao nivel do esternon. Divide successivamente a pelle e a aponevrose; aparta, se fôr necessario, os musculos sterno-hyoideos e thyroideos. Chegado a este ponto deve proceder com muita lentidão. As veias thyroideas inchão no fundo da ferida em cada expiração. Se se acharem sobre os lados, póde-se continuar a incisão; se se collocarem sob o bisturí, apartão-se com ganchos; o cirurgião divide então a camada cellulo-fibrosa de modo a pôr a descoberto a trachea. Abre esta rapidamente, e introduz na ferida um instrumento dilatador afim de ter uma larga abertura, que permitte toda a liberdade á respiração. Se então se trata de extrahir um corpo estranho, procura-se com pinça; se a trachea deve estar aberta para um crup ou edema da glotte, colloca-se na ferida uma canula, e a operação está terminada.

TRACHOMA. Granulações que se desenvolvem na conjunctiva. V. pag. 923.

TREMOR. Agitação involuntaria do corpo ou de algum membro, sem impedimento dos movimentos voluntarios. O tremor depende commummente da fraqueza do systema muscular, e é muitas vezes observado nas convalescenças. Exige um regimen analeptico, e desapparece com o regresso das forças. Se existe por effeito da idade (tremor senil), é incuravel. Póde provir do abuso dos licores alcoolicos, dos excessos venereos, do uso exagerado do tabaco; a interrupção, o abandono d'estes excessos é o unico remedio.

Chama-se *mercurial,* o tremor que se declara nos fabricantes de espelhos, douradores e outros operarios que se achão submettidos á acção contínua do mercurio mui dividido. Cura-se removendo a

causa, empregando os banhos geraes d'agua simples quentes, os banhos sulfurosos 746, e internamente o cozimento de salsaparrilha 710, a infusão de sassafraz 722, e o ferro reduzido 463.

O tremor observa-se tambem na molestia chamada *chorea*. (V. esta palavra, pag. 918).

O tremor que apparece nos individuos ainda jovens, sem causa conhecida, exige o uso das aguas ferreas 182, da cerveja, da infusão da raiz de chicoria 367, dos banhos frios de rio ou do mar, e da maçadura 565.

TRICHIASIS. V. ENTROPION.

TRICHINA. Fig. 314. Verme mui pequeno, de côr branca rosea, do comprimento de 1 millimetro ou menos, da largura de 1/3 de millimetro. Acha-se na carne muscular do porco, e de alguns outros animaes, e transporta-se ao homem por via da ingestão da carne de porco infectada. A trichina ingerida desenvolve-se no intestino, e põe ali os ovos, cujos embryões, depois de nascidos, furão o intestino, passados 8 ou 12 dias, e penetrão nos diversos orgãos, e particularmente no tecido muscular. Se o animal ou o homem não succumbem; as trichinas cobrem-se de um kysto, e ali morrem passado algum tempo. Conhecem-se hoje muitos casos de morte occasionados pelo uso alimentario da carne de porco *trichinada*, que produzio o desenvolvimento das trichinas, primeiro nos intestinos, e depois nos musculos do corpo humano. O coração, o figado, os miolos, a banha, o toucinho, nunca contém trichinas. Deo-se o nome de trichinose á molestia occasionada pela presença das trichinas no corpo do homem. As trichinas não resistem á temperatura de 75° cent., e quando mortas já não são nocivas. Não ha pois perigo em comer a carne cozida cheia de trichinas; mas importa que a cozedura seja perfeita, e que o calor de 75° penetre não só nas partes superficiaes da carne, mas tambem no interior.

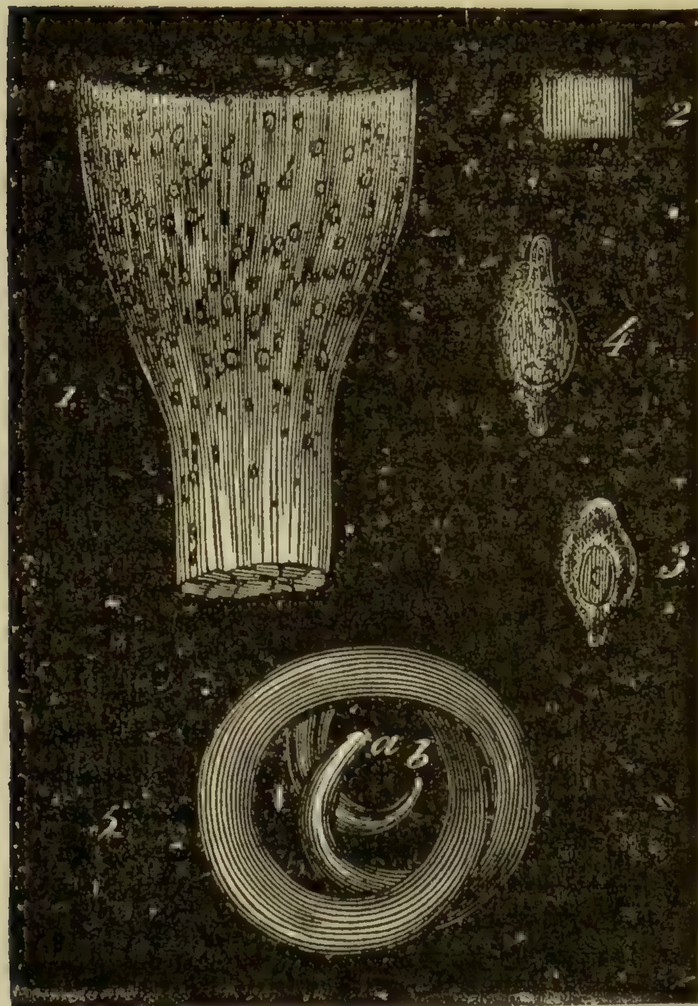


Fig. 314. — Trichina.

1, porção do musculo coberta com kystos de trichina; — 2, kysto isolado; — 3, kysto engrossado 20 vezes. contendo uma substancia cretacea; — 4, kysto contendo dois vermes — 5, trichina vista engrossada pelo microscopio de 200 diametros; — *a*, extremidade cephalica; — *b*. cauda.

Os *symptomas* da trichinose são: 1° *periodo*, que corresponde á existencia das trichinas nas vias digestivas, e que dura até á sua expulsão, a qual tem lugar entre o 8° e o 12° dia; lingua sabur-

rosa, nauseas, vomitos, colicas, prostração, pelle quente, 100 a 110 pulsações por minuto. 2° *periodo, o de irritação muscular;* está em relação com o numero das trichinas, que póde ser muito consideravel: calefrios, dôres nos membros, inchação da face e das palpebras, dilatação das pupillas, movimentos quasi impossiveis, ás vezes contracturas musculares; a pelle cobre-se de suor, de erupção furunculosa ou miliaria; insomnia, agitação, sêde, pulso de 115 a 130. 3° *periodo; o de terminação typhica;* borborygmos intestinaes, colicas, diarrhea, delirio, sobresalto dos tendões, coma, morte.

Tratamento. No primeiro periodo, quando as trichinas se achão ainda nos intestinos, foi aconselhada, para extingui-las, a benzina na dóse de 20 centigrammas por dia, e até 1 gramma por dia internamente 311. Quando as trichinas penetrão nos musculos, as difficuldades therapeuticas augmentão, e não se conhece, até agora, remedio que possa aproveitar. Se as trichinas forem em pequeno numero nos musculos, enkystão-se, e não occasionão damno á economia. Mas se existirem em numero mui consideravel, as desordens que produzem na economia põem a vida em perigo. O tratamento n'este caso consiste em vinho de quina 684, e outros tonicos 807. — Na falta do remedio efficaz contra as trichinas, não ha senão duas cousas a fazer: evitar a infecção pelo exame activo das carnes de porco; preparar este alimento de maneira conveniente. O aspecto exterior do animal vivo, nem tambem o da carne depois de morto, examinado ao olho nú ou com simples lente, não basta para descobrir a presença das trichinas. A intervenção do microscopio é necessaria para se poderem reconhecer, porque são mui pequenas. Havendo trichinas, os seus movimentos podem ser vistos dentro da carne. Quanto ao modo de preparação da carne de porco destinada ao uso alimentario, deve ser bem salgada, ou bem defumada, e sobretudo bem cozida.

Cumpre não confundir as trichinas com as ladras, vermes de outra especie e tamanho, que tambem se encontrão na carne de porco. (V. *Ladraria.*)

TRISMO. Rijeza tetanica dos musculos do queixo. É um dos symptomas do tetano; mas existe tambem como molestia isolada. O tratamento é o mesmo que o do *tetano.*

Trismo dos recem-nascidos. V. *Mal de sete dias.*

TUBERCULO. Esta palavra é empregada, nas molestias de pelle, para designar tumores pequenos, superficiaes, circumscriptos, do volume de uma ervilha até ao de uma azeitona, e que ficão estacionarios ou terminão por suppuração. Estes tuberculos observão-se no *lupo*, *verruga*, *morphea* e *boubas.* (V. estas molestias).

Dá-se mais especialmente o nome de *tuberculos* a uma producção morbida, de um branco-amarellado, ordinariamente arredondada, dura no estado de crueza, que depois se faz molle, e adquire gradualmente consistencia e aspecto analogos ao do pus. Estes tuberculos desenvolvem-se no meio dos orgãos, de que transtornão as funcções e que desorganizão ás vezes completamente. Os tuberculos, nos pulmões, constituem a *tisica pulmonar;* os tuberculos mesentericos constituem a *tisica mesenterica.* A grossura dos tuberculos isolados é ordinariamente a do milho painço; chamão-lhes então *tuberculos miliarios* ou *granulações cinzentas.* Estes grãos augmentão de volume pouco a pouco, tornão-se amarellados, reunem-se desenvolvendo-se, e formão massas ovoides ou espheroidaes, do volume desde o de uma ervilha até ao de um ovo, de consistencia de queijo duro:

chamão-lhes *tuberculos crús*. Mais tarde tornão-se molles e eliminão-se; e continuando a actuar a mesma causa que os tinha produzido, reproduz mais materia tuberculosa, e a molestia mata pela consumpção; ou bem este trabalho limita-se, forma-se uma cavidade ou uma cicatriz mais ou menos completa, e o doente sára. Outras vezes os tuberculos em vez de amollecerem, transformão-se em substancia cretacea; é um outro meio de cura que se chama *petrificação dos tuberculos*. Os tuberculos forão observados em todos os orgãos, mas os pulmões e os ganglios lymphaticos são mais frequentemente invadidos por estas producções morbidas.

Dá-se o nome de *tuberculose* á molestia constitucional produzida pelo desenvolvimento dos tuberculos em um ou mais pontos do organismo.

O *tratamento da tuberculose*, considerada de maneira geral, é sobretudo hygienico, e é ao mesmo tempo preventivo e curativo. Habitação em lugar secco, bem arejado e exposto ao sol; no campo antes do que no interior da cidade, o exercicio, a gymnastica, a hydrotherapia, regimen analeptico composto sobretudo de carnes, ovos, vinho, feculas, banhos frios de rio ou do mar, banhos aromaticos 444. Oleo de figado de bacalháo 631. Medicamentos tonicos 807. — Nas crianças, leite de boa ama, amamentação prolongada até anno e meio.

Tuberculos do cerebro. *Symptomas.* Cephalalgia quasi contínua, tristeza, insomnia, sustos nocturnos, tremor dos braços, convulsões passageiras, estrabismo, paralysia parcial, vomitos, prisão de ventre. Estes symptomas terminão pela morte, que é impossivel impedir.

Tuberculos mesentericos ou **Tisica mesenterica**, ou **Atrophia mesenterica.** Inchação e dureza do ventre, nas crianças, com emmagrecimento geral. — Collocar o doente em bom ar, e habitação exposta ao sol. Alimentação apropriada á idade do doente. Leite de boa ama se se tratar de criança de peito; carnes assadas, ovos, tapioca, vinho para os doentes de mais idade. Banhos quentes aromaticos 444. Banhos do mar. Oleo de figado de bacalháo internamente e em fricções no ventre 631.

Tuberculos pulmonares. V. *Tisica.*

TUMOR. Toda a eminencia circumscripta, de certo volume, desenvolvida n'uma parte qualquer do corpo. Confundem-se, sob a denominação de tumor : o *phlegmão*, o *furunculo*, o *antrax*, a *hernia*, o *abcesso*, as *aneurysmas*, as *varizes*, o *scirrho*, o *edema*, os *polypos*, os *condylomas*, os *lipomas*, os *kystos*, as *exostoses*, as *hypertrophias*, etc., etc.

Tumor branco articular. Inchação das grandes articulações, sem mudança de côr na pelle, de consistencia mais ou menos solida, que depende da alteração das partes osseas ou das partes molles articulares.

Tratamento. Vesicatorios 343. Compressão. Repouso. Fricções com pomada de iodureto de potassio 538, com tintura de quina 684. Expôr a junta ao calor solar repetidas vezes; cerca-la de saquinhos cheios de cinza ou areia quente. Comprimi-la com ligadura circular. Empregar a maçadura 565. Banhos aromaticos 444. Banhos do mar. Habitação sadia. Internamente, medicamentos tonicos 807. Iodureto de ferro 535. Oleo de figado de bacalháo internamente e em fricções 631. Regimen fortificante. Amputação nos casos extremos.

Tumor erectil. Tumor constituido pelo tecido erectil. — Ligadura. Excisão. Cauterização, Fazer a puncção no tumor com trocate fino,

e injectar na veia dilatada do tumor algumas gottas de perchloruréto de ferro a 30° 467.

Tumor ou **Corpo fibroso.** Tumor formado pela reunião de fibras ou filamentos mui apertados, mui fortes, de côr branca ou amarellada. É mais ou menos volumoso, duro, e pouco adherente aos tecidos vizinhos. Estes tumores desenvolvem-se sobretudo no utero e no seio. Não alterão a saude geral; incommodão só quando são volumosos. V. SEIO e UTERO.

Tumor indolente ou **frio.** Fricções com pomada de iodureto de potassio 538, com linimento volatil 266, com oleo de figado de bacalháo 631. Medicamentos tonicos internamente 807.

Tumores do seio. V. *Seio.*

TYMPANITE ou **Meteorismo, Eructações, Flatuosidades, Ventosidades.** Augmento de volume do ventre pela presença de gaz nos intestinos ou na cavidade do peritoneo. As affecções nervosas, o hysterismo, as comidas indigestas, a febre typhoide, a hernia estrangulada, as invaginações, são as causas da tympanite. A tympanite nervosa, hypocondriaca ou hysterica, não tem nada de grave, e desapparece em algumas horas em consequencia da erupção dos gazes pela bocca ou pelo recto, ou por resorpção d'estes gazes. Alimentos de má qualidade, e particularmente legumes crús, podem produzir a tympanite promptamente mortal, facto raro no homem, commum nos animaes. Quando nas febres, e sobretudo na febre typhoide, existe uma forte tympanite, o doente está em perigo de morte. A tympanite sem febre com vomitos estercoraes annuncia invaginação, a hernia ou um estrangulamento intestinal interior, indica a urgencia da operação para fazer desapparecer o estrangulamento da hernia. Quanto ao tratamento das outras tympanites, está indicado no artigo *Flatuosidades*, p. 996.

Typhlite. (Do grego *typhlos,* cego.) Inflammação do intestino cego. A inflammação do tecido cellular immediatamente em contacto com o intestino cego chama-se *perityphlite.*

Symptomas. Dôr e tumor cylindrico na fossa iliaca direita, prisão de ventre. Estes symptomas acalmão-se se a inflammação diminuir ou desapparecer; mas se a inflammação terminar por suppuração, sobrevem inchação da região, difficuldade de mover a coxa, e mais tarde a fluctuação. — Administrar um purgante 804, applicar bichas e cataplasmas de linhaça na fossa iliaca. Abrir o abcesso, se se formar. V. ABCESSO DA FOSSA ILIACA, p. 858.

TYPHO. Febre contínua, que se desenvolve principalmente nas grandes reuniões de individuos, que vivem sob a influencia da privação de alimentos, de fadigas excessivas, de affecções moraes tristes, e que é caracterizada especialmente pelo torpor, prostração das forças, leves movimentos convulsivos, delirio, surdez e manchas rosadas na pelle. — No principio da molestia, recorrer aos evacuantes, que deverão ser conforme as indicações : emetico 278, ipecacuanha 540, agua de Sedlitz 183, sulfato de magnesia 585, sulfato de soda 743, oleo de ricino 632, citrato de magnesia 471. Raras vezes sangria ou bichas. Limonadas de limão, de laranja. Mistura alcoolica 245. Preparações de camphora 329, de quina 684, almiscar 250, e outros meios indicados contra a prostração na *febre typhoide*, p. 983. Espargir no quarto do doente agua phenica 158, ou a dissolução de chlorureto de cal 381. Desinfectar as evacuações alvinas com sulfato de ferro 472.

ULCERA. Solução de continuidade das partes molles, com perda de substancia, mais ou menos antiga, acompanhada de corrimento

de pus, e entretida por um vicio local ou por qualquer causa interna, mas que póde tambem estabelecer-se sem causa conhecida. A differença que ha entre a ulcera e a ferida é que esta, produzida sempre por causa externa, tende a sarar; a ulcera é, pelo contrario, uma affecção chronica, produzida por causa interna que impede a cicatrização.

Ha tres grandes classes de ulceras : 1° As que dependem de affecção geral, de alguma diathese : são as ulceras *syphiliticas, escrophulosas, escorbuticas*, que se desenvolvem nos individuos inficionados pela syphilis, nos escrophulosos, e durante o cúrso do escorbuto. 2° As ulceras que são entretidas por uma affecção local, de que não constituem senão um epiphenomeno desapparecendo com affecção : taes são as ulceras que succedem á necrose ou carie. 3° Emfim, ha ulceras que não se desenvolvem, nem pela influencia de molestia geral, nem de lesão local; apparecem espontaneamente nas condições que vão adiante indicadas. Estas designão-se debaixo do nome de *ulceras simples*.

Ulceras simples. Apparecem quasi sempre nas pernas, especialmente nos individuos obrigados a estar por muito tempo em pé. Succedem depois de alguma ferida, ou desenvolvem-se espontaneamente, e apresentão algumas variedades :

1° *Ulceras inflammatorias*. A superficie é de um vermelho vivo, roxo ou violaceo. A pelle que as cerca apresenta vermelhidão erysipelatosa.

2° *Ulceras callosas*. As margens são espessas, proeminentes, esbranquiçadas ou cinzentas; o fundo é rubro, duro, liso, a pelle vizinha de um vermelho pallido; o membro inteiro está engurgitado.

3° *Ulceras varicosas*. São complicadas da presença de *varizes*. Todo o membro está inchado, e as veias sub-cutaneas apresentão dilatação mais ou menos consideravel.

4° *Ulceras fungosas*. Distinguem-se pela exuberancia das carnes esponjosas. Estas são pallidas, molles, chatas, ás vezes sanguentas.

5° *Ulceras atonicas*. Superficie livida, pallida, que fornece um pus seroso, sem consistencia; margens despegadas; pelle vizinha secca, enrugada, coberta de escamas epidermicas.

As ulceras simples podem ser complicadas da presença de vermes, circumstancia insignificante.

TRATAMENTO. O repouso, a posição horizontal e o asseio são as primeiras condições da cura. O resto do tratamento varía segundo a especie da ulcera. Eil-o :

1° *Ulceras inflammatorias*. Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Banhos e lavatorios com agua tepida. Depois de cessada a inflammação, o que se conhece pela exuberancia e molleza das carnes esponjosas, comprimir a ulcera com tiras de encerado commum 84.

A compressão, que se usa principalmente nas ulceras das pernas, executa-se com tiras de emplasto de diachylão, da largura de 2 a 3 centimetros, e bastante compridas para fazerem volta e meia ao redor do membro. Applica-se a parte média da tira sobre a porção do membro opposta á ulcera, e cruzão-se as duas pontas sobre a solução de continuidade. Cada tira deve cobrir a outra de um terço; e principia-se por applicar a tira inferior. Por cima d'este apparelho, applicão-se compressas, e uma ligadura circular, desde o pé até ao joelho. Quando a suppuração é abundante, interpõe-se um panno crivado untado de ceroto entre as tiras do emplasto e as compressas. Muda-se o apparelho cada dois dias nos primeiros

tempos, e mais tarde reforma-se menos frequentemente. Depois de obtida a cura, usar de meia elastica ou de ligadura enrolada, e abster-se de grandes caminhadas.

2° *Ulceras callosas.* Cataplasmas de linhaça 560, ou de fecula 461. Tocar todos os dias as callosidades com pedra infernal. Ás vezes não basta a cauterização : é preciso excisar as callosidades. Comprimir com tiras de encerado commum.

3° *Ulceras varicosas.* As ulceras varicosas das pernas tratão-se pela compressão com tiras de encerado. Sobrevindo hemorrhagia, applicar primeiro uma chapa de isca sobre a ulcera, e por cima da isca uma ligadura circular, desde os dedos dos pés, até ao joelho. Depois de cessada a hemorrhagia, applicar tiras de emplasto adhesivo ao redor da perna, e por cima a ligadura circular. Em cada curativo, limpar a ulcera com agua de Labarraque misturada com agua, ou com agua e aguardente camphorada. Cumpre, além d'isso, ficar em repouso, e conservar a perna em posição elevada sobre uma almofada. Sarada a ulcera, ter a perna comprimida com meia elastica.

4° *Ulceras fungosas.* Polvilhar com pedrahume calcinada 259, ou cauterizar com pedra infernal. Lavar com agua de Labarraque 383, com solução de chlorureto de cal 381. A compressão com tiras de encerado completará o tratamento.

5° *Ulceras atonicas.* Excisar as margens despegadas. Empregar as applicações seguintes : Solução de chlorureto de cal 382. Agua de Labarraque 383. Ceroto simples 72. Ceroto de espermacete 448. Ceroto de Saturno 146. Glycereo phenico 158. Fios molhados em agua phenica 158. Unguento de Arceus 759. Unguento branco de Rhazes 347. Unguento digestivo 759. Unguento digestivo animado 759. Unguento de estoraque 451. Unguento de Genoveva 760. Unguento da Madre 80. Glycereo de iodureto de potassio iodurado 538. Unguento de tuthia 649. Balsamo samaritano 781. Glycerina 501. Glycereo de chlorato de potassa 373. Solução de chlorato de potassa 373. Tintura de iodo pura 531. Pós antisepticos 333, 687. Lavatorios com decocção de rosas rubras em vinho tinto, com vinho aromatico 445. Alumen calcinado 259. Solução de azotato de prata 301. Cauterização com pedra infernal. Curativos com agua de creosota 407. Pomada de iodureto de chumbo 534. — Ás vezes é preciso cauterizar fortemente a ulcera, para modificar a sua natureza; emprega-se para este fim o caustico sulfo-açafroado 164, ou a massa caustica de Canquoin 384. Tirar os vermes que existem ás vezes nas ulceras, e por meio de cuidados de asseio impedir a sua reproducção.

Novo modo de curar as ulceras pelo enxerto epidermico. Uma pequena porção de epiderme de 2 a 3 milimetros, tirada de qualquer parte do corpo, e especialmente da face interna do braço, applica-se sobre a superficie limpa da ulcera. Tira-se com a lanceta, ou levanta-se com pinça, e corta-se com tesoura immediatamente por baixo das pontas da pinça. Basta conservar em contacto as duas superficies; mas póde-se tambem fazer, como na enxertia vegetal, uma pequena incisão, e introduzir n'ella o fragmento da epiderme. A ulcera enxertada cobre-se com emplasto adhesivo, para que o fragmento da epiderme se não desloque; por cima applica-se uma leve compressa, algodão em rama, para conservar quentes os tecidos, e uma ligadura, até que a nova vida se estabeleça. Isto repete-se de tres em tres ou de quatro em quatro dias. No segundo dia começa a cuticula a separar-se; ao quarto, a inserção offerece

sómente uma leve mancha pallida; ao sexto, apparece um pequeno conjuncto de vasos sobre a ulcera. Passados poucos dias, acha-se formada a cicatriz ordinaria. Nas duas superficies que se tocão, a da epiderme e a da ulcera, desenvolve-se um trabalho organo-plastico; o pedaço de epiderme provoca novas organizações nas granulações da ulcera. Se esta fôr extensa, em vez de um, podem applicar-se dois, tres e mais enxertos. Para este fim, apanha-se a pelle da face interna do braço entre o pollex e o index, ou com uma pinça, e corta-se com bisturí uma porção de pelle, que não seja mais espessa do que metade de uma ervilha, e divide-se com a unha do pollex, em cinco, sete ou mais partes. Então com a ponta de uma agulha ordinaria, se applicão os bocadinhos á superficie da ulcera, ou se implantão por meio de incisões. Não se tire juntamente com a epiderme a gordura nem algum tecido sub-cutaneo. — A transplantação tem suas vicissitudes; uma e outra vez se mallogra o enxerto por causa da pelle, das granulações da ulcera ou da falta de cuidado nas manipulações. A nova pelle deve applicar-se a uma superficie granulosa.

Foi um joven medico francez, o Dr. Reverdin, que propoz primeiro, em 1869, este modo de tratamento das ulceras rebeldes a outros curativos. Os ensaios numerosos, feitos nos hospitaes da Inglaterra, Allemanha e Italia, confirmárão a utilidade d'este methodo, sobretudo nas ulceras de difficil cura, extensas, causadas pelo fogo, nas ulceras varicosas, e outras. Era uma pratica de ha muito conhecida, que a formação de pontos de cicatrização no centro das ulceras, facilita a cura das margens.

Ulceras boubaticas. V. *Boubas*, pag. 899.

Ulceras cancerosas. Desenvolvem-se nos lugares affectados do *cancro* (v. pag. 905). São profundas, segregão um pus fetido, tem as margens irregulares e viradas para fóra. Tratão-se pela cauterização com caustico sulfo-açafroado 164, ou com massa de chlorureto de zinco 384.

Ulceras escorbuticas. Observão-se nos individuos affectados do escorbuto. São lividas, fungosas, deitando sangue pela menor pressão; as margens são salientes, inchadas e irregulares. O tratamento interno e local está indicado no artigo *Escorbuto*, pag. 972.

Ulceras escrophulosas. São as ulceras que se encontrão, sem causa apreciavel, nos individuos que apresentão todos os signaes da diathese escrophulosa. Apparecem em todas as partes do corpo, mas principalmente no pescoço. São de côr roxa, cobertas de carnes esponjosas molles. As margens são muitas vezes despegadas e violaceas. Exigem um tratamento interno, os tonicos, o oleo de figado de bacalháo, os banhos do mar (v. *Escrophulas*, pag. 972). O tratamento local compõe-se das applicações indicadas contra as uleceras atonicas. (V. pag. 1159.)

Ulceras syphiliticas. Podem ser *primitivas*, isto é, apparecer alguns dias depois do contacto impuro, ou *consecutivas*, isto é, succeder a uma affecção antiga, cujos primeiros symptomas já tinhão desapparecido. Os primitivos mostrão-se ordinariamente nos orgãos genitaes; os consecutivos apparecem na garganta, no interior do nariz, nas pernas e braços. Em geral, as ulceras syphiliticas são redondas; as margens são duras, cortadas perpendicularmente. A dimensão é muito variavel; os primitivos (cavallos) tem a dimensão da cabeça de alfinete ou da ervilha; os consecutivos podem adquirir grande extensão. Exigem, todas, o uso interno do mercurio e do

iodureto de potassio, cujas preparações estão indicadas no artigo *Syphilis*. O curativo local acha-se tambem indicado no mesmo artigo.

Ulcera das cicatrizes. O tecido das cicatrizes retrahe-se continuadamente, e as rasgaduras produzem-se pelo menor esforço, e d'aqui vem ulceras. Sobrevem sobretudo nas pernas, nos braços e no rosto. Principião por uma racha, que se estende pouco a pouco. — Tratalas como as ulceras callosas; mas o unico remedio efficaz é a autoplastia ou o enxerto dermico.

Ulcera da cornea. V. pag. 1082.

Ulcera do estomago. A sua largura é de 2 a 6 centimetros. A ulcera simples do estomago differe da ulceração cancerosa, pela ausencia de fungosidades, e por não produzir a côr amarellada da pelle que se observa no cancro.

Symptomas. Fastio, tristeza, dôres epigastricas que augmentão pela compressão ou pela digestão; sensação de queimadura, de caimbra no estomago; dôr nas costas, azía, nauseas, vomitos d'agua, de alimentos, de sangue; prisão de ventre, emmagrecimento, marasmo. A ulcera do estomago sára as mais das vezes, pela cicatrização; porém muitos mezes e mesmo annos são necessarios para chegar a este resultado; a perforação do estomago, seguida da morte, póde tambem ser a sua consequencia.

Tratamento. Regimen composto de leite, mingáos de tapioca, de araruta; caldo de carne, sopas de farinha de milho, de arroz, cevada; comer pouca carne, pouco peixe, poucas fructas. Agua de cal 326. Carbonato de magnesia 582. Sub-azotato de bismutho 735. Agua phenica 158. Contra as dôres, opio 638; contra os vomitos, agua gazosa 171. Banhos geraes d'agua morna; morada no campo.

Ulcera da lingua. V. pag. 1046.

Ulcera de Moçambique. Ulcera que se observa em Moçambique e nas outras partes da Africa. Existe nas pernas; é unica, indolente, de margens salientes e reviradas; tem grande tendencia para destruir os tecidos em profundidade. As causas são as influencias climatericas locaes; ás vezes é produzida pela syphilis.

Tratamento. Cauterizar a ulcera com caustico sulfo-açafroado 164, ou sulfo-carbonico 164. Curar com unguento de Arceus 759, unguento digestivo 759, agua de Labarraque 383, glycereo phenico 158. Internamente, pilulas de proto-iodureto de mercurio 609, e cozimento de salsaparrilha 710.

Ulceras das pernas. No maior numero dos casos são devidas a varizes inflammadas ou rasgadas por uma pancada ou ferida. As outras causas são: rasgadura da cicatriz ou de um eczema, abcessos, derramamentos escorbuticos de sangue, gommas syphiliticas, periostites, bolhas de rupia ou d'ecthyma, etc. — As ulceras, occasionadas pelas varizes, devem ser tratadas pela compressão. (V. *Ulceras varicosas*, pag. 1159). As ulceras syphiliticas, escrophulosas, escorbuticas serão combatidas pelo tratamento interno proprio á diathese que as originou, e pelas applicações externas indicadas contra as ulceras atonicas (pag. 1159). Em todos os casos o doente deve guardar o repouso, e ter a perna elevada sobre um plano inclinado.

Ulcera do utero. V. *Utero*.

Ulcera verrugosa. V. *Mal perforante*.

UNHA (Alteração da). Mudança de côr e augmento de espessura da unha, exfoliação parcial e falta de consistencia da unha. Póde depender do vicio dartroso ou da syphilis. — Applicar glycerina todas as noites 501. Se a molestia depende do vicio dartroso, empregar as preparações de enxofre 437, e outros medicamentos indicados

contra as molestias de pelle (pag. 1068). Se se suspeita o vicio syphilitico, recorrer ás preparações mercuriaes ou ao iodureto de potassio. (V. *Syphilis.*)

Unha encravada. Irritação da polpa do dedo grande do pé, em consequencia de se enterrarem nas carnes as margens da unha. Occupa quasi sempre o lado correspondente ao segundo dedo; é occasionada, no maior numero dos casos, pela pressão que exerce o segundo dedo sobre o dedo vizinho.

Tratamento. Introduzir na forqueta constituida pela juncção dos dois dedos um parche de algodão cardado, com sufficiente espessura, para diminuir a pressão de um dedo contra outro; o algodão será mantido pelos proprios dedos. Em 15 dias o doente estará livre do mal (Dr. Paterson, da Bahia). — Os outros meios de tratamento são : Introduzir entre a unha e as carnes uma lamina de folha de Flandres, uma tira de sparadrapo, fios, ou esponja preparada 449. Cauterizar as carnosidades com alumen calcinado 259, com pedra infernal. Applicar a solução de perchlorureto de ferro a 30° 467. Destruir as carnes situadas em cima da margem encravada, com o bisturí ou pós causticos de Vienna 674. — Introduzir entre a unha e as carnosidades algodão molhado na solução de sub-carbonato de potassa (agua 4, sub-carbonato de potassa 1). A solução penetra a substancia da unha, amollece-a, e transforma em uma especie de polpa as cellulas superficiaes. O algodão é mantido humido continuamente por meio de loções frequentes feitas com a solução. Ao cabo de alguns dias, a unha torna-se delgada e flexivel; e póde-se então, facilmente e sem dôr, cortar a porção necessaria; ou então esperar alguns dias mais até que desappareça inteiramente debaixo da acção da solução. — Limar ou raspar a parte mediana da unha para torna-la bem fina; com o andar racha-se a unha pelo meio e imbricão-se as duas partes : a margem encravada póde então sahir das carnes. — Finalmente, se estes meios não forem sufficientes, extirpar a unha com a raiz. Mas, como esta operação é mui dolorosa, convem primeiro produzir a anesthesia local por meio do jacto de ether dirigido sobre o dedo 786.

Unha (Inflammação da raiz da). V. *Onyxis.*

UNHA DO OLHO. V. PTERYGIO.

UNHEIRO. V. PANARICIO.

UREMIA. As differentes substancias que se encontrão na ourina, principalmente a urea e os uratos, representão productos de que o organismo se desembaraça pelos rins. Se por causa de uma lesão renal, ou por um obstaculo qualquer ao curso da ourina esta eliminição se tornar impossivel, resulta d'isto um estado morbido especial, um verdadeiro envenenamento designado sob o nome de *uremia.* É um estado que ás vezes apparece na nephrite albuminosa, na escarlatina, e, nas mulheres, depois do parto. Consiste em delirio, somnolencia, paralysia e convulsões. As vezes, mas não sempre, a invasão d'estes symptomas é precedida da diminuição da secreção urinaria. Suppõe-se que a uréa, accumulando-se no sangue, provoca um estado comatoso e convulsões que, sobrevindo durante a evolução da nephrite, escarlatina ou estado puerperal, não devem ser attribuidas á inflammação do cerebro ou das suas membranas, mas sim á intoxicação do sangue. Estes symptomas desapparecem com a volta da abundante secreção da ourina, e pelo effeito e evacuações alvinas. O tratamento da uremia consiste em purgantes energicos, escamonea, aloes, jalapa, aguardente allemã 547; e no uso de diureticos, taes como a scilla e a digital.

URETHRA (**Contusão da**). V. pag. 928.
Urethra (**Corpos estranhos na**). V. *Calculos*, pag. 904.
Urethra (**Estreitamento da**). V. pag. 976.
Urethra (**Feridas da**). V. pag. 991.
Urethra (**Fistula da.**) V. *Fistula urinaria*, pag. 995.
Urethra (**Inflammação da**). V. *Urethrite*.
Urethra (**Nevralgia da**). V. pag. 1080.

URETHRITE. Inflammação da urethra. É simples ou blennorrhagica.

Urethrite simples. Póde ser occasionada pelos excessos do coito, pela introducção da sonda, depois da expulsão de uma areia, pela contusão da urethra. É caracterizada pelo corrimento esbranquiçado e mucoso. — Semicupios d'agua tepida, cataplasmas de linhaça 560, infusão de linhaça para bebida 560.

Urethrite blennorrhagica. V. *Blennorrhagia*, pag. 898.

URTICARIA. Manchas proeminentes, mais pallidas ou mais vermelhas do que a pelle que as rodeia, pouco persistentes, acompanhadas de um prurido semelhante ao que occasionão as urtigas. Esta affecção dura poucas horas, e desapparece para tornar a voltar. Póde provir de má digestão, e é occasionada ás vezes pelo uso dos mariscos, ou pelo contacto de certas flores. Cede ordinariamente aos lavatorios d'agua fria misturada com vinagre ou com aguardente, ás applicações de farinha de trigo, de polvilho ou da mistura dos pós seguintes : Amido, 40 grammas; oxydo de zinco, 2 grammas, camphora, 2 grammas. Usar de limonada de limão, ou de laranja.

USAGRE V. OZAGRE.

UTERO (**Cancro do**). V. pag. 909.

Utero (**Corpos fibrosos do**). Designão-se debaixo do nome de corpos fibrosos do utero tumores duros compostos de tecido fibroso e desenvolvidos no tecido do utero. Estes tumores conservão, em geral, durante toda a sua existencia, a mesma composição, e não experimentão modificações senão no volume e consistencia. Com o tempo tornão-se mais duros ou amollecem. Podem occupar todos os pontos do utero. Ás vezes sobresahem na cavidade uterina, e penetrão na vagina; outras vezes fazem proeminencia na cavidade abdominal. O seu volume varía desde o tamanho de uma lentilha até ao de uma laranja, e mais.

Symptomas. Quando os tumores existem na espessura do tecido uterino e são pouco volumosos, não determinão nenhuma desordem notavel, mas o augmento de volume provoca accidentes serios. A menstruação torna-se irregular, o fluxo sanguineo é mais abundante, apparece em epocas mais approximadas do que é costume; existe leucorrhea; peso no ventre, nas virilhas, nas cadeiras; vontade frequente de ourinar; prisão de ventre. Quando o tumor adquirio grande desenvolvimento, conhece-se apalpando a região hypogastrica. Os tumores desenvolvidos na face interna do utero, provocão dôres semelhantes ás do parto; penetrão na vagina, e podem ser verificados pela introducção do dedo, ou por meio do especulo.

Os tumores fibrosos do utero podem ser estacionarios sem determinarem accidentes serios; outras vezes provocão hemorrhagias graves; mas estas céssão na epoca em que cessa a menstruação, e as doentes podem viver muito tempo e mais tranquillas.

Tratamento. Os corpos fibrosos que formão polypos fibrosos no interior da utero, podem ser extrahidos segundo as regras que se applicão aos polypos. Se a operação fôr impossivel, diminuir por meio de cinta os incommodos que provém do peso d'estes tumores.

Contra a hemorrhagia empregar internamente as pilulas de ergotina 364, e externamente as injecções com solução de perchlorureto de ferro 469.

Utero (Fungosidades do). Producções carnosas que se desenvolvem no interior do utero, e formão ás vezes na vagina um pequeno tumor vascular cujo pediculo está cercado pelo orificio do collo uterino. Produzem metrorrhagias abundantes, que enfraquecem as mulheres. Não desapparecem senão por um tratamento cirurgico, pela raspadura da face interna do utero com uma cureta especial.

Utero (Granulações do). Pequenas excrescencias carnosas, ordinariamente confluentes, que se desenvolvem sobre a superficie do collo uterino; occasionão dôres, sobretudo durante a copula, e irregularidades na menstruação. O tratamento consiste em injecções com solução de alumen 258, de perchlorureto de ferro 469, de tannino 753, e applicação de pedra infernal.

Utero (Hemorrhagia do). V. pag. 1022.

Utero (Inflammação do). V. *Metrite*, pag. 1067.

Utero (Kystos do). Os kystos do utero são saccos sem abertura que contém mucosidade ou serosidade, e que se desenvolvem no interior do utero. Quando são volumosos, fazem proeminencia na vagina, e podem ser reconhecidos por meio do dedo ou do especulo. É um tumor molle, semi-fluctuante, ás vezes de consistencia dura. — Nada se deve fazer, se os kystos não occasionarem accidentes. Se incommodarem, tratão-se pela incisão seguida da cauterização com pedra infernal ou da injecção com tintura de iodo 531.

Utero (Nevralgia do). V. pag. 1080.

Utero (Polypos do). Excrescencias que tem por origem um pediculo no interior do collo ou do corpo do utero. Quando o polypo existe ainda na cavidade do utero, os symptomas são mui obscuros; ás vezes não ha nenhum desarranjo de saude; ou, então, a menstruação é irregular. Algumas senhoras tem dôres no utero, nas virilhas, nas cadeiras, e flores brancas. Quando o polypo penetra na cavidade do collo, sobrevem perdas sanguineas abundantes, e incommodo insolito na parte superior da vagina. Quando o polypo desce á vagina, exerce compressão mais ou menos forte sobre os orgãos vizinhos : ha frequente vontade de ourinar e prisão do ventre. Logo que o polypo atravessou o collo, póde reconhecer-se por meio do dedo ou do especulo.

Tratamento. Nada fazer se o polypo é pequeno, e se não incommoda. Se produzir abundantes hemorrhagias, recorrer á ligadura ou á excisão do tumor.

Utero (Prolapso, Descida, Quéda, Sahida, ou Relaxação do). Reduzir o utero e mantê-lo, assim reduzido, por meio de esponja ou de pessario introduzido na vagina. Os pessarios são de differentes fórmas. Um dos mais commodos é o pessario elastico representado na fig. 315. É um annel feito de mola de relogio coberto de caoutchouc. Introduzido na vagina, toma a fórma que é necessaria para soster o utero. Antes de introduzi-lo é preciso unta-lo com glycerina. Este pessario fabrica-se e vende-se em Pariz em casa de Galante, fabricante de instrumentos de cirurgia, rua de l'*Ecole de Médecine*, 2.

Utero (Rheumatismo do). O rheumatismo do utero é caracterizado pela dôr parcial ou geral do utero, de intensidade variavel. Durante a gravidez, póde provocar o parto ou o aborto. — Cataplasma de linhaça no ventre, sinapismos nas pernas. Clyster d'agua tepida com 20 gottas de laudano 636.



Fig. 315. — Pessario elastico.

Utero (Ruptura do). É um accidente do parto. Uma simples rasgadura do collo é de pouca importancia; observa-se esta ás vezes nas senhoras que parem pela primeira vez. As causas da ruptura do utero são violencias externas, contracções do utero durante os esforços para a expulsão do feto, impedidos por alguma causa de dystocia (v. pag. 1100), applicação do forceps por mãos inexperientes, delivramento mal feito. Os signaes são : dôr viva, subita, sensação de rasgadura acompanhada ás vezes de estalo. Segue-se hemorrhagia interna, ordinariamente mortal. — O tratamento consiste em applicar pannos molhados em agua fria, ou melhor ainda gelo no ventre. Extrahir a criança com forceps ou pela versão. Se houver estreitamento da bacia, e se o feto morto não puder passar, recorrer á cephalotripsia ou embryotomia; se a criança vive, praticar a operação cesareana.

Utero (Ulcerações do). Designão-se debaixo do nome de ulcerações do utero todas as soluções de continuidade não traumaticas do collo uterino, entretidas por causa local ou geral. São muitas vezes consecutivas á inflammação do utero. Ás vezes consistem em simples *excoriações;* outras vezes são ulceras mais ou menos profundas. São acompanhadas de corrimento mucoso-purulento, de dôres nas cadeiras, virilhas, coxas.

Tratamento. Semicupios d'agua quente. Injecções de cozimento de linhaça 560. Clysteres emollientes e calmantes 640. Mais tarde injecções adstringentes com alumen, sulfato de zinco ou acetato de chumbo, na dóse de 4 grammas (1 oitava) de cada uma d'estas substancias para 1 litro (32 onças) d'agua; com a solução de tannino 753, de perchlorureto de ferro 469. Cauterização com pedra infernal ou com o caustico Filhos 674.

UVULA (Relaxação, Prolongamento, Quéda ou Hypertrophia da). Produz vontade frequente de engulir, esforços para escarrar, tosse, phenomenos que resultão do contacto da uvula com a base da lingua. Gargarejos adstringentes 259, 313, 491, 693, 702, 753. Cauterização com pedra infernal. Se a relaxação não cede a estes meios, e se a uvula está mui comprida, convem cortar com tesoura uma porção d'ella.

VACCINA. Erupção de um ou mais botões produzida pela introducção do fluido vaccinico. Nos primeiros dois dias observão-se apenas os caracteres inseparaveis de qualquer picada. No fim do *terceiro* ou *quarto dia*, sente-se ao tocar alguma dureza, e mostra-se uma pequena elevação vermelha. No *quinto dia*, esta elevação transforma-se em pustula, e toma a fórma de embigo. No *sexto*, rodeia-se a pustula de um circulo vermelho, e torna-se o centro mais deprimido. No *setimo dia*, a pustula alarga-se, achata-se, e toma côr branca tirante a azul. No *oitavo dia*, a materia que contém torna-se de côr mais escura; o circulo vermelho muito estreito que até então a circumscrevia, descora-se; a inflammação propaga-se ao tecido cellular subcutaneo. No *nona dia*, apparece uma bella areola, e a pustula enche-se mais de materia. No *decimo dia*, a pustula alarga-se, a pelle faz-se tumida, e na pustula distingue-se com a lente grande numero de pequenas vesiculas cheias de um fluido transparente. É então que o vaccinado sente calor mordicante, peso, viva comichão no lugar, e um movimento febril. No *undecimo dia*, a pustula vaccinal, que excede de 2 a 5 millimetros o nivel da pelle, parece-se com uma lentilha grande, de 5 a 11 millimetros de diametro, de côr aperolada, dura ao tocar, e apresentando a resistencia de um corpo estreitamente unido á pelle. No *duodecimo dia*, principia o periodo da sécca, a depressão central toma a apparencia de uma crosta; o humor contido na pustula, até então limpido, turva-se e faz-se opalino, a areola descora-se, a inchação diminue, a epiderme descama. No *decimo terceiro dia*, a sécca effectua-se no centro; a pustula, até então cellulosa, só forma uma cavidade; abrindo-se vasa de todo e dá uma materia amarellada turva e puriforme. A areola toma côr levemente purpurina. No *decimo quarto dia*, a crosta tem dureza cornea, e uma côr ruiva; o circulo torna-se mais pequeno. A crosta toma depois côr cada vez mais carregada, e torna-se mais proeminente; e cahe do decimo oitavo ao vigesimo oitavo dia, deixando uma cicatriz profunda.

Ás vezes, em lugar d'esta vaccina verdadeira e preservativa, desenvolve-se uma *vaccina espuria* ou *falsa*. No primeiro ou no segundo dia depois da picada da vaccinação, formão-se pustulas desiguaes, levantando-se em pontas desde que apparecem, amarelladas no apice, abrindo-se á menor pressão; o pus que ellas contém sahe e sécca ao terceiro ou quinto dia; ou as crostas que resultão d'esta sécca são molles, amarellas e muitas vezes humedecidas de materia; em resumo, estas pustulas não tem nem a marcha nem a fórma umbilicada das pustulas vaccinaes, e de nenhum modo são preservativas. A falsa vaccina desenvolve-se ás vezes sem causa determinada, mas ordinariamente procede de ter sido o individuo já vaccinado, ou já ter tido bexigas; procede tambem de ter o pus vaccinico mais de nove dias, ou emfim de haver a criança com as unhas coçado a feridinha.

Fluido vaccinico a que chamão tambem *vaccina*. Virus particular, dotado da propriedade antivariolica, descorberto em 1798 pelo Dr. Jenner, em Inglaterra, nas pustulas dos ubres das vaccas.

As vaccas tem ás vezes no ubre botões cuja materia, communicada ao homem, produz botões inteiramente semelhantes, e susceptiveis de transmittir a mesma erupção a outras pessoas pelo mesmo meio, e isto de maneira indefinida. Esta erupção offerece a admiravel particularidade de preservar das bexigas, ou ao menos de diminuir-lhes os effeitos. O liquido que intumesce as pustulas vaccinicas ao setimo dia é transparente, incolor, viscoso, inodoro;

parece-se muito com a serosidade dos vesicatorios. O caracter essencial do fluido vaccinico preservativo é a viscosidade : quando se pica uma pustula com a lanceta, não deve sahir senão lentamente, e deve juntar-se em globulo; uma gotta deve fazer fio entre os dedos, como se fosse xarope. Tal é ordinariamente este fluido do setimo ao oitavo dia depois da inoculação; epoca em que convem emprega-lo, querendo-se vaccinar outros individuos.

Quando não se póde vaccinar de *braço a braço*, isto é, inocular logo em um individuo o fluido vaccinal tomado instantaneamente em outro individuo, recolhe-se o fluido entre duas laminas de vidro, cujas margens se ajuntão depois com cera. Sécca ali passadas algumas horas, e adhere ás laminas intimamente. Cumpre então desfazê-lo em pequena quantidade de agua com a ponta da lanceta. Póde-se ainda conservar o fluido vaccinico em tubos de vidro. Estes pequenos tubos tem 6 linhas de comprimento e são capillares nas extremidades : para carrega-los de vaccina, dão-se differentes picadas nas pustulas vaccinaes, e chegão-se successivamente as gottas á extremidade a mais aguda d'estes tubos, em que o fluido se introduz em razão da capillaridade d'elles; quando lhes falta uma linha para encher-se, fechão-se as duas aberturas approximando-as de uma vela accesa, e cobrem-se depois com lacre.

Para transportar estes tubos sem perigo de quebra-los, mettem-se em canudos de pennas cheios de farelos ou serradura de madeira, e fechados com cera. O fluido assim guardado conserva todas as suas propriedades por muitos mezes, e até annos. Para se fazer uso d'elle, quebrão-se as duas extremidades do tubo, adapta-se a uma d'ellas um pequeno canudo de palha ou de vidro; e tendo posto a outra extremidade sobre uma lamina de vidro, sopra-se brandamente; o fluido vaccinal corre assim do tubo para a lamina, e emprega-se do mesmo modo quando se vaccina de *braço a braço*.

Maneira de vaccinar. Chama-se *vaccinação*, a operação que consiste em pôr o virus vaccinico em contacto com os vasos absorventes da pelle, com o fim de preservar das bexigas. De ordinario escolhe-se a parte superior e externa do braço. Eis-aqui como se procede: Molha-se uma lanceta no liquido vaccinico, chegado á sua maturidade, isto é, na pustula que está no seu oitavo dia de desenvolvimento. O operador, agarrando com a mão esquerda a face posterior do braço da criança que quer vaccinar, ateza assim a pelle da face anterior, e com a mão direita dá n'ella uma leve picada com a lanceta molhada no liquido vaccinico, dirigindo-a horizontalmente por baixo da epiderme com toda a delicadeza para não fazer muito sangue. Basta uma unica picada para que o effeito preservativo seja completo, se o botão se desenvolve bem; mas como póde succeder que elle aborte, dão-se ordinariamente duas ou tres picadas em cada braço.

Importa muito, nas meninas, vaccinar na *região superior e externa* do braço, *na sua parte mais alta*, para que não se vejão as marcas da vaccina, quando, chegadas á idade de 18 annos, usarem de vestidos com mangas curtas. — A vaccinação póde tambem fazer-se perto da barriga da perna, na parte interna.

Quando não se póde molhar a lanceta n'um botão vaccinal, emprega-se o liquido vaccinico conservado entre os dois vidros : então dilue-se na menor quantidade d'agua fria possivel, agitando-o por um minuto com a ponta da lanceta, até que a mistura adquira certa opacidade. Não ha necessidade de applicar apparelho algum sobre as picadas : deixão-se sómente seccar as pequenas feridas, e evita-se o contacto de qualquer roupa aspera.

VAGADO. V. SYNCOPE.

VAGINA (Fistula da). V. FISTULA VESICO-VAGINAL, pag. 996.

Vagina (Inflammação da). V. *Vaginite.*

Vagina (Kystos da). Os kystos da vagina formão no interior d'este conducto, um tumor cujo volume varía com o gráo de desenvolvimento. Este tumor é molle, elastico ou fluctuante. Occasionão só algum incommodo. — Os kystos pouco volumosos, que não occasionão grande incommodo, podem ser abandonados a si. Na condição contraria, incisar o tumor em todo o comprimento, e cauterizar o interior com pedra infernal, ou injectar a tintura de iodo 531.

Vagina (Nevralgia da). V. pag. 1080.

Vagina (Polypos da). Os polypos da vagina tem o volume desde o de avelã até ao de um ovo de gallinha. Tratão-se pela excisão ou ligadura.

Vagina (Prolapso, Quéda, Sahida ou Relaxação da). O prolapso da vagina é a deslocação da membrana mucosa da vagina, analoga á sahida da membrana mucosa do recto. Observa-se nas senhoras que tiverão muitos filhos. — Combate-se com semicupios d'agua fria, com banhos geraes de rio ou do mar, injecções com infusão de rosas rubras 702, decocção da casca de romã 699, injecção aluminosa 259. Se estes meios não forem sufficientes, e estando o tumor volumoso, contê-lo com o pessario cylindrico, mantido na vagina por meio da lamina elastica presa a uma cinta hypogastrica.

Vagina (Ruptura da). As rupturas da vagina produzem-se durante o parto pelas contracções do utero ou pelo forceps ou outro instrumento destinado a extrahir a criança. Se a ruptura ou rasgadura fôr pouco consideravel, cicatriza-se espontaneamente. No caso contrario, reunir as margens da solução pela sutura.

VAGINISMO. Contracção do orificio da vagina, que torna o coito impossivel ou incompleto; póde depender :

1° Da persistencia da membrana hymen, nas senhoras não defloradas ou incompletamente defloradas. O tratamento, n'este caso, consiste em dividir a membrana hymen; ás vezes a incisão deve ser mais profunda : é preciso dividir o musculo constrictor da vagina. 2° Da existencia de uma fissura, caracterizada por uma nodoa de côr rubra de vinho e uma pequena ferida no centro. Os curativos compõem-se da cauterização com pedra infernal, e da introducção das mechas untadas com pomada de belladona 308, ou de tanino 754.

VAGINITE. Inflammação da vagina. Póde ser *simples* ou *blennorrhagica*. A vaginite simples é occasionada pelo abuso do coito, pelo orgasmo que acompanha a primeira menstruação, pelo estado de gravidez, ou apparece sem causa conhecida; a vaginite blennorrhagica resulta do coito impuro. O diagnostico é muito incerto; é quasi impossivel distinguir a vaginite da leucorrhea, depois de passado o primeiro periodo da inflammação. Ambas as especies da vaginite, simples e blennorrhagica, são caracterizadas pela comichão, dôr e corrimento de materia verde-amarellada. A vaginite blennorrhagica é contagiosa, a simples não se communica.

Tratamento. Contra a vaginite *simples,* semicupios d'agua morna, injecções de cozimento de linhaça 560, infusão de linhaça para bebida. Introduzir na vagina uma bola de fios molhada em aguardente, e reformar esta bola cada 24 horas. Para o mais, v. *Leucorrhea,* pag. 1044. — Contra a vaginite *blennorrhagica,* accrescentar ás mesmas applicações externas, o uso interno das preparações de copahiba 399, e de cúbebas 407, do modo que está indicado no artigo *Blennorrhagia,* pag. 898.

VARICELLA. V. CATAPORAS.

VARICOCELE. Dilatação varicosa das veias do escroto e do cordão espermatico. — Usar de semicupios ou banhos geraes frios, de lavatorios com liquidos adstringentes, taes como a solução de alumen 258, a infusão de rosas rubras 702, de casca de romã 699, etc.; abster-se dos banhos quentes, da equitação, de exercicios violentos; trazer um suspensorio. Tal é o melhor tratamento; mas é só *palliativo*. Foi proposto o tratamento *curativo*, que consiste em obliterar as veias por meio da compressão ou da ligadura; mas este tratamento é perigoso; expõe á phlebite ou á perda do testiculo.

VARIOLA. V. BEXIGAS.

VARIOLOIDA. Variola benigna, observada nos individuos já vaccinados, ou nos que tiverão bexigas. — Pustulas raras, sem inchação da pelle, sem febre de suppuração. Descamação prompta. Duração de 8 a 12 dias. — O tratamento é o mesmo que na variola benigna; infusão de flores de malvas.

VARIZES. Dilatação permanente das veias, que apparece quasi exclusivamente nas pernas. Usar de banhos frios, estar de pé o menos possivel, e ter a perna comprimida com ligadura circular, ou com meia elastica. Quando as varizes occasionão hemorrhagias graves alguns cirurgiões propuzerão a excisão, a ligadura ou a cauterização das veias varicosas. Mas estas operações tem produzido phlebites mortaes; a cauterização é menos perigosa do que a ligadura ou a excisão : faz-se com massa caustica de Vienna 674. Contra as hemorrhagias, empregar a compressão com isca, e se não fôr sufficiente, cauterizar com massa de Canquoin 384. Contra as ulceras varicosas, applicar o tratamento das *ulceras*. (V. esta palavra.)

VEGETAÇÕES. V. EXCRESCENCIAS.

VENTOSIDADES. V. FLATUOSIDADES.

VENTRE (**Contusão do**). V. pag. 928.

Ventre inchado, entaboado, nas crianças. V. *Tuberculos mesentericos*.

Ventre preso. V. *Prisão de ventre*.

VERMES INTESTINAES. *Signal certo :* Expulsão do verme. *Signaes incertos :* Colicas, diarrhea, alteração do appetite, eructações, ás vezes vomitos, máo halito, sensação de um corpo que se move no ventre, abatimento ou agitação, pallidez do rosto, emmagrecimento, comichão no nariz, convulsões. — Musgo de Corsega 618. Xarope vermifugo 619. Feto macho 476. Semen-contra 726. Biscoutos vermifugos 727. Santonina 727. Pastilhas de santonina 727. Gragêas de santonina 727. Angelim 273. Sementes de abobora 141. Herva de Santa-Maria 519. Alho pisado em leite 250. Atanasia 292. Cebola. Valeriana 771. Absinthio 141. Casca de raiz de romeira 698. Oleo essencial de terebinthina 760. Ether sulfurico 454. Assafetida 289. Oleo de ricino 632. Jalapa 545. Carvão em pó 354. Coco da Bahia 392. Pós vermifugos 476, 726. Linimento anthelmintico de Dubois 250. Contra as ascaridas vermiculares, que se achão ordinariamente no recto, empregão-se com vantagem clysteres d'agua fria simples, com sal ou com vinagre.

VERRUGA. Excrescencia cutanea, não dolorosa, sessil ou pedunculada, movediça e superficial, mas ordinariamente implantada na espessura da pelle por filamentos brancos e densos. — Cauterização com pedra infernal, seguida de arrancamento. Cauterização com o caustico de Pollau 674. Excisão. — O meio mais brando, porém muito mais demorado, consiste em mergulhar a parte, sobre a qual a verruga se desenvolveo, n'uma solução concentrada de sabão

preto ; forma-se uma leve cauterização na superficie da verruga ; tira-se o tecido destruido, e repete-se o tratamento todos os dias até á cura completa.

VERTIGEM. Estado em que parece que se anda á roda, e que todos os objectos andão tambem á roda. — Quando a vertigem provém do desmaio, é preciso deitar o doente, dar-lhe a cheirar vinagre, e a beber uma chicara de chá de folhas de laranjeira. Quando as vertigens tem por causa o excesso de sangue, applicar bichas no anus, ou sangria, bebidas refrigerantes, como a limonada de limão, tamarindos, etc., regimen composto principalmente de vegetaes, e um purgante de vez em quando 804.

VESGO. V. Estrabismo.

VESICULA. Pequena elevação da epiderme, cheia de liquido transparente e ás vezes opaco; seguida de furfuração ou de crosta laminosa. As molestias caracterizadas por vesiculas são : miliaria, cataporas, eczema, herpes e sarna.

VIA DE FÓRA. V. Prolapso do recto. V. p. 1128.

VIRILHA (Feridas da). V. pag. 991.

VIRILHA (Tumores da). Os tumores da virilha são numerosos; eil-os :

Abcesso agudo. Tumor doloroso, rubro, fluctuante. V. pag. 861.

Abcesso por congestão. Collecção purulenta, na virilha, dependente da lesão das vertebras, precedida ordinariamente de gibosidade. É um tumor fluctuante, reduzivel, sem mudança da côr da pelle, não doloroso. Para o tratamento, V. p. 861.

Aneurisma. Tumor occasionado pela dilatação da arteria femoral; é molle, fluctuante, sem mudança da côr da pelle, batendo com movimento de expansão isochrono ao do pulso, deixando perceber um ruido de folle ou um estremecimento vibratorio. Para o tratamento, v. pag. 870.

Bubão ou *mula.* Tumor ocasionado pelas glandulas lymphaticas da virilha, e *produzido pelo virus syphilitico.* Seus caracteres e tratamento estão indicados na pag. 901. Sendo o virus syphilitico o agente que provoca as mais das vezes as inchações glandulares da virilha, ha grande tendencia a admittir como syphiliticos todos os tumores que são formados pelo desenvolvimento ganglionar d'essa região. Este erro póde ter consequencias graves para o doente, porque associando-se quasi sempre á ideia de syphilis o tratamento mercurial, póde este ser administrado sem necessidade alguma. Por conseguinte, antes de prescrever este tratamento, deve o medico interrogar as circumstancias antecedentes com o maior escrupulo, para decidir se o tumor glandular da virilha depende da syphilis ou da predisposição escrophulosa do doente. N'este ultimo caso, para resolver o tumor, é preciso recorrer ao tratamento indicado contra as escrophulas, p. 972.

Hernia inguinal. Tumor na virilha formado pela sahida de uma porção de intestino ou de epiploon atravez do canal inguinal. É molle, indolente, sem mudança da côr da pelle, augmentando de volume em consequencia de esforço ou pela posição vertical, desapparecendo pela posição horizontal; comprimido torna a entrar na cavidade abdominal, quando a hernia é reduzivel. V. pag. 1024.

Hydrocele enkystado do cordão espermatico. Tumor aquoso na virilha, caracterizado pela existencia, sobre o trajecto do cordão, da inchação oval bem circumscripta, distincta do testiculo, lisa, fluctuante, indolente á pressão, mais ou menos transparente, movel, e situada á distancia variavel do annel inguinal e do testiculo. —

Cura-se pela puncção e injecção, da mesma fórma como o hydrocele da tunica vaginal, pag. 1030.

Ingua. Inchação das glandulas da virilha. V. pag. 1039.

Tumor formado pelo testiculo retido no canal inguinal. Tumor que differe da hernia e de qualquer outra inchação pela dôr enervante que produz a compressão, e pela ausencia concomitante do testiculo no lado correspondente do escroto. — O testiculo desce pouco a pouco, e chega naturalmente ao escroto, em tempo que não é possivel determinar.

Tumor varicoso. Tumor produzido pela dilatação das veias; molle, fluctuante, reduzivel, indolente, muitas vezes cercado de pequenas veias azuladas mui superficiaes, sem alteração da saude geral. — Causa pouco incommodo, e não exige tratamento algum.

VITILIGEM. Descoramento parcial da pelle; consiste em malhas brancas, irregulares, lisas : com canicie do cabello correspondente. Não ha medicamentos contra esta affecção.

VOLVO, Volvulo. V. ILEO.

VOMICA. Collecção purulenta formada no peito, susceptivel de ser evacuada por uma especie de vomitos. O pus sahe subitamente e ás golfadas pela bocca. O tratamento é o que convem na pneumonia chronica e na tisica.

VOMITO. Symptoma de grande numero de molestias do estomago, dos intestinos, do peritoneo, dos rins, do utero, da hernia estrangulada, etc., Póde depender tambem da indigestão, do envenenamento, etc. — Combater a molestia principal.

Vomitos nervosos. Isto é, os que não dependem de lesão organica, *e vomitos das mulheres gravidas.* — Calumba em pó, 1 gramma (20 grãos) duas horas antes do jantar 327. Agua gazosa 171. Soda Powders 152. Poção effervescente de Chaussier 152. Poção anti-emetica de Rivière 152. Extracto de valeriana em pilulas 771. Pilulas de extracto de opio 638. Sub-azotato de bismutho 735. Gelo internamente. Banhos geraes mornos.

Vomitos nauticos. V. *Enjôo do mar.*

Vomitos das crianças de peito. As mais das vezes consistem em simples regurgitações do leite superabundante, contra as quaes não ha outra cousa a fazer senão diminuir a duração da succão. Se provier da inflammação do estomago, empregar cataplasmas de linhaça no ventre, clysteres de linhaça, banhos mornos, e para bebida infusão de herva cidreira.

Vomito preto. V. *Febre amarella.*

Vomitos de sangue. V. *Hematemese.*

VULVA (Abcesso da). V. pag. 861.

Vulva (Acne da). Botões ou pustulas que resultão das glandulas sebaceas entumecidas; apparecem na face externa dos grandes labios. — Usar de banhos com sub-carbonato de soda 349.

Vulva (Affecções syphiliticas da). Os cancros (cavallos) estão situados na face interna dos grandes e pequenos labios, assim como as pustulas mucosas e os tuberculos chatos. Reclamão o tratamento interno e externo da *Syphilis*, pag. 1142.

Vulva (Cancro e scirrho da). Estas affecções são raras n'esta região. Quando existem, appresentão os caracteres descriptos no artigo *Cancro*, pag 905.

Vulva (Corpo fibroso da.) Desenvolvem-se ás vezes na espessura dos grandes labios massas duras, apparentemente scirrhosas, mas de tecido branco e fibroso que differe essencialmente do scirrho. São de fórma arredondada, lisos, mui duros, mas não dolorosos;

não incomodão senão pelo seu volume. Se adquirirem grande extensão, é necessario extrahi-los.

Vulva (**Elephantiase da**). A elephantiase (erysipela branca) manifesta-se ás vezes nos grandes labios. Reclama o mesmo tratamento que a elephantiase dos Arabes em geral. V. pag. 946.

Vulva (**Erysipela da**). Os seus symptomas e tratamento são os mesmos que os da erysipela em geral, pag. 970.

Vulva (**Erythema da**). É bastante frequente. Os symptomas são : calor, rubor, dôr e leve inchação; ás vezes existem excoriações mui dolorosas. — Semicupios d'agua morna; polvilhar a região com polvilho ou pós de lycopodio 564. Existindo excoriações, applicar pomada de calomelanos 604.

Vulva (**Esthiomeno da**). Lupo da vulva. É caracterizado pela côr violacea dos grandes labios, endurecimentos e ulcerações mais ou menos profundas. V. *Lupo*, pag. 1048.

Vulva (**Gangrena da**). Tumefacção da vulva seguida de escaras pretas que cahem e deixão ulcerações profundas. Para o tratamento, v. pag. 1010.

Vulva (**Herpes da**). V. p. 1029.

Vulva (**Inflammação da**). A inflammação da vulva, ou *vulvite*, póde desenvolver-se espontaneamente, ou pela acção mecanica do penis sobre a vulva mui estreita, ou pelo contacto do pus blennorrhagico. É caracterizada pela inchação, rubor, dôr e secreção de um liquido, a principio limpido, depois grosso, branco ou amarellado; andar difficil. Separar as superficies por meio de panno untado de ceroto 72, ou glycerina 501. Semicupios e lavatorios frequentes com agua tepida. Lavatorios com agua misturada com aguardente. Se é blennorrhagica, empregar o tratamento interno da *Blennorrhagia*, pag. 898.

Vulva (**Kystos da**). Encontrão-se na espessura dos grandes labios. O seu volume é variavel; alguns attingem o volume de um ovo de gallinha. Consistem em um tumor molle, elastico, fluctuante; a pressão não provoca nenhuma dôr. — Alguns kystos sárão pela simples puncção; outros pela injecção com tintura de iodo misturada com agua 531; em outros, faz-se a incisão do tumor, e enche-se a cavidade com fios para provocar a inflammação adhesiva; outros, emfim, exigem a extirpação.

Vulva (**Lobinhos da**). Desenvolvem-se ás vezes nos grandes labios. Uma simples incisão permitte extrahir estes pequenos tumores mui facilmente.

Vulva (**Nevralgia da**). V. pag. 1080.

Vulva (**Prurido da**). Semicupios e lavatorios frequentes com agua morna. Lavatorios com o liquido seguinte :

Agua de rosas	300 gram.	Acetato de chumbo	30 cent.
Sulfato de zinco	50 cent.		

Polvilhar os grandes e pequenos labios com a mistura de 5 partes de amido e 1 parte de camphora em pó. Lavatorios com aguardente camphorada 332, com solução de 1 gramma de sublimado em 500 grammas d'agua distillada. Lavatorio anti-pruriginoso 349.

Vulva (**Thrombo da**). Derramamento sanguineo no tecido cellular dos grandes labios, e mesmo no da vagina. Estes tumores desenvolvem-se : 1° fóra do estado puerperal; 2° durante a gravidez, o parto, ou pouco tempo depois da parturição. Os primeiros produzem-se pela quéda sobre o perineo, ou outra causa da contusão. Os segundos são devidos á pressão que exerce a cabeça da criança

durante o parto. O thrombo desenvolve-se ás vezes durante a gravidez pela influencia das causas mais minimas, pelo balanço de um carro, pela tosse, pela contracção subita dos musculos abdominaes, etc. O tumor tem o volume de um ovo e mais; é de côr roxa; sua consistencia é variavel.

Tratamento. Se o tumor fôr pouco volumoso e não incommodar, é preciso esperar que se resolva espontaneamente. Se apresentar dimensões consideraveis, praticar a incisão larga do lado da pelle antes do que do lado da membrana mucosa, e extrahir os coagulos sanguineos. Sobrevindo hemorrhagia, comprimir com bolinhas de fios. introduzidos no fóco, embebidos da solução de perchlorureto de ferro.

Vulva (Vegetações da). Producções carnosas que se desenvolvem na vulva. Curão-se pela excisão e cauterização com pedra infernal. Se se suspeitar que dependem do virus syphilitico, empregar o tratamento interno da syphilis.

ZONA. V. Cobreiro.

ZUNIDO DOS OUVIDOS. Se fôr effeito de congestão sanguinea na cabeça, empregar pediluvios sinapizados 616, sanguesugas atraz das orelhas, e purgantes 804. Se depender da accumulação de materia ceruminosa, ou da presença de qualquer corpo estranho no conducto auditivo, fazer a extracção. Contra os zunidos de causa desconhecida, os meios que podem empregar-se são : caustico na nuca 343, o fumo de tabaco dirigido ao ouvido, introduzir no conducto auditivo um pedaço de camphora envolto em algodão 329, ou instillar ether sulfurico no mesmo conducto 454.

SUPPLEMENTO

ACIDO CHRYSOPHANICO (Acide chrysophanique, fr.). De *chrysos*, ouro, *phainein*, brilhar. Apresenta-se sob a fórma de agulhas brilhantes, de côr amarella, grupadas em estrellas. É pouco soluvel em agua fria, mais soluvel na agua quente, soluvel, sobretudo a quente, no alcool, no ether, na banha e na vaselina. Acha-se no musgo das muralhas (*Lichen parietinus*), na raiz de rhuibarbo, de que constitue a materia amarella. Mas acha-se sobretudo na *araroba* (v. esta palavra), que o contém na proporção de 80 a 85 por 100. — Seu effeito local é irritante. — Sob a fórma de pomada usa-se na Inglaterra contra as molestias cutaneas. Obtido da araroba, e preparado pelos Srs. Lima, Irmãos e Cª, pharmaceuticos da Bahia, já tem sido vantajosamente empregado nas molestias de pelle, pelo muito distincto Sr. Dr. Silva Lima, e pelos outros medicos da Bahia. Segundo o Sr. Dr. Silva Lima, o *pó da Bahia*, ou a *araroba*, não é a medulla da arvore : é o acido chrysophanico impuro depositado em massa nas longas fendas do lenhoso da arvore.

POMADA DE ACIDO CHRYSOPHANICO (SQUIRE).

Acido chrysophanico 50 centigr. | Banha.............. 30 gram.

Derreta juntamente durante meia hora. Depois de fria a mistura, triture em gral, e ajunte, querendo, algumas gottas de oleo essencial, para aromatizar a pomada.

AGUAS MINERAES (Supplemento ao artigo de *Aguas mineraes*, pag. 170).

Aterrado. Brasil; provincia de Minas-Geraes. Agua tepida, brandamente unctuosa, limpida, incolor, inodora, de sabor ligeiramentc salgado; deixa escapar bolhas grossas parecendo ser gaz acido carbonico. Brota por quatro nascentes n'uma gruta naturalmente cavada n'uma collina constituida principalmente de pedras de natureza calcarea silicosa. Esta gruta forma uma cavidade de cerca de 6 metros de altura e 3 metros no maior diametro horizontal. Das fendas inferiores d'essa gruta jorrão as quatro nascentes d'agua mineral, que enchem ate á altura de meio metro uma bacia lageada de pedras de côr marmorea branca azulada. Entra-se na gruta por uma abertura em fórma de porta ogival. Esta agua foi examinada em 1875 pelo Sr. Dr. Manoel Vieira da Fonseca. Dez litros, evaporados ao ar, deixárão cerca de 1 gramma de residuo de um pc branco pardacento. Este distincto medico propõe de dar á agua o nome de *thermal calcarea silicatada*, em quanto uma analyse mai completa não decidir a sua natureza exacta. Em bebida e banhos a agua mostrou-se util nas molestias cutaneas, nas das vias digestivas, e nas outras affecções chronicas, sobretudo nas das senhoras (V. *Revista medica do Rio de Janeiro*, 31 de dezembro, de 1875.)

Baependy. (*Supplemento* á pag. 189.) *Caxambú* tem hoje 100 a 120 casas, e possue todos os recursos para as pessoas que vão usar das suas aguas mineraes. A viagem faz-se do Rio de Janeiro pela estrada de ferro á estação da Boa-Vista, donde se prosegue a cavallo ou em liteira pela serra do Picú até ás aguas. A viagem do Rio de Janeiro á Boa-Vista faz-se n'um dia, devendo-se dormir no hotel d'esta estação, para seguir na manhã seguinte. O transito entre Boa-Vista e Caxambú póde-se fazer commodamente em tres dias, a saber: Partindo no primeiro dia da Boa-Vista pela manhã póde-se almoçar na *Barreirinha*, descançar por algumas horas para ir jantar e dormir no *Engenho da Serra*. — No segundo dia sahindo d'este ponto vai-se almoçar em *Capivary*, e seguindo, depois de descançar, vai-se jantar e dormir no *Pouso-Alto*. — No terceiro dia partindo d'este ultimo ponto, vai-se almoçar no lugar tambem denominado *Boa-Vista* ou *Caxoeirinha*, chegando-se a horas de jantar em Caxambú. As despezas, de uma só pessoa da viagem do Rio de Janeiro a Caxambú regulão, pouco mais ou menos, pel seguinte:

Passagem na estrada de ferro	11$000
Bagagens de 5 $ a..........	10$000
1 animal de sella...........	15$000
1 animal de carga...........	15$000
Camarada a cavallo..........	20$000
Jantar, chá, camas para si e o camarada, tratamento de animaes, etc. no hotel da Boa-Vista..............	10$000
Almoço com vinho, na Barreirinha, para si e camarada	4$000
Jantar e camas, tratamento de animaes, etc., no Engenho da Serra..........	8$00
Almoço em Capivary..........	4$00
Jantar, camas, etc., em Pouso-Alto...............	8$0
Almoço na Caxoeirinha.......	4$0
Despezas pela conducção de Caxambú á estação da Boa-Vista, que correm por conta do viajante..............	8$0
Total Rs......	117$0

As liteiras custão 80$ rs. por viagem.

As conducções são fornecidas em Boa-Vista. Para tê-las em di determinado, é preciso dirigir, por carta registrada, um pedido a um dos fornecedores, dando-lhe todos os esclarecimentos, isto

o dia em que se quer a conducção, animaes que se precisão tanto de montaria como de cargas, liteira, camaradas, etc., Póde-se tambem tratar, a este respeito, com os correspondentes das casas fornecedoras na côrte, ou nas cidades da provincia do Rio de Janeiro.

Em Caxambú ha casas mobiliadas, hoteis com aposentos decentes, e a mesa variada. Na povoação ha um medico, uma pharmacia bem provida, lojas de fazendas, objectos de armarinho e calçado, estabelecimentos de bilhares e um collegio para meninos.

Caldas. Brasil: provincia de Minas Geraes. (*Supplemento* á p. 195).

Em 1875 o Governo do Brasil nomeou uma commissão para examinar estas aguas. A commissão foi composta do Sr. Dr. Ezequiel Corrêa dos Santos, Sr. Dr. Agostinho José de Souza Lima, e Sr. Dr. José Borges Ribeiro da Costa. Eis-aqui o resultado d'este exame:

Fonte Pedro Botelho.

« Agua clara, limpida, transparente, de cheiro e sabor hepaticos, ao tacto unctuosa. Temperatura 45° centigrados na superficie d'agua e 46° no fundo, estando a temperatura do ar ambiente a 22°. Um litro d'agua forneceo de residuo em peso $0^{gr},6350$ constituido por:

	Grammas.		Grammas.
Acido sulfurico	0.0903	Potassa	0.0110
Silicia	0.0180	Soda	0.2780
Acido carbonico	0.2100	Materia organica e perda	0.0120
Chloro	0.0037	Magnesia e ferro, vestigios	
Cal	0.0120		0.6350

Um litro d'agua forneceo 11 centimetros cubicos de gazes: azoto e acido sulfhidrico.

Fonte Maria.

Assim como a precedente, a agua é clara, limpida, transparente, de cheiro e sabor hepaticos, ao tacto unctuosa. Temperatura 44°, na temperatura do ar ambiente de 22°. Um litro d'agua forneceo de residuo fixo $0^{gr},6430$ de principios distribuidos da maneira seguinte:

	Grammas.		Grammas.
Acido sulfurico	0.0820	Potassa	0.0130
Silicia	0.0170	Soda	0.2816
Acido carbonico	0.2195	Materia organica e perda	0.0150
Chloro	0.0039	Magnesia e ferro, vestigios	
Cal	0.0110		0.6430

Gazes $10^{cc},2$ por litro, que são: azoto e acido sulfhidrico.

Fonte Macacos.

Agua ligeiramente turva, cheiro e sabor hepaticos, ao tacto unctuosa. Temperatura 41°. Um litro d'agua forneceo de residuo fixo $0^{gr},6540$ constituido pelos principios seguintes:

	Grammas.		Grammas.
Acido sulfurico	0.0566	Potassa	0.0165
Silicia	0.0200	Soda	0.2973
Acido carbonico	0.2293	Materia organica e perda	0.0191
Chloro	0.0042	Magnesia e ferro, vestigios	
Cal	0.0110		0.6540

Gazes: azoto e acido sulfhidrico, $10^{cc},6$ por litro.

A estação mais propria dos banhos nas *Caldas* está comprehendida entre os mezes de Agosto e Novembro, porque a temperatura atmospherica é mais regular, e não cahem muitas chuvas, O numero de banhos mais conveniente em cada estação é de 20 a 30; e se depois d'estes não tiverem os doentes obtido curas, e sim sómente melhoras em suas enfermidades, devem voltar na estação seguinte: muitas vezes só assim o restabelecimento será completo. Como as tres aguas não offerecem a mesma temperatura, convem em geral começar

os banhos pelo menos quente, e d'ahi gradualmente passar ás outras. »

Segundo a commissão as aguas de *Caldas* são applicaveis nos rheumatismos articulares chronicos, nas affecções da pelle, e sobretudo nas de fundo parasitario, particularmente nas que apresentão caracter escamoso e furfuraceo, assim como nas que dependem do vicio syphilitico; nas paralysias que são puramente nervosas e que não dependem da lesão organica do cerebro; nos catarrhos pulmonares e vesicaes; na asthma; nas ulceras atonicas e inveteradas; nas dôres syphiliticas; são nocivas na morphea.

Aguas ferreas (*Supplemento* á pag. 181). Ás aguas ferreas brasileiras, indicadas na pag. 181, é preciso accrescentar as seguintes:

Ne *municipio do Rio de Janeiro*: Aguas ferreas de Andarahy, chacara do *Amorim*.

Na *provincia do Rio de Janeiro*: Aguas ferreas na fazenda da *Boa Liga*, propriedade do Sr. Joaquim Gomes de Souza Netto, na freguezia das Dôres, municipio de Pirahy. — Aguas ferreas da estação do *Rodeio*, da estrada de ferro Pedro Segundo.

Na *provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul*. Aguas ferreas em *S. Gabriel*.

Aguas sulfurosas Na provincia de S. Paulo: *S. João da Boa Vista*, *Monte Sião e Itapetiningua*.

As aguas mineraes do Brasil que, por faltar a analyse, *não podem ainda ser classificadas*, são:

1° *Lage de Santos*, que brota de uma lage situada no meio do Oceano, 21 milhas ao largo do porto de Santos. O Sr. Dr. Carlos Ferreira de Souza Fernandes, n'uma obra publicada em 1877 sob o titulo de *Aguas mineraes do Brasil*, suppõe, pelas informações que obteve, que é uma agua acidulo-muriatica e sulfurica.

2° *Mossoró e Seridó*, provincia do Rio-Grande do Norte.

4° *Pagé, Crato, Tamboril* e *Santa Quiteria*, provincia do Ceará.

4° *Monte Alegre*, provincia do Pará.

5° *Guarapuava*, provincia do Paraná.

6° *Benevente*, provincia do Espirito Santo.

7° *Frade, Palmeiras*, provincia de Matto-Grosso.



Fig. 316. — Bico de peito artificial, transparente.

BICO DE PEITO artificial transparente, *apresentado á Academia de medicina de Pariz*, em 29 de Maio de 1877, pelo Dr. Bailly, Fig. 316. — Compõe-se:

1° De uma campana de vidro tendo na sua parte superior uma proeminencia olivar; 2° um bico de cautchuc (A) que se fixas obre a proeminencia olivar. A transparencia do vidro permitte assegurar-se de que o apparelho está convenientemente collocado, que não tapa

os orificios dos conductos do leite, e que o leite sahe facilmente do seio. — Este apparelho vende-se em todas as pharmacias de Pariz; custa 1 franco e meio.

IRRIGADOR FILIAT. Modificação do irrigador de Eguisier, geralmente empregado para clysteres. A modificação principal con-



Fig. 317. — Irrigador Filiat.

iste em que o cylindro, em vez de ser de metal e impenetravel á ista, é de crystal mui espesso que póde supportar agua quente. É uma ova e boa invenção feita em 1878. O irrigador Filiat acha-se á venda m Pariz, rua Aboukir, 117, em casa de Meyer; custa 20 francos.

IODURETO DE ETHYLA ou **Ether iodhydrico** (Iodure d'éthyle ou ether iodhydrique, fr.) Liquido sem côr, de cheiro ethereo particular, de uma densidade cerca de 1,95; entra em ebullição a 72°; inflamma-se difficilmente. Decompõe-se com lentidão ao contacto do ar, e mais rapidamente debaixo da influencia dos raios solares, e toma então côr por causa do iodo posto em liberdade. Prepara-se fazendo actuar o alcool sobre o iodo e o phosphoro. É aconselhado em inhalações contra os accessos de asthma. Quando se faz respirar 8 a 10 gottas d'esta substancia, deitada n'um lenço, a um doente no principio do accesso, este é rapidamente interrompido; o mesmo resultado se obtem todas as vezes que se faz a inhalação.

PAPEL DE EXTRACTO DE PIMENTÃO ou **Papel Lardy**. Novo revulsivo, preparado com extracto de pimentão (*Capsicum annuum*, L.), incorporado em massa emplastica, e estendido sobre papel. É de côr vermelha, semelhante á do fructo secco; sua acção é semelhante á do sinapismo de mostarda. Applicado sobre a pelle, produz, em alguns minutos, calor, sensação de queimadura e vermelhidão. Estes phenomenos augmentão durante cerca de tres horas, depois ficão estacionarios, e a acção revulsiva continua durante o tempo que se deseja. Convem, entretanto, tirar o emplasto passadas 24 horas nos adultos, e 8 horas nas crianças. Faz-se cessar a sensação de queimadura, que produz, polvilhando o lugar com amido.

Este novo emplasto revulsivo acha sua applicação na sciatica, lumbago, rheumatismo chronico, nevralgias, e bronchite chronica.

Vende-se em Pariz, em todas as pharmacias; em grande, rua *Cherche-Midi 79*.

O facto, de considerar-se a pimenta como revulsivo, é muito antigo é muito antigo no Brasil. Na provincia do Maranhão, e nas outras provincias do Norte do Imperio, ha lugares em que não lanção mão de outro revulsivo; são as pimentas malaguetas (*Capsicum pendulum*, Velloso), que servem para sinapismos. Para este fim applicão-se socadas e estendidas sobre um panno.

PHOSPHURETO DE ZINCO. Sal de côr pardacenta com laivos arroxeados, crystallizado, de aspecto vitreo, inalteravel ao ar humido, podendo ser muito bem conservado quer em pó, quer em fórma pilular. Obtem-se fazendo actuar o vapor de phosphoro sobre o zinco em ebullição, e em presença de uma corrente de gaz hydrogeneo secco. Vigier introduzio este sal na materia medica, em 1861, como um meio commodo de administrar o phosphoro. O phosphureto de zinco estimula o organismo como o phosphoro. Tem sido administrado, com bom exito, na amenorrhea, dysmenorrhea, chlorose, hysterismo, anaphrodisia, nevralgias, intoxicação saturnina, tremor mercurial, convalescenças. No Rio de Janeiro, o Sr. Dr. Torres Homem tem-n'o applicado com vantagem no beriberi, chorea e paralysia agitante; o Sr. Dr. Martins Costa tem-n'o empregado com muito bom resultado, em dois casos de hemiplegia; e o Sr. Dr. Moncorvo administrou-o em um caso de anemia consecutiva a uma copiosa hemorrhagia em uma senhora. Administra-se em pó ou pilulas, na dóse de 8 milligrammas (1/6 de grão), duas ou tres vezes por dia. Não se deve exceder esta dóse.

Pós de phosphureto de zinco (Vigier.)

Phosphureto de zinco em pó fino..............	40 centigrammas.
Amido em pó................................	5 grammas.

M. e divida em 50 papeis, D. 1 a 3 por dia. Cada papel contém 8 milligrammas (1/6 de grão) de phosphureto de zinco.

Pilulas de phosphureto de zinco (Martins Costa).

Phosphureto de zinco em pó fino............... 20 centigrammas.
Extracto de genciana.......................... 250 centigrammas.

Misture exactamente e divida em 25 pilulas. — D. 2 a 3 pilulas por dia. Cada pilula contém 8 milligrammas (1/6 de grão) de phosphureto de zinco.

SALICYLATO DE SODA (Salicylate de soude, fr.) Sal branco, crystallizado em agulhas sedosas, de sabor acre, porém não caustico, mui soluvel em agua, deliquescente. Introduzido na materia medica em 1877, é aconselhado principalmente contra o rheumatismo articular agudo, e na gota. Eis-aqui o resultado das numerosas experiencias feitas pelo professor Sée, de Pariz: 1° Que o salicylato de soda constitue, na dóse de 6 a 8 grammas por dia, um meio seguro de fazer cessar um accesso de rheumatismo articular agudo, as mais das vezes em menos de 48 horas; 2° que este mesmo medicamento é de um grande soccorro no rheumatismo articular chronico; 3° que na gota aguda e na chronica são tambem favoraveis os seus effeitos; 4° que se póde empregar com vantagem nas nevralgias de toda a especie. A dóse deve variar segundo que se tratar uma molestia febril, ou uma affecção chronica. No primeiro caso deve ser dado na dóse de 6 a 8 grammas por dia, no segundo, na dóse diaria de 4 a 5 grammas, que se dividem em 3 ou 4 porções. O medicamento deve ser administrado dissolvido em uma grande quantidade d'agua. Não se deve exceder de 10 grammas por dia. Em dóse exagerada o salicylato de soda apresenta graves inconvenientes: zunidos nos ouvidos, faiscas luminosas diante os olhos, dôres de cabeça, delirio, e uma surdez mais ou menos completa. Estes phenomenos, desapparecem immediatamente depois da cessação do uso do salicylato de soda; é prudente, porém, não, administrar mais de 10 grammas por dia: é um medicamento perigoso.

Internamente:

Solução de salicylato de soda (Sée).

Salicylato de soda.... 30 gram. | Agua commum...... 300 gram.

Dissolva. No rheumatismo agudo, e na gota aguda, quatro colheres *de sopa* e meia por dia, cada colher em meio copo d'agua fria, de 2 em 2 horas. Cessadas as dôres, diminuir de uma colher por dia; oito ou quinze dias depois diminuir de duas colheres por dia.

Na gota chronica, tres colheres *de sopa* por dia. Contiuua-se até á cessação das dôres e diminuição dos engurgitamentos; depois, duas colheres *de sopa*, durante um tempo indeterminado.

VASELINA (Vaseline, fr.) Substancia unctuosa, solida na temperatura ordinaria, fusivel a 35°, sem cheiro, sem sabor e quasi sem côr; insoluvel na agua, pouco soluvel no alcool e no ether frio; mui soluvel no ether fervendo; dissolve o iodo, o phosphoro, o enxofre, o acido phenico. Obtem-se tratando, n'um apparelho de deslocação, o alcatrão de petroleo pelo ether fervendo. Não se torna rancida, nem póde ser saponificada, caracteres preciosos que a distinguem dos corpos graxos, e fazem d'este novo producto o excipiente util na preparação das pomadas ophthalmicas. Na Inglaterra e nos Estados unidos a vaselina emprega-se no curativo das feridas. A perfumaria tira d'ella um grande partido. Em pharmacia ella se impõe para a preparação das pomadas de conservação difficil, de unguento mercurial, e de todas as pomadas de bases metallicas, de resinas, de alcaloides, da comphora, phenol, acido benzoico, etc.

OBRAS DE MEDICINA

RECENTES OU MAIS IMPORTANTES

PUBLICADAS EM PARIZ EM LINGUA FRANCEZA

Obras publicadas em casa de H. LAUVEREYNS, *livreiro-editor, em Pariz, rua Casimir-Delavigne*, 2.

1° **Dictionnaire élémentaire de médecine**, par les Drs. E. DECAISNE, lauréat de l'Institut, et X. GORECKI, professeur libre à l'Ecole pratique. 1 fort vol. in-8, avec 550 gravures sur bois intercalées dans le texte. 1878.

2° RABUTEAU. **Eléments de thérapeutique et de pharmacologie**. *Troisième édition.* 1 vol. petit in-8, avec figures intercalées dans le texte. 1878.

3° RABUTEAU. **Eléments de toxicologie et de médecine légale, appliquée à l'empoisonnement.** 1 vol. in-18, avec 2 planches lithographiées et des gravures sur bois intercalées dans le texte. 1874.

4° MOYNAC. **Manuel de pathologie et de clinique médicales.** *Deuxième édition.* 1 vol. in-18 de 740 pages. 1877.

5° MOYNAC. **Manuel de pathologie externe.** *Deuxième édition.* 2 vol. in-18, avec figures dans le texte. 1878.

6° MOYNAC. **Manuel de pathologie générale et de diagnostic**, 1 vol. in-18, avec figures dans le texte. 1877.

7° GUÉRIN (A.), chirnrgien de l'Hôtel-Dieu. **Eléments de chirurgie opératoire.** *Cinquième édition.* 1 vol. in-18 jésus. 1874.

8° RICHET, professeur à la Faculté de médecine de Paris. **Traité pratique d'anatomie médico-chirurgicale**. *Cinquième édition.* 1 vol. in-8, orné de 4 planches sur acier et de gravures sur bois intercalées dans le texte. 1877.

9° LUTAUD. **Manuel de médecine légale**. 1 vol. in-18, avec figures intercalées dans le texte. 1877.

10° LEBLOND. **Traité élémentaire du chirurgie gynécologique.** 1 fort vol. in-8 avec 287 figures intercalées dans le texte. 1878.

11° **Anatomie iconoclastique** du Dr. WITKOWSKI, atlas in-4° composé de planches découpées, coloriées et superposées et accompagnées d'un texte explicatif : 1° le corps humain. *Quatrième édition;* 2° le cerveau. *Troisième édition*; 3° l'oreille. *Deuxième édition*; 4° le larynx et la langue. *Deuxième édition*; 5° l'œil; 6° organes génitaux et périnée de la femme. *Deuxième édition;* 7° organes génitaux et périnée de l'homme.

WITKOWSKI. **Structure et fonctions du corps humain**. 1 vol. in-8 avec 383 gravures sur bois intercalées dans le texte et 3 planches d'anatomie iconoclastique représentant : 1° le corps humain; 2° la tête et le cou; 3° le cerveau, l'œil, le larynx. 1878.

Obras publicadas em casa de P. ASSELIN, *livreiro-editor, em Pariz,* place de l'Ecole-de-Médecine.

L'Officine, ou *Répertoire général de pharmacie pratique*, contenant la description de tous les médicaments; les formules extraites de toutes les pharmacopées ou formulaires allemands, américains, anglais, belges, brésiliens, espagnols, français, hollandais, italiens, polonais, portugais, russes, suédois, etc.; de tableaux présentant la concordance des poids et mesures en usage dans les différentes nations du globe; la classification des médicaments; l'art de formuler, etc., etc., par DORVAULT. *Neuvième edition.* 1 fort vol. de plus de 1,600 pages, avec figures dans le texte. Paris 1875.

Traité pratique d'auscultation, ou exposé méthodique des diverses applications de ce mode d'examen à l'état physiologique et morbide de l'économie, suivi d'un précis de percussion, par MM. BARTH et Henri ROGER. *Neuvième edition*, soigneusement revue. 1877.

Traité élémentaire d'hygiène privée et publique, par BECQUEREL. *Sixième édition*, avec additions et bibliographie, par les docteurs BEAUGRAND et HAHN. 1 très-fort volume grand in-18 de près de 1,000 pages, cartonné à l'anglaise. 1877.

Traité élémentaire de pathologie interne, par MM. BÉHIER et HARDY, professeurs à la Faculté de médecine de Paris, etc. L'ouvrage formera 5 forts volumes in-8°. Les trois premiers ont paru.

Dictionnaire des altérations et falsifications des substances alimentaires, médicamenteuses et commerciales, avec l'indication des moyens de les reconnaître, par M. A. CHEVALLIER, professeur à l'Ecole de pharmacie. *Cinquième édition.* Revue, corrigée et considérablement augmentée en collaboration avec M. E. BAUDRIMONT, docteur ès-sciences, professeur à l'Ecole de pharmacie. Un très-fort volume grand in-8° de près de 1,300 pages, avec de nombreuses figures et tableaux intercalés dans le texte, cartonné à l'anglaise. 1878.

Traité élémentaire et pratique de Chimie médicale, appliqué aux recherches cliniques par le Dr. MÉHU, pharmacien de l'hôpital Necker. *Deuxième édition.* Considérablement augmentée. 1 vol. grand in-18 avec figures, 1878.

Traité de thérapeutique et de matière médicale, par TROUSSEAU et PIDOUX. *Neuvième édition.* Revue par Constantin PAUL. 2 vol. de près de 1,150 pages chacun, Paris 1875-1877.

Traité d'hydrothérapie, par le Dr. Louis FLEURY. *Quatrième édition.* Avec figures dans le texte. 1 volume de 1,200 pages. Paris 1875.

Études sur la phthisie, par PIDOUX. Ouvrage auquel la Faculté de médecine de Paris a décerné le prix de 10,000 francs. *Deuxième édition.* Paris 1874.

Leçons de clinique médicale par M. le Dr. Michel PETER. *Deuxième édition*, revue et corrigée. 1 fort vol. in-8°, avec figures cartonné à l'anglaise, 1877.

Traité d'anatomie topographique avec applications à la chirurgie, par P. TILLAUX, très-fort volume grand in-8° de plus de 1,200 pages, avec 250 figures tirées en noir et en couleur et intercalées dans le texte; cartonné à l'anglaise.

Guide pratique de l'accoucheur et de la sage-femme, par Lucien PENARD, professeur à l'Ecole de médecine de Rochefort. *Quatrième édition.* 1874, in-8, xx-551 pages avec 142 figures.

Guide du médecin praticien, ou Résumé général de pathologie interne et de thérapeutique appliquées, par F.-L.-L.-I. VALLEIX, médecin de la Pitié. *Cinquième édition*, par P. LORAIN, professeur de la Faculté de médecine. 1866, 5 vol. grand in-8, avec figures.

La Pathologie cellulaire basée sur l'étude physiologique et pathologique des tissus, par R. VIRCHOW. *Quatrième édition*, par Is. STRAUS. 1874, 1 vol. in-8, avec 157 figures.

Clinique médicale de l'Hôtel-Dieu de Paris, par A. TROUSSEAU, professeur à la Faculté de médecine de Paris, publié par M. le Dr. Michel PETER, médecin des hôpitaux, professeur à la Faculté de médecine. *Cinquième édition.* 1877, 3 volumes in-8 chacun de 800 pages.

Dictionnaire de diagnostic médical, comprenant le diagnostic raisonné de chaque maladie, leurs signes, les méthodes d'exploration et d'étude, du diagnostic par organe et par région, par E. J. WOILLEZ, médecin des hôpitaux. *Deuxième édition.* 1870, in-8, de VI-1114 pages, 310 figures.

Principes de thérapeutique générale, par J.-B. FONSSAGRIVES, professeur à la Faculté de médecine de Montpellier. 1875, 1 vol. in-8 de 450 pages.

Traité de thérapeutique médicale, ou Guide pour l'application des principaux modes de médication, à l'indication thérapeutique et au traitement des maladies, par A. FERRAND, médecin des hôpitaux. 1875, 1 vol. in-18 jésus de 800 pages.

Traité de pathologie externe et de médecine opératoire, par A. VIDAL (de Cassis), professeur agrégé à la Faculté de médecine. *Cinquième édition*, par S. FANO. 1860, 5 vol. in-8, avec 761 figures.

Éléments de chirurgie clinique, comprenant le diagnostic chirurgical, les opérations en général, l'hygiène, le traitement des blessés et des opérés, par J.-C. Félix GUYON, professsnur à la Faculté de Paris. 1873, 1 vol. in-8 de XXXVIII-672 pages avec 63 figures.

Précis iconographique de médecine opératoire et d'anatomie chirurgicale, par Ch. BERNARD et HUETTE. 1873, 1 vol. in-18 jésus, 495 pages avec 113 planches, figures noires.

Le même, figures coloriées, cartonné.

Formulaire officinal et magistral, international par le Dr. JEANNEL. *Deuxieme édition.* 1 vol. de 966 pages. 1876.

Arsenal de la chirurgie contemporaine, par G. GAUJOT, professeur à l'Ecole du Val-de-Grâce, et E. SPILLMANN, professeur agrégé à l'Ecole du Val-de-Grâce. 1876, 2 vol. in-8, avec 1855 figures.

Précis d'opérations de chirurgie, par le Dr. J. CHAUVEL, professeur agrégé à l'Ecole du Val-de-Grâce. 1876, 1 vol. in-18 jésus, 692 pages. 281 figures.

Traité pratique sur les maladies des organes génito-urinaires, par le Dr. CIVIALE, membre de l'institut et de l'Académie de médecine. *Troisième édition.* 1858-1860, 3 vol. in-8 avec gures.

Traité théorique et pratique de l'art du dentiste, par Chapin A. HARRIS et Ph. H. AUSTEN. Traduit par le Dr. E. ANDRIEU. 1874, 1 vol. grand in-8, XVI-960 pages, 465 figures.

Obras publicadas em casa de Adriano Delahaye *et C^a^ livreiros-editores, em Pariz*, place de l'Ecole-de-Médecine.

Traité de pathologie interne, par S. Jaccoud, professeur à la Faculté de médecine de Paris, médecin de l'hôpital Lariboisière. *Cinquième édition* revue et augmentée. 2 vol. in-8 avec 37 planches en chromolitographie. 1877.

Leçons de clinique médicale, faites à l'hôpital de la Charité. par S. Jaccoud, professeur, etc. 1 fort vol. in-8 de 878 pages, avec 28 figures et 11 planches en chromolithographie. *Troisième édition*, avec un joli cartonnage en toile. 1874.

Leçons de clinique médicale, faites à l'hôpital Lariboisière par S. Jaccoud, professeur, etc. *Deuxième édition.* 1 vol. in-8 accompagné de 10 planches en chromolithographie. 1874.

Leçons cliniques sur la syphilis, étudiée plus particulièrement chez la femme, par Fournier (Alfred), professeur agrégé, médecin de l'hôpital de Lourcine. 1 fort volume in-8, avec tracés sphygmographiques 1873.

Traité d'anatomie pathologique, par le Dr. Lancereaux, professeur agrégé à la Faculté de médecine de Paris, médecin des hôpitaux. etc.; tome Ier, Anatomie pathologique générale. 1 vol. in-8 avec 267 figures intercalées dans le texte. 1877.

Traité d'anatomie descriptive, avec figures intercalées dans le texte, par C. Sappey, professeur d'anatomie à la Faculté de médecine de Paris, etc. *Troisième édition*, revue et améliorée. 4 vol. in-8. 1876-1878.

Traité de médecine légale et de jurisprudence médicale, par le Dr. Legrand du Saulle, médecin de l'hôpital de Bicêtre (service des aliénés), médecin expert près les tribunaux, etc. 1 fort vol. in-8, 1874.

Leçons sur les maladies du système nerveux, faites à la Salpêtrière par le professeur Charcot, recueillies et publiées par le Dr. Bourneville, rédacteur en chef du *Progrès médical. Deuxième édition.*, revue et augmentée. 2 volumes in-8 avec 50 figures intercalées dans le texte et 20 planches, dont 15 en chromolithographie 1877-78.

Leçons sur les maladies du foie, des voies biliaires et des reins, faites à la Facultê de médecine de Paris par le professeur Charcot, reéueillies et publiées par les Drs. Bourneville et Sevestre. 1 vol. in-8 avec 37 figures dans le texte et 7 planches en chromolithographie, 1878.

Leçons de thérapeutique, faites à la Faculté de médecine de Paris, par le professeur Gubler, recueillies et publiées par le Dr. F. Leblanc. 1 vol. in-8, 1877.

Traité pratique des maladies du larynx, précédé d'un traité complet de laryngoscopie, par le docteur Ch. Fauvel, ancien interne des hôpitaux de Paris. 1 vol. in-8, avec 144 figures dans le texte et 20 planches, dont 7 en chromolithographie, 1876.

Traité de thérapeutique appliquée basé sur les indications, suivi d'un précis de thérapeutique et de pathologie infantiles et de notions de pharmacologie usuelle sur les médicaments signalés dans le cours de l'ouvrage, par Fonssagrives, professeur à la Faculté de médecine de Montpellier, etc. 2 vol. in-8. 1878.

Clinique médicale de l'Hôtel-Dieu, par Gueneau de Mussy (Noël), médecin de l'Hôtel-Dieu, etc. 2 vol. in-8. 1874-1875.

Anatomie descriptive et de dissection, contenant un préci d'embryologie, la structure microscopique des organes et celle des tissus, par FORT. *Troisième édition* très-augmentée. 3 vol. in-12 avec 1227 figures intercalées dans le texte. 1875.

Traité pratique des maladies européennes au Sénégal, par BÉRENGER-FÉRAUD, médecin en chef de la marine, etc. 2 vol. in 8. 1875-1878.

De la fièvre bilieuse mélanurique des pays chauds, par BÉRENGER-FÉRAUD, comparée avec la fièvre jaune; étude clinique faite au Sénégal. 1 vol. in-8 de 442 pages. 1874.

De la fièvre jaune au Sénégal, étude faite dans les hôpitaux de Saint-Louis et de Gorée, par BÉRENGER-FÉRAUD. 1 vol. in-8 de 440 pages. 1874.

De la fièvre dite bilieuse inflammatoire aux Antilles et dans l'Amérique tropicale, par BÉRENGER-FÉRAUD. Etude clinique faite dans les hôpitaux militaires de la Martinique. 1 v. in-8. 1878.

Leçons de clinique chirurgicale, professées à l'hôpital des Cliniques, par LÉON LABBÉ, chirurgien de l'hôpital de la Pitié, professeur agrégé à la Faculté de médecine de Paris, etc., recueillies, rédigées et publiées par Emmanuel BOURDON, interne des hôpitaux, revues par le professeur. 1 vol. in-8, avec 1 planche.

Leçons de clinique obstétricale, professées à l'hôpital des Cliniques, par DEPAUL, professeur de clinique d'accouchements à la Faculté de médecine de Paris, membre de l'Académie de médecine; rédigées par M. le Dr. DE SOYRE, revues par le professeur. 1 vol. in-8. avec figures intercalées dans le texte. 1872 à 1876.

Traité élémentaire de chirurgie, par FANO, professeur agrégé à la Facuité de médecine de Paris. 2 forts vol. in-8 avec 307 fig. dans le texte. 1869-72.

De l'urine et de ses altérations physiologiques, étudiées au point de vue de la chimie physiologique et de ses applications au diagnostic et au traitement des maladies générales et locales, leçons professées à University college de Londres, par le Dr. G. HARLEY. Traduit de l'anglais par le D. HAHN. 1 vol. in-12, avec 25 figures intercalées dans le texte.

Leçons cliniques sur les maladies du foie, suivies des leçons sur les troubles fonctionnels du foie, par MURCHISON (C)., professeur de clinique médicale, etc. Traduites sur la seconde édition et annotées par le docteur Jules CYR. 1 vol. in-8 avec 46 figures intercalées dans le texte. 1878.

Traité pratique des maladies de l'utérus de ses annexes et des organes génito-externes, par NONAT, ancien médecin de l'hôpital de la Charité, agrégé libre de la Faculté de Paris. *Deuxième édition*, revue et augmentée, avec la collaboration du docteur LINAS. 1 fort vol. in-8 avec figures dans le texte. 1870-74.

Traité des opérations des voies urinaires, par RELIQUET. 1 vol. in-8 de 820 pages, avec figures dans le texte. 1878.

Traité des maladies intertropicales, par SAINT-VEL, ancien médecin civil à la Martinique. 1 vol. in-8 de 524 pages. 1868.

Maladies des Européens dans les climats tropicaux, des créoles et des races colorées dans les pays tempérés, par SAINT-VEL. 1 vol. in-12 1872.

Obras publicadas em casa de Germer-Baillière *et Ce, livreiro-editor, em Pariz*, boulevard Saint-Germain, 108.

Bouchardat. **Nouveau formulaire magistral**, précédé d'une Notice sur les hôpitaux de Paris, de généralités sur l'art de formuler, suivi d'un Précis sur les eaux minérales naturelles et artificielles, d'un mémorial thérapeutique, de notions sur l'emploi des contre-poisons, et sur le secours à donner aux empoisonnés et aux asphyxiés. 1878. *Vingt et unième édition*, revue, corrigée. 1 vol. in-18 de 608 pages.

Bouchardat. **Formulaire vétérinaire**, contenant le mode d'action, l'emploi et les doses des médicaments simples et composés prescrits aux animaux domestiques par les médecins vétérinaires français étrangers, et suivi d'un mémorial thérapeutique. 1862, *Deuxième édition*. 1 vol. in-18.

Bouchardat. **Manuel de matière médicale**, de thérapeutique comparée et de pharmacie. 1873. 2 vol. grand in-18. *Cinquième édition.*

Bouchut et Desprès. **Dictionnaire de médecine et de thérapeutique médicale et chirurgicale**, comprenant le résumé de la médecine et de la chirurgie, les indications thérapeutiques de chaque maladie, la médecine opératoire, les accouchements, l'oculistique, l'odontechnie, les maladies d'oreilles, l'électrisation, la matière médicale, les eaux minérales et un formulaire spécial pour chaque maladie. *Troisième édition*, très-augmentée. 1 vol. in-4° de 1559-LIV pages avec 906 figures dans le texte. Paris, 1877.

Cornil et Ranvier. **Manuel d'histologie pathologique**. 2 fort vol. grand in-18 avec 379 figures dans le texte. 1869-1876.

Jamain. **Manuel de petite chirurgie**, contenant les pansements, les médicaments topiques, les bandages, les appareils de fractures, etc. 1873. *Cinquième édition*, refondue. 1 vol. grand in-18 de 762 pages, avec 438 figures.

Jamain et Terrier. **Manuel de pathologie et de clinique chirurgicales.** 1876. *Troisième édition*, tome 1er. 1 vol. in 18, et tome 2e, 1re partie.

Longet. **Traité de physiologie**. *Troisième édition*. 1873. 3 vol. in-8.

Luys. **Le cerveau et ses fonctions**. 1 vol. in-8 de la *Biblioth. scient. intern.*, avec figures. *Troisième édition*. 1878.

Malgaigne. **Manuel de médecine opératoire**. *Huitième édition*, revue par M. le professeur Le Fort. 1874-77, 2 vol. grand in-18 avec 744 figures dans le texte.

Niemeyer. **Eléments de pathologie interne et de thérapeutique**. traduits de l'allemand, annotés par M. Cornil. 1873. *Troisième édition* française augmentée de notes nouvelles. 2 vol. grand in-8°.

Tardieu. **Manuel de pathologie et de clinique médicales**. *Quatrième édition*, corrigée et augmentée. 1873. 1 vol. grand in-18.

Vulpian. **Leçons de physiologie générale et comparée du système nerveux**, faites au Muséum d'histoire naturelle, recueillies et rédigées par M. Ernest Brémond, 1865. 1 fort vol. in-18.

Vulpian. **Leçons sur l'appareil vaso-moteur** (physiologie et pathologie), 1875. 2 fort vol. in-8.

Obras publicadas em casa de G. MASSON, *editor, livreiro da Academia de medicina em Pariz*, boulevard Saint-Germain.

Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales, publié sous la direction du Dr. A. DECHAMBRE, par demi-volumes en quatre séries simultanées, la première commençant par la lettre **A**, la seconde par la lettre **L**, la troisième par la lettre **Q**, et la quatrième par la lettre **F**. Il a paru à ce jour : Ire série, 21 volumes : **A**. — **Coup de chaleur**, — IIe Série, 11 volumes et un demi-volume : **L**. — **Nerveuses** (maladies). — IIIe Série, 5 volumes et un demi-volume : **Q**. — **Salsepareille.** — IVe Série. 2 volumes et un demi-volume : **F**. — **Foie.** Chaque demi-volume 400 pages. grand in-8, avec figures dans le texte. 1864 à 1879.

Traité élémentaire de pathologie externe, par MM. les Drs. E. FOLLIN et Simon DUPLAY. Tome V, fasc cule 4, **Maladies de la région mammaire, maladies de l'abdomen.** 1 vol. in-8, avec figures dans le texte. Volumes publiés à ce jour : tomes I à V, avec 791 figures dans le texte. 1878.

Traité clinique des maladies du système nerveux, par M. ROSENTHAL, professeur de pathologie nerveuse à l'Université de Vienne. Traduit de l'allemand, sur la seconde édition par le Dr. LUBANSKI, médecin-major. Traduction revue et augmentée par l'auteur et accompagnée d'une préface par M. le professeur CHARCOT. 1 vol. grand in-8 de VIII-835 pages. 1878.

Traité d'hygiène publique et privée, par M. le Dr. A. PROUST. professeur agrégé à la Faculté de médecine de Paris, médecin des hôpitaux. 1 fort vol. grand in-8 avec nombreux tableaux et 3 cartes coloriées. 1877.

Traité des maladies des reins et des altérations pathologiques de l'urine, par le Dr. LECORCHÉ, médecin des hôpitaux, etc. 1 vol. in-8 de 849 pages. 1874.

Traité du Diabète, par M. le Dr. LECORCHÉ, professeur agrégé à la Faculté de méd., médecin des hôpitaux, 1 f. vol. in-8. 1877.

Manuel médical d'hydrothérapie, par M. le Dr. BENI-BARDE, médecin en chef de l'etablissement hydrothérapique médical de Paris et de l'établissement hydrothérapique d'Auteuil. 1 vol. de la *Bibliothèque Diamant*, avec figures dans le texte. 1878.

La méthode graphique dans les sciences expérimentales et particulièrement en physiologie et en médecine, par M. E.-J. MAREY, professeur au collége de France, membre de l'Académie de médecine. 1 vol. grand in-8 de 675 pages, avec 348 figures dans le texte. 1878.

Précis d'histologie humaine et d'histogénie. *Deuxième édition*, entièrement refondue, par M. G. POUCHET, maître de conférences à l'Ecole normale supérieure, et M. F. TOURNEUX, préparateur au laboratoire d'histologie zoologique de l'Ecole des hautes études. 1 vol. grand in-8 de VIII-816 pages avec 218 figures dans le texte. 1878.

Acoustique biologique. Phénomènes physiques de la phonation et de l'audition, par M. J. GAVARRET, professeur à la Faculté de médecine de Paris. 1 vol. in-8 avec 100 figures dans le texte. 1877.

Todas estas obras vendem-se igualmente, e ás mesmas condições, na livraria de A. ROGER e Frederico CHERNOVIZ, em Pariz, rua des Grands-Augustins, 7.

VOCABULARIO

FRANCEZ-PORTUGUEZ

DAS SUBSTANCIAS EMPREGADAS EM MEDICINA

E DOS TERMOS USADOS NA PHARMACIA

Abattement, abatimento.
Abcès, abcesso.
Abdomen, abdomen.
Abelmosch ou *ambrette*, quigonbo de cheiro *ou* ambreta.
Abricot, damasco.
Abricotier, damasqueiro.
Absinthe, absinthio, losna.
Acajou (fructo), cajú.
Acajou (madeira), mogno.
Accident, accidente.
Acéphalocyste, acephalocysto.
Acétate, acetato.
Acétique, acetico.
Ache, aipo silvestre ou bravo.
Acide, acido.
Acné, acne.
Aconit, aconito.
Aconitine, aconitina.
Acore vrai. V. *Roseau aromatique*.
Acupuncture, acupunctura.
Adénite, adenite.
Adénome, adenomo.
Adynamie, adynamia.
Affection, affecção, molestia.
Affliction, afflicção, affrontação, ancia.
Agacement des dents, embotamento dos dentes.
Agalactie, agalactia.
Agaric de chêne, agárico de carvalho, boleto da isca de sola ou de couro.
Agave américaine, piteira.
Agouti, cotia, aguti.
Aigremoine, agrimonia.
Aigreur, acidez ou azia.
Ail, alho.
Aimant, iman, magnete, pedra de cevar.
Ainhum, ainhum.
Airelle myrtille, arando.
Alambic, alambique.
Albinisme, albinismo.
Albugo, albugo.
Albumine, albumina.
Albuminurie, albuminuria.
Alcali volatil, alcali volatil.
Alchimille, pé de leão.
Alcool, alcool.
Alcoolat, alcoolato.
Alcoolâture, alcoolatura.
Alcoolé, alcooleo.
Alcoolomètre, alcoometro.
Algalie, algalia.
Algue, alga.
Aliénation mentale, alienação mental.
Alkekenge, alquequenge.
Allaitement, amamentação.
Alleluia, azedinhas, trevo azedo.
Alliaire, herva alheira.
Allonge, alonga.
Aloès, aloes, azebre.
Alopecie, alopecia.
Alumine, alumina.
Alun, alumen, pedrahume.
Amadou, isca.
Amande, amendoa.
Amandier, amendoeira.
Amaurose, amaurose, gota serena.
Amblyopie, amblyopia.
Ambre gris, ambar cinzento.
Ambre jaune ou *succin*, ambar amarello, succino, alambre, karabe.
Ambrette. V. *Abelmosch*.
Ambroisie. V. *Anserine vermifuge*.
Aménorrhée, amenorrhea.
Amiante ou *asbeste,* amianto *ou* asbesto.
Amidon, amido, polvilho, gomma.
Ammi, ammio maior.
Ammoniaque, ammoniaco, ammoniaca, ammonia.
Amnésie, amnesia.
Amnios, amnios.
Amome, amomo.
Ampoule, empola, bolha.
Amygdalite, amygdalite.
Amylène, amylena.
Ananas, ananaz.
Anaphrodisie, anaphrodisia.
Anasarque, anasarca.
Anchilops, anchilops.
Anchylostome, anchylostomo.
Anémie, anemia.

Anémone pulsatille, anemone pulsatilla.
Anévrysme, aneurysma.
Aneth, endro.
Angélique, angelica.
Angine, angina.
Angusture, angustura.
Animé du Brésil, animé, resina de jatahy.
Animé dur, copal duro.
Anis ou *anis vert*, aniz, herva doce.
Anis étoilé ou *badiane*, aniz estrellado, aniz da China, *ou* badiana.
Ankylose, ankylose.
Anorexie, anorexia.
Ansérine vermifuge ou *ambroisie*, herva de Santa Maria, herva formigueira, uzaidella, matruz, mentruz.
Aorte, aorta.
Antimoine, antimonio.
Anthrax, anthrax.
Aphonie, aphonia.
Aphte, aphta.
Apiol, apiol.
Apomorphine, apomorphina.
Apoplexie, apoplexia.
Apozème, apozema.
Arachide, mandobi, mendobi ou amendoim.
Arachnite, arachnite.
Arbre à pain, arvore do pão.
Aréomètre, areometro.
Argent, prata.
Argile, barro, argilla.
Aristoloche, aristoloquia, estrellamim.
Armoise, artemisia, artemija.
Arnica, arnica.
Arrête-bœuf. V. *Bugrane*.
Arrow-root, araruta.
Arsenic, arsenico.
Artère, arteria.
Arthrite, arthrite.
Artichaut, alcachofra.
Arum, jarro, pé de bezerro.
Assa-fœtida, assafetida.
Asarum ou *cabaret*, asaro.
Asbeste. V. *Amiante*.
Ascite, ascite.
Asclépiade, vincetoxico.
Asperge, espargo.
Asphyxie, asphyxia.
Asthme, asthma.
Atrophie, atrophia.
Atropine, atropina.
Aubépine, espinheiro alvar.
Aubergine, beringela.
Aunée, inula campana.
Aurone mâle. V. *Citronelle*.
Avocatier, abacateira.
Avoine, aveia.
Avortement, aborto, ou movito.
Axonge ou *saindoux*, banha, unto.
Azotate, azotato.
Azote, azoto,
Badiane. V. *Anis étoilé*.
Baguette, vareta.
Bain, banho.
— *de pieds*, pediluvio.
— *de siége*, semicupio *ou* banho de assento.
Bain-marie, banho maria.
Balance, balança.
Balaustes, balaustias, flores de romeira.
Ballon, balão.
Balsamite ou *menthe coq*, ou *coq des jardins*, balsamita.
Bamia. V. *Gombo*.
Banane, banana.
Bananier, bananeira.
Bandage, funda, atadura.
Bande, atadura, tira de panno de linho ou algodão.
Baquet, celha.
Bardane, bardana.
Baromètre, barometro.
Baryte, baryta.
Baryum, barío.
Basilic grand, alfavaca.
Basilic petit, mangericão.
Bassine, tacho.
Baudruche, pellicula da tripa de boi ou de carneiro.
Baume, balsamo.
— *du commandeur*, balsamo do commendador.
— *des jardins*, vergamota.
— *de la Mecque*, balsamo de Meca.
— *nerval*, — nerval
— *du Pérou*, — Peruviano.
— *de Tolu*, — de Tolú.
— *tranquille*, — tranquillo.
Bdellium, bdellio.
Beccabunga, beccabunga.
Bégayement, gagueira.
Belladone, belladona.
Belle-de-nuit, maravilha, bonina, boas *ou* bellas noites.

Ben, ben, behen.
Benjoin, benjoim.
Benoite, sanamunda, caryophylada maior, herva benta.
Benzine, benzina.
Berberis ou *épine-vinette*, berberis.
Bergamote, bergamota.
Bétoine, betonica.
Bette. V. *Poirée*.
Betterave, betarraba.
Beurre, manteiga.
— *d'antimoine*, manteiga d'antimonio.
— *de cacao*, manteiga de cacáo.
— *de muscade*, manteiga de moscada.
Biberon, mamadeira.
Bière, cerveja.
Bigarade, laranja azeda *ou* amarga; laranja da terra (Rio).
Biscuits médicinaux, biscoutos medicinaes.
Bismuth, bismutho.
Bistorte, bistorta.
Bistouri, bisturi.
Blanc de baleine ou *spermaceti*, espermacete.
Blanc d'Espagne, giz.
Blanc d'œuf, clara de ovo.
Blanchet, coador de panno.
Blé, trigo.
Blennorrhagie, blennorrhagia, esquentamento.
Blennorrhée, blennorrhea.
Blépharite, blepharite.
Bleu en liqueur, azul em licor, azul de composição.
Bleu de Prusse, azul de Prussia.
Bluet, ambreta cyanea, loios dos jardins.
Bocal, bocal.
Bois d'aloès, páo d'aloes.
— *du Brésil* ou *de Fernambouc*, páo-Brasil *ou* páo de Pernambuco.
— *de Campêche*, ou *d'Inde*, páo Campeche *ou* páo da India.
— *de girofle*, páo cravo, *ou* cravo do Maranhão.
— *de Rhodes, de rose, de Chypre* ou *des Canaries*, páo de Rhodes, páo de rosa, de Chypre *ou* das Canarias.
Bol, bolo.
Bol d'Arménie, bolo armenio.
Bonbon, confeito.
Borate de soude, borato de soda.
Borax, borax, tincal, trincal.
Bosse au front, gallo.
Bougie, bugia, candelinha, velinha.
Bouillon blanc ou *molène*, verbasco.
— *d'herbes*, caldo de hervas.
Bourgeons de peuplier, gommos, botões *ou* olhos de choupo.
Bourgeons de sapin, renovos *ou* turiões de pinheiro.
Bourrache, borragem.
Boutons à la peau, espinhas.
Brome, bromo.
Bromure, bromureto.
Bronchite, bronchite.
Brou de noix, casca verde de nozes.
Brucine, brucina.
Brûlure, queimadura.
Bryone, bryonia, norça branca.
Bubon, bubão, mula.
Buchu, buchu.
Bugle, bugula.
Buglosse, buglossa, lingua de vacca.
Bugrane ou *arrête-bœuf*, resta-boi, rilha-boi, unha gata.
Burette, burete.
Buis, buxo.
Busserole ou *raisin d'ours*, uva ursina.

Cabaret. V. *Asarum*.
Cacao, cacáo.
Cacaotier, cacaoeiro, cacaoseiro.
Cachou, cato, terra japonica.
Cadmium, cadmio.
Café, café.
Caféier, cafeeiro ou cafezeivo.
Caféine, cafeina.
Caille-lait, coalha-leite.
Cainca, cainca.
Cajeput, cajeput.
Calament, calamintha, neveda maior.
Calamine, calamina.
Calcium, calcio.
Calcul, calculo.
Calebasse ou *gourde*, cabaço, colombro, abobora de carneiro.
Calice ou *verre à pied*, calice.
Calomel, calomelanos.
Camomille romaine, camomilla romana.
Camomille vulgaire, camomilla vulgar.
Campêche, campeche.

'amphre, camphora, alcanfor.
'ancer, cancro.
'aneficier, arvore que dá a cannafistula.
'annabine, cannabina.
'anne de Provence, canna.
'anne à sucre, canna de assucar.
'annelle, canella.
'annelle giroflée du Brésil, páo cravo
'antharide, cantharida.
'anule, canula.
'aoutchouc, borracha, gomma elastica, cautchuc.
'apillaire, avenca, capillaria.
'âpre, alcaparra.
'apsule, capsula.
'apucine, chagas, mastruço do Perú.
'aramel, caramello, assucar queimado.
'arbonate, carbonato.
'arbone, carbone, carbono.
'arburine, carburina.
'ardamome, cardamomo.
'ardite, cardite.
'arie, carie.
'armin, carmim.
'arotte, cenoura.
'aroube, alfarrôba.
'arragaheen, ou *mousse perlée,* carragaheen, musgo perlado.
'arreau, tuberculos mesentericos, tisica mesenterica.
'arthame, açafrôa, carthamo dos tintureiros.
'arvi, alcaravia, alcarovia, alchirivia, chirivia.
'ascarille, cascarilha.
'aséum, caseo.
'asse, cannafistula.
'asserole, casserola.
'assie, fleur de cassie, cachía, esponjas, flor de esponjeira.
'assis, cassis.
'assonade, assucar mascavado.
'astor, castor.
'astoréum, castoreo.
'ataire, herva gato.
'ataplasme, cataplasma.
'atarrhe, catarrho.
'auchemar, pesadelo.
'autère, fonte, cauterio.
'édrat, cidra.
'éleri, aipo cultivado, celeri.
'entaurée petite, centaurea menor, fel da terra.
Cérat, ceroto.
Cerf, veado.
Cerfeuil, cerefolio ou cerefolho.
Cerise, cereja.
Cérumen, cerumen, cera de ouvido.
Céruse, alvaiade.
Cétine, cetina (espermacete purificado).
Cévadille, cevadilha.
Chalumeau, maçarico.
Chamœdrys. V. *Germandrée.*
Champignon, cogumelo.
Chancre, cancro venereo, cavallo.
Chanvre, canhamo.
Charbon, carvão.
Charbon (molestia) carbunculo.
Chardon bénit, cardo santo.
Charpie, fios.
Châtaigne, castanha.
Châtaignier, castanheiro.
— *du Brésil,* castanheiro do Maranhão ou do Pará, tucary, juvia ou nhá.
Chausse, sacco de filtrar, manga de lã ou de panno de linho para filtrar.
Chaux, cal.
Chélidoine (grande), celidonia maior, herva andorinha legitima.
Chêne, carvalho.
Chènevis, semente de canhamo.
Chèvrefeuille, madresilva caprina.
Chicorée, chichoria, almeirão.
Chiendent, grama.
Chique, bicho dos pés.
Chloral, chloral.
Chlorate de potasse, chorato de potassa.
Chlore, chloro.
Chlorhydrate, clorhydrato.
Chloroforme, chloroformio.
Chlorose, chlorose.
Chlorure, chlorureto.
Chocolat, chocolate.
Choléra, cholera.
Chorée, chorea, dansa de S. Guido.
Chou, chou potager, couve.
— *cabus, chou pommé blanc,* repolho.
— *fleur,* couve-flor.
— *frisé,* couve crespa.
— *navet,* couve nabo.
— *rouge,* couve rubra.
— *vert, chou cavalier,* couve gallega.

Choucroute, repolho salgado.
Chute, queda.
Chrome, chromo.
Cicutine, cicutina.
Cigarette, cigarrilha.
Ciguë, cicuta.
Ciment, cimento ou luto.
Cinabre ou *vermillon*, cinabrio, vermelhão.
Cinchonine, cinchonina.
Cire, cera.
Cirrhose, cirrhose.
Citrate, citrato.
Citron, limão, *ou* limão azedo.
Citronelle ou *aurone mâle*, abrotano.
Citrouille, abobora.
Civette, algalia, civetta.
Cloche, redoma, campanula.
Clou de girofle, cravo da India.
Coaltar, coaltar.
Cobalt, cobalto.
Coca, coca, ypadú, padú.
Cochenille, cochonilha.
Cochléaria, cochlearia.
Coco, coco.
Cocotier, coqueiro.
Codéine, codeina.
Cœur, coração.
Cognac, aguardente de França.
Cognassier, marmeleiro.
Coing, marmelo.
Colchique, colchico, mata-cão.
Colcothar, colcothar.
Colimaçon, caracol.
Colique, colica.
Colle de Flandre, colla de Flandres, grude.
— *de poisson* ou *ichthyocolle*, colla de peixe, ichthyocolla.
Collodion, collodio.
Collutoire, collutorio.
Collyre, collyrio.
Colombo, calumba.
Colophane, colophonia.
Coloquinte, coloquintida.
Colza, colza.
Coma, coma.
Compte-gouttes, conta-gottas.
Concombre, pepino.
— *sauvage*. V. *Elaterium*.
Confection, confeição.
Confiture, doce.
Congestion, congestão.
Conjonctive, conjunctiva.
Conjunctivite, conjunctivitis.
Conserve, conserva.
Consomption, consumpção.
Consoude, consolda maior, solda, symphito.
Constipation, prisão ou dureza de ventre.
Contracture, contractura.
Contrayerva, contraherva, caapiá, carapiá.
Contusion, contusão.
Convulsion, convulsão.
Copahu, copahiba.
Copal ou *copal dur*, copal *ou* copal duro.
Copal tendre, copal tenro, resina animé ou resina de jatahy.
Coq des jardins. V. *Balsamite*.
Coque du Levant, coca do Levante.
Coquelicot, papoulas.
Coqueluche, coqueluche.
Cor, callo.
Corail, coral.
Coraline, coralina.
Coriandre, coentro.
Corne de cerf, ponta de veado.
Cornet acoustique, corneta ou buzina acustica.
Cornichon, pepino de conserva.
Cornue, retorta.
Coryza, coryza, defluxo.
Coton, algodão.
Coton en rame, algodão cardado, algodão em rama.
Cotylet ou *nombril de Vénus*, conchelos, sombreirinhos dos telhados, orelha de monge.
Counguerecou, imbira.
Coumarou, cumarú.
Couperose, caparrosa.
Coupe-racine, corta-raiz.
Courbaril, jatahy.
Courbature, constipação.
Courge ou *calebasse*, cabaço, colombro, *ou* abobora de carneiro.
Cousso, cusso, kusso.
Coxalgie, coxalgia.
Crachat, escarro.
Craie, greda, giz.
Crampe, caimbra.
Crème, creme.
— *de tartre*, cremor de tartaro.
Créosote,, creosota.
Cresson, agriões.

Cresson de Para, agrião do Pará, jambú, jambú-açu, jambú-rana.
Crevasse, racha.
Creuset, cadinho.
Crible, crivo.
Croton tiglium, croton tiglium.
Croûte de lait, ozagre ou uzagre.
Cruchon de grès, botija.
Crup, crup.
Cubèbe, cúbebas.
Cuivre, cobre.
Cumin, cominhos.
Cundurango, cundurango.
Curare, cúrare, uiráry, woorara.
Curcas, pinhão de purga.
Curcuma, curcuma.
Cyanure, cyanureto.
Cynoglosse, cynoglossa, lingua de cão.
Cynorrhodon, cynosbatos, cynorrhodon.
Cysticerque, cysticerco.
Cystite, cystite.
Datte, tamara.
Dartre, dartro, empigem.
Dattier, tamareira.
Daturine, daturina.
Daucus de Crète, dauco cretico.
Décantation, decantação.
Décoction, decocção, decocto, cozimento.
Délire, delirio.
Démangeaison, comichão.
Démence, demencia.
Densimètre, densimetro.
Dent, dente.
Dentition, dentição.
Déplacement, deslocação, lixiviação.
Descente, descida, queda.
Dessiccation, exsiccação.
Dextrine, dextrina.
Diabète, diabetes.
Diachylon, diachylão.
Dialyse, dialyse.
Diarrhée, diarrhea, cursos.
Diascordium, diascordio.
Diastase, diastase.
Dictame de Crète, oregão de Creta.
Digestion, digestão.
Digital, digital, digitalis, dedaleira.
Digitaline, digitalina.
Dipthérite, diphtherite.
Diplopie, diplopio.
Dissolution, dissolução.
Distillation, distillação.
Dompte-venin, vincetoxico.
Dothinentérite, dotinenterite.
Douce-amère, dulcamara, doce-amarga.
Douche, ducha, emborcação.
Douleur, dôr.
Dragée, gragêa.
Dragonneau, dracunculo, ou bicho da costa.
Drainage, tubo de esgoto.
Drèche, cevada germinada, secca, e reduzida a pó grosso.
Dysménorrhée, dysmenorrhea.
Dyspepsie, dyspepsia.
Dyspnée dyspnea.
Dysurie, dysuria.
Eau-de-vie, aguardente.
— *de canne à sucre*, cachaça.
Eau distillée, agua distillada.
Ecaille, escama.
Ecchymose, ecchymose.
Echinocoque, echinococo.
Éclampsie, eclampsia.
Eclaire (*grande*). V. *Chélidoine*.
Ecorce de Panama. V. *Quillai*.
Ecorce de Winter, casca de Winter.
Écorchure, esfoladura.
Ecrevisse, caranguejo.
Ecthyma, ecthyma.
Ectropion, ectropion.
Ecumoire, espumadeira.
Ecusson, escudete.
Eczema, eczema.
Eglantier sauvage, *rosier sauvage* ou *cynorrhodon*, roseira brava, de cão, *ou* silva macha.
Elaterium ou *concombre sauvage*, elaterio, pepino de S. Gregorio.
Electuaire, electuario.
Elémi, elemi.
Éléphantiasis des Arabes, elephantiase.
— *des Grecs*, morphea.
Elixir, elixir.
Ellébore, helleboro.
Embolie embolia.
Embrocation, embrocação.
Emétique, emetico.
Emphysème, emphysèma.
Emplâtre, emplasto ou emplastro.
Empoisonnement, envenenamento
Empyème, empyema.
Emulsion, emulsão.
Encanthis, encantis.
Encens, incenso.

Encéphalite, encephalite.
Enchondrome emchondromo.
Encre, tinta.
Endocardite, endocardite.
Enflure, inchacão.
Engelure, fricira.
Engorgement, engurgitamento, encalhe, enfarte.
Engourdissement, entorpecimento,
Enrouement, rouquidão.
Entérite, enterite.
Entorse, torcedura.
Entonnoir, funíl.
Entropion, entropion.
Envie des ongles, espiga das unhas.
Epanchement, derramamento.
Ephelide, ephelide.
Epicanthis, epicanthus.
Epilepsie, epilepsia, gota coral.
Epinard, espinafre.
Epine-vinette. V. *Berberis*.
Epiphora, epiphora, lagrimejamento.
Epispadias, epispadias.
Epistaxis, epistaxis.
Eponge, esponja.
Eprouvette, provete.
Epulie, epulida.
Epurge, catapucia menor, tartago.
Ergot de seigle. V. *Seigle ergoté*.
Ergotine, ergotina.
Ers, orobo das boticas, ervilha do pombo.
Erysimum, *velar*, ou *herbe aux chantres*, erysimo *ou* rinchão.
Erysipèle, erysipela.
Erythème, erythema.
Escargot, caracol.
Esérine, eserina.
Espèces, especies.
Esprit, espirito.
Esprit-de-vin, espirito de vinho.
Esquinancie, esquinencia.
Essence, essencia.
Estomac, estomago.
Estragon, estragão.
Etain, estanho.
Etamine, coador de lã.
Ether, ether.
Ethiops martial, ethiope marcial.
Etranglement, estrangulamento.
Etuve, estufa.
Etyle, ethyla.
Eucalypte, eucalypto.
Eupatoire, eupatorio d'Avicena, trevo cervino.
Euphorbe, euphorbio.
Evaporation, evaporação.
Exanthème, exanthema.
Exostose, exostose.
Extase, extase.
Extinccion, extincção.
Extràit, extracto.

Farcin, farcin.

Fard, arrebique.
Farine, farinha.
Fécule, fecula.
Fenouil, funcho.
Fenouil d'eau. V. *Phellandrie*.
Fenugrec, feno grego, alforva, hervinha.
Fer, ferro.
— *réduit*, ferro reduzido.
Feuille, folha.
Fève de Calabar, fava de Calabar.
Fève Tonka, fava Tonka, semente de cumarú.
Fiel de bœuf, fel de boi.
Fièvre, febre.
Figue, figo.
Figuier, figueira.
Filet, freio da lingua.
Filtration, filtração.
Filtre, filtro.
Fiole, redoma ou frasco de vidro.
Fissure, fissura.
Fistule, fistula.
Flacon, frasco.
Flatulence, flatulencia.
Fleur, flor.
Fluor, fluor.
Fluxion, fluxão.
Foie, figado.
Foie de soufre, figado de enxofre.
Folie, loucura.
Fomentation, fomentação.
Fonticule, fonte.
Formule, formula, receita.
Fougère mâle, feto macho.
Fourneau à réverbère, fornalha de reverbero.
Fourmillement, formigamento.
Fracture, fractura.
Fragon épineux. V. *Petit houx*.
Fraise, morango.
Fraisier, fragaria, morangueiro.
Framboise, framboeza.
Friction, fricção.
Froment, trigo.
Fruit de pain, fructa de pão.
Furoncle, fruncho, furunculo.

Fucus vesiculosus, alga vesiculosa, bodelha, sargaço *ou* botilhão vesiculoso, carvalhinho do mar.
Fumeterre, fumaria, fumo da terra, herva molarinha.
Fumigation, fumigação.
Galactorrhée, galactorrhea.
Galanga, galanga.
Galbanum, galbano.
Gale, sarna.
Galipot, galipot.
Galle, galha.
Gamelle, gamella.
Ganglion, ganglio.
Gangrène, gangrena.
Garance, ruiva dos tintureiros.
Gargarisme, gargarejo.
Garou ou *sainbois*, trovisco.
Gastralgie, gastralgia.
Gastrite, gastrite.
Gastro-entérite, gastro-enterite.
Gaude, gauda, lirio dos tintureiros.
Gayac, guaiaco.
Gaz, gaz.
Gélatine, gelatina.
Gelée, gelea.
Gencive, gengiva.
Gerçure des lèvres, cieiro.
Genévrier (arbusto), zimbro *ou* junipero.
Gengeli. V. *Sesame*.
Genièvre (fructo), zimbro, junipero.
Genièvre (liquido espirituoso), genebra.
Gentiane, genciana.
Germandrée ou *chamœdrys*, carvalhinha, chamedrios.
Gingembre, gengibre.
Ginseng, ginseng.
Giraumon, abobora menina, moganga, porqueira.
Girofle, cravo da India.
Giroflée, goivos amarellos.
Giroflier, craveiro.
Glace, gelo.
Glacière, geleira.
Gland de chêne, bolota.
Glaucome, glaucoma.
Gluten, gluten.
Glycéré, glycereo.
Glycérine, glycerina.
Glycosurie, glycosuria.
Goître, bocio, papeira.
Gombo ou *bamia*, quigonbo, quiabo.
Gomme adragante, gomma alcatira, tragacantha *ou* adraganta.
— *ammoniaque*, gomma ammoniaco.
— *arabique*, gomma arabica.
— *élastique*. V. *Caoutchouc*.
— *gutte*, gomma-gutta.
Gonorrhée, gonorrhea.
Gosier, garganta.
Goudron, alcatrão.
Gouet, jarro, pé de bezerro.
Gourde. V. *Calebasse*.
Goutte, gotta.
Goyave, goiaba.
Grain, grão.
Graine de lin, semente de linho, linhaça.
Graine de paradis. V. *Maniguette*.
Graisse de porc, banha, unto.
Grand soleil, girasol.
Granule, granulo.
Gratiole, graciosa, graciola, cinifolio.
Gravelle, areias.
Grenouillette, ranula.
Grenade, romã.
Grenadier, romeira.
Grenétine, grenetina.
Grenouille, rã.
Groseille, groselha.
Grossesse, gravidez, prenhez.
Gruau, aveia preparada.
Guaco, guaco.
Guano, guano.
Guimauve, althea.
Gutta-percha, gutta-percha.
Hanche, anca.
Haricot, feijão.
Haschisch, haschisch.
Hématémèse, hematemese.
Hématocèle, hematocele.
Hématurie, hematuria.
Héméralopie, hemeralopia.
Hémiplégie, hemiplegia.
Hémoptysie, hemoptyse.
Hémorrhagie, hemorrhagia.
Hémorrhoïdes, hemorrhoidas *ou* almorreimas.
Héliotrope, heliotropio.
Hépatite, hepatite.
Herbe aux chantres. V. *Erysimum*.
Hernie, hernia.
Herpes, herpes.
Homard, caranguejo do mar.
Hoquet, soluço.

Hostie, pain azyme, hostia.
Houblon, lupulo *ou* luparo.
Houille, carvão de pedra.
Houx commun, azevinho.
Huile de ben, oleo de ben.
— *de cade*, oleo de cade.
— *de cajeput*, oleo de cajeput.
— *de colza*, oleo de colza.
— *essentielle*, oleo essencial, essencia, *ou* oleo volatil.
— *de foie de morue*, oleo de figado de bacalháo.
— *médicinale*, oleo medicinal.
— *d'œillette*, oleo de sementes de dormideiras.
— *d'olive*, azeite (em Portugal), azeite doce (no Brasil).
— *de palme*, azeite de dendé.
— *de pétrole*, oleo petroleo.
— *de pied de bœuf*, oleo de mocotó *ou* de mão de vacca.
— *de poisson*, azeite de peixe.
— *de ricin*, oleo de ricino.
de vitriol, oleo de vitriolo.
— *volatile*, oleo volatil.
Huître, ostra.
Hyacinthe, jacintho.
Hydarthrose, hydarthrose.
Hydatide, hydatida.
Hydrate, hydrato.
Hydrocèle, hydrocele.
Hydrocéphale, hydrocephalo.
Hydrochlorate, hydrochlorato.
Hydrocotyle d'Asie, hydrocotyle asiatica.
Hydrogène, hydrogeneo *ou* hydrogenio.
Hydrogène sulfuré, hydrogeneo sulfurado.
Hydrolat, hydrolato.
Hydropéricarde, hydropericardio.
Hydrophobie, hydrophobia.
Hydrophthalmie, hydrophthalmia.
Hydropisie, hydropisia.
Hygroma, hygroma.
Hygromètre, hygrometro.
Hypéricum, hipericão *ou* milfurada
Hypertrophie, hypertrophia.
Hypochondrie, hypocondria.
Hypopion, hypopio.
Hypospadias, hypospadias.
Hystérie, hysterismo.
Hysope, hysopo.

Ichthyocolle. V. *Colle de poisson*.
Ichtyose, ichtyose.
Idiotisme, idiotismo.
Igname, inhame.
Immortelle, perpetua.
Impératoire, imperatoria.
Imperforation, imperforação.
Impetigo, impetigo.
Inappétence, fastio.
Indigestion, indigestão.
Indigo, anil.
Inertie, inercia.
Infusé, infuso.
Infusion, infusão, chá.
Injection, injecção.
Inflammation, inflammaçação.
Insomnie, insomnia.
Intestin, intestino.
Iode, iodo.
Iodhydrique, iodhydrico.
Iodoforme, iodoformio.
Iodure, iodureto.
Ipécacuanha, ipecacuanha, poaya.
Iris, iris.
Iris de Florence, lirio florentino.
Irrigateur, irrigador.

Jalap, jalapa.
Jaquier, jaca.
Jasmin, jasmim.
Jaune d'œuf, gema de ovo.
Jais, azeviche.
Jujube, açofeifa, jujuba, maçã d'anafega.
Julep, julepo, lambedor.
Jusquiame, meimendro.

Kamala, kamala.
Kermès minéral, kermes mineral.
Keratite, keratite.
Kino, kino.
Koumys, kumys.
Kousso, cusso.
Kyste, kysto.

Labdanum, labdano.
Lactate, lactato.
Lactine. V. *Sucre de lait*.
Lactomètre, lactometro.
Lactucarium, lactucario.
Lait, leite.
Lait de poule, gemada.
Laitue, alface.
Laminaire digitée, laminaria digitada.
Lampe à alcool, alampada a alcool.
Lancette, lanceta.
Langouste, lagosta.
Laque, laca.

Laryngite, laryngite.
Larynx, larynge.
Laudanum, laudano.
Laurier, louro.
Laurier-cerise, louro-cereja.
Laurier commun, ou *laurier-sauce*, louro ordinario.
Laurier-rose, *laurose*, loureiro-rosa, oleandro, espirradeira.
Lavande, alfazema.
Lavement, clyster.
Lentille, lentilha.
Lèpre, lepra.
Lentisque, almêcega, mastique.
Leucocythémie, leucocythemia.
Leucorrhée, leucorrhea.
Liane, cipó
Lichen d'Islande, musgo islandico.
Lichen (molestia) lichen.
Liège, cortiça.
Lientérie, lienteria.
Lierre terrestre, hera terrestre.
Limaçon, caracol.
Limaille de fer, limalha de ferro.
Lime (instrumento), lima, grosa.
Lime douce ou *limette*, limão doce, lima, lima da Persia.
Limon, limão.
Limonade, limonada.
Lin, linho.
Liniment, linimento.
Lipome, lipoma.
Lipothymie, lipothymia.
Liqueur, licor.
Liquidambar, liquidambar.
Lis, açucena.
Litharge, lithargyrio.
Lithine, lithia, *ou* lithina.
Lithium, lithio.
Livèche, levistico, ligustico,
Lixiviation, lixiviação.
Lobélie enflée, lobelia inflada.
Looch, loock.
Lotion, loção, lavatorio.
Loupe (instrumento) lente, lentilha.
Loupe (molestia) lobinho, lupia.
Luette, uvula, campainha da garganta.
Lumbago, lumbago.
Luxation, luxação, deslocação.
Lupin, tremoço.
Lymphatite, lymphatite.
Lycopode, lycopodio.
Macération, maceração.
Maceratum ou *macéré*, macerado.
Mâche-bouchon, machuca-rolhas.
Macis, macis, arilho de noz moscada.
Magdaléon, magdaleão.
Magnésie, magnesia.
Maïs, milho *ou* milho grosso.
Mal de mer, enjôo.
Mal perforant, mal perforante.
Mal de Pott, mal de Pott.
Malacia, malacia.
Malt, malt.
Mancenillier, mancenilheira.
Mandragore, mandragora.
Manganèse, manganez.
Mangue, manga.
Manguier, mangueira.
Maniguette, *graine de paradis*, maniguete, semente do paraiso.
Manioc, mandioca.
Manne, manná.
Mannite, mannita.
Manuluve, manuluvio.
Marasme, marasmo.
Mastite, mastite.
Marjolaine, mangerona.
Marmelade, marmelada.
Marmite, marmita.
Marmite de singe. V. *Quatelé de la Guyane*.
Marronnier d'Inde, castanheiro da India.
Marrube, marroio.
Marum, maro.
Mastic, almêcega, mastique.
Maté, mate, congonha.
Matico, matico.
Matras, matraz.
Matricaire, matricaria.
Mauve, malva, malvaisco.
Méconine, meconina.
Mélange, mistura.
Mélanose, melanose.
Mélasse, melaço.
Mélèze, pinheiro larico.
Mélilot, meliloto, trevo de cheiro, corôa de rei.
Mélisse, herva cidreira, melissa.
Mellite, mellite.
Melon, melão.
Méningite, meningite.
Mentagre, mentagra.
Menthe aquatique, hortelã aquatica.
— *baume*, vergamota.
— *coq*, ou *coq des jardins*, balsamita vulgar, hortelã romana *ou* franceza.
— *crépue*, hortelã crespa.

Menthe poivrée, hortelã pimenta.
— *pouliot*, poejo.
— *ronde* ou *menthastrum*, menthastro.
— *sauvage*, hortelã sylvestre.
— *velue*, hortelã hirsuta.
— *verte*, hortelã verde.
Ményanthe ou *trèfle d'eau*, trevo aquatico, trifolio.
Mercure, mercurio, azougue.
Mercuriale, mercurial.
Métrite, metrite.
Mézéréon ou *bois gentil*, mezereão,
Microscope, microscopio.
Mie de pain, miolo de pão.
Miel, mel de abelhas.
Miliaire, miliaria.
Millefeuille, millefolio, mil em rama.
Millepertuis, hypericão, milfurada.
Millet commun, milho miudo.
— *à grappes* ou *millet des oiseaux*, milho painço.
Minium, minio.
Mixture, mistura.
Moelle de bœuf, tutano de boi.
Mole, mola.
Molène. V. *Bouillon blanc*.
Molette, moleta.
Monesia, monesia, buranhem, guaranhem.
Morelle, herva moura.
Morphine, morphina.
Mortier, almofariz, gral.
Morue, bacalháo.
Morve, mormo.
Mouche de Milan, mosca de Milão.
Mousse de Corse, musgo de Corsega.
— *perlée*. V. *Carragaheen*.
Moutarde, mostarda.
Moxa, moxa.
Mucilage, mucilagem.
Muguet (molestia), sapinhos.
— (planta), lirio convalle.
Mûre, amora.
Musc, almiscar.
Muscade, moscada.
Mutisme, mudez.
Myélite, myelite.
Myosite, myosite.
Myrobolan, myrobolano.
Myrrhe, myrrha.
Myrte, murta.
Naphte, naphta.
Naphtaline, naphtalina.
Narcéine, narceina.
Narcisse des prés, narc. trombeta.
Nard celtique, valeriana celtica.
Navet, nabo.
Nécrose, necrose.
Nénufar, golfão.
Néphrite, nephrite.
Néroli, neroli.
Nerprun, espinheiro cambra.
Névralgie, nevralgia.
Nickel, nickel.
Nicotiane. V. *Tabac*.
Nicotine, nicotina.
Nigelle, nigella dos campos, git *ou* alipivre dos campos.
Nitrate, nitrato.
Nitre, nitro, salitre.
Noir animal, carvão animal, carvão de ossos.
— *de fumée*, pós de sapatos.
— *d'ivoire*, marfim queimado.
Nostalgie, nostalgia.
Noix, noz.
— *d'acajou*, castanha *ou* noz de cajú.
— *de galle*, noz de galha.
— *muscade*, noz moscada.
— *vomique*, noz vomica.
Nombril de Vénus. V. *Cotylet*.
Nostalgie, nostalgia.
Noyé, afogado.
Noyer, nogueira.
Nyctalopie, nyctalopia.
Obésité, obesidade.
Obstruction, obstrucção.
Ocre, ocre.
Odontine, odontina.
Odontalgie, odontalgia.
Œdème, edema.
Œillet, cravo.
Œuf, ovo.
Oignon, cebola.
Oliban ou *encens*, olibano, incenso.
Olive, azeitona.
Olivier, oliveira.
Ombilic, embigo.
Ongle, unha.
Onguent, unguento.
Onyxis, onyxis.
Ophthalmie, ophthalmia.
Ophthalmoscope, ophthalmoscopio.
Opiat, opiato.
Opium, opio.
Opobalsamum, opobalsamo.
Opodeldoch, opodeldoch.
Opopanax, opopánaco.
Or, ouro.

Orange, laranja.
— *amère*, laranja amarga *ou* azeda
Orangeade, laranjada.
Oranger, laranjeira.
Orangette ou *petit grain*, pequenas laranjas colhidas antes de attingirem o volume de uma cereja, *ou* cahidas da arvore, pouco tempo depois da florescencia.
Orchite, orchite.
Orcanette, orcanetta.
Orge, cevada.
— *mondé*, cevada mondada.
— *perlé*, cevadinha.
Orgeolet, terçol, hordeolo.
Origan, origão.
Orme, ulmeiro, ulmo.
Orobe, fava.
Orpiment, ouropimento.
Orseille, urzella.
Ostéite, osteite.
Ortie, urtiga.
Oseille, azeda.
Osmazome, osmazomo.
Ostéomalacie, osteomalacia.
Otalgie, otalgia.
Otite, otite.
Otorrhée, otorrhea.
Ouate, algodão em pasta.
Ovaire, ovario.
Ovarite, ovarite.
Oxalate, oxalato.
Oxyde, oxydo.
Oxygène, oxygeneo *ou* oxygenio.
Oxymel, oxymel.
Ozène, ozena.
Pain azyme, V. *Hostie*.
Palissandre, jacarandá.
Palmier, palmeira.
Palpitation, palpitação.
Panais, pastinaca *ou* cherivia.
Panaris, panaricio.
Papaya, mamão.
Papayer, mamoeiro.
Papier emplastique, papel emplastico.
Papule, papula.
Paralysie, paralysia.
Paraphimosis, paraphimosis.
Paraplégie, paraplegia.
Paraffine, paraffina.
Pareira brava, abutua *ou* parreira brava.
Pariétaire, parietaria, alfavaca de cobra.
Parotide, parotida.
Parotidite, parotidite.
Pas d'âne. V. *Tussilage*.
Passe-rose. V. *Rose trémière*.
Pastèque, melancia.
Pastille, pastilha.
Patate, batata doce.
Patchouly, patchouly.
Pâte, pasta, massa.
Patience, labaça.
Pavot, dormideira.
Pêcher, pecegueiro.
Pédiluve, pediluvio, banho de pés.
Pellade, pellada.
Pellagre, pellagra.
Pemphigus, pemphigo.
Pensée cultivée, ou *violette tricolore*, amor perfeito, violeta de tres côres, herva da trindade.
Pensée sauvage, violeta de tres côres silvestre.
Pepsine, pepsina.
Perchlorure, perchlorureto.
Péricardite, pericardite.
Périnée, perineo.
Périostite, periostite.
Péritoine, peritoneo.
Péritonite, peritonite.
Perle, perola.
Persil, salsa, salsa vulgar *ou* hortense.
— *des marais*, *persil laiteux*. V. *Selin des marais*.
Pervenche, congossa maior, pervinca.
Pèse-acide, pesa-acido.
Pèse-alcool, pesa-alcool.
Pèse-éther, pesa-ether.
Pèse-liqueur, pesa-licor.
Pèse-sirop, pesa-xarope.
Pessaire, pessario.
Peste, peste.
Petite vérole, bexigas.
Petit-grain. V. *Orangette*.
Petit houx ou *fragon épineux*, gilbarbeira.
Petit-lait, soro de leite.
Pétrole, petroleo.
Peuplier, choupo.
Pharynx, pharynge.
Pharyngite, pharyngite.
Phellandrie ou *fenouil d'eau*, phellandrio aquatico, funcho d'agua, cicutaria dos paúes.
Phénol, phénol.

Phimosis, phimosis.
Phlébite, phlebite.
Phlegmon, phlegmão.
Phlyctène, phlyctena, bolha, empola.
Phosphate, phosphato.
Phosphore, phosphoro.
Phthiriase, phthiriase.
Phthisie, tisica.
Pian, boubas.
Pied-de-chat, pé de gato, gnaphalio.
Pied-de-veau, jarro, pé de bezerro.
Pierre, pedra.
— *divine*, pedra divina.
— *infernale*, — infernal.
— *ponce*, — pomes.
— *de touche*, — de toque.
Pignon d'Inde, pinhão de purga, purgueira, pião, mandubi-guaçú.
Pile, pilha.
Pilon, pistillo *ou* mão do almofariz.
Pilule, pilula.
Pilulier, pilulador.
Piment, pimentão.
Pimprenelle, pimpinella.
Pin, pinheiro.
Pince, pinça.
Pipette, argau.
Pissenlit, taraxaco, dente de leão.
Pistache, alfostigo, fistico, pistacha.
Pistache de terre, mandobi.
Pityriasis, pityriase.
Pivoine, peonia, rosa albardeira.
Plaie, ferida.
Plantain, tanchagem.
Platine, platina.
Plâtre, gesso.
Pleurésie, pleuriz.
Pleurodynie, pleurodynia.
Plique, plica.
Plomb, chumbo.
Poëlon, casserola.
Pneumonie, pneumonia.
Point de côté, pontada.
Poire, pera.
Poireau, alho porro.
Poirée ou *bette*, acelga.
Pois, ervilha.
— *chiche*, grão de bico.
Poivre ou *poivre noir*, pimenta do reino, *ou* da India, *ou* ordinaria, *ou* negra.
Poivre de la Jamaïque, pimenta da Jamaica.
Poivre long, pimenta comprida.
Poix de Bourgogne, *poix jaune*, *poix blanche*, pez de Borgonha.
— *noire*, breu, pez negro.
— *résine*, ou *résine jaune*, pez resina, resina amarella.
Polygala amer, polygala amarga.
Polygala de Virginie, polygala de Virginia.
Polype, polypo.
Polypode, polypodio.
Polytric, politrico.
Pommade, pomada.
Pomme, maçã.
— *d'amour*. V. *Tomate*.
— *épineuse*. V. *Stramoine*.
— *de terre*, batata.
Porrigo, porrigo.
Porphyre, porphyro.
Porphyrisation, porphyrização.
Porter, cerveja preta.
Pot, panella.
Pot à pommade, pote *ou* pucaro.
Potasse, potassa.
— *caustique*, potassa caustica.
Potassium, potassio.
Potion, poção, hausto.
Potiron, abobora.
Poudre, pó.
Poudre-coton, algodão polvora.
Pouliot, poejo.
Poulpe, polvo.
Pourpier, beldroega.
Pourriture d'hôpital, podridão de hospital.
Presbyopie, presbyopia.
Presse, prensa.
Présure, coalho.
Propylamine, propylamina.
Prostate, prostata.
Prostatite, prostatite.
Prune, ameixa.
Pruneaux, ameixas seccas.
Prurigo, prurigo, coceira.
Prurit, prurido.
Psoite, psoite.
Psoriasis, psoriase.
Psyllium, psyllium, zaragotoa.
Ptérygion, pterigio.
Ptyalisme, ptyalismo.
Pulmonaire officinale, pulmonaria
Pulpe, polpa.
Pulsatille. V. *Anémone*.
Pulvérisation., pulverização.

Punch, ponche.
Purpura, purpura, tabardilho.
Pustule, pustula.
Pyélite, pyelite.
Pyrèthre, pyrethro.
Pyrosis, pyrose.

Quartz, quarzo.
Quassia, quassia.
Quatelé de la Guyane ou *marmite de singe*, sapucaieira.
Queues de cerises, pedunculos de cerejas.
Quillai savonneux ou *écorce de Panama*, quillaya *ou* casca de Panama.
Quinine, quinina.
Quinium, quinium.
Quinquina, quina.
Quintefeuille, potentilla, cinco em rama.

Rachitisme, rachitismo.
Racine musquée. V. *Sumbul*.
Radis, rabanete.
Raifort, rabão rustico.
Raisin, uva.
— *secs*, passas.
— *d'ours*. V. *Busserole*.
Ramollissement, amollecimento.
Ranule, ranula.
Râpe, ralador.
Ratanhia, ratanhia.
Rate, baço.
Rave, rabão.
Réalgar, rosalgar.
Recette, receita, formula.
Réchaud, esquentador.
Récipient florentin, recipiente florentino.
Rectum, recto.
Rectification, rectificação.
Réglisse, alcaçuz.
Reine des prés. V. *Ulmaire*.
Résine animé. V. *Animé*.
— *caragne*, resina caranha.
— *commune*, pez resina.
— *copal*, resina copal.
— *de courbaril*, resina jatahy.
— *élémi*, resina elemi.
— *jaune*, pez resina.
— *tacamahaca*, resina tacamahaca.
Rétine, retina.
Retorte, retorta.
Rétrécissement, estreitamento.
Rhagade, rhagadia.
Rhapontic, rhapontico.
Rhubarbe, rhuibarbo.
Rhum, rhum.
Rhumatisme, rheumatismo.
Rhume, defluxo.
Rein, rim.
Ricin, ricino, carrapateiro, mamona, palma-christi.
Riz, arroz.
Rob, robe, arrobe.
Robinet, torneira.
Rocou, urucú.
Romarin, alecrim.
Ronce, silva ordinaria.
Roquette cultivée, eruca.
Rose à cent feuilles, rosa centifolia.
— *de Damas*, rosa damascena.
— *pâle*, rosa pallida.
— *rouge*, rosa rubra.
— *sauvage* ou *églantier sauvage*, rosa de cão, *ou* silva macha.
— *trémière* ou *passe-rose*, malva da China, *ou* althea rosea da China.
Roseau aromatique ou *acore vrai*, calamo aromatico.
Roséole, roseola.
Rougeole, sarampo.
Rouille, ferrugem.
Rue, arruda.
Rupia, rupia.
Rupture, ruptura.

Sabine, sabina.
Saccharolé, saccharoleo.
Saccharure, saccharureto.
Sachet, saquinho.
Safran, açafrão.
Sagapenum, sagapeno.
Sagou, sagú.
Sainbois. V. *Garou*.
Saindoux. V. *Axonge*.
Salep, salepo.
Salicylate, salicylato.
Salicine, salicina.
Salicylique, salicylico.
Salivacion, salivação.
Salpêtre, salitre.
Salsepareille, salsaparrilha.
Salsifis, sersifim, barba de bode hortense.
Sandaraque, sandaraca.
Sang-dragon, sangue-drago.
Sangsue, sanguesuga, bicha.
Sanguinaire de Canada, sanguinaria canadense.
Sanicle, sanicula.

Santal citrin, sandalo citrino.
— *rouge*, sandalo vermelho.
Santonine, santonina.
Sapin, pinheiro.
Saponaire, saponaria.
Saponine, saponina.
Sarcocèle, sarcocele.
Sarracenia, sarracenia.
Sarriette, segurelha das hortas.
Sassafras, sassafraz.
Sauge, salva.
Saule, salgueiro.
Savon amygdalin ou *médicinal*, sabão amygdalino *ou* medicinal.
Scabieuse, escabiosa.
Scammonée, escamonea.
Scarlatine, escarlatina.
Sciatique, sciatica.
Scie à main, serrote.
Scille, scilla, cebola albarrã.
Sclérème, sclerema.
Sclérotique, sclerotica.
Scolopendre, escolopendrio *ou* lingua cervina.
Scorbut, escorbuto.
Scordium, escordio.
Scrofules, escrophulas, alporcas.
Sèche, siba, choco.
Seigle, centeio.
Seigle ergoté, centeio espigado, cravagem, esporão, fungão *ou* murrão de centeio.
Sein, seio, peito.
Sel, sal.
Sel ammoniac, sal ammoniaco.
Selin des marais, persil des marais, *persil laiteux*, selino palustre.
Semen-contra, semen-contra.
Semoule, semola.
Séné, sene.
Seneçon, tasneirinha, cardo morto.
Seringue, seringa.
Serpentaire de Virginie, serpentaria de Virginia.
Serpentin, serpentina.
Serpolet, serpão, serpilho.
Sésame ou *gengeli*, gergelim.
Seseli, seseli.
Signe de naissance, signal de nascença, ou lunar.
Silice, silica ou silicia.
Silicate de potasse, silicato de potassa.
Simaroube, simaruba.
Sinapisme, sinapismo.
Siphon, siphão.
Sirop, xarope.
Sodium, sodio.
Solitaire, solitaria.
Solution, solução *ou* soluto.
Somnambulisme, somnambulismo.
Somnolence, somnolencia, modorra
Son, farelos, semeas.
Sonde, sonda, algalia.
— *cannelée*, sonda acanallada.
Souchet, junça de cheiro, albafor.
Souci, maravilhas dos jardins, malmequeres.
Soude, soda.
Soufre, enxofre.
Sous-nitrate de bismuth, subnitrato de bismutho.
Sparadrap, sparadrapo, encerado *ou* oleado.
Sparadrapier, sparadrapeiro.
Spasme, espasmo.
Spath fluor, spatho fluor.
Spatule, espatula.
Speculum, especulo.
Spermaceti. V. *Blanc de baleine*.
Spigelie, espigelia, arapabaca, herva cruz *ou* lombrigueira.
Splenite, splenite.
Squine, squina, china.
Squirrhe, scirrho.
Staphylome, estaphyloma.
Staphysaigre, paparraz, herva piolheira.
Stéchas, rosmaninho.
Stéthoscope, stethoscopio.
Stomatite, estomatite.
Storax, estoraque solido.
Strabisme. estrabismo.
Stramoine ou *pomme épineuse*, estramonio, figueira do inferno.
Strangurie, estranguria.
Stras, stras.
Strontiane, estronciana.
Strongyle, strongylo.
Strophule, estrophulo.
Strychnine, strychnina.
Styrax, estoraque liquido.
Sublimé corrosif, sublimado corrosivo.
Suc, succo *ou* sumo.
Succin. V. *Ambre jaune*.
Sucre, assucar.
— *candi*, assucar cande *ou* candi.
— *de lait* ou *lactine*, assucar de leite, lactina.

Suie, fuligem, ferrugem de chaminé.
Suif, sebo.
Sulfate, sulfato.
Sulfhydrate, sulfhydrato.
Sulfure, sulfureto.
Sumac vénéneux, sumagre venenoso
Sumbul ou *racine musquée*, sumbul.
Support, supporte.
Suppositoire, suppositorio.
Surdité, surdez.
Sureau, sabugueiro.
Suspensoire, suspensorio.
Sycose, sycose.
Syncope, syncope.
Syphilide, syphilide.
Syphilis, syphilis.
Tabac, tabaco, fumo, nicociana, herva santa.
Tablette, tabella.
Tacamahaca, tacamahaca.
Taches de rousseur, sardas.
Taffetas, tafetá.
Tafia, aguardente de canna ; cachaça.
Taie, belida.
Talc, talco.
Tamarin, tamarindos.
Tamarindier, tamarinheiro.
Tamis, tamiz, peneira.
— *en soie*, sedaço.
Tan, cortume.
Tanaisie, atanasia, tanasia, tanaceto.
Tannin, tannino.
Tapioca, tapioca.
Tartrate, tartrato.
Tartre émétique, tartaro emetico.
Tartre stibié, tartaro stibiado.
Taupette, frasquinho.
Teigne, tiuha.
Teinture, tintura.
Tendon, tendão.
Ténesme, tenesmo.
Ténia, tenia.
Térébenthine de Bordeaux, terebinthina commum.
Térébenthine du mélèze, terebinthina de pinheiro larico, *ou* da Suissa, *ou* ordinaria.
Térébenthine de Venise ou *au citron*, terebinthina de Veneza, *ou* de limão, *ou* de pinheiro prateado.
Termite, cupim.
Terre foliée de tartre, terra foliada de tartaro.
Terre sigillée, terra sigillada.
Terrine, terrina.
Testicule, testiculo.
Tétanos, tetano.
Thrombus, thrombo.
Thapsia, thapsia.
Thé, chá da India.
Thériaque, theriaga, triaga.
Thermomètre, thermometro.
Thridace, thridacio.
Thym, tomilho *ou* thymo.
Tic, tico.
Tique, carrapato.
Tilleul, tilia.
Tisane, tisana.
Tomate ou *pomme d'amour*, tomate.
Tonka. V. *Fève Tonka*.
Topique, topico.
Tormentille, tormentilla, sete em rama.
Torticolis, torcicollo.
Tortue, tartaruga.
Tournesol, turnesol.
Tourniquet, torniquete.
Toux, tosse.
Trachée, traquea.
Tremblement, tremor.
Trébuchet, balança pequena.
Trèfle d'eau. V. *Ményanthe*.
Trichiasis, trichiase.
Trichine, trichina.
Trichinose, trichinose.
Trismus, trismo.
Trochisque, trocisco.
Truffe, tubara.
Tube, tubo.
Tubercule, tuberculo.
Tumeur, tumor.
Turbith, turbith, turbitho.
Tussilage ou *Pas d'âne*, tussilagem, unha de cavallo.
Tuthie, tutia.
Tympanite, tympanite.
Typhus, typho.
Ulmaire, ou *Reine des prés*, herva ulmeira, rainha dos prados.
Ulcère, ulcera.
Urèthre, urethra.
Urticaire, urticaria.
Utérus, utero.
Uva ursi, uva ursina.
Valérianate, valerianato.
Vaccin, vaccina.

Vaccine, vaccina.
Vagine, vagina.
Vaginisme, vaginismo.
Vaginite, vaginite.
Valériane, valeriana.
Vanille, baunilha.
Vaporisation, vaporização.
Varech vésiculeux, alga vesiculosa.
Varice, variz.
Varicelle, cataporas.
Varicocèle, varicocele.
Variole, variola, bexigas.
Vaseline, vaselina.
Vélar. V. *Erysimum*.
Ventouse, ventosa.
Ver, verme.
Verjus. agraço.
Vératrine, veratrina.
Vermillon. V. *Cinabre*.
Véronique, veronica.
Verre, copo.
— gradué, — graduado.
Verrue, verruga.
Vert-de-gris, verdete.
Vert de vessie, verde de bexiga.
Vertige, vertigem.
Verveine, verbena, urgebão.
Verveine odorante, cidrilla.
Vésicatoire, vesicatorio, caustico.
Vésicule, vesicula.
Vessie, bexiga.
Vétyver, vetiver.
Vigne, videira, vinha, parreira.
Vin, vinho.
Vinaigre, vinagre.
Violette, viola, violeta.
— *tricolore*. V. *Pensée*.
Vipérine, viperina.
Vitiligo, vitiligem.
Vitriol, vitriolo.
Vomique, vomica.
Vomissement, vomito.
Vulve, vulva.
Yeux d'écrevisse, olhos de caranguejo.
Zédoaire, zedoaria.
Zeste de citron, *d'orange*, epicarpo, casca exterior, casquinha, *ou* amarello da casca de limão, de laranja.
Zinc, zinco.
Zona, zona, cobreiro, cobrelo.

ENSAIO DAS OURINAS

APPLICADO AO DIAGNOSTICO DAS MOLESTIAS.

Ourina normal. — Liquido transparente, de cŏr amarella citrina, de cheiro particular, de sabor salgado e amargo, de densidade cerca de 1,020. Contém ordinariamente em suspensão globulos de muco e cellulas de epithelio (epiderme da membrana mucosa da bexiga), faceis de separar pela filtração. É uma solução aquosa de materias organicas e inorganicas, que são : *urea*, *acido urico*, *acido hippurico, materias colorantes e extractivas*, *potassa*, *soda*, *cal*, *magnesia*, sob a fórma de *sulfatos*, *phosphatos*, *chloruros*, etc.

A quantidade media de ourina vertida em 24 horas, por um *homem* de boa saude, é de. . . 1 litro 25 centil.

A quantidade media de ourina vertida em 24 horas, por uma *mulher* de boa saude, é de. . . 1 litro 35 centil.

Eis aqui, segundo Becquerel e Rodier, a composição da ourina normal :

Agua		971.934
Urea		12.102
Acido urico		0.398
Chloruros Phosphatos Sulfatos	de cal de soda de potassa	6.919
Materias organicas	Acido lactico Lactato d'ammoniaco Materias colorantes Materias extractivas Chlorhydrato d'ammoniaco Acido hippurico	8.647
		1.000.000

A ebullição não coagula a ourina normal. Os alcalis causticos turvão-n'a ou determinão um precipitado de phosphato terroso. O chlorureto de bario dá um precipitado de sulfato e de phosphato de baryta. O azotato de prata precipita chlorureto, phosphato e mesmo sulfato de prata. O acetato de chumbo precipita sulfato, phosphato e chloureto de chumbo. O oxalato de ammoniaco dá um precipitado d'oxalato de cal. O alcool faz perder a transparencia que volta pela addição de q. s. d'agua.

As proporções relativas dos diversos compostos podem variar de maneira bastante grande. Eis-aqui algumas indicações sobre os principaes.

a. — *Urea.* Substancia sem cheiro nem côr, de sabor fresco analogo ao sabor de nitro, soluvel em agua quente. É um alcaloide susceptivel de formar saes. Um pouco de ourina concentrada lentamente n'um vidro de relogio de algibeira, e addicionada de algumas gottas de acido azotico, dá promptamente um deposito cristallino de azotato de urea que, ao microscopio, se apresenta debaixo da fórma de chapas hectagonaes reunidas ou sobrepostas Para separar a urea, póde-se actuar sobre maior quantidade de ourina; concentra-se até á consistencia de xarope, ajunta-se volume igual de acido azotico concentrado; a mistura reduz-se quasi a massa ; faz-se seccar sobre papel passento, dissolve-se o sal n'um pouco d'agua morna, e ajunta-se á sôlução um excesso de carbonato de baryta. O azotato de baryta crystalliza primeiro; a urea, que ficou no deposito, é evaporada até á seccura, e tira-se pelo alcool, que a deixa crystallizar sob a fórma indicada na fig. 318.

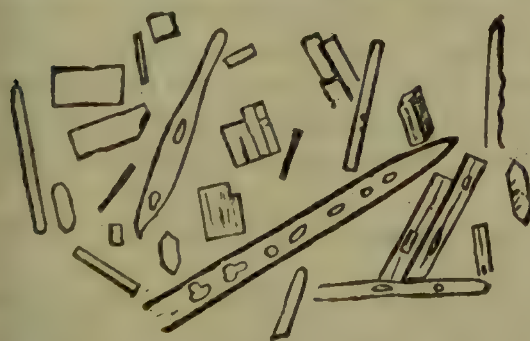


Fig. 318. Urea.

b. — *Acido urico.* Puro, é pulverulento, branco, sem cheiro nem sabor, mui pouco soluvel na agua, insoluvel no alcool e no ether. Existe só em pequena quantidade na ourina normal. Pode se conhecer a sua presença da maneira seguinte : concentra-se a ourina até á metade do seu volume, ajunta-se pequena quantidade de acido chlorhydrico, e deixa-se repousar n'um lugar frio. Passadas

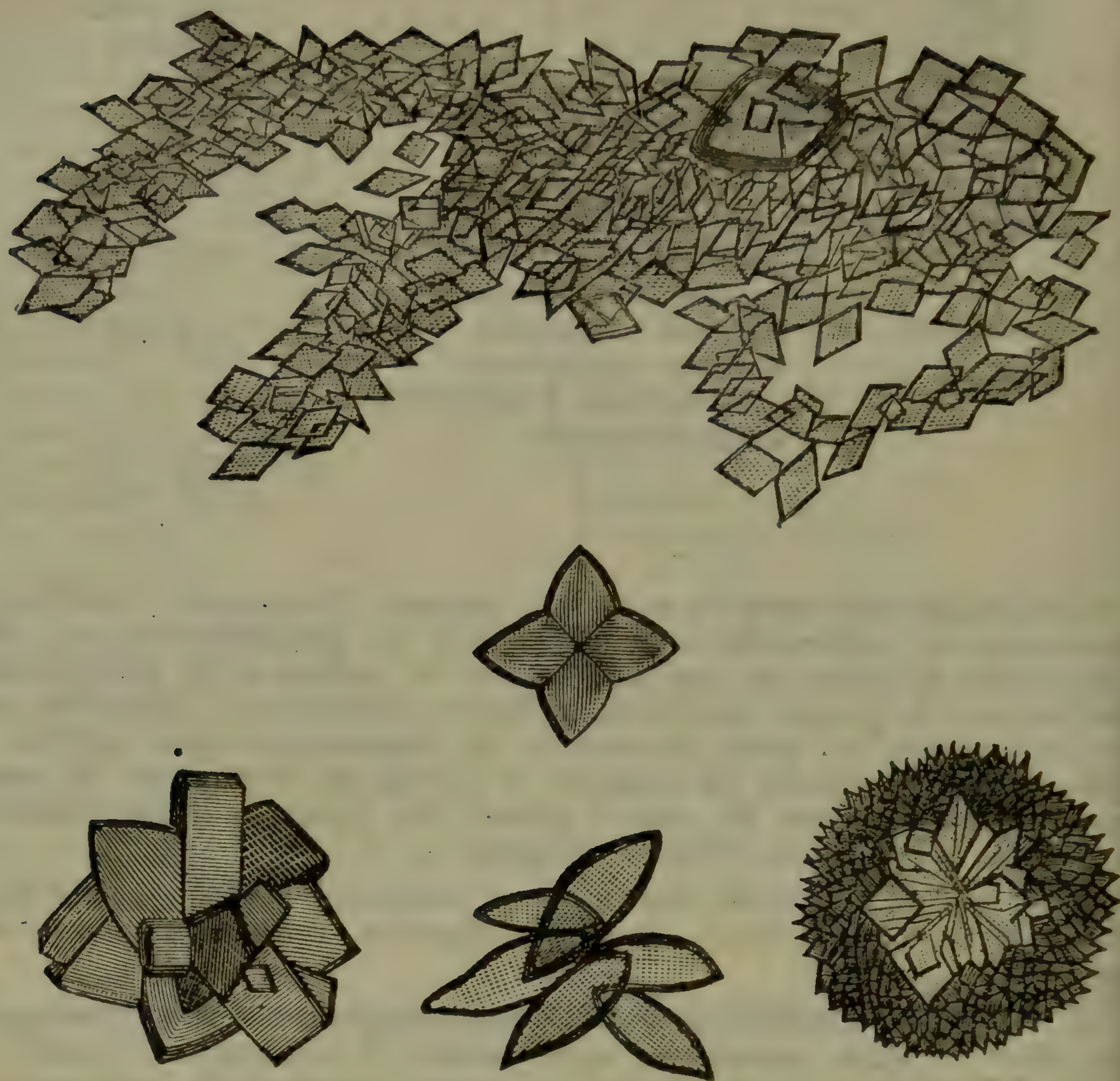


Fig. 319. Fórmas diversas de acido urico.

algumas horas acha-se o vaso revestido de pequenos crystaes de acido urico impuro. Dissolvem-se os crystaes n'um pouco de solução de potassa morna, e a solução filtrada é precipitada por algumas gottas de acido chlorhydrico. O acido urico crystalliza debaixo de fórmas variadas (fig. 319). Dissolve-se facilmente e com effervescencia no acido azotico; evaporando até á seccura esta dissolução, e humedecendo o residuo com ammoniaco, obtem-se uma bella côr vermelha carmesim, que passa as roxō pela potassa caustica. Esta reacção é caracteristica.

c. — *Acido hippurico.* Crystalliza em prismas rhomboidaes ou em agulhas soluveis na agua e no alcool.

d. — *Materias colorantes e extractivas.* Fazendo ferver ourina com 1/4 do seu volume de acido chlorhydrico, produz-se uma coloração purpurea, devida á transformação de uma materia colorante rosea. É esta materia que dá côr de rosa aos depositos de uratos alcalinos. A quantidade de materia colorante augmenta nas febres agudas; diminue na chlorose, nas affecções nervosas, e durante a convalescença das molestias graves.

e. — Os saes mineraes da ourina: *chloruros*, *sulfatos*, *phosphatos*, reconhecem-se pelos reagentes ordinarios.

CARACTERES PHYSICOS E CHIMICOS DA OURINA.

Caracteres physicos. — Os mais importantes para o diagnostico são : o cheiro, a côr, a transparencia e o peso especifico.

A. — A *ourina pallida* observa-se nas febres agudas, nas convalescenças, no diabetes, na chlorose, anemia. Observa-se tambem nos individuos sãos, depois da ingestão de grande quantitade d'agua ou de cerveja. A ourina é pallida, porém *turva*, na nephrite albuminosa chronica.

As ourinas escuras, *rubras* ou *avermelhadas*, indicão que são ricas em materias solidas, em urea, etc. Apresentão-se sempre nas febres hecticas, algumas vezes nas pessoas sãs depois de um prolongado repouso. Em certos casos devem a côr á sua mistura com o sangue na hematuria.

As ourinas *cinzentas* ou *negras* demonstrão a presença de um pigmento anormal, de sangue, ou de excesso de materia colorante da ourina mesma. Ás vezes esta côr é accidental e occasionada pela acção de alguns medicamentos, rhuibarbo, sene, amoras, framboezas, etc.

B. — *O cheiro* forte ammoniacal da ourina observa-se na febre typhoide. Diversas substancias communicão á ourina no estado de saude cheiros particulares : assim a essencia de terebinthina dá-lhe o cheiro de violeta, o espargo cheiro fetido, a copahiba cheiro resinoso pronunciado.

C. — A ourina normal é ordinariamente transparente, mas depois de um prolongado repouso turva-se e deposita um sedimento de composição variavel. As ourinas *turvas* observão-se no estado febril agudo, e no periodo de calor das febres intermittentes. Acontece muitas vezes no estado de saude que as ourinas tornão-se turvas, jumentosas, isto é semelhantes ás dos grandes quadrupedes. Este estado depende da presença de mucosidades, de urato de ammoniaco em pó, ou de acido urico crystallizado. Uma indigestão, ou simples abaixamento de temperatura podem produzir este effeito. Em consequencia de um jantar copioso, de um leve excesso de bebidas alcoolicas, a ourina turva-se e deixa depôr uma quantidade mais ou menos consideravel de acido urico e de urato de ammoniaco. Observa-se outro tanto em algumas pessoas depois de uma grande caminhada, ou depois de uma transpiração abundante. Esta modificação de ourinas, quando não é acompanhada de outros symptomas, não annuncia molestia alguma; desapparece com a mudança de regimen ou de temperatura.

D. — O *peso especifico* ou a *densidade* da ourina n'um homem de boa saude é, termo medio, 1,020, e na mulher sã, 1,016. Em geral o peso especifico da ourina augmenta nas molestias inflammatorias agudas, e diminue nas chronicas.

Caracteres chimicos. — A ourina apresenta reacção *acida*, torna em vermelho a côr azul de turnesol durante a maior parte do dia : mas, em 24 horas, passa successivamente pelas reacções neutra e alcalina. Geralmente, depois de um banho simples, tomado em estado de saude, a ourina acida torna-se neutra ou alcalina. Depois de um banho alcalino (com bicarbonato de soda) torna-se as mais das vezes acida; depois de um banho acido torna-se alcalina.

DETERMINAÇAO DOS ELEMENTOS ANORMAES DA OURINA.

1° *Determinação da albumina.* — Muitas vezes a albumina encontra-se na ourina sem que esta esteja modificada na côr e transpa-

rencia; porém, em geral, as ourinas de côr clara e algum tanto turvas contém aquelle principio. Para demonstrar a sua presença, recorre-se aos ensaios seguintes:

1° Introduz-se n'um tubo um pouco de ourina suspeita e aquece-se até á ebullição; se ha albumina, esta apparecerá em frocos no meio do liquido ou se depositará no fundo. Mas toda a ourina que se turva pelo calor não é necessariamente albuminosa. Pode ser o phosphato de magnesia que se precipita, mas um pouco de acido azotico dissolve este precipitado, entretanto que o precipitado persiste quando está formado pela albumina.

2° O acido azotico precipita a albumina contida na ourina; importa deitar o acido gotta a gotta, porque quando não ha bastante não se obtem resultado algum, e quando ha de mais o precipitado torna a dissolver-se.

A ourina que se turva pelo calor e que precipita pelo acido azotico, contém albumina sem duvida alguma. — É sempre util operar ao mesmo tempo por comparação sobre a ourina que se sabe proceder de uma pessoa sã.

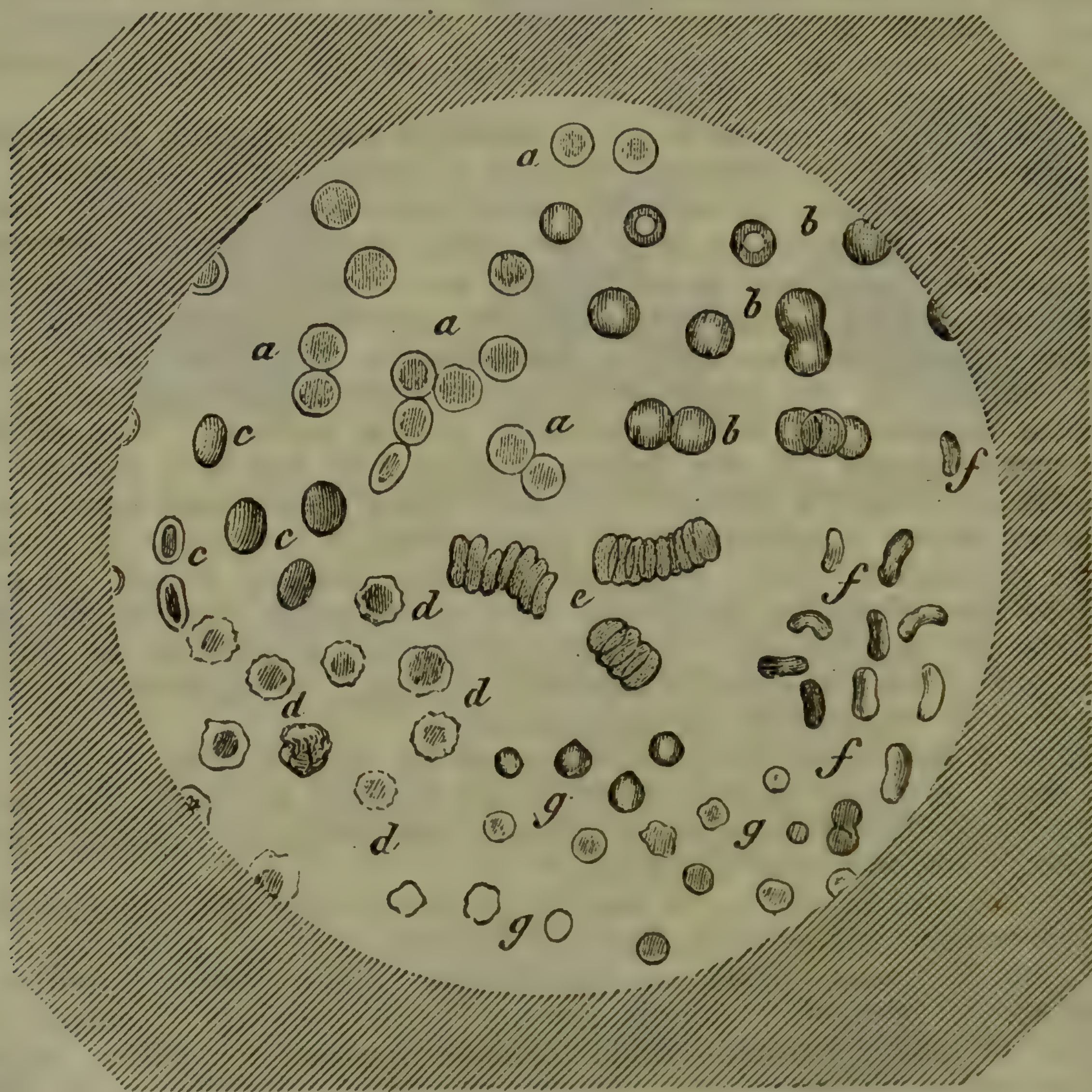


Fig. 320. Differentes fórmas dos globulos rubros do sangue examinados ao microscopio. — *a*, globulos de centro escuro; *b*, globulos de centro claro (estes dois effeitos são alternativos, afastando ou approximando o objecto; *c*, globulos vistos aos tres quartos; *d*, globulos franjados; *e*, globulos reunidos; *g*, globulos de sangue esphericos observados na ourina.

2° *Determinação do assucar.* — A ourina diabetica é geralmente pallida, de sabor doce, de um peso especifico elevado, 1,025 — 1,030 — 1,040 — 1,060; espuma pela agitação. Eis aqui os ensaios para reconhecer o assucar.

1° A ourina addicionada de um volume igual da dissolução de potassa caustica, e levada á ebullição, toma uma côr escura, quasi preta.

2° Humedecem-se pedaços de fazenda de lã, não contendo linho nem algodão, com uma solução de bichlorureto de estanho, e deixão-se seccar. Molhados depois estes tecidos com ourina diabetica, e aquecidos até cerca de 160 gráos, tomão côr fusca escura. Esta reacção é caracteristica.

3° *Determinação do sangue.* — Quando a hematuria é abundante, o sangue deposita-se ordinariamente no fundo do vaso. Mas quando a quantidade de sangue é relativamente pequena, além de que n'este caso a ourina é pouco corada no momento da emissão, o deposito não se faz com bastante promptidão, nem se póde facilmente distinguir. Póde-se então deitar uma porção de ourina suspeita n'um tubo, de 15 centimetros de comprimento, e vêr-se-ha que os globulos sanguineos formarão pelo repouso um deposito avermelhado. Se este meio não fôr sufficiente, submette-se a ourina ao exame microscopico, que, no caso de hematuria, permitte descobrir alguns globulos sanguineos, e ás vezes tambem outras materias organicas, que podem esclarecer sobre a causa da hemorrhagia. Com effeito, o sangue examinado ao microscopio, no momento de sair dos vasos sanguineos, é formado de um liquido incolor e de globulos rubros e brancos. V. a fig. 320.

4° *Determinação da bilis.* — A bilis apresenta-se na ictericia e em algumas molestias do figado. — A ourina biliosa é de côr fusca-amarellada, de sabor amargo persistente; espuma pela agitação. — A ourina biliosa, estendida em camada delgada sobre um prato branco, sobre o qual se deixão cahir algumas gottas de acido azotico concentrado, desenvolve ao ponto de contacto zonas de côr verde, rosea, violete e amarella. Póde-se ainda fazer a experiencia deitando n'um provete sobre acido sulfurico concentrado uma mistura de ourina e de acido azotico diluido : o phenomeno produz-se na juncção dos liquidos.

5° Ás vezes a ourina contém globulos gordurosos, que o microscopio faz reconhecer no sedimento; ás vezes a ourina é opaca, coagula-se pelo esfriamento e contém, com albumina, grande quantidade de materia granulosa e vermes filiformes : é o que constitue a *chyluria* (v. p. 1018). Emfim, durante a gravidez, a ourina das senhoras toma caracteres particulares : passados dois ou tres dias, separa-se della uma materia gordurosa, que acaba por cahir no fundo do vaso; esta escuma contém gordura, phosphato de ammoniaco e de magnesia, e uma materia granulosa de caracter albuminoso.

SEDIMENTOS URINARIOS.

Os corpos que os constituem são : o *acido urico;* os uratos *de cal, de magnesia, de potassa, de soda* ou *de ammoniaco;* o *oxalato de cal;* o *phosphato de cal;* o *phosphato de ammoniaco e de magnesia;* o *cystina; diversas materias organizadas, muco, sangue, pus*, etc.

1° *Acido urico.* — Todo o sedimento, visivelmente crystallino, rubro ou amarello, é acido urico. Já indiquei os seus caracteres. A ourina é geralmente de côr carregada, de reacção acida. O acido urico distingue-se dos uratos pela sua pouca solubilidade na agua.

2° *Uratos.* — Todo o sedimento que torna a dissolver-se pelo calor é um urato. Ourina ordinariamente acida. Ao microscopio, os uratos muitas vezes não tem figura, ás vezes apresentão-se sob a fórma de pequenos globulos eriçados de pontas, sobretudo o urato de soda (fig. 321).

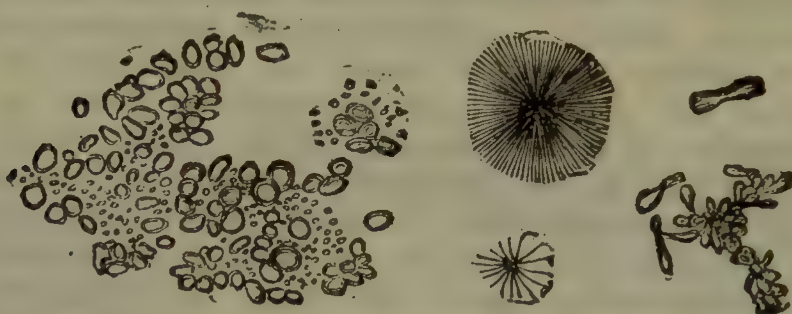


Fig. 321. Urato de soda.

O urato de ammoniaco apresenta-se primeiro sob a fórma de um precipitado amorpho, mas á medida que se torna secco, tende a tomar uma fórma crystallina mui distincta; os crystaes em longas agulhas parecem emergir de um centro commum, como raios, ou grupão-se em fórma de leque, como o mostra a fig. 322.

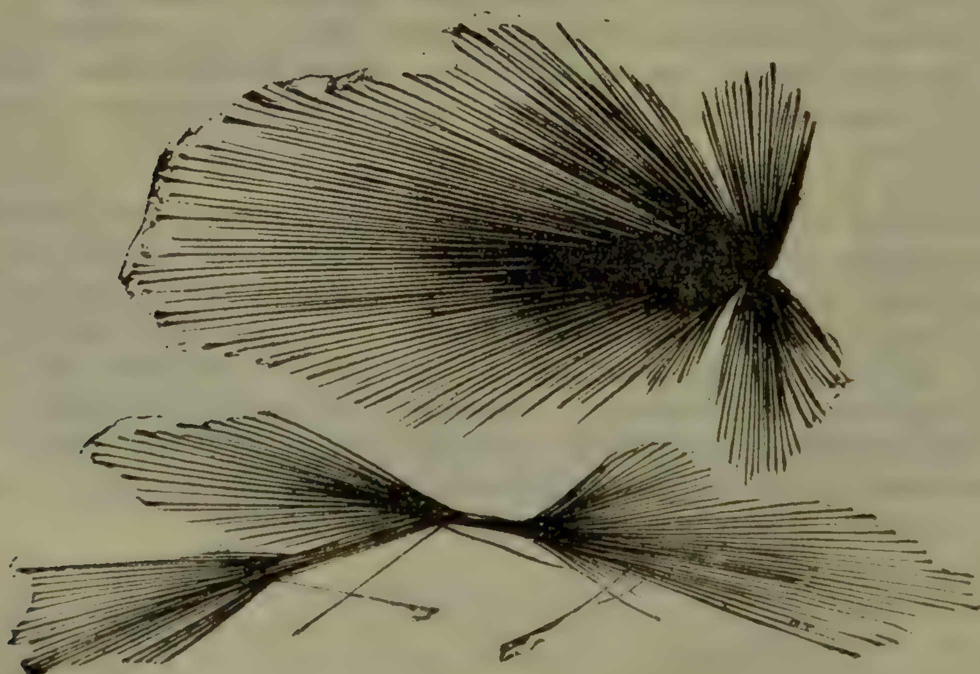


Fig. 322. Urato acido de ammoniaco.

3° *Oxalato de cal.* — Encontra-se nas ourinas neutras, acidas ou alcalinas. Raras vezes forma precipitados distinctos ; ordinariamente é acompanhado de uratos. A sua fórma crystallina especial o faz facilmente reconhecer ao microscopio : crystaes octaedricos, marcados com uma cruz formada por duas diagonaes, simulando o feitio de um sobrescrito de carta. A fig. 323 apresenta crystaes de oxalato de cal.

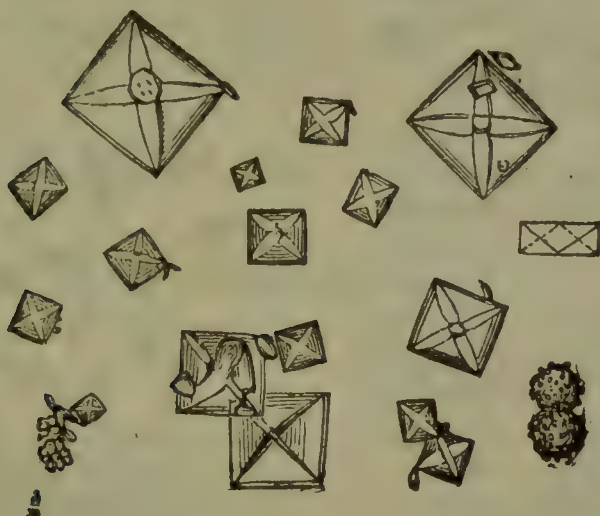


Fig. 323. Oxalato de cal.

4° *Phosphato de cal.* — Os sedimentos amorphos que desapparecem pela addição de acido chlorhydrico são ordinariamente constituidos por phosphatos terrosos.

5° *Phosphato de ammoniaco e de magnesia.* — Precipita-se da ourina todas as vezes que ella adquire uma reacção alcalina pelo effeito da sua decomposição. É facil de reconhecer ao microscopio. São crystaes prismaticos mui distinctos, de diversas fórmas.

6° *Cystina.* — Substancia branca, insoluvel na agua e no alcool, soluvel no ammoniaco. Encontra-se raras vezes nos sedimentos : ao microscopio apparece sob a fórma de chapas vagamente hexagonaes.

7° *Materias organizadas.* — Os globulos de muco reconhecem-se pela fórma arredondada. Os globulos de pus, augmentados pela acção de acido acetico, são redondos, e parecem conter uma materia granulosa. Os sedimentos, que os contém, transformão-se em gelea pela acção da potassa caustica ou do ammoniaco. Emfim, encontrão-se nos sedimentos das ourinas, que procedem dos doentes acomettidos de affecções dos rins, cellulas de epithelio, tubos uriniferos, etc.



Fig. 324. Sedimentos da ourina. — *A*, uratos ; *b*, oxalato de cal ; *c*, phosphato de ammoniaco e de magnesia ; *d*, fermento da ourina diabetica.

INDICE

DOS AUTORES DAS FORMULAS

APRESENTADAS NO FORMULARIO

(1) O Sr. Commendador Francisco da Silva Castro, insigne medico do Pará, autor do *Formulario medico* do Hospital do Pará.

(2) O Sr. C. J. X. Cordeiro, distincto pharmaceutico de Coimbra, autor dos *Elementos de pharmacia*, 2e edição, 1874.

(1) O Sr. Agostinho Dias Lima, distincto pharmaceutico, da Bahia.

(1) Distincto pharmaceutio do Rio da Janeiro, já fallecido.

(1) Antigo medico do Rio de Janeiro.

(1) O Sr. Dr. Domingos de Almeida Martins Costa, distincto medico do Rio de Janeiro.

(2) O Sr. Dr. C. A. Moncorvo de Figueiredo, distincto medico do Rio de Janeiro.

(1) O Sr. Dr. A. Pacifico Pereira, insigne medico da Bahia.

(2) O Sr. Dr. J. L. Paterson, distincto medico da Bahia.

---

(1) O Sr. Dr. J. F. da Silva Lima, eminente medico da Bahia.

(1) O Sr. Dr. João Vicente Torres Homem, insigne Lente da Faculdade do Rio de Janeiro.

(1) O Sr. Dr. Emilio Winther, distincto medico de Taubaté (provincia de S. Paulo, Brasil).

INDICE GERAL ALPHABETICO

INDICE

POR ORDEM DAS MATERIAS

TYPOGRAPHIA DE A. CHAIX E Cia RAMZ. RUA BERGÈRE, 20.

